ÉRICO VERÍSSIMO
O Tempo e o Vento
OBRA COMPLETA
EDIÇÕES EREMITA

Conversão para EPUB:
EREMITA

Texto revisado em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Este arquivo pode ser livremente distribuído, desde que citada a fonte da editoração eletrônica.

Sumário

CAPA
Créditos
Parte 1 - O Continente
O Sobrado - I
A fonte
O Sobrado - II
Ana Terra
O Sobrado - III
Um certo capitão Rodrigo
O Sobrado - IV
A teiniaguá
O Sobrado - V
A guerra
O Sobrado - VI
Ismália Caré
O Sobrado - VII
Parte 2 - O Retrato
Rosa-dos-Ventos
Chantecler
A sombra do anjo
Uma vela pró Negrinho
Parte 3 - O Arquipélago
Reunião de família - I
Caderno de pauta simples
O deputado
Reunião de família - II
Caderno de pauta simples
Lenço encarnado
Reunião de família - III
Caderno de pauta simples
Um certo major Toríbio
Reunião de Família - IV
Caderno de Pauta Simples

Parte 1 - O Continente

O Sobrado - I

Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado. Era tanto o silêncio e tão leve o ar, que se alguém aguçasse o ouvido talvez pudesse até escutar o sereno na solidão.

Agachado atrás dum muro, José Lírio preparava-se para a última corrida. Quantos passos dali até a igreja? Talvez uns dez ou doze, bem puxados. Recebera ordens para revezar o companheiro que estava de vigia no alto duma das torres da Matriz. "Tenente Liroca - dissera-lhe o coronel, havia poucos minutos - suba pró alto do campanário e fique de olho firme no quintal do Sobrado. Se alguém aparecer pra tirar água do poço, faça fogo sem piedade."

José Lírio olhava a rua. Dez passos até a igreja. Mas quantos passos até a morte? Talvez cinco… ou dois. Havia um atirador infernal na água-furtada do Sobrado, à espreita dos imprudentes que se aventurassem a cruzar a praça ou alguma rua a descoberto.

Os segundos passavam. Era preciso cumprir a ordem. Liroca não queria que ninguém percebesse que ele hesitava, que era um covarde. Sim, covarde. Podia enganar os outros, mas não conseguia iludir-se a si mesmo. Estava metido naquela revolução porque era federalista e tinha vergonha na cara. Mas não se habituava nunca ao perigo. Sentira medo desde o primeiro dia, desde a primeira hora - um medo que lhe vinha de baixo, das tripas, e lhe subia pelo estômago até a goela, como uma geada, amolecendo-lhe as pernas, os braços, a vontade. Medo é doença; medo é febre.

Engraçado. A noite estava fria mas o suor escorria-lhe pela cara barbuda e entrava-lhe na boca, com gosto de salmoura.

O tiroteio cessara ao entardecer. Talvez a munição da gente do Sobrado tivesse acabado. Ele podia atravessar a rua devagarinho, assobiando e acendendo um cigarro. Seria até uma provocação bonita. Vamos, Liroca, honra o lenço encarnado. Mas qual! Lá estava aquela sensação fria de vazio e enjoo na boca do estômago, o minuano gelado nos miúdos.

Donde lhe vinha tanto medo? Decerto do sangue da mãe, pois as gentes do lado paterno eram corajosas. O avô de Liroca fora um bravo

em 35. O pai lhe morrera naquela mesma revolução, havia pouco mais dum ano - tombara estripado numa carga de lança, mas lutando até o último momento.

"Lírio é macho" - murmurou Liroca para si mesmo. "Lírio é macho."

Sempre que ia entrar num combate, repetia estas palavras: "Lírio é macho".

Levantou-se devagarinho, apertando a carabina com ambas as mãos.

Sentia o corpo dorido, a garganta seca. Tornou a olhar para a igreja.

Dez passos. Podia percorrê-los nuns cinco segundos, quando muito. Era só um upa e estava tudo terminado. Fez avançar cautelosamente a cabeça e, com a quina do muro a tocar-lhe o meio da testa e a ponta do nariz, fechou o olho direito e com o esquerdo ficou espiando o Sobrado que lá estava, do outro lado da praça, com sua fachada branca, a dupla fileira de janelas, a sacada de ferro e os altos muros de fortaleza. Havia no casarão algo de terrivelmente humano, que fez o coração de José Lírio pulsar com mais força.

Os federalistas tinham tomado a cidade havia quase uma semana, mas Licurgo Cambará, o intendente e chefe político republicano do município, encastelara-se em sua casa com toda a família e um grupo de correligionários, e de lá ainda oferecia resistência. Enquanto o Sobrado não capitulasse, os revolucionários não poderiam considerar-se senhores de Santa Fé, pois os atiradores da água-furtada praticamente dominavam a praça e as ruas em derredor.

Por alguns instantes José Lírio ficou a mirar a fachada do casarão, e de repente a lembrança de que Maria Valéria estava lá dentro lhe varou o peito como um pontaço de lança. Soltou um suspiro fundo e entrecortado, que foi quase um soluço. De novo se encolheu atrás do muro e tornou a olhar para a igreja. Se conseguisse chegar a salvo até a parede lateral, ficaria fora do alcance do atirador do Sobrado, e poderia entrar no campanário pela porta da sacristia.

Vamos, Liroca, só uma corrida. Que te pode acontecer? O homem te enxerga, faz pontaria, atira e acerta. Uma bala na cabeça. Pronto! Cais de cara no chão e está tudo liquidado. Acaba-se a agonia. Dizem que quando a bala entra no corpo da gente, no primeiro momento não dói.

Depois é que vem a ardência, como se ela fosse de ferro em brasa. Mas quando o ferimento é mortal não se sente nada. O pior é arma branca.

Vamos, Liroca. Dez passos. Cinco segundos. Lírio é macho, Lírio é macho.

José Lírio continuava imóvel, olhando a rua. Ainda ontem um

companheiro seu ousara atravessar aquele trecho à luz do dia, num momento em que o tiroteio cessara. Ia cantando e fanfarronando. Viu-se de repente na água-furtada do Sobrado um clarão acompanhado dum estampido, e o homem tombou. O sangue começou a borbotar-lhe do peito e a empapar a terra.

"Vamos, menino!" Quem falava agora nos pensamentos de Liroca era seu pai, o velho Maneco Lírio. Sua voz áspera como lixa vinha de longe, de um certo dia da infância em que Liroca faltara à escola e ao chegar a casa encontrara o pai atrás da porta com um rebenque na mão. "Agora tu me pagas, salafrário!" Liroca saíra a correr como um doido na direção do fundo do quintal. "Espera, poltrão!" E de repente o que o velho Maneco tinha nas mãos não era mais o chicote, e sim as próprias vísceras, que lhe escorriam moles e visguentas da ferida do ventre.

"Vamos, covarde!"

De súbito, como tomado dum demônio, Liroca ergueu-se, apertou a carabina contra o peito e deitou a correr na direção da igreja. Seus passos soaram fofos na terra. Deu cinco passadas e a meio caminho, sem olhar para o Sobrado, numa voz frenética de quem pede socorro, gritou: "Pica-paus do inferno! Sou homem!" Continuou a correr e ao chegar ao ponto morto atrás da parede lateral da igreja, rojou-se ao solo e ali ficou, arquejante, com o peito colado à terra, o coração a bater acelerado, e sentindo entrarlhe na boca e nas narinas talos de grama úmida de sereno. "A Ia fresca!" - murmurou ele. "A Ia fresca!" Estava inteiro, estava salvo.

Fechou os olhos e deixou-se quedar onde estava, babujando a terra com sua saliva grossa, a garganta a arder, e o corpo todo amolentado por uma fraqueza que lhe dava um trémulo desejo de chorar. Da sombra que a igreja projetava no chão saiu uma voz: - Eta Liroca velho de guerra!

Num sobressalto José Lírio soergueu a cabeça.

— Quem é lá? - perguntou.

— Sou eu.

— Eu quem?

— O Inocêncio.

— Ah!

Olhou melhor. Contra a parede lateral da igreja começou a distinguir o vulto dum homem, à altura de cujo rosto lucilava a brasa do cigarro.

Liroca foi se erguendo lentamente, enquanto o outro ria baixinho um riso gutural e encatarroado.

— Pra que toda essa figuração?

— Que figuração?

— Essa corrida boba.

— Ora. . . o Sobrado.

— Qual! Acho que a munição deles acabou.

— É bom não confiar muito.

Liroca sentou-se no chão e recostou-se na parede da igreja.

— Um trago? - perguntou o outro, passando-lhe a garrafa de cachaça.

Liroca apanhou-a, levou-a à boca e tomou um gole largo. Era bom estarem no escuro - refletiu - pois assim o Inocêncio não lhe veria o tremor das mãos.

— Gracias.

— Tome outro.

— Não. O coronel me mandou te render na torre.

— Eu sei. Mas tem tempo. Eles pensam que ainda estou lá em cima. Vamos prosear um pouco. É o diabo a gente passar uma tarde inteira sozinho sem ter viva alma com quem conversar.

— Ninguém saiu pró quintal?

— Ninguém.

— Ninguém apareceu nas janelas?

— Não.

— Que será que aconteceu? Inocêncio encolheu os ombros.

— Acho que eles estão nas últimas. Liroca soltou um suspiro.

— Nós é que estamos nas últimas.

O outro ficou um instante em silêncio, batendo a pedra do isqueiro para acender o cigarro que se apagara.

— Quem sabe?

— Não tem mais jeito. Qualquer dia temos que nos bandear pró outro lado do Uruguai.

Um grilo começou a cricrilar perto. Liroca tirou um toco de cigarro de trás da orelha, prendeu-o entre os dentes e, esquecido de acendê-lo, ficou olhando para o céu.

— Tomara que acabe duma vez esta revolução - suspirou.

— Por quê?

— Estou cansado de andar barbudo, piolhento, dormindo na chuva, acordando com geada na cara. Cansado de… - Calou-se de súbito.

— Mas é a guerra, Liroca.

Animado pela cachaça, que lhe dera um calor bom, Liroca continuou: - Vivo com o estômago embrulhado. O cheiro de sangue e de defunto não me sai das ventas. Sinto-o na água, na comida, na mão, no vento, em tudo.

— É a guerra… - repetiu o outro.

— Mas é triste.

— Triste são os nossos companheiros degolados. Triste é o Gumercindo Saraiva morto.

Liroca tomou a colocar o toco de cigarro atrás da orelha. Estava mais calmo. A presença do companheiro lhe dava um certo conforto.

— Depois que o Gumercindo morreu tudo piorou. Ergueu-se com alguma relutância e apanhou a carabina.

— Bom, tenho de ir andando… - disse, sem nenhuma vontade de subir para seu posto.

O outro troçou: - Tome mais um mate, compadre… Liroca tornou a suspirar: - Muito mate tomei eu naquela casa.

— No Sobrado?

— Casa de pica-pau…

— Os Cambarás são gente direita.

— Inimigo é inimigo. O chefe deles é quem diz: “Inimigo não se poupa”.

— O Licurgo é um bom homem.

— Todos eles são uns anjos. — Inocêncio deu uma palmada na coronha da arma. — Mas pergunta pra minha Comblain se ela gosta de caçar anjo.

Levantou-se também.

— Bom, Liroca, seja feliz. E dê lembranças pró calça-branca.

— Que calça-branca?

— O pica-pau que a noite passada se atreveu a sair do Sobrado e ir até o poço buscar água. O Bibilo estava na torre da igreja, viu aquela coisa esbranquiçada, dormiu na pontaria e… pei! O bichinho testavilhou e caiu de bruços em cima da tampa do poço.

— Ficou lá?

— Ficou. De rabo pró ar. Está apodrecendo nessa posição. Dê lembranças pra ele.

Liroca estava chocado. Com morto não se brinca - achava ele. Até mesmo um republicano depois de morto deixa de ser um inimigo para ser apenas um defunto. E há qualquer coisa de sagrado nos defuntos.

— Olha aqui, Liroca - murmurou Inocêncio, aproximando-se do companheiro e soltando-lhe na cara o hálito de cachaça. — Tu vais ver como lá em cima da torre, sozinho, a gente fica com uma vontade danada de tocar sino. Sabes que noite é hoje?

— Não.

— Noite de São João.

— É mesmo?

— É. A noite mais comprida do ano. Toca sino, Liroca. A vila está que nem tapera. Anima a rapaziada, Liroca. Toca sino! É São João.

José Lírio não disse palavra. O outro fez meia-volta, deu alguns passos e, ao chegar à quina da igreja, voltou a cabeça para trás e disse: - Agora vê só como é que procede um maragato de vergonha. Pôs a carabina a tiracolo e começou a atravessar a rua a passo calmo, como se estivesse acompanhando um enterro. No meio do caminho parou,

bateu o isqueiro, tornou a acender o cigarro, tirou uma baforada e depois seguiu pachorrentamente seu caminho, desaparecendo por entre as árvores e as sombras da praça.

Dentro da igreja uma penumbra leitosa azulava o ar. Ao pé do altar-mor tremeluzia a chama duma lamparina. Nos seus nichos as imagens dos santos pareciam guerreiros entocaiados, dormindo na pontaria. Liroca começou a andar pelo corredor, entre as duas carreiras de bancos. Levava a Comblain debaixo do poncho, como se quisesse escondê-la aos olhos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade; caminhava encolhido, na ponta dos pés, olhando com o rabo dos olhos para os vultos dos santos, e com a desagradável impressão de que a qualquer momento ia ser baleado.

De súbito percebeu que estava de chapéu na cabeça. A Ia fresca! Deus me perdoe! Descobriu-se, rápido.

Entrou no batistério, levou instintivamente a mão à pia e fez o sinal-da-cruz. Ali ficava a escada que levava ao alto da torre. Liroca começou a subir os degraus devagarinho, e ao chegar ao campanário foi de novo envolvido pelo ar frio da noite. Tornou a botar o chapéu, aproximou-se de gatinhas do parapeito e espiou através duma das seteiras. Sentiu um aperto no coração: o Sobrado se achava agora tão perto, que se por um milagre Maria Valéria aparecesse à janela da água-furtada os dois poderiam ficar conversando sem precisarem altear muito a voz. Mas qual! Agora estava tudo perdido. O destino malvado o separara talvez para sempre da criatura que ele mais amava no mundo.

Maria Valéria simplesmente não simpatizava com ele, de agora em diante passaria a odiá-lo, pois nunca mais haveria de esquecer que José Lírio fora um dos sitiantes do Sobrado - era um maragato, um inimigo.

Com o olhar entre triste e assustado, o nariz franzido como que a farejar mau cheiro, Liroca mirou longamente os cadáveres de dois companheiros que estavam estendidos no meio da rua, à frente da casa sitiada. Tinham caído durante um dos primeiros assaltos e até agora ninguém quisera correr o risco de vir buscar-lhes os corpos.

De repente Liroca teve a sensação de que havia alguém mais, ali no campanário. Tomado dum vago mal-estar, ergueu a cabeça e viu o sino.

Desde menino habituara-se a considerar aquele sino como uma pessoa tão viva como o vigário ou o sacristão. Quando ele badalava festivo parecia dizer - pirão sem sal! pirão sem sal! Mas Liroca não podia esquecer que aquele mesmo sino dobrara a finados no dia do enterro de sua mãe. Era por isso que desde então passara a ligar suas badaladas à ideia de morte. Muitas vezes pensava assim: “Quando o meu caixão estiver saindo da igreja esse desgraçado vai ficar tocando”.

Agora ali estava o velho sino, calado e imóvel, com a sua boca de monstro muito preta e aberta. Mas… se de repente ele começasse a tocar? Essa possibilidade encheu Liroca dum apagado terror. Na solidão daquela noite seria uma coisa para deixar qualquer cristão fora do juízo.

Remexeu-se num desconforto, apoiou o cano da carabina na seteira e ficou olhando a fachada do Sobrado. Era o diabo. Agora tinha um inimigo pela frente e outro suspenso sobre a cabeça. Talvez o mais garantido fosse içar a corda, a fim de evitar que algum gaiato lá embaixo puxasse nela. Sim, é o que eu vou fazer - decidiu. Mas não fez. Ficou onde estava, sentindo no rosto a frialdade da pedra do parapeito, e olhando para o quintal.

A ordem era clara: se alguém viesse buscar água no poço, ele devia fazer fogo. Água… Água pra Maria Valéria. Água prós sitiados. Água pra dona Alice. Água prós meninos. Água pra velha Bibiana. O pior de tudo era haver mulheres e crianças dentro do casarão. No princípio do cerco o chefe federalista tinha erguido uma ban- deira branca e mandado o padre Romano propor a Licurgo Cambará que fizesse as mulheres e as crianças se refugiarem na casa paroquial, com todas as garantias de vida e de respeito por parte dos revolucionários.

Mas Cambará dera uma resposta seca: “O lugar da minha família é no Sobrado. Daqui não sai ninguém. Não aceito favor de maragato”. O padre voltou acabrunhado com a resposta. “Sua alma, sua palma” - disse o chefe federalista. E o tiroteio recomeçou.

Liroca tirou o toco de cigarro de trás da orelha, bateu a pedra do isqueiro e, tendo o cuidado de esconder no côncavo da mão a brasa do pavio, acendeu-o. Ficou pitando numa relativa calma, achando gostosa a ardência da fumaça nos olhos.

Aquele cheiro de cigarro de palha trazia-lhe à memória recordações agradáveis: os serões do Sobrado nas noites de inverno, mate chimarrão com pinhão quente, conversas amigas, café fumegante com bolos de coalhada…

Liroca lembrava-se duma noite de minuano em que as vidraças do casarão matraqueavam e uma negra velha tinha trazido da cozinha uma lata cheia de brasas. Licurgo tirara do bolso um pedaço de fumo em rama e lhe dissera com sua voz grave e calma: - Experimente deste, Liroca. É forte e de bom paladar. Dona Alice aparecera depois com uma biscoiteira cheia de pés-de-moleque: - Coma um, seu Liroca. Fui eu mesma que fiz.

Sua última visita ao Sobrado tinha sido em princípios de 1893. Depois a política azedara tudo: amigos começaram a cortar o cumprimento uns aos outros, irmãos se estranhavam, famílias se dividiam… Por fim rebentara a revolução.

Liroca estava cansado. Mais de dois anos de guerra civil não era

nenhuma brincadeira. Que estaría acontecendo dentro do Sobrado? Dona Alice, grávida de nove meses, podia ter o filho a qualquer momento… E se a criança nascesse bem na hora dum tiroteio? Mundo louco, guerra louca! Liroca pensava também em dona Bibiana - pobre da velha! - metida lá no casarão, meio gatacega e caduca, decerto sem saber direito o que se estava passando. Atirar contra o Sobrado era o mesmo que atirar contra a velhinha. Barbaridade!

Soltou um suspiro que parecia ter saído não só do fundo de seu peito, mas também do fundo do peito dos mortos da revolução, e das profundas da própria terra que comera a carne dos mortos daquela e de todas as outras guerras - um suspiro sacudido e prolongado, doloroso como um gemido.

Eta mundo velho sem porteira! - murmurou Liroca, com a testa apoiada no parapeito e os olhos postos no quintal. Ficou alarmado: a voz que lhe saíra da boca não era a sua. Era a voz de seu pai. Naquele momento Liroca era o próprio Maneco Lírio, tinha sessenta anos e não trinta. O velho sempre dizia aquela frase quando alguma coisa absurda ou triste acontecia. Era a sua maneira de protestar contra um mundo sem coerência, sem bondade, sem justiça e sem Deus.

Contava-se que quando caíra do cavalo, na carga de lança, ainda tivera forças para se erguer. Caminhara cambaleante na direção dum companheiro, com ambas as mãos a segurar os intestinos que se lhe escapavam pelo talho de lança, e com voz estertorosa dissera: “Mundo velho sem porteira!” E caíra de borco.

Liroca viu um vulto mover-se no quintal. O coração começou a bater-lhe descompassado. Não havia dúvida: era um homem, ia rastejando como um jacaré, confundia-se no chão com as sombras das árvores, mas movia-se sempre na direção do poço. Liroca sentiu o sangue pulsar-lhe com força nas têmporas. O toco de cigarro colou-se-lhe ao lábio inferior. Agarrou a carabina e levou o dedo ao gatilho. O suor escorria-lhe pela testa e a respiração escapava-lhe pela boca entreaberta num resfolegar de cachorro cansado.

Atiro? Inimigo não se poupa. Vai buscar água. Água pra Maria Valéria.

Água pra velhinha. Vamos. Faz pontaria enquanto é tempo. Está se erguendo… está fazendo descer o balde. Devagarinho, devagarinho, decerto pensa que não estou vendo… Está agora por trás do calça-branca. Pontaria, Liroca. Lírio é macho. Vamos. Mete bala. É um pica-pau. Água prós meninos. Mas eles mataram o meu pai. Depressa enquanto ele não vai embora. Um tiro só pra assustar. Isso! Sem mirar.

Só para espantar.

Ergueu a alça de mira na direção da copa das árvores do quintal e puxou o gatilho. O clarão - o estampido - o coice da arma… Depois um silêncio de alguns segundos. Liroca olhava o quintal mas não via

nada: tinha uma nuvem diante dos olhos. De súbito, da água-furtada do Sobrado partiu um tiro e, ferido de bala, o sino soltou um gemido, que Liroca sentiu no corpo inteiro com a força dum choque elétrico.

O som do sino chega aos ouvidos de Licurgo Cambará como um dobre de finados. Pela fresta duma das janelas do Sobrado ele espia o campanário.

O maragato que ontem lá estava entocaiado matou-lhe um dos melhores homens. Agora outro companheiro saiu a buscar água, e é indispensável que volte a salvo, com o balde cheio, pois é mais fácil suportar a fome que a sede. Não há mais nenhum pingo d'água dentro de casa e a cachaça acabou-se também. Felizmente as laranjeiras do pomar estão carregadas, e não é difícil nem arriscado apanhar laranjas dos galhos que ficam próximos às janelas dos fundos. Os homens enganam o estômago com pequenas rações de charque, farinha de mandioca e rapadura; matam a sede com caldo de laranja. O pior de tudo é a falta de leite e pão para as mulheres e os meninos.

Ao pensar nisto Licurgo odeia os sitiantes com um ódio apaixonado, e odeia-se a si mesmo por envolver também nesse ódio o sogro e a cunhada que estão com ele ali no Sobrado e vivem a lançar-lhe olhares carregados de censura e ressentimento.

Mas será que ele, Licurgo, tem culpa do que aconteceu? Nunca imaginou que as coisas pudessem chegar a este ponto. Do contrário teria preparado o Sobrado para o cerco, armazenado mantimentos para um mês, para dois, para quanto tempo fosse necessário. A verdade é que não contava com aquele ataque súbito dos federalistas a Santa Fé, e muito menos com o curso, desastroso para os republicanos, que tomara o combate pela posse da cidade. Vira-se de repente quase cercado, ali na praça, e na contingência de retirar-se às pressas para o Sobrado, com os poucos companheiros que lhe restavam, fechar as portas e resistir. Felizmente tinham munição em quantidade suficiente para se defenderem por mais alguns dias, se não desperdiçassem tiro. No início os ataques tinham sido ferozes. 19 Por várias vezes nos primeiros dois dias do cerco os inimigos tinham tentado tomar o casarão de assalto, mas haviam sido repelidos com tantas perdas, que acabaram desistindo. Miseráveis! Não tinham tido coragem nem de vir buscar seus mortos. E desviando agora os olhos da torre - onde não vislumbra nenhum vulto huLicurgo olha para os dois cadáveres que estão estendidos mano há vários dias ali no meio da rua, a uns oito metros do Sobrado.

Felizmente agora a noite esconde-lhes as feições decompostas, mas é horrível vê-los à luz do dia, cobertos de moscas. Quando o vento sopra de oeste, o cheiro pútrido que emana deles entra no casarão, por todas as frestas, empestando o ar. Licurgo tem ímpetos de abrir a janela central, avançar até o gradil da sacada e bradar: -

Venham retirar essa cachorrada morta! Não tenham medo, que nós não atiramos!

Noutros momentos em que seu ódio não ferve tão quente, ele pensa em acenar com um lençol e mandar um emissário ao inimigo, oferecendo-lhe uma trégua para que venham recolher os mortos. É desagradável ver esses cristãos insepultos, entregues às moscas ou então à mercê dos cachorros vadios que às vezes vêm cheirá-los e lamber-lhes as caras.

Por que morreram? Pelo seu partido, pelas suas ideias- está tudo muito bem. Lutaram como homens. Mas acontece que sua morte foi inútil, agora que a revolução se aproxima do fim e os federalistas estão perdidos. Há coisa duma semana um emissário vindo de Cruz Alta lhe trouxe a notícia de que as forças de João Francisco estavam marchando para atacar as do almirante Saldanha da Gama, lá para as bandas de Alegrete. Será provavelmente a batalha decisiva da campanha, o golpe de misericórdia nos federalistas. Muitos chefes maragatos já emigraram para a Banda Oriental. No entanto o coronel Alvarino Amaral insiste em sacrificar vidas neste cerco absurdo, por puro orgulho e pelo ódio que tem a ele, Licurgo Cambará, seu adversário político e inimigo pessoal de tantos anos. Pouco antes da revolução o canalha dissera numa roda de correligionários: "Um dia ainda hei de entrar no Sobrado de chapéu na cabeça e fazer o Cambará me beijar a mão". Licurgo não enxerga mais a rua nem os mortos nem a noite: só vê em seus pensamentos Alvarino Amaral metido num pala de seda, com o chapéu de aba quebrada na frente, o rebenque arrogante erguido no ar, o lenço encarnado no pescoço… Ouve-lhe a voz gorda e fanfarrona: "Gaspar Silveira Martins é o maior homem do Brasil. Quando ele fala, os republicanos ficam de perna frouxa!"

Licurgo lança o olhar na direção da Intendência, que fica do outro lado da praça. Os maragatos tomaram conta dela e apossaram-se de todas as casas da cidade; mas nem assim podem dizer que são senhores de Santa Fé, pois só entram e saem do paço municipal pelas portas dos fundos, e não se atrevem a cruzar a praça nem as ruas que ficam ao alcance das balas do Sobrado.

Licurgo respira fundo, com um feroz sentimento de orgulho. De certo modo ele ainda governa Santa Fé! Maragato algum jamais botará o pé no Sobrado, nem como inimigo nem como amigo; nem agora nem nunca!

Tira do bolso uma palha de milho, enrola-a à maneira de cigarro, acende-lhe a ponta e leva-a aos lábios. Como não há mais nenhum pedaço de fumo em casa, para aliviar a vontade de fumar ele pita apenas a palha.

Ruído de passos. Licurgo volta-se e, na penumbra do patamar,

distingue o vulto da cunhada.

— Acho que a criança vai nascer esta madrugada - murmura Maria Valéria.

Fica ali imóvel, muito alta e tesa, enrolada num xale escuro, com as mãos trançadas sobre o estômago. Por alguns instantes Licurgo permanece calado. Nada mais pode dizer senão repetir o que vem dizendo há quase uma semana com uma obstinação que às vezes se transforma em fúria: aconteça o que acontecer não pedirá trégua.

Maria Valéria torna a falar: - Acho que o senhor devia mandar buscar recursos.

Sua voz é firme e seca. E apesar de não lhe divisar bem os olhos na semi-obscuridade, Licurgo não tem coragem de encará-la.

— Recursos? Que recursos? - pergunta ele, olhando para o soalho.

— O dr. Winter está na cidade e pode vir com remédios. Mande um homem buscar ele.

— Não tem jeito.

— Tem, sim.

— Qual é?

— Peça trégua. Diga que sua mulher vai ter um filho. Os maragatos compreendem.

— Os maragatos são uns cobardes. A resposta vem rápida e rascante: - Não são. O senhor sabe que não são.

Licurgo fecha-se num silêncio soturno. A cunhada prossegue: - O senhor sabe que eles são tão bons e tão valentes como os republicanos. É a mesma gente, só que com ideias diferentes.

— Que é que a senhora entende de ideias? - vocifera Licurgo. Maria Valéria continua imóvel.

— Não é preciso gritar. O senhor faz todo esse barulho porque no fundo sabe que não está procedendo direito.

Licurgo tira a palha da boca e amassa-a entre os dedos.

— Isto não é negócio de mulher. É de macho. Maria Valéria abranda um pouco a voz: - Deus fez o mundo errado. Eu queria que os homens tivessem filho pelo menos uma vez na vida, só pra verem como não é fácil.

Ele tem vontade de gritar: “Que é que uma solteirona entende de ter filhos?” Mas permanece calado.

— Ter filhos é que é negócio de mulher, eu sei - continua Maria Valéria. — Criar filhos é negócio de mulher. Cuidar da casa é negócio de mulher. Sofrer calada é negócio de mulher. Pois fique sabendo que esta revolução também é negócio de mulher. Nós também estamos defendendo o Sobrado. Alguma de nós já se queixou? Alguma já lhe disse que passa o dia com dor no estômago, como quem comeu pedra, e pedra salgada? Alguma já lhe pediu pra entregar o Sobrado? Não. Não pediu. Elas também estão na guerra.

Licurgo faz um gesto de impaciência.

— Está bem, prima. Está bem. Mas tudo é uma questão de dias ou de horas. Os federalistas estão perdidos. Amanhã a cidade pode amanhecer livre.

— E a Alice pode amanhecer morta. Ela ou o filho. Ou os dois.

— Ou todos nós - diz Licurgo com voz apertada de rancor.

— Ou todos nós - repete Maria Valéria.

Faz uma lenta meia-volta e sem dizer mais nada começa a descer a escada.

Licurgo encaminha-se para o quarto de dormir. Uma lamparina de azeite está acesa junto da grande cama de casal, onde Alice se acha estendida, debaixo de grossos cobertores de lã, muito pálida, os olhos cerrados, os cabelos negros soltos sobre o travesseiro. A fumaça que sobe do prato de ferro ao pé do leito, e no qual ardem pedrinhas de incenso e benjoim, dá ao ar um cheiro de igreja, que Licurgo sempre associa à ideia de doença e morte. Sentada à cabeceira do leito, a mulata Laurinda segura a mão de Alice. Quando Licurgo entra, a criada ergue os olhos para ele, franze a testa numa expressão interrogativa, mas não diz palavra.

Se ao menos a gente pudesse abrir uma dessas janelas - pensa Licurgo - e deixar entrar um pouco de ar! Olha em torno do quarto. O lavatório com o espelho oval, o jarro e a bacia de louça clara; o guarda-roupa escuro e pesado; o crucifixo de jacarandá com o Cristo de prata; o velho baú a um canto - tudo está como que esfumado na cerração azulada do ambiente, que a luz da lamparina mal alumia.

Licurgo aproxima-se da cama na ponta dos pés e fica a contemplar a saliência do ventre de Alice, sob os cobertores, e num dado momento julga perceber nela um movimento de onda, uma palpitação de vida: a criança a espernear. Ou terá sido ilusão?

Coitadinho! Vai nascer em tempo de guerra, talvez na hora dum tiroteio. Se for um homem, não haverá momento mais propício. Mas Licurgo deseja uma filha. Se ela nascer de madrugada, há de se chamar Aurora.

Aurora Cambará. Um dia alguém dirá: “Nasceu numa noite fria de junho, quando o Sobrado estava cercado pelos federalistas. Quando o dia clareou, as tropas republicanas libertaram Santa Fé”. Licurgo imagina-se com a filha nos braços, sente-lhe até o cheiro de leite e cueiros molhados. A revolução terminou, as janelas do Sobrado estão escancaradas e lá fora é primavera. Aurora… Uma linda menina.

A comoção sobe-lhe do peito à garganta, como uma onda quente e sufocante, e ele tem de fazer um grande esforço para reprimir as lágrimas. Um homem bem macho não chora nunca, haja o que houver. Choro é coisa de mulher. A última vez que chorou tinha dezessete anos; foi quando viu a mãe finar-se aos poucos em cima

duma cama, consumida por um tumor maligno.

E neste instante Licurgo torna a ouvir mentalmente os sons duma valsa remota, tocada numa cítara por dedos magros e pálidos - os dedos de sua mãe. E de novo, por um rápido instante, sente-se menino; torna a voltar-lhe aquela esquisita impressão, misto de medo, curiosidade e estranheza que ele sempre sentia na presença da mãe. Seus olhos agora estão fitos no espelho oval, mas o que ele vê é apenas o mármore duma sepultura: Aqui jaz LUZIA SILVA CAMBARÁ 1833-1872 Paz à sua alma!

Alice sacode a cabeça dum lado para o outro, solta um débil gemido, seu rosto se contorce, os dedos se crispam sobre o cobertor. A mulata Laurinda torna a erguer os olhos para o patrão e fica à espera de que este diga ou faça alguma coisa. Licurgo tem vontade de sentar-se na beira da cama, acariciar a testa da mulher, beijar-lhe as faces ou então deixar a mão pousar-lhe por um instante sobre o ventre, para sentir os movimentos da filha. Outra vez as vozes do futuro em seus pensamentos. "Nasceu numa madrugada de junho de 1895. Uma moça guapa.

Os olhos são dos Terras, mas o génio é dos Cambarás." Beijar a testa de Alice, dizer-lhe alguma coisa ao ouvido, pedir-lhe perdão… Licurgo, porém, continua de pé e imóvel, tolhido por um constrangimento invencível. Há gestos que nunca fez e agora é tarde para começar.

De repente, voltando a cabeça, vê a própria imagem refletida foscamente no espelho do lavatório, mas logo desvia os olhos dela, como se a temesse. Deve estar envelhecido e desfigurado. Há dois dias mirou-se por acaso naquele mesmo espelho e viu, horrorizado, que seus olhos tinham uma turva expressão de ódio, um desejo de matar.

Compreendeu que era um homem que a guerra endurecera, que sentia a piedade desaparecer-lhe da alma. Teve vontade de quebrar o vidro com os punhos.

Faz meia-volta e com passos lentos sai do quarto e desce para o andar inferior. Na escada uma sensação de frio toma-lhe conta do corpo.

Calafrio de febre? Ou será a temperatura da casa? Melhor é ir para junto do fogo, na cozinha. Entra na sala de jantar, que está às escuras.

Perto de cada janela acha-se postado um homem, agarrado à sua Comblain.

Há uma sentinela na água-furtada, e oucra junto duma janela dos fundos. Ao menor movimento suspeito darão o alarma. Apesar de todos os pesares - reflete Licurgo - só um de seus homens recebeu um ferimento grave: o Tinoco, que está deitado na despensa, com um balázio na perna. A princípio a coisa parecia sem importância, mas o

ferimento apostemou e tudo indica que o pobre homem está com o pasmo. Dois ou três dos outros companheiros receberam ferimentos leves. Sim, e há também o pobre do Adauto que lá está caído de borco sobre a tampa do poço. É preciso mandar enterrá-lo…

— Onde está o seu Florêncio? - pergunta Licurgo, parando no meio da sala. Ouve-se então uma voz calma e cansada: - Estou aqui, Licurgo.

Aos poucos os móveis e os vultos da sala se vão delineando mais nitidamente aos olhos de Licurgo já habituados à penumbra. Ele caminha na direção do sogro, e diz em voz baixa: - A cousa parece que é pra esta madrugada.

— Que cousa?

— O nascimento da criança.

— A Maria Valéria já me tinha dito.

Silêncio. Florêncio pigarreia. O genro sabe quanta falta ele sente do cigarro e do chimarrão. Mas não diz nada, nunca se queixa, e esse discreto silêncio é o que mais irrita Licurgo.

— Então?

— Então o quê?

No tom de voz do velho há um mal disfarçado ressentimento.

— Que é que se faz?

— Vossuncê é o dono da casa…

— Mas o senhor é o pai de Alice. É o mais velho de todos nós. Me diga com toda a sinceridade: acha que estou procedendo mal?

O velho tosse, por puro embaraço. Mas responde com calma: - Que importa o que eu penso? Vossuncê sempre faz o que entende. Sou um homem ignorante mas conheço bem as pessoas. Tenho visto muita coisa nesta vida. Acho que vaosuncê pode estar procedendo bem como chefe político, mas está procedendo mal como chefe de família.

— Cada qual sabe muito bem onde lhe aperta a bota.

A sua aperta no amor-próprio - pensa o velho. Mas cala.

Da cozinha vem o zunzum das vozes dos homens que conversam ao pé do fogo. Agora o velho Florêncio Terra fala num tom conciliador, quase paternal: - Olhe, Licurgo, vossuncê tem só quarenta anos. Eu tenho quase sessenta e cinco. Já vi outras guerras. Tudo isso passa. A revolução termina, os federalistas e os republicanos ficam alguns meses ou anos um pouco estranhos, mas o tempo tem muita força. Um dia se encontram, fazem as pazes, esquecem tudo. Todos são irmãos. Mas a vida duma mulher ou duma criança é coisa muito mais importante que qualquer ódio político.

A porta da cozinha abre-se de repente.

— Logrei os maragatos! - grita uma voz meio rouca, num tom de triunfo. — Trouxe o balde cheio d'água.

Licurgo precipita-se para a cozinha e aproxima-se do homem que

acaba de chegar. É o velho Fandango. Põe o balde no chão, a seus pés, e fica a dançar de alegria, atirando braços e pernas para o ar. Alguns companheiros o cercam em silêncio; Licurgo sabe o que eles querem.

— Bem - diz - a água tem de ser dividida irmãmente entre todos.

Primeiro as crianças e as mulheres. Depois vamos ver quanto toca pra cada um de nós.

Maria Valéria surge da sombra da sala de jantar e entra na zona luminescente criada pelo reflexo do fogo.

— Não toca nada - diz ela, brusca, tomando o balde. — A criança vai nascer esta madrugada e eu preciso de muita água quente.

Despeja a água num tacho, que coloca sobre a chapa do fogão. Sem olhar para os homens - que lhe observam os movimentos em respeitoso silêncio - ela diz: - Chupem laranjas.

Eles tornam a sentar-se ao redor do fogo, e um deles começa a assobiar baixinho. Fandango pergunta, muito calmo: - Chamando cobra?

O assobio cessa. A lenha crepita. O reflexo das chamas clareia dum amarelo alaranjado estas caras barbudas e tostadas. Agora se ouvem, vindos de fora e de longe, os sons duma gaita.

— Os maragatos estão se divertindo - diz um. Há um curto silêncio.

Depois outro murmura: - Mas isso não vai durar.

Maria Valéria acende uma vela nos tições e com ela atravessa a sala de jantar na direção da despensa. A chama ilumina-lhe o rosto descarnado e severo, um rosto anguloso e sem idade, mas de grandes olhos escuros e lustrosos. Tem de caminhar com cuidado para não pisar nos homens que dormem no chão, agarrados às suas armas. Suas narinas inflam: cheiro de homem. Suor antigo, sarro de cigarro, couro curtido. Um cheiro quente, azedo, penetrante, repulsivo. — Vou mandar a Laurinda defumar esta sala…

Maria Valéria entra no quartinho dos fundos, onde se encontra o ferido. Ergue a vela. A luz cai sobre o colchão onde Tinoco está estendido, enrolado num poncho. Tem a cara larga e barbuda, um nariz picado de bexigas, as mandíbulas fortes e quadradas. Sob a barba, a palidez cianótica parece já a dum cadáver. De olhos fechados, o ferido geme.

— Como vai, Tinoco?

Ele faz um esforço para falar, mexe inutilmente o queixo e os lábios, mas não consegue articular palavra. Maria Valéria franze a testa. Ela conhece estes sintomas: já viu um homem morrer de pasmo.

Ajoelha-se junto do ferido, põe o castiçal no chão e ergue a ponta do poncho. Vê o pé grande e moreno, de dedos achatados e graúdos, de unhas que mais parecem cascos, a perna cabeluda e musculosa… Cheiro de pus.

Faz um esforço e começa a. desfazer a atadura e quando vê a ferida a descoberto, não pode evitar uma careta de repugnância. Ao redor do buraco negro e purulento da bala formou-se um largo halo, dum vermelho arroxeado. Faz dois dias, ela própria cauterizou a ferida com um ferro em brasa. Inútil. A supuração continua.

— A coisa está feia, Tinoco - diz ela. — Mas não há de ser nada, com Deus e a Virgem.

Tinoco torna a mexer as mandíbulas, mas não consegue falar. Maria Valéria ergue-se e deixa a despensa. O mais que poderiam fazer por ele agora seria dar-lhe cachaça. Mas a caninha terminou… Há outra solução: cortar-lhe a perna. Mas quem vai atrever-se a fazer isso a frio, sem os instrumentos apropriados? O melhor mesmo talvez seja meter uma bala na cabeça do coitado, para ele não sofrer mais. Maria Valéria estaca de repente junto da porta, como se a mão do horror de tal ideia a tivesse detido. Santo Deus, como é que posso pensar numa coisa dessas?

A revolução está mudando todo o mundo. As pessoas não são mais as mesmas. Não há mais bondade. Não há mais paciência. Não há mais…

Fica de olhos postos na chama da vela. A gaita continua a chorar lá fora. Na cozinha os homens conversam em voz baixa. Maria Valéria encaminha-se para a escada. Para junto do primeiro degrau, desnorteada por uma repentina tontura. Tem no estômago uma sensação esquisita, como se houvesse dentro dele um punhado de geada. Dor de fome. Náusea. E se tomasse um chá de erva-cidró? Mas é preciso poupar água. Água para a criança que vai nascer… Começa a subir lentamente a escada. A gaita tocando lá fora… Homens cantando, longe… Hoje é noite de São João.

Na mente de Maria Valéria está acesa uma grande fogueira, crianças saltam por cima dela, alguém assa uma batata-doce na ponta duma vara. Sobre o braseiro o churrasco chia, a graxa pinga nas brasas, o cheiro apetitoso espalha-se no ar. Vozes… “Vamos tirar a sorte, Maria Valéria?”

Ela sobe a escada devagarinho, uma das mãos segurando o castiçal, a outra agarrada ao corrimão. Tirar a sorte? Bobagem. Pra quê? Pra ver com quem vais casar. Atira esta casca de laranja pra trás… Assim. Vamos ver a letra que a casca formou. Um L. Ah! Eu bem desconfiava. Que nome começa por um L? Licurgo… Ah! Se eu pudesse fazer parar o pensamento!

L. Licurgo. Mas o Licurgo não vai casar com a irmã dela, a Alice? Claro.

Mas a Maria Valéria também gosta dele. Licurgo escolheu a outra. Coisas da vida… Sorte é bobagem. Licurgo. Sorte é bobagem. Alice casou. Maria Valéria vai ficar solteirona o resto da vida. L… Licurgo.

Maria Valéria chega ao patamar, fica um instante ali parada, sentindo as faces escaldantes.

Só o pensar nessas coisas me dá uma vergonha… Decerto estou vermelha. Melhor é ir ver os meninos…

Aproxima-se da porta do quarto dos sobrinhos, abre-a devagarinho, faz avançar a mão que segura o castiçal…

— Logo vi! - exclama, áspera.

Rodrigo e Toríbio, ambos de camisolão, acham-se junto da janela, espiando para fora. Voltam-se, num sobressalto, e precipitam-se para a larga cama onde passaram a dormir juntos desde que o cerco começou.

— Seus alarifes! Já deviam estar dormindo. Caminhando de pés no chão!

Querem apanhar um resfriado? Espiando na janela! Não têm medo duma bala perdida?

Com os cobertores puxados até o queixo, as duas crianças olham para a tia, mal conseguindo reprimir o riso. Maria Valéria aproxima-se da cama e inclina a cabeça sobre os rostos dos sobrinhos. O sebo da vela pinga no cobertor. Dois pares de olhos escuros e vivos estão fitos nela. As crianças sorriem. E pela primeira vez desde que o sítio começou Maria Valéria sorri. Mas é um meio sorriso, rápido e seco, de quem acha que não tem direito de sentir-se feliz nem por um segundo.

— Agora durmam direitinho. Amanhã quando acordarem o irmãozinho já chegou.

A chama da vela projeta, enorme, a sombra de Maria Valéria na parede e no teto do quarto. E quando ela se retira, fica ali dentro a escuridão fria e silenciosa.

— Toríbio… - murmura o mais moço dos meninos.

— Que é?

— Donde vai sair o filho?

— Ora, da barriga da mamãe.

Encolhido, com as mãos entre as pernas, Rodrigo fica pensando…

— Como vaca? - pergunta, após alguns segundos.

— Como vaca.

— Dói muito?

Toríbio sabe coisas. Na estância ajuda a peonada a marcar o gado, a curar bicheira e até já viu muitos animais darem à luz as suas crias.

— Dói, sim - diz ele, voltando-se para o irmão. O hálito morno de Rodrigo bafeja-lhe a testa.

— É por isso que elas sempre gritam?

— As vacas?

— Não. As mulheres.

— É.

— E por que é que na hora de sair a criança botam na cabeça

delas o chapéu do marido?

— Quem foi que te contou isso?

— Ouvi uma conversa. Mas por que é?

— Pra ela ter coragem.

Um silêncio. Toríbio revolve-se na cama, com a impressão de que tem areia nos olhos.

— Será que vem tiroteio hoje? - pergunta o outro.

— Ora, vamos dormir.

— Mas será, hein?

— Se vier a gente ouve.

— Bio…

O mais velho não responde. Rodrigo agora está deitado de costas, de olhos fechados, pensando nas muitas coisas que o preocupam. Por que será que os maragatos pararam de dar tiros? Por que estão agora tocando gaita? Daqui a pouco mamãe começa a gritar. Não quero dormir, vou esperar a hora do meu irmãozinho nascer. Botam na cabeça dela o chapéu do papai, o chapeláo com o letreiro: “Viva o dr. Júlio de Castilhos!”

Então a barriga da mamãe se abre e lá de dentro sai a criança. Depois ela começa a chorar. Vai, então, botam o nené na cama e ele começa a chupar nas mamicas da mamãe, como os porquinhos chupam nas mamicas da porca. Mas que barulho é esse?

Um ruído surdo e cadenciado. Rodrigo fica de ouvido atento. Sempre temeu que um inimigo traiçoeiro pudesse aproximar-se da casa no escuro e atirar uma bomba aqui dentro. O coração começa a bater com mais força.

Ele imagina tudo… O homem, de lenço vermelho no pescoço, poncho e barba comprida… A bomba é redonda, preta, com um pavio, bem como uma que ele viu numa figura… O inimigo vem se arrastando, devagarinho.

Decerto está já debaixo do coqueiro. Agora pula o muro… Está perto da janela da varanda… Bate a pedra do isqueiro para acender o pavio. Vai atirar a bomba…

— Toríbio!

Sacode o irmão pelos ombros.

— Que é?

— Estás ouvindo um barulho?

— Estou.

— Que será?

— Bobalhão. É a cadeira de balanço da vó Bibiana.

— Será mesmo?

— É, sim. Dorme!

O ruído continua, surdo, regular, como se fosse o pulsar do próprio coração do Sobrado.

Sozinha no seu quarto, sentada na sua cadeira de balanço, e enrolada no seu xale, a velha Bibiana espera… O quarto está escuro, mas para ela nestes últimos anos sempre, sempre é noite, pois a catarata já lhe tomou conta de ambos os olhos. Ela mal e mal enxerga o vulto das pessoas, mas ouve tudo, sabe de tudo, conhece as gentes da casa pela voz, pelo andar e até pelo cheiro. Quando ouviu o primeiro tiroteio, ficou nesta mesma cadeira, esperando e escutando. Quando as balas partiam as vidraças ou se cravavam nas paredes, ela tinha a impressão de estar vendo - não! - de estar ouvindo uma pessoa de sua família ser fuzilada pelos inimigos. Medo não sentiu, isso não. Teve dó. E ódio. Estragarem o Sobrado desse jeito! Mas guerra para ela não é novidade. Tudo isso já aconteceu antes, muitas, muitas vezes. Viu guerras e revoluções sem conta, e sempre ficou esperando. Primeiro, quando menina, esperou o pai; depois, o marido. Criou o filho e um dia o filho também foi para a guerra. Viu o neto crescer, e agora o Licurgo está também na guerra. Houve um tempo em que ela nem mais tirava o luto do corpo. Era morte de parente em cima de morte de parente, guerra sobre guerra, revolução sobre revolução. Como o tempo custa a passar quando a gente espera! Principalmente quando venta. Parece que o vento maneia o tempo.

Dona Bibiana se balouça na sua cadeira. Há momentos em que não se lembra de nada. Na sua cabeça há apenas uma cerração. Ouve ruídos, vozes, engole os mingaus que lhe dão, deixa-se levar para a cama - mas às vezes não sabe quem é nem onde está. Noutros momentos, porém, volta-lhe tudo. E na noite escura da catarata ela vê faces, vultos, cenas. De vez em quando lá de longe ouve uma voz: "Bibiaaana!" É o capitão Rodrigo que entra como um tufão, arrastando as esporas no soalho. A pele de seu homem tem um cheiro de sol; suas barbas parecem macega, mas macega castanha. Seus olhos… Mas como eram mesmo os olhos do capitão? De que cor? Pretos? Cinzentos? Azuis? Tinha uma voz forte, como a do Curgo - disso a velha Bibiana se lembra.

Ela tem nos dedos murchos um rosário. Esqueceu quase todas as orações.

Há uma para dia de tempestade. Outra para tempo de peste. Agora ela precisa rezar pelo bom sucesso de Alice. Para que botar filhos no mundo, se mais cedo ou mais tarde a guerra leva as criaturinhas?

A velha Bibiana gosta do barulho da cadeira nas tábuas do soalho. É como uma voz, uma companhia. Lembra-lhe outros tempos, outras largas esperas. Estas batidas surdas e o uivo do vento, e o matraquear das vidraças, e o tempo passando…

— Bio! Acorda, Bio!

Toríbio resmunga, revolve-se na cama.

— Que é? - Num sobressalto ergue a cabeça. — Mamãe já começou a gritar?

— Ainda não.

— Então que é?

— Se algum inimigo entrar na casa eu me defendo.

— Não seja bobo.

— Me defendo, sim. Estou armado.

— Faz de conta?

— Não. De verdade.

— Como?

— Tu não conta nada pra ninguém?

— Não.

— Palavra de honra?

— Por Deus Nosso Senhor.

— Então bota a mão aqui.

Toríbio procura a mão de Rodrigo por baixo das cobertas e seus dedos tocam um objeto frio.

— Que é isso?

— O punhal.

— O do vovô?

— É.

— Onde é que estava?

— Numa gaveta.

— Vais te machucar…

— Não vou. Guardo ele debaixo do travesseiro. Se um inimigo entra aqui, pulo em cima do bicho e o degolo.

— Não pode.

— Por quê?

— Punhal não tem fio.

— Então finco-lhe a ponta na garganta. Eu já vi sangrar um boi.

Ao imaginar essas coisas o coração de Rodrigo pulsa com mais força.

Ele vê o sangue escorrendo da goela do maragato. E seus pequenos dedos apertam o cabo do punhal.

A fonte

Naquela madrugada de abril de 1745, o padre Alonzo acordou angustiado.

Seu espírito relutou por alguns segundos, emaranhado nas malhas do sonho, como um peixe que se debate na rede, na ânsia de voltar a seu elemento natural. Por fim deslizou para a água, mergulhou e ficou imóvel naquele poço quadrado, escuro e frio.

Alonzo olhou em torno da cela. Repetira-se, como ele temia, o sonho das outras noites. Levantou-se, acendeu a lamparina, lavou-se - e enquanto fazia essas coisas o único som que se ouvia naquele cubículo era o rascar de suas sandálias nas lajes do chão. Vestiu a sobretúnica, pendurou o rosário no pescoço, apanhou o Livro de Horas e saiu para o alpendre. A brisa picante da madrugada bafejou-lhe o rosto. Havia na redução um silêncio leve e úmido, um certo ar de expectativa, como se toda a terra se estivesse preparando para o mistério do amanhecer.

Alonzo amava aquela hora. Era quando tinha uma consciência mais lúcida da presença de Deus. Tudo lhe parecia puro, frágil e aéreo. Dir-se-ia que ele próprio pairava no ar, sem contatos terrenos. Sentia na boca do estômago um ponto branco e frio - e essa impressão de fome, que o enfraquecia um pouco, dava-lhe uma trémula sensação de leveza, aguçava-lhe o espírito, tornando-o mais sensível às coisas do Céu.

O horizonte empalidecia e as estrelas se iam apagando aos poucos. Em torno da redução os campos estendiam-se, ondulados, sob a luz gris.

Alonzo olhou para o nascente e foi de repente tomado dum sentimento de apreensão muito semelhante ao mal-estar que lhe deixara o sonho da noite. Naquela direção ficava o Continente do Rio Grande de São Pedro, que Portugal,'inimigo da Espanha, estava tratando de garantir para a sua coroa. Um dia, em futuro talvez não mui remoto, os portugueses haveriam de fatalmente voltar seus olhos cobiçosos para os Sete Povos. Fazia sessenta e cinco anos que, com o fim de estender ainda mais seu império na América, haviam eles fundado à margem esquerda do rio da Prata a Colônia do Sacramento, a qual desde então passara a ser um pomo de discórdia entre Espanha e Portugal. Laguna, posto extremo dos domínios portugueses no sul do Brasil, estava separada da colônia por uma vasta extensão de terras desertas, cruzadas de raro em raro por grupos de vicentistas que, passando pela estrada por eles próprios rasgada através da serra Geral,

iam e vinham na sua faina de buscar ouro e prata, arrebanhar gado e cavalos selvagens, prear índios e emprenhar índias. Metiam-se esses demônios Continente adentro, seguiam o curso dos rios, embrenhavam-se nas matas e, abrindo picadas a golpes de facão e machado, fazendo estradas com os cascos de seus cavalos e tropas, iam ao mesmo tempo rechaçando para o oeste e para o sul o inimigo espanhol.

Alonzo ouvira contar a história dum bandeirante vicentista que, tendo encontrado nos campos duma vacaria uma cruz de pedra na qual se lia - “Viva el-rei de Castela, senhor destas campanhas” - deitou-a por terra e ergueu ao lado dela um marco de madeira "no qual escreveu - “Viva o muito alto e poderoso rei de Portugal, dom João V, senhor destes desertos”. Os vicentistas enchiam aquelas paragens com o tropel de seus cavalos, os tiros de seus bacamartes e seus gritos de guerra. Mas quando voltavam para São Vicente, levando suas presas e achados, o que deixavam para trás era sempre o deserto - o imenso deserto verde do Continente.

O governo português resolvera então povoar o Rio Grande de São Pedro, a fim de facilitar as comunicações entre Laguna e Sacramento, bem como para garantir a posse deste último estabelecimento. Laguna, pois, ficou sendo o ponto de partida das muitas levas de homens que entravam nos disputados campos do extremo sul, para abrir caminho até o rio da Prata, de onde retornavam com novas da colônia. E naqueles vinte últimos anos muitos lagunistas e vicentistas se haviam fixado em vários pontos do Continente, estabelecendo invernadas e currais que mais tarde se transformavam em estâncias. Contava-se até que quase todos eles já tinham conseguido cartas de sesmaria. E o fato de os portugueses haverem fundado em 1737 um presídio militar no Rio Grande indicava que estavam decididos a tomar posse definitiva do Rio Grande de São Pedro.

Alonzo olhava as bandas do nascente.

Era de lá que no futuro havia de vir o perigo. Os vicentistas, que agora eram senhores de estâncias de gado naquelas terras lindeiras, provavelmente descendiam dos bandeirantes renegados que havia mais dum século tinham destruído bestialmente as províncias jesuíticas de Guaíra e Itati. E a ideia de que um dia os Sete Povos pudessem cair nas mãos dos portugueses deu-lhe um calafrio desagradável. Instintivamente - como que numa busca de proteção - Alonzo olhou para a catedral. Pesadamente plantada na terra, o vulto maciço recortado em negro contra o horizonte do amanhecer, ela parecia uma fortaleza. Sempre que a via, Alonzo pensava na mãe. Começou a caminhar na direção do templo, enquanto seus pensamentos o levavam de volta a um dia inesquecível de sua infância. O pai lhe havia infligido um castigo injusto; apaixonado, o

corpo sacudido de soluços, mas mesmo assim sem conseguir chorar, o menino Alonzo seguia agoniado pelo corredor de sua casa, na direção da sala onde se encontrava a mãe. O corredor era longo, de altas paredes e teto abobadado, e seus passos soavam nos mosaicos do chão com ecos de catedral. Alonzo via dona Rafaela sentada na sua cadeira de respaldo alto e lavrado - bela e tranquila no seu vestido de tafetá negro, as mãos, faiscantes de joias, trançadas sobre o ventre. Precipitou-se para ela, ajoelhou-se diante da cadeira, quis contar-lhe a injustiça que sofrera mas não pôde articular palavra. Os soluços pareciam querer rasgar-lhe o peito, subiam-lhe como bolas de ferro à garganta. Mal, porém, os dedos mornos da mãe lhe tocaram as faces, Alonzo meteu a cabeça no regaço materno e desatou o pranto. “Chora, meu filho - murmurou ela - chora que te faz bem.” E ele chorou, e sentiu-se aliviado, consolado, desagravado. As mãos dela começaram a fazer-lhe nos cabelos uma carícia tão leve e esflorante que ele teve vontade de rir de gozo. E quando a mãe se pôs a cantar baixinho uma canción de cuna, uma paz quente e profunda desceu sobre Alonzo, que fechou os olhos e adormeceu no paraíso.

Sim, aquela catedral lembrava-lhe a mãe. No verão seu ventre era fresco; mas como eram cálidas no inverno suas entranhas! E no dia em que os inimigos atacassem a redução - e ao pensar nisso os olhos de Alonzo se voltaram de novo para o nascente - a catedral seria uma cidade invencível.

No cemitério um lagarto correu por entre cruzes e sepulturas. Do outro lado da praça um vulto moveu-se contra a parede do Cabildo. Deve ser um dos guardas-noturnos - refletiu Alonzo. Nas outras casas - no colégio, no hospital, nas oficinas, no quarteirão dos índios - não se notava o menor sinal de vida.

Alonzo parou um instante no átrio da igreja. Pela porta aberta viu lá no fundo o altar-mor, cujas velas já estavam acesas. Preciso contar meu sonho ao cura - decidiu ele. E entrou no templo.

Ajoelhou-se em silêncio junto do padre Antônio e ficou durante longo tempo em meditação. Por fim o cura ergueu-se, e Alonzo fez o mesmo.

— Padre Antônio, preciso de seu conselho.

À luz das velas e das lamparinas o rosto do cura tinha um tom alaranjado. Era uma face redonda e carnuda, de feições tranquilas.

Sumidos nas órbitas, debaixo de sobrancelhas híspidas e grisalhas, seus olhos azuis tinham um brilho líquido de vidro.

— Temos ainda um bom quarto de hora antes do sino tocar. — Puxou a manga da túnica do outro. — Vamos nos sentar ali…

Sentaram-se. O cura respirava fundo. Era um homem corpulento e sanguíneo, de grandes mãos cabeludas. Seus dedos grossos brincavam distraídos com as contas do rosário.

— Fala, meu filho - murmurou ele.

Por um instante Alonzo ficou sem saber por onde começar. Fazia pouco que chegara à missão para servir de companheiro ao cura, que pouco sabia de sua vida e talvez nada de seu passado.

— Padre Antônio - disse Alonzo por fim - tenho tido ultimamente sonhos perturbadores.

— Lúbricos?

— Não! - exclamou o outro, sôfrego. E ficou desconcertado ante a veemência de sua própria negativa. — Não… - repetiu com mais calma.

— Como são esses sonhos?

Houve uma pausa. Um grilo começou a cricrilar debaixo dum banco, e sua voz estrídula riscou o silêncio. Alonzo calou-se por um momento, meio enleado, os olhos postos na imagem de São Miguel, em cuja face de madeira dançava a luz das velas. Agora de repente lhe ocorria que São Miguel também lhe aparecera no sonho da noite.

— Bom… são confusos, como quase todos os sonhos. Mas num ponto todos se parecem. É que de repente me vejo a correr por uma rua estreita, fugindo… Sinto-me perseguido e estou em agonia. Lembro-me vagamente de que cometi um crime, mas não sei onde nem quando. Só sei que sou culpado e que por isso alguém me persegue.

— Essa rua… é aqui na redução?

— Não. Às vezes é uma rua em Pamplona, onde nasci. Outras vezes é…

sim, agora me lembro bem. Esta noite sonhei com uma rua que eu costumava ver na gravura dum velho livro.

— Que livro?

— Creio que numa edição do Quixote. Não tenho certeza. Padre Antônio, de olhos semicerrados, sacudia a cabeça lentamente.

— No sonho desta noite - prosseguiu Alonzo - depois da corrida pela rua, vi-me de volta à cela, caminhando como um sonâmbulo para o armário onde guardo as minhas coisas. Meus pés pesavam como chumbo. De repente São Miguel surgiu na minha frente e me fez recuar. Eu queria alguma coisa que estava no armário, mas o santo sacudia a cabeça, fazendo que não, e eu não sabia se recuava ou avançava.

Padre Antônio pareceu despertar de repente: - Que ias buscar no armário?

Fez-se um silêncio em que apenas o cricri do grilo continuou, com uma insistência cadenciada de goteira. Alonzo hesitou por um instante.

— Vamos - disse o cura - conta tudo.

— Nesse armário estava… estava uma parte de meu corpo cujo

nome não ouso mencionar neste templo.

O cura fez com a cabeça um grave sinal de assentimento.

— Mas ao mesmo tempo - continuou Alonzo - era também outra coisa que eu ia buscar… Não me lembro… Tudo estava muito confuso. Nesse ponto acordei com uma impressão de agonia.

Fora, os galos começavam a amiudar, e o trecho de horizonte que a porta do templo enquadrava tingia-se de carmesim.

— É só? - perguntou o cura.

— É só. Pelo menos, não me lembro de mais nada.

Padre Antônio abriu bem os olhos e voltou a cabeça para o companheiro.

— Alonzo, não me disseste tudo.

Alonzo baixou o olhar. Havia algo que reservava para mais tarde, quando se confessasse ao cura. Mas era preciso contar agora.

— Padre - murmurou ele - tive uma adolescência corrupta.

— Santo Inácio de Loiola também teve.

— Aos dezoito anos fui… fui amante duma mulher casada que quase me destruiu o corpo e a alma. Eu vivia sem lei nem Deus, para desgosto de minha família. Não tentarei justificar-me. Nem entrarei em pormenores.

Quero apenas que tenha conhecimento desse período negro de minha vida.

De novo o cura estava de cabeça baixa e olhos cerrados, bem como costumava ficar no confessionário, enquanto ouvia os índios.

— Desabafa, meu filho, abre a tua alma. De resto, Deus já sabe de tudo. Estou certo de que Ele já te perdoou. Mas fala…

— Essa mulher era o centro da minha vida, padre. Fazia de mim o que queria. Por causa dela cometi as maiores vilezas. Ela costumava dizer-me que o marido a maltratava, que batia nela.

Contava-me essas coisas com tanta força de convicção, com um realismo tão feroz que me fazia chorar. Aos poucos me fui enchendo dum ódio terrível por aquele homem que eu mal conhecia. Um dia…

Calou-se, como se de repente lhe faltasse o fôlego.

— Sim? - encorajou-o o cura.

— Um dia resolvi matá-lo. Cheguei a essa decisão depois duma noite inteira passada em claro. Pela manhã fui à casa de meu rival. Ia provocá-lo e finalmente matá-lo num duelo. Eu era um bom espadachim e ele tinha trinta e cinco anos mais que eu… Quando lá cheguei disseram-me à porta que ele tinha morrido havia poucos minutos, fulminado por uma apoplexia. Voltei tomado de horror, com a impressão perfeita de que eu, eu é que o tinha assassinado a sangue-frio. Passei então as horas mais negras da minha vida. Procurei o padre confessor da família e contei-lhe tudo. Foi ele que me mostrou o caminho de Deus. Graças a ele estou aqui…

O cura soltou um fundo suspiro, descansou a mão no joelho do companheiro e disse: - Isso tudo pertence a um passado morto, não é mesmo? Ou será que essas lembranças costumam perturbar-te os pensamentos?

— Minha verdadeira vida começou quando saí do confessionário decidido a entrar na Companhia de Jesus. O que ficou para trás não passa dum…

dum pesadelo.

O cura coçou a cabeça e disse com sua voz áspera e gutural, que fazia os índios pensarem que ele escondia um chocalho na garganta: - Nossa mente, Alonzo, é como uma grande e misteriosa casa, cheia de corredores, alçapões, portas falsas, quartos secretos de todo o tamanho, uns bem, outros mal-iluminados. No fundo desse casarão existe um cubículo, o mais secreto de todos, onde estão fechados nossos pensamentos mais íntimos, nossos mais tenebrosos segredos, nossas lembranças mais temidas. Quando estamos acordados usamos apenas as salas principais, as que têm janelas para fora. Mas quando dormimos, o diabo nos entra na cabeça e vai exatamente abrir o cubículo misterioso para que as lembranças secretas saiam a assombrar o resto da casa. O demônio não dorme. E é quando nossa consciência adormece que ele aproveita para agir.

Alonzo sorriu de leve. — Em Pamplona um dia alguém lhe dissera Isso. — Tinha o rosto dramático dum monge pintado por Zurbarán, Nas faces morenas e meio encovadas azulava uma barba forte. Os lábios eram grossos, e havia nos olhos castanhos um fogo lento de brasa.

O cura costumava dizer que amava mais a alma das pessoas que as próprias pessoas físicas. Tinha um prazer todo particular em procurar penetrar nos mistérios da mente dos índios, ler-lhes os pensamentos, seguir-lhes o raciocínio, antecipar-lhes as reações. Ainda a semana passada tivera um caso curioso. Estava a encomendar uma mulher dada como morta, havia algumas horas, quando o corpo começou a mexer-se.

Houve pânico entre os índios presentes, que se puseram uns a correr desnorteados, outros a cair de joelhos e a murmurar orações. A mulher olhava em torno com olhos aparvalhados. Com o auxílio dum irmão, padre Antônio levou-a de volta a casa, pô-la num catre, deu-lhe um pote de leite morno e, depois de vê-la reanimada, fê-la falar. Por esse tempo os índios começavam a entrar aos magotes na casa da "ressuscitada". A índia, muito pálida, as mãos postas, contava a sua aventura. Mal sentira a vida fugir-lhe do corpo vira-se transportada aos céus nos braços de dois anjos "brancos como pay Antônio" e de asas da cor das garças. Mas ah! A subida para o céu não tinha sido fácil, porque verdadeiros enxames de demônios com cabeças de cão,

corpos de vaca e asas de morcego tentavam arrebatá-la das mãos dos anjos e levá-la para o inferno. Os índios escutavam-na enlevados, ao passo que o cura, céptico, olhava para a índia de soslaio, num silêncio desconfiado. Resolveu por fim interrogá-la.

— E depois, chegaste a ver o céu?

— Cheguei.

— Conta-me então como é o céu.

— É bem como o pay Antônio diz.

— Viste Deus?

— Vi.

— Como é Deus?

— Um homem grande, branco, de barbas compridas, sentado num trono de ouro, em cima duma nuvem. Pay, como Deus é bonito!

Os índios estavam boquiabertos.

— Viste Nossa Senhora? - perguntou um.

— Vi, sim. Estava com seu manto azul bordado de estrelas de ouro. Ela sorriu para mim e disse: Como vai?

Padre Antônio estava fascinado. Os índios tinham uma imaginação tão viva que às vezes lhes era difícil separar o mundo real do mundo de sua fantasia.

E o território dos sonhos de padre Alonzo não se pareceria um pouco com aquelas fantásticas regiões em que a velha índia andara perdida durante sua morte aparente?

— Escuta, companheiro - disse o cura. — Que é que guardas no armário da cela?

— As minhas roupas.

— Só?

— Alguns livros.

— Que livros?

— Uma velha edição do Quixote. Os poemas de San Juan de Ia Cruz. Os Exercícios, de Santo Inácio.

— Que mais?

A expressão do rosto de Alonzo mudou de repente.

— Sim! O punhal.

— Que punhal?

— Um punhal de prata, relíquia da família - exclamou ele, com uma expressão quase extática. E em, seguida, mudando de tom: - É estranho que eu tivesse esquecido por tanto tempo que o punhal estava lá…

— Tens uma estima especial por essa arma?

Alonzo ficou calado. Parecia não saber como responder à pergunta. O cura tornou a falar.

— Tinhas contigo esse punhal no dia em que decidiste ir provocar…

aquele homem?

Alonzo franziu o sobrolho.

— Sim, eu o levava à cinta.

O cura deu uma palmada na própria coxa.

— Aí está!

— Vê alguma relação entre meus sonhos e meu passado dissoluto?

— Evidentemente! Mas agora me explica por que razão trouxeste contigo o punhal.

— A conselho de meu confessor. Quando a graça de Deus caiu sobre mim e vi a iniquidade em que vivia, despojei-me de tudo quanto tinha, de tudo que me pudesse lembrar da vida antiga: objetos, roupas, amigos… Foi então que o confessor me sugeriu que guardasse o punhal, pois lhe parecia perigoso que eu apenas "esquecesse" o passado…

—… sem tê-lo destruído de todo - completou o cura, sacudindo lentamente a cabeça. — Ótimo conselho. O essencial é não esquecer nunca a existência do inferno, para melhor sentir as delícias do céu. O único meio de fugir ao perigo é enfrentá-lo. Procurar esquecer a tentação é covardia. O que devemos fazer é vencê-la, isso sim.

Naquele instante o ar foi rasgado pelos sons graves e musicais dos sinos, que encheram de tal forma o recinto da catedral, que Alonzo teve a impressão de que de repente uma onda os engolfava. O sacristão acordava os índios da redução e chamava-os para as orações. Os castiçais vibravam àquele badalar festivo. Os dois padres se levantaram.

O cura teve de gritar para que o outro o ouvisse: - Tira o punhal do armário e coloca-o em cima da mesa, bem à vista!

Tomou do braço do companheiro e impeliu-o docemente na direção da porta do templo.

— É preciso expulsar o demônio desse casarão - continuou, batendo com a ponta do indicador na testa de Alonzo. — Abrir as janelas, arejar os quartos. No ano passado os índios da redução foram atacados duma doença terrível, porque comiam muita carne crua e essa carne lhes apodrecia no estômago e intestinos, criando vermes. O remédio foi dar-lhes um vomitório de folhas de fumo.

A purga e o vomitório para a espécie de mal que te atormenta, meu filho, são a confissão, a oração e a meditação.

Alonzo escutava-o em silêncio. Pararam no átrio e olharam em torno.

Raiava o dia. De todas as casas saíam homens, mulheres e crianças, que se encaminhavam para a igreja. Via-se nas bandas do nascente, onde o sol começava a apontar, uma faixa dum amarelo avermelhado.

Finalmente o sino silenciou e ouviu-se o zunzum confuso das vozes dos índios. O interior da igreja estava agora todo iluminado.

— Abrir também o quarto secreto! - exclamou o cura. Preso num raio de sol, seu rosto resplandecia. — Jogar pelas janelas todas as lembranças más e deixar entrar a luz de Deus, o ar de Deus!

Ao passarem pelo átrio os índios saudavam os padres. O cura dava-lhes a bênção, sorrindo, e fazia no ar o sinal-da-cruz. A praça enxameava de gente. Retardatários corriam. Mulheres arrastavam crianças. Velhos caminhavam apoiados em bastões.

— Padre Alonzo - perguntou o cura - estás preparado para ouvir um segredo?

O outro sacudiu a cabeça afirmativamente. Padre Antônio inclinou-se para ele e murmurou: - Louvado seja Deus, sou um homem feliz!

E ao dizer isso sua voz chegou a ficar doce e lisa.

Às oito horas os índios que trabalhavam nas plantações e na estância reuniram-se como de costume na frente da igreja e padre Alonzo fez-lhes uma pequena preleção. Disse-lhes que se colhessem muito trigo, teriam muita farinha; se tivessem muita farinha dariam serviço ao moinho; se o moinho trabalhasse, os padeiros poderiam fazer muito pão; e se todos tivessem muito pão, ficariam bem alimentados; e se ficassem bem alimentados Deus se sentiria feliz. Acrescentou que naquele ano precisavam exportar mais erva-mate e algodão para Buenos Aires, pois quanto mais coisas exportassem mais dinheiro teriam, não só para pagar os dízimos ao rei de Es- panha, como também para comprar remédios, instrumentos e - oh! sim - mais coisas belas para a igreja: cálices, cruzes, castiçais… Quando ele terminou de falar, os índios trouxeram de dentro da catedral a imagem de Santo Isidro e o cortejo se formou. À frente iam os tocadores de flautas, tiorbas, clarins e tambores; seguiam-se os homens que carregavam nos ombros a imagem do patrono da lavoura; depois vinham os outros índios, cujas vozes, que entoavam um canto sacro, subiam no ar luminoso. Alonzo ficou a observá-los por algum tempo, e depois que viu o grupo sumir-se na encosta do outeiro, saiu para as tarefas do dia.

Àquela hora o padre Antônio devia estar confessando índios e índias e depois iria dar a aula de doutrina cristã. Uma vez Alonzo o surpreendera a contar às crianças a história de Jesus, que ele apresentava aos alunos como uma espécie de Bom Cacique. Estava tão absorto na própria narrativa que não viu o companheiro entrar. Era extraordinário como sabia adaptar as parábolas bíblicas ao mundo dos índios, e como dava realidade, vida às suas personagens. As crianças o escutavam de boca aberta, num silêncio enlevado.

Alonzo começou a atravessar a praça. Havia no ar um cheiro de

névoa batida de sol, e a brisa que lhe chegava às narinas vinha carregada dum suave perfume de macela. Alonzo gostava da paisagem ao redor da redução. Não era trágica como a de certas regiões de Espanha, nem cruel como a dos trópicos. Era pura de linhas e cores - coxilhas verdes recobertas de macegas cor de palha e manchadas aqui e ali dum caponete; por cima de tudo, um céu azul onde não raro boiavam nuvens. Era simples e ingênua, dir-se-ia pintada em aquarela pela mão duma criança.

Alonzo entrou no hospital. Pairava lá dentro um cheiro desagradável de corpos suados, misturado com a fragrância de ervas medicinais - tudo nessa atmosfera indefinível dos quartos onde há muitas pessoas com febre.

Alonzo confabulou por alguns instantes com os enfermeiros e depois saiu a ver os doentes. Deteve-se diante do catre dum índio que tinha sobre um dos olhos uma atadura de algodão. — Como te sentes, Inácio?

Por um momento o índio pareceu não ter ouvido. Depois descerrou a pálpebra do olho são e sorriu - mas sorriu apenas com esse olho, que fuzilou de alegria; o rosto permaneceu impassível.

— Bem - respondeu, seco.

O caso de Inácio - ocorrido havia poucos dias - fora verdadeiramente impressionante. Descoberto por um de seus companheiros no momento em que espiava a mulher dum amigo que tomava banho, nua, fora trazido à presença do cura, que o repreendeu severamente, pintando-lhe os horrores que sofreriam no inferno os que pecassem contra os santos mandamentos.

Num dado momento, embriagado pelo próprio fervor, o padre Antônio repetiu - e sua voz nesse momento tinha uma qualidade de esmeril - o versículo bíblico que diz “se teu olho te escandalizar, arranca-o, e atira-o para longe de ti”. Tamanha fora a eloquência do cura e tão grande o arrependimento de Inácio, que o índio correra para a oficina, tomara duma pua e com ela vazara o olho esquerdo. Com a cara lavada em sangue, urrando de dor, procurava furar o direito, golpeando a própria testa às cegas, quando um irmão leigo e outro índio o subjugaram. O cura teve de usar todo o seu tato para lhe explicar que, conquanto seu pecado fosse muito sério, os versículos bíblicos não deviam ser tomados ao pé da letra. Mais tarde, naquele mesmo dia, dissera a Alonzo, à hora da ceia: - Imagina tu a loucura de Lutero. Dar a Bíblia a ler aos leigos!

Alonzo olhou para Inácio, dirigiu-lhe algumas palavras de conforto e começou a afastar-se dele quando o índio o chamou: - Padre!

— Que é?

— Quando o índio morrer ele vai para o céu?

— Se seguires os mandamentos de Deus, se fores um bom cristão, irás para o céu - E se eu for para o céu, Deus me dá um olho novo?

— Claro, Inácio, claro. Deus te dará um olho novo. Um curto silêncio.

— Padre, eu quero um olho azul como o de pay Antônio.

— Está bem, Inácio. Reza e pede a Deus que te dê no céu olhos azuis como os de pay Antônio.

O olho são de Inácio tornou a brilhar, mas sua face continuou séria e rígida.

Na oficina, Alonzo foi ver o que estavam modelando os escultores e ali passou uma hora. O índio Francisco, que nascera e se educara na missão, era um escultor consumado. Havia talhado muitas imagens, algumas das quais se achavam nas igrejas de outras reduções. De torso nu e calças de algodão, ele trabalhava a madeira com paixão, enquanto o suor lhe escorria pelo corpo bronzeado. Alonzo ficou a observá-lo por alguns momentos. Francisco esculpia a imagem dum Senhor Morto. Os outros escultores índios em geral davam à face das figuras os seus próprios característicos fisionômicos: olhos oblíquos, zigomas salientes, lábios grossos. Havia pouco um índio esculpira um Menino Deus índio com um cocar de penas na cabeça. Mas o Cristo Morto de Francisco, com sua face alongada e suas feições semíticas, lembrava estranhamente, na sua simplicidade dramática, certas imagens do século XI, que Alonzo vira em igrejas da Europa. Era surpreendente como aquele índio conseguira dar uma expressão de dor e ao mesmo tempo de paz ao rosto do Filho do Homem.

Depois de visitar a padaria, a casa dos teares, a olaria e o moinho, Alonzo foi ao Cabildo, onde o corregedor - um índio imponente que ostentava o uniforme amarelo e encarnado dos soldados espanhóis - discutia com membros do Conselho problemas de administração judiciária.

Quando escrevia a parentes e amigos da Espanha, Alonzo nunca deixava de elogiar a organização das reduções, que, à maneira das povoações espanholas, era governada por un cabildo, para o qual os índios escolhiam em eleições anuais o corregedor - a autoridade máxima - os regedores, os alcaides, o aguazil-mor, um procurador e um secretário.

Contava-lhes também como os indígenas aprendiam, através de lições práticas e vivas, que o indivíduo pouco ou nada vale fora da coletividade a que pertence. Toda a produção das lavouras e estâncias de gado das reduções pertencia à comunidade, e os bens de consumo eram distribuídos igualmente entre todos. A gente dos Sete Povos não conhecia nenhuma moeda, pois ali vigorava um regime de permutas. Do dinheiro apurado na venda de erva-mate e outros produtos que exportava para o rio da Prata, pagava impostos ao rei de Espanha,

sendo o resto empregado na compra de instrumentos de trabalho, alfaias e outros objetos para as igrejas. O que sobrava era finalmente remetido aos cofres da Sociedade de Jesus, em Roma.

O governo encarregava-se de dar assistência às viúvas sem arrimo, aos velhos e aos órfãos; as crianças eram educadas segundo os preceitos da lei de Deus, e preparadas especialmente para viverem naquele tipo de sociedade, onde os brancos - em geral instrumentos de corrupção - só podiam entrar mediante uma licença especial.

Numa de suas últimas cartas à família, Alonzo escrevera: "Se pensais que vivo no meio de bárbaros, estais completamente enganados. Nos Sete Povos começa a nascer uma das mais belas civilizações de que o mundo tem notícia. Enquanto vos escrevo, vejo através da janela a nossa bela catedral, toda de arenito vermelho, com seu tímpano grandioso, o seu átrio com uma longa fileira de colunas, e a sua resplandecente cruz de ouro. Seu estilo lembra o de certas igrejas do fim do Renascimento italiano (o que não é de admirar, pois foi ela construída por um milanês).

Os índios das reduções vivem hoje mais cristãmente que muitos brancos de Pamplona, Madri ou Lisboa. Estão já redimidos do feio pecado da promiscuidade, pois todos se casam de acordo com as leis da Igreja e guardam o sexto mandamento; temem a Deus, são batizados e fazem batizar os filhos; no leito de morte nunca deixam de receber o Viático; e quando morrem são encomendados e finalmente enterrados em campo-santo.

Pois muitos desses chamados selvagens sabem, além da língua nativa, o latim e o espanhol, e são hábeis escultores, pintores, oleiros, ourives, tecelões, fundidores de bronze, e músicos. Um destes dias, escutando um sexteto de índios que tocava com sentimento e correção peças dum compositor bolonhês, fiquei de tal maneira comovido que não pude reprimir as lágrimas."

f - Às dez e meia o sino tornou a badalar. Alonzo recolheu-se à cela para seus quinze minutos de meditação. Tirou do armário um estojo de couro negro e abriu-o. Lá estava o punhal, que ele não via nem tocava havia tantos anos. Era uma bela arma de cabo e bainha de prata lavrada. Alonzo desembainhou-a: a. lâmina triangular de aço, que ele apertou na mão, era fria. Fria e má - concluiu. Fechou os olhos e imaginou o que teria sido sua vida - ou antes, sua morte - se ele houvesse matado aquele homem. (Como se chamava ele? Com quem se parecia? Não se lembrava de nada…) Imaginou o horror de sentir nas mãos o sangue do outro, quente como uma coisa viva. Pensou na agonia das horas que se seguiriam ao crime, nas noites de insónia, no remorso a espicaçar-lhe a consciência, no horror e na vergonha da família e finalmente nas torturas do inferno, onde sua alma iria expiar pelos séculos dos séculos, não só o crime de homicídio como também

o pecado da luxúria. Alonzo então usou os cinco sentidos para criar o inferno e imaginar-se dentro dele. Ouviu seus próprios gritos de dor, os berros e as blasfêmias dos outros condenados que vociferavam coisas obscenas, vituperando Cristo e a Virgem… Sentiu o cheiro de carne queimada, o fedor pútrido de corpos em decomposição. Viu pecadores a se estorcerem, esfolados, purulentos, chamuscados, dilacerados, carbonizados - mas vivos, vivos sempre, sofrendo sempre. Sentiu na própria carne a dor que as queimaduras produziam. Tinha pecado: estava perdido para toda a eternidade. O suor escorria-lhe pelo rosto, pelo torso, e de olhos cerrados Alonzo debatia-se sempre no inferno. Não havia mais salvação. Todos os segundos, todos os minutos, todas as horas, todos os dias, todos os anos, todos os séculos dos séculos - sem um único momento de alívio, sem um único instante de descanso - significavam dor, dor aguda, dilacerante. Dor… Doía-lhe a palma da mão, de onde o sangue pingava lentamente nas lajes do chão. Alonzo abriu os olhos. A ponta do punhal penetrara-lhe na carne. Mas agora, suado e ofegante, ele entrevia o Céu.

No ato de Deus que fulminara aquele homem, ele vislumbrara o desejo do Altíssimo não só de salvar-lhe a alma como também de chamá-lo para Seu serviço. Ele estava salvo! Agora pertencia a Deus. Como era bom não ter cometido o grande pecado… Bom! Bom! Bom! Largou o punhal, seu espírito subiu ao Céu. De braços caídos, cabeça erguida, olhos cerrados, ele se deixou levar… Sentia o perfume celestial, um sopro fresco bafejava-lhe a fronte. E a luz que se irradiava da face de Deus deixava-o ofuscado. A redução, com todos os seus trabalhos evangélicos, todas as suas oportunidades de servir o Criador, redimir os índios era já uma antecâmara do Céu. Era bom estar ali! A sensação de liberdade e gratidão foi tão grande, que toda ela subiu no peito do padre e rebentou-lhe na garganta num soluço. Alonzo caiu de joelhos junto do catre e rompeu numa oração que o choro entrecortava.

Depois, exausto, e sempre ajoelhado, deixou pender a cabeça sobre o leito. Da ferida da mão, o sangue ainda escorria. Mas ele amava aquela ferida.

Entardecia e padre Alonzo terminava sua aula de música. Um dos estudantes tocara ao órgão, havia pouco, um prelúdio. Depois um grupo de instrumentos de arco executara uma sarabanda, e agora o índio Rafael ali estava a tocar na sua flauta a pavana dum compositor italiano. Junto da janela, Alonzo escutava. Havia no rosto do índio uma inefável expressão de tristeza - mas uma tristeza de imagem asiática - lustrosa, fixa, oblíqua. Parado no meio da sala, de sobrancelhas erguidas, testa pregueada, olhos fechados, ele soprava na flauta, como que esquecido do mundo.

E a voz queixosa do instrumento parecia contar uma história. A

melodia ora se desenrolava no ar como uma fita ondulante - e Alonzo tinha a impressão de ver a linha sonora escapar-se pela janela, avançar campo em fora, acompanhando docemente a curva das coxilhas - ora parecia um lento arabesco noturno. E aquela pavana, composta por um remoto compositor europeu e tocada por aquele índio missioneiro, despertava em Alonzo recordações também remotas. Lembrou-se de sua casa em Pamplona.

Frituras de azeite na cozinha, fragrância de cravos no jardim - esses eram os cheiros da casa de seus pais ao entardecer. Alonzo tinha agora no pensamento a imagem da mãe, sentada como uma rainha na sua cadeira de respaldo alto, o colo farto, o olhar manso, as mãos cruzadas sobre o ventre - tranquila, sólida e acolhedora como uma catedral…

A melodia serpenteava sobre as coxilhas. Que pensamentos estariam passando pela mente de Rafael? - desejou saber Alonzo. Aqueles índios amavam a música. E com que talento a interpretavam! Que ouvido privilegiado tinham! Havia na redução excelentes organistas, harpistas, corneteiros e cravistas. Tocavam composições difíceis, e até trechos de ópera italiana. Os instrumentos em sua maioria eram fabricados na redução pelos próprios índios, dirigidos pelos padres. A música havia sido e ainda era para os missionários um dos meios mais efetivos de catequização. Tocando seus instrumentos e cantando, eles se haviam aproximado pela primeira vez dos guaranis, desarmando-os espiritual e fisicamente e conquistando-lhes a confiança e a simpatia. No princípio a música fora a linguagem por meio da qual padres e índios se entendiam.

E não teria sido porventura a música a língua do Paraíso - o primeiro idioma da humanidade? Por meio da música os jesuítas induziam os índios ao estudo, à oração e ao trabalho. Era ao som de música e cânticos que eles iam para a lavoura, aravam a terra, plantavam e colhiam - e era sempre debaixo de música que voltavam para a redução ao anoitecer. A música era por assim dizer o veículo que levava aquelas almas a Cristo.

A pavana terminou. O índio abriu os olhos mas ficou imóvel, com o instrumento ainda nos lábios, a mesma expressão de tristeza na face bronzeada. A interrupção da melodia chegou a ser quase dolorosa para Alonzo. Mas, oh! a música podia ser também uma arma do demônio. A pavana era decididamente perigosa. Ele devia riscá-la do repertório de Rafael.

Porque aquela composição não elevava a alma a Deus: não era vertical, mas horizontal, preguiçosa, lânguida, quase mórbida.

— Muito bem, Rafael - disse o padre. — Podes ir.

No anoitecer daquele mesmo dia, durante a hora de recreio que se seguiu à ceia, padre António contou aos índios a história da Paixão de

Cristo, preparando-os para as comemorações da Semana Santa que se aproximava.

E já a noite havia descido por completo - uma noite morna, pontilhada de estrelas e grilos - quando padre Alonzo se retirou para a cela, a fim de fazer um exame de consciência e preparar-se para a meditação do dia seguinte.

Pouco depois que o sino grande da catedral deu o toque de recolher, alguém lhe bateu à porta.

— Quem é?

— Sou eu. O irmão Paulo.

— Pode entrar.

Um jovem magro, metido numa batina parda, entrou.

— O cura lhe pede que vá imediatamente ao hospital. Alonzo pôs o barrete na cabeça e saiu em companhia do outro.

— Inácio está passando mal? - perguntou ele ao atravessarem a praça.

— Não, padre. Uma índia acaba de dar à luz uma criança e está se esvaindo em sangue.

Alonzo estranhou: - Mas não me consta que nenhuma mulher estivesse esperando filho para hoje…

Irmão Paulo tinha um rosto cor de cidra, uma voz mansa e um jeito humilde. Os olhos encovados quase nunca fitavam de frente o interlocutor.

— Não é índia das reduções - explicou ele. — Parece ter vindo do Continente do Rio Grande.

— Mas não me comunicaram nada!

O outro encolheu os ombros timidamente.

— Foi encontrada perto do trigal e recolhida pelos homens quando voltavam do trabalho.

— O corregedor foi informado?

Irmão Paulo fez com a cabeça um sinal afirmativo. Luzia no céu um caco de lua. Talvez amanhã houvesse mais uma cruz ali no cemitério - refletiu Alonzo. E perguntou: - Há alguma esperança de salvar a mulher?

— É um caso perdido, irmão.

Entraram no hospital. No quarto onde o cura administrava a extrema-unção à moribunda, boiava a luz amarelenta das lamparinas de azeite. Alonzo aproximou-se do catre. A índia estava deitada de costas, o sangue escorria-lhe das entranhas, empapava os cobertores e pingava nas gamelas que os enfermeiros haviam colocado ao pé do leito. O único som que se ouvia ali dentro, além do pingar do sangue, era a voz esfumada do cura, que ungia com os dedos os olhos da rapariga, murmurando: Per instam Sanctam Unctionem et suam piissimam misericordiam, indulgeat tibi Dominus quidquid oculorum

vitio deliquisti. Amen.

De olhos muito abertos - olhos de animal acuado - a índia mirava fixamente o cura, enquanto de sua boca entreaberta saía um ronco estertoroso. Devia ter quando muito vinte anos - calculou Alonzo.

Ajoelhou-se junto do catre e começou a pedir a Deus que recebesse no Reino dos Céus a alma daquela pobre mulher, que pecara por ignorância, e a quem decerto nunca fora dada a oportunidade de seguir o bom caminho.

… quidquid narium vitio deliquisti. Amen - recitava o cura. E o sangue pingava nas gamelas… quidquid labiorum linguae vitio deliquisti. Amen. O cheiro de óleo e sangue entrava pelas narinas de Alonzo e em seu cérebro se transformavam em pensamentos confusos, que ele se esforçava por espantar.

Ao cabo de alguns instantes em que andou perdido a vaguear entre o céu e a terra, Alonzo sentiu uma pressão de dedos no ombro. Ergueu os olhos e viu o cura, - Está tudo acabado ·- disse este último.

Alonzo ergueu-se. Irmão Paulo aproximou-se da morta e com dedos leves cerrou-lhe as pálpebras.

De outras salas do hospital vinham agora gemidos e lamúrias. Como se tivessem sentido a presença da morte, os outros doentes clamavam pelos padres, oravam e choravam.

— E a criança? - perguntou Alonzo. O cura sorriu.

— Está viva. Venha ver.

Aproximaram-se dum berço tosco onde, no meio de panos de algodão, o recém-nascido dormia. Tinha a pele muito mais clara que a da mãe. Alonzo ergueu os olhos para o cura que sacudiu lentamente a cabeça, adivinhando os pensamentos do companheiro e dando a entender que participava também de suas suspeitas. Aqueles malditos vicentistas! - pensou Alonzo. Não se contentavam em comprar índios e levá-los como escravos para sua capitania: tomavam-lhes também as mulheres, serviam-se vilmente delas e depois abandonavam-nas no meio do caminho, muitas vezes quando elas já se achavam grávidas de muitos meses. Aquele não era o primeiro caso e certamente não seria o último.

O cura observava a criança.

— É um lindo menino - disse. — Vamos batizá-lo amanhã. Tu serás o padrinho, Alonzo. — Inclinou-se sobre o berço, sorrindo. — Este pelo menos salvará sua alma - acrescentou. E depois, mudando de tom: - Que nome lhe vamos dar?

— Pedro - respondeu Alonzo, quase sem sentir. O cura repetiu: - Pedro… Pedro. Não há nada como os nomes simples. Ele se chamará Pedro.

Alguns minutos depois, atravessando a praça, rumo da cela, Alonzo procurava descobrir por que se lhe escapara com tanta

espontaneidade o nome de Pedro. Algum amigo quase esquecido? Não. Algum membro da família? Também não. Deu mais alguns passos e de repente estacou, como se alguém o tivesse frechado pelas costas. O homem que um dia ele quisera matar chamava-se Pedro. Agora ele se lembrava… Pedro Menéndez Palácio.

Depois daquela noite, a geada de cinco invernos branqueou os telhados da missão; e as pedras avermelhadas de sua catedral rulgiram ao sol de cinco verões mais ou menos tranquilos. Foram aqueles os tempos de maior prosperidade dos Sete Povos. Conquanto no Continente do Rio Grande de São Pedro espanhóis e portugueses vivessem em contínuas lutas por questões de limites, houve paz nas reduções.

Padres vindos de além-mar ou de outras missões - pregadores, cartógrafos, músicos, naturalistas, astrónomos, matemáticos, arquitetos - chegavam, ficavam por algum tempo e depois se iam, deixando uma marca de sua passagem: um mapa, um relógio, um órgão, uma imagem, um livro, uma ideia… A população crescia, novas casas se construíam e novas cruzes eram plantadas no cemitério. Batizados, enterros e casamentos se alternavam; e não raro o cura mal via fechada uma sepultura e já corria a preparar-se para o batismo dos recém-nascidos, enquanto na igreja pares de noivos esperavam a hora do casamento. A experiência levava os padres a arranjar e apressar o casamento de índios e índias mal eles chegavam à puberdade. A catedral aos poucos se enchia de novas imagens e enriquecia suas alfaias. O relógio incrustado na torre maior parecia a face mesma do tempo, e o sino grande a sua voz.

A rotina da redução era quebrada de quando em quando por um acontecimento sensacional; um índio mordido de cobra; um tigre que atacava os terneiros da estância; um temporal que destelhava as casas ou uma chuva de pedra que danificava as plantações. Duma feita o sol foi escurecido por uma nuvem de gafanhotos vindos do nascente e que ameaçavam cair sobre as lavouras. Todos os índios da redução saíram correndo de suas casas, gritando com toda a força dos pulmões, batendo tambores, matracas, chocalhos, fazendo soar clarins, dando tiros de ronqueira, ao mesmo passo que os sinos da igreja atroavam os ares… E foi tal o barulho que se ergueu da missão, que a nuvem mudou de rumo e se sumiu na direção do norte.

Periodicamente o governador de Buenos Aires mandava buscar nas reduções índios para empregá-los na construção de edifícios públicos.

Os padres indignavam-se ante tais exigências. Sabiam que esses índios jamais voltariam às suas casas, pois morreriam mercê dum tratamento pouco humano ou, longe da influência dos missionários, tornariam a cair em pecado, entregando-se à heresia, ao amor

promíscuo, à bebida e outros vícios.

Padre Alonzo continuava na redução. Uma vez que outra, nos verões muito quentes, ele tinha a impressão de ver o tempo parado sobre os telhados e campos em derredor, como que imobilizado pelo mormaço; moscardos zumbiam e voavam no tempo estagnado. Outras vezes ele sentia a rotina arrastar-se com lentidão, paralelamente às horas. Mas na maioria dos dias o tempo voava como o vento. Era quando ele se entregava a trabalhos absorventes, sempre cheios de imprevistos: orientar os índios nas suas criações artísticas; levá-los em excursões pelos campos; preparar as festas; escrever autos e dirigir-lhes os ensaios; discutir com o corregedor e as outras autoridades problemas de administração e de justiça. Dentro de suas orações havia toda a eternidade; e nas horas de meditação o tempo fluía e refluía, avançava ou recuava mil anos ou então se sumia de todo no espaço ilimitado de seu espírito, que de repente ficava esvaziado do seu conteúdo de tempo, bem como uma lagoa cuja água se drenasse por completo.

Todos os anos, no dia de Corpus Christi, antes de nascer o sol o corregedor, os caciques e outros dignitários da redução percorriam as ruas montados em cavalos ricamente ajaezados. Eram seguidos de tamboreiros e tocadores de flauta. Diante da igreja detonava-se uma ronqueira, seu estrondo reboava na praça, espantando as pombas que voavam assustadas da torre e do frontão do templo. A população acordava e vinha para a missa cantada.

Quando o sacerdote saía da sacristia, era sempre precedido por oito jovens dançarinos, que marchavam em filas de dois e empunhavam velas cujas chamas lhes iluminavam as faces acobreadas e impassíveis, como que talhadas também em arenito vermelho. Iam num passo grácil e ritmado, enquanto quatro bailarinos queimavam ervas aromáticas e outros tantos tapetavam de flores e folhas o caminho que o celebrante percorria por entre as alas de fiéis, os quais ia aspergindo com água benta.

Como era belo ver depois aqueles esbeltos dançarinos, disciplinados como pajens, parados de pé, ali no batistério! Quando o sacerdote subia para o púlpito ou quando descia, era sempre flanqueado por dois desses índios, que levavam ainda nas mãos as velas acesas.

O cheiro do incenso misturava-se com o das flores e ervas. As vozes do coro enchiam, poderosas, o recinto da catedral. Os objetos de metal cintilavam à luz do sol ou ao reflexo das chamas das velas.

Alonzo mal se podia concentrar em suas orações, tão deslumbrado estava com tanta cor, tão estonteado se sentia com tantos perfumes e sons, tão perturbado ficava com tanta beleza.

Terminada a missa solene, havia danças e cânticos no vestíbulo

da igreja, perante os padres e os membros do Cabildo.

As ruas eram preparadas especialmente para a procissão, enfeitadas com bandeiras, estandartes e arcos de triunfo, aos quais estavam presas aves vivas - gralhas, gaviões corvos tucanos, garças, colhereiros… Pias, gamelas e bacias de ferro cheias d'água e contendo peixes vivos eram colocadas em diversos pontos por onde devia passar a procissão. Outros animais - tigres, gatos-do-mato, veados, antas, tamanduás, leões baios - eram postos ao pé dos arcos, dentro de jaulas ou capoeiras.

Quando a procissão passava ao som de cânticos, as aves guinchavam e sacudiam as asas, os animais urravam, e do chão se erguia um perfume de manjericão silvestre esmagado.

Um dia Alonzo concluiu que esse era o espetáculo mais belo que jamais vira em toda a sua vida. No entanto o resto do mundo o ignorava! Nas cortes da Europa ninguém sabia nem podia imaginar que ali naquele mundo novo e selvagem, no meio de campinas imensas, havia uma catedral mais bela que muitas da Espanha e da Itália; e que naquele momento milhares de índios e índias convertidos ao Evangelho rendiam homenagem ao Corpo de Cristo. O céu era dum azul rútilo. A catedral reverberava à luz da manhã, como uma fortaleza impávida cujas paredes fossem de ferro em brasa. O ar enchia-se de sinos e das vozes de todas as criaturas de Deus - aves, feras e homens. Flores e asas e bandeiras de todas as cores tremulavam nos arcos de triunfo. A procissão movia-se vagarosamente, em meio duma nuvem de incenso, e nas mãos do sacerdote o ostensório fulgia como um sol.

Uma tarde, à hora do crepúsculo (foi no ano de 1750, por ocasião da Páscoa) Alonzo parou no centro da praça, contemplou a catedral e sonhou de olhos abertos com o Mundo Novo. Havia de ser algo tão belo e sublime que a mais rica das imaginações mal poderia conceber.

Os povos não mais seriam governados por senhores de terras e nobres corruptos. Seria a sociedade prometida nos Evangelhos, o mundo do Sermão da Montanha, um império teocrático que havia de erguer-se acima das nações, acima de todos os interesses materiais, da cobiça, das injustiças e das maquinações políticas. Um mundo de igualdade que teria como base a dignidade da pessoa humana e seu amor e obediência a Deus.

Nesse regime mirífico o homem não mais seria escravizado pelo homem. Não haveria mais exaltados e humilhados, ricos e pobres, senhores e servos.

Que direito tinha uma pessoa de se apossar de largas extensões de terra?

A terra, Deus a fizera para todos os homens. O que era de um devia ser de todos, como nos Sete Povos. Todas as criaturas tinham

direito a oportunidades iguais. Não era, então, maravilhoso transformar-se um índio pagão num cristão, num artista, num músico, num escultor, num ourives, num arquiteto? Tantos milhares de seres havia no globo que vegetavam na ignorância e na miséria por falta apenas de quem lhes iluminasse o entendimento, despertando-lhes o desejo de melhorar, de criar coisas úteis e belas com a mão e o espírito que Deus lhes dera!? Mas para conseguir esse mundo ideal era primeiro necessário combater todos aqueles que por indiferença ou egoísmo se negavam a baixar os olhos para os humildes. Alonzo, que fora sempre um estudioso da História, sabia que os homens em todos os tempos foram sempre levados ao pecado pelo diabo, e a arma de que o diabo mais se servia era o desejo de riqueza, poder e gozo. Para conseguir essa riqueza, essa força, e esses prazeres, não hesitavam em escravizar as outras criaturas. E a melhor maneira de conservá-las em estado de escravidão era mantê-las na ignorância. Pagavam soldados não só para defender-lhes as vidas e os bens como também para alargar-lhes as conquistas. Mas esses senhores consistiam numa minoria. Ah! Um dia esses eternos humilhados, esses eternos escravos haveriam de tomar consciência de sua força e erguer-se! Mas era indispensável que tal levante se fizesse não em nome do ódio, da vingança e da destruição, mas sim em nome de Deus e da Suprema Justiça. A missão da Igreja - e neste ideal extremado Alonzo sabia que estava só - devia ser a de promover essa Revolução. O trabalho da Companhia de Jesus já havia começado na América. Era preciso primeiro conquistar o Novo Continente, livrar o índio da influência do homem branco, organizar uma grande república teocrática que depois, aos poucos, poderia estender a outras terras a sua influência e o seu exemplo. Ah!

Mas para conseguir esse supremo bem os jesuítas seriam obrigados a usar meios aparentemente ignóbeis. Teriam de ser obstinados e implacáveis. No princípio seria necessário exercer uma ditadura justa mas inexorável.

Não havia outra alternativa. Seriam os fiadores dessa Revolução em Nome de Deus, pois o povo não estava ainda esclarecido, não sabia o que lhe convinha, e portanto podia ser facilmente ludibriado pelos poderosos.

Era pois imprescindível que os sacerdotes exercessem na terra a ditadura em nome de Deus até que um dia (dali a quantos anos? Cem? Duzentos? Mil? Que importava o tempo?) fosse possível atingir aquele estado ideal, conseguir a igualdade entre as criaturas, a paz e a felicidade universal. Agora, porém, era preciso lutar, pregar, instruir, influir no espírito das gentes, educar e disciplinar a juventude, exercer uma censura feroz em todos os setores da vida daqueles povos a fim de que eles se habituassem a pensar de acordo com a Ideia Nova. Um

dia haveria sobre a face da terra governos justos e não mais instrumentos secretos e cruéis de Satanás. Até lá, porém, era inevitável que os sacerdotes suassem sangue, não cedessem às fraquezas de seus corações, tivessem a coragem de parecer tirânicos. Seriam odiados, caluniados, perseguidos, apresentados como monstros. Os senhores do mundo haveriam de atirar contra eles expedições militares punitivas. Ah!

Mas ele conhecia a História. A justiça de Deus estava visível nas entrelinhas dos fatos. Que significavam! as guerras contínuas entre nações, ducados e principados senão que a humanidade vivia em desentendimento porque era corrupta e] adorava o bezerro de ouro? Por que países como Portugal e Espanha viviam sempre em guerras? Era porque faltava entre os povos separados por línguas e costumes diferentes um elemento de unidade espiritual. Esse elemento de unidade, esse denominador comum das almas só poderia ser um: o temor e o amor a Deus.

Era em nome de Deus que eles, soldados da Igreja, tinham de lutar. E não haviam de recuar, diante de nenhum obstáculo. O fim era bom: todos os meios para chegar a ele seriam necessariamente lícitos.

Naquela hora crepuscular, às vésperas dum domingo de Páscoa, Alonzo pensou em todas essas coisas. E esses pensamentos não só lhe vinham de velhos sonhos e cogitações, como também haviam sido despertados especialmente pelas notícias que acabavam de chegar à redução com um caráter de praga, de peste, de catástrofe. Portugal e Espanha, para pôr termo às rixas em que viviam empenhados, tinham assinado um tratado iníquo, segundo o qual os portugueses cediam a seus velhos inimigos a Colónia do Sacramento, e os espanhóis, em troca, lhes entregavam os Sete Povos de Missões.

Pedro cresceu na missão aos cuidados da família do cacique dom Rafael, e seguido de perto por Alonzo, que tinha por ele uma estima toda particular. Aos oito anos sabia ler, escrever, fazer contas, e, além do guarani, falava espanhol e podia ler com relativa correção alguns textos em latim. Era um menino mais alto que o comum dos índios da sua idade, tinha a pele trigueira, os cabelos pretos e lisos, olhos escuros e meio oblíquos, nariz fino e reto, e boca rasgada.

Grande foi para Pedro o dia em que pela primeira vez serviu de coroinha. Antes de começar a missa saiu a acompanhar o padre, que aspergia os índios. O coro rompeu a cantar. As mãos de Pedro, que seguravam a caldeirinha, tremiam; e cada vez que o padre sacudia o hissope no ar, gotas de água benta respingavam os olhos do menino, que piscava. As vozes dos índios enchiam as naves: Asperges me hyssopo et mundabor; lavabis me et super nivem dealba"or—- - cantava o coro. Desde esse dia, sempre que alguma coisa lhe entrava nos olhos, fazendo-os arder, ele se lembrava da palavra asperges. Com

o passar do tempo foi descobrindo outras palavras mágicas. Lavabo passou a significar água; e sempre que chovia ele exclamava para si mesmo: Lavabo! Lavabo! Mas a grande descoberta que trouxe para sua vida uma secreta alegria e mais um mistério ocorreu quando ele rezava com outros meninos a Ladainha de Nossa Senhora.

Estavam todos ajoelhados, de mãos postas, fazendo o responso rio.

— Turris ebúrnea! - disse o cura.

E os meninos: - Ora pró nobis.

E num dado momento "aquilo" aconteceu. A voz áspera de padre António rascou o ar: - Rosa mística…

Pedro esqueceu a ladainha. Seus lábios não conseguiram pronunciar o ora pró nobis. Rosa mística… Estas palavras lhe ficaram soando na memória com um doçura de música. Rosa mística. Ele as repetia baixinho.

Como era bonito! Rosa mística. Mas que queria dizer? Sabia o que era rosa. Havia rosas brancas, vermelhas, amarelas… Mas que seria Rosa mística? Pensou em perguntar ao cura ou a padre Alonzo. Mas um temor secreto impediu-o disso. Ficou acariciando a palavra, guardando-a como um segredo, como um pecado. Rosa mística. Tornou a pensar nela na cama.

Dormiu com ela. Na aula de música, no dia seguinte, enquanto tocava órgão, as palavras seguiram em sua mente a linha da melodia duma cantata. Rosa mística. Na aula de doutrina quase se ergueu para perguntar: "Padre, que é rosa mística?" Mas não teve coragem. E um dia, olhando a igreja na hora em que o primeiro sol da manhã lhe incendiava as paredes, murmurou: "Rosa mística". E daí por diante, sempre que uma impressão de beleza o feria, sempre que alguma coisa lhe dava prazer, ele murmurava: "Rosa mística". Se uma laranja era doce, Pedro pensava: "Rosa mística". "Rosa mística" dizia também para as músicas que amava, para as nuvens, para as aves, para a água, para os peixes. Um dia em que caminhava com padre Alonzo através do cemitério, pararam ambos diante dum túmulo. — Aqui está o corpo de tua mãe - disse o padre, mostrando uma cruz ao menino. Pedro olhou para o pequeno monte de terra a seus pés. Teve o desejo de abrir a sepultura a ver como era a fisionomia de sua mãe. Imaginava-a bela e branca como as santas.

Olhando para o chão, esquecido da companhia do padre, murmurou de repente: - Rosa mística.

O jesuíta, surpreendido, perguntou: - Que foi que disseste?

— Rosa mística.

— E sabes quem é a Rosa mística?

O menino sacudiu a cabeça negativamente, sem olhar para o amigo.

— É Nossa Senhora, Mãe de Deus - explicou Alonzo.

Muito cedo Pedro travou conhecimento íntimo com o diabo. Nas aulas de doutrina ouvia história sobre anjos bons e anjos maus. Passou, então, a vê-los muitas vezes em seus sonhos e nas suas elucubrações.

Dificilmente conseguia distinguir as coisas que imaginava ou sonhava das coisas que realmente via quando estava acordado. Num velho livro que Padre Alonzo tinha em sua cela, havia uma gravura pela qual Pedro sentia grande atração. Era a em que um mau espírito aparecia montado num pobre pecador, o qual, de quatro pés como uma cavalgadura, se deixava surrar pelo anjo do mal; viam-se ainda outros demónios com cabeça de vaca e de cão, asas de morcego e corpos humanos: um deles empunhava uma clava, outro tinha um nó de víboras em cada mão; um quarto espírito mau tocava flauta, e, no primeiro plano, um diabo dirigia o coro dos pecadores, cujas cabeças apareciam, de faces contorcidas, acima das chamas do inferno. Pedro aprendeu também que o diabo vigia nossos passos, procura entrar em nossos pensamentos a fim de nos fazer pecar. Vivia atento à luta que se travava entre o seu anjo da guarda e os espíritos do mal pela posse de sua alma. Às vezes julgava ouvir esses anjos caídos gemerem na voz do vento, surgirem nas sombras da noite, entre as cruzes do cemitério, ou entrarem no corpo dos morcegos e outros bichos da noite. Sua imaginação povoava o mundo de demônios, e esse mundo fantástico não só continuava como também se alargava em seus sonhos e meditações.

Pedro tinha em geral uma vida ativa: aprendia ofícios, doutrina cristã, música; lia em voz alta as Escrituras Sagradas em latim, à hora em que os padres ceavam; não raro ajudava os índios a limpar o trigo e, enquanto fazia isso, cantava com eles. Aos domingos, com outros coroinhas, acolitava o cura na missa. Fazia também parte do coro; representava nos autos e durante as festas tomava parte nas danças.

Gostava também de andar sem rumo pelas coxihas, de arco e flecha, a caçar passarinhos, a procurar ninhos ou a aprisionar lagartixas vivas.

(Talvez um dia conseguisse até prender numa guampa a teiniaguá, a lagartixa encantada!) Momentos havia, porém, em que o menino caía em estado de melancólica meditação, preocupado com o mistério das pessoas que via a seu redor: os padres brancos com suas batinas negras; os índios cor de terra, vestidos de maneira tão diferente dos outros índios que não pertenciam a nenhum dos Sete Povos.

Intrigava-o o mistério do dia e da noite; do sol e da lua; das plantas, dos bichos, da chuva, do trovão, do relâmpago e do raio. Em tudo isso ele via, duma maneira obscura, manifestações da luta entre o

bem e o mal. E havia sobretudo o grande mistério da morte. Ele acompanhava, fascinado, os serviços fúnebres, gostava de ver e ouvir, escondido atrás das colunas do templo, a encomendação dos defuntos. E era com o coração a bater-lhe descompassado, os olhos muito abertos, que Pedro via os cadáveres serem postos nas suas covas e depois cobertos com terra. O latim para ele tinha um som mágico que o deixava comovido, mesmo quando não compreendia o que lia ou ouvia. Decorava trechos do Martirológio e salmos, que repetia quando estava sozinho. Sempre que ouvia falar nos outros países que havia para além do horizonte, ficava olhando à distância com olhos tristonhos. Padre Alonzo contava-lhe coisas da Espanha, de seus reis, cavaleiros, santos, sábios, mártires e conquistadores. E às vezes traçava na terra com a ponta duma vara mapas que Pedro examinava com apaixonada e perplexa atenção. Gostava principalmente das façanhas dos templários, e deliciava-se ao escutar a história das Cruzadas.

Outra das suas grandes paixões era a música. Em geral os índios das reduções, mesmo os adultos, conseguiam tocar apenas o que aprendiam de cor ou então o que liam na pauta, sendo incapazes de compor. Pedro era diferente. Às vezes tomava da flauta e começava a improvisar. Inventava melodias que ora eram tristes e arrastadas ora rompiam em trêmulos e arabescos alegres, para depois caírem de novo numa melopeia.

Aos dez anos Pedro aprendeu de cor uns versos de San Juan de Ia Cruz que o padre Alonzo costumava recitar. Era o Cântico espiritual entre el Alma y Cristo su esposo: Adonde te escondiste, Amado, y me dejaste con gemido?

Como el ciervo huiste, Habiéndorne herido;
salí trás ti clamando, y ya eras ido.

O menino repetia esses versos com sua voz musical. E a parte de que ele mais gostava - embora não chegasse nunca a compreendê-la - era esta: Buscando mis amores, ire por esos montes y riberas, ni cogeré Ias flores, ni temeré Ias fieras, y passar é Io s fuertes y fronte rãs.

Recitou-os um dia para o padre Alonzo e, ao terminar, perguntou-lhe: - Padre, então a Alma casou com Cristo? Meio embaraçado, Alonzo respondeu: - Simbolicamente, Pedro.

Mas compreendeu de imediato que havia respondido apenas à si mesmo, não ao entendimento do menino.

— Faz de conta - explicou. — A alma duma pessoa religiosa a Cristo une-se, casa-se com Ele.

— É o pay Antônio que faz o casamento? Alonzo sorriu.

— Não, Pedro. Não é bem assim.

Procurou palavras simples para explicar, e como não as

encontrasse achou prudente mudar de assunto.

Um dia Alonzo chamou Pedro para lhe cortar a tonsura. Para que o rapaz não cometesse nenhum erro, deu-lhe uma rodela de papel na configuração exata da tonsura, e sentou-se. Pedro subiu num mocho, apanhou a tesoura e pôs-se a trabalhar. Era a primeira hora da tarde, fazia calor e Alonzo sentia os olhos pesados de sono. Um ar de preguiça amolentava tudo, e a luz do sol parecia escorrer como azeite quente sobre a missão. Num dado momento a rodela de papel deslizou pelos cabelos do padre, começou a esvoaçar no ar como uma borboleta branca. O espírito de Pedro não se concentrava no trabalho. Nem o espírito nem os olhos, pois estes estavam fitos, fascinados, no punhal de prata que se achava em cima da mesa da cela.

— Padre… - chamou Pedro de mansinho. Depois, mais alto: - Padre!

Alonzo abriu os olhos.

— Que é?

— De que é feita aquela espadinha?

— Aquilo não é espadinha. É um punhal. A lâmina é de aço. A bainha, de prata lavrada.

— De quem é o punhal?

— É meu. Já te disse mil vezes.

— Ah!…

Pedro tornou a pôr a rodela de papel na coroa da cabeça do missionário, e por alguns instantes só se ouviu ali na cela o zumbir das moscas e o pique-pique da tesoura.

— Padre.

— Presta atenção no que estás fazendo, Pedro!

— Quem foi que deu o punhal ao padre?

— Foi meu pai.

— E quem foi que deu o punhal ao pai do padre?

— Talvez meu avô. Mas basta! Cuidado… vais me cortar! Os olhos de Pedro, porém, não se afastavam do punhal.

— Quando eu crescer posso ter um punhal assim?

— Para quê?

— Para me defender.

— De quem?

— Dos inimigos.

— Que inimigos?

— Os espíritos do mal.

— A melhor arma contra eles é a cruz. —É?

—É.

— Ah!…

Fez-se um silêncio de vários minutos em que Pedro dividiu a atenção entre a tonsura do missionário e a arma.

— Pronto! - disse por fim, saltando da cadeira.

Sempre que podia, Pedro entrava furtivamente na cela do padre, tomava o punhal nas mãos, acariciava-o, experimentava-lhe a ponta, punha-o na cinta e imaginava-se um guerreiro como o corregedor, o alferes real Tiaraju, que era o homem que ele mais admirava na redução. Gostava de vê-lo empunhar o arco e frechar aves em pleno voo, dar tiros de mosquete, manejar a lança montado num cavalo a todo o galope, e gritar ordens para os soldados… Ficava de respiração alterada quando via o alferes nos dias de procissão todo metido no seu uniforme de guerreiro de Espanha, pistolas e espada na cintura, cavalgando seu belo ginete…

Pedro ficava-se ali na cela a imaginar essas coisas. Depois repunha o punhal sobre a mesa e retirava-se sem ruído, como uma sombra.

Um dia dom Rafael procurou o padre Alonzo, trazendo-lhe Pedro e um problema.

— Padre - disse o cacique, apontando para Pedro. — Este menino anda dizendo por todo o povo que viu Nossa Senhora.

Alonzo sorriu e respondeu: - Todos vemos Nossa Senhora. Está na igreja, no Seu altar. O índio sacudiu a cabeça, obstinadamente.

— Não, padre. Ele diz que viu Nossa Senhora em carne e osso.

— Nossa Senhora é espírito… - murmurou o padre, baixando os olhos para o menino.

O cacique exclamou: - Eu não te disse? - E segurando o menino pelos ombros, sacudiu-o todo. — Eu não te disse?

Os olhos do rapaz estavam postos no missionário - grandes, parados, quentes.

Alonzo brincou com as contas do rosário, fazendo um esforço para não sorrir.

— Está bem, cacique. Pode ir e deixe o menino comigo. Vou interrogá-lo.

Dom Rafael retirou-se. Houve um silêncio. Era na casa dos padres à hora do anoitecer. Andava no ar um cheiro de carne assada, e vinha de longe o som das cantigas dos homens que voltavam da lavoura. Alonzo aproximou-se do menino, pousou-lhe nos ombros ambas as mãos e depois perguntou, olhando-o bem nos olhos: , - Qual é o oitavo mandamento?

— Não levantar falso testemunho.

— Está bem. Sabes, então, que mentir é pecado…

— Sei.

— E sabes que se de repente morresses depois de teres dito uma mentira tua alma iria direito ao Purgatório?

— Sei.

— Vais então falar a verdade?

— Vou, padre.

— Perfeitamente.

Pedro estava parado no meio da sala, de braços caídos, os olhos fitos num pálido pedaço de céu que a janela emoldurava. Alonzo começou a andar calmamente dum lado para outro, com as mãos trançadas às costas. Houve alguns segundos de silêncio.

De repente o jesuíta estacou na frente do menino e perguntou: - Viste Nossa Senhora?

— Vi.

— Onde?

— No cemitério.

— Quando?

— Todos os dias.

— Todos os dias? Que vais fazer todos os dias no cemitério?

— Ver minha mãe.

— E consegues vê-la?

— Consigo.

— Mas como, se ela está enterrada!

— Ela desce do céu.

Alonzo fitou os olhos no rosto de Pedro e viu nele uma tamanha expressão de inocência, que por um momento imaginou que ele pudesse estar dizendo a verdade. Mas como estava habituado às fantasias dos índios - que viam as mais absurdas aparições - insistiu: - Olha aqui, Pedro. Presta bem atenção. A alma de tua mãe, cujo corpo está enterrado no cemitério, desce do… céu?

— Desce.

— Todos os dias?

— Todos.

— Vem… junto com Nossa Senhora?

Pedro sorriu e ergueu as sobrancelhas num espanto.

— Mas ela é Nossa Senhora!

— Quem?

— Minha mãe.

— Pedro! - exclamou o padre. E quando deu acordo de si estava sacudindo a criança, bem como havia poucos minutos fizera o cacique dom Rafael. — Pedro!

— Que é, padre? - A voz do menino era tranquila, doce e meio nasalada como a voz da chirimia na qual ele tocava suas rnusiquinhas.

Alonzo não disse nada. Deixou cair os braços, sacudiu a cabeça devagar, respirou fundo e de novo começou a caminhar dum lado para outro. Ficou por um instante junto da janela olhando as cores do horizonte. E aos poucos sua irritação se transformou em diver- tida curiosidade. E foi sorrindo que tornou a aproximar-se do rapaz, passando-lhe a mão pela cabeça. Sua voz tinha um tom amigo e

confidente quando ele perguntou: - Então, Pedro, tua mãe é Nossa Senhora?

— Mas não é?

— Bom… E tu a vês todos os dias no cemitério?

— Vejo.

— Como é ela?

— Bonita… branca… vestida de azul.

— De onde vem?

— Do céu.

— Sozinha?

— Vem numa nuvem puxada por anjos.

— E a nuvem desce sobre o cemitério?

— Primeiro faz uma volta ao redor da torre da igreja, depois desce devagarinho e se some. E então Nossa Senhora fica ali no meio das cruzes.

— E que é que ela diz?

— Diz: “Como vais, Pedro?”

— E tu, que respondes?

— Primeiro me ajoelho e beijo a mão dela, depois digo: "Eu bem, e a Senhora?

— Mas… quando beijas a mão de Nossa Senhora, sentes que elas são de carne, como as minhas, como as do cacique…?

— Não são de carne.

— Como são?

— São de espírito. E têm um cheiro bom.

— Cheiro de incenso?

— Não. Cheiro de rosa.

— Rosa?

— Rosa mística.

Perturbado, Alonzo começou a assobiar baixinho. Por fim tornou a perguntar: - E depois… que acontece?

— Depois ela me convida para dar um passeio, pega a minha mão e vamos passear.

— Aonde vão?

— Saímos os dois voando num cavalo branco. Vamos para aquele lado.

Pedro ergueu o braço e apontou para o nascente.

— Para o Rio Grande de São Pedro?

— Isso mesmo.

— E que é que ela te mostra lá?

— Campos, índios, soldados, povos, padres, igrejas…

— Que mais?

— E meu pai.

— Teu pai? Como é ele?

— É um guerreiro como o nosso alferes real. Tem um chapéu de dois bicos com penachos coloridos… E pistolas… e um cavalo com arreios de prata e ouro.

— Como sabes que esse guerreiro é teu pai? - Nossa Senhora me diz.

— E tu falas com teu pai?

— Não. Só olho…

— E depois?

— Depois nós voltamos. Nossa Senhora diz: “Vai para casa, Pedro, senão o cacique te castiga. Adeus”. Eu beijo de novo a mão dela e volto.

Alonzo segurou o queixo de Pedro e fê-lo alçar o rosto.

— Pedro, estás falando a verdade? - Estou, padre.

— Por Deus?

— Por Deus.

O rosto do menino tinha uma expressão de ânsia. O do padre, de pasmo.

— Sabes que se eu descobrir que mentes nunca mais permitirei que sirvas de coroinha?

— Sei, padre.

— E que nunca mais permitirei que representes nos autos? - O menino sacudia a cabeça. Seus olhos fitavam os de Alonzo, firmes, sem piscar. — E que nunca mais te deixarei tocar música? - Pedro fazia que sim, e o padre prosseguia: - E que nunca mais te deixarei entrar na minha cela? - Uma pausa. Alonzo respirou fundo, lentamente, como para dominar a comoção. Depois, destacando bem as palavras, perguntou: - Pedro, tu viste mesmo Nossa Senhora?

Na penumbra da sala, que apenas a luz do entardecer fracamente alumiava, o rosto do menino tinha uma pureza de imagem.

— Vi, padre. Vejo todos os dias…

Alonzo largou-lhe o queixo. Fez um gesto de desamparo e disse: - Está bem. Podes ir!

Pedro fez meia-volta e se foi em silêncio, deixando Alonzo com sua dúvida e sua perplexidade.

Alonzo ia sendo aos poucos consumido pelo lento fogo que se lhe acendera no peito desde o dia em que chegara aos Sete Povos a notícia da assinatura do Tratado de Madri. Era um braseiro de paixão, misto de revolta nascida da consciência duma injustiça, de mágoa e - embora ele relutasse em reconhecer - de ódio. De faces descarnadas, dum amarelo lívido a que a barba cerrada emprestava um tom esverdeado, ele comia e dormia pouco e mal, e vivia num permanente estado de agitação física e espiritual. A roupeta negra lhe ia ficando cada vez mais folgada no corpo anguloso; a voz se lhe tornava azeda e áspera, os gestos nervosos, e às vezes toda a vida que havia nele

parecia concentrar-se unicamente nos carvões ardentes dos olhos.

Aqueles últimos anos haviam sido particularmente difíceis e duros, talvez os mais dolorosos de sua existência. Outra vez estava ele em face duma tragédia. Agora, porém, não se tratava apenas de sua pessoa, mas sim de dezenas de milhares de criaturas humanas. Ele sofria na carne e nos nervos o drama dos Sete Povos. Não se conformava com a ideia de que aquela obra abençoada da Companhia de Jesus, aquele trabalho precioso de mais de um século estivesse a pique de desmoronar-se. A princípio parecera a ele e aos outros padres que a Espanha, percebendo afinal as desvantagens que lhe traria aquele tratado injusto e absurdo, tudo faria para revogá-lo. Era uma insensatez entregar a Portugal, em troca da Colônia do Sacramento, aquelas ricas terras das missões orientais, com aldeamentos prósperos, templos magníficos, estâncias, lavouras, casas… Por outro lado, como seria possível fazer a mudança de mais de trinta mil índios para o outro lado do rio Uruguai sem causar-lhes danos irreparáveis? Como transportar sem riscos mais de setecentas mil cabeças de gado?

Alonzo lera e relera os termos do tratado, no qual havia um artigo que, pela sua cínica simplicidade, lhe ficara gravado na memória: “Das Povoações ou Aldeias que cede Sua Majestade Católica na margem oriental do Uruguai, sairão os Missionários com todos os móveis, e efeitos, levando consigo os índios para aldear em outras terras da Espanha; e os referidos índios poderão levar também todos os seus bens móveis e semoventes, e as Armas, Pólvora e Munições que tiverem; em cuja forma se entregarão as Povoações à Coroa de Portugal, com todas suas Casas, Igrejas, e Edifícios e a propriedade e posse do terreno…”

Todas as casas, igrejas, edifícios e propriedades! Por meio dum frio pedaço de papel, el-rei movia as trinta mil e tantas almas daquelas reduções como se elas fossem utensílios de pouco ou nenhum valor!

Em fins de 1752 chegara aos Sete Povos o jesuíta Lope Luís Altamirando com a incumbência de convencer os curas de São Lourenço, São Luís e São Borja a saírem com parte de seus povos rumo dos terrenos escolhidos para os novos aldeamentos em terras do Paraguai. Fora, porém, tão grande entre os índios a indignação contra aquele padre - a seu ver um agente secreto da Coroa de Portugal - que Altamirando se vira obrigado a fugir intempestivamente para não ser morto por um grupo de habitantes de São Miguel.

O padre Matis, o superior das missões, declarara repetidamente que nem em cinco anos seria possível fazer aquela mudança em massa que os representantes de Espanha e Portugal esperavam se processasse dentro apenas do prazo de alguns meses. Para principiar, era difícil encontrar do outro lado do rio terrenos apropriados para a instalação das aldeias com suas lavouras e estâncias de gado. Alonzo horrorizava-

se à ideia de que para chegar ao terreno que estava reservado a seu povo, ao norte do Queguai, teriam de percorrer duzentas léguas de deserto!

Durante todos aqueles anos os padres das missões, de um e outro lado do Uruguai, tinham despachado cartas de protesto. O próprio governador de Buenos Aires havia feito uma representação ao rei de Espanha, mostrando-lhe os inconvenientes daquela permuta, contra a qual se manifestaram também a Audiência Real de Charcas e o bispado de Córdoba e Tucumán.

Tudo, porém, fora em vão. O tratado estava sendo cumprido. A demarcação começara. Portugueses e espanhóis tinham ficado indiferentes a todos os protestos. Havia um, porém, diante do qual não podiam apenas encolher os ombros: era a manifestação dos índios, que haviam impedido de armas nas mãos que a primeira partida demarcadora entrasse em terras de São Miguel.

À frente desses rebeldes achava-se o corregedor Sepé Tiaraju. Bradara ele corajosamente em face dos representantes de Portugal e Espanha que Deus e São Miguel haviam dado aquelas terras aos índios; e que se a comissão e os soldados espanhóis quisessem entrar nelas, seriam bem recebidos, mas que os portugueses, esses jamais poriam o pé naqueles campos.

A partida demarcadora achara prudente retirar-se para o rio da Prata, pois fora informada de que estavam reunidos na redução cerca de oito mil índios em armas, dispostos à guerra. Essa primeira vitória causara grande contentamento nas missões. Alonzo, porém, não se iludira. Ele sabia que o gesto de rebeldia dos índios equivalera a uma abertura de hostilidades.

Pelo inverno de 1753 divulgou-se a notícia de que os exércitos de Portugal e Espanha tinham decidido declarar guerra aos Sete Povos.

Já então lavrava a revolta e a desordem entre os índios, que não mais obedeciam aos padres. A disciplina das reduções se quebrava. Caciques, corregedores e alcaides estavam resolvidos a enfrentar os exércitos aliados. E Alonzo via, agoniado, transformar-se a vida daqueles povos, onde agora só se faziam preparativos bélicos.

Os hinos religiosos eram substituídos pelos cantos tribais de guerra, entoados com o fervor do ódio. Os estandartes da Igreja tinham sido postos de lado para dar lugar a bandeiras vermelhas, que os cavaleiros índios agitavam ao vento, de povo em povo, para incitar os companheiros ao combate. Os padres que tentassem chamá-los à razão eram desacatados e às vezes corriam até o risco de serem agredidos.

Em tudo isso o que mais espantava Alonzo era ver que a piedade, a cortesia e as inclinações pacifistas dos indígenas não passavam dum ténue verniz que agora se quebrava para mostrar a natureza

verdadeira daquela gente, que aos olhos dos padres se revelava com a força escandalosa duma nudez medonha. A antecipação da luta com todas as possibilidades de violência deixava-os intoxicados. As praças das reduções enchiam-se de rumores de guerra. Nas oficinas já não mais se esculpiam imagens nem se forjavam instrumentos de trabalho: agora só se fabricavam armas e munições. As lavouras estavam abandonadas, pois os homens válidos haviam sido convocados para formar o grande exército das missões. Alonzo decidira - e nisso tivera a reprovação do cura - encarar a situação com realismo. Achava que os índios tinham todo o direito de resistir, de não entregar aos portugueses a terra que lhes pertencia.

Assim, empenhou-se também em ajudar o corregedor nos preparativos militares: instruir os guerreiros no manejo das espingardas e das peças de artilharia que ele próprio ajudava a fabricar. A princípio fizera essas coisas com fria eficiência; depois sentira que passava a trabalhar com interesse e finalmente com uma paixão que chegava a ser quase voluptuosa.

Numa tarde, em fins de janeiro de 1756, pouco antes de partir para uma das batalhas da campanha, o capitão Sepé lhe mostrara uma carta que acabara de receber e cujos dizeres impressionaram Alonzo profundamente, reforçando nele a convicção de que os índios estavam com a boa causa. A carta rezava assim: "Apenas se aproximem esses homens que nos aborrecem, devemos invocar a proteção de Nossa Senhora e de São Miguel e de São José, e de todos os santos, e se forem de coração, as nossas preces serão ouvidas. Devemos evitar toda a conferência com os espanhóis e ainda mais com os portugueses, que de todo o mal são a causa. Lembraivos como em todos os tempos antigos mataram muitos milhares de nossos pais, sem perdoarem nem as inocentes crianças, e como nas nossas igrejas profanaram as imagens que adornam os altares dedicados a Deus Nosso Senhor. E como queriam tornar a fazer-nos o mesmo, a nós e aos nossos.

Não queremos aqui esse Gomes Freire e a sua gente, que por instigação do diabo tanto ódio nos tem. Foi ele que enganou o seu rei e a nosso bom monarca, e por isso não queremos recebê-lo. Temos derramado o sangue no serviço del Rei, pelejando em suas batalhas na Colônia e no Paraguai, e ainda ele nos diz que abandonemos nossas casas, nossa Pátria! Este mandamento não é de Deus, é do diabo, mas o nosso rei anda sempre pelos caminhos de Deus, não do demônio: assim no-lo têm dito sempre. Ele sempre nos amou como seus pobres vassalos sem jamais buscar oprimir-nos nem fazer-nos injustiça, e quando souber todas essas cousas, não podemos crer que nos mande abandonar quanto temos e entregá-lo aos portugueses; nunca o acreditaremos. Por que não lhes dá ele Buenos Aires, Santa Fé, Comentes e o Paraguai? Por que há de somente sobre nós, pobres

índios, recair a ordem de deixar casas, igrejas, tudo quanto possuímos e que Deus nos dera? Se querem conferências, que não venham mais de cinco espanhóis, e o padre, que é pelos índios, será intérprete. Desta forma se farão as coisas como Deus quiser, senão será o que quiser o demo."

Alonzo lera a carta e tornara a entregá-la a Sepé Tiaraju, que a metera sob a camisa, no dia em que saíra a enfrentar os exércitos inimigos mandados para atacá-lo, sob o comando do governador de Montevidéu.

Alonzo despediu-se do alferes real ali na praça da redução, à frente da catedral. E quando o capitão Sepé montou a cavalo e desapareceu com seus homens na encosta do outeiro, Pedro puxou a manga da roupeta do padre e disse: - O capitão Sepé não volta mais.

Alonzo lançou um olhar de censura para o menino e murmurou: - Não digas uma coisa dessas!

Pedro olhava para o horizonte com seus olhos mansos e límpidos, e com aquela expressão de alheamento que tanto impressionava os padres e os índios.

Impaciente, Alonzo segurou o menino por ambos os braços e começou a sacudi-lo num frenesi. O rosto de Pedro, porém, não se alterou.

— O capitão Sepé vai morrer - repetiu ele.

O padre sentiu uma súbita náusea. Ele sabia, por amarga experiência, que as premonições daquela criança sempre se confirmavam.

— Cala a boca! - gritou.

Pedro calou-se. Alonzo encaminhou-se, então, para a igreja, de olhos baixos, olhando fixamente para a própria sombra no chão.

Se José Tiaraju morrer - refletiu - estará tudo perdido. E assim, como temia o autor da carta que havia pouco ele lera, as coisas se fariam não como Deus as queria mas sim como o demo as esperava…

Fora aquela uma guerra cheia de armistícios prolongados, durante os quais os otimistas nos Sete Povos chegaram a dizer: “O inimigo compreendeu afinal que não nos pode vencer. Um exército como o nosso, que tem chefes como Nicolau Languiru e Sepé Tiaraju, jamais poderá conhecer a derrota”.

Um dia o próprio cura dissera a Alonzo: - É bem possível que as coisas vão ficando como estão e que nós, pela graça de Deus, possamos continuar em nossas terras.

Alonzo, porém, sacudira a cabeça, que aqueles anos de provação haviam embranquecido, e murmurara: - Não creio. Eles estão apenas a preparar o ataque final. — Disse isso e mentalmente acrescentou: “Queira o bom Deus que eu me engane!”

Mas não se enganava. Os exércitos unidos de Portugal e Espanha

gastaram quase três anos em aprestos para a batalha decisiva. E durante esse áspero triénio acontecera algo que deixara Alonzo intrigado e presa de inquietadoras dúvidas. É que desde o primeiro encontro entre os índios e a partida demarcadora nas proximidades de Santa Tecla, ele assistira ao nascimento e ao desenvolvimento duma lenda e dum ídolo.

Muitas vezes, nas suas horas de solidão na cela, ficava ele a pensar nas coisas que vira e ouvira, e na qualidade fantástica que naquela atmosfera de nervosismo e excitação assumiam os fatos e as palavras mais triviais. Os índios tinham uma imaginação rica, eram supersticiosos e estavam sempre prontos a invocar o milagre para explicar as coisas que não compreendiam.

Desde o primeiro momento o corregedor José Tiaraju se erguera como um chefe natural daqueles guerreiros indígenas. Alonzo nunca chegara a penetrar bem a alma daquele belo homem de rígida postura marcial, parco de palavras e de gestos. Não estava Sepé entre os índios que revelavam vocação para a música, para a escultura, para a pintura ou para a dança, mas possuía evidentemente outros talentos. Sabia ler e escrever com fluência, tinha habilidade para a mecânica e conhecia a doutrina cristã melhor que muitos brancos letrados que se jactavam de serem bons católicos. Ninguém melhor que ele domava um potro ou manejava o laço; poucos podiam ombrear com ele no conhecimento e trato de terra; e aquela guerra mostrara que ninguém o suplantava como chefe militar e guerrilheiro.

Em tempos de paz, muitas vezes Alonzo ficara surpreendido ante as sentenças que o alferes real pronunciava, na qualidade de corregedor de seu povo. Resolvia problemas judiciários com um equilíbrio e um senso de justiça que fariam inveja aos magistrados das cortes europeias. Sabia exprimir-se com precisão e economia de palavras, e nas suas sábias sentenças Alonzo vislumbrava às vezes uma pontinha de ironia, o que o deixava a pensar nas ricas reservas mentais daquela raça considerada pelos brancos inferior e bárbara. Alonzo não saberia dizer ao certo como tinha começado a lenda. Desconfiava, porém, que fora Pedro quem fizera rolar pela encosta da montanha a bola de neve que através do espaço e do tempo fora engrossando até tomar as proporções duma avalancha. Em fins de 1752 Pedro divulgara a sua versão do famoso encontro entre o alferes real e os membros da primeira partida demarcadora.

— Nesse momento - contara o menino, arrematando a história - os espanhóis e os portugueses quiseram avançar, mas nosso corregedor levantou a espada, que era de fogo como a do arcanjo São Miguel, os inimigos recuaram assustados e fugiram a toda a brida.

Ao redor dele homens, mulheres e crianças o escutavam.

— A espada era mesmo de fogo? - perguntou um dos índios.

Pedro fez com a cabeça um veemente sinal afirmativo.

— Como pudeste ver tudo isso que se passou tão longe daqui, se não saíste da missão?

— Tive uma visão - respondeu o menino sem pestanejar. Em outra ocasião, Sepé voltara duma escaramuça e ficara no centro da praça a arengar seu povo; e falara com tanto ardor que a cicatriz em forma de meia-lua que tinha na testa começara a ficar vermelha e reluzente.

Pedro contemplava-o, embevecido, e num dado momento sussurrou para as pessoas que estavam a seu lado: - Olhem… Deus botou um lunar na testa de Sepé.

Essa frase passou num cicio pela multidão, de boca em boca. José Tiaraju tinha um crescente na testa, como uma luminosa marca de Deus. E com o passar do tempo e das batalhas, a estatura do herói foi crescendo…

Um dia os povos tiveram notícia dum hábil ardil de Sepé. Espalhara ele pela margem direita do Jacuí, onde os adversários se achavam acampados, algumas cabeças de gado e, isso feito, emboscara-se com seus índios. Ao verem os animais soltos, os soldados portugueses e espanhóis exultaram e, na perspectiva duma presa fácil, saíram desarmados a repontar o gado. Foi então que Tiaraju saiu do esconderijo com sua gente e os dizimou.

Poucos dias depois da Páscoa, no ano de 1754, caíra sobre a redução, com o peso duma clava, a notícia de que Sepé Tiaraju

tinha sido aprisionado pelos inimigos. Alonzo viu então um negro desânimo tomar conta de sua gente a ponto de por alguns dias reduzi-la a um estado de absoluta apatia. E estava ela ainda a lamentar a perda do chefe quando uma tarde Pedro se pendurou na corda do sino da igreja, fazendo-o soar num ritmo desesperado de alarma. Os índios correram para a frente do templo e, encarapitado no alto da torre, o menino gritou para baixo: - Sepé Tiaraju está livre!

Contou-lhes que tinha tido uma visão em que o corregedor lhe aparecera montado num cavalo, a correr pelo meio dos soldados de Espanha e Portugal, que atiravam nele com suas pistolas e mosquetes, sem entretanto conseguir atingi-lo; e Sepé lançara-se ao rio, atravessara-o a nado, sumira-se no mato, na margem oposta, onde finalmente se reunira aos companheiros.

Uma semana depois chegava à missão um mensageiro contando que Sepé havia fugido; e a narrativa dessa fuga coincidia com a visão de Pedro.

Os índios, então, entraram na igreja para render graças a Deus. Pedro, que rezava ajoelhado ao lado de Alonzo, tocou no braço do jesuíta e cochichou: - Padre…

Alonzo voltou a cabeça e perguntou baixinho: - Que é, meu filho?

— José Tiaraju é o arcanjo São Miguel.

— Não digas heresias.

— É, padre. Eu sei. Olhe para a cara do santo.

Alonzo olhou para a imagem e muito a contragosto descobriu-lhe nas feições traços do alferes real.

— Não contes isso a ninguém, Pedro.

Mas Pedro contou. Saiu a espalhar por todos os cantos que o padre Alonzo lhe afirmara que o corregedor era uma encarnação do arcanjo.

Doutra feita, estando Sepé longe de seu povo em andanças guerreiras, chegou à missão a notícia de que o capitão-general português Gomes Freire, conde de Bobadela, mandara chamar Tiaraju para uma conferência.

O mensageiro, testemunha ocular do fato, descrevia a cena com abundância de pormenores. Tudo se passara num mato, nas imediações do rio Jacuí, onde o conde lusitano se encontrava acampado com seu exército.

Convidado a vir parlamentar com o capitão-general, a princípio Sepé respondera: - Se ele quiser conversar comigo, que venha até onde estou. Como, porém, seus oficiais insistissem, Sepé resolveu aceitar o convite e foi. Gomes Freire tinha feito estender no chão um grande tapete, sobre o qual, à maneira de trono, colocara uma cadeira de campo.

Sentara-se nela para esperar o rebelde, mas tivera antes o cuidado de cercar-se de guardas e de colocar a pequena distância os seus dragões façanhudos, armados de lanças e pistolas. Acompanhado de alguns de seus homens, Sepé fez alto a umas quatro quadras do lugar onde o conde o aguardava. Apareceu o intérprete, que vinha da parte do chefe português, e disse: - Deves vir desarmado.

Sepé retrucou: - Mas por quê, se o general e seus homens estão armados? Ditas essas palavras, Tiaraju aproximou-se do conde de Bobadela e, de cabeça erguida, bradou: - Bendito seja o Santíssimo Sacramento!

— Apeie e beije a mão do general - intimou-o o intérprete. O índio baixou para ele um olhar de desdém e respondeu: - Beijar a mão de teu general? A troco de quê? Pensas acaso que estou na terra dele e não na minha?

Ao ouvir essa resposta traduzida pelo intérprete, Gomes Freire exclamou, irritado: - Diga a esse índio que ele é um bárbaro. Sepé sorriu e respondeu simplesmente: - Diz ao teu patrão que ele é mais bárbaro que eu.

O general estava vermelho de cólera. Sempre de cabeça alçada, em cima de seu cavalo, o corregedor resumiu seu pensamento assim: -

Vim aqui, general, para te dizer que o exército espanhol retrocedeu e nos deixou em paz. E que tu e teu exército devem fazer o mesmo e voltar imediatamente. É só o que tenho a dizer-te.

Gomes Freire ergueu-se e, de punho cerrado, começou a fazer ameaças.

Tinha gente e armas e coragem em quantidade suficiente para conquistar os Sete Povos - declarou ele, apontando com a mão cheia de anéis na direção de noroeste.

Sepé limitava-se a sorrir quando o intérprete, que suava abundantemente, traduzia as palavras do conde. Finalmente este último tornou a sentar-se, passou a mão pela testa úmida, e quando de novo falou foi num tom conciliador. Começou a fazer grandes promessas: daria a Sepé e seus capitães lindos presentes vindos especialmente de além-mar: joias, armas, arreios, uniformes… E como prova de cordialidade - acrescentava o narrador - o conde, tirando do bolso sua caixinha de tabaco, chegara a oferecer uma pitada a José Tiaraju, o qual, fechando o cenho, gritou para o intérprete: - Vai-te para o diabo, negro! Pensas que preciso de teu tabaco? Pensas que não tenho tabaco? Tenho, e do bom, muito melhor que o teu.

A entrevista terminou intempestivamente. Sem sequer acenar com a cabeça para o capitão-general, Tiaraju esporeou o cavalo e se foi.

Os feitos de Sepé e seus guerrilheiros corriam pelos Sete Povos, e testemunhas oculares das batalhas contavam que no meio da refrega tinham visto o lunar a fulgir na testa do corregedor, que passava incólume por entre as balas, brandindo no ar a espada flamejante.

Por toda a parte contavam-se histórias de novos milagres de Tiaraju, e quando este aparecia na missão, todos queriam tocar-lhe as vestes.

Alonzo vira mulheres ajoelhadas aos pés do guerreiro, a beijar-lhe reverentemente as mãos.

Um dia Pedro improvisou na chirimia uma música bucólica; e quando ele terminou, Alonzo, que estivera a escutá-lo num silêncio reflexivo, perguntou: - Que foi que tocaste, Pedro?

O menino ficou um momento de olhar vidrado, absorto em seus pensamentos, e depois respondeu: - É uma música que inventei. Chama-se Lunar de Sepé.

Em princípios de fevereiro daquele terrível ano de 1756, Alonzo dirigia-se uma noite para a cela, quando, ao se aproximar dela, ouviu rumor de vozes lá dentro. Parou um instante, aguçou o ouvido. Quem podia estar no quarto a conversar aquela hora? Acercou-se da porta na ponta dos pés e abriu-a sem ruído e olhou. O vulto de Pedro delineava-se contra o céu noturno que a janela enquadrava. Ficou o padre a observá-lo em silêncio. O menino tinha nas mãos alguma coisa que brilhava à luz do luar - o punhal - e murmurava palavras que

Alonzo não conseguia compreender. Permaneceu assim durante algum tempo, como se estivesse conversando com alguém…

— Pedro! - exclamou o padre.

Sem o menor sobressalto, o menino voltou serenamente a cabeça na direção da porta e disse: - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Alonzo aproximou-se dele. Agora via-lhe o rosto à vaga claridade da noite. Naquele instante as feições da criança lhe feriram a retina com tal intensidade e numa tão pura impressão de beleza que por alguns segundos o padre perdeu a voz. Ficou a olhar para Pedro com a boca entreaberta e lágrimas nos olhos. Finalmente conseguiu balbuciar: - Que é que estás fazendo aqui, meu filho?

— Conversando com o alferes real.

Por alguns instantes Alonzo ficou de novo mudo. Era mais uma das "coisas esquisitas" do rapaz. Todos sabiam que Sepé Tiaraju estava longe, tinha saído com seus homens para enfrentar as tropas aliadas.

— Nosso alferes está a dezenas de léguas daqui, meu filho. Como podias estar conversando com ele?

Pedro apertava amorosamente o punhal contra o peito.

— José Tiaraju morreu, padre.

— Morreu? Quem te disse?

— Eu vi.

— Que foi que viste?

Mau grado seu, o padre sentia que as pulsações de seu coração se aceleravam.

— Vi o combate. O alferes foi derrubado do cavalo por um golpe de lança. Vi quando ele quis erguer-se e um homem… um general… de cima do cavalo varou-lhe o peito com uma bala.

Alonzo segurou a cabeça do menino com ambas as mãos e aproximou-a de seu rosto como se quisesse ler-lhe os pensamentos no fundo dos olhos.

— Como podias ter visto isso tudo se o combate foi travado tão longe daqui?

Pedro respondeu simplesmente: - Eu vi.

— Disseste que estavas conversando com o corregedor.

— Estava.

— E que te dizia ele?

— Dizia que seu corpo tinha sido atirado num mato perto dum rio. E que a batalha estava perdida.

— Onde estava ele quando te falou?

— Lá em cima. A alma de Sepé subiu ao céu e virou estrela. Alonzo largou a cabeça do menino, que fez meia-volta e se encaminhou para a janela, puxando o padre docemente pela manga da sobretúnica. Ergueu o dedo e mostrou o crescente: - Deus botou também na testa da noite um lunar como o de São Sepé.

— São Sepé? - repetiu o padre, meio estonteado.

Sem dizer palavra e sem fazer o menor gesto, Alonzo viu o menino guardar o punhal entre a camisa e o peito, e sair da cela em silêncio.

Três meses depois, quando o exército dos Sete Povos já havia sido completamente desbaratado numa batalha campal, e os habitantes do povo de Alonzo, desesperados, prendiam fogo à catedral e às casas, para que elas não caíssem intatas nas mãos do inimigo vitorioso que se aproximava - Pedro montou num cavalo baio e, levando consigo apenas a roupa do corpo, a chirimia e o punhal de prata, fugiu a todo galope na direção do grande rio…

José Borges, meu bom homem, de que serve ter nas veias o sangue de Jacques de Bruges, o gentil-homem flamengo que veio para a ilha nos tempos do infante Dom Henrique?

Ele possuía terras, vinhedos e trigais; joias, baixelas de prata, carruagens, cama fofa e mesa farta. Mas tu que tens? Só lhe herdaste a pele clara, os olhos azuis, os cabelos ruivos. Teu pão é escasso, tua açorda é magra e teus filhos não têm o que vestir.

José Borges, deixa tua ilha, aceita o convite d'el-rei.

E num dia de estio, e há sol sobre o mar.

Zé Borges na praça de Angra soletra o edital d'el-rei.

…fazer mercê aos Casais das ditas Ilhas, que se quiserem estabelecer no Brasil de lhes facilitar o transporte e estabelecimento, mandando-os transportar à custa de sua Real Fazenda, não só por mar, mas também por terra até os sítios que lhes destinarem para as suas habitações, não sendo os homens de mais de quarenta anos e não sendo as mulheres de mais de trinta…

Crescem os olhos de Zé Borges, ao lerem as promessas d'el-rei.

…e logo que chegarem aos sítios que hão de habitar se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, um machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas e uma serra com sua lima e travadoura, dous alqueires de sementes, duas vacas e uma égua…

E ali na praça de Angra, Zé Borges põe-se a sonhar. Vê suas terras e rebanhos, come pão de seu trigal, bebe vinho de suas uvas, mora em casa senhorial, vai à missa no domingo numa carruagem com pajens, tem escravos que o servem, vizinhos que o adulam, vê os filhos já crescidos, casa as filhas com morgados…

Volta para casa estonteado e conta o sonho à mulher.

Ai, meu Deus, Nossa Senhora! Para o Brasil eu não vou. Tenho medo do mar, dos índios, das feras e das febres.

Mas vão. Dizem adeuses chorando aos amigos que ficam. Caminham para o porto com suas trouxas e baús. O pai, a mãe e cinco filhos: sete sombras caladas no chão da ilha Terceira.

Naquele exato momento, a mais de mil léguas de distância, do outro lado do mar oceano, onde o dia é mais novo, outras sombras se movem no chão da vila da Laguna. Um homem e seu cavalo.

Me chamo Francisco Nunes Rodrigues, mais conhecido por Chico Rodrigues. Venho do planalto de Curitiba. Meus pais? Se tive, perdi.

Onde nasci não me lembro. Mas dês que me tenho por gente, ando vagando mundo.

Apeia na frente duma venda, entra, pede comida e pouso.

Pra onde se atira, patrício?

Prós campos do Rio Grande de São Pedro.

Pra lá muito povo tem ido, desta vila e doutros lugares. Vi gentes que saíram apenas com a roupa do corpo e a bolsa vazia. Sei que hoje são senhores de estâncias de gado, com léguas de sesmaria; tem patacões, onças, cruzados, boas botas e senhoria. Mas ouvi dizer que no Continente a vida é dura, os índios são brabos, e é preciso ter cuidado com os vizinhos castelhanos, com as feras e as cobras e o Regimento de Dragões.

Chico Rodrigues come, enquanto o vendeiro fala.

Pois é, Laguna está morrendo, todo o mundo vai s'embora, rumo desses campos do Sul. Uns vão prear gado, outros buscar ouro e prata, outros requerer sesmaria, outros o que fazem é tropas pra vender em São Paulo, Minas e Curitiba. Ai! Laguna está morrendo, bem como a mulher que na hora de parir o filho começa a se esvair em sangue…

Mas a vida é assim mesmo. Uns morrem, outros nascem.

E uma coisa eu lhe digo. Tome nota do meu nome. Inda vai dar muito que falar um tal de Chico Rodrigues.

É noite no mar. Deitado no convés do navio, Zé Borges olha as estrelas e conversa com Deus.

Senhor, por que assim nos castigais? Faz sessenta dias e sessenta noites que não pisamos terra. Matastes dois filhos nossos, que foram sepultados no mar. Vossas águas estão furiosas, meu corpo arde em febre, minha mulher chora e geme, e os filhos que me restam sentem frio, fome e sede. Senhor, que grande pecado foi o nosso?

As estrelas luzem tranquilas sobre as ondas e as velas.

Há setenta casais a bordo, mas a Morte embarcou também. Não se passa um único dia em que não lancem um defunto ao mar. São as febres malignas e o medonho mal-de-luanda.

Cinzentos como cadáveres, homens e mulheres vomitam os dentes com sangue.

E de suas bocas purulentas sai um hálito podre de peste.

Outros rolam nos beliches treme-tremendo de febre.

E o capitão indiferente aponta para o céu, mostra a alguém o Cruzeiro do Sul.

O lavrador do Fayal que ontem perdeu o juízo debruça-se à

amurada, olha os horizontes da noite e começa a recitar Sobe, sobe meu gajeiro Àquele mastro real.

Vê se vês terras d'Espanha, Areias de Portugal.

No dia seguinte avistam as areias do Continente.

É aqui que fica o presídio e o sr. general, com seus dragões façanhudos, de cabeleiras compridas, fardamento azul-marinho com debruns dourados, capacete com penacho azul e amarelo, espadim à cinta e pés descalços. Os famosos Dragões do Rio Grande, comedores de milho e abóbora, de poeira e distâncias.

Cinco sombras da ilha Terceira nas areias do Rio Grande. Faltam duas, para onde foram? São sombras no fundo do mar.

Zé Borges, mulher e filhos embarcam num batelão, sobem a grande laguna, vão para os campos do Viamão. Lá encontram outros casais das ilhas. Mas na Capela Grande as imagens dos santos têm faces para eles estranhas.

Fazem casa de barro com coberta de palha. Comem carne-seca com farinha e suspiram de saudade da açorda, do pão branco, da sardinha, do azeite, da cebola e do alho.

Zé Borges, meu marido, onde estão as ferramentas, as sementes, a espingarda, as vacas e a égua que dom João V nos prometeu? Cá estamos como degredados, El-Rei de nós se esqueceu.

Tem paciência, ó mulher, Deus é grande e ninguém perde por esperar.

El-Rei nos deu um quarto de légua de terra onde podemos plantar.

A mulher chora e diz: Sete palmos me bastam.

E nos anos que se seguiram não houve quem não conhecesse no Continente de São Pedro a fama dum tal Chico Rodrigues, chefe dum bando de arrieiros, e que não respeitava a propriedade de el-rei. Apossava-se de terras sem requerer carta de sesmaria, assaltava tropas, roubava gado, andava sempre com uma índia na garupa e quando alguém num povoado ou estância bradava: Aí vem o Chico Rodrigues! a gritaria começava, as mulheres fugiam para o mato, os homens pegavam nas espingardas, era um deus-nos-acuda.

O comandante do Presídio pôs-lhe a cabeça a prêmio.

Contam que um dia Chico Rodrigues quase foi morto de emboscada por um índio tape. Derrubou o bugre com um tiro de garrucha, depois arrancou a flecha que tinha cravada no peito, aquentou um ferro no fogo e quando viu a ponta em brasa encostou-a na ferida. Mal franziu o cenho, não soltou um ai, e quando sentiu cheiro de carne queimada gritou aos companheiros: Até me deu fome, amigos. Vamos fazer um assado. Fizeram. E como não tinham sal esfregaram a carne nas cinzas e comeram.

Por esse tempo muito povo descia para o Continente, cujas terras

e gados seriam de quem primeiro chegasse.

Homens da Laguna, de São Paulo, das Minas Gerais e do planalto curitibano desciam pelos caminhos das tropas.

Muitos navegavam os rios em busca de ouro e prata.

Um tal João de Magalhães transpôs a serra do Mar, varou o Continente e foi parar nas barrancas do Uruguai.

Muitos requeriam sesmarias. Outros roubavam terras.

Ladrões de gado aos poucos iam virando estancieiros.

Nasciam povoados nos vales e nas margens daqueles muitos rios.

As campinas andavam infestadas de aventureiros, fugitivos do Presídio e da Colônia do Sacramento, homens sem lei e sem pátria, homens às vezes sem nome. E era com gente assim que Chico Rodrigues engrossava seu bando.

Quais são teus inimigos?

Os bugres, as feras, as cobras, os castelhanos, e o Regimento de Dragões.

E teus amigos?

Meu cavalo, meu mosquete, minhas garruchas, meu facão.

Em Santo Antônio da Guarda Velha, no Rio Grande, no Rio Pardo, em Tramandaí e Viamão não havia ninguém que não tivesse ouvido falar nas proezas dum tal Chico Rodrigues.

E de homens como ele havia centenas e centenas.

As patas de seus cavalos, suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do Continente do Rio Grande de São Pedro.

Queremos as ricas campinas do oeste e as grandes planícies do sul!

Só caranguejo é que fica na beira da praia papando areia.

Pelos campos do Rio Pardo iam entrando na direção do poente, demandando as missões. Ou desciam costeando as grandes lagoas, rumo do Prata.

E em todas as direções penetravam na terra dos minuanos, tapes, charruas, guenoas, arachanes, caaguas, guaranis e guaranás.

A fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira.

Zé Borges, tu plantas trigo, mas cresceu algodão na tua cabeça.

Muitos anos se passaram. Mais cinco filhos nasceram. Como o trigo cresceram e amadureceram. Dois deles morreram, Duas das moças casaram.

Mas a mais bela de todas, a ruiva de olhos garços, inda está solteira.

Maria Rita, como danças bem a Chamarrita!

Volta, minha Chamarrita, Ó minha Chamarritona. Trago terra n algibeira Pra depor na manjerona.

Encontrei a Chamarrita No mato fazendo lenha, C'o seu colete

redondo Sua saia de estamenha.

Maria. Rita! Maria Rita! Será que não amas ninguém? Vives fiando e cantando e ficas calada sorrindo quando os rapazes te dizem Aqui tens meu coração, Se o quiseres matar bem podes: Olha que estás dentro dele, Se o matas, também morres.

Em Viamão se vive na paz de Deus.

Casas baixas de barro com rótulas pintadas de verde. Cantigas das Ilhas.

Velhas de longas mantilhas pretas com rosários nas mãos, vão aos domingos à missa em carretas de rodas maciças puxadas por lerdos bois.

Fazem promessas, acendem velas, são devotas do Espírito Santo.

E os vagamundos aventureiros que passam por ali, riem daquelas gentes pacatas, que respeitam a lei e odeiam a guerra, que falam cantando e às vezes lhes preguntam: Aonde vades?

Acham engraçadas suas caras, suas casas, suas comidas, suas roupas, seus cantares, suas danças: o feliz amor, o sarrabaio, a chamarrita. E nas quermesses de maio mofam da Pomba do Divino. Mas muitos deles tomam parte nas cavalhadas, que é a guerra dos cristãos contra os mouros.

E quando esses homens sujos, de mosquete a tiracolo, chapéu de couro na cabeça, facão na cinta, veem os açorianos suando ao sol das lavouras de trigo ou mourejando nas suas oficinas, e as mulheres graves e caladas em casa curtindo couro, fiando, tecendo, cozinhando, lavando, cuidando dos filhos - sacodem as cabeças guedelhudas e não compreendem como é que um cristão pode ficar parado sempre no mesmo lugar, a fazer a mesma coisa o dia inteiro, a vida inteira.

Montam a cavalo e se vão felizes para suas andanças e lidas.

Os ventos do destino sopram Chico Rodrigues para as bandas do Viamão.

E num domingo à saída da missa ele vê Maria Rita, a de pele branca, cabelos ruivos e olhos garços.

Estava cansado de índias e chinas tostadas de sol com gosto de poeira e picumã. Queria agora mulher branca.

Foi por isso, só por isso que na noite daquele domingo tirou Maria Rita de casa.

E agora lá vai ele com a ruiva na garupa.

Perdi a conta do tempo, mas se não me falha a memória devo andar beirando os cinquenta.

Resolvi mudar de vida, requerer sesmaria, fazer casa, parar quieto, ser um senhor estancieiro, ter mulher, gado, cavalos e filhos, todos com a minha marca.

Chico Rodrigues olha para uma árvore forte, à beira da estrada, e pensa.

De hoje em diante vou me chamar Chico Cambará.

O Sobrado - II

25 de junho de 1895: Madrugada

Um grito atravessa o sono de Rodrigo, que acorda sobressaltado.

É a mamãe - pensa ele. O coração começa a bater-lhe acelerado. O medo aumenta-lhe a impressão de frio, e ele sente na boca do estômago medo e fome confundirem-se numa mesma sensação de vazio gelado e náusea. Não tem coragem para abrir os olhos porque sabe que o quarto está às escuras. Com o punhal nas mãos e as mãos apertadas entre as pernas, encolhido e meio trêmulo, ele escuta… Deve estar saindo o filho - imagina. Pobre da mamãe!

— Bio - murmura.

Uma pausa. Depois, cochichada bem junto de seu ouvido, a voz do irmão: - Que é?

— Começou…

— O quê?

— A mamãe. Escuta…

Mas agora de novo está tudo em silêncio.

— Não ouço nada… - sussurra Toríbio.

— Ué… Ind'agorinha a mamãe estava gritando…

— Decerto foi sonho.

De novo vem do quarto contíguo um grito agudo, como de alguém que tivesse sido subitamente apunhalado.

— Estás ouvindo?

— Estou.

Toríbio sente contra as costas as pulsações descompassadas do coração do irmão, e na nuca seu hálito morno e úmido.

— E agora?

Os gritos continuam, cada vez mais fortes e menos espaçados. Rodrigo rompe a chorar em soluços convulsivos.

— Não chora, bobo, não é nada.

— Mas eu tenho pena dela, Bio.

— Tapa os ouvidos.

Rodrigo deixa o punhal apertado entre os joelhos, puxa a coberta sobre a cabeça e cobre os ouvidos com as mãos.

À porta do quarto de Alice, Laurinda vem apanhar a chaleira d'água quente que Maria Valéria acaba de trazer.

— Agora vossuncê espera lá fora - diz a mulata.

— Não seja boba! Quero ajudar também.

— Mas vossuncê é uma moça solteira!

— Você também é!

Sem dizer mais nada Maria Valéria entra no quarto, resoluta, e fecha a porta.

No andar térreo os homens estão em silêncio. Os gritos de Alice, que vêm do andar superior, enchem a casa e parecem deixar o ar mais gelado.

Ninguém ali na sala de jantar tem coragem de proferir a menor palavra.

De vez em quando um dos homens pigarreia ou tosse uma tosse seca e nervosa. Lá fora a gaita também silenciou. Sentado no seu canto, o velho Florêncio Terra está imóvel, de cabeça baixa, com as mãos apertando as guardas da cadeira.

Licurgo sente o suor frio escorrer-lhe pela testa, a saliva grossa amargar-lhe a boca, arder-lhe na garganta. Os gritos da mulher são como agulhadas em sua cabeça. Imóvel, de pé na frente do sogro, ele espera… A qualquer momento algo de importante tem de acontecer. O nascimento da filha… Um toque de clarim anunciando que os republicanos se aproximam da cidade… Ou então um novo" tiroteio. É preciso que aconteça alguma coisa que lhe exija uma ação imediata, porque ele simplesmente não pode aguentar mais esta imobilidade, esta quietude. Os gemidos de Alice parecem também fazer parte do silêncio: são como certas vozes que nos sonhos a gente mais vê do que ouve. Sim, tudo isto é como um horrível pesadelo. A escuridão fria, o Sobrado cercado de inimigos, Santa Fé em poder dos federalistas, Alice lá em cima dando à luz uma criança… É preciso que aconteça alguma coisa. Por que ninguém fala?

Se ao menos um desses homens dissesse uma palavra ou fizesse uma queixa… Mas qual! Estão agachados na escuridão, mudos, enrolados nos seus ponchos. O silêncio deles arde em Licurgo como uma chicotada..

Porque ele sabe as coisas amargas que aqueles homens cansados e enfraquecidos estão pensando dele, de seu chefe, do dono da casa. Mas por que não falam? Se algum deixasse escapar a mínima queixa ele poderia gritar: “Pois vão todos embora! Entreguem-se aos maragatos! Não preciso de vocês! Não preciso de ninguém!”

Quando os gritos da mulher cessam de todo, o silêncio ali embaixo fica ainda mais medonho. Alice morreu… Esta ideia, que Licurgo vem se esforçando por afastar do espírito, toma-lhe conta dos pensamentos.

Mas, não. Não é possível. No fim de contas um parto não é coisa assim tão perigosa. Milhões de mulheres têm filhos todos os anos, em todas as partes do mundo, nas condições mais difíceis. Sua avó Bibiana tivera três filhos assistida apenas por uma negra velha e suja, e no entanto mal botara as crias para fora já estava outra vez de pé a

cozinhar, a tirar leite, a lavar a roupa… Não. Alice está viva, tudo correu bem e mais um Cambará chegou ao mundo.

Licurgo olha para o vulto do sogro. Seria bom que ele falasse, dissesse uma palavra de incentivo, de esperança. Mas o velho continua calado, de cabeça baixa.

De repente Licurgo ouve a própria voz: - Aposto como a revolução não dura mais nem um mês. Os federalistas já estão se bandeando pró outro lado do Uruguai.

Ninguém parece tê-lo escutado. Suas palavras caem num vácuo frio. É como se ele tivesse falado dentro dum túmulo.

No fundo da cozinha um homem franzino ergue-se e encaminha-se de mansinho para a sala de jantar. O Antero - pensa Licurgo, reconhecendo o vulto. — "Decerto quer se entregar. Nunca tive confiança nesse nanico."

Fica esperando, subitamente aquecido pelo fogo duma raiva nascente.

"Dou-lhe um pontapé no rabo

e boto ele porta afora." Mas o homenzinho passa de largo, em silêncio, entra na despensa e fecha a porta atrás de si.

Antero acende um fósforo. A chama ilumina-lhe o rosto barbudo, no qual avulta um nariz chato e lustroso; sob as espessas sobrancelhas negras, os olhos, de esclerótica suja, têm uma fixidez gelatinosa e meio morta.

Com o pau de fósforo aceso, preso entre o polegar e o indicador, acocora junto do ferido.

Tinoco - murmura com sua voz encatarroada, observando o rosto do outro à luz da pequena chama. O ferido não responde, o fósforo se apaga, e nos dedos trêmulos de Antero fica apenas o palito em brasa. — Tinoco!

Torna a acender um fósforo. Tinoco abre os olhos e fita-os em Antero.

Seus lábios se movem mas não conseguem articular palavra: sai deles apenas um ba-ba-ba infantil, mole e viscoso.

— Tu não me conhece… - diz Antero com voz apertada. — Sou irmão do Leovegildo. O Leovegildo Moura, te lembra?

Tinoco pisca e suas faces têm um estremecimento nervoso. O fósforo se apaga. Na escuridão úmida do quarto, Antero prossegue: - Te lembra, cachorro? O Leovegildo, que tu matou numas carreiras.

Morre-lhe a voz no fundo da garganta. Há uma pausa em que só se ouve a respiração áspera do ferido.

— Este mundo é muito pequeno e dá muita volta - continua o homenzinho.

— E Deus é grande.

Solta um suspiro longo, fundo, sentido.

— Ele era um menino bom que não fazia mal pra ninguém. E tu matou ele, bandido. Ele estava desarmado, covarde. Te absolveram, disseram que foi defesa legítima. Mentira! Foi mas é banditismo, malvadeza. Tu matou o menino por causa de dez mil-réis.

Risca outro fósforo.

— Quero ver tua cara outra vez, assassino. Por que tu não fala, hein?

Deus é grande e Deus castiga. Tua língua está dura, tua queixada está dura, teu corpo está duro. Tudo que a gente faz neste mundo, aqui mesmo paga.

Muito arregalados, cheios duma expressão de vítrea estupidez, os olhos de Tinoco estão presos ao rosto de Antero, que continua: - Eu podia te queimar esses olhos, não podia? - Aproxima a chama dos olhos do outro, que se fecham. — Por que tu não te mexe? Por quê? Porque .tu está paralítico, tua perna está podre, teu peito está podre, teu coração, esse sempre foi podre.

O fósforo se apaga entre os dedos de Antero.

— Este mundo é mesmo muito pequeno. Quando trouxeram pra casa o corpo do Leovegildo, nossa mãe quase morreu do choque. Desde esse dia nunca mais endireitou, a coitada. Está me escutando, assassino?

Risca o quarto fósforo.

— Olha, canalha, faz anos que estou rezando pra chegar esta hora. Eu podia te esperar de tocaia e te meter uma bala no peito. Mas isso era traição. Eu não queria que tu morresse de repente. Queria mas era te ver morrendo aos poucos, purgando os teus pecados. Deus é grande. Deus nos reuniu nesta casa. Foi Deus que me mandou.

Tira da cinta a faca, aproxima-a do pescoço de Tinoco.

— Eu podia te degolar agora, se quisesse. Assim… - Encosta a lâmina no pescoço do outro. — Estás sentindo o fio da minha faca?

Tinoco começa a gemer baixinho, a baba escorre-lhe pelos cantos da boca, um suor azedo e viscoso poreja-lhe a testa, entra-lhe pelas barbas.

— Mas não sou bandido como tu, ouviu? Não quero que teu sangue imundo suje a minha arma.

A chama do fósforo se extingue.

— Tu está perdido. Deus castiga. Tu está fedendo, está podre. Tu vai morrer. Deus é grande.

Tinoco tenta dizer alguma coisa, sua mandíbula move-se rigidamente por alguns segundos, mas da boca só lhe sai um gluglu de agonia.

— Tenho ainda um fósforo aqui. Quero ver essa cara nojenta que os bichos da terra amanhã decerto vão comer. E até a hora da morte tu vai pensar no menino que tu matou, bandido.

Do peito de Antero rompe um soluço. E com voz sumida ele choraminga: - Mas nada disso faz o Leovegildo ressuscitar.

Acende o último pau de fósforo. Puxa do peito um pigarro e, com súbita fúria, escarra no rosto do ferido.

— Este é em nome do Leovegildo. Torna a escarrar-lhe na testa.

— Este é em nome da minha mãe, que tu também matou de desgosto.

Ergue-se, com a chama do fósforo a morrer-lhe entre os dedos. E de pé cuspinha ainda sobre o outro, com menos força, já com certa relutância.

— E este é em meu nome.

Atira a brasa do fósforo no chão e, todo trêmulo, sai da despensa, na ponta dos pés.

Licurgo sobe as escadas devagarinho, com um mau pressentimento a oprimir-lhe o peito. Lá em cima no quarto de Alice tudo parece ter terminado. No entanto ele não ouve choro de criança. Que terá acontecido? Com os dedos crispados sobre o corrimão, ele sobe os degraus lentamente, sem nenhum desejo de chegar ao andar superior.

Pelas bandeirolas tricolores das janelas começa a entrar a claridade pálida do dia que nasce. Licurgo fica por alguns instantes imóvel junto da porta fechada do quarto da mulher. O único ruído que vem lá de dentro é um surdo rumor de passos. Ergue a mão para bater mas hesita, fica com o punho no ar, e depois deixa cair o braço. Nesse momento a porta se abre, e contra a luz amarelenta do interior da alcova desenha-se o vulto de Maria Valéria. Por alguns segundos ela fica em silêncio, olhando para o cunhado. Depois sussurra: - A criança nasceu morta. Era uma menina.

Licurgo tem a impressão de que foi baleado no peito. Estonteado, engole em seco, cerra os dentes, faz um esforço desesperado para conter as lágrimas.

— E a Alice?

A cunhada encolhe os ombros.

— Não sei… Está muito abatida e precisa dormir um pouco. Licurgo fica pensando em Aurora. As vozes do futuro agora são fúnebres: “Coitadinha. Nasceu morta naquela noite horrível”.

— Quer ver a criança?

— Não.

Licurgo faz meia-volta e dirige-se para a escada. Suas botas pesam como ferro sobre o soalho. Maria Valéria acompanha-o com o olhar cansado.

O vento sopra forte, sacudindo as vidraças do Sobrado, agitando as árvores do quintal. Estendida na cama, dona Bibiana acorda de repente, com uma sensação de pânico. Que foi que aconteceu? Onde

estou?

Ainda há pouco em seus sonhos havia luz, brilhava o sol. Agora o que ela vê é uma sombra confusa. Fica escutando o vento nas vidraças e o silêncio do casarão. Onde estará sua gente?

— Maria Valéria! - grita ela. — Maria Valéria! Licurgo! Nenhuma resposta. Só o gemido do vento, o frio e a escuridão.

Sob as cobertas dona Bibiana cruza os braços e aperta-os contra o peito. Se ao menos lhe trouxessem um braseiro para botar debaixo da cama… Ou lhe dessem um chimarrão bem quente… Encolhida de frio e de medo, ela começa a rezar automaticamente. No meio da oração perde-se, esquece as palavras, mas aos poucos se vai lembrando das outras coisas.

O Sobrado cercado… a revolução… o parto de Alice… Teria nascido a criança? Menino ou menina? Onde estão todos? Por que não vêm me contar nada? Nunca ninguém me conta nada. Valéria! Curgo! Rodrigo! Toríbio!

Nada. Ninguém. Só o silêncio do casarão, o vento nas vidraças e o tempo passando…

— Bem dizia a minha avó - resmunga dona Bibiana, cerrando os olhos. — Noite de vento, noite dos mortos.

Ana Terra

"Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando" - costumava dizer Ana Terra. Mas, entre todos os dias ventosos de sua vida, um havia que lhe ficara para sempre na memória, pois o que sucedera nele tivera força de mudar-lhe a sorte por completo. Mas em que dia da semana tinha aquilo acontecido? Em que mês? Em que ano? Bom, devia ter sido em 1777: ela se lembrava bem porque esse fora o ano da expulsão dos castelhanos do território do Continente. Mas na estância onde Ana vivia com os pais e os dois irmãos, ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio. Eles guardavam de memória os dias da semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano. Ana Terra era capaz de jurar que aquilo acontecera na primavera, porque o vento andava bem doido, empurrando grandes nuvens brancas no céu, os pessegueiros estavam floridos e as árvores que o inverno despira, se enchiam outra vez de brotos verdes.

Ana Terra descia a coxilha no alto da qual ficava o rancho da estância, e dirigia-se para a sanga, equilibrando sobre a cabeça uma cesta cheia de roupa suja, e pensando no que a mãe sempre lhe dizia: "Quem carrega peso na cabeça fica papudo". Ela não queria ficar papuda.

Tinha vinte e cinco anos e ainda esperava casar. Não que sentisse muita falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter alguma esperança de sair daquele cafundó, ir morar no Rio Pardo, em Viamão ou até mesmo voltar para a Capitania de São Paulo, onde nascera. Ali na estância a vida era triste e dura.

Moravam num rancho de paredes de taquaraçu e barro, coberto de palha e com chão de terra batida. Em certas noites Ana ficava acordada debaixo das cobertas, escutando o vento, eterno viajante que passava pela estância gemendo ou assobiando, mas nunca apeava do seu cavalo; o mais que podia fazer era gritar um - "Ó de casa!"- e continuar seu caminho campo em fora. Passavam-se meses sem que nenhum cristão cruzasse aquelas paragens. Às vezes era até bom mesmo que eles vivessem isolados, porque quando aparecia alguém era para trazer incómodo ou perigo. Nunca se sabia. Uma vez tinham dado pouso a um desconhecido: vieram a saber depois que se tratava dum desertor do Presídio do Rio Grande, perseguido pela Coroa como autor de sete mortes. O pai de Ana costumava dizer que quando via

um leão baio ou uma jaguatirica, não se impressionava: pegava o mosquete, calmo, e ia enfrentar o animal; mas quando via aparecer homem, estremecia. É que ali na estância eles estavam ressabiados. A princípio tinham sofrido os castelhanos, que dominaram o Continente por uns bons treze anos e que de tempos em tempos surgiam em bandos, levando por diante o gado alheio, saqueando as casas, matando os continentinos, desrespeitando as mulheres. De quando em quando grupos de índios coroados desciam das bandas da coxilha de Botucaraí e se vinham da direção do rio, atacando as estâncias e os viajantes que encontrassem no caminho. Havia também as "arriadas", partidas de ladrões de gado, homens malvados sem rei nem roque, que não respeitavam a propriedade nem a vida dos estancieiros. Por vezes sem conta Ana e a mãe tinham sido obrigadas a fugir para o mato, enquanto o velho Terra e os filhos se entendiam com os assaltantes - agressivos se estes vinham em pequeno número, mas conciliadores quando o bando era forte.

Mas havia épocas em que não aparecia ninguém. E Ana só via a seu redor quatro pessoas: o pai, a mãe e os irmãos. Quanto ao resto, eram sempre aqueles coxilhões a perder de vista, a solidão e o vento. Não havia outro remédio - achava ela - senão trabalhar para esquecer o medo, a tristeza, a aflição… Acordava e pulava da cama, mal raiava o dia. Ia aquentar a água para o chimarrão dos homens, depois começava a faina diária: ajudar a mãe na cozinha, fazer pão, cuidar dos bichos do quintal, lavar a roupa. Por ocasião das colheitas ia com o resto da família para a lavoura e lá ficava mourejando de sol a sol.

Ana Terra fez alto, depôs o cesto no chão e suspirou. O vento impelia as palmas dos coqueiros na mesma direção em que esvoaçavam seus cabelos.

Para que lado ficava Sorocaba? Os olhos da moça voltaram-se para o norte. Lá, sim, a vida era alegre, havia muitas casas, muita gente, e festas, igrejas, lojas… A povoação mais próxima ali da estância era o Rio Pardo, para onde de tempos em tempos um de seus irmãos ia com a carreta cheia de sacos de milho e feijão, e de onde voltava trazendo sal, açúcar e óleo de peixe.

O olhar de Ana continuava voltado para o norte. O pai prometera vagamente voltar para São Paulo, logo que juntasse algum dinheiro. Mas dona Henriqueta, que conhecia bem o marido, desencorajava a filha: "Qual nada! Daqui ele não sai, nem morto". E dizendo isso, suspirava. Às vezes, quando estava sozinha, chorava, mas na frente do marido vivia de cabeça baixa e raramente abria a boca.

Ana tornou a apanhar o cesto, ergueu-o e descansou-o sobre o quadril direito e, assim como quem carrega um filho escanchado na cintura, continuou a descer para a sanga. Avistou a corticeira que crescia à beira d'água e seus olhos saudaram a árvore como se ela

fosse uma amiga íntima. Uma lagartixa passou correndo à sua frente e sumiu-se por entre as macegas. Ana pensou em cobra e instintivamente voltou o olhar para a direita, rumo da coxilha no alto da qual havia uma sepultura. Lá estava enterrado o corpo de seu irmão mais moço, que morrera havia alguns anos, picado por uma cascavel.

A sanga corria por dentro dum capão. As folhas das árvores farfalhavam e suas sombras no chão úmido do orvalho da noite eram frescas, quase frias. Ana aproximou-se da pedra onde sempre batia roupa, e depôs o cesto junto dela. Deu alguns passos à frente, ajoelhou-se à beira do poço fundo, fez avançar o busto, baixou a cabeça e mirou-se no espelho da água. Foi como se estivesse enxergando outra pessoa: uma moça de olhos e cabelos pretos, rosto muito claro, lábios cheios e vermelhos. Não tinha sequer um caco de espelho em casa-, e no dia em que pedira ao irmão que lhe trouxesse de Rio Pardo um espelhinho barato, o pai resmungara que era uma bobagem gastar dinheiro em coisas inúteis. Para que queriam espelho naqueles cafundós onde Judas perdera as botas?

Ana Terra sorria: a moça da sanga sorria também, e seu rosto era atravessado pelos vultos escuros dos lambaris que se moviam dentro d'água. Ana ficou a contemplar-se por algum tempo, com a vaga sensação de que estava fazendo uma coisa muito boba, muito imprópria duma mulher de sua idade. Agora em seus pensamentos um homem falava de cima de seu cavalo. Tinha na cabeça um chapéu com um penacho, e trazia à cinta um espadagão e duas pistolas. E esse homem dizia coisas que a deixavam embaraçada, com o rosto ardendo. Era Rafael Pinto Bandeira, o guerrilheiro de que toda gente falava no Rio Grande. Corriam versos sobre suas proezas e valentias, pois era ele quem pouco a pouco estava livrando o Continente do domínio dos castelhanos…

Ana Terra guardava a lembrança daquele dia como quem entesoura uma joia. Estava claro que ventava também na manhã em que o major Pinto Bandeira e seus homens passaram pela estância, a caminho do forte de Santa Tecla onde iam atacar o inimigo. O velho Terra convidara-os para descer e comer alguma coisa. O major aceitou o convite e dentro em pouco estava sentado à mesa do rancho com seus oficiais, comendo um churrasco com abóbora e bebendo uma guampa de leite. Era um homem educado e bem-falante. Contava-se que sua estância era muito bem mobiliada e farta, e que tinha até uma banda de música.

Ana estava perturbada em meio de tantos homens desconhecidos - grandes, barbudos, sujos - que fanfarronavam, comiam fazendo muito barulho e de vez em quando lhe lançavam olhares indecentes. Num dado momento Rafael Pinto Bandeira fitou nela os olhinhos miúdos e

vivos e, com pingos de leite no bigode, dirigiu-se a Maneco Terra, dizendo: “Vossa mercê tem em casa uma moça mui linda”. De tão atrapalhada ela deixou cair a faca que tinha na mão. O pai não disse nada, ficou de cabeça baixa, assim com um jeito de quem não tinha gostado da coisa. O major, que continuava a olhar para ela, prosseguiu sacudindo a cabeça: “Mas é muito perigoso ter uma moça assim num descampado destes…” O velho Terra pigarreou, mexeu-se na cadeira e respondeu seco: “Mas tem três homens e três espingardas em casa pra defender a moça”. E depois disso houve um silêncio muito grande.

Ao se despedir, já de cima do cavalo, na frente do rancho, Pinto Bandeira tornou a falar: - A sina da gente é andar no lombo dum cavalo, peleando, comendo às pressas aqui e ali, dormindo mal ao relento pra no outro dia continuar peleando. — O vento sacudia o penacho do major. Os cavalos, inquietos, escarvavam o chão. — Pois é, dona, quando o último castelhano for expulso - continuou o guerreiro, sofrenando o animal - vamos ficar donos de todo o Continente, e poderemos então ter cidades como na Europa. — Baixou os olhos para Ana e murmurou: - Nesse dia precisaremos de moças bonitas e trabalhadeiras como vossa mercê. Deus vos guarde! - Ergueu o chapéu no ar e se foi.

Ana escutara-o com o rosto em fogo. O pai ficou de cabeça baixa, calado. Ela se lembrava bem do que o velho Terra e Antônio, o filho mais velho, tinham dito depois.

— Pai, eu acho que devia ter ido com eles… - murmurou o rapaz, olhando os soldados que se afastavam na direção do poente.

O velho respondeu: - Não criei filho pra andar dando tiro por aí. O melhor é vosmecê ficar aqui agarrado ao cabo duma enxada. Isso é que é trabalho de homem.

— O major é um patriota, meu pai. Ele precisa de soldados para botar pra fora os castelhanos.

O velho ergueu a cabeça e encarou o filho: - Patriota? Ele está mas é defendendo as estâncias que tem. O que quer é retomar suas terras que os castelhanos invadiram. Pátria é a casa da gente.

E agora ali a olhar-se no poço, Ana Terra pensava nas palavras do guerrilheiro: “… precisaremos de moças bonitas e trabalhadeiras”.

Bonitas e trabalhadeiras. Bonitas, bonitas, bonitas…

Ergueu-se, caminhou para o lugar onde estava o cesto, tirou as roupas para fora, ajoelhou-se, apanhou o sabão preto e começou a lavá-las.

Enquanto fazia isso cantava. Eram cantigas que aprendera ainda em Sorocaba. Só cantava quando estava sozinha. Às vezes, perto da mãe, podia cantarolar. Mas na presença do pai e dos irmãos tinha vergonha.

Não se lembrava de jamais ter ouvido o pai cantar ou mesmo

assobiar.

Maneco Terra era um homem que falava pouco e trabalhava demais. Severo e sério, exigia dos outros muito respeito e obediência, e não admitia que ninguém em casa discutisse com ele. “Terra tem só uma palavra” - costumava dizer. E era verdade. Quando ele dava a sua palavra, cumpria, custasse o que custasse.

De súbito ali ao pé do poço Ana Terra teve a impressão de que não estava só. A mão que batia a roupa numa laje parou. Em compensação o coração começou a bater-lhe com mais força… Esquisito. Ela não via ninguém, mas sentia uma presença estranha… Podia ser um bicho, mas podia ser também uma pessoa. E se fosse um índio? Por um instante esteve prestes a gritar, sob a impressão de que ia ser flechada. Sentia que o perigo vinha da outra margem… Sentia mas não queria erguer os olhos. Com o coração a pulsar-lhe surdamente no peito, ela esperava…

Quando caiu em si estava olhando para um homem estendido junto da sanga, a umas cinco braças de onde se encontrava.

Ana Terra apanhou uma pedra com ambas as mãos. Se ele avançar pra mim - pensou - atiro-lhe a pedra na cabeça. Era a tática que usava contra cobra… Foi-se erguendo devagarinho, sem tirar os olhos do corpo, que continuava imóvel, caído de borco, os braços abertos em cruz, a mão esquerda mergulhada na sanga. Ana Terra recuou um passo, dois, três…

O desconhecido não fez o menor movimento. Tinha o torso nu, manchado de sangue, e seu chiripá estava todo rasgado. Seus cabelos eram pretos e longos e sua face se achava quase completamente escondida atrás duma macega.

De repente Ana fez uma rápida meia-volta, largou a pedra e precipitou-se a correr na direção da casa. Ao chegar ao alto da coxilha avistou o pai e os irmãos que trabalhavam na lavoura e correu para eles, fazendo sinais com os braços. Antônio veio-lhe ao encontro.

— Que foi que houve? - gritou de.

O pai e Horácio largaram as enxadas e também se encaminharam para Ana, que dizia, quase sem fôlego: - Um homem… um homem… E apontava na direção da sanga.

— Onde? - perguntavam eles. — Onde?

— Na beira da sanga… deitado… eu vi. Estava lavando roupa… de repente…

A garganta lhe ardia, o coração parecia querer saltar-lhe pela boca.

— De repente vi aquilo… Parece que está ferido… ou morto… ou dormindo. Não sei.

Ana tinha agora diante de si três caras morenas, curtidas pelo vento e pelo sol. Ali estava o pai, com os grossos bigodes grisalhos, o

corpo pesado e retaco, o ar reconcentrado; Antônio, alto e ossudo, os cabelos pretos e duros, e Horácio, com seu rosto de menino, o buço ralo e os olhos enviesados. Em todas aquelas caras havia um retesamento de músculos, já uma rigidez agressiva. Escutaram a narrativa rápida e ofegante de Ana, consultaram-se numa troca de olhares, precipitaram-se para a casa, apanharam as espingardas e desceram os três a passo acelerado na direção da sanga.

Ana entrou no rancho e contou tudo à mãe, que estava junto do fogão botando no forno uma forma de lata com broas de milho. Dona Henriqueta escutou-a em silêncio, tapou o forno, ergueu-se limpando as mãos na fímbria da saia e fitou na filha os olhos tristes e assustados.

— Quem será, Ana? Quem será?

— Não sei, mamãe. Acho que ele está muito ferido. Decerto veio se arrastando pra beber água na sanga e desmaiou.

Dona Henriqueta sacudia a cabeça devagarinho. Aquilo não era vida!

Viviam com o coração na mão. Os homens do Continente não faziam outra coisa senão lidar com o perigo. Tinha saudade de Sorocaba, de sua casa, de seu povo. Lá pelo menos não vivia com o pavor na alma. Às vezes temia ficar louca, quando o filho ia com a carreta para Rio Pardo, o marido saía a camperear com o Horácio e ela ficava ali no rancho sozinha horas e horas com a filha. Ouvia contar histórias horríveis de mulheres que tinham sido roubadas e levadas como escravas pelos índios coroados, que acabavam obrigando-as a se casarem com algum membro da tribo.

Contavam-se também casos tenebrosos de moças que eram violentadas por bandoleiros. Seria mil vezes preferível viver como pobre em qualquer canto de São Paulo a ter uma estância, gado e lavoura ali naquele fundão do Rio Grande de São Pedro.

Dona Henriqueta olhava desconsolada para a velha roca que estava ali no rancho, em cima do estrado. Era uma lembrança de sua avó portuguesa e talvez a única recordação de sua mocidade feliz. Casara com Maneco Terra na esperança de ficar para sempre vivendo em São Paulo. Mas acontecera que o avô de Maneco fora um dos muitos bandeirantes que haviam trilhado a estrada da serra Geral e entrado nos campos do Continente, visitando muitas vezes a Colônia do Sacramento. Quando voltava para casa, tantas maravilhas contava aos filhos sobre aqueles campos do Sul, que Maneco crescera com a mania de vir um dia para o Rio Grande de São Pedro criar gado e plantar. Antes dele seu pai, Jucá Terra, também cruzara e recruzara o Continente, trazendo tropas. Todos diziam que o Rio Grande tinha um grande futuro, pois suas terras eram boas e seu clima salubre. E eles vieram… E já tinham pago bem caro aquela loucura. O Lucinho lá estava enterrado em cima da coxilha. E quanto mais o tempo passava

mais o marido e os filhos iam ficando como bichos naquela lida braba - carneando gado, curando bicheira, laçando, domando, virando terra, plantando, colhendo e de vez em quando brigando de espingarda na mão contra índios, feras e bandidos. Parecia que a terra ia se entranhando não só na pele como também na alma deles. Andavam com as mãos encardidas, cheias de talhos exalos. Maneco à noite deitava-se sem mudar a camisa, que cheirava a suor, a sangue e a carne crua. Naquela casa nunca entrava nenhuma alegria, nunca se ouvia uma música, e ninguém pensava em divertimento. Era só trabalhar o quanto dava o dia. E a noite - dizia Maneco - tinha sido feita para dormir. Que ia ser de Ana, uma moça, metida naquele cafundó? Como é que ia arranjar marido? Nem ao Rio Pardo o Maneco consentia que ela fosse. Dizia que mulher era para ficar em casa, pois moça solta dá o que falar.

Dona Henriqueta respeitava o marido, nunca ousava contrariá-lo. A verdade era que, afora aquela coisa de terem vindo para o Rio Grande e umas certas casmurrices, não tinha queixa dele. Maneco era um homem direito, um homem de bem, e nunca a tratara com brutalidade. Seco, calado e opiniático - isso ele era. Mas quem é que pode fugir ao gênio que Deus lhe deu?

— Eles vêm vindo, mamãe! - exclamou Ana, que estava junto à janela.

Dona Henriqueta aproximou-se da filha, olhou para fora e avistou o marido e os filhos, que carregavam lentamente um corpo.

— Minha Nossa Senhora! - murmurou. — Que será que vai acontecer?

Dentro de alguns minutos os homens entraram em casa e deitaram o desconhecido numa das camas.

— Água, gente! - pediu Maneco. — Depressa.

Ana Terra caminhou para o fogão, apanhou a chaleira de ferro tisnado, despejou água numa gamela e levou-a ao pai. Foi só então que, numa súbita sensação de constrangimento e quase de repulsa, viu o rosto do estranho. Tinha ele uma cara moça e trigueira, de maçãs muito salientes.

Era uma face lisa, sem um único fio de barba, e dum bonito que chamava a atenção por não ser comum, que chocava por ser tão diferente das caras de homem que se viam naquelas redondezas. A tez do desconhecido era quase tão acobreada como a dos índios, mas suas feições não diferiam muito das de António ou Horácio. Os cabelos, lisos e negros, desciam-lhe quase até os ombros e o que impedia que ele parecesse efeminado era a violenta masculinidade de seus traços. Havia ainda para Ana um outro elemento de inquietação e estranheza: era aquele torso nu e musculoso, aquele peito largo e suado, que subia e descia ao compasso da respiração.

De súbito Ana viu-lhe o ferimento no ombro esquerdo, um orifício arredondado do tamanho duma onça, já meio apostemado e com sangue coalhado nas bordas. Ficou vermelha e perturbada, como se tivesse enxergado alguma parte secreta e vergonhosa do corpo daquele homem.

Desviou os olhos dele imediatamente.

Maneco Terra falava em voz baixa com os filhos.

— O chumbo ainda está lá dentro - dizia. — Este animal perdeu muito sangue.

António tirou a faca da cintura, foi até o fogão, aqueceu-lhe a ponta nas brasas e depois voltou para junto do ferido.

Ana não podia esquecer aquela cara… Estava inquieta, quase ofendida, e já querendo mal ao estranho por causa das sensações que ele lhe provocava. Era qualquer coisa que lhe atacava o estômago, dando-lhe engulhos; mas ao mesmo tempo tinha desejos de olhar para aquele mestiço, muitas vezes, por muito tempo, apesar de sentir que não devia, que isso era feio, mau, indecente. Veio-lhe à mente uma cena de seu passado.

Quando tinha dezoito anos visitara com os pais a cidade de São Paulo e uma tarde, estando parada com a mãe a uma esquina, viu passar uma caleça que levava uma vistosa dama. Toda a gente falava daquela mulher na cidade. Diziam que tinha vindo de Paris, era cantora, uma mulher da vida… Ana sabia que não devia olhar para ela, mas olhava, porque aquela mulher colorida e cheirosa parecia ter feitiço, como que puxava o olhar dela. Era loura, estava toda vestida de sedas e rendões, e tinha o pescoço, os braços e os dedos coruscantes de joias. Uma mulher da vida, uma ordinária… Ana contemplava-a de boca aberta, fascinada, mas ao mesmo tempo com a sensação de estar cometendo um feio pecado. Pois tivera havia pouco a mesma impressão ao olhar para aquele desconhecido.

António terminou a operação, aproximou-se da mãe com a faca manchada de sangue, e mostrou-lhe o pedaço de chumbo grosso que tinha na palma da mão.

— Será que a ferida vai arruinar? - perguntou dona Henriqueta.

António sacudiu os ombros, como quem diz: A mim pouco se me dá.

O homem continuava estendido no catre, imóvel. Maneco Terra mirou-o por algum tempo e depois disse: - Tem jeito de índio.

— Mas não é índio puro - observou António em voz baixa. — É muito alto pra ser índio, e a pele dele é mais clara que a dos bugres.

Houve um curto silêncio. Maneco Terra sentou-se num mocho e começou a enrolar um cigarro.

— Não gosto da cara desse diabo - resmungou.

— Nem eu - disse Horácio.

— Quando ele acordar, dá-se comida pra ele e manda-se embora - decidiu o dono da casa.

Os filhos não disseram nada. A um canto do rancho Ana, que olhava fixamente para o ferido, apontou de repente para ele e perguntou: - O que é aquilo?

António seguiu com o olhar a direção do dedo da irmã, deu alguns passos para a cama e meteu a mão por baixo da faixa que o desconhecido tinha enrolada em torno da cintura e tirou de lá alguma coisa. Os outros aproximaram-se dele e viram-lhe nas mãos um punhal com cabo e bainha de prata lavrada. António desembainhou-o, rolou a lâmina nas mãos calosas, experimentou-lhe a ponta e murmurou: - Linda arma!

O punhal passou pelas mãos do velho Maneco e depois pelas de Horácio.

— Onde será que o índio roubou isso?

Ninguém respondeu. Maneco Terra guardou o punhal na gaveta da mesa, apanhou uma espingarda e entregou-a à filha.

— Sente aqui, segure esta arma e fique de olho nesse homem, que nós vamos voltar pra lavoura. Se ele começar a se mexer, mande sua mãe nos avisar ou então dê um grito. Mas não largue a espingarda, e se ele avançar, faça fogo.

Maneco Terra e os filhos saíram. Tinham as calças de ganga escura arregaçadas até meia canela, e suas camisas, muito curtas e sujas, esvoaçavam ao vento.

Ana sentou-se, com a arma de fogo sobre as coxas, o olhar fixo no desconhecido.

O sol já estava a pino quando o homem começou a mexer-se e a resmungar. Os Terras tinham acabado de comer e Ana tirava da mesa os pratos de pó-de-pedra. O ferido abriu os olhos e por muito tempo ficou a olhar para as pessoas e as coisas do rancho - a olhar dum jeito vago, como quem não compreende ou não se lembra… Depois soergueu-se devagarinho, apoiado nos cotovelos, apertou os olhos, mordeu os lábios e soltou um gemido. Os Terras, sem afastar os olhos dele, mantinham-se imóveis e calados onde estavam, numa espera meio agressiva. O desconhecido então sorriu um sorriso largo e demorado, levantou a mão lentamente num gesto de paz e disse: - Amigo.

Os Terras continuaram mudos. O índio ainda sorria quando murmurou: - Louvado seja Nosso Senhor.

Tinha uma voz que não se esperava daquele corpo tão vigoroso: macia e doce.

Os outros não faziam o menor movimento, não pronunciavam a menor palavra. Mas o índio sorria sempre e agora repetia: amigo, amigo, amigo…

Depois inclinou o busto para trás, e recostou-se na parede de barro.

De repente seu rosto se contorceu de dor e ele lançou um olhar oblíquo na direção do ombro ferido.

Nesse instante Maneco Terra deu dois passos na direção do catre e perguntou: - Como é o nome de vosmecê?

O outro pareceu não entender. Maneco repetiu a pergunta e o índio respondeu: - Meu nombre é Pedro.

— Pedro de quê?

— Me jamam Missioneiro.

Maneco lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Castelhano?

— No.

— Continentino? , - No.

— Donde é, então?

— De parte ninguna.

Maneco Terra não gostou da resposta. Foi com voz irritada que insistiu: - Mas onde foi que nasceu?

— Na mission de San Miguel.

— Qual é o seu ofício?

— Ofício?

— Que é que faz? Em que trabalha?

— Peleio.

— Isso não é ofício.

Pedro sorriu. Tinha dentes fortes e alvos.

— Que anda fazendo por estas bandas? - insistiu.

No seu português misturado com espanhol, Pedro contou que fugira da redução quando ainda muito menino e que depois crescera nos acampamentos militares dum lado e doutro do rio Uruguai; ultimamente acompanhara os soldados da Coroa de Portugal em suas andanças de guerra; também fizera parte das forças de Rafael Pinto Bandeira e fora dos primeiros a escalar o forte castelhano de San Martinho…

Maneco Terra voltou a cabeça na direção dos filhos e olhou-os com ar céptico.

— Tem prova disso? - perguntou, tornando a voltar-se para Pedro.

Este último começou a apalpar a faixa e de repente seu rosto ficou sério, numa expressão de apreensiva surpresa.

— Donde está meu punhal?

— Não se apoquente ·- retrucou Maneco Terra - está bem guardado.

Pedro continuou a apalpar a faixa. Finalmente achou o que procurava: um papel dobrado, muito'amarelo e seboso. Desdobrouo com mão trêmula e apresentou-o ao dono da casa. Maneco Terra não

moveu sequer um dedo.

Encarou Pedro com firmeza e disse: - Aqui ninguém sabe ler.

Pronunciou estas palavras sem o menor tom de desculpa ou constrangimento: disse-as agressivamente, com uma espécie de feroz orgulho, como se não saber ler fosse uma virtude.

Pedro então leu: “A quem interessar possa. Declaro que o portador da presente, o tenente Pedro Missioneiro, durante mais de um ano serviu num dos meus esquadrões de cavalaria, tomando parte em vários combates contra os castelhanos e revelando-se um companheiro leal e valoroso. Rafael Pinto Bandeira.”

Horácio e Antônio entreolharam-se, ainda incrédulos. Maneco Terra perguntou: - Com quem vosmecê aprendeu a ler?

Sabia que não existia uma única escola em todo o Continente.

— Com os padres de Ia mission - respondeu Pedro. E imediatamente pôs-se a recitar: - Lavabis me et super nivem dealbabor.

Viu todos aqueles olhos postos nele, as caras sérias e desconfiadas, sorriu largamente e esclareceu: - E latim. Língua de padre. Quer dizer: A chuva cai do céu. Lavabis é chuva. Dealbabor é céu.

Ana estava de boca entreaberta, atenta ao que Pedro fazia e dizia.

O latim pareceu não impressionar Maneco Terra, que perguntou, brusco: - Como foi que vosmecê veio parar aqui?

— Fui atacado por uns desertores do Presídio, a umas três léguas desta estância. Entonces consegui montar a cabalo e vir vindo, perdendo muita sangre no caminho. Depois caí de flaco, o cabalo fugiu, senti olor de água, estava loco de sed e vim de rasto até a beira da sanga. Entonces todo quedou escuro.

Pedro tornou a deitar-se, como se de repente se sentisse muito fraco e cansado. Maneco Terra ficou por algum tempo a mirá-lo, com ar indeciso, mas acabou dizendo: - Essa história está mal contada. Mas dê comida pró homem, Henriqueta.

Anos depois, sempre que pensava nas coisas acontecidas nos dias que se seguiram à entrada de Pedro naquela casa, Ana Terra nunca chegava a lembrar-se com clareza da maneira como aquele forasteiro conseguira conquistar a confiança de seu pai a ponto de fazer que o velho consentisse na sua permanência na estância. Porque Maneco Terra, apesar de todos os seus sentimentos de hospitalidade, estava decidido a mandar Pedro Missioneiro embora, logo que o visse em condições de deixar a cama. Resolvera até dar-lhe um cavalo, pois não seria justo largar um vivente sozinho e a pé por aqueles desertos.

Fê-lo dormir no galpão a primeira noite. Durante o dia seguinte Antônio e Horácio foram levar-lhe comida e fazer-lhe novos curativos. A ferida sarava com uma rapidez tão grande que Antônio não pôde

deixar de exclamar: - Vosmecê tem sangue bom, moço!

Pedro limitou-se a dizer que Nossa Senhora, sua mãe, o protegia.

Dentro de poucos dias mais estava de pé, e as cores lhe tinham voltado às faces.

Os Terras estavam trabalhando na lavoura quando Pedro se apresentou para ajudá-los. Vestira uma camisa e umas calças velhas que Antônio lhe dera e tinha a cabeça amarrada por um lenço vermelho que lhe cobria também a testa. (Bem como os castelhanos - observou Maneco Terra, com desconfiada má vontade.) Acabou, porém, dando uma enxada ao índio e refletindo assim: "Ora, eu precisava mesmo dum peão". Mas não se sentiu bem com aquele estranho a trabalhar ali a seu lado. Tinha-lhe um certo temor. Entre suas convicções nascidas da experiência, estava a de que "índio é bicho traiçoeiro". Não conseguia nem mesmo tentava vencer o seu sentimento de desconfiança por aquele homem de cara rapada e olhar oblíquo. Era preciso mandá-lo embora o quanto antes. Se Pedro conhecesse o seu lugar e não se aproximasse das mulheres da casa nem tomasse muita confiança com os homens, ainda estaria tudo bem…

Ora, aconteceu que Pedro trabalhou aquele dia sem conversar. Comeu a comida que lhe levaram e quando a noite chegou recolheu-se em silêncio ao galpão. No dia seguinte acordou antes do dia raiar e foi ordenhar as vacas no curral. Ao sair da cama, dona Henriqueta encontrou uma vasilha cheia de leite à porta da cabana.

Aos poucos o mestiço ia-se fazendo útil. Os dias passavam e Maneco Terra, que aceitava os serviços dele com alguma relutância, ia deixando sempre para o dia seguinte a resolução de mandá-lo embora. Pedro falava pouco, servia muito e só se dirigia à gente da estância quando era interpelado ou então quando precisava pedir alguma informação ou instrução.

Um dia meteu-se no mato e voltou depois de algumas horas trazendo para dona Henriqueta favos de mel de abelha e uma canastra cheia de frutas silvestres. Doutra feita fez um arco e flechas e saiu a caçar às primeiras horas da tarde; voltou ao anoitecer, trazendo às costas um veado morto - com o sangue a pingar-lhe do focinho - e três jacutingas presas num cipó. Pôs o produto da caça junto da porta do rancho, numa oferenda silenciosa.

Mas Maneco e os filhos ainda não estavam convencidos de que o caboclo era pessoa de confiança. O papel que lhes fora lido, assinado por Pinto Bandeira, podia ser autêntico mas também podia não ser. Pelas dúvidas, eles mantinham o punhal de Pedro fechado a chave numa gaveta, e conservavam o índio sob severa vigilância. E agora que ele tinha um arco e flechas, passaram a temer vagamente uma emboscada, e por mais duma madrugada Maneco Terra ficou de olho

aceso, a pensar em que na calada da noite Pedro podia entrar na casa e matá-los todos, um a um, enquanto dormiam. — O melhor mesmo é mandar esse diabo embora - refletiu certa manhã. Aconteceu, porém, que nesse mesmo dia Pedro se ofereceu para domar um potro - e fê-lo com tanta habilidade, com tamanho conhecimento do ofício, que Maneco Terra ao anoitecer já não pensava mais em despedi-lo. Aquele bugre era o melhor domador que ele encontrara em toda a sua vida! Nunca vira ninguém que tivesse tanta facilidade no trato dum potro! Era como se ele conhecesse a língua do cavalo, e com sua lábia tivesse o dom de conquistar logo a confiança e a amizade do animal… Pedro precisava ficar, pois havia muitos outros potros a domar. Quem recebeu com maior alegria a notícia da proeza do Missioneiro foi dona Henriqueta, que ficava sempre em agonia quando algum dos filhos ou o marido subia para o lombo dum cavalo selvagem. Maneco levara certa vez uma rodada medonha, e desde esse dia sentia umas dores nos rins. Doutra feita Antônio caíra do cavalo e quebrara uma costela. Que dessem agora aquele serviço ao bugre! Era um achado.

E assim Pedro Missioneiro foi ficando na estância dos Terras, e passou a morar numa barraca de taquara coberta de palha, que ele mesmo ergueu na encosta da coxilha, não muito longe da sanga.

Por essa época os ventos da primavera tinham amainado, e pelo cheiro do ar, pelo calor que começava, pelo aspecto dos campos e das árvores, os Terras sentiram que entrava o verão.

Pedro construiu um forno de barro perto do curral, e um dia montou a cavalo e saiu sem dizer aonde ia. Horácio viu-o partir e disse à mãe: - · Sempre que o Missioneiro sai a cavalo, me parece que não vai voltar mais…

— Volta, sim - garantiu-lhe dona Henriqueta, que já começava a ter uma certa afeição pelo índio. — Uma coisa me diz que ele volta.

E Pedro voltou mesmo. Voltou trazendo grande quantidade de argila.

Ninguém lhe perguntou o que ia fazer com aquilo. O mestiço passou o dia a trabalhar junto do forno aceso e no dia seguinte acercou-se de Ana, trazendo-lhe o odre e os cinco pratos de argila que modelara. A moça murmurou uma breve palavra de agradecimento, sem contudo olhar para o índio. Não tinha coragem para encará-lo de frente. Quando o via, sentia uma coisa que não podia explicar: um mal-estar sem nome, mistura de acanhamento, nojo e fascinação. Chegou à conclusão de que odiava aquele homem, que sua presença lhe era tão desagradável como a de uma cobra.

Desde aquele momento passou a ter um desejo esquisito de judiar dele, fazer-lhe todo o mal possível. Um dia botou-lhe cinza fria na comida.

Noutro, sem que ele visse, atirou um punhado de sal no pote em

que ele ia beber leite. E numa ocasião em que Pedro se inclinou para apanhar algo que caíra ao chão, e ela viu aparecer uma nesga da carne de seu torso tostado, desejou subitamente cravar as unhas naquela pele até tirar-lhe sangue. Envergonhou-se imediatamente desse desejo, que lhe pareceu doido, e por isso mesmo odiou ainda mais aquele homem estranho que lhe despertava sentimentos tão mesquinhos. Mas o que maior mal-estar lhe causava, o que mais a exasperava, era o cheiro do suor de Pedro que lhe chegava às narinas quando ele passava perto, ou que ela sentia nas camisas dele que tinha de lavar juntamente com a roupa do pai e dos irmãos. O cheiro de Pedro era diferente do de todos os outros.

E agora que o índio tinha sua barraca ali no caminho da sanga, nem mais lavar a roupa em paz ela podia. O diabo do homem não lhe saía do pensamento. Tomara que ele vá embora! - dizia Ana para si mesma, muitas e muitas vezes por dia. Era um índio sujo, sem eira nem beira. Como podia ela preocupar-se tanto com uma criatura assim! Quando estava batendo a roupa nas pedras, ao pé da sanga, Ana sempre tinha presente a ideia de que fora ali que ela vira o Missioneiro pela primeira vez... E agora lhe parecia que lá de sua barraca ele a estava espiando: chegava a sentir o olhar de Pedro como um sol quente na nuca. Por tudo isso Ana temia a sanga e deixara de tomar banho no poço.

Numa noite de aguaceiro, depois do jantar, quando dona Henriqueta e a filha lavavam os pratos e os homens conversavam ainda junto da mesa, Pedro bateu à porta e pediu licença para entrar. Ao ouvir-lhe a voz, Ana sentiu um calafrio desagradável. Aquela voz lhe fazia mal: era doce demais, macia demais; não podia ser voz de gente direita... "Pode entrar!" - exclamou o velho Terra. Ana baixou os olhos. Ouviu o mole rascar dos pés descalços do índio no chão do rancho. Continuou a lavar os pratos.

— Vosmecê me dá permisso pra tocar alguma cosa? Maneco Terra pigarreou.

— Tocar?

— Frauta - explicou Pedro. E mostrou a flauta que tinha feito duma taquara.

Os Terras entreolharam-se em silêncio.

— Está bem - disse Maneco. Seu rosto, diante de Pedro, nunca assumia uma expressão amiga. Já agora a desconfiança e o temor duma traição haviam desaparecido nele quase por completo; mas ficara um certo desajeitamento que às vezes se traduzia na maneira áspera com que ele se dirigia ao índio.

— Tome assento - disse o dono da casa, com ar de quem dava uma ordem de trabalho.

O rancho não era grande. Constava duma só peça quadrada com

repartições de pano grosseiro. A maior das divisões era a.em que se achavam todos agora. Ali faziam as refeições e ficavam nas noites frias antes de irem para a cama: era ao mesmo tempo refeitório e cozinha, e a um canto dela estava o fogão de pedra e uma talha com água potável. O mobiliário era simples e rústico: uma mesa de pinho sem verniz, algumas cadeiras de assento e respaldo de couro, uma arca também de couro, com fechos de ferro, um armário meio desmantelado e, sobre um estrado, a velha roca de dona Henriqueta. Numa das outras repartições ficava a cama do casal, sobre a qual, na parede, pendia um crucifixo de madeira negra, com um Cristo de nariz carcomido; ao pé da cama ficava um mosquete carregado, sempre pronto para o que desse e viesse.

\ ' Na divisão seguinte estavam os catres de Antônio e Horácio; e no "quarto" de Ana mal cabia uma cama de pernas de tesoura, debaixo da qual se via o velho baú de lata onde a moça guardava suas roupas.

A luz da lamparina de óleo de peixe iluminava pobremente a casa, despedindo uma fumaça negra e enchendo o ar dum cheiro enjoativo.

Pedro sentou-se, cruzou as pernas, tirou algumas notas da flauta, como para experimentá-la, e depois, franzindo a testa, entrecerrando os olhos, alçando muito as sobrancelhas, começou a tocar. Era uma melodia lenta e meio fúnebre O agudo som do instrumento penetrou Ana Terra como uma agulha, e ela se sentiu ferida, trespassada. Mas notas graves começaram a sair da flauta e aos poucos Ana foi percebendo a linha da melodia… Reagiu por alguns segundos, procurando não gostar dela, mas lentamente se foi entregando e deixando embalar. Sentiu então uma tristeza enorme, um desejo amolecido de chorar. Ninguém ali na estância tocava nenhum instrumento. Ana não se lembrava de jamais ter ouvido música de verdade naquela casa. Às vezes um dos irmãos assobiava. Ou então eram as cantigas tristonhas e desafinadas de sua mãe. Ou dela mesma, Ana, que só cantava quando estava sozinha. Agora aquela melodia, tão bonita, tão cheia de sentimento, bulia com ela, dava-lhe um aperto no coração, uma vontade danada de…

Tirou as mãos de dentro da água da gamela, enxugou-as num pano e aproximou-se da mesa. Foi então que deu com os olhos de Pedro e daí por diante, por mais esforços que fizesse, não conseguiu desviar-se deles.

Parecia-lhe que a música saía dos olhos do índio e não da flauta - morna, tremida e triste como a voz duma pessoa infeliz. A chuva tamborilava no teto de palha, batia no chão, lá fora… E Pedro beijava a flauta com seus beiços carnudos. Às vezes a música se parecia com as que Ana costumava ouvir na igreja de Sorocaba, mas dum momento

para outro ficava diferente, lembrava uma toada que um dia ela ouvira um tropeiro assobiar ao trote do cavalo…

A chama da lamparina dançava, soprada pelo vento que entrava pelas frestas do rancho. As sombras das pessoas refletidas nas paredes cresciam e minguavam. Com a cabeça apoiada numa das mãos, Maneco Terra escutava. Horácio olhava para o teto. Antônio riscava a madeira da mesa com a ponta da faca. Havia lágrimas nos olhos de dona Henriqueta - lágrimas que lhe escorriam pelas faces sem que ela procurasse escondê-las ou enxugá-las. E mesmo na tristeza seu rosto não perdia a expressão de resignada serenidade.

De repente Ana Terra descobriu que aquela música estava exprimindo toda a tristeza que lhe vinha nos dias de inverno quando o vento assobiava e as árvores gemiam - nos dias de céu escuro em que, olhando a soledade dos campos, ela procurava dizer à mãe o que sentia no peito, mas não encontrava palavras para tanto. Agora a flauta do índio estava falando por ela…

A música cessou. Fez um brusco silêncio, que chegou a doer nos nervos de Ana. Agora só se ouvia o ruído da chuva e o chiar da chama da lamparina batida pelo vento.

Maneco puxou um pigarro e perguntou: - Onde foi que aprendeu a tocar?

— Na mission. Também sabia tocar chirimia.

Maneco abriu a gaveta da mesa, tirou de dentro dela o punhal e atirou-o para Pedro, que o apanhou no ar. Não explicou nada. Achou que não era necessário. O índio recebeu a arma num silêncio compreensivo.

Examinou-a por alguns instantes, pô-la à cinta, ergueu-se e, sem dizer palavra, foi-se. No momento em que ele abriu a porta, Ana Terra por um instante viu, ouviu e sentiu a chuva, o vento, a noite e a solidão.

Os dias se faziam mais quentes e mais longos. Pelos cálculos de Ana, dezembro devia estar no fim quando Antônio saiu para o Rio Pardo com um carregamento de milho e feijão. Dona Henriqueta fez-lhe encomendas: precisava de uma faca de cozinha, de fio para fiar, dum corte de cassa e duns emplastos para as suas dores do lado. E quando a carreta se sumiu para as bandas do nascente, ela voltou para dentro da casa e foi rezar ao pé do crucifixo.

Numa noite de lua cheia Horácio saiu para o campo a caçar tatu e voltou pela madrugada trazendo uma mulita magra. No dia seguinte a mãe preparou a caça para o almoço e Maneco e Horácio mostraram-se satisfeitos, pois a carne de mulita era muito apreciada por todos.

Pedro, porém, recusou-se a comê-la com uma veemência que quase se aproximava do horror.

— Não gosta? - perguntou dona Henriqueta.

— Nunca provei.

— Pois então prove.

O índio sacudia a cabeça obstinadamente.

— Mas não tem outra coisa - avisou ela. — Só tatu e abóbora.

Pedro fazia que não com a cabeça, ao mesmo tempo que sorria, olhando para o prato. Maneco aproximou-se dele e disse: - Que luxos são esses? É uma das melhores carnes que conheço.

Pedro explicou que não costumava comer carne de mulita.

— Mas por quê? - perguntou Horácio.

— Porque um dia a mulita e os filhos dela ajudaram a Virgem Maria no deserto - explicou ele.

— Mas que bobagem é essa? - estranhou Maneco Terra. Voltaram todos para a mesa, junto da qual Ana Terra ficara ouvindo tudo mas evitando olhar para Pedro e mostrar-se interessada no que ele dizia. O índio sentou-se, pachorrento, junto da porta e, enquanto os outros comiam, contou-lhes uma história.

Havia muitos, muitos anos o rei dos judeus ordenara a seus soldados que matassem todas as crianças das redondezas e por isso a Virgem Maria e seu marido São José fugiram para o deserto, levando o Menino Jesus dentro dum carrinho puxado por um burro. Mas o burro por desgraça empacou no meio do caminho, ao passo que os soldados que perseguiam os fugitivos se aproximavam cada vez mais…

Ana escutava, sem erguer os olhos do prato. No seu espírito o deserto era verde e ondulado como os campos dos arredores da estância, e os rostos da Virgem e do Menino pareciam-se com os das imagens que ela vira na Matriz de Sorocaba.

Pedro prosseguiu: - Entonces a Virge viu que estava tudo perdido. Pero apareceu a mulita na estrada e Nossa Senhora dije: “Mulita, usted tem filhos? Dá-me uma gotita de leite para meu filho que está jorando de fome”. A mulita deu, pero solo uma gotita, mui poço. O Menino continuou jorando. Entonces Nossa Senhora dije: “Mulita, vá a jamar tuas filhas”. Mulita contestou: “Muitos filhos tengo, pero muieres poças”. Pero jamou as filhas, que dieram leite ao Menino. E Jesus quedou mui quieto.

Ana escutava Pedro, fascinada. Nunca havia encontrado em toda a sua vida uma pessoa assim. Às vezes o índio lhe parecia louco. Tudo nele era fora do comum: a cara, os modos, a voz, aquela língua misturada… E Ana ouvia-o de olhos baixos, imaginava Nossa Senhora no alto duma coxilha, tendo a seu lado o carro com o Menino dentro, São José coçando as barbas, aflito, o burro empacado, e as mulitas fêmeas dando cada uma sua gota de leite para matar a sede de Jesus…

Maneco e Horácio também escutavam, mastigando e olhando para o prato.

As filhas da mulita sumiram-se no deserto, só a mãe ficou junto

da Santa Família. E os soldados do rei dos judeus aproximavam-se cada vez mais, com suas espadas e lanças e caras malvadas. São José empurrava o burro, mas o animal continuava empacado. A Virgem, então, num desespero, tornou a falar com a mulita: “Mulita, ajuda-nos com tua força, puxa o carro de meu filho”. Já se avistavam os soldados no horizonte, e suas armaduras reluziam ao sol. A mulita começou a puxar o carro, mas se sua vontade de ajudar era muita, sua força entretanto era pouca. O tropel dos cavalos dos centuriões chegava já aos ouvidos da Virgem e de São José. “Depressa, mulita!” - gritou a Mãe de Deus, chorando de medo.

“Mande chamar seus filhos para puxar o carro do meu filho.” Então a mulita respondeu: “Virgem Santíssima, minha ninhada é mui grande, mas meus filhos machos são poucos”. Mas chamou os poucos filhos que tinha, e eles vieram e puxaram o carrinho do Menino Jesus.

— Pêro mulita anda despacito - explicou Pedro - e os soldados do rei dos judeus teniam cabalos veloces. Quando jegaram cerca da Virge, hubo uma grande tempestade de arena que dejou os soldados todos cegos e perdidos.

Dona Henriqueta perguntou: - E a Santa Família se salvou?

Maneco lançou-lhe um olhar de reprovação: aquilo era então pergunta que uma mulher velha fizesse? Pedro sacudiu a cabeça afirmativamente: - Si, dona, salvou-se. E a Virge disse: “Mulita, como paga do leite de tuas filhas e da força de teus filhos, daqui por delante sempre que tengas ninhadas, seran solamente de machos ou solamente de fêmeas”.

Calou-se. Maneco, que tinha terminado de comer, empurrou o prato para o centro da mesa, tirou uma palha de trás da orelha e começou a fazer um cigarro.

— Bobagens - murmurou. — É uma história que nunca sucedeu.

O índio não disse nada. O velho Terra picava fumo com a faca na mão direita, deixando cair os pedacinhos negros na palma da esquerda.

Horácio perguntou: - Onde foi que aprendeu esse causo?

— Na mission. É um causo de verdade.

— Bobagens - repetiu Maneco.

Tinha ouvido falar em muitas histórias de assombração e tesouros enterrados. Mas não acreditava nelas. Naquela terra aberta, sem socavões nem altas montanhas, sem mato brabo nem muitas furnas; naquele escampado não havia segredos, nem lugar para fantasmas e abusões. Medo ele só podia ter de gente viva mal-intencionada e de bichos. Quanto a tesouros enterrados, só conhecia os que lhe dava a terra como fruto de seu trabalho de sol a sol, dia após dia, ano após ano. Era um homem positivo, que costumava dar nome aos bois e não gostava de imaginações.

Não acreditava em milagres e achava errado dizer que mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga. Deus ajuda quem com o sol se levanta e com o sol se deita, cuidando de suas obrigações.

— Pode ser bobagem - arriscou dona Henriqueta, levantando-se e começando a recolher os pratos. — Mas é bonito.

— E sem serventia - completou o marido - sem serventia como quase tudo que é bonito.

Horácio cuspiu no chão, olhou para o índio e perguntou: - Então é por isso que vosmecê não come carne de mulita?

— A mulita ajudou a Virge - respondeu Pedro simplesmente. — E Nossa Senhora é minha mãe.

Maneco Terra prendeu o cigarro nos dentes, bateu o isqueiro e acendeu-o. Puxou uma baforada de fumo e depois ficou contemplando Pedro através da fumaça, com seus olhos apertados e incrédulos.

António Terra voltou com a carreta de Rio Pardo e, depois de pedir a bênção aos pais, de dar duas palmadinhas no ombro de Ana e Horácio, numa acanhada paródia de abraço, começou a contar as novidades da vila.

Assistira aos festejos da entrada do Ano Novo - o 78, explicou - e vira o entrudo, os fogos, o leilão e as cavalhadas. Falou com entusiasmo nos uniformes dos oficiais da Coroa e louvou o conforto de certas casas assoalhadas de madeira. Maneco escutou-o meio taciturno. Sempre temera que os filhos um dia o abandonassem para ir morar no Rio Pardo. Gente moça - achava ele - gostava muito de festa, de barulho e de bobagens…

À mesa do almoço conversaram ainda sobre Rio Pardo. O sol batia de chapa no toldo de palha e a cabana estava quente como um forno. Ana via os irmãos comendo e suando, as caras barbudas e reluzentes, a testa gotejando, as camisas empapadas. O panelão de feijão, com pedaços de linguiça e toicinho, fumegava no centro da mesa, e moscas voavam no ar pesado. Na cabeça de Ana soava uma flauta: a melodia que Pedro tocara naquela noite de chuva não lhe saía da memória, noite e dia, dia e noite.

Antônio começou a contar das estâncias que vira, de suas vastas lavouras de trigo, do número de peões e escravos que certos estancieiros ricos possuíam. Tivera ocasião de beber o excelente vinho feito pelos colonos açorianos com uva nascida do solo de Rio Pardo! Maneco escutava-o pensativo. Um dia ainda haviam de ter também ali na estância um grande trigal, e mais campo, mais gado, mais tudo. Mas não tinha pressa. Seu lema era: “Devagar mas firme”.

Pensou no pai, que passara metade da vida a viajar entre São Paulo e o Rio Grande de São Pedro, sempre às voltas com tropas de mulas, que vendia na feira de Sorocaba. Uma vez o Velho ficara dois anos ausente; correra até o boato de que ele havia sido assassinado

pelos índios tapes. Um belo dia, porém, Jucá Terra reapareceu trazendo na guaiaca muitas onças de ouro e a carta de sesmaria dumas terras do Continente que ele dizia ficarem nas redondezas dum tal rio Botucaraí. Quando a mulher se queixava de que ele era um vagamundo e tinha bicho-carpinteiro no corpo, o velho Terra meio que entristecia e com sua voz grossa e lenta dizia: "Vosmecê pensa que gosto dessa vida de judeu errante? O que eu quero mesmo é um sítio, uma lavoura, um gadinho e uma vida sossegada. Um dia inda hei de me estabelecer nos meus campos do Continente". Dizia isso com orgulho, batendo na guaiaca onde guardava sua carta de sesmaria. Mas o coitado morrera sem realizar o seu desejo.

E ao pensar agora nessas coisas, Maneco olhava para a arca de couro dentro da qual guardava a carta de posse da terra que ele, a mulher e os filhos neste momento pisavam, da terra que tinha comido as carnes do Lucinho e que um dia se fecharia também sobre seu corpo.

Antônio descreveu para Ana o baile a que assistira no Rio Pardo. Falou com especial entusiasmo nos seus esplêndidos violeiros e gaiteiros, e nos bailarins que dançavam a chimarrita e a tirana que era uma beleza!

— Vi lindas moças - acrescentou, levando à boca com ambas as mãos uma costela de vaca e arrancando-lhe com os dentes a carne junto com a pelanca. — Por sinal fiquei até gostando duma delas.

Chama-se Eulália. Dançamos toda a noite de par efetivo.

Maneco Terra espetou no garfo um pedaço de carne, e antes de levá-lo à boca repetiu um ditado que aprendera nos campos da Vacaria: - Pra essas éguas de cidade não há cabresto nem palanque. Não queria que os filhos casassem com moça da vila, dessas que não gostam de campo e só pensam em festas, roupas e enfeites.

— Me disseram no Rio Pardo - continuou Antônio - que em Porto Alegre um homem foi preso por ordem do Senado da Câmara só porque não quis ir a uma procissão.

Maneco enristou a faca na direção do filho e disse: - É por essas e por outras que eu prefiro viver nos meus campos. Aqui faço o que quero, ninguém me manda. Sou senhor de meu nariz.

— Mas uma vila tem as suas vantagens, papai - arriscou Horácio.

— Que vantagens? Pra principiar são cercadas de muros e valos, como uma cadeia. Depois têm duas coisas que eu não gosto: soldado e padre.

— Mas que ia ser de nós sem os soldados? - perguntou Antônio. — Essa castelhanada vive nos atacando.

— Ora! No momento do aperto eles chamam os paisanos. Quem foi que mais ajudou a expulsar os castelhanos? Foi Pinto Bandeira. É um oficial de tropa? Não. É um estancieiro. E assim outros e outros…

— Mas numa cidade ao menos a gente está mais seguro, Maneco - disse dona Henriqueta, que se levantara para ir buscar a caixeta de pessegada.

— Fresca segurança! - exclamou o marido. E enumerou casos que sabia: crimes e banditismos ocorridos no Rio Pardo, na Capela do Viamão e Porto Alegre.

— Lá a gente recebe cartas - arriscou Ana, que sempre achara bonito uma pessoa receber uma carta.

— Passo muito bem sem essas cousas - retrucou-lhe o pai. — Carta não engorda ninguém.

Houve um silêncio. Depois Antônio começou a contar de como iam adiantadas no Rio Pardo as obras da Matriz. “Dizem que daqui a um ano, ou ano e pouco, vai ficar pronta… ” Maneco não prestava atenção ao que o filho dizia. Seu olhar perdeu-se pelo campo, que ele via pelo vão da porta. O ar tremia, era uma soalheira medonha. Longe, contra um céu desbotado, urubus voavam. Uma vaca mugia tristemente.

Maneco recordava sua última visita a Porto Alegre, onde fora comprar ferramentas, pouco antes de vir estabelecer-se ali na estância. Achara tudo uma porcaria. Lá só valia quem tinha um título, um posto militar ou então quem vestia batina. Esses viviam à tripa forra. O resto, o povinho, andava mal de barriga, de roupa e de tudo. Era verdade que havia alguns açorianos que estavam enriquecendo com o trigo. Esses prosperavam, compravam escravos, pediam e conseguiam mais sesmarias e de pequenos lavradores iam se transformando em grandes estancieiros. Mas o governador não entregava as cartas de sesmaria assim sem mais aquela… Se um homem sem eira nem beira fosse ao paço pedir terras, botavam-no para fora com um pontapé no traseiro. Não senhor. Terra é pra quem tem dinheiro, pra quem pode plantar, colher, ter escravos, povoar os campos.

Maneco ouvira muitas histórias. Pelo que contavam, todo o Continente ia sendo aos poucos dividido em sesmarias. Isso seria muito bom se houvesse justiça e decência. Mas não havia. Em vez de muitos homens ganharem sesmarias pequenas, poucos homens ganhavam campos demais, tanta terra que a vista nem alcançava. Tinham lhe explicado que o governo fazia tudo que os grandes estancieiros pediam porque precisava deles.

Como não podia manter no Continente guarnições muito grandes de soldados profissionais, precisava contar com esses fazendeiros, aos quais apelava em caso de guerra. Assim, transformados em coronéis e generais, eles vinham com seus peões e escravos para engrossar o exército da Coroa, que até pouco tempo era ali no Continente constituído dum único regime de dragões. E como recompensa de seus serviços, esses senhores de grandes sesmarias ganhavam às vezes

títulos de nobreza, privilégios, terras, terras e mais terras. Era claro que quan- do havia uma questão entre esses graúdos e um pobre-diabo, era sempre o ricaço quem tinha razão. Maneco vira também em Porto Alegre as casas de negócio e as oficinas dos açorianos. Apesar de ser neto de português, não simpatizava muito com os ilhéus.

Era verdade que tinha certa admiração pela habilidade dos açorianos no trato da terra e no exercício de certas profissões como a de ferreiro, tanoeiro, carpinteiro, seleiro, calafate… Reconhecia também que eram gente trabalhadora e de boa paz. Achava, entretanto, detestável sua fala cantada e o jeito como pronunciavam certas palavras.

Dona Henriqueta partia a pessegada, Horácio palitava os dentes com uma lasca de osso.

— Me contaram também - prosseguiu Antônio - que a gente tem de tirar o chapéu quando passa pela frente do paço.

Maneco mastigou com fúria um naco de pessegada.

— Um homem só tira o chapéu na frente de igreja, cemitério ou de pessoa mais velha e de respeito - sentenciou ele, acrescentando: - Como nesta estância não tem igreja, nem cemitério nem ninguém mais velho que eu, só tiro o chapéu quando quero.

Os outros não disseram nada. Comeram em silêncio a sobremesa, com os olhos já meio caídos de sono. Depois os homens se ergueram e foram dormir a sesta e as mulheres puseram-se a lavar os pratos.

De longe vinha agora o som da flauta de Pedro. Ana sentia os olhos pesados, a cabeça zonza: seu corpo estava mole e dolorido, como se tivesse levado uma sova. Olhou para fora, através da janela, mas não pôde suportar o clarão do sol. Moscas voavam e zumbiam ao redor da mesa.

Um burro-choro começou a zurrar, longe.

— Acho que estou doente - murmurou ela.

— Deve ser o incômodo que vem vindo - disse a mãe, que tinha as mãos mergulhadas na água gordurosa da gamela.

Ana não respondeu. Continuou a enxugar os pratos. O som da flauta aumentava-lhe a sensação de calor, preguiça e mal-estar.

— Se ele parasse de tocar era melhor… - murmurou. Nunca pronunciava o nome de Pedro. Quando se referia ao índio dizia apenas "ele" ou "o homem".

— Deixa o coitado! - retrucou dona Henriqueta. — Vive tão sozinho que precisa se divertir um pouco.

Ana estava inquieta. No fundo ela bem sabia o que era, mas envergonhava-se de seus sentimentos. Queria pensar noutra coisa, mas não conseguia. E o pior era que sentia os bicos dos seios (só o contato com o vestido dava-lhe arrepios) e o sexo como três focos ardentes. Sabia o que aquilo significava. Desde seus quinze anos a vida não

tinha mais segredos para ela. Muitas noites quando perdia o sono, ficava pensando em como seria a sensação de ser abraçada, beijada, penetrada por um homem. Sabia que esses eram pensamentos indecentes que precisava evitar.

Mas sabia também que eles ficariam dentro de sua cabeça e de seu corpo, para sempre escondidos e secretos, pois nada neste mundo a faria revelar a outra pessoa - nem à mãe, nem mesmo à imagem da Virgem ou a um padre no confessionário - as coisas que sentia e desejava. E agora ali no calor do meio-dia, ao som daquela música, voltava-lhe intenso como nunca o desejo de homem. Pensava nas cadelas em cio e tinha nojo de si mesma. Lembrava-se das vezes que vira touros cobrindo vacas e sentia um formigueiro de vergonha em todo o corpo. Mas esse formigueiro era ainda desejo. Decerto a soalheira era a culpada de tudo. A soalheira e a solidão. Pensou em ir tomar um banho no poço. Não: banho depois da comida faz mal, e mesmo ela não aguentaria a caminhada até a sanga, sob o fogo do sol. A sanga era para Ana uma espécie de território proibido: significava perigo. A sanga era Pedro. Para chegar até a água teria de passar pela barraca do índio, correria o risco de ser vista por ele.

A água do poço devia estar fresca. Ana imaginou-se mergulhada nela, sentiu os lambaris passarem-lhe por entre as pernas, roçarem-lhe os seios. E dentro da água agora deslizava a mão de Pedro a acariciar-lhe as coxas, mole e coleante como um peixe. Uma vergonha! O que ela queria era macho. E pensava em Pedro só porque, além do pai e dos irmãos, ele era o único homem que havia na estância. Só por isso. Porque na verdade odiava-o. Pensou nos beiços úmidos do índio colados à flauta de taquara. Os beiços de Pedro nos seus seios. Aquela música saía do corpo de Pedro e entrava no corpo dela… Oh! Mas ela odiava o índio.

Tinha-lhe nojo. Pedro era sujo. Pedro era mau. Mas apesar de odiá-lo, não podia deixar de pensar no corpo dele, na cara dele, no cheiro dele - aquele cheiro que ela conhecia das camisas - não podia, não podia, não podia.

— Se ele parasse de beijar! - exclamou ela. E percebendo que tinha dito beijar em vez de tocar, ficou vermelha e confusa.

Deixou cair um prato, que bateu no chão com um ruído fofo. Dona Henriqueta olhou para a filha, apreensiva, e disse: - Vá se deitar que é melhor.

Sem dizer palavra Ana Terra caminhou para o catre.

Como era noite de lua cheia, depois do jantar os Terras vieram ficar um pouco na frente da casa, antes de irem dormir. O céu estava dum azul muito pálido e transparente, e Ana teve a impressão de que o lucilar das estrelas acompanhava o cricri dos grilos. Subia do chão, no ar parado, um cheiro morno de capim e terra que tomou muito sol

durante o dia.

Maneco Terra fumava, distraído, olhando para sua lavoura e pensando vagamente no dia em que em lugar do milho, da mandioca e do feijão tivesse um grande trigal. Precisaria de contratar peões e comprar escravos. Em vez de mandar uma carreta a Rio Pardo, passaria a mandar duas ou três. No futuro construiria uma casa maior, toda de pedra.

Compraria também mais gado, mais cavalos, mais mulas. Sim, e ovelhas, talvez até porcos. Faria tudo devagar - devagar mas com firmeza.

Antônio e Horácio conversavam em voz baixla sobre o que tinham de fazer no dia seguinte. De quando em quando dona Henriqueta suspirava baixinho.

E de repente, em meio dum silêncio picado pelo cricrilar dos grilos, ela disse: - Precisamos dum cachorro.

Tinham tido um perdigueiro que, fazia muito, havia morrido duma mordida de cobra-coral. Desde então Maneco vivia a prometer que mandaria buscar um ovelheiro no Rio Pardo, mas nunca mandava. E agora, ouvindo a observação da mulher, ele perguntou: - Quem foi que falou em cachorro?

— Ninguém. Eu é que me lembrei. Sinto falta de cachorro aqui em casa.

Maneco ficou pensando no pai, que tanto gostava de cachorros. Parecia mentira que um dia, havia muito tempo, o velho Jucá Terra passara por aqueles mesmos campos com seus companheiros vicentistas. Maneco imaginava o velho em cima do cavalo, metido no seu poncho, com o chapelão de couro na cabeça, o mosquete a tiracolo e o facão de mato à cinta. Decerto ele acampara ali numa noite de lua como aquela, e antes de dormir ficara pensando no rancho que um dia havia de erguer no alto da coxilha…

Ouviu-se o guincho duma ave noturna. Um vulto encaminhava-se para a cabana e nele os Terras reconheceram Pedro. O índio aproximou-se em silêncio e pediu licença para sentar-se junto deles. Maneco disse: - Tome assento.

Pedro sentou-se a uns cinco passos de onde estava o grupo e ficou calado.

— Amanhã vamos parar rodeio, Pedro - disse-lhe António.

— Mui lindo - respondeu o índio.

— Vosmecê vá no bragado - instruiu-o Maneco. — O António vai no alazão, o Horácio no baio.

— Mui lindo - repetiu Pedro.

E de novo o silêncio caiu. As estrelas brilhavam. Pedro olhava para a lua. Ana esforçava-se para não atentar nele, para ignorar sua presença.

Sentia que agora, na noite morna e calma, não o odiava mais. Chegava a ter pena dele, da sua solidão, da sua pobreza, do seu abandono, da sua humildade serviçal.

Longe, contra a silhueta negra dum capão, um fogo vivo brilhou por uns instantes e depois se apagou.- Olha lá! - exclamou Horário, estendendo a mão.

Os outros olharam. A chama, que tornara a aparecer, agora se movia pela orla do capão. Em poucos segundos apagou-se outra vez.

— Boitatá - sussurrou Pedro.

— É o fogo de algum carreteiro acampado - disse Maneco.

— Puede ser, puede no ser - disse o índio.

— Muitas vezes vi fogo assim de noite no alto da serra - contou António. — Nunca fiquei sabendo o que era.

— Boitatá - tornou a dizer Pedro como se falasse para si mesmo. E acrescentou: - A cobra de fogo.

— Vosmecê acredita mesmo nisso? - perguntou Maneco, coçando a barba.

— Vi muitas.

António soltou uma risada seca: - Esse índio viu tudo…

— Anda por aí muita história mal contada - observou Maneco. — Um bugre velho que viveu no Povo de São Tomé um dia me falou na tal teiniaguá…

Isso é invenção de índio.

— Mas hai - disse Pedro.

E como os outros deixassem morrer o assunto e ficassem em silêncio, ele acrescentou: - A teiniaguá já desgraciú um sacristán.

Repetiu com algumas modificações a história que Maneco Terra ouvira da boca do velho índio missioneiro.

Os mouros de Salamanca, mestres em artes mágicas, ficaram loucos de raiva quando foram vencidos nas Cruzadas pelos cristãos. Resolveram então vir para o Continente de São Pedro do Rio Grande, trazendo consigo sua fada transformada numa velhinha. Os mouros tinham ódio de padre, santo e igreja, e o que queriam mesmo era combater a cruz. Mal chegaram ao Continente fizeram parte com o diabo, que transformou a linda princesa moura na teiniaguá, uma lagartixa sem cabeça que também ficou conhecida como o “carbúnculo”. No lugar da cabeça do animal, o tinhoso botou uma pedra vermelha muito transparente, que era um condão mágico. Quando o sol nasceu, seus raios deixaram a pedra tão brilhante que ninguém podia olhar para ela sem ficar meio cego. Ora, o encontro do diabo com a princesa se deu numa furna a que chamaram Salamanca. E em sete noites de sexta-feira o demônio ensinou à teiniaguá onde ficavam todas as furnas que escondiam f i, tesouros. E como era mulher e mui sutil, a princesa aprendeu depressa.

Houve uma pausa. De novo o fogo brilhou longe, à beira do mato. Então dona Henriqueta perguntou: - E depois? Pedro prosseguiu: - Habia na mission de San Tomé um sacristán, muchacho mui triste. E una tarde, a Ia hora de Ia siesta, cuando los curas dormiam, o muchacho caminou para a laguna que habia cerca, una laguna que parecia un calderón de água fervendo, parecia que o diabo vivia adentro, os peixes morriam, as jervas secavam… Entonces o sacristán viu salir da água um bicho pequeno… Era a teiniaguá, com sua cabeza de sol. O sacristán quedo como loco, porque sabia que si prendiera a teiniaguá ganava una fortuna. Entonces tomo una guampa con água e meteu a teiniaguá adentro dela, e levou o bicho para su cela e Io alimento com mel de lechiguana.

Estava tan contento que batia no peito, dizendo que ia quedar rico com aquela pedra, ei hombre más feliz do mundo. Pêro un dia a teiniaguá se transformo numa princesa moura, mui linda, e ei sacristán quedo loco de amor, e fué tentado, e peco. Busco ei vino de Ia igreja, vino de missa, e se emborracho com Ia princesa e quedo desgraciado…

Maneco queria encurtar a história, porque lhe era ainda desagradável aos ouvidos a voz de Pedro e sua língua confusa. Além disso o fato de todos estarem escutando com atenção aquele mameluco, dava-lhe uma importância que ele não merecia. Por isso, aproveitou a pausa que Pedro fizera e falou: - Os padres então chegaram, viram o sacristão bêbedo, a cela desarrumada, sentiram cheiro de mulher e compreenderam tudo. O sacristão foi posto a ferros, e quiseram que ele confessasse o que tinha acontecido. Mas ele não confessou. Foi então condenado à morte e quando levaram ele pra praça, o sino tocava finados e todo o Povo de São Tomé veio olhar. Quando o carrasco ia matar ele, começou a soprar uma ventania danada, ouviu-se um barulhão e todos ficaram mui assustados, os padres atiraram água benta no povo e começaram a rezar. Ouviu-se um ronco de fera e a teiniaguá saiu da lagoa com a cabeça erguida, falseando. Saiu derrubando árvores, esbarrancando as terras. Foi assim que o índio velho me contou, se estou bem lembrado.

Pedro sacudia lentamente a cabeça.

— Diziam que era o fim do Povo de São Tomé, ou o fim do mundo. Pero hubo un milagre. Una cruz apareció no céu.

— E o sacristão? - perguntou Horácio, que ouvia a história de cócoras, arrancando talos de capim com dedos distraídos.

— O sacristán quedo solho, abandonado, com as manos presas em cadenas.

— Dizem que depois foram pró cerro de Jarau - prosseguiu Maneco Terra.

— O sacristão e a princesa. Lá no cerro havia uma Salamanca

onde estava escondido um tesouro mui grande.

— Há quem diga que as salamancas existem - arriscou Antônio.

— Un dia encontei um castelhano que tinha entrado na furna de Jarau - disse Pedro.

— E que foi que ele encontrou lá? - indagou Horácio com um risinho incrédulo.

— Doblões de ouro, onças, pedras preciosas, mucha plata. Mui lindo.

— Decerto era um castelhano contador de rodelas - murmurou Maneco.

Pedro prosseguiu, sereno: - O hombre dijo que Jarau está guardado por pumas e tigres, por almas penadas, por culebras calaveras. Mui feo. Un dia eu quero entrar na furna do Jarau.

— Não acredito nesses tesouros escondidos… - declarou Maneco Terra.

Antônio ergueu-se, espreguiçou-se e disse, abafando um bocejo: - Eu bem que queria descobrir os tesouros que os padres enterraram nas missões.

— Patacoadas! - exclamou Maneco Terra, erguendo-se também. — Nosso tesouro está aqui mesmo.

E com a cabeça fez um sinal que abrangia o campo em derredor.

Do seu canto Ana olhava com o rabo dos olhos para Pedro, que continuava sentado imóvel, com ambos os braços ao redor dos joelhos, olhando fixamente para a lua.

A hora de deitar-se Ana ouviu a voz da mãe, que dizia ao marido: - Nunca sei quando esse índio está brincando ou falando sério.

Maneco pigarreou, gemeu baixinho, estendeu-se no catre, ficou calado por algum tempo e depois resmungou: - É um mentiroso.

E apagou a lamparina com um sopro.

Aquele verão foi seco e cruel. Quando o áspero vento norte soprava Ana Terra ficava de tal maneira irritada, tão brusca de modos e palavras, que dona Henriqueta murmurava: “O que essa menina precisa mesmo é casar duma vez…” Ana revoltava-se. Casar? O que ela precisava era mudar de vida, visitar de vez em quando o Rio Pardo, ir a festas, ter amigas, ver gente. Aquela solidão ia acabar deixando-a doida varrida… Mas na presença do pai não dizia nada. Recalcava a revolta, prendia-a no peito, apertava os lábios para que ela não se lhe escapasse pela boca em palavras amargas. Nas noites abafadas dormia mal, às vezes levantava-se, ia para a frente da casa, ficava olhando as coxilhas e o céu, tendo nos olhos um sono pesado e na cabeça, no peito, no corpo todo uma ânsia que a mantinha desperta e agitada. Não raro, altas horas da noite acordava com uma sede desesperada, metia a caneca na talha, bebia em longos goles uma água que a mornidão tomava grossa; e ia bebendo, caneca sobre caneca,

para no fim ficar com o estômago pesado sem ter saciado a sede nem aliviado a ardência da garganta. Muitas vezes o sono só lhe vinha de madrugada alta, e, vendo pela cor do horizonte que o dia não tardava a raiar, concluía que não adiantava ir para a cama, pois dentro de pouco teria de acender o fogo para aquentar a água do chimarrão. O remédio, então, era molhar os olhos, lavar a cara, caminhar ao redor do rancho para espantar a sonolência.

Uma tarde, à hora da sesta, Ana Terra tornou a sentir aquela agonia de outras tardes e noites. Era uma sensação que não saberia descrever a ninguém. Seria fome?… Havia acabado de almoçar, estava de estômago cheio; logo não podia ser fome. Tinha a sensação de que lhe faltava alguma coisa no corpo, como se lhe houvessem cortado um pedaço do ser.

Era ao mesmo tempo uma falta de ar, uma impaciência misturada com a impressão de que alguma coisa - que ela não sabia bem claramente o que era - ia acontecer, alguma coisa tinha de acontecer. Revolveu-se na cama, meteu a cara no travesseiro, procurou dormir… Inútil. Ficou de novo deitada de costas, ouvindo o espesso ressonar dos homens dentro da cabana. Viu uma mosca varejeira entrar por uma fresta da janela e ficar voando, zumbindo, batendo nas paredes, caindo e tornando a levantar-se para outra vez voejar e zumbir… Ana seguia com o olhar os movimentos da varejeira e acabou ficando tonta. Cigarras rechinavam lá fora. E mesmo sem ouvir o barulho do vento Ana sabia que estava ventando, pois seus nervos adivinhavam… Era o vento quente do norte a levantar uma poeira seca. Ana sentia o suor escorrer-lhe pelo corpo todo. O vestido se lhe colava às costas. Puxou toda a saia para cima do peito e ficou de coxas nuas e afastadas uma da outra, desejando água, um banho à sombra das árvores. Imaginou-se descendo a coxilha, rumo da sanga. Por que não fazia isso? Sim, seria melhor ir para fora. Mas não foi, era como se o suor a grudasse aos lençóis escaldantes. Começou a mover a cabeça devagarinho dum lado para outro, sentindo o latejar do sangue nas têmporas, que começavam a doer-lhe. Agora sim ela ouvia o vento. Não era um sopro uniforme: de vez em quando amainava, de repente vinha uma rajada mais forte, e Ana ouvia também o crepitar miúdo da poeira caindo no chão e na coberta da casa. As pálpebras pesavam-lhe, fechavam-se. Veio-lhe um torpor de febre, e de repente, num mundo confuso, Ana sentiu que um touro vermelho lhe lambia as pernas, enquanto ela se retorcia toda arrepiada de medo, nojo e desejo… A língua do touro era viscosa, babava-lhe as coxas, e a respiração do animal tinha a mornidão úmida do vento norte. E de repente, trémula e aflita, Ana se encontrou de novo, de olhos abertos, vendo o teto de palha da cabana, ouvindo o ressonar dos homens e o zumbido da varejeira que agora refulgia, verde-azul, presa momentaneamente

numa réstia de sol.

Meio sem saber o que fazia, atirou as pernas para fora do catre e ergueu-se. Sentindo na sola dos pés a terra morna do chão, caminhou sem ruído para a porta, abriu-a devagarinho e saiu. Fora, o sol envolveu-a como um cobertor de fogo. Ana Terra começou a descer a encosta que levava à sanga. A luz ofuscava, e havia no ar um vapor trémulo que subia do chão escaldante. As rosetas lhe picavam os pés nus, mas ela continuava a andar. Quando viu a corticeira, precipitou-se a correr.

Deitou-se à beira da sanga, puxou a saia para cima dos joelhos, mergulhou as pernas na água, com um débil suspiro de alívio, e cerrou os olhos. Ouvia o farfalhar das folhas, sentia a quentura rija da terra contra as costas, as nádegas e as coxas e assim ficou num abandono ofegante, cansada da corrida e ao mesmo tempo surpreendida de ter vindo. Pensou vagamente em atirar-se no poço, mas não teve coragem de mover-se. Uma cigarra começou a rechinar, muito perto. Ana sentia um aperto nas têmporas, a cabeça dolorida, as ideias sombrias, como se o sol lhe houvesse chamuscado os miolos. Ficou num torpor dolorido e tonto, escutando o murmúrio da água, o canto da cigarra, o farfalhar das folhas e o pulsar surdo do próprio sangue.

Num dado momento sua madorna foi arranhada por um estralar de ramos secos que se quebram. Teve um retesamento de músculos e abriu os olhos.

Tigre ou cobra - pensou. Mas uma dormência invencível chumbava-a à terra. Voltou um pouco a cabeça na direção do ruído e vislumbrou confusamente um vulto de homem, quase invisível entre os troncos das árvores, bem como certos bichos que tomam a cor do lugar onde estão. Ana então sentiu, mais que viu, que era Pedro. Quis gritar mas não gritou.

Pensou em erguer-se mas não se ergueu. O sangue pulsava-lhe com mais força na cabeça. O peito arfava-lhe com mais ímpeto, mas a paralisia dos membros continuava. Tornou a fechar os olhos. E ouviu Pedro caminhar, aproximar-se num ruído de ramos quebrados, passos na água, seixos que se chocam. Apertava os lábios já agora com medo de gritar. Pedro estava tão perto, que ela sentia sua presença na forma dum cheiro e dum bafo quente. Sentiu quando o corpo do índio desceu sobre o dela, soltou um gemido quando a mão dele lhe pousou num dos seios, e teve um arrepio quando essa mão lhe escorregou pelo ventre, entrou-lhe por debaixo da saia e subiu-lhe pelas coxas como uma grande aranha caranguejeira. Numa raiva Ana agarrou com fúria os cabelos de Pedro, como se os quisesse arrancar.

Os dias que se seguiram foram para Ana Terra dias de vergonha, constrangimento e medo. Vergonha pelo que tinha passado; constrangimento perante Pedro, quando o encontrava diante das

outras pessoas da casa; e medo de que estas últimas pudessem ler nos olhos dela o que havia acontecido. Aquele momento que passara com o índio à beira da sanga lhe havia ficado na memória duma forma confusa. Lembrava-se duma exaltação tocada de horror, dum doloroso dilaceramento misturado de gozo, e também do desespero de quem faz uma coisa que teme só para se livrar da obsessão desse temor.

No fim de contas; que era mesmo que ela sentia por Pedro? Amor? Nojo?

Ódio? Pena? Às vezes se surpreendia a querer que ele morresse de repente, ou então que fosse embora, deixando-a em paz. Talvez fosse melhor que aquilo não tivesse acontecido… Ou melhor, que Pedro nunca tivesse aparecido na estância. A agonia em que vivia desde o primeiro dia em que pusera os olhos naquele homem persistia ainda. E agora ela tinha novos cuidados porque, além de todas as coisas que sentia antes, vivia num estado de apreensão insuportável. Chegava à conclusão de que o horror de que o pai e os irmãos descobrissem tudo era o sentimento que dominava todos os outros, até mesmo o desejo de ser de novo tomada pelo índio. Temia também que os homens da casa cometessem alguma

violência. Eles tratavam Pedro como um ser inferior e não lhes passaria nunca pela cabeça a ideia de que Pedro Missioneiro jamais pudesse fazer parte da família. Ana conhecia casos de pais que matavam as filhas ao sabê-las desonradas. Honra se lava com sangue!

E o tempo passava… À noite Ana dormia mal, pensava muito e temia mais ainda. Procurava convencer-se a si mesma de que podia viver sem Pedro, continuar como era antigamente. Achava que tudo tinha acontecido só por causa do calor e da sua solidão. Mas se por um lado ela queria levar os pensamentos para essa direção, por outro seu corpo ia sempre que possível para Pedro, com quem continuava a encontrar-se à hora da sesta no mato da sanga. Ficava com ele por alguns instantes, com o coração a bater descompassado. Falavam muito pouco e o que diziam nada tinha a ver com o que faziam e sentiam. Eram momentos rápidos, excitantes e cheios de sustos. E no dia em que pela primeira vez ela sentiu em toda a plenitude o prazer do amor, foi como se um terremoto tivesse sacudido o mundo. Voltou para casa meio no ar, feliz, como quem acaba de descobrir uma salamanca - ansiosa por ruminar a sós aquele gozo estonteantemente agudo que a fizera gritar quase tão alto como os quero-queros…

O verão terminou, o outono começou a amarelecer as folhas de algumas árvores e pôs um arrepio no ar. E um dia, quando lavava roupa na sanga, Ana sentiu uma súbita tontura acompanhada de náusea. Ficou, então, tomada de pânico, porque lhe ocorreu imediatamente que estava grávida.

Por longo tempo quedou-se imóvel ajoelhada junto da água, com

as mãos cheias de espuma, os olhos postos na corrente, pensando no horror daquela descoberta. Voltou para casa aniquilada. Que fazer? Pedro estava ausente, tinha ido com Horácio levar uma tropa à estância de Cruz Alta do Rio Pardo. Pensou vagamente em fugir ou em ir à vila sob qualquer pretexto e lá procurar uma dessas mulheres que sabem de coisas para fazer desmancho. Tinha ouvido falar numa erva… Se contasse à mãe talvez ela a pudesse ajudar. Mas não teve coragem.

Dias passaram. Os sintomas se agravaram. Ana começou a observar a lua, viu-a passar por todas as fases: seu incômodo mensal não veio. Não havia mais dúvida. Num temor permanente passou a olhar para o ventre, a apalpá-lo, para ver se ele já começava a crescer. E quando Pedro voltou, uma noite ela saiu da cama sem ruído - o ar estava frio, o capim úmido de sereno, o céu muito alto - foi até a barraca do índio, contou-lhe que ia ter um filho e ficou ofegante à espera duma resposta. Houve um curto silêncio, ao cabo do qual Pedro murmurou: - Mui lindo.

De repente Ana desatou a chorar. Estavam ambos sentados no chão lado a lado. Pedro enlaçou-a com os braços, estreitou-a contra si e as lágrimas da rapariga rolaram-lhe mornas pelo peito. Ana sentia contra as faces as carnes elásticas e quentes do homem, e o bater regular de seu coração. Chorou livremente por algum tempo. Pedro nada dizia, limitou-se a acariciar-lhe os cabelos. E quando ela parou de chorar, pôs-lhe a mão espalmada sobre o ventre e sussurrou: - Rosa mística. Ana franziu a testa.

— Quê?

— Rosa mística.

— Que é isso?

— Nossa Senhora, mãe do Menino Jesus.

Ana não compreendeu. Outra vez lhe passou pela mente a ideia de que talvez o índio não fosse bem bom do juízo.

— Pedro, vamos embora daqui!

Ele ficou em silêncio. Um quero-quero guinchou, e sua voz metálica espraiou-se na noite quieta.

— Vamos, Pedro! Pedro sacudiu a cabeça.

— Demasiado tarde - respondeu.

Ana não entendeu bem o sentido daquelas palavras, mas como o índio sacudisse a cabeça, ela viu que ele dizia que não, que não.

— Mas por quê? Por quê? Se meu pai e meus irmãos descobrem, eles nos matam. Vamos embora.

— Demasiado tarde.

— Que é que vamos fazer então?

— Demasiado tarde. Voy morrer.

— Pedro!

— Eu vi… Vi quando dois hombres enterraram mi cuerpo cerca dum árbol. Demasiado tarde.

— Como?

— Dois hombres - murmurava Pedro. — Mi cuerpo morto… cerca dum árbol.

— Um sonho?

— No. Eu vi.

— Mas como?

— Demasiado tarde.

Ana agarrou os ombros do índio e sacudiu-o.

— Então foge sozinho.

— Demasiado tarde.

— Foge, Pedro. Não é tarde, não. Depois nos encontramos… em qualquer lugar.

Parou, sem fôlego. Pedro sorriu e murmurou: - Rosa mística.

E deu-lhe o punhal de prata que trazia à cinta.

Ana voltou para casa com a morte na alma. Ia pensando naquela coisa que lhe crescia no ventre. Dentro de poucos dias não seria mais possível esconder que estava grávida.

Ao chegar perto da cabana começou a temer que o pai ou um dos irmãos a ouvisse entrar e perguntasse quem era. Começou a andar devagarinho, na ponta dos pés, o coração a bater-lhe num acelerado de medo. De repente uma sombra avançou para ela. Ana não pôde conter um grito de espanto, um grito que lhe saiu do fundo da garganta, quase como um ronco. Ficou de boca aberta, com a respiração subitamente cortada… O vulto delineou-se com mais nitidez, e ela reconheceu a mãe. As duas mulheres ficaram frente a frente, paradas, sem dizer uma única palavra, sem fazer o menor gesto. E aos poucos Ana percebeu que a mãe chorava de mansinho, sem ruído: os soluços mal reprimidos sacudiam-lhe os ombros ossudos. Dona Henriqueta aproximou-se da filha e choramingou: - Que será que vai acontecer agora, Ana?

A moça atirou-se nos braços da mãe, abafou os soluços contra seus murchos peitos e ali ficou fazendo um esforço dilacerador para não soltar o pranto, e sentindo que o frio do chão lhe subia pelo corpo, lhe penetrava as carnes e lhe enregelava os ossos.

— E agora, mamãe, e agora? - perguntava ela.

— Não há de ser nada com Deus e Nossa Senhora, minha filha.

Num súbito acesso de nervos, quase gritando, Ana desabafou: - Mas eu vou ter um filho!

— Santo Deus! - murmurou dona Henriqueta. E quando ela pronunciou estas palavras de espanto Ana sentiu na orelha seu hálito morno. — Santo Deus! Esse homem só veio trazer desgraça pra nossa casa…

— Mãe, e se eu tomasse um remédio pra botar o filho fora?

— Não diga isso, minha filha!

— Então como vai ser?

— O único jeito é contar tudo pró Maneco. Mais cedo ou mais tarde ele tem que saber.

— Mas ele me mata, mamãe!

Dona Henriqueta tremia, e foi sem muita convicção que disse: - Não mata, não. Teu pai é um homem de bem. Nunca pegou em, arma a não ser pra defender sua casa.

— A honra, a honra, a honra! - dizia Ana com voz rouca, agarrando com força os ombros da mãe. — A honra, mãe. Ele vai me matar.

— Não mata, minha filha, não mata.

— E o António? E o Horácio?

— Eles só fazem o que o pai manda.

Ana deixou cair os braços, endireitou o busto, afastou-se um passo.

Depois lentamente enxugou as lágrimas com as pontas dos dedos.

—· Tenha coragem, minha filha. Vamos contar tudo ao teu pai. Conta-se aos poucos. Não precisas dizer que estás grávida…

Da sombra que a cabana projetava no chão avançou outra sombra. E Maneco Terra falou: - Não precisa dizer nada. Eu ouvi tudo.

Foi como se Ana tivesse levado uma bordoada na cabeça.

Amoleceram-se-lhe as pernas e os braços, o sangue começou a pulsar-lhe nas têmporas e no pescoço com tamanha força que ela ficou estonteada.

— Maneco… - balbuciou dona Henriqueta. E não pôde dizer mais nada.

Ana deixou-se cair, primeiro de joelhos, depois resvalou para um lado, deitando-se sobre a coxa direita, apoiando o busto com o cotovelo fincado no chão. Maneco continuava imóvel onde estava. Antônio e Horácio saíram da cabana e dona Henriqueta, horrorizada, viu quando eles se encaminharam para o fundo do terreiro e começaram a encilhar os cavalos em silêncio. O luar nos campos era doce e calmo.

Agora, deitada no chão, tomada duma invencível canseira, Ana Terra, sem compreender bem o que via, seguia com os olhos os movimentos dos irmãos que montaram nos seus cavalos e, levando um terceiro a cabresto, seguiram a trote na direção da sanga. Ouviu quando o pai lhes gritou: - Bem longe daqui…

Henriqueta não reconheceu a voz do marido. Estava de tal modo alterada que ela teve a impressão de que era um estranho que falava. Na mente de Ana soava a voz de Pedro: “Dois hornbres… enterraram meu corpo cerca dum árbol. Dois hombres… Dois hombres”.

Quis gritar mas não teve forças. A saliva se lhe engrossara na boca e uma garra parecia comprimir-lhe a garganta. O corpo inteiro tremia, como se ela estivesse atacada de sezões. Estendeu-se no chão de todo o comprimento, sentindo na orelha, no pescoço e nas faces a frialdade da terra.

Maneco Terra fez meia-volta e encaminhou-se lentamente para a cabana.

Poucos minutos depois dona Henriqueta seguiu o marido. Ao entrar encontrou-o sentado, encurvado sobre a mesa, com a cabeça metida nos braços, soluçando como uma criança. Estavam casados haviam quase trinta anos e aquela era a primeira vez que ela via o marido chorar.

Antônio e Horácio voltaram ao clarear do dia. Estavam pálidos e tinham nos olhos tresnoitados uma apagada expressão de horror. Nada disseram ao entrar; ninguém lhes perguntou nada. Estendida no catre, Ana ouviu o ruído dos passos dos irmãos, abriu os olhos e ficou a seguir o movimento de suas sombras que se projetavam no pano que separava seu quarto da divisão maior. Viu quando um deles atirou uma pá no chão. Compreendeu tudo. Numa súbita revolta desejou erguer-se, correr para os irmãos, meter-lhes as unhas na cara, arrancar-lhes os olhos, mas ficou imóvel, sem ânimo para mover-se ou falar.

Estava exausta, com um frio de morte no corpo, um vazio na cabeça.

Tudo aquilo lhe parecia um pesadelo, que a luz da lamparina e o frio da madrugada tornavam ainda mais medonho.

Dona Henriqueta começou a servir o chimarrão ao marido e aos filhos. A cuia passou de mão em mão, a bomba andou de boca em boca. Mas ninguém falava. Maneco apagou a lamparina e a luz alaranjada ali dentro da cabana de repente se fez cinzenta e como que mais fria. As sombras desapareceram do pano onde Ana tinha fito o olhar. Ela então ficou vendo apenas o que havia nos seus pensamentos. Seus irmãos tinham levado Pedro para bem longe: três cavalos, e três cavaleiros andando na noite.

Pedro não dizia nada, não fazia nenhum gesto, não procurava fugir, sabia que era seu destino ser morto e enterrado ao pé duma árvore. Ana imaginou Horácio e Antônio cavando uma sepultura, e o corpo de Pedro estendido no chão ao pé deles, coberto de sangue e sereno. Depois os dois vivos atiraram o morto na cova e o cobriram com terra. Bateram a terra e puseram uma pedra em cima. E Pedro lá ficou no chão frio, sem mortalha, sem cruz, sem oração, como um cachorro pesteado. Agora estava tudo perdido. Seus irmãos eram assassinos. Nunca mais poderia haver paz naquela casa. Nunca mais eles poderiam olhar direito uns para os outros.

O segredo horroroso havia de roer para sempre a alma daquela gente. E a lembrança de Pedro ficaria ali no rancho, na estância e nos pensamentos de todos, como uma assombração. Ana pensou então em matar-se. Chegou a pegar o punhal que o índio lhe dera, mas compreendeu logo que não teria coragem de meter aquela lâmina no peito e muito menos na barriga, onde estava a criança. Imaginou a faca trespassando o corpo do filho e teve um estremecimento, levou ambas as mãos espalmadas ao ventre, como para o proteger. Sentiu de súbito uma inesperada, esquisita alegria ao pensar que dentro de suas entranhas havia um ser vivo, e que esse ser era seu filho e filho de Pedro, e que esse pequeno ente havia de um dia crescer… Mas uma nova sensação de desalento gelado a invadiu quando ela imaginou o filho vivendo naquele descampado, ouvindo o vento, tomando chimarrão com os outros num silêncio de pedra, a cara, as mãos, os pés encardidos de terra, a camisa cheirando a sangue de boi (ou sangue de gente?). O filho ia ser como o avô, como os tios. E um dia talvez se voltasse também contra ela. Porque era "filho das macegas", porque não tinha pai. Tremendo de frio Ana Terra puxou as cobertas até o queixo e fechou os olhos.

Quando o sol saiu, os três homens foram trabalhar na lavoura. Dona Henriqueta aproximou-se do catre da filha, sentou-se junto dele e começou a acariciar desajeitadamente a cabeça de Ana. Por longo tempo nenhuma das duas falou. Ana continuava de olhos cerrados, reprimindo a custo as lágrimas. Por fim, numa voz sentida, bem como nos tempos de menina quando Horácio ou Antônio lhe puxava os cabelos e ela vinha queixar-se à mãe, choramingou: - Mãe, eles mataram o Pedro.

Dona Henriqueta limitou-se a olhar para a filha com seus olhos tristes, mas não teve coragem de falar. O sofrimento dava-lhe ao rosto uma expressão estúpida. Ela não queria acreditar que os filhos tivessem feito aquilo; mas já agora não restava a menor dúvida.

— Decerto eles só mandaram o Pedro embora… - disse, sem nenhuma convicção.

— Não, não. Eles mataram o Pedro, eu sei… Que vai ser de mim agora?

— Deus é grande, minha filha. Tem coragem.

— Se eu tivesse coragem eu me matava.

— A vida é uma coisa que Deus nos deu e só Ele pode nos tirar.

— Ou então eu ia embora…

— Mas pra onde?

— Pra o Rio Pardo, pra qualquer outra parte…

— Mas fazer o quê?

— Trabalhar, viver a minha vida.

— Com esse filho na barriga?

— Um dia ele nasce.

— E tu vai ter ele na rua ou numa estrebaria, como um animal? Não, minha filha, teu lugar é aqui. Teu pai diz que pra ele tu está morta.

Mas eu sou ainda tua mãe. Teu lugar é aqui.

Ana sacudia a cabeça, obstinadamente. Sabia que sua vida naquela casa dali por diante ia ser um inferno.

— Eles mataram Pedro - repetiu.

Dona Henriqueta não respondeu. O mugido duma vaca no curral lembrou-a de que tinha de ir tirar leite, começar o seu dia, seguir sua sina.

Soltou um fundo suspiro, puxou para cima uma mecha de cabelo grisalho que lhe caíra sobre a testa, levantou-se, apanhou o balde e saiu. E a própria Ana lembrou-se de que tinha de lavar roupa - a roupa dos homens que haviam assassinado Pedro - cerzir calças, começar enfim seu dia de trabalho. Levantou-se da cama com grande esforço, de pernas bambas, braços moles, meio estonteada e a ver diante dos olhos manchas escuras.

Começou-a apanhar as roupas, com gestos automáticos. Por fim encheu o cesto, levou-o à cabeça e também saiu.

E assim as duas mulheres começaram mais um dia. E quando a noite desceu encontrou-as a dar comida para os homens, à luz da lamparina fumarenta. E dentro da casa aquela noite só se ouviu a voz do vento porque ninguém mais falou. Nenhum dos homens sequer olhou paja Ana, que só se sentou à mesa depois que eles terminaram de comer.

Vieram outros dias e outras noites. E nunca mais o nome de Pedro foi pronunciado naquela estância. O inverno entrou e houve horas, longas horas em que o minuano arrepelou as macegas e cortou o ar como uma navalha. Vieram as chuvas, que prenderam na cabana os cinco membros da família, que às vezes se reuniam junto do fogo, onde os homens ficavam a falar da lavoura, do gado, do tempo.

Para Mnneco Terra a filha estava morta e enterrada: não tomava conhecimento de sua presença naquela casa. Antônio e Horácio tratavam Ana com uma aspereza meio constrangida, que lhes vinha duma consciência culpada. Ao lhe dirigirem a palavra, não olhavam para ela de frente, e ficavam desconcertados quando, para lhe evitar os olhos, baixavam a cabeça e davam com o ventre crescido da irmã.

Quando não chovia Ana descia para a sanga. Agora levava duas cargas: a cesta de roupa e o filho, que cada vez lhe pesava mais. Muitas vezes pela manhã seus pés pisavam a geada do caminho. E na água gelada seus dedos ficavam roxos e entanguidos. Durante todo o tempo que passava junto da sanga, a lembrança de Pedro permanecia com ela.

Um dia, olhando o bordado branco que a espuma do sabão fazia na água, teve a sensação de que Pedro nunca tinha existido, e que tudo o que acontecera não passara dum pesadelo. Mas nesse mesmo instante o filho começou a mexer-se em suas entranhas e ela passou a brincar com uma ideia que dali por diante lhe daria a coragem necessária para enfrentar os momentos duros que estavam para vir. Ela trazia Pedro dentro de si.

Pedro ia nascer de novo e portanto tudo estava bem e o mundo no fim de contas não era tão mau. Voltou para casa exaltada…

Mas num outro dia foi tomada de profunda melancolia e escondeu-se para chorar. Ficou na frente da casa, olhando o horizonte e esperando que longe surgisse o vulto dum cavaleiro - Pedro voltando para casa; porque ele não tinha morrido: conseguira fugir e agora vinha buscar a mulher e o filho. Um entardecer sentiu o repentino desejo de montar a cavalo e sair pelo campo em busca do cadáver de seu homem: levaria uma pá, revolveria a terra ao redor de todas as árvores solitárias que encontrasse… Mas montar a cavalo no estado em que se encontrava?

Loucura. Seu ventre estava cada vez maior.

E Ana notava que quanto mais ele crescia, mais aumentava a irritação dos irmãos. O pai, esse nunca olhava para ela nem lhe dirigia a menor palavra.

Comia em silêncio, de olhos baixos, pigarreando de quando em quando, conversando com os filhos ou pedindo uma ou outra coisa à mulher.

Em meados da primavera António mais uma vez foi a Rio Pardo e de lá voltou trazendo mantimentos e artigos que os pais lhe haviam encomendado.

Contou que aquele ano os índios tapes tinham atacado os colonos açorianos nas vizinhanças da vila: ele vira algumas lavouras devastadas e muitas cruzes novas no cemitério. Falou também das festas da inauguração da nova Matriz e, depois de muitos rodeios, comunicou ao pai que estava gostando duma moça, filha dum agricultor do município, e que pensava em casar-se com ela.

— Se vosmecê me dá licença… - acrescentou humildemente. Maneco Terra ficou um instante em silêncio e depois respondeu: - Está bom. Vamos ver isso depois. Quero tomar informações da moça e da família dela.

E não se falou mais no assunto nos dias que se seguiram.

Findava mais um ano e os pêssegos do pomar já estavam quase maduros quando Ana começou a sentir as primeiras dores do parto. Foi num anoitecer de ar transparente e céu limpo. Ao ouvirem os gemidos da rapariga, os três homens encilharam os cavalos, montaram e se foram, sem dizer para onde.

Dona Henriqueta viu-os partir e não perguntou nada. Naquela noite nasceu o filho de Ana Terra. A avó cortou-lhe o cordão umbilical com a velha tesoura de podar. E o sol já estava alto quando os homens voltaram, apearam e vieram tomar mate. Ouviram choro de criança na cabana, mas não perguntaram nada nem foram olhar o recém-nascido.

— É um menino! - disse dona Henriqueta ao marido, sem poder conter um contentamento nervoso.

Maneco pigarreou mas não disse palavra. Quando o pai saiu para fora, Ana ouviu Horácio cochichar para a mãe: - Ela vai bem?

— Vai indo, graças a Deus - respondeu dona Henriqueta. — Está com os ubres cheios. Tem mais leite que uma vaca - acrescentou com orgulho.

Naquele instante Ana dava de mamar ao filho. Estava serena, duma serenidade de céu despejado, depois duma grande chuva.

Três dias depois já se achava de pé, trabalhando. E sempre que ia lavar roupa levava o filho dentro da cesta, e enquanto batia nas pedras as camisas e calças e vestidos, deixava a criança deitada a seu lado. E cantava para ela velhas cantigas que aprendera quando menina em Sorocaba, cantigas que julgava esquecidas, mas que agora lhe brotavam milagrosamente na memória. E a água corria, e a criança ficava de olhos muito abertos, com a sombra móvel dos ramos a dançar-lhe no rostinho cor de marfim.

Pelos cálculos de Antônio deviam já estar no Ano-Novo. Uma noite, depois do jantar, Horácio disse: - Se não me engano, estamos agora no 79. Maneco Terra suspirou.

— Eu só queria saber que nova desgraça este ano vai nos trazer…

Disse estas palavras e começou a enrolar tristemente um cigarro.

Um dia dona Henriqueta sugeriu timidamente ao marido que levasse o neto ao Rio Pardo para que o vigário o batizasse. Maneco pulou, furioso: - No Rio Pardo? Estás louca. Pra todo mundo querer saber quem é o pai da criança? Estás louca. Pra arrastarem meu nome no barro? Estás louca varrida.

— Então o inocente vai ficar pagão?

— O melhor mesmo era ele ter nascido morto - retrucou o velho.

Ana escutou a conversa, serena. Habituara-se de tal modo à situação que já agora nada mais a indignava ou irritava. Um dia havia de aparecer na estância um padre e então batizariam Pedrinho. Se não aparecesse, paciência…

Maneco continuava a ignorar a existência tanto da filha como do neto.

Mas Antônio e Horácio tinham abrandado um pouco no tratamento da irmã.

Dirigiam-lhe a palavra com mais frequência e menos aspereza, embora continuassem a evitar-lhe o olhar. E dona Henriqueta, que

sofria com esse estado de coisas, alimentava a esperança de que com o passar do tempo tudo voltasse a ser como antes. Achava que quando a criança crescesse e começasse a querer subir para o colo do avô, Maneco acabaria por se entregar ao neto. Era casmurro, teimoso como uma mula, mas tinha bom coração. Dona Henriqueta conhecia bem o seu homem, por isso esperava e confiava. E quando algum desconhecido passava pela estância, descia para tomar um mate e fazia perguntas sobre Ana e o filho - enquanto os homens da casa ficavam num silêncio meio agressivo - dona Henriqueta apressava-se a explicar: - Minha filha é viúva. O marido morreu de bexigas, faz meses.

Aquele inverno Maneco Terra foi ao Rio Pardo com um dos filhos e voltou de lá trazendo três escravos de papel passado. Dois deles eram pretos de canela fina, peito largo e braços musculosos; o outro era retaco, de pernas curtas e um jeito de bugio. No dia em que eles chegaram Ana foi até o galpão levar-lhes comida. Antônio - que estava irritado porque o pai apesar de lhe ter aprovado a escolha da noiva aconselhara-o marcar o casamento para dali a um ano - exclamou ao ver a irmã entrar: - Vê agora se vai dormir também com um desses negros! Ana estacou de repente no meio da sala, de cabeça alçada, olhos fuzilando, como uma cobra pronta a dar o bote. Olhou firme para o irmão e cuspiu a palavra que havia muito recalcava: - Assassino!

Antônio ergueu-se num prisco.

— Cobardes! - exclamou Ana, olhando também para os outros homens. — Mataram o Pedro - desabafou ela. — Assassinos!

— Cala essa boca pelo amor de Deus! - implorou dona Henriqueta.

Antônio estava pálido.

— Tu e o Horácio! - gritava Ana, espumando na comissura dos lábios. — Dois contra um, cobardes!

Horácio estava de cabeça baixa. Antônio deu alguns passos e ergueu a mão para bater na irmã. Mas a mãe se precipitou para ele e se lhe dependurou no braço.

— Não, Antônio! Isso não!

Maneco Terra fumava em silêncio, olhando fixamente para seu prato vazio, como se nada visse nem ouvisse.

— Assassinos! - repetiu Ana. — Todos deviam estar mas era na cadeia com os outros bandidos!

Antônio desembaraçou-se da mãe e correu para fora.

Pedrinho tinha começado a berrar. Ainda arfando, Ana aproximou-se do catre, tomou o filho nos braços, desabotoou o vestido e deu-lhe o peito.

A criança acalmou-se em seguida, e por algum tempo no silêncio

do rancho o único som que se ouviu foi o dos chupões que ela dava no seio da mãe.

Os anos chegavam e se iam. Mas o trabalho fazia Ana esquecer o tempo.

No inverno tudo ficava pior: a água gelava nas gamelas que passavam a noite ao relento; pela manhã o chão frequentemente estava branco de geada e houve um agosto em que quando foi lavar roupa na sanga, Ana teve primeiro de quebrar com uma pedra a superfície gelada da água.

Em certas ocasiões surpreendia-se a esperar que alguma coisa acontecesse e ficava meio aérea, quase feliz, para depois, num desalento, compreender subitamente que para ela a vida estava terminada, pois um dia era a repetição do dia anterior - o dia de amanhã seria igual ao de hoje, assim por muitas semanas, meses e anos até a hora da morte. Seu único consolo era Pedrinho, que ela via crescer, dar os primeiros passos, balbuciar as primeiras palavras.

Mas o próprio filho também lhe dava cuidados, incômodos. Quando ele adoecia e não sabia dizer ainda que parte do corpo lhe doía, ela ficava agoniada e, ajudada pela mãe, dava-lhe chás de ervas, e quando a criança gemia à noite ela a ninava, cantando baixinho para não acordar os que dormiam.

De quando em quando chegavam notícias do Rio Pardo pela boca dum passante. Contaram um dia a Maneco Terra que Rafael Pinto Bandeira tinha sido preso, acusado de ter desviado os quintos e direitos da Coroa de Portugal e de ter ficado com as presas apanhadas nos combates de São Martinho e Santa Tecla. Ia ser enviado para o Rio de Janeiro e submetido a conselho de guerra. E o informante acrescentou: - Tudo são invejas do governador José Marcelino, que é um tirano.

Maneco não disse palavra. Não era homem de conversas. Não se metia com graúdos. O que ele queria era cuidar de sua casa, de sua terra, de sua vida.

De toda a história Ana só compreendeu uma coisa: Rafael Pinto Bandeira fora preso como ladrão. E imediatamente lembrou-se daquele remoto dia de vento em que o comandante, todo faceiro no seu fardamento e seu chapéu de penacho, lhe dissera de cima do cavalo: “Precisamos de muitas moças bonitas e trabalhadeiras como vosmecê”.

Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas… O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a

filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda. Em compensação nesse mesmo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver no puxado que tinham feito no rancho.

Em 85 uma nuvem de gafanhotos desceu sobre a lavoura deitando a perder toda a colheita. Em 86, quando Pedrinho se aproximava dos oito anos, uma peste atacou o gado e um raio matou um dos escravos.

Foi em 86 mesmo ou no ano seguinte que nasceu Rosa, a primeira filha de Antônio e Eulália? Bom. A verdade era que a criança tinha nascido pouco mais de um ano após o casamento. Dona Henriqueta cortara-lhe o cordão umbilical com a mesma tesoura de podar com que separara Pedrinho da mãe.

E era assim que o tempo se arrastava, o sol nascia e se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham, deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas.

E havia períodos em que Ana perdia a conta dos dias. Mas entre as cenas que nunca mais lhe saíram da memória estavam as da tarde em que dona Henriqueta fora para a cama com uma dor aguda no lado direito, ficara se retorcendo durante horas, vomitando tudo que engolia, gemendo e suando frio. E quando Antônio terminou de encilhar o cavalo para ir até o Rio Pardo buscar recursos, já era tarde demais. A mãe estava morta. Era inverno e ventava. Naquela noite ficaram velando o cadáver de dona Henriqueta. Todos estavam de acordo numa coisa: ela tinha morrido de nó na tripa. Um dos escravos disse que conhecia casos como aquele.

Fosse como fosse, estava morta. Descansou - disse Ana para si mesma; e não teve pena da mãe. O corpo dela ficou estendido em cima duma mesa, enrolado na mortalha que a filha e a nora lhe haviam feito. Em cada canto da mesa ardia uma vela de sebo. Os homens estavam sentados em silêncio. Quem chorava mais era Eulália. Pedrinho, de olhos muito arregalados, olhava ora para a morta ora para as sombras dos vivos que se projetavam nas paredes do rancho. Ana não chorou. Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava. Podia haver outra vida depois da morte, mas também podia não haver. Se houvesse, estava certa de que dona Henriqueta iria para o céu; se não houvesse, tudo ainda estava bem, porque sua mãe ia descansar para sempre. Não teria mais que cozinhar, ficar horas e horas pedalando na roca, em cima do estrado, fiando, suspirando e cantando as cantigas tristes de sua mocidade. Pensando nessas coisas, Ana olhava para o pai que se achava a seu lado, de cabeça baixa, ombros encurvados, tossindo muito, os olhos riscados de sangue.

Não sentia pena dele. Por que havia de ser fingida? Não sentia.

Agora ele ia ver o quanto valia a mulher que Deus lhe dera. Agora teria de se apoiar na nora ou nela, Ana, pois precisava de quem lhe fizesse a comida, lavasse a roupa, cuidasse da casa. Precisava, enfim, de alguém a quem pudesse dar ordens, como a uma criada. Henriqueta Terra jazia imóvel sobre a mesa e seu rosto estava tranquilo.

No outro dia pela manhã enterraram-na perto do Lucinho, no alto da coxilha, e sobre o seu túmulo plantaram outra cruz feita com dois galhos de guajuvira. Quando voltaram para casa, soprava o minuano sob um céu limpo e azul. Maneco e Antônio iam na frente, com as pás às costas.

As mesmas pás que cavaram a sepultura do Pedro - pensou Ana, que descia a encosta puxando o filho pela mão.

À noite Pedrinho, que dormia abraçado à mãe, apertou-a de leve e cochichou: - Mãe.

Ana Terra voltou-se para ele resmungando: - Que é?

— Está ouvindo?

— Ouvindo o quê?

— Um barulho. Escuta…

Ana abriu os olhos, viu a escuridão e ouviu o ressonar de Maneco.

— É o teu avô roncando - disse.

— Não é, não. É a roca.

Sim, Ana agora ouvia o ruído da roca a rodar, ouvia as batidas do pedal, bem como nos tempos em que sua mãe ali se ficava a fiar e a cantar. Não havia dúvida: era o som da roca. Mas procurou tranquilizar o filho.

— Não é nada. Dorme, Pedrinho.

Ficaram em silêncio. Mas não puderam dormir. Ana escutava o ta-ta-ta da roda, que agora se confundia com as batidas apressadas de seu próprio coração e com as do coração de Pedro que ela tinha apertado contra o peito.

Devia ser a alma de sua mãe que voltava para a casa à noite e, enquanto os outros dormiam, punha-se a fiar. Sentiu um calafrio. Quis erguer-se, ir ver, mas não teve coragem.

—É ela, mãe? - sussurrou Pedro. — Ela quem?

— A vovó.

— Tua avó está enterrada lá em cima da coxilha.

— E a alma dela.

— Não é nada, meu filho. Deve ser o vento.

Em outras madrugadas Ana tornou a ouvir o mesmo ruído. Por fim convenceu-se de que era mesmo a alma da mãe que vinha fiar na calada da noite. Nem mesmo na morte a infeliz se livrara de sua sina de trabalhar, trabalhar, trabalhar…

Em princípios de 89 Maneco Terra realizou o grande sonho de sua

vida.

Foi a Rio Pardo, comprou sementes de trigo e conversou com alguns colonos que o haviam plantado com sucesso e que lhe ensinaram preparar a terra e semear. Maneco voltou para casa contente. Pela primeira vez em muitos anos Ana viu-o sorrir. Chegou, abraçou Eulália e Antônio, resmungou constrangido uma palavra para a filha e outra para o neto e foi logo contando as novidades Rafael Pinto Bandeira - ouvira dizer no Rio Pardo - tinha sido absolvido no Rio de Janeiro e voltara de lá com glórias e honrarias. E depois de ter sido durante alguns anos governador do Continente ("Vejam só, um homem que já comeu na minha mesa e apertou a minha mão.") havia casado, na vila do Rio Grande, com uma dama natural da Colônia do Sacramento. Maneco falara também com Horácio e sentira um aperto de coração ao vê-lo atrás dum balcão vendendo cachaça e rapadura aos caboclos vadios da vila.

Durante o mês de junho Maneco e Antônio aprontaram a terra para plantar o trigo. Toda a gente da casa, inclusive Pedrinho, que ia já a caminho dos onze anos, foi para a lavoura. Limparam primeiro o terreno, arrancando as raízes e as ervas. Depois viraram a terra, trabalhando de sol a sol. Quando voltaram ao anoitecer para o rancho, Eulália esperava-os com o jantar pronto: carne de veado, abóbora, mandioca e feijão. Maneco estava excitado e parecia ter rejuvenescido. Fazia contas nos dedos, ficava às vezes absorto nos próprios pensamentos, esquecido da comida que fumegava no prato. Plantaria poucos alqueires, para experimentar a qualidade da terra; e naturalmente continuaria com o milho, a mandioca e o feijão. Se o trigo desse bem, aumentaria o trigal.

Com o produto da venda do primeiro trigo colhido poderia comprar mais uma junta de bois, ferramentas e mais escravos. E era preciso arranjar o quanto antes mais uma carreta.

— Uma pena é o Horácio não estar também aqui com a gente - murmurou ele de repente, ao cabo de longo silêncio.

Quando cessaram as primeiras chuvas de inverno - julho devia estar principiando - começaram a semear. Lançaram as sementes nos sulcos (quanto mais fundo o rego, melhor - sabia ele). Na noite do dia em que se fez a primeira semeadura, Maneco teve um sono agitado. Ana ouviu-o revolver-se na cama e finalmente levantar-se e sair. Ergueu-se também, foi até a porta e olhou para fora. Era uma noite de lua cheia, de ar parado e frio. Avistou o pai, que caminhava para a lavoura. Seguiu-o com os olhos e viu-o ficar olhando longamente a terra, como se o calor de seu olhar pudesse fazer as sementes germinarem. Quando ele se voltou e começou a andar na direção do rancho, Ana tornou a deitar-se.

Uma semana depois, certa manhã, mal o sol havia raiado,

Pedrinho entrou em casa todo alvorotado, no momento em que o avô e o tio tomavam chimarrão e as mulheres se preparavam para ir tirar leite no curral.

— Mãe! - gritou ele. — Mãe! O trigo está nascendo! Maneco Terra largou a cuia sobre a mesa, ergueu-se, rápido, e ficou olhando para o neto. O menino estava transfigurado e havia no seu rosto uma alegria tão radiosa que chegava quase a transformá-lo num foco de luz.

— O trigo já está aparecendo… - disse ele. — Uma coisinha verde. Tão bonita, mãe, tão…

Calou-se, engasgado. Brotaram-lhe lágrimas nos olhos. Maneco e Antônio precipitaram-se para fora e correram para a lavoura. As sementes efetivamente haviam brotado. A terra era boa! O trigo punha a cabeça para fora, procurava o sol!

Nos dias que se seguiram foram aparecendo as folhas. E os talos cresceram. Pedrinho seguia de perto o desenvolvimento das plantas e todos os dias à hora das refeições contava o que havia observado.

Uma tarde, ao voltar da sanga, Ana viu Maneco Terra e o neto conversando animadamente na frente da casa, como dois bons amigos.

Falavam do trigo. Ela sorriu e entrou em casa de olhos baixos.

Depois que as espigas apareceram, sempre que geava os Terras tomavam duma longa corda, Antônio pegava numa ponta e Maneco na outra e começavam a andar de cima a baixo na lavoura, passando a corda sobre as espigas, para limpá-las da geada.

Passaram-se os meses, o inverno acabou e quando entrou o verão Maneco cortou uma espiga, procurou esmagar os grãos entre os dedos e, como encontrasse resistência, concluiu: “Está maduro. Podemos colher”. E num dia seco e limpo de fevereiro todos foram para a lavoura com suas foices. Ana surpreendeu-se vendo o pai assobiar. Era um assobio agudo, cuja melodia, confusa e sincopada, tinha o ritmo do trote do cavalo.

Trabalharam como mouros naquele dia e nos que se seguiram. À noite iam para a cama exaustos e muitas vezes Ana estava tão excitada que não conseguia pregar olho. Ficava então acordada, ouvindo o ressonar leve do filho, que dormia a seu lado, e pensando no dia em que pudesse ir-se embora dali com Pedrinho.

Depois que os feixes de espigas foram amarrados e guardados debaixo duma ramada, Maneco Terra voltou para casa à hora do almoço e quando Ana lhe serviu o prato de fervido ele quase sorriu para a filha.

Mas notícias pressagas escureceram aquela alegria. Um tropeiro que passara pela estância, rumo do Rio Pardo, contou-lhes, alarmado, que um grupo de bandidos castelhanos se encaminhava para ali, saqueando estâncias, matando gente, violentando mulheres.

Maneco escutou a notícia num silêncio sombrio. E quando

Antônio lhe perguntou que deviam fazer, respondeu simplesmente: - Esperar.

O tropeiro se foi, prometendo pedir providências ao comandante da praça do Rio Pardo. Podiam mandar os dragões para enfrentar os bandoleiros. Não era para isso que a Coroa pagava seus oficiais e seus soldados?

Naquela noite Maneco e Antônio ficaram por muito tempo azeitando e carregando as espingardas. E os dois escravos revezaram-se no posto de sentinela no alto duma coxilha, de onde podiam dominar com o olhar léguas em derredor. A noite se passou em calma. No dia seguinte os homens foram para o trabalho e trataram de trazer o gado e os cavalos para mais perto da casa. E como se passassem outros dias sem novidade, a tensão nervosa dos Terras afrouxou e eles começaram a ter esperanças de que os castelhanos, temendo aproximar-se demais da vila, onde havia forças regulares, tivessem mudado de rumo.

Uma tarde Ana Terra olhou bem para o filho e começou a ver nele traços do pai: os olhos meio oblíquos, as maçãs salientes, o mesmo corte de boca. Pedrinho era um menino triste, gostava de passeios solitários e, agora que completara onze anos, começava a fazer perguntas. Um dia indagou: - E o meu pai?

— Morreu - disse Ana - morreu antes de tu nascer.

— É ele que está enterrado lá em cima?

— Não. Uma daquelas cruzes é da sepultura da tua avó. A outra é do teu tio.

— Mas onde foi que enterraram o meu pai?

Antônio, que estava perto e ouvira a pergunta, baixou os olhos e tratou de afastar-se. Ana Terra sentiu uma apertura na garganta, mas respondeu firme: - Morreu numa guerra, muito longe daqui.

Um dia surpreendeu o menino a brincar com o punhal de prata.

— Posso ficar com esta faca, mãe?

Ela sorriu e sacudiu a cabeça afirmativamente. E Pedro dali por diante começou a riscar com a ponta do punhal os troncos das árvores, fazendo desenhos que surpreendiam a mãe: cavalos, bois, casas, pés de trigo, árvores e até caras de pessoas. Ela olhava e sorria. E consigo mesma dizia: “Bem como o pai. Sabe fazer coisas”.

Certa manhã, estando Ana e Eulália a fazer pão, ouviram vozes excitadas no galpão e Antônio entrou correndo na cabana seguido de Maneco e dum dos escravos.

— Os castelhanos vêm aí! - gritou ele com voz que a comoção tornava gutural.

Eulália ficou mortalmente pálida, deixou cair a forma que tinha na mão. O primeiro pensamento de Ana foi para o filho.

— Pedrinho! - gritou ela.

O rapaz apareceu, Ana abraçou-o e pôs-se a olhar para os lados, aflita, sem saber que fazer.

Maneco e Antônio apanharam as espingardas e deram um velho mosquete ao escravo.

— Corram pró mato!- ordenou Maneco à filha e à nora. — E levem as crianças. Ligeiro!

Ana ergueu nos braços a filha de Antônio, tomou a mão de Pedro e, fazendo um sinal para a cunhada, gritou: - Vamos!

Saíram. O outro escravo, que estava agachado atrás duma árvore, espiando os castelhanos, gritou para as mulheres: - Aproveitem que lá de baixo não podem enxergar vosmecês.

— Quantos são? - perguntou Ana sem parar nem voltar a cabeça para o negro.

— Tem mais castelhano que dedo na minha mão - respondeu ele.

— Tome a criança! - disse Ana, passando Rosa para os braços da mãe.

Apertou Pedro contra o peito, beijou-lhe o rosto muitas vezes e disse: - Leve a tia Eulália pró fundo do mato, lá pr'aquela cova que tu sabes.

Os olhos do menino brilharam.

— Eu estou armado, mãe! - exclamou ele com orgulho, segurando o punhal que trazia à cinta.

Eulália perdera a fala, e o pavor velava-lhe os olhos.

— Agora corram! - gritou Ana. — Corram! Corram! Pedrinho tomou a mão da tia e puxou-a. Mal havia dado alguns passos, voltou-se: - Vem, mãe!

Ana acenou-lhe com os braços e gritou: - Eu vou depois. Mas aconteça o que acontecer, só saiam quando eu chamar. — Num desespero repetiu: - Só quando eu chamar!

Fez meia-volta e correu para casa, onde Maneco e Antônio combinavam o que deviam fazer quando os castelhanos se aproximassem. Recebê-los a bala? Era loucura. Estavam em número muito inferior e não poderiam resistir nem durante meia hora…

Ao verem Ana entrar, interromperam a conversa, e foi com uma irritação nervosa que o velho perguntou: - Por que não foi pró mato? Ana não respondeu.

— Corra, Ana! - exclamou Antônio, agarrando o braço da irmã e tentando arrastá-la para fora. Mas ela resistiu, desvencilhou-se dele e disse: - Se eu me escondo eles nos procuram no mato, porque logo vão ver pelas roupas do baú que tem mulher em casa. Se eu fico, eles pensam que sou a única e assim a Eulália e as crianças se salvam.

— E vosmecê sabe o que pode lê acontecer? - perguntou-lhe o pai.

Ana sacudiu lentamente a cabeça. Maneco encolheu os ombros e deixou escapar um suspiro.

Combinaram tudo. Antônio sairia para se entender com os castelhanos enquanto os outros ficariam dentro de casa, preparados para tudo. Se os bandidos quisessem apenas saquear a estância, respeitando a vida das pessoas, ainda estaria tudo bem. Era só apear e começar a pilhagem… (E ao decidir isso Maneco pensava com dor no coração no seu rico trigo, que lá estava debaixo da ramada.) Mas se aqueles renegados não quisessem respeitar nem as pessoas, o remédio era resistir e morrer como homem, de arma na mão.

Antônio apanhou a espingarda e saiu. Maneco também tomou da sua arma e foi colocar-se junto duma das janelas. Suas mãos tremiam e a sua respiração era um sopro forte, como a dum touro. O escravo que empunhava também arma de fogo, estava acocorado no chão, perto da porta, e tremia tanto que Ana temeu que lá de fora pudessem ouvir-lhe o bater dos dentes; e pela sua cara, dum negro meio azulado, o suor escorria em grossas bagas. Enquanto isso, o escravo que estava desarmado, segurava a cabeça com ambas as mãos e chorava um choro solto e convulsivo.

Automaticamente Ana começou a rezar. Seus olhos ergueram-se para o crucifixo, postaram-se no Cristo de nariz carcomido. Padre nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome…. O coração batia-lhe com uma força surda. O tropel se aproximava e ela ouviu, vindo lá de fora, o resfolgar dos cavalos, o tinir de espadas. Depois, um silêncio.

Uma voz rouca perguntou: - Donde están los otros?

Ana mal reconheceu a voz do irmão quando ele respondeu, meio engasgado: - Dentro de casa.

— Que salgan! Bamos!

— Vosmecê pode me dizer. . — começou Antônio.

I - Perro súcio!

Ouviu-se um estampido lá fora. E em seguida Maneco disparou o mosquete. Pelo vão da porta o escravo atirou também. Ana rojou-se ao chão, de todo o comprimento, colou-se à terra, enquanto outros estrondos fendiam o ar e as balas esburacavam as paredes do rancho. De olhos fechados, Ana ouvia os gritos e os tiros, sentia cair-lhe poeira sobre o corpo, enterrava com desespero as unhas no chão. Santa Maria Mãe de Deus - pensava ela - rogai por nós pecadores… Da boca entreaberta saía-lhe com a respiração uma baba visguenta. De repente ela viu, mais com os ouvidos que com os olhos, que a parede da frente vinha abaixo. Um dos bandidos entrava no rancho a cavalo, distribuindo golpes de espada a torto e a direito. Ana sentiu tão perto o resfolegar do animal que escondeu a cabeça nas mãos e esperou agoniada que patas lhe esmagassem o crânio ou que espadas lhe varassem o corpo.

A gritaria continuava. Mãos fortes agarraram Ana Terra no ar, e

puseram-na de pé. A mulher abriu os olhos: cresceram para ela faces tostadas, barbudas, lavadas em suor.

— Mira que guapa!

Um dos homens apertou-lhe os seios. E depois Ana viu uma cara de beiços carnudos, com dentes grandes e amarelados - e esses beiços, que cheiravam a cachaça e sarro de cigarro, se colaram brutalmente aos seus num beijo que foi quase uma mordida. Ana cuspiu com nojo e os homens desataram a rir.

Um suor gelado escorria-lhe pela testa, entrava-lhe nos olhos, fazendo-os arder e aumentando-lhe a confusão do que via: o pai e o irmão ensanguentados, caídos no chão, e aqueles bandidos que gritavam, entravam no rancho, quebravam móveis, arrastavam a arca, remexiam nas roupas, derrubavam a pontapés e golpes de facão as paredes que ainda estavam de pé. Mas não lhe deram tempo para olhar melhor. Começaram a sacudi-la e a perguntar: - Donde está Ia plata?

La plata… Ia plata… Ia plata… Ana estava estonteada. Alguém lhe perguntava alguma coisa. Dois olhos sujos e riscados de sangue se aproximaram dos dela. Mãos lhe apertavam os braços. Donde está? Donde está? La plata, Ia plata… Ela sacudia a cabeça freneticamente, e a cabeça lhe doía, latejava, doía… La plata… k plata…

Braços enlaçaram-lhe a cintura e Ana sentiu contra as costas, as nádegas, as coxas, o corpo duro dum homem; e lábios úmidos e mornos se lhe colaram na nuca, desceram em beijos chupados pelo cogote, ao mesmo tempo que mãos lhe rasgavam o vestido.

La plata… La plata… E Ana começou a andar à roda, de braço em braço, de homem em homem, de boca em boca.

— Bamos, date prisa, hombre.

Tombaram-na, e mãos fortes que lhe faziam pressão nos ombros, nos pulsos, nos quadris e nos joelhos imobilizaram-na contra o solo. Ana começou a mover a cabeça dum lado para outro, com uma força e uma rapidez que a deixavam ainda mais estonteada.

— Capitán! Usted primero!

Ana sentiu que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua. Um homem caiu sobre ela. Num relâmpago Ana pensou em Pedro, um rechinar de cigarra atravessou-lhe a mente e entrou-lhe, agudo e sólido, pelas entranhas.

Ela soltou um grito, fez um esforço para se erguer mas não conseguiu. O homem resfolgava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que lhe cuspia nas faces, procurando ao mesmo tempo mordê-lo. (Por que Deus não me mata?) Veio outro homem. E outro. E outro. E ainda outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Por fim perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, o sol estava a pino. Ergueu-se, devagarinho, estonteada, com um peso na cabeça, uma dor nos rins. Olhou em torno e de repente lembrou-se de tudo. No primeiro momento teve a sensação de estar irremediavelmente suja, desejou um banho e ao mesmo tempo quis morrer. Tinha ainda nas narinas o cheiro daqueles homens nojentos.

Levantou-se lentamente, gemendo. Àquela hora o clarão do sol tinha uma intensidade que fazia mal aos olhos.

Não havia sombras sobre a terra e o silêncio em torno era enorme. Ana olhou para a ramada: os bandidos haviam levado todo o trigo e as carretas. O rancho estava completamente destruído. E de súbito, num choque, ela deu com os cadáveres… Lá estava o velho Maneco todo coberto de sangue, caído de costas: uma bala abrira-lhe um rombo na testa. A poucos passos dele, caído de borco, Antônio tinha a cara metida numa poça de lama sangrenta. Mais além, um dos escravos com a cabeça separada do corpo. Por um momento Ana sentiu uma náusea, um novo desfalecimento. Que fazer? Que fazer? Que fazer? Não atinava com coisa alguma. Julgou que ia enlouquecer. Não conseguia nem pensar direito. De olhos fechados ali ficou por muito tempo, sob o olho do sol, apertando a cabeça com as mãos.

Foi então que, de súbito, lembrando-se de Pedrinho, precipitou-se coxilha abaixo na direção da sanga. Ia de pernas moles, passos incertos, chorando e gemendo, e a cada passo uma agulhada como que lhe trespassava os rins. Ana sentia sede mas ao mesmo tempo sabia que se botasse alguma coisa no estômago imediatamente vomitaria. Porque não podia tirar do pensamento a imagem dos mortos, e ainda sentia o cheiro daqueles homens imundos. Um banho, um banho… Pensando nisso, corria.

De repente afrouxaram-se-lhe as pernas e ela caiu de cara no chão e ali ficou ofegante por algum tempo. Depois fez um esforço, tornou a erguer-se e continuou a correr. Avistou a corticeira… E à medida que se aproximava dela um novo horror lhe ia tomando conta do espírito. E se lá embaixo à beira do mato encontrasse o filho, a cunhada e a sobrinha mortos também? E então começou a desejar não chegar nunca, mas apesar disso corria sempre. Finalmente chegou à sanga. Pedro! Pedro! Pedro! - gritou. Mas ela não chamava o filho. Chamava o pai de seu filho, como se ele pudesse ouvi-la e vir socorrê-la. Era melhor morrer, morrer duma vez - decidiu de repente. Lembrou-se dos homens que se haviam cevado no seu corpo, e sem pensar, num assomo de desespero, atirou-se no poço. A água ali cobria um homem alto. Ana deixou-se ir ao fundo, mas instintivamente fechou a boca, apertou os lábios, começou a bracejar, veio à tona e por fim agarrou-se numa pedra, arquejante, encostou o rosto nela e ficou olhando estupidamente para um pequeno inseto verde que lhe pousara na mão.

Saiu de dentro d'água, atirou-se no chão e ali permaneceu - por quanto tempo? - com a cabeça escondida nas mãos, tratando de pôr ordem nos pensamentos, para não ficar louca. Levantou-se e caminhou para o mato.

— Pedrinho! - gritou. — Pedrinho!

Ficou escutando. Sua voz morreu por entre as árvores. Nenhuma resposta. — Eulália! Eulália! - tornou a gritar. Nada.

— Pedrinho! Sou eu… a mamãe!

E então, de repente, por trás duns arbustos apareceu uma cabeça.

— Meu filho!

O rapaz correu para a mãe e atirou-se nos braços dela. Eulália também surgiu, lívida, com a filha adormecida no colo. E Ana ficou olhando para a cunhada com olhos estúpidos, querendo contar tudo mas sem coragem de dizer palavra. Quedaram-se por longo tempo a olhar uma para a outra, num silêncio imbecil.

— Que foi que aconteceu, mãe? - perguntou Pedro. Ana não respondeu. O rapaz tornou a perguntar: - Os bandidos já foram? Onde está o vovô? Onde está o titio?

Ana olhava sempre para a cunhada. Os olhos de Eulália continham uma pergunta ansiosa e ao mesmo tempo já refletiam o horror da resposta que ela sabia que ia ouvir. Ana finalmente recobrou a voz, e foi com frieza, quase com alegria que disse: - Estão todos mortos.

Fez meia-volta e, puxando o filho pela mão, começou a subir a coxilha na direção da casa, sem voltar a cabeça para trás.

E durante toda aquela tarde as duas mulheres e o menino ficaram a enterrar seus mortos. Eulália pouco ou nada pôde fazer, pois estava tomada duma crise nervosa, e o pior - achava Ana - é que a coitada não conseguia chorar: soluços secos sacudiam-lhe o corpo, e havia momentos em que ela ficava apenas a olhar fixamente para o chão, o rosto vazio de expressão, a boca semi-aberta, os braços caídos, os olhos vidrados.

Ana auscultou o coração do pai: já não pulsava mais; fechoulhe os olhos sem emoção e depois foi encostar o ouvido no peito de António, cujo coração também cessara de bater. Era preciso enterrá-los antes que caísse a noite. Enrolou-os nas estopas que serviam de repartição na casa, tomou da pá e começou a cavar as sepulturas. Quando ela cansava, Pedro revezava-a no trabalho. Antes do anoitecer os quatro mortos estavam enterrados, mas Ana, Eulália e Pedrinho não saberiam mais dizer em qual daquelas sepulturas sem nomes nem cruzes estava o corpo de Maneco ou o de António. Mas que importava? O principal é que tinham sido enterrados, não ficariam ali para servir de pasto aos urubus.

Chegou a noite - uma noite morna, de ar parado - e as duas

mulheres atiraram-se no chão, extenuadas. Eulália então apertou a filha contra o peito e desatou o pranto. Ana não disse nem fez nada, mas estava contente por ver a cunhada finalmente botar para fora aquele choro que a engasgava. Só fechou os olhos quando, cessados os soluços, viu a outra adormecer. Ana Terra dormiu um sono atormentado de febre, acordou no meio da noite e a primeira coisa que viu foram as quatro sepulturas sob o luar. Ergueu-se e caminhou na direção da cabana. Lembrava-se agora de que o pai, ao saber da aproximação dos bandidos, enterrara todo o dinheiro que havia em casa. Tomou da pá e começou a cavar a terra bem no lugar onde estivera uma das camas. Encontrou o cofre de madeira com algumas onças e muitos patacões. Tomou-o nos braços, como quem segura uma criança recém-nascida, e ficou parada, ali no meio das ruínas do rancho, olhando para os móveis quebrados que estavam espalhados a seu redor. De repente avistou, intata sobre o pequeno estrado, a roca de dona Henriqueta. Ainda bem que mamãe está morta - pensou.

Havia uma imensa paz naqueles campos. Mas Ana começou a temer o novo dia que em breve ia raiar. Que fazer agora? Para onde ir? Não era possível ficarem sozinhas naquele descampado. Pensou em Hoiácio… Não, não tinha coragem de ir para o Rio Pardo: o irmão podia envergonhar-se dela. O melhor era procurar outro sítio.

Pensou também no que iam comer. Não tinha ficado nada em casa. Os bandidos haviam levado o gado, as ovelhas, as vacas leiteiras e até as mantas de charque e as linguiças que pendiam do varal, por cima do fogão.

Ana respirou fundo e teve um estremecimento desagradável; tinha ainda nas narinas o cheiro dos castelhanos… (La plata! Donde está Ia plata?

La plata!)

Longe, no mato cantou um urutau. Ana Terra voltou para perto de Pedrinho, sentou-se em cima do cofre e ficou a contemplar o filho, que dormia. Estava ainda acordada quando o primeiro sol dourou o rosto do menino.

Mal raiou o dia, Ana ouviu um longo mugido. Teve um estremecimento, voltou a cabeça para todos os lados, procurando, finalmente avistou uma das vacas leiteiras da estância, que subia a coxilha na direção do rancho. A Mimosa! - reconheceu. Correu ao encontro da vaca, enlaçou-lhe o pescoço com os braços, ficou por algum tempo a sentir contra o rosto o calor bom do animal e \ a acariciar-lhe o pelo do pescoço. Leite pras crianças - pensou. O dia afinal de contas começava bem. Apanhou do meio dos destroços do rancho um balde amassado, acocorou-se ao pé da vaca e começou a ordenhá-la. E assim, quando Eulália, Pedrinho e Rosa acordaram, Ana

pôde oferecer a cada um deles um caneco de leite.

— Sabe quem voltou, meu filho? A Mimosa.

O menino olhou para o animal com olhos alegres.

— Fugiu dos bandidos! - exclamou ele.

Bebeu o leite morno, aproximou-se da vaca e passou-lhe a mão pelo lombo, dizendo: - Mimosa velha… Mimosa valente… < O animal parecia olhar com seus olhos remelentos e tristonhos para as sepulturas. Pedro então perguntou: - E as cruzes, mãe?

— É verdade. Precisamos fazer umas cruzes.

Com pedaços de taquara amarrados com cipós, mãe e filho fizeram quatro cruzes, que cravaram nas quatro sepulturas. Enquanto faziam isso, Eulália, que desde o despertar não dissera uma única palavra, continuava sentada no chão a embalar a filha nos braços, os olhos voltados fixamente para as bandas do Rio Pardo.

No momento em que cravara a última cruz, Ana teve uma dúvida que a deixou apreensiva. Só agora lhe ocorria que não tinha escutado o coração dum dos escravos. O mais magro deles estava com a cabeça decepada - isso ela não podia esquecer… Mas e o outro? Ela estava tão cansada, tão tonta e confusa que nem tivera a ideia de verificar se o pobre do negro estava morto ou não. Tinham empurrado o corpo para dentro da cova e atirado terra em cima… Ana olhava, sombria, para as sepulturas.

Fosse como fosse, agora era tarde demais. “Deus me perdoe” - murmurou ela. E não se preocupou mais com aquilo, pois havia muitas outras coisas em que pensar.

Começou a catar em meio dos destroços do rancho as coisas que os castelhanos haviam deixado intatas: a roca, o crucifixo, a tesoura grande de podar - que servira para cortar o umbigo de Pedrinho e de Rosa - algumas roupas e dois pratos de pedra. Amontoou tudo isso e mais o cofre em cima dum cobertor e fez uma trouxa.

Naquele dia alimentaram-se de pêssegos e dos lambaris que Pedrinho pescou no poço. E mais uma noite desceu - clara, morna, pontilhada de vagalumes e dos gemidos dos urutaus.

Pela madrugada Ana acordou e ouviu o choro da cunhada. Aproximou-se dela e tocou-lhe o ombro com a ponta dos dedos.

— Não há de ser nada, Eulália…

Parada junto de Pedro e Rosa, com um vagalume pousado a luciluzir entre os chifres, a vaca parecia velar o sono das duas crianças, como um anjo da guarda.

— Que vai ser de nós agora? - choramingou Eulália.

— Vamos embora daqui.

— Mas pra onde?

— Pra qualquer lugar. O mundo é grande.

Ana sentia-se animada, com vontade de viver. Sabia que por

piores que fossem as coisas que estavam por vir, não podiam ser tão horríveis como as que já tinha sofrido. Esse pensamento dava-lhe uma grande coragem.

Ali deitada no chão a olhar para as estrelas, ela se sentia agora tomada por uma resignação que chegava quase a ser indiferença. Tinha dentro de si uma espécie de vazio: sabia que nunca mais teria vontade de rir nem de chorar. Queria viver, isso queria, e em grande parte por causa de Pedrinho, que afinal de contas não tinha pedido a ninguém para vir ao mundo. Mas queria viver também de raiva, de birra. A sorte andava sempre virada contra ela. Pois Ana estava agora decidida a contrariar o destino. Ficara louca de pesar no dia em que deixara Sorocaba para vir morar no Continente. Vezes sem conta tinha chorado de tristeza e de saudade naqueles cafundós. Vivia com o medo no coração, sem nenhuma esperança de dias melhores, sem a menor alegria, trabalhando como uma negra, e passando frio e desconforto… Tudo isso por quê? Porque era a sua sina. Mas uma pessoa pode lutar contra a sorte que tem. Pode e deve.

E agora ela tinha enterrado o pai e o irmão e ali estava, sem casa, sem amigos, sem ilusões, sem nada, mas teimando em viver. Sim, era pura teimosia. Chamava-se Ana Terra. Tinha herdado do pai o gênio de mula.

Soergueu o busto, olhou as coxilhas em torno e avistou um fogo, muito longe, na direção do nascente.

Boitatá - pensou. E lembrou-se imediatamente da noite de verão em que Pedro Missioneiro, acocorado na frente do rancho, lhes contara a história da teiniaguá. O fogo que ela via agora parecia uma estrela caída, graúda e amarelona. E como ela não se apagasse, Ana concluiu que devia ser o fogo dum acampamento. Soldados? Ao pensar nisso tornou a sentir o cheiro dos castelhanos, e a lembrança de homem lhe trouxe de novo uma sensação de repulsa e de ódio. Mas podia bem ser o acampamento dum carreteiro, e nesse caso a carreta podia passar por ali no dia seguinte. Ana Terra começou a sentir no corpo o calor duma esperança nova. Iam ver gente, talvez gente de bem, algum tropeiro continentino que vinha da vila do Rio Pardo… Tornou a deitar-se mas continuou a olhar para o 'fogo. Pouco a pouco o sono começou a pesar-lhe nas pálpebras. Ana cerrou os olhos, dormiu e sonhou que andava numa carreta, muito devagar, e ia para São Pardo, cidade que ficava muito longe, e todo o tempo da viagem ela chorava, porque Pedrolucinho tinha ficado sepultado no alto duma coxilha: ela mesma o enterrara vivo, só porque o coitadinho não era bem branco; e por isso agora chorava, enquanto as rodas da carreta chiavam e o carreteiro gritava: Ooche, boi! Ooche, boi!

Na manhã seguinte o sol já estava alto quando as mulheres viram aproximar-se duas carretas, conduzidas por três homens a cavalo. Um

deles esporeou o animal e precipitou-se a galope coxilha acima, estacando ao chegar perto de Ana e Eulália.

— Buenas! - disse, batendo com o dedo na aba do chapéu. Olhou em torno, viu o rancho destruído, as sepulturas, tornou a encarar as mulheres e perguntou: - Mas que foi que aconteceu por aqui, ainda que mal pergunte?

Ana contou-lhe tudo. O desconhecido escutou num silêncio soturno e, quando a mulher terminou a narrativa, ele cuspinhou e disse por entre dentes: - Castelhanada do inferno!

Apeou e, segurando a rédea do animal, aproximou-se das mulheres, estendeu-lhes uma mão áspera e frouxa e disse: - Marciano Bezerra, criado de vosmecês.

Em breve as carretas e os outros dois homens chegavam ao topo da coxilha, e Marciano repetiu aos companheiros o que ouvira de Ana. De dentro das carretas caras espantadas olhavam. Havia três mulheres moças, quatro crianças e uma velha de rosto tão enrugado e cor de ocre que lembrou a Ana um origone.

As mulheres desceram das carretas e ficaram a olhar para Ana e Eulália, como se estas fossem bichos raros.

— Pr'onde é que vão? - perguntou Ana a um dos homens. Marciano Bezerra apressou-se a esclarecer: - Vamos subir a serra. Já ouviu falar no coronel Ricardo Amaral?

— Não - respondeu Ana.

— É o estancieiro mais rico da zona missioneira. É tio-avô da minha mulher. Consegui umas terrinhas perto dos campos dele. Diz que há outras famílias por lá. O velho parece que quer fundar um povoado.

— Um povoado? - perguntou Ana, meio vaga. O homem sacudiu afirmativamente a cabeça.

— É muito longe daqui?

·- Bastantinho - disse o Marciano, picando fumo para um cigarro e olhando o horizonte com os olhos apertados.

Ana pensou no cofre. Tinha o suficiente para pagar àquela gente pelo transporte e ainda lhe sobraria dinheiro para comprar alguns alqueires de terra. Podiam principiar a vida de novo. Chamou Eulália à parte.

— E se a gente fosse com eles?

— Pra onde?

— Pra esse lugar.

— Onde é que fica?

— Pras bandas do norte, subindo a serra.

— E nós deixamos… isto aqui?

Ana sacudiu a cabeça lentamente. Não poderiam mais continuar vivendo sozinhas naquele descampado.

— Quem sabe vosmecê quer ir pró Rio Pardo? - perguntou ela, encarando a cunhada. O rosto de Eulália, descarnado e amarelento, era o duma pessoa doente e já sem vontade.

— Não tenho mais ninguém de meu no Rio Pardo - suspirou ela.

— Vamos então com esta gente?

Eulália sacudiu os ombros magros. — Que me importa?

Naquele instante Pedrinho brincava com o perdigueiro que acompanhava os carreteiros; o cachorro sacudia o rabo e lambia as mãos do menino.

Sempre num silêncio meio assustado, as mulheres e as crianças tornaram a voltar para as carretas.

— Seu Marciano! - chamou Ana Terra.

O homem aproximou-se, com o cigarro apertado entre os dentes.

— Pronto, dona.

— Nós queremos ir com vosmecês…

Por alguns instantes o carreteiro ficou em silêncio, o ar indeciso.

— Temos dinheiro pra lê pagar - acrescentou Ana.

— Quem foi que falou em dinheiro, moça?

— Mas vosmecê parece que não gostou…

— Não é causo de gostar ou não gostar. Esta viagem não é brincadeira.

— Eu sei.

— Podemos levar uns dois mês… ou mais.

— Eu sei.

— E que é que vão fazer chegando lá?

— Vosmecê não disse que esse seu parente ia fundar um povoado?

— Pois é, disse.

— Então? Acho que podemos ficar morando lá.

— Isso é.

Marciano fez meia-volta, foi confabular com os dois outros homens e depois voltou: - Pois então vamos, não é? - E acrescentou: - De qualquer modo não é direito deixar vosmecês atiradas aqui sozinhas.

Ana pôs a trouxa às costas e subiu com Pedro para dentro duma das carretas, ao mesmo tempo que Eulália e a filha se aboletavam na outra.

Puseram-se a caminho. Marciano picou um dos bois, gritando: Vamos, boiosco! As rodas rechinaram. Ana Terra estava na frente duma mulher de tosto amarelado e triste que, com seus seios murchos, amamentava uma criança de poucos meses. Num canto da carreta a velha com cara de origone mirava-a com o rabo dos olhos.

E assim Ana Terra viu ir ficando "para trás a estância do pai. Por algum tempo avistou as ruínas do rancho, as quatro cruzes perto dele

e, mais longe, no alto de outra coxilha, a sepultura da mãe e a do irmão mais moço. Seis cruzes… Lançou um olhar de despedida para a lavoura de trigo e depois ficou olhando para o focinho tristonho de Mimosa, que seguia a carreta no seu passo lerdo, com fios de baba a escorrer-lhe, dourados de sol, da boca úmida e negra.

Seis cruzes…

Ao anoitecer acamparam perto dum capão, fizeram fogo e uma das mulheres cozinhou. Comeram em silêncio e ninguém falou nas coisas que tinham ficado para trás. No dia seguinte antes do sol raiar retomaram a marcha. E o novo dia foi longo e mormacento; e a noite caiu abafada, sem a menor viração. E vieram outros dias e outras noites, e houve momentos em que até em sonhos Ana Terra continuava a viajar, ouvia o chiar das rodas, os gritos dos homens. E assim cortaram campos, atravessaram banhados, passaram rios a vau. E vieram chuvas e tempestades, de novo o céu ficou limpo e o sol tornou a brilhar. Aquela viagem parecia não ter mais fim. Uma tarde avistaram a serra. Três dias depois a subida começou. Em muitas noites Ana ouviu o choro de Eulália junto de seu ouvido.

— Eu queria mas era estar morta - murmurou ela um anoitecer.

Ana pensou em fazer um gesto amigo, estender a mão e acariciar a cabeça da cunhada. Mas não o fez. Ficou imóvel e disse apenas: - Não há de ser nada. Deus é grande.

E em pensamento completou a frase: Mas a serra é maior.

No outro dia continuaram a subir. Quando a rampa era forte demais, as mulheres e as crianças tinham de descer, e todos punham-se a empurrar as rodas das carretas.

Quanto tempo já fazia que estavam viajando? Ana tinha perdido a conta dos dias. Seguiam a trilha das outras carretas, entravam em picadas, embrenhavam-se no mato, desciam e subiam montes… Numa certa altura da viagem, uma das filhas de Marciano - a mais moça de todas - começou a tossir uma tosse rouca e a chorar. Ana embebeu um pano em cachaça e amarrou-o ao redor do pescoço da criança. Mas a tosse continuou e havia momentos em que a coitadinha parecia prestes a morrer asfixiada.

E a carreta andava, lenta, aos solavancos. Mimosa, cada vez mais magra, seguia a caravana com seus olhos tristes, os úberes secos. E um dia, numa volta do caminho, sem que ninguém soubesse por quê, ficou para trás e desapareceu. Pedro notou-lhe a falta mas não disse nada.

Ao anoitecer, quando a carreta parou à beira duma lagoa, alguém soltou um grito. Ana pulou de seu canto e foi ver o que era A mulher de Marciano Bezerra sacudia a filha nos braços e exclamava: - Minha filha, minha filha!

Ana arrebatou-lhe a criança e trouxe-a para perto do fogo. O rosto da criaturinha estava completamente arroxeado, seus olhos, muito

arregalados, pareciam querer saltar das órbitas, o coraçãozinho não batia mais.

Enterraram a menina à beira da lagoa. A muito custo conseguiram arrancar a mãe de junto da sepultura e levá-la para a carreta. A velha com cara de origone estava muito quieta no seu canto, de olhos secos e boca apertada.

Quando retomaram a marcha, ela olhou para Ana e falou: - Eu bem disse. Trazer criança numa viagem destas é coisa de gente louca. — Encolheu os ombros. — Mas acham que a velha está caduca. — Suspirou. — Eu devia ter morrido também pra ficar enterrada perto da minha neta. Assim a criança não ficava sozinha.

Ficou depois a resmungar palavras que Ana não entendeu.

Marciano Bezerra seguia soturno no seu cavalo, ao lado da carreta, com a aba do chapéu puxada sobre os olhos. E nos muitos dias que se seguiram, quase não falou. Chupava seu chimarrão em silêncio, e de quando em quando suspirava. Dali por diante ninguém mais mencionou o nome da criança morta.

Continuaram subindo a serra. O calor diminuíra, o vento agora era fresco e de manhãzinha e à noite fazia frio. Um dia atravessaram um tremedal e todos tiveram de descer das carretas para empurrar-lhes as rodas, com barro até meia canela. Marciano picava os bois, incitava-os com gritos. O suor escorria-lhe pela cara trigueira, e num dado momento, soltando um suspiro de impaciência, ele exclamou: - Quando urubu anda sem sorte até nas lajes se atola.

Mas Pedrinho divertia-se à sua maneira quieta e meio silenciosa. Para ele a viagem era uma aventura. Fizera boa camaradagem com as meninas e já agora trocava com elas histórias e risadas.

Pelas manhãs as carretas viajavam através da cerração e Ana temia que os bois resvalassem e caíssem todos naqueles precipícios medonhos. Não queria mais morrer. Viver era bom: ela desejava viver, para ver o filho crescer, para conhecer os filhos de seu filho e, se Deus ajudasse, talvez os netos de Pedrinho. Mas se tivessem de morrer, era melhor que morressem todos juntos. E seus olhos ficavam postos na estrada, que a névoa velava: e ela mal podia ver o lento lombo dos bois que puxavam a carreta. Aos poucos, porém, à medida que a manhã passava, a névoa ia ficando mais clara, mais clara, até que se sumia de todo, o céu azulava, o sol aparecia e lá estava um novo dia - quente e comprido e arrastado como os outros.

Uma tarde avistaram um rio.

— O Jacuí - disse Marciano. E pela primeira vez Ana viu no rosto dele algo que se parecia com um sorriso.

Aproximaram-se das margens, acamparam, e ali ficaram muitos dias, porque o Jacuí não dava vau, e os homens tiveram de fazer uma balsa.

Foram para o mato com seus machados e começaram a derrubar árvores, a cortar galhos e cipós. Ana ajudou-os nesse trabalho, que para ela era um divertimento, porque trabalhando ela não pensava, e não pensando afugentava as lembranças tristes. Eulália auxiliava as outras mulheres a preparar a comida e a cuidar das crianças.

Pedrinho estava encantado. Nunca vira um rio tão grande como aquele.

Era maior, muito maior que a sanga da estância e devia ter peixes enormes. Marciano emprestou-lhe linha e anzol e o rapaz ficou uma tarde inteira a pescar e soltou gritos de triunfo ao tirar da água um grande peixe dourado.

Finalmente a balsa ficou pronta e as carretas atravessaram em duas viagens aquele rio de águas barrentas. Na outra margem três antas bebiam água, mas, à aproximação da balsa, fugiram e meteram-se num mato próximo.

— Agora estamos mais perto - disse um dos homens, olhando para o norte.

E as carretas retomaram a marcha. E quando Ana já pensava que nunca mais haviam de chegar, Marciano uma tarde fez parar o cavalo junto dum copado umbu e gritou: - Estamos entrando nos campos do velho Amaral!

Três dias depois chegavam ao alto duma coxilha verde onde se erguiam uns cinco ranchos de taipa cobertos de santa-fé. Marciano Bezerra soltou um suspiro e disse: - Chegamos.

Os homens ajudaram a velha a descer da carreta. Quando pôs o pé em terra ela olhou em torno, viu as campinas desertas, aproximou-se de Ana e cochichou-lhe: - Toda essa trabalheira louca só pra chegar nesta tapera? Ana Terra sacudiu a cabeça lentamente, concordando, pois tivera o mesmo pensamento.

Aquele agrupamento de ranchos ficava à beira duma estrada antiga, por onde em outros tempos passavam os índios missioneiros que os jesuítas mandavam buscar erva-mate em Botucaraí. Por ali transitavam também, de raro em raro, pedindo pouso e comida, viajantes que vinham das bandas de São Martinho ou dos campos de Baixo da Serra.

Desde o primeiro dia Ana Terra começou a ouvir falar no coronel Ricardo Amaral, dono dos campos em derredor, senhor de dezenas de léguas de sesmaria e muitos milhares de cabeças de gado, além duma charqueada e de vastas lavouras. Contava-se que o coronel Amaral nascera em Laguna e viera, ainda muito moço, para o Continente com paulistas que negociavam com mulas. Chegou, gostou e ficou. Sentou praça no exército da Coroa e em 1756 tomou parte na batalha de monte Caaibaté, em que as forças portuguesas e espanholas aniquilaram o exército índio dos Sete Povos das Missões.

Contava-se até que fora Ricardo Amaral quem numa escaramuça derrubara com um pontaço de lança o famoso alferes real Sepé Tiaraju, a respeito do qual corriam tantas lendas. Dizia-se que esse guerreiro índio tinha na testa, como sinal divino, um lunar luminoso, e os crentes afirmavam que depois de morto ele subira ao céu como um santo. Pelo Continente corriam de boca em boca lindos versos cantando as proezas de São Sepé. E quando alguém perguntava ao coronel Ricardo: "Então, é verdade que foi vosmecê que lanceou Sepé Tiaraju?" - o velho torcia os longos bigodes brancos e com sua voz grave e sonora respondia, vago: "Anda muita conversa fiada por aí…" E sorria enigmaticamente, sem dizer sim nem não.

Depois da Guerra das Missões, Ricardo saíra a burlequear pelos campos do Continente, e as más-línguas afirmavam que ele andara metido numas arriadas, assaltando estâncias e roubando gado por aqueles descampados.

Mas quem dizia isso eram seus inimigos. Não havia nenhuma prova clara dessas histórias escuras, e a verdade era que hoje Ricardo Amaral tinha a fama de ser homem de bem e de gozar grande prestígio com o governo.

Sempre que havia alguma guerra o comandante militar do Continente apelava para ele e lá se ia o senhor da estância de Santa Fé, montado no seu cavalo, de espada e pistolas à cinta, seguido da peonada, dos escravos e dum bando de amigos leais.

Quando os castelhanos invadiram o Continente, comandados por Pedro Ceballos, Ricardo lutara como tenente nas forças portuguesas, tendo tomado parte no ataque fracassado à cidade do Rio Grande; apesar de ter recebido no peito uma bala, continuara brigando, protegendo a retirada dos companheiros. Dizia-se até que ao gritar as ordens para seus soldados, as palavras lhe saíam da boca junto com golfadas de sangue.

Anos depois, quando Vertiz y Salcedo invadiu de novo o Continente com suas tropas, Ricardo Amaral e seus homens se juntaram às forças do tenente-general João Henrique de Bohm que assaltaram e retomaram a vila do Rio Grande.

Amaral foi dos primeiros a entrar na vila; entrara de espada desembainhada, no seu cavalo marchador, cumprimentando galantemente as raras moças que assomavam meio bisonhas às janelas de suas casas.

Como recompensa pelos seus serviços, o governo lhe ia dando além de condecorações, terras. Murmuravam-se histórias a respeito da maneira como ele conseguira seus muitos campos. A lei não permitia que uma pessoa possuísse mais de três léguas de sesmarias, mas Ricardo Amaral, seguindo o exemplo astuto de muitos outros sesmeiros, recebera as suas três léguas e pedira mais sesmarias em

nome da esposa, dos filhos e até de netos que ainda estavam por nascer.

Depois da expulsão dos espanhóis e do Tratado de Santo IIdefonso, Ricardo retirara-se para a estância e, segundo sua própria expressão, "sossegara o pito". Entregara-se à criação de gado, comprara mais escravos, e aumentara as lavouras. Suas carretas saíam periodicamente para o Rio Grande e outros pontos, levando trigo, milho e feijão. Mas o de que ele gostava mesmo era da criação. Era com uma certa volúpia que parava rodeio, curava bicheiras, marcava o gado. Era voz geral que o próprio Ricardo gostava de sangrar as reses para carnear e que seus olhos luziam de gozo quando ele sentia o sangue quente do animal escorrer-lhe pelo braço. Um dia alguém ouviu-o dizer: - Criação é que é trabalho pra homem. Lavoura é coisa de português.

Falava com certo desdém dos açorianos que vira em Rio Pardo, Porto Alegre e Viamão, com suas barbichas engraçadas, seus olhos azuis e sua fala esquisita. Para Ricardo, trabalho manual era para mulher ou para negro. Um homem bem macho devia saber manejar a espada, a lança, a espingarda e a pistola, entender de criação e ser bom cavaleiro. Não compreendia que se pudesse viver com os pés sempre no chão, agarrado ao cabo duma enxada ou exercendo um ofício sedentário. Para ele o comércio tinha qualquer coisa de indigno e desprezível. Amava os cavalos, e sua filosofia de vida e seu conhecimento das criaturas e dos animais levavam-no a traçar paralelos entre os homens e os cavalos. Todos ali na estância de Santa Fé e arredores repetiam os ditados do coronel Ricardo, que costumava dizer que "homem direito tem um pelo só", e que "cavalo bom e homem valente a gente só conhece na chegada". Queria com isso dar a entender que conhecia cavalos que numa carreira saíam na frente mas chegavam na rabada, bem como homens que se mostravam valentes na arrancada inicial mas no meio da peleja "cantavam de galinha". Ricardo Amaral gostava de dizer que "quem faz o cavalo é o dono" e, estendendo essa filosofia aos peões e aos escravos, procurava moldá-los de acordo com seus desejos e conveniências. Quando um dia o governador José Marcelino de Figueiredo lhe mandou um ofício, que Ricardo considerou ofensivo, sua resposta foi pronta, lacônica e altiva: apenas um bilhete com estas palavras: "Sou potro que não aguenta carona dura de ninguém".

Casara-se com a filha dum curitibano residente no Rio Pardo. Achava que "mulher, arma e cavalo de andar, nada de emprestar". Mas, apesar disso, mais de uma vez tomara emprestadas mulheres de outros. E na fazenda - contava-se - fizera filhos em várias chinocas, mulheres de capatazes e agregados, e até numa escrava, a famosa Joana da Guiné.

Um dia - por volta de 1784 - Ricardo Amaral viajara para Porto Alegre, levando consigo muitos cavalos de posta, dois escravos e o mulato Bernardino, que afirmava ser seu filho natural. Voltara depois duns três meses e, ao chegar a casa, reunira à noite os parentes e amigos e contara, entre outras notícias da Capital, a sua visita ao Palácio do Governo. As lamparinas ardiam na sala grande da casa da estância e, sentado na sua cadeira de balanço, com um pretinho escravo a descalçar-lhe as botas, Ricardo Amaral começou: - O governador me deu uma audiência…

Olhou em torno para ver o efeito da palavra audiência. Era um palavrão importante que cheirava a coisas da Corte, vice-reis, generais e palácios. Sua esposa sorria, enamorada dele como sempre.

— Pois é - repetiu o coronel com sua voz solene. — O governador me deu uma audiência. Quando entrei no palácio os guardas apresentaram armas.

Apresentaram armas - repetiu - e então eu entrei e o general Veiga Cabral veio ao meu encontro, me apertou a mão e disse: “Como tem passado, coronel? Entre e tome assento. Vossa mercê está em sua casa”.

Ricardo soltou a sua risada lenta, que pôs à mostra os dentes cor de marfim queimado. Era um homem alto e corpulento, desempenado apesar de andar já por volta dos setenta. Tinha o rosto trigueiro, o olhar de ave de rapina, o nariz largo e purpúreo, os lábios grossos e rosados escondidos sob um bigode branco e esfalripado como algodão.

— Imaginem só. Eu em minha casa no palácio! Bom. Tomei assento e então conversei sobre coisas do nosso município. Fui mui franco, porque não sou como quero-quero que canta pra um lado e tem ninho pra outro.

Dissimulação não é comigo. "General - eu disse - as coisas vão mal assim como estão…

Falara-lhe - prosseguiu Ricardo - primeiro nas arbitrariedades de José Marcelino, o antecessor de Veiga Cabral no governo do Continente. Depois queixara-se do abandono em que viviam as estâncias, da eterna questão dos limites de terras e da confusão que havia quanto às tropas. Neste ponto o general lhe assegurara que estava obrigando todos os estancieiros a marcarem seu gado e seus cavalos. Ricardo manifestara também a Veiga Cabral suas dúvidas quanto à Feitoria do Linho Cânhamo, que a Coroa criara. Na sua opinião a empresa estava destinada ao fracasso. O melhor que o governo podia fazer era ajudar os criadores.

Estava claro que a lavoura também era importante, mas não tanto como o gado. “A carne, vossa mercê sabe, é o alimento mais importante pra nossa gente. E enquanto houver abundância de carne tudo está bem. Porque ninguém vive só de pão, mas só de carne pode

viver. E se tivermos carne, teremos charque e as nossas charqueadas só podem ir pra frente. Temos ainda o negócio de couros, os chifres, etc. Mais ainda, general, na guerra não vamos alimentar nossa gente com trigo, milho ou feijão. O que nos vale numa campanha é o boi."

Neste ponto da narrativa Ricardo Amaral piscou o olho, avançou o busto para a frente e disse: - Então cheguei onde queria. Disse: "General, preciso que o governo me conceda mais sesmarias para as bandas do poente.

Vossa mercê precisa saber que meus campos ficam a dois passos do território inimigo. Mais cedo ou mais tarde os castelhanos nos atacam de novo. E quem é que sofre primeiro? São os povos que estão perto da fronteira. Preciso ter gente pronta pra brigar". O homem sacudia a cabeça e estava impressionado. Vai, então, eu disse: "Para lê ser franco, acho que o território das Missões nos pertence de direito".

Veiga Cabral respondeu que estava tudo muito bem, mas que a gente não devia se precipitar, pois o Continente ainda não estava preparado para a guerra. "Está bem - retruquei - está muito bem. Mas vamos nos preparar." Fiquei sério, meio que me ergui na cadeira e falei: "General, preciso de mais terras, pois quanto mais campo eu tiver, de mais gente precisarei. E quanto mais gente eu tiver, mais soldados terá o Continente no caso de necessidades". O homem ficou muito impressionado e me prometeu estudar o assunto.

Ricardo reclinou-se para trás na sua cadeira e ficou gozando o efeito de suas palavras no rosto da mulher, do filho, da nora e do capataz, que o escutavam num silêncio respeitoso.

Quando Ana Terra viu pela primeira vez o senhor da estância de Santa Fé, seu espírito já estava cheio das histórias que se murmuravam a respeito dele. Ricardo Amaral chegou um dia montado no seu cavalo alazão, com aperos chapeados de prata, muito teso, de cabeça erguida e um ar de monarca. As largas abas do chapéu sombreavam-lhe parte do rosto. Ficou sob a figueira grande, à frente dos ranchos, e os poucos habitantes do lugar vieram cercá-lo - as mulheres de olhos baixos e os homens de chapéu na mão. Ricardo Amaral não apeou. De cima do cavalo informou-se sobre as colheitas, ouviu as queixas e resolveu duas ou três questões entre os moradores dos ranchos. Naquelas redondezas ele não era apenas o comandante militar, mas também uma espécie de juiz de paz e conselheiro.

Marciano Bezerra aproveitou uma pausa e disse: - Coronel, esta é a moça que falei a vossa mercê.

Apontou desajeitadamente para Ana, que segurava a mão do filho.

— Ah! - fez o estancieiro, baixando os olhos. — Linda moça! - E num relâmpago Ana viu Rafael Pinto Bandeira a falar-lhe de cima do seu cavalo num dia de vento. — Vai ficar morando aqui?

— Se vossa mercê dá licença - respondeu Ana.

— Não há nenhuma dúvida. Precisamos de gente. Um dia inda hei de mandar uma petição ao governo pra fundar um povoado aqui.

Abrangeu com o olhar o coxilhão.

— O menino é filho? - perguntou depois, olhando para Pedro.

— É, sim senhor.

— Onde está o marido de vosmecê? Ana não teve a menor hesitação.

— Morreu numa dessas guerras.

Contou-lhe também o que havia acontecido ao pai e ao irmão. O coronel escutou em silêncio e, depois de ouvir tudo, disse: - Um dia essa castelhanada ainda nos paga. Deixe estar… Pedro olhava fascinado para as grandes botas do estancieiro e para as chilenas de prata que lampejavam ao sol.

Quando ele se foi, o menino puxou o vestido da mãe e disse: - Mãe, que velho bonito!

Ana sacudiu a cabeça devagarinho e acrescentou: - E dizem que sabe ler e escrever.

Um dia - pensou ela - havia de mandar o filho para uma escola. O diabo era que não existia nenhuma escola naqueles cafundós. Ouvira dizer que um homem na vila do Rio Grande tinha aberto uma aula para ensinar a ler, escrever e contar. Mais tarde, quando Santa Fé fosse povoado, talvez o coronel mandasse abrir uma escola, se bem que no fundo ela achasse que uma pessoa podia viver muito bem e ser honrada sem precisar saber as letras.

Naqueles dias, ajudados por vizinhos, Ana Terra, Eulália e Pedro construíram o rancho onde iam morar. Tinha paredes de taipa e era coberto de capim. Quando o rancho ficou pronto Ana, o filho e a cunhada, que até então tinham vivido com a família de Marciano, entraram na casa nova. O único móvel que possuíam era a velha roca de dona Henriqueta. Dormiam todos no chão em esteiras feitas de palha. Ana conservava sempre junto de si, à noite, a velha tesoura, pensando assim: Um dia inda ela vai ter a sua serventia.

E teve. Foi quando uma das mulheres da vila deu à luz uma criança e Ana Terra foi chamada para ajudar. Ao cortar mais um cordão umbilical, viu em pensamentos a face magra e triste da mãe. A criança veio ao mundo roxa e muda, meio morta. Ana seguroulhe os pés, ergueu-a no ar, de cabeça para baixo, e começou a dar-lhe fortes palmadas nas nádegas até fazer a criaturinha berrar. E quando a viu depois com os beicinhos grudados no seio da mãe a sugá-los com fúria, foi lavar as mãos, dizendo ao pai que estava no quarto naquele momento: - É mulher. — E a seguir, sem amargor na voz, quase sorrindo, exclamou: - Que Deus tenha piedade dela!

Desde esse dia Ana Terra ganhou fama de ter “boa mão” e não

perdeu mais parto naquelas redondezas. Às vezes era chamada para atender casos a muitas léguas de distância. Quando chegava a hora e algum mando vinha buscá-la, meio afobado, ela em geral perguntava com um sorriso calmo: - Então a festa é pra hoje?

Enrolava-se no xale, amarrava um lenço na cabeça, apanhava a velha tesoura e saía.

Muitos anos depois, sentada uma tardinha à frente de seu rancho, Ana Terra conversava com o filho e dizia-lhe, mostrando meninos e meninas que passavam: - Aquele que ali vai eu ajudei a botar no mundo. Por sinal que o diabinho saiu berrando como bezerro desmamado.

E depois: - Está vendo a Amelinha? Passou e nem olhou pra mim. No entanto, se não fosse eu ela estava a esta hora no cemitério. Nasceu com o cordão umbilical enrolado no pescocinho e ia morrer esgoelada.

Foi numa noite braba de inverno. — Suspirou fundo e acrescentou: - Este mundo velho é assim mesmo. Não há gratidão.

Tendo na mão a cuia de mate - quente como uma presença humana - e chupando lentamente na bomba, Ana Terra às vezes ficava sentada à sombra duma laranjeira, na frente de seu rancho, tentando lembrar-se das coisas importantes que tinham acontecido desde o dia em que ela chegara àquele lugar. Mas não conseguia: ficava confusa, os fatos se misturavam em sua memória. E o que sempre lhe vinha à mente nessas horas eram os muitos invernos que tinha atravessado, pois o inverno era o tempo que mais custava a passar. O vento minuano às vezes parecia prender a noite e afugentar o dia que tentava nascer. Tudo era mais comprido, mais triste e mais custoso no inverno.

Entre as coisas alegres do passado, Ana lembrava-se principalmente dum verão em que aparecera por ali um padre carmelita descalço, homem de barbas pretas e sotaina parda, que chegara montado numa mula, contando que tinha estado prisioneiro dos índios coroados. Vinha da vila do Rio Pardo e ia para as Missões. Falava dum jeito esquisito, pois era estrangeiro. Ficou uns dias por ali e os moradores dos ranchos lhe deram mantimentos e dinheiro. O carmelita rezou uma missa debaixo da figueira grande, batizou as crianças que ainda estavam pagãs e casou os homens e mulheres que viviam amancebados.

Havia também outros dias que Ana Terra não podia esquecer, como aquele em que pela primeira vez percebera que Pedrinho era já um homem feito, de voz grossa e buço cerrado. Ficara espantada ao notar que o filho estava mais alto que ela. Mas espanto maior ainda lhe causara a descoberta que aos poucos fizera de que, embora fosse a imagem viva do pai, o rapaz tinha herdado o génio do avô: era calado,

reconcentrado e teimoso. Engraçado! Maneco Terra e o homem que ele mandara matar agora se encontravam no corpo de Pedrinho.

Ana procurava sempre esquecer os dias de medo e aflição, principalmente aquele - o pior de todos! - em que, chegando à casa uma tarde, vira, horrorizada, um índio coroado aproximar-se, na ponta dos pés, da cama onde seu filho dormia a sesta. Quase sem pensar no que fazia, apanhou o mosquete carregado que estava a um canto, ergueu-o à altura do rosto, apontou na direção do índio e atirou.

O coroado caiu com um gemido sobre Pedro, que despertou alarmado, desvencilhou-se daquela "coisa" que estava em cima de seu peito e saltou para fora da cama já com o punhal na mão e todo banhado no sangue do bugre. Vendo o filho assim ensanguentado, ela se pôs a gritar, imaginando que também o tivesse atingido com o tiro. Os vizinhos acudiram e foi só depois de muito tempo que tudo se aclarou. Ana Terra não gostava de recordar esse dia. Ficara com o ombro roxeado e dolorido por causa do coice que a arma lhe dera ao disparar. A sangueira que saía do corpo do coroado deixara-a tonta. Não tinha tido coragem de ir olhar de perto… Mas um vizinho lhe contara: - Ficou com um rombo deste tamanho no pulmão.

Ana passara o resto daquele dia tomando chá de folhas de laranjeira.

Tinha matado um homem - ela que ajudava tanta gente a nascer! Por muitas semanas ficou sem poder comer carne. Mas como o tempo é remédio que cura tudo, aos poucos foi esquecendo aquilo. Sempre, porém, que alguém queria mangar com ela na frente dum forasteiro, a primeira coisa que dizia era: - Don'Ana, conte a história do bugre que vosmecê matou. Ela ficava tão furiosa que tinha vontade de dizer nomes feios. E por falar em bugres, muitas vezes naqueles anos os coroados andaram pelas vizinhanças dos ranchos, fazendo estripulias.

Num dos primeiros invernos que ela passara ali, Marciano Bezerra tinha ido um dia encher o corote no arroio que ficava a umas trezentas braças dos ranchos e voltara de lá branco como papel, perdendo muito sangue dum braço, e contando que havia sido flechado por um bugre. Nos dias que se seguiram todos ali ficaram no temor dum ataque dos coroados, que tinham sido vistos pelas redondezas em grande número. Avisado disso, o coronel Ricardo armara seus homens e saíra à caça dos índios, que fugiram para as bandas de São Miguel.

Essas eram as coisas de que Ana Terra mais se lembrava sempre que ficava depois do almoço a. tomar mate sozinha debaixo da laranjeira.

Porque, quanto ao resto, um dia era a cópia de outro dia, em que ela trabalhava de sol a sol, em casa e na lavoura, fazendo serviço de

homem. Para Ana não havia domingo nem dia santo. De vez em quando ela saía com sua tesoura para cortar algum cordão umbilical. Ou então ia a algum enterro. Porque pessoas continuavam a nascer e a morrer naquele fim de mundo.

Quando a água da chaleira acabava, Ana erguia-se, entrava no rancho, botava a cuia em cima do fogão e recomeçava a lida do dia. Tinha agora em casa um espelho, presente que Pedro lhe trouxera duma de suas viagens à vila do Rio Pardo. De raro em raro Ana tirava um minuto ou dois para se olhar nele. Era esquisito… Tinha a impressão de estar na frente duma estranha. Examinava-se com cuidado, descobria sempre novos fios brancos nos cabelos e às vezes nos seus próprios olhos via os olhos tristonhos da mãe. Espelho é coisa do diabo - concluía. Quem tinha razão era seu pai.

Exatamente no dia em que Pedro Terra anunciou seu noivado com Arminda Melo, chegaram ali os primeiros boatos de guerra.

Dias depois o coronel Ricardo apareceu montado no seu cavalo - agora um tordilho - e expôs a situação. Chegara à sua estância um próprio trazendo um ofício em que o governador do Continente lhe comunicava que na Europa, Portugal e Espanha estavam de novo em guerra.

— Isso significa - explicou ele - que temos de pelear de novo com os castelhanos.

Estava recrutando gente, pois Veiga Cabral precisava de muitas forças para guarnecer as fronteiras. O tordilho escarvava o chão, desinquieto.

E em cima do animal o coronel Ricardo estava também excitado. Apesar dos setenta anos era um homem desempenado e forte, e seus olhos brilhavam quando ele falava em guerra.

— Faz muitos anos mesmo que a gente não briga - acrescentou. — Já era tempo.

Pediu a Marciano que começasse o recrutamento. Tinha armamento para uns quarenta homens. Levaria de sua estância vinte escravos e dez peões, e esperava arregimentar mais uns doze ou quinze soldados ali nos ranchos. Os habitantes do lugar escutaram- no em silêncio. Antes de se retirar, o coronel Amaral gritou, de cabeça erguida, como se estivesse falando com Deus: - O recrutamento é obrigatório. São ordens do governo! As mulheres então desataram o pranto.

Naquele mesmo dia Ana Terra pediu emprestado a Marciano um cavalo, montou nele e tocou-se para a estância do coronel Amaral. Mandaram-na entrar para a sala grande da casa, onde ela se viu na frente do senhor de Santa Fé.

— Tome assento - ordenou ele.

Chico Amaral, filho do estancieiro, azeitava suas pistolas. Por

toda a parte se notavam preparativos guerreiros: alguns escravos limpavam espadas e baionetas, outros se exercitavam no manejo de espingardas.

Sentado num cepo, de facão em punho, um mulato fazia ponta numa lança de guajuvira, assobiando por entre os dentes. As mulheres da casa estavam de olhos vermelhos. Mas os homens, com exceção dos escravos, pareciam muito contentes, como se se estivessem preparando para um fandango. Um deles até cantava, trançando um laço perto da porta da casa-grande: Esta noite dormi fora, Na porta do meu amor; Deu o vento na roseira Me cobriu todo de flor.

Ana olhava, bisonha, para Ricardo Amaral.

— Então? - perguntou este último. — Que novidade há?

— Não vê que eu vim fazer um pedido a vossa mercê… - _ Calou-se, embaraçada. Amaral brincava, meio impaciente, com a argola do rebenque que estava em cima da mesa, a seu lado. Ana criou ânimo e prosseguiu: - Não vê que tenho um filho, o Pedrinho…

— Eu sei, eu sei.

— Seu Marciano disse que o menino tem que marchar também… - E acrescentou rápida, a medo - "pra guerra" - como se esta última palavra lhe queimasse os lábios.

— E que tem isso? Pois ele não é homem?

— É, sim senhor.

— Então?

— Mas acontece que é tão moço. Recém fez vinte anos.

— Moço? Sabe quantos anos eu tinha quando entrei no primeiro combate?

Dezessete!

Ana Terra tinha os olhos postos no chão. O vozeirão do estancieiro a intimidava. Ela olhava fixamente para suas grandes botas negras, cujos canos lhe subiam até os joelhos, e lembrava-se de que, quando menino, Pedro lhe dissera um dia ter medo daquelas botas que lhe pareciam um "bicho preto".

— Vosmecê volte pra casa - disse Ricardo. — Volte e não conte a ninguém que veio me pedir pra dispensar o seu filho. Não conte, que é uma vergonha.

Ana recobrou a coragem e fez nova tentativa: - E se ele morrer?

— Todos nós temos de morrer um dia. Ninguém morre na véspera.

— Mas o Pedro está pra casar…

— Casar? O que ele quer mesmo é dormir com a moça. Pois durma, tem tempo, só partimos daqui a dois dias. Durma e vá pra guerra. Depois case, se voltar vivo e tiver vontade.

Ana Terra sentiu uma revolta crescer-lhe no peito. Teve ganas de dizer que não tinha criado o filho para morrer na guerra nem para

ficar aleijado brigando com os castelhanos. Guerra era bom para homens como o coronel Amaral e outros figurões que ganhavam como recompensa de seus serviços medalhas e terras, ao passo que os pobres soldados às vezes nem o soldo recebiam. Quis gritar todas essas coisas mas não gritou. A presença do homem - aquelas botas pretas, grandes e horríveis! - a acovardava. Fez meia-volta e se foi em silêncio. E ia pisar no alpendre quando ouviu a voz retumbante do coronel que a envolveu, pesada e violenta como boleadeiras: - Estou com setenta anos e prefiro mil vezes morrer brigando do que me finar aos pouquinhos em cima duma cama!

Fora, o caboclo ainda cantarolava. Quando Ana passou, ele lhe lançou um olhar carregado de malícia e lhe dirigiu uma quadra: Fui soldado, sentei praça, Já servi numa guarita, Agora sou ordenança De toda moça bonita.

Dois ou três dias depois Ana Terra disse adeus ao filho. Apertou-o contra o peito, cobriu-lhe o rosto de beijos e a muito custo conteve as lágrimas. Outras mulheres despediam-se chorando de seus homens. Havia um ar de desastre e luto em todas as caras.

O coronel Ricardo Amaral e os filhos apareceram em cima dos seus belos cavalos, com pistolas e espadas à cinta. Abriram a marcha, seguidos pelos outros homens que, enrolados nos seus ponchos, e na sua maioria descalços e com as espingardas a tiracolo, acenaram, de cima de seus matungos, para as pessoas que ficavam.

Ana Terra, Eulália, Rosa e Arminda, noiva de Pedro, ficaram a acompanhar com os olhos o grupo que se afastava. Os arreios chapeados de prata do coronel Amaral reluziam ao sol. Longe, quando já começava o declive da grande coxilha, Pedro fez estacar seu cavalo, torceu o busto, e acenou tristemente com a mão. As mulheres responderam ao aceno.

Foi só então que Ana Terra percebeu que estava ventando.

E de novo Ana Terra começou a esperar… Esperava notícias da guerra; esperava a volta do filho. Se era dia, desejava que caísse a noite, porque dormindo esquecia a espera. Se era noite, queria que um novo dia viesse, porque quanto mais depressa o tempo passasse, mais cedo o filho voltaria para casa. Muitas vezes até em sonhos Ana se surpreendia a esperar, agoniada, vendo longe no horizonte vultos de cavaleiros entre os quais ela sabia que estava Pedrinho - mas por mais que seus cavalos galopassem eles nunca chegavam.

Nos ranchos vazios de homens - só os velhos e os inválidos tinham ficado - as mulheres continuavam sua lida. E quando, dali i a muito tempo, chegou um próprio trazendo notícias da guerra para a família do coronel Amaral, elas o cercaram e lhe fizeram perguntas aflitas sobre seus homens. O mensageiro não pôde contar-lhes muito.

Deu-lhes notícias gerais e vagas… Ricardo Amaral e seus soldados

estavam com as forças do coronel de cavalaria ligeira Manuel Marques de Sousa. Tinham invadido o território inimigo e tomado as guardas de São José, Santo Antônio da Lagoa e Santa Rosa, e estavam agora se fortificando em Cerro Largo.

Por aqueles dias Eulália foi viver com um viúvo cinquentão que não fora para a guerra por ter dois dedos da mão direita decepados.

— Quando aparecer um padre nós casamos - explicou ela a Ana, de olhos baixos, na hora em que foi comunicar à cunhada sua resolução de juntar-se com o viúvo.

— Que me importa? - respondeu a outra. — O principal é que vosmecês vivam direito e que a Rosinha tenha quem cuide dela.

Assim, Eulália e a filha mudaram-se para outro rancho. E Ana Terra ficou sozinha em casa. E quando se punha a fiar, a pedalar na roca, frequentemente falava consigo mesma por longo tempo e acabava concluindo, a sorrir, que estava ficando caduca.

Às vezes a imagem do filho em seus sonhos confundia-se com a do pai, e uma madrugada Ana acordou angustiada, pois sonhara que Antônio e Horácio tinham levado Pedrinho para longe, para assassiná-lo. Ficou de olhos abertos até ouvir o canto do primeiro galo à hora de nascer o sol.

Passaram-se meses, e um dia, quando ela viu que o ventre de Eulália começava a crescer, pensou logo na sua tesoura e sorriu. Naquele inverno nasceram seis crianças nos ranchos, porque antes de partir para a guerra muitos dos maridos tinham deixado suas mulheres grávidas. E quase sempre no momento em que ela via uma criança nascer, a primeira coisa em que pensava era: será que o pai ainda está vivo?

Uma noite de chuva, voltando para casa depois dum parto, caminhando meio às cegas e orientando-se pelo clarão dos relâmpagos, Ana pensou todo o tempo no filho, imaginou-o a dormir no chão, enrolado num poncho ensopado, com a chuva a cair-lhe em cheio na cara. Teve vontade de apertá-lo nos braços, emprestar-lhe o calor de seu corpo. E em casa, perto do fogo, ficou ouvindo o barulho manso da chuva na coberta do rancho. Olhava para a roca e lembrava-se dos tempos lá na estância, quando a alma de sua mãe vinha fiar na calada da noite.

A roca ali estava, velha e triste, e Ana Terra sentia-se mais abandonada que nunca, pois agora nem o fantasma da mãe vinha fazer-lhe companhia.

Lá pelo fim daquele inverno um próprio chegou e disse: - A guerra anda aqui por perto.

Muitas pessoas, velhos e mulheres, aproximaram-se dele e ouviram o homem contar que um tal Santos Pedrozo com uns vinte soldados derrotara a guarda castelhana de San Martinho e apoderara-

se das Missões. E, com um largo sorriso na cara marcada por uma cicatriz que lhe ia do canto da boca à ponta da orelha, acrescentou: - Agora todos esses campos até o rio Uruguai são nossos!

Ana Terra sacudiu a cabeça lentamente, mas sem compreender. Para que tanto campo? Para que tanta guerra? Os homens se matavam e os campos ficavam desertos. Os meninos cresciam, faziam-se homens e iam para outras guerras. Os estancieiros aumentavam as suas estâncias. As mulheres continuavam esperando. Os soldados morriam ou ficavam aleijados. Voltou a cabeça na direção dos Sete Povos, e seu olhar perdeu-se, vago, sobre as coxilhas.

No princípio dum novo verão chegou um mensageiro com a notícia de que o coronel Ricardo tinha sido morto num combate e que os filhos estariam de volta a Santa Fé dentro de três meses, com os soldados que tinham "sobrado" da guerra. Na estância de Santa Fé houve choro durante três dias e três noites. As mulheres nos ranchos estavam ansiosas, queriam saber quantos haviam sobrevivido dos quarenta e tantos que tinham partido, fazia mais dum ano. O mensageiro entortou a cabeça, revirou os olhos e respondeu, depois de alguma reflexão: - Sobraram uns vinte… - E como visse consternação no rosto das mulheres, fez uma concessão otimista - … ou vinte e cinco.

E se foi, assobiando uma música de gaita que aprendera nos acampamentos da Banda Oriental.

— Mas Pedro está vivo - disse Ana Terra para si mesma. — Uma coisa dentro de mim me diz que meu filho não morreu. Tomou a mão da futura nora e arrastou-a para o rancho, dizendo: - Temos de arrumar a casa pra esperar o noivo.

Um dia Chico Amaral chegou com seus homens. Tinham vencido a guerra mas voltavam com um ar de derrota. Barbudos, encurvados, de olhos no fundo, os ponchos em farrapos, nem sequer sorriram ao verem os parentes. Chico Amaral tinha recebido um pontaço de lança que lhe vazara o olho esquerdo, sobre o qual trazia agora um quadrado de fazenda preta. Um dos seus peões voltava sem um dos braços. Outros haviam recebido ferimentos leves. Tinham ficado enterrados em território castelhano quinze escravos, quatro peões e oito rancheiros. Os homens apearam dos cavalos, abraçaram os parentes e amigos e encaminharam-se para seus ranchos. E as mulheres cujos maridos, filhos, irmãos ou noivos não tinham voltado, ficavam ainda um instante, meio estupidificadas, a esperar por eles debaixo da grande figueira. Mas de repente, compreendendo tudo, rompiam o choro.

Ana Terra não pôde conter as lágrimas quando viu o filho. Quase não o reconheceu. Pedro tinha envelhecido muitos anos naqueles meses. Estava magro, abatido e deixara crescer a barba, e quando ele

desceu do cavalo e caminhou para a mãe, esta teve a impressão de que ia abraçar o próprio Maneco Terra.

No dia seguinte - já descansados e mais bem alimentados - os guerreiros contavam proezas, descreviam combates, marchas, sortidas… Só Pedro Terra não falava. Por mais que lhe perguntassem, por mais que puxassem por ele, não dizia nada. Ficava às vezes com os olhos vagos a olhar para parte nenhuma, ou então a tirar lascas dum pau qualquer com seu facão.

Começou a correr de boca em boca a narrativa das proezas do coronel Ricardo Amaral. Contava-se que o inimigo estava acampado nas proximidades do rio Jaguarão com cerca de duzentos homens. Marques de Sousa mandou uma divisão de uns duzentos praças fazer reconhecimento.

Quis entregar o comando deles a um de seus capitães, quando o coronel Ricardo avançou e disse: “Chefe, se vossa mercê tem confiança em mim, terei muita honra em comandar esses soldados”. Marques de Sousa respondeu: “Está muito bem, coronel. Vá e seja feliz”. Chico Amaral falou: “Pai, eu quero ir com vossa mercê”. O velho disse apenas: “Pois venha. Vai ser divertido”. E foi mesmo muito divertido. Ricardo pôs-se à frente da tropa e encontrou o inimigo formado em fila singela perto do passo das Perdizes. De lança em riste os nossos soldados se precipitaram contra os castelhanos, que abriram fogo. Mas quem foi que disse que os homens de Amaral pararam? Veio então o entrer vero. Foi no alto duma coxilha e de lado a lado os soldados brigavam como demônios. Em muitos pontos o capim verde ficou vermelho. E o sangue dos homens misturou-se e coalhou ao sol com o dos cavalos. Parece que Ricardo Amaral recebeu um balaço quando o combate ia em meio, mas aguentou até o fim, perdendo; sangue. Os castelhanos foram completamente derrotados; os que não puderam fugir morderam o pó. Quando Chico Amaral olhou > para o pai - no fim da peleja - viu-o cair para a frente, sobre o pescoço do tordilho. Esporeou seu cavalo e chegou a tempo de enlaçar o velho pela cintura, impedindo-o de tombar ao chão. Ricardo quis dizer alguma coisa, mas de seus lábios só saiu um roncq. Morreu dessangrado nos braços do filho.

Marques de Sousa mais tarde declarou que aquela vitória do passo das Perdizes tinha sido decisiva. Porque graças a ela suas forças puderam atravessar o Jaguarão sem perigo e entrar mais fundo no território inimigo. Assim os castelhanos perderam Rio Pardo, f Batovi, Taquarembó, Santa Tecla…

Nos meses que se seguiram chegaram ainda aos campos de Santa Fé boatos de que os castelhanos se preparavam para voltar,| ao ataque. Mas contava-se também que na Europa, Portugal e Es- panha tinham feito as pazes, e que no Continente tudo continuaria como

estava.

Em princípios de 1803 um padre das Missões passou por aquele agrupamento de ranchos, disse uma missa, convenceu Chico Amaral da necessidade de mandar erguer uma capela, batizou doze crianças e fez cinco casamentos, inclusive o de Pedro Terra e Arminda Melo.

Em fins daquele mesmo verão Chico Amaral viajou de carreta para Porto Alegre em companhia da mulher e de seu filho Ricardo, levando uma mucama preta, um pajem e dois peões. Voltaram depois de seis meses, e o novo senhor de Santa Fé contou aos parentes e amigos o que vira, dissera e fizera na Capital. O general Veiga Cabral morrera havia uns dois anos, fora substituído por um brigadeiro - que governara apenas quatorze meses - e agora quem estava na comandância do Continente era o chefe-de-esquadra Silva Gama.

— Um homem de bem - contou Chico Amaral. — Mas encontrou o Continente em petição de miséria, por causa da guerra. Me contou que a despesa é maior que a receita… imaginem!

Os que o escutavam sacudiram a cabeça num mudo assentimento, embora não entendessem o sentido dessas palavras.

— Queixou-se do abandono em que vive o Continente - continuou o estancieiro - e de que não pode fazer nada sem consultar o Rio. Assim as coisas ficam mui demoradas e difíceis. O remédio, me disse ele, é tomar as iniciativas sem consultar o vice-rei.

Chico Amaral sorriu e acrescentou: - Então eu respondi: “É melhor passar por insubordinado do que por incompetente”. O governador gostou muito da minha resposta. E me contou muito em segredo que faz quase dez anos que a Corte não manda pagar os soldados do Rio Grande. “Vosmecê sabe melhor que eu, major” - ele me disse- “o que esses pobres-diabos passam. Nem uniforme têm, andam de pés no chão e nesta última guerra brigaram até com lanças de pau, por falta de arma de fogo!”

Chico Amaral mostrava-se satisfeito pela maneira com que fora recebido.

O governador concedera-lhe as três léguas de sesmaria que ele requereu.)

e, quando ele lhe contara de seus projetos de fundar um povoado, Silva Gama lhe dissera: “Faça uma petição ao comandante das Missões. Eu vou recomendar-lhe que a despache favoravelmente”.

Foi assim que um dia, alguns meses depois, o novo senhor de Santa Fé chegou a cavalo e, bem como fazia o pai, postou-se debaixo da figueira, chamou os moradores dos ranchos e contou-lhes que o administrador da redução de São João lhe mandara um ofício concedendo o terreno necessário para a edihcação do povoado. Chico Amaral leu em voz alta: “…ordeno a Vmcê. que faca medir com brevidade meia- légua de terreno no lugar em que pretendem formar a

povoação, contendo desde o ponto em que desejam ter a capela, um quarto de légua na direção de cada rumo cardeal, em rumos direitos de sul a norte, e de leste a oeste."

Ana Terra escutava, mal entendendo o sentido daquelas frases. Pedro estava muito atento. Pensava no terreno que lhe ia tocar, e ao mesmo tempo olhava fascinado para as grandes botas do estancieiro, lembrando-se das botas do coronel Ricardo; ainda sentia por elas um secreto temor, que no fundo era surda malquerença.

Houve um ponto para o qual o major Amara! chamou a atenção dos presentes, lendo-o duas vezes com ênfase: "Ninguém poderá ocupar mais terreno que aquele que lhe é destinado, salvo o caso de compra a outrem que já possuir título legítimo".

Cada rua do povoado devia ter sessenta palmos craveiros de largura e cada morador ia receber um lote de cinquenta palmos contados na frente da rua e duzentos palmos de fundo, devendo dentro do prazo de seis meses requerer título legítimo aos senhores do governo.

O major Amaral mandou fazer uma planta da povoação por um agrimensor muito habilidoso que viera do Rio Pardo. Queria uma praça, no centro da qual ficaria a figueira, três ruas de norte a sul e quatro transversais de leste a oeste. Meses depois mandou começar a construção da capela com madeira dos matos próximos. E todos os homens e mulheres do lugar ajudaram nesse trabalho. E quando a capela ficou pronta, foi ela dedicada a Nossa Senhora da Conceição; veio um padre de Santo Ângelo e disse a primeira missa. E o major Amaral mandou comprar nas Missões, a peso de ouro, uma imagem da padroeira do povoado.

No ano seguinte mandou construir uma casa toda de pedra para sua família, bem na frente da capela, do outro lado da praça. Ergueu outras casas para alugar à gente que chegava. E muita gente chegou naquele ano e nos seguintes. Tropeiros que vinham de Sorocaba comprar mulas nas redondezas, gostavam do lugar e iam ficando por ali. E o nome de Santa Fé começou a ser conhecido em todo o município do Rio Pardo e fora dele.

Em princípios de 1804 Chico Amaral fundou uma charqueada e comprou mais um lote de escravos. Nesse mesmo ano, numa noite morna de março, nasceu o primeiro filho de Pedro e Arminda Terra. Era um menino e deram-lhe o nome de Juvenal. Quando Ana Terra tomou da tesoura para cortar-lhe o cordão umbilical, suas mãos tremiam.

E naqueles dias, quando Pedro saía para o mato a buscar madeira para a casa que estava construindo no terreno que lhe coubera, e Arminda ia lavar roupa no arroio - Ana Terra ficava em casa fiando e cuidando do neto. Quando Juvenal chorava, ela pedalava mais de

mansinho e cantava-lhe velhas cantigas que aprendera com a mãe, as mesmas que cantara um dia para Pedrinho.

Achava que tudo agora estava bem. O filho era um homem direito e tinha casado com uma mulher séria e trabalhadora. Eulália vivia em paz com o marido e Rosinha estava noiva do capataz do major Amaral.

Aqueles foram tempos de grande paz. Muitas vezes por ano Ana Terra saía apressada sob o sol ou à luz das estrelas com a tesoura debaixo do braço. E gente nascia, morria ou se casava em Santa Fé. O número de casas aumentava e a população já se habituava à voz do sino da capela.

No inverno de 1806 Ana ajudou a trazer para o mundo seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana. Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: “Mais uma escrava”. E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo de alegria.

Bibiana tinha já quase três anos quando certo dia um tropeiro chegado do Rio Pardo contou a Pedro que havia grandes novidades no Rio de Janeiro.

A rainha e o príncipe regente tinham fugido de Portugal porque esse país havia sido invadido pelos franceses… ou ingleses, ele não sabia ao certo; mas a verdade era que a família real já estava no Brasil. No Rio Pardo todos achavam que as coisas iam mudar para melhor.

O major Amaral agora dava audiências no seu sobrado às gentes do lugar que lhe iam levar seus problemas ou pedir-lhe conselhos.

Duma feita, Pedro ouviu o senhor de Santa Fé conversar, indignado, com um estancieiro de Viamão que lhe viera comprar uma tropa.

— Assim não é possível! - dizia ele, caminhando dum lado para outro na sala. — Nosso charque só pode ser vendido no Rio de Janeiro a setecentos réis a arroba e o charque dos castelhanos chega lá por quatrocentos.

Isso tem cabimento? Me diga, tem?

O visitante limitava-se a sacudir a cabeça e a murmurar: - São dessas coisas, major, são dessas coisas…

— E a todas essas, o preço do nosso gado na tablada vai baixando.

O viamonense começou a picar fumo reflexivamente. Depois, com sua voz calma, perguntou: - E no que deu aquele pedido que fizeram ao governo pra proibir a entrada do charque castelhano?

— Deu em nada! Está claro que o governo tem interesse no caso, pois não quer perder o imposto de importação.

— É o diabo… E agora ainda inventaram esse imposto de trezentos e vinte réis por cabeça de rês abatida…

Chico Amaral cuspiu no chão.

— Eu só quero ver como é que eles vão arrecadar. Eu só quero ver…

— É o diabo…

— Os castelhanos têm 'tudo que querem, fácil e ligeiro. Nós temos que depender das ordens do Rio. De nada nos adiantou elevarem o Rio Grande a capitania. Não vai adiantar nada também a gente ter a Corte no Rio de Janeiro. Vamos continuar aqui embaixo abandonados e esquecidos como sempre. Mas na hora do aperto eles vêm com esses pedidos de auxílio, porque o país está mal, porque isto e porque aquilo. Vosmecê se lembra da arrecadação de donativos que fizeram em 1805? Foi o mesmo que pedir esmola a particulares. Onde se viu?

— É o diabo… - murmurou de novo o visitante, enrolando o cigarro.

— E na hora de pegar no pau furado, na hora de brigar com os castelhanos a Corte apela é pra nós.

Parado junto da porta sem coragem de entrar, Pedro escutava o estancieiro, com os olhos fitos em suas botas embarradas.

Chico Amaral, que agora mascava com fúria um naco de fumo, começou a falar no problema do contrabando. Silva Gama fizera o possível para acabar com aquele abuso mas não conseguira nada. Os contrabandistas traziam negros das colônias portuguesas da África, tiravam guias para a Capitania do Rio Grande, mas na verdade seguiam viagem para Montevidéu e Buenos Aires, onde trocavam os pretos por charque, trigo, couro e sebo e iam depois vender estas mercadorias em outros pontos do Brasil, como se elas tivessem sido produzidas no Rio Grande.

— É assim que eles fazem concorrência ao nosso produto! - exclamou Chico Amaral. — Isso tem cabimento? É por essas e por outras que o nosso charque não pode competir com o da Banda Oriental. O couro deles tem boa cotação, o nosso fica aqui apodrecendo e o remédio é fazer surrão com ele!

Chico parou na frente do visitante, segurou-lhe o braço, encarou-o e perguntou: - Vosmecê sabe qual é a solução para esse negócio todo? Pois é invadir a Banda Oriental e arrebentar aquela coisa lá. Os castelhanos não podem se queixar porque foram eles que começaram essa história de entrar na terra dos outros.

O viamonense sacudiu a cabeça devagarinho e disse mansamente: - Guerra não resolve nada, major.

— Que diabo! Guerra resolve tudo.

Pedro, que tinha ido à casa de Chico Amaral para lhe pedir o arrendamento de alguns alqueires de terra, onde tencionava plantar uma lavoura de trigo, achou melhor voltar, pois viu que o homem estava excitado.

Uma semana depois, entretanto, conseguiu o que queria. Chico Amaral arrendou-lhe um pedaço de campo a um quarto de légua do povoado. Pedro contratou dois peões e com eles virou a terra. Nesse dia a mulher e a mãe também pegaram nas enxadas e os ajudaram. Trabalharam o dia inteiro.

Depois semearam. Passados seis meses, colheram. Pedro vendeu o trigo e ganhou um bom dinheiro. Tornou a semear e de novo teve boa colheita. Já por essa época sua casa estava pronta. Era de tábua, tinha um pomar e uma criação de galinhas e porcos.

Tudo corria bem para os Terras quando começaram a circular rumores duma nova guerra. Dizia-se que Dom João resolvera tomar conta da Banda Oriental.

Ana Terra suspirou e disse: - Isso é falta de serviço. Se esse homem tivesse de trabalhar como a gente, de sol a sol, não ia se lembrar de invadir terra alheia.

Foi no ano de 1811. Contava-se que na Banda Oriental havia barulho, porque os platinos queriam se ver livres da Espanha. Quem é que ia entender aquela confusão? Diziam também que dom Diogo de Sousa, o comandante das forças portuguesas na Capitania do Rio Grande, estava acampado em Bajé com seus exércitos. Tudo indicava que estava preparando a invasão.

Arminda rezava dia e noite diante do Cristo sem nariz. As mulheres de Santa Fé encheram a capela no dia em que se confirmaram os boatos de guerra. E lá dentro o rumor das rezas se misturava com o do choro.

Quando Chico Amaral apareceu uma tarde, exaltado, em cima do seu cavalo e mandou tocar sino, chamando os habitantes do lugar, Ana Terra saiu com um frio na alma, porque sabia o que ia acontecer. E tudo aconteceu como ela temia. Dom Diogo de Sousa apelava para o major Francisco Amaral, pedindo-lhe que se reunisse o quanto antes com seus homens às forças portuguesas que iam invadir a Banda Oriental.

Pedro teve de abandonar a lavoura para se incorporar à tropa de Chico Amaral.

— Uma coisa me diz que desta guerra eu não volto - murmurou ele quando se preparava para partir.

Arminda, que chorava com Bibiana agarrada às saias, não disse nada. Mas Ana Terra, que tinha os olhos secos, botou a mão no ombro do filho e falou: - Volta, sim. — E como se tudo dependesse de Pedro, ela olhou-o bem nos olhos e disse: - Vosmecê precisa voltar. Pense nos seus filhos, na sua mulher, na sua lavoura.

Os olhos de Pedro brilharam.

— Mãe, tome conta de tudo.

— Nem precisa dizer.

Chico Amaral e seus soldados partiram numa madrugada para reunir-se nas Missões às forças de Mena Barreto. Ana e Arminda tinham passado a noite em claro, ouvindo Pedro remexer-se na cama, inquieto. Ao partir ele estava pálido. Sabia como era a guerra. Não tinha nenhuma ilusão.

E de novo o povoado ficou quase deserto de homens. E outra vez as mulheres se puseram a esperar. E em cercas noites, sentada junto do fogo ou "a mesa, após o jantar, Ana Terra lembrava-se de coisas de sua vida passada. E quando um novo inverno chegou e o minuano começou a soprar, ela o recebeu como a um velho amigo resmungão que gemendo cruzava por seu rancho sem parar e seguia campo fora. Ana Terra estava de tal maneira habituada ao vento que até parecia entender o que ele dizia.

nas noites de ventania ela pensava principalmente em sepulturas e naqueles que tinham ido para o outro mundo. Era como se eles chegassem um por um e ficassem ao redor dela, contando casos e perguntando pelos vivos. Era por isso que muito mais tarde, sendo já mulher reita, Bibiana ouvia a avó dizer quando ventava: “Noite de vento, noite dos mortos…”

Noite de abril. A luz duma vela, na casa onde se hospeda, o botânico francês toma uma nota em seu diário de viagem.

Observo que quanto mais simplicidade de maneiras e conversa imprimo a meus atos, menos deferência recebo.

Os habitantes da Capitania do Rio Grande estão de tal modo habituados ao militarismo e ao ar carrancudo dos oficiais, que não acreditam em que uma pessoa simples e honesta possa ter importância.

Sim, os homens que tinham galões, títulos de nobreza, léguas de sesmaria, botas e cavalos falavam alto e grosso, de cabeça erguida.

E havia também os sem títulos nem terras nem galões, que falavam alto e grosso e de cabeça erguida porque tinham armas, botas e cavalos.

Mas os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas, sem nada; os pobres-diabos que andavam molambentos e de mãos vazias, esses só falavam alto e grosso entre os de sua igualha.

Porque ante os bem montados ficavam de olhos baixos e sem voz.

De seu às vezes nem um nome tinham. Donde vinham? Ninguém sabia ao certo nem procurava saber. Alguns haviam nascido de chinas ou bugras que dormiram com tropeiros, ladrões de gado, carreteiros, buscadores de ouro e prata, preadores de índios.

Outros eram sobras de antigas bandeiras, retirantes da Colónia do Sacramento, escravos foragidos, desertores do Regimento de Dragões, castelhanos vindos do outro lado do Uruguai, das planuras platinas: gente andarenga sem pouso certo, mamelucos, curibocas, cafuzos,

portugueses, espanhóis.

Alguns carregavam suas fêmeas e crias, mas em geral andavam sozinhos. E eram mais miseráveis que os bugres.

Ali vai um desses.

Como é teu nome?

João Caré.

Onde nasceste?

Não sei. Acho que cresci do chão como erva ruim que ninguém plantou.

Tua mãe?

Morreu.

Teu pai?

Nem ela sabia.

Tens pele de mouro, mas donde tiraste esses olhos esverdeados?

Nunca vi meus olhos.

João Caré anda sozinho, de pés no chão, quase nu, mal tapando as vergonhas com um chiripá esfarrapado. No inverno, quando o minuano sopra, ele cava na terra uma cova e se deita dentro dela. Quando a fome aperta e não há nada que comer, João Caré mastiga raízes, para enganar o estômago. E quando o desejo de mulher é muito, ele se estende de bruços no chão e refocila na terra.

Pobre não se casa, se junta. João Caré um dia se junta com uma china.

Fazem rancho de barro com coberta de capim. E começam a ter filhos. A única coisa que plantam na terra que não lhes pertence são os filhos que morrem.

Os que sobrevivem se criam com a graça de Deus. Um dia vem um homem a cavalo e grita Quem te deu licença pra fazer casa nestes campos?

Ninguém.

Esta terra é muito minha, tenho sesmaria d'el-rei. Toca daqui pra fora!

João Caré junta os trapos, a mulher, os filhos e se vai.

De pobre até o rastro é triste. Mas há muita fruta no mato, água nas sangas e mais os bichos de Nosso Senhor. Às vezes até encontram a fressura de alguma rês recém-carneada: é só limpar a terra.

Um dia João Caré chega ao Rio Pardo, ouve os sinos batendo, foguetes no ar pipocando, vê gente na rua gritando. Que foi? Que não foi?

Proclamaram a independência! Estamos livres dos galegos!

João Caré não compreende. E como precisa de dinheiro para dar de comer à família, aluga a filha mais moça a um negociante.

É virgem?

É sim senhor.

Quantos anos tem?

Deve andar pelos quinze.

Está no ponto.

É sim senhor.

Os olhos do homem cocam as pernas da chinoca.

Quanto quer por ela?

Vossa mercê faça preço.

Dois patacões e uma manta de charque.

Pode levar a menina.

Os olhos do homem cocam os peitinhos da chinoca.

Está fechado o negócio. Mas se ela não for virgem, quero de volta o dinheiro. E te mando dar uma sumanta de rabo-de-tatu.

Minha filha, vá com o coronel, faça tudo que ele mandar.

E foi assim que nasceu o Mingote Caré.

Cresceu ali mesmo no Rio Pardo, onde a mãe, china de soldado, dormia com os dragões a dez vinténs por cabeça.

Agora lá vai ela levando o Mingote no colo e outro filho sem pai no bucho. E o vento frio deste julho faz tremular seus molambos.

… e as bandeiras e velas do bergantim Protetor que está atracando no trapiche de Porto Alegre com imigrantes alemães a bordo.

Sua Excelência o presidente da província, de chapéu alto e sobrecasaca, os espera no porto, no meio de autoridades.

Da amurada do navio, Willy olha a cidade que os casais açorianos fundaram.

Desembarca meio estonteado, de mãos dadas com a mulher: Hànsel e Gretei, coitados, perdidos na floresta.

Num batelão com as outras famílias de imigrantes sobem o rio dos Sinos, de águas barrentas e margens baixas, rio sem história, sem castelos, sem andinas nem Loreleis.

Tornam a pisar terra firme, entram num carro de bois.

Este é o lote que te toca, Willy. Agora não passarás mais fome como em tua terra natal.

Willy olha a mata. Verflucht! É preciso derrubar árvores, virar a terra e antes de mais nada fazer uma casa. Mas o alfaiate Willy não sabe construir casas. Senta-se numa pedra e fica olhando as nuvens e achando que Gotl wird helfen.

Outras levas de imigrantes chegam. São da Rcnânia, do Palatinado, de Hesse, da Pomcrânia, da Baixa Saxônia e da Vestfália.

O ar da antiga Feitoria do Linho Cânhamo se enche do som de machados, serrotes, martelos e vozes estrangeiras. Árvores tombam, picadas se abrem, e escondidos dentro do mato bugres e bugios espiam intrigados aqueles homens louros.

Heinrich ficou debaixo dum cedro com o peito esmagado. Kurt foi

mordido por uma cobra. Um índio Jurou o olho de Jacob com um frechaço. Schadet nichts!

Dão à colônia o nome de São Leopoldo.

Ach mein Gott! Não gosto de charque nem de pão de milho nem de feijão com arroz.. Quem me dera ter batatas, sauerkraut, pão de centeio e alguns litros de cerveja!

Willy experimenta o mate chimarrão, queima a língua, cospe longe a água verde e amarguenta. Mas Hans o ferreiro prova e gosta, veste chiripá, se amanceba com mulata e, vergonha da colônia, muda de nome: é João Ferreira.

Uma tarde, em sua casa nova, nas faldas da serra Geral, Werner escreve ao seu lieber Vetter Fritz, que ficou na Alemanha .

…o governo não nos deu tudo que prometeu, mas com o amor de Deus vamos vivendo.

Como não havia mais terras devolutas em São Leopoldo, nos mandaram aqui par a a serra, onde existem índios ferozes.

Graças à divina Providência não passamos mais fome. Temos comida em abundância e nossa terra dá feijão branco e preto, milho, arroz e batata. Imagina, Fritz, batata! Também planto fumo, que é da melhor qualidade.

Deves vir também para cá. A viagem foi longa e dura, passei perigos e agruras, mas estou certo de que dentro de poucos anos serei um homem rico.

Olha, Fritz, tu que tanto gostas de frutas viverias aqui muito feliz, pois esta boa terra produz limas e limões, bananas, laranjas, ananases, figos, pêssegos, maçãs, melancias e melões. Agora vou plantar linho e algodão, e um dia talvez…

Werner parou de escrever porque estava na hora de voltar para a lavoura.

Nunca chegou a terminar a carta, pois naquele mesmo dia os índios atacaram a picada e mataram onze colonos. Werner caiu de borco com uma flecha cravada nas costas. A última palavra que disse, babujando a terra de sangue, não foi o nome do Vaterland nem o de algum ente amado. Foi: Scheisse!

Um dia um gaúcho andarengo e pobre passou a pé por São Leopoldo.

Olhou a colônia que já tomava jeito de vila, viu homens trabalhando nas roças, ferreiros batendo bigorna, seleiros fazendo lombilhos, moleiros moendo trigo, padeiros fazendo pão, e como passasse por sua frente um filho de Willy, grandalhão, corado, feliz, bem montado num lindo alazão, o caboclo teve um súbito ímpeto de revolta e gritou: Alemão batata!

E se foi, desagravado, erguendo poeira do chão com seus pés descalços.

Depois veio a guerra com os castelhanos. Formaram nas colônias uma Companhia de Voluntários Alemães.

E de vários pontos da província cinco Carés foram levados a maneador para as tropas nacionais como voluntários.

Nunca ficaram sabendo direito contra quem brigavam nem por quê.

Mas lutaram como homens, e nenhum deles desertou. Eram magros mas rijos.

Foi nessa mesma guerra que um tal tenente Rodrigo Cambará um dia avançou a cavalo contra uma bateria castelhana e com um laço de onze braças laçou uma boca de fogo inimiga e se precipitou com ela, gritando e rindo, a trancos e barrancos, para as linhas brasileiras.

Por essa e por outras ganhou uma medalha e foi promovido a capitão.

Pedro Caré nessa guerra teve um braço amputado. E nunca recebeu soldo.

Quando veio a paz voltou à vida antiga.

Onde foi que perdeu o braço?

Na guerra.

Não lhe faz muita falta?

Nem tanto. Graças a Deus me cortaram só o braço.

E meio rindo ele mostrava sua china, que tinha um filho no colo e outro na barriga.

Por essa e por outras foi que a raça dos Carés continuou.

O Sobrado - III

25 de junho de 1895: Tarde

Pouco depois do meio-dia, Licurgo sobe à água-furtada e de lá fica espiando a praça, onde não enxerga viva alma. O homem que está de plantão se queixa: - Faz mais de quinze horas que não dou um tirinho. Licurgo mantém-se calado. Seus olhos estão fitos na fachada da Intendência. Lá dentro daquela casa está Alvarino Amaral, e nesse homem Licurgo concentra todo o fogo de seu ódio, como se ele fosse o culpado de tudo: da revolução, da morte de sua filha, de toda a desgraça que caíra sobre sua casa…

— Que será que houve? - pergunta ele, mais para si mesmo que para o companheiro.

— Decerto os maragatos já abandonaram a cidade. Licurgo sacode a cabeça.

— Se tivessem abandonado, alguém já tinha vindo me avisar. As vidraças das casas da praça chispam ao sol. Há geada na cara dos mortos, ali na rua, e Licurgo olha para eles com nojo.

— Se a gente pudesse mandar enterrar esses cadáveres… - murmura.

O atirador boceja.

— Quando bate o vento, não se aguenta o mau cheiro - diz ele, cuspinhando.

— Terá alguém agora na torre da igreja?

O outio dirige para o campanário um olhar mortiço, pesado de sono: - Acho que não.

— É esquisito…

— Parece que os maragatos estão se preparando para abandonar a cidade.

— Por quê?

— Ao romper do dia chegou um homem a cavalo. Vi quando ele entrou pela Rua do Comércio. Ia fazer pontaria mas achei que era desperdiçar bala.

Estava ainda meio escuro e o diabo vinha muito longe. De repente desapareceu. Decerto entrou na Intendência pelos fundos. Depois disso notei uns movimentos, um vaivém…

— Vou mandar um homem buscar água no poço. Fique observando a torre e, se enxergar algum vulto, faça fogo.

Espraia mais uma vez o olhar pela praça. Lembra-se doutros tempos, quando ali havia paz e gente alegre. Pensa na última festa do

Divino, no coreto onde tocava uma banda de música, nas bandeirinhas de papel colorido, na quermesse, nos fogos de artifício, nos jogos… Santo Deus, quanto tempo faz que essas coisas aconteceram!

— Às quatro vou mandar um homem lê render - diz Licurgo.

E desce. Desce com a sensação de que sua casa não é a mesma de algumas horas atrás. Antes havia ali dezenove pessoas: treze homens, quatro mulheres e duas crianças. Agora existem vinte, mas a vigésima está morta. "Chama-se Aurora. É uma linda moça. Nasceu numa noite de inverno, quando a casa dos pais estava cercada pelos maragatos." Ninguém mais há de dizer estas palavras no futuro, porque Aurora nasceu morta.

Licurgo desce à cozinha e manda Gervásio - um caboclo retaco de olhos claros ·- buscar água ao poço.

Entra depois na sala de visitas. Em cima da mesinha redonda está o corpo da recém-nascida, dentro duma caixeta de marmelada, coberta com uma toalha. Ao pé da caixeta bruxuleia a chama do último toco de vela que existe em casa. A um canto da sala, sentado numa cadeira, Florêncio Terra está num silêncio resignado. O grande espelho de moldura dourada reflete sua figura triste: um velho de rosto moreno, longo e descarnado, com uma barba grisalha a cobrir-lhe as faces e o queixo, o bigode de pontas amareladas a escorrer-lhe pelos cantos da boca. A seu lado, Maria Valéria conversa com a mulata Laurinda, que acaba de descer.

— A Alice já acordou? - pergunta a primeira.

— Não, senhora.

— E dona Bibiana? - Já.

— Onde estão as crianças?

— No quarto da frente, brincando. Licurgo aproxima-se da cunhada.

— Quando é que os homens vão comer? - pergunta.

— Pode ser agora. — Volta-se para Laurinda: - Dê comida prós homens.

Laurinda fita nela os olhos surpresos: - Mas que comida?

— Os restos de charque e farinha. Ouve-se a voz cansada de Florêncio: - Eu não quero nada, Laurinda.

Licurgo percebe que estes três pares de olhos estão postos nele.

Sente-se na obrigação de dizer alguma coisa: - Acho que hoje é o último dia de sítio. A sentinela do sótão me disse que viu uns movimentos esquisitos na Intendência. Parece que não tem mais ninguém na torre. Não se enxerga ninguém na praça. Acho que os maragatos estão liquidados.

Os outros continuam calados. Licurgo não ousa encarar a cunhada.

Senta-se pesadamente numa cadeira e fica a olhar para cima da

mesinha.

Sua filha morta, dentro duma caixa de marmelada! Podia ter um caixãozinho branco, com enfeites dourados. Mas está dentro daquela caixeta, como filha de pobre. Morta, fria, um pedaço de carne sem vida.

E o estômago se lhe contrai numa náusea quando ele pensa, por associação, em carne de nonato. Se ao menos pudesse fumar! Os lábios lhe ardem. A falta de cigarro lhe dá a impressão de que sua língua cresceu, inchou.

Maria Valéria aproxima-se dele e diz: - Precisamos enterrar essa criança, Curgo. Ele ergue os olhos.

— Enterrar? Mas onde? - pergunta com voz embaciada.

No porão. No porão? Só até terminar o sítio. Depois se leva o corpo pró cemi- tério.

Licurgo torna a baixar a cabeça.

— Está bem. Mas quando?

— Pode-se esperar ainda umas horas. Mas acho que não adianta nada. É melhor enterrar já.

Florêncio solta um suspiro.

— Vou ver a Alice - diz ele, levantando-se e encaminhando-se para a escada.

Licurgo esquecera a presença de Maria Valéria e, inclinando o busto para a frente, apoiando os cotovelos nas coxas, esconde o rosto nas mãos.

Vem-lhe à mente a imagem de Ismália. Que lhe terá acontecido? Pensa também em sua estância… A esta hora os malditos federalistas decerto já invadiram os campos do Angico, cortaram o aramado, arrebanharam o gado, carnearam, depredaram a casa e - miseráveis - provavelmente serviram-se à vontade no corpo da rapariga.

A voz de Maria Valéria: - Vossuncê precisa mas é dormir.

Licurgo ergue a cabeça, quase num sobressalto.

— Dormir? - repete, como se não conhecesse a palavra.

— Vá pra cima e se deite.

Curgo continua sentado, agora com o busto inteiriçado, o ar meio agressivo.

— Não adianta nada vossuncê se martirizar desse jeito - insiste a cunhada.

— A senhora também precisa dormir.

— Já dei uma cochilada há pouco no quarto de Alice. Faça o mesmo.

— Mas não estou com sono.

— Não pode deixar de estar. Faz duas noites que não dorme.

— Eu sei do que preciso.

Licurgo odeia que tomem com ele atitudes maternais. Maria

Valéria contempla-o por um breve instante e depois torna a falar: - Vossuncê licando acordado a situação não melhora em nada. A criança nasceu morta. A Alice está com febre. Os mantimentos se acabaram. O Tinoco está com pasmo.

À menção do nome de Tinoco, Licurgo franze o cenho. Naquelas últimas horas havia-o esquecido por completo. Mas dentro dum segundo Tinoco torna a desaparecer-lhe da consciência, pois Licurgo está tomado por um sentimento de revolta ante a enumeração de desgraças que a cunhada acaba de fazer com um ar de quem acha ser ele o único culpado de tudo. Começa a sentir um calor no peito e a custo reprime um palavrão: Cadela! Desvia os olhos do rosto daquela mulher, cujas feições ele sempre aborreceu e agora começa a odiar.

— Por falar nisso - diz ela - é preciso fazer alguma coisa por esse pobre homem.

— Mas que querem que eu faça?

— Já lhe disse mil vezes. Bote uma bandeira branca na frente da casa, peça uma trégua, diga que é pra salvar a vida dum cristão. Não. De dois.

Chame o dr. Winter. Ele pode trazer remédios pra Alice e os petrechos pra cortar a perna do Tinoco.

— Já lhe disse que não peço favor a maragato.

— Prefere então deixar aquele coitado apodrecendo aos poucos lá na despensa?

— Não prefiro coisa nenhuma. Guerra é guerra.

Curgo grita mas não se sente muito seguro do que diz. E fica ainda mais furioso por ver que Maria Valéria está percebendo sua indecisão, sua luta de consciência.

— O Tinoco está perdido - acrescenta, sem grande convicção. — Não tem mais jeito, mesmo que cortem a perna dele.

— Quem rói que lhe disse? Faz dois dias que vossuncê nem entra na despensa.

— Tenho tido coisas mais importantes a fazer.

— Ouça o que lhe digo. Ainda há tempo de salvar o Tinoco.

— Milhares de homens têm morrido nesta revolução por causa de suas ideias. A vida duma pessoa não é tão importante assim. Há coisas mais sérias.

— O seu orgulho, por exemplo.

Licurgo Cambará ergue os olhos para a cunhada: seus maxilares inferiores se mexem sob a pele tostada que uma grossa barba negra recobre.

— Pois bem. O meu orgulho. Eu respondo pelos meus atos. Se depois de terminado tudo isto eu for chamado perante um tribunal, irei de consciência tranquila.

— Duvido.

— Nunca fugi à responsabilidade - diz ele, alteando a voz e falando num tom gutural, como se estivesse engasgado.

— Só grita quem sabe que não tem razão.

— Não estou gritando. Posso falar como entendo porque estou na minha casa.

— Todo o mundo sabe disso.

— É melhor a senhora ir calando a boca. Como chefe político tenho deveres que uma mulher não pode compreender.

Maria Valéria está pálida e seus lábios treinem um pouco quando ela diz: - De política não entendo nem quero entender. Só sei que minha irmã está doente e precisa dum doutor e de remédio. Só isso é que sei.

— Mas a Alice não está em perigo de vida.

— Está com febre alta e ninguém sabe o que pode acontecer.

Curgo faz um gesto de impaciência, ergue-se, dá algumas passadas na sala, para junto da mesinha, olha por um instante para a caixeta onde está o corpo da filha e depois, mais calmo, quase conciliador, diz: - Tenho a mais absoluta certeza que amanhã o mais tardar os republicanos chegam e a cidade fica livre desses maragatos.

Maria Valéria fita em Curgo os olhos graúdos, quase exorbitados: - Podemos então fazer três enterros ao mesmo tempo - diz ela. — O da criança, o do Tinoco e o da Alice.

Curgo cresce para a cunhada, como se a quisesse esbofetear.

— Cale essa boca, sua…

Ouve-se um tiro. Outro. E outro. E o tiroteio começa, cerrado. Os defensores do Sobrado correm para as janelas e põem-se a atirar para fora. Licurgo precipita-se para a cozinha. Abre a porta e vê Gervásio que sobe a escada, meio encurvado, com uma mão sobre o peito e a outra a segurar o balde. Desce a auxiliá-lo, toma-lhe o balde com uma das mãos, com a outra enlaça o companheiro pela cintura e arrasta-o para dentro de casa.

— A sentinela da torre me viu e fez fogo - diz o caboclo, ofegante.

Deitam-no no chão da cozinha.

— Onde foi?

O peão arreganha os dentes.

— Não foi nada. Parece que a bala me pegou de refilão. Licurgo abre-lhe a camisa.

— O maragato te tirou um bom pedaço de carne do peito - diz ele. — Tiveste sorte, Gervásio. Por um pouco que não te entra no coração.

O caboclo continua sorrindo.

— Patrão, faça um churrasco desse naco de carne.

Um dos companheiros ajoelha-se ao lado dele, lava-lhe a ferida e depois passa nela uma pena de galinha embebida em creolina.

— Está doendo, Gervásio?

— Coisa de nada.

O ferido soergue-se, olha em torno e diz: - Eu dava metade da vida pra ter agora um cigarrinho de palha!

Depois, olhando para o balde, ajunta: - Mas a água está ali. Não perdi uma gota… Um dos homens toma do balde e diz: - É. Mas quem é que vai beber isso?

Os outros olham: a água está toda tinta de sangue.

A sala de visitas está deserta. Toríbio e Rodrigo entram de mansinho, de pés descalços e chinelos nas mãos, aproximam-se da mesa e ficam parados, a respiração alterada, como se estivessem razendo uma coisa proibida.

Conversam num sussurro: - Ela está aí dentro da caixeta? - pergunta Rodrigo.

— Está, sim - responde Toríbio. — Pequeninha, não é? - É.

— Como será a cara dela?

— Não sei.

— Vamos tirar o pano pra ver?

— Não.

— Por quê?

— Tenho medo.

Uma pausa. As duas crianças ficam olhando para a toalha que cobre a caixeta.

— Engraçado… - diz Rodrigo, entortando a cabeça e sorrindo.

— Que que é engraçado?

— Ela ser nossa irmã…

— E mesmo…

— E ter nascido morta.

— Pois é…

— Não adiantou nada. Toda a dor, todos os gritos da mãe…

— Não adiantou.

— E agora?

Bio encolhe os ombros.

— Agora enterram ela.

— Onde?

— No porão.

— Como é que tu sabe?

— A tia Maria Valéria me contou.

— E depois?

— Depois… nada.

— Que é que acontece quando enterram uma pessoa?

— Ela apodrece, os bichos comem ela.

— Que bichos?

— Ora… os bichos. Rodrigo sacode a cabeça.

— Não entendo.

— Que é que tu não entende? Rodrigo taz um gesto vago: - Tudo…

Toríbio ergue a mão e começa a puxar a toalha.

— Não! - protesta o outro.

— Eu quero só ver a carinha dela. Rodrigo recua um passo, fecha os olhos.

— Olha só, Rodrigo. Olha.

Sempre de olhos fechados, o outro continua a sacudir a cabeça, fazendo que não.

— Olha, bobalhão.

Rodrigo abre os olhos. Dentro da caixeta de marmelada, aquela coisa enrolada nuns panos parece uma bonequinha de carne. Rodrigo aproxima-se mais.

— É bem direitinha… - diz.

Estão ambos com os olhos muito próximos do rosto da morta.

— Tem nariz, tem olhos, tem tudo - murmura Toríbio.

— Só não respira.

— Está morta…

— Por que ela está dessa cor?

— Morto fica assim.

— É?

— É.

— Como é o nome dela?

— Não tem.

— Por quê?

— Porque não foi preciso.

— Como é então que nós vamos chamar ela?

— Mas nós não vamos chamar ela.

— Eu sei dum nome. — Qual é?

— A enterradinha.

— Bobo!

Olham uma vez mais para a irmã. Depois Toríbio docemente torna a cobrir a caixeta com a toalha.

— Vamos brincar? - convida ele.

— De que - De revolução. Eu sou republicano e tu é maragato.

— Não. Eu sou republicano e tu maragato.

— Assim não vale. Então vamos brincar da guerra do livro.

— Isso mesmo! Eu sou francês e tu prussiano.

— Está feito.

Fazem meia-volta e se vão. Junto da porta voltam-se ainda, e lançam um olhar para a caixeta. Toríbio fecha um olho, leva ao rosto uma carabina imaginária, aponta para a irmã, dorme na pontaria e depois faz - teu Pouco depois das três horas Licurgo apanha uma pá,

toma nos braços a caixa com o cadáver da filha e desce com ela para o subsolo, pelo alçapão da sala de jantar. Já com metade do corpo para baixo do soalho, ele olha para o sogro, para a cunhada e para os outros homens que, num silêncio respeitoso, se preparam para acompanhá-lo: - Não é preciso ninguém descer comigo. Eu posso fazer o serviço sozinho.

Maria Valéria fica esperando na sala de visitas, sentada junto do pai.

Laurinda, com uma expressão de sonolenta tristeza nos olhos escuros, lamenta: - A inocentinha vai ser enterrada sem batismo.

— Essa criança não tinha pecado, Laurinda - observa Maria Valéria num tom de censura.

— Mas pagou pelos pecados dos pais, minha filha - diz o velho Terra.

— Não acredito nessas coisas.

— A gente tem de acreditar. Quando a senhora chegar à minha idade vai mudar de opinião.

— Esse negócio de pecado é bobagem.

— Não diga isso. Laurinda pergunta: - Se vosmecê é herege por que é então que reza no oratório?

— Porque acho que existe um Deus. Um Deus que às vezes nem bom é. Mas existe, governa o mundo, como um chefe, como um…

Como Licurgo - pensa ela, terminando a frase no pensamento. Um Deus mandão, orgulhoso, absurdo, que às vezes odiámos, outras vezes amamos, e a cujas ordens sempre acabamos obedecendo, por bem ou por mal.

Laurinda dirige-se para a cozinha a fim de preparar a comida de dona Bibiana e das crianças: uma papa de biscoitos velhos amolecidos n'água quente com um pouco de farinha de mandioca e caldo de laranja.

Florêncio Terra tira a faca da bainha e começa a limpar as unhas num silêncio absorto. Maria Valéria cerra os olhos por um instante e encosta a cabeça no respaldo da cadeira. Imagina o que se está passando lá embaixo. Agora Licurgo abre no chão úmido do porão uma pequena cova, enquanto ratões passam pelos cantos sombrios. Ao pé de Licurgo, a caixeta. Marmelada branca. A criança tinha mesmo uma cor de marmelada branca. E Maria Valéria pensa nas vezes em que já ficou ao pé do fogão, de mangas arregaçadas, mexendo com uma pá de madeira no tacho onde fervia a marmelada branca. Nunca mais ela poderá fazer ou comer marmelada sem pensar na criança morta.

A voz do pai atravessa seu triste devaneio. Ela ouve o som das palavras mas não percebe o sentido delas.

— Hein? - pergunta, abrindo os olhos.

— De que cor eram os olhinhos dela?

— Pretos… acho.

— Que nome iam botar na criança?

— Não sei, papai. Que adianta a gente estar pensando agora nessas coisas?

— Ora, minha filha, eu só queria saber. Faz algum mal? Ruído na sala de jantar: o alçapão que se fecha com um es- nondo. O velho Terra estremece. Maria Valéria levanta-se e caminha para a peça contígua.

Licurgo está no meio da sala, com os cabelos revoltos, o rosto lustroso de suor.

— Está enterrada - diz ele, seco.

Atira a pá no chão e com passos cansados dirige-se para a escada.

Alice soergue-se na cama: tem as faces afogueadas, os lábios gretados, e há em seus olhos uma luz tão estranha que Licurgo tem a impressão de estar diante duma desconhecida.

— Onde está a minha filha? - pergunta, exaltada. Licurgo hesita por um instante, mas Maria Valéria, que acaba de entrar, responde: - Tenha calma, menina. Deixe a criança dormir. Depois eu trago ela.

— Mas onde botaram a minha filha? - torna a perguntar Alice, quase gritando, a mover a cabeça dum lado para outro, numa busca aflita.

— Está dormindo no meu quarto… - mente Maria Valéria.

— Dormindo? É mentira. Ela nasceu morta. Eu sei… Eu sabia que ela estava morta. Fazia dias que não se mexia dentro de mim.

De pé junto da cama Licurgo está imóvel, como que chumbado ao chão. A voz de Alice lhe faz mal aos nervos. É-lhe tão desagradável ver a mulher assim descabelada a gritar, que ele desvia os olhos dela. Detesta as cenas, sempre achou insuportáveis as pessoas teatrais. Mas compreende também que Alice - de ordinário tão quieta e sensata - está doente, com febre e não deve saber o que faz nem o que diz. A coisa toda, porém, se parece tanto com cenas que ele já viu no teatro ou em descrições de folhetins de jornal, que não pode evitar uma sensação de mal-estar que lhe põe no corpo um calor formigante.

— Onde botaram a minha filha? - exclama Alice. — Por que não esperaram que eu acordasse pra depois levarem ela daqui?

Maria Valéria aproxima-se da cama, toma a irmã pelos ombros e obriga-a a deitar-se.

— Vamos, Alice. Não podes te agitar desse jeito. Fica quieta. Agora, deitada, com os braços debaixo das cobertas, Alice começa a sacudir a cabeça sobre o travesseiro, dum lado para outro.

— Por que deixaste levar a nossa filha, Licurgo? - murmura ela. — Por quê?

Licurgo faz um esforço sobre si mesmo para dizer: - Tinha que ser,

Alice.

— Mas por quê? - insiste ela. — Não podiam esperar mais um pouco, só um pouquinho?

De repente a cabeça fica imóvel, as pálpebras se fecham, o rosto se contorce ao mesmo tempo que as lágrimas começam a brotar-lhe dos olhos e a escorrer-lhe pelas faces.

— Tragam a minha filha… - pede ela com voz de criança. — Eu sei que ela está morta. Mas tragam assim mesmo. Eu quero pegar ela um pouquinho.

Licurgo e a cunhada entreolham-se. Passando a mão de leve pelos cabelos da irmã, Maria Valéria sussurra: - Não adianta ver a criança agora, Alice. Podes ficar mais nervosa.

Alice abre os olhos: - Então ela nasceu aleijada! É isso. Vocês não querem que eu veja a minha filha porque ela nasceu aleijada!

Maria Valéria reprime um suspiro de impaciência.

— Não foi nada disso. Nós não trazemos a criança… porque ela já está enterrada.

Por alguns instantes Alice não diz palavra, fica chorando de mansinho, mordendo os lábios, os olhos postos no teto.

— Enterrada… Então já levaram ela pró cemitério?

Há um silêncio de alguns segundos. Depois Licurgo diz com voz dura: - Foi enterrada no porão.

— No porão? - balbucia Alice.

— Não havia outro jeito.

— No porão… - Alice repete a palavra várias vezes e depois com voz aflita pergunta: - Não vão acertar nenhuma bala no corpinho dela, Licurgo?

— Não, Alice, não há perigo.

— No porão… Sozinha, com este frio, no porão… E sem nome… sem nenhum nome… sem nada.

Licurgo fica olhando fixamente para a chama triste da lamparina.

No seu quarto dona Bibiana termina de comer a papa que Laurinda lhe trouxe.

— Então nasceu morta? - pergunta a velha. — Essa foi feliz…

— Não diga isso, dona.

— Ué, por que não hei te dizer?

— A coitadinha…

— Morreu em boa hora. Essa não tem de trabalhar, sofrer, casar, criar filhos, e ficar esperando quando os filhos vão pra guerra. Primeiro precisam da gente, mamam nos nossos peitos, mijam no nosso colo. Depois crescem, se casam e tratam a gente como um caco velho.

— Coma mais um pouco.

— Era bonita?

— A criança? Era uma lindeza.

— Parecia com alguém da família?

— Um pouco com o pai.

— Sangue Cambará não nega… - E a velha sorri. Laurinda tira-lhe o prato das mãos. Dona Bibiana cruza os braços sob o xale e começa a se balançar na cadeira.

— O capitão Rodrigo ia gostar de ver a cara da bisneta.

Um certo capitão Rodrigo

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido: - Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!

Havia por ali uns dois ou três homens, que o miraram de soslaio sem dizer palavra. Mas dum canto da sala ergueu-se um moço moreno, que puxou a faca, olhou para Rodrigo e exclamou: - Pois dê!

Os outros homens afastaram-se como para deixar a arena livre, e Nicolau, atrás do balcão, começou a gritar: - Aqui dentro não! Lá fora! Lá fora!

Rodrigo, porém, sorria, imóvel, de pernas abertas, rebenque pendente do pulso, mãos na cintura, olhando para o outro com um ar que era ao mesmo tempo de desafio e simpatia.

— Incomodou-se, amigo? - perguntou, jovial, examinando o rapaz de alto a baixo.

— Não sou de briga, mas não costumo aguentar desaforo.

— Ooi bicho bom!

Os olhos de Rodrigo tinham uma expressão cômica.

— Essa sai ou não sai? - perguntou alguém do lado de fora, vendo que Rodrigo não desembainhava a adaga. O recém-chegado voltou a cabeça e respondeu calmo: - Não sai. Estou cansado de pelear. Não quero puxar arma pelo menos por um mês. — Voltou-se para o homem moreno e, num tom sério e conciliador, disse: - Guarde a arma, amigo.

O outro, entretanto, continuou de cenho fechado e faca em punho. Era um tipo indiático, de grossas sobrancelhas negras e zigomas salientes.

— Vamos, companheiro - insistiu Rodrigo. — Um homem não briga debalde.

Eu não quis ofender ninguém. Foi uma maneira de falar…

Depois de alguma relutância o outro guardou a arma, meio desajeitado, e Rodrigo estendeu-lhe a mão, dizendo: - Aperte os ossos.

O caboclo teve uma breve hesitação, mas por fim, sempre sério, apertou a mão que Rodrigo lhe oferecia.

— Agora vamos tomar um trago - convidou este último.

— Mas eu pago - disse o outro.

Tinha lábios grossos, dum pardo avermelhado e ressequido.

— O convite é meu.

— Mas eu pago - repetiu o caboclo.

— Está bem. Não vamos brigar por isso. Aproximaram-se do balcão.

— Duas caninhas! - pediu Rodrigo.

Nicolau olhava para os dois homens com um sorriso desdentado na cara de lua cheia, onde apontava uma barba grossa e falha.

— É da boa - disse ele, abrindo uma garrafa de cachaça e enchendo dois copinhos.

Houve um silêncio durante o qual ambos beberam: o moço em pequenos goles, e Rodrigo dum sorvo só, fazendo muito barulho e por fim estralando os, lábios.

Tornou a pôr o copo sobre o balcão, voltou-se para o homem moreno e disse: - Meu nome é Rodrigo Cambará. Como é a sua graça?

— Juvenal Terra.

— Mora aqui no povo?

— Moro.

— Criador!

O outro sacudiu a cabeça negativamente.

— Faço carreteadas daqui pró Rio Pardo e de lá pra cá.

— Mais um trago?

— Não. Sou de pouca bebida.

Rodrigo tornou a encher o copo, dizendo: - Pois comigo, companheiro, a coisa é diferente. Não tenho meias medidas. Ou é oito ou oitenta.

— Ha gente de todo o jeito - limitou-se a dizer Juvenal. Rodrigo olhou para o vendeiro.

— Como é a sua graça mesmo, amigo?

— Nicolau.

— Será que se arranja por aí alguma coisa de comer? Nicolau coçou a cabeça.

— Posso mandar fritar uma linguiça.

— Pois que venha. Sou louco por linguiça!

O capitão tomou seu terceiro copo de cachaça. Juvenal, que o

observava com olhos parados e inexpressivos, puxou dum pedaço de fumo em rama e duma pequena faca e ficou a fazer um cigarro.

— Pois lê garanto que estou gostando deste lugar - disse Rodrigo. — Quando entrei em Santa Fé, pensei cá comigo: capitão, pode ser que vosmecê só passe aqui uma noite, mas também pode ser que passe o resto da vida…

— E o resto da vida pode ser trinta anos, três meses ou três dias… - filosofou Juvenal, olhando os pedacinhos de fumo que se lhe acumulavam no côncavo da mão.

E quando ergueu a cabeça para encarar o capitão, deu com aqueles olhos de ave de rapina.

— Ou três horas… - completou Rodrigo. — Mas por que é que o amigo diz isso?

— Porque vosmecê tem um jeito atrevido.

Sem se zangar, mas com firmeza, Rodrigo retrucou: - Tenho e sustento o jeito.

— Por aqui hai também muito homem macho.

Houve um silêncio desconfiado. Juvenal pôs de lado a faca e ficou a amaciar o fumo, apertando-o na palma da mão esquerda com o lado da direita.

Um cheiro de linguiça frita espalhava-se no ar. Rodrigo Sorriu e começou a bater com a mão espalmada no balcão.

— Como é, amigo Nicolau, essa linguiça vem ou não vem? Do fundo da casa, o vendeiro respondeu: - Tenha paciência, patrício. Rodrigo voltou-se para Juvenal: - Então vosmecê acha que não posso passar aqui nem três horas.

— Não foi bem isso que eu disse.

— Mas deu a entender.

— Mais ou menos.

— E por quê?

— Tudo pode acontecer, não pode?

— Quer dizer que ha valentões por cá. E decerto eles vão se estranhar comigo…

— Mais ou menos…

Agora Juvenal alisava a palha com a lâmina da faca, pachorrento. Seus olhos continuavam ainda postos no estranho, avaliando-o. Achava engraçada aquela combinação de bombacha e casaco de soldado. Implicava um pouco com o lenço vermelho. Aquele violão a tiracolo também lhe inspirava desconfiança. Nunca tivera simpatia por homem que vive gauderiando. Enfim, é preciso haver de tudo um pouco neste mundo - concluiu.

Começou a falar em coisas vagas: o tempo, as colheitas, uma carreira que ia realizar-se dali a uma semana… Mas estava ansioso por saber quem era aquele tal capitão Rodrigo, e de onde tinha vindo. Que

era prosa, logo se via; que era fanfarrão, não restava a menor dúvida. Tinha entrado ali altivo e provocante, mas não sustentara a provocação.

Porque não queria brigar debalde? Ou porque era medroso? Não. Juvenal conhecia bem homem e cavalo. Aquele homem não era covarde.

— Está na mesa! - gritou Nicolau. — Venha entrando.

— Vamos comer alguma coisa? - convidou Rodrigo, puxando Juvenal pelo braço - Já almocei.

— Mas venha dar uma prosa.

Juvenal foi. Sentaram-se a uma mesa de pinho, sebosa e sem toalha, e sobre a qual estava um prato onde se enroscava uma linguiça tostada e fumegante, ao lado duma farinheira de pau transbordante de rarofa.

Rodrigo começou a trinchar a linguiça com alegria. Juvenal bateu o isqueiro, acendeu o cigarro, tirou duas tragadas e ficou a observar o forasteiro. Já começava a achar que ele tinha uma cara simpática. Só o jeito de olhar é que não era lá muito agradável: havia naqueles olhos muito atrevimento, muita prosápia e assim um ar de superioridade.

Depois, Juvenal sempre desconfiara de homem de olho azul… No entanto, podia jurar que nunca vira cara de macho mais insinuante. Os cabelos do capitão eram meio ondulados e dum castanho escuro com uns lampejos assim como de fundo de tacho ao sol. O nariz era reto e fino, os beiços dum vermelho úmido, meio indecente, e o queixo voluntarioso. Fumando em calma, Juvenal observava Rodrigo, que mastigava com gosto, o bigode já respingado de farofa.

— Quase que nos estranhamos, hein, amigo Juvenal?

— É verdade…

Com a boca cheia, meio atirado para trás na cadeira de assento de palha, Rodrigo olhou bem nos olhos do outro e perguntou, afrouxando o nó do lenço: - A moçada da terra gosta de jogar cartas?

— Alguns gostam.

— E o amigo?

— Eu não jogo.

— Nunca jogou?

— Nunca.

— Pois perdeu metade da sua vida. A gente precisa experimentar de tudo.

— Hai pessoas de todo o jeito.

— Pelo que vejo, o amigo é um homem sem vícios.

— Nem tanto.

— É casado?

— Sou.

— Com moça da terra?

— Vosmecê até parece vigário.

— Faz algum mal perguntar?

— Mal não faz.

Houve uma pausa longa, em que Rodrigo se atirou com apetite à linguiça.

A cabeça da mulher de Nicolau apontou num vão de porta, e seus olhinhos curiosos e assustados ficaram espiando o desconhecido por um instante.

Rodrigo ergueu para ela os olhos atrevidos e a cabeça desapareceu, num movimento de ave assustada.

— Ha muitas moças bonitas neste povo?

— Algumas.

— Não me refiro só a moças de família…

Juvenal verrumava o outro com seus olhos miúdos, calado como se não tivesse ouvido a pergunta. Rodrigo tirou da linguiça um espinho verde de laranjeira e, erguendo-o no ar, esclareceu: - Faz dois meses que não tenho mulhei…

O cigarro de palha estava colado ao lábio inferior de Juvenal, que tinha a boca entreaberta e uma expressão de desconfiança nos olhos. Ficou assim algum tempo e depois falou, vagaroso: - Amigo, acho que vosmecê não vai esquentar lugar em Santa Fé.

— Quem foi que lhe contou?

— Eu é que acho.

— Por quê?

Rodrigo levou à boca o último pedaço de linguiça, tendo primeiro o cuidado de esfregá-lo demoradamente na farofa.

— Aqui todas as mulheres têm dono - explicou Juvenal Terra. — As que ainda não têm são moças de família e querem casar.

Rodrigo mastigava ruidosamente, escutando. O outro continuou: - E é melhor eu ir lhe avisando, capitão, a gente desta terra é de boa paz, mas não gosta que ninguém venha lhe pisar no poncho…

— Mas eu não vou pisar no poncho de ninguém, companheiro!

— As vezes a gente pisa sem querer.

Rodrigo encolheu os ombros, empurrou o prato vazio para o centro da mesa e gritou: - Nicolau!

Quando o vendeiro apareceu, o capitão perguntou: - Tem sobremesa?

— Tem pessegada com queijo.

— Então traga. Gosto de tudo.

Nicolau voltou para a cozinha, enquanto Rodrigo ficou palitando os dentes com o espinho. Juvenal pensou em erguer-se e sair; não sabia por que continuava ali, conversando com aquele forasteiro. Sentia por ele uma atração inexplicável. Tinha vontade de saber mais do passado daquele homem. Não era seu feitio bisbilhotar a vida dos

outros, mas achava também que não fazia nenhum mal perguntar àquele cristão de onde vinha, já que ele lhe fizera tantas indagações.

— Ainda que mal pergunte - começou, batendo o isqueiro para acender o cigarro que se apagara - donde vem o amigo?

Rodrigo fez um gesto largo e respondeu: - Venho de muitas guerras.

— Andou pela Banda Oriental?

— Se andei pela Banda Oriental? Mais duma vez.

Nicolau trouxe a sobremesa num pires trincado, com um garfo sem cabo.

Rodrigo preferiu usar a própria adaga. Tirou-a da bainha e cortou com ela um pedaço de pessegada, depois um naco de queijo, espetou-os ambos na ponta da arma e levou-os à boca.

— Sentei praça com dezoito anos e em 1811 andei com as forças que invadiram a Banda Oriental.

— E que tal foi a coisa? Rodrigo encolheu os ombros.

— Não foi das piores. Deu pra gente se divertir.

— Meu pai esteve também nessa guerra.

— Como é o nome dele?

— Pedro Terra.

— Nunca ouvi talar.

— Mas ele esteve - afirmou Juvenal, num tom quase agressivo.

— Está bem. Não desminto. Só disse que não conheço o nome.

Uma curta pausa.

— Entrei em Montevidéu em 1817 com as forças do general Lecor - prosseguiu o capitão. — As castelhanas são mui lindas. — Sorriu. — Houve uma noite que eu fui para o quarto com três. E dei conta do recado.

Tinha nesse tempo vinte e poucos anos…

Juvenal não disse nada. Depois dum curto silêncio falou: - Meio feio a gente invadir a terra dos outros, não?

— Não tivemos a culpa. O governo da Banda Oriental pediu a proteção do nosso. Estava malito, porque o Artigas andava fazendo estripulias por lá.

— A verdade é que nós acabamos tomando conta da terra deles.

— Águas passadas. . .

— Mas muita gente boa morreu.

— Ha gente demais no mundo… Mas, como eu ia lê dizendo, em princípios de 21 eu era tenente e estava na guarnição de Porto Alegre quando soubemos dos acontecimentos de Portugal.

— Que acontecimentos?

— A revolução do Porto.

— Não ouvi falar nada…

— Ora, a portuguesada disse que não queria saber mais dessa

história do rei mandar e desmandar sem dar satisfação a ninguém. Queriam que ele jurasse uma constituição.

— Me desculpe. Mas nunca ouvi falar nesse negócio. Sou um homem rude.

— Constituição é… - Rodrigo calou-se, embaraçado, e começou a fazer gestos, como se estes pudessem substituir as palavras. — … é um papel, um regulamento que um país tem, dizendo todas as coisas… vosmecê sabe… todas as leis… um negócio desses… compreende?

Juvenal mirava-o em silêncio, com sua cara inexpressiva, o olhar morto.

— Seja como for, a junta governativa de Porto Alegre não estava muito disposta a jurar a tal constituição… Ora, chegaram notícias que nas outras capitanias havia barulho. Por toda a parte se falava em revolta.

— Mas contra quem era o barulho?

— Contra o governo.

— Mas por quê?

— Ora… - E Rodrigo comeu os últimos pedaços de pessegada e queijo. — Eu sempre digo, se é contra o governo podem contar comigo.

— Mas o governo às vezes pode ter razão.

— Mesmo que tenha, isso não vem ao caso. Governo é governo e sempre é divertido ser contra.

Juvenal sacudia a cabeça devagarinho. Não sabia que opinião formar daquele homem, nem até que ponto podia acreditar no que ele lhe contava.

Precisava levantar-se e ir embora Não era nenhum índio vadio que pudesse ficar numa venda conversando à toa. Havia, porém, algo que o impedia de mover-se. Ele se interessava pelo que o outro dizia; gostava da maneira como o capitão falava, mesmo que suas palavras às vezes o irritassem. Até a voz do diabo do homem era agradável: tinha um tom grave e ao mesmo tempo meio metálico.

— Pois o povo compreendeu que o triunvirato estava mas era marombando pra não jurar a constituição. Nesse ponto estourou a revolta não só do povo como também das tropas e, claro! lá estava o tenente Rodrigo Cambará no meio do fandango.

— Houve briga?

— Quase. Eram mais ou menos duas da madrugada quando fomos pra frente da casa do governo. Eu era da infantaria, mas levamos também umas duas bocas de fogo, porque vosmecé sabe que a artilharia sempre impõe respeito. Mas a minha arma mesmo é a cavalaria, que é outra coisa. Boca de fogo faz muito barulho e rede. A espada e a lança são armas nobres e não há coisa mais linda neste mundo que uma boa carga de cavalaria em campo aberto. Já viu

alguma?

— Ainda não. Rodrigo ficou surpreso.

— Nunca esteve numa guerra?

— Não.

— Nem numa revolução?

— Também não.

— Mas já era tempo. Quantos anos tem?

— Vinte e cinco no lombo.

— Já era tempo… Mas, como eu ia dizendo, o fandango estava armado.

Outras torças da guarnição apareceram e os oficiais mandaram chamar o ouvidor, o juiz-de-fora, o… o vigário-geral e não sei quem mais.

Eles vieram Rodrigo soltou uma risadinha de desdém.

— Não haviam de vir! Pois levamos aqueles graúdos todos a grito para ir buscar a gente do governo.

Fez uma pausa para tirar do bolso a palha e o fumo, que começou a picar, de olho alegre.

— E vieram? - tornou a perguntar Juvenal, sdia est - ó para fazer o outro continuar a narrativa.

— Vieram e juraram a constituição ali mesmo no meio da praça. O dia estava raiando, os galos cantando… Então o comandante mandou as peças darem umas salvas. Estava jurada a constituição.

Juvenal remexeu-se na cadeira, esfregou no chão os pés descalços.

— E adiantou alguma coisa?

— Não sei se adiantou ou não. O que sei é que naquele dia houve festa grossa. Rolou bebida e comida. Houve uma hora que eu senti o bucho tão cheio de vinho e churrasco que pensei que ia rebentar. Só sei que lá pelo anoitecer acordei completamente nu numa cama não sei de quem, num quarto não sei onde e ao lado duma mulher não sei de quem nem de onde.

Soltou outra risada e deu uma palmada na mesa.

— Onde é que vosmecê estava quando proclamaram a independência? - perguntou Juvenal.

— Deixe ver… - disse Rodrigo, pensativo. — Ali! Eu tinha dado baixa e andava metido em negócios de gado. Vosmecê sabe, um homem precisa fazer de tudo um pouco. Depois que tomamos a Banda Oriental a situação do nosso charque e do nosso gado melhorou, e eu ganhei um bom dinheiro fazendo tropa. Mas quando ouvi falar de novo em revolução eu, que já andava cansado de lidar com boi, vaca e cavalo, comecei a limpar a espada e azeitar as pistolas… Andavam prendendo muito militar e eu senti que a coisa estava para estourar…

Enrolou o cigarro, acendeu-o no do Juvenal, tirou uma baforada e disse: - Mas a independência veio e o Rio Grande aceitou logo a

situação. Foi pena. Eu tinha muito português marcado…

— E que é que ia fazer com eles se houvesse mesmo guerra?

— Nada… Só ia dar um sustinho nessa gente. Não sou prevalecido e só brigo com homem que pode reagir. Mas ha sujeitos que merecem levar um bom cagaço.

De novo Juvenal pensou em seus afazeres. No dia seguinte tinha de sair com a carreta carregada para Cruz Alta, onde ia buscar açúcar, sal, fazendas e bugigangas para a estância dos Amarais e para a venda do Nicolau, que era a única da localidade. Precisava ir dar umas ordens, tomar umas providências, mas apesar de tudo isso ia ficando…

— E assim o amigo continuou a negociar com gado, não?

— Qual nada! - Rodrigo atirou os pés para cima da mesa. — Um dia fiz a mala, montei no pingo, apurei um dinheirinho e me toquei pra Porto Alegre. Fiquei lá me divertindo até gastar o último patacão.

— Ha pessoas que não se preocupam com o amanhã.

— Manana es otro dia, como dizem os castelhanos.

— Quem não tem família nem obrigação pode pensar assim. Rodrigo mamava o seu cigarrão de palha com visível delícia.

— Escuta o que vou lê dizer, amigo. Nesta província a gente só pode ter como certo uma coisa: mais cedo ou mais tarde rebenta uma guerra ou uma revolução. — Atirou ambos os braços para o lado, num gesto de despreocupação. — Que é que adianta plantar, criar, trabalhar como burro de carga? O direito mesmo era a nossa gente nunca tirar o fardamento do corpo nem a espada da cinta. Trabalhar fardado, deitar fardado, comer fardado, dormir com as chinocas fardado… O castelhano está aí mesmo.

Hoje é Montevidéu. Amanhã, Buenos Aires. E nós aqui no Continente sempre acabamos entrando na dança.

— Ha gente que gosta de paz.

— No entanto sempre temos guerra ou revolução…

— Dizem que na estranja é assim também.

— Nunca ouviu falar nesse tal de Bolívar que levantou o povo desses países todos da América do Sul e botou os espanhóis pra fora? Nunca ouviu falar em San Martin?

— Eu sou um homem rude - repetiu Juvenal, com uma humildade agressiva.

— Vosmecê viu também que antes dos orientais conseguirem a sua independência tiveram de nos meter no baile?

— Por falar nisso, vosmecê também brigou em 25?

— Naturalmente. Estive naquele combate do Rincón de Ias Gallinas com a gente do Mena Barreto. — Soltou um suspiro e disse: - Apanhamos que nem boi ladrão.

Juvenal sorriu de leve. Mas seu sorriso foi um sorriso canino, só de dentes; o resto da cara não participou dele, continuou numa

impassibilidade sombria.

— Foi um deus-nos-acuda - prosseguiu o capitão. — Nossa gente se espalhou em desordem e depois foi um caro custo pra reunir de novo a soldadesca. Em 1827 eu estava com as tropas do marquês de Barbacena.

Nunca vi tanta miséria. Soldados de pé no chão, sem uniforme, alguns quase nus, só cobertos pelo poncho. Eram uns diabos piolhentos e sujos mas, justiça seja feita, na hora de brigar esqueciam a fome, o frio, tudo, e chegavam a pelear se rindo e gostando. — Cuspiu no chão com nojo. — Depois - prosseguiu - veio aquela batalha desgraçada do passo do Rosário. Nós éramos uns cinco mil e poucos contra mais de dez mil inimigos. Nossas tropas tinham umas dez ou doze bocas de fogo; eles tinham vinte e tantas, quase trinta. Foi uma barbaridade. Brigar em campo seco é sério, mas brigar em banhado é mais sério ainda. Nossa gente estava cansada, tinha feito uma marcha puxada: os castelhanos estavam fresquitos e bem municiados. Assim mesmo peleamos onze horas sem comer nem beber água. Por falar em água, estou com sede. Nicolau! Me traga um pouco d'água fresca.

O vendeiro trouxe-lhe uma caneca de barro cheia d'água, que Rodrigo bebeu num sorvo só. Depois, enxugando os beiços com a manga do dólmã, sorriu e continuou: - Pra lê dar uma ideia da anarquia das nossas tropas, vou lê dizer uns versos feitos por um alferes brasileiro, um tal de David Francisco Ferreira ou Pereira, nem me lembro direito do nome dele. Esse homem tomou parte na batalha, viu a coisa de perto. Escute.

Recitou: Muitas chinas percorriam Pelas margens dos banhados Levando cada uma delas Aos dez e doze soldados.

— Pois era mesmo! - comentou Rodrigo. — A soldadesca o que queria era dormir com as piguanchas. Mas eu me lembro de outros versos: Se quereis ser triunfante Mudai desde logo a cena, Não dês heróis combatentes Ao cargo dum Barbacena.

— E era verdade! - exclamou o capitão. — Nunca vi pior general. Parecia que nunca tinha ouvido falar em estratégia.

Juvenal não conhecia esta palavra, mas nada disse. O outro continuou: E assim aconteceu Sem nada determinar E só entrou nessa luta, Aquele que quis entrar.

Rodrigo soltou uma risada.

— Nunca vi uma batalha mais louca. Foi bem como diz o alferes nos seus versos: Fazendo carga no centro Sem dar proteção aos flancos Lá deixou bastantes mortos Muitos feridos e mancos.

— E vosmecê não se feriu?

Rodrigo sacudiu negativamente a cabeça: - Só tive um bicho-de-pé arruinado. Parece mentira! Mas ouça mais esta quadra, que é a melhor de todas: Tendo nos sido visível Quase inteira a perdição, O

herói Bento Gonçalves Foi a nossa salvação.

— Mas como? - perguntou Juvenal.

— Espere que já lhe conto. O inimigo tinha invadido a Província e tomado Bajé. Barbacena estava parado com sua gente e todo mundo parecia desmoralizado, sem coragem pra dar um passo. Estávamos acampados num banhado e eu pensei cá comigo: Não sou sapo pra viver em banhado. Quero mas é brigar. Comecei a resmungar e um tenente meu amigo me disse: "Capitão Rodrigo (nesse tempo eu já tinha sido promovido a capitão), vosmecê anda falando contra o comandante. Tome cuidado senão podem lê mandar a conselho de guerra". Eu não disse nada mas resolvi fugir…

— Fugir? - admirou-se Juvenal.

— Falava-se muito na cavalaria de Bento Gonçalves da Silva e de Bento Manuel Ribeiro… Uma noite montei a cavalo, logrei a sentinela e me fui…

Fez uma pausa. Tirou os pés de cima da mesa, de novo apertou o lenço. Na porta a mulher do Nicolau tornou a espiar e só então, voltando a cabeça, é que Rodrigo percebeu que, na sala da frente da venda, outros homens também tinham estado a escutá-lo. Isso lhe deu um ânimo novo. Quando voltou a falar foi com voz mais forte e numa inflexão mais dramática.

— Me juntei com a cavalaria dos dois Bentos. Aquilo é que é gente, amigo. Barbaridade! Que cavaleiros! Levamos a castelhanada a grito e a ponta de lança até a fronteira. Depois tivemos umas escaramuças mais, até que veio a paz.

Juvenal ergueu-se e Rodrigo fez o mesmo.

— Vosmecê já viu peixe fora d'água? Pois aqui está um. Na paz me sinto meio sem jeito.

— Quer dizer que vosmecê recém saiu da guerra.

— Ainda trago nas ventas cheiro de pólvora e sangue.

— E que é que vai fazer agora?

Rodrigo olhou em torno, de mãos na cintura, peito inflado.

— Pois nem sei. Estou gostando deste lugar… Caminhou até a janela, olhou a praça, com a grande figueira no centro, as casas em torno e os verdes campos que circundavam o povoado. Um sol de ouro novo iluminava tudo. Rodrigo respirou fundo e disse: - É. Pode ser que eu fique por aqui.

Juvenal coçou a cabeça e resmungou: - Está me palpitando que o amigo não vai se dar bem em Santa Fé.

O capitão voltou-se para o interlocutor.

— Mas por quê?

— Vosmecê é um homem de guerra. A gente deste povoado é mui pacata.

Rodrigo fez um gesto vago.

— Pode-se tentar. Não se perde nada. Se a coisa estiver muito ruim, faço a mala, monto a cavalo e caio na estrada. O mundo é muito grande.

— Grande e louco - sentenciou Juvenal.

Os homens que os escutavam riram baixinho. Rodrigo olhou para eles e perguntou: - Onde é que vou encontrar pouso para esta noite? Ninguém falou. Mas Nicolau saiu de trás do balcão e disse: - Se vosmecê quiser ficar aqui, tenho um quarto de hóspede. Não é lá grande coisa, mas serve.

— Estou habituado a dormir ao relento em cima dos pelegos. Juvenal estendeu a mão, que Rodrigo prendeu na sua.

— Bom, capitão, tenho de ir andando. Juvenal Terra, seu criado.

Rodrigo olhou-o bem nos olhos.

— Capitão Rodrigo Cambará, pra servir vosmecê. Pode contar com um amigo.

E quando digo que sou amigo, sou mesmo.

Juvenal fez meia-volta e encaminhou-se para a porta. Levava um mau pressentimento. Aquele homem veio trazer incômodos para Santa Fé. Por um momento a sombra duma dúvida escureceu-lhe o espírito, que era que a Maruca, sua mulher, ia sentir quando visse aquele homem? Pensou também no que diria seu pai, Pedro Terra, quando soubesse da chegada do estranho. E desejou estar presente quando Rodrigo Cambará e o coronel Ricardo Amaral Neto - o chefe político de Santa Fé - se encontrassem. Ia sair chispa: aço batendo contra aço.

Já tinha deixado a venda quando ouviu, lá dentro, a voz de Rodrigo: - Algum dos amigos por acaso quererá jogar uma bisca comigo? Tenho um baralho na mala…

Não ouviu o resto. Caminhou para casa e - sem saber por quê - quando a mulher lhe perguntou onde estivera, respondeu que ficara a conversar na venda do Nicolau, mas não fez a menor referência ao recém-chegado.

E aquela noite as gentes de Santa Fé ouviram música de violão na casa de Nicolau. E lá de dentro saiu uma bonita voz de homem, cantando modinhas.

Pedro Terra que voltava da casa do vigário pouco antes das nove da noite, ao passar pela venda ouviu a voz de Rodrigo, parou e ficou escutando: Sou valente com as armas, Sou guapo como um leão. índio velho sem governo, Minha lei é o coração.

Pedro Terra começou a sentir, desde o primeiro momento, uma inexplicável antipatia pelo dono daquela voz - um homem cuja cara ainda não vira nem desejava ver.

No dia de Finados Pedro Terra foi com a mulher e a filha ao cemitério para levar flores às sepulturas de seus parentes. Era uma manhã morna, de sol muito pálido. O cemitério de Santa Fé ficava no

alto duma coxilha, a um quarto de légua do povoado; era cercado de pedras e as suas sepulturas todas não passavam de montículos de terra com cruzes ou então de lajes rústicas onde havia nomes gravados em letras singelas. Só havia uma que tinha forma de capela e era de tijolo rebocado e caiado: o jazigo perpétuo da família Amaral. Lá estavam, entre outros, os restos mortais do coronel Ricardo Amaral, que morreia às margens do Jaguarão lutando contra os castelhanos, e os de seu filho Francisco Amaral, fundador de Santa Fé. E esse jazigo destacava-se com tamanha imponência no meio daquelas sepulturas quase rasas, que era como se até depois de mortos os Amarais, famosos por serem homens altos e autoritários, continuassem a dominar os outros, a falar-lhes e dar-lhes ordens de cima de seus cavalos.

Numa das cruzes havia um nome e uma pequena inscrição: ANA TERRA Descansa em Paz Não havia datas. Esse era um característico das gentes daquele lugar: ninguém sabia muito bem do tempo. Os únicos calendários que existiam no povoado eram o da casa dos Amarais e o do vigário, o padre Lara. Os outros moradores de Santa Fé continuavam a marcar a passagem do ano pelas fases da lua e pelas estações. E quando queriam lembrar-se dum fato, raramente mencionavam o ano ou o mês em que ele se tinha passado, mas ligavam-no a um acontecimento marcante na vida da comunidade.

Diziam, por exemplo, que tal coisa tinha acontecido antes ou depois da praga de gafanhotos, dum inverno especialmente rigoroso que fizera gelar a água das lagoas, ou então duma peste qualquer que atacara o trigo, o gado ou as pessoas. Muitos sabiam de cor o ano das muitas guerras. Os velhos diziam: “Foi na guerra de 1800…” ou “Foi na de 1811… ou 1816… ou 1825”. Mas no espírito da maioria, principalmente no das mulheres - que faziam o possível para esquecer as guerras - essas datas se misturavam. Era por isso que o túmulo de Ana Terra não tinha datas.

Ninguém sabia em que ano ela nascera; todos, porém, se lembravam de que a velha morrera exatamente no dia em que chegara a Santa Fé a notícia de que os 33 de Lavalleja tinham invadido a Cisplatina…

Diante daquele túmulo, naquela manhã de princípios de novembro, achavam-se Pedro Terra, sua mulher Arminda e Bibiana, a filha do casal.

De chapéu na mão, os cabelos grisalhos esvoaçando à brisa, Pedro olhava para a cruz e lembrava-se dum dia - havia muitos anos - em que tinham vindo enterrar naquele mesmo cemitério um dos habitantes do povoado que morrera com os intestinos furados pelas guampas dum touro bravo. Por sinal o enterro fora numa tarde de soalheira medonha, e os homens que carregaram o caixão a pulso

tinham as roupas ensopadas de suor. Ana Terra fizera questão de ir ao cemitério, apesar do mormaço, e Pedro, que conhecia a teimosia da mãe, sabia que era inútil contrariá-la. Ficara a velha à sombra dum cedro, no centro do cemitério, apoiada no braço do filho, e no momento em que baixaram o caixão à cova, ela murmurou: - Meu pai e meu irmão foram enterrados no alto duma coxilha. — Mostrou-lhe as mãos murchas. — Eu mesma enterrei os dois com estas mãos que a terra um dia há de comer… esta terra. — E apontava para o chão vermelho. — Quero ser enterrada aqui, meu filho, aqui debaixo deste cedro.

A terra caía sobre o caixão com um som cavo, quase musical.

— Não quero que ninguém chore - continuava a velha. — Não é preciso costurarem nenhuma mortalha pra mim. Qualquer vestido serve. Mas quero que vosmecê prometa que ninguém vai ver a minha cara no velório.

Promete?

— Não diga essas coisas, mamãe - repreendia-a Pedro. Mas ela apertava o braço do filho, sacudia a cabeça completamente branca, sorrindo um sorriso em que a boca desdentada sugava os lábios, fazendo-os dobrarem-se sobre as gengivas.

— Promete? - insistia ela. — Promete?

Ele não teve outro remédio senão sacudir a cabeça e dizer “Prometo”.

— Está bem, meu filho. Eu também prometo uma coisa. Prometo nunca mais voltar depois de morta pra trabalhar na roca, tomo a minha mãe fazia. — Fez uma pausa, olhou fixamente para a cova e depois disse, rindo o seu riso guinchado: - Mas o hábito tem muita força. O melhor mesmo é vosmecê também enterrar a roca junto comigo. Assim eu livro a Bibiana da sina de trabalhar nela.

Agora Pedro Terra olhava para a cruz e pensava nessas coisas.

Pensava também na vida trabalhosa e triste que a mãe sempre levara, e> erguendo os olhos para Bibiana, ficou a contemplá-la com uma mistura de carinho e pena. Que destino estava reservado para aquela criaturinha de Deus? Ele fazia tudo para que ela fosse feliz, trabalhava como um mouro para que nunca faltasse nada à família" Fora infeliz nos negócios, mas não por culpa sua. E agora, já na casa dos cinquenta, ainda trabalhava como um moço de vinte, não que quisesse fazer da filha uma dessas mulheres sem serventia que passam o dia dormindo, comendo e passeando; o que ele não queria era que um dia ela fosse obrigada a trabalhar como uma escrava para ganhar seu sustento.

Arminda ajoelhou-se e começou a arrancar as ervas daninhas que cresciam sobre a sepultura da sogra. Bibiana depositou ao pé da cruz a braçada de margaridas amarelas que trouxera, e ficou acompanhando

com os olhos as formigas que caminhavam numa fila interminável, carregando pequenos fragmentos de folhas e de grama.

Bibiana tinha um rosto redondo, olhos oblíquos e uma boca carnuda em que o lábio inferior era mais espesso que o superior. Havia em seus olhos, bem como na voz, qualquer coisa de noturno e aveludado. Os forasteiros que chegavam a Santa Fé e deitavam os olhos nela, ao saberem-na ainda solteira, exclamavam: "Mas que é que a rapaziada desta terra está fazendo?" E então ouviam histórias… Bento Amaral, filho do coronel Ricardo Amaral Neto, senhor dos melhores e mais vastos campos dos arredores do povoado, andava apaixonado pela menina, tinha-se declarado mais de uma vez, mas a moça não queria saber dele.

— O herdeiro do velho Amaral? - estranhavam os forasteiros.

— Sim senhor.

— Mas o moço é aleijado?

— Qual nada! É até um rapagão mui guapo.

Ninguém conseguia compreender. As outras moças invejavam Bibiana Terra e não entendiam como era que ela, não sendo rica, rejeitava o melhor partido de Santa Fé, aquele moço bonitão a quem elas de muito bom grado diriam sim no momento em que ele se declarasse. Mas quem ficava mais perplexo que qualquer outra pessoa era o própiio Pedro Terra, que não atinava com uma explicação para a atitude da filha. Ele não morria de amores pelos Amarais. Tinha até queixas do velho Ricardo, que lhe tirara as terras e se recusara a ajudá-lo quando o trigo fora águas abaixo. Além disso, achava os Amarais prepotentes, vaidosos, gananciosos, e também sabia que Ricardo não fazia muito gosto no casamento do filho com Bibiana, pois queria que o rapaz casasse com alguma moça rica de Rio Grande ou Porto Alegre. Por todas essas coisas Pedro Terra não insistia com a filha para que aceitasse Bento Amaral. Mas mesmo assim não compreendia e ficava vagamente inquieto à ideia de morrer sem ver a filha casada com um homem de bem. Fosse como fosse, os Amarais eram por assim dizer os donos de Santa Fé. E Bento visitava os Terras com alguma frequência, tratava-os bem, dava presentes a Juvenal, a Arminda e principalmente a Bibiana, que os recebia sem nenhuma alegria, mal murmurando uma palavra de agradecimento, quase sempre sem olhar para o pretendente. Pedro Terra às vezes inquietava-se pensando no gênio da filha. Era voluntariosa, duma teimosia nunca vista, e dum orgulho tão grande que era capaz de morrer de fome e de sede só para não pedir favores aos outros. No entanto, quem olhasse para ela julgaria, pelo seu suave aspecto exterior, estar diante da criatura mais meiga e submissa do mundo. Às vezes em casa, depois do jantar, Pedro ficava fumando junto da mesa, enquanto a mulher e a filha cerziam meias ou bordavam. Nessas horas o filho de Ana Terra

olhava para Bibiana e pensava em certas coisas… A mãe lhe falava às vezes no velho Maneco Terra e em como ele era teimoso, caladão e reconcentrado. Pedro mal se lembrava do avô, mas certas ocasiões chegava quase a vê-lo nos olhos da filha e principalmente no jeito de franzir o sobrolho. Havia nela também muito da avó, principalmente a voz. Bibiana tinha crescido à sombra de Ana Terra, com a qual aprendera a fiar, a bordar, a fazer pão e doces, e principalmente a avaliar as pessoas. Depois que Ana Terra morrera, Pedro às vezes tinha a impressão de que ela continuava a falar pela boca da neta. Bibiana repetia frases da avó. Quando à noite ventava e eles estavam dentro de casa em silêncio, esperando a hora de irem para a cama, a moça de repente murmurava: "Noite de vento, noite dos mortos".

Bibiana via muito os homens com os olhos desconfiados e cautelosos de Ana Terra. Pedro nunca pudera descobrir a lazão por que a mãe tinha tanta malquerença pelos homens em geral. Às vezes fugia deles como o diabo da cruz. Era com frequência que falava, com má vontade e repugnância, em "cheiro de homem". Não gostava que Pedro fumasse perto dela; dizia que isso era falta de respeito, mas o filho sabia que havia uma razão mais poderosa: sarro de cigarro era "cheiro de homem". Pedro lembrava-se de que quando menino ouvira falar nas propostas de casamento que vários homens de Santa Fé haviam feito à sua mãe. Sempre que vinha das Missões um padre para dizer missa, fazer casamentos e batizados, surgia um pretendente para Ana Terra - um viúvo ou um solteirão de meia-idade. Ela repelia-o, indignada, como se lhe tivessem feito uma proposta indecorosa. Pedro não compreendia e às vezes ficava a pensar que espécie de pessoa teria sido seu pai para que Ana vivesse assim tão ressabiada de homem.

Devia ser por influência da avó que Bibiana tinha tanta aversão ao casamento. Era na certa por isso que rejeitava as propostas de Bento Amaral.

E agora ali no cemitério, diante do túmulo de Ana Terra, Pedro contemplava a filha e via-lhe no rosto uma expressão de grande tristeza, enquanto ela olhava para a sepultura da avó.

Pedro Terra tomou do braço da esposa e levou-a consigo em silêncio, para depositar flores nos túmulos de três de seus filhos que haviam moirrido, quando ainda adolescentes: um afogado, outro de bexigas e o terceiro de bala perdida, por ocasião duma briga, num dia de carreiras.

Bibiana ficou sozinha mas não deu por isso. Olhava para as formigas que entravam num buraco que havia sobre a sepultura. Imaginava que aqueles bichinhos penetravam na terra e estavam passeando pelo corpo de sua avó. Quis afastar esse pensamento: sabia que agora já não devia haver nenhuma carne naquele corpo: aquela

face querida era apenas uma caveira. Lágrimas começaram a brotar-lhe dos olhos. Depois que a velha morrera, Bibiana se sentira meio desamparada. Costumava confiar-lhe seus segredos e as duas muitas vezes ficavam horas inteiras conversando, costurando, fazendo marmelada ou enchendo linguiça. A avó contava-lhe coisas do tempo em que era moça e morava com a família numa estância perdida no campo, lá para as bandas do Botucaraí. Agora a velhinha estava morta e Bibiana não tinha mais a quem confiar suas mágoas e suas dúvidas. Não se entendia muito bem com a mãe; achava-a boa, sim, serviçal, não havia dúvida, mas muito parada, muito… sem histórias para contar. O pai, esse era um pouco fechado e inspirava-lhe um respeito que quase chegava a ser temor.

Bibiana olhava fixamente para a sepultura. A luz do sol, que passava por entre os ramos do grande cedro, pintava-lhe o rosto de amarelo. As sombras das cruzes eram arroxeadas contra a terra vermelha. Um joão-de-barro que tinha o seu ninho na forquilha onde o tronco da árvore se dividia, meteu a cabeça para fora de sua casa, como para espiar aquela gente que visitava seus mortos. Sons indistintos de vozes chegavam aos ouvidos de Bibiana, que de repente percebeu que os pais se tinham afastado.

Havia no cemitérios àquela hora outras pessoas do povoado - homens, mulheres e crianças - e por entre eles e as cruzes a moça começou a procurar os pais com o olhar. Foi então que uma figura lhe chamou subitamente a atenção. Era um homem vestido duma maneira esquisita, metade soldado, metade paisano. Estava parado a contemplá-la, a pequena distância. Tinha ele no pescoço um lenço encarnado e quando Bibiana caiu em si estava olhando com espanto para a cara do desconhecido. Sentiu uma coisa esquisita: primeiro foi surpresa, depois constrangimento. Suas orelhas e faces começaram a arder. Ela baixou os olhos, ajoelhou-se automaticamente e pôs-se a mexer nas margaridas ao pé da cruz, só para disfarçar seu embaraço. Mas com o rabo dos olhos viu que o homem ainda estava parado no mesmo lugar e continuava a olhar para ela. Seu corpo foi tomado duma sensação estranha, uma espécie de medo de que ele lhe viesse falar. Era também uma cócega quente, como se aquelas formigas todas lhe estivessem passeando pelo corpo. O melhor era correr para o pai antes que o desconhecido se aproximasse. Quem seria ele? Um forasteiro, talvez… E o que mais aumentava o embaraço de Bibiana era o fato de ela estar com os olhos cheios de lágrimas. Ouviu um bater de asas: o joãode-barro sobre sua cabeça… O homem deu um passo à frente, na sua direção. Bibiana ergueu-se, alvorotada, e correu para onde estavam o pai e a mãe.

Rodrigo Cambará seguiu com o olhar a moça de vestido de cassa azul e lenço na cabeça. Achara-a tão bonita, que tivera o desejo de

dirigir-lhe a palavra, sob qualquer pretexto. Podia perguntar-lhe de quem era a sepultura diante da qual estava ajoelhada. Ou simplesmente começar dizendo - “Bonito dia, não?” Tinha gostado da cara da rapariga. Mais que isso: tinha ficado excitado. Não era homem que se deixasse fascinar facilmente. Gostava de mulher, isso gostava… Mas nunca - que se lembrasse - tinha ficado tão impressionado por nenhuma assim à primeira vista.

Viu a moça de azul correr, quase pisando as sepulturas, na direção dum casal. Sorriu, apertou o chapéu nas mãos e resolveu aproximar-se do grupo. No fim de contas não era nenhum bicho e a coisa mais natural do mundo era uma pessoa falar com outra.

Caminhou para Pedro Terra, lentamente, de cabeça erguida, e ao distinguir as feições daquele rosto queimado, teve a impressão de que elas lhe eram vagamente familiares. A moça de azul, vendo-o acercar-se, voltou-lhe bruscamente as costas. Potranquinha arisca - pensou Rodrigo.

E seu interesse pela rapariga aumentou.

— Com o permisso de vosmecê, patrício! - exclamou ele, dirigindo-se a Pedro. — Sou de fora e nunca vim a este cemitério. Podia me informar de quem é aquela sepultura?

Apontou para o jazigo da família Amaral. Pedro Terra encarou o desconhecido, de sobrolho franzido e, como quem quer cortar a conversa, respondeu, seco: - Está escrito na porta. Rodrigo não se deu por vencido.

— Muitas gracias, amigos. Vosmecê mora no povo?

— Moro.

Então o forasteiro descobriu com quem se parecia aquele homem de poucas palavras.

— Não será por acaso parente do Juvenal Terra?

— O Juvenal é meu filho.

— Logo vi. São mui parecidos e têm quase a mesma voz.

— Donde é que vosmecê conhece o Juvenal?

— Daqui mesmo. Somos amigos. Ele não lhe disse?

Pedro então viu com quem estava falando. Era o homem que tocava violão e cantava na venda do Nicolau. Mirou-o de alto a baixo e retrucou: - Ele não me disse nada.

Enquanto os dois conversavam, as mulheres se tinham afastado e agora estavam paradas, de olhos baixos e em silêncio.

— Eu sou o capitão Rodrigo Cambará, criado de vosmecê. Estendeu a mão, que Pedro segurou frouxamente, por um rápido segundo. Querendo estabelecer conversação, Rodrigo disse: - Ouvi falar que vosmecê esteve na guerra de 1811.

— Na de 800 também. E em muitas outras. Por que pergunta?

— É que também estive na de 811 e em todas as que vieram

depois.

Pedro limitou-se a sacudir a cabeça. O capitão perguntou: - Em que forças serviu vosmecê?

— Andei com a gente do coronel Ricardo Amaral, o primeiro povoador destes campos.

Disse isto e achou que já tinha falado demais. Rodrigo olhou para as mulheres, sorriu com amabilidade.

— Pelo que vejo são gente da sua família.

— São.

Nenhuma das mulheres sequer levantou a cabeça.

— Bom - fez Pedro, fazendo para elas um sinal. — Vamos embora.

Olhando para Rodrigo murmurou: - Passe bem.

Pôs-se a caminhar rumo do portão do cemitério, seguido das mulheres.

Bibiana passou pelo forasteiro de cabeça baixa e Rodrigo devorou-a com os olhos. Viu que ela tinha as faces coradas como uma fruta madura, e que seus seios eram pontudos; imaginou como deviam ser rijos e quentes… Apalpá-los seria o mesmo que apertar duas goiabas maduras.

Sentiu um calor bom em todo o corpo… Mas, percebendo que ia perder a oportunidade de fazer boas relações com o pai da moça, deu algumas passadas largas e alcançou Pedro Terra já do lado de fora do cemitério.

— O amigo me desculpe se sou importuno - começou a dizer, enquanto o outro voltava para ele o rosto em que havia uma indisfarçável expressão de contrariedade. — Eu queria lê pedir um conselho.

— Mas vosmecê nem me conhece…

— Ouvi dizer que vosmecê é um homem mui experimentado.

— Nem tanto.

— Acontece que estou numa dúvida e precisava ouvir alguém. As duas mulheres aproximaram-se da carroça que os trouxera até ali. E quando Bibiana subiu, a saia ergueu-se-lhe um pouco e Rodrigo vislumbrou-lhe o tornozelo.

— Que espécie de conselho vosmecê deseja?

— Pois resolvi ficar em Santa Fé. Sou solteiro, não tenho parentes e pretendo sentar juízo. Queria empregar direito o dinheirinho que tenho e não sei bem o que vou fazer. Vosmecê acha que devo plantar ou criar gado?

Pedro escrutou-lhe o rosto por um instante e depois perguntou: - Vosmecê quer mesmo a minha opinião franca?

— Foi pra isso que pedi o seu conselho.

— Está bem. O meu conselho é que vosmecê monte a cavalo e vá embora daqui o quanto antes.

Rodrigo sentiu subitamente o sangue subir-lhe à cabeça. Teve de fazer um esforço para não esbofetear aquele atrevido. Ficou muito vermelho, apertou os lábios e conteve-se. Não podia bater num homem de cabelos grisalhos que, além do mais, não chegava a ser tão forte quanto ele.

Também não podia brigar com o pai da moça de azul…

Pedro bateu com o indicador da mão direita na aba do chapéu e afastou-se.

— Vosmecê está enganado comigo! - gritou Rodrigo, esforçando-se por dar à voz um tom de jovialidade.

Pedro subiu para a boleia da carroça e, sem olhar para o outro, pegou do chicote, fê-lo estalar no ar. Os cavalos puseram-se em movimento e a carroça afastou-se na direção de Santa Fé. Por algum tempo Rodrigo Cambará ficou olhando as costas de Bibiana: o vestido azul, o lenço branco esvoaçando ao vento…

"Monte a cavalo e vá embora daqui o quanto antes." A voz do homem ainda lhe soava na mente. Que diabo aquela gente tinha visto em sua cara?

Primeiro tinha sido o filho. Agora o pai. Todos achavam que ele ia trazer desgraça para o povoado… Mas a verdade era que quanto mais oposklo encontrava, mais vontade sentia de ficar.

A casa de Pedro Terra ficava numa esquina da praça, perto da capela, com a frente para o poente. Baixa, de porta e duas janelas, tinha alicerces de pedra, parede de tijolos e era coberta de telhas. Os tijolos haviam sido feitos pelo próprio Pedro em sua olaria e as telhas tinham vindo do Rio Pardo, na carreta de Juvenal. Era das poucas casas assoalhadas de Santa Fé; dizia-se até que muita gente em melhor situação financeira que a de Pedro não morava numa casa tão boa como a dele. Não era muito grande. Tinha uma sala de jantar, que eles chamavam de varanda (o vigário, homem letrado, afirmava que varanda na verdade era outra coisa), dois quartos de dormir, uma cozinha e uma despensa, que era também o lugar onde ficava o bacião em que a família tomava seu banho semanal. (Pedro tinha o hábito de lavar os pés todas as noites, antes de ir para a cama.) A cozinha, que era a peça que o dono da casa preferia, por ser a mais quente no inverno e a que mais o fazia lembrar outros tempos - chão de terra batida, cheiro de picumã, ciepitar de fogo, chiado da chaleira - ficava bem nos fundos da casa, com uma janela para o quintal onde havia laranjeiras, pessegueiros, cinamomos, um marmeleiro-da-índia, e o poço. A mobília dos Terras era a mais resumida possível. Na varanda, além da mesa de cedro sem lustro, viam-se algumas cadeiras com assento de palha trançada, uma cantoneira de tábua tosca, e uma talha com água potável a um canto. Nos quartos, camas-de-vento, baús, e pregos na parede à guisa de cabides. As paredes eram caiadas e

completamente nuas; na da sala de jantar havia uma saliência semelhando um ventre roliço. (Ana Terra costumava dizer que a casa estava grávida…)

De vez em quando essas paredes eram cruzadas por pequenas lagartixas dum pardo esverdinhado, por lacraias ou aranhas - o que dava calafrios em Bibiana, que sabia de histórias de pessoas que morriam de mordidas de bichos venenosos. Sobre a cabeceira da cama de Pedro pendia da parede um crucifixo com um Cristo de nariz carcomido. Essa imagem - sabia Bibiana - era um dos poucos objetos que tinham vindo da estância do bisavô, juntamente com a velha tesoura enferrujada que pertencera a Ana Terra e que servia para podar árvores ou cortar fazenda.

Na noite do dia de Finados, depois de lavados os pratos do jantar, Arminda e Bibiana ficaram costurando à luz duma vela metida num gargalo de garrafa. Sentado na cadeira de balanço, a um canto da varanda que a luz da vela não alcançava, Pedro Terra fumava em silêncio, olhando para a filha. Estava cansado e triste. Sempre ficava nesse estado de espírito quando visitava o cemitério. Desde a morte da mãe sentia-se desamparado, como um terneiro que se vê subitamente desmamado. Sabia que um dia a velha tinha de morrer: era uma lei da vida. Mas habituara-se de tal modo a buscar o apoio dela, a pedir-lhe conselho, que agora lhe era custoso viver sem a velha. Pensava na vida que a mãe levara e agora ali em sua casa repetia para si mesmo a pergunta que se fizera no cemitério diante do túmulo materno. Valia a pena lutar, sofrer, trabalhar como um animal para depois ir servir de comida aos vermes da terra?

Devia existir um Deus que governa o mundo e as pessoas, um ser poderoso acima do qual nada mais existe. Mas ninguém sabe direito o que esse Deus pretende. Pelo menos ele, Pedro Terra, não sabia. O vigário fazia sermões e falava em céu e inferno, mas às vezes Pedro se convencia de que o céu e o inferno estão aqui embaixo mesmo, neste mundo velho e triste, que no fim de contas é mais inferno que céu.

Pedro não tirava os olhos de Bibiana. A filha era uma das poucas alegrias de sua vida. Mas não chegava a ser uma alegria completa, porque também lhe dava grandes cuidados. Criar filho homem era mais fácil e menos arriscado. Juvenal estava casado, vivia a sua vida: tratava-se duma questão resolvida. Mas com Bibiana a coisa era diferente. Estava com vinte e dois anos e ainda solteira numa terra em que as moças se casavam, às vezes com catorze ou quinze anos. Ele sabia duma que se casara no Rio Pardo antes de completar treze… A sua pressa em arranjar marido para a filha lhe vinha do medo de morrer duma hora para outra, deixando a família desamparada. Arminda não era uma mulher decidida e Juvenal não estava em condições de sustentar duas casas. Além do mais, Pedro vivia com um

temor negro no coração. Sabia de casos horríveis: povoados atacados pelos índios que saqueavam as casas, matavam os homens e violentavam ou raptavam as mulheres. Por isso às vezes lhe passava pela cabeça a ideia de que o melhor mesmo seria casar a filha com um homem decente que a pudesse levar para Viamão, Porto Alegre ou qualquer um daqueles lugares que estavam menos sujeitos aos ataques dos selvagens. Havia ainda e sempre o perigo das guerras; e os castelhanos não estavam muito longe de Santa Fé. Ele tinha uma experiência amarga. Mais cedo ou mais tarde haveria outra invasão e era um risco muito grande ter mulher moça em casa num lugar abandonado como aquele.

Pedro sentia ainda no corpo o vestígio das guerras em que tomara parte.

Depois de 1811 ficara sofrendo de reumatismo e duma dor nos rins, tudo isso como consequência de dormir em banhados, de tomar chuva, e de carregar muito peso. Vezes sem conta tivera de empurrar roda de carroça e puxar canhão, como se fosse um cavalo. Além disso, passara fome ou estragara o estômago comendo carne podre e charque bichado. Aquela era a sina dos habitantes da província de São Pedro. Pagavam muito caro por viverem tão perto da fronteira castelhana. Diziam que no Rio de Janeiro a vida era diferente, mais fácil, mais agradável, mais confortável. (A ideia de conforto, entretanto, nunca fora muito do agrado de Pedro, que a associava vagamente a homens efeminados, que nunca pegaram no cabo duma enxada e usam águas-de-cheiro.)

Ao pensar na Corte, Pedro pensou em “governo”. Para ele governo era uma palavra que significava algo de temível e ao mesmo tempo de'odioso. Era o governo que cobrava os impostos, que recrutava os homens para a guerra, que requisitava gado, mantimentos e às vezes até dinheiro e que nunca mais se lembrava de pagar tais requisições… Era o governo que fazia as leis - leis que sempre vinham em prejuízo do trabalhador, do agricultor, do pequeno proprietário.

Antigamente, quem dizia governo dizia Portugal, e a gente tinha uma certa má vontade para com tudo quanto fosse português, começando por antipatizar com o jeito de falar dos “galegos”. Mas que se passava agora que o país havia proclamado sua independência e possuía o seu imperador? Não tinha mudado nada, nem podia mudar. No fim de contas dom Pedro I era também português. Vivia cercado de políticos e oficiais “galegos”. Ali mesmo na província já se dizia que nas tropas quem mandava eram os oficiais portugueses; murmurava-se que eles estavam conspirando para fazer o Brasil voltar de novo ao domínio de Portugal.

Bibiana ergueu os olhos para o pai. Não lhe distinguia bem o

rosto ali no canto sombrio. Mas via a brasa viva do cigarro, diminuindo e aumentando, e via também a fumaça subir. Ela estava inquieta, com uma coisa no peito… Era um alvoroço que nunca sentira antes. Por mais que fizesse, não podia esquecer o homem que vira naquela manhã no cemitério. Sabia que se chamava Rodrigo e que estava hospedado no rancho do Nicolau, ali do outro lado da praça, bem defronte a sua casa. Pensava na voz dele e sentia um calor no corpo. Não, não era bem calor. Era um amolecimento morno, uma vontade de… de que mesmo? Ela não sabia direito. Melhor: sabia mas não queria saber e só de pensar nisso corava, ficava perturbada, errava o ponto do bordado. Ainda bem que os outros ignoravam o que ela estava pensando e sentindo… Olhou para a mãe que, com a testa franzida, embainhava uma toalha feita dum saco de farinha de trigo. Bibiana empurrou a agulha com o dedal azinhavrado mas em seguida se perdeu de novo em pensamentos. Imaginou-se costurando seu próprio enxoval. Ouvia mentalmente o comentário das amigas: sabe? A Bibiana vai casar. Não diga! Com quem? Com o Bento Amaral? Não. Com aquele homem bonitão que chegou a Santa Fé. O capitão Rodrigo? Esse mesmo. Diz que vai ser um casamento muito lindo. O velho Terra mandou matar uma novilha e um porco. Estão fazendo doces. Vem um gaiteiro de São Borja. Vão dançar o fandango. Um homem mui guapo.

— Que é, minha filha? - perguntou Dona Arminda.

— Nada - respondeu Bibiana, quase sobressaltada. — Por quê?

— Vosmecê está aí sacudindo a cabeça e falando baixinho… Até parece a sua avó. Errou o ponto?

— Não, senhora. — Mentiu: - Espetei a agulha no dedo.

— Não tem dedal?

— Tenho.

— Está saindo sangue?

— Não. Não foi nada.

Bibiana sentia arderem-lhe as faces e as orelhas. A noite estava morna, de ar parado, e da varanda do Nicolau vinham risadas masculinas. Através da janela Bibiana agora via a grande figueira no meio da praça, ao luar. Quando menina ela gostava de trepar naquela árvore grande, de ficar pendurada num dos galhos, balançando os pés no ar. Gostava também de arrancar suas folhas, picá-las com uma velha faca e fazer de conta que era uma dona-de-casa e estava preparando o jantar para suas bruxas de pano. Bibiana ficava horas debaixo da figueira, que ela considerava como sua propriedade. Era ali que brincava de comadre e de visita com as outras meninas. Mas desde o dia em que seu Inocêncio Carijó amanheceu enforcado num dos galhos da figueira, Bibiana passara a olhar a árvore com um certo temor. Fora ela a primeira a ver o corpo, de manhãzinha. A princípio

pensou que o homem estava brincando de se balançar.

Aproximou-se dele e quando lhe viu a cara soltou um grito. Inocêncio estava completamente roxo, de língua de fora e olhos saltados das órbitas. Vieram os vizinhos, cortaram a corda e o corpo do enforcado tombou ao chão com um som horrível, como um enorme figo podre que cai.

Um dos homens disse: "Judas também se enforcou numa figueira". Ela não compreendeu… Mas em casa ouviu os pais dizerem que Inocêncio Carijó tinha atraiçoado um amigo.

Bibiana olhava agora para a figueira, pensando no enforcado. Mas em breve esqueceu a árvore e o morto para atirar o olhar na direção da venda do Nicolau, cuja porta era um quadrilátero de luz amarelenta aberto na fachada sombria. Era lá que ele estava. Bibiana não se lembrava de jamais se haver interessado tanto cor um homem. Bento Amaral, tão rico, tão cobiçado pelas outras moças, não lhe causava nenhuma impressão, apesar de seus arreios chapeados de prata, de seus palas de seda, do anel no dedo, do relógio de ouro. Sabia ler e escrever e tinha maneiras de fidalgo. Mas Bibiana simplesmente não sentia nada senão aborrecimento perto dele, e quando o moço aparecia ela só desejava que ele fosse embora o quanto antes. No entanto, o desconhecido que ela vira aquela manhã no cemitério (Será mau agouro?)

não lhe saíra da lembrança. Bibiana pensou na avó. Se ela estivesse viva, qual seria sua opinião daquele forasteiro? "É um homem como os outros." Mas talvez gostasse dele, talvez…

Bibiana tentou concentrar a atenção no que estava fazendo, mas não conseguiu. Não via o bordado: via a cara do capitão Rodrigo. Aqueles olhos azuis tinham um fogo, uma coisa que puxava a gente, bem como um atoladouro. Eram olhos que davam medo e ao mesmo tempo atraíam. Bibiana achava que não teria nunca coragem de ficar olhando muito tempo para eles. Porque se olhasse muito acabaria tendo uma vertigem. No entanto sabia que o pai não tinha gostado do capitão. Viera do cemitério resmungando, falando mal dele. "Havia de aparecer agora essa peste…"

E dava chicotadas nos cavalos, como se os pobres animais fossem os culpados do aparecimento daquele estranho. "Que é que ele pensa de Santa Fé?" Lept! Lept! Bibiana nunca vira o pai tão exaltado. Por quê, Santo Deus? Afinal de contas o homem não tinha feito nada de mal… E ao pensar em todas essas coisas Bibiana ficava apreensiva, com o receio de que algo de sério pudesse acontecer. A avó sempre lhe falava da brutalidade dos homens, que sempre acabam fazendo o que a gente menos espera, isto é, as coisas mais absurdas. Vovó Ana costumava dizer que certos assuntos eram "coisa de homem". Guerra era coisa de homem; carreira, briga, jogo e bebida eram coisas de

homem. O melhor que as mulheres tinham a fazer era desistir de compreendê-los. Desistir e continuar obedecendo e esperando…

Pedro Terra pensava nas suas lavouras perdidas. Era a maior mágoa que tinha no coração. Perdera seus trigais, fazia alguns anos, e com dor de alma vira desaparecer com o trigo uma das maiores riquezas do Continente. Primeiro tinha sido a peste da ferrugem que batera nos trigais. Ele, então, tentara plantar outro tipo de trigo que a ferrugem não costumava atacar. Fora mais ou menos bem sucedido, mas sobrevieram outros desastres. A Coroa tinha estabelecido um preço fixo para o trigo e havia comprado toda a produção. Ora, esses preços não convinham ao plantador, mas governo é governo. As vezes a Coroa se apossava das colheitas, prometia pagar mas acabava não pagando. Por outro lado, as sementes escasseavam e o governo nada fazia para ajudar o agricultor. As lavouras começaram a ficar abandonadas. Era impossível lutar contra duas pestes ao mesmo tempo: a ferrugem e o governo. Não era de admirar que os lavradores acabassem abandonando os trigais. Preferiam criar gado, pois dava menos trabalho - diziam - e era mais divertido. De resto, a faina das estâncias parecia-se mais com a da guerra que o trabalho das lavouras. Os homens do Rio Grande estavam de tal modo habituados à luta e às correrias, que quando vinha a paz não se conformavam mais com o trabalho da terra, em que tinham de ficar mourejando de sol a sol, agarrados ao cabo da enxada ou da foice. E assim, aos poucos, o trigo tinha ido águas abaixo. A coisa começara lá por 1815, no ano que apareceu a ferrugem. Pedro lembrava-se bem, pois fora na época em que, triste e estropiado, ele voltara da Banda Oriental. Viera depois da pavorosa seca de 1820. Daí por diante as lavouras tinham começado a mermar, a mermar até se acabarem. Só se salvou quem tinha criação. E a salvação dele, Pedro, havia sido a olaria. Os Amarais exigiram a devolução das terras, pois ele não pudera cumprir o prometido no seu compromisso de compra. E assim ficara apenas com a olaria e a casa do povoado.

Pedro Terra suspirou de mansinho e tornou a pensar na mãe.

Foi nesse momento que se ouviram os sons dum violão e um homem começou a cantar com uma voz que encheu o ar quedo da noite. Pedro franziu o cenho, retesou o busto, apertou forte o cigarro entre os dentes e ficou escutando. As mulheres também ergueram a cabeça e olharam na direção da janela. Bibiana, de olhos arregalados, respirava com dificuldade. Dona Arminda olhou para o marido, numa interrogação muda.

— Parece mentira! - exclamou Pedro. — Não respeitam nem o dia dos mortos!

— É um desaforo - concordou a mulher. E depois, noutro tom. — Quem será?

— Oia, quem há de ser! - Pedro ergueu-se. — É aquele sujeito que encontramos hoje no cemitério. Conheço a voz.

Bibiana teve como que um desfalecimento. Pedro aproximou-se da janela e ficou olhando na direção da venda do Nicolau.

— É preciso ser muito ordinário pra fazer uma coisa dessas - murmurou.

As palavras do pai doeram em Bibiana. Entretanto, ela reconhecia que era mesmo uma falta de respeito, um sacrilégio cantar no dia de Finados. Mas a voz que vinha lá da venda, morna e clara como a noite, causava-lhe uma confusa ânsia que no fundo era um pressentimento de desastre. Mas também era prazer, um prazer tão grande que chegava a dar-lhe vergonha, como se ela estivesse fazendo algo de feio e proibido.

Sentado num mocho, de pernas cruzadas e violão em punho, Rodrigo Cambará cantava cantigas que aprendera nos acampamentos da Província e da Banda Oriental. Eram modinhas e quadras que falavam de mulheres, cavalos, amor e morte. Debruçado sobre o balcão, Nicolau fitava no cantor os olhos sonolentos, pondo à mostra os cacos de dentes. Uma lamparina de sebo alumiava fracamente a sala. Rodrigo cantava com entusiasmo porque sabia que do outro lado da praça ficava a casa de Bibiana, que decerto também o escutava. Punha na voz muita ternura, falava duma tirana que lhe havia roubado o coração e que o martirizava por ser muito arisca…

Calou-se mas continuou a dedilhar o violão. Depois tornou a soltar a voz: Quem canta refresca a alma, Cantar adoça o sofrer, Quem canta zomba da morte, Cantar ajuda a viver.

Nicolau sacudiu a cabeça e disse: - Que ajuda, ajuda mesmo.

Um cachorro veio da cozinha, sacudindo o rabo, deitou-se enrodilhado junto do balcão, descansou o focinho sobre as patas dianteiras e fechou os olhos. Num canto sombrio apontou a cabeça da mulher de Nicolau, que ficou de olhos grudados no capitão, uma expressão de espanto no rosto lustroso.

Rodrigo olhava para a porta que enquadrava um pedaço da noite e via, no outro lado da praça, a janela iluminada da casa de Pedro Terra. De repente uma sombra assomou à porta da venda e fez sumir-se a casa de Bibiana. Era um homem alto, moreno e grisalho, de batina negra: o vigário de Santa Fé. O capitão continuou dedilhando o violão, tirando acordes graves, mas de olhos postos no recém-chegado.

— Boa noite, capitão! - disse o padre, sorrindo.

— Boa noite! - respondeu Rodrigo, parando de tocar.

— Vosmecê pode me dar uma palavrinha?

— Pois não.

Rodrigo pôs o violão em cima do balcão e ergueu-se.

— Aqui fora, se não é incômodo. Saíram ambos para a praça.

— Linda noite! - exclamou o padre, como para começar a conversa.

— Mui linda.

Rodrigo olhou de soslaio para o outro. O padre Lara caminhava devagar.

Tinha uma cabeça enorme, desproporcional ao corpo raquítico e desengonçado. Havia entretanto uma qualidade tão aliciante em sua voz grave e lenta, que era possível a uma pessoa simpatizar com ele, contanto que não olhasse para seu rosto feio e enrugado, de pele frouxa e papada flácida - coisa de estranhar numa cara magra. Os olhos do padre eram líquidos e as bordas de suas pálpebras estavam sempre vermelhas, como numa ameaça permanente de terçóis. Mais ali à luz da lua a face do vigário como que adoçava, perdia a fealdade e tudo que ele tinha de melhor se revelava na maciez envolvente da voz. Os dois homens deram algumas passadas lado a lado, em silêncio, na direção da grande figueira. Quando se achavam apenas a uns cinco metros da árvore, o padre parou, segurou o braço do outro e perguntou: - Vosmecê se lembra daquela história das Sagradas Escrituras sobre a figueira que não dava frutos?

— Não entendo muito desses negócios de religião, padre.

— Quando Nosso Senhor andava pela terra, um dia ficou com fome e se acercou duma figueira. Vendo que ela tinha só folhas, disse: “Nunca mais nasça fruto de ti”. E a figueira secou imediatamente.

Por alguns segundos Rodrigo nada disse. Limitou-se a olhar para o vigário. Só agora percebia que o velho tinha uma respiração de asmático, e que um ronrom de gato lhe escapava da boca semiaberta.

— Vigário, que é que essa história quer dizer?

O padre Lara começou a esfregar as mãos, devagarinho.

— Há homens como a figueira das Escrituras. Não têm nada pra dar É o mesmo que se estivessem secos.

Rodrigo limitou-se a dizer: - É. Ha…

A sombra da figueira era como um borrão de tinta no chão que o luar azulava.

— Existe muita gente assim no mundo, capitão.

— Mas a troco de que vosmecê me conta essa história das Escrituras?

O outro fez um gesto vago.

— Por nada. Porque vi esta árvore.

Rodrigo não ficou satisfeito com a explicação. Pressentia que aquelas palavras eram apenas uma introdução para algo de pessoal que o padre lhe queria dizer. Alguém tinha encomendado sermão ao vigário. Era melhor resolver logo o assunto. Tomou do braço do outro e apertou-o com força; mas como seus dedos encontrassem um braço fino e descarnado, afrouxou-lhe a pressão.

— Padre, é melhor vosmecê ir logo dizendo o que quer. Isso de dar voltas é lá com o rio Ibicuí. Gosto de gente que vai direito ao assunto. Que é que vosmecê quer mesmo comigo?

— Para lhe ser bem sincero, capitão, o que eu queria era fazer que vosmecê parasse de cantar e tocar violão.

— É pecado cantar e tocar violão?

— Em certos lugares e em certas ocasiões é. Não sabe que hoje é dia de Finados?

— Ah! Mas por que não disse logo?

— Vosmecê podia se ofender.

— Nunca me ofendo quando me pedem. Fico esquentado quando querem me mandar. Se me pedem com bons modos, faço. Se me dão ordens, brigo.

Acre e úmida, a respiração de gato bafejava o rosto do capitão. O luar parecia deixar mais brancos os cabelos do padre. Um galo cocoricou longamente num quintal; outros galos responderam em outros terreiros, e por um instante a noite ficou como que cheia de clarinadas. Rodrigo lembrou-se de toques de clarim na madrugada. E quase sentiu a impressão que tinha quando em campanha era acordado ao alvorecer pelas cornetas: a cabeça vazia, uma dor de fome no estômago, e na boca uma secura que era vontade de tomar chimarrão. Enquanto os galos cantavam, os dois homens ali perto da figueira ficaram em silêncio. Rodrigo procurava discernir vultos dentro da casa de Pedro Terra. Era lá que morava Bibiana. Por trás daquelas paredes estava a cama em que a moça dormia. Daria um braço, um olho, uma perna para dormir com Bibiana. Só de pensar nisso sentia prazer. De algum jardim vinha-lhe às narinas um cheiio adocicado de flor.

— Capitão…

Rodrigo voltou os olhos para o padre.

— Vosmecê é um soldado, não é?

— E vosmecê é um padre…

— Espere, estou falando sério. Como militar vosmecê sabe que num batalhão tem de haver disciplina, o soldado tem de obedecer ao seu superior.

— Naturalmente.

— Desde que o mundo é mundo sempre houve os que mandam e os que obedecem, um servo e um senhor. O mais moço obedece ao mais velho…

— Isso depende…

— Deixe-me terminar. O filho obedece ao pai, a mulher obedece ao marido.

Se as coisas não fossem assim o mundo seria uma desordem…

— Mas quem foi que lhe disse que o mundo não é uma desordem?

— Capitão! Vosmecê precisa ler História Universal. Precisa ler sobre os outros continentes, principalmente sobre a Europa. Não pense que o mundo é só a província de São Pedro.

Rodrigo deu de ombros.

— Pra mim tem sido…

— Mas não é para muitos milhões de pessoas. O mundo é muito vasto. A autoridade suprema dum país é o rei. Ele tem todo o poder temporal. Mas o poder espiritual quem tem é o papa, representante de Deus na terra.

Aonde quererá ele chegar? - refletia Rodrigo, olhando de viés para a casa de Bibiana.

— Que diabo, vigário. Vosmecê sempre com voltas. Não queria que eu parasse de cantar? Pois parei. Que é que vosmecê quer agora?

Por um instante o padre lutou com a asma. Finalmente disse: - Assim como cada casa tem um chefe, cada cidade também tem uma autoridade. E não é desdouro para ninguém obedecer a essa autoridade, quando as ordens que nos dão são justas, decentes e para o bem geral.

— Padre, desembuche duma vez!

— Se vosmecê chega a um povoado como o nosso, não pode proceder como se estivesse ainda num campo sem dono nem lei. Tem de se submeter às autoridades.

— E quem é a autoridade aqui?

— O coronel Ricardo Amaral Neto.

Era bem o que eu esperava - concluiu Rodrigo. O padre trabalhava para o mandachuva da terra. Naturalmente fora o velho Amaral quem mandara construir a igreja, quem comprara as imagens, quem dava ao vigário casa para morar. Não seria de admirar que o padre Lara usasse o confessionário para arrancar dos habitantes do lugar informações do interesse do chefete de Santa Fé. Rodrigo conhecia casos…

— Vosmecê podia me ter dito tudo isso em duas palavras sem dar tanta volta.

Ficaram de novo em silêncio. Rodrigo via em pensamentos a imagem de Bibiana: a boca carnuda, os olhos oblíquos. Parecia uma fruta; dava na gente vontade de mordiscar aquela boca, aquelas faces, aqueles peitos.

Naquele momento seu desejo por Bibiana se confundia com uma sensação de fome e Rodrigo começou a pensar altemadamente na rapariga e num churrasco. O padre lecomeçou o sermão, mas Rodrigo não lhe prestava muita atenção. Não podia perder uma noite daquelas na companhia dum padre. Para ele padre era preto e agourento como urubu. Onde havia padre havia desastre ou morte: enterro, extrema-unção ou casamento.

Sempre achara que casamento também era um desastre, uma prisão, uma espécie de morte. No entanto agora a ideia de casamento associada a Bibiana não lhe era de todo desagradável nem impossível. Depois - concluiu ele com certa irritação - parecia que só poderia dormir com a moça se casasse com ela… O padre Lara falava, falava… Num dado momento puxou pela manga da túnica do capitão e perguntou: - É ou não é? É ou não é?

— Deve ser, padre, deve ser. Mas vosmecê não acha que o sereno vai lhe fazer mal?

Como se não tivesse ouvido a pergunta, o vigário prosseguiu' - Então deixe que eu lhe dê um conselho.

Por que será que toda gente neste povoado se acha com o direito de me dar conselhos? - pensou Rodrigo.

— Pois venha de lá esse conselho - disse em voz alta, enquanto com o rabo dos olhos via um vulto de homem assomar à janela da casa de Bibiana.

— Encilhe o seu cavalo e vá embora amanhã.

— Até vosmecê, padre?

— Ouça o que estou lhe dizendo.

— Mas por quê?

— Porque Santa Fé não é lugar para um homem de seu temperamento.

— Mas serei por acaso leproso, ladrão de cavalo ou bandido? Rodrigo começava a exasperar-se.

O padre Lara sacudia a cabeça com veemência e a pelanca debaixo de seu queixo balouçava dum lado para outro, mole como papo de peru.

— Não. Mas sei que vosmecê é um homem que veio de muitas guerras, gosta de jogo, de mulheres e de bebida.

— E quem não gosta?

— O capitão vai se dar mal aqui. Tivemos outros casos. Ainda no ano passado…

Rodrigo interrompeu-o: - Palavra de honra que não compreendo, padre.

— Pois eu compreendo. Tudo está claro como água.

— Então se explique. E por amor de Deus não me venha com voltas.

O padre Lara puxou o outro pelo braço e ambos começaram a caminhar na direção da capela.

O vigário entrou numa história muito longa sobre a família Amaral, sua tradição, seus hábitos, suas manias e seu prestígio junto ao governo da Província. Rodrigo olhava para a casa de Pedro. Viu quando fecharam a janela. Imaginou Bibiana a despir-se, a tirar o corpinho, a saia…

Aquele pedaço de tornozelo que ele vislumbrara quando a menina subira para a carroça, à frente do cemitério, agora se ampliava: era uma perna bem torneada, um joelho roliço, uma coxa… Em breve, excitado, Rodrigo tinha nos braços Bibiana toda nua, com os seios a balouçar, brancos e trémulos como coalhada nova recém-saída da tigela. E em pensamento ele a deitou na cama e os dois estavam enroscados aos beijos quando o padre Lara lhe apertou o braço e lhe disse junto do ouvido: - É quem manda neste povoado e nestes campos ao redor de Santa Fé.

Ninguém fica aqui sem o consentimento dele. É ele quem resolve todas as questões: uma espécie de juiz de paz.

— Mas esse homem nem me viu ainda. Como é que já não gosta de mim?

— Pois aí é que vosmecê se engana. O coronel Amaral já sabe quem é vosmecê, donde vem e o que pretende. Ele me disse que não ia permitir que vosmecê ficasse no povoado, porque não quer saber de barulho.

— Mas eu não vou fazer barulho, já disse! - gritou Rodrigo. Sua voz ecoou na praça e depois se dissolveu no ar.

— Está vendo? Diz que não vai fazer barulho e está quase brigando comigo. Vosmecê tem sangue quente, capitão.

— Que é que vou fazer? Nasci assim e estou velho demais pra mudar.

O padre aveludou a voz - Está bem. Está bem. Não vamos brigar. Vosmecê não precisa mudar.

Continue como está, se isso lhe agrada. O que eu quis dar a entender com toda esta arenga é que o coronel Amaral mandou lhe dizer que não vê com simpatia a permanência de vosmecê em Santa Fé.

— Por que é que ele não veio me dizer isso cara a cara?

— Decerto porque não quis, pois coragem não lhe falta. Tinham chegado à frente da capela. Rodrigo sentou-se num dos degraus de madeira da porta central e o padre o imitou. Por alguns instantes ficaram ambos em silêncio olhando a noite. Na maioria das trinta e poucas casas de Santa Fé àquela hora não havia luz. O luar caía manso sobre os telhados e cobertas de palha, sobre os pomares, as hortas e os campos em derredor. Rodrigo fitou o casarão de pedra dos Amarais, lá do outro lado da praça. A fera deve estar dormindo - pensou.

E sentiu desejos de enfrentá-la.

murmurou.

— Então o homem não quer saber de mim..

O padre ronronava a seu lado como um gato velho.

— Que é que vosmecê vai fazer? Pode falar com confiança. Nunca se confessou?

— Nunca. Nem a meu pai.

— Bom. Mas pode se abrir comigo como se estivesse num confessionário.

Segredo que cai aqui - e espalmou a mão sobre o peito - é como se caísse numa sepultura.

— Mas não tenho nenhum segredo pra contar. O que pretendo fazer já disse a meio mundo. Vou ficar.

— Mas por que é que vosmecê insiste tanto em ficar?

— Porque gostei deste lugar.

— Só por isso?

— Pra lhe provar que não escondo nada, vou dizer o resto. É porque estou também gostando duma moça que mora aqui.

— Posso saber quem é?

— A filha do Pedro Terra.

— A Bibiana?

— Essa mesmo.

O padre fez uma pequena pausa e depois disse, grave: - Mas é uma moça muito direita. Se vosmecê pensa…

— Se é direita, tanto melhor. Tenciono casar com ela. O sacerdote ficou como que espantado.

— Bom, se é assim… Mas me parece… bom… a coisa vai ser difícil.

— Por quê?

— O Bento, filho do coronel Amaral, também gosta da moça.

— E ela gosta dele?

O padre Lara acariciou com a palma da mão a coroa da cabeça.

— Gostar… não gosta. Mas vosmecê sabe. O moço é voluntarioso, é rico, e no fim de contas a Bibiana vai acabar dizendo que sim. Principalmente se o velho Ricardo se meter na história, - Pelo que vejo esse Amaral é um deus.

— Não diga isso, capitão. Deus é um só e está no céu. E esse Deus único não é apenas senhor de Santa Fé. É senhor do universo.

— Deixou o tom solene, ficou mais terra-a-terra ao perguntar: - Vosmecê não é religioso?

— Não. Religião nunca me fez falta.

— Há pessoas que só se lembram da Virgem quando troveja.

— Quando troveja me lembro do meu poncho.

— Há homens que passam a vida fazendo pouco da Igreja, mas na hora da morte mandam chamar um padre pra se confessar.

Rodrigo soltou uma risada.

— Chamar padre na hora da morte? Acho que nem que eu queira vou ter tempo pra isso.

— Quem é que lhe garante?

— Na minha família quase ninguém morre de morte natural. Só

as mulheres, assim mesmo nem todas. Os Cambarás homens têm morrido em guerra, duelo ou desastre. Há até um ditado: "Cambará macho não morre na cama".

E ao dizer estas últimas palavras Rodrigo falava alto e havia em sua voz um tom de alegre orgulho. O padre ficou por um instante num silêncio abafado. Olhou para a criatura que tinha a seu lado: a lua lhe batia em cheio no rosto. De tão claros, seus olhos pareciam vazios.

— Vosmecê já pensou no que lhe pode acontecer depois da morte?

— Não.

— Não tem medo de ir para o inferno?

Rodrigo cruzou as pernas, atirou o busto para trás e recostou-se contra a porta da capela.

— Padre, ouvi dizer que no céu não tem jogo nem bebida nem carreiras nem baile nem mulher. Se é assim, prefiro ir pró inferno. Além disso as tais pessoas que todo mundo diz que vão pró céu por serem direitas e sem pecado são a gente mais aborrecida que tenho encontrado em toda a minha vida. Tenho conhecido muito patife simpático, muito pecador bom companheiro. Se eles vão para o inferno é para lá mesmo que eu quero ir.

— Vosmecê brinca com coisas sérias. Mas acredita que há um céu e que há um inferno, não acredita?

— Pra lhe falar com franqueza, nunca penso nessas coisas.

— Sim, mas quando vosmecê começar a envelhecer vai pensar.

Ouça o que lhe digo.

— Nunca nenhum Cambará macho conseguiu passar dos cinquenta anos.

Para além das casas estendiam-se os campos dobrados sob o lagoão enorme do céu. As coxilhas eram como seios de mulheres - comparou Rodrigo mentalmente. Seios e nádegas.

— Mas vosmecê nunca pensa em Deus?

— Uma vez que outra.

— Não reconhece que Ele fez o mundo e todas as pessoas que há no mundo?

— Se Deus fez o mundo e as pessoas, Ele já nos largou, arrependido.

— Não diga tamanho absurdo! Se Ele tivesse largado, tudo andava de pernas para o ar.

— E não anda?

— Me diga uma coisa: por que é que a terra gira em volta do Sol e a Lua, em volta da Terra, tudo direitinho a bem de haver o dia, a noite, as quatro estações? Por que é?

— Porque é.

— Isso não é resposta. Me diga por que é que a gente bota

semente de trigo na terra e a semente cresce numa planta, numa espiga com grãos, e o grão se transforma em farinha e a farinha em pão e o pão em alimento para as pessoas. Vosmecê já pensou que coisa bem feita, que máquina perfeita é o corpo humano?

Rodrigo pensou no corpo de Bibiana. Nu em cima duma cama, os peitos de coalhada, as pernas roliças, os beiços vermelhos. O corpo de Bibiana devia ser uma perfeição.

— Me diga outra coisa. Há homem no mundo capaz de fazer as coisas que Deus fez: as criaturas humanas, as plantas, as estrelas, os animais?

Pegue uma florzinha e veja que maravilha, que delicadeza, que… - O padre calou-se, ofegante. —Já pensou nessa coisa milagrosa que é nascer, crescer, viver…

— E envelhecer, e morrer, e apodrecer… - completou Rodrigo, pensando em que Bibiana um dia havia também de ficar velha.

— Exatamente! Mesmo envelhecer e morrer e apodrecer são coisas extraordinárias, porque tudo obedece a um grande plano. O corpo humano é matéria e como tal volta à terra de onde saiu. Mas a alma é imortal.

Tudo faz parte do milagre chamado vida. Nada disso podia existir se não houvesse Deus. Podia?

— Vosmecê que lê nos livros é que sabe, padre. Não me pergunte.

— Se Deus tivesse abandonado o mundo, o dia não seguia a noite, o pão não alimentava mais o corpo, o ar se sumia, as plantas não cresciam mais, os astros se chocavam no espaço e o mundo acabava…

Mas antes do mundo acabar - pensava Rodrigo - tenho de dormir com Bibiana Terra. E de novo sentiu fome. Será que o Nicolau me arranja alguma coisa para comer?

— Vosmecê deve ter razão, padre. E eu lhe peço desculpas por ser tão atrasado e tão herege. Pode ser que eu mude um dia… - acrescentou, sem nenhuma convicção.

— Se Deus quiser!

— E se eu tiver tempo.

Ergueu-se, rindo baixinho, e sentindo as bombachas úmidas de sereno nos fundilhos. Um grilo começou a cantar debaixo dos degraus. Rodrigo lançou um olhar na direção da casa de Pedro Terra.

— Padre.

— Pronto, capitão.

— Vou lhe fazer um pedido.

— Faça.

— Não pense mal de mim.

— Mas eu nunca penso mal de ninguém. Sou um pobre velho que quer ajudar os outros e servir a sua Igreja.

— Sei que sou meio esquentado e às vezes falo alto demais. É que

gosto muito da vida.

— Está se vendo.

— Viver é muito bom. Às vezes a gente tem tanta força guardada no peito que precisa fazer alguma coisa pra não estourar.

— Eu compreendo.

— Me criei guaxo. Não conheci mãe. Com doze anos já trabalhava no campo com a peonada bem como um homem feito. Com dezoito tinha sentado praça e já andava brigando com os castelhanos. Daí por diante sempre vivi ou brigando ou correndo mundo.

O padre sacudia a cabeça, devagarinho.

— Nunca aprendi nenhuma reza nem me habituei a ir à igreja.

— Mas ainda tem tempo. Nunca é tarde, meu filho.

— Qual! Há certas coisas que a gente ou aprende quando é menino ou nunca mais. Mas, pra lê ser franco, não tenho sentido falta de igreja nem de reza nem de santo.

— Nem na hora do perigo?

— Pois na hora do perigo mesmo é que não penso nessas coisas.

— Paciência. Pode ser que um dia vosmecê mude. Deus é grande.

— E o mato é maior, padre. É o que esses caboclos aprendem na luta dura desde pequeninhos. Não podem confiar em Deus e ficar parados. Quem fizer isso acaba degolado ou furado de bala. Às vezes o melhor recurso é ganhar o mato. A gente não pode estranhar que essa gente pense assim.

Foi a vida que ensinou…

— Deus escreve direito por linhas tortas.

Rodrigo abriu a boca num bocejo cantado e depois disse: - Mas o diabo é que ninguém sabe ler o que Ele escreve. O padre ia retrucar, mas calou-se. Houve um curto silêncio e por fim o vigário confessou: - Quer que eu lhe diga uma coisa? Gosto de vosmecê. Pode ficar certo disso. Gosto.

— Pois me alegro, vigário, me alegro. Tenho tido pouca sorte desde que cheguei.

— Por que não vai falar com o coronel Amaral?

— Eu?

— Sim. Vá e fale franco com o homem. Pode ser que ele acabe gostando de sua pessoa.

— Acha que vale a pena?

— Que é que vosmecê tem a perder?

— Nada, isso é verdade.

— Então? Amanhã eu falo com o homem, pergunto a que horas ele pode receber vosmecê.

Rodrigo fez um gesto que era metade dúvida, metade assentimento.

— Pois… está combinado. Fico esperando suas ordens amanhã. —

E mudando de tom: - Vai naquela direção?

— Não. Fico por aqui. Minha casa é atrás da igreja.

— Boa noite, padre. E não me queira mal.

— Boa noite. Deus guarde vosmecê!

— Amém - disse Rodrigo automaticamente. E riu-se de ter dito isso sem sentir.

Separaram-se. As luzes na casa de Nicolau estavam apagadas. Rodrigo fez a volta do rancho e entrou no seu quarto pela porta dos fundos. Pensava ainda em Bibiana e em algo que comer. Alguém tossiu do outro lado do tabique.

— Nicolau! - murmurou o capitão.

— O Nicolau saiu. — Era a voz da mulher. — Foi caçar tatu.

Imediatamente o coração de Rodrigo começou a pulsar com mais força, uma fração de segundo antes de ele próprio saber o porquê daquele súbito alvoroço. O Nicolau tinha saído de casa e ali do outro lado do tabique sua mulher estava numa cama… Não era nem muito moça nem bonita. Mas era uma fêmea. Fazia tempo que Rodrigo não tinha mulher. Ou tudo aquilo não passava de fome? Pensou em Bibiana. Imaginava Bibiana do outro lado do tabique, deitada na cama, nua…

— Dona Paula - chamou ele.

Por um instante não veio nenhuma resposta. Ele sabia que a china o evitava, como se o temesse. Espiava-o sempre de longe, com seus olhos de animal assustado.

Finalmente o capitão ouviu uma voz débil.

— Vosmecê chamou?

— Chamei, sim.

— Que é?

— Estou com muita fome, dona. Pode me arranjar alguma coisa de comer?

— Não sei. Vou ver. — Havia na voz dela um tom de permanente lamúria.

Tinha uns peitos flácidos e uma pele terrosa. Mas não era repugnante. E, fosse como fosse, era uma mulher.

De pé, junto da cama, Rodrigo ouvia o rascar das chinelas da companheira do Nicolau. Sabia que para ir à cozinha Paula tinha de passar pelo seu quarto. Entreabriu a porta e ficou esperando de luz apagada. E quando o vulto da mulher passou, Rodrigo murmurou: - Dona Paula…

Ela estacou, muda. Ele a segurou pelos ombros e puxou-a para dentro do quarto. Sentiu que ela tremia toda, como se estivesse com sezões, mas não fez nenhum gesto, não disse a menor palavra. Arrastou-a para a cama.

No dia seguinte, logo após a sesta, por obra e graça do padre

Lara, Rodrigo se viu frente a frente com o senhor de Santa Fé. Era numa das salas do casarão de pedra, onde os poucos móveis que havia eram escuros e rústicos. A um canto da peça Rodrigo viu três espadas e uma espingarda encostadas na parede. O coronel Ricardo estava sentado atrás duma mesa de pau preto. Não se ergueu quando o padre fez as apresentações. Não estendeu a mão para o visitante, nem o convidou a sentar-se. Quando o vigário se retirou, Rodrigo, de pé a uns quatro passos da mesa, olhou bem nos olhos o dono da casa e seu instinto lhe gritou que tinha macho pela frente.

Ricardo Amaral Neto era um homem de cinquenta e poucos anos, moreno, de rosto coberto por uma barba preta estriada já de fios brancos. Usava o cabelo à escovinha, tinha um olhar altivo e na ponta do nariz um sinal dum preto arroxeado, quase do tamanho duma moeda de vintém. Estava em mangas de camisa, trazia à cinta uma faca de prata e, sob a mesa, Rodrigo podia ver-lhe as botas de couro negro e cano alto.

Houve um pequeno silêncio. O capitão tinha já decidido principiar a conversa quando o outro perguntou bruscamente: - Que é que pretende fazer aqui?

— Ainda não sei, coronel.

— Este povoado já tem gente vadia que chegue!

Ricardo Amaral atirou estas palavras como seixos na cara do outro.

Rodrigo recebeu-as aparentemente impassível, ficou por alguns segundos calado e depois, com voz meio apertada, replicou: - Se não fosse o respeito que devo a um homem da sua idade, eu fazia vosmecê engolir o que acaba de dizer.

Ricardo ergueu-se como que impelido por uma mola. Como o avô e o pai, era um homem alto e espadaúdo. Afastou a cadeira com um pontapé, contornou a mesa, pegou duas das espadas que estavam a um canto, atirou uma para Rodrigo, que a apanhou no ar, desembainhou a outra e gritou: - Defenda-se! Vou lhe mostrar quem é velho. Defenda-se! Rodrigo continuava imóvel, segurando a espada horizontalmente com ambas as mãos.

— Vamos, defenda-se! - repetiu o estancieiro.

O capitão sorria. Sorria porque estava achando divertido ver aquele homenzarrão ali na sua frente, de espada em punho, querendo arrastá-lo a um duelo. Se também se deixasse enfurecer estaria tudo perdido.

— Acalme-se, coronel - pediu ele, apaziguador. — Vosmecê não vai querer matar um homem debaixo de seu próprio teto.

Só então Ricardo pareceu cair em si e compreender a situação. Pigarreou - no próprio pigarro havia um tom de surda raiva - e deixou cair o braço cuja mão segurava a espada. Seu peitarraço subia e descia

ao compasso duma respiração acelerada; seu rosto estava purpúreo.

Rodrigo deu alguns passos e encostou a espada na parede. Voltou-se para o senhor de Santa Fé.

— Vosmecê veja a minha situação… - disse ele, quase jovial, ajeitando o lenço vermelho. — Se eu matasse o coronel Amaral, não saía vivo desta casa. Se vosmecê me matasse… eu estava liquidado.

De qualquer modo estou perdido. Já vê que minha posição é meio difícil…

— Mas vosmecê me ofendeu! - exclamou Ricardo, pondo a espada em cima da mesa.

— Foi vosmecê que me ofendeu primeiro - retrucou Rodrigo.

— Eu podia mandar lê prender.

— Podia, coronel. Podia também mandar me enforcar. Mas não manda nem uma coisa nem outra.

— Quem foi que lhe disse?

— Vosmecê não manda me prender porque não tem motivos pra isso. Não se prende um homem de bem por um dá cá aquela palha. E vosmecê não manda me enforcar por uma razão muito forte. É porque é um homem justo e bom.

Ricardo voltou-se devagarinho na direção da mesa, lançando um olhar torvo e enviesado na direção do interlocutor. Depois, dominando a voz, disse: - O melhor mesmo é vosmecê ir embora de Santa Fé o quanto antes.

— Por quê?

— Porque sim.

— Que é que há contra mim?

Ricardo hesitou por um instante, acariciou nervosamente o cabo da faca, e disse: - Vosmecê não tem o nosso jeito. Sou um homem muito vivido e vejo logo quando uma pessoa pode se dar aqui e quando não pode. Logo que me falaram na sua pessoa, senti que vosmecê não podia esquentar lugar em Santa Fé e que mais cedo ou mais tarde ia nos dar trabalho.

— O coronel está me tratando como se eu fosse um castelhano, um estrangeiro, um inimigo.

Ricardo pareceu meio abalado com o argumento. Tartamudeou um pouco antes de responder, mas o tom firme e teimoso em breve lhe voltou à voz.

— Conheço um homem até pela maneira como ele anda vestido. Esse seu lenço vermelho é um sinal de fanfarronice.

— Coronel, vosmecê está enganado.

— Nunca me engano com homem nem com cavalo. Vosmecê tem um jeito de olhar e de falar com as pessoas que faz o sangue da gente ferver.

— Não é minha culpa. Nasci assim.

E imediatamente Rodrigo percebeu que a voz lhe saíra atrevida e agressiva.

— Meu avô costumava dizer que homem também se doma, como cavalo.

— Nem todos.

— Pois lê pego pela palavra. Se vosmecê é potro que não se doma, muito bem, é porque não pode viver no meio de tropilha mansa. Seu lugar é no campo. Neste pótreiro de Santa Fé, moço, só há cavalo manso. Chegam xucros mas eu domo eles e boto-les a minha marca.

— Já me tinham dito isso.

— Pois se a coisa não lê agrada, mande-se mudar.

Ricardo virou as costas para Rodrigo, como para dar por terminada a entrevista. O outro, porém, continuou imóvel onde se achava. Estava resolvido a não deixar-se convencer nem enfurecer. Se despertasse a ira do senhor de Santa Fé, estaria perdido. A vida para ele no povoado seria insuportável e o melhor que tinha a fazer era encilhar o cavalo, montar e ir cantar noutra freguesia. Mas se ele fosse embora, adeus Bibiana!

Decidiu tentar outro recurso. Sabia que Ricardo era comandante dum corpo de cavalaria.

— Coronel, vosmecê também é um militar.

— E por sinal seu superior, capitão. Não se esqueça disso.

— Não esquecerei. Mas peço que vosmecê me escute. No fim de contas um homem tem o direito de se defender, principalmente quando está com a consciência limpa.

Ricardo encarou-o. E naquele instante Rodrigo sentiu que estava diante de um juiz.

— Então que é que tem a dizer a seu favor?

— Eu mesmo não tenho nada. Mas há muita gente boa disposta a falar por mim.

— Aqui em Santa Fé?

— Nestes papéis, coronel. Com licença de vosmecê, aqui está a minha fé de ofício.

Tirou um rolo de papéis de dentro da túnica e apresentou-os ao estancieiro, que os tomou, desamarrou a fita que os prendia, botou os óculos e começou a ler. Eram cópias de ordens do dia de diversos generais que Ricardo Amaral conhecia e nelas havia elogios ao capitão Rodrigo Severo Cambará pelo seu comportamento em ação. Havia também um “a quem interessar possa”, declarando que o capitão Rodrigo tinha tomado parte em diversos combates, “portando-se com heroísmo, dedicação e disciplina a toda prova”. A declaração estava assinada por Bento Gonçalves da Silva.

Por alguns minutos Ricardo ficou de cabeça baixa, e Rodrigo

percebeu que o homem lia com alguma dificuldade: seus lábios grossos se moviam, soletrando as palavras. O senhor de Santa Fé tornou d enrolar os papéis e estava amarrando a fita que os prendia quando o capitão tirou do bolso das bombachas um estojo preto e dramaticamente apresentou-o ao outro: - E se isto também pode dizer alguma coisa em meu favor…

— Que é isso?

— Faça o obséquio de abrir.

Ricardo Amaral tomou do estojo, com um pouco de má vontade, abriu-o e viu contra um fundo de veludo roxo uma medalha. Reconheceu a cruz da Ordem dos Militares. Não pôde esconder sua surpresa, e seu rosto iluminou-se de repente, como se a condecoração irradiasse luz. Logo em seguida, porém, seu semblante tornou a ficar sombrio. Ricardo fechou o estojo, entregou-o ao outro e começou a esfregar as mãos com impaciência.

— Isso tudo, capitão, prova apenas que vosmecê foi um bom soldado.

Rodrigo estava decepcionado. Esperava que todos aqueles documentos conseguissem comover o estancieiro e agora, vendo-o irredutível mesmo diante daquela condecoração, começava a agastar-se.

— Só me admiro é duma coisa - disse Ricardo, com voz mais conciliadora mas ainda com uma ponta de dúvida. — Como é que um homem com os serviços que vosmecê prestou ao governo não teve outras recompensas…

— Recebi o meu soldo, coronel.

— Não me refiro a soldo. Muitos oficiais depois de deixarem a tropa receberam sesmarias, viraram criadores ou plantadores.

Rodrigo sorriu. Lembrava-se de que lhe haviam contado que naquelas muitas guerras, quando fazia o recrutamento, Ricardo Amaral Neto preferira sempre tirar pais de família de seus lares e lavouras a desviar do trabalho de sua estância peões e escravos. Apesar de comandante dum corpo de cavalaria nunca fornecera uma única de suas vacas para alimentar os soldados, pois achava muito mais conveniente requisitar gado e cereais aos pequenos criadores e agricultores.

Murmurava-se também que o coronel Ricardo se valera mais duma vez de sua autoridade militar para obrigar certos proprietários a lhe venderem suas terras a preços baixos.

Rodrigo encolheu os ombros e disse: - Nunca me interessei por essas coisas, coronel. Nasci caminhando como filho de perdiz.

— E por que é que agora quer fazer seu ninho aqui no povoado?

— Já lhe disse que gostei de Santa Fé. É um lugar mui lindo. No dia que eu achar que ele não me serve mais, monto a cavalo e vou

m'embora. Só árvore é que pega raiz no chão.

— Pois homem que não é capaz de se apegar à terra não nos serve. O mal desta província têm sido esses aventureiros que vêm doutros pontos do país só pra se divertirem ou fazerem negócio e depois vão embora.

Ricardo, agora visivelmente mais calmo, acariciava as barbas grisalhas com sua grande mão queimada de sol e estriada de veias dum azul esverdeado.

Rodrigo sabia ser simpático, quando queria. Tratou de falar com calma e brandura, e no seu tom de voz havia agora não a humildade dum pobre que curva a cabeça ante um potentado, mas sim o respeito carinhoso dum filho que se dirige ao pai.

Vosmecê ainda não me conhece, coronel. Mas se minha palavra valesse alguma coisa…

Ricardo interrompeu-o: Olhe, capitão, nunca apreciei as pessoas que põem em dúvida a palavra dos outros. Se vosmecê vai me dar a sua, não tenho razão pra duvidar dela.

Rodrigo viu que começava a pisar em terreno mais firme.

Empenho a minha palavra de cidadão e de soldado como nunca lhe darei nenhum motivo de queixa. Quero ficar aqui… Talvez compre umas terrinhas e comece a criar o meu gadinho. Talvez até me case…

Mas vosmecê não vai gostar de Santa Fé. Temos poucos divertimentos e um homem habituado a pândegas, fandangos, carreiras, jogatina e mulheres não pode aguentar esta vida. Santa Fé é terra de gente trabalhadeira. Tem pouca festa e pouca moça. E as moças são direitas, ouviu, capitão?

— Ninguém está dizendo o contrário.

— Vosmecê já foi ao nosso cemitério?

— Casualmente estive lá ontem.

Viu aquele túmulo de cruz preta, logo à direita de quem entra?

Rodrigo sacudiu a cabeça, numa negativa.

— Não, que me lembre.

— Pois ali está enterrado o Zé Oliveira.

Fez uma pausa cheia de significação. Depois continuou: - O Zé tomou a mulher dum dos meus agregados… - Outra pausa. Os olhos de Ricardo Amaral Neto brilharam por um instante. — O marido meteu-lhe chumbo no corpo. O corpo do Zé Oliveira ficou que nem peneira…

— E que foi que aconteceu pra mulher? - perguntou o capitão, sorrindo.

O estancieiro fez um gesto brusco e grasnou: - Não vem ao caso!

— Se vosmecê pensa que vou tentar tirar a mulher de alguém… - começou a dizer Rodrigo. Mas o outro não o deixou terminar: - O Zé Oliveira era um sujeito valente, muito alegre, cantava e tocava violão.

— Com uma voz cheia de intenções veladas, acrescentou: - Sempre desconfiei de homem que toca violão.

Espinhado, Rodrigo não se conteve e replicou: - Conheço muito patife que não toca violão.

Por um breve instante os dois homens se mediram com os olhos, num silêncio feroz. Nenhum piscou. Nenhum falou por vários segundos. Rodrigo então compreendeu que não havia mais remédio para aquela situação.

Apanhou o chapéu que estava em cima duma cadeira e disse, num supremo esforço para alisar a voz: - Bem, vou andando com a licença de vosmecê.

— Pra andar vosmecê tem toda a minha licença.

— E pra ficar?

— Para ficar, não.

O capitão fez meia-volta, aproximou-se da porta e, já a abri-la, exclamou: - Mas fico!

Não ouviu o que o outro disse nem lhe viu a cara, pois bateu a porta em seguida e saiu para o alpendre. Dirigiu-se para a venda do Nicolau, assobiando, com o chapéu atirado para a nuca, a ruminar com gozo suas últimas palavras. Mas fico. Mas fico. Mas fico.

E ficou mesmo. Nada lhe aconteceu. Porque naqueles dias Ricardo Amaral fechou a casa no vilarejo e foi passar o resto do verão na estância, deixando o campo livre para Rodrigo, que aos poucos conquistou toda a população de Santa Fé, com exceção de Pedro ferra. Era alegre, cantava, tocava violão, pagava bebidas e sabia perder no jogo. Faziam rodas de truco ou de solo na venda, e em certas ocasiões até o padre Lara vinha jogar. Ficava pitando um cigarro de palha, tossindo e rindo das histórias que o capitão lhe contava. E muitas vezes, segurando com seus longos dedos as cartas sebosas do baralho, sacudia a cabeçorra e murmurava: - Esse capitão Rodrigo é das arábias!

Nicolau estava satisfeito com o hóspede e, de pé atrás do balcão, servindo cachaça para a freguesia, costumava olhar com ar quase paternal para Rodrigo. E parecia continuar ignorando que, sempre que ele saía, a mulher ia para a cama do outro, silenciosa e trêmula, confirmando o ditado que o capitão Cambará com frequência repetia aos amigos íntimos: “Mulher que vai uma vez comigo pra cama, vai sempre”.

De vez em quando Rodrigo saía com os novos amigos a caçar veados ou jacutingas. Aos domingos corria com eles carreiras em cancha reta. As apostas eram moderadas e todos se admiravam de nunca haver briga.

Diziam: “O capitão Rodrigo é homem que sabe perder”. Quase todas as noites havia reuniões na venda do Nicolau depois do jantar.

Rodrigo tocava violão e cantava, e quando encontrava algum repentista, desafiava-o para trovar; e, sob risadas, ficavam os dois até tarde no seu duelo poético. Já se dizia em Santa Fé que "onde está o capitão Rodrigo não ha tristeza".

E assim se passaram algumas semanas. Rodrigo não podia tirar Bibiana do pensamento. Para falar a verdade, não procurava esquecê-la. Fizera muitas tentativas para falar com a moça, mas não conseguira nada. Aos domingos costumava ir esperar a saída da missa para ver sua "tirana"

passar, de olhos baixos, muito vermelha, acompanhada pela mãe e pelo pai, o qual, ao avistá-lo, mal batia com dois dedos na aba do chapéu e passava de largo. Tinham-lhe contado que Pedro Terra dissera, em certa roda: "Esse tal capitão Rodrigo é um homem sem serventia. Vive cantando, bebendo e jogando, e tem raiva do trabalho". Rodrigo exasperava-se. A moça morava naquela casa ali do outro lado da praça e no entanto era como se vivesse em Viamão, em Rio Pardo ou em São Paulo, porque raramente a via. Pensara em mandar-lhe um recado, escrever-lhe um bilhete… Um dia chegou a falar com o padre.

— Vigário, eu queria pedir um favor a vosmecê.

O padre Lara aproximou o ouvido dos lábios do capitão.

— Diga.

— Arranje um jeito de eu falar com dona Bibiana. O sacerdote sacudiu a cabeça com veemência.

— Não conte comigo pra essas coisas. Não sou nenhum alcoviteiro. Não quero me meter nesses assuntos.

— Mas as minhas intenções são sérias. Quero casar com a moça.

— Então fale com o pai dela.

— Mas o velho Terra não me dá ocasião. Não quer saber de mim.

— Fale com o irmão.

— Ele não está no povoado.

— Deve chegar por estes dias.

— Mas eu sei que o Pedro Terra ouve vosmecê. Diga alguma coisa a meu favor.

O padre coçou a papada. Seus olhos líquidos fitaram o rosto do capitão.

— Vosmecê me bota em cada aperto…

— Então vai falar?

— Vamos ver… Talvez. Não prometo nada.

O vigário procurou safar-se. Mas Rodrigo agarrou-lhe a manga da batina e disse: - Padre, vosmecê sabe como sou esquentado. Estou levando este negócio com bons modos. Mas se perco a paciência, não respondo pelo que acontecer.

— Vosmecê é um homem impossível! - exclamou o sacerdote. E

abalou, furioso.

Por aqueles dias Juvenal voltou de sua viagem a Cruz Alta. Vendo a carreta carregada de fardos e caixas, Rodrigo teve uma ideia. Depois de abraçar Juvenal, chamou-o à parte e disse: - Tenho uma proposta pra lê fazer.

— Que é?

— Um negócio…

— Que negócio?

Estavam sentados debaixo da figueira. A tarde caía calma, e o céu estava limpo, dum azul liso e desbotado.

— A venda do Nicolau é uma droga - declarou Rodrigo.

— Mas é o que temos, não é? - retrucou o irmão de Bibiana, meio áspero.

— Vosmecè conhece a loja do velho Horácio Terra no Rio Pardo?

Não hei de conhecer! O velho Horácio é meu tio-avô.

— Pois aquilo é que é loja. Tem de tudo, é grande e bem sortida. Santa Fé precisa duma venda melhor que a do Nicolau.

Rodrigo olhou para Juvenal, mas não viu no rosto deste nenhum sinal de compreensão ou entusiasmo. Continuou: Tenho na guaiaca algumas onças e patacões. Não é muito mas dá pra gente principiar… Pois a minha proposta é a seguinte: Vosmecè tem uma carreta e eu tenho um dinheirinho. Vamos fazer uma sociedade. Vosmecê faz o sortimento no Rio Pardo e eu tomo conta da loja aqui.

O rosto de Juvenal continuou impassível. Seus dentes amarelentos apertavam o cigarro apagado. Permaneceu em silêncio, olhando para o casarão dos Amarais, cujas janelas e portas continuavam fechadas.

Rodrigo deu-lhe uma palmada jovial no joelho.

— Que tal?

— É o quê? Acha ou não acha boa a ideia?

— Pode ser, pode não ser…

— Mas vosmecê não arrisca nada. Eu é que entro com o dinheiro. Vosmecè entra com sua carreta, sua experiência e suas relações no Rio Pardo.

Começamos com um negócio pequeno, depois vamos melhorando a coisa aos poucos.

— É… pode ser.

— Que diabo! Vosmecè não se entusiasma com nada. Juvenal sorriu com um canto da boca.

— Não se pode fazer nenhum negócio no ar. Tenho família.

— Pois então pense. Pense e me diga o que resolveu.

— Vou pensar. Juvenal ergueu-se.

— Outra coisa - ajuntou Rodrigo, levantando-se também. — Quero me casar com a sua irmã.

Juvenal não disse nada. Tirou o isqueiro, bateu a pedra e quando

o pavio prendeu fogo, aproximou dele a ponta do cigarro. Só depois de tirar uma baforada é que falou.

— Já se entendeu com o meu pai?

— Ainda não.

— E com a Bibiana?

— Também não.

— Ela gosta de vosmecê?

— Não sei.

— Como é que diz então que vai se casar com ela?

— Mas como é que vou falar com ela se o velho Terra cuida da filha como cachorro ovelheiro cuida de rebanho?

Pelos olhinhos de Juvenal passou um rápido brilho pícaro.

— Decerto é porque ele acha que vosmecê é um tigre. Rodrigo fez um gesto de impaciência. Via agora um vulto no pátio da casa de Pedro Terra, sob os pessegueiros carregados de frutos.

Um vestido azul… Sim, era Bibiana que dava de comer às galinhas.

— Amigo Juvenal, faça alguma coisa por mim.

— Mas que é que vosmecê quer que eu faça?

— Fale com seu pai, com sua irmã. As minhas intenções são boas. Não sou nenhum pesteado.

Juvenal mirou o outro longamente e depois disse: - Não acha melhor dar tempo ao tempo?

Rodrigo desferiu um pontapé numa pedra, arremessando-a contra o tronco nodoso da velha figueira. Estava de bombachas de riscado e camisa branca, com o lenço vermelho no pescoço, a aba do chapéu quebrada na frente. Juvenal olhou-o com uma mistura de simpatia e má vontade.

Durante toda a viagem a Cruz Alta levara no peito uma preocupação que em vão se esforçara por vencer. Não se sentia seguro sabendo que tinha deixado sua mulher sozinha em casa, numa terra onde andava às soltas um homem como o capitão Rodrigo. Nunca tivera nenhuma razão para duvidar da fidelidade da esposa; a Maruca era uma moça quieta e trabalhadeira, que nunca dera nenhum motivo para falação. Mas, por mais que ele fizesse, não conseguia esquecer Rodrigo Cambará e por isso se apressara a voltar. E olhando agora para a cara do capitão ali naquele entardecer quente e sereno, Juvenal não podia ter nenhuma dúvida quanto aos sentimentos da irmã. Apesar de Bibiana não lhe ter nem mencionado o nome de Rodrigo, ele pressentia que a coitada estava já irremediavelmente apaixonada por aquele forasteiro. O diabo do homem tinha feitiço.

— O que tenho feito aqui nesta terra, Juvenal, chega a ser uma desmoralização pra mim. Nunca me rebaixei tanto. Nunca fiquei onde não me queriam. Sou desses que quando querem as coisas fazem, sem

pedir licença a quem quer que seja. Mas aqui tenho baixado a cabeça. O mundo é muito grande e eu podia encontrar por aí miles de moças que quisessem casar comigo. Mas gostei da sua irmã e decidi que ela tem de ser minha mulher. E lhe digo mais. Hei de me casar com dona Bibiana, custe o que custar.

Juvenal não perdeu a calma.

— Mesmo que ela não queira?

— Bom, isso é diferente… Se ela não me quiser, monto a cavalo e me vou embora. Com dor de coração, mas vou. Mas se ela quiser…

Calou-se. Achou melhor não continuar, porque não queria perder a amizade de Juvenal. Ia dizer que se Bibiana o amasse, ele a tiraria de casa e a levaria para longe na garupa do cavalo. Já tinha feito isso com outras mulheres, em outros lugares. Deixava-as depois no caminho, quando se cansava delas. Mas com Bibiana ia ser diferente. Queria a moça para esposa. Desejava ter uma casa e filhos, muitos filhos.

Aquela manhã no cemitério, ao dar com os olhos em Bibiana, ele tivera uma espécie de visão do seu destino. Parecia que uma voz lhe segredava: “Chegou a hora, capitão. É esta”.

— Tenho de ir andando… - disse Juvenal.

— Pense bem no negócio que lhe propus.

— Vou pensar.

— E quando é que me dá a resposta?

— Qualquer dia.

Rodrigo teve ímpetos de dar um pontapé no traseiro de Juvenal para animá-lo, fazê-lo tomar interesse pelas coisas. Quando ele se afastou no seu andar lento, um pouco gingado, ficou a acompanhá-lo com os olhos.

Juvenal tinha as pernas meio arqueadas e seus cabelos, dum negro lustroso e liso, eram compridos, cobriam-lhe o pescoço e roçavam na gola da camisa. Havia nele qualquer coisa de lerdo e descansado, como se de tanto carretear ele tivesse tomado o jeito dos bois.

Rodrigo voltou-se para a casa de Pedro Terra e ficou a contemplá-la.

Bibiana havia desaparecido do pátio, mas lá estavam ainda as galinhas a ciscar o chão. Achou bonita a casa dos Terras à luz macia do entardecer. Não havia vento e as árvores estavam imóveis. Os pêssegos amarelavam entre as folhas verdes dos pessegueiros e o chão, sob as árvores, era dum vermelho-escuro manchado de sombras arroxeadas. Dum outro quintal vinha uma fumaça azulada, cheirando a cipó e ramos secos queimados. Havia também no ar um cheiro bom de carne assada. Nessas horas Rodrigo sonhava com uma casa, uma boa cadeira e Bibiana. Decidia que estava cansado de guerras e

andanças e que já era tempo de sentar o juízo e cuidar do futuro. Pensou nos filhos… Queria que o primeiro fosse homem. Havia de dar-lhe uma educação de macho. Pediria ao vigário que lhe ensinasse a ler, escrever e a contar… Mas havia de ensinar-lhe principalmente a andar a cavalo e manejar as armas.

Nicolau apareceu à porta da venda.

— Está na mesa, capitão!

Despertado de seu devaneio, Rodrigo respondeu: - Já vou indo.

Naquela noite não cantou. Todos estranharam ao vê-lo tão macambúzio.

Naquela noite e nas muitas outras noites e dias que se seguiram, Rodrigo várias vezes avistou Bibiana, mas de longe. E por mais que inventasse pretextos, não conseguiu falar com ela. E quando o pai a levou a passar uma temporada na estância dum amigo, o capitão ficou no povoado, amargando sua saudade. À noite sentava-se sozinho debaixo da figueira, olhando para a casa de Pedro Terra e imaginando coisas. Frequentemente tinha de saciar o seu desejo de Bibiana no corpo magro da mulher do Nicolau, o qual começava já a desconfiar de tudo mas preferia fingir que não sabia de nada. Rodrigo tinha pena do vendeiro e ao mesmo tempo o desprezava. Às vezes ficava irritado com Paula, porque ela não era nova, bonita e limpa como Bibiana. A chinoca continuava a deixar-se usar num silêncio submisso e sempre assustado. No princípio esperavam que Nicolau saísse, para irem para a cama. Ultimamente Rodrigo já não fazia mais cerimônia.

E muitas vezes, quando estavam ambos deitados, ouviam do outro lado do tabique a tosse ou o ressonar de Nicolau. Por fim Rodrigo não pôde suportar mais Paula: e uma noite, para evitar que ela viesse para sua cama, trancou a porta do quarto. E depois, ouvindo entre enojado e exasperado ruídos suspeitos no quarto contíguo, bateu com o pé na parede e gritou: - Façam esse negócio sem barulho!

Revolveu-se na cama e fechou os olhos. O sono, entretanto, não lhe veio.

Ele pensava em Bibiana, nos seus seios brancos, no seu corpo jovem, nos seus olhos enviesados… Decidiu que quando ela voltasse da estância ia falar-lhe, nem que para isso tivesse de passar por cima do cadáver do pai, do irmão, do padre, do bispo, do diabo! Pensou também em fazer a mala e ganhar de novo a estrada. Um homem como ele se arranjava em qualquer lugar… Mas no momento mesmo de formular esse pensamento ele já sentia, já sabia que ia continuar em Santa Fé.

E quanto mais o tempo passava, mais Rodrigo compreendia ser-lhe impossível viver sem Bibiana. O que a princípio fora apenas desejo carnal, agora era também um pouco ternura: era amor. E o capitão Cambará inquietava-se por isso. Porque sempre lhe parecera que o

único amor digno dum homem era esse que apenas pede cama. O amor de fazer ou cantar versos e mandar flores, esse amor de doer no peito, de dar saudade era amor de homem fraco. Ele cantava versos que falavam em tiranas, saudade e mágoa, só por brincadeira, sem sentir de verdade as coisas que dizia. No entanto, agora estava enfeitiçado por Bibiana Terra.

E em fins daquele dezembro quente e parado, Rodrigo Cambará pela primeira vez compreendeu o profundo sentido dum ditado popular: "Quem anda cego de amor não sabe se é noite ou se é dia".

Um novo ano entrou e em fins de janeiro a filha de Rosa, prima de Pedro Terra, ia casar com um moço de Porto Alegre que ela conhecera em uma de suas viagens à capital. O pai da noiva, Joca Rodrigues - um dos mais prósperos plantadores de erva-mate de Santa Fé - decidiu fazer festa grande no dia do casamento. Pediu emprestado o gaiteiro da estância de Ricardo Amaral, fez matar dois novilhos gordos, dois porcos e quinze galinhas e pôs a mulher e muitas amigas e comadres a fazerem doces, pães, pastéis, roscas e biscoitos. O noivo mandou de presente ao futuro sogro três pipas de vinho feito na quinta dos pais. E quando Rosa Rodrigues - que era econômica a ponto de parecer sovina - perguntou ao marido se ele pretendia dar de comer e beber a um batalhão, Joca respondeu: - Que diabo, mulher! É a nossa única filha, e vai fazer um casamentão.

Se a gente não festeja uma ocasião dessas, quando é então que vai festejar?

Rosa suspirou, baixou a cabeça e meteu de novo as mãos na massa de pão.

E no dia do grande acontecimento Santa Fé não falou noutra coisa.

O noivo viera só. Era um moço baixo, quieto, de grossos bigodes negros e olhos mansos. Os pais tinham nascido na ilha dos Açores e possuíam nos arredores de Porto Alegre uma quinta onde cultivavam parreiras e hortaliças, faziam vinho, queijo e linguiça e criavam porcos e galinhas.

A chegada do rapaz a Santa Fé causara alguma sensação. Qualquer forasteiro que chegasse, sempre era uma novidade que ocupava a atenção dos habitantes do povoado, onde a vida de ordinário se arrastava calma e igual. Mas aquele homem do litoral, que vestia e falava dum modo diferente das gentes do interior, de certo modo representava uma parte da Província cujos habitantes não tinham ainda cortado completamente o cordão umbilical que os prendia a Portugal. Algumas famílias açorianas cujos antepassados tinham chegado ao Continente de São Pedro, havia quase oitenta anos, mantinham ainda mais ou menos intatos os costumes das ilhas.

O noivo da filha de Joca Rodrigues não sabia montar a cavalo

com o garbo e o desembaraço dos homens do interior e da fronteira. E quando entrou no povoado, meio encurvado em cima dum petiço manco e cansado, seguido de dois escravos, um santa-fezense que estava parado à frente da venda do Nicolau, gritou, jovial: - Cuidado, baiano!

E outro, mais adiante, vendo como o forasteiro se agarrava à cabeça do lombilho, não se conteve e exclamou: - Largue o Santo Antônio, moço!

O recém-chegado sorriu. Tinha consciência de estar fazendo figura triste. Achava-se agora em meio de gente habituada a uma vida e a um tipo de trabalho que ele desconhecia quase por completo. Jamais manejara o laço ou as boleadeiras; não sabia domar potros nem parar rodeio. Meio encalistrado, distribuía cumprimentos amáveis para a direita e para a esquerda, como se quisesse comprar com essa afabilidade a tolerância daqueles gaúchos.

Não levou, porém, muito tempo para se fazer estimado. Como a maioria dos ilhéus, era simples e alegre, duma alegria natural, sem fanfarronada nem barulho. Gostava de dançar, cantar, era econômico, firme nas suas opiniões e não se expunha a riscos em seus negócios. Apegado à terra, preferia - como a maioria dos homens de sua origem - uma vida sóbria e sedentária às guerras, correrias e aventuras. Era religioso, hospitaleiro e tinha um respeito supersticioso pela lei e pela autoridade.

O padre Lara travou logo conhecimento com aquele moço de Porto Alegre, pediu-lhe notícias da capital e do mundo e recebeu com satisfação os jornais da Corte que o recém-chegado trouxera consigo. E, convivendo com aquele filho de açorianos, o vigário, que gostava de estudar e observar as pessoas e as coisas, sorria e achava que o noivo da filha de Joca Rodrigues era bem a antítese de Rodrigo Cambará. Sua linguagem - na pronúncia, na entonação e no emprego de certos vocábulos que o interior da província usava pouco ou desconhecia de todo - lembrava a das ilhas, e aproximava-se muito, na construção das sentenças, do português castiço que o padre lia em Manuel Bernardes e Bernardim Ribeiro. Era uma língua cantante, por assim dizer apertada, cheia de si chiados, aa surdos, ee mudos, ao passo que Rodrigo Cambará pronunciava todas as letras, falava uma linguagem clara, como que quadrada no seu escandir de sílabas, e cheia de castelhanismos trazidos da Banda Oriental. Para o moço de Porto Alegre uma moça era uma "rapariga"; para seus avós, uma "cachopa"; mas para Rodrigo, mulher moça era às vezes “muchacha” ou, quando ele queria depreciar a jovem, “piguancha”. Quando o noivo desejava exprimir agradecimento, dizia respeitosa e quase solenemente: "Obrigado a vossa mercê"; mas Rodrigo soltava um “Gracias!” rápido, casual e quase insolente.

O padre Lara lembrou-se dos tempos em que fora capelão da igreja de Viamão. Isso tinha sido pouco antes de 1822, quando já se falava da surda luta pela independência do Brasil. Ele via a má vontade, a desconfiada reserva com que alguns açorianos e seus descendentes recebiam ou comentavam as notícias sobre a propaganda libertária. Para eles era melhor que o Brasil continuasse sob o domínio português. Se o país ficasse independente, sabiam que iam sentir-se como que abandonados.

Esses açorianos, tão apegados a suas terras, lavouras, lojas e oficinas representavam a ordem, a estabilidade, o respeito às leis, a obediência à Corte de Lisboa. Mas os homens que, como Rodrigo, tinham vindo das Guerras Platinas, onde estiveram em contato com os caudilhos e guerreiros castelhanos que procuravam libertar sua pátria do domínio espanhol; os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades - esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência.

Representavam a população menos estável porém mais nativista do Rio Grande. Criavam gado, taziam tropas e eventualmente engrossavam os exércitos quando o inimigo invadia a província. Alguns brigavam por obrigação; muitos por profissão; mas a maioria brigava por gosto.

E agora, observando o moço de Porto Alegre que viera casar com uma filha de Santa Fé, o padre Lara mais uma vez ficava em dúvida quanto ao tipo que mais lhe agradava: o habitante sedentário e pacato do litoral ou aquela gente meio bárbara do interior? E concluía um tanto alarmado que, contra toda a lógica, entre o futuro genro de Joca - o moço quieto, que se confessava, tomava comunhão e ia à missa - e Rodrigo Cambará, que não tinha Deus nem lei e zombava da religião, ele, um sacerdote, preferia o último, de todo o coração. Era uma questão de simpatia que nada tinha a ver com suas conveniências ou convicções religiosas.

Para a Igreja os litorâneos, os habitantes de lugares como Porto Alegre, Viamão, Rio Grande e Pelotas, ofereciam uma seara mais rica e segura que a de outras zonas da província. A Igreja Católica precisava de estabilidade e havia nessas cidades, vilas e povoados uma hierarquia nítida - nobreza, clero e povo - uma divisão muito conveniente ao trabalho de evangelização. Quanto às populações das estâncias e charqueadas, o problema era diferente e infinitamente mais complicado.

Aquela vida agreste e livre convidava à violência, à arbitrariedade e à insubmissão. As charqueadas eram focos de banditismo. O trabalho das estâncias como que nivelava o patrão ao peão e ao escravo. Muitas

vezes o estancieiro saía a camperear ombro a ombro com aqueles numa faina igualizadora que oferecia certos perigos, pois criava o risco de negros e caboclos quererem gozar das mesmas prerrogativas que seus senhores. O padre Lara sabia que todos os homens tinham sido criados à ijnagem e semelhança do Senhor. Mas reconhecia também que, para maior facilidade e eficiência do trabalho dos sacerdotes de Deus na terra, era necessário que houvesse ordem, um sentido de hierarquia, um escalonamento nítido da sociedade. Porque a desordem era inimiga da Religião, e se os homens não reconhecessem nenhum princípio de autoridade na vida temporal, como haviam de reconhecê-lo na vida espiritual? Por outro lado estava também convencido de que todas as ideias de liberdade e igualdade traziam no seu âmago se" mentes de ateísmo e anarquia, tanto que as conspirações republicanas eram feitas em geral pela maçonaria. Lera muitos ensaios sobre a Revolução Francesa. Detestava Marat, Robespierre e Danton. Achava-os uma corja de ateus que negavam o Deus único e falavam em nome duma deusa absurda, quando na verdade estavam apenas dando voz a seus apetites, ambições e perversões. O mundo - achava o padre Lara - nunca fora mais feliz que na Idade Média. Ateus e hereges chamavam a essa época áurea da História a era do obscurantismo, a idade negra. Mas um dia a Idade Média haveria de voltar e com ela toda a glória da Santa Madre Igreja.

Rodrigo - achava o vigário - representava à maravilha a mentalidade do homem do campo, da guerra e do cavalo, que não teme a Deus nem ao diabo.

Aqueles aventureiros habituavam-se a nunca ir à igreja nem a respeitar os sacerdotes. Não havia em suas vidas ordem ou método ou estabilidade que lhes permitisse dedicarem pelo menos um dia da semana ao culto do Criador. Em alguns lugares da Província os homens nem chegavam a saber quando era domingo. Por outro lado, como podiam eles humilhar-se diante de Deus se sabiam que Deus era um homem, e um homem macho - segundo o rude código continentino - nunca baixa a cabeça nem ajoelha diante de outro homem? Habituados a guerras, asperezas e violências, confiavam mais em seus cavalos, suas armas e sua coragem do que em santos, rezas, sacerdotes ou igrejas.

Às vezes, estudando as gentes de Santa Fé, comparando-as com as outras pessoas que conhecera em outros recantos da província, estendendo o olhar para os horizontes que por assim dizer cercavam aquelas vastas campinas em derredor do povoado, o padre Lara ficava a pensar no que seria aquela população dali a cem anos… A vida para ele não era fácil nem agradável, por causa da asma, mas gostaria de poder durar tanto como Matusalém para ver que resultado teria

aquela mistura de raças que se estava processando na província de São Pedro. Sabia que era uma espécie de tradição entre os Amarais fazer filhos nas escravas, produzir mulatos e mulatas, que por sua vez depois se cruzavam com brancos, índios ou pretos. Os brancos gostavam muito das índias. O padre ouvira dizer que as mulheres índias se entregavam aos índios por obrigação, aos brancos por interesse e aos negros por prazer. Agora - refletia ele - aquele moço de sangue açoriano ia casar-se com a filha de Joca Rodrigues, que era um paulista neto de portugueses do Minho.

Fazia já mais de quatro anos que tinham chegado à Feitoria do Linho Cânhamo, às margens do rio dos Sinos, centenas e centenas de colonos alemães. No futuro os filhos desses imigrantes haveriam de fatalmente casar-se com as gentes da terra e o sangue alemão se misturaria com o português, o índio e o negro. Para produzir… o quê? Havia outra coisa que inquietava o vigário de Santa Fé. Era pensar em que entre esses imigrantes alemães deviam existir muitos protestantes. Chegaria o dia em que as igrejas luteranas começariam a aparecer nas colônias. O governo devia evitar isso, estabelecendo como condição para um imigrante entrar no Brasil a sua qualidade de católico praticante. Porque a terra da Santa Cruz pertencia espiritualmente à Igreja Católica. Muitos anos antes de os alemães sonharem com aquela parte do mundo, já havia ali missionários da Sociedade de Jesus. O primeiro branco a pisar as terras do Continente fora o jesuíta Roque Gonzales. Todos sabiam disso.

Na manhã do dia em que a filha de Joca Rodrigues ia casar-se com o moço de Porto Alegre, o padre Lara ficou sentado nos degraus da capela, falando sozinho, lembrando, comparando, imaginando… Se ele vivesse tanto quanto Matusalém, ia ver muita coisa engraçada. Mas com aquelas dores no peito não esperava ir muito longe. Seus olhos voltaram-se para o alto da coxilha onde ficava o cemitério. Por trás daquela cerca de pedra estava a população mais tranquila de Santa Fé; uma gente que não incomodava ninguém, não falava, não ria, não dançava. Suas almas estavam num outro mundo. Para uns, esse outro mundo era o céu; para outros, o inferno; para outros, o purgatório. Mas para onde iria ele?

Teria o grande privilégio de ver Deus? Imaginou-se entrando no céu, erguendo os olhos para a face resplandecente do Criador. Convenceu-se de que sua imaginação não o ajudava. Achava também que seria demasiada pretensão sua esperar que, depois de morto, fosse levado diretamente à presença de Deus.

Um homem passou naquele momento e perguntou: - Falando sozinho, vigário?

O padre Lara caiu em si e ficou meio encabulado. Mas respondeu com sereno bom humor: - Coisas de velho caduco… coisas de velho

caduco.

Depois do casamento na capela houve jantar e baile no terreiro da casa de Joca Rodrigues. Praticamente toda a população de Santa Fé compareceu à festa com as suas melhores roupas. Ao anoitecer sentaram-se em bancos sem encosto (pranchas de madeira em cima de pedras e tijolos empilhados)

ao longo duma grande mesa feita de várias mesinhas emendadas e a cuja cabeceira estavam sentados os noivos, tendo à direita os pais da moça e à esquerda o padre Lara. Em cima da mesa viam-se pratos e travessas cheios de pedaços de galinha assada, carne de porco com rodelas de limão, batatasdoces e aipim. No fundo do quintal preparava-se o churrasco: dezenas de espetos fincados em bons nacos de carne estavam colocados sobre um longo valo raso, no fundo do qual luziam braseiros; a graxa derretida caía nas brasas, com um chiado, e uma fumaça cheirosa subia no ar, enquanto duas pretas de vez em quando mergulhavam ramos de pessegueiro dentro dum balde com salmoura e depois aspergiam os churrascos, trazendo os que ficavam prontos para a mesa, onde eram disputados aos gritos. Os homens usavam suas facas, que tiravam da cintura ou das botas, e com elas cortavam o assado, muitas vezes respingando o rosto com o sumo sangrento da carne. Nas barbas negras de alguns deles a farinha branquejava como geada sobre campo de macegas recém-queimado. O dono da casa dirigia o jantar, gritava para os churrasqueadores, recomendando: “Um bem assado!” ou “Que venha uma boa costela! ” ou ainda: “Um gordo aqui pró Chico Pinto!” No princípio da festa notara-se um silêncio um pouco constrangido. Mal, porém, o vinho começou a encher os copos e subir à cabeça dos convivas, eles se puseram a falar mais alto, a rir, a contar histórias, entusiasmados. As mulheres, mais quietas, limitavam-se a sorrir, de cabeça meio baixa. O terreiro estava iluminado por muitas lamparinas de azeite e sebo dentro de guampas postas em cima da mesa ou presas nos galhos das laranjeiras e pessegueiros.

De seu lugar Rodrigo cocava Bibiana com olhos famintos. A moça estava junto de Bento Amaral, não muito longe do lugar do capitão. Este podia ver-lhe bem o rosto, graças à lamparina que

havia sobre a mesa, bem na frente dela. Estava linda no seu vestido branco, com um fichu no pescoço, os cabelos escuros puxados num coque, no qual estava metido um pente espanhol. Bento tinha o rosto voltado para ela e dizia-lhe alguma coisa. Era um homem grandalhão, de cabelos crespos muito lustrosos e suíças grossas; e era talvez, com exceção do noivo, o homem mais bem vestido da festa. Bibiana, porém, parecia não estar muito interessada no que ele dizia, porque enquanto o rapaz falava ela brincava com uma bolinha de miolo de pão, rolando-a entre o indicador e a mesa, de olhos baixos,

séria, o sobrolho franzido. Rodrigo dizia para si mesmo: “Vou falar com ela hoje. Vou falar com ela hoje”.

Mastigava o seu churrasco com gosto, bebia o seu vinho estralando a língua. Sentia aos poucos um calor bom apoderar-se-lhe do corpo e ao mesmo tempo ficava um pouco inquieto, pensando no que poderia acontecer se ele se embriagasse e “perdesse a tramontana”. O gaiteiro começou a tocar e os primeiros acordes do instrumento foram abafados pela gritaria de aplauso. Depois as vozes silenciaram um pouco e o homem - mulato de cara larga picada de bexigas - começou a tocar uma tirana.

Estava sentado numa cadeira, no meio do terreiro, o chapéu quebrado na frente, o barbicacho quase a entrar-lhe na boca; tocava de olhos fechados, as sobrancelhas erguidas, e segurava a gaita com frenética paixão, como se estivesse abraçando uma mulher. Os noivos comiam pouco, mas olhavam-se muito e sorriam um para o outro. O padre estava empenhado numa conversa com o pai da noiva. Rodrigo olhou um momento para a filha de Joca Rodrigues: viu-a ali de véu e grinalda contra um fundo escuro de árvores na sombra e prometeu a si mesmo que - custasse o que custasse - dentro de algum tempo quem estaria na cabeceira duma mesa como aquela seriam ele e Bibiana. Afogou suas visões num novo gole de vinho, bem no momento em que alguém lhe passava por cima do ombro um espeto com um churrasco cheiroso e suculento. Largou o copo, segurou o espeto e gritou: - Sirvam-se, patrícios!

Muitas mãos e facas aproximaram-se do churrasco. O gaiteiro continuava a tocar a tirana. Rodrigo via por sobre sua cabeça um vago brilho de estrelas e, num relance, lembrou-se das suas noites de guerra, nos acampamentos da Banda Oriental em que, cansados de brigar, eles se deitavam, alguns com suas chinas. Quase sempre havia alguém que tocava cordeona ou guitarra e cantava. E ele, deitado de papo para o ar sobre os arreios, com as mãos enlaçadas contra a nuca, ficava olhando as estrelas, pensando nas muitas mulheres que tivera, e em como era bom estar ainda vivo. A carne que davam às tropas era pouca e ruim; a água que bebiam era turva. Mas era bom estar vivo.

E agora ali sentado àquela mesa - as faces ardentes, uma comichão nas mãos e nos pés - olhando para Bibiana ele concluía mais uma vez que a melhor coisa do mundo era estar vivo. Só lamentou que não pudesse virar a mesa com um pontapé, dar um empurrão em Bento, tomar Bibiana pelo braço, montar a cavalo, levar a moça na garupa e ir deitar-se com ela em meio do campo, sob aquelas mesmas estrelas que o haviam acompanhado em tantas campanhas.

Bibiana olhou para ele furtivamente. E no rápido instante em que seus olhos se encontraram Rodrigo viu, sentiu que a moça o amava. Essa potranquinha está laçada - concluiu. — Já botei nela a minha

marca.

Meteu na boca um naco de carne gorda, triturou-o nos dentes fortes e pensou ainda: Minha marca não sai mais. Nunca mais. Mastigou bem a carne e depois ajudou-a a descer goela abaixo com um gole de vinho tinto. Afrouxou o nó do lenço. “Está quente, amigo” - murmurou, dirigindo-se ao homem que tinha a seu lado. O outro não ouviu e continuou a comer, de cabeça muito baixa, como um porco com o focinho metido no cocho. Os sons rasgados e chorosos da gaita enchiam o ar. Um ventinho morno bulia com as folhas, fazia oscilar a chama das lamparinas. Homens iam e vinham trazendo churrascos ou levando espetos. A vida era boa - pensava Rodrigo. Ele havia de casar com Bibiana.

Esta noite tiro a minha dúvida. Vou falar com ela.

Alguém pediu silêncio. O padre levantou-se, fez um breve discurso e no fim pediu que bebessem um brinde à felicidade dos noivos. Tiniram copos.

Os convivas estavam de pé, quando novamente os olhos de Bibiana se encontraram com os de Rodrigo, e por assim dizer chocaram-se de leve como copos que se tocam num brinde. Minha marca é pra sempre - pensou o capitão.

Sentaram-se. Foi só então que Rodrigo começou a sentir que o observavam.

Voltou a cabeça e deu com os olhos de Pedro Terra. Sorriu e fez-lhe um sinal amável. O pai de Bibiana limitou-se a inclinar a cabeça, sério.

Mas Juvenal, que estava ao lado do Pai ergueu a mão para Rodrigo num aceno amistoso. O capitão levantou o copo e gritou-lhe um “Salud!” que se perdeu em meio, da algazarra.

Quando o jantar terminou, a mesa foi desmanchada, os bancos arredados e o terreiro ficou livre para o fandango. No princípio houve um pouco de acanhamento; os moços não se decidiam a tirar as moças para dançar. Mas Joca Rodrigues os animou, convidando Rosa para a primeira marca. Depois puxou os noivos para o terreiro. Joca sabia que as gentes das ilhas eram dançadeiras e alegres; tinham trazido para o Continente muitas das danças que se dançavam nas vilas e na campanha, como a chimarrita, o vira e tantas outras. Novos pares vinham para o centro do terreiro e Ataliba, o tocador de violão, aboletou-se no seu mocho, debaixo dum pessegueiro, e começou a pontear a guitarra. Alguém gritou: “Aí, Ataliba velho!” Rodrigo estava encostado no grosso tronco duma laranjeira e olhava em torno, meio atarantado. A bebida lhe dera uma tontura boa e quando caminhava ele tinha a impressão de que o chão lhe fugia. Mas não estava tão embriagado que não compreendesse que estava embriagado e que se não se contivesse poderia fazer alguma asneira. Não queria de modo

algum entornar o caldo. Desejava falar com Bibiana sem precisar brigar com ninguém. Se provocasse algum escândalo talvez perdesse a moça para sempre. Lá estava ela junto de Bento, que faceiramente ajeitava o lenço, O cachorro! O diamante do anel do herdeiro do velho Amaral rebrilhava como seu cabelo besuntado de vaselina perfumada. Rodrigo imaginou-se a atravessar o terreiro, na direção do moço; viu-se a passar a mão por aquela cabeleira e a despenteá-la… Por um instante o desejo de fazer isso foi tão grande que ele abraçou o tronco, como para evitar que suas pernas o levassem até Bento Amaral.

— Vai dançar com a árvore? - perguntou-lhe alguém. Rodrigo voltou a cabeça e viu o vigário.

— Ah! Pois é, padre. As moças de Santa Fé não me querem. O padre Lara acendeu um cigarro e olhou em torno. Depois, lançando um olhar enviesado para Rodrigo, perguntou: - Quantos copos de vinho bebeu, capitão?

— Uns dez…

— Por que não vai dar um passeio na praça e depois volta pra cá?

— Está com medo que eu faça alguma loucura?

— Para lhe ser franco, estou.

— Não se preocupe. Estou enxergando mui claro. Não quero fazer barulho.

Quero mas é falar com dona Bibiana.

O vigário sacudiu a cabeçorra.

— Não faça isso. O Bento pode ficar brabo.

— Que morda o rabo!

— Por que não deixa a coisa pra outra vez?

Rodrigo não respondeu. Olhava a grande roda que se havia formado no meio do terreiro.

— Vamos dançar o anu! - decidiu Joca Rodrigues. E bateu palmas, pedindo silêncio. As vozes se aquietaram e o pai da noiva dirigiu-se a Bento: - Vosmecê vai marcar.

— Está feito! - respondeu o moço. Tinha uma voz gorda e retumbante.

— Vamos, Ataliba! - gritou Joca para o violeiro. — O anu!

Ataliba começou a tocar.

— Tudo cerra! - gritou Bento, cujo par era Bibiana Terra. Homens e mulheres deram-se as mãos e fecharam a roda. O sapateado começou. Os homens batiam com as esporas ou o salto das botas no chão duro do terreiro, enquanto as mulheres meneavam o corpo.

— Cadena! - mandou Bento. Marcava a dança sem alegria nem graça. Dava ordens: era ainda o senhor de Santa Fé a falar aos outros de cima de seu cavalo. E no tom de sua voz Rodrigo

percebia um certo orgulho, como se ele estivesse sempre a pensar assim: Sou um Amaral. Eu mando. Sou um Amaral. Eu mando.

Os pares lhe obedeciam. Quebravam a roda, os cavaleiros postavam-se à mão direita das damas. As figuras se sucediam e todos pareciam divertir-se muito.

Quando houve uma pausa na dança, Ataliba cantou: O anu é um pássaro preto Passarinho de verão: Quando canta à meia-noite Dá uma dor no coração…

Folga, folga, minha gente, Que uma noite não é nada; Se não dormires agora Dormirás de madrugada.

Dormirás de madrugada - pensou Rodrigo. — Mas com quem? Com quem? E não tirava os olhos de Bibiana. Via os pares passarem, ouvia o sapateado, a voz do violeiro…

Depois do anu dançaram a chimarrita e o tatu. E no meio da balbúrdia Rodrigo de quando em quando via os olhos de Bibiana buscarem os seus, oblíquos e ariscos; esperava longos minutos por esse encontro breve e leve. A seu lado o padre Lara observava-o disfarçadamente. Houve uma pausa em que a música cessou. Os homens passavam os lenços pelos rostos suados: as mulheres abanavam-se com seus leques ou fichus, sentavam-se, diziam-se segredinhos com as cabeças muito juntas. O gaiteiro veio substituir Ataliba. E quando os pares começavam a se preparar para a tirana grande, Rodrigo sentiu que havia chegado sua hora. Tinha esperado demais. A paciência dum homem tem limites. Apertou o braço do padre e disse: - Padre Lara, não estou bêbedo nem nada. Olhe a minha mão. — Estendeu o braço e abriu os dedos. Estavam firmes, sem o menor tremor. — Vou tirar a Bibiana pra dançar. Quero que vosmecê esteja perto pra ver como vou me comportar.

Arrastou o padre consigo. Quando o viram aproximar-se de Bibiana, que já estava de pé, na frente de Bento, os outros pares se afastaram como se todos estivessem esperando por aquele momento especial. De repente houve um silêncio. Até o gaiteiro parou. Foi um silêncio tão grande que Bibiana chegou a temer que os outros pudessem ouvir as batidas de seu coração.

Rodrigo fez uma cortesia na frente da moça e perguntou: - Vosmecê quer me dar a honra desta marca?

Ela quis dizer alguma coisa mas não pôde falar. O padre Lara olhava para Bento com uma expressão desolada na cara. Houve um curto segundo de indecisão. Mas o filho de Ricardo Amaral falou: - Dona Bibiana já tem par.

Rodrigo não se perturbou, olhou para o outro, firme, e disse com calma: - Vosmecê me perdoe, mas estou falando é com a moça…

— Mas eu estou lê respondendo.

O sacerdote tomou do braço de Rodrigo, tentando arrastá-lo dali.

— Capitão… - começou ele a dizer.

Rodrigo desembaraçou-se do padre, e, fazendo nova curvatura

para Bibiana, repetiu o convite.

— Vosmecê quer me dar a honra de dançar comigo a outra marca?

Os convivas aproximaram-se e em breve formavam um círculo, no centro do qual estavam Bibiana, os dois homens que a requestavam, e o padre.

— Já lê disse que ela tem par!

Rodrigo contemplava Bibiana, sem dar nenhuma importância ao que o outro dizia.

— Se vosmecê disser que não quer dançar comigo - prosseguiu ele - vou-me embora desta casa. Se vosmecê disser que não quer saber de mim, vou-me embora de Santa Fé pra nunca mais voltar. Mas, por favor, diga alguma coisa!

Bibiana tinha a impressão de que seu coração era como um pássaro louco, como um anu que ela tinha encerrado no peito e que agora batia com as asas e com o bico em suas carnes, querendo fugir. Sentia as pernas moles, a cabeça tonta. De olhos baixos, as faces ardendo, não sabia que responder, e já agora nem sequer escutava o que os outros diziam. Não queria que aqueles homens brigassem por sua causa. Mas não queria também que Rodrigo fosse embora. Que fazer, meu Deus? Que fazer?

— Podemos resolver tudo isso amigavelmente - disse o padre, com voz um pouco trémula. — Vamos, rapazes. No fim de contas não há motivo.

Bento Amaral interrompeu-o: - Com certos tipos a gente só resolve as coisas de homem pra homem.

Os outros admiravam-se da serenidade de Rodrigo, que encarava Bento a sorrir. E quando falou, dirigiu-se aos que o cercavam: - Vosmecês estão vendo. Esse moço está me provocando… Insolente, Bento Amaral botou as mãos na cintura e disse: - Pois ainda não tinha compreendido?

Bibiana sentiu que alguém lhe pegava do braço e a arrastava para longe dos dois rivais, abrindo caminho por entre os convivas. Não ergueu os olhos mas sentiu que esse alguém era o pai.

— Vamos lá pra dentro resolver isto como cavalheiros… - sugeriu Joca Rodrigues, batendo timidamente no ombro de Bento.

— Não vejo nenhum cavalheiro na minha frente - retrucou este, mais mordendo do que pronunciando as palavras. — Vejo é um patife!

O sangue subiu à cabeça de Rodrigo, que teve de fazer um esforço desesperado para não saltar sobre o outro. Com voz surda replicou: - Por menos que isso já escrevi a faca a primeira letra de meu nome na cara dum patife.

Bento deu um passo à frente, arremessou o braço no ar e sua mão bateu em cheio numa das faces do capitão Cambará. E quando

Rodrigo, espumando de raiva, quis saltar sobre ele, sentiu que quatro braços o seguravam e retinham pelos ombros e pela cintura. Esperneou, vociferando, fazendo um esforço desesperado para se desvencilhar: - Me larguem! Canalhas! Me larguem! Traidores!

E atirava pontapés para todos os lados.

— Larguem o homem! - pedia Bento. — Larguem!

Atarantados, Joca Rodrigues e o padre não sabiam o que fazer. O vigário viu um ódio feroz no rosto do capitão. Mais que isso: viu um desejo de morte, de sangue. Compreendeu também que já àquela altura dos acontecimentos, não era mais possível resolver a questão sem violência.

No meio da confusão ouviu-se de repente uma voz: - Isso não é direito! O homem foi esbofeteado e agora não deixam ele reagir. Não é direito!

Era Juvenal Terra quem falava.

— Pois larguem o patife! - dizia Bento. — Larguem! Mas os homens que seguravam Rodrigo não o largavam.

— Não podemos soltar o capitão. Vai haver sangue! - disse um deles.

Juvenal replicou: - Depois dessa bofetada não pode deixar de haver sangue. E o padre ficou surpreendido ao perceber no rosto do filho de Pedro Terra uma expressão que só podia ser ódio mal contido; uma surda raiva velava-lhe a voz. E o vigário pela primeira vez percebeu como Juvenal detestava Bento Amaral.

— Não quero briga dentro da minha casa - declarou Joca Rodrigues.

Sem tirar os olhos de Bento, Juvenal tornou a falar: - Não precisa ser dentro da sua casa, seu Joca. Pode ser em qualquer outro lugar. O mundo é muito grande.

Rodrigo sentia arder-lhe o rosto, como se Bento tivesse encostado nele um ferro em brasa. Sua garganta estava seca e irritada. Seus dentes rilhavam. Mas ele já não fazia mais esforço para se libertar.

— Pois estou à disposição do seu amigo - anunciou Bento, encarando Juvenal.

O filho de Pedro Terra apertou os olhos e a voz.

— É muito fácil dizer isso, Bento, quando a gente tem pai alcaide e miles e miles de capangas.

— Que é que vosmecê quer dizer com isso?

— É Que é muito bonito pró filho do coronel Ricardo se fazer de valentão.

Porque neste povoado e em muitas léguas em roda dele quem arranhar o dedo mindinho de vosmecê não escapa com vida.

O rosto de Bento estava vermelho de cólera, sua testa reluzia e em seus olhos, que agora estavam fitos no rosto de Juvenal, havia uma

expressão que era ao mesmo tempo rancor e espanto.

— Não seja desaforado!

— Que foi que aconteceu pró Jucá da Olaria?

O coração do padre desfaleceu. Ele sabia que o coronel Ricardo tinha mandado um de seus peões matar o Jucá da Olaria porque o rapaz lhe "lastimara" o filho numas carreiras.

— E o Maneco Bico-Doce? E o Mauro Pedroso?

— Cale essa boca, Juvenal! - interveio Joca Rodrigues, tentando levar o rapaz dali.

— Não calo, Joca, não calo. Se vosmecês têm medo de falar eu não tenho.

Por muito tempo andei com essas coisas atravessadas na garganta. Agora chegou a hora. Agora digo tudo.

Bento parecia engasgado. Grandalhão, o largo peito a subir e a descer ao compasso duma respiração irregular, o anel a brilhar-lhe no dedo, ele ali estava como um touro que se prepara para o arremesso. E as palavras de Juvenal eram provocadoras como um pano vermelho.

Nesse momento Rodrigo gritou: - Amigo Juvenal, esta parada é minha. Me larguem! Juvenal não tirava os olhos de Bento.

— A parada é de vosmecê, capitão, eu sei. Mas ainda não terminei. Todo mundo aqui tem medo dos Amarais. Pois eu, se tive algum, agora perdi.

Não é o vinho. Só bebi refresco de limão, Posso estar bêbado mas é de raiva. Pois é. Ninguém diz nada. Ninguém faz nada. Ha anos que a gente vive aqui encilhado pelos Amarais. O velho Ricardo tirou a terra do meu pai. Botou a corda no pescoço do coitado, quando ele ficou mal de negócios. Todo mundo sabe que a maior parte dos campos que esse velho tem foram roubados. Só sinto é ele não estar aqui pra ouvir estas verdades.

Bento bufava, mas não dizia nada, como que inibido pela surpresa.

Os homens que seguravam Rodrigo olhavam para Bento, como a pedir-lhe instruções. O filho de Ricardo Amaral tornou a passar a mão pela testa suada e disse, altivo, dirigindo-se a Rodrigo: - Estou à sua disposição.

— Onde? - Foi só o que o capitão pôde perguntar. O padre percebeu que no estado em que ele se encontrava era capaz de beber o sangue do outro.

— Montamos a cavalo e vamos pró alto duma coxilha. Juvenal intrometeu-se: - E os capangas de vosmecê vão atrás e ajudam a liquidar o capitão, não é?

Bento cresceu sobre Juvenal, que ficou firme onde estava, encarando-o.

— Isso é uma calúnia.

— Pois então prove que é. Dê ordem aos seus homens pra não seguirem vosmecê.

Bento olhava em torno, atarantado.

— Depressa com isso! - gritou Rodrigo, fazendo ainda um esforço por se livrar dos braços que o prendiam.

Juvenal continuou: - E se vosmecê é um homem de honra, prometa aqui diante de toda esta gente que se o capitão ferir ou matar vosmecê ele pode ir embora em paz.

Prometa!

Bento transpirava, arquejante, mas não dizia nada. Era como se aqueles muitos pares de olhos que estavam postos nele irradiassem calor, fazendo-o suar e dando-lhe um mal-estar insuportável.

— Está bem - disse, soturno. — Dou minha palavra de honra. — Dirigiu-se para um dos que seguravam Rodrigo. — Se esse homem me ferir ou me matar podem deixar ele ir embora em paz. — Aproximou-se 4o vigário. — Padre, vosmecê fale com meu pai, explique a ele que empenhei minha palavra de honra.

O padre Lara tinha os lábios trêmulos e sua respiração parecia mais agoniada que nunca.

— Meninos, acho que podíamos ajustar tudo honradamente sem ser necessário um duelo - sugeriu.

— Agora é tarde, padre! - gritou Rodrigo. — Se eu não botar minha marca na cara desse cachorro, não me chamo mais Rodrigo Cambará.

Isso pareceu enfurecer ainda mais Bento Amaral.

— Vamos embora - disse ele. — O quanto antes. Cada qual no seu cavalo.

Só os dois. Seguimos na direção da lagoa… - calou-se, ofegante. — Chegando atrás do cemitério, apeamos…

— Arma de fogo? - perguntou Rodrigo.

— Adaga.

Os olhos de Rodrigo brilharam.

— É melhor. Leva mais tempo.

Bento fez meia-volta e foi pedir que lhe trouxessem o cavalo.

Formaram-se os grupos, romperam as conversas. Algumas mulheres tinham os olhos arregalados de susto e não podiam falar. Uma delas chorava, tomada duma crise de nervos, enquanto as negras da casa lhe preparavam um chá de folhas de laranjeira.

Quando soltaram Rodrigo, este se aproximou do padre Lara e disse: - Tome a minha pistola. — Deu-lhe a arma. — Na casa do Nicolau, debaixo da cama, tem um baú e no baú uma guaiaca com todo o meu dinheiro. Se eu morrer dê metade do dinheiro pró Juvenal e fique com a outra metade pra sua igreja.

O padre contemplava-o, estupidificado, incapaz de pronunciar

uma palavra, de fazer o menor gesto, de dar o menor sinal de gratidão ou de pesar: apenas ronronava, de boca semi-aberta.

Um homem aproximou-se deles e comunicou: - O seu Bento diz que daqui a pouquinho está esperando vosmecê debaixo da figueira. É de lá que os dois têm que sair.

Rodrigo foi até seu quarto, acendeu a vela e começou a procurar os arreios. Estava excitado, feliz, e no seu nervosismo assobiava baixinho.

Foi então que percebeu a presença de alguém mais ali no quarto. Num canto escuro estava um vulto parado. Reconheceu nele a mulher de Nicolau.

— Vou pelear, Paula, vou pelear. Ela continuou silenciosa.

— Vou botar minha marca na cara do Bento Amaral. Rodrigo puxou os arreios de baixo da cama e apanhou a adaga que estava sob o travesseiro. De repente uma ideia louca lhe veio à cabeça e lhe tomou conta do corpo como um veneno de ação instantânea.

Deu dois passos na direção de Paula, agarrou-a pela cintura, ao mesmo tempo que lhe erguia a saia. Deitou-a no catre e amou-a com pressa e fúria, pensando em Bibiana. Depois se ergueu, botou os arreios nas costas, a adaga na cinta, saiu para fora e foi encilhar o cavalo.

A noite estava clara, morna e mansa. Um vagalume cruzou o ar na frente de Rodrigo. Era esquisito, mas ele estava com a impressão de que tinha nos braços a filha de Pedro Terra.

Montou a cavalo e dirigiu-se para a figueira grande. Havia junto dela um grupo, no meio do qual se achava Bento Amaral montado no seu cavalo tordilho.

Juvenal Terra transmitia instruções. Bento sairia pela direita e Rodrigo pela esquerda, a galope, para se encontrarem atrás do cemitério. Não haveria testemunhas, pois existia no país uma lei contra duelos. Os adversários deviam apear, arregaçar as mangas e brigar. O que escapasse, viria depois até a praça dar o sinal para irem buscar o corpo do outro.

Mas se dentro de uma hora nenhum dos dois aparecesse, um grupo devia ir ver o que tinha acontecido.

Rodrigo escutou as instruções e aprovou-as com um aceno de cabeça. O perfume da vaselina que vinha do cabelo de Bento fazia seu ódio crescer ainda mais, e o capitão pensava naquele rosto largo, duma boniteza desagradável, e já via nele sua marca: a primeira letra de seu nome, um R maiúsculo de sangue…

— Podem ir! - gritou Juvenal.

Os dois homens esporearam os seus cavalos e se foram. O tropel das patas encheu a praça e a noite. Pelas frestas de algumas janelas, mulheres espiavam.

Chegaram quase ao mesmo tempo ao ponto marcado para o encontro.

Apearam\em silêncio e amarraram seus cavalos. Rodrigo viu quando Bento, a uns vinte passos de distância, tirava o chapéu, o casaco e começava a arregaçar as mangas. Fez o mesmo. Da lagoa próxima vinha um coaxar de sapos. O crescente no céu parecia uma talhada fina de melancia. Se eu mato esse homem não posso ficar em Santa Fé e perco Bibiana - refletiu Rodrigo. Se ele me mata, perco tudo. É uma situação dos diabos.

Viu a adaga lampejar nas mãos do outro. Um vento morno batia-lhe no rosto, entrava-lhe pelas narinas com um cheiro de água. No campo vagalumes pingavam de fogo o corpo da noite.

— Pronto? - gritou Bento.

— Pronto!

E aproximaram-se um do outro, lentos, meios encurvados. Pararam quando a distância que os separava era de pouco mais de cinco passos e ficaram a se mirar, negaceantes. Rodrigo ouvia a respiração arquejante do inimigo.

— Vou te mostrar o que acontece quando se bate na cara dum homem, patife - rosnou ele. E sentiu que a raiva o fazia feliz.

— Quem vai te mostrar sou eu, canalha.

E dizendo isto Bento avançou brandindo a adaga. Os ferros se encontraram no ar com violência e tiniram. No primeiro momento Rodrigo teve de recuar alguns passos. Mas logo firmou pé no chão e desviou todos os pranchaços do outro. Bento quis atingir-lhe a cabeça com o lado da adaga, mas o capitão aparou o golpe no ar com tal firmeza, que a arma do adversário se lhe escapou da mão e caiu ao solo. Rápido, Rodrigo deu-lhe um pontapé e atirou-a longe, fora do alcance de Bento, que começou a recuar devagarinho, arquejando como um animal acuado.

— Pode pegar a adaga! - gritou-lhe Rodrigo. — Não brigo com homem desarmado.

Bento correu, apanhou a arma e tornou a arremeter. Por alguns instantes os dois inimigos terçaram armas; disseram-se palavrões, enquanto suas camisas se empapavam de suor. Por fim se atracaram num corpo-a-corpo furioso, cabeça contra cabeça, peito contra peito. O braço direito de Rodrigo estava no ar, seguro à altura do pulso pela mão esquerda de Bento, cuja direita tentava aproximar a ponta da adaga do baixo-ventre do adversário.

— Vou te botar minha marca na cara, pústula!

— Vou te tirar as tripas pra fora, corno!

Empregando toda a sua força, que o ódio aumentava, o capitão conseguiu prender a mão direita do outro entre suas coxas; e depois, imobilizando com a sinistra o braço que Bento Amaral tinha livre, com

a destra segurou a adaga e aproximou-lhe a ponta da cara do inimigo, que atirou a cabeça para trás, num pânico, e começou a bufar e a cuspir.

— Te prepara, porco! - gritou Rodrigo. — É agora.

E riscou-lhe verticalmente a face. O sangue brotou do talho. Bento gemia, sacudia a cabeça e houve um momento em que seu sangue respingou o rosto de Rodrigo e uma gota lhe entrou no olho direito, cegando-o por um breve segundo.

— Falta a volta do R!

E num golpe rápido fez uma pequena meia-lua, às cegas. Bento cuspiu-lhe no rosto, frenético, e num repelão safou-se e tombou de costas, deixando cair a adaga.

Rodrigo imaginou que ele ia levantar-se, apanhar de novo a arma e voltar ao ataque. Mas Bento, sentado no chão, com a mão no rosto, ficou a olhar atarantadamente para todos os lados. Os sapos continuavam a coaxar.

Vagalumes passavam entre os dois inimigos. Uma ave noturna saiu de dentro do cemitério e sobrevoou a coxilha, num seco rufiar de asas.

— Não vou te matar, miserável - disse Rodrigo. — Mas não costumo deixar serviço incompleto. Quero terminar esse R. Falta só a perninha…

E caminhou para o adversário, devagarinho, antegozando a operação, e lamentando que não fosse noite de lua cheia para ele poder ver bem a cara odiosa de Bento Amaral.

Na casa de Pedro Terra o padre Lara acendia de instante a instante o cigarro e esquecia-se de fumá-lo. Estava desolado. Sabia o que ia acontecer quando chegasse à estância a notícia do duelo. Se acontecesse qualquer coisa de mau a Bento, seu pai poria o

mundo abaixo. E ele, Lara, ouviria horrores, seria repreendido por não ter tido a autoridade suficiente para impedir o duelo. Imaginava o velho Amaral a trovejar: - Por que não mandou me avisar? Por que não fez isto? Por que não fez aquilo?

Pedro Terra conservava-se em silêncio, de cara fechada. Juvenal caminhava dum lado para outro. O pai ouvira tudo quanto ele dissera a Bento Amaral, mas não fizera nenhum comentário. Teria ele gostado do destampatório? Ou seria que agora pensava com temor nas consequências daquele desabafo? Fosse como fosse, não se arrependia do que havia dito. Pouco lhe importava o que os outros pensassem. Estava cansado de ser mandado, de dizer sempre sim senhor, de pedir a bênção aos mais velhos. Pouco me importa - pensava ele. E sacudia os ombros para reforçar seus pensamentos.

Fechada no quarto, deitada na cama, Bibiana chorava, com o rosto metido no travesseiro. Chorava e pensava na avó. Se ela

estivesse viva provavelmente teria uma palavra para explicar tudo aquilo, para a consolar. Bibiana não tinha coragem de ir para a sala e fazer frente à família. Tudo aquilo havia acontecido por sua causa. Fazia já tempo que os homens tinham ido para a coxilha do cemitério, mas nenhum ainda voltara. Ela havia rezado diante do velho Cristo sem nariz e feito uma promessa. “Se nenhum dos dois morrer, prometo nunca mais comer doce.”

Mas achara a penitência fraca. Prometeu então rezar cem ave-marias e cem padre-nossos e ter uma vela das grossas sempre acesa aos pés da imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do povoado. A seus Ouvidos chegava o rumor das conversas da peça contígua. Mas a voz que ela ouvia com mais clareza, a voz que não lhe saía da memória era a do capitão Rodrigo. “Se vosmecê não quer dançar comigo vou-me embora desta casa. Se não quer saber de mim, vou-me embora de Santa Fé… ” Na penumbra do quarto Bibiana abriu os olhos úmidos e de repente teve um pensamento horrível. O capitão Rodrigo podia já estar morto… De novo enfurnou o rosto no travesseiro.

Ouviu-se um tropel. Pedro, Juvenal e o padre precipitaram-se para o centro da praça, onde grupos de homens conversavam. Um cavaleiro surgiu na boca duma das ruas.

— É o capitão… - disse alguém.

— Não é. O cavalo é o tordilho do Bento.

Finalmente cavalo e cavaleiro aproximaram-se. E todos viram que era mesmo Bento Amaral. Não apeou. Apertava contra a face um lenço todo ensanguentado. Quando falou, a voz lhe saiu abafada e trémula.

— Podem ir buscar o corpo… - disse.

Deu de rédeas, esporeou o animal e saiu a galope na direção do casarão dos Amarais.

Juvenal, Joca Rodrigues e mais dois homens montaram em seus cavalos e dirigiram-se a todo o galope para a coxilha do cemitério.

Encontraram Rodrigo Cambará estendido no chão, os braços abertos, a camisa branca toda manchada de sangue. Juvenal ajoelhou-se ao lado dele e auscultou-lhe o coração.

— Ainda está vivo - disse. Acendeu a lanterna que havia trazido, e à sua luz viu o rosto de Rodrigo, que estava mortalmente pálido e de olhos fechados. Abriu-lhe a camisa ao peito e descobriu a ferida.

— Eu bem que estava desconfiado - disse. — Isto não é ferimento de adaga… Vamos levar o homem ligeiro pró povoado. Pode ser que a gente ainda salve ele.

Perto dos muros do cemitério o cavalo de Rodrigo pastava tranquilamente.

Juvenal levou o ferido para sua casa e a novidade se espalhou depressa por toda a vila. A história apresentava dois aspectos

culminantes: Bento Amaral havia cometido uma traição: levara uma pistola escondida e servira-se dela; Rodrigo estava muito mal: uma bala lhe atravessara o pulmão. Ninguém sabia dos detalhes da luta, porque o ferido não podia falar e Bento tinha ido embora para sua estância, sem falar com ninguém.

Mas não era muito difícil imaginar o que se passara. Tinham visto Bento chegar à praça, depois do duelo, com uma das faces tapadas por um lenço ensanguentado; muitos se lembravam da ameaça do capitão: “Se eu não botar a minha marca na cara desse cachorro não me chamo mais Rodrigo Cambará”. O padre Lara, por sua vez, declarara que Rodrigo antes de partir para a coxilha do cemitério lhe confiara sua pistola; Juvenal guardava a camisa do ferido que a pólvora chamuscara, provando que o tiro fora disparado à queima-roupa, decerto quando estavam ambos atracados num corpo-a-corpo.

— Muito feio - resmungava o padre, quando lhe falavam no assunto. — Muito feio. Indigno dum homem de honra.

E sacudia a cabeçorra, pigarreava, ronronava, fazia e desfazia o seu cigarro, imaginando o que ia acontecer quando o coronel Ricardo lhe viesse falar no assunto. E se Rodrigo morresse? Era o diacho. E se se salvasse, levantasse da cama e quisesse vingar-se do outro? Também era o diacho. Lembrava-se do que Juvenal dissera a Bento no terreiro de Joca Rodrigues: àquela hora o coronel Amaral decerto já sabia de tudo. Uma desgraça completa!

A história da traição de Bento Amaral corria pela cidade de boca em boca. “O Bento é valente quando anda junto com os capangas” - murmurou um, olhando a medo para os lados. Uma velha que fazia renda de bilro em sua casa disse ao marido: “Eu só queria era ver a cara do seu Bento com a marca do capitão”.

Um novo dia amanheceu e a casa dos Amarais continuou fechada. Agora o povoado esquecia os Amarais para se preocupar com Rodrigo Cambará. A venda do Nicolau vivia cheia de homens que comentavam o caso. Santa Fé queria saber o que se passava no quarto da meia-água de Juvenal Terra, onde o capitão Cambará ardia em febre, entre a vida e a morte. Tinham chamado todos os curandeiros das redondezas e diziam que Juvenal não abandonava a cabeceira do doente. E as notícias mais desencontradas corriam, espalhadas por gente da casa de Juvenal ou então por alguém que lhe batia à porta para saber como ia passando o capitão. Dizia-se: “Não passa desta noite. Está botando sangue pela boca”. “Já extraíram a bala. Mas diz que ficou um buraco deste tamanho nos bofes do homem.”

“Está com tanta febre que a testa dele queima como chapa de fogão.”

“Botaram teia de aranha no ferimento.” "A negra velha Mãe d'Angola benzeu ele, hoje de manhã. Parece que a febre diminuiu."

“Perdeu muito sangue. Está branco que nem vela de cera.” "Diz que está variando e que só fala na filha do Pedro Terra." “A ferida parece que arruinou.” "Está perdido. A coisa é pra hoje."

A coisa era a morte. Ao entardecer do quinto dia correu a notícia de que Rodrigo Cambará ia morrer. O padre Lara paramentou-se e foi levar-lhe a extrema-unção. Encontrou o doente quase tão branco como a parede caiada do quarto e com uma barba dum castanho meio dourado a cobrir-lhe as faces emagrecidas. Parecia um defunto.

Ao ver o padre, Rodrigo sorriu um sorriso torto de canto de boca.

Respirava com dificuldade e parecia haver em seus olhos uma espécie de névoa. Parado aos pés da cama o padre Lara, de boca semi-aberta, contemplava-o, penalizado.

Juvenal, que estava ao lado do vigário, murmurou: - A febre passou. Ele está agora muito fraco por causa do sangue que perdeu. Temos de meter comida na boca dele por um canudo. Não tem força pra nada.' Rodrigo continuava a sorrir com metade da boca. O padre Lara aproximou os lábios do ouvido de Juvenal e disse: - Não é melhor dar a extrema-unção pra ele? Juvenal encolheu os ombros.

— Isso é lá com vosmecê, vigário.

O cochicho do padre ficou ainda mais tênue: - Acho que ele não se escapa desta. Vai morrer de fraqueza. É melhor que se confesse, tome a comunhão e morra na paz do Senhor.

— Mas como? - sussurrou Juvenal, sem tirar os olhos do doente. — Ele não pode nem falar.

— Mas entende o que a gente diz?

— Entende. Porque quando eu falo ele faz sinal com os olhos ou então ri.

— Pois basta isso. Já confessei um homem assim. — O padre Lara botou a mão no ombro de Juvenal. — Agora vosmecê faça o ravor de sair do quarto.

O dono da casa retirou-se. O padre acercou-se da cama. Começava a escurecer dentro daquele pequeno quarto. Uma fita alaranjada de sol atravessava a parede em diagonal, atrás do catre em que estava o capitão. O vigário sentou-se junto do doente e tomou-lhe da mão.

— Escute aqui, meu filho - disse ele. Verificou que não lhe era muito fácil falar, pois estava comovido. Só agora percebia o quanto estimava aquele homem. — Vosmecê está muito doente e então eu achei melhor vir… Está me entendendo?

Rodrigo continuava a sorrir e seus olhos tinham uma fixidez cadavérica.

— Quero que vosmecê se confesse. Não diga nada. Não se apoquente. Vai ser uma coisa ligeira. Está claro que o meu amigo vai sarar. Mas é sempre bom a gente estar prevenido…

O vigário passou a mão pela testa do doente e sentiu-a fresca e

úmida de suor. É bom sinal - concluiu. — Mas assim mesmo acho que ele não resiste.

— Escute aqui. — E aproximou-se mais do rosto do outro. — Vosmecê não pode falar, mas pode fazer um sinal com os olhos. Vamos ver se me entendeu… Se entendeu feche e abra os olhos. Vamos ver…

Rodrigo fechou e abriu os olhos.

— Muito bem. Agora vou lhe fazer uma pergunta. Está contente com a minha visita? Se não está, pisque duas vezes. Se está, ., pisque só uma. ,- Rodrigo piscou uma vez. O vigário sorriu e os dois homens ficaram por algum tempo lado a lado, ambos a respirar com dificuldade.

— Estamos nos entendendo - disse o padre, esfregando as mãos. — Agora vamos à parte mais importante da nossa conversa. Todos nós temos nossos pecados. Quem é que não comete uma faltazinha de vez em quando? Mas a Igreja instituiu o confessionário para aliviar as consciências, para limpar as almas a fim de que as pessoas possam tomar a comunhão, quer dizer, participar do Corpo de Cristo.

Rodrigo tinha fechado os olhos e o padre suspeitou que ele tivesse mergulhado no sono.

— Está me ouvindo?

O ferido tornou a abrir os olhos e piscou uma vez.

— Muito bem, capitão, muito bem. Pois vou lhe poupar trabalho. Não precisamos entrar em detalhes. Basta vosmecê dizer com uma piscadela que se arrepende de todos os seus pecados…

Rodrigo piscou duas vezes e o padre exclamou: - Não? Pisque uma vez, diga que sim. Rodrigo piscou duas vezes.

O rosto do vigário era uma careta de aflição.

— Pense no que há depois desta vida, capitão. Não perca a sua alma para toda a eternidade. Vosmecê morre e sua alma vai para o inferno. Se vosmecê se confessar e receber a extrema-unção sua alma se salvará.

Estou aqui não só como sacerdote mas também como seu amigo. Tudo o que está se passando agora entre nós será conservado em segredo. Neste momento só Deus está nos vendo e ouvindo.

Rodrigo continuava imóvel. Não sorria mais, e suas pálpebras estavam caídas. Na parede a mancha de sol esmaecia cada vez mais.

— Por amor de Deus, capitão. Diga que sim, arrependa-se de seus pecados.

Se amanhã vosmecê sarar e sair dessa cama, ninguém ficará sabendo que vosmecê se confessou e comungou. Dou-lhe a minha palavra. Juro perante Deus. Ninguém vai saber. Vamos, capitão! Não seja cabeçudo. Não seja orgulhoso.

Houve uma pausa em que o vigário lutou com um pigarro, alisou os cabelos brancos e tentou descobrir no rosto do outro um sinal qualquer de rendição. Não viu nada: apenas o sorriso de canto de boca que punha à mostra parte da forte dentadura de Rodrigo Cambará.

— Vou fazer mais uma tentativa, para provar que sou seu amigo. Mas quero lhe dizer que tudo que estou fazendo pelo bem de sua alma é desinteressado. No fim de contas quem vai sofrer é vosmecê, não sou eu.

Eu cumpro o meu dever. E mais uma coisa. — E neste ponto o padre assumiu o mesmo tom de voz que usava quando explicava o catecismo às crianças.

— Não pense que Deus precisa muito de sua alma no céu. Há muita gente boa lá em cima e vosmecê não faz nenhum obséquio a Nosso Senhor se disser que se arrepende de seus pecados e está disposto a morrer em paz com a Igreja.

Vamos, capitão. Pisque uma vez. Diga que sim. Arrependa-se enquanto é tempo.

Rodrigo abriu os olhos e ergueu lentamente a mão direita na direção do rosto do vigário. E com um súbito horror, como se de repente tivesse visto a figura de Satanás, o padre Lara leu naquela mão dessangrada a resposta do doente. O capitão Rodrigo Cambará lhe fazia uma figa! Seus dentes estavam agora todos descobertos num sorriso horrível. O padre ergueu-se e deixou o quarto precipitadamente.

—A notícia do milagre espalhou-se pelo povoado, graças à sogra de Rosa Rodrigues, uma beata que vivia na capela a rezar e fazer promessas.

Depois da visita do padre Lara - contava ela - o capitão Cambará começara a melhorar a olhos vistos. Diziam que o moribundo se confessara e tomara a comunhão, e que o Corpo de Cristo lhe fora o melhor de todos os remédios. “Já fala, já se senta na cama e já pediu um churrasco!” - noticiava a velha,; mascando seu naco de fumo e agitando no ar as mãos miúdas e' enrugadas. < Pouco mais dum mês

depois da noite do duelo, Rodrigo deixou a cama pela primeira vez, com os membros lassos, a cabeçaoca e tonta.

Caminhou até a porta da casa de Juvenal e quando | olhou para a praça e avistou a figueira grande, sentiu que amava aquela árvore, aquele chão, aquele povoado. Entrecerrou os olhos e focou-os na casa de Pedro Terra e, pensando em Bibiana, concluiu que era bom, muito bom estar vivo. Quando caiu em si, as lágrimas lhe escorriam pelas barbas. Ao perceber que estava chorando, achou a coisa tão engraçada, que começou a rir, primeiro baixinho, depois numa gargalhada. E quanto mais ria, mais as lágrimas lhe vinham aos olhos. E pareceu-lhe que o riso e as lágrimas lhe aumentavam a fraqueza, e ao mesmo tempo a fraqueza lhe produzia mais riso e mais lágrimas. Teve de se apoiar na parede para não cair. Ergueu o olhar para o céu, o sol bateu-lhe em cheio na cara, como que lhe prendeu fogo nas barbas. Estar vivo, recobrar as forças, poder de novo montar a cavalo, andar à toa, livre, conversar com as pessoas, dedilhar a viola, cantar, jogar… E, principalmente poder de novo ter mulher, comer e beber!

Rodrigo ouviu a voz de Maruca Terra: - Capitão, é melhor vosmecê vir pra dentro e deitar um pouco pra descansar.

Cambará voltou-se para ela e sorriu: - É melhor mesmo, dona.

Devagarinho aproximou-se duma cadeira e sentou-se. Juvenal apareceu, vindo do fundo da cozinha, com uma cuia de mate na mão.

— Que tal um amargo?

— Vem do céu - respondeu Rodrigo. — Vem do céu. Apanhou a cuia, seus lábios descorados e ressequidos beijaram a bomba; e ele chupou o mate com delícia, enquanto Juvenal limpava as unhas com a ponta dum punhal.

— Bonito punhal - disse Rodrigo. — É de prata? Juvenal olhou a arma como se a visse pela primeira vez.

— Parece.

— Onde comprou?

— Foi a finada minha avó que me deu. Era do marido dela. É mui antigo.

Entregou o punhal a Rodrigo, que o rolou na palma da mão, com cuidado, passando depois os dedos pela lâmina.

— Bom aço. — Olhou os arabescos da bainha de prata e murmurou: - Nunca vi um punhal assim. Deve ser estrangeiro.

Juvenal deu de ombros e repetiu, indiferente: - É mui antigo.

Apanhou a arma e tornou a metê-la na bainha. Rodrigo agora sentia, de mistura com a canseira, um certo enternecimento.

— Amigo Juvenal, nunca hei de esquecer o que vosmecê fez por mim.

O outro desviou o olhar do rosto do capitão como se aquelas palavras lhe causassem um certo constrangimento.

— Ora… - fez ele, lançando um olhar para a figueira grande, através da janela.

— Se lembra quando vosmecê disse que eu podia ficar aqui trinta anos, três meses ou três dias?

Juvenal fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Pois veja como são as coisas… Parece que vosmecê sabia o que ia acontecer. Minha vida esteve por um fio. Bem diz o ditado: “Se Deus é grande, a vontade de viver é maior”.

O dono da casa apanhou a chaleira preta de picumã que tinha a seus pés, tornou a encher a cuia e passou-a ao amigo.

— Por falar nisso - disse ele com ar casual. — Que foi que vosmecê fez pró padre Lara que ele ficou tão sentido?

Rodrigo nu, deu um chupão forte na bomba e depois narrou a “cena da extrema-unção”, rematando-a com as seguintes palavras: - E não me arrependo do que fiz.

— A intenção do pobre do homem foi boa - observou Juvenal.

— E a minha também. Nunca acreditei em padre, igreja, santo e essas coisas de religião. Veja bem, amigo Juvenal. Se eu morresse sem me confessar e depois descobrisse que havia outra vida… bom, eu sustentava a nota e aguentava os castigos porque não havia outro remédio. Se eu me confessasse e não morresse, ia ficar com uma vergonha danada de ter me entregado só por medo da morte. Todo mundo ia dizer que afrouxei o garrão, e isso, amigo, era o diabo…

Fez uma pausa, cansado.

— É… - murmurou Juvenal.

— Agora, se eu me confessasse, tomasse a comunhão e morresse… e se houvesse um outro mundo e Deus e mais essas lorotas todas, o que é que acontecia? Acho que Ele logo ia ver que eu tinha me confessado só por conveniência e aí não me valia de nada o arrependimento.

Juvenal escutava, tomando em calma seu chimarrão. Depois de nova pausa, acariciando as barbas com as mãos trémulas, Rodrigo concluiu: - E se eu morresse e não encontrasse nada do outro lado, então… então nada tinha importância e tudo estava muito bem.

Juvenal Terra sacudiu a cabeça vagarosamente e depois perguntou: - Mas vosmecê pensou em tudo isso na hora que o padre estava lê pedindo que se confessasse?

O capitão soltou uma risada.

— Pra falar a verdade, não pensei. Mas fiz a figa só pra ver a cara do homem.

Atirou a cabeça para trás, porque o riso lhe aumentava a fraqueza e porque quando ele ria lhe doía o peito e a cabeça. Por um instante Juvenal não ficou sabendo ao certo se o capitão ria ou gemia ou se fazia ambas as coisas ao mesmo tempo.

Maruca atravessou a peça onde os dois amigos se encontravam e, levemente inquieto, Juvenal viu os olhos que o capitão botou nela. Não foi um relance casual, mas sim esse olhar comprido e faminto que ele vira muitas vezes nos doentes que, estando em rigorosa dieta de leite e mingau, veem passar alguém com um prato cheiroso de carne assada.

mais uma vez Juvenal desejou que o amigo já estivesse de volta a seu quarto na venda do Nicolau.

— Ah! - fez ele. — Eu ia me esquecendo, capitão. O padre Lara me disse que na noite do duelo vosmecê declarou que se morresse metade do seu dinheiro ia ficar pra Igreja e a outra metade pra mim…

— É verdade.

— Mas por quê?

— Por que o quê?

— Por que me fazer seu herdeiro?

— Ora essa! Porque sou seu amigo.

Juvenal baixou os olhos. Encheu de novo a cuia, e por algum tempo ficou a tomar o mate em silêncio. Rodrigo pensava agora em suas horas de febre. Se o inferno existisse, ele devia ser como a cabeça dum homem que tem febre alta. Por mais que escarafunchasse na memória, não conseguia lembrar-se de ter visto Bibiana em seu delírio. Vira, isso sim, caras de gentes mortas, de velhos amigos e cavalos doutros tempos; andara pelos lugares de sua infância, e principalmente tornara a guerrear as guerras do passado. Olhou para Juvenal e perguntou: - Me diga uma coisa, amigo. Quando eu estava variando na cama, disse muita bobagem?

— Que eu ouvisse, não. Vosmecê falava, resmungava, mas não se entendia nada.

— Sabe duma coisa engraçada? Quando variei sempre me parecia que eu andava a cavalo, em guerras. O que eu sentia era algo mui esquisito: vontade de terminar a briga, acampar, dormir, descansar. E quando pensava que ia fazer isso, lá vinha outra guerra ou então eu estava de novo na estrada, caminhando num solaço brabo, às vezes atravessando a vau um rio de fogo. E vá briga, vá briga! E só me golpeavam na cabeça, e a cabeça parecia que ia estourar de tanta dor. Alguém me dizia que logo adiante, numa canhada, tinha um olho-d'água. Minha sede era de rachar, a língua estava seca… Mas a viagem continuava e o olho-d'água não aparecia. Outras vezes…

Calou-se. O melhor mesmo era não pensar mais naquilo. Estava vivo e isso era o que realmente importava. Mudou de tom: - Acho que posso voltar amanhã pra casa do Nicolau. O outro disse simplesmente: - Como vosmecê achar melhor.

— Preciso fazer a barba. Estou com a cara que nem roça abandonada.

Sem saber bem por quê - mas com uma secreta alegria ao imaginar que depois de barbeada a cara do capitão apareceria magra, pálida, sem o viço e a beleza de antigamente - Juvenal disse: - Roça abandonada coberta de erva daninha é triste. Mas terra nua onde a seca matou tudo é muito mais triste.

Rodrigo respirou fundo e respondeu: - Não ha seca que dure sempre. Um dia chove e quando a terra é boa ela torna a viver.

— Isso é verdade… - concordou Juvenal, apanhando a cuia que o outro lhe entregava. — Um dia chove. Não resta a menor dúvida.

Quando o outono entrou, Rodrigo Cambará já se sentia tão forte como antes, e quando lhe perguntavam: "Como vai, capitão?" ele respondia, jovial: "Pronto pra outra!"

Os Amarais voltaram para o povoado e quase toda a gente temeu novo conflito. Achavam que quando Bento e Rodrigo se defrontassem tirariam as pistolas e se alvejariam um ao outro, estivessem onde estivessem.

Juvenal receava que os capangas do coronel Ricardo dessem cabo da pele do capitão numa emboscada, ou então que o provocassem num jogo de osso ou numas carreiras para matá-lo, alegando depois que haviam sido agredidos. E quando um dia Juvenal disse a Rodrigo de seus temores e censurou-o por ele, ainda meio fraco, andar sozinho, o capitão deu-lhe uma palmada no ombro e exclamou: - Qual nada, amigo! Eles não se metem mais comigo.

— É melhor andar prevenido…

— E por falar nisso, vosmecê também tem que se cuidar…

— Eu? Mas por quê?

— Porque naquela noite no terreiro do Joca Rodrigues vosmecê disse umas verdades duras pró Bento.

Juvenal olhou pensativo para a ponta das botas.

— Mas é engraçado. Ontem cruzei por ele na rua, pensei que o homem ia virar a cara, fingindo que não me via.

— E que foi que ele fez?

— Me olhou, bateu no chapéu e disse: "Buenas tardes, seu Juvenal!"

— Essa é muito boa! E vosmecê?

— Fiquei meio atrapalhado no princípio. Mas depois disse: 'Buenas tardes". E fui andando.

Rodrigo sorria.

— Viu a cara dele?

— Muito bem, não.

— É pena. Eu só queria saber como ficou a minha marca… - Soltou um suspiro. — Foi uma lástima eu não ter acabado aquele servicinho…

Juvenal mirava o amigo sem compreender. Rodrigo esclareceu: -

Não cheguei a terminar o R. Ficou faltando a perninha da frente da letra. Uma lástima… Era só mais um talhinho de nada…

Juvenal sorriu seu sorriso lento e meio triste.

Por aqueles dias de fins de março o padre Lara procurou Rodrigo e contou-lhe que o coronel Amaral o chamara para "tratar do assunto.

— Que assunto?

— O duelo.

— Ah! Que foi que a fera disse?

Estavam sentados debaixo da figueira e era por volta das cinco da tarde.

— Me pediu que falasse com vosmecê e lhe dissesse que ele não aprova o que o filho fez. Eu queria que o capitão visse o velho! Estava furioso.

Chegou a dizer: “Nunca nenhum Amaral fez isso. Foi uma traição indigna dum homem de bem e de coragem”.

— E que é que ele quer que eu faça? Que peça desculpas ao Bento? Ou que vá embora?

O padre sacudiu a cabeça - Não. Ele pede para vosmecê esquecer tudo.

— Mas uma pessoa não esquece uma coisa porque quer: esquece porque esquece.

— Não é isso. Ele quer evitar novo duelo. Chegou a dizer: “Estão mano a mano. Ele levou uma bala no peito que quase lê arrebentou a alma. Mas meu filho tem na cara aquela marca que é uma vergonha pra toda a vida”.

Rodrigo sacudia a cabeça com ar de quem não compreende.

— Veja como são as coisas. Nunca imaginei que o coronel fosse dizer uma coisa dessas. Isso prova que a gente nunca chega a conhecer direito as pessoas.

— Que é que vosmecê esperava que ele fizesse?

— Eu esperava que mandasse me matar… e ainda não estou certo que não vai mandar… - O padre ensaiou um tímido protesto que não chegou a tomar forma definida. Rodrigo prosseguiu: - Ou então que dissesse ao filho: “Vá e bote um B na cara dele; senão vosmecê não é mais meu filho”. Pelo menos era isso que eu havia de dizer ao meu filho…

Houve um silêncio. Meu filho… Aquelas palavras tinham para Rodrigo um som agradável. Meu filho: o homem que ia herdar-lhe a espada e o nome…

— Padre, mais uma vez vou lhe fazer um pedido.

— Qual é?

— Vá conversar com Pedro Terra e diga a ele que quero casar com dona Bibiana.

O padre Lara espalmou a mão sobre o peito, como se esse gesto

lhe pudesse facilitar a respiração. Aquele dia morno e pesado agravava-lhe a asma. O verão fora horrível: passara noites em claro, mais sentado que deitado na cama, sem poder dormir por causa da falta de ar.

— Vosmecê ainda tem esperança de casar com essa moça?

— Esperança? Tenho a certeza.

— Se tem, por que é que me pede?

— Porque não quero fazer nada de estabanado. Estou cansado de ser olhado como desordeiro. Vosmecê pode arranjar tudo. Vá e rale com o Pedro Terra. Diga que o Juvenal já concordou em botar sociedade comigo. Tenho dinheiro, vamos abrir uma venda aqui em Santa Fé. Ele vai comprar coisas no Rio Pardo e eu tomo conta do negócio. — Fez uma pausa. Olhou para a fachada da casa de Bibiana e acrescentou, calmo: - Padre, lê dou minha palavra de honra como quero mudar de vida. Estou passando dos trinta e cinco, não sou mais criança.

O vigário ergueu-se com esforço, gemendo e arquejando.

— Está bem. Vou fazer o que posso. Sou um pobre velho que gosta de ajudar os outros. — Ergueu o indicador diante do nariz de Rodrigo, bem como fazia com as crianças nas aulas de catecismo. — Mas vosmecê não merece. O que vosmecê me fez numa hora séria daquelas é dessas coisas que não têm perdão. Foi uma blasfêmia horrível. Vosmecê não merece.

— Está bem, padre. Não mereço. Mas vá falar com o homem. O padre mudou de tom: - Ah! Deixe que eu dê um recado que o coronel Ricardo lhe mandou: ele quer que vosmecê dê o dito por não dito, ou, melhor, o feito por não feito e fique vivendo quieto a sua vida.

— É o que estou fazendo, padre.

— Também disse que vosmecê pode ficar no povoado. Rodrigo ergueu-se, brusco, com a cara iluminada: - Ora essa é muito boa! Que eu posso ficar? Pois foi isso mesmo que eu disse pr'aquele velho no fim da única conversa que tivemos. Disse que ficava. E fiquei.

O padre voltou-lhe as costas, resmungando: - Vosmecê é um homem impossível.

E se foi na direção da capela, muito encurvado, arrastando os pés na poeira do chão.

O padre Lara tinha confessado Bibiana por aqueles dias, preparando-a para a comunhão pascal. Sabia agora que a moça morria de amores pelo capitão Rodrigo; e como conhecia o temperamento dela, achava que era inútil tentar convencê-la de que o partido não lhe convinha. De resto o padre Lara não estava bem certo disso. Gostava de Rodrigo: gostava tanto que lhe perdoara todas as suas ofensas à Igreja, todas as blasfêmias, todos os atrevimentos. Conhecera outros homens assim. Eram o produto da vida que levavam, da educação que

tiveram. Que se podia esperar dum menino criado no meio de soldados nos acampamentos ou de peões e índios vadios nos galpões, nos bochinchos, nas canchas de carreira e de jogo de osso? A guerra tinha sido talvez sua única escola. No entanto o vigário sabia que no fundo Rodrigo Cambará era um homem de bons sentimentos.

Talvez desse até um bom marido. Talvez sentasse o juízo. Fosse como fosse, agora ele sabia que Rodrigo era um homem muito mais decente que Bento Amaral. Foi por causa dessas reflexões e principalmente pela simpatia que sentia pelo capitão que o vigário decidiu falar com Pedro Terra. Foi uma noite à casa deste, depois do jantar. Ficaram primeiro a fumar e a conversar sobre as colheitas, o tempo e as notícias que tinham chegado recentemente de Porto Alegre - todas elas cheirando a revolução e intrigas políticas. E num dado momento o padre pediu a Bibiana que saísse da sala, pois tinha um "particular" a tratar com seu pai. A moça obedeceu. E quando Arminda fez menção de retirar-se também, o padre deteve-a com um gesto: - Não. Vosmecê pode ficar. Quero que escute tudo. Transmitiu, então, o recado de Rodrigo Cambará: o capitão queria casar com Bibiana e prometia sentar o juízo. Pedro Terra escutou o padre num silêncio em que havia ressentimento e má vontade. E quando o vigário terminou, ele disse simplesmente: - Esse homem não é trigo limpo.

— Aí é que vosmecê se engana. O capitão foi condecorado. Vi a fé de ofício dele. É um homem de grande valor.

— Mas não é trigo limpo.

— Quem foi que lhe disse?

— Qualquer um vê logo.

O padre deu uma palmada na própria coxa, mas imediatamente arrependeu-se do seu entusiasmo. No fim de contas não era lógico que estivesse tão apaixonado pela questão a ponto de perder a calma habitual.

— Deus, que é Deus, sabe perdoar tudo, meu amigo - disse ele. — Até o mais miserável dos pecadores pode regenerar-se aos olhos d'Ele.

— Mas eu não sou Deus. Sou um homem.

— O capitão também é um homem. Concordo que ele é um pouco atrevido, um pouco esquentado, vamos dizer. Mas os Amarais são esquentados. E vosmecê também é bastante esquentado.

Pedro Terra não sorriu. Brincou com a corrente do relógio, pigarreou secamente e depois falou: - Mas quem foi que lhe disse que a Bibiana gosta dele?

Só naquele instante é que o padre percebeu que os Terras quase sempre principiavam suas sentenças com um mas; era o sinal de que estavam sempre discordando do que os outros diziam. Era a gente mais cabeçuda, mais teimosa que ele conhecia.

— Eu sei que a Bibiana gosta desse homem. E muito. Arrependeu-

se de ter dito isso. Não podia violar o segredo do confessionário. Mas agora era tarde. A coisa lhe tinha escapado… Deus compreenderia. Deus não era cabeçudo.

— Mas quem foi que lhe disse?

Não havia outro remédio senão mostrar as cartas.

— Ela mesma me disse.

— Como é que a Bibiana lhe diz coisas que nunca me disse? Arminda ergueu a cabeça e soltou um balido de ovelha: - Ora, Pedro. O vigário sabe… O padre Lara avançou: - Vosmecê já lhe perguntou alguma vez se ela gostava do capitão?

— Não.

— Pois aí está…

Pedro mexeu-se na cadeira. Viu uma lagartixa atravessar a parede, por trás do padre. Seguiu-a com os olhos, mas pensando em Bibiana. Por fim disse: - Ela pode gostar um pouco dele. Mas vai acabar esquecendo.

ergueu a cabeça: - Esquecendo? - repetiu. — A Bibiana é bem como a avó, dessas que só gostam dum homem em toda a vida. Essas nunca esquecem.

Pedro Terra suspirou, inclinou o busto para a frente, descansou os cotovelos nas coxas e apoiou a cabeça nas mãos.

— É triste a gente criar uma filha com sacrifício para entregar depois ao primeiro canalha que aparece…

— Já lhe disse que o governo não condecora canalhas! Vosmecê está sendo injusto. Um canalha vem da guerra com a guaiaca cheia de onças, de joias e de coisas roubadas. O capitão Rodrigo trouxe apenas o soldo que economizou. Não é muito. Eu vi.

Pedro olhava fixamente para o chão. O padre e Arminda trocaram um olhar significativo. Vendo que ela estava de seu lado, o vigário sorriu-lhe, agradecido.

— Seja tolerante, Pedro - insistiu ele. — Receba o homem na sua casa, converse com ele, tenha paciência.

Pedro pôs-se de pé e gritou: - Bibiana!

A moça apareceu.

— É verdade que vosmecê gosta deste tal capitão Rodrigo? Bibiana baixou os olhos. Viu as botas embarradas do pai, mas viu principalmente a face do capitão Rodrigo. Tinha chegado a hora decisiva. Se mentisse, perderia o homem que amava. Se dissesse a verdade, poderia perdê-lo também, mas pelo menos ficaria com o consolo de não ter mentido. Aconteça o que acontecer - resolveu - vou dizer a verdade. Sem erguer a cabeça, balbuciou: - Gosto, papai.

— E vosmecê sabe que eu não gosto dele?

— Sei, sim senhor.

— E mesmo assim quer casar com ele?

— Eu não sei se ele quer casar comigo…

— Está visto que quer! Mas vosmecê está resolvida a arriscar a ser infeliz?

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

— Estou - disse, erguendo o rosto e encarando o pai.

O padre olhou para Pedro e sentiu um calafrio. O que via nos olhos, no rosto daquele homem era ciúme, um ciúme surdo, escondido, que ardia como brasa viva sob a cinza.

— Vosmecê alguma vez falou com esse homem? - tornou a perguntar Pedro Terra.

— Nunca, papai.

— E se eu lhe proibisse de falar com ele, que é que vosmecê fazia?

— Obedecia.

— E ficava triste?

— Ficava.

— Ficava com raiva de mim?

— Como é que a gente vai ficar com raiva do pai?

— Mas não acha que um dia vosmecê podia esquecer esse homem?

— Não acho, não senhor.

— Por quê?

— Porque sei o que sinto.

— Escute, minha filha. — A voz de Pedro ficou mais branda e ele chegou a dar um passo na direção da moça. O padre olhou para Arminda e viu que as mãos dela tremiam. — Vosmecê nunca se interessou por homem nenhum…

Bibiana meneou a cabeça afirmativamente.

— E vosmecê não sabe - continuou o pai - que esse homem não tem nada de seu a não ser um cavalo, um violão e uma espada?… Que esse homem não tem nenhum ofício e henhuma serventia? Não vê que vosmecê pode ser infeliz com ele, sempre com medo que ele possa abandonar a casa duma hora pra outra, e ir pra alguma aventura ou seguir outra mulher? Não sabe?

— Sei.

— E assim mesmo quer casar com ele?

— Se ele quiser, eu quero.

O padre agora via na moça a decisão de Ana Terra: o mesmo jeito de falar, quase a mesma voz. Teve saudade da velha, com quem costumava manter longas conversas ao pé do fogão, nas noites de inverno.

Pedro Terra continuou: - E vosmecê sabe que este casamento vai me deixar muito triste?

— Sei, sim senhor.

— E apesar disso ainda insiste em casar com ele?

A própria Bibiana sentiu que era Ana Terra quando respondeu: - Parece que é sina um de nós dois ficar triste. Veja só, papai. Se eu me caso com ele, vosmecê fica triste, mas eu fico alegre. Se vosmecê me proíbe de casar, não caso, mas fico triste, e me vendo sempre triste vosmecê vai ficar triste e a mamãe também. Não é melhor só um triste em vez de três?

Os anjos falaram pela boca dessa menina! - pensou o padre Lara. Mas olhando para o rosto do pai de Bibiana viu que ele não tinha gostado do raciocínio.

Pedro Terra apertou uma mão fechada contra a palma da outra e fez estralar as juntas dos dedos.

— Bom, padre - disse ele - posso ser um pouco teimoso, mas não sou nenhum animal. Vou falar com aquele sujeito. Mas vá logo dizendo a ele que nunca espere a minha amizade. Quero que vosmecê, vigário, seja testemunha do que vou dizer à minha filha. — Dirigiu-se à mulher. — E vosmecê também, Arminda. — Encarou Bibiana. — Vou consentir nesse casamento pra não dizerem que sou um tirano, mas acho que minha filha vai ser infeliz. Quero lavar as mãos do que vai acontecer. Nunca insisti com ela pra casar com o Bento, apesar de saber que é o melhor partido destas redondezas. Ela não gosta do rapaz, está muito bem. Eu também não gosto muito dele. Não proíbo ela de casar com esse tal capitão. Dou o meu consentimento com tristeza, mas amanhã, quando Bibiana depois de casada vier bater na nossa porta dizendo: “Papai, vosmecê tinha razão, meu marido não presta”, não quero que ninguém me culpe do que aconteceu.

Está tudo bem entendido?

Por alguns momentos ninguém falou. Finalmente Bibiana fez um esforço e disse, com voz trémula: - Vosmecê sabe que nunca me queixo de nada nem de ninguém.

Examinando com atenção o rosto daquele homem, o padre Lara viu que ele sofria. Mas outra pessoa que entrasse naquele momento e não soubesse do que se estava passando, não perceberia nenhuma alteração na fisionomia de Pedro Terra. Era a mesma cara de sempre: tostada de sol, fechada e apenas melancólica.

Assim, Rodrigo Cambará se casou pelo Natal de 1829 com Bibiana Terra. O noivo envergava seu fardamento completo, em cujo dólmã luzia a medalha. Bibiana ostentava o mesmo véu e a mesma grinalda que sua mãe usara no dia de seu casamento. Pedro Terra estava vestido de preto e trazia também luto fechado no rosto e foi com má vontade e constrangimento que recebeu as felicitações que lhe deram à saída da igreja. Dona Arminda chorava de mansinho e seus olhos estavam vermelhos e tristes. Ao pé da imagem de Nossa Senhora da Conceição ardia uma grande vela de cera que Bibiana mandara vir

de Rio Pardo para pagar uma promessa…

Os noivos foram morar numa casa de madeira, que Juvenal ajudara Rodrigo a erguer à entrada do povoado, do lado do nascente. Era na peça grande da frente que ficava a venda, com suas prateleiras de pinho - onde se amontoavam as mercadorias: peças de morim e riscado, cordas, velas, pedras de isqueiro, facas, pentes, vidros de água-de-cheiro - e as barricas e sacos com bolacha, farinha de trigo, arroz, cebola, açúcar e sal. Numa prateleira à parte via-se uma pequena botica com purgantes, ervas medicinais, emplastros, pomadas e linimentos.

— Para começar já dá… - disse Juvenal ao padre no dia em que lhe mostrou as prateleiras da loja.

Rodrigo gozou a sua noite de núpcias como quem, depois dum longo período de abstinência, saboreia um jantar especial, com churrasco gordo e bom vinho; mas não se tratava duma refeição comum, dessas em que a gente come em mangas de camisa, à vontade, mas sim duma ceia de cerimônia…

por exemplo, no Paço do Governo, no meio de figurões, numa mesa com muitos candelabros e talheres de prata, louça fina e mulheres de maneiras fidalgas - uma ceia enfim em que o conviva do campo tem de refrear o apetite, comer devagar, evitando qualquer gesto que possa ocasionar a quebra dum copo, dum prato ou da etiqueta. Porque todo o seu apetite por Bibiana, havia tanto tempo reprimido, foi um pouco contido pela sensação de estar diante duma donzela, duma moça cuja timidez e pudor eram tão grandes que quase chegaram a contagiá-lo. Mas nem por isso o vinho deixou de subir-lhe à cabeça; nem por isso ele deixou de quebrar cristais ou de revelar sua sofreguidão. Bibiana se lhe entregou numa passividade comovida, trêmula e cheia de medo. Quando se viu a sós com aquele homem, deitada com ele na mesma cama, teve por um rápido segundo quase um sentimento de pânico e a sensação perfeita de que estava praticando um ato feio e ilegal pelo qual teria de responder no dia seguinte perante os pais, o padre e o resto da população de Santa Fé.

E essa sensação de pecado, essa impressão esquisita de que Rodrigo não era seu marido e de que ela não passava duma “china de soldado”, não a abandonou nunca durante toda a lua-de-mel, principalmente quando ela se via frente a frente com o pai. Mas isso não a tornou menos feliz. Porque naqueles meses que se seguiram ao casamento, Bibiana viveu como que no ar, erguida na crista duma onda cálida de felicidade que a estonteava um pouco dando às pessoas e coisas que a cercavam um aspecto de sonho.

Cuidar da casa, fazer comida para Rodrigo, lavar-lhe a roupa-branca, usar as coisas de seu próprio enxoval, tomar conta dos bichos do quintal - tudo isso eram prazeres que ela gozava duma maneira

miudinha, prolongada, bem como fazia no tempo de menina quando lhe davam um pedaço de rapadura e, evitando triturá-lo com os dentes, ela o deixava dissolver-se aos poucos na boca para que o doce durasse mais. E muitas vezes, quando estava lidando na cozinha ou no quintal, fazia pausas ao ouvir a voz do marido, e ficava escutando, como se alguém estivesse a tocar uma música bonita na venda. E tudo que ele dizia ela achava divino. “Quantas arrobas? Duas? Lá vai.” Havia na voz de seu marido um tom amigo e simpático quando ele gritava para algum recém-chegado: “Apeie e entre, patrício! A casa é de vosmecê!” E era mesmo. Porque Rodrigo gostava de casa cheia e sempre que podia trazia amigos para almoçar ou jantar. “Coma mais uma costela, compadre!” E sua cordialidade era tão grande que não raro chegava a ser agressiva. “Mais feijão? Mas vosmecê está me fazendo uma desfeita!” E era quase com brutalidade que botava feijão no prato do convidado.

Lembrando-se de cenas como essas, Bibiana ficava sorrindo e escutando a voz do capitão. E ouvia também o tinir dos patacões, vinténs e cruzados, que ele atirava na gaveta. Rodrigo não sabia fazer nada com calma e jeito. Não punha um objeto em cima da mesa: atirava-o. Quando se despia, à noite, jogava as roupas para todos os lados. Não sabia beber um copo d'água ou de vinho devagar: tomava-o em goles largos, fazendo muito ruído e no fim estralando os beiços. Até mesmo no sono continuava fazendo barulho: seu ressonar era pesado e muitas vezes no meio da noite ela ouvira Rodrigo falar enquanto dormia. Bibiana não cessava de comparar o marido com o pai e concluía que eram tão diferentes um do outro como geada e. fogo, e mais difíceis de se misturarem do que água e azeite. Bibiana criara-se à sombra daquele homem calado e sério, bondoso mas seco de gestos e palavras.

Nunca o ouvira soltar uma boa risada: quando ele sorria era um sorriso entre amargo e triste. Sabia que o pai era bom, isso sabia; não havia ninguém no mundo melhor que ele. Era capaz de todos os sacrifícios para fazer a família feliz. Trabalhava como um mouro, era um homem honrado, não se metia na vida de ninguém. Quando falava era em voz baixa, e pouco; e sempre parecia pensar muito antes de falar. Para Pedro Terra água-de-cheiro, brincos, espelhos e enfeites eram coisas inúteis de “gente que não tem mais o que fazer”. Os seus ditados - que ele repetia sempre que havia oportunidade, como para que servissem de lição à filha - davam uma ideia de sua maneira de avaliar as pessoas e as coisas.

“Mulher que muito ri não pode ser boa coisa.” "Primeiro a obrigação, depois a diversão."

Uma vez, no tempo de menina, Bibiana apanhara uma sova da mãe e quando, com o rosto cheio de lágrimas, ela fora, soluçando,

queixar-se ao pai, esperando que ele a tomasse nos braços e a consolasse, Pedro Terra, de mãos às costas, baixara os olhos para ela e limitara-se a dizer: “Não é nada. Pata de galinha nunca matou pinto”. Quando, antes do casamento, Dona Arminda expressou um dia a esperança de que Rodrigo pudesse sentar juízo, Pedro, tirando da boca uma costela de rês, cuja pelanca ele tentava arrancar com os dentes, disse com a voz que a banha fazia perder a habitual secura: “Cachorro que come ovelha uma vez, come sempre, só morto se endireita”. Nos dias de tristeza, quando tudo lhe parecia sair mal - uma colheita pobre, uma peste na lavoura ou no gado, uma doença na família - Pedro Terra suspirava e dizia: “A vida é como vaca tambeira que esconde o melhor leite”. Não deixava Bibiana ir a bailes senão duas ou três vezes por ano, e assim mesmo em sua companhia; durante todo o tempo das danças ficava sentado a um canto, sem tirar os olhos dela. Porque tinha medo de que começassem a falar da filha, pois “a boca do povo - dizia - é maior que a boca da noite, e muito mais malvada”.

Era por tudo isso que Bibiana não se habituava à nova situação. Tudo era bom demais para ser verdade. Tinha agora seu marido, sua casa, sua liberdade… Mas Rodrigo era tão diferente do pai, tão alegre, tão descuidado, tão barulhento, tão engraçado, que ela às vezes ficava com a impressão de que estava - ainda para usar uma frase de Pedro Terra - levando uma vida de “gente louca” e que portanto essa vida não era decente nem podia durar.

E quando Rodrigo à noite a tomava nos braços, erguia-a no ar como se ela fosse um nené, e começava a beijar-lhe os cabelos, o pescoço, os braços, Bibiana desatava a rir, cheia de cócegas, feliz e ao mesmo tempo envergonhada, amando-o mas achando-o despudorado - e todo o tempo ficava a olhar para a porta, para a janela aberta, receando que alguém os visse naquela indecência e, acima de tudo, temendo que o pai aparecesse…

Num anoitecer em que o padre Lara viera visitá-los após o jantar e ficara a conversar e a fumar enquanto ela tirava os pratos da mesa, Rodrigo dera uma palmada nas nádegas de Bibiana, soltando ao mesmo tempo uma risada e dizendo: "Certas coisas da vida valem mais que uma ponchada de onças!"- ela ficara muito vermelha e refugiara-se na cozinha, sem coragem de olhar para o vigário.

Para Rodrigo todas as noites eram noites de amor. Bibiana ficava um pouco assustada. Os ardores do marido a sufocavam. E havia no rosto dele algo que a fascinava e ao mesmo tempo a atemorizava. Longe dele Bibiana fazia projetos. Ia pedir-lhe que tivesse modos diante de estranhos; que a deixasse dormir cedo; que não a acordasse no meio da noite para fazer as suas loucuras. Mas quando o via não pedia nada. Submetia-se a todos os seus desejos. Quando ele entrava numa peça, de repente tudo como que esquentava, e ficava mais claro,

como se a cara do capitão fosse um sol.

Quando o marido falava, ela sentia uma coisa no peito. Quando ele a tocava, ela desejava entregar-se, derreter-se, ficar mais pequena ainda do que era… Mas havia sempre de mistura com seus prazeres e êxtases um elemento secreto de inquietação - não só o pressentimento de que aquilo tudo não podia durar como também a desconfiança de que aquele tipo de amor não era direito, não devia existir entre marido e mulher.

O pai e a mãe apareciam raramente. Quando vinham era para visitas breves em que o velho falava pouco e nunca olhava Rodrigo nos olhos, apesar de todos os esforços que este último fazia para ser agradável ao sogro.

Quem os visitava mais era Juvenal, que quando não estava em viagem para o Rio Pardo, ajudava o cunhado no serviço da venda.

Uma noitinha, depois do jantar, Rodrigo sentou-se num banco, botou a mulher no colo e começou a beijá-la com avidez.

— Não! - balbuciou ela. — Agora não.

— Só um pouquinho, minha prenda - disse ele, e seus lábios úmidos e frescos passearam pelo pescoço da mulher.

Estava de costas para a porta, através da qual Bibiana, apreensiva, via a rua. Num dado momento avistou dois vultos que se aproximavam. A noite estava clara e ela reconheceu neles o pai e a mãe. Fez um esforço para se desvencilhar do marido, - mas os braços de Rodrigo a prendiam. E Bibiana, muda, afogueada, cheia de vergonha, viu o pai acercar-se da porta, parar, olhar para ela, de cenho franzido, fazer meia-volta, tomar o braço da mulher e ir-se embora sem dizer palavra.

— Por favor, Rodrigo!

Rodrigo, porém, continuava a beijá-la com fúria, por entre risos.

Bibiana olhava para a potta, para a noite, e não podia esquecer a expressão de desagradável surpresa e - sim! - de vergonha, que vira no rosto do pai.

O verão se foi, entrou o outono e Bibiana - que esperava o primeiro filho para meados da primavera - começava a ficar deformada pela gravidez. Seu ventre estava muito crescido, as feições um pouco intumescidas e o busto mais cheio. Rodrigo contemplava-a numa confusão de sentimentos. A ideia de que ia ter um filho deixava-o alvoroçado, orgulhoso, e ele contava os dias nos dedos, desejando que o tempo passasse e outubro chegasse depressa. Havia, porém, em sua alegria um demento de impaciência. Porque Bibiana como que se desmanchava aos poucos ante seus olhos sempre gulosos. A rigidez de suas carnes dera lugar a uma flacidez descorada e ela de repente como que se fizera mais adulta, mais mulher. E ele, que já não se podia entregar aos mesmos excessos amorosos - pois além de ser obrigado a

cuidados especiais com a esposa já começava a achá-la menos atraente - ficava irritado com a situação e agora já pensava em outras mulheres.

Bibiana percebeu isso mas não disse nada. Vivia em constantes acessos de nervos, chorava às escondidas e enchia-se de medo ao pensar no parto.

Quando comunicava esses temores à mãe, Dona Arminda, para a consolar, dizia: - Não há de ser nada, minha filha. A tesoura de tua avó está aí mesmo.

Mas isso, longe de confortar Bibiana, dava-lhe um terror frio, pois achava horrível a ideia de cortarem o cordão umbilical da criança com aquela tesoura negra e enferrujada.

Quando chegou a época de Juvenal ir ao Rio Pardo buscar novo sortimento para o inverno - pois quando entrasse junho seria praticamente impossível atravessar a serra - Rodrigo ofereceu-se para ir fazer a viagem daquela vez.

— Mas vosmecê não conhece a estrada - observou o cunhado.

— Não se apoquente. Hei de encontrar o Rio Pardo. Juvenal mirou o cunhado com seus olhos apertados e cheios de suspeita, e disse: - Mas tenho medo que depois vosmecê não encontre Santa Fé, na volta…

Ele percebia tudo. Rodrigo queria um pretexto para se ausentar de casa por uns dois ou três meses, para evitar de ver a mulher naquele estado.

Essa era uma das razões pela qual insistia em fazer a viagem. A outra, mais poderosa, era o desejo de correr mundo, pois Juvenal compreendia - embora parecesse não atentar na coisa - que o cunhado já começava a aborrecer aquela vida parada ali atrás do balcão a vender pingas e a pesar farinha e feijão. Acontecia também que no Rio Pardo Rodrigo poderia procurar chinas. Em Santa Fé isso não era fácil.

— Pois está bem - disse. — Desta vez vai vosmecê. Quando Rodrigo participou à mulher a decisão que tomara, Bibiana nada disse. Foi para o quarto, deitou-se, apertou o rosto no travesseiro e chorou. Tinha o pressentimento de que Rodrigo não voltaria mais. Podia cair num precipício na serra ou então meter-se em alguma briga no Rio Pardo e ser assassinado.

Quando se despediu do marido, abraçou-o e beijou-o longamente.

— Eu volto logo, minha prenda - disse ele. — Cuide bem de nosso filho.

Durante a ausência de Rodrigo, Bibiana de dia ajudava Juvenal na venda e ao anoitecer dirigia-se para a casa dos pais, onde pernoitava. Fiava na roca roupas para o filho, ia para a cama cedo mas ficava muitas horas sem poder dormir, pensando no marido. Sentia falta da voz, dele, do cheiio dele, da presença dele. E à medida que o tempo

passava mais se fortalecia nela o pressentimento de que nunca mais tornaria a ver Rodrigo. Era essa mesma suspeita que Bibiana lia nos olhos do pai, nas raras vezes em que ele a fitava. Porque agora Pedro Terra evitava olhai para ela, como se aquele filho que ela trazia no ventre fosse o produto dum amor ilegítimo, dum "mau passo". Bibiana ficava constrangida quando alguma amiga que a visitava ou cruzava com ela na rua lhe pedia notícias de Rodrigo, pois sentia, no tom de voz com que as outras faziam a pergunta, que elas tinham a certeza de que o capitão Cambará não voltava mais. Uma tarde Lúcia, a filha de Chico Pinto, perguntou-lhe: - Sabes quem chegou hoje?

— Não. Quem foi?

— O Bento Amaral e a mulher. Dizem que o casamento deles foi uma maravilha. Uma beleza, as gentes mais finas de Porto Alegre foram. Foi até o governador! 332 Houve uma pausa. A outra baixou os olhos para o ventre de Bibiana.

— Então, pra quando é o "baile"?

— Ah, vai demorar ainda. Parece que é lá pra meados de outubro.

Ao se despedirem, Lúcia Pinto sussurrou: - Esse filho podia ser do Bento, não? Ia ser melhor pra ti e pra ele. Em vez de morar na venda, tu morava no casarão da praça.

Bibiana voltou para casa pensando naquelas palavras. E à medida que os minutos passavam ia crescendo sua indignação. Filho do Bento! Ela estava satisfeita e orgulhosa por trazer dentro de si um filho do capitão Rodrigo Cambará. Pensou no Bento e na cicatriz em forma de P que ele tinha na face. Avistara-o apenas duas vezes depois do duelo, e o homem dobrara esquinas, intempestivo, para não se defrontar com ela. Se a mulher de Bento ficasse grávida e olhasse muito para o rosto do marido, era bem possível que o filho nascesse com aquele P em algum lugar do corpinho. E assim a marca de Rodrigo passaria também para a criança.

Ao chegar a casa, ao ver as coisas do marido - o uniforme, a espada, a medalha - sentiu que quem tinha mais forte a marca de Rodrigo era ela mesma. Tinha-a em todo o corpo, como que feita a fogo.

Deitou-se, abraçada com o dólmã do capitão, e começou a chorar de mansinho. Da loja vinha a voz calma e seca de Juvenal, que conversava com os fregueses. E em pensamentos Bibiana via o marido estirado no chão, no fundo dum precipício, com a cabeça esmagada; ou então no momento em que o enterravam, no Rio Pardo, depois dum duelo. As lágrimas caíam no dólmã escuro e ela sentia no rosto o contato fresco dos botões de metal. Naquele momento Bibiana percebeu que o filho lhe esperneava no ventre e por entre lágrimas começou a sorrir. Talvez fosse um homem e herdasse o gênio do pai. Imaginou Ana Terra com o bisneto no colo. Era pena que ela estivesse

morta. E suas lágrimas passaram então a ser pela ausência de Rodrigo e um pouco pela morte da avó.

O outono se foi, começaram as chuvas e os frios de inverno, e Rodrigo não chegava. Juvenal inquietava-se porque já era tempo de o cunhado estar de volta. Fazia-se perguntas a si mesmo, imaginava coisas negras, mas não dizia nada à irmã para não inquietá-la.

E em certos dias em que o minuano soprava, enrolada num xale e pedalando na roca (pois agora que estava cada vez mais pesada não podia ir ajudar o irmão na venda) Bibiana pensava na avó, que costumava dizer-lhe que o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar.

Junho ia em meio quando um dia Rodrigo apareceu com a carreta. Os amigos o receberam com grande alvoroço. Juvenal alegrou-se de vê-lo mas limitou-se a apertar-lhe a mão e a dar-lhe duas palmadinhas no ombro, perguntando apenas: - Fez boa viagem?

Rodrigo não ouviu a pergunta. Precipitou-se para casa, entrou e tomou Bibiana nos braços, cobrindo-lhe o rosto de beijos. Ela não pôde falar, engasgada. À vista do marido, cuja voz ouvira antes de ele entrar em casa, sentira uma onda de calor tomar-lhe conta do corpo. Era como se ela voltasse à vida depois de estar morta e fechada num túmulo; era como se o sol se abrisse de repente depois duma temporada longa de chuva e céu nublado. Tinha uma bola na garganta, e quando Rodrigo a beijava e dizia coisas e tornava a beijá-la e a fazer perguntas - seus lábios permaneciam imóveis e frios. E enquanto o marido a apertava nos braços, o filho lhe esperneava nas entranhas. Essas coisas lhe deram um contentamento tão grande, tão agudo, que Bibiana Terra desejou morrer naquele momento, morrer porque temia que no futuro essa felicidade acabasse.

Naquela noite Rodrigo contou à mulher, ao cunhado e a outros amigos as peripécias de sua viagem. Perdera-se na serra, lutara contra tremedais, matagais e peraus, mas achara finalmente o caminho. Tinha trazido a carreta cheia de mercadorias para a venda e muitos presentes para Bibiana.

E quando no dia seguinte foram ambos visitar Pedro Terra, a primeira coisa que Rodrigo disse foi: - O tio de vosmecê, o velho Horácio, mandou muitas lembranças…

— Agradecido - respondeu Pedro. E não disse muito mais que isso durante todo o resto da visita em que o genro contou as novidades do Rio Pardo.

Outubro passou e o filho de Bibiana não nasceu, contrariando todas as previsões. Mas à uma hora do dia 2 de novembro ela começou a ter dores muito fortes e, por volta das quatro da tarde, uma criança recém-nascida berrava na casa de Rodrigo Cambará.

— Logo no dia de Finados! - lamentou-se Bibiana. Estava

estendida na cama, muito pálida, de pálpebras pisadas. Rodrigo tomou nas suas a mão da mulher e fespondeu: - Mas foi no dia de Finados que nós nos conhecemos, minha prenda.

A mulher sorriu um sorriso cansado. Dona Arminda entrou no quarto e fumigou-o com alfazema. Pedro veio olhar o neto e ficou a mirá-lo em silêncio, sorrindo com os olhos.

Rodrigo exclamou: - Mais um Cambará macho!

O sogro não respondeu. Lançou um olhar enviesado e tristonho para a mesa, em cima da qual jazia a velha tesoura de Ana Terra.

Na sua admiração pelo coronel Bento Gonçalves, em cujo regimento de cavalaria servira, Rodrigo pensou em dar ao filho o nome de Bento. Mas lembrou-se de Bento Amaral e resolveu chamar ao primogênito Bolívar.

Bibiana não gostou do nome, mas não fez o menor reparo: o desejo do marido era para ela uma ordem. O padre Lara batizou-o naquele mesmo novembro: Juvenal e Maruca foram os padrinhos.

Rodrigo não podia esconder seu orgulho e sua satisfação por ter um filho macho. Brincava com a criança como uma menina brinca com sua boneca e às vezes não podia deixar de dar voz à sua impaciência diante do fato irremediável de que a criança levaria anos para crescer, fazer-se homem e poder chegar à idade de botar pistola e espada na cintura e sair a burlequear pelo Continente.

— O mundo está errado! - disse ele um dia ao vigário, quando ambos conversavam na frente da venda, após o jantar. — Por que é que cavalo cresce tão depressa e gente leva tanto tempo?

O padre, que palitava os dentes com um espinho de laranjeira, encolheu os ombros e respondeu, meio vago: - Deve ser porque cavalo vive menos.

— Também está errado. Um cavalo devia viver tanto como uma pessoa.

O padre Lara olhou para o capitão longamente antes de falar. Fazia meses que vinha notando mudanças nele. O homem simplesmente andava desinquieto, irritadiço. Tudo indicava que aquela vida sedentária, atrás dum balcão, começava a entediá-lo. Não fora feito para aquilo.

Para falar a verdade, também não fora feito para o matrimônio ou, melhor, para ter uma mulher só. E o vigário se inquietava, pois de certo modo se sentia responsável perante Pedro e Arminda Terra por aquele casamento, do qual era uma espécie de fiador.

Se o signatário da letra de que ele era avalista fugisse e ele fosse chamado a pagar a dívida, que poderia fazer ou dizer? Soltou um suspiro e perguntou: - Se vosmecê fosse o criador do mundo, como é que fazia as coisas e as pessoas?

Rodrigo apanhou um seixo, fez pontaria numa árvore e

arremessou-o, errando o alvo.

— Se eu fosse dono do mundo, fazia algumas mudanças…

— Por exemplo… - pediu o padre.

— Acabava com essa história de trabalhar…

— Sim, e depois?

— Fazia os filhos virem ao mundo de outro jeito. Eu vi o que a Bibiana sofreu. É medonho.

O vigário sorria. Aquelas palavras, partidas dum egoísta, não deixavam de ter seu valor.

— E depois?

— Dividia essas grandes sesmarias de homens como o coronel Amaral.

— Dividia? Como? Pra quê?

— Dividia e dava um pedaço pra cada peão, pra cada índio, pra cada negro.

— Não vá me dizer que ia libertar os escravos…

— E por que não? Acabava com a escravatura imediatamente. O padre ria, e o riso encatarroado que o sacudia todo, depois se transformou num acesso de tosse que acabou por deixá-lo ofegante e cansado.

— Vosmecê é das arábias, capitão. Mas continue com o seu mundo… Que mais?

Dentro da casa Bolívar chorava. E Bibiana, ninando-o, cantava as cantigas de Ana Terra.

— Ah! Eu ia m'esquecendo. Pra principiar, fazia o mundo mais pequeno, pra gente poder atravessar todo ele a cavalo, sem levar muito tempo.

— E como é que vosmecê ia se arranjar, indo dum país pra outro sem conhecer outra língua senão a sua?

— Eu acabava com esse negócio de línguas diferentes… Rodrigo fez uma pausa e ficou pensativo.

— Que mais?

— Acabava também com a velhice.

— Acabava?

— Quero dizer, ninguém envelhecia mais…

— Nem morria?

— Morrer… morria. Mas se morria era de desastre, nos duelos, nas guerras.

O vigário mordeu o palito, fez avançar a cabeça na direção do outro: - Vosmecê não ia também acabar com as guerras?

Rodrigo por instante pareceu confuso. Depois respondeu, lento: - Bom… Acabar de todo, não acabava. Porque guerra é divertimento de homem. Sem uma guerrinha de vez em quando ficava tudo muito enjoado.

— Ia ser um mundo bem esquisito…

— Mas não mais esquisito que este nosso, padre.

— Se Deus fez o mundo assim foi porque achou que era o direito.

— Mas ha muita coisa torta por aí.

— Que há, há…

Rodrigo abafou um bocejo. Depois, olhando para os lados como para ver se ninguém o escutava, cochichou: - Outra coisa, padre. No meu mundo não ia haver casamento. Um homem podia ter quantas mulheres quisesse. Dez, quinze, vinte, mil…

— E se dois homens desejassem a mesma mulher? Rodrigo respondeu indiretamente com uma pergunta: - Pra que é que serve a espada? Pra que é que serve a adaga?

E a pistola?

O vigário procurou resumir as aspirações do amigo através do que ouvira e do que sabia dele por observação direta durante aquele ano: - Noutras palavras, capitão, seu desejo mesmo é andar correndo mundo, sem pouso certo, sem obrigação marcada, agarrando aqui e ali uma mulher como quem apanha fruta em árvore de beira de estrada… De vez em quando uma partidinha de truco ou de solo, um joguinho de osso, umas carreiras, e para variar, uma peleia… Não é isso?

Rodrigo sacudiu a cabeça lentamente.

— Mais ou menos.

O choro do menino cessara, mas Bibiana ainda cantava baixinho. Um cão ladrou para os lados da casa dos Amarais. Por longo tempo os dois amigos ficaram em silêncio, olhando o céu estrelado. Rodrigo pensava na mulher com quem dormira todas as noites que passara no Rio Pardo: era uma mulata clara, de olhos verdes, com uma voz doce como arroz-de-leite e um corpo que cheirava a fruta madura quente do sol. O padre Lara pensava na noite que iria passar… horas de aflição, sem ar e sem sono. A solidão de seu quarto era tão grande que ele às vezes ia para a capela e lá ficava orando e meditando, olhando para a imagem de Nossa Senhora, como que a buscar-lhe a companhia. Quase ao amanhecer caía no sono e dormia no chão, sobre as tábuas duras.

— Mas o mundo não é o que a gente quer - disse ele, quebrando o silêncio. — É o que é.

— Eu sei que ele é o que é. Mas a gente não deve se entregar. Deve lutar para conseguir as coisas que quer. Não há muita gente disposta a dar. Às vezes é preciso tirar à força.

— Cada qual luta a seu modo, meu filho. Cada qual luta por um ideal.

Houve homens que lutaram para libertar o Brasil dos portugueses.

— Mas os galegos estão aí mesmo - retorquiu Rodrigo. — Nas tropas os oficiais portugueses mandam mais que os brasileiros. No

fundo a independência não mudou nada.

— Mas deixe-me terminar o pensamento. Uns lutam de arma na mão pela sua pátria. Eu luto pela minha fé. Vosmecê não acha que eu podia encontrar uma vida melhor se tivesse ficado em São Paulo e seguido o comércio como os meus irmãos fizeram? - Rodrigo sacudiu a cabeça. — Pois é. Estou aqui porque esta gente em geral vive sem Deus. Vosmecê sabe que um padre também é chamado um pastor. E porque os paroquianos são como ovelhas. É preciso proteger os rebanhos contra os guarás, os tigres, as onças-pintadas. Mas de que é que vosmecê está rindo?

Ao luar ele via a cara do capitão, toda aberta num sorriso irônico.

— Me lembrei do coronel Amaral.

— E que é que ele tem a ver com a nossa conversa?

— Tem muito. Ele é um leão baio. E dos grandes! E vosmecê parece ser mais do lado dele que do lado das ovelhas, padre.

O padre Lara empertigou-se sobre a banqueta.

— Não compreendo - disse. Mas compreendia perfeitamente o que o outro insinuava.

— Vosmecê sabe como ele trata os escravos… - continuou Rodrigo. — Para ele negro não merece ser considerado gente. Vosmecê sabe como ele trata os peões e os agregados. E vosmecê não ignora que ele tem mandado matar gente…

O padre Lara estava meio sufocado. Que conversa para depois do jantar!

Seu ressentimento, sua confusão lhe tiravam a clareza das ideias e ao mesmo tempo lhe roubavam o fôlego. Passaram-se alguns momentos antes que ele pudesse falar.

— Mas não há provas! - exclamou por fim.

— Provas do quê?

De que foi o coronel Amaral que mandou matar aqueles homens.

E ao dizer estas palavras ele baixou a voz e olhou a medo para os lados.

Rodrigo soltou uma risada: - Ora, padre, todo mundo sabe!

E depois vosmecê deve saber que muitas vezes fui falar com o coronel para interceder por um escravo, por um peão. Ele me ouve muito.

Rodrigo desabotoou a camisa e puxou-a para fora das bombachas. Sentia calor. Não havia a menor viração na noite cálida.

— Conheci muitos padres por esse mundo velho que tenho corrido. Eles nunca estão contra o governo.

— A Igreja não é revolucionária - exclamou o vigário. — A Igreja não é lugar de conspirações. Ela representa o poder espiritual, que está acima, muito acima do temporal.

— Não me venha com essas palavras difíceis, padre, que eu não

entendo.

Fale claro. Temporal pra mim é mau tempo. Mas, falando sério, amigo Lara, cá pra nós, no maior segredo, vosmecês nunca se arriscam a ir contra o governo, não é mesmo?

O padre rosnou alguma coisa ininteligível. Depois sua voz se fez clara e ele murmurou: - Não é a Igreja que está com o governo. É o governo que está com a Igreja.

— Aha! - e a gargalhada de Rodrigo encheu aquele pedaço da noite que parecia envolver a casa. — Quando nós brigamos com os castelhanos, nossas bandeiras e nossas espadas eram benzidas aqui pelos padres católicos. E os padres católicos lá da Banda Oriental faziam o mesmo com as bandeiras e as espadas dos castelhanos. Como é que se explica isso?

— Isso prova que a Igreja Católica é universal. Está acima das paixões e dos interesses dos homens, que são todos iguais perante Deus.

— Iguais? Até os negros?

O padre teve um levíssimo instante de hesitação - não porque considerasse os negros animais, mas porque lhe passou pela cabeça uma dúvida quanto à maneira como o outro podia usar sua resposta.

— Até os negros, claro.

— Então por que é que vosmecê nunca protestou contra a escravatura?

O padre mexeu-se, tomado de mal-estar. Nessas ocasiões ele sentia mais agudamente que nunca aquele fogo no peito.

— Os escravos nesta província são muito mais bem tratados que em qualquer outra parte do Brasil! Eu queria que vosmecê visse como os senhores de engenho tratam os negros lá no Norte.

— Eu sei, mas vosmecê não respondeu à minha pergunta… Será que Deus não fez os homens iguais?

— Mas tem de haver categorias para haver ordem e respeito. — Usou uma palavra grande para esmagar o outro. — Tem de haver hierarquia. No fim de contas esse foi o mundo que nós encontramos ao nascer, capitão. Não podemos mudar tudo de repente.

Ia acrescentar: “Um dia essas mudanças hão de fazer-se”. Mas achou melhor calar-se. As paredes tinham ouvidos. Além disso, o capitão era muito conversador. Preferiu mudar de assunto e dizer: - Por que é que vosmecê se mostra tão do lado dos negros? Por quê? É porque vosmecê no fundo é um homem de bem. Isso é um sinal de que ainda um dia poderá vir a ser um bom católico.

— Nada disso, padre! Sou contra a escravatura só por uma coisa. É que não gosto de ver homem rebaixado por homem. Nós os Cambarás temos uma lei: nunca batemos em mulher nem em homem fraco; nem nunca usamos arma contra homem desarmado, mesmo que

ele seja forte. Quando vejo um negro que baixa a cabeça quando gritam com ele, ou quando vejo um escravo surrado, o sangue me ferve. Depois que vi certos negros brigando no nosso exército contra os castelhanos… barbaridade!… se eles não são homens então não sei quem é…

— Bons sentimentos, capitão. Bons sentimentos - disse o vigário, levantando-se. — Vou andando para começar a minha via dolorosa.

Referia-se às andanças habituais da noite: despir-se, ir para a cama, orar, lutar com a tosse, a falta de ar; depois enfrentar a longa vigília, e os seus pensamentos e o medo - que ele não podia dominar - de morrer sozinho no quarto.

Rodrigo ergueu-se também.

— Eu vou com vosmecê até a capela.

— Não se incomode.

— Não é incómodo. A noite está bonita. — Chegou até a porta da casa e gritou: - Bibiana, vou levar o padre em casa e já volto.

A mulher, que tinha o filho no colo e balouçava-o dum lado para outro, fez com a cabeça um sinal de assentimento.

Rodrigo e o padre começaram a andar lado a lado. O luar como que azulava tudo e as casas lançavam suas sombras negras sobre o chão da rua. Muitas janelas estavam iluminadas.

De mãos às costas, a respiração áspera, muito encurvado, o padre caminhava dum jeito que dava a Rodrigo a impressão de que era com dificuldade que mantinha erguida a grande cabeça. E os dois amigos continuaram a andar em silêncio, escoltados pelas próprias sombras. Não disseram uma única palavra antes de chegarem à praça.

Rodrigo olhou para a casa de Pedro Terra e pensou nos tempos em que Bibiana vivia lá dentro e ele não lhe conseguia falar. Comparou mentalmente a Bibiana daquela época com a de hoje. Ele a amava ainda, sim, não havia a menor dúvida. Mas seria inútil tentar esconder a verdade de que já não sentia por ela o mesmo apetite de antigamente.

Olhando para o casarão de pedra, o vigário perguntou: - Tem visto os Amarais?

— Inda outro dia cruzei com o Bento. O padre segurou o braço de Rodrigo.

— E ele?

O capitão deu de ombros.

— Virou a cara. Virou mas tive tempo de ver a minha marca… Foi uma pena eu não ter terminado aquele R. Falta só o rabinho.

— Não pense mais nisso, capitão. Vosmecê agora é pai de família.

— E ele também vai ser ainda este ano. A mulher está de barriga.

— E o velho?

— Faz séculos que não vejo.

— Anda muito entusiasmado, falam que Santa Fé vai ser vilada e ele quer ser o presidente da Câmara Municipal.

— E será - retrucou Rodrigo. — Todo o mundo vai votar nele. Inclusive vosmecê, padre.

— Quem foi que lhe disse?

— Eu é que sei…

Os dentes do capitão estavam à mostra num ricto sardónico. O padre olhou para ele longamente e depois, entre confidencial e trocista, disse: - Meu filho, aprenda uma coisa. Por que é que a Igreja tem sobrevivido através de todos estes séculos? Por quê? Passam os reis, os conquistadores, os generais, os filósofos… passa tudo. Mas a Igreja fica. Alguns pensam que é só porque ela é de origem divina. — Piscou um olho e pegou na fralda da camisa do outro. — Mas eu acho, e Deus me perdoe a irreverência, que é um pouco porque nós os sacerdotes somos realistas. Realistas, está ouvindo? Vosmecê sabe o que é um realista?

— Um homem do lado do rei?

O padre Lara sacudiu a cabeça numa ardorosa negativa.

— Não. Um realista é um homem que nunca dá murro em ponta de faca. Deixa que os outros deem… Boa noite, capitão, durma bem.

— Boa noite, vigário.

Rodrigo voltou para casa pensando na mulata de olhos verdes que lhe alegrara as noites no Rio Pardo. Quando entrou no quarto, Bibiana mudava as fraldas de Bolívar, que estava acordado em cima da cama, sacudindo os braços e as pernas. Rodrigo ajoelhou-srjunto ao leito, aproximou a lamparina e olhou bem a cara do filho, buscando parecenças. Não conseguia nunca saber se os olhos da criança eram pretos ou dum azul-escuro. Do nariz pra cima é a Bibiana - pensava - do nariz pra baixo é parecido comigo… Sorriu e começou a dizer coisas e a fazer cócegas no ventre do filho.

— Não faça cócegas no menino, Rodrigo! - pediu Bibiana, que tirava fraldas novas de dentro dum baú.

Mas Rodrigo não lhe dava ouvidos. Passeava os dedos cabeludos pelo corpo claro do bebê, apertava-lhe as pernas. Seus olhos fixaram-se no sexo da criaturinha, em torno do qual ele já inventava histórias e anedotas.

— Já viu, Bibiana? É bem Cambará, este diabo. E vai dar muito trabalho às moças. Quando ele tiver catorze anos quem vai procurar mulher pra ele sou eu.

Vai, fica com ela e esquece o filho - pensou Bibiana, mas não disse nada.

— E se me sair maricás, que Deus nos livre, atiro ele no primeiro perau que encontrar no caminho.

— Nem diga uma coisa dessas!

Rodrigo derretia-se para o filho, e ao falar com ele sua voz ficava macia.

— Mas este não tem perigo. Já estou vendo na cara do bichinho. Vai ser macho mesmo. Capitão Bolívar Cambará. Dará muito que falar. Quero viver bastante para ver meu filho homem feito e poder andar um pouco com ele por este mundo velho.

E em vez de esperar e ter medo por causa de um - pensou Bibiana - vou esperar e ter medo por causa dos dois. Imaginou o que seria sua vida no dia em que Bolívar crescesse e saísse a correr mundo com o pai.

Aproximou-se da cama e começou a mudar as fraldas do filho, mas tendo antes o cuidado de polvilhar-lhe as nádegas e as coxas com farinha de arroz.

— Isso! - dizia Rodrigo. — Bota farinha no capitão. Cuida bem dele.

Daqui a uns vinte anos não há de faltar mulher que queira fazer isso.

Olha só a cara desse sem-vergonha! Parece que já entende tudo.

Bibiana tornou a tomar o filho nos braços e depois deu-lhe o peito.

Rodrigo ficou junto da porta da rua olhando a noite, com um desejo de montar a cavalo e sair para o campo. Santa Fé era triste. Havia ali poucas diversões. A vila mais próxima, Cruz Alta, ficava muito longe… Abriu a boca num bocejo. E de repente quase num susto - sentiu-se mais gordo, menos enérgico, um pouco molenga. Fazia tempo que não brigava, que não se movimentava. Aquela vida de balcão, que lhe enferrujava os membros, era de matar um cristão de aborrecimento. Por que se tinha ele metido naquilo? Por quê?

Voltou para dentro de casa e fechou a porta. Uma hora depois estavam os dois deitados e, revolvendo-se na cama, Bibiana, disse: - Um filho só é ruim, Rodrigo. Fica muito mimado.

Na verdade ela pensava numa menina, em alguém que lhe pudesse fazer companhia no futuro.

— Pois podemos tratar disso agora, minha prenda - disse ele, abraçando-a.

E assoprou a lamparina.

Um ano depois o padre Lara escreveu no seu registro: “Aos vinte e oito de dezembro de mil oitocentos e trinta e um nesta capela de Nossa Senhora da Conceição batizei e dei os Santos Óleos a Anita, filha legítima do capitão Rodrigo Severo Cambará, natural da freguesia do Rio Grande, e de sua mulher Bibiana, natural desta freguesia…”

Pedro Terra não compareceu ao batizado. Cada vez se afastava mais do genro, cujo comportamento ultimamente se havia deteriorado

de tal maneira, que era por assim dizer o assunto predileto de Santa Fé. Todos sabiam que ele não vendia um copo de cachaça sem beber outro, junto com o freguês. Vivia em rodas de solo e bisca e jogava a dinheiro; aos domingos ia para as carreiras onde

fazia apostas altas. Gastava também um dinheirão com galos de rinha.

Diziam, mais, que frequentava o rancho da Paraguaia, uma índia velha que morava lá para as bandas do cemitério e que cedia a neta de dezoito anos a quem estivesse disposto a pagar por ela alguns patacões.

Murmurava-se até que Rodrigo, que se enrabichara pela rapariga, dava muito dinheiro à avó para ter o uso exclusivo da chinoca. Essas conversas chegavam aos ouvidos de Pedro Terra, que as ouvia sem comentário, com uma raiva surda que era dirigida muito contra Rodrigo, mas um pouco também contra quem lhe trazia as murmurações. E de mistura com essa raiva havia um sentimento de vitória, pois tudo aquilo ele tinha previsto; nunca se iludira com Rodrigo. Esperava o dia em que Bibiana lhe viesse chorosa bater à porta para se queixar do marido.

Então ele lhe diria: “Eu bem que lê avisei”.

Imaginou o futuro da filha: daria cria todos os anos e depois que ela estivesse com uma ninhada bem grande, o marido iria embora, deixando-a ao abandono com toda a prole.

Por isso não foi ao batizado de Anita nem quis vê-la. Era o seu protesto e equivalia a um rompimento definitivo com o genro.

Bibiana ficou triste mas não disse nada. Sua tristeza entretanto não durou, porque começou a entreter-se com a filha, que era ainda mais bonita que Bolívar e tinha os olhos azuis. Seu trabalho agora dobrara, pois, além de todo o serviço da casa, tinha de cuidar de duas crianças pequenas. Bolívar, longe de diminuir-lhe o trabalho agora que já caminhava, criava-lhe mais problemas, pois andava a correr por toda a casa, saía pelo quintal a perseguir as galinhas e um dia quase virara sobre a cabeça um tacho cheio de marmelada a ferver.

Rodrigo frequentemente tomava a filha nos braços e vinha mostrá-la aos homens na venda.

— Vejam os olhos dela… São como os do pai.

— Não preferia que fosse um machinho? - perguntou-lhe alguém certa vez.

— Que era melhor era. Mas já que veio fêmea… paciência.

— Mulher dá mais trabalho.

— Isso é verdade. Mas quando ela crescer vou andar de olho aberto. Há muito gavião por aí.

Olhou bem para o rosto da filha e imaginou como ia ser ela quando ficasse mocinha: seria talvez uma Bibiana de olhos claros.

Suas atenções, porém, iam mais para Bolívar. Fazia-o montar nos joelhos e, segurando-lhe ambas as mãos, sacudia a perna e dizia: - Eta cavalo corcoveador! Vamos avançar, capitão Bolívar! Os castelhanos vêm vindo… Upa!

Divertia-se vendo o filho pronunciar as primeiras palavras. Fazia projetos: quando ele falasse direito, ia ensinar-lhe alguns nomes. Um homem deve saber dizer nomes feios. Dizer nomes é coisa que alivia a alma.

Mas havia momentos em que Rodrigo perdia a paciência com os filhos. Era quando eles o despertavam à noite com seu choro.

— Cala essa boca, filho duma mãe! - exclamava, revolvendo-se na cama.

Bibiana procurava ninar a criança, que chorava. Às vezes as duas começavam a berrar ao mesmo tempo.

— Esgoela esse desgraçado - resmungava Rodrigo.

E uma noite, vendo que as crianças não cessavam de chorar, ergueu-se da cama, furioso, e foi dormir no quintal, debaixo duma laranjeira.

Bibiana tomava conta dos filhos, alimentava-os, lavava-os, vestia-os e afligia-se quando eles adoeciam. Rodrigo não a ajudava em nada. Bibiana pensara em arranjar uma criada, visto como o marido se recusava a comprar uma escrava. Um dia uma menina morena, de sangue índio, apareceu à procura dum emprego. Bibiana examinou-a longamente: viu que tinha um rosto bonito, um corpo bemfeito, e respondeu: - Não preciso de criada.

Sabia o que ia acontecer se a rapariga ficasse. Ajustou uma índia velha para cozinhar e ela própria continuou a lavar a roupa e entregar-se inteiramente a Anita e Bolívar.

Horas havia em que Bibiana se ficava a fiar na velha roca, tendo a seu lado Anita num berço, e Bolívar a seus pés a brincar com ossos de boi e sabugos de milho. Era nessas horas que ela pensava mais, como se o barulho da roca lhe estimulasse as ideias.

Sentia que o marido mudara. Estava quase sempre com o hálito recendendo a cachaça e agora com frequência abandonava a venda para ir jogar baralho na casa do Chico Pinto. Dizia-se que as paradas eram altas e que os homens ficavam jogando, fumando e bebendo, durante horas e horas.

Ultimamente Rodrigo voltava para casa muito tarde e não eram poucas as vezes em que ele só chegava ao romper do dia. Deitava-se vestido, dentro em pouco estava ressonando e só acordava por volta do meio-dia. Nessas ocasiões Juvenal tomava conta da venda; e quando ele estava ausente em suas viagens para o Rio Pardo, era Bibiana quem tinha de ir atender a freguesia. Juvenal um dia lhe dissera: - O Rodrigo desse jeito vai mal. Gasta demais e trabalha de

menos.

Ela não fizera nenhum comentário, limitara-se a baixar a cabeça. Nas raras vezes em que ia à casa dos pais, temia que eles lhe falassem no marido, por isso ficava todo o tempo como que sobre brasas, ansiosa por ir embora. Notava, porém, que apesar de tudo o pai se mostrava mais carinhoso e menos severo que antes. Decerto tinha pena dela. Não era só o pai. Ela via no olhar e no jeito de falar das outras pessoas que em Santa Fé se comentava a vida de Rodrigo e se lamentava a sorte dela. Um dia uma de suas amigas lhe viera contar que o capitão tinha uma amásia, uma chinoca chamada Honorina, neta da Paraguaia. Ela saltara logo: - Não acredito! E a outra: - É engraçado. Todo mundo sabe, todo mundo vê.

— Mas não acredito.

— O pior cego é o que não quer ver…

No entanto ela sabia que era verdade. Rodrigo dividia suas noites entre a mesa de jogo e a casa da Honorina. Bibiana chegara a ver uma noite a rapariga na última festa do Espírito Santo, toda vestida de vermelho.

Tinha a pele cor de canela, tranças compridas, negras e lustrosas, e um jeito disfarçado e arisco de olhar as pessoas sem nunca encará-las direito. Era esquisito - refletia Bibiana - mas ela não tinha propriamente ciúmes do marido. Sabia que ele gostava era de mulher, que não se contentava com uma só. Mais cedo ou mais tarde havia de ficar também cansado de Honorina e passaria para outra. O melhor que ela tinha a fazer era fingir que não sabia de nada. Contanto que ele não fosse embora, que ela pudesse tê-lo a seu lado - contanto que ele continuasse a ser o seu marido, tudo estava bem.

E pensando nessas coisas, Bibiana pedalava a roca e fiava, e de quando em quando interrompia o trabalho para atender a Anita ou para ralhar com Bolívar.

Seus pensamentos, porém, voltavam sempre para o marido. Não podia esquecê-lo quando ele estava ausente. Aquilo era um vício. Havia pessoas viciadas em pitar cigarro ou cachimbo, pessoas viciadas no jogo de cartas ou na bebida. O vício dela era Rodrigo. Suportaria tudo, se sujeitaria a todos os rebaixamentos contanto que ele não fosse embora.

Os habitantes de Santa Fé comentavam os defeitos de Rodrigo, mas se fossem justos não deviam esquecer suas boas qualidades. Ele era honesto, leal e tinha bom coração. Durante aqueles dois anos de casamento - refletia Bibiana - aconteceram muitas coisas que lhe revelaram o lado bom do marido. O capitão gostava de ajudar os pobres e era um mão-aberta incapaz de fazer papel feio por causa de dinheiro. Um dia passava a cavalo por uma casa quando viu um branco espancando um escravo; apeou e espancou o branco, deixando-

o deitado no chão, quase sem sentidos. De outra feita viu dois homens que em pleno campo atacavam um viajante. Rodrigo não conhecia nenhum deles, mas achou que não podia passar de largo. “Dois contra um é cobardia!” - gritou. Saltou do cavalo, puxou a adaga e entrou na luta. Voltou para casa trazendo o desconhecido que livrara dos assaltantes. Estavam ambos com as mãos e o rosto cheios de talhos de faca. Chegaram sangrando mas sorrindo, recordando a briga e dando grandes risadas. Fecharam-se na sala da venda e tomaram juntos uma bebedeira.

“Rodrigo não pode ver briga - dizia Juvenal - porque ele logo compra a parada.” E era verdade. Se alguém maltratava um animal em sua presença ele se enfurecia. Um dia viu um índio chicotear um burro que, emperrado, se recusava a andar. "Não surre a criatura!"- gritou. O outro não lhe deu ouvidos e continuou a maltratar o animal. Rodrigo ficou vermelho, precipitou-se para o índio, tirou-lhe o chicote das mãos e começou a fustigar-lhe as costas, os braços, as pernas, até que o pobre-diabo, assustado, desandou a correr. Essas histórias - sabia Bibiana - eram contadas e espalhadas pelo povoado e pelas vizinhanças. Muitos as comentavam com simpatia e concluíam: “O capitão Cambará é um homem de bom coração”. Mas outros deduziam que ele era antes de mais nada um desordeiro. Bibiana, porém, preferia resumir seus sentimentos numa frase: “É meu marido e eu gosto dele”.

Em princípios de 1833 Santa Fé foi sacudida por uma grande novidade: a chegada de duas carroças conduzindo duas famílias de imigrantes alemães, as primeiras pessoas dessa raça a pisarem o solo daquele povoado. Os recém-chegados acamparam no centro da praça, e em breve toda a gente saía de suas casas e vinha bombear. Muitos dos santa-fezenses nunca tinham visto em toda a sua vida uma pessoa loura, e aquela coleção de caras brancas, cabeleiras ruivas e douradas, olhos azuis, esverdeados e cinzentos - era uma novidade tão grande, que a manhã de fevereiro mais parecia um dia santo com quermesse, cantigas e danças na frente da igreja.

Os dois chefes de família foram imediatamente ao casarão de pedra falar com Ricardo Amaral Neto. Grupos cercaram as carroças e alguns tentaram comunicar-se com as mulheres e os filhos dos colonos, mas sem o menor resultado, pois nenhum dos estrangeiros parecia falar ou entender o português.

Antes do anoitecer já havia informações positivas sobre as duas famílias. Chamava-se Erwin Kunz o alemão alto, magro, de rosto vermelho e sardento. Ia abrir uma selaria no povoado. Tinha mulher e uma filha cuja beleza deixou alguns dos homens que a viram um tanto perturbados.

Teria uns vinte anos, no máximo, olhos dum azul vivo e limpo, e

cabelos tão louros que pareciam polvilhados de ouro. “Tem cara de imagem” - disse um. “É duma boniteza engraçada” - comentou outro. E aqueles homens habituados às suas mulheres de cabelos e olhos castanhos ou negros - criaturas de feições bem marcadas - ficavam um tanto perplexos diante de Helga Kunz, tão branca e delicada, que falava outra língua e se vestia duma maneira diferente das mulheres do lugar. Uns a miravam com desconfiada insistência, como que procurando decifrar-lhe o semblante.

Outros a avaliavam como fêmea, olhavam-lhe os pés nus metidos em chinelos de couro, os seios pontudos. Houve um que disse: “Não troco as nossas chinas por essa alemoa”.

A outra família era a de Hans Schultz, que tinha comprado perto do povoado umas terras onde pretendia plantar batatas, milho, feijão e linho. Além da mulher, Hans tinha duas filhas e cinco filhos em idades que iam de oito a dezoito anos.

— Como é que o pai sabe o nome de cada filho? - perguntou um santa-fezense a outro. — Todos têm a mesma cara.

— Decerto pela altura.

Riram-se, olhando para aquelas fisionomias vagas e sardentas, coroadas de cabelos que mais pareciam barba de milho.

Kunz e Shultz - que falavam um pouco de português - fizeram compras na venda de Rodrigo e pernoitaram com suas famílias debaixo das duas carroças, sob a grande figueira. E muito tarde naquela noite, o padre Lara, que não podia dormir, saiu para fora e começou a andar na frente da igreja. Aproximou-se do acampamento dos alemães, parou a pouca distância dele e ficou olhando… Era uma noite de quarto crescente, muito estrelada e fresca, e o vigário podia enxergar os colonos deitados e adormecidos debaixo das carroças, enquanto os cavalos, presos à soga, pastavam perto. Contou as pessoas: doze. Viu ainda brasas vivas nas fogueiras que eles haviam acendido para fazer o jantar. O padre ficou pensando naquelas criaturas que tinham vindo de tão longe para tentar a vida naquele fim de mundo. Pensou também em como deviam achar estranho ficarem sob o governo dum homem como o coronel Amaral, e como lhes deviam parecer rudes as caras barbudas e morenas dos homens da província, e bárbara a língua que eles falavam.

Serão protestantes? - perguntou o padre a si mesmo. Não sabia, mas tudo indicava que sim. Esperaria o próximo domingo para ver se eles vinham ou não à igreja.

As brasas luziam. Um dos cavalos escarvou o chão. O vigário continuou seu caminho. Sabia o que algumas pessoas diziam dele. Chamavam-lhe lobisomem por causa de suas caminhadas noturnas. Não fazia mal. Assim de boca aberta, todo de preto, a vaguear sozinho pela noite, ele parecia mesmo um lobisomem. Passou pela frente da

casa de Pedro Terra, lançou-lhe um olhar de soslaio e parou, porque pela primeira vez notava uma coisa curiosa: a fachada, com a porta ladeada pelas duas janelas, possuía uma fisionomia quase humana. E aquela casa, por mais absurdo que parecesse, tinha um semblante parecido com o do dono: parado e triste. Será que os homens constróem suas casas à sua própria imagem?

Ou então, será que as casas acabam ficando parecidas com as pessoas que as habitam? E o padre continuou seu caminho, sacudindo a cabeça, resmungando e já agora pensando em Rodrigo e na vida que ele levava, de perdição e vadiagem. Sabia que seu negócio ia mal, que a venda ficava cada vez menos sortida. O pior era que ele via aproximar-se o dia em que Juvenal fatalmente teria de brigar com o cunhado.

O vigário passou pela frente do casarão dos Amarais. O senhor de Santa Fé andava agora assanhado com os acontecimentos políticos. Falava-se em perturbação da ordem. Os ódios partidários explodiam e tudo indicava que mais cedo ou mais tarde ia haver barulho. Havia pouco chegara a Santa Fé um homem contando que corria pela província o boato de que o coronel Bento Gonçalves, do Partido Liberal, se correspondia com o general Lavalleja e estavam conspirando para entregar a província aos castelhanos. Rodrigo, que ouvira a conversa, pulou vermelho e gritou.

— É uma mentira. Conheço o coronel Bento Gonçalves! O homem se encolhera, intimidado.

— Bom, moço, não vamos brigar. Estou contando o que ouvi.

— Mas é uma mentira, repito - retrucou Rodrigo. — E quem falar do coronel Bento briga comigo.

O vigário caminhava e seus passos soavam macios no chão. Um cão vadio atravessou a rua, à sua frente. Outro lobisomem - pensou o padre. E olhou, numa boca de rua, para aqueles campos que a imaginação das gentes da província povoava de duendes.

Aquela hora - sorriu o padre - decerto o Negrinho do Pastoreio andava a repontar sua tropilha de cavalos negros. Falava-se muito nas salamancas, principalmente na do cerro do Jarau, onde diziam haver tesouros escondidos, sob a guarda de feras e fantasmas horrendos. Contavam que muitos homens tinham conseguido entrar nessa salamanca, voltando de lá com a guaiaca cheia de onças, e muita gente garantia ter visto essas moedas que pareciam pequenos sóis. Havia outras histórias: a de São Sepé, o guerreiro índio que trazia uma lua resplandecente na testa; a da Mãe do Ouro, a da mulita, e a da teiniaguá, a lagartixa que tinha um diamante por cabeça e que nada mais era do que uma malvada princesa moura que desgraçava os homens. O padre Lara sorria. Tudo aquilo eram invenções dos homens que andavam sedentos de milagres. No entanto esqueciam os milagres

que os santos tinham obrado. Desses havia testemunho: não eram produtos de nenhuma imaginação. Ele conhecia muitos homens que não tiravam o chapéu ao passar pela igreja nem tinham fé em santos e anjos; no entanto, esses mesmos homens esperavam um dia encontrar uma salamanca, acendiam velas para o Negrinho do Pastoreio e acreditavam em almas do outro mundo.

O padre Lara viu luz na casa de Chico Pinto e aproximou-se da janela.

Olhou para dentro e vislumbrou homens em torno duma mesa. Era a roda da bisca. Reconheceu a voz de Rodrigo e pensou em Bibiana com pena.

— A Ia fresca! - exclamava o capitão. — Estou perdido. Outra voz: - Uma vez é da caça, outra do caçador.

Alguém puxou um longo pigarro encatarroado. O padre Lara voltou para casa pensando: Um lobisomem vê e ouve coisas tristes quando sai a passear de noite. Vê, ouve e pensa. E concluiu: Não é bom ser lobisomem, nada bom.

Chegou a casa, acendeu a lamparina, pegou o breviário e começou a ler até que o sono veio de mansinho e lhe cerrou as pálpebras. O livro caiu ao chão e a cabeça do vigário pendeu sobre o peito e em breve seu ressonar enchia o quarto.

Atrás do balcão Rodrigo olhava melancolicamente para o trecho de rua que a porta da venda enquadrava. Via, lá do outro lado, o quintal dos Almeidas e para além dele o campo, verde e batido de sol - uma sucessão de coxilhas onde azulavam capões. De vez em quando passavam no céu, dum azul liso e intenso, grandes nuvens brancas. Rodrigo foi até a porta e olhou para o alto. O vento trazia um cheiro bom de capim, e, aspirando-o, ele como que se embriagava. O fedor de cebola, alho e banha que havia dentro da casa nauseava-o. Meter-se naquele negócio tinha sido a maior estupidez de sua vida. Estava com a sensação de que o haviam trancafiado num calabouço. Ia resignar-se e ficar ali preso toda a vida? Imaginou-se velho e asmático como o padre Lara, a pesar cereais, cortar fumo e vender cachaça aos copos, enquanto os vinténs e os cruzados pingavam na gaveta encardida.

Alguém entrou e disse: - Lindo dia!

Rodrigo não respondeu. Estava de olhos erguidos, mas fechados, recebendo em cheio no rosto o sol quente e o vento fresco. Pensava em como seria bom sair pelo campo a cavalo, a todo o galope, percorrer as invernadas, tomar um banho no lajeado e depois ficar deitado ao sol…

— Capitão!

Voltou a cabeça e viu um homem junto do balcão.

— Que é que há? - perguntou, contrariado.

— Me dê um pacotinho de purgante de maná e um rolo de fumo.

Rodrigo despachou o freguês num silêncio ressentido, recebeu o dinheiro e por puro hábito disse: - Gracias!

De súbito o outro se lembrou: - Ah! Quero também uma réstia de cebola… Rodrigo franziu a testa: - Raspa! - gritou. O homem estremeceu, ficou atarantado. Era um caboclo franzino que trabalhava numa atafona. — Fora daqui!

— Mas capitão… - balbuciou ele.

— Qual capitão qual nada! - exclamou Rodrigo. — Vá embora, seu cachorro!

O outro fez meia-volta e saiu da venda quase a correr. Um fogo ardia no peito de Rodrigo, pondo-lhe um formigueiro em todo o corpo. Era uma sensação de angústia, um desejo de dar pontapés, quebrar cadeiras, furar os sacos de farinha, esmagar os vidros de remédio e sair dizendo nomes a torto e a direito.

Quando o caboclo lhe pedira uma réstia de cebola, ele de repente vira o horror, o absurdo da vida que levava. O capitão Rodrigo Cambará, que fora condecorado com a medalha da cruz dos militares e que possuía uma fé de ofício honrosa; o capitão Rodrigo, que brigara em várias guerras, estava agora reduzido à condição de bolicheiro: era da laia do Nicolau.

Fechou a porta da venda, saiu para o quintal e começou a encilhar o cavalo. Olhou o sol: devia ser umas onze horas, calculou. Apertou a cincha com fúria, como se quisesse partir o animal em dois. Bibiana apareceu à porta dos fundos da casa com a filha no colo e perguntou: - Adonde vai?

— Não sei - respondeu Rodrigo sem olhar para a mulher. Sem chapéu nem botas, montou.

— Volta pró almoço?

— Não sei.

Bateu com os calcanhares nas ilhargas do seu zaino, que rompeu a trote pelo meio da rua, rumo do norte. Em breve o capitão viu o campo livre, incitou o cavalo e precipitou-o a todo o galope. O vento batia-lhe na cara, revolvia-lhe os cabelos, fazia-lhe ondular a camisa como uma bandeira. “Amo, zaino velho!” gritava ele acicatando o animal com esporas imaginárias. O zaino galopava e Rodrigo aspirava com força o ar, que cheirava a capim e distância. Quero-queros voaram, perto, guinchando. Longe, uma avestruz corria, descendo uma coxilha. O capitão começou a gritar um grito sincopado e estrídulo, bem como faziam os carreiristas no auge da corrida. Era assim que os soldados gritavam nas cargas de cavalaria.

Pena eu não ter trazido a espada! - pensou ele. O procotó das patas do cavalo, o vuu do vento, o guincho dos quero-queros - tudo isso era música para seus ouvidos. De repente Rodrigo sofreou o animal, que estacou no alto duma coxilha, resfolgando e sacudindo as

crinas. Zaino velho de guerra! Rodrigo olhou em torno e avistou, longe, o lajeado do Bugre Morto e teve vontade de tomar um banho. Pôs o animal a trote e dirigiu-o para lá. Em breve começou a ouvir o murmúrio da água; e depois de atravessar um caponete chegou às margens do lajeado, cuja água faiscava como prata e corria transparente sobre as pedras cor de ardósia. Rodrigo apeou, amarrou o zaino a uma árvore, despiu-se, atirou-se no poço e começou a nadar, espadanando com muito barulho.

Mergulhou, ficou algum tempo debaixo d'água, depois emergiu, bufando, com os cabelos colados na testa e caídos sobre os olhos. No seu corpo, dum branco rosado, gotas d'água fulgiam como diamantes. Um cheiro de mel-de-pau lhe chegava às narinas junto com todos os perfumes do mato.

O capitão começou a cantar cantigas que falavam em mulher. Pensou em Bolívar e desejou que ele estivesse suficientemente crescido para estar ali agora, nadando em sua companhia. Pensou em Helga, a filha do seleiro Kunz, que às vezes ia à venda fazer compras. Seria bom se pudesse ter a alemãzinha com ele no lajeado, toda nua. Devia ter um corpo branco como leite e seus cabelos lembravam-lhe um trigal maduro que ele vira num dia de sol nos campos de Cima da Serra. Seria gostoso atufar as mãos naquelas espigas douradas. Cada dia que a rapariga vinha à venda ele lhe descobria um novo encanto. No princípio fora a voz, que às vezes era grave e seca, quase como de homem, mas de repente se fazia fina como o som dum cincerro de égua madrinha; e aquela mudança - grave e agudo - lhe dava assim uma impressão de quente e frio, e isso era uma coisa que lhe bulia com o sangue… e Rodrigo também não cansava de apreciar o contraste entre os cabelos cor de puxa-puxa e os olhos dum azul de açude em dia de céu limpo.

Deitou-se debaixo da pequena cascata e ficou recebendo a água fria no peito, nas coxas e nas pernas, e sentindo contra as costas e as nádegas a dureza das lajes. Agora se sentia melhor. Tinha fugido da prisão. E ali sozinho e nu debaixo da cascatinha já não podia acreditar que era chefe de família, que tinha mulher e dois filhos - sim! - e um negócio… Que fosse tudo pró diabo! Fechou os olhos e ficou vendo nas pálpebras um campo vermelho onde havia manchas, flores e riscos esverdeados, azuis, dourados e pretos. Tornou a abrir os olhos e viu um rabo-de-palha frechar o ar e entrar na copa duma árvore. Acima do chuá-chuá mole e regular da água o capitão começava agora a ouvir os ruídos do mato. Era bom… Os bugios tagarelavam nas árvores e um pássaro-ferreiro batia bigorna. De quando em quando um sopro mais forte de vento fazia o arvoredo crepitar. Tico-ticos ciscavam o chão, perto da água, e por muito tempo Rodrigo ficou olhando, fascinado, para um sangue-de-boi que estava pousado num

galho seco e que se destacava, muito vermelho, contra o azulão do céu. Rodrigo ficou assim deitado por longo tempo. Depois foi estender-se sobre a grama das margens, e ficou a secar ao sol. Formigas lhe subiram pelo corpo e ele se sentou para catá-las, primeiro com paciência, depois às tapas, num frenesi.

Ergueu-se de novo e entrou no mato à procura do que comer. Encontrou alguns sete-capotes e pôs-se a devorá-los, ficando com uma certa aspereza na boca. Quando sentiu o corpo seco, tornou a vestir-se, montou a cavalo e dirigiu-se para o rancho da Paraguaia. Ao ouvir o ruído das patas do cavalo, Honorina saiu de casa e veio ao encontro do capitão. Estava descalça, de vestido cor de maravilha e seus cabelos reluziam, bem como o rosto redondo, de grandes olhos pretos.

— Ué! - fez ela.- A esta hora? Não esperava.

— As coisas melhores são as que a gente não espera, minha prenda - respondeu Rodrigo, apeando e maneando o cavalo. Enlaçou a rapariga pela cintura e entrou com ela no rancho.

— Como vai, velha? - gritou para a Paraguaia, que fumava a um canto seu cachimbo de barro. A índia respondeu apenas com um grunhido. No seu rosto pregueado de rugas, os olhos de sáurio tinham um brilho frio e gelatinoso. Continuou imóvel onde estava, pitando em calma.

O rancho cheirava a picumã e a terra úmida.

— Já comeu? - perguntou Honorina.

— Comi uns sete-capotes no mato - respondeu Rodrigo.

— Tem passoca e arroz.

Mas Rodrigo já não pensava mais em comida. Puxou Honorina para o quarto e disse: - Tira toda a roupa. Ela obedeceu.

A Paraguaia continuou a fumar, ouvindo agora os ruídos que vinham do outro lado da repartição de pano. Seu rosto, porém, não revelou a menor emoção. De vez em quando ela cuspia no chão e depois sua boca desdentada de novo se pregueava em torno da haste do cachimbo. Ao cabo de meia hora Honorina apareceu e disse baixinho à avó: - O capitão está sesteando.

A Paraguaia não respondeu. O cachimbo se havia apagado e então ela estendeu a mão magra e apanhou um tição debaixo da trempe onde o arroz fervia numa panela de ferro.

Por volta das cinco horas Rodrigo acordou, montou a cavalo e dirigiu-se para o povoado de Santa Fé. Não tinha pressa, por isso deixou o animal seguir a passo. Sentia agora saudade da mulher e dos filhos, e uma pontinha de arrependimento começou a picá-lo. Era um egoísta, um desalmado: precisava mudar de vida, cuidar melhor da família e da venda. Mas que diabo! No fim de contas não era escravo nem português para passar a vida dentro de casa vendendo cebola e alho. Era um soldado, um oficial. Talvez fosse melhor conversar com

Juvenal, desfazer-se da venda e tratar de outro negócio. Era mais divertido criar gado, fazer tropas. Ali estava! Ia ser tropeiro… Um tropeiro viaja, vê muitos povoados e vilas e gente por este mundo velho. E pensando nisso, Rodrigo de repente sentiu vontade de comer arroz-de-carreteiro.

Olhou em torno. O sol declinava. Era uma tarde calma, com reflexos lilases como os de certas cachaças. Na encosta verde duma colina abria-se um grande quadrilátero de terra avermelhada, onde algumas pessoas trabalhavam. Rodrigo reconheceu a lavoura dos Schultz.

Lá estava toda a família a mourejar, menos a mãe, que decerto tinha ficado em casa com o filho de colo a preparar o jantar para sua gente.

Ao aproximar-se da lavoura Rodrigo ia pensando naqueles imigrantes.

Fazia meses que estavam no povoado e viviam quietamente sua vida.

Trabalhavam de sol a sol, desde o filho mais moço, de oito anos, até o velho Hans. Uma madrugada, quando voltava da casa de Honorina, Rodrigo encontrara na estrada o "batalhão do Schultz", que ia para o trabalho; cada um deles levava a sua enxada, e uma lata com comida. Iam todos de tamancos e tinham nas cabeças chapéus de palha de abas largas. Rodrigo não pôde deixar de sentir um certo mal-estar quando passou por eles. Na província as gentes antigas afirmavam que trabalho é coisa honrosa e necessária e muitos continentinos olhavam com desprezo para os vagamundos e os "índios vagos". Diziam que Deus ajuda quem cedo madruga.

Pois Deus havia de ajudar os Schultz! - refletiu Rodrigo. Naquela madrugada, mal o sol começava a raiar, lá se iam eles para a lavoura, falando muito alto a sua língua doida, e dando grandes risadas. Rodrigo buscara consolo num pensamento que lhe vinha com frequência à cabeça: "A vida vale mais que uma ponchada de onças". No fim de contas eles eram estrangeiros e tinham vindo com a tenção de encher os bolsos de dinheiro para depois voltarem para sua pátria. E por falar em dinheiro - refletira - ele daria de bom grado muitas moedas de ouro para ter uma noite em sua cama a filha de Erwin Kunz.

Agora pela primeira vez Rodrigo Cambará via a família Schultz em plena atividade. Aquilo era até bonito. O sol - que ficava mais alaranjado à medida que caía - atirava sua luz sobre a lavoura, deixando mais vivo o vermelho da terra. Era bom a gente ver aquelas gentes de pele clara e roupas de muitas cores inclinadas a virar a terra, com a cara escondida pela sombra dos chapéus. Quando Rodrigo passou, Hans Schultz retesou o busto, ergueu a enxada e

cumprimentou-o. O capitão fez um sinal com a mão e gritou: - Boa tarde!

Sua voz como que subiu a encosta, e ele teve a impressão de que se sumia no ar antes de chegar aos ouvidos dos alemães. 359

Meteu o calcanhar nas ilhargas do cavalo e se foi.

O ano de 1833 aproximava-se do fim. A população de Santa Fé estava alvorotada, pois confirmara-se a notícia de que em 1834 o povoado seria elevado a vila. No entanto o assunto preferido de todas as rodas era a política. Gente bem-informada, vinda de Porto Alegre e do Rio Pardo, contava histórias sombrias. Depois da abdicação de Dom Pedro I, as coisas na Corte andavam confusas. Seu filho, o príncipe Dom Pedro, não podia ser coroado porque era muito criança. Ali mesmo em Santa Fé, bem como acontecia nas carreiras, as pessoas tomavam partido. Uns eram pela maioridade; outros achavam que o melhor mesmo era que uma junta de homens direitos e sábios ficasse no governo. A princípio todos esperavam que com a abdicação de Pedro I a situação mudasse, pois achavam que, sendo o imperador português, não podia deixar de puxar brasa para o assado de Portugal. Mas haviam-se passado mais de dois anos e tudo continuava como antes. Bento Gonçalves, acusado de estar negociando com Lavalleja a anexação da província à Banda Oriental, fora chamado à Corte para se defender dessas acusações e voltara de lá não só completamente desagravado, como também com honras e privilégios novos.

Além disso trazia a seus correligionários do Partido Liberal a promessa de que um filho da própria província, Fernandes Braga, seria nomeado governador.

Muitas vezes o padre Lara ia conversar com o coronel Ricardo no casarão de pedra e vinha de lá com “notícias frescas”, que transmitia a alguns amigos na venda do Nicolau ou na do capitão Rodrigo. O coronel Amaral inclinava-se ora para o lado do Partido Restaurador, que desejava a volta de Dom Pedro I ao trono, ora para o Partido Liberal de Bento Gonçalves, que se opunha àquele. Os restauradores tinham fundado a Sociedade Militar e Bento Gonçalves trouxera do Rio de Janeiro a promessa do governo central de impedir o funcionamento desse clube, que os liberais classificavam de retrógrado.

Tudo parecia resolvido quando o comandante militar da província, Sebastião Barreto, de novo tentou reerguer a Sociedade. Bento Amaral - que agora era representante em Santa Fé do juiz de paz de São Borja - chegara, havia pouco, de Porto Alegre e contava que a Câmara Municipal dera seu apoio aos liberais e que por sua vez o presidente da província censurara esse pronunciamento da Câmara. Nas ruas da cidade, liberais e restauradores discutiam, diziam-se nomes, engalfinhavam-se a tapas e socos. Os restauradores chamavam

os liberais de “farroupilhas” e “pésde-cabra”. Os liberais retrucavam, chamando seus adversários de “retrógrados”, “galegos”, “caramurus”. Ninguém se entendia mais. E - concluía Bento Amaral - a coisa estava muito preta. O padre Lara andava inquieto porque tudo indicava que ia rebentar uma guerra civil.

— Que rebente! - exclamou um dia Rodrigo, exaltado. — Quanto tempo faz que esta gente não briga? As espadas e as lanças já estão enferrujadas, e os homens estão ficando molengas.

O padre, porém, lembrava-se de outras guerras e sacudia a cabeça, aflito. E um anoitecer, vendo a família de Hans Schultz passar em fila indiana, de volta do trabalho, a cantar uma cantiga alemã, ele refletiu: - Esses sim é que são felizes. Não sabem o que está se passando e, se vier a guerra, não terão nada a ver com ela, porque são estrangeiros.

Outro felizardo era o Erwin Kunz - conhecido agora no povoado como “o Serigote” . Passava os dias a fazer lombilhos e a bater sola, enquanto a mulher e a filha faziam doces e cucas cujo cheiro apetitoso o padre às vezes sentia ao passar pela casa do seleiro.

Helga, que todos conheciam como “a filha do Serigote”, parecia ficar cada vez mais bonita e gostava de andar com lenços de cores muito vivas amarrados na cabeça.

A casa de Hans Schultz e de Erwin Kunz ofereciam um contraste nítido quando comparadas com todas as outras do povoado. Eram graciosos chalés de madeira, muito limpos, que tinham até cortinas e vasos de flores nas janelas. Pouca gente do povoado havia entrado nelas, mas os poucos que as visitavam diziam que lá dentro até o cheiro das coisas era diferente. O que chamava também muito a atenção dos santa-fezenses era os jardins bem-cuidados que havia na frente de ambos os chalés, com seus canteiros caprichosos e as suas flores. “Estrangeiro é bicho esquisito”

— comentavam os naturais do lugar.

No primeiro abril que os alemães passaram em Santa Fé, r, odos acharam muito engraçada a maneira como eles festejaram sua Páscoa. Contava-se que ao acordar as crianças encontraram debaixo de suas camas pequenos cestos em que havia ninhos de palha cheios de ovos de galinha pintados de amarelo, azul, vermelho e verde. Os filhos de Hans Schultz afirmavam que se tratava de “ovos de coelho”, mas um caboclinho da casa vizinha, de pele terrosa e ventre túmido, que costumava brincar nu no seu quintal, observou, céptico, quando lhe contaram a história: “Coelho não bota ovo”. Os meninos dos cabelos de fogo riram muito quando o pai lhes traduziu as palavras do pequeno brasileiro.

E na véspera do Natal de 1833 os que passaram à noite pela casa de Schultz tinham visto na sala da frente uma pequena árvore toda

coberta de flocos de algodão e cheia de velas acesas. Dizia-se que Hans, com barbas postiças e metido num camisolão vermelho, trouxera presentes para os filhos dentro dum saco. Aos poucos as coisas se explicaram. Aquele era um costume alemão: o velhinho barbudo chamava-se Weihnachtsmann, e o Menino Jesus era conhecido na Alemanha como Christkind.

O padre Lara comentou na loja de Rodrigo: - Isso tudo pode ser muito interessante, mas eu fico com o presépio. É mais bonito e muito mais nosso.

Eu fico com a Helga - pensou Rodrigo, que sentia crescer seu desejo pela rapariga.

Na noite de Ano-Bom houve uma festa grande na praça do povoado, com quermesse, jogos e fandango. Estavam todos muito alegres porque a Assembleia Provincial tinha aprovado a resolução que elevava Santa Fé a vila e a desmembrava do município de Cachoeira.

Anunciava-se que em fins de janeiro haveria ali uma eleição para escolher os membros da primeira Câmara Municipal; e que dentro de poucas semanas seria criado um serviço regular de correio entre Santa Fé, Rio Pardo e São Corja!

Razões havia, e de sobra, para aquela festa. E a praça, em cujo centro foi acesa uma grande fogueira, desde o anoitecer se encheu de gente e do som de gaitas, violas e risadas.

Quando à meia-noite o padre Lara mandou tocar sino para anunciar que o mundo entrava no ano da graça de 1834, a gritaria começou. As pessoas se abraçavam, os homens davam tiros para o ar e o sino da capela badalava desesperadamente como se estivesse dando um alarma de incêndio. Fizeram uma roda muito grande ao redor da fogueira e começaram a andar e a desandar, pulando e cantando. Depois dançaram várias danças: a meia-canha, a tirana, o tatu, a chimarrita.

De sua casa, onde tinha ficado a cuidar dos filhos, Bibiana escutava a música e as vozes. Sabia que Rodrigo estava no meio daquele povaréu, dançando e cantando. Não se apoquentava com isso. Ao contrário: queria que ele se divertisse, pois o coitado andava cada vez mais inquieto. O negócio ia mal: as despesas aumentavam, a freguesia escasseava. Juvenal queixava-se de que Rodrigo perdia muito no jogo e ameaçava deixar a sociedade. Assim - concluía Bibiana - era melhor que Rodrigo se distraísse, pois enquanto estava dançando não jogava nem andava metido com a neta da Paraguaia…

Sentado na frente da capela o padre Lara olhava as danças, mas pensava na guerra. O coronel Ricardo lhe dissera que “a coisa estava pra estourar, mais dia menos dia”. Levantou-se e começou a passear por entre as gentes em busca de Rodrigo. Nunca estava sossegado

quando sabia que “aquele diacho” andava solto. Olhou em torno e não viu o amigo.

Pouco tempo depois alguém gritou: “Que cante o capitão Rodrigo!” "Muito bem!" - aplaudiram vários homens, batendo palmas. “Capitão! Onde está o capitão?” Cabeças se voltaram para todos os lados, procurando. Rodrigo, porém, não aparecia. Por onde andará esse diacho? - perguntou o vigário a si mesmo.

Ninguém sabia. Decerto está na casa da china - refletiu o padre com melancolia e uma sombra de remorso. Tinha consciência de haver contribuído para a desgraça de Bibiana. Não podia compreender como um homem branco e limpo pudesse deixar-se enfeitiçar por uma rapariga que pouco faltava para ser mulata.

Naquele mesmo instante, atrás do cemitério, Rodrigo contemplava o corpo nu de Helga Kunz. Tinham-se amado - fazia poucos minutos - com uma fúria que o vinho, que ambos haviam bebido na festa, contribuíra para aumentar. Agora, de pé, o capitão olhava para a rapariga, que estava estendida sobre o capim. Como era branco aquele corpo! E como os beijos da “filha do Serigote” tinham um gosto diferente dos de Honorina!

Rodrigo sentia-se tão feliz que tinha vontade de gritar. Helga não falava. Poucas palavras sabia de português. E quando a tivera nos braços, ela lhe dissera coisas em alemão - e essa língua estranha soara dum jeito que o deixara mais excitado.

Rodrigo tornou a deitar-se junto da rapariga e fez que ela pousasse a cabeça sobre o braço esquerdo que ele estendera no chão. Os cabelos dela tinham um cheiro doce. Nunca em toda a sua vida ele dormira com uma mulher tão loura, tão branca e tão limpa. Ergueu os olhos e viu o escuro muro de pedra do cemitério. Os mortos não têm olhos para ver - refletiu - nem ouvidos para ouvir, nem boca para falar. Os mortos não podem amar.

Era bom estar vivo! De vez em quando o vento trazia de Santa Fé os rumores da festa. E as estrelas brilhavam no céu.

No dia seguinte, alguém que vira Rodrigo sair de Santa Fé a cavalo, rumo da coxilha do cemitério, levando a “filha do Serigote” na garupa, passara a sensacional notícia adiante. E por alguns dias o escândalo teve a força de empurrar para um segundo plano o assunto “política” e até os boatos de revolução. A história chegou aos ouvidos do padre Lara, dos Amarais e finalmente de Bibiana e Pedro Terra. Para o padre Lara a coisa não tivera propriamente o caráter de novidade, pois ele sabia que naquela noite de Ano-Bom o capitão Rodrigo "andava fazendo mais uma das suas"; só não esperava que fosse com Helga Kunz. Encolheu os ombros num comentário silencioso e concluiu para si mesmo: ela é protestante. O confessionário faz muita falta para essa gente. Ao saber do escândalo, Bento Amaral

ficou muito vermelho, a cicatriz de seu rosto tomou uma cor esbranquiçada e começou a comichar.

Ficou a pensar no que ele como delegado do juiz de paz devia fazer. Se a coisa continuasse, teria de chamar Rodrigo Cambará à sua presença para repreendê-lo. Mas a ideia de se ver de novo frente a frente com aquele homem que ele detestava e de certo modo temia, não lhe era nada agradável. A simples menção daquele nome lhe causava um mal-estar insuportável. “E dizem que é amigo de Bento Gonçalves!” - comentou o coronel Ricardo com um tom de voz cheio de intenções secretas. Queria dizer com isso que não perdia o homem de vista e, no caso de os “pés-de-cabra” tentarem alguma mazorca, mandaria prender o capitão antes de ele ter tempo de dizer água. Pedro Terra repeliu a pessoa que lhe contou a história: “Não quero saber de nada. Esse homem pra mim não existe”. E no dia em que ficou sabendo da aventura amorosa do genro, deixou a olaria e saiu a passear pelo campo sem rumo certo para esquecer as mágoas. Mas Bibiana não lhe saiu um instante sequer do pensamento.

Recordou o tempo em que ela era menina, tinha uma pele fresca, uma fisionomia juvenil: agora lá estava envelhecida, com um filho no colo, outro agarrado às saias e o terceiro já a crescer-lhe no ventre. Esses eram assuntos que ele tinha vergonha de comentar com as outras pessoas, até mesmo com Arminda; por isso falava sozinho, conversava com o vento, que carregava suas palavras para longe.

Bibiana recebeu a notícia como um soco no peito: ficou por um instante sem respiração. Estava acostumada às patifarias do marido: sabia que quando ia ao Rio Pardo dormia com outras mulheres. Tolerava que ele sustentasse a casa da Paraguaia e passasse até algumas noites com Honorina. Mas com Helga a coisa podia ser diferente: Rodrigo era capaz de perder a cabeça. A rapariga era moça e bonita. E o fato de ser estrangeira, de falar uma língua esquisita, como que lhe dava aos olhos de Bibiana um certo ar de feiticeira. Ela ouvia falar nas histórias da teiniaguá… Pois a princesa moura que o diabo fizera virar lagartixa devia ter uma cara linda e malvada como a de Helga Kunz. Fiando e cantando para Anita dormir e sentindo os movimentos do outro filho no ventre, de quando em quando, através da porta, Bibiana lançava um olhar para Bolívar, que brincava no quintal com Florêncio, o filho de Juvenal; e pensava aflita no que devia fazer para evitar que a “alemoa” lhe roubasse o marido; e como não atinasse com nenhum remédio, chorava, e chorando continuava a fiar, a cantar e a esperar…

Depois daquela inesperada noite com Helga, Rodrigo ficara alvorotado, desejando a segunda, a terceira e muitas outras noites. E a simples perspectiva de ter uma mulher cor de leite num dia e uma mulher cor de canela noutro, enchia-o duma alegria que lhe tornava

cada vez mais difícil passar as horas na venda. Mas aconteceu que depois da noite de Ano-Bom não pudera mais nem aproximar-se de Helga. A rapariga andava arisca e quando passava pela venda nem sequer olhava para ele. O capitão inventava estratagemas para falar com ela. Foi um dia à selaria de Kunz para encomendar um serigote, e ficou conversando longamente com o alemão, na esperança de ver-lhe a filha. Mas não viu; ouviu-lhe apenas a voz, no fundo do chalé. Voltou para casa decepcionado; e sua decepção se transformou numa espécie de ressentimento, e o ressentimento em fúria quando um dia se espalhou a notícia de que chegara à vila o noivo de Helga, um alemão grande, de barbas louras e olhos claros. Morava em São Leopoldo, onde tinha uma chácara, e vinha buscá-la para a boda.

Helga foi-se com ele, pois o casamento ia ser feito naquela colônia por um pastor protestante. E quando a "filha do Serigote" montou a cavalo e partiu em companhia do noivo para empreender uma viagem que levaria muitos dias e muitas noites, os moradores de Santa Fé trocaram perguntas e comentários atônitos ou maliciosos: "Mas ela vai sozinha com o noivo?" "Vão casar só em São Leopoldo." "Cruzes, que gente!" "Também, depois do que aconteceu com o capitão Rodrigo…" Mas Chico Pinto julgou resumir numa frase a explicação de tudo aquilo: "Estrangeiro é bicho sem-vergonha".

No dia em que Helga partiu, Rodrigo tomou uma grande bebedeira e nas semanas que se seguiram aliviou no corpo da chinoca cor de canela a saudade da alemã cor de leite. Tratou Bibiana e os filhos com impaciência irritada, cuidou mal do negócio, mergulhou fundo no jogo.

Metia-se em carreiras, apostava alto e às vezes provocava brigas. Nos fundos da venda do Nicolau reuniam-se tropeiros e peões, que bebiam cachaça e jogavam osso: Rodrigo misturava-se com eles e lá ficava durante horas a jogar, a blasfemar e a contar histórias de guerras, mulheres, cavalos e apostas. E em certas ocasiões, na roda de bisca ou de voltarete, quando jogava com algum viajante desconhecido, cuja cara lhe parecia suspeita, antes de começar o jogo, desembainhava ostensivamente a adaga e cravava-a na mesa, ao alcance da mão, como uma advertência que já era também uma provocação.

O inverno daquele ano de 34 foi duro, de grandes geadas e chuvas longas.

Numa noite de tormenta Anita, que havia semanas andava adoentada, piorou subitamente e Bibiana mandou chamar a mãe, que fez a criança tomar seus chás e aplicou-lhe seus linimentos.

— Onde está o Rodrigo? - perguntou Dona Arminda.

— Saiu - respondeu a filha, sem erguer os olhos. Balouçava nos braços a filha, que, muito pálida, tinha a boca entreaberta as

pálpebras azuladas, a respiração difícil.

— Aonde é que ele foi?

Bibiana não respondeu. Ninava a criança e cantava baixinho, não porque achasse que isso ia ajudar a criaturinha, mas porque era a única coisa que podia fazer, e um pouco também porque era hábito. Nenhum dos curandeiros da vila havia acertado com o remédio. Ninguém sabia o que a criança tinha. Fazia quase um mês que ela definhava, aos poucos - nenhum alimento lhe parava no estômago e agora Anita estava que era só pele em cima dos ossos. Tinham tentado tudo: simpatias, benzeduras, promessas…

— Aonde é que ele foi? - repetiu Dona Arminda. Bibiana continuava a sacudir a filha dum lado para outro.

— Está na casa do Chico Pinto.

— Jogando?

Bibiana sacudiu afirmativamente a cabeça. Depois, com todo o cuidado, pôs a filha no berço e cobriu-a com um pelego.

— A coitadinha está gelada… - murmurou, botando as costas da mão na testa de Anita.

Dona Arminda inclinou-se sobre a neta, mirou-a longamente e depois murmurou: - Essa criança vai morrer.

As palavras caíram como geada no peito da mãe. Por um instante se fez silêncio e as duas mulheres ficaram escutando o uivar do vento. Dona Arminda acabava de dizer o que Bibiana temia, o que ela se esforçava por não reconhecer. Anita ia morrer. Era questão de dias, talvez de horas. Estava já ficando fria e roxa. De súbito, como que compreendendo o horror da situação, Bibiana precipitou-se para a filha, encostou o rosto no peito dela e procurou escutar-lhe as batidas do coração.

— O coraçãozinho dela não está batendo mais, mamãe! Dona Arminda apanhou um espelho, aproximou-o da boca entreaberta da criança e ali o deixou por alguns segundos. Trouxe-o depois para perto da lâmpada e examinou-lhe o vidro: estava embaciado.

— Está respirando - disse. — Mas é melhor mandar chamar o Rodrigo.

— Inácia! - gritou Bibiana.

A cozinheira índia apareceu, enrolada num xale, os olhos como sempre lacrimejantes.

— Vá na casa do seu Chico Pinto e diga pró capitão Rodrigo vir ligeiro.

A Anita está muito mal…

Sentado à mesa de jogo, com as cartas abertas em leque nas mãos, Rodrigo recebeu o recado e murmurou: - Diga pra Dona Bibiana que já vou.

Mal, porém, a índia desapareceu, ele a esqueceu e esqueceu

também o recado, a filha, a mulher, a casa, tudo. Porque aquele jogo o apaixonava, e porque ele estava com sorte aquela noite. A parada era grande e os outros três homens que se achavam ali ao redor da mesa estavam perdendo.

— Que potra! - exclamou um deles. Rodrigo sorria, com os olhos postos nas cartas.

De vez em quando vinha um escravo servir cachaça com mel, que o capitão tomava em longos sorvos. E à medida que o álcool lhe ia subindo à cabeça, ele ficava ainda mais exaltado, as ideias se lhe tornavam surpreendentemente claras, tão claras como caninha destilada em alambique de barro.

Pensamentos que nada tinham a ver com o jogo às vezes lhe relampejavam na mente.

Juvenal queria desmanchar sociedade… Pois que desmanchasse! Fosse pró diabo! Não precisava dele, não precisava de ninguém. Estava ganhando dinheiro, estava de sorte, ia levantar-se dali com a guaiaca gorda de patacões, cruzados e onças. Pagaria todas as dívidas, atiraria o dinheiro na cara dos credores. E depois… Depois viria a guerra. Era mesmo bom que viesse a guerra. Não havia nada melhor que uma guerra para resolver todos os problemas. Conhecia outros homens que quando estavam quebrados pediam a Deus uma revolução assim como sapo pede chuva. Guerra era remédio para tudo.

— Jogue, capitão.

— Lá vai e los arrebento!

Era bom o som da cachaça caindo no copo. O cheiro também era bom. Ele olhava ora para as cartas que tinha na mão, ora para as caras dos homens alumiadas pela lamparina que fumegava em cima da mesa.

O tempo passava. Como o tempo voa - refletiu Rodrigo - quando a gente está com uma mulher ou numa mesa de jogo! Na venda o tempo se arrastava como lesma.

— Vossuncê está com sorte hoje, capitão.

— Mandei me benzer por uma negra velha. Bateram na porta. Chico Pinto foi abrir.

— Um recado pra vosmecê, capitão.

— Que venha!

Era um rapazote, filho dum vizinho.

— Capitão, Dona Bibiana mandou dizer pra vosmecê ir pra casa. A sua filha está muito mal.

Aquela voz parecia vir de muito longe, e as palavras que ela dissera não tinham sentido muito claro. Sua filhinha está muito mal. Muito mal.

Muito mal.

— Já vou! - disse Rodrigo. — Mais uma mão. Feche a porta,

Chico. O minuano está danado.

O vento entrava, gelando a casa. Um homem tossiu. A chama da lamparina dançou. Chico Pinto fechou a porta.

— Não é bom vosmecê ir pra casa? - perguntou, meio bisonho.

— Não sou curandeiro.

— Mas é pai.

— Cuide de sua vida! Sente e dê as cartas.

Chico Pinto suspirou e em silêncio tornou a sentar-se. O jogo recomeçou.

O tempo passava, Rodrigo sentia a bexiga inchada, e dentro do peito uma fita de fogo que parecia subir e descer, dando-lhe um enjoo. A boca tinha um gosto amargo e sua saliva estava grossa. Melhor era parar de beber. Mas não parava. Podia erguer-se, esvaziar a bexiga e voltar. Mas não fazia isso, estava chumbado àquela cadeira, preso ao jogo, fascinado. E quando começou a perder, sua irritação cresceu.

— Que macaca! - exclamou ele. — Principiei tão bem…

E entraram numa nova mão. Rodrigo examinou as cartas, cuspiu para o lado, disse um palavrão. Os outros homens falavam baixo, esfregavam a sola das botas no chão. E quando ficavam em silêncio, ouvia-se o vento lá fora.

— Deve ser tarde - disse um dos jogadores.

— Só galinha é que dorme cedo - retrucou Rodrigo. Um outro soltou uma gargalhada.

— Vosmecê ri agora porque está ganhando - observou Chico Pinto.

— Ué, amigo, também sou filho de Deus, não sou?

Duas horas depois Chico Pinto abafou um bocejo, olhou o relógio e disse: - Quase quatro. Vamos deixar o resto pra amanhã?

— Qual nada! - vociferou Rodrigo. — Vosmecês me levaram todo o dinheiro, me deixaram pelado. Não saio daqui sem tirar pelo menos o dinheiro que trouxe.

Os outros consultaram-se com os olhos.

— Está bem - assentiu Chico Pinto.

Fizeram uma pausa, antes de continuar o jogo. Os homens levantaram-se, foram até o fundo da casa e voltaram. Um deles disse: - Está uma noite medonha.

Noite medonha… Noite medonha… Rodrigo não se erguia. Não sabia que era que o prendia àquela cadeira. Uma teimosia, uma vontade de contrariar os outros, um medo de… Medo de quê? Escutou o vento. “Sua filhinha está muito mal… ” Pois que esteja. Mulher não faz falta no mundo. Que morra! As mulheres são falsas. Helga Kunz é uma cadela. Que morra! Não sou curandeiro. Melhor é não ver nada. Não tem mais remédio.

É questão de horas. Não me adianta nada ir. Não gosto de choro.

Um dia a guerra vem. Tudo se resolve. A guerra e o tempo. Remédio pra tudo.

Apanhou a garrafa que tinha a seus pés e tornou a encher o copo e a beber. Cachaça com mel e limão fazia bem ao peito.

Chico Pinto deu as cartas. Jogaram mais uma mão e Rodrigo perdeu o que não tinha. O dono da casa levantou-se e disse: - Agora vosmecês vão ter paciência. Vai clarear o dia.

— No inverno o dia clareia às sete… - retrucou Rodrigo.

Mas ergueu-se também. Botou na cintura a pistola que mantivera no chão, junto de sua cadeira, e a adaga, que cravara na terra ao lado da pistola e ao alcance da mão. Enfiou o poncho e saiu. A ventania esbofeteou-lhe a cara e ele começou a caminhar lentamente rumo de casa. Estava tudo escuro, mas Rodrigo prosseguia levado pelo instinto. Não havia luz em nenhuma das casas do povoado. Suas botas atolavam-se na lama. O céu estava negro como carvão e as árvores sacudidas pelo vento pareciam gemer-ai, ai, ai,

ai… Nos pensamentos de Rodrigo também havia um negror de confusão.

Estava cansado, irritado, mas não queria dormir.

Ao aproximar-se de sua casa viu um risco de luz por baixo da porta.

Então, de repente, compreendeu a situação. Tinham-no chamado porque a filha estava mal e ele não atendera ao chamado. Uma paixão doida pelo jogo prendera-o à mesa. Já agora ele não sabia como fora capaz de fazer aquilo. Amava a família, não era nenhum monstro, daria um braço, uma perna, um olho para salvar a vida dos filhos, da mulher, de qualquer amigo.

Parado ali na rua, recebendo na cara o vento gelado, ele pensava essas coisas e olhava para a porta de sua casa. Depois aproximou-se dela e abriu-a devagarinho. A lamparina estava à beira da cama onde, deitada ao lado de Bolívar, que dormia, Bibiana chorava mansamente, enquanto Dona Arminda lhe passava a mão pelos cabelos. Rodrigo aproximou-se do berço da filha e viu que Anita tinha a cabeça coberta por um lençol. Ia erguer o braço para descobrir o rosto da criança quando ouviu uma voz de homem: - Faz mais duma hora que a menina morreu.

Só então Rodrigo percebeu que havia outra pessoa na peça. Dum canto escuro avançou um vulto. Era o padre Lara.

— Mas não mandaram me avisar! - exclamou Rodrigo com voz rouca e sem pensar bem no que dizia. Suas palavras morreram no ar. Ele olhou primeiro para o padre e depois para Dona Arminda. De repente um soluço lhe rompeu do peito e ele caiu sobre uma cadeira, chorando desatadamente e cobrindo o rosto com as mãos.

Quando agosto entrou e Bibiana se preparou para ter o filho,

Pedro Terra mandou dizer-lhe que se ela quisesse voltar para casa ele a receberia de bom grado. Dona Arminda foi a portadora do recado. A filha respondeu: - Diga pró papai que muito obrigado. Mas meu lugar é aqui.

Não queria abandonar Rodrigo. Nem lhe guardava rancor pelo que ele fizera. Depois daquela noite horrível em que Anita morrera, ele tinha mudado por completo. Vivia em casa, a seu lado, tratando-a com todo o carinho e não bebia nem jogava mais. Tomava um novo interesse pela venda, e se os negócios não iam bem - concluía Bibiana - não era por culpa do coitado, mas sim da situação geral. Ninguém queria pagar as contas, pois só se falava em guerra civil.

Rodrigo não abandonou a cabeceira da cama da mulher desde o momento em que as dores do parto começaram a vir-lhe mais fortes e com menores intervalos, até o instante em que a criança nasceu. Ele temia um mau sucesso por causa da comoção que a morte de Anita causara a Bibiana. Mas tudo correu bem, e a parteira, a mulata Teresa, disse rindo: - Pistola boa não nega fogo.

Rodrigo saiu contente e foi levar a notícia ao padre: - É outra menina! - exclamou com os olhos velados de lágrimas.

E permitiu-se beber um copo de cachaça para festejar o acontecimento.

— Graças a Deus tudo correu bem.

O padre não dizia nada. Era com certo constrangimento que agora via Rodrigo. Depois de tudo que acontecera, não lhe era fácil encarar o homem. No entanto, ainda não lhe queria mal. O diacho tinha um encanto tão grande que tornava às outras pessoas difícil não gostar dele. Eu só queria saber - pensava às vezes o vigário - se o Pedro tem mesmo raiva do genro ou se está só fingindo.

Rodrigo saiu à rua para anunciar aos amigos o nascimento da filha.

Quando lhe perguntaram como ia chamar-se, respondeu: - Leonor.

— Nome de alguma pessoa da família de vosmecê?

— É - mentiu Rodrigo. — Da minha mãe.

Não era. Leonor era o nome duma mulher de trinta anos que ele amara no Rio Grande quando tinha apenas dezoito. Havia sido um amor distante, pois ela nunca lhe correspondera e acabara casando com outro.

O padre Lara batizou a menina naquele mesmo agosto frio e úmido. E de novo Bibiana se sentiu feliz ao repetir com Leonor o que já fizera com Bolívar e Anita. Isso e o trabalho da casa ajudaram-na a esquecer as lembranças tristes e um pouco o medo do futuro. E naqueles dias sombrios de agosto ouvia-se sempre no quarto dos fundos da venda o ruído regular da roca. A mulher de Juvenal levava às vezes Bolívar para sua casa, a fim de que o menino brincasse com

Florêncio. Os dois primos cresciam juntos, brigavam ou brincavam um com o outro, paravam rodeios com bois imaginários, que eram ossos de galinha, sabugos de milho ou pedras, montavam em seus cavalos que eram cabos de vassoura, ou faziam casas de barro no fundo do quintal.

O padre Lara às vezes olhava para o rosto de Bolívar e tentava descobrir nele traços do pai. Encontrava-os vivos, e ficava meio apreensivo.

Restava saber se o menino tinha herdado também o gênio do capitão.

Quando Bolívar fazia uma travessura, o vigário ria, e a risada se emendava com a tosse, e a tosse deixava-o afogado e assim, meio engasgado, com os olhos cheios de lágrimas, ele dizia, sincopadamente: - Este alarife… Este alarife.

Naquelas noites de inverno o padre Lara não podia sair em suas caminhadas noturnas por causa do mau tempo. Por isso ficava em casa lendo os jornais de Porto Alegre - alguns de data muito atrasada - que amigos lhe mandavam quando havia portadores. E à luz duma vela, os óculos na ponta do nariz, ele lia, relia e treslia. A situação não podia ser pior. Atacava-se o presidente da província, o dr. Fernandes Braga, que havia tomado posse do cargo em maio daquele ano. Dizia-se que quem realmente mandava no governo era o irmão do presidente, o juiz de direito de Porto Alegre, um homem que os liberais acusavam de retrógrado, vingativo e autoritário. Todos haviam recebido o novo presidente com simpatias e esperanças, mas ao cabo de pouco tempo ele pusera as unhas de fora: começara a perseguir os liberais e a encher as cadeias de inimigos políticos. Recentemente tinha havido tumulto nas ruas de Porto Alegre porque o povo apoiara a Constituinte do Rio, que era de caráter liberal. (A falta que nos faz um imperador! - refletiu o padre Lara.) O juiz de direito tomara o arsenal de guerra. O povo prendera o brigadeiro Carneiro da Fontoura, entregando-o ao juiz municipal…

O vigário de Santa Fé fez uma pausa, tirou os óculos e olhou firme para a chama da vela… A situação era negra. Quando o povo perde o sentido de disciplina e de ordem, quando começa a desrespeitar a autoridade, então é porque o desastre está iminente… O pior de tudo era que, como sempre, a conspiração se fazia na maçonaria. Mas ele não justificava o regime de terror que o presidente instituíra. Era uma imprudência, uma temeridade, uma provocação…

O vigário continuou a ler as notícias e os artigos. Estes pareciam escritos com ódio e sangue. Os jornais liberais acusavam o governo de despotismo, tirania e corrupção. Os jornais do governo chamavam os liberais de traidores, de aliados dos castelhanos, de perturbadores da ordem e conspiradores…

O sacerdote tentou orar mas não pôde concentrar-se na oração. Doía-lhe o peito e seus pensamentos estavam confusos. Abriu o breviário, mas o que ele via em suas páginas não eram as orações e sim as palavras dos jornais - caramurus, retrógrados, tirano, traidor da pátria, guerra.

Começou a preparar-se para dormir. Pensou em Santa Fé e no que podia acontecer se a revolução rebentasse na província. Tudo indicava que o coronel Ricardo e sua gente se manteriam fiéis à legalidade. Fosse como fosse, nenhuma revolução contra o resto do país poderia triunfar. Mais cedo ou mais tarde seria abafada. Ajoelhou-se, rezou um padre-nosso e uma ave-maria com o pensamento dividido entre a oração e a lembrança do que acabara de ler nos jornais. Seria verdade que os liberais planejavam mesmo anexar a província à Banda Oriental? Ou tudo era intriga? Com quem estava a razão?

Deitou-se, cobriu-se, apagou a vela, fechou os olhos e ficou tentando capturar o sono, como quem procura apanhar um mosquito arisco.

No fim do verão de 1835, quando Juvenal Terra voltou com sua carreta do Rio Pardo, amigos o cercaram, curiosos, e lhe pediram que contasse “as últimas”. Juvenal não perdeu a calma. Primeiro acendeu um cigarro, tirou uma tragada, apertou os olhos e começou a falar com seu jeito lento e seco. O que contou era alarmante, porque significava guerra.

Mas o tom de voz, a expressão de seu rosto eram os mesmos que ele tinha quando falava de coisas triviais.

Juvenal vira quando os portugueses de Rio Pardo fizeram desfilar pelas ruas um Judas que representava - diziam - os brasileiros. Tinha havido protestos, e quando um escravo ergueu a voz foi morto ali mesmo. O povo do Rio Pardo enviara uma representação ao presidente da província, protestando contra as autoridades que ele nomeara. Como única resposta Fernandes Braga mandara prender os signatários do manifesto.

— Já se sente cheiro de pólvora no ar - disse Juvenal. — Se alguém acender um isqueiro, tudo vai pelos ares.

Ouvira falar de tumultos no Rio Grande e de ameaças de revolta em Viamão. Conversara com muitos charqueadores que estavam irritados com o governo central que os obrigava a pagar seiscentos réis fortes de imposto por arroba de charque. Os criadores também se queixavam, indignados, de que além da taxa de dez mil-réis por légua quadrada de campo, os quintos que tinham de pagar sobre o couro "eram uma barbaridade"; e se quisessem exportá-lo, Santo Deus, nesse caso o imposto era dobrado! Não se podia fabricar nada que lá vinham os impostos mais absurdos, os dízimos, como se o Rio Grande fosse uma colônia e não uma província do Brasil. Para cúmulo, até as tropas

de mulas que os criadores rio-grandenses vendiam para tropeiros de Sorocaba e outros lugares fora do Continente estavam sujeitas a um imposto que era cobrado não no lugar de origem do negócio, mas sim nos mercados onde os muares eram revendidos, de sorte que quem se ia beneficiar com a arrecadação eram outras províncias.

A todas essas São Pedro do Rio Grande vivia abandonado e esquecido pela metrópole. Não lhe davam estradas nem pontes nem policiamento nem nada.

Justiça? Ha-ha! Todos os processos tinham de ser julgados pela Relação do Rio de Janeiro, para onde eram remetidos e onde ficavam a criar cabelos brancos.

Parecia que a Corte achava que os continentinos só serviam para brigar com os castelhanos, porque quando rebentava a guerra começavam logo o recrutamento e as requisições. Terminada a luta, cessavam de pagar o soldo às tropas e esqueciam-se de resgatar as requisições. E pouco se lhes dava que a guerra tivesse dizimado os rebanhos e destruído as lavouras do Continente.

— E onde é que eles metem o dinheiro do imposto? - perguntou um dos homens que escutavam Juvenal.

— Metem no rabo desses caramurus do inferno! - respondeu, azedo, um velhote de chiripá seboso.

Os outros o miraram de soslaio sem dizer nada.

— Com tudo isso que pagamos - disse Chico Pinto - não temos nem escolas prós nossos filhos.

O velhote cuspinhou para o lado e retrucou: - Qual escola, qual nada! Não preciso dessas coisas. Não sei ler e isso nunca me fez falta. Também não tenho filho pra mandar pr'escola. Mas me dá raiva de ver que estamos sustentando o luxo da Corte. O nosso dinheirinho é pra encher a barriga desses condes, duques e barões de meia-pataca!

Naquele mesmo dia, Juvenal transmitiu ao pai essas notícias inquietadoras. Pedro Terra ficou por algum tempo calado, e quando todos pensavam que ele as tinha esquecido, ouviram-no dizer: - Já mataram o trigo, agora vão matar o resto. São pior que gafanhoto, pior que ferrugem.

— Quem, Pedro? - perguntou-lhe a mulher.

— Esses malditos caramurus.

Num domingo, à hora da missa, o padre Lara pregou um sermão sobre a obediência, a ordem e a paz. Sabia que o coronel Amaral - que se encontrava então em Porto Alegre - estava resolvido a manter a todo o custo a ordem em Santa Fé.

."H Em meados de outono o coronel Ricardo voltou da Capital e convocou os vereadores para uma sessão especial. Contou-lhes que a situação se agravara e que a revolução era questão de meses ou talvez de semanas.

No ato da instalação da Assembleia Legislativa Provincial - ajuntou Ricardo Amaral - o presidente Fernandes Braga fizera um discurso muito franco e corajoso, acusando os liberais de estarem conspirando e preparando uma revolução com o fim de separar a província do resto do Brasil e incorporá-la a uma federação cisplatina. Concluiu: - O dr. Fernandes Braga me pediu que organizasse um corpo em Santa Fé e que garantisse a ordem aqui e nos arredores. — Bateu com o punho fechado na mesa. — E hei de garantir. Já estou reunindo gente. Quero que a Câmara Municipal faça uma proclamação jurando fidelidade ao governo.

Alguém tem alguma coisa a dizer contra a minha proposta?

Houve um silêncio breve ao cabo do qual alguém falou: - Eu tenho.

Cabeças voltaram-se para o lugar donde viera a voz. Era Pedro Terra.

Ricardo Amaral franziu a testa, contrariado, e ordenou: - Pois então fale.

O outro ergueu-se e disse: - Acho que este assunto deve ser muito bem pensado.

— Não pode haver dois pesos nem duas medidas! - vociferou o presidente da Câmara. — Ou estamos com a legalidade ou estamos com os desordeiros que querem nos entregar aos castelhanos.

Sem se perturbar, Pedro continuou no mesmo tom de voz: - O coronel Bento Gonçalves já foi acusado de traidor, foi chamado à Corte, defendeu-se e voltou com seu nome limpo e com um cargo de confiança.

O rosto do coronel Amaral estava cor de tijolo. Os outros conselheiros remexiam-se, inquietos, nas suas cadeiras. Um deles interveio com jeito conciliador: - Que é, então, que o amigo Terra propõe?

— Eu proponho… - começou Pedro.

Mas Ricardo deu um novo murro na mesa: o secador e o tinteiro de louça saltaram, um pingo de tinta caiu sobre a madeira sem lustro.

— Vosmecê não propõe coisa nenhuma! Esta Câmara representa o governo.

Não é uma Câmara de traidores.

Fez-se um silêncio pesado. Pedro Terra e Ricardo Amaral mediram-se com os olhos, e ficaram a mirar-se como duas cobras que trocam olhares hipnóticos, presas uma ao sortilégio da outra.

Finalmente um dos conselheiros disse: - Estou com o presidente da Câmara.

Os outros vereadores sacudiram as cabeças e murmuraram uma aprovação meio constrangida. Sem tirar os olhos do senhor de Santa Fé, Pedro Terra declarou: - Mas eu voto contra.

Afastou a cadeira para trás com o pé e quando se preparava para retirar-se ouviu a voz do coronel Amaral: - Vosmecê está preso!

A notícia espalhou-se rápida pela vila. Tinha havido barulho na sessão da Câmara Municipal e Pedro Terra estava preso. Constava que antes do anoitecer iam prender também Juvenal e o capitão Rodrigo. Na venda do Nicolau alguns homens reuniram-se para comentar o fato e um deles disse: “Começou o fandango! O melhor é a gente ir pra casa limpar a garrucha e afiar a espada”. E emborcou o copo de cachaça.

Ao entardecer daquele dia Juvenal, que passara a tarde dando ordens na olaria do pai, correu à casa do cunhado. Contra seus hábitos, entrou intempestivo, sem bater à porta, e encontrou Bibiana junto do fogão ajudando a cozinheira. Bolívar brincava debaixo da mesa e Leonor choramingava no berço.

— Vão prender o Rodrigo - disse ele, meio ofegante. — O melhor é ele tratar de…

Calou-se de súbito, pois antes de terminar a frase teve intuição do que havia acontecido. A venda estava fechada. A espada de Rodrigo não se achava mais pendurada, como de costume, na

parede da varanda. E só agora é que Juvenal se lembrava de que não vira o cavalo do cunhado no quintal.

Bibiana caminhou para o irmão. Havia em seu rosto uma grande, uma profunda mas tranquila tristeza.

— O Rodrigo a esta hora está longe - murmurou ela. Juvenal sentou-se e começou a enrolar um cigarro com dedos que tremiam um pouco. Por alguns instantes nenhum dos dois falou. Leonor choramingava ainda e debaixo da mesa Bolívar raspava com os dedos o barro ressequido das botas do tio. Bibiana sentou-se também e ficou olhando para Juvenal. Ainda bem que Terra não é espalhafatoso - refletiu este. Sua gente era quieta, aceitava os fatos com uma coragem resignada, e tinha vergonha de fazer cenas.

— Quando foi que ele saiu?… - perguntou em voz baixa, batendo a pedra do isqueiro para acender o cigarro.

— A noite passada.

— Pr'onde foi?

— Não disse.

— Como é que estava? Abatido? Bibiana sorriu melancolicamente.

— Estava louco de contente. Parecia que ia pra uma festa.

— Deixou algum recado pra mim?

— Deixou. Disse pra vosmecê desculpar ele, mas que essas coisas acontecem. Deixou o dinheiro da féria na gaveta. Levou só uns patacões, uma manta de charque e um saco de farinha. Ah! E uma garrafa de caninha.

Juvenal fumava, sacudindo a cabeça vagarosamente. Parecia mentira, refletia ele, mas de certo modo a ausência de Rodrigo lhe dava um alívio. Gostava do cunhado, não podia negar; gostava "por demais" até, mas acontecia que o comportamento do capitão fazia que ele vivesse sobressaltado. Rodrigo cometera muitas loucuras, tantas quantas um homem pode cometer. Botara dinheiro fora com jogo e mulheres, cuidara mal do negócio, fizera a Bibiana sofrer. Era estabanado, esquentado, e onde ele estivesse sempre havia perigo de barulho. Não tinha meio-termo: com ele era risada ou choro, beijo ou bofetada, festa ou velório. Ultimamente andava tão inquieto, por causa daqueles boatos de revolução, que já nem pensava noutra coisa. Aquilo tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde.

agora que acontecera, Juvenal sentia um alívio. Podia ser absurdo, mas sentia.

Olhou para a irmã e só então viu que ela chorava de mansinho e que as lágrimas lhe escorriam pelas faces. Procurou uma palavra de consolo mas não achou nenhuma. Podia levantar-se e ir abraçá-la, mas o acanhamento lhe impediu esse gesto. Desviou os olhos dela e murmurou: - Não há de ser nada…

Bolívar saiu de baixo da mesa cantarolando, aproximou-se do berço da irmã e ficou na ponta dos pés a espiá-la.

— Pra onde será que ele foi? - perguntou Bibiana depois de algum tempo.

— Decerto foi se reunir com a gente do coronel Bento Gonçalves. Pelo menos era isso que ele dizia que ia fazer se rebentasse a revolução…

— Mas será que vai rebentar mesmo?

— Vai. Não há dúvida. Vai.

Juvenal levantou-se e começou a caminhar lentamente dum lado para outro.

De repente Bibiana lembrou-se: - E o papai? Como vai ser agora? Juvenal deu de ombros.

— Dizem que vão me prender também.

— E vosmecê vai ficar na vila?

— Pr'onde é que hei de ir? - Mordeu o cigarro apagado e depois acrescentou: - Alguém tem de ficar pra olhar por vosmecês.

Bibiana pensava na mãe, em Rodrigo, nos filhos… Às vezes as desgraças chegavam ao mesmo tempo, amontoavam-se, como se uma chamasse a outra.

A filha rompeu a chorar e ela a tomou nos braços e começou a acalantá-la. Deve ser fome - concluiu. Sentou-se na cama, de costas para Juvenal, desabotoou o corpinho e deu o seio à menina.

Das panelas em cima do fogão vinha um cheiro bom de arroz com guisado de charque. Juvenal ficou olhando através da janela a estrela

do pastor que cintilava no céu limpo do anoitecer.

O estafeta do correio que chegou do Rio Pardo em fins de outubro trouxe a grande notícia. Tinha rebentado a revolução e Bento Gonçalves da Silva, chefe supremo das forças revolucionárias, havia atacado e tomado Porto Alegre! O presidente da província fugira para o Rio Grande e o chefe farroupilha convocara o vicepresidente para assumir o governo.

Dizia-se também que toda a província aderira ao movimento, com exceção de Pelotas, Rio Grande e São José do Norte.

E naquele novembro ventoso Bibiana passou os dias a trabalhar, a cuidar dos filhos e a esperar notícias do marido. Não sabia por onde andava Rodrigo, mas "uma coisa" lhe dizia que ele estava vivo e não muito longe dali.

O padre Lara visitava-a com frequência e tratava-a com um carinho maior que o de costume, como que procurando atenuar assim o mal que lhe fizera, uma vez que se julgava responsável por aquele casamento.

— E o velho? - perguntou o vigário um dia.

— Que velho? - perguntou Bibiana, deixando por um instante de pedalar na roca.

— O pai de vosmecê.

— Vai bem.

— Eu sei, mas tem aparecido?

— Tem…

— Já lhe falou alguma vez no Rodrigo?

— Não. Nunca.

O cigarro pendia do canto da boca do vigário. Como sempre, Bolívar olhava curioso para aquele homem tão parecido com um urubu e que, ainda por cima, havia engolido um gato que fazia ron-ron-ron em seu peito. O menino cocava o padre com olhos reluzentes de malícia e sorria. E nesse sorriso o vigário reconhecia Rodrigo.

Faziam-se longos silêncios naquelas visitas do padre Lara - fundos silêncios em que ele pensava, desolado, nas coisas que via, ouvia ou lia. Santa Fé agitava-se em preparativos guerreiros. Ele sabia de muitos homens - entre os quais Chico Pinto e Joca Rodrigues - que tinham fugido para se reunirem às forças dos Farrapos. Isso deixara o velho Amaral furioso. Pedro Terra fora solto depois de prometer, sob palavra, não afastar-se do povoado a nenhum pretexto; mas os homens do coronel Ricardo não o perdiam de vista dia e noite. Juvenal fora proibido de fazer suas viagens ao Rio Pardo e vivia também muito vigiado. O recrutamento de "voluntários" - muitos dos quais eram presos a maneador - processava-se em todo o município de Santa Fé e os homens do coronel Amaral não tinham tato nem piedade. Fazia pouco, haviam matado a tiros um lavrador que recusara deixar a

família e a lavoura para se incorporar às tropas legalistas. Hans Schultz, seu filho mais velho e Erwin Kunz também tinham sido recrutados. Na hora em que Hans deixou a casa, toda a família rompeu a chorar; mas no dia seguinte antes de nascer o sol foram todos como de costume trabalhar na roça, desta vez comandados por Frau Schultz, que levava o filho mais moço escanchado na cintura. E ao vê-los o vigário fizera reflexões melancólicas: o que aquela gente colhesse na próxima safra seria fatalmente requisitado pelo coronel Amaral, para alimentar seus soldados; e os Schultz nunca veriam um vintém daquelas requisições. Todos os pequenos criadores e plantadores do município andavam alarmados, pois as requisições de cavalos, gado e cereais já haviam começado.

O padre Lara continuava a receber jornais. Pelo que lia neles e através de cartas de amigos, verificava que muitos sacerdotes católicos estavam metidos na conspiração ou tinham aderido à revolução. Não se tratava de um ou de dois padres, mas de dezenas deles. E ali na casa de Bibiana, enquanto esta pedalava, o padre sacudia a cabeça repetidamente. Não compreendia como sacerdotes católicos pudessem dar seu apoio a uma revolução cujo chefe era um maçom. Estava tudo errado, tudo perdido, tudo muito feio.

— E já houve combates! - disse ele depois de um longo período de silenciosa reflexão.

Bibiana, que quase havia esquecido a presença do padre, ergueu a cabeça e perguntou: - Que foi que vosmecê disse? t - Eu disse que tem havido muitos combates.

— Ah!

— No primeiro os revolucionários foram mal - contou o vigário com alguma relutância, temendo afligir Bibiana. — As forças de Silva Tavares e de Manuel Marques de Sousa derrotaram os Farrapos.

E no momento de pronunciar essas palavras uma ideia lhe veio à mente: “Um dia todas essas coisas hão de ser História” - refletiu ele. Lera já vários artigos e livros sobre Napoleão Bonaparte, o grande conquistador. Era já homem maduro quando pela primeira vez ouvira falar nesse famoso general nascido na ilha de Córsega. Fora depois acompanhando, interessado, sua carreira. Agora Napoleão se tornara uma figura conhecida em todo o mundo e estava na História ao lado de César, Alexandre, Átila e tantos outros. Mas era muito possível - concluiu - que o resto do mundo nunca chegasse a ouvir falar em Bento Gonçalves.

Não deixava de ser curioso a gente ver a História no momento em que ela estava sendo feita! Dali a cem anos, como iriam os historiadores descrever aquela guerra civil? O padre Lara sabia como era custoso obter informações certas. As pessoas dificilmente contavam as coisas direito. Mentiam por vício, por prazer ou então

alteravam os fatos por causa de suas paixões. Cenas da vida cotidiana que se tinham passado sob o seu nariz, ali mesmo na praça de Santa Fé, eram depois relatadas na venda do Nicolau duma maneira completamente diferente. Como era então que a gente podia ter confiança na História? Passou-lhe, então, pela mente a lembrança da importância que tinha para a Igreja Católica a tradição oral… Ora, estava claro que com a Igreja, que era divina, a coisa era diferente. Mas seria mesmo diferente? Essa dúvida era indigna dum sacerdote. Que Deus lhe perdoasse a heresia! Mas agora Bibiana lhe estava dizendo alguma coisa…

— Que foi que vosmecê disse? - perguntou, como se despertasse dum cochilo.

— Que os Farrapos vão mal. O padre Lara sacudiu a cabeça.

— Não vão, Bibiana, não vão. No combate do Arroio Grande o general Neto venceu as forças do Silva Tavares. Mais ainda: Bento Gonçalves e um tal Onofre Pires ameaçaram o Rio Grande e o presidente Braga achou melhor mandar-se mudar para o Rio. São notícias frescas.

Houve um curto silêncio. Florêncio, o filho de Juvenal, entrou, montado num cavalo imaginário, e convidou Bolívar para iiem atacar o inimigo no fundo do quintal. Bolívar botou na cabeça um velho chapéu de Rodrigo, apanhou sua espada de pau, montou no seu cavalo invisível e saiu com o primo a todo o galope.

O padre acompanhou-os com o olhar. Depois tirou o isqueiro do bolso, bateu a pedra, prendeu fogo no pavio e aproximou dele a ponta do cigarro, enquanto Bibiana lhe fazia uma pergunta: - Por onde andará ele?

— Ele quem? - perguntou o vigário, percebendo numa fração de segundo a inutilidade de sua pergunta, pois estava claro que Bibiana se referia ao marido.

— O Rodrigo - disse ela. — Será que ainda está vivo? A noite passada sonhei que ele era um soldado alemão.

— Vosmecê já viu alguma vez um soldado alemão? Nunca. Mas no sonho eu sabia que ele era alemão.

— Não se impressione porque o Rodrigo se arranja. Ele sempre leva a melhor em tudo.

— Vosmecê se lembra que ele costumava dizer que Cambará não morre na cama? O pai e o irmão morreram na guerra, muitos tios morreram em duelo…

— Me lembro, sim. Nenhuma pessoa foge ao seu destino… Mal havia dito estas palavras, o padre percebeu que estava fazendo uma afirmação herética. Que diacho tenho eu hoje que <-'stou aqui a pensar e falar como um ateu de má morte?

— Vosmecê também acredita no destino? - perguntou Bi- biana.

O padre deu um chupão no cigarro, depois tirou-o da boca e respondeu: - Destino é um nome que a gente dá à vontade de Deus.

E, depois de alguns segundos, acrescentou: - O Rodrigo pode entrar em mil guerras e duelos, mas se Deus quiser que ele morra de velho em cima duma cama, ele morrerá.

Bibiana escutou-o, séria e pensativa, e depois disse: - Padre, eu não quero que meu marido morra. Quero que ele volte. Mas acho que o destino dele é correr mundo. Por isso estou preparada pra tudo. Não tenho mais esperança que ele fique sossegado no seu canto trabalhando. Decerto a vontade de Deus é que ele ande nessa vida.

— A vontade de Deus é que cada um viva de acordo com os dez mandamentos.

Bibiana encolheu os ombros, incrédula, e o padre Lara teve a impressão de que mais uma vez estava a conversar com Ana Terra, como nos velhos tempos.

— Mas quem é que sabe o que Deus quer? - perguntou ela. — A paz ou a guerra? Deus será do lado dos Farrapos ou dos legalistas? Eu às vezes fico pensando…

— Deus quer tudo pelo melhor, minha filha.

— Mas por que é que sempre acontece o pior?

O padre Lara lutou por um instante com sua respiração e com seus pensamentos.

— Nem sempre acontece o pior.

— Pra nós sempre tem acontecido, padre - replicou ela com firmeza.

Ele sabia que aquilo era verdade mas censurou-a: - Uma católica verdadeira não diz essas coisas.

— Deus me perdoe, mas eu digo o que sinto.

Pouco tempo depois o padre Lara ergueu-se, gemendo, foi até o berço onde Leonor dormia, inclinou-se um pouco sobre a criança, sorriu de leve e disse: - Bom, vou andando. Até outro dia!

— Até outro dia.

E muitos outros dias vieram. Entrou o ano de 1836 e a Santa Fé chegavam as mais desencontradas notícias da guerra.

Pedro Terra uma tarde visitou a filha em companhia da mulher, pôs Bolívar sobre os joelhos, e examinando-lhe o rosto com atenção, descobriu nele traços do pai, principalmente o jeito arrogante de olhar. Sacudiu a cabeça, penalizado, mas não disse nada. Arminda passeava cantarolando dum lado para outro com a neta nos braços.

— Minha filha - disse Pedro, olhando para Bibiana - por que vosmecê não volta pra sua casa?

Ela ergueu os olhos e fitou-os no pai, que baixou os seus para a ponta das botas.

— Não, papai. Esta é a minha casa. Quero que o Rodrigo me

encontre aqui quando voltar.

Pedro Terra ficou meio desconcertado ao ouvir o nome do genro, mas limitou-se a transformar seu embaraço num pigarro prolongado.

— O padre Lara me disse que há esperanças de paz - acrescentou Bibiana.

O padre lhe contara, havia poucos dias, que Fernandes Braga tinha chegado ao Rio, onde dera conta dos acontecimentos da província ao padre Feijó, regente do Império, e que este lançara uma proclamação chamando à ordem os revolucionários. Tinha mandado um novo presidente para a província, e Bento Gonçalves e seus generais estavam dispostos a dar posse ao novo governador e depor as armas.

Pedro Terra sacudiu a cabeça.

— Não, minha filha. Não vai haver paz. Nem pode haver paz com esses caramurus. Os homens lá em Porto Alegre não se entenderam. O governo imperial deu anistia aos revolucionários, mas eles não aceitaram. — Fez uma pausa curta e depois acrescentou: - São as últimas notícias. E deve ser verdade, porque o Ricardo Amaral anda furioso.

Bibiana olhava para o pai, com a boca entreaberta, o peito a arfar. Suas esperanças caíam por terra. Tão cedo não veria Rodrigo.

— E agora que vai ser de nós? - perguntou. — Essa guerra louca… essa…

Calou-se, engasgada. Pedro Terra olhava para a filha num triste silêncio. Andava amargurado, tinha a impressão de que dentro dele algo começava a apodrecer. “Às vezes parece até que tenho caruncho dentro do peito…” Agora contemplava a filha, via-a aflita, queria fazer ou dizer alguma coisa que lhe desse esperança e conforto. Mas continuou onde estava, imóvel e calado. Por fim, a única coisa que encontrou para dizer foi: - Vai ser uma guerra braba.

Foi em fins de abril, num calmo princípio de tarde, que a notícia explodiu na vila como um petardo. Forças revolucionárias aproximavam-se de Santa Fé para atacá-la. Haviam invadido o município no dia anterior e, a menos que fossem repelidas pelos legalistas, entrariam na vila ao anoitecer. Dizia-se que era um contingente de cavalaria vindo do Rio Pardo especialmente para “ajustar contas com o coronel Ricardo e sua gente”. O sino da capela tocou alarma e por alguns instantes deu Santa Fé uma impressão de fim de mundo. Mulheres, crianças e velhos saíram de suas casas carregando cobertores, travesseiros, sacos e baús. Eram os moradores da parte leste da vila, de onde se supunha viria o ataque: iam refugiar-se nas casas que ficavam a oeste, para além da praça.

Muitas mulheres choravam e soltavam exclamações; outras, lívidas, estavam demasiadamente assustadas para dizerem o que quer

que fosse.

Juvenal correu à casa de Bibiana e encontrou-a sentada, dando de comer aos filhos.

— Vamos embora daqui - disse ele com um tom de urgência na voz.

Bibiana ergueu os olhos, franziu a testa e respondeu: - Eu vou ficar.

— Não vai ficar coisa nenhuma! Os Farrapos vão entrar por aqui.

— É por isso mesmo.

— Mas é perigoso, Bibiana. Arrume as coisas e vamos pra minha casa.

Bibiana não se movia. O sino ainda badalava; era como uma voz pedindo socorro.

— Vou ficar.

— Está louca!

Juvenal começou a apanhar coisas ao acaso: um cobertor, um pacote de velas, um travesseiro…

— Vou esperar o Rodrigo.

Juvenal parou à frente da irmã e encarou-a.

— Rodrigo?

— Ele vem aí.

— Quem foi que disse?

— Eu sei.

— Ele escreveu? Mandou algum recado?

— Não.

— Então como é que vosmecê sabe?

— Uma coisa aqui dentro me diz que o Rodrigo vem aí. E que ainda hoje vou ver ele…

Juvenal sacudiu a cabeça, meio perdido. Largou o cobertor, as coisas que tinha na mão e disse: - Não temos tempo a perder, Bibiana. Resolva duma vez.

— Já resolvi. Vou ficar.

— Então me deixe levar as crianças.

— O Rodrigo vai querer ver os filhos. Juvenal perdia a paciência.

— Mas é uma loucura. Vosmecê vai arriscar a vida dos inocentes só porque…

Calou-se.

— Está bem, Juvenal. Pode levar as crianças. Mas eu fico. O sino cessou de tocar. E de repente Bibiana sentiu que o silêncio era ainda mais medonho que o badalar do sino.

— É uma loucura! - exclamou Juvenal, compreendendo que seria inútil tentar levar a irmã dali.

— A guerra também é uma loucura. Tudo é uma loucura. Mas eu fico.

A capela estava cheia de gente, principalmente de mulheres. O vigário deu conselhos aos santa-fezenses, instruindo-os sobre o que deviam fazer na hora do combate, e pediu a Deus que protegesse Santa Fé e seus habitantes. Todos então começaram a rezar um padre-nosso em coro. A oração foi entrecortada de soluços. E quando estavam a dizer - “agora e na hora de nossa morte…” - ouviu-se ali na capela um grito agudo.

Cabeças voltaram-se na direção do grito… Uma mulher estava caída ao chão, gemendo. Todos compreenderam imediatamente. Era Maria da Graça, a filha de Chico Pinto. “Ela vai ter a criança!” - exclamou alguém. O padre Lara mandou que todos saíssem da capela e fechou a porta, ficando ali apenas com Arminda Terra. Mandou chamar às pressas a mulata Teresa.

E quando esta veio e falou, o vigário sentiu-lhe o hálito recendente de cachaça. E ali mesmo na igreja, Maria da Graça teve o filho. As pessoas que haviam ficado na praça ouviram-lhe os gritos: “Nossa Senhora me acuda! Nossa Senhora da Conceição!” E Dona Arminda contou depois que a pobre moça passara todo o tempo com os olhos pregados na imagem da padroeira da vila.

Quando anoiteceu os habitantes de Santa Fé começaram a ouvir o pipocar do tiroteio. A praça ficou deserta, as casas fechadas. E o último sol daquela tarde de outono alumiou ruas mortas. Mas pelas frestas das janelas olhos espiavam para fora. De casa para casa, vizinhos trocavam impressões. E assim, por meio desse sistema de comunicação, naquele anoitecer eles fizeram correr pela vila as últimas notícias e boatos. O coronel Ricardo tinha mandado prender Pedro e Juvenal Terra, pois os dois se estavam preparando para se unirem aos Farrapos.

A noite chegou, morna e estrelada. O tiroteio cessou, e o silêncio que se fez pareceu cheio de mau agouro. Duma das meias-águas da praça uma velha que vigiava a casa do coronel Amaral gritou para a casa vizinha: "Os legalistas chegaram. Parece que vão se entrincheirar no casarão'. E ficou de olho e ouvido atentos. “Um homem disse que os Farrapos já tomaram o cemitério” - anunciou uma hora mais tarde. E dentro de poucos minutos quase toda a gente sabia do fato.

Alguém comunicou que havia fogueiras no alto da coxilha do cemitério.

“Vão acampar para passar a noite lá” - opinavam uns. Outros diziam: “Vão atacar a vila ainda esta noite”.

Sentada junto da mesa, no meio do quarto às escuras, Bibiana esperava com o coração a bater, descompassado. Rodrigo se aproximava - pensava ela. — Os soldados de Ricardo Amaral tinham recuado. Ela ia ver o marido. Aquela escuridão parecia pulsar também como um coração assustado. De quando em quando se ouvia lá fora

uma voz de homem. Mas o que havia mesmo era o silêncio. E o seu coração louco parecia bater-lhe não só no peito mas nas fontes, no pescoço, em todo o corpo. Às vezes tinha a impressão de que até a casa estremecia àquelas pulsações surdas. E assim ela como que via o tempo passar. Não podia fazer nada.

Não queria acender a luz para não chamar a atenção dos legalistas, pois havia o perigo de eles entrarem e levarem-na dali à força. De súbito, num horror, Bibiana pensou em que eles bem podiam estar preparando uma emboscada para Rodrigo. Sabiam que o capitão procuraria ver a família: podiam ficar entrincheirados, escondidos nas casas vizinhas, empoleirados nas árvores do quintal e quando ele se aproximasse, fariam fogo. Ou então - muito pior - o prenderiam para o degolar. Ela sabia de histórias horríveis daquela guerra… O melhor que tinha a fazer era ficar alerta e gritar para Rodrigo que tomasse cuidado. Mas quem é que lhe garantia que Rodrigo estava com os atacantes?

Um cachorro começou a uivar - um uivo prolongado, tremido, triste, triste, triste. Bibiana de repente sentiu frio, tanto frio que pensou em enrolar-se num xale. Mas não teve coragem de fazer o menor movimento.

Ficou onde estava, toda encolhida, agora com os braços cruzados, apertados contra o peito. A cabeça começava a doer-lhe. Decerto eram as marteladas do sangue. Ou então o medo, a aflição…

Ouviu um tropel. E três tiros, bem destacados, não muito longe. Devia ir para baixo da mesa? Esconder-se atrás do armário? Era melhor. Mas não fez nada. Ficou imóvel, escutando não só com os ouvidos, mas com todo o corpo. Achou que só tinha uma coisa a fazer. Rezar. Começou a dizer - “Ave Maria cheia de graça…” E seus lábios se moviam, e ela murmurava a oração como se estivesse cochichando ao ouvido da santa. Disse uma salve-rainha, e depois um padre-nosso, mas ia repetindo as palavras sem prestar atenção nelas, pensando todo o tempo no marido. Queria vê-lo mais uma vez, só uma vez. Deus não ia ser tão mau que não lhe permitisse essa alegria. Ela já nem ousava pedir o impossível: que a guerra terminasse e Rodrigo voltasse para casa. Isso era demais. Bibiana sabia que as coisas boas nunca aconteciam. Por isso nem pedia. Mas queria rever o marido aquela noite. E continuava a balbuciar as orações.

Quanto tempo ficou ali sentada, esperando, rezando, temendo e sofrendo?

Duas horas? Três? Perdera a noção do tempo. Talvez fossem dez da noite.

Mas o dia também podia estar raiando. Ela já não sabia de mais nada. O tiroteio recomeçara, cerrado, havia pouco, e muito próximo. Ela ouvira vozes exaltadas na rua. E agora de novo estava tudo quieto.

, De repente, uma voz lá fora: - Bibiana!

A voz de Rodrigo! Bibiana teve um sobressalto. E imediatamente achou que estava dormindo e que aquilo era um sonho. Mas estava bem acordada…

Sentia a dureza da mesa sob os cotovelos. Ela estava mas era louca, ouvindo vozes. Agora ouvia também passos… passos no quintal. Começou a tremer, a bater dentes e teve de fazer um esforço enorme para não gritar.

"Bibiana!" - outra vez a voz. Então ela se levantou, aérea, foi até a porta, abriu-a e viu um vulto no quintal.

— Bibiana!

O vulto aproximou-se. Agora ela lhe via o rosto à luz do luar. Era Rodrigo, sim, mas ela não podia acreditar.

O marido tomou-a nos braços, beijou-lhe o rosto. Os lábios dela permaneceram moles, inertes. Ele lhe dizia coisas, ela sentia nas faces a aspereza de suas barbas… Deixou-se levar para dentro de casa. Rodrigo acendeu uma vela e Bibiana viu-lhe o rosto à luz da chama.

Aqueles olhos… Ficou meio estupidificada, olhando para seu homem que lhe fazia perguntas apressadas. E os filhos? E Juvenal? Onde estavam?

Ouviram uma batida.

— Quem é lá?

— Sou eu. O Quirtno.

Rodrigo abriu a porta e Bibiana ouviu o desconhecido dizer: - Estão entrincheirados no casarão.

— Está bem - gritou Rodrigo. — Cerquem aquele chiqueiro por todos os lados, tomem posição mas não deem nenhum tiro. Daqui a pouco vou assumir o comando.

Rodrigo tornou a fechar a porta. Voltou-se para Bibiana e de novo a tomou nos braços. E quando ela conseguiu falar, a primeira coisa que lhe ocorreu perguntar foi: - Está com fome?

— Estou, minha prenda. Mas isso não é o mais importante.

— Está muito cansado?

— Estou, mas não há de ser nada. Ainda tenho serviço pra esta noite. Só vou dormir depois que tomar o casarão e prender os Amarais, o pai e o filho.

— Cuidado, Rodrigo!

Bibiana sentiu que ele estava inquieto, e que não o teria consigo por muito tempo. O silêncio continuava lá fora. Nos braços do marido agora ela sentia o calor voltar-lhe ao corpo, e a pressão dos braços dele lhe fazia bem, dava-lhe uma sensação de segurança, e proteção.

Atabalhoadamente ele lhe contou coisas: o que fizera naqueles meses, os lugares por onde andara, os combates em que tomara parte. Não chegava a terminar as frases que principiava. Gesticulava muito e

olhava de instante a instante para a porta. De repente mudou de tom e disse: - Tenho que terminar aquele servicinho. Parece mentira que rói preciso uma guerra civil para eu poder botar o rabinho no R da cara do Bento.

— Rodrigo!

Ele a tranquilizou com um sorriso.

— Elstou brincando, minha prenda. A cara daquele canalha não me interessa agora. Mas precisamos tomar o casarão.

Apertou mais forte a mulher contra o peito e beijou-lhe a boca longamente. Suas mãos correram pelas costas de Bibiana, seus dedos lhe prenderam a saia, começaram a erguê-la. Bibiana compreendeu e disse um não sem desmanchar o beijo, um não abafado, pronunciado dentro da boca do marido. Repetiu o não enquanto ele a empurrava na direção da cama.

Continuou a dizer não. Agora ele a levava erguida nos braços. Já deitada na cama, ela ainda relutou.

— Agora não, Rodrigo.

Mas ele não lhe deu ouvidos. Tirou o chapéu da cabeça e atirou-o ao chão; deitou-se ao lado da mulher e assim vestido como estava, sem ao menos tirar as botas, tornou a enlaçá-la com os braços.

E momentos depois, quando o teve deitado a seu lado, meio arquejante, Bibiana passou-lhe as mãos pelos cabelos e disse: - O pobre do meu filho deve estar cansado…

Por um momento Rodrigo nada disse. Depois, suspirou fundo e murmurou: - Estou com um sono medonho. Se eu pudesse dar uma cochilada…

Ouviram-se passos. O coração de Bibiana começou a bater acelerado. Uma voz: - Capitão, está tudo pronto!

— É o Quirino - disse Rodrigo, baixinho. Depois, gritou: - Já vou indo!

Saltou da cama, botou o chapéu. Bibiana também se ergueu e se aproximou do marido, agora mais infeliz que nunca.

— Por amor de nossos filhos, Rodrigo, tenha cuidado.

Ele tornou a beijá-la na testa, nos cabelos, na boca, dizendo: - A vida vale mais que uma ponchada de onças. A gente passa trabalho numa guerra, mas se diverte muito.

Apanhou a espada, que deixara sobre a mesa, e exclamou: - Me frita uma linguiça que eu já volto. Até logo, minha prenda!

Precipitou-se para fora. Montou a cavalo e voltou a cabeça na direção de sua casa. Vislumbrou o vulto da mulher no desvão da porta e gritou-lhe: - Cuidado com alguma bala perdida!

Antes de começar o ataque ao casarão, Rodrigo foi à casa do vigário.

— Padre! - gritou, sem apear. Esperou um instante. Depois: -

Padre!

A porta da meia-água abriu-se e o vigário apareceu.

— Capitão! - exclamou ele, aproximando-se do amigo e erguendo a mão, que Rodrigo apertou com força.

— Foi só pra saber se vosmecê estava aqui ou lá dentro do casarão. Eu não queria lastimar o amigo…

— Muito obrigado, Rodrigo, muito obrigado. — O padre Lara sacudiu a cabeça, desalentado. — Vosmecê vai perder muita gente, capitão. Os Amarais são cabeçudos e têm muita munição.

— Eu também sou cabeçudo e tenho muita munição.

— Por que não espera o amanhecer? Rodrigo deu de ombros.

— Pra não deixar a coisa esfriar.

— Olhe aqui. Vou lhe dar uma ideia. Antes de começar o assalto, por que vosmecê não me deixa ir ao casarão ver se o coronel Amaral consente em se render para evitar uma carnificina?

— Não, padre. “Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti.” Não é isso que dizem as Escrituras? Se alguém me convidasse pra eu me render eu ficava ofendido. Um homem não se entrega.

— Mas não há nenhum desdouro. Isso é uma guerra entre irmãos.

— São as mais brabas, padre, são as mais brabas.

De cima do cavalo Rodrigo ouvia a respiração chiante e irregular do sacerdote. Lembrou-se das muitas conversas que tiveram noutros tempos.

— Vosrnecê é um homem impossível… - disse o padre, desolado.

Acho que esta noite vou dormir na cama do velho Ricardo.

Sorriu. — Mas sem a mulher dele, naturalmente… E amanhã de manhã quero mandar um próprio levar ao chefe a notícia de que Santa Fé é nossa. A província toda está nas nossas mãos. Desta vez os legalistas se borraram! Até logo, padre.

Apertaram-se as mãos.

— Tome cuidado, capitão. Vosmecê se arrisca demais.

— Ainda não fabricaram a bala que há de me matar! - gritou Rodrigo, dando de rédea.

— A gente nunca sabe - retrucou o padre.

— E é melhor que não saiba, não é?

— Deus guie vosmecê!

— Amém! - replicou Rodrigo, por puro hábito, pois aprendera a responder assim desde menino.

O padre viu o capitão dirigir-se para o ponto onde um grupo de seus soldados o esperava. A noite estava calma. Galos de quando em quando cantavam nos terreiros. Os galos não sabem de nada - refletiu o padre. Sempre achara triste e agourento o canto dos galos.

Era qualquer coisa que o lembrava da morte. Voltou para casa,

fechou a porta, deitou-se na cama com o breviário na mão, mas não pôde orar.

Ficou de ouvido atento, tomado duma curiosa espécie de medo. Não era medo de ser atingido por uma bala perdida. Não era medo de morrer. Não era nem medo de sofrer na carne algum ferimento. Era medo do que estava para vir, medo de ver os outros sofrerem. No fim de contas - se esmiuçasse bem - o que ele tinha mesmo era medo de viver, não de morrer.

O tiroteio começou. A princípio ralo, depois mais cerrado. O padre olhava para seu velho relógio: uma da madrugada. Apagou a vela e ficou escutando. Havia momentos de trégua, depois de novo recomeçavam os tiros. E assim o combate continuou madrugada adentro. Finalmente se fez um longo silêncio. As pálpebras do padre caíram e ele ficou num estado de madorna, que foi mais uma escura e confusa agonia do que repouso e esquecimento.

O dia raiava quando lhe vieram bater à porta. Foi abrir. Era um oficial dos Farrapos cuja barba negra contrastava com a palidez esverdinhada do rosto. Tinha os olhos no fundo e foi com voz cansada que ele disse: - Padre, tomamos o casarão. Mas mataram o capitão Rodrigo. — acrescentou, chorando como uma criança.

— Mataram?

O vigário sentiu como que um soco em pleno peito e uma súbita vertigem.

Ficou olhando para aquele homem que nunca vira e que agora ali estava, à luz da madrugada a fitá-lo como se esperasse dele, sacerdote, um milagre que fizesse ressuscitar Rodrigo.

— Tomamos o casarão de assalto. O capitão foi dos primeiros a pular a janela. — Calou-se, como se lhe faltasse fôlego. — Uma bala no peito…

O padre mirava-o, estupidificado, pensando em Bibiana.

— E os Amarais?

— O coronel Ricardo morreu peleando. O filho fugiu.

O padre sacudia devagarinho a cabeçorra, como que recusando aceitar aquela desgraça.

— Eu queria que vosmecê fosse dar a notícia à mulher do capitão - pediu o oficial.

O vigário saiu de casa e começou a andar na direção da praça quase sem saber o que fazia. O homem caminhava a seu lado e houve um momento em que murmurou: - Meu nome é Quirino. Quirino dos Reis. Conheci o capitão no Rio Pardo.

Brigamos juntos nas forças de Antônio Vicente da Fontoura…

A praça na luz lívida. A figueira, como uma pessoa, grande, triste e escura. Lá do outro lado, o casarão…

— Perderam muita gente? - perguntou o padre com voz tão fraca

que o outro não o ouviu e ele teve de repetir a pergunta.

— Perdemos seis homens e temos uns quinze feridos. Dos Cciramurus… nem contei. Mas fizemos uns trinta prisioneiros desde o primeiro combate até a tomada do casarão…

O padre Lara caminhava na direção da casa de Bibiana. Como havia de lhe transmitir a notícia? Dizer tudo de chofre? Ou primeiro mentir que o capitão estava ferido… gravemente, e depois, aos poucos, preparar-lhe o espírito para o pior? Talvez ela lesse no rosto dele o que havia acontecido. Talvez já tivesse adivinhado tudo. Essas mulheres às vezes têm uma intuição dos diachos…

— … mas era um homem - murmurava Quirino.

— Hein?

— Estou dizendo que o capitão Rodrigo era um homem. O general Bento Gonçalves vai ficar muito triste. — Soltou um suspiro. — Tenho a consciência tranquila. Eu bem que avisei o capitão. Era loucura tomar o casarão de assalto. Eles iam acabar se entregando. Era só esperar. Mas qual! O capitão queria porque queria. — Suspirou, depois abriu a boca num grande bocejo que pareceu um ronco de animal. A seguir acrescentou: - Nunca vi cristão que gostasse mais de brigar que o capitão Rodrigo.

E o padre Lara, que já avistava a casa de Bibiana, murmurou mais para si mesmo que para o outro: - Era um homem impossível.

Disse isso com uma certa ternura zangada e as lágrimas começaram a escorrer-lhe frias pela face.

Os mortos foram sepultados naquele mesmo dia. Quase toda a população de Santa Fé foi ao enterro do capitão Rodrigo Cambará, levando-lhe o caixão a pulso até o cemitério. Pedro e Juvenal Terra ajudaram a descê-lo à cova, e todos fizeram questão de atirar um punhado de terra em cima dele.

De volta do cemitério, por longo tempo Pedro Terra caminhou em silêncio ao lado do filho. De vez em quando seu olhar se perdia campo em fora.

— Este ia ser um bom ano para o trigo - disse ele, brincando com a corrente do relógio.

Ele não se esquece - pensou Juvenal, sacudindo a cabeça. Quis falar em Rodrigo, mas não teve coragem.

— Até quando irá durar esta guerra? - perguntou.

— Só Deus sabe.

Juvenal olhava para o casarão de Santa Fé, do qual aos poucos se aproximavam. Os telhados escuros estavam lavados de sol. Havia no ar um cheiro de folhas secas queimadas. Ao redor da vila estava tudo tão verde, tão claro e tão alegre que parecia que a guerra continuava.

Juvenal não podia tirar da cabeça a imagem do cunhado. E não conseguia convencer-se de que ele estava morto, não podia mais rir

nem comer nem amar nem falar nem brigar. Morto, apodrecendo debaixo da terra…

Lembrou-se do primeiro dia em que o vira. “Buenas e me espalho, nos pequenos dou de prancha, nos grandes dou de talho.” E se viu a si mesmo saltar dum canto, de faca em punho: “Pois é”. Aqueles olhos de águia, insolentes e simpáticos… O mundo era bem triste!

Pedro fez alto e olhou para uma grande paineira florida que se erguia na boca duma das ruas.

— Tinha mais gente no enterro do capitão Rodrigo que no do capitão Ricardo - observou ele como se estivesse falando com a árvore.

— Rei morto, rei posto - refletiu Juvenal. Retomaram a marcha e Pedro Terra foi dizendo: - Mas tenho pena desses soldados dos Amarais que morreram e foram enterrados de cambulhada num valo, sem caixão nem nada. Eram uns pobres-coitados. Muitos até ninguém sabe direito como se chamavam. Não podem nem avisar as famílias. Foram enterrados como cachorros.

— É a guerra.

— Eu só queria saber quantas guerras mais ainda tenho que ver.

Um quero-quero soltou o seu guincho agudo e repetido, que deu a Pedro Terra uma súbita vontade de chorar.

Quando o dia de Finados chegou, Bibiana foi pela manhã ao cemitério com os dois filhos. Estava toda de preto e agora, passado o desespero dos primeiros tempos, sentia uma grande tranquilidade. Ficou por muito tempo sentada junto da sepultura do marido, enquanto Bolívar e Leonor brincavam correndo por entre as cruzes ou então se acocoravam e se punham a esmagar formigas com as pontas dos dedos. Mentalmente Bibiana conversava com Rodrigo, dizia-lhe coisas. Seus olhos estavam secos. Às vezes parecia que ela toda estava seca por dentro, incapaz de qualquer sentimento. No entanto a vida continuava, e a guerra também. A Câmara Municipal de Santa Fé tinha aderido à revolução. O velho Ricardo Amaral estava morto. Bento havia emigrado para o Paraguai com a mulher e o filho. Diziam que os imperiais tinham tomado Porto Alegre. Bibiana não sabia nem queria saber se aquilo era verdade ou não. Não entendia bem aquela guerra. Uns diziam que os Farrapos queriam separar a província do resto do Brasil. Outros afirmavam que eles estavam brigando porque amavam a liberdade e porque tinham sido espezinhados pela Corte. Só duma coisa ela tinha certeza: Rodrigo estava morto e rei nenhum, santo nenhum, deus nenhum podia fazê-lo ressuscitar. Outra verdade poderosa era a de que ela tinha dois filhos e havia de criá-los direito, nem que tivesse de suar sangue e comer sopa de pedra. O pai convidava-a a voltar para casa. Mas ela queria ficar onde estava. Era o seu lar, o lugar onde tinha sido feliz com o marido.

Bibiana olhou para a sepultura de Ana Terra e achou estranho

que Rodrigo estivesse agora “morando” tão pertinho da velha. E não deixava de ser ainda mais estranho estarem os dois à sombra do jazigo perpétuo da família Amaral, onde se achavam os restos mortais do coronel Ricardo.

Agora estavam todos em paz.

Bibiana levantou-se. Era hora de voltar para casa, pois em breve o cemitério estaria cheio de visitantes, e ela detestava que lhe viessem falar em Rodrigo com ar fúnebre. Não queria que ninguém a encontrasse ali. Em breve tiraria o luto do corpo: vestira-se de preto porque era um costume antigo e porque ela não queria dar motivo para falatório. Mas no fundo achava que luto era uma bobagem. Afinal de contas para ela o marido estava e estaria sempre vivo. Homens como ele não morriam nunca.

Ergueu Leonor nos braços, segurou a mão de Bolívar, lançou um último olhar para a sepultura de Rodrigo e achou que afinal de contas tudo estava bem.

Podiam dizer o que quisessem, mas a verdade era que o capitão Cambará tinha voltado para casa.

Dona Picucha Terra Fagundes, conte alguma coisa da sua vida.

Pra contar não tenho muito. Mas sou filha do velho Horácio Terra, negociante no Rio Pardo. Me casei muito menina com um tropeiro de Caçapava. Quem me escolheu marido foi meu fiai, sem pedir minha opinião. Quando vi, estava noiva. O moço vinha uma vez por semana, mas ficava na sala proseando com o velho. Eu mal tinha licença pra espiar pela fresta da porta. E fomos muito felizes, graças a Deus Nosso Senhor.

Onde está seu marido?

Enterrado em chão castelhano. Morreu na Cisplatina.

Dona Picucha, quantos filhos teve?

Fui bem como a mulita. Tive uma ninhada de sete machos.

E os sete se criaram?

Com o leite destes peitos.

Deram muito trabalho?

Nem tanto. Só sinto não ter tido mais sete.

Me perdoe a curiosidade, mas quantos anos a senhora tem?

Sessenta e seis na cacunda.

Quem vê a senhora não diz.

É muita bondade sua, sei que estou um caco velho. Mas não vá embora ainda. Quero que prove meus bolinhos de polvilho e um licorzinho de butiá. Quem sabe aceita um mate? Só lhe peço que não repare, pois isto é casa de pobre.

Dona Picucha Terra Fagundes, toda vestida de preto, pele de marfim, olhos de noz-moscada, buço cerrado, verruga no queixo, xale xadrez e chinelas de ourelo.

Dona Picucha Fagundes, uma coisa vou dizer: quem um dia entrou em vossa casa nunca mais há de esquecer seu cheiro de flor e pão quente o pintassilgo da gaiola os manjericões da janela os ratos que espiam nos buracos dos rodapés e que vós tratais como pessoas da. família.

Quem passou pela vossa casa, ainda que viva cem anos, há de sempre recordar vossas mãos ágeis que fazem renda de bilro vossas mãos frescas e secas, boas para espremer queijo vossas belas mãos afeitas a acariciar cabeças de filhos, netos e gatos lvossas ligeiras mãos que sabem curar feridas de gentes e bichos vossas rapadurinhas de leite vosos lençóis cheirando a alfazema vossos chás caseiros vossos óculos na ponta do nariz vossas cantigas vosso oratório onde sempre há velas acesas e a vela solitária que às vezes acendeis no meio do pátio para o Negrinho do Pastoreio.

Quem um dia passou pela vossa casa há de guardar para sempre na memória os casos que contais de Carlos Magno e os Doze Pares de França os vossos fabulosos casos de assombrações e mistérios, princesas e fadas, lagoas brabas e salamancas.

Dona Picucha Terra Fagundes quem vos ensinou essas histórias e rezas e receitas, essas cantigas antigas e essas estranhas simpatias que tudo podem curar? ; Depois da Guerra dos Farrapos dona Picucha não falou mais nas proezas: de Carlos Magno, de seus doze cavaleiros. Esqueceu Rolando por Bento Gonçalves, Olivério por Antônio Neto, Reinaldo por Davi Canabarro.

Flores Malão por Lima e Silva.

Entre, patrício, a casa é sua. Não faça cerimônia, tome assento e aceite um chimarrão.

Eu lhe conto como foi. Nunca vi guerra mais braba nem mais comprida.

Durou dez anos.

Está vendo aquele pessegueiro lá no fundo do quintal? Quando ele floresceu, em setembro de 35, chegou a notícia que o general Bento Gonçalves tinha dado o grito da Revolução. Um ano se passou, e eu estava ainda comendo compota dos pêssegos de 35 quando o general Neto proclamou a República Rio-Grandense.

Dei tudo que tinha prós Farrapos. Meus sete filhos. Meus sete cavalos.

Minhas sete vacas. Fiquei sozinha nesta casa com um gato e um pintassilgo. E Deus, naturalmente.

Quando eu não estava fazendo pão ou doce, fazia renda de bilro, porque estas mãos que vossuncê está vendo não sabem ficar sossegadas.

Sina de mulher é essa: ficar em casa esperando, enquanto os homens se vão em suas andanças.

Mas por que será que o tempo custa tanto a passar quando há guerra?

Decerto não pode andar ligeiro, tropeçando num morto a cada passo.

E por que às vezes o vento geme tanto que parece ferido?

Decerto porque viu muito horror no seu caminho.

Foi uma guerra tremenda. Durou dez anos. Bem dizia o compadre Quinzote.

Em todo o Continente não podia haver ninguém de lado, só os urubus, que pra eles carne de farroupilha era o mesmo que carne de cararnuru.

Vossuncê deve se lembrar de quando prenderam o general Bento Gonçalves.

Bento Gonçalves da Silva Foi preso, foi desterrado, Mas deixou o bravo Neto Pra cumprir o tratado.

Quando me contaram que os imperiais tinham levado nosso general pra Bahia e metido ele no Forte do Mar, acendi uma vela pra 'l!

Santo António, que tem honras de sargento, c lhe pedi que ajudasse o nosso chefe a fugir.

Santo António me atendeu, é santo mui cumpridor.

Um dia Bento Gonçalves pediu licença aos carcereiros pra tomar um banho de mar. Deram. Ele se atirou nas ondas e começou a bracear com vontade, e quando os guardas caíram em si nosso bravo presidente estava longe já entrando na canoa dum amigo, pois tudo era combinação. Veja só que homem ladino!

Depois, bem disfarçado, entrou num navio que descia cá prós mares do Sul, desembarcou em Santa Catarina, montou logo num cavalo e se tocou pró Continente.

Upa! Upa! meu bragado! Tenho pressa de chegar, vou assumir a presidência da República Rio-Grandense, e preciso muitas contas ajustar!

Depois de três dias de viagem batida chegou numa estância e gritou: Ó de casa: Apareceu uma velhinha.

Minha boa senhora, quero que me arranje um cavalo, que me alugue ou que me venda, o meu está mais morto que vivo, venho de longe, preciso chegar ao meu destino, é um caso de vida ou de morte.

A velhinha respondeu: Vivo sozinha neste rancho, dei tudo que tinha prós Farrapos e o resto os imperiais levaram. Só me resta um cavalo, que faz todo o serviço da estância. Esse não vendo nem alugo, nem por ouro nem por prata nem por sangue de lagarta. Há só um ente no mundo pra levar o meu tordilho. É o homem que mais venero, e o que mais admiro: o general Bento Gonçalves.

Mas vá se servindo de mate, a chaleira está aí mesmo.

Pois foi uma guerra braba, que judiou com o Continente. Mas dela saímos limpos, passamos todas as provas, honramos o nosso povo.

Mas cá pra nós vou lhe dizer, do lado dos caramurus também havia muita gente boa, que todos eram do mesmo sangue.

E o tal de Bento Manuel Ribeiro? Ninguém entendia esse cristão. Um lia estava com os imperiais e no outro com os farroupilhas. Havia até quem dissesse que duma feita ele entrou na Salamanca do Jaraú e saiu de lá com o corpo fechado pra bala e arma branca.

O meu compadre Quinzote acredita nessas bruxarias. E eu as vezes também acho que alguma coisa deve haver…

O general Bento Manuel era valente, ligeiro e alarife. O povo até fez uns versos: Pode um altivo humilhar-se, Pode um teimoso ceder, Pode um pobre enriquecer, Pode um pagão batizar-se, Pode um mouro ser cristão, O arrependido salvar-se Tudo pode ter perdão Só o Bento Manuel, não.

Mas isso de perdoar é lá com Deus Nosso Senhor, que conhece melhor as pessoas.

Pois é como lhe digo. Os homens da Revolução eram feitos duma só peça.

Não sei se vossuncê se lembra do manifesto do presidente, do ano 38.

Tenho guardado o jornal que o meu filho me mandou da guerra. Leia onde ele marcou.

"Éramos o braço direito e tão bem a parte mais vulnerável do Império.

Agressor ou agredido o Governo nos fazia sempre marchar a sua frente: disparávamos o primeiro tiro de canhão, e eramos os últimos a recebê-lo. Longe do perigo dormião em profunda paz as de mais Províncias, em quanto nossas mulheres, nossos filhos e nossos bens, presa do inimigo, ou nos erão arrebatados, ou mortos, e muitas vezes trucidados cruelmente. "

Épreciso ter senhoria na cabeça pra escrever palavras assim.

Foi uma guerra mui séria, de ódios e durezas, ferro contra ferro, olho por olho, dente por dente.

Vossuncê deve estar lembrado que os republicanos deram alforria pra todos os negros que se alistaram nas suas forças. Os imperiais quando pegavam um desses negros mandavam dar-lhe uma sumanta de duzentos a mil açoites.

O governo farroupilha deita então um decreto, dizendo que dali por diante toda vez que os caramurus surrassem um negro farrapo eles tiravam a sorte entre os prisioneiros e passavam um oficial legalista pelas armas.

Vingança, sim senhor. Mas davam morte de homens e não castigo de cachorro.

Como o patrício está vendo, o respeito entrava na guerra.

Também, houve cada uma!

Os farroupilhas precisaram levar sua frota por mar. Vai então José Garibaldi inventou de carregar dois navios em cima de carretas puxadas por duzentas juntas de bois. Coisa igual nunca se viu, dês que o mundo é mundo. E assim aqueles dois barcos fizeram léguas por terra do Capivari até o mar.

Montado no seu cavalo Garibaldi é o capitão. Nas verdes ondas do campo A sua rédea é o timão.

Foi por esse tempo que os Farrapos tomaram a vila da Laguna, onde por sinal nasceu a minha avó materna. Garibaldi foi por água, Canabarro foi por terra. E acabaram proclamando a tal República Juliana.

Também foi por esse tempo que Garibaldi conheceu Anita.

E agora me dê licença de falar na minha gente.

Um dia um capitão farrapo, de espada na cinta, lenço republicano no pescoço, bateu na minha porta, tirou o chapéu e entrou.

Venho da parte do general Canabarro. Tenho o pesar de lhe comunicar que seu filho o tenente Crescendo morreu em ação como um bravo. O general me pediu que lhe desse os seus pêsames.

Fiquei tonta, meio cega, mas fiz força pra não chorar. Porque essas coisas, como tantas outras, a gente deve fazer quando está sozinha.

Diga ao general Davi que lhe fico muito obrigada.

E como não tinha mais que dizer, perguntei ao capitão: Aceita um amargo? Ou uma guampa de leite?

E depois que ele foi embora, peguei na renda de bilro, porque estas mãos que vossuncê está vendo não sabem ficar sossegadas. Mas ai! este coração de velha é que ficou sem sossego, e não encontrei pra ele outro trabalho senão pensar nos ausentes.

E o tempo continuava a andar num tranco lento de boi lerdo. Entrava inverno, saía inverno. E a guerra nada de acabar.

Notícias foram chegando.

Batalha do Taquari. Nessa perdi dois filhos.

Cerro dos Porongos. O general Canabarro foi pegado de surpresa: mais três filhos meus que se foram.

O sétimo morreu no Poncho Verde.

Depois veio a paz, com honras prós dois lados.

Mas a flor do Continente se perdeu.

Os campos ficaram desertos, as mulheres de luto, casas viraram tapera, cidades empobreceram, cemitérios cresceram, os urubus engordaram, e muita gente até hoje passa necessidade por causa dessa guerra e os que antes não tinham nada, depois dela ficaram com menos.

E agora aqui está a velha Picucha Terra Fagundes, esperando a chamada de Deus.

Ah! Ia me esquecendo de lhe dizer que tenho sete netos, todos homens.

Quando vejo eles, que já estão grandotes, sinto um calafrio pensando noutra guerra.

Por falar nisso, vossuncê acha fundamento nos boatos que andam correndo que vai haver outro barulho com os castelhanos?

Deus queira que seja mentira, mais uma guerra ninguém aguenta.

Mas vá tomando o seu mate Quem sabe aceita uns bolinhos? Não faça cerimônia, a casa é sua.

E agora se me dá licença, vou voltar à minha renda, porque estas mãos que vossuncê está vendo não sabem ficar sossegadas.

Dona Picucha Terra Fagundes, toda vestida de preto, pele de marfim, olho, de noz-moscada, buço cerrado, verruga no queixo, xale xadrez e chinelas de ourelo.

O Sobrado - IV

25 de junho de 1895: Noite

Quando anoitece e um companheiro vem substituí-lo na vigia da água-furtada, Jango Veiga - o melhor atirador de quantos estão no Sobrado - vem reunir-se aos companheiros que se encontram na cozinha, perto do fogo. Como a lenha acabou, Licurgo mandou queimar algumas cadeiras velhas e as tábuas das prateleiras da despensa.

Continua a soprar o minuano, que entra silvando pelas frestas de janelas e portas.

— Quem me dera um trago de branquinha! - murmura um dos homens.

— E um bom assado gordo - diz outro. Uma voz brota dum canto escuro: - E uma china bonita de perna grossa pra dormir comigo e m'esquentar.

— Deixa de prosa, Fandango - retruca Jango Veiga. — Tu está tão velho que nem pode com as bombachas.

Alguém solta uma risada seca e leve, sem muita vontade.

João Batista, um negro que foi escravo de Curgo, aproxima-se do fogão e remexe nos tições; um clarão avermelhado ilumina-lhe a larga cara preta, coroada por uma cabeleira dum branco amarelado que lembra um pelego velho.

Jango Veiga acaricia a Comblam e conta: - A caçada hoje foi pobre. Desde que começou esta festa acho que derrubei uns oito maragatos: primeiro foram aqueles que pularam o muro, no primeiro dia. Depois os loucos que se atreveram a atravessar a praça nos provocando. O tiro mais lindo de todos foi aquele federalista que derrubei da torre da igreja. Mas hoje a caçada foi magra. Dei uns cinco ou seis tiros, quebrei umas vidraças da Intendência e parece que lastimei um maragato que atravessou a rua correndo.

— Tu viu ele cair? - pergunta Antero.

Vi quando ele meio se ajoelhou e depois se ergueu e sumiu por detrás duma casa.

Por que será que não nos atacam? - pergunta Gervásio, que está deitado ao pé do fogão. — Um tiroteio não era nada mau pra gente esquentar o corpo.

A voz áspera do negro João Batista raspa o ar frio: - E um entrevero era ainda melhor. Um entrevero de arma branca, isso sim é que ia ser divertido.

O velho Fandango, que está muito junto do fogo, opina com voz compassada: - Entrevero é pra gente moça. Alguém diz: - Guerra é que é pra gente moça, companheiro.

Uma súbita pausa. Muitos olhos se voltam para o velho, que replica, calmo: - Nem sempre quem está na guerra é porque gosta de brigar, menino. Às vezes a gente se mete numa revolução, numa peleia porque tem vergonha. E vergonha não é privilégio de moço.

A lenha crepita no fogão. O minuano sacode as vidraças, que tremem: é como se, sentindo frio, o Sobrado estivesse a bater dentes.

— Por que é que hei de mentir - diz outra voz. — Eu brigo porque gosto.

— Cada qual com o gosto que Deus lhe deu… - replica Fandango.

De novo o silêncio.

— Minha barriga está roncando… - queixa-se Gervásio, ao cabo de alguns segundos.

— Que novidade!

— E essa coisa de só comer charque e laranja está me estragando o estômago.

Jango Veiga ergue a voz: - Na revolução de 35 meu avô uma vez carneou uma rês prós soldados dele e como não tinha sal, esfregaram o churrasco na cinza.

— Chô, mico! Isso não é nada. Meu pai uma vez teve de ferver um laço e um relho pra comer. Noutra ocasião assou uma cobra.

— Cobra? Cruzes! - exclama alguém, cuspinhando.

— Vamos falar noutra coisa?

Jango Veiga tira do bolso uma palha, enrola-a à maneira de cigarro e aproxima-se do fogo para acendê-la. Volta para seu canto, com aquele ponto de fogo nos lábios, e, falando com os dentes apertados, diz: - Não sei o que estará acontecendo. Esta tarde vi uns movimentos engraçados. Um homem passando a galope pelas ruas detrás, um alvoroço no pátio da Intendência. Parece que está começando a sair gente na direção de Cruz Alta.

— Decerto o próprio que chegou ontem veio dizer que as forças do Pinheiro Machado estão se aproximando…

— Se é assim - diz João Batista - a coisa não vai durar muito. . .

Há uma pausa. E os homens começam a ouvir ruídos surdos que vêm do andar superior. Um deles murmura, com uma ternura respeitosa na voz: - É a velha de novo.

— Minha Nossa Senhora! - exclama o negro. — Que vontade de sair por essa porta nem que fosse pelado, com minuano e tudo! Não nasci pra viver fechado. Se um dia me botassem na cadeia eu morria louco. — Um suspiro fundo. — Que vontade de montar num cavalo e sair a galope pelo campo!

— Quando eu sair daqui - diz Fandango - me meto num baile e

passo três dias e três noites dançando sem parar.

— Dançando? Pois eu vou procurar uma china bem bonita pra ficar uma semana com ela na cama fazendo ticau.

Ajoelhado diante do fogão e mexendo nas lenhas com uma haste de ferro, um velho de cara bronzeada diz: - Vocês podem achar que estou caducando. Mas o que eu tenho vontade mesmo de fazer saindo daqui é ir enterrar esses cristãos que estão apodrecendo por aí como cachorro sem dono. Vocês parece que já se esqueceram do Adauto, que está morto em cima da tampa do poço, faz dias.

— Por falar em esquecer - observa Jango Veiga - como irá o Tinoco?

Ninguém responde. Mas Antero recebe a pergunta como uma bofetada.

Durante todas estas últimas horas Tinoco não lhe tem saído da cabeça. E agora, ali no seu canto escuro, encolhido debaixo do poncho, sentindo o vento frio que entra pela fresta da porta da cozinha e lhe sobe pelas pernas - ele pensa no ferido. E cada vez que se lembra de que lhe escarrou três vezes na cara, uma sensação de vergonha lhe toma conta do corpo. Prevalecido, prevalecido, prevalecido! Ofender um homem ferido que não pode fazer nenhum movimento é o mesmo que bater em mulher.

— Esse está liquidado… - diz alguém.

— Um de nós bem podia meter uma bala no ouvido do pobre, pra ele parar de sofrer.

— Então, por que tu não vai?

— Ué, se o seu Licurgo me der ordem…

— Tu é mas é bandido.

Continuam os ruídos compassados da cadeira de balanço. De quando em quando estala uma viga da casa. Um dos homens começa a descascar uma laranja: o cheiro acre do sumo da casca enche o ar.

— Nunca pensei em virar papa-laranja! - suspira Fandango.

— Esse cheiro já me embrulha o estômago.

— Graças a Deus o charque acabou.

— Mas ainda tem faiinha.

— O remédio mesmo é a gente virar bugre - caçoa Fandango - e comer um dos companheiros.

— Quem vai ser?

— Que tal o Antero?

— Boa ideia. Estás de acordo, nanico?

Antero arrasta os pés, engole em seco e diz: - Não é negócio pra vocês. Estou muito magro.

— Boa mesmo era a Laurinda. Só aquelas nádegas e peitos davam uns bifes supimpas. Vamos comer a mulata.

Nesse momento o vulto de Laurinda avança da sombra da sala de

jantar e sua voz se ouve: - Come a tua mãe, desaforado!

Laurinda aproxima-se do fogão, ajoelha-se e começa a puxar brasas para o prato de folha que tem na mão.

— Senta aqui com nós, Laurinda, e nos conta teus causos de bandalheira.

Laurinda não responde. Ergue-se e torna a sair da cozinha.

— Vamos calar a boca e dormir - propõe um dos homens.

— Não. É muito cedo. Alguém canta alguma coisa. Vamos ter umas trovinhas, Jango.

Jango Veiga, que está de novo acendendo a sua palha nas brasas, responde: - Cantar? Não vê que tem gente de luto no Sobrado?

— De luto quase todos estamos. Nesta revolução não ha quem não tenha um morto.

Jango Veiga ajeita a Comblain entre as pernas.

— E se o Fandango dissesse uns versos pra nós?

— Esse velho anda com a cabeça vazia que nem porongo - caçoa o negro.

— Diz aquele verso da nau Catarineta.

— É. Isso mesmo! A nau Catarineta!

— Verso não enche barriga…

— Cala boca, bagual! Vamos, Fandango. O velho pigarreia e começa: Lá vem a nau Catarineta! Que tem muito que contar! Ouvide agora, senhores, Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia Que iam na volta do mar Já não tinham que comer Já não tinham que manjar.

Jango Veiga cerra os olhos e fica escutando a voz do velho. Os versos lembram-lhe a mãe, que os recitava quando ele era pequeno. Tinha uma voz fina, tremida e triste. Contava que tinha aprendido aqueles versos com seu avô, que viera menino da ilha dos Açores.

Deitaram sola de molho Pra o outro dia jantar Mas a sola era tão rija, Que não puderam tragar.

Fandango faz uma pausa. Alguém diz: - Nós também estamos na nau Catarineta.

— Silêncio, galo velho! - repreende-o Fandango. E continua: Deitam sortes à ventura Qual se havia de matar; Logo foi cair a sorte No capitão-general.

O vento é uma música para as palavras de Fandango. De cabeça caída sobre o peito o velho bronzeado cochila ao pé do fogão. Antero continua pensando em Tinoco: na sua, lembrança torna a riscar um fósforo e vê a cara esverdeada e barbuda, a boca endurecida, os olhos parados.

Prevalecido! Prevalecido! Não é isto que o vento está dizendo?

Prevalecido! Antero fecha os olhos. A voz de Fandango parece vir de longe, das bandas do próprio mar que nunca nenhum destes

homens viu.

Vejo sete espadas nuas Que estão para te matar. Acima, acima, gajeiro, Acima ao tope real! Olha se enxergas Espanha, Areias de Portugal.

Jango Veiga agora tem doze anos. É uma manhã de sol, em pleno inverno, e a geada endureceu a água da tina que passou a noite ao relento. Sua mãe lava a roupa, com os dedos duros e roxos de frio. E para não chorar ela recita com a voz tremida Os versos que aprendeu do avô açoriano.

Já vejo terras de Espanha, Areias de Portugal Mais enxergo três meninas Debaixo dum laranjal: Uma sentada a coser. Outra na roca a fiar, A mais formosa de todas Está no meio a chorar.

A voz de sua mãe. A voz do velho. A voz do vento.

No quarto dos meninos, que uma lamparina alumia, Laurinda bota o prato com brasas debaixo da cama.

— Agora durmam! - diz ela para Toríbio e Rodrigo, que estão ambos ajoelhados na cama.

— Conta uma história pra nós, Laurinda - pede Rodrigo.

— História nada! Vão dormir. É tarde.

— Tenho medo do escuro - murmura Rodrigo.

— Tamanho homem!

— Conta uma história, Laurinda.

Ela hesita; por alguns instantes fica indecisa, mas acaba sentando na beira da cama e diz: - Está bom. Mas uma só. Então se deitem e se cubram. Os meninos obedecem. Há uma pausa em que só se ouve o assobio do minuano, as vidraças tremendo e o ban-ban da cadeira de balanço de dona Bibiana.

— Conta uma do Pedro Malasarte - sugere Toríbio.

O cheiro de Laurinda… Rodrigo gosta do cheiro de Laurinda. Suor, banha e cebola. Para ele este cheiro está ligado às histórias que ela conta. É o cheiro do próprio Pedro Malasarte.

— Uma vez Pedro Malasarte ia por uma estrada - começa a mulata - e de repente sentiu vontade de fazer uma necessidade…

Os dois meninos começaram a rir. As histórias de Laurinda são tão boas!

— Então arriou as calças, se agachou e fez. Naquele momento apareceu um homem a cavalo na estrada e Malasarte teve uma ideia. Tapou a porcaria com o chapéu e quando o homem veio e perguntou que era que tinha ali escondido, ele respondeu: “É um passarinho muito raro e muito bonito, que vale uma fortuna”. O homem apeou do cavalo e Malasarte disse: “Agora eu vou à cidade buscar uma gaiola. O senhor quer ficar aqui cuidando do passarinho?” "Com muito gosto", respondeu o homem. Então Malasarte ficou sério e disse: “Mas como é que vou ter a certeza que o senhor não vai fugir com o bichinho?”

"Ora - respondeu o homem - eu lhe dou cinquenta mil-réis como garantia." E deu. Malasarte botou o dinheiro no bolso e disse: “Então me empreste o chapéu e o seu cavalo pra eu ir até a cidade. Volto logo”. O homem emprestou e quando já estava em cima do animal o Malasarte disse: “Não levante o chapéu senão o passarinho foge. É uma beleza. Vale uma fortuna”. Vai então Malasarte galopou pra cidade e o homem ficou agachado segurando o chapéu.

Passou-se uma hora, duas, três. O homem começou a ficar desconfiado. E quando viu que Malasarte não vinha, resolveu ver o bichinho…

Rodrigo e Toríbio estão agora sentados na cama, esperando o final da história que já ouviram dezenas de vezes.

— Deitem, senão não conto o resto!

Eles obedecem, Laurinda puxa as cobertas até o queixo dos meninos e continua: - Vai então o homem botou a mão debaixo do chapéu para segurar o passarinho e os dedos dele esmagaram a porcaria que o Malasarte tinha feito…

Hoje Laurinda não ri, como de costume. Fica calada por algum tempo e depois abre a boca num bocejo.

— E o Malasarte? - pergunta Toríbio.

— Malasarte estava na cidade se divertindo com o cavalo, o chapéu e o dinheiro do homem. Agora durmam!

Levanta-se e sai do quarto depois de soprar a lamparina. Rodrigo fecha os olhos, apanha o punhal que está debaixo do travesseiro, deita-se de borco e aperta a arma contra o peito.

— Estou sentindo uma dor - choraminga ele.

— Onde?

— Na boca do estômago.

— É fome.

— Acho que é.

Um silêncio. Toríbio revolve-se na cama. Depois de alguns instantes Rodrigo pergunta: - E ela?

— Ela quem?

— A enterradinha.

— Está no porão.

— Eu sei. Mas será que não sente frio?

— Morto não sente frio.

— Como é que tu sabe?

— Qualquer um sabe.

— E se a mamãe morrer também… vão enterrar ela no porão?

— Acho que sim. Enquanto os maragatos estiverem cercando a casa ninguém pode sair.

Rodrigo aperta o estômago contra o punhal para fazer a dor passar.

Sempre de olhos fechados, pensa numa história de alma do outro mundo que Laurinda um dia contou: a do homem que foi dormir numa casa assombrada e altas horas da noite ouviu uma voz que gemia: “Eu caio… Eu caio”, e o homem, que era valente, gritou: “Pois caia!”, e caiu a perna duma pessoa e a voz continuou: Eu caio…", e o homem de novo disse: “Pois caia”, e caiu outra perna e depois os braços, o peito, a cabeça…

Agora o vento parece dizer: “Eu caio… Eu caio. .. Eu caio…” Rodrigo aconchega-se ao irmão e sussurra-lhe ao ouvido: - Estou com medo.

— Medo de quê?

— Do escuro.

— Bobo! - exclama Bio.

Mas ele também está de olhos cerrados, procurando não escutar o vento, nem o ratatá das vidraças, nem as vozes misteriosas que cochicham em seus pensamentos.

A lamparina arde junto da cama de Alice, que dorme um sono desinquieto de febre. E Licurgo, que há pouco se deitou vestido ao lado da mulher, dorme também. Sentada numa cadeira junto do lavatório, Maria Valéria está de vigília, encolhida sob o xale, os braços cruzados a apertar a boca do estômago. O frio a deixa como que anestesiada, incapaz de sentir o que quer que seja: tristeza, compaixão ou esperança. O que a mantém de pé a ajudar sua gente é ainda um sentimento de dever que lhe vem principalmente do hábito. Dona Bibiana tem razão: as mulheres do Rio Grande são direitas e cumprem suas obrigações por puro cacoete, e cacoete hereditário…

Maria Valéria olha para o cunhado, cujo ressonar forte enche o quarto.

Até no sono seu tosto conserva a rigidez agressiva das horas de luta. é um rosto tenso, sem repouso, como se mesmo dormindo Licuigo continuasse a espreitar e a odiar o inimigo. E como suas botas sujas e brutais se parecem com sua cara! Ali na cama sobre a coberta branca - meio coisas e meio bichos - elas avultam estranhas, indefiníveis, como certas imagens de pesadelo. Por alguns instantes Maria Valéria fica escutando o vento e as batidas cadenciadas da cadeira de balanço de dona Bibiana.

Se o cerco continuar - reflete ela, olhando para a chama da lamparina - outros cadáveres irão fazer companhia à recém-nascida (ou recémmorta?)

na terra fria do porão. Alice pode morrer de infecção. Lá na despensa Tinoco apodrece aos pedacinhos. Seu pai, de coração velho e cansado, não poderá aguentar o sítio por mais tempo. E é só por milagre que a velha Bibiana ainda está viva.

Maria Valéria contempla o cunhado com um frio ódio. Ele não

hesitará em sacrificar toda aquela gente ao seu orgulho de macho. Homens! E de súbito ela sente vontade de cuspir. Homens! Botas embarradas, cheiro de suor, sarro de cigarro e cachaça, faca na cava do colete, revólver na cintura, escarro no chão. Machos! Aqueles homens nojentos lá embaixo, enrolados nos ponchos, cuspindo a casa toda, fazendo suas necessidades no porão (em cima, decerto, da sepultura da menina), empestando o ar com seu hálito podre e lançando às mulheres olhares indecentes. Machos!

Alice agita-se no sono, sacode a cabeça dum lado para outro, murmura palavras incompreensíveis. Maria Valéria pensa em Ismália. O que mais deve doer em Licurgo é a ideia de que Ismália ficou no Angico à mercê dos maragatos. Bem feito! Quem faz, paga. A pobre da Alice! O que ela sofreu no dia em que ficou sabendo de tudo! Mas sofreu calada, bem como sabem sofrer os Terras. Não se queixou a ninguém, continuou vivendo como se nada tivesse acontecido. O filho que a Ismália tinha era de Licurgo: todo o mundo sabia disso. No entanto agora ele falava em honra, falava em decência, falava em dignidade.

Santo Deus! Se ao menos parasse este vento!

Maria Valéria encolhe-se sob o xale e pensa nas palavras de dona Bibiana: “Noite de vento, noite dos mortos”.

Madrugada alta, Maria Valéria é despertada pelos gritos de Alice.

— Socorro! Licurgo! Os ratos!

Licurgo ergue-se automaticamente, estonteado de sono, sem atinar ainda com o que se passa. Mas vendo a mulher de pé na cama, fazendo menção de saltar para o chão, toma-a nos braços e faz que ela se deite de novo.

Alice, porém, reluta, debate-se e continua a gritar.

— Os ratos! Os ratos!

Maria Valéria ajuda o cunhado a sujeitar a doente.

— Fica quieta, Alice. Por amor de Deus, fica quieta.

— Os ratos! Os ratos!

— Ela está variando - diz Licurgo.

— Os ratos vão roer o corpo da minha filha! - grita Alice. — O porão está cheio de ratos. Eu estou vendo. Já abriram a cova dela. — Cala-se de súbito. — Escutem… não ouvem o barulho dos ratos roendo uma coisa? - Faz um esforço por se levantar de novo.

— Depressa, Licurgo Vai salvar a nossa filha Os ratos vão comer a pobrezinha Licurgo olha para a mulher e lhe diz com uma secura untada - Sossega, Alice É o vento.

A teiniaguá

Em 1850 a vila de Santa Fé foi elevada a cabeça de comarca (_ seu primeiro juiz de direito, o dr Nepomuceno Garcia de Mascarenhas, natural do Maranhão, veio morar com a esposa numa das casas de alvenaria que o coronel Bento Amaral mandara recentemente construir na Rua dos Farrapos Era o dr Nepomuceno um homem de estatura mediana, que impressionava logo pelo comedimento de gestos, palavras e opiniões Andava sempre de sobrecasaca preta e dificilmente se separava de sua bengala de castão de prata De olhos empapuçados e mortiços, voz velada e lenta, tinha um ar de sonâmbulo, acentuado pelo andar tateante e meio cansado, que aos íntimos ele explicava ser devido ao fato de ter pés chatos Passava o juiz de direito por bom latmista, razoável matemático e exímio jogador de xadrez Era maçom, adoiava Chateaubriand e nas horas vagas fazia sonetos Juiz íntegro, homem austero, o novo magistrado de Santa Fé se impôs desde logo ao respeito e a admiração dos habitantes da cidade afeiçou-se de tal maneira àquele lugar, cujos bons ares lhe haviam restaurado a saúde da esposa, que resolveu não mais sair dali E como prova de estima e gratidão a vila e seus habitantes, orgamizou e mandou publicar por conta própria, numa tipografia de Porto Alegre, o primeiro Almanaque de Santa Fé, que apareceu em janeiro de 1853, com informações sobre a topografia, a geologia, a fauna e a flora do município, além dum calendário completo, com conselhos aos agricultores e horticultores, bem como páginas amenas e instrutivas de literatura e humorismo, charadas, logogrifos, enigmas pitorescos, etc…

Abria o almanaque uma descrição literária da cidade, feita pelo próprio dr. Nepomuceno. Começava assim: "A vila de Santa Fé, cabeça da comarca de São Borja, e da qual temos a desvanecedora honra de ser o primeiro juiz de direito, é uma das flores mais formosas do vergel serrano.

Situada sobre três colinas e cercada de campinas onduladas, lembra ela ao viandante, singelo mas gracioso presepe. Prodigamente dotada pela natureza, seus bons ares e suas cristalinas águas são propícios à longevidade, razão pela qual muitos de seus habitantes, em geral de costumes morigerados, passam dos noventa anos, como foi o caso extraordinário do preto escravo conhecido pela antonomásia de Sinhô d'Angola, o qual durou mais duma centúria, e do cacique Fongue, que viu pela primeira vez a luz do dia na redução de Santo ângelo, por volta de 1750, e o qual ainda hoje por aqui vive em pleno

gozo de suas faculdades mentais".

O Almanaque oferecia também a seus leitores um “escorço histórico” da vila, no qual o autor prestava uma homenagem à família Amaral, cujo fundador foi “esse venerando cidadão, o coronel Ricardo Amaral, o primeiro povoador destes campos, um bandeirante na verdadeira extensão do vocábulo, e que morreu como um bravo, no lendário combate do passo das Perdizes”. Vinha a seguir uma referência de dez linhas ao filho de Ricardo, Francisco Amaral, “o fundador de Santa Fé”, e depois uma página inteira dedicada a seu neto, o coronel Ricardo Amaral, “que tanto contribuiu para o engrandecimento deste município, de cuja Câmara foi o primeiro presidente”. Após a enumeração das qualidades morais de Ricardo Amaral Neto e de seus feitos na paz e na guerra, a biografia terminava assim: “… e em 1836 baqueou como um bravo, de armas na mão, dentro de sua própria casa, defendendo a legalidade”. Havia por fim três páginas dedicadas à personalidade do coronel Bento Amaral - “atual chefe político deste município, deputado à Assembleia Provincial, verdadeiro varão de Plutarco que perpetua no tempo e na admiração de seus coevos um nome honrado e uma tradição de virtudes cívicas e privadas”.

O Almanaque circulou em Santa Fé e arredores, onde foi lido, comentado e apreciado. E através de seus dados estatísticos e de suas informações escrupulosamente colhidos pelo próprio dr. Nepomuceno - ficaram os santa-fezenses sabendo que a vila possuía agora sessenta e oito casas, entre as de tábua e de alvenaria, e trinta ranchos cobertos de capim; e que sua população já subia a seiscentas e trinta almas. Informava ainda o dr. Nepomuceno que Santa Fé contava com quatro bem sortidas casas de negócio, uma agência do correio - “cuja mala, lamentamos dizê-lo, chega apenas uma vez por semana” - uma padaria, uma selaria e uma marcenaria.

"A ciência de Hipócrates está representada entre nós pelo ilustrado dr.

Cari Winter, natural da Alemanha e formado em Medicina pela Universidade de Heidelberg e que fixou residência nesta vila em 1851, data em que apresentou suas credenciais à nossa municipalidade. Não podemos deixar de mencionar o nosso Clotário Nunes, médico homeopata bem conceituado, e o curandeiro conhecido popularmente por Zé das Pílulas, muito procurado por causa de suas ervas medicinais cujos segredos diz ele ter aprendido dos índios coroados, dos quais parece ser descendente."

Causou também muito boa impressão a parte do almanaque em que o dr.

Nepomuceno rememorava as guerras em que os filhos de Santa Fé haviam tomado parte. "Nossa vila (e aqui peço vénia para usar o

possessivo nossa, uma vez que me considero um santa-fezense de coração se não de nascimento) tem pago pesado tributo de sangue e heroísmo no altar da pátria. Muitos foram os oficiais e soldados que deu para as lutas de que esta província tem sido teatro, e pode-se dizer sem exagero que não houve geração que não tivesse visto pelo menos uma guerra. Durante a luta civil que por espaço de dez anos ensanguentou o solo generoso do Continente, muitos toram os santa-fezenses que participaram dela, quer nas hostes farroupilhas quer nas forças legalistas. Não me cabe aqui, como magistrado e como homem isenso às paixões políticas, manifestar simpatias ou lançar diatribes. O que passou passou e mais vale esquecido do que lembrado, pois uma luta fratricida é mil vezes mais horrenda do que as guerras entre as nações. Graças ao

Supremo Arquiteto do Universo o sol da paz raiou benfazejo no horizonte da província, e os inimigos de ontem se deram as mãos e recomeçaram a trabalhar juntos em prol da grandeza da Pátria comum. Mas, ai!, ainda nem bem se haviam cicatrizado as feridas abertas pela guerra civil e já de novo eram nossos irmãos arrancados ao aconchego dos seus lares e ao seu trabalho pacífico, convocados mais uma vez pelo pressago clarim da guerra. Rosas, o tirano argentino, ameaçava a integridade de nosso Brasil, e era necessário fazer frente a essa ameaça. E assim mais uma vez os santa-fezenses formaram os seus batalhões de voluntários e nessa luta, que nem por ser relativamente curta foi menos cruenta, muitos foram os filhos desta vila que tiveram atuação destacada. Entre eles é de justiça salientar o jovem Bolívar Terra Cambará, filho dum intrépido soldado, o capitão Rodrigo Severo Cambará, morto heroicamente num combate que se feriu nesta mesma vila em princípios de 1836. Bolívar, esse denodado jovem, cujo nome parece trazer em si uma destinação gloriosa, guiou os seus cavaleiros numa carga de lança, destruindo um quadrado inimigo e arrancando, ele próprio, das mãos dum adversário a bandeira argentina! Esse ato de bravura valeu-lhe a promoção ao posto de pnmeiro-tenente, e uma citação especial em ordem do dia."

As anedotas do Almanaque fórum muito apreciadas, bem como as poesias, algumas da lavra do próprio dr. Nepomuceno, e outras de poetas famosos como Camões, Tomás Antônio Gonzaga e Gregório de Matos. No “fecho de ouro” dum de seus sonetos, o juiz de direito concluía com rimas ricas que sob o veludo da rosa às vezes um acúleo se esconde.

Pouco tempo depois do aparecimento do Almanaque, o sonetista teve ocasião de sentir na própria carne a pungente verdade do verso. Sim - refletiu o magistrado - seu anuário podiarser comparado a uma linda e perfumada rosa que a todos deleitara com suas cores e seu perfume. Mas trazia ela um espinho escondido e inesperado: o artigo

intitulado “Residências de Santa Fé”, que ele próprio escrevera sob o pseudônimo de Atala. Essa página, traçada com sinceridade e sem a menor intenção de ofender ou criticar quem quer que fosse, desgostara e irritara o coronel Bento Amaral.

Ocupava-se o infeliz ensaio do sobrado que um tal Aguinaldo Silva mandara construir em Santa Fé. Depois de mencionar a simplicidade rústica da maioria das casas do lugar e de elogiar a solidez e a sobriedade do casarão de pedra dos Amarais, “tão cheio de invocações históricas”, Atala escreveu: "O forasteiro que chega à nossa vila há de por certo quedar-se surpreso e boquiaberto diante duma maravilha arquitetônica que rivaliza com as melhores construções que vimos no Rio Pardo, em Porto Alegre e até na Corte. Referimo-nos à casa assobradada que o sr. Aguinaldo Silva, adiantado criador deste município, mandou recentemente erguer na Praça da Matriz, num terreno de esquina com as dimensões de trinta e cinco braças de frente por uma quadra completa de fundo. Essa magnífica residência deve constituir motivo de lídimo orgulho para os santafezenses. Dotada de dois andares e duma pequena água-furtada, destacam-se em sua fachada branca os caixilhos azuis de suas janelas de guilhotina, dispostas numa fileira de sete, no andar superior, sendo que a do centro, mais larga e mais alta que as outras, está guarnecida duma sacada de ferro com lindo arabesco; por baixo desta sacada, no andar térreo, fica a alta porta de madeira de lei, tendo de cada lado três janelas idênticas às de cima. Ao lado esquerdo do sobrado, no alinhamento da fachada, vemos imponente portão de ferro forjado ladeado por duas colunas revestidas de vistoso azulejo português nas cores branca, azul e amarela, e encimadas as ditas colunas por dois vasos de pedra de caprichoso lavor. O terreno, a que esse portão dá acesso, está todo fechado por um muro alto e espesso que por assim dizer (perdoe-se-nos a ousadia da imagem) aperta a casa como uma tenaz. O efeito é assaz formoso, pois o “Sobrado” (assim é a residência conhecida na vila) dá a impressão desses solares avoengos, relíquias de nossos antepassados lusitanos. Não devemos esquecer outro encanto, qual seja o seu vasto quintal todo cheio de árvores de sombra e írutífcras, como laranjeiras, pessegueiros, guabirobeiras, lindos pés de primavera, cinamomos, magnólias e um esplêndido e altaneiro marmeleiro-da-índia.

"Convidados gentilmente pelo sr. Aguinaldo Silva para visitar-lhe a residência, pudemos verificar que esta se acha dividida em

dezoito amplas peças, mui bem arejadas e iluminadas, com pé-direito bastante alto; e que as portas que separam essas peças umas das outras terminam em arco, em bandeirolas com vidros nas cores amarela, verde e vermelha. Os móveis são de autêntico jacarandá, muito pesados e severos, tendo pertencido, como nos informou o dito

sr. Silva, a uma Casa Senhorial de Recife, e sendo de lá trazidos para Porto Alegre num patacho e desta última localidade para cá em carretas."

O artigo terminava com um parágrafo que por assim dizer constituía a ponta do traiçoeiro espinho: “Assim, pois, seria o sobrado do sr. Aguinaldo Silva um solar digno de hospedar até Sua Majestade dom Pedro II, caso o nosso querido imperador nos desse a altíssima honra de visitar Santa Fé”.

Pois esse artigo, escrito com um entusiasmo inocente e desinteressado, deixara o coronel Amaral furioso.

— Essa é muito boa! - exclamou ele um dia na loja do Alvarenga. — O imperador parando na casa do Aguinaldo! É de primeiríssima! Uma ideia estúpida assim só podia ter saído da cabeça daquele pé-de-pato!

Ficou muito vermelho e começou a sentir uma comichão na cicatriz em forma de P que lhe marcava uma das faces. O padre Otero, que tinha ido comprar um emplastro na loja, ouviu a explosão, e como era amigo do juiz de direito, com quem habitualmente jogava longas partidas de xadrez (apesar de sabê-lo pedreiro livre, arriscou: - O dr. Nepomuceno não escreveu isso por mal, coronel…

— Não sei se foi por bem ou por mal - retrucou o outro, fitando o olhar encolerizado na face amarela do vigário. — O que sei é que escreveu. Ele devia saber quem é esse Aguinaldo Silva.

Pigarreou com fúria e escarrou no chão.

Mas, para falar a verdade, em Santa Fé ninguém sabia ao certo quem era Aguinaldo Silva. Claro, pela entonação da voz, via-se logo que o homem era do norte. Ele próprio declarara ter nascido no Recife; o que não contava, mas os outros murmuravam, era que tivera de fugir de lá, havia muitos anos, por ter matado a esposa e o homem com quem ela o traíra. “Isso não é crime” - observara um dia o Alvarenga, de cuja loja o nortista era bom freguês. — “Um homem de vergonha não podia fazer outra coisa.” Mas pessoas que sabiam da história com todos os pormenores explicavam que o duplo assassínio fora premeditado. Ao descobrir que a mulher o enganava, Aguinaldo a obrigara a marcar um encontro com o amante em seu próprio quarto de dormir. Simulara uma viagem mas ficara escondido debaixo da cama, e saltara do esconderijo em dado momento para estripar a facadas tanto o amante como a mulher.

Havia no drama um detalhe dum trágico grotesco que os maldizentes usavam como remate humorístico do caso: “O homem estava começando a tirar a roupa quando Aguinaldo saiu de baixo da cama. O infeliz nem teve tempo de dizer ai: a faca do marido rasgou-lhe o bucho”. Risadas. “No fim, acho que ele não sabia se segurava as calças ou as tripas.” Pausa dramática. “Mas tanto as calças como as

tripas acabaram caindo no chão.”

Novas risadas.

Eram essas as histórias que corriam em Santa Fé. Mas ninguém sabia de nada com certeza. Contava-se também que depois de passar alguns anos no Rio de Janeiro e em Curitiba, com nome trocado, Aguinaldo viera para a província de São Pedro, onde durante a guerra civil andara ora com as tropas farroupilhas ora com as forças legalistas, ao sabor de suas conveniências. Os que o conheciam de perto pintavam-no como um homem ladino, de olho vivo para os negócios, e que, obcecado pelo medo de ser logrado e sabendo que a melhor maneira de a gente se defender é atacar, tinha a preocupação permanente de lograr os outros. Baixo, de pernas muito curtas para o tórax anormalmente desenvolvido, era levemente corcunda e tinha, plantada sobre os largos ombros ossudos, uma cabeça triangular, de pescoço curto, e uma cara de chibo que a pêra grisalha acentuava. Era feio, mas duma fealdade aliciante e simpática, muito ajudada por uma voz de inflexões macias e musicais. Apesar da cor amarelada do rosto, tinha uma saúde de ferro e aos setenta e dois ainda fazia tropas, dormia ao relento, e campereava com o

entusiasmo e a eficiência dum moço de vinte. Por muito tempo Aguinaldo recusara vestir-se como os gaúchos da província. Conservara a indumentária de couro dos vaqueiros do Nordeste - o que lhe valera muitas vezes a desconfiança e a má vontade dos continentinos - e mesmo agora que decidira abandoná-la em favor da bombacha, do pala e do poncho, conservava ainda o chapéu de sertanejo, de abas viradas para cima, o que, como dizia o dr. Nepomuceno, lhe dava uns ares napoleômicos.

Aguinaldo amava o dinheiro mas não era sovina. Gostava de pagar “comes e bebes” para os amigos, vivia ajudando os necessitados, e era generoso para com seus agregados, peões e comissionados. Quando pela primeira vez aparecera em Santa Fé, no ano em que fora assinada a paz entre farroupilhas e legalistas, causara a pior das impressões. Chegara escoteiro, montado num cavalo magro e manco, e fazendo questão de mostrar a toda a gente que tinha as guaiacas atestadas de moedas de ouro. Começaram então a murmurar na vila que Aguinaldo havia descoberto uma Salamanca lá para as bandas de São "Borja. “Salamanca? Lorotas!” - retrucavam outros. — “Isso é dinheiro de contrabando. Conheço pelo cheiro.” E um dia, numa roda de bisca na casa do Alvarenga, o padre Otero comentou: “Seja como for, não deve ser dinheiro limpo”. Mas os que precisavam de crédito para seus negócios não se preocuparam com averiguar a origem dos patacões, cruzados e onças de Aguinaldo Silva, quando este se aboletou num rancho nos arredores de Santa Fé e começou a emprestar dinheiro a juro alto. Quando sabia que um lavrador ou

criador estava em dificuldades financeiras, procurava-o, ambicioso, e oferecia-lhe um empréstimo, pedindo como garantia terras ou gado num valor que em geral correspondia ao dobro ou ao triplo do capital emprestado. Se o homem era bem-sucedido nos negócios, lá voltava o dinheirinho para a bolsa de Aguinaldo, acrescido dos gordos juros. Mas se a dívida se vencia e o devedor não estava em condições de liquidá-la, Aguinaldo, sem desmanchar dos lábios o sorriso amigo, sem a menor dureza na voz cantante, executava a hipoteca. Foi assim que com o passar dos anos, em que fez também muitas tropas e vendeu-as a charqueadores, Aguinaldo se apossou de várias propriedades de Santa Fé - inclusive da de Pedro Terra - e multiplicou sua fortuna de tal forma que já se dizia estar ele tão rico de campos, gados e moeda sonante quanto o próprio Bento Amaral.

Muito religioso, Aguinaldo ia à missa todos os domingos e fazia donativos à Igreja. O padre Otero gostava de ouvi-lo contar histórias do sertão de Pernambuco em torno de cangaceiros, cabras valentes, lutas de família e casas assombradas, ficava admirado de ver como aquele caboclo analfabeto sabia narrar com fluência e colorido, com um sabor até literário.

Também dava muito na vista em Santa Fé o apego que Aguinaldo Silva tinha por dois filhos do lugar: Bolívar Cambará e Florêncio Terra. Conversando certa ocasião com o padre Otero, Aguinaldo lhe dissera: - Esses dois meninos são mesmo que filhos meus. Vosmecê sabe, seu vigário, perdi toda a minha gente. Da minha família só me sobrou uma neta, a Luzia, que está estudando num colégio na Corte. Quero que ela tenha o que eu não tive e o que os pais dela não tiveram. Tudo do bom e do melhor.

E um dia quando o vigário e Aguinaldo se encontravam na praça, debaixo da figueira, conversando e olhando para o Sobrado, enquanto trabalhadores lhe caiavam a fachada, o padre Otero perguntou: - Ainda que mal pergunte, amigo, não acha que o Sobrado é um pouco grandote pra uma família tão pequena? Vosmecê não disse que só tinha uma neta?

— Disse. Mas acontece que um dia a Luzia vai casar e ter filhos. E os filhos da Luzia vão casar também e ter família. Quero leunir toda a cambada no Sobrado…

Ficou um instante pensativo, olhando para a casa. Depois acocorou-se à maneira dos sertanejos e começou a picar fumo. E assim nessa posição, com uma palha de milho atrás da orelha, contou ao padre que um dia, quando menino, vira uma cena que nunca mais lhe saíra da memória: um senhor de engenho coçando as barbas brancas e sorrindo à cabeceira duma mesa comprida a que estavam sentados, comendo, rindo e conversando, os vinte e tantos membros de sua família - filhos, filhas, genros, noras, netos… Desde esse momento

Aguinaldo decidira trabalhar como um burro para um dia ter também casa e família grande, com mesa farta e alegre.

— Mas Deus não quis que eu visse minha família reunida - murmurou ele, enrolando o cigarro. — Foi matando todos, um por um…

Ergueu os olhos para o vigário, ficou a contemplá-lo por alguns segundos, e depois murmurou: - Nunca fui ao confessionário, padre, mas vou lhe contar aqui um segredo que nunca contei a ninguém. — Riu. — Não sei por que estou lhe dizendo isto, mas de repente me deu vontade…

Calou-se poi um instante, seus olhos se perderam na direção dos campos.

Depois, baixinho, num cicio, olhando furtivamente para os lados, contou: - A Luzia não é minha neta de verdade. Peguei ela num asilo, quando ainda de colo. Era órfã de pai e mãe. Mas criei a menina como se fosse minha neta. Um homem não pode viver sem ninguém de seu, pode, padre?

O vigário sacudiu a cabeças negativamente. E o nortista acrescentou: - Ela não sabe da verdade. Pensa que é minha neta mesmo. O padre Otero ficou um instante pensativo e depois disse: - Não desanime, seu Aguinaldo. Vosmecê está ainda forte e se a Luzia casar o Sobrado pode estar cheio de crianças dentro de poucos anos.

— Se eu viver até lá.

— Há de viver, sim, se Deus quiser.

Aguinaldo fechou um olho, ficou um instante como que dormindo na pontaria e finalmente perguntou: - Mas será que o Velho quer mesmo?

Dessa conversa resultou um novo donativo gordo para a Igreja. O vigário o recebeu sorrindo e a refletir assim: Esse caboclo pensa que pode comprar a dinheiro favores de Deus. Mas bendisse os cruzados do pernambucano, pois precisava deles para custear um puxado que ia fazer na casa paroquial e para comprar uns castiçais novos para o altar-mor.

Quando Luzia deixou o colégio e mudou-se para Santa Fé, onde passou a ser a “senhora do Sobrado”, todos acharam que, mais do que ninguém, ela merecia o título. E durante muito tempo a neta de Aguinaldo Silva foi o assunto predileto das conversas da vila. As mulheres reparavam nos seus vestidos, nos seus penteados, nos seus “modos de cidade”, mas, bisonhas, não tinham coragem de se aproximar da recém-chegada, tomadas duma grande timidez e duma sensação de inferioridade. Em muitas esse acanhamento se tiansformava em hostilidade; noutras tomava a forma de maledicência. Luzia era rica, era bonita, tocava cítara - instrumento que pouca gente ou ninguém ali na vila jamais ouvira - sabia recitar

versos, tinha bela caligrafia, e lia até livros. Os que achavam que Santa Fé não podia dar-se o luxo de ter um sobrado como o de Aguinaldo, agora acrescentavam que a vila também "não comportava" uma moça como Luzia. Para alguns severos pais de família tudo aquilo que a forasteira era e tinha constituía uma extravagância ostensiva que os deixava até meio afrontados. E quando viam Luzia metida nos seus vestidos de renda, de cintura muito fina e saia rodada; quando aspiravam o perfume que emanava dela, não podiam fugir à impressão de que a neta do pernambucano era uma "mulher perdida" e portanto um exemplo perigoso para as moças do lugar. Por outro lado, o passado escuro de Aguinaldo não contribuía em nada para melhorar a situação da moça. Aqueles homens, dum realismo rude, olhavam para o Sobrado e para seus moradores como para intrusos e acabavam dizendo: "Isso não vai dar certo".

Os rapazes da vila, conquanto se sentissem atraídos por Luzia, concluíam quase todos que ela não era o tipo que desejavam para esposa. A moça causava-lhes um vago medo que eles não sabiam explicar com clareza, mas que em geral resumiam para si mesmos numa frase: "Não nasci pra corno".

No entanto, desde o momento em que a rapariga chegara, Bolívar Cambará e Florêncio Terra ficaram fascinados por ela, cercaram-na de atenções e não perdiam pretexto para visitar o Sobrado. Faziam isso, porém, de maneira diferente. Bolívar não escondia seus sentimentos: mostrava-se como sôfrego, apaixonado, explosivo. Florêncio, entretanto, mantinha-se reservado, silencioso, mas duma fidelidade canina; portava-se, em suma, como um cachorro triste que - temendo ou sabendo não ser querido pela dona - limitava-se a ficar de longe a contemplá-la com olhos cálidos e compridos, cheio dum amor dedicado mas que não tem coragem de se exprimir.

Aguinaldo percebera tudo desde a primeira hora e observava, deliciado, a maneira como a neta tratava os dois rapazes, mangando com ambos, dando a um e outro esperanças que ela própria se encarregava de desmanchar dias ou horas depois com um gesto, uma palavra ou um encolher de ombros.

Como era natural a história se espalhou depressa pela vila: Bolívar e Florêncio, primos irmãos e amigos de infância, estavam apaixonados por Luzia Silva. Qual dos dois a moça iria escolher?

— Escolhe o Florêncio - dizia um - porque é o preferido do Velho.

— Não. O preferido do Aguinaldo é o Bolívar - afirmava outro.

— Mas, no fim de contas, qual é o preferido da moça?

— Decerto os dois! - maliciava um terceiro. — Ela tem olhos de mulher falsa.

— Mas não pode casar com os dois…

— Ué… Casa com um e depois fica amásia do outro. Gente de

cidade grande não tem vergonha na cara.

Um dia alguém disse: - O Florêncio e o Bolívar vão acabar brigando. É uma pena. Primos irmãos… cresceram juntos como unha e carne. Agora vem essa bruaca estrangeira…

— Mas ela não é estrangeira. Nasceu em Pernambuco.

— Sei lá! Não sendo continentino pra mim é estrangeiro. Em princípios de 1853, quando os santa-fezenses ainda comentavam o almanaque do dr.

Nepomuceno, espalhou-se por toda a vila a notícia de que Luzia Silva ia contratar casamento com Bolívar Cambará.

Um habitante antigo do lugar, que conhecera o capitão Rodrigo, murmurou: - Se o rapaz puxou pelo pai, tenho pena da moça…

Mas um cfutro, que sabia das histórias que corriam sobre o passado de Aguinaldo, retrucou: - Mas se a moça puxou pela avó, a corrida vai ser parelha..

Acordou sobressaltado, sentindo que havia soltado um grito. Pulou da cama automaticamente e ficou de pé no meio do quarto escuro, na estonteada aflição de quem se vê de súbito sem memória e não sabe quem é nem onde está - mas sente que algo de terrível está acontecendo.

“Meu filho!”

Donde vinha aquela voz? Da direita? Da esquerda? De onde?

“Meu filho!” Quase sem sentir, como uma criança que tem medo da escuridão, ele gritou: “Mamãe!”

A memória então lhe voltou. Era Bolívar Cambará, estava em sua casa, em seu quarto e fazia algum tempo que se deitara para dormir. Mas o medo ainda lhe comprimia o peito, e era mais terrível ainda porque ele não lhe conhecia a causa. Alguma coisa o fizera soltar um grito e acordar assustado, alguma coisa que decerto estava agora escondida num dos cantos do quarto escuro… Por isso a voz de sua mãe era uma esperança de socorro. Ele queria luz: ele queria a mãe.

Uma porta se abriu e Bibiana apareceu com uma vela acesa na mão. A chama alumiava-lhe o rosto. E por um segundo Bolívar de novo voltou à infância. Pareceu-lhe até sentir o cheiro do óleo da lamparina. O rosto da mãe lhe deu a sensação de segurança de que ele precisava. Seu primeiro ímpeto foi o de caminhar para ela, buscando a proteção de seus seios, de seus braços, de seu ventre. Para ele mãe e luz eram duas coisas inseparáveis. Quando menino,

muitas vezes acordava assustado no meio da noite, começava a chorar e só se acalmava quando a mãe acendia a lamparina e o tomava nos braços para o embalar.

— Que foi que aconteceu, meu filho? - perguntou ela caminhando descalça para o rapaz e pondo-lhe a mão no ombro. — Está sentindo alguma coisa?

— Não é nada, mãe.

De repente teve vergonha da situação. Um homem de quase vinte e três anos portando-se daquela maneira…

Bibiana empurrou Bolívar para a cama, de mansinho. Bolívar deixou-se levar.

— Deita, meu filho.

Ele obedeceu. Bibiana sentou-se na beira da cama, depôs o castiçal sobre a mesinha-de-cabeceira e puxou a colcha de algodão, cobrindo o filho.

— O sonho veio outra vez?

— Veio.

Desde que voltara da guerra, Bolívar sonhava periodicamente com o homem que matara numa carga de lança. Claro, tinha matado muitos outros, em diversos entreveros: mas havia um que ele não podia esquecer…

Vira-lhe bem o rosto no momento em que sua lança lhe penetrara o tórax, num estalar de costelas - uma cara contorcida pela dor e pelo medo, com o sangue a escorrer pelos cantos da boca…

E agora, ali junto da mãe, pensando em tudo isso, Bolívar mais uma vez teve vontade de desabafar com ela, contar-lhe o que nunca contara a ninguém. Queria dizer: "Foi de mau que matei ele. O combate tinha terminado. O quadrado estava rompido. Os argentinos se entregavam. Foi então que vi aquele homem. Olhou pra mim, ergueu os braços e gritou: Amigo, amigo! Estava doido de medo, o pobre… Estava desarmado…

Esporeei o cavalo, arranquei pra cima dele e enterrei-lhe a lança no peito. Eu estava como louco, meio cego… O homem caiu de costas com a lança espetada no peito e eu fiquei olhando… Era bem moço e estava de olhos vidrados. Eu matei aquele homem por maldade. Mas não sou bandido, mãe, juro por Deus que não sou!"

Bolívar olhava para a mãe mas não dizia nada. Falava apenas em pensamento, confessava tudo. E em pensamento também chorava, tirava aquela ânsia do peito, desabafava…

Como se tivesse ouvido as palavras que o filho não pronunciara, Bibiana começou a passar-lhe as mãos pelos cabelos e a dizer: - Não é nada, Boli. Guerra é guerra.

Ela sempre lhe contava as histórias do capitão Rodrigo e as que sua avó Ana Terra lhe narrara sobre revoluções, violências e crueldades. Parecia que aquelas mulheres estavam habituadas à'ideia de que um homem para ser bem macho precisava ter matado pelo menos um outro homem.

— Sonhei que o morto estava em cima do meu peito - disse Bolívar - e que o sangue que saía da boca dele escorria pra dentro da minha e me afogava…

— Por que não esquece isso, meu filho? O que passou passou.

— Mas não passou, mãe. De vez em quando o sonho volta. Cada vez que ele vem, é o mesmo que matar de novo aquele homem.

— São os nervos, Boli. É por causa de amanhã.

No dia seguinte ia haver uma festa no Sobrado para festejar o contrato de casamento de Bolívar com Luzia Silva. Era natural que o noivo estivesse preocupado.

Bibiana tomou de novo o castiçal e ergueu-o diante do rosto de Bolívar.

Viu a chama refletida nas pupilas do filho, uma pequena vela acesa em cada olho.

— Agora dorme. Tudo passa. Fecha os olhos e faz força pra não pensar.

Bolívar cerrou os olhos e pediu: - Deixa a lamparina acesa.

— A lamparina? - estranhou ela.

— A vela, digo.

Lembrou-se dos tempos de menino quando suplicava: “Não apaga a luz, que eu tenho medo”.

Os dedos dela eram frescos e leves sobre sua testa. Sentiu quando ela se erguia, ouviu-lhe os passos macios nas tábuas do soalho e o ruído da porta que se fechava de mansinho. De novo teve a sensação de abandono e de inexplicável medo. No silêncio começou a ouvir o tique-taque do relógio sobre a mesinha-de-cabeceira.

Era o relógio que pertencera a seu avô, Pedro Terra. Quando menino.

Bolívar costumava pedir ao velho que lhe deixasse escutar o coração do relógio. “Não é coração, Boli. É uma máquina” - explicava Pedro. O coração de Pedro Terra tinha parado para sempre. Mas o do relógio ainda continuava a bater.

Bolívar revolveu-se na cama, e então o pensamento que estava tentando evitar, lhe veio de novo, com uma força tão terrível que lhe pôs o sangue a pulsar nas têmporas com fúria entontecedora. O quarto de súbito como que ficou cheio da presença do negro Severino.

O suor escorria pela testa e pelas faces de Bolívar, e ele sentia a camisa pegajosa e úmida colada às costas e ao peito. Precisava sair para o ar livre, procurar a companhia de alguém. Pensou em ir acordar o primo. Florêncio era o seu melhor amigo, a única pessoa com quem se ía abrir. Sim, devia levantar-se e sair. Mas não saía. Ficou na cama, deitado de costas, com a impressão de ter o mundo inteiro em cima do peito.

Havia uma coisa que não lhe saía da mente: Amanhã Severino vai ser enforcado por minha culpa. Todos diziam que fora o depoimento de Bolívar Cambará que o condenara. O júri se realizara havia mais de ano, o processo se arrastara, fora mandado em recurso final ao

Tribunal da Relação do Rio de Janeiro, que confirmara a sentença. Severino ia ser enforcado no dia seguinte, às cinco da tarde, na Praça da Matriz... Era a primeira condenação à morte na história de Santa Fé. Na expectativa do grande espetáculo, a população estava excitada, como em vésperas de quermesse ou de cavalhadas. Iam até botar cadeiras ao redor da forca...

Havia pouco mais de um ano aquele crime ocupara todas as atenções na vila e no município. Os habitantes antigos do lugar afirmavam que fora o mais horrível de quantos tinham lembrança. Dois tropeiros desconhecidos haviam pedido pousada numa chácara das cercanias da vila, onde morava um oleiro viúvo servido por um único escravo, Severino. Jantaram os viajantes na companhia do oleiro e durante o jantar - em que foram atendidos pelo preto - declararam ter recebido muito dinheiro da venda duma tropa de mulas. E como fossem partir no dia seguinte, antes do nascer do sol, quiseram, antes de se recolherem, pagar a hospedagem, e um deles tirou uma onça de ouro da guaiaca recheada de moedas. O dono da casa - segundo ele próprio contou mais tarde às autoridades - mostrou-se melindrado com aquele gesto e recusou receber o dinheiro. Onde se viu um gaúcho cobrar hospedagem em sua casa? Os viajantes recolheram-se ao quarto e no dia seguinte foram ambos encontrados mortos, com as cabeças esmigalhadas. Ao descobrir os cadáveres o oleiro - de acordo com seu próprio depoimento - gritou por Severino e verificou que o negro havia desaparecido.

Aconteceu que na noite do crime Severino pedira guarida a Bolívar, dizendo ter fugido do amo por não poder suportar-lhe os maus-tratos.

Bolívar ficou intrigado ao ver manchas frescas de sangue na camisa e nas calças do escravo.

— Que é isso, Severino?

— Sangue.

— Eu sei. Mas de quem?

O negro pareceu hesitar um instante e depois disse: - Meu. Foi da sova que apanhei ind'agorinha.

— Tire a camisa. Vamos botar remédio nas feridas.

— Não carece.

— Tire a camisa! - ordenou Bolívar.

Severino então começou a tremer e a balbuciar coisas que Bolívar não entendeu, e num dado momento olhou para a porta com olhos cheios de pavor, precipitou-se na direção dela, e fugiu. Foi preso no dia seguinte nuns matos dos campos dos Amarais e trazido para a vila.

Chamado a depor, Bolívar contara o que vira. Interrogado pelas autoridades, o negro chorou, negando ter cometido o crime. Como as guaiacas das vítimas não tivessem sido achadas, perguntaram a

Severino onde as havia escondido.

— Não escondi nada - choramingou ele. — Não matei ninguém. Não sei nada.

Sou um pobre negro.

Contava mais, que na noite do crime o patrão o acordara a chicotadas e ameaçara-o com um facão, gritando:

— Vai-te embora, negro sujo, senão eu te sangro!

O oleiro, entretanto, negava tudo isso, como negara também haver surrado o escravo na noite em que os tropeiros lhe pediram hospitalidade.

O júri foi dos mais movimentados em toda a vida de Santa Fé desde que ela fora elevada a cabeça de comarca. Entre os juizes de fato estavam Bento Amaral, Aguinaldo Silva e Juvenal Terra. O promotor foi implacável. Achava que um crime daquela natureza não podia ficar impune; tinha de ser punido com a máxima severidade - "…para que, senhores jurados, não fique estabelecido um precedente horrível que haveria de trazer a inquietude e o pavor permanentes a todos os senhores de escravos, a todas as casas, a todas as famílias". E continuou: "O depoimento do sr. Bolívar Cambará, pessoa que nos merece a maior confiança, deixa o caso claro como um cristal. Na noite do crime o negro o procurou e estava com as roupas ensanguentadas. Que dúvida pode ainda subsistir? Era o sangue das vítimas inocentes, pois se fosse o sangue do próprio escravo, como ele parecia insinuar, por que se recusou Severino a mostrar suas feridas ao homem junto do qual buscava proteção?"

Severino foi declarado culpado por todos os juizes, menos por Juvenal Terra, que mais tarde afirmou a amigos: "Esse negro eu conheço desde menino. Brincou com o Florêncio e o Bolívar. Não é capaz de matar uma mosca. Homem e cavalo eu conheço pelo jeito de olhar".

Bolívar revolveu-se na cama e ficou deitado de bruços, com os braços dobrados e os punhos cerrados debaixo do peito, sentindo o bater furioso do coração. Pensou no coração do Severino a pulsar naquele pobre peito escuro e lanhado. Decerto àquela hora o negro estava acordado na sua cela, esperando o clarear do dia de sua morte. Mas quem Bolívar via em pensamentos na cadeia não era o Severino homem feito, mas sim o menino que brincava com ele e Florêncio debaixo da figueira da praça. E esse menino agora ia morrer só por causa dumas palavras que seu amigo Boli dissera às autoridades…

Bolívar procurou pensar em Luzia, esforçou-se por se convencer a si mesmo de que tudo estava bem: ele ia casar com a mulher que amava, com a mais linda moça de Santa Fé: um dia seria o senhor do Sobrado… Mas era inútil. Seu mal-estar continuava: aquela aflição, aquele peso no peito, a sensação de que algo de horrível estava por

acontecer… E a lembrança de Luzia agravava essa sensação. E, sem compreender como, Bolívar odiou a noiva. Odiou-a por tudo quanto sentia por ela, odiou-a porque ela era bela, rica e inteligente. E odiou-a principalmente por causa de seus caprichos de mocinha mimada. Ele lhe pedira, lhe suplicara quase, que transferisse a festa do noivado para outro dia qualquer, a fim de que a cerimônia não coincidisse com a hora do enforcamento de Severino. Luzia batera pé: "Não, não e não!" O padre Otero interviera, dizendo que não era direito estarem se divertindo no Sobrado enquanto um cristão morria ali na praça. Mas Luzia não cedera. Achava que não havia nenhuma razão para modificar seus planos. Já tinham preparado tudo: os convites estavam feitos, os doces prontos… Se as autoridades quisessem, que transferissem a execução. E Aguinaldo, que sempre acabava fazendo as vontades da neta, deu-lhe todo o apoio: "Luzia é a dona da casa e da festa. Ela é quem manda".

Bolívar sentia o pulsar do próprio sangue no ouvido que apertava contra a fronha. Seu coração batia com tanta força que parecia sacudir a cama, a casa, o mundo. E batia de medo - medo do que ia acontecer depois que o dia raiasse…

De repente Bolívar descobriu por que sentia aquilo. Era a impressão de que ele, e não Severino, é que ia ser enforcado. Aquela era a sua última noite. Não podia dormir. Era inútil tentar. O pavor da morte mantinha-o de olhos abertos.

Atirou as pernas para fora da cama e levantou-se. Como era seu hábito, dormia vestido. Apanhou as botas e começou a caminhar na direção da porta, procurando não fazer barulho. E quando se viu a andar pé ante pé na casa silenciosa, teve a impressão de que era um ladrão ou de que ia matar alguém… E num segundo passou-lhe pela mente uma ideia confusa e horrenda: Ele, Bolívar, tinha assassinado os dois tropeiros. Severino estava inocente. Agora se

lembrava. A machadinha, os dois homens ressonando no quarto escuro.

Depois o estralar dos ossos daquelas cabeças, como cocos que se partem.

Bolívar respirava com dificuldade. Tinha os olhos fechados e procurava espantar aquela ideia. Devo estar louco por pensar essas barbaridades.

Continuou a andar, com todo o cuidado. Mas o soalho rangeu e a voz da mãe veio do outro quarto: "Bolívar!"

Por um instante ele não respondeu. Estava trémulo, assustado, como se tivesse sido descoberto no momento em que ia cometer um crime. A porta abriu-se, e de novo lá estava dona Bibiana, com os cabelos grisalhos caídos sobre os ombros. A luz da vela, que mal alumiava o quarto, não chegava até o rosto dela.

— Que é que o meu filho tem?

— Não é nada, mãe. Só que não pude dormir.

— São os nervos.

Houve um silêncio. Bolívar calçou as botas, e depois disse: - Vou caminhar um pouco pra refrescar.

— Vai, meu filho, mas não demora. Amanhã precisas estar bem disposto.

Bolívar saiu com a impressão de que não voltaria mais, nunca mais.

Era uma noite calma, e morna, de lua cheia. Bolívar começou a andar sem saber ao certo aonde ia, mas seus passos o levaram na direção da casa de Florêncio. Tinha a impressão esquisita de não estar bem acordado. Seus pés pesavam como chumbo e p'arecia que o chão lhe fugia às pisadas.

Galos amiudavam nos terreiros e isso deixava tudo mais estranho - pois embora ele sentisse que os galos estavam cantando, esse canto não chegava a mover o ar morto da noite. Houve um instante em que Bolívar desconfiou de que tudo aquilo era apenas um sonho. Talvez fosse. Talvez de repente acordasse para verificar que estava ainda em sua cama. No entanto andava sempre, via as casas ao luar, os quintais onde árvores

escurejavam, as sombras das casas na rua, os frades-de-pedra na (rente da venda do Schultz, da loja do Alvarenga e da agência do correio. Ele estava acordado, não havia dúvida. E agora começava a doer-lhe a cabeça - uma dor de canseira e de tontura, um mal-estar de febre. Um gato cinzento passeava por cima dum telhado e seus olhos fuzilaram. De repente, num choque, Bolívar lembrou-se dum gato que, quando menino, ele vira um escravo enforcar no fimdo do quintal, e o guincho estrangulado do animal lhe traspassou a memória como uma agulhada. E lá de novo estava Severino pendurado na forca, e o coração de Bolívar a bater-lhe como um possesso dentro do peito.

Decerto estou doente, com febre - refletiu ele ao chegar à frente da casa de Florêncio Terra. Ficou indeciso. Precisava chamar o amigo sem acordar as outras pessoas da casa. Entrou pelo portão lateral e bateu de leve na janela do quarto do primo. Não teve nenhuma resposta. Tornou a bater com mais força, chamando: “Florêncio… Florêncio”.

Esperou. Ouviu um arrastar de pés dentro do quarto. Depois a janela se entreabriu.

— Quem é?

— Sou eu. O Boli.

— Que foi que houve?

A cabeça de Florêncio apareceu.

— Nada. Só que não posso dormir… - começou a dizer Bolívar. E

de repente sentiu vergonha daquela situação. Estava ali como um menino assustado pedindo a proteção dum mais velho. Ficou desconcertado, sem atinar com o que fazer. Florêncio compreendeu tudo e murmurou: - Espera um pouquinho que já saio. — E fechou a janela.

Bolívar encostou-se na parede da casa, tirou do bolso um pedaço de fumo, desembainhou a faca e começou a fazer um cigarro. Havia no ar um perfume de madressilvas e agora, longe, um cachorro começava a uivar. De novo Bolívar pensou em Severino. Ele decerto estava ouvindo da cadeia o uivo do animal, uma lamúria agourenta, prolongada e trémula, que Bolívar sentia repercutir-lhe dentro do peito. Pensou na "simpatia" que sua mãe costumava fazer quando ouvia um cachorro uivar: virava uma chinela de sola para o ar e imediatamente o uivo cessava.

O vulto de Florêncio apareceu, vindo do fundo da casa. Os dois primos começaram a caminhar lado a lado, em silêncio, ganharam a rua e sem a menor combinação se dirigiram para a praça. Era assim que faziam quando crianças: mal se juntavam corriam a brincar debaixo da figueira grande.

Pararam por um instante à frente da capela, e Florêncio, vendo que o primo tinha preso entre os dentes o cigarro apagado, bateu a pedra do isqueiro. E quando o outro aproximou a ponta do cigarro da brasa do pavio, Florêncio percebeu que os dedos do amigo tremiam.

— Calma, tenente - murmurou ele. — Calma…

Era assim que dizia quando estavam na véspera dum combate. Tinham feito juntos a campanha contra Rosas, e pouco antes de entrarem em ação, Bolívar ficava tão nervoso que começava a bater queixo, a tremer e às vezes rompia até a chorar. Florêncio tinha de tomar conta dele, levá-lo para o mato, metê-lo na barraca, abafar-lhe o choro como podia para que os companheiros não ouvissem, para que não pensassem que Bolívar estava com medo. Porque covarde ele não era. Quando ouvia os primeiros tiros, quando via o inimigo aproximar-se, o rapaz mudava completamente. Ficava assanhado como um potro bravo, de narinas infladas, cabeça erguida, ardendo por se meter num entrevero. E era preciso contê-lo para que não fizesse temeridades.

Florêncio agora olhava para o primo à luz do luar. Como era difícil compreender aquele homem! Viviam juntos desde meninos e ele ainda não conseguira entender o outro, nunca sabia o que esperar dele. Era uma criatura desigual: num momento estava exaltado e fogoso, mas no minuto seguinte podia cair no mais profundo desânimo. Passava da doçura à cólera com uma rapidez que desnorteava os amigos.

Depois que decidira contratar casamento com Luzia, seu nervosismo aumentara, e agora ele começava a portar-se como se

estivesse em véspera de combate.

Florêncio apagou o isqueiro e perguntou: - O sonho veio outra vez?

— Veio - murmurou o primo, puxando uma baforada de fumaça.

— O mesmo de sempre?

Bolívar sacudiu a cabeça, numa afirmativa meio relutante. Depois, disse: - Desta vez o Severino também apareceu.

Florêncio sempre achara que os sonhos traziam avisos de coisas que iam acontecer. Conhecia casos… Mas o dr. Winter afirmava que isso era crendice, porque os sonhos nada tinham a ver com o futuro.

Agora os dois caminhavam calados para o centro da praça e Florêncio via que os olhos de Bolívar estavam postos na forca. Compreendeu então que era que estava roendo o amigo por dentro, mas achou melhor não dizer nada. O outro que puxasse o assunto, se quisesse.

Sentaram-se debaixo da figueira, ficaram por algum tempo em silêncio, pensando os dois nos tempos da infância, quando vinham ali brincar com Severino. O negrinho subia na árvore, ágil e escuro como um bugio, fazia piruetas, soltava guinchos. Bolívar erguia ao rosto um pedaço de pau, fazendo de conta que era uma espingarda, apontava-o para o bugio, gritava: pei! e Severino, segundo uma combinação prévia, tinha de atirar-se ao chão e ficar imóvel - um bugio morto - até que Florêncio vinha ajoelhar-se ao pé dele, encostar o ouvido no peito do “animal” e depois declarar muito sério para o primo: “Bem no coração”. Mal, porém, ele dizia essas palavras o negrinho começava a rir desesperadamente, a retorcer-se todo e a espernear. Era a hora de Florêncio tirar da cintura a sua faca de madeira e “sangrar” o bugio bem como os homens da charqueada sangravam os bois…

O bugio vai ser enforcado amanhã - pensou Bolívar. De novo começou a sentir as batidas violentas do próprio coração. Estava sentado com as costas apoiadas no largo tronco da figueira, e houve um momento em que lhe pareceu que a árvore tinha também um grande coração que pulsava, numa cadência de medo. Aquela figueira sempre lhe dera a impressão duma pessoa, duma mulher que tivesse a cabeça, os braços e os ombros enterrados no chão e as pernas erguidas para o ar, muito abertas. Bolívar tinha treze anos quando descobriu a semelhança, e desde então começou a amar secretamente a figueira. As vezes ficava montado bem na parte em que as duas pernas da “mulher” se ligavam ao tronco; enlaçava com ambos os braços uma das coxas e, de olhos fechados, ansiado e trémulo, ficava ali longo tempo, com o coração a bater descompassado de prazer e de medo - prazer de amar a figueira mulher; medo de que alguém aparecesse e o visse fazendo aquilo. Nunca contara seu segredo a ninguém, nem a Florêncio, pois o primo não gostava de “bandalheiras”. E aquela

árvore tinha sido para ele tudo: cavalo, carreta, castelo, abrigo, amante…

Pensou em Luzia, imaginou-a meio enterrada no chão, de pernas para o ar. Luzia devia ter pernas bonitas. Ele ia amar Luzia como amara a figueira. Mas Luzia não era boa como a figueira, Luzia não era amiga como a figueira…

Olhou para o Sobrado: grande, branco, imóvel ao luar. Por trás daquelas paredes sua noiva decerto dormia sem remorsos, como uma criança. Tinha tudo o que queria, todos lhe faziam as vontades, era como uma rainha.

Um homem ia morrer na forca, mas que era para aquela moça mimada a vida dum homem, de cem homens?

Bolívar olhou para o primo, tomado dum súbito desejo de contar-lhe o que sentia; mas a voz se lhe trancou na garganta. Depois, havia tanta coisa a dizer que ele não sabia por onde começar. Ficou olhando alternadamente para o Sobrado, para a forca e para a cadeia onde Severino estava preso. Galos cantavam. Dentro de algumas horas a manhã ia raiar.

De repente, como se seus pensamentos se transformassem em palavras à revelia da vontade, Bolívar murmurou: - É uma barbaridade enforcarem um homem. Atirou longe o cigarro.

Floréncio encolheu os ombros.

— Barbaridade por barbaridade, há muitas outras no mundo e a gente acaba se habituando com elas.

— Mas vai ser uma injustiça! - gritou Bolívar. E suas palavras foram absorvidas pelo ar parado da noite.

Floréncio voltou a cabeça para o primo. Não lhe podia distinguir bem as feições ali à sombra da figueira, mas sentiu que no rosto dele havia sofrimento.

— Injustiça? O júri condenou o Severino.

— Mas o negrinho está inocente.

— Quê?

— Quem matou os tropeiros fui eu.

Floréncio sentiu no peito estas palavras como um soco que lhe cortou o fôlego. Mas logo se refez e reagiu: - Não seja bobo. Vossuncê está mas é doente.

Agora ele ouvia a respiração arquejante do outro, como a dum cachorro cansado. Bolívar meteu as mãos pelos cabelos e começou a sacudir a cabeça devagarinho. Foi com voz fosca que disse: - Mas se eu fosse me apresentar às autoridades confessando que matei os dois homens, ninguém podia duvidar da minha palavra e o Severino se salvava.

O luar era como uma geada morna sobre os telhados. Floréncio arrancou um talo de capim e mordeu-o.

— Vossuncê precisa é dormir, descansar - disse ele simplesmente.

Bolívar continuava a sacudir a cabeça - O negrinho vai morrer por minha culpa.

— Não diga isso, Boli. Vossuncê fez o que era direito. Contou o que viu…

— Não sei.

— Que é que não sabe?

— Se contei o que vi. No princípio achei que estava talando a verdade.

Mas depois do júri comecei a duvidar. Hoje não sei mais nada… Parece que o sangue era mesmo do negro…

— Nesse caso, quem foi que matou os tropeiros?

— Sei lá! Algum ladrão que entrou de noite pela janela. Ou, quem sabe, o dono da casa.

Floréncio mordia o talo de capim e sua voz estava calma, resignada e triste quando ele disse: - Agora é tarde.

Bolívar ergueu a cabeça e lançou um olhar na direção da cadeia.

— Não é carde. O Severino ainda está vivo.

— Mas está preso, Boli, e vai ser enforcado amanhã. Florêncio sentiu a mão quente e úmida do amigo apertar-lhe o pulso com uma força quase furiosa.

— Florêncio, ainda tem tempo!

O rosto de Bolívar estava agora tão próximo que Florêncio lhe sentia o hálito ácido.

— Tempo de quê?

— De salvar o negrinho.

— Mas como?

— Tirando ele da cadeia.

— Está louco?

— Não, mas sou capaz de ficar se o Severino morrer enforcado. Não posso aguentar mais essa morte na consciência.

— Mas o que é que vossuncê quer fazer?

— Escuta, tem só dois guardas na cadeia. Nós somos dois… Florêncio agora compreendia. Cuspiu de súbito o talo de capim e sacudiu vigorosamente a cabeça.

— Vamos até a cadeia - continuou Bolívar - amarramos os guardas, tiramos o Severino, eu dou um dos meus cavalos pra ele e mandamos o negro embora. Pode sair na direção de Cruz Alta, pode ir pra São Borja e depois pra Argentina, pra qualquer lugar. Qualquer coisa é melhor que a forca.

Florêncio tirou do bolso um pedaço de fumo em rama, desembainhou a faca e começou a fazer um cigarro. Bolívar esperava a resposta. Só depois de algum tempo é que o primo respondeu: - Vossuncê está bem doido mesmo.

— Não estou, já disse. Ainda tem tempo. Vamos. Florêncio picava fumo, calmo. Ele conhecia o primo. Tudo aquilo ia passar. Ainda bem que não havia ninguém por ali para ouvir aqueles despautérios.

— Vossuncê precisa mas é de descansar. Amanhã quando raiar o dia tudo vai ficar direito.

— Não fica. Fica pior.

— Sabe duma coisa? Um banho no lajeado ia lê fazer bem. Vamos?

Bolívar pareceu não ouvir o que o outro propusera.

— Vamos tirar o Severino da prisão enquanto é tempo - insistiu. — Quando amanhecer vai ser tarde demais.

Viam uma janela iluminada na casa da cadeia. Era o candeeiro que passava a noite aceso. Havia dois guardas que se revezavam na vigília. Às vezes ficavam acordados jogando bisca e bebendo. Contava-se que não raro ambos caíam no sono… Os olhos de Bolívar agora estavam fitos na janelinha iluminada.

Florêncio guardou a faca na bainha e começou a amassar o fumo no côncavo da mão.

— Nós tiramos o Severino da cadeia… - disse ele com sua voz calma - e depois, que vai ser de nós?

Bolívar encolheu os ombros.

— Que me importa?

— Como, homem? Não vê que é uma coisa muito séria dar escapula pra um condenado à morte?

— Pois então fugimos também com ele, vamos pró outro lado do Uruguai.

— Vossuncê perdeu o juízo. Não se lembra que amanhã é o dia de seu contrato de casamento?

— Que me importa? A vida duma pessoa tem mais importância.

— Que tem, tem. Mas o caso aqui é diferente. Os jurados acharam que o negrinho era culpado. Se alguém errou não foi vossuncê, foi o júri.

— Mas houve um jurado que não achou o Severino culpado. Foi o seu pai.

Ele disse que conhece as pessoas pelo jeito de olhar. Ele jura que o negrinho não era capaz de cometer aquele crime. Tio Juvenal conhece as pessoas. Ele nunca se engana.

Florêncio alisava agora a palha do cigarro.

— O papai às vezes também se engana. Todo o mundo se engana. Ninguém é infalível. Só Deus.

— Deus também se engana. Há muita injustiça no mundo.

— Vossuncê precisa é dum banho frio. Por que não encilhamos os cavalos e vamos até o lajeado?

De novo galos cantaram: eram como um relógio dando horas.

Cada vez mais se aproximava o fim da noite. Bolívar olhou para o horizonte através duma boca de rua. Temia ver aquela parte do céu clarear, Mas que era mesmo que ele temia? A hora do enforcamento? A hora do noivado? O suor agora lhe entrava pelos cantos da boca, pelos olhos, e por alguns segundos ele viu a noite através duma cortina líquida: tudo trêmulo e vago. Seus próprios pensamentos pareciam encharcados de suor, estavam confusos, misturados, eram como um mingau quente de febre. Pensava estonteadamente em Severino e em Luzia: ora lhe parecia que fora Luzia quem mandara matar Severino; ora era Severino quem estava na cama de Luzia, montado nela, com seus braços negros a enlaçar-lhe as coxas; ora era Luzia quem estava na cadeia e ia ser enforcada. Depois imaginava-os todos a fugir para o Uruguai, a galope, montados em cavalos em pelo - ele, Luzia, Florêncio, Severino - perseguidos pela polícia, perseguidos pelos galos e pelas barras do dia.

Levantou-se, brusco.

— Pois se vossuncê não quer ir comigo, eu vou sozinho.

— Vai onde? - perguntou Florêncio, apesar de saber a que o outro se referia.

— Tirar o Severino da cadeia. Florêncio soltou uma risadinha seca.

— Mas primeiro tem que lutar comigo.

Ergueu-se também, mas lento, com o cigarro apagado entre os dentes.

Bolívar olhou para o amigo, cuja calma o enervava. Teve vontade de esbofeteá-lo. E - estranho - num relâmpago comprleendeu que naquele momento ele tinha inveja do outro. Florêncio não sofria, era um homem livre, ia casar-se com Luzia Silva. Sentiu também ciúme dele, porque sabia que Florêncio sempre gostara de Luzia, e esta muitas vezes dera mostras de não lhe ser indiferente. E ali estava agora o primo, pachorrento, batendo o isqueiro para acender o seu cigarro. Invejava-lhe também aquela calma, a consciência tranquila, a segurança de suas palavras, de seus gestos, de suas convicções.

Bolívar olhou de novo para a janela da cadeia. Atravessaria a praça correndo, armado de pistola e, entrando de repente, faria que os guardas dessem liberdade a Severino. “Corre, negro, foge! Tira o meu cavalo da estrebaria e foge pró Uruguai. Depressa!”

Passou a mão pelo rosto, enxugando o suor. Sentiu que não podia fazer nada do que pensava. Era loucura. Severino estava perdido. Ele estava perdido. Todos estavam perdidos. Todos menos Luzia. Ela sempre fazia e tinha o que queria. Ela e Florêncio. E então de repente lhe veio uma ideia. “Eu solto o Severino e fujo com ele pra Argentina. Florêncio fica e acaba casando-se com Luzia.” Ali estava a solução! Nesse momento verificou que estava desarmado. Tinha de ir até a casa

para buscar dinheiro e suas armas. Entraria na ponta dos pés, sem fazer barulho…

Lembrou-se da mãe. Que ia ser dela se ele fugisse? Por alguns instantes teve na mente a imagem de Bibiana, de camisola, os cabelos grisalhos soltos, uma lamparina na mão… A mãe morreria de desgosto se ele fugisse.

Florêncio pitava serenamente. Bolívar aproximou-se da figueira e passou-lhe a mão pelo tronco áspero. Quando meninos eles tinham gravado seus nomes a ponta de faca naquele tronco. Como não soubesse escrever, Severino desenhara ali apenas uma cruz. Agora o coitado ia morrer na forca, talvez nem o enterrassem como cristão. Não teria de seu nem uma cruz. Bolívar prometeu a si mesmo que havia de comprar para Severino uma sepultura com uma cruz e uma inscrição, como sepultura de branco.

Passara a fúria. Lentamente tornou a sentar-se. O chão estava tépido como um corpo humano. Pensou em Luzia e desejou estar na cama com ela, não para amá-la, mas para ter um seio onde repousar a cabeça cansada e chorar. Porque a vontade de chorar lhe crescia aos poucos no peito. Por alguns instantes lutou com ela, mas por fim cedeu, e o choro rompeu-lhe da garganta num soluço. Escondeu o rosto nas mãos e ficou a soluçar convulsivamente.

Florêncio baixou os olhos para o amigo e pensou: Ele tem medo da Luzia.

Mas não disse nada. Olhou para o Sobrado e pensou na moça. Agora que ela ia casar com o primo, deixava de ser mulher para ele. Estava tudo acabado. Doença de amor se cura com o tempo. No fundo ele se sentia feliz por Luzia não o ter escolhido. Feliz não era bem a palavra: aliviado, isso sim. Luzia não era mulher para ele nem para Bolívar. Ia casar com o rapaz por capricho ou por birra, ninguém sabia bem ao certo por quê. Amor não era, que Luzia não era mulher para isso. Pobre do Boli! Se não botasse cabresto na esposa desde o primeiro dia, estava perdido. Luzia era como certos cavalos que precisavam de rédea curta. Mas qual! Boli estava cego de amor, ia passar a vida dominado por ela. Em tudo aquilo só havia uma esperança: era tia Bibiana, que ia morar também no Sobrado. Ela cuidaria de Boli, seria sempre um escudo para o filho. Luzia era voluntariosa, autoritária, cheia de caprichos, mas ia encontrar pela frente uma adversária de respeito. Tia Bibiana tinha a cabeça no lugar: era uma mulher dos bons tempos. Estava habituada a lidar com gente, e tinha a fibra dos Terras - concluiu Florêncio com certo orgulho, tirando uma baforada.

Nesse instante viu que um vulto se aproximava. Reconheceu os contornos do dr. Carl Winter. O médico alemão era inconfundível. Ninguém mais em Santa Fé se vestia daquele jeito engraçado.

Ninguém ali usava chapéu alto como chaminé nem aquelas roupas estapafúrdias.

A poucos passos da figueira Carl Winter parou.

— Boa noite, doutor! - exclamou Florêncio.

Por alguns instantes o médico ainda hesitou mas, por fim, reconhecendo o rapaz, respondeu: - Boa noite, Florêncio. Boa noite. Deu mais alguns passos à frente.

— Que anda fazendo por aqui a estas horas? Virou lobisomem?

Winter soltou a sua risada em falsete e antes de responder ficou a acender um de seus charutinhos.

— Fui chamado para ir ver o coronel Bento. Comeu charque arruinado e ficou com cãibras no estômago.

— Deve ter sido charque da charqueada dele - observou Florêncio.

Foi então que Winter viu Bolívar.

— Ah! Bolívar. Não tinha visto o amigo. Boa noite. Bolívar fungou.

— Boa noite.

— Está resfriado?

— Um pouco.

Florêncio aspirava com certo prazer a fumaça do charutinho do médico.

Ali em Santa Fé só ele fumava aqueles charutos do tamanho dum cigarro. O dr. Winter era um homem fora do comum, que vestia roupas de veludo nas cores mais extravagantes, com uns esquisitos coletes de fantasia. Fazia uns dois anos que estava na vila e diziam que tinha emigrado da Alemanha por se ter metido numa revolução. Seus inimigos afirmavam que ele não era formado, mas o dr. Winter tinha em casa um diploma para quem quisesse ver: era um papel escrito em alemão que ele guardava dentro dum canudo de lata. O Schultz garantia que o diploma era legítimo.

Fez-se um silêncio. O dr. Winter parecia estar olhando para a forca e Florêncio, temendo que ele falasse em Severino, procurou levar a conversa para outro rumo.

— É grave? - perguntou.

— Grave? - repetiu o médico.

— A doença do coronel Bento.

— Ach! Um purgante de sal amargo resolve tudo. Florêncio sempre admirava a maneira correta com que aquele homem se exprimia em português; tinha um sotaque muito forte, era verdade, carregava nos erres, mas quanto ao resto falava fluentemente como um brasileiro educado, quase tão bem como o juiz de direito ou o padre. E diziam que sabia também o seu latim e que em sua casa tinha muitos livros escritos em línguas estrangeiras. Florêncio continuava a

aspirar a fumaça do charutilho do médico, de cheiro tão forte como o do seu cigarro de palha.

— Ainda não se decidiu a pitar um crioulo, doutor? O outro sacudiu a cabeça.

— Nem a dormir com mulatas - respondeu com voz risonha. — Há muitos produtos desta terra que não são para meu paladar.

Florêncio sorria. De cabeça baixa, protegido pela sombra, Bolívar pedia a Deus que o médico fosse logo embora.

— Pelo cigarro crioulo eu respondo - assegurou-lbe Florêncio, mostrando os dentes num lento sorriso. — Também nunca fui apreciador de mulatas.

— Que é que diz o Bolívar?

Bolívar não respondeu. Limitou-se a erguer a cabeça para o médico.

— Ele agora vai sentar o juízo - disse Florêncio. — Amanhã fica noivo.

O dr. Winter coçou o queixo onde crescia, revolta, uma barbicha ruiva.

— Não acha então que devia estar na cama descansando? - perguntou com jeito quase paternal.

Florêncio apressou-se a responder: - O homem perdeu o sono e então viemos pra cá palestrar e tomar a fresca.

O médico resmungou qualquer coisa, puxou uma baforada de fumo, cuspinhou para o lado e disse: - Bom. Vou ver se durmo um pouco. Dizem que a noite foi feita para dormir.

— Dizem - repetiu Florêncio.

— Boa noite, rapazes.

— Boa noite, doutor.

Winter afastou-se na direção de sua residência. Morava numa meia-água atrás da igreja, ao lado da casa do padre. Por alguns instantes Florêncio acompanhou-o com os olhos. Gostava do dr. Winter. Sentia por ele uma espécie de respeitosa confiança, como a que a gente sente por uma pessoa séria e idosa. No entanto o médico não teria muito mais de trinta anos. Devia ser aquela barba e aqueles óculos que lhe davam um ar assim tão respeitável.

— Será que ele notou? - perguntou Bolívar.

— Notou o quê?

— Que eu estava chorando… Florêncio encolheu os ombros.

— Sei lá! Esse homem parece que não olha pra nada mas enxerga tudo com o rabo dos olhos.

Houve um curto silêncio e depois Bolívar perguntou: - Será que vão mandar o dr. Winter examinar o corpo?

— Que corpo, homem?

— O do Severino, depois que enforcarem ele.

— Para com isso, Boli. Que homem custoso!

Bolívar olhou para o Sobrado e tornou a pensar em Luzia.

Naquele mesmo instante o dr. Carl Winter - que atravessava a praça com suas passadas lentas e largas - olhava para a casa de Aguinaldo Silva e também pensava em Luzia. Tinha-a na mente tal como a vira no Sobrado na festa de seu aniversário, toda vestida de preto, junto duma mesa, a tocar cítara com seus dedos finos e brancos. Nessa noite ficara fascinado a observá-la, e houve um minuto em que uma voz - a sua própria a sussurrar-lhe em pensamento - ficara a repetir: Melpômene, Melpômene… Sim, Luzia lhe evocava a musa da tragédia. Havia naquela bela mulher de dezenove anos qualquer coisa de perturbador: uma aura de drama, uma atmosfera abafada de perigo. Winter sentira isso desde o momento em que pusera os olhos nela e por isso ficara, com relação à neta de Aguinaldo, numa permanente atitude defensiva. Numa terra de gente simples, sem mistérios, Luzia se lhe revelara uma criatura complexa, uma alma cheia de refolhos, uma pessoa, enfim - para usar da expressão das gentes do lugar - "que tinha outra por dentro". Ao conhecê-la, Winter ficara todo alvoroçado como um colecionador de borboletas que descobre um espécime raro no lugar mais inesperado do mundo. Ao contrário, porém, do que sentiria um colecionador, não desejou apanhar aquela borboleta em sua rede; ficou, antes, encantado pela ideia de seguir-lhe o voo, de observá-la de longe, viva e livre. Que mistérios haveria dentro daquela cabeça bonita?

Boas coisas não havia de ser - concluíra ele. O instinto lhe insinuava isso. Lembrou-se de seu professor de Clínica, segundo o qual em medicina, como em tudo mais, o instinto é tudo. Seu olho clínico, ou seu sexto sentido fazia soar uma sineta de alarme toda vez que ele via Luzia Silva. E sempre que visitava o Sobrado, enquanto o velho Aguinaldo contava com sua voz cantante histórias do sertão pernambucano, ele ficava a examinar furtivamente, com olhares oblíquos, a menina Luzia. Que tinha ela de tão estranho? Talvez os olhos… Eram grandes e esverdeados… Ou seriam cinzentos? Era difícil chegar a uma definição, pois lhe parecia que eles mudavam de cor de acordo com os dias ou com as horas. Possuíam uma fixidez e um lustro de vidro e pareciam completamente vazios de emoção. Winter descobrira que Luzia fitava as pessoas com a mesma indiferença com que olhava para as coisas: não fazia nenhuma distinção entre o noivo, uma mesa ou um bule. Pobre Bolívar!

Winter achava absurdo que duas pessoas tão desiguais estivessem para casar, morar na mesma casa, dormir na mesma cama e juntar-se para produzir outros seres humanos. Bolívar mal sabia ler e assinar o nome: era um homem rude. Carl não acreditava que Luzia o amasse; para falar a verdade não a julgava capaz de amor por ninguém…

Quanto ao rapaz, era natural que estivesse fascinado por ela. Winter sabia o quanto era difícil para qualquer homem que estivesse na presença de Luzia desviar os olhos de seu rosto. Reconhecia que ele próprio sentia pela senhora do Sobrado um certo desejo físico. Era, porém, um desejo sem ternura, um desejo frio e perverso.

Afastou os olhos do casarão e baixou-os para a terra onde se projetava sua sombra alongada. E então de repente sentiu o silêncio da noite e aquela impressão de mistério que o envolvia sempre que ele caminhava sozinho de madrugada, pelas ruas desertas. Sentira isso na sua aldeia natal, em Heidelberg, em Paris, em Berlim. Era como se nessas horas solitárias ele fosse uma espécie de fantasma de si mesmo.

"Melpômene" - murmurou. E imediatamente lhe veio uma ideia curiosa: nunca ninguém pronunciara aquele nome naquela vila. Talvez nem naquela província… Depois, mais alto, como se se dirigisse à própria sombra, repetiu: Melpômene. Nunca - refletiu - eu sou o primeiro. E o primeiro também que passeia sob este céu com estas roupas. E rindo o seu riso interior o dr. Winter olhou para a própria silhueta no chão e teve mais que nunca consciência da maneira como estava vestido: a sobrecasaca de veludo, verde, as calças de xadrez preto e branco, muito ligadas às coxas e às pernas, e principalmente aquele chapéu alto, que era um dos grandes espetáculos de Santa Fé.

Sabia que suas roupas davam muito que falar. Os colonos alemães em sua generalidade haviam já abandonado seus trajos regionais e adotado os dos naturais da província. Mas ele, Winter, preferia conservar-se fiel à indumentária europeia e citadina, e continuava a vestir-se bem como se ainda vivesse em Berlim ou Munique. Por outro lado, no que dizia respeito às coisas do espírito, também continuava a usar as modas europeias; e não queria mudar, pois sabia que no dia em que se adaptasse e começasse a comer e vestir como os nativos, mais da metade do encanto de viver naquela terra remota estaria perdida. Winter sempre amara sua independência: era um individualista. Não via, pois, melhor maneira de se afirmar como um indivíduo, e de defender sua independência do que a de andar vestido daquele modo inconfundível.

Antes de entrar em sua rua lançou um olhar enviesado na direção da figueira grande. Ela lhe dera a impressão duma enorme galinha a acolher sob as asas aqueles dois pintos - Florêncio e Bolívar. Ele vira claramente que um dos pintos estava assustado… Se eu fosse me casar com Luzia Silva - refletiu Carl Winter jogando ao chão o toco do charuto - também perderia o sono… E entrou em casa.

O cheiro de picumã e mofo - que ele tanto detestava mas com o qual já começava a habituar-se - envolveu-o num abraço familiar. Winter acendeu o candeeiro, franzindo o nariz ao cheiro do sebo frio; brotou dele uma chama amarelenta e móvel, e aos poucos as coisas

daquele quarto como que foram crescendo da sombra para fazer-lhe companhia: a cama-de-vento, a gamela de pau que lhe servia de bacia, o jarro de folha amassada, as cadeiras de palhinha, a estante com os livros, a mesa de pinho, sebosa e guenza, com seus papéis, o tinteiro, o secador de louça e a pena de pato… As paredes caiadas estavam manchadas de umidade.

Que contraste aquele ambiente oferecia quando Winter o comparava com os aposentos que tivera na Alemanha! Mas aquela rusticidade, aquela pobreza davam-lhe um absurdo prazer como o que uma pessoa sente ao se infligir certos castigos sem propósito: tomar banhos frios no inverno, dormir em camas duras.

Winter pendurou o chapéu num prego cravado na parede e começou a despir-se lentamente. Ouvia o ressonar pesado da negra Gregória, uma escrava que ele comprara havia pouco mais de ano e à qual dera alforria imediatamente. Ela lhe preparava a comida e tomava conta da casa. Era uma preta de carapinha amarelenta, velha e reumática, de pernas elefantinas. Sua presença fazia-se sentir duma maneira muito aguda, impunha-se à vista, ao olfato e ao ouvido, porque Gregória cheirava mal, era grande, movia-se com ruído e passava quase todo o dia cantando, falando consigo mesma ou arrastando pesadamente os pés inchados pela cozinha.

Por que era que ele insistia em continuar naquela casa? Extravagância?

Autoflagelação? Ou simples preguiça? Talvez fosse preguiça. A verdade era que costumava divertir-se imaginando o que diriam seus amigos de Berlim se o vissem naquele ambiente. Ouvindo os roncos de Gregória, Carl disse para si mesmo: Eu podia estar morando com Gertrude Weil numa casinha limpa de Eberbach, com vasos de flores nas janelas. No entanto estou nesta pocilga, em Santa Fé, na companhia da negra Gregória. Ach, du licber Gott!

Estava agora completamente nu. Tinha um corpo muito esguio e ossudo, dum branco de marfim, pintalgado de sardas e recoberto duma penugem fulva.

Ficou a imaginar o que aconteceria se um dia saísse a andar assim despido pelas ruas do povoado. Certamente aqueles homens sairiam a caçá-lo a tiros e as mulheres que o vissem soltariam gritos de horror.

E só de pensar nisso Carl ficou sacudido de riso. Baixou os olhos na contemplação do próprio corpo. Era magro e dessangrado como o Crucificado de Van der Weyden que ele vira em Viena. Apenas o Cristo da pintura não usava óculos. Nem era ruivo. Nem formado em medicina. Nem… Ach!… Du bis t ein Hanswurst, Carl!

Estendeu-se na cama e apanhou um livro de poesias de Heine. Mas não abriu o volume. Pô-lo em cima do ventre, achando gostoso o contato fresco da capa de couro negro. Cerrou os olhos e em breve

verificou que estava sem sono. Abriu o livro e começou a ler um poema, mas com a atenção vaga. Tornou a fechar o volume, soprou a lamparina, e o ar, que estava amarelento, ficou azulado: o foco de luz deixou de ser a velha candeia de rerro para ser a janela escancarada por onde entrava o luar.

E nesse retângulo violeta Winter começou a ver o crivo miúdo das estrelas.

Tirou os óculos e pô-los com todo o cuidado em cima da cadeira, ao lado da cama. E de repente, como já acontecera antes tantas vezes, sentiu-se tomado de uma sensação de estranheza que ele poderia toscamente resumir nestas palavras: “Eu, Carl Winter, natural de Eberbnch, formado em medicina pela Universidade de Heiclvlberg, completamente nu deitado numa, cama tosca, num quarto mal cheirante, numa casa miserável na vila de Santa Fé, perdida no meio das campinas da província de São Pedro do Rio Grande, Brasil, América do Sul”. Como? Por quê? Para quê?

Enlaçou as mãos sobre o ventre e ficou de olhos cerrados a pensar. Era o melhor estratagema que conhecia para aprisionar o sono. Procurava narcotizar-se com pensamentos até dormir. E nunca conseguia ver claro o momento em que cruzava a tênue linha que separa o devaneio do sono.

Como? Por quê? Para quê? Não cometi nenhum crime. Não sou nenhum imbecil. O mundo é muito largo. Eu podia estar no Cairo, em Bombaim, em Cantão, em Caracas. E por que não em Munique, Berlim ou mesmo Eberbach…

Sempre hesitava antes de responder, quando lhe perguntavam por que deixara a pátria. Certo, não era um “colono” como os outros alemães que se haviam estabelecido às margens do rio dos Sinos. Não viera à procura do Eldorado nem da Galinha dos Ovos de Ouro. Refugiado político? Talvez fosse essa a sua classificação. Sua malícia, entretanto, recusava o título dramático e levava-o a lesumir sua história em poucas palavras: "Estou aqui principalmente porque Gertrude Weil, a Frãulein que eu amaua, preferiu casar-se com

o filho do burgo-mestre. Isso me deixou de tal maneira desnorteado, que me meti numa conspiração, que redundou numa revolução, a qual por sua vez me atirou numa barricada. Ora, essa revolução fracassou e eu me vi forçado a emigrar com alguns companheiros".

Carl Winter gostava de relembrar a série de acontecimentos fortuitos que o haviam trazido de Berlim a Santa Fé, através das mais curiosas escalas. Desembarcara no Rio de Janeiro com o diploma, a caixa de instrumentos cirúrgicos e algum dinheiro no bolso, decidido a estabelecer-se ali, fazer clínica, juntar uma pequena fortuna para um dia - depois que seu governo tivesse indultado os revolucionários e ele

conseguido esquecer Trude Weil - retornar à Alemanha. Achou, porém, que o Rio era insuportavelmente quente, tinha um incômodo excesso de mosquitos e mulatos, além da ameaça permanente da febre amarela.

Meteu-se com armas e bagagens num patacho que se fazia de vela para a província de São Pedro - que lhe diziam ter um clima semelhante ao do sul da Europa - e desembarcou na cidade do Rio Grande, onde julho o esperou com ventos gelados que cheiravam a maresia e nevoeiros que o lembraram agradavelmente dum inverno que ele passara em Hamburgo, quando adolescente. Apresentou suas credenciais à prefeitura e, sabendo existir na cidade uma grande carência de médicos, ofereceu-se para trabalhar gratuitamente no hospital de caridade local. Foi lá que um dia, fazendo sua visita matinal aos doentes, encontrou deitado num daqueles catres sujos e malcheirosos, num contraste com as caras tostadas dos nativos, um homem louro, extremamente jovem, e de aspecto europeu. Deteve-se, interrogou-o e verificou que se tratava de um alemão que viera com as tropas mercenárias que o governo brasileiro havia contratado para lutar contra os soldados do ditador Rosas. E o pasmo de Winter chegou ao auge quando o moço lhe declarou chamar-se Carl von Koseritz e ser descendente duma família nobre do ducado de Anhalt. Foi, pois, com uma mistura de surpresa e cepticismo que o médico ouviu aquele homem de feições finas, ali estendido num sórdido leito de hospital de indigentes, contar-lhe que seu irmão Kurt fora ministro do duque e sua irmã Tony, dama de honor da duquesa.

— Mas como foi que veio parar neste país, nesta cidade, neste hospital?

— Fui renegado pela minha família - sorriu o moço.

O médico ia perguntar: “Por quê?” - mas conteve-se a tempo. era uma pergunta indiscreta. Talvez o rapaz houvesse falsificado a firma do pai em alguma letra para pagar dívidas de jogo… Ou então, amante de alguma condessa, tivesse sido obrigado a matar o conde num duelo…

Von Koseritz, porém, apressou-se a explicar que, sendo estudante em Berlim, se metera, contra a vontade dos pais, na revolução de 48. E acrescentou: - E já que estava em ritmo de guerra, achei melhor vir para cá com os “Brumers” para lutar contra o tirano Rosas. Sabe o que eu era? - perguntou a sorrir com malícia. — Canhoneiro do 2° Regimento de Artilharia! - Suspirou. — Mas aconteceu que a tropa se insubordinou e foi dissolvida. Assim um dia me vi doente e sem recursos nesta cidade estranha. Eis a minha história.

Winter olhava para o outro numa confusão de sentimentos. Tudo aquilo lhe cheirava vagamente a ópera-bufa. O rapaz, porém, lhe mostrou os documentos comprobatórios de sua identidade. Tinha um

belo nome: Carlos Júlio Cristiano Adalberto von Koseritz. Nascera em 1830: estava portanto com apenas vinte e um anos!

— E agora? - perguntou Winter. — Que vai fazer depois que der alta do hospital?

— Ficar nesta província.

— E plantar batatas como nossos compatriotas de São Leopoldo?

— Não. Abrir uma escola e ensinar; fundar um jornal e escrever…

— Mas como, se nesta terra se fala o português?

— Dentro de pouco tempo estarei habilitado a escrever nessa língua tão bem como na minha.

Era assombrosa a certeza que aquele moço tinha de seu ruturo.

— E sabe duma coisa, doutor? - perguntou Von Koseritz, passando os dedos pela barba loura que lhe cobria o rosto - talvez eu ainda venha a me naturalizar brasileiro…

— Mas… e sua família?

O outro Carl deu de ombros.

— Um dia eles vão compreender que não precisei de seu nome nem de seu auxílio para abrir caminho na vida.

Aquele diálogo marcara o início duma boa e sólida amizade. E fora por conselho de Carl von Koseritz que Carl Winter transferira residência de Rio Grande para Porto Alegre. Perguntara-lhe o barão numa carta: "Por que não vai clinicar na bela cidade que os açorianos ergueram às margens dum magnífico estuário e no meio de colinas verdes? Entre as muitas vantagens que ela oferece, tem a de ficar a pequena distância de São Leopoldo, que meu caro amigo poderá visitar periodicamente quando sentir a nostalgia do Vaterland".

Winter, porém, não tardou a declarar guerra à cidade açoriana. Para principiar não era o que ele esperava. Gostou do cenário mas. detestou os atores. Por outro lado, não conseguiu razer muita clínica, pois os médicos locais o hostilizavam. Os costumes da terra o irritavam tanto como os habitantes, e por fim Carl, só por birra, começou a meter-se em discussões políticas, o que lhe valeu mais inimizades. Escrevia longas cartas ao barão dando-lhe conta de seus agravos e idiossincrasias. Von Koseritz respondia-lhe com sugestões animadoras: "A única vantagem que um homem solteiro tem sobre o casado é a da mobilidade. Pois se não gosta de Porto Alegre, mude-se. O meu caro doutor é um homem livre. Por que não tenta as colônias? Vá visitá-las a título de experiência. Talvez goste delas e fique por lá". Winter foi, não gostou e não ficou.

Concluiu que seus compatriotas o irritavam tanto ou mais que os nativos.

Muitos deles eram estúpidos e cheios de preconceitos. Havia-os de toda a natureza e de todas as origens, inclusive os que se envergonhavam do título de "colonos" e declaravam não terem vindo

para o Brasil trazidos pela fome, pelo desejo de fugir aos impostos ou de enriquecer: eram, isso sim, exilados políticos. Alguns chegavam a insinuar até vagos antepassados de sangue azul. Em sua maioria ficavam indignados quando alguém os julgava mecklenburgueses, pois contava-se que as primeiras levas de colonos vindas de Mecklenburgo eram formadas de mendigos e presidiários.

Winter encontrara compatriotas que haviam assimilado todos os maus hábitos dos naturais da terra, e vira até colonos alemães que viviam amasiados com mulatas e negras, das quais tinham filhos. Moravam em ranchos miseráveis, andavam descalços e já estavam roídos de vermes e sífilis. Em sua maioria, porém, prosperavam, moravam bem, ganhavam dinheiro, aumentavam as propriedades. Desprezavam o caboclo e eram por sua vez desprezados pelos estancieiros, dos quais não gostavam, embora parecessem temê-los. Era triste ver como em seus baús e sacos, junto com roupas e tarecos, haviam trazido para o Brasil todos os prejuízos, rivalidades e mesquinhezas de suas aldeias natais. Não compreendiam - os insensatos! - que lhes seria possível passar a vida a limpo naquela pátria nova.

Winter decidiu então procurar a zona rural do Rio Grande, onde não havia núcleos coloniais alemães. Sempre desejara conhecer as terras que ficavam para as bandas de oeste. Um dia comprou uma bússola, um mapa e um cavalo e meteu-se pelo interior da província. Queria ir até as ruínas das reduções jesuíticas, cujas lendas tanto o seduziam. E assim, de estância em estância, de povoado em povoado, melhorando e enriquecendo cada vez mais seu português, fazendo curas aqui e ali e recebendo como pagamento hospitalidade, mantimentos ou dinheiro, rói penetrando o interior, subiu a serra e, antes de entrar na zona missioneira, chegou a Santa Fé num entardecer de maio. Pernoitou na vila e ficou de tal modo fascinado pelo lugar, que resolveu ali permanecer por algum tempo, esquecido da visita às Missões. Que havia naquele vilarejo pobre que tanto lhe falava à fantasia? Não sabia explicar. Gostara daquelas ruas tortas, de terra batida e muito vermelha, em contraste com o intenso verde das campinas em derredor. Achara um encanto rude e áspero nas casas e nas caras das gentes, na pracinha de árvores copadas, nos quintais lamacentos onde roupas secavam ao sol. Por uma razão misteriosa Santa Fé lhe parecera uma vila familiar, que ele conhecia dum sonho ou duma outra vida: tinha a impressão de haver já cruzado aquelas ruas num passado muito remoto e só agora descobria que sempre desejara voltar ali. No entanto aquele conglomerado de casinholas sem estilo nem história não se parecia em 461 nada com sua cidade natal de Eberbach. Por ali não corria nenhum rio que lhe pudesse lembrar o Neckar, não se via nenhuma elevação de terreno que sugerisse a serra

de Odenwald. E estava claro que só num pobre espírito de paródia ele poderia comparar o sobrado de Aguinaldo Silva com o velho castelo dos tempos de Barba-Roxa, uma das relíquias históricas de Eberbach. Mas a verdade era que Winter pensara passar apenas uma semana em Santa Fé e no entanto lá estava havia já mais de dois anos! Por quê?

Por quê? Por quê?

Por alguns instantes, de olhos sempre cerrados, Carl Winter ficou a passar a mão pelo tórax, sentindo o relevo das costelas. Por quê? Um mosquito esvoaçava-lhe em torno da cabeça, tocando em surdina seu violino miudinho. Mas por quê? Dona Bibiana dera uma explicação simples: Santa Fé tinha feitiço. E explicara: "O meu homem, o falecido capitão Rodrigo, um dia chegou pra passar a noite na vila e ficou aqui o resto da vida, que infelizmente foi mui curta". Sim, Santa Fé devia ter um poderoso sortilégio. Gregória acreditava em mandinga. (Luzia Silva devia ter mandinga naqueles olhos de réptil.) Desde que chegara à vila, Winter fazia projetos de "ir embora na próxima semana". Ficar era absurdo, não havia nenhuma razão ponderável para isso. Podia ir para Buenos Aires, ou voltar para qualquer capital europeia onde houvesse teatro, música (que falta ele sentia de teatro e de música!) e museus onde de quando em quando pudesse encher os olhos e o espírito com a beleza das obras dos grandes mestres. Queria um lugar que lhe oferecesse conforto e oportunidades de agradável convívio humano. Mas os dias e as semanas passavam e ele ia ficando. Assustava-se à ideia das léguas que teria de vencer, montado no lombo dum cavalo ou então sacolejando dentro duma diligência desconjuntada para chegar a Porto Alegre e Rio Grande, a fim de tomar um navio. Outras vezes deixava-se ficar à espera dum acontecimento: umas cavalhadas, umas carreiras, um batizado ou um casamento para o qual fora convidado. Mas a verdade era que ia ficando por pura inércia. Durante o inverno vivia a praguejar em alemão. O minuano entrava assobiando pelas frestas de sua casa e o frio lhe enregelava os membros. Punha todas as roupas quentes que tinha, vivia na proximidade dos fogões, erguia os olhos coléricos para o céu nublado e jurava que iria embora na semana seguinte. Mas vinham dias de sol e o céu, despejado de nuvens, ficava de novo dum limpo azul. Carl Winter gostava das laranjas que as geadas faziam amadurecer, das bergamotas gordas e douradas, sentia um prazer especial em beber todas as manhãs leite morno, recém-saído dos úberes da sua vaca malhada, e adorava os churrascos que. Gregória lhe assava no fundo do quintal e que ele comia com gosto,'respingando de farinha a barba ruiva. E havia os hábitos: a conversa de após o almoço na loja do Alvarenga, as partidas de xadrez e as discussões com o juiz ou com o vigário, os serões semanais no Sobrado, quando Luzia tocava cítara e torturava Bolívar com sua

indiferença, e uma escrava vinha com a panela de pinhão cozido ou com pratos cheios de bolos de polvilho. No fim de contas o inverno não durava toda a vida e se a gente tivesse um pouco de paciência a primavera não tardaria muito a vir… E Winter ia ficando. Não raro apaixonava-se por um caso de sua clínica. O coronel Amaral se tomara de amores por ele e o fato de contar com a simpatia e a proteção do chefe político da terra dava-lhe facilidades e vantagens que ele não aproveitava por pura preguiça, pela mesma preguiça que o fazia ir ficando, ficando sempre…

Gostava de dar pela manhã longos passeios a pé pelo campo, sentindo no rosto a brisa fresca que cheirava a sereno batido de sol. Nessas ocasiões deixava os olhos passearem pelas coxilhas verdes onde as macegas pareciam as cabeleiras de milhares de Frãidcin soltas ao vento.

(Trude! Trude! Ich liebe dich, aber das ht já unmõglich…) Numa carta que dirigira a Von Koseritz, descrevendo-lhe a vida que levava, dissera: "Ich berausche mich an der Weite dês Horizontes"- tomo bebedeiras de horizontes. Nunca em toda a sua vida vira céus mais largos nem sentira tamanha impressão de liberdade. Na paisagem ele descobria então o mais poderoso motivo de sua permanência em Santa Fé. É que ela lhe dava uma vertiginosa sensação de ser livre, de não ter peias nem limites. De certo modo naquela vida ele realizava pela primeira vez seu velho ideal de não assumir compromissos definitivos com ninguém nem com coisa alguma. Não ter amo nem mestre, e poder - ah! principalmente isso - poder de vez em quando dar-se o luxo da solidão, da mais absoluta e hermética solidão, eram positivamente coisas voluptuosas! A paisagem daquela província perdida nos confins do continente americano era doce e amiga, supinamente civilizada, um cenário digno de abrigar a gema da raça humana. Parecia que ao criá-la Deus tivera em mente povoá-la de figuras como Platão, Sócrates, Goethe e Shakespeare. No entanto por ali andavam homens rudes como Bento Amaral ou então aberrações humanas como aquele gnomo que se chamava Aguinaldo Silva.

Nem mesmo Luzia pertencia à paisagem. Havia naquelas distâncias e campinas, lagoas e horizontes, uma pureza e uma inocência que ele não sentia na neta do pernambucano.

O pôr-do-sol de Santa Fé também o deixava exaltado. Em certos dias de outono subia à coxilha do cemitério para ver os crepúsculos vespertinos, que eram longos e fantasticamente coloridos. Em certas horas o céu do poente tomava uma tonalidade esverdeada e transparente: era como se a cor dos campos se refletisse no vidro do horizonte. E sobre toda a paisagem em torno pairava uma vaga neblina violeta que acentuava as sombras, tingia as pessoas, os animais e as coisas, parecendo aumentar a quietude do ar e da hora.

Winter ficava imóvel junto dos muros do cemitério - entre o silêncio dos mortos e aquela fantasmagoria do céu - vendo nas nuvens castelos das lendas do Reno, perfis de profetas barbudos, monstros antediluvianos, rebanhos de carneiros brancos e rosados, exércitos em fuga, vulcões, ou fabulosas cidades de gelo iluminadas pelo clarão de incêndios. Mas quando não havia nuvens os crepúsculos eram doces - azul desbotado, malva e rosa - e a paisagem adquiria uma pureza e uma simplicidade tão grandes que Carl Winter ficava com lágrimas nos olhos e começava a murmurar versos de Heine, e ao mesmo tempo a achar-se muito piegas e muito romântico por estar naquela atitude, fazendo e sentindo aquelas coisas. E desse modo - através de seu eu cínico e de seu eu sentimental - ele gozava duplamente da situação.

Adquirira o hábito de falar consigo mesmo em voz alta. Fazia-o em alemão, em geral quando caminhava pelas ruas da vila ou saía em seus passeios solitários pelos arredores. Os caboclos miravam-no intrigados - Winter percebia com o rabo dos olhos. Mas mesmo quando encontrava estranhos continuava em seu solilóquio, pois tinha a impressão de que, como falava alemão, a coisa toda perdia o seu caráter absurdo. Ouvira um dia uma das velhotas da vila dizer: “O alemão é louco da cabeça”. Mein Gott! Louco da cabeça. Lúcido demais, isso sim. E era essa lucidez que às vezes o impedia de gozar melhor a vida.

Um dia seu eu romântico lhe perguntara: “Carl, quando voltas para casa?”

Com casa ele queria dizer - a pátria, a cidade natal, Eberbach. "Ach!"- respondera o seu eu cínico. “Quando a Alemanha for unificada e eu não correr o perigo de ser preso. E quando Trude Weil estiver tão gorda e feia que meu coração já não possa mais bater de amor por ela.”

Winter deu um tapa no ar, procurando apanhar o mosquito e silenciar aquele violino enjoativo. Trude… Trude… Quando se olhava no espelho Winter compreendia por que Gertrude o tinha esquecido em favor do filho do burgo-mestre. Seus olhos eram dum cinzento frio e feio; seus cabelos, dum louro avermelhado como o das barbas de milho das roças de Santa Fé; sua pele, branca e oleosa, com manchas rosadas, lembrava salsichas cruas. Não. Ele não tinha a menor ilusão quanto à sua aparência física.

Trude era uma rapariga de bom gosto e uma criatura sensata. Dono duma loja de Delikatessen, o filho do burgo-mestre era gordo, corado e tinha uma beleza sólida e estúpida. A escolha não podia ter sido melhor.

Grande rapariga! Sensata Friiidein!

E Carl Winter de novo começou a apalpar o tórax e as pernas, como se tivesse certo orgulho de seu corpo anguloso e feio ou como se

o fato de ser magro e desengonçado o divertisse.

Tentava agora lembrar-se de Gertrude. Não podia. O mais que via em seus pensamentos era uma silhueta de mulher de tranças louras, e com uma face vazia de feições. Mas era ainda com um certo desfalecimento de coração que pensava nela. A ferida estava cicatrizada - concluía - mas a cicatriz era sensível, comichava muito e ao menor descuido podia abrir-se e sangrar…

Mas como pode a gente amar uma mulher de cujas feições não se lembra mais com nitidez? Será que eu amo a ideia de Trude mais que sua pessoa?

Quem sabe? Ach!

Winter revolveu-se na cama, ficou deitado de lado e finalmente resolveu erguer-se e ir até a janela. Foi. Debruçou-se no peitoril e ficou olhando para o quintal da casa do vigário. Nu, debruçado a uma janela, em Santa Fé, olhando para o quintal da casa do padre Otero. Mein Gott!

Tudo aquilo parecia impossível; pelo menos era improvável…

As estrelas brilhavam. Do galinheiro do vizinho veio um ruído de asas.

Raposa? Não. Se fosse, haveria um pânico geral. Um galo cantou num terreiro distante. Winter ficou a pensar no que havia de contar daquela província a seus amigos, se um dia voltasse para casa.

A paisagem era civilizada, mas os homens não. Tinham rudes almas sem complexidade, e eram movidos por paixões primárias. A lida dos campos e das fazendas tornava-os ásperos e agressivos. Lidar com potros bravos, curar bicheiras, sangrar e carnear o gado, laçar, fazer tropas - eram atividades violentas que exigiam fortaleza não só de corpo como também de espírito. (Winter sempre prometia a si mesmo tomar nota daquelas reflexões num caderno, mas nunca chegava a fazê-lo. Ach, és um vadio, Cari!) Depois havia as guerras. Era raro passar uma geração que não visse pelo menos uma guerra ou uma revolução. E como eram primitivas aquelas guerras em que brasileiros e castelhanos se engalfinhavam - primitivas na estratégia e nos armamentos. Mas nem por isso eram menos brutais e cruéis que as guerras europeias. Winter ouvia sempre contar histórias de entreveros, de cargas de lança, de atos de coragem e desprendimento mas também de crueldades e traições. Em muitos casos os soldados lutavam descalços e armados de lanças de pau; eram mal alimentados e raramente ou nunca recebiam seu soldo. Poucos sabiam ao certo por que lutavam, mas havia na província a tradição de “pelear com os castelhanos”, e seus homens encaravam as invasões como uma fatalidade, como um ato de Deus - uma espécie de praga periódica tão inevitável como uma seca ou uma nuvem de gafanhotos. Mercê dessas lutas haviam surgido verdadeiros senhores feudais na província. Eram

os estancieiros como o coronel Amaral, a quem o governo amparava e dava privilégios, na certeza de que na hora da guerra eles viriam com seus peões, agregados, amigos e assalariados para engrossar o exército regular. Winter achava esquisito sabor em comparar estancieiros como Bento Amaral com os Junker prussianos; e quando via a cicatriz em forma de P que ele tinha numa das faces, não podia deixar de fazer paralelos entre os duelos acadêmicos de Heidelberg e o feroz corpo-a-corpo como aquele em que o falecido marido de dona Bibiana havia deixado sua marca no rosto do adversário.

Dona Bibiana! Ali estava uma criatura de valor. Com umas duzentas matronas como aquela estaria garantido o futuro da província. Entretanto o destino das mulheres naquele fim de mundo era bem melancólico. Não tinham muitos direitos e arcavam com quase todas as responsabilidades.

Sua missão era ter filhos, criá-los, tomar conta da casa, cozinhar, lavar, coser e esperar. Dificilmente ou nunca falavam com estranhos e Winter sabia que um forasteiro que dirigisse a palavra a uma senhora corria o risco de incorrer na ira do marido, do pai ou do irmão dessa senhora, que lhe viria imediatamente "tirar uma satisfação". Os homens, esses podiam sair em aventuras amorosas, a fazer filhos nas chinocas que encontrassem pelo caminho, nas escravas ou nas concubinas; mas ai de quem ousasse olhar mais demoradamente para suas esposas legítimas! Eram estas em sua maioria analfabetas ou de pouquíssimas letras e tinham uma assustadora tendência para a obesidade. (Trude! Trude! Toma cuidado.)

Eram tristes e bisonhas, e as contínuas guerras quase não lhes permitiam tirar o luto do corpo; por isso traziam nos olhos o permanente espanto de quem está sempre a esperar uma notícia trágica.

O código de honra daqueles homens possuía um nítido sabor espanhol.

Falavam muito em honra. No fim de contas o que realmente importava para eles era "ser macho". Outra preocupação dominante era a de "não ser corno". Não levar desaforo para casa, saber montar bem e ter tomado parte pelo menos numa guerra eram as glórias supremas daquela gente meio bárbara que ainda bebia água em guampas de boi. E a importância que o cavalo tinha na vida da província! Para os "continentinos" o cavalo era um instrumento de trabalho e ao mesmo tempo uma arma de guerra, um companheiro, um meio de transporte; para alguns gaúchos solitários as éguas serviam eventualmente de esposa. Winter conhecia ali homens que à força de lidar com cavalos começavam já a ter no rosto traços equinos.

Mas era preciso ter paciência e compreender que aquele era um país novo, ainda na sua primeira infância. Havia nas gentes da

província um certo acanhamento desconfiado que nos homens se transformava num ar agressivo. Falavam alto, com jeito dominador, de cabeça erguida. Entre fascinado e assustado, Winter assistira a várias carreiras em cancha reta, e mais de uma vez o haviam chamado para atender algum homem que fora estripado num duelo por causa duma "diferença de pescoço" ou de qualquer outra dúvida quanto à decisão do juiz. Gostava de ver certo tipo de gaúcho que se sentava no chão para jogar cartas e antes de começar o jogo cravava sua adaga na terra, entre as pernas abertas, numa advertência muda ao adversário.

Os lavradores daquela província só agora começavam a conhecer e usar o arado bíblico. E ninguém ali - suprema medida duma civilização! - sabia fazer bom pão e bom vinho.

Tratava-se positivamente duma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha. As casas eram pobres, primitivas, sem gosto nem conforto, quase vazias de móveis; em suas paredes caiadas não se via um quadro, uma nota de cor que lhes desse um pouco de graça. No inverno o minuano entrava pelas frinchas, cortante como uma navalha. Nos dias de chuva os homens traziam barro para dentro de casa nas suas botas ou nos pés descalços. Havia em tudo uma rusticidade e uma aspereza que estavam longe de ter o encanto antigo e a madureza das coisas e gentes camponesas da Baviera, da Pomerânia ou do Tirol - onde existia uma tradição no que dizia respeito a móveis, roupas, comidas, danças, lendas e canções. Os "homens machos" da província de São Pedro pareciam achar que toda a preocupação artística era, além de inútil, efeminada e por isso olhavam com repugnada desconfiança para os que se preocupavam com poesia, pintura ou certo tipo de música que não fossem as toadas monótonas de seus gaiteiros e violeiros.

Como era escassa a música daquela gente! Não passava duma cantilena que tinha o ritmo do trote do cavalo, um lamento prolongado, pobre de melodia.

Infelizmente em Santa Fé Winter tinha de contentar-se com as peças que Luzia dedilhava na cítara ou então com a música que ele próprio produzia. Na Alemanha fizera parte dum quarteto de cordas de amadores, como violinista. (Hans, Hugo, Joseph, onde estais a estas horas?)

Reuniam-se nas noites de sábado para tocar Mozart, Beethoven e Schubert, beber cerveja e fumar cachimbo nos intervalos entre um e outro quarteto.

Carl olhou para o céu estrelado e por alguns momentos ficou a ouvir fragmentos de melodias do passado. Depois fez meia-volta e, grave e nu, caminhou até o lugar onde estava o estojo do violino, abriu-o e tirou dele o instrumento com o ar de quem ergue o cadáver duma criança de pequeno esquife negro. Feriu as cordas com o

indicador, afinou-as como pôde e depois começou a tocar em surdina a Serenata de Haydn. A musiquinha doce encheu o quarto, fugiu para a noite.

Nunca esta melodia andou no ar de Santa Fé - pensou Winter com esquisita satisfação. Continuou a tocar marcando o compasso com o pé longo e descarnado, enquanto em sua mente Hans, Joseph e Hugo faziam o acompanhamento em pizzicato. Era como se o velho quarteto de amigos se tivesse reunido de novo para um serão musical.

Na praça, sob a figueira, Bolívar dormia, recostado ao velho tronco, com a cabeça caída sobre o peito, a boca entreaberta. A seu lado, fumando em paz, Florêncio velava o sono do amigo, como um anjo da guarda.

Sentada na cama, com o busto muito teso, as mãos pousadas no colo, Bibiana contemplava o filho que, diante do pequeno 469 espelho, procurava dar a laçada na gravata de seda preta. Ela viu que o colarinho alto e engomado sufocava o rapaz, e que sua roupa domingueira de casimira preta o deixava contrafeito e ao mesmo tempo irritado. O suor escorria-lhe em grossas bagas pelo rosto, empapando-lhe o colarinho e a camisa. Bolívar fungava e bufava, impaciente, enquanto seus dedos desajeitados lutavam em vão com a gravata.

Como ele está abatido! - refletiu Bibiana. — Também, passou a noite em claro e não é brincadeira ficar noivo duma moça como Luzia Silva. Tem de estar nervoso mesmo…

— Não posso! - exclamou Bolívar, dando um puxão na gravata. — Não sei arrumar esta porcaria.

— Tenha paciência, meu filho.

— Não posso!

— Pode, sim. Querer é poder.

Bibiana lembrou-se de sua avó e achou graça por ter falado exatamente como ela. Querer é poder. Se Ana Terra estivesse ali agora ia ficar orgulhosa do bisneto. Se o capitão Rodrigo pudesse ver o Bolívar crescido…

Seus olhos de repente se turvaram de saudade. E ela viu o marido em pensamento. Apeava do cavalo, de bombachas brancas, esporas de prata, lenço vermelho no pescoço e caminhava para ela de cabeça erguida e olhos atrevidos: “Como lê vai, minha prenda?”

A voz do filho cortou-lhe o devaneio.

— Não tem jeito. Não posso. Bibiana ergueu-se e caminhou para ele.

— Deixe ver. Quem sabe se sua mãe acerta…

Bolívar alçou um pouco o queixo. A cabeça de Bibiana mal lhe chegava aos ombros. Enquanto seus dedos procuravam dar a laçada, ela foi envolvida pelo calor do corpo suado do filho e não pôde evitar

um pensamento que lhe pareceu vagamente indecente: O cheiro do pai. Sentiu também como batia forte o coração do rapaz e como seu peito arfava. Lembrou-se dos tempos em que o embalava nos braços e sorriu para esta lembrança.

— De que é que está rindo? - quis ele saber.

— De nada. Duma coisa que pensei.

Depois, mudando de tom, perguntou: - Está nervoso?

— Não - mentiu ele.

Tinha na cabeça uma forca e uma voz que cochichava: “Daqui a pouco vão matar o Severino”. A apreensão e o medo como que lhe apertavam o coração, insuportavelmente.

— Pronto - disse Bibiana, dando o último toque na laçada.

— Veja se está direito.

Voltou a sentar-se na cama. Bolívar mirou-se no espelho.

— Acho que está - disse.

Tomou dum pente e começou a passá-lo na cabeleira preta e ondulada.

Foi então que Bibiana percebeu que ela também estava nervosa. Não era só por causa do pobre do negro Severino que ia morrer. Era também por causa do noivado. Seu segredo - um segredo tão grande que não tivera a coragem de contá-lo a ninguém, tão grande que às vezes tinha medo de comentá-lo consigo mesma - o seu imenso segredo como que se lhe avolumava agora dentro do peito, apertando-lhe o coração, e tornando-lhe custosa a respiração. Ninguém compreendia por que tinha ela aprovado o casamento do filho com a neta de Aguinaldo. Só ela sabia o motivo…

Lembrava-se duma conversa que tivera com o irmão: - Mana, vossuncê fez mal - dissera Juvenal, com seu jeito sério e sossegado. — Fez muito mal em ajudar esse noivado. Não compreendo como é que uma pessoa ajuizada como vossuncê faz gosto nesse casamento. A Luzia não é mulher pró Boli. E uma moça de cidade criada com mimo, e sem a menor serventia.

Ela ficara calada, apertando os lábios para evitar que seu segredo se escapasse. Podia contar tudo ao Juvenal. Não era uma pessoa do mesmo sangue? Não era o seu único irmão? Mas não contou, e por isso sentiu aumentar o peso daqueles pensamentos secretos.

Juvenal tinha dito mais: - Depois, o Aguinaldo é um ladrão. Não sei como é que vossuncê pode esquecer que esse homem roubou as terras de nosso pai.

— Quem lhe disse que esqueci?

— Pois se não esqueceu, pelo menos parece.

— Eu sei o que estou fazendo, mano.

E estas palavras cortaram a discussão. Juvenal encolhera os ombros, murmurando: - Queira Deus que tudo saia bem. Mas eu

duvido.

Sim, um dia Pedro Terra necessitara de recursos para plantar uma lavoura de linho e trigo (sempre a mania do trigo!) e por isso fora obrigado a pedir dinheiro emprestado a Aguinaldo Silva, dando-lhe como garantia sua casa e o terreno de esquina, cujo valor era três vezes maior que o do empréstimo. Numa sucessão de safras infelizes a lavoura se fora águas abaixo e como, vencido o prazo da hipoteca, Pedro não tivesse dinheiro para resgatá-la e Aguinaldo não quisesse dar-lhe a menor prorrogação, as propriedades dos Terras passaram inteiras para as mãos do avô de Luzia.

Foi com dor no coração que Pedro abandonou sua casa, pois Aguinaldo queria o terreno para construir nele um sobrado. Bibiana lembrava-se de que o único comentário que o pai fizera no dia em que se mudara para um rancho de barro, resumia-se em poucas palavras: "Ainda bem que a Arminda está morta". E nunca mais falou no assunto. Mas via-se no rosto dele que alguma coisa o estava roendo aos poucos por dentro. Começou a definhar, a envelhecer, não tomava interesse em mais nada e vivia triste, com olhos de cachorro escorraçado. Chorou - sim, chorou como Bibiana jamais vira homem algum chorar - no dia em que pedreiros começaram a derrubar-lhe a casa. Era como se aquelas macetas, martelos e picaretas que golpeavam as paredes de sua meia-água estivessem também a quebrarlhe os ossos, um por um.

Agora lá estava o Sobrado como um intruso em cima daquela terra querida.

Era como se o casarão do pernambucano houvesse esmagado a casinha onde vivera Ana Terra e onde ela, Bibiana, noivara com o capitão Rodrigo. Lá estavam ainda as árvores que Pedro ajudara a plantar com suas próprias mãos e amava quase tanto como a seus próprios filhos. Sempre que passava pelo Sobrado, Bibiana lançava um olhar para aquelas laranjeiras, pessegueiros, cinamomos e marmeleiros e tinha a sensação de que eles eram parentes seus que a espiavam, tristes, por trás das grades duma prisão.

Era por isso que continuava a alimentar a certeza de que aquela terra ainda lhe pertencia e que portanto o Sobrado era também um pouco seu.

O tempo passou. Dizem que tempo é remédio para tudo. O tempo faz a gente esquecer. Há pessoas que esquecem depressa. Outras apenas fingem que não se lembram mais…

Quando Aguinaldo começou a procurar e adular Bolívar e Florêncio, ela teve vontade de dizer-lhes: "Não falem com esse excomungado. Foi ele quem matou meu pai de desgosto". Mas não disse. Os rapazes eram ainda muito novos quando todas aquelas coisas tristes haviam acontecido. E mesmo que ela dissesse, não adiantava

nada. Os moços nunca aceitam muito as razões dos velhos. Além disso, o diabo do nortista era jeitoso, sabia falar bem, tinha mel na voz. E quando Luzia chegou da Corte e os meninos começaram a andar atrás dela como cachorrinhos assanhados ao redor duma cadela, seu primeiro ímpeto foi o de levar Boli para longe, a fim de evitar que ele se apaixonasse pela forasteira.

Foi então que lhe veio aquela ideia doida… A coisa aconteceu de madrugada. Ela acordou de repente, pensando no marido. Teria sonhado com ele? Não se lembrava. Mas ficou em todo caso pensando na noite da morte de Rodrigo… Ela estava sozinha em casa, com o coração pulando no peito e uma apertura na garganta; ouvia o pipocar do tiroteio e esperava em agonia o fim do combate. E quando o padre Lara lhe apareceu, não foi preciso que ele dissesse uma única palavra. Ela adivinhou tudo: tinham matado seu homem! Mais tarde lhe contaram que o capitão recebera um balaço no peito quando tentava tomar o casarão dos Amarais. Tomar o casarão.

Sentada na cama, no quarto escuro, ela começou a pensar no Sobrado, nas suas árvores, em Luzia e em Bolívar. Tomar o Sobrado… Se Bolívar casasse com Luzia, ele ficava sendo o dono do Sobrado. Ela, Bibiana, iria viver com o filho, voltaria para o seu chão… Aguinaldo estava velho e não podia durar muito tempo… No princípio ia ser difícil viver com aquele corcunda, sob o mesmo 473 teto. Mas a casa afinal de contas era grande, e sua posse valia todos os sacrifícios…

Naquela noite Bibiana tomou a grande resolução. Ia casar Bolívar com Luzia. A moça podia ser leviana, podia ser isto e mais aquilo. Mas seu filho afinal tinha nas veias o sangue do capitão Rodrigo, e nunca um Cambará se deixaria dominar por uma mulher. Fosse como fosse, ela estaria sempre junto dele para ampará-lo e dar-lhe conselhos…

Estava resolvido: ia tomar o Sobrado. Não de assalto, aos tiros, como o capitão Rodrigo. Agora não havia nenhuma pressa. Era mulher, tinha paciência, estava acostumada a esperar… Que era um ano, dois anos, dez anos? Um dia Aguinaldo morre, Bolívar fica de dono de tudo, eu volto pras minhas árvores, vou ver nascer os filhos de meu filho, vou ajudar a criar meus netos…

Bibiana agora sorria para seus pensamentos. Mas no fundo do coração ela temia o futuro.

Faltavam poucos minutos para as quatro quando Florêncio apareceu.

— Está quase na hora - disse ele. — Vamos embora?

Por que será que esse menino não olha direito pra mim? - estranhou Bibiana.

— Vamos, Boli - disse ela. — O noivo não pode chegar tarde.

Dirigiu-se à outra peça para apanhar o guarda-sol, e ao passar pelo sobrinho, perguntou: - E o Juvenal?

Sem encarar a tia o rapaz deu uma resposta evasiva: - O papai está em casa.

— Brabo com a gente? Florêncio hesitou.

— N… não. Por que havia de estar?

— Ele é contra este noivado.

— Não é bem assim, titia.

— É. Eu sei.

— A senhora compreende… O velho é opiniático.

— Basta ser Terra.

Florêncio sorriu, brincando com o chapéu. O suor escorria-lhe pela testa e seus olhos estavam estriados de sangue. Coitado - pensou Bibiana. E sorriu com simpatia para o sobrinho.

Saíram. A claridade da tarde era tão forte que por um instante os deixou ofuscados. Começaram a caminhar de olhos apertados. Sob o guarda-sol aberto, Bibiana ia muito tesa no seu vestido de cassa preta, ladeada pelos dois rapazes. Ar parado. As sombras sobre a terra vermelha eram dum preto arroxeado. Corvos voavam contra o azul desbotado e luminoso do céu.

Bolívar sentia o sangue martelar-lhe as têmporas com fúria compassada, e a cabeça agora lhe doía tanto que parecia prestes a estourar. Pensava simultaneamente no Sobrado e na forca, em Severino e em Luzia. O colarinho dava-lhe uma sensação de estrangulamento, e sob a grossa roupa preta, seu corpo estava já todo úmido de suor.

Andaram por algum tempo em silêncio. Iam cumprimentando os conhecidos que se achavam às portas de suas casas ou que espiavam por cima das cercas dos quintais. Ondina, a filha do Alvarenga, assomou à sua janela, sorriu e disse: - Então, dona Bibiana, é hoje o grande dia?

Era pálida, tinha uma voz meiga, e olhos negros duma tristeza humilde de ovelha.

— É verdade - respondeu a mãe de Bolívar. — A sua vez também há de chegar, Ondina.

Florêncio viu os olhos da rapariga pousarem uni instante nos seus, muito a medo, mas dum modo que o deixou perturbado. Desajeitado, bateu com dois dedos na aba do chapéu.

Quando já estavam longe de Ondina, Bibiana voltou a cabeça para o sobrinho e murmurou: - Uma boa moça pra vossuncê casar, Florêncio. — Deu meia dúzia de passos em silêncio e depois prosseguiu: - E muito prendada, sabe fazer renda de bilro como ninguém, é sossegada, boa dona-de-casa e uma doceira de mão-cheia.

— Florêncio nada disse. Coçou a ponta da orelha, encabulado, pigarreou de leve e continuou a olhar para a frente na direção da capela.

— E é bem bonitinha - acrescentou Bibiana. — Mas por que é que vossuncê está com cara de velório, meu filho?

Bolívar não respondeu. O suor fazia arder-lhe as faces recém escanhoadas e uma dor latejante na cabeça deixava-lhe as ideias confusas.

— Ele anda triste por causa do Severino - explicou Florèncio. Estavam agora os três a menos duma quadra da praça e já podiam ver o movimento das pessoas que procuravam lugares em torno da forca. Lenços, roupas e vozes alegres ao sol - aquilo parecia uma festa.

— É o diabo - concordou Bibiana. — É o diabo. Eu também tenho pena do negro. Afinal de contas a gente viu ele crescer como se fosse uma pessoa da família… - Suspirou. — Mas não foi pelo que eu fiz que ele vai ser enforcado.

Estas palavras doeram em Bolívar.

— Mas vão cometer uma injustiça! - exclamou ele. — O Severino está inocente!

Bibiana achou melhor não discutir. Ficou pensando, apreensiva, no que podia acontecer na hora do enforcamento. Bolívar estava nervoso: a forca tinha sido erguida bem na frente do Sobrado… Sim, teria sido melhor que Luzia houvesse concordado em transferir a festa para outro dia.

Começaram a atravessar a praça. Um homem achava-se sentado numa pedra, alisando uma palha de milho com as costas da faca. Era o Chico Carreteiro. Ao ver o grupo o caboclo dirigiu-se a Bolívar e caçoou: - Então vamos ter hoje dois enforcamentos ao mesmo tempo, não?

Mostrou os dentes escuros num sorriso rasgado. Bolívar teve vontade de atirar-se sobre ele e partir-lhe a cara a bofetadas. Cerrou os punhos, olhou duro para a frente e não respondeu. Bibiana, porém, sorriu para o carreteiro e disse: - É verdade, seu Chico, é verdade.

— É preciso ser muito malvado pra gozar com o sofrimento alheio - observou Florèncio em voz baixa, olhando as pessoas que disputavam lugares ao redor do cadafalso. Tirou o relógio do bolso e olhou o mostrador. — E ainda falta mais duma hora!

Aproximavam-se do Sobrado que lá estava, muito branco, com suas janelas de caixilhos azuis, o telhado pardo e limoso, as vidraças chamejando ao sol. Como ficavam bonitos os azulejos do portão assim num dia claro - refletia Bibiana. E seus olhos saudaram as árvores: "Tenham paciência.

Qualquer dia eu venho tomar conta de vossuncês".

O capitão Rodrigo naquela noite de 1836 correra armado de espada e pistola para a casa dos Amarais… Mas ela agora ia tomar o Sobrado completamente desarmada: levava apenas um guarda-sol na mão e aquele segredo no peito. O dono da casa ia recebê-la de braços

abertos.

Sentado em uma cadeira de respaldo alto e lavrado - que achava supinamente incômoda - o dr. Winter passeava em torno o olhar curioso.

Fora o último dos convidados a chegar ao Sobrado e lamentava ter perdido a arenga que Aguinaldo Silva fizera aos presentes para anunciar o contrato de casamento da neta com Bolívar Cambará. A vasta sala de visitas estava muito clara de sol e Carl notou que o reflexo tricolor da bandeirola duma das janelas tingia a face e o pescoço de Luzia. Uma estigmatizada - fantasiou ele. Achou-a perversamente linda. Estava ela sentada no sofá ao lado do noivo, vestida de crinolina verde, de saia muito rodada com aplicações de renda; tinha cravado nos cabelos dum castanho profundo grande pente em forma de leque, no centro do qual faiscava um brilhante. Winter pensou imediatamente na bela e jovem bruxa moura que o diabo, segundo a lenda que corria pela província, transformara numa lagartixa cuja cabeça consistia numa pedra preciosa de brilho ofuscante. Como era mesmo o nome do animal? Ah! Teiniaguá. A sua Musa da Tragédia havia agora virado teiniaguá.

Winter pensava essas coisas e sorria, apertando o charutinho entre os dentes.

O dr. Mascarenhas conversava animadamente com Aguinaldo. Bibiana gritava ao ouvido da esposa do juiz, que era surda, e a boa senhora lhe respondia com sua voz fosca e branda. Winter percebeu que trocavam receitas de doces e gastavam açúcar e ovos em grande profusão: era, por assim dizer, uma conversa temperada de canela, cravo e noz-moscada.

Bolívar parecia nervoso e Winter sentia no ar algo de pressago e equívoco que começava a deixá-lo um pouco inquieto.

Sentado numa cadeira, pitando tranquilamente seu cigarro de palha, Florêncio de vez em quando lançava um olhar morno na direção de Luzia e do primo. O padre Otero não chegara ainda, pois estava ocupado com Severino: tinha de prepará-lo para morrer e devia assisti-lo até o último momento.

Winter julgava perceber no rosto do dono da casa certo desapontamento ante o fato de não ver ali na sala a maioria das pessoas que convidara para a festa. Toda a gente sabia que os Amarais detestavam Aguinaldo Silva e recusavam-se a pôr os pés no Sobrado. Quanto aos outros, era também sabido que não morriam de amores pelo pernambucano, pois raro era o santa-fezense que não se julgasse de qualquer forma lesado por ele ou que não tivesse pessoa da família ou amigo de peito entre as vítimas do que eles chamavam “as bandalheiras do corcunda”. Além disso - refletiu Winter - muitos dos convidados decerto acharam que seria mais divertido ficar na praça

para ver Severino estrebuchar na forca do que vir para o Sobrado ouvir Luzia tocar cítara.

Aguinaldo, desinquieto como sempre, andava dum lado para outro na sala.

Com sua corcunda pronunciada, a cabeça triangular, a barba de chibo, o avô de Luzia lembrava a Winter um gnomo em versão cabocla.

— Isso está muito desanimado, minha gente! - exclamou o velho. — Até parece velório de pobre. Luzia, toque um pouco de música. Vamos animar a festa.

Deu dois pulinhos, esfregando as mãos fortemente uma contra a outra, e gritou na direção da cozinha: - Siá Rosa, mande trazer a refrescalhada!

Bolívar passava o lenço vagarosamente entre o colarinho e o pescoço. A cabeça ainda lhe doía e agora a sede, uma sede desesperada, secava-lhe a goela, ressequia-lhe a boca. Um refresco chegava em boa hora.

— Vamos, menina, toque um pouco! - tornou a pedir Aguinaldo.

Luzia sacudiu a cabeça de leve: o diadema chispou.

— É muito cedo ainda, vovô. Depois eu toco.

Tinha uma voz grave e musical, uma voz - achava Winter - cujo registro correspondia ao da viola. Era quente, úmida, profunda, veludosa - tão excitante que parecia vir-lhe do sexo e não da boca - refletiu ainda o médico. A comparação podia ser grosseira; pelo menos ele nunca a poderia fazer em voz alta. Entretanto, era exatamente isso que ele sentia.

Pensou em Trude, cuja voz fina e melodiosa lembrava a dum oboé. Que contraste!

Bolívar nunca conseguia explicar a si mesmo por que ficava tão excitado quando a noiva falava. Aquela voz tinha feitiço, punha-lhe uns arrepios no corpo. Quando a ouvia, ele tinha ímpetos de saltar sobre Luzia, rasgar-lhe as roupas e amá-la com fúria. Agora, porém, eram outros os sentimentos que o perturbavam. Metade de seu ser estava na sala: a outra metade, lá fora. Seus olhos de instante a instante voltavam-se para a janela, mesmo contra sua vontade. Uma sensação de perigo iminente apertava-lhe o peito. Ele sabia que às cinco em ponto Severino ia ser enforcado; era por isso também que não perdia de vista o relógio grande de pêndulo que estava a um canto da sala contígua, e o qual ele via através da porta. Eram quatro e vinte: o pêndulo de latão oscilava compassadamente. As cinco Severino ia ficar pendurado na forca, balançando dum lado para outro.

Bolívar olhou para as mãos muito brancas de Luzia, que repousavam sobre o verde da saia, segurando o leque: seus dedos

eram finos, compridos, delicados, e estavam cheios de anéis. Olhou para as próprias mãos rudes, queimadas de sol, cabeludas e sombreadas de veias. As mãos dele nada tinham a ver com as dela. No entanto em breve um padre ia uni-las para sempre. Bolívar percebeu que a noiva o contemplava e sentiu seu mal-estar aumentar, pois sabia que seu rosto estava revelando todos os seus segredos. Levou automaticamente o lenço às faces, ficou a fingir que enxugava o suor, mas na verdade o que queria era escondê-las.

Um escravo entrou com uma bandeja cheia de copos de limonada e começou a andar à roda, oferecendo-os aos convivas.

— Chegue sua cadeira pra cá, doutor! - convidou o juiz de direito, dirigindo-se ao médico. — Faz tempo que não trocamos ideias. É. Faz tempo.

Winter obedeceu. Aguinaldo deu-lhe um copo de refresco, dizendo: - Sinto muito não ter uma boa cerveja pra oferecer ao amigo.

— Ach! Não faz mal.

— Dizem que em São Leopoldo já se fabrica boa cerveja - comentou o dr.

Nepomuceno. — Seus compatriotas, dr. Winter, são especialistas em cerveja. — Inclinou a cabeça, numa reverência. — Como em muitas outras coisas mais. — E repetiu: - Como em muitas outras coisas mais.

Falava sempre com ar sentencioso, por mais terra-a-terra que fossem as coisas que dissesse. Orgulhava-se de ser um conhecedor profundo da política nacional, que acompanhava através dos jornais da Corte com escrupuloso interesse e com a imparcialidade que convinha a um juiz.

— Eu estava dizendo ao sr. Aguinaldo - contou ele, inclinando a cabeça na direção de Carl Winter - que se o marques de Olinda tivesse ficado no governo com seu ministério conservador, as coisas teriam tomado outro rumo. Ele era contra a nossa interferência nas questões do Prata. Mas veio o Patilino Sousa e seguiu a política intervencionista, fez aliança com Urquiza e o resultado foi a guerra contra Rosas.

— Mas ganhamos essa guerra! - exclamou Aguinaldo, com os bigodes e a pêra respingados de limonada. — E ali estão dois moços que viram a coisa de perto!

Lançou para Bolívar e Florêncio um olhar cheio duma ternura quase paternal.

A esposa do juiz dizia a Bibiana: - Agora, a senhora sabe, quindim gasta muito ovo. Mas o Nepomuceno é louco por quindim.

A outra, porém, não a escutava. Olhava para o filho com uma sensação de amoroso orgulho que chegava quase a ser sufocante. Parecia vir dele uma onda de calor que a envolvia como um abraço.

Mas quando Bibiana desviou o olhar de Bolívar e focou-o em Luzia teve a impressão de receber de repente um sopro de gelo. Diziam que o minuano vinha dumas montanhas geladas do Chile e da Argentina. Pois Luzia parecia mesmo uma montanha coberta de geada. É bonita - refletiu Bibiana - isso ninguém pode negar. Mas é uma boniteza má, uma boniteza de pecado. Bolívar precisa domar essa potranca no primeiro dia do casamento, senão está perdido.

— … e o ano passado eu quis fazer marmelada branca mas não pude acertar direito o ponto - prosseguia a esposa do magistrado, com seu peito magro de tísica a arquejar.

Bibiana voltou para ela uns olhos onde havia um tépido interesse e sorriu para dar a entender à interlocutora que a escutava. Mas, na verdade, naquele momento ela estava era sentindo o Sobrado. Não! Ela estava sentindo seu chão. A casa de seu pai ficava naquele mesmo lugar onde agora estava o Sobrado. Faz de conta que esta é a nossa varanda.

Ali está a parede empenada, que vovó dizia que estava grávida. Ali a mesa, com as cadeiras; lá naquele canto, a talha. Papai está pitando, sentado na cadeira de balanço. Eu até vejo a fumaça do cigarrão dele. A mamãe está fazendo croché perto da mesa. Eu estou aqui e o capitão Rodrigo, que chegou há pouco, pediu licença e está picando fumo pra fazer um crioulo. Por que será que papai não fala com ele? Birras de velho. Não faz mal: com o tempo ele vai acabar gostando do genro.

Ninguém resiste àqueles olhos de gavião. Eu até nem posso olhar direito pra eles: fico meio zonza. É por isso que estou olhando só pras botas do capitão. E ele vai dizendo coisas, contando histórias da sua vida: guerras, viagens, brigas, guerras, viagens, brigas… Todos escutam.

Noite de Finados. Alguém está cantando na venda do Nicolau. A voz é a do capitão. Mas ele não pode estar lá na venda e aqui em casa ao mesmo tempo. Por que não pode? O capitão Rodrigo pode tudo. O padre Lara chega, diz boa-noite, senta-se, chiando como um gato velho. Coitado! Está enterrado perto da sepultura da vovó. Decerto de noite os dois ficam ali no cemitério conversando sobre os vivos, rindo-se deles… O capitão Rodrigo já acendeu o cigarro. Papai olha o relógio como quem quer dar a entender que é tarde. Então meu noivo se levanta, vai embora e eu fico pensando nele e nas coisas que tenho que fazer amanhã. Pular da cama às cinco, tirar leite, encher linguiça, dar milho pras galinhas, matar formigas pra elas não estragarem as plantas… Com essa cintura fina a Luzia parece uma formiga, uma saúva grande. Mas formiga se esmaga com o pé. E sapo também. E os olhos de Bibiana se voltam para Aguinaldo.

Depois passeiam lentos e avaliadores em torno da sala. Aquele

espelho grande de moldura dourada é muito bonito, deve ter custado um dinheirão.

E um dia ainda quero ver naquele vidro o Aguinaldo dentro dum caixão de defunto, com quatro velas acesas do lado. Deus me perdoe, não desejo o mal de ninguém, mas todos um dia morrem. Amém. E é bem bonita a mobília - refletiu ela, olhando para o consolo de mármore, sobre o qual estava a cítara de Luzia, dentro dum estojo de madeira lavrada. E pra que estas cadeiras todas cheias de requififes, Santo Deus? Não troco as minhas de palha trançada por estes monstrengos. Mas gosto desta casa. Como são grossas as paredes! Num casarão assim a gente se sente garantida. Pode vir chuva, ventania, tempestade e até guerra. Bala não passa por elas.

— Está boa a limonada? - perguntou Aguinaldo, jovial. Bibiana teve um leve sobressalto, ergueu os olhos para o dono da casa e respondeu: - Não provei ainda.

Só então é que se lembrou de que tinha na mão o copo de limonada.

Levou-o à boca e começou a beber devagar. O cheiro de limão trouxe-lhe à mente um certo dia de sua vida, havia muitos anos. O capitão Rodrigo chegou duma viagem e lhe disse: “Estou louco de sede, minha prenda. Me faz uma limonada bem ligeiro. Mas bota pouco açúcar”. E depois, quando ela estava espremendo o limão dentro dum copo, ele se aproximou por trás, enlaçou-lhe a cintura e beijou-lhe a nuca.

Bolívar bebia sua limonada com avidez, mas a comoção parecia trancar-lhe a garganta.

Florêncio ergueu-se, foi até a janela e olhou para o cadafalso, a cujo redor a multidão engrossava. Crianças corriam e brincavam sob a figueira grande. Uma brisa leve começava a bulir com as folhas das árvores e à porta da cadeia curiosos se aglomeravam, andavam dum lado para outro, erguendo poeira do chão. Pobre do Severino! E o nome de Severino que Florêncio pronunciara mentalmente repetiu-se num eco. Mas o eco era o de um outro nome: Bolívar. Pobre Bolívar!

Bolívar tornou a olhar para o relógio, mas não pôde distinguir o mostrador, porque o suor lhe entrara pelos olhos e lhe turvava a visão.

Começou a esfregá-los com os dedos.

— Entrou alguma poeira? - perguntou Luzia, num súbito interesse. — Deixe ver.

Bolívar sacudiu a cabeça.

— Não. Não é nada. Foi o suor.

— Está ardendo?

— Um pouco.

— Deixe ver.

— Não carece.

Os olhos de ambos se encontraram.

— Que é que vosmecê tem? - perguntou ela.

— Eu? Nada.

— Tem, sim. Está se vendo.

— Não é nada.

Bolívar não pôde suportar o olhar da noiva. Baixou os olhos para o chão.

— Se está arrependido - prosseguiu ela num murmúrio - ainda é tempo de desmanchar o casamento. Há pessoas que voltam até da porta da igreja.

Felizmente - pensou Bolívar - os outros estavam entretidos a conversar e não ouviam aquelas coisas estúpidas que Luzia lhe sussurrava. Assim em cochicho a voz dela ficava ainda mais excitante.

Era como se o estivesse convidando a ir para a cama.

— Ninguém está falando em arrependimento… - retorquiu ele pondo o copo de refresco em cima da mesa redonda, na frente do sofá.

— Então diga que é que tem.

— Ora, estou me sentindo mal. Minha cabeça está estourando. Bolívar achava difícil conversar com a noiva cara a cara. Não podia resistir ao olhar dela: dava-lhe um acanhamento que ele nunca sentira diante de mulher alguma. E por se sentir acanhado ficava com raiva da moça, de si mesmo, de tudo e de todos. Vinham-lhe desejos de fazer violências, dizer nomes feios, de portar-se como um cavalo. Sempre que discutia e lhe faltavam argumentos, palavras, ele tinha gana de usar as patas.

— Passou mal a noite?

Com relutância Bolívar sacudiu afirmativamente a cabeça: - A bem dizer passei a noite em claro.

Ergueu os olhos para a mãe e percebeu que, fingindo escutar a esposa do juiz, ela procurava ouvir o que Luzia estava dizendo.

— Pensando no Severino? - insistiu a moça.

— Como é que vosmecê sabe?

— É natural. O negro vai morrer por causa de seu testemunho.

Disse isso e seus olhos escrutaram o rosto do noivo, verrumantes, como se quisessem ver-lhe os sentimentos. Bolívar sentiu um pingo de suor escorrer-lhe frio sob a camisa, ao longo da espinha. Sua cabeça latejava com força e de repente ele se lembrou dum homem que um dia vira cair em plena rua, fulminado por um ataque de cabeça.

— Vosmecê também acha que o negrinho está inocente? Luzia encolheu os ombros.

— Eu não acho nada. Vosmecê é que devia saber o que dizia quando falou às autoridades.

Bolívar fez um gesto de impaciência e meteu os dedos trêmulos pelos cabelos. Procurou alguma coisa para dizer, mas não encontrou

nada. Teve vontade de mandar todos para os confins do inferno.

— Mas como é… - principiou - como é… o… Calou-se de novo. Tinha-se feito um hiato na conversação e de repente a sala ficara silenciosa e os olhos do dr. Winter, de Florêncio e de Bibiana estavam voltados para o sofá.

— Será que já começaram a brigar? - troçou Aguinaldo, fazendo com a cabeça um sinal na direção dos noivos. — Tem tempo, meninos, tem tempo!

Florêncio olhava para Luzia e achava-a parecida com uma imagem de Santa Rita que ele vira nas Missões.

O dr. Winter, o dr. Nepomuceno e o dono da casa de novo entraram numa discussão política, e Bibiana agora contava animadamente à interlocutora o que costumava fazer para secar a roupa lavada em dias de chuva; a mulher do juiz, com a mão em concha atrás da orelha, escutava-a arfante e atenta.

— Falta só meia hora - murmurou Luzia, lançando um rápido olhar para o relógio de pêndulo.

Alguém abriu uma porta nos fundos da casa e a brisa entrou na sala trazendo um cheiro de cozinha que, ao passar por Luzia, se misturou com um perfume de essência de rosas e de pele limpa de mulher recém-saída do banho - o que contribuiu para aumentar a confusão de Bolívar, que de repente sentiu pela noiva um desejo estúpido que era ao mesmo tempo náusea, medo e impotência. Seus olhos voltaram-se mais uma vez para o mostrador do relógio grande, e ele tornou a ver o gato enforcado, e o grito do animal cruzou-lhe o espírito.

Bolívar ergueu-se como que impelido por uma mola, e caminhou apressado para a janela. Luzia seguiu-o com o olhar, depois voltou a cabeça para Florêncio e sorriu. O rapaz respondeu com um sorriso meio constrangido e perguntou: - Que foi que houve?

— Seu primo está nervoso. Aguinaldo soltou uma risada.

— É natural. No dia que contratei casamento fiquei tão nervoso que até me deu uma soltura.

— Vovô! - repreendeu-o Luzia. — Isso não se diz.

Bibiana olhava apreensiva para o filho. Junto da janela Bolívar mal enxergava o que se passava na praça, pois diante de seus olhos manchas dum preto esverdeado dançavam, estonteantes. Mais uma vez teve vontade de arrancar fora o colarinho, a gravata, o colete, sair correndo daquela casa, montar a cavalo e meter-se campo adentro a galope.

Sentiu que lhe seguravam o braço. Voltou-se: era a mãe. Tinha nas mãos um copo de refresco.

— Beba mais um pouco, meu filho.

Sem pensar, Bolívar obedeceu. Emborcou o copo e bebeu toda a

limonada dum sorvo só. O líquido adocicado, meio enjoativo e pegajoso, lhe desceu com dificuldade goela abaixo.

— Vá agora sentar-se perto da sua noiva - sussurrou-lhe Bibiana. — Coragem! Isso passa.

Bolívar voltou para o sofá.

Aguinaldo agora contava coisas do Angico ao juiz de direito e ao médico.

— Minha cavalhada anda muito ruim. Essas guerras estragam os nossos rebanhos. É uma lástima. Muito cavalo superior se perdeu na Guerra dos Farrapos. Miles de miles - concluiu Aguinaldo, enrolando um cigarro.

O juiz sacudia a cabeça lentamente, de olhos meio cerrados.

— Muito homem superior morreu nessa guerra - corrigiu-o Bibiana.

— Pra mim animal é o mesmo que gente - explicou Aguinaldo. — Pego amizade por eles. Pode ser cavalo, boi, cachorro ou gato. Um dia peguei um dos meus escravos maltratando uma pobre mula. Ah, seu compadre, fiquei fulo de raiva e comecei a enxergar vermelho. Negro sem-vergonha, gritei, vai bater na tua mãe, desgraçado! Pois o diabo do negro estava tão possesso que não me viu nem m'escutou. Continuou a dar com o chicote no lombo do pobre animal. A mula estava já toda lanhada, escorrendo sangue. Então perdi as estribeiras, tomei o chicote das mãos do negro, me atirei pra cima dele e comecei a dar-lhe na cara, a dar-lhe na cara, e fui ficando tão furioso que acabei dando com o cabo do chicote na cabeça do bandido. E dê-lhe pau, dê-lhe pau! No princípio ele meio que ficou estonteado sem saber o que estava acontecendo. Mas quando compreendeu tudo, se ajoelhou, botou a boca no mundo e depois quis fugir. Mas corri atrás dele, o negro tropeçou, caiu e eu me atirei em cima do cachorro, cego de raiva… E lá vai pau, e lá vai pau. Pois não é que quase mato o desgraçado? - Os olhinhos de Aguinaldo brilharam.

Ele fez uma pausa para acender o cigarro e depois continuou: - A sorte do crioulo é que já sou um homem velho e não tenho a mesma força dos tempos de dantes. Cansei logo e parei pra não cair. Se não fosse isso, eu acabava fazendo mingau da cabeça do negro. — Puxou uma tragada, soltou o fumo no ar e disse: - Animal é mesmo que gente pra mim. — Caminhou até a porta da sala de jantar e gritou: - Siá Rosa, mande trazer as coisas de comer!

O dr. Winter contemplava Aguinaldo com a mesma curiosidade meio horrorizada com que um dia olhara um terneiro do Angico que nascera com duas cabeças.

Entraram duas escravas com bandejas cheias de bolos e doces.

Winter cruzou as pernas e disse ao dono da casa: - Mas o senhor parece que não teve nenhuma piedade do negro. Me diga então uma

coisa: quando vê um branco batendo num escravo, vosmecê não fica também revoltado?

Aguinaldo coçou a pêra e estava para responder quando ouviu a voz de Luzia: - Negro não é gente - disse ela.

Todos os olhos se voltaram para a moça. Santa Rita disse uma barbaridade - pensou Florêncio. Bolívar parafraseou mentalmente as palavras da noiva: “Severino não é gente. Vão enforcar um bicho”.

O dr. Winter tirou os óculos e começou a limpá-los lentamente com o lenço.

— Mein liebes Fraulein! - exclamou ele, com sua voz aflautada. — O que vosmecê acaba de dizer é uma inverdade científica.

Luzia encolheu os ombros e seus dedos brincaram com o leque.

— Não sei se o que eu disse é científico ou não. Mas é o que sinto. Para mim o negro está mais perto do macaco que dos seres humanos.

O juiz fechou os olhos, como para não se deixar influenciar por aquelas ideias, franziu os lábios reflexivamente, e quedou-se a procurar um ponto de conciliação. Bibiana ficou mais tesa ainda na cadeira, como cobra pronta para dar o bote. Então é isso que essas moças aprendem nos colégios da Corte? - pensou ela. Credo! É melhor a gente não saber ler nem escrever mas ter um bom coração. Cruzes!

— Mein liebes Frãulein! - repetiu o dr. Winter. Ergueu-se e foi postar-se na frente da moça. Seu cheiro de desinfetante envolveu Bolívar, que por um rápido segundo o achou confortador. Uma vez tinha caído de cama, com febre, e sua mãe chamara o dr. Winter. Só a presença do médico lhe trouxera alívio; e ele associava essa presença e essa impressão de alívio àquele cheiro de remédio.

— Mein liebes Frãulein! Como pode a minha graciosa amiga conciliar seu cristianismo com essas ideias? - perguntou Winter, balançando o corpo na ponta dos pés. — Onde está sua caridade? Que um herege como eu pense assim, ainda se admite. Mas que uma jovem cristã diga essas barbaridades, mein Gott!, isso eu não compreendo!

— Há muita coisa que vosmecê não compreende, doutor. Bolívar sentia-se constrangido por ver a noiva a conversar com o médico aqueles assuntos de que ele nada entendia. Teve vontade de gritar para Winter: “Cuide da sua vida. Volte pró seu lugar. Nos deixe em paz!”

Luzia abriu o leque e começou a abanar-se serenamente.

— Vosmecê não acha, doutor - perguntou ela - que ser bom ou ser mau é uma questão de mais ou menos coragem?

— Hein? - fez o médico, perplexo, a coçar o queixo com dedos frenéticos.

— Quer dizer então que bondade é sinônimo de covardia?

— E o senhor acha que não é? Nunca pensou que ser bom é a coisa mais fácil do mundo? E que qualquer pobre-diabo pode se dar o

luxo de ser bom?

O dr. Winter ergueu ambos os braços e depois deixou-os cair, batendo com força nas coxas com as palmas das mãos. Era um gesto que queria dizer: se a menina pensa assim, desisto de discutir.

Mas o diabo - pensava - era que de certa maneira misteriosa Luzia parecia ter alguma razão. Era preciso uma pessoa ter muita coragem para dar expressão a todos os seus desejos e sentimentos maus. Sim, ser bom era fácil. A teiniaguá não se deixava apanhar facilmente.

Aguinaldo contemplava a neta com admiração, sacudindo a cabeça devagarinho e rindo o seu riso encatarroado.

O juiz, ainda de olhos fechados, a papada comprimida entre o maxilar inferior e o colarinho engomado, lutava com palavras e ideias, tentando formar mentalmente uma sentença que, sendo ao mesmo tempo gramatical e judiciosa, tivesse a peregrina virtude de clarificar a situação.

A esposa queria saber do que estavam falando, e Bibiana explicou-lhe tudo como pôde. A surda lançou para o marido um olhar que foi um apelo: “Tira-me do escuro, Nepomuceno!” O juiz continuava a sortir as palavras, a ajustá-las às ideias. Que o negro era um ser humano, constituía uma verdade científica incontestável. Mas ele próprio às vezes não deixava de sentir nas pessoas de cor qualquer coisa de bestial que as aparentava aos animais inferiores. Como não encontrasse a frase conciliadora, soergueu o corpo na cadeira, estendeu o braço e apanhou um quindim da bandeja que estava sobre uma pequena mesa e começou a mordiscá-lo com alguma solenidade.

Uma questão de coragem… Florêncio não entendia bem o que Luzia pretendia dizer com aquilo. Mas sentia que boa coisa não era… Baixou os olhos e ficou olhando meio vago para a ponta das botinas que lhe apertavam os pés.

Questão de coragem… Estas palavras soavam ainda na mente de Bolívar.

Se ele tivesse coragem sairia correndo e iria gritar para aquela gente que estava reunida ao redor da forca: - Vão pra casa, bandidos! Onde se viu estarem se divertindo com a morte dum homem?! Severino está inocente. Quem devia estar pendurado nessa forca era eu. Matei um homem uma vez, só de mau. O combate tinha terminado. Ele pediu misericórdia. Matei de mau. Eu bem podia ter matado também aqueles dois tropeiros. O Severino é um homem bom. Nunca fez mal a uma mosca. Tio Juvenal, que conhece as pessoas, diz que o negrinho está inocente. Vão pra casa! Vão pedir perdão a Deus!

Winter voltara para sua cadeira e agora observava Luzia. Que haveria naquela alma? Ele ainda não sabia, mas começava a adivinhar, através duma névoa, e o que entrevia lhe dava um aperto de coração, um frio horror. Como era que naquele fim de mundo,

naquele lugarejo perdido nos confins do continente americano, entre gente rude e primária, existia uma mulher assim? Podia estar numa tragédia de Sófocles ou de Schiller, num conto de Hoffmann ou num… Mein Gotti Contado ninguém acreditaria.

E por um instante se imaginou num Biergarten de Berlim, dali a muitos anos, sentado ao redor duma mesa a tomar cerveja com amigos e a falar-lhes de seu passado de Santa Fé. E se viu e ouviu a dizer: "Há muitos anos, nos confins da terra, conheci uma rapariga singular.

Chamava-se Luzia. Eu só queria saber que foi feito dela…"

Agora o rosto da teiniaguá tinha uma expressão angélica: estava sereno, limpo e luminoso. Sua voz profunda tornou a envolver o médico: - Por que não trouxe seu violino, doutor? - perguntou ela. — Podia tocar um pouco para nós.

Winter pensou no sacristão da lenda e viu a lagartixa encantada enroscar-se nele.

Deu um tapa cômico no ar.

— Ach! Já não sei mais tocar. Vou enterrar o violino.

— Talvez nasça um pé de couve - observou Bibiana. Aguinaldo soltou uma risada seca e disse: - Por falar em enterrar, está quase na hora de enforcarem o negro.

Como era que ele podia falar com tanta despreocupação na morte duma pessoa? - perguntou Florêncio a si mesmo, com uma sensação de mal-estar.

E de novo ouviu na memória as palavras de Luzia: Negro não é gente. Com que frieza ela tinha dito aquilo! Por contraste pensou em Ondina Alvarenga e a lembrança de seus olhos mansos lhe fez algum bem.

Silêncio. O dr. Nepomuceno - que tinha lavrado a sentença de morte - pigarreou, constrangido, e começou a tamborilar nervosamente com os dedos sobre a guarda da cadeira. O dr. Winter voltou-se para o magistrado: - O senhor tem de estar presente à cerimônia? - perguntou. O juiz tornou a inclinar o corpo para a frente, estendeu o braço e apanhou outro quindim.

— Eu devia estar lá - disse, com relutância, mordiscando o doce. — Mas não gosto dessas coisas. Sou um homem nervoso. Não gosto dessas coisas.

— Pedaços de quindim pintalgaram-lhe de ouro a barba grisalha. — A lei não obriga propriamente o juiz a comparecer. É. A lei não obriga…

propriamente.

Aguinaldo tirou do bolso o relógio e olhou para o mostrador.

— Faltam quinze minutos.

O coração de Bolívar começou a bater com mais força. Ainda havia tempo.

Podia levantar-se e dizer: “Senhor juiz, tenho de fazer uma confissão. O negro Severino está inocente. Quem matou os dois tropeiros fui eu. Juro por Deus Nosso Senhor!”

Aguinaldo aproximou-se da janela, relanceou os olhos pela praça e disse: - Está assim de gente. Parece até quermesse.

Ou então - pensava ainda Bolívar - podia sair correndo, ir até o cadafalso, beijar a mão de Severino e pedir-lhe perdão. Imaginou-se fazendo isso. A mão do negro está gelada de pavor. Sentiu na garganta um aperto que o impedia de engolir a saliva.

— Não quer um doce? - perguntou-lhe Luzia.

— Não - respondeu ele.

— Ainda está doendo a cabeça?

— Ainda.

A senhora do juiz contava que tinha encomendado umas rendas de bilro a Ondina Alvarenga. Mas dona Bibiana estava com a atenção no filho. Fez-se um novo silêncio difícil. Parecia que agora todos só pensavam na hora do enforcamento.

— Querem ir lá na praça ver a coisa de perto? - convidou Aguinaldo.

— Deus me livre! - apressou-se a dizer Bibiana.

— E o senhor, doutor?

Winter sacudiu negativamente a cabeça. O juiz limitou-se a fechar os olhos e a repetir: - A lei não obriga. Não gosto desses espetáculos. A lei não obriga.

Aguinaldo esfregou as mãos, de olho alegre. Piscou para o dr. Winter e, inclinando a cabeçorra na direção do juiz, troçou: - Será que a consciência está lhe doendo?

O dr. Nepomuceno ficou soturno, brincou com a medalha que pendia da corrente do relógio e redarguiu: - Tenho a consciência tranquila, sr. Aguinaldo. Tenho a consciência tranquila. Fez-se justiça. Os juizes de fato acharam o réu culpado. A condenação foi feita de acordo com o artigo número 271 do Código Criminal do Império. Tenho a consciência tranquila. — Lançou um olhar na direção de Bolívar e ajuntou: - Ali está casualmente o cidadão cujo depoimento contribuiu para esclarecer o crime.

Fez com a mão um sinal solene que queria dizer: um cidadão honesto, íntegro, acima de qualquer suspeita.

Florêncio estava sentado na ponta da cadeira, com os olhos postos no primo, temendo que ele fizesse ou dissesse alguma coisa inconveniente.

Bolívar, porém, limitava-se a olhar para o soalho, com a cara reluzente de suor e os largos ombros a subir e descer ao ritmo duma respiração ofegante.

Por alguns instantes todos ficaram calados, como que à espera

dalguma coisa. Aguinaldo fez uma ou duas tentativas para puxar um assunto, mas foi em vão. O silêncio voltava sempre, e quase todos os olhos estavam voltados para as janelas que davam para a praça. Quantas daquelas pessoas - perguntava Winter a si mesmo - desejariam ir ver o negro espernear na forca levadas por uma curiosidade mórbida que parecia ser um dos atributos da natureza humana? E se não se dispunham a ir até as proximidades do cadafalso ou a ficar olhando de longe, ali das janelas, seria porque, de mistura com a cuiiosidade, sentissem também uma ponta de horror? Ou era porque queriam afetar bons sentimentos? Da parte de Bolívar e do juiz - refletia o médico - devia haver um pouco de remorso, pois ambos tinham contribuído para a condenação do negro.

Dona Bibiana e a esposa do magistrado deviam detestar sinceramente a ideia de assistir à cena. Florêncio era um homem de bom coração… E Luzia? Continuaria sentada ou viria espiar o enforcamento?

Aguinaldo estava excitado, ia de instante a instante à janela, ficava ali num pé só, fungando, aflito.

— Parece que vão trazer o negro - disse ele em dado momento, pondo a mão em pala sobre os olhos. — Estou vendo um movimento na frente da cadeia.

Começou a esfregar as mãos, satisfeito, numa antecipação do espetáculo.

Uma escrava entrou com uma grande bandeja cheia de talhadas de melancia.

— Pode botar em cima da mesinha - ordenou Luzia, com voz impaciente. — E vá lá pra dentro.

A negra obedeceu, hesitou um instante e depois se dirigiu ao amo, de cabeça baixa, com voz humilde: - A negrada da cozinha também quer ir ver…

— Pois vão! - gritou Aguinaldo. Luzia, porém, interveio: - Não! Não vão. Fiquem lá no fundo e não venham nem pra frente.

A escrava saiu da sala de olhos baixos.

Winter sentiu que ele também estava inquieto. Se se erguesse e fosse até a janela poderia ver tudo. O cadafalso ficava a uns trinta e poucos metros do Sobrado e erguia-se a mais de três do solo. Poderia dali ver a execução muito melhor que muitos dos que se acotovelavam ao redor da forca, sob o sol quente. Vou ou não vou? - perguntava ele a si mesmo.

Ir seria ceder a uma curiosidade perversa, a um sentimento inferior. Mas não ir seria levar muito a sério aquela história toda. No fim de contas era médico e vira coisas piores em sua carreira: crânios esmagados, membros decepados, tripas à mostra. Nunca, porém, assistira ao assassínio frio, calculado e legal dum homem. O fantasma

de Luzia cochichou-lhe na mente: Negro não é gente.

— Faltam oito minutos - disse Aguinaldo. E de repente, com uma alegria infantil, exclamou: - Lá vem ele!

Winter ergueu-se, como que galvanizado, e aproximou-se da janela. O juiz continuou sentado onde estava, a balouçar as pernas nervosamente.

O médico olhou para fora. Um grupo compacto movia-se da cadeia na direção do cadafalso. Houve na multidão que se apinhava ao redor da forca um como que movimento de onda. Winter vislumbrou no grupo menor a batina negra do padre Otero e alguns uniformes da Guarda Nacional. Tudo se processava no meio dum grande silêncio.

O dr. Nepomuceno foi atacado dum acesso de tosse nervosa. Voltando a cabeça para dentro da sala Winter viu que Bolívar, duma palidez de morte, de olhos sempre baixos, remexia-se desconfortavelmente no sofá, ao passo que Luzia olhava atentamente para ele, sentada, muito ereta, na ponta do sofá, como que a gozar o sofrimento do noivo. O médico tornou a olhar para a praça. Viu quando dois guardas fizeram Severino subir os degraus do cadafalso. Dali Winter não podia distinguir as feições do condenado, mas percebeu que os guardas o amparavam para que ele se mantivesse de pé. Ao lado do negro, o padre Otero ergueu um crucifixo preto, voltou-se para a multidão e pronunciou algumas palavras que o médico não ouviu com clareza. Começou então a erguer-se do povo um clamor uníssono, cadenciado e fúnebre. Rezavam o padre-nosso. As vozes, graves e foscas, erguiam-se no ar luminoso, enchiam a praça e tinham qualquer coisa que lembrava o som dum órgão. Winter começou a sentir a garganta seca, a língua grossa. Agora um perfume ativo de essência de rosas lhe chegava às narinas, e então ele sentiu, antes de ver, que Luzia estava a seu lado, à janela. Olhou-a de soslaio. Os seios da moça palpitavam, seus olhos estavam fitos no cadafalso, imóveis, arregalados, cheios duma poderosa fascinação.

De repente o coro cessou num amém que se esfarelou no ar. O padre voltou-se para o condenado e encostou-lhe aos lábios o crucifixo.

Naquele instante o relógio começou a dar as horas: cinco badaladas que Bolívar sentiu como pancadas no crânio.

O carrasco experimentou o nó corredio e depois colocou a corda em torno do pescoço do escravo. Havia agora na praça um silêncio de cemitério. De repente um galo cantou atrás da igreja. O dr. Winter voltou a cabeça para Luzia. E foi no semblante da teiniaguá que ele viu o resto da cena macabra. Primeiro o rosto dela se contorceu num puxão nervoso, como se ela tivesse sentido uma súbita dor aguda. Depois se fixou numa expressão de profundo interesse que aos poucos se foi transformando numa máscara de gozo que pareceu chegar quase

ao orgasmo. Winter observava-a, estarrecido. Na multidão ao redor da cadafalso uma mulher soltou um grito que subiu no ar como um dardo. Winter olhou para o cadafalso.

Pendente da forca o corpo de Severino estrebuchava.

O dr. Nepomuceno tossia ainda. Sua esposa apertava o lenço nas mãos e tinha lágrimas nos olhos bondosos e palermas. Bibiana e Florêncio olhavam ainda para Bolívar com pena, como se fosse ele e não Severino o enforcado.

Winter voltou para a sua cadeira e acendeu um charutinho. Estava subitamente triste, por contraste pensava em Trude, especialmente num certo dia em que a vira entrar na igreja de Eberbach, toda de branco, com pequenas flores azuis nos cabelos dourados. — Lá se foi o negro! - exclamou Aguinaldo, esfregando as mãos e caminhando na direção das melancias. Apanhou uma talhada e convidou: - Vamos, minha gente, antes que a melancia esquente.

Mas ninguém fez o menor movimento. Luzia deixou a janela. Seu rosto estava iluminado por uma luz de bondade que a transfigurava. Sentou-se junto do consolo, abriu o estojo de madeira e tirou de dentro dele a cítara. Fez tudo isso com gestos cuidados e tranquilos como quem segue um rito.

Tirou alguns acordes do instrumento e depois começou a tocar uma valsa brilhante. Winter observava-a, perplexo. A melodia alegre encheu a sala.

A senhora do juiz aproximou-se mais de Luzia e, com a mão atrás da orelha, tentava escutar, com uma expressão de estranheza nos olhos ainda úmidos.

De repente Bolívar rompeu a chorar, escondeu o rosto nas mãos e ficou onde estava, os ombros sacudidos pelos soluços. Bibiana correu a sentar-se junto dele.

— Meu filho - murmurou ela, entre penalizada e cheia de vergonha. — Não faça isso. Um homem não chora.

Luzia olhou para o noivo, com olhos inexpressivos, e continuou a tocar, Winter, embaraçado, mascava ferozmente seu charutinho, Florêncio ergueu-se, caminhou para o primo e tomou-lhe do braço, dizendo: - Boli, vamos dar um passeio lá no quintal.

O outro não se moveu. Florêncio obrigou-o a levantar-se. Bolívar deixou-se arrastar pelo primo para fora da sala.

— Vou mandar fazer um chá de folha de laranjeira pra ele - disse Aguinaldo.

Os olhos de Bibiana Terra chisparam.

— Meu filho não é mulher pra tomar chás, seu Aguinaldo. Nesta terra não há nenhum homem mais macho que o Bolívar. Quem tiver dúvida que experimente.

Passeou rapidamente o olhar em torno, num desafio, fez

meiavolta e saiu no encalço dos dois rapazes.

Como se nada tivesse acontecido, Luzia continuava a dedilhar a citara.

Um reflexo da bandeirola da janela manchava-lhe a testa de verde.

A teiniaguá - pensou o Dr. Carl Winter. E ficou olhando para o "animal", como que enfeitiçado…

Quando o padre Otero chegou ao Sobrado por volta das cinco e meia, Bibiana, o filho e o sobrinho já se haviam retirado. O vigário entrou com ar cansado, cumprimentou os presentes e foi sentar-se a um canto da sala, na sua cadeira de balanço predileta. Era um homem baixo e franzino, ainda moço; tinha um rosto alongado, duma palidez esverdeada de hepático. De tão surrada sua batina já se fazia ruça e estava toda manchada de sebo.

— Come uns docinhos, padre? - perguntou Aguinaldo. O vigário sacudiu melancolicamente a cabeça.

— Não. Muito obrigado.

— Uma talhada de melancia?

— Também não. Não estou com fome.

— Então vamos tomar um licorzinho de pêssego…

O padre Otero fez primeiro uma careta de dúvida; depois decidiu: - Está bem, aceito.

Aguinaldo gritou para Rosa que trouxesse o licor. Luzia dedilhava ainda a cítara, de leve. Já tinha tocado quase tudo quanto sabia e a saída do noivo não a deixara nem um pouco perturbada.

— Então, vigário? - perguntou o dr. Nepomuceno. — Que nos conta?

O sacerdote fez um gesto desalentado.

— Consummatum est.

Houve um curto silêncio, ao cabo do qual o dr. Winter perguntou: - E o condenado… como se portou?

— Não fez a menor queixa. Não fez nenhum pedido especial. Confessou-se e na hora de morrer beijou o crucifixo. Seus lábios tremiam, mas seus olhos estavam secos. Não soltou um ai. Morreu como um homem.

Luzia ergueu a cabeça e indagou: - E na hora da confissão… ele confessou o crime, ou repetiu que estava inocente?

— Minha filha - respondeu o padre com triste calma - não posso quebrar o sigilo do confessionário.

O juiz de direito ergueu os olhos bovinos para Luzia e reforçou.

— É. Ele não pode. Não pode.

A moça começou a tocar em surdina uma barcarola, ao mesmo tempo que dizia: - Uma vez na Corte, quando eu era menina, vi um enforcamento. Ah! Mas foi muito mais bonito que este. Enfim, Santa

Fé é apenas uma vila. Não pode se comparar com o Rio de Janeiro, é natural.- Olhava para os próprios dedos, como que enamorada deles. Prosseguiu: - O condenado era um turco que tinha matado a mulher. Seu último pedido foi um cálice de vinho do Porto e um pedaço de pão-de-ló. — Sorriu, sacudindo de leve a cabeça.

— Engraçado, não é? Quando o padre veio para a confissão, o turco disse que era muçulmano ou coisa que o valha… O padre ficou furioso.

Winter mirava ora as mãos de Luzia ora o seu rosto, e deixava-se embalar pela voz dela.

— Depois fizeram um cortejo pela rua - continuou a moça.

— Vinha na frente o juiz das execuções, o meirinho, os irmãos da Santa Casa, com seus balandraus… Ah! Vestiram um casacão branco no condenado. Depois vinham os funcionários, os soldados…

A escrava entrou trazendo uma bandeja com cálices de licor de pêssego e distribuiu-os entre os convivas.

— Ind'agorinha eu vi tudo ali da janela - disse Luzia, parando de tocar e descansando as mãos no regaço. Seus olhos pousaram no rosto do vigário. — Vosmecê ouviu quando o pescoço do negro se quebrou?

— Se ouvi? - perguntou o padre, franzindo a testa.

— Quero dizer, ouviu o barulho de ossos se quebrando? O sacerdote encolheu os ombros, em dúvida.

— E ele ficou de língua de fora?

— Minha filha… eu… vosmecê sabe que a gente não presta bem atenção a essas coisas. Na hora se fica tão… Ora, pra falar a verdade, nem olhei quando puxaram o alçapão. Estava de olhos fechados, rezando.

Luzia insistiu: - Mas depois, quando vosmecê olhou… ele estava de língua de fora?

O padre voltou a cabeça para Aguinaldo e disse com um sorriso constrangido: - A curiosidade das moças de hoje não tem limites.

No espírito de Winter a palavra curiosidade transformou-se em crueldade.

Luzia positivamente tinha a coragem de sua crueldade. Agora a névoa se havia dissipado ao redor dela. Lá estava a Musa da Tragédia com toda a sua alma desnudada.

A mulher do juiz, aflita, olhava com ar desamparado dum para outro, sem conseguir ouvir o que diziam.

O dr. Nepomuceno cruzou as pernas, ergueu os olhos para o alto, com o jeito de quem procura alguma coisa no cérebro, e depois disse: - Essa execução vai custar ao governo… deixe ver… mil e quinhentos mais oitocentos e cinquenta… - Tinha a fama de ser muito bom no fazer contas de cabeça. — Vai custar exatamente cinco mil e duzentos e noventa e um réis.

Via-se que dizia isso porque estava contrafeito e achava que tinha de dizer alguma coisa. Luzia sorriu.

— Morre-se barato - disse ela. — Viver é que custa caro. O padre Otero olhava fixamente para o seu cálice de licor.

Tinha a testa franzida, o ar preocupado.

— Que bicho lê mordeu, padre? - perguntou Aguinaldo. — Ficou impressionado com a coisa?

— No fim de contas, não foi nenhuma festa… - replicou o sacerdote.

Winter tomou um gole de licor e sentiu que o líquido doce e grosso lhe descia, ardido, pela garganta, como um filete de fogo.

— Mas não acha, reverendo - perguntou - que indo ver a morte do negro seus paroquianos não se portaram dum modo muito cristão?

O padre cruzou as pernas, tornou a olhar para o cálice e respondeu: - É. O espetáculo não foi nada edificante. Mas o senhor sabe, doutor, o fato deve ser olhado como um exemplo.

— Mas a sua Igreja não condena a pena máxima? Temos o direito de tirar a vida dum ser humano, mesmo em nome da justiça?

O padre Otero remexeu-se na cadeira, numa visível sensação de mal-estar.

O dr. Nepomuceno voltou vivamente a cabeça na direção do médico.

O sacerdote tirou do bolso um lenço muito encardido e passou-o pela testa num gesto largo e depois respondeu, com sua voz lenta, escandindo bem as sílabas: - A Igreja é de Deus e o reino de Deus não é deste mundo. Os homens podem errar, mas Deus nunca erra. No fim os pecadores sempre são punidos e os justos recompensados. E aqueles que são condenados por um erro da justiça dos homens, no céu serão exaltados e redimidos… Winter sorriu.

— Acha então possível que no caso de Severino tenha havido um erro de justiça?

O padre empertigou-se de repente, como se lhe tivessem alfinetado as costas.

— Eu não disse isso.

— Acredita então que o negro matou mesmo os tropeiros?

— Também não afirmei tal coisa.

— Qual é a sua opinião sobre o caso?

— Como sacerdote de Deus não me cabe criticar a justiça do Estado.

Cristo disse: “A César o que é de César. A Deus o que é de Deus”.

O juiz de direito franziu o sobrolho e foi com uma gravidade ressentida que disse: - É um caso límpido. É um caso límpido.

Winter emborcou o cálice de licor, lançou um olhar para Luzia, que seguia a discussão com interesse, e perguntou com ar agressivo: -

E quem me prova que não foi o próprio dono da olaria que matou os seus hóspedes? Quem me prova?

— "Não levantes falso testemunho contra o teu próximo" - sentenciou o vigário.

— É uma hipótese…

— Que não deixa de envolver uma calúnia - retrucou o dr. Nepomuceno.

— Pois bem. Eu posso me retratar duma calúnia… duma afirmação leviana.

Mas o que fizeram com Severino é irremediável. E uma retratação da justiça não devolveria o negro à vida.

— Mas é um caso límpido - afirmou outra vez o juiz. — Um caso límpido.

Doze, digo: onze juizes de fato reconheceram a culpabilidade do réu.

E começou a rememorar o processo, a repetir trechos do depoimento de Bolívar e do próprio amo de Severino.

Luzia afastou-se do consolo e foi sentar-se no sofá.

— O dr. Nepomuceno me deixou ler o auto do corpo de delito - contou ela.

— Eu até decorei… Querem ouvir? Havia uma parte assim: "Passando os ditos peritos a examinar os cadáveres, declararam estarem ambos deitados e com a cabeça bastantemente moída de maneira que espirraram os miolos, sendo a pancada recebida do lado esquerdo na altura da orelha e a contusão mostrava ter sido feita com pau ou outro qualquer instrumento contundente. Declararam mais não encontrarem papéis nem outra qualquer coisa que indicasse o nome ou residência dos ditos mortos, que eram ambos jovens, brancos, cabelos crespos, feições regulares e um parecido com o outro, presumindo-se por isso serem irmãos".

Winter notou que Luzia repetia aquelas palavras como se recitasse um poema lírico.

Fez-se um silêncio de constrangimento em que apenas Aguinaldo mostrava uma face desanuviada e alegre. Tinha orgulho da neta, das coisas que ela sabia e fazia.

— O senhor examinou as vítimas, doutor? - perguntou a moça.

— Sim. Foi um dos meus primeiros "casos", em Santa Fé.

— É verdade que mesmo com as cabeças esmigalhadas eles viveram ainda muitas horas?

— É. Por que pergunta?

— Vosmecê acha que eles tinham ainda conhecimento das coisas?

— Claro que não.

— Então não sofriam?

— É muito difícil fazer uma afirmação positiva, mas creio que não

sofriam mais.

— Uma vez quando menina eu vi uma cozinheira decapitar uma galinha, e o bicho mesmo sem cabeça continuou de pé e depois saiu caminhando e entrou direitinho no galinheiro. Nunca mais me esqueci disso.

O vigário fez um gesto de impaciência.

— Mas por que não mudamos de assunto? - perguntou.- Basta de sangue, de cabeças cortadas, de enforcamentos. — E para começar um novo tópico de conversação, voltou-se para o dono da casa e perguntou: - Então, sr. Aguinaldo, como vão os negócios?

— De mal a pior - respondeu Aguinaldo, que comia vorazmente uma talhada de melancia. Cuspinhou as sementes no prato e continuou: - A guerra estragou a cavalhada, reduziu a gadaria. Os garanhões que sobraram não valem dez-réis de mel coado.

Era sempre o que acontecia em tempo de guerra - refletiu Winter - morria a flor das nações não só em homens como em cavalos. Ficavam os velhos, os doentes, os incapazes.

Winter tinha ouvido contar que na província se matavam éguas aos milhares para aproveitar a graxa. E que os estancieiros vendiam para as charqueadas até as vacas de cria. Sabia também que desde 1823 as gentes de São Pedro do Rio Grande haviam abandonado a cultura do trigo para se dedicarem à pecuária. Ora, as guerras periódicas dizimavam a cavalhada e o gado, ao passo que a agricultura continuava decadente ou quando muito estacionaria. Os campos se achavam despovoados e ele tinha a impressão de que ninguém tinha plano, ninguém pensava no futuro; os continentinos viviam ao acaso das improvisações, confiando sempre na sorte. Por que não tentavam alguma coisa? - impacientava-se ele.

— O negócio de gado está liquidado - declarou Aguinaldo. E levou a talhada de melancia aos lábios, como se ela fosse uma gaita de boca, e ficou a tocar uma música feita das notas líquidas dos chupões.

— Nada está perdido quando a gente tem força de vontade e amor ao trabalho - sentenciou o juiz de direito.

Luzia e a senhora surda ergueram-se e saíram da sala. A mulher do dr.

Nepomuceno queria ver as toalhas bordadas que a moça recebera de Porto Alegre como parte de seu enxoval.

— Ainda por cima - acrescentou Aguinaldo - o governo proíbe a passagem de gado da Banda Oriental para cá. Quando nem o governo ajuda, que esperança podemos ter?

— Não culpemos o governo de tudo - observou cautelosamente o juiz.

Winter ergueu-se e deu um puxão nos fundilhos das calças que se lhe colavam incomodamente às nádegas.

— Por que os fazendeiros não mandam vir reprodutores estrangeiros para melhorar seus rebanhos? - perguntou, fazendo um gesto largo como para dar a entender que o mundo era muito vasto e rico. — Importem cavalos da Inglaterra, da Alemanha, do cabo da Boa Esperança. Mandem vir vacas da Holanda.

— Alguns estancieiros de Cruz Alta - informou Aguinaldo - receberam há pouco um love de cavalos pampas.

Muitas das coisas da província Winter ficava sabendo através de sua correspondência com Carl von Koseritz, ao qual ele chamava com afetuosa ironia “meu ilustre barão”. Fazia pouco mais duma semana, escrevera-lhe uma carta em que dizia: "Tu ao menos tens como desabafar: és jornalista, escreves os teus artigos e de certo modo já pertences a esta pátria.

Quanto a mim, continuo a ser apenas o dr. Carl Winter, um exilado, um imigrante, um intruso; e tenho de calar a boca mesmo quando sinto vontade de sacudir esta gente de sua apatia exasperante. Mas é preciso reconhecer que essa apatia se revela apenas no que diz respeito ao trabalho metódico e previdente, pois quanto ao resto nunca vi gente mais ativa. Estão sempre prontos a laçar, domar, parar rodeios, correr carreiras e principalmente a travar duelos e ir para a guerra".

Agora o padre balançava-se de leve na sua cadeira e dizia: - Ainda hoje o coronel Amaral estava se queixando que o negócio de charque vai muito mal.

— Mas esta província não pode depender eternamente do charque e do couro! - exclamou Winter. — Foi um erro terem abandonado o trigo. É uma insensatez não cuidar dos rebanhos… um crime não cultivar melhor a terra, Havia outros problemas sérios: o da instrução pública, por exemplo.

Existiriam quando muito umas oitenta escolas em toda a província, e todas eram de primeiras letras. Havia uma assustadora escassez de professores.

Inflamado por suas ideias, Winter ergueu o dedo e disse: - Os senhores ainda não perceberam o grande perigo que correrão no futuro…

Conteve-se. O que ia dizer era muito ousado, talvez até ofensivo àquela gente. Viu que os outros esperavam a terminação da frase. Não teve remédio senão continuar.

— … se não promoverem o progresso desta região? Pode ser que alguma nação estrangeira poderosa, de gente superior, volte um dia para cá os olhos cobiçosos. Não será a primeira vez na História. Não basta ter uma terra: é necessário merecê-la.

O juiz ergueu para ele os olhos mortiços.

— O doutor quer insinuar que uma outra nação pode procurar

tomar posse da nossa terra pelas armas?

Winter pôs as mãos nos quadris, inclinou-se sobre o juiz e disse: - Exatamente.

Aguinaldo teve um arroubo patriótico: - Pois que venham. Havemos de expulsar essa estrangeirada a grito e pontaço de lança.

— Que venham! - repetiu Nepomuceno, numa velada ameaça, como se dispusesse dum poderoso exército secreto pronto para qualquer emergência. — Que venham!

O padre olhava para Winter dum modo estranho, e o doutor viu que se havia metido em terreno perigoso. Mas agora já não podia mais recuar.

Adoçou mais a voz, deu-lhe um tom persuasivo para dizer: - Esta terra é boa demais para ficar abandonada, despovoada de gentes, de gado e de lavouras… É incrível que a província tenha de importar os cereais que consome: não só os cereais, mas até a farinha de mandioca.

Houve um silêncio ressentido em que só se ouviu o ruído líquido que Aguinaldo produzia ao mastigar nacos de melancia, e o tan-tan da cadeira de balanço do padre.

— Boa ou má - disse o dr. Nepomuceno depois de alguns segundos de reflexão - rica ou pobre, esta terra é nossa, dos brasileiros. Havemos de defendê-la contra qualquer invasor, venha ele de que quadrante vier, seja de que raça for.

Olhou para o sacerdote como a pedir-lhe a aprovação para o que acabava de dizer. O padre Otero sacudiu a cabeça gravemente.

De novo o juiz esparramou a papada sobre o peito e, com ar sonolento, ficou a brincar com a medalha do relógio.

Winter lançou o olhar para a janela. Fora, a luz se fazia mais cor de âmbar e mais suave, à medida que entardecia. Na praça a multidão se havia dispersado, mas viam-se ainda curiosos a conversar aos grupos nas proximidades da forca. Mentalmente o médico escrevia agora uma carta ao seu “ilustre barão”. Assim: “Ainda ontem no Sobrado, com a mais sã das intenções, eu disse umas verdades cruas ao dono da casa, ao vigário e ao juiz de direito. Por um tolo sentimento de patriotismo mal compreendido parece que ficaram zangados. Como resultado de tudo também fiquei irritado, e já que havia saído para a chuva e estava molhado, resolvi continuar enfrentando o aguaceiro e cheguei a sugerir àqueles senhores que…”

— Mas não basta melhorar os rebanhos - disse Winter em voz alta.

Aproximou-se do consolo e ficou a dedilhar distraidamente as cordas da cítara. — É preciso também cuidar dos homens…

— Cuidar dos homens? - estranhou o padre.

— Explique-se - pediu o juiz - explique-se.

— Calma - disse o médico, fazendo um gesto de paz.

— Estamos perfeitamente calmos. Vamos!

— Quero dizer que seria melhor casar vossos homens e mulheres com os imigrantes alemães do que com negros e índios.

— O meu caro doutor acha então que somos uma nação inferior?

Winter tirou um acorde dissonante da cítara, e olhou para o juiz.

— Eu não afirmei propriamente isso. Mas se vosmecê conhecesse a Alemanha teria uma ideia do que é capaz o povo alemão.

— O que o doutor quer insinuar - observou o padre - é que os alemães merecem mais que nós este país…

O juiz lutava com suas ideias. Elas lhe ocorriam sempre tardiamente.

Invejava os que tinham resposta sempre pronta na ponta da língua. O padre sacudia a cabeça devagarinho numa dúvida taciturna. Não eram aqueles alemães em sua maioria protestantes? Que aconteceria se casassem com brasileiros? Como iriam educar os filhos? Em que Igreja? No amor e temor de que deus?

Finalmente o juiz conseguiu formar uma frase que lhe pareceu à altura do assunto, do momento e do interlocutor.

— Pois digam o que quiserem, eu cá acho que um povo latino como o nosso deve…

O médico soltou uma risada e avançou para o juiz: - Latinos os homens desta província? - exclamou. — Ach, mein lieber Gotti Acha então o doutor que os gaúchos descendem dos romanos?

— Ora! - fez o dr. Nepomuceno, que estava muito vermelho e agitado. — Ora!

— Preste bem atenção, senhor juiz. Quem foram os primeiros povoadores destes campos? Paulistas descendentes de portugueses. Pois bem. Os portugueses já têm uma boa dose de sangue mouro. Mais tarde chegaram aqui os casais açorianos, muitos dos quais eram de origem flamenga.

Nesta província houve novas misturas com sangue índio e negro. Já vê que de latinos tendes muito pouco.

— Digam o que disserem. Somos latinos pela civilização!

Carl Winter sentou-se de repente, como se o peso da palavra civilização fosse demasiadamente grande para ele suportá-lo de pé.

De que feitos espirituais se podia gabar aquela áspera sociedade pastoril que florescia - se é que se podia no caso usar este verbo - no tão gabado “Continente” de dona Bibiana? Onde estavam seus artistas, seus cientistas, seus pensadores? Até aquela data Winter não vira um único livro impresso na província. Poderiam os continentinos alegar que as guerras não lhes davam tempo para as atividades do espírito, e talvez aí tivessem alguma razão. Mas quem não tinha razão era o dr. Nepomuceno quando enchia a boca com a palavra civilização. Ele e o

padre pareciam estar convencidos não somente de que eram descendentes dos romanos como também de que, por isso, representavam a essência da sabedoria, da espiritualidade e do progresso.

Tornou a erguer-se, aproximou-se da janela e ficou olhando para as campinas de Santa Fé. Que grandes coisas os homens de seu sangue poderiam fazer naquela terra privilegiada onde não havia angústia de espaço, nem terremotos, inundações ou secas calamitosas! Ali estava ela, generosa e mansa, oferecendo-se femininamente aos seus homens, que pareciam recusar-se a fecundá-la, preferindo transformá-la em cancha para seus jogos, conflitos e andanças. No silêncio que se fizera ouviu-se a voz de Aguinaldo: - Mas será que só eu é que estou comendo melancia? Não quer uma talhada, dr. Nepomuceno? E o padre Otero? E o dr. Winter?

— Muito obrigado - respondeu o juiz. — Não quero estragar o apetite para o jantar.

Eram mais de seis horas quando o dr. Winter deixou o Sobrado. Sabia que o padre e o juiz de direito tinham ficado magoados com suas observações.

Que fossem para o diabo! Eram homens adultos, podiam muito bem aguentar um bom par de verdades. Deu alguns passos, batendo forte com a ponteira da bengala no chão, ao mesmo tempo que lhe vinha à lembrança uma água-forte que vira quando estudante em Heidelberg: Jesus diante de Pilatos. E ele "leu" a legenda que havia por baixo da gravura, em letras góticas: "Que é a Verdade? - perguntou Pilatos." Winter sorriu.

Estaria ficando intolerante, ou - pior ainda - convencido de ser o único portador da Verdade, uma espécie de saco de absolutos?

Parou um instante na praça e ficou olhando para a forca. Pobre Severino!

Tinha morrido por causa dum absoluto. Um absoluto que o dr. Nepomuceno adorava, como a um deus. Encolheu os ombros como quem diz: "Não sou daqui, não tenho nada com isso". E decidiu que o melhor que tinha a fazer era ir ver o pôrdo-sol.

A luz da tarde era doce, e andavam por toda a paisagem uns lilases rosados positivamente fantásticos. Winter achava um grande encanto naqueles quintais quietos ao anoitecer. Um porco fossando na lama, uma galinha bicando o chão, um passarinho piando numa árvore, uma criança nua a brincar com um osso, um cão vadio dormitando num vão de porta - tudo isso eram coisas que o deixavam inexplicavelmente enternecido.

Comparava o mundo em que nascera e vivera até os trinta anos com o mundinho de Santa Fé. Ali naquela vila perdida na extremidade sul do Brasil representava-se também uma comédia humana, que era

uma paródia da que Winter vira na Europa. Os atores seriam menos consumados, o cenário mais pobre. Mas os eternos elementos do drama lá estavam: o amor, o ódio, a cobiça, a inveja, o desejo de poder e de riqueza, a sensualidade, a vingança… e o mistério.

Caminhando na direção do campo, Winter pensava agora em Luzia. O que ele vira aquela tarde deixara-o perplexo. Não se achava preparado para comentar o caso nem consigo mesmo. O melhor era esquecê-lo por enquanto… Pobre Bolívar! Qual seria o destino daquele casamento? Fosse qual fosse, ele, Carl Winter, gostaria de ver o desenvolvimento da rústica comédia provinciana. No fim de contas, não havia do outro teatro em Santa Fé…

Em parte como ator e em parte como espectador, Carl Winter pôde realmente acompanhar o desenvolvimento da comédia.

Quando por setembro de 1853 Bolívar Cambará casou com Luzia Silva, houve festa grande no Sobrado. Aguinaldo mandou buscar gaiteiros e violeiros de Rio Pardo e Cruz Alta e fez matar três novilhas. Dançou-se o fandango à luz duma grande fogueira acesa no meio do quintal. Luzia - acharam todos - estava linda no seu vestido branco de noiva. O padre Otero fez um discurso e terminou desejando aos noivos uma vida longa e feliz, e muitos filhos. Em certa altura da cerimônia, dona Bibiana cutucou o dr. Winter, que estava a seu lado na igreja e, olhando através das janelas as franças das árvores sacudidas pelo vento, murmurou: “Minha avó costumava dizer que sempre está ventando quando alguma coisa importante acontece”.

Em princípios do ano seguinte ventava forte quando trouxeram do Angico para a vila, numa carreta puxada a bois, o velho Aguinaldo Silva agonizante, com a cabeça enfaixada em panos.

tinha caído do cavalo e batera com o crânio no solo. Chamado imediatamente para vê-lo, o dr. Winter verificou que não havia mais nada a fazer.

Aguinaldo tinha fraturado a base do crânio: era um caso perdido.

Deu-lhe uma hora de vida quando muito. Mas o nortista viveu ainda quase três. Viveu? Não. Ficou em agonia, deitado de costas na sua grande cama, com os olhos vidrados, a boca aberta deixando escapar a respiração estertorosa. Luzia não se afastou um instante do leito do avô. Ficou ao lado dele, com as mãos do velho presas nas suas, os olhos fitos no rosto dele, como se não quisesse perder um minuto sequer daquela lenta agonia. Bolívar estava pálido e de olhos úmidos. E quando Winter murmurou para Bibiana: “Agora é o fim. Questão de minutos” - julgou ver no rosto dela uma expressão estranha que o deixou desconcertado. Os olhos da mãe de Bolívar brilharam com uma súbita luz de alegria que lhe iluminou o rosto inteiro por uma fração de segundo.

Winter tinha outras coisas que fazer, mas achou conveniente ficar

no Sobrado para esperar o desenlace. Era noite e tinham trazido para a mesa-de-cabeceira de Aguinaldo um velho candelabro com cinco velas. Uma preta entrou e disse baixinho a Bibiana que o relógio grande de pêndulo tinha parado de repente, e que isso era mau agouro. Como se algum bom agouro fosse possível num caso daqueles - refletiu o médico.

A notícia espalhou-se rapidamente pela vila. Começaram a aparecer amigos, conhecidos, curiosos - gente que vinha perguntar como “estava passando o velho”. O padre Otero foi chamado para administrar a extrema-unção ao moribundo. Puseram uma vela acesa na mão de Aguinaldo, e Luzia teve de apertar-lhe os dedos com os seus para que o avô pudesse sustentar a vela. No quarto silencioso ouviu-se a voz monótona do padre, murmurando palavras em latim. Winter olhava para Luzia e via que ela estava gozando aquele momento. Tinha a respiração ofegante e um brilho meio embaciado nos olhos claros. Agora, à luz das velas, Winter via-lhes melhor a cor: eram verdes, não havia a menor dúvida, dum tom que o mar assume em certos dias de sol fraco.

Aguinaldo expirou poucos minutos depois que o padre Otero saiu do quarto. Luzia não consentiu que lhe cerrassem os olhos, pois o velho sempre lhe dizia: "Quando eu morrer não me fechem os olhos: quero entrar no outro mundo enxergando tudo. Luzia quis vestir o avô com suas próprias mãos. Quando a sogra se ofereceu para ajudá-la, ela respondeu com uma voz que a Winter pareceu uma navalhada: - Não carece. Quem tem de fazer isso é um parente. Eu sou aqui a única parenta dele!

Pediu que os outros saíssem do quarto e fechou a porta a chave. Bolívar tinha já mandado fazer o caixão. Como não houvesse armador na vila, trouxeram um carpinteiro para o Sobrado e ali mesmo na despensa o homem ficou a trabalhar no esquife. E assim durante muito tempo, enquanto Luzia estava fechada no quarto com o cadáver do avô, os outros ficavam a ouvir os sons das marteladas que ecoavam pela casa toda. Winter procurava alguma coisa para dizer mas não lhe ocorria nada. Bolívar estava visivelmente abalado. Bibiana, serena, já começava a tomar providências para o velório. Iam deixar o corpo na sala de visitas: podiam fazer o enterro às oito da manhã seguinte. E o vento continuava a soprar, fazendo as vidraças trepidarem num rufar de tambores aflito.

Em dado momento, quando Bibiana veio trazer o chimarrão para os primeiros homens chegados ao velório, Carl Winter ouviu-a dizer em voz baixa ao filho: - Tua mulher está de olho seco.

Olhando para as caras rudes e barbudas dos santa-fezenses que conversavam em surdina nas salas do Sobrado, Winter desejou a presença de Trude Weil que, em contraste com aquelas figuras

sombrias, lhe pareceu uma imagem de cromo, toda feita de leite, ouro, mel e lápis-lazúli. Mas qual! - refletiu ele em seguida - àquela hora talvez sua bem-amada longínqua, gorda e desbotada, estivesse a vender salsichas atrás dum balcão de mercearia, enquanto o filho do burgo-mestre lhe dava palmadas nas nádegas, soltando grandes risadas que recendiam a chucrute e cerveja.

O mundo estava errado, irremediavelmente errado. A teiniaguá continuava lá em cima fechada no quarto com o defunto.

Bolívar tinha no rosto a marca da infelicidade. E a Trude Weil, que ele amara um dia, não existia mais.

Florêncio apareceu mais tarde, quando o cadáver de Aguinaldo já estava dentro do esquife, metido na sua roupa preta domingueira, as mãos amarradas sobre o peito de polichinelo, as pernas cobertas de flores.

Quatro círios ardiam na sala e mais quatro dentro do espelho.

Pessoas começavam a chegar. Bento Amaral também compareceu - deu pêsames a Luzia, Bolívar, e cumprimentou Bibiana, que lhe negou a mão e virou as costas - e foi sentar-se, taciturno, a um canto da sala, junto do padre Otero. O dr. Nepomuceno chegou com a esposa por volta das nove horas, murmurando desculpas: só mui tarde ficara sabendo do triste evento, pois estivera fora da vila, etc…, etc…

No velório os homens a princípio estavam meio bisonhos e silenciosos; mas começaram a animar-se aos poucos, à medida que o chimarrão foi correndo a roda e as escravas iam trazendo roscas de polvilho, bolos de coalhada e finalmente licor de pêssego. Um caboclo que Winter nunca vira - um tipo alto, muito trigueiro e de zigomas salientes - começou a contar histórias do velho Aguinaldo: andanças, ditos e espertezas. Os outros puseram-se a rir baixinho, sacudindo muito a cabeça. Bibiana mandou trazer para a sala mortuária todas as escarradeiras que havia no Sobrado e espalhou-as pelo chão. Alvarenga puxou com o juiz de direito e o padre uma discussão sobre a imortalidade da alma. No seu caixão preto, de rosto descoberto - como a neta exigira - e olhos arregalados, Aguinaldo também parecia escutar.

Winter olhava para Luzia. Luzia olhava para o defunto. O defunto olhava para o teto.

Depois da missa do sétimo dia, Bolívar, a mulher e a mãe foram para o Angico, resolvidos a ficar lá até princípios do inverno.

E quando o outono entrou, Carl Winter decidiu fazer uma excursão às Missões. Seu interesse pelas ruínas daquela curiosa civilização revivera de repente. E como no momento nenhum paciente necessitasse de sua presença em Santa Fé, e como os dias andassem belos e calmos, o médico fez a mala, comprou um cavalo, contratou um vaqueano e pôs-se a caminho. Partiram de madrugada, pouco

antes do sol nascer. O ar estava frio e úmido, galos cantavam nos terreiros. Como o guia - que era neto do Chico Pinto - fosse homem de pouca conversa, a primeira légua foi percorrida quase em silêncio. E como ao entrarem na segunda o moço ainda continuasse calado, Winter decidiu conversar consigo mesmo, e em alemão, coisa que o companheiro pareceu não estranhar muito. Quando, porém, o sol estava já a pino, o vaqueano voltou para o médico a face curtida e disse: - Ainda que mal pergunte, doutor, vosmecê vai procurar algum tesouro?

Winter soltou uma risada. Um quero-quero gritou perto, como numa resposta.

— Está claro que não, amigo. Vosmecê acredita mesmo que há tesouros enterrados nas Missões?

O outro tirou de trás da orelha um toco de cigarro, bateu o isqueiro com pachorra e depois de puxar a primeira baforada, quando Carl já havia quase esquecido a pergunta, respondeu: - Pode que sim, pode que não.

Ao fim do primeiro dia de viagem, de rins doloridos, pernas dormentes, Winter estava já arrependido de se haver metido naquela aventura. Era um homem curioso - não havia dúvida - gostava de conhecer gentes e lugares novos; mas por outro lado seu comodismo obrigava-o a ficar sempre no mesmo lugar, repelindo com certo horror a ideia de movimentar-se, vencer distâncias, enfrentar as asperezas das jornadas, a intempérie, a mudança de regime alimentar, o desconforto das pousadas de emergência…

Passaram aquela primeira noite na casa dum pequeno estancieiro, que os recebeu com a hospitalidade característica das gentes da província e lhes deu um bom churrasco com farinha, uma guampa de leite gordo e um catre sofrível.

No dia seguinte ao entardecer chegaram às ruínas da redução de Santo Ângelo e Winter foi imediatamente olhar o que restava do templo. Estava ainda de pé o grande frontispício, a porta principal era flanqueada por dois nichos, num dos quais Winter viu uma imagem de pedra representando um sacerdote paramentado, com um livro debaixo do braço esquerdo. Devia ser Santo Inácio de Loiola - refletiu o médico. O santo do outro nicho estava sem cabeça, e no pedestal da estátua não havia nenhuma inscrição esclarecedora. O vaqueano olhou para a imagem decapitada e disse: - A Ia fresca, Io degolaram!

Winter sorriu e ficou a examinar as quatro grandes colunas derrocadas que se erguiam à frente do templo e que deviam ter servido de sustentáculo ao pórtico. Por toda parte cresciam guanxumas, urtigas e marias-moles. Durante muito tempo o alemão ficou olhando o horizonte do anoitecer através das aberturas daquela fachada em ruínas. E quando a noite caiu, sua impressão de soledão e

abandono foi tão profunda, que ele ficou meio deprimido. O vaqueano cozinhou arroz com charque, que ambos comeram em silêncio, e depois preparou um chimarrão, de que o médico teve de participar, para não ofender o companheiro. Dormiram ao relento, sobre os arreios. Antes, porém, de fechar os olhos, Winter ficou deitado de costas, com as mãos trançadas sob a cabeça, pensando na singular civilização que ali havia florescido e em como era estranho estar ele, Carl Winter, naquela terra remota à luz das estrelas, diante dum templo jesuítico em ruínas. Começou a fazer considerações sobre o tempo, a História e a Geografia.

De certo modo o tempo histórico dependia muito do espaço geográfico. Na Europa agora a humanidade se achava em pleno século XIX. Mas em que idade estariam vivendo os habitantes de Santa Fé e da maioria das vilas, cidades e estâncias da província do Rio Grande do Sul? Existiam vastas regiões do globo que ainda se encontravam no terceiro dia da Criação. E o viajante que em meados do século XVIII visitasse os Sete Povos de Missões, haveria de encontrar ali uma esquisita mistura de Idade Média e Renascimento, ao passo que se se afastasse depois na direção do nascente ele como que iria recuando no tempo à medida que avançasse no espaço, até chegar ao Continente de São Pedro do Rio Grande, onde entraria numa época mais atrasada em que homens vindos do século XVIII, com suas roupas, armas, utensílios, hábitos e crenças se haviam estabelecido numa terra de tribos pré-históricas, onde ficaram a viver numa idade híbrida.

Dias depois Winter e seu guia chegaram a São Miguel, cujo grande templo em ruínas causou ao médico uma impressão ainda mais funda que o de Santo Ângelo. Carl passeou vagarosamente ao longo das colunas coríntias, agora dilapidadas e cobertas de parasitas, e que outrora, em número de dezoito, tinham sustentado um majestoso pórtico. Tentou subir ao alto da torre principal, onde se via ainda o revestimento de madeira que protegia o maquinismo do grande relógio do templo - mas os degraus da escada do campanário, carunchados e podres, cederam ao peso de seu corpo e partiram-se.

O vaqueano, que o observava, gritou: - Cuidado, doutor, que vosmecè pode cair e quebrar as guampas.

Quebrar as guampas! - repetiu Winter mentalmente, sem saber se devia zangar-se ou não. Que expressão! Mas sua experiência da maneira de falar das gentes da província o aconselhava a nunca tomar aqueles ditos muito ao pé da letra.

Continuou a andar dum lado para outro, à frente das ruínas, enquanto o guia lhe preparava o almoço e de quando em quando lhe lançava olhares furtivos e desconfiados. Pensa que ando procurando tesouros - refletiu Winter, que tinha agora nas mãos um lápis e um caderno de notas no qual procurava reproduzir o desenho das cabeças

de leão esculpidas em pedra e que encimavam os capitéis das colunas, nos ângulos da torre principal.

— Que teria existido no alto do zimbório? - perguntou ele a si mesmo em voz alta. Um galo de ouro - afirmavam os antigos. E sobre a cimalha majestosa? As imagens de São Miguel e dos doze apóstolos - informavam os cronistas. E Winter tomava notas, rabiscava desenhos. — Evidentemente o estilo lembra o Renascimento italiano… - murmurou ele, umedecendo com a língua a ponta do lápis.

E pisando em ervas daninhas e pensando vagamente na possibilidade de tropeçar numa cascavel, Winter visitou o interior do templo, onde ficou por algum tempo tentando reconstituir com a imaginação a pompa antiga dos nove altares, com seus candelabros, lâmpadas de prata, imagens, vitrais e alfaias.

Depois foi examinar a grande muralha de pedra que circundava a quinta da redução, atrás da igreja; estava ela toda coberta de trepadeiras e de rosas silvestres brancas e escarlates. À sombra dessa muralha florida, Winter sentou-se aquela tarde para ler o volume de poemas de Heine que havia levado consigo. E à noite ao deitar-se pensou em todas as criaturas que no passado tinham pisado aquele chão - índios, missionários, bandeirantes, aventureiros, cientistas, viajantes…

Aquelas pedras - refletiu ele - haviam sido envolvidas por melodias inventadas por compositores europeus e reproduzidas por jesuítas e indígenas em instrumentos fabricados na própria redução. Onde estavam agora as melodias do passado? Onde? Para se divertir fez em voz alta essa pergunta ao vaqueano. O rapaz mirou-o com ar sério e disse: - Vosmecè está mangando comigo, doutor.

— Não estou, meu amigo! - protestou Winter, erguendo-se. — Pense bem. Os sinos da igreja badalavam, não badalavam? Os índios batiam tambores, não batiam? E tocavam instrumentos, não tocavam? Pois bem, onde está agora o som dos sinos, dos tambores, das cometas, das clarinetas, das liras?

Onde?

Acocorado perto do fogo o rapaz encarou o companheiro por alguns segundos e depois respondeu: - O senhor, que é doutor, deve saber. Eu sou um bagualão. Winter tornou a deitar-se e ficou olhando para as estrelas: as mesmas estrelas que brilhavam neste mesmo céu no tempo da glória dos Sete Povos! Por aqui andou Sepé Tiaraju, o santo índio que tinha um lunar na testa. Foi na redução de São Tomé que a teiniaguá desgraçou um sacristão. O diabo - refletiu o médico - era que tudo aquilo não passava de pura lenda, como a história do anel dos Nibelungen e a de Lorelei. O mundo da realidade, mein lieber Heine, é muito prosaico! Como eu gostaria de ver surgir daquele cemitério abandonado ali ao lado da igreja o fantasma de algum

defunto - padre ou índio. Seria uma revelação, uma novidade, uma quebra de rotina, o princípio de alguma coisa nova em minha vida.

Um corujão passou em voo rápido sobre a cabeça dos dois viajantes e entrou no campanário. As estrelas palpitavam. Winter fechou os olhos e pelos seus pensamentos começaram a desfilar pessoas e paisagens: Luzia, o quarteto de amadores, Trude, um Biergarten de Heidelberg, um trecho do rio Neckar, seu pai fumando cachimbo, Von Koseritz num leito de hospital, a figueira da praça, o vulto do castelo de Barba-Roxa…

— Boa noite, doutor - disse o guia, estendendo-se sobre os pelegos.

— Boa noite. Durma bem e tenha bonitos sonhos.

— Eu nunca sonho.

Winter tornou a abrir os olhos e a fitá-los no cemitério. Se ele visse agora um fantasma sua vida mudaria por completo, ganharia um novo sentido. Seria melhor que encontrar o tesouro dos jesuítas.

Voltou para Santa Fé em princípios de maio. Vinha cansado da solidão dos campos e ansioso por convívio humano. Como o Sobrado continuasse fechado, não teve outro remédio senão aceitar o convite de Alvarenga e frequentar-lhe os serões em que Florêncio noivava insipidamente com Ondina, cada um sentado na sua cadeira e separados por léguas e léguas de distância, sob o olhar fiscalizador de Frau Alvarenga.

Em fins de junho, numa noite serena particularmente fria, Gregória, cuja autoridade em assuntos climatéricos Winter respeitava profundamente, disse: - Amanhã vai gear.

Efetivamente, no dia seguinte ao levantar-se da cama o médico viu que a relva, as árvores e os telhados achavam-se brancos de geada. O céu estava limpo e rútilo e começava a soprar um ventinho frio e cortante.

Mais um inverno! - pensou Winter. E de novo perguntou a si mesmo por que não se ia embora. Von Koseritz continuava a insistir para que ele voltasse ao litoral e se instalasse em Pelotas.

Seu ilustre barão tinha planos grandiosos: ia fundar um jornal e uma escola, meter-se na política, naturalizar-se brasileiro e provavelmente casar-se com uma moça natural da província.

Tremendo de frio Winter derramou a água do balde na gamela, experimentou-a com a ponta dos dedos e gritou: - Gregória!

Pronunciava este nome com um excesso de erres. A escrava apareceu.

Estava mais molambenta que nunca e seus olhos continuamente vertiam água. Winter contemplou-a com uma mistura de repulsa.e piedade e disse: - Aquente um pouco d'água para eu me lavar.

Ficou junto do espelho a passar os dedos pelas barbas ruivas, a

examinar os próprios olhos. Estavam um pouco sujos e injetados de sangue. Botou a língua para fora: saburrosa. Devia ser o fígado. Naquela excursão comera muito charque de qualidade duvidosa e várias vezes, depois de tomar chuva, bebera cachaça. E o pior de tudo - lembrou-se ele - foi que uma noite em que suas resistências morais estavam enfraquecidas e seu desejo exacerbado, dormira com uma índia. Ach!

Enquanto Gregória fazia fogo na cozinha, Carl apanhou o violino e começou a tocar. Tinha os dedos duros de frio. A voz do instrumento pareceu-lhe rouca, e lembrou-lhe, nas notas graves, a voz de Luzia.

De repente Winter sentiu saudade do Sobrado. Do Sobrado? Sim. Não era propriamente das pessoas da casa. Admirava dona Bibiana. Tinha pena de Bolívar. Sentia por Luzia uma atração estranha que não chegava nunca a ser desejo de estar perto dela - mas que o compelia a olhar irresistivelmente para a moça, quando em sua presença. Gostava, porém, do Sobrado como dum velho amigo calado e acolhedor, que tudo dá e nada pede. Era a única casa daquela vila que lhe dava uma impressão de conforto, de abrigo. Gostava dos serões do casarão, que cheiravam a açúcar queimado e defumação de alfazema. Carl arranhava no violino um minueto de Beethoven, e quando Gregória apareceu trazendo a chaleira preta de picumã e arrastando os pés de paquiderme, ele teve uma consciência tão aguda do contraste - o minueto e a figura da escrava - que soltou uma risada. Gregória ficou parada no meio do quarto, de cabeça baixa, humilde e calada.

— Tá aqui a água - disse ela com sua voz de areão.

Naquele mesmo dia Winter foi chamado para ver Juvenal Terra, que estava de cama com uma pontada nas costas.

— O velho não gosta de médico - explicou-lhe Florêncio no caminho. — Parece que a coisa não é muito séria, mas é sempre bom o senhor ir ver ele.

Caminharam alguns passos em silêncio e de repente Winter l perguntou: - Tem visto o Bolívar?

— Tenho.

— Como vai ele?

O outro encolheu os ombros.

— Bem. — E depois acrescentou, vago: - Eu acho… E o assunto ficou cortado.

Juvenal estava deitado na cama do casal, mas completamente vestido e de chapéu na cabeça. Era um homem ainda forte, de rosto muito queimado, onde crescia em desalinho uma barba negra com raros fios grisalhos.

— A bênção - murmurou Florêncio, beijando a mão do pai"

— Deus lê abençoe, meu filho.

Os olhos miúdos e meio oblíquos de Juvenal fitaram-se no

médico.

— Ué… - fez ele, pondo-se de pé. — Que é que lê traz por estas paragens, amigo?

O rapaz foi logo explicando: - Não vê que o doutor ia passando, papai, e eu achei melhor convidar ele para dar uma olhada em vosmecê.

Juvenal apertou a mão de Winter.

— Mas eu não tenho nada, doutor.

Carl sentou-se na beira da cama, suspirou de mansinho, esfregou as mãos e disse: - Pois se não tem, melhor. Vamos então conversar. Florêncio inventou um pretexto e retirou-se. O médico acendeu um charutinho.

— Quer um dos meus mata-ratos? - perguntou, sorrindo.

— Não, gracias. Prefiro um crioulo.

Tirou da cava do colete um punhal com cabo de prata lavrada e começou a alisar com ele um pedaço de palha.

— Ouvi dizer que vosmecê andou viajando…

— É verdade - respondeu o médico - andei visitando as Missões. Ruínas de causar dó.

E começou a contar das coisas que vira, dos lugares por onde andara e das pessoas com quem conversara; terminou dizendo: - Mas cheguei meio adoentado, com umas dores do lado, a língua suja.

— Isso acontece. Eu também tenho andado com umas pontadas. .

Levou a mão esquerda às costas. Mas de repente calou-se, pois compreendeu que estava caindo em contradição. Winter desatou a rir - Seu Juvenal, uma das manias dos homens desta terra é acharem que não podem adoecer. Sabe que isso é puro orgulho?

— Qual nada, seu doutor.

— As mulheres são diferentes, essas sempre pensam que estão doentes e não podem enxergar um médico que não comecem a queixar-se que sentem uma dor aqui que responde não sei onde… Mas os homens podem estar morrendo que nunca se queixam. Acham que doença é coisa de mulher.

— E não é?

— Achl Está claro que não. Os touros não adoecem tanto quanto as vacas?

— Adoecem.

— Os garanhões não adoecem?

Juvenal agora picava fumo calmamente, sorrindo um sorriso canino que lhe expunha os dentes fortes e amarelos.

Vamos! - disse o médico com ar trocista. — Diga o que sente.

Com alguma relutância Juvenal confessou que ultimamente andava sentindo dores no lombo. E antes do médico dizer o que quer que fosse, ele concluiu: - Deve ter sido alguma friagem que apanhei.

Winter não respondeu. Tomou o pulso do doente, examinoulhe a língua, auscultou-lhe os pulmões, fez-lhe muitas perguntas e depois tomou dum lápis e escreveu uma receita numa folha de papel.

— Mande comprar isto na loja do Alvarenga. Peça à sua mulher que lhe bote uns sinapismos nas costas. E se dentro de dois dias não estiver melhor… O remédio é chamar uma dessas negras velhas benzedeiras.

Juvenal riu, bateu o isqueiro e acendeu o cigarro. Falaram do tempo e da política local. E quando Winter mencionou o nome de Bolívar, teve a impressão de que o rosto do outro escurecia. Houve um curto silêncio em que Juvenal ficou pitando e olhando para o chão.

— Não sei se o doutor sabe - disse ele lentamente, depois de algum tempo. — Fui muito amigo do pai desse menino. O Bolívar a bem dizer se criou junto com o Florêncio.

Puxou um pigarro, como se estivesse constrangido e achando difícil falar naquelas coisas.

Winter sacudiu a cabeça em silêncio. Apanhou o punhal que o outro deixara sobre uma cadeira, ao lado da cama, e começou a brincar distraidamente com ele.

— O senhor às vezes vai no Sobrado, não vai, doutor?

— Sim, vou.

Novo silêncio. Outro pigarro.

— Doutor, vosmecê é uma pessoa de fora, um estrangeiro… - Juvenal interrompeu a sentença para tossir uma tosse seca sem vontade. — Sou homem de poucas palavras, gosto de ir direito ao assunto. Mas nem sempre é fácil. Há coisas muito sérias, negócios de família, e a gente fica meio desajeitado…

Winter largou o punhal sobre a cadeira e disse: - Refere-se ao casamento do Bolívar?

Juvenal apertou forte o cigarro entre os dentes e murmurou: - Vosmecê leu os meus pensamentos.

— Pode falar com toda a franqueza. Um médico é como um padre: tem de guardar segredo. Diga o que é que há.

— Pois aí é que está o difícil da coisa. Eu não sei o que é que há. Só sinto que há qualquer coisa errada… Não quero me meter na vida de ninguém, mas no final de contas o rapaz é meu sobrinho. Ando preocupado com o jeito dele. O Boli envelheceu dez anos depois que casou; anda triste como carancho em tronqueira.

— Vosmecê tem conversado com sua irmã a esse respeito? Juvenal sorriu um sorriso descrente.

— O doutor não conhece bem os Terras. É uma gente mui custosa.

— Tenho observado que os Terras são reservados.

— É isso. E meio teimosos também. Não gostamos de discutir. Cada qual fica com suas ideias. — Novo pigarro. — Mas para lê ser franco nunca botei nem pretendo botar os pés naquela casa. Assim sendo, não vejo muito seguidamente a mana Bibiana. Às vezes ela aparece de visita, fica por aí conversando com a minha velha, mas não fala na nora. Não quer dar o braço a torcer, porque sabe que sempre fui contra esse casamento.

Mas a gente vê na cara dela que a coisa anda mal lá pelo Sobrado.

Conheço bem a minha irmã.

Winter cofiou a barba e generalizou: - Vosmecê sabe, sogra e nora nunca se entendem, principalmente quando moram na mesma casa.

— Mas não é só isso. Deve haver coisa mais séria. Eu sinto. O Bolívar está se consumindo. Será que…?

Ia formular uma pergunta mas conteve-se. Moveu-se na cama, gemendo baixinho; a cama gemeu com ele. Winter esperava…

— O Bolívar me apareceu umas duas vezes depois que casou - continuou Juvenal. — Tomou uns mates, falou no Angico, nuns negócios que tinha em vista, mas nem chegou a me olhar direito. Estava assim com um jeito assustado de negro fugido, era como se andasse acuado… Que é que o senhor acha, doutor?

Winter encarou-o. A fumaça de seu charutinho casava-se com a do cigarro de palha do outro e juntas subiam no ar frio.

— Vosmecê quer saber a minha opinião franca? - perguntou o médico. O outro sacudiu a cabeça afirmativamente. Winter lançou um olhar para a porta, antes de responder. Vendo que não havia ninguém na peça contígua, disse, baixando a voz: - O Bolívar casou com uma mulher doente.

— Como doente?

— Não é uma doença do corpo, dessas que se curam com cataplasmas, pílulas ou poções. É uma doença do espírito.

Bateu com a ponta do indicador no centro da testa e repetiu: “Do espírito”.

— Quer dizer então que ela não é bem certa do juízo?

— Não é bem isso. É difícil explicar.

— Sou um homem muito ignorante. O alemão sorriu: - Não diga isso, seu Juvenal. Eu queria saber a metade do que vosmecê sabe. Há muitas coisas que os livros não ensinam. A melhor escola que há é a da vida e por essa escola o senhor é formado. É tão bom doutor que mesmo de longe percebeu que havia alguma coisa errada naquele casamento.

Juvenal ficou algum tempo em silêncio, fitando no interlocutor seus olhos tristes e foscos.

— E o que é que a gente pode fazer? - perguntou.

— Por enquanto, nada. Só ficar observando a coisa. Vosmecê compreende que só posso intervir quando Bolívar me pedir. Antes, não. E em qualquer caso não acho que possa fazer muito…

— E será que o Bolívar pede?

— Vosmecê, que é parente, sabe melhor. Será que pede?

— Pode ser. O Bolívar sempre foi mais expansivo que a mãe, que eu ou que o Florêncio. Herdou um pouco o gênio do pai. Mas o senhor sabe duma coisa? Por falar em gênio, tenho muito medo que o rapaz um dia faça alguma loucura.

— Loucura?

— Sim, que perca a paciência e surre a mulher.

— Pois isso não faria nenhum mal.

Juvenal ficou pensativo por alguns instantes. Depois, tentando em vão tirar uma baforada do cigarro que se apagara, disse: - Parece mentira. Tanta moça boa por aí e ele foi escolher justamente aquela. Veja o que é o destino duma pessoa… - De repente mudou de tom.

— No princípio fiquei com medo que o Florêncio andasse também enrabichado por ela. Mas graças a Deus ele vai casar com uma moça muito direita e trabalhadeira. A filha do Alvarenga, vosmecê sabe…

Tornou a acender o cigarro e acrescentou: - Esse negócio de rabicho é muito engraçado. — Fez uma pausa, meio relutante, e depois prosseguiu: - Vou lhe contar porque vosmecê é um doutor, um homem de bem e de saber. A minha mana Bibiana quando era moça também se meteu na cabeça de casar com um homem contra a vontade do pai. Era um certo capitão Rodrigo, que veio dessas guerras da Banda Oriental, passou por Santa Fé e aqui acampou. Pois olhe, doutor, essa menina nos deu o que fazer. Menina… - Sorriu. — A gente continua a chamar as irmãs de menina mesmo depois que elas ficam avós. Pois a Bibiana foi um caso sério. O senhor conhece o coronel Bento Amaral. Pois era um rapagão vistoso, rico, disputado pelas moças. Estava louco pela Bibiana. Mas ela não quis saber dele. Queria o outro, o tal capitão Rodrigo. Bateu pé e casou. Meu pai lavou as mãos.

Aquela gente - refletiu Winter com um súbito bom humor - parecia não fazer outra coisa senão lavar as mãos ante os casamentos

dos parentes.

— E ela foi feliz? - perguntou, só para fazer o outro continuar.

— Bom. Diz ela que foi…

— Mas que é vosmecê acha?

— Eu? Pois, homem, é difícil dizer. Sei que a Bibiana passou o diabo com o marido. Ele era chineiro, jogador, gostava de empinar o seu copo, vivia metido em fandangos e não era amigo do trabalho. Mas a Bibiana jura que foi feliz. Vosmecê conhece o nosso ditado: “O que é de gosto regala a vida”.

— é o amor, seu Juvenal.

— Pois é. Uma coisa esquisita. O capitão Rodrigo tinha um não sei quê naquela cara, que deixava a gente brabo e ao mesmo tempo gostando dele.

No primeiro dia quase brigamos a arma branca, mas depois ficamos amigos e até sócios num negócio. — Fez uma pausa. — Mas acho que estou falando demais.

Calou-se, meio ressentido, como se tivesse adivinhado nos pensamentos do outro qualquer censura ou mesmo surpresa ante sua tagarelice.

— Por amor de Deus, seu Juvenal! Continue. Estou muito interessado nas coisas que o senhor está contando.

Winter calou-se. E de repente ele não estava mais em Santa Fé conversando com Juvenal Terra e sim num café de Berlim, dali a muitos anos, numa roda de amigos, recordando aquele momento: "Era um homem calado, muito discreto… Mas eu tinha certa ascendência sobre aquelas criaturas e elas sempre me faziam confidências. Eu só queria saber que fim levou Herr Juvenal Terra…

— Pra lê ser franco - continuou Juvenal, remexendo-se na cama - eu gostava do capitão Rodrigo. Achava que ele era valente, engraçado, um bom companheiro pra tudo. Mas pra falar bem a verdade, nunca me senti à vontade perto dele…

— Tinha sempre medo que ele fizesse uma das suas…

— Isso! E ele sempre acabava fazendo. Depois que fazia, eu tinha vontade de ir pra cima dele de rebenque em punho. Mas isso era só no primeiro momento. Em seguida o homem desarmava a gente com uma risada, com uma palavra ou só com um jeito de olhar.

— Pois se vosmecê, que é homem, sentia isso, como é que pode censurar a sua irmã por ter amado um tipo dessa têmpera?

— Pois é como lê digo. Isso de gostar é uma coisa engraçada. A amizade também. Vosmecê não acha que a gente pode querer bem até um homem sem-vergonha, um ordinário, um patife?

Winter sacudia a cabeça com uma gravidade de que ele mesmo achava graça.

— Claro que pode. Os patifes são em geral pessoas muito

simpáticas. Não há nada mais aborrecido que um homem de caráter.

— Nesse ponto não estou de acordo com vosmecê. Há homens direitos que dá gosto a gente conhecer.

Winter deu uma palmada na própria coxa e levantou-se.

— Bom! Mande fazer a receita e bote o sinapismo. Amanhã eu volto.

Juvenal quis levantar-se.

— Não. Não se levante. Vosmecê precisa ficar de resguardo.

— Mas… doutor. Quando puder vá ao Sobrado, bombeie e veja o que é que pode fazer pelo Bolívar. Pode ser que o rapaz se abra com vosmecê. Pode ser que a Bibiana deixe escapar alguma coisa.

— Está bem. Prometo fazer o que puder.

— Eu lê agradeço muito.

Winter saiu do quarto. A mulher de Juvenal, que estava na cozinha, veio a seu encontro. Era uma criatura raquítica, de rosto ossudo e lábios muito finos. Tinha cabelos lisos, dum grisalho amarelado, e falava com as pessoas sem nunca encará-las.

— Que é que ele tem, doutor?

— Nada de sério. Passei uma receita. Bote um sinapismo nele hoje mesmo.

E não deixe seu marido se levantar nem apanhar frio. Até logo, dona Maruca.

Florêncio esperava-o à porta: saíram a caminhar juntos.

— Estivemos conversando sobre o Bolívar - contou Winter. Florêncio nada disse por algum tempo. Depois desconversou: - Eu ouvia o zunzum das conversas e estava admirado do Velho estar falando tanto. O senhor pode se gabar de ter conseguido o que ninguém consegue. Por que será que as pessoas se abrem com vosmecê?

— Deve ser por causa do meu chapéu alto.

Winter caminhava com suas largas passadas de pernilongo. Voltou a cabeça bruscamente para Florêncio e disse: - É. Algumas pessoas têm confiança em mim. Mas nem todas. — Olhou o outro bem nos olhos e repetiu: - Nem todas.

Florêncio sorria um sorriso vago, mastigando um talo de capim. Mas continuava silencioso.

Cari Winter voltou ao Sobrado num domingo de fins de julho, para almoçar. E quando se viu sentado na sala de jantar à grande mesa que Aguinaldo sonhava encher de bisnetos, mas em torno da qual estavam agora apenas Luzia, Bolívar e Bibiana - o médico temeu que aquele almoço não passasse duma sucessão de silêncios pontuados de pigarros, suspiros e tosses falsas. Em breve, porém, verificou que se enganava. Porque Luzia estava loquaz, amável, simpática como ele jamais a vira. Parecia outra pessoa. Tratava tanto o marido como a

sogra com naturalidade e quase com cordialidade. Isso facilitava tudo. E embora Bibiana passasse a maior parte do tempo dando ordens às escravas que serviam a mesa, e Bolívar se mantivesse mergulhado num silêncio que a Winter pareceu de ressentimento - a conversa decorreu fácil desde a sopa até a sobre- mesa.

Dona Bibiana mergulhou a colher grande - a que chamava "cucharra" - na terrina fumegante.

— Gosta de canja, doutor? - perguntou Luzia.

— Se gosto de canja, meine liebe Frau Cambará? Isso nem se pergunta. A canja é uma das delícias desta terra. Num dia frio como este uma canja assim não só aquece o corpo como também a alma.

Luzia sorriu.

— Vosmecê sabe, dr. Winter, do que eu mais me admiro? É da maneira correta como vosmecê se exprime em nossa língua. Tem um pouquinho de sotaque, é verdade. Mas fala gramaticalmente certo e com um vocabulário muito rico.

Winter tomou uma colherada de canja e respondeu: - Muito obrigado pelo elogio. Acontece que sempre amei as línguas e o latim é um dos meus fortes.

— Mas se o padre Otero, que também sabe latim, tivesse a facilidade de expressão de vosmecê, nós teríamos melhores prédicas.

Winter limitou-se a soltar uma risada. O luto sentava bem para Luzia - refletiu ele - realçava-lhe a pele branca e oferecia um belo contraste com os olhos verdes. Verdes? Não. Agora estavam azulados… Ou cinzentos?

O alemão olhou em torno. Gostava daquela sala com a sua mobília severa, o grande relógio de pêndulo e aquele lustre de cobre que pendia do teto, sobre a mesa. Pena era que não houvesse ali bons tapetes e quadros. A nudez de soalhos e paredes parecia aumentar a sensação de frio que davam em geral as casas da província.

— Mais canja, doutor?

Winter ergueu a mão num gesto que queria dizer: vamos devagar.

— Não. Obrigado. A sopa está deliciosa, mas quero reservar lugar para os outros pratos.

O frio lhe desaparecera do corpo e uma sensação de bem-estar agora o animava. E quando abriram a garrafa dum velho vinho português e ele viu o líquido vermelho cair no copo, ao mesmo tempo que aquele cheiro agridoce e inebriante lhe entrava pelas narinas, Cari Winter se sentiu positivamente feliz. E depois que sorveu o primeiro gole, estalando a língua, degustando bem o vinho, teve vontade de cantar.

— Os brasileiros não gostam muito de cantar… - observou ele. — Por quê?

— Somos gente triste, doutor - observou Luzia. E seus dedos

apertaram a haste do cálice.

— Mas por quê? - perguntou o médico. — Por quê? Bibiana encolheu os ombros e disse: - Nós sabemos bem por quê.

— Ach, meine liebe Frau Cambará! Não há um ditado que diz "Tristezas não pagam dívidas"?

Bolívar tornou a encher seu copo, e bebeu-o em seguida dum sorvo só.

— A mamãe sabe por que ela é triste - disse.

Winter coçou o queixo. Quis dizer alguma coisa mas achou melhor mudar de assunto. Sabia da vida que Bibiana levara: conhecia a sina das mulheres da província.

— Traga os outros pratos - ordenou Bibiana à escrava que estava parada junto da porta.

.

Ela tomou conta do Sobrado - refletiu Winter. — Parece a dona da casa.

Havia no rosto daquela mulher um ar tão resoluto, que ele achou que a coisa não podia ser de outro modo.

— Recebi ontem jornais de Porto Alegre - disse Luzia. — : O doutor depois quer ler?

— Claro! Quero ver o que está acontecendo por esse mundo, velho.

Luzia pousou os cotovelos na mesa e uniu as mãos como se fosse rezar.

, - Mas não é uma coisa horrível a vida que a gente leva aqui?

— perguntou ela, erguendo de leve as sobrancelhas.

Ali sentada à cabeceira da mesa, parecia uma colegial que se esforçava para representar o papel de mulher adulta num drama de ; amadores.

— Não temos teatros - prosseguiu ela - não temos concertos, não temos bailes, não temos nada.

Sem olhar para a nora, Bibiana observou: - Há pessoas que passam muito bem sem festas. Luzia sorriu com doçura.

— Eu sei que há, dona Bibiana. Mas é que eu gosto dessas! coisas.

Principalmente de música.

Seca e brusca, a outra replicou: - Pois então toque cítara.

Luzia sacudiu a cabeça com um sorriso indulgente, e o ar de quem quer dizer: "Como é que se vai discutir com gente assim?"

— Vosmecê tem razão - disse o dr. Winter. — Devíamos: ter pelo menos uma banda de música em Santa Fé. Pode ser que um dia eu decida organizar uma.

Bibiana segurou a travessa de arroz que a escrava acabava de trazer, e retrucou: - Temos vivido muito bem até agora sem banda de música.

— Mas deixe estar que era bem bom a gente ter uma banda' - arriscou Bolívar. Winter notou que o vinho deixava o rapaz com o rosto afogueado e os olhos brilhantes.

Inclinou-se, sorrindo, sobre a mesa na direção de Bibiana, que estava sentada à sua frente, e perguntou: - Mas no fim de contas, meine liebe Freundin, de que é que vosmecê gosta mesmo?

— De cuidar das minhas obrigações - respondeu ela sem hesitar. E em seguida, dirigindo-se à escrava: - Depressa, Natália, traga o resto, antes que a comida esfrie.

Entraram duas escravas com bandejas cheias de pratos. Bibiana os foi enfileirando um por um em cima da mesa. Havia uma travessa cheia de arroz pastoso, levemente rosado e muito luzidio; uma terrina de feijão-preto; um prato de galinha assada com batatas; outro de guisadinho com abóbora e finalmente uma travessa de churrasco com farofa. Winter olhava admirado para aquilo tudo. Era simplesmente assustadora a quantidade de pratos que havia nas refeições das gentes remediadas ou ricas da província. Nunca menos de seis, e às vezes até dez. Não raro numa refeição serviam-se quatro ou cinco variedades de carne, e nenhuma verdura. Por fim, como um pós-escrito a uma longa carta, Natália trouxe uma travessa com mandioca frita.

— Gosta de tudo, doutor? - perguntou Bibiana.

Winter achava estúpido encher o prato com todas aquelas coisas mas sacudiu a cabeça afirmativamente: - Gosto. Muito obrigado.

Bibiana começou a servi-lo. O médico agora a observava por trás da tênue cortina de vapor que subia da travessa de arroz. Aos quarenta e oito anos tinha Bibiana Terra Cambará uma fisionomia amda moça, a pele lisa, e os cabelos apenas levemente grisalhos; e seus olhos oblíquos, achava Winter, davam-lhe uma certa graça ao rosto. Deve ter sido uma moça bonita - concluiu.

Já estavam todos com seus pratos cheios quando Luzia retomou o assunto de havia pouco: - Nunca me esqueço duma noite no Rio de Janeiro, no Teatro Dom Pedro de Alcântara. — Sorriu, mostrando os dentes muito brancos e regulares. — Levavam a ópera A rainha de Chipre. Oh, isso faz já mais de três anos… A prima-dona era Ida Edelvira. O senhor ouviu falar nela, doutor?

Winter sacudiu negativamente a cabeça.

— É uma cantora divina! - exclamou Luzia. — Quando a cortina se abriu fiquei quase sem respiração vendo o cenário. Tão lindo, tão… - Calou-se e baixou os olhos para o prato. — Quando a Ida Edelvira começou a cantar senti uma coisa na garganta rompi a chorar com tanta força que tive de botar um lenço na boca para abafar os soluços.

E ao dizer aquelas palavras os olhos de Luzia encheram-se de lágrimas.

Com a cabeça muito baixa, quase a tocar o prato, Bolíva comia

com uma pressa nervosa. Lançou para a mulher um olhar enviesado e disse: - No entanto vosmecê não chorou quando seu avô morreuj Bibiana voltou a cabeça vivamente na direção do filho. Winter puxou um pigarro nervoso. Mas Luzia continuou com a expressão de êxtase no rosto.

— Mas é diferente, Boli, é diferente. — Olhou para o médico - Se eu lhe contar, doutor, que chorei como uma criança quando soube da morte de Chopin, vosmecê se admira?

— Eu não me admiro de nada.

— Que Chopin? - perguntou Bibiana. Luzia, paciente, voltou-se para a sogra.

— É um compositor, dona Bibiana. Um homem que escrevi músicas, lindas músicas. Aquela valsa que eu toco e que a senhora gosta é dele…

Bibiana sorriu enigmaticamente.

— Pois chorei, doutor - continuou Luzia. — E sabe por que chorei mais?

Porque Chopin morreu em 1849 e só três ano depois é que fiquei sabendo, por puro acaso. No Brasil a gente viv num fim de mundo, não é mesmo?

Winter estava pasmado. Lembrava-se das palavras da própria Luzia no Dia do seu contrato de casamento. Ser bom ou mau é uma questão de mais ou menos coragem.

— É realmente um fim de mundo… - concordou ele. olhou para a janela através de cujas vidraças via as vastas campinas onduladas que cercavam Santa Fé. Teve, mais que nunca, uma sensação de distâncias invencíveis e de irremediável desterro. Pensou nas centenas de léguas que teria de percorrer para chegar ao mar e nos milhares de milhas de oceano que teria de navegar antes de poder ver de novo a face de Gertrude Weil. Era assustador o isolamento em que viviam aquelas estâncias, povoados, vilas e cidades da província. As estradas eram poucas e más. Em 1835 haviam começado a abrir uma que ligaria Cruz Alta e Rio Pardo, passando por Santa Fé. A guerra civil, porém, interrompera o trabalho, que só ficaria pronto dentro duns cinco anos, no mínimo.

Luzia comia vagarosamente, levando à boca o garfo com minúsculas porções de alimento.

— Não hei de morrer sem conhecer a Europa… - murmurou ela, descansando os talheres nas bordas do prato. — O senhor não pretende voltar, doutor?

— Um dia, quem sabe…

— Me diga uma coisa, amigo - disse Bolívar, voltando-se para o médico. — O que é que vosmecê acha dessas tais estradas de ferro?

— Acho que está nelas o futuro dos transportes. Um país vasto

como o Brasil não pode depender das carretas, dos cavalos e das diligências.

— Não sei, doutor. Posso ser muito atrasado, mas não troco um bom cavalo por essas tais máquinas que cospem fumaça e fogo.

Winter riu. Não era de admirar que Bolívar Cambará reagisse daquela forma, pois ele vira gente letrada na Alemanha olhar com supersticiosa desconfiança para as locomotivas. O próprio Thiers, o grande Thiers, havia alguns anos, declarara que as estradas de ferro de nada serviriam à França.

— E o senhor viu mesmo alguma dessas engenhocas? - perguntou Bibiana.

Winter fez um sinal afirmativo, passou a descrever com minúcias um trem de ferro, e acabou fazendo a lápis o esboço duma locomotiva numa folha de papel. Bibiana ouviu-o com um sorriso ao mesmo tempo divertido e descrente: era como se estivesse a escutar, com certa indulgência, a narrativa das travessuras duma criança. E quando o médico terminou o esboço e passou-lhe o papel, ela o examinou com olho desconfiado e depois perguntou: - E vosmecê acha que um dia essas coisas vêm aqui pra província?

Winter ia responder quando Luzia o interrompeu: - Estive lendo nos jornais que vão inaugurar este ano a primeira estrada de ferro no Brasil.

— Mas vai custar a chegar até aqui - observou Bolívar. — Tudo custa.

Leva anos e anos.

— Quanto mais custar - sentenciou Bibiana - melhor pra nós.

A estrada de ferro a que Luzia se referira pertencia a uma companhia inglesa. Quando passara pelo Rio de Janeiro, Winter ficara surpreenddido ante o número de firmas e agências comerciais britânicas que lá existiam. O Brasil - refletira ele então - proclamara sua independência cortando as amarras que o prendiam a Portugal, mas de certo modo continuara a ser uma colônia, e colônia da Inglaterra.

Winter não podia disfarçar sua malquerença pelos ingleses, que na sua opinião outra coisa não eram senão piratas que tudo faziam por parecerem gentlemen. Depois de encorajarem por muitos anos o tráfico de escravos, agora haviam decidido proibi-lo, mandando sua esquadra policiar os mares à caça de navios negreiros. Depois de velha a prostituta esforçava-se por parecer dama respeitável - refletiu Winter, tomando um gole de vinho. Mas que grandes interesses estariam por trás daquele gesto aparentemente nobre: Que tremendos desígnios?

Pensou nos colonos alemães. Estava certo de que eles poderiam ajudar com seu trabalho e seus conhecimentos o progresso do Brasil.

Os que ali haviam chegado até então lutavam com toda a sorte de dificuldades: as distâncias, a falta de meios de comunicação, a ignorância dos nativos e a indiferença dos governos. Faziam, entretanto, o que podiam. Aos poucos iam realizando coisas, fundando colônias novas, cultivando a terra, exercendo, enfim, um apreciável artesanato. Quando, porém, esse trabalho começava a dar frutos, lá viera aquela estúpida guerra civil que atrasara a província de muitos anos. Von Koseritz escrevera-lhe, havia pouco, cartas cheias de entusiasmo pelo futuro da colonização germânica. Contava-lhe, com orgulho, o que seus compatriotas já tinham feito. Existiam nas colônias alemãs da província mais de trinta engenhos para a fabricação de aguardente, vários teares para linho (linho que eles próprios, colonos, plantavam), curtumes, engenhos para mandioca, serrarias movidas a água, olarias, cervejarias e até uma oficina para lapidar pedras finas.

Pensando nessas coisas, Winter mastigava, observando Bolívar. Ali estava um belo tipo. Era robusto, másculo, tinha coragem, conhecia as lidas do campo e as da guerra. Mas era homem de poucas letras, mal sabia ler e escrever e não possuía a menor noção de história ou geografia. Havia anos que os santa-tezenses tinham pedido ao governo o provimento de escolas públicas para as paróquias do município, a abertura de mais estradas e o estabelecimento de colônias. A indiferença da Assembleia Provincial ante aqueles pedidos era simplesmente pasmosa. Não era, pois, de admirar que as pessoas em Santa Fé crescessem e morressem analfabetas…

Às vezes - refletiu Winter - parecia que a única função dos homens da província do Rio Grande do Sul era a de servirem periodicamente como soldados a fim de manterem as fronteiras do país com a Banda Oriental e a Argentina. Numa carta recente ao seu lieber Baron, ele escrevera: “Parece que a regra geral aqui é a guerra, sendo a paz apenas uma exceção; pode-se dizer que esta gente vive guerreando e nos intervalos cuida um pouco da atividade agrícola e pastoril e do resto; mas um pouco, só um pouco, porque parece que tudo é feito com o pensamento na próxima guerra ou na próxima revolução. Há nos olhos destas mulheres uma permanente expressão de susto”.

A voz quente de Luzia tirou Winter de seu devaneio.

— … não é maravilhoso, doutor?

— Perdoe-me, mas não ouvi.

— Estou dizendo que na Corte já foi inaugurada a iluminação a gás.

— Minha avó morava num rancho perdido no meio do campo - disse Bibiana - alumiado de noite por uma lamparina de óleo de peixe feita duma guampa.

Não acho que mais luz ou menos luz possa fazer uma pessoa mais feliz ou infeliz.

— Essas invenções trazem mais' conforto à vida - replicou Luzia.

— Vosmecê já pensou, dona Bibiana - disse Winter, descansando os talheres sobre a mesa - que um dia Santa Fé vai ser uma cidade, com muitas casas, lampiões nas ruas, teatros, fábricas, i e gente, muito mais gente que agora?

Bibiana, que olhava fixamente para o prato do médico, perguntou: - Quer mais alguma coisa, doutor?

— Não, minha senhora, muito obrigado.

— Pode tirar os pratos, Natália! - gritou a viúva do capitão Rodrigo. E depois, entrelaçando as mãos e pousando-as sobre a mesa, olhou para Winter com seus olhos chineses e disse: - Já pensei, sim, doutor. Já pensei em todas essas coisas. Mas também pensei que quando Santa Fé ficar mais grande vai haver muito mais maldade, muito mais bandalheiras que agora. — Soltou um suspiro quase imperceptível. — As vezes acho que até é melhor uma pessoa não ser instruída, não saber ler. Os livros estão cheios de porcarias ; e perversidades.

Winter compreendeu que aquelas farpas eram dirigidas contra; Luzia.

— Nem todos os livros - disse ele.

Natália colocou diante de Bibiana uma pilha de pratos fundos e um jarro de leite cru e frio.

— Quer mogango com leite, doutor?

— Se quero mogango com leite? Certamente! É das grandes invenções desta província. Gosto muito também de batata-doce com leite.

Bibiana sorria quando contou: - Meu marido costumava dizer que homem bem macho não come nenhuma coisa doce com leite.

— Na opinião dele - perguntou o alemão - qual é a mistura digna do homem forte?

Despejando leite no prato fundo, Bibiana respondeu: - Marmelo assado, milho verde, farinha de beiju… Era o que o capitão dizia.

Pela primeira vez durante aquele almoço Winter viu Bolívar sorrir.

— A mamãe às vezes me conta coisas do papai… - disse ele. — Ele sempre dizia que Cambará macho não morre na cama.

— Será que queria dar a entender que o único fim digno dum homem de coragem é morrer lutando? - perguntou Winter, tirando do bolso um charutinho e pedindo licença às damas para acendê-lo.

— Acho que sim - respondeu Bolívar ainda sorrindo e fazendo distraidamente riscos na toalha com a lâmina duma faca. Prosseguiu: - O papai também dizia que gostava de mulher de bom génio, faca de

bom corte, cavalo de boa boca e onça de bom peso.

Winter estendeu o braço na direção de Bibiana, que naquele momento lhe passava o prato com um pedaço de mogango.

— Meu marido também gostava de dizer que quando falava com homem olhava prós olhos dele; e quando falava com mulher, olhava pra boca, e assim ficava logo sabendo com quem estava tratando.

— Se não me engano - observou o médico - isso quer dizer que o capitão Rodrigo julgava tanto as mulheres como os cavalos pela boca…

Luzia, que até então estivera com ar abstrato, falou: - Mas, dr. Winter, nesta terra os homens não fazem muita diferença entre as mulheres e os cavalos.

Bolívar de súbito empertigou o corpo e, sem voltar a cabeça para a mulher, protestou: - Ora, vosmecê nem devia dizer uma coisa dessas. Bibiana sorria o sorriso misterioso de quem sabe mais do que diz.

— Mas é verdade, Bolívar! - replicou Luzia. — Veja bem, doutor, a ideia dos gaúchos em geral é a de que o cavalo e a mulher foram feitos para servirem os homens. E nós nem podemos ficar ofendidas, porque os rio-grandenses dão muito valor aos seus cavalos…

Winter no fundo estava disposto a concordar com Luzia, mas achou melhor dizer: - Vosmecê está exagerando um pouco.

— Um pouco, talvez, mas não muito.

Todos estavam servidos de leite. Winter meteu a colher no bojo da metade de mogango que lhe coubera, e começou a misturar a polpa dourada com o leite. Luzia prosseguiu: - Eu sei que sou censurada, que sou falada na vila só porque não quero ser como as outras mulheres que levam uma vida de escravas.

Outra vez Bibiana ficou tesa e tensa na sua cadeira. Tinha olhos e lábios apertados, o rosto contraído numa expressão de expectativa meio agressiva.

— Fui educada na Corte. Sei como vivem as mulheres nas grandes cidades do mundo.

Bolívar estava sombrio e mexia com mão distraída o seu leite com mogango. Winter sorvia a sua mistura com gosto e seus bigodes estavam respingados de leite.

— É por isso que eles não querem mandar as mulheres para a escola - continuou Luzia.

— Na escola não ensinam a costurar, nem a cozinhar, nem a cuidar dos filhos - murmurou Bibiana sem olhar para a nora e mal descerrando os lábios.

Luzia sorriu para o médico com indulgência.

— Opiniões - murmurou Winter, com a boca cheia. — Opiniões…

Aquele leite com mogango estava delicioso, mas ele se sentia enfarado, com uma bola no estômago, uma preguiça de pensar, um

desejo de sair a caminhar ao ar livre. Mesmo assim continuava a comer, irresistivelmente, confirmando um ditado muito do gosto de dona Bibiana: “Comer e coçar, é questão de começar”.

— A Luzia ainda não se acostumou com a vida num lugar pequeno como Santa Fé - explicou Bolívar. — E a gente tem de compreender; pra uma moça educada em cidade grande, morar em Santa Fé não é fácil.

Luzia, que ainda não tinha tocado seu leite, disse com grande tranquilidade: - Mas eu não moro em Santa Fé, Bolívar. Moro no Sobrado.

Winter sabia que Luzia não visitava ninguém nem recebia visitas.

Detestava o Angico e a vida do campo. Raramente saía de casa; e mesmo quando estava no Sobrado passava a maior parte das horas fechada em seu quarto de dormir.

Eram quase duas horas quando deixaram a mesa. Luzia pediu licença e retirou-se para o andar superior. Bolívar começou a fazer um cigarro.

Bibiana convidou o médico para irem até o quintal e quando o filho fez menção de segui-los, ela o deteve com um gesto, dizendo: - Fique aqui, Boli. Quero um particular com o doutor.

O rapaz sacudiu a cabeça em silêncio e ficou.

Fora, fazia um frio seco e o ar era límpido. Bibiana e Cari Winter caminhavam vagarosamente sob as árvores. O chão de terra batida e avermelhada estava manchado de sombras e borrifado de sol. Por entre as folhagens das árvores avistavam-se nesgas de céu, dum azul muito lavado e longínquo. Debaixo dum pé de magnólia via-se uma carroça de varais caídos. Penduradas duma taquara posta horizontalmente entre dois cinamomos, pendiam várias linguiças frescas. As laranjeiras estavam carregadas de frutos.

— Neste quintal eu brinquei quando era menina… - disse Bibiana. Parou e apontou para uma árvore. — Essa foi a minha avó que plantou. É um marmeleiro-da-índia. Veja que bonita, doutor. Dá uma fruta grande, amarelona.

— Comestível?

— Não. Mas mui linda. Continuaram a andar.

— Está vendo aquele poço ali? - perguntou Bibiana, estendendo a mão. O médico sacudiu afirmativamente a cabeça. — Foi o meu pai que fez, com tijolo da olaria dele. Fez tudo. Até o balde e a corda. Não é mesmo pra gente ter amor a estas coisas?

— A senhora deve estar feliz agora.

— Por quê?

— Voltou para o seu chão. < Bibiana franziu a testa, ficou um instante num silêncio reflexivo e depois disse: - Sim, mas não estou na minha casa.

Continuou a andar, calada, olhando para baixo. Winter acompanhou-a, também em silêncio.

— Aquela árvore ali é uma goiabeira. Não há muitas em Santa Fé. A outra, a pequena, de folha lustrosa, é uma pitangueira. As flores do jardim a geada matou. Mas quando chegar a primavera vão ficar lindas. Tem hortênsia, dália, amor-perfeito, bonina, primavera, begônia…

Winter sabia que Bibiana não o levara até ali para falar em flores e árvores. Chegaram ao muro do fundo do quintal, junto do qual havia um galinheiro onde um esplêndido galo branco de crista escarlate estava postado com certa imponência em cima duma pedra, como que a olhar com superioridade para as galinhas em torno.

Bibiana ficou olhando por muito tempo "seus bichos", como que esquecida da presença do doutor. Aninhada num caixão cheio de palha, uma grande galinha branca estava no choco. De repente Bibiana disse: - Ela vai ter um filho. , - Quem? - perguntou Winter quase sem sentir. 't - A mulher do Boli.

O médico meteu os dedos nas barbas e coçou o queixo distraidamente.

— Foi ela mesma que lhe contou?

Sem olhar para o interlocutor, Bibiana sacudiu negativamente] a cabeça.

— Não. Mas eu vi. Tenho bom olho. Estou acostumada com esse negócio. O senhor notou alguma coisa?

— Para ser bem franco… só notei que ela hoje estava muito bem disposta e até agradável.

— É. Mas tem andado pálida, com tonturas e enjoos.

Winter jogou no chão o toco do charutinho e ficou a esmagá-lo com a sola da botina, demoradamente, de olhos baixos, como se aquele ato fosse duma enorme importância para o assunto de que estavam tratando.

— O Bolívar já sabe?

— Sabe porque eu contei.

— Mas a Luzia não disse nada ao marido?

— Não. E quando o Boli perguntou, ela negou. O pobre do rapaz estava louco de alegria. Foi todo entusiasmado falar com a mulher, mas ela respondeu: "Não seja bobo. Não há novidade nenhuma". Foi mesmo que botar água fria na fervura.

No galinheiro três galinhas disputavam uma minhoca, cacarejando e bicando o chão freneticamente. O galo branco continuava impassível.

— Mas quem sabe se não há nada mesmo? - insinuou o médico.

Bibiana ergueu os olhos para ele. Sua cabeça mal chegava à altura do peito de Cart Winter.

— Nessas coisas eu nunca me engano. Ela está grávida.

— Mas então eu não posso compreender… Bibiana atalhou-o: - Pois eu posso. Ela faz tudo isso de má pra deixar o pobre do rapaz louco da vida. Uma vez chegou a dizer que se ficasse grávida botava o filho fora. Imagine!

Calou-se de repente. Fez meia-volta e disse: - Quero lhe mostrar um pé de magnólia que plantei o mês passado.

Winter seguia-a em silêncio. Num dado momento sentiu uma vontade irreprimível de falar claro. Falou: - Pelo que tenho observado vosmecê não morre de amores pela sua nora…

Disse isso e esperou uma explosão. Mas a voz da mãe de Bolívar veio calma: - Nem ela por mim.

— Então está tudo bem. Ou está tudo mal.

— Está tudo mal. Porque meu filho tem loucura por ela. Está ali a magnólia. Leva muito tempo.pra crescer. Mas quando cresce fica uma árvore muito bonita. Já viu alguma? Dá uma flor assim meio creme, muito cheirosa. Ah! Tenho jasmim-do-cabo e jasmim miúdo. E um pé de primavera ali do lado. Tudo isto aqui era campo raso, pura barba-de-bode, quando meu pai veio pra cá. Não existe aqui um arbusto que não tenha sido plantado pela mão dum Terra.

De repente, sem mudar a entonação da voz, perguntou: - Vosmecê não acha que ela não é bem certa do juízo? Winter ergueu o braço e arrancou uma folha de laranjeira e começou a mordiscá-la.

— Bom, a Luzia não é uma pessoa normal, isso não é…

— Não acha que ela é capaz de botar o filho fora, só de malvada, pra nos fazer sofrer?

— É possível… Mas não é provável. Bibiana ajeitou o xale sobre os ombros.

— Me diga uma coisa, doutor… - Sua voz agora era um murmúrio quase inaudível. O médico teve de inclinar um pouco a cabeça para ouvir melhor. Se depois de ter a criança ela continuar com essas loucuras…

Calou-se. Estava de olhos no chão, evitando encarar o interlocutor.

Ouvia-se agora, vindo da rua, um tropel de cavalos e o badalar dum cincerro. Por cima do muro lateral erguia-se uma nuvem de poeira rosada.

— Pode falar, dona Bibiana. Pode dizer tudo com a maior confiança.

— … não era o caso de se mandar essa mulher…

— Para um hospício? - terminou Winter.

Bibiana sacudiu afirmativamente a cabeça. Winter teve uma repentina sensação de frio interior. E refletiu imediatamente: “Com Luzia no hospício, dona Bibiana completa a sua conquista do

Sobrado". Mau grado seu, sentiu-se chocado. Costumava considerar-se um realista e encarar as criaturas humlanas com cinismo, sem nunca esperar delas nobreza de sentimentos e altruísmo. Era em ocasiões como aquela que ele via como estava ainda dominado pelos seus preconceitos cristãos. A sugestão de Bibiana deixara-o quase escandalizado.

Habituara-se a ver nela uma mulher de caráter e - oh, as frases feitas, os sentimentos feitos! - de coração bem formado. Via-a agora como sob uma nova luz fria, crua e reveladora: tinha a medida exata de sua capacidade de ódio. Mas… por que não virar a coisa do lado do avesso e dizer - de sua capacidade de amor? Não estaria Bibiana a sugerir aquelas coisas pelo muito que amava o filho e o Sobrado? E aquela atitude não revelaria, em última análise, o espírito prático duma mulher realista que, no dizer do povo da província, costumava dar sempre nome aos bois?

— E vosmecê teria coragem de fazer ao seu filho uma sugestão dessas? - perguntou ele, com um sorriso que os bigodes escondiam.

— O doutor é vosmecê - respondeu Bibiana secamente.

— E que é que acha que seu filho faria se eu lhe aconselhasse mandar a mulher para um hospício?

Bibiana teve um rápido encolher de ombros.

— Decerto ele esgoelava vosmecê.

— Então? - sorriu o médico. — Quer que seu amigo seja esgoelado?

— Não. Mas também não quero que ela acabe aos pouquinhos com a vida do meu filho.

Winter atirou os braços para o ar e deixou cair as palmas das mãos com força sobre os lados das coxas.

— Então que é que se vai fazer?

— Eu já disse que o doutor é vosmecê.

— Mas há muitas coisas que um doutor não sabe. Bibiana ajoelhou-se por um instante e arrancou do chão um pé de guanxuma. Para a sogra - refletiu Winter - Luzia não passava duma erva daninha que vicejava maleficamente no jardim do Sobrado e que era preciso extirpar antes que ela sufocasse as plantas úteis e belas.

— Já conversou com o padre Otero a esse respeito? - perguntou ele, só para dizer alguma coisa.

—Já.

— Ele lhe deu algum conselho?

— Deu. Me pediu que tivesse paciência e fé. Prometeu falar francamente com Luzia. Mas sei que não fala.

— Por quê?

— Porque tem medo dela. Todo mundo tem.

— Mas que foi que vosmecê contou ao padre?

— Contei das malvadezas da… dessa mulher. O senhor já viu como anda a cara do Bolívar? Toda lanhada, toda cheia de arranhões. Um dia amanheceu com os beiços inchados, estava-se vendo que tinha sido uma mordida. Uma pouca-vergonha! Ainda ontem descobri uma queimadura na mão do rapaz.

"Que foi isso?", perguntei. Ele ficou meio desconcertado e respondeu: "Não foi nada, mamãe. Me queimei no fogão". Mas sei que não foi no fogão. — Bibiana estava de olhos baixos olhando uma fileira de formigas que saíam dum buraco, ao pé duma bergamoteira. — Essas malditas formigas me estragam as plantas. Ouvi dizer que o coronel Amaral mandou buscar em Sorocaba umas formigas miúdas que comem as formigas daninhas.

Ele vai botar no quintal dele para ver se acaba com a saúva. Vosmecê acha que dá certo?

— Tudo é possível, dona Bibiana, tudo é possível. Winter lembrou-se de ter lido num almanaque que em todo o reino animal só os homens e as formigas é que têm o instinto da guerra.

— Vosmecê nunca falou claro com seu filho sobre… essas coisas Bibiana sacudiu a cabeça com tristeza.

— Muitas vezes comecei o assunto. Mas ele nunca quis continuar. Sempre achava um jeito de fugir. Ele anda diferente, doutor. Às vezes chego até a acreditar em feitiço. Aquela mulher enfeitiçou ele. O Boli… eu acho… o Boli já nem me quer mais bem. Depois que casou, mudou de um tudo. O Florêncio também tem estranhado ele. Eram tão amigos. Agora ele parece que deu pra ter ciúmes do primo. Já não trata ele como dantes. O pobre rapaz nem aparece mais no Sobrado. São histórias que essa mulher mete na cabeça do Boli.

— Mas como é que o padre explica essas coisas todas que a Luzia faz?

— Diz ele que há pessoas assim no mundo porque os demônios entram no corpo delas. Diz que nas Escrituras Sagradas há muitos casos como esse e que Jesus Cristo expulsou o demônio do corpo de muita gente.

Winter cuspinhou os pedaços de folha de laranjeira que tinha na boca.

— Não acredite, dona. Não há tal coisa.

— Eu sei que não há. Não acredito no diabo nem em almas do outro mundo.

Já visitei muitas vezes o cemitério de noite. Não vi nada de mais; só um lugar muito quieto, muito triste, onde a gente pode se sentar e ficar pensando em paz, porque ninguém vem nos incomodar. Sou como o meu pai.

Só acredito no que vejo. Meu pai não acreditava em almas do outro mundo. O senhor acredita?

— Positivamente não.

Bibiana começou a caminhar lentamente na direção da casa.

Winter seguiu-a.

— Então, dona Bibiana, que é que quer que eu faça?

— Se puder, doutor, fale com ela. Diga que ela precisa ter esse filho.

— Não é fácil, mas prometo fazer isso quando houver ocasião.

— Se vosmecê soubesse como eu quero um neto! Sempre tive vontade de ter a casa cheia de crianças. Minha filha, a Leonor, mora em Cruz Alta, é casada com um fazendeiro, mas não tem filhos. Como é que eu podia imaginar que Luzia era assim? A gente às vezes ouve contar coisas esquisitas de certas pessoas, mas acha que é invenção, exagero.

— Vosmecê é uma mulher que viveu e lutou muito. Devia estar habituada a tudo.

Bibiana soltou uma risadinha seca.

— Habituada? Haverá coisa mais corriqueira que a morte? Desde criança a gente sabe que um dia tem de morrer. Toda a hora ouve falar em morte.

Mas a gente se habitua com a morte? Não. Quando ela chega sempre é uma surpresa.

Uma grande nuvem branca, que lembrou a Winter um iceberg, agora se erguia no céu, por cima do Sobrado.

— Tenho a impressão - disse ele, em parte para tranquilizar dona Bibiana, em parte para dar voz a um pressentimento - que a Luzia vai ter esse filho.

— Vosmecê acha mesmo?

— Acho.

— Deus lê ouça.

— Vosmecê acredita mesmo em Deus, dona Bibiana?

— Às vezes.

Disse isto e entrou no Sobrado.

A fresca luz dourada daquela manhã de princípio de primavera entrava pelas janelas da casa de Carl Winter, que, sentado à sua mesa, escrevia a Carlos von Koseritz: "Mein lieber Baron. Faz hoje quatro anos que estou em Santa Fé. Já não uso mais chapéu alto, minhas roupas europeias se acabam e eu desgraçadamente me vou adaptando. Isso me dá uma sensação de decadência, de dissolução, de despersonalização. Sinto que aos poucos, como um pobre camaleão, vou tomando a cor do lugar onde me encontro. Já aprendi a tomar chimarrão, apesar de continuar detestando essa amarga beberagem. (Pode alguém compreender as contradições da alma humana?) Eu vivia em castidade forçada por falta de mulheres de que eu gostasse e que quisessem dormir comigo. Meus sonhos eróticos eram povoados

de fêmeas louras e eu tinha de me contentar com esses amores oníricos, mas agora, meu caro, de vez em quando, este espírito já vacilante cede aos gritos desta carne fraca - que, diga-se de passagem, continua muito magra sobre a ossatura - e trago para a minha cama, altas horas da noite, com a cumplicidade soturna da bela Gregória, chinocas, índias, e até mulatas. Depois dessas orgias, tiro o violino do estojo e tomo um banho de música. Ou então abro o meu Heine e me encharco de poesia. E nas muitas semanas de castidade que se seguem volto a sonhar vagamente com mulheres brancas e germânicas. Ah, meu amigo, sou personagem dum drama que Goethe não escreveria nunca, um drama que não daria glória a ninguém porque é sórdido, sem propósito e vazio. Mas é um drama ou, melhor, uma comédia. Por que não me vou daqui? Por quê? Não sei. Alguma coisa me prende a esta terra. Não é propriamente afeição, não é amor. É hábito, e o hábito é como uma esposa que cessamos de amar e que já aborrecemos, mas à qual estamos apegados pela força… do hábito, e por preguiça. A inércia, Carl, tem muita força. A rotina é uma balada insípida de rimas óbvias.

"A vida aqui é monótona. Nunca acontece nada. De vez em quando sou chamado a atender um homem que foi estripado por outro num duelo por causa de pontos de honra, discussões em carreiras, jogos de osso, cartas ou chanteira. Mas mesmo isso se transforma em rotina, porque um intestino é igual a outro intestino; as reações das pessoas em tais ocasiões são mais ou menos as mesmas. Os pacientes aguentam os curativos sem gemer. Os outros nunca estão de acordo sobre quem provocou a briga ou quem está com a razão.

"Raramente aparece uma cara nova na vila.

Um dia é igual a outro dia.

"O correio chega uma vez por semana, quando chega. Uma carroça leva uma eternidade para ir ao Rio Pardo e voltar. As pessoas em geral são boas, mas duma bondade meio seca e áspera. Os assuntos, limitados. Fala-se em gado, em cavalos, em tropas, invernadas, comidas, campos ou então em histórias de brigas, guerras e revoluções passadas ou guerras e revoluções que estão para vir.

"Ah! Ia esquecendo de te participar um grande acontecimento. Luzia, a minha Melpômene, teve um filho. Deu-lhe o nome de Licurgo, não porque admire o estadista espartano, mas porque (confessou-me ela com um sorriso angélico) o nome tem um som escuro, um tom dramático. Vê bem: Licurgo. É realmente um nome noturno. Não me chamaram na hora do parto; preferiram uma negra velha parteira que bota a criança no mundo com mãos sujas mas hábeis. Regozijei-me com isso pois não queria por nada no mundo ver minha Musa da Tragédia naquela conjuntura tragigropesca.

Vi-a poucas horas depois que a criança nasceu. Estava mais bela

que nunca e seu rosto parecia irradiar luz e bondade. Sim, bondade, Carl. Depois de tudo que te tenho contado dela, isso parece absurdo.

Mas estou te dizendo exatamente o que senti. Nesta hora, mein lieber Baron, eu a amei. Amei-a com ternura pela primeira vez, e esse amor durou precisamente o tempo que passei naquele quarto que cheirava a incenso. A mãe não tem leite; mandaram buscar uma preta da estância para amamentar a criança. O pai, de tão orgulhoso, chega a estar pateta. A avó, se está contente, sabe esconder seus sentimentos debaixo daquela máscara de pedra.

"E agora, meu amigo, as coisas parece terem melhorado lá pelo Sobrado.

Faço as minhas visitas quase diárias, como médico que sou da casa.

Melpômene se tem revelado uma mãe mais carinhosa do quê eu esperava, mas seu carinho se revela em gestos e palavras pois ela olha para o filho com a mesma falta de expressão com que fita um objeto, uma coisa.

É um olhar vazio, um olhar de estátua.

"Será que por um desses mistérios da natureza o choque do parto restituiu a saúde àquele espírito doentio? Possível, mas não provável.

Como a medicina está atrasada, meu amigo! E como neste fim de mundo, sem livros nem colegas cultos com quem trocar ideias, eu vou ficando para trás mesmo dessa medicina atrasada! Às vezes, para explicar a epilepsia e certas formas de loucuras, chego quase a aceitar a teoria dos antigos, que falavam em demônios e possessos. É uma explicação pitoresca, além de cômoda, e que nos permite a nós, pobres médicos, lavar as mãos diante desses casos, transferindo-os para feiticeiros, sacerdotes e taumaturgos.

"Mudando de assunto direi que estes invernos rigorosos de Santa Fé, em que às vezes sentimos mais frio dentro das casas que fora delas, me ensinaram a beber uma mistura deliciosa, que mein lieber Baron deve já conhecer. É cachaça com mel e suco de limão. Positivamente divino! Se te contarem, Carlos, que morri embriagado numa sarjeta em Santa Fé, podes acreditar na história, apenas com uma restrição: é que em Santa Fé não tem sarjetas pela simples razão de que não tem calçadas, como não tem também lampiões nas ruas, e como, em última análise, não tem nada.

Talvez seja essa carência de tudo que me fascina e prende.

"Para não deixar de falar em política, o meu amigo não acha que é muito mau para todos nós que a França tenha agora um novo Napoleão? Sinto maus pressentimentos, Carl, muito maus pressentimentos.

“Manda-me notícias de teus planos. Quando sai o jornal? E a escola? Já encontraste a brasileira do teu coração? Quando puderes,

manda-me livros e jornais. Os jornais podem ser até bem antigos, porque nesta vila esquecida de Deus e dos homens, estou me convencendo cada vez mais de que o tempo, afinal de contas, não passa duma invenção dos relojoeiros suíços para venderem suas engenhocas. Manda livros, senão vou acabar esquecendo até o alemão. Já li mais de mil vezes meu volume de Heine. E o meu Fausto está inutilizado, porque a bela Gregória deixou-o cair dentro da água da tina de lavar roupa."

Tinha essa carta a data de 25 de setembro de 1855, o dia em que Florêncio Terra casou com Ondina, a filha do Alvarenga. A cerimônia realizou-se na intimidade e toda a gente na vila comentou o fato de Luzia não ter comparecido à boda.

Fdi também nesse ano que a Assembleia Provincial autorizou o estabelecimento duma colônia alemã, a três léguas de Santa Fé. Os primeiros colonos chegaram em carroças com suas famílias. Traziam seus tarecos, seus instrumentos agrícolas e suas mulheres e filhos. Winter recebeu-os com uma certa má vontade que ele mesmo não sabia explicar.

Além dele, até então os únicos alemães que viviam naquele município eram os Schultz e os Kunz, que haviam chegado ali pouco antes da Guerra dos Farrapos.

O coronel Bento Amaral reuniu os colonos em sua casa e fez-lhes uma preleção na presença de Winter, para o qual ele olhava de quando em quando com o rabo dos olhos. Tinha uma voz gutural, falava alto, com ar patronal. Os colonos o escutavam numa atitude entre respeitosa e assustada. Havia entre eles um tal Otto Spielvogel, um alemão corpulento da Renânia, de quase dois metros de altura, com grandes manoplas sardentas recobertas de pelo ruivo, nariz vermelho e fino, e olhos de pupilas tão claras que chegavam quase a parecer vazios. Era uma espécie de chefe natural daquele grupo; e era a ele que Bento Amaral principalmente se dirigia: - E têm de obedecer às autoridades - discursava o chefe político de Santa Fé. — Não queremos badernas nem anarquia. E quem sair fora do regulamento, tem de se entender comigo.

Deram à colônia o nome de Nova Pomerânia, porque a maioria dos imigrantes tinha vindo daquela região. Os recém-chegados começaram a abrir picadas e a construir casas. A cada família coube um lote de cem braças de frente por mil e quinhentas de fundo.

De tempos em tempos Winter montava a cavalo e ia visitá-los. Fazia isso ou porque o chamavam para atender algum doente ou então porque desejava ver como ia marchando o trabalho. Ficava surpreendido com o que via. A região transformava-se dia a dia, tomava já um jeito de povoado, e por toda a parte viam-se valos, lavouras, cercas, roçados, sinais, enfim, de que aqueles estrangeiros

começavam a dominar a paisagem, que de resto ali era suave e submissa. Haviam construído uma ponte sobre um riacho que cruzava aquelas terras e Otto Spielvogel já tinha posto a funcionar seu moinho d'água. Era curioso - refletia Winter - ver aquelas caras i ouvir aquelas vozes alemãs sob o céu de Santa Fé. De quando em quando passava a cavalo um caboclo moreno, de olhos e cabelos negros, parava, olhava para os colonos por muito tempo, sem dizer nada, depois esporeava a cavalgadura e seguia caminho. Carl não conseguia ler nem aprovação nem censura naquelas caras inescrutáveis.

Um dia, quando Winter fazia uma sangria num dos colonos, apareceu em Nova Pomerânia Bento Amaral montado em seu cavalo branco, com aperos chapeados, e grande botas de couro, muito pretas e lustrosas. Trazia na cabeça um chapéu de abas largas e seu pala de seda creme esvoaçava ao vento. Alguns colonos vieram a seu encontro. O coronel Amaral não quis apear. Falou com a "alemoada" de cima do cavalo, olhou em torno, fez perguntas e deu conselhos. Depois, se foi. Da janela da casa do paciente, Winter ficou a contemplar o Junker de Santa Fé, que se afastava ao trote faceiro e majestoso de seu cavalo - o busto muito ereto, o rebenque pendente do pulso por uma presilha de couro. Winter sorria. À tardinha, em certos dias, Bento Amaral costumava passear a cavalo pelas ruas de Santa Fé. "Boa tarde, coronel, como lê vai?" - perguntavam os santa-fezenses, descobrindo-se. Ele se limitava a bater com o dedo na aba do chapéu e continuava seu passeio. Se encontrava um desconhecido, fazia o cavalo estacar e gritava: "Ainda que mal pergunte, quem é o senhor?" Fosse qual fosse a resposta, a segunda pergunta era: "Que é que anda fazendo por aqui?"

Naquele dia os colonos ficaram a seguir o coronel Bento com o olhar até que ele se sumiu atrás duma coxilha. Winter esperava ouvir deles algum comentário. Os homens, porém, não disseram nada: voltaram discretamente para o trabalho. Winter achava-os ignorantes e pouco simpáticos. Em sua maioria tinham vindo para o Brasil porque achavam os impostos demasiadamente pesados em seus principados. Havia entre eles alguns que esperavam enriquecer dentro em pouco para depois voltarem para suas aldeias natais na esperança de lá ocuparem uma posição social melhor que a primitiva. Dentre todos aqueles colonos Winter gostava especialmente de Jacob Vogt, um velho de oitenta anos, natural da Vestfália. Tinha longas barbas dum branco amarelado, que lembravam as macegas dos campos em derredor da Nova Pomerânia. Completamente jdesdentado, de lábios cor-de-rosa, pele dum creme seco de marfim, olhos muito azuis, o velho Vogt morava com o filho, que era casado e por sua vez tinha oito filhos. Um dia, quando Winter veio ver uma das crianças da casa, que estava com catapora, Jacob aproximou-se dele e perguntou-lhe em

alemão, com sua voz fina e fraca, quase inaudível: - Há bruxas nesta terra?

— Bruxas? - estranhou o médico.

— Sim, feiticeiras. — E contou: - Quando eu era mocinho vi queimarem viva uma bruxa na minha aldeia.

O filho de Jacob esclareceu: - Essa é uma história que papai conta, mas que não sei se é verdade ou caduquice.

Winter sabia que os camponeses da Vestfália eram muito supersticiosos e quando adolescente ele ouvira falar num caso parecido com o que o velho Vogt lhe contara.

— Não. Em Santa Fé não há bruxas… - disse ele. E achou melhor acrescentar - … que eu saiba.

Por uma inquietadora associação de ideias pensou em Luzia. As coisas No Sobrado ultimamente pareciam ter-se azedado ainda mais que antes.

Quando lá ia nas suas visitas, Winter percebia ressentimentos nos silêncios, nos olhares, nas indiretas. O pequeno Licurgo crescia com saúde, graças ao leite da ama preta. Bibiana encarregava-se do resto. Luzia vivia a ler e a tocar cítara, e issó parecia enervar a sogra. Contava-se que havia dias em que as duas mulheres se fechavam, cada qual num quarto, e lá ficavam durante largas horas. Passavam dias e dias sem se falar, ao passo que, pálido e infeliz, Bolívar andava de uma para a outra como uma mosca tonta.

Um dia Florêncio encontrou Winter na rua e lhe contou com; calma e máscula alegria que esperava o primeiro filho para julho do próximo ano.

E quando o médico lhe falou na gente do Sobrado, Florêncio pigarreou, desviou o olhar e murmurou, sombrio: - Aquilo vai de mal a pior.

E por mais que se esforçasse, Winter não lhe arrancou nemjj mais uma palavra.

Quando, ao levantar-se uma manhã e ao ver da sua janela a paineira do quintal do vigário toda cheia de flores cor-de-rosa, o| dr. Carl Winter compreendeu que mais um outono estava por chegar. Gostava daquela estação porque descobria sempre nela uma; dignidade que as outras não possuíam.

De meados de março a meados de junho a luz era madura e cor de âmbar, e o ar, morno ao sol e fresco à sombra. O vento, que ele tanto detestava, o enervante vento que às vezes o fazia praguejar, amaldiçoando aquela terra e aquele clima - cessava por completo. Os crepúsculos faziam-se mais ricos e longos, como se Deus ou lá quem quer que fosse dispusesse de mais tinta, de mais tempo e de mais arte para pintar o céu do anoitecer. Nos quintais faziam-se fogueiras com folhas secas, e a fumaça que delas se evolava, invadindo o ar, tinha

um perfume que para Winter possuía uma qualidade nostálgica. No outono as moscas diminuíam, os mosquitos começavam a desaparecer e aquela luz generosa parecia deixar menos feias as pessoas e as coisas.

Quando Gregória apareceu aquela manhã com o chimarrão, encontrou o médico à mesa escrevendo uma carta. Winter apanhou a cuia, distraído, levou a bomba aos lábios, enquanto a negra depunha a chaleira chamuscada ao pé da cadeira do amo. Chupando metodicamente o chimarrão, Winter releu o que havia escrito: "No outono, meu caro barão, fico em permanente estado de poesia. É quando me lembro mais de Eberbach e de Trude. Mas tanto a aldeia como a moça me parecem agora ficções, elementos dum conto de fadas tão distante como a história de Hansel und Gretelque ouvíamos no tempo de meninos. Se há coisa que lamento é não saber pintar. Tenho visto crepúsculos incrivelmente belos, tão belos que é uma pena que se percam.

Alguém devia prendê-los numa tela.

"Jogo partidas de gamão com o juiz de direito e me divirto duplamente; com o jogo e com a cara de meu parceiro. O padre Otero, que parecia tão meu amigo, ultimamente deu para reprovar a vida que levo, pois não vou à missa, não contribuo com dinheiro para as obras da Igreja e de vez em quando externo minhas ideias heréticas. E sabes como se desforra? Recomendando aos paroquianos que procurem o Clotário da homeopatia ou o Zé das Ervas, o curandeiro. Continuo nas boas graças do Junker. O velho Amaral tem sete filhos, dois homens e cinco mulheres, de sorte que no casarão sempre há alguém doente, o que me obriga a visitas quase diárias.

"Quero dar-te notícias da “minha comédia”, cujo desenvolvimento acompanho com interesse de espectador que às vezes é obrigado a entrar em cena como ator. A peça tomou um novo rumo ou, melhor, mudou de cenário. Como Luzia andasse irritadiça e inquieta, recomendei a Bolívar que a levasse numa viagem de recreio qualquer. A sugestão foi aceita.

Dona Bibiana me apoiou, pois a pobre criatura estava cansada, queria respirar um pouco em paz. Depois de alguma relutância, Bolívar decidiu levar a mulher a Porto Alegre. Luzia exultou. Vivia numa permanente saudade de concertos, festas e teatros. Desde o momento em que a viagem foi resolvida, ela como que se transfigurou. Naturalmente começou a tocar cítara, e tocou as peças mais alegres de seu repertório. Os preparativos foram frenéticos. Iriam de jardineira, pelo Rio Pardo, levariam uma mucama e.

dois homens de confiança na boleia. Não preciso dizer que a notícia se espalhou rapidamente pela vila e que na hora da partida da carruagem, em princípios de janeiro último, meio mundo estava na

praça, à frente do Sobrado, olhando o grande acontecimento. Muitos vieram despedir-se. O padre, o juiz, o Alvarenga. Florêncio não se fez visível. Dona Bibiana abraçou e beijou longamente o filho e deu a ponta dos dedos à nora, que para surpresa minha e dos outros se inclinou sobre ela e lhe beijou as faces. Dona Bibiana, porém, ficou imóvel, de lábios apertados. Confesso que naquele momento tive vontade de beijar a teiniaguá. Estava linda, o contentamento dava-lhe cores vivas às faces. Houve muitos adeuses, acenos e gritos de boa viagem. E lá se foi a jardineira levantando pó pela rua em fora. Quando ela desapareceu na primeira esquina, dona Bibiana trançou o xale e antes de entrar no Sobrado me disse: Nesta província, doutor, quando uma mulher, se despede do marido, do filho, do irmão ou do noivo, nunca sabe se é por pouco tempo ou para sempre'.

"E sabes, meu caro barão, o que me impressiona nesta gente? É o ar natural, terra-a-terra com que dizem e fazem as coisas mais dramáticas. Estou começando já a descobrir diferenças entre os habitantes das várias regiões desta província. Os da fronteira são mais dramáticos e pitorescos que os desta região missioneira. Gostam de; lenços de cores vivas, falam mais alto, contam bravatas e amam os gestos e frases teatrais. Se eu tivesse de eleger o homem representativo desta região, não escolheria Bento Amaral nem Bolívar, mas Florêncio, o meu bom, discreto e bravo Florêncio Terra.

"Perdoa-me estas minúcias. Quando vivemos por muito tempo num mundo tão limitado e pobre como este, acabamos conferindo às suas intriguinhas, às suas pessoinhas e às suas coisinhas uma importância universal.

"Mas este outono, meu caro Carlos, é grande aqui como seria em qualquer outra parte do universo. Aristóteles haveria de gostar de dias e campos como estes para as suas dissertações peripatéticas.

Estou certo de que houve um erro qualquer na distribuição das raças.

Quando Deus criou o mundo, Ele destinou a esta terra outras gentes que não estas. Haverá ainda um meio de corrigir esse erro? Eis aqui uma pergunta perigosa, que nos poderá levar a complicações tremendas."

Foi nesse outono de 1856 que passou por Santa Fé um mascate judeu vendendo bugigangas. Era um homem retaco, muito vermelho, de nariz adunco e barbas louras. Alegre, conversador e bem-informado, contou, no seu português arrevesado mas fluente, coisas das terras por onde tinha andado. Conhecia o Oriente, a África e tinha visitado recentemente os países platinos.

— Sabem da última novidade? - perguntou ele um dia a um grupo na botica do Alvarenga. — Terminou a Guerra da Crimeia.

A notícia foi recebida com indiferença. Ninguém tinha ouvido

falar nessa guerra. Ninguém sabia onde ficava a Crimeia, a não ser talvez o juiz de direito e o padre, que nessa hora estavam ambos distraídos a jogar xadrez. Por isso ninguém se interessou pela notícia.

Em fins daquele mesmo outono o dr. Winter foi chamado às pressas a Nova Pomerânia para atender Otto Spielvogel, que, tendo fincado um prego enferrujado na perna - fazia já duas semanas - estava agora ardendo em febre e com muitas dores. O médico pegou a maleta, montou a cavalo e partiu a todo galope para a colónia. Examinou a perna do paciente e concluiu: Starrkampf. Chamou os membros da família e disse: - Se não cortarmos a perna do homem imediatamente ele morrerá.

A choradeira começou. Todos, porém, puseram-se de acordo em que se devia fazer a amputação. Winter pediu água fervente num tacho e dois homens decididos para o ajudarem. Mandou amarrar Otto Spielvogel fortemente a uma mesa e deu-lhe uma bebedeira de cachaça que o deixou quase inconsciente. E depois, usando o próprio serrote com que um colono estivera aquele mesmo dia a cortar barrotes para a casa, amputou-lhe a perna à altura do joelho, enquanto a mulher e os filhos do paciente choramingavam! no quarto contíguo.

Ao anoitecer do dia seguinte, voltou para casa, pois um dos filhos de Bento Amaral estava de cama e o Junker exigia sua presença à cabeceira do doente. Montou a cavalo, acendeu a vela da] lanterna e pôs-se a caminho. Como não havia lampiões nas ruas' de Santa Fé, sempre que saía à rua em noites sem lua o dr. Winter! levava sua lanterna acesa.

Durante todo o trajeto da colônia à vila desejou chegar ao quarto para tomar uns bons goles de cachaça com mel e limão. O inesperado frio úmido da noite lhe penetrava até os ossos. A garoa gelada lhe respingava o rosto, a barba, as roupas; e seus dedos estavam entanguidos sob as luvas de lã. Winter tinha ainda nas narinas o cheiro de sangue. Sentia-se como um carniceiro e amal-| diçoava sua profissão. Perdera os ferros cirúrgicos no Rio Grande: tinha de operar agora com os instrumentos mais rudimentares. E l como a medicina estava atrasada! Naquela segunda metade do século XIX eles sabiam pouco mais que os curandeiros da Idade Média. Que era que causava as doenças? Que era que originava o tétano? Ninguém podia dizer. Algumas vezes ele, Winter, dera! como perdidos pacientes que depois se erguiam da cama, curados com mezinhas caseiras ou chás fornecidos por negras velhas curandeiras.

Perto de Santa Fé a cavalgadura estacou diante dum vulto, Winter ergueu a lanterna, num sobressalto, e gritou: “Quem é lá?” Era uma vaca que ruminava placidamente, atravessada no caminho. O médico soltou uma blasfémia. O Código de Posturas Municipal dizia

claramente: “É proibido ter vacas soltas em noites escuras, salvo se levarem lanternas presas aos chifres”.

Entrou em Santa Fé no pior estado de espírito possível. Desejava calor, uma cama limpa e quente e uma boa companhia humana. Sabia que não encontraria em casa nada disso. O remédio era embebedar-se. Podia ser indigno, podia ser brutal, podia ser; sórdido. Mas era um narcótico.

Bêbedo, esqueceria a perna de Otto Spielvogel, que ele vira cair pesadamente num balde com um ruído medonho; esqueceria aquele tempo horrível, e esqueceria principalmente que ele, Cari Winter, um homem de trinta e cinco anos, formado em Medicina pela Universidade de Heidelberg, estava preso irremediavelmente preso a Santa Fé, sem coragem de abandonar aquele vilarejo marasmento e sair em busca duma vida melhor… Por quê? Por quê? Por quê? Winter fez essas perguntas em voz alta.

O cavalo seguia a passo pelas ruas. Seriam umas onze horas da noite e as casas estavam todas fechadas. Ao passar pela frente do Sobrado, Cari Winter pensou em Luzia. Havia já quatro meses que o casal tinha partido para Porto Alegre. Fazia uma semana, o estafeta que trazia a mala do Rio Pardo contara na venda do Schultz que havia irrompido em Porto Alegre uma epidemia de cólera-morbo. Cólera-morbo! Era só o que faltava! Se a peste chegasse até Santa Fé, morreriam todos como ratos - concluiu Winter. E de súbito ocorreu-lhe uma ideia: se Luzia morre de cólera o problema está resolvido, a comédia acabada. Sim, era uma solução. Bolívar sofreria muito a princípio, mas com o passar do tempo a esqueceria. Era moço, tinha a mãe para o amparar, o filho para criar. Sim, seria uma solução de mau gosto, de mau autor, mas o problema daquela gente ficaria resolvido…

Foi no momento em que pensava essas coisas que Winter viu luz numa-das janelas do andar superior do Sobrado. Fez parar a cavalgadura e ficou olhando. Avistou um vulto de mulher com uma vela na mão. Devia ser dona Bibiana. Que estaria acontecendo lá dentro? Alguém doente? Algum ladrão?

Achou que seu dever era bater à porta para ver o que se passava.

Decidiu, porém, não fazer nada disso. Fincou os calcanhares nos flancos do animal e fê-lo seguir a trote rumo de casa.

Parada no centro do patamar da escada, com uma vela acesa na mão, Bibiana escutava… Julgara ouvir um pesado arrastar de pés no casarão e saíra do quarto para ver de onde vinha o ruído. A ama de Licurgo dormia no quarto contíguo ao seu. As outras negras estavam alojadas no porão.

Um peão do Angico, homem de confiança, dormia na despensa.

Dona Bibiana esperava, imóvel, de ouvido atento. O silêncio agora era absoluto. Decerto está trovejando - concluiu ela. E resolveu

voltar para o quarto. Nesse momento o relógio grande lá embaixo começou a dar as horas. Como não esperasse aquilo, Bibiana teve a impressão de que as pancadas soavam não apenas em seus ouvidos, mas também dentro de seu peito. A primeira delas lhe causou um estremecimento. Começou a contar mentalmente. Duas… Três… Cada batida ecoava pela casa, parecia deixá-la ainda maior do que era, como se em vez de dezoito peças o Sobrado tivesse cem. Quatro… Cinco… Bibiana sentia que o coração lhe pulsava um pouco mais forte e via a vela tremer-lhe na mão.. Seis… Sete… Oito… Nove… Tinha agora a impressão de que alguma coisa ia acontecer. Dez… Devia ser meia-noite. As negras diziam que a alma do velho Aguinaldo costumava passear pela casa depois que o relógio grande dava a última badalada da meia-noite.

Onze… Doze… O som se desfez no ar e Bibiana ficou ali com aquele pequeno e débil foco de luz na mão, esperando… Seu olhar dirigiu-se para a porta do quarto que fora de Aguinaldo, e que estava fechado desde o dia da morte do velho. Foi um olhar duro e decidido, como se ela estivesse desafiando a alma do morto a aparecer. Uma viga do teto rangeu, e foi como se o silêncio subitamente se trincasse como um prato de louça. Por um momento Bibiana teve a sensação de que havia alguém às suas costas. Fez uma rápida meia-volta, mas só viu a solidão e a penumbra do patamar e sua própria sombra refletida na parede branca.

Lembrou-se das palavras de Natália: “O velho aparece de noite, anda por toda a casa arrastando uma corrente e gemendo: Rezem por mim. Rezem por mim”. Havia de ter graça - refletiu Bibiana - que nem depois de morto Aguinaldo abandonasse o Sobrado. Mas quem morre se acaba. “Vossuncê viu mesmo a alma do velho, Natália?” A voz da escrava era um ronco medroso: “Por esta luz que rne alumeia, juro que vi. Foi numa noite de tormenta. Primeiro pensei que fosse o vento. Depois ouvi a voz do velho. Rezem por mim. Rezem por mim”. Quem gostava daquelas histórias era Luzia. À noite fazia as criadas repetirem todos os casos de assombração que conheciam. Ficava arrepiada e com

medo de subir sozinha para o quarto. Mas subia, de vela na mão, tremendo, e parece que até achando gostoso aquele medo.

Bibiana voltou para seu quarto lentamente. Não temia as almas do outro mundo. Tinha medo, isso sim, das almas deste mundo. Lembrava-se das noites em que Luzia se metia em seu quarto de dormir, fechava a porta a chave e não deixava o marido entrar; o pobre rapaz ficava vagueando a noite inteira pela casa, como uma alma penada. Dessas almas é que ela tinha medo.

Entrou no quarto, fechou a porta de mansinho, aproximou-se do berço onde Licurgo dormia e ergueu sobre ele a vela. No sono a

criança movia os lábios rosados e úmidos, como a procurar o bico dos seios da mãe preta.

O comilão ainda mamava no peito, apesar de já ter feito um ano! - sorriu ela. Ficou por longo tempo contemplando o neto. Aquele ser pequenino um dia havia de crescer, fazer-se homem - um belo homem como o pai ou como o avô. (E Bibiana apressou-se a acrescentar mentalmente: avô por parte do pai.) De súbito, numa esquisita sensação de desfalecimento, que era ao mesmo tempo desagradável surpresa, apreensão e piedade-, ela pensou: o Licurgo é bisneto daquele corcunda. Odiou Aguinaldo por isso. E a figura do velhote desenhou-se-lhe no pensamento: lá estava ele com sua barba de chibo, a cabeça chata, os olhinhos de bicho… O sangue daquele monstrengo corria nas veias da criança! Bibiana aproximou mais a vela do rosto do neto. Não, não havia naquela carinha mimosa nenhum traço de Aguinaldo Silva. Licurgo podia parecer-se com a mãe, que era bonita, ou com o pai, mas nunca com o Velho. E quem garantia que Luzia era neta mesmo de Aguinaldo? A mulher do nortista não o enganava?

Bibiana apegava-se agora a essa possibilidade, esforçando-se para transformá-la numa consoladora certeza.

Licurgo ergueu de repente a mãozinha e deixou-a cair com força sobre o cobertor. Um gluglu se lhe escapou da boca, e em seus lábios se formou uma bolha de saliva.

Quem vai criar esse menino sou eu - disse Bibiana para si mesma. Se quiserem me tirar ele, eu brigo, como uma galinha defendendo seus pintos. Começou a fazer cálculos… Tinhas cinquenta anos: podia bem durar mais vinte… ou vinte e cinco, e assim veria Licurgo homem feito, encaminhado na vida. Aquele menino que tinha o sangue do capitão Rodrigo Cambará ia ser o dono do Sobrado, dos campos do Angico e de milhares de cabeças de gado. Seu peito inflou-se de contentamento e de esperança.

Bibiana olhou para a cama grande, ao lado do berço. Não estava com sono.

Sentia no peito uma coisa esquisita que não a deixava dormir. Desde que soubera da notícia da peste em Porto Alegre ficara apreensiva. Por que Bolívar não viera embora imediatamente ao saber que o cólera tinha irrompido na cidade? Por quê? Era uma peste braba, pior que o tifo e a bubônica. Bibiana cerrou os olhos e viu em seus pensamentos Luzia morta em cima duma mesa, ladeada por quatro círios, Bolívar chorando, gente cochichando: “Morreu do cólera. Morreu do cólera”. De repente a cena mudou: a jardineira chegou a Santa Fé, levantando poeira… Bolívar desceu da carruagem, todo de preto, a barba crescida, os olhos vermelhos. “Mamãe!” Atirou-se nos braços dela. E ela abraçou e beijou o filho, dizendo: "Não há de ser nada, Boli. Vossuncê - é moço ainda.

Pense no Licurgo. Não é nada". Bibiana abriu os olhos, confrangida inopinadamente pela sensação de frio deixada por uma ideia terrível que acabava de cruzar-lhe a mente. Bolívar podia morrer. Nesse caso, quem voltaria para o Sobrado era ela. Ela… toda de preto, mas de olhos secos - aqueles olhos maus de gata. Morto Bolívar, a outra podia mudar-se para Porto Alegre ou para a Corte, levando consigo Licurgo…

Venderia o Sobrado, o Angico… Não tinha apego à casa nem à estância.

E mesmo que ela ficasse no Sobrado, como ia ser a vida das duas naquele casarão, odiando-se dia a dia, hora a hora, minuto a minuto? Que ia ser do menino entre aqueles dois ódios?

Bibiana apagou a vela e sentou-se na cadeira de balanço. O quarto ficou alumiado apenas pela lamparina que com pequena chama ardia junto do berço da criança.

De braços cruzados sob o xale, os olhos cerrados, Bibiana balouçava-se devagarinho e pensava. Tinha pago pelo Sobrado um preço demasiadamente alto. Mas agora era tarde: o mal estava feito.

Voltar atrás não só seria pior como também impossível. Por assim dizer, tinha perdido o filho. Desde que casara, Bolívar não era mais o mesmo.

Andava arisco, já não se abria com a mãe, não dependia mais dela, não lhe pedia conselhos em nenhum assunto. Vivia enfeitiçado, dominado pela outra. Se a mulher fosse má sempre, todos os dias, poderia haver alguma esperança de o rapaz um dia compreender com quem se havia casado. Mas o diabo era que em certas horas - às vezes durante dias inteiros - Luzia mostrava-se amável e atenciosa não só com o marido como também com os outros. Depois, tinha estudado na Corte, sabia falar bonito, contava casos da Europa, ou então histórias que tinha lido em livros. Às vezes até recitava versos enquanto tocava cítara. Bolívar ficava olhando para ela, de boca meio aberta, e via-se que ele estava perdido de amor, que era capaz de fazer tudo que ela pedisse. Nessas ocasiões ele ficava bobo de contentamento, era o homem mais feliz do mundo, chegava até a cantar e assobiar. Mas lá de repente a mulher de novo fazia das suas. Muitas vezes ela, Bibiana, acordara no meio da noite ouvindo gritos no quarto do casal. Saía para o corredor de camisolão, pés descalços, para ver o que tinha acontecido. Nunca vira mas adivinhava o que se estava passando lá dentro. As malvadezas de Luzia não tinham mais conta. Fechava a Dita, a negrinha filha de Natália, no sótão durante dias, sem água nem comida, e de vez em quando ia lá em cima para espiar a rapariguinha pelo buraco da fechadura. Quando Bolívar ia para o Angico, ela aproveitava a ocasião para fazer essas coisas. Depois de ver bastante tempo a criaturinha sofrer, ela descia e ia tocar cítara. “Negro é bicho”

- ela dizia. “Negro não tem sentimento.”

Bibiana balouçava-se na sua cadeira e pensava… Sim, tinha pago caro demais pelo Sobrado. E só Deus sabia que ela não queria aquela casa para si mesma, mas sim para Bolívar e para os filhos de Bolívar. No fim de contas aquela terra pertencia de direito a seu pai. Se havia algum intruso no caso, esse intruso era a neta de Aguinaldo Silva.

Bibiana ouvia agora o fofo tamborilar da chuva nas vidraças. Encolheu-se toda, de frio e de tristeza.

Conheciam-se agora notícias mais detalhadas da epidemia de I cólera-morbo. Tinha sido trazida do Rio por passageiros do vapor J Imperatriz, que ancorara em fins de 1855 no porto do Rio Grande. | A peste começara nas charqueadas de Pelotas, alastrara-se pelas localidades vizinhas e atingira Porto Alegre, onde se dizia que o número de casos fatais ia além de mil. As carroças da municipalidade; andavam pelas ruas a recolher os cadáveres, que na maioria dos casos estavam de tal modo desfigurados, que se tornava impossível identificá-los. Contavam-se pormenores horripilantes. Havia pessoas que eram atacadas subitamente pelo mal e caíam fulminadas nas ruas.

Temia-se que muitas tivessem sido enterradas vivas, pois os médicos, os enfermeiros e os funcionários municipais estavam 'de tal modo cansados, tresnoitados e nervosos que nem tinham tempo para maiores verificações.

Recolhiam-se os mortos às carroçadas. Abriam-se no cemitério valas comuns onde os corpos eram despejados e em seguida cobertos de terra. O êxodo da cidade era enorme. Quem podia fugir, fugia. Havia pavor em todas as caras e em algumas pessoas a palidez e a algidez do medo eram confundidas com os sintomas da peste asiática. O barão de Muritiba, chefe do governo provincial, estava tomando providências para evitar que o mal se alastrasse pelo resto da província. Contratava médicos e enviava-os para vários municípios.

Mandou para Santa Fé o dr. Homero Viegas, que chegou um dia de diligência, reuniu imediatamente a Câmara Municipal e sugeriu uma medida que foi aceita por unanimidade: fechar a estrada da serra e evitar que por ela passassem gentes e animais vindos das cidades onde grassava o cólera.

Bibiana andava agoniada. Bolívar ainda não voltara. Suas últimas cartas eram lacônicas, mas até certo ponto tranquilizadoras: Luzia e ele estavam bem de saúde e voltariam para casa “assim que fosse possível”.

— É uma loucura, doutor! - disse ela um dia a Winter. — Eu não posso compreender. Por que é que não vieram embora logo que começou a peste?

Winter encolheu os ombros: - Nunca se sabe, dona Bibiana, nunca se sabe. Talvez tivessem surgido dificuldades.

— Dificuldades? Numa hora dessas ninguém pensa em dificuldades. A gente bota o pé no mundo. O medo da peste é mais forte que tudo.

— Há coisas mais fortes… - retrucou o médico, sem saber muito claramente a que coisas se referia. Estava um pouco despeitado, mau grado seu, por não ter sido convidado pelo dr. Viegas a tomar parte na reunião da Câmara.

— E agora, se eles fecham a estrada… - perguntou Bibiana - como é que o Boli vai passar?

— Vosmecê sabe que essas coisas levam tempo. É bom não perder a esperança.

Estavam os dois amigos na sala de visitas do Sobrado e Bibiana tinha os olhos voltados para as janelas.

— Esperança? - repetiu ela, sem tirar os olhos da rua. — Esperando vivo eu há muitos anos.

— Vosmecê não acredita no destino? Não acha que o que tem de ser traz força?

— Acho.

— Pois então? Tenha paciência. Há um ditado latino que diz que o destino conduz os que querem ser conduzidos e arrasta os que não querem.

— Eu tenho andado mais ou menos de arrasto. Nem sempre quero ir pra onde o destino me leva. — E imediatamente, sem mudar de tom: - Toma um licor?

Winter disse que não, agradeceu e se foi.

Naquele mesmo dia, ao entardecer, postada na janela da água-furtada do Sobrado, de onde se avistavam os campos em torno de Santa Fé, Bibiana viu poeira na estrada. Seu coração começou a bater num ritmo entre alegre e medroso. Pouco depois avistou uma carruagem que parecia vir das bandas do Rio Pardo. Só podia ser a jardineira de Bolívar - garantia ela para si mesma. Nunca se enganava em seus pressentimentos…

Era quase noite fechada quando a carruagem parou à frente do Sobrado.

Curiosos vieram para a praça e ficaram olhando de longe, sem coragem de ir apertar a mão daquela gente que chegava da zona da peste.

— Não deviam ter deixado a diligência entrar - murmurou um dos filhos de Bento Amaral, que estava ali por perto em cima de seu cavalo. Disse essas palavras e saiu a todo o galope na direção de sua casa.

Bolívar deu a mão à mulher para ajudá-la a descer da diligência. Luzia estava toda vestida de preto. Depois dela desceu a mucama. À boleia vinha só um dos homens: soube-se mais tarde que o outro

morrera de peste.

Parada ao portal do Sobrado, Bibiana abraçou e beijou o filho e deu molemente a mão à nora, que mal a apertou. Entraram. Cinco velas estavam acesas num candelabro no vestíbulo da escada grande. Luzia limpou com palmadas impacientes a poeira do vestido.

— Como vai o Licurgo? - perguntou.

— Vai bem - respondeu Bibiana secamente.

— Onde é que está ele?

— Dormindo.

Luzia tirou o lenço que lhe envolvia a cabeça e sentou-se numa poltrona com um suspiro de alívio.

— Que viagem horrível! - exclamou.

À luz das velas Bibiana viu a cara do filho e ficou alarmada. Bolívar estava duma palidez esverdeada e tinha os olhos no fundo.

— Está sentindo alguma coisa, meu filho? Ele sacudiu negativamente a cabeça.

— Não. Estou só um pouco cansado. Evitava encarar a mãe.

— O jantar já está pronto - avisou ela.

— Não estou com fome.

— Tem um bom churrasco de ovelha, Boli. — Gritou para a outra sala: - Natália, pode servir!

— Mas eu preciso me lavar um pouco antes de ir para a mesa… - disse Luzia.

— Pois vá. Ninguém está atacando vosmecê.

Bibiana estava ansiosa por ficar a sós com o filho. Luzia ergueu-se e, apanhando um castiçal com uma vela acesa, dirigiu-se para a escada.

Sentado numa cadeira, Bolívar descalçava lentamente as botas. Houve um longo silêncio. De pé na frente do filho, Bibiana esperava, e como ele continuasse calado por vários segundos, ela disse: - Pensei que não quisessem voltar mais. Bolívar permaneceu mudo.

— Com essa peste horrorosa foi uma loucura terem ficado tanto tempo lá.

As autoridades não deixaram vosmecês saírem? Houve algum impedimento?

Sem olhar para a mãe, irritado, Bolívar respondeu: - Não houve nada. Era uma coisa e outra e a gente ia ficando…

— Mas não tiveram medo?

— Tivemos, mãe, tivemos.

— Sou capaz de apostar como foi ela que quis ficar.

— Ora, mamãe…

— Só de maldade. Decerto queria que vosmecê pegasse a peste. Assim ela ficava viúva, vendia o Sobrado e o Angico, ia morar na Corte com o Licurgo.

Bolívar entesou o busto e tomou uma atitude agressiva: - Nem diga uma coisa dessas! A Luzia também estava se arriscando a pegar o cólera.

— Mas então por que é que não vieram antes?

Bolívar de novo se fechou no seu silêncio soturno.

Depois de algum tempo, com voz mais tranquila, perguntou: - Vai tudo bem por aqui?

— Vai.

— Nenhuma novidade?

— Nasceu o filho do Florêncio. É homem.

— E no Angico?

— Nada de novo. Não tem morrido gado. Vai tudo bem.

Bolívar sacudia a cabeça, devagarinho. Ficaram num longo silêncio: Bibiana contemplando o filho, Bolívar olhando para o soalho.

Luzia desceu, tornou a entrar na sala e aproximou-se da sogra: - O Licurgo não está no quarto… - estranhou ela. Bibiana ficou imperturbável.

— Eu sei.

— Onde botaram o menino?

— Na água-furtada.

— Na água-furtada?

— Vai ficar lá uns tempos.

— Mas por quê?

— Vosmecês vieram dum lugar que tem peste. Não quero que o menino pegue.

Luzia parecia ainda não compreender. Lançou para o marido um olhar que foi um pedido de esclarecimento. Bolívar olhou para a mãe.

— Quanto tempo ele tem de ficar lá? - perguntou.

— Quanto tempo for preciso. Bolívar ergueu-se.

— Mas a criança vai ficar sozinha lá em cima?

— A ama está junto. Não vai faltar nada pró menino.

— Mas é uma bobagem, mamãe. Nós não pegamos a peste.

— Pode ser, Boli. Mas sempre é melhor esperar.

— Foi o dr. Winter que lhe aconselhou fazer isso? - perguntou Luzia.

Sem olhar para a nora, Bibiana respondeu: - Tenho juízo suficiente pra resolver essas coisas sem precisar do conselho de ninguém.

Bolívar e Luzia entreolharam-se de novo.

A negra Natália apareceu à porta da sala de jantar.

— A comida está na mesa - roncou ela.

— A comida está na mesa - repetiu Bibiana. Fez menção de se encaminhar para a outra peça, mas Luzia deteve-a.

— E vosmecê pensa que vou chegar de viagem e não ver o meu

filho? Pensa que vou passar dias sem ver o Licurgo?

— Penso.

— Pois está enganada. Vou já já subir à água-furtada. Encaminhou-se de novo para a escada.

— Não adianta - disse a outra. — Fechei a porta a chave.

— Onde está a chave?

— Não digo.

— Bolívar! Obrigue sua mãe a me dar essa chave. Bolívar ergueu-se.

— Mamãe…

— Não adianta, meu filho. Não dou.

— Bolívar! - exclamou Luzia. E na penumbra da sala seus olhos fuzilaram como os de uma gata. — O filho é nosso!

Bolívar aproximou-se da mãe, pegou-lhe da mão, tentou falar com calma.

Mas havia em sua voz uma falsa doçura que mal encobria a raiva crescente.

— Escute, mamãe. Não vamos brigar. A Luzia quer ver o menino. Só por um momento, não é, Luzia? - Lançou um olhar para a mulher, que não fez o menor sinal de assentimento. — Ela promete não pegar o Licurgo, só olhar… olhar de longe, não é, Luzia?

Luzia estava parada junto da porta do vestíbulo, com o castiçal na mão.

Nos seus olhos havia uma expressão de frio ódio.

— A comida está na mesa - repetiu Bibiana, esforçando-se por falar com naturalidade.

Fez meia-volta e dirigiu-se para o comedor.

— Diga pra essa velha amaldiçoada que me dê a chave!

Luzia não pronunciou estas palavras: cuspiu-as. A sogra, porém, continuou a caminhar, sem voltar-se, e foi sentar-se à mesa. Descalço, os braços caídos, um pouco encurvado, Bolívar encaminhou-se também para a sala de jantar. Luzia continuou na outra peça por alguns instantes: a vela tremia-lhe na mão, o espermacete pingava no soalho. De repente ela gritou: - Bolívar, vá já arrombar aquela porta!

Ele não respondeu. Sentou-se à mesa, de cabeça baixa.

— Não seja covarde, Bolívar! Não se deixe dominar por essa mulher.

Bibiana tinha as mãos caídas sobre o regaço. Seus lábios tremeram por um instante.

— Quer sopa, meu filho?

— Esta casa é minha - dizia agora Luzia com uma fúria que quase não lhe permitia completar as palavras. — Foi feita com dinheiro do meu avô.

Vocês são dois intrusos! Intrusos! O filho também é meu. Os

móveis são meus. Tudo que está aqui dentro é meu. Eu odeio vocês! Odeio esta vila! Odeio esta província!

A vela que Luzia tinha na mão apagou-se. Ela arremessou o castiçal contra o vidro da vidraça, que se espedaçou. Bibiana ergueu os braços, destampou a terrina de sopa e tornou a perguntar - Sopa, meu filho? Bolívar não respondia.

Luzia avançou até a porta da sala de jantar. A raiva desfigurava-lhe o rosto, como se ela tivesse sido subitamente atacada duma peste.

Bibiana nem sequer ergueu os olhos para a nora. Luzia gritou: - Me dê imediatamente essa chave, sua cadela!

Bolívar ergueu-se tão abruptamente que a pesada cadeira em que estava sentado tombou para trás com um ruído surdo. Deu dois passos rápidos na direção da mulher, agarrou-a violentamente pelos braços e sacudiu-a.

— Cadela é tu! É tu! É tu!

E repetindo essas palavras, continuava a sacudi-la. Luzia esforçava-se por desvencilhar-se do marido. Ergueu os braços e fincou as unhas no rosto dele, que começou a sangrar. : Enfurecido pela dor, Bolívar esbofeteou a mulher, uma, duas, três, muitas vezes, alternadamente com as costas e a palma da mão. Luzia deixou cair ambos os braços. Seus joelhos se vergaram e ela foi deslizando devagarinho para o chão, até ficar sentada, com urfl3 lado da cabeça e o braço direito encostados no encaixe da porta. A expressão de ódio que havia em seu rosto deu lugar a uma serenidade triste: agora as lágrimas lhe rolavam pelas faces, os soluços' lhe sacudiam os ombros e ela ali estava como uma menininha que! acabasse de ser injustamente castigada pelo pai. Bolívar olhava estupidamente para a mulher, arquejante, a baba a escorrer-lhe da boca entreaberta.

— Meu filho! - exclamou Bibiana pondo-se de pé e encarando o rapaz com um olhar duro. — Isso não se faz! Onde se viu um homem bater numa mulher?

Por alguns segundos Bolívar ficou assim como que acuado, a olhar aflito da mãe para a esposa. Por fim fez meia-volta e saiu a correr na direção da escada, onde seus passos soaram fortes e apressados.

Bibiana olhava para a nora sem saber que fazer nem dizer. Botar-lhe arnica na cara? Dar-lhe um chá de folhas de laranjeira? Quis adoçar a voz e dizer-lhe uma palavra de consolo. Mas quando deu acordo de si estava dizendo: - Quem semeia ventos colhe tempestades. Virou-lhe as costas e saiu também da sala.

Na manhã do dia seguinte correu pela vila uma notícia sensacional: a Câmara Municipal, por sugestão do coronel Bento Amaral, declarara o Sobrado de quarentena, isolando-o da cidade; seus moradores, desde os patrões até a negrada da cozinha, foram

notificados de que estavam positivamente proibidos de deixarem a casa durante quarenta dias a contar da noite anterior. Para que a quarentena fosse observada com rigor, postaram-se guardas armados ao redor do casarão, com ordens - murmurava-se - de atirar na primeira pessoa que saísse pelas portas ou janelas do Sobrado, ou que tentasse saltar seus muros.

Os santa-fezenses em sua maioria aprovaram a medida. Bolívar - diziam - tinha procedido mal, pondo em risco a segurança de Santa Fé. Devia ter ficado no Rio Pardo, ou então, em último caso, seguido para o Angico.

Mas na loja do Alvarenga comentou-se que tudo aquilo era apenas uma "birra do velho Amaral". No fundo a coisa não passava dum acinte, duma provocação. Ele ainda não esquecera que Bolívar era filho do homem que não só lhe roubara a mulher que ele amava como ainda por cima lhe deixara a marca na cara. Também não perdoava ao falecido Aguinaldo o ter

construído um sobrado tão grande e confortável que deixara o seu famoso casarão "achicado", num segundo plano.

Muitas pessoas vinham agora para a praça olhar o Sobrado. Reconheceram nos guardas que o cercavam peões da estância do velho Amaral. Estavam eles sentados debaixo das árvores, conversando, com o olho posto na casa de Bolívar, cujas janelas e portas permaneciam fechadas.

No segundo dia de quarentena o dr. Carl Winter, depois de muito instar com o senhor de Santa Fé, conseguiu licença para, entrar no Sobrado.

Seu melhor argumento foi o de que alguém, no fim de contas, tinha de ir ver se havia algum pesteado lá dentro, e que a pessoa mais indicada para isso era ele, o médico da família. O sino da capela batia as primeiras badaladas da ave-maria quando os curiosos viram o doutor atravessar a praça com seu andar de girafa e bater à porta do Sobrado.

Viram também quando a porta se abriu e o alemão entrou.

— Suba, doutor - disse Bibiana. Subiram lado a lado os degraus que levavam do portal ao soalho do vestíbulo. Winter tirou o chapéu.

— Vim ver se estão precisando de meus serviços aqui.

— Estão?

— Alguém doente?

— Do cólera, não. Mas passe aqui pra sala. Sente-se.

O médico sentou-se. A sala estava sombria, de ar enfumaçado, e cheirava a incenso.

— Onde está o Bolívar?

— Lá em cima, no quarto dos fundos. Está lá desde ontem, fechado a chave. Não come, não bebe, não fala com ninguém.

— Mas que foi que aconteceu?

Bibiana contou-lhe em voz baixa, sem omitir nada, tudo quanto se passara ali no Sobrado após a chegada do casal. Winter escutou-a em silêncio, com ar reflexivo, e de quando em quando coçando o queixo.

— É o diabo - murmurou ele, mais para si mesmo que para a interlocutora.

— Que foi que vosmecê disse?

— Digo que é o diabo…

— Agora não adianta chorar. É preciso a gente fazer alguma coisa.

— Como vai a criança?

— Bem. Continua encerrada na água-furtada.

— E a mãe?

— Está no quarto dela, também fechada a chave. Hoje de manhã desceu, me deu bom-dia e me pediu desculpa das coisas que me disse ant'ontem. Eu respondi: “Palavras loucas, orelhas moucas”.

O médico sorriu.

— Moucas? Que é isso? Bibiana encolheu os ombros.

— Sei lá! É um ditado. Quer dizer que a gente não deve dar ouvidos quando os loucos falam. Mas como eu ia dizendo, ela pediu café pra Natália e depois voltou pró quarto. Levou a cítara. De vez em quando toca. Não é bem louca mesmo?

Winter sacudia a cabeça dum lado para outro, perdido em dúvidas. A situação complicava-se. E com que frequência na vida o dramático e o grotesco se juntavam e saíam a pular de mãos dadas!

— Nenhum deles viu ainda o filho?

— Nenhum. Eu não deixo. A vida da criança é mais importante que tudo mais.

— E que é que vosmecê quer que eu faça?

— Quero que fale com o Bolívar. Pode ser que ele lê ouça. Tenho muito medo que ele faça alguma loucura. É genioso como o pai. Tenho tanto medo que de hora em hora vou bater na porta, e só fico sossegada quando ele me responde lá de dentro.

Winter habituara-se a sempre falar claro com Bibiana.

— Quer dizer que vosmecê tem medo que ele se mate?

— É. Que se enforque. Desde que enforcaram o Severino ele vive com essa ideia na cabeça.

— A ideia de se enforcar?

— Não. A mania de falar em forca. Sonha com gente enforcada.

Winter pediu licença para acender um charutinho. E quando já o tinha aceso e apertado entre os dentes, disse: - O Bolívar é um homem que gosta muito da vida. Pessoas" assim não se matam. Além de tudo, ele tem loucura pelo filho e há de querer pelo menos ver o menino crescido.

Bibiana fez uma careta de dúvida e perguntou: - O senhor acha mesmo ou está dizendo isso só pra eu ficar sossegada?

— Está claro que acho.

Por que estou metido nisso? - perguntou Winter de repente a si mesmo.

Bibiana olhou para os lados com ares misteriosos e disse em voz baixa: - Doutor, alguma coisa aconteceu em Porto Alegre que dei-] xou o pobre rapaz desnorteado. Depois dessa viagem parece que tudo ficou pior. E eu tenho medo que ele acabe ficando com ódio| de mim, porque afinal de contas foi por minha causa que ele surrou a mulher.

Winter ergueu-se.

— Acho melhor eu ir conversar com ele.

— Quer ir agora?

— Vamos.

Encaminharam-se para a escada e subiram os degraus em silêncio. No patamar, lá em cima, Bibiana fez com a cabeça um sinal na direção duma porta fechada.

— Ela está lá dentro.

Seguiram pelo corredor mal-alumiado e finalmente chegaram a uma outra porta.

— Eu vou descer, doutor. O senhor bata, entre, fale com ele, dê conselhos, veja se pode fazer alguma coisa.

Winter limitou-se a sacudir a cabeça, num assentimento, e depois que viu a mãe de Bolívar afastar-se no corredor bateu à porta. Não teve resposta. Tornou a bater. De dentro do quarto veio uma voz abafada.

— Quem é?

— Sou eu. O dr. Winter.

— Que é que quer?

— Faça o favor de abrir.

O médico ouviu sons de passos que se aproximavam da porta. De repente eles cessaram e Winter teve a impressão de sentir a presença do outro através da madeira: chegava quase a ouvir-lhe a respiração ansiada.

Teve receio do que ia ver. Quase se arrependeu de ter vindo. Aquela gente era teimosa, difícil; seu raciocínio sem sutilezas seguia uma inflexível linha reta, era como um boi enfurecido que leva tudo por diante. Selvagens! Eis o que eram. Selvagens! Mas no fundo Winter sentia que seu refinamento europeu não passava dum eterno assobiar no escuro, dum permanente fugir aos problemas. Aqueles homens rudes da província pelo menos davam nome às coisas e não se envergonhavam de seus sentimentos.

— Bolívar! - tornou a dizer. — Faça o favor de abrir. Só por um instante.

A maçaneta moveu-se e a porta entreabriu-se. Na fresta apareceu em penumbra metade do rosto de Bolívar.

— Que é que o senhor quer?

— Duas palavras.

Houve uma leve hesitação do outro. Por fim ele abriu a porta por completo e disse: - Entre.

O alemão entrou. As janelas estavam fechadas, o quarto escuro, e andava no ar viciado um cheiro azedo de suor humano muitas vezes dormido.

Winter caminhou para uma das janelas, abriu os postigos e ergueu a vidraça. A luz e o ar frio da tarde entraram no quarto. Era uma peça quase nua, onde havia uma cama-de-vento, duas cadeiras e um velho baú de lata. A um canto se via uma roca antiga, de pedal quebrado.

— Quem foi que mandou abrir a janela? - perguntou Bolívar.

Estava de barba crescida, olhos injetados, em mangas de camisa, pés descalços, as bombachas brancas amassadas. Envelheceu vinte anos - pensou Winter, contemplando o rapaz.

Foi com voz calma que disse: - Um médico nunca pede licença para fazer essas coisas.

— Mas eu não mandei chamar nenhum médico.

Winter respirou fundo, como para dominar seu desejo de dar uma resposta violenta.

— Olhe, Bolívar, não vamos perder tempo com bobagens.

E ao dizer essas coisas notou que quando se comovia seu português piorava, seus erres se faziam mais rascantes, ele trocava o b i pelo p e por nada deste mundo conseguia pronunciar direito o ao. Mas prosseguiu: - Sei de tudo que se passou nesta casa. Sua mãe me contou, Bolívar olhava-o, num desafio, como quem diz: “Contou? E daí?”

— Vosmecê talvez não saiba - prosseguiu Winter quando nós recebemos o diploma, fazemos um juramento solene de guardar o segredo profissional.

Nada do que um cliente me diz eu posso contar a outros. Nada. Estou aqui não só como seu amigo, mas principalmente como médico da casa.

Deu dois passos na direção do rapaz. Sentia agora que o hálito do outro cheirava a cachaça. Com o canto dos olhos viu uma garrafa junto da cama.

— Por que não vamos nos sentar e conversar com calma.

Puxou uma cadeira e sentou-se. Bolívar hesitou um instante e depois se recostou na cama.

— Vamos fumar? - convidou o médico.

— Não tenho fumo nem palha.

— Eu tenho - replicou Winter, tirando do bolso um maço de

palhas e um pedaço de fumo em rama.

A voz de Bolívar mudou por completo, tornou-se calma, natural e - estranho! - quase trocista quando ele perguntou: - Então sempre resolveu fumar os nossos crioulos? Winter soltou uma risadinha rápida.

— A gente se habitua a tudo.

Bolívar pegou o fumo que o médico lhe dera, apanhou a faca que tinha debaixo do travesseiro, e começou a fazer um cigarro.

Winter observava-o com o rabo dos olhos, enquanto fingia examinar o quarto.

— Vosmecê e sua mulher tiveram sorte… - disse ele, depois de algum tempo.

— Sorte? Por quê?

— Andaram no meio dos pesteados e não pegaram a doença. Bolívar baixou os olhos.

— É melhor a gente não falar nisso.

— Mas nós temos que falar em alguma coisa! - exclamou o médico, quase exaltado. — Será que lhe falta coragem para enfrentar o assunto?

— Não é questão de coragem.

— Então de que é?

— É que não adianta falar.

— Adianta, sim.

Winter bateu a pedra do isqueiro e quando o pavio estava aceso aproximou-o do cigarro que o outro tinha preso entre os dentes.

Guardou no bolso o pedaço de fumo e o pacotinho de palha e fez uma pergunta brusca: - Por que é que está metido neste quarto?

— Porque quero.

— Era essa mesma a resposta que eu esperava. A resposta dum homem macho.

Estou porque eu quero. Mas isso não esclarece nada. As crianças também respondem assim. Vamos, fale com franqueza. Fugir a um problema não é resolver esse problema. Por que é que está metido neste quarto? Não vê que não pode passar o resto da vida assim? Mais cedo ou mais tarde tem de descer. Vosmecê precisa comer, beber, fazer as suas necessidades.

Vosmecê é o chefe desta casa. Não compreende que essa atitude não resolve nada?

Bolívar sacudia a cabeça com impaciência. Tirou uma baforada de fumo e depois cuspiu no chão com força.

— Eu sei, eu sei. Mas é que sou um homem de vergonha. Ontem bati no rosto da minha mulher. Estou envergonhado.

homem não dá em mulher. Só um covarde. Me portei como um covarde. Eu devia mas era queimar estas mãos…

Abriu ambas as mãos, de palmas voltadas para o alto, e mirou-as com rancor, como se só elas tivessem culpa de tudo quanto acontecera.

Winter sacudia a cabeça e coçava freneticamente o queixo.

— Vosmecê não conhece ainda a mulher com quem vive? Não sabe que ela é doente e que sente prazer em fazer os outros sofrerem?

Apontou para a cicatriz de queimadura na mão de Bolívar.

— Isso aí, por exemplo…

— Me queimei no fogão…

— Não é verdade. Eu sei de tudo. Não se esqueça que sou médico e não nasci ontem.

A voz lhe saíra incisiva e dura. Ergueu-se e foi até a janela. Olhou para as árvores do pátio, tão calmas e belas àquela hora, e ficou um instante a aspirar o cheiro leve e claro da tardinha.

— Por que foi que demoraram tanto em Porto Alegre? - perguntou Winter de repente, sem se voltar para o interlocutor.

— Porque eu quis.

O médico fez meia-volta: - Diga antes: porque Luzia quis.

— Pois se o senhor sabe de tudo por que é que pergunta? Winter tentou outra tática.

— Seja homem, Bolívar, encare o seu problema de frente. Ficar brabo não adianta nada. Os homens desta província parecem achar que podem resolver tudo a gritos, tiros ou facadas.

Bolívar pitava em silêncio, olhando para o chão. Por muito tempo ficou assim, como que esquecido da presença do médico. Depois mudou de posição na cama, cruzou as pernas e disse com voz magoada: - É uma história muito triste e muito comprida, doutor.

— Um médico está habituado a ouvir histórias tristes. Não tenho nenhuma pressa. Pode contar.

— Por que vosmecê abriu tanto a janela?

— Para entrar ar fresco e um pouco de sol.

— Não podia fechar um pouquinho?

Winter compreendeu. Ergueu-se e fechou os postigos, deixando apenas uma fresta por onde entrava agora uma estreita faixa de sol.

— Há coisas que um homem tem vergonha de contar, doutor.

Honra e vergonha… - pensou Winter. Como os homens do Rio Grande falavam em honra e vergonha! Honra manchada lava-se com sangue. Havia uma lei que proibia os duelos, mas os duelos se realizavam assim mesmo, a tiros, a espada, a adaga. O dr. Nepomuceno falava com solenidade em Justiça, mas aqueles homens realistas não confiavam em juizes e tribunais. Resolviam suas pendências pelas armas: faziam justiça pelas próprias mãos.

— Escute aqui, Bolívar. Se vosmecê tivesse uma dessas doenças…

pegadas… compreende?. . . dessas que a gente tem vergonha de

contar, que é que fazia? Sofria calado e ficava estragado para o resto da vida ou ia contar tudo ao médico?

— Contava tudo ao médico. Mas o caso aqui é diferente, doutor.

— Não é muito. Veja bem. Luzia é uma mulher doente, doente do espírito.

E vosmecê vai acabar também doente da cabeça se continuar nessa atitude.

— Que é que vou lhe contar? Vosmecê pelo jeito já sabe de tudo.

— De tudo não. Conte o que foi que aconteceu em Porto Alegre.

Bolívar mordia com força o cigarro apagado. Depois deixou-o cair no chão, apertou uma mão contra a outra, entrelaçou os dedos.

— Só depois que começou a peste lá em Porto Alegre é que eu vi com quem tinha casado. Dizem que o pior cego é o que não quer ver. Eu andava cego, assim como enfeitiçado. Muitas vezes quando Luzia brigava com a mamãe eu ficava do lado de Luzia. Cheguei até a ficar meio indiferente com o Florêncio por causa dela. Agora o Florêncio nem entra mais nesta casa.

Calou-se, como que engasgado. Vendo que o outro não prosseguia, Winter quis ajudar a narrativa e antecipou: - Vosmecê descobriu que todas aquelas coisas horríveis, gente sofrendo e morrendo nas ruas, tudo aquilo para sua mulher era mesmo que uma festa, não foi?

Bolívar sacudiu a cabeça numa lenta afirmação.

— Logo que ficamos sabendo da peste eu quis vir embora. Ela ficou furiosa. Disse que não tinha feito aquela viagem cansativa só pra passar um mês em Porto Alegre. Quando falei que a gente podia pegar o cólera, ela me chamou de covarde. Assim, fomos ficando. Eu andava desnorteado, desconfiava da água que bebia, das coisas que comia. Não podia dormir de noite. Sentia por todos os lados cheiro de morte, de podridão. Mas Luzia andava contente. Ficava na janela olhando as pessoas que caíam na rua. Às vezes ia pra fora pra esperar a carroça que vinha recolher os defuntos, ia olhar de perto a cara deles… Uma vez chegou a entrar numa casa onde estavam velando um morto; não conhecia ninguém mas foi direito ao caixão e tirou o lenço da cara do defunto e ficou olhando.

Fazia todas essas coisas mas de noite, na cama, tremia e chorava de medo. E quando eu convidava pra vir embora, ela não queria. “Só mais uns dias, Boli” - ela dizia - “só mais uns dias.”

— E que era que vosmecê achava de tudo isso?

— Ora, doutor, às vezes eu tinha vontade de surrar ela, de pegar ela à força, botar dentro da jardineira e vir embora. Outras vezes ficava com pena, principalmente quando de noite ela se agarrava em mim, começava a tremer e a choramingar.

Winter sacudia a cabeça. Tudo aquilo parecia puro melodrama.

— Foi então que me convenci que tinha casado com uma mulher louca. E o pior era que eu continuava louco por ela. Vosmecê não pode imaginar como os homens lá em Porto Alegre olhavam pra Luzia. Uma noite no teatro um capitão dos Dragões não tirava os olhos dela. Eu até quis ir tirar uma satisfação…

Winter aprendera que naquela província a expressão "tirar uma satisfação" equivalia quase sempre a um desafio para duelo.

— Pois esse homem depois vivia rondando o hotel onde nós estávamos morando. Fiquei sabendo que o tal capitão se chamava! Paiva… Não sei o quê Paiva. Descobri que morava na Rua da Olaria… Eu estava disposto a ir falar com ele pra acabar duma vez com aquela história. Foi quando a peste começou forte. Por fim eu já não sabia o que fazer. Um dia comecei até a pensar que a Luzia não queria vir embora por causa desse capitão. Senti o ciúme assim como uma facada no peito.

— Mas vosmecê acha que ela estava interessada no capitão?

— Como é que a gente vai saber o que uma mulher como a Luzia está sentindo? No teatro vi que ela também olhava pra ele, que estava gostando de ser olhada. Um dia peguei ela perto da janela do quarto, olhando pra rua, e vi o capitão parado numa esquina. Desci como uma bala. Quando cheguei lá embaixo ele tinha desaparecido. Aí se passou uma coisa engraçada. Depois disso quem não queria vir embora era eu.

Precisava primeiro agarrar o tal capitão…

Bolívar calou-se. Winter esperava, com o toco de charuto apagado no canto da boca.

— Eu não devia lhe contar essas coisas, doutor.

— Por que não?

— Porque há coisas que um homem não conta nem pró pai nem pra mãe, nem pró melhor amigo.

Ergueu-se de repente, caminhou até um ângulo do quarto, ficou junto da velha roca e sua mão distraída começou a fazer a roda girar. Era um canto sombrio. Como que se sentindo protegido pela penumbra, Bolívar continuou: - Mas eu preciso contar isso pra alguém. Preciso desabafar. Não é mesmo?

Uma tarde a Luzia saiu e disse que ia na costureira. Mas quem é que se lembra de fazer vestido no meio da peste? Todo mundo andava louco de medo. Quem podia fugir, fugia. As casas de negócio estavam fechadas.

Ninguém queria sair na rua de medo de ter um desmaio, cair e ser levado como morto pró cemitério. Pois Luzia nessa tarde saiu. Menti que estava me sentindo mal e disse que ia ficar no hotel. Mas na verdade fui seguindo a minha mulher, seguindo. Ela entrou na Rua da Olaria. Vai se encontrar com o capitão - pensei. Vi que tinha de matar

os dois. Vosmecê não imagina como meu coração batia. Mil vezes uma guerra, um entrevero, uma carga de lança… Mil vezes um combate bem brabo do que aquela situação. Porque eu vi que podia cortar o corpo do capitão em mil pedaços, mas que não ia ter coragem de fazer nada pra Luzia. E que ia continuar vivendo com ela depois de tudo…

Para deixar o outro mais à vontade, Winter não olhava para ele.

— Pra encurtar a história, doutor, a Luzia parou na frente duma casa cor-de-rosa da Rua da Olaria. O senhor sabe, lá na capital as casas têm número. Era o 165. Me lembro bem. O 165. A porta estava meio aberta. A Luzia entrou. Esperei um pouco, entrei também. O corredor estava escuro.

Subi a escada devagarinho, com a cabeça latejando, ia meio catacega, meio transtornado. Primeiro não entendi o que estava acontecendo. Tinha muita gente por ali, conversando baixinho. A Luzia estava de branco. Vi aquele vulto claro na sala meio escura. Depois é que compreendi que era um velório. Espiei por cima do ombro dum homem e vi quando a Luzia chegou perto do caixão, tirou o lenço do rosto do defunto e ficou olhando. Custei um pouco a reconhecer o capitão Paiva. Estava muito desfigurado. Fiquei com as pernas moles, fiz meiavolta e até agora não sei como saí daquela sala. Naquele dia tomei uma bebedeira braba, dessas de cair. Quase me levaram na carroça, pensando que eu estava pesteado.

— Bolívar fez uma pausa. Encostou-se na parede, como que subitamente cansado. — Dois dias depois foi a Luzia que me convidou pra vir embora.

Disse que estava com saudade do Licurgo.

Winter ficou por um instante num silêncio reflexivo. Depois perguntou: - E que foi que vosmecê disse a sua mulher, depois que ela voltou para a pensão naquela tarde?

— Nada.

— E ela não sabe que vosmecê a seguiu?

— Não sei. Acho que não.

— E até hoje não tocaram no assunto?

— Até hoje… Agora eu me arrependo de não ter falado. Porque desde ontem estou aqui sozinho pensando, matutando. Passei a noite de olho aceso, me lembrando daquilo. Luzia olhando pró morto… Se ela sabia onde o capitão morava era porque tinha estado lá antes, vosmecê não acha? Rua da Olaria, 165… vosmecê não acha?

— É possível até que ela nunca tenha falado com esse homem. Decerto ouviu dizer que o capitão tinha morrido e teve vontade de ir ver o corpo dele…

— Pode ser. Mas não sei. Quero deixar de pensar nisso e não posso.

— Sabe o que estou pensando? É que Luzia fez tudo isso de pura

malvadeza. Ela sabia que vosmecê ia segui-la. Viu quando vosmecê entrou na casa…

Bolívar tornou a dar um tapa brusco na roda da roca.

— O doutor quer dizer que ela nunca teve nada com esse tal capitão Paiva?

— Exatamente. Bolívar sacudiu a cabeça.

— Isso é bom demais pra ser verdade. Mas de qualquer jeito eu devia ter falado com ela naquele dia. Agora é tarde. Não tenho nem coragem. Mas essa coisa não me sai da cabeça.

Winter aproximou-se da janela e jogou fora pela fresta o toco de charuto.

— Mas essa não é a pior parte do assunto, Bolívar. Faça o possível para esquecer isso.

— Mas ela é louca, não é, doutor? - perguntou Bolívar de repente, e no tom de sua voz havia como que uma súplica: era como se implorasse uma resposta negativa.

— É uma pessoa doente e como tal tem de ser tratada.

— Mas eu gosto dela, não posso viver sem ela, nunca vou ter coragem de mandar a minha mulher pra um hospício.

Winter estava perplexo. Não sabia que dizer. Era uma situação com que nunca se havia defrontado em toda a sua vida. Poderia a propósito dela fazer reflexões filosóficas, recorrendo a um palavrório bonito. Mas para um homem como Bolívar, tinha de dar uma solução prática, concreta, clara.

— Temos que pensar… - disse, ao cabo de alguns segundos de reflexão. — Temos que pensar… - E achou-se tolo, ignorante e impotente. — Mas a primeira coisa que vosmecê tem a fazer é deixar este quarto e retomar sua vida. Não se esqueça que é o homem desta casa, o chefe. Com o tempo havemos de descobrir uma solução…

Aquilo era uma promessa vã, uma mentira. Sabia que acharia paliativos para aquele problema, mas nunca uma solução. Se a ciência curava casos como o de Luzia, essa ciência não estava a seu alcance; ele a ignorava.

— Com o tempo? - repetiu Bolívar, saindo de seu canto escuro. Por um momento ficou dentro da fita luminosa de sol, que lhe acentuou a palidez amarelada. — Mas vosmecê não compreende que está tudo de pernas pró ar?

O menino fechado lá na água-furtada, a casa de quarentena…

— A quarentena há de passar.

— Mas é um abuso! O Bento Amaral fez isso porque não gosta de mim. Era inimigo de meu pai. Tem raiva do Sobrado.

— O dr. Viegas concordou com a medida.

— O dr. Viegas já está dominado pelo velho Amaral. Todo mundo aqui diz amem a esse patife.

— Tenha paciência, Bolívar. Não junte mais esse problema aos outros que são muito mais sérios.

— Mas é que preciso sair daqui, ir ao Angico ver como estão os meus negócios. Muita coisa pode acontecer em quarenta dias. E vosmecê já pensou no que é a gente ficar aqui fechado dentro de casa, depois de tudo que aconteceu? Já pensou?

Winter ergueu-se.

— Vou falar com o coronel Amaral e dizer que não há perigo de vosmecês terem pegado a doença. Todo mundo sabe que tem chegado gente do Rio Pardo todos os dias. Vou pedir que acabem com a quarentena.

— Não peço favor pr'aquele canalha.

— Não se preocupe. Farei o pedido em meu próprio nome.

— E se ele não atender?

— O remédio é esperar com paciência. A casa está cercada de guardas.

— São os bandidos do Bento Amaral, os capangas dele. Eu conheço. É o Dentinho de Ouro, que matou três homens na Soledade. E o Quinzote, que degolou um velho na Vacaria. Conheço bem essa corja. Estão armados e de guarda por aí. O Bento Amaral pensa que tenho medo dos apaniguados dele. Winter pôs a mão no ombro de Bolívar.

— Olhe aqui, meu amigo. Desça, tome um banho, um bom chimarrão e alimente-se direito. Sua mãe está aflita por sua causa. Ela tem medo…

Calou-se abruptamente.

— Medo que eu faça alguma loucura?

— Medo de que vosmecê se enforque.

— Só se eu estivesse louco. Preparar uma corda, fazer o laço, escolher um ramo de árvore, botar o pescoço na corda e depois… Não. Leva muito tempo. Só se eu estivesse louco. — Encarou o doutor bem de frente. — Vosmecê acha que estou correndo o perigo de ficar louco?

— Absolutamente. Vosmecê é um homem normal. Só está um pouco apaixonado.

Mas isso passa. Principalmente se fizer o que digo. Reaja, pense assim: sou moço, não estou em nenhuma dificuldade financeira, tenho um filho bonito e são…

— Tudo isso é fácil de dizer, doutor. Mas não sou nenhuma criança que o senhor pode engambelar pra fazer tomar óleo de rícino.

— Quer dizer então que vosmecê acha mais fácil entrar numa carga de cavalaria e atirar-se em cima dum quadrado de soldados de baionetas caladas?

— Acho, doutor. Vosmecê disse uma coisa agora que… Pois é.

Uma guerra resolvia tudo. Se houvesse uma guerra eu ia. Era o mesmo que deixar a coisa correr. O destino que resolva. Meu pai tinha razão. Guerra é remédio pra tudo.

— Não diga tamanho absurdo!

— Eu digo o que sinto. Mil vezes uma boa guerra.

E dizendo isso dava tapas nervosos e repetidos na roda da roca, fazendo-a girar.

Alguns minutos depois Winter desceu. Bibiana esperava-o na sala de visitas.

— Então? - perguntou ela.

— Não tenha medo - respondeu o médico. — O Bolívar não vai se enforcar.

No fundo ele ama a vida. Tenha paciência. Vamos dar tempo ao tempo, como se diz por aqui. O tempo é um remédio infalível.

— Tempo é remédio de pobre.

Winter apanhou o chapéu e já no vestíbulo disse: - Ele prometeu descer e fazer o possível para encarar a situação com calma. Vou pedir ao coronel Amaral que acabe com a quarentena. Não há razão para isso.

— Vosmecê acha que ele acaba?

— Acho.

— Pois eu duvido.

O médico estendeu a mão para Bibiana, que a apertou de leve, rapidamente, à maneira das mulheres da província, que pareciam temer que as mãos de homens estranhos lhes transmitissem alguma doença.

Vinham agora lá de cima os sons da cítara de Luzia. A teiniaguá tocava uma valsa. Meio desconcertado, Winter lançou um olhar rápido para Bibiana, abriu a porta e saiu.

Por aqueles dias Cari Winter escreveu a Von Koseritz: "Espero que o meu caro barão tenha realizado os seus sonhos, que seu jornal seja um sucesso e a escola outro. Quanto a mim, sou um fracassado. O médico da municipalidade tem agora as preferências do nosso Junker local. O Sobrado continua de quarentena, já vai para uma semana. Devo dar graças por me permitirem entrar e sair de lá à vontade. Bolívar anda irritado, considera-se vítima duma intriga política e já fala em duelo. Falei com Florêncio, perguntei-lhe que podíamos fazer para evitar um conflito.

“Nada” - me respondeu ele. E explicou que se um Terra é teimoso, um Terra com sangue de Cambará é uma mula, e uma mula coiceira. (Foi essa a expressão que ele usou.) Parece mesmo que da parte do velho Amaral o que há mesmo é birra, desejo de desmoralizar Bolívar. O dr. Nepomuceno recusou-se a interceder em favor do rapaz. O padre Otero nem quer ouvir as minhas razões. E lá está aquela gente ilhada

no Sobrado e, pior que isso, ilhada cada um em si mesmo. O meu caro amigo já reparou que, em última análise, uma pessoa não passa duma porção de paixões, cercada de incompreensão por todos os lados? Este pequeno arquipélago de Santa Fé não está propriamente no mar Tenebroso, mas sob sua aparência de quietude e rotina tem também seus dramas. E eu, como médico, faço o curioso papel de lançadeira, indo e vindo a conduzir a frágil linha que costura esse tecido dramático. Creio que estou ficando literato, tão literato que não se admire o meu bom amigo se um dia eu lhe mandar sonetos ou pensamentos filosóficos para seu jornal. Pois dramas não faltam por aqui, meu caro. Eu os vejo, eu os cheiro, eu os ouço, eu os apalpo. Há dramas no casarão do velho Amaral. Dramas nas casas dos colonos da Nova Pomerânia. Drama até no quintal do vigário, meu vizinho e inimigo. Drama há também no peito encatarroado do dr. Nepomuceno. Mas o maior drama de todos está no Sobrado. Como médico - ah, a nobre, a sublime profissão médica! - não devo quebrar o sigilo sagrado; mas como velho tagarela que aprecia o espetáculo da vida, fico ardendo por contá-los ao mundo. Um dia ainda nos havemos de encontrar para uma longa palestra. Falaremos de tuas realizações, Cari, de teus projetos.

Falaremos um pouco também sobre o passado. Diremos mal de Napoleão, da Inglaterra e principalmente dessa augusta vaca, a rainha Vitória."

Winter interrompeu a carta. Olhou o relógio. Eram quatro e meia da tarde e ele tinha prometido ir ao Sobrado para ver Licurgo, que estava um pouco febril. Vestiu-se, pensando nas muitas outras coisas que diria ao barão no restante da carta. Ia perguntar-lhe como conseguia ele escrever tão bem em português, se não sentia saudade da Pátria; se sabia o preço duma passagem de vapor do Rio de Janeiro a Bremen…

Botou o chapéu na cabeça, acendeu um charutinho e saiu.

O céu estava limpo, o ar parado, o sol morno. Ao passar pela casa de Florêncio, Winter aproximou-se da janela e gritou: - Dona Ondina!

A mulher apareceu, vindo do fundo da casa, com o filho no colo.

— Boa tarde, doutor.

— Como vai o menino?

— Vai bem. Tem andado com uns sapinhos na língua, mas já está melhorando.

— Onde está o Florêncio?

— Anda pra fora, fazendo uma tropa.

— Está bom. Precisando de alguma coisa é só mandar me chamar.

— Muito obrigada, doutor.

Wincer lançou um olhar de soslaio para o ventre de Ondina. A rapariga estava outra vez grávida. Sorriu ao pensar na história que

Bibiana lhe contara um dia sobre uma famosa tesoura de podar da velha Ana Terra.

Atravessou a praça em passo lento. Não tinha pressa de chegar.

Ultimamente achava opressiva a atmosfera do Sobrado - opressiva e árida.

Luzia andava paradoxalmente humilde, terna e submissa. Passava como sempre muito tempo fechada no quarto, tocando cítara ou lendo, e quando descia falava pouco. Bibiana desvelava-se em cuidados para com o neto e tomava conta da casa. Vinham mantimentos da estância ou da venda do Schultz; os sacos e pacotes entravam pelo portão dos fundos, sob o olhar fiscalizador dos capangas de Bento Amaral. Bolívar andava cada vez mais impaciente, fumava cigarro sobre cigarro, e ultimamente (contara-lhe Bibiana, apreensiva) dera para passar os dias a beber cachaça. “É essa maldita quarentena” - queixara-se ela.

Não. Ele não tinha nenhuma pressa em chegar. A praça estava bonita.

Poucas eram as árvores que o inverno despira. Lá estava a grande figueira, muito copada, dum verde-garrafa sombreado de negro, e com seu tronco e galhos que pareciam membros humanos. Ela também era comparsa daquela comédia - refletiu Winter - mais do que mera parte do cenário.

Começou a atravessar a rua.

— Boa tarde, doutor!

O médico voltou a cabeça na direção da voz. O Dentinho de Ouro estava sentado debaixo do cinamomo da praça que ficava fronteira ao Sobrado.

Tinha o chapéu atirado para trás, deixando descoberta a testa curta e bronzeada. Seu dente de ouro luziu quando ele arreganhou os beiços para o alemão. Este se limitou a bater com o dedo na aba do chapéu, lançou um rápido olhar para o homem e continuou seu caminho.

Ouviu de novo a voz do capanga: - Sete dias, doutor! Faltam ainda trinta e três!

Não respondeu nem se voltou. Mas Dentinho de Ouro tornou a gritar: - Hoje termino o meu trabalho. De tarde vou pra estância do coronel. O Mane Borba vem me render.

E eu com isso? - pensou Winter, batendo na porta do casarão. Uma das negras escravas veio abri-la e ele entrou. O cheiro do Sobrado - madeira, porão, cozinha, defumação - envolveu-o. Agora para ele aquilo era “cheiro de drama”, uma emanação dos problemas mesmos daquela casa e de seus moradores.

Bibiana levou-o imediatamente ao quarto de Licurgo. O médico aproximou-se do berço, pousou a mão na testa do menino e disse: -

Está fresquinha. Acho que a febre se foi.

Pôs o termômetro na axila da criança. Pouco depois tirou-o, leu-o e murmurou: - Temperatura normal.

Naquele momento ouviram-se passos pesados no corredor. Era Bolívar. Ao ver o médico, através da porta, parou e disse: - Foi bom vosmecê ter vindo.

Havia em sua voz um tom que Winter não gostou. Era algo de apertado, gutural e ameaçador.

— Está sentindo alguma coisa?

As mãos do rapaz tremiam e seus olhos tinham um brilho anormal.

— Não. Estou bem. Muito bem até. Bem demais.

— Ele anda nervoso por causa da quarentena, doutor… - explicou Bibiana.

Bolívar voltou, brusco, a cabeça para ela e disse: - Não se meta, mamãe, não se meta. Tornou a encarar o médico: - Vosmecê é testemunha. Tive muita paciência até agora. Mas estou resolvido a não aguentar mais. É um desaforo. Eu…

— Não se exalte, não há… - começou Winter. Mas o outro cortou-lhe a palavra: - Meus negócios andam de pernas pró ar. Na vila todo o mundo se ri de mim, encurralado aqui dentro, como um bicho, só porque o Bento Amaral deu uma ordem. Quem é ele pra se meter na minha vida? Quero botar a minha marca no outro lado da cara desse canalha!

— Espere um pouco. Posso falar de novo com o homem…

— Não espero nem mais um dia nem mais uma hora. Não quero ficar louco fechado aqui dentro. Vosmecê como pode andar livre por toda a parte não sabe o que estou sofrendo. — Calou-se, ofegante. Olhou o médico bem nos olhos e disse: - Desça comigo. Quero que seja testemunha.

— Mas testemunha de quê…? - principiou o outro.

— Venha!

Encaminhou-se para a escada e desceu apressado. Winter e Bibiana o seguiram.

— Que é que vai fazer, meu filho? - perguntou ela.

— Vosmecê já vai ver…

Aproximou-se da janela que dava para a praça, ergueu a vidraça de guilhotina e gritou para fora: - Dentinho de Ouro! Vá dizer pró seu amo que eu vou sair! Aquela voz positivamente não era de Bolívar - refletiu Winter. O ódio a desfigurava.

Winter aproximou-se da janela e olhou para fora por cima do ombro do rapaz. Viu o capanga erguer-se, sob o cinamomo, aproximar-se lento do meio da rua e perguntar: - Que tem?

— Vá dizer pró seu patrão que eu, Bolívar Cambará, vou já já sair

do Sobrado.

Lá de baixo o outro gritou: - Temos ordens de não deixar ninguém sair, moço.

— Vá chamar o Bento Amaral. Diga pr'aquele corno duma figa que venha me atacar se ele é homem!

E ao dizer isto Bolívar espumava na comissura dos lábios e seu corpo inteiro trepidava. Winter estava simplesmente imobilizado pelo espanto.

O capanga teve um momento de hesitação, mas depois repli- cou sem rancor: - É melhor vosmecê não experimentar. Nós estamos armados.

— Eu também estou!

Voltou-se, enfiou o chapéu na cabeça e disse: - Chegou a guerra. Agora não tem mais jeito. Eu já disse que saía e saio mesmo.

— Rodrigo! - gritou Bibiana. Imediatamente corrigiu-se: - Bolívar!

Agarrou o braço do filho, mas este se desvencilhou dela com um repelão.

— Não deixe ele sair, doutor! Por amor de Deus, não deixe! Vão matar o meu filho.

Winter tentou deter Bolívar, mas o rapaz o empurrou com tanta violência que o médico perdeu o equilíbrio e caiu de costas.

Bolívar precipitou-se para o vestíbulo de pistola na mão. Desceu em duas largas passadas a escada que levava à porta, abriu esta com um safanão e saiu.

— Volte, moço! - gritou Dentinho de Ouro do meio da rua, começando a recuar devagarinho na direção do cinamomo. — Volte que eu não quero lê lastimar.

— Que venha o Bento Amaral! - gritava o filho do capitão Rodrigo. — Que venha esse canalha ladrão cachorro covarde corno! Que venha se é homem!

Que venha a capangada!

— Não atirem no menino! - suplicava Bibiana, aos gritos debruçada na janela.

De pistola erguida Bolívar caminhava devagar mas implacavelmente, olhando sempre para Dentinho de Ouro.

— Pare, senão eu atiro! - gritou este último.

— Pois atira, capacho! Atira, pústula!

E continuava a avançar. Dentinho de Ouro recuou ainda uns três passos: estava agora com as costas tocando o tronco do cinamomo. Vultos apareciam às janelas das casas próximas. Mulheres que andavam por ali deitaram a correr em pânico, aos gritos. Homens escondiam-se atrás de árvores. Um velho que ia atravessando a praça naquele momento atirou-se no chão e ficou como que costurado à terra.

Bolívar estava agora no meio da rua a olhar fixamente para o capanga.

— Onde está o corno ladrão que não vem? Chama esse covarde! Que venha roda a corja dos Amarais!

— Volte senão eu atiro! - ameaçou ainda o outro.

Disse isso e levou, brusco, a mão à cintura. Bolívar fez fogo e Dentinho de Ouro tombou de joelhos, segurando o ombro esquerdo onde o sangue começou a escorrer.

— Que venha mais um! - gritou Bolívar, triunfante.

Mal tinha pronunciado essas palavras quando se ouviram novos disparos: dois outros capangas dos Amarais haviam aparecido e o alvejavam de alguma distância: um deles atirava protegido por um dos pilares do portão do Sobrado; o outro achava-se ajoelhado atrás dos degraus da capela. Bolívar não se moveu de onde estava e começou a fazer fogo também para a direita e para a esquerda, gritando: - Que venham mais! Dois é pouco! Que venham!

Para afastar Bibiana da janela o dr. Winter teve de segurá-la pelos pulsos e arrastá-la até uma cadeira; obrigou-a a sentar-se e ficou a fazer-lhe pressão nos ombros para que ela ficasse imóvel. Por alguns segundos Bibiana relutou, tentou desvencilhar-se do amigo: mas de repente teve um relaxamento de músculos e ali se quedou de olhos vidrados e fixos, a boca entreaberta, os braços caídos, a respiração arquejante.

Por alguns segundos ficaram os dois a ouvir o tiroteio. Num dado momento os tiros cessaram e fez-se um silêncio pressago. Bibiana deixou cair a cabeça para trás. Trêmulo, engasgado, sentindo que o coração queria saltar-lhe pela garganta, Winter aproximou-se da janela e olhou.

Bolívar estava caído de borco no meio da rua, com a cara metida numa poça de sangue.

Só dois dias depois é que o dr. Winter terminou a carta para Von Koseritz. Depois de narrar-lhe a cena da morte de Bolívar, acrescentou: “Havia muita gente no enterro. O corpo do rapaz foi sepultado entre o de Ana Terra, sua bisavó, e o do capitão Rodrigo, seu pai. Luzia parecia inconsolável, chorava como uma criança a quem tivessem roubado o brinquedo predileto. No cemitério, antes de descerem o caixão à cova, ela pediu para ver uma vez mais o marido. Abriram o esquife. Eu não quis olhar o rosto do morto, mas olhei o da viúva. Não saberei descrever-te a expressão daquele semblante. Não era de gozo mórbido, como eu esperava e temia, mas sim de dor, de profunda dor. Houve, porém, algo mais que me deixou com uma sensação de frio interior e de repugnância por mim mesmo. Naquele momento, meu caro, tive um vislumbre da besta que dorme dentro de cada um de nós, e o que senti me assustou, e até agora no momento

em que te escrevo ainda me perturba. É que me surpreendi a desejar violenta e carnalmente Luzia Cambará, ali no cemitério, naquele momento mesmo em que ela contemplava pela última vez o rosto do marido defunto. E de mistura com esse desejo eu senti náusea, como se meu sexo se tivesse transferido para a boca do estômago. Fiz meia-volta e saí do cemitério apressadamente."

Carl Winter releu o que acabara de escrever e depois concluiu que uma confissão de tal natureza era grande demais para se fazer numa carta.

Rasgou o papel em muitos pedaços, foi até a cozinha e atirou-os no fogo, concluindo: Uma confissão dessas a gente não faz nem a si mesmo.

O sonho de Mingote Caré era ter um cavalo.

Um dia a tentação foi maior que o medo e ele roubou um tordilho numa estância da fronteira.

Mas não teve sorte; a peonada saiu-lhe nas pegadas e agarrou-o.

Está aqui o ladrão, coronel, que é que fazemos com ele?

O estancieiro estava furioso, vermelho que nem gringo.

Botem a minha marca no lombo desse bandido. Depois lhe apliquem trezentos e sessenta e cinco açoites, um para cada dia do ano. Sou homem de bem e justiça: se não procedo com energia, esses abusos não acabam.

Deixaram Mingote nu, amarrado a um palanque.

E quando lhe encostaram o ferro em brasa na paleta, o coronel gritou: Isso é pra tu aprenderes a respeitar a propriedade alheia!

Mingote foi atirado na estrada, marcado como uma rês.

Saiu a andar estonteado, com o lombo ardendo e sangrando, e como a dor o cegasse invadiu sem saber outra propriedade alheia.

Tinha febre e em seu delírio era o Crioulo do Pastoreio, repontando campo em fora trinta cavalos de fogo.

Por fim caiu sem forças no chão duma estância portentosa que começava em Bajé e entrava Uruguai adentro: diziam que o dono dela podia ir de sua casa até Montevidéu sem sair de suas terras.

Esse foi o fim de Mingote, mas não o de sua raça. Porque havia outros Carés espalhados pelo Continente. O Lulu, por exemplo.

Vivia sozinho, era barqueiro, e andava por muitos daqueles rios o Caí o Jacuí o Taquari a cujas margens agora colonos alemães estavam erguendo casas, abrindo picadas, fazendo roças.

Um dia Lulu Caré viu quando os índios saíram do mato, atacaram um desses povoados e mataram muitos colonos.

Ficou de longe, dentro do barco, olhando de olho parado.

Não fez um gesto, não deu um passo, só disse Chô égua!

Não tinha nada com aquilo e afinal de contas, pra falar a verdade, a terra era mesmo dos bugres.

Havia também o José Caré, por alcunha Jucá Feio.

Nunca dobrou a espinha diante de ninguém, sempre estava contra o governo.

Contam que tinha cavalo, boas botas e pistolas na cinta.

Usava chapéu de barbicacho e cabeleira tão comprida que dava até para fazer trança.

Era indiático, carrancudo, mal-encarado e de fala fina.

(Com cavalo de olho de porco, cachorro calado e homem de fala fma… de relancina.)

Tinha a cara tão riscada de cicatrizes que parecia um campo lavrado.

Perguntavam Me diga uma coisa, Jucá, onde foi que te deram esse talho que te vai de orelha a orelha, cheio de voltas que nem o Tio Camaquã?

No combate do Poncho Verde.

E esse nos beiços?

Na tomada de Caçapava.

E esse no meio da testa?

A baioneta dum correntino, na guerra contra Rosas.

E esse no pescoço?

Jucá Feio fechava a carranca e rosnava Esse é um talho particular.

E não dizia mais nada, De todos os Carés o que tinha família maior era o Chiru.

Dez filhos, sem contar os mortos.

Depois de muito andar com a mulher e as crias batendo estradas e cruzando invernadas, conseguiu licença fará erguer um rancho nos campos do Angico, no município de Santa Fé.

Quando a casa ficou pronta, olhou para a mulher e suspirou Queira Deus que agora a gente fique sossegado no seu canto.

Por algum tempo Deus quis.

Viviam dos restos da cozinha da estância tinham licença de trazer para casa a fressura das reses carneadas.

E dona Bibiana Terra Cambará, senhora do Angico, deu-lhe de presente uma vaca leiteira.

Tudo corria tão bem que Chiru começou a desconfiar, porque a experiência lhe dizia que laranja madura na beira da estrada ou está azeda ou tem marimbondo.

Um dia apareceram pelo rancho dos Carés um sargento e duas praças, montados em bons cavalos: andavam recrutando gente pois tinha rebentado outra guerra, Chiru não ouviu direito contra quem, mas desconfiava que era outra vez contra os castelhanos.

Disse adeus à mulher e aos dez filhos e seguiu a pé os homens do governo.

Aprendeu a dar tiro de espingarda a marchar a entender a língua

dos superiores, das cometas e dos tambores.

E quando se viu de uniforme ficou faceiro como potrilho novo.

Pela primeira vez na vida andava completamente vestido.

Eu só queria que minha gente me visse agora!

Chapéu de feltro com barbicacho: na aba levantada, o tope nacional e o número do batalhão. Paramentos verdes carabina com bandoleira sabre-baioneta patronas, bornal e cantil cartucheiras na cintura mochila às costas coturnos nos pés.

E na manga da túnica um emblema cor de ouro com a coroa do Império e três palavras Voluntário da Pátria.

Chiru Caré gostou da guerra.

Nunca pensei que fosse tão linda!

Era mesmo que uma festa: fandango ou puxirão.

Muita gente bem fardada muito cavalo e canhão muito barulho, tiro e grito muito sangue pelo chão.

Generais de uniforme bonito bandeiras, espadas, clarins e cargas de lanceiros lembrando as cavalhadas dos cristãos contra os mouros.

Foi também na guerra que Chiru pela primeira vez na vida ouviu uma banda de música.

Ficou meio louco, com vontade de chorar.

Mas ficou mais louco ainda quando espetou o primeiro paraguaio na ponta da baioneta.

Teve tamanha alegria que chegou a soltar um urro. Estava acostumado a matar passarinho para comer mas nunca matara bicho maior que um veado dos pequenos.

Via agora que matar homem era bom, porque enchia mais o peito. Daí por diante só pensou na hora do entrevero.

Derrubar paraguaio de longe a tiro não tinha graça o bonito era carga de baioneta. Várias vezes foi repreendido pelos superiores porque era muito afoito e não esperava a ordem de avançar.

Os batalhões ganhavam fama e com a fama apelidos: o 2" era o Dois de Ouro o 12° o Treme-Terra o 13° o Arranca-Toco o 16" o Glorioso e o 1° de artilharia, o Boi de Botas.

Uma coisa Chiru nunca entendeu: Por que era que os argentinos e os orientais estavam agora do lado dos brasileiros?

Ficava também meio confuso quando conversava com os camaradas dos batalhões que vinham do Norte.

Eram homens de fala esquisita de pouca comida mas muita coragem bons na arma branca, ligeiros e ladinos.

Só não tinham era resistência para o frio.

Aquele inverno de 65 foi brabo.

Muito nortista baixou enfermaria encarangado.

Alguns morreram de doenças dos bofes.

Chiru deu o capote a um soldado do Pará e trocou com um

anspeçada da Bahia os seus coturnos por um pedaço de fumo em rama.

Gaúchos galhofeiros recitavam versinhos Mandai, Mãe de Deus, mais uns dias de minuano Pra acabar com tudo que é baiano.

No cerco de Uruguaiana Chiru viu o imperador que passava em revista as suas tropas.

Ficou petrificado, de boca aberta.

Quando eu contar isto pra minha mulher e meus filhos, vão dizer que sou mentiroso.

Mas por esta luz que me alumeia, juro que vi dom Pedro I, Pai de todos nós, passar na minha frente em cima dum cavalo branco com arreios de ouro e prata.

Doutra feita Chiru avistou o grande Osório montado no seu ginete com o pala-poncho batendo ao vento seu chapéu preto de copa redonda sua famosa lança de ébano com lavores de marfim. Era natural do Continente tinha brigado nas guerras da Cisplatina e na dos Farrapos. Contavam que havia sido o primeiro soldado brasileiro a pisar terra paraguaia, à frente de seu piquete.

Era por coisas assim que Chiru gostava da guerra.

Mas foi uma campanha comprida e custosa.

Morria mais soldado de peste que de bala, metralha ou arma branca.

Não houve praga que não atacasse aqueles exércitos.

Veio a bexiga negra.

Chiru carregou muita padiola com camaradas agonizantes, de cara enegrecida, a pele se descolando e toda coberta de pus.

Veio o cólera vieram mil febres e as cãibras de sangue.

Era gente a tombar por todos os lados, retorcendo-se de dor, com a cara mais branca que papel.

No inverno marchavam debaixo de chuva ou com o minuano na cara e muita vez Chiru ajudou os companheiros a empurrar canhões e carretas que se atolavam na lama.

No verão marchavam na soalheira e soldados caíam de insolação.

Foi uma campanha comprida e custosa.

Mas Chiru Caré andava contente, porque em tempo de paz sua vida nunca fora melhor.

Agora ao menos comia carne, tinha amigos, uma carabina e uma baioneta e matar homem era bom enchia o peito.

Um dia descobriu que seu companheiro de barraca era um taf\ de Floriano Terra, natural de Santa Fé, sobrinho da velha Bibiana, < dona do Angico e do Sobrado.

Mundo velho bem pequeno!

Vossuncês não acreditam?

Por Deus Nosso Senhor, sobrinho da velha Bibiana!

Dormia perto de mim e nunca gritou comigo me tratava de igual pra igual.

Um dia caiu ferido, com um balaço na perna, ia ficando pra trás…

Se os paraguaios pegassem ele, adeus tia Chica! Vai então corro pró homem, botei o bicho nas minhas costas e voltei a meio galope pra dentro das nossas trincheiras.

O moço perdeu um pouco de sangue, mas quando entreguei ele prós padioleiros, inda teve força pra arreganhar os dentes e me dizer baixinho Obrigado, companheiro.

Quem havia de dizer! Sobrinho da velha Bibiana, dona do Angico e do Sobrado.

Foi por tudo isso que Chiru Caré gostou daquela campanha. Na paz vivia como um bicho. Na guerra era um homem.

O Sobrado - V

26 de junho de 1895: Manhã

Quando o dia amanhece, Curgo sobe à água-furtada para falar com o homem que passou a noite de vigília. Encontra-o enrolado no poncho, sentado junto da janela, a espiar a praça e arredores através das vidraças meio embaciadas.

— Que tal, Ernesto?

— Nada de novo. Estou aqui desde as duas da madrugada. Lá pelas quatro mais ou menos vi gente saindo da cidade a cavalo pras bandas de Passo Fundo. Acho que os maragatos já começaram a se retirar.

Licurgo olha pra fora e murmura: - Não sei, não sei… Pode ser uma cilada pra fazer a gente sair do Sobrado. É bom não arriscar…

— Pode ser… - repete o outro, abrindo a boca num largo bocejo.

— Desça, que eu fico aqui por enquanto. Quando o Damião acordar, diga pra ele que suba. Vá comer alguma coisa. Tem muita laranja e bastante água. Nossos companheiros passaram a noite caminhando pelo quintal, trouxeram quanta água quiseram. Chegaram até a tirar o Adauto de cima da tampa do poço e enterraram ele atrás do marmeleiro.

— É engraçado. Os federalistas estes dois últimos dias não deram nenhum tiro. Acho até que não ficou ninguém na torre esta noite.

— Não sei. Esse negócio não me cheira bem. A corja decerto está preparando alguma traição.

Ernesto põe-se de pé, espreguiçando-se num estalar de juntas; encaminha-se para a escada e dentro em breve seus passos começaml a soar surdamente nos degraus. Curgo abre de par em par a janela! da água-furtada, senta-se num mocho junto dela e debruça-se sobre o peitoril. A brisa úmida da manhã o envolve, dando-lhe a impressão de que mergulhou a cabeça na água fria dum açude. As faces e as orelhas lhe ardem, e ele aspira com força o ar que cheira sereno e a campo.

Pensa no Angico e em Ismália com uma saudade impaciente. Onde estará ela agora? Que lhe terá acontecido? Talvez tenha conseguido fugir… Mas fugir para onde? O mais provável é que haja sido presa e obrigada a ir para a cama com aqueles maragatos do inferno. Por alguns segundos Licurgo fica a ruminar o prazer carnal que tantas vezes a rapariga Lhe deu. lembra-se dos olhos dela, da voz dela, das formas e do contato do corpo dela - tudo isso, porém, dum modo remoto, apagado, frio. Talvez a está hora Ismália esteja morta,

enterrada e podre. E Licurgo pensa na filha recém-nascida, dentro da caixeta de marmelada, e como que sente de novo o cheiro da terra úmida do porão, ao mesmo tempo que se imagina a enterrar Alice naquele chão negro; em seguida é um dia de sol e de paz, num outro tempo, e vozes cochicham nas ruas: “Aquele que ali vai é o coronel Licurgo Cambará. Uma fera! Na revolução de 93 os maragatos cercaram o Sobrado, mas ele não se entregou. Sacrificou a filha, a mulher, os amigos, mas não afrouxou. Uma fera!” Ele reconhece as vozes: gente de Santa Fé. Que vão todos pró diabo!

Dirige o olhar pesado de sono para a praça, que uma luz pálida começa a iluminar. As árvores, os telhados e a terra estão úmidos de rocio e prateados de geada. Lá do outro lado continuam fechadas as janelas e as portas do edifício da Intendência. Nenhum galo canta. Não se enxerga viva alma nas redondezas do Sobrado. Santa Fé parece uma cidade de taperas.

Curgo olha para o alto do campanário. E se neste momento, um maragato estiver fazendo pontaria na minha cabeça? Dessa distância é tiro certo… Mas que me importa? Deixa-se ficar onde está, com o queixo sobre os braços, os braços sobre o peitoril, as palpebras pesadas, a cabeça oca, uma broca fria a verrumar-lhe o estômago. Por sua mente desfilam imagens de pessoas, trechos de conversas, cenas dum passado recente - e de súbito Licurgo torna a sentir, como em tantas outras vezes desde que começou o cerco de sua casa, a impressão de que foi vítima duma terrível, colossal injustiça. “Fazerem isso pra mim, logo pra mim…” - murmura ele com os olhos postos na figueira grande, como se a ela estivesse dirigindo a queixa.

Desde que se proclamou a República foi ele sempre a autoridade máxima de Santa Fé. Com a queda da monarquia os Amarais perderam os cargos públicos e o prestígio. E desde 89 ele, Curgo, não fez outra coisa senão trabalhar pelo progresso e pela felicidade de sua terra. Foi eleito intendente municipal de Santa Fé pelo voto livre da população e por uma maioria inapelável. Não pediu nem comprou votos, não coagiu eleitores. Aos próprios peões, agregados e amigos íntimos disse: “Votem em quem quiserem, pois esta vai ser a primeira eleição livre na história do município”. Depois de eleito, recusou-se a receber seus honorários. Muitas vezes chegou a tirar dinheiro do próprio bolso para custear obras públicas: construir pontes, reparar estradas e ruas.

Tratava toda a gente com afabilidade, recebia a todos, ouvia a todos.

Os colonos de Garibaldina e Nova Pomerânia obtinham dele tudo quanto pediam. A Intendência era a casa do povo. No entanto, muitos dos homens a quem prestou favores se voltaram contra ele, estão agora atirando contra esta casa a cuja mesa tantas vezes comeram,

esta casa onde sempre foram recebidos por assim dizer como pessoas da família. Mas de todas as mágoas a que mais lhe dói é a que lhe causou Toríbio Resende, seu melhor amigo e companheiro da propaganda republicana. Fascinado pela personalidade de Gaspar Silveira Martins, Toríbio abandonou os companheiros de ontem, fez-se parlamentarista, cerrou fileiras com os maragatos, afastou-se aos poucos do Sobrado e por fim chegou até a escrever verrinas contra Júlio de Castilhos, chamando-lhe ditador.

Castilhos ditador! Era o cúmulo do absurdo chamar tirano a um homem que para evitar a guerra civil abandonou voluntariamente o cargo de presidente do Estado para o qual fora legalmente eleito. E quando a revolução rebentou, Toríbio uniu-se às forças de Jucá Tigre, convencido - o idiota! - de que os federalistas queriam salvar o Rio Grande da ditadura, não compreendendo - o infeliz! - que por trás daquelas conversas parlamentarismo e liberdade, o que os maragatos queriam mesmo era restaurar a monarquia, destruir a República pela qual o Toríbio tanto se batera.

Mas agora - reflete Licurgo - aproxima-se a hora do ajust de contas.

Gumercindo Saraiva está morto. O almirante Saldanha da Gama anda burlequeando pelo Estado com seu batalhão de marinheiros sobrados da revolta da Armada, e que nada poderam fazer em terra firme se não fugir e evitar os combates. Muitos dos chefes federalistas já começam a emigrar para o Uruguai e a A gentina.

Talvez dentro de mais um dia ou - quem sabe? - de poucas horas as forças de Firmino de Paula estejam entrando em Santa Fé. E nunca - pensa Licurgo, olhando para o casarão dos Amarais lá do outro lado da praça - nunca Alvarino Amaral poderá dizer "Perdi a revolução mas tomei Santa Fé e tive o gosto de entrar no Sobrado de chapéu na cabeça e fazer o Licurgo dobrar a espinha Nunca. Quando no futuro se falar na Revolução de 93, hão dizer: “O Sobrado aguentou um cerco de mais de dez dias e não se rendeu”. Toríbio e Rodrigo crescerão ouvindo essa história aprendendo com ela a dar valor à casa onde nasceram - a amá-la respeitá-la e defendê-la; e compreendendo acima de tudo que existem na vida dum homem de honra duas coisas sagradas que ele deve fazer respeitar à custa de todos os sacrifícios: a cara e a casa A luz do sol aos poucos vai ficando mais viva e dourada e os campos ao redor da cidade lentamente emergem da sombra gris ganham tons esverdeados. A geada brilha como vidro moído.

Licurgo passa os dedos entanguidos pelos cabelos. A vonta de fumar dá-lhe uma ardência na língua. Torna a pensar em Ismália e em Alice, mas entre as duas surge em seu espírito a figura de Maria Valéria. Cadela!

Aquela solteirona seca e antipática a meter-se onde não é

chamada! Torna a ouvir-lhe a voz: “Então podem se fazer três enterros. O da criança, o do Tinoco e o da Alice”. Não Alice não pode morrer, não deve morrer. A morte da coitadinha de nada servirá aos maragatos nem aos republicanos.

Será, isso sim mais uma injustiça dolorosa. Mas acontece - reflete Curgo engolindo a saliva grossa e amarga - que este mundo parece andar mesmo sem governo.

Não há bom senso, não há justiça. Pessoas direitas sofrem; canalhas gozam. Inocentes pagam pelos pecadores. Nem sempre o justo e o bom triunfam. E nesta revolução cruel bandidos são glorificados. Diz o padre Romano que a verdadeira justiça está no Céu e não importa muito o que acontece neste mundo. Mesmo quem observar a revolução com cuidado achará difícil dizer de que lado está Deus. Duma coisa eu sei - pensa ele - é que se Deus está do lado dos federalistas o melhor é Ele ir tratando desde já de imigrar para a Banda Oriental.

O sol agora bate em cheio no rosto de Licurgo Cambará, que de novo apoia os braços no peitoril, descansa sobre eles uma das faces e cerra os olhos.

Liroca está de novo no seu posto, no alto da torre. Deitado nas lajes, ele espia o Sobrado através da seteira. Faz alguns minutos que acordou, encarangado de frio, trêmulo de fome, doído de vontade de tomar uma coisa quente, mate ou cachaça. Ao despertar olhou para o Sobrado e viu um homem à janela da água-furtada; reconheceu Licurgo. Teve uma vontade danada de gritar: Ó Curgo! Então como vai a coisa por aí?" Mas ficou calado, porque inimigo é inimigo. Qual! Se fossem inimigos de verdade sua obrigação era meter uma bala na cabeça do outro. Muito fácil: bastava dormir na pontaria e - pei! - era uma vez um tal de Licurgo Cambará. Muito bonito. O Rodrigo e o Toríbio ficavam órfãos, Dona Alice enviuvava, Maria Valéria perdia o cunhado. E ele, José Lírio, ia canegar pelo resto da vida o peso daquele remorso. Matar um liomem em combate era uma coisa; matar de tocaia, à traição, era um crime, um assassinato.

Liroca suspira. Está tudo agora caminhando para o fim. O coronel Alvarino já começou a retirar sua gente da cidade; e corre à boca pequena que ele está preparando tudo para emigrar para o outro lado do rio. O bom mesmo, concluiu Liroca, é eu levantar uma bandeira branca, correr prós pica-paus e me entregar.

Passou a noite a ver o movimento dos republicanos no quintal do Sobrado: iam e vinham do poço para a casa carregando água.

A princípio andavam de rastos, depois encurvados, por fim já caminhavam naturalmente. Chegaram até a tirar o calça branca de cima do poço. E ele, Liroca, nem teve coragem de atirar. Teve isso sim, foi vontade de gritar: “Andem ligeiro! Levem água pras crianças,

pras mulheres! deem lembrança pra Maria Valéria!”

Se.ela aparecesse agora assim de repente a uma das janela ele não resistiria à tentação de lhe gritar alguma coisa que lhe desse a entender que enquanto José Lírio estiver de vigia na torre da igreja os republicanos podem ir e vir no quintal sem serem molestados. Mas qual!

Maria Valéria não vai aparecer… - Ninguém sabe aqui fora o que está acontecendo lá naquele casarão. Pode ser até que a moça esteja doente ou ferida… Ninguém está livre duma bala perdida. Guerra malvada! Guerra tirana!

Liroca acaricia a coronha da Comblain, como se ela fosse ombro da mulher amada. Encosta depois uma das faces na pedra fria do parapeito e fica mirando com olho triste as janelas do Sobrado.

Maria Valéria acha-se ao pé da cama de Alice com a mão espalmada sobre a testa da irmã, que tem ainda os olhos cerrados Graças a Deus a testa não está tão quente, a febre deve ter baixado. Se ao menos agora o sítio terminasse e o dr. Winter pudesse vir com remédios… Ou então se Curgo abafasse seu orgulho e pedisse uma trégua… Ela sabe que é costume fazer isso até mesmo na guerras grandes entre nações.

Alice abre os olhos e fica por algum tempo a fitar a irmã com uma expressão estonteada. Depois seus lábios, que a febre crestou se movem, procurando formar uma palavra.

— Fica quieta, Alice.

— Os meninos? - balbucia a doente.

— Espera…

Maria Valéria sai do quarto e volta após um breve instant trazendo os sobrinhos, que ficam parados em silêncio junto do leil da mãe. Primeiro os olhares de ambos fixam-se no rosto dela, depois descem-lhe pelo seio e demoram-se sobre o ventre. Por fim os dois meninos se entreolham significativamente.

— Beijem a mãe de vocês - ordena a tia.

Eles se inclinam sobre Alice e beijam-lhe chochamente a testa. Ela continua com os braços estendidos ao longo do corpo, sob as cobertas, e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Agora saiam - diz Maria Valéria. — E não façam barulho.

— Podemos ir lá pra baixo? - pergunta Toríbio.

— Não. Fiquem no quarto. E não abram a janela.

— Por quê, madrinha?

— Porque não.

As duas crianças lançam mais um olhar para a mãe e saem do quarto na ponta dos pés.

O rosto de Alice está crispado numa expressão de pesar e as lágrimas lhe escorrem pelas faces afogueadas. Sem dizer palavra,

Maria Valéria toma dum lenço e começa a enxugar o rosto da irmã com mais eficiência do que ternura. Podia tentar consolá-la com mentiras - reflete. Mas é inútil.

Por mais que se esforce não conseguirá pronunciar a menor palavra de esperança. Porque a realidade é só uma, dura, fria e triste. O Sobrado continua cercado. A comida se acabou. A criança nasceu morta. E se o sítio se prolongar, ninguém sabe quantas coisas horríveis podem ainda acontecer.

Maria Valéria cruza os braços, aperta-os contra o estômago, que lhe dói desde a noite anterior. Quantas horas faz que não come? Vinte e quatro?

Trinta? Mas o pior de tudo é não poder dormir, descansar, esquecer…

"Não aguento mais. Acho que vou acabar louca, abrir a porta da rua e sair correndo e gritando…"

Tem de súbito a impressão de que uma terceira pessoa acaba de entrar.

Volta a cabeça e vê a própria imagem refletida no espelho do lavatório: um fantasma de xale nos ombros.

Do quarto vizinho vêm agora as batidas da cadeira de balanço de dona Bibiana. A velha já começou a funcionar… - pensa Maria Valéria. E fica a escutar o ban-ban cadenciado e surdo, que lhe parece uma voz. É como se Bibiana Terra Cambará estivesse procurando dizer-lhe alguma coisa. E Maria Valéria, sem saber claramente como nem por quê, enche-se aos poucos dum ânimo novo, ao mesmo tempo que diz para si mesma: Se ela que tem noventa anos pode aguentar tudo isto, eu também posso. E atira um olhar de desafio para a mulher cadavérica do fundo do espelho.

Quando Licurgo desce da água-furtada para a sala de jantar, encontra seus companheiros a comerem laranjas com uma voracidade ruidosa de porcos esfaimados. Não se pode furtar a um sentimento de mal-estar e impaciência.

Esquece por um instante que estes homens são seus correligionários, seus amigos, que não somente estão participando com ele dos perigos e durezas desta guerra civil como também estão, defendendo o Sobrado. E nesse rápido instante de irritado esquecimento sente-se ofendido por ver aquelas gentes - entre as quais se acham cinco peões do Angico - usarem as salas de sua casa descerimoniosamente, cuspindo e escarrando no chão, encostando! nas paredes as cabeças sebosas, riscando o soalho com a roseta de suas esporas, empestando o ar com o cheiro azedo de seus corpos. sujos. E Licurgo, que acaba de vir lá de cima, onde respirou ar puro, franze o nariz e tem ímpetos de mandar escancarar imediatamente todas as janelas.

A luz do sol bate em cheio no rosto do velho Fandango, que dorme sentado numa cadeira, a cabeça caída sobre o peito. Curgo olha-o por alguns segundos, num vago temor de que esteja morto. Tem a impressão de que seu peito não se move. Pousa-lhe amão na testa: fria.

Começa então a sacudir o velho pelos ombros. Fandango abre os olhos e põe-se de pé como um autômato: - Que foi? Que foi? - pergunta ele, atarantado.

— Nada - responde Curgo - nada. É que te vi meio parado e fiquei pensando…

O outro esfrega os olhos, boceja e estende os braços, espreguiçando-se.

— Pensou que o velho tivesse morrido?

— Pensei.

— Chô égua! Já te disse miles e miles de vezes que o Fandango pode morrer um dia, mas não sentado. Há de ser em cima do lombo dum cavalo ou então de pé, dançando.

E esfregando as nádegas com as palmas das mãos, ele sai no seu tranco de cavalo marchador na direção da cozinha, a gritar: - Que é que tem pra se comer, Laurinda?

Neste mesmo instante Florêncio Terra sai da despensa, aproxima-se rengueando do genro e diz-lhe em voz baixa: - O Tinoco morreu. Curgo franze a testa.

— Quando?

O sogro encolhe os ombros.

— Não sei. Decerto esta noite…

Licurgo fica a olhar para Florêncio, perdido. Tinoco lhe havia saído por completo do pensamento. As outras preocupações eram tantas e tão fortes, que ele nem sequer se lembrava do pobre-diabo que agonizava na despensa. Seja como for, sente-se agora aliviado. Morto Tinoco, ele fica livre da responsabilidade de fazer alguma coisa por ele: cortar-lhe a perna ou meter-lhe uma bala na cabeça para abreviar-lhe o sofrimento.

Florêncio resmunga: - Morreu como um cachorro sem dono, abandonado, sem um cristão que botasse uma vela na mão dele. Todo o mundo se esqueceu do coitado…

Curgo toma essas palavras como uma censura e fica logo espinhado.

— Que era que o senhor queria que eu fizesse? Que ficasse lá dia e noite lambendo o ferimento dele?

Florêncio não responde. Fica cofiando os bigodes com seus dedos magros e amarelos, os olhos baixos. E como o genro nada mais lhe diz e continua a mirá-lo com olhos agressivos, ele torna a falar: - É preciso enterrar ele o quanto antes. Já estava meio pó…

— Chega! - vocifera Curgo. — Eu sei.

O velho faz meia-volta e encaminha-se para a escada. Erguendo a voz, Licurgo anuncia: - O Tinoco morreu.

Os homens nada dizem. Agachado a um canto, Antero começa a fungar ao passo que as lágrimas lhe vão brotando nos olhos. Um dos companheiros lança-lhe um olhar enviesado e estranha: - Ué? Que é isso?

Cuspi na cara dele - pensa Antero. — Fui um prevalecido. A bem dizer cuspi na cara dum defunto.

— Precisamos enterrar o corpo duma vez - diz Curgo. Jango Veiga, que está à porta da cozinha, pergunta: - Onde?

— No quintal, perto da parede da casa. Acho que não há perigo. Não tem ninguém na torre.

— Por que não no porão? - sugere o outro.

— Não! - apressa-se a responder Curgo, quase ofendido. A simples sugestão de enterrar Tinoco no mesmo chão onde está sua filha, lhe é tão repugnante que ele a repele como uma ofensa pessoal.

— Se estão com medo de sair pró quintal, deixem que eu mesmo faço o serviço sozinho.

Jango Veiga cerra os dentes e diz com voz apertada: - Ninguém está com medo de coisa nenhuma, seu! Se quiser podemos ir enterrar o Tinoco até lá na frente da Intendência. Quer?

Por um instante os dois homens se miram com rancor. Curgo sente gana de esbofetear Jango Veiga, mas contém-se e com voz alterada diz: - Enterrem onde quiserem, menos no porão. Jango Veiga volta-se para os companheiros e grita: - Vamos buscar o Tinoco! Podemos enterrar ele debaixo da escada da cozinha.

Ao anoitecer rompe inesperadamente um tiroteio. Os homens correm para seus postos de Comblain em punho. Curgo, que estava deitado a dormir um sono leve, de superfície, desperta sobressaltado, salta da cama, apanha a espingarda e desce as escadas a correr.

— Não atirem sem primeiro ver o inimigo! - grita. — Não desperdicem munição.

Algumas vidraças das janelas que dão para o norte se partem. Uma bala entra por uma das bandeirolas e vai cravar-se no teto.

— Acho que estão atirando da casa do Naziazeno. Esse tiro veio de baixo - grita João Batista, olhando para o teto.

O tiroteio dura menos dum minuto. Cessa de repente. Curgo sobe para a água-furtada.

— Que foi que houve, Damião?

O caboclo está ajoelhado junto da janela semi-aberta, com a espingarda apoiada no peitoril.

— Ainda não sei - diz ele, sem erguer a cabeça. Curgo ajoelha-se junto dele.

— Donde vieram os tiros?

— Lá do outro lado da praça. Ouvi um barulho de cascos. Acho que atiraram de cima de cavalos a galope.

— Deve ser algum grupo que está se retirando.

— Pode que sim, pode que não. Curgo olha a praça deserta.

— Tem alguém na torre? - pergunta.

— Não vi ninguém.

— Fique de olho na estrada. Acho que não demora muito as tropas republicanas aparecem.

Licurgo ergue-se e desce para o primeiro andar, sentindo que o coração lhe bate acelerado, que a ação lhe fez bem, deu-lhe um calor bom ao corpo. Ah! É mil vezes mais fácil suportar o sítio lutando!

Sentado numa cadeira, de faca em punho, para se distrair Florêncio tira lascas duma vara de marmeleiro, e as esquírolas se vão acumulando a seus pés. Curgo olha para o sogro com má vontade, e seu sentimento de culpa, longe de torná-lo humilde e conciliador, predispõe-no à agressividade.

Ele sabe exatamente o que Florêncio está pensando, conhece as queixas que ele recalca no peito. Seria melhor que o velho falasse claro e alto, pois assim ele teria também a oportunidade de desabafar, de dizer-lhe um bom par de verdades. Sim, ele respeita o sogro. É seu parente de sangue, primo-irmão de seu pai. Um homem de bem, não há dúvida alguma, mas não um homem de ação ou princípios políticos. No fundo ainda suspira pela monarquia, e foi só forçado pelas circunstâncias que tomou partido nesta revolução… Curgo tem o olhar fito em Florêncio, espera que ele erga a cabeça para provocá-lo a uma discussão. O velho, porém, continua entretido a tirar lascas da vara, como se disso dependesse a sorte do Sobrado.

Antero está acocorado a um canto da sala, o busto encurvado, a cabeça metida entre os joelhos. Os outros homens começam a reunir-se ao redor do fogão, pois com o cair da noite o frio aumentou. Sobre suas cabeças soa a cadenciada e mansa trovoada produzida pela cadeira de balanço de Bibiana.

Aos ouvidos de Curgo chega a voz alegre de Fandango, que conversa ao pé do fogo: - Aquilo é que foi guerra braba.

A guerra

Naquele dezembro - o sexto dezembro da guerra - já não havia em Santa Fé família que não chorasse um morto. Desde o início da campanha a vila fornecera ao exército nacional seis corpos de voluntários. Os que não morriam ou desertavam, voltavam feridos ou mutilados, e em seus rostos os outros podiam ler todo o horror da guerra. As mulheres já não tiravam mais o luto do corpo: viviam a rezar, a fazer promessas e a acender velas em seus oratórios.

Durante aqueles cinco anos de campanha, Santa Fé não apenas estacionara: mostrava mesmo sinais de decadência. As obras da igreja nova, iniciadas em 1863, foram interrompidas por falta de dinheiro e de braços. Os homens válidos da vila estavam em terras do Paraguai - em cima dela lutando ou debaixo dela apodrecendo. Os campos do município achavam-se quase despovoados: o governo fizera pesadas requisições de cavalos e reses; e os peões em idade militar haviam-se apresentado como voluntários. As lojas viviam às moscas; fazia-se pouco negócio. O correio chegava com irregularidade, quando chegava. As residências conservavam suas janelas quase sempre fechadas, e as que ficavam desabitadas dentro em pouco se transformavam em ruínas. Durante aqueles anos poucas vezes se ouviu som de gaita ou canto em Santa Fé; nem houve ali fandango, quermesse, cavalhadas ou outra festa qualquer. Ninguém tinha vontade de se divertir nem ânimo para cantar, dançar ou brincar, sabendo que parentes e amigos estavam na guerra. E por mais que se dissesse que Solano López estava perdido, nenhuma esperança havia de paz próxima.

No entanto, numa manhã de princípios de 1869 o sino da igreja repicara, festivo, para anunciar que a paz fora finalmente assinada. Um estafeta, vindo de Rio Pardo com a mala postal, fora o portador da grande notícia. Houve risadas, choros de contentamento, gritos e vivas. Os santa-fezenses saíam para a rua e abraçavam-se; velhos inimigos, estonteados de alegria, reconciliavam-se. Janelas abriam-se e as mulheres preparavam-se para pagar as promessas feitas aos santos de sua devoção.

No dia seguinte a Câmara Municipal mandou rezar uma missa em ação de graças pela terminação da guerra. A igreja ficou regurgitante de gente; homens, mulheres e crianças amontoavam-se lá dentro, sentados nos bancos ou de pé nos corredores; havia até pessoas escarranchadas nas janelas. À frente do templo uma multidão enchia a rua e ia até quase o meio da praça. Gente que em toda a sua vida

nunca tinha ido à missa, naquele dia se encontrava na igreja. Na hora do sermão o padre Otero estava de tal forma comovido, que quase não pôde falar. “Meus irmãos…” - balbuciou. “A guerra terminou. Deus, na sua infinita bondade e sabedoria…” Então ouviu-se um zunzum de vozes abafadas à porta da igreja. O padre calou-se. O murmúrio continuou, cada vez mais forte. Alguém fez - cht! “Deus na sua infinita bondade e sabedoria…”

— repetiu o vigário, olhando alarmado a entrada do templo onde cabeças se agitavam e o vozerio se fazia cada vez mais alto. O sacerdote tornou a calar-se. Do meio da multidão, lá fora, veio uma voz de homem: “Chegou um ofício pra Câmara. Foi tudo boato. A guerra ainda continua!”

Estas últimas palavras foram berradas com raiva, num espécie de repto ao Deus sábio e misericordioso de que o vigário acabava de falar. Houve uma pausa atônita, como se a respiração de toda aquela gente ficasse subitamente cortada. Mas em seguida romperam gritos e choros, e os fiéis precipitaram-se para fora, numa pressa aflita, quase em pânico, como se alguém tivesse gritado - “Incêndio!” O padre desceu do púlpito e encaminhou-se para o meio da rua, onde os membros da Câmara Municipal estavam reunidos. Havia realmente chegado um ofício do governo da província prevenindo contra as falsas notícias da terminação da guerra e pedindo mais cem voluntários, cem cavalos e duzentas reses.

Foi como se uma sombra caísse sobre a vila. As mulheres passaram a olhar com pena e temor para os filhos adolescentes. “Se a guerra dura mais uns anos, eles ficam homens e têm de marchar pró Paraguai.” E de novo se puseram a rezar, e dia e noite ardiam velas no altar de Nossa Senhora da Conceição e em todos os oratórios de Santa Fé. E o primeiro inverno depois daquela falsa notícia pareceu-lhes mais frio, mais escuro, mais duro de suportar que todos os outros. Quando soprava o minuano ou chovia, elas pensavam nos seus homens que estavam longe, lutando. E quando ao despertar pela manhã viam a geada nos telhados, lembravam-se num arrepio dos soldados que tinham passado a noite ao relento, e choravam.

Velhos quietos pitavam sentados à tardinha na frente de suas casas, pensando nas guerras em que haviam tomado parte, e nos tempos d'antanho, quando tinham a força da mocidade e andavam a fazer tropas ou a camperear. Agora não prestavam mais para as lidas do campo nem para as da guerra, e ali estavam parados, inúteis, fracos como mulheres.

Olhavam melancolicamente as outras pessoas, meio envergonhados, como a pedir desculpas por terem envelhecido. E ninguém ficava sabendo se tinham os olhos lacrimejantes de velhice ou de tristeza.

Foi naquele quente e abafado dezembro de 1869 que chegaram de volta a Santa Fé alguns voluntários que a guerra deixara inválidos. Entre eles estava Florêncio Terra, que recebera um balaço no joelho. Desceu da carroça apoiado em muletas. Estava tão barbudo, tão magro e sujo, que a própria mulher não o reconheceu no primeiro momento. Ficaram os dois frente a frente, parados, mudos, a olhar estupidamente um para o outro.

De repente ela se atirou nos braços de seu homem e desatou o choro.

Florêncio abraçou-a, um pouco desajeitado por vê-la fazer aquela cena no meio de tanta gente. Ao redor deles havia uma grande balbúrdia, mistura de risadas, de choro e também de silêncios: o silêncio pesado das mulheres e dos velhos cujos parentes tinham morrido, e que ali estavam para ver a felicidade dos outros.

Ondina soluçava, com a cabeça encostada ao peito do marido.

— Não chore - disse ele, acariciando de leve os cabelos da mulher. — Não é nada. Voltei vivo.

Ela queria dizer alguma coisa mas não podia.

— Como vão as crianças? Por que é que não vieram? Finalmente Ondina conseguiu falar. Contou que os filhos o esperavam em casa, e que estavam todos bem.

Fazia quatro anos que não via Florêncio. Um dia, no inverno de 66, correra por Santa Fé a notícia de que ele tinha morrido. Ela, porém, tivera o pressentimento de que aquilo não era verdade, e nunca deixara de esperar a volta do marido.

Caminharam para casa, parando aqui e ali quando conhecidos vinham cumprimentar Florêncio. Queriam saber onde e como tinha sido ferido; se a coisa era grave; como ia a guerra; quando vinha a paz; se era verdade que Solano López estava morto… Florêncio respondia na sua maneira lacônica, constrangido por estar sendo alvo de tantas atenções.

Caminhava apoiado nas muletas, com a perna esquerda dobrada e rígida, o pé no ar. O ferimento lhe ardia: o corpo todo lhe doía e ele tinha uma desagradável sensação de febre. A viagem até ali fora tão dura como a própria guerra. Eram quinze homens imundos e doentes amontoados numa carroça. Um morrera no caminho, outro estava agonizando. Tinham tomado chuva e passado fome na estrada.

Ondina não dizia palavra. Chorava mansamente, sem ruído e já nem mais se dava o trabalho de enxugar as lágrimas. Florêncio, que tanta saudade sentira de sua terra naqueles anos de ausência, agora nem sequer olhava para as casas. Era como se temesse encará-las, como se elas fossem pessoas e lhe pudessem fazer alguma pergunta embaraçosa. Quando chegou à praça, fez alto e olhou primeiro para a figueira e depois para o Sobrado. Lá estava o casarão com sua fachada

caiada a reverberar a luz da tarde. Florêncio sentiu um aperto no coração. Lembrou-se de Bolívar, de Bibiana, de Luzia e todo o passado pareceu cair sobre ele como cinza fria. Uma pergunta se lhe formou no espírito: chegou a descerrar os lábios para a formular, mas conteve-se em tempo. Era melhor não remexer naquelas coisas… Continuou a andar.

Os filhos o esperavam à frente da casa. Juvenal, Maria Valéria e Alice… Florêncio parou a alguns passos deles sem saber que fazer nem dizer. Estava contrafeito, como se defrontasse estranhos. Olhava as três caras morenas e tristes que o miravam com expressão bisonha. Teve ímpetos de apertá-los todos num longo abraço, de beijar-lhes os rostos muitas, muitas vezes. Mal, porém, nasceu esse desejo, uma vergonha antecipada desse gesto o congelou. Continuou parado, olhando… Mas precisava dizer alguma coisa. Ia perguntar: "Se portaram direito quando o papai não estava em casa?" - quando Ondina falou: - Peçam a bênção.

Primeiro veio Juvenal. Tinha quase catorze anos e um ar oblíquo de bugre. Beijou a mão do pai e ergueu para ele os olhos muito pretos e lustrosos. Florêncio pousou a mão na cabeça do filho e disse: - Deus te abençoe e guarde, Juvenal.

Depois veio Maria Valéria, que ele achou magra e alta demais para seus nove anos.

— A bênção.

Florêncio sentiu na mão os lábios úmidos e frescos da menina.

— Deus te crie pró bem, minha filha.

Quando chegou a vez de Alice, a criança rompeu a chorar, agarrou-se à saia da mãe, gritando: - Esse homem não é meu pai! Não é meu pai! Não é meu pai!

Desconcertado, Florêncio lançou um olhar patético para Ondina e entrou em casa de cabeça baixa, arrastando as muletas no chão.

Na manhã seguinte foi com a mulher ao cemitério levar flores aos túmulos dos pais, que haviam morrido ambos de bexigas pretas POUCO antes de ele partir para a guerra. Ficaram longo tempo em silêncio a olhar para as duas sepulturas rasas. O cemitério estava completamente abandonado. Ervas cresciam por entre os túmulc os muros de pedra caíam aos pedaços e joões-de-barro tinham feic seus ninhos no telhado do jazigo da família Amaral.

Eram dez horas e o sol brilhava num céu limpo. Florêncio olhava para as duas cruzes e pensava nos pais. Mas era a imagem do velho Juvenal que ele guardava na memória com mais nitidez Sua mãe já era tão apagada mesmo em vida, a coitada! Na cepultura estava escrito: "Juvenal Terra, 1803-1864. Paz à Sua Alma." Sim - refletia Florêncio - paz era o que o Velho sempre desejara. Era um homem direito que gostava de viver em paz com as outras criaturas e com sua

consciência. Nunca tinha feito mal a ninguém era trabalhador, cumpria suas obrigações, não era homem de violências, mas quando era necessário brigar, brigava mesmo. Deus tinha feito bem em levar o casal na mesma semana. Agora ali estavam os dois, lado a lado, descansando na terra onde tinham na cido, na terra que haviam cultivado e amado. E Florêncio pensou um dia hei de vir descansar aqui. E a Ondina também. E mais tarde até as crianças. E os filhos dos meus filhos…

Uma grande pergunta de repente cresceu dentro dele. Pra quê? Para que tudo isso? Para que tanta trabalheira, tanta doença tanta desgraça, tantas andanças, tanta aflição? Para quê, se um dia a gente vem parar mesmo numa cova de sete palmos onde fica servindo de comida aos bichos da terra?

Apoiado nas muletas, Florêncio olhava fixamente para a sepultura do pai e lembrava-se agora daqueles dias horríveis de 64, quando a bexiga grassava em Santa Fé. O primeiro caso tinha aparecido num rancho no fim da Rua da Independência, depois se alastrara por toda a vila. Sua mãe fora das primeiras a serem atacadas: ficara com a garganta cheia de pústulas e só podia se alimentar de leite, às colherinhas. O rosto da coitada tinha ficad completamente preto e as solas de seus pés começaram a cair assim como casca de marmelo cozido. O dr. Viegas mandava conservar os doentes num quarto escuro completamente fechado. O velho Juvenal foi atacado em seguida e morreu sufocado em menos de vinte e quatro horas.

Como tinha sido duro e cruel aquele fim de ano! quando a cidade começava a convalescer da peste, chegou a notícia de que havia arrebentado a guerra. E algumas pessoas emendaram o luto pelos parentes mortos de peste com o luto pelos parentes mortos na guerra. A casa dele, Florêncio, havia sido milagrosamente poupada pela doença. E no dia em que partiu para o Paraguai ele disse à mulher: - Deus não me matou de bexiga decerto pra me matar na guerra. Ninguém foge à sua sina.

Mas Deus também não consentira que ele morresse na guerra. E agora ali estava ele, decerto aleijado para todo o resto da vida.

Procurava interessar-se de novo pelas pessoas e pelas coisas, mas não conseguia. Queria pensar em plantar, em criar gado, em recomeçar a vida de qualquer modo, mas não sentia a menor vontade de trabalhar, só queria ficar parado, calado, pensando, lembrando-se das coisas do passado, e concluindo sempre que nada, nada mais valia a pena. Nem mesmo quando olhava para a mulher e para os filhos que agora estavam lá em casa quase nus, comendo pouco e mal, nem quando pensava no futuro da família sentia ânimo para lutar. Tinha passado o diabo naquela guerra, onde não só se morria varado de bala, de baioneta ou lança, mas também de tifo e de câmara de

sangue. Tinha visto coisas de arrepiar. E a ideia de que com suas próprias mãos matara outros homens - pessoas que ele nem conhecia e que antes não lhe tinham feito nenhum mal - deixava-o perturbado, com a sensação de ter cometido vários crimes.

Trazia ainda nas ventas o cheiro da guerra: suor de homem e de cavalo misturado com cheiro de pus, de podridão e morte. Não se livrara ainda das muquiranas que trouxera das trincheiras e dos acampamentos. Muitas vezes, naquelas terras estrangeiras, quando conseguia repousar por algumas horas entre um combate e outro, ficava deitado de costas no chão, olhando para o céu, pensando em Santa Fé, na sua casa, na sua gente, nas campinas ao redor da vila, imaginando como seria bom voltar, dormir de novo numa cama limpa, comer um bom churrasco numa mesa decente, tomar um banho no lajeado do Bugre Morto, conversar com os parentes e os amigos. Que era que ele estava fazendo ali no meio daquela soldadesca, com a carabina ao lado, esperando e temendo que o clarim de repente rompesse num toque a rebate? Nessas horas lhe vinha um desejo enorme de desertar. Mas em seguida envergonhava-se só de pensar naquilo. Só um covarde seria capaz de fazer uma coisa daquelas, uma traição tão grande aos companheiros. Pensando melhor, acabava achando que era preciso mais coragem para desertar do que para continuar pelejando. Finalmente dormia, por que o cansaço era grande. E muitas vezes em sonhos se via a se mesmo voltando para Santa Fé, conversando com Bolívar debaixo da figueira ou então caminhando como uma alma penada pelos corredores infindáveis dum casarão.

Desde sua chegada Florêncio ainda não falara no Sobrado. Era um assunto que sempre evitava. Desde o dia da morte de Blolíva ele nunca mais pusera os pés naquela casa. Havia, porém, uma coisa que ele ardia por perguntar à mulher. Ondina ali estava a seu lado calada, arrumando as flores sobre as duas sepulturas.

Deixando o olhar fugir por cima do muro de pedra na direção do horizonte, Florêncio perguntou: - Vossuncê entrou alguma vez no Sobrado quando eu estava na guerra?

Ondina continuou muda a mexer nas flores.

— Não ouviu o que lhe perguntei?

— Ouvi - respondeu ela, levantando-se, limpando as mãos no vestido mas evitando encarar o marido.

— Esteve ou não?

— Estive.

— Mas não devia.

— Ora, Florêncio, tia Bibiana vivia me chamando.

— Mas não devia.

— Ela mandou me chamar tantas vezes que no fim eu já não tinha

mais desculpas pra dar.

— Não é por causa da tia Bibiana. É por causa da outra.

— A outra nem vi. Sempre que eu ia lá, estava fechada no quarto.

— Foi melhor assim.

Ondina apanhou do chão um toco de vela e começou a limpá-lo distraidamente na ponta da saia, ao mesmo tempo que perguntava: - E vossuncê? Não vai visitar tia Bibiana?

— Ela sabe que não boto os pés naquela casa. Ondina olhou para o marido e disse: - Vossuncê está ficando cada vez mais parecido com o seu pai.

— Com quem mais eu havia de estar parecido? Quem me dera que eu fosse como ele. Meu pai era um homem de bem.

Por um rápido momento Florêncio teve a impressão de que Juvenal Terra o estava escutando, e isso o deixou um pouco desconcertado, pois ele sabia que, se havia coisa que o Velho detestasse, era que lhe fizessem elogios assim à queima-roupa.

Saiu a visitar outras sepulturas, e ao ver a própria sombra no chão - um homem de muletas com a perna dura e o pé no ar - começou a pensar em que talvez no futuro ele viesse a ser conhecido na vila como o "Florêncio Pepé". Até ouvia cochichos: "Lá vai o Florêncio Pepé. Foi na Guerra do Paraguai, coitado! Uma bala no nervo". Lembrava-se dum tipo de sua infância, o Joca Madureira, que tinha uma perna mais curta que a outra.

Muitas vezes ele e Bolívar, trepados na figueira e escondidos entre seus ramos, viam o homem atravessar a praça cochiando e gritavam: "Joca Pepé!" Joca voltava-se para todos os lados, não enxergava ninguém mas gritava, cuspindo-se de raiva: "Pepé é a mãe".

Florêncio parou diante da sepultura de Bolívar Cambará. Era toda de alvenaria e tinha em vez de cruz uma estátua de mármore, uma mulher de asas - um anjo - tocando lira. Florêncio sempre achara aquilo uma ostentação de que Boli não havia de gostar. Além disso, aquela estátua parecia Luzia… Era por isso que agora Florêncio fazia o possível para não olhar para o anjo: lia apenas a inscrição na lápide de granito. Mas a inscrição também lhe dava um certo mal-estar, porque era um epitáfio em verso, feito por ela. Com todas aquelas coisas em cima, o pobre do Bolívar estava mais morto do que se repousasse numa sepultura rasa.

Florêncio começou a lembrar-se de outros tempos. Viu crianças brincando debaixo da figueira grande, seus pés de menino esmagavam figos verdes no chão, a fumaça cheirosa duma fogueira de ramos secos subia para o céu.

Viu também o lajeado, ouviu o rumor da água, sentiu cheiro de sabão preto e de mato. Bolívar nadava em largas braçadas, fazendo muito barulho. "Vamos jogar uma carreira! " - gritou. — "Bamo!" E

perto dele, num contraste, surgiu o corpo negro e lustroso do Severino…

Florêncio teve a sensação de que todos os amigos que possuía no mundo estavam mortos. Pior que isso: tinham-se matado uns aos outros. Meu lugar também é aqui no cemitério - pensou. Eu também estou morto.

Teve vontade de dizer à companheira: “Vá pra casa, Ondina. Eu fico, porque o meu lugar é aqui”. Mal, porém, pensou essas palavras, a imagem do pai se lhe desenhou no espírito e ele lhe ouviu a voz descansada e grave: Quando a seca é grande não há nada como tocar fogo no pasto ruim pra que venha o bom. Era assim que Juvenal Terra costumava falar quando lhe acontecia alguma desgraça. Ele não desanimava nunca, estava sempre pronto a recomeçar.

Florêncio suspirou, olhou para a mulher e convidou: - Vamos pra casa?

No dia seguinte, por volta das três da tarde, Florêncio foi visitar o dr. Cari Winter, que agora morava numa meia-água na Rua dos Farrapos, na quadra que dava para a Praça da Matriz. Fazia muito calor e o médico, que havia pouco despertara da sesta, recebeu-o completamente nu, e só depois de cumprimentar o visi- ;| tante é que se lembrou de amarrar na cintura uma toalha de algodão. Florêncio estranhou que o alemão não lhe fizesse as perguntas habituais sobre a guerra. Notou também que o dr.

Winter envelhecia e que já havia fios brancos em suas barbas e cabelos ruivos.

— Sente-se, sente-se - disse o médico, mostrando uma cadeira. — Toma um mate?

— Aceito.

— Heinrich Heine!

Do fundo da casa surgiu um negrinho de canela fina, cabeçorra oval e grandes olhos de jabuticaba.

— Senhor!

— Vá fazer um mate. Schnell!

— Já vou O moleque fez meia-volta e tornou a desaparecer. Florêncio estava admirado.

— Ele fala mesmo alemão? - perguntou.

— Não. Só sabe dizer sim senhor.

— E como é mesmo o nome dele?

— Foi batizado como Sebastião. Mas eu o chamo Heinrich Heine.

Florêncio olhou para o médico sem compreender. Tinha a vaga suspeita de que o homem não estava muito bom do juízo.

Winter acendeu um cigarro de palha, lançou um olhar enviesado para Florêncio e explicou: - Heine é o nome dum grande poeta alemão. — Apontou para um volume encadernado em couro que

estava em cima da mesa. — Foi o homem que escreveu aquele livro. Se eu tivesse um filho, poria nele o nome de Heinrich Heine em homenagem a um dos meus poetas favoritos. Como não tenho, dou esse nome a meu escravo.

Meio confuso, sem saber que dizer, Florêncio remexeu-se na cadeira e observou: - Pelo que vejo, o doutor até agora não quis saber de casamento…

Winter começou a coçar a coxa peluda.

— Dá muito trabalho, Florêncio, dá muito trabalho.

— É. Há pessoas que são contra.

O dono da casa sentou-se, de pernas muito abertas, os braços cruzados sobre o tórax onde se via o relevo das costelas. Ficou fumando em silêncio e a perguntar a si mesmo se a visita de Florêncio era de caráter social ou profissional.

— Que fim levou a Gregória? Winter fez um gesto vago.

— Entrou na fresca noite…

— Como?

— Kaputt. Morreu. — E para si mesmo recitou baixinho: “Der Tod, das ist die kuhle Nacht”.

— Que foi que o senhor disse?

— Nada. Estava recitando um verso de Heine sobre a morte.

— Ah…

Florêncio achava um pouco difícil entrar no assunto que o levara à casa do médico. Sempre lhe fora desagradável pedir e muito mais desagradável ainda colocar-se numa situação de inferioridade perante outro homem.

Não era orgulho; era… nem mesmo ele sabia o quê.

Puxou um pigarro, agarrou as muletas que tinha posto horizontalmente sobre as coxas, e começou: - Doutor, eu vim pra vosmecê dar uma olhada na minha perna.

— Que é que há com a sua perna? - perguntou Winter sem olhar para o outro.

— Como vosmecê sabe, fui ferido num combate, e fiquei com a perna encolhida e dura.

— E que é que quer que eu faça?

Florêncio ficou chocado com estas palavras, o sangue lhe subiu ao rosto, as orelhas lhe arderam; e por um instante, perturbado, não achou as palavras de que precisava. Por fim, tartamudeou: - Bom. Queria que vosmecê me examinasse… pois é. Pra me dizer se há esperanças….

Winter levantou-se e caminhou para o outro.

— Deixe ver.

Florêncio arregaçou as calças até acima do joelho, que estava envolto em ataduras. Winter acocorou-se ao lado dele e começou a

desfazer as ataduras. Ficou longo tempo olhando o ferimento, apalpando a perna, e fazendo perguntas ao paciente. Depois ergueu-se, foi até a gamela e começou a esfregar as mãos com sabão de pedra, sem dizer palavra.

Florêncio esperava.

— Então, doutor?

Winter meteu os dedos pelas barbas e coçou o queixo.

— Não precisa mais usar esses panos. A ferida está cicatrizada.

Florêncio olhava o outro bem nos olhos.

— Será que vou ficar com a perna dura pró resto da vida, doutor?

Winter continuava a coçar o queixo sem dizer palavra, lançando olhares enviesados para a perna do outro.

— Talvez não fique bem como antes - disse, ao cabo de alguma reflexão. — Mas com um pouco de exercício sua perna vai ficar quase boa. É preciso fazer umas massagens. Vou ensinar a dona Ondina como se faz.

O moleque entrou com a cuia e a chaleira d'água quente, entregou-as ao amo e retirou-se sem fazer o menor ruído.

Winter encheu a cuia d'água e deu-a a Florêncio, que começou a chupar nas bomba melancolicamente. Estaria o doutor dizendo aquelas coisas só para o animar? Ou poderia ele mesmo um dia caminhar sem muletas?

— Experimente andar sem muletas, só com um bastão. Faça força para endireitar a perna, mesmo que doa. E procure caminhar, caminhar bastante.

Winter começou a andar dum lado para outro, e quando Florêncio lhe viu as nádegas muito brancas, recobertas dum pelo fulvo, ficou tomado dum certo constrangimento e temeu - ele mesmo não sabia ao certo por quê - que alguém entrasse naquele momento e os visse em tão grotesca situação.

Passou a cuia para o outro. Winter começou a tomar o seu mate. Estava agora dominado pelo hábito do chimarrão, que sempre achara uma grande porcaria.

Florêncio ardia por saber como iam as coisas no Sobrado, mas não queria principiar o assunto. Como se estivesse a ler-lhe os pensamentos, o outro perguntou: - Já viu dona Bibiana?

— Não. Vosmecê sabe que não entro naquela casa.

— Sei. Mas vai continuar sempre assim?

— Não há nenhuma razão pr'eu mudar.

— Há muitas. Uma delas é que o menino precisa de sua amizade.

— Mas não acha que o que aconteceu é bastante pr'eu nunca mais botar os pé no Sobrado?

Winter deu um tapa no vácuo.

— Ach! Isso aconteceu há muito tempo.

— Foi ontem, doutor.

— Pois acho que vosmecê devia quebrar seu orgulho…

— Não é orgulho.

— Que é então? Teimosia?

— É vergonha.

— Vergonha de quê? Vosmecê não vai pedir nada Vosmecê não tem do que se envergonhar.

— Aquela mulher… - principiou Florêncio, mas não pôde continuar. O que ele na verdade sentia não podia dizer a ninguém. Winter terminou a frase duma maneira para o outro inesperada e chocante.

— Aquela mulher não tem vida pra muito tempo!

— Como assim?

— Um tumor maligno no estômago! - exclamou o médico, quase com raiva. Às vezes perdia a paciência com aquela comédia provinciana que de quando em quando queria tomar o caráter de tragédia. Não era também muito tolerante para com suas rudes personagens, que não podiam compreender certas sutilezas da vida. E desforrava-se delas falando-lhes com uma franqueza que às vezes chegava a ser brutal.

Florêncio ficou silencioso por um instante. E depois: - Ela sabe? - perguntou.

— Sabe.

— Vosmecê falou franco? Disse que ela tinha vida pra pouco tempo?

— Disse. Uma mulher como Luzia tem mais coragem que muito homem que conheço.

— E isso não tem cura?

— Não.

— Nem em Porto Alegre? Nem na Corte?

— Não.

— Tia Bibiana também sabe de tudo.

— Sabe.

— Que é que ela diz?

Winter encolheu os ombros angulosos.

— Nada. Que é que podia dizer?

Florêncio brincou um instante com as muletas, pigarreou, meio embaraçado, e depois perguntou: - Como é que elas vivem naquela casa, doutor?

— Odiando-se.

— Mas como é que duas pessoas que se odeiam assim podem viver debaixo do mesmo teto?

— Estão jogando uma carreira.

— Como?

— Sim, uma carreira. Não em cancha reta, mas numa cancha cheia de curvas. A raia da chegada é a morte. Só que nessa carreira quem chegar primeiro perde…

— Perde?

— O Sobrado e o menino.

Florêncio olhou para o médico com olhos vazios.

— Vosmecê me desculpe, mas não compreendo.

— O que mantém aquelas duas mulheres juntas na mesma casa é a esperança que uma tem de que a outra morra primeiro.

— Não acredito, doutor, vosmecê me desculpe, mas não acredito.

— Por quê?

— Tia Bibiana não é capaz duma coisa dessas. Winter soltou uma risada seca e falsa.

— Sua tia é capaz de muito mais coisa do que vosmecê imagina. Ela odeia a nora com a mesma força com que amava o filho.

— E a nora odeia ela! - retrucou Florêncio, como se estivesse num duelo de sabre e revidasse um golpe do adversário com outro golpe imediato e igualmente vigoroso.

— Exatamente!

— Mas eu não compreendo então por que ela continua no Sobrado.

— Muito simples. Se ela deixa o Sobrado, perde o neto. Pense bem, Florêncio. Se Luzia morrer, o problema se resolve. Dona Bibiana fica com o menino e com o Sobrado e pode assim governar os dois como bem entender.

Florêncio sacudia a cabeça com obstinação.

— Vosmecê está enganado. Tia Bibiana é uma mulher de bom coração.

— Dona Bibiana é uma mulher prática. Aguinaldo Silva tomou a terra do pai dela por meio duma hipoteca. Ela recuperou a terra por meio dum casamento.

De novo Florêncio sentiu formigueiro no corpo, um ímpeto de erguer-se e começar a gritar desaforos. Mas conteve-se. Aquele homem branco, magro, estrangeiro e nu desconcertava-o um pouco. Se um compatriota seu lhe tivesse dito aquelas mesmas palavras, ele já estaria de faca desembainhada, pronto para brigar. Mas o diabo do doutor tinha um jeito de dizer as coisas… Limitou-se a retrucar: - Vosmecê está só imaginando…

— A coisa é tão clara que só não vê quem não quer.

— Não acredito.

— Vosmecê não quer acreditar. Porque tem medo. E sabe por quê? - Aproximou-se tanto de Florêncio que este sentiu no rosto o hálito morno do médico e o seu cheiro de desinfetante. — É porque, se acreditar nas coisas que estou lhe dizendo, vosmecê acabará se

desiludindo de todo o mundo. Há quase catorze anos vosmecê perdeu Bolívar, o seu melhor amigo. Depois perdeu seu pai, o único homem que vosmecê respeitava e admirava de verdade. Só lhe resta agora dona Bibiana, que vosmecê sempre se habituou a ver como uma mulher decente, de bom coração, incapaz dum sentimento de maldade. Agora não quer matar a sua última ilusão e por isso se esforça para não acreditar…

Winter calou-se, fez meia-volta e foi até a janela dos fundos da casa.

Por que dissera aquelas coisas brutais? Estava torturando o pobre homem.

Florêncio era uma alma simples, acreditava que as pessoas podiam ser ou absolutamente más ou absolutamente boas. Tinha um código rudimentar e rígido de comportamento e dispunha duma única medida para avaliar as criaturas. Voltara da guerra inválido, estava desiludido, cansado e triste. Era uma malvadeza dizer aquelas verdades a uma pessoa em tal estado de espírito e de corpo.

Mas já agora Winter não via mais jeito de parar. Andava amargurado, cansado daquela vida e impaciente até consigo mesmo. Toda vez que pensava em deixar Santa Fé e voltar para a Alemanha ou para qualquer outra parte da Europa, surpreendia-se a sentir uma preguiça invencível, uma abulia que acabava chumbando-o àquela terra cuja gente ele aborrecia e em certos momentos chegava a odiar - àquela terra absurda que apesar de tudo o prendia poderosamente, como pela ação dum sortilégio maléfico. Desabafava em suas cartas a Von Koseritz. Seu lieber Baron agora era uma figura pública importante, escrevia belos artigos em português, fazia jornalismo, metia-se em política e interessava-se pelas colônias alemãs - das quais era uma espécie de maioral. Seu amigo Carlos von Koseritz, que ele não vira mais depois do primeiro encontro em 1851, era praticamente a única pessoa com quem ele podia desabafar. Acontecia, porém, que numa conversa epistolar o "interlocutor" não está presente, não pode fornecer a resposta ao pé da letra, a fim de animar a polêmica, de avivar a discussão. Ali em Santa Fé, Winter se ressentia da falta de bons interlocutores. Discutia com o padre, e para exasperá-lo exagerava seus pontos de vista ateus. O dr.

Nepomuceno envelhecia e estava envolto numa tão espessa carapaça de estupidez, que suas farpas irônicas nem lhe chegavam a arranhar a pele.

O dr. Viegas, o pobre dr. Viegas, que fora trazido a Santa Fé para combater o cólera-morbo e acabara estabelecendo-se na cidade, era duma burrice dolorosa: desperdiçar ironias com ele seria, para usar uma expressão da província, "gastar pólvora em chimango". Winter sentia agora uma necessidade permanente de agredir, e sua arma de

agressão mais contundente era a franqueza, a verdade. Dizer verdades desagradáveis tinha-se-lhe tomado ultimamente um hábito que lhe valia muitas inimizades e desconfianças. No entanto os clientes continuavam aparecendo: os colonos de Nova Pomerânia e de Garibaldina não queriam saber do dr. Viegas.

Florêncio permanecia num silêncio reflexivo. O que o dr. Winter acabara de dizer era a pura verdade. Ele admirava a tia, tinha-a como uma dessas mulheres raras. Era-lhe difícil acreditar em que ela realmente tivesse feito o filho casar com Luzia só para se apoderar do Sobrado. Sentia que era seu dever replicar ao doutor com veemência, defender tia Bibiana. Mas não encontrava argumentos.

Foi Winter quem falou primeiro: - Vosmecê está enganado se pensa que por ter procedido assim sua tia se revelou uma mulher má. Não! Ela é, sem a menor dúvida, uma mulher prática. Não só recuperou as terras de seu pai, que o nortista espoliou, como também garantiu o futuro do neto, Licurgo agora é o dono do Sobrado e do Angico.

Florêncio suspirou de leve.

— Mas o preço foi muito caro.

— Nem sempre se pode fazer pechinchas com a vida, meu amigo - retrucou o médico, tornando a encher a cuia d'água.

— Como vai o Licurgo? - perguntou Florêncio depois duma longa pausa.

— Não viu ainda o menino?

— Não. Ele e a tia Bibiana andam agora lá pelo Angico.

— Licurgo está quase um homem.

— Só no tamanho?

— Não. Em tudo. Um homem segundo o conceito que vosmecês nesta província fazem de homem.

— Sempre tive medo da criação desse menino. Por causa da mãe.

— Não se impressione. Quem toma conta dele é a avó.

— E a mãe?. . .

— Sei lá!

— E o Curgo gosta muito dela? Winter fez um gesto evasivo.

— É difícil dizer.

Winter já notara que Bibiana e Florêncio nunca pronunciavam o nome de Luzia. Era como se a palavra fosse um ácido que lhes corroesse a língua.

— Será que o menino percebeu que a mãe é... é uma mulher doente?

— Quem sabe? Agora é que ele está chegando à idade de compreender melhor as coisas.

— É impossível que ele não tenha notado que a avó e a mãe não se falam, não se gostam.

— A verdade é que Licurgo está demasiadamente interessado na estância para se preocupar com outros assuntos. Luzia nunca vai ao Angico e o rapaz passa lá todo o verão e boa parte do outono em companhia da avó.

Vem no inverno para estudar. É possível que nem tenha percebido nada. No fim de contas, a gente desta terra não é lá muito conversadora…

— Mas mais cedo ou mais tarde o Curgo vai compreender tudo, descobrir o que houve entre a mãe e o pai. Há muita gente malvada no mundo. Alguém pode contar…

— A própria avó pode encarregar-se disso. Florêncio recebeu essas palavras como uma bofetada.

— Vosmecê não tem direito de dizer uma coisa dessas. Winter avançou resoluto dois passos na direção do outro e, tirando a bomba de prata da boca, perguntou: - E por quê?

— Porque tia Bibiana não é capaz de tamanha maldade.

— Um dia ela será obrigada a isso.

— Obrigada?

— E a carreira, Florêncio! Vosmecê sabe que há corredores que são capazes de tudo pra ganhar a carreira…

Florêncio sacudia a cabeça, relutando em aceitar o ponto de vista do alemão.

— Olhe, preste atenção no que lhe vou dizer. Dona Bibiana vive atormentada, roída de medo. Tem medo que esta guerra dure mais três ou quatro anos e o Licurgo acabe se apresentando como voluntário. Vosmecê reparou no que isso significa? Se Licurgo morre, acabam-se os Cambarás.

Licurgo é para sua tia a continuação de Bolívar, assim como Bolívar era a continuação do capitão Rodrigo. Se Licurgo morre, tudo se acaba para ela. — Mudou de tom. — Heinrich Heine! - berrou. E quando o negrinho apareceu com ar assustado, o médico disse: - A água esfriou. Vá aquentar mais. Schnell!

Tornou a encarar Florêncio: - O outro medo não é menor e faz sua tia perder muitas noites de sono. É o medo de que Luzia um dia resolva vender o Sobrado e o Angico e mudar-se com o filho para a Corte.

— E vosmecê acha que ela pode fazer isso?

— Agora não, porque está doente, não tem parentes, e o filho está ainda muito novo para tomar conta dela.

— E mais tarde, quando o Curgo ficar homem?

— Mais tarde, talvez. Mas tudo vai depender da espécie de homem que Licurgo sair. Acredito que, criado pela avó, ele não pensará nunca em se desfazer do Sobrado nem do Angico.

— Essa é a minha esperança.

Houve um silêncio. Winter olhou para a sua estante, que estava agora cheia de livros alemães e franceses que ele encomendara do Rio de Janeiro. Entre o mundo de que tratavam aquelas obras e o mundo de Florêncio, havia uma distância abismal, que não se media só em espaço, mas também e principalmente em tempo.

— Doutor… - principiou Florêncio, pigarreando. — Ouvi falar umas coisas…

— Que coisas?

— Um tal major que anda por aí…

— Sim… - Winter olhou com o rabo dos olhos para o interlocutor.

— Estiveram me contando que ele anda apaixonado pela… por… pela mãe do Curgo.

— Pode ser.

— Dizem que vai muitas vezes visitar ela no Sobrado e que ficam horas e horas conversando…

— É verdade.

— Quem é ele, doutor?

— Um tal major Erasmo Graça, do Rio de Janeiro. Por quê?

— Eu só queria saber. — Pausa. — Que é que anda fazendo por aqui?

— Veio tratar dumas requisições do governo. É um homem muito insinuante e simpático. Tem uma comenda da Ordem da Rosa e dizem que é valente como um leão.

Winter pronunciou estas últimas palavras num tom de paródia. Florêncio ficou por alguns segundos calado e depois: - Vosmecê acha que ela gosta dele? - perguntou.

— Não sei. Mas se gostar não é de admirar. O major Graça é um homem e tanto.

— Mas não será que ele está interessado mais no dinheiro dela do que nela mesma?

— Não creio. Luzia é uma mulher capaz de inspirar paixões, não acha?

E ao fazer esta pergunta, Winter olhou firme nos olhos do outro.

Florêncio piscou, tomado dum mal-estar. Quem estava nu agora era ele, completamente nu… Desviou os olhos e prosseguiu: - Se eles casarem…

— Esse é outro medo que rói as entranhas da velha - interrompeu-o o médico. — O medo de que Luzia venha a casar-se. Nestes últimos anos apareceram vários homens que foram ao Sobrado e ficaram apaixonados por ela. Dona Bibiana andou pisando em brasas todo o tempo.

— E o senhor acha que agora há perigo dela se apaixonar por este?

— Francamente: acho.

— Mas é uma barbaridade!

— Barbaridade? Por quê? Luzia tem apenas trinta e cinco anos e está viúva há quase catorze. Não vejo nada de mal em que ela se case. Não será a primeira viúva a dar esse passo.

— Mas é uma injustiça! Por causa do menino…

Winter encolheu os ombros como a dizer: "Seja como for, o problema não é meu".

Florêncio ergueu-se e de novo apoiou-se nas muletas.

— Bom, doutor, vou andando. Winter acompanhou-o até a porta.

— Faça bastante exercício e mande sua mulher fazer-lhe massagens na perna.

Junto dá porta Florêncio ainda perguntou: - Quando é que ele vai embora?

— Ele quem?

— O tal major.

— Dentro duns cinco ou seis dias.

— Ainda bem. Volta pra guerra?

— Volta. Não se apoquente. Pode ser que ele morra ou então que ela morra. Deus é grande.

E foi empurrando o outro para a rua com certa impaciência.

Aos quinze anos Licurgo Cambará era já um homem. Usava faca na cava do colete, fumava, fazia a barba e já tinha conhecido mulher. Estudava História e Linguagem com o dr. Nepomuceno, Aritmética e Geografia com o vigário, e Ciências com o dr. Winter. O resto - que para ele era o principal - aprendia com a própria vida, com a peonada do Angico e principalmente com o velho Fandango, o capataz. O português que o dr.

Nepomuceno lhe ensinava era um idioma estranho que muito pouco tinha a ver com a língua que se falava no galpão e na cozinha da estância.

Fandango achava que o conhecimento da Aritmética não fazia nenhuma falta às pessoas. Tinha uma teoria própria sobre as quatro operações. "O homem trabalhador - dizia ele, piscando o olho - soma; o preguiçoso diminui; o sábio multiplica e só o bobo divide." Nunca frequentara escola, e no entanto era capaz de, numa passada d'olhos, dizer quantas cabeças de gado havia numa tropa.

Geografia? Fandango tinha toda a geografia da província na cabeça. Desde meninote vivia viajando, conduzindo carretas, fazendo tropas, e não havia cafundó do Rio Grande que ele não conhecesse tão bem como as palmas de suas próprias mãos. Sabia onde ficavam as aguadas, onde os rios davam vau, onde havia melhor pasto ou melhor pouso. Parecia não existir em todo o território do Continente rancho, estância, povoado, vila ou cidade onde ele não tivesse um conhecido. "Até as árvores e os bichos me conhecem por onde passo" - gabava-se

ele.

Certa vez no galpão, meio por caçoada e meio a sério, um peão lhe perguntou: - Por onde é que a gente sai pra ir pra tal de Europa?

Fandango olhou primeiro para a direita, depois para a esquerda, fechou um olho, ergueu o braço na direção do norte e disse com ar de entendedor: - Sai-se aqui direito por Passo Fundo.

História? Fandango sabia as melhores histórias do mundo: casos de assombração, lutas de família, guerras, duelos, lendas… Com dezesseis anos vira sua primeira guerra, e era por isso que costumava dizer: "Dês que me conheço por gente ando brigando com esses castelhanos".

Os livros de História falavam em generais, governadores, lugares, datas e coisas difíceis de entender. Curgo achava mais fácil acreditar nos "causos" de Fandango, que se referiam a gente e lugares conhecidos ali da província. "César conquistou a Gália." - lia o dr. Nepomuceno. Curgo escutava-o sem o menor interesse; ficava, porém, de olho aceso e atenção alerta quando o velho Fandango se acocorava ao pé do fogo e começava uma história: "Pois diz-que uma vez o Xaxá Pereira resolveu ir visitar um compadre que ele tinha na Soledade…" As conquistas de Napoleão Bonaparte descritas pelos livros e comentadas-pelojuiz de direito empalideciam ante as proezas de Bento Gonçalves narradas por Fandango.

Curgo gostava mais das aulas do dr. Winter que das do padre ou as do dr.

Nepomuceno. O vigário tinha um cheiro azedo e uma voz desagradável. O outro - pobre do velho! - cochilava durante as lições e limitava-se a ler com sua voz arrastada o que estava escrito nos livros.

O dr. Winter era diferente. Nunca ficava parado dentro de casa com o aluno. Levava-o a passear pelo campo, explicava-lhe que a Terra era redonda como uma laranja e achatada nos polos. Apontava à noite para as estrelas e dizia-lhes os nomes e as distâncias a que se encontravam da Terra. E quando dava lições de Botânica era mostrando plantas de verdade e não apenas as gravuras dos livros. Tinha uma magnífica lente de cabo de madrepérola com a qual fazia o aluno examinar flores e folhas, talos de relva ou gomos de laranjas e bergamotas. De que são feitas as nuvens? Por que é que quando a gente solta um livro que tem na mão o livro cai?

Como é que a água se transforma em gelo? Por que é que existem o dia, a noite e as estações do ano? O dr. Winter explicava todas essas coisas a Licurgo, que as achava fantásticas, impossíveis - "invenções de estrangeiro pra fazer a gente de bobo". Sempre que ia para o Angico o rapaz pedia a opinião do capataz sobre os ensinamentos do alemão.

— Patacoadas! - exclamava Fandango. — Patacoadas! Estrangeiro

é bicho besta. Esses negócios que aparecem nos livros são bobagens. Não ha nada como a experiência do indivíduo. Pra ver se vai chover esses doutores da mula ruça olham numa engenhoca parecida com um relógio. Gaúcho não precisa disso.

Ele sabia ver sinais de chuva no cheiro do vento ou no jeito das nuvens.

Havia um certo lado do céu - o poente - que ele _ chamava de chovedor, pois quando as nuvens preteavam para aquelas bandas, era chuva na certa. Existiam ainda outras maneiras dum campeiro prever o tempo sem precisar olhar naquelas geringonças de gringo.

Havia um ditado que Fandango repetia com frequência no inverno: “Geada na lama, chuva na cama”. Um dia Curgo pergun- tou: - Por que “na cama”, Fandango?

— Pra rimar, hombre.

Em suas muitas andanças guerreiras pela Banda Oriental, e principalmente depois duma famosa viagem que fizera a Concepción do Paraguai - onde fora levar uma tropa de mulas - , Fandango incorporara a seu vocabulário vários termos castelhanos. Nunca dizia homem, mas sim hombre; em vez de chapéu usava sombrero, e empregava com frequência palavras como - despacho, calãvem, muchacho, temprano…

Às vezes, para mangar com Curgo, quando o menino lhe perguntava se ia chover ou não, o velho gaúcho olhava grave para o céu, consultava as nuvens e respondia: - Céu pedrento, chuva ou vento… - fazia uma pausa breve, soltava sua risadinha seca e acrescentava: - ou qualquer outro tempo.

Quando andavam os dois pelo campo sob a soalheira e, sentindo sede, ficavam a buscar ansiosamente uma aguada, Fandango fazia o cavalo parar e começava a fungar com força, cheirando o vento.

Ao cabo de algum tempo dizia: - Tem água perto. E é pr'aquele lado! Dirigiam-se para o lado indicado e encontravam água.

— Como é que tu sabes essas coisas? - admirava-se Curgo. O outro respondia: - Sou índio velho mui vivido.

Fandango estava chegando à casa dos sessenta, mas era um homem vigoroso e desempenado, e tinha mais resistência para o trabalho do que muitos dos peões mais moços do Angico.

Para Licurgo, Fandango era uma espécie de oráculo - o homem que tudo sabe e tudo pode. Um peão era um peão, uma pessoa que hoje podia estar aqui e amanhã na estrada ou no galpão de outro estancieiro. Mas com Fandango a coisa era completamente diferente. O velho se achava mais preso às terras do Angico do que aquelas árvores que tinham raízes profundas no chão. Desde que nascera, Curgo se habituara a ver o capataz ali na estância, como um elemento mesmo da paisagem. Era inconcebível o Angico sem Fandango ou

Fandango sem o Angico.

Um dia numa aula o dr. Winter dissera a Curgo algo que o deixara intrigado. Com uma pequena bússola de bolso na mão, o médico falava do globo terráqueo e dos polos.

— Sua vida, Curgo - disse ele - oscila entre dois polos magnéticos: Fandango e dona Bibiana.

O que o capataz do Angico e sua avó tinham a ver com a bússola foi coisa que Curgo não pôde nem procurou compreender. O doutor às vezes parecia que não era muito bom do juízo!

Era José Fandango um homem de estatura média, pele tostada de sol, olhinhos pretos e pícaros metidos no fundo de órbitas ossudas, bigodes e barbicha grisalhos, e bochechas dum corado de goiaba madura. Tinha uma voz de cana rachada, que lembrava muito o pairar dum papagaio, e que ficava pastosa quando o velho comia carne gorda e falava de boca cheia.

Costumava ele resumir seus gostos e desgostos numa frase que já corria mundo: “Três coisas ha nesta vida que me fazem muito mal: mulher velha, noite escura e cachorrada no quintal”.

Seu nome verdadeiro era José Meneses, mas quando mocinho era tão grande sua fama de trovador e bailarim, que os amigos acabaram por dar-lhe o apelido de Fandango. A alcunha pegou de tal modo que ele resolveu adotá-la como nome. Viúvo, sua família se resumia no filho, conhecido por Fandango Segundo, e num neto, o Fandanguinho, rapazola de treze anos e “amigaço” de Licurgo.

Era voz geral que “onde está o Fandango tem sempre fandango”. Quando lhe perguntavam de onde vinha e quem eram seus pais, o capataz respondia em verso: Eu não tenho pai nem mãe, Nem nesta terra parentes. Sou filho das águas claras, Neto das águas correntes.

Mas o verso de que Fandango mais gostava de recitar continha, por assim dizer, uma declaração de princípios: índio velho sem governo Minha lei é o coração. Quando me pisam no poncho Descasco logo o facão, E se dúvidam perguntem A moçada do rincão.

Era verdade. Ninguém duvidava disso. Contavam-se proezas de Zé Fandango.

Duma feita, quando moço, tinha acabado um baile a facão. Como a filha do dono da casa se recusasse a dançar com ele, Fandango sem se perturbar lhe gritara: “Não é a primeira égua que me nega estribo”. Um irmão da moça estava perto e puxou a adaga. "Fechou o tempo"- contava Fandango.

“A primeira coisa que fiz foi dar um pontapé no candeeiro. Daí por diante brigamos no escuro.” Dizia-se também que de 35 a 45 Fandango fizera coisas do arco-da-velha como oficial de lanceiros dos Farrapos.

O prato que ele mais apreciava era arroz com guisado de charque

- arroz-de-carreteiro - e sua sobremesa predileta: canjica com leite. Para Licurgo era dia de festa na estância quando o velho resolvia ir para a cozinha preparar a comida.

Num dia de inverno, depois do almoço, Fandango ficara a tomar sol sentado no portal da casa do Angico. Curgo aproximou-se dele e perguntou: - Lagarteando, não, Fandango? E o gaúcho respondeu: - O sol é o poncho do pobre, hombre.

Curgo gostava dos ditados do capataz. Para tudo tinha um provérbio. Uma vez uma china solteira da estância apareceu grávida e todos ficaram curiosos por saber quem era o pai da criança. Um dos peões perguntou: - Fandango, quem foi que emprenhou a Dica?

O velho gaúcho fechou um olho, encarou o interlocutor e respondeu: - Vaca de rodeio não tem touro certo, menino.

Tinha também ditados misteriosos, cujo sentido Curgo não conseguia penetrar: - A pedra grande faz sombra, mas a sombra não pesa nada. Um dia o rapaz perguntou: - Que é que quer dizer isso?

— Quando vossuncê for mais velho vai compreender sem ninguém explicar.

Agora é mui temprano.

Em sua vida andarenga Fandango conhecera muita gente em muitos lugares.

Tinha uma memória prodigiosa, nunca esquecia nomes, datas, caras ou pormenores. Uma noite no galpão do Angico, quando os peões e um forasteiro conversavam e pitavam ao redor do fogo, alguém perguntou: - Que fim levou o Mane Tarumã?

— Foi morto por um cunhado no Poncho Verde - respondeu o capataz.

— E o tio dele, o Antônio Tarumã? Fandango pensou um pouco e depois informou: - Foi degolado em 68 pela gente do Joca Brabo.

— E aquele tropeiro de olho"torto… como era mesmo o nome dele?

— O Mingote Fagundes?

— Isso!

— Foi morto por um gaiteiro num baile. Deixe ver… Faz uns dois anos.

O estranho - um tropeiro paulista que escutara a conversa em silêncio - observou: - Pelo que vejo por aqui ninguém morre de morte natural… Fandango cuspiu no fogo e replicou: - É meio difícil, moço. Mas alguns morrem…

Com Fandango, Curgo aprendeu sobre as plantas coisas que os livros não ensinavam e o dr. Winter parecia ignorar.

— O melhor pasto pró gado é a grama rasteira ou o capimmimoso.

Capim-limão não presta. Pé-de-galinha e milho? Só pra gado

manso. E Deus me livre dum campo de barba-de-bode!

— Está vendo aquele umbu ali? - perguntou um dia o gaúcho ao menino, quando este tinha apenas oito anos.

— Estou. É muito lindo.

— Pois o umbu é como certas pessoas: só estampa.

— Por quê. Fandango?

— Porque a madeira não vale um caracol. Curgo sacudiu a cabeça. O capataz prosseguiu: - Agora, tu quer ver madeira bem boa mesmo? Pega o cambará ou o angico…

Licurgo sorriu com certo orgulho. Seu nome era Cambará: Angico era o nome de sua estância. Todas essas coisas lhe davam uma sensação de firmeza, de resistência, de força.

— E depois, menino, não é só a madeira. Folha de cambará ou de angico é muito bom pra tosse.

E ensinava-lhe outros remédios. Urinas presas? Chá de ervade-touro.

Prisão de ventre? Batata-baririçó. Fraqueza do peito? Agrião. Lombrigas?

Mastruço. Contra mordida de jararaca? Trazer em qualquer parte do corpo um toco de cipó-mil-homens.

— Conheci um carreteiro - contou Fandango noutra ocasião - que estava com os dentes frouxos. Queria ir ao dentista mas eu disse pra ele: Não faça isso! Não bote fora o seu dinheiro. Tome um chá de molho. O homem tomou e ficou bom.

Fandango ensinava também a Licurgo coisas a respeito dos bichos.

— Para descobrir o sexo dum terneiro que ainda não nasceu, a gente examina a cauda da vaca que está para dar cria, se sua ponta for aguda, vem macho; se for arredondada, vem fêmea.

— Matar corvo - explicou Fandango - traz má sorte, porque esse bicho tem parte com o diabo. Arma que mata corvo fica estragada, não para de verter água. Devemos também respeitar o joão-de-barro, muchacho, porque foi ele que ensinou o homem a fazer casas de barro. Depois, esse bichinho todas as manhãs acorda o gaúcho com seu canto.

— E tu sabes duma coisa, Curgo? João-de-barro é um passarinho mui engraçado. Nunca trabalha nos domingos. E quando a companheira dele morre, tu sabe o que ele faz? Empareda ela dentro de casa. Pois é. Não presta matar joão-de-barro. Traz desgraça.

— E bem-te-vi?

— Onde tu enxergar um bem-te-vi, taça uma pedra nele. O Io bicho simberguenza! E um passarinho amaldiçoado por Deus, porque quando a Virgem Maria fugiu pró Egito com o Menino Jesus, os judeus saíram atrás dela. A Virgem se escondeu, os judeus iam passando sem

enxergar nada, mas o diabo do passarinho começou a gritar: bem-te-vi! bem-te-vi! E ainda por cima soltou uma risada.

— E coruja?

— Não presta matar coruja. Ela limpa o campo de cobra e de outros incetos. Mas coruja também traz mau agouro. Quando canta de noite perto da casa da gente é pra anunciar a morte duma pessoa da família.

— E grilo?

— Não se deve matar. Traz prejuízo de dinheiro ao matador.

— E sapo?

— Também não presta. Traz chuva.

— Então o que é que presta?

63"

— Matar correntino quando ele passa a fronteira pró lado ca.

de Fora também com Fandango que Curgo aprendera a nadar, laçar, curar bicheira, e parar rodeio. Mas de todos os conhecimentos que o velho lhe transmitira os de que Licurgo mais se orgulhava eram os que se referiam aos cavalos. O rapaz os absorvera através de aulas práticas, durante viagens, rodeios e domas em que ele observava de perto as manhas e hábitos dos cavalos, as peculiaridades de cada raça e de cada pelo.

Depois, nas conversas de galpão e nas horas de folga, Fandango lhe dava por assim dizer as aulas teóricas, em geral resumidas na forma de ditados que corriam de boca em boca por toda a província, nascidos da experiência de gaúchos anónimos em dezenas de estâncias.

Se Licurgo perguntava ao capataz sobre as qualidades dos cavalos tostados, ele fechava um olho, mirava o menino por algum tempo e sentenciava: - Tostado? Antes morto que cansado.

— E tordilho, Fandango?

— N'água é melhor que canoa.

— E baio?

— Se encontrares um viajante na estrada com os arreios nas costas, pergunta logo: “Onde ficou o baio?” - E sempre que prevenia os outros contra as traições dos cavalos desse pelo, acrescentava: - Uma vez, lá pras bandas de São Sepé um baio me deixou a pé.

Ninguém nunca ficou sabendo se a coisa tinha acontecido mesmo “pras bandas de São Sepé” ou se Fandango escolhera esse povoado só por causa da rima.

Havia outros conselhos que Licurgo não esquecia: “Se tens pela frente viagem larga, não faças pular teu cavalo. Sai no tranquilo até o primeiro suor secar; depois ao trote até o segundo; dá-lhe um alce no terceiro e terás cavalo pró dia inteiro”. Quando certo dia Licurgo teve de escolher um cavalo para seu uso, aproximou-se de Fandango e

perguntou: - Que pelo vou escolher?

Fandango estava picando fumo para fazer um cigarro. Tinha a palha enfiada atrás da orelha, a perna direita dobrada em repouso, o peso do corpo sobre a esquerda, o busto um pouco inclinado para a frente, o olhar vago posto nos largos horizontes do Angico. Ficou por um instante calado, como se não tivesse ouvido a pergunta. As partículas de fumo caíam-lhe no côncavo da mão. Com as abas do sombrero quebradas na frente, o sol a bater-lhe em cheio no rosto, Fandango ali estava, na frente da casa da estância, imóvel como um tronco de árvore. E quando Licurgo ia repetir a pergunta o velho lhe deu a resposta. Falava descansadamente, escandindo bem as sílabas, dum jeito quadrado e meio seco. E o que ele disse foi um resumo de sua experiência pessoal: - Não te fies em tobiano, bragado ou melado. Pra água, tordilho. Pra muito, tapado. Pra tudo, tostado.

Diante desse conselho, Licurgo ficou indeciso. O velho, porém, sorriu, acrescentando: - Mas cavalo é como gente. Uma pessoa tem seus dias bons e seus dias ruins, não tem? Pois com o cavalo se dá o mesmo. Tudo é bom e tudo não presta.

Dentre os outros conselhos que Fandango lhe dava com relação aos cavalos havia um de que o rapaz gostava particularmente: “Doma tu mesmo o teu bagual. Não enfrenes em lua nova, que ele fica babão. Não arreies na minguante, que te sai lerdo”.

Aqueles homens do campo costumavam fazer comparações entre o cavalo e a mulher. Fandango aconselhava aos peões que casassem com moças conhecidas, se possível com meninas que eles tivessem visto crescer. E aplicava o ditado: “Cria perto de teu olhar a potranca pró teu andar”.

— Com mulher sardenta e cavalo passarinheiro - prevenia também - alerta, companheiro!

Pelas quadras populares e pelas modinhas que ouvia recitar ou cantar, Licurgo aprendera a classificar as mulheres de acordo com o “pêlo”.

Concluía que as morenas eram mais constantes que as claras; e que as ruivas eram geniosas e as de cabelo preto, sinceras: Vou acolher uma dona No rebanho, formosas. Escolherei trigueirinhas, as claras são enganosas.

“Mulher, arma e cavalo de andar - lembravam elas - nada de emprestar.”

Mas para aqueles violeiros e cantadores, a mulher era principalmente uma tirana: Eu amei uma tirana, E ela não me quis bem, ai!

Passei pela tua porta Dei de mão na fechadura; E não me quiseste abrir, Coração de pedra dura.

Nunca vi mulher bonita Ter cabelos no nariz, Nunca vi mulher

alguma Ter constância no que diz.

Licurgo ouvia essas cantigas e rimas e ficava pensando. Era engraçado…

As mulheres que ele conhecia estavam longe de merecer aquelas quadras.

Eram quietas, trabalhadoras, sérias, mal ousavam erguer os olhos para os homens que não fossem seus maridos ou parentes muito chegados.

Decerto as “tiranas” falsas de que falavam tais versos eram as mulheres de cidade grande. E por mais que se esforçasse, sempre que ouvia quadras e modinhas sobre mulheres malvadas que tinham desgraçado a vida de homens, ele não podia deixar de pensar na mãe. E ficava perturbado.

Muitas vezes pensara: “Quando eu fizer vinte e dois anos, me caso”.

Havia na vila algumas meninas que ele achava bonitas, embora não chegasse a gostar de verdade de nenhuma delas. A avó vivia a dizer-lhe que um homem para ser bem completo tem de casar e ter filhos, muitos filhos. Os trovadores do galpão, porém, recomendavam: Todo o homem quando embarca Deve rezar uma vez. Quando vai à guerra, duas Quando se casa, três.

Fosse como fosse, ele teria ainda muitos anos para pensar em casamento.

A lida da estância enchia-lhe as horas e os pensamentos. Mal anoitecia, Curgo ia para a cama cansado e dormia sono dos justos até o amanhecer do dia seguinte. Mas em certas noites em que lhe vinha um desejo de mulher, ele acabava encilhando o seu cavalo para ir até o rancho da china Rosa.

Voltava de lá de madrugada ao trote do animal, ouvindo os grilos, mirando as estrelas e saboreando seu cigarro de palha.

Aos quinze anos Licurgo Cambará era já um homem.

Muitas vezes olhando os campos do Angico de cima do seu cavalo ou da porta da casa da estância, e pensando em que eram suas aquelas terras que iam muito além do ponto até onde a vista alcançava, Licurgo sentia inflar-se-lhe o peito numa sensação de orgulhoso contentamento. Isso às vezes chegava a tirar-lhe o fôlego. Os meus campos, os meus peões, a minha cavalhada, o meu gado… O rapaz enchia a boca e o espírito com essas palavras e com o mundo de coisas em que elas implicavam.

Gostava da vida campestre, e quando estava no Angico não tinha nunca um minuto sequer de aborrecimento. Despertava antes de raiar o dia, pulava da cama e ia para a mangueira, levando uma guampa com bocal de prata onde a avó mandara gravar seu nome. Os galos cantavam, como se quisessem acordar o sol com sua balbúrdia.

Licurgo tinha um prazer especial em caminhar descalço sobre a grama ainda úmida de sereno. Empoleirava-se depois nos troncos da mangueira e gritava para a escrava que ordenhava as vacas: - Buenos dias, Luciana!

— Bom dia, só Curgo - resmungava a preta.

Seus dedos escuros apertavam as tetas da brasina ou da malhada: o leite esguichava no balde com um rufar de tambor. Como era bom ficar ali vendo o horizonte clarear aos poucos e aspirando os cheiros da mangueira - esterco úmido, leite morno, pelo de vaca.

Depois de beber duas ou três guampas de leite, quando o sol começava a apontar por trás da coxilha do Coqueiro Torto, Curgo ia para o galpão comer um churrasco mal passado nas brasas, seguido dum amargo bem quente. A essas horas já o gado mugia, os passarinhos cantavam nos cinamomos, à frente da casa, e os quero-queros andavam a gritar pelo campo.

Começava então a faina do dia e Curgo acompanhava Fandango e a peonada que saíam a percorrer as invernadas. Sabia laçar, parar rodeio, marcar, e seu maior sentimento era o de não saber domar potros, pois a avó não lhe dera ainda permissão para aprender. Temia que ele rodasse do bagual, quebrasse a cabeça e morresse “corno aconteceu com o falecido seu bisavô”. Como o rapaz vivesse insistindo, ela prometia com certa relutância: - Quando vossuncê fizer dezoito anos eu dou licença. Curgo voltava do campo com o sol já a pino; vinha com uma fome tão grande que se sentia capaz de devorar um boi. Segundo Fandango, era ele “um garfo de respeito”. Comia com prazer e muitas vezes, de olho contente diante dum bom churrasco de costela ou duma sopa de mocotó, filosofava: “Uns comem pra viver, outros vivem pra comer, mas eu como porque gosto”. A avó sorria e murmurava: “Puxou ao avô. Pra o Rodrigo, comer era mesmo que uma festa”. Entre os pratos prediletos de Licurgo estavam o arroz-de-carreteiro, o matambre, a morcilha e o fervido. Uma vez por semana mandava fazer uma feijoada com bastante toicinho, linguiça e charque, e esfregava as mãos quando via a panela fumegando na mesa. Nessas ocasiões desprezava os outros pratos e comia feijoada até empanturrar-se. Por fim, “pra feijoada não sentar mal”, bebia um copo de cachaça. Erguia-se da mesa “empachado”, lerdo, sonolento, com a impressão de ter engolido um tijolo, e atirava-se na cama como um peso morto, para uma sesta longa de sono inquieto, do qual despertava com a boca amarga, a cabeça dolorida, irritado e infeliz.

Quando, porém, chegava a hora do jantar já estava pronto para limpar várias costelas de assado, e mais um prato ou dois de mondongo com farinha ou guisadinho com abóbora. Nunca deixava de tomar, após cada refeição, uma tigela de leite com marmelo cozido ou

milho verde. Suas sobremesas favoritas eram pessegada e rapadura com queijo.

"O Curgo não é homem de festas" - costumava observar Bibiana. E não era mesmo. Quando se via obrigado a ir a algum fandango, não se misturava com os outros, preferia ficar olhando os pares de longe. E olhava-os dum jeito esquisito assim como se estivesse reprovando o que via.

— Cai na dança, lorpa! - gritava-lhe Fandango, que não perdia marca.

— Me deixa - respondia o rapaz, esquivando-se. Quando via os homens sapateando e rodopiando ao compasso da chimarrita, da tirana ou do tatu, ficava tomado dum certo mal estar, como se dançar fosse coisa indigna de macho. Por outro lado, encarava também com desconfiança e má vontade as jovens dançadeiras, e prometia a si mesmo nunca se casar com mulher que ao dançar meneasse as cadeiras, requebrasse o corpo.

Nas raras vezes em que os outros conseguiam arrastá-lo a festas onde havia jogos de prendas entre moços e moças, ele ficava a um canto, arredio, observando tudo de carranca cerrada, com olhos tiistonhos e graves.

Certa noite, numa dessas festas, Fandango deu-lhe um empurrão cordial, perguntando: - Por que não vai brincar com as muchachas? Ele sacudiu a cabeça, soturno, fazendo que não.

— Tu é mesmo um bagualão!

Repetindo um ditado que ouvira no galpão, Curgo procurou | ustificar-se: - Com mulher só brinco na cama - resmungou.

Mas não era verdade: nem na cama brincava. Quando se deitava com as chinas - a Rosa, a Belinha, a índia Nenê - era sem alegria. Não as acariciava, nem pedia carícias. Tratava-as com rispidez, dando a entender que estava pagando e não pedindo favores. Fornicava com uma mistura de sofreguidão animal e a gravidade meio ressentida de quem está contrariado por "precisar dessas piguanchas". Quando se despedia delas não ajuntava nem o esboço dum sorriso aos patacões com que lhes "pagava o serviço".

No entanto a hora de parar rodeio, de curar bicheiras, de carnear, eram para ele momentos de festa. Gostava de montar a cavalo e sair a galope pelo campo, só pelo puro prazer da corrida. Nessas horas ria, gritava, cantava, era feliz. Noutras ocasiões, quando contemplava os coxilhões verdes que cercavam a casa do Angico e pensava em que tudo aquilo lhe pertencia, ficava tomado duma profunda e plácida alegria. E seu grande sonho era ter um dia mais campo e mais gado que os Amarais.

Embora Bibiana lhe tivesse proibido meter-se em carreiras, quase todos os domingos ele levava seus parelheiros para correr em cancha

reta com cavalos das estâncias lindeiras do Retiro e do Rincão Bonito. Não raro essas carreiras davam em briga, e duma feita Curgo se pusera a discutir acaloradamente com um homem que devia ter o dobro de sua idade. Num certo momento o interlocutor lançou-lhe um olhar de desdém e disse: - Cala essa boca, guri.

Curgo ficou vermelho e retrucou, meio engasgado: - Eu te mostro quem é guri.

Tirou a faca da bainha e precipitou-se para cima do outro. Mais tarde, a caminho do Angico, queixou-se: - Se tu não tivesse apartado a briga, Fandango, eu furava o bucho daquele patife.

— Furava coisa nenhuma! - troçou o capataz. — Tu te borra todo quando vê sangue.

Aquilo, claro, era uma brincadeira do velho, pois Curgo estava acostumado a ver sangue. Na primeira vez que vira abaterem uma rês, tinha ficado pálido, tonto, e com engulhos. Mas depois se fora aos poucos habituando àquilo. Agora ele próprio sangrava bois e até já gostava de cheiro de sangue. Foi por isso que quando um touro bravo furou com uma chifrada os intestinos dum peão do Angico, ele pôde ajudar Fandango a botar as tripas do homem para dentro da barriga sem se quer pestanejar. Era também por isso que quando ia caçar bugios no capão da Onça e os via cair no chão ensanguentados, com os corpos furados de chumbo, não ficava nem um pouco impressionado. Fosse como fosse, tinha de ir-se habituando àquelas coisas, porque se a guerra com o Paraguai durasse mais dois anos, ele tencionava apresentar-se como voluntário.

Licurgo gostava muito da casa da estância, embora ela não pudesse comparar-se com o Sobrado… Muito menor, de um andar só, não tinha soalho nem vidraças nas janelas. No entanto, sentia sempre um alvoroço quando, ao chegar da vila, avistava aquela casa comprida, de três portas e oito janelas, lá no alto da coxilha e bianquejando por trás dum renque de cinamomos copados. E de todas as peças dessa casa uma das que ele mais gostava era a cozinha, onde às vezes ia conversar com as negras, que lhe contavam histórias belas e terríveis da África - uma África que nada tinha a ver com a dos livros de geografia do padre Otero.

Outro dos grandes prazeres do rapaz - e um dos que mais o prendiam ao Angico - era o de tomar parte nas conversas do galpão à noite, depois do jantar. Reuniam-se os peões ao redor do fogo e ficavam a contar histórias. Eram “conversas de homem”, quase sempre em torno de cavalos, jogo, mulheres, duelos, revoluções, heróis e bandidos. E através dessas conversas Licurgo ia como que absorvendo os artigos do código de honra daquela gente - um código que não fora escrito mas que tomava corpo, fazia-se visível em milhares de exemplos e casos que andavam de boca em boca. Segundo esse código,

um homem para ser bem macho precisava ter barba e vergonha na cara. Ter vergonha na cara significava possuir uma cara limpa em que nunca nenhum outro homem tivesse batido. “Se um homem te esbofetear, mata o canalha no sufragante.” Ter vergonha na cara significava também nunca faltar à palavra empenhada, custasse o que custasse. Contava-se que na província se faziam grandes transações a crédito em que, em vez de assinar uma letra, o devedor dava ao credor um fio de barba, o qual para aqueles homens de honra valia tanto como um documento selado com firma reconhecida por um tabelião.

Licurgo orgulhava-se de saber que o avô e o pai tinham tido morte digna de homem: lutando de arma na mão. Era assim também que ele queria morrer quando sua hora chegasse.

Uma noite no galpão, como se falasse em homens valentes e generosos, Fandango tocou no ombro de Curgo e disse: - Ouve esta, que te interessa, menino. Passou-se com teu avô, o finado capitão Rodrigo Severo Cambará.

— Tu te lembra bem dele, Fandango? - perguntou o rapaz.

— Me lembrar não me lembro, porque nunca nos encontramos. Mas foi tua avó, dona Bibiana, que me contou o caso.

Fandango fez uma pausa para tomar um gole de mate. Um dos peões pediu: - Que venha a história! Fandango cuspiu no fogo e começou: - Pois diz-que o capitão Rodrigo tinha um inimigo, um tal de Mário Leite, que lê tinha feito uma safadeza muito grande. Brigaram numas carreiras e só não se mataram a bala porque houve quem apartasse. O capitão chegou em casa furioso e disse pra mulher: “Estou com aquele sujeito atravessado na garganta. Onde eu encontrar ele, palavra de honra, meto-lhe o rebenque na cara”. Dona Bibiana não disse nada. Ela nunca dizia nada. Pois um dia o capitão Rodrigo passava a cavalo por uma estrada e vai então de repente ouve um barulho perto dum caponete, olha e vê dois bandidos armados de adaga atacando um homem que se defendia com o cabo do rebenque. O pobre do cristão ia recuando na direção dum valo, estava malito mesmo. O capitão esporeou o cavalo, chegou-se perto dos peleadores e viu que o que brigava sozinho era nem mais nem menos que o seu inimigo, o tal de Mário Leite. Vejam só como são as coisas.

Apeou ligeiro, já de adaga desembainhada, e entrou na briga, gritando: “Cobardes! Atacarem um homem desarmado. E dois contra um!” Disse isso e atirou-se pra cima dos bandidos a golpe de adaga, como quem vai matar cobra. Os bandidos se assustaram e meteram o pé no mundo. O capitão - enfiou a adaga na bainha, montou a cavalo e, sem olhar pró outro, sem dizer uma palavra, foi-se embora.

Fandango fez uma pausa e depois rematou a história: - Eram assim os homens de antigamente.

Era assim o meu avô - pensou Curgo. E ficou olhando

reflexivamente para o fogo.

Havia também histórias de bandidos famosos. Dentre elas a favorita de Licurgo era a do Zé Viau.

— Esses bandidos valentes e pícaros do tempo antigo estão se acabando - lamentou Fandango noutra noite. — Onde é que se encontra hoje em dia um homem como o Zé Viau? Andava de flor no peito, sombrero de aba quebrada na frente, barbicacho nos queixos e espada na cinta. Vivia desafiando os milicos e era homem de entrar a cavalo num bolicho e levar duas chinas na garupa!

Contava-se que por volta de 1830 aparecera por São Borja um cidadão francês, um certo Jean Viaud, que se dizia médico formado por uma academia de Paris. Era um belo homem de maneiras fidalgas, barbas ruivas, olhos azuis e mãos de moça. Costumava viajar pelas estâncias, curando gentes e bichos e recebendo como pagamento dos seus serviços não só dinheiro como também galinhas, porcos, roupas ou objetos para seu uso pessoal. Uma noite o francês pernoitou na estância dos Belos, dormiu com a donzela da casa e no dia seguinte foi embora. Dois meses depois, quando descobriram que a moça estava grávida, seus irmãos obrigaram-na a dizer o nome do sedutor e puseram-se a campo para descobrir o paradeiro do infame. Encontraram-no finalmente em Rio Pardo, deram-lhe uma sova de rabo-de-tatu em praça pública, trouxeramno maneado para a estância e fizeram-no casar com sua vítima. O casamento realizou-se em sigilo, com a presença apenas dos pais e dos irmãos da noiva. A criança nasceu dali a sete meses, mas o dr. Jean Viaud, de belos olhos azuis e mãos de moça, parece que achou o casamento um peso excessivo para seus ombros delicados. Um dia fez a mala às escondidas, montou a cavalo e fugiu.

Nunca mais ninguém ouviu falar nele. Os cunhados encolheram os ombros e disseram: “O mal foi reparado. É até melhor que esse diabo não apareça mais. Seja como for, a criança tem um pai”. Era um menino e haviam-lhe dado o nome de José. Cresceu na estância, guapo e vivo. Com o correr do tempo os Belos perderam sua fortuna e o menino criou-se ao deus-dará. Aos catorze anos fugiu de casa, e dizem que andou fazendo contrabando na fronteira com a Argentina. Aos dezoito matou o seu primeiro homem. Parece que gostou, pois aos vinte já tinha cinco mortes nas costas. Aos poucos suas proezas começaram a ser contadas em toda a província. Ora, como ninguém lhe pronunciava direito o nome - pois em vez de vtô, diziam viau - o jovem bandido ficou sendo conhecido por Zé Viau, nome que correu mundo e ganhou fama. Fandango remexeu no fogo com um pau.

— Ha uma história dele que é mui linda - disse. — Conhecem?

Ninguém falou: todos ficaram esperando, pois sabiam que o capataz havia de contá-la, mesmo que eles dissessem que a

conheciam.

— Diz-se que uma vez o Zé Viau matou um homem em Uruguaiana, e se bandeou para a República Argentina. Os parentes do morto juraram que não descansavam enquanto não matassem o Zé Viau e deixassem ele estaqueado no meio da praça.

Fez uma pausa e perguntou: - Vossuncês sabiam que quando a gente bota uma moeda na boca dum homem que foi assassinado, o criminoso volta ao lugar do crime? Pois é.

Enterraram o homem com uma moeda de tostão na boca. Passou-se um tempinho e um dia qual não foi a surpresa dum bolicheiro de Uruguaiana quando viu o Zé Viau entrar na casa dele, todo lampeiro, de flor no peito, arrastando as chilenas no chão. O coitado ficou branco de medo e começou a gaguejar e olhar pra todos os lados. "Viu alguma alma do outro mundo, patrício?"- perguntou o bandido. O bolicheiro contou a história da moeda. Zé Viau fechou a cara e indagou: “Então eles enterraram aquele cachorro com uma moeda na boca? Espera um pouco”.

Saiu da venda, montou a cavalo, foi ao cemitério, desenterrou o defunto, tirou a moeda da boca dele, voltou pró bolicho, atirou ela em cima da mesa e gritou: “Um tostão de cachaça, amigo!” Quando o bolicheiro compreendeu a coisa, ficou verde.

Houve risadas. Fandango arreganhou os dentes, sacudiu a cabeça e disse devagarinho: - O Viau tinha boas!

Naquele dezembro de 69 dona Bibiana veio passar dois dias na estância, e quando voltou para Santa Fé decidiu levar consigo o neto. Curgo ficou sombrio.

— Eu não quero ir, vovó.

— É só por uns dias.

— Mas por que é que a senhora não fica até o fim do verão?

— Não posso.

— Mas por que é que não pode?

— Tenho o que fazer no Sobrado.

O que ela tinha a fazer em casa não podia contar a ninguém: era vigiar a nora. Aquele maldito major Erasmo Graça frequentava o Sobrado, estava perdido de amores por Luzia. Sempre que o homem aparecia, Bibiana plantava-se também na sala de visitas, sentava-se numa cadeira e ali ficava, de mãos no regaço, calada, mas sem tirar os olhos do major. Era preciso não deixar aqueles dois sozinhos, não dar ao forasteiro tempo de se declarar. Assim vigiados, eles se viam forçados a conversar sobre coisas que nada tinham a ver com amor ou casamento. Agora Bibiana aproveitara uma ausência temporária do major para vir até o Angico, porque lhe batera de repente uma grande saudade do neto. Mas era preciso voltar em seguida, pois fora informada de que o “desgraçado”

dentro de dois dias estaria de volta a Santa Fé.

— Vamos sair de jardineira, de manhã cedinho - disse ela ao neto. — Arrume as suas coisas.

— Está bem, vó.

Naquela noite Curgo procurou Fandango e contou-lhe suas mágoas.

— Faça a vontade da velha.

— Mas é que eu não gosto de passar o verão na vila!

— Tu tem ainda muito verão pela frente, muchacho, muito verão.

Assim, no dia seguinte, mal o sol rompeu, avó e neto embarcaram na jardineira. Licurgo ia taciturno, de testa franzida. Bibiana mirava-o de soslaio mas não dizia nada. Sabia que o neto tinha sangue de Terra e de Cambará. Não seria por causa do sangue do Rodrigo que ele estava assim de cara fechada, e bico calado. O capitão era homem alegre, conversador e andava sempre bem disposto. Agora ali na jardineira que ia sacolejando pelas estradas cheias de "costelas" e buracos, Bibiana reparava no quanto Licurgo se parecia com seu próprio bisavô, Pedro Terra. Quando o menino estava "com os burros", o melhor era a gente nem falar com ele. E como um Terra sempre respeitava os silêncios de outro Terra, Bibiana não disse palavra ao neto durante muito tempo. Ficou a conversar com o boleeiro sobre as vacas que iam dar cria, as colheitas e os calores daquele verão.

O sol já estava alto e soprava um ventinho de leste quando eles deixaram os campos do Angico e entraram na estrada real, que era tão má como as da estância. E como o silêncio de Curgo se estivesse prolongando de mais, e como ele no momento em que o boleeiro fechou a porteira lançasse um olhar triste para os campos que ficavam para trás, Bibiana deu-lhe uma palmadinha rápida no joelho e disse: - Não há de ser nada, Curgo. No mês que vem tu volta. O rapaz então sorriu um sorriso rápido e meio triste: - Vosmecê sabe, vovó, o que o Fandango disse quando se despediu de mim?

— Ela sacudiu a cabeça negativamente. — Disse que nem por mil cruzados entrava numa jardineira.

— Ué! Por quê?

— Porque carro é condução de mulher e criança de peito. Gaúcho anda mas é a cavalo.

— Velho desfrutável!

Na noite daquele mesmo dia, na sala de visitas do Sobrado, pela primeira vez em muitos meses Licurgo ficou a sós com a mãe.

Foi após o jantar: as cinco velas do candelabro estavam acesas em cima do consolo, e Bibiana se encontrava no andar superior a defumar os quartos com incenso.

Sentada junto da mesinha redonda, Luzia tocava cítara para o

filho. Os cabelos lhe caíam sobre os ombros cobertos por um xale de seda preta, que lhe acentuava ainda mais a palidez. De vez em quando a dor crispava-lhe o rosto e ela começava a gemer baixinho. Curgo, então, desviava os olhos, todo perturbado. A ideia de que sua mãe sofria, de que tinha um tumor maligno, lhe causava uma grande pena e ao mesmo tempo um grande remorso, pois embora soubesse que seu dever era mostrar-se carinhoso e paciente para com ela, o que sentia mesmo era uma certa impaciência, uma vontade de fugir da presença "daquela mulher", como se pelo simples fato de não vê-la ela cessasse de sofrer.

Luzia tocava uma barcarola e o rapaz escutava, olhando para os dedos que beliscavam as cordas do instrumento. Agora ele descobria por que era que apesar de gostar do Sobrado não se sentia bem no casarão. Era porque sua mãe dava àquelas grandes salas uma certa frieza de "casa de cerimônia". Ela própria era quase uma estranha para ele. As coisas que lhe dizia o deixavam sempre desconcertado. A voz dela provocava nele uma esquisita sensação de acanhamento, e os sons mesmos do instrumento pareciam sair não daquela caixa chata de madeira, mas da boca de sua mãe. Dum certo modo que Curgo não sabia explicar direito, era como se aquela música triste saísse da ferida que ela tinha no estômago. Curgo tirou o lenço do bolso e passou-o pelo rosto. Pensou em como seria bom sair para a rua, ir para baixo da figueira da praça e ficar lá deitado no chão, sozinho…

Luzia tocava, como que esquecida do filho. Seus seios pontudos e miúdos, que tanto desconcertavam Licurgo, quando desavisadamente fitava os olhos neles, subiam e desciam ao compasso duma respiração lânguida e dolorosa. Curgo sabia que no rego daqueles seios ela guardia ava uma grande chave dourada - a chave do quarto secreto onde passava horas e horas fechada, fazendo ninguém sabia o quê. Ele sempre tivera curiosidade de ver o que havia dentro daquela alcova onde nenhuma outra pessoa entrara depois da morte do seu pai.

Curgo olhou para as mãos de Luzia que se agitavam sobre a cítara e pensou em cavalos brancos a galope. Depois alçou os olhos para o rosto dela. Quando a mãe o acariciava, quando passava aqueles dedos frios pelo seu rosto e principalmente quando lhe fazia cócegas no lóbulo da orelha, ele ficava todo encolhido e arrepiado, com um desejo de gritar, de dizer nomes, de fazer uma brutalidade.

Licurgo escutava. Luzia agora sorria para ele. Seus olhos muito graúdos e claros lembravam-lhe o poço da sanga do Angico onde à tardinha ele costumava nadar em companhia do Fandanguinho.

Por fim Luzia deixou cair os braços ao longo do corpo e disse: - Meu filho, vou tocar uma música e quero que prestes bastante atenção.

Curgo sacudiu a cabeça num assentimento. Vindo lá de cima

chegava até ele o cheiro da defumação, um cheiro triste de igreja. À luz das velas o rosto de Luzia tinha um reflexo alaranjado como o das caras dos peões à noite, ao redor do fogo. Luzia começou a tocar uma música muito lenta e suave, e enquanto tocava sorria um sorriso lento e suave como a música.

— Em que é que estás pensando? - perguntou ela sem parar de tocar.

— Em nada.

— Não. Eu quero saber o que é que a música te evoca.

— Evoca?

— Quero dizer: quando ouves esta música, em que é que pensas?

Curgo ficou um instante com ar reflexivo.

— Na estância.

— A música então te faz pensar na estância?…

— Faz.

— Que parte da estância?

— Todas as partes. Ela continuava a tocar.

— Não, meu filho. Deve haver uma parte especial. Não há?

— Há, sim senhora.

— Qual é?

— As coxilhas que a gente avista da porta da casa…

— Estás vendo agora esse campo… quero dizer, no teu pensamento?

— Estou.

— Não é uma coisa triste que estás sentindo?

— É sim.

— Não sentes algo que te aperta o peito?

— Sinto.

A música continuava, calma e melancólica. Curgo agora estava "vendo" as campinas do Angico.

— Estás pensando nesses campos de manhã?… de noite?… ou de tardezimha?

— De tardezimha, assim ao anoitecer.

— É muito triste tudo, não é? - É.

— Não dá vontade de chorar? Curgo hesitou por um instante.

— É… dá.

— Não está brilhando uma estrela no céu? É a estrela vespertina…

Licurgo lembrava-se agora duma tarde em que ficara olhando o pòr-de-sol sentado no portal da casa da estância. Um negro que vinha repontando um rebanho de ovelhas cantava uma toada tristonha, dessas puxadas do fundo dum peito dolorido.

— Presta bem atenção, meu filho. Ouve a música. Agora tua mãe vai te dizer bem direitinho tudo que estás sentindo.

Os cavalos brancos galopavam em cima da cítara. Lá em cima soavam, surdos, os passos de vovó Bibiana. Um cheiro de igreja enchia a casa toda.

Tomara que a vovó desça - pensou Licurgo, olhando de viés na direção da porta do vestíbulo.

Luzia começou a tocar em surdina e a dizer: - Presta atenção. Estás sentado no portal da casa do Angico. Está ficando noite e tudo é muito triste. A estância está deserta. A peonada foi toda embora, a negrada da cozinha foi embora. Tu estás sozinho, olhando o descampado e pensando… Sabes o que estás pensando? Estás pensando assim. Vivo só no mundo. Tenho quinze anos. Mataram meu pai. Minha avó morreu. Minha mãe vai morrer, está na vila sentada numa cadeira esperando a hora da morte, porque tem um tumor no estômago. Sou um pobre menino sem ninguém no mundo…

A música doce envolvia Licurgo, que se imaginava no Angico olhando o pôr-do-sol. As coxilhas cheiravam a incenso.

— Há muitos países, muitas cidades no mundo - prosseguiu Luzia - e nesses lugares existem muitos meninos que têm pai e mãe, que brincam, que andam de trem, que são felizes. Mas eu estou aqui sozinho, não tenho ninguém…

De olho parado, Curgo fitava as chamas das cinco velas enquanto uma tristeza que lhe parecia sair das entranhas lhe subia pelo peito como uma enxurrada e se lhe trancava aflitivamente na garganta. Engoliu em seco, piscou. Sou homem - pensou: esforçou-se por não chorar mas não pôde. A onda rebentou num soluço, as lágrimas lhe inundaram os olhos, lhe escorreram frescas pelas faces. Ele teve vergonha de enxugá-las, de erguer as mãos e tapar o rosto. Com os olhos sempre fitos no candelabro, continuou a ouvir a música e a ver a estrela do pastor no céu do anoitecer.

De repente a situação lhe foi tão insuportável que ele decidiu fugir.

Pôs-se de pé subitamente e saiu quase a correr na direção da porta da rua. Mas ao passar por perto da mãe, esta agarrou-lhe a mão com força, puxou-o para si, estreitou-o contra o peito e começou a beijar-lhe o rosto, a beber-lhe as lágrimas, a chorar também com ele e a murmurar coisas muito ternas e lamurientas.

— Vou morrer, meu filho, vou morrer. Tu vais ficar, vais esquecer a tua mãe, todos vão esquecer. A vida é triste, meu filho, eu vou morrer.

Apertava o rapaz contra os seios. A chave - pensava Curgo - a chave dourada. Mas outro pensamento fazia-o esquecer a chave: a ferida… E ele queria acariciar a mãe, dizer alguma coisa, mas seus lábios continuavam apertados, os braços caídos. Por fim, num grande esforço levantou a mão e passou-a desajeitadamente pelo rosto dela:

sentiu-o frio e úmido e isso lhe lembrou o rosto dum afogado que uma vez ele tocara. O corpo da mãe era morno e cheirava a essência de rosas. Por cima dos ombros dela Licurgo olhava a sombra de ambos projetada na parede da sala. Luzia apertava o filho contra o peito, e o rapaz tinha medo de machucar com a pressão de seu corpo a ferida do estômago. Pensava em alguma coisa para dizer mas não lhe ocorria nada. Por alguns instantes Luzia ficou acariciando os cabelos do menino e por fim afrouxou a pressão dos braços e começou a falar num cochicho: - Curgo, quero que prometas uma coisa pra tua mãe. Prometes?

No espírito do menino o velho Fandango ergueu-se e falou: “Não faças promessas no escuro”.

Ele não respondeu. Uma lágrima entrou-lhe, salgada, na boca.

— Prometes?

Curgo tinha medo de falar, pois se falasse talvez não lhe saíssem da boca palavras, mas sim soluços. Homem não chora. Homem não chora.

— Prometes?

Luzia sacudia o filho com ambos os braços. Curgo aproximou os lábios do ouvido da mãe e perguntou baixinho: - Prometer o quê?

— Prometes que não vais passar toda a tua vida aqui em Santa Fé, nem no Angico?

O corpo de Licurgo de repente enrijeceu. Ele ficou de músculos retesados numa atitude de defesa, como se de repente tivesse avistado um inimigo inesperado.

— Prometes, meu filho?

Silêncio. Luzia apertou os braços do rapaz com mais força.

— Fala, Curgo!

Agora as unhas dela apertavam as carnes do rapaz. Curgo continuava calado.

— Olha, meu amor, não quero que sejas como esses homens brutos que não sabem ler nem escrever, que vivem como animais, no meio de cavalos e bois. — Calou-se, como que afogada pelas próprias palavras. — Prometes?

Nenhuma resposta. Curgo adivinhava onde a mãe queria chegar e esperava com uma rigidez de corpo e de espírito.

— O mundo é muito bonito, meu filho. Tem cidades com teatros, circos de cavalinhos, bandas de música! Olha… - E de repente a voz dela ficou quase risonha. — Em Londres uma vez houve uma grande exposição, tu nem eras nascido… Foi num palácio maravilhoso todo feito de vidro e de ferro.

Curgo recusava acreditar naquelas palavras. Palácios de vidro só existem nos contos da carochinha.

— Um dia nós vamos embora daqui, Curgo. Tu e eu. Os dois

juntos. Mãe e filho. Vamos de diligência, depois tomamos um trem e finalmente o vapor… Não tens vontade de conhecer o mar, não tens?

Ele não respondia. Estava vendo as campinas do Angico, escutando a voz dum tropeiro que conhecia o mar e que lhe dissera: "O mar é lindo, mas não troco estas coxilhas nem por tudo quanto é mar deste mundo".

— Não tens? - repetia Luzia.

— Não.

— Não digas isso, meu filho. O mar é uma beleza. O dr. Winter te explicou tudo na aula de Ciências. Tem uns peixes muito bonitos, outros muito engraçados. O mar muda de cor, às vezes é verde, outras é azul, outras cor de cinza. Não tens vontade de ver o mar?

— Não.

Luzia afastou o filho de si com um repelão e perguntou, com uma ameaça na voz: - Não tens?

— Não - repetiu o menino sem olhar para a mãe. Compreendia que o que ela queria mesmo era tirá-lo do Angico, da companhia da avó, do Fandango e dos peões. A mãe decerto ia mesmo casar com o major Erasmo. Agora ele sabia. Era verdade o que murmuravam. E essa descoberta aumentava seu mal-estar e seu sentimento de estranheza para com ela.

Luzia deixou cair os braços. Estava ofegante. Atirou a cabeça para trás e ficou ali com o rosto contorcido de dor.

— Está doendo? - perguntou Curgo.

— Está doendo.

balbuciou ela. — Está doendo muito. E tu és o culpado. Me desculpe.

— Não desculpo. És um menino muito malvado.

Ele baixou os olhos e começou a chorar de novo, mansamente, deixando as lágrimas pingarem no chão. Luzia contemplava-o, sorrindo.

— Posso ir agora, mamãe? - perguntou ele ao cabo de alguns segundos.

— Ir aonde?

— Passear lá fora.

— Não. Fica aqui.

Só a avó o poderia salvar - pensava Licurgo, agoniado.

— Que é que a senhora quer?

— Conversar contigo. Senta-te.

Ele obedeceu, limpando as lágrimas com a manga da camisa.

— Olha para mim, Curgo.

Ele fitou os olhos no rosto de Luzia.

— Por que é que não gostas de tua mãe?

— Mas eu gosto!

— Não gostas, não.

Ele tornou a baixar o olhar.

— Olha pra mim. Por que é?

— Eu gosto, mãe. Mas gosto também do Angico, do Sobrado, dos outros…

— Tua avó algum dia te disse que não devias gostar de mim?

— Não.

— Não mesmo?

— Não.

— Juras por Deus?

— Juro.

Luzia de novo entesou o busto, tirou alguns acordes da citara e começou a tocar uma valsa lenta.

— Se tu tivesses de escolher entre tua mãe e ela, qual era que escolhias? - perguntou, sem interromper a música O menino não respondeu. Havia em seus olhos uma expressão de animal acossado.

— Qual era? - repetiu Luzia.

— As duas.

— Mas se um dia eu chegasse e dissesse: "Curgo, tua mãe vai embora.

Queres ir com ela ou ficar com tua avó?" Que era que respondias?

No seu espíiito Curgo berrava: “Ficar! Ficar! Ficar!” Mas não tinha coragem de dizer aquilo. Se dissesse era quase o mesmo que dar um soco no estômago da mãe. Ela ia morrer. Todos sabiam que não tinha vida para muito tempo…

— Fala a verdade, Curgo. Ias ou ficavas?

Ele olhava para a porta, à procura dum pretexto para sair.

— Mas aonde é que a senhora ia? - perguntou.

— Embora.

— Embora pra onde?

— Pra Corte.

— Mas por quê?

— Pensas então que Santa Fé é o único lugar do mundo onde a gente pode viver?

— Mas foi aqui que eu nasci.

— Pois eu não.

— Aqui é que estão os meus parentes, os meus amigos, tudo.

— Não tenho amigos. Meu único parente vivo és tu. E tu sabes - acrescentou ela, parando de tocar - que se eu quiser te levar, eu te levo, porque a lei está do meu lado? Tu és meu filho e só tens quinze anos, sabes?

O rosto do rapaz ganhou de repente uma dureza de pedra. Como única defesa fechou-se num silêncio ressentido e feroz. Não diria mais nada, acontecesse o que acontecesse. Luzia pareceu compreender isso

e mudou de tom: - És ainda muito novo, meu filho. Um dia vais crescer e então te lembrarás do que eu te disse. Mas aí será tarde demais, muito tarde. Eu estarei morta e podre debaixo da terra. Mas tu estarás apodrecendo vivo aqui em Santa Fé ou com os animais lá no Angico. Apodrecendo vivo, estás ouvindo?

Curgo não respondia. Tinha no rosto uma tal expressão de horror que ao chegar naquele momento à porta da sala, Bibiana olhou para o neto e compreendeu o que se estava passando.

— Venha lavar os pés, Curgo - disse ela com voz calma. — Está na hora de ir pra cama.

Naquela noite de sábado, quando bateu à porta do Sobrado para sua visita semanal, o dr. Winter se sentia tão bem disposto e em tamanha paz com o mundo, que começou a assobiar baixinho um minueto de Mozart, marcando o compasso com a ponteira da bengala a bater na pedra do portal. Uma das escravas veio abrir-lhe a porta.

— Boa noite, Natália! - exclamou, tirando o chapéu e fazendo com ele um floreio no ar.

A preta resmungou roucamente um cumprimento, e Winter em duas largas passadas galgou os degraus que levavam da porta ao nível do vestíbulo.

Viu em cima do consolo, junto do espelho oval que Aguinaldo Silva garantira haver pertencido a um nobre flamengo dos tempos da ocupação holandesa do Recife, o chapéu do dr. Nepomuceno, o do padre Otero e o quepe do major Graça. Ficou a contemplá-los por um instante, sorrindo. A Justiça, a Igreja e o Exército. Parecia um arranjo simbólico. Achou absurdo que seu surrado chapéu de feltro fosse também ficar ali ao lado dos outros. Que representava ele? Nada. Nem o colono alemão que havia quarenta e tantos anos se estabelecera na Feitoria do Linho Cânhamo às margens do rio dos Sinos. Era simplesmente um indivíduo, o dr. Carl Winter. E se quisesse ser bem honesto para consigo mesmo, teria também de chegar à conclusão de que não representava nem mesmo a medicina.

Naquele fim de mundo ele ia de tal modo perdendo contato com a literatura médica, que um dia talvez chegasse a descer ao nível dos curandeiros da terra.

Olhou-se no espelho. Na penumbra do vestíbulo não pôde ver mais que uma silhueta. Atirou o chapéu em cima do quepe francês do major Graça - um quepe que lhe lembrava desagradavelmente o de Napoleão II, segundo um retrato a bico-de-pena que vira reproduzido numa revista - e encaminhou-se para a sala de visitas, onde a conversa começava a acalorar-se. Quando o dr. Winter entrou, fez-se um súbito silêncio.

— Continuem, senhores! - pediu o médico, apertando a mão de Bibiana e depois a de Luzia.

O major Graça levantou-se e ficou perfilado. Era um homem alto, de barbas e cabelos castanhos, e estava metido em seu uniforme azul-escuro, de túnica com ombreiras e galões dourados, e calças debruadas duma fita carmesim. Estendeu para o médico a longa mão enérgica, que Winter apertou. O padre Otero permaneceu sentado, limitando-se a dar ao recém-chegado um boa-noite indiferente. E como o juiz de direito começasse a erguer-se do fundo de sua cadeira, o dr. Winter apressou-se a dizer: - Não se incomode, doutor. Aproximou-se dele e tomou-lhe da mão flácida.

O dr. Nepomuceno perdera a mulher havia dois anos e agora levava uma vida solitária de viúvo sem filhos. A velhice fazia-o mais sonolento e tardo de movimentos.

— Estávamos discutindo - explicou ele ao médico - o major Graça e eu. É, estávamos discutindo…

Winter sentou-se, cruzou as pernas e disse: - Pois continuem, senhores.

— Discutíamos a questão Zacarias - esclareceu o major. Tem uma voz de poeira - pensou Winter. Sim. Ali estava a comparação que ele buscava para descrever a voz do major. Uma voz de poeira, inesperada naquele corpanzil militar: uma voz sem música nem ressonâncias, esfarelada e farfalhante. Tuberculose da laringe? Ou cordas vocais gastas de tanto gritar ordens de comando?

— Senhores - confessou Winter - não se esqueçam de que em matéria de política nacional, como em quase tudo o mais, sou duma ignorância colossal.

— O que vosmecê acaba de dizer - observou o padre Otero, balançando-se na sua cadeira - é um sinal de modéstia. No entanto suas opiniões sobre a Religião, Ciência e Filosofia são as dum homem que sabe tudo e que não tem dúvidas sobre coisa alguma deste mundo ou do outro.

Carl Winter soltou uma risada.

— Meu caro vigário - replicou - não quero com a minha chegada desviar o rumo da discussão. Para encerrar o assunto admito que eu seja um poço de vaidade e presunção. Mas, pelo amor de Deus, esclareçam-me a respeito do caso Ananias!

— Zacarias - corrigiu o dr. Nepomuceno, com um ar de mestre-escola.

Winter olhou para Luzia. Lá estava ela na sua cadeira de respaldo alto, junto da mesinha redonda sobre a qual se achava o estojo da cítara.

Tinha no rosto emagrecido a palidez cor de palha que Winter tão bem conhecia. Ali imóvel, toda vestida de escuro, parecia uma figura de cera com olhos de vidro. O sofrimento e a maturidade lhe haviam marcado o rosto, tirando-lhe a dureza de outros tempos, dando-lhe até

um certo encanto lânguido e uma dignidade que talvez lhe viesse da vizinhança da morte. Não era coisa agradável para nenhum médico ver um cliente finar-se sob seus olhos sem que ele pudesse fazer alguma coisa para salvá-lo. O mais que Winter conseguia era aliviar-lhe as dores com gotas de beladona. Não se atrevia a dizer-lhe palavras de esperança e conforto porque estava certo de que Luzia não as tomaria a sério. De resto ela gostava de falar da morte que se aproximava; era com gozo que, numa antecipação, descrevia-se a si mesma metida numa mortalha negra, dentro dum esquife, ladeada por quatro círios. Era sorrindo que antevia o velório, descrevia as pessoas que chegavam e mencionava as coisas que iam dizer ou pensar da defunta. Em pensamentos acompanhava o próprio enterro até o cemitério, via quando desciam o caixão ao fundo da cova, ouvia o ruído cavo da terra a cair na tampa do esquife. Winter estava presente quando um dia ela repetiu essa estúpida história diante do filho com tanta riqueza de detalhes mórbidos, que o rapaz rompeu a chorar e acabou fugindo da sala.

O dr. Nepomuceno começava a explicar quem era Zacarias.

— Vosmecê, dr. Winter, deve estar lembrado dele. Zacarias ae Góis e Vasconcelos. Em 62 derrubou os conservadores do poder e formou um gabinete seu.

— Mas ficou só seis dias no poder - observou o major. O magistrado daquela vez foi pronto na resposta: - Era bom demais para durar, major, era bom demais.

O militar lançou um olhar cálido na direção de Luzia. Winter percebeu que Bibiana o vigiava. Só não pôde descobrir para onde olhava a teiniaguá - para o espelho? para a porta? para o major? ou para parte nenhuma?

— Mas não estávamos discutindo a queda dos conservadores em 62 - continuou o juiz. — Não estávamos. Isso são águas passadas.

A voz do dr. Nepomuceno sumiu-se, afogada, e por um instante ele ficou de olhos semicerrados, como num súbito cochilo. Com alguma impaciência o major resumiu a história: - O caso é o seguinte, doutor. Vosmecê deve estar lembrado que depois que expulsamos os paraguaios da província, a coisa toda parecia que ia ser muito fácil. Fomos empurrando o inimigo para dentro de seu próprio território e todo mundo esperava que a guerra terminasse em poucos meses. Mas as tropas de Solano López se entrincheiraram em Curupaiti e resistiram. Vosmecê sabe como são essas coisas. Não há nada pior para um exército do que a certeza da vitória fácil. Quando levamos a coisa na certa, qualquer resistência do inimigo nos desnorteia. Foi o que aconteceu. Nosso exército começou a se desorganizar, a desanimar e nossos comandantes começaram a se desentender…

Ele está se dirigindo a mim - refletiu Winter - mas mantém os

olhos fitos em Luzia. Mesmo agonizante a teiniaguá não perde o seu feitiço.

— O imperador então - interveio o dr. Nepomuceno - achou que a guerra tinha chegado a um ponto crítico, e que só um homem podia salvar a situação.

— Esse homem - disse o major, sempre olhando para Luzia - era Lima e Silva.

O padre, que ainda se balouçava na sua cadeira, sorriu e avisou: - Esse nome não deve ser pronunciado nesta casa. — Fez um sinal na direção de Bibiana. — Ela não esquece que Caxias era um legalista que combateu os Farrapos. O marido de dona Bibiana, capitão dos rebeldes, foi morto no princípio da guerra civil. O major voltou-se solene para Bibiana: - Caxias é antes de mais nada um brasileiro e um patriota, minha senhora.

— Pra mim é um caramuru - replicou ela, seca.

O major olhou para a ponta das botinas muito lustrosas, acariciou a barba e depois suspirou, dizendo: - Vejo que muita gente nesta província ainda não esqueceu a Guerra dos Farrapos. É lamentável. Nesta hora devemos deixar de lado todas as questões regionais. O destino da pátria comum está em jogo.

— É um caramuru e basta - insistiu Bibiana, olhando para o dr. Winter como a dizer: “Vosmecê me entende, sabe por que estou dizendo isto”.

Winter sacudiu a cabeça numa aquiescência muda.

— Mas voltemos ao nosso assunto - pediu ele.

— Ficou então resolvido entregar-se o comando de nosso exército a Caxias - continuou o major Graça. — Mas aconteceu que o ministro da Guerra, Ângelo Muniz da Silva Ferraz…

— Um grande homem - atalhou o juiz - diga-se de passagem, um grande estadista…

O major encolheu de leve os ombros e prosseguiu: - O ministro da Guerra teria dito: “Com esse homem não sirvo”.

O dr. Nepomuceno pareceu animar-se de repente e interrompeu o outro: - Assim Zacarias ficou num dilema. Ou aceitava a nomeação de Caxias e perdia o seu grande ministro, ou mantinha o ministro e…

O major quase chegou a dar um pulo na cadeira quando gritou: - … sacrificava a campanha!

— Mas Caxias não era o único general em condições de assumir a direção da guerra.

— Era! - O major lançou esta palavra como uma ordem de comando.

— Vosmecê há de dizer que como militar entende melhor do riscado que eu.

Concordo. Mas em matéria de política, peço vênia para declarar

que poucos, em que pese a modéstia, poucos como eu…

— Mas não devemos pensar em política quando a pátria está em perigo.

Winter já observara que só dois assuntos tinham a virtude de tirar o juiz de direito da sua apatia habitual: política e gramática. Uma queda de gabinete ou a colocação dum pronome oblíquo era coisa capaz de levá-lo a discussões calorosas e intermináveis.

— Vosmecê, major Graça, não negará que Zacarias é dos nossos maiores estadistas.

— Ele provou que era acima de tudo um homem muito apegado ao poder. Em vez de tomar uma das duas pontas do dilema, seguiu um terceiro caminho.

Sacrificou o ministro ao general, mas não resignou.

O dr. Nepomuceno soltou uma risada inesperada que foi quase um ronco, e disse: - É a arte da política. A arte da política.

— Mas não da decência - retrucou o major, dando um brusco puxão na túnica.

O padre Otero interveio: - Política e decência nunca andam de mãos dadas. São inimigos mortais.

O oficial voltou-se para o sacerdote: - Mas o nosso imperador sabe fazer uma política hábil com uma decência indiscutível.

— O nosso imperador é um homem excepcional… - observou o padre.

Wintei simpatizava com aquele imperador barbudo e paternal a respeito de quem se contavam tantas histórias e anedotas. Havia ao redor dele uma aura de lenda. O médico observara também como a reputação de integridade de caráter do soberano influía poderosamente na vida social da nação. Era um exemplo de honradez e bondade a ser seguido. Dom Pedro II como que dava a nota tônica ao ambiente moral do país. De certo modo - refletiu ainda Winter - Sua Majestade já fazia parte do folclore nacional como uma espécie de anti-Malasarte.

— Mas seja como for - prosseguiu o major - Lima e Silva foi nomeado, encontrou nossas tropas desorganizadas e atacadas de cólera-morbo, e levou um ano no trabalho insano de reorganizá-las. Mas conseguiu. E se hoje a campanha se aproxima do fim é graças a esse grande brasileiro!

— Vou mandar servir o café - disse Bibiana, erguendo-se de repente e saindo da sala.

Luzia acompanhou-a com o olhar. Agora, pela expressão do rosto de sua paciente, Winter notava que ela sofria. Por que não se retirava? Por que não tomava as suas gotas? Seria que gozava também com o próprio sofrimento? Inacreditável!

— Quer que eu vá preparar o remédio? - murmurou, inclinando-

se para ela.

Luzia sacudiu a cabeça: - Não. Obrigada. Estou bem.

E sorriu um sorriso doloroso e quase terno. Winter não pôde deixar de ficar perturbado. Já não sabia mais ao certo o que sentia por aquela mulher. Logo que a conhecera, desejara-a fisicamente duma forma mórbida que o assustava um pouco. Depois fugira dela com certo horror. Agora o que sentia era pena mesclada de curiosidade. Sempre que a via pensava naquele tumor que lhe crescia no estômago com o viço maligno duma flor que se alimenta de carne. Era-lhe inconcebível a ideia de desejar carnalmente uma mulher em tais condições, pois isso seria quase uma inclinação necrófila…

O padre Otero, que na discussão parecia estar decididamente do lado do major Graça, dizia agora: - No entanto, as intrigas políticas contra Caxias continuaram no Rio de Janeiro.

O major ergueu a mão com o dedo indicador enristado na direção do dr.

Nepomuceno: - Agora vosmecê veja a nobreza desse homem de prol. Tendo tudo na mão: prestígio, coragem, força, um exército inteiro, ao invés de jogar todos esses trunfos na mesa em seu favor, preferiu escrever uma carta a Paranaguá, queixando-se amargamente desses homens que colocavam seus interesses pessoais acima dos da pátria e dizendo que, em vista de não lhe darem liberdade de ação, e do governo não lhe mandar os homens e o material pedidos, preferia resignar. Estava doente, cansado e desiludido.

— A carta explodiu como um petardo no Rio de Janeiro - ajuntou o padre Otero, dirigindo-se desta vez ao dr. Winter. — Todos sabiam que Caxias era insubstituível. Caxias valia mais que todo um ministério.

— Não diga isso, padre! - protestou o dr. Nepomuceno. — A guerra um dia termina e nós vamos precisar de homens da fibra de Zacarias e outros para reconstruir a nação.

— Mas seja como for - disse o major - essa carta abalou o ministério e Zacarias compreendeu que estava diante duma nova crise. Viu que o imperador não hesitaria em sacrificar o ministério para não perder o seu grande general, para não perder a guerra!

— Mas Zacarias não quis ceder a uma imposição da espada - recitou o dr.

Nepomuceno com gravidade.

— Era preciso salvar as aparências, achar um pretexto para renunciar.

— Sempre os interesses individuais! - exclamou o major. — O que importava não eram os fatos, não era a solução da guerra, eram as aparências, o prestígio pessoal, a vaidade do ministro Zacarias.

O dr. Winter não se pôde conter: - Mas o meu caro major não

acha que a honra não é um privilégio dos militares, e que um civil pode achar que sua sobrecasaca e suas calças merecem tanto respeito quanto a farda?

O major mirou o médico num silêncio meio irritado. E na expressão do rosto do militar Winter leu tudo quanto ele queria dizer mas calava: “Não se meta. Vosmecê é um estrangeiro”.

O padre Otero livrou o major de dar uma resposta, pois continuou a história: - Zacarias então achou um pretexto para resignar quando Sales Torres Homem foi nomeado senador do Império. Esse cidadão tempos atrás tinha feito grande oposição à família real em artigos escritos sob o pseudónimo de… como era mesmo? Ah! Timandro. O pretexto era ótimo.

Zacarias saiu de cabeça erguida. Não fora derrubado pela espada dum general mas sim pela pena dum político.

— E perdemos assim - concluiu Nepomuceno - o nosso mais ilustre estadista!

— Mas ganhamos a guerra - observou o major.

— Ganhamos?

— Claro, López está perdido. A vitória agora é questão de meses…

Winter viu com alegria entrar uma escrava com uma bandeja cheia de xícaras de café fumegante. Apanhou a sua, serviu-se de açúcar e, enquanto mexia o líquido escuro com a colherinha de prata ("Maurício de Nassau - afirmava Aguinaldo Silva - já tomou chá com estas colheres")

perguntou: - Mas vosmecê não acha, major, que quando Caxias voltar da guerra triunfante e cheio de prestígio pessoal ele vai ser para este país o que Bismarck é para a Prússia?

— Que quer dizer o senhor com isso?

— Quero dizer que vai ser a verdadeira força por trás do trono, o homem que daqui por diante governará o Brasil…

— Meu caro doutor, Caxias é um patriota e não um ambicioso!

— Mas já se fala por aí em república. Suponhamos que Caxias…

— Ah, isso é que nunca! Seria um." traição ao imperador e Caxias não é um traidor.

Winter achou melhor não continuar. Homens como o major não sabiam discutir com calma. Tomavam tudo muito a peito, ofendiam-se com facilidade, só sabiam discutir com palavras e sentimentos grandiloquentes: pátria, honra de classe, altruísmo, nobreza, heroísmo.

Era impossível esfriar-lhes o entusiasmo e trazê-los a examinar os fatos com objetividade desapaixonada.

— Nosso imperador é um sábio e um santo - disse o militar. — Nossa monarquia é considerada no mundo inteiro uma verdadeira democracia. O prestígio do nosso soberano é conhecido nos países

mais civilizados do mundo. Falar em república nesta hora é um crime, uma traição que deve ser punida com fuzilamento.

Lá vem ele com o seu, pelotão de fuzilamento - pensou o médico. E por contraste lembrou-se de seus poetas. Por um instante Goethe e Heine estiveram naquela sala, visíveis apenas para Winter. E quando seus fantasmas se sumiram, o médico exclamou: - O café está uma delícia!

Os outros, com as xícaras nas mãos, fizeram um sinal de assentimento, menos o dr. Nepomuceno, que nunca tomava café à noite, pois sofria de insónia.

Bibiana entrou com uma bandeja cheia de bolinhos de polvilho e saiu a distribuí-los. O major olhava para Luzia com seus olhos cálidos.

— Fala-se em república, não há dúvida - concordou ele, com mais'calma. — Mas é meia dúzia de mocinhos que andam com as cabeças cheias de leituras exóticas e ideias extravagantes.

— O mundo inteiro anda cheio de ideias extravagantes - opinou o padre Otero, cruzando os braços e atirando a cabeça para trás.

— O que é extravagante hoje - observou o dr. Winter - pode ser muito natural e sensato amanhã.

— É o progresso - concluiu o dr. Nepomuceno, que mastigava um bolinho de polvilho. — É o progresso - repetiu, expelindo com a última palavra um chuveiro de farelo.

O padre Otero fez um sinal com a cabeça na direção de Bibiana: - Aqui a nossa prezada amiga não se conforma com o sistema métrico decimal.

Muito tesa em sua cadeira, e sem tirar os olhos do rosto da nora, Bibiana disse: - É uma invenção triste. A gente estava muito bem como antes. Agora vem essa história de metro e quilo e centímetro e não sei mais o quê… Por que será que vivemos sempre macaqueando o que esses estrangeiros fazem? O padre sorriu.

— Reformas como essas, dona Bibiana, não fazem mal a ninguém. O perigo está em certas ideias radicais que importamos da Europa. — E ao dizer estas últimas palavras olhou enviesado para o dr. Winter.

— Um dia elas virão para ficar - retorquiu o médico, sorvendo um gole de café - quer vosmecê queira, quer não queira.

Nesse instante Luzia falou pela primeira vez depois que Winter entrara: - Vosmecês não acham que estamos vivendo numa época muito interessante?

— perguntou ela, passeando os olhos em torno.

Que se passa com essa voz de viola? - perguntou o Dr. Winter a si mesmo.

Não tinha mais a veludosa profundeza de outros tempos: estava cansada e gasta.

— Eu acho - respondeu ele em voz alta - que todas as épocas são

interessantes. O essencial é a gente estar vivo…

Luzia pareceu animar-se.

— Mas não, doutor. Veja bem. Quanta coisa está acontecendo no mundo hoje! Basta ler um jornal.

Assanhada! - dizia Bibiana em pensamento, olhando para a nora. Está doente, com um tumor na barriga, anda que nem pode de dor e no entanto fica aqui embaixo conversando. Por quê? Só porque tem homem em casa.

Assanhada!

— A guerra civil nos Estados Unidos… - enumerava Luzia. — A libertação dos escravos, a morte de Abraão Lincoln… Ah! e a maravilhosa história de Maximiliano, imperador do México… Ainda ontem estive lendo a respeito dele num almanaque.

— Mas que é que vosmecê vê de tão maravilhoso na aventura infeliz desse austríaco? - perguntou Winter. — Não passou de um fantoche nas mãos de Napoleão II, esse outro maluco que está convencido de que é mesmo Napoleão Bonaparte.

— Vosmecê conhece bem a história de Maximiliano, doutor?

— O suficiente para julgá-lo um idiota.

Luzia sacudiu a cabeça com ar de desaprovação.

— Pois eu gostaria de ser a imperatriz Carlota… - murmurou.

Está louca! - exclamou Bibiana em pensamento. Decerto o tumor já está atacando a cabeça dela. Onde se viu? A imperatriz Carlota!

O major Graça olhava para Luzia com olhos cheios de apaixonada admiração. O padre Otero balançava-se na sua cadeira e escutava tudo a sacudir a cabeça lentamente, numa silenciosa mas decidida reprovação. O dr. Nepomuceno parecia ter mergulhado num de seus cochilos intermitentes.

— Pense bem na história, doutor - continuou Luzia. — Um arquiduque austríaco que viajou por todo o mundo, um belo homem de pele clara e olhos azuis, um homem educado, um homem bom, e de repente se vê imperador dum país de índios de cara de bronze, um país tão diferente da Áustria como a noite do dia. E E vosmecê já pensou no papel da imperatriz Carlota quando foi falar com Napoleão II para lhe pedir que não abandonasse Maximiliano?

— Perdeu o seu latim - interrompeu-a Winter.

— Mas que importa?

— E acabou transtornada do juízo - acrescentou o doutor, tomando o último gole de café.

— E tudo isso não é belo?

O dr. Nepomuceno abriu os olhos e manifestou-se: - Não acho nada belo. Não há nada mais sublime que o juízo perfeito, a lucidez das ideias.

— Mas o mundo dos sãos é um mundo triste - sorriu Luzia. — O

mundo dos loucos, esse sim, deve ser maravilhoso e sempre cheio de coisas novas e fantásticas.

Vosmecê é que pode dizer - pensou Bibiana. E lançou para a nora um olhar carregado de censura e rancor. Achava quase indecente que uma viúva ainda moça estivesse a conversar aquelas coisas com homens. Aquilo positivamente não era assunto de mulher.

Via-se que o major Graça estava fascinado; aquele sortilégio parecia roubar-lhe a voz.

— As pessoas normais - continuou Luzia - são as mais sem graça do mundo.

Winter olhou para o major e leu espanto e decepção em seu rosto. O padre Otero sacudiu a cabeça, penalizado.

— Vosmecê precisa vir à igreja, confessar-se e depois tomar a comunhão, dona Luzia.

Havia anos que o vigário insistia em trazer aquela ovelha negra para o seu rebanho - refletiu o médico. Luzia, porém, recusava-se, com uma obstinação e uma coragem que ele, Winter, não podia deixar de admirar.

Sabia que ia morrer e seria natural que diante da incerteza do que pudesse haver para além da morte, ela tentasse uma reconciliação com Deus através da Igreja.

— Fiz um donativo em dinheiro para as obras da igreja, padre - replicou ela. — É o mais que posso dar.

— Mas nós queremos também a sua alma, dona Luzia.

— Vosmecê tem certeza de que eu tenho uma alma?

O major empertigou o busto e olhou para o padre com espanto. O dr.

Nepomuceno ficou de boca aberta a mirar a dona da casa.

— Não diga uma coisa dessas, dona Luzia! - exclamou o vigário. — Que Deus lhe perdoe! Nunca mais diga uma coisa dessas.

Por que é que ela não vai pra cama dormir! - perguntava Bibiana em agonia. Por quê? Por causa do major. Quer ficar aqui se mostrando pra ele. Por isso diz coisas que não devia, coisas que só uma mulher perdida pode dizer.

Luzia levou os dedos à altura do estômago e ficou como que a acariciar o tumor.

— E depois - continuou ela, como se não tivesse ouvido as palavras do padre - temos todos esses inventos maravilhosos: o vapor, a estrada de ferro, o telégrafo…

— Não sei aonde essas engenhocas todas nos vão levar - observou o padre, com um gesto de quem queria empurrar para o futuro uma preocupação que ao futuro pertencia.

Winter sentiu que a conversa entrava num terreno que lhe era agradável pisar. Por intermédio de Von Koseritz recebia jornais da 671

Alemanha e acompanhava, com o interesse de quem lê uma novela fascinante, a marcha das ideias políticas na Europa. E o fato de ele estar em Santa Fé - por assim dizer num outro planeta - tornava todas aquelas coisas mais esquisitas ainda.

— Há uma ideia em marcha, senhores - disse ele. E, em seguida, percebendo que tinha ficado com ar teatral, sorriu, achando-se ridículo.

Ergueu-se, enfiou ambas as mãos nos bolsos das calças, caminhou até a janela, olhou para fora, viu a figueira na noite morna e calma e lembrou-se duma madrugada em que encontrara ali Florêncio e Bolívar a conversar… Os outros esperavam em silêncio.

— Que ideia? - perguntou o padre, com o ar provocador de quem já sabia o que o outro ia responder.

— Ainda a ideia da Revolução Francesa.

— Ora! - fez o padre. — Ora!

— Uma ideia cuja marcha - continuou o médico - a vossa Santa Aliança se esforçou por deter.

O major, que brincava distraído com a fivela dourada do cinturão, soltou no ar a poeira de sua voz: - Vosmecê não poderia esclarecer melhor seu ponto de vista? Na minha fraca opinião, a Revolução Francesa…

Calou-se de súbito, ficou olhando para Luzia e não disse o que era a Revolução Francesa na sua fraca opinião. O dr. Winter interveio: - Napoleão Bonaparte atrasou o relógio da História com suas guerras de conquista. Em suma: traiu a Revolução.

— Não diga tamanho absurdo, doutor! - protestou Erasmo Graça, entesando o busto e ficando sentado na ponta da cadeira.

Solidariedade de classe - pensou Winter.

— Deixem o doutor explicar seu ponto de vista - pediu Luzia.

— O ponto de vista não é propriamente meu. Mas eu o aceito. Li-o em algum livro ou artigo de jornal.

O padre Otero não perdeu a deixa e resmungou, irónico: - Se o ponto de vista não é seu, como pode ser bom? Winter sorriu.

— Os outros às vezes pensam e dizem coisas inteligentes… - replicou ele, inclinando-se numa paródia de mesura.

E prosseguiu: - Havia uma ideia liberal nascida da Revolução Francesa…

— Revolução essa - atalhou o vigário - que não passou duma consequência das ideias heréticas de livres-pensadores como Voltaire, Diderot e outros.

— Vosmecé me desculpe, padre, mas acho que o peso dos impostos influiu mais na balança que o das ideias dos enciclopedistas. As causas da Revolução Francesa foram mais políticas e económicas do que propriamente intelectuais.

— Vosmecé fala como se a política da França do século passado fosse a política local de hoje.

— A proximidade em que me encontro no tempo e no espaço da política de Santa Fé só me confunde e prejudica a visão. A distância geográfica e histórica em que estou da Revolução Francesa só pode dar-me uma perspectiva melhor, principalmente quando eu a contemplo trepado nos ombros de gigantes como Carlyle e outros.

Luzia apoiou-o: - Quando estamos diante dum quadro não nos afastamos dele para apreciá-lo melhor?

— Aí está… - disse Winter. E, mudando de tom, continuou: - A nobreza e o alto clero da França viviam à tripa forra e quem pagava as contas era a burguesia. Os camponeses vegetavam num estado de servidão que não era muito melhor que o que prevalecia na Idade Média.

— O clero é sempre o bode expiatório - exclamou o padre, dando uma palmada na coxa.

— Em suma - e neste ponto o dr. Winter abriu ambos os braços - descontados erros, violências, matanças inúteis, vinganças e ódios pessoais, dessa Revolução sobrou alguma coisa. E essa alguma coisa sobreviveu também às guerras napoleônicas.

— E se me faz favor - perguntou Nepomuceno, olhando significativamente para o major Graça - que vem a ser essa “alguma coisa”?

Winter esclareceu: - Os Direitos do Homem, as liberdades inalienáveis do indivíduo, o direito que cada cidadão tem à liberdade, à propriedade e à segurança. A liberdade de imprensa, de culto e de palavra para todos, sem nenhuma distinção.

— Patacoadas! - exclamou o vigário. — Liberdade? Para que é que o povo quer liberdade? Para ser ateu, herege, licencioso? Liberdade para tomar a mulher do próximo? Liberdade para caluniar, mentir, ofender?

Liberdade para quebrar os mandamentos divinos? Libertinagem, isso era o que queriam esses senhores da Revolução Francesa.

— Eu não esperava outra reação da parte de vosmecê - disse o dr. Winter.

O major perguntou: - E vosmecê acha, doutor, que essas ideias foram alguma vez postas em prática?

— Eu já disse que Napoleão atrasou o relógio da História. Ainda há países que não saíram de todo das sombras da Idade Média. Mas em certos círculos do mundo floresce o pensamento liberal. A semente foi lançada.

Não resta a menor dúvida.

— Mas o grosso do povo - interveio o dr. Nepomuceno - esse continua no mesmo.

— Exatamente.

— E há de continuar sempre - replicou o major.

— Não vejo razão para fazer-se uma afirmativa tão categórica.

— Essa igualdade com que os senhores liberais sonham - insistiu o militar - pode muito bem significar desordem, desrespeito e anarquia.

— Eu compreendo muito bem que vosmecês prefiram a ideia da monarquia, da manutenção dos privilégios da Igreja e da nobreza, e da submissão do povo.

— E para a mulher - interveio Luzia - uma posição idêntica à que ela tinha na idade do obscurantismo.

Por que é que ela não fica de boca fechada? - perguntava Bibiana a si mesma. A atitude da nora lhe dava uma vergonha tão grande que ela como que sentia formigas lhe passearem pelo corpo. Por que é que essa sem-vergonha não vai pra cama?

— Se o padre Otero pudesse - disse ainda Luzia, sorrindo - ele erguia uma muralha para evitar que as invenções e as ideias novas da Europa entrassem no Brasil.

— Não seremos mais felizes nem melhores - replicou o sacerdote - por adotarmos essas tais "ideias novas" e essas engenhocas fedorentas, não é, major?

O militar fez um gesto de indecisão.

— Não vejo nenhuma incompatibilidade entre o progresso, a decência e as nossas tradições políticas e religiosas - declarou ele.

— E quais são essas tradições? - perguntou Carl Winter. O major hesitou por um instante e depois disse: - Na política, a ideia conservadora. Na religião, o catolicismo. De resto, não estamos ainda preparados para ter todos esses inventos e novidades.

— Ainda teremos de esperar muito pelas estradas de ferro e pelo telégrafo. Pelo menos nesta província.

— Graças a Deus! - exclamou o vigário.

Winter deu de ombros. Fosse como fosse, ele não podia imaginar uma locomotiva entrando em Santa Fé, cortando o silêncio dos campos com seu apito e sujando aqueles belos céus com a fumaça escura de sua chaminé.

— É uma pena que a gente não possa viver cem anos para ver tudo isso…

— murmurou Luzia. E com estas palavras criou um silêncio de constrangimento.

Pouco antes das dez horas o vigário e o dr. Nepomuceno fizeram suas despedidas e retiraram-se. O major Graça, entretanto, permaneceu sentado. A princípio fez-se um silêncio um pouco difícil, como se todos os assuntos se tivessem esgotado. Bibiana não tirava os olhos da nora.

Winter percebia claramente que o major ainda tinha esperança de

poder ficar a sós com Luzia aquela noite, nem que fosse por um breve momento. Sabia, porém, que Bibiana estava decidida a não arredar pé dali. O oficial pigarreou, olhou para o médico como para lhe pedir que começasse um assunto, e como o outro permanecesse calado, a mirá-lo com seus olhos irônicos, ele olhou na direção da janela e disse: - Está uma linda noite.

— E nem parece - observou Luzia - que a esta hora homens estão se matando em terras do Paraguai. Não é extraordinário? Neste exato instante, um soldado está enterrando a sua baioneta no peito dum inimigo. E numa sepultura perdida no campo o cadáver dum oficial brasileiro está se decompondo. Estou vendo as dragonas dele sujas de terra. — Luzia olhava intensamente para o major. — E os cabelos e as barbas dele estão ainda crescendo. É mesmo verdade que os cabelos da gente continuam a crescer depois que morremos?

O major tinha agora no rosto uma expressão de perplexidade. Em vez de responder, Winter disse: - A esta hora, em algum outro lugar do mundo, alguém pode estar compondo uma sonata ou escrevendo um verso.

— Ou fazendo alguma coisa que preste - atalhou Bibiana.

— Bom - disse o médico de repente. — Preciso ir embora. É tarde.

— Fique mais um pouco, doutor - pediu Bibiana. — Preciso falar com vosmecê.

O major ergueu-se, deu um puxão na túnica e disse: - Vou fazer as minhas despedidas. Volto amanhã para o campo de batalha.

Winter achou a expressão “campo de batalha” um pouco teatral, mas perdoou ao major. Ele estava diante de sua bem-amada: precisava impressioná-la.

— Minha missão em Santa Fé está terminada - continuou ele. — Quero agradecer às senhoras - fez um sinal com a cabeça abrangendo sogra e nora - e a vosmecê, doutor, por todas as considerações que me dispensaram…

Winter, repetindo uma fórmula corrente na província, disse: - Vosmecê é merecedor.

Bibiana permanecia de lábios apertados, sem tirar os olhos do oficial.

— Peço a Deus - prosseguiu ele - que um dia eu possa voltar a esta terra de onde levo as mais gratas recordações…

Winter contemplava Luzia, que acariciava o tumor com a ponta dos dedos.

— Dona Luzia - prosseguiu o major - não posso ir-me embora sem lhe dizer da grande impressão que vosmecê me causou. Confesso que nunca encontrei em toda a minha vida dama mais culta nem mais virtuosa, isso para não falar na sua formosura.

A emoção apagava ainda mais a voz de poeira. Bibiana trocou

com o médico um olhar travesso.

— Vosmecê é muito bondoso, major - murmurou Luzia.

— Diga antes que sou justo. Há mais uma coisa que vou pedir a Deus. É que no dia em que eu voltar a Santa Fé possa ter o prazer e a honra de revê-la.

Luzia estendeu ambas as mãos sobre a tampa do estojo da cítara.

— Não, major - disse ela. — Quando vosmecê voltar da guerra e quiser me ver, não é nesta vila que deve me procurar. É num outro lugar, muito mais quieto e mais triste que este. Fica no alto duma coxilha.

— O cemitério - explicou Bibiana quase sem sentir, temendo que o major não compreendesse a alusão.

Erasmo Graça olhava com ar perdido para Luzia, que voltou a cabeça para a sogra e confirmou: - É isso mesmo. O cemitério.

— Por favor, minha senhora - exclamou o militar - não diga isso.

Os dedos de Luzia acariciavam as incrustações de madrepérola do estojo.

— Todo mundo sabe que não tenho vida para muito tempo. Se duvida, majorr, pergunte ao dr. Winter.

Por um instante Erasmo Graça ficou sem saber que fazer.

— Deus é grande - disse de por fim. — E Deus não é cruel.

Ninguém ouviu a risada seca e sarcástica que dona Bibiana soltou; porque ela riu em pensamento. Riu como se só ela conhecesse o caráter de Deus.

Na expectativa de que alguém ali dissesse uma palavra de esperança, mesmo que fosse uma palavra hipócrita, o major olhava do médico para a velha.

— Mas não é possível - tartamudeou ele - deve haver um remédio… Deve haver recursos, em Porto Alegre, no Rio, quem sabe se na Europa…

Luzia sacudia a cabeça lentamente, numa serena negativa.

— Para meu mal não há remédio, major. Mas não se aflija. A maior interessada no caso sou eu. Estou resignada.

O oficial olhava perdidamente para o bico das próprias botinas.

— A vida é bem triste - murmurou ele. — Hoje estamos aqui, amanhã…

Não completou a frase.

— Mas para quem mora em Santa Fé - replicou Luzia - tanto faz estar em cima da terra como debaixo dela, é a mesma coisa…

Louca varrida - pensava Bibiana. — Não sabe o que diz. O major permaneceu um instante num silêncio de constrangimento. Por fim deu um passo na direção de Luzia e disse: - Então adeus, dona Luzia. Que Deus vos abençoe e guarde. Tomou-lhe da mão e beijou-a respeitosamente. Depois apertou a mão de Bibiana e murmurou: -

Muito agradecido por tudo, minha senhora. — Voltando-se para o doutor, perguntou: - Vosmecê vai também?

— Eu fico, major.

Apertaram-se as mãos em grave silêncio. Bibiana acompanhou o oficial até a porta sem dizer palavra. Mas quando o viu sair para a rua, ainda de quepe na mão, deixou escapar um quase involuntário: - Vá com Deus!

Através da fresta da porta ficou acompanhando com os olhos o vulto de Erasmo Graça, que atravessava a rua na direção da praça.

Um cheiro morno de vento que passou por muito campo lhe chegou às narinas. O vulto do major sumiu-se nas sombras das árvores. Bibiana ficou olhando fixamente para o lugar onde Bolívar tinha caído morto…

Quando voltou para a sala, Luzia já se havia recolhido e o dr. Winter começava a acender um de seus charutinhos.

— Então? - perguntou o médico, erguendo as sobrancelhas. Bibiana sentou-se pesadamente numa cadeira e deixou escapar um suspiro de alívio.

— Desse estamos livres, pelo menos por enquanto. Winter gostou daquele verbo no plural. O estamos de certo modo o incluía na grande conspiração.

— Sabe que estive na casa do Florêncio hoje de manhã? - perguntou ela.

Winter sacudiu a cabeça negativamente. — Pois estive. Aquele menino é teimoso como uma mula.

— É um Terra.

— Está roendo um osso duro mas não se entrega. É tão orgulhoso que não quis aceitar nenhum ajutório meu.

— Vosmecê bem sabe por quê.

— Sei. Mas é uma bobagem. O dinheiro a bem dizer é do primo dele.

O dinheiro é do velho Aguinaldo - pensou Winter - e, por sinal, dinheiro muito mal ganho. Mas não deu voz a essa reflexão. Limitou-se a fazer um gesto vago.

— Eu quis emprestar um dinheirinho pró rapaz comprar umas cabeças de gado e começar uma criação. Também ofereci em arrendamento um pedaço do Angico. Ele só sabia era sacudir a cabeça e dizer: "Não carece, titia.

Não carece. Já tenho um negócio em vista". Pura invenção. Não tem nada.

— Como é que a família tem vivido?

— A mulher faz renda de bilro pra fora e o Florêncio faz uns laços, uns lombilhos e vende por aí. Mas isso não chega pra dar de comer pras cinco bocas que tem em casa.

Fez uma pausa durante a qual ficou alisando um friso imaginário na saia.

Depois: - É verdade que o Florêncio vai ficar com a perna dura pró resto da vida?

— Boa como antes a perna não ficará. Mas acho que ele poderá andar a cavalo e caminhar sem muleta.

Bibiana soltou um suspiro de pena.

— Coitado! Merecia outra sorte. É um homem de bem como o pai. Seja como for, voltou da guerra. Muitos não voltaram. Pois é, doutor. Às vezes eu penso que Deus escreve direito por linhas tortas. Se o Bolívar não tivesse sido assassinado pelos capangas do Amaral, ele decerto tinha ido pra essa guerra e talvez já tivesse morrido.

— Também podia ter morrido de cólera-morbo em Porto Alegre…

— Ou podia ter nascido morto.

— É como lhe digo sempre. Não adianta a gente se preocupar. O que tem de ser traz força.

— Às vezes, sentada nesta cadeira, fico pensando, pensando e não chego a compreender direito o que é que Deus quer da gente.

— Talvez nem Ele mesmo saiba.

— Dizem que fez o mundo em seis dias e descansou no sétimo. Mas por que foi que fez o mundo? Pra ficar depois vendo a gente penar aqui embaixo?

Será que Deus é como ela, que gosta de ver o próximo sofrendo? Deus me perdoe!

A religião de dona Bibiana - refletiu Winter - era muito curiosa. Tudo indicava que ela ia à rnissa por puro hábito, porque antes dela sua mãe e sua avó também tinham ido. Tratava os santos de igual para igual e em certas ocasiões revoltava-se contra eles com o mesmo fervor com que noutras lhes invocava a ajuda.

De resto - sorria Winter para seus pensamentos - as relações entre os habitantes da província e os santos eram singularíssimas. As solteironas que faziam promessas a Santo Antônio para que ele lhes desse um marido, quando não viam seus desejos satisfeitos tratavam de castigar o santo casamenteiro, pondo-lhe a imagem dentro d'água, de cabeça para baixo, e só livrando-a dessa penitência quando um pretendente aparecia. Mais de um crente lhe assegurara que não se devia nunca deixar bebida perto da imagem de Santo Onofre, “pois o diabo do santo é cachaceiro”.

— De vez em quando penso na minha mãe - prosseguiu Bibiana com sua voz calma e seca - no meu pai, na minha avó e no que eles fizeram e sofreram, e nos trabalhos que passaram. De que serviu tudo isso? Me diga, de que serviu? Aqui estamos nós sofrendo, considerando, trabalhando, esperando. Primeiro esperei o meu marido que foi pra guerra; e no dia que voltou só tive ele por uns minutos, e

logo em seguida foi morto pelos bandidos dos Amarais. Esperei que o Boli nascesse, que ele crescesse e tivesse um filho. Agora Boli está morto, o filho está crescendo e eu esperando que ele fique homem. Minha avó esperou muitas vezes o filho que tinha ido pra guerra. Uma vez fiquei na minha cadeira me balançando dum lado pró outro e esperando o Boli, que tinha ido brigar com os castelhanos. Agora está aí essa outra guerra braba que não acaba mais. Minha Nossa Senhora! Faz mais de cinco anos que começou!

Bibiana calou-se e pensou naquele medonho julho de 1865As tropas paraguaias tinham invadido a província e saqueado São Borja. Contava-se que passaram cinco dias a levar em canoas para o território argentino tudo quanto podiam roubar na vila brasileira. Não respeitaram nem as igrejas! Eram uns índios bandidos e quando bebiam cachaça ficavam piores que demônios. Ante a notícia de que uma coluna paraguaia avançava rumo de Santa Fé, a gente ali na vila começara a preparar-se para fugir.

Durante muitos dias mulheres, velhos e crianças estiveram de trouxas feitas, os tarecos dentro das carretas, os cavalos encilhados - tudo pronto, enfim, para a fuga. Haviam sido dias e noites de susto e agonia. Mas ela, Bibiana, tinha dito desde o princípio: “Da minha casa não saio”. Traçava já seu plano: mandaria Licurgo com Fandango para longe e ficaria esperando os paraguaios sentada na sua cadeira de balanço ali mesmo no meio da sala…

— Se esta guerra dura mais dois anos - murmurou ela - o Curgo é capaz de se apresentar voluntário. Quando penso nisso, sinto até um frio na barriga.

— Não tenha cuidado. A guerra não dura nem três meses mais.

— Quem sabe? Sempre acontece o pior. Esse Solano López parece que tem sete fôlegos.

— Pois agora ele vai perder o sétimo.

— Tomara que vosmecê tenha razão. Mas não sei… Bibiana voltou a cabeça e olhou demoradamente na direção da escada.

— Sabe da última, doutor? - Baixou a voz. — Ant'ontem ela conversou muito tempo com o Curgo. Era nisso que eu queria lhe falar…

— Vosmecê ouviu a conversa?

— Não, mas ele me contou tudo. Essa mulher perguntou se o menino queria ir embora com ela.

— E que foi que ele respondeu?

— Respondeu que não, bem como eu esperava. Mas tanta coisa ela fez que acabou fazendo o Curgo chorar.

— Mas Luzia pensará mesmo em ir embora?

Bibiana não respondeu. Ficou por um instante a olhar para o soalho e depois, quase num cochicho: - Será que ela vai durar muito

ainda? - perguntou, sem erguer os olhos.

Winter hesitou por breves segundos.

— Pode ser que dure ainda alguns anos, mas pode ser que dure apenas alguns meses.

— Deus me perdoe, mas…

Calou-se de súbito, como que se arrependendo em tempo do que ia dizer.

— Não precisa dizer o resto. Eu sei o que vosmecê está pensando.

— Sou uma mulher muito malvada, não sou, doutor?

— Absolutamente. Acho que vosmecê é uma pessoa muito prática e muito sincera.

— Não fica me querendo mal, então? - Claro que não.

— Mas é que não me sinto bem quando penso essas coisas.

— A gente não sente porque quer. Sente porque sente. Bibiana sorriu.

— Engraçado! Sabe quem costumava dizer isso? O falecido capitão Rodrigo.

— Se ele estivesse vivo tudo podia ser diferente, não?

— Qual! Se o Rodrigo não tivesse morrido na Guerra dos Farrapos, tinha morrido noutra. Decerto nesta. Ou em algum duelo. Ele gostava de comprar briga. Brigava por gosto. Quando não havia uma guerrinha, andava triste…

O gato cinzento de Bibiana entrou lento na sala e veio enroscar-se aos pés da dona.

— Ah! - fez ela, como quem de repente se lembra. — Quero lhe mostrar uma coisa.

Tornou a olhar furtivamente na direção da escada e pôs em cima da mesa seu lenço amarrado à feição de trouxa, desfez-lhe os nós, estendeu-o horizontalmente e tirou do centro dele um papelucho cor-de-rosa, cuidadosamente dobrado, que ali estava junto com algumas moedas de cruzados e um naco de fumo de mascar, e deu-o ao médico.

— Leia isso, doutor.

Winter aproximou o papel da luz das velas e leu: Meu filho, quando eu morrer Vai um dia ao campo-santo E reza a Deus por alguém Que em vida te amou tanto.

E lembra então, meu querido, Que ali no frígido chão Vermes me roem o corpo Podre está meu coração.

— Que é isto?

— Versos. Foi ela que fez. Deu pró Curgo ler. Winter sacudia a cabeça lentamente.

— Inda mais essa! - comentou dona Bibiana, com surda indignação. — Faz versos.

O doutor devolveu-lhe o papel sem dizer uma palavra.

— Então?

— Fazer versos não é o pior. Perto das outras coisas isso é até inocente…

— Eu sei. Mas ela está judiando do menino. Faz agora dois dias que não olha pra ele, que não fala com ele. É como se a criança nem existisse.

Tudo por causa daquela conversa de ant'ontem.

— Por que vosmecê não manda o Curgo para o Angico? Lá ele leva a vida que gosta e fica longe da influência da mãe.

— É o que vou fazer.

— E quanto ao resto… esperar.

Entreolharam-se em silêncio por alguns segundos, ao cabo dos quais Bibiana murmurou: - Deus me perdoe.

Inclinou-se para a frente e começou a fazer cafuné na cabeça do gato, que cerrou os olhos num sonolento gozo.

Winter olhou em torno como se quisesse abranger com o olhar não apenas aquela sala e aquele momento, mas também o espaço de tempo que separava aquele minuto exato do dia em que Bibiana entrara pela primeira vez no Sobrado.

— Quase dezessete anos, não, dona Bibiana? Ela sacudiu a cabeça, devagarinho.

— É verdade. Um tempão. Nenhuma guerra, que eu saiba, durou tanto.

Winter pensou na sua curiosa situação de neutro; e reconheceu que naquele conflito ele mantinha uma neutralidade benevolente para com a sogra em detrimento da nora.

— E depois - continuou ela - se houvesse muitas pessoas nesta casa a coisa não era tão difícil. A gente se distraía mais, tinha com quem conversar. Quando o Curgo está no Angico nós duas ficamos sozinhas. Ela come os seus mingaus no quarto e eu como solita na mesa. Vosmecê sabe, o prato e os talheres e a cadeira do Boli continuam no mesmo lugar, como se ele estivesse vivo. E às vezes eu faço de conta que ele está, converso com o meu filho. As negras quando entram com os pratos olham pra mim e decerto pensam que estou louca ou caduca. Por falar nisso, no princípio quase fiquei louca mesmo. Um casarão deste tamanho e eu aqui dentro sozinha andando dum lado pra outro, resmungando e procurando não sei o quê. A sorte é que eu trabalhava o que dava o dia e não tinha muito tempo pra pensar em coisas ruins. Ia de noite pra cama com o corpo moído, fechava os olhos e não queria pensar. Me doíam as cadeiras, os braços, as pernas, o corpo todo, mas muitas vezes, apesar de cansada, eu não podia dormir. Nunca lhe aconteceu isso, doutor?

— Já, muitas vezes. E nessas ocasiões, quando consigo dormir é um sono cheio de sonhos aflitivos. No outro dia acordo cansado, como se tivesse levado uma sova.

— Isso mesmo. Pois eu ficava de luz apagada, ouvindo todos os barulhos do Sobrado, os ratos correndo pelos cantos, o teto estralando, um que outro grilo cantando dentro de casa… Ficava pensando no que ia acontecer no outro dia. Lê digo, doutor, passei o diabo. No princípio ela fez o possível pra me obrigar a ir embora. Fez horrores. Mas eu finquei pé. Só por causa do menino. Se eu fosse embora, perdia ele, perdia tudo…

— Eu sei muito bem disso, dona Bibiana.

— E mesmo eu lhe contei muita coisa. Vosmecê é a única pessoa que me entende direito. Acho que nem o Florêncio é bem do meu lado nessa questão. O pai dele nunca me perdoou por eu ter ajudado o casamento do Boli.

— E o que torna sua vida mais difícil, dona, é que por causa do gênio da Luzia pouca gente tem coragem de visitar o Sobrado.

Bibiana fez um gesto de resignação.

— Mas a gente se habitua a tudo. Converso com a negrada da cozinha, falo com o gato, e quando o Curgo está aqui a coisa toda muda de figura.

— Deve ser um alívio quando vosmecê vai para o Angico. Lá pelo menos fica sozinha com seu neto, longe dela…

— Em parte é um alívio mas em parte não é. Porque chega uma hora que eu penso assim: "Que será que ela está fazendo sozinha lá no Sobrado?

Decerto maltratando as negras". E começo a ficar com medo de que ela prenda fogo na casa. Não tenho mais sossego e acabo achando melhor voltar pra cá. Então volto e a luta começa de novo. Quase dezessete anos nessa campanha, doutor. Não é nenhuma brincadeira.

— É uma situação terrível… que a beladona não resolve - sorriu Winter.

E em pensamento completou cinicamente a frase: “Veneno resolveria”. E ficou a brincar com uma ideia. Um dia chamam-no às pressas ao Sobrado porque Luzia morreu repentinamente. Ele chega e descobre que ela foi envenenada. Lá está a teiniaguá estendida na cama, o rosto esverdinhado e contorcido, os olhos vidrados e mais vazios que nunca. Dona Bibiana e ele trocam por cima do cadáver de Luzia um olhar carregado de significação. No da velha há medo, dúvida e uma interrogação ansiosa. E no seu? Uma benevolente promessa de silêncio. Depois ele senta-se à mesa para lavrar o atestado de óbito. Causa mortos? Ach! A bastavam os dramas da realidade, era pura estupidez ajuntar a eles os criados pela imaginação. Mas quem lhe garantia que os chamados dramas da vida real não eram também produto da imaginação? Fosse como fosse, o ódio de dona Bibiana pela nora não era tão grande que pudesse um dia induzi-la ao crime… Ou era? Nunca se sabe de todas as coisas de que um ser humano é

capaz…

— De que é que está rindo, doutor?

— De nada. Dumas bobagens que estou pensando. . .

Por um instante ficaram ambos calados. Depois Bibiana disse: - É uma coisa bem triste ver esta casa vazia. Eu sempre quis ter um bando de netos e bisnetos. Acho que vou morrer sem poder ver os filhos do Curgo.

— Vosmecê diz isso de faceira. Tem uma saúde de ferro.

— Isso tenho. Mas acho que não passo dos sessenta e oito.

— Quer dizer então que já marcou a data de sua morte?

— É um palpite…

— Qual! Aposto como vosmecê chega aos noventa.

— Pois Deus lhe ouça. Não é que eu tenha medo de morrer. Ninguém fica pra semente. Mas é que não costumo deixar nenhum trabalho pela metade.

Quando começo um bordado, termino ele nem que leve dez anos. Se eu morrer antes de ver o Curgo homem feito, casado e com filhos, então é porque não adiantou nada pra ninguém eu ter vindo a este mundo.

— Garanto que vai até passar dos noventa. Desde que estou nesta vila nunca vi vosmecê de cama.

— Minha avó também nunca ficou doente de ir pra cama. E passou o diabo.

— É porque a raça é boa, dona.

— Hum! Pergunte pra ela se é da mesma opinião.

— Talvez seja, dona Bibiana. A gente às vezes se engana com as pessoas…

— O doutor está sempre disposto a desculpar os outros e achar que todos são bons. É que vosmecê tem bom coração.

— O que eu tenho é bons nervos.

— Dá no mesmo. Ah! Por falar em nervos, a Leonor, minha filha, me escreveu dizendo que tem andado muito nervosa e me convidando pra ir visitar ela na Cruz Alta.

— E vosmecê vai?

— Não. Como é que vou deixar essa mulher sozinha aqui? É capaz de fazer alguma barbaridade. Vosmecê sabe o que aconteceu um dia destes? Pois descobriu que tenho um amor especial por aquele pé de marmeleiro-da-índia e a malvada, sem eu saber, mandou cortar ele…

— E cortaram?

— É mais fácil me cortarem o pescoço. É que ando sempre de olho vivo e pé ligeiro. Cheguei bem na hora que o negro Faustino estava de machado em punho, perto da árvore.

— E que foi que aconteceu?

— Vosmecê vai dar risada se eu contar.

Um risinho convulsivo sacudiu os ombros de Bibiana.

— Diga lá.

— Eu estava na janela do quarto dos fundos quando vi o negro se preparando pra cortar o marmeleiro. “Pára com isso!” - gritei. “Não corte essa árvore! ” E ela, que estava perto da porta da cozinha, gritou também: “Corta, negro!” O pobre do Faustino ficou olhando ora pra mim ora pra ela, com ar de pateta. Então ela teve um acesso de nervos e começou a berrar: “Corta, negro sem-vergonha, senão eu mando te dar umas chicotadas e botar salmoura nas feridas!” O Faustino, coitado, tremia todo da cabeça aos pés. Levantou o machado devagarinho e então eu peguei a pistola do Boli e apontei pra ele: “Larga esse machado e vai t'embora, senão eu faço fogo!” O negro largou o machado e disparou pró fundo do quintal. Vai então eu disse com toda a calma: “Quem encostar a mão em qualquer árvore deste quintal leva bala”.

Winter sorria. O gato abriu os olhos e pareceu ficar escutando também.

— E vosmecê era capaz de atirar mesmo? - perguntou o médico.

Bibiana hesitou por um segundo.

— Não sei. Mas acho que era. — Um brilho de malícia lhe passou pelos olhos. — De qualquer modo, doutor, a pistola estava descarregada. E eu nunca dei um tiro em toda a minha vida. Contam que minha avó um dia matou um bugre. Mas não é uma história engraçada, essa que lhe contei?

— Engraçada? Sim. E um pouco dramática também.

— Pois causos como esse há muitos. Se eu quisesse contar todos, a gente passava aqui a noite inteira. Birras, desaforos que ela me faz, indiretas, malvadezas fininhas…

Encolheu os ombros.

— No princípio eu me incomodava. Agora não. Estou acostumada. Ela faz as coisas e eu… nem água. É como se não fosse comigo. Sei que tudo é uma questão de tempo. Estou habituada a passar trabalho. A vida nunca foi fácil pra mim, nem pra minha mãe e meu pai, nem pra meus avós. Parece que a sina dos Terras é passar trabalho.

— Nesta província os homens em geral resolvem suas questões a arma branca ou a arma de fogo. O duelo dura poucos minutos, um dos adversários fica estendido no chão…

— Ou os dois. . .

— Sim, ou os dois. E a questão está resolvida.

— Mas nós mulheres não somos assim. Ficamos com a nossa guerra miudinha, dia a dia, hora a hora…

— E é preciso mais coragem pra esse tipo de guerra feminino do

que pra um duelo a adaga ou pistola.

— A paciência é a nossa maior arma, doutor.

Mais do que a paciência - refletiu Winter - as mulheres tinham uma constância feroz no ódio. Não era um ódio que se concentrasse todo num ímpeto para produzir um gesto de selvagem violência. Diferente do ódio dos homens, que se fazia labareda devastadora, mas se extinguia logo, o ódio das mulheres era uma brasa lenta que ardia, às vezes escondida sob cinzas, e que durava anos, anos e anos…

— No final de contas, doutor, eu estou sempre amolando o senhor com as minhas histórias. Mas também vosmecê é a única pessoa com quem posso me abrir. Que diacho, a gente também cansa de falar sozinha.

Winter ergueu-se, abafando um bocejo.

— Vosmecê já pensou - perguntou ele, espreguiçando-se - que para ela também todos esses anos não têm sido nada agradáveis? Ela odeia esta casa, esta vila, esta vida. E tem vivido ultimamente roída de ódio e roída ao mesmo tempo pelo tumor…

Bibiana ficou olhando por um instante, absorta, para o pedaço de noite que a janela emoldurava.

— Há males que vêm pra bem, doutor. Se não fosse esse tumor, decerto ela já tinha ido embora. Vendia a casa, o Angico e levava o menino.

— E eu não compreendo até hoje por que é que ela não foi. Já reparei que as pessoas podem ter um ódio de morte a outra pessoa, lugar ou situação, mas quando têm uma oportunidade de fugir deles, não fogem. Vosmecê se lembra daquele paulista fazendeiro de café que passou por aqui e quis casar com ela?

Bibiana sacudiu a cabeça, fazendo que sim.

— Pois eu estava certo de que ia sair casamento. O homem andava entusiasmado e parece que Luzia também não estava de todo indiferente…

— Ué! Andava até bem influída. Ouviu dizer que o homem tinha um palacete na capital, carruagem com cocheiro de libré e não sei mais o quê…

— De repente o fazendeiro foi embora sem dizer nada a ninguém… e nunca mais voltou.

Bibiana sorriu enigmaticamente.

— E vosmecê não sabe por quê?

— Porque Luzia não quis casar com ele?

— Não. Foi porque um dia tive um particular com o homem e contei tudo…

— Vosmecê?

— Contei que ela não é boa da cabeça. Contei o que ela fez pró Boli…

Não escondi nada. Fiquei com as orelhas ardendo de vergonha, não tive nem coragem de olhar pra ele… Mas contei.

— E que foi que o homem disse?

— Ficou meio pateta, de queixo caído. No outro dia montou a cavalo e foi embora. Não voltou aqui nem pra dizer "Adeus, cachorro!"

— E Luzia percebeu alguma coisa?

— Sabe-se lá! Se percebeu não deu demonstração. Inclinou-se e acariciou a cabeça do gato.

Eram quase onze horas quando o dr. Winter se retirou. Bibiana mandou Natália fechar as janelas e portas e depois, como costumava fazer todas as noites antes de deitar-se, tomou dum castiçal, acendeu-lhe a vela e saiu a percorrer as peças do Sobrado. Aquela casa era como uma filha querida para a qual tinha cuidados e carinhos especiais. Sentia cada arranhão na parede, cada falha no reboco como uma ferida aberta em sua própria carne. Fazia as negras esfregarem o soalho com sabão e casca de coco todos os sábados, e lavarem as vidraças pelo menos uma vez por semana. Os móveis andavam sempre reluzentes, sem o menor grão de poeira.

E ai de quem entrasse no Sobrado com as botas embarradas!

Depois de revistar todas as peças do primeiro andar, Bibiana subiu para o segundo. Até o ranger dos degraus da escada sob o peso de seu corpo era uma musiquinha familiar e agradável para seus ouvidos. Junto da porta da sacada, parou e espiou a praça através das vidraças. Lá estavam as árvores, suas velhas amigas, imóveis sob o luar; e o vulto escuro da igreja, com sua torre incompleta. Pela rua passava naquele momento uma vaca com uma lanterna acesa nos chifres. Bibiana pensou no Amâncio Braga, agente do correio.

Diziam que a mulher dele o enganava com um dos filhos do Bento Amaral.

Imaginem o Amâncio passeando de noite com uma lanterna presa nas guampas! Riu um risinho baixo de garganta e continuou a caminhar ao longo do corredor. Suas chinelas de lã eram tão silenciosas como as pisadas do gato. E na quietude do casarão ela ouviu sons estranhos vindos do quarto de Luzia. Parou e prestou atenção: eram gemidos trêmulos e prolongados, de mistura com soluços. Ficou imóvel, de castiçal na mão, a imaginar o que se estaria passando no quarto da nora.

Decerto estava estirada na cama, com dor no estômago. Pensou em bater e perguntar se ela precisava de alguma coisa. Mas tudo isso ficou só em pensamento. Não disse palavra nem se moveu. O que a gente faz de mal neste mundo, aqui mesmo paga. O sebo da vela escorreu e pingou na mão de Bibiana, que despertou do amargo devaneio e continuou seu caminho.

Depois de certificar-se de que lá em cima tudo estava em ordem, entrou no quarto de Curgo, fechou a porta devagarinho, aproximou-se da cama do neto e ergueu a vela. O rapaz estava de olhos abertos.

— Ué… - estranhou ela. — Ainda não dormiu?

— Não, vó.

— Por quê?

— Perdi o sono.

— Então acende uma vela pró Negrinho do Pastoreio pra achar ele de novo.

O rapaz sorriu tristemente. Bibiana sentou-se na beira da cama e perguntou: - Quer voltar pra estância?

Curgo soergueu o corpo, numa súbita animação.

— Quero, sim. Quando?

— Amanhã.

A luz amarelada da vela alumiava em cheio o rosto do menino… Por um instante ela viu todos os seus mortos queridos no semblante do neto.

Pedro, Ana, Bolívar… A maneira que Curgo tinha de olhar as pessoas, com a cabeça um pouco atirada para trás, era francamente do Rodrigo…

— Pois encilhe o zaino amanhã de manhã e toque pró Angico. O Faustino vai junto.

— O Faustino? Mas eu já sou homem, vó, posso ir sozinho. Bibiana sorriu, sacudiu a cabeça num assentimento e murmurou: - Pois sim, capitão Rodrigo, pode ir sozinho.

Avó e neto ficaram a entreolhar-se por um instante em silêncio. Do quarto contíguo, abafados e dolorosos, vinham os gemidos de Luzia. A testa de Curgo franziu-se, seus lábios tremeram, e por seus olhos brilhantes e úmidos passou uma sombra.

Bibiana fez com a cabeça um sinal na direção da alcova da nora.

— É por causa disso que tu não podes dormir? - É.

— Não há de ser nada, Curgo. Isso passa. Deita e dorme. Uma vez, havia muito tempo, ela dissera essas mesmas palavras a Bolívar… “Isso passa. Deita e dorme.”

O rapaz obedeceu, puxou a colcha até o queixo e sorriu para a avó. Em pensamento Bibiana deu-lhe um longo beijo na face. Mas só em pensamento, pois na realidade limitou-se a bater-lhe três vezes no ombro com a ponta dos dedos. Ergueu-se e saiu sem fazer o menor ruído.

Os gemidos de Luzia tinham cessado. Bibiana entrou no próprio quarto, despiu-se lentamente, enfiou o camisolão de dormir e estendeu-se na cama. O bom mesmo seria dormir logo sem pensar, porque seus pensamentos sempre eram maus e tristes. Fechou os olhos. Pela sua mente passou o vulto do major Erasmo Graça. Depois,

o de Florêncio, caminhando e puxando por uma perna. Viu também Bolívar caído de borco no meio da rua com a cara numa poça de sangue. Revolveu-se na cama, inquieta, e por algum tempo ficou escutando o silêncio. Diziam que a guerra estava por terminar: era questão de meses ou talvez até de semanas… Mas, fosse como fosse, quando terminasse a guerra contra Solano López a outra guerra ia continuar feroz ali no Sobrado.

Soltou um profundo suspiro, soergueu-se na cama e apagou a vela com um sopro.

Num verão mui seco José Fandango foi levar a tropa a São Gabriel.

Como sempre acontecia, a peonada das estâncias por onde ele passava ficava alvorotada quando via o velho chegar pois não havia quem não apreciasse seus ditos, chistes e histórias.

Foi assim que numa bela noite, numa estância de Tupanciretã, Fandango sentou no galpão perto do fogo e, enquanto o chimarrão andava à roda, ficou a solar porque quando pegava a palavra não entregava a mais ninguém.

Disse: Dês de gurizote ando cruzando e recruzando o Continente e não ha canto destes pagos que eu não conheça.

Fiz muita tropa nos campos da Vacaria nos de Cima da Serra nos de Baixo da Serra.

Andei pelo vale do Uruguai e muita areia comi nesse deserto brabo que vai do Mampituba ao Chuí.

Afiles de vezes cortei a serra Geral e outros tantos a coxilha Grande.

Pela zona missioneira e pela Campanha, meu Deus, sou capaz até de andar de olhos tapados. Tenho conhecido gente de todo o jeito: estancieiro pequeno e grande tropeiro e carreteiro mascate e bolicheiro doutor formado e curandeiro polícia e contrabandista padre e bandido soldado e paisano índio vago e juiz de roupa preta.

Também tenho encontrado mulher de todo o pelo morocha, castanha, ruiva rica, pobre, remediada gorda, magra, alta, baixa moça de família, china rampeira mulher com medo de rato e fêmea que briga como macho.

Mas fui aprendendo aos pouquinhos que ha moças e moças e que é sempre bom a gente atentar no que diz a língua do povo: Em São Borja e São Vicente, Pra casar não se demora Que as moças lá desses pagos Cortam a gente de espora!

Lá na terra de Pelotas As moças vivem fechadas. De dia fazem biscoito, De noite bailam caladas.

Ó moço, se eu lê contasse, Vancê diria que eu minto: As moças de Livramento Usam pistola no cinto!

Aprendi também que cada hombre, como o cavalo, tem seu lado de montar.

A questão é a gente descobrir…

Porque hai gaúchos e gaúchos, nem todo o nosso povo é igual.

Os da fronteira são largados, falam sempre meio gritando e com ar de provocação.

Gostam de contar bravatas e de fazer gauchadas têm mão aberta e coração grande e assim como se espinham por qualquer coisa e querem logo brigar em seguida ficam amigos e dão a vida por vossuncê.

Os da zona missioneira são retraídos, falam pouco, não gostam de ostentação.

Dão um boi pra não entrar em briga, mas depois de entrar dão uma boiada pra não sair.

Agora, o que eu acho engraçado é esse povo que vive lá pras bandas do mar, nos campos de Viamão, de Conceição do Arroio e Santo António da Patrulha.

Têm fala cantada que só galego são gente pacata e meio sovina mas cumprideira de suas obrigações.

Uma coisa, patrícios, eu lês garanto: pra meu gosto o verdadeiro Rio Grande fica da margem direita do Jacu, prós lados de São Borja e pra baixo na direção de Uruguaiana, Santana do Livramento, Dom Pedrito e Bajé principalmente na campanha, onde sempre terçamos armas com os castelhanos.

Da margem esquerda pró norte e pró mar tem gringo demais.

Não gosto de alemão.

Falam uma língua do diabo olham pra gente com um ar de pouco-caso.

Tudo neles é diferente: as roupas, as danças, as comidas, as casas até o cheiro.

Quando vejo um homem de pele muito branca cabelos de barba de milho e olho de bolita de vidro até me dá nojo.

Se eu fosse governo, mandava essa alemoada embora.

Não é que eu seja mesquinho, somítico ou malevo: estrangeiro também é filho de Deus.

Mas cada qual deve ficar sossegado na sua terra com seus parentes e amigos, seus costumes e cacoetes. Duns anos pra esta parte, tem chegado também muito italiano. Se empoleiraram na serra, porque a alemoada, que chegou primeiro, pegou os melhores lugares na beira dos rios.

Já andei por essas novas colônias da região serrana. A fala deles tem música e é doce como laranja madura e meio parecida com a nossa. Gostam de comer passarinho de fazer e beber vinho de cantar, de ouvir missa de padre e de procissão.

Vossuncês são muito moços, não pegaram a Guerra dos Farrapos. Pois o velho Fandango teve a honra de servir com José Garibaldi, que também era gringo mas gringo de senhoria.

Sabem o que foi que ele disse na sua língua atrapalhada? Que com a nossa cavalaria era capaz de conquistar o mundo. Pois é como eu lês ia dizendo: do Jacuí pras bandas do mar tem muito estrangeiro. Na vida do Continente tudo anda demudado quase ninguém mais usa chiripá agora é só bombachas. Nos fandangos já não dançam tanto a chimarrita, o tatu e a meia-canha: o que querem é valsa, xótis, mazurca, polca, essas bobagens estrangeiradas.

Se há coisa que me dá quizília é ver esses tais postes do telégrafo, quando ando viajando pela campanha.

Se eu fosse governo mandava derrubar tudo.

Onde se viu a gente passar bilhete pra outra pessoa por um arame Isso até é uma pouca-vergonha, porque se quero dar algum recado, justo um chasque, arranjo um próprio ou vou eu mesmo.

Ainda no ano passado eu ia levando uma boiada pró município de Uruguaiana quando pela beira da estrada vi passar um trem.

O diabo da locomotiva vomitava fumaça e fogo, e parecia dizer já-te-pego… já-te-largo… já-te-pego… já-te-largo…

De repente soltou um apito, a boiada meio que se assustou e quase houve um estouro.

Fiquei fulo de raiva, tirei a pistola da cinta e traquei bala no trem.

Vossuncês meninos são modernos falam em metro, quilo e litro.

Eu sou homem mui antigo do tempo da onça do palmo craveiro e da bebida em quartilho.

Pois é como estou dizendo com tanto gringo, tanto estrangeiro com tanta moda nova com tanta gente morando em cidade nossos homens estão ficando mui frouxos.

E se não ha logo uma guerra ou alguma revolução vai tudo acabar maricas.

Nesse dia a castelhanada cruza a fronteira brincando e toma o Continente a grito.

Mas não há de ser nada, porque como diz o rifão em qualquer pocinho d'água, Deus pode fazer um peixe.

E venha de lá esse mate, que já estou de goela seca.

O Sobrado - VI

26 de junho de 1895: Noite

Maria Valéria acende a lamparina no quarto dos sobrinhos e retira-se, depois de recomendar: - Fiquem bem quietos. Já vou trazer alguma coisa pra comerem.

Quando a porta se fecha, Toríbio e Rodrigo se entreolham.

— Vamos brincar de vaca-amarela? - pergunta o primeiro.

— Vamos. Eu digo: vaca-amarela cagou na panela, três a mexer, quatro a comer, quem falar primeiro come.

Ambos apertam os lábios para não falar, e a muito custo contêm o riso.

Ficam assim durante vários segundos, as bochechas cheias de ar - um ar que ameaça sair-lhes na forma duma risada explosiva. De repente a porta se abre e Fandango entra.

— Ué! Que é que estão fazendo aí tão quietos?

Os meninos rompem numa gargalhada, pulam da cama e começam a gritar: - O Fandango comeu! O Fandango comeu!

O velho baixa para eles um olhar desconfiado e pergunta: - Comeu o quê?

— Bosta de vaca! - exclamam os dois ao mesmo tempo. — Bosta de vaca!

Fandango sorri mostrando os dentes escuros e miúdos, senta-se na cama e fica olhando para o chão.

— É o que todos nós vamos acabar comendo se o sítio continua… - murmurou ele. — Bosta de vaca com farinha e caldo de laranja!

Rodrigo e Toríbio aproximam-se do velho; o mais moço monta-lhe na perna, o outro toma-lhe do braço.

— Conta uma história pra nós.

— Estou mui cansado.

— Ué… - faz Toríbio. — Tu conta é com a boca não com a perna. Tua boca também está cansada?

— Conta uma história do Pedro Malasarte logrando o João Bobo - sugere Rodrigo. — Aquela que o Pedro aquentou no fogo uma panela de ferro até que ela ficou em brasa e depois vendeu ela pró João Bobo dizendo que era uma panela mágica que não precisava de fogo pra fazer comida. Vai então o João Bobo compra a panela e quando ela esfria ele vê que foi empulhado. Conta!

— Pois tu já contou, muchacho! - boceja Fandango.

— Mas agora conta tu.

Toríbio tira a pistola do cinto de Fandango e começa a brincar com ela.

— Larga essa arma, menino, que ela pode disparar. Arrebata a pistola das mãos do menino e torna a pô-la no coldre.

— Então conta outra história - pede Rodrigo.

— A do Negrinho do Pastoreio - reforça Bio.

— Já contei essa mais de mil vezes.

— Mas conta outra vez.

Fandango sorri, faz Rodrigo sentar-se no chão e diz: - Muita história contei pró Licurgo quando ele era assim do tamanho de vossuncês…

E por um instante ele revê os campos da estância em outros tempos, quando saía pelas invernadas com o Curgo de quinze anos, a ensinar-lhe coisas.

Um dia perderam no Angico um terneiro brasino da estima de Licurgo e o menino ao anoitecer acendeu um coto de vela e fez uma promessa ao Negrinho do Pastoreio. No dia seguinte, mal rompeu a alvorada, lá estava o terneiro perdido, berrando na frente da casa da estância.

— Conta! - insistem os meninos.

— Está bem, xaroposos! Está bem.

Fandango recosta-se na cama e com a sua voz especial de contar casos, uma voz pausada de conversa ao pé do fogo, começa: - Era uma vez um estancieiro podre de rico e louco de tão malvado…

(Isso se passou nos tempos de dantes.) Pois diz-que esse hombre mau tinha até dinheiro enterrado, mas era tão sovina que não comia ovo pra não botar a casca fora. Na estância ele não dava pousada nem comida pra ninguém. Pra encurtar o caso, o diabo do hombre era tão ruim que por onde ele andava nem os quero-queros cantavam. Pois essa peste tinha um filho, um menino, ruim como o pai, porque quem sai aos seus não degenera…

O velho faz uma curta pausa, puxa um pigarro e prossegue: - Tinha também nessa estância um negrinho escravo, preto como fundo de panela, mas de dentes brancos que nem asa de garça. Negro, lindo, mesmo!

— Como era o nome dele? - pergunta Rodrigo.

— Não tinha - Toríbio apressa-se a responder. — Tu sabe.

— É - confirma o velho. — Não tinha. Quando um padre passou pela estância e começou a batizar quem ainda era pagão, o negrinho também quis um padrinho. Vai entonces o estancieiro gritou: “Negro não se batiza!” O pobre do moleque baixou a cabeça e resolveu que ia ser afilhado da Virgem Nossa Senhora.

— E foi?

— Foi.

De olhos acesos, os meninos escutam a história com uma atenção fascinada, e com um gosto novo de quem ouve um belo conto pela primeira vez.

— Todo o mundo judiava do Negrinho naquela estância maldita, principalmente o estancieiro e o filho. Pois diz que um dia o hombre mau mandou o Negrinho pastorear, num potreiro enorme de trinta quadras, trinta cavalos tordilhos. O Negrinho montou num baio e se foi…

— E os cavalos fugiram - antecipa-se Rodrigo.

— Cala a boca!

— Pois é - continua Fandango. — Quando anoiteceu, o Negrinho ficou cansado, pegou no sono, deixando o baio à soga. Alta noite vieram uns guaraxains, roeram a soga, o baio fugiu, os tordilhos também se foram e, num abrir e fechar de olhos, se sumiram na noite grande. Quando acordou, o pobre do Negrinho viu que tinha perdido o pastoreio. Entonces desandou a chorar.

— E quem é que foi contar pró estancieiro que os cavalos tinham fugido?

— pergunta Rodrigo.

— Ora! - faz Toríbio. — Tu sabe. Foi o filho dele, não foi, Fandango?

— É, foi o filho da mãe do guri, xereta simberguenza. Foi contar ao pai.

O pai entonces manda amarrar o Negrinho num palanque e aplica-lhe uma sumanta de relho dessas de tirar a alma dum vivente a guascaços. Lept!

Lept! Lept! O Negrinho ficou chorando e sangrando. E como castigo o hombre malvado mandou o pobre do menino sair na noite escura pra campear o baio e os trinta tordilhos perdidos.

Fandango faz uma pausa para observar melhor os dois meninos, cujos rostos a luz da vela tinge dum amarelo alaranjado. Do outro quarto vem o barulho surdo da cadeira de balanço da velha Bibiana. Ela também sabe a história do Negrinho do Pastoreio - reflete o velho - mas conta-a de outro modo. Há mil modos de narrar esse mesmo "causo". Fandango ouviu um no galpão de certa estância de São Gabriel; ouviu outro na Soledade e finalmente um outro muito diferente em Vacaria. Bem diz o ditado: "Quem conta um conto aumenta um ponto".

— E daí? - pergunta Toríbio.

— Daí o Negrinho teve uma ideia. Foi ao oratório da Virgem sua madrinha e tirou de lá um coto de vela acesa e saiu com ela na mão pelo campo…

— E foi pingando cera no chão, não foi? - pergunta Rodrigo.

— Isso mesmo. Foi pingando cera, e cada pingo quando caía

ficava aceso e brilhando como uma outra vela. E tinha tantos pingos que o campo ficou todo alumiado, claro como o dia. Entonces o Negrinho achou o seu baio e os trinta tordilhos. Montou no baio e repontou a tropilha pra estância, pr'um lugar que o estancieiro tinha marcado. Mas de repente chegou a noite, o Negrinho ficou com sono, amarrou de novo o baio e dormiu. E de noite o filho do estancieiro veio, o malvado, e enxotou os trinta tordilhos, e a tropilha outra vez se perdeu no campo.

— E que foi que o estancieiro fez?

— Deu outra-sova no Negrinho, uma sova tão forte que o desgraçadinho dessa vez começou a se esvair em sangue e a revirar os olhos. Então o estancieiro pensou: "O diabo vai morrer. É noite e eu não vou me dar o trabalho de abrir uma cova pra enterrar esse moleque. Vou botar ele dentro do panelão dum formigueiro que tem no meio do campo. Lá as formigas comem as carnes dele e ficam só os ossos. É isso que eu vou fazer".

— E fez?

— Fez. Primeiro se quedou ali pra ver o que as formigas faziam. Os bichinhos se assanharam e cobriram logo o corpo do Negrinho e começaram a comer as carnes dele. Entonces o estancieiro foi-se embora satisfeito, dando risada, o cachorro!

— E os cavalos?

— Os cavalos continuavam sumidos.

— E aonde é que foi o estancieiro?

— Foi dormir. Diz-que teve sonhos de arrepiar o cabelo, e que a noite ficou feia, e que veio uma cerração da cor de pelo de ratão, e durou três dias e três noites.

Fandango cala-se e fica olhando para a chama da vela, que dança, fazendo dançar também nas paredes caiadas as sombras das três pessoas que ali estão.

— E depois?

— Ora, um dia o estancieiro resolve ir até o formigueiro pra ver a cavera do Negrinho. Mas quando chegou lá ficou de boca aberta com o que viu.

Fandango entesa o busto, ergue as mãos ossudas e tostadas. Sua cara está séria, os olhos arregalados, como se ele fosse o próprio estancieiro no momento de fazer a descoberta espantosa. Toríbio e Rodrigo estão parados, de boca entreaberta, um ar entre medroso e palerma e no qual, não obstante, há um leve toque de maliciosa incredulidade.

— O Negrinho lá estava de pé - continuou o velho - dando uma risada, no meio do formigueiro, nuzinho mas - inteirinho, tirando as formigas do corpo com os dedos. E ao lado dele, assim no ar, numa nuvem de luz, a imagem da Virgem Nossa Senhora, rindo pró afilhado.

Não muito longe do formigueiro, o cavalo baio pastava e em roda dele os trinta tordilhos sacudiam as crinas. O estancieiro perdeu a fala e ficou ali duro como uma estauta.

Nesse instante Maria Valéria entra no quarto, abrindo a porta com um gesto brusco. Num sobressalto os meninos voltam a cabeça para a recém-chegada e uma careta de contrariedade contorce-lhes os rostos.

— Venham comer - diz ela. — Laranja e farinha. Foi o que se pôde arranjar.

— Espera, madrinha - diz Rodrigo. — O Fandango está contando a história do Negrinho.

Maria Valéria faz que os sobrinhos agarrem os pratos, onde gomos de laranja descascada estão sobre uma camada de farinha de mandioca, empapada aqui e ali de sumo. Com os pratos nas mãos, mas os olhos postos em Fandango, os dois rapazes esperam a continuação do “causo”.

O velho ergue os olhos para Maria Valéria e diz: - Já estou no fim, dona.

Ela fica de braços cruzados, imóvel e tesa, esperando. À tíbia luz da lamparina seu rosto está todo manchado de sombras que a envelhecem, e como que lhe tornam maior o nariz, mais encovadas as faces.

— E depois, Fandango? - pergunta Rodrigo.

— O Negrinho solta uma risada, pula pra cima do lombo do baio…

— Em pelo?

— Em pelo no mais… E sai repontando campo fora os trinta cavalos tordilhos.

O velho faz uma pausa, respira fundo e a seguir, com voz mais macia, remata a história: - Diz-que daí por diante em muitos lugares do Rio Grande tropeiros, carreteiros, gaúchos andarengos e peões de muitas estâncias começaram a ver o Negrinho passar certas noites montado no seu baio tocando por diante a cavalhada tordilha. Todos sabiam do causo do estancieiro mau e achavam que tudo tinha sido um milagre da Nossa Senhora. Diz-que agora tudo que se perde no mundo o Negrinho acha, mas ele só entrega os perdidos a seus donos se estes lhe acenderem uma vela.

O Negrinho não quer vela pra ele, mas sim pró altar da sua Madrinha.

— E ele ainda anda por aí, Fandango? - pergunta Rodrigo.

— Diz-que.

Toríbio fica pensativo por um instante e depois indaga: - E essa história é de verdade ou de mentira? Fandango ergue-se devagarinho, respondendo: - É uma história linda, chiquito.

Depois, dirigindo-se a Maria Valéria, murmura: - Acho que vou

acender hoje uma vela pró Negrinho pra ele trazer de volta pra casa o meu neto que se perdeu nessa revolução. — Sorri. Fecha um olho. — E pró afilhado da Virgem me devolver outras coisas, muitas outras coisas que tenho perdido nesta vida.

Sai do quarto caminhando no seu tranco sutil e faceiro.

— Vamos, comam duma vez! - diz Maria Valéria aos sobrinhos.

— Estou enjoado de laranja - choraminga Rodrigo. — Dá dor de barriga.

— É o que tem.

Bio esfrega um gomo na farinha e depois mete-o na boca, trincando-o; o sumo lhe escorre pelas comissuras dos lábios.

— Então conta outra história, titia.

— Chega de histórias. Comam e vão dormir.

De repente, numa invencível sensação de cansaço, ela se senta pesadamente na cama e leva ambas as mãos às têmporas. A cabeça agora lhe dói tanto que parece que se vai partir. Senhor, quando acabará este martírio? Quando? Quando? Quando?

Pé ante pé Fandango entra no quarto de Bibiana, que está às escuras. O soalho estrala.

— Quem é lá? - pergunta ela.

— Sou eu.

— Eu quem?

— O Fandango.

Na penumbra ele distingue a silhueta da velha, sentada na sua cadeira.

Por alguns segundos Bibiana permanece silenciosa.

— Ah! - faz ela por fim, como se só agora reconhecesse o capataz. — Que é que anda fazendo na cidade? Quem é que ficou tomando conta do Angico?

Fandango fica um pouco confuso. Valerá a pena lembrar a pobrezinha do que está acontecendo?

— Vossuncê não se lembra mais? - pergunta ele. — A revolução…

Cala-se de súbito, sem jeito de explicar.

— Ah… pois é. Os caramurus estão aí.

— Como é que vossuncê vai passando?

— Como Deus manda. Me acabando aos poucos. Estou quase cega. Ninguém me conta mais nada. Os Farrapos já chegaram?

Pobre da velha, caducando!

— Não - responde ele. — Mas vão chegar logo, não se preocupe.

— Se o capitão Rodrigo voltar, diga pra ele que suba, que não repare eu não descer. Estou mui cansada e enxergando pouco. Ninguém me conta mais nada. Onde está essa gente toda? Parou o tiroteio? O Bolívar aind'agorinha esteve aqui conversando comigo. Me trouxe notícias da Leonor.

Fandango fica pensativo. “Tenho só cinco anos menos que ela. Qualquer dia vou andar também por aí caducando, dizendo bobagens, servindo de palhaço prós outros. Mil vezes uma boa morte!” O melhor seria morrer num baile, com as ideias ainda claras, cair de repente sem vida no meio duma tirana ou duma chimarrita, como uma vela nova de chama brilhante que o minuano apaga com um sopro, e não como um coto que se queima até o fim, numa agonia triste.

— Vossuncê não quer nada? - pergunta ele.

A velha fica pensativa por um instante e depois diz: - Quero que vá amolar o boi, que tem o couro grosso.

— Está bem, dona.

Fandango sai do quarto lentamente, caminhando na ponta dos pés.

A noite avança e o silêncio lá fora continua. Os homens conversam em voz baixa na cozinha, onde João Batista conta casos do tempo da escravatura.

Na sala de jantar, enrolado no poncho, Florêncio senta-se numa cadeira e prepara-se para a vigília da noite. Em cima do consolo, ao pé do espelho, arde a última vela.

Licurgo aproxima-se do sogro e pergunta: - Por que não sobe pra deitar na sua cama?

— Estou bem aqui.

— Não adianta nada o senhor se martirizar desse jeito. Já ontem passou a noite aí sentado. Não tem comido nada. Um homem da sua idade não pode aguentar essas coisas.

Florêncio cerra os olhos e não responde. Curgo recebe o silêncio do sogro como uma bofetada.

Ruído de passos na escada. Maria Valéria entra na sala, aproxima-se <le Licurgo e diz: - A Alice está de novo com muita febre.

Florêncio continua mudo, sem sequer erguer a cabeça para a filha. E como Licurgo também nada diz, Maria Valéria trança o xale e encaminha-se para o vestíbulo.

— Vou chamar o dr. Winter - anuncia ela.

— O quê? - exclama Curgo, dando alguns passos na direção da cunhada.

— Se os homens desta casa vão deixar a Alice morrer por falta de recursos - diz ela, parando à porta do vestíbulo - eu preciso fazer alguma coisa.

— Está louca!

Florêncio levanta-se, aproxima-se de Maria Valéria, toma-lhe do braço e murmura: - Tenha calma, minha filha. Pense bem no que vai fazer. Esta cena toda tem um tom heroico-teatral que deixa Licurgo constrangido e ao mesmo tempo irritado. Está certo de que a cunhada não terá coragem de sair sozinha àquela hora da noite, sabendo que o

Sobrado está cercado de inimigos. O que ela quer mesmo é pôr em brios os homens da casa. Mas ele não se deixa levar assim tão facilmente por este ardil.

— A senhora não consegue dar nem três passos na rua - diz ele sem encarar Maria Valéria. — Tem um maragato de tocaia na torre da igreja.

— Que me importa? - exclama ela.

— E a senhora sabe onde está o dr. Winter a estas horas? Florêncio tenta puxar a filha para dentro da sala.

— Me largue, papai!

— Por favor, não grite - suplica o velho num sussurro. — Os outros podem nos ouvir.

— Pois que ouçam! É possível que algum deles crie vergonha… Aparece um vulto à porta da sala de jantar. Pela altura Curgo reconhece Antero.

— Que é que quer? - pergunta com rispidez. O homenzinho dá alguns passos e pede: - Vossuncê me dá licença?

— Licença pra quê?

— Para ir buscar o doutor?

— Ninguém lhe encomendou sermão!

— Curgo! - exclama Florêncio. — A intenção do homem é boa.

Antero continua parado, encolhido dentro do poncho.

— Se vossuncê dá licença eu vou. Sou pequeno, é mais fácil pra mim sair sem ninguém me ver…

Cala-se. Os outros esperam.

— Pois é - continua o "nanico". — Saio pelos fundos, pulo o muro, sigo de rasto. Dou volta pelas ruas de trás e entro pelos fundos da casa do doutor e digo pra ele que dona Alice está passando mal e que o coronel Licurgo…

— Não meta o meu nome nesse negócio. Não pedi nada a ninguém.

— Está bem - concorda Antero com humildade. — Não meto o seu nome. Só digo que dona Alice está passando mal e peço pró doutor vir…

— E depois - pergunta Florêncio - como é que vossuncês vão voltar?

Antero encolhe os ombros magros.

— Dá-se um jeito… - diz. — Podemos erguer uma bandeira branca. Sabendo que é um caso de doença, os maragatos não atiram e nos deixam passar.

Por alguns instantes ninguém diz palavra. Maria Valéria é quem fala primeiro: - Muito obrigada, moço. — E depois, dirigindo-se ao cunhado: - Então?

Que é que diz?

Sem olhar nem para a cunhada nem para Antero, Curgo responde: - Vá. Mas não peço favor pra maragato. Não meta meu nome nesse negócio.

E se receber algum balaço não me culpe. Eu não pedi nada. A lembrança foi sua.

— Mas a mulher é sua - replica Maria Valéria. Curgo explode: - Cale a boca!

Antero faz meia-volta e encaminha-se para a cozinha. Florêncio aproxima-se dele, põe-lhe a mão no ombro e diz: - Deus lê acompanhe. Vossuncê é um homem de coragem e um homem de bem.

Mas cuspi na cara do Tinoco - pensa Antero. Sou um covarde, um malvado.

Decerto agora chegou a hora de Deus me castigar. Se eu tiver sorte e voltar vivo com o doutor, é porque Deus me perdoou. Mas acho que vou ficar mas é estendido no meio da rua com cinco balas no corpo, me esvaindo em sangue. Será que morrendo eu encontro no outro mundo minha mãe e meu irmão?

Antero funga, e com mão trémula pega o chapéu e enfia-o na cabeça. Na cozinha conta aos companheiros o que vai fazer. Um deles diz: - Tu é bem louco, nanico. Outro vem apertar-lhe a mão: - Tu é mais homem do que eu pensava. Deus te guie.

O velho Fandango, que remexe nos tições do fogo, limita-se a dizer, sem olhar para Antero: - Bem diz o ditado: “Tamanho não é documento”.

A voz do negro João Batista vem do fundo da cozinha: - Tu sabe, Antero, que se os maragatos te pegarem te tratara como espião?

— Não…

— E tu sabe o que é que eles fazem com espião?

Antero espera, de boca entreaberta, uma secura na garganta. — Passam a faca no pescoço - conclui o negro, com voz risonha.

— Não assusta o outro! - protesta Jango Veiga. — Seja feliz, companheiro.

Antero abre a porta da cozinha. A noite entra no Sobrado num bafo gélido. As árvores do quintal estão paradas no silêncio azulado. Sem voltar a cabeça e sem dizer palavra, Antero começa a descer lentamente a escada.

As conversas cessaram. Os homens acham-se deitados no chão da cozinha, ao redor do fogão onde as brasas ainda estão vivas. Muitos dormem, ressonam alto; às vezes um deles fala no sono, balbucia uma palavra, solta uma exclamação.

De olhos abertos e fitos no vão da porta da cozinha, que o reflexo das brasas vagamente alumia, Florêncio continua sentado na sua cadeira.

Extinguiu-se a luz da última vela, e ele tem a impressão de que a

escuridão e o silêncio aumentam o frio. A dor no peito lhe voltou e, com ela, a falta de ar e a aflição. Para ele a noite é pior de passar que o dia. Tem de dormir recostado em travesseiros, pois quando se deita a falta de ar aumenta. Sente um frio que lhe vem subindo dos pés e tomando conta das pernas, das coxas, do ventre; quando este gelo lhe chegar ao coração tudo estará acabado…

Pensa em Antero. Quanto tempo fará que o homenzinho se foi? Duas horas?

Três? Quanto tempo faltará ainda para clarear o dia?

Ruído macio de passos. Florêncio vê um vulto aproximar-se dele, parar diante de sua cadeira.

— Quem é?

— Sou eu. O Fandango.

— Que foi que houve?

— Nada. Só vim ver como vossuncê vai passando. Falam em cochichos para não acordarem os outros.

— A dor me voltou.

— Mui forte?

— Mais forte que da última vez.

— É o diabo. Mas daqui a pouco decerto o nanico chega aí com o dr.

Winter e ele dá uma arrumação nesse seu peito.

— Vossuncê acredita mesmo que ele vem?

Fandango fica mudo por um instante. Senta-se no chão ao lado do amigo, encruza as pernas e depois sussurra: - Pra lê falar a verdade, não acredito muito. O doutor pode ter ido embora de Santa Fé, pode ter morrido… sei lá! E o Antero a esta hora decerto está amarrado numa árvore, com a garganta aberta…

Passos no andar superior.

— Como estará a Alice? - pergunta Florêncio.

— Vim de lá ind'agorinha. A febre voltou e ela está se remexendo muito, batendo com a cabeça dum lado pra outro, e até variando…

A Alice que Florêncio agora vê em seus pensamentos tem oito anos, tranças compridas e está correndo no quintal atrás duma borboleta. Maria Valéria aparece a uma janela e grita com sua voz esganiçada: “Deixa quieto o pobre do bichinho!”

Florêncio suspira fundo e depois pergunta: - E vossuncê não dorme, Fandango?

— Já tirei a minha torinha. Não sou homem de mucho dormir. Acho até que sou meio parente de coruja. Gosto da noite que me lambo todo.

Uma pausa curta. Depois a voz calma de Florêncio: - Vossuncê se lembra do Monarca, o meu bragado?

— Se não vou me lembrar! Era flor de animal.

O Monarca era o cavalo de estimação de Florêncio. Serviu-o durante muitos anos e foi morto num combate no princípio da revolução.

— Pois tive a noite passada um sonho esquisito com ele. Sonhei que estava num potreiro muito grande e de repente vi o Monarca saindo do meio duma cerração. Estava bem aperado e faceiro, sacudindo a cabeça e fazendo sinais pra mim assim como querendo dizer: “Vim lê buscar. Vamos embora”. E vossuncê sabe duma coisa? No sonho fiquei até contente quando compreendi que o bragado ia me levar pró outro mundo. De repente não senti mais dor neste peito nem frio nem tristeza nem nada. Tudo era como nos tempos de dantes. Montei no animal e entramos a trote na cerração…

Fandango levanta-se e diz: - E. Tem sonhos engraçados. Mas veja se dorme um pouco, seu Florêncio.

— Estou com os pés gelados.

— Está porque quer. Vamos lá pra perto do fogo.

Toma do braço de Florêncio e ajuda-o a erguer-se. Encaminham-se os dois para a cozinha. Fandango leva a cadeira do outro, que coloca na frente do fogão.

— Vamos animar este fogo - cicia ele. — Tome assento, seu Florêncio. Não está melhor aqui?

Florêncio senta-se e fica olhando para as brasas. Fandango vai até a despensa e depois de alguns minutos volta sobraçando um pacote e alguns pedaços de madeira.

— Veja só o que encontrei - cochicha.

Ajoelha-se diante da boca do fogão e mostra a Florêncio o pacote à luz das brasas.

— Que é isso?

— Jornais velhos. Vou meter tudo no fogo.

— Não faça isso. Deve ser a coleção do Licurgo…

— Qual nada! Pra mim jornal só é bom mesmo pra começar fogo.

Florêncio permanece calado e imóvel, enquanto o outro começa a rasgar velhos números de O Arauto e de O Democrata e a atirar os pedaços dentro do fogão.

Ismália Caré

A redação e as oficinas de O Arauto ficavam numa meia-água quase em ruínas, apertada entre o Paço Municipal e o casarão dos Amarais. Toda a gente em Santa Fé sabia que o jornal dirigido por Manfredo Fraga se mantinha graças ao apoio financeiro que lhe dava o coronel Bento, o qual da janela lateral de sua residência costumava berrar sugestões para os artigos de fundo: “Ataque esses republicanos duma figa. Diga que são uma corja de traidores!” Ou então: “Responda ao artigo de Júlio de Castilhos e conte que A Federação é financiada pela Maçonaria”. Ou ainda: “Ameace que vamos contar donde saiu o dinheiro pra construir o sobrado dum certo republicano de Santa Fé. Dê a entender que vamos desenterrar cadáveres, e que muita roupa suja vai ser lavada em praça pública!”

Aos oitenta e um anos de idade era ainda Bento Amaral um homem cheio de energia. Caminhava lentamente, arrastando os pés, mas recusava-se a usar bengala, mantinha uma postura ereta e detestava ser tratado como velho.

Tinha o crânio completamente calvo, liso e lustroso como uma bola de bilhar; a pele de seu rosto, duma tonalidade citrina, estava cortada de rugas fundas e terrosas; as pálpebras empapuçadas se lhe dobravam roxas sobre os olhos de bordas vermelhas e inflamadas e quase cobriam as pupilas dum cinzento frio e líquido. Toda a gente ali na vila achava difícil conversar com o coronel Bento porque o homem falava sincopadamente, aos arrancos, soltando as palavras em rajadas e fazendo longas pausas nervosas de gago. Quando estava enfurecido a gagueira aumentava e, em vez de falar, ele ficava a silvar como cobra. Tinha o cacoete de levar de quando em quando a mão ao rosto e esfregar com a ponta do indicador a cicatriz que lhe marcava a face esquerda.

Ultimamente deixara de fumar, mas adquirira o hábito de mascar fumo, de sorte que muitas vezes quando da janela de seu quarto gritava ordens para “o salafrário do Fraga” - que lhe era útil, mas que no fundo ele detestava - as palavras lhe saíam da boca junto com um chuveiro de saliva parda. Da outra casa, com a mão em concha atrás da orelha - pois era meio surdo - o diretor de O Arauto escutava-lhe as ordens num silêncio servil e depois ia sentar-se à mesa de trabalho, molhava a pena na tinta e com caligrafia caprichada traçava o artigo de fundo, de acordo com as instruções do chefe. Nunca publicava nada em seu jornal sem primeiro pedir a aprovação do coronel Bento.

Naquela fria manhã de junho, Manfredo Fraga terminava de

revisar o editorial que devia aparecer no número do dia seguinte. Sentado junto da escrivaninha, metido num largo poncho cor de chumbo, do qual sobressaía seu pescoço descarnado e cheio de pregas, a sustentar precariamente a cabeça oval, de rosto rosado e glabro, o diretor de O Arauto parecia uma enorme tartaruga. Acariciando o lóbulo da orelha direita com a ponta da caneta, os óculos acavalados no nariz adunco, os lábios a se moverem silenciosamente, Manfredo Fraga relia o artigo mais importante que escrevera desde que tomara a direção do semanário.

"Amanhã, 24 de junho de 1884, será um dia assinalado na história de nossa idolatrada terra. Santa Fé comemorará festivamente sua elevação à categoria de cidade. Aleluia! Aleluia! Que os sinos de nossa bela e alterosa igreja badalem e encham os ares de sons álacres, anunciando o fasto grandioso. Finalmente a Assembleia Provincial fez justiça (quae será tamen), pois já a todos causava estranheza a tardança da concessão de foros de cidade à nossa vila, quando uma outra localidade menos progressista e importante que a nossa (e cujo nome a discrição manda calar) já o tem de há muito.

Manfredo Fraga ergueu a cabeça de quelônio e sorriu.

Todos iam perceber que ali estava uma referência velada a Cruz Alta, que era cidade desde 1879. O Velho ia gostar da indireta, pois tinha birra dos cruzaltenses e vivia às turras com o barão de São Jacó, chefe político do município vizinho.

Sorrindo ainda, Fraga tornou a baixar os olhos para o artigo: "A nossa Câmara Municipal e o Comitê de Festejos a cuja frente se encontra o ilustre e benemérito cidadão Alvarino Amaral, organizou para amanhã um programa à altura do magno acontecimento. Ao romper da alvorada a Banda de Música Santa Cecília, organizada e orientada pelo provecto médico e musicista germânico, dr. Carl Winter, percorrerá as ruas principais de nossa urbe, tocando marchas festivas. Às dez da manhã haverá na Matriz um Te Deum, com prédica especial pelo nosso culto vigário, o padre Atílio Romano. Às quatro da tarde, na Praça da Matriz, realizar-se-ão as tradicionais cavalhadas, nas quais tomarão parte, como mouros e cristãos, pessoas da nossa melhor sociedade. Como de costume, seguir-se-ão as famosas provas das argolinhas, em que nossos garbosos conterrâneos terão ocasião de revelar sua perícia de cavalheiros.

Finalmente, à noite, o Paço Municipal abrirá seus salões para um grande baile de gala, abrilhantado pela supracitada banda, e iniciado por um cotilllon, e ao qual comparecerá o que Santa Fé tem de mais seleto e representativo. Por essa ocasião será prestada significativa homenagem ao venerando coronel Bento Amaral, neto do fundador desta cidade, e por muitos anos chefe político liberal deste município."

Seguia-se um elogioso perfil biográfico do chefe. Manfredo

acrescentou-lhe alguns adjetivos e a seguir, fazendo uma pausa na leitura, apanhou a garrafa de cachaça que tinha a seus pés, junto da cadeira, tomou um longo sorvo, estralou os beiços e limpou-os com a manga do casaco. Fazia frio, ele estava com os pés gelados e o diabo do Velho não mandava nunca fazer os consertos de que a casa necessitava: uma das paredes estava rachada, havia goteiras no telhado e o vento entrava pelas frestas das janelas sem vidraças.

Agora, porém, Fraga sentia no peito um calor confortável que aos poucos lhe ia subindo à cabeça e que acabaria por aquecer-lhe também os pés.

Ainda estralando e lambendo os lábios chegou ao que se lhe afigurava o trecho mais sensacional do artigo de fundo: “Achamos que é nosso dever prevenir o público em geral contra a manobra de certas pessoas de má-fé que, por simples inveja e despeito, estão procurando desvirtuar as finalidades dos festejos de amanhã, lançando a semente da discórdia no seio da população local. Esses maus patriotas, movidos por mero interesse pessoal e mal disfarçada ambição de mando, estão tratando de confundir os espíritos. Por isso avisamos nossos leitores de que nenhuma outra comemoração, além das acima mencionadas, tem a sanção da Comissão Central de Festejos. Dizemos isso porque sabemos que se organiza para a noite de amanhã uma festa de finalidade política e subversiva, com o visível propósito de perturbar o baile de gala do Paço Municipal, que deverá encerrar com chave de ouro o grande dia. Trata-se duma farsa montada e ensaiada por maçons, livrespensadores, hereges e mazorqueiros, cujo objetivo precípuo é solapar o Regime, destruir a Família, menoscabar a Religião, atacar nosso querido e impoluto Soberano; em suma, substituir a democrática Monarquia Brasileira pela mais nefanda e nefária das anarquias. Os verdadeiros patriotas hão de saber não só evitar a companhia desses traidores da Pátria como também dar-lhes o desprezo e o castigo que merecem”.

Ali estava um artigo de arromba - concluiu o diretor de O Arauto, esfregando as mãos. Ficou imaginando a cara com que ia ficar Licurgo Cambará quando lesse aquele editorial no dia seguinte.

Ergueu-se, puxou um pigarro com tamanho gosto e tanta força, que ele lhe saiu do peito como um grito de triunfo.

No dia seguinte, por volta das nove da manhã, O Arauto de Santa Fé foi distribuído de casa em casa entre seus assinantes e depois posto à venda avulsa na Farmácia Galena, na Casa Sol e na Sapataria Serrana. O artigo de Fraga foi muito comentado e, farejando polêmica, quase todos puseram-se a imaginar o que iria dizer O Democrata, órgão do Clube Republicano local. Ficaram um tanto decepcionados quando às dez da mesma manhã o número semanal dessa folha apareceu, trazendo na primeira página um editorial muito sereno, que

terminava assim: “Entre as comemorações mais significativas do dia de amanhã, além do Te Deum, encontra-se a festa que nosso correligionário, o cidadão Licurgo Cambará, realizará na sua residência e durante a qual, num gesto que deve ser imitado por todos os bons brasileiros, dará carta de manumissão a todos os seus escravos. Na mesma ocasião dezenove outros cativos, cuja liberdade foi comprada a seus senhores a peso de ouro, com dinheiro da caixa do nosso clube, coletado especialmente para esse fim, serão igualmente manumitidos. Haverá danças nas salas do Sobrado e fandango no seu quintal, onde se acenderão fogueiras em homenagem ao santo do dia. O sr. Cambará não fez convites especiais para essa festa de fraternidade e humanidade, mas por nosso intermédio convida a tomar parte nela todos os santa-fezenses e forasteiros que simpatizam com a ideia abolicionista e que, mesmo não sendo republicanos, desejam ver implantado no Brasil um regime verdadeiramente igualitário”.

Pouco antes do meio-dia Bento Amaral apareceu à sua janela e berrou: - Fraga! Ó Fraga!

O diretor de O Arauto respondeu da outra janela: - Pronto, coronel! Que foi que houve?

O chefe brandiu no ar um exemplar de O Democrata.

— Vossuncê já leu esta bosta? - Já.

— Eu devia mas era fazer o Resende engolir este jornal.

— No próximo número de O Arauto eu desanco esse baiano.

— Palavra não dói na pele. O que ele merece mesmo é uma sova de rabo-de-tatu.

O velho mascava fumo freneticamente e pelos cantos da boca lhe escorriam dois filetes de saliva pardacenta. Ficou um instante a olhar para a cara do Fraga e depois rosnou: - Regime igualitário! Eles vão ver com quantos paus se faz uma canoa. — De repente, como se quisesse que todo o mundo ouvisse, gritou: - Eles que deem graças a Deus eu ser um homem de bem, senão mandava acabar a festa do Licurgo a porrete.

Naquele instante ia passando a cavalo pela rua um tropeiro de Soledade, que ouviu as últimas palavras do velho. Apeou pouco depois à frente da venda do Kunz, amarrou o animal num fradede-pedra, entrou, pediu um trago de caninha - “pr'esquentar” - e foi logo contando: - Sabe da última? O velho Amaral diz que é capaz de mandar acabar o baile do Licurgo a pau.

— Quem foi que disse? - perguntou o alemão de olhos arregalados. — Ninguém - replicou o tropeiro. — Eu mesmo ouvi com estes ouvidos que a terra há de comer.

— Não diga!

Kunz foi para o fundo da casa e contou à mulher: - O coronel

Amaral diz que vai acabar a festa do Sobrado a bala.

— Ach! Que horror! - replicou Frau Kunz. Correu para a cerca e chamou a vizinha: - Sabe o que me contaram, comadre? O coronel Amaral vai mandar acabar com o baile do Sobrado a facão.

A vizinha passou a notícia ao marido. Este, que era sócio do Clube Republicano, correu para a redação de O Democrata onde chegou ofegante e despejou a novidade em cima do seu diretor, o dr. Toríbio Resende: - Os Amarais vão mandar a capangada atacar o Sobrado amanhã de noite.

Diz que vão armados e dispostos a acabar com a festa.

O dr. Resende franziu a testa, fitou os olhos no correligionário e depois perguntou com calma: - O senhor acredita nisso?

— Ué. Por que é que não? Esses sujeitos são capazes de tudo. O outro encolheu os ombros, sorriu e disse: - Cão que ladra não morde.

Dois homens que estavam na sala da redação e ouviram o diálogo, saíram, cada qual para seu lado, e começaram a espalhar a notícia pela cidade.

Por volta das três da tarde, toda Santa Fé já sabia que o coronel Bento Amaral estava preparando seus capangas para atacar o Sobrado, prender Licurgo Cambará e Toríbio Resende, empastelar O Democrata e fechar o Clube Republicano.

Antes de raiar o dia de São João, Jacob Geibel, o sacristão da Matriz de Santa Fé, deixou a cama ainda estremunhado de sono, enfiou o poncho sobre o camisolão de dormir e dirigiu-se para o campanário. Era um homúnculo atarracado, de pernas arqueadas e curtas, barbas ruivas e olhos cor de malva. Viera da Alemanha havia cinco anos e ali em Santa Fé e arredores era conhecido como o "Barbadinho do Padre". Poucos, porém, podiam gabar-se de ter-lhe ouvido a voz: além de não saber português, o sacristão era um homem taciturno e azedo, que parecia detestar o convívio humano.

Diante do altar-mor dobrou os joelhos rapidamente, sem entretanto encostá-los no chão, fez um vago sinal-da-cruz e saiu a arrastar as chinelas ao longo do corredor central do templo. Entrou no batistério, ficou por um instante coçando a cabeça e bocejando; depois agarrou a corda do sino com ambas as mãos e deu-lhe um brusco puxão.

A badalada fendeu o ar quase com a intensidade duma explosão e cobriu a cidade como uma onda, espraiando-se pelos campos em derredor. Jacob continuou a tocar sino com um vigor apaixonado, e como o atroar aumentasse, ficou de tal maneira estonteado, que por fim foi como se um demônio lhe tivesse entrado no corpo: pendurou-se na corda e começou a dar pulos, ao mesmo tempo que gritava em alemão os piores nomes que conhecia, na confusa esperançla de que a zoada do sino impedisse Deus e os santos de lhe ouvirem os

impropérios. Num dado momento fez uma pausa para tirar o poncho, e depois, só de camisolão, tornou a agarrar a corda com redobrada fúria. Odiava Santa Fé, odiava aquela gente de língua bárbara, odiava o vigário e às vezes chegava a odiar até as imagens dos santos.

Quando algum enterro saía da igreja e ele tinha de dobrar a finados, era com secreta alegria que murmurava a cada badalada: Wieder einer weniger! Menos um! Wieder einer wenigerl Menos um! Agora, porém, o ritmo do sino não era lento e fúnebre, mas frenético, desesperado, como um toque a rebate.

Verfluchte Stadti - gritava ele. Cidade maldita! Cachorrada do inferno!

Porcos excomungados! Que Deus vos amaldiçoe! Que um raio vos parta!

O Sobrado ali estava na luz indecisa da alvorada, pesado como uma fortaleza e ao mesmo tempo com o jeito dum grande animal adormecido.

Fora recentemente caiado de novo, os caixilhos das janelas pintados dum azul de anil, os azulejos polidos; e nas grades i do portão a tinta estava ainda fresca. Pombas que tinham fugido da torre da igreja, assustadas pelo badalar do sino, estavam agora pousadas no telhado do casarão dos Cambarás. Apesar de tudo, o monstro continuava a dormir. Num dado momento, porém, como uma pálpebra que se ergue, revelando o brilho duma pupila, abriuse o postigo duma das janelas do andar superior, deixando aberto na fachada um quadrilátero luminoso onde se recostou o vulto dum homem alto e espadaúdo, metido num camisolão.

Licurgo Cambará fora despertado pelo bater do sino, pulara da cama meio atordoado, viera até a janela e agora ali estava a olhar para fora com olhos embaciados de sono. Em poucos segundos sua confusão, que continha um vago elemento de pânico, foi dissipada pela própria voz do sino, que parecia anunciar: “Santa Fé já é cidade! Santa Fé já é cidade!” Licurgo sentia o soalho frio sob os pés descalços. ("Vá calçar as botinas, menino!" - gritou-lhe a avó em seus pensamentos.) Passando a mão pelos cabelos revoltos e duros, ele olhou para os lampiões da praça, cujas chamas morriam, e, erguendo os olhos, viu que começavam a apagar-se também as estrelas.

Passara mal a noite, num sono de febre mais cansativo que uma vigília forçada. Andara dum lado para outro, ora a cavalo ora a pé, metido em roupagens vermelhas, com um turbante mouro na cabeça, distribuindo a torto e a direito títulos de manumissão e pontaços de lança. De vez em quando acordava, agoniado, com a sensação de não ter dormido um só minuto, e ficava olhando a escuridão, escutando a quietude da casa, ouvindo o relógio grande lá embaixo bater os quartos de hora. E assim, pensando nas coisas que tinha a fazer no dia

seguinte, caía de novo em modorra, e outra vez começava a lida, a angústia, a luta entre mouros e cristãos, que de repente se transformava na quadrilha dos lanceiros em que seu par era prima Alice, a qual não era bem prima Alice, mas um pouco Ismália Caré. Assim passara toda a noite, e agora ele sentia a cabeça oca como um porongo que o som do sino fazia vibrar.

Mas tudo estava bem: o dia em breve ia nascer, o grande dia! Fez meia-volta, apanhou o lampião que se achava em cima da mesinha-de-cabeceira, e encaminhou-se para o lavatório. Despejou a água do jarro na bacia de louça, lavou o rosto com ambas as mãos, bufando e respingando o espelho; depois escovou os dentes com força, borrifando as faces com o pó cor-de-rosa do dentifrício. Tirou o camisolão e começou a vestir-se com uma pressa nervosa. Como o sino cessasse de bater, pôs-se a cantarolar O Boi Barroso.

Eu mandei fazer um laço Do couro do jacaré, Pra laçar o Boi Barroso No cavalo pangaré.

Enquanto enfiava as botas, gemeu a música do estribilho, imitando o choro sincopado da gaita. Depois cantou: Adeus, priminha, Eu vou m'embora Não sou daqui Sou lá de fora.

Por um instante teve na mente a imagem de Alice. Dali a pouco mais de um mês estaria casado com a prima. Ia ser engraçado, porque ele não podia esquecer a Alice dos tempos de menina: magricela, de tranças compridas, olhos pretos muito graúdos, pernas finas e fala chorosa. Nunca lhe ocorrera a ideia de namorar a prima. Sua avó tinha cada lembrança!

Licurgo pousou as mãos sobre os joelhos e ficou sentado na beira da cama, a olhar fixamente para o soalho. Sempre que pensava na noiva, sua imagem lhe vinha acompanhada pela da amante. Havia poucos dias mantivera com a avó um diálogo embaraçoso: - Pensa que sou cega, Curgo? Eu vejo tudo.

— Pois é verdade. A Ismália é minha amásia. Não tivera coragem de encarar a velha.

— Mas agora vossuncê vai casar, precisa deixar a china o quanto antes.

Ele permanecera silencioso.

— Promete? - Não.

A conversa terminara aí. Desde então nunca mais haviam tocado no assunto. Era impossível explicar a uma senhora de quase oitenta anos o que ele sentia pela rapariga. Aquela gente antiga era muito positiva nas suas opiniões. Para ela uma coisa era boa ou má, preta ou branca, decente ou indecente. Não conhecia o meiotermo. Seria inútil tentar explicar à avó que ele gostava da prima Alice o suficiente para fazê-la feliz; que a achava bonitinha, prendada, e que tinha a certeza de que ela ia ser ótima dona-de-casa, boa esposa e boa mãe - mas que

todas essas coisas nada tinham a ver com o que ele sentia pela Ismália. A chinoca não pedia nada, não esperava coisa alguma. Gostava dele quase assim como uma cadelinha gosta do dono. Se por um lado ele sabia que não teria nunca a coragem de abandonar a amante, por outro também estava certo de que seu rabicho pela Ismália nunca, mas nunca mesmo, poderia influir em sua afeição pela prima nem perturbar-lhe a paz do casamento.

Tornou a erguer-se, postou-se na frente do espelho e passou o pente nos cabelos. Depois alisou com a ponta dos dedos o grosso bigode negro, acariciou os zigomas salientes, dum moreno lustroso e avermelhado de couro curtido, e tornou a pensar em Ismália. Começara a desejar violentamente a rapariga desde o dia em que a vira pela primeira vez no rancho dos Carés, no fundo duma das invernadas do Angico. E certa manhã, após longo assédio, muitos negaceies e engodos, conseguira levá-la para o mato. Nos últimos momentos, porém, tivera de pegá-la à força, e desses minutos agitados e resfolegantes de luta corporal lhe haviam ficado lembranças meio confusas e perturbadoras: o desejo que, exacerbado pela longa espera e pela resistência de Ismália, se havia transformado numa fúria quase homicida; os gritos da chinoca, primeiro de protesto e finalmente de dor; os guinchos dos bugios que, empoleirados nas árvores e excitados pela cena, haviam rompido numa gritaria endoidecedora.

Aplacado o desejo, ele ficara estendido de costas, os braços abertos em cruz, olhando com um vago remorso para os bugios que perseguiam suas fêmeas e ouvindo o choro manso de Ismália a seu lado. Sentia vergonha de sua brutalidade e começava a impacientar-se pelo fato de não achar o que dizer à rapariga. Pedir desculpas não adiantava nada, e mesmo isso não era de seu feitio. Dar-lhe dinheiro seria brutal.

Erguera-se em silêncio, saíra do mato resolvido a não ver mais Ismália e convencido também de que daquele momento em diante ela passaria a votar-lhe um ódio de morte. Na certa ia contar tudo ao pai e este iria imediatamente queixar-se a dona Bibiana. Imaginara-se diante da avó a responder a uma interpelação: - Pois é verdade. Fiz e sustento. Mulher é pra isso mesmo. Se não fosse eu, havia de ser qualquer outro.

A coisa no entanto acontecera da maneira menos esperada. Depois daquela manhã passara vários dias sem pôr os olhos na menina. E uma tarde, à hora da sesta, estando ele deitado no seu quarto já quase a cair no sono, vira um vulto de mulher esgueirar-se pela porta entreaberta e caminhar na direção de sua cama. Era Ismália. Fez-lhe um sinal e a china veio enroscar-se a seu lado como uma gata.

"Licurgo desceu para o andar térreo, atravessou a passos largos a

sala de jantar, e entrou na cozinha, onde Fandango conversava ao pé do fogo com a negra Lindoia.

— Bom dia, Fandango!

— Buenas!

— Então sempre chegou a grande data, hein?

— Que remédio? Dês que o mundo é mundo, depois do hoje vem o amanhã e assim por diante até a hora da gente ir pra cidade dos pés juntos.

— Está pronto o mate?

— Quase - informou a negra.

Sobre uma das chapas do grande fogão, a chaleira começava a despedir jactos de vapor pelo bico.

Licurgo esfregou as mãos, sentou-se num mocho e perguntou: - Sabe quantas pessoas dormiram aqui em casa esta noite?

— Umas quatro… - troçou Fandango.

— Quase trinta!

Os escravos do Angico e de outras estâncias que iam receber carta de manumissão tinham passado a noite no porão do Sobrado.

Fandango coçou a barbicha com a unha do indicador e murmurou: - Eu só quero ver o que é que essa negrada vai fazer depois que receber papel de alforria.

— Ora! Vai ficar livre.

— Sim, mas vossuncê acha que vão viver melhor?

— Claro que vão.

— Pois eu duvido.

— Velho cabeçudo!

A tampa da chaleira começou a dar pulinhos.

— Que venha esse amargo, Lindoia! A negra cevava o mate.

— Vossuncê vai ver - prosseguiu o capataz. — Recebem dinheiro e gastam tudo em cachaça. Vão passar o dia na vadiagem, dormindo ou se divertindo. Nenhum desses negros alforriados vai querer trabalhar. No fim acabam morrendo de fome.

— Não seja tão agourento, Fandango.

— Qual! O que sou é um índio velho mui vivido. Na minha idade um cristão acaba descobrindo que o que ha na vida é muita conversa fiada.

Vossuncês moços que leem nos livros gostam demais dessas novidades estrangeiras.

— Mas a abolição vai melhorar tudo. A escravatura é a vergonha do Brasil.

— Qual vergonha, qual nada! Deixe de história. Negro é negro. Ha gente que nasceu pra ser mandada.

— Vossuncê está me desiludindo.

— Xô égua! Não nasci ontem. Essa história de cidade é a mesma

coisa.

Dias atrás não se sabia de nada, Santa Fé era vila. Muito bem. De repente chega um desses tais de telegramas e começa a folia. A Assembleia resolveu que agora Santa Fé é cidade. Todo mundo fica louco, a festança começa, é sino, viva e foguete. Mas, me diga, cambiou alguma coisa? Nasceu alguma casa nova, alguma rua nova, alguma árvore nova só por causa do decreto? Não. Pois é… Pura conversa fiada, hombre!

Licurgo sorria.

— Se é assim, vossuncê deve ser também contra a república.

— Aí está outra bobagem. Se vier a república a gente vai ver como não cambia nada. Pode cambiar a posição das pessoas. Quem está por baixo sobe, quem está por cima, desce. Mas as coisas ficam no mesmo, e o povinho continua na merda.

— A república há de vir, seja como for. Mas tome esse mate - disse Licurgo, estendendo para o velho a cuia que Lindoia lhe entregara.

Fandango, porém, sacudiu negativamente a cabeça: Não. Gracias. Nada de "primeiros" comigo. Nem com mulher nem com mate.

Licurgo começou a chupar na bomba e a cuspir o líquido esverdeado no chão.

— Na próxima eleição - disse ele - vossuncê vai votar com os republicanos.

— Posso votar com o Curgo, que é meu amigo. O resto é bobagem.

— Dessa vez havemos de eleger os nossos candidatos.

— Pode ser. Mas na última eleição esse tal de Assis Brasil não fez nem pró fumo…

— Espere, Fandango, que no ano que vem a coisa muda. O capataz encolheu os ombros.

— O Velho é bom. Certos apaniguados dele é que não prestam.

Referia-se ao imperador.

— Mas pra derrubar essa cambada é preciso derrubar também o Velho e o regime, substituindo esses figurões por gente nova como Júlio de Castilhos, Rui Barbosa, Venâncio Aires e outros.

— Conversas! São todos uns bons filhos da mãe.

Licurgo tornou a encher a cuia d'água e passou-a a Fandango. E enquanto o velho ficou entretido a chupar na bomba, ele falou com entusiasmo nos festejos do dia. Tinha a impressão - disse - de que o baile de gala do Paço Municipal, com suas formalidades e seus medalhões, ia ficar apagado diante da festa do Sobrado, onde reinaria a verdadeira democracia: negros e brancos, ricos e pobres, todos misturados e irmanados no ideal abolicionista e republicano. Mas no momento mesmo em que dizia essas coisas, Curgo percebeu que não

estava sendo sincero, que não estava dizendo o que sentia. Era-lhe inconcebível a ideia de que aqueles negros sujos pudessem vir dançar nas salas de sua casa, em íntimo contato com sua família. Sabia também que pouca, muito pouca gente em Santa Fé compreendia o sentido da palavra república….

Fandango fez uma careta.

— Pois eu cá não preciso de desculpa pra me divertir. Quando estou com vontade de dançar, danço. Quando estou com vontade de cantar, canto.

Este peito não conhece tristeza. Vossuncês é que são uns capados. Não fazem nada sem muito discurso. Xô égua!

Licurgo contemplava o amigo. Gostava daquela cara indiática, do contraste entre a pele tostada e o branco prateado da barba esfalripada.

Sentia-se fascinado principalmente pelo jeito do velho falar e pela expressão travessa e maliciosa de seu olhar. Só se lembrava de tê-lo visto triste no dia em que chegara a Santa Fé a notícia de que seu filho, o Fandango Segundo, havia sido morto em combate nas terras do Paraguai. O velho ficou parado, com uma névoa nos olhos, e por alguns segundos não disse palavra. Depois, como o quisessem consolar, murmurou: “Todos têm de morrer mais cedo ou mais tarde, não é? Só que uns morrem cedo demais… ” Nesse dia, quando Fandango montou a cavalo e saiu para o campo sozinho, Licurgo viu-lhe lágrimas nos olhos. O capataz passou horas e horas andando à toa pelas invernadas do Angico. Voltou ao entardecer e já assobiando ao trote do cavalo. E à noite no galpão ao redor do fogo contou à peonada as proezas de Fandango Segundo, suas andanças e amores; e rematava cada episódio da vida do filho com estas palavras: “Era um alarife, mas tinha por quem puxar”. Depois dessa noite não pronunciou mais o nome do morto, e suas esperanças então passaram a concentrar-se no neto, o Fandanguinho, que crescia ali na estância ao calor de seus olhos e à luz de seus conselhos: "Um piá mui ladino"- dizia o velho, piscando o olho. “Vai me sair melhor que a encomenda.”

As pessoas com quem Licurgo mais gostava de conversar eram Fandango, sua avó e Toríbio Resende. Este último, um baiano formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, estabelecera-se em Santa Fé em princípios de 1881, trazendo para o município a ideia republicana, da qual era ardoroso propagandista. Desde o primeiro dia provocara a ira dos Amarais, que o ameaçaram de todos os modos, primeiro indireta e depois diretamente, procurando forçá-lo a deixar a vila. Mas o diabo do nortista fincara pé, impávido, e fizera frente aos potentados da terra com tanta altivez e coragem que Licurgo fora espontaneamente procurá-lo, oferecendo-lhe seu apoio, sua casa, sua

fortuna, enfim, tudo de que ele precisasse. Começara assim uma amizade que já durava mais de três anos e que se fazia mais forte à medida em que o tempo e os acontecimentos passavam.

O convívio com Toríbio Resende, a leitura dos artigos que Júlio de Castilhos publicava na imprensa atacando o império e fazendo a propaganda da abolição e da república - tudo isso tinha feito de Licurgo Cambará um republicano e um abolicionista. Ficara de tal modo dominado por essas ideias que acabara quase fanatizado por elas.

Fandango observara um dia: "O Curgo tem três amantes: a República, a Abolição e a Ismália. Às vezes vai pra cama com as três ao mesmo tempo".

Em 83 Toríbio Resende e Licurgo Cambará fundaram em Santa Fé o Clube Republicano, que contava agora com quase sessenta sócios e mantinha uma folha semanal. As notícias do progresso do movimento no resto do país davam-lhes ânimo e estímulo. Sabiam que o Ceará começara a libertar seus escravos, e que havia poderosos clubes republicanos em Porto Alegre e na capital de São Paulo, onde Borges de Medeiros, jovem estudante gaúcho, dirigia um jornal.

Fandango entregou a cuia a Lindoia, que tornou a enchê-la d'água, passando-a a Curgo, o qual tinha os olhos postos na janela, através de cujas vidraças via um pálido pedaço de céu. O grande dia estava prestes a raiar. Santa Fé ia dar um exemplo ao resto da província, e esse exemplo partia daquela casa, do Sobrado! Aquilo - refletia Curgo - ia ser um ato de humanidade, de coragem, e ao mesmo tempo valia como uma bofetada na cara dos monarquistas: era um desafio capaz de repercutir até no estrangeiro.

Tinha razão Toríbio Resende quando afirmava que a ideia republicana podia ser comparada com uma onda que ia aos poucos crescendo e que acabaria não só lavando a mancha da escravidão como também derrubando o trono! Proclamada a República, Santa Fé ficaria livre dos Amarais, e homens como Toríbio e ele, Licurgo, iriam dirigir a política municipal, eliminando o favoritismo, as injustiças e as arbitrariedades. Em pensamento Licurgo via Toríbio a falar e gesticular: "O capitão Rodrigo botou sua marca no rosto do velho Bento; só ficou faltando o rabinho do R. Pois bem, Curgo. Quem vai completai o serviço (Toríbio pronunciava serviço com um é muito aberto) é você, não com uma adaga, mas simbolicamente, levando para diante a campanha abolicionista e republicana, e livrando Santa Fé de seu sátrapa". Como Toríbio falava bem, com que eloquência, com que facilidade! Na mente de Licurgo a imagem do amigo desapareceu para dar lugar à de Júlio de Castilhos, cuja mão ele apertara comovidamente por ocasião do último congresso republicano de Porto Alegre. Era incrível que aquele moço retraído e de poucas

palavras estivesse abalando o trono com seus artigos políticos, escritos e publicados na província! Agora os republicanos do Rio Grande tinham em Porto Alegre o seu jornal: A Federação, fundado em janeiro daquele ano. Em Santa Fé os sócios do Clube Republicano esperavam com ansiedade a mala postal que trazia semanalmente os números da folha em que Castilhos publicava seus artigos candentes.

Havia num desses escritos certo trecho que Licurgo aprendera de cor, por achar que ele definia, melhor que qualquer outro, a ideia abolicionista.

Repetiu-o em voz alta para Fandango: - "Quando se trata de tornar livres todos os filhos do Rio Grande, quando urge acabar com a imoral instituição que nos macula, não deve haver partidos. Só há lugar para um partido: é o partido da moral, do direito e da liberdade, que protestam contra a escravidão. À margem, pois, das desavenças e dos ódios das lutas partidárias, emudeça a voz do partidarismo político quando é imperioso combater este inimigo comum: a escravidão".

Fandango escutou o amigo em silêncio, e quando Curgo se calou, o velho cuspinhou por entre os cacos de dentes e disse: - Conversa fiada. O inimigo do hombre é o hombre mesmo. Licurgo ergueu-se, caminhou para a porta da cozinha, abriu-a de par em par e respirou profundamente o ar frio da manhã.

Uma negra com um grande balde na mão se dirigia para o fundo do quintal, onde ia ordenhar as vacas. Aos poucos saíam vultos do porão da casa.

Eram os escravos que acabavam de despertar. Uns se espreguiçavam, bocejando longamente. Outros caminhavam encolhidos, tintando de frio.

Quando viam Licurgo murmuravam: - A bênção, sinhô.

— Deus vos abençoe - respondia ele.

Em breve aquela gente toda ia ser livre - pensou. E por um momento ficou como que afogado pela ideia da própria bondade. O que ia acontecer no Sobrado aquela noite era grande: o mais belo gesto da sua vida. Fechou os olhos, conteve a respiração como para avaliar melhor a intensidade de seus sentimentos. Acabou, porém, por descobrir, decepcionado, que a emoção que sentia diante de tudo aquilo não era tão dominadora como ele esperava: não estava, em suma, à altura dos acontecimentos que a despertavam. Galos cantavam nos terreiros e seus gritos se cruzavam no ar do amanhecer. O horizonte começava a clarear.

— Está ouvindo, Fandango? - perguntou Licurgo em voz alta, sem se voltar. — Os galos estão bem loucos. Parece que sabem que dia é hoje.

Lindoia! Me prepare um churrasco. Estou com fome.

Fandango ergueu-se.

— Deixe isso por minha conta. Vou trazer um bom costilhar pra nós.

Também estou louco de hambre.

Caminhou com seu passo miúdo e meio gingante para a despensa, onde havia quartos de reses pendurados em ganchos.

Com um xale sobre os ombros, os braços cruzados, Bibiana entrou na cozinha. Aos setenta e oito anos tinha ainda o porte ereto, o andar firme e vivo, e os cabelos apenas grisalhos.

Licurgo voltou-se e caminhou para ela.

— A bênção, vovó.

Bibiana estendeu a mão, que o neto beijou.

— Deus te abençoe, meu filho. Fandango voltou com o costilhar nos braços.

— Bom dia, Fandango.

— Buenos dias, dona. Passou bem a noite?

— Dormi com os anjos.

A malícia deu um brilho súbito aos olhos do velho.

— Com quem que vossuncê dorrniu?

— Com os anjos, velho indecente!

— Ah! - fez Fandango, que tratava de tirar brasas do fogo para assar a carne.

— Pra que todo esse barulho? - perguntou Bibiana, olhando para o neto.

— O sino? É do programa, vovó. Hoje é o grande dia. Bibiana sacudiu lentamente a cabeça.

— Pra mim é um dia como qualquer outro. Depois, mudando de tom: - Já pensaram no que é que vão dar pra essa negrada comer agora de manhã?

— Não.

— Pois é. Vossuncês só pensam em bobagens, em discursos. A velha é que tem de tratar da comida. Carta de manumissão não enche barriga de ninguém. É preciso dar alguma coisa pra entreter o estômago desses negros.

Ficou dando instruções a Lindoia. Não havia em casa pão nem biscoito que chegasse para todos.

— Eles que comam laranja e bergamota - sugeriu o capataz.

— Chame a Doca e a Noêmia - gritou Bibiana para a preta. — Vamos começar a trabalhar, senão fica tudo atrasado.

Tinham de dar de comer à noite para mais de cem pessoas. Iam mandar carnear cinco novilhas, três porcos e duas ovelhas. Havia na despensa várias caixas com garrafas de cerveja, vinho e cachaça.

E por que toda essa folia? - refletiu a velha. Só porque o homem do telégrafo, que vivia batendo com o dedo naquela engenhoca que

fazia tec-tec-tec-tec-tec, tinha recebido pelo fio (coisa que ela não podia compreender) um recado dizendo que Santa Fé havia sido elevada à categoria de cidade. Licurgo andava com aquelas manias de acabar com a escravatura e atacar o imperador. Era uma verdadeira loucura. O Sobrado estava cheio não só da negrada do Angico como de escravos de outras casas e estâncias. Era o maior disparate do mundo dar liberdade àquela gente. Mas o menino queria porque queria. E o outro, o dr. Resende, esse era o mais doido de todos. Era por causa do baiano que Curgo andava com aquelas ideias na cabeça. Enfim, su'alma, sua palma, como diz o ditado.

Eu é que não me meto nessas coisas. Contanto que não prendam fogo na casa, podem fazer o que entenderem.

Licurgo aproximou-se de novo da porta dos fundos e ficou mirando o quintal. Ansiava pelo nascer do sol. Queria ver Toríbio. Queria ver gente, muita gente: os amigos do clube, pessoas, enfim, com quem pudesse discutir os planos do dia. A madrugada fria, aqueles vultos silenciosos no pátio e o cocoricó dos galos começavam a deixá-lo deprimido.

Sentiu que a avó estava a seu lado, os braços cruzados debaixo do xale.

E no silêncio ele esperou a pergunta que temia, e que finalmente foi formulada: - Mandou buscar a Ismália?

Seu primeiro impulso foi o de dizer que não. Mas não sabia mentir.

— Mandei.

— Então a coisa não está acabada?

— Não.

— Mas é preciso acabar o quanto antes.

— Eu sei.

— Se sabe, por que é que não acaba? Falta só um mês pró seu casamento.

Curgo pensou: mais cedo ou mais tarde a Alice tem de saber. Mas nada disse.

O relógio deu uma badalada.

.- Seis e meia - murmurou Fandango.

O dia clareava aos poucos. De longe vinham agora os sons duma banda de música.

— Aí vem ela! - exclamou Lindoia.

Licurgo aproveitou o ensejo para cortar o diálogo. Tomou do braço da velha e disse: - Vamos ver a banda, vovó.

Foram, seguidos de Fandango. Abriram uma das janelas da frente do Sobrado e debruçaram-se sobre o peitoril. Na boca da Rua do Comércio apontou a Banda de Santa Cecília. Vinham os músicos formados em duas filas de quatro. Pistão, flauta, contrabaixo,

bombardino, clarineta, violão, bombo e tambor. Tocavam uma marcha, mas a melodia cantada pela voz do pistão e da clarineta, rendilhada pelos trilos do flautim, era quase abafada pelos roncos do bombardino e do contrabaixo, em duas notas repetidas que davam a impressão do grunhir dum porco descomunal.

Quando a banda passou pela frente do Sobrado, Licurgo acenou amistosamente para os músicos. Bibiana olhava impassível, resmungando para o neto: - O dr. Winter merecia ser enforcado por ter inventado essa droga.

Fandango deixou a janela, correu para a porta da rua, abriu-a e saltou para fora, gritando: - Olha a furiosa, minha gente!

Pôs-se a pular e a dançar na frente da charanga. Nas árvores da praça os passarinhos chilreavam. Abriam-se janelas, onde assomavam cabeças.

Homens, mulheres e crianças vinham para a frente de suas casas, trocavam-se acenos e cumprimentos. O padre Romano apareceu à porta da igreja, com o rosto rubicundo iluminado em cheio pela luz do sol, que começava a aparecer por cima da coxilha do cemitério. Fez na direção do Sobrado um largo aceno, a que Licurgo respondeu.

— Até o vigário ficou assanhado com a música - comentou Bibiana.

— Não é só a música, vovó. É o grande dia! A velha encolheu os ombros.

— Quando vossuncê chegar à minha idade, vai ver que no final de contas todos os dias são iguais.

Erguendo poeira do chão, a Banda de Santa Cecília passou pela frente da Matriz e seguiu pela Rua dos Farrapos.

Quando Fandango entrou na igreja e viu-a abarrotada de gente, disse em voz alta a Bibiana, que caminhava a seu lado: - Está apertado que nem queijo em cincho.

— Cht! - repreendeu-o a velha, franzindo a testa e acrescentando num cochicho: - Na igreja não se fala.

O sino começou a badalar. Eram quase dez horas da manhã, e o rosto da velha imagem de Nossa Senhora da Conceição resplandecia à luz do morno sol de inverno que entrava pelas janelas do templo. Para Bibiana a santa tinha uma fisionomia familiar, pois desde menina ela se habituara a vê-la ali no altar com as mesmas roupas, a mesma postura e o mesmo sorriso bondoso. Vezes sem conta, quando moça, Bibiana viera ajoelhar-se ao pé da imagem da padroeira de Santa Fé, confiar-lhe suas dificuldades e fazer-lhe promessas. Fora por obra e graça de Nossa Senhora que Bibiana casara com o capitão Rodrigo. Quando aos três anos Bolívar caíra de cama com um febrão medonho, ela viera um dia à igreja e dissera à santa: “Se vosmecê faz o Boli melhorar, prometo mandar rezar dez missas e dar cinco patacões pra

igreja". Ao chegar à casa encontrara já o menino com as roupas úmidas de suor e a testa fresquinha. Depois, com o passar do tempo, e à medida que Bibiana perdia sua fé nos homens e nos santos, suas relações com Nossa Senhora foram deixando de ser de santa para crente para serem quase de mulher para mulher. E agora o olhar que a velha ao sentar-se lançara para a imagem parecia querer dizer: "Bom dia, comadre, como vão as coisas?" Eram ambas donas-de-casa e tinham grandes responsabilidades. Durante mais de cinquenta anos Bibiana não tivera segredos para com a santa. Eram velhas amigas e confidentes: entendiam-se tão bem que nem precisavam falar…

Alice entrou de braço dado com Licurgo. Atrás do par vinham Florêncio Terra, o pai da noiva, e sua outra filha, Maria Valéria.

Segundo uma tradição local, os liberais e seus familiares deviam ocupar os bancos que ficavam à direita de quem entrava no templo; os conservadores, os da esquerda, que era agora o lado onde se sentavam também os republicanos. Os três primeiros bancos da direita estavam permanentemente reservados para Bento Amaral e seus filhos, genros, noras e netos. O padre Romano mandara reservar o primeiro banco da esquerda para Licurgo Cambará e sua gente. Quando estes últimos se acomodaram, os Amarais nem sequer voltaram a cabeça para o lado deles.

Ouviu-se um murmúrio na igreja. A rivalidade entre aquelas duas famílias era um dos assuntos prediletos da vila. Todos sabiam que o velho Bento costumava dizer: "Quando vejo gente do Sobrado fico com o dia estragado". Por sua vez, sempre que mencionava o nome Amaral, Licurgo acrescentava: "Com o perdão da má palavra…"

Curgo sentou-se ao lado da noiva. Respirou fundo. Andava no ar um cheiro de água de toilette misturado com o do óleo de mocotó que muitas das mulheres usavam nos cabelos. Era uma mescla quente, entre adocicada e rançosa, temperada pelo olor de incenso e de cera queimada.

Quando o sino cessou de badalar, fez-se um silêncio pontilhado de tosses nervosas, de pigarros e do estralar de bancos.

Jacob Geibel deixou o campanário e encaminhou-se para o altar-mor, pelo corredor central. Vestia a sua melhor roupa, uma fatiota preta que o uso tornara ruça. Estava muito vermelho, com as orelhas em fogo. Caminhava encurvado, de olhos baixos, e suas botinas de elástico, que ele só usava na hora da missa, rangiam agudamente, coisa que lhe aumentava o embaraço. Verfluchte Stadt! Lá estavam aquelas mulheres gordas e peitudas, que tinham bigode e cheiravam a leite e queijo. E aqueles homens escuros e cabeludos, de mãos rudes e vozes guturais, aquelas bestas que recendiam a suor de cavalo e a esterco. Animais!

Jacob desapareceu na sacristia e pouco depois voltou para

acender as velas dos altares. Fez primeiro uma reverência rápida diante do altar-mor e a seguir acendeu uma a uma as longas velas de cera, pensando irritadamente no negro Caetano, que todos os dias ao anoitecer saía pelas ruas com sua escadinha às costas para acender os lampiões da vila. À medida em que o tempo passava, mais vermelhas iam ficando as orelhas do sacristão e mais forte sua sensação de mal-estar. Ele sabia - oh se sabia! - que aquela gente ali na igreja estava rindo dele às suas costas. Porcos! Quando saía à rua, as crianças o seguiam, gritando: “Olha o Barbadinho do Padre!”

Depois de acender a última vela, Jacob retirou-se. O altar agora estava todo pontilhado de pequenas chamas móveis, que atiravam reflexos dourados nas alfaias e ouropéis.

Licurgo olhou de soslaio para a noiva e por um instante ficou a contemplar-lhe o perfil delicado e tranquilo. Alice trazia o seu melhor vestido de cassa e tinha uma mantilha negra na cabeça. Por um tímido instante seus olhos escuros e mansos fitaram o noivo, mas desviaram-se logo, furtivos, fixando-se no altar. Licurgo sentiu que devia dizer alguma coisa. Podia cochichar: “A senhora está muito bonita hoje”. Mas continuou calado. Não podia vencer a sensação de constrangimento que a presença da prima lhe causava. Por outro lado, havia coisas que não aprendera ainda a dizer nem fazer. Detestava as pessoas que viviam com a preocupação de agradar e elogiar os outros. Considerava Toríbio Resende o seu melhor amigo, mas havia no rapaz traços e hábitos com os quais ainda não se acostumara. O baiano era demasiadamente derramado de palavras e gestos, e tinha o hábito constrangedor de chamar-lhe “meu querido”, coisa que causava a Curgo um certo desagrado, pois achava esse tratamento demasiadamente efeminado.

Curgo estava de tal modo absorto em seus pensamentos (andava agora a cavalgar pelos campos do Angico com Ismália Caré na garupa), que nem percebeu que à entrada do padre a congregação se erguia. Alice bateu-lhe de leve no braço com a ponta dos dedos e dirigiu-lhe um rápido sorriso. Licurgo levantou-se. O Te Deum começava.

Quando o padre Atílio Romano subiu ao púlpito para fazer a sua prédica, o coronel Amaral puxou um pigarro que encheu sonoramente o recinto.

“Velho porco” - murmurou Bibiana. Fandango abafou uma risada.

Era o vigário de Santa Fé um homem alto e corpulento, de rosto carnudo e olhos dum castanho de mel queimado. A barba forte e escura, sempre visível mesmo quando escanhoada, envolvia-lhe as faces sanguíneas numa sombra arroxeada, dando-lhe à fisionomia um certo ar crepuscular que só o sorriso aberto, de dentes muito brancos, conseguia neutralizar. Era um sorriso tão aliciante, que chegava quase

a ser feminino. A primeira vez que Licurgo vira o padre sorrir ficara tomado duma impressão desagradável. O padre, porém, tinha um aspecto tão másculo - a voz, os gestos, o andar - que Curgo acabou convencido de que “o vigário era mesmo macho cento por cento”.

Natural da Itália, Atílio Romano viera para o Brasil logo depois de ordenado. Voraz ledor de livros, adorava as línguas e a oratória, e gostava de tal modo de conversar e discursar, que parecia encontrar no simples pronunciar das palavras, na formação das sentenças, no uso dos adjetivos, no engendrar dos tropos um prazer tão sensual como o que o comum dos homens encontra no ato de comer ou de amar. Falava com um leve sotaque italiano e tinha uma voz cantante e macia que, por assim dizer, lubrificava as palavras, de sorte que elas lhe rolavam fáceis e ágeis pela língua e enchiam o ar de música e ritmo. Seus gestos, como a voz, possuíam também cadência e melodia. Agora ali no púlpito o sacerdote media o auditório com um olhar dramático, o cenho cerrado, as mãos enlaçadas à altura do peito, a respiração contida, as narinas palpitantes. Encheu os pulmões de ar, estendeu os braços para a frente, como se quisesse enlaçar toda a congregação, e disse: - Meus queridos paroquianos!

Sua voz encheu o recinto, grave e bem modulada. Jacob Geibel saiu da sacristia na ponta dos pés e veio sentar-se num mocho atrás do púlpito, num lugar em que não podia ser visto pelos fiéis.

— Meus queridos - repetiu o vigário - meus muito queridos paroquianos.

Lambeu os lábios e respirou fundo.

— Santa Fé acaba de receber seu título de cidade! - exclamou de repente, com voz cheia de exultação e agarrando as bordas do púlpito com suas manoplas rosadas e peludas.

Nesse momento ouviu-se um forte zumbido no ar. Cabeças voltaram-se para todos os lados, olhos procuraram… Um colibri que acabara de entrar na igreja, voejava agora, estonteado, dum lado para outro, à procura duma saída. O padre calou-se. Houve um momento de embaraçosa expectativa.

Fandango não se conteve e disse em voz perfeitamente audível: - Beija-flor é bicho muito burro!

Surdiram aqui e ali risinhos abafados. O passarinho volitava, aflito, sobre as cabeças dos fiéis. Por fim frechou na direção da porta e saiu para o ar livre. Houve como que um ah! de alívio e de novo as atenções se voltaram para o orador. Atílio Romano sorria, de olhos brilhantes.

Estendendo o braço na direção da porta, com o indicador a apontar acusadoramente para o colibri, disse com suave gravidade: - Esse pobre passarinho desnorteado que acaba de sair daqui, meus queridos cristãos, é um símbolo de importância tremenda. — Carregou

no erre de tremenda, como para tornar a palavra ainda mais cheia de significação. — Ele me lembra certas almas sem rumo que procuram às cegas algo de melhor e mais alto na vida e passam seus dias a bater com a cabeça em muros, paredes, cercas e obstáculos de toda a ordem. Como esse passarito que buscava a liberdade do ar livre, essas almas se esforçam por fugir às prisões humanas e querem alçar o voo para o alto, para o infinito. Pobres almas aflitas, transviadas, sem norte, que se ferem nessa busca alucinada! Como lhes seria fácil achar a saída se compreendessem, como esse colibri a princípio parecia não compreender, que a liberdade está na direção da luz, na direção da porta. Mas aqui, meus queridos paroquianos, há uma diferença. Se para a avezita a liberdade e a vida estavam lá fora, para as criaturas humanas a verdadeira liberdade e a verdadeira vida estão aqui dentro! É na igreja que se encontra a salvação!

Ao pronunciar esta última palavra inclinou o busto para a frente, como se quisesse atirar-se do púlpito de ponta-cabeça. Passeou o olhar por aquelas muitas fileiras de caras, em sua maioria inexpressivas, que estavam voltadas para ele.

Tornou a retesar o busto. Afrouxou-se-lhe a expressão tensa do rosto, e sorrindo, ele prosseguiu: - Vede como um simples bípede emplumado que errou o caminho, pode desviar um orador sacro do rumo traçado para seu sermão. Mas para voltar ao grande assunto do dia, quero ainda usar duma imagem que esse colibri me sugeriu. Como pássaros agitados que deixam a fronde duma árvore, e um após outro, se vão pelo ar, batendo as asas em todas as direções, assim são as palavras que neste momento se me escapam da boca. — Aproximou os dedos dos lábios, num gesto que tinha a leveza duma pluma. De repente ficou sério, cerrou o punho e brandiu-o na direção do auditório. — Mas eu quisera que esses pobres e apagados pássaros tivessem a mais rica, bela, colorida e brilhante das plumagens, e que sua revoada constituísse um arabesco gracioso e expressivo; quisera, em outras palavras, ter a eloquência dum Cícero ou de um Demóstenes para poder exprimir neste instante o júbilo que me vai na alma diante desse acontecimento memorabilíssimo que é a elevação de Santa Fé à categoria de cidade!

Jacob Geibel escutava a voz do padre, mas sem compreender o que ele dizia. Seus pensamentos o levavam a outros lugares e horas. De braços cruzados, olhos entrecerrados, a barba ruiva espalhada sobre o peito, ele agora se via numa certa manhã dominical, com o guarda-sol aberto, montado num burro que trotava rumo de Nova Pomerânia. Ia meio adormentado ao tranco do animal e já avistava os telhados da colônia.

Começava a encontrar conhecidos. Guten Morgen, Jacob! Guten Morgen, Heinrich! Depois começava a peregrinação de todos os

domingos. Café com leite, cuca e manteiga de nata doce na casa do Spielvogel. Apfehtrudel no chalé de Frau Sommer. Canecas de cerveja espumante e partidas de bolão no Clube dos Atiradores. Música de acordeão e cantigas. Ach lu Lieber Augustin, Augustin, Augustin.

A voz do vigário era um pano de fundo para o devaneio do sacristão.

— Santa Fé, que era menina - dizia Atílio Romano - agora se faz moça. E nós, que a amamos e nos envaidecemos dela, apresentamo-la ao mundo e exclamamos: "Vede como cresceu a nossa menina, como se fez graciosa e bela!"

— Rendamos graças a Deus e à nossa padroeira - trovejou o vigário, apontando para a imagem de Nossa Senhora da Conceição - pelos favores que o Céu nos tem concedido. Esta cidade é obra de homens que nasceram, aprenderam, trabalharam, sofreram, esperaram, envelheceram e morreram; de homens que produziram filhos que por sua vez nasceram, aprenderam, trabalharam, sofreram, esperaram, envelheceram e também morreram, e assim por diante de geração em geração, até este dia memorável. Mas enquanto os homens aparecem e desaparecem na face da terra, há Alguém que é permanente, Alguém que é eterno. E esse Alguém, meus caros cristãos, é Deus, que está em todos os lugares e em todos os tempos.

Sem Ele nada existe, nada vive. Rendamos, pois, graças ao Altíssimo, pois a Ele mais que à Câmara Municipal, mais que à Assembleia Legislativa da província, mais que aos figurões da política…

Licurgo teve um estremecimento de entusiasmo. Aquelas palavras indiscutivelmente visavam os Amarais. O padre era dos bons! Desde que chegara a Santa Fé compreendera a situação e resolvera não se deixar dominar pelo coronel Bento, como acontecera com o pobre padre Otero. (Que a terra lhe seja leve!) Embora não pertencesse ao Clube Republicano, o vigário simpatizava com a ideia nova e era francamente partidário da abolição. Licurgo esfregou as mãos uma na outra, freneticamente, remexendo-se no banco.

—… a Ele devemos nossa cidade - continuava o pregador - as nossas casas, as nossas terras, os nossos entes queridos e o simples e maravilhoso fato de estarmos vivos. Rendamos, pois, humildemente, reverentemente, suavemente, comovidamente, graças a Deus!

Bibiana escutava com atenção, ao mesmo tempo que em pensamento fazia comentários à oração do padre. Render graças a Deus? Sim. Deus lhe dera um neto que era um homem de bem. Por outro lado, porém, Deus também lhe fizera "boas": matara-lhe o marido na flor da idade e deixara que os Terras passassem dificuldades. No entanto, ela se consideraria paga e satisfeita de todos os trabalhos e daria a vida por bem vivida se Deus agora, como

compensação, lhe permitisse viver o tempo suficiente para ver os bisnetos e deixar seu trabalho na terra terminado: o Curgo casado, pai de família e senhor do Sobrado e do Angico.

— Porque - prosseguia o vigário, sacudindo ritmicamente os braços como se estivesse a reger uma orquestra - é necessário que matemos, assassinemos, expulsemos de nós o demônio do orgulho que às vezes sorrateiramente, traiçoeiramente, solenemente e maleficamente nos entra nos corações, levando-nos a crer que somos o sal da terra, chefes supremos dos nossos corpos e das nossas almas, e dos corpos e das almas daqueles que nos cercam e que nós, na nossa vaidade, na nossa cegueira, na nossa inconsciência consideramos nossos subordinados, nossos inferiores, nossos servos, nossos escravos!

Calou-se para tomar fôlego. Tornou a inclinar o busto para a frente e escrutar os rostos dos ouvintes. Licurgo vibrava. Não podendo mais conter-se, cutucou a noiva com o cotovelo. "Tudo isso é pró velho Amaral" - cochichou ele aproximando os lábios do ouvido da rapariga e sentindo o perfume dos cabelos dela. (Que estará fazendo a Ismália a esta hora?)

— Santa Fé - exclamou o padre - não é obra dum homem, embora seja de justiça que prestemos nossa homenagem ao seu fundador, que foi uma figura de prol, tronco de respeitável família…

Licurgo não gostou da ressalva. Aquela cambada não merecia a menor consideração. Ricardo Amaral não tinha passado dum tiranete que falava à sua gente de cima do cavalo, de cabeça e rebenque erguidos. Começara a vida como ladrão de gado e mandara matar e surrar muita gente, passando por cima de todas as leis. O padre não precisava dar nenhuma barretada para aquela corja.

— Santa Fé é obra de muitos homens, de muitas famílias e principalmente uma dádiva do Todo-Poderoso!

Fez uma pausa e passeou o olhar cálido em torno, como num desafio a que contestassem o que acabava de afirmar. Fandango voltou a cabeça para a direita, avistou Fandanguinho na extremidade do banco - de casaco de riscado, bombachas brancas, lenço branco no pescoço e flor no peito - sorriu e piscou o olho para o neto.

— Não é também por meio da calúnia oral ou escrita… - prosseguiu o pregador.

Chegou a hora do Manfredo levar a sua dose - pensou Licurgo. Resende conversara com o padre na véspera e lhe pedira fizesse uma referência à linguagem de O Arauto. Licurgo olhou para a direita e viu o Fraga sentado junto dum dos Amarais, de beiçola caída, boca semi-aberta, calva reluzente, ar palerma, os óculos acavalados no nariz lustroso e vermelho de cachaceiro.

—… não é com a verrina, com a intriga, com o impropério… - As palavras eram como um vinho embriagador que o padre produzia e ao

mesmo tempo consumia; e sua sede parecia insaciável… - não é com o aleive, com a mentira, com a agressão, com o apodo, com a calúnia que havemos de conseguir que nossas ideias prevaleçam. Elas só poderão impor-se se estiverem amparadas na verdade, e a verdade, meus queridos católicos, a verdade é simples e cristalina como a água que brota, borbotante, transparente, translúcida e pura do seio da terra, dessa mesma terra que Deus fez e que os homens habitam e às vezes conspurcam, maltratam, esterilizam e mancham de sangue.

"Mas esse padre é um portento!"- murmurou Licurgo, dessa vez para ninguém. O vigário evidentemente se referia à ameaça que o velho Amaral fizera de atacar o Sobrado aquela noite.

— Esta data, portanto, pertence a todos aqueles que, santafezenses de nascimento ou não, amam esta cidade, este torrão abençoado, esta comunidade cristã. E se alguém tentar manchar este dia assinalado com algum ato de violência, que sobre ele caia a maldição do Todo-Poderoso.

E que contra ele, em justo protesto, se volte a ira de todos os homens de bem desta terra!

As palavras tinham um tom de ameaça: os punhos cerrados do pregador esmurraram o vácuo. De súbito, porém, uma transformação se operou nele.

Suas mãos não eram mais clavas de ferro: abriram-se e ficaram leves e esvoaçantes como pombas. Sua voz se fez alcalina e seu rosto se iluminou quando ele disse: - Curiosos são os caminhos do mundo e misteriosos os desígnios de Deus… - Sorriu e por alguns segundos ficou com a cabeça inclinada para um lado, o ar sonhador. — Há trinta e cinco anos nascia na cidade italiana de Nizza este humilde, insignificante sacerdote que agora vos dirige a palavra. E nessa mesma cidade, no ano da graça de 1807, via pela primeira vez a luz bendita do dia uma criança que recebeu na pia batismal o nome de Giuseppe. Era filho legítimo de Domenico Garibaldi, um marinheiro, e, como o pai, ao fazer-se homem, sentiu o fascínio do mar. Era também um patriota e amava a aventura. Meteu-se na conspiração republicana de Mazzini e, perseguido pelas autoridades, fugiu para a América do Sul. Já sabeis, queridos cristãos, de quem vos falo. É de Giuseppe Garibaldi, o guerreiro de dois mundos.

Fez uma pausa teatral. Bibiana, que nos tempos da mocidade ouvira narrar, encantada, as proezas daquele lendário italiano, empertigou-se e, redobrando a atenção, ficou sentada na ponta do banco, de cabeça alçada e boca entreaberta. O padre falava num companheiro do capitão Rodrigo!

— Conta a tradição oral que ao passar uma tarde por Santa Fé, Garibaldi contemplou longamente a vila do alto da coxilha do cemitério e depois murmurou a um dos companheiros: Un bel

villaggio! Dizem também que dormiu uma sesta à sombra da grande figueira da praça, sobre os arreios, enquanto seu cavalo, companheiro leal de tantas batalhas, pastava tranquilamente a poucos passos de distância. Que sonhos, meus amigos, que sonhos teriam visitado o sono do herói? Se me permitis dar asas à fantasia, direi que ele sonhou com a vitória dos Farrapos…

Neste ponto do sermão ouviu-se um murmúrio e um arrastar de pés nos primeiros bancos da direita. O padre calou-se. Cabeças, olhos e atenções voltaram-se para lá. O velho Amaral ergueu-se, olhou duramente para o vigário e disse a meia voz: - Isso também é demais! Falar na minha frente nesse gringo sujo e traidor, nesse Farrapo canalha, é um abuso. — Voltou-se brusco para os filhos e ordenou: - Vamos todos embora daqui.

No meio dum silêncio tenso retirou-se da igreja, arrastando os pés e puxando pigarros, acompanhado por todos os Amarais com suas mulheres e filhos. Manfredo Fraga seguiu-os como um cão fiel.

O rosto e as orelhas purpúreos, as narinas a vibrar, as mãos a apertar fortemente as bordas do púlpito, o padre Romano acompanhou os Amarais com o olhar, e depois que os viu saírem da igreja, cerrou os olhos, baixou a cabeça, uniu as mãos espalmadas e ficou por um instante na postura de quem reza.

Um sussurro encheu o ar, como o farfalhar dum arvoredo batido por um súbito golpe de vento. Mas não se ouviu nenhuma voz. Todos os olhos estavam fitos no padre. Atílio Romano levantou a cabeça, sorrindo, e recomeçou o sermão: - Como eu dizia, Giuseppe Garibaldi sonhou com a vitória das armas farroupilhas e sonhou também, decerto, com a unificação da pátria distante.

O padre tem fibra! - pensou Licurgo. Não se atrapalhou. Esse é dos bons!

A seu lado Alice estava meio trêmula de medo e torcia nervosamente a ponta da mantilha. Fandango olhou para o neto e tornou a piscar-lhe o olho. Bibiana não tirava os olhos da imagem de Nossa Senhora da Conceição, dizendo-lhe em pensamento: “Vosmecê está vendo? É como lê digo. Amaral não presta nem pró fogo”.

— Anos depois, na Igreja de São Francisco de Assis, em Montevidéu - prosseguiu o orador - Giuseppe Garibaldi casava-se com uma brasileira que encontrara na Laguna, Ana de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi, a heroína. De volta à Itália, Garibaldi jamais esqueceu esta província, e eu peço vênia para ler-vos, caros cristãos, trechos da carta que ele escreveu a seu amigo e companheiro de campanha Domingos José de Almeida.

O padre tirou do bolso um papel.

— Ouvi o que disse de vossa província o insigne guerreiro. "Quando penso no Rio Grande, nessa bela e cara província, quando

penso no acolhimento com que fui recebido no grêmio de suas famílias, onde fui considerado filho; quando me lembro das minhas primeiras campanhas entre vossos valorosos concidadãos e dos sublimes exemplos de amor pátrio e abnegação que deles recebi, fico verdadeiramente comovido. E esse passado de minha vida se imprime em minha memória como alguma coisa de sobrenatural, de mágico, de verdadeiramente romântico."- O vigário fez uma pausa, lambeu os lábios, e num tom menos solene, acrescentou: - Agora vou ler uma passagem que por certo encherá de orgulho principalmente os homens de Santa Fé: “Quantas vezes fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente, que sustentou por mais de nove anos contra um poderoso império a mais encarniçada e gloriosa das lutas!” - Neste ponto o padre exaltou-se, como se estivesse fazendo um discurso político. — “Oh quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros avezados a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como se fosse uma ponta de gado! Onde estão agora esses belicosos filhos do Continente, tão majestosamente terríveis nos combates? Onde, Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, Teixeira e tantos valorosos que não lembro?”

Licurgo vibrava, com ímpetos de aplaudir, de gritar. Mas limitava-se a bater com o cotovelo no braço da noiva. Fandango, porém, não se conteve e exclamou: “Oigalê bicho bom!”

— “Que o Rio Grande ateste com uma modesta lápide o sítio em que descansam os seus ossos. E que vossas belíssimas patrícias…” - O padre fez uma pausa, passeou os olhos pela assistência e repetiu: - “que as vossas belíssimas patrícias cubram de flores esses santuários de vossas glórias, é o que ardentemente desejo”. — Calou-se, dobrou o papel e tornou a metê-lo no bolso.

— Mas por que falei em Garibaldi, que aparentemente nada tem a ver com a data de hoje? - Fez uma breve pausa, como se esperasse de alguém resposta à sua pergunta retórica. Ergueu o braço direito, com o indicador enristado. — É porque quem vos fala é um sacerdote italiano de nascimento que começa a ser brasileiro de coração; porque nesta mesma igreja hoje, sentados no meio de brasileiros, acham-se imigrantes italianos que há quase dez anos chegaram a esta província e fundaram neste mesmo município de Santa Fé uma colônia que se chama Garibaldina, em homenagem ao herói. E é porque esses colonos italianos, bem como os alemães de Nova Pomerânia, estão trabalhando juntamente com os brasileiros pela grandeza deste município, desta província, deste grande país. E nesta terra cujos conquistadores primitivos tinham nomes como Magalhães, Pereira, Fagundes, Xavier, Terra, vivem hoje homens que se chamam Bernardi, Nardini, Sorio, Conte, Bauermann, Schultz, Schneider, Schmidt, Kunz.

E nesta igreja espero um dia com a graça de Deus unir em matrimônio uma Dela Mea com um Pinto ou um Spielvogel!

Filho meu não casa com gringa - declarou Bibiana mentalmente.

Atílio Romano abriu os braços e por alguns momentos ficou numa atitude de crucificado.

— Aleluia! - exclamou. — Aleluia! Que os sinos cantem, bimbalhem, badalem, clamem, anunciando ao mundo que Santa Fé é cidade. E praza aos Céus que nunca mais outra guerra fratricida encha de luto e sangue esta terra abençoada!

Quando o padre terminou o sermão, os paroquianos começaram a ouvir os roncos compassados de Jacob Geibel, que dormia sono solto atrás do púlpito.

É um serelepe - pensava Bibiana carpinteiro no corpo.

parece que tem bicho- Sentada à cabeceira da mesa, na sala de jantar que o sol do meio-dia tocava duma luz alegre, ela contemplava o dr. Toríbio Resende, que dava pulinhos na frente de Licurgo, atirava os braços para o ar e movia a cabeçorra para a direita e para a esquerda - hein? hein? - com movimentos vivos de pássaro. Fazia já algum tempo que ela tentava acomodar os convivas à mesa, mas não conseguia, pois aquele baiano desinquieto não parava de falar, de andar dum lado para outro, como se quisesse lançar confusão no ambiente. Mirando o advogado com olho crítico, mas não sem uma certa simpatia, Bibiana esperava pacientemente, com as mãos trançadas postas sobre a mesa.

Toríbio exclamou: - Pois que venham os capangas dos Amarais! Havemos de recebê-los a bala.

E quando a munição acabar, brigaremos com batatas, laranjas, mandiocas, pratos, garfos, panelas. — E à enumeração de cada uma dessas coisas, movia vigorosamente os braços, como se estivesse atirando pedras contra inimigos invisíveis. Agitava a cabeleira negra, longa e ondulada, que o tornava tão parecido com Castro Alves.

De repente cessou de falar, mas continuou a produzir ruído: uma risada de garganta, trepidante e prolongada, que lembrou a Bibiana a matraca da igreja em Sexta-Feira Santa.

— Quando vossuncê terminar de brigar - disse ela a Toríbio - venha pra mesa.

O dr. Resende aproximou-se da velha, tomou-lhe da cabeça com ambas as mãos, e deu-lhe um sonoro beijo na testa. A fisionomia de Bibiana permaneceu impassível. Não gostava muito daquelas liberdades, principalmente quando vinham dum estranho. Nunca fora “mulher de beijos”.

— Sente-se na minha direita - ordenou ela. Toríbio obedeceu, piscou o olho para Licurgo e disse: - Ainda vou acabar sendo seu avô, Curgo.

— Cale a boca, menino. Me deixe acomodar essa gente na mesa.

O baiano empunhou uma faca e começou a fazer riscos paralelos na toalha.

— O senhor, dr. Winter, fique aqui na minha esquerda. Preciso de alguém bom do juízo perto de mim…

O médico sentou-se à frente de Toríbio. Bibiana olhou para o neto: - Deixe o Florêncio sentar hoje na cabeceira, meu filho. Florêncio ficou constrangido: - Não carece, titia. Qualquer lugar me serve.

— Faça o que estou dizendo. Sente na cabeceira.

O sobrinho obedeceu. Bibiana olhou para as duas moças que estavam de pé, à espera de suas ordens: - Alice, sente do lado esquerdo do seu pai. E vossuncê, Curgo, fique na frente da sua noiva. Maria Valéria, espere um pouco.

Alice e Licurgo sentaram-se nos lugares indicados.

— Onde está o Juvenal?

— Estou aqui - respondeu o rapaz, que naquele instante entrava na sala, limpando os lábios com a manga do casaco.

— Garanto como já esteve bebendo um trago na cozinha, não?

O rapaz sorriu. Era grandalhão e tinha o rosto largo e tostado.

— Pr'esquentar… desculpou-se ele.

— Eu sei - resmungou a velha. — No inverno bebem cachaça pr'esquentar.

No verão, pra refrescar. Quando se molham bebem pra evitar resfriado.

Conheço bem esse negócio. Mas sente ali ao lado do dr. Toríbio. — Voltou-se para Maria Valéria. — E vossuncê, menina, fique entre o dr.

Winter e o Curgo.

Esperou que todos se acomodassem e depois, abrangendo a mesa com um olhar satisfeito, murmurou: - Até que enfim! Tudo arrumado.

Mas em pensamento corrigiu: Minto. Nem tudo está arrumado. Ainda falta muita coisa. Falta o Curgo e a Alice casarem, terem filhos e encherem esta mesa de crianças. Falta o menino abandonar a amásia. Falta casar também a Maria Valéria.

Lançou um olhar enviesado para o dr. Toríbio, que estava já com a “matraca” funcionando, a contar ao dr. Winter suas polémicas com o Manfredo Fraga d' O Arauto. O dr. Resende podia ser um bom partido…

Ou não? Embora gostasse do rapaz, Bibiana nunca conseguira vencer a impressão de que o baiano era um estrangeiro, de fala e costumes diferentes dos da gente da província. Ficava meio atordoada pela sua tagarelice, e sua gesticulação exagerada às vezes a deixava com uma “coisa” nos olhos… Havia de ser muito engraçado casar um moço agitado, conversador e festeiro com uma rapariga seca, retraída

e caladona como a Maria Valéria, que herdara da mãe (pobre da Ondina, tão quieta, tão sem sal!) a falta de graça e do pai a teimosia. Não. A coisa não podia dar certo.

Bibiana bateu palmas: - Lindoia, a sopa!

As mulheres estavam caladas: Alice brincava com o guardanapo, de olhos baixos; Maria Valéria, muito tesa, as mãos pousadas no regaço, olhava fixamente para uma das janelas, onde uma abelha voejava e zumbia, batendo às tontas contra a vidraça. Juvenal contava ao pai a história dum tropeiro que conseguira vender a certa charqueada um love de vacas magras por preço exorbitante. Florêncio sacudia a cabeça num gesto que era metade incredulidade e metade censura. A risada do dr. Resende de novo vibrou no ar ensolarado.

Bibiana abarcava a sala com um olhar morno e tranquilo. Sentia-se feliz.

Tinha ao redor da mesa os parentes mais chegados e queridos. No princípio daquele ano sua filha Leonor e o marido tinham vindo passar um mês no Sobrado. Se o Florêncio não fosse tão teimoso podia também morar ali com sua gente. Era um casarão enorme que por assim dizer vivia vazio. Mas o diabo do sobrinho só um ano depois da morte de Luzia é que tornara a entrar no Sobrado, e assim mesmo meio trazido à força.

Agora lá estava ele à cabeceira da mesa, com os seus bigodes caídos, seus olhos tristes, macambúzio e contrafeito, como se estivesse num almoço de cerimónia. Ela tinha às vezes vontade de agarrar o Florêncio pelos ombros e sacudi-lo, sacudi-lo muito. "Deixe de bobagem, homem!

Esta casa é nossa, é dos Terras. Sempre foi!"

A criada entrou com a grande terrina de louça branca e depô-la sobre a mesa, à frente da patroa. Bibiana ergueu-lhe a tampa e o vapor subiu, envolvendo-lhe o rosto. Com a grande cucharra de prata ela mexeu a sopa loura e cheirosa, e depois, tirando pratos fundos da pilha que tinha à sua direita, começou a servir.

— Vá passando adiante - disse ela ao dr. Toríbio, ao entregar-lhe o primeiro prato. — E não precisa cheirar a comida!

— Que delícia - exclamou o advogado. — A ambrósia dos deuses e os manjares dos banquetes de Sardanapalo não cheiravam tão bem quanto esta sopa! Dona Bibiana, tenho a honra de pedi-la em casamento.

— Então primeiro passe adiante a sopa - retrucou ela. E vendo que Florêncio ia entregar o prato a Curgo, disse: - Não, Florêncio. Esse é seu.

Dentro de alguns segundos estavam todos servidos, à espera de que a dona da casa começasse a comer. Bibiana tomou da colher, mexeu a sopa com ar distraído e por fim, depois de soltar um

profundo suspiro, com cujo sentido o dr. Winter não pôde atinar, sorveu o primeiro gole. Os outros começaram também a tomar sopa, e por alguns minutos o silêncio da sala ficou cheio de chupões sonoros.

Bibiana olhou para a terrina: tinha quase vinte anos de uso. Viam-se sobre aquela mesa outros utensílios antigos aos quais a velha se afeiçoara como se eles também fossem membros da família: a farinheira de madeira (com a tampa já muito lascada); os pratos de louça creme com debrum dourado; o paliteiro de platina - um homem magro de guarda-sol aberto e cheio de furinhos onde se espetavam os palitos; os cálices de cristal verde e longas hastes, que vinham do tempo do velho Aguinaldo (que Deus ou o diabo o tenha!).

Curgo comia com sofreguidão, encurvado sobre a mesa, o nariz quase a entrar no prato. Era sempre assim quando andava preocupado com algum problema: havia momentos em que os pensamentos se lhe atropelavam na mente e ele se esquecia por completo do que estava fazendo… Agora comia por assim dizer ao ritmo das coisas em que pensava. Naquele instante em sua mente era noite, a festa tinha começado, dançava-se na sala grande do Sobrado e no quintal os negros pulavam ao redor da fogueira, mas ele, Curgo, estava de revólver em punho à janela da frente esperando os capangas de Bento Amaral. Venham, seus capados! Venham se são homens!

E eles vinham… Surgiam de todos os cantos da praça e rompiam fogo.

Sobre a cabeça de Licurgo uma vidraça partiu-se, os cacos de vidro lhe caíram na cara. Ele começou também a atirar. Pei! Lá caiu um. Pei! Lá se foi outro. E com fúria assassina Curgo levava as colheradas de sopa à boca.

— Coma mais devagar, menino! - gritou-lhe a avó.

Só então Licurgo voltou à sala de jantar. E, como se os outros tivessem estado a presenciar aquele combate imaginário, disse: - Mas acho que ele não tem caracu!

Alice corou e baixou os olhos para o prato. Com exceção de Maria Valéria, todos olharam para Licurgo interrogadoramente.

— Quem é que não tem caracu? - perguntou Juvenal. A sopa que lhe enchia a boca, tornava-lhe mole a voz.

— O velho Amaral - esclareceu Curgo. — Digo que não tem caracu pra atacar o Sobrado. ·- Inclinou o busto sobre a mesa, voltou a cabeça para a direita e perguntou: - Qual é a sua opinião, dr. Winter?

O médico passou o guardanapo pelos bigodes, pigarreou e respondeu: - Coragem talvez não lhe falte. Mas o velho é esperto demais para fazer uma loucura dessas.

— Mas não seria a primeira! - observou Toríbio. O alemão sacudiu negativamente a cabeça.

— Não, Curgo. Ele não vai fazer uma asneira assim tão grande.

— E por quê? - indagou Toríbio. — Hein? hein? Por quê? Carl Winter começou a riscar distraidamente a toalha com a ponta da faca, enquanto Bibiana o mirava com ar de reprovação.

— Por várias razões - prosseguiu o médico. — Vejam bem. Primo, atacar uma casa de família onde se realiza uma festa em que há mulheres e velhos, é um ato reprovável que fatalmente repercutiria mal em toda a província. Segundo, esse ataque só poderia prejudicar moralmente o Partido Liberal e fornecer aos jornais abolicionistas um motivo para atacarem a monarquia. Finalmente, porque o coronel Amaral sabe muito bem que o conselheiro não apro- varia um gesto de violência como esse, principalmente dirigido contra o Sobrado…

Havia algum tempo, Gaspar Silveira Martins passara por Santa Fé, onde realizara uma conferência, após a qual - para surpresa de todos - em vez de ir ao casarão dos Amarais, visitara o Sobrado, onde ficara até altas horas da noite a conversar com Bibiana, Licurgo e o dr. Resende. Tinha sido uma noitada memorável, e a casa ficara toda cheia da voz trovejante daquele extraordinário orador cuja legenda o país inteiro conhecia. O conselheiro deixara “a gente do Sobrado” impressionadíssima.

Era um homem alto, de largo peito, e postura atlética; tinha um olhar magnético e uma irresistível capacidade de sedução. O dr. Toríbio, que quase não tivera a coragem de abrir a boca na presença do estadista, dissera dele mais tarde: “É um misto de Sansão e Demóstenes. E se me pedissem para pintar Júpiter, barbudo e formidável por entre nuvens de tempestade, com um feixe de raios nas mãos, eu o representaria na figura do conselheiro!”

Depois que Silveira Martins se retirara, avó e neto ficaram ainda por mais duma hora a conversar, entusiasmados, sobre a personalidade do visitante da noite. Comentara Licurgo: “É um grande tribuno. Pena que não seja dos nossos”. Fandango, que durante todo o tempo da visita ficara de longe, “bombeando e escutando” o conselheiro, resumira sua admiração numa frase: “Bichinho mui especial”. Bibiana dissera simplesmente: “Tem o jeito do capitão Rodrigo. É um homem”.

O dr. Winter tinha razão. O velho Amaral não era tão insensato que quisesse correr o risco de provocar a ira do conselheiro.

— Mas pelas dúvidas - contou Licurgo - já tomei minhas providências. A peonada do Angico vai dançar de pistola na cinta e olho alerta, preparada pró que der e vier. É bom a gente não confiar muito. O seguro morreu de velho.

— Mas morreu - acrescentou Bibiana. Winter soltou uma risada.

— Ah! - fez o advogado bruscamente. — Já ia me esquecendo… - Recebi de Cruz Alta um boletim que o Diniz Dias mandou distribuir. É a propósito de sua briga com o dr. Gaspar Martins.

Por motivos políticos, o conselheiro destituíra o barão de São Jacó da chefia do diretório liberal do município vizinho.

— Leve os pratos de sopa, Lindoia - ordenou Bibiana. Toríbio tirou do bolso um papel, desdobrou-o e disse: - Ouçam só esta beleza! - Começou a ler: "O sr. conselheiro decretou a deposição do barão de São Jacó e a outro se entregou o bastão que lhe fora confiado pelo voto unânime do partido local". — Toríbio fez uma pausa, fitou em Curgo os olhos inquietos, sorriu e disse: - Quem está radiante com essa briga é o velho Amaral.

— São vinho da mesma pipa - resmungou o amigo. O advogado baixou a cabeça e continuou a leitura: - "Quarenta anos de lutas, vinte e três de chefia não valerão ao soldado de quatro campanhas para evitar de ser alijado e magoado pelo sr. conselheiro. Declaro no entretanto, perante a província e meu partido, que não é propriedade exclusiva do sr. Gaspar, que não aceito a demissão de chefe…"

Juvenal tomou a última colherada de sopa e disse: - Começaram a se comer uns aos outros.

— Que se entredevorem! - exclamou Toríbio. — Que se estraçalhem! Essa confusão só poderá ser benéfica para a propaganda republicana. Mas ouçam isto, agora. É de primeiríssima: "Estaremos na Rússia, sob a pressão despótica do czar? Somos servos ou cidadãos livres?"

— Somos servos da canalha monarquista! - aparteou Curgo. Toríbio tornou a dobrar e guardar o papelucho.

— Se o gabinete liberal cair e os conservadores subirem - observou o dr.

Winter - o Bento Amaral é capaz de começar a atacar a monarquia.

— Sim - concordou o dr. Resende - porque nenhum desses dois partidos é sinceramente monarquista. O que eles querem é governar. Quando estão com o osso na boca, defendem o imperador. Quando perdem o osso, começam a rosnar.

— Por isso eu digo sempre - tornou Winter - que não é de admirar se amanhã os Amarais de novo virarem a casaca. Não foram já conservadores? Tudo depende de onde sopra o vento…

— Lançou um olhar trocista e oblíquo para Licurgo, acrescentando: - O velho Bento ainda vai acabar no Clube Republicano.

— Essa é que não! - protestou o outro. Juvenal sentenciou: - Em política nunca devemos dizer "dessa água não beberei". Curgo bateu na mesa com o punho fechado.

— Pois é pra acabar com essas imoralidades que nós queremos a república.

— E quem vai derrubar a monarquia - declarou Resende com voz

empestada - é aquele moço austero que nasceu na estância da Reserva, e que escreve artigos em A Federação. A república, tome nota das minhas palavras, dr.

Winter, vai cair aos golpes duma pena e não duma espada.

O médico sacudiu a cabeça, céptico.

— Neste país nunca se fará nada sem a interferência direta ou indireta da espada. Só virá a república se o Exército quiser.

Sempre que Licurgo ouvia ou lia a palavra exército, a imagem que lhe vinha à mente era a dum certo major Erasmo Graça, que frequentara o Sobrado em princípios de 1870.

— Qual Exército qual nada! - vociferou ele, lançando um olhar agressivo para o dr. Winter.

— Quando chegar a oportunidade - disse Toríbio remexendo-se na cadeira - o Castilhos saberá atirar habilmente o Exército contra a monarquia. Não há nada que aquela pena mágica não possa fazer.

— É um homem inteligente, não há dúvida… - murmurou o dr. Winter com ar benevolente.

— Um homem inteligente? Só isso, meu caro doutor, apenas isso? Hein?

Hein? - E Resende voltava a cabeça dum lado para outro. — Hein? Júlio de Castilhos é o maior escritor político do Brasil!

Naquele instante entraram duas pretas trazendo bandejas com travessas fumegantes, que foram enfileiradas no centro da mesa. Juvenal ficou de olho alegre. Florêncio mirou a comida com melancólica inapetência.

Winter mais uma vez se maravilhou ante a fartura: havia feijão-preto com linguiça; carne assada com batata inglesa; galinha ensopada; um pratarrão de mondongo - que o doutor detestava; uma travessa de arroz rosado e lustroso; um prato fundo com abóbora e outro com iscas de rins.

— Agora, que cada um faça pela vida! - exclamou Bibiana. — Sirvam-se!

Houve uma troca animada de pratos, e por alguns instantes todos ficaram a servir-se.

Curgo levantou-se, foi até a despensa e voltou de lá com duas garrafas abertas.

— Vamos experimentar um vinho feito pelos italianos de Garibaldina - disse.

Encheu o cálice de Florêncio, depois aproximou-se de Maria Valéria.

— Eu não tomo - murmurou esta sem erguer os olhos.

— Dr. Winter? Talvez vossuncê prefira cerveja…

— Vinho - disse o médico. Licurgo encheu-lhe o copo.

— E a senhora, vovó, não bebe um pouquinho?

— Não sou gringa.

Licurgo serviu Toríbio e depois Juvenal.

— Toma vinho, Alice?

Ela olhou para o noivo e respondeu com um meio sorriso: - Não, obrigada.

Por um breve instante o olhar de Curgo fixou-se, morno, no - doce relevo dos seios de Alice, e imaginou-a nua em seus braços. Mas repeliu logo esse pensamento. Era indecente, absurdo. Alice ia ser sua esposa, a mãe de seus filhos. Para "aquelas coisas" ele teria a Ismália. (Onde estará ela a estas horas?)

Fez a volta da mesa, encheu o próprio copo e sentou-se.

— À República! - exclamou Toríbio, erguendo o cálice. — Hein? Hein? À República!

Juvenal e Curgo participaram imediatamente do brinde. O dr. Winter imitou-os com um resignado encolher de ombros.

— Vá lá! À República!

Florêncio olhava sombriamente para seu copo. Os outros homens tomaram um largo gole.

— Como é, seu Florêncio? - interpelou-o Toríbio Resende.

— Não nos acompanha no brinde?

— Acho que o papai é monarquista - disse Juvenal, olhando para o velho com um sorriso que ainda lhe alargava mais o rosto e obliquava os olhos.

— Eu sei bem o que o Florêncio é - resmungou a velha.

— Um teimoso.

— Eu não sou coisa nenhuma, tia Bibiana.

— Um homem tem de ter opinião! - exclamou Curgo, partindo com desnecessária fúria um pedaço de carne.

— Eu cá tenho as minhas. Só acho que não preciso andar gritando na rua o que é que penso…

— Estou falando de política - tornou Curgo. — Nesta hora não é possível ser neutro.

Florêncio deu-lhe uma resposta indireta: - O imperador é um homem de bem. Eu só queria saber onde é que vossuncês vão arranjar outro melhor que ele pra botar no governo.

Curgo lançou um olhar cálido para Toríbio.

— Está ouvindo, Toríbio? Está ouvindo?

— Como esse há milhares e milhares em todo o Brasil - exclamou o advogado.

— É por isso - interveio o dr. Winter - que eu digo que não se pode contar com o povo para derrubar a monarquia.

— Mas não se trata duma revolução armada, doutor, e sim duma revolução de ideias. Estamos no século do progresso, do caminho de ferro, do vapor, do telégrafo elétrico, da fotografia… hein? hein? A

era da barbárie já passou.

Cari Winter, que estava a tomar um novo gole de vinho, riu dentro do copo tão brusca e violentamente que, engasgado, rompeu numa tosse convulsa, apertando os lábios com o guardanapo. Sem a menor mudança de expressão fisionómica, Maria Valéria ergueu o braço direito e desferiu uma sonora palmada nas costas do médico.

— Que é isso, menina? - repreendeu-a Bibiana.

— O doutor está engasgado - respondeu a moça, imperturbável.

Winter tossia e ria ao mesmo tempo. E quando, muito vermelho, com os olhos cheios de lágrimas, a respiração arquejante, ele bebia pequenos goles d'água, Toríbio lhe perguntou: - Mas por que o senhor riu, hein?

O alemão encarou-o, subitamente sério.

— Vossuncê disse que a era da barbárie passou e que estamos no século do progresso, das ideias…

— E que é que há de tão extraordinário nisso? Acaso não terei enunciado um axioma irretorquível?

Winter atirou o guardanapo sobre a mesa, inclinou o busto para a frente, e, escandmdo bem as sílabas, disse com voz ainda apagada: - Não se iluda, meu jovem amigo. Os homens inventaram algumas engenhocas úteis, não há dúvida, mas no que diz respeito a sentimentos não estão em muito melhor situação que seus antepassados das cavernas. Suas reações animais são basicamente as mesmas.

— Experto crede! - exclamou o advogado.

— No ano passado a Inglaterra ocupou o Egito - prosseguiu o médico. — Que significa isso? A vitória da civilização sobre a barbárie? Não.

Significa, a meu ver, que essa nobre vaca, com o perdão das senhoras presentes, que essa respeitável bruaca que é a rainha Vitória vai ter mais escravos e os comerciantes ingleses mais lucros.

Os olhos ainda úmidos, Winter apertava a haste do cálice com seus longos dedos rosados, cobertos duma penugem fulva. Os outros dividiam a atenção entre a comida e a polêmica.

— Qual progresso, qual nada! - E o médico tornou a passar o guardanapo nos lábios. — Diga antes interesse material, comércio, ganância. O homem é o lobo do homem. Vosmecê deve saber dizer isto em latim, dr.

Resende…

— Mas o meu caro e irônico esculápio - retorquiu Toríbio - achará que a Inglaterra, com seu adiantamento científico, a sua

civilização, a sua experiência não pode levar o progresso ao Egito?

Hein?

— Pode mas não leva. Para ela os egípcios não são propriamente homens.

— No entanto - rebateu Toríbio, cujas faces o vinho e o entusiasmo deixavam afogueadas - no entanto vosmecê não negará que foi graças à grande Inglaterra que abolimos o tráfico de negros. Só uma política altamente humanitária seria capaz de conduzir a um gesto tão altruísta.

Desde 1807, se não me falha a memória, a Inglaterra não faz mais o comércio de escravos.

— Mas dizem que ainda vendem negros por baixo do poncho - observou Juvenal.

— Qual nobreza, qual humanitarismo, qual nada! - exclamou Winter. — Tudo interesse comercial.

— O senhor é um espírito de contradição! - acusou-o Curgo agastado.

Espetou no garfo um pedaço de batata, levou-a à boca num gesto brusco e ficou a mastigá-lo com uma ferocidade cômica.

— Sou um homem sem paixões - disse Winter. — Não tenho partido. Nem sequer nasci neste país. Um dia posso ir-me embora para a Alemanha e não voltar mais. Limito-me a ler, ouvir, observar e tirar minhas conclusões. Os senhores botam todas essas questões num pé puramente ideológico. Eu prefiro levar a coisa para o lado do interesse material…

— O senhor então - perguntou Curgo, inflamado - acha que não há no mundo lugar para o coração, e que as pessoas só fazem as coisas com o olho no lucro, no benefício próprio?

— Não quero dizer exatamente isso… - começou o médico. O outro, porém, não lhe deu tempo para terminar a sentença, pois prosseguiu: - Tome o meu caso. Vou hoje dar liberdade a todos os meus escravos. Qual é o meu lucro material nessa história? Me diga. Me diga.

Winter encolheu os ombros.

— Vossuncê é um sentimental.

— Graças a Deus! E não me envergonho disso.

Lançou um olhar rápido para Alice, que naquele instante o contemplava com expressão amorosa. Depois ergueu o copo e bebeu, como num brinde a si mesmo, ao seu bom coração e aos seus sentimentos nobres.

— A província do Ceará está libertando seus escravos - ajuntou Toríbio.

— A do Amazonas também. Que lucro material têm elas nisso?

Winter lutava com uma sambiquira de galinha. Sem erguer os olhos para os interlocutores, respondeu: - A explicação é simples. Para a lavoura do norte o braço escravo já não é mais negócio. No fim de

contas é muito melhor pagar ao negro um salário baixo e seco do que dar-lhe de comer e vestir.

Juvenal largou a sua perna de galinha e disse: - Mas um dia destes conversei com um fazendeiro de São Paulo que não quer nem ouvir falar em abolição…

— Mas está certo - replicou o médico - rigorosamente certo. A lavoura de café é a mais próspera do país, a mais lucrativa. Os fazendeiros de São Paulo estão tendo lucros cada vez maiores.

Destacando bem as sílabas e atirando-as uma a uma na direção de Licurgo e Toríbio, com uma lentidão provocadora, o dr. Winter concluiu: - Os fazendeiros de café precisam do trabalho barato do escravo. Por isso são contra a abolição. O governo por sua vez se encontra entre dois fogos: o interesse dos senhores feudais paulistas e a opinião pública, que é anti-escravagista.

— Seja como for - disse Toríbio - a ideia abolicionista está em marcha vitoriosa.

— E vencerá! - exclamou Licurgo. Winter sorriu: - Espero que não me tomem por um miserável escravagista. Sou apenas um homem que se quer dar o luxo de ver claro…

Mas que era “ver claro”? - perguntou ele a si mesmo, chupando a sambiquira da galinha. Seria coisa sábia procurar a gente viver sempre com lógica e lucidez? Às vezes lhe parecia que o melhor era participar de todas as paixões, enlamear-se nelas, não ficar à margem da vida, preocupado com examinar todos os lados das pessoas e das questões, querendo dizer sempre a palavra mais justa e serena, que no fim era quase sempre a mais cínica e a menos humana. Apesar de toda a sua famosa lucidez, aos sessenta e três anos de idade encontrava-se ele ainda em Santa Fé, solteirão, solitário, escravo da rotina, pensando sempre em ir-se embora, em voltar para a Europa, mas ao mesmo tempo sentindo-se poderosamente preso àquela terra como uma velha árvore de raízes profundas - mas uma árvore que não ama o solo em que está plantada e não tira dele o alimento de que necessita para vicejar com toda a plenitude.

Lenta e meio cansada, como se viesse do fundo dum longo corredor sombrio, ouviu-se a voz de Florêncio: - Não tenho nem nunca tive escravos. Mas acho que no Rio Grande os negros são felizes. Nas estâncias e nas charqueadas eles trabalham ombro a ombro com os brancos. A não ser um ou outro caso, em geral são bem tratados. Dizem que lá no norte os senhores de engenho maltratam os escravos. Não sei. Há muita conversa fiada. O que sei é que aqui na província os negros passam bem.

Curgo sacudia a cabeça, obstinadamente.

— Mas isso não é razão pra manter a escravatura, primo Florêncio.

O velho fez um gesto vago.

— Vossuncês são moços, leem nos livros, devem saber o que fazem. Eu sou um homem antigo.

Bibiana lançou-lhe um olhar de estranheza. Se Florêncio se considerava "antigo", ela então, que era? Um caco velho, um trapo. No entanto não se trocava por nenhum daqueles moços que ali estavam ao redor da mesa.

Juvenal voltou-se para Toríbio e perguntou: - Como é mesmo aquela frase do conselheiro sobre a escravatura?

— "Amo mais a minha pátria do que ao negro" - citou o advogado.

— Frase indigna dum grande homem - disse Licurgo. — Nem parece ter saído duma cabeça privilegiada como aquela.

Toríbio olhou para o amigo: - Não aprovo a atitude de Gaspar Martins, mas compreendo-a. O que ele quer dizer é que teme que a luta pelo abolicionismo degenere em guerra civil como nos Estados Unidos da América do Norte.

— E tem razão - observou Florêncio. — Há esse perigo. Licurgo levantou-se intempestivamente, foi até a sala de visitas, voltou de lá trazendo o último número de A Federação, que recebera na véspera, tornou a sentar-se e anunciou: - O que vou ler agora foi o dr. Castilhos que escreveu: "Abandonada aos impulsos naturalmente irregulares da paixão revolucionária que anima tanto o abolicionismo intransigente como a escravocracia emperrada, a questão do elemento servil assume uma gravidade excepcional". Agora prestem bem atenção a este final: "Se a luta violenta sobrevier, desabe todo o peso da responsabilidade sobre o governo medíocre que compromete a paz jpública".

Tornou a dobrar o jornal e colocou-o junto do guardanapo com o ar de quem havia dito a palavra definitiva sobre o assunto. Houve um curto silêncio, ao cabo do qual Toríbio falou: - O que o dr. Castilhos quer dizer - explicou ele - é que o governo não tem seguido uma política sensata nesse assunto da abolição.

— Mas que é que o doutor chama de política sensata? - perguntou Winter.

— Uma política que visasse acabar gradualmente, hein, hein?, a propriedade escravagista por meio, digamos, dum imposto que os senhores de escravos teriam de pagar e cujo produto podia ser empregado num fundo de emancipação. Uma política que promovesse o decreto de leis tendentes a dificultar o negócio de escravos e sua transmissão por herança. Por exemplo: devia ser proibido o comércio de negros entre as províncias. E a melhor maneira de substituir o braço escravo na lavoura seria estimular a imigração. Tudo isso o governo podia fazer e não faz.

— Só conseguiremos essas coisas com a república - firmou Curgo.

Florêncio meneou a cabeça.

— Estou muito velho pra acreditar em conversas - observou ele, de olhos baixos, como se estivesse se dirigindo ao próprio prato e não aos outros. — Tenho visto muita mudança de governo na minha vida e tenho lido e ouvido muita promessa de políticos. Acho que as coisas não vão mudar se vier a república.

Curgo olhou vivamente para o tio e, quase agressivo, replicou: - É por essa e por outras que o Brasil não vai pra frente. Se homens como o senhor acham que não há diferença entre república e monarquia, o que é que a gente pode esperar dum gaúcho bronco, dum peão, dum…

dum… homem da rua? - Olhou para o advogado e pediu: - Toríbio, conte ao primo Florêncio o que é que a república quer.

Toríbio cruzou os talheres, fincou os cotovelos na mesa, trançou as mãos à altura do queixo e principiou: - Para não fazer uma dissertação muito comprida, direi primeiro que, com a república, as províncias ficarão transformadas em Estados autônomos e confederados, mas politicamente unidos.

Esfregou as mãos e fez uma pausa. Bibiana aproveitou o breve silêncio para perguntar: - Mais carne, dr. Winter?

— Não, muito obrigado.

— Teremos também um poder legislativo central; um tribunal superior de justiça, colaboração proporcional de todos os Estados para as despesas da nação…

Winter sabia que Florêncio não estava entendendo nada. Como ele havia no país milhões de pessoas para as quais aquelas palavras não tinham sentido.

A enumeração continuava. O senado seria temporário. O voto, alargado.

Todos teriam liberdade de associação e de culto. Os cemitérios seriam secularizados…

Neste ponto Bibiana interveio: - E os defuntos vão continuar mortos, sem saber de nada… Curgo fuzilou para a avó um olhar de censura.

— Teremos o casamento civil obrigatório - prosseguiu Toríbio. — A Igreja será separada do Estado. Os ministros, responsabilizados. Não só os ministros, mas também todos os agentes da administração. Acabaremos com o poder moderador e com o conselho dos Estados. Ah! E haverá a mais ampla liberdade de ensino… De repente o advogado calou-se. Florêncio fez apenas este comentário: - Tudo isso é muito bonito. Mas o imperador é um homem de bem.

Curgo deixou escapar um suspiro de impaciência.

— É um caixeiro viajante! - explodiu. — Vive passeando na Europa, fazendo versos e visitando museus, enquanto o país aqui se vai águas abaixo!

Florêncio não respondeu. Continuou a comer serenamente. Toríbio retomou a palavra: - E um imperador para uso externo, cujo principal motivo de orgulho é ser amigo íntimo de Victor Hugo!

Florêncio repetiu simplesmente: - O imperador é um homem de bem.

O relógio grande bateu uma hora.

Os pratos foram recolhidos e veio a sobremesa - doce de coco - numa grande compoteira de vidro azul, na forma duma galinha no choco. Todos gostam de doce de coco? Se não gostarem, tem pessegada, marmelada e figada… Mas todos gostavam.

Durante aqueles últimos dez minutos o dr. Toríbio estivera com a palavra, continuando sua catilinária contra o imperador e seus ministros enquanto os outros o escutavam em silêncio com uma atenção duvidosa.

Vendo que o advogado não tocava na sobremesa, Bibiana lhe disse: - Coma, moço. Vossuncê mais fala do que outra coisa.

— Mas é da profissão, minha senhora. Se nós os advogados não falarmos, perdemos as causas, e se perdermos as causas, morreremos de fome.

— Pois então coma enquanto tem comida - retorquiu a velha.

Resende soltou a risada de matraca.

— A senhora é uma mulher que me agrada. Realista, positiva, hein? hein?

De gente assim é que vamos precisar quando vier a república, não é mesmo, Curgo? Pois sua avó vai ser a primeira presidenta do Estado do Rio Grande do Sul, hein?

Bibiana, que partia uma fatia de queijo, sorriu e replicou: - Se eu continuar sendo presidenta do Sobrado me dou por muito satisfeita. — Fez com a cabeça um sinal na direção de Alice. — Ali está quem vai me derrubar. Dentro dum mês será a dona desta casa.

— Ora, titia - protestou Alice debilmente. — Nem diga uma coisas dessas…

Maria Valéria, que pouco falara durante todo o almoço, observou: - Todo o mundo sabe, tia Bibiana, que quem vai continuar mandando aqui dentro é a senhora.

Winter voltou a cabeça para a moça que estava a seu lado. Tinha uma simpatia particular por aquela rapariga que toda a gente achava feia, mas na qual ele descobria um encanto secreto e meio áspero, muito mais atraente para seu gosto do que a “boniteza” comum de Alice. Sempre que a via, muito alta, tesa e esbelta, o rosto alongado, os grandes olhos negros um pouco saltados, o nariz longo e fino, a boca rasgada de expressão um tanto sardónica - ele não podia deixar de fazer uma comparação: “comprida e aguda como uma lança”. A própria voz de Maria Valéria tinha algo de contundente. Em várias

ocasiões, com o intuito de conhecê-la melhor, Winter procurara levá-la a confidências, pois suspeitava de que havia naquela criatura muito mais coisas do que seus gestos e palavras revelavam. Não conseguira, entretanto, quebrar aquela espécie de armadura de gelo que envolvia a filha mais moça de Florêncio Terra. Aos vinte e quatro anos Maria Valéria tinha mentalmente quase a idade de Bibiana. Quando as duas mulheres se encontravam, Winter divertia-se a observá-las. Era evidente que existia entre ambas uma certa má vontade recíproca a que as gentes da província davam o nome de birra. Eram - comparava o médico - duas personalidades de pederneira, que ao se chocarem produziam chispas de fogo. No entanto ele estava certo de que, sendo necessário, qualquer uma daquelas duas mulheres seria capaz dos maiores sacrifícios pela outra.

Bibiana lançou um olhar duro para a sobrinha, mas nada disse. Quando veio o café, Resende acendeu um charuto e Florêncio e Cari Winter começaram a fazer seus cigarros. Licurgo aproximou-se da janela e olhou para o quintal onde os escravos comiam sentados no chão, sob as árvores, ou nos degraus da escada que levava à porta da cozinha. Eram homens, mulheres, crianças e velhos, todos descalços e molambentos. Uns tinham nas mãos latas ou velhas panelas cheias de arroz e feijão; outros metiam os dentes em costelas, arrancando-lhes a pelanca, ao passo que uns quatro ou cinco caminhavam dum lado para outro, a chupar laranjas e bergamotas. Comiam num silêncio impressionante, e sobre as carapinhas e os chapéus de palha, as faces, mãos, pernas e pés pretuscos que o frio gretava, brilhava o claro e tépido sol de junho. Licurgo ficou a imaginar a cara que os escravos fariam aquela noite quando recebessem na sala grande do Sobrado seu título de manumissão. Compadecia-se daquela pobre gente, mas reconhecia que nem sempre tinha paciência suficiente para tratá-la com doçura. Mais duma vez fora obrigado a dar de relho em pretos que lhe faltaram com o respeito. Fizera isso, porém, de homem para homem, mas nunca, nunca mesmo, mandara açoitar um escravo.

Acendendo o charuto que o dr. Toríbio lhe oferecera, Juvenal disse: - Eu só queria saber quem vem à festa hoje aqui no Sobrado e quem vai ao baile do Paço…

Licurgo ouviu as palavras do primo e deixou a janela.

— Pra vir aqui hoje - disse, aproximando-se do outro - é preciso ter tutano. Quem entra nesta casa fica marcado pelos Amarais pró resto da vida.

— Tenho receio que não venha ninguém - confessou Bibiana. — Depois que espalharam que o velho vai mandar atacar o Sobrado, muita gente pode ficar com medo de vir…

— Pois quem tiver medo que não apareça! - exclamou Licurgo. — Só queremos aqui dentro gente de coragem e de opinião. Se for

preciso, fazemos o baile com o pessoal de casa e com a negrada.

Juvenal puxou uma baforada com gosto e, olhando intencionalmente para Maria Valéria, murmurou: - Eu sei dum moço que vem…

Os outros riram porque sabiam a quem ele se referia. José Lírio, o Liroca, andava perdido de amor por Maria Valéria, a qual tinha por ele invencível repulsa. E o que deixava a situação ainda mais cómica era o fato de o rapaz ser mais baixo e mais moço que sua amada.

— Se sabe, diga logo! - desafiou Maria Valéria.

Um pontaço de lança - refletiu Winter, acendendo o cigarro e olhando reflexivamente para Bibiana.

— A senhora se lembra - perguntou ele - quando um dia, faz muito tempo, nesta mesma sala, nesta mesma mesa, eu lhe disse que Santa Fé ia progredir e ter muitas dessas coisas de cidade grande?

— Nunca me esqueço de nada, doutor.

— Pois é. Não me enganei. Hoje temos lampiões nas ruas, números nas casas, mala postal…

Curgo interrompeu-o: - Mala postal, essa, que devia chegar uma vez por semana mas que chega sempre com o atraso de duas semanas, quando chega… Belezas da monarquia!

Sem fazer caso da interrupção, o médico prosseguiu: - Temos um teatrinho, um telégrafo…

— E casas de mulheres à-toa - ajuntou Bibiana acidamente. Havia para as bandas da coxilha do cemitério uns dois ranchos onde viviam algumas chinas. Dizia-se que até homens casados frequentavam essas ordinárias.

Winter soltou uma risada curta e seca.

— Que é que a senhora quer? Essa é a mais antiga das profissões.

— Uma pouca-vergonha, isso sim é que é - replicou a velha. Lançando um olhar oblíquo para o neto e baixando a voz, ajuntou: - Há homens que nem precisam visitar essas sem-vergonhas, porque têm as amásias em casa mesmo.

Licurgo teve a desnorteadora impressão de que a avó acabava de esbofeteá-lo em público. Sentiu um súbito formigamento quente em todo o corpo e olhou automaticamente para a noiva, que conversava em voz baixa com o pai e parecia não ter prestado atenção às palavras da velha.

Maria Valéria ergueu-se da mesa, acercou-se da janela que dava para a Rua dos Farrapos, e ficou olhando com atenção vaga para a meia-água caiada, lá do outro lado, e à frente da qual uma criança brincava com um cachorro. Desconcertada diante da observação de dona Bibiana, tratara de afastar-se do grupo, para que ninguém lesse em seu rosto que ela sabia do caso de Licurgo com Ismália. Passara todo o tempo do almoço esforçando-se por não olhar para o primo.

Que gostava dele, era uma verdade que só admitia com relutância. Morreria de vergonha se alguém viesse a suspeitar desses sentimentos que em vão procurava ocultar até de si mesma. Temendo trair-se, chegava a tratar Curgo com aspereza, dando muitas vezes aos outros a impressão de que lhe queria mal. Sempre, porém, que o via ou que lhe ouvia a voz, ficava toda perturbada, com a garganta seca, as mãos trêmulas, o coração a bater descompassado. No seu orgulho, irritava-se com isso, pois lhe fora sempre agradável a ideia de considerar-se diferente das outras moças que viviam preocupadas com “essas bobagens de amor”. Maria Valéria era muito sensível aos mexericos da vila, embora declarasse não dar-lhes a menor importância. Era costume chamar aos maldizentes “filhos da candinha”. Seria horrível se eles um dia começassem a murmurar: “Sabem da última? A Maria Valéria está apaixonada pelo noivo da irmã”.

Com a testa encostada na vidraça, os olhos fitos na rua, ela agora ouvia mentalmente vozes repetirem aquelas palavras. E “os filhos da candinha”

tinham caras conhecidas: eram os homens que bebiam cachaça e contavam histórias sujas na venda do Schultz e na Casa Sol; eram também as mulheres que se encontravam à saída da missa e murmuravam segredinhos: "Ouvi dizer que a Maria Valéria tem um rabicho danado pelo Curgo. Quem diria, hein?

Vá a gente se fiar nessas santinhas…" Só de pensar em tais coisas ela ficava com as orelhas vermelhas, as faces quentes como chapa de fogão, e até a respiração se lhe tornava difícil, como se ela estivesse cansada dum esforço físico.

— Pois é, doutor - dizia Bibiana. — Fique com o seu progresso. Me deixe cá com as minhas antiguidades.

Resende caminhava pela peça, em passos rápidos e aflitos, soltando no ar a fumaça azulada do charuto. De repente estacou junto de Curgo, segurou-lhe um dos botões do paletó como se quisesse arrancá-lo e disse: - Preciso voltar à redação. Estou preparando um número especial de O Democrata para amanhã. Os monarquistas vão ficar com a canela ardendo de inveja. Já comecei a escrever a notícia da nossa festa.

— A festa de hoje de noite? - estranhou Bibiana.

— E que tem isso? Não é difícil imaginar o que vai acontecer. Não se esqueça de que estamos em 1884. O jornalismo moderno difere do antigo principalmente na presteza com que dá as notícias.

A velha sacudiu a cabeça lentamente, murmurando: “Ora já se viu?”

Resende beijou-lhe a mão.

— Muito obrigado pelo almoço - disse. — Foi um banquete digno dum nababo. — Fez um gesto largo. — Até logo para todos! Curgo,

por volta das quatro estarei aqui nas minhas roupagens vermelhas de mouro, hein?

Derrotaremos os cristãos e imperemos ao mundo o Império do Crescente.

Viva a República!

Precipitou-se para o vestíbulo, acompanhado de Juvenal que, de olhos já pesados, pensava na sesta.

— É bem doido - comentou Bibiana, sorrindo. E depois, mudando de tom: - Só não sei por que é que vossuncês, meninos, vão de mouros e não de cristãos.

— É porque o vermelho representa a revolta, dona Bibiana - explicou Winter - a revolução, e também porque é a cor da mocidade, não é, Curgo?

— Não. Nós somos mouros porque os Amarais são cristãos. Bibiana olhou para o neto, sobressaltada.

— Não vai haver perigo de sair briga de verdade? Não quero que vocês se lastimem.

Licurgo sacudiu os ombros.

— Estamos prontos pró que der e vier.

Florêncio olhava para Maria Valéria, que estava ainda ao pé da janela.

Sentia pelos filhos uma profunda afeição, embora não soubesse manifestá-la em gestos ou palavras de carinho. Admirava Maria Valéria: era ela quem, depois da morte da mãe, tomava conta da casa. Tinha coragem, bom senso e espírito prático; não se preocupava com vestidos ou enfeites, e não era dessas que vivem na frente do espelho, pensando em festas e namorados. Sabia fazer queijos, doce e pão; era uma cozinheira de primeira ordem e herdara as mãos habilidosas da mãe, sendo hoje talvez a melhor rendeira de Santa Fé. Quando ela trabalhava com o bilro, Florêncio ficava distraído a olhar o movimento de seus dedos a tramarem os fios por entre os alfinetes do almofadão. Já a Alice era diferente… Florêncio sentia por ela uma afeição misturada de pena.

Sempre a achara menos independente e corajosa que a outra. Parecia ser dessas moças que precisam permanentemente de proteção, que nasceram para viver à sombra dum homem - pai, irmão ou marido. Quanto a Juvenal, era sem a menor dúvida o mais alegre e des.preocupado de toda a família. Às vezes Florêncio ficava a perguntar a si mesmo de onde o rapaz teria herdado aquele gênio. Olhava a vida sem pessimismo, gostava de festas, era trocista e costumava dizer que não se casaria nunca porque não era homem de gostar da mesma mulher a vida inteira. Florêncio lembrou-se dum dia em que chegara à casa abatido e contara aos filhos a decepção que tivera com um homem que até então ele julgara ser seu amigo de

verdade.

Alice mirara-o com uma expressão de pesar. Maria Valéria, ocupada com preparar o jantar, não pronunciara palavra. Mas Juvenal, sorrindo e encolhendo os ombros, dissera: “Faca que não corta, pena que não escreve, amigo que não serve, que se perca pouco importa”. Era bom ter um gênio assim - refletiu Florêncio. A gente sofre menos.

— É um costume português - dizia Curgo à avó, que lhe perguntara sobre a origem das cavalhadas. — Foram os açorianos que trouxeram pra cá.

— Mas a coisa vem de mais longe - acrescentou o dr. Winter. E começou a dissertar sobre o reino dos visigodos e a citar nomes como Pelágio, Hermengarda, Roderico, Vamba…

Esse alemão sabia coisas - refletiu Florêncio. Talvez fosse a única pessoa no mundo que sabia o que se tinha passado entre Bolívar e a mulher em Porto Alegre, no tempo da peste. Tudo o levava a crer que pouco antes de ser assassinado pelos capangas de Bento Amaral, Boli contara a Winter o seu segredo.

O médico, porém, conservara a boca fechada. Depois daquele dia em que Florêncio correra para o Sobrado ao ouvir tiros, e fora erguer do meio da rua o corpo ensanguentado do primo - depois daquele dia horrível nunca mais tinham tocado no assunto. Era melhor não remexer naquela ferida. Era melhor esquecer… No entanto, tudo ali no Sobrado agora lhe lembrava Luzia, Bolívar e os anos difíceis que se haviam seguido àquele casamento desastroso. Florêncio não podia esquecer que Bolívar ficara indiferente com ele, a ponto de por fim tratá-lo como a um estranho. Essa era uma das grandes tristezas de sua vida. Outra de suas mágoas era a de nunca ter podido dar à família uma vida de conforto e fartura. Perdia dinheiro em todos os negócios em que se metia. Era pura falta de sorte, porque não jogava, não bebia, nunca fora dado a mulheres; pulava da cama com o sol, ao raiar o dia, e com o sol se deitava ao anoitecer. Não rejeitava trabalho, e Deus era testemunha do quanto ele amava a família e do quanto desejava fazê-la feliz. Sempre que se lembrava da falecida era com uma saudade tocada de remorso: o remorso de não lhe ter podido dar uma vida melhor. Desde o dia em que se casara até o dia em que a puseram no caixão, enrolada numa mortalha que as próprias filhas coseram, Ondina havia trabalhado sem parar, cozinhando, lavando e passando a roupa, cuidando da casa, dos filhos e do marido e ainda por cima - coitada! - fazendo renda para vender. No entanto ele não lhe ouvira nunca a menor queixa.

Florêncio olhou para Curgo, que discutia animadamente com o dr. Winter.

O rapaz era opiniático como os Terras e esquentado como o avô.

Dentro de poucas semanas seria seu genro. Florêncio aprovara o noivado mas nada fizera para encorajá-lo: não queria dar motivo para dizerem que estava procurando casamento rico para a filha. Queria, isso sim, que ela fosse feliz como merecia. Mas infelizmente aqueles dois iam começar a vida de casados já com uma dificuldade muito séria. Curgo tinha uma amásia. Diziam que o rabicho era forte. Florêncio não acreditava que o rapaz abandonasse a china.

Conhecia dezenas de casos como aquele: duravam quase sempre toda uma vida. Pensara a princípio em falar francamente no assunto com o futuro genro, mas desistira da ideia, temendo um atrito. Licurgo tinha o sangue quente e detestava que lhes dessem conselhos. Que fosse tudo como Deus quisesse!

O dr. Winter levantou-se, espichou os braços, espreguiçando-se, e disse: - Bom, vou fazer a parte do cachorro magro que enche a barriga e sai sacudindo o rabo.

Despediu-se e saiu. Bibiana acompanhou-o com os olhos e, antes de vê-lo desaparecer, gritou-lhe: - Vossuncê vem à festa hoje de noite? O médico voltou-se e respondeu: - Está claro que venho. Me acha com cara de capacho dos Amarais?

A velha fez um muxoxo.

— Ué! A gente vê de tudo no mundo.

— Argumentum ad ignorantiam! - exclamou o médico. E abalou.

Bibiana ficou rindo seu risinho gutural e lento.

— Esse dr. Winter sempre empulhando a gente com o seu alemão! - Depois olhou para o neto, que conversava com a noiva, e disse: - Vá dormir a sua sesta, menino.

Licurgo franziu a testa, contrariado. Não lhe era nada agradável receber ordens da avó diante das primas.

— Não estou com sono - respondeu ele, com uma má vontade que lhe dava certo fio às palavras.

— Mas vá - insistiu a velha. — Vossuncê precisa descansar um pouco. O dia vai ser brabo e comprido. Sua noiva não repara, não é, Alice?

— Não reparo, titia.

— Pois é. Vá!

Curgo apertava nos dentes o cigarro agora apagado. De repente sentiu que a sesta lhe seria uma boa desculpa para deixar a sala: era-lhe difícil manter conversação com a noiva.

— Está bom. Com licença de todos, até mais tarde!

— Até mais tarde - disse Alice. Maria Valéria não olhou para o primo.

Depois que Licurgo se retirou, Florêncio pôs-se de pé.

— Nós também vamos indo. Bibiana ergueu a mão: - Fiquem um pouquinho mais.

— A senhora não vai dormir a sesta?

— Quem foi que lê disse que eu durmo a sesta?

Florêncio não respondeu. Sabia que todos os dias após o almoço a velha apanhava um jornal, acavalava os óculos no nariz, sentava-se na cadeira de balanço e ficava a ler e a lutar com o sono, de pálpebras pesadas e meio caídas, mas mesmo assim teimando em manter os olhos abertos. Por fim, vencida, deixava tombar o jornal e, de cabeça pendida sobre o peito, dormia profundamente. Acordava dali a meia hora num sobressalto, piscava estonteada, remexia os lábios e estalava a língua como se estivesse provando alguma coisa e, se via gente perto, tratava de disfarçar, dizendo: - Quase peguei no sono… Florêncio mirava-a agora, indeciso.

— Sente-se - ordenou ela. — E vossuncês também, meninas. Precisamos tratar dum assunto.

Pai e filhas obedeceram.

— Então - perguntou Bibiana, que continuava sentada à cabeceira da mesa - quando é que resolvem se mudar pró Sobrado?

Por um instante Florêncio ficou mudo. Depois, sem olhar para a tia, murmurou: - Eu já lhe disse mais duma vez que não acho direito.

— O que não é direito é roubar, matar, pregar mentiras, tirar a mulher do próximo.

— Se a senhora quer a minha opinião, titia - interveio Maria Valéria - eu estou com o papai. Não fica direito.

— Ninguém pediu a sua opinião.

— Mas eu dei.

— Que é isso, minha filha? - repreendeu-a Florêncio suavemente.

Bibiana mirou a moça sem rancor. Por mais que Maria Valéria às vezes a irritasse, não podia deixar de admirá-la. Gostava de gente franca e despachada.

— Pois é - prosseguiu a velha tranquilamente. — Esta casa é grande que nem potreiro e no entanto vive a bem dizer vazia.. Vossuncês moram naquele cochicholo velho, úmido, sem vidraças nas janelas, todo cheio de goteiras. E pagam um despropósito de aluguel. Isso é que não é direito.

Florêncio sacudia negativamente a cabeça, chupando o cigarro com um certo constrangimento, pois ainda não se habituara a fumar diante da tia.

— Tudo isso está bem - concordou. — Mas é que podem dizer que estamos vivendo à custa da senhora e do Curgo.

— Pois que digam. Não é verdade. — Olhou para Alice e sorriu. — O seu caso já está resolvido, não é, minha filha? - Piscou-lhe o olho, fazendo um sinal de cabeça na direção de Florêncio e de Maria Valéria. — Deixe esses dois velhos cabeçudos morando sozinhos naquela baiúca. Um dia eles hão de se entregar, não é?

Ergueu-se, dizendo: - Está bom. Agora podem ir.

Florêncio beijou a mão da velha e saiu a manquejar na direção da porta da rua.

Alice beijou a tia em ambas as faces, mas Maria Valéria limitou-se a apertar-lhe a ponta dos dedos. Quando, acompanhadas do pai, as moças já estavam no vestíbulo, Bibiana gritou-lhes: - Venham logo que anoitecer! Quero que me ajudem a receber os convidados.

Ficou parada junto da mesa, pensando… Ouviu a batida da porta que se fechava. Sabia que queria uma coisa mas não se lembrava do que era. Por alguns segundos teve uma sensação estonteante de vazio na cabeça. De repente, lembrou-se.

— Lindoia! - gritou. E quando a negra apareceu, ela pediu: - O jornal.

A escrava trouxe-lhe o último número de O Democrata, que Bibiana pôs debaixo do braço, e depois, em passos lentos, dirigiu-se para a escada e começou a subir devagarinho, pensando em como ia arranjar-se quando estivesse velha demais para galgar aqueles degraus. Havia três soluções.

Ficava lá em cima e não descia mais; mudava-se para o andar de baixo e nunca mais subia; ou então pediria que dois negros a carregassem no colo, sempre que precisasse subir. Mas nenhuma das três soluções prestava! O melhor mesmo talvez fosse morrer. Assim ficava estendida dentro do caixão, quieta, debaixo da terra; não tinha de subir nenhuma escada e não incomodava mais ninguém…

Pronto!

Pouco antes das quatro da tarde, com o charuto preso entre os dentes, Toríbio Resende irrompeu dramaticamente Sobrado adentro, todo metido nas suas vestes vermelhas de mouro, pregando um susto à escrava que lhe veio abrir a porta. Galgou em dois pulos os degraus do vestíbulo e, arrancando a espada, precipitou-se para o andar superior e fez algo que não teria a coragem de fazer em condições normais, isto é, se aquele fosse um dia como os outros e ele envergasse sua roupa preta domingueira e tivesse o pescoço entalado num colarinho duro: entrou no quarto de Licurgo sem bater. Abriu a porta num repelão e, erguendo a espada, bradou: - Alá! Alá! Alá! Sangue! Quero muito sangue!

Estacou à frente do amigo que, também metido nas suas roupas de mouro, se encontrava sentado na cama, numa atitude de profundo desânimo.

Toríbio baixou a mão que segurava a espada, franziu a testa e perguntou: - Mas que cara é essa, homem?

Curgo ergueu para ele dois olhos infelizes: - Que horas são?

Toríbio não respondeu de imediato. Um pouco ofegante da corrida, tratava de meter a arma na bainha, o que fez com alguma

dificuldade. Depois, encarando o companheiro, disse: - Quase quatro. Mas que foi que houve?

Curgo levantou-se lentamente. Naquelas roupagens berrantes, com o turbante de veludo na cabeça, parecia ainda mais alto e corpulento do que realmente era. Estava de blusa e bombachas de cetim vermelho, botas de couro negro, muito lustrosas, e esporas de prata.

Preso ao turbante luzia um crescente de lata; e do lado esquerdo da blusa, como a indicar ao inimigo o coração do guerreiro, via-se outra meia-lua ainda maior, bordada com fio de prata.

A mão de Curgo crispava-se, nervosa, sobre o cabo do alfanje (de madeira, feito pelo Tuta Marceneiro) que pendia do cinturão de couro juntamente com o revólver de cabo de madrepérola.

— Nunca pensei que ia ficar tão esquisito com esta fantasia - resmungou ele, baixando os olhos. — Quando me olhei no espelho, cheguei a encabular…

— Ora, não seja bobo!

— Pois bobo é como me sinto, vestido deste jeito. Não tenho coragem de sair pra rua.

Toríbio cruzou os braços, puxou uma baforada e ficou a mirar o amigo com um olhar entre impaciente e irônico. Não era de admirar que Licurgo sentisse aquilo - refletiu. Parecia ser um traço dos Terras detestar tudo quanto fosse ostentação e atitude teatral. Não gostavam de pessoas "semostradeiras": eram, homens secos, prosaicos e reservados, que viviam por assim dizer em surdina, procurando não chamar sobre si mesmos a atenção dos demais. Licurgo até que não era dos piores. Florêncio, esse sim, levava aquelas manias ao extremo.

— Estou que nem um palhaço… E dizer que tenho de montar a cavalo e me mostrar na frente de centenas de pessoas!

Tinha horror ao ridículo. Achava que a vida real era muito diferente da imitação dela que nos apresentam as novelas e as peças de teatro. Nunca tivera paciência para ler um livro até o fim. Ins- tado por Toríbio, começara a ler romances de autores famosos como José de Alencar e Bernardo Guimarães; nunca, porém, chegara a passar da página 50. Parecia-lhe uma infantilidade perder tempo com histórias de gente que nunca tinha existido de verdade e e que, além do mais, pensava, fazia e dizia coisas que uma pessoa sã do juízo não pensa, não diz nem faz. De todos os romances que começara nenhum lhe parecera mais absurdo que O guarani. Onde se viu um bugre bronco como Peri falar bonito e difícil como um advogado ou um deputado?

Travestido de mouro, Licurgo agora se sentia improvável e grotesco como uma personagem de romance. Vira muitas cavalhadas em sua vida. Apreciava a coisa como jogo, mas sempre recusara tomar parte nela por causa da "palhaçada das roupas". Daquela vez, porém,

havia cedido ante a insistência de Toríbio e de outros amigos, e levado também pelo caráter excepcional daqueles festejos.

— Pois eu gosto tanto desta fantasia e desta cor - confessou Toríbio com veemência - que se pudesse andava sempre vestido assim…

— Cada qual com o seu gosto, não é?

— Bom, mas agora é tarde pra voltar atrás. Vamos embora. Não te esqueças de que há mais dez sujeitos vestidos como nós. E mais doze de azul, com penachos na cabeça.

Tomou do braço do amigo, procurando arrastá-lo para fora do quarto.

— Depois, meu caro, lembra-te de que as cavalhadas são uma tradição desta província. Antes de ti teus avós andaram vestidos assim, e não me venhas dizer que és melhor e mais respeitável que eles.

Curgo apanhou com relutância a espada que pertencera ao avô e apresilhou-a à cinta. Soltou um suspiro e postou-se mais uma vez diante do espelho do lavatório. O pior de tudo era aquele turbante feminino a coroar-lhe o rosto tostado, num ridículo contraste com a bigodeira preta. Parecia mesmo um turco. Imaginou a cara de certas pessoas de Santa Fé que deviam estar presentes à festa. Viu-as cochichando e rindo à socapa quando ele passava. Teve gana de precipitar-se sobre elas e dar-lhes umas boas espaldeiradas no lombo. Canalhas!

— Coragem, homem! - exclamou Toríbio - Não é questão de coragem…

Curgo olhava para a imagem do espelho como para um estranho, e um estranho com quem não simpatizava nem um pouco. Fez meia-volta e balbuciou: - Não há outro remédio. Vamos.

Saíram do quarto e desceram a escada, num tinir de espadas e esporas.

Encontraram Bibiana na sala de visitas, sentada numa cadeira de balanço.

Pararam na frente dela perfilados, como para uma revista. Toríbio tirou respeitosamente o charuto da boca e escondeu-o no côncavo da mão. Na verdade a expressão de seu rosto equivalia a uma pergunta infantil: "Estou bonito?" Curgo, entretanto, tinha um aspecto taciturno: sentia-se como um menino que acaba de fazer uma travessura e espera a repreensão do pai. Por alguns segundos os dois quedaram-se na frente da velha, silenciosos e expectantes. Bibiana olhou-os criticamente e depois, com um brilho de malícia nos olhos, disse: - Parecem dois burlantins.

Curgo voltou a cabeça para o amigo e vociferou: - Eu não te disse?

Naquele momento a Banda de Santa Cecília rompeu num dobrado. Em passadas largas, Curgo aproximou-se da janela e olhou para fora. Sob um céu sem nuvens, dum azul intenso, a praça cintilava ao sol, numa mobilidade colorida de calidoscópio. Soprava uma brisa fria, o ar estava leve e picante. Coladas a fios suspensos entre os postes da iluminação e as árvores, esvoaçavam bandeirinhas triangulares azuis, encarnadas, verdes, amarelas e brancas. Dos ramos da figueira grande pendiam guirlandas de flores artificiais. A luz reverberava nas fachadas brancas das casas, fazia chispar as vidraças e os instrumentos da banda de música - o que contribuía para aumentar ainda mais a claridade festiva da tarde. À frente da igreja erguia-se um coreto rústico, também enfeitado de bandeiras e flores, e no qual já estavam acomodados o vigário e as autoridades municipais com suas famílias. Ao longo dos quatro lados da arena retangular na qual se iam bater mouros e cristãos, homens, mulheres e crianças, metidos quase todos em suas roupas domingueiras, achavam-se sentados em bancos ou cadeiras que haviam trazido de suas casas. O estandarte dos cristãos tremulava ao vento, plantado à frente do palanque principal. O "castelo" dos mouros, tendo a uma de suas quinas a bandeira vermelha do crescente, não passava duma plataforma quadrada feita de pranchas de madeira que repousavam sobre pilares de tijolos, à frente da figueira grande.

O estrado onde os músicos se esfalfavam a tocar o dobrado marcial, ficava no lado da arena que dava para o Sobrado.

Licurgo contemplou por alguns segundos o quadro alegre. Pombas voavam ao redor do campanário da matriz. O vento que agitava as bandeirinhas cheirava a campo. (Por que será que a Ismália ainda não chegou?)

— A senhora não vai à festa? - perguntou Toríbio.

— Vou assistir à coisa aqui da janela. As meninas do Florêncio também vêm pra cá. É melhor do que ficarem naquele amontoamento, tomando sol na cabeça.

Toríbio tocou o ombro do companheiro.

— Vamos embora!

Curgo voltou-se e respondeu: - Vamos, antes que eu me arrependa. A bênção! - pediu, beijando a mão da avó.

— Deus te abençoe. E tenham juízo. Não façam nenhuma loucura. Olhem que isso é um brinquedo e não uma guerra de verdade.

Quando viu Licurgo afastar-se, de espada e pistola à cinta, Bibiana Terra Cambará teve um mau pressentimento. Lembrou-se da hora em que, havia quarenta e oito anos, dissera adeus ao marido que ia atacar o casarão dos Amarais… ("Me frita uma linguiça que eu já volto, prenda minha!") Em sua mente a imagem de Rodrigo fundiu-se com a de Bolívar, que atravessava a rua de pistola na mão, gritando como um possesso…

— Licurgo! - exclamou ela.

O rapaz estacou e fez meia-volta.

Naquele momento Bibiana teve a impressão de que o neto era uma mistura de Pedro Terra, do capitão Rodrigo e de Bolívar. Três homens num só, e esse um agora também ia para a guerra. Era uma guerra de brinquedo, sim, mas nela entravam homens, armas, cavalos e perigos. Tudo podia acontecer. Cambará macho não morre na cama. Ela não podia esquecer aquele ditado do capitão… Curgo era Cambará e macho. Uma rodada… Um pontaço de lança que alguém lhe desse sem querer… ou de propósito, porque um Amaral é capaz de tudo…

— Que é, vó?

— Nada. Vá com Deus.

Licurgo se foi. Bibiana ficou a ouvir dentro da cabeça o eco de suas próprias palavras. Vá com Deus. Era sempre o que as mulheres diziam quando seus homens partiam para a guerra. Vá com Deus. Eles iam com Deus. Uns voltavam inteiros. Outros voltavam estropiados, como o pobre do Florêncio. Outros não voltavam mais, nunca mais, como o Fandango Segundo. Adiantava alguma coisa dizer - Vá com Deus? Deus me perdoe…

Ficou onde estava, sofrendo não apenas aquele momento, mas os muitos outros momentos negros do passado em que dissera adeus a entes queridos que partiam para a guerra, para longas viagens ou que saíam daquela casa para o cemitério dentro dum caixão…

Na rua, ao sol, Licurgo teve a impressão de que as cores de suas vestes ficavam ainda mais berrantes. Sentia-se perturbado como se estivesse prestes a desfilar completamente nu pelo meio de todo aquele povo.

Os companheiros, os restantes dez mouros, estavam já montados em seus cavalos, à frente do Sobrado. Cinco deles eram membros do Clube Republicano; os outros cinco pertenciam aos partidos Liberal e Conservador, pois a comissão organizadora das festas achara conveniente "misturar os rebanhos", a fim de evitar que as cavalhadas degenerassem em conflito político.

Ao ver aqueles homens também vestidos de vermelho, alguns até com enfeites de vidrilho no turbante, Licurgo ficou um pouco mais consolado.

Levaram algum tempo para fazer o dr. Toríbio montar. Além de ser mau cavaleiro, o homem tinha as pernas curtas, e o espadagão que trazia à cinta embaraçava-lhe os movimentos. Dois companheiros seguraram-lhe as pernas e ergueram-no para a sela, trocando sorrisos maliciosos, pois para aqueles gaúchos nenhum homem era digno desse nome se não fosse bom cavaleiro. Curgo achava que teria sido melhor se Toríbio houvesse desistido de tomar parte nas cavalhadas; estava certo de que o amigo ia fazer papel ridículo, e isso o deixava inquieto.

Uma batida de bombo, que ecoou na praça como um tiro de morteiro, pôs fim ao dobrado, o que não impediu que o pistonista, distraído, soltasse ainda duas notas, que subiram desgarradas no ar, provocando risos entre o público.

O sino da igreja deu três lentas badaladas. Era o sinal convencionado para começar o torneio.

Licurgo gritou: - Vamos embora, minha gente!

Pondo os cavalos a trote, os mouros dirigiram-se para o lado do quadrilátero que dava para a igreja, pois era por lá que deviam entrar na arena. Com a mão esquerda segurando as rédeas e com a direita empunhando a lança, Licurgo abria a marcha. Sentia no rosto um calorão de vergonha, o suor começava a brotar-lhe da testa e seus olhos estavam meio ofuscados. (Quem seria o "gracioso" que da janela duma das casas, lá do outro lado da praça, estava focando nele o reflexo cegante dum espelho? Cachorro! Só a bala!) Curgo não distinguia as pessoas com clareza: via manchas, vultos, faces móveis mas sem fisionomia…

Passando pela frente do palanque principal, vislumbrou a silhueta negra do padre. Mantinha a cabeça erguida, os olhos à altura dos telhados das casas fronteiras. Começaram os aplausos, primeiro tímidos, depois mais fortes e coesos. A banda atacou um novo dobrado: Cavalaria farroupilha, da autoria do Joca Paz, o trombonista. Aos compassos vibrantes da música Curgo teve, mau grado seu, um

estremecimento de entusiasmo, uma espécie de exaltação patriótica que lhe deu um frenético desejo de ação guerreira e heroica. Procurou dominar esses sentimentos, que iam tão bem com suas roupagens mouriscas e que lhe pareceram tão espalhafatosos e absurdos quanto elas. Bobagem! Aquilo não passava duma festa, dum jogo: não havia razão para tais entusiasmos. Mas aquele diabo de música sugeria-lhe mesmo uma carga dos cavalarianos de Bento Gonçalves. E ele tinha na cintura a espada do capitão Rodrigo: aquela arma na verdade tomara parte na Guerra dos Farrapos! Licurgo apertou com força a haste da lança. Devia ser bom a gente entrar numa carga de lanceiros, rachar um quadrado inimigo.

Esporeou o animal, que transformou o trote num galope; os outros cavaleiros mouros o imitaram e assim, sob gritos e aplausos, chegaram ao seu "castelo", diante do qual se dispuseram numa fila singela.

— Que espetáculo! - exclamou Toríbio.

— E que dia! - comentou o homem que estava a seu lado. — Parece que foi feito de encomenda. Um céu azul e límpido!

— E bem frescote - observou outro cavaleiro mouro. Curgo permanecia silencioso. Um suor frio escorria-lhe pelo rosto, que ele escanhoara havia menos duma hora. Seu peito arfava ao ritmo duma respiração comovida, e sua mão apertava ainda com apaixonada força a haste da lança. Olhou para o Sobrado e viu a avó, a noiva e Maria Valéria debruçadas à janela. Desviou o olhar de sua casa, demorou-o um instante no palanque principal e depois passeou-o em torno da arena. Via agora os bonifrates que se alinhavam nos dois lados mais longos do quadrilátero, com suas caras grotescas e suas cabeças descomunais de pano. Licurgo contou-os: havia dez "guerreiros" de cada lado.

— Lá vêm os cristãos! - exclamou alguém.

O que Licurgo viu a princípio por trás das árvores da praça foi uma mancha azulada e móvel, picada de rebrilhes. Finalmente Alvarino Amaral, de penacho ao vento, entrou na arena à frente de seu grupo, montado num belo alazão muito bem aperado. Os cristãos postaram-se à frente da igreja. Envergavam blusas e bombachas dum azul-claro, uma capa curta atirada sobre o ombro esquerdo e chapéus também azuis de aba larga, dobrada e costurada à copa, e encimados por penachos brancos. Curgo agora observava o garbo com que se apresentava Alvarino Amaral: seus arreios eram chapeados de ouro e no bucal, no cabresto, no rabicho e nas rédeas luziam filigranas de prata.

— Palhaço! - murmurou. O patife não perdia ocasião de ostentar sua riqueza. A prataria do casarão dos Amarais era famosa pela abundância e pela variedade. Prata roubada - diziam - produto de

pilhagens feitas em muitas guerras e em muitos lugares da província e da Banda Oriental por várias gerações de Amarais, a começar pelo famigerado coronel Ricardo, tronco da família.

— Olhem só a faceirice daqueles fletes - exclamou um dos mouros.

Os cavalos dos cristãos tinham as colas trançadas e amarradas com fitas azuis e brancas. Para Licurgo todo aquele aparato era vaga e repulsivamente feminino. — Só por isso - concluiu ele - Alvarino merecia levar uns pranchaços de espada nas paletas.

— Moçada linda! - exclamou um dos mouros.

— E bem montada! - elogiou outro. Curgo voltou-se para os companheiros: - Preparem-se. Quando derem o sinal, vamos começar as evoluções de picaria.

Alguém se pôs de pé no palanque das autoridades. Era o juiz de direito.

Ergueu para o céu uma pistola, e disparou-a: a arma cuspiu fogo e seu estampido seco ecoou atrás da igreja. Era o sinal.

— Vamos embora! - exclamou Licurgo. — Primeiro a um de fundo.

Seguindo seu "mantenedor", os mouros fizeram a volta da arena a galope, soltando gritos de guerra e brandindo as lanças. Depois, prendendo estas ao arção da sela, desembainharam as espadas e simularam uma carga contra os cristãos, fazendo estacar dramaticamente os animais a poucos metros das fileiras inimigas. Estrugiram palmas. A banda de música interrompeu o dobrado e começou a tocar uma valsa, cuja melodia era familiar a Licurgo. Chamava-se Saudades do Reno e tinha sido composta por um colono de Nova Pomerânia. Olhou para Toríbio e viu-o agarrado à cabeça do lombilho, ofegante e suado. Em todas as evoluções ficara sempre para trás, provocando risos da assistência, de onde alguém já lhe gritara: "Socando canjica, miserável!"

Os mouros formaram uma circunferência e puseram os cavalos a andar a passo, ao ritmo da música. Quando já tinham feito um bom número de evoluções e figuras, Licurgo ordenou: - Agora, a toda a brida pró castelo!

Os mouros precipitaram-se na direção de sua bandeira a todo o galope, gritando fino - hip-hip-hip-hip! Toríbio foi o último a chegar. Curgo lançou-lhe um olhar rancoroso, mas o advogado como única resposta lhe sorriu candidamente.

Pouco antes de os cristãos começarem suas evoluções, ergueuse da assistência um ah! de admiração. Cabeças voltaram-se na direção da fortaleza dos infiéis. Surgia de trás da figueira, montada em belo cavalo branco, uma donzela de cabelos louros soltos ao' vento e com o rosto escondido sob uma máscara de pano preto. Donzela? Todos logo

perceberam que se tratava, como de costume, dum homem vestido de mulher.

Era Floripa, a princesa cristã que os mouros mantinham prisioneira em seu castelo, e que os cristãos em breve iriam libertar. Mas quem era que estava fantasiado de Floripa? - perguntavam-se os espectadores.

Ninguém parecia saber ao certo. Alguns davam palpites…

Um dos mouros aproximou seu cavalo do de Floripa e perguntou: - Como é moça, vamos ou não vamos dormir juntos esta noite?

A "princesa", porém, permanecia silenciosa. Seu vestido branco, batido pelo sol, era também um foco de luz. Pela abertura da máscara viam-se dois olhos escuros meio assustados.

— Como vai a coisa? - perguntou-lhe Toríbio. A resposta veio numa voz grossa e aflita: - Puxa! Estou com falta de ar.

— Não há de ser nada - replicou Curgo. — Os monarquistas, digo, os cristãos já vêm aí e a folia acaba logo. Paciência.

Do público partiam risadas, gritos e dichotes dirigidos a Floripa. A banda prosseguia na valsa lenta e o contrabaixo fazia umpa-pa… um-pa-pa… Os cristãos começaram suas evoluções. Estavam magnificamente ensaiados, e nos seus cavalos bem arreados e faceiros, "fizeram mais vista" que os mouros, como disse o dr. Toríbio. Alvarino comandava-os com o garbo dum grão-senhor. Ao passar pela frente dos adversários fez um floreio cavalheiresco com a espada nua e sorriu, mostrando o canino de ouro que lhe cintilou sob os bigodes negros, lustrosos de cosmético.

— Filho da mãe! - resmungou Curgo.

No centro da arena os cristãos agora erguiam para o ar seus bacamartes e disparavam. O tiroteio deu a impressão de que a praça era uma enorme panela onde pipocas gigantescas estivessem a estourar. A assistência rompeu em aplausos entusiásticos.

— O velho sentimentalismo popular - comentou Toríbio a Licurgo. — O povo está sempre do lado da justiça e do bem, contra o crime e o mal, sempre do lado dos anjos contra os demônios. É natural que nesta liça o coração da turbamulta bata de amor pelos cristãos e de ódio pelos mouros. Amigo Curgo, não podemos contar com a simpatia da assistência.

O remédio é batizarmo-nos, trocando o crescente pela cruz de Cristo.

Em obediência às regras do jogo, Curgo mandou aos cristãos o seu emissário, o Veiguinha, filho do proprietário da Casa Sol. O rapaz aproximou-se a galope do reduto cristão e bradou ao comandante inimigo que veio a seu encontro: O mui alto e poderoso rei da Mauritânia, Senhor do meio sol e da meia lua, Mandou-me cá à presença tua Impor-te com a maior severidade. Qual é, e qual deve ser

sua vontade!

Declamou os outros versos a plenos pulmões, mas sua voz, abafada pela música, principalmente pelos roncos do contrabaixo, não chegava até a assistência.

Quando Veiguinha terminou, Alvarino Amaral deu-lhe a sua resposta altiva: os cristãos não se renderiam aos mouros, mas lutariam até a vitória final e a libertação de Floripa. E declarou: Um só de meus guerreiros bastaria Para dar cabo de toda a mouraria.

Volta e vai tuas hostes preparar Que dentro em pouco hei de vencer e batizar.

Veiguinha voltou, sob apupos, a seu castelo, para dar conta da missão ao chefe.

A batalha começou. A um sinal partido do palanque, ambos os grupos precipitaram-se a toda a brida um contra o outro, em fila simples, gritando como selvagens e brandindo no ar suas armas. No centro da arena fizeram os cavalos estacar, quase peito contra peito, e terçaram lanças, por alguns segundos. Licurgo viu-se a "lutar" contra um membro do Clube Republicano. Não trocaram palavras nem sorrisos: estavam demasiadamente compenetrados de seus papéis para se lembrarem de que eram correligionários e amigos.

Depois de rápida escaramuça, ambos os grupos voltaram para seus lugares.

No dos mouros, Floripa esperava, sentada agora pacientemente numa cadeira, no centro do estrado.

Estava combinado que um cavaleiro cristão iniciaria os torneios individuais. Alvarino Amaral esporeou o cavalo e, de lança em riste, saiu a alvejar os bonifrates. A cada "homem" que derrubava, a multidão aplaudia com gritos e palmas. Depois de percorrer o lado direito, Alvarino voltou pelo esquerdo, fazendo tombar ao todo quinze bonecos.

Quando o comandante cristão tornou a seu lugar, Licurgo saiu a lancear açodadamente os bonifrates, como se todos eles fossem membros da família Amaral. Sua fúria era tão grande e perturbadora, e ele precipitara o cavalo a tamanha velocidade que errou os primeiros cinco golpes - o que provocou gargalhadas na multidão. Cada vez mais enfurecido, Curgo continuou a carregar, acertou num, depois noutro e assim foi até o fim, deitando por terra os bonecos restantes, sendo que trespassou a cabeça do último com a lança e ergueu-o dramaticamente no ar.

A assistência prorrompeu em grandes aplausos. A banda de música tocava um galope. Ofegante, o rosto lustroso, o suor a entrar-lhe incomodamente nos olhos, Curgo voltou para junto dos seus homens. Os bonecos foram de novo postos de pé e o torneio prosseguiu, enquanto no palanque o dr.

Winter e o juiz de direito, munidos de lápis e papel, tomavam nota do número de pontos feitos pelos membros de cada grupo. Quando chegou a vez de Toríbio, o baiano ficou onde estava, todo encolhido e de olhos baixos em cima do cavalo, pois sabia que para andar a galope teria de agarrar-se na cabeça do lombilho, o que lhe tornaria impossível manejar a lança. Da assistência partiam gritos: "Que saia o baiano! Que saia o baiano!" Estouravam risadas. Muito vermelho, o dr. Resende erguia a mão para o ar, fazendo que não com gestos frenéticos. Indignado, Licurgo murmurava: - Eu bem te dizia, Toríbio. Devia ter dado teu lugar pró Fandanguinho ou pra qualquer outro. Estás nos fazendo passar uma vergonha danada.

— Não seja bobo - replicou o advogado. — A vergonha é minha. Olha só pra minha cara. Estou tranquilo, hein?

Naquele momento ouviu-se um tropel e um cavaleiro surgiu de trás da figueira. O mascarado! - gritaram vozes. Era costume nas cavalhadas haver um palhaço, um cavaleiro mascarado que fazia evoluções humorísticas para divertir a assistência nos intervalos entre os torneios. Tinha, porém, ficado resolvido pela comissão organizadora da festa que não haveria nenhum mascarado naquela cavalhada. Quem era, pois, o recém-chegado?

O público rompeu a rir. A banda parou de repente de tocar e os músicos ficaram olhando a sorrir para o mascarado, que vestia um macacão amarelo, e tinha na cabeça o velho chapéu de chaminé que pertencera ao dr. Winter; seu rosto estava escondido por trás duma grotesca máscara de papelão. O mascarado desembainhou a espada, aproximou-se do palanque principal e fez uma continência.

O juiz de direito ergueu-se e perguntou: - Quem sois?

O desconhecido não respondeu. Um dos cristãos acercou-se dele e disse: - Vá tirando a máscara, moço…

Sem pronunciar palavra, o homem de amarelo bateu com a espada na lança do outro, numa provocação. Por alguns instantes ficaram a terçar armas, sob as risadas dos espectadores. O mascarado soltava gritinhos - hi-hi-hi-hiii - e num dado momento deu de rédeas, fez o ginete sair a todo o galope, e, perlongando o quadrilátero, começou a golpear os bonifrates. Com uma felicidade e uma destreza raras, foi-lhes decepando as cabeças uma por uma, errando apenas cinco golpes. Por fim, com um "crânio" espetado na ponta da espada, sofrenou o cavalo diante dos juizes, sob grandes aplausos. O padre Romano pôs-se de pé e sua larga cara rosada luziu risonha ao sol.

— Convido o meu belo amigo a tirar a máscara! - disse ele de maneira aliciante.

De vários pontos da praça partiram gritos: "Tira a máscara! Tira a máscara!"

O mascarado saltou do cavalo para o chão, jogou para o ar a

cabeça do boneco, embainhou a espada e, voltando-se para o estrado da banda, pediu: - Música, moçada!

O dr. Winter julgou reconhecer a voz… Mas seria mesmo quem ele suspeitava? Não. Impossível.

A banda começou a tocar uma polca e, quando o homem de amarelo arrancou a máscara, as pessoas mais próximas exclamaram em uníssono: - O Fandango!

O clamor da multidão aumentou. Explodiram gargalhadas e palmas, que se misturaram no ar com a melodia saltitante da polca. E ali na frente do palanque, os olhinhos vivos e travessos postos nos juizes, a barbicha branca esvoaçando à brisa da tarde, José Fandango sorria, de braços abertos…

A novidade chegou aos ouvidos de Curgo.

— O homem tirou o disfarce - contaram-lhe. — É o Fandango.

— Velho desfrutável! - exclamou ele, entre zangado e enternecido. — Vestido de amarelo, como um palhaço de circo de cavalinhos! E nem me contou que ia fazer isso, o ingrato!

Outro mouro comentou: - Mas viram que destreza tem o diabo do velhote?

— Está com mais de setenta no lombo, minha gente. Isso é que é resistência.

— O dr. Toríbio devia até ficar envergonhado. O baiano limitou-se a resmungar: - Não me amolem.

O padre Romano desceu do palanque para ir apertar a mão do capataz.

— Venha sentar-se conosco, sr. Fandango - convidou. — Vossuncê é o herói do dia.

Fandango deu o braço ao padre e caminhou com ele para o estrado das autoridades.

A notícia do inesperado acontecimento chegara já à janela do Sobrado.

Bibiana disse às sobrinhas: - Esse velho assanhado ainda vai acabar morrendo numa dessas travessuras.

Fingia zanga, mas no fundo estava orgulhosa. Fandango era “gente do Sobrado” e acabara de dar àquele povo uma demonstração do quanto os antigos eram melhores que os “moços de hoje em dia”.

Alice e Maria Valéria assistiam com interesse ao espetáculo. A primeira perguntou: - E agora, titia?

— Agora - respondeu Bibiana - os cristãos vão salvar a Floripa.

Na praça o povo preparava-se para o momento culminante da guerra.

Ouviu-se uma clarinada. Era o sinal convencionado para a carga final. Os mouros desceram de seus cavalos, amarraram-nos ao tronco da figueira e depois vieram entrincheirar-se à frente de sua fortaleza,

de espingardas em punho, enquanto Floripa, sempre sentada na sua cadeira, pernas e braços cruzados, esperava pachorrenta. Alvarino Amaral ergueu a espada e gritou: “Avante!” Soltando gritos de guerra, os cristãos se atiraram ao ataque a todo o galope. Batido pelas patas dos doze animais, o chão soava como um grande tambor surdo.

— Fogo! - bradou Curgo. Seus homens dispararam as espingardas quase ao mesmo tempo. Os cristãos fizeram alto subitamente e simularam uma retirada em desordem. Um dos mouros, num gesto absolutamente fora do programa, apanhou a bandeira vermelha que estava plantada a uma das quinas do “castelo” e começou a agitá-la no ar, gritando: “Já se entropigaitaram os cristãos!” Soltou uma gargalhada rascante, que foi abafada pelo ruído dos aplausos.

Voltaram os cavaleiros da cruz ao ataque e, apeando dos cavalos, lançaram-se contra o forte mouro de espadas desembainhadas. Os infiéis também arrancaram as espadas e o entrevero começou. Retinindo e lampejando, ferros chocaram-se no ar. A banda tocava um galope frenético em que o contrabaixo resfolegava como um homem gordo à cadência duma respiração de susto. Os guerreiros vociferavam blasfêmias. Licurgo defrontou-se com o coletor estadual, mas com o rabo dos olhos viu Alvarino Amaral, que sorria mostrando o canino de ouro. (Que cara boa pra uma bofetada!) A princípio mouros e cristãos terçaram armas, cada grupo formado numa fila simples mais ou menos regular, mas depois de meio minuto de luta a formação foi quebrada, os mouros saltaram do estrado para o chão e o entrevero então foi completo. Os contendores trocavam bravatas: - Olha que te degolo!

— Lá vai ferro!

— Já te capo!

— Te defende!

— Toma esta que a tia Chica te mandou!

O público, exaltado, aplaudia sempre. Muitos daqueles homens que ali estavam sentados tinham tomado parte em revoluções e guerras. Quando sentiam cheiro de pólvora ou ouviam o tinir de arma branca, ficavam excitados. Um velho magro, que se achava acocorado nas proximidades do forte mouro, picando fumo com sua faca de cabo de osso, gritou para os vizinhos: - Como é, moçada, vamos também entrar no barulho? Um homem de barba cerrada e chapéu de palha exclamou: - Sai, velhote! Tu nem pode mais com as calças…

O velho voltou-se para ele, fulo, e vociferou: - Eu te mostro, cachorro!

E atirou-se contra o outro de faca em riste. “Que é isso, Seu Pires?” - gritaram. O velho foi agarrado e levado à força para seu lugar, enquanto o homem de chapéu de palha desculpava-se, com um sorriso amarelo: - Estou brincando, amigo. Então não se pode nem caçoar? O velho ofegava, lançando para o outro um olhar torvo.

As atenções tornaram a voltar-se para o torneio. Um cristão naquele momento saltava para dentro do "castelo", arrebatava Floripa, montava no seu corcel, içava a princesa para a garupa e saía a galopar na direção de seu reduto, sob aplausos gerais. Floripa fora libertada! Mas agora o público queria ver a cara da "princesa". "Tira a mmáscara!" - gritavam. O cavaleiro que salvara Floripa fê-la descer do ginete. Alguns espectadores não se contiveram: invadiram a arena e ali mesmo, abaixo de gritos e risadas, arrancaram-lhe primeiro a máscara e depois as roupas. "É o Liroca!" - exclamaram. "O Liroca!" - "Me larguem!" - gritava José Lírio, quase chorando de raiva. — "Me larguem, miseráveis!"

Os outros continuavam a despi-lo sem piedade, e iam agitando no ar as vestes da "donzela", enquanto Liroca se debatia, todo confuso, em mangas de camisa, com as bombachas arregaçadas até os joelhos, mostrando as pernas cabeludas, e tendo ainda na cabeça a cabeleira loura de mulher num contraste com o rosto másculo onde azulava a barba de dois dias.

Por um instante ficou sem saber que fazer, mas de repente, arrancando e atirando longe a cabeleira, deitou a correr na direção da igreja.

As atenções, que se haviam desviado da luta para a cena cômica, focaram-se de novo no entrevero.

— Que é aquilo? - perguntou o juiz de direito. — Dois homens ainda lutando?

Estava combinado que quando libertassem Floripa, os mouros se renderiam.

Alguém gritou: - É o Curgo e o Alvarino se duelando… O dr. Winter ergueu-se num salto.

— Ai-ai-ai - fez ele, voltando-se para o padre. — É bom irmos até lá.

Saltou do palanque e saiu a caminhar apressado, com o charutinho apertado nos dentes, uma das mãos segurando a bengala e a outra a aba do chapéu para que ele não lhe voasse da cabeça. O padre seguiu-o, em passadas largas, fungando. O público começou a invadir a arena. "Abram cancha!" - gritavam. "Abram cancha!" Pelo meio da multidão desordenada Florêncio Terra também corria, arrastando a perna, apalpando já o cabo do punhal, com uma expressão belicosa no rosto. Juvenal seguia-o de perto, gritando: "Chegou a hora! Chegou a hora!"

Tinham formado um círculo compacto em torno dos homens que se batiam.

— Eu te mostro, cachorro! - gritou Alvarino.

— Temos contas a ajustar, ladrão! - replicou Curgo.

E atiravam-se como feras um contra o outro. Ouviam-se

exclamações desencontradas na multidão. “Apartem!” "Não se metam!" “Mas vão se matar! ” "Que se matem!" “Barbaridade!” "Olha o padre!" “Abram cancha!”

Com as caras contorcidas de ódio e reluzentes de suor, os dentes à mostra, a respiração ofegante quase transformada num estertor de fera malferida, os dois inimigos batiam ferros, avançavam e recuavam, brandindo as espadas. Licurgo tinha na testa um ferimento de onde o sangue brotava, escorrendo-lhe pelo rosto e entrando-lhe pelos olhos e pela boca. O peitilho azul da blusa de Alvarino Amaral estava também empapado de sangue.

O padre Romano conseguiu abrir caminho e penetrar na pequena clareira onde os homens duelavam.

— Parem, pelo amor de Deus! - suplicou o vigário, erguendo os braços. E por breves segundos seu vozeirão dramático dominou todos os outros ruídos. O duelo, porém, continuava com a mesma ferocidade. Alvarino, muito pálido, apertava o peito com a mão esquerda, como a procurar a ferida, e o sangue já começava a escorrer-lhe por entre os dedos.

Licurgo tinha o olho esquerdo completamente vermelho e sua respiração era tão forte que ao expelir o ar ele produzia um chuvisqueiro de saliva misturada com sangue.

O padre teve um instante de hesitação, mas a seguir, baixando a cabeça e estendendo os braços para a frente, investiu como um touro e, procurando evitar o nível em que as espadas se chocavam, meteu-se entre os adversários.

Houve da parte destes um instante de perplexidade e indecisão, do qual se aproveitaram o dr. Winter, Toríbio, Juvenal e outros homens, que seguraram poderosamente os duelistas pelos ombros e pelos braços, imobilizando-os.

— Me larguem! - cuspinhava Licurgo, tentando libertar-se, e com a espada ainda na mão. Alvarino, porém, já não opunha aos apartadores a menor resistência. Deixou cair a arma ao solo e, muito pálido, ora olhava para a mão ensanguentada ora apalpava o peito, murmurando: - O canalha me feriu! O canalha me feriu! Chamem um médico! Chamem um médico!

O padre andava dum lado para outro, tentando acalmar os ânimos. O coronel Bento Amaral surgiu de repente, seguido do filho mais moço e de dois genros, todos de pistolas em punho, façanhudos e ameaçadores.

Abriam caminho na multidão e procuravam aproximar-se de Licurgo. Ao vê-los, Florêncio e Juvenal arrancaram também das pistolas e, acompanhados de Fandango, que tinha na mão apenas sua faca de picar fumo, postaram-se defensivamente na frente de Licurgo.

— Me larguem! - gritava este último. — Por amor de Deus me

larguem!

Seu olho vermelho piscava repetidamente; seus dentes estavam tintos de sangue.

— Vamos ajustar contas com a cachorrada do Sobrado! - gritou o velho Bento, arrastando os pés. A pistola tremia-lhe na mão, e a cicatriz que tinha no rosto estava purpúrea contra a pele cor de palha.

O padre avançou alguns passos e barrou o caminho aos Amarais.

— Em nome de tudo quanto há de mais sagrado, não avancem nem um centímetro mais!

Naquele instante muitas das pessoas que haviam invadido a arena começaram a correr e a fugir, na expectativa dum tiroteio. Atrás do padre, Florêncio, Juvenal e Fandango, sem tirar os olhos dos Amarais, esperavam. Toríbio dava pulos e gritava: - Até que um dia o tumor veio a furo!

— Não estrague a parada, padre! - pediu Licurgo. — Me soltem que eu mostro pra essa corja!

O velho Bento quis dizer alguma coisa, mas a raiva roubou-lhe a voz, seus lábios descorados moveram-se, flácidos, sob os bigodes brancos, mas deles saiu apenas um silvo.

Ao redor de Curgo estavam agora reunidos muitos companheiros do Clube Republicano.

Alvarino foi carregado pelos amigos na direção de sua casa, enquanto o dr. Winter se esforçava, mas em vão, para que Curgo fosse também afastado daquele lugar.

— O covarde vai fugir! - gritou o mais moço dos Amarais. Florêncio Terra bradou: - Cala a boca, ordinário!

O jovem Amaral deu dois passos à frente, apontou a pistola para Florêncio e, quando quis fazer fogo, o padre segurou-lhe a arma com a mão direita, e ergueu-a para o ar, enquanto com o braço que tinha livre enlaçava fortemente a cintura do rapaz. Ficaram assim por uns segundos como que a dançar. O vigário gritou: - Pelo amor de Nossa Senhora da Conceição, padroeira desta vila!

Seu carão vermelho estava alagado de suor, suas narinas palpitavam, e havia em seus olhos, de ordinário doces, um brilho belicoso. Conseguiu finalmente tirar a pistola das mãos do outro, mas continuou a enlaçá-lo.

— Solta o meu filho senão eu faço fogo! - ameaçou o coronel Bento.

O padre Romano obedeceu. Não se limitou, porém, a afrouxar o abraço; afastou o moço com um repelão tão forte que ele tombou de costas.

— Padre do diabo! - vociferou o velho Amaral. — Eu te ensino a respeitar os superiores!

Avançou com a pistola erguida à altura do peito do vigário, que

se limitou a abrir os braços e dizer: - Pois atire!

O velho hesitou. Fez-se um silêncio súbito e nesse silêncio se ouviu a voz de Florêncio: - Vai morrer muita gente… - disse ele com uma calma dramática na sua falta de dramaticidade.

Passavam-se os segundos. O padre continuava de braços abertos, como que pregado a uma cruz invisível. Por trás dele os amigos de Licurgo, de armas em punho, esperavam. Toríbio repetia num automatismo nervoso: - Saia fora, padre, porque a parada é nossa!

Bento Amaral desceu o braço e meteu a pistola no coldre. Voltou-se para seus homens e disse, babando-se de mal contida raiva: - Não vamos estragar a nossa festa só por causa desses republicanos mazorqueiros.

Voltou as costas para o padre e se foi, arrastando os pés na direção de sua casa, seguido de parentes, amigos e capangas. O padre baixou os braços e por alguns instantes ficou a seguir o grupo com o olhar.

Depois, voltando-se para os homens que estavam às suas costas, exclamou: - Porca miséria! Desta vez quase me arrebentam a alma.

Começou a enxugar o rosto com seu grande lenço de alcobaça.

O Sobrado estava cheio de amigos, que comentavam o incidente. Em mangas de camisa e sentado numa cadeira na sala de visitas, Licurgo deixava que o dr. Winter lhe pensasse o ferimento da testa. Era um talho longo mas não muito profundo. Fora necessário dar-lhe cinco pontos, que Curgo suportara sem gemer.

— Costure direito o menino - dissera-lhe Bibiana, que seguira o curativo de perto, sem desviar os olhos.

Curgo era um homem - pensava ela. Quem tivesse antes alguma dúvida, agora a perdia, porque o rapaz não soltara um ai. Estava ali com a camisa aberta, um pedaço do peito cabeludo e forte à mostra: macho como o pai e o avô.

— Pronto! - disse o dr. Winter, terminando de amarrar um pano ao redor da cabeça do ferido. E, com o prazer de sempre, repetiu um ditado da província: "Não há de ser nada: quando casar, sara.

Bibiana pensou na Alice, coitadinha; que estava lá em cima deitada na cama, muito pálida, tomando o chá de folha de laranjeira que Maria Valéria lhe preparara.

— Canalhas! - murmurava Toríbio, ainda vestido de mouro e sentado numa cadeira a trançar e destrançar as pernas.

Bibiana lançou-lhe um olhar frio: - Pare quieto, doutor. Finalmente a coisa podia ter sido pior. Ninguém morreu, que eu saiba.

Contava-se que Alvarino estava ferido no peito e havia perdido muito sangue. O coronel Bento, esse continuava a ameaçar céus e terra.

Curgo mirava suas bombachas vermelhas.

— Preciso tirar estas roupas o quanto antes - disse.

O dr. Winter fechou a bolsa onde trouxera medicamentos e instrumentos cirúrgicos.

— Mas conte direito como começou a coisa - pediu ele, acendendo um charutinho. — Ainda não pude formar uma ideia. Cada qual conta a história a seu modo.

O dr. Toríbio pulou da cadeira: - Pois eu estava terçando armas com o cachorro do Alvarino enquanto o Curgo, a meu lado, brigava com outro cristão. De repente ouvi o canalha gritar: “Já te corto a cara, republicano patife!”

Curgo interrompeu o amigo para corrigi-lo: - Não, Toríbio. Eu me lembro bem. O que ele disse foi: “Eu te mostro, republicano sem-vergonha!”

— Pois então foi isso - concordou Toríbio. — Fiquei possesso e gritei…

Curgo de novo o interrompeu: - Quando ouvi isso, deixei o meu parceiro e respondi: “Monarquista ordinário, é contigo mesmo que eu quero tirar uma diferença”. E nos atracamos.

— E se não fosse o padre Romano - concluiu Bibiana - vocês se matavam.

— Tinha sido melhor assim, vó. A gente resolvia o assunto duma vez por todas.

— Qual! - exclamou o dr. Winter, soltando uma baforada. — Não diga asneiras. Vossuncês precisam mas é criar juízo e acabar com essas rivalidades. Não digo que fiquem amigos, mas ao menos parem de brigar.

Já que têm de viver na mesma cidade, é melhor que vivam em paz.

De dentes cerrados Curgo resmungou: - Amaral, comigo, só na ponta da faca.

Naquele momento Fandango, que estivera a contar a "questão à negrada da cozinha, apareceu à porta da sala de visitas, com as faces iluminadas por um sorriso.

Curgo dirigiu-lhe um olhar enviesado: - Velho gaiteiro! Como é que vossuncê faz uma coisa dessas e nem avisa a gente antes?

Todos os olhares se voltaram para o capataz, que encolheu os ombros e respondeu: - Ué. Eu queria fazer uma surpresinha. — Deu alguns passos na direção de Bibiana. — Vossuncê viu as minhas proezas?

A velha sacudiu afirmativamente a cabeça: - Vi. Parecia um palhaço de circo.

Fandango meteu os polegares nas cavas do colete, entortou a cabeça e filosofou: - O mundo é mesmo um circo, dona. Tem de tudo. Burlantins que viram cambota, equilibristas, os que fazem piruetas em

riba dum cavalo, os palhaços. E quem nasce pra palhaço, como eu, morre palhaço e nunca endireita. — Neste ponto o dr. Winter, que observava o velho, julgou perceber-lhe no tom da voz uma pontinha de tristeza. (Ou estaria fantasiando?)

— Pois é - prosseguiu o capataz. — Já pedi ao meu neto que quando eu morrer me botem no caixão com uma roupa bem bonita. Em vez de velório, façam um baile no terreiro, com bons violeiros. E dancem a tirana-grande, o anu e a chimarrita em roda do meu corpo. Quero que o enterro seja abaixo de gaita. E que seis morochas bem guapas carreguem o meu caixão.

Houve um curto silêncio, ao cabo do qual Bibiana murmurou: - Velho assanhado.

E lançou para Fandango um olhar entre repreensivo e afetuoso.

Eram sete horas da noite e Jacob Geibel estava recostado a um poste, à esquina da praça, olhando para o Sobrado, cujas janelas do andar térreo se achavam iluminadas. Havia uma boa hora que o sacristão ali se encontrava, falando consigo mesmo e olhando os convidados que tinham começado a chegar logo depois das seis. Via com uma raiva surda os vultos que se moviam por trás das vidraças que o frio embaciara. Fazia já algum tempo que alguém discursava lá dentro, e a voz do orador chegava de vez em quando, meio apagada, aos ouvidos do sacristão.

Encolhido sob o poncho, com as abas do chapéu de feltro puxadas sobre os olhos, Jacob Geibel contemplava o Sobrado com ressentimento. Havia ali fora, no meio da rua, grupos de curiosos que espiavam a festa. No outro lado da praça, o Paço Municipal tinha suas janelas também iluminadas, e lá de dentro vinham os sons da banda de música, que tocava uma valsa. A noite estava estrelada e o ar parado e não muito frio. De quando em quando um cachorro latia numa rua distante. Por trás do Sobrado erguia-se o clarão da grande fogueira de São João.

Deviam prender fogo naquela casa - soliloqueava o sacristão. Ele gostaria de ver aquelas fêmeas saírem correndo e gritando lá de dentro, com suas vestes em chamas. Seria muito bem-feito. Se morressem todos os convivas, não se perderia nada. E se o vigário também ficasse carbonizado a coisa então seria muito melhor.

Jacob Geibel tirou de baixo do poncho uma garrafa de cachaça, levou-a à boca e bebeu um gole largo. Depois lambeu os beiços e chupou os bigodes, ao mesmo tempo que lhe vinha à mente uma ideia excitante: tirar toda a roupa e entrar nas salas do Sobrado para escandalizar aquelas mulheres com sua nudez… Por alguns segundos o sacristão ficou a masturbar-se com essa ideia.

A música da valsa de vez em quando ficava mais forte, vinha como que em rajadas que o envolviam, e Jacob pôs-se a pensar num

baile da mocidade, em sua aldeia natal, havia mais de trinta anos… Viu-se atravessando o salão na direção duma rapariga: inclinou-se à frente dela, convidou-a para dançar e a Frãulein como única resposta rompeu numa gargalhada. A vergonha daquele momento! Todo o mundo olhando e rindo. O chão pareceu faltar a seus passos quando, perturbado e vermelho, ele voltava a seu lugar. Cadelinha! Agora Jacob Geibel tornava a sentir aquele calorão, aquele formigueiro aflitivo a percorrer-lhe o corpo. Mas não era vergonha, não. Era a cachaça. Cadelas! Isso é que eram as mulheres.

Cadelas! Todas, inclusive sua mãe, que ele nunca conhecera, e que tivera a coragem de pô-lo na roda. Ordinárias!

Sob o lampião de luz amarelada e tíbia, o Barbadinho do Padre olhava para as janelas do Sobrado e imaginava-se a correr completamente nu pelo meio daquelas mulheres, que gritavam e tampavam os olhos com as mãos.

Naquele instante a voz do orador se fez mais forte e até aos ouvidos do sacristão chegaram estas palavras:…ancha negra da escravatura.

De costas para o grande espelho, na sala de visitas, metido no seu bem cortado croisé preto, com uma pérola a brilhar-lhe foscamente contra o fundo escuro do plastrão, o dr. Toríbio Resende enchia o ambiente com sua voz metálica e vibrante. Fazia já vinte minutos que discursava, traçando a história da escravatura no mundo. Começara por dissertar sobre a índia, o país das castas, em que os sudras constituíam a classe inferior, cuja sina era submeter-se e servir. Passara depois para o Egito, na descrição de cuja paisagem gastara prodigamente adjetivos, pedindo emprestado a Castro Alves duas estrofes, “duas joias lapidares sem par na literatura universal”, e que na sua opinião, melhor do que qualquer tela, que qualquer daguerreótipo, descreviam o país da esfinge e das pirâmides: Lá no solo onde o cardo apenas medra, Boceja a Esfinge colossal de pedra Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas As cegonhas espiam debruçadas O horizonte sem fim… Onde branqueja a caravana errante E o camelo monótono, arquejante, Que desce de Efraim.

— Pois nessa terra que em tempos pretéritos atingiu um grau de civilização de que o mundo ainda hoje se assombra - prosseguira o orador - os faraós faziam guerras para se apoderarem de escravos, e o rei Amenhotep - e Resende repetiu o nome com certa volúpia - o rei Amenhotep chegara a mandar ao Sudão uma expedição com o fim exclusivo de caçar negros para transformá-los em servos!

Do Egito o dr. Toríbio transportou-se para a China, em que os primeiros escravos, segundo se calculava, haviam surgido durante a dinastia de Chow. Na ponta dos pés, Resende atirava aquelas palavras

como farpas contra as muitas dezenas de pessoas que o ouviam, em respeitoso silêncio, na sala do Sobrado. A dinastia de Chow! Ele arrasava aquela gente com sua erudição. Aquilo de certo modo lhe era uma compensação para as frustrações da tarde em que como cavalheiro fizera figura triste. Agora ele fazia evoluções de picaria verbais, e nessa arte sabia não ter rival em Santa Fé. Pronunciar aqueles nomes de brâmanes, faraós, mandarins e reis; empregar com destreza e naturalidade os adjetivos mais raros, era o mesmo que derrubar bonifrates a golpes de lança ou espada.

"Sim, meus senhores e minhas senhoras, na China da Antiguidade, os prisioneiros de guerra, fosse qual fosse a cor de sua epiderme, eram transformados em escravos." E, sem tomar fôlego, Toríbio Resende saltara da China para a Babilônia - cuja descrição se prestara à maravilha para novos jogos florais de eloquência - e entrara, quase sem fôlego, na história dos hebreus, para depois chegar, com um sorriso nos lábios, à Grécia, "a gloriosa Hélade, a serena Hélade dos filósofos, dos sábios e dos artistas, e cujo grande vate, Homero, na sua Ilíada, menciona Aquiles e Agamemnon como possuindo escravos em suas tendas…

Nas salas iluminadas pela luz de dezenas de velas e lampiões a querosene, as damas estavam sentadas e os cavalheiros de pé. Bibiana, vestida de preto, fitava no orador seus olhinhos galhofeiros, sacudindo a cabeça a cada nome arrevesado de guerreiro, monarca ou filósofo que o baiano soltava no ar com sua voz cantante. Era um moço de fala engraçada - achava ela. Dizia luiz e cruiz em vez de luz e cruz; e sabia que como revide o baiano troçava dela quando a ouvia dizer rés e depôs, em vez de réis e depois.

Sentado junto da dona da casa o padre Romano de quando em quando sacudia a cabeça numa grave aprovação. E seus lábios se abriram num sorriso feliz quando Toríbio Resende afirmou que com o advento do cristianismo a situação dos escravos melhorara, e as manumissões se fizeram mais frequentes. Entrando na Roma antiga o orador estudou a situação dos escravos à luz do direito romano, e, avançando tempo em fora, com botas de sete léguas, passou dramaticamente sobre a Idade Média e - tropeçando em instrumentos de tortura, chamuscando-se em fogueiras de auto-defé - chegou com a testa rorejada de suor aos tempos modernos. Fez uma súmula das conquistas do homem mercê da Revolução Francesa e depois traçou a história da escravatura no Brasil, desde o dia em que os primeiros escravos negros puseram o pé em terras de Santa Cruz até aquele momento, àquela "já histórica" noite de 24 de junho de 1884, no Sobrado, em que por iniciativa do Clube Republicano de Santa Fé mais de trinta escravos iam receber sua carta de manumissão.

Fez uma pausa para beber um gole de água dum copo que estava

às suas costas, sobre o consolo. Curgo olhou para a avó e sorriu. A velha piscou-lhe o olho. Trepado numa cadeira, na sala de jantar, o velho Fandango "bombeava" o orador por cima das cabeças das pessoas que se comprimiam na sala. Do quintal vinha de quando em quando o murmúrio das vozes dos escravos junto com o crepitar da fogueira.

Passando o lenço de leve pelos lábios, Toríbio Resende tornou a encarar o auditório.

— Senhoras e senhores - disse. — Do significado desta noite, o Futuro e a História hão de dizer com uma eloquência muito maior que a de minhas pobres palavras!

— Não apoiado! - aparteou o padre.

Enquanto o advogado discursava, Licurgo passeava os olhos em torno - demorava-os um pouco na face de cada conviva, como a escrutar as reações de cada um àquele discurso ao qual ele próprio não prestava muita atenção. Era engraçado - achava ele - ver barbeados e penteados, de roupa nova e escura, colarinho duro e botinas lustradas, aqueles homens que ele estava habituado a ver diariamente de bombachas e botas, casaco de riscado ou então metidos nos ponchos, com as barbas geralmente crescidas. Como as mulheres ficavam mais bonitas quando vestiam suas roupas domingueiras e faziam penteados especiais! Com o canto dos olhos ele mirou por alguns instantes a noiva, que se achava sentada a seu lado. Seus cabelos negros e lustrosos de óleo estavam puxados para cima, num penteado alto que lhe acentuava o oval do rosto. De suas orelhas pendiam brincos de pedras azuis na forma de losangos. Num contraste com o vestido de gorgorão preto, muito rodado, a pele de Alice tinha uma tonalidade de marfim antigo. Licurgo achava que a fita de veludo negro que a noiva trazia ao redor do pescoço, e da qual pendia um medalhão dourado, lhe dava um ar de moça de cidade. Sentada junto dela, com o busto ereto, Maria Valéria tinha as mãos caídas sobre o regaço, e seu perfil se recortava nítido e agudo contra o croisé negro dum dos convivas.

Licurgo tornou a voltar a cabeça para Toríbio, que agora atacava o gabinete liberal e o imperador, dizendo: - … e homens como Rui Barbosa, o do verbo candente, Joaquim Nabuco, o nobre estilista, e José do Patrocínio, que é a própria voz da raça negra escravizada, estão, com um punhado de outros heróis, preparando o advento da Abolição ao mesmo tempo que o da República, porque, minhas senhoras e meus senhores, abolição e república são sinónimos perfeitos!

Licurgo pensou em seu duelo com Alvarino Amaral e ficou ruminando o sabor violento, acre e embriagador daquele momento.

Havia muito que não sentia uma exaltação assim tão grande.

Comparados com ela, a festa do Sobrado, a manumissão dos escravos, seu noivado com Alice e a própria ideia de república empalideciam, como coisas de menor importância.

Levou a mão à testa e com a ponta dos dedos apalpou de leve as ataduras bem no ponto em que sentia o ferimento. Estava orgulhoso daquele talho.

O fato de nunca ter tomado parte em nenhuma guerra ou revolução sempre o deixara numa incómoda posição de inferioridade perante seus conterrâneos de meia-idade que haviam lutado no Paraguai e os velhos que tinham feito a campanha contra Rosas e a Guerra dos Farrapos. Sempre fora considerado um "espada virgem". Naquela tarde, porém, tivera seu batismo de sangue, e isso para ele tinha uma significação extraordinária. Era como se só agora se pudesse considerar completamente adulto. E essa sensação de ser homem, a certeza de que na hora do perigo a mão não lhe tremera, o coração não lhe falhara, davam-lhe uma força nova, uma confiança exaltada em si mesmo, e ao mesmo tempo uma certa impaciência que no fundo era desejo de mais ação violenta, de mais oportunidades para pôr à prova sua hombridade. Daquele duelo interrompido ficara-lhe também um sentimento de frustração, a impressão irritante de ter deixado um serviço incompleto, bem como acontecera com seu avô, que não pudera fazer o rabinho do R na cara de Bento Amaral.

Porque - achava Curgo - a coisa só devia terminar quando Alvarino ou ele ficasse estendido no chão lá na praça…

Licurgo passou o indicador da mão direita entre o pescoço e o colarinho.

Aquela coisa engomada sufocava-o: o discurso também começava a impacientá-lo. Gostava de Toríbio, achava-o inteligente, leal, o melhor amigo do mundo. Mas o diabo do rapaz falava demais; quando começava, Santo Deus!, não havia quem o fizesse parar. Lá estava ele a atacar violentamente a monarquia. Licurgo viu uma expressão de interesse na fisionomia de muitas das pessoas que o escutavam; mas nos rostos da maioria dos convivas o que ele via era fome. Misturado com o perfume de pó-de-arroz e de extrato, que emanava das mulheres, andava no ar um cheiro de comida, e de vez em quando vinha da cozinha um bafejo de frituras. A entrega dos títulos de manumissão levaria algum tempo. Quando era, pois, que aquela pobre gente ia para a mesa?

Licurgo estava prestes a fazer para o amigo uma careta de impaciência quando Toríbio ergueu a mão e gritou, rematando o discurso: - Viva a Abolição! Viva a República!

Vozes masculinas uniram-se num coro e repetiram: - Viva!

Romperam os aplausos. Alguns homens avançaram para estreitar Toríbio num abraço. Bibiana soltou um suspiro de alívio e cochichou

ao ouvido do padre: - Esse moço fala pelos cotovelos.

Atílio Romano mostrou os belos dentes num sorriso tolerante: - O dom da palavra é uma graça divina, bela! - exclamou ele. Costumava chamar aos amigos belo ou bela. O dr. Winter até achava que esse era o tratamento que o vigário dava na intimidade a Nossa Senhora da Conceição. — E o dr.

Toríbio usa da sua palavra em prol da boa causa! - acrescentou o padre já em tom declamatório.

O médico inclinou o busto para a frente e voltou a cabeça para o vigário.

— Padre Romano - disse ele em voz muito alta para ser ouvido no meio da balbúrdia - ainda não compreendi como é que, sendo o senhor um sacerdote católico, pode simpatizar com a ideia republicana…

— Por que não? Por que não, belo? Acha que um padre não deve ou não pode ter emoção cívica?

— Não é isso. Um dos pontos do programa republicano é a separação da Igreja do Estado…

O padre Romano ergueu-se.

— E então! E daí? - exclamou, aproximando-se do outro, como se o quisesse agredir. Segurando o médico pelos ombros com suas manoplas peludas, perguntou: - Pensa o doutor que a Igreja para sobreviver precisa do amparo do Estado? - Soltou uma risada gostosa. — Essa é magnífica! O Estado é que não poderá viver se não se amparar espiritualmente na Igreja!

O dr. Winter sacudia a cabeça, ao passo que Bibiana voltava os olhos ora para um ora para outro Depois esqueceu-os e passeou o olhar em torno da sala. Os homens agora conversavam em voz alta, animadamente, divididos em pequenos grupos. No meio deles Licurgo parecia uma mosca tonta. Como ficava esquisito com aquele pano amarrado na testa! Parecia um bugre - sorriu Bibiana.

A entrega dos títulos de manumissão foi feita no meio dum silêncio grave e comovido. Os escravos estavam no quintal, junto da porta da cozinha, e entravam à medida que seus nomes iam sendo chamados. Sob o espelho da sala de visitas, os títulos empilhavam-se em cima do consolo de mármore.

Toríbio Resende lia a lista de nomes: - Antônio Tavares! Marcolino Almeida! Terêncio Rodrigues! - e muitas vezes Licurgo tinha de soprar-lhe ao ouvido o apelido do negro chamado, pois muitos daqueles homens já haviam esquecido os nomes de batismo. “Maneco Torto! - gritava Toríbio. — Dente de Porco! Inácio Moçambique!” Por entre alas de convidados os pretos entravam na sala, piscando os olhos à luz forte, e acanhados, de cabeça baixa, sem ousarem olhar para os lados, aproximavam-se de Licurgo, recebiam o

título e beijavam-lhe a mão; alguns ajoelhavam-se depois diante da cadeira em que Bibiana estava sentada e levavam aos lábios a fímbria de sua saia. Retiravam-se, estonteados, buscando aflitamente a porta da cozinha. Muitos dos escravos choraram ao receber a carta de alforria. Houve, porém, um deles que entrou de cabeça erguida, olhou arrogante para os lados, como num desafio, recebeu o título e sem o menor gesto ou palavra de agradecimento, fez meia-volta e tornou a voltar para o quintal, impassível como um rei que acaba de receber a homenagem a que tem direito. Licurgo acompanhou-o com um olhar furibundo. Era o João Batista! Merecia uns bons chicotaços na cara. Sempre fora assim altivo e provocador. Era um bom peão, um bom domador, um trabalhador incansável, mas tinha um jeito tão atrevido, que por mais duma vez Licurgo estivera prestes a "ir-lhe ao lombo.

A chamada continuava. Negros entravam e saíam. Havia entre eles homens e mulheres, moços e velhos. Licurgo começava a irritar-se. A cerimônia não só se estava prolongando demais, como também não oferecia metade da emoção que ele esperava: era uma coisa tão lenta e aborrecida como uma eleição. “Bento Assis!” - gritou Toríbio. E como o preto chamado não aparecesse, ele repetiu em voz mais alta: “Bento Assis!” O peão que estava à porta da cozinha gritou para fora: “Bento Assis!” Nenhuma resposta veio. Licurgo, que sacudia a perna nervosamente, bradou de repente: “Bento Burro! Onde está esse animal?” "Bento Burro!" - repetiu o peão. Então uma voz soturna saiu do meio dos escravos que esperavam, no sereno: “Pronto, patrão!” E entrou na casa.

E o desfile continuou. Licurgo mal podia conter sua impaciência. Não conseguia convencer-se a si mesmo de que aquela era uma grande hora - uma hora histórica. Não achava nada agradável ver aqueles negros molambentos e sujos, de olhos remelentos e carapinha encardida, a exibir toda a sua fealdade e sua miséria naquela casa iluminada. E como eram estúpidos em sua maioria! Levavam a vida inteira para atravessar a sala e depois ficavam com o papel na mão, atarantados, sem saber que fazer nem para onde ir. Era preciso que ele gritasse: "Agora vá embora. Não!

Por ali. Volte pró quintal!"

O pior era que o Sobrado já começava a cheirar a senzala.

Foi com um suspiro de alívio que entregou o último título.

E quando o último escravo desapareceu na cozinha, houve um momento de silêncio e imobilidade, como se os convidados esperassem de Licurgo algumas palavras. Mas quem falou primeiro foi a velha Bibiana: - Agora abram as janelas pra sair o bodum!

Licurgo mandou erguer as vidraças. Estava meio decepcionado. Esperara durante meses por aquele instante e no entanto ele não lhe trouxera a menor emoção. De repente viu-se cercado por amigos que

lhe apertavam a mão e o abraçavam efusivamente. Um deles gritou: "Viva o Clube Republicano! Viva o nosso correligionário Licurgo Cambará!" Os outros gritaram em coro: "Viva!" E começaram todos a bater palmas estrepitosamente. Os gaiteiros que estavam no vestíbulo romperam a tocar uma marcha. Licurgo, então, sentiu com tamanha e repentina força a beleza daquele instante, que esteve quase a rebentar em lágrimas. Foi com esforço que se conteve.

Entregou-se passivamente àqueles abraços, alguns dos quais chegavam a cortar-lhe a respiração. Não ouvia as palavras que lhe diziam. Só sabia que aquele momento era glorioso, raro, grande. Com um gesto de suas mãos tinha dado liberdade a mais de trinta escravos! Lá fora estava acesa uma grande fogueira ao redor da qual os negros - agora homens livres, felizes e dignos - iam dançar, cantar, comer e beber!

Uma preta de turbante vermelho, os dentes arreganhados, andava por entre os convidados com uma bandeja cheia de copos de cerveja. Alguém deu a Licurgo um copo, que ele apanhou e levou avidamente aos lábios, bebendo-lhe todo o conteúdo dum sorvo só. Ficou depois lambendo distraidamente os bigodes, a olhar em torno, meio zonzo, sentindo um calor e um tremor de febre, as ideias confusas e sempre aquela vontade absurda de chorar. Bibiana aproximou-se dele e abraçou-o e - pela primeira vez em muitos anos - seus lábios úmidos pousaram na face do neto num beijo chocho.

— Deus te abençoe, meu filho - balbuciou ela.

Licurgo inclinou-se, encostou uma das faces na cabeça da avó e rompeu a chorar como uma criança. Bibiana arrastou-o para o vestíbulo e depois para o escritório, cuja porta fechou apressadamente. Não queria que os convidados vissem aquele acesso de nervos de seu rapaz.

— Que é isso, Curgo? Não chore. Vamos, enxugue as lágrimas. Ora, já se viu?

Licurgo passava o lenço nos olhos e nas faces e fungava, furioso consigo mesmo por ter fraquejado, e já com uma vaga vontade de brigar. Mas brigar com quem e por quê?

— Vamos botar essa gente na mesa! - exclamou de repente. — Devem estar morrendo de fome.

Puxou bruscamente a avó pelo braço, e sempre fungando, com vontade de dizer nomes feios a seus convidados e ao mesmo tempo de abraçá-los, voltou para a sala, exclamando:

Vamos comer, minha gente! Vamos pra mesa! Esta casa é de vossuncês!

Tinham posto na sala de jantar uma longa mesa, coberta de toalhas de linho muito alvo, e sobre a qual se alinhavam travessas com carne de porco fria e farofa, pedaços de galinha assada, linguiça frita e

rodelas de salame e presunto de Garibaldina. Assim que os convivas se sentaram à mesa, as negras começaram a trazer os espetos de churrasco quente e pratarraços cheios de pastéis recém-saídos da frigideira.

— São de carne - anunciou Bibiana, que estava já sentada à cabeceira - e estão quentinhos.

Os convidados atiravam-se com vontade às comidas. Bibiana ficou a observar, deliciada, o padre Romano, que comia com tanto apetite, que era um gosto vê-lo. Sentado à frente do vigário, o dr. Winter, que andava ultimamente tão enfastiado, mordiscava com indiferença uma coxa de galinha. Ouvia-se o som claro e alegre do vinho no instante em que era despejado nos copos. As conversas ganhavam animação à medida em que os convivas iam bebendo, e os homens agora precisavam gritar para se fazerem ouvir, pois todos falavam ao mesmo tempo e os gaiteiros não tinham parado de tocar.

Sem fome, Licurgo olhava para a janela, através de cujas vidraças via o clarão da fogueira. Onde estaria Ismália? Já teria chegado? Não podia compreender aquela demora. Segundo suas instruções, a rapariga devia ter deixado o Angico ao raiar do dia…

Maria Valéria lançou um olhar furtivo para o primo. Achou-o taciturno e inquieto. Que se estaria passando com ele? Por que não falava com a Alice, que estava ali esquecida à sua direita? Olhou para a frente e deu com os olhos ansiosos de Liroca, do outro lado da mesa. O rapaz lhe sorriu. A face de Maria Valéria permaneceu impassível. José Lírio fizera já duas tentativas para puxar conversa, mas ela lhe respondera com monossílabos secos, a fim de o desencorajar. O diabo do rapaz, porém, era persistente. Apesar de todas as desfeitas que ela lhe fazia - bater ostensivamente a janela quando ele se aproximava na calçada; voltar-lhe as costas quando ele a convidava para dançar nos bailes; recusar as flores que ele lhe mandava - apesar de tudo isso o infeliz continuava a persegui-la e ultimamente se dava até ao desfrute de cantar-lhe serenatas com sua voz de taquara rachada.

Maria Valéria baixou a cabeça e começou a comer, meio perturbada, fazendo o possível para esquecer que o primo se achava àquela mesma mesa, e que bastava erguer os olhos e voltar a cabeça para vê-lo.

Os gaiteiros tocavam agora uma valsa: Ondas do Danúbio, reconheceu ela.

Por um rápido instante imaginou-se a dançar nos braços de Licurgo, mas repeliu logo esse pensamento, irritada, e já com um sentimento de culpa, como se só por pensar aquilo tivesse traído a irmã.

Bibiana contemplou Alice por alguns instantes com olho crítico e depois, inclinando-se para ela, disse: - De amanhã em diante vossuncê

vai tomar todos os dias depois do almoço uma gema de ovo cru com um cálice de vinho do Porto.

Alice fitou na velha seus olhos graúdos: - Mas eu não gosto de ovo cru, titia!

— Goste ou não goste, tem de tomar. Vossuncê anda muito pálida e precisa engordar. Homem não gosta de mulher magra. Faça o que eu digo. E comece amanhã!

— Está bem, titia - concordou Alice, com um sorriso submisso. Baixou os olhos para o prato e continuou a comer sem nenhum entusiasmo um pedaço de peito de galinha.

Bibiana continuava a olhar obliquamente para a futura mulher de Curgo. A moça tinha os quadris estreitos: não podia ser boa parideira. Mas fosse tudo pelo amor de Deus! Ela conhecia muitas mulheres de bacia estreita que botaram muitos filhos no mundo e só morreram de velhice.

O ar estava cheio de rumor das conversas e do tinido de pratos, copos e talheres. Os homens conversavam animadamente e comentavam, muitos deles, o incidente da tarde. Curgo comia devagar e sem vontade, mas esvaziava em largos goles seu copo de vinho. Tinha o rosto afogueado e os lábios muito vermelhos e lustrosos. De vez em quando voltava-se para a noiva e procurava começar uma conversa: “Está sem fome?” - dizia. Ou “Olhe só o apetite do padre”. Ou então: “Está gostando da festa?” Alice, porém, respondia apenas com monossílabos acanhados, e a conversa como que se congelava no ar.

O padre Atílio Romano tinha diante de si um prato de pastéis, que ia devorando rapidamente com tal entusiasmo que às vezes chegava a metê-los inteiros na boca. Mastigava com bravura e ao mesmo tempo não queria deixar de falar, porque o dr. Winter, aquele ateu incorrigível, não o deixava em paz. Agora estava a repetir-lhe de cor trechos dum livro de seu amigo Carlos von Koseritz, outro herege de má morte. Com o busto inclinado sobre a mesa, o garfo em riste, o médico olhava fixamente para o padre enquanto falava: - “O mais crente dentre vós acreditará que a Terra seja o centro do Universo e que o Sol, a Lua e todos os astros só foram criados para fazerem o serviço de lampiões?”

O vigário escutava-o, sorrindo e mastigando.

— E por que não? - exclamou, interrompendo o outro. — Por que não, se Deus assim o quis? - Recostou-se na cadeira e gritou para uma negra que passava: - Me traga mais pastéis, bela! - E com os lábios reluzentes de banha, a face corada, o olho alegre, tornou a voltar a atenção para o médico: - E por que não?

Winter brandia ainda o garfo.

— “A Bíblia é obra de homens ignorantes; a história da Criação é

um mito, e Laplace tinha razão quando Napoleão I lhe perguntou por que não falara em Deus ao expor o seu sistema de mecânica celeste: 'Sire, je n 'avais pás besoin de cette hypothese!'"

— "Quos Deus vult perdere, prius dementat"- citou o padre, soltando um arroto feliz.

— "O estado das camadas terrestres demonstra à evidência que o homem é simplesmente fruto da evolução da matéria como a própria Terra, como são os mundos todos que povoam o espaço do Universo."

Atílio Romano bebericava seu vinho, fazendo-o demorar sobre a língua e depois engolindo-o com um vagar sensual. Tornou a encher o cálice.

— Nada disso é novidade pra mim, doutor - disse ele. — Todos esses autores ateus seus amigos são também meus conhecidos. Tenho seus livros à minha cabeceira e isso é um sinal de que não os temo.

— E não acha que eles têm razão?

— Toda. Ah! Cá estão os pastéis quentinhos. — Esfregou as mãos. — Sirva-se, belo!

O dr. Winter não se deixou comover pela presença dos pastéis recém-saídos da frigideira e que ali estavam à sua frente, nédios, cheirosos, trigueiros, polvilhados de açúcar e canela. Lançou-lhes um olhar frio e tornou a encarar o interlocutor: - Mas se acha que eles têm razão, como é que continua a exercer o sacerdócio duma religião baseada num mito pueril?

A manopla do padre avançou e seus dedos pinçaram um pastel.

— A razão não tem nada a ver com a fé! - sentenciou ele, metendo o pastel na boca e empurrando-o com os dedos.

— Vosmecê leu Darwin e Lamarck, não leu?

— Li. E talvez melhor que o doutor.

— Aceita as leis da evolução e da seleção?

— Aceito.

— Então?

— Então quê?

— Como pode reconhecer ao mesmo tempo a autoridade da Bíblia?

— Mas a Bíblia fala uma linguagem simbólica, belo!

— Isso é um sofisma.

— A hipótese evolucionista não exclui necessariamente Deus. Ela é antes uma prova da suprema, da incomparável, da sutil e imaginosa inteligência do Todo-Poderoso. — Limpou com a ponta da toalha os beiços engraxados.

— A Bíblia não passa duma versão poética do gênesis ao alcance da inteligência popular.

— Isso é uma heresia, padre!

— E ninguém mais autorizado que um padre para proferir uma

heresia, belo! - exclamou o vigário, soltando uma gargalhada.

O dr. Winter sacudiu a cabeça, rindo o seu riso em falsete. Contemplou o interlocutor com simpatia. Admirava o padre Romano. Conhecera outros vigários de Santa Fé: alguns deles eram homens de poucas luzes, que viviam no sagrado temor de desgostar o chefe político local. Não liam nada e tinham medo de discutir tudo. Agora Santa Fé possuía um vigário independente, exuberante de saúde e bom humor, um liberal e, por mais absurdo que parecesse, um livre-pensador. Tinha em casa uma rica biblioteca, onde Winter, encantado, encontrava, em belas encadernações de couro, alguns de seus autores queridos: Renan, Schopenhauer, Diderot… Um dos livros de cabeceira do vigário era o Candide, de Voltaire. Um dia o dr. Winter pilhara o padre Romano a ler os contos de Boccaccio e a soltar gargalhadas homéricas.

— O vigário lendo Boccaccio! - exclamara, admirado. Fechando o livro com estrondo e erguendo-se de súbito, o padre explicou: - Leio este patife por duas razões poderosas. Primo, porque gosto.

Secundo, porque com suas histórias materialistas e frasearias ele me capacita a sentir melhor as delícias da castidade e da vida espiritual.

Era o padre Romano geralmente estimado em sua paróquia. Sabia contar com graça uma anedota e, pastor amável, não vivia como seus predecessores a ameaçar as ovelhas com o fogo do inferno. Alguém pecou? Vamos ver, sente-se aí, fique à vontade, descanse um pouquinho. Não se aflija. Tudo se pode arranjar, porque Deus é uma boa pessoa. Atjra-lhe seu coração, bela. Pronto, estou escutando…

Nos domingos à tarde montava no seu zaino-perneira e de guarda-sol aberto tocava-se ao trote do animal, rumo das colônias, seguido pelo sacristão, que cavalgava numa mula magra. Dom Quixote e Sancho Pança - pensava Winter quando os via passar.

Em Garibaldina o padre comia macarronadas memoráveis, bebia vinho à sombra fresca das bojudas pipas das cantinas, e jogava ruidosamente bocha, ou mora com os colonos, em companhia das quais ficava depois a cantar cantigas do bel paese.

E la Violetta la vá, la vá, la vá,
La vá nel campo e la si sognava
Ch 'ei gera. ei só Gigin che la rimirava.
— Perche mi rimiri, Gigin, de amor, Gigin d'amor?
— Io ti rimiro perche sei bella,
E se vuoi venir con me alia guerra.
— No, alia guerra non vó venir,
Non vó venir!
Non vó venir con te alia guerra
Perchè si mangia male e si dorme per terra.

O dr. Winter jamais esquecera o dia em que vira o padre com um copo de vinho na mão cantar um solo com sua bela voz de barítono: Non ti ricordi, oh Adelina, Sotto 1'ombra di quel ramo, Tu dicevi: T'amo, t'amo! Eri tutta felicita?

Ao redor dele os colonos, de faces rosadas e lustrosas, cantavam o coro: Ma perchè, Adelina, ma perche Tu non pensi piu a me?

Certo domingo, quando de volta de Nova Pomerânia apeava do cavalo em Garibaldina para um breve descanso, o dr. Winter ouviu gritos e risadas vindos dum grupo que cercava dois homens. Aproximou-se do ajuntamento e ficou embasbacado com o que viu. De batina erguida, o padre Atílio Romano jogava uma luta romana com Arrigo Cervi, o ferreiro da colônia. De rosto suado, vermelho como um tomate, o vigário bufava e gemia, deixando escapar de quando em quando blasfêmias. Porca miséria! Hóstia! Figlio dun canel Os vigários de Santa Fé sempre se impacientavam com a falta de religião dos homens da terra, que em sua maioria nunca iam à missa ou, quando iam, não se ajoelhavam nem oravam, limitando-se a ficar de pé, atrás do último banco, com o ar entre sestroso e contrariado; em geral se retiravam, mal começava o sermão. Dizia-se que nenhum vigário jamais conseguira levar um daqueles homens ao confessionário. O padre Romano, porém, fizera-se amigo de todos, conquistando-lhes a confiança, de sorte que muitas vezes ouvira, de homem para homem, diante dum copo de cachaça ou à mesa de jogo, confissões íntimas, e não raro era chamado para resolver pendências de honra ou problemas de família que seus paroquianos queriam ajustar em particular. Escandalizava as beatas pela irreverência com que às vezes tratava as coisas de religião. Mas tinha um comportamento exemplar e a maledicência local nunca conseguira descobrir-lhe na vida o mais leve cheiro de mulher.

Mirando agora Atílio Romano, que ainda comia com voracidade os pastéis quentes, Winter sacudia a cabeça com o ar benevolente dum adulto diante das travessuras dum menino. Desviou depois o olhar na direção de Licurgo e pensou imediatamente em Bolívar. O rapaz tinha o jeito desinquieto do pai: sugeria um potro de cabeça alçada, farejando perigo, prestes a tomar o freio nos dentes e disparar. Que contraste com a tranquilidade e a calma força de Florêncio, que parecia ter seus pés tão bem plantados no chão! Mas - achava Winter - era a tranquilidade e a força dum boi que se resigna a passar a vida puxando carreta.

Tornou a encher o copo de vinho e bebeu-o todo dum sorvo só. O melhor que tinha a fazer era embriagar-se para poder participar da alegria geral, para esquecer que a vida para ele não prometia mais nada. Já não lhe restavam esperanças de sair de Santa Fé. A distância em quilômetros que o separada da Alemanha era enorme. Mas a

distância em tempo, essa era ainda mais aterradora. Sentia-se solto no tempo e no espaço, sem ligação com ninguém e com coisa alguma.

Mas não fora sempre esse o seu ideal? Não ter compromissos, nem esposa nem família, nem propriedade nem contratos. Ser física e espiritualmente um viajante sem bagagem. Estar sempre em disponibilidade, poder, dum minuto para outro, sem ter de dar satisfações a ninguém, mover-se dentro da geografia, mudar de paisagem, de ambiente, de hábitos… Pois bem. Conseguira tudo isso. Mantivera-se livre, disponível, sentimentalmente intocado. Mas que uso fizera de sua liberdade? Guardara-a apenas como algumas daquelas famílias de Santa Fé entesouravam joias antigas dentro dum escrínio, no fundo duma gaveta, não as usando nunca, nunca se desfazendo delas nem mesmo nos momentos de maior necessidade. Um luxo inútil, enfim!

Tornou a encher o copo de vinho. Bebeu um gole, passou o guardanapo nos bigodes e olhou em torno. Lá estava a velha Bibiana à cabeceira da mesa, atenta a tudo, não perdendo uma palavra do que se dizia a seu redor, sempre a vigiar o neto com seu olhar vivo e dissimulado. Winter pensou em Luzia… Segundo as teorias do padre ela tinha uma alma, e essa alma devia estar àquela hora (será que no outro mundo existe o tempo?)

purgando seus pecados nas chamas do inferno. O médico sorriu. A teiniaguá tinha parte com o diabo: o fogo não lhe faria o menor mal ao corpo verde de réptil. Mas onde estaria a alma do pobre Bolívar? Decerto penando pelos corredores do purgatório.

— Padre, vossuncê é uma besta! - gritou Winter olhando para o vigário.

Foi como se lhe tivesse de repente atirado na cara o vinho do copo. Sua voz, porém, perdeu-se na balbúrdia geral. Os homens conversavam em altos brados. As gaitas enchiam os salões com sua música rasgada e chorona. No quintal os pretos cantavam, dançavam e batucavam em tambores.

Um homem ergueu-se e bateu palmas, pedindo silêncio.

— Queremos que o dr. Toríbio nos recite alguma coisa! - gritou. Vozes o apoiaram: “Muito bem! Bravos! Que recite o dr. Toríbio!”

O advogado não se fez rogar. Ergueu-se com um entusiasmo avinhado, amassou o guardanapo nas mãos miúdas e delicadas, e ficou um instante de cabeça baixa, como que a pensar no que ia dizer.

Quando a música parou e os convivas fizeram silêncio, o baiano passou os dedos pelos cabelos e disse com voz macia: - Vou recitar um poema do grande vate condoreiro Castro Alves, glória da Bahia e do Brasil. — Fez uma pausa grave e depois, já em tom de discurso, acrescentou: - É “O navio negreiro”, poema que tem feito pela causa da abolição da escravatura no Brasil o que Cabana do Pai Tomás fez

pela mesma causa sublime na América do Norte.

Bibiana inclinou-se para Alice e cochichou: - Lá vem discursório outra vez.

Curgo voltou vivamente a cabeça para a avó e, de cenho cerrado, lançou-lhe um olhar sombrio de repreensão, que a velha rebateu com um sorriso pícaro.

O dr. Toríbio pôs-se na ponta dos pés e, traçando no ar com a mão direita uma semicircunferência, começou: Estamos em pleno mar… Doudo no espaço Brinca o luar - dourada borboleta.

Suas mãos agitaram-se como borboletas morenas, que imediatamente se transformaram em ondas quando ele disse: E as vagas após ele correm… cansam Como turba de infantes inquieta.

Havia no rosto do padre uma expressão de absoluta felicidade. Tinha comido e bebido bem: agora escutava um belo poema. Alimentava assim o corpo e o espírito.

O dr. Toríbio lançou ao ar uma pergunta patética: Por que foges assim, barco ligeiro?

O dr. Winter tinha os cotovelos fincados na mesa e segurava a face barbuda com ambas as mãos. Por que foges, barco ligeiro? Imaginou-se a bordo dum brigue, sentindo no rosto o vento picante do mar; estava a caminho da Alemanha e ali no convés do navio pensava em Santa Fé, especialmente numa certa noite de festa no Sobrado - fazia tanto tempo! - em que alguém recitara um verso que falava em barco, e ele se imaginara a bordo dum brigue que o levava de volta à pátria, e chegara a sentir o vento do mar no rosto, e ficara pensando numa noite remota em Santa Fé, em que numa festa no Sobrado alguém recitara um poema que falava em barco e ele se imaginara… Ach!Estava mas era embriagado. Bebera demais. Mas beber era bom; fazia-o sentir-se como um balão leve, aéreo, colorido, despreocupado - bem como um balão de São João. Achava tudo bom, tudo bonito, tudo certo. Em todo o caso, seria melhor tratar de beber uma xícara de café bem forte sem açúcar. Um médico não deve embriagar-se, mein lieber Doktor. Que língua estava falando o dr. Toríbio? Ele já não compreendia nada… Aquelas palavras não tinham sentido. O poema era puro ritmo. Ra-ta-tá… ra-ta-tá… ra-ta-tá… Pensou em Johann Wolfgang von Goethe. Onde estava ele?

Feito pó! De nada lhe adiantara ter escrito que Zwei Seelen wohnen achl, in meiner Brust. Duas almas habitam, ai!, em meu peito. Seu peito se havia enchido de vermes. Hoje, não havia mais vermes nem peito. Pó.

Olhou para o padre que ainda mordiscava um pastel. Onde estão as almas do poeta? No Céu, responderia o sacerdote. Goethe entre os anjos. Não, Goethe seria um arcanjo, como Heine, Schiller e tantos outros. Toríbio prosseguia: Mas que vejo eu aí… Que quadro

d'amargura Que funéreo cantar! Que tétricas figuras! Que céu infame e vil… Meu Deus! Meu Deus Qiie horror!

A voz do advogado se fez cava e teatral: Era um sonho dantesco… o tombadilho, Qtie das luzemas avermelha o brilho, Apontava para a mesa, como se da fosse o tombadilho. E num rompante dramático pegou o copo de vinho, despejou-lhe o conteúdo na toalha branca, e, mostrando a mancha vermelha, declarou: Em sangue a se banhar Bibiana resmungou: - Não é ele que vai lavar a toalha…

A voz do advogado agora estava límpida e empestada: Tinir de ferros. . . estalar de açoite Legiões de homens negros como a noite Horrendos a dançar…

Negras mulheres, suspendendo às tetas Magras crianças, cujas bocas pretas Rega o sangue das mães: Outras, moças, mas nuas e espantadas No turbilhão de espectros arrastadas Em ânsia e mágoas vãs…

Winter tornou a encher o seu copo de vinho. Mulheres suspendendo às tetas… Seus olhos passearam pelas pessoas que estavam do outro lado da mesa. A tendência que as mulheres daquela província tinham para engordar! Com exceção das filhas de Florêncio, as outras moças eram rechonchudas, tinham ancas largas e seios fartos. Os gaúchos pareciam gostar de mulheres desse tipo, pois talvez as julgassem como julgavam as vacas leiteiras: quanto maior o úbere, mais leite. Depois que casavam, então, aquelas fêmeas botavam corpo e ficavam como a esposa do Veiga da Casa Sol, que ali estava junto do vigário, apertada num vestido de cetim azulmarinho, com sua cara de bolo de milho abatumado, o seu duplo queixo duma moleza e duma brancura de requeijão, a mirar o declamador com seus olhinhos empapuçados em que havia uma vaga luz de espanto…

Mein Gott!Se Deus existisse, toda aquela comédia talvez tivesse um sentido. Quem sabe Deus existe?

Qual num sonho dantesco as sombras voam!… Gritos, ais, maldições, preces ressoam'. E ri-se Satanás'.

Um dos peões de Curgo entrou na sala na ponta dos pés, aproximou-se do patrão, inclinou-se e cochichou-lhe ao ouvido: - Está tudo calmo.

Era o homem que ele pusera de sentinela na água-furtada a vigiar a praça. Havia outro no fundo do quintal e um terceiro debaixo da figueira grande, com o olho no paço municipal. Curgo não acreditava que os Amarais se atrevessem a atacar o Sobrado, mas achava que era bom ficarem de sobreaviso.

Sacudiu a cabeça e murmurou: - Está bem. Diga aos rapazes que venham comer.

O peão olhou para os lados e, num sussurro ainda mais leve, comunicou: - A Ismália chegou, patrão.

Aquelas palavras caíram sobre o peito de Licurgo com o peso duma pedra.

Ele olhou automaticamente para a avó.

— Muito bem, Neco. Onde está ela?

— No quintal.

O homem retirou-se na ponta dos pés. Licurgo olhou para Alice, meio desconcertado. Depois para Toríbio, que gesticulava, exclamando: Ó mar, por que não apagas Co'a esponja de tuas vagas De teu manto este borrão?

Se ele pudesse apagar Ismália com uma esponja… teria coragem para tanto? Não. Embora os outros pudessem considerar Ismália um borrão em sua vida, ele não deixava de sentir por ela o que sentia. Agora tudo desaparecia: a festa, o declamador, o poema, a abolição, a noiva, a avó, a república - tudo. O que ele sentia era um desejo urgente de ver a chinoca, de apalpá-la, abraçá-la, penetrá-la. Sua sensação de febre aumentava e ele sentia o pulsar surdo do próprio coração e começava a remexer-se na cadeira como se estivesse sobre um braseiro. Era sangue ou fogo o que lhe corria nas veias? Não era apenas a ferida da testa que latejava: seu corpo inteiro pulsava, quente, dum desejo que chegava a doer. Olhou em torno mais uma vez.

Levantou-se devagar, procurando não fazer barulho. Sentiu que a noiva e a avó o observavam disfarçadamente. O próprio vigário voltou para ele uma cara interrogadora. Fossem todos pró inferno. Ele era dono daquela casa e era dono de sua vida. Pró inferno! Levantou-se e saiu a caminhar na ponta dos pés na direção da cozinha, com a desconcertante impressão de que não só todos os olhos estavam de olhos postos nele, como também de que era para ele que Toríbio dirigia aquelas perguntas desesperadas: Quem são estes desgraçados Que não encontram em vós Mais que o rir calmo da turba Que excita a fúria do algoz?

Abriu caminho com gestos impacientes pelo meio da negrada que se aglomerava na cozinha, e chegou finalmente à porta dos fundos. Parou no portal e contemplou o quintal, que a grande fogueira iluminava. Os negros que dançavam ao redor do fogo - as caras reluzentes, transfiguradas por um êxtase de batuque, as dentuças à mostra, olhos revirados, as narinas arregaçadas, as bocas retorcidas a babujar palavras duma língua bárbara - pareceram-lhe mais demônios que seres humanos. Teve ímpetos de gritar: “Chega! Vamos parar com esse barulho!”

Mas num segundo esqueceu os pretos, a fogueira, o batuque. Porque o que ele queria era Ismália. Onde estaria a china? Começou a procurá-la, aflito… Finalmente avistou-a: estava ela sentada sozinha debaixo duma bergamoteira, enrolada num poncho, a olhar fixamente

para o fogo.

Desceu a escada quase a correr.

Levou-a sem dizer palavra para o fundo do quintal, para uma zona que a luz da fogueira não atingia. E ali, debaixo duma árvore copada, num ângulo formado pelo muro, abraçou Ismália e beijou-lhe repetidamente os lábios úmidos e frios. O poncho que envolvia a rapariga, demasiadamente grande para seu corpo franzino, não só lhe embaraçava o movimento dos braços como também tornava difícil para Licurgo abraçá-la. Este continuou a beijá-la e seus lábios ávidos colaram-se no lóbulo da orelha da amante, depois nas têmporas, na testa, nos olhos, nas faces e outra vez na boca, onde ficaram por longos instantes.

Curgo afastou a rapariga de si para melhor ver-lhe o rosto. Na penumbra, porém, não lhe pôde distinguir as feições. Meteu as mãos pela abertura do poncho é apertou-lhe os braços.

— Por que demorou tanto a chegar?

— Não tive a culpa.

— Mas por quê?

— A aranha saiu tarde do Angico.

— Mesmo assim tinham tempo de chegar antes do anoitecer.

— Viemos devagarinho. Eu enjoei com o balanço. Paramos no Rincho Bonito pra descansar.

— Quem foi que te trouxe?

— O Bentinho.

— O Bentinho? - A pressão de seus dedos no braço da moça aumentou. — Mas eu te disse que viesse com o teu irmão.

— O Laço está doente, de cama.

— O Bentinho não se passou contigo?

— Não.

— Jura por Deus?

Mal fez esta pergunta, arrependeu-se. Estava fazendo uma cena, colocando-se numa posição ridícula perante Ismália.

— Juro.

Soltou-lhe os braços. A chinoca tocou-lhe a testa com a ponta dos dedos.

— Que foi isso?

Não valia a pena contar tudo. Era melhor resumir: - Me lastimei esta tarde.

— Está doendo muito?

Ele não respondeu. Seu corpo é que estava doendo e latejando de desejo por Ismália.

A rapariga esperava, imóvel, calada, encolhida dentro do poncho. Tinha a envolver-lhe a cabeça um pano branco amarrado sob o queixo. Respirava pela boca e de seus lábios entreabertos se escapava

um tênue vapor.

— Vem - ordenou Curgo.

Fez meia-volta e caminhou para o barracão que se erguia contra o muro dos fundos do quintal. Abriu a porta e entrou. Ismália seguiu-o silenciosamente.

Dentro estava completamente escuro. Curgo tomou da mão da rapariga e conduziu-a para cima duns fardos de alfafa.

— Senta aqui. Ela obedeceu.

— Está com muito frio? - perguntou ele. — Muito não.

— Então tira o poncho.

Ela tirou e Curgo estendeu-o sobre dois fardos.

— Deita aqui.

Ismália deitou-se. Ele fez o mesmo e em seguida abraçou-a e estreitou-a com força contra o peito. Por longo tempo ficou a chuparlhe os lábios, só fazendo pausas para tomar fôlego. Agora ele aspirava, excitado, o cheiro de Ismália: corpo quente e moço recendendo a sabão preto. Era uma pena não ter trazido uma lanterna - pensava ele. Estava com saudade das feições da rapariga, daquela cara dum moreno terroso, bem como mingau respingado de canela, e principalmente daquelas pupilas dum verde desbotado de malva, com esquisitos pontinhos dourados. Nunca pudera compreender como duma família de posteiros miseráveis e molambentos havia nascido uma criatura bonita como a Ismália, com traços mais finos que os de muita filha de estancieiro rico.

O sangue martelava as têmporas de Licurgo quando suas mãos apalparam os ombros da china, acariciaram-lhe os seios miúdos, desceram-lhe pelo ventre, pelas coxas e finalmente começaram a arrepanhar-lhe a saia, desajeitadas e aflitas.

— Espere - disse Ismália. E ela própria ergueu a saia. Deitado e de olhos cerrados, Licurgo sentia na nuca a rigidez elástica do braço da rapariga. Estava agora saciado mas triste, e desejava dormir, dormir um profundo sono sem sonhos. Infelizmente tinha de voltar para a festa, pois no Sobrado já deviam estar estranhando sua ausência. Não sentia, porém, o menor desejo de erguer-se. Era boa a presença daquela criatura, bom o calor de seu corpo, o contato de sua carne. Ismália não pedia nada, não perguntava nada. Era fácil estar ao lado dela.

Chegavam até o barracão as vozes dos negros, a música das gaitas e, de quando em quando, o amiudar longínquo dum galo ou o latido dum cachorro em alguma rua próxima.

— Agora vá pra casa da velha Rosa - disse Licurgo. — Já falei com ela.

Se puder, amanhã vou te visitar. Ouviu?

— Ouvi.

— Está precisando de alguma coisa?

— Não.

Curgo voltou-se para Ismália, segurou-lhe a cabeça com ambas as mãos e tornou a beijar-lhe a boca. Pouco depois, seus lábios lhe tocaram as faces e sentiram-nas úmidas. Levou os dedos aos olhos da rapariga e descobriu-os cheios de lágrimas.

— Que é isso? Por que está chorando? - perguntou, já meio irritado.

— Nada.

— Está doente?

— Não.

— Eu te machuquei?

— Não.

— Então que é?

Ela não respondeu. Licurgo arrancou um talo de alfafa, levouo à boca e começou a mordê-lo, impaciente. Ismália decerto estava triste porque ele ia casar. Era a hora de dizer-lhe que o casamento não ia mudar a situação, que eles continuariam como antes, como sempre, e que o fato de ele casar com Alice não significava que…

Mas não. Dar aquelas explicações à filha do Mane Caré seria rebaixar-se muito. Não dava. De resto, ela não compreenderia… No entanto aquelas lágrimas o afligiam e, percebendo que estava prestes a enternecer-se, ele se agastava e pensava já em fazer algum gesto áspero. Tornou a passar os dedos pelas faces da china e sentiu que as lágrimas agora escorriam mais abundantes.

Cuspiu o talo de alfafa e soltou um fundo suspiro. Era preciso voltar ao Sobrado. As danças decerto haviam começado e ele tinha de dançar com a noiva. Sentia ímpetos de entrar em casa e gritar: “A festa acabou, minha gente. Já comeram, não comeram? Já beberam, não beberam? Já dançaram, não dançaram? Pois então vamos todos dormir. Boa noite!”

O silêncio continuava. Curgo descansou a mão espalmada sobre o seio esquerdo da rapariga e ficou sentindo o pulsar de seu coração.

Foi nesse momento que ela balbuciou: - Vou ter um filho.

Ele não disse nada. Ficou ouvindo por muito tempo, com todo o corpo, aquelas palavras. Vou ter um filho. Continuou sentindo o pulsar do coração de Ismália juntamente com as batidas violentas de seu próprio sangue nas têmporas doloridas.

Com passos lentos Licurgo dirigiu-se para o Sobrado. Parou nas proximidades da fogueira e ficou olhando para as chamas. As danças e cantigas haviam cessado. Acocorados perto das brasas, negros e negras assavam batatas-doces na ponta de varas. Outros, exaustos, dormiam sob as árvores, enrolados em molambos. Uma negra mina, acocorada debaixo duma laranjeira, gemia uma melopeia africana. A parede dos

fundos do Sobrado refletia a luz alaranjada da fogueira.

Vou ter um filho. Licurgo carregava consigo a voz de Ismália. Vou ter um filho. Uma voz fininha, dolorida, triste. Vou ter um filho. O ar cheirava a sereno, o fogo crepitava. Que fazer? Que fazer? Talvez o melhor fosse deixar o problema para o dia seguinte. Estava cansado, com o corpo moído, a cabeça latejando de dor. Talvez estivesse até com febre. Mas uma coisa desde já estava decidida: aquela criança não podia nascer… No entanto, era-lhe repugnante a ideia de mandar Ismália botar o filho fora. Sempre censurara os que faziam isso… Pensou na avó. A velha reprovaria aquilo, sem a menor dúvida… Mas não. Ele sabia dos dissabores que lhe viriam se a criança nascesse. Filho natural. Isso é que ela ia ser. Filho natural.

Se fosse um homem a coisa seria má; mas se fosse mulher, tudo ficaria ainda pior. Cresceria como a mãe, ao abandono, no rancho dos Carés.

Quando se fizesse mocinha algum graúdo a levaria para a cama e depois a deixaria ao abandono com um filho na barriga. E pensando nisso, Licurgo chegou a odiar o homem que podia fazer aquilo. De repente compreendeu que de certo modo estava se odiando a si mesmo. Sim, ia mandar a Ismália fazer o aborto. Isso simplificaria tudo. Mas… se a rapariga morresse? Conhecia casos. Talvez o melhor mesmo fosse deixar Ismália ter o filho, e quando a criança nascesse, faria tudo para que ela fosse criada direito e nada lhe faltasse. Um dia contaria tudo a Alice; ela havia de compreender, porque aquilo tinha acontecido no tempo em que ele, Curgo, era solteiro. Mas não. Dentro dum mês estaria casado. Era até bem possível que o primeiro filho de Alice nascesse apenas dois meses depois do de Ismália. Iam crescer juntos no Angico. Um na casa-grande, o outro no rancho dos Carés. Se fossem de sexo diferente era até possível que… Licurgo levou a mão à cabeça, que estava a estourar-lhe de dor. Talvez o talho estivesse infeccionado. Ou tudo no mundo estivesse errado, podre. Mas quando é que esses gaiteiros do inferno vão parar de tocar?

Tinha a língua seca, a garganta ardida e estava com sede. Beberia um canecão de cerveja e mandaria tudo para o diabo. Continuou a andar na direção da casa, pensando no que diriam os outros quando o vissem voltar. Fagulhas voavam no ar. Da fogueira saía um cheiro enjoativo de laranja assada.

Não. O melhor mesmo era a Ismália botar o filho fora. A negra Anastácia conhecia umas ervas infalíveis: tudo ia ser fácil. A Anastácia resolveria o caso… Já bastavam as outras preocupações de sua vida. O filho ia dar que falar. Pensou nas explorações que seus inimigos políticos podiam fazer. Ele e os outros membros do Clube Republicano estavam empenhados numa campanha de regeneração em que falavam em decência e bons costumes. O Manfredo Fraga era capaz de insinuar

nos seus editoriais infetos que o presidente do Clube Republicano de Santa Fé havia desonrado a filha dum humilde posteiro, deixando-lhe no ventre o fruto do pecado, etc., etc… Estava decidido. A criança não ia nascer…

Começou a subir os degraus que levavam à porta da cozinha. Lá de dentro vinham os sons duma polca e o arrastar de pés dos pares, de mistura com vozes e risadas. Vendo um vulto enquadrado pela porta da cozinha, estacou, reconhecendo a avó. Bibiana e o neto se miraram por algum tempo em silêncio. Será que ela desconfia de alguma coisa? - pensou Licurgo.

Ia falar quando a velha se antecipou, dizendo-lhe com uma calma arrasadora: - Vá ao menos lavar as mãos.

O dr. Winter entrou no escritório de Curgo com a intenção de fugir um pouco à algazarra que ia pelas outras salas. O padre Romano estava demasiadamente loquaz. O dr. Toríbio, empapado de álcool, derrubava o Império. O baile ficava cada vez mais animado e o Veiga tinha acabado de gritar: "Polca de dama!" Antes que alguma daquelas matronas gordas o viesse convidar para dançar, ele batera em retirada. Fechou a porta com cuidado e foi direito à cadeira de balanço.

— Aonde vai? - perguntou uma voz. Num sobressalto, o médico voltou a cabeça para o canto da peça donde viera a voz e viu Bibiana sentada numa poltrona.

— Como foi que não vi vossuncê aí?

— Porque está ficando velho, com a vista avariada. Winter sorriu, sentou-se perto da amiga e deixou escapar um suspiro de alívio.

— É verdade. Estou envelhecendo. Já não aguento mais muito barulho. Vim aqui descansar um pouco, pois já me fizeram dançar duas valsas.

Ficaram por alguns instantes em silêncio, escutando a polca que os gaiteiros tocavam, e as risadas dos pares. O escritório estava alumiado apenas pela luz do lampião que se achava sobre a mesinha junto da qual Winter se sentara e de onde agora lançava para Bibiana um olhar oblíquo.

— Por que é que está tão abichornada?

— Não estou abichornada.

— Está, sim. Conheço muito bem a minha freguesia.

Ela encolheu os ombros mas continuou calada. Vinha agora da sala o tanta surdo e cadenciado de pés que batiam no soalho.

— Dá licença de fumar? - pediu Winter. A velha tornou a sacudir os ombros.

— Se eu digo que não, vossuncê fica aí triste como terneiro desmamado.

Acenda um dos seus mata-ratos. Mas levante um pouco a vidraça pra fumaça não ficar toda aqui dentro.

— Está bem. Não fumo. A coisa não é tão urgente assim.

— Fume. Já disse que pode. Se não fumar, eu tomo isso como desfeita.

Winter tirou do bolso um charutinho, acendeu-o, puxou uma baforada e depois insistiu: - Vossuncê está abichornada, sim. Alguma coisa aconteceu. Bibiana nada disse. Encolheu-se mais sob o xale, pigarreou em surdina e continuou a olhar para a janela. A polca, os gritos e as batidas ritmadas continuavam.

— Que horas são? - perguntou ela.

Winter tirou o relógio do bolso, aproximou-o do lampião e olhou.

— Faltam vinte pra meia-noite.

De novo se fez silêncio entre os dois amigos. O médico reclinou a cabeça contra o respaldo da cadeira e cerrou os olhos. Alguma coisa havia acontecido, e ele sabia que Bibiana acabaria por contar-lhe tudo: era questão apenas de tempo. Podia esperar. A velha era assim. Quando estava doente - o que era raro - fazia mil rodeios antes de admitir que sentia alguma coisa; depois é que, aos poucos, ia contando suas dores, mas achando que não tinham importância, iam passar ou podiam ser aliviadas com seus chás caseiros.

A música de repente cessou. Soaram palmas e gritos, e os gaiteiros bisaram a polca.

— A Ismália chegou - disse de repente Bibiana, sem nenhum preâmbulo.

Winter abriu os olhos e entesou o busto.

— Ao Sobrado?

— Lá fora. O Curgo ind'agorinha foi com ela pró fundo do quintal e ficaram lá um tempão.

O médico não achou o que dizer. Limitou-se a entortar a cabeça e ficar assim com um jeito hesitante.

— Imagine só - continuou a velha. — Com festa em casa, a noiva aqui dentro, nem ao menos…

Calou-se. O dr. Winter ficou olhando fixamente para a ponta do charutinho e depois, sem olhar para a amiga, murmurou: - Coisas de moço. Isso passa.

No fundo sabia que não era assim. Conhecia Curgo e conhecia Ismália. O rapaz era obstinado em suas paixões e o diabo da rapariga tinha realmente um certo encanto.

— Deus lê ouça! - fez a velha. — Mas eu duvido. Ficaram a conversar sobre outros tempos e outras aventuras amorosas de Curgo. E Bibiana desatou a rir, recordando a “história da mulher do mágico”. Licurgo devia andar por volta dos vinte anos quando apareceu em Santa Fé uma companhia de circo de cavalinhos que armou o seu barracão na praça, perto da figueira. Tinha um malabarista, um equilibrista, um contorcionista, cachorros amestrados, dois palhaços

que só falavam espanhol, e um mágico italiano, um sujeito gordo e vermelho, de grandes bigodes pretos, casado (casado? qual! decerto amasiado…) com uma mulher ruiva. Trabalhavam os dois num palco, e ele todo de sobrecasaca preta e gravata branca e ela - a desavergonhada - vestida de homem, bem como esses pajens das histórias da carochinha. Os homens de Santa Fé andavam assanhados com a piguancha: iam ao circo só para verem a mulher do mágico. Chamava-se Maria, imagine, nome de gente direita, nome da Virgem! Aparecia com carmim nas faces, uma sombra azul ao redor dos olhos muito saltados e azuis, e ficava todo o tempo rindo para os machos que estavam nas arquibancadas ou nas cadeiras. E eles lhe diziam coisinhas… Imaginem que até o Fandango perdeu a cabeça; não queria mais voltar para o Angico, ia a todos os espetáculos e quando a mulher do mágico aparecia, o velho gritava das bancadas: "Eta potranca estrangeira bem linda!" e ficava rindo e se babando. O mágico fazia coisas do arco-da-velha, dizia umas bobagens em italiano e tirava ovos do nariz da mulher, fazia o vinho virar leite, dava um tiro numa caixa vazia e lá de dentro saía uma pomba voando. Mas o número de mais sucesso era o em que o mágico botava a mulher dentro dum caixão, mandava dois homens da assistência amarrá-la com cordas e cobri-la com um pano preto, depois dizia umas bobagens e zás!, abria de novo o caixão e a mulher não estava mais lá dentro. Mas o Curgo, que não era mágico nem nada, fez um dia a mulher do italiano desaparecer. Havia algum tempo que andava de namoro com ela. Uma bela manhã o italiano acordou no seu quarto no hotel ali na Rua do Comércio e não viu a mulher na cama. Onde está? Onde não está? Mas lugar pequeno é o diabo, a gente dá um espirro e todo o mundo ouve. O italiano logo descobriu com quem andava a safada e se tocou como um louco para o Sobrado. Bibiana ria o seu riso macio.

— Parece que estou vendo a cara do homem - contou ela. — Chegou perto de mim, com os olhos cheios de lágrimas, e falou lá na sua língua arrevesada, queria que eu desse conta da mulher dele. Respondi: "Ué!

Vossuncê não é mágico? Pois faça a sua mulher aparecer".

Winter levantou-se para ir erguer um pouco a vidraça e, ao voltar para sua cadeira, disse: - Mas confesse que vossuncê estava alarmada… A velha franziu os lábios.

— Muito não. O Licurgo tinha me deixado um bilhete dizendo que ia pró Angico passar uns dias com a gringa. Vossuncê sabe, doutor, ele sempre teve muita franqueza comigo. O menino se criou assim, sempre me contou todas as patifarias que fazia, a começar com as chinocas do Angico.

Vossuncê sabe, ele é neto do capitão Rodrigo. Quem herda não furta.

Winter sorriu. As proezas eróticas do capitão Rodrigo, que no passado tinham sido uma fonte de inquietação e dissabores para dona Bibiana, agora lhe serviam como motivo de humorismo e ela parecia orgulhar-se de ter tido um marido "alarife".

— Sempre achei que é mil vezes melhor um rapaz fazer todas essas coisas em solteiro, pra depois de casado sossegar o pito e cuidar das obrigações. — Calou-se. Seu rosto ficou de novo sério.

— É por isso que a história com a Ismália me preocupa. A coisa com a mulher do mágico durou uma semana. O circo foi embora. O Curgo andou uns dias abichornado, querendo seguir os burlantins até Santa Maria, mas acabou esquecendo. Teve outro rabicho por uma castelhana: durou um mês.

Parece que quando foi a Porto Alegre andou metido com uma polaca… mas a coisa não durou muito também. Mas com a Ismália é diferente.

— Um dia há de acabar - disse Winter sem muita convicção. Os gaiteiros tocavam uma mazurca. A luz do lampião ali no escritório morria aos poucos. Winter estendeu o braço e, fazendo subir a mecha, avivou a chama.

— E é por essa e por outras - concluiu Bibiana com um tom magoado na voz - que o Curgo está com vinte e nove anos e ainda solteiro. Estou beirando os oitenta e ainda não vi os meus bisnetos. Eu que tanto queria a casa cheia de crianças!

— Pois elas hão de vir. Tudo chegará a seu tempo. O Curgo casa o mês que vem. Lá por… deixe ver. — Fez a conta nos dedos.

— Lá por abril de 85 podemos ter choro de criança no Sobrado. Em 86 pode aparecer outro bisneto… Não é possível apressar a natureza. Tenha paciência.

— Paciência eu tenho, mas é que duma hora pra outra posso bater com a cola na cerca…

— Aposto todo o meu dinheiro vossuncê passa dos noventa.

— E se eu morrer antes, quem vai pagar a aposta?

— Vossuncê não morre.

— A verdade é que ninguém quer morrer, nem os que são desgraçados, os que sofrem muito. Medo da morte, medo mesmo não tenho. Mas querer morrer, isso não quero. — Encolheu-se mais sob o xale. — Vossuncê bem podia fechar a vidraça. Está entrando uma friagem. Dizem que a morte gosta de entrar pelas janelas…

Winter pôs-se de pé e foi baixar a vidraça. Lançou um olhar para fora.

Viu os lampiões alumiando a solidão das ruas e um vulto deitado na calçada da praça. Devia ser o Jacob Geibel… Que estranha criatura, aquela! Nas noites de ventania - contava-se - o sacristão saía como um louco a andar sem destino certo pelas ruas, falando sozinho

e gesticulando, com o jeito de quem quer fugir de alguém ou de alguma coisa.

— Pois é, doutor - disse a velha, depois que Winter tornou a sentar-se - a gente se habitua tanto à vida que no fim viver fica sendo uma espécie de cacoete.

O médico soltou uma risada.

— Estou de pleno acordo. Viver é mesmo um cacoete! Atirou a ponta do charutinho na escarradeira que tinha a seus pés e ficou mirando a velha com olhos cheios de simpatia.

Quedaram-se ambos por algum tempo calados, a escutar a música.

De repente, sem saber bem por quê, Bibiana teve um pressentimento de desgraça.

— Acho que alguma coisa de ruim está pra acontecer… - murmurou.

O dr. Winter franziu a testa e perguntou: - Por quê?

— Tive um palpite… uma coisa aqui… - E a velha espalmou a mão sobre o peito. — Nunca me engano.

— Qual! Não há razão pra isso. Tudo está bem: o Curgo vendendo saúde, os negócios marchando direito. E depois, que diabo! faz já quatorze anos que não temos guerra nem revolução.

— Pois é justamente isso que me dá medo. Quando a esmola é demais o pobre desconfia. Depois da guerra com os paraguaios não tem havido barulho. — Lançando um olhar malicioso para o amigo, acrescentou: - A não ser aquela guerrinha contra seus patrícios…

Winter pigarreou, meio embaraçado, mas nada disse. Não gostava de falar no assunto. Bibiana referia-se aos Muckers, uma seita de colonos alemães que se formara no Ferrabraz, nas proximidades de São Leopoldo, em torno dum carpinteiro que virara curandeiro e de sua mulher, Jacobina, estranha criatura sujeita a ataques periódicos de catalepsia. Mercê de suas interpretações da Bíblia e de suas “curas milagrosas”. Jacobina conseguira fanatizar seus adeptos, levando-os a estranhas práticas. E ludo não teria passado duma tolice inocente se os Muckers não se pusessem a hostilizar os colonos que não faziam parte da seita, chegando ao ponto de assassinar alguns deles e incendiar-lhes as casas. E a província, estarrecida, vira aquele incidente local transformar-se num sério caso de polícia e degenerar mais tarde numa pequena guerra intestina, em que o governo, vendo derrotado o primeiro destacamento policial que fora atacar os Muckers, tivera de mandar uma segunda expedição mais numerosa e com artilharia, a qual só à custa de muitas baixas e ao cabo de numerosos e encarniçados combates conseguiu tomar a cidadela dos fanáticos. Contaram-se, na época, histórias sangrentas e cruéis dessa campanha. O curandeiro, que as forças legalistas não tinham conseguido capturar,

fora encontrado mais tarde enforcado nas matas do Ferrabraz. E Jacobina, que estava grávida de muitos meses, tivera o ventre trespassado por uma baioneta.

Durante a “Guerra dos Muckers” o dr. Winter escrevera a seu amigo Von Koseritz: "…esse lamentável episódio vem confirmar a opinião que tenho de meus compatriotas: individualmente são excelentes, sensatas pessoas, mas quando reunidos em grupos acabam sempre fazendo alguma asneira brutal. Creio, porém, que Goethe já disse isso antes de mim e em muito melhor alemão. Seja como for, às vezes chego a achar que a unificação da Alemanha foi um erro. Temo que depois da vitória de Sedan, embriagados de orgulho nacional, os alemães tomem gosto pelas guerras (Há um ditado gaúcho que conheces: "Cachorro que come ovelha uma vez….") e não possam mais passar sem elas. Parece-me que homens como Mozart e Heine só podem ser produzidos por nações que não perdem tempo nem energia em arquitetar guerras e muito menos em levá-las a cabo".

Fingindo não ter percebido a deixa de Bibiana, Winter disse: - Há de chegar o dia em que não haverá mais guerras. Ele próprio não acreditava no que acabava de dizer. As guerras tolas não acabariam nunca pela simples razão de que os homens jamais deixariam de praticar as tolices que levam os povos à luta.

Bibiana olhava fixamente para a chama do lampião. Os gaiteiros fizeram uma pausa dentro da qual se ouviram palmas, gritos, risadas e batidas de pé. Depois começaram a gemer uma valsa lenta e sentimental. Winter abafou um bocejo. Olhando para Bibiana, viu que uma estranha transformação se operava no rosto da velha. Era como se ela estivesse sozinha no casarão e de repente ouvisse um ruído de passos suspeitos na sala contígua… Lá estava ela de cenho franzido, olhos vidrados, mãos crispadas sobre a guarda da cadeira, busto retesado…

Que seria? De repente Winter compreendeu. A valsa que os gaiteiros tocavam era uma das que Luzia mais gostava de dedilhar na cítara.

— Sabe duma coisa? - perguntou Bibiana baixinho, como a temer que sua voz fosse ouvida do outro lado daquelas paredes. — Ultimamente o Curgo deu pra perguntar coisas sobre a mãe…

O médico sacudiu vagarosamente a cabeça.

— Quer saber como ela era, donde tinha vindo… - prosseguiu a velha. — Eu fico meio desajeitada, não sei se devo contar tudo. Às vezes tenho vontade, porque a verdade nunca fez mal a ninguém.

— A verdade agora nada adianta. Luzia está morta. Bibiana sorriu enigmaticamente e por alguns segundos ficou a menear a cabeça lentamente.

— Não está tão morta como vossuncê pensa…

Estas palavras foram como água fria no espírito do médico. Foi-se-lhe de repente o sono e ele ficou alerta.

— Que é que vossuncê quer dizer com isso?

— Não se passa um mês que eu não sonhe com ela. Sonhos loucos que me deixam cansada como se eu tivesse passado a noite em claro. Me vejo sempre às voltas com ela, conversando, discutindo, brigando… Enxergo tudo tão claro como se ela ainda estivesse viva. Vossuncê sabe, o quarto dela está bem direitinho como no tempo que ela estava neste mundo. Não se mexeu em nada.

Fez uma pausa. A chama do lampião começava de novo a morrer e Winter já não podia distinguir bem as feições da amiga.

— Quem guarda a chave dourada do quarto é o Curgo. Não deixa ninguém entrar lá. Às vezes o menino se levanta no meio da noite, mete-se no quarto da mãe e fecha a porta.

— E o que é que faz lá dentro?

— Sabe-se lá! Acho que fica remexendo nos baús e gavetas dela… e lendo um caderno onde ela escrevia umas bobagens. Eu até não sei por que não rasguei há mais tempo esse caderno… O Curgo tem cada coisa! Agora deu pra querer saber por que foi que a mãe não deixou nenhum retrato…

Winter franziu a testa.

— Mas eu me lembro que lá por 69 ou 70 andou por aqui um fotógrafo francês que tirou uns retratos da Luzia, não foi?

Por alguns segundos Bibiana hesitou. Depois, sem olhar para o amigo, respondeu: - Não me lembro.

Mas Winter agora se lembrava com clareza. Vira muitos retratos de Luzia no Sobrado até o dia de sua morte. Por sinal havia um com moldura dourada em cima do consolo… Sim, Luzia de preto sentada numa cadeira de respaldo alto, as mãos caídas sobre o regaço, a segurar um leque.

Todos aqueles retratos tinham desaparecido de repente… Olhou para Bibiana, pigarreou de leve e sorriu.

De novo a velha falou: - Sabe o que foi que o Curgo me disse um dia destes? Disse: “Vovó, às vezes quando passo no corredor pela porta do quarto da mamãe, tenho a impressão que ela está lá dentro me esperando, porque quer falar comigo…” Ora, já se viu? É uma coisa até diferente do Curgo, dizer isso. Onde se viu esse amor assim de repente? O menino não era assim.

Duns dois anos pra cá é que mudou. Chegou a me dizer até que tem remorsos.

— Remorsos de quê?

— De não ter sido bom filho, de não ter gostado da mãe como devia.

Vossuncê já ouviu maior disparate? Bom filho ele foi. Ela é que

não soube ser boa mãe. — Bibiana teve um estremecimento e, mudando de tom, disse: - Estou ficando gelada. Será que está frio mesmo, doutor, ou…

Winter não ouviu o resto da frase, não só porque Bibiana o pronunciou num sussurro inaudível mas também porque ele logo se perdeu em pensamentos. Estava a lembrar-se duma curiosa conversa que mantivera com Licurgo, havia menos dum mês. Primeiro com ar fingidamente casual e depois com indisfarçável interesse, o rapaz lhe fizera perguntas sobre a mãe. Queria saber exatamente de que morrera ela, e se era realmente bela como ele a tinha em sua memória. Por fim mostrara-lhe o diário da mãe e fizera-o ler alguns trechos assinalados. Havia um que deixara Winter particularmente impressionado. Fora escrito nos últimos dias da vida de Luzia.

Estou me acabando devagarinho. Ontem ainda me olhei no espelho. Eu era bonita, agora estou que nem caveira. Mas gosto de me olhar, e quando me vejo assim envelhecida, acabada, horrível, fico até alegre. Sempre que me enxergo no espelho digo pra mim mesma: “Bem feito, Luzia, bem feito”.

Acho que nunca gostei de mim mesma e que toda a minha vida não passou dum suicídio lento, miudinho. Só não sei o que foi que eu fiz pra mim mesma para me odiar dessa maneira.

Essas palavras haviam deixado Winter perplexo. Não se tratava apenas de mera atitude literária duma moça influenciada pela leitura de Noites na taverna e dos contos de Hoffmann. Era algo de mais profundo que ele não compreendia, mas que o deixava perturbado.

Winter ficara com a impressão de que Licurgo se atormentava quando lia as páginas daquele diário escrito com letra miúda e regular, e ao qual Luzia confiava suas mágoas, sua revolta contra Santa Fé e suas angústias de prisioneira. E o que mais intrigava o rapaz era o fato de Luzia não ter mencionado seu nome uma vez sequer naquelas páginas. A verdade, porém, era que havia no diário muitas folhas arrancadas. Mas arrancadas por quem? Com que propósito? E que haveria nessas páginas?

Quando Licurgo lhe perguntara “Que é que o doutor acha de tudo isto?”, ele lhe respondera com toda a franqueza: “Acho que vossuncê deve esquecer, esquecer tudo. Há na Bíblia um versículo que diz: Deixa que os mortos sepultem os seus mortos' .”

— Outro que não esquece é o Florêncio - ajuntou Bibiana. — E se ele não decide vir morar no Sobrado com a família é ainda por causa daquela mulher…

No vestíbulo alguém gritou: “Dona Bibiana!” De repente a porta se abriu e Fandango irrompeu no escritório, exclamando: - É quase meia-noite, minha gente. Venham! Vão soltar o balão. Depois todo o mundo vai dançar a quadrilha dos lanceiros.

Sem esperar resposta, fez meia-volta e se foi, no seu passo lépido de bailarim.

Bibiana suspirou fundo, ergueu-se lentamente, deu alguns passos na direção do médico, parou junto dele e murmurou: - Nunca me agradei da cara dessa china, a Ismália. No princípio eu não sabia por quê. Agora sei…

Ficou esperando que o dr. Winter perguntasse: "Por quê?" Mas ele permaneceu calado, os olhos fitos na amiga. Das outras salas vinham, agora mais fortes, as vozes dos convivas. Os gaiteiros romperam a tocar os primeiros compassos duma quadrilha. Bibiana inclinou-se para o médico e esclareceu: - O diabo da menina tem na cara, nos olhos, no jeito, qualquer coisa que lembra a mãe do Curgo.

Winter encarou por alguns instantes a interlocutora e depois, levantando-se também, disse: - É verdade. A Luzia não está tão morta como muita gente pensa.

Lado a lado e silenciosos, os dois amigos voltaram a passo lento para a festa.

Não há em Santa Fé quem não conheça o velho Maneco Lírio major da Guarda Nacional veterano do Paraguai ledor de almanaques charadista consumado e monarquista dos quatro costados.

Todos os dias antes de nascer o sol lá está ele na frente da casa de bombachas e em mangas de camisa, a tomar seu chimarrão seja inverno, primavera, outono ou verão.

Depois do almoço vai sempre dar um dedo de prosa na farmácia e à noite joga sua partidinha de gamão com o coletor federal.

Sofre de bronquite asmática e fuma com certa relutância cigarros de cartucho roxo.

B católico por tradição mas não reza não vai à missa não gosta de padre.

Em festas familiares nunca se faz rogar: basta que peçam uma Recite um verso, major (principalmente quando quem pede é uma dama)

dá dois passos à frente, limpa o peito e solta a voz de cascalho Aquele Ranchinho, da lavra de Lobo da Costa.

Tu me perguntas a história daquele triste ranchinho, que abandonado encontramos, coberto por negros ramos de pessegueiro maninho, aquele rancho de palha, aquele triste ranchinho?

É num tom cavo e macabro que diz o último verso No outro dia os destroços de um rancho viam-se então; o incêndio levara tudo e fora cúmplice mudo, fora cúmplice o trovão!

— aí tens a história que pedes do ranchinho do sertão.

O major é viúvo e só tem um filho, que é a menina de seus olhos mas agora vive sozinho, na sua meia-água branca da Rua Voluntários

da Pátria.

Nas paredes úmidas de sua sala de visitas, três retratos o de Dom Pedro II o do conselheiro Gaspar Martins e o da Falecida, que Deus a tenha em Sua Santa Glória Amém!

São seis horas da tarde, na primavera de 93. O major olha o calendário uma tricromia onde cisnes brancos nadam num lago azul por entre nelumbos e vitórias-régias brinde da Casa Sol a seus prezados favorecedores.

Franze a testa Diacho! Hoje é 15 de novembro. Arranca a folhinha e lê a efeméride 1889.

O marechal Deodoro proclama a República. Xô mico! Antes não tivesse proclamado coisa alguma e ficasse em casa quieto, deixando a nação em paz.

Maneco Lírio vai sentar-se à janela, com a cuia de mate, uma chaleira d'água quente e mais suas lembranças e mágoas. Na calçada fronteira meninos jogam sapata no meio da rua, meninas fazem roda e cantam, no céu pisca-pisca a estrela vespertina.

O major volta a cabeça para dentro da sala e olha com ternura o retrato do imperador.

Expulsarem do país um homem como esse verdadeiro neto de Marco Aurélio!

Na rua as menininhas cantam O meu belo do Castelo mata-tira-tirarei!

Amigo de grandes homens como o papa, Lamartine, Pasteur e outros soberano democrata pai dos necessitados sábio como poucos.

Traduziu o Velho Testamento do hebraico para o francês o Júlio César de Shakespeare para o latim os poemas de Longfellow para a língua materna e fazia sonetos adamantinos da mais pura inspiração.

Versado em Astronomia olhava a lua em telescópios estudou in loco as ruínas de Pompeia conhecia os museus da Europa como a palma de sua augusta mão Na calçada os meninos tiram a sorte Canivetinho pintadinho gorro, mingorro tua mão está forro.

E apesar de tudo isso era a modéstia em pessoa.

O grande Victor Hugo, o vate de Os Miseráveis, recebeu o imperador em sua casa de Paris chamou o netinho e disse Beije a mão de Sua Majestade.

Vai então o nosso monarca aponta para o poeta e exclama Esta sala, mon enfant, agora só tem uma majestade: vosso avô.

Expulsarem do país um homem como esse!

Se esta rua fosse minha Eu mandava ladrilhar De pedrinhas de brilhante Para o meu amor passar Doutra feita, na América do Norte, sem cortejos nem fanfarras, como um simples viajante nosso Dom Pedro II visitou a Exposição do Centenário, na cidade de Filadélfia Falou com Alexandre Graham Bell, mas não se deu a conhecer Só

perguntou Que diabo de aparelho é esse que vosmecê tem na mão?

Pois é uma maquinazinha em que botei muito engenho. Quer experimentar?

Encoste este canudo no ouvido e escute.

O soberano encostou, o inventor foi para outra sala e começou a falar dentro dum funil.

E de repente Sua Majestade sentiu cócega no ouvido, pois do canudo saía uma voz.

Santo Deus! Esta coisa fala.

E da outra ponta do fio Alexandre Graham Bell dizia: Isto é o telefone. Dentro de pouco tempo todas as casas do mundo vão precisar dum aparelho assim.

Dom Pedro entusiasmado abraçou e inventor e disse: Quero fazer uma encomenda desses tais de telefones pró governo do meu país.

Mas afinal de contas quem é o senhor?

Imperador do Brasil.

O outro quase caiu pra trás.

E foi um homem como esse que os republicanos mandaram embora.

Seu João das Calças Brancas! Pronto, meu amo! Quantos pães tem no forno?

Vinte e cinco e um queimado. Quem foi que queimou? Foi o Bico de Latão.

Ora pega esse ladrão na panela de feijão.

Tudo foi obra desses moços da propaganda republicana.

Viviam com a cabeça cheia de ideias da estranja.

queriam a abolição Tiveram E pioraram a sorte dos negros.

Queriam a república.

Tiveram Derrubaram a monarquia Instituíram a anarquia Mandaram embora o imperador que morreu, coitado, no exílio.

Mudaram a nossa bandeira que agora é ordem e progresso.

Só por milagre não mudaram o hino nacional O país está entregue à camarilha positivista.

Foram mexer com o Exército que no tempo do império vivia quieto no seu canto Corremos agora o perigo duma ditadura militar E daqui por diante ninguém vai fazer mais nada Sem primeiro ouvir e cheirar os generais.

E o resultado dessa beleza é o que vemos Só aqui no Rio Grande de 89 a 90 tivemos cinco governos Botaram bucal na imprensa houve tiroteio nas ruas a canhoneira Marajó quis bombardear Porto Alegre.

E o que o povo anda descontente dês que mandaram o Velhinho embora Deodoro fechou o Congresso deu o seu golpe de Estado logo depois renunciou veio a revolta da esquadra com o Custódio José de Melo a revolução no Rio Grande e a ditadura do Floriano. Já ninguém

se entende mais.

Ciranda, cirandinha Vamos todos cirandar Vamos dar a meia-volta A meia-volta vamos dar Mas no meu fraco entender, só existe um homem no mundo capaz de salvar o país o conselheiro Gaspar Martins, honra e glória da nação gigante no físico e no moral, no saber e na inteligência conhecedor de quinze línguas entre vivas e mortas mais eloquente que Gambetta, Demóstenes ou Mirabeau E até a grande Eleonora Duse, quando viu o conselheiro disse lá na sua língua dela Que magnífico Otelo ele não vai dar E quando Gaspar Martins solta o verbo de fogo com sua voz de trovão os pigmeus da República se encolhem.

Pois o nosso conselheiro é contra esta situação E nas campinas do Rio Grande deu o grito de revolução E de todos os quadrantes surgiram federalistas e gasparistas de lenço colorado no pescoço E meu filho José Lírio foi o primeiro a se apresentar.

Os dias do Castilhismo estão contados.

Rei, capitão Soldado, ladrão Faca na cinta Pistola na mão.

Eu não sei o que é que estou fazendo aqui parado que não azeito as minhas pistolas nem limpo a minha espada e boto um lenço vermelho no pescoço e vou também pra coxilha com as forças dos maragatos.

Não estou tão velho assim que não possa dar uns tirinhos ou manejar uma espada.

Porque é bem como o conselheiro diz Ideias não são metais que se fundem.

Senhora Dona Cândida Coberta de ouro e prata Descubra o seu rosto Quero ver a sua graça.

Um apito de trem vara como uma lança o devaneio do major. Maneco Lírio tira o relógio do bolso e olha o mostrador Seis e meia. O trem de carga de Santa Maria está no horário ouro e fio O trem agora vai passando pela frente do rancho de Quincas Caré que sai para fora com a mulher e os filhos e ficam todos olhando de boca aberta para a locomotiva E depois que o trem desaparece na curva do cemitério Quincas cospe no chão, volta-se para a mulher e diz com ar de entendido Esse bicho traz seca.

O Sobrado - VII

27 de junho de 1895: Manhã

Ao clarear do dia o sudoeste irrompe em Santa Fé. De seu posto na água-furtada, Fandango, a quem tocou o último quarto da vigília da noite, contempla o céu e tem a impressão de que é o minuano que vai apagando aos poucos com seu sopro de gelo as últimas estrelas. Das árvores agitadas cai um chuvisqueiro de sereno. A figueira grande, que a geada prateia, parece uma cabeça que envelheceu durante a noite.

Tiritando de frio, o rosto muito próximo da vidraça, sentindo na ponta do nariz o contato gelado do vidro, o velho capataz agora espia a rua.

Lá está o maragato morto todo coberto de geada… Quem será o infeliz?

Decerto algum pai de família. Amanhã a revolução termina, os inimigos de hoje fazem as pazes, mas os que morreram não voltam mais.

Fandango suspira. Guerra malvada! Irmão contra irmão, amigo contra amigo. O Fandanguinho dum lado e o Juvenal do outro. A esta hora decerto já degolaram também o Antero… Não deve ser brinquedo levar um talho de faca com um frio destes. Cruz credo!

Fandango pensa nas gargantas abertas que viu desde que a revolução começou. Curgo vive dizendo que os maragatos são bandidos. Mas qual!

Todo o mundo sabe que há gente boa e gente ruim dos dois lados. Ele se lembra do Boi Preto, onde a Divisão do Norte pegou duzentos federalistas dormindo num acampamento e liquidou todos a arma branca. E o caso do Gumercindo Saraiva? Foi enterrado num dia pelos companheiros e desenterrado no outro pelos inimigos. Contam até que um chefe republicano gritou: “Quero as orelhas do bandido!” - e passou-lhes a faca. Uma sangueira braba, uma perda horrível de vidas, de dinheiro e de tempo! E no entanto o mundo tem tanta coisa gostosa! Mulher bonita, cavalo bom, baile, churrasco, mate amargo… Laranja madura, melancia fresca, uma guampa de leite gordo ainda quente dos úberes da vaca… Uma boa prosa perto do fogo… Uma pescaria, uma caçada, uma sesta debaixo dum umbu… Tanta coisa!

Para esquecer o frio, a fome e as mágoas Fandango põe-se a assobiar.

E o vento, que assobia mais forte, faz trepidar as janelas do

Sobrado, entra pelos buracos dos vidros quebrados, pelas frestas dos postigos e vai enchendo a casa com seu bafo polar. Um jornal que veio não se sabe donde, esvoaça no ar, sobe e desce em movimentos agônicos de pássaro ferido, e há um momento em que fica aberto e como que colado à parede da igreja, mostrando o cabeçalho da primeira página em letras garrafais: - OS FEDERALISTAS DERROTADOS EM CAROVL! depois torna a cair, rola na calçada e é levado pelo minuano num voo rasteiro, Rua dos Farrapos em fora.

No Sobrado os homens estão quase todos acordados. Passaram a noite ao redor do fogão, agarrados uns aos outros, numa busca meio inconsciente de calor e aconchego, e agora estão vagamente envergonhados dessa promiscuidade, como se tivessem feito algo que um homem que se preza não faz com outro homem. Esfregam as mãos, batem pés, tossem, pigarreiam, escarram, bocejam… Mas nada dizem, porque decerto acham que nada mais têm a dizer.

Quando Fandango desce, seu primeiro cuidado é o de ir ver como Florêncio passou a noite. Encontra-o ainda a dormir, com a cabeça atirada para trás e pousada num travesseiro. Bem bom que o velho está descansando - reflete o capataz. O coitado merece.

Volta-se para os homens e cochicha: - Não façam muito barulho, que seu Florêncio está dormindo.

O sol já apareceu por trás dos rnuros do cemitério. A velha Bibiana está de novo a balançar-se na sua cadeira. E Curgo, que dormiu algumas horas de sono pesado no quarto de Florêncio, acorda de repente num sobressalto, com uma sensação de desastre iminente. Atira as pernas para fora da cama, e, zonzo, os olhos piscos, fica tentando varar a névoa da sonolência, para ver o que aconteceu…

Que foi? Rompeu de novo o tiroteio? Morreu alguém? Maria Valéria ali está, parada no meio do quarto, o rosto voltado para ele.

— Que é que quer? - pergunta, irritado com a desagradável impressão de que a cunhada esteve a espioná-lo.

— Nada. Vim só ver se vossuncê estava dormindo.

— Me acordei agora.

— Estou vendo.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não.

— Como vai a Alice?

— A febre baixou um pouco.

Curgo passa a mão pela cabeça num gesto perdido.

— Dormi como uma pedra - murmura, como a penitenciar-se dum ato reprovável.

— Era de sono que vossuncê precisava.

— E o seu pai?

— Está lá embaixo. Parece que finalmente conseguiu dormir.

— O Antero deu algum sinal de vida?

— Não.

— Eu bem disse que não ia adiantar nada…

— Mas alguém precisava fazer alguma coisa, não é?

— Eu sei!

Sentado na beira da cama, Licurgo mantém os olhos baixos, pois sabe que não lhe é possível olhar de frente para a cunhada, cuja presença chega a ser-lhe quase repulsiva.

— As laranjas estão se acabando e não tem mais farinha em casa. Não sei o que é que vou dar prós homens comerem hoje.

Ele tem ganas de responder: “Me matem, me carneiem, me comam!” Imóvel na sua frente, Maria Valéria espera. Parece que o bafo gelado que entra no quarto não vem de fora, vem dela. E quando esta mulher fala, ele sente sua voz como uma lixa a raspar-lhe os nervos.

— Me diga! Que é que vou dar prós homens?

Por que não dorme com eles? - pergunta-lhe Licurgo em pensamento. Assim eles esquecem a fome, a senhora fica sossegada e me deixa em paz.

Continua, porém, calado, de cabeça baixa, friccionando nervosamente os joelhos com as palmas das mãos. De repente, vendo as próprias unhas crescidas e sujas, encolhe os dedos para que Maria Valéria não os veja, e fica ao mesmo tempo contrariado por ter feito esse gesto. Por que será que ela não vai embora?

— Já pensou nas crianças? Todos estes dias sem leite nem pão? E na velha?

De súbito ele ergue a cabeça, encara a cunhada e pergunta, agressivo: - Que é que a senhora quer que eu faça?

— Já lhe disse mil vezes. Bote bandeira branca na sacada e peça trégua enquanto é tempo de salvar Alice.

Curgo põe-se de pé abruptamente, inclina-se sobre a cama e com um gesto brusco arranca-lhe o lençol.

— Pois é isso mesmo que eu vou fazer agora! - exclama. — E depois não me culpem pelo que acontecer.

Maria Valéria fita nele os olhos plácidos e melancólicos e murmura: - Era o que o senhor devia ter feito há muito tempo. Após uma breve hesitação, Licurgo encaminha-se para a porta, arrastando o lençol. Neste momento vem do corredor um ruído de passos apressados, seguidos duma voz: - … de bandeira branca!

Licurgo deixa o lençol cair no chão e precipita-se para fora do quarto.

Jango Veiga, que se acha junto da porta da sacada, a espiar pelo postigo entreaberto, volta a cabeça para ele e exclama, meio engasgado: - Um grupo atravessando a praça… na frente um homem

com uma bandeira branca… parece o vigário…

Licurgo aproxima-se do companheiro, olha por cima do ombro dele e avista, por entre as árvores que o vento sacode furiosamente, uns quinze homens que caminham na direção do Sobrado, tendo à frente - sim, não há a menor dúvida! - o vigário de Santa Fé, que carrega uma bandeira branca na ponta duma lança. Um dos homens ergue o chapéu no ar e solta um brado; os outros o imitam mas o vento leva-lhes as vozes para longe.

— É a nossa gente - diz Jango, excitado. — Lá está o nanico… o dr.

Winter… está vendo?

— Estou - responde Curgo com impaciência. — Não sou cego.

Abre a porta da sacada e dá dois passos à frente. Respira fundo, e com o olhar abarca a praça. O vento faz esvoaçar-lhe os cabelos, as barbas, o poncho e o lenço branco que ele não tirou do pescoço desde que começou o cerco.

Sente uma repentina tontura e por momentos as imagens se lhe turvam diante dos olhos. Lá embaixo, impelido pela ventania, um pedaço de jornal arrasta-se pela rua, bate nas pernas do maragato morto, sobe-lhe pelas coxas, fica por um instante preso nas dobras do poncho e acaba por cobrir-lhe a cara.

Perfilado, Licurgo Cambará espera…

O padre Atílio Romano entrega a bandeira a um companheiro, adianta-se do grupo e, de braços abertos, atravessa a rua.

— Graças a Deus! - exclama, de rosto iluminado. — Graças ao bom Deus! Os federalistas abandonaram a cidade antes do dia raiar. As forças republicanas de Cruz Alta já entraram no nosso município!

Curgo baixa os olhos para o padre mas não diz palavra. Os homens estão todos agora no meio da rua, com as faces erguidas para a sacada. O senhor do Sobrado e do Angico reconhece os companheiros que foram aprisionados pelos federalistas durante o combate pela posse da cidade.

Erguem-se no ar espadas, chapéus, lenços e lanças. Viva o Partido Republicano! Viva o coronel Licurgo Cambará! Viva o Rio Grande do Sul!

Antero põe o chapéu na ponta duma lança, levanta-o bem alto e, com sua voz estrídula, brada: “Viva o Sobrado!”

Às janelas do casarão assomam aos poucos seus defensores. Curgo volta o rosto para a torre da igreja e com uma fixidez estúpida fica a mirar o galo do cata-vento, que rodopia como uma piorra.

— Curgo! - grita-lhe o padre lá de baixo. — Não conhece mais seus amigos? Por que não manda abrir a porta?

Licurgo faz meia-volta, dá alguns passos e no patamar encontra a cunhada de braços cruzados sob o xale, esperando…

— A cidade está livre! - exclama ele com a voz cheia duma exultação em que há também um elemento de rancor. — Os federalistas fugiram, nenhum canalha botou o pé na minha casa!

Mau grado seu, lágrimas começam a escorrer-lhe pelas faces e, furioso por estar fraquejando, e ainda mais desconcertado porque Maria Valéria está percebendo que ele chora, grita: - A senhora e seu pai queriam a todo transe entregar o Sobrado prós Amarais. Está vendo agora o que aconteceu? Foi ou não foi como eu lê disse?

Maria Valéria diz simplesmente: - Não se esqueça que sua mulher está passando mal. Mande o dr. Winter subir imediatamente.

Curgo desce a escada com uma lentidão nervosa. No andar térreo encontra Fandango a cantar e a dançar. A alegria do velho deixa-o agastado, pois para ele o momento é grave e triste: não se trata de dançar e dar vivas, mas de salvar a vida de Alice, enterrar decentemente os mortos, dar de comer aos vivos e fazer ressuscitar a cidade.

— Mas que cara emburrada é essa, muchacho?

Os outros homens cercam o chefe, à espera de ordens. Licurgo põe na cabeça o chapéu em cuja fita se lê - "Viva o dr. Júlio de Castilhos!" - apresilha à cinta a espada e ordena a Jango Veiga, que neste momento entra na sala: - Abre a porta e mande essa gente entrar!

Jango precipita-se para o vestíbulo, desce os degraus em dois pulos, tira a tranca da porta, dá-lhe volta à chave, puxa-lhe o ferrolho e abre-a de par em par. O primeiro a entrar é o vigário, que tem os olhos turvos de comoção. Abraça Jango Veiga e sobe apressado, seguido do dr.

Winter e do resto do grupo. E ali no vestíbulo os recém-vindos e os sitiados ficam a abraçar-se, a se fazerem perguntas, a contar coisas entrecortadas e atabalhoadamente. O vigário envolve Curgo com seus braços atléticos e dá-lhe um beijo estralado em cada face.

— Que é isso, padre? - pergunta Curgo, constrangido. E desvencilhando-se do sacerdote, aproxima-se do dr. Winter, que lhe pergunta: - Como vai a Alice?

As palavras do médico saem-lhe da boca num bafio de cachaça. Licurgo agarra-lhe fortemente os braços.

— Suba, doutor, suba ligeiro e salve a minha mulher.

— Vou fazer o possível.

— Faça o impossível.

Ao dizer isto aperta com mais força os braços do outro.

— Então não me quebre os ossos.

Curgo larga-o. Winter começa a subir a escada grande, levando na cabeça uma pergunta: Salvar pra quê? Salvar pra quê?

Montados no corrimão, Rodrigo e Toríbio passam por ele

deslizando velozmente.

— Olha o dr. Winter!

— O alemão batata!

Sem dar atenção aos meninos, de chapéu na cabeça, encurvado e tateante (quebrou os óculos há um mês e com esta maldita revolução não pôde encomendar outros) Winter sobe penosamente os degraus.

Na sala de jantar Rodrigo puxa a manga do casaco do irmão.

— Vamos tocar sino na igreja? Os olhos do outro brilham.

— Vamos!

Passam pelo vestíbulo, por entre os homens, ganham a rua e deitam a correr na direção da matriz. Como encontram fechada a porta da frente, contornam o templo, entram pela sacristia, fazendo um rápido sinal-da-cruz ao passarem pelo altar-mor, metem-se no batistério, penduram-se na corda do sino e começam a puxá-la com fúria desesperada.

A guerra acabou! O Sobrado ganhou a guerra! Viva! Viva! Atordoado pela zoada do sino, Rodrigo encolhe-se, trêmulo, arregala os olhos, assustado e já meio arrependido da travessura. Dizem que o Barbadinho do Padre morreu surdo e louco por causa do barulho do sino…

— Estou com medo, Bio! - grita ele.

Mas o irmão não pode ouvi-lo. Rodrigo larga a corda, ajoelha-se no chão, fecha os olhos e leva ambas as mãos aos ouvidos, tapando-os, enquanto Bio continua a badalar, virando cambalhotas como um burlantim.

Os ares de Santa Fé atroam, e o minuano como que se enrosca no som do sino, num corpo-a-corpo frenético, e se vai lutando com ele campo em fora. O galo do cata-vento continua a rodopiar. As árvores da praça farfalham. O pedaço de jornal que cobre a cara do morto sobe de repente e começa a esvoaçar sobre os telhados, como uma pandorga extraviada.

Estonteado no meio da zoada, Curgo leva os dedos às têmporas e fica um instante de olhos fechados, procurando pôr ordem nos pensamentos. É preciso fazer alguma coisa. Acabam de informar-lhe que o trem que partiu de Cruz Alta de madrugada, conduzindo as tropas republicanas, chegará dentro de meia hora.

— Jango! - grita ele para o companheiro. — Providencie imediatamente para arranjar comida pra nossa gente. Veja primeiro se consegue leite prós meninos e pra dona Bibiana. — Volta-se para o vigário e diz: - Padre, venha comigo.

— Aonde vamos?

— Vou primeiro tomar conta da Intendência. Acho que vossuncê não se esqueceu que ainda sou intendente de Santa Fé…

— Claro que não, coronel.

— Depois quero passar um telegrama pró dr. Júlio de Castilhos.

Ergue a voz e pede silêncio. Os homens obedecem-lhe, mas o sino continua a tocar, a tocar…

— Quem quiser vir comigo que venha! - grita Licurgo. Todos querem. Saem num grupo compacto, com o dono da casa e o padre à frente. Marcham lentamente, numa gravidade religiosa de enterro: é como se estivessem saindo do Sobrado conduzindo um defunto, rumo do cemitério.

— Por que mandou tocar sino desse jeito, padre? - pergunta Licurgo, franzindo o cenho.

— Eu não mandei coisa nenhuma, belo!

— Devem ser os seus filhos, coronel - esclarece um dos homens. — Vi quando eles saíram ind'agorinha correndo pra igreja.

No meio da rua Licurgo detém-se ao pé do inimigo morto, e, tapando o nariz com um lenço, baixa os olhos para o rosto dele. A princípio tem a impressão de que aquela fisionomia lhe é desconhecida. Não leva, porém muito tempo para identificá-la, pois vê na face do defunto os olhos verdes e mosqueados de Ismália.

— João Batista!

— Pronto, coronel.

— Mande enterrar imediatamente esses maragatos!

Diz isto e retoma a marcha. O negro olha para o morto e murmura: - Quem havia de dizer! O Mauro Caré atirando contra o Sobrado. A gente dele sempre viveu nas costas do coronel Licurgo. É o mesmo que comer e depois cuspir no prato. Há muita ingratidão neste mundo!

Cuspinha, enojado.

De longe o padre lhe grita: - Não enterrem os defuntos sem encomendação. Levem os corpos para a igreja, que eu já volto.

Licurgo caminha de cabeça erguida, com o sol e o minuano na cara. A seu lado o padre fala incessantemente, contando-lhe suas provações daqueles últimos dez dias. Ficou prisioneiro de Alvarino Amaral enquanto durou o cerco, e por mais de uma vez lhe suplicou que o deixasse ir até o Sobrado para ver como estavam as mulheres e as crianças. O chefe federalista, porém, repelira-lhe a sugestão. Sabia que a revolução estava perdida para seu partido, mas tinha esperanças de forçar Licurgo a pedir trégua: queria “quebrar-lhe o corincho”.

O padre tem de gritar para se fazer ouvir, pois o sino continua a bimbalhar. Aos poucos se vão abrindo as portas e janelas das casas ali da praça; algumas pessoas metem a cabeça para fora, espiam, ariscas, e depois, compreendendo o que se está passando, 850 aventuram-se a vir para a calçada e, descobrindo conhecidos no grupo que atravessa a praça, começam a acenar-lhes e gritar-lhes coisas. Na mente de Licurgo o telegrama já tomou forma: ilmo. sr. dr. Júlio de Castilhos

Palácio do Governo Porto Alegre Tenho a honra comunicar Vossência Santa Fé acaba ser libertada. Após vários dias de cerco minha residência onde resisti com grupo valorosos leais correligionários, inimigos abandonaram cidade aproximação bravas forças republicanas Cruz Alta. Viva o Partido Republicano! Viva o Rio Grande! Viva o Brasil!

Licurgo Cambará.

De olhos fitos na fachada da Intendência, Curgo atravessa a rua em silêncio. Doem-lhe os olhos e o peito; suas pernas estão fracas e trêmulas, a garganta seca, as mãos e os pés gelados. Mas ele se mantém empertigado, e vai andando sempre, enquanto um sino enorme, um sino brutal badala-que-badala-que-badala implacavelmente dentro de sua cabeça, confundindo-lhe as ideias, martelando-lhe os nervos, deixando-o quase louco…

Sozinho no meio da sala de visitas do Sobrado, Fandango de repente tem a vaga mas estranha impressão de que algo de anormal está acontecendo. Que será? Nos primeiros segundos não atina com o que seja, mas, ao olhar na direção da cozinha, percebe o que é… O velho Florêncio continua a dormir, apesar de toda a gritaria que os homens fizeram há pouco, e apesar do sino que continua a tocar.

Com um mau pressentimento aproxima-se do amigo e tocalhe o ombro, primeiro de leve e depois, como o outro não se mexe, com mais força, e repetidamente. Vê então, num susto, que os olhos de Florêncio estão abertos e vidrados, fixamente fitos no teto fuliginoso da cozinha.

Toma-lhe da mão: fria. Apalpa-lhe a testa: gelada. Encosta o ouvido no peito do amigo e não lhe ouve o pulsar do coração. Apanha um copo, aproxima-o dos lábios do outro e deixa-o ali por alguns instantes; depois ergue o copo no ar, contra o sol, para ver se está embaciado. Nada!

Fandango coça a cabeça, estonteado, sem saber que fazer. Os homens todos foram embora. As mulheres estão lá em cima. É preciso que alguém lhes vá contar que o velho Florêncio morreu.

Se ao menos esse maldito sino parasse… Quem será o canalha que está tocando? Decerto é a alma do Barbadinho do Padre, que voltou dos quintos do inferno. Filho da mãe!

Fandango olha fixamente para o amigo morto. Pobre do velho! Como é que eu não vi logo que ele se tinha finado? Está que nem um boneco de cera, já com as ventas meio roxas. Deus me livre de morrer sentado! Mas deve ter sido uma morte fácil, sem agonia. Decerto morreu dormindo. Ou não?

Quem sabe acordou de noite, com a pontada no peito? Era homem de vergonha, não gostava de dar parte de fraco nem de incomodar o próximo… Não gemeu pra não acordar os outros. E

morreu sozinho sem ter ninguém que botasse uma vela acesa na mão dele… É bem como dizia o falecido Maneco Lírio: Mundo velho sem porteira!

Pé por pé, como para não despertar o amigo, o capataz encaminha-se para a escada e começa a subir os degraus lentamente, com uma vontade danada de não chegar nunca lá em cima.

Credo em cruz! Dar notícia de morte é a coisa pior do mundo. Logo eu, o Fandango, o gaiato, o festeiro, o bom de farra… Como é que vou dizer?

Dona Maria Valéria, seu pai está lá embaixo morto. Acho que o bragado apareceu esta noite e levou ele na garupa pró outro mundo… Mas não se aflija, dona, a vida é assim mesmo. Todos morrem, mais cedo ou mais tarde. A morte não pede licença pra entrar na casa da gente. Seu pai era mais moço que eu. Seu pai era muito melhor que eu. Me desculpe por eu estar ainda vivo… Quem manda é o Velho, lá em cima.

Com os dedos crispados sobre o corrimão, Fandango vai subindo. Sino desgraçado, por que não calas essa boca? Vento do inferno, por que não paras de zunir? Vão acabar deixando todo o mundo fora do juízo. E como é que vou dizer pra Alicinha que o pai dela se finou? E pra velha Bibiana? Por que foi que esse negócio estourou na minha cacunda? Logo eu, o Fandango, o festeiro, o gaiato, o bom de farra… Mundo velho sem porteira!

Os olhos do capataz estão cheios de lágrimas, que lhe escorrem pelas faces tostadas e entram-lhe pelas barbas. Junto da porta do quarto de Alice, ele as enxuga com a ponta do poncho. Depois de alguma hesitações, bate de leve… Ouve o ruído de passos macios lá dentro. A porta entreabre-se e na fresta aparece a metade do rosto de Maria Valéria.

— Que é. Fandango?

— Preciso falar com vossuncê.

— É muito urgente? O capataz titubeia.

— Muito… não.

— Então espere. Estou ajudando o dr. Winter.

— Está bem.

A porta torna a fechar-se. Fandango suspira, aliviado. De repente o sino cessa de badalar e ele fica com uma zoada nos ouvidos, como se sua cabeça fosse um ninho de marimbondos.

Sem saber ao certo por quê, dirige-se para o quarto de Bibiana, bate na porta e, como não obtém nenhuma resposta, abre-a devagarinho e entra. Lá está a velha sentada na sua cadeira de balanço, com o xale nas costas, mascando fumo, remexendo a boca como uma vaca a ruminar.

Mas que foi mesmo que vim fazer aqui? A velha está catacega e

meio caduca: não tenho coragem de contar pra ela que seu Florêncio morreu.

— Quem é lá? - pergunta Bibiana.

— Sou eu. O Fandango, dona.

— Ah!

— O sítio terminou. Os maragatos fugiram. O Curgo está na Intendência com os companheiros…

A velha permanece impassível como se não tivesse ouvido as palavras do capataz, ou como se não as tivesse compreendido. Fandango aproxima-se dela e toca-lhe o ombro.

— Vossuncê está se sentindo bem?

O vento uiva, fazendo matraquear as vidraças. Bibiana Terra Cambará sorri, leva o indicador aos lábios, como a pedir silêncio, e, estendendo a mão na direção da janela, sussurra: - Está ouvindo?

FIM DO VOLUME

Parte 2 - O Retrato

Rosa-dos-Ventos

Naquela tarde de princípios de novembro, o sueste que soprava sob os céus de Santa Fé punha inquietos os cata-ventos, as pandorgas, as nuvens e as gentes; fazia bater portas e janelas; arrebatava de cordas e cercas as roupas postas a secar nos quintais; erguia as saias das mulheres, desmanchava-lhes os cabelos; arremessava no ar o cisco e a poeira das ruas, dando à atmosfera uma certa aspereza e um agourento arrepio de fim de mundo.

Por volta das três horas, um funcionário da prefeitura assomou à janela da repartição e olhou por um instante para as árvores agitadas da praça, exclamando: “Ooô tempinho brabo!”

Num quintal próximo, recolhendo às tontas as roupas que o vento arrancara do coradouro e espalhara pelo chão, uma dona-de-casa resmungava: “É prum vivente ficar fora do juízo!”

Na sua meia-água caiada como um túmulo, a “Gioconda” sentou-se ao piano e, em meio de seus sete gatos, começou a tocar a marcha fúnebre de Chopin.

O proprietário da Farmácia Humanidade, dirigindo-se ao prático que, debruçado sobre o balcão, mascava ainda o palito do almoço, resmungou: “Dia de vender colírio e aspirinna”.

Por trás das vidraças duma das casas da praça da Matriz, um menino de cara tristonha olhava, fascinado, ora para o cata-vento da torre da igreja, cujo galo de ferro rodopiava, ora para as pando rgas coloridas que, entre a torre e as nuvens, davam bruscas rabanadas no ar.

Um trem apitou tremulamente na curva do cemitério, e de repente, como se tivesse surgido do bojo duma nuvem, um pequeno aparelho do aeroclube de Santa Fé começou a sobrevoar a cidade a uns mil metros do solo. Era um teco-teco amarelo, cujo nome - Rosa-dos-Ventos- estava pintado em letras negras nos costados da nacela. Alguns santa-fezenses ergueram os olhos para o céu e acharam que era loucura voar num dia daqueles. E por algum tempo, acima do uivar do vento, ouviu-se o fosco matraquear do motor do avião. De súbito, os alto-falantes da rádio Anunciadora Serrana, presos aos postos telefônicos ao longo da rua do Comércio, começaram a funcionar, e o

ar se encheu de sons que pareciam sair da boca de enormes robots. O vento varria as vozes metálicas que apregoavam a excelência de dentifrícios, inseticidas, sabonetes, e pediam ao público que só comprasse na “tradicional Loja Caramês, onde um cruzeiro vale três”. Quando as vozes se calaram, romperam dos alto-falantes os acordes lânguidos dum velho tango argentino, e o choro das cordeonas abafou a lamúria do vento.

Naquele minuto o Veiguinha saiu da Casa Sol, caminhou até a beira da calçada, trazendo debaixo do braço um quadro que durante sete anos tivera pendurado na parede do escritório e, olhando para um mulato que passava, exclamou: - Este é o dia mais feliz da minha vida!

Dito isto, agarrou o quadro com ambas as mãos e bateu com ele violentamente contra a quina da calçada, partindo a moldura e o vidro.

Depois, numa fúria que o deixava apopléctico, arrancou dentre os destroços do quadro o retrato do ex-presidente e rasgou-o em muitos pedaços, lançando-os ao vento num gesto dramático: - Este é o fim de todos os tiranos!

O mulato parou, olhou para o proprietário da Casa Sol e disse: - Deixe estar, um dia esse retrato volta pra parede. Os milicos derrubaram o Velho, mas ele caiu de pé nos braços do povo!

Isso foi o princípio duma discussão de caráter político, que atraiu a atenção de alguns passantes, os quais mais tarde, ao tentarem reconstituir o áspero diálogo que terminara numa troca de bofetadas lamentavam não terem podido ouvir tudo quanto os contendores diziam, pois na hora do bate-boca a voz de Carlito Gardel enchia poderosamente a rua, abafando todas as outras.

Afirmava-se, entretanto, com unanimidade que em dado momento o Veiguinha, quase a tocar com a ponta do indicador o nariz do mulato, bradara: "Teve a sorte que merecia, era um traidor!"- ao que o outro retrucara: “Traidor é você, cachorro!”

Como que impelido pelo vento, o braço do negociante projetou-se no ar como uma catapulta, e ouviu-se o estalo duma bofetada. Ao receber o golpe inesperado, o mulato quase caiu, mas, recuperando logo o equilíbrio, desferiu um soco no ouvido do Veiguinha, atirando-o contra a parede da casa. Foi nesse momento que os circunstantes intervieram, separando-os a custo. O Veiguinha voltou para a loja, vociferando bravatas, ao passo que o mulato, arrastado rua abaixo, por dois desconhecidos, berrava a plenos pulmões: - Viva o nosso presidente! Viva o Estado Novo!

Do outro lado da rua, à frente da Casa Sol, lia-se no muro caiado, em largas letras de piche: “Queremos Getúlio”. Logo abaixo, em garranchos brancos: "Viva Prestes!

Morra o fascismo!" E, entre a foice e o martelo, um moleque

gravara no reboco, a ponta de prego, um nome feio.

Gardel silenciara: agora os violinos cantavam em melosa surdina, e a voz do sueste parecia também fazer parte da orquestra, bem como o rufar do motor do Rosa-dos-Ventos.

A notícia do conflito espalhou-se rápida por toda a rua.

À porta duma engraxataria, um negrão de cara lustrosa, o torso musculoso modelado por uma camiseta amarela, comentou a briga com um freguês e concluiu: - A culpa é do vento. A gente fica meio fora de si. É essa maldita ventania…

O vento, porém, não tinha, a menor influência irritante sobre os nervos de Aderbal Quadros - o velho Babalo. Acocorado no pomar de sua chácara, nos arredores de Santa Fé, estava ele, havia alguns minutos, a arrancar guanxumas do chão, e naquele momento fazia uma pausa para reacender o cigarrão de palha que tinha preso entre os dentes. Com as mãos sujas de terra, tomou do isqueiro, bateu a pederneira e, voltando as costas para o vento, a fim de proteger a chama do pavio, acendeu o cigarro e deu-lhe um longo e gostoso chupão, ao mesmo tempo que lançava para sua horta um olhar morno de ternura, como se os repolhos e as alfaces fossem membros de sua família. Depois espraiou o olhar pelo campo e tornou a sentir saudade de suas estâncias - uma saudade que lhe apertava o peito, quase como uma dor. Era bem triste uma pessoa depois de madura perder tudo que tinha: casa, terras, gado dinheiro; e era até ridículo um estancieiro que já possuíra dezenas de quadras de campo e milhares de cabeças de gado ficar reduzido a uma chacrinha de seis hectares, e ainda por cima arrendada! Xô égua! Mas um homem não se entrega nunca, o que passou passou e águas passadas não movem moinho…

Tirou por alguns segundos o cigarro da boca, cuspiu no chão, como para espantar os maus pensamentos, e acariciou com a ponta do indicador a verruga que tinha na face esquerda, da qual saíam três fios de cabelo crespo.

Contemplando o campo dum verde vivo, respingado aqui e ali pelo amarelo das marias-moles, de novo pensou em aumentar a plantação de trigo. O diabo era que dispunha de pouca terra, de pouco dinheiro e talvez de pouco tempo de vida. Depois dos oitenta, um homem nunca sabe se vai ver o sol do dia seguinte. Para falar bem a verdade - refletiu ele, soltando um fundo suspiro - nos dias que correm ninguém sabe o que vai acontecer no minuto seguinte…

Passara a manhã inteira a trabalhar na chácara, distraído, compondo cercas, dando de comer aos porcos e às galinhas, procurando, enfim, não pensar em certas coisas.

Mas essas coisas acabavam sempre por voltar-lhe aos pensamentos, piores que mutuca quando inventa de azucrinar um pobre matungo. E agora de novo Babalo estava às voltas com elas. O

melhor que tinha a fazer era ir o quanto antes ao Sobrado, falar com Rodrigo e tirar tudo a limpo. Quando chegara a Santa Fé a notícia de que os generais haviam apeado Getúlio Vargas do governo, seu primeiro pensamento fora para o genro: "Que será que vai acontecer agora pró Rodrigo?" A resposta lá estava.

Rodrigo Cambará saíra do Rio precipitadamente com toda a família e chegara a Santa Fé havia pouco mais de vinte e quatro horas. A situação estava confusa, a cidade cheia de boatos.

Babalo limpou as mãos nas bombachas de riscado e ficou a olhar pensativo para o chão. Rodrigo nunca devia ter deixado Santa Fé, o Sobrado e o Angico. Uma pessoa deve ficar no lugar onde nasceu, onde tem seus parentes, seus amigos, as coisas que lhe pertencem. Cidade grande é o diabo: tem muita falsidade, muita perdição, muita máquina, muito modernismo, e essas coisas todas acabam mudando o caráter e os costumes duma pessoa. Que era que o Rodrigo tinha arranjado com todos aqueles anos de estadia no Rio, metido na política, amigo do peito de figurões, sempre envolvido em negócios, comitês, festas e entrevistas de jornal? Fizera inimigos, fora caluniado e - pior que tudo - criara mal os filhos. Depois, há pessoas invejosas que não podem ver ninguém subir. Babalo sabia das coisas horríveis que ali em Santa Fé se diziam do genro: que fora um dos príncipes do câmbio negro, que andara metido em grossas patifarias de advocacia administrativa…

Ele positivamente não acreditava naquelas maledicências. Mas calúnia é calúnia, sempre deixa sua marca.

Ergueu a cabeça e ficou a contemplar as nuvens que o vento tangia como a uma ponta de enormes baios brancos. No Sobrado já deviam estar estranhando o fato de ele não ter ainda aparecido. Mas não era fácil aquela visita. Fazia muito que ele e o genro não se entendiam em matéria de política.

Para falar a verdade, ultimamente havia entre ambos um desentendimento em quase todos os outros assuntos… Mas ele estimava Rodrigo e era por isso que o encontro ia ser difícil. Fosse como fosse, tinha de ir. Desejava ver a filha, os netos, desejava também ver o genro, a quem queria como a um filho…

Por um instante o velho Babalo ficou a olhar para as nuvens, as falripas de cabelos brancos agitados pelo vento, o sol a bater-lhe em cheio no rosto tostado e ossudo.

Foi então que avistou uma mancha amarela contra o horizonte e ficou imediatamente numa atitude de defesa. Pôs a mão em pala sobre os olhos e procurou ver melhor.

A mancha movia-se na direção da chácara: era um avião que vinha da cidade, em voo muito baixo. Babalo ainda não se habituara à vizinhança do aeroporto. O ruído dos motores não o incomodava, pois

ele era surdo, mas não 10 11 se sentia bem quando via aquelas engenhocas passarem por cima de sua cabeça. Ninguém lhe tirava da ideia que aeroplano era uma coisa contra a natureza. Depois, estava vendo o dia em que um daqueles aparelhos ia cair-lhe no quintal ou em cima da casa. Nos primeiros tempos, sempre que os teco-tecos cruzavam seu território, Babalo erguia os punhos e bradava: "Vagabundos! Isto não é serviço pra homem! Venham pegar no cabo duma enxada, seus lorpas!" E os rapazes do aeroplano, sabedores da aversão do velho às máquinas em geral e aos aeroplanos em particular, mangavam com ele, passavam pela chácara em voo baixo, fazendo às vezes as rodas dos aviões tocarem a copa das árvores. Não raro atiravam coisas: bolas de trapos, laranjas, sapatos velhos ou então, enrolados em pedras, papéis com versos pornográficos…

A princípio, Aderbal Quadros ficava indignado, pois tudo aquilo lhe parecia uma grandessíssima falta de respeito. Aos poucos, porém, começou a achar uma certa graça na coisa toda e foi tratando de pagar aos rapazes na mesma moeda. Quando um teco-teco passava a poucos metros acima de sua cabeça, o velho arremessava contra ele torrões de terra, pedaços de pau ou frutas podres, juntamente com uma rajada cie impropérios, os quais nunca iam além de - nulidades!

filhos da mãe! índios vadios!, pois era sabido que Aderbal Quadros não costumava dizer nomes feios.

Agora lá vinha aquela coisa amarela na direção da chácara. Na certa o piloto ia fazer uma molecagem, como sempre… Babalo apanhou um torrão de terra e ficou alerta, esperando. O teco-teco voava tão baixo, que dava a impressão de que ia descer na chácara. E alguns segundos depois, quando cruzou perigosamente pelo estreito espaço que havia entre dois eucaliptos, Babalo tratou de identificar o piloto, mas não conseguiu. A geringonça passou zunindo como uma bala… O mais que pôde ver foi que o aviador lhe acenava com um lenço. Ali! Viu cair também a seus pés uma coisa branca… Na certa era algum papelucho com bandalheiras e má-criações. Hesitou por um instante, depois inclinou-se, apanhou a pedra, desenrolou o papel que a envolvia, e viu que havia nele algo escrito, ele tirou do bolso do colete os óculos, acavalou-os no nariz e leu: Vovô: Não deixe de aparecer hoje no Sobrado. A família já está estranhando a sua ausência. O velho teve ontem uma rebordosa e quase bateu com a cola na cerca. Outra vez o coração.

Um abraço do Eduardo.

Então quem ia no aeroplano era o Eduardo, o seu neto… Que maroto!

Que salafrário! Tornou a ler o bilhete. Uma desgraça nunca vem só - refletiu. Como se não bastasse o desastre político, lá estava o Rodrigo outra vez com os seus ataques de coração. Precisava ir vê-lo o

quanto antes.

Especou o cigarro apagado atrás da orelha, soltou um prolongado suspiro e encaminhou-se para casa.

Eduardo voltou a cabeça e vislumbrou lá embaixo, no quintal da chácara - imagem que minguava à medida que o avião se afastava dela - o vulto do velho. Fitou depois os olhos no altímetro, mas sempre a pensar no avô. Era comovente ver aquele homem de mais de oitenta anos, que até princípios do século fora o estancieiro mais rico de todo o município, reduzido agora à simples condição de arrendatário duma pequena chácara onde por assim dizer "brincava de estância", para aliviar a saudade dos bons tempos. Mas esses bons tempos - refletia Eduardo - não voltariam mais para o velho Aderbal Quadros nem para os outros estancieiros em idêntica situação econômica.

Mais tarde ou mais cedo o latifúndio tinha de ser liquidado, os Carés haviam de ganhar seu pedaço de terra, ao passo que os Amarais, os Teixeiras, os Fagundes e os Cambarás - sim, a sua rica gente! - iam acabar perdendo os feudos.

Talvez não tardasse muito a ser dado o primeiro passo para a solução do problema agrário no Brasil. Luiz Carlos Prestes estava solto, a liberdade de imprensa fora estabelecida e o Partido vivia na legalidade. Era verdade que muitos comunistas, habituados àqueles longos anos de heroica luta subterrânea, sentiam-se ainda meio bisonhos, agora que tinham vindo para a luz do sol e podiam falar, escrever e reunir-se sob o olhar tolerante da polícia. Em alguns 13 companheiros Eduardo notara até um certo esmorecimento de entusiasmo, como se a legalidade lhes tivesse roubado à causa metade do romantismo e não houvesse agora muito mérito em ser comunista. Por outro lado havia aqueles a quem a liberdade dava uma euforia perigosa… Fosse como fosse, ele não acreditava em que aquela lua-de-mel com a lei e a polícia durasse muito tempo. Sabia que dentro em breve as forças da reação conseguiriam fazer que o PC fosse de novo posto fora da lei. Era por isso que se fazia necessário agir, agir depressa e com segurança: organizar os quadros do Partido, esclarecer, politizar as massas. Desde que chegara a Santa Fé, havia duas semanas, Eduardo tratava de dar rigoroso balanço nas possibilidades democráticas locais. Existiam poucos comunistas puros no município, mas era apreciável o número de elementos de esquerda ou esquerdizantes capazes de colaborar com o Partido. Podia-se contar também com os liberais e com os chamados progressistas. (Estes últimos sempre lhe lembravam certas mulheres que exerciam a prostituição secretamente, com um sagrado horror ao palavrão de quatro letras: eram as "reservadas", as que passavam por moças de família: gozavam de todas as vantagens do ofício, ao mesmo tempo

que mantinham uma fachada de respeitabilidade perante a sociedade, pois "duma hora para outra, pode aparecer um burguês apatacoado, querendo casar com a gente… ") Era preciso reunir todos esses elementos democráticos num bloco antifascista. A hora era oportuna e a tarefa sedutora. Prestes desconcertava os inimigos com discursos e manifestos em que declarava não haver ainda no Brasil nem as mais elementares condições, quer psicológicas quer objetivas, para uma revolução socialista. O que convinha à classe operária brasileira - afirmava ele - era liquidar os restos de feudalismo que existiam no país e promover o desenvolvimento do capitalismo. Essa era a razão por que pregava uma ação democrática conjunta do proletariado e da burguesia progressista.

Eduardo sorria. Não acreditava na possibilidade daquele entendimento.

Que era em última análise a “burguesia progressista” senão a burguesia mais assustada que, vendo as forças da esquerda ganharem terreno, procurava desde já ficar bem com elas? A rigor 14 não podia haver nenhuma liga possível. A coisa toda não passava duma trégua, dum acordo precário e constrangedor, tão precário e constrangedor (mas ao mesmo tempo quão prático!) quanto a aliança russo-alemã de 39. Como Stálin, Prestes era um realista: deixava de lado seus ressentimentos pessoais, passava por cima de todos os preconceitos burgueses e agia apenas de acordo com os interesses da Causa. Mas a mim - refletia Eduardo - a mim me repugna um pouco essa aliança pela simples razão de que, apesar de tudo, ainda raciocino com valores burgueses e, queira ou não queira, sou um Cambará. Eduardo sabia - e isso o perturbava - que muitos de seus camaradas duvidavam ainda de sua sinceridade e firmeza por ser ele filho do dr. Rodrigo Terra Cambará, figurão do Estado Novo, comensal do Palácio Guanabara, senhor do Sobrado, do Angico, e sócio de várias empresas industriais.

O Rosa-dos-Ventos voava agora com o sueste pela cauda. Para Eduardo Cambará não havia no mundo muitos prazeres que se comparassem com o de pilotar um aeroplano.

Não achava a menor graça em voar como passageiro dum avião comercial: ia fechado dentro daquele torpedo de alumínio, inerte, sem participar ativamente da aventura: não podia sentir na cara o vento das alturas, nem ver o céu sobre a cabeça; era o mesmo que estar num trem, e num trem parado! Mas pilotar um teco-teco era quase sempre realizar o sonho infantil de alçar-se no espaço com um simples mover de braços. Eduardo tinha a impressão de que ele e o avião formavam um corpo, de que era sua própria força que impelia o aparelho, de que aquele pulsar rítmico e explosivo não vinha do motor, mas de seu próprio coração. Isso lhe dava um certo orgulho, aumentado pelo fato

de se achar sozinho e em perigo, e pela esquisita sensação de estar desafiando a lei da gravidade, o vento, as nuvens, Deus… Gostava tanto de voar que era sempre com uma sensação de culpa que aterrava no campo do aeroclube, depois daqueles voos solitários que duravam no mínimo uma hora. Quando voava, esquecia uma série de probleminhas cotidianos que o aborreciam, fugia ao sistema terreno de coordenadas para entrar numa nova dimensão em que perdia a perspectiva do tempo, ignorava o passado, descuidava-se do futuro, começando a existir num prolongado 15 e vertiginoso açora que o fazia sentir-se como um juvenil acrobata no seu trapézio volante, feliz por estar fazendo o que gostava e ao mesmo tempo cheio dum fero orgulho, pois o que fazia era arriscado e até certo ponto gratuito. Mas não! A gratuidade era um luxo de intelectual decadente.

Voar sem objetivo útil, voar simplesmente por um prazer individualista que não trazia nenhum proveito à coletividade, era sem a menor dúvida um divertimento burguês. Consolava-o, então, mas vagamente, a ideia de que um dia, dum modo ou de outro, seu brevetde piloto pudesse ser de utilidade para a Causa.

Olhou para baixo. Estava de novo sobrevoando sua cidade natal. Como Santa Fé tinha crescido naqueles últimos anos! Lá estava ela esparramada sobre suas três colinas, com seu casario esbranquiçado, os telhados antigos e pardacentos a contrastar com o coral vivo das telhas francesas das construções mais novas; as faixas cinzentas das ruas calçadas de pedra-ferro a seguirem paralelamente ou a cortarem nítidas a sanguínea das ruas de terra batida; e, enchendo dum verde-escuro as casas daquele tabuleiro de xadrez, as maciças manchas do arvoredo de pomares e praças. Vista do alto, Santa Fé tinha um jeito miniatural e morto de maqueta, dum brinquedo a que a luz do sol, ao bater nas superfícies de vidro, água e metal, dava um certo lustro de verniz e coruscações de lentejoula. A cidade estava cercada de coxilhas que fugiam na direção de todos os horizontes, cortadas pela fita de ocre avermelhado das estradas. Era uma verde e impetuosa amplidão onde se desenhavam chácaras e fazendolas com suas casas brancas, moinhos de vento, pomares, hortas, cercados, pastagens, açudes… Aqui e ali, como remendos de diferente tecido naquele tapete ondulado, recortavam-se os quadriláteros cor de ferrugem das roças de terra recém-virada ou os contornos simétricos dos bosques de eucaliptos.

De vez em quando, interpondo-se entre o sol e a terra, nuvens lançavam suas sombras sobre a face dos campos e das águas. Olhando para o norte, Eduardo avistou Nova Pomerânia, com a esguia torre de sua igreja numa paródia gótica; voltando a cabeça para as bandas do poente, divisou os telhados de Garibaldina entre parreirais e ciprestes.

Voando agora contra o vento, o teco-teco corcoveava como um

potro.

Eduardo achava delicioso e tranquilizador ouvir, acima do uivo daquele sueste de primavera, o ronco do motor: era o sinal de que o coração do Rosa-dos- Ventos pulsava forte, a certeza de que o pequeno avião estava vivo e lutava.

Sim, não havia nada mais estimulante do que a sensação de estar vivo e de lutar. Achava também esquisitamente agradável a impressão de se encontrar desligado da terra, pairando acima dos homens e daqueles urubus que voavam ao redor duma carniça lá embaixo. Era embriagador o másculo orgulho de estar só, longe, sem medo.

Como tudo na terra parecia limpo e simples! A própria carniça perdia sua sordidez, porque a distância a tornava invisível, sem cheiro e sem horror. Até o Rosa-dos-Ventos não chegava o perfume dos ricos que viviam nos melhores palacetes de Santa Fé, nem a fedentina dos miseráveis que vegetavam nas malocas do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria. Voar - concluiu Eduardo - é mau, porque nos dá uma perspectiva errada das pessoas e dos fatos sociais, levando-nos a considerar mais as coisas limpas dos céus do que as coisas podres da terra. Será por olhar o mundo dum ângulo tão remoto que o velho Deus perdeu por completo o senso de proporção e de justiça?

Eduardo tornou a pensar no avô. Criticando a aviação, o velho Babalo lhe dissera um dia que os Terras e os Quadros haviam sido sempre homens de terra firme, cujo meio de transporte preferido era invariavelmente o cavalo e os veículos de tração animal. Rodrigo Cambará fora o primeiro santa-fezense a adquirir um automóvel, por volta de 1912. Agora era ele, Eduardo, o primeiro da família a tirar um brevet de aviador. Se a coisa continuasse naquela progressão, que seria de seus filhos, de seus netos? Voariam em aviões supersônicos - respondeu Eduardo a si mesmo, sorrindo - , pilotariam torpedos aéreos em viagem de ida e volta à Lua, riscariam luminosamente os espaços dentro de incríveis engenhos voadores impulsionados pela energia atômica. E nessas prodigiosas máquinas passariam - os monstrinhos humanos do futuro - sobre aqueles campos pelos quais o capitão Rodrigo passeara montado em seu pingo, sobre aquelas invernadas onde o velho Licurgo participara de tantos 17 rodeios, sobre aquelas serras, coxilhas e planuras que o velho Babalo cruzara tantas vezes com sua lerda carreta.

Eduardo fez o avião perder altura aos poucos, e, numa desobediência às leis que regiam o voo sobre centros populosos, deixou o Rosa-dos-Ventos descer tanto, que suas rodas quase tocaram as copas das árvores mais altas da praça Ipiranga. Um homem naquêle momento atravessava a rua do Faxinai, e, ao ouvir o ronco medonho do aparelho, estacou, encolheu-se e levou as mãos à cabeça.

Era Cuca Lopes, oficial de justiça.

— Credo, que louco! - exclamou ele, erguendo os olhos para o céu.

Em seguida retomou a marcha e entrou na rua do Comércio, no seu passinho miúdo e rápido. Sua cabeça, demasiadamente grande para ombros cão estreitos, voltava-se dum lado para outro, em movimentos bruscos de passarinho. O vento fazia drapejar seu casaco de alpaca azul, que deixava à mostra os fundilhos reluzentes sobre o bandolim das nádegas postas em relevo pelas calças apertadas e um pouco curtas, que descobriam as meias de ordinário desbeiçadas e caídas sobre os sapatos.

Cuca Lopes tinha a fama de ser o maior mexeriqueiro da cidade. Quando o viam, as pessoas logo iam perguntando: “Qual é a última, Cuca?”

Sabia de tudo, conhecia a vida de toda a gente, gostava de lançar olhares bisbilhoteiros para dentro das casas quando passava pela calçada e via alguma janela aberta; parava, indiscreto, para escutar as conversas a que não era chamado, e contava-se que mais de uma vez fora apanhado a espiar pelo buraco das fechaduras.

Aquela tarde, Cuca Lopes ia embriagado de primavera e mexericos. O cheiro de campo e flor que andava no ar, o vento desabrido, os sons do dobrado que agora jorravam dos alto-falantes, e a cujo ritmo ele procurava marchar em cadência militar, bem como nos tempos de rapaz, quando seguia pelas ruas a banda de música do regimento da infantaria - tudo isso e mais as novidades que levava, deixavam-no tão excitado, que sentia necessidade de desabafar o quanto antes para não estourar. Que semana, aquela! - pensou, cheirando a ponta dos dedos. Fora ele um dos primeiros 18 em Santa Fé a ouvir pelo rádio a notícia da deposição de Getúlio Vargas. Correra ao Clube Comercial, entrara inquieto como um esquilo na sala onde se jogava pôquer e pif-paf, passara aos bilhares e ao bolão. Depois embarafustara pelo Café Minuano e fora espalhando a notícia: “Sabem da última? Os generais acabam de derrubar o Getúlio. O Rio está em pé de guerra, tanques nas ruas, soldados com metralhadoras. A coisa está preta…”

Que semana! Cuca esfregava as mãos, de puro contentamento, caminhando quase aos pulinhos, desatento agora ao ritmo da marcha.

O “prato” mais recente era a chegada intempestiva do dr. Rodrigo Cambará com toda a família. Não se falava noutra coisa em Santa Fé desde o dia anterior. Cuca estava aflito por passar adiante umas coisinhas que ficara sabendo através de gente muito chegada ao Sobrado…

Sorria, cheirava os dedos, olhava para a direita e para a esquerda à procura de conhecidos. Nunca andava em linha reta e marcha regular. Seus passos geralmente seguiam uma linha mista. Fazia

paradas repentinas, olhava para os lados e para trás, como se quisesse verificar se estava ou não sendo seguido. E de quando em quando, sem que ninguém nunca pudesse explicar por quê, interrompia a marcha, rodopiava sobre os calcanhares, com um movimento de piorra, e a seguir retomava caminho.

Estava ele agora no meio da quadra quando lhe aconteceu olhar para a casa do coletor estadual- a única pintada de azul em toda a rua - e ver que dona Esmeralda, debruçada à sua janela, acenava para ele freneticamente, gritando: - Vem cá, Cuca!

O oficial de justiça atravessou a rua quase a correr e parou junto da janela onde estava reclinada a mulher de Marcos Pinto, com os braços roliços apoiados na almofada de veludo grená que forrava o peitoril, os amplos seios derramados flacidamente sobre os braços. Cuca costumava dizer aos íntimos: "A língua que mais respeito nesta terra é a de Esmeralda Pinto". Todos sabiam que para ela nada era sagrado: falava mal dos vivos, dos mortos, dos estranhos, dos parentes, dos amigos e principalmente do marido e 19 dos filhos. Dizia-se que tinha tamanha volúpia em difamar as pessoas, que seria até capaz de, na falta doutra vítima, caluniar-se a si mesma. Como vivesse à janela fazendo parar os transeuntes para falar mal do próximo, tinham-lhe posto o cognome de Marta-Pescadora.

Agora estou fisgado como um peixe - pensou Cuca, erguendo os olhos para Esmeralda. Mas sentira-se contente: queria saber até que ponto a mulher de Marcos Pinto estava informada do que se passava no Sobrado.

— Então, Cuca, quais são as últimas? - perguntou ela. Tinha a voz pastosa e doce como gemada.

Cuca rodopiou nos calcanhares, fez uma volta completa e ficou de novo com o rosto voltado para a interlocutora.

— Então, não sabe? - Piscou o olho, como a dizer: "Eu não nasci ontem". E seus olhos se fixaram no vértice do decote de Esmeralda, a qual, percebendo a intenção do olhar do oficial de justiça, levou a mão automaticamente ao peito.

— Mas tu és bem ordinário… Que é que estás olhando, semvergonha?

Cuca Lopes encostou as pontas dos dedos no nariz e sorriu amarelo. Havia de ter graça que ele quisesse ver os peitos daquela velhota! Esmeralda pintava os cabelos, botava na cara tudo quanto era pomada, besuntava os beiços de batom e o resultado era aquilo que ali estava: uma careta de palhaço. Havia de ter graça ele querer ver os peitos dela, ai! ai!

— Então, não sabes nenhuma novidade? - perguntou a Marta-Pescadora.

·- Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil - troçou ele.

— Sai, nojento! Vai debochar da tua mãe, ouviu?

O vento frio soprava os cabelos de Esmeralda, arrepiando-lhe a pele dos braços, que parecia - comparou o Cuca - a pelanca duma galinha depenada.

— Mas, falando sério - disse ele - , que é que a senhora conta de novo?

— Tu bem que sabes…

— Não sei, não, palavra de honra.

— Olha, toma - ciciou ela, dando-lhe uma figa furtiva por baixo da almofada.

O oficial de justiça gozava a situação. Sabia que Esmeralda Pinto ardia por falar na gente do Sobrado. Ele também estava ansioso por contar suas novidades, mas não queria começar. Aquilo até parecia uma partida de pôquer - refletia. Tinha o palpite de que a Marta-Pescadora estava blefando…

— Tu bem que sabes e estás te fazendo de bobo. Pois por castigo não vou te contar uma coisa que me disseram da Bibi Cambará…

Cuca cheirava furiosamente a ponta dos dedos. Esmeralda brincava com a cruz de ouro que lhe pendia do pescoço, presa a uma fita de veludo negro.

— Que é que há com a Bibi? - perguntou ele, gritando para se fazer ouvir, pois a voz de lata do speakcr da Rádio Anunciadora agora engolfava a rua. — Vai se divorciar outra vez?

Esmeralda fez um muxoxo.

— Divorciar? A Bibi não é casada com aquele tipo… Cuca falou com mais suavidade: - Mas… que foi que lhe contaram dela?

Os olhos de Esmeralda pousaram, muito frios, no rosto do oficial de justiça. Os alto-falantes naquele momento começaram a regurgitar a melodia duma rumba. Um homem passou a cavalo pela frente da casa de Marcos Pinto, com o pala de seda a tremular ao vento.

— O amante dela está pra chegar… - confidenciou a Marta-Pescadora, num sussurro teatral.

— Não diga! Mas que amante?

— Um ministro.

— Ministro do quê?

— Ora, um ministro, Cuca.

— Tem muitos, dona. Da Fazenda, da Guerra, da Agricultura… Uns sete ou oito.

Esmeralda Pinto encolheu os ombros bem fornidos.

— Só sei que ele vem aí. Dizem que está louco de saudade, não pode aguentar mais. Eu só quero ver a mexida que vai sair disso tudo…

— Mas como é que a senhora soube da coisa?

— Um passarinho me contou.

Cuca estava desapontado. Como era que ele não sabia ainda daquela novidade? Esmeralda tinha ganho a parada, podia arrastar as fichas - concluiu com relutância. Ficou olhando o rosto da mulher do Marcos Pinto, observando como o vento lhe arrancava das pestanas partículas negras de rímel, e desejando que toda aquela máscara de pancake se gretasse e caísse, para que a vaca ficasse como era: enrugada, velha, ridícula, medonha. Seus olhos de novo desceram, numa fascinação enojada, para o rego dos seios de Esmeralda.

— A coisa não deve andar muito boa lá pelo Sobrado… - murmurou ele.

— Tantas o Rodrigo fez que agora está pagando com juros. Ninguém perde por esperar. Deus é grande.

— Deus é grande - repetiu Cuca.

— Depois que os Cambarás foram morar no Rio, a Flora parece que ficou com o rei na barriga. Pensas que ela cumprimentava a gente como antes?

Ai! ai! Mal mexia a cabeça. A Bibi, essa então até fingia que não conhecia os outros, aquela nojenta! Muitas vezes mijou no meu colo quando era criança. Pois essas cadelas só falavam na grã-finagem carioca, era o presidente disto, o ministro daquilo, o comendador Fulano, o conde Sicrano. Porque a festa do Jockey, porque passei um mês no Quitandinha, porque o embaixador do Canadá me disse não sei o quê… Credo, que nojo! - Fez uma careta e depois mudando de tom, acrescentou: - Agora estão aí, com o rabo entre as pernas, como cachorro surrado. Bemfeito! Quem ri por último ri melhor. Deus é grande.

— E o dr. Camerino disse que se o Rodrigo não se cuidar, pode estourar duma hora para outra. A senhora soube do ataque?

— Também não era brinquedo a vida que ele levava no Rio, sempre em orgias, com amantes, champanha, noites em claro nos cassinos, jogando roleta e bacará!

Cuca sorriu, seus dentes de ouro e seus olhinhos reluziram: - Dizem que a última amante dele tem vinte e dois anos.

— Vinte! Decerto a qualquer hora ela chega também. Cuca rodopiou nos calcanhares, dizendo: - Eu dava o braço direito pra estar invisível lá dentro do Sobrado escutando todas as conversas e vendo tudo o que está acontecendo…

— Deve estar um angu danado… - sorriu Esmeralda.

— Um angu danado - repetiu Cuca. — E por cima de tudo, o Rodrigo com esse negócio no coração. Infarto do miocárdio.

Ou seria incardo do miofarto? - perguntou ele a si mesmo numa dúvida.

Fosse como fosse, era uma doença terrível, dessas que podem matar dum minuto para outro.

— Quem faz paga - sentenciou a mulher do Marcos Pinto.

— Mas o Rodrigo é uma boa alma - disse Cuca sem convicção, mais para dar uma deixa à interlocutora. O peixe tentava fazer a pescadora morder a isca.

Esmeralda entortou a boca num sorriso perverso: - Bom? Pois sim, cheiroso. Já te esqueceste das moças que ele desencaminhou, dos lares que desmanchou? Já te esqueceste de todas as sem-vergonhices que ele vem fazendo desde moço, só porque é rico?

— Não é tanto assim. Há muita invenção..

Esmeralda lançou-lhe um olhar enviesado que exprimia ao mesmo tempo desprezo, desconfiança e estranheza. Endireitou o busto, mudou a posição dos braços sobre a almofada: tornou a debruçar-se, lançando primeiro um olhar para a esquerda, depois outro para a direita. Cuca esfregou as mãos: - Eu também sei dumas coisinhas boas sobre o Sobrado - anunciou, com ar de conspirador.

— Despeja logo, homem.

O oficial de justiça fez uma pausa dramática, como para dar mais importância ao que ia dizer. E jogou a primeira carta: - As brigas já começaram.

— E? - fez Esmeralda, arregalando subitamente os olhos. Seu duplo queixo tremeu como gelatina. Depois, dominando-se, 23 lançou para baixo um olhar oblíquo e desdenhoso, murmurando num tom de indiferença: - Eu já sabia…

— A Bibi e o marido querem voltar pró Rio o quanto antes. O Rodrigo não quer. Fala até em migrar pra Argentina.

— Decerto tem medo que os generais mandem abrir um inquérito e descubram todas as falcatruas que ele fez lá pelo Rio…

— Pois é. O Rodrigo não quer. Ali! Ainda tem mais. Logo de chegada, o Eduardo teve uma briga feia com o Jango, por causa de política. O Eduardo, a senhora sabe, é comunista…

— Fresco comunismo esse do Eduardo, montado nos dinheiros do pai…

— Pois é. Fresco comunismo. Mas sei que foi uma discussão braba, quase chegaram a vias de fato. Se não fosse a velha Maria Valéria, eles se pegavam a unha. Imagine só, irmão contra irmão.

— Tudo isso é castigo, Cuca.

O outro levou os dedos às narinas, pensativo.

— Ah! - exclamou. — A velha Maria Valéria não gostou da cara do novo marido da Bibi. Olhou pra ele e disse assim no focinho do homem: “O senhor é um caçador de dotes, e está louco que o Rodrigo morra pra entrar na herança e voltar pra calaçaria”.

É?

Esmeralda de novo brincava com o crucifixo de ouro. A rumba continuava, dando ao oficial de justiça ímpetos de dançar. Uma rajada

mais forte de vento arrancou-lhe da cabeça o chapéu e quase o arrastou rua a fora. Cuca, porém, conseguiu apanhá-lo em tempo.

— Bom, preciso ir andando - disse, limpando o chapéu com a manga do casaco. Tinha de descer pela rua do Comércio, fazendo escalas nos lugares de costume. Queria, no fim da peregrinação, chegar a tempo para o chimarrão das cinco na Armadora Pitomba, que ficava estrategicamente na esquina fronteira do Sobrado.

— Vais descer toda essa rua falando da vida alheia, hein, Cuca? - sorriu Esmeralda, pondo à mostra os dentes amarelados e graúdos.

— Pois é. A senhora é que nunca fala de ninguém, não é, dona Esmeralda? Uma santa criatura! Um anjo!

— Vai debochar da tua mãe, cafajeste!

Cuca afastou-se no seu passo curto e lépido, imaginando os horrores que Marta-Pescadora ia dizer dele ao primeiro "peixe" que fisgasse.

Arreganhou os dentes num largo sorriso e depois começou a assobiar, acompanhando a melodia da rumba e olhando para os lados.

Não encontrava ninguém que pagasse a pena de parar e começar uma conversa, naquele vento incomodativo. Embarafustou para dentro da Barbearia Elite. Duas de suas três cadeiras estavam ocupadas, e o oficial da terceira, que lia um exemplar da Careta, ao vê-lo entrar ergueu a cabeça e exclamou: - Olá, Cuca! Que é que há de novo?

— Muita galinha e pouco ovo - respondeu ele, desatando a rir como se tivesse dito a coisa mais engraçada deste mundo.

— Cabelo ou barba, Cuca? - perguntou, irônico, o Neco Rosa, proprierário da barbearia. Sabia que Cuca era sovina, cortava o cabelo quando muito uma vez por mês e fazia a barba em casa duas vezes por semana. Cuca postou-se diante dum dos espelhos, passou a palma da mão direita pelas faces e pelo queixo e, depois de cuidadoso exame, decidiu: - Não. Hoje não vai nada.

— Então conta logo a novidade, homem! - gritou o dono da casa.

— Ué… Quem te disse que tenho novidade?

Cuca estava desapontado. Não gostava de ser tratado daquela maneira.

Ficou a olhar para Neco, que barbeava seu freguês sem sequer dignar-se a erguer os olhos para o recém-chegado. Era um homem alto e corpulento, de cara tostada, nariz chato marcado de bexigas, bigode espesso e grisalho, longas e largas costeletas que lhe desciam nas faces até a altura das aletas do nariz.

Famoso tocador de violão e seresteiro, gozava também da fama de valentão, e suas brigas e farras dos tempos de moço constituíam as páginas mais pitorescas da história noturna de Santa Fé. Embora 25 lhe quisesse mal, Cuca votava-lhe um grande respeito, que no fundo era puro medo. Como sabia que Neco apreciava um boatozinho,

sempre que tinha um o oficial de justiça vinha servilmente trazê-lo à barbearia. Não gostava, porém, do jeito ríspido e superior do outro. Mas que era que se podia esperar dum homem sem educação como aquele?

Cuca sentou-se numa cadeira, pegou dum jornal e resolveu não falar.

Olhava desatento para a página. Por algum tempo ficou a escutar o pique-pique da tesoura do segundo barbeiro e o rascar da navalha de Neco Rosa no rosto do freguês. Houve uma pausa de alguns segundos, que para Cuca pareceu sem fim. Quis dizer alguma coisa como, por exemplo: “Que ventania desgraçada!” ou “A situação ainda está feia”. Mas continuou calado. Se ninguém tornasse a perguntar-lhe pelas novidades, iria embora sem falar. Mal, porém, acabara de tomar essa resolução, o barbeiro da segunda cadeira, um sujeito baixote e magro, de cabelos crespos, falou: - Então os Cambarás estão de novo na terra, não? - disse ele sem tirar os olhos da cabeça dum homem louro e rubicundo, cujos cabelos aparava.

Cuca ergueu vivamente o olhar, já assanhado. O cidadão que estava sendo barbeado observou: - Quem diria, hein? Todo o mundo invejava o dr. Rodrigo por causa da sua bela posição no governo. Quando ele vinha passar o verão aqui, tratavam-no a vela de libra.

Era dr. Rodrigo para cá, dr. Rodrigo para lá, e homenagens, banquêtes e não sei mais o quê. Aposto como agora ninguém vai procurá-lo. Rei morto, rei posto.

Com os seus olhos de pálpebras pregueadas fitos no freguês, um toco de cigarro colado ao lábio inferior, Neco passava a navalha no assentador sem dizer palavra.

O barbeiro que lia a Careta atirou a revista sobre a mesinha e disse: - Mas esse negócio não vai ficar assim. Sou getulista até debaixo d'água. — Apontou para o retrato do ex-presidente, que estava colado ao espelho, à frente de sua cadeira. — O “Baixinho” ainda volta.

— Volta mas é para a estância dele em São Borja - resmungou o freguês, enquanto Neco lhe ensaboava de novo a cara.

— Pois o meu homem é o Prestes - proclamou o barbeiro baixo e crespo.

— Sou prestista desde 24. Meu irmão fez toda a marcha da Coluna Prestes, foi morto na Bahia pelas forças do primeiro batalhão da Polícia Estadual. Quando o Prestes virou comunista eu virei também. É o maior homem do Brasil, o líder do povo.

De olhos cenados, mas movendo os lábios, o freguês de Neco murmurou: - Pois o meu homem é ainda o dr. Borges de Medeiros. Em 23 peguei em armas para defender a legalidade contra os assisistas.

Tenho até no peito uma cicatriz de bala. Digam o que disserem, o dr.

Borges é um republicano da primeira hora, um verdadeiro varão de Plutarco.

Neco esboçou um risinho irônico e depois, cuspindo o cigarro apagado dentro duma escarradeira, declarou: - Pois não tenho nenhum homem. Eu gosto é de mulher.

— Quem é que não gosta? - interveio o Cuca, que estava ansioso por voltar aos Cambarás. — E por muito gostar de mulher é que o Rodrigo está naquele estado.

Neco parou de escanhoar o freguês, lançou um olhar mortiço para Cuca e perguntou: - Que estado?

— Ora, então vocês não sabem que ele está com um incardo do miofarto?

— Infarto do miocárdio - corrigiu o partidário do dr. Borges de Medeiros.

— Pois é. Então tu não sabes, Neco?

— Sei. Mas que tem isso?

Cuca levantou-se, já com as pontas dos dedos a procurarem arlitamente o nariz.

— Dizem que se estragou de tanta farra.

— Não diga asneiras! - trovejou o Neco. O oficial de justiça ficou intimidado.

— Não sou eu que digo - balbuciou - , andam falando por aí…

— Pois é uma mentira! - vociferou o seresteiro, belicosamente, brandindo a navalha. — Então um homem vive uma vida agitada, metido em revoluções, campanhas, o diabo, e depois vem essa cachorrada dizer que ele ficou doente do coração por gostar de mulher?! Mulher nunca fez mal pra ninguém.

Cuca estava petrificado.

— Neco - disse ele, apaziguador - , tu sabes como sou amigo do Rodrigo. A bem dizer nos criamos juntos. Quantas vezes jogamos bandeira debaixo da figueira da praça?

Meu Deus! O Rodrigo é mesmo que meu irmão…

Neco Rosa parecia não dar-lhe ouvidos. Continuou: - Quando o Rodrigo estava por cima, vocês viviam lhe lambendo os sapatos. Agora, como pensam que o homem está no chão, querem mijar em cima dele.

— Credo, Neco! - protestou Cuca, procurando dar à voz um tom sentido.

— Eu não era capaz de falar mal duma pessoa que sempre foi tão boa pra mim…

Mais calmo, Neco continuou a escanhoar o borgista, que se mantinha de olhos cerrados, num silêncio cauteloso. O homem rubicundo da segunda cadeira mirava Cuca pelo espelho, com um olhar neutro.

O rosto de Neco Rosa estava agora completamente desanuviado. Foi ele quem quebrou o silêncio para dizer: - O senhor me desculpe, doutor, mas eu perco as estribeiras quando vejo uma injustiça ou uma ingratidão. Sou e sempre fui amigo do dr.

Rodrigo e devo muitos favores a ele. Não é amizade de ontem, não senhor, é coisa que vem de longe. E depois, doutor, não há homem que tenha feito mais benefícios pra esta cidade que ele. No tempo que clinicava, quase ninguém pagava consulta. O dr. Rodrigo nunca fez questão. O hospital dele estava aberto pra todo o mundo, fosse rico ou fosse pobre. Tem dinheiro pra pagar? Então paga. Não tem? Pois então não paga. O dr.

Rodrigo foi sempre o pai da pobreza, a casa dele sempre viveu de porta aberta, qualquer vagabundo entrava lá…

Aqui Neco lançou um olhar enviesado na direção do oficial de justiça.

— …sentava na mesa dele, comia a comida dele, bebia os vinhos dele.

Hoje ninguém se lembra mais disso. O senhor já tratou com o dr.

Rodrigo? É uma moça, doutor, uma flor. Quando fica brabo, é um deus-nos-acuda, é preciso quatro pra agarrar o homem. Mas quando está de boa veia, tira até a camisa pra dar prós outros.

O freguês abriu os olhos e disse com uma prudência cheia de dignidade: - Eu não conheço pessoalmente o dr. Rodrigo Cambará. Neco fez uma pausa para acender um cigarro.

Cuca observava-o com ar apreensivo. Ficou mais aliviado quando viu o proprietário da barbearia sorrir ao contar: - Agora, vamos e venhamos, que o dr. Rodrigo gosta de mulher, isso gosta mesmo. Boas farras fizemos juntos nos bons tempos. Nunca me esqueço duma, na Pensão Veneza…

Uma pensão de mulheres, o senhor sabe, doutor. Foi lá por novecentos e três ou quatro… O Rodrigo ainda era estudante. Ah! Mas dantes havia boas pensões em Santa Fé, com raparigas de primeira, não é como hoje, essas porcarias, boates, dancings e não sei mais o quê, com uns meninos afrescalhados, de gomina no cabelo. Naquele tempo quem ia à pensão era macho, homens de faca na cava do colete e revólver na cintura.

Continuou a escanhoar o freguês. Os outros esperavam a história, num silêncio interessado.

— Mas, como eu ia dizendo, uma noite o Rodrigo e eu entramos na Pensão Veneza, já meio tocados, tínhamos bebido umas cervejinhas no quiosque da praça, e de repente o Rodrigo olha pras chinas e grita pra gerente da pensão: “Dona Annunciata, mande esses homens embora e feche a porta. A noite hoje é minha”. Fiquei frio. Tinha lá uns cinco ou seis sujeitos, uns até mal-encarados. Ninguém disse nada

no primeiro momento, assim como se não tivessem entendido direito. E quando o Rodrigo gritou de novo que foscem embora se não quisessem levar bordoadas, uns dois ou três deles iam saindo de fininho sem dizer nada, não porque tivessem medo, mas porque respeitavam o Rodrigo e não queriam brigar com 28 29 ele. Mas três se levantaram, disseram, que não iam e resolveram virar bicho. Foi uma pegada muito feia, três contra dois. Não sei como começou a coisa, só sei que de repente vi o Rodrigo avançar pró maior dos três caras, de garrafa em punho. Então também agarrei a minha garrafa e me fui pra cima de outro. E começaram a voar cadeiras, pratos, copos, vasos, garrafas, e era só mulher gritando e fugindo. Como brigava lindo o Rodrigo! Brigava dando risada e dizendo gracinhas. Pra encurtar o caso, o fervo durou uns dez minutos e quando a coisa terminou, um dos sujeitos saiu fedendo pela janela e os outros dois estavam no chão, sem sentidos. E já o Rodrigo pediu arnica e iodo pra dona da pensão e foi fazer curativos nos inimigos. Eu estava todo rasgado, com um galo na testa, um talho na mão esquerda, os beiços sangrando. Quando olhei pró Rodrigo bem de perto, vi que a camisa dele estava toda manchada de sangue. “Que é isso, Rodrigo? Te feriram?”

“Não é nada”, respondeu, “foi só uni arranhão.” E continuou rindo. Depois chamou a dona Annunciata, botou na mão dela uma pelega de cinquenta mil-réis, que naquele tempo era muito dinheiro, e disse: “Muito obrigado por não ter chamado a polícia”. Ajudou a botar os dois homens numa cama e em seguida gritou: “Onde estão as raparigas?” Elas foram aparecendo uma por uma, muito assustadas, com a cara mais branca que papel. O Rodrigo examinou bem todas elas e depois disse: “Eu fico com estas três”. E se fechou com elas no quarto.

Neco calou-se, com a navalha no ar, o olhar sonhador, os dentes à mostra num ricto canino.

— Não me arrependo das farras que fiz, doutor - disse ele, olhando para o freguês. — O que a gente leva da vida são essas coisas…

Falam do dr. Rodrigo, porque isto, porque aquilo. Todo o mundo tem vontade de fazer o que ele fez: comer bem, vestir bem, dormir com boas mulheres, gozar a vida. Só que nem todos têm a coragem que ele sempre teve de fazer o que lhe dava na veneta.

— Isso é verdade - concordou o Cuca, adulão.

Neco pegou no pulverizador de álcool e, antes de borrifar a cara do republicano, olhou para Cuca: - Pois é, seu Lopes. Quem falar mal do Rodrigo na minha frente, briga comigo.

— E comigo também - replicou Cuca, com voz solene. Via então que não arranjava mais nada na Barbearia Elite.

Aproveitou o primeiro pretexto e esgueirou-se para fora.

A rua continuava varrida de vento e música. Cuca decidiu entrar no Comercial. Subiu as escadas de mármore de dois em dois degraus, imaginando quem poderia estar lá dentro, e sentindo ao mesmo tempo um vago desconforto que lhe vinha do fato de estar seis meses atrasado no pagamento de suas mensalidades de sócio daquele clube.

Mas que diabo! Conhecia gente graúda que também estava atrasada: muitos estancieiros só resgatavam os recibos do Comercial uma vez por ano, depois da safra. Que me importa! - pensou ele, sacudindo os ombros e entrando na sala dos bilhares. Olhou em torno: havia ali apenas quatro rapazes a jogar snooker. Ninguém que valha a pena - concluiu. Sabia, entretanto, que ia encontrar na sala de jogo carteado os jogadores de pif-paf, conhecidos como “a turma do diurno”: começavam a sessão às duas da tarde e iam até às sete, sem arredar pé do pano verde.

Cuca preparou a frase: “Boa tarde, minha gente! Estamos de parabéns, hein?” Naturalmente iam perguntar por quê, ele então responderia: "O dr. Rodrigo está na terra.

Decerto logo vocês vão ter mais um parceiro pró pif-paf…" Era um ótimo mote que na certa os outros glosariam com prazer.

Parou à porta. A sala estava cheia de fumaça de cigarros e charutos, e andava no ar um aroma agradável de café recém-passado. Só então Cuca percebeu que não havia tirado o chapéu; descobriu-se, num gesto rápido, e deu um passo à frente. Nesse instante, porém, avistou o Calgembrino Leal, proprietário do Cinema Recreio. Estava ele à mesa de jogo, de cabeça baixa, um palito no canto da boca, os olhos postos nas cartas que tinha nas mãos, dispostas em forma de leque. Cuca disfarçou, fez meia-volta e afastou-se, apressado. O Calgembrino era seu inimigo.

Haviam tido uma discussão, fazia algumas semanas, e o desaforado lhe dissera: De hoje em diante, se alguma vez tu te sentares perto de mim ou 31 te aproximares dum grupo onde eu esteja, te quebro a cara, ouviste: Estou sem sorte hoje - refletia o Cuca, encaminhando-se para a sala da biblioteca. Atirou para dentro um olhar distraído, e ia passar de largo quando avistou o vigário, que lia um jornal sentado numa poltrona.

— O senhor por aqui, padre! - exclamou ele, aproximando-se do sacerdote.

O padre Josué lançou um olhar para Cuca por cima dos óculos. Era um homenzinho franzino, de ar humilde e mãos de criança.

— Olá, Cuca. Como vai essa bizarria?

— Mal, vigário, muito mal - queixou-se o oficial de justiça, sem saber exatamente por que dizia isso.

— Sente-se, meu filho.

Cuca obedeceu. O sacerdote dobrou o jornal com muito cuidado, pô-lo em cima da mesa, cruzou as pernas, tirou os óculos do nariz e começou a limpar as lentes na manga da batina.

O padre Josué tinha sido enviado pelo céu - pensava Cuca. Era íntimo do Sobrado e devia saber o que estava se passando lá dentro.

— Então, reverendo - indagou Cuca com voz compungida - , é verdade que o nosso Rodrigo está passando muito mal?

— Pois é… - respondeu o padre com ar vago. — Teve outro ataque.

— Outro? - repetiu Cuca, fingindo surpresa. — Então não é o primeiro?

O vigário sacudiu negativamente a cabeça grisalha.

— É o terceiro… ou quarto, nem sei!

— E dizem que a coisa é muito séria, não?

— Muito. Pode morrer duma hora para outra.

— Pobre do Rodrigo!

— Se ele ficar en absoluto repouso e seguir a dieta que o médico recomendou, pode viver ainda muito tempo.

— Deus lhe ouça.

O vigário fez um gesto de dúvida.

— Mas tu conheces bem o Rodrigo. Não é homem de meias medidas.

Em pensamento Cuca esfregava as mãos: a conversa ia tomando o rumo que lhe convinha.

— É verdade que o senhor já lhe deu os santos óleos?

— Por que desejas saber?

— Pura curiosidade.

O padre, que conhecia bem a reputação de Cuca, replicou: - Há um certo tipo de curiosidade, meu filho, que não é nada agradável aos olhos de Deus.

— Eu lhe explico, reverendo… - disse Cuca. E mentiu: - Apostei com um amigo como o Rodrigo ia se confessar antes de morrer. Esse amigo acha que não, porque o Rodrigo é herege. Me conte uma coisa, padre Josué, ele se confessou?

— Por que desejas tanto saber?

— Por nada. É triste uma pessoa morrer cheia de pecados mortais…

— E quem foi que te disse que o Rodrigo cometeu pecados mortais?

— Ora, padre…

— Quem foi?

O vigário olhou Cuca bem de frente, e seus olhos azuis de menino tinham uma expressão de tal modo destituída de malícia, que o outro por alguns segundos ficou desconcertado.

— Ora, todos têm pecados.

— Ah! Pensei que sabias de algum pecado horrível que o Rodrigo tivesse cometido…

Cuca achava difícil enfrentar o olhar límpido e transparente daquele homem cuja vida nunca dera o menor motivo para maledicência.

— Quer dizer… - balbuciou ele, embora achando que devia calar a boca e ir embora, para não se comprometer ainda mais.

— Quer dizer… o quê?

— Bom, padre, quem diz não sou eu…

— Quem é que diz?

— O povo.

— Que é que o povo diz?

— Muita coisa…

— Por exemplo…

Cuca estava já arrependido de ter começado, mas agora era tarde demais para recuar. De resto, ele sentia uma certa volúpia em brincar com fogo.

— Dizem que o dr. Rodrigo lá no Rio não teve uma vida muito… - Ia dizer limpa mas conteve-se a tempo e disse - santa.

— Não acredite…

— É o que eu digo sempre, há muita conversa fiada por aí, muita invenção.

Cuca olhava, fascinado, para uma espinha muito madura que amarelava na ponta do nariz do padre.

— Quando um homem chega à posição que o dr. Rodrigo conquistou - disse o sacerdote - é natural que os outros comecem a inventar histórias caluniosas. Há muita maldade no mundo, meu filho. Claro, ninguém é perfeito, mas eu não acredito em nada do que se conta por aí do dr. Rodrigo Cambará.

— Muito bem - apoiou-o Cuca. — E eu não quero que o senhor pense que eu…

O padre atalhou-o: - Não estou pensando coisa alguma, Cuca. Só estou dizendo que não acredito.

Segurou com terna intimidade um dos botões do casaco do oficial de justiça e, aproximando bem seu rosto do interlocutor, disse com voz clara e macia: - A vida duma pessoa é como uma moeda: tem verso e reverso e quem vê um lado nem sempre vê o outro. Um padre quase sempre pode ver os dois lados. E o que te digo, Cuca, não julgues ninguém pelas aparências nem pelo que ouves dizer.

Cuca não tirava os olhos do rosto do padre, com uma vontade desesperada de espremer-lhe a espinha do nariz.

— Eu sou amigo do dr. Rodrigo.

— Pois conserve-se amigo dele. É um homem como poucos, ouve

o que te digo. É um bom católico e um patriota.

— E um excelente chefe de família - acrescentou Cuca. pensando na amante que Rodrigo deixara no Rio.

O padre Josué largou o botão, reclinou-se na cadeira e abafou um bocejo.

— Hoje enforquei a minha sesta…

Cuca tirou o relógio do bolso do colete. Olhou distraído para o mostrador e disse: - Bom, vigário, vou andando.

— Deus te acompanhe e te dê sempre boa vontade para julgares teus semelhantes!

De repente Cuca sentiu que estava com o rosto e as orelhas em fogo.

— Amém - murmurou, rodopiando nos calcanhares e saindo apressado da biblioteca. Entrou no bufete, pediu um cafezinho, tomou-o em goles curtos e rápidos, atirou quarenta centavos em cima do balcão e saiu para a rua, murmurando: “Estou mesmo pesado hoje!”

Desceu aos pulinhos a escadaria que levava à calçada.

Cuca nunca passava pela Casa Sol sem entrar para dar uma prosa com os caixeiros ou com o Veiguinha. Era aquele un dos estabelecimentos comerciais mais antigos e mais fortes da região serrana. Fora fundado em 1860 pelo bisavô do Veiguinha, um homem famoso pela avareza e pelo amor ao trabalho, e cujos pais tinham vindo de Portugal - dizia-se - no mesmo navio que trouxera dom João VI e sua corte. Era uma casa de secos, molhados, ferragens e armarinho: cheirava a couro curtido, queijo, fazenda, charque e rapadura, e era a preferida da freguesia das colônias e dos outros distritos do município. Ao passo que as outras lojas de Santa Fé na grande maioria se modernizavam, o Veiguinha mantinha a sua quase tal como era havia cinquenta anos, tendo até conseguido da prefeitura uma licença especial para conservar na calçada, ao lado da casa, os frades-de-pedra a que, nos velhos temPOS, gaúchos e colonos amarravam os cavalos enquanto faziam suas compras.

Cuca entrou na Casa Sol de cabeça alçada, à procura do Veiguinha com o qual queria comentar sua briga com o mulato queremista. Havia àquela hora uns cinco ou seis fregueses ao longo do comprido balcão, e num deles Cuca reconheceu a Anaurelina, proprietária do Ponto Chie. Esquecendo o Veiguinha, aproximou-se dela, olhando para os lados com movimentos rápidos de cabeça, para verificar se não havia por ali alguma "família" que se pudesse escandalizar ante o fato de estar ele, um homem casado, a conversar abertamente com uma prostituta em plena luz do dia.

— Mas então, Anaurelina! - exclamou em surdina. — Como vai essa beleza?

— Olha só quem está aqui! - saudou-o ela. — Eu vou bem, e tu?

Anaurelina deixou os cortes de seda que estava examinando e voltou-se para o oficial de justiça. Era uma mulata clara, quarentona, muito gorda, de cabelos crespos dum negro lustroso, rosto redondo de boneca, de duplo queixo e lábios carnudos. Cuca mirou-a com ar safado, já excitado pelo simples fato de estar de certo modo a violar uma lei social. Gostava de Anaurelina, achava-a muito limpa e recatada. O Ponto Chie era uma pensão de toda a confiança, dessas que um homem casado pode frequentar sem medo de pegar doenças ou envolver-se em badernas.

— Vem cá, meu bem - murmurou ele, recuando alguns passos na direção dum manequim masculino que vestia um poncho cor de chumbo e tinha enfiado na cabeça um chapéu de abas largas. — Quero te dizer uma coisa…

Anaurelina aproximou-se. Seus olhos, que lembravam a Cuca os de um bicho - veado? porco? cachorro? - postaram-se nele numa tépida curiosidade.

— Sabes quem está na terra?

— Não.

— O dr. Rodrigo Cambará.

— Ah! - tez a mulata, entreabrindo os lábios besuntados de batom cor de ciclame. — Eu já sabia.

Cuca piscou o olho.

— Tu conheces bem o Rodrigo dos bons tempos, hein?

Ela sorriu. Seus fartos peitos subiam e desciam cadenciados, e Cuca teve vontade de morder aqueles braços gordos como presuntos, e foi com prazer que aspirou o cheiro de Anaurelina, mistura de água-de-colônia, pó-de-arroz e suor de corpo limpo.

— Se eu conheço bem ele? - repetiu a mulher. Aproximando-se mais de Cuca, confidenciou: - Não sabes então que foi o dr. Rodrigo que me botou na vida?

— Não diga!

— Pois rói. Eu devia ter uns dezesseis ou dezessete anos…

Cuca começou a cheirar a ponta dos dedos, assanhado. Lembrava-se bem de Anaurelina dos tempos de menina. Era uma mulatinha muito bem-feita de corpo, os seios pontudos, a cintura fina. Um amor! Naquele tempo - lembrou-se ele - dizia-se: “o suco!”.

O oficial de justiça estava ansioso por detalhes: - Me conta bem como foi essa história - pediu, olhando aflito para a porta, temendo que entrasse alguma senhora sua conhecida.

O suor rorejava o buço de Anaurelina, e seus olhinhos inexpressivos estavam imóveis sob as pálpebras reluzentes de vaselina.

— Não tem nada pra contar. O dr. Rodrigo me fez mal e eu caí na vida.

— Mas onde foi que se deu a coisa? Na tua casa? Na casa dele?

— Ora, Cuca, que é que adianta saber agora? Foi no consultório dele, num dia que a minha mãe me mandou lá pra lavar o soalho…

— E não ficaste com vontade de tomar lisol?

— A troco de quê, homem?

— Não, Anaurelina. O que eu quero saber é se, depois que ele te fez mal, tu não quiseste te matar.

— Eu? Não.

— Ficaste com muita raiva dele?

— Não. Só fiquei meio com medo de pegar filho.

Cuca estava decepcionado. Sorrindo, Anaurelina fez um sinal tranquilizador para o caixeiro que a esperava atrás do balcão: - Já vou lá, moço.

— Mas tu não achas - insistiu Cuca - que se não fosse o dr.

Rodrigo, tu podias ter casado direito com um bom sujeito e tido a tua casa, os teus filhos?

A mulata encolheu os ombros roliços.

— Mas eu sou tão feliz, Cuca. Se o dr. Rodrigo não tivesse me botado na vida eu decerto hoje era cozinheira duma dessas grã-finas, como minha mãe foi, ou então tinha casado com um diabo qualquer e no fim ainda por cima tinha de trabalhar pra sustentar ele.

— Ali, isso é…

Anaurelina abriu sua enorme bolsa de couro de jacaré e tirou de dentro dela um lencinho que recendia a Maderas do Oriente, passou-o pelo buço e, baixando mais a voz, disse: - Na minha vida tenho andado com muitos homens, Cuca, homens de todo jeito, paisano, soldado, rico, pobre, sargento, tenente, deputado, coronel, fiscal de imposto, tudo. Cuca. Mas uma coisa te garanto, nunca estive com um homem que chegasse aos pés do dr. Rodrigo.

— É mesmo, é? - indagou Cuca, afobado, já ansioso por detalhes.

Mas a dona do Ponto Chie voltou-lhe as costas, acercou-se do balcão e perguntou ao empregado: - O senhor tem veludo chiffon roxo?

No Café Minuano, Cuca encontrou don Pepe Garcia, o pintor, sentado a uma mesa, diante duma garrafa de cerveja. Ia fingir que não o tinha visto - pois o espanhol ultimamente vivia bêbado e não raro se tornava inconveniente - quando lhe ocorreu que don Pepe era o autor do famoso retrato de corpo inteiro de Rodrigo Cambará, pintado logo que este, com vinte e quatro anos de idade, chegara à sua terra natal, recém-formado em medicina. Existiam na cidade muitos retratos a óleo - pequenos, grandes, bons, maus e medíocres - mas a obra de don Pepe era para todos os efeitos o Retrato, com R maiúsculo, uma das maravilhas de Santa Fé. Quando chegava algum forasteiro, a primeira coisa que lhe perguntavam era: “Já viu o Retrato?” - e ficavam um

tanto ofendidos 38 quando o visitante declarava ignorar a existência da portentosa obra de arte. Conhecedores de pintura afirmavam que se tratava dum trabalho de mestre, digno dum museu de Paris ou Londres; e os que conheciam Rodrigo e o Retrato atestavam que a presença era positivamente fotogiáfica. Contava-se que, depois dessa obra, Pepe Garcia como que se esgotara e não fizera mais nada que prestasse. De resto, que futuro podia ter um pintor numa cidade provinciana corno aquela? Santa Fé inteira conhecia a crônica daquele boêmio espanhol que era por assim dizer um herói do folclore municipal. Passava a vida em grupos de café a dispersar-se em conversas e bebedeiras. E era nessas rodas boêmias que Pepe Garcia contava suas andanças pelo mundo, falava mal do clero, da burguesia e, choramingando, dizia do que podia ter sido sua vida e sua arte se não tivesse encalhado nas praias secas de Santa Fé, como um barco desarvorado sem bússola nem leme. Suas conversas começavam com bravatas e acabavam em choro. Quando lhe perguntavam por que não reagia, não voltava a pintar, respondia que era tarde, estava velho, a visão começava a faltar-lhe e as mãos já lhe tremiam. A troco de magro ordenado, sujeitava-se agora à humilhação de pintar cartazes para o Cinema Recreio. Era por isso que, depois do papa, o homem a quem mais odiava no mundo era o proprietário do cinema local, o Calgembrino, para ele o símbolo da burguesia endinheirada, a qual, unida ao clero obscurantista, era responsável pelas desgraças do mundo, por todas as injustiças sociais e principalmente pela incompreensão em que viviam os verdadeuos artistas.

Agora, nos dias de sua decadência, quando se sentia muito deprimido, don Pepe batia à porta do Sobrado e pedia às gentes da casa que lhe permitissem ver o Retrato.

Dona Maria Valéria mandava o pintor entrar e deixava-o sozinho na sala de visitas. O espanhol sentava-se diante de sua obra-prima e ali ficava por longo tempo, levantando-se de quando em quando para abrir ou fechar as cortinas das janelas a fim de poder observar a tela sob vários efeitos de luz. Depois, retirava-se sem dizer palavra e nessas ocasiões tomava as suas bebedeiras mais formidáveis.

Era esse homem tão ligado ao passado de Rodrigo que ali estava, sentado a uma mesa, no café deserto.

Cuca aproximou-se dele e pôs-lhe a mão no ombro.

— Como vai essa força, don Pepe? O pintor ergueu os olhos.

— Cuca… - murmurou, sem nenhum entusiasmo. — Senta. Cuca sentou-se.

— Toma uni troço - convidou don Pepe.

— Não, obrigado.

— Toma um troço.

— Não. É muito cedo.

— Então vai-te pró diabo!

— Também é muito cedo.

O espanhol deu de ombros e com suas mãos muito longas, de dedos finos com unhas debruadas de preto, pegou o copo de cerveja, levou-o tremulamente aos lábios e bebeu num sorvo. Lambeu a espuma que lhe ficara nas pontas dos bigodes dum branco amarelado, e fitou os olhos injetados no interlocutor.

— Entonces, que queres? - perguntou.

— Eu? Nada, homem.

Don Pepe ficou a olhar fixamente para o copo de cerveja, em cujo conteúdo cor de âmbar as portas do café se refletiam em quadriláteros luminosos.

Cuca achou melhor atacar o assunto de frente.

— Já sabes que o dr. Rodrigo está na terra?

Por alguns instantes o espanhol continuou calado, como se não tivesse ouvido a pergunta. Depois, com sua voz áspera, disse: - Don Rodrigo nunca saiu de Santa Fé. Me refiro ao Rodrigo verdadeiro, o do Retrato. — Animou-se um pouco, chegou a empertigar o busto, a abrir bem os olhos líquidos.

— Esse que chegou do Rio é o fantasma do outro. Mas tu não entendes dessas coisas, Cuca. — Fez uma pausa e tornou a convidar: Toma um troço!

— Quem diria, hein, don Pepe? Ontem o homem estava no Palácio Guanabara, amigo do presidente, cheio de prestígio, hoje está lá no Sobrado com o coração escangalhado, dizem que até a extrema-unção já tomou.

O pintor bateu com o punho na mesa, fazendo o copo e a garrafa tremerem.

— Malditos curas! São como urubus rondando a morte. Mal veem um pobre homem agonizando já começam a devorar-lhe as carnes.

— Rodrigo é católico.

— Cala-te a boca. Tu não sabes nada. Cuca resolveu provocar o outro: - E tu sabes?

Don Pepe lançou-lhe um olhar duro, esmurrou o peito ossudo e disse: - Eu sei tudo. Eu previ. Mas ninguém me crê.

— Mas o que é que tu sabes?

— Tudo!

Cuca tirou do bolso uma carteira de cigarros e ofereceu um a don Pepe, que aceitou, sorrindo ironicamente: - Queres comprar meu segredo com um cigarro, eh, miserável?

O oficial de justiça começava a ficar curioso. Saberia mesmo o castelhano alguma coisa sobre Rodrigo?

Don Pepe prendeu o cigarro entre os lábios e pediu: - Fogo.

Cuca riscou um fósforo, acendeu o cigarro do pintor, que, depois

de tirar uma baforada céptica, murmurou: - És muito tonto. Mas te vou a dizer uma cousa.

Cuca tinha um cigarro apagado entre os lábios. Don Pepe tomou novo gole de cerveja e o oficial de justiça de repente ficou alarmado, temendo que o outro o obrigasse a pagar a bebida. Pensou em sair, mas a curiosidade chumbava-o à cadeira.

— Tu viste o Retrato, claro… - principiou o espanhol.

— Naturalmente - Que achas dele?

— Muito chique.

Don Pepe tornou a bater na mesa com o punho fechado.

— Cofio, hombre! Chique! Tu não sabes nada. És um burro. Aquele retrato chique? Vai-te para o diabo! Não falo mais. És um filisteu.!

— Todo o artista tem um pouco de louco e de profeta. A primeira vez que vi o senador Pinheiro Machado foi no Sobrado em novecentos e dez. Don Licurgo me perguntou depois que era que eu pensava dele. Respondi: "Tem um ar de chefe gitano e olhos de águia. Ainda será a mão de ferro que vai a governar o Brasil". — A voz do espanhol desceu a um sussurro dramático: - "Mas um dia há de cair ferido pelo ferro". Dito e feito. Cinco anos depois, Pinheiro Machado era apunhalado pelas costas no Hotel dos Estrangeiros.

— Veja só…

— Um dia me mirei no espelho e de repente vi o futuro escrito nos meus olhos. Esta decadência, esta miséria, esta pobreza e até o maldito Calgembnno, burguês de mierda, sinvergonha, explorador, miserável. Vi tudo em meus olhos, como vi o futuro de Rodrigo, quando pintei o Retrato. Está tudo lá no quadro. Vai a ver. Tudo: a glória, sua carreira, suas viagens, a Revolução de 30, o Estado Novo, as mulheres que ele amou, e também este final desastroso…

Fez uma pausa ofegante e depois: - É um retrato profético - repetiu. — Mas tu não entendes dessas coisas. Es um burro. Esse Rodrigo que aí está é o cadáver do outro. Todos somos cadáveres, eu, tu, o Calgembrino, o prefeito, o papa… Só as obras de arte é que estão vivas, e sempre estarão vivas. Todo o artista atinge seu ponto máximo uma vez na vida e depois começa a descida. Meu pico é o Retrato. Deixei nele tudo que tinha de melhor. Depois me quedei seco. Por isso bebo. Os vivos não bebem álcool: bebem vida. Vai a ver o Retrato. Pero eu estou morto. Agora pinto cartazes pra esse cachorro do Calgembrino que se Io encontro Io rompo, por Diós. Y maldita sea Ia madre que cien mil veces Io parió! Me cago en Ia leche de su madre y de todas Ias madres dei mundo, inclusive Ia mia.

Estas últimas palavras não foram propriamente pronunciadas, mas babadas.

Cuca achou que era hora de ir embora; não sabia, porém, o que

dizer para despedir-se. O pintor emborcou o copo e Cuca ficou olhando para o movimento de seu pomo-de-adão.

— E tu não vais visitar o dr. Rodrigo? - perguntou ele, só para dizer alguma coisa.

Don Pepe tomou a pôr o copo em cima da mesa e, antes de responder, soltou um arroto explosivo.

— Só que seja para matá-lo.

— Ué? Por quê?

— Porque Rodrigo é um traidor.

— Como, don Pepe?

Cuca mordia e babava a ponta do cigarro, qtie de novo se apagara.

— Tu não compreendes, és um imbecil. Rodrigo é o culpado da minha decadência. Ele e o Calgembrino - vociferou, dando um soco sobre a mesa.

— Maldita sea Ia madre que Io recontra cien mil veces parió. Garçom, outra cerveja !

Cuca achava que Pepe Garcia estava começando a ficar inconveniente.

Curiosos agora paravam à porta do café e ficavam a olhar para o pintor, sorrindo. O oficial de justiça começou a sentir uma espécie de formigueiro dentro das calças. Mas uma atração inexplicável o prendia àquela cadeira, e ele não podia afastar os olhos da face terrosa e enrugada do espanhol.

— Vou a dizer-te um segredo, Cuca. O tempo é como um verme que nos está roendo despacito, porque é do lado de cá da sepultura que nosotros começamos a apodrecer.

Não te iludas. Já estás metade podre, Cuca. Eu também. — Fitou no homenzinho dois olhos infinitamente tristes, duma tristeza alcoólica, avermelhada e lacrimejante.

E depois, com voz arrastada, num falsete cortado por novo arroto, acrescentou, subitamente cordial: - Toma um troço.

Eram cinco horas menos um quarto, quando Cuca Lopes chegou à praça da Matriz. Parou a uma esquina e ficou a contemplar o Sobrado. La estava o casarão com suas paredes caiadas, os caixilhos das janelas e o da grande porta pintados dum azul de anil, os azulejos do portão a reverberar à luz da tarde. As copas de algumas das árvores do quintal apontavam acima do telhado, e, entre o 45 muro e a parede lateral da casa, havia um pé de três-marias todo carregado de flores purpúreas.

O vento perdera muito de seu ímpeto, o céu agora estava limpo de nuvens e a luz do sol tinha uma mornidão macia e dourada.

Cuca começou a atravessar a praça em diagonal, olhando para a própria sombra na terra batida, dum vermelho queimado. Lembrava-se das muitas vezes em que ele e Rodrigo, ainda meninos, cruzaram

aquela praça, pisando aquele chão onde as sombras de ambos se confundiam… Cuca estava perturbado. A proximidade do Sobrado lhe causava uma certa emoção. Menino pobre, orgulhava-se de frequentar aquela casa grande e rica, de ser amigo de Toríbio e Rodrigo. Gostava dos losangos de doce de leite que dona Maria Valéria lhe dava, dos brinquedos de Rodrigo, de suas roupas, de seus petiços, de seu carro puxado por dois belos tordilhos…

Os canteiros da praça estavam pintalgados de margaridas amarelas. A fragrância das flores dos cinamomos impregnava o ar. Um soldado do regimento de artilharia conversava com uma chinoca, sob a grande figueira da praça. No centro dum tabuleiro de relva, o busto de bronze do coronel Ricardo Amaral olhava na direção do palacete da prefeitura, que lá se erguia, pesadão e achaparrado, com a sua cúpula parda, a fachada art nouveau e as paredes escurecidas por uma patina sem história. O galo do cata-vento da matriz estava agora tranquilo. E duma grande paineira que ficava bem à frente do casarão dos Amarais, desprendiam-se flocos esfiapados de paina, que caíam com uma graça lenta, leve e ondulante, e iam juncando o chão ao redor do tronco. Hora linda, pensou Cuca. Parou na calçada fronteira ao Sobrado e ficou a olhar para as janelas da casa, desejando e ao mesmo tempo temendo ver Rodrigo assomar a uma delas. Voltou depois o olhar para os azulejos do portão, que tanto o fascinavam.

Quantas vezes brincara com Rodrigo ali naquele muro, que para ambos era nada mais nada menos que a própria Muralha da China! E como ele gostava do quintal do Sobrado, com suas árvores altas e copadas, que em certos trechos davam à gente a impressão de estar numa floresta virgem… (Eram as matas do Ceilão e de Madagascar - explicava Rodrigo, que 46 tinha lido sobre essas ilhas fabulosas em livros ilustrados.) Havia também no quintal um poço assombrado, onde, diziam, todas as meias-noites apareciam as almas penadas dos homens que ali tinham sido mortos durante a revolução de 93, quando o Sobrado ficara sitiado pelos maragatos durante dez dias.

Contava-se que nessa ocasião uma filha do coronel Licurgo, que nascera morta, tivera de ser enterrada no porão. Todas essas coisas emprestavam um certo ar de mistério e lenda àquele casarão onde Cuca não tornara a entrar desde que Rodrigo se mudara para o Rio.

O oficial de justiça voltou a cabeça na direção da Padaria Estrela d'Alva que ficava à esquerda do Sobrado, e avistou seu proprietário, o Francisco Paes, que era conhecido na cidade como Chico Pão. O padeiro fez-lhe um sinal amistoso, atravessou a rua e foi apertar-lhe a mão.

— Ó Cuca!

— Então o nosso amigo está na terra, hein?

— É verdade - respondeu Chico Pão, com sua voz fosca - , o bom

filho à casa torna.

Soltou um sentido suspiro e começou a coçar os braços morenos e cabeludos, que a camiseta de meia, de mangas curtas, deixava à mostra.

O velho Paes andava sempre de chinelos sem meias, e suas calças, muito frouxas, pareciam prestes a cair. Usava cabelo à escovinha, e tinha sobrancelhas grossas e ríspidas sob as quais luzia tristemente um par de olhos duma mansidão e duma ternura bovinas.

Ninguém na cidade vira Chico Pão envelhecer, pois como desde moço andasse com a cabeça sempre respingada de farinha de trigo, quando lhe chegaram os cabelos brancos os outros não deram por isso.

— Então, Chico, que novidades me contas?

— Tudo velho.

O padeiro ficou a olhar melancolicamente para a figueira grande. Um menino descalço passou chutando uma bola de trapos, seguido por um cachorro.

— Já foste ao Sobrado? - indagou Cuca. já - Como vai o nosso grande homem?

— Não pude falar com ele. Estava de cama. O médico diz que ele precisa de descanso. Falei com dona Flora, ela disse que o dr. Rodrigo estava um pouco melhor…

— Mas parece que a coisa não tem jeito… Chico Pão fez um gesto de desamparo.

Um homem como esse não devia morrer nunca, Cuca. É a maior injustiça do mundo. Por que será que Deus não leva um pobre-diabo como eu e deixa viver um homem como o dr. Rodrigo?

— Deus sabe o que faz.

— Às vezes até duvido… Deus que me perdoe!

— O povo também é muito ingrato e muito falso, Chico. Andam dizendo cobras e lagartos do nosso amigo…

— Que malvadeza! - exclamou o padeiro, sacudindo a cabeça. — Se há no mundo criatura boa e direita, é o dr. Rodrigo. Eu que diga. Faz quase cinquenta anos que estou vizinhando com o Sobrado. Naquela casa só se come o nosso pão desd'o dia que meu pai abriu esta padaria em 98 com o dinheiro que o finado coronel Licurgo emprestou para ele. E o pão que eles estão comendo hoje é feito por estas mãos - acrescentou, erguendo ambas as mãos e olhando para elas com simpatia e um humilde orgulho.

— O seu Curgo até brincava comigo: "Chico, tu não tem direito de adoecer nem morrer, porque se tu adoece ou morre, quem é que vai fazer o nosso pão?

— Teu pão sovado é um colosso - elogiou Cuca, batendo de leve no ombro do padeiro. — É o melhor da cidade.

Chico Pão sorriu, mostrando os dentes miúdos e esverdeados.

— Todas as noites antes de ir pra cama o coronel Licurgo ia lá em casa buscar pão quente, recém-saído do forno, mesmo que chovesse ou caísse raio. O Rodrigo e o irmão dele, o falecido Bio, quando eram meninos pulavam de noite a cerca, vinham até o forno onde eu estava trabalhando e diziam sempre a mesma coisa: - Tem pão quente, seu Chico?" Isso todas as noites. O Rodrigo se formou, ficou doutor, veio clinicar aqui e continuou meu amigo, sempre tratou de mim e nunca quis me cobrar um tostão. Quando eu pedia a conta ele ria: “Tu já me pagaste, Chico, com aqueles 48 pães quentes, te lembra? Ainda estou te devendo…” Veja só que homem, Cuca.

— E uma grande alma - murmurou Cuca, olhando para os azulejos do portão do Sobrado e lembrando-se da noite em que, ainda menino, tentara roubar um dos ladrilhos, arrancando-o do muro com uma faca. — Um coração de ouro!

— Isso mesmo. Disse bem - um coração de ouro. Estava formado, era rico, querido de todo o mundo e nunca fez pouco de mim nem da minha gente, até tirava o chapéu quando nos cumprimentava. Um dia peguei uma pnelmonia e quase embarquei pró outro mundo. Pois o dr. Rodrigo tratou de mim, passou noites em claro na minha cabeceira, e não descansou enquanto não me botou de pé. Quando fiquei bom, disse assim pra ele: "Por que o senhor me salvou, doutor? Não presto pra nada, sou um pobre coitado sem serventia, não valia a pena". Sabe o que ele me respondeu, Cuca?

São dessas coisas que a gente não esquece mais, nem que viva cem anos. “Mas Chico, tu é um homem muito importante nesta cidade. O vigário dá o pão pra alma e tu dá o pão pró corpo. Se morre o intendente, a gente faz uma eleição e escolhe outro. Mas se tu morre, quem é que vai ficar no teu lugar? Não tem ninguém na região serrana que saiba fazer pão cabrito tão bem como tu.” Veja só, Cuca, que coração! Homens como esse estão se acabando. Eu vi o corpo do finado Toríbio velado na sala grande do Sobrado. Foi lá também que velaram dona Alice e a velha Bibiana, que morreu com quase cem anos. Naquela mesma sala vi a filha querida do dr. Rodrigo entre quatro velas. Só peço a Deus que não me deixe ver o velório de mais ninguém naquela casa. É demais.

Chico Pão agora chorava de mansinho, e as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Fungou, olhou para a ponta das chinelas e perguntou: - Não quer ir lá em casa um pouco, Cuca?

— Não. Tenho que ir ver o Pitombo. Está na hora do chi'Tiarrão.

Chico Pão olhou na direção da Armadora Pitombo.

— Aquela casa de defunto ali perto do Sobrado até parece mau agouro.

Quando olho pra lá fico frio. O Pitombo de vez em quando vem pra porta e fica olhando pró Sobrado, parece que está esperando que

venham dizer que o Rodrigo morreu e precisa dum caixão…

— Ele vive disso…

O padeiro fez uma careta de repugnância. — Mil vezes carregar pedra a ter que viver da desgraça dos outros.

— Até logo, Chico.

O oficial de justiça saiu a andar na direção da casa do Pitombo.

Ao passar pela frente do Sobrado teve a curiosa impressão de que a uma das janelas ia surgir de repente alguém para despejar-lhe em cima um balde d'água fria.

Lançou um rápido olhar para os olhos-de-boi pelos quais o porão da casa respirava. Lá é que tinham enterrado a recém-nascida… Agora era uma adega. Muitas vezes nos bons tempos ele entrara ali com o Rodrigo para escolher os vinhos mais velhos e levá-los para cima, onde amigos os esperavam. Que festas! Que tempos!

A Armadora Pitombo era uma casa de duas portas e duas vitrinas, nas quais estavam expostas velas, anjinhos, braços, mãos e pernas de cera. No interior havia uma sombra fresca, quase fria, e nas prateleiras os galões, fechos e alças de metal brilhavam, em tons de prata e ouro, contra o negro dos esquifes. Cuca detestava o ambiente mas adorava o chimarrão das cinco, onde costumavam reunir-se bons companheiros para uma prosa em que se falava muito da vida alheia e se contavam novidades.

Quando menino, Cuca sempre evitava olhar para os caixões de defunto quando passava pela Armadora, naqueles tempos atendida pelo velho Pitombo, o qual, além de vender artigos funerários, era um hábil carpinteiro. O que mais apavorava Cuca eram os caixões brancos e pequenos, que sua mãe lhe dissera terem sido feitos especialmente para os “anjinhos”.

O oficial de justiça esperava encontrar o grupo de sempre reunido junto ao balcão da Armadora e ficou um pouco decepcionado 50 ao ver a sala vazia, pois não enxergou Pitombo, que estava sentado atrás do balcão. Aos poucos, porém, a figura do armador foi emergindo da penumbra - primeiro a calva muito reluzente, depois as sobrancelhas grisalhas, os vidros dos óculos, acavalados no narigão vermelho e lustroso, e por fim as suas famosas orelhas. Cuca parou junto da porta. Pitombo não lhe distinguiu as feições mas reconheceu-lhe o vulto.

— Ó de casa!

— Entra! - gritou Pitombo. — Ora viva, até que afinal. A turma hoje está atrasada. és o primeiro…

— Também estou um pouco atrasado…

— Abanque-se.

Cuca tirou o chapéu, pô-lo sobre o vidro do balcão e sentou-se.

Pitombo agarrou a chaleira de água quente que tinha a seu lado, no chão, encheu a cuia e passou-a ao amigo.

— O amargo hoje está bom.

ele tinha uma voz de cana rachada e falava com excesso de saliva. Cuca estava ansioso por entrar logo no "assunto". Chupando na bomba de prata, lançava para o Sobrado, através da porta, olhares compridos e carregados de significação.

— Eu sei no que estás pensando… - rosnou Pitombo.

— Então diz o que é.

— No Rodrigo.

— Isso mesmo. Como foi que adivinhaste?

— Desde ontem ninguém fala noutra coisa na cidade.

— E então?

— Então o quê?

— O homem morre ou não morre?

— Sou suspeito…

Cuca riu, deu um chupão na bomba, engoliu o líquido com minto ruído e depois perguntou: Tu que estás aqui a bem dizer na boca do lobo, que é que me contas de novo?

i itombo cofiava a bigodeira grisalha. Tinha olhos cinzentos sobre os quais se franziam as pálpebras moles e arroxeadas. Duas rugas lhe saíam das aletas do nariz e desciam, profundas, até a 51 comissura dos lábios, dando-lhe à fisionomia uma permanente expressão de azedume.

Muitas vezes ali naquela casa tinham discutido Rodrigo Cambará à hora do chimarrão. Pitombo também fora seu colega de curso primário, e todos sabiam que o armador invejava o homem do Sobrado. Na presença de Rodrigo tratava-o com uma cortesia adulona: pelas costas dizia horrores dele, mas da maneira mais inocente, assim com um ar vago e apalpador de quem não se quer comprometer antes de saber a opinião do interlocutor. Dizia-se que nunca esquecera ter sido Rodrigo quem no colégio lhe pusera a desagradável alcunha de "Filho do Defunteiro". Era por isso que até hoje - sabia-o José Pitombo - ele era conhecido na cidade como Zé Defunteiro.

— Não há nada como um dia depois do outro - filosofou o armador, brincando com a grande tesoura que jazia sobre o balcão. — Todos eles acabam aqui…

Fez com a beiçola esticada um sinal na direção dos ataúdes. Cuca devolveu-lhe a cuia, que o dono da casa tornou a encher.

— Ricos, pobres e remediados, doutores, deputados, caixeiros de loja, todos acabam aqui. Pra uns, caixões de madeira de lei, com fechos e alças de metal. Pra outros, caixões ordinários de pinho cobertos de fazenda barata. Mas no fim dá no mesmo. Todos vão pra baixo da terra. E apodrecem!

Pitombo falava com certa volúpia.

— Primeiro eles se estragam por aí - prosseguiu - nos cafés, no

Ponto Chie, no cinema; em todos esses lugares gastam o dinheiro e a saúde. Quando se sentem mal, gritam pelo médico, quando estão agonizando chamam o padre, mas é no velho Pitombo que todos acabam. Eu sou Ômega, o fim.

— Não acreditas na imortalidade da alma?

— Sei lá! O que sei é que o corpo acaba aqui. O que vem depois é outro assunto, ninguém tem certeza. Vanitas, vemitatum, et amnia vanitas, como dizia o Eclesiastes.

— Estás bom no latim. Devias ter estudado pra padre - disse Cuca, levando a ponta dos dedos às narinas.

— De que me serviu estudar? Aprendi o meu latim, a minha álgebra, a minha história, o meu português. De que serviu? O Cervi mal sabe assinar o nome e está milionário.

O Porfírio Fagundes é analfabeto e tem mais campo do que não sei quê. De que me serviu estudar? Há um verso que diz: Se fores ao rio pescar E a fortuna te não deixe, Atira a rede e espera Quanto mais burro, mais peixe.

Cuca soltou uma risada que lhe descobriu todos os dentes cie ouro.

— Mas o Rodrigo é inteligente e venceu na vida - objetou ele.

— O Rodrigo nasceu em berço de ouro e púrpura e criou-se no meio da abastança. E o meio é tudo, Cuca.

O oficial de justiça cruzou as pernas e perguntou: - Tu acreditas mesmo em todas essas coisas que dizem dele?

— Vox populi, vox Dei.

— Hein?

— Voz do povo, voz de Deus.

— Tu falas com um sujeito e ele te diz que o dr. Rodrigo é o melhor homem do mundo. Falas com outro e ele te garante que o dr. Rodrigo é um canalha.

— Tudo é relativo na vida. Nós todos temos muito de anjo e muito de demónio dentro de nós.

Naquele instante Cuca olhava para o anjo de cera que, do interior do balcão envidraçado, parecia fitá-lo com seus olhos vazios.

— E o dr. Rodrigo será mais anjo que demónio?

— Isso é uma questão de ponto de vista. Depende…

— E. Depende…

Pergunte pró Mane Lucas o que é que ele pensa do Rodrigo, e ele te dirá que o Rodrigo é um miserável, um infame. E sabes por quê?

Porque um dia o Mane Lucas convidou o Rodrigo para batizar-lhe a filha… O Rodrigo batizou, a menina cresceu e 53 quando ela chegou ali pelos dezesseis, o padrinho meteu-se com ela e desonrou-a.

Cuca endireitou o busto bruscamente, animado.

— Foi mesmo?

Pitombo mirou-o com estranheza.

Tens a memória fraca, Cuca. Então não te lembras? Foi em 1918, no tempo da espanhola…

É mesmo, agora me lembro. Até comentaram muito.

Primeiro o Mane quis matar o dr. Rodrigo, depois acomodou-se. Dinheiro arranja tudo. O escândalo foi abafado e acabaram comprando um pobre-diabo pra casar com a menina.

— Essa é formidável, Pitombo!

— Pois é. Pergunta pró Tônico Cabral o que é que ele acha do nosso homem. Vai te dizer que é Deus no céu e o dr. Rodrigo na terra. O Cabral estava mal de negócios, com uma letra protestada e ia meter uma bala na cabeça quando o dr.

Rodrigo apareceu, a bem dizer tirou o revólver da mão dele e emprestou-lhe, qual!, deu-lhe de presente, vinte contos pra pagar a dívida. O Tônico endireitou a vida e está aí hoje feliz e próspero.

Cuca olhava pensativo para as bochechas do anjo de cera. Pitombo perguntou: - Tu te recordas daquele fiscal do imposto de consumo que andou por aqui em novecentos e dezenove ou vinte? Não me lembro do nome dele. Pois um dia o homem chamou o Rodrigo pra ver a mulher que estava adoentada, e deixou os dois sozinhos no quarto. Quando voltou e entrou sem bater, encontrou o Rodrigo deitado na cama com a paciente, aos beijos e abraços. Não deu um tiro nos dois por falta de coragem. Mas pediu transferência para outro lugar e parece que acabou abandonando a desgraçada.

Pitombo ergueu-se e foi até a porta. Cuca seguiu-o e ambos ficaram a olhar para as janelas laterais do Sobrado.

— Depois que chegaram não botaram nem a cabeça pra fora de casa - contou o armador.

— Por que será?

Pitombo encolheu os ombros.

— Não sei. Não quero nem mandar perguntar como vai o doente. Podem pensar que estou esperando que ele morra pra vender um caixão…

— Que situação, hein, Pitombo?

O sol da tardinha envolvia o Sobrado, laminando-lhe as vidraças dum ouro vivo e coruscante.

— O homem teve outro ataque ontem ao anoitecer… A coisa foi feia, e quando vi o padre Josué sair da igreja todo paramentado e entrar no Sobrado, cheguei a separar os castiçais, o pano preto e tudo mais. Passei a noite sem dormir direito, esperando a todo o momento que viessem bater na porta.

Da cozinha da casa armadora chegava até a loja um cheiro de fumaça e carne assada, que Cuca aspirava com delícia.

Voltaram ambos para junto do balcão e Pitombo gritou para a

mulher que lhe trouxesse mais água quente. E depois, olhando para o amigo, disse: - Enquanto o Rodrigo andava lá pelo Rio no seu bom Cadillac, gozando a vida, jantando com o Getúlio no Palácio Guanabara, indo ao Municipal de casaca, passando os fins de semana no Quitandinha; enquanto o Rodrigo dormia com lindas mulheres, o velho Pitombo estava aqui no batente, comendo feijão e arroz, vendendo caixão de defunto, trabalhando de sol a sol e às vezes pulando da cama de madrugada para atender um freguês. A vida é assim mesmo, Cuca. Olha bem. Nasci na mesma cidade onde o Rodrigo nasceu, sou de carne, osso, e nervo como ele; o pai dele não era melhor que o meu; no colégio sempre tirei notas melhores que as do Rodrigo. E no entanto, Cuca, por que é que nosso destino foi tão diferente, ele tendo tudo e eu quase nada? Por quê?

— Injustiças…

— Nunca fiz mal a ninguém, desde que me casei só tive uma mulher: a que recebi perante Deus e o padre Kolb, ali na igreja do outro lado da rua. Nunca desgracei moça nenhuma, nunca me meti em politicagem, ganho honestamente a minha vida e trabalho como um cavalo. Mas veja o que eu tenho e o que o Rodrigo tem.

Quando ele morrer, o retrato dele vai aparecer em todos os jornais pelo brasil com elogios deste tamanho, e todos vão dizer: “Era um 55 grande homem, um grande patriota”. Quando o Pitombo morrer, o mais que podem dizer, meio rindo, é: “O Defunteiro esticou a canela”. Por que, Cuca?

O outro procurou consolá-lo.

— Mas acontece que o Rodrigo está lá estendido na cama, com o coração em petição de miséria, e tu aqui forte e são de lombo.

— Isso não é consolo. Olha as coisas que ele gozou e fez, enquanto eu estava aqui neste ramerrão, nesta obscuridade. E, depois, não tenho saúde como pensas. Bem sabes que sou um poço de doenças. É a asma, a bronquite e agora me apareceu uma furunculose que está me deixando quase doido.

Ficou de repente muito abatido, como se só então tivesse sentido o peso de todos aqueles males. O anjo de cera olhava para os dois amigos e parecia entender as coisas tristes que diziam.

A mulher do Pitombo gritou da cozinha: - Já vai a água. Está no fogo.

O armador aproximou-se duma prateleira, voltou a cabeça para o oficial de justiça e disse: - Vem cá, Cuca. Na tua opinião, que altura tem o Rodrigo? Cuca ficou um instante a pensar.

— Um metro e setenta e cinco… por aí.

— Estás vendo este caixão? - Apontou para um pesado esquife de madeira negra esculpida, com um crucifixo prateado sobre a tampa. — Este caixão serve bem pra um homem do tamanho do Rodrigo.

Mandei fazer esta beleza quando o velho Macedo adoeceu e todo mundo dizia que ele ia morrer. É a mercadoria mais cara que tenho em casa. Não é pra qualquer um. Poucas pessoas em Santa Fé podem dar-se o luxo de ir pró cemitério dentro duma preciosidade destas.

Fitou em Cuca os olhos empapuçados e melancólicos.

— Pois o velho Macedo se salvou e até hoje anda por aí, forte como um jequitibá. Mas nunca me passou pela cabeça, Cuca, que este caixão ainda pudesse vir a ser pró Rodrigo, meu amigo de infância…

— Veja só como são as coisas…

Pitombo sorria. Foi numa surdina quase poética que contou: - Estou me lembrando duma coisa muito interessante que aconteceu quando eu, o Rodrigo e o Toríbio éramos meninos. O Bio costumava dizer: "Zé, o que será que a gente sente dentro dum caixão de defunto?"

"Como é que vou saber, respondi, se nunca fui defunto?" Pois o diabo do rapaz aproveitou uma hora que meu pai estava sesteando, entrou aqui na loja, abriu um caixão e se meteu dentro. Eu me lembro bem: era um ataúde fino, coberto de cetim preto, com enfeites dourados.

Cuca escutava, atento, cheirando a ponta dos dedos.

— E tu sabes duma coincidência horrível? - continuou o armador. — Três dias depois, dona Alice, mãe do Rodrigo e do Toríbio, morreu e foi enterrada justamente nesse caixão.

Cuca sentiu um frio mal-estar, pois naquele momento surpreendia-se a perguntar mentalmente dentro de qual daqueles caixões seria ele enterrado…

Naquele mesmo dia, ao anoitecer, circulou pela cidade a notícia de que Rodrigo Cambará tinha vencido a crise e estava, pelo menos momentaneamente, fora de perigo.

Cuca Lopes jantou às pressas a fim de poder sair cedo para a rua a catar novos boatos e espalhar os que sabia. Enfiou na cabeça o amassado chapéu-carteira e, mastigando um palito, seguiu rua do Comércio acima, na direção da praça da Matriz. Na rua principal de Santa Fé havia àquela hora um grande movimento, principalmente nas quadras onde ficavam o Cinema Recreio, o Café Minuano, a Confeitaria Schnitzler e o Clube Comercial.

Na praça da Matriz, mocinhas passeavam aos bandos pelas calçadas, fazendo voltas completas ao quadrado, em passo lento, enquanto os rapazes se deixavam ficar sentados nos bancos ou de pe junto do meio-fio, vendo-as desfilar. A noite estava calma e liesca, e ao olhar para uma das torres da igreja, Cuca teve a impressão de que o galo do cata-vento tinha a lua cheia espetada no bico. Nas extremidades dos postes nova-lux, as esferas de louça rança que protegiam as lâmpadas, pareciam outras tantas luas. O 57 perfume das

flores do cinamomo, mais ativo desde o anoitecer, embalsamava o ar.

Cuca notou que as janelas do Sobrado estavam rodas iluminadas como para um baile. Atravessou a praça em passadas rápidas, foi sentar-se num banco de cimento situado na calçada fronteira à casa de Rodrigo Cambará, e dali se pôs a olhar intensamente para suas janelas.

Alguém se sentou a seu lado. Cuca voltou a cabeça e reconheceu no recém-chegado o velho José Lírio, com o chapéu desabado sobre os olhos e seu inseparável bengalão de unicórnio.

— Ó Liroca! Então não conhece mais a gente?

O outro levou algum tempo para responder: a sombra dum plátano escurecia o rosto de Cuca. Por fim, identificando o companheiro de banco, o velho exclamou: - Cuca! Boa noite, vivente. Apertou-lhe molemente a mão.

— Então, que é que há de novo, Liroca velho?

Era bom estarem num lugar sombrio - refletiu Cuca - pois ele não podia ver os enormes cravos pretos no narigão de Liroca sem ficar com uma vontade desesperada de espremê-los.

— Tudo velho, triste e acabado - respondeu José Lírio. — Este mundo não tem mais compostura.

Cuca coçava nervosamente a coxa. Liroca era amigo da gente do Sobrado; devia saber de muita coisa…

— Então, já foste visitar os Cambarás?

Liroca puxou um longo pigarro antes de responder: - Os amigos são pras ocasiões. E há ocasiões em que a gente deve respeitar a intimidade dos amigos. A cada passo mando saber como vai o Rodrigo. Só isso é que me interessa agora. Se eu fosse me meter lá dentro, podiam pensar que eu queria bisbilhotar.

— Ninguém ia pensar uma coisa dessas.

— Ia sim, Cuca, e tu eras o primeiro. O Rodrigo e a família devem estar atravessando um desses momentos danados em que a gente só quer ficar sozinho pra pensar.

Liroca voltou o olhar para o Sobrado.

— Mundo velho sem porteira! - exclamou, com voz cheia de mágoa.

Depois, apontando para o casarão com a bengala, acrescentou: - Não posso ver essa casa sem me lembrar de 93…

Para evitar que Liroca repetisse uma história que toda a gente estava cansada de saber, Cuca adiantou-se: - Eu sei. O Sobrado estava cercado pelos federalistas, e te mandaram ficar de vigia na torre da igreja, não foi? Já me contaste.

Liroca, entretanto, não lhe deu ouvidos. Com o olhar focado sempre no Sobrado, parecia estar falando mais para si mesmo do que para o homem que se achava a seu lado.

— Me lembro como se a coisa tivesse acontecido ontem -

prosseguiu, com a voz apagada. — Foi numa noite de São João e dona Alice estava pra ter uma criança, a coitada, que Deus a tenha. Fiquei ali na torre de olho vivo, bombeando o quintal do Sobrado, e de repente vi um vulto se mexendo devagarinho…

— Era um dos homens do coronel Licurgo que ia buscar água - interrompeu-o Cuca. — Eu conheço a história.

— Pensei cá comigo: atiro ou não atiro? O homem vai buscar água prós meninos, pra dona Alice, pra dona Maria Valéria e pra dona Bibiana, tão velhinha. Não sejas bandido, Liroca, disse cá com os meus botões, dá um tiro pró ar.

E dei.

— E do Sobrado veio uma bala que bateu no sino e tu levaste um bruto susto… já sei.

Cuca cheirava a ponta dos dedos. Aquelas histórias de 93 não o interessavam. Ele ardia por saber o que se estava passando dentro do Sobrado agora.

— Mundo velho sem porteira! - repetiu Liroca. — Depois que a revolução terminou, muitos companheiros se bandearam pró outro lado do Uruguai. Eu fiquei, me entreguei, me prenderam nuis depois fui solto. Nunca mais o Curgo quis olhar pra mim, me virava a cara na rua, eu vivia rondando o Sobrado assim como um cachorro escorraçado.

Tu sabias que eu quis casar com dona Maria Valéria e ela nunca me deu confiança?

— Todo o mundo sabe disso - respondeu Cuca, impaciente. ·- Pois é.

Depois que a revolução terminou, ela me cortou também o cumprimento.

Liroca suspirou- Um cachorro começou a ladrar, longe. As raparigas Passavam pela calçada, e Cuca namorava-lhes casualmente as pernas.

Poi só em 1911 - prosseguiu José Lírio - , no tempo da campanha civilista, que voltei ao Sobrado, graças ao Rodrigo. Ele insistiu tanto com o Pai que o Curgo acabou dizendo: “Pois traga esse homem. O que- passou passou”.

E no dia que entrei naquela casa quase me lavei em Pranto não tenho vergonha de contar. Tudo graças ao Rodrigo! Então não hei de querer bem a esse homem? E se não emterrei a espanhola também foi graças a ele. E a Deus - acrescentou com alguma relutância.

Se tu tivesses morrido - disse-lhe Cuca em pensamento não se perdia nada. Mas vaso ruim não se quebra…

Um vulto apareceu numa das janelas do casarão. Cuca ficou alvoroçado: Quem será aquêle lá? - perguntou. — Acho que é o Eduardo…

Liroca pareceu não ter ouvido, porque disse:tenho a impressão que o Sobrado agora também está cercado como em 95.

— Cercado? Como?

— Sim Cuca sitiado. Os Cambarás estão lá dentro, acabam de perder uma batalha e todos nós estamos aqui fora dormindo na pontaria.

— Que comParação boba! - boba, não. Pensa bem. Tu e todos os outros esperam loucos que eles se entreguem e saiam de cabeça baixa, desmoralizados. Que ideia, um Cambará não se entrega. Ouve bem o que te digo.

Ninguém está dando tiro no Sobrado.

Liroca sacode a cabeça numa lenta e convicta afirmativa. Não estão dando tiro de espingarda nem de revólver mas estão dando tiro com a língua, estão falando mal da família. Cuca ninguém briga a peito descoberto, todos ficam de tocaia, atiram a traição.

Cuca sentiu que a conversa chegava aonde ele queria.

— E muitos desses que falam mal do Rodrigo - continuou o velho - já comeram na mesa dele, já beberam o vinho dele, já receberam favores das mãos dele. Mas o mundo é assim mesmo. Bem dizia o finado meu pai que…

Calou-se, sem revelar o que o finado dizia.

— Mas tu achas, Liroca, que tudo que contam do Rodrigo é mentira?

José Lírio voltou o rosto para o interlocutor.

— O Rodrigo é meu amigo, e para mim amizade é coisa sagrada.

Ninguém é perfeito, só santo, e lugar de santo é no altar ou no céu, não neste mundo. Homem sem defeitos não é bem homem.

— Mas tu não conheces a vida que o Rodrigo levou no Rio depois de 30…

— E tu conheces? Tu estavas lá?

— Não, mas ouvi dizer…

— Pois eu também ouvi dizer que andas metido com a mulher do Mendes da fábrica de sabão.

— É uma mentira! - vociferou Cuca, ficando muito vermelho mas achando melhor não insistir no assunto.

— Pois é. Tu vês como o povo fala sem motivo.

— Mas com o Rodrigo é diferente, Liroca.

— Não sei por quê…

— Ainda hoje encontrei a Anaurelina do Ponto Chie… Sabes o que ela me contou? Que foi o Rodrigo quem fez mal pra ela.

— Gabolices daquela mulata. O que ela quer é se dar importância.

— Não te lembras duma menina afilhada do Rodrigo?

— Não me lembro de nada e acho melhor ires calando a boca.

Cuca teve vontade de esbofetear o velho, que estava

simplesmente deitando a perder uma conversa que podia ser tão saborosa e cheia de revelações. Ninguém conhecia Rodrigo melhor do que José Lírio, que por tantos anos vivera no Sobrado, à sombra dos Cambarás.

— Eu só estou repetindo o que dizem por aí - explicou Cuca, cauteloso. — Também sou amigo do Rodrigo, devo muitos a ele.

— E quem não deve neste município e em muitos outros? Nunca vi homem de melhor coração nem amigo mais leal. O que era dele era do próximo. Ninguém fazia nenhuma injustiça perto do Rodrigo porque ele estava sempre do lado do mais fraco.

— Isso é verdade…

Liroca começou a enrolar um cigarro. As raparigas continuavam a passar, tagarelando e rindo.

— E se o Rodrigo tem defeitos - rematou o velhote, com um certo riso na voz - são defeitos lindos. — Repetiu com sigo: - Lindos defeitos. Lugar de santo é na igreja ou no céu, não neste mundo velho sem porteira!

Levou o cigarro à boca e acendeu-o. Cuca continuava a olhar para as janelas do Sobrado, por trás de cujas vidraças passavam vultos.

— Pra mim o Sobrado é como uma pessoa, como um amigo…

— prosseguiu Liroca. — Lá dentro passei as horas mais felizes da minha vida. Muita festa boa deu o Rodrigo depois que se formou… E por falar nisso, nunca me esqueço do dia que ele veio de Porto Alegre com o diploma de doutor. Me lembro muito bem: 20 de dezembro de 1909. Por sinal foi um verão muito quente e todo o mundo andava assustado porque diziam que em maio de 1910 ia aparecer um grande cometa, bater com o rabo na terra e o mundo ia a gaita. Lorotas! O mundo se acaba mas é pra quem morre. Mas, como eu ia dizendo - continuou, mudando de tom dando um chupão no cigarro - , quando correu a notícia que o Rodrigo ia chegar, pensei cá comigo: Quero ser o primeiro a abraçar esse menino. Encilhei o cavalo e de manhã cedinho, sem dizer nada pra ninguém, me toquei pra estação de Flexilha e lá fiquei esperando o trem, perto dos trilhos. Como sempre, o bruto chegou atrasado e tive de ficar uma boa hora na soalheira. Mas valeu a pena, Cuca, valeu. Porque eu queria que tu visses a cara do Rodrigo quando me avistou. Pulou do trem e veio correndo me abraçar…

José Lírio calou-se e soltou, junto com a fumaça que tragara, um suspiro de saudade arrancado das profundezas do peito.

Chantecler

Rodrigo saltou do trem e precipitou-se a correr na direção de Liroca.

— Cuidado, moço! - exclamou um homem que estava à janela do vagão.

— A demora aqui é curta.

Alvoroçado, Liroca apeou do cavalo e foi ao encontro do amigo.

Atiraram-se um nos braços do outro e ficaram por algum tempo a se darem sonoras palmadas nas costas.

— Liroca velho! - exclamou Rodrigo. — Que surpresa agradável!

A princípio o outro estava como que engasgado; por fim conseguiu falar: - Pois é. Vim especialmente pra te esperar. Quis ser o primeiro a te abraçar.

Rodrigo sentia o cheiro acre e quente da pele suada de José Lírio, e via-lhe os olhos muito injetados, pisca-piscando à luz crua daquele meio-dia de dezembro.

— Sei que és meu amigo de verdade, Liroca - disse, segurando com ambas as mãos os braços do outro.

— Até debaixo d'água, menino. Pró que der e vier.

— E como vai tua gente?

— Minha gente agora sou eu mesmo. Depois que a titia morreu, faz seis meses e oito dias, fiquei sozinho no mundo.

— Ainda tens amigos!

— Mas não são muitos, Rodrigo.

— Qual o quê!

Os lábios de Liroca tremeram, como se ele estivesse prestes a romper o pranto. De repente desabafou: - O Sobrado ainda está fechado pra mim - queixou-se. — Teu pai não quer saber do Liroca. Nem ele nem dona Maria Valéria.

— Temos que dar um jeito nisso, homem. Os meus amigos têm de ser amigos de meu pai.

Liroca baixou os olhos para a terra cor de ferrugem.

— Qual! A coisa não tem mais compostura.

Olhando por cima do ombro do amigo para a plataforma da estação, Rodrigo viu o agente, de boné escarlate, puxar na corda do sino, dando o sinal de partida. A locomotiva apitou. Rodrigo tornou a abraçar Liroca e depois afastou-se dele na direção do trem, que começava a movimentar-se. Voltou-se ainda para perguntar: - Estão me esperando na estação?

— Com banda de música! - bradou Liroca, as lágrimas a lhe

escorrerem pelas faces, misturadas com o suor. — Até por lá!

— Até por lá!

Rodrigo saltou para a plataforma do último carro e dali ficou a acenar para o amigo, tomado duma sensação que ele próprio achava difícil descrever. A expectativa da chegada deixava-o numa exaltação nervosa, à qual se juntava a irritação causada pelo calor e pelo desconforto daquela viagem longa, poeirenta e cansativa. Não conseguira dormir no hotel de Santa Maria, onde pernoitara, e agora ali estava com uma sensação de vácuo na cabeça, os olhos pesados, a fome como que a broquear-lhe o estômago.

As coxilhas se estendiam, cobertas de macegas, à luz intensa do sol a pino, e do chão escaldante subia um trêmulo vapor. Por alguns instantes Rodrigo permaneceu na plataforma a contemplar o campo e o céu, a aspirar, meio nauseado, a fumaça de carvão de pedra que a locomotiva despedia, e a ouvir o tantar cadenciado das rodas.

Era um ruído evocativo, aquele. Veio-lhe à mente a imagem de Toríbio. Quando meninos ele e o irmão gostavam de correr ao lado dos trens (ah, que fascinante mistério envolvia a palavra Auxiliaire pintada nos costados dos vagões!)

procurando imitar a voz resfolegante da locomotiva: já te pego já te largo - já te pego já 64 K largo… Pensando nisso, os olhos postos nas paralelas coruscantes dos trilhos a fugirem vertiginosamente para o horizonte, Rodrigo foi ficando tonto, de sorte que, à sensação de fome, cansaço e irritação, misturou-se a de vertigem e náusea. E suando frio, sentindo asperamente nos lábios partículas de poeira e carvão, voltou meio cambaleante para seu lugar, atirou-se no banco, reclinou a cabeça contra o respaldo e cerrou os olhos.

— Quer uma banana?

Rodrigo abriu os olhos. Quem lhe fazia a pergunta era o irmão marista que embarcara em Santa Maria e com o qual viera palestrando desde o amanhecer. Ali estava à sua frente o jovem religioso, com sua cara simpática e rosada, os olhos dum límpido azul, o cabelo à escovinha. Sorria dum modo aliciante, embora um pouco tímido, e lhe oferecia uma banana.

Rodrigo ia recusar, mas, pensando em que o enjoo talvez viesse do fato de ter o estômago vazio, tomou da banana e agradeceu.

Descascou-a, sempre com a cabeça recostada, e começou a comê-la.

Naquele instante entrou no carro um homenzarrão que vestia um pala-poncho de seda e bombachas pretas, trazendo à cabeça um chapéu de abas largas com barbicacho.

Negrejava-lhe, na face bronzeada de olhos oblíquos, um bigode espesso.

O homem caminhava com grande estardalhaço, gritando com

licenças que mais pareciam ordens que pedidos. Trazia debaixo do braço esquerdo a mala de pano, e debaixo do direito os arreios. Cabeças voltaram-se para o recém-chegado que, parando ao lado do marista, exclamou: - Ainda que mal pergunte, moço, este lugar tem dono?

— Não tem, não senhor - respondeu o marista, com ar submisso, ao mesmo tempo que se afastava para junto da janela, a medida de fazer espaço para o outro. O gaúcho sentou-se, depois de acomodar a mala e os arreios num vão entre dois bancos.

Rodrigo entreabriu os olhos e fitou-os no novo companheiro de viagem.

Não o conhecia.

— Que calor, não? - disse o irmão, para puxar conversa.

— E o senhor metido nessa batina deve se ver mal, hein? - observou o desconhecido. Tirou o chapéu e o pala e afrouxou o nó do lenço encarnado que lhe envolvia o pescoço. Olhou para o marista de soslaio e em voz alta, para que todos ouvissem, disse: - Tem padre no trem. É por isso que esta geringonça está atrasada.

O religioso sorriu amarelo e observou: - Oh! Creio que isso é apenas uma superstição. Era francês e falava com erres rascantes.

O outro soltou uma risada, que terminou num acesso de tosse.

— Mas o senhor não vá ficar brabo comigo - pediu, com os olhos cheios de lágrimas. — Não falei por mal. Gosto de brincar com as pessoas. Sou um tal de Maneco Vieira, tropeiro.

Estendeu a mão calosa, que o marista apertou timidamente, murmurando: - Irmão Jacques Meunier.

— Muito prazer.

O tropeiro começou a fazer um cigarro. O marista contou que ia lecionar no Colégio Champagnat, em Santa Fé. Maneco Vieira explicou a razão por que estava no trem com seus arreios. Tinha ido levar uma tropa a certa estância nas proximidades da estação de Flexilha e um touro xucro lhe matara o cavalo com uma chifrada.

— Não tive outro remédio senão entrar nesta droga - concluiu.

Vendo Rodrigo abrir os olhos, o marista disse: - Pois esse cavalheiro aí também é de Santa Fé. Acaba de formar-se em medicina pela faculdade de Porto Alegre. É o dr. Rodrigo Cambará.

O tropeiro franziu o cenho.

— Cambará? Parente do coronel Licurgo?

— Filho - respondeu Rodrigo, endireitando o busto.

— Não diga! - exclamou o gaúcho, apertando a mão do rapaz com efusão. — Muita tropa vendi pró seu pai. É um homem muito direito, dos antigos.

Entrecerrou os olhos e fitou-os longamente no rosto de Rodrigo, como para estudá-lo melhor.

— Mas não me lembro do senhor. Conheço bem é o seu mano, o Toríbio.

— Tenho estado sempre em Porto Alegre estes últimos anos… Rodrigo percebeu que o tropeiro o examinava da cabeça aos pés, detendo o olhar crítico sobre suas botinas de verniz com cano de camurça.

— Pelo que vejo - observou Maneco Vieira - o amigo agora já tem licença do governo para matar gente, não?

Disse isso e soltou uma gargalhada. O marista olhou vivamente para Rodrigo, como para ver se devia ou não achar graça na observação do tropeiro; e como visse o moço sorrir, sorriu também, mas à sua maneira tímida e vaga.

Rodrigo contemplava o gaúcho com simpatia. Gostava do tipo, que lhe lembrava um pouco o velho Fandango.

— Queira Deus que o senhor não venha a cair um dia nas minhas mãos!

— troçou ele.

O tropeiro picava fumo com seu facão de lâmina enferrujada.

— Nunca fiquei doente em toda a minha vida, moço - retrucou ele, botando a faca na bainha e começando a amassar com a mão direita o fumo depositado no côncavo da esquerda.

Desde que a viagem começara, Rodrigo fizera camaradagem praticamente com quase todos os passageiros do vagão. Discutira política com o coronel da Guarda Nacional que embarcara em Restinga Seca e era partidário da candidatura do marechal Hermes à presidência da República. Empenhara-se num torneio de anedotas com um caixeiro-viajante que descera do trem em Cachoeira. Em Santo Amaro, ao ver na estação uma velhinha solitária prestes a embarcar, tomou-lhe do baú de lata, ajudou-a a subir para o carro, acomodou-a num banco e passou o resto da viagem a cuidar dela, dando-lhe frutas, trazendo-lhe água, chamando-lhe todo o tempo de vovó. Em Santa Maria levara-a para seu hotel, pagara-lhe todas as despesas e no dia seguinte tornara a acomodá-la no trem da serra, num banco ao lado do seu. Agora lá estava ela, com sua cara murcha e terrosa, e seus olhos líquidos; de quando em quando, 67 sorria para Rodrigo como a dizer-lhe: “A velha ainda está aqui e vai indo muito bem. Obrigado por tudo, meu filho”.

Maneco Vieira começou a fazer perguntas sobre o Angico, a estância dos Cambarás. Rodrigo respondeu-as como pôde e deixou morrer a conversa. Queria agora ficar em silêncio e paz para pensar. Dentro de vinte minutos estaria em Santa Fé, e isso o deixava comovido. Daquela vez não se tratava de voltar apenas para as férias de verão: ficaria para sempre. Para sempre! E a ideia de que terminara o curso e ia começar a viver, mas por conta própria, com

responsabilidade de médico e talvez muito breve (quem sabe?) de chefe de família - causava-lhe um alvoroço agradável. Tornou a recostar a cabeça no respaldo do banco e a fechar os olhos. O trem corria agora com maior velocidade; o vagão sacolejava e as rodas continuavam no seu matraquear duro e ritmado.

— Vamos socando canjica, padre - gritou Maneco Vieira.

Rodrigo sorriu sem descerrar os olhos. Pensava nos colegas a quem havia pouco dissera adeus: via-os desfilar em companhia das muitas pessoas que tinham povoado seu mundo de estudante: os hóspedes da pensão onde passara o último ano; o bedel da faculdade, com sua asma e suas casmurrices; o encarregado do necrotério, com sua quebradeira crônica, sempre a pedir dinheiro aos acadêmicos, a criadinha morena que arrumava os quartos da pensão, e que passara pela cama de todos os hóspedes solteiros; namoradas efêmeras que tivera na Cidade Baixa, moças janeleiras que cheiravam a Corilopsis do Japão ou Floramie de Pivert… Cenas da cerimônia da colação de grau passaram-lhe rápidas pelo campo da memória, como paisagens noturnas entrevistas fugazmente à luz de relâmpagos. Mas foi com uma lenta volúpia que ficou a recordar a última farra que fizera com os colegas na casa de Mélanie. Que grande mulher! Emprestava dinheiro aos estudantes quando estes estavam em apertos, e cuidava deles quando adoeciam. A turma mantinha com ela uma espécie de conta-corrente que nunca chegava a encerrar-se; e agora que os recém-formados voltavam para suas casas, em diversas localidades do estado, a conta ficaria com um eterno saldo favorável à francesa. Mélanie merecia um monu- mento!

Era curioso - refletia Rodrigo - mas a voz daquele marisca lhe lembrava a da prostituta. Abriu os olhos, fitou-os no rosto do religioso, que comia uma banana, enquanto o tropeiro lhe descrevia um duelo a facão que presenciara no município de Soledade, entre dois estancieiros.

— Ficaram os dois estendidos no campo, se esvaindo em sangue…

Rodrigo voltou a cabeça para a direita a fim de ver como estava sua "avó". A velhinha dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador, e ele, sorrindo também, tornou a fechar os olhos.

Num banco próximo, dois homens conversavam em voz muito alta sobre o cometa de Halley. Almanaques e jornais marcavam o aparecimento do grande cometa para maio do ano próximo. Temia-se a possibilidade de sua cauda bater na Terra, partindo-a em pedaços.

— E se bater - disse um dos homens, com sotaque alemão - kapiitr. Era uma vez a Terra.

O homem com quem o teuto-brasileiro conversava, um velhote magro que fumava um toco de charuto, tinha uma voz estrídula: - Vai ser um castigo de Deus - proclamou ele - por causa das malvadezas do

nosso mundo. O senhor se lembra do que aconteceu na Rússia há cinco anos? O czar mandou massacrar o povo. Depois, foi aquela guerra braba com o Japão. Tivemos o desastre do Aquidabâ. E a vergonheira de Canudos. Nós aqui mesmo no estado vimos o caso dos fanáticos do Ferrabrás, os Muckers. Isso para não falar nos banditismos e nas ladroeiras da politicagem. Lhe digo, amigo, o mundo está bem louco. Não duvido que Deus ande com tenções de acabar com esta porcaria. E o melhor jeito, mesmo, é um bom cometa.

Maneco Vieira escutava, com um dos olhos fechados e o outro muito aceso.

Voltou a cabeça para o marista e perguntou: - O senhor acredita que o mundo vai acabar assim de repente?

Irmão Jacques limpou os lábios com um lenço cheio de nódoas de sebo e respondeu: - Se Deus quiser que o mundo acabe, o mundo acabará.

— Mas o senhor acha que Deus quer?

— Como é que vou saber?

— Ué! O senhor não é padre?

— A culpa é nossa, se o mundo acabar - intrometeu-se o senhor gordo que comia uma perna de galinha com farofa, num dos bancos vizinhos. — O povo está ficando louco.

Meu filho, que é professor público, leu no jornal que lá nas Europas já andam voando numa máquina, diz-que inventada por um patrício nosso. Pois é. Onde se viu homem voar? Deus tez o homem pra andar com os pés na terra ou então montado no lombo dum cavalo. Voar é pra passarinho.

Calou-se, fincou os dentes na perna de galinha, arrancou-lhe um bom naco de carne, ficando com a ponta do nariz e os beiços salpicados de farofa.

— Se um dia eu enxergar esse tal de aeroplano voando por perto de mim - ameaçou Maneco Vieira sem tirar o cigarro da boca - palavra de honra que arranco o revólver e meto bala no bicho.

— Há maldade por demais em toda a parte - disse o homenzinho do charuto. — Aqui mesmo no município de Santa Fé se vê muita malvadez. Um dia destes deram um tiro no peito do Joaquim Piririca. E sabem o que fizeram pró filho do capitão]anguta a semana passada? Amarraram o rapaz numa árvore e degolaram ele com um talho de orelha a orelha. E os criminosos andam soltos por aí como gente de bem.

— E essa história de vacina obrigatória? - interveio o homem gordo, brandindo a perna de galinha. — Não é mesmo coisa de gente louca?

Onde é que estamos?

O velhote concluiu: - O que merecemos mesmo é um bom fim de

mundo. Atirou o toco de charuto pela janela, num gesto indignado. O teuto-brasileiro declarou que pelas dúvidas ia dar tal jeito em seus negócios, que em maio estaria em casa com a família. “A gente nunca sabe…” - explicou. O velhote de voz estrídula retrucou 70 que o melhor era que cada um desde já começasse a arrepender-se de seus pecados, a orar e a fazer boas obras.

Rodrigo sorria, pensando na carta que sua madrinha Maria Valéria lhe escrevera em princípios daquele dezembro, e na qual lhe pedia que viesse para casa o quanto antes, porque “dizem que vem aí um tal de cometa e que é o fim do mundo, eu não acredito muito nessas bobagens mas é sempre bom a gente estar de sobreaviso”. Como aquilo era típico de sua tia! - pensou Rodrigo. Não só dela mas de todas as mulheres do Rio Grande. Eram realistas, sabiam por experiência não só própria como também herdada, que as coisas más sempre acontecem.

Rodrigo, entretanto, não acreditava naquelas histórias. Não passavam de superstições. Quantas vezes, no decorrer dos séculos, sábios, santos e profetas haviam predito o fim do mundo? No entanto a Terra ali estava, inteira, bela, tranquila e farta - refletiu ele, debruçado à janela do carro, a contemplar a paisagem nativa com olhos de namorado.

O fim do mundo? Não. Para ele era o princípio do mundo. Estava formado, era moço, tinha pai rico, amava sua casa, sua gente, sua terra: adorava a vida. Com a cabeça para fora do vagão e achando um sabor ríspido e quase heroico em receber na cara o bafo do forno da soalheira e a poeira da estrada, Rodrigo ficou a pensar nas grandes coisas que pretendia fazer. Não se conformaria com ser um simples médico da roça, desses que enriquecem na clínica e acabam criando uma barriguinha imbecil. Não.

Estava decidido a não abandonar os livros, nem seu contato espiritual com a Europa. Reformaria o Sobrado, alegraria aquelas paredes austeras, pendurando nelas reproduções de quadros de pintores célebres; forraria o chão de belos tapetes fofos e espalharia pelas salas poltronas cômodas. E para não pensarem que não respeitava o passado e a tradição, conservaria os móveis antigos, o grande relógio de pêndulo da sala de jantar, o espelho de moldura dourada, o consolo de jacarandá, 71 enfim as peças do mobiliário que, a seu arbítrio, parecessem dignas de continuar. Queria, em suma, dar melhor aspecto e trazer mais conforto àquela casa que ele tanto amava e da qual não pretendia jamais separar-se.

O marista terminava de comer a última banana. A cabeça de Maneco Vieira estava envolta na fumaça azulada que lhe saía do cigarrão de palha, e Rodrigo notou que o gaúcho de novo examinava com olho crítico suas botinas de cano de camurça.

Tornou a olhar para fora e, vendo os campos do município de Santa Fé, pensou nos primeiros paulistas que por ah haviam andado no século XVIII, à caça de índios e cavalos selvagens; e nos tropeiros que mais tarde vieram de Sorocaba a comprar mulas… Era quase certo que entre essa gente remota havia antepassados seus. Pensou nos muitos Terras e Cambarás que tinham cruzado aquelas mesmas coxilhas com suas tropas, suas carretas ou seus soldados, em andanças de paz ou de guerra. Rodrigo crescera ouvindo contar as proezas dum fabuloso bisavô, seu homónimo, uma espécie de espadachim aventureiro que amava a guerra, as mulheres, o violão e o baralho.

Ninguém na família lhe sabia ao certo a origem, pois contava-se que, quando lhe perguntavam donde viera, o capitão respondia com um gesto largo: “De muitas guerras”.

Rodrigo sempre tivera orgulho desse antepassado quixotesco. E por aqueles campos que ele agora via da janela do trem em movimento, na certa passara um dia o capitão Rodrigo Cambará, montado no seu flete, de espada à cinta, violão a tiracolo, chapéu de aba quebrada sobre a fronte altiva. De certo modo ele simbolizava a tradição de hombridade do Rio Grande, uma tradição - achava Rodrigo - que as gerações novas deviam manter, embora dentro dum outro ambiente.

Tinham-se acabado as guerras com os castelhanos. As fronteiras estavam definitivamente traçadas.

Trilhos de estrada de ferro cortavam os campos, e ao longo dessas paralelas de aço, através de centenas de quilómetros, estavam plantados postes telegráficos. Em algumas cidades havia já telefones e até luz elétrica. Os inventos e descobrimentos da ciência, as máquinas que a inteligência e o engenho humano inventavam e construíam para melhorar e facilitar a vida, aos poucos iam entrando no Rio Grande e um dia chegariam também a Santa Fé. Agora naquele trem viajava um homem de vinte e quatro anos que trazia nas veias o sangue do capitão Rodrigo.

Era o primeiro Cambará letrado na história da família, o primeiro a vestir um smoking e a ler e falar francês. Levava na mala um diploma de doutor (e agora uma imagem maravilhosa lhe ocorria) e podia, ou melhor, devia usar esse diploma como o capitão Cambará usara sua espada: na defesa dos fracos e dos oprimidos. O fato de o progresso ter entrado no Rio Grande não significava que o cavalheirismo e a coragem do gaúcho tivessem de morrer. Não! Seu penacho devia ser mantido bem alto, pensou Rodrigo num calafrio de entusiasmo. Sim, manter o penacho - podia resumir nessa simples frase todo um másculo programa de vida. O capitão Rodrigo nunca manchara o seu…

Não só ele, mas milhares de outros homens naquele Estado

haviam morrido na defesa de seus penachos. Aqueles campos tinham sido teatro de duelos, revoluções e guerras.

Aquela terra se havia empapado de muito sangue. Essas coisas - decidiu Rodrigo - não podiam de modo algum ficar esquecidas ou ignoradas.

Tinham uma significação tremenda, eram uma lição permanente às gerações moças.

Vieram-lhe à mente os versos finais de Cyrano de Bergerac. Como ele vibrara ao ler pela primeira vez a cena da morte de Cyrano! Agora tornava a ver mentalmente o feio e grotesco herói de Rostand, a esgrimir no ar a espada e o imenso nariz contra inimigos imaginários, bradando: Oiti, vous m 'arrachcz tout, lê Inurier et In rose! Arrachez! II y a rnalgré vous quelque chose Que j'emporte, et cê son, quand j'entrerai chez Dieu, Mon salut balaiera largement lê senil bleu, Qiielque chose que sans un pli, sans une tache, J'emporte rnalgré vous, et c'est Roxana se inclina sobre Cyrano e beija-lhe a fronte, perguntando: C'est?…

E o herói, abrindo os olhos e reconhecendo a bem-amada, termina: Mon panache. .

Mais forte que a sensação de náusea, fome e cansaço, Rodrigo sentiu novo calafrio de entusiasmo. E ficou ouvindo as rodas do trem, que pareciam dizer cadenciadamente: mon-pa-na-che-monpa-na-che-mon-pa-na-che…

— Está sentindo alguma coisa, moço?

Era o vozeirão do tropeiro. Rodrigo abriu os olhos, meio alarmado, e fitou-os em Maneco Vieira: Oh! Não. Estou só meio cansado.

O gaúcho olhou para fora e disse: - Estamos perto de Santa Fé. Já se enxerga o cemitério. Rodrigo avistou em cima duma coxilha os muros brancos do cemitério, e seu pensamento levou-o de volta a uma noite terrível, à mais viva recordação de sua infância.

II Às dez horas daquela noite de dezembro de 1899 o Sobrado estava já silencioso, com suas gentes recolhidas, e todas as luzes apagadas.

Todas? Não. Quem da praça olhasse para a fachada do casarão veria duas vidraças no andar superior tingidas duma luz alaranjada. Eram as janelas do quarto de Toríbio e Rodrigo. Sentados em suas camas, com as costas apoiadas nas cabeceiras de ferro, os dois meninos liam à luz dum lampião de querosene. O primeiro deles tinha nas mãos uma velha brochura - O mistério da Estalagem - e seus olhos estavam fixos na página amarelada, a boca entreaberta, a testa franzida esforço da atenção concentrada; a respiração forte escapava-lhe pelas narinas em silvos sincopados.

Rodrigo, que naquele instante chegara à última página de As

minas de prata, atirou a brochura no chão, estendeu-se na cama e, puxando a barra do camisolão para cima do peito, ficou de pernas nuas e abertas a olhar para o teto.

Inspirou com força, encheu os pulmões de ar, depois expirou lentamente pelo nariz, friccionando o baixo-ventre e achando gostoso o contato de seus dedos mornos e meio úmidos. Por alguns segundos as personagens do romance moveram-se e falaram em seus pensamentos: Estácio, Cristóvão, Ines… Depois, todos se sumiram e ficou apenas Inês. Rodrigo começou a despi-la devagarinho, e seus dedos já não mais friccionavam o próprio ventre: agora acariciavam os ombros nus de Inês, desciam-lhe pelas costas, pelas nádegas, pelas coxas…

Um calor formigante começou a tomar-lhe conta do corpo. Tu me leva mesmo na casa da Noca? - perguntou ele.

Toríbio lançou-lhe um olhar casual e respondeu: - Já disse que levo. Mas tira essa mão daí, porcalhão! Rodrigo baixou a camisola, remexeu-se na cama e ficou deitado de borco, com os punhos cerrados apertados entre o colchão e o peito.

— Mas quando? - insistiu ele. Como falasse com a boca contra o travesseiro, sua voz saiu abafada. Agora ele beijava Inês, cuja pele era branca e lisa como uma fronha de linho.

— Qualquer dia…

— Mas que dia?

— Cale essa boca!

Bio já conhecia mulher, pitava cigarros de palha às escondidas, sabia e fazia tudo que um homem grande sabe e faz.

— Me leva amanhã…

Rodrigo babava o travesseiro, sentindo agora mais forte o surdo pulsar do coração. Toríbio, que continuava com a atenção concentrada na leitura, umedeceu na língua a ponta do indicador e virou uma página. A cena que lia era tão excitante - um duelo à beira dum precipício - que ele murmurava: A k fresca… Ia fresca… Rodrigo ficou a escutar o ruído crepitante que vinha dum dos cantos do quarto.

Decerto eram ratos roendo o rodapé: todas as noites, depois que a casa ficava em silêncio, eles vinham e começavam seu trabalho. Ele ouvira contar histórias terríveis sobre aqueles bichos. Um dia um homem estava dormindo e um tato subiu para a cama e começou a roer-lhe os pés…

Encolheu as pernas e apertou as mãos entre os joelhos. Houve então um prolongado silêncio naquele quarto de paredes nuas e caiadas, com um pesado guarda-roupa de cedro encostado à parede que dava para o corredor, e entre as duas camas de ferro, uma mesinha-de-cabeceira onde estava o lampião, de cuja manga subia uma fumaça escura e espessa.

Rodrigo cerrou os olhos e começou a contar nos dedos os dias que faltavam para o fim do ano. Dez! Lembrou-se das palavras do pai, naquele anoitecer, à hora do jantar: “Nem todas as pessoas podem se gabar de ter visto entrar um século novo. A bisavó de vocês, meninos, nasceu em princípios dos mil e oitocentos e quase 76 chegou a ver a entrada dos mil e novecentos”. Rodrigo só queria saber se no novo século as pessoas iam mudar, se a cara dos dias ia ser a mesma… Será que a gente nota alguma diferença no sol, no céu, no ar?

Vai mudar alguma coisa quando entrar o século XX? - perguntou, abrindo os olhos.

Sem desviar a atenção do romance, o irmão resmungou: - Vai.

— O quê?

— A folhinha.

— Besta!

Rodrigo sabia de muitas mudanças importantes em sua vida que o novo século ia trazer. Em março de 1900, ele e Toríbio seriam mandados para um internato em Porto Alegre, a fim de tirarem os preparatórios. Só de pensar nisso sentia um frio na barriga, um aperto no coração. Em 1900 ele ia conhecer mulher…

Toríbio fungava, coçando ferozmente a cabeça. Rodrigo olhava para a sombra do irmão projetada na parede e pensava na lanterna-mágica que o pai lhe prometera como presente de Natal.

De repente ouviu-se um estalo, e a porta do quarto abriu-se bruscamente.

Rodrigo sentou-se na cama, sobressaltado. Toríbio alçou vivamente os olhos. Emoldurada pela porta, com uma das mãos no trinco e a outra a segurar o castiçal com uma vela acesa, a figura de tia Maria Valéria se desenhou contra o fundo escuro do corredor.

— Alarifes! - exclamou ela. — Eu não disse pra apagarem a luz? Logo vi que iam desobedecer.

Rodrigo tornou a deitar-se, encolhido e humilde, puxando a colcha até o queixo e fechando os olhos, sem dizer palavra. Toríbio, porem, atirou a brochura com força contra a parede e apagou o lampião com um sopro, de mistura com muito cuspe e muito ódio.

Maria Valéria aproximou-se da cama do sobrinho e exclamou: - Ainda por cima malcriado!

Apanhou o lampião de cima da mesinha e voltou-se para sair.

deteve-se, como quem se lembra de alguma coisa, pousou o 77 lampião no chão, meteu a mão debaixo do colchão da cama de Toríbio e de lá tirou três tocos de vela.

— Eu bem que desconfiava… Tem mais?

Por um instante Toríbio ficou calado. Havia coberto a cabeça com a colcha e rilhava os dentes. A tia alteou a voz: - Tem mais?

— Não - respondeu ele, de lábios apertados.

— Então durmam.

Tornou a apanhar o lampião e caminhou para a porta. Sua sombra recortava-se na parede e, como um enorme boneco de papel, dobrava-se ao meio e continuava horizontalmente no teto.

Mal a tia desapareceu, Toríbio vociferou sem tomar fôlego: - Nojenta bruaca cadela!

— Não diz nome pra minha madrinha! - censurou-o Rodrigo.

— Digo e sustento.

— Tu tem boca suja.

Toríbio abriu as janelas de par em par: a noite entrou no quarto com seu tépido bafo perfumado de madressilvas e a mansa claridade duma lua em quarto crescente.

Toríbio atirou as pernas para fora da cama e ali ficou, no seu camisolão muito comprido, os cotovelos apoiados nas coxas e ambas as mãos a segurar o rosto. Rodrigo imitou-o.

— Sabe duma coisa? - disse Bio, depois de alguns segundos. — Vou arranjar uma vela.

— Mas onde?

— No cemitério.

Rodrigo engoliu em seco. Decerto não tinha ouvido direito…

— Onde?

— No cemitério. Está surdo?

Rodrigo não sabia que dizer. Finalmente arriscou: - É brinquedo, não é?

— Não. É sério.

— Ué?

— Defunto não precisa de vela. Eu preciso, quero acabar de ler o meu romance.

Ergueu-se, tirou o camisolao e ficou completamente nu no meio do quarto.

Tinha um torso musculoso e bíceps maciços. Rodrigo admirava o irmão, que às vezes o fazia pensar num touro xucro. Era difícil acompanhá-lo em suas aventuras.

Bio era bruto achava ele - só gostava de brinquedos violentos. Vivia a provocar brigas, e o pior era que só procurava lutar com meninos mais velhos que ele. Um dia convidou um mulato de dezessete anos para “pular pra fora” e aplicou-lhe de saída um soco no queixo.

O outro perdeu o equilíbrio e caiu, mas quando Bio saltou para cima dele, o mulato o esperou de faca em punho e conseguiu feri-lo no braço. Mesmo assim Bio tirou a faca da mão do inimigo, jogou-a longe e ficou a esmurrar-lhe a boca, os olhos e a cabeça, até obrigá-lo a pedir perdão. Voltou depois para casa perdendo muito sangue, e o dr. Matias teve de dar-lhe seis pontos no talho. Bio aguentou o curativo

sem soltar um ai.

Sentado na cama, Rodrigo contemplava o irmão sem compreender direito o que ele pretendia fazer. Toríbio calçou as alpercatas, enfiou as calças de riscado, vestiu a camisa e perguntou: - Tu vai ou não vai comigo ao cemitério?

— Eu?

— Aaah! Tu é um galinha!

Rodrigo, que não suportava que o considerassem covarde, sentiu um formigueiro no corpo.

— Galinha é a tua mãe! - replicou ele automaticamente.

— Minha mãe é morta e merece missa - retrucou Bio. — A tua é viva e merece…

Calou-se antes de soltar o palavrão, lembrando-se decerto que eram ambos filhos da mesma mãe.

— Deus te perdoe - pensou Rodrigo. E por alguns momentos teve na mente um quadro triste: o velório, lá embaixo, na sala grande - a chuva a bater nas vidraças, papai de preto, os olhos vermelhos, e, estendida no caixão feito pelo Pitombo Defunteiro, mamãe toda coberta de flores, um lenço branco sobre o rosto… E agora ela estava sepultada no jazigo da família, no cemitério; e era a esse cemitério que o maluco do Bio queria ir àquela hora da noite, para roubar velas. Mas não… decerto ele estava só brincando.

Rodrigo tornou a deitar-se, conservando sempre as pernas para fora da cama.

— É bom tu não ir - disse o outro. — Não quero nenhum calça frouxa pra me atrapalhar.

Rodrigo olhava para o teto.

— Não sou medroso - murmurou.

— Duvido.

— Te mostro.

— Então te veste e vamos.

Rodrigo não se moveu. Teve a impressão de que seu coração não estava dentro do peito: pulsava-lhe na garganta, quase a afogá-lo. O suor escorria-lhe pela testa e começava a empapar-lhe o camisolão. Quando falou, foi num tom de voz cauteloso.

— Por que não vamos amanhã de manhã?

— Não tem graça. De dia qualquer maricão vai.

— Mas o cemitério é tão longe…

— Vamos no petiço.

— Mas como é que a gente vai sair daqui?

— Pela porta dos fundos.

— E se o papai nos ouve?

— Não ouve.

— A madrinha ainda está acordada…

— Nós nos esgueiramos. Esgueiramos era uma palavra de romance.

Rodrigo soergueu-se e ficou por um instante meio entontecido, sem saber que fazer. Por fim começou a tirar o camisolão com certa relutância.

— E se tu comprasse as velas amanhã na loja do seu Veiga? Tenho um patacão guardado no cofre.

Bio aproximou-se do irmão, segurou-lhe o braço com força e disse: - Ninguém me faz desistir. Foi uma aposta que fiz.

— Aposta? Com quem?

— Com o diabo.

— Hein?

Toríbio riu baixinho.

— Não seja bobo. Li isso num livro. Um homem apostou com o diabo como era capaz de ir ao cemitério à meia-noite.

— A troco de quê?

— Se ele fosse e não sentisse medo, o diabo fazia ele achar um panelão cheio de moedas de ouro.

— E se tivesse medo?

— O diabo ficava com a alma dele.

Rodrigo agora estava de pé, nu, o camisolão caído a seus pés.

— Vamos ou não vamos?

— Se eu for, que é que eu ganho?

— Te levo na Noca amanhã.

— Amanhã? Palavra de honra?

— Palavra de honra.

Rodrigo vestiu-se com uma rapidez nervosa. Depois de enfiar as calças, pôs a mão no ombro do irmão e disse: - Tu vai ver como eu também sou homem.

O coração começou a bater-lhe com mais força quando abriram a porta do quarto e passaram para o corredor, pé ante pé.

— A escada guincha - ciciou Bio. — O melhor é a gente descer pelo corrimão.

Montou no corrimão e deslizou maciamente para baixo, sem ruído.

Rodrigo fez o mesmo. No vestíbulo deram-se as mãos e ncaram un instante procurando orientar-se na escuridão. A luz do luar, coada pelas bandeirolas das janelas, mostrou-lhes o caminho. Atravessaram a sala lentamente (com o rabo dos olhos, Rodrigo viu vultos moverem-se dentro do espelho grande) e por fim chegaram A cozinha. Bio retirou a tranca, deu volta à chave e abriu a porta devagarinho.

Saíram. A quietude da noite estava picada pelo trilar dos grilos, e as árvores do quintal, imóveis ao luar, pareciam pessoas a espreita. Da

padaria vizinha vinha um cheiro bom de pão quente.

Atravessaram o quintal, esgueirando-se por entre as sombras, roram até a estrebaria e Toríbio tirou para fora o petiço.

— Temos de ir em pelo - disse. — Vai abrir o portão.

Trémulo de comoção, Rodrigo obedeceu. Bio montou no animal, segurou-lhe as crinas com ambas as mãos e fincou-lhe os calcanhares nos flancos. O petiço atravessou o portão e Toríbio fê-lo estacar junto do meio-fio da calçada.

Rodrigo tornou a fechar o portão. O outro estendeu-lhe a mão: - Vamos. Upa!

Rodrigo subiu para a garupa, enlaçando o irmão com os braços.

— Vamos, zainito! - murmurou Bio. O petiço começou a trotar, levantando poeira do chão. Os lampiões iluminavam mortiçamente as ruas desertas. O luar refletia-se nas vidraças das casas adormecidas.

Rodrigo estava já arrependido da aventura. Aquilo tudo ia terminar mas era numa grande sova de vara de marmelo. O Bio era bem louco!

Desceram na direção do riacho, atravessaram a ponte de madeira e entraram no Barro Preto. Toríbio fez o animal estugar o passo. Aquela era uma zona perigosa onde quase todas as noites havia tiroteios e badernas. A luz da lua clareava as ruas esburacadas e irregulares, e duma casa de tábua, por baixo de cuja porta se via um risco de luz, vinham sons de gaita, vozes e risadas de homens e mulheres.

— Tu me leva mesmo amanhã na Noca? - perguntou Rodrigo já um pouco sem entusiasmo.

— Já disse que levo.

Toríbio começou a assobiar baixinho uma toada campeira. Vinha do riacho um cheiro morno de barro. Começaram a subir a encosta duma coxilha, já em pleno campo.

A solidão era assustadora. Depois de alguns minutos de marcha, avistaram o cemitério, no topo da próxima coxilha, e Rodrigo sentiu um aperto no peito, a garganta ardida, a saliva grossa e gosmenta, as pernas frouxas e um frio tremor nas mãos. O petiço, porém, trotava sempre, subindo a encosta, e o cemitério ia ficando cada vez mais perto…

Quando chegaram a uns vinte metros, Toríbio fez o cavalo parar e apeou. Rodrigo deixou-se escorregar tremulamente pelos flancos do animal e quando suas pernas tocaram o solo teve a impressão de que elas não iam aguentar o peso do corpo. Ficou a olhar para o cemitério, num fascínio cheio de horror.

Foríbio tomou-lhe da mão e puxou-o, aproximando-se do grande portão de ferro, em cujo frontão se via uma caveira por cima de dois fémures cruzados. Toríbio levou a mão à aldraba e Rodrigo teve uma

súbita e doida esperança: se o portão estivesse fechado, eles teriam que voltar para casa, pois era impossível galgar aqueles muros tão altos. O portão, porém, se foi abrindo devagarinho, com um guincho.

Toríbio puxou-o pela mão e ele se deixou arrastar. Seus pensamentos estavam confusos, e já começava a achar que tudo aquilo não passava dum sonho. Tinha a impressão de que suas pernas eram de papel. O coração batucava-lhe no peito, o sangue soqueava-lhe os ouvidos e um pavor gelado começou a passear-lhe por todo o corpo. A boca ressequida, encolhido e trémulo ele seguia o irmão. Não tinha coragem de olhar para os lados nem de pensar no que pudesse estar acontecendo às suas costas. O que via pela frente eram as sepulturas caiadas que tinham ao luar esse branco sujo das ossadas. E as sombras dessas sepulturas lembravam o negror de covas abertas à espera de cadáveres. O chão do cemitério era rofo como as carnes dum defunto que começa a apodrecer.

Toríbio caminhava em silêncio por entre túmulos, jazigos e cruzes, e Rodrigo sentia um arrepio cada vez que lhe parecia estar pisando a terra duma sepultura rasa.

Deus me perdoe - murmurava ele mal mexendo com os lábios - Deus me perdoe, Nossa senhora da Conceição me ajude, não tenho culpa, Deus me perdoe, foi ideia do Bio.

Toríbio fez alto, largou a mão do outro, acocorou-se junto de um túmulo e começou a apanhar tocos de velas e a metê-los nos bolsos.

Sem o apoio do irmão, Rodrigo sentiu-se ainda mais 83desamparaclo. Fechou os olhos, quis dizer: “Bio, isso é pecado. Vamos embora”, mas a mão fria do medo tapou-lhe a boca e começou a apertar-lhe as tripas com tanta força que, de súbito, num tremor e num desfalecimento, Rodrigo sentiu que suas entranhas se esvaziavam, e que pelas coxas e pernas lhe escorria uma coisa visguenta e quente. Sentiu que outra vez o irmão lhe tomava da mão e fazia-o andar. Deixou-se levar, numa sensação de medo agora misturada com uma vaga vergonha. Ao pé duma sepultura de alvenaria, encimada por um Cristo de pedra, ardiam três velas. Bio ajoelhou-se como se fosse fazer uma oração, soprou as chamas e guardou as velas no bolso.

Rodrigo teve a impressão de que o braço dum esqueleto ia pousar-lhe no ombro. Remota, a voz da mulata Laurinda soou-lhe na memória. Uma vez um homem apostou com outro como era capaz de entrar sozinho no cemitério à meia-noite. Era uma noite fria de inverno e ele ia de poncho. Caminhava pisando nas sepulturas, quando de repente sentiu que alguém lhe puxava o poncho. O homem, que sofria do coração, caiu morto de susto. Foi um defunto que puxou a capa dele, Laurinda? Não. Foi o poncho que se enroscou numa cruz.

Rodrigo teve a repentina esperança de que tudo aquilo fosse um

sonho.

Muitas vezes, quando sonhava, dizia a si mesmo: “Sei que estou dormindo e daqui a pouco vou acordar”. Sim, aquilo só podia ser um pesadelo.

Foríbio estava agora empenhado em tirar os pequenos tocos de velas apagadas que cercavam uma sepultura rasa. O cheiro de sebo queimado entrava pelas narinas de Rodrigo, que começou a sentir náusea. Era um cheiro de velório. Lembrou-se do velório de sua avó Bibiana e das grandes velas cujo reflexo no espelho grande da sala ele ficara por muito tempo a observar com um interesse fascinado. Ocorreu-lhe, num susto, que o corpo da velha ali estava, não muito longe dele, no mausoléu da família Cambará.

Encolheuse todo, temendo ouvir a voz da bisavó: “Seus alarifes! Voltem já pra casa. Então isso é coisa que se faça? No cemitério a esta hora!” Sim, vovó Bibiana estava ali pertinho, naquela casa de pedra. Podia até aparecer à porta e gritar: “Entrem, meninos. Venham fazer uma visita pra gente. A mãe de vocês também está aqui. Olhe, Alice, as crianças vieram nos visitar. Entrem”.

Imaginou a avó a aproximar-se deles com uma lata nas mãos: "Sirvam-se destas rapadurinhas de leite. São muito boas, feitas de velas de sebo, de sebo de defunto.

Foi sua bisavó que fez". Rodrigo teve uma ânsia de vômito e começou a bater queixo.

— Vamos, galinha! Estás todo borrado - murmurou Toríbio, que tinha os bolsos gordos de velas, Rodrigo queria pedir ao irmão que falasse baixo, para que a mãe e a avó não lhe ouvissem a voz. Toríbio franziu o nariz, cuspiu no chão, com nojo, e ordenou: - Abre os olhos, medroso!

Rodrigo obedeceu. Viu à luz da lua uma floresta de cruzes, o

branquejar dos muros lá no fundo e, por cima de tudo, o céu carregado de estrelas.

— Eu não te disse? - tornou Bio. — Não existe alma do outro mundo.

Quem morre se acaba.

Naquele instante ouviram um ruído fofo e claro, como o de uma pá entrando na terra. Rodrigo segurou com força a manga da camisa do irmão. Toríbio ficou à escuta…

— Te agacha! - sussurrou ele, ao mesmo tempo em que se punha de cócoras. Rodrigo obedeceu, mas suas pernas estavam tão iracas, que ele caiu sentado como um peso morto.

— Fica aqui que eu já volto…

Engatinhou até uma sepultura alta e, erguendo-se devagarinho com toda a cautela, por trás dum anjo de mármore, espiou… Começou depois a acenar para Rodrigo, convidando-o freneticamente a

aproximar-se. Rodrigo levou algum tempo para entender os sinais do irmão, e mais tempo ainda para vencer, de gatinhas, o espaço que o separava dele.

— Te levanta e olha - ciciou Toríbio.

Rodrigo, porém, não teve ânimo para tanto; deixou-se ficar sentado, apoiado nos costados da sepultura, a olhar estupidamente Para o vagalume que havia pousado na folha duma árvore e que 'ucilava na sombra como a pupila dum gato.

Toríbio tomou o 84 irmão de ambos os braços e ergueu-o. Rodrigo não teve outro remédio senão olhar…

— Ali perto da capela…

Rodrigo avistou o vulto dum homem inclinado a cavar o chão. Não compreendeu nada. O irmão explicou: - Sabes que é que ele está fazendo? Está desenterrando um defunto.

Vinha até eles agora o ruído macio da terra a cair no chão e os gemidos que o desconhecido soltava cada vez que erguia a pá.

— Pra quê? - balbuciou Rodrigo.

— É a sepultura da velha Antònia Schultz… - explicou Toríbio. — Foi enterrada ant'ontem.

Tinha sido uma morte muito comentada na cidade. Dizia-se que Antònia Schultz, alemã rica, avarenta e solitária, fora enterrada com todas as suas joias.

— É um violador de sepulturas - explicou Bio, com a sua experiência de ledor de romances. Rodrigo conseguiu ciciar: - Quem será?

— Não sei. Vamos ver.

Ficaram por algum tempo a espiar… Rodrigo, que apoiara a cabeça contra os pés do anjo, sentia no rosto o contato fresco do mármore.

Num dado momento, quando a sepultura parecia estar já aberta, o desconhecido acendeu uma lanterna e ergueu-a à altura do próprio rosto. Naquele instante Rodrigo viu uma cara barbuda e lívida e julgou reconhecer o carpinteiro Pitombo.

— Vamos embora - disse Toríbio. — Se ele nos descobre é capaz de nos matar.

Puxou o irmão pelo braço e saiu quase a correr, rumo do portão.

Daquele minuto em diante, as lembranças de Rodrigo se confundiam.

Nunca ficou sabendo ao certo como conseguira sair do cemitério, saltar outra vez para o lombo do petiço, atravessar os três quilómetros que os separavam do Sobrado, entrar em casa, subir a escada e de novo meter-se na cama.

Mas duma coisa ele se lembrava vivamente. Era de que, já no quarto, à luz duma das velas roubadas às sepulturas, Toríbio se

inclinara sobre a cama e lhe impusera um juramento: - Jura que, aconteça o que acontecer, nunca contarás a ninmiém o que se passou esta noite?

— Juro - balbuciou Rodrigo, com a cabeça a estalar de dor, o rosto escaldante.

— Pela alma da tua mãe?

— Juro.

— Pela vida do teu pai?

— Juro.

— Por Deus Nosso Senhor?

— Por Deus Nosso Senhor.

— Então beija aqui.

Tirou da parede um velho crucifixo que pertencera à velha Bibiana.

Rodrigo beijou tremulamente o Cristo sem nariz.

Toríbio voltou para a cama. Rodrigo nunca ficou sabendo se dormira ou não naquela noite terrível. Passara horas a bater dentes, com tremores de frio e dores no estômago.

Em certos momentos sentia-se como que paralisado: estava metido num caixão, fechado num mausoléu, a morrer asfixiado. Noutros, andava por entre covas abertas, chupando ossos de defunto e, sem saber como, de repente se via num descampado a fugir dum homem de poncho, que morrera de susto, e ao mesmo tempo era o Pitombo Defunteiro, que corria e gritava: “Tenho um caixãozinho pra ti, bem bonitinho, todo branquinho, de rapadurinha de leite, que a vovozinha te mandou”.

No outro dia, vendo o estado do sobrinho, Maria Valéria mandou chamar o dr. Matias, que veio com sua maleta de couro negro, sua barbicha rala e seu cheiro de clorofórmio.

Tomou o pulso de Rodrigo, examinou-lhe a língua, apalpou-lhe o abdómen e receitou-lhe um purgante de sal amargo.

— É uma indigestãozinha - disse ele, com sua voz esquisita, que Rodrigo sempre associava à ideia de queijo bichado.

— Foi a melancia que esse menino comeu ontem - sentenciou Maria Valéria. — Decerto misturou com leite.

Rodrigo ficou dois dias de cama. Bio mostrou-lhe o semanário de Santa Fé, que trazia na primeira página a notícia da violação da sepultura de Antônia Schultz. Os cabeçalhos eram tremendos. "Sacrilégio! Vandalismo! Profanação!

Violada uma sepultura no campo santo local!"

Rodrigo leu a notícia com o coração aos pulos, como se ele e Bio tivessem sido os profanadores. Noticiava o jornal que a polícia ia abrir “rigoroso inquérito”, e que o vigário na missa do domingo próximo faria um sermão especial “alusivo ao nefando acontecimento”. Toríbio

contou que não se falava noutra coisa em toda a cidade.

— E agora? - perguntou-lhe Rodrigo, alarmado.

— Agora? Cospe na mão e bota fora - respondeu o outro, soltando uma risada.

Rodrigo revolveu-se na cama e ficou com as costas voltadas para o irmão. E na parede branca viu de novo as sepulturas e mausoléus ao luar. Tornou a sentir o horror daquela noite.

E quando, dias depois, à hora do jantar, o pai se referiu ao acontecimento - “Que barbaridade! Neste mundo há gente pra tudo!” - Rodrigo baixou os olhos para o prato, embaraçado, e não ousou sequer encarar o pai. Dali por diante nunca mais tocaram no assunto. Rodrigo guardou seu segredo, e nem ao irmão contou que havia reconhecido no violador de sepulturas o carpinteiro Pitombo.

Passaram-se os dias, veio a véspera do Natal, Rodrigo ganhou sua lanterna-mágica, armaram um presepe na sala grande do Sobrado, e nessa noite os dois rapazes tiveram licença de ir mais tarde para a cama.

Quando os viu deitados, Maria Valéria, parada no meio do quarto, de vela acesa na mão, olhou em torno para ver se estava tudo em ordem.

— Agora durmam.

Depois que ela deixou o quarto e fechou a porta, Bio tirou um toco de vela de baixo do colchão, acendeu-o e começou a ler seu romance. Fez isso naquela e nas muitas outras noites seguintes E quando, já tarde, Rodrigo acordava, olhava para a cama do irmão e via-o sentado, com as costas apoiadas no travesseiro, os olhos fitos na brochura, choramingava: - Apaga essa luz, Bio.

— Cala a boca - respondia o irmão sem tirar os olhos do livro. — Fecha os olhos e dorme. Olha que os defuntos estão chegando pra buscar as velas…

E foi assim que Toríbio entrou no século XX: lendo seu romance à luz dum coto de vela roubado ao cemitério.

Era pela frente desse mesmo cemitério que agora passava apitando o trem que naquela tarde de dezembro de 1909 trazia de volta a Santa Fé o dr. Rodrigo Terra Cambará.

Com a cabeça para tora da janela, o rapaz olhava intensamente para aqueles velhos paredões, imaginando, entre emocionado e levemente divertido, que os mortos, toda vez que ouviam o apito da locomotiva, corriam a espiar o trem por cima dos muros do cemitério. Por um instante ficou distraído a imaginar que estava vendo naquela fileira de cabeças os semblantes de sua mãe, do capitão Rodrigo, da velha Bibiana e de muitos outros parentes e amigos mortos. Sorriam todos, acenavam para ele, e era-lhe agradável imaginar que lhe gritavam: "Bem-vindo sejas, Rodrigo! Temos esperanças em ti!" E entre

aqueles mortos, cujas cabeças assomavam por cima do muro, via-se um que não sorria apenas com a boca, mas também, arreganhadamente, com a garganta. Era o Tito Chaves, moço que, havia anos, Rodrigo vira estendido sem vida no barro da rua, à frente do Sobrado, o pescoço rasgado por um talho de faca que ia de orelha a orelha, o peito ensanguentado, os olhos abertos e vidrados.

Toda a gente na cidade murmurava que fora o coronel Aristiliano Trindade quem o mandara matar por questões de política; mas ninguém tinha coragem de dizer isso em voz alta. E agora, nos pensamentos de Rodrigo, lá estava Tito Chaves encarapitado no muro do cemitério, a bradar: "Vai e me vinga, Rodrigo.

Vai e me vinga! És moço, és culto, tens coragem e ideais! Vai e me vinga! Em Santa Fé rodo o mundo tem medo do coronel Trindade. Não há mais justiça. Já não há mais liberdade. Vai e me vinga!"

O trem ainda apitava tremulamente, como se estivesse chorando. Mas quem chorava de verdade era Rodrigo. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto lustroso, a que a poeira dava uma cor de tijolo.

Maneco Vieira tocou-lhe o braço.

— Que foi que houve, moço? - perguntou ele, com um jeito agressivamente protetor.

Rodrigo levou o lenço aos olhos, murmurando: - Esta maldita poeira…

No vagão agora os passageiros começavam a arrumar suas coisas, erguiam-se, despiam os guarda-pós, baixavam as malas dos gabaritos, numa alegria alvoroçada de fim de viagem. Rodrigo foi até o lavatório, tirou o chapéu, postou-se diante do espelho, lavou o rosto, enxugou-o com o lenço e por fim penteou-se com muito esmero.

Observou, contrariado, que tinha os olhos injetados, o que lhe dava - achava ele - um ar de bêbedo ou libertino. Isso lhe era desagradável, pois não queria logo de chegada causar má impressão aos que o esperavam na estação.

Piscou muitas vezes, revirou os olhos, umedeceu o lenço, tornou a passá-lo pelo rosto, pôs a língua para fora, e quedou-se por algum tempo a examiná-la. Ajeitou a gravata, tornou a botar o chapéu, recuou um passo, lançou um olhar demorado para o espelho e voltou para seu lugar. O marista, que estava tranquilamente sentado com uma valisa sobre os joelhos, sorriu-lhe, dizendo: - Enfim chegamos, com a graça de Deus.

— De Deus e do maquinista - completou Maneco Vieira. O trem diminuiu a marcha ao entrar nos subúrbios de Santa Fé. Sentado de novo junto da janela, Rodrigo olhava para os casebres miseráveis do Purgatório e para suas tortuosas ruas esbarrocadas de terra vermelha. E aqueles ranchos de madeira apodrecida, cobertos de palha ou capim; aquela mistura desordenada e sórdida de molambos, panelas, gaiolas,

gamelas, latas, lixo; aquela confusão de cercas de taquara, becos, barrancos e quintais bravios - lembraram-lhe uma fotografia do reduto de Canudos que ele vira estampada numa revista. À frente de algumas das choupanas viam-se 91 90 mulheres - chinocas, brancas, pretas, mulatas, cafuzas - a acenar para o trem; muitas delas tinham um filho pequeno nos braços e outro no ventre. Crianças seminuas e sujas, com enormes barrigas de opilados, brincavam na terra no meio de galinhas, cachorros e ossos de rês. Lá embaixo, no fundo dum barranco, corria o riacho, a cuja beira uma cabocla batia roupa numa tábua, com o vestido escarlate arregaçado acima dos joelhos. Em todas as caras que Rodrigo vislumbrava, havia algo de terroso e cadavérico, uma lividez encardida que a luz meridiana tornava ainda mais acentuada.

— Quanta miséria! - murmurou o marisca, que também olhava para fora.

— Quanta miséria - repetiu Rodrigo, sem atentar bem no que dizia.

Sempre que em Porto Alegre pensava em Santa Fé e em seus subúrbios miseráveis, prometia a si mesmo tornar-se médico dos pobres, fazer em sua terra a caridade numa proporção até então nunca vista. Enchia-se dos mais nobres propósitos. Faria visitas constantes às populações do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria; levaria àquela gente infeliz medicamentos de boca e dinheiro, além de palavras de conforto.

Agora, porém, frente a frente com a miséria que tanto o comovia quando apenas lembrada, ele esquecia os planos para sentir apenas o que o Purgatório oferecia como quadro. Aquelas gentes molambentas, maceradas e raquíticas, vistas da janela dum trem em movimento, não o comoviam simplesmente porque pareciam fazer parte duma pintura: não eram de carne e osso, mas de tinta. E havia entre o céu e a terra tamanho contraste, que o firmamento parecia ter sido pintado a aquarela por um artista lírico e a terra a têmpera e sangue por um pintor trágico. Fosse como fosse, aquelas cores vivas - azul, vermelho, verde e ouro - eram uma festa para os olhos de Rodrigo, e aquela paisagem evocava-lhe episódios da infância e da adolescência. Quantas vezes ele e o irmão tinham andado naquele riacho, com água pelas canelas, a pescar lambaris! Quantas vezes haviam descido ao fundo daqueles barrancos - crateras de pavorosos vulcões - ou entrado naqueles quintais - selvas africanas - para roubar laranjas ou pêssegos' 92 Rodrigo viu abrir-se diante dos olhos uma larga perspectiva de rua, a subir uma coxilha em cujo topo, no meio e acima dum maciço de verdura, se erguiam as duas torres da matriz. Num alvoroço entreviu, a pequena distância das torres, a água-furtada branca e o telhado pardo do Sobrado. E subitamente lhe veio um medo absurdo de

chegar.

Se tivesse acontecido algo de mau a algum membro da família? Se alguém estivesse doente? Se alguém tivesse morrido? Se… Mas não podia ser. Lembrava-se de que, havia pouco, Liroca lhe dissera que tudo estava bem… e que o esperavam com banda de música! Não. Este pormenor devia ter sido invenção do velho. Seu pai não era homem que gostasse daquelas exibições…

Dentro de alguns minutos o trem parou junto da plataforma da estação. Rodrigo apertou a mão do marista e do tropeiro, aproximou-se do banco onde estava a velhinha, despediu-se dela apressadamente e, apanhando sua valisa, caminhou para a porta do vagão, de onde ficou a procurar sua gente. Uma voz querida: - Seu filho da mãe!

— Bio!

Rodrigo saltou do carro, caiu nos braços do irmão e ficaram os dois enlaçados num abraço apertado, dizendo-se coisas sem muito nexo, movendo-se dum lado para outro, como numa estranha dança. Ouviu-se o estrondo do bombo e a banda de música rompeu num dobrado. As notas vibrantes, em que sobressaíam as vozes dilacerantes dos instrumentos de metal, engolfaram alegremente a plataforma. E quando os braços de Toríbio o largaram, Rodrigo se viu frente a frente com o pai.

Vieram-lhe lágrimas aos olhos.

O velho estava sério, calado e também comovido. Rodrigo tomou-lhe da mão e beijou-a. Licurgo abraçou-o com gravidade, e ambos ficaram a mirar-se por algum tempo, mudos. Alguém puxou Rodrigo pela manga do casaco, fazendo-o voltar-se, e em seguida apertou-o num amplexo caloroso, exclamando: - Mas como vais, bichão?

— Ó Neco, mas como…

Não pôde terminar a frase, pois lhe deram uma forte palmada nas costas e em seguida duas mãos possantes lhe agarraram os ombros, arrebatando-o dos braços de Neco Rosa. Rodrigo voltou-se e deu com a figura imponente de Chiru Mena, de carão apopléctico e suado.

— Seu ingrato, não conhece mais os pobres, hein?

Chiru apertou-o contra o peito com tamanha força, que Rodrigo, mais baixo e franzino que o amigo, teve a respiração momentaneamente cortada. Sentiu contra o rosto o rosto quente e úmido do outro, e teve a impressão de que ia ser beijado. E quando Chiru o largou, depois daquele corpo-a-corpo frenético, ele andou, estonteado, pelos braços duma sucessão de amigos e parentes. A todas essas o dobrado continuava, brilhante, explosivo, ensurdecedor, como que a aumentar o calor e a febril confusão do momento. Por todos os lados Rodrigo via caras risonhas e amigas.

Algumas pessoas acenavam-lhe de longe, tímidas.

— Vamos saindo - disse Bio, puxando o irmão pelo braço e

abrindo caminho por entre a multidão a golpes de ombro e cotovelo.
— Venha, papai.

Licurgo acompanhou-os, cofiando os bigodes e pigarreando nitidamente.

Pessoas abraçavam-no, davam-lhe os parabéns pela chegada do filho.

Ele agradecia, risonho e constrangido, como se aquelas atenções e cordialidades, longe de satisfazê-lo, o deixassem contrariado.

Chegaram finalmente à porta da estação, que dava para pequeno largo.

— Me dê o conhecimento da bagagem - pediu Toríbio.

E ali sob o sol, no meio duma roda de amigos, Licurgo fez uma apresentação: - Meu filho, quero lê apresentar o coronel Jairo Bittencourt, comandante do regimento de infantaria.

O homem alto e ruivo, de vastos bigodes, e metido num uniforme caqui, primeiro fez uma continência e depois estendeu para Rodrigo a mão sardenta em que flamejava uma penugem fulva.

— Muita honra, doutor - disse ele.- Sou amigo de seu pai e espero sinceramente ser seu amigo.

Tinha uns olhos sem malícia, dum cinza-azulado. E quando Rodrigo, que sentia o suor escorrer-lhe desagradavelmente pelo rosto e encharcar-lhe a camisa, quis dizer alguma coisa amável, o coronel tornou a inclinar-se, murmurando: - Não quero interrompê-los. Havemos de nos ver mais tarde, pois não.

Falava com esses chiados, como um carioca, mas os cabelos ruivos, a pele branca e manchada de sardas, o rosto sanguíneo e o aprumo, davam-lhe o aspecto dum oficial prussiano.

O carro de Licurgo achava-se parado ao pé dos degraus. O Bento saltou da boleia, e de cara risonha veio abraçar Rodrigo.

— Então, Bento, sempre firme?

— Como tronco de guajuvira - respondeu o caboclo. Licurgo tomou o braço do filho e impeliu-o na direção do carro: - Vamos.

Instalaram-se no banco traseiro. Toríbio sentou-se no dianteiro, esclarecendo: - O Quincas leva depois as malas na carroça.

Bento subiu para a boleia e, a uma ordem de Licurgo, pôs o carro em movimento. E houve entre os três Cambarás um silêncio quase embaraçoso. Rodrigo queria dizer alguma coisa, mas sentia que as palavras se lhe trancavam na garganta.

Toríbio examinava-o da cabeça aos pés, com uma expressão entre terna e irônica. E como se não encontrasse nada mais a dizer, limitava-se a murmurar: “Sim senhor, hein? Sim senhor”. Licurgo então falou. Sem olhar para o recém-chegado, brincando com a libra esterlina que lhe pendia da corrente do relógio, explicou: - Essa história de banda de música na estação foi ideia do coronel Jairo. Eu

não queria. O senhor sabe que não sou homem dessas coisas…

— Eu sei, papai, eu sei.

O coronel Jairo é uma boa praça - interveio Toríbio - e tem loucura pelo papai.

— É um homem de bem - concordou Licurgo, acrescentando: - Pena ser militar.

Rodrigo sorriu. O velho continuava a detestar a farda.

O Na rua do Comércio as patas dos cavalos soaram alegremente nas pedras irregulares do calçamento. Mas a marcha do carro, macia enquanto ele rodava sobre terra batida, começava agora a ser uma sucessão de solavancos.

— Este calçamento está que é uma miséria - queixou-se Licurgo. — Também, o intendente não faz nada por Santa Fé. Só cuida de política.

Depois da morte de Júlio de Castilhos, Licurgo afastara-se do partido, por não concordar com a orientação do dr. Borges de Medeiros no que dizia respeito à política dos municípios.

Rodrigo animou-se: - Precisamos fazer alguma coisa, papai. A situação não pode continuar assim. O coronel Trindade entende que é proprietário de Santa Fé. Isso não está direito.

Licurgo nada disse, limitou-se a olhar o bico das botinas de elástico.

Toríbio lançou para o irmão um olhar pícaro: - Mas que é que vais fazer, rapaz?

— Atacar a situação.

— Como?

— Pelo jornal.

— Que jornal? O pasquim da terra está a soldo da situação.

— Pois então fundaremos o nosso jornal. É a solução, o senhor não acha?

Licurgo cofiava o bigode, calado e enigmático. E como ele nada dissesse, Rodrigo julgou que reprovasse a ideia. Ao cabo de alguns instantes o Velho murmurou: - Vamos ver isso depois.

Rodrigo olhava as casas da rua do Comércio, a muitas de cujas janelas assomavam pessoas conhecidas, que abanavam para ele. Ele retribuía os acenos, sorrindo.

— Olha quem está ali - murmurou Toríbio, piscando o olho.

Debruçada à janela duma vasta casa pintada de amarelo, com Brandes esferas de cimento sobre a platibanda, estava a Mariquinhas Matos, com seu longo pescoço protegido por uma golinha de renda, os olhos muito grandes e negros no rosto trigueiro de nariz fino, a boca de botão de rosa sempre fixa no seu calculado meio-sorriso. Havia dois anos, numas férias, Rodrigo escrevera para o semanário local uma crônica sobre as moças de Santa Fé na qual se referia “à encantadora

Mariquinhas Matos, com seu enigmático sorriso de Gioconda". Desde então todos passaram a chamar-lhe "Gioconda" e a moça não só começou a portar-se de modo a fazer jus à legenda como também, ao que parecia, convencera-se de que as palavras do cronista encerravam uma velada declaração de amor.

Rodrigo cumprimentou-a amavelmente. A moça armou seu melhor sorriso de Mona Lisa e inclinou também a cabeça.

— Aposto cem mil-réis como ela estava esperando pra te ver passar.

Licurgo franziu o cenho para o filho, numa repreensão muda.

— Qual! - fez Rodrigo. — Só tenho uma moça que me ama e me espera.

Chama-se Maria Valéria e mora no Sobrado.

Bento puxou as rédeas e fez a parelha estacar. Uma cara apareceu junto à porta do carro.

— Olha o Cuca! - exclamou Rodrigo.

— Bichão velho! - bradou Cuca Lopes, trepando no estribo e envolvendo Rodrigo nos braços. — Tu me desculpa, bichlo. Me disseram que o trem estava atrasado. Por isso não cheguei a tempo. La indo agora pra estação. Mas que tal?

Formado, hein, maganão? Doutor! Mas como vai essa força? Sim senhor!

— Estás muito bem, Cuca, estás um colosso.

— Vamos embora, meu filho - disse Licurgo. — Sua madrinha está lê esperando.

— Depois apareço no Sobrado - prometeu Cuca, dando urna palmada no braço de Rodrigo e saltando de novo para o chão. " Me desculpa. Me deram informação errada na estação. — Gesticulava, azafamado e vermelho. — Esses belgas da Auxiliaire! Não pode ir atrás dessa gente. Até logo, Rodrigo. Até logo, coronel. 97 - Toca, Bento! - ordenou Licurgo.

O carro continuou a andar, e dentro de pouco entrou na praça da Matriz. Ao avistar a figueira, Rodrigo não pôde conter uma exclamação: - Olha ela! Olha ela! - Envergonhou-se, porém, desse arroubo juvenil.

Olhou para a fachada da igreja, triste, severa e coberta de patina, mas a grande comoção lhe veio, assoberbante, quando avistou o Sobrado. Foi a custo que reprimiu as lágrimas. Era-lhe embaraçoso ver no banco à sua frente os olhos escrutadores e moleques de Toríbio, que parecia comprazer-se em observar suas emoções.

Teve uma vontade cordial de dar-lhe um pontapé nas canelas.

O carro parou diante do Sobrado. Bento saltou da boleia e apanhou a valisa. Licurgo foi o primeiro a descer. Ao pisar a calçada, Rodrigo teve um movimento de hesitação em que desejou não entrar

ainda, para antegozar por mais tempo os momentos que estavam para vir. As portas do casarão achavam-se escancaradas. Parado no portal Licurgo dizia: - Entre, meu filho.

A voz do pai parecia ter abrandado um pouco. Rodrigo entrou e sentiu-se imediatamente envolvido por uma atmosfera fresca e acolhedora, impregnada de sons e odores evocativamente familiares. Ergueu os olhos e viu lá em cima no vestíbulo, ao pé do último degrau, o vulto da tia. Precipitou-se escada acima e caiu nos braços de Maria Valéria, beijando-lhe as faces, a testa, as mãos, enquanto ela lhe retribuía esses carinhos apenas com seus beijos secos e rápidos.

— Então não está contente com a minha chegada, Dinda? - perguntou ele, quando sentiu que podia falar sem o perigo de romper o choro.

— Quem foi que disse que não estou? - Com as mãos ossudas tomou-lhe do queixo, olhou-o nos olhos demoradamente e perguntou: - Que é isso na vista?

— Decerto foi a poeira da estrada…

— Hum…

Olharam-se ainda por um instante. Depois, dando duas palmadinhas desajeitadas nas faces do sobrinho, Maria Valéria ordenou: Vá se lavar. Ainda não almoçamos esperando pela pior figura.

Rodrigo voltou-se para Toríbio.

— E as minhas malas?

Não se afobe, doutor. O Quincas não demora.

Rodrigo entrou na sala de visitas e aspirou com delícia aquele ar que recendia a óleo de linhaça, a sarro de cigarro de palha (o cheiro do pai) e a molho de carne.

Rodrigo caminhava, a olhar tudo, como se visse aquela sala, aqueles móveis pela vez primeira. Postou-se diante do grande espelho de moldura dourada e mirou-se nele, lembrando-se de outros muitos instantes do passado em que ficara naquela mesma postura.

— Está bonito, não precisa se olhar no espelho - disse Maria Valéria. — Vá se lavar.

Rodrigo, porém, antes de subir para o quarto foi até a cozinha, onde o envolveram os braços gordos e encebolados de Laurinda, que lhe beijou sonoramente as faces.

— Está que é a cara da finada Alice! - exclamou a mulata, já com lágrimas nos olhos. — Que pena a coitadinha não estar viva pra ver o filho doutor.

E, uma a uma, as negras de casa foram aparecendo para cumprimentar o recém-chegado. A velha Paula ficou como que em êxtase a contemplar Rodrigo, a mão espalmada sobre uma das faces, a cabeça levemente inclinada para o lado, a murmurar repetidamente: -

Parece mentira… parece mentira…

E depois, quando Rodrigo se aproximou do fogão e abriu as panelas, aspirando o vapor que subia delas e identificando, sob exclamações, o conteúdo de cada uma, a negra velha acercou-se de Maria Valéria e disse: Sinhá, nunca vi um moço tão bonito em toda a minha vida, benza-o Deus!

Rodrigo ouviu essas palavras e sentiu-se feliz. Não era indiferente ao juízo que as outras pessoas - fosse quem fosse - pudessem fazer dele. Os elogios dos outros à sua inteligência e à sua aparência física, davam-lhe um grande contentamento, eram uma espécie de tónico que lhe aumentava a vontade de viver e ao mesmo tempo o desejo de portar-se de maneira a não decepcionar seus admiradores. A certeza de ser querido e admirado dava-lhe uma cálida e reconfortante sensação de confiança em si mesmo e na vida, um comovido desejo de ser bom e fazer coisas grandes e belas.

— Raspa - disse Maria Valéria. — Não faça seu pai esperar. Rodrigo voltou-se e surpreendeu o pai a contemplá-lo com olhos ternos e meio úmidos. Embaraçado por ter sido surpreendido num momento de fraqueza, Licurgo tratou de disfarçar. E como se não encontrasse mais nada para dizer, indagou com impaciência: - Essas malas não chegam? Onde está o Quincas? Finalmente a bagagem chegou e Rodrigo subiu a correr para o quarto.

Começou a abrir as duas grandes malas em que trazia não só suas muitas roupas como também alguns livros e pacotes com presentes para o pai, para o irmão, para a tia e para “a negrada da cozinha”. Sentado na cama, Toríbio observava-o.

— Como tens bugigangas, hein?

Em mangas de camisa, ajoelhado junto duma das inalas, Rodrigo ergueu os olhos para o irmão e sorriu: - Ainda não viste nada. Vêm aí uns quatro caixões com coisas.

— Quatro? - Toríbio soltou um assobio de admiração.

— Comprei um gramofone e um mundo de chapas. E tu não havias de querer que eu abrisse o meu consultório sem tratados de medicina, instrumentos cirúrgicos, um estetoscópio…

Toríbio sorriu.

— Então esse negócio de medicina é sério mesmo?

Rodrigo ergueu-se com uma camisa na mão.

— Se é sério? Não te compreendo…

— Vais mesmo clinicar?

— Mas que dúvida, Bio!

Toríbio encolheu os ombros. Seu sorriso céptico punha-lhe à mostra os dentes miúdos e escuros. Havia tirado os sapatos e coçava distraído os dedos dos pés. Sempre o touro xucro - pensou Rodrigo, mirando afetuosamente o irmão. Tinha a cabeça raspada a máquina

número zero, um pescoço e um torso de hércules de feira. Fazia a barba apenas uma vez por semana, gostava de andar descalço e detestava as gentes, as roupas e os hábitos de cidade.

— Pensei que querias o título só pra bonito.

— Mas o título é o de menos, homem. O que importa é o que está aqui dentro - disse Rodrigo com veemência, batendo na própria testa com a ponta do indicador. — O que vale é o que a gente sabe e o uso que se pode fazer do que aprendeu. O mal do Brasil é termos advogados de mais e médicos de menos. Nós precisamos é de médicos.

Este é um país de enfermos.

Toríbio continuava a coçar os dedos.

— Eu só quero ver…

Rodrigo atirou a camisa em cima da cama, cruzou os braços numa atitude de plácido desafio.

— Ver o quê?

— Quanto tempo dura esse entusiasmo pela medicina.

— Ora!

Toríbio atirou-se para trás e ficou deitado com as pernas para fora da cama, a cavoucar no nariz com o indicador.

Sacudindo a cabeça, como se quisesse dar a entender a uma terceira pessoa invisível que o irmão era um caso perdido, Rodrigo continuou a procurar na mala roupa branca para mudar. Encontrou inesperadamente o canudo de lata que continha o diploma. Soltou uma risada curta: - O famoso diploma!

Toríbio limitou-se a lançar-lhe um olhar neutro. E, como se fosse personagem duma peça - o jeune premier "Ue cnega à casa paterna com um diploma sobre o qual é um pouco 100 101 céptico - fingindo uma indiferença que estava longe de sentir, Rodrigo perguntou, mais para a plateia imaginária do que para o irmão: - Que é que vou fazer com este canudo?

— Mete ele num certo lugar… - respondeu Toríbio, Rodrigo não gostou da resposta. Franziu a testa, querendo dar a entender que sua sensibilidade fora ferida pela insinuação grosseira. E, vendo uma expressão de juvenil malícia no rosto de Toríbio, sacudiu lentamente a cabeça, sentindo-se mais velho, mais ajuizado e responsável que o irmão.

— Não mudaste nada - murmurou, com um ar de adulta tolerância. — És o mesmo Bio de sempre.

— Não sou doutor, não andei metido com gente fina na capital. Fiquei no Angico às voltas com a bagualada. A troco de que havia de mudar?

— Achas que eu mudei muito?

Toríbio pôs-se de pé em movimentos tardos, examinou o irmão com um olhar comicamente demorado e por fim opinou: - Um

pouquito.

— Naturalmente queres dizer que sou um dandy.

— Mais ou menos…

Rodrigo sorria, batendo repetidamente com o canudo na coxa.

— Achas que não sou bem macho…

— Isso ainda está pra se provar.

— Pois vamos fazer já a prova! - exclamou Rodrigo, largando I o canudo e começando a arregaçar as mangas da camisa, ao passo que Bio, sorrindo, sungava as calças e apertava a cinta.

— Não vale dar aquele golpe baixo… Toríbio soltou uma risada breve e seca.

— Não sou prevalecido. Mesmo que eu desse, não achava nada pra agarrar…

— Eu te mostro, filho da mãe! - observou Rodrigo, percebendo, mal pronunciara essas palavras, que saía de seu papel. Não era mais o jovem cosmopolita que lia Anatole France, amava Paris, usava smoking e bebia champanha. Recuara no tempo, tinha agora quinze anos…

— Pronto?

— Pronto.

O quarto era amplo e havia entre a cama e a parede bom espaço para uma "rinha". Os dois irmãos ficaram por um instante frente a frente, negaceando.

Rodrigo era um pouco mais alto que Toríbio, mas muito menos corpulento e musculoso. Defrontaram-se por alguns segundos como dois galos de briga. Foi Toríbio quem investiu primeiro. Atracados, caíram sobre a cama, tombaram no soalho e rolando, derrubando cadeiras, gemendo, bufando, dizendo-se nomes feios e ao mesmo tempo rindo, continuaram a lutar. Por fim Toríbio conseguiu encostar os ombros do outro no chão, e, acavalado sobre o ventre do adversário, as manoplas a apertar-lhe o pulso, chumbou-o às tábuas.

— Conheceu, papudo?

Arquejante, suado, escabelado, Rodrigo ainda tentou safar-se, esperneando e procurando golpear com o joelho as costas do irmão.

Nesse momento Maria Valéria entrou em passadas bruscas, aproximou-se dos lutadores e, torcendo uma das orelhas de Toríbio, ordenou: - Largue já o outro. Então isso é jeito de receber o irmão?

— Deixe, Dinda! - gritou Rodrigo. — Eu já mostro a esse cachorro!

— Conheceu, papudo? - tornou a perguntar Toríbio. Maria Valéria continuava a torcer as orelhas do sobrinho.

— A Laurinda vai já servir o almoço. Quem chegar tarde não come.

Rodrigo fez um novo esforço, que o deixou afogueado, e

finalmente, exausto, desistiu: - Estou com fome. Me larga!

Toríbio largou os pulsos do irmão e ergueu-se pesadamente.

— Está bem. Sou generoso.

— És um cavalo.

Maria Valéria contemplava-os, sacudindo a cabeça, penalizada: Mas vocês não têm mesmo mais nada que fazer? Onde se V1u estarem assim de aleites?

— Aloites! Mas a senhora é um colosso, Dinda.

Avançou para ela e beijou-lhe ambas as faces, enquanto Toríbio, que enxugava na ponta da colcha o suor do rosto, murmurava: - Chaleirista…

— Vamos, depressa, meninos. Vá tomar o seu banho, Rodrigo. E colcha não é lenço, Bio.

Rodrigo apanhou uma toalha, um sabonete, a roupa-branca e desceu acompanhado do Toríbio. O quarto de banho ficava no andar térreo e era pavimentado de lajes. Na maioria das residências de Santa Fé tomava-se banho em grandes baciões de folha, com água tirada do poço. O Sobrado, porém, orgulhava-se de ter um chuveiro de fabricação estrangeira, com água fria e quente.

Rodrigo despiu-se, enquanto Toríbio, sentado num caixão vazio, picava fumo para um cigarro.

— Precisa fazer um pouco de exercício - disse este último. — Estás meio flaquito.

— Nem tanto. Olha só.

Flexionou o braço para mostrar a musculatura.

— Precisas também tomar um pouco de sol, estás com o corpo tão branco que até parece de mulher.

— Com toda essa cabelama nas pernas e no peito?

— Conheço muita mulher cabeluda, rapaz.

Rodrigo sorriu, meteu-se debaixo do jorro d'água e começou a ensaboar-se com um entusiasmo apressado e ruidoso.

Toríbio enrolou o cigarro, bateu a pederneira do isqueiro, acendeu o “crioulo” e puxou uma baforada.

— Fizeste muita farra este ano?

— Se fiz!- gritou Rodrigo, esfregando com fúria as axilas, de olhos fechados. — Era o último ano, o meu adeus à pândega. Na véspera da colação de grau tomamos uma bebedeira colossal. Acabamos na casa dumas raparigas, bebendo champanha no sapato duma francesa…

— Isso é porcaria.

— Depois que a gente fica meio alegrete, tudo vale… O outro sacudiu a cabeça, discordando.

— Lugar de bebida é em copo. Lugar de mulher é na cama. Não digas tamanha heresia! Então não achas que a mulher possa ter outra serventia? Não reconheces que ela possui uma alma, uma delicadeza

maior que a nossa? - No seu entusiasmo, Rodrigo deixou cair o sabonete nas lajes.

Ficou parado, de olhos fechados a pregar um sermão lírico concernente à superioridade das mulheres sobre os homens. — Me dá a toalha, ligeiro!

Toríbio obedeceu. Enxugando os olhos, o outro continuou: - E não te esqueças, miserável, que nossa mãe era mulher. E que a tia Maria Valéria também é mulher. Não te bastam esses dois exemplos, devasso?

Toríbio pitava, em calma, sorrindo e gozando o entusiasmo do outro.

— Está bem, está bem. Lugar de mulher é num nicho pra ser adorada.

Mas conta as tuas farras.

— Apareceu este ano em Porto Alegre uma companhia de zarzuelas com umas espanholas morenas, dessas de deixarem um cristão louco da vida. Eu e outros colegas vivíamos na caixa do teatio com presentinhos pras raparigas e convites pra ceias.

Me meti com uma que por sinal era uma menina muito quieta. Pois não é que quase me apaixono a sério pela bichinha?

— Es um calça frouxa.

— Chamava-se Rosário.

— Isso é nome de mulher?

— Em castelhano é. E que mulher, seu Bio!

— Boa na cama?

— Boa na cama, fora da cama, no palco, na mesa, em todos os lugares. E depois, muito educada, muito recatada…

— Aposto como era dessas que, na hora da onça beber água, pedem pra gente apagar a luz.

— Exatamente. A Rosário tinha pudor.

— Não é o meu gênero.

Rodrigo mirou o irmão por algum tempo e depois, pensativo: Pois estou quase achando que esse é o meu tipo - disse.

enho um fraco pelas mulheres pudicas. Acho o pudor até 104 105 excitante. Se a mulher que está comigo diz um nome feio, lá se vai toda a poesia.

— Estás ficando muito cheio de nove-horas.

— Talvez. Mas é o que sinto. Questão de temperamento. Te lembras das nossas farras com o Neco e o Chiru? Pois hoje sou um homem mudado…

Toríbio deu de ombros.

— Comigo, mulher tem que se entregar inteirinha, senão não serve.

— Mas essa entrega completa não depende só da nudez, Bio, nem

de deixar a luz acesa.

— Estou vendo que não entendes nada do assunto.

— Vai-te embora, bobo! - exclamou Rodrigo, atirando o sabão contra Toríbio, que quebrou o corpo.

Rodrigo tornou a ensaboar-se e a voltar para baixo da ducha.

— Tenho poeira até na alma, menino! - exclamou. E depois enrolado na toalha, perguntou com sorriso meio safado, que não era mais do homem novo, mas do velho companheiro de farras do Chiru e do Neco: - Como vamos por aqui em matéria de mulheres?

— Na pensão da Tucha - informou Toríbio - tem umas duas ou três raparigas cotubas. Mas a que está na moda agora é a Doralice, uma ruiva que mora do outro lado dos trilhos, perto da Sibéria. É reservada. Dizem que o coronel dela é o Juca Amaral.

— Então essa Doralice é bonita mesmo? - quis saber Rodrigo, friccionando fortemente os cabelos com a toalha.

— Um peixão.

— Que tipo?

— Grande, peituda, com umas boas ancas, e uma cara linda. Rodrigo pôs-se a parodiar um tenor de ópera, e sua voz encheu o quarto de banho, caricaturalmente empestada: Io voglio conoscere La bella Doralice La bella, bella, bella Dora-Dora-liiiice!

Toríbio sorria, com o cigarro preso entre os dentes.

— Mas falando sério, Bio, logo que eu encontrar uma moça que me agrade, caso-me.

— Não sejas besta. Casar pra quê?

— Casando, a gente resolve definitivamente esse problema de mulheres.

Toríbio soltou uma formidável gargalhada, que reboou no quarto, fazendo o ralo do chuveiro vibrar.

— Ora, não sejas burro. Quem casa tem uma mulher só e perde todas as outras.

Rodrigo piscou-lhe o olho com um sorriso cheio de intenções, e perguntou: - Será que perde mesmo?

— Mas se depois de casado vais continuar correndo atrás das chinas e das mulheres dos outros, qual é a vantagem do casamento?

— Tu te esqueces que teu mano é médico, e que um médico pra impor respeito tem de ser casado…

— Deixa crescer um cavanhaque que é a mesma coisa.

— Pois aí está uma ideia. Talvez eu deixe. Vou ficar como o conde de Luxemburgo.

Pensou com saudade nas noitadas de opereta do Teatro São Pedro. Ali!

La primavera scapigliata… Os sinos de Corneville… A viúva alegre…

Toríbio cortou-lhe o devaneio: - Te veste depressa. Ninguém ainda almoçou só por tua causa.

Durante o resto daquela tarde o Sobrado passou cheio de visitas, gente que queria ver e abraçar Rodrigo, crivá-lo de perguntas e elogios.

Todos pareciam muito impressionados pelo fato de ser O filho de Licurgo Cambará o primeiro santa-fezense a formar-se em medicina. A romaria era interminável. Vinham pessoas que se "ratavam a cumprimentar Rodrigo e retirar-se; na sua maioria, porem, ficavam por muito tempo, tomavam mate ou aceitavam um 106 107 copo de cerveja fresca e comiam os bolos e pastéis que Maria Valéria mandara fazer em boa quantidade, especialmente para a ocasião.

Apareceram também duas parentas pobres, velhas tristes, mascadeiras de fumo, com um ar de permanente infelicidade nas caras amareladas e murchas. Rodrigo tratou-as com um carinho especial, pois não queria que pensassem que, por ser doutor e filho de gente rica, ele desprezasse aquelas primas distantes e obscuras. Quando se despediram, com suas vozes lamurientas, o rapaz meteu discretamente na mão de cada uma delas uma cédula de dez mil-réis, pelo que as velhotas, quase a chorar, agradeceram, dizendo: “Que Deus Nosso Senhor lê ajude e guarde, meu filho”. E se foram, arrastando pelo soalho as saias dum preto ruço e melancólico.

Por volta das quatro horas apareceu Amintas Camacho, secretário do município, metido na sua roupa preta domingueira. Rodrigo não o conhecia. Ti atava-se dum rábula, natural de Porto Alegre, e fazia apenas oito meses que chegara a Santa Fé, onde tinha banca de advocacia e era redator do semanário A Voz da. Serra. Sentou-se muito cerimonioso, e começou a falar em estilo de editoral.

— Traz-me à sua presença uma missão que assaz me desvanece. O coronel Aristitiano Trindade, nosso ilustre edil, me confiou a honrosa incumbência de apresentar a Vossa Excelência em seu nome e no da comuna as boas-vindas e os emboras.

— Muito obrigado murmurou Rodrigo, mal podendo conter o riso.

O rábula pigarreou e em seguida, como quem já se livrou dum peso, mudou de tom, trançou as pernas e tratou de dar à conversação um tom mais natural: - Então, doutor, quais são as suas impressões desta bela terra?

Rodrigo fez um gesto vago.

— Para falar a verdade ainda não vi muita coisa. Não me deram tempo nem de meter o nariz para fora da janela.

O representante do intendente suava na ponta do nariz e lambia frequentemente os beiços num gesto faceiro que desagradou Rodrigo.

De resto era-lhe também desagradável aquela cara duma palidez

lustrosa, e aqueles cabelos crespos, excessivamente besuntados de brilhantina.

— Pois é - continuou Amintas, tirando do bolso o lenço de seda e passando-o de leve pelas faces, ao mesmo tempo que emanava dele um perfume ativo e adocicado. — Santa Fé tem progredido muito. O ano que vem, o coronel pretende mandar calçar a Rua do Comércio com palarele… - Atrapalhou-se ao pronunciar esta última palavra.

Repetiu-a devagar, escandindo bem as sílabas: - Pa-ra-le-le-…

pípedos.

— É uma grande coisa…

— E já iniciamos também a construção do novo palacete da Intendência Municipal. O doutor já viu a planta?

— Ainda não.

— Pois é uma verdadeira beleza. Tem uma cúpula no centro, muito grandiosa. Vai custar um dinheirão.

— Imagine…

— E vai ser muito mais bonito que o da Intendência de Cruz Alta.

Laurinda trouxe numa salva de prata um copo de cerveja para o rábula, que o bebeu num longo sorvo - não, porém, antes de erguê-lo no ar e dizer: “À sua saúde, doutor!”

Lambeu com a ponta da língua a espuma que lhe ficara no bigode.

Esse perfume me mata - pensou Rodrigo, desejando que o visitante fosse embora.

Depondo o copo sobre o consolo, Amintas recostou-se comodamente no respaldo da cadeira, já com ar de íntimo da casa.

— Então em fevereiro próximo vamos ter a honra de receber a visita do futuro presidente da República, não?

Rodrigo sabia a quem o outro se referia, mas fingiu não ter compreendido.

Mas quem é o futuro presidente da República? O marechal Hermes, naturalmente.

— Ele já foi eleito? O rábula sorriu.

— Claro que não, mas será. Todos sabem que o marechal vai ganhar a eleição. O dr. Rui Barbosa é um grande brasileiro, uma formosa cultura, mas não tem eleitorado para vencer o candidato oficial. O meu prezado amigo naturalmente vai votar no nosso coestaduano Hermes da Fonseca, não?

Rodrigo ficou com o rosto em fogo. Sentia-se insultado, como se o outro estivesse tentando subornálo.

— Está visto que não!

— Pois então me perdoe, eu não sabia… Julguei que o doutor fosse republicano, como seu pai.

— Meu pai também não vai votar no marechal. Nesta casa todos

são civilistas.

— Está bem. Desculpe. Costumo respeitar a opinião alheia. Cada qual vota de acordo com a sua consciência, não é mesmo, doutor?

— Nem todos - retrucou Rodrigo. — Há os que votam coagidos pela capangada da situação porque têm amor à pele, e os fuuncionáriios públicos, que votam com o governo para não perderem seus empregos. E há ainda os que votam sem saber e sem ter o direito de votar!

— Sem saber… sem ter o direito?

— Refiro-me aos mortos. Os defuntos sempre votam com o governo, moço!

— Rodrigo sentiu que sua voz se tornava gutural, gorda, quase engasgada.

— Em suma, no Rio Grande as eleições se fazem a bico-de-pena!

Amintas sorriu amarelo, seus lábios tremeram de leve e de novo ele passou o lenço pela testa e pelas faces.

— Eu respeito muito as opiniões alheias - repetiu. Rodrigo começava a indignar-se com o sentido daquela visita, que só agora compreendia com clareza. Quem estava na sua frente era um assalariado do Titi Trindade, o tirano de Santa Fé, mandante de tantos assassínios e violências.

Rodrigo recebera o homem com cordialidade, impelido por aquela onda sentimental que o embalava desde o momento de sua chegada. E agora, irritado pela cara do Amintas Camacho, pela sua voz melosa na qual havia, como nos cabelos, um excesso de brilhantina, e principalmente nauseado por aquele perfume barato de china de soldado - ele já sentia pruridos de erguer-se, pegar o outro pelo fundilho e jogá-lo na rua. Conteve, porém, a revolta. Considerava-se um homem polido, uni civilizado. Deixou que a indignação lhe escapasse do peito num profundo suspiro que, ainda por delicadeza, não soltou duma só vez, mas sincopadamente, de modo discreto.

— Aceita mais um copo de cerveja? - perguntou, com ar quase evangélico.

— Não. Muito grato. — Amintas levantou-se, lançou um olhar furtivo para o espelho e disse: - O coronel Trindade também me encarregou de lhe transmitir um convite para visitar a Intendência…

Disse isto sem nenhum entusiasmo, como se tivesse a certeza de que o convite ia cair num frio vácuo. E, ainda numa tentativa de conciliação, acrescentou: - O edil acha que a nossa terra precisa de moços inteligentes e esperançosos como o senhor.

Rodrigo nada disse. Queria encarar o outro mas não podia; seu olhar se mantinha baixo e a voz, de ordinário duma limpidez metálica, ganhava agora tons foscos, como que penugentos. O rábula estendeu-

lhe a mão mole e suada, que Rodrigo apertou com certo constrangimento. Depois acompanhou o visitante até a porta.

— Mais uma vez - disse Amintas Camacho com um pé no portal e outro na calçada - foi uma honra conhecê-lo, doutor. Desculpe o incómodo.

Até mais ver.

— Passe bem.

Mal o outro saiu, Rodrigo, de nariz franzido, correu a lavar as mãos.

Quando, alguns minutos mais tarde, terminou de descrever a visita para o pai e o irmão, este último perguntou: Por que não botaste aquele sacripanta daqui pra fora com um pontapé no rabo?

Ora, eu não podia fazer uma coisa dessas. Podias, sim - retrucou Toríbio. — O Amintas é um cafajeste, um capacho do Titi Trindade. O jornal dele é uma latrina.

— E o canalha do Trindade - ajuntou Rodrigo, que agora começava a achar engraçada a situação - ainda tem o caradurismo de me convidar pra ir fazer-lhe uma visita na Intendência!

— Decerto pensa que pode te comprar. Está mal habituado com tipos da laia desse Amintas que pra fazerem carreira depressa são capazes até de lamber as botas do intendente.

— Que corja! - exclamou Licurgo. — Já contam com a vitória certa.

Rodrigo encarou o pai: - Por essa e por outras é que precisamos ter o nosso jornal. Depois dum instante de reflexão, Licurgo deu uma resposta evasiva: - Me contaram que os federalistas vão fundar um jornal em Cruz Alta pra fazer propaganda da candidatura do dr. Rui Barbosa…

— Como este mundo dá voltas! - riu Toríbio. — O senhor vai votar no candidato dos maragatos, hem, papai?

Dando mostras de não ter gostado da observação brincalhona do filho, Licurgo sacudiu a cabeça, protestando: - Não senhor! Os maragatos é que vão votar no meu candidato.

Rodrigo sentou-se na velha cadeira de balanço que pertencera à sua bisavó Bibiana, apoiou a cabeça no respaldo de palhinha, e olhou ternamente para o retrato de Alice Terra Cambará, que pendia da parede da sala, enquadrado numa moldura cor de ouro velho. Como tudo seria melhor se ela estivesse viva!

Ficou a pensar na mãe, que morrera em 1898, quando ele tinha apenas treze anos incompletos. Era uma criatura apagada e tristonha, que nunca alteava a voz e que parecia votar um respeito medroso ao marido. Frágil de corpo, tinha má saúde e queixava-se com frequência de terríveis dores de cabeça. Rodrigo jamais esquecera aquele dia chuvoso e frio, num agosto cruel, em que, entrando no quarto do

casal, encontrara a mãe estendida na cama a gemer, com duas rodelas de batata crua coladas nas fontes.

— Que é que a senhora tem?

— Nada. Vá lá pra baixo, sua mãe está morrendo de dor de cabeça.

Essas palavras doeram-lhe fundo, fazendo-o chorar. No dia em que sua mãe morrera, ele entreouvira tia Maria Valéria suspirar: - Foi uma mártir. Agora está descansando.

Mártir? Correu a procurar o significado dessa palavra num velho dicionário de 1850, onde leu: MARTYR: Pessoa que padece martyrio pela fé. fig. Que padece por qualquer causa: v.g. martyr de esperanças, cuidados, receios, invejas, etc. “o galante martyr dos cães sapatos, que lhe apertavam os dedos” "Velha vaidosa… o corpo uma saca de lã… martyr de um espartilho, capaz de a fazer apoplética…

Intrigado, passara a associar a palavra mártir a vaidade, velhice, espartilhos e sapatos apertados. Mas no dia em que, vendo passar na rua uma mulher morena, Toríbio apontara para ela, dizendo: “Lá vai a amásia do papai…” - ele compreendera com uma clareza contundente e dolorosa o verdadeiro sentido da palavra mártir. Sua mãe era uma mártir porque padecia por saber que o marido tinha outra mulher. Rodrigo odiara o pai "durante dias, semanas, meses. Levara muito tempo para se refazer daquele choque e poder de novo olhar o velho de frente, falar-llie com naturalidade e tornar a sentir por ele a antiga afeição.

Mas de que lhe servia estar agora a relembrar aquelas coisas tristes? - perguntou Rodrigo a si mesmo, balouçando-se na cadeira da finada Bibiana.

— Olha só quem está chegando! - exclamou Toríbio, que se encontrava junto da janela.

Quem? - perguntou Rodrigo com indiferença, sem ao menos mover a cabeça.

— O Fandango!

Rodrigo ergueu-se num pulo, precipitou-se para o vestíbulo e esceu a correr os degraus que levavam à porta, abrindo-a de par em par. A velha jardineira que fazia as viagens entre Santa Fé e o Angico, achava-se parada à frente do Sobrado e dela agora descia 112 113 o velho Fandango, de bombachas e camisa branca, com um amplo sombrero na cabeça. Estava quase a completar cem anos de idade, metade dos quais passara a serviço dos Cambarás. Licurgo crescera à sombra do velho gaúcho, que lhe ensinara coisas sobre as lidas do campo e as lidas da vida.

Encontrava-se agora José Fandango numa espécie de aposentadoria com a qual, entretanto, não se conformava, pois se considerava ainda suficientemente forte e lúcido para continuar

capatazeando a estância.

Vivia às turras com Toríbio por discordar das coisas que este fazia.

Achava-o preguiçoso, lerdo e implicava com as inovações que "aquele alcaguete" trazia para o Angico, tachando-as de "coisas de maricas de cidade" ou "invenções estrangeiras". Na sua opinião os antigos é que estavam com a razão, e ficava irritado ao ver que Bio desobedecia a certos preceitos que regiam, havia anos, o trabalho da estância. A experiência recomendava usar buçal na primeira fase da doma: Toríbio teimava em usar freio. Era indispensável que a doma se fizesse em tempo de lua minguante: Bio achava que qualquer tempo era bom. Ora, graças a uma tarimba de mais de setenta anos, Fandango sabia que cavalo domado durante a lua nova fica defeituoso de boca. No entanto Bio queria saber mais que os gaúchos de antigamente, e ria-se quando Fandango garantia que o melhor remédio para curar bicheira era simplesmente cortar com faca o pedaço de terra em que o animal doente pisou e depois virá-lo, deixando para baixo a marca do casco. Tudo isso - afirmava o velho - eran "cositas" aparentemente pequenas, mas na verdade durna importância capital.

Rodrigo correu para o recém-chegado e estreitou-o demoradamente contra o peito, exclamando: "Amigo velho! Amigo velho". Depois, segurando o gaúcho pelos braços, afastou-o de si para melhor ver-lhe o rosto. A todas essas o capataz limitava-se a sorrir seu sorriso mole e desdentado, em que havia um permanente ar de malícia, como se ele não levasse o mundo a sério ou, melhor, como se estivesse sempre a antegozar uma empulhação. Seu rosto trigueiro estava murcho e pergaminhado como o de uma múmia. Os olhos, porém, eram olhos de gente viva, e muito viva.

Fandango contemplou seu jovem amigo por algum tempo e por fim murmurou: - Este corno filho duma mãe…

Rodrigo sabia que "corno" na boca de Fandango era uma palavra afetuosa.

— Mas, Fandango, você não muda. Sempre rijo e lindo!

— É o que dizem Ias morochas, muchacho, é o que dizem Ias morochas!

— Vamos entrar. — Puxou o amigo na direção da porta. — Fez boa viagem?

— Qual nada! Estou desmoralizado.

— Ué, por quê?

Já sobre o portal, Fandango voltou a cabeça para trás e fez um sinal na direção da jardineira.

— Me fizeram viajar naquela geringonça. Que vergonha! Onde se viu um gaúcho andar de carro? Acharam decerto que o velho não

aguentava a viagem em riba do lombo dum cavalo… Xô égua! que é que pensam que eu sou?

Rodrigo conduziu-o docemente para dentro de casa. Fandango prosseguiu, com sua voz de papagaio: - Passei uma vergonha danada. Quando me viram sair de jardineira, a peonada do Angico ficou se rindo de mim.

Caminhava meio encurvado, mas pisando leve e rápido, com a ponta dos pés, num jeito faceiro. E quando Rodrigo quis segurar-lhe o braço para ajudá-lo a subir a escada, o velho repeliu-o.

— Tira essa mão daí! Está pensando que já ando de perna frouxa?

Subiu lépido os degraus que levavam ao vestíbulo e lá em cima começou a gritar: - É o Fandango, minha gente! Quero um chimarrão bem quente!

— Um mate pró Fandango! - reforçou Rodrigo. E na cozinha as negras começaram a movimentar-se.

Quando Licurgo e Toríbio vieram apertar-lhe a mão, o velho roi logo fazendo seu relatório verbal: - Morreu aquela vaca brasina que deu cria a semana passada. ontem estiveram curando bicheira. Estavam fazendo um serviço mui porco. Se não fosse eu me meter, não sei o que ia sair… Ah!

Não se esqueçam que tenho de levar pró Angico sal, açúcar e carosene. — E sem mudar o tom de voz: - E como vai a Maria Valéria?

Fizeram-no sentar no sofá da sala. Fandango tirou o chapéu e por algum tempo ficou a coçar a calva, sobre a qual se viam ralos cabelos, dum branco cetinoso de torçal.

Rodrigo sentou-se na frente do velho e quedou-se a admirá-lo.

— Pensou que ia encontrar o Fandango na cidade dos pés juntos, hein, maroto? Mas o velho é duro. Pra levar ele, a morte vai custar um pouquinho.

Fandango é eterno - pensou Rodrigo, emocionado. Não era um ser humano mortal, mas um elemento da natureza. Era como uma grande árvore antiga por sobre a qual passavam as tempestades, as chuvas, o vento e o tempo. Perdera o filho na Guerra do Paraguai e o neto na revolução de 93, Rodrigo não se lembrava jamais de ter visto Fandango triste, desanimado ou ocioso. Conservava a prosápia tanto nos bons como nos maus tempos; topava todas as paradas, e onde quer que houvesse música e dança, lá estava ele a tomar parte na folia. Para Rodrigo o velho capataz era a encarnação mesma de Pedro Malasarte, o grande empulhador. Conhecia melhor que ninguém seu estado natal, que percorrera em todas as direções como tropeiro, carreteiro ou soldado. Não havia melhor companheiro que ele para um bom chimarrão ao pé do fogo. Quando Fandango começava a contar seus causos, a falar nas gentes que conhecera - carreteiros, tropeiros, estancieiros, trovadores, caixeiros viajantes, violeiros,

gaiteiros, bandidos, gringos, castelhanos, baianos, correntínos, doutores, generais, contrabandistas; quando gabava as muitas muchachas com quem dormira ou tivera vontade de dormir, ou narrava as peças que pregara ao próximo, as aventuras e lambanças em que andou metido - ninguém tinha sono: todos ficavam escutando, encantados, de bico calado, enquanto o chimarrão corria a roda, a água chiava na chaleira pendente da trempe, e de quando em quando alguém avivava o fogo. E no minuto em que Fandango silenciava, havia sempre quem pedisse: "Conta outra! ' E ele contava.

Era sempre o último a ir para a cama, e o primeiro a levantar no dia seguinte.

— Doutor, hein? - exclamou o velho, examinando Rodrigo da cabeça aos pés, com um olhar crítico e ao mesmo tempo afetuoso.

— É verdade, Fandango, doutor…

— E tu pensa que eu acredito que tu sabe alguma coisa? Xô égua! Te vi nascer, guri, te peguei no colo. Diz-que agora estás aí todo pelintra, pensando que es gran cosa…

Os outros riam. Fandango apontou para Licurgo: - Esse que aí está também pensa que é gran cosa só porque tem barba na cara e chamam ele de coronel. Xô mico!

Voltou os olhos para Maria Valéria, que naquele momento entrava, trazendo a cuia do chimarrão.

— E essa magricela que 'i vem… eu vi ela assinzinha. Tinha umas pernas finas e compridas como caniço. Era feia como as necessidades e depois de grande não melhorou nada. Como vais, Mana Valéria?

— Está aqui o mate, velho caduco - disse a recém-chegada, entregando a cuia ao gaúcho.

— Dê pró seu cunhado. Vassuncês sabem que nunca tomo o primeiro mate.

— Eu já tomei um. Este é o segundo. Pegue a cuia. Fandango obedeceu, piscando o olho para Rodrigo e dizendo: - Sempre mandona…

Seus lábios moles se preguearam em torno da extremidade da bomba de prata.

— Sabes que o marechal Hermes vai chegar aqui em fevereiro? - perguntou Rodrigo.

— E que é que esse vivente vem fazer? - indagou Fandango.

— Propaganda da candidatura dele.

— Pra quê? Todo mundo sabe que ele vai ganhar a parada…

— Não diga isso nem por brinquedo! - protestou Licurgo, espinhado.

— Digo, sim. Onde se viu o cavalo do comissário perder a carreira?

— Mas é preciso reagir - retorquiu o dono da casa. Se a gente

cruzar os braços, essa cachorrada nunca mais larga o osso.

Fandango fechou um olho e fitou o outro no rosto de Rodrigo, ao mesmo tempo que fazia com a cabeça um sinal na direção de Licurgo: £u bem dizia pró teu pai lá por oitocentos e oitenta e tantos, quando ele e outros moços andavam por aí com essas besteiras de república. "Isso não adianta nada, vassuncês não encontram ninguém melhor que o imperador pra governar esta droga." Eles teimaram, mandaram o Velho embora pra Europa, mataram o coitado de desgosto. Está aí o que arranjaram…

Ninguém se entende mais.

Dês que proclamaram a República só temos tido barulho e brigas no Brasil…

— Mas não se esqueçam - replicou Licurgo - que a República ainda não fez vinte e um anos! E se até hoje não temos ordem e democracia no país é por culpa dos militares!

Fandango deu de ombros e disse: - Pra mim, militar não passa de paisano fardado. Tudo é a mesma gente. Uns alcaguetes sinberguenzas.

Licurgo brincava, impaciente, com a moeda da corrente do relógio.

— Mas o Império não era essa beleza que vocês dizem - reagiu ele.

— Tinha muitas sujeiras, e a escravatura era uma delas.

Fandango não tardou a dar-lhe o troco: - Mas não foi o imperador quem inventou a escravatura. E de que serviu a abolição? Os negros agarraram a carta de alforria, se deitaram a dormir e não quiseram fazer mais nada. Andam agora por aí com uma mão adiante e outra atrás.

Nos tempos da escravatura não havia crioulo que não tivesse seu patacão no bolso. Hoje, xô mico!, estão despilchados que nem rato de igreja. E apesar de tudo, negro continua sendo o que sempre foi: negro.

Naquele momento tilintou a campainha do telefone. Maria Valéria olhou para o cunhado; Licurgo olhou para Toríbio e este para Rodrigo, que decidiu ir atender o chamado.

Havia pouco mais de um ano que Santa Fé contava com uma companhia telefónica. Por insistência de Rodrigo, o Sobrado fora a primeira casa a instalar um aparelho, apesar da relutância do pai e da madrinha. Telefone - achavam eles - era um luxo desnecessário. Santa Fé era tão pequena, que para a gente mandar recados utilizava um moleque ou então resolvia a coisa a grito. Por causa da teimosia de Rodrigo lá estava agora aquela "coisa"

esquisita pregada a uma das paredes do vestíbulo. Quando a campainha soava, as gentes da casa ficavam hesitantes, cada um a

esperar que “outro” fosse movimentar a manivela do aparelho e tirar o fone do gancho. Quando levavam o fone ao ouvido era com uma irritada má vontade; se não conseguiam entender o que a minúscula voz dizia, zangavam-se, ficavam agressivos e acabavam por cortar a ligação. Tudo isso - achava Rodrigo - tinha raízes no medo que o homem do campo votava às máquinas em geral.

Rodrigo levou o fone ao ouvido: “Olá! Olá! Quem fala?”

O chamado era para ele. O coronel Jairo Bittencourt comunicava-lhe que pretendia fazer-lhe uma visita à noite e perguntava se podia recebê-lo.

— Mas como não, coronel! Com a maior satisfação… Olá? Como?

Ah… não senhor, absolutamente, venha à hora que quiser… terei o maior prazer. Pois não… Perfeitamente.

Muito obrigado.

Pendurou o fone no gancho, tornou a dar manivela e voltou para a sala.

Fandango dirigiu-lhe um olhar travesso.

— Qualquer dia quero falar numa droga dessas. É verdade que esse bicho faz cócega no ouvido da gente?

O velho capataz tinha grande admiração por todas aquelas invenções modernas que vira chegar periodicamente a Santa Fé.

Até agora ainda não compreendia direito o telégrafo, e alimentava até a vaga desconfiança de que tudo aquilo não passava de grossa empulhação. Desde que o Sobrado instalara, havia alguns anos, uma rede de gás acetilene, um dos divertimentos de Fandango era ncar olhando para aqueles bicos que chiavam nas salas do casarão e ao redor de cujas chamas, dum branco esverdinhado, as mariposas esvoaçavam, tontas. E diante de todas essas engenhocas, o velho resumia sua admiração numa frase: Nação de gente ladina, esses estrangeiros!

IV

No dia seguinte Bio obrigou Rodrigo a sair da cama às seis da manhã.

— Acorda, vadio! - gritou, sacudindo o irmão pelos ombros. — Já faz um tempão que o sol nasceu.

Estonteado de sono, Rodrigo vestiu-se, lavou-se e desceu para a cozinha, onde Fandango e Lauiinda o esperavam com o mate pronto.

— Esses mocinhos de cidade grande até me dão nojo - disse o velho, lançando um olhar para o amigo e soltando uma disparada verde sobre as lajes. — Xó égua!

— Bom dia! - disse Rodrigo. E o a de dia transformou-se num prolongado bocejo.

— Vassuncê ainda não está bem acordado - observou Laurinda, entregando a cuia ao rapaz.

— Derrame água fria na cabeça dele - aconselhou o capataz. De pálpebras caídas, mas soirindo, Rodrigo começou a chupar na bomba. Àquela hora, Maria Valéria andava a abrir as janelas da casa e a dar ordens às suas negras: "Vá arrumar a cama dos meninos.

E você aí, pegue um pano e vá limpar os móveis da sala. Mas cuidado com os vasos, sua bruaca!"

— Onde está o papai? - perguntou Rodrigo.

— Montou a cavalo e saiu ao clarear do dia - informou Laurinda. — Não disse aonde ia.

A luz dourada da manhã entrava pelas janelas da cozinha, e da boca do grande fogão de pedra vinha um cheiro de lenha verde 120 queimada. No arvoredo do quintal os passarinhos cantavam, numa algazarra festiva, e seus pipilos eram como bicadas na superfície clara e luminosa da manhã.

— E agora? - perguntou Fandango, voltando os olhos para Rodrigo. — Que é que vai fazer? Ficar na cidade, vadiando?

— Por alguma razão estudei medicina…

— Hai médicos demais no mundo. E eu não acredito muito nesses doutores da mula ruça.

Rodrigo sorriu. Pegou a chaleira, tornou a encher a cuia e passou-a a Laurinda.

— O papai vai comprar a Farmácia Popular pra ele - contou Toríbio.

Fandango fechou um olho e perguntou: - Pra quê?

— Ora! Além de farmácia ser bom negócio, quero instalar meu consultório lá.

— Xô mico! Com tanto serviço de homem no Angico! - Olhou para as mãos de Rodrigo, apertou os olhos e sorriu com desdém. — Mas como é que tu ia trabalhar no campo?

Bio, olha só as mãozinhas dele. Parecem mãos de dama. Caramba! Tu não aguentava nem dois dias fazendo trabalho de peão, menino. — Sacudiu a cabeça, penalizado, e tornou a cuspir no chão. — Este mundo está ficando perdido. O meu consolo é que não vou durar muito. Se as coisas continuarem assim, ainda vamos ver homem com calça de renda em vez de ceroula. Xô égua! Antes uma buena muerte.

Rodrigo tornou a bocejar, estendeu os braços, espreguiçando-se, e depois disse com bom humor: - Qualquer outro homem que me tivesse dito essas coisas já estaria morto.

Ergueu o braço direito, fazendo avançar o indicador enristado na direção de Fandango, ao mesmo tempo que encolhia os outros dedos para dar à mão a configuração dum revólver.

— Sai, maricão! - exclamou o capataz. — Tua pistola é dessas que quando a gente puxa o gatilho, em vez de sair bala salta um leque de flor. Sai!

— Pois a semana que vem nós vamos todos pró Angico e eu quero te mostrar como sou um bom ginete e laço tão bem como qualquer dos teus gaúchos.

Fandango olhou para Toríbio e piscou o olho: - Duvido e faço pouco!

Rodrigo ergueu-se, acercou-se do velho, pôs-lhe a mão no ombro e murmurou: - Está se vendo que não me conheces. Fandango alçou os olhos pícaros e respondeu: - Te conheço tão bem como se te hubiera parido.

Tomaram café por volta das oito horas e, ao se erguerem da mesa, Rodrigo convidou o irmão para subirem à água-furtada.

— Vamos ao "castelo"? - disse, usando a senha da infância. O "castelo"

não fazia parte do Sobrado: era o "outro mundo". Subir para a água-furtada significava para eles viajar, visitar Bombaim, Londres ou Amsterdam, ir para bordo dum brigue ou dum balão, entrar numa barraca armada em plena selva africana ou cair na masmorra dum castelo feudal onde acabariam morrendo de fome e sede, não fossem eles dois valentes e astuciosos aventureiros, que sempre conseguiam safar-se, munidos apenas duma espada e fazendo frente a guardas armados de lanças e flechas.

Era na água-furtada que tinham seus brinquedos e os livros de aventuras na pele de cujos heróis se metiam.

Foi por tudo isso que naquela manhã Rodrigo subiu emocionado a sombria escada que levava ao "castelo", em cujos degraus seus passos produziam um som cavo. Para ele a escada vivia tocada de mistério. Tinha um cheiro poeirento de madeira seca e nos seus desvãos às vezes ele julgava vislumbrar estranhas sombras móveis, talvez morcegos ávidos por sugarem sangue humano. Era sempre com um aperto de coração e um delicioso medo que ele subia aqueles degraus, de ouvido atento, respiração opressa, não ousando sequer tocar o corrimão, no temor de que sobre ele estivesse à 122 espreita alguma aranha-caranguejeira. Só de pensar nisso, o menino Rodrigo sentia arrepios pelo corpo todo.

No meio da escada, parou e gritou para o irmão: - Espera um pouco, Bio.

— Que foi que houve?

— Nada. Só quero ver se ainda sinto o que sentia antigamente quando subia…

Fechou os olhos, aspirou com força o ar, pensou nos morcegos, nas aranhas, no mistério… Depois tornou a abrir os olhos e retomou a ascensão.

— Conseguiste?

— Quase. E tu?

— Eu nunca senti nada de especial.

— Nunca mesmo?

— Nunca. Era uma escada como qualquer outra. Rodrigo suspirou de leve, murmurando: - E sempre assim… A mesma casa, a mesma escada, o mesmo homem. Mas só porque esse homem ficou mais velho, conheceu outras terras e outras gentes, leu mais livros, a casa e a escada mudaram. E as pessoas da casa também mudaram.

— Estás mas é ficando muito besta - resmungou o outro. E acrescentou: - Sobe duma vez, homem!

Chegaram ao último degrau, abriram a porta da água-furtada e entraram. Rodrigo escancarou a janela e olhou em torno. Tudo ali estava como no dia em que ele deixara Santa Fé, havia quase dez meses. Nas prateleiras de pinho sem lustro, brochuras enfileiravam-se desbeiçadas, amareladas e poeirentas. Sobre um caixão de querosene vazio, jazia um velho Cenógrafo fora de uso, ainda do tempo dos cilindros, e sua pequena campânula semelhava uma rígida flor cinzenta. Nas paredes caiadas, como hieróglifos de civilizações mortas, viam-se figuras, caracteres e palavras misteriosas, traçadas a lápis, carvão e ponta de prego pelos dois irmãos em diversas épocas de suas vidas.

Rodrigo aproximou-se da prateleira, tirou dela alguns volumes e começou a folheá-los. Aqueles livros estavam ligados a vários períodos de sua infância e adolescência.

Ali estavam O último dos 123 moicanos, A morgadinha dos canaviais, Carlos Magno e os doze pares de França, a coleção quase completa de Júlio Verne, e muitos dos romances de Alencar, Escrich, Gaboriau, Sue, Ohnet e Richebourg. Rodrigo apanhou com particular carinho uma brochura desmantelada: o Rocambole. Releu alguns trechos e por um instante lhe pareceu possível, através da releitura das proezas daquele simpático patife, recapturar as emoções dos quinze anos. Folheou também a Moreninha e depois, acocorando-se diante da estante, ficou a olhar, sorridente, para a lombada dum volume.

Naná… Só agora compreendia a enormidade do pulo que dera, passando de Macedo para Zola. Esse pulo coincidira com sua puberdade, e fora estimulado por Zola e conduzido por Bio que, em fins do verão de 1900, conhecera a primeira mulher.

Rodrigo recordava agora, gesto por gesto, emoção por emoção, medo por medo, os excitantes minutos de sua iniciação sexual.

— Tu te lembras da Noca? - perguntou ele.

— Se me lembro! Ainda está viva.

— Deve estar muito velha, não?

— Está. Um caco de gente. Mas dizem que ainda funciona. Rodrigo ergueu-se, sacudindo a cabeça num gesto de adulta tolerância

com o qual pretendia abranger a baixa prostituição e sua adolescência cálida e desordenada.

Suas leituras haviam seguido uma trajetória doida, com vertiginosos altos e baixos. Depois de Zola desembestara a ler livros puramente lúbricos como Memórias duma cantora. Tomara-se de amores por Paul de Kock, cujas brochuras comprava secretamente com os níqueis que sua madrinha lhe dava. Costumava ir ler às escondidas na água-furtada e um dia chegara a passar mais de duas horas encarapitado no alto do marmeleiro-da-índia, no quintal, a devorar A mulher, o marido e o amante.

— Ainda gostas de ler? - perguntou ele a Toríbio.

— Como sempre.

— Quais são agora os teus autores prediletos?

— Sendo romance de aventuras, leio tudo que me cai na mão. Rodrigo acercou-se da janela e olhou para fora. A luz da manhã era um ouro tépido e novo, e o ar límpido cheirava a orvalho.

Ergueu os olhos para o alto e lembrou-se do que Laurinda costumava dizer em dias de céu azul como aquele: “Deus decerto mandou os anjos lavarem o soalho da casa dele”. Do ponto em que estava, Rodrigo dominava com o olhar sua cidade, via-lhe os telhados em meio da densa vegetação dos quintais. Santa Fé resumia-se em duas ruas que corriam de norte a sul - a do Comércio e a dos Voluntários da Pátria - cortadas por cinco outras de menor importância, ruas esbarrancadas de terra batida e sem calçadas, onde pobres meias-águas e casas de madeira se erguiam em precário alinhamento, entremeadas de terrenos baldios, onde cresciam ervas daninhas e os moradores das vizinhanças iam atirando dia a dia o seu lixo. A rua do Comércio era a única calçada de pedra, e nela ficavam o Clube Comercial, a Confeitaria Schnitzler, o Centro Republicano e as principais casas de negócio.

Debruçado à janela, Rodrigo aspirava com gula o ar fresco da manhã, com a absurda mas deliciosa impressão de que com ele sorvia não só sereno e sol, como também as verdes campinas onduladas e os remotos horizontes que circundavam Santa Fé.

— Quando eu era menino - murmurou, sem se voltar - pensava que este era o ponto culminante do mundo. Não concebia que pudesse haver casa mais alta que o Sobrado…

— Mas há?

Rodrigo voltou-se e sorriu: - Tens razão. Não há. Eu ia te falar no edifício Malakof de Porto Alegre, nas estruturas formidáveis de Nova York. Mas a casa mais alta do mundo é mesmo o Sobrado.

Sentou-se no peitoril da janela e ficou a contemplar as torres da matriz. — Acho que o segredo da felicidade - prosseguiu - está na gente gostar daquilo que tem: sua casa, seus parentes, seus amigos,

sua profissão, sua terra… - Respirou fundo e, como quem acaba de fazer uma grande descoberta, disse: - Santa Fé é a melhor cidade do mundo, Bio, e eu sou um homem feliz.

Estava comovido a ponto de ter de fazer um esforço para conter as lágrimas. E quando percebeu que o outro o observava com o rabo dos olhos, pigarreou e tratou de disfarçar, Toríbio havia 125 tirado do bolso um pedaço de fumo e, de faca em punho, começava a fazer um cigarro. Depois de curto silêncio, disse: - Santa Fé não é má. Mas prefiro o Angico.

— És um filho da natureza.

— E tu um filho da…

Soltou o palavrão com um gosto explosivo, acrescentando a seguir: - Vamos dar um passeio.

— Grande ideia. Mas espera um pouco, tenho de me vestir.

— Não sejas bobo, vai assim rnesmo.

— Em mangas de camisa? De chinelos sem meias? Sem colarinho nem gravata?

Estás doido.

Rodrigo desceu para o quarto, meteu-se numa roupa de brim pardo, feita pelo melhor alfaiate de Porto Alegre e, depois de ajeitar a gravata e o chapéu-do-chile diante do espelho, gritou para o irmão: - Vamos?

Toríbio limitou-se a pôr o chapelão de abas largas e assim como estava, sem casaco, de bombachas de riscado e pés descalços, saiu para a rua.

— Vamos primeiro ver o Pitombo - sugeriu Rodrigo.

— Não te gabo o gosto. Ver caixão de defunto a esta hora da manhã é estragar o dia.

Estavam ambos na calçada, à frente do Sobrado. Rodrigo lembrou-se da noite de pavor em que Toríbio tinha ido roubar velas no cemitério.

Ficou a mirar o irmão de cenho franzido.

— Que foi que houve?

— Tu te lembras daquela noite em que me levaste ao cemitério?

— Me lembro.

— Não é engraçado nunca mais termos falado no assunto?

— Engraçado? Por quê? Fizemos um juramento…

— Pois eu guardei comigo todo esse tempo um segredo. Acho que chegou a hora de fazer a revelação…

Toríbio lançou-lhe um olhar enviesado: - Segredo? - repetiu, intrigado.

— Tu te lembras de quando o homem que estava desenterrando o corpo da velha Schultz ergueu a lanterna? Pois nessa hora eu vi a cara dele… E tu sabes quem era o violador de sepulturas? O velho

Pitombo, o pai do Zé!

— Tens certeza?

— Como é que vou ter certeza, se estava louco de medo e afinal de contas era de noite, e a coisa toda se passou longe de onde estávamos?

— Vês só como são as coisas. Pois sabes quem foi que eu achei que era? O negro Sérgio.

— O Lobisomem? Ah, essa é que não, te garanto. Acho que era o velho Pitombo mesmo.

— Podia não ser o Sérgio, mas o Pitombo também não era. O homem que vi era pardo.

Ficaram a entreolhar-se em dúvida, por alguns segundos.

— Mas que adianta discutir isso agora? - perguntou Toríbio. — O velho Pitombo morreu e ninguém se lembra mais do caso.

— Depois daquela noite nunca mais pude olhar direito pró homem. Quando ele falava comigo, eu sentia um mal-estar danado. Até comecei a tratar mal o pobre do Zé, no colégio.

— Pois comigo a coisa foi diferente. Eu já me interessava pelo Sérgio porque diziam que às sextas-feiras ele virava lobisomem e saía pra rua. Depois daquela noite no cemitério fiquei ainda mais interessado no negro. Um dia cheguei a entrar na casa dele pra ver se descobria lá dentro alguma caveira, alguma joia ou um filtro mágico. Mas qual! Só encontrei molambos.

— E nunca me contaste isso, patife.

— A troco de que havia de te contar? - Toríbio empurrou o outro, numa paródia de agressão. — Sempre foste um adulão, vivias pegando do bico-da-chaleira da titia.

Atravessaram a rua, entraram na carpintaria do Zé Pitombo e encontraram-no em mangas de camisa e descalço, a aplainar uma tábua.

— Deus ajuda a quem trabalha! - exclamou Rodrigo. Pitombo, todo alvoroçado por ver o antigo companheiro de escola, largou a plaina e, limpando as palmas das mãos nas calças, aproximou-se dele.

Bom dia, doutor - disse com ar cerimonioso. — Que honra para esta casa!

— Estás vendo, Bio? - perguntou Rodrigo, estendendo a mão para o carpinteiro. — O meu companheiro de escola primária me chamando de doutor. Já se viu maior absurdo?

Abraçou o outro cordialmente. Muito encolhido, os cabelos em desalinho, o rosto coberto por uma barba de dois dias, Pitombo parecia constrangido. Tinha orelhas que semelhavam asas de açucareiro, e seu lábio inferior sobressaía do superior, muito inchado, vermelho e lustroso, como que mordido de marimbondo.

— Não repare, Rodrigo - murmurou ele, baixando os olhos para

designar a maneira como estava vestido. — Sou um pobre operário.

— Cristo também foi carpinteiro - disse Rodrigo com dupla intenção: agradar Pitombo e divertir o irmão.

— Mas quem sou eu para ser comparado com o Nazareno? Havia no ar um cheiro ativo de cola combinado com o de serragem, mas o que perturbava Rodrigo era o fartum de suor muitas vezes dormido que emanava do corpo de Zé Pitombo.

— Quero te dar os parabéns, Zé - disse ele, pousando a mão no ombro do outro. — Li teu soneto na Voz. Gostei muito - mentiu. Achara o poema horrível, mas era-lhe agradável ser agradável aos outros. Aquela pequena mentira ia fazer o pobre-diabo feliz. Os olhos cinzentos do carpinteiro ganharam um lustro novo.

— Gostou mesmo? Pois a gente faz o que pode. Poeta de aldeia, o senhor sabe…

— É da aldeia que saem os grandes homens, Zé.

— Mas não querem sentar?

— Não, Zé, muito obrigado. Andamos dando uma volta e revendo os amigos. Até logo. Aparece lá pelo Sobrado, homem!

Tornou a abraçar Pitombo e, tomando do braço de Toríbio, comandou: - Vamos!

— Não gosto muito da cara desse sujeito - resmungou o outro, quando se viram de novo na rua. — Não olha direito pra gente. Deve ter alguma coisa na consciência.

— Qual, Bio! O Pitombo é uma alma simples. — Parou, olhou em torno e decidiu. — Vamos visitar a igreja.

Foram. Aquela hora o templo estava deserto. De chapéu na mão, parado na extremidade do corredor, entre as duas alas de bancos, Rodrigo olhava para a imagem da padroeira da cidade.

— Tenho a impressão de que todos esses santos são meus velhos amigos - murmurou ele, passando o olhar pelos altares.

— Se são teus amigos, por que não falas alto? Pergunta como vão passando. Como vai o senhor, Santo Antão? E a senhora, Nossa Senhora da Conceição? - E o vozeirão lento e grave de Toríbio reboava no recinto daquele templo, famoso pela sua acústica. — Como vai a família, São José? Dona Maria já sarou da constipação?

— Bio! Mais respeito.

— Ué… Por quê? Os santos me conhecem desde que nasci. Não adianta fingir. Eles sabem como eu sou…

Sempre que entrava numa igreja, Rodrigo ficava tomado dum sentimento opressivo, misto de temor e respeito, algo que o fazia falar baixo, caminhar na ponta dos pés.

Depois dos quinze anos jamais pronunciara uma oração. Raramente ia à missa, e, quando ia, nunca se ajoelhava nem mesmo tentava rezar. O interior das igrejas deprimia-o um pouco, dava-lhe

um peso no peito, evocava-lhe ideias inquietadoras mais relacionadas com os pavores da morte e do inferno do que com as maravilhas da vida e do céu. Desde menino, assistira naquele templo a várias missas de corpo presente e encomendações de defuntos; e em muitas Sextas-Feiras da Paixão viera, pela mão de sua madrinha, beijar o corpo do Cristo morto. Observava que as pessoas que mais frequentavam a igreja eram os velhos e os doentes, e nas caras lívidas dessas gentes tristes havia 129 algo que ele associava ao fundo encardido da pia de água benta. O cheiro de incenso das missas misturava-se com o melancólico ranço de suor humano, entranhado naquelas paredes, imagens, madeiras e panos.

Rodrigo permaneceu num silêncio meditativo, lembrando-se das muitas vezes em que no passado, em diversas idades, entrara naquele templo.

— Se algum dia eu me confessar - disse Toríbio - tenho de contar ao vigário um sacrilégio que cometi. Uma tarde entrei aqui e roubei uma vela do altar de Nossa Senhora pra de noite ler o Rocambole no quarto.

— E não será esse o teu único pecado, herege - sussurrou Rodrigo.

— Mas acho que Nossa Senhora já me perdoou. Aposto até como ela achou engraçado. — Soltou um fundo suspiro e acrescentou em voz mais baixa: - Tenho pago com juros a vela que roubei. Todos os anos, no dia da santa, compro uma vela das grandes e acendo no altar dela.

— E dizes que não és religioso!

— Isso nada tem que ver com religião. Foi um empréstimo que fiz e agora estou pagando com juro alto. É um negócio particular entre mim e Nossa Senhora.

Rodrigo sorriu, sacudindo a cabeça. E quando de novo saíram para o clarão dourado da manhã, Toríbio respirou com força, exclamando: - Se Deus está em algum lugar, é aqui fora e não lá dentro.

— Deus está em toda parte.

— Quem te ouve pensa que és mesmo religioso.

— E sou! - afirmou Rodrigo com veemência, tentando convencer não só o irmão como principalmente a si mesmo. Sempre que examinava suas relações com Deus, achava-as um tanto confusas. Gostava de dizer, parodiando conhecida anedota a respeito de Voltaire, que suas relações com o Criador eram apenas de cumprimento. Lera com paixão os enciclopedistas e deliciara-se com a Vida de Jesus, de Renan. Houvera em seus tempos de estudante um confuso momento em que - como consequência de amores mal-sucedidos - mergulhara fundo em Schopenhauer. Tomara-se de amores pela Ciência com C maiúsculo e encontrara um sabor viril no ateísmo.

Repetia com volúpia a frase de Taine: "Sendo o homem fisicamente uma máquina e mentalmente um teorema, o vício e a virtude não passam de simples produtos, como o vitríolo e o açúcar.
"

“Deus não existe!” - exclamara muita vez à noite, sob as árvores da praça da Harmonia, nas ruidosas discussões metafísicas que entretinha com os colegas. Negando Deus ele se sentia mais adulto, mais corajoso, mais sábio e ao mesmo tempo mais livre. Sua bondade e seus sentimentos caridosos ganhavam um sentido singular porque, uma vez que não existia Deus nem Céu ou prêmios para os justos e os bons, todos os seus atos de bondade, justiça e caridade se tornavam esplendidamente gratuitos.

“No dia em que eu morrer - gostava de dizer - minha consciência se apagará, mas, como é sabido que nada se perde e tudo se transforma no universo, meu corpo plantado na terra se transformará numa árvore, numa bela árvore que há de abrigar os passarinhos e dar sombra às crianças e aos namorados.”

Más se por um lado ele tinha coragem e ímpeto para fazer essas afirmações nos corredores da faculdade, nas praças, nos restaurantes ou nos salões de baile - por outro esse ímpeto e essa coragem amorteciam, quase desapareciam sempre que ele entrava numa igreja. Era uma lei antiga que o filho devesse respeito ao pai, diante do qual não lhe era permitido erguer a voz e nem mesmo a cabeça. Sempre que Rodrigo se defrontava com o pai seu gosto por falar alto, por sacudir no ar o penacho desapareciam, e ele sentia até certo prazer em humilhar-se, representando o papel de “o bom menino”, obediente e modesto. Toda vez em que entrava numa igreja e sentia a presença invisível de Deus, o Pai dos pais, ele se apequenava num ato de contrição.

Como alguém um dia lhe perguntasse se era religioso e ele respondesse: “A razão me leva para o ateísmo mas o coração me eleva para Deus” - esse alguém lhe dera uma resposta dum bom senso irritante: “Quer dizer então que o amigo acende uma vela a Deus e outra ao diabo?”

— Vamos ver o Chico - convidou Rodrigo.

Entraram numa casa velha e baixa de duas portas e três janelas, e em cuja fachada, logo abaixo do beiral, havia um letreiro: “Padaria Estrela d'Alva”. Rodrigo bateu palmas: - Ó de casa! - gritou. Chico Pão apareceu.

— Olha, Romualda! Olha! - gritou para a mulher, radiante. E correu a abraçar Rodrigo. Quis dizer alguma coisa, mas engasgou-se e as lágrimas lhe brotaram nos olhos.

— Que é isso, Chico? - exclamou Rodrigo que, muito a contragosto, começava também a comover-se. O padeiro abraçava-o,

com a cabeça no seu ombro. (Vai me sujar a roupa!)

Chorava agora aos soluços, limpando as mãos no avental. Romualda olhava a cena com ar meio imbecil.

Finalmente Chico desprendeu-se de Rodrigo e, enxugando os olhos com as pontas dos grossos dedos, voltou-se para a mulher: - Cumprimenta o dr. Rodrigo, Romualda.

A criatura obedeceu. Tinha a mão fresca e úmida. Não disse palavra: limitou-se a olhar para o rapaz com olhos cheios duma ternura acanhada.

— Sempre moça, dona Romualda - mentiu Rodrigo. Na realidade achava-a um molambo de gente: magra, envelhecida, amarela e tristonha.

— E como vai a padaria, Chico? - perguntou, pousando a mão no ombro do vizinho. — Ainda fazes aquele teu pão cabrito maravilhoso?

O rosto do padeiro iluminou-se.

— Quando vi o senhor - choramingou ele - me lembrei do meu pai e do que o coitado dizia. "Quero bem esses meninos do coronel Licurgo como se eles fossem meus filhos.

Chico, nunca deixes de ser amigo do Rodrigo e do Toríbio." - Fez uma pausa. — Pobre do papai! Faz três anos que morreu e ainda não me acostumei com a falta dele.

— Sacudiu a cabeça, penalizado. — A vida é assim mesmo.

— Um consolo tu tens, Chico - disse Rodrigo. — Sempre foste um bom filho.

Olhou em torno. Havia naquela pequena loja de chão de terra batida um balcão seboso e prateleiras toscas onde se viam latas com biscoitos e bolachas. Andava no ar um cheiro acolhedor e convidativo de pão fresco e café recém-passado.

— Me desculpe, seu Rodrigo - disse ele, de olhos baixos. — Não pude ir à estação ontem. Estive de cama, outra vez com aquela pontada do lado. Não foi, Romualda?

A mulher confirmou com um aceno de cabeça.

— Precisamos ver isso o quanto antes, Chico. Ainda não abri o consultório, mas aparece hoje mesmo no Sobrado. Quero te examinar.

Deve ser alguma coisa nos rins.

— A Romualda também tem andado amolada, não é, Romualda? Uns flautos, parece… e umas palpitações.

— Pois ela que vá também ao Sobrado. Vocês serão os meus primeiros clientes!

— Quem sabe se ele aceita um café? - perguntou Romualda, voltando-se para o marido. Chico Pão reforçou a pergunta com um olhar aliciante.

Toríbio, que estivera todo o tempo à porta da padaria, fazendo um cigarro, voltou a cabeça para dentro e gritou: - Estamos com um

pouco de pressa. Rodrigo, porém, protestou: - Pressa coisa nenhuma! Venha de lá esse café, dona Romualda.

No minuto seguinte estavam sentados ao redor da mesa, na sala de jantar.

— Não repare, seu Rodrigo, isto é casa de pobre… - disse Chico.

— Para mim, isto é antes de mais nada a casa dum amigo que muito prezo.

De novo os olhos do padeiro se enevoaram e seus lábios tremeram.

Romualda serviu o café e o marido trouxe com certo orgulho um prato com fatias de pão cabrito, que Rodrigo se pôs a comer com entusiasmo.

— Vou te dizer uma coisa, Chico. Em Porto Alegre ninguém sabe fazer pão como tu. Eu sempre dizia prós meus colegas. Se há coisa de que tenho saudade é do pão da Estrela d'Alva.

Com os cotovelos sobre a mesa, as manoplas a segurar o rosto moreno, Chico Pão contemplava Rodrigo com interesse amoroso. Toríbio fumava e bebericava seu café.

— O Chico vai votar no marechal Hermes, não vai?

O padeiro franziu a testa e voltou para o rapaz uma cara indignada: - Eu? Deus me livre. Voto sempre com o coronel Licurgo.

— Bateu no peito. — Eu sou do dr. Rui Barbosa.

— Se o Trindade sabe disso, manda te capar - troçou Toríbio.

Com a boca cheia de pão, Rodrigo ergueu o braço num gesto dramático, exclamando: - Para fazer isso ele tem que primeiro passar por cima do cadáver de todos os Cambarás!

Romualda servia a mesa em silêncio. Seus pés descalços moviam-se sem ruído sobre o chão. Da cozinha vinha um bafio fresco de picumã. E, pelo vão da porta, Rodrigo via um pedaço azul de céu e um pequeno trecho do quintal, onde galinhas ciscavam o chão.

Romualda parou um instante junto de Rodrigo e perguntou: - Doutor, o senhor já ouviu falar nesse tal de cometa? Rodrigo ergueu a cabeça: - O que vai aparecer em maio? Por quê?

— Será mesmo que o mundo vai acabar?

— Qual! É boato.

— Pois a Romualda anda louca de medo - contou Chico.

— Eu já disse pra ela que isso é invenção dos jornais. Pregam essas mentiras pra chamar a atenção do povo, não é, doutor?

Toríbio soltou uma baforada de fumaça e disse: - Pois eu acho que o mundo vai acabar e é bem-feito, Chico. Deus deve andar mal satisfeito com as criaturas. Todo o mundo está perdendo a vergonha. Tomara que esta droga acabe. Não se perde nada.

— Credo! - exclamou Romualda. — Que Deus lê perdoe, seu Toríbio.

Pouco depois, Toríbio e Rodrigo saíram. Já na rua, o primeiro disse: - Que história foi essa de aceitar café com pão? Não tomaste em casa antes de sair?

— Claro que tomei. Mas não compreendes que o pobre do Chico ia ficar honrado se tomássemos café à mesa dele? Não vês que não custa nada a gente fazer os outros felizes?

— Não compreendo, doutor, sou um bagual.

Pararam à esquina. Rodrigo lançou um olhar demorado para a praça, onde cavalos e vacas pastavam.

— Que abandono! A praça principal de Santa Fé transformada em potreiro! Ah! No dia em que eu tiver um jornal, essa corja vai ver…

Mas, vamos olhar a figueira.

Ao chegarem ao pé da árvore, Rodrigo estacou e pôs-se a examinar o tronco cheio de sinais, nomes e iniciais gravados a faca e canivete.

— Quantas gerações terão deixado sua marca neste tronco! Daqui a mil anos, os historiadores tentarão reconstituir a história de Santa Fé através destes hieróglifos.

Tirou o chapéu, passou o lenço pela testa suada e olhou para o edifício da Intendência, que ficava do outro lado da praça, na quadra fronteira à do Sobrado.

— E dizer-se que aquele cachorro do Trindade está lá dentro, sentado na cadeira de intendente, como num trono. É de lá que ele dá as suas ordens atrabiliárias. É lá que os adulões comparecem para o beija-mão. Canalha! Não perdes nada por esperar.

Toríbio olhava o irmão com o rabo dos olhos.

— Estás então convencido que vais derrubar o Trindade?

— E por que não? Achas que ele é invencível? Não te parece que Santa Fé merece outro intendente, outro governo, outra sorte?

Como única resposta, Toríbio começou a assobiar O boi barroso.

— Queres ir depor o Trindade… agora? - perguntou pouco depois, pachorrento.

— Ora, Bio! Tu levas tudo na troça. Mas um dia hás de compreender que o assunto é mais sério do que pensas. Vamos descer a rua do Comércio.

Toríbio fez um gesto de resignação.

— E continuar a nossa via-sacra - disse, com um suspiro. E puseram-se de novo em movimento.

Rodrigo lançou o olhar ao longo da perspectiva da rua principal de Santa Fé. Como eram baixas, feias e tristonhas aquelas casas! Com exceção do Sobrado, do Clube Comercial e de algumas residências como a dos Matos, a dos Quadros e a dos Fagundes, eram todas térreas e sem estilo, de fachadas caiadas sem platibanda. No telhado limoso das mais antigas, cresciam até ervas. O pavimento da rua, riçado de

pedras-ferro de tamanho irregular e de ordinário cobertas de finíssima poeira avermelhada, dava a impressão de ter sido feito com pedaços de pé-de-moleque.

Ao longo das calçadas alinhavam-se os lampiões de querosene, no alto de postes de madeira pintados de azul.

— Mas um dia havemos de ter luz elétrica! - exclamou Rodrigo de repente, como a rebater a crítica dum interlocutor invisível.

— Não me digas que vais organizar uma companhia…

— E por que não?

— Donde é que vai sair o dinheiro?

— Venderemos ações.

— A quem? Tu sabes que estes nossos estancieiros são gente de guardar seus patacões em pé-de-meia. Santa Fé é uma cidade pobre, e aqui os que têm dinheiro não enxergam um palmo adiante do nariz.

— Com luz elétrica enxergarão muitos metros. E com luz elétrica podemos ter até cinematógrafo!

Num súbito entusiasmo, Rodrigo desferiu uma palmada nas costas do irmão.

— Cinematógrafo é bobagem pra criança - disse Toríbio.

Rodrigo estacou, postou-se na frente do outro e reagiu: - Estás muito enganado. Nunca viste cinematógrafo de verdade. O que conheces é lanterna-mágica. Em Porto Alegre passam fitas de enredo, em muitas partes, e algumas até bem instrutivas.

E, como para comprar a simpatia do irmão, que gostava dos romances de capa e espada, contou: - Já fizeram uma fita de Os mistérios de Paris. E sabes com que artistas? - Bombardeou Toríbio com nomes que ele evidentemente não conhecia: - Madot, Hector, Simon, Liovent, Suzanne, todos do Teatro Porte Saint-Martin, de Paris!

Toríbio sacudia a cabeça, obstinado.

— Me deem um livro e uma vela que eu me divirto. Não quero saber dessas sombrinhas em pano branco.

— E as fitas cómicas - enumerava ainda Rodrigo - com o Max Linder, o Bigodinho, o Deed, são engraçadíssimas, eu queria que visses!

— Está bem. Faz o teu cinematógrafo, mas não contes comigo. Não vou lá nem de graça. E te prepara pra perder dinheiro. Isto é uma terra de botocudos.

— Teu pessimismo está me fazendo mal.

Continuaram a andar. Iam a passo lento e paravam sempre que algum conhecido se aproximava para abraçar Rodrigo. Toríbio impacientava-se, pois eram sempre as mesmas palmadas frenéticas nas costas, as mesmas perguntas, as mesmas exclamações: "Mas sim senhor, hein? Te vi de calças curtas, brincando na rua, e agora aqui um homem feito, hein? Vai clinicar na cidade? Meus parabéns! Quem

havia de dizer!…

Parece que foi ontem! Este mundo é assim mesmo…"

Toríbio tinha de intervir para evitar que aquelas conversas se prolongassem por mais tempo.

— Vamos embora! - dizia, puxando o irmão pela manga do casaco.

Iam… Mas de dentro duma casa ou no meio da calçada surgia um novo conhecido e o cerimonial se repetia.

— Isto vai devagar que nem enterro de rico - reclamou Bio. — Que queres? Estão dando as boas-vindas ao filho pródigo.

Rodrigo entrou na Casa Sol, abraçou o proprietário e os caixeiros, um por um, e ficou ainda a palestrar com três agricultores - gente do terceiro distrito - que ali estavam a fazer compras. Prometeu a todos visitas, receitas, sementes, remédios…

Quando saíram de novo para a calçada, Rodrigo avistou o aguadeiro de Santa Fé, que vinha pelo meio da rua aos sacolejos de sua carroça, sentado no alto da grande pipa, tendo na mão esquerda as rédeas com que dirigia a mula magra, de olhos remelentos, e na direita o chicote que fazia estalar no ar com a bravura dum domador de leões. O pipeiro! - sorriu Rodrigo: Anamas Silva, que fornecia água potável às famílias de Santa Fé a um tostão a lata, era um homenzinho sem idade, baixo e franzino, de pele lívida e olhos frios e gelatinosos de peixe. Tinha a cara chupada e bigodes caídos pelos cantos da boca, que a falta de dentes tornava flácida e franzida.

Ananias Silva era famoso na crónica da cidade por viver maritalmente com duas mulheres na mesma casa: uma já madurona, a legítima, e outra ainda nova, a amásia.

E o mais extraordinário era que ambas viviam em perfeita harmonia.

Afirmava-se que o aguadeiro dormia numa larga cama, flanqueado pelas esposas, razão por que era conhecido em todo o município pela alcunha de Zé do Meio.

Rodrigo sempre achara fascinante essa história e seu minúsculo herói. Foi por isso que, ao avistar o pipeiro, saudou-o com verdadeira efusão. Zé do Meio fez a mula estacar, saltou da carroça e pôs-se a correr na direção de Rodrigo, que o esperava de braços abertos.

— Deus te abençoe, meu filho! - exclamou o aguadeiro, abraçando-o. — Deus te crie pró bem!

— Como vai a vida, Zé do Meio? - perguntou Toríbio. O homem soltou uma risadinha fina e disse: - Eu gosto do Bio. Não me importo que ele me chame de Zé do Meio. Se fosse outro, eu brigava. Não admito que me desmoralizem.

— Deixa de besteira, Zé - retrucou Toríbio. — Todo mundo sabe que tu dormes no meio de duas mulheres. é ou não é?

O pipeiro piscou-lhe o olho e torceu a boca numa paródia de sorriso.

— Mas com quem que tu querias que eu dormisse, vivente? Contigo?

Soltou outra risada, voltou para a carroça e subiu agilmente para cima da pipa. Lá do alto, tirou o chapéu, numa cortesia gaiata, e de novo fez estalar o chicote, pondo a mula em movimento.

Rodrigo e Toríbio retomaram a marcha, sorrindo.

— Eu só queria saber qual é o segredo do Zé do Meio. E franzino, desdentado e feio, e no entanto consegue um milagre que nenhum dom-joão, que eu saiba, até hoje conseguiu.

— Mulher é bicho que ninguém entende. Caminhavam agora ao longo dum muro onde se lia, em grossos caracteres negros: “Fernet branco conserta o estômago”.

— Ah! - fez Rodrigo de repente. — Vou transformar o porão do Sobrado numa boa adega. Já encomendei vinhos franceses, italianos e portugueses. Se há coisa que eu goste na vida, menino, é duma taça de champanha.

Toríbio caminhava de cabeça baixa, olhando para as pedras da calçada.

— Me deem uma boa caninha e eu fico me lambendo todo.

— Uma boa caninha destilada em alambique de barro também tem seu valor. Por que não? - Respirou fundo, ergueu os olhos piscos para o sol e disse: - Precisamos mudar de vida, Bio. O Sobrado é uma casa triste. Temos de fazer lá umas tertúlias, uns serões, convidar gente interessante, conversar, ouvir música, dar mais alma àquele casarão. E para animar uma festa não há nada como uma boa vinhaça, bons charutos e um caviarzinho…

— Eu só queria saber o que é que o velho vai achar de tudo isso.

— Está claro que no princípio vai desaprovar, dizer que é um desperdício de dinheiro e até - quem sabe? - uma indecência. Mas acabará se entregando. Ele e eu pertencemos a épocas diferentes, Bio. O mundo do papai é um mundo que está morrendo. Eu pertenço ao século XX.

— E a tua madrinha?

— Essa eu me encarrego de convencer. Sabes que sou o mimoso da Dinda.

Ela vai resmungar, mas acabará fazendo o que eu quiser. — Pegou do braço do irmão e, em voz muito baixa, como se estivesse a contar-lhe um segredo, disse: - A vida é uma só, Bio. Temos que aproveitar, antes que ela se acabe ou a gente envelheça.

— É pra mim que estás dizendo isso? Que a vida é boa eu sei. E também sei que a gente tem de aproveitar enquanto pode.

— Mas chamas aproveitar a vida passar quase todo o tempo no

Angico fazendo aquele serviço bruto?

— Pois isso é que me diverte, homem. Camperear no lombo dum cavalo, comer bem, ter boas mulheres, bom chimarrão e, uma vez que outra, um copo de caninha e um joguinho de baralho…

— E nessas coisas se resumem teus ideais?

— Não. Tem mais. De vez em quando uma briga, uma revoluçãozinha pra gente desenferrujar as armas e as juntas.

Rodrigo deu-lhe um empurrão afetuoso.

— És um bárbaro! Representas um Rio Grande que tende a desaparecer, um Rio Grande que vive em torno do boi e do cavalo, heroico, sim, não há dúvida, mas selvagem, retardatário. Ninguém pode deter a marcha do progresso e da ciência, e os que se atravessarem no caminho serão esmagados. Tipos como o Trindade e seus capangas, no futuro hão de ser apenas artigos de museu.

— Não me compares com esses cafajestes nem me venhas dizer que eles representam o verdadeiro Rio Grande. Gaúchos de verdade são o velho Fandango, o Babalo, o papai e miles e miles de outros.

— Não me compreendeste! Sou também pela manutenção das tradições de honra e coragem da nossa terra. Mas também sou pelo progresso. Um dia o automóvel há de desbancar o cavalo. E muito ídolo cairá por terra, muito costume será modificado. é uma fatalidade, Bio.

— E por falar em fatalidade - resmungou Toríbio - olha só quem vem ali…

Rodrigo avistou Liroca, de braços abertos no meio da calçada.

Apressou o passo, aproximou-se dele e apertou-o contra o peito.

— Tu nem imaginas como estou sentido, Rodrigo! - queixou-se José Lírio. — Todo o mundo te visita, todo o mundo vai à tua casa, só eu é que não posso ir. Sabes o que me aconteceu ontem de noite, cristão?

Na cara tostada de Liroca, o narigão achatado tinha um tom violáceo.

Os bigodes, que começavam a ficar grisalhos, eram um tufo híspido de piaçaba, acima dos lábios pardacentos e gretados.

— Pois fiquei na praça, sentado num banco, olhando pras janelas do Sobrado, ouvindo o baiulho da festa lá dentro, suspirando, triste como terneiro desmamado, e dizendo cá comigo: “O Licurgo não devia ser tão rancoroso. Águas passadas não movem moinho. Afinal, já faz quase quinze anos que terminou a revolução e muito maragato anda por aí de braço dado com republicano” Depois, nunca dei um tiro contra o Sobrado. Juro por esta luz que me alumia - acrescentou, solene, tirando o chapéu e erguendo os olhos para o céu. — Naquela noite de São João, em 95…

Ia contar a sabidíssima história, quando Rodrigo o interrompeu: -

Pois Liroca velho, eu te prometo arranjai tudo ainda esta semana.

Quero te ver no Sobrado como um velho amigo da família.

— Será mesmo? - suspirou ele.

— Tens a minha palavra.

José Lírio estendeu a mão, que Rodrigo apertou com buscada gravidade.

— Conta pró Bio qual foi a primeira pessoa que te abraçou quando chegaste a Santa Fé.

— Foi o Liroca - declarou Rodrigo, voltando-se para o irmão e fazendo o possível para dar ao rosto uma expressão séria. José Lírio sorriu um lento sorriso de satisfação e abalou. Como estivessem à frente do Clube Comercial, Rodrigo sugeriu: - Vamos entrar. — A esta hora não tem ninguém aí dentro.

— Vamos ver o Saturnino.

Entraram e encontraram o Saturnino Lemos, o ecónomo do clube, atrás do balcão do bufete, a conversar com Chiru Mena, seu amigo inseparável. Rodrigo sempre achara curiosa aquela dupla. Saturnino era baixo, franzino e pálido, de voz grave e gestos serenos. Falava pouco, e dum jeito ponderado e calmo. Era um famoso tocador de flauta, especialista em valsas lentas e modinhas sentimentais. Viúvo, vivia sozinho numa casa de tábuas lá para as bandas do Barro Preto.

Chiru Mena era alto, corpulento, sanguíneo e espalhafatoso. Perdera em vadiagens e maus negócios o dinheiro, as terras e o gado que o pai, antigo estancieiro de Santa Fé, lhe legara. Vivia agora na cidade na companhia duma tia viúva que o sustentava. Não tinha profissão, andava sempre às voltas com bailarecos, ceias e serenatas, perseguido pelos credores e a contar mentiras em torno de grandes negócios que se achavam “engatilhados”, e de estâncias imaginárias que estavam por vender.

Saturnino jamais alteava a voz: Chiru não sabia falar baixo. Saturnino dificilmente se entusiasmava com as coisas: Chiru vivia num constante estado de ebulição diante da vida e das pessoas. Saturnino era republicano: Chiru, federalista. No entanto davam-se bem e, noctívagos inveterados, eram frequentemente vistos a vagabundear pelas ruas de Santa Fé, altas horas da madrugada.

Rodrigo encontrava-os agora ali no bufete do clube, às nove da manhã, empenhados já nas suas habituais discussões.

Chiru veio apertar Rodrigo num caloroso abraço.

— Chegaste bem na hora, menino! Eu e o Saturnino estamos numa discussão braba. Ele diz que essa história de acabar o mundo é impossível, porque o rabo do cometa é de fumaça e não pode espatifar a Terra, mesmo que bata nela…

Saturnino interrompeu-o: - Perdão. Não foi bem isso que eu disse. Declarei que a cauda do cometa era de matéria gasosa. Li isso num

almanaque.

— Pois é a mesma coisa! - vociferou Chiru. — Agora, tu que és um moço instruído, Rodrigo, me diz quem é que tem razão: eu ou esse animal?

— Antes de resolverem a questão - interveio Toríbio, aproximando-se do balcão - me bota uma branquinha, Saturnino.

O ecónomo serviu-lhe um cálice de cachaça, que ele emborcou, bebendo dum só trago.

— O mundo agora pode acabar, minha gente - disse, preparando-se para fazer outro cigarro.

Chiru estava de pé na frente de Rodrigo, com as mãos na cintura, sua grande cara vermelha a reluzir à luz da manhã. Debruçado sobre o balcão, Saturnino esperava o veredicto do dr. Rodrigo Cambará.

— Todo o cometa é um corpo nebuloso - explicou este último, com ar didático. — Não se trata, como o povo imagina, duma estrela com uma cauda…

Chiru olhava enviesado para Saturnino, como a dizer: "Estás ouvindo, burro?"

— Quanto à natureza da cauda, existem dúvidas. Parece que é formada de matérias gasosas de mistura com sólidas, desprendidas pelo núcleo, isto é, pela cabeça do cometa.

Rodrigo fez uma pausa, embaraçado. A verdade era que não sabia muito a respeito de cometas. Tinha lido algo, havia tempos, num número de Illustration. Era-lhe, porém, desagradável confessar sua ignorância. Por isso prosseguiu: - Tudo nos leva a crer que as caudas sejam corpos gasosos e que portanto…

Tornou a hesitar. Chiru perdeu a paciência: - Mas afinal de contas, a cauda dum cometa pode ou não pode arrebentar o mundo?

Rodrigo coçou o queixo e procurou fugir pela tangente: - Olha, Chiru, o que te posso dizer é que os antigos alimentavam muitas superstições quanto aos cometas, achando que o aparecimento deles no céu anunciava algum acontecimento trágico. Conta-se que um cometa anunciou a morte de César.

— Que César? - perguntou Chiru com desconfiada arrogância.

— Ora! - fez Saturnino. — O grande César da História, Chiru. Mas cala a boca e deixa o homem continuar.

Rodrigo agora se sentia em terreno mais firme.

— Um cometa apareceu também quando as legiões bárbaras de Átila invadiram a Europa. E vocês querem saber duma coisa engraçada? Lá por meados do século XV um grande cometa surgiu no céu com um brilho extraordinário. Sua Santidade, o papa Calisto terceiro ou segundo, não me lembro bem, mandou que todos os católicos do mundo começassem a rezar em público, pedindo a Deus para poupar a humanidade da catástrofe que o cometa podia estar

anunciando. E vocês sabem que cometa era esse? O de Halley, o mesmo que vai aparecer em maio do ano que vem…

Parou para gozar a expressão de surpresa estampada nos rostos de Saturnino e Chiru.

— Que desgraça nos virá anunciar esse cometa? - perguntou o ecónomo.

— A eleição do marechal Hermes! - exclamou Chiru, provocador.

Saturnino pigarreou, conteve-se e depois, com voz calma e grave, disse numa surdina cheia de dignidade: - Devias ter mais respeito pelas convicções alheias.

O grandalhão, porém, já havia esquecido a sucessão presidencial e concentrava o olhar vivo em Rodrigo: - Mas como é o negócio? O cometa pode ou não pode espatifar esta droga?

— Os cientistas da Antiguidade temiam que isso fosse possível. Um choque do cometa com nosso planeta podia produzir o deslocamento do eixo de rotação da Terra, o que causaria um desequilíbrio perigosíssimo, e ninguém poderia prever as consequências de tal colisão. Mas os astrónomos modernos acham que a massa dos cometas é tão sem importância, que um choque entre ela e a Terra não teria nenhuma consequência grave.

Saturnino lançou um sereno olhar de vitória para Chiru.

— Eu não te disse?

Chiru Mena mirou Rodrigo com ar desconfiado.

— Não me dou por vencido. Tu me desculpa, mas sou teimoso. Pelas dúvidas, no dia do cometa, vou ficar de prontidão. Me serve um vinho do Porto, Saturno.

O ecónomo obedeceu. Chiru apanhou o cálice, ergueu-o no ar, mirou o vinho com olho alegre e depois bebeu-o em goles curtos, intercalados de estalos de língua.

— Bota na conta.

Saturnino cofiou os bigodes negros, e olhando para Rodrigo com uma expressão céptica no rosto, fez com a cabeça um sinal na direção do companheiro.

— Quando ele vender as famosas estâncias, vai pagar o que me deve…

Depois que Toríbio e Rodrigo saíram, os dois amigos ficaram a discutir política. O fanfarrão gritou: - Te dou vinte mil votos de vantagem e jogo no Rui Barbosa. O outro retorquiu: - Não quero luz. Jogo mano a mano.

— Está feito. Duzentos mil-réis.

Ao descerem as escadas que levavam à calçada, Rodrigo comentou: - E assim o Chiru passa a vida. Fazendo apostas, vendendo campos que não possui, esperando negócios fantásticos que são pura obra de sua imaginação…

— E a pobre da tia que se esfalfe fazendo bordados e quitandas pra sustentar esse vadio. Que vergonha! Um homenzarrão forte, moço e são de lombo. Podia estar trabalhando como capataz de estância, pois competência não lhe falta. Mas o que o safado quer é viver na cidade, de bailes, farras, namoros, flor no peito e botina de verniz.

— O que é de gosto regala a vida… - observou Rodrigo com tolerância.

Seguiram na direção da praça Ipiranga.

— Estás vendo aquela bisca que vem saindo da Confeitaria do Schnitzler? - perguntou Toríbio.

Rodrigo avistou um padre alto e robusto, metido numa batina nova, a cabeça coberta por um chapéu de feltro negro, de largas abas. Quando o vulto se aproximou mais, Toríbio cochichou: - É o padre Kolb, o vigário. Olha bem pra cara dele, que depois te conto uma história…

Rodrigo olhou. Tinha o padre Kolb um rosto cor de tijolo, um par de olhinhos astutos, dum azul desbotado, sob pálpebras sonolentas. O nariz, longo e fino, dum vermelho vivo, luzia ao sol. Ao passar pelos dois irmãos, o sacerdote levou o indicador à aba do chapéu, mas nem sequer voltou a cabeça.

— Bom dia, vigário! - cumprimentou Rodrigo, cordial. Toríbio tomou-lhe do braço e contou: - Pois essa figura, quando servia numa colónia italiana, não me lembro qual delas, inventou de construir uma igreja. Mas onde é que ia arranjar o dinheiro? Fez quermesses, leilões, pediu esmola de porta em porta, e quando viu que ainda faltava muito pra completar a quantia que precisava pras obras, teve uma ideia-mãe.

Toríbio parou e fez o irmão também parar.

— Anunciou que estava vendendo cadeiras no céu. Ora, os colonos ficaram assanhados e começaram a reservar lugares no outro mundo. Os preços variavam conforme a posição das cadeiras. Quanto mais perto de Deus, mais caro era o lugar. E havia viúvos que pagavam quantias bárbaras para conseguirem cadeiras no céu, perto das falecidas. Pois, menino, só sei dizer é que o padre Kolb forrou o poncho e arranjou o dinheiro que queria. E a igreja está lá. Dizem que é uma joia de tão linda.

— Mas isso é estupendo! O padre Kolb é um grande homem. Faço questão de conhecê-lo.

Retomaram o caminho.

— E um grande padre!- prosseguiu Toríbio. — Uma vez num kerb em Nova Pomerânia, vi esse bicho beber sozinho dez garrafas de cerveja e depois sair caminhando firme.

Do outro lado da rua, à porta de sua barbearia - Salão Capadócio - Neco Rosa sorria e acenava-lhes.

— Vamos falar com aquele sacripanta - convidou Rodrigo.

Atravessaram a rua na direção do dente de ouro do barbeiro. Com sua basta cabeleira e suas longas costeletas, Neco Rosa 146 lembrava um retrato de Bento Gonçalves, feito a bico-de-pena, que aparecia nos livros escolares. Estava ele em mangas de camisa, de lenço escarlate no pescoço, calças de brim branco, presas por uma larga cinta gaúcha, dentro de cuja guaiaca ele guardava o dinheiro da féria. Do lado direito da cintura, num coldre de couro com arabescos em pirogravura, acomodava-se sua pistola de cano comprido. (Rodrigo observara que o revólver era parte da anatomia do gaúcho, tão inseparável dele como os braços ou as pernas.)

— Entrem! - exclamou Neco. — Entrem no mais.

Como fazia sempre que encontrava o barbeiro, Toríbio investiu contra ele, usando do braço à guisa de espada e procurando "cortar-lhe" a cara com o lado da mão. Ágil, Neco recuou um passo e com o antebraço esquerdo aparou o golpe.

Começou então um duelo "a espada". Toríbio levou o adversário até o fundo da barbearia, numa sucessão de golpes furiosos.

— Já te corto a cara, cachorro! - gritava ele. E o barbeiro respondia: - Aqui tu encontra homem, canalha!

E assim ficaram por algum tempo naquele simulacro de duelo, até que Rodrigo lhes pediu que parassem. Pararam e, resfolegantes,' abraçaram-se demoradamente, trocando desaforos afetuosos.

Neco voltou a atenção para Rodrigo.

— Estava com uma bruta saudade de ti. Este ano não fiz nenhuma farra que prestasse. Tu sabes, quando não se tem companheiro… - Olhou para Toríbio. — Esse animal vive na estância… O Chim é uma calavera… O Saturno tem raiva de mulher. Não sobra ninguém.

Rodrigo sorria com indulgência para seu passado de libertinagens.

Agora a era da pândega tinha acabado. Ia começar uma vida nova, sossegada e respeitável. Não tinha remorso das coisas que fizera, de seus desatinos, bebedeiras, orgias; não se arrependia nem das brigas inúteis que provocara pela simples razão de que o álcool lhe dava ganas de exercitar os músculos. Tudo tinha seu tempo. Chegara por fim a hora de sentar o juízo. Mas como poderia conseguir que Neco Rosa compreendesse essa resolução tão séria?

O barbeiro olhava-o de alto a baixo.

— Estás um dandy, Rodrigo. Até nem sei como ainda tens coragem de vir falar com um casca-grossa como eu e de andar na rua com um tipo da laia do teu irmão!

O "salão" da barbearia não passava dum corredor estreito, com uma janela ao fundo. Era nu, pobre, e cheirava a mofo e loção barata.

Sobre uma mesa de pinho sem lustro via-se uma navalha, um pulverizador, uma tesoura, uma máquina de cortar cabelo e um pote de níquel com um pincel dentro. Acima da mesa, pendia da parede um

espelho oval trincado. Rodrigo mirou-se nele, passando a mão pelo rosto: - Acho que vou fazer a barba.

— Então acomoda o rabo nessa cadeira - disse o barbeiro, apanhando uma toalha.

Rodrigo tirou o chapéu e sentou-se. Neco amarrou-lhe a toalha ao redor do pescoço, ensaboou-lhe o rosto, abriu a navalha e começou a passá-la no assentador. Enquanto fazia isso, olhava para o amigo dizendo: - Como é, bichão? Quando é que vamos fazer uma farrinha? Na pensão da velha Tucha tem umas raparigas bem jeitosas, não é, Bio?

Toríbio que, sentado no chão, coçava os dedos do pé, troçou: - O mocinho agora sentou o juízo, Neco. Diz que não quer saber mais de chinas.

— Qual! Não aciedito. Cachorro que come ovelha uma vez, só matando…

Rodrigo achou que o silêncio, no momento, era a melhor política a adotar. E quando viu o barbeiro aproximar-se com a navalha, fechou os olhos. Achava gostosa a modorra em que costumava ficar nas cadeiras de barbeiro, todo reclinado para trás, ouvindo o rascar da navalha e as conversas em derredor. Era uma coisa quase tão boa como deitar a cabeça no colo de madrinha Maria Valéria e sentir os dedos dela num cafuné prolongado, entorpecente…

Toríbio começou a limpar as unhas com a ponta da faca.

— Mas isso não dura, Neco - garantiu ele sem erguer os olhos. — Conheço bem esse sujeito. Daqui a uns dias ele mesmo vem te procurar pra vocês irem ver as raparigas.

Sempre de olhos cerrados, Rodrigo sorria. A verdade era que começava a sentir necessidade de mulher. Precisava descobrir um meio de resolver o problema de maneira limpa e discreta. Estava diplomado, pretendia clinicar na cidade: não podia mais ser visto em pensões de chinas. Por outro lado, não queria, nem poderia, levar vida de asceta. A solução mesmo era o casamento…

Enquanto escanhoava o amigo, Neco cantarolava o Talento e a formosura, modinha que estava muito em voga, pois o famoso Mário a gravara em disco de gramofone para a Casa Edison.

Tu podes bem guardar os dons da formosura, Que o tempo um dia há de, implacável, trucidar, Tu podes bem viver ufana da ventura, Que a Natureza, cegamente, quis te dar!

Tinha uma voz grave e bem entoada, duma doçura lânguida de seresteiro. — Que fim levou a Natalina? - perguntou Toríbio.

— Está vivendo com um sargento. Rodrigo abriu os olhos, interessado.

— Tens visto a Dulce? - perguntou. Antes de embarcar para fazer seu último ano de medicina, passara as férias amigado com a rapariga.

Era uma morena de olhos tristes e ternos.

Neco parou, com a navalha no ar.

— Tu não sabias? O Bio não mandou te contar? Pois a Dulce se matou.

Prendeu fogo na roupa.

Rodrigo franziu o cenho, e uma ideia relampagueou-lhe na mente: A Dulce se suicidou por minha causa!

Lembrava-se de que a chinoca se despedira dele desfeita em pranto, dizendo que jamais haveria de esquecê-lo. Uma súbita sensação de remorso oprimiu-lhe o peito.

— Mas por quê? - perguntou, hesitante, temendo a resposta. Neco encolheu os ombros.

— Besteiras. Se meteu com um anspeçada da bateria de obuseiros, pegou um rabicho danado por ele e quando o rapaz enjoou dela e disse que ia se juntar com outra, a Dulce perdeu a cabeça e gritou que ia se matar. O anspeçada até brincou: "Pois toma 149 creolina, meu bem". A rapariga se fechou em casa, derramou querosene na roupa, riscou um fósforo e quando viu, estava se incendiando toda.

Parece que no meio da coisa se arrependeu e começou a gritar. Os vizinhos acudiram, mas quando conseguiram abafar o fogo com cobertores, era tarde. A coitadinha ainda durou quase um dia, penando. Foi uma coisa bárbara.

Rodrigo tornou a cerrar os olhos e reviu Dulce seminua na cama onde se haviam amado durante três meses. Depois imaginou-a toda queimada, o corpo numa chaga purulenta.

Santo Deus, como tudo aquilo era horrível e ao mesmo tempo gratuito, supinamente gratuito. Matar-se por causa dum obuseiro, talvez um mulato de beiçola caída e cabelo pixaim! Não pôde evitar um sentimento de despeito ao pensar que ele, Rodrigo Cambará, entrara indiretamente naquela história vulgar, triste e sórdida, cujas personagens principais eram uma prostituta e um anspeçada. Belo triângulo!

Como era bom estar livre dos constrangedores perigos daquela vida de prostitutas e bordéis, onde tantas vezes ombreara com bandidos e desordeiros, contrabandistas e capangas! E agora, só de lembrar-se dos riscos que correra, sentia um medo retrospectivo. Ao mesmo tempo, porém, não podia fugir a um sentimento de admiração por si mesmo, por ter tido a coragem de entrar - na maioria das vezes desarmado - naqueles antros assustadores. Loucuras dos dezoito anos! - concluiu.

Sim, o Rodrigo que agora escava sentado na cadeira da Barbearia Capadócio no dia 21 de dezembro de 1910 não era o mesmo que, havia cinco anos, andava em companhia do Neco Rosa a correr os prostíbulos de Santa Fé.

Ao despertar de seu devaneio, Rodrigo notou que o barbeiro havia mudado de assunto. Saltara de mulheres para política.

— Então o marechal Hermes vai chegar em fevereiro, não?

— É verdade.

— E o nosso Rui Barbosa não vem nos visitar! Isso é que é uma ingratidão.

— Não há de ser nada, Neco - consolou-o Toríbio. — Havemos de ganhar as eleições assim mesmo.

— Se o Hermes for eleito - observou o barbeiro - , este país está perdido.

— Deus é brasileiro - exclamou Bio, erguendo-se pesadamente e começando a andar dum lado para outro.

— E maragato! - acrescentou Neco.

— Não, Neco - sorriu Rodrigo - , Deus não se mete em política.

Depois duma pausa, acrescentou: - Vou te contar um segredo. Papai e eu estamos pensando em fundar um jornal para desancar a situação.

— Menino! Que ideia macanuda! Mas esse negócio tem de sair logo, antes das eleições.

— Depois do dia primeiro do ano vamos passar um mês no Angico. Na volta pretendo fazer o jornal sair.

— Eu só quero ver onde é que vocês vão imprimir esse famoso jornal - disse Toríbio.

— Acho que a solução é comprar a tipografia do Mendanha.

— Dinheiro haja!

— Dinheiro não falta - disse Neco.

— E será um bom emprego de capital, mesmo que se perca até o último tostão - garantiu Rodrigo. — O Trindade precisa ouvir umas verdades.

— Isso! - incitava o barbeiro. — Isso, Rodrigo!

— Com essa corja - discordou Toríbio - palavra não adianta. Ponta de faca e bala é que resolve.

O seresteiro interrompeu o trabalho e encarou o amigo: - Mas eles estão com tudo na mão, homem! Têm os cofres da Intendência, os subdelegados, a polícia, o funcionalismo, a capangada, tudo! E por falar nisso, vocês sabem que o Trindade já começou a mandar buscar cabos eleitorais de fora?

Pois dizem que vem da Soledade um valentão que tem dez mortes nas costas.

Rodrigo descerrou os olhos, soergueu-se na cadeira e vociferou: - Pensará ele que vai nos atemorizar com esses bandidos assalariados?

Neco fez uma careta de pessimismo.

— Infelizmente há muito sujeito frouxo neste mundo, muito eleitor que ..se acobarda e acaba votando com o governo. Ninguém

quer levar bordoada nem correr o risco de ser degolado. — Parou, sorriu e encostou o fio da navalha no pescoço de Rodrigo. — Por falar nisso, imagina se de repente eu dissesse: "Civilista sem-vergonha, eu sou um hermista dos quatro costados e agora tu vais pagar por tudo que disseste contra o coronel Trindade". Que era que tu fazias, hein, Rodrigo?

Neco sentiu nas costas o contato dum objeto duro e agudo: Toríbio apertava-lhe contra as costelas a ponta de sua faca, dizendo: - Ele não fazia nada, mas eu te comia na faca… Os três desandaram a rir.

De novo na rua, Rodrigo passou a mão pelas faces recém-barbeadas e disse: - O Neco continua a ser o pior barbeiro do mundo.

— Mas como amigo é ouro Bio.

— Isso é.

No meio da quadra passaram pela frente da casa de Terézio Matos de dentro da qual vinham os sons dum piano em que alguém tocava escalas.

Toríbio fez o irmão parar e disse-lhe: - A Gioconda está estudando. Escuta. — Cantarolou: - Cachorro vai cachorro vem… cachorro vai cachorro vem…

— Método Czerny - disse Rodrigo. — Conheço bem. Em Porto Alegre na minha pensão havia uma mocinha, por sinal bem interessante, que todas as manhãs tocava esses exercícios.

— Dormiste com ela?

— Bio! Não pensas noutra coisa!

Continuaram a andar lentamente, perseguidos por aquele repetitivo dó-ré-mi-fá-sol-fá-mi-ré-dó.

— Um bom partido pra ti, Bio…

— Quem? A Gioconda? Deus me livre!

— Por que não? É bonita, bem-educada, inteligente, sabe tocar piano e dizem que tem bom dote…

— Pró inferno! Sabes que não penso em casamento e que se um dia ficar de miolo mole e resolver me amarrar a alguém, não há de ser a nenhuma dessas piguanchas de cidade, que vivem na janela ou matraqueando num piano. Mulher pra mim tem que ser quituteira e ter mão boa pra fazer queijo. E se não souber ler, tanto melhor!

Chegaram à praça Ipiranga. Ali ficavam as residências mais novas de Santa Fé e o Teatro Santa Cecília, com sua fachada corde-rosa, no centro de cujo frontão triangular sustentado por duas colunas se viam em alto-relevo as máscaras da Comédia e da Tragédia.

Sentaram-se num banco à sombra dum copado cinamomo. O sol àquela hora estava já alto e o calor aumentava. Rodrigo tirou o chapéu e passou o lenço pelo rosto e pelo pescoço. Depois, olhando para a casa de Aderbal Quadros, lá do outro lado da rua, disse: - Ali

mora a moça com quem um dia hei de me casar. Ouve o que te digo, Bio.

— A Flora?

Rodrigo sacudiu lentamente a cabeça.

— Nas férias passadas tive um namorico com ela. Acho que é uma moça como poucas. Recatada, cheia de prendas… de boa família… e bonita, não achas?

— Meio flaquita pra meu gosto.

Rodrigo contemplava a fachada da casa de Aderbal Quadros, com a sua longa fileira de janelas e uma série de grandes compoteiras amarelas alinhadas sobre a alta platibanda.

Toríbio arrancou do chão um talo de erva e começou a mastigá-lo.

— Sabes que o velho Aderbal anda mal de negócios? - perguntou.

Aderbal Quadros - o Babalo, como era mais conhecido dos íntimos - era dos estancieiros mais ricos do município. Senhor de duas grandes estâncias e de muitos milhares de cabeças de gado, era também proprietário duns cinco ou seis prédios de alvenaria 153 situados na cidade. Além disso, dava e recebia dinheiro a juros. "O Babalo é mais garantido que um banco"- costumava dizer Licurgo. E Rodrigo criara-se ouvindo contar maravilhas do caráter daquele homem que começara a vida como pião de estância.

— Mal de negócios? - repetiu. — Será possível?

— É o que andam dizendo.

— Mas é uma das fortunas mais sólidas do estado, Bio! O outro deu de ombros.

— É o que se comenta - repetiu. — E parece que, não demora muito, a coisa estoura.

— Deve ser puro boato.

— Tomara que seja. Mas até o papai já falou…

Se seu pai falara - concluiu Rodiigo - , a história devia ser mesmo certa, pois Licurgo Cambará não era homem de andar com conversas levianas, principalmente quando essas conversas envolviam a reputação dum velho e leal amigo.

Rodrigo olhava fixamente para as janelas da casa de Aderbal Quadros, desejando ver assomar a uma delas o vulto de Flora.

— Palavra que não compreendo. Um homem trabalhador como o Babalo, sem vícios de espécie alguma… Não bebe, não joga, não anda com mulheres.

— Pois deve ser por isso que vai quebrar.

Toríbio tirou do bolso o relógio que pertencera ao avô materno, e disse: - Faltam vinte pras dez. Vamos voltar?

Ergueram-se e tornaram a encaminhar-se para a rua do Comércio. Ao chegarem à primeira esquina, ouviu-se uma voz de falsete: - Ai,

meu Deus, olha quem anda por aqui!

Rodrigo sentiu-se abraçado pelas costas. Voltou-se e deu com a cara do Salomão Padilha - larga, flácida, redonda, duma brancura oleosa, pintalgada de cravos negros no nariz e no queixo.

— Menino, como estás lindo!

Meio constrangido pelo choque da surpresa, Rodrigo balbuciou coisas sem nexo. Sempre se sentira mal na presença do alfaiate 154 Salomão, sobre cuja heterossexualidade pairavam fortes dúvidas, reforçadas pelos ademanes e pela voz efeminada da criatura, pela sua misteriosa vida de solitário e pelo gosto adamado com que decorara seu quarto de solteirão, com colchas rosadas, toalhas de renda e bibelôs. Agora ali estava na sua frente o Salomão, dono da alfaiataria Ao Chie de Paris. Seus lábios polpudos e úmidos se abriam como uma rosa, deixando à mostra os dentes graúdos e cor de pérola. Havia naquele rosto e naquele corpo umas gorduras femininas que Rodrigo achava repugnantes. O fato de Salomão cecear, tornava-lhe a voz ainda mais desagradável. Toríbio afastara-se para a beira

da calçada, evitando olhar de frente para o alfaiate.

— Como vais, Salomão?

Foi a única frase coerente que Rodrigo conseguiu formar.

— Lindo. Lindo como os amores. E tu, safadinho, estás formado, hein, com diploma de doutor e agora, decerto, nem vais dar mais confiança prós pobres não é, seu ingrato?

— Ora…

— Entra, meu bem. Vem ver a minha casa. Reformei as instalações.

Rodrigo não teve outro remédio senão entrar.

— Vem, Bio - convidou Salomão.

— Não vou - respondeu o outro, brusco.

— Bruto! O teu irmão, que é doutor, entrou. Não é soberbo, anda também com os plebeus.

Deu uma rabanada e entrou.

— Aqui é a minha tendinha de trabalho. Muito modesta, como vês…

Era uma sala pequena e asseada, que cheirava a casimira recém-passada e cera derretida. Sobre uma mesa jazia um enorme ferro de passar, uma tesoura preta e um pedaço de giz rosado.

Salomão pegou na manga do casaco de Rodrigo e apalpou a fazenda entre o polegar e o indicador.

— Ai! Que tecido bom! Estás chique, hein? Onde foi que mandaste fazer este terno? Não me digas. Já sei. Foi em Porto Alegre, no Germano Petersen, não foi? Está se vendo. Muito moderno, muito smart. Mas tu sabes duma coisa? Eu também acompanho as modas. Me chegaram uns figurininhos de Paris, queres ver? Caminhou até a mesa, abriu a gaveta e tirou umas revistas.

— Depois eu olho, Salomão. Agora estou com pressa.

O alfaiate tomou-lhe da mão. o contato morno com aquela carne causou a Rodrigo um grande mal estar.

— Olha, tens que me prometer que vais fazer uma roupa aqui em casa, senão eu brigo contigo, ouviste?

— Está bem. Fica prometido. Vou precisar dum-terno novo quando entrar o inverno.

— Tenho umas casimirinhas supimpas. Pros amigos faço um preço especial. Quero ter a honra de dizer que o Dr. Rodrígo Cambará também se veste no Chic de Pitris.

— Está bem. Até logo?

— Adeuzinho!

Na rua, já longe da casa do Salomão, Toríbio cuspiu na calçada.

— Credo, que nojo! - exclamou. — Não posso nem olhar pra aquele tipo. Me da uma vontade danada de quebrar-lhe a cara a bofetadas.

Rodrígo sorriu. Esforçava-se por ser tolerante para com Salomão. Perante a ciência - refletiu ele - aquele pobre-diabo era um doente e como tal devia ser tratado.

No entanto sentia que esse verniz de leitura e estudo era nele uma camada ténuíssima, embora brilhante, através de cuja transparência se podia ver a olho nu o Cambará macho para quem o vício de Salomão constituía a maior das vergonhas que podem cair sobre um homem.

Toríbio suava e bufava de calor, com a camisa empapada de suor, o rosto reluzente e afogueado.

— Estou com uma sede bárbara - disse ele. — Vamos entrar na confeitaria pra tomar alguma coisa.

Rodrigo pensava em Flora e agora, sabedor do desastre econômico que ameaçava a família Quadros, sua ternura pela moça aumentara de tal modo, que ele sentia uma necessidade urgente de revê-la. Muitas vezes durante aquele ano pensara nela. Após suas pândegas noturnas, a doce imagem da rapariga lhe vinha à mente como um refrigério e um apaziguamento para suas ressacas. Depois daquelas cálidas noitadas com prostitutas (caras, sim, limpas, não havia dúvida, mas prostitutas!) Flora voltava-lhe à lembrança como a promessa duma límpida manhã de sol e céu azul, recendendo a flor e a coisas virgens.

— Por que é que estás tão macambúzio? - indagou Toríbio, tocando o braço do irmão.

— Estou pensando no que me contaste do Babalo.

— Não adianta pensar. O que tem de ser traz força.

— Mas acho que ainda é tempo da gente salvar o homem.

Toríbio estacou e encarou o irmão que também fizera alto: - Pretendes derrubar o Trindade, fundar uma companhia de luz elétrica, botar uma adega, abrir um cinema e agora queres salvar o Babalo? Aonde vais parar com todos esses planos? Quem te ouve falar pensa que és algum miliardário.

— Tu sabes que não somos pobres.

— Mas também devias saber que quase tudo que o papai tem, está empregado em campo, gado e casas. O dinheiro não anda rolando por aí.

Entraram na Confeitaria Schnitzler, sentaram-se a uma de suas mesinhas, no salão da frente, e Toríbio bateu palmas. O próprio Schnitzler veio atendê-los. Era um alemão retaco e musculoso, de cachaço de foca, olhos dum cinza esverdeado e bigode de guias retorcidas para- cima, à Guilherme II.

— Uma cerveja! - pediu Toríbio.

— Rápido! - exclamou o alemão com ar gaiato e, como era seu costume, fez quac! quac! imitando o grasnar dum pato. (Era uma gracinha conhecida em toda a cidade.)

Depois, reconhecendo Rodrigo, apertou-lhe a mão com vigor e deu-lhe as boas-vindas. Tinha um sotaque carregado, e seus erres ronronantes davam a impressão de que ao falar estava sempre triturando biscoitos.

Rodrigo gostava daquela casa - o único café e restaurante que existia na cidade. Era um lugar que "cheirava a estrangeiro.

Imaculadamente limpo, tinha nas paredes quadros com paisagens da Baviera e do Tirol. À hora das refeições andava naquelas salas um cheiro de molho de manteiga, batatas cozidas e Apfelstrudel. Frau Schnitzler era uma doceira de primeira ordem e suas cucas, bolos e tortas eram muito apreciados, principalmente pelos habitantes de Nova Pomerâmia, para onde semanalmente ela mandava os produtos de seu forno.

Toríbio tirou o chapéu e passou lentamente a mão pela cabeça.

— Eu só queria saber de quanto o Aderbal precisa para evitar a falência… - murmurou Rodrigo.

— Decerto muitas centenas de contos, uns mil ou mil e tantos - respondeu Bio desencorajadoramente. — Talvez até mais. O Babalo é uma espécie de banco. Meio mundo tem dinheiro a juro na mão dele. Mas tu devias deixar de pensar nesse negócio. Não foi pelo que nós fizemos que o homem está em maus lençóis.

— O pai de Flora é um sujeito direito e trabalhador.

— Não digo que não seja. Mas é teimoso e burro.

— Bio!

— E, sim senhor. Não sabe fazer negócio. E desses que compram um cavalo de raça hoje e amanhã trocam o animal por um boi e depois o boi por um carneiro, o carneiro por um cachorro, o cachorro por um gato e o gato por um rato. No fim, o gato come o rato e o homem fica de mãos abanando.

— Estás exagerando.

— Não estou. O Babalo é desses que acham que ganhar mais de dez por cento num negócio é roubo. — Atirou os pés para cima duma cadeira e desabotoou a camisa, deixando à mostra o peito cabeludo.

Schnitzler trouxe a cerveja. Toríbio encheu os copos e bebeu o conteúdo do seu dum sorvo só, com muito ruído. Rodrigo ficou a olhar pensativo para a garrafa.

— Eu te compreendo - disse Bio, lambendo os beiços.- Estás com a cabeça cheia de planos. É sempre assim quando a gente chega de viagem. Mas vou te dizer uma coisa.

Se o papai puder 158 fazer algo por Babalo ele faz, não é preciso que ninguém lhe peça. — Rodrigo bebeu a sua cerveja, pensando em Flora. Ia ser duro para ela mudar bruscamente de vida.

— Vamos embora? - convidou Toríbio. — Ó Júlio, quanto é este negócio?

Meteu a mão no bolso.

— Nada! - exclamou o alemão. Não quis cobrar-lhes as bebidas, como homenagem ao dr. Rodrigo. Fez quacl quacl, flexionou as pernas, desceu o busto, num movimento ginástico, e ficou a olhar comicamente para os dois irmãos.

Eram nove horas da noite e Rodrigo estava no quarto a vestir-se para o réveillon do Comercial. Havia tomado um prolongado banho morno no bacião e agora aspirava com delícia a fragrância do sabonete UOEillet du Rói que se evolava de sua própria pele. A luz de gás inundava o quarto duma claridade lívida. À frente do espelho, em ceroulas e de tronco nu, os pés metidos em chinelos, Rodrigo examinava o rosto com amoroso cuidado. Positivamente, o Neco era o pior barbeiro do universo: deixara-lhe vários tocos de barba debaixo do lábio inferior e do queixo.

Impaciente, tirou da gaveta do lavatório uma navalha, abriu-a e, passando no rosto seco, rematou como pôde o serviço do amigo. Guardou a navalha e tornou a esfregar a mão nas faces, primeiro de cima para baixo com a palma, depois de baixo para cima com o dorso. Cheirou demoradamente as pontas dos dedos. Gostava de perfumes, contanto que fossem franceses legítimos. Em Porto Alegre, quando no primeiro ano da faculdade, usara Jicky por pura saudade, pois esse extrato sempre fora o preferido de sua madrinha. Era um perfume seco que ele associava à gente velha, aos bailes de antigamente e aos baús de recordações. Depois passara a usar Rose de France, e agora estava no Royal Cyclamen, que tinha uma doçura evocativa de alcovas em penumbra.

Pensando no conceito que em geral os gaúchos tinham de quem usava perfume, Rodrigo sorria. Para aquela gente afeita ao cheiro de suor de cavalo, couro curtido, charque, queijo e esterco, qualquer odor agradável era um sinônimo de feminilidade. Como 160 se a masculinidade dum homem dependesse da qualidade de seu cheiro!

Sentou-se na cama e começou a calçar as meias de seda preta.

O réveillon de gala do Comercial era uma festa tradicional que a sociedade santa-fezense esperava sempre com ansiedade. Muitas damas e senhoritas faziam vestidos especialmente para essa grande ocasião; os homens tiravam de malas e guarda-roupas suas melhores fatiotas pretas, seus fraques, croisés e smokings, tratando de arejá-los.

Eram famosas as bebedeiras de champanha dessas noitadas de 31 de dezembro em que, de acordo com a tradição, na primeira hora do novo ano a diretoria do clube recém-eleita devia tomar posse.

Rodrigo calçou os sapatos de verniz, imaginando o que seu pai e o seu irmão iam pensar quando o vissem com aquela coisa efeminada nos pés.

Uma pergunta lhe veio à mente: “Será que um dia eu vou mudá-

los… ou eles me mudarão?" Como única resposta, encolheu os ombros. Que lhe importava o futuro? Amarrou os cordões das ceroulas, puxou sobre elas as meias e prendeu nestas últimas a liga, também de seda preta.

Sabia que ia brilhar no baile daquela noite. Sabia que sua chegada causara sensação entre as moças casadouras da cidade. Já lhe haviam contado que mamãs e titias faziam entre si apostas: com quem dançará o dr. Rodrigo a polonaise?

("Vão ficar de boca aberta quando me virem tirar a Flora.") Apanhou as calças do smoking, que estavam dobradas sobre o respaldo duma cadeira, e vestiu-as. Quando ia prender o suspensório verificou a falta dum botão. Com uma ruga de contrariedade na testa, abriu a porta do quarto e gritou para o corredor: - Madrinha!

Maria Valéria apareceu: - Quem foi que morreu?

— Está faltando um botão nas minhas calças.

— Ué? Como foi que não vi isso? Aproximou-se do afilhado e perguntou: - Onde?

— Aqui - disse ele, mostrando.

— Espere que já prego.

Saiu do quarto e voltou pouco depois com um cesto de costura nas mãos. — Tire as calças!

— Ora, madrinha, pregue assim mesmo.

— Não presta.

— Bobagem! Pregue ligeiro, que já comecei a suar. Está um pouco quente, não?

Maria Valéria não respondeu. Abriu o cestinho, remexeu nele com A ponta dos dedos e acabou apanhando uma agulha, um carretei de linha preta e um botão. Comparou o botão com os outros das calças, depois ergueu a agulha, molhou nos lábios a ponta da linha e enfiou-a no buraco.

— Que olho! - gabou-a Rodrigo.

Maria Valéria sentou-se numa cadeira e puxou bruscamente o sobrinho pelo suspensório, trazendo-o mais para perto de si.

— Agora pare quieto - disse. E começou a costurar, murmurando: Coso a roupa, Mas não coso a. sorte, Coso na. vidn Mas não coso na morte.

Continuou a repetir o verso, enquanto a agulha subia e descia, entrando pelos orifícios do botão. Rodrigo sorria, deliciado.

No espírito de sua madrinha - refletia ele - havia uma curiosa mistura de cepticismo e superstição. Era uma realista que jamais se iludia com as aparências nem se deixava levar por palavras ou sonhos. Tinha um olho prático, um jeito sêco de falar, pensar e agir. Dava sempre às coisas seus verdadeiros nomes, e muitas vezes suas oportuníssimas observações carregadas de bom senso eram um jorro

de água fria sobre a fervura dos entusiasmos dos sobrinhos. Por isso tudo Rodrigo achava singular que ela acreditasse numa série de “não presta” que era a negação mesma de sua natureza céptica.

Não presta varrer a casa de noite - afirmava - porque os antigos diziam que isso pode causar a morte da pessoa mais velha 162 da família. Vestir roupa às avessas pode virar a sorte dum vivente.

Quando via alguma criança a caminhar de costas, Maria Valéria gritava: - Não caminhe assim, menino, senão teu pai morre.

Um dia em que Licurgo, tendo chegado tarde a casa, comia na cozinha de luz apagada, Rodrigo ouvira a madrinha resmungar: - Teu pai está comendo no escuro. Daqui a pouco o diabo vem comer com ele.

Havia, segundo Maria Valéria, outros “não presta” que atraíam desgraças: abrir guarda-chuva dentro de casa; fechar as portas logo depois que alguma pessoa da família sai de viagem; deixar chapéu em cima de cama…

Será que ela acredita mesmo nessas coisas? - perguntava Rodrigo a si mesmo, olhando para a cabeça grisalha da tia. Provavelmente não…

Talvez repetisse aqueles “não presta” por puro cacoete e um pouco por espírito humorístico.

A verdade era que ninguém conhecia direito Maria Valéria Terra.

Não era mulher de confidências: raramente ou nunca falava de si mesma. E o que sempre intrigava Rodrigo eram as relações dela com o cunhado. Apesar de viverem na mesma casa, havia já uns bons vinte e cinco anos, tratavam-se ainda com grande cerimônia. Era estranho que jamais um pronunciasse o nome do outro. Quando se falavam, nunca se olhavam e em geral o pouco que diziam era em frases curtas e destituídas de cordialidade.

Mais duma vez Rodrigo suspeitara existir entre eles uma profunda mas secreta malquerença, que a ambos era difícil esconder.

— Coso na vida, mas não coso na morte - resmungava ela. Rodrigo começou a passar a mão pelos cabelos lisos de Maria Valéria.

— Tire essa mão fedorenta de minha cabeça! - exclamou ela.

Ele obedeceu, num sobressalto, como se ainda fosse menino e tivesse sido pilhado a roubar doce de leite no armário da despensa.

— Pronto! - disse ela, cortando a linha com os dentes. — E agora veja se vai dançar com alguma dessas cadelinhas.

Para Maria Valéria as “cadelinhas” eram certas moças desfrutáveis de Santa Fé com uma das quais ela temia o sobrinho viesse um dia a casar-se. Também lhes chamava “rabichas” ou “bruacas”. Namoravam todos os caixeiros viajantes que passavam pela cidade e chegavam ao ponto de conversar com eles à janela. A pior de todas era Esmeralda Dias. Os pulos que dava quando valsava com o

Chiru ou com algum forasteiro! Diziam que dançava até maxixe!

— Você leva mais tempo que uma dama pra se vestir - observou ela, erguendo-se. — Já são nove e meia.

Depois que a tia saiu do quarto, Rodrigo levou ainda um tempão a prender na camisa o colarinho duro de ponta virada, a ajustar-lhe a gravata de gorgorão de seda preta, a besuntar o cabelo de brilhantina e a pentear-se com um cuidado minucioso.

Já completamente vestido, ficou ainda por longo minuto diante do espelho a mirar-se de frente, de lado, de três quartos, e a dar retoques na gravata, no penteado, no peitilho engomado e no lenço de seda branca, cujas pontas embebera em Royal Cyclamen.

Por fim, satisfeito, saiu do quarto a assobiar a valsa á'A viúva alegre e desceu.

Na sala de jantar encontrou Toríbio de bombachas e em mangas de camisa.

— Tu nesses trajos, homem! - admirou-se.

— Querias que estivesse pelado?

— Mas não vais ao baile?

— Sabes que não sou homem dessas festas.

Maria Valéria entrou na sala e, as mãos trançadas contra o estômago, mirou o afilhado de alto a baixo, com olhar avaliador.

— Vire.

Rodrigo fez meia-volta. A madrinha aproximou-se dele e tirou-lhe do ombro um fio de linha branca; depois passou a mão de leve pela gola do smoking.

— Agora está bem.

Rodrigo voltou-se e beijou-lhe a testa.

— Não saia sem falar com seu pai. Está no escritório. Toríbio coçava o queixo, olhando para o irmão. E quando o viu deixar a sala, disse à tia: - Que pelintra nos saiu esse freguês! Por quem teria puxado? Ela encolheu os ombros angulosos.

— Sei lá! Pelo pai não foi. A Alice também não era mulher de muitos enfeites.

— Então degenerou…

Rodrigo entrou no escritório e encontrou o pai sentado à escrivaninha, remexendo nuns papéis. Licurgo Cambará ergueu a cabeça: - Ah! E o senhor…

— Vou ao baile do clube, papai.

Pronunciou estas palavras em voz baixa, num tom respeitoso.

O escritório não tinha mudado em nada. Nas paredes brancas, além do grande retrato de Júlio de Castilhos, só se via um calendário com um cromo ingênuo, brinde da Casa Sol. Cadeiras duras achavam-se espalhadas na vasta peça de soalho completamente nu. Ali estava ainda a velha escrivaninha de cedro lustrado, com seu topo forrado de

oleado pardo. Quando menino, Rodrigo gostava de mexer-lhe nas gavetas onde, de mistura com velhas cartas e papéis amarelados, havia sempre maços de palha para cigarros, pedaços de fumo em rama, uma caixa com penas de aço e pedras e mechas de isqueiro.

— Está bem, meu filho. Precisa de alguma coisa?

— Não, papai, obrigado. Não preciso de nada.

— Vai a pé?

— Não senhor. Vou de carro.

— Está bem.

Licurgo contemplava o filho com seus olhos graves e tristes. Estava em mangas de camisa, e Rodrigo notou que ele mandara aparar a barba aquela tarde.

— O senhor vai ao clube?

Licurgo sacudiu a cabeça negativamente.

— Não gosto de barulho.

A palavra barulho - sabia-o Rodrigo - abrangia também a música.

— Bom… - fez ele, indeciso, não sabendo se devia beijar a mão do pai, simplesmente apertá-la ou ir-se sem fazer nenhum desses gestos.

— Até o ano que vem! - disse Curgo, com voz mais clara. E sob os bigodes grisalhos seus lábios se abriram num meio sorriso.

— Até o ano que vem? Mas eu pretendo ver entrar o AnoNovo aqui em casa! Quando faltarem dez pra meia-noite, eu volto pra cá…

Curgo sacudiu a cabeça, num assentimento.

— Está muito bem, meu filho. Volte.

Rodrigo deu dois passos à frente, tomou a mão do pai e beijou-a.

Na sala disse à tia: - Antes da meia-noite eu volto.

— Duvido - retrucou ela.

Rodrigo sorriu, parou diante do grande espelho e ajeitou na cabeça o chapéu-do-chile. Dirigiu-se depois para o vestíbulo onde parou um instante para acender um cigarro Pela porta escancarada entrava o bafo morno da noite. Com uma sensação de felicidade e absoluto bem-estar, satisfeito consigo mesmo e com o mundo, Rodrigo desceu os degraus, ganhou a calçada e gritou para o Bento, que se achava na boleia do carro: - Linda noite, não?

— Pra caçar tatu.

Linda para caçar um coração - pensou Rodrigo. — Linda pra caçar muitos corações.

Subiu para o carro, que estava com a tolda arriada.

— Toca pró clube, Bento. Mas bem devagar, sim?

O boleeiro fez estalar o chicote no ar e os cavalos se puseram em movimento. O carro do Sobrado, um dos poucos que, em todo o município, tinha rodas de borracha, começou a rodar sem ruído pelas pedras irregulares do calçamento.

Recostado contra o respaldo de couro do banco, as pernas trançadas, Rodrigo fumava, olhando para um lado e outro. Ao longo da rua do Comércio os lampiões 166 se enfileiravam num alinhamento duvidoso, e suas luzes amarelentas tinham algo de comovedoramente provinciano. Sob as árvores da praça caminhavam vultos. Chico Pão achava-se à porta de sua padaria.

— Boa noite, Chico!

O padeiro avançou até a beira da calçada, ergueu os braços e gritou: - Divirta-se! Deus lê acompanhe. — E depois, mais alto: - Feliz Ano-Novo!

Rodrigo olhou para o alto. O céu estava pesado de estrelas. Andava no ar tépido um aroma de madressilvas e jasmins-do-cabo.

Rodrigo começou a recitar baixinho uns versos de Lamartine que em muitas noites ele e outros estudantes, ao voltarem de suas farras, haviam atirado contra a face fresca e silenciosa da madrugada: Mais je demande en vain quelques moments encore, Lê temps m'échappe et fuit; Je ais à cette nuit: "Sois plus lente"; et 1'anrore Vá dissiper Ia nuit.

Aimotis donc, aimons, dond de 1'heurc fugitive, Hâtons-nous, jouissons! L'homme n'n point de port, lê temps n'a point de rive: II coule, et nous passam!

Rodrigo suspirou. Num ponto o poeta se enganava. Cada homem tem, sim, seu porto. O dele, Pvodrigo Terra Cambará, era Santa Fé, onde lançara profundamente sua âncora.

O tempo, certo, não tinha margens, deslizava como um rio e o homem passava. Mas quantas coisas grandes e belas podia fazer durante sua passagem pela terra!

Estava decidido a conquistar Santa Fé, a submetê-la à sua vontade, a moldá-la de acordo com seus melhores sonhos. Não se deixaria dominar por ela. Jamais se entregaria ao desânimo e à rotina. Jamais seria um maldizente municipal como o Cuca Lopes, um indolente inútil como o Chim Mena e muito menos um ca- 167 pacho como o Amintas. Não perderia de vista Paris, e não esqueceria nunca que o mundo não terminava nos limites do município de Santa Fé.

Os cascos dos cavalos produziam no calçamento um ruído de castanholas. Na rua do Comércio muitas janelas estavam iluminadas e as calçadas, cheias de gente. Havia no ar uma expectativa titilante de festa.

Sob as estrelas daquela última noite do ano de 1909, Rodrigo Cambará fez um silencioso juramento. Cumpriria seus propósitos, acontecesse o que acontecesse. Sentiu-se forte, nobre e bom. Se realizasse todas as belas coisas que projetava, sua passagem pela terra não teria sido em vão. E se de algum ponto do universo Deus pudesse vê-lo e ouvi-lo… Mas Deus existia mesmo? Tornou a olhar para o céu e, tocado pela tranquila e profunda beleza da noite, concluiu que Deus

não podia deixar de existir.

A vida era boa, a vida era bela, a vida tinha um sentido.

Estava comovido, e sua comoção era uma febre que lhe queimava o corpo e ao mesmo tempo lhe produzia calafrios. A voz do boleeiro passou como uma nuvem sobre o território de seu devaneio, lançando sobre ele apenas uma ténue sombra.

— Acho que vamos ter uma seca braba este verão.

Rodrigo não respondeu, pois seu pensamento andava longe, embora seus olhos estivessem fitos na vela cuja chama oscilava, dentro duma das lanternas do carro.

O cronista social Da Voz da Serra usava todos os anos da mesma chapa para descrever os réveillons de 31 de dezembro. Começava a crónica invariavelmente assim: "Revestiu-se do máximo brilhantismo o baile de gala com que o Clube Comercial comemorou a entrada do Ano-Novo. Nos seus salões iluminados feericamente reuniu-se o que nossa cidade tem de mais fino e representativo…"

Fundado em fins de 1899, o clube ocupara de início espaçosa casa térrea numa das esquinas da praça Ipiranga, e lá dava suas festas à luz de velas e lampiões de querosene.

Quando, cinco anos mais tarde, inaugurou a sede própria - edifício assobradado no coração da rua do Comércio - , os bailes passaram a realizar-se à luz de lâmpadas de acetilene, o que obrigou o cronista a alterar levemente a velha chapa, por achar decerto que a luz de gás merecia um adjetivo mais luminoso, de sorte que, de 1904 em diante, os salões do Comercial, segundo a crónica Da Voz, passaram a estar iluminados a giorno. E embora fosse opinião geral que nos dois ou três últimos anos a diretoria "da nossa mais elegante sociedade" tivesse afrouxado um pouco o crivo por onde ordinariamente fazia passar os que se candidatavam ao seu quadro social, a ponto de ter admitido no seu grémio certos elementos que, no dizer de Cuca Lopes, eram sabidamente "gentinha de segunda" - o semanário local continuava ainda a afirmar que aqueles réveillons reuniam a nata da sociedade de Santa Fé.

Se algum forasteiro pedisse a um santa-fezense para apontarlhe os elementos formadores dessa elite, sem hesitar o filho da terra responderia que o creme daquele leite social era constituído pelas famílias dos fazendeiros mais abastados do município, como os Macedos, os Cambarás, os Prates, os Quadros, os Fagundes, os Amarais, os Teixeiras… Diria mais que, em pé de igualdade com esse patriciado rural, estavam os comerciantes mais fortes da cidade, como o Marcelino Veiga, proprietário da conceituada Casa Sol, etc., etc… Eram esses estancieiros chefes de famílias numerosas (o coronel Macedo tinha doze filhos, seis mulheres e seis varões), moravam em vastas e sólidas casas situadas numa das duas praças principais da

cidade ou na rua do Comércio. Faziam parte das comissões executivas dos partidos políticos e, no dizer do Chiru Mena, eram "ouvidos e cheirados" a respeito de quase tudo quanto interessasse à vida política, económica ou social da comunidade. O prestígio de que gozavam repousava não apenas no fato de serem gente de dinheiro, senhores de terras, casas e gado, mas também no seu património moral e na tradição, pois em sua maioria descendiam de antigos moradores do município, os quais lhes haviam transmitido 169 uma herança de integridade e amor ao trabalho, e raro era aquele que não tivesse um antepassado herói de alguma campanha militar. Os Fagundes, os Macedos e os Amarais eram federalistas; os Teixeiras, os Prates e os Trindades, republicanos. Representava também cada um desses chefes de clã uma força política considerável, uma vez que contava com seu grupo de eleitores certos: amigos, parentes, protegidos, peões, agregados e posteiros. Quando se perguntava a um caboclo se era maragato ou pica-pau, com frequência se ouvia esta resposta: "Sou gente do coronel Fulano".

(Já afirmara alguém que a vida política do Rio Grande do Sul se resumia numa dança ritual em torno de dois cadáveres: o de Silveira Martins e o de Júlio de Castilhos.

Certo, havia homens ligados a qualquer dos dois grandes partidos estaduais por laços ideológicos; a maioria, porém, se deixava levar irracionalmente pelo fascínio mágico dum nome ou pela cor dum lenço: e por esses mitos era capaz de matar ou morrer. Santos mais novos do calendário cívico, como Borges de Medeiros, Assis Brasil e Fernando Abbott, começavam a ter já seus devotos, mas entre os políticos gaúchos vivos, só um existia cuja estatura se podia comparar com a dos gigantes mortos: o senador Pinheiro Machado.)

Em geral eram os estancieiros de Santa Fé cidadãos de poucas ou nenhumas letras; tinham, porém, olho vivo para os negócios e uma certa sabedoria da vida. Muitos deles estavam já mandando ou pensando em mandar os filhos a estudar medicina ou direito na capital do Estado. Dizia-se que Joca Prates era homem de algumas luzes e que em sua casa havia até uma prateleira com livros. Toda a gente na cidade sabia que Aderbal Quadros era um pitoresco contador de "causos" e que o coronel Pedro Teixeira sabia fazer contas de cabeça com mais rapidez que muito bacharel com lápis e papel na mão. Com a exceção do coronel Cacique Fagundes, sabidamente um "unha-de-fome"

terrível, esses estancieiros eram generosos sem serem perdulários, viviam uma vida de fartura mas nunca de esbanjamento, e educavam as filhas como se elas tivessem de um dia ganhar seu sustento com o trabalho das próprias mãos.

Cultivavam nelas as virtudes domésticas, obrigavam-nas a

aprender a cozinhar, costurar, fazer renda, pão, doces, queijos e a cuidar de 170 crianças. O cronista Da Voz costumava falar nas “deslumbrantes e custosas joias” das damas que abrilhantavam com a sua presença o réveillon do Comercial. Isso, porém, era pura flor de retórica, porque as mulheres pobres do lugar não tinham dinheiro para comprar joias e as ricas - com raríssimas e clamorosas exceções - apresentavam-se desataviadas delas, visto como eram educadas espartanamente.

Quando na cidade, alguns dos mencionados fazendeiros tinham o hábito de frequentar o clube à noite. Ficavam ali a pitar e a conversar sobre negócios ou política; muitos sentavam-se às mesas cobertas de pano verde e se entregavam a um joguinho barato: voltarete, escova ou solo; alguns venciam até a desconfiança que certos jogos estrangeiros lhes inspiravam e começavam já a gostar do pôquer. O bolão, jogo que o clube inaugurara havia pouco, atraía principalmente os raros sócios de origem alemã, que a ele se entregavam com muito barulho e muita cerveja. E frequentes vezes, ouvindo o rolar surdo das bolas de madeira no porão do edifício, seguido do claro pipocar dos paus que tombavam, algum dos sócios do Comercial que jogavam cartas no andar superior resmungava: “Essa alemoada merecia que a gente descesse e tirasse eles lá de baixo a rebenque!”

Nenhum desses membros do patriciado rural se interessara ainda pelos bilhares, de sorte que estes ficavam entregues a seus filhos e principalmente aos caixeiros e funcionários públicos.

O comércio local queixava-se (à socapa, para não ferir suscetibilidades) de que os estancieiros só pagavam suas contas uma vez por ano, por ocasião da safra. O Marcelino Veiga dissera certo dia a um caixeiro viajante amigo: "Veja que negócio, seu compadre! Compro a cento e vinte dias de prazo e vendo a trezentos e sessenta e cinco.

E sem juros, note bem, sem juros!" Fosse como fosse, a verdade era que todos os comerciantes do lugar disputavam a freguesia daquelas famílias abastadas.

Logo abaixo dessa gorda camada de nata do leite social santa-fezense, havia outra, um pouco mais fina, integrada por pessoas que, embora não possuíssem fortunas particulares nem tradições, 171 gozavam da importância do cargo que ocupavam ou de algum título que possuíam. Assim, quase no mesmo nível dos ricos estancieiros, se encontravam o juiz de comarca, o juiz distrital, o promotor público, os oficiais da guarnição federal, alguns altos funcionários e a maioria dos médicos e advogados.

Vinha a seguir a terceira camada - nata ainda mais magra que a precedente - formada pelos estancieiros e comerciantes de menor importância econômica e por gente que, embora possuísse tradições

de família, havia já perdido sua fortuna ou nunca a tinha conquistado.

O resto - o leite propriamente dito - eram os funcionários públicos, sempre muito mal pagos, uma série de pessoas de profissão incerta, e principalmente uma legião de empregados do comércio.

O cronista d'A Voz nunca esquecia de mencionar “as famílias tradicionais de nossa comuna”. O Zago da Farmácia Humanidade, com seu humor ácido de maldizente, costumava insinuar que a árvore genealógica de muitas daquelas “ilustres famílias” tinha raízes no chão da cozinha ou da senzala. Claro, isso era um exagero caricatural, pois embora se notasse na face de um que outro sócio do clube característicos negroides, pele dum moreno excessivamente carregado, nariz achatado, lábios arroxeados ou cabelos dum crespo suspeito - nas veias da maioria dos frequentadores do Comercial o que corria era muito bom sangue português, em muitos casos - força era reconhecer - já temperado de sangue indígena, fato de que aliás muitos daqueles homens se orgulhavam. Explicava-se assim a abundância do tipo acaboclado, de pele trigueira, zigomas salientes, olhos pequenos e meio oblíquos, cabelos negros, grossos e corridos e principalmente dum tipo de mulher pela qual Rodrigo Cambará nunca se sentira muito atraído: a chinoca de buço forte, seios fartos e pernas curtas, com uma tendência alarmante para a gordura. Eram desse padrão as cinco filhas de Cacique Fagundes, 172 o qual se gabava de ser descendente direto do famoso chefe bugre Fongue.

Mas que havia tradição na maioria daquelas famílias que formavam, no dizer do Zago, a Aristocracia do boi" - isso era inegável. Os Amarais descendiam do fundador de Santa Fé, um tal Ricardo Amaral, estancieiro e cabo-de-guerra, neto de portugueses do Minho, e nascido no antigo município de Curitiba. Em sua maioria, as principais famílias santa-fezenses tinham seus troncos plantados no solo de Sorocaba, pois muitos dos tropeiros sorocabanos que por volta de 1820 tinham vindo ao Rio Grande comprar mulas, para revendê-las na feira de sua terra natal, tomaram-se de amores por Santa Fé e ali se estabeleceram definitivamente.

Quem olhasse para o rosto claro e oval de Ritinha Prates e principalmente para seus olhos, que eram dum azul de céu noturno, veria logo que em suas veias não corria a menor gota de sangue africano ou indígena. Seu pai, o estancieiro Joca Prates, mandara “tirar” sua árvore genealógica por um estudioso de história, e descobrira com a mais absoluta certeza ser descendente dos primeiros casais açorianos que, em meados do século XVIII, tinham vindo para o Rio Grande do Sul; e por correspondência trocada com pessoa idónea residente nos Açores, viera a descobrir ainda que seus antepassados mais remotos eram os Plantz, família flamenga que se instalara na ilha Terceira, em fins do século XV, e que tivera seu nome aportuguesado e

transformado em Prates.

Quanto à nobreza propriamente dita, havia na cidade dois descendentes dum nobre do império, o barão de São Martinho. Eram Terézio Matos, um agiota, e sua filha única, Mariquinhas. Tinham a casa cheia de retratos a óleo de ancestrais ilustres e a baixela de prata que pertencera ao falecido barão, e que lhes coubera por herança, constituía uma das sete maravilhas de Santa Fé.

Os títulos de nobreza, porém, pareciam não impressionar muito aquelas gentes. Já se afirmara num artigo DA Voz que "nossa Santa Fé é uma cidade verdadeiramente democrática, pois aqui não existem preconceitos de raça, de classe ou de dinheiro; o que vale para nós é a qualidade pessoal do indivíduo".

Será mesmo? - perguntava muitas vezes Rodrigo Cambará a si mesmo. Um dia chegara a discutir o assunto com o juiz de comarca, o dr.

Eurípides Gonzaga. Que tipo de preconceito regia a sociedade de Santa Fé? Seriam preconceitos de raça? O juiz sacudira a cabeça negativamente. Não. Ali nunca se perguntara a ninguém pelos avós, se tinham sido negros, pardos ou brancos. Rodrigo, porém, retrucara: - Mas um negro, doutor, jamais seria admitido como sócio deste clube!

— Isso é verdade. Mas o Comercial nunca deixou de aceitar um homem decente só porque tivesse a pele um pouco escura.

Rodrigo encolhera os ombros.

— Talvez haja um preconceito social, regulado pela posição econômica de cada indivíduo, pela sua profissão, pela maneira como ele se porta e anda vestido. Mas que há um preconceito, isso há.

O juiz ficara a olhar reflexivamente para a ponta de seus sapatos de verniz, com uma expressão de perplexidade no rosto.

— Talvez - murmurara - talvez, mas não creio.

— O senhor não negará - tornara Rodrigo - que existem profissões que, do ponto de vista desta sociedade, são consideradas baixas: sapateiros, ferreiros, funileiros, seleiros, alfaiates e muitas outras… enfim, gente que faz trabalho manual, o senhor sabe…

— Mas acontece - observara o dr. Gonzaga - que as pessoas que exercem tais profissões não se acham em condições econômicas de entrar para o Comercial. Não poderiam pagar a joia e a mensalidade e nem teriam roupas adequadas para frequentar seus salões.

— Aí está! A diferença então é mesmo de nível econômico.

Conhece o caso do Arrigo Cervi?

O juiz sacudiu negativamente a cabeça grisalha. Rodrigo contara: - Pois o Cervi é filho de imigrantes italianos de Garibaldina. Quando fez vinte e um anos, abandonou a colônia, por não gostar da agricultura, e veio estabelecer-se na cidade com banca de sapateiro. Pois bem. Em 1905 quis entrar como sócio para este clube e foi

recusado. A razão? Muito clara: o homem era um simples remendão. De nada lhe servia ser um sujeito honesto que batia sola de sol a sol. O ano passado o Cervi tornou a propor-se e foi aceito. O juiz erguera a cabeça, dizendo: - Perfeitamente. Fez-se justiça, embora um pouco tarde…

— Qual justiça, doutor! É que em 1905 o Cervi já era proprietário duma casa de calçados, situada na rua do Comércio.

Deixou de ser remendão para ser comerciante, passou a vestir-se melhor, subiu de categoria social.

— Honra ao mérito!

— No entanto não creio que o homem tenha melhorado ou piorado de caráter…

O magistrado sorrira com benevolência: - O senhor é moço, mas um dia há de aprender que todas as sociedades são regidas por preconceitos e normas milenares, e que ir contra eles é o mesmo que dar murro em ponta de faca.

— Ah! - fizera Rodrigo, como se de repente se lembrasse dum novo elemento para reforçar seu argumento. — Hoje o Arrigo Cervi está aqui dentro do clube, mas a gente nota claramente que ele é apenas tolerado. O mesmo acontece com todos os outros descendentes de imigrantes tanto italianos como alemães.

São olhados de cima para baixo pela aristocracia local.

— Da qual o meu pre?ado amigo também faz parte…

— Para mim todos os homens são iguais.

Naqueles tempos Rodrigo andava com a cabeça cheia de Chateaubriand, Rousseau, Voltaire, Renan e Lê Bon, leituras que alternava confusamente com serenatas e excursões pelos bordéis. Escrevera então alguns artigos sobre a igualdade e a fraternidade, chegando a fazer um discurso inflamado e quase revolucionário na União Operária local.

E agora, naquele 31 de dezembro de 1909, ao entrar nos salões iluminados do Comercial, Rodrigo ainda não via claro no colorido conglomerado humano. Tinha, porém, a intuição de que havia ali várias camadas que não se misturavam. Aquelas pessoas não se encontravam num continente; eram, antes, moradores dum arquipélago. Lá estava a importante ilha dos estancieiros, comerciantes e pessoas gradas" da localidade. Havia as pequenas ilhas, de escassa 174 175 população, dos descendentes de imigrantes e finalmente a grande, populosa, pululante ilha dos funcionários públicos e empregadinhos do comércio. Certo, os habitantes duma ilha às vezes se aventuravam em excursões pelas outras ilhas vizinhas, mas mesmo essas viagens ocasionais obedeciam a certas regras.

As filhas dos estancieiros e dos comerciantes dançavam geralmente com os filhos dos estancieiros e dos comerciantes; moços,

porém, como o promotor público e o dr.

Amintas, que eram solteiros, bem como os oficiais da guarnição federal também dançavam com as Fagundes, as Prates, as Teixeiras, as Macedos, e as Amarais. Um dia, entretanto, o Lelé Pontes, caixeiro da Casa Sol, teve a ousadia de convidar para dançar a filha mais moça de Cacique Fagundes; ora a rapariga, que era bem-educada, não recusou, mas fechou a cara, não trocou uma palavra com o rapaz e mal parou a música, foi sentar-se na sua cadeira e passou emburrada o resto da noite. Os caixeiros, porém, encontravam seus pares e escolhiam eventualmente suas namoradas e esposas entre as moças pobres, filhas de pequenos comerciantes ou funcionários.

Os que gozavam de maiores regalias eram os rapazes das famílias ricas.

Esses iam e vinham entre todas as ilhas, dançavam com as "alemoas", com as "gringas" ou com as moças pobres, para delícia e inquietação das mamãs destas últimas. Quando, por exemplo, um jovem Fagundes, Teixeira, Amaral ou Prates dançava de "par efetivo"

com uma mocinha modesta, os "filhos da Candinha" achavam que aquilo era namoro, garantiam que de tal namoro não podia sair casamento e, por conseguinte, o rapaz "estava desfrutando a moça".

Ninguém representava melhor o código social não escrito de Santa Fé do que dona Emerenciana, esposa do coronel Alvarino Amaral. Era ela a personificação mesma da Opinião Pública, espécie de monumento municipal, pessoa muito acatada, respeitada e admirada, não só por ser uma Amaral e rica, como também por "suas virtudes de dama romana", como dissera, em discurso recente, o promotor público.

Baixa, muito gorda e cinqiientona, com um buço grosso que era quase um bigode, o nariz achatado e cheio de protuberâncias, a lembrar na cor e na forma uma batata com casca, 176 Emerenciana Amaral reinava no casarão da família, ali na praça da Matriz, comandando uma família de quatro filhas, três filhos e cinco netos. À tardinha ia sempre debruçar-se à sua janela para olhar o movimento da praça, e muitas pessoas tinham como hábito, e algumas até como devoção, parar sob essa janela para conversar com a matrona.

Quando ia a festas ou bailes, ficava ela na sua cadeira, a respirar com dificuldade - pois a gordura lhe dava palpitações e sufocações - mas de olho atento a tudo quanto se passava em derredor. De vez em quando fazia comentários cochichados ao ouvido das pessoas sentadas a seu lado, e jamais perdia de vista as filhas e os filhos.

Para Emerenciana Amaral as moças dividiam-se em duas grandes categorias: as sérias e as desfrutáveis. As sérias portavam-se com recato, não riam alto, não permitiam liberdades, não eram janeleiras e não dançavam com quem não tivessem sido apresentadas. As

desfrutáveis, essas se requebravam quando caminhavam ou bailavam, falavam alto, riam para qualquer um, namoravam o primeiro que aparecesse, principalmente se era forasteiro. De seu posto, dona Emerenciana fiscalizava os namoros do salão, contava o número de "marcas" que cada rapaz dançava com a mesma moça. "Olhe, dona Zeferina, o Vadico já dançou cinco marcas seguidas com a Mariquinhas Matos. Isso não está me cheirando bem." Ante os noivados crónicos, tinha sempre a mesma pergunta, que formulava sem a menor malícia: "Então, quando é que vão nos dar os doces?"

Nos bailes do Comercial apareciam com frequência caixeiros viajantes, que gozavam entre as moças da terra de grande popularidade, por serem pessoas alegres, bem trajadas e bem-falantes, sempre com uma boa história ou uma piada espirituosa na ponta da língua. Sabiam animar uma festa e não havia ninguém como eles para organizar quadrilhas e jogos de salão. A popularidade desses cometas" deixava um pouco enciumados os moços do lugar, a íavor dos quais se erguia dona Emerenciana: "Imagine, a ideia da Ritinha Prates! Deixar de namorar o filho do Teixeira só pra se desfrutar com esse caixeiro viajante que ninguém sabe donde veio". Para a esposa de Alvarino Amaral, era muito importante saber a 177 origem duma pessoa, pois haveria quem não soubesse que filho de tigre sai pintado e filho de peixe sabe nadar? Dona Emerenciana sabia muito bem que os caixeiros-viajantes preferiam dançar com as "desfrutáveis"; divertiam-se com as sirigaitas e depois saíam a gabar-se para Deus e todo mundo do que tinham feito com elas. Eram uns descarados, tinham uma namorada em cada cidade. Pobre da moça que se deixasse levar pela lábia desses doidivanas! (Por influência de suas leituras dos folhetins do Correio do Povo, dona Emerenciana usava termos como doidivanas, tresloucado, adrede…) Olhava também com certa desconfiança para os aspirantes e tenentes da guarnição federal.

Eram moços de cidade grande: o que queriam era desfrutar nossas filhas para depois saírem a fazer troça delas… Acontecia também que o Exército não gozava de boa reputação, e o nome pejorativo de "baiano", que se dava aos soldados - gente indisciplinada e barulhenta, que conflagrava constantemente o Barro Preto - tendia a estender-se também à oficialidade.

Assim, aqueles réveillon do Clube Comercial transcorriam sob o olhar vigilante de matronas como Emerenciana Amaral. Dançava-se nas ilhas - ilhéu com ilhoa - e os filhos dos estancieiros, bem como os oficiais do Exército, os caixeiros-viajantes e outros forasteiros de igual categoria social, tinham passe livre em todo o arquipélago: dançavam ora com uma Prates de vestido de seda e rendão, cheirando a essências estrangeiras, ora com mocinhas mais modestas, que traziam o mesmo vestido do réveillondo ano passado, e que usavam óleo de

mocotó no cabelo. E nem o ritmo sacudido das valsas, das mazurcas, polcas e havaneiras conseguia fazer que a nata se misturasse completamente com o leite.

Fora, nas calçadas e no meio da rua, à frente do edifício do clube, aglomeravam-se grupos. Era o "pessoal do sereno", os que espiavam a festa, os que não tinham ido ao baile porque estavam de luto, não possuíam trajos de gala ou não eram sócios do Comercial.

Eram dez e quinze quando a banda de música do regimento de infantaria, que atestava o coreto do salão de festas, rompeu a tocar os primeiros acordes da marcha de La geisha. Era o sinal de que a polonaise ia iniciar-se. Rodrigo teve a impressão de que o teto corria o risco de ir pelos ares e de que as paredes estavam prestes a ruir sob a pressão daqueles sons explosivos. E a música, para ele evocativa de noitadas de opereta, também parecia fazer-lhe uma pressão terrível no peito, não de fora para dentro, mas de dentro para fora, na forma dum entusiasmo trepidante. Dir-se-ia que as ondas sonoras o erguiam em suas cristas iridescentes, deixando-o a boiar estonteado naquele mar revolto. De súbito, estrondou o bombo e a música parou. O sinal estava dado.

O coronel Cacique Fagundes, o presidente do Comercial cujo mandato terminaria naquela noite ao entrar o Ano-Novo, postou-se no meio do salão, bateu palmas e exclamou: - Tirem seus pares pra quadrilha, moçada!

Baixo, ventrudo, torso roliço apertado numa sobrecasaca preta, as coxas gordas modeladas pelas calças a fantasia, a papada a derramar-se sobre as bordas do colarinho duro, tinha o coronel da Guarda Nacional um rosto largo e bronzeado de bugre.

— Vamos, rapaziada! - insistia ele. — Está na hora da onça beber água! Cada um com sua cada uma!

Os cavalheiros puseram-se a escolher os pares, e naquela sala de chão esbranquiçado de espermacete - cujo cheiro Rodrigo desde adolescente associava ao de carne limpa de mulher jovem em 179 noite de baile - começou um animado e festivo vaivém. Nos rostos das moças que, juntamente com suas mamãs e titias, estavam sentadas nas cadeiras que perlongavam as quatro paredes do salão, notava-se um ar de expectativa quase nervosa, que se traía por movimentos bruscos de cabeça, pela maneira frenética com que abanavam os leques, alisavam os vestidos, lambiam os lábios ou trocavam segredinhos.

Cacique Fagundes aproximou-se do coronel Jairo Bittencourt - que naquele exato momento apresentava a Rodrigo sua esposa, uma senhora alta, muito alva e magra, metida num vestido de rendão negro, com uma aigrette cor-de-rosa na cabeça - e, tomando-lhe afetuosamente o braço, pediu: - Marque a polonaise pra nós, coronel.

— Ah, não! - escusou-se o militar. — O presidente do clube é a

pessoa mais indicada para isso…

— Qual nada! Sou um guasca velho. Sei marcar mas é gado. Vosmecê é homem de cidade grande, conhece todas essas danças da moda. Sou ainda do tempo dos lanceiros.

O oficial relutava. Achava que quem estava em condições de fazer aquilo era o dr. Rodrigo…

— Ora, coronel - replicou este último - por quem é! Aqui quem está mais afeito a comandar homens é o senhor mesmo…

Enquanto os três discutiam, no meio do alegre zunzum de vozes, a esposa do comandante passeava em torno o olhar enfastiado, que parecia acentuar-lhe a palidez enfermiça do rosto. Rodrigo ouvira dizer que Carmem Bittencourt morria de saudades do Rio, detestava Santa Fé e recusava relações com as damas da terra.

O coronel Jairo finalmente capitulou: marcaria a polonaise.

Com sua cabeleira ruiva, o rosto sanguíneo, os olhos azuis, enfarpelado no uniforme de gala: túnica dum cinzento carregado, com dragonas e botões dourados, calça vermelha de garança - parecia o comandante do regimento de infantaria uma figura saída dum cartaz impresso em rica tricromia, com tinta ainda fresca.

Rodrigo procurava Flora Quadros com o olhar. Avistando-a nas imediações do toilette das senhoras, sentada ao lado da mãe, encaminhou-se para ela. Mau grado seu, ia meio perturbado, 180 demasiado consciente do fato de estar sendo alvo de muitas atenções: lá vai o moço do Sobrado, o bom partido… quero só ver quem é que ele vai tirar pra quadrilha…

Flora parecia ter percebido que ele vinha a seu encontro, pois desviara os olhos para um lado, enquanto seus dedos brincavam nervosos com o leque pousado no regaço.

Rodrigo dirigiu-se primeiro à mãe: - Como está a senhora, dona Laurentina?

A esposa de Aderbal Quadros estendeu-lhe a mão, e seu rosto de imagem de pau continuou impassível. Quando falou, havia em sua voz apenas um tom de frio e cerimonioso interesse: - Como vai o senhor? Chegou bem de viagem? Como estão todos no Sobrado?

Sem responder àquelas perguntas retóricas, Rodrigo voltou-se para Flora: - Senhorita, como tem passado? A moça estendeu-lhe a mão.

— Muito bem, obrigada - respondeu, ao mesmo tempo que retirava rapidamente a mão que ele apertava com força.

Rodrigo sentiu que, se não dissesse mais nada, nenhuma daquelas criaturas tornaria a falar e os três se quedariam ali num silêncio embaraçoso.

— Ainda não vi o coronel Aderbal…

— O papai não veio ao baile - disse Flora. — Não gosta muito de

festa…

Rodrigo imaginou o drama: Babalo em casa, sozinho, numa sala escura, a pensar nos negócios embrulhados, na falência que se aproximava inexoravelmente. Com toda a certeza não contara nada à mulher, nem à filha, para não alarmá-las. E agora, enquanto ambas ali estavam em plena festa, ignorantes de tudo, o pobre homem debatia-se em sua solidão angustiante, num problema de consciência… Sim, talvez estourasse os miolos com um tiro ao soarem as primeiras badaladas da meia-noite. E quando Flora e a mãe entrassem em casa, de volta do baile…

— A senhorita quer dar-me a honra de dançar comigo a polonaise?

Flora sorriu e, com as orelhas e as faces afogueadas, ergueu-se, alisando o vestido branco, de feitio singelo, e a faixa azul que lhe circundava a cintura e cujas pontas lhe pendiam dum lado, numa laçada. Seus olhos, dum castanho-escuro, evitavam os de Rodrigo.

É bonita - pensava ele. — Muito mais bonita do que a imagem dela que eu guardava na memória… Não sei que tem essa carinha que tanto me atrai. Não são apenas as feições, mas também um certo ar de inocência, de dignidade sem afetação… Dentes perfeitos. O porte não podia ser mais bem proporcionado: cintura fina, ancas estreitas…

Não é peituda como as Fagundes. Não tem buço. Pobrezinha, a esta hora o pai decerto está morto e ela não sabe… Protegê-la, sim, fazê-la feliz, dar-lhe tudo que tenho: meu amor, meu nome, o Sobrado, o Angico, tudo…

De braços dados e em silêncio, ambos caminharam para o centro do salão, onde outros pares já se achavam reunidos.

Imponente no seu fraque, com uma rosa branca na botoeira, Chiru Mena procurava pôr ordem no caos, gritando: - Vamos! Todos nos seus lugares. O coronel Jairo vai marcar a polonaise.

Depressa, moçada, fiquem nas posições!

Agitava os braços, suava, tirava do bolso o vasto lenço de seda vermelha - símbolo de seu partido - e passava-o num largo gesto pelo rosto e pelo pescoço.

Rodrigo voltou a cabeça para Flora e murmurou: - Está animado o baile, não?

Que coisa estúpida! Uma frase digna de qualquer daqueles caixeirinhos que ali estavam nas suas roupas pretas domingueiras, os pescoços entalados em colarinhos duros, as botinas muito bem lustradas.

— Como? - perguntou Flora.

Rodrigo repetiu a frase, achando-a ainda mais abominável. Ele, o dr.

Rodrigo Cambará, leitor de Taine e Renan, a repetir uma

platitude que naquele mesmo momento decerto vinte guardalivros estavam a dizer a suas damas!

— Muito… - respondeu ela.

Por que será que essa menina não me olha? Por que está tão sestrosar 182 No momento em que os pares ficaram a postos, numa fileira dupla, com o coronel Jairo e a esposa à frente, a banda atacou novamente a marcha de La geisha.

— En avant! - gritou o comandante.

A polonaise começou. Os pares fizeram duas voltas no salão, arrastando os pés ao compasso da música. O vulto de Chiru sobressaía dos demais, gingando, quase aos pulos, e seu rosto resplandecia de suor e contentamento. Rodrigo segurava delicadamente os dedos de Flora, mirava-a de soslaio, via-lhe o perfil sereno, os lábios entreabertos… Uri point rose tju'on met sur l'i du verbe aimer. Ah Cyranol Voilà ta Roxane, et toti patiache, mon panache, mcm pannche…

Passaram-lhe pela mente coloridas geishas e samurais a dançar num palco, agitando no ar lanternas acesas…

Rodrigo marchava na ponta dos pés, a cabeça alçada. Havia tomado três cálices de conhaque antes de entrar no salão. Sentia um estonteamento agradável, numa leveza aérea e irresponsável de balão.

De narinas palpitantes farejava o ar, procurando, com um gosto discriminador e sensual, identificar os componentes daquele pot-pourri de perfumes que pervagava o salão. Lá estavam o Rose de France, o Fieur de Janet, o Fleur d'Amour, o Quelques Fleurs, de mistura com essências menos nobres.

Sim, porque existia também entre os extratos uma nítida hierarquia. Os Macedos, os Amarais, os Veigas, os Teixeiras e outras famílias de estancieiros e comerciantes prósperos preferiam os produtos de Houbigant. As gentes remediadas favoreciam os de Deletrez, Pinaud e Pivert. Os caixeirinhos, suas namoradas, noivas e esposas cheiravam a água de Hórida, a essência de rosas e vaselina perfumada. Que contraste havia, por exemplo, entre o sugestivo L'CEeillet du Rói, que envolvia cahdamente a pessoa de Ritinha Prates, e a fria e assexuada fragrância de Patchouli, que se evolava do lenço de dona Laurentina Quadros! Mas o que deixava Rodrigo mais excitado era aquela emanação dos corpos das mulheres, o odor quente e humano do primeiro suor depois do banho.

Balancez! Rodrigo enlaçou a cintura de Flora e começou a rodopiar.

E, como se estivesse montado no cavalo-de-pau dum 183 carrossel, viu uma sucessão vertiginosa de imagens: as faces das mulheres sentadas, os vultos dos outros pares que dançavam, de azul-ferrete e vermelho - o uniforme dos oficiais do Exército, o ousado

vestido chaudron de Esmeralda e mais rabos de fraques e croisés, leques, plumas, o clarão das chamas de gás nos lustres de vidrilho, as caras dos músicos no coreto, as bocas dos pistões e trombones, como sóis de ouro a dardejar para o salão uma música vibrante, que parecia aumentar ainda mais o calor do ambiente.

Rodrigo sentia o suor escorrer-lhe pelo peito e pelas costas.

não vinha de fora nem a menor viração.

Jairo Bittencourt continuava a dar suas ordens de comando. Agora damas e cavalheiros se haviam separado e faziam a volta do salão em duas filas simples. Finalmente tornaram a unir-se para um novo balancez.

Houve um instante em que o olhar de Rodrigo encontrou o de Flora, e ele ousou apertar-lhe os dedos com mais força.

Em seus pensamentos passou, muito concorrido, o enterro do pobre Aderbal Quadros, que por sinal nem entrou na igreja, pois, como é sabido, os padres nunca encomendam a alma dos suicidas. Que horror! Um quarto na casa do morto: Flora toda de preto, os olhos vermelhos de tanto chorar. Dona Laurentina também de luto, o lenço tarjado recendendo a Patchouli. Pobre gente! Mas não, Flora agora sorri, toda vestida de branco, com uma grinalda de flores de laranjeira na cabeça, um longo véu… Vem saindo da igreja pelo braço do noivo. Um casamentão! E a voz de Laurinda termina a história da carochinha: “E casaram-se, tiveram muitos filhos e foram muito felizes”.

Conta outra, Laurinda!

Filhos! Rodrigo olhou enviesado para a cintura de Flora. Sim, era uma pena, aquela cinturinha ia engrossar, aquele ventre intumescer; e aqueles seios ficariam regurgitantes de leite, e a boquinha dum bebê viria pôr o ponto rosado no bico dos seios adorados. Mais vous êtes embêtant, mon cher doctenr. Oui, Mélanie, jc crois que je suis complètement ivre.

— Chemin de feri - gritou o coronel Jairo. E houve uma alegre contusão e risadas, enquanto os pares procuravam fazer a figura indicada.

Veio mais uma ordem de balancez e Rodrigo vislumbrou o rosto de Ritinha Prates, cujos olhos azuis, ao fitarem por um instante os seus, lhe deram uma curiosa e agradável sensação de refrigério, como se ele tivesse mergulhado inesperadamente numa sanga. Mundo errado! Mundo errado! Mundo errado!

Por que é que um homem tem de se casar só com uma mulher?

Ouviu-se uma pancada de bombo e a polonaise terminou. Estrugiram palmas.

De braços dados, damas e cavalheiros começaram a andar em passos lentos ao redor do salão, conversando animadamente.

Rodrigo avistou dois jovens oficiais em fardamento de gala, inclinou a cabeça para Flora e perguntou: - Quem são aqueles militares?

— O mais alto - respondeu ela - é o tenente Rubim Veloso, da artilharia. O mais baixo é o tenente Lucas Araújo, dos obuseiros.

Rodrigo olhava para os oficiais com uma certa má vontade. Não pôde evitar um sentimento de ciúme com relação àqueles dois forasteiros, nos quais pressentia concorrentes em estado potencial. Um deles, o mais baixo, levava pelo braço Ritinha Prates; o outro caminhava ao lado de Esmeralda Dias, encurvado sobre ela, a dizer-lhe algo que devia ser muito engraçado, pois a moça não cessava de rir.

— São seus conhecidos?

— São, sim - respondeu Flora. E acrescentou: - O tenente Lucas é impagável!

Rodrigo não gostou do entusiasmo com que Flora lhe disse estas últimas palavras.

Naquele instante a banda rompeu a tocar uma valsa: Sobre as Ondas. O primeiro que começou a dançar foi o Chiru. Outros pares o seguiram.

O baile ainda não se animara verdadeiramente. Predominava uma certa atmosfera de cerimônia muito comum às primeiras horas dos réveillons. Dir-se-ia que toda aquela gente estava como que inibida pelos trajos de gala e peía solenidade da festa. Na maioria das faces estampava-se uma expressão de seriedade ou constrangimento, e eram baldados os esforços que fazia Chiru para estimular os convivas com seus passos exageradamente balanceados, seus rodopios, seus sorrisos e seus gritos de “Vamos, moçada! Fogo na canjica!” Todos porém sabiam que à medida que se aproximasse a meia-noite, a “coisa iria esquentando” para finalmente se transformar num pandemônio.

Rodrigo enlaçou a cintura de Flora e começou também a valsar. Os cabelos de seu par recendiam suavemente a jasmim-do-cabo. Mulher é uma coisa extraoidinária - pensou ele. Que seria do mundo se não houvesse mulheres? São a obra-prima da Criação - concluiu, esforçando-se por não pensar em todas as mulheres feias que ali se encontravam.

E por um irônico acaso, naquele minuto mesmo enxergou Emerenciana Amaral, que, como a rainha-mãe no trono, se achava sentada numa poltrona, posta ali especialmente para ela. Seus lábios, sob o buço cerrado, estavam fixos numa expressão de amuo. Ela se abanava, batendo com o leque naqueles seios que haviam amamentado doze filhos, dos quais sete estavam vivos e a dançar no Comercial.

Valsando com entusiasmo, consciente sempre da sensação

agradável que lhe proporcionava o contato da mão de Flora e a proximidade de seu corpo - embora houvesse entre ambos a respeitosa distância de um bom palmo - , Rodrigo via em relance as faces das outras mulheres: as caboclas do Fagundes, de buços suados e peitos ofegantes; a cara viva da Esmeralda, que pulava nos braços do tenente de artilharia; o sorriso enigmático da Gioconda… E de repente, num doce choque, deu outra vez com o rosto mimoso de Rita Prates. Upa! Como Ritinha havia melhorado naquele último ano, estava mais mulher… E quem será aquela moça alta e vistosa com um diadema na cabeça? Quem está certo - refletiu Rodrigo em tempo de valsa - são os mórmons… Grande seita! Grande gente! Claro, podia namorar muitas. Mas, se quisesse levar 186 a sério o namoro com Flora, teria de portar-se direito. De resto, precisava melhorar sua reputação perante as mamãs de Santa Fé. A notícia de suas proezas nos bordéis correra mundo, e decerto a cidade não esquecera ainda que, fazia uns cinco anos (oh, nesse tempo Flora era uma menininha de tranças vestidinho curto!), ele e Neco haviam provocado uma briga na Pensão Veneza. Havia ainda outros casos escabrosos. Muitos outros - pensava Rodrigo, rodopiando com seu par numa velocidade cada vez maior - e outros. Um estróina! Um libertino! Mas um bom partido, mil vezes melhor que qualquer daqueles rapazes que ali dançavam…

Física e intelectualmente! Apesar de todas as minhas loucuras, aposto como essas mamãs são capazes de me agarrar com ambas as mãos para genro! Ah! se são!

Rodrigo apertou a mão de Flora, mas não sentiu nenhuma correspondência nos dedos dela, que continuaram frouxos, frescos e levemente úmidos. Pensou em dizer-lhe um galanteio. Não era, porém, de bom-tom falar com o par durante a dança.

Um estrondo de bombo e um tinir de pratos pôs fim à valsa. Os pares estacaram, e os cavalheiros puseram-se a enxugar o suor dos rostos com os lenços, enquanto as damas se abanavam com os leques. E a ronda do salão recomeçou.

Rodrigo olhou para Flora e compreendeu que a timidez a deixava muda. Que devia dizer-lhe? Falar em coisas fúteis - o baile, o tempo, o cometa de Halley? Ou conduzir a conversa para o rumo do amor? Viu que ela erguia a cabeça e sorria.

Para quem? Seguiu-lhe a direção do olhar e verificou que o sorriso era endereçado ao tenente Lucas, o qual, do outro lado do salão, lhe fazia caretas e sinais com as mãos. Decerto são namorados - concluiu. E naquele momento odiou o tenente de obuseiros.

Que tolice a sua, imaginar que Flora pudesse ter passado todo o ano fiel a ele, só porque haviam tido um namorico de férias! Estava ferido em seu amor-próprio e tomado dum desejo de humilhar a moça ou de ao menos fazê-la sentir sua indiferença.

— Dançaremos mais uma vez - disse com secura - e depois eu a deixarei, pois não quero que seu namorado se zangue…

— Não tenho namorado - replicou ela sem o encarar.

— Está certa disso?

— Estou.

— Como é possível que a moça mais bonita de Santa Fé não tenha dúzias e dúzias de admiradores?

— O senhor está fazendo troça de mim.

— Troça? Mas nem diga isso! Estou falando com toda a sinceridade.

Creia que sou o maior de seus admiradores.

— Não acredito.

Havia um tom obstinado nas palavras dela.

— Se não acredita - aventurou ele - é porque decerto me despreza, me odeia ou faz pouco caso de minha pessoa.

Flora não respondeu. Continuou a olhar para a nuca da moça que caminhava à sua frente. Seu braço, enfiado no de Rodrigo, estava tão leve que parecia de papel.

— Já vejo que acertei. A senhorita me detesta, não é verdade?

— Não.

— Então por que está se portando dessa maneira?

De novo Flora refugiou-se no silêncio. Ele ia insistir na pergunta quando a banda começou a tocar uma polca. Era ridículo - achou ele - que tivessem de interromper a conversa naquele ponto crucial para saírem saracoteando ao compasso da polca. Mas, que remédio? enlaçou a cintura de Flora, que continuava a evitar-lhe o olhar, e puseram-se a dançar. Estás me saindo muito arisca! - pensava ele.

Mas antes do baile terminar eu te domo ou então não me chamo Rodrigo Terra Cambará. Espera, meu bem, espera, a noite mal começou… Não queres falar? Está bem.

Não fales. Mas se pensas que vou continuar aqui a fazer papel de bobo, estás muito enganada. Terminando esta polca vou dançar com outra.

Foi o que fez. E quando a banda atacou um schottish, o Porto Clube, viu que Esmeralda Dias estava sem par, aproximou-se dela e convidou-a. Flora recendia a jasmim: os cabelos de Esmeralda cheiravam a óleo de mocotó.

Esmeralda era mais corpulenta que Flora, suas carnes menos rijas, suas mãos mais grossas, a pressão de seus dedos mais quente e firme. Mas o diabo da moça não parava de dar risadinhas.

— De que é que está rindo?

— Eu? De nada.

— De nada não pode ser.

Era excitante falar com o par durante a dança. As comadres já

estão reparando… Mas que me importa?

Naquele instante separaram-se para fazer uma figura: deram três passos rápidos para um lado, sempre de mãos dadas, e depois tornaram a unir-se.

— De que é que está rindo? - insistiu ele.

— Dumas asneiras que o tenente Lucas me disse.

A palavra asneira soou desagradavelmente aos ouvidos de Rodrigo. E o fato de o tenente de obuseiros ser tão popular entre as moças começava a irritá-lo.

— Pelo que vejo, esse tal Lucas é muito espirituoso…

— Impagável.

— Quem é a felizarda que ele namora?

— O Lucas? É uma vassoura. Namora todas que pode. Pra ele o que cai na rede é peixe.

— E a senhorita também já caiu na rede?

Esmeralda soltou uma risada, atirando a cabeça pra trás. Rodrigo teve vontade de apertá-la contra o peito e morder-lhe a boca. A rapariga estava longe de ser bonita e ele jamais poderia apaixonar-se por ela. Mas era apetitosa, tinha uma graça picante e provocadora.

— Não sou peixe, dr. Rodrigo! Não sou peixe.

— É um peixão.

— Mas não sou pra qualquer rede.

— Diga então o que é que um pobre pescador tem de fazer para pescá-la…

— Para pescar este peixe é preciso primeiro falar com o velho Dias, depois arranjar os papéis, um padre e um juiz distrital.

— Mas não acha que é muita complicação? Apertou mais os dedos de Esmeralda, acrescentando: - Não haverá um processo mais simples de pesca?

— Há - respondeu ela, encarando-o com firmeza. — Se o senhor for pescar na pensão da velha Tucha!

Rodrigo ficou chocado e ao mesmo tempo desconcertado com a resposta.

Lembrou-se dum ditado de Fandango: “Deve-se dançar conforme o par”.

— Peixe dessa espécie não me interessa - disse. E tentou puxar Esmeralda mais para perto de si. Ela, entretanto, resistiu, mantendo-o afastado.

— Devagar com o andor, moço - murmurou. — Se pensa que porque é rico e doutor vai me desfrutar, está muito enganado. Não sou dessas, está compreendendo?

Rodrigo franziu o cenho. O fato de Esmeralda, a famosa Esmeralda Dias, repelir daquele modo a ele, o moço do Sobrado, deixava-o numa ridícula posição de inferioridade.

Agora - refletiu - esta bruaca é capaz de sair a espalhar pelo salão que eu lhe faltei com o respeito. E todas as mamãs vão ficar escandalizadas e não tirarão o olho fiscalizador de cima de mim: e as moças não quererão mais dançar comigo. Estúpido! Por que não ficas de boca fechada?

Tentou então remediar a situação: - Senhorita, não vá levar a sério o que lhe disse. Eu estava brincando…

— Mas eu não estava.

— Olhe. Vamos deixar o dito por não dito. Não pense que sou um confiado. Seria a última pessoa neste salão a faltar com o respeito a uma senhorita. Por favor…

Esmeralda interrompeu-o: - Não se amofine. Não vou contar a ninguém. O senhor não é o primeiro. Todo o mundo acha que pode abusar comigo, só porque sou alegre e não fingida como essas sonsinhas que andam por aí com ar de santas, mas que no fundo são umas sem-vergonha. Eu é que sei bem da vida delas.

Por um momento Rodrigo temeu que Esmeralda lhe dissesse algo desagradável sobre Flora Quadros. Desejou intensamente que 190 ela se calasse. Esmeralda, porém, prosseguia… E aquele maldito schottish parecia não ter mais fim!

— A Dulce Fagundes… Olhe só para a cara dela. Parece um anjo.

Escreve bilhetinhos para um peão do pai. Dizem que se encontram no mato quando ela está na estância.

O mal-estar de Rodrigo aumentava, e ele lançava olhares angustiados para o coreto.

— A filha do Trindade - continuou Esmeralda - fugiu de casa com um caixeiro-viajante. Casaram sim, etcétera e tal, mas agora ela anda aí como uma graúda, e todo o mundo acha que está muito direito, só porque ela é filha do intendente, o mandachuva de Santa Fé, e ninguém tem coragem de falar mal dela…

— O mundo é assim mesmo - disse Rodrigo, achando-se imbecilíssimo por ter feito tal observação.

— E vocês homens é que são os culpados. Fazem as coisas e depois saem se gabando. Dancei com a fulana e fiz isto e aquilo. Então, quando são moços que vêm de cidade grande, como o senhor, a coisa é muito pior. Não sabem fazer distinção entre uma moça de família e uma mulher da vida.

— Mas, senhorita, eu já lhe pedi perdão. Quer que eu me ajoelhe?

— Não. Quero é que não aperte tanto a minha mão. Já disse que não sou dessas, ouviu?

A música parou. Rodrigo sentiu um alívio. Levou Esmeralda até uma cadeira vazia, inclinou levemente a cabeça, balbuciou um agradecimento, fez meia-volta, afastou-se dela em passo acelerado. Sentia-se desmoralizado, irritado, infeliz.

Fizera papel de tolo. Levara um verdadeiro tableau. E logo com a Esmeralda! Contavam-se dela coisas horríveis. No entanto a cadelinha assumira ares de donzela pudica só porque ele lhe dissera algumas gracinhas um pouco safadas.

Bolas! O melhor que tinha a fazer era ir tomar alguma bebida fresca. Dirigiu-se para a área no fundo do edifício, onde àquela hora muitas pessoas bebiam, sentadas ao redor de mesinhas de ferro.

Olhava em torno, à procura duma mesa, quando avistou o coronel Jairo, que lhe acenava com a mão. Aproximou-se dele.

— Sente-se, dr. Rodrigo! - convidou o comandante do regimento de infantaria. — Sente-se e tome alguma coisa. Já lhe apresentei minha esposa, não?

Rodrigo sorriu para a dama pálida.

— Tenente Rubim, já conhece o dr. Rodrigo? O oficial ergueu-se, perfilou-se e murmurou: - Ainda não tenho esse prazer.

— Dr. Rodrigo - disse o coronel Jairo - este é o tenente Rubim Veloso.

O tenente Rubim bateu marcialmente os calcanhares, fez uma leve curvatura e apertou a mão de Rodrigo.

O outro oficial que ali estava, não esperou que o apresentassem: - Sou o tenente Lucas Araújo, vulgo André Deed. Sorrindo, segurou com força a mão de Rodrigo, sacudindo-a repetidamente, ao mesmo tempo que piscava o olho e dizia: - O senhor que vem de Porto Alegre deve conhecer o Deed, não é? O do cinema, o cômico…

— Claro! - exclamou Rodrigo. — Quem é que não conhece o Deed? É impagável.

— Pois é o que as moças de Santa Fé dizem de mim - sorriu Lucas, fazendo uma careta. E num falsete alambicado: - O tenente Lucas é im-pa-gável. Deve ser por isso que não me pagam, hein, coronel?

O coronel Jairo, percebendo a alusão ao atraso crônico no pagamento do soldo da guarnição, desatou a rir.

Depois pediu aos três homens que se sentassem.

— Que é que toma? - perguntou a Rodrigo.

— Uma cervejinha fresca.

Quando o empregado do bufete passou perto de sua mesa, Jairo tocou-lhe no braço e pediu: - Uma cerveja fresquinha, meu filho.

Inclinando-se confidencialmente sobre Rodrigo, disse: - O tenente Rubim e eu somos bons amigos e companheiros d'armas, mas no terreno filosófico não nos entendemos, absolutamente não nos entendemos. Hein, Rubim?

O tenente de artilharia sorriu. Era um homem de rosto miúdo, a pele dum branco róseo, um pince-nez acavalado no nariz afilado e longo, os cabelos dum castanho alourado, aparados à prussiana. A

arcada dentária superior avançava à feição de limpa-trilhos, dando-lhe à boca um jeito grotesco de bico, acentuado pelo recuo do queixo.

A primeira vez que vira o tenente Rubim, Emerenciana Amaral comentara: “Feio como as necessidades”. “Mas um feio gostoso” - acrescentara Esmeralda Dias, querendo com isso dizer que Rubim tinha uma certa simpatia e que, apesar do bico, da dentuça, do queixo sumido, a gente gostava de olhar para aquela cara; até a voz aflautada, que a princípio desagradava, no fim chegava a ter certo encanto.

— Na verdade - disse ele - nossas divergências são mais de superfície que de profundidade…

Rodrigo observava o tenente de artilharia, secretamente satisfeito por verificar que contava com um rival a menos. Alto, esbelto, metido naquele vistoso uniforme, visto de longe Rubim lhe parecera um titão. No entanto, olhando de perto, tinha uma cara de boneco de ventríloquo. Quanto ao outro, o Lucas, ele compreendia sua popularidade com as moças. Era um simpático palhaço. Parecia-se realmente com o artista francês de cinematógrafo André Deed. Era uma dessas criaturas de cara franca e agradável de quem a gente logo se faz amigo.

Sempre inclinado sobre Rodrigo, o coronel Jairo fez um sinal na direção do tenente de artilharia e murmurou: - É de Sergipe. Fez um curso brilhantíssimo. Um crânio para matemática, um enxadrista de primeira ordem, campeão de esgrima de sua turma, e talvez um dos melhores artilheiros do Exército. Soldado cem por cento. Tem lido tudo o que se escreveu sobre a arte militar. Quanto à filosofia, Nietzsche é a sua paixão e ele o conhece de trás para diante, de cor e salteado. Um dos livros de cabeceira do Rubim é a famosa obra de Clausewitz sobre a guerra.

Ah! Pergunte a ele qualquer coisa sobre a campanha de 70. Ele sabe tudo, tintim por tintim, como se tivesse feito parte do estado-maior de Bismarck. Um crânio, rapaz de muito valor, e muito firme em suas convicções.

Estas palavras tinham sido ditas em voz baixa, num fingido segredo, mas era evidente que o coronel desejava que Rubím as escutasse.

Lucas, que entreouvira a conversa, passou o indicador entre o colarinho engomado e o pescoço e, dando ao rosto uma exagerada expressão de solenidade, disse: - Pois antes que o coronel lhe diga quem sou, eu me antecipo… Lucas Araújo, natural de Alagoas, tenente de obuseiros, mau soldado, mau estudante, mau jogador de xadrez, mau esgrimista. Não leio Nietzschc nem Clausewitz: para falar bem a verdade, não leio nem jornal. Quanto ao resto, uma boa praça.

O coronel que diga…

Calou-se e começou a fazer contorções faciais. Não era mais o tenente Lucas Araújo, mas sim André Deed no papel de tenente de obuseiros. Jairo atirou-se para trás e desatou a rir, dizendo: - Esse Lucas é um pândego!

A seguir levou aos lábios seu copo de água mineral. Rodrigo olhou para a esposa do coronel. Notou que os olhos dela continuavam embaciados dum tédio mortal.

A banda tocava agora uma havaneira. Lucas começou a trautear a melodia e a mexer os ombros a seu ritmo. Ergueu-se, fez uma paródia de continência diante de seu superior e disse: - Se dona Carmem e o coronel me dão licença… vou dançar esta havaneira. As meninas devem estar loucas de saudade de mim. Minha senhora…

Saiu a caminhar na direção do salão. Rubim seguiu-o com um olhar que a Rodrigo pareceu inescrutável: superior tolerância? censura?

indiferença?

— O dr. Rodrigo deve estar um pouco chocado… - observou o coronel Jairo. — Mas o nosso Lucas é um galhofeiro. Com o tempo o senhor vai se habituar.

— Ora! - protestou Rodrigo. — O tenente é simpaticíssimo. De novo concentrou a atenção em Rubim e por um instante ficou a contemplar, como a uma pintura, o jovem oficial de túnica azul-ferrete, aquele homem duma fealdade patética que tentava, à custa dum aprumo militar forçado, esconder seu aspecto de mestre-escola.

— Gosta da nossa cidade, tenente? - perguntou cordialmente.

— É como todas as cidades pequenas. Não diferem muito umas das outras.

E depois - acrescentou, chiando muito nos esses - nunca tive paciência com as pessoas cujo estado de espírito depende do lugar onde se encontram. Um homem verdadeiramente digno desse nome não poderá deixar-se influenciar pelo meio. Ele transformará o meio em que vive. Poderá até dizer "eu sou o meu próprio ambiente.

Aonde quer que eu vá, carrego comigo esse ambiente".

Idiota! - exclamou Rodrigo mentalmente. — A propósito duma pergunta casual e puramente retórica, lá vinha ele com um destampatório pseudo filosófico. No fim de contas aquele tal tenente Rubim lhe estava saindo um grande vaidoso. Mas não lhe teve rancor nem mesmo antipatia. Como o outro se houvesse calado, achou que devia dizer algo mais: - Talvez o senhor tenha razão.

— Talvez? Estou certo de que tenho.

tamanha pretensão era demais! Rodrigo sentiu um formigueiro no corpo, suas narinas se dilataram. Sentado na ponta da cadeira, o busto teso, perguntou, já com voz fosca: - E que é que lhe dá tanta certeza? Imperturbável, Rubim respondeu: - Uma profunda convicção filosófica

amparada numa longa experiência.

Jairo olhava de um para outro, interessado. Sua esposa abanava-se com o leque em que havia, pintada, uma paródia miniatural de Watteati.

Naquele instante o garçom chegou com a cerveja. Rodrigo encheu o copo com tanto açfobamento, que a espuma transbordou. Ergueu-o na direção do casal Bittencourt e exclamou: - A saúde do casal! - Olhou para o tenente. — E ao super-homem!

Bebeu. O rosto do oficial não registrou a menor emoção.

— Devo tomar isso como uma ironia? - perguntou ele.

— Vamos, vamos - interveio Jairo. — Está claro que o dr. Rodrigo não teve a menor intenção…

Fez-se un silêncio tenso.

A havaneira continuava, repenicada e alegre. Rodrigo pensou em Flora, no Ano-Novo e nas coisas maravilhosas que o futuro lhe tinha reservado.

Seria estúpido iniciar uma nova fase de sua vida social brigando em pleno clube com aquele forasteiro.

— Está claro que não tive a menor intenção irónica - disse ele, dominado por uma cálida e repentina onda de cordialidade. — Espero que não se tenha ofendido.

Inclinou-se e pôs a mão sobre o joelho do oficial.

— Está claro, está claro - repetia o coronel, olhando de um para outro. — Logo que conheci o dr. Rodrigo eu disse (não foi mesmo, Carmem?): aí está um moço para o tenente Rubim conversar. Aposto como vão ser grandes amigos. Não foi mesmo, Carmem? - A mulher sacudia a cabeça lentamente, corno um cachorrinho amestrado. — Ambos jovens, cultos e esperançosos, cada qual na sua profissão. Está claro que não houve intenção.

Rubim apertou a haste de seu cálice de conhaque, ergueu-o e disse: - Então, à sua saúde, dr. Rodrigo! Jairo estava radiante.

— Isso! Assim é que são as coisas. Que diabo! Não há nada como a cordialidade, a fraternidade, a paz!

Carmem bebeu um gole de gasosa e, por um fugidio instante, seus olhos se encontraram com os de Rodrigo, que não pôde deixar de avaliá-la como fêmea. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, tinha uma graça fanada e romântica de tísica, e seu corpo devia ser branco e frio como um mármore.

A havaneira continuava. Na área, a balbúrdia crescia. Joca Prates passou, metido num velho fraque, e fez um sinal amistoso para Rodrigo.

A música cessou. Ouviram-se palmas isoladas.

Alto e rubicundo, as pontas do colarinho duro fincadas na papada, Jacob Spielvogel ergueu-se de sua cadeira, ali na área,

abotoou o smoking e, com seu jeito desengonçado de biriba, dirigiu-se para o salão, num andar denunciador de sapatos apertados. Tinha a corpulência cinquentona dum granadeiro. Rodrigo mostrou-o ao coronel com um movimento de cabeça, dizendo: - O avô dele começou a vida na colónia, lá por 1833, abrindo picadas no mato. O Jacob tem hoje uma serraria a vapor. Dizem que é homem que não se aperta por cem contos.

À porta do salão, Spielvogel esbarrou em Cacique Fagundes, e por alguns instantes ficaram ambos a conversar. O coronel Jairo, que acompanhara o teuto-brasileiro com o olhar, murmurou: - Vejam bem o sentido daquele encontro. Ali está um caboclo que tem nas veias o sangue dum cacique. Descende, portanto, dos verdadeiros donos desta terra. Está agora frente a frente com o colono, um homem louro cujos avós vieram dum outro mundo, duma outra civilização…

O tenente Rubim sentenciou: - O dono da terra é é e será sempre aquele que pela força se apossar dela e pela força a mantiver.

Rodrigo atirou-se para trás na cadeira e sorriu. Não estava disposto a discutir. Chamou o garçom e pediu outra cerveja. A banda atacou uma polca. O coronel começou a marcar o compasso com o pé. Carmem soltou um suspiro, que lhe sacudiu o magro peito. Rodrigo avistou o coronel Aristiliano Trindade sentado a uma das mesas da área, na companhia de alguns de seus apaniguados, e como o homem naquele instante lhe fizesse um amável cumprimento de cabeça, fingiu não ter percebido nada, baixando 197 disfarçadamente os olhos para o copo. Daí por diante, porem, começou a lançar repetidos olhares tortos e enviesados, na direção do intendente de Santa Fé. Jamais sentira a menor simpatia por aquele tipo. Tudo nele lhe era repugnante: o rosto alongado de cavalo malacara (uma doença de pele lhe punha manchas esbranquiçadas na testa), as mandíbulas largas e quadradas de delinquente… O que mais initava naquele sacripanta - refletiu Rodrigo - era que seus gestos, palavras e atitudes não estavam absolutamente de acordo com o que ele era e fazia. Tinha sempre na beiçola arroxeada de mulato um sorriso hipócrita. Seu ar era obsequioso e sua voz, grave e paternal.

Costumava chamar os outros, até os mais velhos, de “meu filho”. Isso, porém, era apenas um tênue verniz de superfície. No fundo daquela alma atocaiava-se a hiena.

Era sanguinário e cruel, duma crueldade fria e calculada. Já se perdera a conta das pessoas de cujo assassínio ele fora mandante, isso para não falar nos “sustos”

que mandava dar em seus desafetos - homéricas sovas de rabode-tatu ou espada, que deixavam a vítima estatelada no chão, sangrando… Desde que chegara, Rodrigo evitara encontrar o tiranete de Santa Fé: não fora visitá-lo à Intendência, como sugerira o patife do

Amintas; e sempre que o via na rua mudava de calçada ou dobrava esquinas para não se defrontar com ele.

— Conhece o intendente? - perguntou-lhe Jairo.

— Antes não conhecesse - respondeu.

O comandante do regimento de infantaria pareceu surpreendido, cofiou os bigodes, indeciso, à espera duma explicação, que Rodrigo não tardou a dar: - Olhe, coronel, não sei quais são as suas relações com o Titi Trindade. Quaisquer que sejam eu as respeitarei. Mas quero lhe dizer desde já, muito claramente, que não pretendo manter relações de amizade com esse homem cruel, despótico e imoral. A senhora me desculpe, dona Carmem, mas estou dizendo o que sinto e penso.

Jairo pigarreava, muito vermelho, acariciando com a palma da mão a coroa da cabeça.

— tenho o maior respeito pelos sentimentos alheios - murmurou.

Rodrigo sorriu.

— Ao menos aqui no clube, o Trindade está em minoria - disse ele, tomando da garrafa que o garçom acabava de pôr sobre a mesa e tornando a encher o copo. — Não sei se o senhor já reparou, tenente, que o Clube Comercial é o único lugar neste município onde a oposição ganha a eleição…

Rubim fez um sinal afirmativo.

— Já. Só não pude compreender ainda o mecanismo dessa vitória.

— Muito simples. Federalistas, democratas e republicanos dissidentes se unem para eleger uma diretoria em que não entre nenhum elemento da pandilha do Trindade.

Cada eleição aqui dentro é um verdadeiro pleito político, com propaganda antecipada, cabala, discussões e até brigas. Na deste ano, o Trindade quis impor um candidato, o coronel Prates. Ora, o Joca Prates é um cidadão digno, ninguém tem nada contra ele. Mas é partidário da situação, republicano dos quatro costados, diz amém a tudo quanto seu chefe ordena. Nós então levantamos a candidatura do Maneco Macedo, que é maragato, e ganhamos a eleição.

Jairo sacudia lentamente a cabeça.

— Mas ainda não compreendo como foi possível essa vitória.

— Ora, este clube é um grêmio de elite e a elite de Santa Fé está contra a situação. E, depois, aqui dentro não há subprefeitos, delegados e capangas para intimidar a oposição. Na hora da eleição, nossa gente vem de revólver na cintura, disposta a tudo, para encorajar os empregados do comércio e outros eleitores hesitantes.

Ah! É preciso também esclarecer que o voto nas eleições do clube é secreto. Foi uma sugestão que o dr. Assis Brasil nos deu, quando andou por aqui. Se não fosse assim, os funcionários municipais não teriam coragem de votar contra a chapa do intendente.

— Muito interessante - exclamou o coronel - muito interessante!

Rubim brincou com as luvas brancas.

— Tudo isso vem em apoio da minha teoria sobre as elites e as massas - disse. — As elites têm de governar sempre e para isso 199 precisam usar de força. O que dá aos oposicionistas a vitória aqui dentro não é a força do direito, mas o direito da força.

— Perdão! - atalhou-o Rodrigo, empertigando-se na cadeira, como se fosse saltar sobre o outro. — O sufrágio universal aqui dentro é uma realidade.

Rubim procurou acalmá-lo com um gesto.

— Mas tudo isso está certo, matematicamente certo. É um método natural. Não tenho a menor simpatia pelas massas. A massa é feminina e necessita de homens fortes que a dominem. Não só necessita como clama por eles. Abra a História e veja. Como foi que vós gaúchos conquistastes e mantivestes estes territórios? Invocando sobre eles o direito divino ou qualquer outro direito? Não. Vós expulsastes os castelhanos a tiro, a ponta de lança e a golpe de espada. É a lei da vida, a moral da águia.

Valia a pena discutir com aquele soldado? - perguntou Rodrigo a si mesmo. Qual! O que valia a pena era terminar aquela cerveja e ir dançar com Flora. Não. Agora dançaria com Ritinha Prates. Depois com a Gioconda. Era bom que Flora esperasse, para não pensar que ele estava morrendo de amores por ela…

Jairo pôs a mão no braço de Rodrigo e disse: - Sou um apaixonado pelo seu estado, doutor. Os senhores tiveram a fortuna de contar aqui com um homem de grande talento e larga visão, o dr. Júlio de Castilhos.

Graças a ele e a outros repúblicos a vossa Constituição estadual está cheia da sádia influência positivista, ao contrário da nacional, que não passa duma cópia servil e absurda da norte-americana. O futuro mostrará que os constituintes do Rio Grande é que estão com a verdade, com a boa causa. O senhor leu bem a Constituição de seu estado?

— Claro! - mentiu Rodrigo com veemência.

— Pois eu a conheço melhor do que muito gaúcho - gabou-se o coronel Jairo, olhando rapidamente para a esposa, que lhe seguiu as palavras com atenção. — Conheço igualmente bem a 200 vossa história, meu caro doutor. Sou um rato de arquivo, um estudioso de textos e um observador da sociedade humana. Fez um gesto largo que abrangia a área.

— E se eu lhe disser que vossa história está toda escrita, em magnífico resumo, na face e nas vidas das gentes que hoje se acham no réveillon do Comercial? E se eu vos assegurar que neste clube se agita uma espécie de microcosmo do Rio Grande?

Jairo dirigiu a pergunta aos três interlocutores, olhando alternadamente para cada um deles. Rubim não parecia muito interessado. Carmem olhava para o leque. Jairo apontou discretamente para o coronel Maneco Macedo, que conversava à porta do salão de bilhar com o coronel Pedro Teixeira.

— Ali estão dois representantes do clã pastoril, os senhores de terras e gados, muitos deles descendentes dos primeiros sesmeiros…

— Dois senhores feudais - acrescentou Rodrigo, lembrando-se em tempo de que ele próprio pertencia àquela "nobreza rural".

— São eles que fazem os intendentes, delegados, deputados, senadores, presidentes do Estado - continuou Jairo, entusiasmado. — Em suma: é a classe que governa. Ao redor dela vive ou, melhor, vegeta a massa dos servos da terra…

O tenente Rubim puxou a túnica, endireitou o busto, ajeitou o pince-nez no nariz, e opinou, rápido: - Como é natural e desejável.

— Lá está o Spielvogel - mostrou Rodrigo - , cujo pai começou a revolução industrial em Santa Fé com o seu moinho d'água…

— Exatamente - disse Jairo. — E ele representa o primeiro passo do colono da picada para a cidade, abandonando a agricultura para se dedicar ao comércio ou à indústria…

A mesa de Titi Trindade alguém disse alguma graça, pois todos desataram a rir estrepitosamente, inclusive o intendente, que dava palmadas repetidas na mesa de ferro, fazendo oscilar copos e garrafas.

— Lê rói s'amuse… - murmurou Rodrigo.

O coronel Jairo, porém, estava demasiadamente absorvido na sua própria dissertação para prestar atenção ao que quer que fosse.

— Agora veja bem - prosseguiu ele, pegando na lapela de seda do casaco de Rodrigo. — Há um grupo, um importante grupo da população do Rio Grande do Sul que ainda não está representado aqui, que eu saiba… É o dos agricultores, o dos pequenos proprietários de terras, em sua maioria descendentes de imigrantes italianos e alemães.

É que esses elementos ainda não estão bem incorporados à vossa sociedade. Noutras palavras, preste bem atenção, doutor, noutras palavras: ainda não entraram no Clube Comercial, onde impera a aristocracia rural!

Fez uma pausa para ver o efeito de suas palavras no rosto do interlocutor. Rodrigo não tinha pensado ainda naquelas coisas: achava-as, sem a menor dúvida, interessantes.

Só lhe parecia que aquele não era o lugar nem a hora para conversar sobre assuntos tão sérios. Estava ansioso por voltar ao salão.

Continuar ali seria pura perda de tempo. Agora, porém, embaraçava-o um detalhe. Erguer-se e ir dançar sem pagar a despesa? Não podia fazer isso. Chamar o garçom, meter a mão no bolso e perguntar: "Quanto é?" - seria supinamente grosseiro.

Naquele instante Rubim esvaziou o cálice e ergueu-se: - Se me dão licença…

Bateu os calcanhares, fez uma rápida curvatura e encaminhouse para o salão.

— Vá bailar, tenente - encorajou-o Jairo, paternal. — Daqui a pouco a Carmem e eu também dançaremos. Quando tocarem uma valsa, não é, minha flor?

Ótima ocasião para eu sair também - pensou Rodrigo. O coronel, porém, de novo se inclinava sobre ele: - Como eu ia dizendo… Temos agora um segundo grupo, o maior e talvez o mais importante de todos: a população urbana. Olhe lá o sr. Marcelino Veiga. É um representante do comércio, bem como o sr. Spielvogel o é da vossa incipiente indústria, ambos, portanto, burgueses, membros da economia capitalista que só agora começa entre vós…

Sim, porque vossa Idade Média, com barões feudais, servos da gleba, artesãos e um regime de trocas é de 202 ontem… De ontem? Qual! Ainda hoje sobrevive e tudo indica que continuará ainda por muito tempo, paralelamente com o surto capitalista. Ah! E não esqueçamos de incluir no grupo urbano as profissões liberais, os advogados, médicos, engenheiros, os funcionários, empregados do comércio e um singular, pouco numeroso e ainda maldefinido proletariado, que irá fatalmente crescendo à medida que os Veigas e Spielvogels forem crescendo em número e prosperidade!

Jairo Bittencourt passeava o olhar em torno, como à procura de exemplos. Rodrigo pensava em Flora. A orquestra tocava agora um schotthb. Vinha do salão um ruído ritmado de passos. Alguém perto gritou: “Falta uma hora pró Ano-Novo chegar!” Rodrigo ensaiou um pretexto para fugir, mas o coronel não lhe deu trégua: - Há ainda um outro grupo que não está representado neste clube e que talvez não o esteja nem daqui a cem anos. É o dos operários.

Rubim sorri quando lhe falo nesses párias da sociedade. Acha que seria um erro educar as massas, melhorar-lhes a vida. Mas o doutor deve compreender que nós os positivistas somos pela incorporação do proletariado à sociedade ocidental.

Rodrigo ansiava por voltar ao salão de baile. No entanto não estava de todo desinteressado da palestra do coronel: sentia até por suas palavras um certo fascínio que talvez viesse não propriamente das coisas que ele dizia, mas sim do modo como as enunciava. Jairo Bittencourt tinha uma voz agradavelmente persuasiva, cheia de interesse humano: era uma voz vibrante e ao mesmo tempo grave, tocada duma afabilidade paternal.

— Porque - continuou ele - a história para nós positivistas não é essa coisa inexpressiva de três dimensões que se ensina nas escolas. — Ao dizer isso, com ar distraído mas nem por isso menos carinhoso,

cobriu com a manopla sardenta e peluda a delicada mão da mulher. — Augusto Comte acrescentou à história a dimensão que lhe faltava.

— Gosto muito de história, coronel - disse Rodrigo. — No ginásio foi das matérias…

Teve, porém, de calar-se, pois o outro, que evidentemente não o escutava, interrompeu-o: - A propósito, qual é o filósofo de sua predileção?

— Spencer - mentiu Rodrigo com tão grande convicção, que por um momento ele próprio chegou a acreditar no que dizia. Havia lido por alto os Primeiros princípios, achando a obra insuportavelmente indigesta. Alcides Maya, que pontificava no mundo das letras de Porto Alegre, lançara entre seus discípulos e admiradores o nome de Spencer, que era agora o "filósofo da moda", lido, comentado e discutido nos jornais e nas tertúlias literárias.

O coronel começou a mover a cabeça dum lado para outro, franzindo os lábios com o ar de quem está indeciso quanto a um julgamento.

— Bom… Spencer não está muito longe de Comte. Pelo contrário, muito perto até. Mas, meu caro amigo, por que não ir logo às fontes, por que não procurar logo o papa (se me permite a comparação) em vez de ficar às voltas com bispos, arcebispos e cardeais?

Lançou para a esposa um olhar de ternura. Depois disse: - O doutor naturalmente já ouviu falar na lei dos três estados…

— Como não! - respondeu Rodrigo. E felicitou-se por rer boa memória.

— O estado teológico, o metafísico e o positivo.

Encarou o coronel e pensou: se ele me pede que eu defina esses três estados, estou frito.

— Ótimo! - exclamou Jairo. — Magnífico! Está vendo, Carmem, meu bem, ele não é mesmo como eu dizia?

O som da risada equina do Titi Trindade chegou desagradavelmente aos ouvidos de Rodrigo, que pensou: Não perdes por esperar, cafajeste. E mentalmente começou a compor um editorial contra o intendente.

— Qual é a atitude do positivista diante do mundo? - perguntou o coronel. E ele mesmo deu a resposta, inclinando-se muito sobre a mesa, como se fosse revelar um grande segredo maçónico: - É estudar a sociedade humana dentro do terceiro estado, o positivo, sujeitá-la a uma observação científica, note bem, científica, colocando, digamos, os fatos sociais num microscópio, observando-lhes as leis, analisando-os como hoje se analisa um produto químico, um tecido orgânico ou um raio de luz…

Tornou a olhar para Carmem, que brincava com o leque. E Rodrigo, que a observava, notou que ela respirava com alguma

dificuldade. Seria mesmo tísica como se murmurava?

— Essa história que se ensina nas nossas escolas - prosseguiu Jairo, depois de tomar um gole de água mineral - não passa duma sucessão de nomes próprios e datas.

É um romance tolo, cujo sentido fica obscuro para o pobre estudante.

Mas veio Comte, espremeu todos esses fatos, tirou-lhes o sumo, estabeleceu as bases duma filosofia da história, cujas leis traçou. Ora, o positivismo está baseado na experimentação, na observação. Um fato histórico de hoje ficará claramente explicado se estudarmos a série, a cadeia de fatos que o prendeu. A história, meu caro doutor, explica a história. Meu bem, estou te aborrecendo? - Tornou a acariciar as mãos da mulher.

— A pobre da Carmem já me ouviu mil vezes dizer estas coisas. Mas sou um homem muito franco, dr. Rodrigo, e tenho a língua solta porque acho que não há mal nenhum em dizer a gente o que sente e pensa. Algum bem sempre virá disso para a humanidade. Mas, voltando ao nosso assunto, só o método positivo é que nos permitirá analisar os fatos sociais em suas inter-relações. Foi o grande Augusto Comte quem criou essa maravilhosa ciência que é a sociologia. — Fez um gesto largo. — A ciência da sociedade.

A banda rompeu numa valsa. E pela primeira vez, desde que Rodrigo se sentara à mesa, Carmem falou: - Jairo, estão tocando uma valsa…

Tinha uma voz fina de menina mimosa. A princípio, o marido lançou-lhe um olhar vago de incompreensão. Depois exclamou: - Ah! É verdade. A nossa valsa. O doutor vai nos dar licença.

Garçom! Não senhor, a despesa é minha, quem convidou foi eu.

— Deteve o outro, que já tinha levado a mão ao bolso interno do paletó. — Não senhor, absolutamente!

Pagou a despesa. Ergueram-se. Carmem inclinou a cabeça para Rodrigo e saiu a andar, rumo do salão.

— Não parece mesmo um lírio? - murmurou Jairo, acompanhando-a com um olhar amoroso. Num cochicho acrescentou ao ouvido de Rodrigo: - Não repare. Trato minha mulher como se ela fora uma criança. Constituição muito delicada, uma verdadeira sensitiva. A Carmem ainda não se refez do choque da transplantação. O doutor vê, uma orquídea do trópico sofre quando transplantada para um clima frio. Vosso minuano é tenebroso. Se não me transferem daqui para o Rio ou para o Norte, perco a mulher. Coitadinha!

Mas, meu caro, havemos de nos encontrar outra vez, este ano ou no próximo.

Soltou a sua risada contagiante.

Carmem parara a meio caminho, voltara-se com um ar de

desamparo, e seus grandes olhos pediam socorro.

— Muito obrigado por tudo, coronel.

— Ora, quem agradece sou eu. —Apertou-lhe o braço, depois de fazer um sinal para a mulher. — E acredite que desejo ser seu amigo. E havemos de ser, pois não, pois não. E não leve a mal as loucuras do Lucas nem as esquisitices do Rubim. Eu lhe afianço que são ambos excelentes rapazes. O Rubim é um talento, o senhor há de ver com o tempo. O outro, ah! o outro é um pândego, mas dono dum belo coração, embora tenha, como dizem os nossos vizinhos castelhanos, mala cabeza. Até a vista, doutor.

Deu dois passos na direção da mulher e de súbito voltou-se: - Ah! E o senhor seu pai? Perdoe-me por não ter perguntado por ele.

Veio ao baile?

— Qual! O papai é um bicho-de-concha. Ficou em casa.

— Excelente cidadão! - exclamou Jairo. — Grande caráter, coração muito bem formado. Afianço-lhe, sob palavra de honra, que sua amizade é das que mais me envaidecem.

Rodrigo não achou o que dizer, limitou-se a sorrir e a sacudir a cabeça afirmativamente. O coronel tomou do braço da esposa e entrou com ela no salão.

A melodia continuava, embaladora: Qttarid 1'nmonr meurt.

Dançou aquela valsa com Ritinha Prates, que, apesar de ser pequena e esbelta, lhe pareceu pesada como chumbo. Tinha, porém, olhos lindos, uma boca bem modelada e um |eiro suave. Quando a valsa terminou e, de braços dados, começaram a dar voltas ao salão, Rita fez-lhe perguntas sobre Porto Alegre, disse-lhe de seu grande desejo de conhecer a capital. Ora, isso infelizmente não era assim tão simples porque, além de outras dificuldades, ela enjoava muito quando andava de trem, pois tinha um estômago fraco, como a mamãe…

— E o papai, o senhor sabe, é um caro custo pra gente tirar ele da estância, o que ele quer é ficar lá trabalhando com a peonada, e eu, o senhor sabe, tenho horror lá de fora, tudo tão triste, tão desanimado, que até me dá vontade de chorar, principalmente quando anoitece e as vacas começam a mugir e a gente acende as velas e fica tudo que nem velório e depois todo mundo vai pra cama cedo e a gente tem de dormir, queira ou não queira, porque não se tem nada mais que fazer, e se apaga a luz e pronto…

Rodrigo dançou também com Rita um schottish: Talento e formosura, e quando a banda tocou uma havaneira, foi tirar a Mariquinhas Matos.

Dançaram num silêncio solene.

E durante o intervalo entre duas danças, conversaram animadamente. A Gioconda procurou mostrar-se muito culta e manter

a palestra num nível elevado. Achava fúteis as moças de Santa Fé: só pensavam em vestidos, festas e bobagens.

Ah! Ela tinha verdadeita paixão pela literatura. Lera as obras completas de Perez Escrich, adorava Etigène Sue, principalmente Os mistérios de Paris, e achava Richebotirg assim, assim. Ultimamente ficara muito impressionada com Os miseráveis de Victor Hugo. A propósito, como era hipócrita a sociedade que tolerava e até adulava os grandes ladrões, ao passo que levava para as masmorras os miseráveis que roubavam uma côdea de pão para mitigar a fome!

Rodrigo escutava-a com polida atenção, fazendo sinais de aprovação com a cabeça, mas achando a Gioconda supinamente ridícula naquela sua exibição de "cultura". Quando ela lhe deu uma 207 oportunidade, desandou a falar nos seus autores de cabeceira. E atirou sobre a moça um punhado de nomes esmagadores: Taine, Renan, Anatole France, Verlaine, Rostand…

A Gioconda sacudia a cabeça, com uma expressão de perplexidade nos olhos aveludados. Não conhecia nenhum daqueles escritores. Que romances tinham escrito? Ah…

Espere. Esse Rostand não foi o que escreveu Os mistérios do Falais Royal?

— Não - respondeu Rodrigo. — Que eu saiba, Rostand não escreveu nenhum romance.

E quando a banda atacou uma valsa Boston, ele enlaçou a cintura de Gioconda e saíram a rodar majestosamente. Rodrigo procurava Flora com o olhar. Avistou-a nos braços do tenente Rubim. Será que esse sergipano está fazendo a corte a Flora? Sobre que conversarão? Naturalmente o tenente deve falar-lhe em Nietzsche, planos estratégicos e obuses. Um super-homem… com aquela dentuça, aquele queixo sumido, aquela voz de eunuco.

Agora passava por eles enorme, ondulante e esplêndido como um transatlântico em mar grosso, Chiru Mena a gritar: - Menino, já estou de garrão frouxo de tanto dançar! Dês que o baile começou não refuguei marca!

Rodrigo deixou a Gioconda junto de sua cadeira, fez uma mesura e murmurou uma palavra de agradecimento. Limpando com o lenço o rosto lavado em suor, encaminhava-se de novo para a área quando ouviu um pst. Voltou a cabeça e viu que Emerenciana Amaral lhe acenava, chamando-o. Aproximou-se, sorrindo, tornoulhe da mão nédia e beijou-a: - Mas então, seu ingrato, não quer mais saber dos velhos, hein?

Então chega em Santa Fé e nem vem ver a velha Emerenciana? Está vendo, dona Ibraíma?

Voltou-se para a senhora magra que estava a seu lado, e que por sua vez também sorria para Rodrigo.

— Nem diga isso, dona Emerenciana. Como é que eu havia de me esquecer da senhora?

— Pois é como eu estava dizendo. Não acredito que o Rodrigo seja tão ingrato. Imagine, dona Ibraíma, muitas vezes peguei esse 208 menino no colo e muito doce dei pra ele. Tu te lembras da minha marmelada branca?

— Se me lembro! A melhor marmelada que já comi na minha vida!

Olhando para a amiga, dona Emerenciana explicou: - O pai dele, o Licurgo, e o meu marido não se dão. Coisas de política. Mas eu sempre digo: que é que nós mulheres temos que ver com as brigas dos homens? E esses meninos - tornou a perguntar, mostrando Rodrigo - será que os coitadinhos devem pagar pela culpa dos pais?

Rodrigo sorriu. Dona Emerenciana falava a linguagem das personagens do folhetim do Correio do Povo.

— Acho que a senhora tem toda a razão - disse. Mudando de tom, a matrona perguntou: - Como é, quem é a felizarda?

— Que felizarda?

Ela piscou o olho e fez um muxoxo.

— Tu bem que sabes, Rodrigo. A namoradinha…

— Não tenho nenhuma…

— Pensas que eu acredito?

— Palavra de honra.

Num cochicho ela perguntou: - Que tal a Ritinha?

— Muito bonita, muito prendada…

— E a Flora, hein, a Flora?

— Também muito bonita e muito distinta…

— Por que, então, não vai dançar com ela agora? Olhe lá, a Flora está sem par… Vá!

Tomou o braço de Rodrigo e empurrou-o na direção da moça. Meio desconcertado, odiando dona Emerenciana, Rodrigo afastouse na direção de Flora. Estava claro que iria dançar com ela: apenas 209 havia planejado aquilo para mais tarde, e não era preciso que nenhuma alcoviteira, bigoduda, intrometida viesse…

— A senhorita quer dar-me o prazer?…

Flora ergueu para ele os olhos meio alarmados. Levantou-se, deu dois passos, ajeitando a faixa. A banda tocava agora a Valsa dos patinadores.

Rodrigo tomou-lhe da mão, e passou-lhe o braço em torno da cintura. A delicadeza daquele corpo que carregava, como se fosse de paina, a frágil suavidade daquela mão… Sentiu desejos de cantar, acompanhando a música. Mas conteve-se: aquelas coisas eram impróprias dum baile do Comercial.

Cuca Lopes, que dançava com uma das caboclinhas do Cacique

Fagundes, passou por ele e gritou: - Faltam vinte minutos pró ano que vem!

Rodrigo fez um aceno afirmativo de cabeça e murmurou: - Esse Cuca!

Lembrou-se, contrariado, de que havia prometido estar em casa un pouco antes da meia-noite, para assistir à entrada do AnoNovo em companhia da família. Bolas! Seria mil vezes melhor ficar com Flora, para que fosse ela a primeira pessoa a quem ele cumprimentasse em 1910.

— Senhorita Flora, permite que lhe faça um pedido? - perguntou, ao terminar a valsa.

A moca voltou para ele os olhos escuros.

— Que é?

— Que me dê a honra de ser a primeira pessoa a cumprimentá-la no novo ano.

Por um instante Flora nada disse. Depois tornou a olhar para ele com o ar de quem não havia compreendido. E antes que ela dissesse o que quer que fosse, Rodrigo acrescentou: - Se não a estou molestando, eu lhe pediria também continuássemos a dançar até a meia-noite. Espero que isso não lhe traga nenhum aborrecimento…

Uma vermelhidão cobria as faces e as orelhas de Flora, que caminhava com os olhos postos no soalho.

— Sim? - perguntou ele.

Ela sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Sim.

Sentia-se algo de tenso na atmosfera do salão, que o zunzum das conversas enchia. Pessoas andavam dum lado para outro e muitos homens tiravam o relógio do bolso e ficavam a olhar fixamente para o mostrador. Chiru Mena gesticulava, gritando: - Aproveitem, moçada, que o novecentos e dez vai ser curto. Em maio vem esse tal de cometa e arrebenta o mundo.

Rodrigo sorriu, superior.

— A senhorita acredita que o mundo vai mesmo acabar? Ela encolheu os ombros.

— Não sei. O papai acha que não.

— Isso não passa de superstição. Este mundo velho tem de continuar. E nós continuaremos com ele. Depois de passar o cometa de Halley havemos de prosseguir fazendo o que sempre fizemos: trabalhar, comer, dormir, sonhar, amar… Por falar nisso, a senhorita já pensou que dentro de alguns meses pode estar noiva e dentro dum ano casada?

— Não senhor.

Diabo! A cnaturinha não lhe dava a menor deixa para levar adiante a conversa. Suas respostas eram curtas, quase ríspidas,

verdadeiros pontos finais de gelo.

A música recomeçou. Outra valsa. Oh! O Frêmito d'ainore. Rodrigo sentia-se feliz. Estava decidido a ficar com Flora até a meia-noite. O velho compreenderia, tia Maria Valéria também… Permaneceria no clube o tempo suficiente para apertar a mão de sua bem-amada e depois correria para casa…

Pelo aspecto de suas caras germânicas e pelo entusiasmo com que dançavam, Jacob Spielvogel e sua Frau davam ao baile um ar de Kecrb colonial, ao passo que Chiru Mena, com suas batidas de calcanhares com esporas hipotéticas e com seu ar de monarca, parecia esforçar-se para transformar o réveillon num fandango de terreiro.

Cacique Fagundes valsava com sua "patroa", cujos vastos seios parecia carregar penosamente sobre o peito, soprando forte como um touro, o suor a escorrer-lhe em bicas pelo rosto. Aquela hora era grande o número de pares que dançavam. E quando a música 211 cessou, houve como que um hiato nervoso, pessoas se consultavam com os olhos e muitos tornavam a olhar para os mostradores dos relógios.

Maneco Macedo, entalado numa sobrecasaca apertada, disse em voz alta para Cacique Fagundes: - Daqui a pouco tu entregas a rapadura e quem vai mandar neste potreiro sou eu…

O outro arregaçou os beiços, mostrando os dentes fortes e parelhos: - Graças a Deus vou largar esta droga na tua cacunda. Tu vais ver com quantos paus se faz uma canoa.

Riram-se.

— Faltam dez minutos - exclamou o Cuca Lopes.

— Doze! - corrigiu-o o Chiru. Aproximaram-se um do outro, cada qual com seu relógio na mão, e ficaram a confabular alegremente.

O tenente Lucas fazia caretas à frente de seu par, uma das filhas de Pedro Teixeira. "André Deed numa de suas hilariantes comédias" - pensou Rodrigo, numa reminiscência da literatura dos programas de cinematógrafo.

Empertigado, o pince-nez a relampaguear a cada movimento de cabeça, o tenente Rubim conversava com a Gioconda. Um belo par - pensou Rodrigo.

Deviam casar-se e tirar uma cruza entre Perez Escrich e Nietzsche.

Os pares não andavam mais à roda. Alguns estavam parados no meio do salão, outros se separavam, pois as moças saíam à procura dos pais, mulheres buscavam os mandos, pais reuniam os filhos… Cacique Fagundes começou a arrebanhar suas caboclas, levando-as para as proximidades da mãe. Andava azafamado, dum lado para outro, a fazer cht! chti, e como visse que Rodrigo o observava, riu e gritou-lhe: - Estou parando rodeio no meu gado. O ano que vem já está perto.

Dizem que já dobrou a esquina da Casa Sol.

Ao redor de dona Emerenciana reuniam-se aos poucos todos os Amarais machos e fêmeas, à espera do grande momento. O vozerio crescia e a atmosfera parecia carregada de eletricidade.

Rodrigo percebeu que Flora estava inquieta, olhando dum lado para outro, como um coelhinho que em meio da floresta pressente a aproximação do perigo.

— Onde estará a mamãe? - perguntou ela, mais para si mesma que para o par.

— Ali perto do toilette- mostrou Rodrigo. — Não se aflija. Quando chegar a meia-noite hei de levá-la até lá.

Sentiu que estava comovido. Não tirava os olhos de Flora, a qual, entretanto, lhe evitava o olhar, brincando nervosamente com o leque e de quando em quando alisando a faixa. Mas por que será que essa criaturinha não olha pra mim?

— Dois minutos pra meia-noite - gritou alguém. Erguendo os olhos para o coreto, Rodrigo viu que os músicos se preparavam para tocar. O sargento Aristotelino, mestre da banda, fez para Rodrigo um sinal amistoso, arreganhando a dentuça clara, num contraste com o rosto pardo.

E, quando Rodrigo tornou a baixar a cabeça, surpreendeu Flora a contemplá-lo. E naquela fração de segundo em que os olhos de ambos se encontraram ele teve a certeza de que ela o amava.

— Eu te amo! - murmurou. — Eu te amo! - repetiu em voz mais alta, já com um desejo de dar um passo à frente e tomar Flora nos braços. Era um momento grave: a entrada dum novo ano. Era um instante de efusão emocional em que todos os excessos deviam ser permitidos… Flora pareceu ficar em pânico. Olhou na direção da mãe, como que em busca de socorro.

Chiru Mena, que se encontrava no meio do salão a olhar para o relógio, deu um pulo e gritou: - Chegou o bicho!

Da rua vinha agora o pipoquear de tiros de revólver. Dentro do clube começou o caos. A banda rompeu a tocar um galope. Rodrigo tomou com ambas as mãos a mão de Flora e apertou-a.

— Muitas, muitas felicidades - murmurou, engasgado de comoção. — que o Ano-Novo…

Não terminou a frase, pois Flora puxou a mão bruscamente e voltou-lhe as costas, saindo quase a correr na direção da mãe.

antes que Rodrigo atinasse com o que devia fazer, Chiru Mena tomou-o nos braços e estreitou-o contra o peito, berrando: - Feliz Ano-Novo!

E quando Chiru afrouxou o abraço, Rodrigo ficou meio estonteado a procurar Flora no meio da colorida balbúrdia de gente que andava dum lado para outro ao som do galope, a trocar abraços, a dar-se

encontrões.

Agora se ouvia um apito prolongado que vinha de longe: era a sereia da serraria do Spielvogel. Fora, os tiros continuavam.

A esposa de Maneco Macedo abraçava e beijava as filhas, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto moreno. Gritavam-se nomes no ar, pessoas procuravam-se com ânsia, timha-se a impressão de que o clube havia prendido fogo, pois havia ali mais um ar de catástrofe que de festa. E o ritmo acelerado da música, as pancadas do bombo e o tinir dos pratos agravaram delirantemente aquela confusão de fim de mundo.

— Parece até que o cometa já bateu na terra! - gritou Cuca ao ouvido de Rodrigo, depois de abraçá-lo.

Flora! Mas onde está a Flora? Rodrigo procurava-a em vão, voltando a cabeça dum lado para outro. No coreto, ainda de clentuça arreganhada, o mestre da banda marcava o compasso do galope com as mãos, como um demônio a reger aquele inferno.

Rodrigo saiu do salão, abriu caminho com dificuldade por entre a multidão que se comprimia, agitada, nos corredores e desceu a escada.

VII

exclamou, ao chegar à calçada.

— Bento!

— Pronto, patrão!

O caboclo saltou para a boleia.

— Feliz Ano-Novo! Já dei cinco tiros pró ar.

— Feliz Ano-Novo, Bento.

Rodrigo subiu para o carro, repoltreou-se no banco, atirou a cabeça para trás. Estava comovido, e ansioso por chegar ao Sobrado.

— Toca depressa pra casa!

Bento soltou um guincho e fez estalar o chicote. Os cavalos arrancaram.

— Quantos copos de cachaça já bebeste? O boleeiro voltou a cabeça.

— Uns três. Mas estou firme. Olhe só… Pôs-se de pé na boleia, num equilíbrio precário.

— Está bom, Bento, senta!

Viam-se muitas pessoas nas calçadas, e de dentro de algumas casas de janelas iluminadas vinha o rumor de vozes festivas.

Rodrigo olhava para as estrelas, pensando alternadamente em Flora e na frase que ia dizer ao velho quando chegasse ao Sobrado. Reconhecia que devia ter ido passar o grande momento na companhia dos seus. Enfim…

Quando o carro defrontava o Hotel dos Viajantes, um desconhecido, emergido duma boca de rua, deu dois passos na direção do meio-fio, tirou o chapéu, ergueu-o no ar e bradou: - Viva o dr. Rui

Barbosa, futuro presidente da República!

Aconteceu, então, algo de brusco e inesperado. Surgiu - Rodrigo não ficou sabendo ao certo de onde - um soldado da Guarda Municipal.

Desembainhou a espada e, sem dizer palavras, desfechou com ela violento golpe no ombro do civilista.

Sobressaltado, Rodrigo ergueu-se no carro, que não diminuíra a marcha, e olhou para trás.

O policial continuava a espancar o desconhecido, que vociferava: "Socorro! Estão me matando! Socorro!"

— Para, Bento! Para!

Sem esperar que o carro estacasse, Rodrigo saltou para o chão e, antes que o boleeiro tivesse tempo de perceber o que se passava, lançou-se a correr na direção do guarda, que continuava a dar pranchadas no crânio e no tórax do pobre homem, o qual, caído na sarjeta, soltava gemidos lancinantes, enquanto procurava proteger a cabeça e o rosto com os braços e as mãos. Como um touro açulado por um pano vermelho, Rodrigo atirou-se sobre o agressor com tanta fúria, que ambos tombaram enovelados, no chão.

Alguns homens que conversavam à porta do Hotel dos Viajantes retiraram-se apressados para dentro e ficaram a espiar a cena pelo vão da porta. Uma senhora que estava debruçada à sua janela, nas proximidades, prorrompeu em gritos nervosos.

Rodrigo conseguiu dominar o adversário, arrancar-lhe a espada e atirá-la sobre a calçada. Depois plantando solidamente os joelhos no peito do soldado, soqueou-lhe a cara com tanta ferocidade que o sangue começou a escorrer daquele nariz largo e picado de bexigas contra o qual Rodrigo parecia concentrar todo o seu ódio.

Ouviu-se um ruído de patas de cavalo, e um outro guarda municipal, montado num tobiano, surgiu duma rua transversal, cie espada desembainhada. Bento que, de chicote em punho, saltara também do carro e corria a socorrer o amo, gritou: - Cuidado!

Rodrigo voltou a cabeça e, vendo o guarda montado que se aproximava, ergueu-se, rápido, apanhou a espada e recuou contra uma parede. O soldado que ficara estendido no chão, soergueu-se, tirou o revólver do coldre, ergueu-o e ia alvejar Rodrigo quando Bento, agora a dois passos dele, arrancou-lhe a arma da mão com 216 uma chicotada e, sem perda de tempo, saltou sobre ele, ficando ambos engalfinhados a rolar na sarjeta.

A luz dum lampião caía em cheio sobre a cabeça de Rodrigo. O policial montado fez estacar o cavalo, apeou, e, empunhando a espada, aproximou-se vagarosamente de Rodrigo, que bradou: - Vem, cachorro!

Pôs-se numa atitude defensiva. O guarda, porém, reconheceuo e

exclamou: - O dr. Rodrigo! Mas que foi que houve, amigo?

— Não sou amigo de nenhum beleguim!

O policial embainhou a espada, deu mais alguns passos à frente mas, vendo que o outro continuava em postura belicosa, perguntou: - Então não se lembra mais de mim? O Gaudêncio… Rodrigo lembrava-se. Gaudêncio fora peão do Angico, havia alguns anos, e era agora cabo da guarda municipal, homem temido pela sua coragem e pela sua perícia no manejo de arma branca.

Rodrigo arquejava. Não queria conciliação, ardia por continuar a briga, terminar aquilo de maneira mais violenta. O suor escorria-lhe pela testa, pelo rosto, pelo pescoço, pelo tórax. Suas narinas palpitavam. Sua goela estava seca, mas um contentamento feroz enchia-lhe o peito, fazia-lhe vibrar o corpo inteiro.

— Vem! - tornou a provocar.

Agora muitos curiosos olhavam a cena de longe, sem coragem de intervir.

Entreviam-se caras por trás de vidraças. Olhos medrosos espiavam por frestas de janelas e portas.

— Prefiro perder um braço a ter que lastimar um filho do coronel Licurgo - disse Gaudêncio.

— Não quero favor de ninguém. Faz de conta que não tenho pai. Sou filho das macegas. Vamos, tira essa espada!

Consciente agora da presença dum público, mais do que nunca Rodrigo sentia o desejo e a necessidade de mostrar-se homem.

Bento e o outro guarda, ainda atracados, rolavam na sarjeta, resfolegando, escabujando, trocando socos. O revólver Nagant do soldado jazia sobre as pedras do calçamento.

O espaldeirado 217 comtinuava deitado no chão em posição feta!, chorando convulsivamente.

O cabo Gaudêncio aproximou-se dos lutadores e, com alguma dificuldade, conseguiu apartá-los.

— Te marquei a cara, milico duma figa - gritou Bento. E quando ele se pôs de pé, aproximando-se do lampião, Rodrigo viu a boca do caboclo escancarada num sorriso de satisfação.

— Mas que foi que aconteceu? - perguntou o cabo ao soldado, que se erguia com dificuldade, estonteado, os cabelos caídos sobre os olhos.

Rodrigo vociferou: - Esse cachorro espaldeirou aquele pobre homem, só porque ele deu um viva ao dr. Rui Barbosa!

Com um lenço a comprimir o nariz, que ainda sangrava, o guarda procurava justificar-se: - Eu estava mantendo a ordem quando esse moço me atacou de traição.

— Cala essa boca - gritou Rodrigo.

— Doutor - pediu Gaudêncio. — Me entregue agora essa espada.

— É uma ordem ou um pedido? - perguntou Rodrigo em voz alta, para que todos os circunstantes ouvissem.

— É um pedido.

Rodrigo hesitou ainda por alguns segundos. Depois, com um gesto de desprezo, atirou a espada aos pés do cabo, que se voltou para o homem caído na sarjeta, dizendo: - Agora, aquele moço tem que ir se apresentar ao delegado.

— Essa é que não! - protestou Rodrigo. — Sou testemunha de que ele não fez nada de mal. Soltou um viva e está no seu direito, porque o Brasil é uma democracia!

Aproximou-se do ferido e, ajudado por Bento, pô-lo de pé. O homem tremia e seu rosto estava lavado em sangue. Tomado de nova fúria, Rodrigo exclamou: - Vejam o que o beleguim fez neste pobre homem! Isso não pode ficar assim. Vou mover um processo contra o bandido. Que 218 país é este em que a polícia em vez de ser uma garantia de vida é um elemento de terror?

— Moço - murmurou Gaudêncio com voz apertada - , não me desautorize na frente do povo.

Rodrigo e Bento conduziram lentamente o ferido na direção do carro.

Vultos apareciam às janelas. Exaltado, Rodrigo discursava, como se estivesse num comício cívico: - Digam pró Titi Trindade que de agora em diante ele vai encontrar homem pela frente! Estes abusos têm que acabar! Queremos policiais que garantam a tranquilidade pública e não sicários que a perturbem! - Com uma das mãos amparava o desconhecido, com a outra fendia o ar, em gestos largos. — Queremos na Intendência um homem de bem e não um criminoso!

Embriagava-se com as próprias palavras, e sua voz começava a ficar rouca. Depois de acomodar o ferido no banco do carro, desceu para o estribo e dali como duma tribuna, bradou num desafio: - Viva o dr. Rui Barbosa!

— Viva! - respondeu num eco o Bento, já do alto da boleia. Ninguém mais, porém, correspondeu ao viva. As vozes de ambos morreram no ar.

— Viva o civilismo! - gritou ainda Rodrigo, quando o carro se pôs em movimento. — Abaixo a tirania!

Naquele instante, o cabo Gaudêncio, que tornara a montar no seu tobiano, arrancou do revólver e inesperadamente começou a dar tiros para o ar, berrando: - Viva o marechal Hermes! Viva o Partido Republicano! Os vultos desapareceram instantaneamente das janelas. E o grupo que se achava à frente do Hotel dos Viajantes se dispersou em pânico.

Rodrigo entrou dramaticamente no Sobrado, conduzindo o ferido.

Ao ver o sobrinho com o peitilho da camisa manchado de sangue,

o smoking sujo de poeira, a gravata fora do lugar, a cabeleira revolta, Maria Valéria levou a mão à boca, num sobressalto que lhe cortou momentaneamente a respiração.

— Que foi isso, menino?

Rodrigo tranquilizou-a com um sorriso. E quando o pai e o irmão se aproximaram, apreensivos e curiosos, exclamou: - Entrei o Ano-Novo com o pé direito! Acabo de dar uma sova num guarda municipal.

Contou tudo, exaltado. Depois atirou-se numa poltrona, arrancando a gravata e desabotoando o colarinho. Ficou derreado, ofegante, a olhar do pai para o irmão, enquanto o ferido, ainda amparado por Bento, permanecia no limiar da sala de visitas, a cabeça baixa, ambas as mãos a cobrir o rosto.

— E eu aqui sem saber de nada! - reclamou Toríbio. Ficou a andar dum lado para outro, soprando forte. Depois plantou-se na frente do irmão e quis saber pormenores da briga.

Rodrigo deu-lhos com prazer e por fim, fazendo com a cabeça um sinal na direção de Bento, contou: - Se não fosse ele, a esta hora decerto eu estava estirado no meio da rua, com cinco balas no peito.

Bento arreganhou os dentes, num lento sorriso de orgulho.

— Isso não pode ficar assim - resmungou Licurgo. E pôs-se a pigarrear repetidamente, como fazia quando estava irritado ou embaraçado. A pálpebra do olho esquerdo, que ele tinha mais caída que a do direito, começou a tremer.

Rodrigo ergueu-se e tomou-lhe do braço: - Papai, é como eu lhe disse, precisamos o quanto antes dum jornal pra desancar essa canalha.

Maria Valéria queria saber se o sobrinho estava ferido.

— Qual nada, Dinda! Só um arranhão nas costas da mão.

— Vá então lavar essa cara…

— Não. Primeiro temos que fazer curativos nesse homem… Puxou afetuosamente o desconhecido pelo cotovelo, fê-lo sentar-se e limpou-lhe a testa com o lenço de seda.

— O lenço novo! - advertiu Maria Valéria.

— Deixe, titia. Não tem importância… Imagine, só porque ele deu um viva ao dr. Rui Barbosa… Em que país estamos? Na Cochinchina?

Bio, que se aproximara também do ferido, disse: - Puxa, que galo! - E com o dedo mostrava, na coroa da cabeça do paciente, um calombo ao redor do qual o sangue se coagulara.

— A orelha também está cortada… - observou Licurgo. — Que barbaridade!

De novo o desconhecido rompeu a chorar, como se só agora, ante as observações dos outros, avaliasse a extensão e a gravidade de seus ferimentos. Não parecia ser, entretanto, um choro de dor, e, sim de

autocomiseração.

— Este homem está muito ferido… - declarou Rodrigo, que continuava a passar o lenço no rosto do outro, com um cuidado quase carinhoso.

De braços cruzados e meio encolhida, Maria Valéria olhava a cena com uma expressão que era um misto de pena e repugnância.

— É melhor chamar um doutor… - aconselhou ela. Bio soltou uma risada.

— A senhora não sabe que seu afilhado é médico?

— Ah! É mesmo… Rodrigo sorriu.

— Bom, Dinda, embora a senhora não tenha confiança em mim… sou médico. Me traga gaze, atadura, iodo e arnica. Ligeiro!

Maria Valéria saiu a buscar o que o sobrinho pedia.

Toríbio de novo caminhava inquieto dum lado para outro, a coçar-se todo, como que subitamente atacado de urticária. Queria ainda detalhes da briga. Que cara tinha o guarda que começara o "baile"! Quantas pessoas haviam testemunhado o fato? Rodrigo repetiu a história com minúcia e, ao reproduzir seu diálogo com Gaudêncio, enriqueceu-o com frases que não pronunciara, mas que agora achava devia ter dito.

— Esse patife - disse Licurgo, que fazia um cigarro com mãos nervosas - se revelou depois que entrou pra polícia. Quando 221 era peão do Angico sempre foi de boa paz. Depois que vestiu a farda é que ficou bandido.

— Sua verdadeira natureza só agora veio à tona, papai - observou Rodrigo. — O meio é tudo.

Maria Valéria voltou com os medicamentos e Rodrigo pensou os ferimentos como pôde.

— Como é o seu nome?

— O senhor não me conhece - respondeu o paciente com voz trêmula e débil. — Sou do Passo Fundo. Vim pra trabalhar na fábrica de sabão. Me chamo Francisco Paiva, mas me tratam por Chicuta.

— Por que foi que deu aquele viva?

— Porque sou do dr. Rui Barbosa. Me veio uma vontade e eu gritei…

— Muito bem. Estava no seu direito. Rodrigo voltou-se para a madrinha: - Prepare um café bem forte.

Maria Valéria dirigiu-se para a cozinha.

— Que será que vai dizer o Trindade quando souber de tudo? - perguntou Licurgo, batendo o isqueiro para acender o crioulo.

Rodrigo deu de ombros.

— O que eu sei, minha gente - disse ele, passando a atadura ao redor da cabeça de Chicuta - é que a inana começou mais cedo que eu esperava. O Gaudêncio vai contar tudo ao chefão. A coisa toda valeu

como uma declaração de guerra.

Gritei bem alto pra todo o mundo ouvir.

Licurgo pitava, puxava seus lentos pigarros, mirando o filho com uma admiração e uma ternura que em vão procurava disfarçar.

Dali a pouco Maria Valéria trouxe o café, que Chicuta bebeu vagarosamente, em goles intercalados de sentidos suspiros.

— O senhor vai voltar pró baile? - perguntou Licurgo.

— Não sei… Talvez.

— O melhor é não sair mais hoje - recomendou a madrinha.

— Agora é que eu preciso sair pra não pensarem que me acovardei.

— Isso, Rodrigo! - exclamou Bio.

l - Não convém provocar - aconselhou Licurgo. — Ter coragem e hombridade é uma coisa; mas provocar sem necessidade é outra muito diferente.

Houve um curto silêncio. Maria Valéria olhava fixamente para o sangue que pingara no chão, perto da cadeira do estranho.

— Bento! - gritou Rodrigo. — Leve este cidadão pra casa. O boleeiro aproximou-se de Chicuta e perguntou: - Onde é que vassuncê mora? O outro deu-lhe o endereço.

— Onde está o seu chapéu?

Atarantado, Chicuta olhou em torno. Depois gemeu: - Acho que ficou lá na sarjeta.

— Não se preocupe - interveio Rodrigo, metendo a mão no bolso e tirando uma cédula de vinte mil-réis, que apresentou ao homem. Este olhou da nota para seu benfeitor, como se não compreendesse. Por fim balbuciou: - Não é preciso se incomodar, doutor. Eu… Seus lábios tremeram.

— Tome. Compre outro chapéu. Apareça amanhã pra gente ver como estão esses ferimentos.

Meteu a cédula no bolso do outro e empurrou-o cordialmente na direção da porta. Chicuta tartamudeava agradecimentos.

— Bento, carregue o seu revólver.

— Já carreguei.

— Muito bem. Fique de olho vivo. O polícia não vai lhe perdoar aquela chicotada.

O caboclo soltou uma risada.

— Foi pra ele não se esquecer mais de mim.

Depois que Bento e Chicuta saíram, Maria Valéria mirou criticamente o afilhado e disse: - Vinte mil-réis foi demais.

— Ora, titia. Não troco o que me aconteceu hoje por vinte contos de réis. Nem por duzentos!

Olhou para o pai, como a pedir-lhe a aprovação. Toríbio, que se havia retirado por alguns minutos, voltou com o revólver na mão,

fazendo girar o tambor.

— Ué? - fez Maria Valéria, olhando para o sobrinho.

— Um homem prevenido vale por dois…

— Ali! - fez Rodrigo. — Feliz Ano-Novo! Abraçou a madrinha, o pai e o irmão.

— Onde está o champanha, Bio? Vamos à Viúva Clicquot. Agora mais que nunca, temos razões para comemorar.

Licurgo sentou-se, fumando pensativamente seu cigarro, olhando para Rodrigo com uma ruga de preocupação na testa.

Toríbio foi até o quintal e tirou do fundo do poço o balde dentro do qual havia posto ao entardecer uma garrafa de champanha, para refrescar. Voltando para a sala de visitas, abriu-a. A rolha saltou com um estampido, bateu no teto e caiu sobre um vaso de vidro, produzindo um sonido musical. O líquido espumante jorrou com força contra a cara de Rodrigo, escorreu-lhe pelo colarinho e pelo peitilho da camisa.

— Dizem que é sinal de sorte - sorriu Toríbio.

— Sangue e champanha! - exclamou Rodrigo romanticamente. — Para mim o ano de 1910 não podia ter começado melhor!

O relógio de pêndulo da sala de jantar batia uma hora da madrugada quando os dois irmãos saíram e foram sentar-se num dos bancos da praça, debaixo da figueira grande.

Maria Valéria recusara-se a beber champanha; Licurgo tomara apenas um gole para acompanhar o brinde que um dos filhos erguera ao Ano-Novo; Bio contentara-se com uma taça, mas Rodrigo bebera avidamente várias, sem parar, até esvaziar a garrafa. Agora estava tonto, duma tontura aérea e alegre que o fazia confusamente feliz, dando-lhe um desejo de abraçar e beijar toda a gente. Seu raciocínio, porém, continuava claro, duma limpidez surpreendente, o que lhe tornava a embriaguez esquisitamente deliciosa.

— Bio, a vida é boa - disse ao sentar-se repoltreado no banco. Apertou o joelho do irmão, acrescentando: - Imagina o 224 que esta cidadezinha ainda vai ser no futuro… E todo esse progresso pode depender dum homem. E esse homem pode ser o dr. Rodrigo Cambará!

Toríbio havia tirado os pés de dentro dos chinelos e coçava os tornozelos furiosamente, murmurando: - “Estes micuins do inferno!” Não parecia, porém, muito interessado nos projetos do irmão.

Rodrigo atirou a cabeça para trás. Por entre os ramos da figueira, vislumbrou no céu uma estrela solitária.

— Vou começar o quanto antes uma campanha pela imprensa contra o Trindade. Já tenho o nome para o meu jornal: A Farpa. Que te parece?

Toríbio deixou escapar um ronco que tanto podia ser de

reprovação como de aplauso.

— Minha farmácia será a casa dos pobres. Meu consultório estará aberto para a humanidade sofredora. E sabes no que estou pensando agora?

Santa Fé não tem hospital…

Pois vou abrir uma casa de saúde. Alugo aquele prédio junto à farmácia… mando fazer umas reformas… Que tal? Ali, Bio, não há nada melhor no mundo do que a gente se sentir amado, admirado e respeitado.

— Muito peso em cima dum homem só…

— Qual! É bom.

— Há muitas coisas boas além dessas.

— Se há! Milhares, milhões. Viver é bom. Mas a coisa toda não terá nenhum sentido se a gente se contentar com uma vida puramente vegetativa, limitando-se a comer, dormir, amar…

Toríbio soltou uma risada curta e seca: - Não tenho nada contra essas três coisas.

— Mas um homem não pode viver sem um ideal.

— Xô égua! Vocês doutores complicam tudo.

— Não digas isso! Depois que a gente lê certos livros, os horizontes do espírito se alargam.

— Mas o estômago não encolhe… ou encolhe?

Rodrigo riu da observação do irmão com uma condescendência de mais velho.

— Pensa em todas essas maravilhas do engenho humano: o telefone, o telegrafo, a luz elétrica, o navio a vapor, a estrada de ferro, o microscópio, o automóvel, o aeroplano. Não te esqueças também dos milagres da medicina.

Enquanto estamos aqui conversando fiado, em várias partes do mundo, nesta mesma hora, homens encurvados sobre seus microscópios e suas mesas de trabalho descobrem drogas que hão de salvar milhares de vidas ou inventam coisas que contribuirão para tornar nossa existência mais fácil, mais confortável e mais bela. Não, Bio, a vida é mais que dormir, comer, amar, ganhar dinheiro…

— Te dou três meses pra mudares de ideia. Rodrigo entesou o busto.

— Não sejas bobo! Nem trinta anos. Não vou me entregar.

— Espere…

— Por que dizes isso?

— Porque te conheço e conheço Santa Pé. É uma terra de baguais.

Aqui nada vinga. Vais acabar perdendo a paciência. O melhor é aproveitar a vida enquanto ela dura.

O mais é conversa.

Rodrigo ergueu-se, caminhou até o ponto onde terminava a

sombra da figueira, olhou em torno e finalmente fitou o Sobrado.

— A reforma vai começar lá por casa. É preciso mais alegria, mais claridade lá dentro. Uns quadros de arte, uns móveis novos… Estou decidido a casar cedo. O Sobrado necessita urgentemente do riso duma criança.

— Pensas só no riso, te esqueces do choro.

— Monstro! Tudo isso, riso e choro, faz parte da mesma maravilha, Bio mesmo milagre.

— Estás bêbedo.

— Dentro duma semana chegarão os caixões com os livros, o gramofone e as chapas. As vozes do Caruso, do Amato, da Patti e da Tetrazzini vão encher as velhas salas do Sobrado. Os fantasmas de nossos antepassados serão varridos ao som do Rigolato, de La bohcmc, de La tmviaut!

Levando a mão ao peito num gesto teatral, começou a cantarolar um trecho de trovatorc. Terminou num agudo desafinado, que procurou encobrir com uma risada. Tornou a sentar-se.

— Um dia hei de visitar Paris - prosseguiu, depois de breve silêncio.

— Mas enquanto esse dia não chegar, hei de fazer o possível pra trazer um pouco de Paris pra Santa Fé. Tenho uns quinhentos livros franceses. Tomei uma assinatura por dois anos de L'Illiistratio>i. A França é a minha segunda pátria. Que seria do mundo sem a França? Voltaire, Diderot, Descartes, Montaigne, Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Verlaine, Anatole France… - À medida que enumerava esses nomes, ia fazendo os gestos de quem despetala um malmequer. — A flor da raça humana! Ah! Paris… Lá é que está a verdadeira civilização.

Toribio começou a picar fumo. Rodrigo, que olhava para sua casa, viu sair dela um vulto no qual reconheceu o pai. No silêncio da noite, riscado de quando em quando pelo canto de galos, ouviam-se os passos do velho. Por alguns instantes ficaram ambos em silêncio a acompanhar o vulto com o olhar. Quando o viram dobrar a primeira esquina e entrar na rua dos Farrapos, Toribio murmurou: - Vai pra casa da amásia.

A observação chocou um pouco Rodrigo. O assunto para ele era quase tabu.

— Então a história continua?

— Por que não havia de continuar? Esses rabichos duram a vida inteira.

E, depois, o velho ainda está no cerne…

— E ele vai todas as noites à casa dela?

Um invencível constrangimento, que começara no dia em que Bio lhe revelara a existência daquela ligação, impedia-o de pronunciar o

nome de Ismália Caré. Mesmo agora, ao cabo de tantos anos, leituras e experiências, verificava, um pouco decepcionado consigo mesmo, que não podia encarar o assunto com a tolerância mundana dum civilizado.

— Quase todas as noites.

— E quando o velho vai pró Angico?

— A ísmália vai também. Te lembras daquele rancho no fundo da invernada do Boi Osco? Pois é lá que ela mora.

— E a madrinha, que é que diz?

— Nada.

— Mas sabe de tudo, não?

— Claro. O que é que ela não sabe?

Rodrigo sorriu. Afinal de contas devia ser tolerante. O "velho" Licurgo era um homem de carne e osso, como os outros.

Bio acendeu o crioulo. Rodrigo tirou do bolso uma carteira de cigarros, levou um à boca e acendeu-o também na chama do isqueiro.

— Afinal cortaste teu baile pela metade…

— Não tem importância. Me felicito por ter saído exatamente àquela hora. Se tivesse saído dez minutos antes ou dez minutos depois, não tinha a oportunidade de dar aquela lição aos capangas do Trindade.

Pensava em Flora, imaginava o que ela ia sentir quando, no dia seguinte, viesse a saber do conflito. Tinha a certeza de que ia crescer ante os olhos da moça.

— Bio, participo-te que dentro de um ano, o mais tardar, me caso com a filha do Aderbal Quadros.

— Então esse negócio está mesmo resolvido?

— Claro!

— Como foi a coisa hoje no baile?

— Não muito bem. Ela está meio arisca.

— Pudera! Santa Fé ainda não esqueceu as tuas farras na Pensão Veneza, as tuas orgias e serenatas com o Neco e o Chiru.

— E contigo.

— Sim, e comigo.

— Mas sou um homem novo.

— Novo? Não acredito. É bem como essa história de AnoNovo. Só muda o número. No resto, é a mesma coisa de sempre. Não mudaste tanto quanto pensas.

— Mudei, Bio, eu sinto. Na minha profissão, o homem que não conservar uma linha moral rígida está perdido.

— Mas valerá a pena ter linha?

— Naturalmente!

— Xô égua! Porto Alegre e os livros te viraram a cabeça.

— Qual! Me abriram novos horizontes.

— Mas te fecharam muitas portas. O meu consolo é que isso não dura.

Rodrigo tornou a erguer-se, contemplou mais uma vez o céu estrelado, aspirou o cheiro de pão quente que vinha da padaria Estrela d'Alva, evocando-lhe cenas da infância.

Que fazer agora? Ir para a cama? Cedo demais. De resto, estava demasiadamente excitado para poder dormir.

— Ai vida!

Toríbio tirou o revólver do coldre, apontou-o na direção duma lata que se achava a uns vinte passos da figueira, fez pontaria, detonou e acertou em cheio no alvo.

— Me dá esse revólver - pediu Rodrigo.

Tomou da arma, mirou a mesma lata e atirou: o projétil passou longe do alvo e cravou-se no solo.

— Pontaria mixa!

— Sou um homem civilizado. Não preciso de armas.

— Fia-te à Virgem e não corras… Conheces aquela história de Santa Eulália! Diz-que não havia homem no povoado que não andasse armado até os dentes. Duma feita, apareceu por lá um sujeito de boa paz que andava por toda a parte sem um canivete no bolso. As gentes da terra começaram a olhar pra ele atravessado: “Esse camarada está nos provocando”. No dia seguinte o forasteiro estava enterrado no cemitério com dez balas no corpo.

— Bárbaros! - exclamou Rodrigo. — Retardatários! Como única resposta, Bio tornou a alvejar a lata velha, que saltou com um ruído seco. Depois beijou o revólver e tornou a guardá-lo no coldre.

— O meu melhor amigo - disse. — O que fala a verdade. O tira-cisma.

Um vulto aproximava-se.

— Quem será? - perguntou Rodrigo.

— O espanhol.

Don Pepe Garcia abriu os braços e exclamou: Av que lindo! Los dos hermanitos juntos, charlando. Yo crei que era um duelo. Oi los tiros. Que sucedió? Abraçou os dois irmãos calorosamente. Estávamos exercitando a pontaria…

— Pero no en seres humanos!

Não - explicou Rodrigo - numa lata, apenas numa lata velha.

— Por que no ahorrar Ias balas para hendc-r cráneos humanos? Para Ia redención de Ia htinvanidad es necesario abatir cráneos, muchos cráneos.

Rodrigo contemplava Pepe Garcia com um interesse afetivo. Gostava daquele tipo descarnado e esguio como o próprio Dom Quixote, daquela cara tostada, oblonga e de aspecto dramático, de olhos fundos, negros e vivos, bigodes de guias caídas pelos cantos da

boca, e cavanhaque pontudo como uma lança.

Apreciava-lhe sobretudo a voz rica de inflexões, bem empostada, grave e de colorido teatral, que ele sabia usar com riquesa e propriedade, ajudando-a com gestos de suas mãos esbeltas, que possuíam também uma eloquência própria. Nascido na Espanha, havia trinta e cinco anos, deixara a cidade natal para correr mundo.

Viajara - segundo contava - por

roda a Europa e depois descera para a America do Sul, pintando retratos e fazendo exposições nas cidades que visitara. Um dia chegou a Santa Fé e, como acontecera a tantos outros estrangeiros - casos de que se orgulhava a crônica local - tomara-se de amor pelo lugar e resolvera ficar ali por algum tempo. De quando em quando lhe davam a incumbência de pintar o retrato de almnn dos estancieiros ricos do município ou de membros de suas Famílias, Além disso, dava lições de pintura a Ritinha Prates, o que causava certa estranheza em Santa Fé. (Afinal de contas que luxo é esse duma moça aprender essas bobagens de pintura, quando o importante mesmo par uma dona-de-casa é saber cusimhar, lavar roupa e criar bem os filhos?) Guca Lopes e outros maldizentes, porém, afirmavam que quem sustentava dom Pepe era a amásia, a viúva Gclamra, mulata quituteira proprietária duma casa de tábuas situada no Purgatório. Mandava ela seus moleques - filhos do falecido - vender nas ruas e na estação da estrada de ferro seus quindins, bons-bocados e pastéis. Graças a isso o espanhol se permitia trabalhar muito pouco ou nada, o que lhe dava vagares para levar uma vida boêmia, andar pelos arredores da cidade a pintar paisagens e tipos humanos - quadros que nunca chegava a vender. Gostava de frequentar os salões de bilhar e a Confeitaria Schnitzler, onde fazia eloquentes dissertações contra a burguesia e o clero. Don Pepe Garcia dizia-se anarquista, e anarquista puro. hizia questão de frisai.

Gabava-se de possuir um exemplar do famoso c ranssimo panfleto de Bakunin, escrito em código, o Catecismo revolucionário, a bíblia dos anarquistas europeus, e dava a entender que estivera metido na conspiração que em 1905 fizera explodir uma bomba na Rambla de as Flores, em Barcelona.

Rodrigo habituara-se a ver em Pepe - apesar de tudo quanto o espanhol pudesse ter de falso - um símbolo das coisas maravilhosas que estavam para além dos horizontes de Santa Fé, do Rio Grande e do Brasil. Don Pepe representava o Velho Mundo; dom Pepe, o boêmio andarilho, era a Aventura; don Pepe era sobretudo a romântica e trágica Espanha de Dom Quixote, de El Greco, de Santa Teresa de Ávila, de toureiros, das majas e dos monges. Quando, havia uns quatro anos, Rodrigo fora apresentado ao pintor e lhe perguntara de onde vinha, tivera dele uma resposta enigmática que lhe incendiara a imaginação de vinte anos.

— Sou natural dum quadro de El Greco que se acha na catedral de Halgar.

Sou o terceiro monge a contar da esquerda…

Dois anos mais tarde, folheando uma enciclopédia ilustrada, Rodrigo dera com uma reprodução do quadro a que dou Pepe se referira: O enterro do conde de Orgciz. Lá estava o terceiro monge, de rosto oblongo, olhos postos misticamente no céu, bigodes negros,

cavanhaque pontudo.

Rodrigo vira muitas telas da autoria de Pepe Garcia e admirava-lhe a riqueza sensual do colorido, a precisão do desenho, o raro senso plástico. Fazia pouco mais de um ano, o artista escandalizara Santa Fé pintando, numa paródia de Goya, La itndnta vestida e La mulatn desnuda, que nada mais eram que sua Celanira, num dos quadros deitada num catre, vestida de azul; noutro, 231 completamente nua, as fartas carnes cor de canela esparramadas na relva, ao pé dum chafariz no qual os santa-fezenses reconheceram, indignados e ofendidos, a bica de onde vinha a água que toda a cidade bebia. Os quadros foram expostos numa vitrina da Casa Sol - que o Veiga cedera depois de muita relutância - mas a exposição não chegara a durar nem meio dia, pois a sociedade de Santa Fé lançara tamanhos protestos, que o delegado de polícia, o façanhudo Laço Madruga, mandara retirar as "imoralidades" da vitrina. O jornal da terra comentara as telas, declarando-as "um clamoroso desrespeito à família santa-fezense", um "verdadeiro atentado ao pudor". O padre Kolb referira-se ao incidente em sua prédica dominical e, em determinado ponto do sermão, exclamara, com sua voz estrídula de pronunciado sotaque germânico, que aquilo era "uma grossa indecência" - e sublinhara sonoramente cada sílaba de indecência com um soco na guarda do púlpito. Durante vários dias, Santa Fé não falara noutro assunto. A todas essas, don Pepe mantivera-se num silêncio digno, numa indiferença olímpica. Uma tarde, porém, emborrachara-se de vinho Moscatel na Confeitaria Schnitzler e fizera um verdadeiro comício contra a burguesia, contra o clero e contra Deus.

Terminara trepado numa cadeira, a berrar: - Filisteus! Filisteus!

Lembrando-se agora dessas coisas, Rodrigo sorria e olhava para don Pepe, que ali estava na sua eterna roupa preta, de gravata à Lavalière, boina basca de pano negro, os longos pés magros metidos em alpargatas pardas.

— Que fim tiveram os teus famosos quadros?

— Que cuadros, hijo mio?

— La mulata vestida e La mulata desnuda.

— Ay! Los quemé.

— Queimou? Mas por quê?

— Porque me dió Ia gana.

— Foi uma pena.

— No Io creo.

Disse isto e fechou-se num silêncio ressentido. Mas de repente, fixando o olhar em Rodrigo, exclamou com jovialidade: - Ay que rico estás, Rodrigo, en ese uniforme de gala de Ia burguesia.

— Rodrigo riscou um fósforo e, mostrando o peitilho da camisa, perguntou: - Te agradam estas condecorações?

— Caray! Que es eso, hombre?

— Sangue, don Pepe, sangue.

— Pero de quien?

Toríbio apressou-se a contar a história. A medida que se inteirava dela, Pepe ia ficando tão excitado, que por fim já não tinha mais sossego: andava para diante e para trás, em passos curtos, rápidos e arrastados.

— Muy bien, hijo. Eres muy hombre. Hay que agitar, hay que agitar.

— E isso é apenas o princípio. Daqui por diante, o Trindade vai comer fogo comigo. — Ergueu-se, pegou afetuosamente o braço do espanhol. — Precisamos sacudir esta cidade de seu marasmo, Pepe!

— Claro, hombre!

— Dentro de um mês, o mais tardar, boto o jornal na rua. Vou começar com um artigo de fundo, reduzindo o Trindade a pó de mico. Lançarei também um ataque contra o militarismo. Posso contar com teu apoio?

— Claro, hombre, cono! Me gusta Ia lucha. Soy como aquel paisano que, cuando llegaba a un pais extranjero, preguntaba: "Hay gobierno? Se hay, soy contra!".

Rodrigo de novo olhava para as estrelas.

— Don Pepe, se de repente Deus aparecesse lá em cima e… O espanhol interrompeu-o: - Diós no existe.

— Bom, não se trata agora de saber se Ele existe ou não. Vamos supor que exista. Se Ele te dissesse: "Pepe, tens o direito de me fazer um pedido…", que lhe pedirias?

O pintor ergueu a cabeça para o céu: - Deja ei cielo, hombre, no seas cobarde! Eso es Io que quiero: baja a Ia tierra. No te quedes escondido en tu casa, huyendo a toda responsabilidad. Ven a contemplar Ias injusticias de Ia sociedad burguesa, Ia miséria y ei hambre dei pueblo, ei mercantilismo 233 de tu Iglesía y Ia hipocrisia de tus sacerdotes. Ven a ver ei mundo que hiciste!

Rodrigo ria, sacudindo a cabeça. Pepe continuava imóvel, os olhos erguidos para o alto, como a esperar a resposta de Deus.

— Não é isso, don Pepe! Eu me referia a um pedido mais modesto, que não obrigasse o Criador a mudar Seus hábitos…

O espanhol baixou o olhar para o amigo.

— Bueno, yo lê pediria Ia victoria dei anarquismo en ei mundo. Pero no creo que ei viejito me atendiera. Es un reaccionário!

Deus um reacionário! Rodrigo desatou a rir. Toríbio apenas sorria, meio desatento.

— Vocês até parecem duas crianças… Quem olhava para o céu agora era Rodrigo.

— Pois eu pediria a Deus - disse ele - uma coisa muito simples e

ao mesmo tempo muito grande. Pediria que me desse uma vida longa. O resto ficava por minha conta…

— Y que quietes hacer con tu vida? - perguntou don Pepe, num tom austero de inquisidor.

— Uma bela vida…

— Pero quê es una bela vida?

— Uma vida de prazeres e ao mesmo tempo de bondade e beleza.

— Palabras, hombre, palabras, y nada más que palabras. Hay que definir placer, bondad, bellcza.

— Vocês não vão parar mesmo com essas besteiras?

— Callate, miserable - resmungou don Pepe, sem sequer dignar-se olhar para Bio. — Vamos, amigo, hay que definir…

Rodrigo segurou com força ambos os braços do espanhol.

— Precisarei definir a palavra prazer? Quais são as coisas que dão prazer na vida? Amar… comer e beber bem… vestir bem… alegrias espirituais: ouvir boa música, fazer boas ações, ler bons livros, ter bons amigos, e, acima de tudo, a sensação de ser querido, admirado, respeitado… Hein, don Pepe? Preciso continuar definindo?

— Placeres tipicamente burgueses…

— Quanto à bondade, ora! Levar uma vida de bondade e beleza significa viver uma vida harmoniosa, que não seja puramente egoísta, uma vida em que caibam pensamentos e atos altruístas, piedade pelos desamparados, pelos fracos e oprimidos. Eu estava ainda há pouco dizendo ao Bio: quero fazer medicina para os pobres, talvez chegue até a fundar um hospital de caridade. Vou também livrar esta cidade do seu tirano. Se fazer essas coisas não é viver em beleza e bondade, então já não sei mais nada!

Calou-se, esperando a aprovação do interlocutor. Este, porém, continuava calado. Meteu a mão no bolso, tirou um pequeno caderno de papel de alcatrão e uma bolsa de fumo, e começou a fazer um cigarro com os dedos longos e nervosos.

Rodrigo esperava.

— Então, don Pepe, estás satisfeito? O artista olhava na direção da igreja.

— Eres un burguês irremediable, Rodrigo. Tu idea dei bienestar social está basada en Ia caridad, Ia repugnante caridad cnstiana. Cono! Hay que hacer Ia Revolución y no hospirales de caridad. — Cuspiu no chão com nojo. — La palabra caridad me marea.

— No entanto é a mais bela das virtudes cristãs.

— Mierda para ei cristianismo. Rodrigo bateu nas costas do espanhol: - Teu niilismo é apenas de fachada. Não creio que um homem como tu, um artista de sensibilidade, um pintor, um poeta das cores, possa viver sem uma crença…

Don Pepe enrolou o cigarro, acendeu-o, soltou uma baforada,

aproximou-se do outro: - Quien te dijo que nosotros los anarquistas no tenemos una creencia?

— Qual!

— Si seíior. Como ustedes, católicos, tenemos hasta um credo.

— Parem com esse negócio! - protestou Bio. — Vamos fazer alguma coisa que preste. Que tal se a gente fosse beber umas cervejas na pensão da velha Tucha? Por mim, esta noite eu dormia ernpernado, pra entrar direito o Ano-Novo.

Ninguém lhe deu atenção. Rodrigo estava interessado no credo de don Pepe. O espanhol tirou o cigarro da boca, recuou dois passos e, com voz lenta e clara, recitou: - Creo en el Socialismo revolucionário todopoderoso, hijo de Ia Justicia y de Ia Anarquia que es y ha sido perseguido por todos los políticos burgueses, y nació en el seno de Ia Verdad, padeció bajo el poder de todos los Gobiernos, por los que ha sido maltratado y escarnecido y deportado, descendió a los lóbregos calabozos y de ellos ha venido a emancipar ai proletariado y está sentado en el corazón de los asociados. Desde allí juzgará a todos sus enemigos.

Creo en los grandes princípios de Ia Anarquia, Ia Federación y el Colectivismo; creo en Ia Revolución social que ha de redimir a Ia Humanidad de todos los que Ia degradan y envilecen. Amén!

— Amém! - repetiu Bio. — Vamos pra pensão.

— Y tu, don Rodrigo, en que crees? En el Diós Todopoderoso, creador dei cielo y de Ia tierra, en Ia Santa Madre Iglesia Católica, Apostólica, Romana?

— E por que não?

Mas intimamente tinha uma convicção que não ousava formular em voz alta: “Eu creio em mim mesmo. Deus que me perdoe, mas eu creio é no dr. Rodrigo Terra Cambará”.

Don Pepe tornou a acender o cigarro, que se apagara durante o recitativo do credo anarquista. Deus dois passos à frente, olhou firme para a igreja e berrou: - Mierda para los curas! Mierda para el sumo pontífice! De trás da matriz, o eco devolve-lhe as palavras.

— Xô mico, don Pepe! - disse Bio. — Pra que essa bobagem? Ninguém está te escutando…

— Pêro hay que agitar, hombre. Hay que agitar.

VIII Num dos primeiros dias de janeiro, Licurgo Cambará fechou o Sobrado e, como fazia todos os anos, mudou-se com a família e a criadagem para o Angico, onde iam passar o verão. Rodrigo acompanhou-os um pouco contrariado, pois lhe parecia que, depois do desafio que lançara publicamente a Titi Trindade, retirar-se para a estância poderia parecer uma fraqueza, uma espécie de recuo.

— E o jornal, papai? - perguntou na véspera da viagem.

— Tem tempo.

— Mas as eleições estão perto…

— O senhor pode voltar em fins de janeiro e ainda pega um mês inteiro antes do pleito.

Rodrigo calou-se. Não costumava contrariar o pai. Aquela ida para o Angico, porém, era o mesmo que água fria na fervura. Que iriam dizer os amigos que lhe conheciam os planos políticos, as promessas de luta?

Entrou na jardineira de cara sombria. Bio havia partido a cavalo no dia anterior, em companhia do pai. — Os machos vão a cavalo - dissera ao despedir-se. — As fêmeas, de jardineira.

Rodrigo não gostou da brincadeira. Iniciou a viagem de mau humor.

Quando, porém, entraram em pleno campo, começou a melhorar. Olhando para as coxilhas, sob um céu azul e límpido, teve tamanha sensação de espaço livre, ar puro e liberdade, que ficou eufórico.

Sim, agora ele via que tinha sido bom virem para a estância. Precisava dum pequeno descanso: estudara demais nos últimos 237 meses do curso. De resto na solidão amiga do Angico, teria tempo de preparar melhor, a campanha, coordenar planos e principalmente ficar a sós consigo mesmo por algum tempo, o que seria benéfico para com sua alma. Foi pois com resignação que suportou o calor, a poeira e os solavancos da estrada.

Quando se viu a frente da casa da estância a contemplar a campina, redescobriu a terra e ficou comovido. Sentiu-se leve, puro, criança: concluiu que a verdadeira vida estava no campo. Oh! O ar viciado, que se respirava nas grandes cidades, as ruas regurgitantes de uma humanidade suarenta e apressada, o cheiro de gás, a fumaça das chaminés, o barulho do tráfego… Não havia nada melhor que estar perto da terra. Apanhou um talo de capim e mordeu-o.

Quero-queros guinchavam, e suas vozes desgarradas pareciam tornar mais ampla a amplidão, dar uma perspectiva mais funda à paisagen. Olhou com olhos enamorados as coxilhas dum verde apeluciado, onde as macegas ondulavam, sopradas pelo largo vento que lhe trazia um aroma agreste de mato e grama. Teve, em fim, uma tão serena e tranquila impressão de beleza e paz, que lhe vieram lágrimas aos olhos.

Andou pela Cuzinha e pelo galpão a abraçar criadas e peões.

Deixou de lado as roupas citadinas e vestiu-se à gaúcha, da maneira mais ortodoxa possível, o que deu azo a que Bio observasse: já chegou o carnaval.

Acompanhou o pai e o irmão nas lidas do campo, procurou provar que não era - como podiam os outros imaginar - um mocinho de cidade um pelintra que não sabe andar a cavalo e é incapaz de manejar o laço por isso já na primeira oportunidade que se lhe

apresentou fez questão de laçar na presença dos companheiros. Teve sorte: bialou com mestria um terneiro. No primeiro rodeio que participou foi o mais ativo do grupo, o que mais gritou, o que mais se agitou portou-se com tanto espalhafatoso entusiasmo, que Bio em um, momento se acercou dele: Calma, rapaz. Isto não vai a matar.

Rodrigo voltou para casa derreado. Comeu abundantemente, caiu na Cama Como uma pedra e dormiu até às quatro. Ergueu-se com os membros e as costas doloridos e a cabeça pesada, mas, ao 238 entardecer, aceitou o convite de Bio para irem tomar banho na sanga. E, depois de terem nadado por algum tempo, quando já estavam deitados na grama, esperando que o vento lhes secasse os corpos, Rodrigo espreguiçou-se com delícia.

— E bom estar no campo, Bio. Esta, sim, é a verdadeira vida.

— Pensas que estás me contando alguma novidade?

— Claro. Sei que este é o teu chão, que nunca poderias viver como vivi em Porto Alegre, todo o santo dia de colarinho e gravata…

— Se eu tivesse de usar essas coisas, acho que morria sufocado.

Rodrigo soltou um fundo suspiro.

— Como é que há gente que passa a vida inteira metida numa cidade, hein?

De olhos fechados e sorrindo, o outro respondeu: - Esse teu entusiasmo não clura.

— Por quê?

— Fogo de palha.

Rodrigo ergueu-se, aproximou-se da beira da sanga e ficou a mirar com olhos ternos seu próprio corpo nu que a água espelhava.

Rodrigo saboreava o Angico com os cinco sentidos.

Esquecido agora dos perfumes franceses, apreciava discrimínadamente os cheiros da estância, chamava para eles a atenção de Bio, e quando este lhe garantia não distingui-los uns dos outros, exclamava com fingida impaciência: - Estás com o olfato embotado! E preciso ter um nariz civilizado para distinguir os cheiros, perceber suas nuanças… Qual! Não vou gastar pólvora em chimango.

Calava-se, achando que estava pregando no deserto.

Gostava de, pela manhã, aspirar o odor úmido e inocente do sereno, que lhe sugeria um mundo, recém-nascido, com as tintas ainda frescas do pincel do Criador. Era, porém, um cheiro que não o predispunha às cogitações sérias, mas apenas ao gozo irresponsável 239 Um dia, não se sofreou, montou a cavalo e mandou-se a galope na direção do sol poente, como se esperasse atingi-lo e trazer para casa nas mãos, nos alforjes, nos bolsos, um pouco daquela luminosa beleza.

— Olha, Bio - disse certo anoitecer ao irmão, que a seu lado mastigava placidamente um palito - , olha só aquela cor por baixo da nuvem vermelha… Estás vendo? É verde, parece impossível, mas é

verde.

— Xô mico.

— Quanta cor no céu! Vai tomando nota: púrpura, laranja, carmesim… ouro-velho… ouro-novo… prata… malva… roxo… verde… cor-de-rosa… pardo-avermelhado… azul-desbotado… azul-daprússia… E aquelas nuvens crespas lá em cima, não te parecem os dorsos dum imenso rebanho de ovelhas? E a nuvem mais escura não será o vulto do pastor?

— Ora, não me amola!

À hora das refeições Rodrigo comia com um apetite voraz. As vezes Maria Valeria tinha de advertir: "Devagar com o andor, menino. Vais tirar o pai da forca?" Ele sorria, encabulado, sentindo cair-lhe a máscara de civilizado que com tanta faceirice usava desde que chegara. Mas como era possível ter bons modos ante as comidas de Laurinda? Um dia, ao fim dum almoço suculento - iscas de rins grelhadas, feijoada completa, arroz pastoso com galinha, churrasco gordo de ovelha, tudo isso rematado por um prato fundo cheio até as bordas de leite com grãos de milho verde cozido - lembrou-se dos banquetes de que fora conviva em Porto Alegre, e cujos menus eram escritos em francês. Sim, ele sabia apreciar tanto as delicadezas civilizadas da cozinha francesa como as brutalidades substanciosas da cozinha campeira do Rio Grande!

Assim Rodrigo passava os dias no Angico. E agora, que já provara ao pai, ao irmão, a Fandango e à peonada que sabia andar a cavalo e laçar tão bem quanto eles, podia dar-se ao luxo de descansar e levar a vida flauteada. Não saía mais para o campo com os outros ao raiar do dia. Não acompanhava Fandango no chimnrrão das cinco.

Dormia até às sete, hora em que saltava da cama para tomar café.

Passava o dia em andanças ociosas, dormia sesta 242 larga e à tardinha ia tomar banho na sanga em companhia de Bio. E era sempre com uma antecipação alegre de passageiro de vapor que esperava a hora das refeições.

Tinha também o hábito de caminhar à noite, especialmente quando fazia luar. Pensava muito em Flora, ruminava aventuras amorosas dos tempos de estudante e, nos calores daquele janeiro, já andava a olhar em torno para as chinocas da estância, à procura de alguma que lhe pudesse saciar a fome cada vez mais intensa de mulher.

Uma tarde sentou-se no pomar debaixo dum pessegueiro, tirou a faca da bainha, apanhou um pêssego e começou a descascá-lo, pensando na amante que tivera, havia dois anos, em Porto Alegre, uma loura de pele muito alva, cujas coxas tinham uma penugem dourada que lhe lembrava, sempre que as acariciava, a da casca dos

pêssegos do Angico. E agora, olhando para os pêssegos, recordava a amante. Riu e como Toríbio .se aproximasse, trincando um maracotão que nem se dera o trabalho de descascar, contou-lhe em que estava pensando.

— Como era o nome dela?

— Que importa o nome?

— Que tipo?

— Clara, loura, olho azul, pernas compridas, estrangeira, mulher de classe.

oríbio sentou-se ao lado do irmão.

— Desse artigo não temos aqui no Angico. O nosso material é aquele… - E, fazendo avançar o lábio inferior, mostrou a rapariguinha que saía da cozinha para dar milho às galinhas. Era uma chinoca de dezesseis anos presumíveis, cabelos negros, pernas curtas e fortes, seios miúdos mas firmes, rosto largo de esquimó, de maçãs salientes e olhos oblíquos. Trazia um vestidinho de chita azul, muito curto, e estava descalça. Rodrigo contemplou-a com um olhar avaliador de macho.

— Quem é?

— A Ondina, filha da Joaninha Caré.

— Quem é o pai?

Bio sacudiu os ombros.

— Ninguém sabe. Nem a Joaninha. O velho Fandango costuma dizer que vaca de rodeio não tem touro certo. A Joaninha tem dormido com quase toda a peonada do Angico.

Rodrigo ficou a chupar um caroço de pêssego e a olhar para a chinoca. Ao redor dela agora as galinhas alvoroçadas bicavam o chão, num atropelo. Ondina era dum moreno acobreado, e o sol da tarde dava-lhe à pele reflexos metálicos. De vez em quando lançava olhares enviesados na direção de Rodrigo e Toríbio, mas seu rosto continuava duro, inexpressivo, bem como as faces das anamitas e cingalesas que Rodrigo tantas vezes vira - com uma leve curiosidade sexual - nas fotografias da Indochina e do Sião reproduzidas em Illustration. Ondina lembrava-lhe também as minúsculas prostitutas de Cholon, das quais falava Claude Farrère em Lês civilisés, que ele lera com delícia aos vinte e um anos.

No dia seguinte, estando já deitado a começar a sesta, ouviu passadas de pés descalços no corredor, imaginou que Ondina cruzava pela sua porta… Entrou-lhe na cabeça uma ideia que o deixou excitado. Desde o dia anterior, a rapariga namorava-o à sua maneira oblíqua e arisca. E ali no silêncio mormacento do quarto e da hora, sentindo nas têmporas as marteladas do sangue, tentou ainda chamar-se à razão. Não podia fazer uma coisa daquelas. Ondina teria quando muito dezesseis anos, e talvez não houvesse ainda conhecido homem.

Mas qual! Aquelas rapariguinhas do campo começavam cedo… Não! Positivamente não, Rodrigo. Já teu pai anda metido com uma Caré, não é direito que tu também…

Revolveu-se na cama, sem achar posição cômoda. “Une jeune filie Anamite se promène dans lês rues de Sãigon.” Ora! O melhor é dormir, esquecer, tratar de resolver o problema de outra maneira.

Fechou os olhos e ficou sentindo o surdo pulsar do coração. Mas como lhe seria fácil trazer Ondina para a cama! Fácil? Nem tanto. Não podia esquecer a presença da madrinha, com seu olhar fiscalizador. Quando, nos tempos de estudante, ele voltava para 244 casa nas férias, a velha redobrava a vigilância em torno das rapariguinhas do Sobrado. “Onde é que vai, sua bruaca?” - “Vou levar este jarro d'água no quarto do seu Rodrigo.” - “Não vai coisa nenhuma, sua assanhada! Deixe que eu levo.” E certa madrugada quando, descalço e nas pontas dos pés, ele se dirigia para o quarto duma delas, Dinda lhe surgira de repente no corredor com uma vela acesa na mão: “Ué… Aonde é que vai a esta hora?” Ele balbuciara uma desculpa: "Estou com sede.

Vou beber água na cozinha". — “Então errou o caminho. A cozinha fica lá do outro lado, sem-vergonha!” E ele voltara para a cama, trêmulo de raiva e despeito.

O melhor mesmo era desistir. No entanto, se a Ondina quisesse, tudo seria tão simples… Havia mil lugares aonde poderiam ir sem que ninguém os visse: o bambual atrás da casa, o mato, o capão da sanga… Bio podia ajudá-lo. Mas ele não queria revelar ao irmão sua fraqueza. Era o diabo. Onde estavam seus propósitos de regeneração?

Prometera a si mesmo e dera a entender aos outros que ia criar juízo.

Positivamente, dormir com a Ondina seria uma indecência, uma insensatez. Depois, se descobrissem a coisa, que seria dele? Ficaria desmoralizado, perderia toda a autoridade. Era arriscar tudo para conseguir apenas um pouco. Um pouco?

Quem sabe? Tornou a fechar os olhos e caiu num torpor do qual passou sem sentir para o sono profundo. Acordou irritado e quando, aquela mesma tarde, se meteu na sanga com o irmão, perguntou com ar casual: - Já dormiste com a Ondina?

— Ainda não.

— Ainda não? Quer dizer que pretendes…

— Como é que vou saber, homem? Tudo depende da hora, do jeito, da disposição…

Bio não tinha problemas. Comia quando tinha fome; quando não tinha, nem pensava em comida. Costumava dizer que o alimento melhor é sempre aquele que está no prato.

— Será que ela já… - Rodrigo hesitou, com pudor de dizer claramente o verbo. Usou um eufemismo bíblico - …já conheceu

homem?

— Como é que vou saber? Não sou fiscal.

Dizendo isto, Toríbio deu um mergulho e emergiu alguns metros adiante, bufando e cuspindo, com o cabelo colado a testa, os olhos piscos.

Acocorado à beira da sanga, Rodrigo estava absorto em seus pensamentos. O outro, que agora nadava serenamente, em largas braçadas, gritou: - Por que não experimentas?

— Não me interessa.

— Ha-ha!

E não falaram mais no assunto.

Uma tarde, à hora da sesta, Rodrigo viu Ondina descer sozinha a coxilha, equilibrando na cabeça um cesto de roupa suja. O coração começou a bater-lhe com mais força.

Esperou um instante, olhou cuidadosamente em torno e, como não avistasse ninguém, saiu a andar atrás da rapariga. Quando estavam ambos lá embaixo na canhada, num ponto donde não podiam ser vistos por quem se achasse à frente da casa, aproximou-se da menina e fez: Psiu!

Ondina parou, voltou lentamente a cabeça, mas em seguida tornou a olhar para a frente e continuou a andar, apressando o passo.

— Escuta aqui, Ondina…

Rodrigo sentiu as próprias palavras como que voltarem para ele e caírem-lhe frias no rosto. O que estava fazendo parecia-lhe ao mesmo tempo ridículo e excitante.

Agora era tarde demais para desistir. Iria até o fim, mesmo que lhe surgissem pela frente o pai. a tia e toda a peonada do Angico, mesmo que se erguessem do cemitério todos os seus parentes e contraparentes mortos e viessem em bando suplicar-lhe que não fizesse aquilo. A chinoca continuava a andar em passo acelerado, aproximando-se cada vez mais do mato. Isso mesmo que eu quero - pensava ele. — Isso mesmo que eu quero.

— Ondina, olha aqui!

Ela parou, depôs o cesto no chão e, sem olhar para o homem, apanhou um talo de grama e começou a mordiscá-lo com seus dentes miúdos.

— Vamos ali pró mato.

Ela se encolheu toda. Rodrigo apanhou com uma das mãos o cesto de roupa e com a outra segurou com força o braço da chinoca, puxando-a na direção do mato. Ela se deixou levar docilmente.

Eram seis da tarde quando Toríbio e Rodrigo desceram para o banho.

— Que é que tens? - perguntou o primeiro.

— Nada.

— Algum bicho te mordeu.

— Por quê?

— Ora, te conheço bem.

Rodrigo não sabia se devia ou não contar ao irmão o que se passara entre ele e Ondina. Estava certo de que o outro ia gozar sua fraqueza.

Precisava, porém, desabafar, e Bio era a única pessoa com quem se podia abrir.

— Aconteceu uma coisa horrível. Levei a Ondina pró mato à hora da sesta.

Por alguns segundos Toríbio nada disse. Depois, dando um pontapé num seixo do caminho, perguntou: - Que tem isso de tão horrível?

— Ela era virgem!

— E daí? Todas as mulheres nascem virgens.

— Bio, estou falando sério.

— Eu também.

— Mas que é que vai acontecer agora? E se ela fica grávida?

— Não há de ser a primeira nem a última.

Rodrigo estava revoltado. Aquele cinismo cruel, aquela indiferença ante um assunto tão sério, fizeram que, pelo menos por 247 um curto instante, ele pudesse transferir para o outro toda a indignidade de seu ato. A sensação de culpa, porém, continuava a pesar-lhe dum modo que ele queria achar insuportável.

Não havia ele lido e amado a Ressurreição de Tolstói? Não falara muitas vezes nos humilhados, nos ofendidos, nos desprotegidos da sorte, prometendo a si mesmo ser seu paladino, seu templário? Apesar de todos esses propósitos, havia desonrado uma pobre menina de dezesseis anos! E a ideia de que um filho - um filho de sua carne e de seu sangue - pudesse nascer dela, enchia-o dum temor mesclado de repugnância. E nessa repugnância descobria, decepcionado, um sentimento de aristocracia, uma consciência de casta. Era-lhe friamente desagradável a ideia de que o sangue dos Cambarás, senhores do Sobrado e do Angico, pudesse misturar-se com o dos Carés.

Como se estivesse a ler-lhe os pensamentos, Toríbio troçou: - Essa história de gostar das Carés parece que está na massa do nosso sangue, hein?

Rodrigo não respondeu. Fechou-se num silêncio casmurro e assim acompanhou o irmão até a beira da sanga. Despiram-se. Toríbio apanhou uma pedra e jogou-a no poço.

Rodrigo sentou-se, enlaçou os joelhos com os braços e ficou a olhar pensativamente para a água.

Vendo-o apreensivo, o outro pousou-lhe a mão no ombro: - Não

há de ser nada. Ela pode não pegar filho.

— E se… pegar? - perguntou Rodrigo, usando o verbo com alguma relutância.

— A criança nasce, cresce e vive como qualquer outra.

— Mas eu me refiro ao lado moral da questão.

— Que lado moral, homem?

— Bem sabes o que eu quero dizer.

— Ora, tu não estás preocupado com o lado moral. O que tens é medo que o velho e a titia descubram a patifaria.

Rodrigo sentiu as orelhas em fogo. Mais uma vez se via desmascarado. Bio era diabólico, botava o dedo direitinho em suas feridas, com olho de mestre. Mas nem por isso Rodrigo queria admitir que seus remorsos eram puro medo, pois se fossem, então 248 ele não passaria dum miserável, dum pulha e de nada lhe teria servido os anos passados no ginásio e na academia, de nada lhe teriam valido os muitos livros que lera nem os protestos de nobreza e decência que fizera. Tinha suficiente hombridade para enfrentar o pai e assumir a responsabilidade de seu ato.

O que ele sentia mesmo - queria convencer-se disso - era pena da rapariguinha.

— Mas eu desonrei a menina! - exclamou. Mal, porém, pronunciara a palavra desonrei, sentiu o que ela tinha de literário, de falso.

— Acho que os Carés nem sabem o que é honra - disse Toríbio, estendendo-se no chão e apoiando a cabeça sobre as mãos trançadas. — Olha, a mãe de Ondina tem oito filhos e nunca se casou. Até hoje, que eu saiba, ninguém se lembrou de perguntar quem são os pais das crianças.

— Mas é isso que me revolta, Bio! - exclamou Rodrigo, pondo-se de pé bruscamente. — Por que é que a virgindade numa moça branca e rica pode ser mais preciosa que a duma coitadinha como a Ondina?

— Ué, rapaz! Estás talando como se fosse eu que tivesse feito mal pra ela…

— Eu sei. O culpado sou eu, e isso é que me atormenta.

O que realmente o preocupava - reconhecia ele, muito a contragosto, era ter de enfrentar o pai e a tia, caso estes viessem a saber do que se passara. Era-lhe detestável a ideia de cair do pedestal que com tanto cuidado erguera e em cima do qual se sentia tão bem.

— Vais te habituar… - sorriu Toríbio. — Te lembras do Mane Bigode?

Tinha dez mortes na consciência, se é que o homem tinha consciência. Um dia perguntei: “Mane, me diz uma coisa. Que é que a gente sente quando mata um homem?” Ele coçou a cabeça, me olhou com aqueles olhos de peixe morto e respondeu: Pois menino o

primeiro homem que matei meio que me embrulhou o estombo.

Fiquei louco de remorso, jurei que nunca mais puxava de arma. Mas qual!

Um dia tive de encostar o cano do revólver na paleta doutro cabra e incendiar ele por dentro.

Não sou bandido, sou um homem de bem. Mas porém não tenho sorte.

Onde vou, sempre me provocam e eu tenho que me defender. Vassuncê compreende… Assim fui sendo obrigado a despachar outros. Depois do terceiro, me acostumei.

Hoje acho que até gosto da coisa". — Bio soltou uma risada. — Tu também vais te "acostumar". Não penses que a Ondina será a última. Elas provocam, rapaz, e a gente tem que se defender.

— Cínico!

— Vamos cair n'água antes que anoiteça.

Naquela noite, Rodrigo não pôde dormir. Achava o quarto quente e abafado, sentia um peso no peito. Ficou por muito tempo a revolver-se na cama. Depois acendeu uma vela e olhou o relógio. Onze e vinte. Ergueu-se e saiu a caminhar pela frente da casa, sob os cinamomos. Era uma noite clara, de lua minguante, e a solidão das campinas deu-lhe uma vaga, indefinível sensação de angústia.

Pensou em Ondina, no mal que lhe fizera, e veio-lhe um agudo sentimento de remorso, esquisitamente temperado pela lembrança do prazer que a rapariga lhe proporcionara.

Engraçado - refletiu - como a gente se lembra de certos detalhes sem importância. Por exemplo, aqueles chapéus-de-cobra que ambos haviam esmagado no mato ao se deitarem…

Caminhava dum lado para outro, em passadas lentas, fumando cigarro sobre cigarro. Por fim, foi buscar uma rede, armou-a entre duas árvores, deitou-se nela e resolveu passar ali o resto da noite. Começou a balouçar-se de leve, os pensamentos embalados por aquele ritmo de berço. Cerrou os olhos.

Viu-se na calçada da rua do Comércio, de espada em punho, a bradar para o guarda municipal: "Vem, cachorro", sob os olhares de espectadores invisíveis… Depois estava a dançar com Flora, apertando-lhe os seios contra o peitilho da camisa manchada de sangue… "Eres muy hombre" - dizia-lhe don Pepe sob a figueira… Um dólmá azul-ferrete, uma voz aflautada: "Uma profunda convicção filosófica amparada por longa experiência'".

Idiota! Vem, cachorro!… Viens, rnon uma arnour… Mélanie de camisola cor-de-rosa… Viens, mon joujou… Mais cette tache sur tá chemise… qu'est-ce que c'est que caí Mon dicn!

Tu es blessé? Oui, je suis blessé d'amonr. Elle s'appelie Flora. Un joli nom.

Um estalido despertou Rodrigo de seu devaneio. Abriu os olhos, soergueu-se na rede e olhou em torno. Ninguém. Quem sabe se Ondina me viu sair e veio para cá? Esta esperança alterou-lhe subitamente o ritmo da respiração. Se ela aparecesse, podia trazê-la para a rede: precisava de alguma coisa que o ajudasse a passar aquela noite de insónia. Estupidez, pura estupidez! Como podia conciliar seu remorso e seu arrependimento com tal desejo? O homem é um animal ilógico, um feixe de contradições.

O melhor mesmo é dormir.

"Sossegue o pito e durma!" - gritou Maria Valéria em seu pensamento.

Magra, alta, ereta com uma vela na mão, no meio do corredor do Sobrado. "Sossegue o pito e durma!"

Grilos trilavam. Um morcego saiu do beiral da casa, voejou por um instante por entre as árvores e depois se sumiu na escuridão.

Aquelas aves sempre causavam a Rodrigo um medroso mal-estar. Laurinda contara-lhe histórias de morcegos que à noite entravam nas casas para sugar o sangue das pessoas adormecidas. Maldita Laurinda! Os "causos" da mulata lhe haviam injetado no sangue o veneno de muitas superstições. Assobiar de noite é chamar cobra. Galo que canta fora de hora: moça roubada. Noite de sexta-feira, lobisomem na rua. De pouco lhe servira o antídoto da experiência adulta e da cultura. O efeito do veneno continuava a fazer-se sentir.

Rodrigo acendeu outro cigarro. Mas que era a moral senão também uma superstição? O homem não podia viver sem mitos. Inventava-os para depois escravizar-se a eles.

(Bonita frase, belo assunto para um artigo.) Seu pai tinha o mito da honra, o mito do "fio de barba é documento". Havia o tremendo mito da virgindade da mulher.

O da cavalaria rio-grandense, que Garibaldi considerava a mais guapa do mundo…

Cerrou os olhos e imaginou Flora deitada a seu lado, a cabeça pousada em seu ombro, os cabelos recendendo a jasmim. Felicitou-se por não ter para com ela nenhum pensamento lúbrico. No 251 fim de contas não sou nenhuma besta - refletiu, sonolento. Sou capaz de sentimentos puros. Atirou longe o cigarro e enrodilhou-se, procurando uma posição cômoda.

Acordou com o sol na cara e não ficou sabendo ao certo se havia dormido ou não durante a noite. Se dormira, fora um sono agitado de febre, cheio de sonhos em torno duma ideia fixa: estava sempre a explicar ao pai que nada tinha a ver com ondina Caré, pois o filho que ela trazia no ventre era de outro… Lembrava-se também de que se vira, com pesada sensação de culpa, diante dum tribunal que o

acusava de ter enterrado uma criança viva, mas uma criança que era ao mesmo tempo uma raíz, uma cobra… Santo Deus, que sonho confuso e aflitivo!

— Venha tomar café, seu preguiçoso! - gritou Maria Valéria, que surgira à porta da casa.

Rodrigo atirou os pés para fora da rede e por algum tempo ficou estremunhado, os cotovelos apoiados nos joelhos, o queixo no côncavo das mãos.

— Por que dormiu aí fora?

— Porque me deu gana. Bocejou.

— Um bicho cabeludo podia lhe cair na cara.

— Ora!

— Venha tomar café. Faz horas que seu pai e seu irmão saíram pró campo.

— E eu com isso? - perguntou ele de mau humor, pondo-se de pé.

Maria Valéria deu-lhe uma palmada nas nádegas.

— O que você merecia era uma boa sova de chinela.

Rodrigo lavou o rosto, escovou os dentes, penteou-se, namorou-se por um instante no espelho e por fim foi sentar-se à mesa. Ondina entrou com o bule de café e a panela de leite.

— Não se usa dar bom-dia pras pessoas? - repreendeu-a Maria Valéria.

Rodrigo escrutou o rosto da madrinha e concluiu, aliviado: Ela não desconfia de nada.

Ao retirar-se da sala Ondina lançou para o rapaz um rápido olhar dissimulado.

Rodrigo tomou apenas uma xícara de café preto e acendeu um cigarro.

Estava sem fome, a cabeça oca, as pálpebras pesadas.

— Não vieram os jornais, Dinda?

— Ainda não.

— Estou aflito por saber o que está se passando por esse mundo velho.

— Pra quê?

Rodrigo sorriu. Segundo a filosofia de sua madrinha, “o mundo não é de nossa conta: que cada um cuide de sua vida e deixe a dos outros”.

— Estou interessado por notícias da campanha civilista. Por mim, eu já estava na cidade em plena luta. Se não fosse o papai…

— Seu pai sabe o que faz. Rodrigo ergueu-se.

— Coma ao menos um bolinho de coalhada, menino.

— Estou sem fome.

— Está sentindo alguma coisa? Que foi que houve?

— Não houve nada. Não passei bem a noite.

Maria Valéria lançou-lhe um olhar oblíquo e foi cuidar de seus Que fazeres. Rodrigo apanhou um livro - Lê disciple, de Paul Bourget - abriu-o e sentou-se na cadeira de balanço. Não conseguiu, porém, concentrar a atenção no que lia. Fechou o volume com impaciência e saiu a caminhar pelo campo, falando em voz alta para si mesmo, procurando convencer-se de que tudo estava bem e de que o simples fato de ele ter levado para o mato uma bugrinha, alterando-lhe levemente a anatomia, não podia de maneira alguma arruinar sua vida, sua carreira. Se pudesse, seria o mais colossal dos absurdos!

Afinal de contas sou ou não o mesmo Rodrigo Cambará de anteontem? E ao perguntar-se isso, aspirava com força o ar fino da manhã. Vou ou não abrir um consultório e dedicar boa parte de meu tempo a ajudar os pobres? Sou ou não sou um homem 253 profundamente bom e justo? Quem estiver sem pecado que me atire a primeira pedra! Quem ousará levantar o braço contra mim? Papai, o amante da Ismália? Quem?

Estava tudo bem, concluiu, parado no toldo duma coxilha, sentindo no rosto a fresca brisa da manhã. Dentro de poucos dias voltaria para a cidade e Ondina seria uma apagada lembrança do passado. Se ela aparecesse grávida… Bom, mas não era quase uma tradição no Angico não terem os filhos das Carés pais certos? Ora, o conde Tolstói é o conde Tolstói e eu sou eu. Romance é uma coisa, vida é outra muito diferente. E, meu caro dr. Rodrigo, há momentos em que precisamos ter a coragem de ser cruéis e empedernidos, em benefício dum bem maior. O essencial, meu amigo, é não reincidir no erro. Faz de conta que a Ondina morreu, sumiu-se, nunca existiu.

Prometo a mim mesmo que não me meterei mais com essa rapariga nem que ela me venha suplicar de joelhos.

Voltou para casa, assobiando.

Almoçou com grande apetite e, quando Ondina entrava com os pratos, nem sequer olhava para ela. Falou-se à mesa nas eleições que se aproximavam. Licurgo achava que podiam lançar o primeiro número do jornal em meados de fevereiro.

— Não fica perto demais das eleições? - perguntou Rodrigo. O pai, que ia levar a boca o garfo com um naco de churrasco passado na farinha, deteve-se e respondeu com uma pergunta: - Mas o senhor então está convencido mesmo que com o seu jornal pode mudar a situação?

— Como!? - exclamou Rodrigo, subitamente agastado.

— Fazer que toda essa gente de Santa Fé que vai votar no marechal mude de opinião e vote no dr. Rui?

— Claro que estou. Se não estivesse, o jornal nasceria morto.

— Não se iluda, meu filho. Nenhum jornal tem essa força.

— Isso é pessimismo, papai.

— Não sou pessimista. É que sei ver as coisas como elas são. Mas faça o seu jornal, vale a pena, precisamos ter um órgão da oposição em Santa Fé.

Rodrigo fizera uma bolinha com miolo de pão e agora brincava com ela, de olhos baixos, pensativo.

— Retire os pratos! - gritou Maria Valéria para uma das chinocas que serviam a mesa.

— Quanto o senhor acha que precisamos gastar com o jornal?

— Não sei, papai - respondeu Rodrigo, sem erguer os olhos. Estava descoroçoado. O pessimismo do pai deixara-o gelado.

— A primeira coisa que temos de fazer é comprar uma tipografia.

Dizem que o Mendanha quer vender a dele. Precisamos também de papel, de um ou dois tipógrafos…

Ficaram a fazer planos, a esmiuçar detalhes, e com isso Rodrigo aos poucos se foi reanimando. Quando veio a sobremesa, estava de novo entusiasmado: - Pode ser que A Farpa não dê nenhum voto para o dr. Rui Barbosa, mas uma coisa lhe garanto: vai fazer época, e o lombo do Trindade vai arder.

Licurgo sorriu, partiu um marmelo cozido e deitou os pedaços no prato de leite.

— Vocês vão mas é botar dinheiro fora - disse Maria Valéria. E em seguida, como quem lava as mãos: - Enfim, não é da minha conta e o dinheiro não é meu…

Toríbio ergueu os olhos do prato de leite: - Dinheiro foi feito pra isso mesmo, titia.

— Não concordo com o senhor - interveio Licurgo, limpando os lábios na fímbria da toalha. — Não se deve botar dinheiro fora. Mas considero bem empregado o que se gastar com um jornal pra atacar aquela corja.

Rodrigo lançou para o pai um cálido olhar de agradecimento.

À hora da sesta, deitou-se e ficou a fumar. Fazia muito caloi e as moscas o importunavam. Quedou-se numa modorra pesada, a ouvir os ruídos de fora - um cachorro latindo longe, o rechinar duma carreta - e houve um momento em que acompanhou com o olhar os movimentos duma lagartixa na parede caiada.

Pela porta aberta enxergava o corredor sombrio. Por que deixara a porta aberta, contra seu hábito?

Para entrar a aragem… Mentes, velhaco! Deixaste a porta aberta na esperança de que a Ondina passe no corredor, 255 olhe para dentro e… Mentes, velhaco! Para mim Ondina morreu. Daqui por diante tudo vai mudar. Mentes, velhaco!

Fechou os olhos mas, ouvindo estalar o soalho, abriu-os imediatamente, focou-os no vão da porta e ficou à espera… O silêncio entretanto, continuava.

Dorme, homem, dorme e esquece. Revolveu-se e acabou ficando numa posição de onde podia ver quem passasse no corredor. O melhor era fechar a porta e tudo ficaria resolvido. Ergueu-se em pensamento, bateu com a porta, voltou para a cama. Na realidade, porém, continuou de olhos abertos, com o desejo a pôr-lhe um calor latejante no corpo.

Acendeu outro cigarro, pôs-se a olhar a fumaça que subia para o teto. O melhor mesmo é ir embora pra cidade o quanto antes… Está na hora da luta. Não posso perder mais tempo no Angico. Nem ficar fazendo estas bobagens…

Ali estava a solução. Ir embora… Jogou longe o cigarro, fechou os olhos e procurou dormir. Ouviu passos leves no corredor. Ou seria ilusão? Ondina passou pela frente da porta, devagarinho, lançou para dentro do quarto um olhar furtivo e desapareceu. Pouco depois tornou a passar. Rodrigo fez psiu! A rapariga parou, voltou a cabeça para todos os lados, hesitou por um instante e por fim entrou.

— Fecha a porta - sussurrou ele.

Nos dias que se seguiram, muitas vezes teve a chinoca à hora da sesta.

Uma tarde saía pela porta dos fundos para ir ao encontro dela, atrás do bambual, quando Laurinda, que estava no pomar, pondo tripas a secar, lhe disse: - Então já vai fazer safadeza com a Ondina? Rodrigo estacou, num sobressalto: - Que bobagem é essa! - reagiu ele, com uma indignação que estava longe de ser fingida.- Que é que tu pensas que eu sou?

— Um safado igual aos outros.

A princípio Rodrigo quis continuar negando, depois achou melhor mudar de tática.

— Que é que tu queres? Se sou safado a culpa é tua. Te lembras das patifarias do Malasarte que tu nos contavas?

A mulata desatou a rir, e suas bochechas lustrosas tremeram. Rodrigo olhou em tormo para ver se alguém os escutava. E, depois de certificar-se que não havia ninguém nas proximidades, acercou-se da cozinheira.

— Se não contares nada pra ninguém, te dou um presente bonito.

— Contar pra quê? Que é que ganho com isso? Sina de Caré fêmea é dormir com Cambará macho. Não quero presente nenhum, não me vendo.

E como Rodrigo a enlaçasse num abraço carinhoso, ela se desvencilhou com um repelão.

— Vá embora duma vez, não deixe a china esperar. Ela tem outros que atender.

— Hein?

— Ué… Tu não sabia que tinha sócio nesta história?

— Sócio?

— Sócio, sim senhor. O Bio é um deles.

— Mentira!

— Se encontravam no marinho da sanga. O outro é o Quincas. O Quincas era um dos peões mais jovens do Angico. Rodrigo estava de cara no chão, ferido no seu amor-próprio, desconcertado por uma aviltante sensação de logro.

— Estás falando a verdade?

— Por esta luz que me alumeia.

— Mas como é que sabes? Quem foi que te contou?

— Ninguém. Eu vi. Não sou cega e não nasci ontem. Mas por que tu está com essa cara de defunto? Será que também já pegou rabicho pela Carezinha?

— Rabicho coisa nenhuma! E que nessas coisas não admito sociedade.

Deu um pontapé num pêssego que jazia no chão, e voltou para dentro de casa, pisando duro. Agora sim, Ondina estava morta. A bruaquinha!

Enganando-o com o Bio e com um peão! Tudo 257 aquilo era sujo, indecente, ridículo, principalmente ridículo. Bem feito, para não seres bobo. Andavas com escrúpulos, perdeste uma noite de sono, meteste até o conde Tolstói no assunto e no entanto a chinoca te engana!

Com um sentimento de frustração fechou-se no quarto, abriu um livro e tentou ler. Não conseguiu. Começou a fazer planos, a compor mentalmente o primeiro artigo de fundo contra o Trindade e sua camarilha. Por um instante concentrou toda a sua raiva no intendente de Santa Fé.

A hora do banho, desceu para a sanga ao lado de Bio, calado e carrancudo.

Depois de se despirem, sentaram-se à beira do poço. Rodrigo olhou para o irmão.

— Traidor! Sei de tudo. O outro desatou a rir.

— Quem foi que te contou?

— A Laurinda.

— Pois ela me pegou no sufragante.

— Podias ao menos ter me contado…

Bio deu uma sonora palmada nas costas do irmão.

— É bom aprenderes a não confiar muito em mulheres. São todas iguais. Rodrigo olhava para a água, pensando en Flora.

— Não, Bio há mulheres decentes. Nós é que somos uns porcos.

Era-lhe agradável assumir aquela atitude de auto-recriminação.

— Não digas asneiras. Vamos cair na água.

— Escuta, a Ondina te disse alguma coisa a meu respeito?

— Não. O bom é que ela nunca fala.

— E tu sabes que o Quincas também anda com ela?

— Só o Quincas? O Antero também.

— O negro Antero!

— O negro Antero. É pra aprenderes, rapaz. E tu pensavas que eras o único, o queridinho, o preferido!

Para disfarçar seu embaraço, Rodrigo começou a assobiar. Depois soltou um fundo suspiro e refletiu filosoficamente: “Pelo 258 menos agora estou livre de todo o remorso, isento de qualquer responsabilidade”.

Um próprio vindo da cidade trouxe um pacote de jornais, que Rodrigo abriu sofregamente. Destruiu sem ler os números de A Voz da Serra - que outra coisa não eram senão o eco desagradável da voz servil do rábula Amintas, a cantar loas ao Trindade, ao marechal Hermes e ao “glorioso Partido Republicano”

— e deitouse na rede, deliciado, com um maço de exemplares do Correio do Povo. Leu-os metodicamente, começando pelo número mais atrasado, que era o de 5 de janeiro, e concentrou-se nas notícias políticas. A campanha presidencial prosseguia. Os telegramas do Rio transcreviam a plataforma do candidato civilista e resumiam uma verrina do Correio da Manhã contra o marechal.

E naquele mesmo dia, quando se achavam todos reunidos ainda ao redor da mesa do jantar, depois de retirados os pratos, Rodrigo foi buscar os jornais a fim de ler para a tia, o pai, o irmão e Fandango as principais notícias que tivera o cuidado de assinalar.

— Vou começar por uma que não é de política mas que me pareceu fascinante. Prestem bem atenção.

A luz do lampião caía sobre a página rósea do jornal estendido sobre a mesa. Sentada muito tesa, Maria Valéria remexia num cesto de costura. Licurgo foi sentar-se na cadeira de balanço, tendo preso nos lábios o grosso cigarro de palha e, a um canto da boca, um palito. O velho Fandango alisava uma palha com a lâmina da faca, e Bio, que nunca fumava na frente do pai, jiboiava sonolento em sua cadeira.

— O artigo intitula-se "Aeroplanos contra dirigíveis" - disse Rodrigo. Leu com voz pausada e clara: - Desde que a navegação aérea entrou numa fase mais positiva, e foi assim realizando rápidos progressos, pensou-se logo no proveito que a arte da guerra poderia tirar dela. Todas as opiniões foram logo partidárias do dirigível, principalmente pela maior capacidade de transporte que ele apresenta.

Mas 259 agora, depois das performances da semana histórica de Rcims e da grande proeza de Blériot. transpondo a Mancha… - Ergueu os olhos e esclareceu: - A Mancha é o canal que separa a Inglaterra do continente europeu. Deve ter mais de quatro léguas de largura…

— A Ia fresca! - exclamou Fandango. — E esse sujeito atravessou

essas quatro léguas avoando?

Rodrigo sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Não acredito - declarou o velho.

— Mas está aqui no jornal.

— É invenção. Rodrigo prosseguiu:….parece que não são os dirigíveis, mas sim os aeroplanos os que se consideram mais utilizáveis na guerra.

Us aeroplanos na guerra? Fandango estava escandalizado.

— É uma indecência, uma traição - disse ele. — Homem deve brigar contra homem, de frente.

Licurgo sacudia a cabeça, concordando.

— Indecência por indecência - opinou Maria Valéria, que cerzia um pé de meia - a guerra não é lá pra que se diga.

— Mas guerras sempre houve - disse Toríbio. — Guerra é divertimento de homem.

— Pra mim é uma barbaridade - retrucou ela, ajeitando os óculos no nariz.

— Ah! - exclamou Rodrigo. — Temos aqui uma notícia especial. Prestem atenção: Em Saint-Cyr o aeronauta Santos Dumont caiu duma altura de vinte e cinco metros, recebendo escoriações nas pernas e na cabeça.

— Bem feito! - resmungou Fandango. — E pra ele não se meter a avoar como passarinho. Esses estrangeiros são mui sotretas.

— Santos Dumont não é estrangeiro, Fandango. É o nosso patrício que inventou o aeroplano.

— Podia empregar su tiempo inventando una cosa mejor. Por exemplo, uma porteira que se gritasse na frente dela e a bicha se abrisse sem ser preciso a gente descer a hacer fuerza.

Licurgo sorriu. Maria Valéria meneou a cabeça.

— Quanto mais coisas inventam, mais difícil se torna a vida. E bem como dizia a finada Bibiana…

Toríbio levantou-se, saiu da sala e foi para a frente da casa fazer um cigarro. Rodrigo esfregou as mãos numa antecipação: - Agora vamos às notícias da política. Preparem-se para ouvir boas. Papai, temos aqui um comentário da plataforma que o nosso candidato leu no dia 16 deste mês, no Rio. Escutem: Sua profissão de fé foi um rebate de perigo à volta do terror militar que originou a Convenção de Agosto, a qual desprezou tudo, estabelecendo como seu objeto exclusivo um movimento de reação contra o militarismo renascente, sendo o programa da atualidade a consolidação da ordem civil.

Licurgo escutava, de testa franzida. Fandango aproximara-se mais de Rodrigo, a boca entreaberta, a mão posta em concha atrás da orelha.

— Preconiza a necessidade da reforma da Constituição. Declara-se

infenso ao intervencionismo do presidente da República rios Estados.

— Muito bem! - exclamou Licurgo.

— Propõe o melhoramento do ensino secundário, a remodelação " do ensino jurídico, etc… e tal… esta parte não interessa muito… agora deixem ver onde está um trecho de escachar… ta-ta-ta - combate a publicidade do voto a descoberto, que representa a intimidação e o suborno… não é isso… ah! aqui está.

Aproximou mais a cadeira da mesa.

— Referindo-se ao Exército e à Armada, lembra os serviços que lhe prestou, em 95 e 98…

— Eu me lembro muito bem - resmungou Licurgo.

— Entretanto, a sua estima por elas não é um vil sentimento de ambiciosos cortesãos e sicofantas da força. Acrescenta que essa estima é um sentimento veraz e livre de patriota, e que está na mesma proporção do horror que lhe inspira o militarismo.

— Muito bem! - exclamou Licurgo. Teve um acesso de tosse que durou por alguns segundos. Maria Valéria murmurou para o sobrinho: - Enquanto ele não deixar de fumar, não sara dessa tosse.

Quando viu o pai de novo calmo, a acender o cigarro que se apagara, Rodrigo prosseguiu: - Diz ver na candidatura militar banidas a organização, a disciplina, a legalidade. — Nesse pomo Rodrigo não estava mais a ler um comentário de jornal para membros de sua família, mas sim no alto duma tribuna, a falar às massas. — Diz que sua plataforma é o grito duma consciência, a síntese duma carreira, o eco da vida e o perfil dum homem que apela para as forças populares e para os elementos nacionais da opinião, ao passo que o dr, Nilo Peçanha traz a seu lado a reação oficial que apoia um sinistro cortejo de violências odiosas, que compra consciências pela derrubada administrativa, pela insolência policial, que intimida a imprensa, que derrama sangue em Barbacena, que ameaça com mazorcas, com carrancas de estado de sítio, com bravatas de vitória da candidatura marechalícia, seja como for, aconteça o que aconteça, custe o que custar.

Rodrigo deu uma forte palmada na mesa. O lampião oscilou.

— Que é isso, menino' - censurou-o Maria Valéria.

— Dinda, este é o nosso homem, o nosso candidato. Se o Brasil não eleger Rui Barbosa a 1 de março, então tudo estará perdido, o país cairá nas mãos dos militares e a República de Castilhos será transformada numa ditadura nefasta.

Licurgo sacudia a cabeça afirmativamente.

— Xó égua! - disse Fandango. — Quem proclamou a República não foi um milico?

— Agora vejam esta beleza - continuou Rodrigo. — Rio 16. O

Correio da Manhã publicou hoje um violento artigo editorial de ataque ao marechal Hermes da Fonseca.

Diz esse jornal que a candidatura do marechal tem o aspecto criminoso e repulsivo de um conluio entre uma parte do Exército e os politiqueiros mais torpes e ladrões do país, a começar pelo senador Silvéno Nery. Acrescenta o Correio da Manhã que na consciência entorpecida do marechal Hermes não há se quer um movimento de revolta contra o ultraje que lhe atiram os monarquistas, os quais aderem à sua candidatura pela certeza em que estão de que ele trairá a República.

— Apoiado! - exclamou licurgo. — É o que eu vivo dizendo: os monarquistas vão aproveitar a ocasião pra puxar brasa pra 262 sua sardinha. Ah! Se o dr. Júlio de Castilhos estivesse vivo, a coisa mudava de figura.

— Diz ainda a mesma folha que é tal a impopularidade do marechal Hermes, que ele não é capaz de passar pela Avenida Central e pela Rua do Ouvidor depois das cinco da tarde com medo de ser vaiado.

Rodrigo ergueu-se tão bruscamente, que a cadeira tombou para trás.

— Papai, não sei que é que estou fazendo aqui parado no Angico comendo e dormindo sesta larga. Tenho a impressão de que desertei dum posto de combate. Pior que isso: nem cheguei a assumir esse posto. Quero que o senhor me dê licença pra voltar pra cidade o quanto antes.

Licurgo mirou-o por alguns instantes, através da espessa fumaça do cigarro.

— O senhor tem a minha licença. Pode ir quando achar conveniente.

— Vou amanhã.

— Ué! Pra que tanta pressa? - estranhou Maria Valéria. Fandango soltou a sua risadinha rouca: - Ele vai salvar a República.

IX Rodrigo voltou para a cidade nos primeiros dias de fevereiro. Maria Valéria acompanhou-o, alegando que “se eu não vou junto, esse menino é capaz de prender fogo no Sobrado”.

Levou consigo Laurinda e um bom sortimento de linguiça, charque e queijo.

Rodrigo teve a alegria de encontrar no porão da casa seus quatro caixões. Mandou trazê-los para o escritório e chamou o Chiru.

— Me ajuda a desencaixotar as coisas.

O amigo arregaçou as mangas, tirou os sapatos e as meias. Rodrigo apontou para o caixão maior.

— Que é que tem dentro?

— Livros.

Chiru atirou-se ao trabalho de machadimha em punho, e bufando, gemendo, imprecando, rompeu as tábuas do caixão, tirou os jornais velhos que o forravam e depois, passando a manga da camisa pela testa suada, voltou-se para o amigo.

— E agora?

— Por onde começamos?

— Por aquele ali.

— Agora vamos tirar os livros de dentro.

— Pra botar naquelas prateleiras?

Fez com a cabeça um sinal na direção do armário vazio.

— Adivinhaste. Que talento, Chiru, que génio! Mas vai abrindo os outros caixões, enquanto eu tiro os livros deste…

— A mim me toca a parte mais dura.

— Quem te mandou ser um Hércules? Trabalha que no fim terás a tua recompensa. Sou generoso.

Pôs-se a tirar os livros do caixão. Pegava-os com um cuidado carinhoso, como se fossem joias delicadas e raras ou crianças recém-nascidas. Ali estavam as obras completas de Balzac, em edições de 1860. Rodrigo folheava-as, passava os dedos pelo papel amarelento e roído de traça, cheirava as páginas, acariciava os dorsos dos volumes e a seguir depunha-os no chão, pensando: "É melhor primeiro tirar todos os livros dos caixões pra depois arrumá-los no armário".

Apanhou uma edição da Divina comédia com ilustrações de Doré.

— Vem cá ver que maravilha, Chiru. — O outro aproximouse com a machadinha na mão. — Olha só estas gravuras. Não achas um colosso?

São do grande Doré.

O outro lançou para o livro um olhar rápido e indiferente, por cima do ombro do amigo, e voltou para o trabalho, com a camisa já empapada de suor.

Rodrigo pôs Dante no soalho ao lado de Balzac e continuou a esvaziar o caixão, de onde tirou as obras completas de Victor Hugo, três romances de D'Annunzio em italiano, uma tradução espanhola da obra de Carlyle sobre a Revolução Francesa…

— Ah! O meu inefável narigudo! - exclamou, ao manusear um exemplar da edição prhiceps de Cyrano de Bergerac. Leu um trecho ao acaso, esmerando-se na pronúncia.

— Que tal, Chiru?

— Não entendo!

— Ah, o francês! Isto que é língua, menino. Tem tudo: graça, precisão, riqueza, música, dignidade…

Tirou do caixão a Histoire dês girondhis, de Lamartine, A velhice do Padre Eterno, de Guerra Junqueira, alguns volumes de Nietzsche e Taine, Lê rouge et lê noir, de Stendhal, o Paraíso perdido, de Milton -

ai, que grande cacete! - três romances de Eça de Queirós, a coleção completa de As farpas…

— Meu querido Eça, meu bom Ramalho, fizeram boa viagem? Esperem um pouco, tenham paciência. Deixem-me pôr em ordem 265 esta livraria, montar o consultório, começar o jornal. Teremos depois muitos vagares para conversar. Ah! Schopenhauer! Não tens razão, mon vieitx, a mulher é a obra-prima da Criação. Boa tarde, Herr Goethe! Talvez seja esta a primeira vez que teu Fausto, tua Margarida e o teu sutil satanás respiram o ar de Santa Fé. E tu, Heine? Não, tu já andaste por aqui. Encontrei na água-furtada um velho volume que pertenceu ao dr. Winter…

— Abri mais um - gritou Chiru, tirando a camisa.

Mesmo sem ter terminado de esvaziar o primeiro caixão, Rodrigo correu para o segundo, pois avistara nele as alegres capas dos livros a que chamava "minha brigada ligeira". Eram romances galantes de boulevard, histórias fesceninas do Quartier Latin… Lá estavam as novelas de Willy: La móme Picrate, Mattresse d'esthhes, Un petit vieux bien propre; a Éducaiion de prínce, de Mau r ice Donnay e Leur beau physiqite, de Henri Lavedan.

— Agora vamos abrir o caixão maior. É lá que está o gramofone.

— O gramofone? Vamos a ele!

— Devagar, seu bruto, senão quebras o aparelho. Olha que as chapas também estão aí dentro.

Chiru moderou o ímpeto. Aberto o caixão, Rodrigo afastou o amigo.

— Isto requer mão civilizada e olho de conhecedor. Trouxe para fora, primeiro a grande campànula esmaltada, azul e creme. Depois, com o auxílio do amigo, retirou o corpo do gramofone e colocou-o em cima da mesa. Foi tirando dentre a palha, com muito cuidado, as caixas de papelão que continham os discos. Abriu a primeira.

— Isto é uma preciosidade, Chiru. As melhores chapas dos mais famosos cantores do mundo.

Começou a examinar os discos, tirando-os de seus envelopes de papel pardo.

As árias de Caruso! Chiru aproximou-se e olhou. Na parte superior do rótulo vermelho via-se a marca registrada do produto: um fox-terrier branco diante da campànula dum fonógrafo, a escutar; por baixo, estas palavras: His Master's Voicc…

— Vesti Ia giubba. É formidável, Chiru, e o Caruso canta isto como ninguém. Ali! O sonho de Manon… O Racconto di Rodolfo… A grande ária de Aída… O Gelo e mar az Gioconda… O M'appari, da Marta. — À medida que lia os títulos, Rodrigo trauteava a melodia correspondente. De súbito franziu o cenho. Um disco rachado!

Leu o rótulo: Di qnella pira, por Enrico Caruso.

— Cachorros! - exclamou, indignado. — Cornos duma figa, filhos duma grandessíssima… - Soltou o palavrão com raiva. — Então esses animais não veem o que está escrito no caixão. Frágil! Frágil! - Apontava para o letreiro. — Mas não sabem ler. São analfabetos, irresponsáveis. Este país está perdido. Canalha! Logo este disco, a ária do tenor, Madre hifelice, corro a salvarti, É quando Mannco descobre que a cigana que está sendo queimada viva é mãe dele…

No fim tem um agudo espetacular como só o Caruso sabe dar. Não, seu Chiru, essa gente só a bala, só a bala…

Andava dum lado para outro, furioso, com o disco rachado na mão.

— Logo o Di quella pira! Vou escrever um artigo n A Farpa arrasar com a Compagnie Auxiliaire.

Sua fúria redobrou quando viu o que estava gravado na outra face do disco: - O Miserere! Logo o Miserere. Miseráveis! Cretinos! O Brasil não tem mais compostura. Só o marechal Hermes. É o que este país merece.

Sentou-se ofegante. Chiru voltara-lhe as costas e terminava de abrir o terceiro caixão.

— Que é isso? - perguntou, depois de arrancar a tampa.

— Conservas, animal, não estás vendo?

— Pra quê?

— Pra que haviam de ser? Pra comer, homem. Vai tirando isso pra fora.

Chiru obedeceu. Começou por uma dúzia de pequenas latas ovais, com o letreiro escrito em língua estrangeira: - Que droga é esta?

— Caviar. Papa mui fina, come-se com pão. Regado com champanha fica uma delícia.

Chiru retirou do caixão e amontoou no soalho dúzias de latas de salsichas de Viena, de atum, de sardinhas portuguesas, de patê de foie gras, de maquereau, de azeitonas espanholas; caixas de passas de uva de Málaga, e de frutas cristalizadas; potes de mostarda, vidros de pickles e de molho inglês.

— Mas isto deve ter custado uma fortuna…

— Dinheiro foi feito para se gastar.

Chiru olhou para o amigo, coçou a cabelama loura que lhe cobria o peito, e disse: - Nasceste empelicado. Tens pai alcaide que vai te dar uma farmácia, montar um consultório, custear um jornal e ainda por cima te deixa fazer estas extravagâncias…

Escuta aqui, quanto vai custar toda essa brincadeira?

— Sem contar o que temos de pagar pela farmácia, o velho me deu vinte contos pró resto. É pra começar a vida. Posso gastar como bem entender.

Chiru passou a mão pela cabeleira.

— Com esse dinheiio eu estava feito.

— Que farias com ele?

— Eu? Não trabalhava mais.

— Mas nunca trabalhaste na tua vida, homem de Deus? Chiru sentou-se nas bordas do caixão e começou a mexer os dedos dos pés. — Por falar em dinheiro, Rodrigo, estou com um plano supimpa. Nunca ouviste falar no tesouro dos jesuítas?

— Claro que ouvi, mas acho que é pura fantasia.

— Fantasia qual nada! Conheci um índio velho que me deu o roteiro do tesouro. Está num subterrâneo debaixo da igreja de São Miguel.

— Não mintas, Chiru.

— Por Deus Nosso Senhor!

— Está bem. Mas me passa aquela caixa de chapas. Chiru fez o que o amigo lhe pedia.

— Vou arranjar um vaqueano de confiança, compro umas pás e picaretas, e me toco pra São Miguel.

— Quando?

— Logo que achar um sócio que entre com o capital.

— Estás falando sério?

— Natural. Esse é o grande sonho da minha vida.

— De quanto precisas?

— Duns duzentos mil-réis…

— Podes contar com o dinheiro.

— Palavra?

— Palavra. Mas vamos continuar o trabalho. Chiru estava radiante.

— Tens cinquenta por cento nos lucros da expedição.

— O que quer dizer que não tenho nada. Cinquenta por cento de zero é zero mesmo.

— Se não acreditas, por que vais entrar com o dinheiro?

— Pra te livrar dessa mania. Quero que te convenças de que não existe tesouro nenhum, voltes pra casa e sossegues o pito.

Chiru nada disse. Continuou a empilhar no chão as latas de conservas.

Rodrigo sorria, olhando os títulos dos discos. Tetrazzini no Vissi d'arte e uma ária de Uafncana… Titã Rufo no Rigoletto… Tamagno - que voz cavalar! - no Otelo…

A ouverture AO Egmont, de Beethoven. Ali! Uma musiquinha leve: Loin du bal.

— Vamos experimentar o gramofone! Deixa isso aí, Chiru. Senta e fica quieto.

Atarraxou a campânula na caixa do gramofone, ajustou uma

agulha no diafragma, deu manivela, colocou uma chapa sobre o prato e pô-lo a girar. Depois fez a agulha descer para as bordas do disco e empurrou de leve o diafragma…

Ouviu-se um chiado forte, seguido dum acorde orquestral. A voz de Caruso encheu a sala: Recitar, mentre preso dal delírio Rodrigo sentiu um calafrio. Sentou-se e cerrou os olhos, murmurando: - Garganta de ouro! Chiru falou: - Mas como será que essa droga…

— Cala a boca, burro!

A gargalhada do tenor jorrou da campânula, vibrante.

Tu sei pagliaccio!

Rodrigo sentia-se no paraíso.

Quando a ária do Canio terminou, tocou La donna é mobile. E explicou: - Quem canta é o duque de Mântua, um estróina que tem muitas amantes. Está dizendo que *La donna é mobile qual pluma al vento*, a mulher é leviana como uma pluma ao vento. O safado! Na ópera ele acaba mandando raptar a filha do bobo da corte, do Rigoletto. Ah!

Chiru! Não há nada como uma boa noitada de ópera!

Quando o duque de Mântua soltou o agudo final, Chiru perguntou: - Aquele negócio dos duzentos mil-réis é sério mesmo?

— Acaso serei homem de duas palavras? Chiru esfregou as mãos, animado: - E agora? Vamos abrir o último caixão?

— Não. Ali estão os meus livros de medicina e os meus ferros. Vou deixar pra mais tarde, quando o consultório estiver montado. Agora te convido pra tomar uma cervejmha no Schmrzler.

— Vamos embora!

Chiru enfiou as meias, os sapatos e a camisa. Rodrigo vestiu o casaco e apanhou o chapéu. Saíram.

Maria Valéria apareceu à porta do escritório, olhou para os livros e latas amontoados no chão e resmungou: - Eu bem sabia que esse negócio ia estourar nas minhas costas. A tardinha, após o banho, Rodrigo vestiu uma roupa de linho branco, e ficou muito tempo diante do espelho, a dar 270 cuidadosamente o nó na gravata preta com ferraduras vermelhas e brancas.

Depois entrou no carro que o esperava de tolda arriada à frente do Sobrado e disse ao boleeiro: - Vamos dar um passeio pela cidade. Passe primeiro pela Intendência.

Mas, devagarinho, Bento, pra canalha ver que não fugimos.

O boleeiro pôs o carro em movimento. Passaram em cadência de enterro pela frente do edifício municipal, a cuja porta se achava um guarda, no seu uniforme de zuarte, a aba do quepe puxada sombriamente sobre os olhos, as mãos pousadas no copo do espadão. Rodrigo encarou-o com uma hrmeza provocadora, e Bento fez o mesmo. Naquele momento o tesoureiro do município botou a cabeça

para fora de sua janela e Rodrigo dirigiu-lhe um olhar hostil, exclamando: “Capacho!” O homem sorriu amarelo.

O carro entrou na rua do Comércio. Os cavalos marchavam faceiros, e seus cascos produziam um alegre clop-clop nas pedras do calçamento.

Amintas Camacho estava parado a uma esquina. Ao avistar Rodrigo, ficou todo perturbado, sem saber onde pôr as mãos. Acabou levando uma delas à aba do chapéu e terminou soltando um boa-tarde automático. Rodrigo fez uma careta de nojo e virou-lhe a cara. Se esse molusco tivesse um pingo de vergonha, não me cumprimentaria mais.

Em breve, porém, esqueceu o Amintas e pôs-se a pensar em Flora. O principal objetivo daquele giro era passar pela casa dela.

— Mais devagar, Bento - recomendou, quando o carro estava a uma dezena de metros da residência de Aderbal Quadros.

Ficou decepcionado ao verificar que todas as janelas do casarão se achavam fechadas. Tirou um cigarro do bolso e acendeu-o.

— Dê uma volta à praça.

Acenou para o coronel Pedro Teixeira, que estava sentado numa cadeira à frente de sua casa, tomando chimarrão.

— Como lê vai? - gritou o estancieiro. — Como lê tratam as moças?

— Muito bem, coronel! Recomendações à família.

Ritinha Prates achava-se debruçada à sua janela. Rodrigo fez-lhe um cumprimento derramado, a que a moça respondeu com um tímido aceno de cabeça.

E justamente quando o carro tornava a passar pela frente da casa dos Quadros, Flora saía pela porta central e fazia menção de atravessar a rua. Rodrigo sentiu que as batidas de seu coração se aceleravam. Como é que meu coração pulsa normalmente quando brigo com os beleguins do Trindade e agora dispersa, medroso, só porque avista essa menina? Tirou o chapéu. Flora sorriu. Mil vezes mais bonita que a Ritinha! Que dentes! Que porte! Que distinção!…

Soergueu-se, voltou-se para trás e verificou, radiante que, parada à beira da calçada, Flora o seguia com o olhar. Ao ver, porém, que estava sendo observada, baixou a cabeça, atravessou a rua apressadamente e entrou no prédio fronteiro. Rodrigo tornou a sentar-se, feliz, assobiando uma valsa vienense. Estava ainda sorrindo quando passou pela frente da casa de Terénzio Matos. Lá estava a Gioconda, como uma pintura emoldurada pelos caixilhos da janela.

— Boa tarde! - Ela moveu a cabeça e imediatamente armou o lendário sorriso.

Bastava que eu fizesse um sinal com o dedo - refletiu ele com orgulhosa satisfação - pra essa bichinha vir correndo… A porta da barbearia, Neco Rosa ergueu os braços: - Então? Não conhece mais os

pobres?

— Para, Bento.

O boleeiro fez o carro estacar. O barbeiro aproximou-se, trepou no estribo e abraçou Rodrigo.

— Esta semana tomo conta da farmácia e monto o consultório. Estou ansioso por fazer alguma coisa.

— E o jornal, homem de Deus, quando é que sai esse jornal encantado?

— Não saiu ainda porque tenho encontrado certas dificuldades. O Mendanha nem queria nos vender a tipografia. Mas eu apertei o cachorro contra a parede, abotoei-o e disse: “Ou tu me vendes essa droga ou te quebro a cara”. Ele afrouxou.

Mas o tipógrafo não quis ficar comigo. O Trindade andou se metendo na história, disse pró rapaz: "Se você trabalhar no jornal do dr.

Rodrigo, mando lhe dar uma sumanta de espada".

— E agora?

— Preciso arranjar o quanto antes alguém que entenda de tipografia.

— E o Pepe… já falaste com ele? Parece que o castelhano entende do riscado.

— Aí está uma ideia! Se vires esse animal, manda-o ao Sobrado.

Neco acariciou as costeletas, olhou para os lados e murmurou: - Sabes da última? Me contaram que o tal de Dente Seco já chegou.

— Que Dente Seco?

— Ora, homem, já te falei nele. E um bandido famoso da Soledade. Tem dez ou onze mortes na cacunda. O Trindade mandou buscar o bicho pra assustar o eleitorado da oposição. Parece que vão correr o interior do município E a todas essas, nós não fazemos nada!

— É preciso lançar o quanto antes o jornal. Despediu-se de Neco, que saltou para o chão, gritando: - Adeus, pombinho!

Rodrigo olhou para a própria roupa. Maldita poeira de Santa Fé!

Pusera aquela roupa de linho branco, limpíssima, havia menos de meia hora e ela já estava tomando uns tons rosados… Era preciso calçar as ruas transversais e reformar o pavimento da rua do Comércio. Em suma: era urgente derrubar o Trindade!

Na manhã do dia seguinte, mandou um próprio ao Angico com um bilhete: Papai: Por aqui vai tudo sem novidade. O Freitas quer entregar a farmácia o quanto antes, e eu não sei o que fazer com relação ao dinheiro. Se o senhor pudesse vir agora resolver o assunto, eu lhe ficaria 272 273 muito grato. Un abraço do filho que muito o estima e respeita.

Rodrigo.

Saiu por volta das dez horas, entrou num depósito de móveis e adquiriu dois dos maiores burcaux que encontrou: um para seu escritório no Sobrado e o outro para o consultório: Na Livraria e Papelaria Brasil comprou um monumental tinteiro de bronze lavrado, com base de granito negro - o artigo mais caro da casa - , dois finos corta-papéis, lápis pretos e bicolores, caixas de penas de aço, prensas de mata-borrão, envelopes, vidros de tinta, blocos de papel de carta. Prefiro de linho.

Tem? Ponha três. Não! Seis.") Encomendou três centos de cartões de visita e cinquenta blocos de papel para receitas. O papeleiro estava radiante. “Pois não. doutor, com o maior prazer. Estamos aqui para servir a freguesia.”

— Ah! Quero ver cestas para papéis usados…

— Temos aqui um artigo muito chique, de madeira de lei, com desenhos a fogo.

— Está bem. Tico com duas.

Tinha a volúpia de comprar. Nunca perguntava pelos preços e achava que regatear era a maior das indignidades. Jamais contava o troco que lhe davam, e deixara entre os garçons dos cafés e restaurantes que frequentara em Porto Alegre a reputação de ser o mais generoso dos distribuidores de gorjetas.

Saiu da papelaria e entrou na Farmácia Popular, cujo proprietário, o Freitas, um homenzinho triste e calvo, era natural de Alegrete e sofria de bronquite asmática.

— Então, seu Freitas, quando é que ultimamos o negócio?

— Quanto mais cedo, melhor, doutor.

A farmácia estava situada na quadra do Sobrado, à esquina da rua do Comércio com a do Poncho Verde. Muito conveniente - refletiu Rodrigo - , fico com o consultório praticamente em casa.

— Eu disse ao seu pai que meu estoque anda aí pelos vinte contos - explicou o Freitas. — Mas precisamos dar um balanço pra ver a importância exata. O doutor vai mandar alguma pessoa pra fiscalizar o inventário ou vem pessoalmente?

Num assomo de entusiasmo, Rodrigo respondeu: - Venho pessoalmente.

— Quando é que podemos começar?

— Amanhã mesmo. Quero resolver logo este assunto pra iniciar a clínica.

— Está bem. Podemos começar às sete da manhã… ou é muito cedo?

— Cedo coisa nenhuma! Sou um grande madrugador.

No dia seguinte, porém, só acordou às oito e, depois de tomar descansadamente seu café, chegou à farmácia às nove.

— Tive um contratempo - inventou, antes mesmo de dar os bons-

dias ao farmacêutico. — Das sete às oito e meia atendi um próprio que veio do Angico.

O Freitas puxava melancolicamente os suspensórios, de boca entreaberta, respirando com dificuldade.

— Eu vou dizendo o nome dos remédios - propôs - , a quantidade em estoque, o preço e o doutor vai tomando nota. Está bem?

— Perfeitamente.

Rodrigo tirou o casaco, sentou-se a uma pequena mesa, sobre a qual havia um caderno de papel almaço pautado, tinta, caneta e mata-borrão.

— Pode ir cantando! - exclamou, jovial.

Freitas subiu penosamente a escada e tirou da prateleira um frasco de remédio, aproximando-o dos olhos.

— Quatro vidros de Emulsão de Scott.

Disse o preço da unidade. Rodrigo tomou nota e em seguida fez a multiplicação.

— Adiante!

— Dois de Salsaparnlha.

Rodrigo assobiava, baixinho, namorando a própria caligrafia.

— Cinco vidros de Maravilha Curativa do Dr. Humphreys. Para que dizer que é do dr. Humphreys? - refletiu Rodrigo.

Não escreveu nem o nome do remédio por extenso. Pôs apenas Marav.

Curat. Estamos às portas das eleições e eu aqui, como um simples caixeiro, a tomar nota de nomes e preços de drogas. Não é mesmo um despautério? Por que me meti nisto?

— Desculpe, seu Freitas. Que foi que o senhor disse?

— Três vidros de Bálsamo Alemão.

— Ah!

Rodrigo trabalhou durante quarenta minutos. Tinha começado com letra caprichosa, mas agora já escrevia em garranchos que nem ele mesmo conseguia entender. Passou o indicador entre o colarinho e o pescoço.

— Está quente, não?

— Regular - respondeu o farmacêutico. — Dois vidros de Elixir de Nogueira.

Rodrigo ergueu-se. Consultou o relógio, gritou pelo auxiliar da farmácia, o Ludovico, um menino de doze anos, feio e retaco, de rosto comprido, a lembrar o focinho dum bicho que Rodrigo não conseguiu identificar.

— Menino, vá me comprar uma cerveja bem fresquinha ali no Schnitzler.

Ligeiro!

Deu dinheiro ao guri, que saiu a correr, voltando pouco depois

com a garrafa.

— Toma um pouco, seu Freitas?

— Não, obrigado. Tenho o fígado meio bichado. Rodrigo despejou a cerveja no copo graduado que o rapaz trouxera do laboratório, e bebeu-a dum sorvo só. Tornou a encher o copo e a esvaziá-lo com a mesma sofreguidão.

— Podemos continuar? - perguntou o farmacêutico, puxando os tirantes do suspensório.

O calor aumentava. Rodrigo estava irritado. Bocejou, olhando novamente para o relógio: - Não. Vamos deixar pra depois. Tenho agora um compromisso. Até logo.

Mandou chamar o Chiru ao Sobrado.

— Queres ganhar uns trinta mil-réis na moleza?

— Como?

— Ajudando o Freitas a dar balanço na farmácia. Vais como meu representante.

— Quanto tempo leva esse negócio?

— Um dia no máximo.

— Aceito.

— Podes então começar hoje de tarde.

Dois dias depois, Licurgo voltou do Angico para efetivar a transação. O inventário acusava uma existência de pouco mais de dezoito contos. Licurgo passou o dinheiro para as mãos do farmacêutico. Naquele mesmo dia chamou Rodrigo ao escritório e entregou-lhe uma chave - A farmácia é sua.

Comovido, o rapaz pegou a mão do pai e beijou-a. Licurgo pigarreou, embaraçado.

— Que bobagem é essa, meu filho? E depois: - Quem é que vai tomar conta do laboratório?

— O Gabriel. É um moço muito direito e um bom prático. O Freitas diz que ele sabe aviar receitas melhor que o Zago.

Licurgo suspirou: - Pois é, parece que está tudo arrumado. Desejo que o senhor seja feliz.

Caminhou para o biirean de Rodrigo, que substituíra sua escrivaninha.

— Parece que o senhor me expulsou do escritório, não?

— Ora, papai. Esse burean é mais seu que meu. Botei todos os seus papéis na gaveta da esquerda.

— Está bem.

Licurgo olhou em tomo. Demorou o olhar por alguns segundos no armário de livros. Passou a mão pelo vistoso tinteiro.

— Se o senhor não der ponto, não é por falta de material… Tem tudo do bom e do melhor.

— E por tudo isso eu lhe estou muito grato. Farei o possível para

merecer todas essas…

Ia dizer gentilezas mas achou impróprio. Ocorreu-lhe favores e também não gostou. Calou-se. E como Licurgo também nada dissesse, quedaram-se ambos em silêncio.

Rodrigo observou que a pálpebra do olho esquerdo do pai tremia, sinal de que ele estava comovido.

x O Correio do Povo de 13 de fevereiro noticiava que o marechal Hermes da Fonseca chegara a Porto Alegre, tendo sido recebido festivamente. Um dos oradores que o saudaram, falando em nome do operariado, dissera que a espada do marechal, que tanto atemorizava os civilistas, havia de converter-se num ramo de flores, síntese da aspiração mais elevada dos povos à paz. O préstito do candidato oficial estacionara à frente do prédio da Federação, sendo Hermes da Fonseca acolhido por uma salva de palmas, enquanto, das sacadas, senhoras e senhoritas atiravam sobre ele rosas e jasmins.

Rodrigo leu a notícia com impaciente má vontade.

— Deviam mas era atirar trampa na cabeça desse farsante! Naquele dia foi procurado por don Pepe.

— Neco me ha dicho…

— Pois é, Pepe, preciso muito de ti. Alguma vez em tu perra vida trabalhaste em tipografia?

O espanhol fez um gesto largo.

— Pues claro, hombre! He sido tipógrafo en Bilbao, en un periódico anarquista clandestino.

Rodrigo deu uma palmada nas costas do amigo.

— Pois foi o céu que te enviou.

— O ei infierno.

— Não interessa. O importante é que vieste. Preciso botar o meu jornal na rua amanhã. O marechal vai passar por aqui lá pelo dia 19.

Quero que A Farpa esteja na rua quando esse palhaço chegar…

— Bueno…

— Vamos pôr mãos à obra. Eu escrevo e tu compões e imprimes. Que tal?

— Pues…

— Pago-te bem. Deixo o ordenado a teu critério. Quanro queres?

— Hombre, no soy mercenário. Traba|aré por amor a ia lucha. Y por Ia amistad.

— Feito!

Instalaram as oficinas À'A Farpa - uma caixa de tipos, uma prensa de provas e um prelo - na parte do porão que ficava por baixo da sala de visitas. A luz entrava por uma janela lateral e pelos olhos-de - boi que respiravam para a rua.

— Eis a nossa barricada! - disse Rodrigo, entregando a oficina ao espanhol. — Fica te entretendo por aí com essas bugigangas, enquanto

eu vou lá pra cima escrever o editorial.

Subiu para o escritório, arregaçou as mangas da camisa, experimentou a pena, olhou para as tiras de papel que pusera sobre o Iniretnt e começou a escrever: Surge A Farpa à luz da publicidade num dos momentos mais dramáticos da história da nacionalidade brasileira. Diremos sem eufemismos ou meias palavras que este hebdomadário se propõe, antes de mais nada, ser a livre tribuna dos oprimidos contra os opressores, da justiça contra o arbítrio, do direito contra a força, da fraternidade contra o banditismo. Isto vale dizer que A Farpa é um jornal de oposição, uma bandarilha colorida e aguçada a espicaçar constantemente os flancos do touro cruel e brutal do situacionismo!

Releu o que havia escrito, acendeu um cigarro, satisfeito consigo mesmo.

Imaginou a cara do Trindade ao ler o primeiro número 279 do jornal. Molhou a pena na tinta (ah, como um tinteiro de bronze e granito melhora o estilo!) e prosseguiu: Santa Fé, onde há tantos anos a liberdade tem sido amordaçada, o direito espezinhado e a justiça broncamente substituída pelo mandonismo, terá neste semanário político e literário uma voz corajosa, clara e candente, a clamar pelos direitos dos espoliados e pelas reivindicações dos desprotegidos da sorte. Fiel aos princípios do mais puro republicanismo, A Farpa pugnará na presente campanha presidencial pela candidatura civilista, recomendando o grande, o imenso, o imortal Rui Barbosa, o gênio da raça, ao eleitorado livre de Santa Fé, do Rio Grande e do Brasil!

Basta - disse para si mesmo. É bom que seja uma coisa curta pró castelhano compor em tipo graúdo, com cercadura. Levantou-se, foi até a janela lateral da sala de visitas, meteu a cabeça para fora e gritou: - Pepito!

Quando o outro apareceu, disse: - Escuta só.

Leu-lhe com voz vibrante o que havia escrito. Ao terminar, baixou os olhos para don Pepe, que cofiava o cavanhaque com sua longa mão ossuda de Quixote.

Que tal?

— Muy débil.

Rodrigo deu um palmada no peitoril da janela.

— Por que débil?

— Hay que poner más vitríolo en tus frases, hombre. Hay que agitar!

— Que mais queres?

— Más pasión, más sangre.

— O sangue virá depois. Toma. Compõe isso, que agora vou arrasar o Trindade num artigo especial.

Entregou as tiras a don Pepe e voltou a sentar-se à mesa. Estava

com calor e com sede. Pensou em sair, tomar uma bebida fresca no Schnitzler, ou então algo de forte que lhe desse mais fogo 280 às ideias e ao estilo. Boa sugestão… Foi até o guarda-comida da sala de jantar, apanhou uma garrafa de conhaque, encheu um cálice, bebeu-o dum sorvo, voltou para o bureau, pegou a caneta e escreveu o título do artigo. “Perfil dum tirano.” Começou com o esforço biográfico em que contava a origem duvidosa do intendente de Santa Fé. Depois enumerou seus crimes, crueldade e desmandos, terminando assim: E hoje aí está ele, o mala cara cínico, empoleirado na cadeira de intendente, como um reizinho num trono, César de paródia, Napolcão de opereta. Pensará o sátrapa que se sumiram da face da terra os homens de coragem, inteligência e dignidade'!

E quando, momentos depois, Licurgo entrou no escritório, Rodrigo leu-lhe em voz alta o que acabara de escrever. O velho escutou em silêncio e não fez nenhum comentário.

— Então, papai? Gostou?

Licurgo tirou da boca o cigarro, tornou a enrolá-lo lentamente e só depois de soltar uma longa baforada é que falou.

— Meu filho, sei que sou um homem ignorante. Posso não ter muitas luzes, mas tenho alguma experiência. Acho que o senhor se excedeu nesse artigo.

Rodrigo ergueu-se da cadeira.

— Mas numa questão como esta, papai, não pode haver meias medidas e meias palavras.

— Quem está com a boa causa não precisa ofender ninguém. O seu jornal deve ser um jornal de princípios e não de ataques pessoais.

Não provoque os outros sem necessidade.

Critique as pessoas quando elas procederem mal. Mas deixe a vida particular do indivíduo de lado…

Uma ideia passou rápida pelo espírito de Rodrigo: o velho tem medo que, em represália, A Voz da Serra mexa em sua vida privada, trazendo à luz o caso da Ismália.

— Então o senhor acha…

— Acho que deve modificar a linguagem. Não quero que digam que estamos provocando barulho. Temos o direito de escrever 281 o que pensamos e de lutar pelas nossas ideias. Mas não devemos ofender os outros. E depois, nem todos os que vão votar no marechal é porque são patifes ou covardes.

O senhor sabe disso.

— Bom, se essa é a sua opinião… - murmurou Rodrigo, com a sensação de haver recebido uma ducha fria na cabeça.

— Essa é a minha opinião. E acho que também é a sua. Pense bem.

Quando o pai se retirou, Rodrigo tomou da pena e cravou-a com raiva no pano do bureau, partindo-a. Foi até a janela, respirou com força, murmurou um par de palavrões e tornou a sentar-se. Como era possível fazer um jornal vibrante sem ataques pessoais? No entanto, sabia que o pai estava com a razão, era exatamente isso que o enfurecia.

— Laurinda! - gritou. A mulata apareceu.

— Me traga qualquer coisa pra beber. Estou com sede.

— Pensa que não tenho mais que fazer?

— Um refresco! Minha cabeça está fervendo.

Laurinda trouxe uma limonada, que Rodrigo bebeu sofregamente, com muito ruído.

— Será que este calor não vai parar?

— Não sei, menino. Não sou Deus.

— Ai que saudade do banho na sanga!

Tirou impetuosamente a camisa, jogou-a ao chão, amassou com fúria as tiras de papel em que havia traçado o perfil do tirano, e jogou-as no cesto. Colocou uma pena nova na caneta, mergulhou-a no tinteiro e ficou pensando no que ia escrever. Por fim, bocejando, contrariado e infeliz, começou: A Farpa não foi fundada para ofender quem quer que seja. Nossos objetivos são os mais elevados. De resto, como poderíamos nós censurar os que nos atacam em nossa fé política, se nós mesmos não respeitarmos 282 as convicções alheias? Este semanário pretende nanter-se no nível superior do bom jornalismo e jamais descerá ao terreno mesquinho e lamacento das retaliações pessoais.

Será, antes de mais nada, uma tribuna limpa e justa, sempre aberta aos que tiverem fone e sede de justiça.

— Laurinda, me traz outra limonada - gritou. E, como não obtivesse resposta, esqueceu-se do que pedira.

Releu o que havia escrito, franziu os lábios. Uma droga. Uma redação de colegial.

Repoltreou-se, recostou a cabeça no respaldo da cadeira e ficou olhando para o teto. O suor escorria-lhe pelo torso em grossas bagas.

Quando o espanhol voltou com a primeira prova de parte do editorial, Rodrigo leu em voz alta, mas sem o menor entusiasmo, o que acabara de escrever.

— Hombre, quê sucedió? - perguntou Pepe, num sussurro teatral. — Te hás achicado? Te hás acobardado? Cofio!

Rodrigo contou-lhe a conversa que tivera com o pai. Depois, erguendo-se brusco, agarrou as lapelas do casaco do pintor e perguntou: - Fala com sinceridade, Pepito, será que o velho tem mesmo razão?

— Pero no se trata de tener razón, hombre, sino pasión. —

Berrou: - Pasión! Hay que agitar. Sm pasión no se puede hacer nada. Se vás a escribir cositas templadas como essas, entonces para que mantener un periódico?

— Isso, Pepe, isso mesmo. Pra que fazer um jornal se a gente não pode dizer tudo que pensa, tudo que sente, hein? É preciso sacudir esta cidade adormecida e acobardada!

Sentou-se sobre a mesa e ficou olhando pensativamente para a cesta de papéis. De súbito inclinou-se sobre ela, apanhou as tiras que amarrotara, alisou-as sobre a mesa com a palma da mão e entregou-as ao amigo: - Compõe esta verrina. Vou desobedecer a meu pai mas obedecer à minha consciência. E seja o que Deus quiser. Amanhã, 283 quando o jornal estiver na rua, o papai terá que se render diante do fato consumado!

Pepe olhou longa e apaixonadamente para Rodrigo.

— Bendita sea Ia madre que te parió, hijo mio!

Fez meia-volta e saiu da sala nos seus passos leves e curtos de toureiro.

Ao descer ao porão, cerca das cinco da tarde, Rodrigo verificou decepcionado que Pepe mal havia terminado a composição do editorial do “Perfil dum tirano”.

— Só uma página pronta. o jornal tem que sair amanhã sem falta!

— Soy un ser humano, no un dínamo. No puedo hacer milagros.

Sobre uma mesinha tosca de pinho, erguiam-se numa pilha os livros que Rodrigo trouxera de sua biblioteca e nos quais marcara os trechos que deviam ser transcritos n 'A Farpa - “Pra encher linguiça, sabes, Pepito?” - Eram: uma das Canções sem metro de Raul Pompeia; um poema de Guerra Junqueira sobre a História; uma pequena fábula de Coelho Neto e versículos de Assim falava Zaratustra.

— E ainda temos mais isto - disse Rodrigo, mostrando as tiras que trazia. Era um artigo doutrinário, “O verdadeiro conceito de democracia”, e uma página humorística em que, sob o pseudónimo de Fra Diavolo, ridicularizava o Amintas e o delegado de polícia.

— Neste passo, A Farpa só pode aparecer depois d'amanhã. Que droga!

Inclinado sobre a caixa de tipos, sempre de boina na cabeça, don Pepe limitou-se a encolher os ombros.

— Ah! - exclamou Rodrigo, dando uma palmada na testa. — Espere, que já volto.

Atirou os originais em cima da mesa, saiu apressado e voltou meia hora depois, trazendo pelo braço um mulato lívido, com grandes olhos brilhantes de tuberculoso.

— Don Pepe, este moço é um tipógrafo competente. Trabalhava pró Mendanha e agora vai nos ajudar.

O espanhol mal se dignou a lançar para o recém-chegado um olhar perfunctório.

— Mas doutor… - balbuciou o tipógrafo.

— Já sei. O Trindade ameaçou você. Mas não tenha medo, que não vai lhe acontecer nada. Dou-lhe a minha palavra de honra.

— Não é por mim, doutor, mas acontece que tenho mulher e filhos…

— Já lhe disse que o Titi Trindade não vai ficar sabendo de nada.

Vamos, tire o casaco e comece logo a trabalhar. Estamos atrasados.

O homem continuou imóvel onde estava, os braços caídos. De repente frechou na direção da porta. Rodrigo, porém, barrou-lhe o caminho.

— Alto lá! Daqui você não sai vivo.

Tirou da cintura o revólver de cabo de madrepérola e apontou-o para o mulato, que estacou, os olhos esbugalhados fitos no cano da arma, os beiços trêmulos, o suor a pingar-lhe da testa.

— Hay que agitar.

Meu Deus, como é que posso fazer uma coisa destas - pensava Rodrigo, sentindo, com uma agudeza cada vez maior, o grotesco da situação.

Guardou o revólver, acercou-se do mulato e pousou-lhe fraternalmente a mão no ombro.

— Vamos, companheiro. Não precisamos brigar. Trabalhe só hoje…

Pago-lhe duzentos mil-réis, o que você não ganhava num mês com o Mendanha!

— Não é questão do dinheiro, doutor - choramingou o outro - , é que o coronel me chamou na Intendência e me disse que se eu ficasse trabalhando com o senhor, ele…

Calou-se, engasgado. Rodrigo cresceu sobre o outro.

— Estamos num país livre, onde cada qual faz o que bem entende. E você vai trabalhar por bem ou por mal.

Sorria interiormente da incoerência entre suas palavras e seus atos, achando, porém, a coisa toda mais divertida que séria. Pegou um dos livros e meteu-o nas mãos do tipógrafo. — Comece por aqui.

O mulato tirou o casaco, arregaçou as mangas, fungando e ainda trémulo, e pôs-se a trabalhar.

— Hay un espacio en blanco en Ia primera página. Rodrigo olhou por cima do ombro do espanhol e resolveu: - Ponha isto dentro dum quadrado.

Rabiscou num pedaço de papel: Dr. Rodrigo Terra Cambará. Formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Clínica Geral.

Consultório: Farmácia Popular, das 3 às 6 da tarde. Grátis aos

pobres.

Pepe leu o anúncio e fez uma careta de náusea.

— La repulsiva caridad cristiana.

O tipógrafo trabalhava em silêncio, e houve um minuto em que Rodrigo e o pintor ficaram a observar o mulato, fascinados pela rapidez com que ele compunha. Seus dedos alongados moviam-se numa dança ágil e graciosa sobre os caixotins dos tipos.

Trabalharam até o escurecer.

— Tengo hambre - disse Pepe a Rodrigo, no momento em que este acendeu a lâmpada de acetilene.

— Vocês vão comer aqui. Já mandei buscar o jantar. Quando a comida chegou, o artista pôs seu prato em cima do volume de Nietzsche e comeu ali de pé, teso e digno, ao passo que o tipógrafo, sentado num mocho, olhava com uma tristeza resignada de presidiário para seu bife.

— Não há de ser nada - murmurou Rodrigo, aproximando-se dele. — Fui obrigado a usar a violência porque se trata duma boa causa. Você então não quer que seus filhos cresçam livres e felizes numa terra de justiça e liberdade? Ou prefere que eles se criem sem espinha dorsal e passem a vida lambendo as botas do Trindade?

O mulato ergueu para ele os olhos assustados.

— Eu não me meto em política, doutor.

— Não se trata de política, homem, mas da dignidade humana.

— O que eu sei é que vou pagar caro por esta brincadeira.

— Já lhe disse que ninguém ficará sabendo que você trabalhou pra nós.

— Ora, não falta quem vá contar ao coronel… Rodrigo fez um gesto de impaciência.

Às nove da noite a composição estava pronta, as páginas armadas, as provas revisadas.

— Toca a imprimir, Pepito!

Quando o primeiro número d'A Farpa saiu do prelo, Rodrigo trouxe-o para perto da lâmpada e começou a examiná-lo avidamente.

— Está um colosso! Vai ser um sucesso!

O espanhol, que acionava o prelo com o rosto banhado em suor e os olhos incendiados, exclamou: - Ay, madrecita mia! Lãs cosas que he hecho en mi perra vida!

Tiraram-se quinhentos exemplares.

— Mandamos uns cem para os distritos - decidiu Rodrigo - , uns cinquenta para Cruz Alta, outros cinquenta para Passo Fundo e o resto distribuímos na cidade.

Mandou Bento buscar Chiru e Neco. Quando estes chegaram, alguns minutos depois, pôs-se a confabular com os amigos.

— Como é que vamos fazer a distribuição?

— O Trindade sabe que o jornal está por sair - disse Chiru - e deve andar de olho vivo. A coisa não vai ser fácil. Quem sair distribuindo A Farpa tem que ir armado e disposto a tudo.

— Naturalmente - replicou Rodrigo. — Mas tive uma ideia… Se sairmos a fazer a distribuição agora, aposto como pegamos a capangada do Titi dormindo…

— Hay que hacer eso a Ia luz meridiana - bravateou Pepe. Rodrigo, porém, já tinha seu plano formado: - Botamos os jornais no meu carro e saímos os quatro pelas ruas principais, metendo A Farpa por baixo de cada porta. — Consultou o relógio. — Faltam dez pra meia-noite.

Às doze em ponto começamos… Estás armado, Chiru?

— Claro.

— E tu, Pepe?

— Mi arma es mi personalidad, son mis convicciones.

A todas essas, o mulato continuava sentado a um canto, os ombros caídos, as mãos a escudar os olhos. Ao vê-lo, Rodrigo, que o havia esquecido por completo, exclamou: - O nosso amigo tipógrafo!

Tirou da carteira duas cédulas de cinquenta mil réis e meteu-as no bolso do outro.

— Só vai servir pra pagar o meu enterro, doutor. Sou um homem morto.

— Morto qual nada! De agora em diante você vai ficar sob a minha proteção. Não se mexa daí… Não! O melhor é ir pra cima.

Vamos!

Tomou o braço do mulato e puxou-o consigo, rumo dos fundos da casa.

Andava no ar um cheiro familiar de pão quente, que Rodrigo aspirou com delícia. Trepou na cerca que separava o Sobrado da padaria.

— Ó Chico!

O padeiro apareceu.

— Só Rodrigo, então, que é que há de novo?

— Me dá dois pães bem quentinhos.

Chico Pão afastou-se num marche-marche solícito, entrou em casa e voltou pouco depois com quatro pães embrulhados em papel pardo.

— Quanto é, Chico?

— Ora, havia de ter graça…

Rodrigo tirou do bolso um exemplar d'A Farpa e deu-o ao vizinho: - Pois te pago com o primeiro número do meu jornal. Também quentinho do forno. Vais ser o primeiro a ler o grande órgão. Boa noite!

Saltou para o chão, tornou a segurar o braço do tipógrafo e arrastou-o até a cozinha. Bateu à porta do quarto de Laurinda e

acordou-a, gritando: - Vem me fazer um café!

A mulata apareceu, estremunhada. — “Este como malcriado sem-vergonha, tirando a gente da cama a esta hora” - e caminhou às tontas para o fogão.

— Paciência, Laurinda. É pró bem da pátria e da humanidade.

Deu-lhe uma palmada cordial nas nádegas. — Vem fazer um café pró nosso amigo Gutenberg.

Sorriu, apontando para o tipógrafo.

— Meu nome é Camilo.

— Um café bem quentinho, Laurinda.

Desfez o embrulho, cortou um pão pelo meio, barrou uma das metades de manteiga e comeu-a sofregamente.

— Não deixe o Camilo sair enquanto eu não voltar. Laurinda respondeu-lhe com um bocejo.

À frente do Sobrado, Rodrigo reuniu-se aos companheiros, que já tinham subido para o carro com a pilha de jornais.

— Toca, Bento. Devagar. Vamos começar pela casa do Alvarino Amaral.

Chiru, tu vais pela direita. E tu Pepito, pela esquerda. Não gastem pólvora em chimango. O Pitombo, por exemplo, não merece receber o nosso órgão. Neco, tu ficas comigo.

A distribuição foi feita em pouco mais de meia hora, sem o menor incidente, e Rodrigo teve o cuidado de fazer que todos os figurões da terra recebessem um exemplar d'A Farpa.

Ao voltar ao Sobrado, entregou o tipógrafo aos cuidados de Chiru, Pepe e Neco: - Levem agora o nosso amigo pra casa. E vocês também podem ir.

Amanhã nos encontraremos na farmácia às oito. Está combinado?

Esfregou as mãos, radiante: - A coisa toda correu melhor do que eu esperava!

Entrou no Sobrado trauteando uma valsa. No patamar da escada, no andar superior, apareceu-lhe o vulto de Maria Valéria, com uma vela acesa na mão.

— Seu pai perguntou onde você tinha ido.

— Andamos distribuindo o jornal pela cidade, Dinda.

— Você anda mas é procurando sarna pra se coçar.

Como única resposta Rodrigo sorriu, aproximando-se da tia e beijou-lhe a testa. Depois entrou no quarto, riscou um fósforo, acendeu o lampião sobre a mesinha de cabeceira, escancarou as janelas que davam para a rua, despiu-se por completo e atirou-se na cama. Estava cansado e feliz. Entregou-se à recordação das coisas que fizera nas últimas vinte e quatro horas…

Desobedeci a meu próprio pai, lancei uma colossal provocação ao situacionismo; mexi, enfim, num ninho de marimbondos… Estamos

em minoria absoluta. Eles podem assaltar o Sobrado e massacrar seus moradores. Podem mandar seus beleguins atacar-me numa esquina à noite. E no município inteiro não haverá quem ouse protestar contra essas violências, pois quem erguer a voz será também esmagado. O próprio coronel Jairo, com todos os seus protestos de amizade, dirá que como militar tem que ficar neutro na questão…

Tudo isso, longe de deixar Rodrigo amedrontado, dava-lhe uma alegria nervosa que lhe roubava o sono, tornando-lhe difícil o ficar deitado, apesar da canseira que lhe moía o corpo. Desejava com ansiedade a vinda do novo dia, a fim de poder tomar o pulso da cidade, auscultar aquele coração débil, meio morto que, com toda a certeza, ia começar a pulsar furiosamente depois que seus habitantes lessem A Farpa. Que batesse de susto, de alegria, ou surpresa, mas que pulsasse, isso era o essencial, que mandasse, através de suas veias e artérias, um sangue vivo, quente, turbulento, capaz de desentorpecer-lhe os membros…

Rodrigo respirou fundo, passou as mãos cariciosamente pelo tórax inflado e depois pelos músculos do braço. Era bom viver, e a melhor maneira de provar a si mesmo e aos outros que estava 290 vivo era amando e lutando. Imaginou o que Flora ia sentir quando lesse A Farpa. Santo Deus! Acho que nestas últimas doze horas não pensei uma única vez na minha querida…

Veio-lhe à mente a presença do tipógrafo com tanta nitidez, que teve a impressão de sentir-lhe até o cheiro. Como foi que tive a coragem de ameaçar com o revólver aquele pobre-diabo? As coisas que a gente faz num impulso, sem pensar!

Isso prova que ainda não me conheço direito…

Apagou a luz.

faut cultiver notre jardin. Oui, M. Voltaire, mas que devo fazei se uma cobra venenosa entra no meu jardim? Segurar a jararaca candidamente, mon cher Candide, e beijar-lhe a boca? Não. Écraser l'infâme, isso sim, pau na cabeça dela. O Titi Trindade é a jararaca do meu jardim. E, no fim de contas, prezados leitores Da Farpa, é necessário que os bons sejam também fortes e tenham coragem de ser violentos e até cruéis quando essa violência e essa crueldade forem necessárias para o bem-estar da comunidade!

Ouviu o relógio grande da sala de jantar bater uma hora, uma e meia, duas… Revolvia-se na cama, irritado por não poder conciliar o sono.

Pôs-se de pé num pulo, andou um pouco às cegas pelo quarto escuro, pensando vagamente em tomar um soporífero. Depois atirou-se na cama de bruços, agarrando o travesseiro com ambas as mãos, e ficou nessa posição até adormecer.

XI Acordou às dez da manhã seguinte e, ao descer para o café,

verificou com certo alívio que o pai já havia saído.

Foi até a farmácia e encontrou o prático debruçado sobre o balcão, tomando um mate.

— Bom dia, Gabriel.

O empregado perfilou-se, meio desconcertado, sem saber o que fazer com a cuia.

— Bom dia, doutor.

Rodrigo bateu-lhe afetuosamente no ombro.

— Bom proveito. Também aceito um chimarrão.

Gabriel Luigi sorriu. Era um rapaz de vinte anos, alto e espigado, de cabelos crespos e castanhos. Tinha uma fisionomia plácida e algo de fraternalmente aliciante nos olhos cor de mel queimado. Filho de colonos italianos de Garibaldina, deixara a casa paterna aos quinze anos para tentar a vida em Santa Fé. O Freitas, tomado de simpatia pelo menino, transformara-o num excelente prático de farmácia.

Rodrigo entrou no consultório, que ainda cheirava a tinta fresca, sentou-se à mesa, segurou com ambas as mãos o corta-papel de marfim lavrado, e passeou o olhar em torno. Lá estavam, nas prateleiras do armário os tratados de medicina com suas lombadas severas. Contra a parede, sob a janela que dava para a rua, havia um divã coberto de oleado preto. A um canto branquejava a mesa de operações, com um balde de metal ao lado. Num pequeno 292 armário todo de vidro, reluziam, frios e assépticos, os instrumentos cirúrgicos.

Rodrigo olhava para todas essas coisas com uma certa perplexidade, como se não soubesse por que ou para que estavam ali. Folheou um bloco de papéis de receita que tinham seu nome no cabeçalho, e sorriu. Sim, era médico e pretendia levar a sério a profissão, cumprir à risca o voto de esculápio. Mas o que o interessava no momento - empurrando a medicina para um plano inferior - era sua luta contra o Trindade.

Pôs-se a tamborilar na mesa com a ponta do corta-papel. Estava ansioso por saber da reação da cidade ao primeiro número d'A Farpa. Mas por onde andará essa gente que não aparece?

O prático entrou com a cuia e entregou-a a Rodrigo.

— Então, Gabriel, que é que há de novo?

— Nada que eu saiba, doutor. Rodrigo deu um chupão na bomba.

— Não ouviu falar nada sobre o jornal?

— Que jornal?

Os olhos do farmacêutico eram límpidos e puros como os duma criança. Rodrigo sorriu para disfarçar seu desapontamento.

— O Chiru não apareceu ainda?

— Não senhor.

Devolveu a cuia ao prático, ergueu-se e foi até a porta da

farmácia. Naquele instante, o Cuca Lopes chegava.

— Menino - despejou ele, logo ao entrar, atirando-se numa cadeira. — O Trindade está fulo de raiva.

Os olhos de Rodrigo brilharam.

— Então o touro já sentiu a farpa no lombo?

— Diz-que está lá na Intendência, caminhando dum lado pra outro, botando a boca no mundo.

— Quem foi que te contou?

— Um primo meu que é oficial de justiça. — Cuca fez uma pausa, passou o lenço encardido pela testa, olhou firme para Rodrigo e murmurou: - Mas tu é um bicho, hein?

É preciso ter caracu pra fazer o que fizeste.

— Tragam um mate pró Cuca!

Poucos minutos depois apareceu o Chiru, também esbaforido, com quase um palmo de lenço encarnado a pender-lhe do bolso superior do casaco.

— Foi uma bomba! Pior que o cometa. O Amintas, vi ele ind'agorinha, chega a estar verde de raiva.

Contou detalhes. O delegado de polícia ameaçava céus e terra: ia mandar empastelar a redação á'A Farpa, dar uma sova em Pepe Garcia, chamar o diretor do jornal à responsabilidade…

— Eles que venham! - exclamou Rodrigo, batendo no cabo do revólver que trazia à cintura.

A cuia andou a roda. Cuca estava tão excitado, que não podia parar no mesmo lugar. Rodopiava como uma piorra, cheirava a ponta dos dedos e de instante a instante exclamava: - Este nosso Rodrigo é mesmo um bicharedo! Chiru lançou-lhe um olhar enviesado e rosnou: - Cala a boca, Cuca. Quem te vê pensa que és nosso amigo. Todo o mundo sabe que não passas dum xereta safado, um leva e traz que acende uma vela a Deus e outra ao diabo!

Cuca Lopes recuou três passos, num movimento rítmico que foi quase uma figura de ballet.

— Eu, Chiru!? - gritou, espalmando as mãos sobre o peito. — Que injustiça! Sou amigo do Rodrigo até debaixo d'água, não é, Rodrigo? Sempre fui, sempre serei.

— Te conheço bem das casas velhas… - replicou Chiru.

— Vamos, rapazes - apaziguou-os o dono da farmácia. — Nada de briguinhas! Precisamos estar unidos pra enfrentar a canalha.

Cuca recostou-se no balcão, vexado.

— Esse Chiru sempre foi um ingrato. Não é de hoje…

— Toma mais um mate, Cura - convidou Rodrigo. — O Chiru está brincando.

— Não, muitas grácias. Preciso ir andando. Até logo, Rodrigo, conta sempre comigo.

Saiu para o sol. O fundilho de suas calças de brim pardo reluziam. Em duas largas passadas, Chiru aproximou-se da porta e bradou: - Vai agora beber água na orelha do Titi, sem-vergonha! Cuca voltou a cabeça, pôs a língua para fora e depois continuou a andar, rua do Comércio abaixo.

Don Pepe apareceu por volta das onze. Os outros o miraram interrogado ramente.

— Então? Que é que se conta por aí?

O pintor sentou-se, tirou a boina e passou os dedos por entre as melenas. — Estoy muy fatigado.

— Mas não ouviste comentar nada, homem? - indagou Chiru. — E impossível!

— He oído dos o três comentários.

— Favoráveis? Desfavoráveis? Desembucha!

— Ay que ver primero quien los hace…

— Deixa de conversa e conta logo tudo. Pepe ergueu os olhos.

— Por ejemplo, hablé com tu papá… Rodrigo aproximou-se, curioso.

— Ele já leu?

— Creo que si.

— Homem de Deus, que foi que ele disse?

— Nada. Cerrado como una tumba.

— Ora! Está claro que o papai não gostou do tom do jornal. Mas agora é tarde pra voltar atrás. — Sorriu. — Parece mentira, mas o primeiro que vou enfrentar por causa d'A Farpa não vai ser o Trindade nem o Amintas nem o Madruga, mas sim o meu próprio pai…

— Não te achiques, hijo.

À hora do almoço, Rodrigo foi o último a sentar à mesa. Aproximou-se de Licurgo e beijou-lhe a mão. — A bênção, papai.

O velho não disse o costumeiro “Deus te abençoe, meu filho”. Apenas pigarreou e ficou a olhar para o prato, Rodrigo beijou a testa da madrinha e sentou-se em silêncio.

Maria Valéria começou a servir. Durante dez minutos nenhum outro ruído se ouviu na sala de jantar além do tique-taque do relógio de pêndulo, das batidas dos talheres nos pratos e de um que outro pigarro seco de Licurgo.

Até quando ele vai ficar assim? - perguntou Rodrigo a si mesmo.

O velho, porém, não tardou a falar.

— Li o seu jornal.

Rodrigo depôs o garfo sobre o prato, encarou o pai, esperando que ele continuasse. Licurgo passou o guardanapo pelos lábios: - O senhor, então, não quis seguir o meu conselho…

— Sei que não procedi direito. Mas meu desejo de luta era tão grande, que me deixei levar por um impulso…

— Pois fez muito mal, e agora tem que aguentar as consequências.

— Nunca pretendi fugir à responsabilidade!

— O Trindade pode processar o senhor por crime de calúnia.

— Mas não se trata de nenhuma calúnia. Tudo o que escrevi sobre ele é verdade.

— O senhor tem provas?

— São coisas que todo o mundo sabe.

— Mas na hora de depor perante os tribunais, não aparece ninguém, todos se acobardam.

— Todos menos eu.

De olhos postos no prato, Maria Valéria comia no mais absoluto silêncio. Não olhava para o pai nem para o filho: era como se estivesse sozinha à mesa.

Houve uma nova pausa, prolongada e tensa.

Rodrigo amassava com o garfo uma batata, pensando no que devia dizer. Sentia-se infeliz. Era-lhe insuportável a ideia de que o velho pudesse estar zangado com ele.

— E agora, que é que o senhor acha que devo fazer? - perguntou com bruscada humildade.

Sem fitar o filho, Licurgo respondeu: - Continuar com o jornal pra não dizerem que o senhor se acobardou. E não andar mais por aí de noite sozinho. O Trindade é capaz de tudo. Um homem precisa ter coragem, mas não deve ser temerário. Ande sempre armado, mas, por amor de Deus - acrescentou, alteando subitamente a voz e batendo com o punho cerrado na mesa - não provoque os outros sem necessidade!

Afastou o prato num gesto brusco.

— Se um filho meu fosse um cobarde, claro que eu ficava envergonhado. Mas não pense que estou contente por ter um filho desordeiro!

Rodrigo ficou vermelho. Quis continuar a comer mas não pôde. O alimento como que se lhe trancava na garganta, descia-lhe a custo pelo esôfago, caindo-lhe no estômago quase como um peso de pedra.

— O senhor sabe que não sou nenhum desordeiro.

— Não é, mas se portou como se fosse.

Entrou a negra Paula com uma travessa de arroz com galinha.

— Não quero mais nada - disse Licurgo.

— Eu também não.

— Leve esse prato pra cozinha. A preta obedeceu.

Que me resta fazer? - refletia Rodrigo. Imaginou uma solução dramática. “Pois bem, papai. Acho que sou demais nesta casa. Não quero que o senhor, o Bio e a madrinha venham a sofrer as consequências dos meus atos. Vou fazer uma declaração pública

dizendo que eu, só eu sou responsável pelo que A Farpa publicou. Adeus, papai. Adeus, Dinda." Viu mentalmente a cena. Ergueu-se da mesa, subiu ao quarto, arrumou as malas, deixou o Sobrado e mudou-se para o Hotel dos Viajantes. Dias depois, apareceu-lhe o Bio. "Que história é essa, homem? O velho anda triste, não come, não dorme, só fala em ti. Volta pra casa. Ele mandou pedir desculpas pelo que te disse. Vem, não sejas bobo."- "Não, mano, é ainda muito cedo, a minha ferida ainda está sangrando. Deixa o velho sofrer um pouco."

— Papai - exclamou, com voz quebrada pela emoção - , sei que fiz mal em não seguir o seu conselho. Mas, por favor, me diga agora francamente o que é que devo fazer.

Não quero que ninguém sofra por causa de meu… de minha…

Calou-se. O velho começou a palitar os dentes e seu rosto refletia uma tristeza preguiçosa e oblíqua de caboclo.

O senhor sabe o que aconteceu pr'aquele moço que lê ajudou a fazer o jornal?

Rodrigo teve um sobressalto: - O tipógrafo? Não.

Foi esbordoado hoje de manhã por dois policiais. Ficou atirado no barro, numa rua do Purgatório.

— Não me disseram nada! Quem foi que lhe contou?

— Ninguém me contou. Eu ia passando a cavalo e vi o homem caído. Eu mesmo levei ele pra casa…

Rodrigo respirava com dificuldade, a indignação a encher-lhe sufocadoramente o peito. Ergueu-se.

— Aonde vai?

— Preciso ir ver esse pobre homem.

— O dr. Matias já fez os curativos nele.

— Mas eu não posso deixar de ir vê-lo.

— Se eu fosse o senhor, nem entrava naquela casa. O homem me disse que foi obrigado a trabalhar contra a vontade. Contou até que o senhor ameaçou ele com um revólver… é verdade?

— É…

Maria Valéria olhou vivamente para o sobrinho. Rodrigo sentia-se aniquilado.

Sentou-se e por alguns segundos permaneceu calado, de olhos baixos. Depois perguntou: - Os ferimentos são graves?

— Talvez não sejam coisas de matar, mas leves não são. O senhor sabe como é que a polícia age.

Rodrigo amarfanhava o guardanapo na mão crispada. Pensava na cara pálida e assustada do tipógrafo, lembrava-se da desagradável impressão de fragilidade que tivera ao segurar-lhe o braço magro… Miseráveis! Covardes! Surrarem um pobre homem fraco e doente…

Licurgo pigarreou.

— Não vai comer mais nada, menino? - perguntou Maria Valéria.

Rodrigo sacudiu negativamente a cabeça. Levantou-se e deixou a sala em passo acelerado.

Subiu para a água-furtada. Escancarou a janela, sentou no peitoril e ficou a olhar distraidamente para as copas do arvoredo da praça. Mundo absurdo! Um homem bem-intencionado ergue-se corajosamente para lutar contra o erro, a violência e a injustiça e no processo mesmo dessa luta fere inadvertidamente um inocente…

Tentou fumar. O cigarro, porém, lhe soube mal. Jogou-o fora, irritado. Pôs-se a assobiar algo sem melodia. Olhou a lombada dos livros, apanhou um velho volume e abriu-o ao acaso. Poemas de Heine em alemão. Na margem superior duma das primeiras páginas, estava escrito um nome em tinta desbotada: Gertrude Weil. Quem seria?

Mas que importa? Quem sou eu? Que sou eu? Apenas um vaidoso, um feixe de apetites e contradições? Um homem decente? Um farsante? Que devo fazer? Voltar atrás, ou continuar lutando? Claro que vou continuar! O tipógrafo tuberculoso não será a última vítima desses bandidos. (Vou mandar à casa dele um envelope com duzentos mil-réis dentro.) Outras cabeças rolarão… Talvez a minha. Andréa Chénier ao pé da guilhotina…

Olhou para a campânula do velho fonógrafo. Precisava ouvir um pouco de música. Algo de forte, para reanimá-lo. Tamagno numa das árias de Andréa Chénier. Caruso na Celeste Aída…

Tirou o casaco, fechou a porta, apanhou um livro ao acaso e estendeu-se no catre. O melhor mesmo é dormir, deixar que as águas agitadas serenem e toda a sujeira caia no fundo. Lembrou-se duma peça de Ibsen que lera havia pouco: O inimigo do povo, O dr. Stockmann estava com a verdade, por isso não trepidara em ficar sozinho contra o resto da população de sua cidade. Se fosse necessário ele, Rodrigo Cambará, ficaria sozinho contra toda Santa 298 299 Fé. Inclusive contra meu pai - murmurou, sentindo ainda o travo amargo de seu ressentimento para com o velho. Leu uma página inteira sem compreender nada. Os olhos seguiam as palavras, mas a atenção estava nos pensamentos e estes corriam num tumulto.

Com o livro pousado sobre o peito, Rodrigo modorrava, olhando fixamente para um desenho que a umidade traçara na parede e que lhe lembrava a representação dum rio num mapa. O rio Amazonas - dizia dona Malvina - é o rio mais caudaloso do mundo velho sem porteira - exclamou Liroca. A ordem dos fatores não altera o produto - insistia a mestra, riscando algarismos e figuras geométricas no quadro negro. A hipotenusa e o cateto… o catete era um bicho… Não irás ao Catete, marechal…

Escreverei um artigo de fundo no próximo número provando por a + b que a hipotenusa não irá ao cateto…

Dormiu um sono profundo. Acordou duas horas mais tarde,

banhado em suor. Deixou o catre, aturdido, caminhou às tontas ao redor da água-furtada e, por alguns segundos, não atinou com a razão por que estava ali. De repente lhe veio à mente a lembrança desagradável do seu diálogo com o pai à hora do almoço. Que bom se tudo tivesse sido um sonho!

Por volta das cinco da tarde, Rodrigo foi chamado ao escritório, onde encontrou o pai em companhia de Joca Prates e Pedro Teixeira. Cumprimentou estes últimos com certa reserva, pois num relance compreendeu que - republicanos e íntimos de Titi Trindade - ali estavam em cumprimento duma missão política. De resto, a cara sombria do velho era um indício de que algo desagradável se estava passando.

— Sente-se.

— Estou bem de pé, papai.

Licurgo procurou resumir a situação. O coronel Prates e O coronel Teixeira tinham vindo em nome do intendente…

— Não senhor - explicou Joca Prates. — Nós não viemos propriamente em nome do coronel Trindade. Viemos em nosso nome…

— Pois é - interrompeu-o Licurgo, impaciente, olhando para o filho. — O que sei é que querem que o senhor pare com seus ataques à situação.

Pela maneira como o pai resumira o caso, Rodrigo sentiu que ele repudiava aquela tentativa de conciliação.

— Isto é… - disse Joca Prates, brincando com a corrente do relógio - nós somos amigos do Curgo e do senhor, dr. Rodrigo, não queremos que esse negócio continue assim, porque pode acabar mal…

Rodrigo sorriu.

— E o que é que o senhor chama de “acabar mal”?

— Ora, acabar em briga, em vias de fato, não é, coronel? Joca Prates voltou os olhos para o companheiro, que sacudiu lentamente a cabeça.

Houve uma curta pausa. Licurgo olhava fixamente para o retrato de Júlio de Castilhos. Rodrigo continuava de pé, a encarar com firmeza Joca Prates, que se remexeu na cadeira.

— O coronel Trindade até não queria que nós viéssemos aqui. Os senhores sabem, ele é um homem violento. Mas eu insisti. Ora, que diabo, pensei, no final de contas o Curgo também é republicano… não custa falar… pois é… às vezes falando a gente arranja as coisas, não é coronel?

Com as mãos trançadas sobre o ventre, os olhos pesados como se ainda não tivessem espantado o torpor da sesta, Pedro Teixeira tornou a sacudir a cabeça, num sonolento acordo.

— Devo esclarecer aos senhores que meu pai nada tem a ver com

o que escrevi Na Farpa. A responsabilidade total é minha, só minha. Papai até reprovou a linguagem que usei…

Licurgo interveio: - Não reprovei coisa nenhuma! O que o senhor fez está muito bem-feito e agora não voltamos atrás.

Fitou um olhar duro nos visitantes e acrescentou: - Podem dizer isso a quem interessar.

— É o diabo - murmurou Joca Prates. — Nós queríamos evitar que essa história azedasse. Sei como são essas coisas. Pode dar em droga…

— Pode até correr sangue - reforçou Pedro Teixeira. Rodrigo sorriu.

— Sangue? Há muito tempo que corre sangue impunemente neste município, cavalheiros. Se os senhores têm boa memória, devem estar lembrados do que aconteceu ao Tito Chaves. O sangue desse moço empapou o barro da rua Voluntários da Pátria. Ninguém me contou: eu vi. Inda hoje de manhã os beleguins do Trindade quase mataram a espadaços um pobre tipógrafo que teve a audácia de me ajudar a compor o jornal. E é para o povo ficar sabendo dessas barbaridades e de muitas outras que eu fundei A Farpa e hei de mantê-la até o dia em que nossa gente crie vergonha e ponha o Titi para fora da Intendência a toque de caixa!

Estava vermelho, excitado, com vontade de levar longe, muito longe aquele destampatório. O pai, porém, cortou-lhe a palavra com um gesto. Os dois visitantes consultaram-se com o olhar. Joca Prates cuspiu na escarradeira, limpou os lábios com o lenço e murmurou: - É o diabo…

Fez-se um silêncio de constrangimento.

— Com boa vontade tudo pode se arranjar - tentou ainda o pai de Ritinha.

Licurgo estava sentado numa posição rígida, as mãos a segurar com força as guardas da cadeira. Seu rosto era a máscara mesma da obstinação.

— No sábado vai aparecer A Voz da Serra - contou Joca Prates. — E eles vão lê atacar forte, Curgo.

— Que ataquem!

— E ao senhor também, doutor.

— Não estou esperando outra coisa.

— Mas é que a gente podia dar um jeito… Somos todos republicanos. Essas brigas de família só trazem vantagens prós maragatos.

— Agora é tarde demais - disse Licurgo.

Os visitantes levantaram-se pesadamente, com a relutância de quem ainda não considera dita a última palavra.

— Bom, se a coisa é assim, nós vamos embora, não é, compadre?

Licurgo acompanhou-os até a porta.

— Quero que vassuncê compreenda, Curgo - começou Joca Prates, quando já estava no vestíbulo.

— Eu compreendo muito bem, Joca. Mas não tem jeito. Com certa impaciência foi empurrando o outro na direção da escada. Pedro Teixeira já estava na calçada e começava a fazer um crioulo.

— Vassuncê é um homem impossível - murmurou Joca Prates, sacudindo lentamente a cabeça. No meio da escada voltou-se ainda: - Se o dr. Júlio de Castilhos estivesse vivo, nada disso acontecia.

As palavras que Licurgo Cambará disse a seguir não foram propriamente articuladas: foram escarradas para baixo, com raiva surda: - Se o dr. Júlio de Castilhos estivesse vivo, esse sacripanta do Trindade não estava na Intendência. Estava mas era na cadeia!

Rodrigo tomou um banho rápido, meteu-se numa roupa de linho branco, levou um bom tempo diante do espelho a dar o nó na gravata e depois, assobiando a ária do conde Danilo, A viúva alegre, embebeu o lenço em perfume e ajeitou-o no bolso superior do paletó. Estava de novo alegre, a cabeça leve, o peito desoprimido. As palavras do pai soavam-lhe alvissareiramente na memória. Não reprovei coisa nenhuma. O que o senhor fez está muito bem-feito. Isso significa que ele fez as pazes comigo, que estou perdoado. Papai é um homem imprevisível. À hora do almoço me chama de desordeiro: agora me apoia em toda a linha… Seja como for, é melhor assim. Fico sem remorsos.

— Aonde vai a esta hora? - perguntou Maria Valéria.

— Dar uma volta. Estou ansioso por saber qual foi a reação da cidade ao primeiro número d'A Farpa.

Ela mirou o afilhado de alto a baixo.

— Não sei de quem foi que você herdou essa faceirice.

— Não herdei de ninguém. É minha mesmo. Até logo. Desceu os degraus, lépido. Na calçada parou, olhou na direção da Intendência e sorriu. O Sobrado e o paço municipal estavam frente a frente, pareciam medir-se de longe como duas cidadelas adversas.

Entrou na Estrela d'Alva, abraçou Chico Pão, perguntou-lhe se tinha gostado d'A Farpa e, antes que o homem tivesse tempo de gaguejar seus elogios saiu por outra porta, entrando em seguida em sua farmácia. Ludovico, o aprendiz, estava recostado no balcão, lendo o Almanaque de Ayer. Ergueu os olhos assustados e Rodrigo então descobriu com que bicho o rapaz se parecia.

— Como vais, ratão-do-banhado?

Ludovico sorriu, encafifado. Temendo que ele não tivesse gostado da brincadeira, Rodrigo tirou do bolso um patacão, gritou: - Toma! - e atirou a moeda para o guri, que a apanhou no ar.

— Como vai o movimento, Gabriel?

O prático, metido num guarda-pó branco muito asseado, respondeu: - A féria de hoje vai ser boa, doutor.

Rodrigo olhou em torno e viu alguns claros nas prateleiras.

— Precisamos ver as nossas faltas.

— Por falar nisso, chegou ontem um viajante da Drogaria Inglesa.

— Pois quando o homem aparecer, faz os pedidos. Tu entendes disso melhor que eu.

Leu no rosto do outro a satisfação que estas palavras lhe causavam.

— Precisamos criar aqui uma seção de perfumaria. Olha, Gabriel, vai hoje ou amanhã lá no Pitombo e encomenda um balcão novo, com frente de vidro, assim como uma vitrina, compreendes?

É pra botar os perfumes. Mas quem vai fazer os pedidos sou eu. Em matéria de perfumaria sou doutor.

Abriu a caixa, tirou dela um chumaço de cédulas e, sem contá-las, meteu-as no bolso.

— Sabes duma coisa, Gabriel? Vou mandar buscar de Porto Alegre uma caixa registradora.

Percebeu que o prático não sabia de que se tratava.

— Nunca viste? É uma máquina pra guardar dinheiro. Aperta-se nuns botões pra marcar a importância da venda, depois se force uma manivela e a gaveta se abre automaticamente.

— Veja só…

— Nossa farmácia vai ser a primeira casa comercial de Santa Fé a ter uma registradora. Estamos no século XX, Gabriel. O século do progresso!

O prático escutava-o, com uma luz de afeição quase filial a animar-lhe os olhos pueris.

— Bom. Se alguém perguntar por mim, diz que fui até o Schnitzler.

Ganhou a calçada e começou a descer a rua. À primeira esquina encontrou o Liroca, que o envolveu num abraço.

— Li o teu jornal, Rodrigo - disse ele, grave e afetuoso. — Está bom, muito bom, especial! Teus escritos até me lembraram os do Conselheiro Gaspar Martins. É bem como dizia o finado meu pai: “A quem Deus promete não falta”.

— Ó Liroca, não me podias fazer elogio maior!

O narigão de José Lírio reluzia, pontilhado de cravos.

— Agora tu precisas te cuidar muito - segredou, com ar de conspirador. — Essa gente é capaz de tudo.

Rodrigo ia continuar seu caminho, mas o outro segurou-lhe o braço.

— Não quero ser importuno, mas quando é que me arranjas aquele negócio?

— Que negócio?

— A minha volta ao Sobrado.

— Já está quase arranjado - mentiu. — Não te aflijas. É questão de dias…

As feições de Liroca, de ordinário fixas numa expressão de rabugice, adoçaram-se.

— Deus te pague!

E enquanto Rodrigo se afastava, já completamente esquecido dele, José Lírio ficou a resmungar elogios ao amigo, ali parado à esquina, com o lenço encarnado a esvoaçar à brisa da tarde.

À frente da Confeitaria Schnitzler, Rodrigo encontrou o tenente Rubim Veloso, de braços abertos. Estava à paisana, os lábios arregaçados num sorriso que lhe descobria toda a dentuça.

— Ah! O homem do dia. Venha de lá um abraço!

Rodrigo estava surpreendido ante aquela inesperada cordialidade. Depois do baile de 31 de dezembro encontrara o tenente Rubim uma única vez e recebera dele um cumprimento seco.

— Sabe que li seu jornal. Está esplêndido!

— Pensei que, como partidário do marechal… O outro atalhou-o: - Não se trata do marechal Hermes nem do senador Rui Barbosa. O que vejo no Farpa é, antes de tudo, a voz dum homem que ergue a luva do desafio, e faz isso com inteligência, coragem e altivez. Sim senhor, meus parabéns!

Entraram na confeitaria, sentaram-se a uma mesa. A dentuça do tenente continuava exposta.

— O mundo é dos fortes, da águia e não do cordeiro. Mas vamos tomar alguma coisa!

Marta Schnitzler aproximou-se. Estava vestida de branco e seus cabelos recendiam a macela. Rodrigo aspirou o perfume da alemãzinha e teve o desejo de enlaçar-lhe a cintura, sentá-la sobre os joelhos, beijar-lhe a boca, manipular-lhe os seios. Pediram cervejas.

— Há homens que se exprimem através da arte - disse Rubim, tirando o pince-nez, bafejando as lentes, e limpando-as com o lenço.

À paisana, seu todo de boneco desengonçado ficava ainda mais acentuado.

— Um quadro - continuou o oficial - uma escultura, uma sinfonia… Mas há outros que se exprimem na luta, na ação. Urn ato de coragem e hombridade vale tanto quanto a Odisseia de Homero, o Daviãde Miguel Ângelo ou a Patética às. Beethoven. César, Napoleão, Bismarck são artistas a seu modo. O clã do cordeiro objetará que, pra eles atingirem a glória, será necessário morrer muita gente. Mas que importa a morte de alguns milhares ou milhões de seres humanos num mundo que está cada vez mais atravancado? Qual é o destino das

massas senão trabalhar e morrer a fim de permitir a floração dos super-homens? A Revolução Francesa com toda a sua sangueira está plenamente justificada por ter tornado possível Napoleão Bonaparte. Napoleão está completamente redimido de qualquer pecado por ter tornado possível o nacionalismo.

E não é só isso. Os maiores acontecimentos do século XIX devem-se a Napoleão!

Marta trouxe as cervejas.

— À sua saúde, dr. Rodrigo!

— Não me chame de doutor, senão serei obrigado a chamar você de tenente.

— Seja! À sua saúde, Rodrigo!

Rubim bebeu com gosto e lambeu a espuma que lhe ficara nos lábios.

— Agora vou lhe fazer uma confissão… - disse. — Na noite em que nos conhecemos lá no clube, não gostei de sua cara…

— Ah… sim? Mas por quê?

A Rodrigo era difícil acreditar que alguém pudesse não gostar dele.

— Ora, pareceu-me um desses muitos moços bonitos, enfants gâtés, filhinhos de papai que se adornam dum diploma e vêm parasitar à sombra das tradições da família…

Rodrigo escutava, sorrindo, enquanto com a ponta da unha do indicador raspava o rótulo úmido da garrafa.

— E eis que de repente surge A Farpa. Agora estou ansioso por ver a réplica. Calculo que o revide seja mais feroz que o ataque.

— Eu também. A Voz vai aparecer sábado.

— Depois vou esperar ansioso a sua tréplica.

— E como acha que vai terminar tudo isso?

— A bala! - exclamou Rubim, desatando numa gargalhada assustadora que fez avançar o limpa-trilhos da dentadura, crescer as bochechas, dando-lhe ao rosto um ar entre imbecil e simpático de boneco de ventríloquo. O acesso de riso convulsivo durou alguns segundos.

— Não sabe se o coronel Jairo leu o meu jornal? Rubim tornou a encher o copo.

— Leu.

— Que foi que achou?

— Ora, você sabe, o coronel não é bem deste mundo. É um homem culto, de coração puro. Vive nas esferas positivistas com aquela tolice da religião da humanidade, a acreditar em coisas que não existem nem podem existir. Não tem os pés bem plantados na terra. Pois o homem leu o jornal, olhou para mim, mordeu os bigodes e disse: “Esse rapaz tem mesmo fibra e talento. Mas o ataque me

parece um tanto forte…”

— Um tanto?

Rubim desatou nova gargalhada. Rodrigo mirava-o, fascinado por aquela fealdade paradoxalmente sedutora.

— Devo fazer uma restrição. Não. Muitas restrições. O que admiro em você é o espírito combativo, a coragem de se rebelar contra a situação, estando, como está, numa minoria, não direi esmagadora, mas com mais precisão, esmagável. Mas não concordo com certos termos de seu editorial. Refiro-me àquela história de opressor e oprimido, etc… O homem fraco não merece viver. Não vale a pena quebrar lança por ele.

Rodrigo sorria. Não estava disposto a discutir. A admiração do tenente pela sua coragem bastava-lhe. No momento nem 308 chegava a desejar que o outro estivesse de acordo com todas as suas ideias.

— Bem, enfim cada qual pensa a seu modo…

— Você mesmo no fundo concordará comigo. Há de chegar a hora em que o que vale mesmo é a ação, a violência e não essa conversa fiada sobre direitos, justiça e não sei mais o quê.

Em pensamento Rodrigo viu-se de revólver em punho a intimidar o tipógrafo.

— Não creio…

No balcão onde estava embrulhando uma cuca, Júlio Schnitzler fez-lhe um sinal amistoso. Rodrigo notou com satisfação que Marta o namorava, postada à porta que dava para a cozinha, de onde vinha um agradável cheiro de molho de manteiga.

Rubim baixou a voz, olhou o interlocutor bem nos olhos e disse: - Vou lhe fazer outra confissão, e esta a maior de todas. Quer saber qual é a paixão dominante da minha vida? A política.

— Engraçado… Pensei que fosse a carreira das armas.

— Também é. Não vê que ambas têm uma analogia profunda?

— Como?

— Ambas dão aquilo que mais ambiciono: força, poder, a volúpia de mandar, conduzir homens. Outra coisa não desejam todos esses políticos pequenos e grandes, esses chefetes distritais, municipais, estaduais e federais. No entanto, vivem a falar em direito, justiça e democracia, pura conversa fiada para iludir o eleitorado, porque, na verdade, o que querem mesmo é poder discricionário. É ou não é?

— Não é bem assim… Rodrigo cocava a alemãzinha.

Rubim tornou a encher o copo e a enxugá-lo em seguida, num largo sorvo. Tocou o peito do outro com o indicador entesado.

— É por isso que gosto do senador Pinheiro Machado. Sabe o que quer, não esconde objetivos e porta-se de acordo com suas ideias. Conhece aquela sua frase: “Para governar este país não é preciso surrar, basta erguer o rebenque”.

— Não acredito que o senador tenha dito isso.

— Pois eu acredito. O estilo é dele. Pinheiro Machado é um nietzschiano que provavelmente nunca leu Nietzsche. É a grande figura do teatro político do Brasil, a força por trás do trono.

— Um Metternich guasca? Um Talleyrand dos pampas? Um Maquiavel serrano?

— Nada disso! Por que buscar símiles estrangeiros? Sejamos nacionalistas. Nossa mania de imitação faz com que os argentinos nos chamem de macaquitos. — Mudou de tom. — Por falar nisso, estou convencido de que uma guerra entre o Brasil e a Argentina é inevitável, questão apenas de tempo…

— Ora, tenente, não vejo razão…

— E será preciso razão para começar uma guerra?

— Bom, por algum motivo as guerras começam…

— Diga-me uma coisa: quando dois tigres se defrontam e agridem na floresta, há alguma razão para isso?

— Mas o caso é diferente.

— Não se iluda. O Brasil e a Argentina são as duas potências mais fortes da América do Sul e portanto adversários naturais, competidores natos… Uma guerra entre ambos é uma fatalidade e, se a coisa é assim, o melhor é que comecemos desde já a pensar realisticamente. Tivemos há pouco um atrito por causa das Missões. Outros virão… E eu lhe asseguro que o Exército não está dormindo.

Tirou um lápis do bolso e esboçou um mapa da América do Sul no mármore da mesa.

— Olhe, aqui está o Brasil, aqui a Argentina. É possível que eles invadam por ali… Na primeira fase da campanha, tudo indica que eles nos levarão de roldão até, digamos, Santa Catarina ou Paraná… É aí que nossa contra-ofensiva começará para só terminar em Buenos Aires. Nosso potencial humano é maior, nossos recursos econômicos mais largos.

Entrou em detalhes técnicos. A atenção de Rodrigo já não seguia mais as palavras do oficial. Não estava interessado naquela guerra hipotética entre a Argentina e o Brasil, mas sim em sua guerra particular contra Titi Trindade e seus asseclas. E naquele 310 exato instante estava interessado também em Marta, que não tirava os olhos dele, e, muito corada, lhe sorria um sorriso entre tímido e provocante.

— Menina, outra cerveja! - gritou Rubim. E prosseguiu em sua ofensiva rumo de Buenos Aires. Marta aproximou-se para pôr a nova garrafa sobre a mesa. Rodrigo baixou os olhos para os tornozelos da rapariga, imaginando as pernas e as coxas que a saia escondia.

— Desafio a que me contestem! - exclamou o tenente de artilharia. — Os limites do Brasil devem ir no mínimo até a margem

esquerda do rio da Prata. No mínimo! Foi um erro histórico entregar a Colônia do Sacramento aos castelhanos!

Naquele momento Pepe Garcia entrou no café e Rodrigo chamou-o.

— Senta, homem. Já conhecias o tenente Rubim Veloso? Don Pepe olhou para o oficial e inclinou de leve a cabeça.

— Que é feito de ti? Estava com medo que te tivessem prendido… ou assassinado.

O pintor estava sério. Olhou para os lados, com ar misterioso.

— Creo que me siguen, hijo.

— Quem?

— No sé. Es un presentimiento…

— Estás com medo?

— Miedo, yo? No me conoces.

— Toma alguma cousa.

O espanhol pediu um cálice de conhaque, bebeu e limpou os bigodes com a manga do casaco.

— El miedo es un preconcepto burguês! Voltou-se para Rubim, e encarou-o firme.

— No tengo ei más mínimo placer en conocerlo, capitán!

XII

Sábado pela manhã, Chiru entrou intempestivamente no Sobrado com um número d'A Voz da Serra na mão.

— Olha só o que o canalha escreveu!

Bufava, furioso, passando atabalhoadamente o lenço pela cara gotejante de suor. Rodrigo pegou o jornal com sofreguidão. O ataque vinha na primeira página: era um editorial composto em tipo negrito com cercadura dupla. O título, em caracteres maiúsculos e grossos, era: “Sepulcro caiado”.

— Te prepara, menino - disse Chiru - porque a coisa é braba.

A simples leitura do cabeçalho, Rodrigo sentiu montar-lhe no peito uma raiva destruidora que o deixou estonteado, anuviando-lhe os olhos, impedindo-o de ler com clareza. Entrou no escritório e disse ao amigo com voz fosca: - Fecha essa porta.

Chiru obedeceu. Rodrigo sentou-se ao bureau e leu o editorial - a primeira vez com açodamento e um ódio surdo, sem entender muito bem o que lia, pois a cada momento sua atenção fugia do artigo e ele ficava a imaginar coisas excitantes - dar uma sova no Amintas… entrar na Intendência, ir direito ao gabinete do Titi, segurá-lo pela lapela do casaco e partir-lhe a cara… correr à redação d'A Voz e quebrar tudo: vidros, móveis, máquinas, cabeças…

Leu o artigo duas vezes. Era duma torpeza sem par. A verrina era tão vil, tão sórdida, que chegava a cheirar mal.

De onde partem as pedradas traiçoeiras que pretendem atingir o honrado governo deste município? De alguma casa que não tem telhado de vidro? Não. Elas partem duma casa vulnerabilíssima, do Sobrado dos Cambarás, sepulcro caiado, mansão do vício, da iniquidade, da desídia e da podridão; duma casa que, para usarmos a imagem do grande Guerra Junqueira, é sinistra e suja como o lençol das velhas prostitutas; duma casa cujo chefe, em vez de dar-se o respeito que se exige de todo o cidadão digno desse título, afronta nossa sociedade vivendo amancebado com uma mulher por ele teúda e manteúda, a quem instalou numa casa à rua dos Farrapos, como é de todos sabido e notório. É lá que ele passa muitas de suas noites em orgias inconfessáveis.

Do meio para o fim, o artigo assumia um tom sarcástico.

E agora que já demos ao pai o que ele merecia, vamos ao filho. Não gastaremos muita cera com tão ruim defunto. Que importância pode ter o dr. Rodrigo Cambará (ai, doutor da mula ruça!) esse mocinho pelintra que pensa conquistar Santa Fé com sua "formidável" inteligência e seus dotes físicos? Ai, Rodriguinho! Onde foi que compraste tuas botininhas de cano de camurça? E as tuas águas-de-cheiro? Quem confeccionou essas roupinhas que te fazem o dandy mais completo de Santa Fé? Teria sido o Salomão Padilha, teu amiguinho particular? Dizem que trouxeste de Porto Alegre muitos caixões com bugigangas, e que entre estas veio um gramofone, com chapas de Caruso.

Será que o grande tenor canta a famosa canção intitulada Ismália Caré? O estribilho é assim: Ai Licurgo Cambará Ai Licurgo Cambaré Onde está, onde estará A tua Ismália Caré?

Ouvimos também dizer que o dandy trouxe muitos vinhos e conservas estrangeiras. Decerto tudo isso é para as orgias do Sobrado, em 313 que tomam parte ele, o pai, o irmão e outros cafajestes que infestam a nossa cidade.

Como tudo aquilo era abjeto, barato, indigno!

Rodrigo ergueu-se, brusco, foi até uma das janelas, olhou na direção da Intendência e começou a soltar impropérios.

Voltou-se para o amigo.

Depois disso, Chiru, só a bala - disse com voz apertada.

— É a única resposta.

— Calma, menino!

— Envolverem nisso meu pai, minha casa, minha família - vociferou, apanhando de novo o jornal. — Escuta só. Ai, Rodriguinho! Me tratando como se eu fosse um efeminado.

Me comparando com o Salomão. Só a bala, Chiru.

— Não te precipites. Não caias na armadilha que te prepararam. Calma, calma.

Rodrigo, porém, não lhe dava atenção. Desferiu um pontapé na cesta de papel e virou-a.

— Será que o papai já leu essa sujeira?

— Se não leu, vai ler…

— E a tia? Que é que a Dinda vai dizer de tudo isso?

— É o diabo…

Rodrigo estava ferido. Esperava dos inimigos muitos insultos. Imaginara-os, porém, de outra natureza. Preferia que o Amintas lhe tivesse dito os nomes mais sujos do dicionário, mas que o houvesse tratado de homem para homem. No entanto o cafajeste fizera humorismo, como se ele, Rodrigo Cambará, fosse um menino de colégio e ainda por cima um mancas!

Atirou-se numa cadeira e ali ficou a olhar fixamente para Chiru.

— Com que cara vou aparecer pró papai? Me diga, com que cara?

Naquele instante a porta abriu-se e Licurgo entrou. O filho pôs-se de pé como um autômato, voltando os olhos instintivamente para o jornal.

Licurgo, que fizera o mesmo, murmurou: - Já li.

Sentou-se e começou a fazer um cigarro. Suas mãos estavam um tanto trêmulas. Por alguns segundos ninguém falou.

— Me dê o fogo, Chiru.

Chiru apalpou os bolsos, atrapalhado, e levou um tempão para encontrar os fósforos. Licurgo acendeu o cigarro.

— Eu sabia que eles iam me atacar por esse lado. A culpa é nossa: foi o seu jornal que começou os ataques pessoais, meu filho.

Rodrigo olhava para o chão, de crista caída. Queria dizer alguma coisa, pedir perdão ao pai ou blasfemar, mas não conseguia arrancar nada do peito.

— Não tenho do que me envergonhar - disse Licurgo, depois de algum tempo. — Nem tenho que dar satisfações a ninguém.

Os outros continuavam calados. Erguendo os olhos para o filho, o senhor do Sobrado perguntou: - Quando é que vai sair o próximo número do jornal? Era a última coisa que Rodrigo esperava ouvir.

— Não sei… Talvez amanhã.

— Então precisamos começar a trabalhar desde já. Rodrigo bravateou: - Antes de preparar o segundo número Da Farpa, acho que devia sair e quebrar a cara do Amintas.

Licurgo sacudiu a cabeça, numa lenta mas obstinada negativa.

— Não, meu filho. Essas coisas a gente não faz assim. A esta hora o canalha deve estar fechado em casa, com guardas na porta, e quando sair pra rua há de ser com um batalhão atrás. Já lhe disse mais duma vez que não confunda coragem com temeridade. Pra gente ganhar uma batalha é preciso chegar vivo ao fim.

— Isso, coronel! - exclamou Chiru - isso! Voltou-se para Rodrigo: -

Vamos, homem. Começa a escrever, senão eles vão pensar que nos acovardamos. Aproveita enquanto a coisa está quente.

— Vai então chamar o Pepe. Temos que começar agora mesmo.

Compunha mentalmente frases tremendas para arrasar o Trindade e o Amintas.

Chiru retirou-se. Rodrigo teve ímpetos de abraçar o pai, mas não ousou o gesto. Como achasse que devia dizer alguma coisa, balbuciou com afetuosa humildade: - O senhor então me autoriza a continuar? Licurgo falou sem olhar para o filho.

— Quando se pega na rábica do arado, deve-se ir até o fim do rego.

Quando se viu a sós no escritório, Rodrigo escancarou as janelas e pôs a funcionar o gramofone. Caruso encheu a sala com sua voz vibrante e metálica. Era a grande ária de Radamés. Rodrigo acendeu apressadamente um cigarro, sentou-se ao bureau, mudou a pena da caneta e tirou da gaveta algumas tiras de papel em branco. Tinha já achado a forma que ia dar à sua resposta ao cachorro do Amintas. Escreveu o titulo: "Carta aberta a um crápula". Apanhou A Voz da Serra e releu, agora com mais calma, o editorial. Viu em pensamento a cara pálida do rábula, chegou até a sentir o cheiro enjoativo do perfume que ele usava, e mentalmente esbofeteou-o muitas vezes, com a palma e as costas da mão, como se estivesse a lavar a tapas aquelas bochechas repulsivas. Ficou, depois, a escutar o tenor, pensando vagamente em faraós, pirâmides, guerreiros…

O que sentia agora era uma raiva fria e fina, de mistura com a sensação de haver sido vítima duma formidável injustiça. De certo modo julgava-se inatacável ou pelo menos invulnerável. Quando lançara A Farpa, estava decidido a manter-se sereno, viesse o que viesse, fosse qual fosse a linguagem de seus inimigos no revide. No entanto, o editorial do crápula - era forçoso confessar - fizera-o perder as estribeiras, tocando-o fundo. Agora, à ideia de que Flora já tivesse lido aqueles insultos imundos à sua pessoa, a seu pai, a seu irmão, à sua casa - sim, porque aquilo atingia até tia Maria Valéria! - ele compreendia que a coisa chegara a um ponto em que tinha de passar do terreno da palavra escrita para o da reação 316 física. No entanto A Farpa precisava sair, para que a população de Santa Fé visse que ele não recuara e estava disposto a tudo.

O tenor aproximava-se da frase final. Rodrigo levantou-se, como se a ele e não a Caruso competisse arrancar do peito um si natural. Un trono vicino ai ciei! - cantou Radamés. O copo vazio, em cima do bureau, vibrou. A voz de Caruso sumiu-se ficando apenas o chiado da agulha a rascar no disco. Rodrigo fez parar o gramofone, voltou para a mesa e começou a carta: Pústula: Quando Deus, num momento infeliz de mau humor, resolveu criar-te, viu logo que não eras digno dum

ventre de mulher, e por isso te fez nascer numa cloaca, como produto do viscoso conúbio entre uma ameba disentérica e um verme recém-cevado no cadáver dum chacal.

Releu o período, achou que estava bem, e continuou: És um aborto langanhento, e o simples fato de existires constitui um formidável insulto ao género humano. Pretendeste atingir com tua baba ofidica minha casa, minha família, minha pessoa, mas o que fizeste, molusco, foi apenas cuspir para o céu: a podridão que jorrou de tua pena mercenária caiu-te inteira e fedorenta nessa cara ridícula de funâmbulo.

Ergueu-se, ficou a caminhar na sala dum lado para outro, com o papel na mão, mordendo freneticamente a ponta da caneta. Aquilo estava ainda fraco. Era preciso ferir o outro mais fundo. Sentou-se de novo e escreveu: Perguntas onde comprei as minhas botinas de cano - de camurça. Eu te direi, antes de mais nada, que as comprei com dinheiro limpo, honestamente ganho, e não com dinheiro sujo, roubado aos cofres públicos, como é o com que te paga o Titi Trindade, teu patrão. E sabes para que as comprei? Foi para te aplicar um pontapé no traseiro na primeira oportunidade em que te encontrar, seja onde for, estejas com quem estiveres. Porque se a um macho se bate na cara, a um invertido se bate no rabo!

— Aqui está o que eu queria! - exclamou, dando uma palmada na mesa.

Quando don Pepe chegou, já sem casaco e de mangas arregaçadas, Rodrigo mostrou-lhe o que acabara de escrever.

— Precioso, hijito, precioso. Ahora, a trabajar y a trabajar.

— Precisamos lançar A Farpa amanhã.

— Imposible. Estoy solo.

— Desta vez vamos publicar o jornal só com duas páginas. É por causa do efeito rnoral. Tem de sair logo, pra coisa não esfriar. Começa a compor esta carta aberta.

Vamos, desce pra oficina. Vou agora dar a dose do Trindade.

À tardinha daquele mesmo dia, Neco entrou no Sobrado e, com ares misteriosos, arrastou Rodrigo para a janela, mostrando-lhe um homem que estava parado na calçada fronteira.

— Sabes quem é aquele cabra?

— Não.

— O Dente Seco.

— Opa!

Rodrigo debruçou-se à janela para olhar melhor, já com um desejo formigante de interpelar o forasteiro. Neco, porém, puxou-o para trás, fazendo com que ambos ficassem a observar o gaúcho dum ângulo de onde não pudessem ser vistos por ele.

— Sabes o que me aconteceu? Pois o bandido hoje me entra todo

pimpão na barbearia, pendura o chapéu no cabide e senta-se na cadeira. Eu, que não conhecia o bicho, perguntei: “Cabelo ou barba?” Ele respondeu seco: “Barba”. Olhei pra cabeleira dele e fiquei com vontade de meter a tesoura. O bicho é cabeludo, Rodrigo, os cabelos dele dão pra, fazer trança. Comecei a examinar a cara do homem pelo espelho. Ele viu que eu estava olhando e perguntou: “Sabe quem sou eu?” Respondi que não. E o homem: “Me chamo Silvino Neves, mas me tratam por Dente Seco”.

— E tu, que disseste?

— Ora, fiquei mais pra lá que mais pra cá, e achei melhor dizer que já conhecia ele de nome. Ensaboei a cara do cabra e indaguei assim com ar de quem não quer nada: “Ainda que mal pergunte, que é que o patrício anda fazendo por estas bandas?” E tu sabes o que foi que ele respondeu? “Vim fazer um servicinho pró coronel Trindade.”

Comecei a passar a navalha no assentador. “Que servicinho?” E ele, mais que depressa: “Dar um susto nuns mocinhos bonitos”. E meio que riu. Quando eu já estava barbeando o bandido, ele revirou os olhos pra cima, viu o meu lenço colorado e disse: “Pelo que vejo, o amigo é maragato, não?” "Dos quatro costados", respondi. “Pois então me faça essa barba direito, senão nos estranhamos.”

— E tu… fizeste direito?

Rodrigo não tirava os olhos de Dente Seco, que continuava no mesmo lugar, picando fumo com uma faca de lâmina larga, e a olhar sempre fixamente para o Sobrado.

— Naturalmente - respondeu Neco. — Mas quando passei a navalha nos gargomilos do homem me veio uma ideia. Se eu aperto o fio agora, talvez salve a vida de muita gente, talvez salve até a vida do Rodrigo. Palavra de honra, bandido não sou, mas que senti cócegas nos dedos, isso senti. E tu sabes duma coisa, menino? O diabo parece que adivinhou meus pensamentos e perguntou: “Vassuncê já degolou alguém?” Respondi que não. “Pois então não sabe o que perdeu.”

Rodrigo observava o bandido. Era um homem de meia-idade, baixo e fino de corpo. Estava de chapéu de barbicacho, camisa branca, lenço verde ao pescoço, bombachas de riscado e botas muito sujas. Como ele erguesse a cabeça para olhar a água-furtada, Rodrigo pôde ver-lhe melhor o rosto triangular e acobreado, de bigodes espessos e negros que lembravam fumo em rama e lhe escorriam pelos cantos da boca com as pontas quase a tocarem os lóbulos das orelhas.

Esse cachorro está me provocando… - murmurou Rodrigo, por entre dentes. — Decerto pensa que vai me assustar. Acho melhor ir perguntar o que ele quer…

Fez menção de sair da sala, mas Neco segurou-o pelo braço e, como naquele instante Licurgo entrasse, o barbeiro pô-lo ao corrente

do que se passava.

— Fique quieto, meu filho. O que eles querem é que o senhor aceite a provocação pra lê matarem e depois dizerem que foram agredidos.

Dente Seco botou a faca na bainha, tirou a palha de trás da orelha, pôs nela o fumo picado, enrolou o crioulo, ficou por algum tempo batendo o isqueiro e, aceso o cigarro, saiu a andar lentamente na direção da Intendência.

Às oito da noite o coronel Jairo Bittencourt desceu dum carro à frente do Sobrado e bateu na porta. Conduzido para a sala de visitas, à presença de Licurgo e Rodrigo, colocou sobre o consolo o pacote que trazia, e foi logo dizendo, na sua maneira pomposa mas calidamente cordial: - Vim apresentar meus respeitos aos queridos amigos e renovar meus protestos de amizade…

E como pai e filho nada dissessem, prosseguiu: - O ataque de que fostes alvo é duma mesquinhez sem limites. Como militar não me é lícito tomar partido em questões políticas. Mas acontece, caros amigos, que quando entrei para o Exército ninguém me exigiu que abdicasse dos direitos de cidadão, nem dos sentimentos de fraternidade, de dignidade, de justiça, de… - Ergueu a mão e começou a abri-la e fechá-la, como se quisesse apanhar no ar a palavra arisca - de… enfim, de solidariedade social. E como cidadão, como ser humano, não posso deixar de lançar meu protesto contra a maneira brutal e injusta como o jornal da situação atacou esta família e esta casa.

Licurgo estava tão constrangido, que pigarreava repetidamente, olhando para o bico das próprias botinas.

— Posso garantir-vos que meu protesto não é platônico, pois acabo de enviar uma carta enérgica, embora vazada em termos 320 decorosos, ao redator d'A Voz da Serra, protestando contra sua linguagem e suas calúnias.

— Muito obrigado - disse Rodrigo - sua amizade muito nos desvanece.

Como os três estivessem ainda de pé, Licurgo convidou: - Sente-se, coronel.

Jairo Bittencourt sentou-se, trançou as pernas, tirou do bolso um lenço e passou-o pelo rosto. Olhou longa e afetuosamente para Rodrigo: - O meu prezado amigo é duma combatividade e duma coragem admiráveis.

— É bondade sua…

Erguendo a mão sardenta e rosada, o militar segurou o braço de Rodrigo, que se conservava de pé, ao lado de sua cadeira.

— Se permite que um homem mais velho que o senhor e naturalmente mais experimentado, embora não mais culto nem mais

talentoso, lhe faça uma observação…

— Faça, coronel.

— Promete que não me vai levar a mal?

— Ora, por quem é!

— Eu diria que lhe está faltando ainda uma orientação doutrinária… O amigo tem o sentimento da justiça social. O que lhe falta é uma base ideológica sólida. Perdoe a franqueza.

— Talvez… O coronel naturalmente está falando como positivista convicto…

— Naturalmente! E que melhor base existe para uma ação social que o positivismo?

Fez um gesto largo de apóstolo jovial. Depois, ergueu-se e apanhou o pacote que deixara em cima do consolo, sob o grande espelho. Tirou o invólucro de papel pardo e aproximou-se de Rodrigo com um livro na mão.

— Vou lhe pedir um favor, um grande, imenso favor. — Bateu na capa do volume. — Leia isto quando tiver tempo. — Système de Politique Positive, de Augusto Comte.

E um livro básico. Leia e medite. Não me conformo com a ideia de que um moço 321 esclarecido e combativo como o senhor fique por mais tempo divorciado da boa causa.

— Mas coronel.

— Eu sei o que vai dizer. Mas não diga nada antes de ler a obra. Se depois de chegar à última página não estiver ainda convencido das verdades que o livro encerra… paciência. Mas leia quand même.

— Está bom - disse Rodrigo, folheando distraidamente o volume. E mentiu: - Vou começar hoje mesmo.

Jairo tornou a sentar-se.

— Mas então - perguntou - depois do ataque que sofreram, qual vai ser a vossa atitude?

— Vamos contra-atacar.

— Se me permite a pergunta, em que termos?

— Nos mais violentos. Quer ouvir o editorial que escrevi? O militar fez um sinal afirmativo. Rodrigo tirou do bolso uma prova da carta aberta e começou a lê-la com veemência. De quando em quando erguia os olhos para observar as reações do outro. O rosto do coronel, de ordinário rosado, foi ficando aos poucos cor de lacre. Quando Rodrigo chegou ao final do artigo, Jairo Bittencourt pôs-se de pé bruscamente.

— Mas é uma barbaridade! - Voltou-se para Licurgo. — E o senhor vai permitir que se publique isso?

— Por que não? O Rodrigo é maior e sabe o que faz. Como que aturdido, o positivista olhava do pai para o filho.

— Mas depois disso, senhores, não pode haver mais argumentos

senão a violência, a agressão física!

Rodrigo encarava o visitante em silêncio, gozando o efeito que a carta aberta produzira nele. Jairo segurou-o pelos ombros e sacudiu-o.

— Em nome de tudo quanto é mais sagrado, peço-lhe que não publique essa carta!

— O artigo que escrevi contra o Trindade é um pouquinho mais violento… Assassino é a palavra menos ofensiva que usei.

— Por favor! Terminemos com isso enquanto é tempo. Essa polémica pode ter consequências trágicas não só para esta casa como para toda a família santa-fezense.

— Agora é tarde, coronel. O jornal está pronto e vai ser distribuído amanhã à porta da matriz, na hora da missa.

— Mas é um acinte.

— Exatamente. Nós queremos que seja isso mesmo: um acinte. O comandante do regimento de infantaria ofegava, e em suas narinas esvoaçaram pelinhos fulvos. Seus olhos claros fitavam ora o rosto de Rodrigo, que sorria, ora o de Licurgo, que continuava taciturno. Por fim o militar tornou a sentar-se, desta vez pesadamente, como num dramático final de ato, e ficou por muitos segundos em silêncio, a olhar para o soalho. Depois, com voz mais calma: - Se o senhor quer realmente servir sua terra e sua gente, não é essa a orientação que deve dar à campanha. As ofensas pessoais não conduzem a parte nenhuma a não ser à violência e à destruição. O que precisamos é construir e não destruir.

— Eu pretendo também construir, coronel. O senhor acha possível plantar alguma coisa útil num terreno cheio de ervas daninhas? O que estou fazendo é arrancar essas ervas. É duro, perigoso e cruel, mas necessário.

— Mas acontece que estais em absoluta minoria! Sabeis disso melhor que eu. O intendente é senhor de baraço e cutelo. Olhe, não quero ser veículo de boatos nem de intrigas, mas pessoa de muita responsabilidade me assegurou que o delegado de polícia mandou vir de fora um indivíduo de maus antecedentes, um capanga…

— Eu sei. Por sinal hoje à tardinha ele estava parado ali na calçada fronteira, olhando para o Sobrado.

O coronel meneou a cabeça lentamente.

— Tudo isso é puro desperdício de energia, puro malbaratar de coragem e ímpeto combativo. É uma atitude suicida, dr. Rodrigo, e eu não posso permitir que amigos queridos se lancem assim para a morte.

Levantou-se com o ar de quem ia fazer algo de violento e definitivo.

Licurgo, que passara todo o tempo a pontilhar a conversa com seus pigarros secos, perguntou: - O senhor, então, como autoridade militar, vai proibir que o jornal de meu filho saia?

— Absolutamente! Seria outro ato de violência não só inconstitucional como também contrário às minhas convicções políticas e filosóficas.

Deixou cair os braços e soltou um prolongado suspiro.

— Enfim, fiz o que pude, cumpri o meu dever. E agora, se me dão licença, retiro-me. Meus respeitos à sra. dona Maria Valéria.

Apertou a mão de Licurgo. Rodrigo tomou-lhe cordialmente o braço e levou-o até a porta.

— Não quero que vá embora zangado comigo, coronel… Peço-lhe que compreenda a minha situação…

O militar sorriu.

— Também já tive vinte e quatro anos, meu amigo. Rodrigo percebeu que Jairo estava comovido. Pararam no meio da calçada.

— E não se aflija, coronel. Não vai me acontecer nada.

— E que é que lhe dá tanta certeza disso?

— Um pressentimento, algo que não sei explicar. No fundo sou um otimista incorrigível. Sempre fui. Acho que não se fabricou ainda a bala que há de me matar.

Pensou em que naquele mesmo momento podia ser alvejado por alguém que estivesse atocaiado nas sombras da praça, e essa possibilidade de perigo produziu-lhe uma estranha sensação de gozo.

Abraçaram-se. E quando o coronel já estava a atravessar a rua, Rodrigo gritou-lhe:

— Precisamos qualquer noite destas fazer uma tertúlia aqui em casa, comer um caviarzinho com champanha e ouvir boa música. E meus respeitos à esposa, coronel!

Quando o outro se sumiu entre as sombras do arvoredo, Rodrigo ficou ainda por algum tempo a contemplar as estrelas.

XIII Na manhã seguinte, pouco antes das dez horas, deixou o Sobrado e atravessou a rua em passadas vagarosas, na direção da matriz, cujos sinos badalavam anunciando que a missa ia começar. Caminhava com uma lentidão calculada, atento às pessoas que àquela hora se dirigiam para o templo ou passeavam pelas redondezas, num ócio domingueiro.

Tinha vestido pela primeira vez uma muito bem cortada roupa de tussor de seda - coisa que até então ninguém vira em Santa Fé - , calçava sapatos de verniz de bico fino e levava na cabeça, que mantinha altivamente erguida, um palheta de copa baixa e aba curta e espessa. Estava de rosto recémescanhoado (o Neco viera ao Sobrado às sete da manhã, para barbeá-lo) e passara alguns minutos diante do espelho a escolher uma gravata que combinasse com o tom de palha da fatiota.

Avistou Emerenciana Amaral, que caminhava penosamente entre duas filhas, e sorriu para ela, tirando o chapéu. Cumprimentou também Maneco Macedo, que descia de seu carro à frente da igreja. Queria que todos o vissem alegre e sereno, para ficarem sabendo que a lama jogada contra ele pelo escriba do Trindade não o atingira. Parou um instante na calçada fronteira à matriz e ficou a olhar as pessoas que entravam. Tirou do bolso o relógio: faltavam ainda cinco minutos para começar a missa. Decidiu - e essa decisão lhe deu uma cócega de antecipação parecida com a que sentia quando, nos tempos de menino, aproveitava os silêncios da sesta para ir furtivamente à despensa roubar bom-bocados - decidiu passar pela Intendência antes de entrar na igreja. Pôs-se em 325 movimento e, quando estava já na metade da quadra, avistou Laço Madruga, que caminhava na mesma direção mas em sentido oposto. Era a primeira vez que encontrava um de seus inimigos frente a frente, depois que atirara a primeira farpa. O delegado de polícia estava vestido de preto e, como era seu hábito, caminhava de cabeça baixa, a aba do chapéu de feltro puxada sobre os olhos, as mãos às costas, segurando a grossa bengala de castão de prata. Um soldado da guarda municipal seguia-o, armado de espada e Nagant, e também com a aba do quepe caída sobre a testa. Instintivamente Rodrigo levou a mão à altura do rim direito e apalpou o cabo do revólver. Começou a assobiar automaticamente a havaneira da Carmen. Achava-se agora a poucos passos do famigerado Madruga, o terror de Santa Fé! Murmurava-se que fora ele próprio quem degolara o Tito Chaves. Canalha!

O capitão Madruga ergueu os olhos e fitou-os em Rodrigo, que o encarou firme. Aconteceu, então, algo de inesperado. O delegado fez avançar o braço esquerdo, cuja mão segurava a bengala, e com o indicador da mão direita bateu na aba do chapéu, dizendo claramente: "Bom dia!" Rodrigo sentiu um súbito calor nas faces e quedou-se por um instante confuso. Teve pena do animal e ao mesmo tempo desejou cuspir-lhe na cara.

Vá gente entender as pessoas! Quando imaginei que ia me meter a bengala na cabeça, o homem me deseja bom-dia!

Continuou a andar, mas com a cadência dos passos alterada. E, à medida que se afastava do delegado, ia sendo invadido por um sentimento de despeito, pois já agora lhe parecia que a atitude benévola do capitão Madruga dava a entender que o bandido não o tratava como homem, mas sim como um menino a cujas mácriações não se deve dar muita importância.

Cachorro! - murmurou. — Depois de tudo o que eu disse, ainda me cumprimenta! É o cúmulo do rebaixamento!

Parou diante do edifício da Intendência, já agora sem saber ao certo se havia ou não, na confusão do momento, correspondido ao cumprimento do facínora. A dúvida embaraçosa picou-o por alguns instantes.

Os sinos silenciaram. Rodrigo voltou apressado para a igreja, entrou e assistiu à missa até o fim, suspirando com impaciência durante o longo e fastidioso sermão do padre Kolb.

À medida que se aproximava o fim do culto, sentia sua ansiedade aumentar. Que iria acontecer quando se pusessem a distribuir o jornal? Talvez os capangas de Trindade andassem pelos arredores e o tiroteio começasse ali mesmo, na frente da igreja, o que seria desastroso, pois havia mulheres e crianças na missa. Eu devia ter escolhido outro lugar e outra hora… Diabo!

Quando a missa terminou e os fiéis começaram a sair, Rodrigo postou-se do lado de fora da porta do templo, no alto dos degraus, de onde avistou logo o Chiru, que começava a distribuir A Farpa, gritando e fazendo largos gestos de camelô. Maneco Macedo e Joca Prates receberam seus exemplares: o primeiro, sorrindo, o segundo de cenho fechado. Outras pessoas, no estonteamento da surpresa, pegavam automaticamente a folha que Chiru lhes dava e muitos, depois de verem do que se tratava, amassavam o jornal e o lançavam na sarjeta. Rodrigo não podia perceber se faziam isso com raiva ou apenas com medo de serem apanhados pela gente de Titi com aquela coisa comprometedora na mão. No meio da rua, Bento também andava ativo na distribuição, ao mesmo passo que, parado a uma esquina, don Pepe atacava todos que por ali passavam e metia-lhes nas mãos ou debaixo dos braços, meio à força, um, dois ou mais

exemplares do jornal, gritando: - Edición especial de La Farpa, matutino independiente! Vamos, senores, que esto es grátis. Hay que agitar!

Muitos passavam de largo; outros pegavam a folha e paravam para ler os cabeçalhos. Alguns até pareciam ensaiar protestos. O vento fazia esvoaçar os jornais que juncavam as calçadas e o pavimento da rua. Rodrigo avistou, sob as árvores da praça, o Neco Rosa no momento em que ele metia à força debaixo do sovaco de Arrigo Cervi um jornal dobrado. Várias mulheres à frente da igreja 327 puseram-se a falar nervosamente e Rodrigo entreouviu algumas das palavras que diziam - ligeiro… vamos embora… vai haver briga… Nossa Senhora… onde está o teu pai? As caboclinhas do coronel Cacique desceram os degraus em fila indiana, todas vestidas de branco. Rodrigo tirou o chapéu, num prolongado cumprimento que pretendia abranger toda a família Fagundes. O coronel Cacique parou e sua face lustrosa e gorda alargou-se ainda mais num sorriso.

— Que negócio é esse?

— Começou a inana, coronel! E a edição especial d'A Farpa.

— O senhor tem tutano mesmo, moço!

Rodrigo viu quando Chiru fez menção de entregar um exemplar d'A Farpa a Cuca Lopes, que sacudia as mãos e a cabeça em frenéticos gestos negativos. E como o outro procurasse meter-lhe à força o jornal no bolso, Cuca saiu quase a correr na direção da praça, em cuja calçada foi atacado pelo Neco, de quem se esquivou, quebrando o corpo e embarafustando em ritmo de fuga por entre plátanos e cinamomos.

Rodrigo contemplava a cena, exaltado. Lá ia a Ritinha Prates, ao lado dos pais. O tenente Lucas a seguia de pequena distância, metido no seu uniforme de gala. Os lenços vermelhos que drapejavam como pendões de guerra nos pescoços de Chiru e Neco; o vestido azul-elétrico da Gioconda; a sombrinha verde de Ritinha; as calças de garança do tenente de obuseiros; o vaivém das gentes nas ruas e calçadas, num movimento multicor de calidoscópio; o repicar dos sinos, que parecia emprestar uma certa iridescência à dourada claridade da manhã - tudo isso, sob o vasto e límpido azul do céu, dava à cena um ar festivo de feira.

Rodrigo sorriu ao avistar Salomão Padilha que, de fraque cor de café com leite, calças e chapéu da mesma cor, passava rebolando a bengala de junco e as ancas. O pelintra! O sem-vergonha! O cara-dura!

Dentro de poucos minutos a rua e a calçada fronteiras ao templo ficaram quase desertas. Don Pepe, Chiru e Neco aproximaram-se do amigo, de mãos vazias e caras radiantes.

— Magnífico, pessoal! - elogiou-os Rodrigo. — Serviço muito limpo.

— Estou admirado de não ter aparecido nenhum beleguim - comentou Chiru.

— Dei um jornal pró capitão Madruga - gabou-se Neco. E Chiru: - Meti um no bolso do juiz de comarca. Don Pepe sorria silencioso, - E tu, homem?

O espanhol perfilou-se.

— He tenido ei gran placer de regalar a don Kolb, ei cura, un ejemplar dei periódico. Lo echó lejos, me miro con un santo horror, como si yo fuera ei propio Satanás, y me dijo algo en alemán. Creo que ofendió mi madre.

Rodrigo atravessou a rua e continuou a andar na direção da rua do Comércio. Como os companheiros fizessem menção de segui-lo, deteve-os com um gesto.

— Fiquem aqui. Vou descer a rua sozinho. Não quero que pensem que ando cercado de capangas.

Os outros obedeceram, contrariados. E quando Rodrigo já se afastara deles uns dez passos, Chiru gritou: - Te cuida, homem! - E em tom mais baixo: - Esse menino se arrisca demais.

Aquela hora viam-se muitas pessoas às janelas pois era hábito dos moradores da rua do Comércio virem todos os domingos assistir à passagem dos que voltavam da missa.

Rodrigo cumprimentava amavelmente os conhecidos. Notava com satisfação que era olhado dum modo todo especial e sabia que, depois que passava, as comadres ficavam a fazer comentários. Era o homem do dia. Fizera o que até então ninguém tivera a coragem de fazer em Santa Fé: atacara de frente e de rijo o sátrapa municipal e sua camarilha. Ah! Era uma pena que Flora tivesse ido passar o resto do verão numa das estâncias do pai, pois lhe seria muito agradável ir agora 329 até a casa dela… Em todo o caso prolongaria a caminhada até o Schnitzler e entraria para tomar uma cerveja fresca ou um Fernet - Bom dia!

Tirou o chapéu ao defrontar a residência do Marcelino Veiga que estava debruçado à janela. Pareceu-lhe que o homem respondeu, ao cumprimento com certa relutância e sem a habitual cordialidade Será que esse cachorro está com medo de se comprometer? Ele teve ímpetos de parar e gritar: “Não preciso de teu cumprimento! Por que não o cortas duma vez? Comigo não há meias medidas, quero tudo claro!”

Continuou, porém, a andar, sorrindo com superioridade e la mentando que houvesse em Santa Fé tantos homens indecisos, in capazes dum gesto de coragem cívica, de desprendimento, de…

Avistou o Dente Seco, de rebenque na mão, encostado na porta da Farmácia Humanidade… Ai, ai, ai… Vamos ter barulho instintivamente apalpou o revólver e a seguir desabotoou o casaco. A

prudência me manda atravessar a rua, mudar de calçada… Mas a prudência que vá pró diabo. Não vou dar a ninguém o gostinho de dizer que tive medo.

Havia à frente da farmácia um pequeno grupo de homens que fumavam e palestravam. Ao verem Rodrigo aproximar-se, mudaram imediatamente de atitude: ficaram numa imobilidade e num silêncio tensos, a olhar alternadamente do moço do Sobrado para o capanga do Trindade.

Rodrigo passou pela frente do caboclo a passo lento. Que boa cara para uma bofetada - pensou, ao lançar para o outro um olhar enviesado. Ali estava o tipo clássico do bandido: melenudo, as mandíbulas quadradas, os olhos estreitos, a bigodeira basta… Rodrigo não pôde deixar de sentir certo mal-estar ao cruzar tão perto daquele homem que fora chamado a Santa Fé "para assustar uns mocinhos".

Estava já distante de Dente Seco uns cinco passos quando ouviu uma voz em falsete: - Ai-ai, mamãe! Que rica mocinha!

Foi como se lhe tivessem chicoteado a cara. Voltou-se, brusco, e olhou. De mãos na cintura, agora no meio da calçada, o capanga contemplava-o, rindo provocadoramente.

— Falou comigo?

— Falei - retrucou o bandido. — Quer me arranhar o papo guri?

Sem dizer palavra, Rodrigo avançou… Viu o cabra dar dois passos à retaguarda e erguer o rebenque. Saltou para um lado, mas não pôde esquivar-se de todo ao golpe, que lhe arrancou o chapéu, atingindo-lhe de refilão o braço esquerdo. Dente Seco tornou a golpear, de novo Rodrigo quebrou o corpo. A sola do rebenque, porém, mordeu-lhe a ponta da orelha e caiu-lhe em cheio no ombro. Com um vigor que a raiva duplicara, Rodrigo atracou-se com o bandido, agarrou com ambas as mãos a haste do rebenque e arrebatou-o com tão furioso repelão, que quase tombou de costas E durante a fração de segundo em que ele ficou a debater-se para manter o equilíbrio, o outro levou a mão à cintura e arrancou o revólver. Rodrigo, entretanto, não lhe deu tempo de fazer mais nada. Segurando o rebenque pela ponta, desferiu com o cabo um golpe seco no pulso do capanga, que deixou cair a arma. E quando o viu inclinar-se para apanhá-la, cerrou os dentes e, cego de ódio, golpeou-lhe violentamente a nuca com a argola do rebenque. O cabra caiu de borco, sem soltar um ai.

O grupo que se havia dispersado quando a briga começara, tornou a reunir-se. Rodrigo atirou o rebenque na sarjeta, apanhou o chapéu, enfiou-o na cabeça, e pôs-se a limpar as mãos no lenço com um cuidado exagerado.

Sentiu que lhe seguravam o braço. Olhou Era o tenente Lucas, que lhe perguntava, aflito: "Que foi que houve? Estás ferido?"

Fez um sinal com a cabeça, mostrando o homem que continuava

estendido na calçada, imóvel. Depois voltou-se e começou a caminhar, rumo do Sobrado. Naquele momento surgiam curiosos de todos os lados; pessoas saíam de suas casas e se aglomeravam, já numa algazarra, ao redor de Dente Seco. Rodrigo ouvia palavras soltas - morto?… chamem um médico… barbaridade!

Estarei pálido? Ou vermelho? Apalpou o cabo do revólver. Sentia como que uma cinta de ferro a apertar-lhe o peito, dificultando-lhe a respiração. As pernas, porém, estavam firmes. Aos poucos começou a ficar tomado de uma satisfação selvagem, que lhe 331 dava uma vontade de gritar coisas para as pessoas que se achavam às janelas ou que passavam por ele na calçada. Parou a uma esquina e olhou para trás. Havia agora à frente da Farmácia Humanidade uma pequena multidão. Nas proximidades da praça, encontrou Chiru, Neco e don Pepe, que sabiam já do conflito e queriam pormenores.

Rodrigo resumiu dramaticamente a situação: - Deixei o Dente Seco estirado na calçada na frente da farmácia do Zago.

Entrou calmamente no Sobrado e contou ao pai e à tia, já mais exaltado, o que acontecera. Tirou da carteira um cigarro e acendeu-o, verificando, com profunda satisfação, que suas mãos não tremiam.

— O homem ficou muito ferido? - indagou Licurgo, apreensivo.

Fingindo uma indiferença que estava longe de sentir, Rodrigo respondeu: - Não tenho a menor ideia.

— Não me olhe com essa cara, Dinda! - exclamou quando, ao erguer os olhos, viu Maria Valéria plantada em sua frente, com os braços cruzados.

— Ué! Que cara?

— A senhora parece que ainda não se convenceu de que não sou mais criança. Está aí me olhando como se eu tivesse feito uma travessura.

— E não fez? Então andar de aloites na rua com um bandido é coisa que se faça?

— Fui provocado.

— Por que não voltou pra casa depois da missa? Por que foi se mostrar na rua do Comércio?

Licurgo andava dum lado para outro, mastigando nervosamente a ponta do cigarro apagado. Maria Valéria foi até a cozinha, de onde voltou pouco depois com uma xícara de café.

— Tome.

— Não estou nervoso. Olhe.

Espalmou a mão no ar para mostrar a firmeza dos dedos.

— Mesmo que não esteja, café sempre é bom. Tome duma vez.

Rodrigo segurou a xícara e bebeu um gole.

— Hum! Está amargo.

— Assim é melhor.

Bebeu com certa relutância, fazendo caretas, bem como nos tempos de menino, quando a madrinha o obrigava a tomar óleo de rícino, seguido de café amargo "pra tirar o gosto ruim da boca".

— Não está lastimado?

— Não - respondeu Rodrigo com o laconismo de quem queria cortar o assunto.

A ponta da orelha esquerda agora lhe ardia, como se estivesse queimada. Cachorro! Não me arrependo do que fiz. Os bandidos vão ver, duma vez por todas, com quem estão tratando.

O relógio da sala de jantar começou a bater as doze badaladas do meio-dia.

— O almoço está pronto - anunciou Maria Valéria.

— Ora! - exclamou Licurgo, agastado. — Numa hora destas quem é que vai pensar em comida? Sabe lá o que aconteceu pr'aquele homem…

Só então é que passou pela cabeça de Rodrigo a ideia de que podia ter matado o capanga. Isso lhe deu uma tão desagradável sensação de frio interior e náusea, que por um instante teve a impressão de que ia regurgitar o café. Lembrava-se de ter batido na nuca do caboclo com o cabo do rebenque, de ferro maciço, munido duma argola também de ferro… Recordou, com um calafrio, o ruído fofo que o golpe produzira… Mas não… Não dei com tanta violência que pudesse… Qual! Não adiantava querer iludir-se. Sabia que tinha golpeado Dente Seco com a força que lhe vinha da raiva… Santo Deus! Se matei o cabra, estou perdido.

Pôs-se de pé bruscamente.

— Papai, preciso ir ver se o homem já voltou a si… Licurgo olhou para o filho com ar autoritário.

— Ninguém me sai desta casa. Fique sentado e espere.

— O senhor se esquece de que sou médico.

— Mas não é o único na cidade.

— O meu dever era ter ficado lá pra medicar a criatura.

— E por que não ficou?

Rodrigo não achou resposta. Via agora como tinha procedido mal. Em vez de mandar carregar o caboclo para dentro da farmácia, tratando de reanimá-lo - recriminava-se ele - , assumira uma "atitude heroica", só porque havia uma plateia e ele queria proporcionar ao público o espetáculo de sua coragem, de seu sangue-frio, de seu aplomb.

Pouco lhe importara a vida daquele ser humano (um facínora, sim, mas uma criatura de Deus) pois o dr. Rodrigo Terra Cambará só tivera olhos e cuidados para seu penacho!

Por um instante os dois homens mediram-se com o olhar. Rodrigo de repente percebeu que, pela primeira vez em sua vida, acendera um

cigarro diante do pai. Jogou-o na escarradeira e, sem dizer palavra, entrou no escritório, fechando a porta a chave.

Sentado ao pé do gramofone, a olhar fixamente para a campânula, Rodrigo debatia-se numa confusão de sentimentos. Ora se arrependia do que havia feito - a começar pela provocação que lançara a Trindade e sua gente e que redundara naquele conflito com Dente Seco - , ora procurava convencer-se de que procedera com acerto e de que as coisas não podiam ter se passado de outra maneira. Devia ele, na frente de tanta gente, "pagar um vale" e continuar a andar indiferente, quando o cabra lhe atirara em rosto uma frase gaiata em que sua masculinidade era posta em dúvida? Claro que não. Por outro lado, a ideia de ter matado um homem enchia-o dum horror, duma sombria sensação de culpa. Era como se, de repente, em sua vida se tivesse feito um hiato, um vácuo medonho dentro do qual só ouvia o latejar medroso do próprio sangue…

Assassino. Eu, um assassino. Nunca esperei que isso me pudesse acontecer. Meu nome nos jornais, em todos os jornais do 334 país. Estão vendo aquele sujeito que ali vai? É o dr. Rodrigo Cambará. Matou um homem. Foi absolvido mas o remorso está acabando com ele aos poucos. Não tem ainda trinta anos mas está com a cabeça completamente branca.

Adeus, Flora! Adeus, belos planos! Adeus, música! Adeus, livros! Adeus, carreira! Adeus, tudo! É estúpido, estúpido, estúpido… Ficou olhando para o chão, a repetir a palavra, obstinadamente, e a sacudir a cabeça.

De súbito veio-lhe uma esperança. E se o homem não morreu? Claro. Como é que posso ter como certa uma coisa que pode não ter acontecido. Em sua mente soou uma voz…

"Esses golpes na nuca são sempre fatais." Imaginou o dr. Matias a escrever o atestado de óbito: "Causa mortis, fratura na base do crânio produzida por um instrumento…

"O corpo do Dente Seco velado na Intendência, com todas as honras. O bandido apresentado a Santa Fé, ao Rio Grande do Sul e ao Brasil como um mártir republicano.

A exploração que o Titi Trindade ia fazer de tudo aquilo… O que o pulha do Amintas ia escrever na Voz… A lama que outra vez iam jogar sobre o Sobrado e os Cambarás…

Corja! Deu um murro na guarda da cadeira e procurou encher-se dum sentimento de indignação suficientemente forte para afogar o próprio remorso. E se o capanga tivesse conseguido me meter uma bala na cabeça? Quem ficaria caído na calçada era eu…

Em sua mente um quadro delineou-se, nítido: o cadáver de Rodrigo Cambará estendido sobre a mesa da sala de jantar, entre quatro velas acesas, cercado de parentes e amigos que lhe choravam a

morte, enquanto o Pitombo em sua oficina batia os pregos do esquife em que haviam de enterrar o moço do Sobrado. Vinte e quatro anos…

Na flor da idade… Que banditismo!

Levantou-se, num acesso de autocomiseração.

Sim, eu podia estar morto. Sejamos lógicos e não apenas sentimentais. Compare-se a vida do Dente Seco com a minha. Dum lado, um bandido que cometeu vários crimes, cortou muitas vidas, um assalariado, um homem bronco e cruel, socialmente inútil. Do outro, um cidadão de bons sentimentos, nobre e caridoso, culto e cheio de belos planos de trabalho…

Mas a verdade é que ele estava vivo, ao passo que o outro… Tornou a sentar-se. Beber um cálice de conhaque? Sim. Ia fazer-lhe bem, muito bem. O remédio era embriagar-se e esquecer aqueles pensamentos negros. Pensou em Deus. Deus era o Supremo Juiz. Deus via tudo. Deus era justo.

Desabotoou o colarinho, desfez o nó da gravata e achou-se supinamente ridículo naquela fatiota de tussor de seda. Ai Rodriguinho, quem confeccionou essas roupinhas que te fazem o dandy mais completo de Santa Fé? Cachorros! Provocaram um homem e o resultado está aí…

Olhou para o armário de livros, para as lombadas de couro com letras douradas. Aqueles autores queridos eram testemunhas silenciosas de que a vida com que ele sonhara nada tinha a ver com os Amintas, os Trindades, os Madrugas e os Dentes Secos. Era antes uma vida de bondade e harmonia. (Pero hay que definir, hijito!) Desejava construir e não destruir, curar e não ferir.

— É o Destino - murmurou. — O Destino que nos arrasta, queiramos ou não…

Ouviu vozes na sala vizinha. Pouco depois, duas batidas à porta. Seu coração disparou. Decerto alguém chegara para contarlhe que Dente Seco estava morto. Deu alguns passos e abriu a porta. O tenente Lucas entrou e caiu-lhe nos braços.

— Antes de mais nada, parabéns pelo golpe de mestre. Foi a briga mais rápida que vi em toda a minha vida. Sim senhor, golpe de mestre. E que calma, rapaz, que linha!

Lucas Araújo atirou o quepe para cima do bureau, recuou dois passos e olhou Rodrigo de alto a baixo.

— Sim senhor! Meus parabéns!

O outro olhava-o sem compreender. Mal pôde balbuciar: - Então… e o homem?

Naquele instante entrou Licurgo, seguido de Maria Valéria, e os três ficaram a olhar num silêncio interrogador para o tenente de obuseiros.

— Levamos o bicho pra dentro da farmácia e chamamos o dr.

Matias. Mas que cara, Seu Rodrigo! É de tirar o sono de qualquer. Nunca vi bigodeira como aquela…

— Por amor de Deus, tenente! O homem morreu ou não morreu?

Lucas soltou uma risada.

— Morreu coisa nenhuma! Aquele tipo só com obus!

— Já voltou a si?

— Quando saí de lá, estava começando a gemer e a resmungar.

— Que é que o doutor diz?

— Diz que o que salvou o cabra foi ele ser guedelhudo. A cabeleira amorteceu o golpe.

Rodrigo soltou um assobio. Uma grande sensação de alívio amolentava-lhe o corpo e desoprimia o peito. Teve vontade de rir e ao mesmo tempo de chorar. Sentou-se pesadamente.

— Dinda, nos traga um conhaque. Enxugou a testa que um suor frio umedecia.

— O ferimento é sério? - indagou Licurgo.

— Brincadeira não é… - respondeu Lucas. — Diz o médico que por uns dias o homem tem de ficar na cama. Mas vai sarar. Não quebrou nada. Só ficou com um galo quase do tamanho dum ovo de galinha.

Rodrigo lançou para o tenente um olhar de agradecimento, como se ele tivesse acabado de salvar-lhe a vida.

Maria Valéria entrou trazendo numa bandeja a garrafa de conhaque e três cálices, que Rodrigo encheu. (Engraçado, logo agora que tudo passou é que minha mão está tremendo.)

— Vamos beber um brinde, tenente. Lucas Araújo ergueu o cálice: - Ao dr. Rodrigo Cambará, com votos para que sua boa estrela jamais se apague, e para que Deus lhe conserve o olho vivo, o pé ligeiro e a mão firme.

Rodrigo gostou do brinde. Sentia uma alegria mole e boba de convalescente.

Licurgo não quis beber. Estava visivelmente apreensivo.

— Mas será mesmo que o ferimento do homem não é sério? Ouvi dizer que esses golpes de cabeça às vezes na hora parecem sem importância mas depois…

— Ora, papai! - exclamou Rodrigo, tornando a encher os cálices. — Não devemos ser pessimistas. À tua saúde, Lucas!

Tornaram a beber.

— Não se assuste, coronel - disse o tenente de obuseiros, voltando-se para o dono da casa. — Esses caboclos têm fôlego de gato. Vai ver como dentro de dois dias o Dente Seco está de pé.

— Está de pé - completou Maria Valéria - e vai acabar dando um tiro no Rodrigo. Era melhor que tivesse morrido.

— Nem diga isso, Dinda! Queria que eu fosse um assassino?

— Morrido de morte natural… - corrigiu-se ela. — Ou então que nunca tivesse nascido.

— Sua tia tem razão - murmurou Licurgo. — Daqui por diante o senhor tem que se cuidar muito. Homens como o Dente Seco são vingativos.

— Mas não há nada que possa com uma boa estrela - observou o oficial.

Licurgo sacudiu a cabeça.

— Não acredito nessas coisas.

Houve um curto silêncio, ao cabo do qual Maria Valéria se voltou para o cunhado.

— Meia hora depois do meio-dia. Posso servir o almoço?

— Pode.

— O tenente almoça conosco - disse Rodrigo, passando o braço sobre os ombros do amigo.

— E por que não?

— Para comemorar, tomaremos um bom Médoc.

— Santas palavras!

E então, perplexos, Maria Valéria e Licurgo viram o tenente de obuseiros gritar allez houp! - como os artistas de circo de cavalinhos - dar uma corrida, virar uma cambalhota e depois fazer uma mesura, atirando beijos para um público imaginário. Rodrigo sorriu, mas o rosto do pai e o da tia permaneceram sérios. No de Licurgo havia um ar taciturno de reprovação. No de Maria Valéria, um meio sorriso de tolerância, que, traduzido em palavras, queria dizer: "Coitado, é louco".

Chiru apareceu à hora em que se servia a sobremesa. Despejou as novidades: Dente Seco havia sido levado em braços à casa do 338 Madruga, onde estava hospedado. O Titi Trindade bufava de raiva e falava em represálias. A cidade inteira vibrava com o incidente e Rodrigo era o herói do dia.

As três da tarde, depois duma sesta em que não conseguira pregar olho, Rodrigo botou o chapéu na cabeça e o revólver na cintura, e foi até a farmácia, a qual de acordo com o convénio feito com Zago, estava aberta àquele domingo. À porta da padaria, Chico Pão, os olhos meio anuviados, abraçou efusivamente o arnigo, gaguejando protestos de solidariedade. Na farmácia, o prático pareceu espantado de vê-lo.

— Então, Gabriel velho, que é que há de novo?

— Muita coisa, doutor.

— Conte lá!

— Estão dizendo que vão atacar o Sobrado.

— Conversas, Gabriel, cão que ladra não morde.

— E que vão também atacar a farmácia e quebrar tudo.

— E tu acreditas nisso? Gabriel engoliu em seco.

— Acredito. Não foi um nem dois que me disseram. lnd'agorinha o Cuca Lopes andou por aqui…

— O Cuca é um boateiro.

— O d r. Matias também me contou que estão falando em toda a cidade que o assalto vai ser hoje de noite.

— Qual!

Rodrigo entrou assobiando no consultório. Sentou-se à mesa, pegou um lápis, pôs-se a fazer rabiscos no bloco de receituário, onde escreveu muitas vezes, em letras de imprensa, o nome da namorada.

Tirou do bolso o termómetro de ouro - presente de sua madrinha - e ficou a olhar fixamente para ele. Seu primeiro e mais importante cliente havia sido sua própria terra natal, que sofria de marasmo crônico e pavores noturnos. Quem estava com febre.

e febre alta era Santa Fé. Ele, Rodrigo Cambará, havia provocado essa febre. A cidade saíra de seu torpor, a cidade delirava. Ele sentia isso no ar, no jeito como as pessoas o fitavam na rua… Depois do almoço aparecera no Sobrado o Neco, que lhe transmitira impressões colhidas em rodas da Confeitaria Schnitzler e à porta do Comercial. Diziam-se frases como estas: “O Rodrigo é um bichão. É preciso ter tutano pra enfrentar o Dente Seco… Só a cara do bicho é de matar a gente de susto”.

"E sabem da melhor? Ele estava armado e nem encostou o dedo no revólver." Murmurava-se até que alguém ouvira a Gioconda dizer - e de todas as frases era essa a que mais lisonjeava Rodrigo - "Isso é que é homem'.

Rodrigo sorria, olhando para o termômetro, quando o Cuca irrompeu no consultório: - Sabes da última? O Dente Seco já está de pé.

— Não imaginas como essa notícia me alegra…

— Me contaram que ele jurou que vai te matar.

— Que esperavas que ele fizesse, depois do que aconteceu? Que me desse beijinhos?

Cuca aproximou-se do amigo e sussurrou: - Pessoa muito chegada ao Titi me garantiu que eles vão atacar o Sobrado hoje de noite. Já estão reunindo gente da Intendência. Te conto isso, Rodrigo, porque sou teu amigo.

— Está bom, Cuca. Muito obrigado pela informação. Mas não acredito.

Durante o resto da tarde, porém, continuaram a chegar à farmácia pessoas que repetiam a advertência. A cidade estava cheia de boatos. Afirmava-se que quem ia comandar o ataque era o próprio capitão Madruga. Um amigo chegou a aconselhar: - Pelas dúvidas o melhor é fechar a farmácia, não acha?

— A farmácia continuará aberta até a hora de costume - replicou

Rodrigo.

Ao chegar a casa, encontrou o pai no escritório.

— Estão falando que a canalha vai atacar o Sobrado - disse o Velho.

— O senhor acredita nisso?

— Essa gente é capaz de tudo.

— Acha, então, que devemos nos preparar?

— Acho.

Rodrigo chamou Bento.

— Bata na casa do Marcelino Veiga e peça para ele nos vender quatro caixas de balas de revólver calibre 38. Tome o dinheiro. — O boleeiro já estava na calçada quando Rodrigo lhe gritou da janela: - Traga dez!

Pensou: O Marcelino vai logo contar ao Trindade que estamos nos preparando… Esfregou as mãos, satisfeito. Começava a acreditar na possibilidade do ataque, e isso lhe dava uma exaltação guerreira. Era preciso, porém, que a corja do Trindade e toda Santa Fé ficassem sabendo que ali no Sobrado ninguém estava atemorizado. Pôs o gramofone a funcionar, e por muito tempo as pessoas que passavam na rua ouviram a voz de Caruso, de Amato e da Melba, a cantar árias vibrantes.

— Não seria bom mandar a madrinha e a Laurinda pra casa da tia Vanja? - perguntou Rodrigo ao pai.

Antes que este tivesse tempo de responder, Maria Valéria protestou: - Daqui ninguém me tira. Havia de ter graça. Se pude aguentar o sítio de 95, por que é que hei de fugir agora?

Essas palavras encerraram a questão. Rodrigo beijou a testa da madrinha e foi azeitar o revólver.

À tardinha tiveram uma surpresa agradável. Toríbio apeou do cavalo no quintal do Sobrado e entrou pela cozinha como um furacão.

— Me prepara um mate, Laurinda - gritou ao passar pela mulata.

Beijou a mão do pai, abraçou o irmão e foi logo reclamando: - Egoísta! Como é que não mandaste me avisar de nada? Quando li o artigo da Voz o sangue me ferveu.

Dei seis tiros num tronco de corticeira pra aliviar o peito. Nas Três Forquilhas me contaram hoje do teu pega com o tal de Dente Seco. E verdade? Rodrigo contou-lhe a história com pormenores.

— A todas essas eu lá na estância, marcando terneiro e botando creolina em bicheira… Vocês me fazem cada uma!

Maria Valéria entrou nesse momento e, vendo Toríbio, exclamou: - Xii… Era o que faltava. Chegou o capitão Rompe-Ferro. Vá lavar essa cara, menino!

Durante o jantar Rodrigo narrou animadamente a Toríbio os últimos acontecimentos. Depois da sobremesa, mostrou-lhe o último

número d'A Farpa, que o irmão leu, às gargalhadas, sob o olhar desaprovaclor do pai.

Pouco antes das oito horas começaram a chegar os amigos. O primeiro foi o Chiru Mena, de bombachas, botas e esporas, revólver e adaga na cintura, um largo chapelão com barbicacho na cabeça, e um pala atirado sobre o ombro.

— Ué! - exclamou Maria Valéria. — Vai viajar? Um tanto desconcertado, Chiru retrucou: - Nunca se sabe, dona. A gente tem que estar preparado pra tudo.

Pouco depois chegou o Neco Rosa, também armado de pistola e faca, trazendo o violão a tiracolo. Pepe Garcia não tardou a aparecer; vinha como de costume sem um canivete no bolso. Tirou a boina, dobrou-a, meteu-a no bolso e, aproximando-se grave de Rodrigo, cochichou: - He oído decir que el ataque está aplazado para Ia media noche en punto. La cosa es seria, hijito.

Rodrigo sorriu e deu-lhe uma palmada amistosa no ombro.

— Entra, Pepito, e fica à vontade.

Era como se estivesse recebendo amigos para uma festa. Maria Valéria olhava para os recém-chegados com uma pontinha de má vontade. Ao vê-los entrar para a sala de visitas, lançava-lhes olhares hscalizadores para os pés, a ver se não estavam sujos de barro ou esterco.

As oito em ponto. Cacique Fagundes apareceu, chamou Rodrigo à parte e disse que trazia um recado. Alvarino Amaral man- dava dizer que, apesar de não manter relações de amizade com Licurgo, estava disposto a vir com os filhos machos ajudar a defender o Sobrado contra a corja do Trindade.

— Espere aí, coronel, que eu vou dizer ao papai.

Licurgo escutou o recado de seu desaféto com a fisionomia impassível. Por fim resmungou: - Não acredito que ele tenha coragem de entrar no Sobrado.

— Papai, o senhor deve compreender que a intenção do homem é boa.

— Somos inimigos e eu não posso me esquecer que ele já atirou contra esta casa. Não me falem mais nisso!

Rodrigo voltou ao emissário.

— O Velho não aceita o oferecimento, coronel. O senhor conhece o papai. É um homem muito difícil. — Pegou no braço do caboclo. — Escute. Conte a coisa com jeito ao Alvarino, diga que eu compreendo o gesto dele e estou muito grato…

Cacique Fagundes encolheu os ombros.

— Em todo o caso, dei o recado.

Saiu para levar a resposta ao Alvarino Amaral e voltou pouco depois para ficar. Entrou no momento mesmo em que chegava ao

Sobrado um grupo: o coronel Maneco Macedo com seus seis filhos, o mais moço dos quais tinha apenas dezessete anos. Estavam armados de revólver e faca, e traziam lenços vermelhos amarrados ao pescoço. Comovido ante aquele quadro, Rodrigo recebeu-os com efusão, abraçando todos os Macedos, cujo chefe exclamou: - Não quisemos perder esta festa. Foi por isso que viemos sem convite.

Desataram todos a rir. Rodrigo correu para a madrinha: - Mande preparar um mate e uns cafezinhos, Dinda. Maria Valéria, que pelo vão da porta olhava fixamente para as botas dos recém-chegados, murmurou: - Isto até parece velório.

— Se for velório de alguém - retrucou Rodrigo - que seja do Trindade.

Licurgo conversava com o Cacique e Maneco Macedo, e seu semblante continuava anuviado. Discutiam as probabilidades 342 343 daquêle ataque, no qual o coronel Fagundes absolutamente não acreditava ("Só se o Titi estiver louco varrido") e sobre o qual Licurgo manifestava suas dúvidas.

— Mas se vierem - concluiu Maneco Macedo - vão en- contrar com quem tratar.

Rodrigo mandou fechar todas as janelas do andar inferior. Reuniu depois os amigos e disse-lhes de onde deviam atirar no caso de ser a casa assaltada. Era-lhe agradável assumir aqueles ares de comandante. Ouvidas as instruções de combate, os homens se dividiram em dois grupos. No escritório ficaram os mais velhos. Na sala de jantar, os mais moços. Vieram duas cuias e o chimarrão correu ambas as rodas.

Chiru e Bio trocaram bravatas. Don Pepe recordou suas negras noites de conspirador em cidades da Espanha. Alguém pediu a Neco que cantasse, e o barbeiro, não se fazendo rogar, tirou uns acordes do violão, limpou a garganta e cantou a Margarida vai à fonte.

O tempo passava. Por volta das nove e meia, Rodrigo subiu à água-furtada e de lá ficou a espreitar a praça. Pareceu-lhe ver movimentos suspeitos à frente da Intendência, um entrar e sair de gente. Um vulto moveu-se na calçada fronteira ao Sobrado e depois se diluiu nas sombras do arvoredo. A rua do Comércio àquela hora estava completamente deserta. A notícia do assalto espalhara-se por toda a cidade: era natural que ninguém ousasse sair de casa depois do escurecer, temendo as balas perdidas.

Rodrigo atirou as pernas por cima do peitoril da janela e começou a caminhar sobre o telhado, achando saborosa aquela sensação de perigo iminente: podia escorregar e cair… podia ser alvejado por algum inimigo utocaiado nas sombras da praça. Lembrouse das histórias que se contavam em torno do cerco do Sobrado, em 95. Olhou instintivamente para a torre da igreja. A silhueta do galo do cata-vento recortava-se, negra e nítida, contra o azul-violeta do céu.

Uma brisa fresca, que recendia a campo noturno, bafejoulhe a face. Acendeu um cigarro, ergueu a cabeça e quedou-se a olhar para as estrelas, tirando um prazer esquisitamente vertiginoso da ideia de estar se oferecendo como alvo ao inimigo invisível. Era 344 quase o mesmo que caminhar sobre um fio de arame estendido entre a água-furtada e a torre da matriz… E de súbito, no campo de sua memória, armou-se um remoto circo: a japonesinha, de pára-sol colorido na mão, equilibrava-se no arame… Ah, as paixões da adolescência!…

Voltou para a água-furtada e depois desceu. Neco cantava A casa branca da serra.

Bio bocejou.

— Acho que esses calças-hmixas ficaram com medo de nos atacar.

— São quase dez horas… - disse alguém.

Naquele instante bateram à porta da frente. Neco Rosa calouse. Fez-se um silêncio repentino. Bio quis abrir a janela, mas Rodrigo deteve-o.

— Espera. Pode ser uma cilada. Deixa que eu vou ver. Dirigiu-se para o vestíbulo, de revólver na mão, desceu os degraus, parou junto da porta e esperou. Tornaram a bater: duas pancadas fortes e distintas.

— Quem é?

— Sou eu.

— Eu quem?

— O Liroca.

Rodrigo abriu a porta e deixou o amigo entrar.

— Homem de Deus! Que foi que te aconteceu?

— Faz duas horas que estou escondido ali na praça, falando sozinho, numa luta de consciência. Entro ou não entro? Se não entro, podem pensar que sou um ingrato que abandona os amigos na hora amarga. Se entro, o Licurgo pode me botar pra rua com um pontapé no rabo. É uma situação horrorosa, Rodrigo.

— Vamos subir…

Liroca segurou com força o braço do outro.

— Não. Tens que primeiro arranjar o consentimento do teu pai. Sem isso não entro. Mas se ele não me deixar entrar, palavra que fico deitado na porta, como um cachorro escorraçado. E quando a capangada do Trindade chegar, vão me furar o corpo a bala, me deixar que nem paliteiro.

Rodrigo subiu, chamou o pai à parte e pô-lo ao corrente da situação. Licurgo mordeu a ponta do cigarro por alguns segundos, sem dizer palavra.

Depois: - É preciso não ter nenhum amor-próprio pra fazer uma coisa dessas.

— Ora papai, tenha pena do homem. Faz anos que ele anda rondando o Sobrado. O Liroca é uma boa alma. Se cometeu algum

erro, está arrependido…

— E o senhor pensa que eu estou satisfeito por ver toda essa gente de lenço vermelho dentro da minha casa? Em 95 eles estavam do lado de fora atirando contra nós, contra mim, contra sua mãe, contra sua tia, contra seu irmão, contra o senhor, contra os meus amigos. Pensa que me esqueci?

Rodrigo reprimiu a custo um suspiro de impaciência.

— Mas o senhor se esquece que os que hoje vão atirar contra o Sobrado e contra nós estão do lado de fora e não têm lenço vermelho no pescoço!

Licurgo engoliu em seco. Rodrigo pôs-lhe afetuosamente a mão no ombro e, com voz macia e persuasiva: - Deixe o Liroca entrar. — pediu. — Eu respondo por ele. Vai ficar quietinho num canto sem incomodar ninguém. Eu lhe garanto que será o dia mais feliz da vida dele.

Por um instante Licurgo permaneceu mudo. Depois, olhando para o filho, resmungou: - Está bem. Mande o homem entrar. Mas não me faça apertar a mão dele.

Rodrigo correu a buscar Liroca, que entrou de chapéu na mão, arrastando os pés, murmurando boas-noites desajeitados para todos, sem olhar direito para ninguém.

— Não se preocupe com o papai - sussurrou-lhe Rodrigo ao ouvido. — Faz de conta que ele não está aqui. Essas coisas se resolvem devagarinho.

Liroca sentou-se a um canto, com o chapéu sobre os joelhos, e quando Maria Valéria atravessou a sala, tesa, sem sequer olhar para o recém-vindo, este soltou um fundo suspiro. E como todos 346 ali soubessem de sua antiga “paixão” pela cunhada de Licurgo, houve risinhos abafados, troca de sinais gaiatos, piscadelas.

Quando o relógio de pêndulo deu onze badaladas, Toríbio achou que os capangas do Trindade não viriam mais.

— Está muito abafado aqui dentro, pessoal. Vamos abrir as janelas.

Sem esperar a aprovação do pai ou do irmão, escancarou as janelas da sala de visitas e debruçou-se para fora, bem no instante em que subia da rua um tropel em cadência militar.

Rodrigo precipitou-se para a janela e viu com surpresa que um pelotão de soldados do Exército fazia alto à frente do Sobrado. Um superior no qual reconheceu o tenente Lucas começou a dar vozes de comando e a soldadesca formou diante da casa numa fileira singela, ali ficando em posição de descanso.

— Lucas! - gritou Rodrigo. — Que história é essa? Lá debaixo, o tenente de obuseiros respondeu: - Não se impressione. São ordens do coronel Jairo. Daqui a pouco ele estará aqui.

Licurgo, que também se aproximara da janela, resmungou: - Minha casa cercada de soldados… Era só o que faltava. Poucos minutos depois o coronel Jairo Bittencourt entrava apressadamente no Sobrado. Estava de uniforme caqui, com o rosto mais rosado que de costume. Fechou-se com Licurgo e Rodrigo no escritório: - Quando me informaram que o intendente pretendia assaltar esta casa para empastelar a redação d'A Farpa, tomei todas as precauções para evitar a hecatombe!

Parou e tomou fôlego.

— Faz exatamente duas horas e quarenta minutos que tenho um pelotão de armas embaladas, de prontidão ali na rua do Poncho Verde.

Licurgo, que o mirava, sério, disse com pachorra: - Não era preciso se incomodar, coronel.

— Até a última hora duvidei que o coronel Trindade tivesse coragem de levar a cabo essa barbaridade. Por fim fui pessoalmente verificar o que havia. Pois bem.

Os boatos se confirmavam. O homem estava com toda a polícia municipal e mais um grupo de capangas preparados para o assalto. Tivemos uma altercação. O intendente quis me amedrontar, dizendo que eu não tinha direito de me meter em política. Ameaçou de me denunciar ao ministro da Guerra, de passar um telegrama ao presidente do estado, queixar-se ao marechal Hermes e não sei mais o quê. Perdi a calma e gritei-lhe um par de verdades que tinha atravessadas na garganta há muito tempo.

Sentou-se e, com voz mais calma, pediu: - Um copo d'água, por favor.

— Que tal um conhaque, coronel?

— Não. Água.

Rodrigo saiu do escritório e voltou trazendo a água, que Jairo bebeu dum sorvo só. Depois de passar o lenço pelos lábios e pelos bigodes, continuou: - E disse-lhe mais: “Se vossência persistir nessa loucura e atirar seus apaniguados contra o Sobrado, dou-lhe a minha palavra de cidadão e de soldado como nenhum deles voltará vivo!” "Mas isso é uma arbitrariedade!", gritou ele. E eu respondi: “Para preservar vidas humanas sou capaz de cometer todas as arbitrariedades e de passar por cima de todas as leis!”

— Magnífico, coronel!

— Ah! E disse-lhe mais: “Mande o seu capanga Dente Seco embora daqui o quanto antes! Sei para que o senhor mandou buscá-lo. E desde já eu o responsabilizo pelo que possa acontecer ao dr. Rodrigo Cambará e seus parentes e amigos”.

Calou-se. Um pingo de suor caiu-lhe do queixo na túnica. Rodrigo aproximou-se do militar e apertou-lhe a mão num agradecimento

silencioso.

— Pode mandar embora os seus amigos. Meus soldados ficarão montando guarda ao Sobrado até o amanhecer.

— Não carece - disse Licurgo.

— Não poderei dormir tranquilo se eles não ficarem.

Jairo Bittencourt ergueu-se e caminhou para o gramofone, sorrindo.

— Então este é o famoso aparelho que o amigo mandou buscar?

— É um primor, coronel. Quer ouvir alguma coisa?

— Não. Obrigado. Fica para outra ocasião. Preciso voltar a casa. A Carmem está sozinha e preocupadíssima, a coitadinha!

— Mas ouça só uma chapa…

— Está bem.

Rodrigo pôs o gramofone a funcionar. Os primeiros acordes da ouverture de Egmont encheram a sala. O coronel deixou escapar um suspiro de satisfação.

— A música, a divina música! Como é que pode haver gente no mundo que não compreenda nem ame a arte? Quando ouço música, comovo-me a ponto de me virem lágrimas aos olhos. O que está faltando à humanidade, meu caro dr. Rodrigo, é uma religião. Fé, fé e amor é o que necessita este velho mundo cansado!

Licurgo pitava calmamente, olhando para o oficial com olhos apertados e cépticos.

Na sala contígua, Maria Valéria aproximou-se de Bio: - Tocarem música a esta hora da noite! Estão doidos varridos…

Dou Pepe, que bebera com Toríbio toda uma garrafa de caninha, acercou-se da janela, lançou um olhar sobranceiro para os soldados e, fitando depois a igreja, bradou: - Clero y ejército! Los dos aliados de Ia burguesia! Me cago en Ia leche de Ia madre de todos los militares, de todos los curas, de todos los burgueses!

Após uma curta pausa, acrescentou: - Me cago en Ia leche de mi propia madre! Voltou a cabeça e baixou a voz, respeitosamente.

— Con ei perdón de usted, dona Maria Valéria…

XIV Dias depois, encontrando Chiru e Neco na farmácia, à hora do chimarrão matinal, Rodrigo fez com ambos um exame da situação. A intervenção decidida do coronel Jairo dera novo rumo aos acontecimentos. Dali por diante, Aristiliano Trindade teria de andar com mais cuidado, e rigorosamente dentro da lei. Constava que mandara Dente Seco de volta para Soledade: havia quem afirmasse ter visto o capanga, com a cabeça envolta em ataduras, entrar numa diligência que deixara a cidade uma daquelas madrugadas.

— Ganhamos a primeira batalha! - exclamou Rodrigo jovialmente sentado no bureau do consultório. — Ataquei o situacionismo, disse horrores do intendente, do delegado e de toda a sua camarilha.

Mandam buscar um bandido pra me assustar e eu deixo o cabra estirado na calçada, sem sentidos. O Trindade planeja um assalto ao Sobrado e o coronel Jairo intervém, dando claramente a entender que está do nosso lado, isto é, do lado do direito, da razão, da justiça…

— E agora?

Rodrigo apanhou a espátula e premiu-lhe a ponta contra o ventre de Chiru. — Agora chegamos ao ponto que eu desejava. Minha intenção nunca foi provocar barulho, mas botar as coisas nos seus devidos lugares. Descobri as baterias, mostrei que não tenho medo e. principalmente, provei ao povo da minha terra que é possível ir contra a situação sem perigo de perder a vida ou ser espaldeirado na rua pela polícia. Em última análise, apliquei no eleitorado indeciso uma injeção de óleo canforado.

Pois bem. De 350 hoje em diante A Farpa mudará de tom, transformando-se de jornal de ataques pessoais em jornal puramente doutrinário. Vou dar a essa corja uma lição de elegância moral!

— Que história é essa? - perguntou Neco Rosa.

— Quinta-feira que vem, o marechal chega com sua comitiva. Nesse dia vou fazer sair mais um número d'A Farpa, e o editorial será uma saudação cordial ao candidato militarista.

— Saudação? - estranhou Chiru.

— Saudação. Vou elogiar o homem, porque no fim de contas o Hermes parece um sujeito bem-intencionado…

Neco tirou a bomba da boca.

— Estás louco? Rodrigo sorriu: - Nunca estive tão bom do juízo em toda a minha vida. Chiru fungava, o cenho cerrado: - O marechal não passa dum boneco manejado pelo Pinheiro Machado, que não é trigo limpo.

— Sabes duma coisa, Chiru? Tenho um fraco pelo senador…

— Não diga isso! O Pinheiro é a asa negra do Brasil. Quero ver a caveira dele, pra felicidade da nossa terra.

— Bom, não vamos discutir esse assunto agora. Mas, voltando ao editorial, farei ver aos leitores que não estamos fanatizados pela causa civilista e sabemos reconhecer também o mérito de nossos adversários. Está claro que no fim do artigo puxo brasa pró nosso assado, provo por a + b que o senador Rui Barbosa é superior ao marechal.

Mas provo com ideias, com fatos e não com adjetivos apaixonados.

Efetivamente, no dia em que o marechal Hermes da Fonseca chegou a Santa Fé, A Farpa foi distribuída pela manhã por toda a cidade. Trazia na primeira página, dentro de vistosa cercadura, um editorial cujo fecho rezava: Bem-vindo, pois, seja o ilustre candidato oficial à cidade de Santa Fé, que saberá recebê-lo de braços abertos e um sorriso amigo nos lábios, embora seu coração palpite de admiração

e simpatia pelo candidato 351 civilista, para o qual está reservando seus votos, no próximo e grandioso pleito de primeiro de março!

O trem que conduzia o marechal Hermes da Fonseca e sua comitiva chegou a Santa Fé às onze da manhã e foi esperado na estação da estrada de ferro pelos representantes militares, que envergavam uniformes de gala, e pelas autoridades civis, à frente das quais se achava o coronel Aristilíano Trindade, muito pouco à vontade dentro dum apertado fraque preto. Na plataforma transbordante de gente, a banda de música do regimento de infantaria tocava dobrados. No largo estavam formados os trezentos e tantos alunos do Colégio Elementar David Canabarro, que agitaram bandeirinhas e soltaram vivas quando o marechal apareceu à porta da estação.

A pedido do intendente as casas comerciais haviam cerrado suas portas, e o nordeste que soprava aquela manhã bulia com as bandeiras hasteadas à frente da Casa Sol, da repartição dos Correios e Telégrafos, do Clube Comercial e do Centro Republicano.

O jornal da situação, aparecido na véspera, informara que o marechal passaria o resto daquele dia em Santa Fé, continuando a viagem para Cruz Alta na manhã seguinte.

No salão nobre da Intendência haveria, com início à uma hora, grande banquete de cento e vinte talheres, em homenagem ao “futuro presidente da República”, o qual, “após o ágape”, se recolheria a “'seus aposentos, para um merecido repouso”. As cinco da tarde, Sua Excelência visitaria os quartéis e o Centro Republicano, onde lhe seria oferecida uma taça de champanha. À noite estaria presente ao “comício monstro a realizar-se em sua honra à frente do paço municipal”.

Faltava um quarto para o meio-dia quando o carro da Intendência, de tolda arriada, chegou à praça da Matriz, conduzindo Hermes da Fonseca ladeado pelo coronel Trindade e pelo coronel Prates. O marechal estava à paisana, numa roupa cor de chumbo, e trazia na cabeça um chapéu do Panamá.

A gente do Sobrado - menos Licurgo, que se fechara no quarto, birrento, “'para não ver a cara do sargentão” - debruçou-se às janelas da sala de visitas. Olhando para o rosto corado do candidato militarista, com o seu volumoso nariz adunco, Toríbio murmurou: - Eta bichinho bem feio!

Da janela, Maria Valéria retrucou: - O Dr. Rui não é nenhuma beldade.

— Quem tem talento não carece de formosura, titia.

No momento em que o carro defrontava o Sobrado, Joca Prates murmurou qualquer coisa ao ouvido do marechal, que voltou a cabeça para a direita, na direção dos irmãos Cambarás, e tirou o chapéu. Sua calva reluziu ao sol.

— Bom dia, filho da mãe… - murmurou Toríbio por entre dentes.

Num assomo de cordialidade, Rodrigo fez um largo aceno para o visitante.

Pouco depois do carro oficial, desfilou pela frente do Sobrado a banda de música militar, tocando O General Oyama, o dobrado predileto de Rodrigo. O negro Sérgio marchava na vanguarda dos músicos, soltando foguetes, que acendia em tições conduzidos pelos moleques que o acolitavam.

A melodia vibrante espraiava-se no ar, e não só as superfícies polidas dos instrumentos de metal refletiam a claridade da manhã como também suas rútilas vozes reverberavam festivamente naquele largo cheio de ecos.

O nordeste fazia girar o galo do cata-vento da torre. As copas do arvoredo da praça agitavam-se, num verde movimento de água. De cada lado da porta central da Intendência, a bandeira nacional e a do Rio Grande drapejavam alegremente. Os rojões explodiam como tiros de canhão. As narinas dilatadas, a respiração já meio opressa, Rodrigo ia sendo aos poucos tomado dum entusiasmo marcial. Tudo aquilo - o esfuziar e o estrugir dos foguetes, a música, as bandeiras, o vento, o sol, os uniformes flamantes, o faiscar dos metais - , tudo aquilo lhe sugeria guerra e heroísmo. E um passado inteiro feito de textos e gravuras escolares, discursos patrióticos, 353 romances de capa e espada, hinos, heróis, mártires, clarinadas, apoteoses; todo um passado de mitos que Rodrigo julgava mortos, ergueu-se como um vagalhão e arrebatou-o, atirando-o, por um mágico segundo, às praias da infância. Lomas Valentinas… Riachuelo… Itororó… Quem for brasileiro que me siga!… Com a cavalaria dos Farrapos conquistarei o mundo!… Tiradentes esquartejado… Frei Caneca… Ana Néri… Filipe Camarão… O estudante alsaciano batendo no peito: A França está aqui dentro!…

O tamborzinho inglês que não sabia tocar retirada… Ó auriverde pendão de minha terra, que a brisa do Brasil beija e balança!

Rodrigo estava inquieto. Queria aproveitar a presença do marechal para fazer alguma coisa, e começava a irritar-se porque não conseguia descobrir o que era. Tinha energias de sobra para gastar, e no entanto ali estava à janela, inerte. Não se conformava com a ideia de não participar - fosse como fosse - daquele momento cívico.

Arrependia-se de não ter mandado imprimir boletins com frases anti-hermistas, para distribuir agora ali na praça, às barbas do candidato oficial.

Don Pepe entrou no Sobrado em grande agitação e puxou Rodrigo para um canto.

— Que oportunidad, hijo, que oportunidad! Una bombita, no más que una bombita chiquitita y, ay madre de mi alma, que hermoso

espectáculo.

Rodrigo sorria. Os ardores niilistas do espanhol o divertiam. O pintor estava a andar para diante e para trás, nos seus passinhos nervosos.

— Es que estoy perdido en esta miserable ciudad, hombre. Estoy ablandado, no hago nada. Sabes Io que decía Bakunin dei verdadero anarquista?

Ah! O grande Bakunin escrevera em seu Catecismo que o revolucionário não deve ter interesses pessoais nem sentimentos nem propriedade. Deve concentrar-se num único pensamento: a 354 Revolução. Um único alvo deve preocupá-lo: a destruição. Despreza a moral, pois para ele é moral tudo quanto possa favorecer a Revolução. Entre o verdadeiro anarquista e a sociedade existe uma luta de morte, um ódio irreconciliável. Ele deve estar sempre pronto a morrer, a suportar mil torturas e a matar com suas próprias mãos todos quantos ponham obstáculos à Revolução. Toda a afeição deve ser-lhe estranha, pois os sentimentos dessa natureza podem às vezes deter-lhe o braço.

— Mas como explicas - perguntou Rodrigo - que o grande Tolstói seja anarquista e pregue o amor como a lei suprema da vida?

— Tolstói es un anarquista moderado. Yo soy un anarquista exaltado. — Depois duma pausa reflexiva, ajuntou: - Pêro hay que respectar el viejito, corio!

Sentou-se dramaticamente no sofá.

— Ay! Una bombita, no más que una bombita…

— Vamos tomar alguma coisa, Pepito?

— Si. Soda cáustica.

Bio foi buscar as garrafas de cerveja que havia posto a refrescar dentro do poço. Encheram os copos, fizeram um brinde ao candidato civilista e à sua próxima vitóiia.

Com os bigodes coroados de espuma, as magras pernas estendidas, don Pepe tomou a palavra e procurou provar aos amigos que, em última análise, o assassínio político devia ser considerado também como uma das belas-artes. Ah! Os formosos atentados da França! Vaillant, fazendo jus a seu nome, atirara uma bomba no Parlamento. Caserio abatera em Lyon, a golpes de punhal, o presidente Sadi Carnot. Os mais lindos atentados do mundo, porém, eram os russos! Alexandre II fora vitimado por uma bomba nilista em 1881… Exaltado, o espanhol pintava o quadro. As ruas de Moscou sob um céu funéreo, de chumbo e triste… O czar passando no seu carro, cercado de cossacos…

De repente, surge o anarquista, precipita-se para o meio da rua com um objeto negro apertado contra o peito e lança-se aos pés dos cavalos… Um clarão, uma explosão medonha e o czar lá se vai pelos ares, com carruagem, cavalo, nilista e tudo!

Em 1902 os anarquistas russos liquidaram Bobollepot, ministro da Instrução. Em 1903, Bogdanovitch, governador militar de Ufa. Em 1905 tombara o grão-duque Sérgio, comandante militar de Moscou. E Pepe ia pronunciando os nomes das vítimas com o mesmo prazer com que um guloso mencionaria pratos esquisitos: Bobikov, Boguslavski, Sipiaguin… Governadores, ministros, grãoduques, reis… Que safra magnífica! O pintor lambia os beiços.

— Y que hago yo, senores, que hago yo? Pufi Bebo cerveza en Santa Fé con dos representantes de Ia burguesia!

Olhou desconsolado para o copo vazio, que Toríbio se apressou a encher.

— Está bem, don Pepe - disse Rodrigo, sorrindo. — Presta um serviço à pátria e à humanidade. Assassina o Titi Trindade.

O espanhol olhou firme para o amigo, o cenho franzido. Depois fez uma careta de repugnância.

— Trindad? Trindad es indigno de Ia lâmina de mi punal! Rodrigo desatou a rir, pois sabia que o punhal de Pepe Garcia, bem como suas bombas, tinha uma existência puramente imaginária.

Aquela noite Rodrigo foi com Toríbio, Chiru e Neco sentar-se debaixo da figueira da praça, a fim de observar o comício mais de perto. Uma grande multidão aglomerava-se à frente da Intendência, que tinha as janelas e portas escancaradas, e todas as dependências iluminadas. Era uma noite de lua nova, e os lampiões que o negro Sérgio acendera ao anoitecer, mal alumiavam a cena com sua luz escassa e amarelenta.

De vez em quando foguetes subiam, zunindo, e espocavam no alto, em relâmpagos seguidos de estrondos que o eco duplicava. Um que outro viva se erguia no meio do povo.

Uma multidão humana - refletiu Rodrigo - não diferia muito dum rebanho de carneiros fácil de conduzir. Mais uma vez lhe veio, profundíssima, a orgulhosa certeza de não ter nenhuma vocação para carneiro. A simples ideia de estar ali protegido pela 356 sombra da figueira, a espiar clandestinamente o comício, dava-lhe uma vil sensação de inferioridade.

Pouco antes das nove horas, o grupo que havia pouco saíra do Centro Republicano, puxado pela banda de música militar e carregando bandeiras e fachos acesos, chegava à praça e, depois de passar sob vivas e estampidos de foguetes pela quadra do Sobrado e pela da matriz, fez alto diante do paço.

Contemplando a turbamulta, aquela aglomeração de vultos escuros sem fisionomias (aqui e ali se vislumbrava um que outro semblante ao clarão dum archote), Rodrigo murmurava: “Pura Idade Média… Pura Idade Média”. Pensou em autos-de-fé, câmaras de tortura, tribunais inquisitoriais… E por alguns instantes brincou com

uma ideia que lhe produziu uma sensação de vácuo na boca do estômago. Precipitar-se a correr, entrar na Intendência, aproximar-se duma das janelas e dali fazer um discurso-relâmpago contra o marechal… Imaginou a reação do povo, a fúria do Trindade e seus asseclas, o tumulto, a confusão… Isso lhe deu um prazer tão intimamente intenso, que foi quase como se tivesse posto a ideia em prática.

Uma pancada de bombo. A música cessou. Ergueram-se novos vivas, a que o povo respondeu num coro roufenho. E quando Hermes da Fonseca apareceu à janela, acompanhado de Aristiliano Trindade, o povo rompeu em aplausos e aclamações, enquanto a banda atacava o Hino Nacional.

Discursou em primeiro lugar o promotor público, saudando o homenageado em nome do intendente e da população do município. Falou a seguir Amintas Camacho, como porta-voz da mocidade santa-fezense. O marechal foi o último orador da noite. Leu o discurso em voz tão baixa, que Rodrigo e os amigos quase nada puderam ouvir.

— Xô mico! - exclamou Toríbio.

Rodrigo estava agora fechado num silêncio soturno. Sentia-se roubado, diminuído por não estar participando positiva ou negativamente do comício. Arrependia-se de ter tratado tão bem no seu editorial o candidato militarista. Devia, isso sim, ter aproveitado a oportunidade para arrasá-lo. Maldito sentimentalismo!

— Depois duma bambochata dessa. — disse Toribio, quando a multidão começou a dispersar-se - só uma boa farra!

— Ideia mãe! - aprovou o Neco. — Vamos até a Pensão Veneza. Que tal, Rodrigo?

— Não contem comigo. Já disse que não tenciono ir mais a esses lugares.

Chim, vezado em assumir ares paternais, interveio: - Não. Ir à pensão é perigoso. Muitos desses hermistas que saíram do comício na certa vão também pra lá, se embebedam e acabam nos provocando.

— Pois se provocarem, se briga - simplificou Bio.

— Não é negócio. Tenho outra ideia. Vamos buscar umas raparigas e umas cervejas e tocamos pra casa do Saturno. Me passa aí vinte mil-réis.

Rodrigo meteu a mão no bolso, meio contrariado, e tirou a carteira.

— Mas não contem comigo - repetiu, dando o dinheiro ao amigo.

— E agora? - Chiru olhou para Neco. — Que raparigas tu achas que devemos levar?

O barbeiro refletiu por alguns segundos.

— Tem a Deá, a china Amândia, a Ruiva…

— Está bem. Somos três.

— Falta uma. Vamos levar a Morena pró Rodrigo.

— Já disse que não vou - repetiu este último, mas já com menos ênfase. Aqueles nomes de mulher haviam-lhe soado aos ouvidos como uma música cheia de inesperadas promessas.

Toribio tomou-lhe o braço e puxou-o consigo.

— Vamos, homem, não sejas bobo.

Rodrigo deixou-se levar. Que diabo! Não podia ir dormir àquela hora… Não estava disposto a ler nem a ouvir música. Ficar caminhando á toa e sozinho pela cidade, como um cachorro sem dono? No fim de contas…

— Que tal é a Morena? - indagou.

Chiru passou-lhe o braço sobre os ombros e começou a contar-lhe maravilhas da rapariga. Tinha um sinal na cara, uns vinte 358 anos, era boa de peitos, boa de ancas, assim com um jeito de castelhana, mas crioula de Santa Fé, Rodrigo velho, prata da casa, um peixão!

No princípio da segunda quinzena daquele fevereiro, chegou a Santa Fé um grupo de cinco membros influentes do Partido Democrático de Cruz Alta, que foram logo procurar Licurgo e Rodrigo, com os quais confabularam longamente, tratando de conseguir que ambos se filiassem ao novo partido que Assis Brasil lançara de maneira tão espetacular na famosa convenção de Santa Maria, em 1908. Licurgo repeliu a sugestão, alegando que era castilhista e que castilhista pretendia continuar até o fim.

— Mas pense bem, coronel, o dr. Assis Brasil também continua castilhista. O Partido Democrático nada mais é que o Republicano passado a limpo!

Licurgo, porém, manteve-se irredutível. Quanto a Rodrigo, declarou que acompanharia o pai aonde quer que ele fosse.

— Bom - disse por fim um dos democratas - , já que essa questão está encerrada, vamos tratar da propaganda civilista em Santa Fé. Estamos às portas das eleições e temos que fazer alguma coisa enquanto é tempo.

Combinaram realizar um comício em praça pública naquela mesma semana, e irem depois em caravana visitar vários distritos, especialmente as colónias de Garibaldina e Nova Pomerânia.

Licurgo não escondia seu pessimismo. Achava agora que fazer propaganda do candidato civilista em Santa Fé era puro desperdício de tempo, energia e dinheiro. Estava convencido de que a eleição, como de costume, seria uma fraude e o candidato oficial sairia vitorioso por grande maioria de votos. Entretanto, como prova de sua boa vontade, estava disposto a contribuir com dinheiro para custear as caravanas.

O comício dos civilistas em Santa Fé realizou-se à noite, à frente do Sobrado, de cuja sacada Rodrigo e dois outros oradores 359

dirigiram a palavra a um público entusiasta mas escasso. Nessa noite, temendo que o intendente mandasse dissolver o comício a bala - como se murmurava - , o coronel Jairo mandara patrulhas do Exército, montadas e armadas de mosquetões, rondar a praça desde o anoitecer até as primeiras horas da madrugada.

No dia seguinte Rodrigo acompanhou os democratas de Cruz Alta numa excursão pelo interior do município. Achou penosa a viagem de jardineira por aquelas estradas esbarrancadas e poeirentas. Em Garibaldina conseguiram para o comício uma assistência de quinze pessoas. Postado na boleia da jardineira, em vão Rodrigo no seu discurso invocou Garibaldi, o guerreiro de dois mundos. Garibaldi, o campeão da liberdade, que passara por aquelas campinas em sua prodigiosa aventura libertária. Falou também em Dante, em Mazzini e até no papa. Recitou trechos literários em italiano, enquanto o suor lhe escorria pelo corpo todo e ele sonhava com um banho e uma larga sesta em cama limpa. Via a seu redor as faces vermelhas dos colonos, que o escutavam com a mão em pala sobre os olhos, por causa da claridade do sol a pino. Era domingo e haviam aproveitado a hora da saída da missa para realizar o comício. Terminado este, Rodrigo visitou um dos maiorais da terra, o velho Lunardi, cujo filho, o Marco, havia sido seu colega de escola primária em Santa Fé. Tratou de saber com quantos votos podia o senador Rui Barbosa contar ali em Garibaldina. O velho desiludiu-os.

Talvez na colônia o candidato civilista não conseguisse um único voto. Rodrigo voltou-se para o amigo de infância: - Nem o teu, Marco?

O outro sacudiu negativamente a cabeça.

— Nem o meu.

— Mas por quê, homem?

— Se nós votamos contra o governo - justificou-se o rapaz - o subdelegado persegue a gente, carrega nos impostos. Ninguém quer ser piejudicado.

— Mas é um absurdo! - exclamou Rodrigo, batendo com o punho na mesa. — Estamos num país livre em que cada cidadão pode e deve votar em quem bem entender!

Marco sorriu. Era um homem troncudo e atlético, de quase dois metros de altura. Os cabelos bronzeados coroavam-lhe a face duma simpatia aliciante, em que a tez cor de tijolo contrastava agradavelmente com os olhos azuis. Desde menino Rodrigo sentia uma grande atração por aquele “gringuinho” com o qual tantas vezes jogara sapata e bandeira à frente do Sobrado. O velho Lunardi mandara-o aprender as primeiras letras em Santa Fé, visto como não havia escolas em Garibaldina. Agora, homem feito, auxiliava o pai no trabalho da lavoura, cujos produtos levava periodicamente à sede do município, para vender. Mas seu grande sonho - contara ele um dia a

Rodrigo - era montar na cidade uma fábrica de massas alimentícias.

— Marco - disse-lhe Rodrigo, quando pôde falar a sós com o amigo - , estou desapontado contigo.

O colono ficou silencioso, de cabeça baixa, e pôs-se a riscar o chão com a ponta do pé descalço. Tinha uma voz macia, duma doçura que estava em desacordo com sua estatura física.

— Pois é. . .

— Que diabo! Dependia de vocês todos se unirem e resolverem falar grosso. Que era que o Trindade ia fazer? Aumentar os impostos é ilegal. Mandar a polícia espingardear os colonos? Claro que ele não chegaria a esse extremo. Vocês são como bois, que não têm consciência da própria força e se deixam levar por qualquer criança!

Marco Lunardi fitou em Rodrigo os olhos claros, e com sua voz mansa, cheia de esses chiantes e apertados de vêneto, replicou: - Boi não vota nem paga imposto.

Rodrigo deu-lhe uma palmada no ombro e disse com afetuosa energia: - Pois tenho pena de ti e da tua raça. Fica aguentando a canga. E adeus! Temos ainda hoje um comício em Nova Pomerânia.

Na colónia alemã não tiveram melhor sorte. O comício realizou-se à noite, no salão do clube ginástico, e a ele compareceram 361 Para que não se diga que ando enxergando fantasmas e, qual novo Çhdxote, transformando o moinho d'água do velho Spielvogel em guerreiros fabulosos, transcrevo um trecho tirado do livro A Arcádia da Alemanha, de Leyser, e citado na obra Contrastes e confrontos, do eminente escritor Euclides da Cunha. Ei-lo: "Hoje, nestas províncias (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) cerca de 30% dos habitantes são germanos ou seus descendentes: e, por certo, nos pertence o futuro dessa parte do mundo.

De feito, ali. no Brasil meridional, há paragens ricas e salubres, onde os alemães podem conservar a nacionalidade, e um glorioso futuro se antolha a tudo o que se compreende na palavra germanismus".

Foi, pois, com pessimismo que Rodrigo viu aproximar-se o dia das eleições. Os jornais traziam notícias de distúrbios nas ruas de Porto Alegre, onde civilistas e hermistas trocavam sopapos e bengaladas.

Ali em Santa Fé o governo fazia preparativos para a luta eleitoral. Cuca Lopes viera esbaforido ao Sobrado contar que vira o Dente Seco entrar na Intendência, a cabeça ainda envolta em ataduras. E não estava só: iam com ele uns dois ou três tipos de má catadura, armados até os dentes. A coisa está feia, menino!

Chegavam diariamente à cidade grupos de cavaleiros, vindos do interior do município. Eram caboclos bem montados que percorriam as ruas fazendo grande estardalhaço, os rebenques erguidos, as abas dos sombreros quebrados na frente, os palas ondulando ao vento.

Passavam pelo Sobrado soltando vivas ao Partido Republicano, ao coronel Trindade, ao dr. Borges de Medeiros, ao dr. Carlos Barbosa e, eventualmente, ao marechal Hermes. Apeavam à frente da Intendência, onde a maioria ficava hospedada.

Da janela de sua casa, Rodrigo via essas cavalgaras e murmurava, indignado: - Isto é um país de botocudos. Só a bala!

Sua indignação subiu ao auge quando um dia, perto das onze da manhã, os peões de Trindade trouxeram para a praça grandes quartos de reses e puseram-se a fazer fogo debaixo da figueira, dentro duma longa vala rasa. Churrasco para a capangada! - compreendeu Rodrigo. E teve gana de gritar desaforos.

Pouco antes do meio-dia começaram a aparecer os caboclos e se foram sentando ou deitando à larga sombra da figueira. Um deles se pôs a tocar cordeona e, dentro em pouco, dois cabras começaram a trovar. Um deles cantou: Eu me chamo Antônio Almeida Do Jari sou natural E cá estou em Santa Fé Pra votar no marechal - Oigalê bichinho bom, seu! - gritou um bigodudo que picava fumo recostado ao tronco da grande árvore. A gaita chorou sozinha por algum tempo. Por fim outro caboclo soltou a voz: Pra votar no marechal Foi que vim de Santa Rosa Ai que surra vamos dar Nesse tal de Rui Barbosa!

Rodrigo arrastou o gramofone para perro da janela e fê-lo funcionar. E Caruso, cantando o Che gélida rnanina, entrou também no torneio de trovadores.

O dia 1° de março amanheceu sombrio e abafado. Rodrigo havia sido indicado pela oposição para fiscal duma das mesas eleitorais. Pôs o revólver na cintura, uma caixa de balas no bolso e encaminhou-se para seu posto, no salão nobre do Centro Republicano. A chamada dos eleitores começou às sete da manhã. Plantados junto da porta, os capangas do Trindade ofereciam cédulas com o nome dos candidatos oficiais a todos os eleitores que entravam.

Estes, em sua quase totalidade, tomavam docilmente dos papeluchos e depositavam-nos na urna, depois de assinar a autêntica. Os que se recusavam a isso, tinham os nomes acintosamente anotados. De raro em raro aparecia um maragato de lenço “colorado” no pescoço, trazendo já na mão sua chapa, que metia na urna com ar altivo e quase provocador.

Rodrigo estava deprimido. Deve ser o calor - concluiu, tirando o casaco e desabotoando o colarinho. Passou o lenço pelo rosto e pensou em que tinha de passar o dia inteiro ali naquela sala desagradável que tresandava a sarro de cigarro crioulo e a suor humano.

O mesário que fazia a chamada, gritou: - Arnesto Tavare Nune.

Apareceu um homenzinho baixo, de ar bisonho.

— Protesto, senhor presidente! - bradou Rodrigo.

— Por quê?

— Este sujeito é um impostor. Ernesto Tavares Nunes já morreu. O presidente dirigiu-se ao eleitor.

— Como é o seu nome?

O homem olhou primeiro para Rodrigo, hesitante, depois para a cédula que um capanga lhe havia posto nas mãos, e finalmente balbuciou, visivelmente embaraçado: - Arnesto Tavare Nune. Rodrigo pôs-se de pé.

— Apelo para os membros da mesa e para os senhores aqui presentes que sabem tão bem quanto eu que Ernesto Tavares Nunes está morto e enterrado!

Fez-se um silêncio.

— Vamos ao cemitério - convidou Rodrigo - e eu lhes mostrarei o túmulo desse cidadão.

O presidente da mesa coçou a cabeça com a ponta da caneta.

— Dr. Rodrigo, nós não temos tempo pra essas coisas, e mesmo a lei não nos autoriza…

— Ora, quem quer falar em lei! Vamos ao registro de óbitos, então.

— O homem vai votar e o senhor depois lavra o seu protesto.

— A velha história! Meu protesto não será levado em conta! É a indecência de sempre!

— Assine seu nome aqui - disse o presidente ao eleitor.

— Continuem a farsa! - gritou Rodrigo. Sentou-se, indignado, pegou um lápis e começou a escrever numa folha de papel todos os palavrões que sentia ímpetos de atirar na cara do presidente da mesa e na dos fiscais hermistas.

Ao meio-dia Bento apareceu, trazendo-lhe um prato de comida e uma garrafa de cerveja. Contou que a coisa ia muito mal para os civilistas na maioria das mesas.

— Lastimaram um homem - sussurrou o caboclo ao ouvido do patrão.

— Quem?

— Um filho do Maneco Vieira. Quiseram obrigar o rapaz a pegar uma chapa do marechal, ele se incomodou, disse uns desaforos e então fechou o tempo.

— Está muito fendo?

— Bastantinho.

Rodrigo largou o talher e afastou o prato.

— Com essa gente, só a bala! - disse em voz alta, lançando olhares torvos na direção dos outros componentes da mesa, que também comiam ao pé da urna.

Acendeu um cigarro, ficou a fumar e a caminhar dum lado para outro, sentindo mais que nunca o calor, a pressão atmosférica, o desejo de ir embora e a miséria de tudo aquilo.

À tarde, Chiru veio anunciar-lhe a chegada de eleitores picapaus que haviam votado pela manhã em Cruz Alta e que agora estavam votando pela segunda vez na mesa instalada no edifício da Intendência.

— Dizem que no interior do município houve barulho feio - acrescentou.

Eleitores continuavam a chegar ao Centro Republicano. Pelo que Rodrigo observara, os civilistas ali estavam apenas com uns escassos cinco por cento da votação, e esse talvez fosse um cálculo otimista.

— Só há um lugar onde vamos vencer - disse a Cbiru. — E no terceiro distrito.

O terceiro distrito era uma espécie de feudo dos Macedos. Lá Rui Barbosa teria maioria absoluta, pois nele votariam todos os Macedos, que não eram poucos, e mais seus numerosos peões, capatazes, posteiros, agregados e amigos.

— Mas aposto que os hermistas vão dar um jeito de anular essa mesa - retrucou Rodrigo.

Depois de encerrada a votação, lavrou seu protesto, assinou a ata, com uma violenta ressalva, e ergueu-se para sair. O presidente da mesa estendeu-lhe a mão. Rodrigo murmurou apenas “Passe bem”, voltou-lhe as costas e se foi. Estava cansado, desiludido e triste. Ansiava por um banho, mas um banho que não só lhe lavasse o corpo como também a alma.

Seguiu rua do Comércio acima, rumo do Sobrado. Viam-se nas calçadas grupos que comentavam animadamente as eleições. Um céu baixo de sépia pesava sobre a cidade, e andava na atmosfera carregada de eletricidade um prenúncio de tempestade e desastre. Por que será que Santa Fé não tem ainda uma fábrica de gelo? - pensava Rodrigo.

Por que será que não tem luz elétrica? Por que será que ainda não criou vergonha?

Concluiu que não valia a pena sacrificar-se por aquele burgo podre. Os santa-fezenses simplesmente não queriam ser salvos…

Entrou no Sobrado. Maria Valéria veio a seu encontro: - Graças a Deus você chegou! Já estava começando a ficar assustada. Ainda bem que não lhe aconteceu nada.

— Quem foi que lhe disse? Me aconteceu tudo. Acabo de me desiludir da política, da minha terra, da minha gente e de mim mesmo.

— Pois não é sem tempo. Agora sossegue o pito e cuide da sua vida.

— E o que vou fazer. Papai já chegou?

— Já. Na mesa que ele fiscalizou, correu tudo em ordem.

— E o Bio?

— Ainda não veio.

Rodrigo apanhou o sabonete e uma toalha, entrou no quarto de banho, despiu-se e tomou uma prolongada ducha fria. Estava a enxugar-se quando Toríbio entrou e despejou a notícia: - Houve barulho no terceiro distrito e mataram um filho do Maneco Macedo!

Por alguns segundos Rodrigo quedou-se mudo, de boca entreaberta, a olhar estupidamente para o irmão.

— Qual deles? - perguntou por fim.

— O mais moço.

Rodrigo sentou-se num mocho e ali ficou, enrolado na toalha, os olhos fitos no chão, o ritmo da respiração alterada, e já começando a sentir de novo o suor escorrer-lhe pelo corpo.

Bio tirou a roupa e foi para baixo do chuveiro.

— Houve um tiroteio brabo - contou. — O Trindade sabia que o marechal ia perder a eleição no terceiro distrito e mandou pra lá a capangada. Quando a votação acabou, quiseram roubar a urna. Foi aí que começou o cu-de-boi.

De olhos fechados, Bio recebia o jorro d'água em pleno rosto. Rodrigo estava tão cansado e deprimido, que parecia ter perdido a capacidade de indignar-se.

Toríbio fechou a torneira.

— Morreram também dois dos capangas. E sabes quem era um deles? O teu amigo, o Dente Seco. Caiu abraçado com a urna.

Às nove horas Licurgo Cambará e os filhos tomaram o carro e dirigiram-se para a casa dos Macedos, onde estava sendo velado o corpo do caçula da família. A noite continuava abafada, o ar parado. A cidade fervilhava de boatos sombrios. Murmurava-se que Titi Trindade, em represália pela morte de seus cabos eleitorais, ia atacar a bala a casa dos Macedos.

No carro, os três Cambarás deixavam-se levar em silêncio. Licurgo pigarreava, com uma insistência que já começava a irritar o filho mais moço.

Boatos negros começaram a circular pela cidade. Ahrmava-se que os Macedos se preparavam para exigir de Amimas Camacho Lima satisfação. Dizia-se: “Se é verdade, vai correr muito sangue, porque o Amimas tem as costas quentes”. Pouco depois do meiodia, alguém contou na roda de chimarrão da farmácia do Zago que os Macedos estavam-se armando (tinham até mandado buscar três peões da estância) para ir àquela tarde empastelar A Voz e dar uma sumanta em seu diretor.

Licurgo e Rodrigo correram à casa dos Macedos e, verificando que eles pretendiam mesmo atacar a redação do jornal situacionista, procuraram dissuadi-los disso.

— É uma loucura, Maneco - disse Licurgo - , vassuncês estão em

minoria, vão ser massacrados.

— Que m'importa? Esse negócio não pode ficar assim. É uma vergonha.

Por fim, impaciente, esgotados os argumentos, Licurgo exclamou: - Pois se vassuncês vão, nós vamos também!

Rodrigo, porém, telefonou ao coronel Jairo e pediu-lhe o auxílio. O comandante do regimento de infantaria apressou-se a vir à casa de Maneco Macedo. Fechou-se com ele num quarto e, após um colóquio que durou quase uma hora, arrancou-lhe a promessa, sob palavra de honra, de não levar adiante seu propósito. Depois que o comandante se retirou, Maneco olhou para Licurgo.

— Estou desmoralizado. Mataram meu filho e eu aqui parado, fechado dentro de casa, sem fazer nada.

Rodrigo tentou consolá-lo. Todo o mundo sabia que os Macedos tinham reagido com hombridade à agressão, e uma das provas disso era que dois dos bandidos do Trindade haviam ficado estendidos no chão, sem vida.

— Mas essa cachorrada escreveu aquelas sujeiras no jornal! Rodrigo voltou para casa e redigiu um telegrama de protesto, que devia ser dirigido ao presidente da República, narrando os acontecimentos do terceiro distrito, acusando o Trindade e seu delegado de polícia como responsáveis pelo conflito, e exigindo justiça. Saiu depois de casa em casa a colher assinaturas para o memorial. Todos 372 os federalistas assinaram sem hesitar; alguns republicanos dissidentes fizeram o mesmo; mas muitos foram os que se esquivaram, usando de subterfúgios ou dizendo claramente que não queriam meter-se naquele embrulho. Ao fim do dia o telegrama contava apenas com quarenta e três assinaturas. Rodrigo, que esperara conseguir no mínimo cento e cinquenta, estava desapontado. Santa Fé era um caso perdido.

Decidiu imprimir um número especial d'A Farpa. Sentou-se a mesa e redigiu um manifesto ao povo de sua terra, dando a verdadeira versão da “tragédia do terceiro distrito”

e concitando os conterrâneos a reagir por todos os meios - primeiro pelos legais e depois, se falhassem estes, pelos ilegais - contra aquela situação vergonhosa que os aviltava, pondo em constante perigo a vida dos homens livres do município. Num outro artigo atacou o governo, que fraudara as eleições, acusou o intendente e o delegado de polícia, e lançou sobre o Amimas - "capacho imundo, escriba crapuloso - uma nova rajada de insultos.

Chamou Pepe Garcia e fê-lo compor e imprimir às pressas o número especial. E, pronta a edição, estava a pique de telefonar para Chiru e Neco, pedindo-lhes que viessem ajudá-lo na distribuição, quando Toríbio interveio: - Não! Agora a coisa é comigo. Que diabo!

Vocês nunca deixam nada pra mim. Quem vai distribuir o teu pasquim sou eu, não de carro, que não sou maricas, mas a cavalo e em plena luz do dia. Mas fecha essa boca, não digas nada pró papai nem pra titia, senão eles me estragam a festa.

Vestiu a melhor bombacha, amarrou um lenço de seda branca no pescoço, botou o revólver na cintura, montou no bragado, apanhou um monte de jornais e saiu a distribuí-los.

Começou pela rua do Comércio. Fazia o cavalo subir nas calçadas, aproximava-se das janelas abertas e atirava para dentro de cada casa um exemplar da folha. Na rua entregava-os a amigos, conhecidos e desconhecidos. Fazia isso com tamanha decisão, com tão turbulenta energia, que os outros nem sabiam como recusar. E quando alguém lhe dizia ou fazia que não, Bio perseguia-o, chegava a meter-lhe o cavalo em cima, gritando: "Pega o jornal, molenga!" E assim foi descendo 373 em ziguezague a rua principal. A frente da Casa Sol uns três republicanos conversavam com Marcelino Veiga. Toríbio aproximou-se do grupo, exclamando jovialmente: "Olha A Farpa, minha gente!" Houve murmúrios de protesto no grupo e, como Bio insistisse em dar-lhes o jornal, os homens lhe viraram a cara. Vendo, porém, que o cavalo subia para a calçada, embarafustaram quase em pânico para dentro da loja. "Fugindo, covardes!" Toríbio impeliu o bragado loja adentro e pôs-se a atirar jornais a torto e a direito, gritando e rindo no meio do susto de empregados e fregueses, enquanto as patas e ancas do animal iam derrubando caixas e sacos, fazendo grandes queijos caírem das prateleiras e saírem rolando pelo soalho, e tombando, numa barulheira que agravava a confusão, panelas, canecos, latas e garrafas. Glorioso, Toríbio saiu por outra porta e prosseguiu na tarefa. Ao chegar à praça Ipiranga, aproximou-se da casa de Titi Trindade e jogou para dentro, através duma janela aberta, um maço de jornais. Depois enfiou pela rua Voluntários da Pátria, sempre em ziguezague e, ao cruzar a esquina da rua do Poncho Verde, avistou o Amintas, que caminhava na calçada oposta. Fez o cavalo atravessar a rua à trote e gritou: "Pára aí, cachorro! Tenho um presente pra ti!" Ao avistar Toríbio Cambará, o redator Da Voz recuou alguns passos e encostou-se na parede, amarelo de pavor. Toríbio entregou-lhe um jornal, que ele apanhou automaticamente, os olhos muito arregalados e turvos de medo fitos no rosto do cavaleiro. O bragado estava a encostar o focinho na cara do rábula. "Não tenhas medo que não vou te fazer nada, miserável! Não costumo surrar em fêmea." Meteu os calcanhares nos flancos do animal e gritou: "Vamos embora, bragado velho, porque isto aqui está fedendo!"

Ao chegar ao Sobrado, encontrou o pai de cara amarrada. — Já fiquei sabendo das suas estripulias. O Veiga me telefonou fazendo queixa do senhor.

Toríbio nada disse. E Rodrigo, que se achava presente, percebeu imediatamente que o Velho não estava muito disposto a repreender o filho.

Por alguns instantes nenhum dos três falou. Por fim, Licurgo tirou do bolso um pedaço de fumo em rama e começou a picá-lo. Olhando para Bio, disse: - O senhor e eu não temos mais nada que fazer na cidade. Já votamos, já cumprimos a nossa obrigação. Vamos voltar amanhã pró Angico. E o senhor, seu Rodrigo, comece também a cuidar da sua vida, que já não é sem tempo.

XV Licurgo e Toríbio voltaram para o Angico, e Rodrigo ficou com a madrinha no Sobrado, o que lhe deu uma gostosa sensação de liberdade. Queria bem ao pai, respeitava-o, e era-lhe intimamente necessária a ideia de que ele o estimava e admirava. No entanto, quando o velho estava perto, não podia deixar de sentir uma impressão de mal-estar, por ver um implacável olho fiscalizador permanentemente focado em sua pessoa. Não havia criatura mais crítica de seus atos que Maria Valéria, mas Rodrigo tinha para com ela a liberdade de replicar. Além do mais, as repreensões da tia geralmente faziam-no rir. Com Licurgo, porém, era diferente. Havia pouco, ao receber algumas caixas de vinhos franceses e italianos encomendadas a uma firma de Porto Alegre, Rodrigo transformara um dos compartimentos do porão numa adega. Levara o pai a vê-la, mas o único comentário que arrancara dele fora uma série de pigarros de contrariedade. Soube depois que o Velho dissera à cunhada: “Esse rapaz é um perdulário. Não sei por quem puxou”.

Doutra feita, durante o almoço, Rodrigo abrira uma garrafa de Borgonha. Ao fazer menção de encher o cálice do pai, este o detivera.

— Pra mim, não.

No dia seguinte, vendo o filho abrir uma garrafa de Chianti, franzira o cenho.

— O senhor pretende tomar vinho todos os dias?

Fora uma pergunta desconcertante. Num rompante, Rodrigo meteu a rolha no gargalo, saiu da sala a pisar duro, levando a garrafa 376 de volta à adega. Passaram o resto do almoço num silêncio que em vão Bio mais duma vez tentara romper.

A primeira coisa que Rodrigo fez quando o pai deixou o Sobrado foi mandar esconder todas as escarradeiras que se achavam espalhadas pela casa. “Uma porcaria, Dinda, uma coisa dum mau gosto horrendo!”

Maria Valéria encolheu os ombros.

— Sua alma, sua palma.

— Se dependesse só de mim - murmurou Rodrigo - , eu tirava também aquele retrato do Júlio de Castilhos da parede do escritório…

— Se você tirar, seu pai bota o mundo abaixo.

— Não é que eu não admire o homem… Mas acontece que esse retrato tem qualquer coisa de cemitério, de mausoléu. Temos de alegrar esta casa. Precisamos de cor!

Estava pensando em quadros com mulheres nuas - nus artísticos, naturalmente - reproduções de obras de pintores famosos como Rubens, Ticiano, Manet, Renoir… Ah!

Como ele gostaria de ter no Sobrado as sugestivas pinturas de Toulouse-Lautrec, tão típicas da galante vida parisiense!

— Dinda - disse ele um dia, ao erguer-se da mesa do almoço - , vou convidar uns amigos para virem aqui em casa no sábado de noite.

Ela olhou de viés para o afilhado.

— Festa?

— Não, não se assuste. Uma pequena reunião. Que diabo! Gosto de gente, não quero viver como uma fera enjaulada. Vou convidar o coronel Jairo, o tenente Lucas, o tenente Rubim… Pode vir também o Chiru, o Saturnino, o espanhol…

— Isso está me cheirando a festa.

Tomou-lhe a cabeça com ambas as mãos e deu-lhe um sonoro beijo na face. Ela permaneceu séria e fria.

— Não adianta me adular. Conheço bem as suas manhas.

— Venha me fazer um cafuné.

— Pensa que não tenho mais o que fazer?

Rodrigo arrastou-a para o quarto, estendeu-se na cama, na beira da qual Maria Valéria se sentou. Seus dedos loucos e magros meteram-se pelos cabelos do sobrinho e começaram a friccionar-lhe o couro cabeludo, vagarosamente.

Ele cerrou os olhos, com um profundo suspiro de prazer. O relógio lá embaixo bateu uma badalada.

— Não há nada no mundo melhor que um cafuné. Aaaai! Feliz de quem tem uma tia, quando essa tia é um anjo!

— H um…

— Devagarinho… Assim…

— Não suje a colcha, porcalhão, tire essas botinas. Rodrigo fez um pé descalçar o outro e jogou os sapatos para fora do leito.

— Dinda, vou lhe contar meus planos. Daqui por diante pretendo cuidar da profissão, do consultório, da farmácia. O resto que vá pró diabo!

— Promessa de bêbado.

— Palavra de honra. Esse país não tem jeito. Só uma revolução.

Soergueu-se na cama, e, como se a frase anterior tivesse sido dita por ela e não por ele, perguntou: - Fazer uma revolução com quem? Com o povo? Mas não é possível ir contra as classes armadas! (Na verdade não se estava dirigindo à tia, mas aos leitores d'A Farpa.)

Neste pobre país parece que nada se pode fazer sem o concurso

dos militares. Foram civis como Castilhos, Patrocínio, Bocaiuva e outros que fizeram a República com ideias. Mas na hora de dar o golpe, desgraçadamente recorreu-se ao Exército. O primeiro presidente foi um marechal. E que fez ele? Dissolveu o Congresso. Agora, pra ma! dos pecados, parece que vamos ter outro soldado na presidência. Outro Fonseca! Este país está perdido. Só uma revolução!

Tornou a deitar-se. De novo os dedos de Maria Valéria se afundaram em seus cabelos.

— Coce mais pra baixo, Dinda. Não, mais pra baixo. Aí…

— Não sei por que essa gente só pensa em política.

— Eu sei. É porque a política lhes da as coisas que eles mais ambicionam: posições de mando, força, prestígio. não há quem não goste disso.

— Você não é obrigado a se meter…

— Mas acontece que também gosto!

— Estás bem arranjado…

Fez-se um longo silêncio durante o qual Rodrigo pareceu adormecido. Maria Valéria parou o cafuné e fez menção de levantar-se. Ele sorriu, segurando com um gesto vivo o pulso da tia.

— Ia fugindo, não, sua traidora? Fique aí, que eu quero lhe contar outro segredo. Vou me casar ainda este ano.

— Pra que tanta pressa?

— Ora! Preciso ter minha mulher, meus filhos, meu lar…

— Mas tudo vem a seu tempo. Não é bom a gente precipitar as coisas.

— Não sou homem de meias medidas. Não tenho paciência pra esperar. Veja o que aconteceu pró Macedinho. Morreu com dezessete anos.

— O Fandango está com cem.

— Seja como for, já resolvi. Sabe quem é ela?

— A filha do Babalo.

— Claro, quem mais podia ser? A moça mais bonita e prendada de Santa Fé. Não é do seu gosto?

— É.

— Então diga isso com mais entusiasmo.

— É.

— Quando ela voltar de fora, vou falar com o pai.

— Sabe que o Babalo anda mal de negócios?

— Mais uma razão pra apressar o casamento.

— Já falou com a moça?

— Não. Mas tenho a certeza de que ela vai me dar o sim.

— Presunçoso.

A voz de Rodrigo estava começando a ficar arrastada, e ele sorria com a languidez da sonolência.

— É bom viver, titia… Mesmo que a gente viva cem anos como o Fandango, ainda é pouco. Quero viver cento e vinte…

cento e oitenta… cento e sessenta… - Mal movia os lábios. — Mil e quatrossss…

Adormeceu sorrindo. Maria Valéria ergueu-se e saiu do quarto na ponta dos pés.

Laurinda olhava com uma expressão de perplexidade para Rodrigo, que, parado junto da mesa da cozinha, barrava de caviar pequenos quadrados de pão que ele mesmo acabara de cortar com todo o cuidado.

— Parece mentira! - exclamou a mulata, olhando para Maria Valéria. — O Rodrigo virou mulher.

— Prove, titia!

— Não quero. Isso é capaz? de me arruinar o estômago.

— Coma tu, então, Laurinda.

— Credo! Essa porqueira até parece chumbo miúdo.

A negra Paula, que estava acocorada no canto da cozinha, soltou a sua risada cava e rouca.

Rodrigo meteu o pedaço de pão na boca e por um instante ficou a mastigá-lo com delícia.

— Milagres dos milagres! - exclamou, metendo a ponta da faca dentro da lata de caviar. — A Argentina planta o trigo, pescadores escandinavos pescam esturjões no mar do Norte e com suas ovas se fabrica o caviar. O Chico Pão faz o pão com farinha argentina e o dr. Rodrigo Cambará passa nele o caviar nórdico para oferecer aos seus convidados, um dos quais nasceu no Rio de Janeiro, os outros em Sergipe, em Alagoas, na Espanha e em jacarezinho, quarto distrito de Santa Fé. E assim é a vida, meus senhores!

.Ali estava uma boa coisa para dizer aos convidados no momento em que lhes servisse a iguaria.

Voltou-se para a cozinheira e, mostrando-lhe uma lata de salsichas de Viena: - Bom, Laurinda, lá pelas nove horas tu me botas essas latas em banho-maria. Não te esqueças, sim? Essa coisa tem que ser servida quente.

Saiu da cozinha assobiando uma valsa. Maria Valéria seguia-o com um olhar em que havia um misto de censura e maldisfarçada admiração.

Rodrigo abriu as janelas que davam para a rua, acendeu os bicos de acetilene, aproximou-se do consolo, ajeitou as rosas que mandara botar no vaso, e depois mirou-se por um instante no espelho. Que o Sobrado tomava outro jeito, não havia que negar. Tinha mandado fazer uma estante especial para o gramofone, com gavetas destinadas aos discos. Comprara um tapete feito a mão para a sala de visitas e um pelo de tigre para o chão do escritório. Pensou no pai… Como

acontecia com quase todos os homens do campo, Licurgo Cambará desprezava o conforto. Gaúchos como ele em geral dormiam em camas duras, sentavam-se em cadeiras duras, lavavam-se com sabão de pedra e pareciam achar indigno de macho tudo quanto fosse expressão de arte, beleza e bom gosto. Isso explicava a nudez e o desconforto de suas casas, a aspereza espartana de suas vidas.

Aproximou-se do gramofone, abriu uma das gavetas da estante escolheu um disco Lon do Val - colocou-o no prato e estava a dar manivela ao aparelho quando Maria Valéria entrou.

— Acho que você não devia tocar música.

— Por quê?

— Faz tão pouco tempo que morreu o Macedinho…

Por um instante Rodrigo hesitou, não sabendo se devia ou não dar razão a tia. Bastou-lhe, porém, uma fração de segundo para perceber que ia cometer uma indelicadeza.

Diabo, como é que eu não penso numa coisa dessas! Ficou a censurar-se a si próprio, mas nem por isso menos contrariado por não poder ouvir música.

Eram oito e quarenta da noite quando o próprio Rodrigo foi à cozinha buscar a bandeja onde estava a travessa com pão e caviar. Voltou para a sala de visitas, radiante.

— Vejam só quanta coisa aconteceu através do tempo e do espaço para que este simples momento fosse possível! - Parou no meio da peça e passeou o olhar pelas faces dos convivas. — Um lavrador na Argentina plantou o trigo…

E desenvolveu a tese. Quando terminou, o coronel Jairo avançou para ele, de braços abertos.

— Pois tudo isso é sociologia, meu caro doutor! Para Comte todos esses elementos contavam, no estudo da história!

Rodrigo fez a bandeja andar à roda.

O tenente Lucas provou o caviar e em seguida representou a pantomima do homem envenenado: atirou-se ao chão e começou a rolar no tapete, as mãos crispadas sobre o ventre, o rosto convulsionado. Liroca, que aparecera sem ser convidado, estava quieto no seu canto, a olhar para o pândego, com uma expressão entre rabugenta e triste.

Chiru fumava, recostado ao peitoril duma das janelas, discutindo com Saturnino o lesultado das eleições. Meteu um pedaço de pão na boca e engoliu-o sem mastigar.

— Vamos beber alguma coisa! - exclamou Rodrigo.

Foi até a cozinha e voltou com uma garrafa de champanha. Fez saltar a rolha, que bateu no espelho e caiu entre as rosas do vaso. O vinho jorrou sobre o tapete. Rodrigo encheu a primeira taça e entregou-a ao coronel. Serviu depois os outros. Liroca e Saturnino não

quiseram beber. Lucas perguntou a Rodrigo se nunca havia bebido "champanha de cascata". De cascata? Sim - com a sua licença, coronel - despe]a-se a garrafa na cabeça duma mulher bonita, o champanha escorre pelo rosto, pelos peitos, a gente se agacha, mete a boca debaixo dos seios da criatura, e bebe…

— Devasso! - exclamou Rodrigo, lembrando-se de que, não fazia muito, ele próprio bebera champanha nos sapatos dourados duma atriz.

O coronel ficou muito vermelho e levou o copo de limonada aos lábios, depois de erguê-lo, num brinde silencioso. Liroca continuava a olhar, intrigado, para o tenente de obuseiros. Chiru achou a ideia de Lucas interessante.

— Vou experimentar na primeira ocasião. Só que é uma brincadeira meio cara…

— O que é caro é bom - retrucou o tenente.

Chiru e Saturnino entraram a discutir animadamente as eleições. Nos primeiros dias de março o Correio do Povo publicara alguns resultados parciais das cidades, que acusavam pequeno saldo de votos favorável a Rui Barbosa. Agora, porém, vinham de todo o país telegramas desanimadores para os civilistas: o marechal estava vitorioso na maioria das urnas, e tudo indicava que o candidato oposicionista se encontrava irremediavelmente derrotado. Rui Barbosa lançara um manifesto, afirmando que as eleições haviam sido feitas sob pressão do governo, à sombra da fraude: os herraistas subtraíam as atas ou as falsificavam. A propalada neutralidade de Nilo Peçanha - clamava o candidato civilista - era como as saias postas em moda na França por Mme. de Maintenon para esconder a barriga das mulheres grávidas.

— Esse manifesto do Rui - interpretou Saturnino - é uma confissão pública de derrota.

— Cala a boca, animal!

Jairo pôs afetuosamente a mão no ombro do ecónomo.

— Meu amigo, não vamos trazer à baila esse assunto ingrato. Já basta o que aconteceu…

— Isso mesmo, Saturno - disse Chiru - , mete a viola no saco.

Saturnino encolheu os ombros.

— Foste tu quem puxou o assunto.

Don Pepe chegou depois das nove. Como Rodrigo lhe oferecesse caviar e champanha, recusou-se por considerar ambas essas coisas símbolos dos prazeres da alta burguesia.

Aceitou, porém, pão simples e vinho tinto, "expressiones de Ia tierra y dei pueblo". Sentou-se, um pouco taciturno, e ficou a comer e beber em silêncio.

Rodrigo Foi buscar as salsichas de Viena, trazendo com elas uma

garrafa de vinho branco e cálices, que encheu generosamente. Liroca não pôde deixar de murmurar: - Que desperdício…

— Que ceia régia! - exclamou Jairo.

— É para comemorar a minha retirada da vida política… - disse Rodrigo, um pouco por brincadeira e um pouco a sério.

Don Pepe lançou-lhe um olhar que exigia explicações.

— Não me olhes assim, Pepito. Aqui onde me vês, sou um homem mudado. — Sentia-se tonto, aéreo, irresponsável. — Santa Fé não merece o nosso sacrifício. Os povos têm o governo que merecem, não é, coronel Jairo? Sejamos egoístas. Bebamos vinhos estrangeiros e comamos caviar. A vida é curta. — Ergueu a taça. — À saúde… de quem?

Pepe ergueu-se, teatral.

— A Ia salud de todos los que muneran en vano por sus ideales!

— Vai mesmo desertar a arena? - perguntou Rubim. E acrescentou. — Não acredito. Qual é a sua opinião, coronel?

O comandante do regimento de infantaria coçou o queixo e olhou para Rodrigo.

— O homem se agita e a humanidade o conduz. Os vivos são sempre cada vez mais governados pelos mortos. O dr. Rodrigo não poderá fugir ao seu destino.

Com uma salsicha apertada entre o polegar e o indicador, o tenente Lucas dirigia-se a Liroca, que o escutava com o ar de quem está diante dum débil mental.

— Pois é como lhe digo, sr. Liroca. Estas linguicinhas vêm da cidade de Viena e são feitas de carne de criança. Mas tem que ser de criança com menos de dez anos.

Quanto mais novo o bebé mais tenra a carne. Trincou a salsicha e explicou.

— Por exemplo, esta é feita da coxinha de um recém-nascido. José Lírio mirava-o de soslaio, sério.

— Moço, o senhor pensa que eu sou algum bobo?

Rodrigo desenvolvia para Jairo e Rubim uma tese que se poderia intitular “O Brasil, país perdido”. Perdido qual nada! - protestou o coronel. O Brasil tinha um futuro fabuloso.

Rubim sacudia a cabeça. Achava que o progresso não pode ser nunca o resultado do esforço coletivo, mas sim a obra magnífica duma casta superior, a qual só poderá existir à custa do trabalho escravo das massas, cuja missão é mourejar a fim de que os superhomens se possam entregar ao cultivo do espírito, das artes e da ciência.

— Mas que absurdo! - protestou Rodrigo. — Para principiar: como pôr em prática esse individualismo aristocrático?

— Muito simples - replicou Rubim, com sua voz de flauta. Tomou um gole de champanha. — Nietzsche preconiza, e nisso estou

plenamente de acordo com o Mestre, a formação do Estado militar.

— Tenente! - repreendeu-o Jairo, sorrindo.

— Estamos entre amigos, coronel. Mas, como dizia, só esse Estado militar é que poderá consolidar o domínio da casta superior, usando da força para organizar disciplinarmente todos os recursos sociais…

— Mas será uma ditadura insuportável! - atalhou-o Rodrigo. E tomou com fúria um largo gole de champanha, enchendo logo em seguida a taça com vinho branco.

— Isso mesmo. Uma ditadura. E insuportável, sim, para as classes inferiores. Porque será preciso esmagar sempre todas as tentativas de insurreição das massas.

Don Pepe levantou-se, avançou para o tenente de artilharia e, erguendo a mão que segurava o copo, como se fosse atirar vinho na cara do militar, bradou: - Pêro no hay tuerza humana que pueda detener ias masas! Rubim limitou-se a lançar para o espanhol um rápido olhar neutro.

— O Brasil - continuou - é um país novo e informe, que só poderá ser governado mediante uma ditadura de ferro.

Jairo estava escandalizado.

— Tenente, o senhor está se excedendo!

Rubim sorriu e encheu o cálice de vinho.

— Coronel, estou apenas dizendo o que penso.

— Deus nos livre de ter o tenente um dia na presidência da República! - exclamou Rodrigo.

Olhou para Pepe, que começava já a dar seus passinhos para diante e para trás, e viu nos olhos do anarquista duas bombas prestes a explodir.

— Essa casta superior - prosseguiu Rubim, cruzando as pernas - não deverá de maneira nenhuma preocupar-se com a educação das classes populares. O cultivo das massas pode prejudicar os objetivos mais altos do Estado, isto é, a formação da aristocracia…

Rodrigo já não sabia ao certo o que o embriagava mais, se o vinho ou as ideias do tenente de artilharia.

— A cerrar todas Ias escuelas! - exclamou Don Pepe, abrindo os braços como um crucificado. — A quemar todos los libros! El senor temente quiere para su clase ei monopólio de Ia cultura!

Rodrigo, que estava curioso por ouvir toda a tese do oficial, fez um sinal para que o espanhol se calasse.

— E qual é a finalidade dessa tua esplêndida, mirabolante aristocracia? - perguntou.

— Produzir a raça superior, o super-homem, que está para o homem atual assim como este para os animais.

— Tenente! - advertiu Jairo. — Não beba mais. A dentuça avançou, nua e cintilante.

— Nunca em toda a minha vida, coronel, estive mais lúcido que agora.

Continuou: - No mundo primitivo o bom era o audaz, o forte; o mau era o débil, o impotente. Depois veio o cristianismo e subverteu tudo.

— Me cago en Ia íeche dei cristianismo!

Liroca arrancou do fundo do peito um longo suspiro, e seus olhos se dirigiram para a sala contígua, por onde passara, havia pouco, vago e aéreo como um espectro, o vulto de Maria Valéria.

— Então não acreditas na concepção evolucionista da história? - perguntou Rodrigo, que se sentia como suspenso no ar.

Rubim sacudiu vigorosamente a cabeça.

— Acho a concepção erradíssima. É um otimismo tolo acreditar no progresso ininterrupto da humanidade.

O coronel Jairo remexeu-se na cadeira e olhou o relógio.

— Dez e meia. Preciso retirar-me. A Carmem, coitadinha, ficou sozinha em casa. Pôs a mão no ombro de Rodrigo: - O meu amigo precisa casar-se o quanto antes, para eu poder trazer a Carmem a estes esplêndidos serões.

Despediu-se. Rodrigo levou-o até a porta, junto da qual o militar ciciou: - O Rubim ás vezes me desconcerta quando expõe essas ideias extravagantes. Pode até parecer que esse é o ponto de vista do Exército, mas asseguro-lhe que não é.

E, meu caro doutor, não confunda a ditadura científica, humaníssima e nobre, preconizada pelo grande Augusto Comte, com essa bárbara ditadura que o tenente prega.

Apertaram-se as mãos.

— Foi uma noitada agradabilíssima. Boa noite!

Pouco depois das onze, Chiru e Saturnino retiraram-se. Era hábito de ambos caminhar todas as noites pela cidade, até alta madrugada. Lucas deixou também o Sobrado dez minutos mais tarde, confidenciando ao ouvido de Rodrigo que tinha combinado passar a noite com uma “morena cotuba”, na Pensão Veneza. Desceu de gatinhas a escada do vestíbulo.

Como Rubim também fizesse menção de ir-se, Rodrigo deteve-o.

— Fica, homem. é muito cedo. Vamos tomar ainda um licorzinho especial. E tu, Pepito, no te muevas. Quero mostrar a vocês uma coisa…

De repente, dando com os olhos em Liroca, que, de pálpebras caídas, continuava sentado no seu canto, exclamou: - Liroca velho de guerra! Por que é que estás aí tão quieto? Não comeste nada. Não bebeste nada. Que é que tens? Estás triste?

— É a minha sina, Rodrigo, é a minha sina. Suspirou.

Rodrigo foi buscar no escritório um exemplar do Correio do Povo

que havia guardado com especial cuidado.

— Não sei se vocês leram esta notícia… Edmond Rostand acaba de levar à cena no teatro Porte Saint-Martin a sua nova peça, Chnntcder, na qual trabalhou durante doze anos. Diz o jornal que não se fala noutra coisa em Paris. As confeitarias fazem bolos, tortas e pastelões com efígie de Rostand, e a imagem de seu herói, o Chantecler, anda por todos os cantos, nas vitrinas, nas revistas, nos jornais, no coração do povo parisiense. O que já se escreveu sobre essa peça dá para encher toda uma biblioteca!

— Y que hay de tan extraordinário en esas cosas?

— Paris está em polvorosa! A revista L Hlustration comprou a Rostand os direitos de reproduzir na íntegra o Chantecler, e está agora processando em nome do autor os jornais parisienses L Eclair e o Paris Journal ainda Secolo, de Milão, por terem eles publicado sem licença o cornpte rcndu e algumas estrofes da peça…

— Escândalos de Ia podrida sociedad burguesa! - exclamou o espanhol. E apanhou distraído, com as pontas dos dedos, o último quadrado de pão com caviar.

Rodrigo bebeu sofregamente um largo gole de vinho.

— No dia 6 de fevereiro, por ocasião do ensaio geral de Chantecler, o Boulcvard Saint-Martin estava agitadíssimo. Uma enorme multidão se apinhava à porta do teatro.

— Mas afinal de contas - interrompeu-o Rubim - em que consiste a peça?

— Originalíssima! Imaginem vocês que as personagens são quase todas animais domésticos: galos, galinhas, cães, faisões… E os atores aparecem realmente travestidos nesses animais!

— Ridículo! - bradou Pepe Garcia.

— Não - protestou Rodrigo - quando temos no papel de Chantecler um Lucien Guitry, no de Cão um Jean Coquelin e no de Faisoa uma Mme Simone.

— Assim mesmo é um pouco… esquisito.

— O primeiro ato passa-se num terreiro. O cenário foi feito em tais dimensões que os espectadores têm a impressão de que os "animais" são realmente do tamanho de galos, galinhas, etc…. E a história, em suma, é esta: Chantecler é o rei despótico do terreiro. A Galinha está despeitada e cheia de ciúmes, por que o Galo prefere as outras a ela…

— Ridículo! Infantil! - exclamou o pintor.

— Temos então o eterno triângulo do romance francês. O Galo está apaixonado por uma bela faisoa… pela qual também se morre de amores um galo mais novo.

— Nesse caso - interrompeu-o Rubim, com seu amor à precisão - não se trata mais dum triângulo.

— Bom, seja o que for, a situação é essa. No primeiro ato vemos a vida íntima do galinheiro, onde impera Sua Majestade Chantecler, que está convencido de que, sem o seu cocorocó matinal, o sol jamais se ergueria. No segundo ato a cena mostra os ramos superiores das árvores duma floresta, onde uns mochos se acham empoleirados.

É noite e a coisa toda tem um ar de sabbat. As aves noturnas conspiram, querem matar o Galo, pois estão também convencidas de que é Chantecler quem obriga o sol a erguer-se todas as manhãs, trazendo para o mundo a luz, a maior inimiga dos mochos.

— Pêro, hijo, eso es un cuento de liadas!

— Espere, Pepito. No terceiro ato o Galo é informado da conspiração, mas não lhe dá a menor importância, pois está preocupado com o que o Cão, seu amigo fiel, lhe veio contar: um galo novo acaba de fazer uma declaração de amor à Faisoa. Furioso, Chantecler provoca o rival para um duelo. Trava-se uma luta de vida e de morte em que o galo jovem é vencido. A Faisoa toma o vencedor nos braços e embala-o com palavras de amor. Chantecler adormece no colo da amada e, ao despertar, verifica, estonteado, que o dia já vai alto. Então o sol pode nascer sem que ele cante? Não é ele, o Galo, quem regula o curso do rei do dia? Em vão a 389 bem-amada lhe recita ao ouvido belas palavras de amor. Chantecler morre de vergonha e humilhação.

Rodrigo calou-se, levou o cálice à boca, esvaziou-o, e olhou depois para os amigos. Rubim sorria, a cabeça recostada no respaldo da cadeira. Pepe mirava o amigo com fisionomia inescrutável.

— Que tal, Liroca? - perguntou Rodrigo, curioso por saber o que José Lírio, natural do quarto distrito de Santa Fé, pensava da peça de Edmond Rostand.

— Que bicho é essa tal de faisoa?

— É a fêmea do faisão, um galináceo de carne muito gostosa, uma verdadeira iguaria.

Liroca ficou um momento calado, com ar reflexivo. Depois murmurou, sério: - Galo velho de bom gosto…

— Rubim, que tal?

Rodrigo deu uma palmada na perna do tenente.

— Parece-me uma grande borracheira - disse este.

— Borracheira? Então escuta este Hino ao Sol e me diz se uma peça que tem uma joia poética deste quilate pode ser considerada uma borracheira.

Aproximou o jornal dos olhos: To i qui sèches lês pleurs dês moinarei graminées Qiá jais d'itne fleur morte un vivant papillon Lorsqu'on you, s'effeuillant comme dês destinées, Tremhler nu vent dês Pyrénées, Lês amandiers dn Roussillon.

Sentiu que a voz lhe saía um tanto arrastada, como se a língua e

os lábios estivessem inchados. Diabo! O vinho francês devia ajudar a gente a falar melhor a língua de Rostand…

J e t'aelore, Solei l! Ô toi dont Ia lumière, Pour bénir chaque front et múrir chaque ciei, Entrant dans chaqiíe fleur et dans chaque chaumière, Se divise et demeure entière Ainsi que l'amour maternel!

Vieram-lhe lágrimas aos olhos, como acontecia sempre que lia um trecho literário com emoção. Rubim escutava, as mãos trançadas diante do peito, como se estivesse orando. Pepe mastigava com dignidade uma salsicha. Liroca, o olhar embaciado de sono, mirava fixamente o tapete e de quando em quando cabeceava.

— Agora prestem bem atenção! - pediu Rodrigo. E recitou: J e t'adore, Soleil! Tu mets dans l'air dês roses, Dês flammes dans Ia source, un dieu dans lê buisson!

Tu prends un arbre obscur et tu l'apothéoses!

O Soleil! toi sans qui lês choses Ne seraient que cê qu'elles sontí Rodrigo atirou o jornal no chão.

— Se isto não é uma peça de antologia, então não me chamo mais Rodrigo Terra Cambará! Bolas!

Rubim abriu os olhos.

— É bonito, não há dúvida. Mas apenas bonito.

— O Chantecler é o teu super-homem, Rubim! Não compreendes isso? O rei absoluto do terreiro! Os mochos e os melros são a massa que tanto detestas, a massa que conspira inutilmente.

Rubim sacudiu a cabeça.

— Não, Rodrigo. O meu super-homem venceria o galo mais novo no duelo, mas depois não dormiria o sono da vitória nos braços da bem-amada.

— Por quê? Acaso o teu super-homem terá de ser necessariamente um impotente sexual?

— Meu caro Rodrigo, para o super-homem a felicidade não consiste na posse dum objeto determinado, mas sim numa continuada superação de si mesmo. O que importa para ele é a vontade de poder, que consiste em desejar e escolher o sofrimento e a dor, se tanto for necessário para essa superação. No exemplo de Chantecler vimos como a mulher pode desviar o super-homem de seus objetivos mais altos. E não esqueças que no meu mundo ideal, se queres usar os símbolos desse teu Rostand, o sol de fato não se erguerá sem que Chantecler, o super-homem, cante!

— Isso sim é um conto de fadas!

— E o meu Chantecler não admitirá no seu terreiro leis que glorifiquem a fraqueza como acontece nesta nossa sociedade regida pela moral cristã, que é uma moral de escravos. Para principiar, o super-homem terá de ser duro e cruel consigo mesmo e viverá numa constante busca de novas aventuras. Ele sofrerá e fará os outros

sofrerem.

Rodrigo desatou a rir.

— De que estás rindo?

— Estou te vendo fantasiado de galo, recitando no meio dum palco…

— Estás bêbedo!

— Talvez. Mas vamos tomar ainda um licorzinho. Serviu-lhes Chartreuse. E, enquanto os outros bebiam, apanhou o jornal do chão e leu mais um trecho da peça.

CHANTECLER Jc chaute! Vaincment La nuit, four transiger, m 'offre lê crépuscule, Jc cbante! Et tout à coup…

LA F AI SANE Chantecler!

CHANTECLER Je recule, ébloui de me voir moi-même tout vermeil. Et d'avoir, mói, lê Coq, fait lever lê soleil.

Don Pepe se pôs de pé: - Mierda para ei gallo, rnierda para Ia gailina, mierda para Ia humanidad! Buenas noches, caballeros!

Enfiou a boina e saiu. Rubim e Liroca também se foram pouco depois. Rodrigo ficou algum tempo à janela, olhando a praça deserta, as estrelas, e pensando em Paris.

Fechou depois as janelas, apagou as luzes e dirigiu-se para a escada. Quando ia subir, viu surgir lá no último degrau Maria Valéria.

— Isso são horas de deitar? - perguntou ela. — Os galos já estão cantando, - Ébloui de me voir rnoi-mème tout vermeil - murmurou Rodrigo. E, alteando a voz, recitou como se estivesse num palco: - Et d'avoir, mói, lê Coq, fait lever lê soleil!

XVI

Naquela terceira semana de março, abriu o consultório. Os primeiros doentes que lhe apareceram foram pobres-diabos do Purgatório, do Barro Preto e da Sibéria. Entravam humildes e acanhados, contavam seus males, mostravam onde sentiam suas dores, iam como que amontoando todas as suas queixas sobre a mesa do médico. Rodrigo examinava-os - bote a língua… respire forte… diga trinta e três - aplicava-lhes o estetoscópio no peito, nas costas, auscultava-lhes o coração, os pulmões, e, enquanto fazia essas coisas, procurava conter o mais possível a respiração, pois o cheiro daqueles corpos encardidos e molambentos lhe era insuportável. Por fim sentava-se e, após um breve interrogatório, fazia uma prescrição e entregava-a ao paciente.

— Mande preparar este remédio aqui na farmácia. Tome uma colher das de sopa de duas em duas horas.

Na maioria dos casos o doente quedava-se a olhar imbecilmente para o papelucho.

— Mas é que não tenho dinheiro, doutor…

— Isso não vai lhe custar nada. A consulta também é grátis. Os

clientes balbuciavam agradecimentos e se iam. Rodrigo então abria as janelas para deixar entrar o ar fresco, lavava as mãos demoradamente com sabonete de Houbigant, tirava do bolso o lenço perfumado de Royal Cyclamen e agitava-o de leve junto do nariz. Concluía que o sacerdócio da medicina, visto através da arte e da literatura, era algo de belo, nobre e limpo. Na realidade, porem, impunha um tributo pesadíssimo à sensibilidade do sacerdote, 394 principalmente ao seu olfato. Rodrigo comovia-se até as lágrimas diante da miséria descrita em livros ou representada em quadros; posto, porém, diante dum miserável de carne e osso - e em geral aquela pobre gente era mais osso que carne - ficava tomado dum misto de repugnância e impaciência. Achava impossível amar a chamada "humanidade sofredora", pois ela era feia, triste e malcheirante. No entanto - refletia, quando ficava a sós no consultório com seus melhores pensamentos e intenções - teoricamente amava os pobres e, fosse como fosse, estava fazendo alguma coisa para minorar-lhes os sofrimentos. Não tens razão, meu caro Rubim. Podemos e devemos elevar o nível material e espiritual das massas. Tenho uma grande admiração por César, Cromwell, Napoleão, Bolívar; foram homens de prol, dotados de energia, coragem e audácia, figuras admiradas, respeitadas e temidas. Mas para mim, meu caro coronel Jairo, é mais importante ser amado que respeitado e mesmo admirado.

O tipo humano ideal, o supremo paradigma, seria uma combinação de Napoleão Bonaparte e Abraão Lincoln. O ditador perreito, amigos, será o homem que tiver as mais altas qualidades do soldado corso combinadas com as do lenhador de Illinois. O diabo é que a bondade e a força são atributos que raramente ou nunca se encontram reunidos numa mesma e única pessoa. A menos que essa pessoa seja eu - acrescentou, um pouco por brincadeira e um pouco a sério.

Certa madrugada, pouco depois das três e meia, o telefone do Sobrado tilintou insistentemente. Maria Valéria, que tinha o sono leve, acordou, acendeu a vela, apanhou o castiçal e desceu a atender o chamado. Quem falava, aflitíssima, era a esposa do dr. Eurípedes Gonzaga, o juiz de comarca. Pedia por amor de Deus que o dr. Rodrigo corresse a sua casa, pois o marido estava gravemente enfermo.

Maria Valéria tornou a subir, entrou no quarto do sobrinho, ficou um instante parada a contemplá-lo e depois, numa súbita resolução, inclinou-se sobre ele e sacudiu-o.

Rodrigo resmungou qualquer coisa, entreabriu os olhos e à luz da vela entreviu o rosto da tia, confusamente, como num sonho. Tornou a cerrar os olhos e voltou-se para o outro lado. Maria Valéria sacudiu-o de novo e, quando lhe pareceu que o sobrinho estava mais desperto,

transmitiu-lhe o recado. Como ele permanecesse de olhos fechados, deu um puxão nas cobertas e aproximou a chama da vela do rosto do rapaz. — Vamos, cumpra a sua obrigação. Ué, gente! Não quis ser doutor? Agora aguente.

O homem está passando mal.

Sentado na cama, Rodrigo coçava a cabeleira revolta, bocejando. Pôs-se de pé em movimentos tardos. Maria Valéria meteu a mão dentro do jarro do lavatório e respingou água fria no rosto do afilhado, o que o deixou mais desperto, mas nem por isso menos irritado. Tirarem um homem da cama àquela hora da madrugada. Enfiou as calças e as botinas, e por um momento ficou desorientado, a dar voltas inúteis pelo quarto. A tia tornou a sacudi-lo e repetiu-lhe o recado, lentamente, com toda a clareza, para que ele compreendesse o que se estava passando. Desceram a escada juntos. Rodrigo resmungava… Que era que o juiz estava sentindo? Aposto como andou comendo alguma porcaria. É sempre assim. Tiram um cristão da cama por qualquer indigestão sem importância. Não terão sal amargo ou bicarbonato em casa? Por que não chamaram o dr. Matias?

— Vou acordar o Bento pra ir com você.

— Não sou nenhuma criança. Vou sozinho.

— Está bem. Mas vá.

Apanhou a maleta e saiu. Ficou por alguns segundos à esquina, como se tivesse perdido a memória ou caído de súbito numa fantástica cidade desconhecida. Voltou a cabeça para o Sobrado, a cuja porta luzia a chama da vela de Maria Valéria.

— É na casa do dr. Eurípedes - dizia ela. — Pra aquele lado, menino!

Rodrigo fez meia-volta e seguiu pela rua do Comércio, ouvindo o som e o eco dos próprios passos, e achando que isso tornava 396 ainda mais profunda a solidão da noite. As chamas dos lampiões agonizavam. As estrelas estavam apagadas. Rodrigo sentia um peso nos olhos, uma lassidão nos membros, uma vontade de atirar-se na calçada e ali ficar estendido, dormindo… Havia já caminhado duas quadras quando lhe ocorreu que se esquecera de pôr o revólver na cintura.

Mas agora não volto. Quem é que vai se lembrar de me atacar a estas horas da madrugada?

A esposa do juiz, que ele conhecia apenas de cumprimento, esperava-o a porta da casa, pálida e escabelada. Rodrigo foi levado imediatamente ao quarto do casal, onde encontrou o dr. Eurípedes Gonzaga sentado na cama, a tossir e debater-se numa falta de ar que lhe transtornava as feições. Pelas comissuras dos lábios escorria-lhe uma baba rosada.

— Ele está vomitando sangue, doutor! - choramingou a mulher.

O juiz de comarca olhou para Rodrigo e no primeiro momento pareceu não reconhecê-lo. Depois balbuciou: - Me acuda, doutor, eu morro…

O peito magro arfava. Da boca entreaberta saía um ronco de estertor e pelo rosto lívido escorria-lhe um suor lento e viscoso. Rodrigo sentou-se na beira do leito.

— Calma, dr. Eurípedes, eu estou aqui, o senhor não vai morrer. Chegue um pouquinho pra cá. Assim…

Encostou o ouvido nas costas do paciente e pôs-se a escutar. Que ruído era aquele? Uma chuva de estertores úmidos, de cima para baixo… Hum! Auscultou o coração, que batia num ritmo de galope. Tomou o pulso: acelerado e arritmico.

Em sua memória desenhou-se a figura do professor Graciano Braga numa aula remota: "…e nesse caso devemos então pensar logo num edema pulmonar agudo!"

Sim. Devia ser um edema agudo de pulmão: a respiração curta e opressa, a dispneia, a expectoração rosada… Mas se fosse uma crise de asma? O diabo era que não conhecia o passado mórbido do homem… Tentar fazer perguntas àquelas duas criaturas alarmadas seria pura perda de tempo. Era necessário agir com urgência.

— Ai! - gemeu o magistrado. — Ai que eu morro… Abram uma janela, quero ar…

Parada ao pé da cama, a mulher chorava desatadamente, cobrindo o rosto com as mãos.

Rodrigo abriu a maleta para ver se tinha trazido os instrumentos e os remédios de que ia precisar. Felizmente não lhe faltava nada do essencial.

— Uma vela, depressa!

Ao som da palavra vela a sra. Gonzaga teve um sobressalto, deixou cair os braços e fitou no médico os olhos cheios dum súbito pavor.

— É pra desinfetar a lanceta - esclareceu Rodrigo. — Vamos, dona, traga uma vela, uns três lenços limpos e um prato fundo.

Teve de repetir o pedido, antes que a mulher se dispusesse a atendê-lo. Depois que ela saiu do quarto, voltou-se para o paciente: - Coragem, meu amigo. Vou lhe fazer uma pequena sangria e dar-lhe uma injeção de morfina para aliviar a dispneia. Vai ser o mesmo que tirar com a mão essa falta de ar e essa angústia.

A esposa do juiz voltou com os objetos pedidos.

— Agora a senhora vai me fazer um favor de esperar no corredor. Quando voltar, verá como seu marido ressuscitou…

Tomou delicadamente o braço da dona da casa e conduziu-a para fora do quarto. Fechou a porta, tirou o casaco, arregaçou as mangas da camisa e pôs-se a trabalhar.

Garroteou o braço direito do paciente com um dos lenços, acendeu a vela e passou-lhe na chama a lâmina do bisturi.

— Uma linda veia! Não se mexa. Vai doer menos que a picadura duma agulha.

Aproximou a ponta da lanceta da veia da prega do cotovelo.

— Pronto!

O sangue esguichou e começou a escorrer para dentro do prato que Rodrigo colocara debaixo do braço do doente. Quando lhe pareceu que já havia no recipiente uns trezentos centímetros cúbicos, fez com os lenços restantes um curativo compressivo na veia. Olhou para o juiz.

A cabeça recostada no travesseiro, o dr. Eurípedes sorria respiração normalizada, as reições tranquilas. O homem estava salvo.

Rodrigo ergueu-se, assobiando de mansinho. Se não chego em tempo, era uma vez um juiz de comarca!

Pôs a seringa a ferver e, minutos depois, aplicou no músculo do paciente, uma injeção de morfina.

— Nunca vi veias melhores que as suas!- elogiou. — Agora não há mais perigo. O senhor vai dormir em paz…

— Parece até um milagre, doutor - murmurou o doente com voz débil.

Rodrigo abriu a porta e a sra. Gonzaga entrou.

— Veja como seu marido está outro! Agora o que ele precis é ficar em repouso absoluto. Dê-lhe amanhã de manhã tirn pur tivo. Pode ser de aguardente alemã. Quanto à alimentação, só líquidos.

A sra. Gonzaga olhou longamente para o marido e depois para, o médico. Seus lábios se moveram como para dizer alguma coisa de sua boca não saiu o menor som.

Estava duma palidez cadavérica e suas mãos tremiam. Rodrigo observou que os olhos dela se vidravam e, prevendo o que ia acontecer, deu dois passos à frente e enlaçou a cintura da mulher no momento exato em que ela perdia os sentidos.

— Era só o que me faltava!

Ergueu a magra senhora nos braços e deitou-a na cama a lado do marido, que dormia tranquilamente.

Uma hora depois estava na rua, a caminho do Sobrado. Havia animado e medicado a sra. Gonzaga, deixando-a aos cuidado duma vizinha solícita.

Sentia-se feliz. Tinha salvo uma vida. Lembrava-se do cálido olhar de gratidão que lhe dirigira a esposa do juiz ao despedir-se dele. Aquilo fizera-o sentir-se maior e melhor. Digam o que disserem, a profissão médica é dura e difícil, mas tem as suas compensações.

Pôs-se a cantarolar. À esquina da rua do Poncho Verde encontrou o Chico Pão na sua carroça, a entregar pão à freguesia Fê-lo parar,

contou-lhe de onde vinha e de como salvara a vida do 399 dr. Eurípedes. Pediu-lhe um pão cabrito, que o padeiro lhe deu com um sorriso amoroso, e continuou a andar. Galos cantavam nos quintais. Jc chante! Vainement Ia riuit, pour transiger, m'offrc Ic crépuscule. Mas o que eu quero mesmo é o sol, o sol… O Salvini nos Espectros de Ibsen, engatinhando como uma criança no palco, pedindo o sol, mãe, o sol… Mói, lê Coq, je vcux Ic soleil! Mas quem me vê a esta hora da madrugada, na rua, comendo pão, vai pensar que estou voltando de alguma farra, bêbedo. Bela profissão escolhi! Mas que diabo! Um homem tem que sair de seu comodismo se quiser fazer alguma coisa pela humanidade. O Rubim é uma besta. O Nietzsche é outra.

Parou a uma esquina e olhou para o nascente, onde a barra do dia era dum ouro que se degradava em púrpura. Ébloiii fie me voir to u t vcrmeil. Havia um doce e leve mistério nas ruas adormecidas, uma frescura transparente de vidro no ar. Acendeu um cigarro, tragou a fumaça e depois expeliu-a com força. Como sabe mal o fumo quando a gente está em jejum! Mói lê Coq, je ueux un chimarrão.

Ia passando pela frente da meia-água onde morava Neco Rosa. Parou, bateu à janela, uma, duas, três vezes, primeiro de leve, e por fim aos murros. Fez o amigo sair da cama e esquentar a água para um mate. Ficaram depois sentados em mochos, sob as laranjeiras do pomar, a saborear o amargo, a fumar e a conversar.

Quando Rodrigo chegou ao Sobrado, o sol já havia saído. Maria Valéria, que esperava o sobrinho, debruçada à janela, exclamou: - Pensei que tinha lhe acontecido alguma coisa. Já ia mandar o Bento atrás de você.

— A senhora sabe que meu anjo da guarda é muito forte.

— É Mas tenho medo que um dia ele canse.

Uma tarde Rodrigo recebeu no consultório a visita do dr. Matias, um homem baixo e franzino, de bigodes grisalhos de foca, e óculos de grossas lentes.

— Vim fazer uma visita ao meu caro colega.

Não havia o menor tom de sarcasmo na voz da criatura Rodrigo achou aquilo divertido. O dr. Matias era o médico de sua família, uma das mais vivas recordações da infância. Verificou, divertido, que diante do homenzinho, ele quase chegava a sentir as impressões do menino quando via o “doutor” entrar no Sobrado: a medrosa expectativa do óleo de ríciuO) da cataplasma de mostarda e linhaça, do clister… Como era dramático o instante em que o dr. Matias lhe metia na boca o cabo duma colher para examinar-lhe a garganta! Ah! Os angustiosos segundos em que se debatia numa ânsia de vômito… Todas essas impressões estavam ligadas à figura do velho médico, ao seu cheiro de iodofórmio e sarro de cigarro, à sua "voz de queijo bichado', aos seus dedos de pontas amareladas de nicotina, e ao ruído

que Seus punhos engomados produziam quando ele sacudia o termômetro para fazer o mercúrio baixar. Ali estava agora o lendário dr. Matias com sua roupa surrada e a sua maleta negra. Não tinha mudado muito. Estava apenas mais grisalho.

— Sente, doutor.

O dr. Matias olhou em torno, deteve-se a examinar a lombada dos livros. Depois dirigiu o olhar para os instrumentos cirúrgicos.

— Vocês são médicos modernos. Eu sou da velha escola. Menos livros, menos petrechos, porém mais prática.

— O médico é mais importante que a medicina, doutor. O que vale mesmo é a experiência pessoal.

O dr. Matias tirou fumo duma bolsa de borracha e começou a enrolar um cigarro em papel de alcatrão. Depois de acendê-lo e soltar uma baforada, olhou para Rodrigo com ar escrutador.

— Então, como vai se dando na profissão?

— Bem. Não tenho por que me queixar.

— Já fez alguma burrada?

— Acho que sim.

— Isso é do programa. Não se impressione. Acontece com todos. No final de contas os médicos não sabem nada. Nem os grandes do Rio de Janeiro nem os figurões da Europa Todos vão mas é no palpite, na apalpação.

— Eu sei.

— E se a gente fosse pensar no que não sabe e nas doenças que não têm cura, acabava ficando louco. Tu pensas?

— Faço o possível pra não pensar.

— Olha, vou te dar um conselho. Não vás muito atrás de conversa de doentes. Eles falam demais. E quanto mais falam menos a gente entende o que é que estão sentindo.

— Já descobri isso.

— E mesmo quando não for caso de dar remédio, dê remédio, porque o paciente desconfia do doutor que não receita muita droga. E quando estiver diante dum caso complicado e ficar no escuro, receite uma dose pequena de citrato de magnésia. Não faz mal pra ninguém. É só pra ganhar tempo e estudar melhor o caso. Mas não digas nunca que não sabes. O doente pode perder a fé… e adeus, tia Chica!

— Muito obrigado pelos conselhos, doutor. O outro lançou-lhe um olhar enviesado.

— Acho que tu estás rindo de mim por dentro e dizendo: “Esse velho bobo e ignorante me vem aqui com um sermão que ninguém lhe encomendou”. É isso mesmo. Tens razão.

Mas sabes duma coisa? Muita dor de barriga te curei, guri. Pra mim tu és sempre aquele piá que ia roubar doce da despensa de Maria Valéria e depois quem pagava o pato era eu, que tinha de sair de casa

em noite de minuano pra ir te apertar a barriga, sem-vergonha!

Rodrigo soltou uma risada. O velhote entrara em seu consultório cerimonioso, chamando-lhe colega: agora tratava-o como se ele ainda tivesse doze anos.

— Sente, doutor - insistiu.

— Não. Isto é visita de médico. Vou andando. Ah! Outra coisa. No princípio a gente se atrapalha no receituário, na dosagem dos medicamentos. Quem nos salva de matar os doentes são os farmacêuticos práticos, como esse menino, o Gabriel, que é uma joia, ou como o Zago, que é um falador sem-vergonha, mas profissional muito competente.

Pois não te afobes, Rodrigo, que Roma não foi feita num dia. E depois, para um caso de aperto, o - 402 Chernoviz está aí mesmo. Não é nenhuma vergonha a gente consultar o Livro. É melhor que intoxicar ou matar o paciente.

Apanhou a bolsa. Sua calva sebosa reluzia, como a sua roupa preta já ruça. Junto da porta disse ainda: - E não te iludas com a clientela. No fundo essa gente acredita mas é nessas negras velhas benzedeiras e nos curandeiros. E quando a gente não acerta logo com o remédio prós achaques deles, procuram logo o índio Taboca, que vem com as suas aguinhas milagrosas e suas benzeduras.

— Em caso de aperto - sorriu Rodrigo - o recurso então é pedir uma conferência médica com o Taboca.

O dr. Matias piscou-lhe o olho.

— Pois tu sabes duma coisa? Uma vez até eu recorri ao Taboca.

— Como foi isso?

— Não vale a pena falar nessa história. Até mais ver! Enfiou na cabeça o velho chapéu de feltro negro e se foi. Por uma curiosa coincidência, no fim daquela semana Rodrigo se viu frente a frente com o curandeiro índio cuja legenda ele conhecia desde criança. Toríbio mandara trazer do Angico para o Sobrado o negro Antero, que havia sido picado por uma cobra venenosa.

O peão chegou já porejando sangue, a língua paralisada, os olhos amortecidos. Rodrigo não encontrou na cidade uma única ampola de soro antiofídico. Censurou Gabriel, aos berros, por ter deixado o estoque da farmácia desfalcado dum medicamento de tamanha importância. Foi rude para com o Zago e, como este lhe respondesse com outro desaforo, esteve a ponto de esbofeteá-lo, no que foi impedido por Toríbio, que o arrastou para fora da Farmácia Humanidade. Ao chegarem ao Sobrado, Maria Valéria sugeriu que chamassem o Taboca. Rodrigo achou a ideia absurda e recusou-se a tomar parte “naquela palhaçada”. A verdade é que, com ou sem seu beneplácito, Taboca apareceu: um índio retaco, de tez acobreada, olhos enviesados e pelo duro - homem taciturno e de poucas falas.

Tirou do bolso das calças de riscado a garrafa que trazia a sua “milagrosa aguinha” e deu-a de beber ao doente. Acocorou-se 403 depois ao pé do catre onde jazia Antero, fustigou-lhe o rosto com um galho de arruda, murmurou algumas palavras em guarani e por fim se ergueu: - Tá bom o homem.

Maria Valéria acompanhou-o até a porta e meteu-lhe um patacão no bolso. No fim do dia Antero estava melhor: movia os lábios, balbuciava algumas palavras, cessara por completo de sangrar. Na manhã seguinte deixou a cama, dizendo que se sentia perfeitamente bem.

Olhando para o peão, Rodrigo fez reflexões amargas. Taboca, um curandeiro índio, acabara de salvar a vida do negro Antero, que no Angico partilhara com ele, dr.

Rodrigo, o amor da chinoca Ondina. Era o desprestígio da raça branca, da cultura e da ciência! - concluiu, sorrindo e achando tudo aquilo muito estranho. Chcrs Messieurs Richet et Charcot, estais convidados a explicar os mistérios das milagrosas agiiinhas do Taboca! Porque mói, eu desisto.

Uma tarde, depois de atendei a um velho polaco reumático, uma china que dizia sofrer de “flautos”, e um caboclo que sentia “uma pontada no peito que arresponde nos bofes” - , Rodrigo foi procurado por um dos filhos de Spielvogel, o Arno, que se queixava de dores no estômago e tonturas. Examinou com todo o cuidado, interrogou-o minuciosamente, receitou-lhe uma poção e prescreveu-lhe uma dieta. No momento em que o cliente se preparava para sair, aconteceu algo que chocou Rodrigo dum modo que jamais ele poderia imaginar. No momento em que terminava de vestir o paletó, Arno Spielvogel meteu a mão no bolso e perguntou:

— Quanto lhe devo?

Rodrigo teve a impressão de que o esbofeteavam e seu primeiro impulso foi o de agredir o outro fisicamente. Aquele "quanto lhe devo" dito de cima para baixo (o rapaz tinha quase dois metros de altura) como que colocava o teuto-brasileiro numa posição superior à sua, assim como a do patrão perante o empregado.

Vermelho, o rosto a arder, Rodrigo teve uma rápida hesitação, mas depois, com a voz alterada pela indignação, vociferou: - Não me deve coisíssima nenhuma!

— Mas como, doutor?

— Já lhe disse que não me deve nada.

O rapaz mantinha a mão no bolso e olhava espantado para o médico.

— Desculpe, eu… eu só queria lhe pagar. Pensei… Caindo em si, Rodrigo tratou de remendar a situação.

— Depois falamos nisso. O tratamento não está terminado. Você terá que voltar aqui dentro duma semana.

— Bem. Então… muito obrigado.

Depois que o cliente saiu, Rodrigo sentou-se, pegou o cortapapel e começou a tamborilar nervosamente sobre a mesa. É melhor eu ir me acostumando com essas coisas.

No fim de contas um médico tem de cobrar as consultas… O dr. Miguel Couto cobra, não cobra? O dr. Olinto de Oliveira não vive de ar…

Mas, fosse como fosse, receber dinheiro diretamente das mãos dos clientes era coisa que, na sua opinião, dava ao consultório um ar de banca de mercado público, de boliche de beira de estrada. Decidiu que dali por diante, em matéria de dinheiro, os clientes pagantes se entenderiam na farmácia com o Gabriel. Para que, diabo, tinha então aquela bela máquina registradora National?

Numa manhã de sábado, quando já se preparava para ir a casa almoçar, recebeu no consultório a visita do Ananias Silva. O aguadeiro de Santa Fé queixava-se de dores nos rins e de cansaço - "uma lombeira danada, doutor, uma fraqueza…' Rodrigo examinou-o, lembrando-se das histórias que Toríbio lhe contara a respeito do “pipeiro”.

— Ananias, não vou lhe receitar muitos remédios, mas quero lhe dar um conselho.

— - Qual é, doutor? - perguntou o homenzinho, sungando as calças e metendo as traídas da camisa para dentro.

— Diminua a sua atividade.

— Que atividade?

— Você sabe. Não estou me referindo à sua pipa, mas às suas mulheres.

— Ora, doutor!

O aguadeiro parecia ofendido.

— Fale a verdade, Ananias. Pra médico e padre a gente não deve mentir. Você tem ou não tem duas mulheres?

O "pipeiro" começou a coçar o queixo, onde apontava uma barbicha rala e dura. Fitou no médico seus olhinhos de esclerótica amarelada.

— Pois é, dizem…

— Com quantos anos está?

— Cinquenta e quatro.

— Pois já é tempo de criar juízo. Uma mulher é o quanto lhe basta… - Rodrigo fez uma pausa e depois acrescentou, sorrindo: - Zé do Meio.

O aguadeiro também sorriu, descobrindo dois cacos de dentes e as gengivas descoradas. E, entre gaiato e encabulado, informou: - Uma delas até nem funciona mais, doutor.

Rodrigo soltou uma risada e mandou o Ananias embora com uma receita, novas recomendações e uma cordial palmada nas costas.

Em princípios de abril, teve Rodrigo alguns casos felizes que de certo modo o ajudaram a firmar a reputação de médico na cidade, onde já se começava a falar - notava ele, envaidecido - no seu "olho clínico". Alegrava-o também saber que era o ídolo da pobreza e que em certos ranchos do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria, seu nome era venerado como o de um santo.

O Chiru - a quem naqueles dias Rodrigo dera os duzentos mil-réis que deviam custear sua encantada excursão em busca dos tesouros dos jesuítas - contou um dia a Maria Valéria, na presença de Rodrigo, "as Àfricas do seu afilhado".

— O diabo nasceu mesmo pra médico, dona. Tem um jeito com os doentes, que só vendo. O filhinho do Luís Macedo que ele tratou, acordava de noite e choramingava que queria o doutor. O Teixeirinha me disse que quando estava de cama com febre, só de ver o Rodrigo entrar no quarto já melhorava… Olhou para o amigo.

— Não sei o que e que esse filho da mãe tem na cara que todo mundo fica logo gostando dele.

Rodrigo escutava em silêncio, intimamente satisfeito com as palavras do Chiru, mas fazendo gestos que davam a entender que a coisa não era bem assim, que o outro exagerava…

— E o dr. Eurípedes? Anda dizendo pra todo o mundo que estava já no fundo da cova quando apareceu o Rodrigo e puxou ele pra cima. A mulher do juiz, essa então acha que é Deus no céu e o dr. Rodrigo na terra. Esse filho duma mãe!

Enfim, refletia Rodrigo, seus planos se realizavam, seu programa de vida se cumpria. Estava fazendo alguma coisa pelos pobres de sua

cidade natal. Só de sua cidade?

Não. Já lhe chegavam clientes do interior, das colônias, de outros municípios… Começava a ser respeitado - ele via, sentia - e não havia a menor dúvida que já era amado. Tudo isso lhe dava uma profunda satisfação íntima, uma reconfortante paz de espírito.

Claro, havia momentos em que simplesmente não podia aguentar o ambiente do consultório, que cheirava a suor humano, pus, sangue, éter, fenol, iodo… Era com ansiedade que esperava a hora de voltar para casa. Havia também os dias de mau humor em que lhe era difícil suportar com paciência, e mantendo o ar paternal, as longas conversas dos clientes, que nunca iam direto ao assunto, que raziam intermináveis rodeios, contando doenças passadas, não só próprias como também de pessoas da família, vizinhos e conhecidos. Detestava os chamados à noite, principalmente quando o levavam a algum rancho das zonas conhecidas pela denominação geral de “pra lá dos trilhos”, e nas quais se metia em bibocas, as vezes com barro até meia canela, entrando em ranchos fétidos e miseráveis, iluminados a vela de sebo.

Não raro, quando lhe caía nas mãos um caso difícil, alguma doença que não sabia diagnosticar ou curar, seu amor-próprio recebia golpes terríveis que o deixavam por algumas horas, às vezes 406 407 durante dias inteiros, mal-humorado e já quase decidido a abandonar a profissão, "porque afinal de contas, Chiru, eu não preciso dessa porcaria pra viver".

Esses momentos escuros, porém, eram passageiros. Diante dum caso bonito sentia a confiança em si mesmo retornar e, com ela, a alegria de ser médico, a volúpia de se saber necessário na comunidade, querido e admirado pelos amigos e pelos clientes.

Havia quase um mês que A Farpa não aparecia. Quando amigos pediam notícias do “grande hebdomadário”, Rodrigo respondia: “Não morreu. Está apenas hibernando. No momento crítico reaparecerá”. Com momento crítico, ele queria dizer a hora em que soassem de novo os clarins de guerra, em que fosse preciso atacar o situacionismo, protestando contra alguma nova arbitrariedade do Titi Trindade, ou respondendo a alguma verrina d'A Voz da Serra. O jornal republicano, entretanto, andava nas últimas semanas surpreendentemente benévolo para com a oposição. Ocupava-se de modo quase exclusivo com o resultado das eleições, segundo o qual o candidato oficial estava vitorioso em todo o país. Os editoriais do Amintas tinham agora caráter doutrinário, falavam em “verdadeira democracia” e faziam elogios ao dr. Borges de Medeiros “nosso ínclito chere” e ao senador Pinheiro Machado, “o gigante do Palácio Monroe”.

Rodrigo lia os resultados das eleições sem grande emoção. Estava já certo de que o candidato civilista perdera a batalha. O próprio Rui

Barbosa, reconhecendo isso, publicara nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo um artigo em que falava nos "Estados escravizados". Rodrigo atirava longe os jornais num gesto teatral com o qual queria dar a entender que estava não só desiludido da política como também indiferente ante os resultados daquela farsa eleitoral. Meter-se em política seria não só perder tempo como também fazer papel de tolo. De resto, não trocava seu prestígio de médico pela posição do Trindade ou de qualquer deputado estadual ou federal.

Sentia-se forte, feliz e de consciência tranquila. Chegara a Santa Fé e erguera a luva do desafio, dando à canalha governista e ao povo de sua terra uma prova de hombridade. Exercia agora 408 um direito que ninguém lhe poderia tirar: o de cultivar em paz seu jardim.

Flora voltara da estância com os pais, e Rodrigo, naquelas tardes de princípio de outono, costumava passar depois do banho pela frente da casa da namorada. Parava à esquina e olhava para as janelas agora abertas, onde as cortinas de renda branca esvoaçavam. E por trás dessas cortinas entrevia o vulto de sua amada. Quedava-se longamente na esquina a fumar, meio encabulado por estar-se portando como um adolescente, num namorico indigno de sua idade e de sua posição social. Fazia, depois, uma volta completa à praça, onde os plátanos já começavam a perder as folhas. Andava no ar um escondido arrepio de inverno. Rodrigo recitava baixinho poemas de Verlaine e Samain. Tornava a passar pela casa de Aderbal Quadros, verificando com satisfação que lá estava ainda Flora por trás das cortinas, à sua espera…

Pensava num pretexto para se aproximar da moça de maneira digna. As oportunidades, porém, não eram muitas. Depois da morte do Macedinho, o clube não dera mais bailes.

Flora pouco saía à rua. Todos os domingos pela manhã Rodrigo ia esperar à porta da igreja o fim da missa e, quando a moça saía pelo braço da mãe, ele as seguia a uma distância respeitosa. Flora jamais voltava a cabeça para trás, e, embora desejasse ver essa prova de interesse da parte da namorada, ele sabia antecipadamente que ficaria decepcionado se ela fizesse esse gesto. Havia coisas que podiam ficar bem para a Esmeralda e para as Fagundes, mas não para a Flora Quadros.

Num daqueles dias, Gabriel lhe contou que andavam murmurando com insistência que o cometa de Halley ia destruir o mundo. Rodrigo bateu-lhe afetuosamente no ombro e, pensando em Flora, respondeu: - O fim do mundo? Qual nada, Gabriel, o mundo agora é que vai principiar.

Certa manhã Cuca Lopes entrou no consultório e, sem ao menos dizer bom-dia, foi contando: - Sabes duma? O Zago anda falando pra todo o mundo que tu és o doutor das chinas.

Rodrigo, que amanhecera de bom humor, soltou uma risada.

— Pois é a pura verdade, o Zago tem razão. E podes dizer pr'aquele boticário de meia-tigela que prefiro ser médico do chinaredo do Barro Preto a ter de tratar das mazelas morais dele!

Mas as chinas que frequentavam o consultório do Rodrigo não eram propriamente as marafonas descalças e molambentas do Barro Preto ou do Purgatório, e sim as prostitutas mais categorizadas de Santa Fé, as que tinham casa própria - em geral montada e mantida por algum comerciante ou fazendeiro do município - as que usavam na intimidade quimono de seda e chinelos com pompom, as que aos domingos iam, muito bem vestidas, à missa da matriz. Muitas dessas mulheres eram aceitas até pelas famílias mais humildes do lugar, principalmente pelas que viviam nas vizinhanças, e com as quais Rodrigo frequentes vezes as vira conversando e tomando mate doce, sentadas à fremte de suas casas.

Vestiam-se e portavam-se como damas e - diferentes das profissionais francesas, judias e polacas que Rodrigo conhecera em Porto Alegre e que trabalhavam doze horas por dia como verdadeiras máquinas de fazer dinheiro - dificilmente recebiam mais dum homem por noite. Rodrigo observara também que, em matéria de amor, aquelas prostitutas nacionais e provincianas observavam uma rigorosa ortodoxia, o que - concluía ele entre sério e trocista - era um padrão de honra para nossa raça. Tinham dignidade e recato, e sempre que no consultório a natureza do exame a que se iam submeter exigia que se despissem, elas o faziam com certa relutância e com um pudor que no princípio deixara Rodrigo um tanto desconcertado. Raramente ou nunca se referiam ao ato sexual, e quando o faziam era por meio de eufemismos que seriam ridículos se não fossem antes de tudo comovedores.

Entre seus clientes Rodrigo contava agora a famosa Rosa Branca - Rosinha Peito-de-Pomba na intimidade - , prostituta famosa na história galante da cidade, não só por ter dormido com várias gerações de santa-fezenses, como também e principalmente por ter a postura e muitas das virtudes duma romana. Alta, farta de seios, 410 com cabelos dum crespo duvidoso, a peile cor de marfim e grandes olhos escuros e bondosos de mãe de família, agora no fim da casa dos quarenta era ainda uma mulher vistosa que chamava a atenção quando passava na rua, fazendo os homens voltarem a cabeça e arrancando deles comentários como este: “Sim senhor, a Rosinha ainda está em forma!”

Caíra na vida aos quinze anos e desde essa idade até o presente exercera a profissão com competência e honestidade. Afirmava-se que sempre recusara receber dinheiro dos moços pobres que a procuravam, e por mais duma vez tirava muitos deles de aperturas

financeiras. Era uma mulher limpa, que adorava os perfumes ativos e as cores berrantes. Em sua casa, dum asseio impecável, viam-se por todos os cantos vasos de flores artificiais; na sala de visitas, em que havia uma abundância de almofadões de cetim de tons vivos, estava entronizada uma imagem do mártir São Sebastião.

Rosinha sabia receber os fregueses, obsequiando-os com um cálice de licor de butiá e com bolinhos de polvilho. Nunca os levava para o quarto sem antes entretê-los na sala de visitas com uma conversação bem-educada, e jamais se deitava com eles sem primeiro apagar a luz. E quando algum rapazote de quatorze ou quinze anos vinha procurá-la, ela o repelia, escandalizada, e mandava-o embora depois de pregar-lhe um sermão.

José Lírio era grande entusiasta da Rosinha Peito-de-Pomba e mais duma vez Rodrigo ouvira do amigo esta opinião: "É uma verdadeira dama".

Agora, na vizinhança da casa dos cinquenta, Rosa Branco vivia amasiada com o Marcelino Veiga e era-lhe - todos sabiam - duma fidelidade verdadeiramente conjugal.

Rodrigo gostava de conversar com essa espécie de clientela. As prostitutas lhe faziam confidências e pediam-lhe conselhos. E como ele recusasse terminantemente cobrar-lhes as consultas e os tratamentos ("Havia de ter graça, madrinha, eu receber dinheiro dessas chinas!") elas lhe mandavam presentinhos, lenços de seda com as iniciais R. C. bordadas a um canto, gravatas, cestos com ovos, cocadas, pastéis…

Um dia, à hora do almoço, Rodrigo reproduziu para a tia um diálogo interessante que mantivera aquela manhã no consultório com uma de suas "cortesãs". Maria Valéria escutou-o em silêncio e por fim disse: "Agora só falta você trazer uma dessas piguanchas pra almoçar aqui em casa". Pra escandalizar a madrinha, Rodrigo replicou: "Por que não? São mulheres muito limpas e direitas. E fique sabendo duma coisa, Dinda, nunca me faltaram com o respeito".

Mas naquela tarde a moreninha que vivia com um filho do Joca Prates tentou seduzi-lo à hora da consulta: Rodrigo repeliu-a com jeito, com um sorriso paternal e indulgente de quem quer dizer: "Ora vamos deixar dessas bobagens, menina". A rapariga retirou-se, mal podendo conter o despeito, e Rodrigo voltou para casa contente consigo mesmo, orgulhoso de seu autodomínio, que lhe permitira manter a ética profissional pois, que diabo! a rapariga era nova e bonita, uma morena bem-feita de corpo, com um sinal preto na face esquerda e uns olhos travessos. Quando, porém, voltou ao consultório, dois dias depois, a morena repetiu o assédio, beijando-o na boca no momento em que ele baixava o rosto para auscultar-lhe o coração. (Mas não é que esta diabinha está me provocando mesmo?) Rodrigo achou que aquilo era um abuso e que, afinal de contas, ele não era de

ferro. Agarrou a cliente com uma fúria de canibal e atirou-a para cima do divã.

Naquele dia voltou para casa numa confusão de sentimentos. Estava um pouco decepcionado consigo mesmo por ter fraquejado e ao mesmo tempo contente por não haver perdido a gostosa oportunidade. Por outro lado esforçava-se para não dar ouvido a uma voz interior, que lhe sugeria num cochicho malicioso que a profissão médica estava cheia de oportunidades eróticas, como aquela. Como para afugentar o demônio íntimo pôs-se a cantarolar um trecho de Von Suppé. Entrou em casa, tomou um banho de chuveiro, vestiu-se, gritou sorrindo para o Bento que atrelasse os corcéis à carruagem e poucos minutos depois estava passando de carro pela frente da casa de Aderbal Quadros. Flora achava-se à janela, toda vestida de branco, e como de costume ficou ruborizada ao cumprimentá-lo.

Em casa, aquela noite, Rodrigo fez um silencioso mas solene voto de castidade. E, para se fortalecer em sua resolução, pediu o auxílio de Caruso, Amato e Tamagno, que ficaram boa parte do serão a cantar para ele suas árias mais heroicas.

Desde que chegara a Santa Fé, de volta do Angico, Rodrigo raramente se erguia da cama antes das nove da manhã. Esse hábito irritava Licurgo que, antes de partir para a estância, advertira: - Acho que o senhor anda levantando muito tarde. Isso não está direito.

Rodrigo sabia que o levantar da cama cedo era parte importantíssima do ritual daquela ferrenha religião do dever e do trabalho, professada por gente da tempera de seu pai e de Aderbal Quadros. Achavam esses dois gaúchos ortodoxos que um homem deve trabalhar de sol a sol e que há algo de desonroso e indecente no dormir até tarde, pois isso sugere noite de orgia, vícios condenáveis, vadiagem e falta de força de vontade; é, em suma, um péssimo hábito que atrasa a vida das pessoas ao mesmo tempo que lhes solapa o caráter.

No entanto, agora que o pai se encontrava no Angico, Rodrigo, que nunca conseguia dormir antes de uma da madrugada, só deixava o quarto, na manhã seguinte, depois das nove. Dessa hora em diante seguia uma norma para ele docemente agradável e que, muito nova, não tinha ainda o caráter rançoso da rotina.

Descia para a cozinha e lá tomava dois ou três mates com a tia e Laurinda. Depois bebia uma pequena xícara de café simples, sem o que não podia fumar, e se dirigia para a farmácia, onde ficava a atender os clientes até as onze, hora da roda de chimarrão, à qual compareciam invariavelmente o Chiru, o Neco e don Pepe, e na qual se falava principalmente em mulheres e política. Nos momentos em que não estava a dizer mal do clero e da burguesia ou a derrubar cabeças coroadas, Pepe Garcia era um conversador pitoresco que sabia

narrar com verve suas viagens pelo mundo e 413 "l i suas experiências com “esos animalitos singulares llamados mujeres”. Chiru vendia seus campos imaginários ou então dissertava sobre os fabulosos tesouros dos jesuítas que haviam de trazer-lhe a independência financeira para o resto da vida. Não raro aparecia para chupar apressadamente um chimarrão o dr. Matias, e ao se retirar enchia os bolsos de almanaques e figurinhas, que costumava distribuir com grande sucesso entre seus clientes. O próprio tenente Rubiiri uma vez que outra entrava na roda das onze, embora se recusasse a participar do chimarrão, por achar aquilo uma coisa “anti-higiênica e promíscua” - observação que deixava Chiru profundamente ofendido.

Rodrigo detestava comer sozinho, e era raro o dia em que não tivesse um convidado ou dois à mesa. Chiru, no dizer de Maria Valéria, estava ficando um verdadeiro “freguês de caderno”. Já pela manhã, antes de sair, Rodrigo entrava na cozinha e começava a abrir e cheirar as panelas, perguntando: “Que é que vamos ter pró almoço, Laurinda?” Dava sugestões, pedia pratos especiais e quase sempre, insatisfeito com o que a mulata preparava, abria vidros de azeitonas recheadas, latinhas de f a té fie foie gras, de sardinhas portuguesas ou anchovas e comia esses petiscos antes, durante e às vezes depois do almoço ou do jantar, aproveitando a ausência do pai - que só voltaria ao Sobrado em princípios do inverno - , tomava sempre às refeições uma garrafa de vinho francês ou italiano. Quando via Chiru beber Chianti ou Médoc em longos sorvos, protestava: - Isso não é água, animal! Vinho se bebe aos pouquinhos, degustando bem. Assim… Estás vendo, selvagem?

Chiru sorria, olhava para Maria Valéria, sacudia a cabeçorra leonina, dando a entender que perdoava tudo a Rodrigo porque lhe queria muito bem.

O Lucas era também um dos convivas habituais dos jantares do Sobrado. Fazia horrores à mesa, simulava comer o guardanapo, os talheres, contorcia o rosto nas caretas mais grotescas. Rodrigo ria-se não porque achasse muita graça nas momices do tenente de obuseiros, mas porque queria ser-lhe simpático. Maria Valéria, essa ficava a cozinhar o convidado com seu olhar fixo e frio, o rosto 414 absolutamente sério. Às vezes o mais que dizia era: "Muito riso, pouco siso'. Como último recurso, Lucas escondia o rosto nas mãos e desatava num simulacro de choro, soluçando convulsivamente.

Um domingo Rodrigo teve à mesa do almoço o coronel Jairo e a esposa. O positivista apreciou os vinhos, saboreou o jantar, falou em Augusto Comte, nos grandes couraçados que o governo havia adquirido - o Minas Gerais e o São Paulo, unia honra para a nossa Marinha! - e, à sobremesa, pôs-se a elogiar Rodrigo, a contar-lhe o que ouvira na cidade a seu respeito. Era um grande médico - dizia-se - ,

um grande caráter e um grande coração!

— O senhor, dr. Rodrigo, professa, talvez sem o saber, a religião positivista. Vive para os outros, altruisticamente, cultivando a família, a pátria e a humanidade.

Fez um largo gesto com a mão que segurava o cálice do Borgonha. Enquanto o marido falava, prosseguindo em seus ditirambos, Carmem Bittencourt ali continuava calada e tristonha, toda vestida de escuro, com um solitário a faiscar-lhe num dos magros dedos. Rodrigo lançava-lhe de vez em quando olhares furtivos. Não queria demorar nela os olhos, temendo que o coronel pudesse achálo impertinente. Era-lhe, porém, agradável mirar aquele rosto duma beleza meio apagada, a qual lhe lembrava estranhamente certas nêsperas que, de tão maduras, estão a pique de se tomarem murchas mas que apesar disso ou, melhor, por isso mesmo perdem a acidez, e são duma doçura e maciez deliciosas.

Seria tísica, como se murmurava? Rodrigo imaginou-se a encostar o ouvido naquele descarnado peito. Diga trinta e três, minha senhora. Trinta e três. Trinta e três.

Não diga mais nada. Diga só se é feliz. Fale a verdade. Um médico é como um sacerdote. Abra a sua alma. Abra o seu corpinho. Que seios, que mãos, que lábios gelados!

O senhor me perdoe, dr. Pasteur, mas há ocasiões em que não acredito em bacilos…

Quando deu acordo de si estava a olhar fixamente para a mulher de Jairo Bittencourt, o qual naquele momento lhe perguntava: - Então, já leu o Système de politique positive que lhe emprestei?

— Ah! Não, coronel. Ainda não tive tempo. O senhor não imagina como tenho trabalhado naquele consultório!

Uma vez por semana Laurinda fazia sua famosa feijoada completa. Nessas ocasiões Rodrigo convidava Chiru, Neco e don Pepe. A presença desses amigos como que lhe fazia o apetite redobrar. Tinha-se a impressão de que para aquele quarteto comer não era apenas uma coisa necessária e gostosa, mas de certo modo também humorística.

A feijoada como que possuía a virtude de despertar-lhes uma espécie de erotismo verbal. Enquanto a comiam com gulosa pressa, Pepe recordava anedotas fescemnas de frades em torno de estômago e sexo, comidas e mulheres. Contava-as, lambendo os bigodes, nos momentos em que Maria Valéria se retirava da sala de jantar para ir buscar alguma coisa ou dar alguma ordem à cozinha. E quanto mais comiam, mais fome pareciam ter e mais disposição para contar histórias escatológicas. Rodrigo nunca provocava esses torneios frascários e quando Neco ou Chiru se lançavam a ele, queria convencer-se a si mesmo de que aquelas porcarias lhe feriam a

sensibilidade refinada de civilização. Soltava, porém, gargalhadas gostosas às piadas dos outros, e por fim ele próprio começava a contar suas anedotas, usando de circunlóquios e eufemismos quando a madrinha se encontrava à mesa.

Rematavam a feijoada com caninha, “pra consertar o estômago”, e depois ficavam jiboiando, numa sonolência feliz e meio estúpida. Neco Chiru e o espanhol retiravam-se do Sobrado e, com os olhos já pesados de sono, Rodrigo subia para o quarto. Como de costume, atirava-se na cama e dormia sem tardar.

Acordava por volta das três, com a língua pastosa, a cabeça pesada e uma vontade rabugenta de brigar com todo o mundo. Tomava um cafezinho, acendia um cigarro e voltava para o consultório, onde ficava até às cinco e meia ou seis.

A parte mais amorável de sua rotina incipiente era a descida da rua do Comércio, às seis e meia da tarde, rumo da casa da namorada. Parava sempre que encontrava amigos no caminho. Tinha o cuidado de deter-se junto da janela à qual Emerenciana Amaral estava debruçada e ali ficava, por cinco sólidos minutos, a conversar com a matrona, a dizer que ela estava de muito boa aparência, e a recusar sempre os convites que ela lhe fazia para entrar, “pois eu já disse ao Alvarino que vocês têm que acabar com essas bobagens de política e fazer as pazes”.

Dona Emerenciana queixava-se invariavelmente de pontadas, palpitações e dizia mal do dr. Matias, que nunca acertava com um remédio para seus achaques.

No mínimo três vezes por semana Rodrigo entrava na Funilaria Vesúvio, do italiano Camerino, um homem retaco, de nariz vermelho de palhaço, espessos bigodões castanhos - a única pessoa em Santa Fé que era vista a comer tomates maduros às dentadas, como quem come uma pêra ou uma maçã. Dante, o filho do funileiro, havia instalado na pequena sala da funilaria sua cadeira de engraxate. O italiano não cansava de contar a Rodrigo que seu bambino estava juntando dinheiro para custear futuramente os estudos.

Rodrigo um dia perguntara ao menino.

— Que é que vais ser quando fores grande?

— Doutor - respondera Dante, lustrando as botinas do “moço do Sobrado”.

— Advogado?

— Não. Doutor de curar gente.

Tinha dez anos, um par de olhos vivos e uma cara redonda, de feições agradáveis, em que o vermelho das bochechas carnudas era realçado pelas manchas escuras de pomada e tinta de sapato que lhe riscavam as faces.

Rodrigo dava-lhe sempre gorjetas generosas e tinha um prazer

especial em passar a mão pela cabeleira híspida do guri, dizendo: - Dante Camerino, bello bambino, bravo piccolino, futuro dottoririo!

Dia sim, dia não, Rodrigo entrava na barbearia do Neco, sentava-se na cadeira, fechava os olhos e entregava o rosto ao seresteiro, que ele continuava a considerar o pior barbeiro do planeta. E, 417 enquanto a navalha lhe cantava nas faces, ouvia o Neco contar as últimas", narrar alguma farra da noite anterior, noticiar a chegada de alguma rapariga nova ou então cantarolar modinhas em voga.

Conheces esta, Rodrigo? “Quisera amar-te, mas não posso, Elvira, porque gelado tenho o peito meu.” É um schottish supimpa! E esta?

A Europa curvou-se ante o Brasil e clamou parabéns em meigo tom." E a respeito do Santos Dumont, o inventor do aeroplano.

A modinha é do Eduardo das Neves…

Já estava começando a fazer parte também da rotina de Rodrigo debruçar-se a uma das janelas do Sobrado no momento em que o velho Sérgio, o acendedor de lampiões, vinha chegando com a escadinha às costas. Era um negro alto e descarnado, de pele bronzeada, corn um bigode, uma barbicha e uma certa finura de traços que lhe davam ares dum nobre etíope. Desde menino Rodrigo ouvia a Laurinda afirmar que nas noites de sexta-feira o Sérgio virava lobisomem e saía pelas ruas a uivar, entrando nos quintais para devorar galinhas. E ai de quem se atravessasse no seu caminho!

Quando Sérgio encostava a escada no poste, à esquina do Sobrado, Rodrigo de ordinário mantinha com ele demorados diálogos, e nunca deixava de atirar-lhe um níquel de quatrocentos réis, que o preto aparava com o seboso chapéu de feltro, ficando lá embaixo a fazer mesuras e a resmungar, de olhos postos no chão, como se estivesse falando com uma terceira pessoa. “É como eu digo. O dr. Rodrigo não é soberbo. Conversa com os pobres. É como eu digo. Um moço de senhoria e distinta consideração.”

Rodrigo sempre tivera curiosidade de conhecer a vida íntima daquele vulto espigado que ao anoitecer andava pela cidade de poste em poste a prender fogo nas mechas dos lampiões. Que será do Sérgio quando vier a luz elétrica? - pensava, às vezes.

E uma noitinha, estando em veia romântica, ao ver o negro no alto da escada, perguntou-lhe: Sérgio, será que existe no céu alguém encarregado de acender as estrelas todas as noites?

U lobisomem ficou por um instante em grave silêncio e depois, voltando a cabeça, respondeu: Ha sim, senhor. São os anjos de Deus, Pai de nós todos.

— Durante algumas semanas, Rodrigo frequentou quase todas as noites o clube, onde passava as horas a jogar pôquer com amigos. Era mau jogador, não tinha sorte e invariavelmente perdia. Voltava para casa vagamente inquieto, pois percebia que, se continuasse a encher as

noites daquela forma, acabaria irremediavelmente dominado pela paixão do jogo. Conhecia-se bem e sabia que esse era um de seus fracos. Se se entregasse de novo à fascinação do pano verde (em Porto Alegre durante todo um ano fora escravo da roleta, na qual perdera um dinheirão), sua vida estaria arruinada e seus mais belos planos iriam águas abaixo. Era por isso que agora, ao anoitecer, fazia o possível para resistir à tentação de ir ao clube. Convidava amigos para virem ao Sobrado, abria lacas de conserva e garrafas de vinho, punha o gramofone a funcionar e tratava de interessar-se pela palestra dos visitantes.

Quando não aparecia ninguém - o que era raro - fechava-se no escritório para ler. Tinha a atenção vaga e dificilmente conseguia vencer mais de cinco páginas duma sentada. Lia muitos livros ao mesmo tempo. Alternava os romances de boidcvard com obras mais sérias. Muitas vezes largava La chemise de Mme Crapoiiillot para pegar La vte de Jesus. Às vezes tomava-se de brios profissionais e abria um tratado de medicina, principalmente quando tinha em mãos algum caso difícil que lhe exigia conhecimentos especializados. Mas acabava bocejando e fechando o livro. Aquilo era supinamente cacete. A medicina que fosse para o diabo!

Em meados de abril recebeu de Paris os primeiros números de Illustration Folheou-os avidamente, com um prazer não só visual mas também tátil e olfativo, pois era com volúpia que passava a mão espalmada no papel gessado da revista e aspirava-lhe o cheiio de tinta. No fim de contas, aquilo era um pedaço de sua querida Paris que lhe chegava pelo correio!

Um daqueles números trazia no frontispício um desenho que representava Chantecler (M. Guitry) apoiando com a asa La Faisane 419 Mme Simon) a qual, perseguida pelo Cão Briffaut, refugiara-se num canto no terreiro e agora estava desfalecida nos “braços” do Galo.

Rodrigo leu com avidez o artigo em que se descrevia as peripécias que precederam a mise-en-scène de Chantecler, os patins sociais e literários de Paris a propósito da peça, as discussões de Coquelin com Edel, o desenhista de figurinos, em torno das dificuldades surgidas com relação aos costumes. Que fazer da cabeça dos artistas?

Conservar-lhes os rostos? E os braços… deixá-los livres ou dissimulá-los sob as asas? Mas seria possível para um comediante recitar seu papel sem gesticular? Coquelin afirmava que não. Um dia estava ele a tomar seu banho quando Edel chegou. Começaram a falar no Chantecler e o ator, tomado de entusiasmo, pôs-se a recitar o Hino ao Sol. Ao terminar, perguntou: “Hein? Não é bonito? Que dizes, Edel?” O desenhista respondeu: “Digo que acabas de me fornecer a prova que eu procurava há tanto tempo. Recitaste magnificamente o Hino ao Sol sem tirar os braços de dentro d'água! Está provado que se

pode declamar sem gestos!"

Rodrigo estava encantado com a oportunidade de participar das conversas de bastidores, penetrar na caixa do teatro Porte SaintMartin, espiar para dentro dos camarins e ver atores e atrizes a se meterem naqueles grotescos costumes que os transformavam em enormes galos, galinhas, faisões, melros, cães e mochos - que ali estavam maravilhosamente reproduzidos em cores nas páginas de Illustration.

Mergulhou fundo na leitura do primeiro ato da peça, que vinha transcrito integralmente no número 12 de fevereiro. Leu das sete e meia da noite até às onze. Ao fechar a revista, sentiu de súbito, pesada e angustiante como nunca, a solidão do Sobrado. Caminhou até a janela, como que sufocado, numa busca de ar. Era uma noite de lua nova, pobre de estrelas, e só a luz tíbia dos lampiões alumiava as ruas. Um ventinho em que já se sentia um precoce calafrio de inverno, remexia as folhas secas no chão da praça. Não se via vivalma naquelas redondezas.

Rodrigo começou a andar pelo escritório, dum lado para outro, mascando um cigarro apagado. Dinda estava fechada no quarto.

A criadagem, dormindo. Por onde andariam àquela hora os patifes do Chiru, do Neco e do espanhol? Teve ímpetos de gritar. A vida que levava era a mais estúpida que se podia imaginar. Para onde quer que se voltasse, só via homens: na farmácia, no Sobrado, no clube. Só machos, machos, machos! Precisava casar, ter mulher em casa, carinho, filhos, calor humano, aconchego… Detestava aquela solidão. Illustration lhe havia trazido imagens de Paris, ecos da vida da Cidade Luz. Damas em vestidos de noite, envoltas em peles, faiscantes de joias, perfumadas e belas, dentro de automóveis à saída de teatros; homens de casaca, chapéu alto, sobretudos de astracã…

Cancãs no Moulin Rouge. Museus, livrarias, cafés. A boémia intelectual da Rive Gaúche. Canções alegres, ditos espirituosos, gente civilizada e interessante. Vida, enfim! Que tinha ele em Santa Fé? A civilização da vaca, do sebo, do charque. A boçalidade, a banalidade, a rotina, a pobreza de espírito, o atraso dum século! Ou vou para Paris o ano que vem ou me caso. Ou faço as duas coisas. Ou meto uma bala nos miolos.

Apanhou o chapéu e saiu. Desceu a rua do Comércio, monologando sobre suas tristezas. Parou à frente do clube, pensou num joguinho de pôquer, mas reagiu contra a ideia e continuou a andar. Entrou na Confeitaria Schnitzler e sentou-se a uma mesa, na sala deserta. Quando Marta se aproximou, pediu-lhe algo de comer. A moça trouxe um sanduíche, especialidade da casa: rodelas de presunto e mortadela entre duas grossas e largas fatias de pão de centeio barradas de manteiga. Rodrigo gritou: - Uma cerveja preta!

Deu uma dentada no sanduíche e começou a mastigá-lo com uma

pressa gulosa. Encheu o copo de cerveja e bebeu. Podia estar bebendo vin blanc e comendo iguarias esquisitas num café-concerto de Paris. Imaginou Marta vestida como as bailarinas de cancã: as pernas modeladas por meias de seda preta, um bom palmo de coxa branca à mostra, juntamente com as ligas, as calças de renda… Rodrigo olhava cupidamente para a filha do confeiteiro, que estava recostada ao caixilho da porta do corredor. Num dado momento teve a impressão de que Marta lhe sorria de modo significativo. E como ela em seguida fizesse meia-volta e se encaminhasse para o 421 fundo do corredor sombrio, ele não hesitou sequer por um segundo. Ergueu-se, apressado, e seguiu-a. Lá estava o vulto claro da alemãzinha… Rodrigo avançou, enlaçou-lhe a cintura, apertou-a contra a parede e beijou-lhe avidamente a boca. Marta entregou-se sem a menor resistência. Rodrigo sentiu nas suas o calor das faces dela. E já sua mão começava a explorar o corpo da rapariga, quando alguém riscou um fósforo. Voltando-se num sobressalto, Rodrigo viu, à luz da minúscula chama, a cara de fúlio Schnitzler.

— Ah, doutor! Isso não se faz!

Soltou Marta, que se precipitou para o salão da confeitaria. Na penumbra mal se distinguia o vulto do confeiteiro.

Rodrigo encaminhou-se em passos firmes e dignos para o salão. Ao passar por perto do outro, pensou: Agora ele vai me agarrar… Schnitzler, porém, não se moveu.

Sem olhar para trás, Rodrigo aproximou-se de Marta.

— Quanto é?

— Quatro mil-réis.

Meteu nas mãos da moça uma cédula de dez, voltou-lhe as costas e saiu da confeitaria sem dizer palavra. O vento fresco da noite bateu-lhe em cheio no rosto. Foi bom o alemão ter aparecido - refletiu - senão, podia ter acontecido o diabo…

Levava, porém, um sentimento de derrota e estava furioso consigo mesmo, principalmente por ter tratado tão mal a alemãzinha à saída.

Ao chegar à casa subiu logo para o quarto e meteu-se na cama. Custou-lhe um pouco dormir. Teve um sonho confuso: andava de gôndola pelas ruas inundadas de Paris…

Na proa ia um vulto que lhe parecia ora Flora Quadros ora Marta Schnitzler. A Torre Eiffel erguia-se acima do casario, imensa e ereta. O velho Sérgio, vestido de galo, andava acendendo as luzes de Paris. E Rodrigo achava estranho que o Sobrado estivesse na Place de 1'Étoile, o que afinal de contas tornava Paris conveniente mas prosaica. O gondoleiro (seria o Schnitzler?) cantava uma canção que ele se esforçava por identificar mas não conseguia

Abriu os olhos e continuou a ouvir a voz do gondoleiro. Aos poucos identificou, na penumbra, a silhueta familiar dos móveis do

quarto.

A voz vinha da rua. Uma serenata! Desperto, Rodrigo sentouse na cama. Reconheceu o vozeirão do Neco. Pôs-se de pé, caminhou até a janela e ergueu a guilhotina. Lá estava o barbeiro, a dedilhar o violão e a cantar Quisera amar-te mas não posso, Elvira Porque gelado tenho o peito meu.

Saturnino acompanhava-o com trémulos de flauta. No vulto ao lado do ecónomo, Rodrigo reconheceu Chiru. Inclinou-se sobre o peitoril e gritou: - Que bobagem é essa serenata em noite sem lua?

Neco Rosa calou-se. Por alguns instantes só se ouviram os trinados da flauta do Saturnino. Por fim este também cessou de tocar.

— Nós não cantamos para lua, homem! - replicou Chiru. — Cantamos pras moças. Desce e vem com a gente!

— Que horas são?

— Uma e pouco. É cedo.

— Esperem que já desço.

Vestiu-se às pressas e foi reunir-se aos amigos.

— Aonde é que vamos? - perguntou.

— Vamos primeiro fazer uma serenata pra Esmeralda…

Rodrigo encolheu os ombros. O itinerário pouco lhe importava. O essencial era fazer alguma coisa aquela noite, fosse o que fosse.

XVII

Em fins de abril Rodrigo recebeu um chamado que o deixou em alvoroço. Aderbal Quadros telefonou uma tarde, pedindo-lhe fosse ver sua mulher, que estava de cama, com uma pontada nos rins.

Babalo recebeu-o à porta com uma cordialidade que muito o desvaneceu, e levou-o imediatamente ao quarto do casal. Dona Laurentina achava-se recostada em travesseiros, em cima da cama, mas completamente vestida, com um xale de lã sobre os ombros. Era uma senhora de meia-idade, e seus cabelos negros e lisos, entre os quais se viam raros fios brancos, estavam puxados para trás, num coque. Seu rosto, de expressão severa mas serena, lembrava o duma estátua que tivesse sido talhada naquela pedra morena das calçadas de Santa Fé.

Ao entrar, Aderbal gracejou: - Preciso lê avisar, doutor, que a Titina não acredita no senhor como médico…

Laurentina apertou a mão do recém-chegado: - Como é que vou acreditar, se já peguei ele no colo? Rodrigo tratou com carinho a mãe de Flora: sentou-se na beira da cama, enquanto lhe tomava o pulso, fez-lhe perguntas nesse tom que os mais velhos usam para com as crianças quando querem convencê-las de que estão sendo tratadas como gente grande.

— Aposto como está doente porque fez alguma travessura! - sorriu, ao pôr-lhe o termômetro debaixo do braço. — Conte aqui em

segredo pró seu amigo de infância…

Laurentina permanecia séria e calada, fitando no doutor seus olhos descrentes e dando a entender que se prestava a todas aquelas coisas apenas para contentar o marido.

— Eu disse pró Aderbal que não era preciso chamar médico. Já estou melhor. Acho que é dos rins.

— Agora vamos ver, dona Laurentina. Fique bem quietinha. Tirou o termômetro e ergueu-o contra a luz.

— Ótimo! Não tem febre.

— Estás vendo, Aderbal?

Rodrigo começou a apalpar a cintura da paciente.

— Dói aqui?

— Um pouco.

— E aqui?

— Também.

— É a primeira vez que sente essas pontadas?

— Não.

— Agora me conte um segredo. Que foi que a senhora andou fazendo de ontem pra cá? Fale a verdade.

Ela hesitou por um instante.

— Não andei fazendo nada, ora essa!

Rodrigo ergueu os olhos para Aderbal, que picava fumo tranquilamente ao pé da cama.

— Ontem essa mulher lavou o soalho e andou descalça na umidade.

Rodrigo deu uma palmada na própria coxa: - Aí está! Logo vi. Por castigo agora tem de ficar uns dias de resguardo na cama, debaixo das cobertas.

— Não posso! Tenho muito que fazer.

— Não tem fun-fun nem fole de ferreiro! São ordens que estou lhe dando. Tem tomado algum remédio caseiro?

— Chá de pata-de-vaca.

— Pois continue com o seu chazinho e tome mais as cápsulas que vou lhe receitar.

Fez uma prescrição, recomendou uma dieta e, dando como encerrada a consulta, puxou outros assuntos, não só porque lhe era agradável conversar com os pais da Flora, como também porque 425 desejava prolongar a visita, na esperança de ver a moça. Babalo falou nas suas estâncias, no seu gado, nas suas roças. Saltou depois para a política e contou os atos de violência e arbitrariedade que presenciara na mesa eleitoral em que votara. Era, como Licurgo, um velho castilhista desiludido com o partido.

— É a sina deste pobre país! - exclamou. — Os homens de honra e saber nunca vão pró governo. A morte do dr. Júlio de Castilhos foi um

desastre pra toda a nação.

Tinha uma voz lenta e por assim dizer quadrada. Falava dum jeito seco: não pronunciava réis, mais e pois e sim rés, más c pós. Pitoresco contador de causos, sua pachorra era famosa na cidade. Enfrentava as situações mais difíceis e embaraçosas com uma calma imperturbável. Jamais perdia as estribeiras e tinha sempre nas conjunturas mais dramáticas um dito chistoso, e nas maiores desgraças uma serena atitude filosófica. Havia pouco, Cuca Lopes encontrara-o na rua e gritara: “Seu Babalo, a coisa está preta. O cometa vem aí e diz que o mundo vai acabar!” Aderbal Quadros parou, tirou uma palha de trás da orelha e respondeu: "Será que ainda dá tempo pra eu pitar um crioulo?

Homem de estatura média e constituição sólida, tinha uma face máscula e um tanto angulosa, duma tonalidade de marfim antigo. O nariz era fino e nobre e seus olhos escuros e meio amendoados estavam quase sempre tocados dum brilho risonho e malicioso, mesmo quando a boca carnuda, dum vermelho enxuto e pardacento, permanecia séria. Recém-entrado na casa dos cinquenta, os cabelos já se lhe faziam ralos, e nos bigodes e na pêra começavam a apontar fios prateados.

Rodrigo olhava com simpatia para aquele homem que ali estava em mangas de camisa, bombachas de riscado, chinelos sem meias e que, mesmo dentro de casa, conservava ordinariamente o chapéu na cabeça.

Ouviu-se um rumor de passos no corredor. Rodrigo ficou alerta, em alegre antecipação, esperando que Flora entrasse a qualquer minuto. Os passos, entretanto, apagaram-se e a porta do quarto permaneceu fechada.

Malditas convenções sociais! Por que não posso dizer claramente a estas duas simpáticas criaturas que estou apaixonado pela Flora e que desejo casar-me com ela?

Pró diabo as convenções! Levantou-se e disse: - Talvez este não seja o momento oportuno, mas há muito desejo dizer uma coisa ao senhor, seu Aderbal, e à senhora, dona Laurentina…

Fez uma pausa, um tanto embaraçado, porque no silêncio do quarto teve a impressão de que suas palavras continuavam soando no ar, como se houvessem sido pronunciadas por uma quarta pessoa e ele ainda as escutasse, achando-as tolas e improváveis.

— Não farei rodeios, irei direito ao assunto, Gosto muito de Flora e minhas intenções para com ela são as mais sérias… e nem poderia ser de outro modo.

Laurentina mirava-o com uma expressão pétrea. Babalo amaciava vagarosamente as partículas de fumo depositadas no côncavo da mão, como se, indiferente às palavras do visitante, tivesse toda a atenção

concentrada no crioulo que fazia.

— Estou com vinte e quatro anos, tenho uma profissão certa e não é nenhum segredo que pertenço a uma família de posses. Sei que isso não é tudo. Para um homem como o senhor, seu Aderbal, isso talvez até não seja nada. Não me compete falar de minhas qualidades pessoais, do meu caráter. Cometi muitos erros e sei que nem sempre tive um comportamento exemplar. Mas asseguro-lhes, sob palavra de honra, que hoje sou um homem diferente, que estou encarando a vida com a maior seriedade. Preciso e desejo casar, ter uma esposa e um lar. Não apenas porque minha profissão exija que eu seja casado, mas porque meu coração se inclina para o casamento, e principalmente porque tenho uma afeição muito grande pela Flora…

Calou-se. Estava começando a ficar comovido com suas próprias palavras. Sentiu a testa úmida de suor e ficou meio decepcionado por não notar no casal Quadros nenhuma reação particular ao seu discurso. Esperava que Babalo o abraçasse, num impero de cordialidade, exclamando: “Não pode haver partido melhor pra minha filha!”

Naquele instante, Aderbal colocava o fumo picado sobre a palha. Enrolou o cigarro, levou-o à boca, bateu nos bolsos à procura do isqueiro e, como não o encontrasse, olhou para Rodrigo: - Me dê o fogo.

Acendeu o cigarro e soltou algumas baforadas, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo. Rodrigo esperava, com uma incómoda sensação de frio interior.

Era como se houvesse acabado de defender uma tese e agora esperasse o veredicto duma banca examinadora inescrutável.

Por fim a voz grave e descansada de Babalo encheu o quarto: - Pôs me alegro, Rodrigo. Sou amigo do Licurgo dês do tempo que eu era pião de estância e passava com meu pai lá pelo Angico, levando tropas pra Passo Fundo e Soledade.

Lê conheço desde criança. E isso de ter feito farras é coisa que acontece pra qualquer um. Eu não fiz porque não tive tempo, trabalhava de sol a sol, meu pai me trazia num cortado loco. — Sorriu, seus olhos travessos se apertaram e luziram. — Agora estou velho demaiss pra começar.

Voltou-se para a mulher.

— Pôs nós fazemos muito gosto, não é, Titina?

Não se moveu um único músculo na face da mulher. Por um segundo, Rodrigo se sentiu perdido, como um ator que no meio da peça tivesse esquecido o papel.

— Pois bem - disse por fim - eu lhe peço, seu Aderbal, que, depois que eu sair, fale com a sua filha. Se ela corresponde à minha afeição, quero que o senhor me dê licença pra frequentar a casa…

— Já? - deixou escapar Laurentina.

— E por que não? Creio que conheço Flora o suficiente… Não há razão pra termos de passar por todas essas fases tolas: o namorico de longe, a conversa ao pé da janela, etc. …

— O dr. Rodrigo tem razão, Titina. Não estamos más em mil oitocentos e oitenta e dós.

Pôs a mão no ombro do rapaz.

— O meu noivado com a Titina foi combinado entre o pai dela e o meu. Quando eu ia visitar a noiva, quem me recebia era 428 o futuro sogro. A Titina ficava me espiando por uma fresta da porta.

— Ficava coisa nenhuma! Não seja gabola.

— Só vi a noiva bem de perto no dia do casamento. — Apontou para a mulher. — Foi por isso que cometi esse erro!

Soltou uma risada, que também era lenta, clara e quadrada como a voz.

— Estamos em 1910 - continuou - e não no tempo do ariri. O dr. Rodrigo não anda de carreta. Anda mas é de trem.

Fez uma pausa e depois, num tom mais sério, prometeu: - Vou conversar com a Flora.

Rodrigo saiu feliz da casa dos Quadros. Atravessou a rua e teve a intuição de que Flora estava a espiá-lo por trás da cortina duma das janelas. Voltou a cabeça e verificou que não se enganava. Achou, entretanto, que seria mais delicado fingir que não a vira. Por isso não a cumprimentou. Continuou a andar, trauteando o Loin du bal. Estava ganho o dia. Apressara de muitos meses o noivado. Flora evidentemente daria o sim, e dentro de breve ele estaria a frequentar-lhe a casa. Duas ou três vezes por semana? Três. Terças, quintas e sábados. Um que outro domingo, também. Dali ao noivado seria um pulo; do noivado ao casamento, outro pulo. Quando ele completasse vinte e cinco anos, em dezembro, poderia comemorar o acontecimento em companhia da esposa. Flora Quadros Cambará.

Ia tão satisfeito da vida, que ao encontrar no meio da quadra o padre marista com quem viajara de Santa Maria a Santa Fé, abraçou-o com uma cordialidade ruidosa, uma efusão que suas relações com o homem não justificavam.

— Mas onde é que se tem metido, irmão Jacques?

— Oh, muito ocupado no colégio.

— Apareça lá pelo Sobrado uma noite destas. Vá jantar com a gente. Quero lhe mostrar uns livros franceses e umas revistas que 429

recebi de Paris. — Piscou-lhe o olho. — Tenho uns Borgonhas e uns Médocs de primeira ordem. Est-ce que vous n'aimezpás un bon verre de vin, hein?

— Mais oui! - exclamou o marista. — Certainement, mon cher

docteur!

E ficou vermelhíssimo, como se já houvesse bebido os vinhos do outro. Contou-lhe que o Colégio Champagnat progredia e seus eleves já cantavam canções francesas.

Connaissez-vouz l'histoire du petit navire? Cantarolou os dois primeiros versos. Rodrigo não conhecia. E Jacques Meunier, os olhos muito azuis a refletirem a claridade daquela tarde de abril, contou também que estava tratando de fundar um clube de futebol. Vous savez, Cruz Alta já tem um time, por que Santa Fé não pode ter também o seu, e muito melhor, hein?

— O senhor também vai jogar? - troçou Rodrigo.

— Claro. Eu era o melhor center-forward da minha cidade natal.

— Conto com o senhor para ajudar o nosso sport club, sim? Rodrigo prometeu-lhe tudo: prestigiar o novo grêmio, ajudá-lo com dinheiro… E se o irmão Jacques quisesse, ele poderia até vestir uma camiseta colorida, uns calções curtos e sair a dar pontapés numa bola!

Despedir-se rindo, com um forte e demorado abraço.

Pouco depois Rodrigo avistou Marco Lunardi, no momento em que o gringo saía da Casa Schultz, com um saco de farinha de trigo às costas.

— Atlas carregando o mundo sobre os ombros! - exclamou. Ao ver o amigo, Marco largou o saco no chão e parou no meio da calçada. Tinha os cabelos, o rosto e a roupa manchados de farinha. As calças de riscado estavam arregaçadas até meia canela. Seus grandes pés rosados e encardidos achavam-se bem plantados no chão, dando uma impressão de equilíbrio e solidez. Mais uma vez a beleza física daquele colono produziu em Rodrigo um cordial sentimento de inveja. Chegava a achar quase ofensivo que um diabo daqueles, nascido em Garibaldina, duma família de imigrantes, pudesse ser um tão belo espécime humano. Parecia mais um ator 430 caracterizado para representar o aspecto de um colono, que um colono autêntico.

— Como vai Garibaldina?

— Regular pra campanha.

— E quando é que vens pra cidade homem?

— Quando puder comprar as máquinas pra fábrica - Quanto te falta ainda?

— Ah, muito dinheiro.

— Diga quanto.

— Uns dois contos e pico.

— Bagatela, Marco, bagatela Rodrigo estava exaltado, via o mundo a luz cor-de-rosa, bom, fácil.

— Bagatela pró senhor…

— Pelo amor de Deus não me chame de senhor Mirou o amigo, de alto a baixo.

— Pois manda buscar essas máquinas, o quanto antes., homem! Eu te dou o dinheiro que falta.

Marco sorriu. Parecia não saber se Rodrigo estava brincando ou falando sério.

— Palavra de honra. Te dou o dinheiro - Mas como?

— Te empresto. Quando puder, me paga. Se não puder, não pagas. Pronto.

— Mas doutor…

— Doutor coisa nenhuma!

começa a fazer as tuas massas.

O colono sorria pelos olhos azuis, pelas faces rosadas, suas grandes mãos calosas pareciam sorrir também. No entanto continuava mudo.

— Aparece no Sobrado quando quizeres, que eu te dou o dinheiro.

— Eu assino uma letra. Não assinas coisíssima nenhuma, não sou argiota. Estendeu a mão.

— Até logo, Marco Lunardi - Estou com as mãos sujas doutor.

— Deixa de bobagens. As mãos dum homem honrado sempre estão limpas.

Neste ponto quem se comoveu foi o próprio Rodrigo, pois os olhos do colono se embaciaram, e o seu pomo-de-adão pôs-se a subir e descer no sólido pescoço vermelho.

Apertaram-se as mãos demoradamente. Depois abraçaram-se. Como sua cabeça mal chegasse à altura do ombro do outro, Rodrigo não pôde deixar de aspirar o cheiro acre daquele corpo suado, o que lhe deitou a perder a emoção do movimento.

Continuou a andar. A vida é boa. Flora me ama. Vou ajudar esse rapaz a realizar um sonho.

Entrou na Funilaria Vesúvio. Deitado de bruços, os cotovelos fincados no chão, as mãos a apoiar a cabeça, Dante Camerino lia uma brochura. Rodrigo acocorou-se junto do pequeno engraxate e leu o título do livro: Cinco semanas em balão.

— Vou te dar todas as obras de Júlio Verne que tenho em casa. Aparece por lá no sábado e leva um cesto grande, ouviste?

Dante sorriu, pondo à mostra os dentes miúdos e limosos. Rodrigo passou-lhe a mão pela cabeça. Dante Camerino, bello bambino, bravo piccolino, futuro dottonno.

— Engraxa o sapato, doutor? - gritou o funileiro, do fundo da oficina.

— Fica pra outro dia! De novo ganhou a rua.

Encontrou o Cuca à porta da Farmácia Popular.

— Que é que há de novo?

— Está feia essa história do cometa.

— Que história, homem?

— Então não leste o Correio do Povo de hoje? Falta pouco tempo pró bicho aparecer. Estão dizendo que ou a Terra se espatifa ou nós morremos envenenados pelo rabo do bruto.

Rodrigo entrou no laboratório, onde Gabriel também quis saber se o doutor achava possível que o fim do mundo estivesse marcado para meados de maio. Viço, o aprendiz, aproximou-se do patrão e focou nele os olhinhos vivos de roedor.

Rodrigo tirou o chapéu, sentou-se e pôs-se a falar sobre o cometa de Halley, baseado num artigo de Camille Flammarion que lera em Illustration.

— Tudo quanto se tem publicado até agora é considerado prematuro pelos cientistas, principalmente essas histórias que falam do envenenamento da humanidade e do fim do mundo. Em maio que vem, haverá um encontro do cometa de Halley com a Terra. Viço, vá esquentar a água pró mate! Nesse dia a cauda do cometa estará dirigida pra cá. Se ela nos atingir, ficaremos submersos nesse apêndice gasoso, compreendem?

— De que é feito o rabo do cometa? - indagou o Cuca, que de certo modo parecia encarar aqueles acontecimentos siderais como uma espécie de mexerico social do cosmos.

— É duma matéria radiante muito rarefeita - explicou Rodrigo, felicitando-se intimamente por ter boa memória. — E o nosso planeta atravessará a cauda do cometa como uma bala de canhão atravessaria uma cerração de inverno, com uma velocidade de cento e seis mil quilómetros por hora.

— Pomba!

— Mas esse encontro - esclareceu Rodrigo - só se dará se a cauda do cometa tiver uma extensão de mais de vinte e três milhões de quilómetros…

Ao chegar à casa contou à tia com minúcias sua conversa com os Quadros. Maria Valéria escutou, imperturbável.

— Para que tanta pressa em frequentar a casa da moça?

— Ora, é o meu jeito. Não tenho paciência pra esperar.

— Você puxou foi pelo seu bisavô. Tia Bibiana me contava que o capitão Rodrigo era homem que fazia tudo fora de hora e andava sempre com pressa, como se o mundo fosse acabar.

— Pois pra ele o mundo não acabou cedo mesmo? O capitão morreu antes dos quarenta. Decerto tinha algum pressentimento e queria aproveitar.

— Boa desculpa…

Naquelas primeiras semanas de maio Rodrigo notou em Santa Fé um absoluto desacordo entre o tempo e as pessoas. Os dias eram tranquilos, duma beleza doce e madura, os céus distantes, os

crepúsculos vespertinos longos. Pairava no ar uma paz lânguida, tocada de brumas douradas e sombras lilases. As pessoas, porém, andavam inquietas, moviam-se e falavam com nervosismo, numa expectativa de catástrofe. Claro, havia os descrentes que se riam daquelas tolas histórias de fim do mundo. Lembravam-se de outras eras, outros cometas e vãos temores. Esses continuavam a viver em paz. A maioria, porém, se fazia perguntas e não eram poucos os que tratavam de reunir seus familiares, a fim de que a hecatombe não os apanhasse separados. Os Teixeiras reuniram-se todos na fazenda na esperança, talvez, de que o cataclismo pudesse ser menos violentamente sentido no campo que na cidade. Homens que estavam projetando viagens por aqueles dias, adiavam-nas. Os que se achavam fora de Santa Fé, apressavam-se a voltar para casa. Nas lojas, escritórios e repartições públicas já não se trabalhava direito, e o cometa de Halley (a que Liroca insistia em chamar "cometa do Alves") era o assunto permanente de todas as rodas. Alguém bravateou: “Que venha esse cometa. Mas é preciso que ele tenha muito caracu pra acabar com o Rio Grande!” O padre Kolb nos seus sermões dizia não acreditar que Deus estivesse mesmo com tenções de “liquitar sua opra magnífica”, mas aconselhava os crentes a que, pelas dúvidas, se fossem preparando para o pior. Assim, naqueles dias teve um número desusado de fiéis no confessionário. Mulheres piedosas acendiam velas para os santos de sua devoção, fazendo as mais extravagantes promessas. Outras começavam as visitas de despedida, corriam às casas de amigos e parentes. Nem todas - notava Rodrigo - se entregavam a isso com sinceridade, na crença absoluta de que o mundo fosse mesmo acabar. Em sua maioria diziam esses adeuses por precaução, porque sabiam por experiência própria que as piores coisas podem acontecer. Muitas, entretanto, pareciam 434 aproveitar a ocasião apenas para acelerar o passo da vida, de ordinário tão lento e igual, pois o fim do mundo não deixava de ser um assunto fora do comum.

Alguns homens procuravam-se para liquidar dívidas ou desfazer negócios; houve até mesmo uns dois ou três casos de inimigos que se reconciliaram. E don Pepe, que parecia querer arrogar para o anarquismo o direito de destruir pessoas e coisas, comentou: “Quién sabe Dios aderió ai anarquismo y quiere destruir ei mundo con una bombita?”

Dona Evangelina Mena, a tia de Chiru, veio um dia procurar Rodrigo ao Sobrado. Era uma velhinha muito asseada, com cara de querubim, cabelos completamente brancos, pele rosada e olhos claros. Tinha qualquer coisa de esquilo no jeito ágil e vivo de andar, mexer a cabeça e gesticular.

Viúva sem filhos, vivia com aquele sobrinho, que levara para sua

casa no dia em que o rapaz, aos dez anos, ficara órfão de pai e mãe Chamava-lhe meu “velocino de ouro” por causa de sua cabeleira crespa e loira, e tivera sempre para com ele mimos de avó.

Ao completar vinte e um anos, Chiru entrara na posse da herança dos pais, mas antes de chegar aos vinte e cinco anos havia já perdido tudo em maus negócios e prodigalidades.

Desde o dia em que seu “velocino de ouro” ficara sem vintém, tia Vanja passara a sustentá-lo. Proprietária duma casinha à rua Voluntários da Pátria, era tida como a mais hábil doceira e bordadeira de Santa Fé. Fazia bolos, doces, tortas e pastéis para casamentos, batizados e banquetes. Bordava colchas, toalhas, guardanapos · roupa-branca para enxovais. Era assim que sustentava a casa e as 'adiagens do sobrinho.

Desde criança Rodrigo sentia um enternecido fascínio por aquela criaturinha recendente a patchuli que costumava passar-lhe a mão pelos cabelos, murmurando: “De quem é esta bolinha de bano?” Ébano, então, passou a ser para o menino Rodrigo uma 435 palavra misteriosa, inseparável dos cheiros de tia Vanja, e do contato macio de suas mãos. Não havia em Santa Fé casa que Rodrigo gostasse mais de visitar que a meia-água da tia de Chiru. “É um verdadeiro brinco”, diziam dela as comadres. Evangelina Mena muitas vezes à noite recitava para o “velocino de ouro” e para a “bolinha de ébano” O noivado do sepulcro. Apagava a luz e, depois que via os dois meninos sentados direitinhos a seu lado, como pintos sob as asas duma galinha, começava: Vai alta a lua! na mamão da morte Já meia-noite com vagar soou; Que paz tranquila! dos vaivéns da sorte Só tem descanso quem ali baixou.

Tinha uma voz fina e melodiosa, que lembrava o som duma caixinha-de-música. Rodrigo sentia um calafrio na espinha quando o poema chegava ao trágico final: Quando risonho despontava o dia, Já desse drama nada havia então. Mais que uma tumba funeral vazia, Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido Das sepulturas o gelado pó, Dois esqueletos, um ao outro unido, Foram achados num sepulcro só.

Findo o recitativo, tia Vanja erguia-se, acendia o lampião e, ainda com lágrimas nos olhos, dava sorrindo aos dois meninos suas deliciosas balas de ovos.

Rodrigo sempre achara que tia Vanja era diferente de todas as outras pessoas que ele conhecia. Só mais tarde, ao voltar numas férias para casa, com o curso de preparatórios terminado, é que percebera, encantado, que a velhota falava como as personagens dos folhetins que lia com tanta paixão. Tia Vanja era uma literata!

Rodrigo nunca esquecera o diálogo que, já moço, entreouvira no Sobrado entre Evangelina Mena e Maria Valéria Terra.

— A senhora já viu o despautério? - disse a primeira. — Uma matilha de cães andarengos anda infestando as ruas de nossa urbe. Urge aos poderes competentes tomar uma providência enérgica, a fim de coibir o abuso.

A outra fez uma observação seca: - É uma cachorrada braba, mesmo.

— Dar-lhes veneno seria crueldade, pois, como diz o anexim popular, maltratar os animais é indício de mau caráter. Aliás os pobres irracionais não têm culpa de serem como são. Se o TodoPoderoso assim os fez, decerto é porque assim os quer, a senhora não acha?

— É.

— Mas também temos que levar em conta a conveniência dos transeuntes, pois esses animais não têm o menor senso de decência, de decoro e de higiene.

— Muito homem também não tem.

Rodrigo ficou numa agradável expectativa quando a madrinha lhe veio dizer aquele dia: - A dona Vanja está aí e quer falar com você. Precipitou-se para a sala de visitas e beijou a mão da velha amiga.

— Então, que milagre é este?

— Ora, Rodriguinho, quando Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé.

Soltou a minúscula risada melodiosa. Sentou-se, compôs o vestido com um gesto faceiro e fitou no rapaz os olhos de boneca.

— Pois estou muito apreensiva, meu filho. O Chiru meteu-se-lhe na cabeça de ir fazer escavações nas ruínas jesuíticas de São Miguel.

— E que tem isso, tia Vanja? Deixe aquele marmanjo ir pra se desiludir duma vez por todas e não incomodar mais a gente com essas bobagens de tesouros enterrados.

— Mas é que agora vai surgir esse cometa de Halley, e afirmam os cientistas que teremos um cataclismo universal. Talvez 437 tudo isso não passe de grosseiro erro de cálculo astronômico mas como diz o rifão popular, mais vale prevenir que remediar, e como o fato tem visos de verdade…

Bem, eu não sei. Mas suponhamos que a cauda do dito seja sólida e colida com o nosso planeta… Imaginemos essa hipótese horrenda, meu anjo, onde iremos nós todos parar? Que acontecerá para esta humanidade sofredora que Deus fez à sua santa imagem?

— Sim, mas que é que o cometa de Halley tem a ver com a viagem do Chiru às Missões?

— Rodriguinho, será que não compreende o que a tua tia está insinuando? O Chiru quer embarcar a semana que vem, e eu acho arriscado esse menino viajar agora. Vamos que o cometa…

— Ora, tia Vanja!

— Não sei, podes apodar-me de alarmista, mas apesar de eu ser

um pouco como São Tomé, que queria ver para crer, como rezam as Escrituras, estou muito apreensiva.

E meus pressentimentos, meu anjo, sempre se confirmam. Nós vamos ainda nos incomodar com esse cometa. Toma nota do que eu digo. Imagina tu se esse astro errante e indesejável surpreende o menino em pleno descampado…

Calou-se, suspirou, brincou com a bolsa de croché pousada no regaço e por fim tornou a falar.

— Eu queria que tu convencesses o Chiru a transferir essa viagem. O rapaz não me ouve. É um obstinado, puxou ao pai, que Deus o tenha em sua santa glória! E, tu sabes, quem herda não furta.

— Está bem. Posso lhe garantir que o Chiru não sairá de Santa Fé antes do cometa passar. Se for preciso, sou capaz até de prender aquele safado no porão.

— Coitado!

Pouco antes de sair, tia Vanja tirou da bolsa umas balas de ovos e meteu-as nas mãos de Rodrigo.

— Toma. Sei que são balinhas da tua preferência.

A porta da rua ergueu o braço e passou a mão pela cabeça de Rodrigo.

— Quem é a minha bolinha de ébano? - Fez um muxoxo. — Antigamente eu baixava a mão pra te acariciar a cabeça. Agora tenho de erguer. Mas isso é lei da vida. Uns crescem, outros minguam. Deus te abençoe, meu anjo.

Pôs-se na ponta dos pés, beijou a testa do rapaz e se foi, muito tesa, caminhando miudinho e depressa, a voltar a cabeça dum lado para outro.

Naquele mesmo dia Rodrigo conversou com o Chiru e foi-lhe facílimo convencê-lo a transferir a excursão às Missões para qualquer data depois da passagem do cometa.

— Já que o tesouro esperou tantos anos - filosofou o velocino de ouro - acho que não vai se perder por esperar mais um mês.

XVIII Quando, naquela noite de terça-feira, Rodrigo saiu para visitar Flora - depois de haver passado longos minutos diante do espelho a pentear-se e a aperfeiçoar o nó da gravata - , Maria Valéria despediu-se dele com estas palavras: - Pobre da Titina! Está de cacete em casa.

— Qual! Ela vai pegar pra genro o melhor partido de Santa Fé!

Rodrigo ia quase sempre de carro à casa da futura noiva, aspirando o ar daquelas noites outonais, recendentes a folhas secas queimadas, o que o levava a pensar - ele não sabia bem por quê - em cidades orientais que nunca vira, como Cairo, Istambul, Bagdá… Recomendava sempre ao Bento que não apressasse o andar dos animais. Fazia já parte daquela suave rotina ficar ali no carro

antegozando o serão que ia passar junto da namorada. Levava-lhe todas as noites um presentinho, por mais insignificante que fosse: barras de chocolate, bombons, números de O Malho e da Kosmos, ou então livros. Descobrira com alegria que Flora gostava de ler e tinha até sua instruçãozinha. Claro, estava ainda na fase dos romances de água com açúcar de Macedo e Alencar, mas, que diabo! era já um princípio. Com o tempo, pouco a pouco, havia de trazê-la para um tipo mais sério de leitura. Não raro levava-lhe também os almanaques e as figurinhas em tricromia que certas fábricas de produtos farmacêuticos costumavam mandar como brinde às farmácias - efígies de santos ou heróis, reproduções de quadros célebres, historietas cômicas. Flora recebia essas coisas com uma tão simples alegria menineira, que ele, Rodrigo Cambará, o civilizado, achava 440 uma graça e um encanto indescritíveis naquela inocência. A coisa toda chegava a ter um sabor entre doce e picante, que o deixava ao mesmo tempo enternecido e excitado, fazendo-o sentir pela namorada, ora ternuras de irmão mais velho ora ardores de amante.

Nas primeiras visitas, Flora revelara um acanhamento que seria constrangedor para outro que não fosse Rodrigo. Falava pouco, corava com frequência, chegava a não ter coragem de encarar o futuro noivo, limitando-se a lançar-lhe olhares furtivos. Ele, entretanto, não cessava de contar histórias dos tempos de estudante e anedotas de consultório. E assim, na sala de visitas da residência dos Quadros, iluminada pela luz dum antigo lampião de quebra-luz esférico, aqueles serões passavam depressa.

Dona Laurentina não se afastava da sala. Ficava sentada na sua cadeira de balanço, ao pé da mesinha do lampião, e Rodrigo tinha a impressão de que com um olho fazia croché e com outro fiscalizava os namorados, cujas cadeiras estavam afastadas uma da outra quase um metro. Aderbal aparecia às vezes no princípio do serão, conversava um pouco com o futuro genro, e depois se recolhia, pois era hábito seu ir para a cama antes das nove.

Às oito invariavelmente entrava na sala uma criada preta, que servia café com roscas de polvilho ou bolinhos de coalhada.

Uma noite em que se fizera um silêncio mais prolongado e dona Laurentina, com os óculos na ponta do nariz, parecia absorta no seu croché, Rodrigo contemplou Flora longamente, com olho crítico, procurando descobrir que traço ou combinação de traços naquele rosto tinha sobre ele um fascínio tão poderoso. Pensou nas mulheres que lhe haviam feito “bater a passarinha”, segundo uma expressão muito do agrado de Maria Valéria. Claro, não negava que gostasse de todas as mulheres e que dificilmente voltaria as costas a qualquer portadora de saia razoavelmente bonita que lhe fizesse um aceno. Sabia que, em matéria de amor, era eclético. Tivera, porém, na vida

umas três mulheres que lhe haviam transtornado a cabeça. A primeira que lhe veio à mente foi a equilibrista do Circo Sabbatini, Kazuko Tasaki, a japonesinha que o fizera fugir de casa aos dezessete anos e seguir os burlantins até Passo Fundo, de onde o pai o arrastara à força, de volta para Santa Fé.

Lembrou-se depois duma paraense que o deliciara e ao mesmo tempo atormentara, no primeiro ano de estudante… Houvera também a mulher de um professor em cuja casa costumava almoçar aos domingos - criatura estranha, dez anos mais velha que ele, e pela qual tivera uma paixão que lhe parecera devastadora, a maior de todas, a última… Numa sucessão de imagens rápidas, teve no campo da memória a japonesinha a equilibrar-se no arame, com um párasol na mão, as curtas coxas e pernas apertadas numa roupa de malha branca, um saiote vaporoso de bailarina, a cabeleira preta e lustrosa, de franja, a emoldurar-lhe a cara de boneca… A seguir viu os lábios de Jussara, que dizia ter sangue índio nas veias, Jussara de pele cor de canela e olhos enviesados… Mas a imagem da paraense fundiu-se com a de outra mulher. Dona Lúcia passava-lhe o prato de peixe e sorria: seus olhos verdes e oblíquos tinham algo que lembrava um aquário ou o fundo do mar; o rosto era ovalado e dum moreno de terra de Siena. Descobri! - concluiu Rodrigo a olhar para a namorada. Flora tinha olhos de musmé e tez trigueira - dois traços presentes no rosto das três mulheres do passado. Era como se a acrobata, a bugra e a mulher do professor se houvessem encontrado milagrosamente numa única e maravilhosa mulher que estava agora à sua frente, ao alcance de suas mãos e que dentro em breve seria sua esposa, senhora do Sobrado, mãe de seus filhos. Teve então ímpetos de erguer-se, tomá-la nos braços, beijar-lhe a boca - coisa que não fizera a Kazuko, de quem não conseguira aproximar-se, nem a Lúcia, que jamais suspeitara de sua paixão.

Na noite da quinta-feira seguinte, Rodrigo levou a Flora uns números de Illustration, o que lhe pareceu excelente pretexto para se aproximar um pouco mais da namorada, no momento em que fossem folhear juntos as revistas. Dona Laurentina, entretanto, não cessava de vigiá-los. E ele, contrariado, teve de manter uma distância respeitável de Flora, e nem uma vez as pontas de seus dedos tocaram as mãos dela, e não houve sequer o mais leve roçar casual de cotovelos. Folheou as revistas, leu as legendas das gravuras, dissertou sobre as belezas das cidades europeias, como se as tivesse realmente visitado, e deteve-se nas páginas que mostravam Paris durante a grande inundação do último janeiro.

— Olhe, esta é a Rua Saint-Dommique. Não parece um canal de Veneza, com esses barcos navegando por entre as casas?

Flora sacudia a cabeça, sorrindo, o rosto afogueado.

— Sabe o que é aquilo lá no fundo? A famosa Torre Eiffel, um arcabouço de aço de trezentos metros de altura. Agora aqui temos um efeito noturno na praça do Palácio Bourbon. Ali está a ponte da praça de L'Alma, a avenida Montaigne e o cais da Conférence.

Falava naqueles lugares com uma intimidade de velho conhecido. O mais que Flora arriscava fazer eram perguntas tímidas: - E aquilo ali?

— É uma cena de L'Opéra-Comique. A inundação interrompeu o serviço de luz elétrica e a Ópera teve de dar função à luz de lâmpadas de acetilene… Está vendo? Ali está o maestro, parte da orquestra e a primeira fila de espectadores…

Não resistiu ao desejo de dar à namorada uma demonstração de sua pronúncia francesa. Leu: - …cê qui riempecha pás 1'Qpéra-Comique deprésenter un soir un pittoresque spectacle de son orchestre, éclairé par dês lanternes du modele lê plus primitif.

Traduziu. Depois voltou a cabeça para Flora e os olhos de ambos se encontraram por alguns instantes que para Rodrigo foram de deliciosa, esquisita vertigem.

— Ah! Paris! - suspirou ele. — Um dia nós dois havemos de ir lá.

A mãe de Flora ergueu vivamente os olhos do croché e fitou-os em Rodrigo, que se apressou a explicar: - Quando nos casarmos, dona Laurentina, um de meus planos é fazer com a Flora uma viagem à Europa. Talvez seja a nossa viagem de núpcias. Quem sabe?

O rosto duro da futura sogra permaneceu impassível e indecifrável. Dona Laurentina tornou a baixar os olhos para o croché. Rodrigo continuou a folhear a revista.

Apontou para uma gravura que mostrava o recinto dum salão de Berlim, onde se realizava uma exposição de arte francesa do século XVIII: quatrocentas obras de pintores e escultores como Watteau, Fragonard, Pajou, Pesne, Bou- 443 cher… Rodrigo percebeu logo que Flora estava interessada principalmente nos vestidos das personalidades femininas que haviam comparecido à exposição, com seus monumentais chapéus emplumados, de abas largas, as cinturas finas e as saias rodadas e compridas. Traduziu: - “Entre as personalidades presentes achavam-se S. M. Guilherme II, da Alemanha, a imperatriz, a Kronprizessin, o senhor embaixador da França e o barão Henri de Rothschild”. Veja quanta gente importante! Se isso fosse em 1911 eles talvez tivessem de acrescentar: "Entre os convidados viam-se o dr. Rodrigo Cambará e exma.

esposa…"

Fechou as revistas e falou nos seus planos de vida. Flora escutava-o com atenção. Ao cabo de cinco minutos dona Laurentina começou a pigarrear com tanta insistência, que Rodrigo compreendeu o que ela queria dizer. Afastou sua cadeira (Agora - refletiu, meio ressentido - só

comunicações semafóricas ou telegráficas…) e o serão continuou. Como sempre, ao ouvir o relógio bater as primeiras badaladas das dez, Rodrigo despediu-se de Flora ali na sala, na presença da mãe, num rápido aperto de mão que ele tentou, mas em vão, tornar mais prolongado. Dona Laurentina acompanhou-o até a porta e a despedida seguiu a fórmula de costume.

— Boa noite. Lembranças pra Maria Valéria.

— Serão dadas. Boa noite.

No dia 12 de maio o coronel Jairo telefonou a Rodrigo: - Então, já soube da infausta nova?

— Não, coronel. Que foi?

— Morreu Eduardo VII - Quem?

— O rei da Inglaterra.

— Ah…

— Uma grande perda para o Reino Unido e para a humanidade. Eduardo VII era um monarca popular, um verdadeiro liberal, 444 um grande diplomata e um gentleman na mais lídima acepção do termo. Não sei o que vai ser dos ingleses agora, porque o filho dele, o Jorge, parece não ter a fibra do pai. Enfim, a História tem de seguir seu curso e os vivos serão sempre cada vez mais governados pelos mortos.

— Amanhã talvez estejamos todos mortos, coronel.

— Olá! Olá! Como disse?

— Disse que amanhã talvez estejamos todos mortos. O cometa de Halley anda por aí…

— Havemos de sobreviver, dr. Rodrigo, não tenha dúvida… Sabia que há uns dois meses esse mesmo cometa atravessou a órbita da Terra? Pois é como lhe digo. Não creio que possa haver qualquer colisão. Segundo os cálculos astronômicos, a 1° de abril o cometa atravessará a órbita de Vénus e no próximo dia 30 cortará a da Terra pela segunda vez…

Rodrigo sorriu: - E o senhor não acha que isso é uma provocação?

A risada do coronel chegou-lhe ao ouvido como o zumbido duma abelha encerrada numa caixa de fósforos.

Naquele mesmo dia don Pepe irrompeu no Sobrado trazendo debaixo do braço um quadro enrolado em jornais. Depô-lo sobre uma cadeira, tirou a boina, jogou-a longe e sentou-se. Rodrigo provocou-o: - Sabes quem morreu? Eduardo VII da Inglaterra.

O artista, porém, pareceu não ouvir o que ele dizia. Apontou para o quadro.

— Todo Io que yo esperaba ocurrió. Burgueses tramposos!

— Conta logo, Pepito. Que foi que houve?

— No aceptaron mi cuadro.

— O retrato do coronel Teixeira?

o l.

— Mas por quê?

— Porque está demasiado bien hecho, demasiado artístico, demasiado parecido.

Ergueu-se, começou a caminhar miudinho: três passos à frente, três à retaguarda.

três à retaguarda.

— Pero no se trata de una semblanza . fotográfica, no seãor, pero psicológica.

Olhou sério e firme para o amigo.

— Rodrigo, quiero tu opinión sincera sobre mi obra. N hables en seguida, si no tienes opinión. Mira, analiza, compa y después juzga.

Avançou para o quadro, rasgou os jornais e deixou a tela mostra. A primeira vista, o retrato chocou Rodrigo. Havía nele; algo de brutal, de disforme, de caricatural, e um empastamento de cores que causava certa confusão no espírito do observador. Aos poucos, porém, foi começando a descobrir a intenção do artista. O que ali estava na tela era uma estranha figura, metade homem" metade animal. Rodrigo punha a mão em pala sobre os olhos, recuava, avançava, procurando olhar a pintura de diferentes ângulos.

— Y que tal ?

— Pepito, te juro como, dum certo modo não fotográfico. está parecido. Há qualquer coisa nesse quadro.. .

— Que hay, eso yo lo sé, madre de mi vida! - Tomou o braço do amigo e explicou: - Mira, hijito, no te parece natural que un hombre que vive del buey, con el buey y para el buey acabe adquiriendo el aspecto de un buey?

— Levaste a coisa longe demais. Chegaste a botar chifres na testa do homem. Olha que isso pode ser mal interpretado .. .

— Pues, hombre, no sou apenas cuernos de buey, no seíior. La simbologia es más sutil. Son los cuernos de satanás!

— Por quê? Não vejo nada. de satânico no Coronél Pedro Teixeira.

— Es un burgués y la burguesia ha vendido su _ alma al diablo. Mira, por que crees que el fondo del cuadro tiene el caolor de la sangre? No es solamente la sangre de las vacas y carneros sacrificados en los mataderos, pero también la sangre de todos los hombres que muríeran en todas las revoluciones hechas en el interés de la clase de Tejera. Ven, acércate del cuadro. Que hay en lugar de la pupila en el ojo izquierdo?

— Uma libra esterlina?

— Claro! Es la unica cosa que los burgueses sabem ver. Oro, dinero, libras! Y esos labios gruesos denotam animalidad, ausencia de preocupaciones espirituales.

— Mas o homem tem algumas qualidades positivas e até nobres,

Pepe. É: um cidadão honesto e um bom chefe de família.

— Me cago en la leche de la família Tejera y de todas las famílias.

Rodrigo contemplava_ o quadro. Apesar de todas as extravagâncias do pintor, podia-se reconhecer naquele misto- de homem-fauno-boi-satanás, o pachorrento Pedro Teixeira, estancieiro e argentário.

— Não admira que nãoo tivessem aceito o quadro, Pepe. Esse retrato é um insulto.

— El unico insultado soy yo, el artista. — O Coronél Teixeira viu isso?

— No. Pero el Coronél Prates, que me lo encomendó, lo ha visto.

— E que foi que disse?

— Se quedó indignado, me dijo que no me pagaria un tostón.

— Pois eu te pago. Pepe, te compro o quadro, gosto dele.

Quanto queres?

Pepe refletiu por um instante.

— Nada. Te lo regalo. Sí quieres pagarme con algo, dame um copetín de cognac.

Quando Rodrigo saiu da sala para ir buscar a bebida, o espanhol ficou a resmungar: - No se por qué me quedo en esta ciudad podrída.

Naquele anoitecer, ao subir a escada para acender o lampião da esquina do Sobrado, o velho Sérgio saudou Rodrigo: - Salve o Dr. Rodrigo neste dia glorioso para nós, os morenos. Salve a Rainha D. Isabel, moça de muito saber e condições. Salve D. Pedro II, nosso Imperador festeiro, e Deus Nosso Senhor, pai dos brancos e dos pretos.

Sua voz, cava e áspera, parecia sair duma gruta escura cheia de morcegos.

De sua janela, Rodrigo atirou um patacão, que o negro apanhou com o chapéu, ficando a examinar a moeda e a resmonear - Moço de muita senhoria e da mais distinta consideração. Fala com os pobres, não é soberbo. Deus lhe dê muita vida e uma boa morte.

Acendeu a mecha, repôs a manga no lugar, desceu a escada, pô-la ao ombro e continuou seu caminho.

Rodrigo achava-se tomado dum inexplicável mal-estar, duma espécie de premonição de desastre cuja origem não podia precisar. Era a noite em que se esperava o aparecimento do cometa. Estava claro que ele não acreditava na possibilidade dum choque com a Terra. Que tinha, então? Devia estar feliz, pois às oito horas ia fazer o pedido de casamento. Escrevera, havia dias, para o Angico, pedindo licença ao pai para dar um caráter oficial ao noivado. Viera-lhe uma resposta seca mas positiva: Acho precipitado o pedido, pois faz tão pouco tempo que o senhor frequenta a casa da moça, mas em todo o caso o senhor é um homem feito e sabe o que quer e eu faço gosto, pois a Flora é uma moça prendada, filha dum amigo meu. O senhor tem meu

consentimento.

Aderbal Quadros esperava-o aquela noite, e Rodrigo pensava agora nas palavras com que ia fazer o pedido. Como tudo aquilo era complicado e até certo ponto, ridículo!

Jantou sem muito apetite. Durante a refeição a tia mirava-o de quando em quando com seu olhar frio mas interessado.

— Não fique tão nervoso. Essa história é mais fácil do que parece.

— Não estou nervoso.

— Eu então é que estou…

— A senhora está mas é com ciúme.

— Você não se enxerga!

— Se dependesse da senhora eu passava o resto da vida solteirão.

— Não seja bobo.

— Está se vendo que a Dinda não está contente.

— Eu só disse que você está indo com muita sede ao pote. Podia esperar um pouco mais pra fazer o pedido.

— Ora, titia!

Fez um gesto brusco, derrubou o cálice, e uma mancha de vinho alastrou-se na toalha branca.

— Sinal de sorte… - murmurou Maria Valéria.

— Superstições!

Houve um silêncio em que Rodrigo se imaginou na sala de visitas dos Quadros, à frente de Aderbal. “Tenho a honra de pedir…” A voz da tia cortou-lhe o pensamento.

— Ficava mais bonito que o senhor esperasse seu pai pra ele mesmo fazer o pedido.

— Que absurdo! Isso se usava antigamente, no tempo do onça. Hoje as coisas estão mudadas.

— Mas era uma consideração pró seu pai.

Rodrigo ficou irritado porque, no fundo, achava que a madrinha tinha razão. Precipitara-se. Não lhe teria feito nenhum mal esperar mais um mês… Por outro lado, já que frequentava a casa de Flora, achara melhor oficializar logo o noivado para evitar os falatórios. Mas desde quando estou dando importância à língua do povo?

Vão todos pró inferno! Faço o que entendo. Sou dono do meu nariz.

Levantou-se, subiu ao quarto, escovou os dentes, e postou-se diante do espelho, numa toilette demorada. Meteu-se numa fatiota de casimira cor de chumbo, de paletó trespassado. Pela primeira vez ia usar o chapéu-coco - a que o Chiru e outros idiotas insistiam em chamar de cartola. Sabia que podiam rir de sua elegância cosmopolita naquela terra de botocudos. Quebraria a cara de quem se atrevesse a tanto.

Ficou por alguns minutos ao pé do lavatório, indeciso diante dos

frascos de perfume que se alinhavam na prateleira, sob o espelho. Por fim decidiu-se pelo de Quelques fleurs, destampou-o, 449 encostou a boca do vidro contra a lapela e emborcou. Fez o mesmo no lenço.

Antes de sair apresentou-se à tia.

— Estou direito?

Ela o examinou com ar crítico.

— Enfeitado que nem o mastro da festa do Divino e fedendo como um zorrilho.

Rodrigo não gostou da brincadeira.

— Até logo, Dinda.

— Vá e faça papel bonito.

Quando ele já estava na calçada, Maria Valéria debruçou-se à janela.

— Mas não marque o casamento pra amanhã, j'ouviu? Tem tempo.

Rodrigo entrou no carro.

— Vamos, Bento.

Os cavalos puseram-se em movimento. Rodrigo notou uma animação desusada na rua do Comércio: muitas pessoas debruçadas às janelas, vultos a andar dum lado para outro nas calçadas. O cometa - concluiu. E lamentou a própria imprevidência. Ao marcar aquela noite para o pedido de casamento, não se lembrara do aparecimento do cometa.

Sempre imaginara que o noivado do "moço do Sobrado" pudesse ser um acontecimento social capaz de fazer Santa Fé vibrar, de levar dezenas de curiosos até a frente do palacete dos Quadros, onde ficariam a olhar para as janelas festivamente iluminadas, a esperar com ansiedade a chegada do noivo e dos convidados. Nada disso, porém, ia acontecer. Toda a gente estava preocupada com o cometa de Halley. As janelas da casa da noiva estariam fechadas. Babalo comunicara-lhe que não ia fazer festa, que a cerimônia teria caráter simples, pois não convidara para ela nem os parentes mais chegados.

Não que eu seja vaidoso - refletia Rodrigo, como a querer convencer-se a si mesmo - , não que eu goste de me mostrar, mas que diabo! esta é uma noite importante da minha vida. Só se contrata casamento uma vez. É natural que eu queira deixar a data assinalada para sempre. No entanto aqui vou para o pedido de 450 casamento sozinho, sem meu pai (e a voz da tia em sua mente: "por culpa sua!", sem meu irmão, sem um único amigo. Na casa da minha noiva não haverá ninguém além dela, da mãe e do pai. Pronunciarei a frase convencional, porei a aliança no dedo da moça, e voilà, estaremos noivos. Virá licor, doces, um café… Dona Laurentina nem sequer sorrirá para nós, Babalo talvez fique na sala a prosear sobre a safra, o carrapato do gado ou a vitória do marechal… Depois irá para a cama,

à hora do costume; dona Titina ficará a fazer aquele seu eterno croché, e eu me quedarei como um dois de paus na frente da noiva, sem poder ao menos tocar-lhe a fímbria do vestido com a ponta dos dedos.

Suspirou, sentindo-se vítima duma colossal conspiração. Ficou a escutar melancólico o castanholar das patas dos cavalos nas pedras da rua. Um vulto se destacou dum grupo à frente do clube, fez-lhe um aceno e gritou-lhe um boa-noite efusivo. Rodrigo ergueu com indiferença o braço, como um príncipe blasé que responde à saudação dum súdito.

Santo Deus, estarei doente? Decerto é febre. Levou a mão à testa. Não. Fresca..

Era então a languidez do outono - refletiu - aqueles cheiros de ramos e folhas secas queimados. (Ó Istambul! Ó Bagdá! Ó Scheherazade! Era a mágoa de verificar que nem todos os seus belos sonhos se faziam realidade.)

O carro parou à frente da casa de Aderbal Quadros. Rodrigo olhou em torno e não viu vivalma. Um grande acontecimento, o meu noivado! - refletiu com amargura. — Um formidável sucesso!

— Venha me buscar às dez em ponto - disse ao boleeiro.

Apeou, apalpou o bolso e apertou o estojo de veludo onde estava a aliança. Bateu à porta e depois ficou ajeitando o nó da gravata.

Naquela noite muita gente não dormiu em Santa Fé. As janelas de suas casas, nos quintais, nas calçadas, no meio das ruas e 451 praças, os santa-fezenses esquadrinhavam o céu com o olhar. O padre Kolb, que passara boa parte da noite numa das salas privadas da Confeitaria Schnitzler a beber cerveja em canecões bávaros de barro, saiu por volta das onze e, ao cruzar pela frente do Comercial, vendo um grupo de homens com os rostos voltados para o céu, parou e ergueu o dedo profético.

— Deviam estar procurando não o cometa, mas Deus! Ficou debaixo do lampião, imponente na sua batina negra, o rosto imerso na sombra que sobre ele projetava a larga aba do chapéu. Um gracioso respondeu: - Não enxergamos ainda nem o cometa nem Deus, padre. O vigário de Santa Fé empertigou o busto, inflou o peito, pareceu que ia dizer uma coisa tremenda, uma formidável verdade apocalíptica, mas permaneceu em silêncio, deixando escapar o ar pelo nariz, num sopro sibilante.

Continuou depois seu caminho, o trancão firme, numa milagrosa linha reta.

Às duas da madrugada ainda não se via no céu o menor sinal do cometa. “Que fracasso!” - exclamavam alguns, decepcionados. “Xô mico!” era uma exclamação que se ouvia em diversos lugares. “Vá a gente acreditar nesses astrônomos. Pra mim o homem do campo

entende mais de tempo e de estrelas que todos esses sabichões que manejam o telescópio.”

Muitos foram deitar-se, desiludidos. Um escriturário da intendência disse à mulher: “Ó Domiciana, se o fim do mundo começar, tu me acorda, j'ouviu?” E meteu-se na cama. Neco, Chiru e Saturnino, que haviam preparado uma serenata especial para o cometa, resolveram fazê-la para Rodrigo. Plantaram-se à frente do Sobrado e atacaram uma valsa. Rodrigo assomou à janela: - Entrem. Vamos comer e beber alguma coisa. Estou sem sono.

O trio aceitou o convite e ele se dirigiu para a cozinha a preparar os hors-d'oeuvres.

— Não façam muito barulho - recomendou ao voltar. — A madrinha está dormindo.

Pelas janelas entrava um cheiro de pão quente. Neco dedilhava o violão, cantando em surdina um fado que aprendera com certo caixeiro-viajante português, numa memorável noite de farra.

Puseram-se a comer, a beber e a conversar. O relógio do refeitório bateu três badaladas.

Poucos minutos depois das três da madrugada, a cauda do cometa apontou no céu, nas bandas de leste, por trás das coxilhas da Sibéria. Começou, então, o alvoroço na cidade. “Olha o bruto!” - exclamavam. Homens e mulheres, alguns em camisolas de dormir, apareciam às janelas. Houve correrias nas ruas, exclamações de triunfo e de pavor. Alguns fiéis bateram à porta da igreja e o padre Kolb, que ainda não pregara olho, mandou o sacristão abrir o templo, que dentro em pouco ficou cheio de mulheres ajoelhadas, a rezar.

Lucas e Rubim entraram no Sobrado, encontrando Rodrigo e os amigos completamente alheios ao grande acontecimento.

Dirigiram-se todos para a cozinha, de cuja janela ficaram a contemplar a cauda do cometa, que subia no céu como o feixe luminoso dum gigantesco holofote.

— Mas onde está o núcleo? Ninguém respondeu.

— Vênus ainda não apareceu… - estranhou Rubim.

— Parece até que se a gente subir a coxilha da Sibéria pode agarrar o rabo do bruto.

— Olhem lá! - exclamou Saturnino. — Estrelas cadentes.

— Bólides - corrigiu o tenente de artilharia. Eram riscos luminosos que cortavam o céu por baixo da cauda do cometa.

Rodrigo apreciava a cena, deslumbrado. O ar frio da madrugada bafejava-lhe o rosto. Seus olhos estavam fitos no céu luminoso que se estendia no horizonte, mas dentro em breve seus pensamentos nada tinham a ver com o cometa. Recordava-se do momento em que fizera o pedido de casamento. Já não lamentava mais que a cerimônia houvesse sido tão simples e sossegada, pois tivera uma longa e

amistosa conversa com Babalo, que lhe contara de seus negócios, dos grandes prejuízos que vinha tendo naqueles cinco últimos anos com a plantação de trigo em grande escala. “Mas por que é que o senhor insiste?” E o futuro sogro lhe respondera: “Não há nada mais lindo que um trigal maduro. E depois, amigo, é com 453 trigo que se faz pão, e não há nada melhor que a gente comer pão do trigo que plantou…” Babalo plantava trigo por uma razão poética! Tinham ficado os quatro na doce paz da sala, à luz do lampião, como se aquela casa estivesse fora do tempo e do espaço.

A voz de Rubim despertou Rodrigo do devaneio. O tenente de artilharia afirmava que a cauda do cometa tinha mais de trinta milhões de quilômetros de comprimento.

Saturnino sacudiu a cabeça, numa aquiescência respeitosa. Chiru, porém, pôs em dúvida a exatidão daquela fantástica cifra. Neco dedilhava o violão, cantarolando uma toada campeira.

Os bólides continuavam a riscar o céu.

Rodrigo voltou com os amigos para a sala de jantar, onde Rubim e Lucas participaram dos restos daquela ceia improvisada, e os outros continuaram as libações.

Ao emborcar o quinto copo de vinho, Lucas, com a voz arrastada, confessou que estava loucamente apaixonado.

— Quem é a felizarda? - indagou Rodrigo. Rubim informou: - A filha do coronel Prates.

— A Ri tinha? Magnífico. Uma bela moça.

O alagoano, porém, estava infeliz. O pai da jovem não aprovava o namoro. A família fazia-lhe desfeitas.

— Por que, Rodriguinho? - perguntou ele, de olhos amortecidos. — Por quê? Sou um sujeito direito, não faço mal a ninguém. Sou um pândego, sim senhor, sou o André Deed, o Max Linder, o Bigodinho, mas isso não é crime, não é mesmo? Não é mesmo?

Puxava com insistência a manga do casaco de Rodrigo, repetindo a pergunta.

— Claro que não, Lucas. Mas tudo isso se arranja com o tempo.

O tenente de obuseiros sacudia a cabeça, desesperançado.

— Não se arranja, não, o remédio é eu tomar uma bebedeira e sair comandando a bateria pela rua, nu em pelo, sabes, Rodrigo? Nu em pelo, em cima dum cavalo, de espada em punho, estás me ouvindo? De espada na mão e nuzinho da silva, a cavalo, sabes? E passar pela frente da casa da Ritinha, de espada na mão, a cavalo, e nu, pra desacatar a família, sabes?

Rodrigo sorria, olhando para Rubim, que folheava distraidamente um número de Illustration. Neco e Saturnino tocavam uma valsa lenta e sentimental, em doce surdina.

Os trêmulos da flauta pareciam soluços, e os bordões do violão

sugeriam graves, profundas paixões humanas. Lucas escutava, repoltreado na cadeira, a túnica completamente desabotoada, o copo vazio na mão que pendia abandonada ao longo da cadeira. Junto da mesa, Chiru raspava com a faca o fundo da lata de pâté de foie gras.

Rodrigo olhou em torno.

— Daqui a vinte anos, amigos, estarei falando a meus filhos a respeito desta noite. Direi: "Quando o cometa de Halley apareceu, em 1910, vocês não eram nascidos e o papai tinha apenas vinte e quatro anos. Todos pensavam que o inundo ia acabar, no entanto nada de maior aconteceu. Reuni no Sobrado os meus melhores amigos e ficamos comendo, bebendo e conversando até o raiar do dia".

— Tu és feliz - lamuriou o Lucas - , terás, um dia, mulher e filhos. Eu vou ficar um velho solteirão, reumático, linfático, sorumbático, caquético. Vou pedir minha transferência pró Amazonas. Quero morrer comido por uma onça. Ou de febre balaústre.

— Palustre - corrigiu Rubim, sorrindo.

— Balaústre - repetiu o outro. — Não é, Rodrigo? Tu que és médico… Febre balaústre. Me bota mais vinho. Balaústre!

Falava de boca mole, babando-se.

A música, chorosa e lânguida, parecia narrar a história dum amor infeliz. Ei a uma valsinha brasileira de serenata, doce como uma noite de luar, sentimental como as raparigas que morrem de amor. Lucas escutava-a, enquanto grossas lágrimas lhe escorriam pelas faces e pingavam na túnica. Chiru encheu o copo e ergueu-o num brinde: - Ao nosso Rodrigo, que hoje contratou casamento!

Rodrigo e Rubim ergueram os copos e fizeram as bordas tocarem-se de leve. Saturnino, que tinha o bocal da flauta colado ao lábio, saudou o amigo com um alçar de sobrancelhas. Neco sacudiu a cabeça melenuda.

A valsa terminou. Houve aplausos discretos. Rubim aproximou mais dos olhos a revista em que estivera a ler um artigo ilustrado sobre a construção do canal do Panamá.

Deu uma palmada na coxa.

— Aqui está uma admirável ilustração para a minha tese sobre as relações entre as elites e as massas. Quem idealizou o canal do Panamá? Um super-homem: De Lesseps.

Outros homens de prol compreenderam o alcance dessa gigantesca obra e a puseram em execução. Uma equipe de engenheiros e empreiteiros competentes, isto é, uma aristocracia da inteligência e da cultura, encarregou-se da direção dos trabalhos. E a massa, uma multidão de índios, mestiços e negros, trabalha como os escravos trabalharam para construir as pirâmides do Egito. Muitos deles estão morrendo e hão de morrer como moscas. Mas que importa? Esse é o destino da ralé.

Chiru escutava-o com ar inteligente. Não cansava de dizer que admirava o saber e que, apesar de ignorante, podia apreciar os homens preparados. Aproximou-se do tenente de artilharia, por cima de cujo ombro ficou a olhar as fotografias da obra do canal estampadas nas páginas de Illustration.

— Mas sem essa ralé - replicou Rodrigo - , sem essa escória que tanto desprezas, não será possível a construção do canal.

— Claro! Que seria dos teus gaúchos se não fossem os cavalos que montam e os bois que puxam as carretas? Não será isso que me levará a colocar o cavalo ou o boi no mesmo nível do cavaleiro e do carreteiro.

Neco tirou um acorde do violão e começou a cantarolar a Casinha pequenina.

Tu não te lembras da casinha pequenina, Onde nosso amor nasceu? Tinha um coqueiro do lado, que coitado, De saudade já morreu…

Puxou um sentido ai, que lhe veio do fundo do peito de seresteiro.

— Eu quero mamãe! - soluçou Lucas.

Saturnino depôs a flauta sobre o consolo, aproximou-se do tenente com ares de enfermeiro, tirou-lhe o copo da mão, limpou com um lenço a baba que lhe escorria pelo queixo e tratou de fazê-lo sentar-se direito.

Rubim, ainda com LIllustration sob os olhos, traduziu: - A França não poderia esquecer que foi ela a iniciadora dessa grande empresa, que foi ela que começou os trabalhos com mais sucesso do que se quer reconhecer. Não foi sem um profundo desapontamento que viu escapar-lhe a glória de levar a cabo uma tarefa tão memorável, e, desde então, sempre seguiu com uma atenção benevolente os esforços dos americanos aplicados na continuação dessa obra.

Atirou a revista em cima da mesa e ajustou o pince-nez no nariz.

— Os franceses não podem esconder o seu despeito diante do fato de serem os americanos e não eles quem está construindo o canal do Panamá.

— E é pena - observou Rodrigo - porque tenho mais confiança na engenharia francesa do que na norte-americana.

Intimamente não ignorava que isso era mero “palpite”, nascido de sua simpatia pela França, pois para falar a verdade não sabia quase nada da engenharia francesa e muito menos da norte-americana.

— Esse canal interessa principalmente à América do Norte - disse Rubim. — É uma obra de alcance não só comercial como também estratégico.

Rodrigo deu, então, voz à sua má vontade para com os Estados Unidos. Era um pais grosseiramente materialista, uma nação de novos-ricos e comerciantes empedernidos.

Que grande poeta, que grande romancista, que grande filósofo, que grande pintor, que grande compositor haviam dado ao mundo? A única figura de estatura universal que tinham produzido - por uma inexplicável aberração - fora a de Abraão Lincoln. Confundiam tamanho com qualidade, preocupavam-se demais com cifras e estatísticas.

Tudo 457 quanto possuíam ou faziam era "o maior do mundo". E, apesar de serem senhores dum território quase tão grande como o do Brasil, estavam estendendo seus tentáculos de polvo pelos países vizinhos, tinham já abocanhado Puerto Rico, e viviam a meter-se na vida de Cuba e do México, do qual já haviam arrebatado o Texas e a Califórnia.

— E como detesto Theodore Roosevelt! - exclamou. — Esse sargentão caçador de onças!

— Pois eu o admiro - retrucou Rubim. — Pode não ter a inteligência dum super-homem, mas tem os nervos, a vontade e a coragem dum líder.

— Deem-me a França! Toujours Ia Fmnce, l'espnt, Ia finesse, Ia juste mesure!

Não estava bem certo de amar a justa medida, mas - que diabo! - quando se está um pouco tonto, ama-se tudo, tudo menos Teddy Roosevelt!

— A França morreu em 70 - replicou o tenente de artilharia.- De lá pra cá tem procurado no amor, na depravação, nos bizantinismos literários, no refinamento do gosto, uma compensação para seu fracasso como nação guerreira. Os descendentes de Napoleão Bonaparte hoje em dia bebem champanha nos sapatinhos das vedettes, dançam cancã nos cafés-concertos e leem novelas pornográficas. Uma nação em pleno processo de decadência!

— Tu não te lembras das tuas juras, ó perjura? - perguntava o Neco com voz dolente. Saturnino lidava ainda com Lucas, que agora ressonava, o queixo caído sobre o peito.

— Toujours Ia France! - gritou Rodrigo. E em seguida, levando o indicador aos lábios, murmurou: - Silêncio, a Dinda está dormindo.

— Pois me deem a Alemanha - retrucou Rubim - , a terra dos grandes filósofos, dos grandes músicos, dos grandes poetas e dos grandes guerreiros.

— Vive Ia France!

Rodrigo lançou um olhar amoroso para a aliança de ouro que lhe luzia no anular da mão direita.

— Viva o Brasil, bolas! - vociferou Chiru, vermelho de patriotismo.

Saturnino aproximou-se de Rodrigo.

— O Lucas está bêbedo como um gambá.

Todas as atenções se voltaram para o tenente de obuseiros. Rubim tentou acordá-lo mas não conseguiu.

— E agora, como é que vou levar esse cavalheiro para o hotel?

— Deixe o tenente aqui - sugeriu Rodrigo. — Tenho camas de sobra lá em cima. Neco! Para com essa cantoria e vem nos dar uma demão. Chiru, tu que és um Hércules…

Chiru passou os braços por baixo das axilas de Lucas e trançou as mãos contra o peito dele; Neco segurou o tenente pelas pernas e assim o levaram para cima, estendendo-o na cama de Toríbio. Saturnino tirou-lhe as botinas e a túnica, afrouxou-lhe a cinta e cobriu-o com uma colcha.

Eram mais de quatro horas da madrugada quando os amigos deixaram o Sobrado. Duma das janelas do escritório, Rodrigo acompanhou-os com o olhar. Chiru ia de braço dado com Rubim, provavelmente a falar-lhe em tesouros enterrados e salamancas. Atrás deles, Neco e Saturnino tocavam uma polca, e por muito tempo ainda, mesmo depois que o grupo desapareceu por entre as árvores da praça, Rodrigo ficou a ouvir os trinados da flauta.

Fechou as janelas, voltou para a cozinha e ali se quedou a olhar para o cometa. Seu núcleo finalmente se fazia visível - um ponto luminoso e nítido na extremidade superior da cauda, que tomava um quarto do céu. Vénus agora brilhava intensamente.

XIX Junho entrou com fortes geadas. Um velho morador de Santa Fé garantiu: “Vamos ter um inverno brabo”. Rodrigo tirara do guarda-roupa, numa aura de naftalina muito agradável a seu olfato, pelo que evocava de coisas limpas e civilizadas - o sobretudo de casimira preta com gola de astracã. E era com prazer que o usava à noite, quando saía a visitar a noiva. Enfiava também as luvas de pele de cão e as polainas de camurça cinzenta. Não podia deixar de sorrir ao pensar no berrante contraste entre seus trajes citadinos e os dos homens que encontrava nas ruas, encolhidos dentro de ponchos, os pés metidos em botas embarradas, as caras assombreadas sob as largas abas dos chapéus campeiros.

Numa fria manhã daquela primeira semana de inverno, chegou um próprio do Angico, trazendo-lhe um bilhete de Licurgo: Meu filho. O velho Fandango morreu hoje ao clarear do dia e nós vamos retardar o enterro para o senhor poder assistir.

Rodrigo leu e releu o lacônico bilhete com o espírito em branco, sem sentir a emoção que a notícia devia despertar-lhe. Sua primeira impressão foi de contrariedade: sair de jardineira num dia gelado como aquele e rodar durante quatro horas a fio pelas estradas que levavam à estância, era positivamente a última coisa que ele desejava. O bilhete, porém, podia ser resumido numa palavra: Venha. Mostrou-o à tia.

— Pobre do velho. Eu também vou.

Embarcaram logo após o almoço e chegaram à estância por volta das quatro e meia. Rodrigo abraçou o pai - que lhe pareceu desfigurado e abatido - e o irmão, que lhe contou como Fandango morrera. O velho estava debruçado sobre uma cerca, bombeando o nascer do sol, quando de repente caiu para a frente, sem um ai, e ali ficou, dobrado sobre a tábua, com os braços pendentes.

— Não morreu - concluiu Toríbio. — Foi uma vela que o vento apagou.

O vento soprava ainda sobre as coxilhas do Angico, entrava assobiando pelas frestas da casa e fazia farfalhar os bambuais no fundo do quintal. Os campos eram dum triste tom de mate, sob o céu de cinza.

Fandango estava estendido dentro dum caixão rústico que os peões haviam feito com madeira dos matos do Angico. Parecia apenas adormecido e Rodrigo teve a impressão de que ele sorria. Era um sorriso matreiro, como se o velho estivesse empulhando a morte ou zombando daquela gente que ali estava ao redor do seu corpo, calada e séria, enquanto as chamas das velas de sebo lutavam com o vento, num aflitivo apaga-não-apaga.

Peões, agregados e posseiros do Angico encontravam-se no velório com suas mulheres, chinas e filhos. Rodrigo reconheceu, em muitas daquelas fisionomias, traços que lhe eram familiares. Na pequena peça achavam-se congregados quase todos os Gares moradores dos campos de seu pai. Muitas das mulheres estavam grávidas, as barrigas intumescidas sob os molambos sem cor. Viu Ondina a um canto e achou-a mais corpulenta, mais adulta. Olhou com certa apreensão para o ventre da chinoca, mas ficou tranquilo ao verificar que ela não apresentava nenhum sinal externo de gravidez.

Licurgo acercou-se do filho e murmurou: - O velho vivia dizendo que queria ser enterrado no topo da coxilha do Coqueiro Torto. Vamos fazer a vontade dele.

Rodrigo sacudiu a cabeça lentamente. Sentia muito frio e o quadro que tinha diante dos olhos deixava-o confrangido. Não lamentava o velho Fandango, que afinal de contas, vivera vida longa e rica. Tinha pena, isso sim, dos outros, dos que o estavam velando. Era, porém, uma pena temperada de impaciência, uma piedade sem 461 1": calor humano, em suma, um sentimento gelado e triste como aquela tarde de junho. Por mais que se esforçasse, não podia amar aquela gente e era-lhe difícil e constrangedor ficar com aqueles miseráveis por muito tempo na mesma sala, a sentir-lhes o cheiro, a ver-lhes as caras terrosas, algumas das quais duma fealdade simiesca.

Maria Valéria aproximou-se do caixão, olhou longamente para o velho amigo e depois fez algo que Rodrigo jamais poderia esperar

dela. Inclinou-se e depôs um beijo na testa do morto. E de olhos secos, fisionomia impassível, fez meia-volta e se foi.

Às cinco horas da tarde, o cortejo fúnebre deixou a casa da estância. Como o caixão não tivesse alças, foi levado numa carroça. Licurgo, ladeado pelos filhos, seguiu a pé atrás do veículo, encabeçando o cortejo.

Das estâncias das redondezas viera gente a cavalo, de carreta, de carroça ou a pé para assistir ao funeral: fazendeiros, agregados, capatazes, peões, posteiros.

Vieram também índios vagos, esmoleiros e até alguns gringos das colônias. Todos conheciam e amavam Fandango. Cavalarianos postaram-se em duas longas alas na encosta da coxilha e, quando a carroça passou com o corpo, tiraram os chapéus. Lá no alto, ao pé do coqueiro torto, em torno da cova aberta pelo negro Antero, via-se uma aglomeração de homens, mulheres e crianças.

Contemplando o quadro do sopé da coxilha, Rodrigo sentiu um calafrio, e a custo conteve as lágrimas. Aquilo lhe parecia o funeral dum guerreiro antigo. O vento gemia.

O cenário em derredor tinha uma beleza severa e áspera. No entanto, refletiu ele, Fandango costumava dizer: “Quero que meu enterro seja abaixo de gaita e que seis morochas bem guapas carreguem cantando este corpo velho, coxilha acima”.

Antes de descerem o caixão ao fundo da cova, abriram-no mais uma vez.

Fandango ainda sorria. Num ímpeto que não procurou conter, Rodrigo saltou para cima da carroça e falou: - Fandango, amigo velho, quero te dizer alguma coisa em meu nome e no de todos os teus amigos, antes que te vás embora pra sempre. Um hornem como tu não pode se acabar. Algo de ti 462

tem de continuar com a gente, e é por isso que nós vamos te plantar no chão, nesta terra boa do Angico, na esperança de que te transformes amanhã numa árvore de sombra, bela, forte e generosa como tu. Viveste uma vida comprida e cheia. Morreste como querias: de pé e de repente. Não eras apenas um homem, mas também um símbolo - um símbolo deste velho Rio Grande indomável, meio rude mas cavalheiresco e bravo, eras o representante duma estirpe antiga e nobre, que hoje está correndo o risco de se acabar…

Fez uma pausa. Olhou para o pai. Licurgo estava de cabeça baixa, apertando com força o chapéu nas mãos crispadas. Ao seu lado, Toríbio, de cara erguida, não fazia nenhum gesto para esconder as lágrimas que lhe escorriam pelas faces.

Rodrigo, então, não pôde mais conter o pranto. Tentou continuar o discurso, mas um soluço lhe afogou a voz. Por alguns segundos ficou a chorar de mansinho, com as mãos espalmadas sobre o rosto, mais

comovido com suas próprias palavras e com a beleza do momento do que com a morte do amigo. Por fim, mais calmo, enxugando os olhos com o lenço, prosseguiu: - Tinhas o mapa do Rio Grande na cabeça e no coração. Por onde quer que andasses, até os passarinhos te conheciam e estimavam. Foste um sábio e um santo à tua maneira, um rapsodo desta terra e desta gente, o melhor contador de causos que conheci. E neste momento, no outro lado da vida, montado num dos teus muitos pingos de estimação que morreram antes de ti, imagino-te cruzando num trote faceiro as invernadas da eternidade. Vejo-te chegar à porteira do céu, gritando: "Ó de casa!" E vejo São Pedro olhar para fora e dizer aos seus anjos: "Abram a porta, meninos, é o Fandango. Entre, compadre, sente e tome um mate, faz de conta que a casa é sua". Fandango, amigo velho, até por lá!

O caixão foi descido à cova. Licurgo agachou-se, apanhou um punhado de terra e atirou-o sobre ele. Outros o imitaram. O negro Antero tomou da pá e começou a entupir a cova. Aos poucos o grupo se foi dispersando.

Ao descerem para a casa, Licurgo resmungou, taciturno: - Não carecia o senhor fazer discurso. O Fandango não era homem dessas coisas…

Rodrigo, que imaginava o pai orgulhoso de sua oração, ficou desapontado. Sentiu-se, porém, um pouco consolado quando Bio, tomando-lhe afetuosamente o braço, cochichou: - Me fizeste chorar, filho da mãe.

— Eu também chorei…

— Somos duas vacas.

Em fins de julho, a caminho de São Luís, o senador Pinheiro Machado fez uma breve visita a Santa Fé. Hospedou-se na casa de Joca Prates, confabulou com os correligionários, foi homenageado no Centro Republicano e, durante várias horas, fez a cidade vibrar com sua presença.

Quando saiu à rua, de botas, bombachas, casaco de casimira escura, chapéu de feltro negro, e um pala de seda enrolado no pescoço e atirado por cima do ombro - mulheres corriam às janelas para vê-lo passar, homens detinham-se nas calçadas, cumprimentavam-no respeitosamente, tirando os chapéus, e depois ficavam a segui-lo com o olhar.

E assim, ladeado por Joca Prates e Titi Trindade, o senador subiu a pé a rua do Comércio, encabeçando um grupo que foi aos poucos engrossando e que, ao chegar à praça da Matriz, parecia quase uma procissão. Pinheiro Machado entrou com a comitiva na Intendência, onde foi homenageado pela Câmara Municipal, cujo presidente o saudou num breve discurso. Menos de meia hora mais tarde, saiu sozinho do paço municipal, atravessou a rua, entrou na praça e parou

um instante junto ao busto do fundador de Santa Fé. E os curiosos que o observavam, viram depois o político mais poderoso do Brasil cruzar a praça a bater na porta do Sobrado. O senador ia visitar os Cambarás! A notícia espalhou-se, rápida, pela cidade, despertando os comentários mais desencontrados. "Vai puxar as orelhas do Licurgo e do filho"- diziam uns. “Qual! - retrucavam outros - Vai só visitar um velho 464 correligionário e amigo.” "Pois eu acho - insinuava-se ainda - que o senador quer trazer a ovelha negra de volta ao aprisco republi- cano…

Rodrigo estava no consultório quando lhe vieram contar a grande novidade. Seu primeiro impulso foi o de voltar correndo para casa. O amor-próprio, porém, ditou-lhe outra conduta. Que diabo! A visita não é pra mim… Afinal de contas, estamos em campos opostos nesta campanha política. Se o homem quiser conversar comigo, que venha ao meu consultório. Se não quiser, que vá pró diabo!

Sabia, porém, que essa atitude de superioridade estava longe de ser sincera. Na realidade, a notícia da visita do senador ao Sobrado deixara-o alvoroçado. Mandou embora os clientes que se encontravam na sala de espera, lavou as mãos, vestiu o casaco, sentou-se à mesa e começou a rabiscar nervosamente nos papéis de receita.

Não podia esconder sua admiração por aquela figura de caudilho urbano. Sempre achara prodigioso que um homem nascido numa casinhola da rua do Comércio, em Cruz Alta, pudesse ter atingido tamanhas altitudes na geografia política do Brasil. Seus ditos e a crônica de seus feitos corriam o país de norte a sul, constituindo já elemento de folclore. Muitas vezes em discussões no Senado fizera frente a Rui Barbosa e, embora não pudesse ombrear com a “Águia de Haia” em matéria de erudição e eloquência, sua presença de espírito, sua solércia e seu bom senso de tropeiro lhe haviam feito levar a melhor em mais duma polêmica com o senador baiano.

Rodrigo sentia-se não só fascinado como também intrigado por aquela personalidade complexa, que às vezes lhe parecia um singular ponto de encontro do campo com a cidade. Pinheiro Machado trajava com o esmero dum Brummel, mas as bombachas e as botas com esporas lhe sentavam tão bem quanto o fraque e as botinas de verniz. O fato de ser visto na rua do Ouvidor de colarinho engomado e plastrão não o impedia de levar um punhal na cava do colete a fantasia. Embora não fosse homem habituado a recorrer à violência, poder-se-ia dizer que psicologicamente trazia sempre nas mãos um rebenque com o qual não hesitava em fustigar 465 a cara dos insolentes. Sedutor consumado, sabia fascinar tanto as mulheres como os homens, e para aliciar adeptos entre estes últimos, contava-se que costumava alternar o tratamento paternal com o sobranceiro, chegando, não raro, a usar artifícios quase femininos de conquista. Era fora de dúvida que nascera para mandar.

Tinha como poucos o senso de autoridade combinado com o da oportunidade, e mesmo os que não o amavam (e estes eram legião) não deixavam de respeitá-lo ou admirá-lo.

E esse homem excepcional entrara, havia pouco, no Sobrado!

Rodrigo pôs-se de pé e caminhou até a janela, no instante em que Pepe Garcia chegava à farmácia.

— Mira, hijito! - gritou o pintor, excitado, irrompendo no consultório. — El senador está en tu casa.

— Eu sabia - respondeu Rodrigo, com buscada indiferença.

— Tu papá te llama. El senador quiere hablar contigo, Rodrigo pôs o chapéu e saiu. No caminho perguntou: - Falaste com o homem?

— Pues claro. Don Licurgo me Io presentó.

— Que achaste dele?

— Es muy hombre. Me gustaría pintar su retrato. Parece um jefe gitano. Que quererá ei de ti?

Rodrigo sorriu: - Decerto vem me oferecer a pasta da Justiça…

— Quien sabe, hijo? Chiru dice que nasciste empelicado…

— Anda. Después me Io contarás todo.

Achavam-se os três na sala de visitas, e Licurgo, no breve silêncio que se fizera após as apresentações, puxara já três pigarros. Sentado numa poltrona, com as pernas cruzadas, Pinheiro Machado olhou firme para Rodrigo, com ar avaliador.

— Estive conversando com seu pai - disse, com sua voz pausada e grave. — Um homem como ele, um castilhista dos bons tempos, não pode ficar à margem do partido. Essas brigas de família 466 são como chuvas de verão: caem com muito barulho mas passam.

Rodrigo olhava intensamente para o senador, cuja presença parecia aquecer a atmosfera da sala. Don Pepe tinha razão. Aquele homem de negra cabeleira crespa e olhos magnéticos lembrava mesmo um chefe cigano. Em seu rosto, dum moreno queimado, havia uma expressão que tanto sugeria crueldade como ascetismo: podia ser tanto a face dum bandoleiro como a dum profeta, Era, sem a menor dúvida, a máscara dum condutor de homens. O visitante puxou do bolso a cigarreira de ouro, tirou dela um crioulo caprichosamente feito, prendeu-o entre os lábios e pôs-se a bater distraído nos bolsos. Rodrigo ergueu-se, rápido, riscou um fósforo e aproximou-o da ponta do cigarro do senador.

(Um dia - contava-se - estando a jogar bilhar com amigos no Rio de Janeiro, Pinheiro Machado fez uma pausa para acender o crioulo. Como o vissem apalpar os bolsos à procura de fogo, dois dos companheiros riscaram fósforos ao mesmo tempo, com uma presteza servil. Mas o senador entrementes encontrara o isqueiro, com o qual acendeu o cigarro, murmurando com toda a pachorra: “Quem pita carrega fogo”.)

Rodrigo corou, soprou a chama do fósforo e volveu para sua cadeira, furioso consigo mesmo por se ter mostrado tão solícito.

O senador entrecerrou os olhos e lançou para o mais jovem dos Cambarás um olhar cativante.

— O senhor, dr. Rodrigo, um moço inteligente e de futuro, que é que está fazendo fora do partido?

— Senador, devo dizer-lhe com toda a sinceridade que nas últimas eleições não só permaneci fora do partido como também…

Pinheiro Machado cortou-lhe a frase com um gesto.

— Eu sei, eu sei… Estou à par de todas as suas atividades. Vi o seu jornal, li os seus artigos.

Rodrigo sentiu-se diante de Malvina Travassos, professora pública, na hora negra da palmatória.

— O senhor pertence a uma antiga família republicana. Nesta hora, qualquer divisão do partido só poderá ajudar nossos inimigos. Aliás, todo o seu esforço ficou perdido…

O candidato civilista foi 467 derrotado, o marechal Hermes está eleito, será empossado por bem ou por mal, e há de governar até o fim de seu quatriênio com a maioria ou sem ela!

Rodrigo olhava fixamente para as botas lustrosas do senador, que tinha os pés pequenos (coisa - dizia-se - de que ele próprio se envaidecia).

Em vão Rodrigo se esforçava por combater o sentimento de culpa que o desconcertava e inibia. Tomara as palavras do visitante como uma repreensão paternal. De resto, Pinheiro Machado parecia-se um pouco com seu pai, não só no físico como também no timbre de voz e no jeito pausado e grave de pronunciar as palavras.

— Afinal de contas - animou-se Rodrigo a perguntar - que é que o senador propõe?

— Que cessem duma vez por todas esses ataques mútuos, que não dispersem forças, que não percam tempo com essas brigas municipais. Já bastam os inimigos que o Rio Grande tem fora daqui!

— Mas voltar atrás agora seria uma desmoralização…

— Quanto tempo faz que seu jornal não aparece?

— Uns meses…

— Pois então? Ninguém obriga o senhor a continuar. Fique quieto poi uns tempos. O Trindade me garantiu que A Voz já cessou por completo os ataques. É ou não é verdade?

Rodrigo sacudiu a cabeça lentamente, numa afirmativa relutante. Por alguns segundos Pinheiro Machado ficou a pitar em silêncio, mas com o olhar sempre focado no rosto do interlocutor.

— Ainda que mal pergunte, doutor, que foi que o senhor pretendeu mesmo com a sua campanha contra o intendente?

— Fazer justiça, senador.

Pinheiro Machado sorriu o seu famoso sorriso só de olhos, em que os lábios permaneciam imóveis e apertados.

Olhou para Licurgo e, fazendo com a cabeça um sinal na direção de Rodrigo, perguntou: - Com quantos anos está essa figura?

— Vinte e quatro - respondeu o rapaz, com uma aspereza agressiva.

— Tem ainda muito que aprender…

O visitante passou pelos cabelos a mão pequena e bem modelada.

— Não, senador, ou a gente nasce decente ou nunca mais aprende.

Esperou que o outro explodisse num protesto. Pinheiro Machado, porém, olhou reflexivamente para a ponta do cigarro.

— Todas as coisas dependem dei cristal com que se Ias mira, como dizem os castelhanos. É muito difícil fazer sempre o bem ao povo sem nunca causar-lhe algum mal.

O senhor, que é médico, sabe disso melhor que eu… Um tumor às vezes pode vir a furo com emplastro de basilicão. Mas há tumores que pedem bisturi. Talho de bisturi dói, mas é para o bem do paciente.

Rodrigo sorriu. O senador sofismava.

— Eu só lamento que um moço como o senhor - continuou este último - gaste a sua energia e o seu talento nestas questiúnculas inglórias.

Licurgo olhava também fixamente para o filho. Parece que sou um réu - pensava Rodrigo.

— Calculo que o senhor não queira passar toda a vida a escrever catilinárias contra o Titi Trindade. Tem que se projetar no cenário estadual e mais tarde no federal.

Não acha, coronel?

Rodrigo percebeu um tremor na pálpebra do olho esquerdo do pai.

— É, meu filho, o senador tem toda razão.

— Mas uma reconciliação agora seria vergonhosa e eu prefiro o anonimato, o ostracismo político, tudo, a ter que me retratar.

— Não estou pedindo que o senhor se retrate. Seria uma indignidade. Fique quieto no seu canto e vamos deixar que o tempo se encarregue do resto.

Quando o visitante se retirava, Rodrigo percebeu que Maria Valéria ficava a espiá-lo pela fresta duma porta. Licurgo levou o senador até a porta, onde se apertaram as mãos.

— Sua visita foi uma honra para esta casa.

Rodrigo sentiu um contentamento de namorado quando Pinheiro Machado pôs-lhe a mão no ombro, já com uma intimidade de velho amigo.

— Vamos, Rodrigo, quero que me acompanhes até a casa do Joca

Prates. Não tenhas receio, o Trindade não estará lá e, se estiver, dou-te a minha palavra como não te forçarei a uma reconciliação com ele.

Foi com uma exaltada sensação de orgulho que Rodrigo saiu a caminhar pela rua do Comércio ao lado de Pinheiro Machado.

— Vou conversar com o dr. Borges de Medeiros a. teu respeito - prometeu o senador. — Vejo em ti um bom corte de deputado. É só questão de tempo. Estás ainda muito moço. Mas… digamos, daqui a uns quatro ou cinco anos, quem sabe? Deixa que esses petiços de fôlego curto fiquem correndo carreira nestas canchas municipais. Tu és parelheiro que merece tomar parte em páreos mais importantes.

Está tentando me subornar - refletiu Rodrigo - está me acenando com uma deputação…

Não sabia se devia indignar-se ou envaidecer-se ante aquelas palavras. Amanhã poderia fazer o que bem lhe aprouvesse: ressuscitar A Farpa, romper fogo de novo contra a situação, atacar o próprio Pinheiro Machado… (esta ideia lhe dava uma reconfortante sensação de força, por mais improvável que parecesse). Agora, porém, ele, Rodrigo Cambará, simplesmente se entregava ao esquisito prazer de ser cortejado por uma figura do porte do "condestável da República".

Entraram a conversar sobre as últimas eleições, e, ao passarem pela frente do Centro Republicano, de cujas janelas muitos dos apaniguados de Titi Trindade viram com indisfarçável espanto Pinheiro Machado de braço dado com o diretor Da Farpa, Rodrigo perguntou: - O senhor não acha uma pena que um homem da inteligência, da cultura e do caráter de Rui Barbosa não tenha ainda conseguido chegar à presidência da República?

O outro, que naquele momento tirava o chapéu para responder ao cumprimento dum homem que passava a cavalo pelo meio da rua, pareceu não ter ouvido toda a pergunta.

Deu alguns passos mais em silêncio e, depois, sem fugir completamente ao assunto, desconversou: - Quando meus amigos vieram me dizer que o Rodrigues Alves tinha recusado sua candidatura pela oposição, estavam todos contentes, pois achavam que no senador Rui Barbosa teríamos um adversário fraco, sem dinheiro nem partido. Discordei deles e disse: "Estão enganados! Não podíamos ter pior adversário. Se o candidato fosse o conselheiro Rodrigues Alves, ele ficaria em casa, depois de fazer dois ou três discursos, e seus correligionários é que teriam de levar adiante a campanha, e, fechadas as Câmaras, a comédia estaria acabada. Mas com Rui a coisa muda de figura. Esse homenzinho vai agitar o país inteiro, na imprensa e na praça pública. Não se iludam, o Rui não teme coisa alguma. Ouçam o que lhes digo, rapazes, esse baiano só tem uma qualidade maior que seu talento: é a sua coragem".

Pouco depois, quando já se aproximava da praça Ipiranga,

Pinheiro Machado baixou a voz: - Sabes que a situação financeira do Rui é calamitosa? Não tem dinheiro e está cheio de dívidas. Foi o que ganhou com a campanha civilista.

Rodrigo sorriu.

— Então essa história de "mártir da convenção" é mais que uma frase?…

O senador sacudiu lentamente a cabeça. E minutos depois, à frente da casa de Joca Prates, disse ao apertar a mão de Rodrigo: - Há homens que nasceram talhados para o sacrifício. Mas uma coisa te posso garantir: eu não tenho vocação para mártir.

XX Foi um inverno rude e cruel, aquele. A água da lagoa do cemitério amanheceu um dia coberta com uma camada de gelo da espessura dum vidro de vidraça. As geadas eram frequentes e, para cúmulo dos males, junho fora um mês chuvoso. Agosto entrou com um rijo minuano, que soprou durante dois ou três dias sem parar, sob um céu tão límpido e rútilo, que parecia - no dizer de Maria Valéria - ter sido esfregado a coco com sabão. O Zago declarou que, desde que se estabelecera com farmácia, jamais vendera tantos xaropes e pastilhas contra tosse, tantos sinapismos, cataplasmas e linimentos. Os bolicheiros aumentaram sensivelmente a venda de cachaça. A Casa Sol esgotou seu estoque de ponchos, capas e artigos dela.

Sempre que fazia sol, depois do meio-dia viam-se nos quintais, nas praças ou nas calçadas, homens a lagartear, metidos em ponchos, capas ou sobretudos, pitando, conversando, tossindo, expectorando ruidosamente, falando do tempo ou da política, recordando outros invernos e comparando-os com o presente. Quando anoitecia, as ruas ficavam completamente desertas e às vezes as únicas vozes que se ouviam nelas era o uivo do vento ou o ladrar de algum cachorro vagabundo. Em compensação, aquele inverno trouxe uma abundância de laranjas e bergamotas duma doçura de mel.

Os serões na casa dos Quadros recendiam confortavelmente a açúcar queimado. Dona Laurentina esperava Rodrigo com uma panela cheia de pinhões quentes. Aderbal zombava do futuro genro 472 que, muitas vezes, para ser agradável à noiva, ficava a tomar mate doce em companhia das mulheres. E agora, passado o período de cerimônia, o noivo era recebido na cozinha, onde durante os serões, conversavam ao pé do fogo.

No princípio daquele inverno, o coronel Maneco Macedo caíra de cama com pneumonia, ficando à morte. Chamado a atendêlo, Rodrigo passou várias noites em claro à cabeceira do doente, conseguindo pôlo completamente fora de perigo antes de agosto. E quando, ainda na cama, emagrecido, pálido, barbudo, numa trêmula alegria de convalescente o estancieiro lhe pediu a conta, Rodrigo perguntou: "Por que tanta pressa?" Como o paciente insistisse, resolveu: "Bom.

Fica a. seu critério. O que o senhor decidir está bem". Achava ainda desagradável fazer preços, cobrar contas, principalmente quando o cliente era pessoa de suas relações. No dia seguinte Maneco Macedo mandou-lhe à casa dois contos de réis dentro dum envelope, o que pareceu a Rodrigo um pagamento mais que generoso. E estava ele a pensar na melhor maneira de gastar aquele dinheiro - mais conservas, discos novos? perfumes? roupas? um presente para Flora? - quando lhe apareceu Marco Lunardi, dizendo que a maquinaria encomendada para a fábrica estava a caminho, e, se o doutor inda se lembrava - não é? - do que haviam conversado o outro dia, pois é... E ficou com um ar acanhado, as mãos na cintura, sem muita coragem de olhar o amigo bem nos olhos. Claro! - exclamou Rodrigo. E passou-lhe sem pestanejar o dinheiro que recebera do coronel Macedo. E quando o colono falou em assinar uma letra, repeliu a sugestão. Haveria melhor documento que a palavra dum homem honesto?

— Mas os honestos também morrem, doutor...

— Pois se morreres perderei apenas dois contos de réis, ao passo que tu terás perdido a vida. Como vês, teu risco é maior que o meu. Portanto, não se fala mais no assunto. Vamos comemorar o acontecimento.

Beberam um copo de Chianti à prosperidade da fábrica de massas alimentícias de Marco Lunardi.

Dona Emerenciana também caíra de cama em meados de julho. Não quis saber do dr. Matias nem do dr. Píndaro, o médico militar: queria era o Rodriguinho. "Chamem esse menino, senão eu morro!"

Rodrigo sentiu uma curiosa sensação ao entrar pela primeira vez em sua vida no casarão dos Amarais. No Sobrado sempre ouvira referências à velha rivalidade entre Cambarás e Amarais. Sabia que fora naquele severo casarão de pedra que seu bisavô morrera em 1836 varado por uma bala disparada possivelmente por um Amaral. Em 95 os federalistas, comandados por Alvarino, haviam sitiado o Sobrado, atirando contra a casa e seus moradores. As relações de Rodrigo com o marido de dona Emerenciana eram as mais equívocas. Pouco se viam, e quando se avistavam na rua mudavam de calçada, dobravam esquinas, faziam o possível para não se defrontarem. Rodrigo, porém, não tinha nenhum rancor por aquele homem, e sabia que Alvarino mais duma vez se referira a ele em termos elogiosos e cheios de simpatia.

Agora cá estou eu entrando no casarão dos Amarais... Uma cena que bem podia estar nos folhetins de dona Emerenciana. Que dirá o papai quando souber disto? Bolas, no fim de contas sou médico e não posso faltar ao meu juramento. Recebi um chamado e vim...

Alvarino, que o esperava no vestíbulo, estendeu-lhe a mão. Rodrigo, apertou-a em silêncio. Dona Emerenciana recebeu-o

efusivamente, com beijos na face e protestos de amizade. Rodrigo examinou-a e interrogou-a com todo o cuidado. Saiu do quarto e chamou o marido à parte.

— O coração de sua senhora não está nada bem… O que ela precisa é dum máximo de repouso e dum mínimo de emoções. Ah! E imprescindível também que emagreça uns dez quilos.

O dono da casa fez um gesto de impaciência.

— A Emerenciana é uma mulher das custosas! Gosta de doce que nem formiga. Passa o dia comendo essas porcarias.

— Vou receitar um remédio e dar instruções para uma dieta.

Durante os vários dias seguintes, Rodrigo visitou sua amiga a horas certas. Uma noite encontrou no quarto da doente tia Vanja, que, sentada ao pé do leito, com os óculos na ponta do nariz, lia à luz dum lampião o folhetim do Correio do povo, enquanto dona Emerenciana, sentada na cama, especada entre travesseiros a escutava de olhos semicerrados e uma expressão de felicidade no rosto. Rodrigo ficou entre as duas mulheres por alguns minutos estonteado no meio de tantas expressões carinhosas que partiam ora duma ora doutra, numa espécie de torneio em que cada qual se empenhava em descobrir a frase mais tenra, o adjetivo mais elogioso para atirar sobre o "Rodriguinho". Despediu-se delas, deixando-as a discutir as personagens do folhetim como Se se tratasse de criaturas vivas que conhecessem na intimidade. Será que o conje vai casar com a Marie? E por que é que aquele sem-vergonha do dr. Monet não volta para o lar? Anda bebendo nas tavernas enquanto a pobre da esposa fica em casa se esfalfando a costurar, a costurar, a costurar…

Certa manhã de espessa geada, espalhou-se a notícia de que na Sibéria uma criança havia morrido enregelada. Rodrigo tomou o carro e foi vê-la. Dava-se o nome de Sibéria a um agrupamento de ranchos miseráveis situado no alto duma coxilha, a leste da cidade. A denominação vinha do fato de ser aquela a zona mais fria de Santa Fé.

A criança morta estava atirada no chão, ao ar livre, hirta e roxa, com o rosto úmido de geada, os olhos abertos e vidrados. Os parentes achavam-se reunidos em torno do pequeno cadáver, com uma expressão de estupidez nas caras macilentas Rodrigo providenciou para que se fizesse o enterro à sua custa deu dinheiro aos pais da criança e voltou para casa profundamente abalado. Era incrível que coisas como aquela pudessem acontecer. Sentia-se um pouco culpado daquilo, pois não havia levado avante 475

seus projetos de assistência aos pobres. Andava demasiadamente absorto na fruição feliz de sua própria vida, de seus prazeres e de seus êxitos.

Naquela semana levou ao Barro Preto, ao Purgatório e à Sibéria carroças cheias de sacos de feijão, milho, arroz, batatas - gêneros que

distribuiu entre os necessitados com entusiasmo e generosidade, mas sem o menor método. Comprou cobertores e andou pelas casas dos amigos a pedir roupas e cobertas velhas, sapatos usados, ponchos, palas, chapéus, meias… Encheu algumas carroças com todas essas coisas e tornou aos subúrbios da miséria. Convidou Chiru, Neco e don Pepe para ajudá-lo. O espanhol trabalhou com os amigos sob protesto, murmurando a cada passo: "Esta no es Ia manera de resolver los problemas sociales. Eso es humillante. La fétida caridad cristiana!

La pútrida generosidad burguesa!"

— Cala a boca, Pepito - ralhava Rodrigo, alegremente. — Trabalha, vamos!

Ele próprio andava dum lado para outro, a distribuir roupas, entrando e saindo dos ranchos e fazendo perguntas: - Quantos filhos tem? Onde é que trabalha? Quem é que está doente aqui? - Enfurecia-se quando não conseguia respostas claras ou quando, no temor de serem esquecidos, aqueles miseráveis se acotovelavam num atropelo, procurando cada qual ser o primeiro a receber os presentes.

— Ou vocês se acalmam ou eu paro com a distribuição e vou-me embora!

Erguiam-se para ele mãos ossudas e encardidas, caras terrosas e descarnadas, como de cadáveres recém-desenterrados. Santo Deus! Ali estavam mulheres feias e entanguidas, muitas delas aleijadas e quase todas com grandes olhos de tísicas; e homens guedelhudos, cujas barbas escuras e intonsas faziam ressaltar a palidez doentia dos rostos.

Havia ali, numa promiscuidade repugnante, criaturas anquilosadas, roídas de tuberculose ou sífilis, escalavradas pela sarna, debilitadas pela disenteria. Crianças sem infância, algumas com caras de fetos ou de bugios, outras de ventre intumescido pela opilação. Aquela gente tresandava a suor mil vezes dormido, a picumã e a urina seca. Rodrigo chegava a ver em alguns deles os pulmões 476 carcomidos: quando falavam, parecia que iam vomitar pedaços dos bofes. Surgiam também homens e mulheres com feridas purulentas à mostra. Aonde vai parar a nossa raça? - perguntava Rodrigo a si mesmo. Se não tomarmos uma providência séria, dentro de cinquenta anos seremos um povo liquidado!

Tornou à casa deprimido e fatigado, com um peso na consciência. O que ele fizera naqueles dias não resolveria o problema. A miséria e a doença continuariam entre aquela população desgraçada. A chaga seguiria aberta, a verter sangue e pus. Poderia ser remediada e até mesmo curada se todos os ricaços de Santa Fé decidissem entrar com uma quantia mensal com o fim de dar assistência àqueles indigentes. Mas qual! Viviam insensíveis às desgraças alheias, passavam sempre ao largo por aquela miséria.

Exaltado, Rodrigo planejava fazer mais, e mais. E ainda naquele

inverno, mandou trazer a seu consultório muitos dos habitantes dos subúrbios. Examinou-os, deu-lhes remédios e dinheiro para comprar leite.

"É o pai da pobreza" - dizia tia Vanja para Maria Valéria. — "Cabecinha de ébano, coração de ouro."

E Cuca Lopes, adulão, uma tarde na farmácia, puxando insistentemente no guarda-pó branco de Gabriel, que mirava Rodrigo com uma expressão quase extática, exclamou: "Que seria de nós sem o Rodrigo, hein, que seria de nós?" O Pitombo da casa funerária fez um poema de pé quebrado a que deu o título de "Pai dos desgraçados e no qual narrava os feitos caridosos Do mancebo que habita Aquela casa bonita…

A visita do Pinheiro Machado ao Sobrado e o fato de ter sido o grande homem visto na rua de braço dado com Rodrigo Cambará tiveram um efeito mágico sobre muitos santa-fezenses a quem a campanha da Farpa contra a situação afastara dos Cambarás. Ro~ 477 Rodrigo notava isso na maneira amável e cordial com que certos republicanos agora o cumprimentavam.

Em meados de agosto, A Voz da Serra apareceu com um editorial cheio de subentendidos, em torno dessas rusgas de famílias que ocorrem periodicamente dentro dos partidos, mas que nada significam, por serem meras tempestades dentro dum copo d'água. Nesse mesmo número, publicava-se uma notícia discreta sobre a distribuição de gêneros alimentícios, roupas e cobertores à pobreza, por iniciativa dum jovem e prestigioso conterrâneo, cujo nome deixamos de mencionar para não lhe ferir a reconhecida modéstia.

Rodrigo leu o editorial e a notícia a sorrir e a murmurar por entre dentes "Cachorros", mas na realidade já sem muito rancor, esquecido das ofensas passadas, compenetrado de seu papel de pai dos pobres, que o predispunha à tolerância e ao perdão. Mostrou o jornal a Licurgo: - Estão procurando uma brecha pra reconciliação. Influência do senador…

— E qual vai ser a sua atitude?

— A de sempre. Inflexível. Tenho mais que fazer do que andar me preocupando com essa corja.

Com efeito, tinha muito que fazer. Durante aquele agosto, sua atividade profissional chegou ao auge. Só numa semana atendeu quase duzentos indigentes no consultório e uns vinte a domicílio.

Um dia vieram-lhe contar que o Zago dissera: "O Rodrigo está fazendo toda essa caridade por pura exibição".

Ficou possesso, botou o chapéu na cabeça, deixou no consultório um cliente semidespido ("Fique aí que eu já volto!"), entrou na Farmácia Humanidade, segurou o Zago pela gola do guarda-pó, sacudiu-o, empurrou-o violentamente contra a parede e berrou-lhe na

cara: - Se continuares a falar mal de mim, cafajeste, eu te quebro essa cara, estás ouvindo? Fica sabendo que comigo ninguém brinca.

O Zago empalideceu. Não reagiu, ficou mudo, a boca aberta de espanto, os olhos esbugalhados, os braços caídos. Rodrigo largou-o com uma careta de nojo, fez meia-volta e ganhou a rua, já irritado consigo mesmo por ter feito aquilo. Que lhe importava o 478 que pudesse andar dizendo dele um boticário ignorante e despeitado?

Ao consultório já agora não lhe vinham apenas doentes: começavam a aparecer pessoas que pediam conselhos, soluções para problemas de natureza íntima, em geral questões de família, dificuldades financeiras ou desavenças entre marido e mulher. “O senhor, que é um moço instruído e viajado, me diga o que é que devo fazer.”

Em casa, à hora das refeições, Rodrigo falava à madrinha nos casos que surgiam. Maria Valéria achava uma pouca-vergonha ter uma pessoa a coragem de contar a estranhos intimidades de alcova, mazelas morais próprias ou de membros da família.

— Imagine, titia, eu agora feito juiz de paz. Era só o que me faltava!

Dava a entender que aquilo o desgostava, mas a verdade era que se sentia lisonjeado. Homens que teriam a idade de seu pai, vinham pedir-lhe o apoio moral, uma orientação na vida. Naquela última semana havia reconciliado um casal e impedido que um filho de Pedro Teixeira tirasse uma moça de casa.

Um sapateiro remendão que tinha a banca na rua do Faxinai, e a quem Rodrigo lancetara um tumor no pescoço, apareceu-lhe um dia no consultório, contando-lhe, choroso, que um empregado da Auxiliaire lhe havia desonrado a filha de dezessete anos e recusava casar-se com ela.

Rodrigo foi procurar o sedutor, que era foguista, e encontrou-o nas oficinas da estação, junto da locomotiva, vestido de zuarte, com a cara riscada de carvão. Disse quem era e a que vinha. O rapaz quedou-se num silêncio constrangido. O médico começou o sermão.

— O senhor procedeu muito mal e agora a única solução decente é o casamento.

— Mas foi ela que se ofereceu, doutor.

— Não importa. Repare o mal que causou e evite que essa pobre menina caia na vida.

— Mas é que ganho muito pouco.

Rodrigo continuou a arengar o foguista. Usou a princípio de meios persuasórios. Por fim, perdeu a paciência e ameaçou: ou casa ou vai pra cadeia! Com quem é que você pensa que está tratando? Tenho prestígio suficiente junto da Auxiliaire pra botar você pra rua imediatamente!

O foguista ficou lívido. Seus lábios tremeram e por seus olhos miúdos e escuros passou a sombra do medo. Rodrigo não tardou em compadecer-se do pobre-diabo. Tomou-lhe o braço. Não se preocupe. Eu ajudo vocês. Meu pai tem um chalezinho perto dos trilhos. Casem e vão morar lá de graça. Eu pago também as despesas do casamento. Vai ser no dia 1° de setembro. Está bem? Vamos então providenciar prós papéis…

Assistiu ao casamento religioso como padrinho da noiva. Seu primeiro pensamento ao vê-la foi: “Não teve mau gosto, o salafrário”. A menina tinha uma languidez morna e quase mórbida nos olhos castanhos, de longos cílios, e era duma sensualidade que por assim dizer estava visível a flor dos lábios carnudos.

Levou os noivos de carro para o chalé, e ao voltar para casa soltou um tundo suspiro, dizendo para Bento: - Ufl Desta estou livre.

Acendeu um cigarro, contente por ter feito uma boa ação. Mais um crédito na minha conta corrente no céu - pensou, sorrindo.

Duas semanas mais tarde, a noiva entrou-lhe no consultório choiamingando que o marido estava embriagado em casa, ameaçando espancá-la.

Rodrigo ficou agastado. Que diabo! Que é que pensam que eu sou? Delegado de polícia? Vigário? Fiz vocês casarem, arranjeilhes onde morar, paguei as despesas, que mais querem?

A rapariga não dizia nada, limitava-se a chorar de mansinho, mordendo os lábios, apertando os olhos e deixando que as lágrimas lhe escorressem livres pelo rosto cor de oliva.

Está bem. Vamos embora.

Mandou o boleeiro trazer o carro, entrou nele cinco minutos depois chegavam ao chalé.

— Me espere aqui, que já volto, Bento. Se precisar, eu grito.

Entraram. O chalé era pequeno, mas asseado. Encontrou o ferroviário estirado na cama, de borco, a ressonar, uma garrafa de cachaça ao lado. Olhou para a rapariga como a pedir-lhe uma explicação. Ela balbuciou: - Ainda agorinha ele estava acordado, querendo surrar em mim. Saíram do quarto e fecharam a porta. Rodrigo voltou-se

para a menina e pôs-se a dar-lhe conselhos. Tenha juízo, procure conversar direitinho com seu marido, seja boa para ele, tenha esperança, vocês são muito novos…

Continuou a falar, sem prestar muita atenção os olhos sempre fitos na interlocutora, que o mirava de um jeito que começava a deixá-lo perturbado. Calou-se, e o silêncio que se fez naquela sala sombria, de janelas fechadas, foi tão sugestivo i de súbito teve uma consciência agudíssima da presença daquêle corpo cálido e jovem ali junto do seu. Conntinuou a falar… Pois é. Tenha paciência, com o tempo isso se arranja. Os seios dela arfavam e em pensamento tomou-os nas mãos como se fossem limões verdes e rigos. Por que não? Por que não? Essa bruaquinha talvez nem saiba direito o que está fazendo. Mas acontece que eu sei. É melhor ir embora antes que me metam noutra enrascada… Aquêle idiota bêbado lá no quarto, sem saber direito o que tem em casa. Deus dá nozes… Sim, mas eu tenho dentes, e rijos. Vou morder esses limões. — A morena sorria. Rodrigo estendeu os braços, puxou-a para si.

Pensou nos chapéus-de-cobra que o corpo de Ondina tinha esmagado no chão do mato. Não havia cogumelos no chalé e a mulher do foguista, ao contrário da caboclinha 481 revelou uma experiência amorosa que o deixou surpreendido. Onde, diabo, essas rapariguinhas aprendem tanta coisa em tão pouco tempo?

Instinto - refletiu ele ao sair do chalé, um quarto de hora mais tarde. Onde é que os animais aprendem? Em alguma escola? Em algum compêndio? Não. Puro instinto.

Sexo é instinto.

Não gostou do olhar oblíquo e malicioso que Bento lhe dirigiu, quando ele subiu para o carro. Será que o patife suspeita de alguma coisa? Será que andou me espiando?

— Me metem em cada embrulho! - exclamou. Bento fez estalar o chicote. Os cavalos arrancaram.

No caminho, Rodrigo arrependeu-se do que havia feito. Será que nunca vou criar juízo? Traço uma linha de conduta, sigo-a durante algum tempo e de repente, sem saber como, caio no primeiro alçapão que me armam. Minha afilhada de casamento! Bom. Que seja a última vez. Mas o que eu preciso mesmo é casar o quanto antes!

Naquela noite teve uma conversa particular com o futuro sogro e sugeriu que o casamento fosse marcado para outubro próximo. Babalo chamou a mulher e consultou-a.

Impossível! - declarou Dona Titina. O enxoval da Flora ainda estava atrasado. Então novembro!- contemporizou Rodrigo. A futura sogra sacudiu negativamente a cabeça.

Também não dá, é muito em cima do laço… Pra que tanta pressa? Até nem fica direito. Por que não deixam a coisa pró ano que vem?

Rodrigo saltou da cadeira: - Isso não!

Babalo picava fumo, fleumático, olhando para o futuro genro corno que a divertir-se com seu açodamento.

— Não se afobe. Vá comendo os bolinhos da Titina. Tem tempo! Depois conversaremos.

Depois! Depois! Sempre depois! As eternas conveniências sociais, os eternos "não se pode", o medo dos filhos da Candinha, da boca do povo! Soltou um suspiro de impaciência, mas não teve outro remédio senão conformar-se com a situação.

Um dia foi procurado pelo irmão Jacques e mais dois maristas, que lhe vieram comunicar tei sido ele eleito presidente honorário do Sport Club Chairua.

— Mas eu não entendo nada de futebol! - escusou-se, não de todo contrariado pela notícia.

— Não é mesmo para entender, doutor - disse um dos religiosos. — Só queremos o seu nome para prestigiar o nosso clube. Já temos o nosso team, o nosso gronnd, e domingo que vem jogaremos uma partida contra o Sport Club Cruz Alta.

Rodrigo mandou buscar à adega uma garrafa de vinho branco e bebeu com os três maristas à saúde da nova sociedade esportiva.

No domingo seguinte, por volta das duas e meia da tarde, a banda de música militar rompeu a tocar inesperadamente diante do Sobrado. Maria Valéria e Licurgo correram à janela, intrigados. Rodrigo apressou-se a tranquilizá-los.

— Não se assustem! Devem ser os jogadores.

De fato, no meio da rua, à frente da banda do regimento de infantaria, achava-se um dos filhos do Pedro Teixeira, empunhando uma grande bandeira tricolor. A seu lado, formados em fila singela, viam-se onze rapazes metidos em camisetas de listas coloridas, calções brancos curtos, e grossas meias de lã de cano comprido.

Quando Rodrigo apareceu à janela, um dos maristas ergueu o chapéu no ar e bradou: - Viva o nosso presidente honorário!

Os jogadores romperam a gritar em uníssono: Hip-hip-hurrah! Hip-hip-hurrah!

Rodrigo sorria, respondendo à saudação com acenos. A seu lado, muito séria, Maria Valéria murmurou: - Que pouca vergonha! Uns homens grandes e peludos de calça curta!

Rodrigo teve a surpresa de ver, quase irreconhecível entre os jogadores, o irmão Jacques, também uniformizado, com um barrete vermelho na cabeça. Pendia-lhe do pescoço, amarrado a um barbante, um apito de metal.

O team de Cruz Alta, chegado aquela manhã em trem especial, estava hospedado no Hotel dos Viajantes, onde agora esperava os rapazes do Charrua para com eles desfilar pelas ruas, ao som de

dobrados, rumo da cancha, que ficava para as bandas do cemitério.

Rodrigo não teve outro remédio senão assistir à partida. Pediram-lhe que desse o kick-off. Antes, porém, teve de fazer um breve discurso de saudação aos visitantes.

Depois deu um pontapé na bola, sob aplausos, e voltou para as bancadas, onde ficou sentado em companhia de dois maristas.

Havia pouca gente assistindo ao jogo. Um dos religiosos disse: - O doutor compreende, é um esporte novo e o povo ainda não está familiarizado com ele. Mas dentro de alguns anos o futebol terá muitos aficionados.

Entrou a explicar as regras do jogo a Rodrigo, que não conseguiu interessar-se por elas e muito menos compreendê-las. O que ele achava interessante e pictórico era ver aqueles rapazes de uniformes coloridos (os cruz-altenses traziam camisetas azuis) a correr dum lado para outro, sob um céu luminoso sem nuvens, enquanto um nordeste picante fazia tremular as bandeiras de ambos os clubes. Quanto ao mais, parecia-lhe grotesco, absurdo que andassem aqueles vinte homens a correr desesperadamente atrás duma bola, a darem-lhe valentes pontapés, a se empurrarem e trocarem caneladas. Ao cabo de vinte minutos de jogo os cruz-altenses conseguiram fazer a bola passar por entre as traves do goal dos santa-fezenses, o que pôs toda a equipe visitante num delírio de pulos, abraços e aclamações. Os maristas estavam arrasados.

"Foi culpa do goal-keeperf - bradou um deles, gesticulando. — “Deixou a bola passar pelo meio das pernas.”

A esfera de couro foi posta no centro do campo e Rodrigo viu irmão Jacques passá-la para o companheiro da direita, que tornou a devolvê-la ao marista, o qual se precipitou a correr com ela na direção do goal cruz-altense, esquivando-se dos adversários que o atacavam e conseguindo, por fim, com um violento pontapé, fazê-la passar por entre as mãos do goal-keeper de Cruz Alta. Estava empatada a partida. Os dois maristas, de pé, os chapéus no ar, gritavam: '" Epatanti Formidable! Colossal!' E faziam sinais frenéticos 484 para o irmão Jacques, que acenava para eles, sorridente, e quase tão vermelho quanto o barrete que lhe cobria a cabeça.

Na segunda metade do jogo houve, em dado momento, um tremendo choque, peito contra peito, entre dois adversários, e ambos tombaram ao chão, aparentemente sem sentidos.

Rodrigo foi chamado para atendê-los. Empregou num deles a respiração artificial, mandou dar um gole d'água a ambos, e dentro de dez minutos declarou-os aptos para continuarem a jogar.

Pouco antes das cinco horas, voltou para o Sobrado, extenuado, o corpo moído, como se ele tivesse andado a correr durante oitenta minutos atrás daquela pelota de couro.

— Presidente honorário do Charrua! - exclamou ao estender-se na cama com um gemido. — Me acontece cada uma!

Na primeira semana de setembro uma troupe espanhola, Los Farsantes de Sevilla, veio dar quatro espetáculos no Teatro Santa Cecília. Era um grupo pequeno, composto de don Porfírio Palácios, barítono, de sua esposa, soprano ligeiro, duma cançonetista e dançarina ainda jovem, "La Granadina", e dum catalão atarracado e de ar aborrecido, e que batia os acompanhamentos no piano com uma má vontade que se evidenciou ao público desde o primeiro espetáculo. Don Porfírio e a esposa cantavam árias e duetos de zarzuelas como Los gavilanes, La gran via, La verbena de Ia paloma e Dona Francisquita. Na primeira noite, ao interpretar o Cabbalero de grada, metido numa casaca bem cortada, don Porfírio conquistou desde logo a plateia. Era um homem bem conservado para os seus cinquenta e cinco anos de idade: estatura meã, rosto comprido e escanhoado, mas sempre sombreado de azul pela barba cerrada, a cabeleira rala com fundas entradas, o nariz longo e afilado. A esposa - alta, cheia de corpo, loura e imponente como uma valquíria - não estava artisticamente à altura do marido. Tinha uma voz estrídula e meio gasta, desafinava com frequência e não conseguia atingir as notas agudas das árias e cançonetas que interpretava.

O verdadeiro elemento de atração dos espetáculos, entretanto, era "La Granadina", que desde o primeiro número como que prendera fogo no elemento masculino da plateia.

Era uma madrilenha que beirava a casa dos trinta, miúda mas bem-feita de corpo, de olhos negros e vivos, uma voz meio rouca e um jeito canalha de menear os quadris.

Dançava jotas, seguidilhas e paso-dobles e cantava cançonetas cuja letra picante sabia enfatizar com olhares safados e oportunas piscadelas. As mulheres de Santa Fé acharam-na indecente, mas não puderam ficar indiferentes ante seu rico guarda-roupa, seus mantons fie mamla, seus leques, berloques, e peinetas. Quando ela entrava em cena, Rodrigo, que não perdeu espetáculo, tinha a impressão de que o teatro de repente ficava mais quente, como se houvessem aberto a boca duma fornalha.

Don Pepe, que desde a chegada dos Farsantes de Sevilla travara relações com os compatriotas, disse a Rodrigo: j-j.jy que conoccrlos, hombre. Don Porfírio es un tipo muy culto. Hijo de una família iluscrísima de Madrid, sabes? Me conto toda su vida; una verdadera novela. Es abogado pero abandono Ia profesión porque su pasión es ei teatro. Muy interesante. Y mira, hijo, "La Granadina", cofio, que mujercita!

Não estava Rodrigo interessado em conhecer pessoalmente Los Farsantes? indagou o pintor. Claro, homem, claro.

Combinaram que se encontrariam naquela noite na Confeitaria Schnitzler, depois do espetáculo com que a troitpe se despedia “dei distinguido público de esta hermosa ciudad”.

Don Porfírio fez um breve discurso em cena aberta. Um admirador desconhecido mandou ao palco uni ramilhete de flores para La Granadina. A sra. Palácios cantou uma ária da Traviata, c Rodrigo fechava os olhos e retorcia-se na cadeira, agoniado, sempre que a cansada soprano se avizinhava dos agudos.

Terminado o espetáculo, deixou Flora em casa e, como havia combinado, dirigiu-se para a confeitaria. Don Pepe lá estava, sentado a uma mesa com Los Farsantes de Sevilla. Fizeram-se as apresentações. Don Porfírio com suas mesuras de fidalgo, parecia ainda estar no palco, no papel dum caballero de grada. “Encantado, seiior, encantado, es un gran honor.” A soprano, vista de curta distância.

à luz de acetilene, com sua pele muito branca e gretada, tinha algo de boneco de maçapão. O aperto de mão de La Granadina foi quente e demorado e Rodrigo sentiu no olhar dela um mundo de promessas titilantes. Que pena essa diabinha ir embora amanhã… Don Pepe traçou para os compatriotas uma breve biografia de Rodrigo: quem era, o que fazia, o que representava para Santa Fé. Os outros olhavam para o biografado - don Porfírio com um ar respeitoso e admirativo; a esposa, apenas com um vago interesse; La Granadina, com uma espécie de atenção gulosa.

— Que vamos a beber? - perguntou a sra. Palácios. Rodrigo teve uma ideia.

— Esperem. Por que não vamos lá para casa? Temos melhores cadeiras, ótimos vinhos, umas guloseimas e um bom gramofone… Que tal?

A sugestão foi aceita com entusiasmo. Mas o bando não havia ainda chegado à calçada e já Rodrigo se arrependia do convite. Era-lhe agradável a ideia daquela tertúlia boêmia, mas ocorria-lhe agora que a visita dos espanhóis podia dar motivo a maliciosos comentários na cidade. Levar atores e atrizes a uma casa de família? Era uma coisa inaudita. Para aquela cidade provinciana, atriz era sinônimo de prostituta. Vou pagar caro por esta extravagância - refletia, caminhando ao lado de Porfírio, rua do Comércio em fora. Pensou na noiva e no que ela podia imaginar quando viesse a saber daquilo. E que diria seu pai? E sua madrinha? Felizmente eram onze horas da noite, a rua estava deserta, as casas fechadas. Ao mesmo tempo que fazia essas reflexões, Rodrigo revoltava-se não só contra os preconceitos sociais como também contra si mesmo por lhes estar pagando aquele tributo. Bolas !… Sei o que faço. Faço o que entendo.

Ao entrarem no Sobrado, don Pepe pediu que falassem bai-xo,

pois a madrinha de “mi amigo, una preciosa seiiora, ya está acostada”.

Rodrigo teve o cuidado de fechar a porta da sala de visitas que dava para o vestíbulo. E quando, depois duma excursão à cozinha, voltou com uma bandeja na qual se via uma garrafa de champanha, cinco taças e um prato com pequenas fatias de pão 487 barradas de caviar, don Pepe olhou para os compatriotas como a dizer-lhes “miren el amigo que tengo”.

Ficaram a conversar sobre cidades, viagens, vinhos e pessoas.

Rodrigo pôs o gramofone a funcionar. O Caruso, o Ainato, a Tetrazzini, e a Patti cantaram árias, mas don Pepe e don Porfírio estavam de tal modo empenhados numa discussão sobre política espanhola, que pareciam indiferentes às vozes que saíam da campânula do aparelho. E para se fazerem ouvidos um do outro, em meio do furor operático dos cantores, tinham quase que berrar. A sra. Palácios, que já bebera duas taças de champanha, dava risadinhas juvenis, com uma das mãos espalmada sobre os seios. Rodrigo divertia-se vendo o entusiasmo miudinho de roedor com que ela mordiscava o pão com caviar, exclamando de quando em quando: “Precioso, pre-ci-o-so”.

Rodrigo sussurrava perguntas ao ouvido de La Granadina. Gosta de ler? Não? E de música? Também não? De que é que gosta então? “Yo? Me gustan los muchachos guapos.”

E lançou-lhe um olhar que foi um convite.

Esta já tenho no papo - pensou Rodrigo. — E tem de ser agora. Nem que o mundo venha abaixo. ¨ Correu, azafamado, à cozinha e trouxe outra garrafa de champanha. Quando a rolha saltou com um estampido e a espuma transbordou La Granadina gritou “Olé!” e estendeu a taça. A soprano apanhou mais uma fatia de pão com caviar.

Don Porfírio fazia a defesa do rei Afonso XIII. Era um caballera perfecto, um homem de espírito e um democrata. Não tinha culpa “de Ias tonterías de su ministro, ese imbecil de Canalejas”. Don Pepe confessou que em 1905 tomara parte no atentado da rua Rohan, em Paris, contra a vida do soberano espanhol. "No!"- exclamou Don Porfírio. E quedou-se, de olhos muito arregalados, a contemplar o anarquista.

A meia-noite os dois espanhóis, a quem o champanha emprestava um ardor novo, entraram numa discussão de caráter topográfico: uma divergência sobre a localização dum determinado café de Barcelona. "Se queda en Ia Rambla de Ias Flores" - dizia um. “No - retrucava o outro. — Se queda en Ia Calle Aribau.”

— “Estás equivocado.” - “Pêro, hombre, he passado quince anos en Barcelona.” - “Pues yo he passado veinte, cofio!”

A soprano mal podia manter os olhos abertos. La Granadina e

Rodrigo escolhiam discos, de pé ao lado do gramofone, muito próximos um do outro, as cabeças a se encostarem, as mãos a se tocarem. Ele cochichou uma pergunta: - Os Palácios são seus parentes?

— Oh! Não, no. Simplesmente amigos.

La Granadina cheirava a claveles e tinha mãos de criança. Rodrigo não gostava da maneira como ela se vestia: os brincos dourados de cigana, o vestido cor de morango, A peinera com uma imitação de brilhante… Mas, que diabo! roupa é o que menos interessa neste caso…

— Quer ver a minha biblioteca?

— Donde?

— Na outra sala.

— Bueno…

Rodrigo pôs a girar no gramofone um disco de Caruso - a grande ária da Aida - para atordoar os outros e em seguida meteu-se com a espanhola no escritório. Sei que é loucura, mas agora ninguém me ataca, nem eu mesmo. Nestes assuntos, a surpresa é tudo. E até mais gostoso.

Fechou a porta a chave.

— Senor! - exclamou ela.

Rodrigo não perdeu tempo. Atirou-se sobre a La Granadina, enlaçou-lhe a cintura e beijou-lhe a boca com tão prolongada fúria, que a espanhola chegou a perder o fôlego.

Quando teve oportunidade para respirar, balbuciou: - Pêro los otros…

— Que vão pró inferno!

— Mira, por que no vienes a mi hotel, después?

— É agora ou nunca.

Não havia acendido o gás. A luz do luar entrava pelas bandeirolas. Na outra sala, Radamés proclamava seu amor pela celeste Aída.

Diabo! Quando o disco acabar, o idiota do Pepe é capaz de vir bater à porta. Não há tempo para perder.

La Granadina relutou por alguns segundos, esquivou-se em passos de dança, fez um pouco de teatro e acabou por se refugiar no espaço que havia entre o bureau e a parede, sob o retrato do Patriarca.

É aí mesmo que eu te quero, castelhana - pensou Rodrigo.

E avançou.

Nunca ficou sabendo se os outros “se haviam dado cuenta” do que acontecera. Voltaram à sala de visitas pouco depois para encontrar a soprano com a cabeça atirada sobre o respaldo da cadeira, cochilando, e Don Pepe e Don Porfírio ainda a discutir acaloradamente, enquanto a agulha do gramofone estava a rascar, a rascar, a rascar no rótulo do disco.

Los Farsantes de Sevilla retiraram-se do Sobrado à uma da madrugada em companhia de Pepe. Rodrigo ficou a sós no escritório, a fumar e a pensar em que a melhor coisa que tinha a fazer para seu bem, para o bem de Flora e do futuro de ambos era casar o quanto antes.

No dia seguinte, à noite, teve uma nova conversa com o futuro sogro e acabou por convencê-lo de que o casamento devia ser aprazado para dezembro. Dona Titina foi chamada, quis espichar o prazo ("Por que não em princípios do ano que vem?") mas Rodrigo dessa vez se mostrou inflexível. Ficou então combinado que casariam no próximo Natal.

XXI Em meados de setembro, Rodrigo embarcou para Porto Alegre, onde permaneceu durante quatro dias. Escolheu na melhor casa de móveis da capital uma mobília de quarto de dormir; mandou fazer várias fatiotas na alfaiataria de Germano Petersen; tirou retratos no Atelier Calegan; andou pelas lojas a comprar roupas brancas, gravatas, meias, lenços, perfumes; procurou alguns companheiros dos tempos de estudante; fez uma visita sentimental a Mélanie, com quem passou uma noite; comprou uma joia para Flora, um pala de seda para o pai, um revólver para Toríbio e uma série de outros presentes para distribuir entre os amigos e a negrada da cozinha… Feito isso tudo, preparou-se para voltar.

Na véspera da partida, meteu-se no Cinema Ideal. Viu uma comédia de Max Linder e um filme natural em que, entre outras coisas, aparecia, de chapéu alto e croisé, Mr. Fallières, presidente da República Francesa, a caminhar ligeirinho, com movimentos de boneco de mola, a cortar fitas inaugurais e a passar tropas em revista.

Seguiu-se um filme dramático da Vitagraph, uma fábrica norte-americana. Rodrigo achou-o divertido mas ingénuo. As htas que vinham dos Estados Unidos - refletia ele - não se podiam comparar com os capo/avori Italianos da Cines nem com as artísticas produções francesas da Gaumont, da Pathé Frères ou da Eclair. Saiu do Ideal a pensar em que seria magnífico se ele pudesse dotar sua terra dum cinematógrafo.

Chegou a Santa Fé com uma euforia de turista, decidido a pôr em prática muitos de seus velhos projetos.

— Precisamos de luz elétrica urgentemente! - disse ao pai. Licurgo, porém, sacudiu a cabeça, discordando.

— Acho que é muito cedo.

— Por que, papai? Podemos organizar uma companhia e vender ações a esses estancieiros. O dinheiro deles está criando bolor nos bancos e nas burras. A firma Bromberg & Cia. de Porto Alegre compromete-se a ficar com a metade das ações e a mandar as máquinas, engenheiros e mecânicos competentes para fazer a

instalação da usina.

Naquela semana mesmo reuniu no Sobrado as pessoas mais importantes de Santa Fé e expôs-lhes o plano da organização duma sociedade anônima para explorar o fornecimento de luz elétrica à cidade. Os homens o escutaram com uma atenção céptica. Quando Rodrigo lhes perguntou quantas ações iam subscrever, os estancieiros deram a entender que fora da pecuária nada os interessava. ("São mais fiéis às vacas do que às próprias esposas"- queixou-se mais tarde Rodrigo a Chiru.) Joca Prates prometeu pensar no assunto. Pedro Teixeira respondeu que no momento não dispunha de numerário. Cacique Fagundes disse um não redondo. Maneco Macedo declarou que poderia ficar com umas cinco ações, em atenção a Licurgo. E a reunião terminou nisso.

Rodrigo ficou desapontado. Cruz Alta estava nno ponto de construir uma usina e em breve teria suas casas e ruas iluminadas a eletricidade, ao passo que Santa Fé parecia condenada a passar o resto da vida a depender dos tristes lampiões do lobisomem…

Os positivistas tinham razão. Cada povo tem o governo que merece. Para uma cidade de mentalidade pecuária como aquela, só um intendente bovino como o Titi Trindade.

Em princípios de outubro Rodrigo recebeu pelo correio as cópias das fotografias que tirara em Porto Alegre: doze de corpo inteiro, de frente, e doze de busto, de três quartos. Ao mostrá-las aos amigos, dizia: - Não foi por faceirice, vocês sabem que não sou vaidoso. Mas quis ter uma lembrança deste momento feliz da minha vida…

Pepe Garcia examinou as fotografias demoradamente, de cenho franzido e, como Rodrigo lhe pedisse a opinião, cuspia: - Pútridas!

— Não digas isso, homem! Estão esplêndidas, todo o mundo acha.

— Todo el mundo menos yo. Y me gusta muchísimo estar contra el mundo.

— Mas que é que achas de mau nestes retratos? Não estão parecidos? A qualidade da fotografia não é boa? Ou é a pose? Vamos, explica-te.

— No tienen alma. Están muertos.

— Que quer dizer com “no tienen alma”?

— Mira, angelito, que vemos en estas fotografias? La imagen miniatural, en sepia, de un hombre. Pero quien puede decir, ai ver esas figuritas, como es ese hombre, Io que piensa, Io que siente?

— Mas como é possível uma fotografia exprimir tudo isso?

— Ah! Dices bien, como es posible que una fotografia… Bueno! Eso es Io que está mal. Una câmara fotográfica es una máquina e una máquina no tiene alma…

O pintor olhou fixamente para o amigo e recuou dois passos.

— No te muevas. Un instante… Bueno. Soltou um suspiro.

— Rodrigo, me gustaria pintar tu retrato de cuerpo encero… No! De alma entera!

Rodrigo lançou-lhe um olhar enviesado.

— Como pintaste o do coronel Teixeira?

— Oh, hombre, no, tu eres diferente. Ah, hijo, se consigo hacer io que me imagino, esa será Ia gran obra de mi vida. Después de eso enterraré mis pinceles e mi paleta.

Rodrigo sorria, já seduzido pela ideia. Ver-se retratado em cores, de corpo inteiro, não seria nada mau… O diabo do espanhol era habilidoso e, quando queria, era capaz de apanhar o parecido de seus modelos.

Quem sabe?

— Ya estoy a ver Ia obra acabada… Los hombres Ia miran e descubren tu alma, como si fueras transparente. Porque en ei retrato 492 493 estará no solamente tu cuerpo, pêro también tus pensamientos, tus deseos, tus pasiones, tu pasado, tu presente y tu futuro…

— Basta, Pepito. Eu me contento com o presente. Se me pintares bem como sou hoje, ficarei satisfeito.

— Pêro yo no me contentará con menos que Ia perfección. Todo o nada. Lãs cosas hay que hacerlas con pasión o no hacerlas. Quédate inmovil. Ya veo todo. Tamano natural, una ropa negra. La postura? Bueno, nada de convencionalismos burgueses; el modelo sentado en una silla, con Ia faz apoyada en Ia mano derecha, Ia izquierda apretando un libro? Nada de eso. Te veo en Ia cirna de una colma a mirar el horizonte, el porvenir, Ia gloria… El vicnto te agita los cabellos, tu hermoso rostro…

— Pepe! - sorriu Rodrigo. — Isso até parece uma declaração de amor…

— Y por que no, cofio, en el momento en que estaré pintando yo te amare como solo un artista sabe amar… Pêro no me interrumpas… El fondo dei cuadro será formado por Ias loxilhas y por el cielo de tu tierra, pêro el observador tendrá Ia impresión de nue en el rondo está el infinito.

— Qual é a cor do infinito?

— Te burlas de mi, no? Crees que estoy borracho, no? Pêro ya tengo título para el cuadro. Puede llamarse El favorito de los ãioses…

Rodrigo sorria, imóvel, como se fosse já a sua própria imagem pintada na tela. De súbito, como numa revelação, o pintor exclamou: - Chantecler! Si, tu eres el Gálio. Tu canto ha hecho el sol alzarse cn el horizonte, y ahora el sol te acaricia el rostro. Es Ia maííana de tu vida…

— Estás borracho, Pepito.

— Si, borracho, pêro no de álcohol. Borracho de belleza como

solo un artista verdadero puede estar.

Sentado agora, o pintor contemplava o amigo com olhos parados e mortiços. Foi numa voz diferente, cansada e lisa, que tornou a falar.

— Necesito preparar un lienzo… un metro de largo por dos de alto. Hay que comprar tintas, pinceles. Esa es Ia parte material de Ia cosa, hijo.

Estendeu para Rodrigo a mão magra e alongada, como a dos fidalgos e santos de El Greco.

— Dame dinero, vamos!

Sorrindo e sem saber bem até onde Pepe ia levar aquela farsa, Rodrigo meteu a mão no bolso - gesto que sempre fazia com espontaneidade - , tirou um maço de notas e deu-as ao amigo sem contar.

Depois desse colóquio, pepe Garcia desapareceu por completo da casa dos Cambarás durante uma semana inteira. Decerto botou fora o dinheiro que lhe dei para comprar a tela e as tintas - concluiu Rodrigo, achando isso muito natural e até divertido. E esqueceu o assunto.

Uma tarde, porém, o pintor irrompeu no Sobrado, trazendo a grande tela e um cavalete.

— Donde vamos a trabajar?

Rodrigo ficou um tanto apreensivo. Não lhe era agradável a perspectiva de ficar parado por largas horas, a posar.

— Essa história não vai levar muito tempo?

— Pêro que es el ciempo? Los hombres verdaderamente superiores no piensan en el tiempo. Yo nunca he usado reloj en toda mi perra vida. Mi medida de tiempo es Ia eternidad. Nosotros los espanoles somos así. Pêro Ia eternidad quizás no pase de una ilusión de los místicos. Y los místicos no pasarán de enfermos mentales. Seré yo un místico? O un enfermo mental? Bueno, los artistas verdaderos nunca son normales. Pêro quien es normal? Cállate, Pepe, cállate. A trabajar y a trabajar.

Ficou combinado que Rodrigo posaria duas ou três horas por semana, preferivelmente pela manhã, num dos quartos do andar de cima.

Rodrigo ficou meio confuso diante do que via na tela. Não conseguia reconhecer a própria fisionomia naquela confusão de riscos negros. O outro explicou: - Un pintor verdadero hace casi todo con ei pincel, con los colores.

No dia seguinte, Pepe começou a misturar as cores e Rodrigo, ao entrar na sala, achou agradável aquele cheiro de tinta a óleo e aguarrás. Imaginou que dali por diante tudo seria mais fácil e mais rápido. Enganava-se. A cada passo surgiam dificuldades e interrupções. Havia momentos em que Pepe estava de mau humor, nada o satisfazia, e ele acabava por fechar-se em silêncios casmurros.

Duma feita, desesperado por não poder reproduzir o tom exato da tez do modelo, atirou longe a palheta, lambuzando o soalho de tinta.

Noutros dias, era Rodrigo quem - no dizer de Maria Valéria - "amanhecia com o Bento Manuel atravessado". Vendo o modelo assim de aspecto azedo e sombrio, Pepe cruzava os braços e recusava pintar.

— No eres Rodrigo Cambará. Eres una otra persona, un impostor. Vamos, Ia sonrisa, Ia faz despejada, Ia mirada viva e limpia, Ia alegria de vivir, Ia confianza en ei porvenir!

Nas manhãs em que ambos estavam de mau humor, surgiam atritos e discussões, e mais duma vez Rodrigo abandonou a sala, intempestivo, batendo com a porta. Esses arrufos, não raro, duravam dias.

— Não sou nenhuma criança pra estar aqui fazendo papel de bobo! - exclamou ele no dia em que Pepe, de súbito, num capricho de prima-dona, largou a palheta e os pincéis e declarou que ia suspender o trabalho porque: "Ia luz hoy tiene algo de desfavorable, un cierto tono gris". Rodrigo, a quem a luz parecia tão clara e dourada como nas melhores manhãs, vociferou: - Ou tu apiontas essa droga duma vez ou eu não piso mais nesta sala!

— Ingrato!

Muitas vezes, porém, Rodrigo acabava rindo das excentricidades do espanhol. Por mais que se esforçasse, não podia levar muito 498 a sério aquele tipo, e já agora começava a duvidar de que o retrato pudesse ser terminado de maneira satisfatória.

Pepe contava que andava passando as noites em claro, a pensar naquela obra, e confessava que, se não conseguisse fazer o que queria, essa seria a mais amarga derrota de toda a sua vida.

— Me mato, chiquito, palabra de honor que me mato.

— Deixe de besteira, homem!

E assim se passou todo aquele resto de outubro e a primeira semana de novembro, que entrou com aguaceiros bruscos. Rodrigo já agora encontrava frequentes desculpas para faltar as poses: noites maldormidas, chamados urgentes alta madrugada, excesso de trabalho no consultório…

Certa manhã apareceu radiante no atelier cantarolando o La dojina é mobile, e contou a Pepe que na noite anterior uma comissão encabeçada pelo coronel Maneco Macedo viera ao Sobrado pedirlhe licença para lançar sua candidatura à presidência do Clube Comercial.

— Ya aceptaste? - indagou Pepe, indiferente, sem tirar os olhos da tela.

— Por que não? E preciso não deixar cair a diretoria nas mãos da cambada do Trindade.

— Glorias burguesas…

— Ah! Deixa-te de bobagem. Há muito que fazer naquele clube.

Vou aumentar o salão de baile, reformar o bufete, botar uns quadros nas paredes…

— Hablas como si ya estuvieras elegido…

— Se há coisa que não me passa pela cabeça é a ideia duma derrota. O coronel Macedo me garantiu que muitos republicanos vão votar em mim. Disse mais: que a situação até nem vai apresentar candidato!

— Bueno, bueno, me alegro que eso te haga feliz. Es exactamente esa expresión que deseo en tu rastro. La expresión de un triunfador.

Continuaram a conversar animadamente. Don Pepe, de quando em quando rompia a cantar trechos de Dona Francisquita, Rodrigo contou-lhe seus projetos. Estava tratando de convencer o pai 499 de que ele e Flora deviam passar a lua-de-mel na Europa. Disse isso e calou-se, a imaginar suas andanças por Paris em companhia de sua querida mulherzinha. Iriam ao Louvre, às Tulherias, à praça de 1'Étoile, ao Quartier Latin… Céus, quanta coisa! Imaginou, sorrindo, a expressão do rosto de Flora quando ele lhe mostrasse o pequeno pot lê chambre de Maria Antonieta…

Maria Valéria vinha às vezes olhar o progresso da obra. Parava diante do quadro, de braços cruzados, ficava ali por algum tempo em silêncio, e, depois de dirigir um olhar enviesado para o pintor, retirava-se.

Rodrigo observara que nos dias de ventania Pepe ficava mais agitado que de ordinário, dava voltas inúteis e incompreensíveis pelo quarto, exclamando: - Maldita primavera! No hace más que ventar, ventar y ventar…

No dia 15 de novembro Rodrigo apareceu com ar taciturno.

— Hoje toma posse o marechal Hermes. Pobre país!

Dias depois, porém, abriu impetuosamente a porta do atelier e, de cabeça erguida e ventas dilatadas como um potro, avançou para o pintor e despejou a notícia que o coronel Jairo acabara de lhe transmitir pelo telefone: - A esquadra revoltou-se, Pepito!

— Que escuadra, hombre?

— Ora, que esquadra! A nossa, a brasileira!

Contou, exaltado, que os marinheiros dos couraçados Minas Gerais e São Paulo e os do scout Bahia, de canhões assestados para o Rio, haviam passado um radiograma ao governo da República, exigindo a extinção do castigo da chibata a bordo, sob pena de bombardearem a Capital Federal.

— E o fim do governo do marechal! Imagina tu as bocas-defogo daqueles dois colossos da nossa armada assestadas para o Rio! O Hermes não tem outro remédio senão renunciar.

Pepe umedecia com a ponta da língua as bordas do cigarro que acabara de enrolar.

— Bueno, bueno, pero vamos a trabajar.

— Nunca! Hoje não vou posar. Tenho que sair pra desabafar. Naquele mesmo dia, após o almoço, encontrou no clube, como de costume, o coronel Jairo Bittencourt, que lhe narrou detalhes da revolta.

O capitão-de-mar-e-guerra João Batista das Neves, comandante do Minai Gerais, fora trucidado pelos seus subordinados. Os oficiais que não tinham conseguido escapar em tempo, haviam sido assassinados ou gravemente feridos pela marinhagem amotinada.

— Mas quem é o chefe da revolta, coronel?

— Um mannheiio preto, um tal de João Cândido, que há uns três anos comandou um motim a bordo do Tamandaré.

Sacudindo a cabeleiia fulva, Jairo suspirou.

— L. uma calamidade, meu amigo, uma verdadeira calamidade.

— Mas e o governo? Que faz o governo? Jairo encolheu os ombros.

— Parece que se recusa a negociar com os rebeldes.

— Mas é uma loucura. Mais tarde ou mais cedo terá que ceder para evitar que o Rio seja destruído!

Rodrigo passou os dois dias que se seguiram em estado de exaltação, desinquieto, ansioso ante a falta de notícias. As edições do Correio do Povo de 23 e 24 de novembro nada traziam sobre os acontecimentos da Capital Federal. As comunicações telegráficas com o centro do país pareciam interrompidas.

No dia 26 Rodrigo foi pessoalmente à estação comprar o Correio do Povo que vinha no trem de Santa Maria. Abriu o jornal. Lá estava uma página inteira de telegramas sobre a revolta da armada. Pôs-se a ler as notícias com a sofreguidão de quem devora uma novela de aventuras. Mas já dois dos subtítulos o deixaram gelado: “A anistia - Terminação da revolta”. Sim, vinham ao pé da página notícias decepcionantes. O Senado apressara-se a conceder a anistia aos revoltosos, e o presidente da República não se opusera à vontade dos senadores. Os rebeldes se haviam rendido.

Neste momento os navios Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Deodoro acabam de arriar o sinal de guerra, hasteando bandeira branca e salvando a terra com vinte e um tiros.

— Palhaços! - exclamou Rodrigo, amassando o jornal e atirando-o no chão.

Naquela mesma tarde entrou no atelier. calado e de cabeça baixa.

— É uma miséria, Pepe. A revolta fracassou. O Senado concedeu anistia e o governo continua de pé. Isso significa que temos de aguentar o marechal quatro anos!

O artista, porém, estava mais interessado no seu trabalho que na revolta de João Cândido ou nas possibilidades de queda do governo.

Naquele dia deu os últimos retoques no rosto do retrato e quando, terminada a pose, o outro quis ver o quadro, ele não permitiu.

— No. Prefiero que Io veas después, cuando yo haya terminado el fondo.

Levou a tela para casa e passou sumido uma semana inteira. Novembro estava a findar quando o castelhano telefonou a Rodrigo, comunicando-lhe dramaticamente que "Ia obra estava consumada" e que ele a levaria ao Sobrado dentro de poucos minutos.

Ao chegar, encarapitado na boleia da carroça que trazia a tela toda envolta em panos, encontrou o amigo a esperá-lo à porta. Levaram o retrato para a sala de visitas, onde o colocaram no cavalete.

— Prepárate, Rodrigo.

O pintor começou a desenrolar com mãos nervosas os panos que envolviam o quadro. Ao ver a própria imagem na tela, Rodrigo sentiu como que um soco no plexo solar.

Por um momento a comoção dominou-o, embaciou-lhe os olhos, comprimiu-lhe a garganta, alterou-lhe o ritmo do coração. Quedou-se por um longo instante a namorar o próprio retrato. Ali estava, nas cores mesmas da vida, o dr. Rodrigo Cambará, todo vestido de preto (Pepe explicava que o plastrão vermelho era uma licença poética), a mão 502 esquerda metida no bolso dianteiro das calças, a direita a segurar o chapéu-coco e a bengala. O sol tocava-lhe o rosto. O vento revolvia-lhe os cabelos. E havia no semblante do moço do Sobrado um certo ar de altivez, de sereno desafio. Era como se - dono do mundo - do alto da coxilha ele estivesse a contemplar o futuro com olhos cheios duma apaixonada confiança em si mesmo e na vida.

O êxtase de Rodrigo durou alguns segundos.

— Y que tal, hombre?

Foi então que ele se lembrou de que o retrato tinha um autor.

— Magnífico, Pcpito, formidável! Uma obra de arte. A parecença está surpreendente. . Eu… queres saber duma coisa? Pois olha… Até…

Não encontrava palavras para exprimir seu contentamento, sua admiração.

Precipitou-se para o pintor e estreitou-o contra o peito.

— Caramba! Pepe, palavra que nunca pensei…

Tornou a contemplar o quadro. Havia naquela figura uma poderosa expressão de vitalidade. Era o retrato de alguém que amava intensamente a vida, que tinha ânsias de abraçá-la, de gozá-la totalmente e com pressa. Sim, ele se reconhecia naquela imagem: a tela mostrava não apenas sua aparência física, as suas roupas, o seu "ar", mas também seus pensamentos, seus desejos, sua alma. Como era que o diabo do espanhol tinha conseguido tamanho milagre?

— Quizás sea mi canto de cisne…

— Mas por que, homem de Deus?

— Milagros como ese no ocurren dos veces en ia vida de un artista.

Os olhos do pintor estavam agora inundados de lágrimas. Rodrigo esforçava-se por dominar a própria comoção.

Maria Valéria foi chamada para ver a maravilha. Parou diante do quadro, olhou-o demoradamente em silêncio, e por fim disse: - Só falta falar.

— Pêro, seííora, ese retrato habla, dice todo!

Chiru e Neco também apareceram. O barbeiro achou que estava "supimpa". Chiru mirou o artista com admiração e afeto: - Esse castelhano duma figa até que tem jeito pra coisa!

O tenente Lucas pôs-se de ponta-cabeça para olhar o quadro e deu a sua impressão mimicamente, como uma personagem de cinematógrafo.

— É uma tela digna de qualquer museu! - opinou o coronel Jairo. — Vou trazer a Carminha para vê-la.

Carmem Bittencourt veio ao Sobrado naquela mesma noite, olhou longamente para a pintura e depois para Rodrigo, dum jeito que o deixou desconcertado.

O marido perguntou: - Então, meu amor, que achas? Sem altear a voz, respondeu: - É um retrato tão revelador que chega a ser indiscreto. Jairo desatou a rir. Rodrigo ficou perturbado, sem saber como interpretar as palavras da esposa do coronel.

Durante os dias subsequentes, grande foi a romaríaa ao Sobrado. Todos queriam ver "o portento".

Tia Vanja trançou as mãos diante do quadro, como se fosse rezar.

— A minha bolinha de ébano!

Dona Emerenciana queixou-se de que, como não frequentava o Sobrado por causa "dessas bobagens de brigas políticas", ia ficar privada de ver a obra-prima. Rodrigo generosamente mandou levar-lhe à casa o retrato, em cuja contemplação a esposa de Alvarino Amaral ficou por longo tempo. O quadro veio de volta com um recado: Diga pró Rodrigo que é a coisa mais formosa que já vi em toda a minha vida.

Flora apareceu uma noite com a mãe e o pai, especialmente para ver a tela.

— Nunca pensei que fosse ficar tão bem assim - disse. E mirou a figura por tanto tempo e com tamanha expressão de ternura, que Rodrigo chegou a ter ciúme da própria imagem.

Babalo plantou-se por alguns segundos a pitar na frente do quadro, enchendo o ambiente com a fumaça e o cheiro acre de seu cigarrão de palha. Por fim, olhando para Maria Valéria, murmurou - Está mais parecido com o Rodrigo do que ele mesmo. Que côsa

bárbara!

Gabriel ficou de boca entreaberta diante da pintura, num silêncio meio amedrontado. O Cuca aproximou-se da tela, cheiroua e nãoo resistiu à tentação de encostar o dedo nela.

— Que beleza, Rodrigo, que chique! Vai fazer inveja a muita gente. Já andam até dizendo pela cidade que não está parecido. Que mentira, hein? Que injustiça!

Mariquinhas Matos, que havia muito não entrava no Sobrado, achou um pretexto qualquer para vir, em companhia da mãe, visitar Maria Valéria. Depois de contemplar por algum tempo Oretrato, disse uma frase que escandalizou ambas as senhoras: - Um rapaz bonito como o Dr. Rodrigo não devia se casar nunca. É muito homem para uma mulher só.

Sua mãe empertigou-se na cadeira, alarmada.

— Mariquinhas! Isso é coisa que uma moça direita diga?

— Ora, mamãe, não estamos mais no século XIX, e sim em 1910!

Com uma loquacidade nervosa, começou a falar no movimento das sufragistas na Inglaterra. Quando ela terminou, a mãe procurou desculpá-la: - São os malditos livros que essa menina lê, D. Maria Valéria. Eu vivo dizendo pro Terézio que não deixe ela ler essas coisas modernas.

Rodrigo ficou encantado quando a tia, ao lhe reproduzir a ousada frase, da Gioconda, acrescentou - Aquela, se pudesse, te agarrava com as duas mãos.

Ele sorriu dum jeito que queria dar a entender que “a coisa nãoo era bem assim como a Dinda dizia”. Mas no fundo concordava com ela e sentia-se lisonjeado.

Quando Licurgo e Toríbio vieram do Angico para uma curta estada na cidade, Rodrigo ficou curioso por ouvir a opinião do pai e do irmão sobre o retrato.

— Não tinhas mais nada que fazer? - perguntou Bio.

O - pai teve uma reação que Rodrigo nãoo esperava. Olhou para o quadro, num silêncio enigmático, amaciando uma palha de milho com a lâmina da faca, depois sorriu, dizendo: - Está muito bom. Quanto vai pagar pro castelhano? - Não sei ainda, papai. Qual é a sua opinião?

— Pague bem. O quadro vale. Dê quinhentos mil-réis. — Que despropósito! - exclamou Maria Valéria.

Pepe Garcia passou muitos dias ausente do Sobrado. Uma tarde um dos moleques da mulata Celanira apareceu no consultório com este recado: “A mamãe mandou pedir pro senhor ir lá em casa, que o seu Don Pepe está doente.” Rodrigo foi, imediatamente. O chalé de Celanira ficava no meio dum banhado, mas era confortável, limpo, e tinha cortinas e vasos de flores nas janelas. A mulata - gorda, grisalha e ativa, recebeu o doutor à porta com uma cordialidade de velha tia.

— Pois o Pepe caiu de cama faz dias e não quis que eu incomodasse o senhor.

— Devia ter me chamado em seguida, D. Celanira.

Muito pálido, a pêra já a crescer-lhe de novo, o pintor achava-se estendido numa cama de casal, sobre lençóis imaculados que cheiravam a alfazema, e coberto por uma colcha de retalhos.

— Então que é isso, Pepito? - perguntou Rodrigo jovialmente.

— Ay que me muero, hijo, ay que me voy. Esto es el final. — Qual nada !

Rodrigo sentou-se na beira da cama, pôs a mão na testa do amigo e achou-a escaldante. Tirou-lhe a temperatura: 39 graus.

— Tem uma febrinha … - mentiu para Celanira, que se encontrava ao pé do leito.

Auscultou o pulmão e o coração do paciente. Tomou-lhe o pulso. Examinou-lhe a garganta e a língua.

—Tudo em ordem.

Apalpou-lhe os intestinos, a vesícula, os rins. Fez-lhe perguntas. Comeu alguma coisa indigesta? Não. Sente alguma dor?

Não sentia nada, só aquela impressão de febre, uma excitação e ao mesmo tempo um abatimento, uma canseira .. .

— Passou a noite variando, doutor - contou a mulata.

— Ay, vida mia, que noche! Si yo pudim describir mi de lírio, Rodriguito, creo que escribíría una página inmortal. Soergueu-se de repente e ezclamon: - No. Se yo pudiera pintar lo que he visto era mi delírio.

haría cara cuadro ínmortal, más temble que e1 Apocalipse, más dra mático que el Toledo de El Greco.

Rodrigo fê-lo deitar-se de novo.

— Calma, Pepito, calma. Não te ezaltes. O que tu tens é puramente de fundo nervoso. A canseira de todo é o retrato. Tirou do bolso o bloco de papel de receitas e prescreveu um calmante para os nervos e uns papéis de pinmido. Depois.

mudando de tom e de assunto: - Sabes, Pepe? O retrato tem feito um sucesso danado.

Éo assunto da cidade.

— Filisteus!

— Oh! Não digas isso. Há em Santa Fé muita gente instruída, capaz de apreciar o belo.

Falo-lhe agora em pagamento? - perguntou-se a si mesmo.

— Ou deixo tudo pra depois?

Aproveitou o momento em que Celanira saía do quarto com a receita na mão: - Pepito, agora precisamos acertar contas. — No te entiendo.

— Preciso te pagar. — Por que?

— Pelo retrato, homem!

Pepe sentou-se na cama com uma ezpressão de dignidade ferida no rosto macilento.

— No hables más.

— No hables más.

— Mas Pepe! Levaste um tempão fazendo aquele trabalho. É a tua obra-prima. Vou te pagar um conto de réis. Vale até mais.

— Rodrigo, si eres mi amigo, no me hables en dinero!

— Que bobagem!

— Tu me insultas.

Rodrigo pôs-se de pé fazendo um gesto de desânimo. Estava intrigado ante a reação do pintor. Um homem que praticamente não ganhava um vintém, recusava receber um conto de réis! Positivamente o castelhano era um poço de surpresas e mistérios.

— Está bom. Então quero que prometas tomar todos os remédios que te receitei e que só te levantarás quando eu te der licença. Prometes?

— Te Io prometo, Chantecler.

Rodrigo apertou a mão do amigo. Estava já à porta do quarto, quando o outro gritou: - Mira! Préstame cincuenta mil-réis.

— Homem de Deus, acabei de te oferecer um conto!

— No. Eso es diferente. Quiero cincuenta, pero prestados, comprendes?

— Está bem. Eu entrego o dinheiro a Celanira.

— Se tienes más confianza en ella que en mi…

Rodrigo sorriu. Ao sair do chalé, entregou um conto de réis à mulata, recomendando: - Não conte a ele que lhe dei todo esse dinheiro. Diga que foi só cinquenta mil-réis. O Pepe é uma mula de teimoso.

— Está dizendo pra mim? - sorriu a mulata, mostrando os caninos de ouro.

XXII Na noite de onze de dezembro, Rodrigo convidou os amigos a sua casa para uma ceia e uma tertúlia. “A minha despedida da vida de solteiro” - explicava ao fazer os convites. Mandou Laurinda preparar uma mayonnaise de maquereau, pôs cinco garrafas de champanha num balde, dentro do poço, e ao entardecer começou a abrir as “suas latinhas”, sob o olhar irônico de Maria Valéria. Debruçou-se a uma das janelas laterais e gritou para o pátio da Estrela-d'Alva “Ó Chico!” E quando o padeiio trepou na cerca com a cara e a cabeça manchadas de farinha, pediu: “Hoje ali pelas dez me manda uns vinte pães quentinhos, ouviste?”

Ainda bem que o papai voltou pró Angico - refletia ele, enquanto andava pela casa a fazer os últimos preparativos. —Assim não tenho de ver nenhuma cara feia.

Pôs-se a ananjar na sala de visitas e no escritório as rosas e os junquilhos que tia Vanja lhe mandara ao entardecer. Estava a contemplar, com a cabeça inclinada para um lado, o vaso que se achava sobre o consolo, quando Laurinda entrou e, lançando-lhe um olhar truculento, murmurou: “Maricão!” Rodrigo, que a enxergava pelo espelho, respondeu-lhe com um gesto obsceno, que pretendia ser uma afirmação de sua masculinidade. “Bandalho!” - exclamou a mulata, com fingida cólera.

Ao anoitecer Rodrigo acendeu os bicos de gás da sala de visitas e do escritório, escancarou as janelas e pôs a rodar no gramofone um disco de Amaro. Sentou-se e ficou a pensar em Flora. Dentro de duas semanas poderia trazê-la para o Sobrado, como sua esposa 509 Imaginou a cena… A casa silenciosa. Dinda discretamente recolhida ao quarto, Laurinda, a indecente, decerto a espiá-los por uma fresta de porta…

Flora e ele trocariam ali na sala o primeiro beijo e beberiam ambos uma taça de champanha, num brinde ao futuro. Depois, abraçados, subiriam vagarosamente a velha escada, aquêles degraus, naqueles quase sessenta anos de existência do Sobrado tinham sido pisados por incontáveis pés: as botas dos homens que haviam defendido a casa contra os maragatos, no cerco de 95; Os Chinelos de ourelo de sua bisavó Bibiana; os coturnos do dr.

Winter, médico e filósofo, de cuja figura ele, Rodrigo, tinha uma lembrança tão viva; os sapatinhos de sua mãe e, mais remotamente, de sua avó paterna, criatura nebulosa e meio lendária de quem não ficara nenhum retrato, e cuja memória andava envolta numa atimosfera equívoca…

E daqui a alguns anos - refletiu, sorrindo - os meus filhos estarão descendo essa velha escada, montados no corrimão, bem como Bio e eu fazíamos quando meninos.

De súbito despertou de seu devaneio para ouvir o chiado da agulha do gramofone, a qual, depois de ter percorrido a última ranhura do disco, estava a arranhar-lhe o rótulo. Acercou-se do aparelho, fez parar o prato e levantou o diafragma.

Toríbio entrou. Estava de bombachas, botas e esporas e de xaéu na cabeça. Sentou-se pesadamente, olhou para os jornais impilhados sobre o bnrcau e perguntou: - Alguma novidade no Rio?

Interessava-se mornamente pela política, mas tinha preguiça de ler os jornais. Rodrigo contou-lhe que a situação de insegurança e inquietude, agravada pela revolta da esquadra, continuava. Circulaam pelo país os boatos mais alarmantes.

— E o pior - acrescentou - é que o marechal mandou à câmara uma mensagem pedindo o estado de sítio!

— Se essa coisa vem, que é que vai ser da gente?

— É o fim de tudo, a debacle moral e material do país, o escalabro completo. O que as pessoas decentes têm a fazer é emigrar, homem. O remédio é fazer uma revolução e derrubar esse Sargentão.

— Qual nada! Emigrar é a última coisa em que se deve pensar. Inda quero ver o senador Pinheiro passar pra São Luís, de crista caída… isso se escapar com vida e não for parar na cadeia.

Rodrigo sorriu. Aquilo era muito bonito de dizer, mas tudo indicava que o governo estava forte e que a Câmara e o Senado iam votar a favor do estado de sítio.

Rodrigo estava debruçado à janela quando viu três vultos aproximarem-se do Sobrado. Reconheceu neles Neco, Chiru e Saturnino. Os menestréis! - pensou com alegria, vendo que o barbeiro e o ecónomo haviam trazido os instrumentos. Quando os amigos entraram, ele os conduziu imediatamente ao andar superior para mostrar-lhes "umas coisas que recebi de Porto Alegre. Fê-los entrar no quarto nupcial, cuja mobília de jacarandá lavrado tinha um aspecto de pesada e digna solidez. Sobre o mármore rosado do lavatório de espelho oval, via-se uma bacia com um jarro, ambos de louça branca estampada de ramilhetes de flores multicoloridas. E ao pé da cama, duma larga imponência de leito imperial, estendia-se um vasto tapete “legítimo da Pérsia”, assegurou Rodrigo. Escancarou as portas do guarda-roupa para exibir aos amigos as fatiotas que mandara fazer em Porto Alegre: o novo smoking, uma fatiota de vicunha, duas de casimira e dois ternos de linho branco. Abriu as gavetas e mostrou a roupa-branca e umas duas dúzias de gravatas de cores e padrões variados.

— És um nababo! - exclamou Chiru, apalpando com visível prazer as gravatas de seda, lá, gorgorão e malha.

Neco tomou-se logo de amores por uma gravata verde com losangos negros e brancos.

— Quando essa bichinha ficar velha, não botes fora. Me dá pra mim.

Rodrigo puxou a gravata num gesto brusco e meteu-a no bolso do seresteiro.

— Toma. É tua.

— Não sejas bobo, nem usaste ainda…

— Cala a boca.

— Mas…

— Está encerrada a questão. Vamos descer.

Foi empurrando os amigos na direção da porta. Diabo! - pensou - não dei nada prós outros. Voltou ao guarda-roupa, apanhou às cegas duas gravatas e entregou uma a Chiru e outra a Saturnino. O primeiro tentou um protesto grandiloquente. O último aceitou o presente num silêncio cheio de gratidão.

— Não se fala mais nisso - decidiu Rodrigo. — Quem vê pensa que eu dei um palacete a cada um de vocês!

O coronel Jairo e o tenente Rubim não tardaram a chegar. Liroca também apareceu, poucos minutos após os militares. Como sempre, entrou com o ar reverente de quem penetra numa catedral. Silencioso, de chapéu na mão, caminhando na ponta dos pés, procurou uma cadeira, sentou-se, sem ruído, e ficou quietinho, como que a orar.

Rodrigo divertia-se com aquela comédia de que eram protagonistas sua madrinha e José Lírio. Desde o dia em que Liroca voltara ao Sobrado, depois de quinze anos de ausência, o pobre homem ainda não conseguira fazer com que Maria Valéria lhe apertasse a mão ou mesmo lhe dirigisse um olhar frontal. Quando a cumprimentava - "Boa noite, dona, como tem passado?" - ela se limitava a fazer uma relutante inclinação de cabeça e a murmurar algo que tanto podia ser "Boa noite" como "Vá pró diabo!"

Quando Lucas, o último conviva a chegar, entrou na sala, Toríbio correu a abraçá-lo. Naquele instante diante do Retrato, Rubim comentava os méritos da obra.

— Nunca imaginei que esse espanhol fosse capaz de fazer uma coisa séria assim… Sempre o considerei um farsante, uma personagem de opereta.

— O que prova - observou Rodrigo - que a gente nunca chega a conhecer direito as pessoas, por mais que conviva com elas.

Rubim examinava a tela com ar professoral.

— Como será - perguntou - que um homem dotado desse talento e dessa habilidade não tira melhor proveito dele? Não posso 512 compreender como é que um artista como don Pepe anda perdido neste fim de mundo…

Ao ouvir estas últimas palavras, Liroca quebrou seu silêncio: - Há gentes que pensam que só a Capital Federal é que presta…

Rubim prosseguiu: - Não sou nenhum conhecedor de pintura, mas tenho visto bons quadros e posso afirmar que estou diante duma obra nada vulgar. Todo o artista, seja ele poeta, compositor, pintor ou escultor, tem o seu momento milagroso em que o acaso colabora com ele. É o minuto do mistério: uma pincelada feliz, um conjunto de circunstâncias que se combinam, e, zás!, lá está a obra de arte!

A voz do tenente de artilharia lembrava a Rodrigo as notas mais graves da flauta de Saturnino. Rubim envergava um uniforme caqui, e naquela noite sua fealdade se fazia notada dum modo todo especial. Por quê? Talvez fosse a desordem em que estavam seus cabelos ressequidos. Ou então era porque naquele dia não havia escanhoado o rosto. Quando não se achava em cima do cavalo, num desfile militar, seu busto raramente se mantinha em postura rígida: em geral suas costas se encurvavam acentuadamente, o que lhe dava um ar de

cansaço, de envelhecimento precoce e ao mesmo tempo um certo quê erudito de professor.

Jairo contou a Rodrigo como ficara sensibilizado ao ler recentemente nos jornais a notícia da morte do conde de Tolstói.

— Não foi só a morte, coronel - disse Rodrigo - mas também as circunstâncias dramáticas que a precederam.

A tragédia do grande romancista causara-lhe profunda impressão. Desgostoso com o artificialismo e o materialismo da civilização ocidental, Leon Tolstói, o apóstolo da vida simples e do amor ao próximo, pregara nos últimos anos de sua vida o retorno ao cristianismo primitivo. Um dia, ao voltar dum passeio pelo campo, com o coração partido pelo espetáculo da sórdida miséria em que viviam os camponeses, encontrou à frente de sua casa uma esplêndida carruagem, símbolo do fausto e do conforto de lasnaia Poliana. Ficou tão abalado pelo contraste, que decidiu abandonar a família para levar a vida dum simples camponês. Deixou à esposa uma 513 carta em que lhe dizia não poder mais continuar naquela vida de grão-senhor, tão contrária a suas crenças. Pedia que lhe perdoasse o desgosto que ele ia causar e suplicava-lhe não tentasse fazê-lo voltar atrás, pois sua decisão era irrevogável. Numa madrugada de novembro meteu numa maleta roupa-branca, livros e outros objetos de uso pessoal e, ajudado por um amigo, deixou a mansão de lasnaia Poliana. Quatro dias depois era encontrado na estação de Astapovo em estado febril, consequência duma inflamação pulmonar. Os médicos chamados para socorrê-lo nada puderam fazer. Uma semana mais tarde, Leon Tolstói expirava, e sua morte comovia o mundo inteiro.

— Que grande homem e que grande vida! - exclamou Rodrigo.

— Que era um génio, não resta a menor dúvida - disse Rubim. — Mas que tinha um cérebro doentio, também é coisa que ninguém em boa razão poderá negar. Um homem sadio de espírito não procede como Tolstói procedeu. Essa obsessão com os humildes não passa duma fraqueza, o desejo, talvez, de ganhar o céu.

— Não faça tamanha injustiça a um dos maiores escritores que a humanidade produziu! - protestou Rodrigo.

Rubim armou o seu melhor sorriso cínico: - A explicação mais simples que encontro para o caso do conde Tolstói é: cristianismo complicado com sífilis!

O coronel Jairo soltou um oh! escandalizado. Rodrigo teve vontade de esbofetear o tenente. Voltou bruscamente as costas ao itreverente artilheiro e, aproximando-se do gramofone, pô-lo a tocar a Serenata de Schubert, num solo de flauta.

As conversas estavam animadas. Lucas e Bio confabulavam a um canto da sala, soltando risadinhas e trocando-se palmadas nas costas. Estava claro que falavam em mulheres - concluiu Rodrigo. E Chiru,

que suava em bicas, e que já havia pedido licença aos 514 patrícios e circunstantes" para tirar o casaco, dirigiu-se ao coronel Jairo: - Pois é como lhe digo, comandante. Este verão vou buscar o tesouro dos jesuítas. O Rodrigo é meu sócio na empresa. Vamos achar uma verdadeira salamanca.

Laurinda entrou, trazendo uma bandeja cheia de cálices com vermute, que começou a distribuir entre os convivas. Rubim discutia com Jairo as possibilidades da decretação do estado de sítio.

— Não tenho a menor dúvida - dizia. — A Câmara votará o sítio por uma maioria esmagadora e o Senado confirmará.

— Teremos então a ditadura! - exclamou Rodrigo. — E às pessoas decentes deste país não restará mais nada a fazer senão emigrar para o Paraguai.

Rubim sorriu.

— Não seja tão dramático - disse, depois de bebericar o vermute. — Acredite que a ditadura é o único meio eficiente de governar um país como o nosso.

— Não diga tamanha asneira!

Jairo, que aquela noite estava um tanto taciturno, interveio na discussão, mas sem muito calor: - Eis um assunto delicado e cheio de perigos - murmurou com sua voz paternalmente grave. — Eu preferia que vocês, rapazes, não o levassem muito longe…

— Ora, coronel - tranquilizou-o Rodrigo - . estamos em família, aqui somos todos amigos. E não vejo no momento assunto mais importante, mais vital que esse. E ouçam o que eu digo: o marechal talvez não chegue ao fim do quatriênio…

Rubim sacudiu a cabeça numa vigorosa negativa.

— Vou fazer outra profecia. O estado de sítio será decretado e o marechal irá até o fim do período!

— Mas por que razão afirmas que a ditadura é a única forma de governo para o Brasil? - perguntou Rodrigo.

— Porque este é um país de mestiços e analfabetos. Os eleitores em sua maioria mal sabem desenhar o nome e não têm idoneidade intelectual para escolher seus administradoies e legisladores. Cabe, portanto, as elites cultas dirigir o povo e organizar os governos.

Chiru saltou de seu canto.

— E onde fica a democracia? - gritou.

— A democracia - replicou o tenente de artilharia - é uma ficção baseada na romântica ilusão de que o homem é essencialmente bom e que portanto a vontade da maioria será sempre uma expressão da verdade.

Jairo, muito vermelho, sacudia a cabeça, discordando, mas sem dizer o que pensava do assunto.

— E depois - prosseguiu Rubim - , se por um lado a democracia

tem como objetivo o bem-estar do povo em geral, por outro a história tem provado sobejamente que essa felicidade só poderá ser atingida por meio dum governo aristocrático. Continuo a afirmar que não tem nenhum sentido lógico ou prático essa busca da felicidade geral.

É uma absoluta perda de tempo que atrasa a produção de super-homens. Neste ponto Platão e Aristóteles estão de acordo com Nietzsche ou, melhor, Nietzsche está de acordo com esses dois filósofos clássicos.

jairo continuava a menear a cabeça, o cenho franzido.

— Pois eu - declarou Rodrigo - sou liberal, isto é, um partidário da tolerância religiosa, da livre iniciativa, do livre pensamento, do respeito ao indivíduo. Acho que todos os homens nasceram iguais e o que os torna desiguais são as circunstâncias em meio das quais crescem.

Rubim soltou uma risada e a dentuça projetou-se para a frente, agressiva. Depois de tomar o último gole de vermute, replicou: - O liberalismo, meu caro Rodrigo, não passa dum disfarce muito transparente do medo. O liberal é um cidadão que se recusa a admitir em voz alta que o homem é um animal de rapina e que o verdadeiro, o único direito que existe na natureza é o direito da força. Por ser liberal ele se considera muito nobre, uma espécie de farol a iluminar o mundo. No entanto, o liberalismo, como o decantado amor cristão, tem origem apenas num sentimento inferior: o medo de que o próximo nos possa fazer mal. Isso nos leva a "amá-lo" (como se tal coisa fosse possível!) a fim de que ele também nos ame ou, pelo menos, não nos queira muito mal nem nos agrida. No entanto, se o liberal se sentisse invulnerável na sua torre de 516 marfim, o que ele faria era seguir a sua tendência natural, ficar indiferente ao próximo ou transformá-lo em seu escravo.

— Absurdo! - aparteou Jairo. — Sem a menor base científica!

Rodrigo aproximou-se do tenente de artilharia e fez-lhe uma pergunta incisiva, marcando bem as sílabas: - E esse desejo de força, essa necessidade de afirmação que vocês os nietzschianos sentem, não será também um produto do medo?

— Não. É antes um desafio aos deuses!

Ao pronunciar estas palavras Rubim soltou com elas sua gargalhada convulsiva. Rodrigo teve a impressão que estava na frente dum grande boneco mecânico a que tivessem dado toda a corda para que ele se pusesse a imitar uma dança de São Vito.

— Mas que mérito podemos ter, tenente, nesse desafio a entidades em cuja existência não acreditamos?

— Muito bem dito - aprovou Jairo - , muito bem respondido!

Rodrigo avistou a tia que, à porta da sala de jantar, lhe comunicava mimicamente que a ceia estava servida.

Liroca soltou um profundo, sentido suspiro que lhe sacudiu o peito.

— Vamos cear, minha gente! - exclamou Rodrigo. Segurou afetuosamente o braço de Jairo. — Venha, coronel.

Fez um sinal para os outros. Entraram todos na sala de jantar e sentaram-se à mesa.

Lucas e Toríbio continuavam em seus segredinhos, e o tenente de obuseiros de quando em quando soltava risadas secas e curtas.

— A mayonnãise está divina - avisou Rodrigo.

Serviu primeiro o coronel, depois passou a travessa a Chiru.

— Agora, que cada um faça pela vida. Sirvam-se à vontade! Houve uma alegre troca de pratos, no meio das conversas e dos tinidos dos talheres. Rodrigo trouxe duas garrafas de champanha, abriu-as e andou com elas ao redor da mesa a encher as taças. Em dado momento ouviu-se, alta e clara no meio das outras, a voz de Toríbio: - …uma morena macanuda, com uns peitorais de respeito, recém-caída na vida…

Lez-se um súbito silêncio. Chiru e Neco romperam a rir e quiseram saber de quem se tratava.

— Respeita os mais velhos, Bio - troçou Rodrigo, fazendo com a cabeça um sinal na direção do coronel. E enchendo pela segunda vez a taça de Rubim, perguntou-lhe, provocante: - Será que participas também do desprezo do teu mestre pelas mulheres?

O artilheiro inclinou o busto para trás.

— Modus in rcbus. Nietzsche não levava as mulheres muito a sério. O que ele pensa do sexo oposto parece estar consubstanciado naquela frase de Zaratustra: “O homem deve ser exercitado para a guerra e a mulher para a recreação do homem”.

loríbio ergueu o garfo: - Esse é dos meus!

Rodrigo comia com gosto e ao fim da terceira taça começou a sentir os efeitos do champanha.

Deixaram a mesa pouco depois das dez horas. Rubim tomara e mantivera a palavra durante os últimos quinze minutos, procurando mostrar que a história da jovem República brasileira não passava duma sucessão de golpes de força em que havia prevalecido sempre a vontade duma elite ou dum super-homem, mas nunca a do povo. A propaganda fora feita por um grupo de tribunos e jornalistas em meio da indiferença popular, pois o povo ou não sabia do que se tratava ou estava ainda fascinado por aquele imperador lendário, paternal e fracalhão.

Apenas uma minoria esclarecida desejava o novo regime, que fora proclamado por Deodoro, um militar, num golpe de força. E esse militar, a quem se entregara depois a presidência da República, irritado ante a oposição do Congresso, dissolvera-o, tentando o golpe

de Estado. E quando, pouco depois, impotente diante da onda insurrecional que sacudia o país, Deodoro renuncia, Floriano, 518 o vice-presidente, assume o governo e, com mão de ferro, sufoca a revolução, salvando a República. Seu sucessor, entretanto, põe-se a falar a linguagem cristã e feminina da concórdia, quando o que devia fazer era seguir a política enérgica e masculina do antecessor. Como resultado da indecisão e da cordura de Prudente de Morais, faz-se sentir de novo em todo o país o fermento revolucionário. O drama de Canudos - afirmara Rubim - ilustrava de maneira viva a sua tese de que o Brasil era um pais de mestiços analfabetos capazes de todos os fanatismos.

— Não, senhores! Nos momentos de crise em nossa história sempre surgiu um Homem cuja vontade mudou o rumo dos acontecimentos. A figura que vejo hoje no cenário nacional, capaz de influir nos destinos da nação, é a de Pinheiro Machado. Digam dele o que quiserem, mas a verdade é que o senador é uma força contra a anarquia, um dique oposto à enxurrada popular, um mantenedor inflexível do prestigio da autoridade.

Voltara-se para o anfitrião: - No entanto, um homem culto e inteligente como o Rodrigo chegou a desejar que o negro João Cândido depusesse o marechal Hermes e instituísse no Brasil o governo da patuleia!

Sentaram-se nas cadeiras da sala de visitas.

— O que eu temo - disse Rodrigo é que o senador Pinheiro acabe chamando sobre o Rio Grande a antipatia do resto do Brasil.

— Um homem verdadeiramente forte não necessita da simpatia de ninguém. Ele se basta a si mesmo. Talvez nunca venha a ser amado, mas é fora de dúvida que será sempre respeitado e temido.

Toríbio e Lucas chamaram Rodrigo à parte.

— Olha - disse o primeiro - nós vamos embora. Tem muito homem aqui, não é, Lucas? Vamos correr as casas das chinas.

— Bom proveito - murmurou Rodrigo, dando palmadinhas protetoras nas costas do irmão e do amigo.

Pouco depois Chiru e Saturnino também se retiraram. Iam fazer uma serenata para a filha do coletor estadual, que Chiru estava 519 tentando conquistar. Havia já escolhido o repertório: Elvira; Perdão, Emília; Ai Maria e O talento e a formosura. Chiru puxou Rodrigo para o vestíbulo.

— Escuta, me empresta aí uns dez pilas. Estamos despilchados.

— E aqueles duzentos que te dei o outro dia? Chiru fez uma cara grave.

— Não. Aquele dinheiro é sagrado. É pra expedição. Rodrigo sorriu, meteu a mão no bolso e tirou uma cédula.

— Não tenho nenhuma de vinte. Leva cinquenta.

— Depois te trago o troco.

— Não sejas cínico.

Os menestréis ganharam a rua e, ao voltar à sala de visitas, Rodrigo ouviu, vindos de fora, os trinados da flauta do Saturnino.

Jairo folheava um número de Illustration e estava particularmente interessado nas reportagens ilustradas sobre as famosas semanas de aviação da França. Numa das páginas da revista estampava-se o retrato da aviadora M me Laroche que, na festa aviatória de Champagne, fora ferida num acidente.

— Imaginem! - comentou o coronel. — Até as mulheres já andam de aeroplano. Estamos sem dúvida no limiar duma nova era de prodígios.

— Que diria teu Nietzsche - perguntou Rodrigo - se fosse vivo e presenciasse essas maravilhas?

Rubim encolheu os ombros.

— Diria talvez que o avião não é produto do povo mas sim do cérebro privilegiado dum homem superior.

— E parece - prosseguiu Jairo, sem tirar os olhos das páginas da revista - que no futuro o avião será usado também como arma de guerra, não só para reconhecimentos como também para lançar bombas explosivas sobre tropas e cidades inimigas.

Rodrigo sorriu: - De acordo com o nunca desmentido amor cristão…

— Ah! - fez o coronel. — Aqui está um clichê interessante. Um automóvel equipado com uma metralhadora: pour Ia poursuite dês aéroplanes. É fantástico!

Rodrigo repoltreou-se na cadeira, com uma taça de champanha na mão.

— Estamos vivendo uma grande hora!

Jairo apanhou um outro exemplar de L'Illiistmtion e pôs-se a folheá-lo com grande interesse.

— Ouçam esta! - exclamou, ao cabo de alguns minutos. — O título é: “A mais gloriosa façanha da aviação em 1910”.

Traduziu em voz alta: - Essa coisa inaudita que, mesmo depois das múltiplas travessias da Mancha, depois das performances dos representantes do Circuito de Leste, depois das proezas quase cotidianas e cada vez mais audaciosas dos aviadores, já algum tempo, essa coisa que, apenas três meses atrás, parecia o mais insensato dos sonhos do mais louco dos campeões do ar, a travessia dos Alpes em aeroplano, é um fato consumado. Tal como o marinheiro que depois de ter percorrido todos os mares e afrontado todas as tempestades vem morrer em terra firme, num acidente banal, o infortunado Chávez, cuja coragem tocou verdadeiramente as raias do heroísmo, sucumbiu em consequência duma queda terrível começada a alguns metros do

solo, no momento de aterrar… de aterrar (se é que se pode usar este neologismo) na planície de Domodossola.

Calou-se. Ergueu depois os olhos para os amigos.

— Pobre rapaz! Quebrou ambas as pernas, mas veio a morrer mais tarde em consequência do deslocamento do coração.

— Uma bela morte - disse Rubim. — Morte de herói… Aí está, a aviação é um esporte para super-homens.

— E supermulheres… - sorriu o coronel.

— E a França, meu caro tenente - exclamou Rodrigo - , a eterna França, que está à frente de todas as outras nações do mundo como pioneira da aviação!

— Mas foi um brasileiro - interveio Jairo - quem inventou o aeroplano.

— A discutir - replicou o tenente. — Os americanos afirmam que foram os irmãos Wright.

— Absurdo! - protestou Rodrigo. — Está provado que Santos Dumont voou muito antes desses yankees…

Naquele instante a campainha do telefone tilintou e Rodrigo precipitou-se para o vestíbulo, voltando pouco depois: - Um chamado para o senhor, coronel.

— Santo Deus! Será que aconteceu alguma coisa a Carminha? Correu para o telelone. Rodrigo ouviu-lhe a voz ansiosa. Sim…

Quem? Ah! Pode dizer… Sim.,. Quando? Sim… Quantos?… Ah… muito obrigado. Boa noite.

O comandante do regimento de infantaria tornou à sala.

— Senhores - disse, quase com solenidade, - acaba de chegar ao quartel um telegrama do Rio, comunicando que a Câmara votou o estado de sítio. Do total de cento e cinquenta e oito votos apenas treze foram contrários. O Senado confirmou por trinta e seis a um.

— Então - perguntou Rubim, olhando para Rodrigo - quando é que vai embarcar para o Paraguai?

— Não, tenente, vou esperar um pouco mais. Porque estou com o pressentimento de que quem vai para o Paraguai não sou eu, mas o presidente Hermes da Fonseca…

Jairo deixou o Sobrado às onze. Rubim ficou a beber e a conversar com Rodrigo até às doze, hora em que também se retirou. Don Pepe apareceu inesperadamente depois da meia-noite, com os olhos brilhantes, a voz arrastada, o hálito alcoólico.

— Pepe, não devias andar na rua a estas horas! Com licença de quem saíste da cama?

O espanhol segurou-lhe ambos os braços com força.

— No he podido resistir, hijito. Tengo que ver ei Retrato esta noche. No te enojes. Estoy bicn.

Sentou-se na frente da tela e ficou a mirá-la com apaixonada

fixidez. Rodrigo deu-lhe uma. taça de champanha, que o pintor apanhou distraidamente e bebeu com ar de quem não sabe o que está tazendo.

— Cono, hay que respectar ei castellano. Puede ser un borracho, u n miserable, puede no tener dinero ni caracter. Vive con una mulata y no tiene valor como para seguir su destino. Pero, mierda, don Pepe Garcia es un artista, un verdadero artista!

Voltou-se para o amigo.

— Que dices, príncipe? Rodrigo ergueu a taça: - A saúde do artista e de sua obra-prima!

O pintor atirou com força a taça no chão, partindo-a. Ergueuse, aproximou-se de Rodrigo e segurou-o pela gola do casaco.

— Todo pasará, hijo. Tu padre, tu hermano, tu tia, tus hijos, tu. Pero ei Retrato quedará. Tu envejecerás, pero ei Retrato conservará su juventud. Vamos, Rodrigo, despídete dei otro. — Fez um sinal na direção da tela. — Hoy ya estás más viejo que en ei dia en que termine ei cuadro. Porque, hijito, ei tiempo es como un verme que nos está a roer despacito y es dei lado de acá de Ia sepultura que nosotros empezamos a podrir.

— Não sejas fúnebre, Pepe. Hoje estou feliz. Caso-me dentro de duas semanas. Vamos beber e esquecer a velhice e a morte.

O artista sacudia a cabeça com uma obstinação de bêbedo.

— Hay hombres que están ya completamente podridos.

— Eu sei, eu sei…

Pepe bateu no peito com força.

— Yo estoy mitad podrido, sabes?

— Ora, Pepe, muda de assunto.

— Si nosotros tuviéramos ei olfato más desenvolvido como los perros, sabes? podríamos sentir ei hedor de los cadáveres alrededor nuestro… Y nuestro propio hedor

nos seria insoportable, sabes?

Rodrigo sorria amarelo. Para manter o amigo à distância, dizia: - Está bem, Pepito, estamos todos mortos. Mas senta, descansa.

— Ya sé, crees que estoy borracho, no? Pues… tienes razón. Que otra cosa puede hacer un hombre lúcido, sino emborracharse?

— Que tal uma xícara de café bem forte, hein?

— Café? Ridículo!

Empertigou-se, tomando um ar digno. Rodrigo pôs-lhe a mão no ombro e, com voz persuasiva, disse: - Pepito, estás doente. Tens de ir pra casa imediatamente. Vou chamai o Bento pra te levar de carro. Quem está te falando não é o amigo, mas o doutor. E isso é uma ordem.

Don Pepe tez meia-volta e apontou para a tela.

— Aquel, si, es mi amigo. Mi único amigo. Pero tu, tu eres un

impostor!

Precipitou-se para o Retrato de biaços abertos e com tanta fúria que perdeu o equilíbrio e tombou ruidosamente, abraçado com o quadro.

Passava já de uma hora da madrugada, quando Rodrigo conseguiu que Bento levasse o pintor do Sobrado para os braços de Celanira.

Pôs-se então a fechar as janelas. Sentia-se num estado muito agradável de pré-embriaguez: o suficiente para deixá-lo aéreo, eufórico e satisfeito com o mundo. Era delicioso estar tonto e ao mesmo tempo conservar a lucidez Maria Valéria atravessou a sala de jantar com uma vela acesa na mão: como de costume examinava as portas e janelas, antes de recolher-se ao quarto de dormir. Parecia um espectro. Parou à porta e perguntou: - Não vai dormir?

— Já vou, Dimda.

A tia entrou no vestíbulo e subiu a escada. Rodrigo seguiu-a com o olhar, soirindo. O meu fantasma de estimação…

Despejou na taça o resto de champanha que havia na garrafa, tomou um largo trago, olhou para o Retrato e recitou baixinho: J c recule, Ebloui lê me voir moi-même tout vernieil Et d'avoir, mói, Lê Coq, fait lever lê soleil.

A sombra do anjo

Passava das quatro da manhã quando Rodrigo e a esposa deixaram o salão do Clube Comercial.

— O melhor réveillon da minha vida! - exclamou Flora, com um suspiro de canseira feliz, apoiando-se no braço do marido.

Rodrigo inclinou-se sobre ela e tocou-lhe os cabelos com os lábios. Estava tonto: misturara durante a festa muitas bebidas - boivle, champanha, cerveja, conhaque…

Que baile! Que noite! Pouco antes das três da madrugada, Saturnino lhe viera segredar que em toda a existência do clube jamais se consumira tanta bebida como naquele 31 de dezembro. Dois ou três rapazes das melhores famílias de Santa Fé haviam caído no meio do salão em estado de coma. Senhores respeitáveis e damas de ordinário quietas e tímidas estavam num alegrete cômico, a rir, a dizer asneiras e - francamente, Rodrigo - a dançar dum jeito que só em cabaré…

— Qual, Saturno! Não sejas puritano. Santa Fé civiliza-se! Parados na área lateral do clube, Rodrigo e Flora olhavam sorrindo para o Bento, que dormia ao guidom do automóvel, lá embaixo junto da calçada, a boca entreaberta, a cabeça caída sobre o respaldo do banco dianteiro, a aba do chapelão puxada sobre os olhos. Rodrigo sorriu. Achava uma graça irresistível naquele hibridismo. O Bento, peão analfabeto natural de Três Forquilhas, feito chofer dum automóvel de fabricação alemã… Como lhe fora custoso convencer o boleeiro de que ele podia aprender a dirigir aquele carro sem cavalos! Mandara buscar um mecânico de Porto Alegre, especialmente para ensinar-lhe o manejo do Adler. E que sucesso 524 525 "

fizera o caboclo no primeiro dia em que descera a rua do Comércio sozinho na direção do automóvel, a fonfonar faceiro e a receber das calçadas e das janelas os acenos de parabéns e os gracejos dos amigos e conhecidos! Havia, porém, um ponto em que Bento se mantinha irredutível. Negava-se a substituir o chapéu de campeiro pelo boné de chofer: recusava obstinadamente trocar as bombachas e as botas pelo uniforme azul e pelas perneiras de couro que o patrão mandara vir da capital.

Os Cambarás desceram lentamente a escada, num equilíbrio meio instável, e entraram no carro.

Rodrigo sacudiu o caboclo.

— Vamos, Bento, acorda!

Bento endireitou bruscamente o busto, atirou para cima com um tapa a aba do chapéu e voltou a cabeça.

— Ah! - fez, com os olhos piscos, pondo à mostra a forte dentadura amarelada. — Feliz Ano-Novo!

— O mesmo para ti - respondeu Flora.

— E que o novecentos e quinze seja melhor que o novecentos e quatorze - desejou-lhes o caboclo.

Saiu do carro em movimentos lerdos, agachou-se diante do radiador e, resmungando e gemendo, ficou a dar manivela.

— Ooooi, bicho bem custoso, seu! Puxa-lo alazão caborteiro! Por mais voltas que desse à manivela, o motor não pegava.

— Filho duma grandessíssima… - Engoliu o palavrão. — Corno duma figa! - continuou a resmonear. — Tu pega ou conta por que não pega!

Deu com toda a força um novo giro à manivela. A hélice do motor pôs-se a rodar e o carro foi sacudido por uma tremedeira.

— Está corcoveando, o bicho! - exclamou Bento, alegremente, precipitando-se para o assento dianteiro, onde ficou a regular, azatamado, a faísca.

Destravou o automóvel e fê-lo arrancar dum modo tão abrupto, que Rodrigo e Flora, que estavam sentados na beira do banco, foram atirados para trás.

— Barbeiro! Quando é que vais aprender a sair sem solavanco? Estou vendo que tenho de mandar vir um chofer de Porto Alegre.

— Pois mande, eu quero voltar pra boleia…

As vezes Rodrigo também tinha saudade do carro, que lhe parecia um veículo mais romanesco que o automóvel. Numa chuvosa tarde de dezembro do ano de 1830, uma carruagem puxada por dois jocosos alazões e conduzida por um cocheiro de libré estacou diante do n" 18 da Rua T… Era assim que começava um dos romances que lhe haviam deliciado a adolescência. Seria ridículo, prosaico, inconcebível, escrever: Naquela madrugada do verão de 1914 um automóvel da afamada marca Adler parou h frente do n" 15 da Rua do Comércio.

Pensou no primeiro automóvel que aparecera em Santa Fé, lá por fins de 1911. Era um estranho veiculo elétrico de três rodas e dois lugares, mandado vir da Alemanha pelo Spielvogel. Causara pânico a primeira vez que percorrera as rua;, da cidade. Ao ver a engenhoca passar, um gaúcho que se achava à frente da Casa Schultz, levara a mão ao revólver e só não alvejara o “bicho” porque Marco Lunardi, que aparecera na ocasião, impedira-o disso, imobihzando-o com seus braços possantes.

Com o tempo, entretanto. Santa Fé habituara-se à “aranha” do Spielvogel. Mas fora ele, Rodrigo, quem adquirira o primeiro automóvel de quatro rodas e cinco lugares, movido a gasolina. O Adler fizera também os seus “estrupidos” no dizer do Liroca. assustando pessoas e animais com as explosões de seu motor e os

roncos de sua buzina.

Muitas vezes, por imperícia do Bento, o auto subira nas calçadas, indo de encontro a muros ou a paredes. Incontáveis também foram as ocasiões em que por causa de desarranjos no motor ou da falta de alguma peça, o Adler tivera de ficar imobilizado na garagem. (Esta última palavra e outras como jaísca, radiador, marcha à ré, guidom, pneumático, jonfom e chofer começavam a ser incorporadas ao vocabulário corrente.) Fosse como fosse - concluía Rodrigo - valia a pena ter automóvel.

joca Prates animara-se a comprar no ano passado um Mercedes igual ao que Spielvogel trouxera da Alemanha em 1913. Dizia-se que o Maneco Macedo encomendara, havia pouco, um Fiat. Era uma espécie de competição entre um pequeno grupo de estancieiros e comerciantes locais: cada qual procurava exibir nas ruas, 527 em passeios dominicais, o automóvel maior e mais caro. Rodrigo esperava agora um Ford de quatro cilindros, não porque quisesse entrar no torneio - coisa que achava supinamente tola - mas sim porque lhe haviam assegurado ser esse o carro indicado para vencer com sucesso aquelas estradas deploráveis que levavam ao Angico.

— Guarda o auto e vai dormir, Bento! - disse ele ao apear à frente do Sobrado. Tirou a chave do bolso, abriu a porta e empurrou Flora para dentro, docemente. Procurou às apalpadelas o comutador e torceu-o: o vestíbulo iluminou-se de súbito. Tinham energia elétrica em Santa Fé desde fins de 1912, mas era sempre com a sensação de fazer um milagre que Rodrigo dava volta à chave da luz. Como aquilo era infinitamente mais prático, mais fácil e mais limpo que o ace<-'lene! No entanto, ele jamais poderia imaginar Mme Bovaiy ou Ana Karênina a outra luz que não fosse a de gás…

Como que sem forças para subir, Flora estava parada ao pé da pequena escada, de braços caídos e olhos quase fechados.

— Que é que tens, meu amor?

— Ai! Estou com uma moleza… Acho que foi o bowle. Rodrigo ergueu-a nos braços e subiu a escada. Flora enlaçou o pescoço do marido e como que se lhe aninhou de encontro ao peito.

— É a vantagem de ter uma esposa portátil - murmurou ele ao pô-la de pé no chão do vestíbulo.

Encaminharam-se abraçados para a escada grande, acendendo as luzes das peças por onde passavam.

— Se eu fosse casado com uma grandalhona como a Esmeralda…

Calou-se, arrependido de haver mencionado este nome. De olhos entrecerrados, a voz sonolenta, Flora balbuciou: - Pensas que não vi o jeito dela olhar pra ti no baile?

— Hein?

— Eu bem que vi. Sempre que podia, vinha falar contigo. Uma

vez chegou até a encostar a mão no teu braço. E que olhos ela te botava. Nossa Senhora!

— Ora que bobagem, Flora! Ela sorria, com ar de sonâmbula.

Que intuição diabólica tinham as mulheres! - refletiu Rodrigo.

Naquela noite tivera realmente um flerte com Esmeralda Pinto. Haviam dançado uma valsa e por mais duma vez ela projetara com força os seios contra seu peito, ao mesmo tempo que a pressão de seus dedos se fazia mais forte. Vá a gente entender as mulheres! Há quatro anos, quando nós dois éramos solteiros, só por causa duma brincadeira inocente a criatura fez um barulho dos demônios. Agora, que estamos ambos casados, sem a menor provocação da minha parte, ela me vem com esses olhares e esfregações.

Tornou a erguer a mulher nos braços.

— Não quero que digas mais essas bobagens, estás ouvindo? - repreendeu ele carinhosamente.

— Que bobagens?

— Essa história da Esmeralda Pinto. Tu sabes que não sou homem dessas coisas.

Flora não respondeu. Com a cabeça pousada no ombro do marido, parecia adormecida.

— E tu sabes muito bem - continuou ele, enquanto subia lentamente os degraus - que pra mim só existe uma mulher no mundo inteiro. Tu!

Como única resposta, Flora espichou os lábios e beijou-lhe o pescoço.

— Se eu não tivesse a certeza de que te amava, não me casava contigo. Se há coisa que não me passa pela cabeça é namorar as mulheres dos outros.

Flora beijou-lhe chochamente a ponta do queixo.

— Está espinhando - queixou-se, lambendo os lábios.

— É que a esta hora da madrugada a barba já está meio crescida.

— Que horas são?

— Mais de quatro, meu bem.

riu Entraram no quarto, Rodrigo acendeu a luz e depôs a mulher sobre a cama.

— Estou com preguiça até de tirar a roupa… - murmurou ela. Pela cabeça de Rodrigo passou uma ideia picante.

— Queres que eu te dispa?

Como se lhe tivessem atirado um jorro d'água fria, Flora abriu os olhos num sobressalto.

— Rodrigo!

— Estou brincando, meu bem.

Mas na realidade falava sério. Estava excitado e sem sono. Por um instante ficou a despir a mulher em pensamento, a tirar-lhe as roupas,

uma por uma, com propositada lentidão, a antegozar o sensacional momento da nudez completa. Não precisava fazer aquilo com a luz acesa… Ficaria até mais interessante se deixassem o quarto numa penumbra azulada de luar… Diabo! Por que não podiam entregar-se de quando em quando a extravagâncias como aquela? Não seriam por acaso marido e mulher? Ou estarei bêbedo?

De pé, no meio do quarto, contemplava a companheira. Estavam casados havia quatro anos e Flora jamais se despira em sua presença. Esse pudor geralmente o encantava: em certas ocasiões, porém, deixava-o irritado. Muitas vezes chegava à conclusão de que, em matéria de sexo, preferia que o casal fugisse à consabida burocracia conjugai, que acabaria por transformar-se com o passar do tempo numa rotina insípida: amor em dias e horas certos, com a luz apagada e sob as cobertas, dentro da mais rigorosa ortodoxia - tudo muito digno, muito sério, muito "família". Flora entregava-se com o ar de quem cumpre um dever grave.)amais dera a entender por gestos ou palavras que aquilo lhe dava prazer. Rodrigo, às vezes, desejava que na alcova ela fosse mais amante que esposa. Tinha, porém, a antecipada certeza de que, se tal acontecesse, ele próprio ficaria escandalizado e tomado duma ciumenta e meio alarmada apreensão.

Flora ressonava, e seus seios miúdos (nem parece que já amamentou os dois filhos!) subiam e desciam num ritmo lento e regular. Rodrigo despiu o casaco do smoking e jogou-o sobre uma cadeira. Arrancou o colarinho e a gravata, atirando-os em cima da cama.

Descalçou os sapatos e deixou-os virados no meio do quarto. Sorriu ao lembrar-se do que a mulher costumava dizer: "És um desorganizado! Quando tiras a roupa, deixas tudo espalhado pelo chão. Pareces uma criança". Mas como era possível ter método e ordem, fazer todas as coisas da vida com um cuidado meticuloso? Havia observado que os chamados metódicos eram geralmente homens incapazes de paixão, tipos frios, eficientes e insuportavelmente cacetes.

Sentou-se na beira da cama, acendeu um cigarro e pôs-se a fumar, com os olhos postos na mulher. O casamento fizera bem a Flora. Deixara-a mais fornida de carnes, sem entretanto deformarlhe o corpo. Notava-se nela um certo amadurecimento que não se revelava apenas nas feições, nos gestos, na maneira de andar e olhar, mas também e principalmente nas palavras, nos juízos, na atitude diante das pessoas e da vida. Tinha um bom senso desconcertante. Era agora, por assim dizer, o poder moderador de sua vida. Ele notara o ressentimento, a ciumeira de sua madrinha quando vira entrar no Sobrado, como senhora, aquela menina inexperiente. Flora, entretanto, desde o primeiro dia suportara as impertinências de Maria Valéria com um

sorriso tolerante e compreensivo, evitando qualquer atrito. E, com uma sabedoria digna dum político consumado, sempre que a outra com visível má vontade vinha consultá-la sobre assuntos domésticos, respondia: “Ora, titia, a senhora é quem manda. E, depois, eu não entendo nada desses negócios de casa…”

E Maria Valéria, aparentemente satisfeita, continuara a governar discricionariamente o Sobrado.

Galos amiudavam, longe. Dentro duma hora estaria a nascer o novo dia - pensou Rodrigo - , mas o sono não lhe vinha. Estendeu-se na cama, com os pés para a cabeceira, e ali ficou com o cigarro preso entre os lábios, os braços cruzados, os olhos postos no teto. Sempre imaginara que o casamento lhe pudesse trazer um certo apaziguamento sexual. Talvez no fundo não chegasse a esperar 530 531 nem isso: estava mas era procurando um pretexto para trazer Flora legalmente para aquela cama. Cínico! Ora, seria tolice tentar tapar o sol com uma peneira. Sabia que não era homem que se contentasse com uma única mulher. Apesar disso, fora absolutamente fiel à esposa durante… quantos anos mesmo? Sorriu. Não. Não haviam sido anos, mas meses. Uns seis ou sete… Quando Flora chegara às últimas semanas de sua primeira gravidez, ele se vira de tal maneira acicatado por uma tão grande insatisfação sexual que, sem saber como resolver seu problema discretamente ali em Santa Fé, inventou um pretexto para ir a Porto Alegre, onde passara dez dias inesquecíveis: noitadas no Clube dos Caçadores, ceatas com amigos e mulheres, muitas mulheres. Durante uma semana inteira “chafurdara”, sem a menor inibição ou antecipado remorso.

Como médico, encontrava uma explicação natural para aquilo: era uma purga. Que o organismo humano necessita periodicamente duma purga, isso era coisa que nem o dr.

Matias ignorava. Pois aquela prolongada farra em Porto Alegre, em setembro de 1911, tinha sido a purga de que ele tanto precisava. Voltara para casa, aliviado, com um leve sentimento culposo que fizera redobrar seu amor, sua ternura pela mulher, a quem cumulara de atenções e presentes. Chegara, satisfeito, à conclusão de que Flora não havia sido prejudicada em coisa alguma por aquela escapada, ao passo que ele, tendo salvo as aparências, se sentia renovado, pronto para enfrentar um longo período de respeitabilidade monogâmica. £ assim, depois do nascimento de Floriano, o casal tivera sua segunda lua-de-mel…

De olhos cerrados, a fumar e a ouvir os borborigmos do estômago, Rodrigo lembrava-se, divertido, das juras que então fizera a si mesmo, a olhar para o filho adormecido no berço: “Prometo nunca mais andar atrás das outras mulheres. Para mim a Flora é e continuará sendo a única até a morte”. Curioso! Apesar de tudo quanto aconteceu nos

anos seguintes, aquela promessa havia sido formulada com a mais absoluta sinceridade.

Tivera a princípio a impressão de que a paternidade o tornara um homem novo. Não pudera nem tentara reprimir as lágrimas no dia em que pela primeira vez vira a mulher amamentando o filho. E que sensação agradável e ao mesmo tempo embaraçosa a 532 de ter na cama à noite uma Flora maternal, de seios túmidos de leite, uma Flora alvoroçadamente feliz e apesar disso agoniadamente inquieta, a acordar a cada passo para olhar o filho no berço ao lado da cama. ("Será que essa criança está respirando direito? E se ela pega crupe? Meu Deus! O Floriano está ficando roxo…") Rodrigo observara, perturbado, que a mulher e o filho tinham o mesmo cheiro: recendiam ambos leite, cueiros de flanela úmidos e talco. Com frequência Flora trazia Floriano para a cama e dormia com a criança nos braços. Todas essas coisas concorriam para deixá-lo inibido, com a impressão de que possuir fisicamente a mulher naquela conjuntura seria cometer incesto.

Abriu os olhos e ficou olhando para a espiral da fumaça do cigarro. Os chineses (que grande povo, que sábia gente!) tinham razão em reconhecer que todo o varão necessita, além da esposa legítima, de uma ou mais concubinas. Porque o homem é, sem a menor dúvida, um animal polígamo. Não existe nenhuma lei natural que justifique a monogamia.

Mas que é que a gente vai fazer, com dois mil anos de cristianismo na consciência?

Voltou a cabeça e pôs-se a contemplar com certa fascinação os tornozelos de Flora, que estavam a poucos centímetros de seus olhos. Sentiu um desejo travesso de erguer o vestido da esposa para ver-lhe as pernas, mas conteve-se no temor de que, despertando, ela o pilhasse a fazer aquele gesto juvenil.

Cerrou os olhos. Os borborigmos continuavam. Estou precisando duma dose de bicarbonato. Amanhã a ressaca vai ser colossal.

Retomou o fio dos pensamentos de alcova. Que é que vai fazer um homem moço, sadio e sensual quando vê que a esposa, grávida, perde as formas, deixa de despertar-lhe desejo? Ficar na abstinência como um eremita? Ora, isso não é para qualquer temperamento. A solução mesmo é a concubina, queiram ou não queiram, doa a quem doer…

Atirou o cigarro no chão, revolveu-se na cama à procura duma posição e acabou deitado de bruços.

A segunda gravidez de Flora não lhe trouxera menos problemas. Lembrava-se duma certa noite em que, já tarde, chegara à casa de volta do teatro, aonde fora sozinho.

Despira-se de luz apagada, no maior silêncio, para não despertar a

mulher, e depois deitara-se 533 ao lado dela, mas bem na beira da cama, pois vivia obcecado pelo temor de, durante a noite, bater inadvertidamente no ventre dela, apertar-lhe os seios ou magoá-la fisicamente de qualquer outra forma. Era uma noite quente de fevereiro de 1913 e por muito tempo ele permanecera de olhos aberlos, a recordar cenas da opereta a que assistira no Santa Cecília. Tinha a mente cheia de música, luzes e imagens. Ficara impressionado com Gina Carelli, a melhor Viúva alegre que jamais vira em toda a sua vida. Era uma jovem italiana, muito bem-reita de corpo, de cabelos oxigenados e olhos escuros, dona duma voz quente, duma doçura pegajosa. A soprano da companhia era uma ragazza de feições clássicas: sua beleza, tranquila e pura, convidava à contemplação estética. Mas La Carelli, a soubrette, essa tinha uma boniteza jovial e meio canalha, que provocava a ação erótica. Não era, entretanto, uma fêmea que fizesse pensar em sérias, vagarosas, profundas paixões de alcova, mas sim em escapadas ocasionais, amores roubados e urgentes, tanto mais excitantes quanto mais furtivos e temperados de acidentes e incidentes grotescos.

Como lhe custara trazer aquela companhia de operetas a Santa Fé! O empresário exigia-lhe como garantia um mínimo de cento e vinte assinaturas para cinco espetáculos, de sorte que ele, Rodrigo - que só conseguira passar noventa e cinco entre os amigos - tivera de pagar do próprio bolso as vinte e cinco restantes. Mas valera a pena gastar todo esse dinheiro para ter o privilégio de ver La Carelli a dançar um cancã no palco do Santa Cecília, mostrando quase meio palmo de coxa.

Estava ainda a pensar na soubrctce quando ouviu o choro malabafado de Flora. Voltando a cabeça, vira na penumbra os ombros dela sacudidos por soluços.

— Que é isso, minha filha?

Nenhuma resposta. Tomara-a nos braços, com todo o cuidado, e, fazendo-a voltar-se para ele, estreitando-a suavemente contra o peito, sentindo contra a boca do estômago aquele ventre bojudo e quente.

— Que é isso, meu bem? Conte pró seu maridinho o que é que tem. Está sentindo alguma dor? Não? Então o que é? Teve algum sonho mau?

Depois de muita relutância Flora contara por que chorava. É que estava feia, disforme, velha, medonha…

— Tu nem me olhas mais. Tens tanto horror de mim que chegas a dormir na beira da cama, bem longe…

— Mas, meu bem, é que eu tenho medo de te magoar, não compreendes?

Com a cabeça da esposa aninhada no peito, ficara como que a niná-la, sussurrando-lhe ao ouvido ternas palavras de amor. O choro

fora cessando aos poucos mas, mesmo depois de veiificar que Flora dormia, ele não tivera coragem de retirar o braço sobre o qual a cabeça dela repousava. Por muito tempo permanecera naquela posição, a sentir no peito o bafo úmido e morno da mulher, e a pensar no encontro que marcara para o dia seguinte com Gina Carelli. O plano era simples. Convidara-a para um passeio de automóvel, que diabo!, a coisa mais natural do mundo, pois a soubrette não era nenhuma provinciana… Iriam os dois contemplar o pòrdo-sol ao pé dos muros do cemitério. Voltariam para a cidade ao anoitecer e o Bento já estava instruído para, à altura da Sibéria, desviar o Adler da estrada real, levá-lo até a orla do Capão das Almas e lá, sob qualquer pretexto, desaparecer…

O resto fica por minha conta. Mas preciso não esquecer que La Carelli não pode chegar tarde para o espetáculo da noite. Para o outro espetáculo.

Estava sorrindo a pensar nessas coisas quando sentira contra o próprio ventre a palpitação do ventre da esposa. Era seu filho que esperneava… Santo Deus! A criaturinha estava a tocá-lo, como que a fazer-lhe um sinal. Essa ideia deixara-o de tal modo sensibilizado, que ele rompera a chorar e a beijar, arrependido, os cabelos de Flora.

Despertou no dia seguinte quase às duas da tarde, com a cabeça pesada, a boca amarga, o corpo lasso e lavado em suor. 535

soergueu-se na cama, ficou por um instante a piscar e a olhar atarantado em torno do quarto. Flora dormia a seu lado completamente vestida, tal como estava ao chegar do baile. Ele também não havia tirado a camisa de peito engomado nem as calças do smoking.

Ergueu-se, zonzo, aproximou-se duma das janelas e abriu-a. A claridade da tarde feriu-lhe os olhos. Um bafo de fornalha subiu da rua. Que calor, mãe de Deus! Sentia a camisa colada ao peito e às costas, o suor a escorrer-lhe pelo rosto, pelo corpo todo. O remédio era um chuveiro frio… Dirigiu-se para o quarto de banho. Pelo caminho foi tirando a roupa: jogou o colete no chão do corredor, deixou a camisa sobre o corrimão da escada, baixou os suspensórios e livrou-se das calças na sala de jantar… Ao chegar ao quarto de banho estava já completamente despido. Soltou um suspiro de profundo gozo quando o fresco jorro d'água lhe envolveu o corpo.

Sentou-se debaixo do chuveiro e ali ficou longo tempo, de olhos cerrados, os braços a enlaçar os joelhos. E quando, pouco antes das três, tornou a descer para o andar inferior, Maria Valéria lançou-lhe um olhar crítico: - Grossa farra, hein?

— Bom dia - disse ele com voz amarga.

— Boa tarde!

A mania de horário que tinha aquela gente antiga! Eram os

supersticiosos da ordem, da disciplina, da regularidade. Don Pepe é quem tinha razão. Que es ei tiempo?

Nosotros los espanolcs somos así. (Onde estaria o diabo do castelhano àquelas horas? No Pará? No Amazonas?)

Flora apareceu pouco depois do marido. Desceu as escadas devagarinho, segurando o corrimão, como uma convalescente que arrisca os primeiros passos depois de longa enfermidade.

— Está na mesa! - anunciou Laurinda com a jovialidade de quem havia dormido suas sete horas tranquilas e deixado a cama às seis da manhã.

Flora franziu o nariz.

— Não me falem em comida. Eu quero é uma boa dose de bicarbonato.

Com todo o cuidado, os olhos semicerrados, a cabeça ereta, inclinou-se para beijar os filhos que brincavam na sala de visitas.

— Ano novo, vida nova - sentenciou Maria Valéria. Flora declarou que ia apenas fazer ato de presença à mesa.

Estava pálida e com olheiras. Rodrigo achou que não lhe ficava nada mal aquela máscara de ressaca.

Feijão com toicinho; carne frita com batatas assadas; talharim coberto de queijo parmesão ralado; galinha ensopada; arroz luzidio…

Rodrigo atirou-se à comida com um apetite que não só surpreendeu a mulher e a tia como também a ele próprio. Ao despertar jurara que não teria coragem de botar o que quer que fosse na boca, a não ser talvez café preto sem açúcar.

— Invejo o teu estômago - disse a mulher.

Naquele instante Alicinha desatou o choro: Floriano lhe havia arrebatado das mãos o cavalinho-de-pau.

— Faça essa criança calar a boca, Dinda! - suplicou Rodrigo. Os gritos da menina pareciam atravessar-lhe o cérebro como pontaços de fogo.

— Quem pariu Mateus que o embale! - retrucou a tia. Disse isso apenas no automatismo do hábito, pois levantou-se imediatamente e dirigiu-se para a sala, onde arbitrou à sua maneira decidida a pendência dos irmãos.

— Dê o cavalo pra sua maninha. Ué, gente! Onde se viu? Floriano obedeceu, a cabeça baixa, o beicinho trêmulo. Era uma criança quieta, duma docilidade que preocupava um pouco Rodrigo, que preferia vê-lo - homem que era - mais rebelde e turbulento.

Alicinha parou de chorar. Maria Valéria tornou a sentar-se.

— Como se foi de discurso no clube?

— Uma beleza, titia! - exclamou Flora. — Um dos melhores que Rodrigo tem feito.

— Tapei a boca de muita gente - disse ele. — Na minha primeira

gestão, em novecentos e onze, me acusaram de ser um presidente perdulário, de ter ficado com as glórias de reformador do clube e deixado as dívidas pras outras diretorias pagarem. Pois 537

bem. Minha gestão de 1914 foi um modelo de equilíbrio e economia. Entreguei ontem o clube à nova diretoria sem uma única conta a pagar e com quase um conto de réis em caixa!

— Sim - observou Maria Valéria - mas quanto gastou do seu bolso?

Sei lá! Perdi a conta, Dinda, perdi a conta. Reformei a sala de jogo carteado com o meu dinheiro. A mobília do toilctte das senhoras também foi eu quem pagou. E as cortinas do salão de baile… e o novo coreto…

— E que foi que ganhou com isso? Vão continuar a falar mal de você do mesmo jeito. E esse dinheiro não volta mais pró seu bolso.

Rodrigo encolheu os ombros.

— Por que é quel as - moedas são redondas? Pra rolar! Dinheiro não nos falta, Dinda. Estamos na época das vacas gordas.

Sim, sua farmácia atravessava um período de grande prosperidade. As vendas aumentavam dia a dia. O movimento agora era tão grande, que tivera de admitir mais dois empregados. Esse progresso se devia em grande parte às operações do dr. Cario Carbone. Felicitava-se por ter tido a ideia de trazer aquele italiano para Santa Fé.

O diabo do gringo tinha mãos de mago: era indubitavelmente o maior operador que jamais aparecera no Rio Grande do Sul. Outra grande ideia fora a de construit no quintal da farmácia aqueles pavilhões de madeira com os quartos onde ficavam os doentes apôs as operações. Era uma espécie de paródia de sua sonhada casa de saúde…

E esse hospital improvisado vivia sempre cheio e não raro tinham de acomodar precariamente os operados nos corredores em cima de colchões estendidos no soalho. De todos os pontos de Santa Fé e dos municípios vizinhos afluíam doentes. O dr. Carbone trabalhava desde o raiar do dia e às vezes tinha de continuar operando noite adentro. Cada operação deixava para a farmácia um apreciável lucro, isso sem contar a renda do aluguel dos quartos.

Era realmente uma época de vacas gordas. Tolice preocupar-se a gente com dinheiro!

No dia seguinte pela manhã, em companhia da mulher e dos filhos, Rodrigo foi visitar os sogros, que viviam agora numa pequena chácara situada a um par de quilômetros a noroeste do cemitério municipal. Como as estradas para aquelas bandas fossem sofríveis, arriscou-se a fazer o percurso de automóvel. E enquanto Flora ia calada no seu canto, os olhos cerrados, a cabeça pendida (o balanço

do Adler e o cheiro de gasolina queimada causavam-lhe tonturas e náuseas), Rodrigo pensava na singular história do sogro, que continuava a ser para ele uma fonte inesgotável de surpresas.

Numa tarde de fevereiro de 1911, exatamente no dia em que havia chegado com Flora a Santa Fé, de volta da viagem de núpcias a Buenos Aires, espalhara-se pela cidade a notícia de que Aderbal Quadros estava falido. Flora desatara logo o choro, pois em seu espírito a palavra falência estava associada a outras igualmente dramáticas como cadeia, fuga, vergonha, suicídio…

Rodrigo ficara chocado pela subitaneidade do golpe e ao mesmo tempo magoado com o sogro por não tê-lo avisado com antecedência do que estava por acontecer. Claro, havia muito, murmurava-se que Babalo andava mal de negócios, mas sempre que amigos íntimos tratavam de esclarecer o caso, o velho desconversava. Escondera tudo até a última hora. Por que, Santo Deus? Por quê?

O acontecimento produzira em Santa Fé uma espécie de pânico, pois várias dezenas de pessoas de condição humilde - que confiavam mais em Aderbal Quadros que nos estabelecimentos bancários - tinham pequenas quantias nas mãos dele, a render juros. Rodrigo correra à casa do sogro, esperando encontrá-lo arrasado. O velho, entretanto, viera sorrindo a seu encontro.

— Então, já soube do estouro da boiada? - perguntara ao abraçá-lo.

— E agora, que é que o senhor vai fazer?

— Agora? Liquidar a massa falida e começar de novo. O principal é não prejudicar ninguém. Pagarei tudo e todos até o último tostão. — E em seguida, mudando de tom e evidentemente buscando um pretexto para fugir do assunto- 539 - Então? Como se foram de viagem? Se divertiram muito? Naquele mesmo dia Rodrigo procurara o dr. Ruas, o advogado de Aderbal, para saber ao certo da situação do sogro. Estava pasmado. Um cidadão que não bebia, não jogava nem se metia com mulheres; um homem que levava a mais espartana das vidas, trabalhando de sol a sol - como podia ter chegado a uma situação como aquela?

Muito simples - explicara o advogado. Aderbal Quadros recebia dinheiro a juro alto - mais alto que o de qualquer banco do país - e emprestava-o a juro baixíssimo, sem garantia de espécie alguma. E o pior de tudo - esclarecera ainda o dr. Ruas, alteando a voz indignada - , o pior de tudo era que o simplório chegava ao cúmulo de não exigir nenhum documento das pessoas a quem fazia empréstimos, pois achava - o inocente! o anjinho! o idiota! - que a palavra de um homem de bem valia tanto quanto qualquer letra selada, com assinatura reconhecida em cartório. Ali! Mas as “loucuras” do Babalo não pararam aí. Descobrira também que o homem não trazia nada

anotado, suas transações eram feitas sob a palavra e registradas apenas na memória. Livro? Invenção estrangeira para complicar as coisas.

E o produto da venda das terras que o velho possuía - indagava Rodrigo - não daria para cobrir com folga as dívidas? Nas estâncias de Santa Rita e Santa Clara estavam os melhores campos da região serrana… Seriam no mínimo umas boas quinze léguas bem povoadas. E o gado? E os prédios que o velho possuía na cidade?

O dr. Ruas sorria sardonicamente. Babalo não era apenas seu constituinte, era também seu amigo de muitos anos. Por essa razão a coisa toda o deixava furioso. Nunca me consultava! Nunca me ouvia! Decerto acha que advogado é sinónimo de vigarista.

— Pois saiba duma coisa, dr. Rodrigo, depois de vendidas essas duas estâncias com todo o gado, aos melhores preços do momento; depois de vendidas todas as casas, pagos os impostos, etcétera, etcétera… o total apurado mal dará pra pagar o que esse cretino deve!

— É assombroso!

— As pessoas a quem ele emprestou dinheiro estão insolventes, já morreram ou se mudaram de Santa Fé sem deixar nem rastro.

— Espantoso!

— Só no ano passado seu sogro perdeu uns cento e tantos contos numa charqueada de Rosário. Imagine, sócio duma charqueada que nunca viu! E pior que isso: faz uns cinco ou seis anos que vem perdendo dinheiro com a tal lavoura de trigo. Essa é que foi a grande sangria. Ora, se os nossos avós deixaram de plantar trigo no Rio Grande deve ter sido por alguma razão muito boa!

Ao saber da falência do amigo, Licurgo precipitara-se do Angico para a cidade, fechara-se com Babalo numa sala durante mais duma hora, tentando convencê-lo da necessidade de salvar as estâncias a qualquer preço. Ele, Licurgo, e mais um grupo de amigos estavam dispostos a levantar o dinheiro para atender aos principais credores. O resto se arranjaria com o tempo…

Babalo passara quase todo o colóquio a sacudir negativamente a cabeça. Não queria sacrificar os amigos. Mas não é sacrifício, vivente de Deus! Se eu estivesse nessa situação, sei que vassuncê faria o mesmo por mim.

Não conseguiu, porém, convencer o outro. Aderbal Quadros queria vender tudo o que possuía, pagar as dívidas até o último vintém, e começar de novo, com o cofre e a consciência igualmente limpos. Parecia até que, naquela história toda, a única coisa que realmente o interessava era recomeçar a vida na estaca zero, como se fosse ainda um piá e não um homem de mais de cinquenta anos.

Agastado, Licurgo encerrara a entrevista com uma frase muito de seu agrado: “Amarra-se o burro à vontade do dono”. E Babalo,

chupando o cigarrão, glosara: “O burro nesse negócio fui eu. Portanto eu é que devo aguentar as consequências”.

Pensando nessas coisas Rodrigo olhava para as coxilhas, sob a soalheira daquela manhã de verão. Numa das invernadas que margeavam a estrada, queimava-se campo, e o vento trazia até o automóvel uma fumaça azulada e espessa, cujo cheiro lhe evocava longínquos verões da infância, no Angico.

Aproximavam-se da chácara a que Babalo dera - ninguém sabia ao certo por quê - o nome de Sutil. Bento pôs-se a fonfonar. Uns cinco ou seis guaipecas, dos mais variados pelos e tamanhos, surgiram na estrada e entraram a perseguir o automóvel, ladrando furiosamente.

Rodrigo avistou a casa dos Quadros, uma meia-água de porta e duas janelas, de paredes que haviam sido brancas num passado remoto, e coberta de telhas vãs esverdinhadas de limo. Parecia uma velha triste e encolhida, com um xale sobre os ombros, sentada quietinha atrás daquele renque de coqueiros.

— Quem diria? - murmurou Rodrigo. — O dono das estâncias de Santa Rita e Santa Clara reduzido à condição de rendeiro duma chacrinha!

Flora entreabriu os lábios num desbotado sorriso: - Deixa o coitado. Ele gosta dessa vida…

— Pois é exatamente isso que me intriga. O velho gosta!

— Quando morávamos na casa da rua do Comércio, às vezes o papai ia sestear no fundo do quintal, debaixo das árvores e em cima dos arreios. Dizia que era pra se lembrar dos tempos de tropeiro…

O Adler parou à frente da casinhola. Babalo e a mulher, que os sons da buzina haviam atraído para fora, aproximaram-se do automóvel.

As duas crianças apearam e precipitaram-se, de braços erguidos e aos gritos na direção dos avós. Babalo acocorou-se, enlaçou os netos, um em cada braço, puxou-os contra o peito e beijou-lhes as faces. Dona Titina, secarrona, limitou-se a dar-lhes a mão: - Tomem a bênção da vovó.

Levou-os depois para dentro e, sob os protestos de Flora, encheu-lhes as mãos de roscas de polvilho e rapaduras de leite. Aderbal quis saber como ia a guerra.

— Um pouco parada - informou Rodrigo. — Na Europa agora é inverno. Cai muita neve, os caminhos estão impraticáveis, 542 o frio é brabo. O remédio é fazer guerra de trincheira enquanto a primavera não vem. Babalo sorriu.

— Às vezes até chego a pensar que toda essa história de guerra não passa duma invenção do Correio do Povo e dos outros jornais, só pra terem assunto.

— Antes fosse…

Entraram. A “varanda”, de chão de terra batida, teria quando muito três metros de frente por dois e meio de fundo. Viam-se grandes falhas no reboco das paredes manchadas de umidade e onduladas de calombos. A mobília era a mais rústica e resumida possível: uma mesa de pinho sem lustro, quatro cadeiras de assento de pau e um velho guarda-comida meio desmantelado. Moscas zumbiam no ar recendente a queijo fresco, charque e cinza fria.

Flora e a mãe conversavam animadamente sobre assuntos domésticos. Aderbal puxou o genro para fora.

— Venha olhar a minha estância - convidou com mansa ironia. — Não é tão grande como a de Santa Clara ou a de Santa Rita, mas sempre é melhor que nada…

Ficaram parados a conversar por um instante à sombra das árvores do pomar. Babalo tirou do bolso um pedaço de fumo em rama e começou a picá-lo com a faca de cabo de prata. O Sutil - refletia Rodrigo - era mesmo uma estância em miniatura. Tinha um pomar com laranjeiras, bergamoteiras e pessegueiros; uma coxilha em cuja encosta Babalo fizera sua roça de milho e feijão; um caponete por dentro do qual corria um riacho; um potreiro, uma horta, uma mangueira, um galpão…

— Está vendo o galinheiro novo? A Titina está criando umas legornes. Diz que vai vender ovos pra fora, Quero só ver. Se ela for tão boa negociante como o marido, vai acabar quebrando…

Soltou sua risada clara.

— Tenho também três vacas leiteiras. Estamos bebendo um leite mui especial. A semana passada a velha fez uma batelada de queijos. Levem uns pra vocês.

Rodrigo avistou o rosilho de Babalo amarrado a um tronco de cinamomo e completamente aperado. Sabia que todas as manhãs o sogro montava a cavalo e saía a percorrer “suas terras”. Seis pobres hectares… Um homem que já tivera de seu tanto campo que a vista nem alcançava!

Ali estava um caso que lembrava o duma personagem d'O pato selvagem. Ekdal, o velho caçador, ao fim duma vida de frustrações e derrotas, para aplacar a saudade dos tempos heroicos da mocidade, em que caçava ursos nas montanhas, metia-se no viveiro da casa do filho e lá ficava a dar tiros em pobres coelhinhos assustados. Babalo procurava matar no Sutil a saudade de suas grandes estâncias… Ah! Mas havia uma diferença: a personagem de Ibsen era uma alma submersa, um vencido, ao passo que Aderbal Quadros lutava com o aprumo dum triunfador. E com que alegria, com que entusiasmo, com que gosto!

— Vou te mostrar uma coisa - murmurou ele, tomando o braço do genro. — Botei nomes de políticos importantes em algumas dessas

árvores mais bonitas.

Aproximaram-se do sopé da colina. Aderbal apontou para a árvore alta que se erguia ao lado do galpão: - Aquele cedro é o dr. Júlio de Castilhos. Está vendo aquela cabriúva no topo da coxilha? É o conselheiro Gaspar Martins. Lá na beira do riacho tem uma corticeira que dá uma flor mui linda, é o dr. Assis Brasil. Ando meio brigado com o dr. Borges de Medeiros, mas botei o nome dele num desses cinamomos…

Enrolou o cigarro, acendeu-o e soltou um par de baforadas. Um sorriso de malícia apertou-lhe os olhos e fez saltar os zigomas, acentuando a angulosidade do rosto.

— Aquela arvorezinha enfezada ali perto da horta (está vendo?) é o marechal Hermes. Sabe por que é que não cresce? Por causa da grande, do jacarandá que, a bem dizer, está por cima dela. O jacarandá se chama senador Pinheiro Machado.

Rodrigo sorriu, olhando para o sogro com uma admiração tocada de inveja. Gostava do velho, mas a presença dele deixava-o levemente perturbado. Sempre que via aquele homem bom, simples e sólido a lidar com a terra, descalço e em mangas de camisa, era 544 tomado dum estranho sentimento de remorso e culpa, da vaga sensação de haver traído todo um passado, rompido uma tradição de família, renegado o pai, a mãe, os avós - as origens, enfim. Sentia-se (mas todo esse mal-estar desaparecia logo que ele se afastava do sogro) frágil e vulnerável no seu extremado apego à vida urbana, com suas máquinas, seu conforto amolecedor e todas as superficialidades que Babalo tanto desprezava: roupas, perfumes, festas, vinhos, guloseimas, honrarias…

Aquele homem telúrico parecia contentar-se com as coisas essenciais da vida: o ar, o fogo, a água, o pão, o sol, a terra. Vivia numa tal comunhão com a natureza que, com sua pele dum tom terroso, parecia algo que houvesse brotado do chão e que longe dele não pudesse vicejar. Em toda a sua vida nunca tinha lido um livro ou entrado num teatro. Desprezava o dinheiro e jamais procurava o prestígio ou o poder político. Mesmo quando morava no casarão da cidade, nunca deixara de falar com saudade dos tempos em que carreteava ou fazia tropas. Talvez - refletia Rodrigo, olhando para o sogro - , talvez os maus negócios que haviam levado aquele homem à falência não tivessem sido pura obra do acaso. Não era impossível que o próprio Aderbal Quadros houvesse colaborado com o destino, procurando inconscientemente a própria ruína, a fim de poder voltar à vida simples, rústica e dura que tanto amava. Porque aquele campeiro parecia ter a volúpia de vencer dificuldades.

— Qualquer dia - disse o velho quando subiam a encosta, margeando a roça - vou fazer uma tropa. Já ando cansado desta

vadiação.

Vadiação? Rodrigo sabia que o sogro trabalhava de sol a sol todos os dias, inclusive os domingos.

Os guaipecas lançaram-se a correr coxilha acima e, latindo e sacudindo os rabos, cercaram o amo, a fazer-lhe festas. Amigo dos animais, Babalo recolhia e, por assim dizer, perfilhava todos os cachorros e gatos extraviados que apareciam no Sutil.

— Veja que freguesia, Rodrigo! - murmurou ele, acocorando-se para brincar com os guaipecas. Ficou por alguns segundos a resmungar frases carinhosas e alisar o pelo dos cachorros, que, 545 - ganiam, e lhe lambiam as mãos e as faces. Depois ergueu-se e continuou a subir com o genro fazendo alto no cimo da coxilha, de onde se avistava o casario de Santa Fé.

— Vamos ali pra sombra do conselheiro. Aproximaram-se da cabriúva. Babalo espraiou o olhar pela paisagem.

— Campos lindos. Parecem um veludo.

As coxilhas desdobravam-se a perder de vista, rumo daqueles luminosos horizontes de janeiro.

Aderbal apontou para a encosta da colina a cujo sopé ficava o capão do riacho.

— Sabe o que é que vou fazer aqui? Uma lavourinha de trigo. O ano que vem, se Deus quiser, vou comer pão feito com trigo do Sutil.

Todos os dias, após o almoço, Rodrigo subia para o quarto com um exemplar do Correio do Povo debaixo do braço, deitava-se e ficava a ler, com lenta e preguiçosa volúpia, até adormecer. Invariavelmente caía no sono com o jornal aberto sobre o peito.

Naquele 3 de janeiro, mal Bento lhe entregou o jornal que fora comprar à estação, subiu para o quarto, já a bocejar. Fazia um calor abafado e as pedras das ruas e calçadas escaldavam como chapa de fogão. ("Dá pra fritar ovo" - garantiu o caboclo.) Rodrigo foi tirando a roupa aos poucos e, sem encontrar alívio para o calor, acabou por ficar completamente nu. Estendeu-se na cama e abriu o jornal. As duas primeiras páginas estavam cheias de telegramas da guerra, que continuava na sua estagnação de inverno. Passou ao editorial, cujo título era - “1914-1915”.

Ano-Novo! Ano-Bom!

A alma popular teima, a cada novo ano que surge, em querer ver no seu despontar os raios duma nova aurora, o início dum novo período de ventura e de bondade. O Ano-Novo é sempre o Ano-Bom.

Assim nos iludíamos todos a l" de janeiro desse malsinado 1914. Todos esperávamos que de nos viesse compensar dos desgostos de 1913, que nos viesse ressarcir dos males que este nos causara. E, no entanto, nunca houve ano de tão dolorosas provações para todo o inundo, de tantas misérias, de tantas dores, de tantos horrores.

Aqui no Brasil tivemos, logo aos primeiros meses desse ano terrível, a tragédia do Ceará e o seu longo cortejo de desgraças; vieram depois o estado de sítio, a perseguição à imprensa, os crimes do Contestado; a debacle financeira, o abalo do nosso crédito no estrangeiro, arrastando-nos ao beco sem saída do funding loan.

Não foram mais felizes os outros países do continente.

O editorialista passava a enumerar as desgraças continentais: revoluções no México e o conflito desse país com os Estados Unidos; o assassínio do presidente da República da Colômbia; crimes no Prata e luto na Argentina pela morte de Saenz Peíía. A Europa não fora mais feliz: a "semana vermelha" na Itália, com os desatinos revolucionários de Ancona; agitação política na França, onde a tragédia do Figaro - o escandaloso "affaire Calmette' - agitara a nação e o mundo; greves na Rússia; novos rumores de guerra entre a Turquia e a Grécia; a farsa das sufragistas na Inglaterra e boatos de guerra civil na Irlanda. Por fim - continuava o editorial - a maior catástrofe de todas: o assassínio do arquiduque herdeiro do trono dos Habsburgos, que desencadeara na Europa a mais terrível guerra da história da raça humana. E era à sombra dessa pavorosa hecatombe que surgia o ano de 1915.

Que das duras provações de boje surja uma humanidade melhor, mais tolerante, menos egoísta, mais inclinada a perdoar as culpas do próximo e desculpar-lhe os erros.

Rodrigo deixou o jornal cair sobre o peito, trançou as mãos por cima dele e ficou a pensar naquela fria noite de julho de 1914, em que o Cuca Lopes entrara esbaforido no Sobrado, trazendo a dramática notícia.

— Rebentou a guerra na Europa!

Havia semanas que os jornais andavam cheios de negros presságios em torno da possibilidade dum conflito armado no continente europeu. Depois da tragédia de Serajevo, esperava-se para qualquer momento a deflagração da guerra. Entretanto, no seu incurável otimismo Rodrigo achava que as dificuldades seriam contornadas e a crise vencida graças aos esforços conjugados da diplomacia francesa e inglesa.

— Quem foi que te contou, homem de Deus?

— Chegou um telegrama ind'agorinha. Por acaso eu estava no Telégrafo…

— Adeus, viagem a Paris! - exclamou Rodrigo, sentando-se, prostrado, numa cadeira.

No dia seguinte o coronel Jairo confirmou a notícia. A Áustria declarara guerra à Sérvia, à qual se unira o Montenegro. A esquadra alemã concentrava-se em pontos estratégicos. A austríaca bloqueava o porto de Antivari. A Rússia já declarara que ordenaria a mobilização geral, caso os austríacos ocupassem Belgrado. A Alemanha ameaçava

mobilizar todas as suas forças de terra e mar, se a Rússia fizesse qualquer movimento de tropas, ainda que parcial.

— Não vejo a menor esperança duma solução pacífica do problema - declarou o comandante do regimento de infantaria, sacudindo penalizado a cabeleira ruiva. — A entrada da Alemanha, Rússia, Inglaterra e França no conflito é questão apenas de dias, talvez de horas. A conflagração vai ser geral. As bestas apocalípticas andam de novo às soltas. Pobre humanidade!

Generalizado o conflito, Rodrigo ficou a segui-lo avidamente através dos jornais. Desde logo ficara evidente que a maioria da população santa-fezense era simpática à causa aliada. Quanto a Rodrigo, não tivera a menor hesitação. Onde estivesse a França, lá estaria também seu espírito e seu coração. Em meados de agosto organizou uma marcha aux flambeaux em que os partidários dos aliados, puxados pela banda de música militar, desfilaram pelas ruas de Santa Fé com bandeiras da França, da Inglaterra e do Brasil, a soltar vivas a Poincaré, ao czar da Rússia, ao rei Jorge da Inglaterra e ao rei Alberto da Bélgica.

A Farmácia Popular ficou sendo conhecida como o mais importante centro de concentração aliadófila da cidade, ao passo que a Confeitaria Schnitzler era o ponto de reunião dos membros da colônia alemã e dos teuto-brasileiros, cujas simpatias naturalmente estavam voltadas para o Vaterland.

Os jornais noticiavam que nas sociedades germânicas de Porto Alegre, São Leopoldo e Santa Cruz faziam-se subscrições e festas em benefício dos soldados alemães e austríacos. Rodrigo enfurecia-se com isso, pois o Brasil em peso - afirmava - achava-se coeso ao lado da causa aliada, que era a causa mesma da democracia e da civilização!

Aqueles alemães e seus descendentes deviam meter a viola no saco e ficar quietinhos no seu canto, pois se continuassem naquelas manifestações insolentes acabariam mas era levando bordoadas!

Tomou assinaturas de revistas e jornais espanhóis e platinos que começavam a trazer reportagens e comentários ilustrados sobre a guerra europeia. Não podia ver retratos do Kaiser sem sentir o sangue ferver-lhe nas veias. Compare-se a fisionomia de Raymond Poincaré com a de Guilherme II. Dum lado temos esse homem culto e civilizado, com ar de professor universitário, uma expressão de bondade paternal no rosto. Do outro, todo enfarpelado no seu vistoso uniforme, o maldito Hohenzollern, de bigodes de guias torcidas para cima, o olhar duro e cruel como o aço de seu antipático capacete. Senhores, entre um e outro não podemos ter a menor hesitação.

A batalha do Marne trouxera Rodrigo angustiado durante mais duma semana. Dela dependia a sorte de sua amada Paris e talvez o desfecho da guerra. Quando chegou a Santa Fé a notícia de que a

grande ofensiva alemã havia sido repelida, chamou o negro Sérgio e mandou-o soltar duas dúzias de foguetes à frente da Farmácia Popular.

E quando, atraídos pelos estrondos, curiosos se aproximaram, formando pequena multidão sugestiva dum comício, Rodrigo transmitiu-lhes a notícia em altos brados e acabou fazendo um veemente discurso em que exaltou a coragem e o gênio dos gauleses 548 549 e atacou "os hunos que com o tacão de suas botas de bárbaros estão ameaçando a civilização, a cultura e a democracia!"

À medida que ia lendo as notícias das atrocidades cometidas pelas tropas alemãs na Bélgica, onde - informavam os jornais - aldeias inteiras eram destruídas, velhos, mulheres, inválidos e crianças fuzilados juntamente com homens válidos, sua indignação crescia de tal forma, que ele já nem podia discutir com o capitão Rubim, germanófilo empedernido, sem que acabassem ambos vermelhos e aos berros, como se estivessem prestes a engalfinhar-se em luta física.

— Não acredite nessas notícias - dizia Rubim. — Isso é pura propaganda aliada. E, depois, guerra é guerra e não podemos esperar que os soldados se portem como anjos.

Os alemães não são melhores nem piores que os ingleses e os franceses. Mas uma coisa lhe digo, meu caro. São mil vezes mais humanos que os russos. Esses eslavos, sim, é que são bárbaros.

O que mais deixava Rodrigo agastado era saber que em Nova Pomerânia se faziam comícios e festas pró-Alemanha, Kerbs em que se cantavam hinos alemães e em que o *Deutschland über alies* era repetido entusiasticamente como um refrão de vitória. Contava-se que muitos colonos tinham mandado seus filhos alistarem-se nas forças do Kaiser.

Desaforo! - vociferava Rodrigo. — O governo deve proibir isso. Afinal de contas esses lambotes vivem na nossa terra, comem o nosso pão, bebem a nossa água, respiram o nosso ar, dependem, enfim, da nossa generosidade e da nossa tolerância.

Rubim sorria ante essas explosões. "Só lhe falta - ironizou ele um dia - organizar e comandar uma expedição punitiva contra Nova Pomerânia." Rodrigo não achou nenhuma graça na observação. "E por que não? - replicou. — Há de chegar esse dia!"

Cortou o cumprimento a Júlio Schnitzler e começou a boicotar-lhe a confeitaria. Olhava com rancor e má vontade para os Spielvogel, os Kunz, os Schultz, enfim, para todos os que ali em Santa Fé tinham nomes germânicos. "Se algum desses boches me olhar atravessado, parto-lhe a cara!"

Continuava a acompanhar a guerra através das revistas e jornais que lhe chegavam do Prata. Aqueles primeiros dias do conflito 550 tinham abalado o Brasil. O governo decretara moratória e férias comerciais para os bancos, muitos dos quais foram fechados e guardados pela polícia. Havia no tom das notícias econômicas e

financeiras algo que sugeria um princípio de pânico.

Rodrigo, que via a guerra através dum prisma apaixonadamente romanesco (a revanche de Sedan, o estudante alsaciano, o esfrit contra a Kultuf) ficava indignado quando Cacique Fagundes, Joca Prates e Pedro Teixeira, revelando um descaso assustador pela sorte dos belgas, pela segurança de Paris ou pelas vitórias da formidável esquadra britânica, mostravam-se preocupados apenas com as alterações de preços nos gêneros de primeira necessidade e com a paralisação do mercado da banha. Naquelas primeiras semanas os estancieiros andavam apreensivos, alarmados mesmo, ante a possibilidade de a guerra trazer desastrosos prejuízos à pecuária. O couro, que havia pouco estava a $640, agora não tinha cotação. Os proprietários das barracas do interior do estado ordenavam aos seus representantes que suspendessem todas as compras.

Aquela gente só pensava na barriga - concluía Rodrigo, entristecido e revoltado. Seu próprio pai não era diferente dos outros. Não tinha a menor noção do que fosse realmente a Europa e sua importância no mundo. Bélgica, Sérvia, Montenegro, França? Pura invenção dos jornais e dos compêndios de geografia…

Don Pepe, esse andava tomado duma agitação toda particular. Nos últimos dias de julho ainda afirmava, com a fé dum apóstolo, que a guerra não seria deflagrada porque a consciência socialista do mundo não apoiaria sob nenhum pretexto aquela criminosa aventura capitalista!

Vibrara de emoção e esperança ao ler no Correio do Povo que em Porto Alegre o Partido Socialista, considerando uma exploração iníqua contra o interesse do povo o aumento injustificável de certos produtos nacionais, o que viria agravar a miséria das classes trabalhadoras, convocara a população para um mceting de protesto na praça da Alfândega.

— Es para Io que sirven ias guerras capitalistas! - exclamara, sacudindo o jornal no ar como uma bandeira. — Para explorar ei 551 , ni o pueblo. La Standard Oil ya aumento el precio dei kerosén y de Ia nafta.

— Mas não se trata de explorar ninguém, Pepito - retrucara Rodrigo com uma falsa paciência. — É uma guerra de vida e de morte: a civilização contra a barbárie, o despotismo contra a liberdade. É necessário esmagar a Alemanha para que o mundo possa de novo respirar em paz.

Ao ler a notícia de que um estudante assassinara em Paris o deputado Jean Jaurès, líder do Partido Socialista, don Pepe ficara tão acabrunhado, que caíra de cama, com febre alta.

— Está tudo perdido - murmurava ele.

E nos seus delírios fazia discursos incendiários.

Se por um lado as atrocidades dos alemães causavam a Rodrigo a mais profunda revolta, por outro a leitura de telegramas que relatavam atos de heroísmo e sacrifício por parte de soldados aliados enchiam-no dum cálido, comovido entusiasmo. Foi com lágrimas nos olhos e com calafrios a percorrerem-lhe o corpo que leu a narrativa da proeza do aviador Garros - esse Garros que, para destruir um dirigível alemão, não hesita em atirar contra ele o aeroplano que pilotava com maravilhosa destreza, tendo a tranquila certeza de que essa morte seria simplesmente sublime. Poucas vezes subiu tão alto o aliás tradicional heroísmo francês.

Rodrigo tomou-se de grande ternura pelo Japão ao saber que seu governo declarara guerra à Alemanha. Aquele pequeno país isolado nos confins do continente asiático honrara sua aliança com a Inglaterra, apesar de não estarem em jogo os interesses nacionais!

E a Itália? Que fazia a Itália que não entrava também no conflito ao lado da França, sua irmã latina? "Marco Lunardi!" - gritava ele quando encontrava o amigo.

— “Quando é que vocês entram nessa guerra, homem?” Interpelava-o com ar de brincadeira, mas com certa impaciência, como se a declaração de guerra dependesse do jovem proprietário da Fábrica Ítalo-Brasileira de Massas Alimentícias. Fazia a mesma pergunta ao dr. Carbone, que sorria: “Paciência, carino. Espera a primavera. Agora faz muito frio”.

Um dia, quando, no Sobrado, Rodrigo comentava apaixonadamente a guerra à mesa do jantar, Licurgo observou: - Estão morrendo patrícios nossos nessa luta no Contestado, e o senhor parece que nem se importa com isso. Ainda ontem passou por aqui um trem cheio de soldados que iam pra Marcelino Ramos. Estão falando que os fanáticos vão invadir o nosso estado pelo Passo Fundo.

— Ora, papai, não acredito que esses caboclos mal-armados possam pôr em perigo a vida da República. Mas o Kaiser, esse sim é um pesadelo para toda a civilização.

Nos primeiros dias daquele setembro de 14, Rodrigo organizou em Santa Fé uma grande festa, com leilão e tômbola, em benefício da Cruz Vermelha belga.

— Essa tua paixão pela Bélgica - disse-lhe Rubim - tem origem na velha piedade cristã pelos fracos. Segundo um conceito corrente mas erróneo, o fraco é necessariamente o bom, ao passo que o forte é o mau. Ora, vamos e venhamos, isso é um raciocínio infantil!

Rodrigo apanhou um exemplar do Correio do Povo que transcrevia um discurso que Rui Barbosa pronunciara recentemente no Senado.

— Veja o que diz da Bélgica o maior brasileiro vivo.

Leu: Agora que a Bélgica atravessa as provações de seu martírio

sobre-humano, com um heroísmo cuja sublimidade obumbra às vezes as páginas mais belas da antiga história grega… (Aqui há um "muito bem" do Senador Azeredo.)

— Boa bisca - interrompeu-o Rubim. — Deem-lhe um baralho e um parceiro e ele ficará feliz…

O outro prosseguiu: …da luta helénica contra as hordas do Oriente, se por ali voltássemos só encontraríamos naquele solo da indústria, do progresso, das letras, vastas necrópoles, campos ermos, chão gretado pelas ossadas, cidades, consumidas, construções em ruínas. E que a guerra escolheu aquele torrão de liberdade e trabalho para a ma semeadura de cinzas e luto. A guerra, uma guerra que baniu o direito, a humanidade, o cristianismo; uma guerra que eliminou as inviolabilidade mais sagradas, uma guerra que passa com a iracúndia do furacão sobre o princípio 553

tutelar das neutralidades; uma guerra que rasga todas as leis internacionais, uma guerra que considera os tratados como trapos, que não admite os direitos dos fracos, que não conhece o dever dos fortes; uma guerra que incendeia museus, bibliotecas e templos, uma guerra que arrasa cidades abertas, queima aldeias pacíficas, tala campos sorridentes, cativa populações desarmadas; uma guerra que fuzila velhos, inválidos, corta seios das mulheres, decepa mãos das crianças; uma guerra que sistematizsa a crueldade, a destruição e o terror; uma guerra que escancara as fauces hiantes para a Europa dilacerada e se sacia nas presas sanguinolentas, no meio dum ciclone, a cuja rajada o mundo todo parece estremecer, como se o próprio solo da consciência se lhe houvesse abatido debaixo dos fundamentos divinos, e sorvedouros do inferno se abrissem para tragar a civilização fecundada pelo céu…

Rubim escutou o discurso até o fim com um sorriso céptico.

— Até o nosso grande Rui - comentou ele por fim - caiu na esparrela da propaganda aliada…

"O que se passava - acrescentou - era tão claro e de natureza tão prática que dispensava a eloquência e a retórica. A Alemanha e a Áustria tinham, havia muito, os olhos voltados para o Oriente e para a Ásia Menor; talava-se até em estender a Grande Germânia de Berlim a Bagdá. Por outro lado a Rússia queria impor o domínio eslavo a Constantinopla, numa expansão rumo do Adriático, passando pela Sérvia… Não havia no mundo inteiro área mais confusa e inflamável que os Balcãs. Jamais houvera na história dasnações zona mais confusa e cheia de intrigas políticas e complicações religiosas e raciais. Aqueles países, verdadeiras comédias de erros, colchas de retalhos de nacionalidades que se repeliam, não tinham estatura para se tornarem nações independentes. Eram apenas presas em estado potencial cobiçadas por dois colossos: o alemão e o russo. Ora, a França, que

vivia iludida com o poderio militar da Rússia, tinha com esta uma aliança. O povo francês esperava de certo modo tirar a revanche de 70. Quanto à Inglaterra, a velha raposa ficaria de bom grado fora do conflito, deixando que as outras potências se destruíssem, a fim de que ela, intervindo no fim, pudesse ficar com a parte do leão. O diabo era que, vencedora a 554 Alemanha, a sorte do Reino Unido estaria selada. Não devíamos esquecer também que entre a Inglaterra e a Alemanha existia uma tremenda rivalidade comercial. Os produtos alemães, em geral melhores e mais baratos que os ingleses, estavam começando a dominar os mercados mundiais. A destruição da Alemanha, portanto, era coisa indispensável não só para a saúde económica do Império Britânico, como também para a tranquilidade da França.

"O resto, meu amigo - rematou o capitão - , é rui-barbosismo, pura retórica dum país de mulatos pacholas e pernósticos."

Abolir a sesta… Essa era a grande resolução que Rodrigo havia tomado. Andava entusiasmado com o movimento da farmácia e do hospital e com as atividades do dr.

Carbone. Queria dedicar mais horas ao consultório, acompanhar o negócio mais de perto, enfim, não perder tempo a dormir estupidamente, enquanto o operador e seu assistente lá estavam a abrir e fechar barrigas de colonos e nativos, e o pobre Gabriel se desdobrava entre o laboratório, o balcão e a sala de operações, onde o cirurgião, como era natural, queria tudo a tempo e a hora.

Mas não era fácil cortar drasticamente um hábito tão velho e gostoso. A resolução era antiga, e ele vivia a prometer a si mesmo que ia pô-la em prática "na segunda-feira que vem"… Semana nova: vida nova. Mas qual! Mal terminava de almoçar, vinha-lhe o torpor, o peso nas pálpebras, os bocejos, e ele acabava sempre encontrando um bom pretexto para subir ao quarto e deitar-se. Uma vez na cama, estava tudo perdido: dormia até às três.

Naquela segunda-feira de janeiro, decidiu: hoje não sesteio. Apanhou na biblioteca Lês maladies de Ia volante, de Ribot, e sentou-se. Era preciso educar a vontade, seguir o exemplo dos hindus. Illustration publicara, havia pouco, uma série de gravuras mostrando um iogue nos seus incríveis exercícios. Aqueles monstros conseguiam libertar o espírito da matéria, desviar os sentidos do mundo exterior. Ora, eu quero apenas perder o hábito da sesta…

Abriu o livro, passou os olhos por alguns parágrafos do prefácio (coisa que já fizera em outras ocasiões) mas não pôde concentrar a atenção no que lia.

O diabo era o calor. No inverno seria mais fácil dispensar a sesta. Mas no verão, depois dum almoço pesado… É, mas seja como for, hoje não durmo. Está resolvido.

Fechou o livro e os olhos. (Não vou dormir - comunicou a si mesmo. — Só descansar um pouquinho.) Estava à beira do sono quando um grito agudo o despertou. Pôs-se de pé, sobressaltado, e precipitou-se para a sala de jantar, de ontem partiam os berros duma das crianças.

— Que foi? Que foi?

Maria Valéria veio a seu encontro, com Alicinha nos braços. A menina chorava, o rosto contorcido de dor, as lágrimas a rolarem pelas faces afogueadas. Um filete de sangue escorria-lhe do canto da boca.

— Santo Deus! - exclamou Rodrigo.

Quis arrebatar a filha dos braços da tia, mas esta o repeliu com um gesto decidido.

— Deixe de fita! Não é nada. A criança caiu e cortou o beicinho por dentro. Bota-se maravilha curativa e está pronto.

Com uma expressão de angústia no rosto, Rodrigo ficou a acompanhar com os olhos a Dinda, que subia a escada grande com a menina nos braços.

A meio caminho, Maria Valéria deteve-se por um instante e olhou para o afilhado: - Não precisa fazer essa cara de capão de pinto. Já disse que não é nada.

Rodrigo voltou para sua cadeira. Por algum tempo ficou a ouvir, penalizado, o choro da filha. Quando alguma das crianças se feria ou adoecia, ficava desnorteado, portava-se - no dizer de sua madrinha - como uma solteirona histérica, e só lhe faltava romper também o choro.

Um dia Floriano rolara pela escada e tombara com um estrondo a seus pés, ficando estatelado e imóvel no chão, como que 557 sem sentidos. Desatinado, ele erguera o filho nos braços e por algum tempo quedara-se aturdido, incapaz duma palavra, duma resolução.

— Chamem um doutor, depressa! - gritara depois. — Esta criança está com o crânio fraturado!

Lágrimas brotaram-lhe nos olhos, soluços rebentaram-lhe do peito. Flora, muito pálida, andava dum lado para outro, cega e perdida no seu desespero. Fora nesse instante de confusão que Maria Valéria interviera, arrebatando Floriano dos braços do pai e deitando-o no sofá, onde o sacudira até fazê-lo abrir o berreiro. Apalpara-lhe depois a cabeça, as pernas, as coxas, os braços, tiraralhe a camisa para examinar-lhe o tórax. E quando o menino cessara de berrar, ficando apenas a fazer beicinho, os ombros sacudidos por soluços secos, ela tornara a apalpar-lhe várias partes do corpo, perguntando: “Dói aqui? E aqui?” Ele respondia que não, com movimentos de cabeça. Poucos minutos depois estava de pé a brincar, como se nada lhe tivesse acontecido.

— Estão vendo? Não ficou nem galo. Eu sempre digo que vocês se assustam por qualquer coisimha.

Rodrigo agora sorria, recordando a cena. Reconhecia que era um pai sentimental e bobo. Vivia a contar as gracinhas dos filhos, coisa que nos tempos de solteiro achava tão ridículo nos outros. Quando vinham visitantes ao Sobrado, chamava Floriano à sala, punha o gramofone a tocar um disco e perguntava ao menino: “Que música é essa?”

Floriano hesitava por um instante e depois, com o dedo na boca, os olhos baixos, respondia: "É o Palhaço do Caruso" ou “É a Traviata”. Estão vendo a figurinha?

Com três anos e já entende de ópera! Eu queria que vocês vissem como essa criança gosta de música! É capaz de ficar horas e horas (claro que era um exagero!) sentadinha ali no sofá, escutando a Tetrazzini, o l amagno, o Amato…

Rodrigo tornou a fechar os olhos. Juro, dou a minha palavra de honra como não vou dormir.

Da cozinha veio a voz doce e afinada da Laurinda: Ai, Filommti. Se eu fosse como tu, Tirava a urucubaca Da careca do Dudu!

Sorriu. Ah! Os tempos do Dudu… Aqueles quatro anos de governo do marechal haviam sido um prolongado pesadelo, uma enfiada de desastres políticos e administrativos.

A revolta dos marinheiros. O estado de sítio. Os fuzilamentos do Satélite. O escândalo da prata. A intervenção em Pernambuco. O bombardeio da Bahia. O caso do Amazonas.

Nunca em toda a História do Brasil houvera governo mais catastrófico e acidentado. Jamais se vira tanto mandonismo, tanto nepotismo, tanta arbitrariedade, tanta política de corrilho. E o marechal todo o mundo sabia - não passava dum fantoche nas mãos hábeis e poderosas de Pinheiro Machado. Por mais que admirasse o senador, Rodrigo não podia deixar de reconhecer que ele era autoritário, prepotente e egocêntrico. Durante aqueles quatro anos tormentosos, a voz eloquente de Rui Barbosa não cessara de clamar no medonho deserto nacional na defesa da Constituição, da liberdade de pensamento e palavra, e da autonomia dos Estados. No entanto, um homem da cultura e da fibra moral do senador baiano havia sido derrotado nas urnas por Hermes da Fonseca! Ah! Mas o povo tirara a sua desforra. Sem recursos materiais para derrubar o governo pelas armas, usara da caricatura, do humorismo para lançá-lo ao ridículo. E por todo o Brasil se espalhara a lenda da estupidez do presidente. O Dudu transformara-se em personagem de anedota. Atribuíam-se-lhe os ditos mais obtusos, as intenções mais lorpas, as ignorâncias mais crassas, as atitudes mais rastaqueras, as gafes mais clamorosas. Era um verdadeiro golpe de Estado pela sátira.

E através de quadrinhas, chistes, piadas, trocadilhos, a figura do marechal fora projetada no país inteiro como uma espécie de bobo da própria corte. Sabem a última do Dudu? E lá vinha a anedota… Apareciam em jornais e revistas, eram repetidas pelo homem da rua. Por fim inventara-se que o Dudu tinha urucubaca, azar, caiporismo.

E a palavra urucubaca da noite para o dia ganhara foros nacionais. Aonde quer que fosse - afirmava-se - o Dudu levava a sua aura negativa. O que quer que fizesse saía torto; o que quer que dissesse era sempre errado ou cômico.

No entanto - refletia Rodrigo - uma coisa sempre lhe parecera clara: o Zé Povo da caricatura não queria mal a Hermes da 559

Fonseca. Atacava-o por achá-lo mais vulnerável do que a pessoa que realmente o populacho odiava. Pinheiro Machado era imune à sátira. O ridículo não atingia aquela figura olímpica.

Rodrigo abriu a boca num prolongado bocejo. Na cozinha, Laurinda continuava a cantar.

Abra os olhos. Não. Vou ficar assim só um pouquinho mais…

Imaginou que Pinheiro Machado estava ali na sala, pitando o seu crioulo bem como naquele dia de inverno, em 1910…

Olhe, senador, vou lhe dizer uma coisa com toda a franqueza que me caracteriza. O senhor cometeu um erro quando procurou candidatar-se à sucessão presidencial. Foi muito bom terem eleito o Venceslau Brás. Outro erro seu é esse de querer agora fazer do Dudu um senador da República. Deixe o homem em paz. Não provoque a sanha popular. Não chame mais ódios sobre a sua pessoa e sobre o Rio Grande!

Já agora Pinheiro Machado estava seminu como um faquir, sentado no soalho a fazer horrendas deslocações de membros, como um contorcionista de circo. "Quem me ensinou estes exercícios - dizia ele - foi um iogue, um índio velho de Nonoai. Nisto está o segredo de meu poderoso magnetismo pessoal.

O escritório estava completamente às escuras e Rodrigo só via um ponto luminoso, que não sabia bem se era o olho ou o cigarro do senador.

Quando Flora entrou, poucos minutos depois, encontrou o marido a dormir profundamente.

Rodrigo passou no Angico com a família todo o mês de janeiro e boa parte de fevereiro, aproveitando da maneira mais plena uma sucessão de dias luminosos, dum calor seco e agradável: campereadas em companhia do pai e do irmão; largas sestas na rede, à sombra de cinamomos; caçadas de jacutingas e bugios nos matos; banhos na sanga ao entardecer.

Encontrou Licurgo ainda mais taciturno que de costume, e isso o deixou apreensivo. Que grande mágoa estaria a roer-lhe o coração? Sabia que o pai não aprovava o tipo de vida que ele, Rodrigo, levava na cidade: achava-o um perdulário, um boêmio; um dandy. Estaria o velho zangado com ele? Ou toda aquela tristeza vinha da situação de constrangimento criada por suas relações com a Caré, as quais já agora ninguém mais ignorava?

Por que papai não se abre? Por que não põe as cartas na mesa francamente, atacando o problema de frente e tratando de resolvêlo' Qual! Aquela gente antiga sofria porque procurava viver de acordo com um código de honra que quase sempre estava em violento desacordo com suas necessidades e desejos mais profundos.

— Que diabo! - exclamou uma tarde em que viu o pai sair a cavalo à hora da sesta, rumo do rancho de Ismália Caré. — Por que é que não se casam duma vez e acabam com esse mistério?

Mas ele sabia que tal casamento seria impossível e que a solução do problema não era tão simples assim.

Outra coisa que lhe causava grande mal-estar eram as relações do pai com Maria Valéria. Nas poucas vezes em que se falavam era em

diálogos lacônicos: duas lixas a se tocarem em contatos ásperos e rápidos. Nunca se olhavam de frente: evitavam-se o mais que podiam. Era evidente que se queriam mal. Mas por quê? Por quê?

A hora das refeições Rodrigo fazia o possível para alegrar o ambiente, quebrar a atmosfera de gelo criada pela presença do pai e da cunhada. Contava histórias, ria alto, encontrando em Flora e Toríbio uma plateia interessada e entusiasta, sempre pronta a achar graça em suas anedotas, ditos e casos. O pai, porém, parecia não escutá-lo. Mantinha a cabeça baixa, os olhos no prato.

Será que ele tem alguma coisa contra mim? - perguntava-se Rodrigo. E a ideia de não contar com a estima e a admiração do velho era-lhe tão opressiva que chegava a embaciar-lhe a limpidez daqueles dias de verão. Um dia em que caminhava ao lado de Licurgo (dirigiam-se para a mangueira, a ver um terneiro que acabava de nascer)

resolveu abrir-se.

— Papai, tenho notado que o senhor anda sério comigo. Será que fiz alguma coisa que não foi de seu agrado?

Licurgo deu alguns passos em silêncio; depois, sem voltar a cabeça, respondeu: - Não. O senhor não fez nada. Se tivesse feito eu lhe dizia como é meu costume.

— Então que é que tem?

— Nada. É o meu jeito.

Entrou na mangueira. Inclinou-se sobre o animal recém-nascido, acariciou-lhe o pelo e sorriu. Era o primeiro sorriso que Rodrigo via naquele rosto queimado e melancólico, desde que chegara ao Angico.

— Se não fosse um insulto à memória da nossa mãe - disse ele ao irmão, duma feita em que discutiam o pai - , eu diria que não somos filhos do velho Licurgo.

Toríbio soltou uma risada. Eram seis da tarde e ambos se despiam para mergulhar na sanga. Rodrigo ficou a contemplar o corpo troncudo e musculoso do outro. Toríbio parecia-lhe mais forte que nunca, e muito mais "judiado", como já lhe observara Maria Valéria. Seus olhos estavam injetados, a pele curtida pelo sol e pelo vento, as mãos calosas e encardidas. Com sua cabeça raspada a máquina número zero e seu cachaço nédio dava a impressão - fantasiou Rodrigo - dum guerreiro tártaro.

Um dos seus divertimentos prediletos era segurar um novilho pelas aspas, torcer-lhe o pescoço e tombá-lo, mantendo-o por longo tempo subjugado. Os peões - a quem Bio tratava como iguais - adoravam-no. Rodrigo não se lembrava de jamais ter visto no rosto do irmão a mais leve sombra dum cuidado. Toríbio parecia achar que todos os problemas, mesmo os chamados morais, eram passíveis duma solução física. Nada lhe dava mais alegria que a ação. Comia

desmedidamente e não podia passar por uma venda sem entrar para tomar uma talagada". Confessava, aparentemente sem a menor mossa, ser pai de uns dois ou três guris ali no Angico e arredores, acrescentando: “E nem sei direito que cara têm os desgraçadinhos”.

E naquela tarde, depois do banho, quando, ainda despidos, estavam ambos deitados na grama, Toríbio fez um relato de suas andanças e divertimentos na estância e redondezas, durante os cinco meses em que andara ausente de Santa Fé: aventuras amorosas com chinocas e colonas, algumas sob os maiores riscos; bailes de “cola atada” que quase sempre terminavam em tiroteio; caçadas e pescarias que duravam dias: carreiras dominicais em cancha reta nas quais se apostava à grande e se brigava a fartar; rinhas de galo e jogos de osso em que não raro os jogadores “se estranhavam” e acabavam arrancando os facões…

— E o velho que diz de tudo isso?

— Não diz nada, porque não sabe da missa a metade. Vou te contar uma coisa que ainda não contei a ninguém. Um dia briguei com um cabra numa cancha de osso. Fui pra cima dele desarmado porque não queria lastimar o infeliz. Deitei ele no chão com uma tapona no ouvido. Pois não é que o canalha se levanta e vem pra cima de mim com um facão desta idade e me finca o bruto na coxa? Apliquei-lhe um soco nas ventas que o deixei dormindo. Botei creolina no talho, amarrei um pano por cima e me toquei pra casa. Passei uma noite cachorra, o ferimento doendo e latejando, acho até que tive febre alta, mas não soltei um pio pró velho não descobrir a coisa.

Porque, se ele descobrisse, acho que morria de desgosto.

Acariciando o peito nu com as mãos espalmadas, Rodrigo olhava para o desbotado céu do entardecer, enquanto escutava a voz lenta e fosca do irmão.

Um dos divertimentos que mais apreciava - prosseguiu ele - era ir aos domingos a Garibaldina especialmente para jogar luta com os “forçudos” da colónia. Tiravam as camisas e as botas e atracavam-se, pelo puro prazer de lutar. No fim, suados, ofegantes e sujos, iam abraçados beber vinho nas cantinas.

— Isso é que é vida, Rodrigo. E é por essa e por outras que eu passo tanto tempo sem ir à cidade.

Nada, porém, divertia mais Rodrigo do que o espetáculo que lhe proporcionava o quarto do irmão. Era uma peça acanhada, de chão de terra batida, com uma cama-de-vento, uma cadeira de 563 palhinha e um caixão vazio de sabão que fazia as vezes de mesa-de-cabeceira e sobre o qual se via uma garrafa com um toco de vela metido no gargalo. Espalhados pelo chão, por cima da cama e sobre o peitoril da janela jaziam muitos livros - brochuras esbeiçadas de capas encardidas e manchadas de espermacete. Rodrigo lia-lhes os títulos com delícia:

Os mistérios de Paris, Rocambole, O último dos moicanos. Havia também folhetins ilustrados: aventuras de Buffalo Bill, Nick Cárter, Arsène Lupin e Rafles.

— Sabes o que é que estou estranhando? - disse um dia ao irmão. — É não teres aqui nenhum livro pornográfico.

Bio encolheu os ombros.

— É porque não sou nenhum bandalho. Essas coisas a gente não lê, faz. E quem faz não tem necessidade de ler.

No domingo de Carnaval, mascarados começaram a aparecer nas ruas desde as primeiras horas da manhã. Uns vinham a pé, outros a cavalo, e eram - segundo a classificação de Maria Valéria - os "sujos". Peões de estâncias e chácaras próximas, changadores ou vagabundos, conservavam a indumentária habitual, em geral calças de riscado ou bombachas com ou sem botas, o colete aberto sobre a camisa suja, chapéus sebosos de aba revirada para cima, as caras escondidas sob velhas máscaras de papelão ou barbas feitas grosseiramente de pedaços de pelego ou chumaços de lã. Um que outro envergava um fraque dum preto ruço e trazia um espadagão à cinta. Aparentemente o único divertimento dos sujos era andar pelas ruas, acima e abaixo, a gritar fininho - hi-hi-hi-hi! - e a dirigir gracejos em falsete para as pessoas que se encontravam nas calçadas ou às janelas. Bandos de moleques perseguiam os mascarados, provocando-os com dichotes - "Mascarado esculhambado!"… "Oia a cara dele, vovó!" - puxando-lhes os rabos dos cavalos ou dos fraques, numa gritaria estridente. Os "mascras" reagiam, erguiam os rebenques, perseguiam os garotos e, quando os alcançavam, desciam-lhes com vontade o chicote sobre os lombos.

Havia também os fantasiados "de família". Os ricos e os remediados exibiam fantasias de cetim-paris, tarlatana e lentejoulas. Eram pierrôs, pierretes, colombinas, arlequins, ciganas, damas e cavalheiros antigos, piratas, caraduras, apaches… Os pobres improvisavam disfarces baratos com o que encontravam em casa: fraques, vestidos, cartolas e chapéus avoengos.

Mas esses mesmos - observava Rodrigo - eram tão tristes quanto os "sujos", e muito menos dinâmicos. Andavam pelas ruas sozinhos ou aos bandos, sérios e solenes como se estivessem travestidos de anjos ou santos numa procissão. Traziam nas mãos bisnagas, limões e pacotes de serpentina ou confete, e parecia divertirem-se principalmente com a ideia de que estavam sendo vistos e "apreciados" pelo povo naquelas fantasias.

Duma das janelas do Sobrado, Rodrigo observava que desde às nove da manhã um solitário pierrô cor-de-rosa dava voltas à praça, com a cara coberta de alvaiade, a cabeçorra metida num gorro de meia preta, os braços caídos, o passo lento, a expressão melancólica, a

larga túnica com pompons negros a dançar-lhe no corpo magro.

Depois de dar muitas voltas, sentou-se num banco que os moleques em breve cercaram em algazarra e ali ficou apático e inerte, sem reagir à provocação dos garotos.

Aquele homem estava se divertindo! - observou Rodrigo, perplexo.

À tarde começou o entrudo. Nas ruas as pessoas se encontravam e jogavam umas nas outras os limões de cera com água de cheiro, ou se trocavam os esguichos de suas bisnagas de metal. Era, porém, na terça-feira gorda que o entrudo atingia o auge e, no fim do dia, esgotado o estoque local de limões e excitados os ânimos, os carnavalescos saíam para a rua com canecas ou baldes cheios d'água do poço e se davam banhos espetaculares.

Nos bailes do Comercial, o jogo de lança-perfumes assumia um caráter geralmente romântico entre os namorados, mas entre os casados transformava-se quase sempre em ferozes duelos ou batalhas, em que o objetivo supremo era esguichar o éter perfumado dentro do olho do adversário, que ficava a sapatear, a gemer, a lacrimejar e a esfregar as pálpebras com os dedos, num frenesi. Esses combates tinham um aspecto selvagem e não raro degeneravam em 564 565 luta corporal - mas tudo dentro do espírito carnavalesco, em meio de risadas e exclamações de alegria. Rodrigo observava essas cenas, divertido. Por que será - perguntava a si mesmo - que o gaúcho acaba sempre por transformar seus jogos e divertimentos em simulacros de guerra? Deve ser porque o Rio Grande começou com um acampamento militar e seus habitantes passaram mais de metade da vida de armas na mão.

Ao entardecer daquele domingo, estando à janela do Sobrado em companhia de Flora, Rodrigo viu passar na rua um carro de tolda arriada, conduzindo uma dama espalhafatosamente vestida de seda azul-elétrico e trazendo na cabeça um chapelão de palha, de largas abas, coroado de plumas tricolores. Era corpulenta, tinha as mãos e os antebraços cobertos por mitenes negras e abanava-se com um amplo leque, em movimentos lentos e majestosos, batendo-o contra os volumosos seios. Voltou o rosto para a janela do Sobrado, fez um aceno de cabeça e sorriu. Rodrigo correspondeu ao cumprimento, intrigado. Quem seria? Havia naquela cara branca de pó-de-airoz, com um indecente excesso de carmim nas faces, algo de estranho e ao mesmo tempo de repulsivamente familiar.

— Quem é? - perguntou Flora.

— Alguma mulher da vida. Decerto me conhece do consultório…

De repente, porém, como que lhe veio à mente um clarão de reconhecimento.

— Cachorro! - exclamou, batendo com o punho cerrado no

peitoril da janela. — Desavergonhado! Sabes quem é aquela mulher? O Salomão Padilha, o alfaiate. É o cúmulo do descaramento. Só a bala. Só ca…

Engoliu as duas últimas sílabas do verbo, em atenção à esposa.

Na terça-feira gorda Rodrigo convidou Rubim para vir assistir da janela do Sobrado à passagem do préstito carnavalesco que A Voz. da Serra anunciava como "o mais belo destes últimos anos, e da autoria do habilidoso artista conterrâneo, sr. José Pitombo".

Os rapazes do "Zé Pereira" local saíram à rua pouco depois das quatro horas e fizeram uma volta pela praça. Onze deles rufavam em caixas-claras; cinco batiam em tambores-surdos; o filho do Marcelino Veiga tocava bombo; um corneteiro do batalhão de infantaria solava o Zé Pereira. Achavam-se os componentes do grupo fantasiados de "cataduras": calças brancas, fraques de cetim verde vivo, gravatas-borboletas da mesma cor; nas cabeças, cartolas altas e negras como chaminés. Suas caras pintadas a carvão estavam sérias, solenes mesmo, apesar de o cronista d'yl Voz chamar-lhes habitualmente "os alegres foliões do Zé Pereira". Marchavam numa cadência dura, quase militar, e parecia que sua noção de divertimento tinha muito a ver com a produção de barulho. Que moçada sem graça! - pensou Rodrigo, que os contemplava de sua janela. Mas não gostou quando Rubim, pousando-lhe a mão no ombro, disse: - Os gaúchos, me desculpe a franqueza, são um povo triste e sem encanto. Olhe só esses rapazes: não cantam, não dançam, não riem, não brincam. Ali vão graves e compenetrados como se estivessem a cumprir um dever cívico ou religioso. E depois, meu caro, vocês aqui no Sul não têm música própria nem arte popular nem tradição.

— Como não? - protestou Rodrigo. — Temos uma tradição muito rica e muito nossa.

Procurou exemplos para atirar na cara do capitão de artilharia, mas eles não lhe ocorreram com a desejada espontaneidade.

— Que queres? Passamos a vida brigando desde os primeiros tempos do povoamento do Continente. Tivemos onze campanhas em setenta e sete anos, veja bem, onze! Não nos sobrou muito tempo para fazer música, dançar ou cantar. Os castelhanos nunca nos deixavam em paz!

— E quando deixavam, éramos nós que íamos provocá-los…

— Isso! Praticamente trabalhávamos com a enxada numa mão e a espingarda na outra, porque o inimigo podia surgir a cada 566 567 momento. Ou então vinha de repente lá de cima uma ordem de mobilização.

Mascarados macambúzios passeavam lentamente pelas calçadas da praça, solitários ou em pequenos grupos.

— Queria que você conhecesse o Norte - disse Rubim - , que visse

o carnaval do Recife com os seus tradicionais blocos como os "Vassourinhas", os "Abanadores"... E as danças! e as cantigas! O clião-de-barriga, o frevo, o maracatu, as congadas! Aquilo é que é riqueza folclórica, seu Rodrigo! O bumba-meu-boi, os pastoris, as cheganças...

Rodrigo fechara-se num silêncio enciumado, e olhava para os rapazes do Zé Pereira, que agora passavam pela frente da igreja, a repetir a cadência barulhenta e enjoativa de seus tambores, enquanto o pistão traçava no ar, hesitante e fanhoso, a velha melodia carnavalesca.

— E não é só no Recife - continuou Rubim. — Em todo o Norte você encontrará uma arte popular riquíssima, na forma de cerâmica, canções, danças, superstições e lendas.

Fez avançar o rosto, com a dentuça à mostra, como se quisesse morder o interlocutor.

— E que é que vocês têm aqui que não seja importação ibérica, quando não é pura imitação dos vizinhos platinos?

— Ora, não diga isso! A lenda do Negrinho do Pastoreio é autóctone, e, sem favor algum, a mais bela do Brasil!

— Não é a mais bela lenda do Brasil, não. Reconheço que é uma das mais belas. Mas é a única. Não, meu caro, a imaginação de vocês é pobre.

Rodrigo sacudia a cabeça, numa negativa obstinada.

— Não senhor, não concordo. O que nos tem faltado não é imaginação, mas tempo, vagares, tranquilidade. E depois, me parece fora de dúvida que as lendas e superstições nascem do mistério, do medo. Ora, na nossa paisagem não há mistério. São campinas rasas, horizontes largos, céus imensos, tudo limpo, claro, amplo, convidando à ação, ao arremesso, à carga. Quanto ao medo, creio que é coisa que aqui não conhecemos.

— Isso é que nos icífta lá em cima! - replicou Rubim. — Vocês gaúchos vivem dando a entender que têm no Brasil o mo- nopólio da coragem. Só vocês são machos, só vocês sabem brigar, só vocês lutaram pela pátria! Ora, isso não é verdade. Abra a nossa história militar e veja o contingente com que o Centro e o Norte sempre contribuíram para todas as campanhas guerreiras.

— Sim, mas o campo de batalha era quase sempre o nosso território. Esta foi a terra devastada. Já pensaste nisso? Imagina só as incertezas duma fronteira móvel a subir e a descer ao sabor das guerras e dos tratados. O perigo constante, as nossas mulheres sempre de luto e meio abandonadas, as lavouras destruídas ou sem braços, o gado dizimado, os homens mortos ou mutilados. Já pensaste?

Rubim soltou uma risada.

— Estamos conversando como se fôssemos representantes de duas nações rivais, hein? E quem tem culpa disso são vocês, com essa

mania de separatismo, de…

— Alto lá, capitão! - interrompeu-o Rodrigo. — Nunca fomos separatistas, mas sim liberais que sempre desejaram uma república federativa. Esse foi o sentido da Guerra dos Farrapos. Aliás para seres coerente com tuas ideias nietzschianas devias admirar um estado espartano como o nosso, que é uma espécie de Prússia brasileira…

— Claro que admiro, homem! Mas eu queria que você conhecesse o Nordeste, para ver que gente rija é aquela, que gente brava e que gente pitoresca. Não tivemos vizinhos castelhanos com quem brigar, mas tivemos e ainda temos um inimigo que nunca nos deu tréguas: a terra, o clima. E o pior, ou o melhor é que apesar de tudo nós amamos esse inimigo.

Calaram-se à aproximação do préstito, que foi anunciado pelos clarins da banda do regimento de artilharia, cujos soldados, fantasiados de mandarins, abriam o cortejo.

Na noite do último sábado de março, Rodrigo reuniu alguns amigos no Sobrado, para se despedirem? do capitão Rubim, que havia sido transferido para a guarnição de São Paulo.

Pouco depois das oito chegou o coronel Jairo com a esposa, que estava trajada como para um baile de gala. Flora, que vestia uma simples blusa de musselina verde-jade e uma saia cor de chocolate, pareceu ficar desconcertada ao ver entrar, toda de negro e coruscante de joias, aquela branquíssima criatura cuja esbeltez e elegância lembravam a dos desenhos dos figurinos parisienses. Carmem Bittencourt dirigiu-se para a sala de visitas no seu andar lento e frágil de garça, de fisionomia impassível, os grandes olhos amortecidos por um desinteresse cansado. Flora seguiu-a a balbuciar amabilidades, a elogiar-lhe o vestido e o aspecto. Rodrigo observava que a esposa perdia a naturalidade na presença da carioca: ficava numa atitude humilde, era a provinciana diante da dama da Capital Federal. Suas palavras, de ordinário fluentes, transformavam-se num tartamudeio acanhado de colegial. Carmem não fazia o menor gesto nem dizia a menor palavra para deixar a outra à vontade. Portava-se com uma altivez um tanto desdenhosa (era sabido que aborrecia Santa Fé e não perdia ocasião de pôr em ridículo seus habitantes, principalmente as mulheres) e não raro dirigia a Flora ditos irônicos que deixavam Rodrigo indignado, ansioso por dar-lhe o troco na mesma moeda - coisa que não fazia apenas em consideração ao marido. Esnobe!

— exclamou ele mentalmente, lançando um rápido olhar na direção da sala, onde Flora fazia a carioca sentar-se no sofá. Pomadista! Nem que te multipliques por dez chegarás aos pés da minha mulher! Imaginava despiques torpes: despir aquela insolente e amá-la da maneira mais aviltante. E ao pensar nisso verificava, um pouco contrariado, que a ideia de possuir a mulher do coronel não lhe

era indiferente. Sentia por ela uma curiosidade sexual meio mórbida, com um esquisito sabor de incesto.

— Passe pra cá, coronel - disse em voz alta, puxando o outro pelo braço e fazendo-o entrar no escritório. — Sente-se naquela poltrona.

Jairo Bittencourt obedeceu. Rodrigo acendeu um charuto e sentou-se também, soltando uma baforada feliz.

— É uma pena o senhor não fumar. Não sabe o que perde. Um charuto não é apenas um prazer físico, mas uma delícia também para o espírito. Será que alguém já escreveu sobre os efeitos 570 psicológicos dum bom charuto? Não há nada de melhor que um havana para levantar o moral!

Esperou que o coronel aproveitasse a deixa e, como era seu costume, entrasse numa dissertação que acabaria fatalmente no positivismo. O amigo, porém, continuou silencioso, a fisionomia tristonha, a mão a acariciar num gesto perdido a cabeleira fulva onde já apontavam fios prateados.

Rodrigo falou na guerra e deu voz à sua indignação ante o fato de os alemães estarem empregando o lança-chamas.

— É uma monstruosidade! - exclamou. — Uma arma de bárbaros!

Jairo encolheu os ombros.

— A guerra em si mesma já é a maior das monstruosidades. Pode parecer estranho que eu, um militar, faça tal afirmação. Mas é que antes de ser militar sou uma criatura humana.

— Veja como nesse assunto de guerra a humanidade tem retrogradado desde os tempos das nobres liças medievais, de homem contra homem, até este nosso século em que se massacraram populações civis indefesas e os boches andam a empregar essa arma horrível que chamusca t torra os inimigos, como se eles fossem ratos pesteados.

Aonde é que vamos parar?

Fez-se um curto silêncio. As janelas do escritório e da sala de visitas estavam abertas para aquela serena e tépida noite de princípios de outono. Da praça, onde crianças cirandavam, vinham vozes finas e musicais em coro: O meu belo do castelo, mata-tira tirarei.

Rodrigo sorriu. As crianças de hoje - pensou - vivem numa paz e numa segurança que as de meu tempo não conheceram… O charuto preso entre os dentes, as pernas trançadas, atirou a cabeça para trás e ficou a escutar a cantiga. Sentia-se feliz e em paz com o mundo. Havia jantado bem, sua vida estava em ordem; não tinha 571

problemas materiais nem espirituais. Mas que diacho teria o coronel que estava tão deprimido?

— E o bandido do Rubim? - perguntou afetuosamente. — Já capitão, hein?

— Foi uma promoção merecida. Não tenha dúvida: esse moço vai

fazer um carreirão.

— Talvez chegue a ministro.

— Por que não? É dessa massa que se fazem os estadistas. Rodrigo sorriu.

— Mas no dia em que o Rubim assumir a pasta da Guerra, a Argentina deve decretar sem tardança a mobilização geral.

Jairo atirou o braço no ar, num gesto de quem quer afugentar uma mosca.

— Ora! As tolices do Rubim! Não é ele o único oficial do nosso Exército que vive com essa ideia fixa duma guerra entre o Brasil e a Argentina. Isso é pura falta de visão sociológica, dum conhecimento mais profundo da história e da psicologia dos povos.

Depois de uma curta pausa, Rodrigo perguntou: - Tem sabido do Lucas?

— Notícias recentes, nenhuma. Só sei que ainda está em Mato Grosso.

— A nossa Sibéria. Jairo suspirou.

— Quando nos queiem castigar é para lá que nos mandam. Rodrigo sorria, pensando no tenente de obuseiros. Havia três anos, Lucas Araújo provocara um escândalo que fizera a cidade inteira vibrar. Como o coronel Joca Prates continuasse a opor-se ao seu namoro com a Ritinha, o rapaz vivia em constantes bebedeiras e mais duma vez ameaçara desacatar aquele “coronel de bobagem”. Um dia cumpriu a ameaça. Embriagou-se, despiu-se por completo, enfiou na cabeça o quepe militar, apanhou uma espada, montou a cavalo e, saindo do quartel por entre as sentinelas embasbacadas, precipitou o animal a galope na direção da cidade. Sua tenção era entrar assim na rua do Comércio e cruzar pela frente da casa de Joca Prates. Ao avistá-lo, as mulheres que estavam nas calçadas ou debruçadas às janelas soltavam gritos, tapavam os olhos com as mãos ou fugiam. Os homens, uns rompiam em ditos chistosos e gargalhadas, outros protestavam, indignados, contra o ultraje. Maneco Vieira, que se encontrava a cavalo na frente da Casa Schultz, a conversar com um amigo, viu o tenente de obuseiros passar, compreendeu tudo num relance e não teve a menor hesitação. Meteu as esporas nos flancos do animal, tocou-se atrás de Lucas e alcançou-o quando ele já entrava a praça da Matriz. Tirou o laço dos tentos, reboleou-o no ar e laçou o oficial, colhendo-o pelos ombros e imobilizando-lhe os braços. Lucas tombou do cavalo no chão da praça, com um baque surdo. Maneco Vieira apeou, envolveu o tenente no seu poncho, levou-o a um médico - “pra ver se o moço não tinha quebrado alguma coisa” - e depois entregou-o a seu comandante.

Rodrigo e outros amigos do alagoano tentaram abafar o escândalo, mas nada conseguiram. Era tarde demais: a cidade inteira

já sabia do ocorrido.

Lucas foi recolhido à prisão militar. Poucas semanas depois era transferido para Mato Grosso.

— Bom coração - sentenciou o coronel Jairo - mas mala cabeza.

E assim se vão os amigos, um por um - refletiu Rodrigo. Em setembro de 1914, depois da morte súbita de Celanira, Pepe Garcia decidira deixar Santa Fé, "huir a los recuerdos tristes", sair a burlequear pelo Brasil. Queria conhecer o Norte, subir o Amazonas num gaiola, passar uma temporada em Manaus, pintar a selva, "quizás morir de malária o devorado por una onza".

O coronel Jairo olhava fixamente para o soalho. E com uma voz sentida que Rodrigo jamais lhe ouvira, queixou-se: - Pois é, meu amigo, e a todas essas eu vou ficando por aqui. Nem promoção nem remoção. Tenho a impressão de que se esqueceram de mim. Não é que eu não goste desta terra e desta gente, mas, que diabo! já era tempo de me mandarem para um lugar maior.

Baixou a voz, lançou um olhar furtivo para a sala de visitas.

— A Carminha não tem saúde para aguentar este clima. Num destes invernos, o vosso minuano pode levar a pobrezinha.

Rodrigo ia dizer-lhe uma palavra de conforto quando foi interrompido pelo capitão Rubim, que entrou no Sobrado soltando a sua risada convulsiva e arrastando pelo braço o padre Astolfo.

Alto, esguio, meio encurvado, o rosto duma palidez oleosa de seminarista, o novo vigário de Santa Fé tinha algo de adolescente na fisionomia, apesar de já haver completado trinta e três anos. O cabelo cortado à escovinha e os grandes óculos de aro de tartaruga davam-lhe um ar estudioso de ginasiano aplicado. Suas feições eram regulares e duma delicadeza quase feminina. "Que tal é o novo vigário?" - perguntara Maria Valéria ao afilhado, no dia em que este fora apresentado ao padre Astolfo. A resposta viera espontânea: "'Um gurizão simpático". Já agora, depois dum convívio mais íntimo e prolongado, Rodrigo acrescentava algo à definição: "Um homem culto e inteligente, duma seriedade que impressiona".

Natural de Minas Gerais, o padre Astolfo Neves, segundo se murmurava, fora já chamado à ordem por mais dum bispo, por causa de sua perigosa tolerância no domínio das ideias. Era indisfarçavelmente um liberal, embora não chegasse aos extremos do lendário padre Romano, que aceitava o evolucionismo e lia com paixão Voltaire, Diderot e Renan.

Depois de cumprimentar as senhoras na sala de visitas, Rubim apertou a mão do coronel Jairo e do dono da casa, exclamando jovialmente: - Vou m'embora de Santa Fé sem ter convertido o vigário à minha filosofia!

Rubim envergava um uniforme de brancura imaculada, num

contraste com a batina negra do padre. E não haveria - pensou Rodrigo - uma oposição identicamente radical entre as ideias daqueles dois homens?

O vigário sentou-se, cruzou as longas pernas e, num cacoete muito seu, ficou a puxar o lóbulo da orelha, apertando-o entre o polegar e o indicador.

— Eu vinha procurando convencer o padre - contou Rubim - de que o homem cristão, na sua monstruosa tentativa de abafar os instintos, acabou perdendo a vitalidade e hoje em dia só pode achar interesse na vida recorrendo a entorpecentes como a religião, o esporte, a morfina, a música, a literatura, a arte, enfim. Todas essas coisas são alcaloides. — Deu uma palmada no respaldo da cadeira e exclamou: - Aí está! Deus também é um alcaloide!

O vigário olhava para o capitão e sorria com benevolência. Rodrigo interrompeu a discussão para perguntar que música queriam ouvir.

— Verdi! - pediu Jairo. — É o meu alcaloide predileto. Rodrigo encaminhou-se para a sala de visitas, abriu uma das gavetas da estante do gramofone e escolheu um disco. Pouco depois saía da campânula do aparelho a melodia do prelúdio do último ato da Traviata. O coronel cerrou os olhos e reclinou a cabeça. Rubim encarava o vigário provocador.

— Que diz da minha classificação, reverendo? Deus, o Grande Alcaloide!

— Bem achada - respondeu o sacerdote. — Por que não? Deus é o bálsamo para todas as dores morais, o remédio para todas as doenças da alma…

Sua voz, grave e lenta, tocada duma fadiga precoce, era muito mais velha e vivida que o rosto.

Violinos e violoncelos choravam o prelúdio. Rodrigo inclinou-se sobre a esposa do coronel e perguntou-lhe se gostava da Traviata.

— É a minha ópera predileta - respondeu ela, erguendo para o anfitrião os olhos de tísica.

Mais um agosto e um par de minuanos, ma chere, e tua alminha voará para o céu. E não terás conhecido o amor, mon ange. Não me refiro a esse amor filosófico e senil de Augusto Comte por Clotilde de Vaux, mas o amor carnal dum homem jovem e ardente como o dr. Rodrigo. Pois c'est dommage!

Voltou para o escritório, onde Rubim continuava a provocar o padre.

— Não é possível aceitar a existência de Deus a não ser através da cegueira da fé, que é outro entorpecente.

— Deus não pode ser definido - disse o sacerdote, encarando placidamente o militar. — Sua natureza só nos é conhecida através do

que ela não é…

Rubim tornou a cavalar o pince-nez no nariz e fez um muxoxo.

— Confuso, padre, muito confuso. Sou um soldado, tenho um espírito matemático. Não aceito a existência de nenhuma coisa que não possa ser provada.

Bom… - murmurou o outro. E por um instante seu olhar vagou, meio perdido, pela sala.

— Mas haverá coisas que Deus, o Todo-Poderoso, possa não ser e não fazer?

Jairo protestou: - Por amor desse Deus que estais discutindo, vamos ouvir música, a divina música. Deixem a discussão para outro dia.

Rodrigo foi até a sala de visitas para virar o disco. Flora lançou-lhe um olhar no qual ele leu um pedido de socorro. (Nossa Senhora! Já não sei mais o que é que vou conversar com esta mulher.) Rodrigo sorriu: - Manda servir alguma coisa, Flora.

Quando voltou para o escritório, o padre Astolfo estava enumerando pacientemente as coisas que Deus não podia ser: - Não pode ser um corpo, nem mudar-se a si mesmo. Não pode falhar…

A cada uma dessas asserções, Rubim perguntava com uma insistência automática: “Mas por quê? Por quê?” O vigário, entretanto, prosseguia sem responder: - Deus não pode cansar-se nem encolerizar-se nem esquecer nem arrepender-se… nem entristecer… nem alterar o passado… nem pecar… nem fazer outro Deus…

— Mas pode deixar de existir, não pode? O sacerdote sacudiu a cabeça.

— Não, absolutamente. Deus é uma entidade sem acidentes: não pode ser especificada por nenhuma diferença substancial…

— Ora viva! - exclamou Rubim. — Seu Deus no fim de contas é mais limitado do que eu imaginava.

— Posso dizer-lhe também muitas coisas positivas sobre Ele. Deus é o que move mas nunca é movido.

O capitão Jairo voltou a cabeça e abriu os olhos.

— Axioma velho como Aristóteles.

— Nem por isso menos verdadeiro. Mas deixem-me continuar… Deus é o movedor inamovível, a causa primeira e a origem mesma de toda a necessidade. Deus é a fonte de todas as perfeições do universo…

Rodrigo achou que devia meter sua colher torta na discussão.

— E todo o serviço malfeito é empurrado pra cima do diabo… Como se não o tivesse ouvido, Astolfo prosseguiu: - Deus é bom e ao mesmo tempo Ele é a Sua própria bondade.

— Isso é forte demais para um simples capitão de artilharia… - murmurou Rubim. — Comparada com essa espécie de metafísica, a

balística chega a ser brinquedo de criança.

Apanhou o cálice de vinho do Porto que Laurinda lhe oferecia. Jairo fez com a mão um sinal negativo: não queria beber nada.

O padre, porém, aceitou o vinho, levou o cálice aos lábios, bebeu um pequeno gole e continuou: - Deus é inteligente. — Subitamente animado, pôs-se de pé, como se fosse fazer um discurso: - E o Seu ato de inteligência é Sua essência.

— Uma bela frase que nada esclarece - replicou Rubim.

O homem de preto e o de branco estavam de pé, frente a frente. Rodrigo contemplava-os, sorrindo. Jairo continuava de olhos cerrados a escutar o prelúdio.

— Deus é imutável - afirmou o padre - porque n'Ele não se contém nenhuma potencialidade passiva. Em suma: Deus é Verdade.

Rodrigo bebeu um largo gole de vinho e aproximou-se dos amigos com uma pergunta: - O padre também acredita como Aristóteles que a alma está localizada na glândula pineal?

— Claro que não. A alma inteira está presente em todas as partes do corpo.

Rubim baixou a voz: - Será que a alma é transmitida de pai para filho por meio do esperma?

O sacerdote meneou vigorosamente a cabeça: - Absolutamente. Uma alma nova é criada por Deus para cada ser que nasce.

Rubim deu uma palmada na coxa, vociferando: - Como se explica então a transmissão do pecado original de pai para filho, hein? Como se explica? Se é a alma que peca e não o corpo, e se a alma não é transmitida de pai para filho, como pode cada ser novo que nasce herdar o pecado de Adão?

— Saia agora dessa, padre! - sorriu Jairo.

O vigáiio olhava reflexivamente para dentro do cálice.

— Pois é - disse ele, franzindo os lábios. — Santo Agostinho, que era melhor e mais esclarecido que eu, também ficava perplexo diante desse problema…

Ergueu os olhos para Rubim, encarou-o por um instante e por fim começou a rir a sua risada grave e lenta. Jairo ergueu-se e caminhou para o vigário.

— Deus conhece as coisas particulares ou só as universais, as verdades gerais?

O padre não hesitou.

— Está claro que Deus conhece até as coisas que ainda não têm existência, assim como… - Olhou em torno e apontou para o retrato de Rodrigo. — Assim como o artista que pintou aquele quadro já o conhecia antes de pintá-lo…

— Don Pepe não é exatamente a minha ideia de Deus - troçou Rubim.

A música havia cessado e agora só se ouvia o chiado da agulha. Rodrigo correu para o gramofone e pô-lo a tocar uma valsa de Strauss.

— Mas como é que Deus pode conhecer os contingentes futuros? - tornou a perguntar o coronel.

— Porque Ele está fora do tempo.

— Em suma - observou Rubim - , numa posição muito cômoda. Uma verdadeira sinecura, um posto de comando sem su- 580 periores hierárquicos e sem patrão. Não é de admirar que Deus possa dar-se ao luxo de ser bom e justo e perfeito como os teólogos afirmam. Tem carta branca e está acima de qualquer tribunal.

Por um instante o vigário ficou a escutar o gramofone, movendo a cabeça ao ritmo da valsa.

Rodrigo olhava, meio apreensivo, para a sala de visitas, onde Carmem e Flora estavam imóveis e silenciosas. Por que diabo havia o coronel trazido a esposa, se era evidente que ela não tinha a menor simpatia por Flora? Tomara que cheguem os Carbone para salvar a situação!

Quando Laurinda entrou com os pratos de fiambre, de pão com caviar e croquetes, colocando-os sobre o biireau, Rubim e o padre discutiam as delícias deste e do outro mundo. Procuravam, sem chegar a nenhum acordo, uma definição para a palavra felicidade. Para Rubim felicidade era sinônimo de força, de poder, de vitória: vitória do homem sobre a natureza, sobre o medo e sobre os outros homens. Não compreendia os que encontravam prazer na prática dos chamados "atos virtuosos". O padre trincou um croquete e glosou o mote: - É aí que muita gente se engana! Os atos de virtude não podem ser um fim em si mesmos. São apenas meios…

— Para que fim?

— Para chegarmos um dia à contemplação de Deus, que é a felicidade suprema. Neste mundo não podemos ver Deus na sua essência nem atingir a verdadeira felicidade.

Na outra vida, se nos tivermos feito merecedores da suprema graça, gozaremos o privilégio de ver a face do Criador.

— Mas Deus tem uma face?- perguntou Rubim, com os lábios e os dentes pontilhados de caviar.

— Ora, isso é uma figura de linguagem. Rubim insinuou: - Quem sabe se Deus não será também apenas uma figura de linguagem?

Rodrigo soltou uma risada e fez andar à roda o prato de fiambre. Jairo segurou cordialmente o braço do padre, e, como para encerrar a discussão, disse-lhe com uma ironia paternal: - O senhor sabe a sua Summa contra Jesus na ponta da língua. Aprovado com distinção!

Rubim, porém, quis ficar com a palavra final: - Santo Tomás de Aquino foi um homem de gênio que andou em busca de tazões para coonestar sua fé. Partiu de conclusões dogmáticas e saiu a cata das

premissas. Encontrou algumas com admirável habilidade, não nego. Agora: aceitá-las é uma questão de fé, não de inteligência.

O vigário sorriu e, para dar a entender que não estava ressentido, bateu de leve no ombro do capitão.

Chiru chegou ao Sobrado depois das nove. Sem dar-lhe ao menos tempo de dizer boa-noite, Rodrigo investiu para ele, segurou-lhe a lapela como se fosse agredi-lo fisicamente: - Por que não trouxeste tua mulher, miserável?

— Ora, Rodrigo, tu sabes, quem tem filhos pequenos… Boa noite, coronel, boa noite, vigário, boa noite, capitão… Pois é. A coitada da Norata anda sempre envolvida com as crias.

Dirigiu-se para a sala de visitas e aproximou-se das damas, diante das quais ficou a fazer mesuras.

O casamento de Chiru Mena, em 1912, com uma órfã herdeira de três léguas de campo bem povoadas, causara quase tanta sensação em Santa Fé quanto a notícia do naufrágio do Titanic, ocorrido poucos dias antes. O namoro começara num baile, continuara durante algumas serenatas e conversas ao pé da janela da casa da moça - que vivia com um casal de tios pobres - e encammhara-se a passo acelerado para um noivado-relâmpago. O padre Kolb casou-os num gélido dia de julho, em que soprava o minuano, e a noiva, no seu vestidinho branco, tremia de frio e emoção. Rodrigo, um dos padrinhos do noivo, pagou a este o fraque, as calças a fantasia, os sapatos de verniz, o plastrão, e presenteou o casal com a mobília do quarto de dormir. Na hora em que o noivo assinava o nome no registro, Saturnino inclinou a cabeça 582 para Rodrigo e cochichou: “Até que um dia o Chiru desenterrou um tesouro!” Parecia despeitado por perder o velho companheiro de perambulações noturnas. Efetivamente, nos primeiros tempos de casado Chiru foi um marido exemplar: dedicado, amoroso e caseiro. A lua-de-mel, porém, durou dois escassos meses, ao cabo dos quais Chiru voltou à velha vida, às caminhadas noturnas em companhia de Saturnino, às serenatas com o Neco e às pândegas com quem quer que o acaso lhe deparasse. Levantava-se às dez da manhã e passava o dia na vadiagem, de roda de mate em roda de mate, ou então metido no Comercial a jogar cartas ou bilhar. A todas essas não cessava de proclamar seus propósitos de trabalho: cuidar da estância, multiplicar o gado, fundar uma charqueada ou uma barraca de couros. Parecia ter esquecido por completo o tesouro dos jesuítas. Nunca deu, porém, o menor passo para realizar os grandes planos. Achou mais fácil e conveniente arrendar o campo e vender o gado. Por algum tempo andou com os bolsos cheios de dinheiro, pagando as despesas nas rodas de café e nos bordéis e convidando os amigos para cearas e cervejadas. A esposa dera-lhe dois filhos, o último dos quais nascera havia apenas quatro

meses. Em 1913, assediado pelos credores, hipotecara a estância. Sabendo que a hipoteca estava prestes a vencer-se e que o amigo não tinha dinheiro para resgatá-la, Rodrigo censurara-o: “És um pródigo, um desorganizado, um vadio! Vais botar fora a segunda fortuna que a Providência, que é cega, te atirou nas mãos. Por que não fazes alguma coisa, homem? Não tens pena da tua tia, que se esfalfa pra sustentar a tua família?”

Tia Vanja, porém - sabia-o ele - vivia no sétimo céu. Conservara o “velocino de ouro” em casa, ganhara uma “nora” e "netos". E, para cúmulo da felicidade, o Correio do Povo estava agora publicando o mais formoso, o mais edificante dos romances: A toutinegra do moinho.

— Salafrário! - exclamou Rodrigo quando o amigo voltou para o escritório. — Podias ter deixado as crianças com tua tia. Não trouxeste a Norata porque não quiseste.

És um mau marido, um mau cidadão, um mau exemplo. Mas come alguma coisa, animal!

Chiru apanhou um croquete, meteu-o inteiro na boca e pôs-se a mastigá-lo com gosto e ruído. Havia engordado naqueles últimos anos: ostentava uma corpulência imponente de embaixador. A papada estava nédia, a cara rubicunda, a juba loura, mais abundante que nunca. As costeletas espessas e longas ameaçavam transformarse em suíças - o que já lhe dava uma certa parecença com os retratos de Dom João VI.

— O dr. Carbone ainda não chegou?

— Não - respondeu Rodrigo. — Tinha uma operação marcada pras oito. — Hérnia estrangulada.

— Aquele gringo é um carniceiro! - exclamou Chiru.- Mas tem um coração de pomba. Para com esse gramofone, homem, pra gente poder conversar. Tenho um prato de primeira ordem pra vocês…

Quando a valsa terminou, Chiru olhou de soslaio na direção das mulheres, voltou-lhes as costas, inclinou um pouco o busto, e, num tom de voz a que Maria Valéria chamava “murmurim”, sussurrou: - Sabem que está pra estourar um escândalo na cidade?

Três pares de olhos focaram-se no rosto de Chiru Mena. Comentava-se com insistência - contou ele - que o irmão Jacques Meunier, o marista, e a filha mais velha do coronel Cacique Fagundes, a quem ele dava lições particulares de francês, estavam perdidamente apaixonados um pelo outro.

— Calúnia! - reagiu Rodrigo. — Santa Fé é um burgo maldizente. Não respeitam nem um sacerdote, isso pra não falar na honra duma moça de boa família. Então, só porque o rapaz está ensinando francês pra Doralice Fagundes… Ora, seu Chiru, ora!

Calou-se, o cenho franzido. Não estava tão revoltado como queria

parecer para agradar o padre Astolfo. Na realidade não só achava os boatos verossímeis como também sentia certo alvoroço ante a perspectiva do escândalo.

Chiru empertigou-se, assumiu um ar grave de respeitabilidade, espalmou a mão sobre o peito: - Perdão, não sou eu quem diz. Apenas vendo a coisa pelo preço que compro. Todo o mundo fala nessa história.

Tornou a lançar um rápido olhar cauteloso na direção da peça vizinha, onde as duas mulheres, imóveis e caladas, pareciam figuras dum museu de cera.

— Dizem que ficam horas e horas fechados numa sala - murmurou. — Que diabo! Padre é de carne e osso como qualquer um de nós, não é, vigário?

Astolfo, que estava a puxar o lóbulo da orelha, sorriu, meio constrangido, e explicou, com seu jeito paciente e atencioso, que um marista não é propriamente um padre como os outros.

— A Sociedade de Maria tem três graus. O primeiro é o dos aspirantes, que fazem todos os anos um voto singelo de obediência. O segundo é o dos professores, que depois do noviciado canónico e de haverem completado vinte e um anos, fazem três votos singelos de castidade, pobreza e obediência. Há finalmente o terceiro grau, que é o dos professores estáveis, que devem ter trinta e cinco anos completos e, após o segundo noviciado pronunciam o voto de estabilidade na Congregação. O irmão Jacques, creio, está no segundo grau…

— Pode então, não renovar o voto? - indagou Chiru.

— Claro.

— Estás ouvindo? - gritou Chiru na cara de Rodrigo. — Dizem que o homem vai tirar a batina pra casar com a moça. Não vejo nenhum mal nisso, meus patrícios!

Apanhou outro croquete e meteu-o na boca.

— Que é que o coronel Cacique diz de toda essa lambança? - indagou Rubim.

Por um instante Chiru lutou com um arroto. Encostou as pontas dos dedos nos lábios e deixou-o escapar suavemente, sem ruído, e com certa dignidade.

— Quando o Cacique descobrir a coisa - disse, - acho que bota o marista pra fora de casa com um pontapé no rabo, com o perdão aqui do reverendo…

Sentou-se, desabotoando o colarinho e afrouxando o nó da gravata.

Rodrigo mandou Laurinda trazer taças e foi à cozinha buscar uma garrafa de champanha. Fez questão de abri-la no meio da sala, 585 para que todos ouvissem o estouro da rolha e vissem a espuma jorrar.

Serviu primeiro as mulheres. Depois encheu as taças dos homens e apanhou a sua.

— Se temos hoje champanha gelado é graças à diligência de Marco Lunardi, o nosso grande industrial, que teve a luminosa ideia de comprar uma máquina de fabricar gelo!

Voltou-se para Rubim: - Tu não mereces um brinde, soldado. Amanhã, quando estiveres longe daqui, sei que esquecerás esta cidade, esta casa e estes amigos. Em todo caso, quero beber à tua saúde. — Ergueu a taça. — Desejo-te felicidades, sucesso e o Ministério da Guerra!

Chiru e o vigário ergueram também as taças e beberam. Rubim olhava fixamente para o anfitrião. De repente operou-se-lhe no rosto uma mudança completa: os olhos se umedeceram, os lábios tremeram sobre a dentuça e ele ficou ali mudo e imóvel, numa súbita nudez psicológica. Rodrigo, surpreso, percebeu que o capitão estava comovido, o que o deixou também com os olhos turvos e um aperto na garganta.

Os Carbone fizeram sua entrada no Sobrado depois das dez, quando os Bittencourt já se haviam retirado por insistência de dona Carmem, que se queixara duma súbita enxaqueca. Livre da pesada obrigação de entreter a esposa do coronel, Flora recebeu Santuzza com grandes demonstrações de alegria. Ali estava uma criatura simples, fácil, espontânea, com quem a gente se podia abrir e ser natural sem o menor perigo de dar ratas. Alta, fornida, com um busto abundante de prima-dona lírica e uma cintura surpreendentemente fina para as largas ancas calipígias, dava a esposa do dr. Cario Carbone a impressão duma camponesa na qual não assentavam bem as roupas citadinas. Andava já pelo fim da casa dos trinta, tinha as faces coradas, a pele lisa, uns grandes olhos honestos de mãe de família, uma risada saudável e uma voz levemente 586 roufenha, que lembrava a Rodrigo a de certas cantoras aposentadas de café-concerto.

Depois de distribuir seus formidáveis apertos de mãos entre os presentes, Santuzza, sem a menor cerimônia e com o mais sadio dos apetites, atirou-se sobre os croquetes.

— Então, Carbone, como correu a operação? - perguntou Rodrigo, dando uma palmadinha nas costas do cirurgião. Nunca lhe apertava a mão com força, pois temia desmontar o homenzinho.

— Maravilhosamente bem! - respondeu o italiano com sua rica voz musical que, por uma tola associação de ideias (empostada-empastada-empastelada) Rodrigo classificava como “voz de pastel”.

O cirurgião trincou um croquete e bebeu um gole de champanha com um jeito de conhecedor.

— Uma hérnia belíssima! - exclamou, estalando os beiços num simulacro de beijo, levando à boca os dedos unidos e depois abrindo-

os em leque, como para espalhar o bacio no ambiente. — Belíssima! - repetiu, mais cantando do que pronunciando a palavra.

Serviu-se de pão com caviar. Rodrigo ficou a observá-lo com apaixonado interesse. Aquele homenzinho fascinava-o. Era uma fabulosa mistura de gnomo, feiticeiro, diplomata e maitre de hotel. Figura minúscula- teria quando muito um metro e cinquenta e oito de altura - no seu fraque preto, suas calças a fantasia, colarinho e punhos engomados, era o tipo clássico do médico francês, segundo a caricatura. O que lhe dava ao todo um ar um tanto grotesco era a desproporção entre a cabeçorra - que bem podia estar plantada nos ombros dum homem de estatura acima da mediana - e o corpo franzino de meninote. A testa era larga e alta, e a barba - crespa, castanha e abundante como a cabeleira - estava cortada em bico, o que lhe dava à face algo de agudo, acentuado pelo nariz comprido e afilado, de narinas dilatadas e duma transparência de porcelana. Acima dos olhos meio exorbitados, de pupilas dum cinzento metálico, eriçavam-se as sobrancelhas grossas, com as pontas externas retorcidas para cima à maneira de minúsculos cornos. Rodrigo costumava chamar ao cirurgião “o meu 587 simpático satanás”. Homem de idade indefinível - pois tanto se lhe podia dar trinta e cinco como quarenta e cinco ou cinquenta anos - , tinha uma natureza apaixonada e a sensibilidade à flor da pele. Admirava D'Annunzio e Petrarca, era católico praticante, amava a ópera e, gourmet de gosto apurado, levava em grande conta os prazeres da mesa. Comer, para ele, era uma espécie de ritual. Aos sábados tinha sempre ao jantar algum prato raro, geralmente rãs à milanesa, o que era motivo de escândalo e falatório na cidade. Rodrigo não pudera conter o riso ao encontrar um dia o dr. Carbone enfarpelado na sua roupa de caçador, de veludo verde-musgo, um boné de pano enfiado na cabeça, as finas pernas envoltas em perneiras de feltro - prestes a sair em excursão pelos banhados das redondezas de Santa Fé, em busca de rãs e cogumelos comestíveis.

O casal Carbone causava sensação quando aparecia nas ruas da cidade: ela alta e imponente, ele baixinho e serelepe no seu inseparável fraque negro, a cabeça metida num chapéu-coco, a longa piteira de âmbar apertada entre os dentes. Diziam os gaiatos: “Lá vem dona Santuzza com sua bengala”. Todos sabiam, entretanto, que apesar daquela desproporção física, quem cantava de galo em casa era ele. Afirmava-se até que aquele homenzinho de maneiras afáveis e duma cordialidade beijoquenta era na intimidade um tiranete - exigente, neurastênico, cheio de manias - e que a mulher, não obstante seu aspecto de amazona e sua energia transbordante, apequenava-se diante dos gritos do marido, fazendo-lhe todas as vontades e desculpando-lhe todas as impertinências.

Logo ao entrar, Santuzza perguntou pelas crianças. Flora respondeu que estavam dormindo. Casal sem filhos, os Carbone se haviam tomado de amores por Floriano e Alicinha e enchiam-nos de mimos e presentes.

A esposa do cirurgião insistiu em subir para olhar "i piccolí'. Fez uma provisão de croquetes e encaminhou-se para a escada grande, seguida de Flora, a qual - observava Rodrigo - não cessava de rir quando estava na presença da italiana.

Chiru aproximou-se de Carbone.

— Como é o negócio, doutor? Quando é que a Itália entra na guerra? A coisa está feia, precisamos de aliados.

O homenzinho colocou a taça vazia sobre o bureau, enfiou um cigarro na longa piteira, acendeu-o e soltou uma baforada de fumaça que subiu para o rosto de Chiru.

— Quando a primavera despontar, carino… - cantarolou, pondo-se nas pontas dos pés como para que suas palavras pudessem chegar aos ouvidos do outro.

Rubim pousou-lhe no ombro a mão protetora.

— Se vocês italianos entrarem no conflito do lado dos aliados, cometerão um ato de traição e ao mesmo tempo um erro: romperão uma aliança e perderão a guerra.

Cario Carbone olhou reflexivamente para o cigarro, bateu-lhe a cinza com a unha do dedo mínimo, deu três passinhos na ponta dos pés, como se estivesse dançando um schottish e depois, voltando-se para o capitão, respondeu, evasivo: - Eh… già.

O padre Astolfo interveio, tendo entre os dedos um dos dourados quindins que Laurinda acabava de servir: - O capitão não há de querer - disse - que o berço da latinidade entre na guerra ao lado desses bárbaros germânicos!

Rubim voltou-se para o sacerdote: - O senhor acha que os padres alemães que servem no Exército do Kaiser são da mesma opinião?

O dr. Carbone estava agora como um quebra-mar entre o homem de branco e o homem de negro, a piteira entre os dentes a balançar o corpo, apoiando-o ora na ponta dos pés, ora nos calcanhares. Chiru passou pela cara o lenço vermelho e esmagou um quindim na boca, atento à discussão que se acendera entre o padre e o militar, que já agora estavam às voltas com o Congresso de Viena, as guerras napoleônicas e as intrigas balcânicas.

Rodrigo, escansão feliz, andava de taça em taça, com a garrafa de champanha nas mãos, sorrindo: - Paz, senhores, paz!

O cirurgião aproximou-se do gramofone, pô-lo a funcionar e, quando voltou para o escritório, já se ouviam os primeiros acordes 589 da Serenata de Arlequim. Segurou o braço de Rodrigo e, os olhos entrecerrados, ficou a acompanhar a ária em surdina, com sua voz de

tenorino.

Rubim puxou o italiano pela manga do fraque: - Estive procurando provar ao padre que a guerra é uma coisa necessária. Imagine o senhor, doutor, as oportunidades de progresso que a cirurgia vai ter. Positivamente, a paz é a inércia e o desfibramento dos povos.

Carbone não lhe prestou nenhuma atenção. Continuou a cantarolar e agora a reger também a orquestra, com a piteira à guisa de batuta.

Rubim prosseguiu: - Moltke disse que a paz perpétua é uma ilusão que nem chega a ser uma bela ilusão e a guerra é um elemento de ordem no mundo, um mandamento de Deus, pois sem a guerra, a humanidade se estagnaria e perderia no materialismo.

— Que é que o padre diz a isso? - perguntou Rodrigo.

— Digo que há muita gente no mundo que fala em nome de Deus sem ter a menor autoridade para isso.

Laurinda entrou com um novo prato de croquetes recém-saídos da frigideira. Chiru atacou-o sem perda de tempo. Arlequim calou-se, Carbone correu para o aparelho.

— Pare com essa droga! - suplicou-lhe Chiru. — Queremos conversar em paz.

O cirurgião tornou ao escritório e sentou-se numa poltrona, ficando com os pés no ar, como uma criança. Rubim acercou-se dele.

— Se a Itália entrar na guerra, qual vai ser a sua atitude? Cario Carbone não teve a menor hesitação. Ergueu os olhos para o capitão e declarou que ofereceria seus serviços de médico à cara pátria.

Da escada veio um ruído pesado de passos, um cascatear de risadas femininas, e pouco depois Santuzza irrompeu no escritório, 590 trazendo Floriano e Alicinha, um em cada braço. Nos seus macacões de pelúcia, as crianças tinham os olhos piscos e nos rostos afogueados uma expressão de sonolento espanto.

— Dona Santuzza! - repreendeu-a Rodrigo. — Então isso é coisa que se faça? Acordar as crianças a esta hora da noite… Com efeito!

Flora esboçou também um protesto. O dr. Carbone precipitou-se para a esposa, arrebatou-lhe Alicinha dos braços e começou a dar sonoras beijocas no rosto da menina, cujas mãozinhas se lhe aterraram às barbas. Floriano enlaçava o pescoço de Santuzza, a qual lhe murmurava ao ouvido palavras carinhosas.

— Cara, carina - resmungava o dr. Carbone, apertando Alicinha contra o peito. — Topolino mio.

Rubim, que se havia aproximado da janela, estava a olhar a noite. Rodrigo sabia que o sergipano não gostava de crianças e não procurava esconder essa idiossincrasia nem mesmo justificá-la. Ficava impaciente sempre que Alicinha e Floriano entravam na sala. (Um dia,

quando estava a ensaiar os primeiros passos, a menina perdera o equilíbrio e, para não cair, aganara-se às pernas do oficial. Este permanecera impassível, não fizera o menor gesto nem sequer esboçara um sorriso: limitara-se a esperar que Flora acudisse, livrando-o daquela "coisa".)

Durante alguns minutos houve ali no escritório uma alegre balbúrdia em que as duas crianças passaram de braço em braço, sob o olhar indiferente do capitão. Depois que Santuzza os levou de volta para a cama, Rubim afastou-se da janela, dizendo: - Criança e cachorro, só em gravura… Nunca fico tranquilo quando vejo esses bichinhos a meu redor.

Carbone lançou-lhe um olhar duro.

— Celerado!

Rodrigo abriu outra garrafa de champanha e tornou a encher as taças. Lá de cima vinha agora a voz roufenha de Santuzza, a cantar uma berceuse napolitana. Como é que as crianças vão dormir com um barulho desses? - sorriu o pai.

Naquele momento chegaram Neco e Saturnino com seus instrumentos. Vinham buscar Chiru para uma serenata.

— Mas comam e bebam alguma coisa antes de irem! - convidou Rodrigo - E cante um pouco para nós - pediu o padre, dirigindo-se a Neco.

O seresteiro, que havia pedido cerveja, bebeu um largo sorvo, lambeu os bigodes, afinou o violão e depois olhou para o padre: - Que é que vai ser?

— Aquela modinha nova que está fazendo tanto sucesso. O Luar do sertão?

Todos aprovaram a escolha. Neco pigarreou e começou: Não há, ó gente, oh, não, luar como esse do sertão.

Rubim pôs a mão no ombro de Rodrigo.

— Ai tem você a alma, a poesia do sertão, meu caro. É como lhe digo. Querem um guerreiro? Mandem buscar um gaúcho. Querem um poeta? Procurem um nordestino. Um homem como Catulo da Paixão Cearense não podia ter nascido nestas coxilhas…

— Ora, não diga asneiras.

— Preste atenção na beleza desses versos… Neco cantava com sentimento.

O dr. Carbone escutava com ar sonhador e seus olhos começavam a ficar enevoados. Santuzza, que havia descido ao ouvir a voz de Neco, estava agora junto da porta, os seios arfantes, o rosto sério. Recostado à janela, com a flauta apertada contra a axila, como um enorme termômetro, Saturnino contemplava o companheiro. Chiru passeava o olhar em torno, com um ar orgulhoso de empresário.

Quando o barbeiro terminou a canção, houve aplausos calorosos.

— E ou não é uma joia, essa modinha? - perguntou Chiru.

O padre ergueu-se, deu algumas passadas sem rumo pelo escritório e por fim, entortando a cabeça e alçando os olhos com ar sonhador, disse: - Não é mesmo estranho que enquanto estamos aqui alegres, cantando, em paz, seres humanos matam-se, destroem-se e sofrem as misérias da guerra nas terras da Europa?

O dr. Carbone, que acabara de acender outro cigarro, olhou para a ponta das botinas (feitas a mão pelo Cervi, pois nas lojas não havia calçados suficientemente pequenos para seus pés de menino) e depois, numa surdina teatral, recitou: - Vejo um soldado morto, e seu sangue sobre a neve é como uma rosa vermelha…

— Puro D'Annunzio! - exclamou Rodrigo. E o italiano soprou-lhe um beijo Rubim soltou uma risada sarcástica.

De novo se falou na guerra, nos mortos, nos mutilados, nas cidades destruídas, e no perigo de um dia o conflito estender-se até o continente americano.

Chiru bravateou: - O Kaiser que não se meta com a cavalaria gaúcha! Rodrigo apontou para as taças: - Nada de tristezas. Vamos beber!

Neco tirava acordes plangentes do violão. Saturnino olhava para as estrelas. De súbito, Santuzza aproximou-se do gramofone e pô-lo a tocar um cake-walk. A melodia saltitante, produzida por uma orquestra de negros de Nova Orleans, encheu o ar. A italiana tomou a mão do marido: - Andiamo, Cario. La vita é breve.

Puseram-se a dançar. De braços dados, as cabeças e os bustos inclinados para trás, fizeram a volta da sala, atirando as pernas, como a darem pontapés no ar. O soalho soava como um tambor surdo às batidas cadenciadas dos pés dos dançarinos. Vasos tremiam sobre mesas, consolos e aparadores. E os Carbone, como consumados artistas de vaudeville, prosseguiam no seu cake-walk, sob aplausos e risadas.

In puncípios de abril Rodrigo sentiu, mais forte que nunca, aquela sensação de inexplicável ânsia e descontentamento que o vinha assaltando ultimamente com certa frequência. Haveria algo de errado em sua vida? Se havia, que era? Estaria ficando neurastênico? Faltava-lhe alguma coisa? Tinha tudo quanto um homem pode desejar: a melhor das esposas, os mais belos e saudáveis dos filhos, dinheiro, posição, prestígio, bons amigos… No entanto era às vezes tomado daquela sensação de inanidade que o deixava apático, deprimido, abúlico ou - o que era mais frequente - irritado e insofrido, a desejar que acontecesse algo capaz de agitar a superfície da sua vida, a qual - comparava ele - era agora como a dum açude em dia sem vento: azul, mas parada e sem vibração.

Talvez estivesse precisando de novos amigos, de outros horizontes e interesse: duma viagem em suma. Mas viajar para onde? Para a

Europa era impossível. Os Estados Unidos, com suas chaminés a vomitar fumaça e fuligem, seus negociantes grosseiros, sua falta de bons museus, não o seduziam; de resto ele não falava nem entendia o inglês. Buenos Aires era uma cidade sem alma. Montevidéu nem chegava a ser uma cidade…

Estás precisando mas é duma aventura amorosa - segredavalhe uma voz interior. Não. Ele não devia, não queria aceitar a explicação. Era imperativo que sentasse o juízo duma vez por todas. Que diabo! Tinha de respeitar a esposa, pensar nos filhos, na reputação profissional… Há loucuras que um homem pode cometer 594 até os vinte e quatro anos. Depois, não se justificam nem desculpam mais.

Seja como for, é a rotina que está me embolorando a alma - concluiu certo dia em que o trabalho do consultório lhe fora particularmente penoso.

Logo que o dr. Cario Carbone chegara, ele o ajudara nas primeiras operações. Cedo, porém, cansara daquele contínuo abrir e fechar de abdómens, daquela sangueira, daquela carnificina. Havia muito que entregara a farmácia aos cuidados do Gabriel, cuja admiração apaixonada pelo patrão levava-o a imitá-lo nos gestos, nas palavras e até na maneira de vestir, o que não era difícil, pois ele lhe dava as fatiotas, sapatos e gravatas que não usava mais. Quanto à administração do pequeno hospital, confiara-a à sra. Carbone, que era duma energia e duma eficiência assustadoras. Assim, tudo marchava normalmente sem que fosse necessária sua presença num e outro lugar. De quando em quando, porém, sentia-se picado de ciúmes à ideia de que tudo aquilo pudesse funcionar tão bem e render tanto dinheiro sem sua interferência.

Enchia-se, então, de zelos patronais e tentava tornar-se indispensável. Ia examinar os livros de Santuzza e dar-lhe sugestões quanto à direção da casa de saúde.

Fiscalizava as prateleiras da farmácia, passava os olhos pelas faturas das drogarias, sabatinava Gabriel… Esses “acessos” de interesse, entretanto, duravam poucos dias e, depois que desapareciam, Rodrigo ficava semanas inteiras sem visitar o hospital e apenas passava pela farmácia quando entrava ou saía do consultório.

Já sei o que me falta - disse um dia a si mesmo, contemplando da janela do Sobrado a fachada da Intendência. É uma boa campanha política. O patife do Rubim Está certo, tem razão. Um homem não pode viver sem lutar. A paz é a estagnação, o amolecimento, o tédio. Minha “doença” não passa da nostalgia dos tempos da Farpa, dos Dentes Secos, das polêmicas e das voluptuosas sensações de perigo.

No entanto, tudo aquilo havia terminado, agora que o Joca Prates governava Santa Fé e ele, Rodrigo Cambará, era frequentemente chamado à Intendência para dar sua opinião e conselho sobre assuntos

de administração e até de política. O Titi Trindade lá 595 estava em sua casa, imobilizado numa cadeira, inválido, com o lado esquerdo do corpo paralisado, a língua emperrada, o cérebro semimorto. Todas essas coisas davam a Rodrigo uma sensação de derrota, como se ele, por interesse pessoal ou covardia, houvesse aderido à situação. Entretanto em verdade podia afirmar que a eleição do pai de Ritinha fora obra sua. Só sua? Claro que não. Deus, que escreve direito por linhas tortas, também colaborara.

Em fins de 1911, quando os santa-fezenses se preparavam para as eleições municipais, Titi Trindade, o eterno candidato republicano, fora subitamente acometido duma hemorragia cerebral. Houve pânico entre os correligionários, que se viram na contingência de escolher às pressas um substituto, o que não era difícil, pois não podiam contar com o conselho de Trindade, que não estava em condições de pensar e muito menos de falar. Formaram-se logo duas facções: uma tinha como candidato Laço Madruga; a outra inclinava-se para Joca Prates. Rodrigo pôs-se imediatamente em ação. Passou boa parte duma noite no telégrafo a conferenciar com Pinheiro Machado, tratando de convencê-lo de que a eleição do Madruga seria ruinosa para Santa Fé e para o partido. Conseguiu que o senador passasse um telegrama ao dr. Borges de Medeiros, recomendando Joca Prates como o candidato de sua simpatia. E a palavra de Pinheiro Machado encerrara definitivamente a questão.

— Não tem graça! - disse Rodrigo em voz alta, sempre a olhar para a fachada da Intendência. — Está tudo muito parado!

Em meados daquele mesmo mês chegou-lhe do Rio uma carta de Pinheiro Machado, a qual, como um cálido vento cheio de promessas teve a virtude de agitar as águas do açude. Informava-lhe o senador que sua candidatura para deputado à Assembleia do Estado achava-se definitivamente assegurada. Já me dirigi ao dr. Borges de Medeiros, que está de pleno acordo, de maneira que podes contar como certa a tua indicação. Quanto à eleição, penso que não haverá também nenhuma dúvida.

Abril ainda lhe reservara outra surpresa: a chegada do automóvel Ford de quatro cilindros que encomendara havia meses, e que lhe custara três contos e quinhentos mil-réis. Junto com o carro veio-lhe também um novo chofer, o Epaminondas, mulato pernóstico, 596 de cabeleira besuntada de vaselina e nariz quebrado de boxeador.

Uma tardinha Rodrigo meteu toda a família no Ford inclusive Maria Valéria, e saiu a passear pelas ruas centrais da cidade.

Quando o carro fazia a volta da praça Ipiranga, avistou Titi Trindade à janela de seu palacete, a cara duma tristeza macilenta, a face esquerda como que caída e morta. Sentiu-se tomado duma piedade tão profunda que se debruçou sobre a porta do carro e, num

assomo de cordialidade, cumprimentou o inimigo com um largo e generoso aceno.

— Coitado! - murmurou. — Não posso guardar rancor de ninguém. E, depois, se o Trindade tinha pecados, agora os está pagando. Ó Epaminondas, passa pela fábrica do Lunardi e me compra dois quilos de gelo.

Recostou-se no banco, apertou a mão de Flora e começou a assobiar, feliz, uma valsa de opereta.

Naquele sábado Flora convidou o marido.

— Vamos ao cinema hoje? Imagina só: uma fita da Asta Nielsen! Na tarde daquele dia, o negro Sérgio andara a distribuir de casa em casa o programa do Cinema Santa Cecília, que anunciava para a noite o majestoso drama Levada à morte, dividido em três longas partes e produzido pela conceituada fábrica dinamarquesa Nordisk, Com uma seriedade juvenil, que deixou Rodrigo enternecido, Flora apanhou o papelucho verde e leu: - Suntuosa festa de arte que marcará época nos anais da cinematografia moderna. Grande arrojo da fotografia animada. Fuga em balão, fuga a cavalo, fuga dum transatlântico em pleno mar. Ação do telégrafo sem fio. Escalada de montanhas.

Garden-party maravilhoso. Danças características por sessenta bailarinas. Requinte de toilettes.

Encenação riquíssima. Glória do amor. Grandiosa produção de fina escola.

Olhou para o marido com uma expressão aliciante.

— E tem ainda no programa um filme natural e duas comédias, uma do Bigodinho e a outra do Deed!

Rodrigo enlaçou a cintura da mulher, estreitou-a contra o peito e deu-lhe um sonoro beijo na boca.

— Contigo vou a qualquer parte, meu bem, com ou sem o Deed, com ou sem Bigodinho, estás entendendo?

Antes das oito horas estavam ambos no Teatro Santa Cecília, onde funcionava o cinematógrafo, sentados no camarote que o gerente da empresa reservava habitualmente para os Cambarás. Flora gostava de chegar antes de a função principiar, para ver como estavam vestidas as outras mulheres e para dar uma prosa com as pessoas do camarote vizinho, que naquela noite estava ocupado pelo coronel Cacique Fagundes, a esposa, as duas filhas mais velhas e o irmão Jacques. Ao ver o marista, Flora lançou um olhar significativo para Rodrigo, que mal pôde disfarçar um sorriso de malícia. Afinal de contas - refletiu ele - o boato parecia ter fundamento. Que diabo!

Como podia um homem moço, forte, sanguíneo e até bonitão como frei Jacques viver indiferente aos encantos femininos?

O coronel Cacique inclinou-se para o camarote de Rodrigo e lançou o seu protesto: - Estou aqui nesta droga porque me trouxeram à

força.

Cinematógrafo é coisa pra criança, tempo perdido, dinheiro posto fora.

Tornou a recostar-se no respaldo da cadeira e ali ficou, a pança tombada sobre as coxas, sonolento, lustroso e impassível como a imagem dum buda.

Apenas três dos camarotes da ala fronteira se achavam ocupados: um deles pelos Amarais e os outros dois pelo clã dos Macedos. Toda vestida de negro, com um boa sobre os ombros, um broche de brilhante a coruscar-lhe no peito, Emerenciana olhou na direção de Rodrigo, sorriu e fez-lhe um aceno. Alvarino, sentado atrás da mulher, limitou-se a uma discreta inclinação de cabeça.

Rodrigo passeou o olhar pela plateia, cujas cadeiras estavam quase todas ocupadas. Percebeu que Amintas Camacho procurava cumprimentá-lo com insistência. Achava-se ao lado da mulher. Depois do casamento, havia engordado, estava com as bochechas como 598 que inchadas e com umas gordurinhas indecorosas nas ancas e nas nádegas. Lesma! - pensou Rodrigo. E continuou a fingir que não via o rábula. De repente deu com o Júlio Schnitzler a pequena distância de seu camarote. Uma vermelhidão cobriu o rosto, o pescoço e até a calva do alemão, cuja boca se abriu num sorriso, ao mesmo tempo que ele cumprimentava os Cambarás com rígidos acenos de cabeça. Rodrigo procedeu como se não o tivesse visto. Flora censurou-o: - Cumprimenta o homem, Rodrigo, não sejas rancoroso. O coitado não tem culpa dos banditismos do Kaiser.

— Quando me lembro do que os patrícios dele fizeram na Bélgica, o sangue me ferve. Depois, esse tipo sempre que tem notícia de alguma vitória alemã reúne os patrícios na confeitaria pra comemorar.

— Afinal de contas a Alemanha é a terra dele…

— Pois que volte pra lá!

Naquele instante percebeu que alguém da plateia lhe fazia sinais frenéticos. Ah! A tia Vanja, e sozinha! Ergueu-se e foi buscar a velha amiga, trazendo-a pelo braço para o camarote. Onde se viu? - murmurava, enlaçando-lhe carinhosamente a cintura - a senhora sozinha na plateia…

Tia Vanja beijou Flora em ambas as faces e sentou-se, muito tesa, ao lado dela. Contou que a Norata - ai que flor de moça! que coração!

— tinha ficado em casa com as crianças, a fim de que “a vovó” pudesse vir. Ali! Era uma sorte morarem tão pertinho do Santa Cecília…

— Sou louca por cinematógrafo! - exclamou. — Eu já disse lá em casa: tirem-me tudo, o pão, a água, o oxigênio que respiro, as estrelas do firmamento, tudo, mas não me privem do folhetim do Correio do Povo nem do meu rico cinematógrafo. Não achas, Rodriguinho, que é

um invento tão instrutivo? Que de maravilhosos espetáculos nos proporciona! E que privilégio podermos ver naquele rico paninho branco os melhores atores e atrizes do universo! Eu só imagino se meu pai ressuscitasse dentre os mortos e pudesse ver essas fotografias animadas. Ele já achava o daguerreótipo 599 uma coisa mágica, imaginem! Ai! É como sempre estou dizendo, bendito seja o progresso!

Na mente de Rodrigo soou o espectro da voz de Maria Valéria. “A dona Vanja é uma velha fiteira”. Fiteira!Ali estava uma expressão nova trazida pelo cinematógrafo, o qual já começava a exercer uma sensível influência sobre o povo. Agora quando uma pessoa era teatral na maneira de falar ou gesticular, quando gostava de ostentações ou se dava a exageros - dizia-se que ela era fiteira. Rodrigo sorriu.

Lembrava-se de que um dia ouvira o pai gritar para um mascate que lhe batera à porta e tentava impressioná-lo com seus truques, a fim de lhe vender umas bugigangas: "Deixe de fita.

No entanto o velho jamais assistira a uma sessão de cinematógrafo!

Pouco depois das oito horas, o pianista - um escrivão da Coletoria Estadual - sentou-se ao piano e começou a tocar o que o programa anunciava como uma “linda ouverture pelo maestro Salcede”. Era um tango de Nazaré, O brejeiro.

Rodrigo franziu o cenho, e fazia muxoxos ante as hesitações dos dedos do pianista sobre os teclados daquele velho piano desafinado.

Gostava de cinema, sim, mas não tinha paciência de ficar sentado numa cadeira de assento de pau durante mais duma hora, nem de esperar os longos intervalos entre uma parte e outra. Quando a exibição era interrompida porque a película se rompia ou queimava, sentia ímpetos de gritar, assobiar ou bater pés como faziam os espectadores do galinheiro.

Tinha a mais agradável das recordações da primeira sessão de cinematógrafo a que assistira em 1900, ano em que se matriculara num ginásio de Porto Alegre. Ficara sentado na ponta da cadeira, o busto teso, a respiração contida, vendo na tela o milagre daquela lanterna mágica em ponto grande, cujas imagens se moviam como gente de carne e osso. O primeiro filme que vira se intitulava Via- 600 vem A Jerusalém: vistas das ruas do Cairo, das pirâmides, duma caravana de camelos, das margens do Nilo e finalmente das ruas, monumentos e templos da Cidade Santa.

Seguira-se um episódio fantástico: a história duma grande carruagem puxada por um cavalo mecânico e que conduzia a toda a velocidade quatro negros. Num dado momento os negros transformavam-se em palhaços brancos, que se punham a brigar, e de súbito voltavam a ser de novo negros para mais tarde tornarem-se outra vez brancos.

Por fim as quatro figuras se uniam, formando o corpo dum único negro de proporções gigantescas, o qual se recusava a pagar a passagem do ônibus. O condutor, enfurecido com isso, prendeu fogo na carruagem e o negrão ardeu e se extinguiu como um boneco de celuloide.

Eram os tempos da primeira infância do cinematógrafo em que não se faziam ainda filmes de enredo e sim pequenos relatos ou coleções de vistas naturais: a chegada dum trem; o Vesúvio em erupção; operários saindo duma fábrica… Havia também cenas de magia: o homem da cabeça de borracha, diabos que saltavam de dentro de relógios, pessoas que andavam com uma rapidez sobrehumana sobre os telhados…

Vieram depois fábulas e histórias de fadas: o Chapelzinho Vermelho, o Pequeno Polegar, Jack, o matador de gigantes. Rodrigo jamais esquecera uma das cenas de A Gata Borralheira - aquela em que a abóbora se transforma na maravilhosa carruagem que levará Cinderela ao baile do príncipe.

Doze anos depois, como uma prova de que o cinema atingia a idade adulta, ele vira ali mesmo no Santa Cecília as versões cinematográficas dos Miseráveis, de Hugo, do Germinal, de Zola, e tivera também a satisfação de apreciar Sarah Bernhardt na Tosca e \\ A Dama das Camélias. Eram filmes vindos de Paris, pois em matéria de cinematógrafo, como em tudo o mais, a França estava sempre na vanguarda. Os italianos produziam também grandes filmes e eram especialmente inimitáveis em suas reconstituições da Roma do tempo dos césares. Rodrigo assistira emocionado à exibição de In hoc signo vincis, filme em que aparecia com um realismo impressionante a grande batalha entre as legiões de Constantino, o Grande, e as de Maxêncio. Outro sucesso da mesma época fora o Qito vadis, inspirado no romance de Sienkiewicz, com suas majestosas 601 cenas do Coliseu de Roma, onde gladiadores e retiários se empenhavam em lutas de morte, e cristãos eram lançados às feras.

Da Itália também vinham dramas da vida moderna, em sua maioria histórias escabrosas de amor, com cenas duma lubricidade tórrida. O público que ia às funções de cinematógrafo já começava a guardar na memória os nomes de seus atores e atrizes favoritos. Uma das vedettes mais apreciadas era Francesca Bertini, formosa e esbelta mulher de feições finas, ancas escorridas, olhos lânguidos sob pálpebras machucadas, e especialista em papéis dramáticos. Seus beijos duravam longos minutos e suas agonias (pois os romances daqueles filmes italianos terminavam quase sempre em morte) arrastavam-se longuíssimas ao som das valsas lentas batidas precariamente no piano pelo escrivão da coletoria.

Havia outras belas fêmeas como a loura Hespéria que, para o

gosto de Rodrigo, era demasiado corpulenta; a Pina Menichelli, de ancas venustas, lábios grossos, narinas palpitantes, mulher duma sensualidade avassaladora. A predileta de Rodrigo, porém, era Leda Gys, de cabelos e olhos escuros, mais franzina que suas colegas, e com algo de etrusco no rosto moreno. Quanto aos atores, Gustavo Serena fizera-se famoso no seu papel de Petrônio, o arbiter elegantiarum do Quo vadis. Emílio Ghione notabilizava-se em papéis de personagens do bas-fond, o apache cujos beijos não raro eram rematados por um golpe de punhal. Havia ainda Alberto Capozzi, de cara descarnada e dramática. E, talvez o maior de todos, Amleto Novelli, o trágico que o cinematógrafo trouxera do teatro.

Uma vez que outra - raros mas seletos - vinham os filmes da Nordisk, de Copenhague, cujo principal galã, W. Psilander, começava a inspirar paixões com sua figura alta e esbelta de gentleman sempre impecavelmente trajado. (Dizia-se que Mariquinhas Matos, a Gioconda, alimentava por ele uma paixão platónica e que até lhe escrevia cartas.)

As fábricas norte-americanas produziam filmes esportivos, histórias de aventuras vertiginosas em que pioneiros e coivboys andavam em correrias pelas planícies do Far West a caçar búfalos e índios peles-vermelhas. Exploravam também os batidos temas da Guerra Civil ou ingenuidades como as da Cabana do Pai Thomas. A Rodrigo 602 aborrecia esses filmes que sempre terminavam bem, mercê dum enredo feito de coincidências absurdas, e que pareciam encerrar uma lição de moral, como as fábulas.

Cheiravam a sermão de pastor protestante e não tinham o realismo e a paixão dos dramas da Cines, da Ambrosio e da Pascuali e muito menos o refinamento e o valor artístico das produções da Pathé, da Gaumont e da Eclair. Quando discutia o assunto, Rodrigo costumava dizer: - É natural que assim seja. Os americanos do norte são anglo-saxões: ora, nós somos latinos e os filmes que nos vêm da França e da Itália falam mais diretamente aos nossos corações.

Nenhum brasileiro sensato e de bom gosto podia preferir as palhaçadas absurdas de Charlie Chaplin - aquela figurinha ridícula, de chapéu-coco, bigodinho mosca, casaco curto, calças largas e sapatões descomunais - às finas comédias de Max Linder, o perfeito cavalheiro, que sempre trajava fraque, calça a fantasia e chapéu alto, e que era a encarnação mesma do esprit francês. Como poderia o bulldog britânico superar em matéria de arte o Galo gaulês?

Quando a ouverture terminou, da galeria vieram risotas e ditos gaiatos em falsete, acompanhados dum simulacro de aplauso cortado de assobios.

As orelhas do pianista ficaram vermelhas.

Apagou-se a luz, ouviu-se um ratatá metálico e cadenciado, um

feixe luminoso irradiou-se da janelinha da cabina de projeção e clareou o pano branco. Quando o primeiro quadro apareceu - letras claras sobre um fundo negro - , o operador não havia conseguido ainda ajustar as lentes do projetor, de sorte que foi com dificuldade que Rodrigo leu - Jornal Gaumont. Salcede rompeu a tocar um dobrado. A primeira cena mostrava a chegada de M. Poincíiré, na gare de Moscou, por ocasião de sua visita ao czar NicoLui II da Rússia. O quadro luminoso começou a tremelicar (os inimigos do cinematógrafo afirmavam que aquele pisca-pisca fazia um mal terrível aos olhos), a tremelicar com tamanha 603 intensidade que as imagens ficaram pálidas e embaralhadas. Do galinheiro partiram assobios, gritos e sapateados. Por fim, quando o treme-treme cessou, o público pôde ver com relativa clareza o presidente Poincaré no momento em que, de cartola em punho, descia do trem e apertava a mão a cavalheiros de croisé e de uniforme militar.

Rodrigo teve ímpetos de gritar: “Viva a França!” A projeção, porém, continuava enevoada e as figuras caminhavam e gesticulavam em movimentos rápidos e duros, como grotescos bonecos de mola. Na cena seguinte, M. Poincaré era visto no convés dum encouraçado russo, passando em revista a tripulação formada em sua honra. O terceiro quadro mostrava o Exército alemão em suas manobras de outono: um regimento a desfilar em passo de ganso. E quando o imperador da Alemanha apareceu numa cena fotografada a curta distância - o porte marcial, o peito coberto de medalhas, o agressivo capacete na cabeça altivamente erguida, as mãos pousadas sobre o copo da espada - todo o teatro prorrompeu numa vaia. Rodrigo, que também assobiava e batia pés, inclinou-se para o camarote dos Fagundes e gritou para o irmão Jacques: “Olha só o canalha”.

O mansta exclamou: Sale cochon!

A assuada cessou quando na cena seguinte apareceu um aeroplano a voar ao redor da Torre Eiffel. E o jornal terminou com uma corrida de bicicletas - o “Circuito de Paris”.

A luz tornou a acender-se. Tia Vanja, risonha e de rosto afogueado, chupava com grande entusiasmo uma de suas balas de ovos. Estava num alvoroço meio nervoso: parecia uma criança solta numa loja de brinquedos.

O próximo filme era uma comédia - O casamento de Deed - em que o herói é perseguido por uma preta, que o obriga a casar-se com ela. O resultado da união é uma série de filhos com raias pretas e brancas, como zebras.

— Uma anedota infantil - murmurou Rodrigo para a mulher.

Achava ridículas todas as comédias de correrias em que André Deed recebia pastelões de nata em plena cara ou se punha a quebrar pratos e a virar cambalhotas como um saltimbanco. Mas o povo, que

adorava aquelas palhaçadas, ria tanto e tão alto que suas vozes abafavam os sons das mazurcas, polcas, tangos e habaneras que o pianista tocava distraído, com os olhos erguidos para a tela e também sacudido de riso.

A segunda comédia da noite - Bigodinho e o formigueiro - apresentava o famoso M. Prince, ator do Odéon e do Variétés de Paris, numa excursão ao campo com a namorada.

No momento em que está a fazer-lhe uma declaração de amor, tem a infelicidade de sentar-se sobre um formigueiro, e quando as formigas começam a entrar-lhe pelo canhão das calças, pelas mangas do casaco e a correr-lhe pelo corpo, fica tão desesperado, que se põe a tirar a roupa. Umas solteironas pudicas que passam na ocasião, ficam escandalizadas e chamam um gendarme, que leva Bigodinho para a cadeia.

Por uma feliz coincidência, a namorada do herói é uma advogada e consegue livrá-lo da polícia.

Quando a luz se acendeu, Rodrigo voltou-se para o marista e meneou lentamente a cabeça ao mesmo tempo que fazia uma careta. Queria que o outro visse que ele não apreciava aquelas infantilidades.

Olhou depois para o camarote dos Amarais e avistou Ernerenciana ainda sacudida de riso, os seios arfantes, a mão sobre o coração, a cara congestionada.

— Ai, meu Deus! - exclamou tia Vanja. — Agora vem o rico draminha. Já vou me preparar para o choro…

Pôs-se a procurar na bolsa de croché o lencinho rendado, recendente a patchuli.

A luz tornou a apagar-se. Apareceram nos primeiros quadros o título do drama e os nomes dos intérpretes.

— A Asta Nielsen é uma beleza - murmurou Flora ao ouvido de Rodrigo, que lhe acariciava a mão.

— Mas eu gosto é de ti, meu bem.

O escriturário da Coletoria começou a tocar uma valsa lenta. E quando Asta Nielsen apareceu na tela, muito loura e fina, alguém gritou em falsete no galinheiro: “Mamãe quero queijo!”

Tia Vanja ficou indignada: - Que falta de respeito. Logo na hora do drama.

De súbito ouviu-se um baque surdo seguido dum grito de mulher. Vozes altearam-se, confusas e aflitas. Algumas pessoas ergueram-se na plateia e o pânico começou com exclamações e atropelos. — Luz! - gritou Cacique, pondo-se de pé. Outras vozesrepetiram: “Luz! Luz! Luz!” Quando o recinto de novo se iluminou, Rodrigo viu uma aglomeração no camarote dos Amarais e teve logo a intuição do que acontecera. Precipitou-se para lá, correndo, quando já alguém gritava: “Dr. Rodrigo! Ligeiro, pelo amor de Deus!” Abriu caminho por meio

da multidão. "Por favor, me deixem passar!

Dona Emerenciana achava-se estendida no chão, de costas, a boca entreaberta, os olhos vidrados. O marido, num desespero, sacudiu-a pelos ombros, gritando-lhe o nome com voz engasgada. As meninas estavam em pranto. Rodrigo afastou Alvarino, ajoelhou-se ao pé da amiga e não levou muito tempo para verificar que ela não tinha mais pulso e que seu coração cessara de bater. Acendeu um fósforo e aproximou-o dos olhos da matrona: as pupilas estavam dilatadas e não reagiam à luz.

Não tinha mais nada a fazer.

Quando, havia pouco menos dum ano, Emerenciana Amaral caíra gravemente enferma, tendo sido desenganada pelos médicos reunidos em conferência ao pé de seu leito - Zé Pitombo apressara-se a fazer um fino caixão nas dimensões da matrona, com galões dourados e belas alças de metal prateado. Como, porém, a doente tivesse conseguido salvar-se, “Graças a Deus no céu e ao dr. Rodrigo na terra”, o armador encolhera os ombros filosoficamente, murmurando - segundo o testemunho do Cuca Lopes - “Não morreu? Paciência. Seu dia chegará. A morte é a única coisa certa que há na vida”.

Guardou o esquife. E foi dentro dele que depositaram dona Emerenciana naquele sábado de abril, às dez e vinte da noite, na sala de visitas do casarão dos Amarais.

O próprio Pitombo acendeu 606 os círios com lágrimas nos olhos. Chiru Mena, que o observava, murmurou para Rodrigo, mal contendo a indignação: “Hipócrita! É capaz de cobrar também essas lágrimas de crocodilo quando mandar a conta do enterro”.

As caras compungidas, o olhar velado, parentes, amigos e até desafetos dos Amarais entravam na ponta dos pés na casa mortuária, iam direito aos quartos, abraçavam os membros da família, aproximavam-se depois do esquife, contemplavam o cadáver por breves momentos e, isso feito, ficavam pelos corredores e cantos, a pontuar a quietude do velório com murmúrios, cochichos, pigarros, suspiros e tosses, afundando num silêncio contrafeito e cabisbaixo toda a vez que as filhas da defunta rompiam em acessos de choro ou exclamações de dor.

Rodrigo andava de quarto em quarto, a atender a gente da casa, a ministrar calmantes às mulheres e abraços e palavras de conforto aos homens. Aturdido pelo golpe, Alvarino Amaral estava deitado na cama do casal, os olhos secos e exorbitados fitos no teto, o peito sacudido por soluços convulsivos.

Deixava-se abraçar passivamente, e quando alguém tentava consolá-lo, o mais que conseguia articular era: “Que barbaridade… que barbaridade…”

Quando se ouviram as badaladas da meia-noite, Rodrigo teve a

impressão de que o velho relógio do casario batia-lhe no peito, ecoando doloridamente nas paredes do crânio. Ah, como ele detestava todo aquele cerimonial da morte: seus aspectos, cheiros, gestos, convenções… Queria achá-lo ridículo, antiquado, medieval, mas na realidade a coisa toda o comovia e ao mesmo tempo atemorizava. Havia pouco desmanchara-se em pranto ao ver a mais moça das filhas de dona Emerenciana a rolar em cima da cama, gritando num desespero: "Mãezinha, não me deixe, por amor de Deus, não vá embora!" Estava deprimido, com um aperto no coração, o corpo quebrado por uma sensação de frio que não era apenas da epiderme, mas também das entranhas, dos ossos. Desejava que um novo dia raiasse, o sol tornasse a brilhar, a morta fosse sepultada e a vida retomasse o passo normal. Aquele cheiro de cera derretida que impregnava o ambiente, mesclado com a fragância das flores, levava-o de volta a outro velório, numa noite de 1898, e ele tornava a sentir 607 com esquisita pungência sua tristeza pela perda da mãe e ao mesmo tempo o seu horror ao imaginar que ela ia ser fechada para sempre no mausoléu da família - ela, tão frágil, tão meiga, tão triste… Os senhores de preto iam levá-la para o cemitério… Ah! Mas o culpado de tudo era o velho Pitombo, o desenterrador de defuntos, aquele homem hediondo que estava encolhido num canto da sala, esperando a hora de fechar o caixão. E o pior é que iam fazer aquilo com a cumplicidade de seu pai, que chorava mas não dizia nada, ia permitir que levassem para sempre a sua mulher… Como ele odiara o pai naquela noite!

Rodrigo entrou na câmara ardente. Envolta numa mortalha negra, Emerenciana Pereira do Amaral jazia no seu esquife, coberta de flores até o peito. As chamas dos círios lançavam-lhe móveis reflexos rosados no rosto de cera, acentuando-lhe as sombras. Por alguns instantes o único som que se ouviu ali na sala foi o da voz cavernosa de Sérgio, o lobisomem, que rezava com um rosário nas mãos, ao pé do ataúde.

Ao redor da defunta, a acotovelarem-se com o intendente de Santa Fé, com o juiz de comarca, o coletor federal, o promotor público e membros das famílias Macedo, Prates, Teixeira e Fagundes, estavam os negros e negras da cozinha do casarão, muitos dos quais eram filhos, netos e bisnetos de escravos.

Entre eles viam-se mulatos e caboclos em cujos rostos se percebiam nitidamente traços da família Amaral. O peito convulsionado de soluços, chorando e fungando, uma negrinha de onze anos, que Rodrigo muitas vezes encontrara a fazer cafuné em dona Emerenciana, agarrava as bordas do caixão com as mãos pretuscas, o rosto contorcido numa expressão de dor, as faces lavadas de lágrimas, e na ponta dos pés esforçava-se por ver o rosto da defunta.

Rodrigo sentiu que lhe seguravam o braço. Voltou a cabeça e viu tia Vanja, que se aconchegou a ele, com o lenço no nariz, os olhos úmidos.

— Que calamidade, meu filho… - murmurou ela, olhando para o caixão.

E com doçura, quase a sorrir, acrescentou: - Coitadinha da Emerenciana, não vai poder ler o fim da Toutinegra do moinho…

Rodrigo sorriu mas não pôde evitar que as lágrimas lhe viesse aos olhos. Bateu de leve na mão da amiga numa carícia em silêncios Gente continuava a chegar. Salomão, o alfaiate, todo vestido de preto, depôs um ramo de violetas sobre o cadáver. O dr. Matias aproximou-se do rosto da morta, como se fosse dizer-lhe algum segredo, enxugou disfarçadamente uma lágrima e depois tirou um chumaço de fumo da bolsa de borracha e pôs-se a enrolar um cigarro. Liroca saiu do seu canto e acercou-se de Rodrigo.

— Um federalista dos quatro costados. Gente antiga, de boa cepa. — Deixou escapar um suspiro. — Mundo velho sem porteira!

Pouco depois entrou o dr. Cario Carbone. Ajoelhou-se ao pé do ataúde, trançou as mãos, abaixou a cabeça, cerrou os olhos e ficou a rezar por alguns instantes. Ergueu-se, fazendo o sinal-da-cruz e, ao avistar Rodrigo, soltou um ah! musical e encaminhou-se para ele. "

Uma laparotomia fortunatíssima! Terminei faz poucos minutos. O paciente é de Garibaldina, um bravo jovem. Sabe onde está agora a Santuzza? Lavando o chão da sala de operações. Guarda que gerenta!

Lançou um olhar para a morta.

Mas que catástrofe! Uma dama virtuosíssima. Uma vera catástrofe!

Saiu na pontinha dos pés na direção do quarto do casal.

As duas da madrugada a maioria das pessoas havia já deixado a casa dos Amarais. Ficaram apenas os que estavam dispostos a fazer a vigília da noite; Não eram nem 40 os parentes e amigos mais chegados da família como também os “aficionados” de velório, gente que tinha certo prazer em passar a noite em claro ao pé dum defunto e que para isso dispunha por assim dizer duma técnica especial.

A atmosfera do casarão como que se desanuviou. Cuca Lopes tomou o comando do velório, formou uma roda na sala de jantar 609 e começou a contar histórias. Algum tempo depois foi à cozinha sugerir que servissem nova rodada de café bem forte, insinuando também que já era hora de obsequiar os presentes com algo de sólido.

Chiru Mena organizou no escritório de Alvarino uma roda de truco que aos poucos se foi animando de tal modo, que em breve os parceiros pareciam esquecidos do lugar e das circunstâncias em que se encontravam. Houve um instante em que o vozeirão de Chiru encheu jovialmente a casa, anunciando que “tinha flor”: Dona Manuela

Contrera A su hijo Manuel escribe, Mandando decir que vive Como flor en Ia tapera.

Rodrigo apareceu à porta do escritório e fez chi!

Na cozinha começou o terço, puxado pelo negro Sérgio: e o coro roufenho invadiu a casa, doloroso, arrastado, funéreo. Os jogadores de truco aplacaram-se. O choro recomeçou nos quartos. Eram coisas como aquela - refletiu Rodrigo - que tornavam a morte ainda pior e mais negra do que era…

De mistura com as vozes dos negros começou a vir da cozinha um cheiro de frituras. Esfregando as mãos, Cuca Lopes saiu a comunicar aos presentes que estavam fritando os famosos sonhos de dona Emerenciana, preparados segundo uma receita antiquíssima que passara de mãe para filha, através de muitas gerações.

Rodrigo achava bárbaro comer na presença dum cadáver. O cheiro de fritura misturado com o de vela queimada e flor era-lhe ofensivo à sensibilidade. Teve um súbito desejo de ar livre. Segurou o braço do padre Astolfo, que até então andara de Amaral em Amaul tentando convencê-los de que a morte não era o Fim mas o Pruicípio: - Vamos tomar um pouco de ar lá fora, padre.

Caíram, atravessaram a rua, ganharam a calçada da praça, sobre a qual ficaram a andar lentamente. O ar da madrugada estava picante. Não havia lua, mas as estrelas cintilavam no céu dum azul 610 fosco de tinta de escrever. Cachorros latiam em ruas longínquas e um que outro galo amiudava.

Ambos acenderam os cigarros em silêncio e, sempre calados, continuaram a andar e a pitar. Ao passarem pela frente da igreja, Rodrigo falou.

— Padre, estive olhando para aquela gente amontoada em roda do caixão de dona Emerenciana e pensando umas coisas engraçadas…

O vigário continuou calado, com o cigarro preso entre os lábios, as mãos às costas, esperando que o outro continuasse.

— Negros descendentes de escravos, mulatos, índios, caboclos… Gente miserável do Barro Preto e do Purgatório, pobres-diabos descalços, molambentos e cheirando mal… E também fazendeiros ricos, com boas roupas e boas botas… E tipos como o Lunardi e o Spielvogel, cujos antepassados nasceram na Europa, em terras distantes.

Pois bem. Comecei então a perguntar a mim mesmo se essa coisa que se chama vida tem um sentido, uma finalidade, ou se todos nós não passamos de simples fantoches nas mãos dum manipulador que se diverte à nossa custa.

O padre sorriu mas não disse nada. Passavam agora pela frente da Intendência, em cuja cúpula estava pousada uma ave noturna.

— Às vezes - prosseguiu Rodrigo - tenho a impressão de que Deus,

o movedor inamovível, é um jogador de xadrez e nós somos as pedras.

Uns poucos reis, rainhas, bispos e torres, mas uma infinidade de pobres peões. Ele joga apenas para se distrair e, a fim de tornar o espetáculo mais divertido, dá-nos a ilusão de que nós é que nos movemos por vontade própria… Agora! Nossa tendência é acreditar que Ele nos move com algum propósito certo e que o jogo todo tem um grande sentido.

O padre deu um puxão na própria orelha. Dirigiram-se ambos para a figueira, e só depois de se haverem sentado no banco, sob a grande árvore, é que o sacerdote tomou a palavra: - A imagem não deixa de ser curiosa, mas não é exata. A coisa toda é séria demais para se lhe dar o nome de jogo. Está claro que Deus tem um propósito com relação ao mundo e às suas criaturas. E não devemos esquecer que as pedras do xadrez têm vontade 611 própria, um intelecto que as capacita a escolher entre o bem e o mal.

Enfim, se o amigo quiser insistir em usar a imagem do jogo de xadrez, poderemos dizer que as regras do Grande Jogo estão contidas nos ensinamentos da Santa Madre Igreja, e quem as seguir ganhará na certa…

Rodrigo olhou na direção da casa dos Amarais.

— Vou lhe contar uma coisa, padre, que lhe dará uma ideia de como sou preso aos prazeres deste mundo, por menores que sejam. Tia Vanja me disse lá no velório que foi uma pena dona Emerenciana morrer sem ter visto o final do folhetim do Correio do Povo. Acho que a velhinha não disse nenhuma tolice.

Viver é bom por causa duma série de coisas grandes e pequenas entre as quais está também a de ler a Toutinegra do moinho. A ideia da morte me é tão desagradável que nem a certeza de ganhar o céu me faria encará-la com menos horror.

— E o senhor já pensou alguma vez na morte… quero dizer, a sério, como uma coisa que lhe pode acontecer a qualquer momento, amanhã, depois… agora?

— Não. Para falar a verdade, tenho a impressão de que morrer é coisa que não pode acontecer a mim, Rodrigo Cambará.

— Espere a casa dos quarenta… - murmurou o padre, atirando longe o cigarro.

— Por que diz isso, se ainda não chegou aos trinta e quatro?

— Falo com a experiência alheia. Ao chegar aos quarenta o homem torna-se inquieto, faz a si mesmo perguntas ansiosas, reexamina os seus valores morais. É a fase da vida em que começa a pensar na velhice que se. aproxima e consequentemente na morte e em Deus…

Rodrigo sorriu.

— Sempre ouvi dizer que na casa dos quarenta os homens perdem

a cabeça e saem a coner atrás das mulheres. É que, voltando-se pra trás, ficam assombrados por verem o tempo que perderam e, olhando para a frente, compreendem que têm poucos anos de vigor viril, e toca a aproveitar enquanto podem.

— Exatamente. Esse é o caso da estúpida maioria. Entre o tempo e a eternidade escolhem o tempo, que lhes parece mais 612 próximo e certo, e atiram-se aos prazeres carnais. Mais tarde, velhos e doentes, quando o corpo de nada mais lhes vale, eles o hipotecam à Igreja, procurando trocar uma carcaça perecível pelo tesouro da vida eterna. Muitos deixam o anependimento para última hora. Pensam assim: Deus deve ser um bom sujeito, um papai bonachão sempre disposto a perdoar. Mas, quando menos esperam, o Anjo da Morte se interpõe entre eles e o sol… e adeus! Aí é tarde demais. Rodrigo olhava para as janelas iluminadas do casarão dos Amarais, arrependido já de ter provocado aquele assunto. O sacerdote, entretanto, prosseguiu: - Às vezes a sombra do Anjo se projeta no nosso caminho, e nós nos recusamos a compreender o aviso, dizemos que é apenas uma nuvem que cobriu o sol, e continuamos a andar, esquecidos de Deus.

Rodrigo pôs-se assobiar baixinho, como se não estivesse escutando o que o outro dizia.

Um bólide riscou o céu. Chegavam ainda até eles as vozes dos negros, que continuavam no terço.

— Lembra-se da doença que quase matou dona Emerenciana há coisa dum ano? - perguntou o vigário. — Depois disso ela se preparou para morrer. Confessava-se e comungava todas as semanas. Esta noite, ao erguer os olhos para a face do Anjo, sua alma estava limpa de pecados.

Houve uma curta pausa. Rodrigo procurou desconversar: - O dr. Carbone me disse que fez hoje uma "laparotomia fortunatíssima". — Soltou uma risada falsa. — Laparotomia… Não acha que essa palavra foi feita especialmente para ser pronunciada pelo italiano com aquela bela voz de queijo derretido e massa, temperada de manjerona e nadando em óleo de oliva?

A mão do padre pousou leve no ombro de Rodrigo.

— Há muito que estou para lhe falar neste assunto, mas não tenho encontrado oportunidade. Acho que a hora é propícia. Por amor de Deus, não se ofenda nem me julgue um intrometido. Afinal de contas, além de ser um sacerdote, sou também seu amigo e admirador…

Levantou-se num movimento brusco e começou a puxar furiosamente o lóbulo da orelha: um ginasiano perplexo diante dum problema de matemática.

— Sua vida tem sido até agora um rosário de triunfos, uma estrada atapetada de rosas e batida de sol. Mas não pense que isso vai

durar sempre. Ora, se um dia vai ter de fazer uma revisão completa de valores e procurar o amparo da Igreja, por que não começa agora? Olhe, é melhor, é mais fácil…

Rodrigo pensava no rosto de cera da defunta. Imaginou-se a si mesmo dentro dum esquife, coberto de flores. Vou pedir a Flora - decidiu - que quando eu morrer não deixe ninguém ver meu rosto. Botem um lenço em cima. Ou fechem logo o caixão e não o abram mais.

— Está claro - continuou o sacerdote - que no púlpito, falando para essa gente de poucas letras, tenho de simplificar os problemas da alma, da fé e da vida eterna, falar em céu e inferno, em castigo e recompensa. O povo é criança.

Mas a coisa toda não é tão simples assim. Olhe, leia os pensamentos de Pascal. Vou lhe emprestar o meu exemplar…

Calou-se. Rodrigo acendeu outro cigarro. O terço havia cessado. Agora as únicas vozes da noite eram o trilar dos grilos e um que outro cantar de galo. Astolfo começou a andar dum lado para outro, dentro da zona de sombra que a figueira projetava no chão. De repente parou diante do amigo e segurou-lhe os ombros com ambas as mãos.

— Deus é uma coisa muito séria, meu querido amigo, muito séria!

Rodrigo encolheu-se todo, num súbito calafrio. Levantou-se.

— Estou ficando gelado, padre. Deve ser o ar da madrugada… Vamos até o Sobrado, tomar um traguinho de conhaque.

IV Durante as últimas semanas de abril, Rodrigo acompanhou com apaixonado interesse, através dos jornais, o desenvolvimento da batalha de Ypres, e quando um telegrama urgente anunciou ao mundo que os alemães haviam empregado nuvens de gases asfixiantes contra tropas canadenses e argelinas, sua indignação foi tamanha, que ele teve ímpetos de sair para a rua e quebrar a cara do primeiro alemão que encontrasse. Precipitou-se para o telefone, pediu o número do quartel do regimento de infantaria, chamou o coronel Jairo e, depois de pô-lo ao corrente do monstruoso acontecimento, comentou: - É o cúmulo da barbárie. Gases asfixiantes! Dizem os telegramas que a tortura física produzida por essas nuvens é dantesca. Os soldados caem sufocados, alguns até vomitando pedaços dos pulmões… uma coisa medonha!

Da outra extremidade do fio o positivista soltava também exclamações de horror.

— Venha logo de noite ao Sobrado, coronel. Preciso desabafar com alguém, senão rebento. Olhe, até estimo que o Rubim já tenha ido embora, porque se nos encontrássemos hoje e ele quisesse justificar mais esse banditismo dos boches, acho que eu perdia a paciência e a coisa acabava em briga!

Por aqueles dias chegavam também notícias da campanha

submarina em que os alemães, sem aviso prévio, punham a pique navios mercantes e de passageiros não só das nações inimigas como também das neutras. No princípio de maio os jornais trouxeram 615 um comunicado revoltante: um submarino alemão torpedeara em águas da Irlanda o transatlântico Lusitânia, causando a morte de 1153 passageiros! Ao ler a notícia, Rodrigo ficou tomado duma fúria indignada: deixou o Sobrado de bengala em punho, disse um mundo de desaforos ao Otto Spielvogel, que encontrou a soltar gargalhadas à frente da Casa Schultz, e ameaçou: - Bandidos! Vocês todos deviam ser capados para acabar com essa raça maldita. Enquanto existir um alemão na face da terra a humanidade não poderá viver em paz Espantado, Spielvogel não reagiu: recuou na direção da parede da casa, limitando-se a murmurar: "Mas doutor… mas doutor…

A cena atraíra curiosos, o que deixou Rodrigo ainda mais exaltado.

Vendo na vitrina da loja do Schultz uma tricromia do Kaiser, não se conteve: ergueu a bengala e fê-la descer com toda a força contra o vidro, partindo-o. E para o dono da casa, que apareceu à porta no momento em que ele arrebatava o retrato da vitrina e rasgava-o em muitos pedaços, vociferou: - Não me exponha mais a cara desse bandido, ó Schultz, senão eu mando prender fogo nesta pocilga, estás ouvindo, lambote?

Dito isto, fez meia-volta, deu alguns passos, e, sem olhar para trás

gritou: “Me mande a conta dos prejuízos, que eu pago”. E, vermelho, o ritmo da respiração alterado, as narinas dilatadas, um formigueiro no corpo todo, caminhou uma quadra inteira com passo duro. Ao chegar à praça tinha-se-lhe arrefecido um pouco a fúria e ele começava quase a envergonhar-se do papelão que fizera diante de tanta gente. Mas, que diabo! o que me corre nas veias é sangue e não limonada. Alguém tem de jogar bruto com esses boches, senão amanhã eles querem tomar conta do Brasil. O que fiz está muito bem-feito. Então, já se viu?

Torpedearem um navio de passageiros sem aviso prévio… Quase mil e duzentos mortos, diz o jornal. Mulheres, crianças, velhos… O maior crime da História! Uma vergonha para a raça humana!

Quando, dias depois, Flora o convidou para irem ao teatro assistir ao espetáculo da Philharmonische Familie, uma família de músicos austríacos que percorria a América do Sul dando concertos, Rodrigo replicou: - Não vou. Não quero saber de nada com esses boches. Flora olhou para Maria Valéria, que encolheu os ombros como quem diz: “Que é que vou fazer?”

— Mas Rodrigo…

— Não tem funfum nem fole de ferreiro - replicou ele, fazendo um gesto cortante para encerrar a discussão. — Guerra é guerra. A Áustria-Hungria é aliada da Alemanha.

Se a população de Santa Fé tivesse um pingo de vergonha na cara, ninguém ia ao espetáculo e essa alemoada morria de fome!

— Está bem - disse Flora, entre amuada e irônica. — Está bem.

Não precisas brigar comigo. Sou brasileira puro-sangue.

Caindo em si, Rodrigo enlaçou a cintura da esposa e beijou-lhe os cabelos.

— Eu sei que tu e a madrinha acham que sou um exagerado, um apaixonado.

Mas não é… Nessa guerra da civilização contra a barbárie, não pode haver dois pesos e duas medidas.

— Mas tu precisas compreender que essa pobre gente nem estava na Áustria quando a guerra rebentou…

— Se quiseres, podes ir, meu bem. Convida a Dinda e a tia Vanja…

Porque eu não vou.

Flora deixou escapar mansamente um suspiro, sorriu e replicou que não iria, porque afinal de contas a coisa toda não tinha nenhuma importância.

Quando Rodrigo deixou a sala, Maria Valéria tranquilizou a outra: - Não faça caso do que ele disse. Aposto como amanhã ele bota esses burlantins pra dentro de casa.

No dia seguinte a Família Filarmônica era o assunto obrigatório

em quase todas as rodas de Santa Fé. O teatro estivera completamente cheio na primeira noite e o espetáculo fora um sucesso. Os espectadores afirmavam com unanimidade que, além de músicos consumados, os austríacos eram pessoalmente simpaticíssimos. Herr 617 Weber tocava violino, clarineta e flauta. Frau Weber, piano e órgão. O jovem Wolfgang, além de admirável tocador de cordeona, era um prodígio no xilofone. E os moços da terra estavam positivamente entusiasmados ante a beleza e a graça de Fraulein Weber, que tocava violoncelo e oboé.

Pela manhã, ao sair para o consultório, Rodrigo já começou a ouvir elogios à Philharmonische Familie. O primeiro partiu do Pitombo, que, ao avistá-lo, atravessou a rua e veio dizer-lhe com os olhos pegajosos de emoção: - Que beleza, doutor! Que coisa sublime! Nunca vi orquestra melhor em toda a minha vida. Quando fechei os olhos na plateia, tive a impressão que estava no reino dos céus, escutando os anjos. É bem como diz o poeta, a música é o idioma dos deuses.

Cuca Lopes atacou-o à entrada da farmácia. Já sabia coisas sobre os Weber. Eram naturais de Viena, vinham percorrendo o Brasil desde Belém do Pará e estavam a caminho do Prata. Achavam-se hospedados no Hotel dos Viajantes e davam-se mal com a comida. Dizia-se que o velho sofria do estômago e só se alimentava de leite e frutas.

A Frau, ah! essa gostava de cerveja e era muito alegre. O rapaz tinha um jeito suspeito, meio adamado. A moça era linda como uma estampa, e os machos da terra já andavam assanhados.

Rodrigo não lhe disse palavra. Continuava no seu boicote psicológico à família austríaca, embora sem nenhum rancor.

Na farmácia, o Gabriel contou-lhe que estivera no teatro e que chorara ao ouvir a Serenata de Schubert tocada pela mocinha.

Rodrigo entrou no consultório, sentou-se à mesa e dali ficou a olhar, através da janela aberta, um trecho da praça. Andava no ar parado esse olor seco e matinal de bruma tocada de sol. O chão sob os plátanos estava juncado de folhas amarelentas. Lês sanglots longs dos violam, lê 1'nutomne…

Não. Estava errado. O instrumento cuja voz mais sugeria o outono era o violoncelo. Tinha mais profundidade que o violino, um acento mais humano, uma tristeza serena e digna que tão bem se casava com a languidez da atmosfera e com sua luz de âmbar. Aqueles dias de maio pareciam encher as criaturas duma dormência gostosa que as predispunha à paciência, 618 a uma certa ternura meio sonolenta e esquisitamente melancólica. Eram manhãs e tardes em que - mistura de ouro e violeta - paiiava no ar uma névoa que parecia amortecer todos os sons e acalentar todos os desejos, de sorte que a gente ficava com a impressão de andar física e espiritualmente envolta em paina.

Era como ele, Rodrigo, se sentia agora: com o espírito acolchoado em paina; nenhum atrito de ideias, nenhum conflito interior ou exterior. Abriu a boca nurn bocejo cantado. Com uma tênue sombra de aborrecimento pensou nos clientes que teria de atender dentro em breve - malcheirosos, tristes e duma fealdade encardida e vil. Ouviu uma batida à porta, que se entreabriu devagarinho. A cabeça do dr. Cario Carbone apontou na fresta.

— Se pode?

— Ah! Entre, doutor.

O cirurgião entrou, com o avental branco todo manchado de sangue.

Acabava de sair da sala de operações e trazia nas mãos uma cubeta.

Rodrigo ergueu-se e caminhou para o colega.

— Que é que traz aí?

— Uma vera beleza. Guarda.

Mostrou-lhe a cubeta dentro da qual um rim humano boiava num líquido viscoso laivado de sangue.

— Opa! - exclamou Rodrigo, franzindo o nariz e a testa.

— Donde saiu isso?

— Dum colono de Nova Pomerânia. Um tumor. O paciente é morto.

E mostrava com o dedo “lê belle ramificazioni”. Sorria. Dava a impressão dum ogre que trazia nas roupas o sangue ainda quente da criança que acabara de devorar.

— Mas o senhor entrou aqui só pra me mostrar esse rim?…

— sorriu Rodrigo. — O doutor sabe que não preciso de aperitivos…

— Ah! - fez o outro, dando uma palmada na testa. Depôs a cubeta sobre o bureau, pegou o telefone, deu-lhe manivela, pediu ao centro um número e, enquanto se fazia a ligação, ele olhava para o amigo com uma expressão diabólica.

— Pronto! Sei tu, Santuzza, guarda, carina, me fai a colazione rognoni alia griglia, capito? Eh! Ma no! Tutto bene. A mezzogiorno. Tanti baci.

Ciao!

Carbone largou o telefone, tornou a apanhar a cubeta e acercou-se de Rodrigo, que recuou um passo.

— Por que não foi ao teatro ontem?

— Ora, acontece que…

O italiano não esperou a explicação: - Um espetáculo divino! - cantarolou.

E derramou-se em elogios à Família Filarmónica. Fazia muito que não ouvia tão boa música nem via tão brava gente. Herr Weber

parecera-lhe um gran maestro, Frau Weber, um contralto de *la piü pura scuola* e *la ragazza* - aqui o cirurgião estralou os lábios num simulacro de beijo - ah, Ia Fràuleiji tinha um rosto belíssimo que lembrava o das madonas de Botticelli.

Rodrigo, porém, relutava em deixar-se seduzir.

— As madonas de Botticelli não são o meu género.

— Mas a música, carino, a música!

— Prefiro a do meu gramofone.

Carbone aproximou perigosamente a cubeta do peito de Rodrigo, que deu mais um passo à retaguarda; - O gramofone? - exclamou o operador. — Aquilo não passa de música em conserva, ao passo que a dos Weber era palpitante, viva, tinha o calor da presença física dos artistas que a produziam.

Rodrigo tornou a sentar-se, para colocar o bureau entre si e aquele repugnante rim humano.

— Pra lhe falar com toda a sinceridade, resolvi não tomar conhecimento dessa família - explicou sem muita convicção.

Estou revoltado com o torpedeamento do Lusitânia e com todos os outros crimes que os alemães estão cometendo nesta guerra. Afinal de contas os Weber são austríacos, aliados do Kaiser.

Carbone sorriu, e quando seus lábios vermelhos se abriram, pondo à mostra os dentes miúdos e as gengivas rosadas, Rodrigo teve a impressão de ver partir-se uma romã madura.

— Mas a arte não tem pátria, carino, a arte é universal e eterna!

O outro sacudia a cabeça, numa fraca negativa. Começava já a sentir uma certa curiosidade por aquela família vienense que os ventos do destino haviam soprado para Santa Fé. Depois, como era possível odiar alguém ou alguma coisa num dia de maio?

Cario Carbone continuava a falar, e sua voz melodiosa enchia o consultório. Rodrigo odiava a Alemanha? Pois quebrasse então todas as chapas que continham composições de Beethoven e Schubert, queimasse todos os livros de Goethe, Schiller, Heine…

Rodrigo quis ainda replicar, mas Carbone deteve-o com um gesto e entrou a cantar em surdina uma das canções de Schubert que Frau Weber interpretara na véspera. Rodrigo contemplava aquele homúnculo de roupas ensanguentadas a cantar em alemão - língua que nada tinha a ver com sua voz quente, redonda e doce - enquanto suas mãos apertavam a cubeta, e uma lágrima lhe brotava no canto do olho e rolava pela face. Quando ele se calou, Rodrigo disse: - Estou desconfiado de que o senhor é empresário dos Weber e o que quer é me vender um camarote…

— Mas não! - exclamou o italiano, tirando do bolso e jogando sobre a mesa um papelucho cor-de-rosa. — Tenho este camarote para hoje e requesto ao sígnore dr. Rodrigo e sua signora o prazer e o

honor da vossa companhia esta será…

A primeira parte do programa da Família Filarmónica naquele segundo espetáculo foi dedicada a canções folclóricas do Ti rol e da Baviera. Rodrigo ficou vagamente irritado ao ver ali na plateia do Santa Cecília o rubicundo entusiasmo dos alemães e teuto-brasileiros, que não só apreciavam as melodias como também, por entenderem a letra das canções, soltavam grandes risadas às suas passagens humorísticas, e, ao fim de cada uma rompiam em aplausos ruidosos, quase sempre pedindo bis. A verdade era que desde o primeiro 621 número se estabelecera uma tão forte corrente de simpatia entre os artistas e o público, que Rodrigo teve a sensação de que a própria atmosfera física do teatro se aquecera e de que os Weber não se encontravam num palco e sim numa das salas de sua residência, em Viena, no início dum tranquilo serão musical.

Herr Weber era um homem de estatura mediana, basta cabeleira alourada, olhos muito claros e um jeito distraído e abandonado de professor. Ao erguer-se o pano, entrara no palco bisonho e desajeitado e Rodrigo tivera a impressão de que o homem não sabia que fazer com as mãos. Frau Weber, porém, pareceu mais à vontade diante do público.

Baixinha, bem fornida, seguira o marido em passadas decididas, quase marciais, e, quando os aplausos começaram, seu sorriso se alargara, pondo-lhe à mostra os belos dentes brancos e parelhos, e seus olhos pareceram ganhar mais fulgor, ao mesmo tempo que uma vermelhidão lhe cobria as faces, as orelhas e o pescoço. O jovem Wolfgang, vestido dum modo demasiadamente infantil para seus presumíveis dezoito anos, fizera uma curvatura rápida e rígida de autômato e depois quedara-se, sério e imóvel, os olhos postos num ponto indefinível do espaço, à espera de que os aplausos cessassem. A atenção de Rodrigo, porém, desde logo se concentrara em Toni Weber, que estava vestida de branco e trazia laçarotes de fita azul nas pontas das tranças - o que lhe dava um ar comovedor de colegial.

O dr. Carbone estava enganado. A Frãulein não tinha a cara rechonchuda das madonas de Botticelli cujas bocas em geral pareciam estúpidos botões de rosa. Sua face era dum perfeito oval e os olhos claros duma tonalidade que Rodrigo de longe não podia discernir. Entretanto, o que mais o fascinava naquele rosto emoldurado por cabelos castanhos com reflexos de bronze, eram os zigomas levemente salientes e a boca rasgada de lábios polpudos e sugestivos.

— Guarda que maravilha! - murmurou o dr. Carbone.

— A menina é uma belezinha… - sussurrou Flora, voltando a cabeça para o marido.

— Não é feia… - respondeu este, com fingida indiferença. Na segunda parte os Weber evocaram a Viena da opereta, tocando valsas

e pot-pourris, com um gosto e uma alegria 622 contagiantes. Quando o jovem Wolfgang interpretou ao xilofone alguns trechos de Offenbach e Strauss, acompanhado pela mãe ao piano e pelo pai ao contrabaixo, o público aplaudiu freneticamente e um dos Spielvogel chegou a erguer-se na plateia para gritar bis. Rodrigo também aplaudiu. Já naquela altura do concerto não só se declarava vencido e convencido como também enternecido por aquela esplêndida família de músicos.

Durante o segundo intervalo, o dr. Carbone trouxe o padre Astolfo da plateia para o camarote. Inclinada sobre Flora, Santuzza deixava transbordar sobre ela todo o seu entusiasmo e fazia planos de convidar os artistas para uma macarronada em sua casa. E o sacerdote, que também estava encantado com o espetáculo, contou que havia sido procurado naquele dia pelos Weber.

— São católicos! - revelou com alegria. — Vão à missa e comungam!

Os olhos do dr. Carbone estavam empapados de ternura. Rodrigo queria saber mais coisas sobre a vida dos austríacos.

O padre contou que o filho mais velho do casal estava na guerra e que, numa localidade de São Paulo, durante um espetáculo da Família, um grupo de aliadófilos provocara uma tremenda vaia, chegando ao ponto de atirar nos Weber ovos podres e tomates.

— Canalhas! - exclamou Rodrigo, indignado. — Onde está a nossa tradição de hospitalidade? Que ideia essa gente vai fazer de nossa educação e de nossa cultura? Precisamos prestigiar essa família.

Flora lançou-lhe um olhar pasmado.

A terceira parte do programa era composta de música séria. Quando Herr e Frau Weber tocaiam o adágio da Sonata de Kreutzer, Rodrigo sentiu que de repente a atmosfera perdia um pouco de seu calor e nas faces da maioria dos espectadores se ia estampando lentamente uma expressão de quase impaciente aborrecimento, e, à medida que a sonata se prolongava, as pessoas começavam a remexer-se nas cadeiras e algumas bocas se abriam em maldisfarçados bocejos. Num dado momento, um ratão atravessou o fundo do palco e essa inesperada nota cômica, que provocou risinhos, contribuiu um pouco para aliviar a tensão ambiente criada por 623 Beethoven. Quando a peça terminou, os aplausos foram fortes mas breves.

Wolfgang tocou na flauta um Romance de Schumann. A seguir, Toni apanhou o oboé e postou-se ao lado do piano. Quando levou o bocal do instrumento aos lábios, ouviram-se risos abafados na plateia. Rodrigo teve gana de gritar: “Silêncio, bagualada!” Jamais se vira em Santa Fé uma mulher tocar qualquer instrumento de sopro. Para aquela gente, os únicos instrumentos decentes recomendáveis a uma moça de família eram o piano, o violino e o bandolim.

A voz pastoral e merencória do oboé começou como que a riscar

um sereno desenho no ar. Era um trecho do Oratório da Páscoa, de João Sebastião- Bach. Rodrigo teve a sensação de que o erguiam da cadeira, deixando-o em levitação.

Aquela melodia pura, duma tristeza profunda mas sem desespero, despertava nele ecos misteriosos, saudades inexplicáveis. Tinha a intuição de que já ouvira, sentira, amara e até tocara numa outra vida muito remota e numa outra paisagem igualmente perdida… Sim, ele também achava um nadinha ridículo uma moça soprar naquele instrumento. Sentia para com aquela menina de ar tão inocente uma certa piedade mesclada de ternura e ao mesmo tempo de um desejo lúbrico que procurava exorcizar, indignado consigo mesmo, pois tanto a música como a intérprete deviam inspirar-lhe sentimentos e pensamentos puros. No entanto, a coisa era superior às suas forças, pois seu olhar estava poderosamente preso aos lábios de Toni, que se pregueavam, carnudos e móveis, em torno do bocal do oboé. Fechou os olhos. Foi pior, porque a Toni de seus pensamentos estava completamente despida à beira da sanga do Angico, e a voz de Bio misturava-se com a melodia de Bach, esta a elevar Rodrigo para o céu, rumo das estrelas, a outra a arrastá-lo para a grama e a insinuar libidinagens.

Abriu os olhos e focou-os no camarote fronteiro, de onde o coronel Jairo, avistando-o, lhe fez um lento, solene aceno de cabeça.

Quando os sons do oboé e do piano morreram no ambiente morno do teatro, houve uma pausa duma fração de segundo. De súbito estalaram os aplausos. Quem se pôs de pé dessa vez foi 624 Rodrigo. “Bravo! - gritou - Bravo! Bravo!” E aplaudia com tanta força, que as palmas das mãos começaram a arder. Toni agradecia com reverências graciosas, o rosto iluminado por um sorriso que lhe fazia saltar os zigomas.

O próximo número foi um quarteto de Mozart, durante o qual o coronel Cacique se retirou ostensivamente do teatro com toda a família.

Irmão Jacques acompanhou-os, mas antes de deixar o camarote voltou-se para Rodrigo, encolheu os ombros e fez uma careta, como a dizer: Qu'est-ce que tu veux que je fasse?

O penúltimo número foi Rêveríe de Schumann, que Toni interpretou ao violoncelo. Rodrigo escutou a melodia, perturbado, como se a voz do instrumento tivesse o dom de penetrar-lhe nas camadas mais profundas do ser, revolvendo-as e fazendo vir à tona lembranças de tempos idos, tristezas recalcadas, desejos esquecidos. Sentiu a respiração opressa, um aperto na garganta. Se não tratasse de dominar-se, acabaria chorando como o dr. Carbone, que ali a seu lado de quando em quando limpava os olhos com as pontas dos dedos.

Quando menino, Rodrigo interessava-se tanto pelos atores e

atrizes dos circos e companhias teatrais que visitavam Santa Fé, que esse interesse às vezes chegava a revestir-se da intensidade duma paixão. E quando o circo ou a troupe se ia para outras terras, ele ficava tomado duma melancolia e duma saudade que durante dias e dias lhe empanavam a vida. Sempre se sentira atraído por aquela gente de palco e picadeiro, tão diferente do comum dos mortais no vestir, no falar, no viver e até nos traços fisionômicos. Ah! Quantas vezes, depois que o circo se ia, ele se punha a andar pela cidade, falando sozinho, a curtir a saudade da mocinha do trapézio ou do malabarista! Seu único consolo, então, era fazer peregrinações ao lugar onde estivera armado o barracão. Lá estava, como uma tortura em meio do terreno baldio, o redondel do picadeiro, ainda coberto de serragem, cujo cheiro ele aspirava com dolorosa delícia. Apanhava do chão, para guardar como lembranças, pedaços de madeira ou papel, pontas de cigarros, botões…

Para o menino Rodrigo os atores eram criaturas dum mundo que pouco ou nada tinha a ver com Santa Fé - um mundo que 625

só encontrava par nas novelas de Dumas, Ponson du Terrail, Richebourg e Júlio Verne. Sempre achara fascinante a linguagem dos palhaços, aquela mistura de português e castelhano que para ele era o vernáculo dum misterioso país de onde provinham todos os clowns e tonies que andavam pelo mundo. Por muitos anos entesourara na memória a palavra mágica que ouvira o diretor dum circo pronunciar repetidamente no picadeiro para o cavalo amestrado, sempre que o animal executava bem cada uma de suas proezas: vengude. Atribuía-lhe um misterioso poder de encantação.

Mais tarde, porém, ao iniciar os estudos de inglês, tivera a desilusão de descobrir que vengude era very good e queria dizer apenas muito bom.

Agora, ouvindo a Rêverie e contemplando Toni Weber, ele tornava a sentir milagrosamente a volta do antigo fascínio.

Que tristeza na fisionomia da menina! Como seria a voz dela? Grave, como a do violoncelo ou alta como a do oboé? De que cor seriam seus olhos?

Rodrigo ficou um pouco desconcertado quando, ao voltar casualmente a cabeça para o lado de Flora, percebeu que ela estava a observá-lo disfarçadamente com o canto dos olhos.

Quando o espetáculo terminou, o padre Astolfo sugeriu que esperassem os Weber no saguão, a fim de que ele pudesse apresentá-los aos Cambarás e aos Carbone.

— Mas não é muito tarde? _ perguntou Flora, consultando o marido com os olhos.

— É cedo - respondeu Rodrigo, que não olhara para o relógio desde que saíra de casa.

Os Weber, entretanto, tardavam. O teatro achava-se já completamente vazio e começavam a apagar-se as luzes. Flora insistiu para que fossem embora. Estava ansiosa por saber das crianças Agastado, Rodrigo tomou-lhe o braço: - Pois então vamos.

Encaminharam-se para a porta, seguidos do padre e dos Carbone. Havia na noite sem lua nem estrelas um arrepiante prenúncio de inverno. Na calçada fronteira alguns homens conversavam em voz alta, um tanto exaltados. Uma figura destacou-se do grupo e atravessou a rua. Era o Cuca Lopes. Acercou-se de Rodrigo e despejou a novidade: - A Itália declarou guerra à Áustria!

— Não diga!

— Por Deus Nosso Senhor! - jurou o Cuca, tirando, rapidamente o chapéu. Contou que viera do telégrafo, onde havia um despacho para o intendente.

— Até que enfim! - exclamou Rodrigo, voltando-se para o dr. Carbone e envolvendo-o num abraço, enquanto Santuzza desatava o pranto. O cirurgião beijou Rodrigo em ambas as faces, deu alguns passos sem rumo nem propósito na calçada para depois cair nos braços da mulher, cobrir-lhe o rosto de beijos e misturar suas lágrimas com as dela.

— Padre - disse Rodrigo com a voz alterada pela conoção - a Itália não nos decepcionou. O sangue latino falou mais forte que qualquer aliança ou interesse material!

O sacerdote acariciava o lóbulo da orelha, olhando para a porta do teatro.

— Isso torna os Carbone inimigos dos Weber - disse ele, entre sério e trocista.

O italiano parecia ter perdido a voz. Meteu nervosamente um cigarro na piteira e levou muito tempo para conseguir acendê-lo.

— Vamos todos ao Sobrado comemorar o acontecimento convidou Rodrigo.

Olhou para o Cuca.

— Mas essa história é certa mesmo ou é boato?

Cuca que cheirava azafamado a ponta dos dedos, apressouse a fazer novo juramento.

— Por esta luz que me alumia: eu vi o telegrama. Desejou boa-noite a todos e abalou.

— Vamos embora! - gritou Rodrigo.

Meteu a mulher e os Carbone no Ford e mandou o chofer tocar para o Sobrado.

— Nós vamos a pé.

Depois que o automóvel dobrou a primeira esquina, ele se voltou para o padre Astolfo.

— Ficará mal a gente levar os Weber agora lá pra casa? Será que

os Carbone vão ficar sentidos?

— Esses italianos são criaturas boníssimas. Não creio que possam ter a menor má vontade para com a Família, principalmente depois dum espetáculo desses.

— Que diabo! Afinal de contas somos todos filhos de Deus, não é mesmo, padre?

Naquele momento os Weber saíam do teatro. Padre Astolfo puxou o amigo pelo braço, aproximou-se dos austríacos e começou as apresentações. Fez o elogio de Rodrigo em francês. Vir a Santa Fé e não conhecer o dr. Rodrigo Cambará e o Sobrado era o mesmo que ir a Roma e não ver o papa nem a Basílica de São Pedro. O dr. Rodrigo era médico, uma bela cultura, um grande caráter. Possuía a melhor biblioteca do município, era um amante da boa música e tudo indicava que em breve seria eleito deputado. Enquanto o vigário falava, Herr Weber murmurava de instante a instante já, já, ao passo que Frau Weber dava risadinhas curtas e cordiais. To n i e Wolfgang achavam-se num segundo plano, silenciosos. O rapaz trazia o contrabaixo num estojo negro, que ali na sombra parecia um estranho monstro. Toni abraçava o estojo do violoncelo, como a um irmão mais moço. Herr Weber tinha debaixo do braço a caixa do violino. Quando Rodrigo, fazendo questão de falar francês sem o menor sotaque, convidou a Família para ir ao Sobrado tomar alguma coisa, Herr Weber fez uma curvatura, formulou desculpas num francês eriçado de erres rascantes. Impossível! Era muito tarde, mamã Weber e as crianças estavam cansadas. Mera beaucoup! Merci! Merci! Cada merci era acompanhado duma inclinação de cabeça.

Rodrigo estava desapontado. Queria ver Toni de perto, descobrir-lhe a cor dos olhos, ouvir-lhe a voz. Deixou escapar um suspiro de impaciência e, olhando para o padre, disse: - Bom, não vamos deter por mais tempo esta simpática família…

Os adeuses foram rápidos e cálidos da parte de Rodrigo: um tanto formais da parte de Herr Weber, que fez uma prolongada curvatura. Frau Weber apertou-lhe a mão com vigor, Wolfgang, timidamente. Toni deu apenas as pontas dos dedos e murmurou algo que ele não chegou a ouvir direito. Adieu? Au revoir?

Rodrigo chamou um carro e mandou levar a Família Filarmônica ao hotel: - Não cobre deles - gritou para o cocheiro. — Quem paga sou eu!

Depois, de braços dados com o padre, voltou a pé para o Sobrado. O vigário falava apreensivo na guerra. Aonde ia parar o mundo? Havia indignação nos Estados Unidos, pois no naufrágio do Lusitânia tinham perdido a vida quase duzentos cidadãos norte-americanos. Era possível que Washington acabasse declarando guerra ao Kaiser.

Rodrigo olhava para a sombra alongada do padre na calçada. Mas

não pensava na guerra. Na sua mente, Toni Weber soprava no oboé: estava num vestido curto de bailarina, no picadeiro do Circo Sabattini.

No dia seguinte pela manhã, o padre Astolfo entrou no consultório de Rodrigo e contou-lhe que a Philharmonische Familie se encontrava numa situação crítica. Seu empresário, um romeno que os contratara na Europa para aquela tournée sul-americana, abandonara-os em Bajé, seguindo para Montevidéu de onde - prometera - não só telegrafada dando informações sobre a data dos próximos concertos no Prata, como também lhes mandaria o dinheiro para as passagens. No entanto havia já quase um mês que o homem se fora e até agora não dera o menor sinal de vida.

— A Família está alarmada! - contou o vigário, sentando-se numa cadeira e fitando em Rodrigo seu olhar transparente. — O 629 romeno era o tesoureiro da troupe e levou consigo todo o dinheiro que tinham apurado nos últimos concertos em Porto Alegre, Cachoeira e Santa Maria. O que os Weber fizeram aqui dá para pagar o hotel mas não é o bastante para as passagens…

Rodrigo esbofeteava em pensamento aquele romeno cuja mãe não conhecia mas à qual já dirigia mentalmente os maiores insultos. O canalha! O vigarista!

Levantou-se e deu dois passos na direção do padre.

— O bandido fugiu, não resta a menor dúvida. Veja bem: a Família está em Bajé, já perto de Montevidéu, onde deve dar o próximo concerto. Que faz o sacripanta? Manda essa pobre gente de volta para o noroeste do Estado, para Santa Fé.

Por quê? Me diga: por quê? Porque já tinha o plano formado!

— E o pobre do velho Weber agora lá está no hotel, atirado em cima duma cama, sem saber que fazer. É um homem tímido, desprovido de qualquer senso prático, um verdadeiro artista. As duas crianças coitadinhas, estão com os olhos deste tamanho, dá pena vê-las… Por sorte Frau Weber é uma mulher decidida. Veio me procurar hoje às oito para me contar a história e me pedir conselho.

Olhou intensamente para Rodrigo e estendeu os braços num gesto de desamparo.

— Mas que é que a gente pode fazer?

Recostado contra o bureau, Rodrigo olhava para o amigo, pensativo.

— Não há de ser nada… - disse, após alguns segundos de reflexão. — Deixe, que eu dou um jeito na vida desses austríacos.

— Como?

— Vou arranjar o dinheiro pra viagem a Montevidéu.

— Mas acontece que, depois duma troca de telegramas com os teatros de Montevidéu e Buenos Aires, os Weber descobriram que os falados contratos não passavam de mais uma mentira do romeno!

Ideias brotavam vivas e efervescentes no espírito de Rodrigo, começando a deixá-lo exaltado.

— Não há de ser nada. Arranjaremos um concerto da PhiIharmonische Familie em Nova Pomerânia. Foi o diabo a Itália ter declarado guerra à Áustria, pois eu ia ajeitar também um concerto em Garibaldina. — Soltou uma risada. — Por que o rei Vittorio Emmanuele não esperou mais uma semana?

O padre parecia não ver a menor graça naquilo tudo. Apertava o lóbulo da orelha com uma expressão de incerteza no rosto juvenil.

— Sim, mas depois desse concerto, que vai ser dos Weber, que não sabem uma palavra de português e não conhecem ninguém no Rio Grande do Sul? Está claro que não poderão voltar para a Europa, por causa da guerra. É uma situação dos diabos.

— Por que então não ficam em Santa Fé?

— Esta cidade não comporta mais de dois concertos - Sim, mas eles podem fazer outras coisas. Olhe, por que não tocam no cinema? Aí está uma ideia. O velho e a velha podem dar lições de canto, piano e violino. Que é que estão fazendo as filhas do coronel Cacique que não aprendem algum instrumento? E as Teixeiras? E as Macedos? Já é tempo de civilizar essa gente. Não se aflija, padre, deixe a coisa por minha conta. Que diabo! Precisamos manter o prestígio da hospitalidade gaúcha. Seria o cúmulo se uma família talentosa como essa morresse de fome na nossa terra.

Teve um rompante de generosidade.

— Em último caso, eu levo essa gente pró Sobrado.

O padre sacudia a cabeça numa lenta, obstinada negativa: a coisa não era assim tão simples.

— E o pior - disse - é que a saúde do velho é péssima. Cá para nós, acho que ele tem úlceras gástricas.

— Eu também dou jeito nas úlceras do maestro.

Tirou o relógio do bolso e tornou a guardá-lo sem ver direito a hora.

— Vamos agir, padre, antes que a coisa esfrie. Diga ao velho Weber que me apareça no consultório hoje às quatro, que eu quero fazer-lhe um exame completo. Vá logo avisando que a consulta é grátis, pró homem não ficar preocupado. E hoje de noite leve toda essa simpática família ao Sobrado, lá pelas oito, pra gente fazer um 631 serãozinho com música, boa prosa e salsichas de Viena legítimas, não se esqueça de dizer isso, ouviu?, legítimas! Pró velho mando preparar um mingau de maisena.

Precisamos levantar o moral dos Weber. No final de contas não podemos responsabilizar esses pobres austríacos pelas crueldades das tropas do Kaiser. Seria o mesmo que culpar Goethe ou Beethoven pelo torpedeamento do Lusitânia, não acha, padre?

Segurou com força o braço do sacerdote.

— A gente vira, mexe e acaba sempre nos Evangelhos. Quem tinha mesmo razão era Jesus Cristo…

Procurou, para citar, uma frase sobre a fraternidade humana, mas não lhe ocorreu nenhuma. Despediu-se do vigário, botou o chapéu, saiu da farmácia e foi bater à porta da casa do Podalírio Leal, concessionário do cinematógrafo.

Podalírio apareceu, recémsaído da cama, os olhos piscos, a voz pastosa.

Convidou Rodrigo a entrar e sentar-se. E quando o visitante lhe falou na possibilidade de o cinema contratar a Família Filarmônica para tocar nas suas três funções semanais, o homem exclamou: - Só se eu estivesse louco varrido! Isso vai me custar os olhos da cara!

— Criatura de Deus! Você terá uma orquestra de primeira ordem. Muita gente que não gosta de cinema irá ao Santa Cecília só para ouvir a orquestra.

Podalírio mirava-o de boca entreaberta, os dois únicos dentes superiores que lhe restavam a apontarem amarelos nas gengivas descoradas.

— O senhor pensa que cinematógrafo é alguma mina de ouro? Pois fique sabendo que é um negocinho mui mixe. O que faço mal dá pró fumo.

Por muito favor pago trinta pilas pró Salcede tocar aquelas porcarias no piano.

Rodrigo brincava, impaciente, com a corrente do relógio.

— Pois você vai contratar a Família Filarmônica, e hoje mesmo.

— Hein?

Podalírio lançou para o outro um olhar alarmado.

— Sim. E vai pagar aos Weber duzentos mil-réis por mês. Ergueu-se, aproximou-se do concessionário do cinematógrafo e segurou-o pela gola da camisa: - Não se assuste, que esse dinheiro não sairá de seu bolso e sim do meu.

Viu que o homem não havia compreendido. Repetiu a proposta lentamente, escandindo as sílabas de cada palavra, com uma falsa paciência.

Nunca simpatizara com o Podalírio e muito menos com o filho, o Calgembrino: eram dois pulhas, dois sovinas sem escrúpulos, que não mereciam a menor consideração.

— Vamos, homem, sim ou não?

— Se o senhor paga, a coisa é diferente, mas não estou entendendo direito…

— Nem precisa entender. Quero ajudar esses estrangeiros que estão em dificuldades e ao mesmo tempo fazer que o cinema da minha terra tenha a melhor orquestra do Estado. Está claro agora?

O outro encolheu os ombros.

— Mas… e o Salcede?

— Continue a pagar-lhe os trinta mil-réis mensais, e ele que fique em casa se quiser. Se não quiser, que vá pró inferno!

Podalírio acariciou a calva, de beiço caído.

— Outra coisa - acrescentou Rodrigo. — Essa história tem de ficar entre nós dois. Ninguém precisa saber que sou eu quem vai pagar o ordenado da Família Filarmônica.

Está entendido?

— Está, mas é que…

— Que é que há?

— Não era melhor a gente fazer um contrato, um compromisso escrito e assinado pelo senhor, dizendo que se responsabiliza…

Rodrigo atalhou-o: - Já viu algum Cambará faltar à palavra empenhada?

— Não, doutor, longe de mim duvidar da sua palavra. Mas é que todos estamos sujeitos a morrer duma hora para outra…

Rodrigo, que já se encontrava na rua, de chapéu na cabeça, gritou: - Pois eu não pretendo morrer tão cedo. Tenho ainda muito que fazer neste mundo. Passe bem!

Cheios de gratidão e num comovido abandono, os Weber entregaram seu destino a Rodrigo, maravilhados com as coisas que ele lhes dava, e fazendo, numa obediência filial, tudo quanto ele lhes sugeria. Aceitavam o emprego no cinema e os alunos de canto, violino e piano que foram aparecendo naquelas últimas semanas de maio, alguns trazidos pelo próprio Rodrigo - que doutrinava calorosamente os chefes de família sobre a necessidade de dar uma educação musical aos filhos, e outros mandados espontaneamente por famílias alemãs e teuto-brasileiras. Otto Spielvogel empregara o jovem Wolfgang Weber em seu escritório, como arquivista e correspondente em língua alemã. E Herr Weber, cuja saúde melhorara visivelmente, graças aos remédios que Rodrigo lhe prescrevera, fora convidado pelo intendente para reorganizar a banda de música municipal.

Achando que a Família Filarmónica por motivos económicos não podia continuar no hotel, Rodrigo cedeu-lhe de graça uma casinha de propriedade de seu pai e que no momento estava desalugada - uma meia-água com pomar, situada à rua do Poncho Verde, nas proximidades dos trilhos. Resolveu o problema dos móveis da maneira mais rápida e simples: pôs numa carroça e mandou para os Weber uns tarecos fora de uso que estavam atirados no porão do Sobrado: uma cómoda e um guarda-comida de pés lascados; cadeiras com os assentos de palha furados ou pernas quebradas; e uma mesa em cuja prancha sem lustro se viam talhos de facas feitos por mais duma geração de cozinheiras. Os Spielvogel e os Schultz contribuíram com

camas, cadeiras, louças e talheres. Contava-se que, a cada móvel ou utensílio que chegava à meia-água, Frau Weber desatava o choro, murmurando: “Que santa gente, meu Deus, que santa gente!”

Os membros da Philharmonische Familie passaram uma semana inteira a trabalhar na casa. Convidado um dia a visitá-los, Rodrigo ficou surpreendido ao ver a transformação que sofrera aquela meia-água que sempre lhe dera a impressão dum cachorro sentado a olhar melancolicamente para o céu. A fachada tinha sido 634 caiada por Wolfgang, auxiliado por Toni, e os caixilhos das janelas - onde se balouçavam alegremente vaporosas cortinas brancas - pintados dum azul de índigo. Dentro, Rodrigo não reconheceu os velhos móveis que mandara: estavam lustrados, reluzentes, com o aspecto de novos. No chão da sala de jantar estendia-se um tapete feito por Frau Weber com retalhos multicores. Em cima duma prateleira alinhavam-se canecos para cerveja, pratos de cerâmica alemã e os cachimbos de louça de Herr Weber.

Havia naquele interior tal aspecto de asseio e ordem, que Rodrigo chegou a ficar

perturbado. Derramou-se em elogios à casa, e Frau Weber, num assomo de agradecida ternura, tomou-lhe do rosto com ambas as mãos, pôs-se na ponta dos pés e aplicou-lhe dois sonoros beijos nas faces.

Notre protecteur! Lê flus généreux et lê plus beau dês hommesl Rodrigo ficou comovido. Sentado numa cadeira, Herr Weber contemplava-o com um ar de devoção quase canino. Seu olhar - notou Rodrigo - exprimia não só gratidão como também estranheza. Era como se ele não pudesse compreender por que aqueles estranhos faziam pela Família todas aquelas coisas desinteressadas.

Nas ruas de Santa Fé durante muito tempo os Weber constituíram um espetáculo que os naturais do lugar não cansavam de apreciar. Quando os austríacos passavam, mulheres assomavam às janelas e portas e ficavam a segui-los com o olhar, trocando comentários com os vizinhos. Toda a vez que Frau Weber saía às compras ou com livros debaixo do braço e dirigia-se à casa de seus alunos, as comadres de Santa Fé mal continham o riso, achando-a “esquisita” no seu vestido cor de chumbo, de golilha alta, cintura de vespa, saia rodada e comprida cuja fímbria varria as calçadas por onde ela passava com seu jeito azafamado e seu caminhar miúdo e rápido.

Frau Weber fizera já amizade com tia Vanja, que a adorava, pois a austríaca lhe evocava personagens de romances que se passavam em Berlim, Viena e Budapeste. Rodrigo enternecia-se ao ver aquelas duas mulherzinhas em seus colóquios, a trocarem sorrisos, amabilidades, receitas de doces e croché, uma sem poder falar a 635 língua da outra, mas a entenderem-se por um milagre de boa vontade e simpatia

humana.

Herr Weber também chamava a atenção quando saía à rua, de chapéu-coco pardo, gravata à Lavalière, o guarda-chuva sempre a pender-lhe do braço. Andava de ordinário apressado, tinha um caminhar arrastado, as costas encurvadas e um modo vago de olhar, como se estivesse com o corpo neste mundo e o pensamento no outro. O jovem Wolfgang fazia também sucesso com sua roupa de veludilho verde, de casaco cintado, os sapatões de alpinista e o chapéu de feltro com uma pena de pavão enfiada na fita.

As moças de Santa Fé não podiam esconder sua má vontade para com aquela "alemoazinha" que parecia andar virando a cabeça a muitos dos rapazes do lugar. Toni Weber pouco saía, pois era ela quem cozinhava e fazia a limpeza da casa.

Quando, porém, aparecia na rua do Comércio, sempre em companhia do pai, da mãe ou de ambos, as mulheres a miravam com ar crítico e os homens com olho lúbrico.

— Anda de trança só pra parecer menina - comentara a Gioconda. — Mas garanto que já tem uns vinte e cinco anos, fora os que andou de tamancos…

Esmeralda Dias inventava coisas horríveis: os Weber não eram casados, mas amigados, Wolfgang era um mancas e Toni, ah! "essa cadelinha está aqui em Santa Fé pra fisgar marido rico, isso ninguém me tira da cabeça". E já se murmurava que, dos pretendentes que rondavam Toni, o mais palpável era o Erwin Spielvogel, moço rico, com o qual a jovem austríaca fora vista a passear de automóvel.

Por muito tempo foram os Weber o assunto predileto dos mexericos da cidade, onde havia até discussões em que se tratava de chegar a uma conclusão sobre qual dos dois casais estrangeiros era o mais grotesco, os Weber ou os Carbone.

Nas noites de segunda, terça e sexta-feira, quando não havia função no cinema, os Weber compareciam aos serões do Sobrado, 636

onde ficavam a conversar, a comer, a beber e a fazer música. Desde que a Família Filarmónica começara a frequentar sua casa, Rodrigo procurava evitar qualquer referência direta ou indireta à guerra. Os Carbone, que raramente faltavam aos serões, ficavam-se agora meio bisonhos pelos cantos, enciumados - percebia Rodrigo - sestrosos, decerto a temer que aqueles austríacos lhes roubassem o lugar que ocupavam no coração dos Cambarás. Frau Weber apaixonara-se também pelas crianças da casa, e era divertido ver a austríaca e a italiana numa guerra surda, na disputa da amizade de Alicinha e Floriano, cada qual procurando trazer-lhes o brinquedo mais interessante, o doce mais gostoso ou então inventar as palavras e os gestos mais cômicos para fazê-los rir. Havia momentos em que era

necessário Flora intervir, a fim de evitar um atrito entre as duas estrangeiras.

Outro que parecia ralar-se em silencioso despeito era o Saturnino, cuja flauta andava calada desde o dia em que Herr Weber entrara no Sobrado.

Uma noite, depois que o "maestro" interpretara na flauta uma composição de Schumann, Saturnino aproximou-se do Neco e sussurrou-lhe: - Toca bem, mas não tem alma. Esses gringos são frios. E o seresteiro, com ar de entendido, completou: - Frios como focinho de cachorro.

Jairo não cansava de elogiar aqueles serões em que tinha a oportunidade rara de ouvir tão boa música e tão boa prosa.

Carmem, que agora vinha com mais frequência ao Sobrado, aproveitava a ocasião para exibir seus conhecimentos de francês e de arte, o que parecia deixar Flora um tanto deprimida. E o vigário que se sentia responsável pela aproximação entre os Weber e os Cambarás, dava mostras de estar contente de tudo e de todos.

Numa noite em que se discutiam compositores, Herr Weber, comendo seu mingau e lançando olhares compridos para o prato de pão com caviar, fez uma dissertação sobre a decadência da música italiana, para tortura de Rodrigo, que ficou todo o tempo como que sobre brasas, a observar, apreensivo, o dr.

Carbone. Quem examinasse - dizia o maestro - a música italiana do século XIX e daquele princípio do XX, com seus xaroposos compositores 637 operáticos como Verdi, Puccini e Leoncavallo, dificilmente compreenderia que aquela mesma pátria, onde o Renascimento tivera seu apogeu, houvesse produzido no passado músicos como Vivaldi, Cimarosa, Pergolesi, Scarlatti e tantos outros.

O dr. Carbone avançou com um copo de vinho numa das mãos e a piteira na outra. Verdi xaroposo? Era o cúmulo da estupidez, da ignorância e da má vontade fazer uma afirmação como aquela! Detestável era Wagner com suas cacofonias pretensiosas! Dali a mil anos, Verdi, Puccini e Leoncavallo seriam ainda ouvidos, cantados e amados, porque sua música era bela, doce, clara e ia direito ao coração do povo. E dizendo isso, Carbone batia heroicamente no peito com a ponta da piteira.

Herr Weber não perdeu a calma.

— A ópera não passa duma paródia musical. A verdadeira música, para meu gosto, é a clássica. Deem-me Bach e podem ficar com o resto!

Numa bem torneada frase, e com boa dose de falsa modéstia, Rodrigo confessou que sua ignorância o impedira de compreender e amar Bach.

Herr Weber mirou-o com seus olhos vagos.

— Mon cher Doktor, só se pode apreciar devidamente Bach depois dos quarenta anos.

— Guarda que absurdo! - exclamou Carbone.

Liroca, que uma vez por semana comparecia aos serões, estava no seu canto, calado, a ouvir aquela língua que não entendia, o olhar fito nas portas, por cujo vão de quando em quando passava o vulto de Maria Valéria.

Herr Weber certa noite desenvolveu uma tese: a da comunhão universal através da música. Sim, o mundo só poderia viver em paz se todas as criaturas amassem verdadeiramente a arte e se reunissem à noite, nas suas comunidades, como uma grande família, para fazerem música. Ah! Mas tinha de ser um tipo de música puro, desses que elevam a alma e jamais embriagam os homens de entusiasmo marcial a ponto de levá-los à violência, à destruição e à guerra. O mal da ópera é que, sendo descritiva, verista, ela se apega excessivamente às mais baixas paixões humanas. A música pela música - esse era o grande, o supremo ideal.

638' Jairo concordava em que a música poderia ajudar o congraçamento da família humana, mas achava que só a música não era o bastante.

Fazia-se necessária também uma religião, não a do padre Astolfo, que estava comprometida em sua pureza original por quase dois mil anos de contaminação política, mas uma religião de bases científicas de perfeito acordo com o Progresso.

A discussão foi interrompida quando os Weber começaram a tocar um quarteto de Mozart para cordas e piano. Carbone escutou-o num silêncio reverente, movendo a cabeça ao ritmo da melodia ou usando a piteira como uma batuta. De momento em momento, Maria Valéria espiava a sala, escudada por uma folha de porta. E Chiru, que não escondia sua impaciência naqueles serões em que só se falava "língua de gringo", marcava o compasso com o pé, fungava, suspirava, olhava o relógio e abafava bocejos. De olhos cerrados, a cabeça reclinada contra o respaldo da cadeira, o padre Astolfo parecia adormecido, as mãos trançadas à altura do estômago.

Por mais que se esforçasse, Rodrigo não podia desviar os olhos de Toni. Estava um tanto inquieto por causa de Flora, temendo que ela interpretasse mal seu interesse pela rapariga. De quando em quando lançava-lhe um olhar oblíquo, para ver se ela o estava observando ou não.

A verdade é que aquela família estrangeira trouxera para sua vida um interesse novo. Os serões do Sobrado tinham ganho mais animação, o gramofone jazia mudo e esquecido no seu canto, e às vezes Rodrigo julgava ver na campânula do aparelho uma certa expressão de ciúme que lhe lembrava a da fisionomia dos Carbone.

A cor dos olhos de Toni continuava a ser para ele um enigma. Era um cinzento que ainda não se havia decidido bem entre o verde e o azul, mas que às vezes lhe parecia puxar mais para o azul. E agora, enquanto ouvia o adágio do quarteto e observava a Frãulein, ele encontrava por fim uma definição satisfatória para aquele par de olhos. Eram duas águas-marinhas puríssimas: dois lagos redondos, frescos e límpidos, em cujo fundo nadavam peixes. Quando estava na frente da rapariga, Rodrigo tinha a impressão de que sua 639 # própria imagem, refletida no fundo daqueles poços, era como um grande e estranho peixe. E essa ideia deixava-o conturbado.

Uma das coisas de que mais gostava era a risada de Toni - uma risada musical, com algo de vidro e de água, a sugerir um parentesco próximo com os olhos.

No princípio daquele serão Rodrigo permitira-se tomar a mão de Toni que mal podia haver nesse gesto, se ele o fazia na frente dos pais da moça e da própria Flora?

e, numa atitude displicente que lhe era esquisitamente voluptuosa, voltara-se para Chiru: - Apresento-te a minha nova sobrinha. Que achas dela?

O outro nãoo hesitara: - Um peixão!

Pouco depois, puxando Rodrigo para um canto, murmurou: - Sobrinha, hein; maganão? Com essa parte de tio o que tu queres é apalpar a alemâzinha .. .

Rodrigo lançara um olhar rancoroso para o amigo. Aquele porcalhão do Chiru só pensava em imoralidade. Não compreendia que pudesse existir entre homem e mulher um sentimento de pura, desinteressada amizade. Ora, ele gostava de Toni do mesmo modo que gostava do Hino ao Sol, ou do céu do Angico ao entardecer. No fundo, entretanto, sabia que a coisa não era bem assim, pois sempre achava difícil esquecer que Toni Weber afinal de contas era uma mulher.- Quando mirava aqueles olhos de água-marinha, ficava lírico, tinha vontade de escrever poemas. A boca da criatura, entretanto, não o convidava a pensamentos puros: tinha lábios polpudos, palpitantes, dum vermelho vivo e úmido. Diante desse contraste, quanta confusão de sentimentos? Bom - concluía ele, não sem uma pontinha de ironia - Toni é minha sobrinha do nariz para cima : do nariz para baixo; não.

Mas até quando a água fresca daqueles olhos conseguiria neutralizar o fogo daquela boca? - perguntou a si mesmo, com o olhar fito na rapariga, esquecido do quarteto, dos circunstantes, de tudo.

Naquela mesma noite, depois que Flora se retirou para o quarto e Maria Valéria terminou a costumeira inspeção de portas e janelas, Rodrigo ficou sentado sozinho na sala, a olhar para o Retrato e a lembrar-se da expressão de encantada surpresa que se estampara no rosto de Toni, a primeira vez que vira. o quadro. Meias Gott!

— balbuciara ela, de mãos trançadas. — Meias Gott! Tinha-se a impressão de que seu rosto se iluminava,-como se a tela irradiasse luz. Comine c"est beau, moas Dieu, comine c"est beau! Disse estas palavras baixinho, como para si mesma, indiferente ás outras pessoas em derredor. Que era que Frauleín Weber achava belo? O quadro ou o homem?

Rodrigo aspirou o ar com força, na esperança de que andasse ainda no ambiente um pouco do perfume de Toni, aquela morna fragrância de carne moça recendente a sabonete de alfazema.

Cerrou os olhos e fitou a fumar e a ruminar o prazer, o doce choque daquele momento do serão em que - estando os outros a conversar animadamente - ele surpreendera Toni a contemplá-lo de seu canto com um olhar Comprido e cheio dum amoroso interesse. Embora aquele encontro de olhares tivesse durado apenas uma fração de segundo, fora o suficiente para dar-lhe um arrepio e acelerar-lhe o ritmo do sangue.

Por que não? - perguntou em voz alta, erguendo-se e pondo-se a caminhar dum lado para outro na sala deserta. Aproximara-se do piano, bateu distraído numa tecla, cornou a olhar para o Retrato e quedou-se num diálogo mental com o Outro.

Qual é a tua opinião: Tudo pode acontecer.

Mas não será bom parar enquanto é tempo?

Agora é tarde.

Eu sei .. .

Desde o princípio sabias que um dia havia de ser tarde, mas quiseste criar o inevitável.

Acho que ela gosta de mim.

E de mim também.

Ah, mas tu estás preso nessa tela, és de tinta, ao passo que eu sou de carne e osso e nervos!

Era bom estar vivo, brincar com fogo, embriagar-se com aquela vertiginosa sensação de perigo próximo.

Acercou-se do gramofone. Não. Não toco. É tarde, os outros estão dormindo. Depois, não convém desmanchar a impressão do quarteto…

Ficou de cabeça alçada a seguir a fumaça que subia do cigarro, e tentando rememorar trechos da música. Era engraçado: podia lembrar-se, com uma clareza cristalina, das melodias que ouvia, no entanto jamais conseguia reproduzi-las assobiando ou cantarolando. Aquele quarteto de Mozart - aéreo, inocente, matinal - podia bem ser uma descrição musical de Toni Weber. Mas até onde iria a inocência da criaturinha?

Tornou a sentar-se e a trançar as pernas, preparando-se para um diálogo consigo mesmo.

Sabia que Toni tinha vinte anos. Eram as tranças que lhe davam a

aparência de menininha, e era esse ar infantil que o fazia sentir-se um pouco pervertido, até mesmo incestuoso, toda a vez que sentia por ela desejo físico. Por que é que não faz outro penteado? Mas que é que o penteado tem a ver com o que eu sinto por ela ou com o que ela possa sentir por mim? Mas que será que Toni sente por mim? E eu por ela? Que absurdo - concluiu, sem muita convicção - estar eu, um homem de quase trinta anos, casado e pai de dois filhos, a preocupar-se com uma mocinha de vinte, solteira e provavelmente virgem!

Levou o cigarro à boca e imediatamente em pensamento viu Toni com os lábios pregueados em torno do bocal do oboé. Por alguns instantes ficou a imaginar que tinha a rapariga nos braços e lhe beijava sofregamente a boca.

Que diabo! Se um homem não goza de toda a liberdade no reino da imaginação, onde é que vai gozar? Não há de ser nesse mundo de mexericos e mesquinhezas das Esmeraldas, dos Cucas e dos Zagos - concluiu, indignado já ao pensar no que poderiam estar murmurando na cidade a respeito de suas relações com Frãulein Weber.

Por alguns instantes soou-lhe na mente a voz de Toni, que não tinha nada de extraordinário, a não ser o fato de sair daquela boca.

Recordou a conversa que tivera com ela no dia em que lhe mostrara, orgulhoso, sua biblioteca, com as obras completas de Flaubert, Balzac, Victor Hugo, Renan… Diante do armário de livros, lera-lhe em surdina um trecho do Chantecler.

— J'aime bien Rostand - disse-lhe Toni. — Mas ele me parece um poeta menor, apenas hábil, brilhante, agradável. Corresponde em música a Tchaikóvski ou Lizst. O mundo poderia passar perfeitamente sem Rostand e Lizst, mas duvido que fosse o mesmo se nunca houvesse nascido um Goethe ou um Bach.

Essas palavras, ditas por uma menina de tranças com laçarotes de fitas azuis, haviam-no deixado não apenas surpreendido, mas também desconcertado, pois elas como que o derrubavam inesperadamente do pedestal de paterna superioridade em que ele se colocara perante a jovem austríaca.

Relembrando agora a cena, Rodrigo sorria. Toni era a Europa. Não tinha apenas vinte anos, mas dois mil, ao passo que ali no Rio Grande, em matéria de arte e cultura, estava-se ainda numa espécie de idade da pedra lascada.

Ergueu-se, apagou a luz, subiu para o quarto, despiu-se, enfiou o pijama e deitou-se sem fazer ruído ao lado de Flora, que lhe pareceu adormecida. Apagou a lâmpada, sobre a mesinha-de-cabeceira, e ficou de olhos abertos, a pensar. Estava sem sono, inquieto, com um peso no estômago. Decerto comera demais.

Pôs-se a apalpar o peito, o ventre, os braços. Começava já a engordar. Era preciso cuidar da dieta, abolir a feijoada, o talharim, os

doces, a cerveja… Entre o que ele era hoje e o Rodrigo do Retrato havia já algumas diferenças de volume visíveis a olho nu. Era o diabo…

Não sou nenhum vaidoso, mas - bolas! - ninguém quer parecer ridículo aos olhos alheios nem aos próprios. Gordura é uma coisa grotesca. Olhem só o incidente do Chiru, a imagem viva de dom João VI. E o coronel Cacique, nédio como um capão cevado…

Flora estava deitada de lado, com as costas voltadas para ele. Rodrigo enlaçou-a e fê-la voltar-se.

— Estavas dormindo, meu bem?

— Dei uma cochilada - bocejou ela. — Que horas são?

— Pouco mais de meia-noite.

— Perdeste o sono?

— Acho que sim.

Rodrigo beijou-lhe os lábios com um ardor que não deixava dúvida quanto às suas intenções.

— Vamos dormir - resmungou ela.

— Pra dormir não falta tempo.

— Mas é tão tarde, querido!

Procurou desvencilhar-se mas não conseguiu. Soltou um suspiro.

— Tu és um homem impossível. Quando queres uma coisa, queres mesmo.

E não lhe ofereceu mais nenhuma resistência. Nos momentos que se seguiram Rodrigo não pôde nem quis afastar da mente a imagem de Toni Weber.

Rodrigo e Flora iam agora com mais frequência ao cinema e achavam, como de resto quase todos os frequentadores do Santa Cecília, que os seus programas andavam muito mais interessantes, graças ao acompanhamento musical. A Philharmonische Familie ordinariamente iniciava o espetáculo com ouvertures de Von Suppé, Offenbach, Strauss e até Wagner. As músicas eram escolhidas de acordo com a natureza do filme: marchas e dobrados para os naturais; galopes frenéticos e polcas ou mazurcas saltitantes para as fitas cómicas; valsas lentas, fantasias ou trechos de ópera para os dramas Numa daquelas primeiras noites de junho, o Santa Cecília exibiu um capoiavoro de Cines, cuja protagonista era Francesca Bertini. Herr Weber, com uma honestidade profissional que impressionara a população de Santa Fé, exigira que Podalírio lhe passasse o filme à tarde, numa sessão especial, a fim de que ele pudesse 644 escolher as músicas adequadas ao acompanhamento de suas diversas cenas. Foi por isso que à noite os espectadores puderam assistir à longa agonia final da personagem encarnada pela grande Bertini ao som da marcha fúnebre de Chopin.

De seu camarote, Rodrigo com frequência desviava o olhar da tela

para focá-lo no vulto de Toni, que lá estava ao pé da tela, metida no seu casacão de lã azul-marinho, fazendo gemer seu instrumento. A menina lhe dava às vezes uma tão comovedora impressão de fragilidade e desamparo, que ele se sentia invadido pelo desejo de tomá-la sob sua proteção e trazê-la para casa como uma filha (ou como uma amante, patife?). Imaginava o que podia estar-se passando naquela alminha exilada. Ficava enternecido ao pensar em que, tendo nascido e crescido em Viena, ela pudesse estar agora, naquela noite de fins de outono, a esfregar o arco nas cordas do violoncelo no cineminha do Podalírio. Achava aquilo tudo ao mesmo tempo belo, triste e improvável, principalmente improvável… E no instante mesmo em que pensava essas coisas, a imagem do pai se lhe desenhou na mente e lhe gritou com a habitual aspereza: "Deixe de fita!"

Que iria o velho dizer quando soubesse das coisas que ele, Rodrigo, fizera pela Família Filarmónica? Não tardou a saber, pois Licurgo chegou do Angico dois dias depois e, tendo sido informado por Flora da situação dos Weber, comentou: - Esse rapaz nem trata de saber direito quem são as pessoas. Vai logo botando qualquer estrangeiro pra dentro de casa.

Quem era aquela gente? - perguntava. — De onde tinha vindo? Podiam ser pessoas de bem mas podiam ser também uma pandilha de vigaristas.

Conhecia casos…

Quando Flora lhe transmitiu esses comentários, Rodrigo sorriu sem surpresa, pois era exatamente essa a reação que esperava do velho.

Licurgo Cambará, como todo o homem do campo, tinha para com o estrangeiro uma invencível desconfiança, temperada de má vontade.

Quando, certa noite, os Weber chegaram ao Sobrado trazendo seus instrumentos, cantarolando e rindo, na expectativa dum alegre serão, Licurgo retirou-se ostensivamente para o quarto, recusando-se 645 a ser apresentado aos "lambotes". No dia seguinte voltou para o Angico, mas não sem antes ter dito à nora: - Seu marido nasceu para miliardário. Se continua gastando desse jeito, ainda vai acabar sem um vintém pra fazer cantar um cego.

Maria Valéria repetiu estas palavras ao afilhado.

— E a senhora acha que o papai tem razão?

— Acho.

— Pois eu não. Mais vale um gosto que três vinténs. Rodrigo ainda não conseguira saber ao certo o que a Dinda pensava dos Weber, aos quais ela se obstinava em chamar "os polacos".

Raramente aparecia na sala quando os austríacos visitavam o Sobrado.

Uma noite Rodrigo surpreendeu-a a fazer uma simpatia para as

visitas irem embora: estava atrás duma porta virando uma vassoura.

Foi também por aqueles dias que Flora se queixou ao marido de que os serões já começavam a cansá-la. Estava muito bem que os Weber aparecessem de vez em quando, mas três ou quatro noites por semana, em horas e dias certos, era positivamente uma coisa aborrecida. A casa não parava mais limpa, as despesas de armazém aumentavam.

Depois, as crianças estavam ficando mal-acostumadas, pois Frau Weber e dona Santuzza tinham o hábito de acordá-las e tirá-las da cama tarde da noite, trazendo-as para baixo e excitando-as de tal forma, que depois era um caro custo fazê-las adormecer de novo. Além do mais, comia-se, bebia-se, cantava-se e fazia-se tanto barulho naqueles serões, que o povo até podia falar…

Nesse ponto Rodrigo atalhou a mulher com certa aspereza: - Não me interessa o que o povo possa pensar ou dizer. A casa é minha e quem manda aqui dentro sou eu!

Flora fitou nele os olhos espantados.

— Mas Rodrigo…

— Está bem. Vou dizer ao coronel Jairo, ao padre Astolfo, aos Carbone, aos Weber e aos outros amigos que não venham mais à minha casa porque a minha mulher não quer mais saber de reuniões. É isso que queres que eu faça?

Flora cobriu o rosto com as mãos, desatou a chorar e saiu da sala precipitadamente, subindo para o quarto. Por alguns instantes Rodrigo ficou onde estava, os músculos da face tensos, a respiração lenta e funda, um calorão no corpo todo. Estavam bem arranjados se fossem dar ouvidos à boca do povo.

Havia de ter graça que o Zago ou a Esmeralda Dias passassem a governar o Sobrado. O que acontecia - ah! isso ele via agora com clareza - era que Flora começava a ter ciúmes de Toni… Ficou a andar dum lado para o outro, as mãos nos bolsos, os olhos no soalho.

Os soluços da mulher continuavam em seus ouvidos. Coitadinha! Não estava habituada a ser tratada com rispidez. Ele simplesmente perdera a tramontana, portara-se como um cavalo.

Olhou para o Retrato, viu-se todo de negro, de colete claro, plastrão carmesim, bengala e cartola - um dandy, um gentil-homem, um perfeito cavalheiro. No entanto tratara a esposa como um brutamontes… Aos poucos foi se sentindo invadido por uma fria vergonha. Precipitou-se para a escada, galgou os degraus quase a correr e entrou no quarto de dormir. Flora estava deitada de bruços, o rosto metido no travesseiro, o corpo convulsionado de soluços. Rodrigo sentou-se na cama e pôs-se a acariciar os cabelos da esposa, murmurando: - Me perdoa, meu amor, fui um bruto, um animal… Olha, meu bem, estou arrependido. Quem tem razão és tu. Vamos

acabar com esses serões e viver a nossa vidinha.

Não precisamos de estranhos para sermos felizes.

Os soluços continuavam, cada vez mais fortes.

— Que é isso, minha flor? Escute, olhe pró seu maridinho…

Magoava-o ver a mulher chorando e essa mágoa era agravada pela ideia de que fora ele o causador do pranto. Orgulhava-se de ser um marido atencioso, delicado e terno. Agora se sentia diminuído ante os olhos dela e os seus próprios.

— Meu bem, escuta…

Inclinou-se, beijou os cabelos, as faces, as mãos de Flora e depois, como os soluços dela não cessassem, encostou as próprias faces no travesseiro e, já com lágrimas nos olhos e a voz alterada, ficou a ciciar-lhe ao ouvido as mais apaixonadas juras de amor.

Em muitas daquelas tardinhas de junho, com um prenúncio de inverno no ar, Rodrigo levou os Weber de automóvel à coxilha do cemitério, para que de lá eles pudessem contemplar os fabulosos crepúsculos daquele fim de outono. Frau Weber soltava exclamações de espanto ante os cambiantes do céu. Herr Weber exprimia sua admiração num movimento repetido de cabeça: ficava como um boneco de mola a fazer que sim, que sim, que sim… No rosto de Wolfgang, cuja personalidade Rodrigo achava cada vez mais inescrutável, havia uma expressão indefinível que ora parecia tristeza ora mal contida revolta. Toni quedava-se numa contemplação muda, extática e ofegante do horizonte. Nessas ocasiões Rodrigo portava-se com um alvoroço cheio de orgulho. — “Olhem só aquele verde por baixo da nuvem cor-de-rosa… Já viram coisa igual?”

— como se fosse o proprietário ou autor mesmo daqueles poentes.

Voltavam para a cidade quando Vênus já brilhava num céu em que havia muito da tonalidade e da transparência dos olhos de Toni. A presença da rapariga no automóvel a seu lado, a paz do anoitecer, o aroma de folhas secas queimadas a evolar-se das fogueiras que meninos acendiam nas ruas suburbanas - tudo isso lhe dava uma sensação de profunda felicidade na qual existia um insituável elemento de inquietação. Não raro, ao entrar em casa de volta duma dessas excursões - o corpo e o espírito amolentados por uma languidez quase triste, cortada de longe em longe por calafrios - ele chegava a se perguntar se não estaria doente. Olhava-se no espelho longamente, examinava a língua, tomava a própria temperatura…

Passava agora os dias a pensar em Toni. Nas noites em que os Weber não vinham ao Sobrado, ficava infeliz e, à medida que os minutos se escoavam, essa sensação de infelicidade se ia transformando em impaciência e era pouca ou nenhuma a atenção que prestava às palavras do coronel Jairo e do padre Astolfo, os quais, como de costume, se entregavam a intermináveis discussões sobre

Deus, religião, ética, moral e história. A cada ruído de passos na calçada, a cada batida na porta, o coração de Rodrigo disparava, na esperança de ver entrar Toni.

As vezes, quando passava mais de um dia sem vê-la, inventava pretextos para ir à meia-água de janelas azuis. Levava presentes à moça - livros, bombons, perfumes - procurando fazer isso tudo com um ar desinteressado de parente mais velho, temeroso de que os pais de Toni interpretassem mal suas intenções. Mas quais eram, afinal de contas, suas intenções? Nem ele próprio sabia ao certo. Por mais que se esforçasse (e para falar a verdade nunca se esforçava muito) ao analisar os próprios sentimentos e propósitos, não conseguia ver claro neles. Duma coisa estava convencido e quanto a isso não tinha a menor dúvida, pois era algo que sentia na carne, nos nervos: gostava de Toni, necessitava de sua presença e quando a tinha perto de si, o desejo de tocá-la, de abraçá-la, de beijá-la era tão intenso, que chegava quase a doer fisicamente. Disso ele tinha certeza; quanto ao resto… Mas, que era o resto? Possuí-la? Descobrir se ela o amava? Não podia esperar que Toni pudesse levar muito longe aquele interesse por ele, um homem casado, pai de dois filhos.

Não podia esperar mas esperava. Mais duma vez surpreendera a rapariga a mirá-lo dum modo que não deixava dúvidas. Duma feita, estando os dois lado a lado no auto, sua mão tocara de leve a dela. Nesse momento os olhos de ambos se encontraram e ele lera nos de Toni tudo quanto desejava saber. Ela retirara a mão, sim, desviara o olhar, mas ficara toda perturbada, o rosto afogueado, os lábios trêmulos.

Que iria acontecer agora? Seus sentimentos para com Frãulein Weber eram de tal natureza que ele já achava difícil escondê-los 648 649 aos olhos dos outros. Havia instantes em que chegava a lamentar que o destino houvesse trazido para Santa Fé a Philharmonische Familie.

Essas ocasiões, porém, eram raras, e, quando vinham, breves. Na maioria das vezes ele se enchia dum furioso orgulho e resolvia não renunciar a Toni, enfrentar todos os perigos, arcar com todas as consequências…

Era um dos primeiros serões de inverno no Sobrado (o frio chegara súbito, no dia anterior, com nuvens cor de chumbo e uma garoa gelada)

e Laurinda trouxera para a sala uma grande panela cheia de pinhões cozidos, que os Weber por insistência de Rodrigo começaram a provar com desconfiada cautela, mas depois acabaram comendo com gosto.

Toríbio, que chegara inesperadamente do Angico aquele entardecer para mostrar a Rodrigo a ferida inflamada que tinha no

antebraço direito, passou o serão inteiro escarrapachado numa cadeira de balanço a cocar Toni com olhinhos cheios duma curiosidade lúbrica. Rodrigo percebeu tudo e ficou contrariado. Não se mostrou muito cordial para com o irmão quando, no dia seguinte pela manhã, o levou ao consultório para o primeiro curativo. Examinou a ferida, limpou-a com um algodão embebido em água oxigenada, fez-lhe algumas perguntas profissionais e depois continuou a trabalhar em silêncio. Foi Bio quem falou primeiro: - Eu não te disse que não devias casar?

Rodrigo ergueu os olhos mas não respondeu. Pressentindo aonde o outro queria chegar, fazia-se de desentendido. Depois de pequena pausa, disse: - Me casei e me sinto perfeitamente feliz.

— Vai ver se eu estou ali na esquina… Pensas que eu não sei que andas querendo dormir com a alemãzinha?

— Bio!

— Te conheço das casas velhas…

Rodrigo quis protestar, zangar-se, dizer um palavrão, mas achou melhor não continuar fingindo.

— Como foi que descobriste?

— Ora, mal ela entrou, eu vi tudo.

— Não admira. Não tiraste os olhos de cima da menina a noite inteira.

— Ué, eu também gosto do que é bom.

Rodrigo achava vagamente sacrílego estarem a falar de Toni naqueles termos.

— A moça não é o que tu estás pensando.

— Eu não estou pensando nada.

Rodrigo apanhou um vidro de iodo e uma pinça.

— Então a coisa dá muito na vista? - perguntou, com um falso sorriso.

— Só não vê quem é cego. Ouve o que te digo. A Flora não é cega. Mulher enxerga longe…

— E que é que achas dessa coisa toda?

— Acho que o negócio é muito perigoso. Pode não dar certo.

— Viraste moralista?

— Vai-te pró diabo! Tu sabes que sou amigo da Flora, e não quero que ela sofra com essa história.

— Que queres então que eu faça?

— Acaba com isso.

— Não posso.

— Já dormiste com a guria?

Rodrigo encarou Bio, disposto a protestar contra a grosseria da pergunta, mas a expressão do rosto do irmão desarmou-o. Tinham demasiados pecados em comum e conheciam-se demais para

guardarem segredos um do outro.

— Ainda não.

— Pois então desiste enquanto é tempo.

— Agora é tarde.

Impaciente, Rodrigo mergulhou no vidro de iodo a pinça com as pontas envoltas em algodão.

— Não te encomendei sermão…

— Já pensaste em tudo que pode acontecer?

—Já.

— Estás disposto a aguentar todas as consequências? *

— Quem tem medo de barulho não amarra porongo nos tentos.

— Está bem. Estou só te prevenindo… Rodrigo baixou os olhos.

— Cuidado, que vai arder um pouco.

— Taça fogo. Tenho o couro grosso. Rodrigo pincelou de iodo a carne viva.

— Pensa também no velho… - acrescentou Bio, enquanto o outro lhe soprava a ferida.

— Sou maior de idade e papai não é nenhum santo.

— Te lembra ao menos das crianças.

— Ora, Bio! Estás fazendo drama quando não há nenhum drama.

— Não há mas pode haver.

— Pois que haja. Chegaste tarde com o teu sermão. Agora ninguém me ataca mais. Nem o papa.

— Puxa! Então a coisa é séria mesmo?

Rodrigo deu de ombros. Admitir que estava apaixonado era de certo modo ficar numa situação inferior. Negar seria absurdo. O Bio que pensasse o que quisesse!

Cobriu a ferida com uma pomada, pôs-lhe em cima uma gaze e depois envolveu-a com uma atadura. Por alguns instantes ficaram ambos calados.

— Quando voltas para o Angico?

— Achas que posso ir embora amanhã?

— Se é pela ferida, podes. Lava todos os dias com água oxigenada e depois bota essa pomada. Numa semana isso está seco.

Bio meteu o pote no bolso. Ao sair do consultório, aplicou uma palmada nas costas do irmão.

— Não tens mais cura - disse. E se foi, rindo.

Em princípios de julho, numa tarde em que soprava o minuano, Cuca Lopes entrou afobado no consultório da Farmácia Popular, encolhido dentro dum sobretudo seboso, o pescoço envolto numa manta de lã cor de vinho, que lhe tapava completamente a boca e parte do nariz.

— Pomba, que vento! - exclamou, com olhos lacrimejantes, desenrolando a manta.

— Então Cuca - perguntou Rodrigo - , qual é a última? Por alguns segundos ficou apreensivo, temendo que a "última"

fosse algum mexerico da cidade em torno de suas relações com Toni Weber. Preparou-se para o pior.

O outro aproximou-se do bureau, esfregando as mãos.

— O irmão Jacques tirou a batina e pediu a Doralice Fagundes em casamento! O coronel Cacique ficou fulo, quase botou o padre pra fora de casa a rabo de tatu. A moça disse que vai tomar lisol. O marista anda por aí feito louco. Está um angu danado.

— Isso tudo não será invenção tua, Cuca?

— Por esta luz que me alumia… Eu vi o padre ind'agorinha à paisana!

Poucos minutos depois que Cuca Lopes se foi, Jacques Meunier procurou Rodrigo, contou-lhe seu drama e suplicou-lhe fizesse as vezes de juiz de paz: convencesse o velho Cacique a concordar com o casamento, para evitar que a história tivesse um desenlace fatal.

— Por que não me quer para genro? Por que fui marista? Mas é que sou um homem como os outros, de carne e osso!

Dizendo isso apalpava o corpo, procurando dar provas anatômicas de sua masculinidade. Rodrigo mirava-o com olho curioso. Estava já tão habituado a ver o homem dentro duma sotaina negra, que não podia deixar de achá-lo grotesco naquela fatiota cinzenta mal cortada.

— Diga ao coronel que se ele continuar irredutível na sua conduta, eu tiro a Doralice de casa!

— E o velho provavelmente lhe meterá cinco balas no corpo.

O rosto do ex-marista endureceu. Como única resposta, tirou do bolso traseiro das calças um revólver de cabo de madrepérola e mostrou-o.

— Só se ele for mais ligeiro que eu!

Rodrigo ficou surpreendido. Era-lhe difícil acreditar que aquele sujeito agitado e resoluto que tinha agora na sua frente era o tímido irmão marista que, havia pouco mais de cinco anos, lhe oferecera candidamente uma banana no trem de Santa Maria…

— Guarde o seu revólver, irmão… perdão!… professor. Vou falar com o coronel Cacique. Se eu não lhe trouxer o consentimento do homem, não me chamo mais Rodrigo Cambará. Pode ir preparando o enxoval.

— Evite a tragédia, doutor.

— Não haverá tragédia, fique descansado. Apertaram-se as mãos à porta da farmácia. Gabriel olhava para o ex-marista com olhos cheios de espanto.

— Então, como vai o Sport Club Charrua? - gritou Rodrigo, para dar à palestra um fecho menos dramático.

O rosto de Jacques Meunier iluminou-se de súbito, num largo

sorriso juvenil.

— Vamos dar uma sova no Avante no próximo domingo - respondeu ele. — Uns quatro a zero no mínimo.

E se foi rua em fora, segurando a aba do chapéu para o vento não arrebatá-lo.

Rodrigo voltou para o consultório coçando a cabeça e murmurando para si mesmo: Neste mundo tudo pode acontecer. Eu já não duvido de mais nada.

Quem, entretanto, lhe proporcionou a maior surpresa do dia foi o próprio Cacique Fagundes, que ele visitou aquela mesma tarde. Esperava vê-lo sombrio ou irritado, mas encontrou-o sorridente, na melhor disposição de espírito imaginável.

— Abanque-se. Mas que milagre é esse… visitando os pobres? Rodrigo sentou-se, sério, e foi direito ao assunto. Usou da melhor dialética de que era capaz e daquele ar entre carinhoso e paternalmente autoritário que assumia com tanto sucesso à cabeceira dos doentes. Dissertou sobre a ordem dos maristas, sobre a 654 falibilidade humana e as qualidades pessoais de Jacques Meunier. Que diabo! Os dois jovens amavam-Se) eram sadios e livres e queriam unir-se em matrimônio perante Deus e os homens. Haveria coisa mais natural, mais humana, mais bela? O coronel Cacique escutou-o num silêncio pachorrento, as mãos trançadas sobre o ventre, os olhinhos entrecerrados e Um risinho enigmático a encrespar-lhe os lábios gretados pelo frio. Quando o outro se calou, ele soltou um suspiro que foi quase um ronco e disse: - Mas acontece que essa história esta resolvida. Não faz nem uma hora que dei o meu consentimento pra esse casório.

— Mas como? - estranhou Rodrigo. — Não foi isso que me disse há menos de uma hora o próprio Jacques Meunier!

— Decerto ele ainda não sabia. É que o padre Astolfo veio me ver e ficou aqui um tempão, proseando comigo e acabou me convencendo. Me explicou que marista não é bem padre como os outros e teretetê e tal, e que o homem tinha tirado a batina na legalidade e teretetê e tal, enfim, foi um verdadeiro sermão. E vassuncê compreende, o vigário fala dum lado minha patroa fala do outro, a filha lá no quarto se exclamando e querendo morrer, e as outras meninas me olhando assim como se eu fosse um bandido… O que eu quero é o meu sossego, e cuidar das minhas vaquinhas teretetê e tal e enfim quem vai dormir com esse gringo não sou eu, é a Doralice. Dei minha palavra ao vigáriO) mas mandei dizer pró moço que a noiva não tem dote. E eu só quero ver o que vai sair dessa cruza de estrangeiro de olho azul com cabocla de pelo duro.

Rodrigo estava desapontado. Perdera seu latim, pois o padre Astolfo se lhe antecipara. Ergueu-se.

— Já vai? É muito cedo. Vamos tomar um amargo.

— Não, coronel, fica pra outra ocasião. Tenho muito que fazer. No corredor, a caminho da porta, murmurou: - Pois eu o felicito pela sábia resolução. Pode ficar descansado, que sua filha vai casar com um excelente rapaz. E, não tenho dúvida, o patife do francês pegou o melhor partido de Santa Fé!

— Fagundes nunca negou fogo.

Já à porta, o dono da casa indagou: - E a política? Parece que as coisas estão ficando pretas, não"?

— Pretíssimas.

— Ainda que mal pergunte, o amigo vai votar no marechal Hermes?

— Não diga isso nem brincando, coronel. Já avisei a Joca Prates que não conte comigo pra propaganda. Se o marechal foi um desastre na presidência da República, por que não deixam o homem quieto no seu canto? A troco de que vamos levar essa nulidade pró Senado? E, depois, o Rio Grande livre está repudiando essa candidatura imposta pelo mandonismo do Pinheiro Machado.

— Ué! Pensei que o senador fosse seu amigo…

— É meu amigo, sim, o homem que mais admiro neste país, mas isso não quer dizer que eu seja seu lacaio.

— Pois é, mas o dr. Borges de Medeiros diz amém a tudo quanto o senador faz. Mandou os republicanos votarem no marechal, e a carneirada vai obedecer.

— Nem todos, coronel. O partido está cindido. Temos na oposição homens como o Ramiro Barcelos, o Carlos Barbosa e parece que até o Firmino de Paula. A corrida vai ser braba.

Cacique fez uma careta de pessimismo.

— É, mas o marechal vai ganhar outra vez. O Pinheiro quando teima é pior que mula. Este país está perdido. Precisamos é duma boa revolução como a de 83.

Rodrigo sorriu.

— Se sair outra revolução, coronel, acho que desta vez nós dois vamos ficar do mesmo lado.

O dono da casa coçou o queixo, onde apontava uma barbicha rala de bugre.

— Um filho do Licurgo Cambará com lenço vermelho no pescoço? Qual, seu Rodrigo! Isso nem no dia em que as galinhas criarem dentes!

Quando, naquela tarde de domingo, Rodrigo viu Toni passar no automóvel dos Spielvogel, ao lado de Erwin, pela primeira vez em toda a sua vida sentiu ciúme - mas ciúme violento, na forma duma súbita sensação de desfalecimento, dum choque fisicamente doloroso. No momento em que o Mercedes cruzava pela frente do Sobrado, Toni avistou-o à janela e fez-lhe um aceno alegre. Rodrigo, porém, cerrou o

cenho e virou-lhe as costas ostensivamente. Seus olhos deram então com o Retrato, lá na parede da sala de visitas, e ele teve a sensação de que era surpreendido por um estranho num momento de absoluta nudez espiritual em que ficavam à mostra todas as suas fraquezas.

Sentia-se diminuído, logrado, insultado. Então o que se murmurava na cidade a respeito de Toni e Erwin era verdade? Não havia comadre que não comentasse, excitada, as possibilidades daquele noivado. Ele nunca dera crédito aos falatórios, mas agora começava a ter suas dúvidas. Dúvidas?

Qual! Agora tinha a certeza!

Era incrível que uma moça bonita, instruída e inteligente como Toni pudesse achar algum encanto naquele colono boçal, sardento e desengonçado. Sim, Erwin Spielvogel não valia coisa alguma: só tinha estatura física.

Se Toni não gosta do rapaz, por que é que anda sozinha com ele de automóvel? Por que vai aos bailes com aquele jerivá?

Tentou chamar-se à razão. Acontece que ela é livre, solteira, pode andar com quem quiser. Nunca me prometeu nada, prometeu?

Não, mas… e a maneira como me olha? E sua perturbação quando está perto de mim? E os apertos de mão demorados?

Imaginação tua Qual! Nunca me engano.

Mas desta vez foste logrado!

Começou a andar dum lado para outro. O simples fato de sentir ciúme de Erwin Spielvogel dava-lhe uma abjeta sensação de rebaixamento, feria-lhe o orgulho de homem.

Ora, eu me nivelar com aquele alemão analfabeto!

Decerto já se beijaram. Ou dormiram juntos. São do mesmo sangue, entendem-se. Pois bem. Que se casem, sejam felizes, vão pró diabo!

Acendeu um cigarro, aspirou a fumaça com força, expeliu-a num sopro cheio de raiva.

Decerto os pais de Toni é que insistem no namoro, veem no Spielvogel um bom partido. É natural… A eterna história.

Ali! Mas não acredito que ela se deixe vender. Ora, por que não?

Não será a primeira mulher no mundo a casar-se por interesse.

Mas se ela não quer, por que não lhe diz não duma vez por todas?

Por que anda com o Erwin em festas e passeios?

Imaginou-se a insultar os Weber, a perguntar-lhes se a filha estava em leilão. Sim, porque se é questão de preço eu pago mais!

Envergonhava-se, entretanto, desses pensamentos. E de súbito lhe veio uma grande ternura pela rapariga, um desejo protetor de estreitá-la ao peito, beijar-lhe os olhos, as faces, a boca. E através da ternura e de todos esses desejos, o sentimento de ciúme perdurava.

Passou a tarde e a noite irritado. E no dia seguinte a irritação se

agravou ao chegar-lhe aos ouvidos a notícia de que Toni havia partido em companhia dos pais para Nova Pomerânia, onde tomaria parte num Kerb. Rodrigo conhecia bem aquelas farras que duravam às vezes três dias e três noites. O que se bebia de cerveja! O que se comia! O que se cantava! O que se dançava! Toni estaria no meio daqueles rudes colonos - ela, que lia Goethe e tocava Bach. Toni, a sua Toni de olhos de água-marinha.

Cantaria com os outros o Deutschlanl uber alies, e beberia à vitória das forças do Kaiser…

Bem feito! Vives te iludindo com as pessoas.

Mas não. Tudo isso deve ter uma explicação. Tira a coisa a limpo.

Fala com ela. Fala claro. Abre o coração.

Não desci a tanto. Um homem tem o seu amor-próprio.

Então trata Toni como ela merece: despreza-a.

É o que vou fazer. A primeira vez que ela entrar nesta casa encontrará em mim um estranho. Está tudo acabado.

Ficou perturbado quando descobriu Maria Valéria parada junto da porta, a mirá-lo com seu olhar verrumante.

— Ué - fez ela. — Agora deu até pra falar sozinho?

— Falo e não é da conta de ninguém.

— Maroto!

Não viu Toni no dia seguinte nem durante o resto daquela semana chuvosa e fria em que seu estado de espírito oscilou entre uma melancolia depressiva - que o levava a ficar sentado ou deitado numa sonolência estúpida - e uma irritação nervosa, que o tornava impaciente com tudo e com todos.

Já não pensava mais em humilhar Toni, em feri-la com mostras de indiferença. O que queria agora era simplesmente tornar a vê-la, tê-la a seu lado. Esse desejo se lhe estava tornando uma ideia fixa, uma espécie de doença que nem por ser crónica perdia o caráter agudo. Às vezes, quando os filhos se aproximavam e tentavam subir-lhe pelas pernas, gritava: - Flora, tira estas crianças daqui! Que diabo! Um cristão não pode ficar em paz nem na sua própria casa?

Certa ocasião, exasperado por uma travessura de Floriano, pela primeira vez bateu no filho: uma palmada seca nas mãozinhas. A criança desatou num choro sentido e Rodrigo, imediatamente arrependido, ergueu-a nos braços, apertou-a contra o peito, beijou-lhe as faces, murmurando palavras de conforto.

Como o menino continuasse sacudido de soluços apaixonados, ele se comoveu também até as lágrimas e prometeu a si mesmo que dali por diante trataria de dominar-se, vencer aquela irritação que o estava transformando num sujeito azedo e intratável.

Notava que Flora havia algum tempo estranhava sua atitude, embora jamais a comentasse. Andava tristonha e meio arisca.

Passava fechada no quarto horas inteiras, ao cabo das quais saía, pálida, os olhos vermelhos e inchados.

Uma tarde de chuva, percebendo que a mulher estivera a chorar, Rodrigo tomou-a nos braços, perturbado por um sentimento de culpa, beijou-lhe os cabelos, a testa, os olhos, sussurrando-lhe ao ouvido palavras carinhosas e penitenciando-se de seu comportamento. Explicou que estava sofrendo de surmenage e que ia fazer um tratamento de fosfatos. Talvez o melhor fosse irem todos passar uma semana no Angico e "tudo, meu amor, tudo dentro de pouco vai voltar à normalidade". Sorriu e pediu um sorriso à mulher. Flora, porém, mirava-o com seus olhos escuros e sérios, o rosto anuviado por uma expressão de constrangida tristeza. E seus lábios se recusavam a sorrir.

A chuva continuava a cair fina e mansa. Fazia quase uma semana que os Weber não apareciam no Sobrado. Onde estaria Toni? - pensou Rodrigo aquela mesma tarde no consultório, vendo da janela o chuvisqueiro cair tristemente sobre as árvores da praça. Por onde andará essa ingrata? - murmurou, encostando a testa no vidro que seu hálito embaciava.

Num impulso calçou as galochas, vestiu o impermeável, pôs o chapéu e saiu. Achou agradável o contato gelado da garoa no rosto escaldante. Seus passos o levavam para a rua do Poncho Verde. O que ia fazer era tolo, juvenil, ridículo, indigno dum homem de sua idade, de sua posição. Podia dobrar a esquina e tomar outro rumo, ir direito ao clube, entrar numa roda de pôquer ou ficar bebendo um conhaque com o Saturnino. No entanto aproximava-se cada vez mais da casa dos Weber. Ou via Toni ou estourava. Lá estava a meia-água caiada, triste sob o céu enfumaçado. Aproximou-se da casa com o coiação aos pulos e uma ardência na garganta. Bateu à porta, uma, duas, três vezes, primeiro em pancadas curtas e fracas, depois repetidamente, com força. Fez uma pausa. A porta continuou fechada.

Tornou a bater. Um vizinho apareceu à janela de seu chalé e gritou: "Não tem ninguém em casa, doutor. Os Weber foram tocar numa festa na colônia". Sem ao menos agradecer pela informação, Rodrigo fez meia-volta, com a desnorteante sensação de ter sido pilhado no momento em que tentava 660 arrombar uma casa para roubar. Voltou sob seus passos, com um sentimento de malogro, entrou na farmácia, casmurro, sentou-se numa cadeira e ficou a olhar para o cartaz colorido em que havia um pescador de suíças com um bacalhau às costas. Santuzza Carbone aproximou-se dele com um papel na mão.

Era a conta do armazém. Queria saber se o doutor não achava que deviam mudar de fornecedor, porque os preços… Atalhou-a, brusco: - A senhora faça o que entender e o que fizer estará muito bem-feito.

O dr. Carbone passou de avental branco, a caminho da sala de

operações. Fez um gesto amistoso: - Hérnia estrangulada. Quer me ajudar?

— Não.

— Ciao, carino!

Rodrigo meteu-se no consultório, fechou a porta a chave, atirou o chapéu sobre a mesa e sentou-se. Toni outra vez em Nova Pomerânea!

Teria ido com o idiota do Erwin?

Era o que ele desejava ardentemente saber. Pensou em telefonar para a firma Spielvogel e chamar Erwin sob qualquer pretexto, a fim de veiificar se ele estava ou não na cidade. Oh! Mas isso era dum ridículo de matar! Sentiu-se mais uma vez ferido no seu orgulho de macho. E essa fétida ardia, sangrava e, como Toni fosse a causa de tudo, odiou-a. Mas nem por isso desejou com menos urgência vê-la.

Esperou com ansiedade a festa de aniversário de Flora, para a qual os Weber haviam sido convidados.

Pouco antes das oito horas começaram a chegar os convidados. Chiru Mena, que como de costume deixara a esposa em casa ("coitada da Norata sempre envolvida com os guris") apareceu enfarpelado na roupa do casamento, trazendo pelo braço tia Vanja apertadinha num vestido de rendão preto que cheirava a baú velho.

O padre Astolfb entrou em companhia do coronel Jairo, cuja esposa, havia algumas semanas, tinha partido para o Rio de Janeiro, fugindo a mais um inverno gaúcho.

Liroca infiltrou-se no Sobrado à sua maneira discreta, e só muito tempo depois de começado o serão é que Rodrigo, surpreso, deu com ele num canto do escritório a picar fumo. Ao contrário de José Lírio, os Carbone irromperam ruidosamente, distribuindo abraços e beijos e enchendo de presentes os braços de Flora.

Aderbal Quadros, que chegara do Sutil aquela tarde com a mulher, envergava uma roupa de casimira preta e tinha os pés apertados em botinas de elástico: trazia ao pescoço um lenço branco de seda, pois “só depois de morto é que me botam colarinho duro”. Andava dum lado para outro nas salas a pitar seu cigarrão de palha.

Sobraçando os estojos dos instrumentos, os Weber entraram pouco depois, envoltos numa aura de alfazema e naftalina. Rodrigo recebeu-os no vestíbulo com uma cálida cordialidade. Frau Weber beijou-lhe ambas as faces. Herr Weber apertou-lhe a mão, sacudindo-a repetidamente, os olhos claros cheios dessa expressão vazia de quem não sabe com quem está falando. Rodrigo não prestou a menor atenção ao que Wolfgang lhe disse no momento de cumprimentá-lo, porque seus olhos estavam já postos em Toni, que recostava o estojo do violoncelo contra o consolo.

Mis seria mesmo Toni quem ali estava a olhar furtivamente para o espelho e a umedecer faceiramente os lábios com a ponta da língua?

Rodrigo franziu a testa. Achava-a mais alta, mais adulta, mais mulher, e isso não só o surpreendia como também lhe aumentava o desejo de possuí-la. Que se passara com Frãulein Weber? Ah! Cortara as tranças, penteara o cabelo em bandos, calçava sapatos de salto alto…

Caminhou para ela de braços estendidos, tomou-lhe de ambas as mãos e beijou-as num doce estonteamento. E no momento em que a ajudava a tirar o casaco, apertou por alguns segundos os ombros dela, aspirou-lhe a fragrância dos cabelos e murmurou: “Tenho sentido muita falta de ti…”

Toni nada disse. Caminhou para Flora, que naquele instante vinha a seu encontro, e ambas as mulheres apertaram-se as mãos.

Rodrigo voltou a cabeça e viu a própria imagem refletida no espelho: a face dum homem de orelhas afogueadas e olhar apaixonado. Ajeitou a gravata num gesto automático e acompanhou o grupo que se dirigia para a sala de visitas.

Abriu duas garrafas de champanha, encheu as taças dos convivas e por fim ergueu a sua: - Nesta data, precisamente há cento e vinte e seis anos, na cidade de Paris caia a Bastilha, e exatamente nesta data há…

Olhou para a mulher e sorriu: - Posso dizer?… Há vinte e cinco anos nascia a Flora. O primeiro acontecimento foi de importância capital na História da Humanidade.

O segundo, decisivo na história da minha vida. Eu poderia citar os nomes de Robespierre, Marat, Danton, Saint-Just e dezenas de outros como os heróis do primeiro fato…

Olhou para o casal Quadros, que estava sentado no sofá e prosseguiu: - Mas ali estão os dois responsáveis pelo segundo acontecimento. É à saúde de Flora e à deles que eu bebo.

Todos ergueram as taças e beberam. Rodrigo beijou a testa da esposa, em cujas orelhas faiscavam os brincos de brilhante que ele lhe dera aquela manhã como presente de aniversário.

O relógio de pêndulo bateu nove badaladas. O Sobrado estava cheio duma alegre algazarra. Como de costume as mulheres se haviam reunido na sala de visitas; os homens tinham ficado no escritório.

Espremida no sofá entre Frau Weber e dona Santuzza, tia Vanja comentava o noivado de Jacques Meunier e Doralice Fagundes.

— Bem como nos romances! Dir-se-ia uma página saída duma obra de Gaboriau ou Perez Escrich… Quem havia de imaginar, não é mesmo? O amor tudo pode e a constância tudo vence. Deus, na 662 663 sua infinita sabedoria, deve ter compreendido as necessidades do moço. E de resto, mais vale um bom marido que um mau padre! Frau Weber escutava a tia de Chiru com ar atencioso, e como não entendesse o que ela dizia, limitava-se a sorrir e a sacudir a cabeça. Dona Santuzza, desatenta à conversa, seguia com o olhar o marido

que naquele momento atravessava a sala, entrava no escritório, batia no ombro de Rodrigo e entregava-lhe um papel.

— Que é isso, dr. Carbone?

O cirurgião fez o amigo ler uma cópia da carta que naquele dia ele dirigira ao cônsul da Itália em Porto Alegre, oferecendo seus serviços médicos ao exército de Sua Majestade o rei da Itália. Rodrigo passou os olhos distraidamente por aquelas linhas, compreendendo apenas aqui e ali o sentido duma frase - o suficiente para ver que a coisa toda era uma mistura de patriotismo de ópera, imagens dannunzianas e jargão cirúrgico.

A um canto do escritório Babalo contava a Liroca suas proezas no Sutil: a próxima colheita de trigo, planos de comprar um touro Polled Angus, nome este que ele aportuguesava, reduzindo-o a "culango".

Impassíveis e pétreas como um par de cariátides, Maria Valéria e Titina, sentadas lado a lado, os braços cruzados sob os xales, olhavam a cena com uma serenidade crítica. E Flora, com o prato de croquetes numa mão e o de pastéis na outra, andava de conviva em conviva, servindo-os.

Vindo da cozinha, Chiru entrou na sala com uma perna de galinha na mão, a mastigar com gosto. Olhando para o lenço vermelho cuja ponta sobressaía do bolso superior do paletó do "velocino de ouro", o coronel Jairo perguntou: - Como vai a situação política, sr. Mena?

Chiru arrancou mais um naco de carne da perna da galinha, antes de responder: - A coisa está feia, coronel. Acho que vai haver barulho. Havia menos de duas semanas, Borges de Medeiros, que estava gravemente enfermo, passara o governo do Estado ao vice-presidente, general Salvador Pinheiro Machado. Por toda a parte os ânimos andavam exaltados por causa da candidatura de Hermes da Fonseca 664 à senatoria. O dr. Ramiro Barcellos, republicano dissidente, aceitara finalmente a sua em contraposição à do marechal. O Comitê Central Acadêmico de Porto Alegre telegrafara a Rafael Cabeda e Fernando Abbott fazendo-lhes um apelo para que apoiassem a campanha de Ramiro Barcellos contra o que ele chamava de "a ignomínia da candidatura marechálica".

— A esta hora - disse Chiru - está havendo um meetíng em Porto Alegre, na praça Senador Florêncio. E as orelhas do marechal e do senador Pinheiro devem estar ardendo…

Jairo pôs a mão no ombro do interlocutor: - Nunca em toda a História de nossa pátria houve homem público mais injustamente atacado e difamado do que o marechal Hermes!

— Injustamente? - estranhou Rodrigo.

— E por que não? - retrucou Jairo com veemência. A caricatura, a imprensa oposicionista e a malícia popular ajudadas pela insídia dos inimigos do marechal, haviam-no apresentado ao país como um

imbecil, um débil mental, quando na verdade ele era um homem culto e talentoso, um grande estrategista, o único chefe militar sul-americano que realmente impressionara o Estado-Maior do Kaiser.

— Xô mico! - exclamou Babalo. E, num eco, Liroca repetiu: "Xô mico".

— Além disso - prosseguiu o coronel - , Hermes da Fonseca era um homem honesto, decente, de vida privada limpa e coração generoso. Sim, não negava que em seu governo tivesse havido excessos, inépcias, erros… Mas pode um presidente da República ser responsável por tudo quanto acontece no imenso território nacional? A Hermes da Fonseca, o exército devia sua reorganização e muitos estados a extinção de suas odiosas oligarquias.

Rodrigo não prestava mais atenção ao que o amigo dizia, pois estava com o olhar e a atenção voltados para Toni, que conversava animadamente com o padre Astolfo junto à porta da sala de jantar. De repente a moça atirou a cabeça para trás e soltou uma risada. Rodrigo sentiu-a como uma carícia que lhe percorreu o corpo inteiro, num calafrio.

i fti Desviou o olhar da Frãulein e fitou-o no irmão, que lá estava no escritório, sentado em silêncio ao lado do pai. Que diabo terá o rapaz? - tornou a perguntar a si mesmo. A proximidade de Wolfgang causava-lhe certo mal-estar. Achava-o demasiadamente belo, duma beleza feminina, e isso de certo modo o ofendia. Enfim…

Naquele instante Flora tomou o braço de Toni e levou-a para o fundo da casa. O padre Astolfo aproximou-se do grupo masculino.

— Já discutindo política? - perguntou, sorridente, apoiando os cotovelos no respaldo duma cadeira.

Aderbal ergueu os olhos para o vigário.

— Eu estava dizendo ao coronel que o dr. Júlio de Castilhos está fazendo uma falta danada. O partido está dividido. O Borjoca se deixa engambelar pelo Pinheiro Machado, faz tudo o que ele quer…

Babalo - refletiu Rodrigo, olhando para o sogro - não deixava apagar-se nunca sua lâmpada votiva ao pé do altar de São Júlio de Castilhos. Por sua vez Liroca vivia a acender velas de libra diante da imagem de São Gaspar Martins.

Aqueles dois exemplos de fé e devoção deixavam-no comovido.

— O Borges não tem vida pra muito tempo - declarou Chiru, de maneira peremptória.

— Deus te ouça! - murmurou Liroca. E o coronel Jairo lançou-lhe um olhar de reprovação.

— Não diga uma coisa dessas, sr. Lírio. O dr. Borges de Medeiros é um dos maiores estadistas vivos do Brasil!

— Xô mico! - E o rosto de Liroca de súbito mudou de expressão quando ele avistou Maria Valéria que entrava com um prato de pastéis

fumegantes, recém-saídos da frigideira.

Rodrigo procurava Toni com os olhos. Para onde diabo teria Flora levado a menina? Era angustiante tê-la sob o mesmo teto e não poder sequer aproximar-se dela.

Chiru segurou o braço de Rodrigo, arrastou-o para perto da janela e segredou-lhe: - Já reparaste no jeito do Weberzinho olhar para ti?

— Não. Por quê?

— Aquilo é paixão, menino, e paixão cabeluda.

— Deixa de bobagem!

— Meu olho nunca me engana. Não é de hoje que eu venho observando a coisa. Disfarça e olha… é como se não existisse mais ninguém nesta casa, só tu.

Rodrigo ficou embaraçado, pois de repente compreendia certas coisas que antes lhe pareciam obscuras. Sempre notara no olhar do rapaz uma expressão estranha que lhe tornava insuportável encarálo. E agora ele recordava o dia em que Wolfgang lhe aparecera no consultório, queixando-se de dores no peito e pedindo-lhe um exame geral.

Ele lhe dissera: "Tire o casaco e a camisa", aproximara-se da pia e ali ficara a lavar demoradamente as mãos. Ao voltar-se, vendo o rapaz completamente despido, murmurara com certa irritação: "Não era necessário…" E ficara contemplando conturbado aquele adolescente que ali estava de braços caídos, nu, alvo e louro como um jovem deus da mitologia germânica. E o rapaz mirava-o com um olhar súplice, ansioso, tristonho, e pelo pulsar acelerado de sua veia jugular Rodrigo podia avaliar o ritmo daquele pobre coração. Era uma situação embaraçosa.

"Sente-se" - ordenara com rispidez. O rapaz obedecera. Ele lhe auscultara os pulmões e o coração descompassado, apressando-se a dizer: "O senhor não tem nada de orgânico. Deve ser uma dor muscular". Receitara-lhe um linimento e mandara-o embora. E agora que Chiru lhe dizia aquelas coisas embaraçosas, ele via toda a cena a uma nova luz.

— Deixa de bobagem! - repetiu.

— Atiraste no que viste e acertaste no que não viste. A vida é assim mesmo, rapaz.

Aquela referência velada a Toni exasperou Rodrigo, que fechou a cara.

— Proíbo-te de me tocares outra vez nesse assunto. E se contares isso a outra pessoa, palavra que corto as relações contigo.

— Está bem, não te ofendas, está bem. Este peito é um túmulo.

Quando Rodrigo voltou para o grupo, Jairo fazia a defesa de Borges de Medeiros e da ditadura republicana positivista, a qual, a seu ver, seria a única salvação para o Brasil. E o coronel que chegara um

tanto macambúzio à festa falava agora com paixão, de pé, a gesticular na frente do vigário.

— Que panorama oferece nossa época? - perguntou. — O da mais profunda e desoladora anarquia moral e mental. Ninguém acredita em mais nada, não se adora nem sequer a deusa Razão, como os revolucionários de 1789, mas a deusa Dúvida…

— Nem todos, coronel - protestou o vigário - nem todos…

— As velhas bases intelectuais e morais da humanidade ruíram por terra por culpa do regime que por tanto tempo dirigiu os destinos da humanidade: o católico feudal.

— Mas o senhor se esquece - obtemperou o padre, com seu jeito ponderado e respeitoso - do serviço que o feudalismo prestou ao mundo com as Cruzadas, por exemplo…

— Ali! Mas depois das Cruzadas o catolicismo perdeu toda a iniciativa social e ficou numa triste dependência dos poderes políticos. O que tem feito de lá para cá é simplesmente tratar de sobreviver…

— O que não é pouco - observou Rodrigo, com os olhos a andar dum lado para outro, em busca de Toni.

Babalo alisava uma palha de milho com a lâmina da faca, dando ao que o coronel dizia uma atenção meio céptica.

— Isso é o que diz Comte - reagiu o padre. — Mas o que nós católicos lemos na história é coisa muito diferente.

— Ora - prosseguiu o coronel, apanhando distraidamente um croquete - , o regime feudal se foi aos poucos decompondo à medida que o espírito positivo e a atividade industrial se iam desenvolvendo. E que aconteceu quando a velha organização tombou desfeita em pó? Não havia nada para substituí-la. Em suma: a humanidade necessitava e necessita ainda hoje duma doutrina de caráter geral, uma doutrina social e religiosa capaz de constituir um regime para esta nossa época desencantada.

— Creio que o senhor saltou por cima de alguns capítulos importantes da história universal - observou Rodrigo, no momento exato em que Woifgang lhe lançava mais um de seus olhares desconcertantes. — Onde fica a Revolução Francesa?

O positivista fitou o croquete .que tinha entre os dedos, e franziu a testa: - A revolução de 89 apenas apressou a derrubada do velho regime, mas acabou insistindo na metafísica revolucionária, que é uma arma de destruição e não de construção, pois está baseada no princípio da negação de todo o governo e de toda a organização social. Em suma: o passo que se deu com a Revolução Francesa não foi à frente.

Foi, por mais paradoxal que pareça, à retaguarda.

Começou a comer o croquete.

— Heresia! - exclamou Rodrigo.

— A crise social em que nos debatemos começou no século XIV e se tornou mais aguda ainda depois da Revolução Francesa.

Naquele momento Toni voltava à sala de visitas. O dr. Carbone aproximou-se da moça, enlaçou-lhe a cintura, tomou-lhe uma das mãos e começou a dançar com ela uma valsa de opereta, que ele próprio trauteava.

Patife! - pensou Rodrigo. Ali estava a vantagem de usar barbas. Como é que posso parecer um tio inofensivo com esta cara rapada, e todo perfumado de Chantecler de Caron?

Tornou a encher a taça de champanha e bebeu um prolongado sorvo.

— Qual é então - perguntou o padre - a solução que o coronel propõe?

— Precisamos duma nova fé, reverendo.

— E que é que há de errado na velha?

— A vossa fé diz respeito às coisas e às almas do outro mundo ao passo que estamos precisando duma fé que ponha em ordem as coisas e a gente deste mundo.

— Mas este mundo é apenas uma passagem para o outro, coronel. E o grande problema não é apenas de ordem política, mas antes de natureza moral.

— De pleno acordo! Temos de fazer que a reorganização mental e moral preceda a reorganização política. Necessitamos regular o quanto antes as relações entre a família e a sociedade.

— Só quem pode fazer isso é a Igreja, com a sua autoridade moral.

— E por que não o fez nestes quase dois mil anos de sua existência?

Mas não mudemos o rumo desta palestra, caro reverendo. Veja bem o meu ponto de vista. A única coisa capaz de evitar as perturbações sociais oriundas da anarquia espiritual em que nos debatemos é a criação duma autoridade temporal verdadeiramente poderosa, capaz de efetuar a regeneração moral e mental da humanidade, criar, em suma, uma nova fé.

— Uma ditadura? - exclamou Rodrigo.

— Sim - confirmou o coronel. — Não a ditadura orgulhosa, cruel e desumana preconizada pelo nosso Rubim, mas a ditadura republicana positivista.

Babalo escutava o coronel, muito sério, como a fazer um esforço para compreender aquela dissertação. Rodrigo não conseguiu decifrar a expressão do rosto de Liroca: não era de perplexidade ou confusão, mas de aborrecimento temperado de leve ironia: era como se o velhote achasse que tudo aquilo não passava de conversa fiada.

Rodrigo deu um passo na direção do coronel, segurou-lhe um dos

botões da túnica e, com voz já um pouco arrastada, disse: - Pois permita que eu faça mais uma vez a minha declaração de princípios. Creio nos direitos do homem e em todas as conquistas da Revolução Francesa. Creio na liberdade, na igualdade e na fraternidade. Numa palavra: creio na democracia.

— Mas, meu amigo…

·- Não me interrompa, coronel, por favor. Quero terminar o meu pensamento. Acredito no progresso e, como Saint-Just, acho que a felicidade é possível sobre a Terra.

O que vai pôr essa felicidade ao nosso alcance, no que diz respeito ao conforto material e à saúde, é a ciência, a ciência aplicada.

Estamos no limiar duma grande era!

Aquele princípio de embriaguez dava-lhe um otimismo exaltado e fácil.

— Neste momento - prosseguiu - a grande tarefa que temos pela frente é a de derrotar o Kaiser e as forças da barbárie, limpando o caminho para a democracia. Não tenho a menor dúvida: vamos entrar na idade de ouro da História!

— Pois eu… - começou Jairo. Mas de novo Rodrigo o interrompeu.

— Olhe, coronel, não tenho a menor simpatia pelos Estados Unidos, mas admiro a Constituição dos yankees, que reza: "Todos os homens foram criados iguais… etcétera…

etcétera… etcétera…

O coronel segurou-lhe com força ambos os braços: - A influência norte-americana na Constituição brasileira é uma influência anárquica e retrógrada. Quisemos fazer uma imitação empírica da República americana e qual foi o resultado? Acabamos caindo na metafísica pai lamentar.

— Pois eu sou pelo Parlamento - afirmou Rodrigo, já desinteressado da discussão, a vasculhar a sala com o olhar. (Toni, onde estás, meu bem?)

— O regime parlamentar é caro e inoperante - replicou o positivista.

Naquele momento Carbone aproximou-se do gramofone e pôlo a funcionar.

Amato rompeu a cantar a grande ária d'O barbeiro de Sevilha. Chiru fez uma careta e tapou os ouvidos com as mãos. Olhando para Weber, que comia o mingau que Flora acabava de lhe trazer, Rodrigo teve a impressão de que o maestro sofria: para ele ópera era cacofonia, caricatura musical.Jvías Cario Carbone, esse estava feliz, andava de grupo em grupo, com a taça na mão, em passinhos de ballet a cantarolar com o barítono - Fígaro, Fígaro, Figuro! Parecia um gnomo bêbedo em meio duma floresta.

Rodrigo deixou os amigos e acercou-se de Toni. Era horrível não poder ficar a sós com a Fraulein, levá-la para algum canto escuro daquela casa, ou pô-la dentro do Ford e sair com ela a andar pelo campo sob as estrelas.

— Está gostando da festa? - perguntou.

— Epatanti - exclamou ela. — Vraiment épatant, mon atni. E de novo ele se viu como um peixe imóvel no fundo daqueles dois lagos de água-marinha. Ia dizer-lhe um galanteio, mas com o 671 rabo dos olhos viu que Titina e Maria Valéria o vigiavam como cães de fila.

Santuzza ergueu-se, pegou no braço de Toni e convidou-a a subir para ver "i bambini". Sem esperar a aquiescência da menina, arrastou-a consigo.

Gringa maldita! - pensou Rodrigo. Será que fez isso de propósito, porque desconfia de alguma coisa? O remédio era beber mais, mais, sempre mais. Trouxe da cozinha outra garrafa de champanha, abriu-a no meio da sala, com estardalhaço, encheu sua taça e bebeu como quem se dessedenta. O barbeiro de Sevilha cessou de cantar. Chiru postou-se na frente do gramofone e gritou para Carbone, que se aproximava: - Se o senhor me bota outra chapa nos nos estranhamos!

— Bngante! - sorriu o cirurgião. E com a piteira riscou o colete branco do outro. — Que belo ventre para uma laparotomia!

Chiru acercou-se, mesureiro, de mamã Weber.

— Por que a senhora não toca alguma coisa, dona Frau?

A austríaca sorriu, encolheu os ombros e ergueu as mãos espalmadas: não entendia a pergunta. Rodrigo traduziu o pedido.

Frau Weber caminhou para o piano, abriu-o, fez girar o assento do banco, sentou-se e começou a tocar uma valsa de Chopin. A princípio todos escutaram em silêncio, mas em breve as conversas se reataram, primeiro em murmúrios e cochichos, depois livremente, em tom natural.

Quando Rodrigo tornou a entrar no escritório, o coronel ainda atacava o sistema parlamentarista. Seria um regime de desigualdade - dizia - em que só teriam representantes os fazendeiros de café e de gado, os usineiros de açúcar e o alto comércio. Como acontecera no tempo do Império, seriam eleitos apenas os que possuíssem dinheiro, posição social, qualidades de orador ou bons padrinhos. Em suma: o parlamentarismo era o governo da burguesia!

— Mas poderá haver regime realmente republicano - perguntou Rodrigo - sem Parlamento, isto é, sem a participação no governo dos representantes do povo?

— É uma ilusão imaginar que os parlamentares seriam verdadeiros representantes do povo. O povo nunca os elegeu e jamais os elegerá. O povo vota em quem os chefetes locais mandam. E, depois, veja quanto custa um Parlamento. E o povo terá de pagar por

um luxo de que ele não tira o menor benefício.

De resto, todos sabemos que o sufrágio universal é uma farsa..

O padre fez um gesto que exprimia o seu desacordo. Rodrigo encheu a taça dos amigos.

— Em suma - disse o padre Astolfo - , o que o senhor preconiza é um ditador…

— Padre, não pronuncie com tanto desprezo a palavra ditador. Digamos antes que o governo ideal será o de um estadista, veja bem o sentido desta palavra, um estadista capaz de exercer a ditadura republicana, a qual, segundo Augusto Comte, deve concentrar todo o poder político, deixando a uma câmara, com um número reduzido de membros, as funções puramente financeiras.

— É o que temos no Rio Grande! - disse Rodrigo.

— Para felicidade vossa e do resto do Brasil.

— Não estou muito certo disso…

Jairo voltou a cabeça para o dono da casa e mirou-o comuma expressão de surpresa.

— Mas o meu caro amigo não vai candidatar-se a um lugar na Assembleia, indicado pelo partido governista?

Rodrigo sorriu: - Também disso não estou muito certo… O padre olhou para dentro de sua taça.

— Mas quem é que vai fiscalizar essa sua admirável ditadura, evitando que o ditador cometa excessos, o que é de se esperar dum ser humano falível?

— A opinião pública! - exclamou o coronel. — No dia em que o ditador tentar entravar o progresso social, o povo o forçará a demitir-se.

— Como? insistiu o vigário. — Senhor de baraço e cutelo, o ditador poderá perpetuar-se no poder, abafando pela força ou pela fraude essa opinião pública!

— A própria Câmara será o porta-voz da opinião pública, negando-se a votar impostos.

Falácias, coronel - retrucou o padre Astolfo - , falácias.

Não precisamos ir muito longe para achar um exemplo de bom republicanismo positivista. O vosso Estado segue o ideal de Comte no que diz respeito à liberdade espiritual. O governo do dr. Borges de Medeiros é progressista e social e não se imiscui em crenças e doutrinas religiosas. Dá plena liberdade de discussão e reunião, de sorte que o povo, bem informado, será sempre o melhor fiscal do governo. O mal da civilização teocrática foi a fusão do poder temporal com o espiritual. O governo político tem de evitar o terreno teórico.

A valsa terminou. Houve aplausos distraídos.

— E que é que os senhores positivistas querem dizer - perguntou o vigário, puxando o lóbulo da orelha - com a “incorporação do

proletariado à sociedade moderna"?

Rodrigo sentou-se pesadamente. Por que o padre provocava o coronel?

Assim não havia nenhuma esperança de que o homem se calasse. Que importava a ele, Rodrigo, a ditadura positivista, o dr. Borges de Medeiros, Augusto Comte e a confusão mental do Ocidente? Seu corpo ardia de desejo pelo de Toni.

Não havia partícula de seu ser que não estivesse faminta de Toni dum modo cálido, latejante, insuportável. Por onde andaria ela? Ah! Se eu pegasse essa guria sozinha num desses cantos escuros…

Lá estava o dr. Carbone a encher de novo a taça de champanha. Como podia caber tanta bebida num corpo tão pequeno? Quis erguer-se e fazer esta pergunta em voz alta ao cirurgião, mas deixou-se ficar sentado, num estonteamento que lhe dava desejos de dizer e fazer tolices.

O coronel estava inflamado. O proletariado - discursava - , produto da época industrial pacífica que se seguira à Idade Média, havia ficado à margem da sociedade.

Seus membros ganhavam pouco, viviam expostos à fome e à miséria, eram uma mancha na face 674 da Terra. Ora, os diretores das indústrias que se beneficiavam do trabalho desse proletariado, deviam assegurar-lhe melhores condições de vida. Os ricos não cumpririam jamais esses deveres se não tossem forçados a isso sob a pressão da opinião pública esclarecida. Assim era necessário um novo sacerdócio, uma nova fé para esclarecer essa opinião pública. Era indispensável uma religião definitiva baseada na liberdade de crença e culto e no livre exame.

— Mas até onde - perguntou o padre - devem ir essas liberdades?

— Até o ponto em que não ponham em perigo a ordem pública. E ouça mais isto, meu caro vigário, essa nova fé de que tanto necessitamos deve ser o fundamento duma verdadeira educação nacional que abranja todas as ciências, desde a matemática até a moral…

Rodrigo tinha vontade de gritar: "Calem a boca! Que importa a matemática e a moral? O que eu quero é a Toni, a Toni, a Toni! O mais é conversa".

— O poder temporal - prosseguiu Jairo - deve governar apenas os atos. As doutrinas e as opiniões, a fé, em suma, são coisas que pertencem ao reino da consciência e devem ser deixadas ao arbítrio de cada indivíduo.

O padre parecia estar empenhado em dilacerar a própria orelha.

— Tudo isso é muito confuso, coronel.

— E vós aqui no Rio Grande do Sul tendes no dr. Borges de Medeiros o homem capaz de exercer essa benéfica ditadura científica.

É um estadista duma probidade indiscutível, um verdadeiro varão de Plutarco. Seu governo tem sido modelar.

Conseguiu o milagre do equilíbrio orçamentário e criou para o resto do Brasil um padrão exemplar de honestidade.

Achegou-se ao padre e pousou-lhe ambas as mãos nos ombros: - E a divisão de terras entre os colonos, obra de seu governo, é o primeiro passo sério que se dá neste país no sentido de arrancá-lo do regime feudal no qual de certo modo ele ainda se encontra!

Sentou-se, ficou por alguns instantes a olhar para o padre e depois, à guisa de remate: - O progresso - disse - é o desenvolvimento da ordem. Náo poderá haver progresso sem ordem. E só poderemos conseguir ordem e progresso se combinarmos inexoravelmente o estado ditatorial com o republicano. O primeiro assegurará a ordem mediante a autoridade e o segundo garantirá o progresso por meio da liberdade.

Babalo e Liroca trocaram um olhar céptico.

Chiru levou a tia Vanja para casa antes das dez, segredando ao ouvido de Rodrigo que não voltaria, pois Saturnino o esperava para uma vagabundagem noturna. Babalo e Titina estavam já recolhidos a seus aposentos quando o vigário e o coronel fizeram as despedidas e saíram juntos de braços dados.

Ninguém viu quando Liroca se esgueirou da sala como um ladrão, apanhou no vestíbulo o chapéu e a bengala e ganhou a rua.

Flora, que acabava de descer, murmurou para Rodrigo: - Sabes o que aconteceu pra dona Santuzza? Estava cantando pras crianças dormirem e acabou também pegando no sono. Agora estão os três na nossa cama…

Rodrigo sorriu.

— Quero só ver como é que vamos remover de lá aquela baleia…

Cario Carbone, completamente bêbedo, começou a dançar sozinho no meio da sala uma fantástica tarantela, sob o olhar reprovador de Maria Valéria, que o observava muito séria, sentada na sua cadeira de balanço.

Herr Weber ergueu-se, tirou o relógio do bolso do colete, olhou o mostrador e fez um sinal para o resto da família.

— Não senhor! - protestou Rodrigo. — É muito cedo. Agora é que a festa vai ficar boa. Titia, mande vir mais um mingau pró maestro!

Foi empurrando o austríaco cordialmente na direção duma cadeira e obrigando-o a sentar-se de novo. Num assomo de cordialidade abraçou Wolfgang.

— Toque um pouco de cordeona - pediu.

O rapaz tirou o instrumento do estojo, acomodou-o sobre as coxas e arrancou um acorde que encheu a casa.

Flora sentou-se com um suspiro de canseira. Maria Valéria levou a

mão à boca para abafar um bocejo.

— Uma valsa! - pediu Rodrigo.

Wolfgang começou a tocar a valsa d'A viúva alegre, e Toni, Frau e Herr Weber, Rodrigo e Flora puseram-se a acompanhar a melodia com movimentos de cabeça.

Carbone olhava fixamente para Herr Weber e, quando a valsa terminou, ergueu um dedo acusador na direção do maestro e disse com voz solene: - Um submarino austríaco ha torpedeado o cruzador italiano Amalfi.

Maledizione!

Herr Weber mirava-o com seus olhos ausentes, mas em seu rosto havia uma vaga expressão de alarma. O cirurgião continuou.

— Eu devia te odiar, tedesco duma figa, mas tu sei mio fratello in Cristo. Io te bacio Ia faceia!

Aproximou-se de Herr Weber, tomou-lhe a cabeça com ambas as mãos e aplicou-lhe um sonoro beijo em cada face. Rodrigo bateu-lhe nas costas com tanta força que Carbone quase caiu por cima do austríaco.

— Bravo, doutor! Isso é que é espírito cristão.

Carbone recuperou o equilíbrio e disse algo que ninguém ouviu, pois o som da cordeona abafou-lhe a voz. La paloma.

Rodrigo namorava Toni com olhos famintos. Wolfgang olhava para Rodrigo, que Flora também observava disfarçadamente. Herr Weber piscava: o sono já lhe havia jogado areia nos olhos. Mas quando Wolfgang, inesperadamente, entrou a tocar a Pequena fuga, o maestro sorriu, voltou-se para Rodrigo e gritou-lhe com uma alegria de criança: - Bach!

O outro fez com a cabeça um sinal afirmativo. Afinal de contas até Bach lhe sabia bem aquela noite. Olhou para a Dinda, que parecia balouçar-se na cadeira ao ritmo de fuga. O mistérios do mundo! Bach, a cadeira da velha Bibiana, Maria Valéria, o Sobrado, 677

a guerra e Toni, sobretudo Toni. A vida era misteriosa, absurda e bela.

E como era bom estar vivo!

Wolfgang fez uma pausa, ficou a olhar para a janela, com uma expressão noturna nos olhos de cílios longos. Rodrigo aproximou-se de Toni, tomou-lhe ambas as mãos e disse em português: - Agora a minha sobrinha vai interpretar alguma coisa no seu violoncelo.

Traduziu a frase para o francês e Toni fez um sinal de assentimento.

Naquele momento Wolfgang rompeu a tocar o Boi-barroso. Frau Weber desatou a rir. Flora empertigou-se na cadeira, como se tivesse despertado de súbito, e Cario Carbone começou a andar ao redor da peça, em passo de cake-walk.

No meio da confusão, Toni deixou apressadamente a sala. Rodrigo seguiu-a, numa insensata esperança. (É agora ou nunca!) Entrou no vestíbulo. Lá estava a Fraulein a mirar-se no espelho. Correu para ela, agarrou-a pelos ombros, fê-la dar meia-volta, puxou-a contra o peito e beijou-a com furor. Sua boca sugou como uma ventosa os lábios da rapariga, que no primeiro momento ficou como que paralisada, o corpo retesado numa instintiva atitude de defesa. Em seguida, porém, ele sentiu que os dedos dela entravam em seus cabelos, numa carícia desordenada, e que aquele corpo quente, tenro e palpitante não apenas se entregava, mas procurava também o seu.

Pôs-se a beijar-lhe as faces, a testa, os olhos, numa pressa gulosa. A boca de Toni então tomou a iniciativa, colou-se avidamente à sua, o que o deixou desatinado.

Suas mãos começaram a percorrer o corpo da Fraulein, numa ânsia cega e dilaceradora. Sentindo, porém, que ela desfalecia - a cabeça atirada para trás, os olhos semicerrados, um débil gemido a escapar-lhe da boca entreaberta - teve de enlaçar-lhe a cintura para que ela não caísse. Passou-lhe pela mente uma ideia alucinada; erguê-la nos braços, subir a escada e levá-la para um dos quartos, lá em cima… Mas o corpo de Toni tornou a enrijar-se e, desvencilhando-se dele, a rapariga apanhou o violoncelo e se foi quase a correr, rumo da sala de visitas.

Aturdido, Rodrigo desceu a escada, abriu a porta e saiu. Seu corpo inteiro latejava de desejo, o coração descompassado. Sentia 678 ainda nos lábios a pressão dos lábios de Toni, e nas narinas o perfume de seus cabelos. Pôs-se a andar meio às tontas na calçada, depois atravessou a rua na direção da praça, meteu a mão no bolso, tirou um cigarro, prendeu-o entre os dentes e, esquecido de acendê-lo, sentou-se num banco e dali ficou a olhar, ofegante, para as janelas iluminadas do Sobrado. Ela me ama… ela me ama…

ela me deseja… ela é minha. O resto não importa. O resto é nada.

Cuspiu longe o cigarro. Só aos poucos é que foi tendo consciência do ar frio da noite e do fato de estar com a cabeça descoberta. Levou as mãos às faces e sentiu-as escaldantes. Tirou outro cigarro do bolso e acendeu-o com dedos trêmulos. Chegavam agora até ele, vindos de sua casa, os sons aveludados do violoncelo. Rêverie.

Rodrigo ficou a escutar… E a melodia caiu como um doce óleo sobre as queimaduras de seu desejo, mas não as apaziguou: deu-lhes, isso sim, uma esquisita pungência.

E de novo ele teve vontade de ver Toni. Ergueu-se, passou a mão pelos cabelos, ajeitou a gravata e tornou a atravessar a rua.

O relógio bateu a última badalada da meia-noite. Flora estava já recolhida. Maria Valéria, depois da ronda habitual, subira para o quarto. Os Carbone dormiam, completamente vestidos, num dos

quartos do andar superior. O casarão estava silencioso. Sozinho na sala de visitas, Rodrigo olhava para o próprio retrato e pensava em Toni. O efeito do champanha havia passado: bebera havia pouco uma xícara de café preto, sem açúcar. Sabia que não poderia dormir ali estava a fumar, inquieto, com um sentimento de irritação que lhe vinha do desejo insatisfeito - um desejo que já agora era mais do cérebro que propriamente do corpo. Aonde iria ele parar com aquela obsessão pela rapariga? Conhecia-se suficientemente bem para saber que não descansaria enquanto não a possuísse e que, mesmo depois de possuí-la, seu apetite por ela não ficaria saciado, pois havia de querer tê-la mais vezes, muitas vezes… Até quando, santo Deus, até quando? Pensou em Flora com um sentimento de culpa. Ela não merecia aquilo… Deu uma palmada no respaldo da poltrona, ergueu-se de súbito e começou a andar dum lado para outro. Pensou nas consequências que aquela aventura podia ter, mas sabia - com que profundeza, com que plenitude, com que 679

certeza! - sentia que agora era tarde demais para recuar, mesmo que quisesse.

Ficou olhando para a cadeira junto do piano aberto - a cadeira onde Toni se sentara para tocar a Reverte. Era ridículo, absurdo, mas ele envolvia na sua ternura erótica até o violoncelo de Tom, como se o instrumento fosse uma parte anatómica daquele corpo querido.

Enfiou o sobretudo e o chapéu e saiu. Parou na calçada, indeciso.

Não seiia melhor avisar Flora de que ia sair? Deu de ombros. Fechou a porta a chave e começou a andar, as mãos nos bolsos, o cigarro pendente dos lábios. Era uma noite clara, grilos trilavam, estrelas luziam, cachorros latiam em ruas longínquas. Seus passos soavam solitários na calçada, levando-o para a rua do Poncho Verde.

Rodrigo deixava-se conduzir. Que adiantava pensar? O instinto sempre tinha razão, e o instinto o levava para Toni. O resto era covardia. Talvez fosse uma caminhada perdida, uma excursão platónica de namorado que se contenta apenas com ver a casa onde sua bem-amada está dormindo. Mas Toni não podia estar dormindo. Se estivesse, que se rasgassem então todos os tratados de psicologia e que ele, Rodrigo, atirasse aos cachorros sua experiência das mulheres. O mundo estava errado - concluiu, parado à esquina, a contemplar a meia-água dos Weber. Lá dentro daquela casinhola vivia uma mulher de vinte anos que o amava, e ali fora estava ele a arder de desejo por ela. Não havia na natureza nenhuma razão por que não se juntassem e amassem. No entanto, erguia-se entre ambos um muro, e um muro transparente, feito de convenções, mentiras, hipocrisias, fraquezas. Estava tudo errado, tragicamente errado - refletiu mordendo o cigarro e aproximando-se vagarosamente da casa. No fundo, a solução do problema era uma questão de coragem. E coragem era o que não lhe

faltava.

A janela do quarto de Toni dava para um terreno baldio. Rodrigo aproximou-se dela, pisando de leve, e ficou a escutar e a olhar para as vidraças. Não viu o menor sinal de luz: a casa estava silenciosa e às escuras. Chegou a levantar a mão para tamborilar nos vidros com a ponta dos dedos. Mas conteve-se. Seria uma temeridade: os outros podiam ouvir. Talvez Toni tivesse trocado 680 "

de quarto… E mesmo que isso não houvesse acontecido, teria ela coragem de abrir a janela? Recostou-se na parede, e de repente o ridículo da situação caiu sobre ele, deixando-o com uma sensação de frio interior.

O melhor era voltar para casa - decidiu, contrariado. Mas naquele exato momento ouviu um ruído e seu coração disparou. Viu entreabrir-se a gelosia. Deu alguns passos e postou-se à frente da janela. Aos poucos a gelosia se foi abrindo e à luz do luar ele divisou o vulto de Toni por trás da vidraça. Por alguns segundos ambos ficaram imóveis, como que presos dum mesmo sortilégio. Depois Rodrigo acercou-se da janela e com sinais pediu à Frãulein que erguesse a vidraça.

Ela, entretanto, continuava imóvel, com um ar de sonâmbula. Rodrigo encostou nos vidros as mãos espalmadas e tentou erguer a guilhotina. Toni procurou detê-lo com um gesto, mas, como ele insistisse, veio ajudá-lo. E estava ainda de braços erguidos, tratando de prender a guilhotina, e já Rodrigo lhe enlaçava a cintura, beijava-lhe as faces, os olhos, procurava-lhe a boca. Os braços da moça desceram e envolveram-lhe o pescoço, e de novo ele lhe sugou os lábios, cortando-lhe a respiração. Quando lhe deu um alento, ela murmurou: “Por amor de Deus, vá embora!”

Rodrigo sentia-a toda trémula - de medo, de frio, de amor? - e seus braços ora o repeliam ora o chamavam. “Por tudo quanto é sagrado neste mundo” - suplicava ela - “vá embora!”

Como única resposta Rodrigo largou-a, firmou-se com ambas as mãos no peitoril e saltou para dentro.

No momento exato em que saía do quarto de Toni, pulando para o terreno baldio, um galo cocoricou num quintal próximo. (Galo cantando fora de hora: moça roubada.)

Ficou por um instante acocorado onde tinha caído. Depois ergueu-se e começou a andar por entre as ervas respingadas de sereno, na direção da rua. Sentia-se aéreo e trémulo, com um vácuo no crânio. Tinha a sensação de que caminhava dentro dum sonho. A noite, o ar frio e o silêncio 681

das ruas desertas contribuíam para essa impressão de irrealidade. Ao alcançar a calçada oposta, fez alto, voltou-se e ficou contemplando a casa de Toni. Sentiu um aperto no coração, uma súbita fraqueza e

começou a chorar. As lágrimas escorriam-lhe pelas faces e ele não procurava enxugá-las.

Tirou um cigarro do bolso, levou-o à boca e acendeu-o. Ficou a fumar, a fungar e a olhar ora para a meia-água dos Weber ora para a lua, que luzia sobre os telhados úmidos. Pensou comovido naquela menininha que nascera havia vinte anos num subúrbio de Viena, frequentara um colégio de freiras onde aprendera a falar francês e a tocar violoncelo, naquela menininha que percorreu léguas e léguas e léguas de terra e mar para vir entregar sua virgindade a um Cambará num quartinho recendente a alfazema, lá naquela meia-água caiada.

Algo de assustadoramente importante acontecera no universo: depois duma separação de milhões e milhões de anos, dois corpos celestes de órbitas diferentes se haviam encontrado. O mundo não poderia continuar a ser o mesmo depois desse encontro.

Pôs-se a andar na direção de sua casa, ouvindo mentalmente vozes familiares - a do pai, a da esposa, a da madrinha. “Fizeste mal a uma moça.” Até tia Vanja lhe apareceu no pensamento, censurando-o: “Ai, cabecinha de ébano, desonraste uma donzela!” Rodrigo queria sentir remorso pelo que acabara de fazer, procurava achar-se indigno, pois talvez por meio da auto-recriminação pudesse até certo ponto redimir-se perante… Perante quem? Perante si mesmo? Mas a verdade é que não se sentia culpado de nenhum crime. Amava Toni e Toni o amava. O que fizera não fora premeditado (ou fora?). Como podia saber que ela era virgem? Ora! um incidente anatômico. Mas não era bem assim, ele sabia que não era. Toni ia sofrer. Viriam complicações. Santo Deus! Se eu faço coisas como essa é porque estou vivo, vivo, vivo!

Mesmo que vivesse mil anos jamais poderia esquecer os momentos que passara na perfumada escuridão daquele quarto. Sentia uma certa pena de Toni. Sim, pena, porque para ela aquele episódio erótico representara sofrimento. Não fora apenas um dilaceramento físico, mas também psicológico, moral. Ah!

O quanto a criaturinha relutara, mesmo depois que estavam na cama. Defendera-se durante um tempo que a ele parecera uma eternidade. Eram os seus preconceitos religiosos, seus escrúpulos com relação a Flora e até às crianças… Por fim, todas aquelas inibições se sumiram, ele como que as apagara a beijos, bem como uma esponja apaga riscos de giz num quadro-negro. Recordava com uma nitidez pungente a crise de desespero de que Toni fora tomada depois que o irremediável acontecera. Lembrava-se também da própria surpresa ante o acesso de ternura que se seguira a crise de desespero, uma ternura que aos poucos se fora aquecendo até transformar-se num desejo que levara Toni a se lhe oferecer, mas dessa vez num abandono completo.

Rodrigo pensava também no longo período de calma em que ambos tinham ficado, enlaçados na cama, peito contra peito, ventre contra ventre, coxa contra coxa, perna contra perna, a respirarem um dentro da boca do outro sob a calidez das cobertas - quietos, mudos, num delicioso torpor - ele a sentir as lágrimas dela a caírem-lhe no peito numa cócega úmida. E quando Toni lhe sussurrara ao ouvido que era hora de se separarem, ele se despegara dela com a dolorosa impressão que lhe arrancavam metade do próprio corpo.

Começou a assobiar distraidamente a Reverte. Que iria dizer Flora se a encontrasse acordada? Cheirou as próprias mãos, temendo que conservassem ainda o perfume de Toni. Se houvesse água quente em casa, tomaria um banho de corpo inteiro antes de deitar-se… Encolheu os ombros, fatalista. De qualquer modo Flora ia desconfiar de que algo de extraordinário se passara com ele. Era viva e tinha uma intuição agudíssima.

Avistou o Sobrado e, como acontecia sempre, a casa lhe deu uma sensação de segurança e proteção. Atravessou a rua em passos apressados e, quando ia meter a chave no buraco da fechadura, ouviu um ruído de passos e uma voz.

— Rodrigo!

Fez meia-volta. Um vulto aproximou-se. Era o Neco.

— Que sorte eu te encontrar!

— Que foi que houve?

— Aconteceu uma coisa horrorosa. Em Porto Alegre a Brigada Militar dissolveu a bala o comício dos estudantes contra a candidatura do marechal.

— Não diga!

Mataram cinco pessoas e feriram umas trinta. Uma barbaridade, um banditismo!

— Como foi que soubeste?

Acaba de chegar um telegrama pró coronel Prates.

Rodrigo olhou na direção da Intendência e viu uma janela iluminada.

— Vamos até lá.

Encontraram o coronel Joca Prates em companhia do delegado de polícia e do secretário municipal. Tinham os três o aspecto sombrio.

— Então, já soube? - perguntou o primeiro.

Rodrigo sacudiu afirmativamente a cabeça, sentou-se numa poltrona e ficou a olhar por cima da cabeça do intendente para o busto do dr.

Júlio de Castilhos que ali estava contra a parede, sobre pequena coluna de granito polido. Com um certo constrangimento, o coronel Prates lhe resumiu o texto do telegrama: o piquete da Chefatura fora obrigado a carregar contra os manifestantes, que estavam perturbando

a ordem.

— Mas é uma monstruosidade! - bradou Rodrigo. — Não há nada que justifique atirar contra os estudantes, contra o povo. Na certa, havia mulheres e crianças nas ruas, não?

Joca Prates encolheu os ombros. Rodrigo pôs-se de pé.

— Essa candidatura desastrada está dividindo o nosso partido e vai acabar lançando o estado numa nova guerra civil!

Num silêncio estúpido, o intendente olhava fixamente para o telegrama que jazia sobre o bureau. Rodrigo apanhou o papel e leu. O despacho esclarecia que o comício correra em perfeita ordem e que a intervenção da força policial se fizera mais tarde, quando os 684"

manifestantes percorriam em préstito a rua dos Andradas, gritando vivas e tentando perturbar a ordem.

— Canalhas! - murmurou ele. — É a história de sempre. Quem tem força abusa dela.

Depois, encarando firme o intendente, acrescentou: - Vou passar um telegrama de protesto ao presidente do estado e outro ao

presidente da República. E vou telegrafar também ao senador Pinheiro dizendo que me envergonho de pertencer a um partido cujos chefes não trepidam em espingardear o povo.

O delegado olhava espantado do intendente para Rodrigo. O secretário municipal limpava as unhas com a ponta dum canivete.

— Tenha calma, doutor - pediu Joca Prates. — Não se precipite. A gente não sabe direito como foi a coisa.

— Só sei é que há cinco mortos e trinta feridos. Para mim é o quanto basta!

— Pode ter havido provocação.

— A desculpa de sempre! O que acontece é que nossos governantes não toleram oposição. Nossa democracia é apenas de fachada. Estou farto dessa farsa!

Neco olhava para o amigo com afetuosa admiração.

— Se o dr. Borges de Medeiros estivesse no governo - murmurou o delegado - nada disso acontecia…

— O dr. Borges não é diferente dos outros - replicou Rodrigo. — O que ele quer mesmo é eternizar-se no poder.

— Aí bichão! - gritou Neco Rosa, com ar belicoso. Rodrigo enfiou o chapéu na cabeça.

— Vou passar agora mesmo pelo telégrafo…

— Está fechado - atalhou-o Joca Prates. E essa informação prática, que valeu como um jorro d'água fria sobre seu fervor cívico, irritou Rodrigo.

— Pois passarei amanhã de manhã. O intendente soltou um suspiro.

— É sempre bom a gente dormir em cima dos casos. O travesseiro

é o melhor conselheiro.

Rodrigo voltou-lhe as costas e saiu da Intendência acompanhado de Neco.

Na praça encontraram Chiru e Saturnino, que já sabiam da notícia.

Ficaram a conversar, sentados sob a figueira grande. Chiru achava que ia rebentar uma revolução.

Saturnino, com seu ar reservado e grave, dizia que preferia aguardar os jornais para ler os detalhes e formar um juízo definitivo com conhecimento de causa. Rodrigo pensava já em barricadas.

— Eu dava o braço direito pra estar na rua da Praia na hora em que o piquete carregou contra o povo. Mas queria estar armado e com algumas caixas de balas no bolso!

Corja!

— Enquanto o senador Pinheiro estiver vivo, este país não pode viver em paz - declarou Chiru.

Rodrigo pensava em Toni. Que noite! Suas ideias eram um tumulto.

Ele precisava fazer algo de violento para descarregar os nervos. Que horas seriam? Chiru tirou o relógio do bolso, Neco riscou um fósforo e aproximou-o do mostrador: duas menos cinco.

Rodrigo despediu-se dos amigos e entrou em casa. Agora uma espécie de feroz alegria apoderava-se dele. Tinha na mente uma efervescência de planos. Sim, era preciso lutar, tomar posição. Deixaria o Partido Republicano, escreveria uma carta ao dr. Fernando Abbott aderindo aos democratas. Faria ali em Santa Fé e arredores a propaganda de Ramiro Barcellos… Só de pensar na luta seu peito como que inflava de esperança e alegria.

Acendeu a luz da sala de visitas e ficou por alguns instantes parado na frente do Retrato. O outro Rodrigo lá estava no topo da coxilha, a olhar para o futuro com certa arrogância.

Tens cinco anos menos que eu, rapaz, mas não te invejo, porque estás preso nessa tela e eu estou livre, e vivo, compreendes? Livre e vivo! E, caso ainda não saibas, comunico-te que Toni é minha. E que pretendo romper com o partido e com o senador. Daqui por diante sou um homem novo. O que vai acontecer não sei, nem quero saber.

Só sei que vai ser divertido.

Como estivesse com fome, entrou na sala de jantar, abriu uma lata de língua em conserva, tirou algumas fatias de pão do guardacomida e improvisou uma ceia. Comeu com uma pressa nervosa, mastigando com muito ruído. Abriu uma garrafa de vinho Borgonha e bebeu sofregamente três cálices cheios. Depois, subiu. Não acendeu a luz do quarto para não acordar a mulher. Despiu-se em silêncio. Trazia ainda no corpo (ou era apenas nas narinas?) o perfume

de Toni.

— Rodrigo?

— Sou eu, não te assustes.

— Que horas são?

— Mais de duas.

— Onde é que andavas?

— Às voltas com o coronel Prates. Aconteceu uma coisa horrível em Porto Alegre.

Contou-lhe tudo. Flora soergueu-se na cama. O luar caía-lhe agora em cheio no rosto estremunhado e Rodrigo encheu-se duma súbita ternura pela mulher.

— Nossa Senhora, que será que vai acontecer? - balbuciou ela.

— Seja o que Deus quiser.

Flora tornou a deitar-se e ficou de olhos entreabertos, pensativa.

Rodrigo estendeu-se a seu lado e puxou-a contra si, achando gostosa a proximidade daquele corpo quente.

— Este país não tem compostura… - murmurou ele.

— E tu vais te meter também nessa questão?

— Já estou metido, meu bem.

— Ora…

Rodrigo sentia o latejar das têmporas. Estava excitado, sabia que não poderia dormir aquela noite. Começou a acariciar os ombros da mulher.

— Tem modos, Rodrigo. É tarde.

— Que é que o relógio tem a ver com essas coisas?

Um desejo que a princípio foi apenas do cérebro ("Tens o olho maior que o estômago" - ralhou a Dinda) começou aos poucos a tomar-lhe conta do corpo e a regular a intensidade e o ritmo de suas carícias.

— Que homem impossível! - resmungou Flora. E entregou-se.

No dia seguinte Rodrigo leu no Diário do Interior de Santa Maria pormenores dos acontecimentos da noite de 14 de julho.

O meeting na praça Senador Florêncio, organizado pelo Comitê Central Acadêmico contra a candidatura do marechal Hermes, terminara por volta das oito horas da noite, sem incidente. A massa. que comparecera ao comício se dissolvia em ordem pelas ruas adjacentes quando os estudantes espontaneamente se organizaram num préstito e subiram a rua dos Andradas vivando nomes de políticos da oposição.

Quando os manifestantes defrontavam os cafés Gioconda e América alguns acadêmicos resolveram dirigir o préstito rumo das redações dos jornais. A rua dos Andradas estava atestada de gente - homens, mulheres, crianças que tinham ido assistir ao comício ou se dirigiam para os cinemas.

Os soldados do piquete da chefatura de polícia, de prontidão

desde o anoitecer, fizeram junção com a escolta presidencial à esquina da rua General Câmara e, sem que houvesse da parte dos civis a menor provocação, desembainharam suas espadas e arremessaram os cavalos contra os manifestantes. A multidão foi tomada de pânico.

Gente corria para todos os lados, aos gritos, procurando abrigo nos cinemas, cafés e casas comerciais que ainda estavam de portas abertas.

Muitos tombavam, golpeados pelas espadas dos soldados ou derrubados pelos seus cavalos. Outros rolavam sobre o calçamento, pisoteados pelas patas dos animais. O terror era indescritível. Ouviram-se vários estampidos. Alguns populares reagiam e alvejavam a tiros de revólver os soldados que, por sua vez, atiravam contra o povo com seus Nagants, em descargas cerradas. Num largo trecho de rua houve uma confusão medonha de gritos de raiva, dor e medo, de mistura com o estrépito de patas, estampidos e tinir de ferros.

Quando tudo serenou, viam-se estendidos pelas calçadas e sobre o pavimento da rua cerca de vinte e cinco pessoas, das quais cinco mortas ou agonizantes. Um dos mortos era um acadêmico que cursava o último ano de medicina. (Emocionado, Rodrigo leu: uma das figuras mais salientes da Faculdade de Medicina, moço distinto, verdadeira expressão da intelectualidade rio-grandense.) Havia sangue nas calçadas, nas pedras da rua, nas paredes…

Os telegramas davam detalhes horripilantes. No meio da rua jazia morto um desconhecido com a testa perfurada por um ferimento de bala que lhe punha à mostra a massa encefálica. Durante a luta, um soldado caíra do cavalo e fora apanhado e arrastado por um automóvel que passava no momento…

— É monstruoso! - exclamou Rodrigo, dobrando o jornal e atirando-o sobre a mesa.

O padre Astolfo e o coronel Jairo, que naquele dia haviam almoçado no Sobrado, achavam-se sentados na frente do amigo, ambos sérios e apreensivos.

— Logo no dia do aniversário da Constituição do estado! - disse Rodrigo. — Da vossa famosa Constituição positivista, coronel, tão

cheia de amor pela Humanidade.

Jairo cofiou o bigode com dedos incertos.

— O meu amigo não vai culpar a Constituição pelo que aconteceu.

Nem o dr. Borges de Medeiros, que não está no governo.

— Qual! - retrucou Rodrigo. — O general Salvador Pinheiro Machado é um preposto do dr. Borges. São vinho da mesma pipa.

Floriano entrou na sala, aproximou-se do padre e puxou-lhe a manga da batina, murmurando: “Cavalo”. O vigário sorriu, fez o menino montar-lhe nos joelhos, tomou-lhe ambas as mãos e pôsse a sacudir as pernas.

— E depois - continuou Rodrigo - está se vendo que a coisa toda foi premeditada. Na noite do comício o piquete da chefatura está postado na rua Sete, de prontidão.

A escolta presidencial 688 689

também se acha alerta, nas proximidades do palácio. Na rua Riachuelo está o primeiro regimento de cavalaria. Santo Deus! Pra que tudo isso? Será que o comício dos estudantes ia pôr em perigo o regime?

— A coisa toda deve ter outra explicação… - arriscou Jairo.

Floriano ria, atirando a cabeça para trás, e o padre agora sacudia as pernas com maior rapidez, pondo o “cavalo” a galope.

— Explicação coisa nenhuma! - vociferou Rodrigo. — Veja o que diz o jornal. Quando terminou o comício, as forças da Brigada Militar foram-se aproximando da rua dos Andradas. Está clara a premeditação. O chefe de polícia devia ser demitido e julgado como um criminoso vulgar!

Laurinda entrou trazendo uma bandeja com três xícaras de café fumegante. Os homens serviram-se. Rodrigo bebeu o seu dum sorvo só e sentiu o líquido descer-lhe escaldante pelo esôfago.

Quando, alguns minutos mais tarde, Joca Prates entrou no Sobrado, Rodrigo correu para ele e, sem dar-lhe sequer a oportunidade de cumprimentar os presentes, empurrou-o para cima duma cadeira.

— Sente-se e ouça o telegrama que passei hoje de manhã, e cujo texto será publicado em seção livre pelos principais jornais do Rio Grande, dentro de dois dias.

Tirou do bolso um papel, desdobrou-o e leu: Senador Pinheiro Machado. Palácio Monroe. Rio de Janeiro. Revoltado e envergonhado ante os bárbaros acontecimentos da noite de 14 de julho último, em que o governo de vosso irmão não hesitou em mandar espingardear o povo indefeso, inclusive mulheres e crianças, nas ruas de Porto Alegre, comunico-vos que acabo de me desligar do Partido Republicano, pois não posso continuar pertencendo a um grémio político cujos chefes com tanta frequência recorrem à brutalidade e ao assassínio, na

estúpida e criminosa ilusão de que as patas dos cavalos de sua Brigada Militar e as armas de seus beleguins e capangas possam abafar os gritos e anseios de liberdade do nobre e bravo povo gaúcho.

Aproveito a oportunidade para manifestar o meu repúdio à nefasta candidatura do marechal Hermes, que em tão má hora resolvestes eleger senador, para escárnio do Rio Grande e do Brasil Terminada a leitura, Rodrigo tornou a dobrar o papel, metendo-o no bolso num gesto brusco que valeu como um vigoroso ponto final.

Joca Prates coçou a coroa da cabeça, embaraçado.

— O senhor botou fora a sua candidatura. O senador não vai lhe perdoar nunca mais esse telegrama…

Rodrigo encolheu os ombros.

— Que me importa? Por esse preço não quero ser nem presidente da República.

— Pois é uma pena. Ia dar um deputado de mão-cheia. Podia prestar muitos serviços à sua terra…

— Não faltarão capachos!

Durante aquele resto de julho e as duas primeiras semanas de agosto, Rodrigo geralmente deixava o Sobrado às oito da noite, metia-se no clube, jogava várias mãos de pôquer e, quando o sonolento relógio do bufete dava a última batida das doze, ele saía, encaminhava-se para a rua do Poncho Verde, ficava a rondar a casa dos Weber, com os olhos postos na janela do quarto de Toni. Se a vidraça estava erguida (haviam convencionado sinais) e só a gelosia fechada, esgueirava-se para o terreno baldio, achegava-se à janela e assobiava ou tossia baixinho. Toni vinha abrir cautelosamente a gelosia e ele saltava para dentro.

Quando, porém, encontrava a vidraça descida - e isto era o que acontecia na maioria das noites - passava ao largo, e seu cálido desejo pela rapariga era violentamente cortado pelo gelo da decepção, e à medida que se afastava da meia-água a sensação de malogro ia aumentando de tal forma, que ao chegar ao Sobrado ele se punha a fumar cigarro sobre cigarro, no silêncio do escritório deserto, a andar dum lado para outro, impaciente, agastado, com 690 691

agonia de fazer um gesto violento que lhe descarregasse o peito, livrando-o daquela angustiante impressão de abafamento. Dificilmente ficava a sós com Toni mais duma vez por semana, e mesmo quando, vencidas as dificuldades - alguma janela aberta e iluminada nas vizinhanças, um passante inesperado que o obrigava a dar voltas ridículas ao redor do quarteirão - , conseguia pular para dentro do quarto, nem sempre podiam gozar por completo daquela intimidade, pois ficavam ambos cheios de apreensões e sustos, sobressaltando-se aos menores ruídos da casa: uma viga ou móvel que estalava, uma tosse ou arrastar de pés nos quartos contíguos… Até mesmo o rumor

de vozes e passos vindos da rua deixava-os perturbados. E na penumbra daquela pequena peça, deitado com a rapariga nos braços, Rodrigo sentia dum modo tátil o medo que agitava a criaturinha. E, como por um processo de osmose, esse medo passava para seu próprio corpo, deixando-o desinquieto e ao mesmo tempo humilhado.

Sabia que sua vida não corria perigo, mas a possibilidade de ser descoberto naquele quarto causava-lhe um temor quase infantil. Detestava a ideia de ver-se envolvido num escândalo. Pensava com horror no ridículo de ser pilhado a saltar da janela, como um gatuno…

Nos breves instantes que passavam juntos naquele universo morno e sombrio, falavam pouco e, quando o faziam, era um sussurro, um no ouvido do outro. Rodrigo sentia que esses cochichos lhe aguçavam o desejo, pois davam a sensação de que as palavras saídas da boca de Toni eram como dedos a lhe roçarem a orelha, numa cócega úmida e morna. A verdade é que não necessitavam falar. Seus corpos diziam tudo quanto era indispensável dizer, e as mãos e os lábios possuíam uma eloquência e uma sutileza que faltavam às palavras.

No entretanto, terminada aquela espécie de luta corporal que se avizinhava da epilepsia, quando os dois ficavam lado a lado, numa calma exausta e meio triste - mais duma vez ele sentira que devia dizer alguma coisa, fazer alguma promessa, lançar enfim uma luz sobre o futuro. Esforçava-se, mas em vão, por encontrar palavras convincentes e ao mesmo tempo tão leves que não ofendessem Toni. No entanto, o mais que conseguia era balbuciar “eu te quero, 692 eu te quero muito” - enquanto seus dedos se metiam pelos cabelos dela ou passeavam numa carícia esfrolante pela nudez dos seios e do ventre.

Rodrigo em geral pagava esses minutos de prazer com dias e dias de separação de Toni, vendo-a apenas na rua, de longe e fortuitamente, ou então quando ela vinha ao Sobrado em companhia do resto da família. Nestas últimas ocasiões ele continuava a representar o papel do titio cordial e meio trocista, esforçando-se por não trair seus verdadeiros sentimentos. Não cessava, porém, de olhar de instante a instante para Flora, tratando de ler-lhe os sentimentos e os pensamentos através da expressão fisionómica, querendo ansiosamente saber se ela desconfiava ou não do que se passava. Quanto a Toni - coitadinha! - , ficava no seu canto, mais silenciosa e acanhada que nunca, e pelos seus gestos, olhares e palavras, Rodrigo percebia que a menina estava a debater-se numa terrível luta de consciência.

Havia momentos em que ele pensava, apreensivo, no futuro. Não queria perder Flora e era-lhe insuportável a ideia de ficar diminuído perante os olhos dela. Achava que não poderia ser feliz sem seu amor,

sua admiração, seu respeito. Sabia, sem a menor sombra de dúvida, que não cessara de amar a esposa. Que diabo! Não era possível catalogar os sentimentos, metendo-os em escaninhos numerados. O coração humano era um poço de mistérios e contradições. Sim, ele amava também Flora. Tinha ainda por ela a mesma afeição dos tempos de namorado e noivo. (Olhava para o Retrato e o outro Rodrigo parecia dizer-lhe: "A mesma? Ou quase a mesma?") Certas noites desejava a mulher legítima com uma intensidade de amante e isso o alegrava, pois de certo modo esse desejo o redimia - pelo menos perante si mesmo - do pecado de amar e desejar Toni Weber.

Tratava Flora com um carinho redobrado. Prometera levá-la a Buenos Aires, onde assistiriam à temporada lírica do Teatro Cólon. Não perdia ocasião de fazer-lhe elogios, principalmente na presença de terceiros. “Como estás linda hoje, meu bem.” "Esse vestido te fica uma maravilha, meu amor." “Como é possível ficares mais bonita à medida que o tempo passa?”

Nos momentos em que o remorso não o picava e seu espírito parecia aceitar sem nenhum atrito aquela situação ambígua, comprazia-se em fazer confrontos. Flora era um fruto sazonado e tenro, de sumo alcalino. Toni, uma fruta meio verde, de polpa rígida e sabor agridoce.

Às vezes, à hora das refeições, contemplando a mulher e como que redescobrindo nela as feições que tanto o haviam atraído - o rosto oval dum moreno desmaiado, os olhos amendoados de expressão serena e límpida - ficava enternecido e mentalmente se dizia os piores nomes.

Bolas! Só porque apareceu na minha vida essa austríaca não quer dizer que eu vá deixar de amar e respeitar minha mulher, adorar os meus filhos, gostar da minha casa!

Maria Valéria mirava-o com frequência dum jeito que o deixava desconfiado. Teria ela farejado alguma coisa? Não raro, depois do meio-dia ele se deitava no sofá da sala, com a cabeça pousada no regaço da madrinha, que ficava a fazer-lhe cafuné. Numa dessas ocasiões, a propósito de nada, a Dinda lhe dissera em voz muito baixa: “Se tiver de fazer alguma patifaria, faça de jeito que sua mulher não descubra, ouviu?” Seu primeiro ímpeto fora o de explodir num protesto. Achou melhor, porém, manter-se num mutismo cauteloso.

Os amigos continuavam a comparecer ao Sobrado, onde os serões de inverno tinham um sabor especial na sala aquecida por uma estufa de querosene, cujo cheiro evocava a Rodrigo a lanterna mágica de sua infância.

Andava ele agora intrigado com a atitude de Wolfgang, que não lhe dirigia mais aqueles longos olhares apaixonados, mas sim relances rápidos em que se podia perceber um mal contido ressentimento.

Desconfiaria o rapaz de alguma coisa?

Quanto a Frau e Nerr Weber, não haviam mudado. Ela ainda lhe beijava as faces, afirmando que ele era o mais belo homem do mundo. O maestro continuava a contemplá-lo com aquele olhar em que havia um misto de gratidão e perplexidade. E pela maneira natural e afetuosa 694 com que Flora continuava a tratar Toni, Rodrigo chegava à reconfortante certeza de que sua mulher não suspeitava de nada.

Em meados de agosto leu com emoção no Correio ao Povo um dos últimos discursos de Pinheiro Machado, ficando particularmente impressionado pelo seu tom dramático: É possível que durante a convulsão que sacode a República em seus fundamentos possamos submergir. É possível. É possível mesmo que o braço assassino, impelido pela.

eloquência das ruas, nos possa atingir. Afirmamos, porém, aos nossos correligionários que, se esse momento chegar, saberemos ser dignos de vossa confiança. Tombaremos na arena, fitando a grandeza da nossa pátria, serenamente, sem maldição nem desprezo, sentindo tão-somente compaixão para com aquele que assim avilta a nobreza inata do brasileiro.

Rodrigo sabia que o senador não era homem que dissesse tais coisas levianamente, com o intuito apenas de criar uma auréola de martírio em torno de sua cabeça. Como consequência das últimas eleições, nas quais ficara iniludivelmente assegurada a vitória do marechal Hermes - eleições em que mais uma vez a oposição se declarara esbulhada, fraudada e coagida - , a atmosfera do país estava carregada de ressentimentos e ódios, e muitos políticos, publicistas e demagogos tratavam de instigar o povo contra a pessoa de Pinheiro Machado, cujo assassínio era abertamente pregado em comícios no Rio de Janeiro. Um deputado federal chegara a dizer da tribuna da Câmara que, se apresentasse um projeto, seu artigo primeiro seria: “Elimine-se o sr. Pinheiro Machado”.

Já em princípios daquele ano o senador reunira em sua residência do morro da Graça os representantes do Rio Grande, exortando-os a manterem-se unidos para o bem da República, caso ele viesse a tombar assassinado. Em palestra com o jornalista João do Rio, confiara-lhe: “Morro na luta, menino. Eles me matam. Mas 695 pelas costas. São uns 'pernas-finas'. Pena é que não seja no Senado, como César. Há de ser na rua. Morro em defesa da República”.

Contavam-se histórias que ilustravam bem a atitude serena e impávida do senador em meio dessas malquerenças e ameaças. Duma feita, ao passar de automóvel por meio duma multidão exaltada que, havia pouco, gritava insultos a seu nome, disse em voz alta ao chofer, para que todos ouvissem: - Só tire o revólver quando eu tirar o meu. Só dispare o seu primeiro tiro depois que eu tiver disparado o meu.

E o automóvel passou pelo meio da multidão, onde se fizera de súbito um silêncio respeitoso.

Noutra ocasião, ao deixar o Senado, a cuja porta se aglomeravam populares dispostos a vaiá-lo, instruiu o chofer: - Siga. Não tão depressa que possam pensar que tenho medo, nem tão devagar que possa parecer acinte.

Quando um amigo bajulador assegurou que o país inteiro seria convulsionado caso atentassem contra sua vida, Pinheiro Machado replicou: - Sim, se o atentado falhar.

Rodrigo lia ou ouvia todas essas histórias e ficava a pensar, já tomado de remorsos, no telegrama que passara ao senador após os acontecimentos de 14 de julho. Não se arrependia de ter jogado fora a oportunidade duma carreira política sob a proteção de Pinheiro Machado. Lamentava, isso sim, ter perdido a amizade daquela figura que admirava, apesar de todos os seus defeitos, e pela qual sentia uma afeição quase filial. Relia os termos do telegrama e achava-os insolentes e agressivos. E agora que os inimigos do senador açulavam o povo contra ele, apontando-o como a causa de todos os males que desgraçavam o país, agora que escribas e oradores de praça pública recomendavam claramente seu assassínio, Rodrigo achava que era seu dever apoiar aquele homem, sem olhar conveniências pessoais e nem mesmo ideias políticas.

Chegou a rascunhar um telegrama em que exprimia sua solidariedade irrestrita ao representante do Rio Grande no Senado. Mas rasgou-o, insatisfeito com a redação.

Fica para outro dia - decidiu. Mas esse dia não chegou. Rodrigo esqueceu o senador, pois Toni Weber absorvia-lhe os pensamentos, fazendo-o alternadamente feliz e desgraçado. Feliz porque descobria que a rapariga o amava com uma intensidade cada vez maior, desgraçado porque era exasperante ter de esperar às vezes uma semana inteira pela oportunidade de ficar a sós com ela.

Aqueles encontros no quarto da moça faziam-se cada vez mais difíceis, arriscados e constrangedores.

Numa daquelas noites de agosto em que o minuano soprava, fazendo tremer as janelas da meia-água, Frau Weber ergueu-se da cama, subitamente indisposta, e veio bater à porta do quarto de Toni, para pedir-lhe um remédio. Rodrigo enfiou às pressas o sobretudo e, descalço, com a roupa e os sapatos nas mãos, saltou pela janela e ficou sentado no chão gelado, atrás dum arbusto, a vestir-se atabalhoadamente e a tremer de frio, de despeito e vergonha, amaldiçoando - quem? O quê? - por se achar naquela situação grotesca. Prometeu a si mesmo que jamais voltaria àquela casa. Precisava descobrir outro lugar onde encontrar-se com Toni. Passou mais duma semana sem falar com a rapariga. E ficou de novo

enciumado ao vê-la, durante esse período, umas duas ou três vezes em companhia de Erwin Spielvogel, que costumava ir esperá-la à saída do cinema, nas noites de função.

Um dia em que Toni veio ao Sobrado com os pais, Rodrigo, sem que os outros vissem, conseguiu meter-lhe na mão um bilhete em que lhe pedia fosse no dia seguinte, sob qualquer pretexto, ao consultório.

Toni foi. E enquanto Rodrigo, alvoroçado, fechava a porta a chave, ela se sentava numa cadeira, constrangida como uma visita de cerimónia. E quando ele a beijou, seus lábios permaneceram inertes, como que mortos, o busto retesado, os braços caídos. Que era que ela tinha? - quis saber Rodrigo.

Estava enfarada dele? Não o amava mais? Havia outro homem? Sim, ele a vira muitas vezes aquela semana com o Spielvogel… Vamos, diga alguma coisa!

Tomando-a nos braços, sacudiu-a. Toni mirava-o com os olhos cintilantes de lágrimas, mordendo os lábios, num silêncio que deixava Rodrigo cada vez mais exasperado.

Por fim largou-a e foi 696 697 sentar-se atrás do bureau, procurando parecer indiferente à presença dela.

Houve um silêncio de alguns segundos, ao cabo dos quais Toni se ergueu, aproximou-se dele, passou-lhe a mão de leve pelos cabelos, beijou-lhe a testa, as faces e murmurou-lhe ao ouvido: “Mais je t 'adore! Je t adore!”

Então ele não compreendia? Aquela sala excessivamente clara, a mesa de operações, os instrumentos cirúrgicos no armário de vidro, a proximidade dos empregados da farmácia, o ruído das vozes e passos dos que passavam pela calçada… Tu sais… Rodrigo ficou enternecido. Sim, era um estúpido, um animal. Compreendia tudo e pedia-lhe perdão. Fê-la sentar-se sobre seus joelhos, beijou-lhe a boca com uma ternura arrependida que procurava ser pura, mas que pouco a pouco se foi transformando em desejo, fazendo que suas mãos começassem a passear pelo corpo da rapariga.

Toni pôs-se subitamente de pé, compondo o vestido e aproximando-se da porta.

— Por favor, deixe-me ir agora, sim?

Ele soltou um suspiro, passou as mãos pelos cabelos. — Então? - perguntou. — E agora?

Ela lhe suplicou que esperasse um pouco, tivesse paciência. Tudo estava tão confuso… E, com os olhos úmidos, contou-lhe que ultimamente não dormia direito, sonhava muito, tinha pesadelos aflitivos, e o remorso e o medo a atormentavam. O que estava fazendo era errado, era mau, era pecaminoso. Tudo fora uma loucura. Ela o amava, sim, de tal maneira que às vezes lhe parecia que ia perder a razão.

Mas nem por isso sofria menos. Vivia assaltada de temores. Os pais estranhavam sua atitude, não compreendiam por que ela recusava ir ao confessionário. Por outro lado, pediam-lhe com insistência que tratasse melhor Erwin Spielvogel.

Era uma situação insuportável!

Rodrigo olhava perdidamente para Toni. Havia no rosto dela, como na voz, algo de machucado que o penalizava.

Começou a andar dum lado para outro, as mãos nos bolsos, a pensar numa solução.

— Queres então terminar com tudo? - perguntou, estacando bruscamente diante da Fráulein.

Como única resposta ela desatou o choro. Rodrigo puxou-a contra o peito, beijou-lhe os cabelos, e ficaram assim abraçados em silêncio por longos minutos. Por fim, enxugando os olhos, Toni murmurou: - Preciso ir.

Disseram-se adeus, ele abriu a porta e ela se foi.

A primeira pessoa a receber a notícia em Santa Fé foi o telegrafista que estava de plantão na noite de 8 de setembro.

Principiou a transformar os sinais de Morse em letras, com um indiferença profissional temperada apenas pela tênue curiosidade que lhe vinha de o telegrama trazer a rubrica de urgente e ser endereçado ao coronel Joca Prates. A medida, porém, que as letras iam formando as palavras e estas as sentenças, os olhos do funcionário se agrandavam, sua caligrafia tornava-se menos firme e por fim, depois de escrever a última letra do nome do signatário do despacho - um deputado estadual - os lábios do telegrafista tremeram e ele ficou olhando para o papel com uma expressão de mudo horror, como se tivesse acabado de ler nele sua própria sentença de morte.

Levou alguns segundos para se refazer do choque. Depois passou a limpo o telegrama e chamou o estafeta.

— Leve isto depressa ao intendente. Se ele não estiver em casa, está no clube. Raspa, que a coisa é séria.

Joca Prates jogava pôquer com três correligionários quando Saturnino veio entregar-lhe o despacho. Abriu-o de cenho cerrado, leu e ficou lívido. Depois passou o papel para um dos amigos e, como se tivesse perdido a fala e o movimento, ficou a olhar com uma fixidez estúpida para as cartas sobre o pano verde.

— Que barbaridade! - exclamou um dos jogadores. Os outros dois, que haviam lido a dramática mensagem por cima do ombro do primeiro, saíram a andar pelas dependências do clube numa pressa ofegante e atônita.

Joca Prates pôs-se de pé lentamente e, como um sonâmbulo, encaminhou-se para o telefone do bufete, comunicou-se com a própria casa e, ao ouvir a voz da esposa, balbuciou: - Dedé, aconteceu uma

coisa horrorosa…

Não pôde continuar, pois o pranto lhe cortou subitamente a voz.

Atrás do balcão do bufete, Saturnino cofiava sombriamente o bigode, murmurando: "Que calamidade!

É o fim do mundo. Que calamidade!"

A notícia chegou aos ouvidos do gerente do Cinema Santa Cecília quando a função estava já quase a findar. O homem esperou, aflito, que terminasse a última parte do drama e, quando a luz se acendeu, subiu para o palco e deu a notícia ao público com voz sumida e ar trágico, como se estivesse anunciando o Juízo Final. Quando terminou de falar, fez-se um silêncio duma fração de segundo e depois um clamor se ergueu da plateia, dos camarotes e da galeria, onde um homem se pôs de pé e berrou: “Bem feito! Era o que esse canalha merecia!”

De vários pontos do teatro surgiram protestos indignados. Ouviu-se um grito: “Lincha!” Foi então o pânico. Os espectadores precipitaram-se atropeladamente na direção da porta, como se alguém houvesse gritado - incêndio! Algumas mulheres soltavam lamentos histéricos, muitas desatavam o choro; outras gritavam os nomes dos maridos e dos filhos. Alguns cidadãos trepavam nas cadeiras e pediam calma.

Vários deles empenhavam-se em discussões que degeneravam em briga.

De quando em quando no meio da balbúrdia ouviam-se frases como: “Abaixo a tirania!” "Viva a liberdade!"

No centro telefônico, não podendo dar conta de todos os chamados, a operadora rompeu a chorar, numa crise de nervos, e teve de ser substituída.

Vinte minutos depois de chegado o telegrama a Santa Fé, quase toda a população da cidade, pelo menos as pessoas que residiam na rua do Comércio e nas transversais, já estavam a par do acontecimento que começava a abalar o país inteiro: O senador Pinheiro Machado havia sido assassinado pelas costas com duas punhaladas!

Rodrigo estava em casa em companhia do vigário e do coronel Jairo quando Joca Prates entrou intempestivamente e deu-lhe a notícia. Teve a impressão de que recebia uma bordoada na cabeça. Sentou-se, aturdido. Por alguns instantes nenhum dos quatro homens falou. Refeito do choque inicial, Rodrigo pediu pormenores. Quem fora o assassino? Onde se dera o fato? Conte alguma coisa, homem de Deus!

O coronel Prates passou-lhe o telegrama. Era dum laconismo dramático.

Dizia apenas que o crime fora cometido cerca das cinco horas da

tarde, no Hotel dos Estrangeiros, no Rio, e que o criminoso, natural do Rio Grande do Sul, estava preso.

— A coisa não vai ficar assim - murmurou o intendente. — O Rio Grande não pode ficar acovardado depois duma barbaridade dessas. Matarem o nosso Pinheiro!

E, num assomo de ódio, exclamou: - Vai haver uma revolução!

— Contra quem, coronel? - perguntou o padre placidamente.

— Ora… ora, contra os inimigos do Rio Grande!

— Mas não foi um gaúcho que assassinou o senador? - perguntou o vigário com um bom senso desarmante.

Joca Prates lançou-lhe um olhar em que já havia um elemento de rancor.

— Mas deve estar a soldo da camarilha política que não gosta de nós!

Astolfo encolheu os ombros filosoficamente. — Isso não se faz - murmurava o coronel Jairo, sacudindo a cabeça. — Isso não se faz…

Rodrigo aproximou-se da janela e por alguns instantes ficou a olhar a praça, através dos vidros meio embaciados. O desaparecimento do senador dava-lhe uma estranha sensação de orfandade que ele não procurava explicar nem combater.

E agora lhe vinha uma súbita e enternecida saudade do pai, o desejo de vê-lo, ouvi-lo, tê-lo ali no Sobrado como companheiro naquela hora amarga.

Desenhou-se-lhe na mente, nítida, a imagem de Pinheiro Machado tal como o vira no inverno de 1910. O senador apertava-lhe 701 a mão e dizia: "Há homens que nasceram talhados para o sacrifício. Mas uma coisa sei te dizer: eu não tenho vocação para mártir . Rodrigo fez uma brusca meia-volta: - Pelas costas, os miseráveis!

Ao saberem da notícia, Flora e Maria Valéria vieram para a sala e ficaram junto da porta, mudas, num silêncio apreensivo.

Rodrigo leu nos olhos de ambas uma expressão que com frequência vinha ao semblante das mulheres do Rio Grande: o medo ancestral da guerra.

— Precisamos fazer alguma coisa! - exclamou, olhando para o intendente.

— Vou redigir um telegrama à nossa bancada no Rio. Algo de vibrante que leve o nosso protesto, a nossa indignação ante esse crime bárbaro, esse…

Calou-se, engasgado.

E naquela mesma noite, ao entrar no Comercial, onde esperava colher assinaturas para o telegrama, ouviu um forasteiro comentar em altos brados: “Bem feito! Foi uma limpeza! Era um caudilho, um déspota, a asa negra do Brasil!”

Precipitou-se sobre ele, segurou-o pela gola do casaco, deitou-o

sobre um dos bilhares e esbofeteou-lhe repetidamente a cara, vociferando: - É para aprenderes a respeitar os homens, canalha!

Nos dias que se seguiram leu nos jornais os pormenores da tragédia do Hotel dos Estrangeiros.

Pinheiro Machado havia sido apunhalado pelas costas no momento em que, ladeado por Bueno de Andrade e Cardoso de Almeida, se encaminhavam para o salão situado entre o refeitório e o saguão do hotel.

Cardoso de Almeida contou mais tarde à polícia que tivera a impressão de que alguém desferira um soco nas costas do senador e, como ao voltar-se visse um jovem armado dum punhal, precipitara-se sobre ele para desarmá-lo, enquanto Pinheiro Machado dava alguns passos, cambaleante, e caía nos braços de Bueno da 702 Cunha, exclamando: "Fui apunhalado!" O assassino, porém, conseguira fugir, sendo perseguido por populares, um guarda e o próprio Cardoso de Almeida. Preso por um civil na travessa de São Salvador, entregou a arma que ainda empunhava e na qual não se via o menor vestígio de sangue. Suas palavras foram: "Sou o assassino do senador Pinheiro Machado".

Interrogado pela polícia, declarou chamar-se Francisco Manso de Paiva Coimbra, ser padeiro e natural do Rio Grande do Sul. Confessou que odiava Pinheiro Machado e que ao ler nos jornais as notícias de que o país estava dividido por causa da candidatura do marechal Hermes, chegara à conclusão de que era indispensável que alguém matasse o homem que infelicitava o Brasil. Mais tarde, sabedor dos acontecimentos da noite de 14 de julho em que a Brigada Militar carregara em Porto Alegre sobre o povo reunido em meeting contra a candidatura do marechal, assassinando estudantes e, entre eles, um filho duma protetora sua, convencera-se de que ele, Manso de Paiva Coimbra, devia ser o assassino, para vingar a morte do jovem.

Comprara então uma faca a um preto no largo de São Salvador (e Rodrigo estremecia de horror ante o detalhe); a faca custara ao criminoso seiscentos réis. Apesar disso, pouco depois desistira do intento resolvendo procurar um emprego.

Em breve, porém, lera na Gazeta de Notícias um artigo sobre a candidatura de Hermes da Fonseca e de novo ficara tomado do desejo de eliminar Pinheiro Machado…

Com o jornal na mão Rodrigo caminhava dum lado para outro no escritório, na frente do padre Astolfo, para quem estivera a ler em voz alta o relato da tragédia.

— Essa história está mal contada! - exclamou. — Alguém pagou ao sicário pra assassinar o senador, isso ninguém me tira da cabeça.

Foi dinheiro grosso, e o homem é capaz de cumprir a pena sem confessar o nome dos mandantes. Ali! Mas a história não pode ficar

assim. Havemos de desmascarar essa camarilha de assassinos e levá-los à barra dos tribunais, nem que para isso tenhamos de provocar uma guerra civil!

O laudo dos médicos-legistas dava como causa mortis uma hemorragia interna provocada por ferimento no pulmão direito e na respectiva artéria, produzido por um instrumento perfuro- 703 cortante. A autópsia - declaravam os médicos à imprensa - revelara ausência de lesões graves no organismo do ilustre morto.

Notavase-lhe apenas um começo de esclerose arterial, pelo que se concluía que o senador ainda poderia viver longos anos.

— Que estupidez! - exclamou Rodrigo. — Uma faca comprada a um negro por seiscentos réis cortou a vida do maior político do Brasil! E não me admirarei se o bandido for absolvido. Este país não cria vergonha, o que ele merece mesmo é um ditador da fibra do senador pra botar a canga no pescoço da canalha!

O padre Astolfo mirava-o em silêncio.

— Agora, vigário, vou ler-lhe um trecho do telegrama que Rui Barbosa passou à viúva de Pinheiro Machado. Veja que nobreza de sentimentos, que dignidade, que estilo!

Apanhou o jornal e leu: Para mim que sempre considerei inviolável a vida humana, a dele era duplamente, ainda por mais dois títulos, sagrada: o da antiga amizade e do antagonismo atual.

Faço votos para que todos vejamos neste crime deplorável uma lição viva contra os excessos da violência e do sangue, com os quais nunca transigi e de que sempre preguei o horror. Queira Vossa Excelência aceitar as homenagens de meu pesar e o respeito que ponho, comovido, a seus pés.

A descrição que o jornal trazia dos momentos que se seguiram ao crime comoveram Rodrigo até às lágrimas.

Ao ver o cadáver do senador Pinheiro Machado, Rivadávia Corrêa rompera em pranto, abraçando-se com Flores da Cunha, que também chorava sentidamente. E quando o delegado de polícia mandou pôr o corpo sobre uma padiola, muitas das pessoas presentes começaram a disputar o privilégio de conduzi-la. Alguém, entretanto, exclamou: - É a bancada do Rio Grande que vai conduzi-lo. A porta do hotel, Pompílio Dias bradou: - Esperem pela revanche. Havemos de vingar essa morte!

Da multidão que se aglomerava na rua partiram gritos: "Apoiado!

Apoiado!" Voltando-se para o chefe de polícia e apontando-o com dedo acusador, Pompílio Dias disse em voz alta: - O senhor é responsável por este crime, pois permitia meetings em que se aconselhava o assassínio do Senador Pinheiro.

Terminada a autópsia, a viúva foi levada à presença do corpo do marido. Segurando-lhe a cabeça com ambas as mãos, beijava-lhe

nervosamente o rosto, soluçando: - Deixe-me, deixem-me aqui. Tenho muita coisa a conversar com ele.

Um fazendeiro, amigo íntimo de Pinheiro Machado, beijava-lhe freneticamente as faces. Ao entrar no hotel, o almirante Alexandrino de Alencar exclamou: - Que horror! Mataram-no pelas costas.

O cadáver foi transportado para o morro da Graça em meio duma multidão de onde partiam lamentos, protestos e vivas à República e à liberdade.

O Rio de Janeiro estava convulsionado. Viam-se por toda a cidade bandeiras hasteadas a meio pau. O governo decretara luto nacional e concedera honras militares à memória do senador. Todas as diversões aquela noite foram suspensas.

À frente da redação dos jornais o povo se aglomerava em grupos onde de quando em quando rompiam discussões e brigas. Dizia-se que o corpo do senador seria embalsamado e levado para o Rio Grande do Sul, cujo governo tomara luto oficial por oito dias.

O padre Astolfo chamou a atenção de Rodrigo para o conteúdo da carta encontrada no bolso do assassino no momento em que fora preso: Caso eu seja morto pelos capangas deste homem que me leva a praticar este ato, não culpem ninguém. Como rio-grandense vingo meus conterrâneos mortos nas ruas de Porto Alegre; como brasileiro, a afronta atirada sobre um povo roubado e esfomeado.

— Aí está a prova de que o crime teve como mandante algum graúdo, padre! Leia bem essa carta e me diga se isso é estilo de padeiro!

Havia na reportagem da tragédia detalhes que comoviam Rodrigo dum modo particular, pois lhe recordavam a presença física de Pinheiro Machado, o homem que um dia ele vira de perto e 705 que o tratara por tu, chegando a caminhar de braço dado com ele pelas ruas de Santa Fé.

Contava o repórter que no dia em que fora assassinado, o senador trajava fraque aberto, com um cravo vermelho na botoeira, calças escuras, e colete a fantasia em cuja cava se via um punhal de cabo de ouro e marfim. Ao lado do cadáver jazia seu chapéudo-chile e a bengala de unicórnio.

Rodrigo lia e relia, sensibilizado, o inventário das coisas que o comissário de polícia arrecadara dos bolsos do morto: uma cigarreira e uma lapiseira, ambas de ouro, um relógio de platina, uma corrente com pérolas, um alfinete com um chaveiro de brilhantes, uma carta, dois telegramas, um pince-nez, um revólver Smith and Wesson, um lenço de seda e três mil e duzentos réis em dinheiro…

— Veja, padre, se isso não tem uma significação enorme! O homem de maior prestígio do Brasil morre com três mil e duzentos réis no bolso!

O vigário sacudiu lentamente a cabeça. Rodrigo ergueu-se, acendeu o cigarro e pensou em Toni, com um desejo lânguido de tê-la a seu lado, de pousar a cabeça cansada no colo dela. Precisava vê-la o quanto antes. Ficou a imaginar o encontro… Ia explicar-lhe o sentido daquela morte, o valor simbólico daquele homem e as consequências tremendas que o crime podia ter para o Rio Grande e para o Brasil.

Anteviu a expressão do olhar de Toni, tão puro, tão longínquo, tão incapaz de compreender aqueles dramas violentos duma terra de homens morenos, apaixonados e semibárbaros. Depois eles esqueceriam o assassinado, o assassino, a política, tudo, para se entregarem ao ato do amor, que era também uma espécie de homicídio, em que havia um apunhalador e um apunhalado e uma agonia convulsiva, seguida duma deliciosa morte.

Seu encontro com Toni, entretanto, não lhe proporcionou as delícias imaginadas e desejadas. Trouxe-lhe, isso sim, um novo e terrível choque. A moça apareceu-lhe inesperadamente no cônsultório na tarde do dia seguinte e, logo depois que Rodrigo fechou 706 a porta, tomado duma formigante alegria que lhe vinha da antecipação das coisas que iam acontecer, ela se sentou no divã coberto de oleado negro, fitou nele os olhos alarmados e disse: Je suis enceinte.

Quê? Rodrigo julgou ter ouvido mal a frase. Pediu-lhe que a repetisse.

Toni repetiu. Não havia dúvida: Estou grávida. Grávida, grávida… Ficou a contemplá-la com um olhar vazio, imbecil, como se não a estivesse vendo, como se não compreendesse ainda o sentido daquelas palavras.

Toni pôs-se então a murmurar frases em alemão, numa pressa nervosa. Seu corpo tremia sob o casacão de lã.

Grávida? - repetiu ele. Não era possível. Como era que sabia? Que provas tinha? Que entendia ela daquelas coisas?

Sem coragem agora de encarar Rodrigo, os olhos postos no chão, a Frãulein contou que sentia tonturas, enjoos e que, vous savez - hesitou. — Já fazia quase quarenta dias que… vous savez.

Santo Deus - balbuciou ele. Aquilo também era demais! A cabeça começou a doer-lhe e ele teve ímpetos de gritar. Toni desatou o choro, estendeu-se no sofá e escondeu o rosto nas mãos. E agora - soluçava ela - e agora, que vai ser de mim?

Rodrigo contemplava-a, de braços caídos, com uma consciência dolorosamente aguda das batidas de seu próprio coração, do latejar do sangue nas têmporas e daquelas ferroadas que pareciam traspassar-lhe os miolos. Por longos segundos quedou-se imóvel e calado, enquanto Toni continuava a chorar.

Rodrigo procurava alguma coisa para dizer, mas as palavras francesas ou não lhe acudiam à mente ou, quando vinham, ele não

sabia como dispô-las numa frase coerente.

Pensava no que podia acontecer se as suspeitas de Toni se confirmassem.

Era o escândalo, o ridículo, seu nome arrastado na lama. Perderia o amor e o respeito de Flora, não teria mais coragem de olhar de frente o pai, a madrinha, os amigos… Ao mesmo tempo recriminava-se por causa desses sentimentos e pensamentos egoístas que excluíam Toni, como se ela não tivesse tanta coisa a perder quanto ele, ou mais.

Acercou-se dela, sentou-se na beira do divã e pôs-se a acariciar-lhe de leve os cabelos. Tenha calma - pediu - não desespere, pode ser um rebate falso…

Toni, porém, sem tirar as mãos do rosto, sacudia a cabeça numa negativa desesperada.

Mas que experiência tinha ela daquelas coisas para julgar? Foi com o rosto em fogo e com uma vil sensação de constrangimento que ele propôs fazer-lhe um exame, je vous prie, o exame normal a que se submetem as mulheres que desejam ver confirmada a suspeita de gravidez. Toni meneava ainda a cabeça: não, não, não! Rodrigo indagou: Mas… e se o dr. Carbone fizesse aquilo? Era um homem decente, de bom coração, e, fosse como fosse, teria de manter o segredo profissional.

Toni alçou para ele a face desfigurada: - Eu preferia morrer a fazer isso.

Rodrigo ergueu-se, começou a caminhar dum lado para outro, as mãos metidas nos bolsos das calças.

— Alguém mais sabe disso além de nós dois?

Toni sacudiu a cabeça negativamente. Pôs-se a enxugar os olhos soluçando ainda, mas agora de mansinho.

Os minutos passavam. Da farmácia vinham vozes: Gabriel gritou uma ordem para o aprendiz. O dr. Carbone passou a cantarolar pelo corredor.

Rodrigo temeu e ao mesmo tempo desejou que ele entrasse. Temeu porque sabia que, se o italiano entrasse, bastar-lheia um relance para descobrir-lhes o segredo. Desejou porque, uma vez descoberto o segredo, Toni seria forçada pelas circunstâncias a deixar-se examinar pelo cirurgião. O dr. Carbone, porém, passou de largo. Um auto buzinou na rua. Depois fez-se silêncio e no silêncio Rodrigo ficou sentindo o pulsar do próprio sangue nas fontes. Oh! Mas a maneira como se estava portando era egoísta, mesquinha, covarde. Num assomo de ternura sentou-se no divã ao lado de Toni e enlaçou-a. Ela recostou a cabeça em seu ombro e cerrou os olhos. Apertou com ambas as mãos a mão que Rodrigo tinha livre e ficaram assim por longo tempo num trêmulo silêncio.

Rodrigo pensava numa saída. Já agora a situação lhe parecia

menos negra. Era impossível que um homem como ele fosse afogar-se em tão pouca água… Claro! No estonteamento da surpresa, a princípio lhe parecera que o mundo vinha abaixo, mas agora, refletindo melhor, via a possibilidade de encontrar uma solução 708 para o problema. Primeiro era preciso verificar com certeza se Toni estava mesmo grávida. Se estava, teria ainda no mínimo três meses para agir, antes que começassem a aparecer sinais externos de seu estado.

Se, entretanto, tivessem de recorrer ao aborto (a ideia lhe causava um frio horror, e ele não pôde deixar de lançar um olhar para o armário dos instrumentos cirúrgicos)

deveriam praticá-lo sem perda de tempo. Mas quem ia fazer aquilo? Ele?

Nunca. Não teria coragem para tanto. Carbone, talvez… pedir-lhe-ia esse obséquio especial.

Se o homenzinho recusasse, iria até à ameaça para obrigá-lo.

Sim, Carbone era o homem indicado. Seu oferecimento ao Exército italiano havia sido aceito e dentro de um mês ele embarcaria para a Europa, levando consigo o segredo.

Mas… e se sobreviesse uma infecção ou uma hemorragia e Toni morresse?

Rodrigo beijava com ternura os cabelos da Frãulein, apertava-lhe a mão com força e por mais que fizesse não podia afastar da mente um quadro perturbador: Toni, pálida, estendida sobre a mesa de operações, a esvair-se em sangue e Carbone com o avental todo manchado de vermelho a trabalhar com seus ferros nas entranhas da criaturinha…

Como tudo aquilo era sórdido, estúpido!

E se Toni casasse com Erwin Spielvogel? Só de pensar nessa saída Rodrigo sentiu que as faces e orelhas ficavam em fogo. Como era capaz de pensar numa coisa tão torpe, tão baixa? A possibilidade daquele casamento lhe dava um sentimento de ciúme. No entanto - insistia dentro dele uma voz cínica - era uma solução… Sim, mas e o filho? Mesmo que casassem em seguida, poderia Erwin acreditar em que era o pai da criança? Céus, como é que tenho coragem de estar pensando estas coisas?

Como para redimir-se de tamanha vileza, pensou num recurso corajoso: procurar Herr e Frau Weber, contar-lhes tudo honestamente, sem omitir nenhum detalhe, e depois dizer-lhes: “Agora façam o que entenderem: me processem, me denunciem, me matem…” Talvez - tornou a insinuar a voz cínica - talvez o maestro e sua Frau te peçam uma indenização para irem-se de Santa Fé com toda a família sem fazer escândalo…

E se eu me aconselhasse com o padre Astolfo? Qual! Que é que um celibatário pode entender desses assuntos de amor e filhos

ilegítimos? Provavelmente ele me falará em pecado, em inferno e repetirá a história da sombra do anjo.

No entanto, por mais brutal que parecesse, a solução mais prática, mais rápida era a do aborto. Feito este, tudo voltaria a ser como antes e ele saberia no futuro tomar precauções… Porque agora, passado o susto do primeiro momento, começava a vir-lhe o temor de perder Toni para sempre.

Lembrou-se do primeiro dia em que a vira no palco do Santa Cecília, toda vestidinha de branco, com laçarotes de fitas azuis nas pontas das tranças. Era, toda ela, um símbolo matinal de juventude, graça e pureza. Agora a coitadinha ali estava desfeita em pranto com as feições descompostas e como que envelhecidas pelo sofrimento.

Era como se entre a noite de seu segundo espetáculo em Santa Fé e aquele momento não se tivessem passado apenas alguns meses mas muitos anos. E ele, Rodrigo, era o culpado daquela transformação. Ele a desgraçara, por egoísmo, por vaidade, por lascívia.

Veio-lhe à mente um dia da infância em que, caminhando por uma estrada e vendo uma andorinha pousada num fio telegráfico, apanhara uma pedra e alvejara o passarinho, matando-o. Seu primeiro sentimento fora de orgulho. Que pontaria! Que tiro! Correra para o lugar onde a andorinha caíra e tomara-a nas mãos. Vendo, porém, a ferida sangrenta que a pedra abrira na cabeça do passarinho e sentindo o contato daquele corpo frágil e ainda tépido, tivera de repente uma consciência dolorosamente aguda da extensão de seu crime, de sua malvadeza. Matara o bichinho apenas para, provar a si mesmo que era um bom atirador. Fora então tomado dum tão forte sentimento de culpa e remorso, que desatara a chorar sentidamente.

E agora Rodrigo também chorava, abraçando Toni e beijando-lhe os cabelos, com a impressão de que tinha nos braços uma andorinha morta.

Durante a semana seguinte - que passou sem ver Toni Rodrigo viveu num estado de angústia que em casa tratava de justificar dizendo que era a situação política do país que o trazia preocupado.

Por mais duma vez esteve a pique de procurar o vigário e abrir-se com ele. Às vezes quedava-se a olhar para o coronel Jairo e a perguntar a si mesmo como havia de aquele homem cordial e aparentemente compreensivo receber sua confissão ou melhor, julgar sua conduta no caso de Toni. Mas não! Se confiasse seu segredo ao padre e ao militar, ficaria perante ambos numa situação de inferioridade insuportável para seu orgulho. Preferia que tanto um como o outro continuassem a considerá-lo, como até então um dono da vida, um homem capaz de remover todas as dificuldades e resolver todos os problemas não só os próprios como os alheios Por que, então, não contar tudo ao Chiru, velho amigo? Não. Chiru com sua

exuberância havia de propor para a questão uma solução simplista e provavelmente grosseira.

Depois, não saberia guardar o segredo: iria logo passá-lo ao Saturnino, e era natural que assim fizesse, pois não há nada no mundo que predisponha mais uma pessoa à confidência do que uma caminhada pelas ruas desertas, na calada da noite.

E Cario Carbone? Rodrigo riscava-o sumariamente da lista dos possíveis confidentes, pois sabia da profunda afeição e respeito que o italiano votava a Flora.

Se ao menos Bio estivesse na cidade… Sim, teria de dar a mão à palmatória, ouvir do irmão o inevitável "eu não te disse?" Mas que diabo! preciso desabafar com alguém.

Lia com um interesse muito aguado as notícias da guerra E o conflito que sacudia a Europa, o mundo inteiro, parecia-lhe tão remoto no tempo quanto a Guerra das Rosas ou a dos Trinta Anos. Abria livros mas não conseguia ler. Andava de atenção vaga e seu pensamento fugia sempre para Toni. Reduzira as horas de consulta, não tinha paciência com os clientes e irritava-se quando Santuzza 710 711 vinha pedir-lhe a opinião sobre algum problema administrativo do hospital.

Até a voz de Caruso soava-lhe diferente aos ouvidos, depois que Toni lhe fizera a terrível revelação. A música que saía da campânula do gramofone parecia-lhe sem brilho nem relevo. Perdera também o apetite e os vinhos lhe sabiam mal. Enfim - concluía ele - era como se houvessem passado sobre as pessoas e as coisas uma pincelada gris. Levava agora uma vida opaca e sem ressonância e passava a maior parte das horas oprimido pela desconfortante sensação de que algo de muito mau estava por acontecer.

Notava que Flora andava tristonha e arisca, a mirá-lo de longe com olhos interrogadores e apreensivos. Em certas ocasiões isso lhe aumentava o sentimento de culpa; noutras, porém, apenas o irritava, levando-o a perguntas bruscas: - Por que estás me olhando desse jeito? Nunca me viste? Quando isso acontecia, Flora desatava a chorar e subia para o quarto. Ele ficava por algum tempo a ruminar seu ressentimento mas depois, serenado e arrependido, subia para pedir perdão à mulher.

— Dinda - disse ele um dia em que se vira a sós com Maria Valéria - há momentos na vida duma pessoa…

Não terminou a frase, temeroso de romper uma confissão completa.

Olhava para o próprio retrato com certa animosidade. Aquele outro Rodrigo agora chegava a parecer-lhe insuportável na sua serenidade olímpica.

Chegou a invejá-lo. Bons tempos aqueles em que não tinha

cuidados nem problemas!

Pensou em fazer uma longa viagem com Flora, irem a Buenos Aires, Montevidéu, Santiago, ficarem alguns meses ausentes de Santa Fé.

Quanto ao resto, fosse o que Deus quisesse. Mas como poderia ele passar tantos meses longe de Toni quando não podia suportar nem uma separação de dias?

Muitas vezes, sob os mais absurdos pretextos, cruzava no seu Ford pela frente da casa dos Weber, na esperança de avistar Toni. Uma tarde ficou tomado dum sentimento de despeito e ciúme 712 quando, ao defrontar a meia-água, viu Erwin a bater-lhe na porta, tendo nas mãos um pacote embrulhado em papel de seda, com toda a certeza um presente para a namorada.

Naqueles dias espalhou-se pela cidade a notícia de que Fraulein Weber havia contratado casamento com o filho de Otto Spielvogel.

— Impossível - exclamou Rodrigo numa reação automática, quando Chiru lhe contou a novidade.

— Por que, impossível? Fazem um lindo par. Diz-que o maestro e a Frau andam tão satisfeitos que não fecham mais a boca. Que diabo! O rapaz tem dinheiro, tem futuro.

Dois dias depois, o jornal de Amintas Camacho trazia a participação do noivado. Rodrigo leu-a e sua primeira reação foi de revolta. Teve gana de sair porta fora, procurar Toni e atirar-lhe em rosto um insulto. Mas sentiu ao mesmo tempo uma curiosa sensação de alívio: talvez ali estivesse mesmo a solução do problema. Se se casassem antes que se revelasse o estado da moça, a honra dela' (oh! o ridículo daquelas fórmulas) ficaria salvaguardada. Se Erwin a amasse de verdade, não teria coragem de abandoná-la mesmo depois de descobrir a verdade. E, bolas, o rapaz também não havia de querer envolver-se num escândalo…

Ao cabo dessas reflexões, Rodrigo soltou um suspiro. Aos poucos, porém, começou a sentir-se esporeado pelo ciúme e a querer saber como era que Toni, a sua Toni, ia sujeitar-se àquele casamento sem amor. Era-lhe inconcebível e repugnante a ideia de que Toni ia dormir com Erwin Spielvogel. Por muito tempo ficou amargando aquela sensação de desapontamento e logro. Tudo vai ser resolvido à melhor maneira alemã - refletiu com amargor. O outro ficará com a mulher que amo e com o filho que fiz nela. E amanhã os dois virão com Herr e Frau Weber ao Sobrado, e todos beberemos champanha juntos e trocaremos amabilidades, como se nada tivesse acontecido.

Deu um murro na guarda da cadeira, ergueu-se, botou o chapéu e saiu.

Havia no ar sinais de primavera. Um vento frio perfumado de glicínias agitava as folhas novas dos plátanos da praça. Grandes

nuvens brancas flutuavam no céu.

Quem é que pode compreender a alma duma mulher? - perguntava Rodrigo a si mesmo, as mãos enfiadas nos bolsos, os olhos postos na calçada.

Seus passos o levavam para a rua do Poncho Verde. Não lhe saíam da mente as palavras que ele lera na Voz da Serra, naquela participação idiota dentro duma cercadura que era uma ridícula imitação dum cartão de visita com uma das pontas dobrada. “Otto Spielvogel e senhora têm o prazer de participar aos parentes e pessoas de suas relações o contrato de casamento de seu filho Erwin com a srta. Antônia Weber (Toni).”

Está tudo bem - concluiu, despeitado. Encerra-se um capítulo da vida amorosa do dr. Rodrigo Cambará. Agora, meu amigo, é criar juízo, cuidar da sua mulher, que é a melhor mulher do mundo, dos seus filhos, da sua casa, da sua clínica, da sua vida.

Mas apesar desses conselhos e propósitos, continuava a aproximar-se da casa dos Weber. Ao passar pela frente da meia-água, avistou o vulto de Toni, imóvel por trás das vidraças. Sentiu-se invadido por uma tão cálida ternura por ela, que esqueceu todo o seu ressentimento e só teve um desejo: atravessar a rua correndo, erguer a guilhotina da janela, tomar a criatura amada nos braços e cobrir-lhe o rosto de beijos. Ficou, no entanto, parado na calçada oposta, esperando que Toni lhe fizesse um gesto, um sinal. O vulto, porém, continuava imóvel.

Vou ou não vou? - hesitava ele. Deu alguns passos ociosos, dum lado para outro, começou a assobiar (numa das casas vizinhas uma mulher assomara à janela) e, confuso, sentindo-se grotesco e infeliz, continuou a andar, sem voltar a cabeça para trás.

Desejava Toni com uma intensidade dolorosa. Sentia uma saudade aguda dos beijos dela, daquela excitante combinação: a frescura elástica dos lábios e a mornidão úmida do hálito.

Será possível, Deus meu, que eu não vá mais beijar aquela boca?

Claro que vou. Claro que vou. Toni me ama. Solteira ou casada ela é minha, minha, minha!

Antes de dobrar a esquina, olhou furtivamente para trás. A vizinha curiosa continuava à janela, com meio corpo para fora, a cabeça voltada na direção dele. Bruaca!

Um sentimento de revolta cresceu-lhe no peito. Odiou todas as pessoas e todas as coisas quê 714 ' se interpunham entre ele e Toni. E sua incapacidade para vencê-las lhe dava uma fria sensação de impotência.

Custou-lhe conciliar o sono aquela noite. Ficou de olhos abertos a fumar na cama e a ouvir o relógio grande bater as horas.

Na manhã seguinte, pouco antes do meio-dia, teve a satisfação de

ver Toríbio apear do cavalo no pátio do Sobrado. Abraçou-o com grande efusão e, depois do almoço, levou-o para a água-furtada. Fechou a porta a chave e contou-lhe tudo.

Toríbio escutou em silêncio sem a menor mostra de surpresa. Quando o irmão terminou a história, a única coisa que disse foi: "É o diabo…" E ficou olhando reflexivamente através da janela para as copas das árvores da praça que o vento de setembro sacudia.

— Vamos, homem! - exclamou Rodrigo. — Diz alguma coisa. Que é que eu vou fazer?

— Deixa correr o barco…

— Não tenho sangue de barata. Preciso fazer alguma coisa, senão estouro.

— Fica firme. Deixa que ela case com o Spielvogel.

— E depois?

— O futuro a Deus pertence.

— Eu te peço um conselho e me vens com ditadinhos… Te esqueces de que eu gosto da menina.

— Então tira ela de casa.

— Bio!

— Que é que queres que eu diga?

— Sei lá!

Deu um pontapé num livro que estava no chão, atirando-o contra uma das pernas do catre. Bio inclinou-se, apanhou o volume e começou a folheá-lo.

— Te lembras do velho Winter?

— Não mudes de assunto.

Toríbio soltou um suspiro de impaciência.

— Te meteste nessa enrascada e agora tu mesmo é que tens de sair dela.

— Não sei, não sei, não sei!

Toríbio atirou o toco de cigarro sobre o telhado.

— Uma coisa te peço. Aconteça o que acontecer, poupa a tua mulher.

Não deixa que ela venha a saber dessa história.

— O pior é que ando sem paciência, irritado, intratável. A Flora já deve estar desconfiada. As mulheres têm um sexto sentido…

Toríbio estendeu-se no catre, de costas, e trançou as mãos sob a nuca. Rodrigo sentou-se no peitoril da janela e ficou a olhar para o cata-vento da matriz, que o sueste mantinha num contínuo rodopio.

— Parece até feitiço, Bio. Essa menina não me sai da cabeça.

Penso nela o dia inteiro e quando durmo sonho com ela. Não podes avaliar o que sinto porque… ora, tu sabes… As vezes acho que o melhor é terminar com tudo, deixar que ela case e viva a sua vida. Mas é que não vou poder viver em paz sabendo que a Toni está em

Santa Fé, tão pertinho de mim, e que continua a me amar e que me basta ir à casa dela, bater na porta pra ela cair nos meus braços.

Depois, só de pensar que ela vai dormir com aquele alemão, chego a sentir engulhos e me vem uma vontade danada de esbofetear o cachorro!

Toríbio escutava em silêncio. Com os olhos sempre fitos no galo de ferro, o outro prosseguiu: - A primeira vez que fui pra cama com ela, vi que estava perdido.

Compreendi que a Toni tinha sido feita pra mim, que não podia pertencer a ninguém mais, que aquilo tudo estava acontecendo por determinação do Destino e que portanto não adiantava fugir… E te confesso sem nenhuma vergonha que, quando deixei o quarto dela na primeira noite, cheguei a chorar de tão comovido.

Rodrigo sentia que a voz lhe saía fosca e incerta. Mas era bom aliviar o peito.

— Tu sabes que na minha vida tenho tido muitas mulheres, de todos os tipos e idades… Mas esta… esta é diferente, palavra de honra que é. O que sinto por ela não é só desejo mas também ternura. Estás dormindo?

— Não. Estou só de olho fechado. Vai falando…

— E quando penso que desgracei essa menininha que veio de tão longe, e que chegou aqui de tranças compridas… palavra que chego a…

Calou-se de súbito, com um aperto na garganta.

— Não há de ser nada - murmurou o outro. — Um dia tudo isso passa.

— Quando me contaram que ela tinha contratado casamento com… com esse colono, fiquei louco de ciúme e de despeito. Depois pensei: com que direito? Que é que eu posso oferecer pra essa moça?

— Claro. E esse casamento talvez resolva o problema.

— Isso é fácil de dizer, mas acontece que a história toda não me sai da cabeça. Não posso fazer mais nada. Se a coisa continua assim, a minha vida familiar, a minha tranquilidade, a minha clínica, e eu mesmo… vai tudo águas abaixo.

— Poupa a Flora, é o que te digo. Ela merece outra sina. E tens de pensar nos teus filhos, na tua madrinha e que diabo! também no velho.

O resto não tem importância.

O resto se arranja com o tempo.

Rodrigo aspirou o ar com força.

— Este perfume de flor que anda por toda a parte, este… esta… Eu sei que é besta estar dizendo estas coisas, mas afinal de contas um homem precisa desabafar com alguém. Esta primavera está me bulindo com o sangue. Faz quase um mês que eu tive a Toni pela

última vez. Não aguento mais a saudade. Sei que depois desse contrato de casamento eu devia ter mais amor-próprio e esperar que ela me procurasse, mas não posso. A falta que sinto dela às vezes chega a doer, como se me tivessem cortado um pedaço do corpo. É a voz dela, o cheiro dela, o jeito dela beijar… sinto falta de tudo.

Rodrigo olhava agora para a grande nuvem bojuda que o vento impelia na direção do poente.

— Em certas horas - continuou ele - fico assim meio lírico, me lembro daqueles olhos de boneca, e me vem uma pena danada da menina, tenho vontade de pô-la no colo, passar a mão nos 717 cabelos dela e fazer a criatura nanar como uma criança. Estás achando graça, não é? Pois podes rir, não me importo.

— Continua, homem.

— Ali! Mas o mais difícil é quando sinto saudades da fêmea. Nessa hora é na boca de Toni que eu penso. Nunca reparaste na boca dessa menina?

— Mais ou menos. Por quê?

— Não sei, tem qualquer coisa que me deixa meio louco. Uma vez fiquei tão excitado que dei uma mordida naqueles beiços. No outro dia ela amanheceu com o lábio inferior inchado, teve de mentir em casa que era mordida de marimbondo.

Bio devia estar achando ridículas aquelas confidências. Sim, o amor tinha sempre algo de grotesco para quem o examinava de fora, a frio.

Dali a um ano ou dois, ao pensar em todas aquelas coisas, talvez ele próprio viesse achá-las ridículas. Mas agora…

— Não penses que não vejo que toda essa história é uma loucura - disse Rodrigo em voz alta - e que mais tarde ou mais cedo tenho de voltar à minha vida normal. Não quero perder o amor nem o respeito da Flora. Sei que tudo que fiz está errado e que procedi como um canalha. Tu me preveniste em tempo. Eu mesmo me preveni. Mas que adianta a razão recomendar uma coisa quando o corpo está gritando violentamente por outra muito diferente? Estou cada vez mais convencido de que amor é doença, e doença infecciosa. Uma espécie de febre, Bio. E o pior é que o doente não quer nem ouvir falar em cura.

Houve um curto silêncio. Uma pandorga metade amarela, metade escarlate apareceu, muito alto, por cima da cúpula da Intendência.

— E agora essa gravidez agravou tudo. Já pensaste no que pode acontecer se os outros vierem a saber desse filho? Já pensaste no escândalo, no falatório, nas sujeiras?

Pensas que acredito que essas pessoas que me cercam e adulam são meus amigos de verdade? Qual! A maioria não me perdoa por eu ter dinheiro, talento, boas roupas, prestígio, posição… Meus inimigos

vão aproveitar a oportunidade pra me atirarem lama na cara. Não descansarão enquanto não me virem completamente derrotado.

Calou-se e ficou a esbofetear em pensamento todos os maldizentes da cidade. Depois esqueceu-os, pois Toni passou a ocuparlhe a mente por completo. Como seria bom sair agora com ela para longe de todas aquelas misérias! Iriam os dois de mãos dadas para o campo, ao encontro da primavera.

— Eu podia deixar que o barco corresse, como queres. Mas é que não sei esperar. Fico exasperado. Se ao menos pudesse ver a Toni mais uma vez… Queria que ela me dissesse: "Ainda te quero, vou me casar com o Erwin porque meus pais me obrigaram, e porque este filho que está dentro de mim precisa dum pai.

Mas é a ti que eu quero e hei de querer sempre". Bastava que ela dissesse isso. Eu só queria falar com ela uma vez mais…

Falar? Não, não podia enganar-se a si mesmo. O que ele desejava, com uma intensidade pungente era de novo apertar Toni nos braços, beijar aquela boca, morder aqueles lábios.

Não eram ainda quatro horas da tarde quando o telefone do Sobrado tilintou e Rodrigo, ao atender o chamado, reconheceu a voz de Frau Weber, que tentava dizer-lhe alguma coisa que ele não entendia, pois a mulher falava aos gritos, num desatino, a misturar francês com alemão. Compreendendo que algo de terrível se passava na casa dos Weber, precipitou-se para lá a correr, com um pressentimento medonho. Entrou na meia-água, foi direito ao quarto de Toni e encontrou-a tombada no chão, os olhos exorbitados e vítreos, o rosto lívido contorcido numa expressão de dor violenta, os lábios e o queixo queimados pelo veneno que tomara.

Estava morta.

Achavam-se ambos fechados no consultório havia já quase meia hora.

Toríbio olhava para o irmão que, sentado no divã, tinha o rosto escondido nas mãos e o corpo sacudido por soluços secos. Rodrigo esforçava-se por chorar mas não podia: era como se uma mão de ferro lhe apertasse a garganta e oprimisse o coração, retendo 718 719 o pranto. E ele precisava chorar porque do contrário alguma coisa ia rebentar-lhe dentro do peito. Sentia contra o rosto o contato gelado das próprias mãos. Ardia-lhe a garganta e a boca estava seca. Houve um instante de ânsia e náusea em que sentiu contraíremse-lhe os músculos do estômago, como se fosse vomitar. Deitou-se de borco no divã e apertou o peito e o ventre contra o oleado… Se conseguisse vomitar - concluiu estonteadamente - talvez toda a angústia saísse pela boca e ele ficasse aliviado… Lembrou-se do dia em que Toni viera a seu consultório e ficara ali deitada no divã, bem como ele estava agora… Por mais que se esforçasse, não podia apagar a

lembrança horrenda. Toni estendida no chão, os olhos arregalados e imóveis, a boca queimada, a boca queimada, a boca queimada… De novo o peso daquela desgraça caiu sobre ele com uma força esmagadora. Rodrigo apertou os olhos num novo e vão esforço para chorar, mas os soluços secos e agônicos continuaram.

— Vou pedir um calmante ao dr. Carbone - murmurou Toríbio.

— Não! Me deixem em paz. Vai-te embora!

Naquele instante bateram à porta. Toríbio aproximou-se dela.

— Quem é?

De fora veio uma voz: - Sou eu, o padre Astolfo.

Após um breve momento de hesitação, Toríbio abriu a porta. O vigário entrou, parou no meio da sala, olhou longamente para Rodrigo, em silêncio, depois acercou-se dele, inclinou-se e tocou-lhe de leve a face com a ponta dos dedos, numa desajeitada e tímida carícia. Rodrigo ergueu os olhos e, vendo o amigo, rompeu finalmente num choro convulsivo. As lágrimas lhe rolaram em grossas bagas pelas faces. Ficou assim por longos instantes a soluçar, enquanto o padre e Toríbio conversavam em voz baixa a um canto do consultório.

Por fim, desoprimido, Rodrigo sentou-se no divã, enxugou as lágrimas com a manga do casaco, tirou um cigarro do bolso, prendeu-o entre os lábios e aproximou-o da chama do fósforo que Toríbio havia riscado. Soltou algumas baforadas com uma lânguida, 720

trêmula e culposa sensação de bem-estar. Olhou para o vigário demoradamente e teve um desejo súbito de confessar-lhe tudo.

— Padre, a menina estava grávida e o filho era meu. Ela se matou por minha causa.

Sentiu que ao dizer estas palavras estava pedindo piedade, simpatia, apoio; no entanto o que queria era incriminar-se, bater no peito, fazer um ato de contrição.

O sacerdote mirava-o com expressão melancólica.

— O senhor sabia? - perguntou Rodrigo.

— Sabia.

— Ela lhe contou?

— Não. Quem me contou foi o senhor mesmo: o seu olhar, os seus gestos, tudo…

Rodrigo baixou os olhos para o chão e murmurou: - Procedi como um covarde.

— Não se trata de achar um qualificativo para a sua conduta. Já que o mal está feito, o que o senhor tem a fazer agora é salvar o que sobrou.

— Não sobrou nada, padre, nem a minha dignidade.

— Sobrou muito. Sua mulher, seus filhos, sua vida enfim.

— Mas que é que vai ser da minha vida daqui por diante, com essa morte na consciência?

E num acesso de autocomiseração rompeu de novo a chorar, mas dessa vez um choro silencioso, sem soluços, frio, mole, abjeto.

Tornou a voltar em pensamento àquele quarto. Toni no chão, os lábios queimados, queimados, queimados…

— Sou um egoísta, um vaidoso, um canalha…

Deixou cair o cigarro e de novo escondeu o rosto nas mãos. Toríbio, que agora picava fumo com sua faca de prata, olhou para o sacerdote.

— Mas a moça não deixou mesmo nenhuma carta… nada?

— Não.

— É esquisito.

— Deve ter feito aquilo num momento de desespero, num repente. Se pensasse um pouco, não faria. Era uma boa católica.

Contou que desde o dia anterior Herr Weber e Wolfgang estavam em Nova Pomerânia, e que Frau Weber saíra pela manhã, muito cedo, ficando para almoçar na casa duma de suas alunas de canto. Toni, dizendo-se indisposta, permanecera em casa, fechada no quarto. Tudo indicava que ingerira o veneno cerca das oito da manhã. Ao tornar à casa pouco antes das quatro da tarde, Frau Weber batera à porta do quarto da filha e, como não tivesse resposta, ficara alarmada e correra a pedir o auxílio de vizinhos, os quais arrombaram a porta, encontrando a menina já sem vida.

Rodrigo imaginava a longa agonia da pobre Toni, sozinha naquele quarto a estorcer-se no chão, a boca, a garganta, o esôfago, o estômago corroídos pelo veneno, um vómito sanguinolento com pedaços de mucosa a escorrer-lhe dos lábios queimados. E a dor dilacerante, a ânsia espasmódica, a falta de ar… Aquilo durante horas, horas, horas… Santo Deus!

Rodrigo queria afastar da imaginação aquela cena de horror mas não conseguia. Entrou a tremer e a suar frio.

O padre Astolfo caminhava dum lado para outro, em passadas largas e compassadas. Bio enrolava o crioulo.

Rodrigo olhou para o sacerdote.

— Quando vai ser o enterro?

— Amanhã às oito. Diz o dr. Matias que não convém esperar mais tempo.

— E o corpo… vai ser encomendado?

O padre sacudiu a cabeça numa desalentada negativa.

— Um sacerdote católico não pode encomendar a alma dum suicida.

Rodrigo pensou no golpe que aquilo ia ser pra os Weber. Sim, os Weber.

Não tinha ainda pensado neles. Pobre gente!

— Tudo por culpa minha - balbuciou. — Se eu tivesse um pingo

de vergonha na cara, o que fazia era meter uma bala nos miolos.

Disse estas palavras sem nenhuma convicção, pois por trás de seu desespero o que havia era ainda uma descomunal vontade de viver.

— O suicídio é sempre uma solução covarde - replicou o sacerdote.

Covarde? Então o padre achava que Toni era covarde? Como ousava ele dizer aquilo?

— Que entende o senhor dos assuntos do coração? - perguntou num assomo de indignação. — Como pode ser juiz das ações dos homens se nem homem inteiro o senhor é?

Por um curto instante Rodrigo como que se aliviou da carga de culpa, transferindo para o homem de batina negra a responsabilidade da tragédia. Astolfo era o confessor de Toni, um guardião da virtude, da moral, de todos os preconceitos sociais que haviam impedido que ele e Toni fossem felizes juntos.

— E se existe um Deus e esse Deus é bondoso e justo - acrescentou com os olhos iluminados dum repentino brilho - Toni vai para o céu sem precisar da interferência de sua Igreja!

O padre Astolfo escutou-o sem que um único músculo de seu rosto se movesse. Só os olhos traíam sua mágoa.

— Pode desabafar, meu amigo, se isso lhe faz bem. O que pensa de mim não tem a menor importância. O que importa é evitar que o senhor cometa outro desatino.

Rodrigo, que se havia erguido para dizer as últimas palavras, tornou a sentar-se. Tinha o corpo dolorido, as pernas bambas.

— Seu irmão tem algo de importante a propor-lhe - murmurou o padre, após um breve silêncio.

— Tu não vais ao enterro amanhã - disse Toríbio. Rodrigo teve um sobressalto.

— Por quê?

— Teu desespero pode dar na vista e todo mundo vai compreender o que aconteceu. Já basta a cena que fizeste na casa dos Weber, na frente de toda aquela gente.

Por alguns segundos Rodrigo ficou perdido, dando uma ansiada busca na memória. Não se lembrava de como tinha vindo da casa de Toni para o consultório.

— Mas é impossível - reagiu - que a esta hora a cidade continue ignorando a verdade.

O padre Astolfo relatou-lhe então, com visível constrangimento e algumas reticências, o que se comentava em Santa Fé a respeito do suicídio. Corria uma versão segundo qual Toni se matara porque não amava Erwin Spielvogel, com quem os seus queriam obrigá-la a casar-se. Bio contou-lhe uma história mais sórdida: Toni suicidara-se de vergonha, ao descobrir que o irmão era um invertido sexual. E o Zago

- acrescentou o vigário, hesitante veiculava maliciosamente o boato de que Toni estava grávida e que o pai da criança era um dos filhos de Maneco Macedo, com o qual a moça fora vista um dia passeando de automóvel.

— Que infâmia! - vociferou Rodrigo- - O filho é meu. E por um rápido instante ficou turbado pela sombra duma ciumenta suspeita.

Toríbio pôs-lhe a mão no ombro.

— Vais hoje mesmo pró Angico.

— Estás doido!

— Já preparei tudo. Disse à Flora que o PaPai mandou te chamar com urgência porque não anda se sentindo bem.

— Mas é um absurdo… - replicou Rodrigo, mas já com menos veemência. — Que é que vão dizer se não me virem no enterro?

O padre interveio: - O essencial é evitar que a situação pióre temos de impedir que outras pessoas sejam atingidas por essa desgraça. Vá para a estância e fique lá uns dias. A fase aguda do caso passará e então o senhor poderá voltar para casa e recomeçarsua luta sobre uma base nova.

Rodrigo relutava: - Que é que vocês pensam que eu sou? Desde quando estão me dando ordens?

O vigário fez um gesto de desamparo. Bio alteou a voz: - Não compreendes, idiota, que estamos tratando de poupar tua mulher, tua família, teu futuro?

Rodrigo tinha agora a impressão de que estava no fundo dum poço. De que lhe adiantava lutar? Fez ainda uma objeção, mas com a esperança de que os outros o convencessem do contrário.

— Mas de que vai servir toda essa comédia? A Flora deve saber de tudo… não sabe, padre?

Astolfo levou algum tempo para responder. Quando o fez foi em poucas palavras: - Dona Flora é uma mulher inteligente e de bom senso. Toríbio estava agora impaciente.

— O Ford já está pronto - anunciou. — Precisas ir o quanto antes, pra chegares ao Angico antes do anoitecer. Deixa o resto por minha conta: fico aqui até voltares.

Saiu do consultório e tornou pouco depois, trazendo um copo graduado e uma garrafa de conhaque. Ergueu o copo contra a luz e derramou nele a bebida.

— Vamos, bebe, homem. Sessenta gramas. Vai te fazer bem. Rodrigo bebeu.

— Mais um pouco?

O outro disse que não com um meneio de cabeça.

— E o senhor, padre?

— Não, obrigado.

— Pois eu estou precisando de uma talagada, que não sou de

ferro. Umas cem gramas… ou cento e vinte.

Serviu-se, levou o copo aos lábios e emborcou-o. Estralou os beiços e olhou para o irmão: - Agora enxuga essas lágrimas, penteia esse cabelo e vai te despedir da tua família. Te lembra do velho Babalo: desgraça pouca é bobagem.

Rodrigo ergueu-se, aproximou-se da pia e ficou a mirar-se no espelho, no qual viu a imagem do padre por trás da sua. Uma voz macia mas grave soou-lhe junto ao ouvido: - Lembra-se daquela nossa conversa na praça, na madrugada do velório de dona Emerenciana?

Rodrigo franziu a testa. E lembrou-se.

O sol já se tinha posto quando chegou ao Angico. Fez um esforço para não desatar o choro no momento em que, ao abraçá-lo, o pai perguntou: - Que surpresa é esta? Que foi que houve?

Gaguejou uma escusa. Estava cansado, trabalhara demais nos últimos dias, precisava passar algum tempo na paz do campo, para se refazer. O senhor compreende: aquela lida do consultório, uma operação atrás da outra e, por cima de tudo, essas histórias de política…

— Fiquei muito abalado com a morte do senador. Foi como se eu tivesse perdido um parente chegado.

Sim, ele sentira sinceramente a perda de Pinheiro Machado, mas por que razão essas palavras agora soavam como uma mentira?

— Foi uma coisa bárbara… - murmurou Licurgo.

Pouco depois, sentado à mesa de jantar, falaram ainda na tragédia do Hotel dos Estrangeiros. Licurgo recordou passagens da vida política e privada de Pinheiro Machado.

Rodrigo, porém, estava abstrato, não prestava atenção no que o pai dizia.

— O senhor não come?

— Estou sem apetite.

— Tome então um copo de leite.

— Não, papai. Ando meio enfastiado.

E de súbito a primeira frase da Rèverie de Schumann soou-lhe na mente e, sentindo que ia romper o choro, ergueu-se, saiu da sala em passos apressados, meteu-se no quarto escuro e atirou-se na cama. Oh! Tudo estava muito pior do que ele imaginara! A solidão do campo, os lampiões a querosene, o cheiro de picumã e sebo frio, o desconforto, o vento, aquele vento alucinado que uivava lá fora, fazendo bater folhas de janelas, o vento implacável a raspar, a raspar, a raspar como uma lixa nos nervos da gente!

Uma tábua do soalho rangeu. Rodrigo voltou a cabeça e viu o pai no meio do quarto com uma vela acesa na mão.

— Meu filho, fale a verdade. Que foi que aconteceu?

Deitado de bruços, com ambas as mãos agarradas às barras do

lastro da cama, Rodrigo continuava a chorar.

— Morreu alguém, eu sei.

Licurgo fez uma pausa em que o castiçal lhe tremeu na mão.

— Diga quem foi? Estou preparado pra tudo.

— Por favor, apague essa vela…

Licurgo hesitou por uma fração de segundo. Por fim soprou a chama e o quarto ficou de novo às escuras.

Rodrigo contou então sua história desde a noite em que conhecera Toni Weber até o momento em que a encontrara morta com a boca corroída de ácido. Sentiu um certo prazer em esmiuçar pormenores que o incriminavam, em procurar agravantes para sua culpa. Quando terminou a narrativa, fez-se um silêncio que só o pigarro seco de Licurgo cortou.

— Eu tinha de tirar esse peso do peito. O senhor é meu pai. Pode dizer que sou um miserável, um canalha, porque sou mesmo. Me castigue, tem todo o direito. Diga o que quiser, que eu curvo a cabeça. Não tenho desculpa, não tenho perdão.

No coração de Licurgo havia uma praça e no centro dessa praça um monumento: a estátua do jovem dr. Rodrigo Cambará, homem de caráter, médico humanitário, bom filho, bom irmão, bom marido, bom pai, bom amigo. Agora ele próprio, Rodrigo, derribara a estátua com aquela confissão, atirara sua própria imagem no barro. Isso o fazia sofrer mas ao mesmo tempo o redimia um pouco.

Licurgo riscou um fósforo: a chama subiu, trêmula, parou à altura do cigarro e depois apagou-se, ficando apenas um ponto luminoso na escuridão.

Por que o velho não dizia alguma coisa? A fumaça de seu crioulo espalhou-se no ambiente e, aspirando-lhe o cheiro acre, Rodrigo teve a impressão de que estava vendo e tocando o corpo do pai.

— O Bio me aconselhou que viesse… Achou que eu não devia ir ao enterro, estava com medo que eu me traísse… Meu dever era ficar e enfrentar a situação, mas fugi como um covarde.

— Fez bem em vir. Seu irmão andou acertado. O senhor tem que zelar pela sua mulher, pelos seus filhos. Isso é o principal.

Rodrigo não queria que o pai dissesse aquelas coisas. Preferia que ele o insultasse, que o esbofeteasse, que o expulsasse de casa.

— O senhor não procedeu bem - murmurou Licurgo - , fez mal pra moça.

Isso não é direito, não é decente, mas é da vida, pode acontecer pra qualquer homem. O principal agora é não perder a cabeça. O mundo não vai acabar. O senhor tem que continuar vivendo como dantes, sua família também, e o Sobrado. Sinto muito o que aconteceu.

Que lhe sirva de lição.

Não havia no tom de voz do pai nem indignação nem solenidade, mas apenas uma tristeza seca de serrano.

E no silêncio que de novo se fizera, Rodrigo escutava o uivo do vento e o farfalhar do bambual.

O quarto frio e úmido estava fracamente alumiado pela chama dum lampião a querosene. Deitado de costas, completamente vestido, Rodrigo olhava para o teto e pensava na longa noite que tinha pela frente. Havia mais de uma hora que a cabeça lhe doía sem cessar. Era uma dor surda e latejante, que lhe dava a impressão de ser produzida pelas pancadas do sangue nas têmporas. Ah! Se ao menos tivesse trazido algum narcótico…

Acendeu um cigarro, soltou uma baforada, cerrou os olhos e ficou escutando o pulsar do coração, pensando nas muitas noites em que sentira contra o peito nu as batidas medrosas do coração de Toni. Sobre o fundo escuro das pálpebras ele como que viu uma menininha de longas tranças, com a face ternamente encostada no braço do violoncelo, tocando a Reverte. Em sua mente soaram as primeiras oito notas da melodia, e ficaram a repetir-se dum modo obsedante, acompanhando a cadência lenta e regular do sangue.

Pobre Toni! Àquela hora seu corpo estava sendo velado na pequena sala da meia-água dos Weber. Rodrigo imaginou a cena: o caixão negro, o cadáver coberto de flores, o rosto tapado por um 728 lenço e, debaixo do lenço, os lábios queimados, os lábios queimados, os lábios queimados… Herr Weber decerto olhava em torno, atarantado, com o ar de quem continua a não compreender. Frau Weber chora num desespero, a pobre Frau Weber para quem o dr. Rodrigo Cambará era o mais belo e generoso dos homens… E Wolfgang ali está a olhar tristemente para a irmã morta…

Ao pensar em que Cuca Lopes estaria também no velório a animar as conversas com suas piadas, e que Chiru talvez naquele instante mesmo estivesse a propor alegremente uma partida de truco - Rodrigo encolhia-se, sensibilizado, à ideia de que a pobre Toni jazia abandonada, exposta à indiferença ou, pior ainda, à maledicência geral numa terra de gente estranha que não lhe queria nenhum bem. Isso lhe deu tamanha pena da menina, que lágrimas lhe vieram aos olhos.

Pôs-se de pé, cuspiu fora o cigarro e ficou com as mãos a segurar a cabeça. Começou depois a dar voltas pelo quarto numa ânsia aturdida. Olhou o relógio: ainda não eram onze horas. Tornou a atirar-se na cama. Teve a impressão de que seu crânio era uma casa enorme como o Sobrado, onde soava um violoncelo enorme, tocando uma música enorme, e cada nota era como uma ferroada que lhe varava o cérebro. Depois sua cabeça passou a ser misteriosamente uma meia-água de janelas pintadas de azul (Santo Deus, acho que estou ficando

louco) e em seguida já era apenas um pequeno quarto recendente a alfazema. De súbito, num desespero, abraçou o corpo cálido da mulher que sentia palpitar contra o peito. E com que fúria lhe beijou a boca! Mas cuidado, animal! cuidado, porco! que estás machucando os pobres lábios queimados, queimados de ácido, queimados…

Não. Toni não podia ter feito aquilo. Toni não estava morta. Era tudo um sonho. Quando rompesse a manhã ia descobrir aliviado, que tudo tinha sido apenas um pesadelo.

Revolveu-se na cama e ficou deitado de costas, a olhar para a própria sombra projetada na parede branca, ouvindo os baques surdos do coração e aquele tanta impiedoso dentro do cérebro. Decerto vou ficar louco, já estou meio louco…

Sem saber quando nem como, afundou num mundo confuso de febre, dor e ânsia, num escuro torpor que não era bem sono nem chegava a ser vigília - modorra agônica em que continuou a sentir a angústia que lhe oprimia o peito, e o latejar dolorido da cabeça. Seu espírito andou perdido por uma região crepuscular e equívoca povoada de vagos vultos e vozes, sombras e sons que ele procurava identificar numa aflição, mas que lhe fugiam (era de endoidecer!) no momento mesmo em que iam revelar seu mistério, dissolviam-se na grande cerração através da qual ele se esforçava por ver claro, orientar-se, pois sentia que só vendo claro e descobrindo onde estava podia salvar-se, evitar a loucura, abrir uma picada para o dia, para o sol, porque estava extraviado, louco não - querem ver uma coisa? - eu sei quem sou e onde estou… Sou Blau Nunes estou na furna do Jarau ninguém me engana porque eu sei querem que eu fique louco, mas sei não estou louco é só esta dor achei a Salamanca tenho que ir adiante adiante adiante até o tesouro as onças de ouro e sol não volto não volto nem por ouro nem por prata nem por sangue de lagarta nem me assusto com cobras, almas do outro mundo, aranha morcegos avantesmas abantesmas feras fetos eu sei eu sei meus inimigos querem que eu me assuste e fuja fique louco não ache o tesouro o sol não me entrego, não enlouqueço é só esta dor mas sei quem sou um tal Blau Nunes esta cabeça é a furna do Jairo esta dor batendo batendo nas paredes são morcegos monstros, mas não me entrego vou achar o tesouro e o sol mói lê coq mói lê coq mói lê coq não me entrego vou achar o tesouro, o sol quando romper o dia tudo passa é um pesadelo eu sei que sou Blau Nunes minha cabeça é o cerro do Jairo do Jarau do Jarau do Jairo só peço que não batam não batairi não pisem no meu peito não batam não batam na minha cabeça não batam…

E a furna se fez ainda mais escura e seu espírito então ficou preso numa ilha tórrida de febre, dor e angústia, em parte nenhuma do tempo, em parte nenhuma do espaço.

Acordou de repente, sentindo que havia soltado um grito. Pôs-se

de pé e por alguns segundos ficou desorientado, com a 730 impressão de que estava à beira da loucura. Deu uma volta pelo quarto, às tontas, depois sentou-se na cama e ali ficou por algum tempo a olhar para a chama do lampião, que minguava. Era estranho: não ouvira o grito: vira-o. Aos poucos lembrou-se do sonho. Ia ser enterrado vivo. Era na sala de visitas do Sobrado, ele estava sentado no seu ataúde, no meio de flores de alfazema e não podia reconhecer aquelas gentes que ali estavam no seu velório, porque todos tinham as faces carcomidas de ácido.

Aos poucos foi distinguindo as fisionomias… O velho Pitombo, o desenterrador de cadáveres, insistia para que ele se deitasse: estava na hora do enterro, tinham de fechar o caixão. Ele gritou: "Por amor de Deus, não me enterrem.

Não estou morto! Não estou morto!" Apelava para Flora, que chorava de mansinho, sacudindo tristemente a cabeça, como a dizer que nada podia fazer. Apareceu-lhe então o pai com um enorme relógio de pêndulo na mão, dizendo: “Meu filho, não há outro remédio, tem que ser, é a lei, tem que ser, é a lei, tem que ser, é a lei”. Viu então, apavorado que tinha sido traído. Seus parentes e amigos iam enterrá-lo vivo. Tudo aquilo era uma conspiração. Quis gritar, mas o horror lhe tirava a voz. De súbito teve a revelação do mistério: morrer não era uma fatalidade biológica, mas um dever social.

Morria-se porque era uma lei. Tremendo de medo, deitara-se no caixão, mas no momento em que Pitombo e Sérgio erguiam a negra tampa, ele soltara o grito.

Olhou em torno do quarto e começou a sentir uma sufocação, uma estonteada angústia de emparedado. Correu para a janela e escancarou-a. Firmou as mãos no peitoril e saltou para fora.

Ficou um instante parado à frente da casa, os olhos entrecerrados, recebendo em plena cara o vento frio e úmido da madrugada. O farfalhar do bandual chegava-lhe aos ouvidos como um ruído de mar. Meteu as mãos nos bolsos, trêmulo de frio. Pensou em voltar para enfiar o sobretudo e o chapéu. Mas não. Precisava castigar o corpo.

Pôs-se a andar em passadas rápidas e largas, como 731 se tivesse destino certo. Ergueu o rosto. Grandes nuvens brancas e móveis escondiam a lua. Nas nesgas de céu limpo entre as nuvens, tremeluziam estrelas. A grama estava empapada de sereno e Rodrigo sentia as bocas das calças baterem-lhe nas pernas, molhadas e frias.

Continuou a caminhar e a cada pisada mais forte a cabeça lhe doía numa ferroada. Volte já pra casa menino, senão vai apanhar uma pulmonia! De onde vinha aquela voz?

De que boca? De que mundo?

Sob o céu vertiginoso em que nuvens passavam sobre a face luminosa da lua num apaga-acende fantástico, as coxilhas tinham uma

amplidão desolada e glacial de estepe.

E era só o sopro frio do vento que dava a Rodrigo a certeza de estar acordado e não a vaguear ainda dentro dum pesadelo.

Dali a poucas horas sairia o enterro de Toni. Lá está a meia-água.

Muita gente aglomerada à porta. Curiosos aparecem às janelas, na vizinhança. Quem é que vem carregando o caixão? Mas que importa saber quem carrega o caixão? O horrível é que o cortejo não poderá entrar na igreja, o pavoroso é que não haverá encomendação. (E pensando essas coisas Rodrigo apressava o passo cada vez mais, como se quisesse chegar a Santa Fé a tempo para acompanhar o enterro.) A alma de Toni tinha ido direito para o inferno. Não! Não! Não acreditava no inferno. Era uma sobrevivência medieval, uma invenção estúpida. O inferno estava na Terra. Ele próprio se sentia agora no pior dos infernos. (E esta ideia de certo modo o consolava, pois ele precisava expiar seu crime.) Inferno é uma cabeça que não cessa de doer nem de pensar, de doer e de pensar os pensamentos mais confusos, mais doidos. No inferno devia ter penado Toni desde o dia em que descobrira que estava grávida.

Inferno fora para a coitadinha a hora em que resolvera matar-se. Inferno, medonho inferno, o instante em que tomara o veneno, em que sentira a dor da queimadura nos lábios, na boca, no esôfago, no estômago. Inferno, inferno, inferno aquela longa agonia convulsiva em que vomitava pedaços de vísceras. Agora estava morta, tinha encontrado finalmente a paz.

Pobre Toni! Pobre Toni! (E nas profundezas de seu ser uma voz respondeu apagada: Pobre de mim!)

Fez alto e voltou-se. Como já estava longe a casa da estância!

Quedou-se por algum tempo no meio do campo, transido de frio e com a sensação do mais absoluto desamparo.

Sentiu uma repentina piedade de si mesmo, quis chorar mas não pôde.

Desejou o sol, o novo dia, o Sobrado, um aconchego humano, um peito amigo onde pousar a cabeça fatigada e dolorida. Pensou na madrinha, em Flora, nos filhos… Como podia ter ficado tanto tempo sem lembrar-se da família? Seu egoísmo persistia, mesmo na dor.

Só ele sofria no mundo, ninguém mais. Veio-lhe uma súbita esperança. Era impossível que tudo estivesse perdido… Voltaria para casa, o tempo cicatrizaria todas as feridas e de novo a vida tornaria a ser o que era antes… Mas não!

Ele não merecia ser amado, admirado, respeitado. Era um canalha. Tinha assassinado Toni, dera-lhe a pior espécie de morte: não só lhe destruíra o corpo como também a alma.

Pobre Toni! Vou mandar fazer um túmulo para ela. Um túmulo para Toni: Santa Cecília sentada numa lápide, a cabeça inclinada,

chorando. Ao lado, uma roseira de rosas vermelhas como as que ela tanto admirava no jardim do Sobrado. Rosas vermelhas para Toni, para a pobrezinha da Toni que viera de tão longe para ficar sepultada no cemitério de Santa Fé…

Veio-lhe à mente a imagem do padre Astolfo. Se ao menos pudesse orar… Balbuciou as primeiras palavras do Padre-Nosso. Faltava-lhe contrição. Devia ser o frio da madrugada, o vento, a canseira, a dor e a confusão que o impediam de concentrar-se na prece, sentir a presença de Deus. Mas… e se Deus estivesse morto? Morto Deus, o mundo estava perdido, não haveria mais sol, nem esperança, nem amanhã. Mas Deus não podia morrer. Se pudesse, não seria Deus. E se Ele não fosse Deus? E se Deus tivesse enlouquecido? Não. Quem está ficando louco sou eu. Por castigo, por castigo.

Continuou a caminhar. Precisava redimir-se, regenerar-se, mudar de vida.

Juro por Deus que daqui por diante vou viver só pra minha família.

Ainda amava Flora. Precisava compensar o mal que lhe fizera. Ou seria demasiado tarde? Sim, era tarde. Talvez nem a encontrasse mais em casa. Pensou com horror nos dias em que 733 estavam por vir. A cidade inteira a apontá-lo como um criminoso. (Era impossível que já não soubessem de toda a verdade.) O casarão vazio, as horas vazias, a vida vazia. E a saudade de Toni, a saudade de Flora, a saudade dos filhos, a saudade do outro Rodrigo, o remorso, o remorso e lembrança daqueles lábios carcomidos. Santo Deus, aqueles lábios queimados…

Tornou a fazer alto, ofegante, com a garganta a arder. Caiu de joelhos, depois sentou-se e por fim estendeu-se no chão de todo o comprimento, sentindo contra a face e as mãos a fria umidade da grama. Precisava flagelar o corpo, aquele corpo vil que era o culpado de tudo. “Deixe de fita! Levante-se, deixe de fita!” Mas não, papai, o senhor não compreende, estou muito doente, ardendo em febre, uma pontada nas costas…

Estava perdido. Tinha apanhado uma pneumonia dupla. Ergueu-se de inopino e desandou a correr na direção da casa. Não queria morrer, não podia morrer. Ia acordar o pai, os peões, mandar o Bento à cidade em busca dum médico, de remédios… Não. Ele precisava sofrer, devia morrer, porque tinha matado Toni. O remédio era curvar a cabeça e aceitar o castigo. Continuou, porém, a correr…

Escalou a janela e saltou para dentro do quarto. Correu à sala de jantar, tirou do guarda-comida uma garrafa de cachaça, desarrolhou-a, levou o gargalo à boca e bebeu um largo sorvo. Voltou para o quarto com a garrafa debaixo do braço e pôs-se a procurar atabalhoadamente uns comprimidos que se lembrava de ter visto na gaveta da mesinha-de-cabeceira. Achou duas aspirinas, meteu-as na boca, tomou um novo

gole de cachaça e engoliu-as. Deitou-se, enrolado num cobertor, e ficou encolhido como um feto, desejando como nos tempos de menino as mãos frescas da Dinda em sua testa escaldante.

Começou a bater dentes, o corpo sacudido de calafrios. Não queria fechar os olhos porque temia entrar na furna do Jarau, sabia que se entrasse de novo naquela medonha noite ficaria irremediavelmente louco. O que ele precisava era lutar contra a conspiração, os inimigos, pois quando viesse um novo dia e o sol, estaria salvo, a vida ia ser como antes e ele descobriria que todo aquele horror 734 não passara dum pesadelo… Mas como podia evitar a furna se não cessavam de bater-lhe nas paredes do crânio, se ele já era a furna do Jarau, um tal de Blau Nunes em busca da Salamanca oh! não batam pelo amor de Deus não batam nas paredes da furna estou com febre chamem o dr. Matias o dr. Carbone o dr.

Taboca o dr. Tabocarbone Tabocarbonato estou suando sangue, me mordeu a cobra, suando sangue vermelho rosas sangue sepultura de Toni eu sou a sepultura de Toni está dentro de mim enterrada em mim mas não batam não batam que dói muito sou um tal de Blau Nunes e só peço que não batam não batam não batam ai! não enterrem Toni esperem esperem esperem eu que chegue ela está viva não enterrem Toni viva vai morrer sufocada não enterrem bandidos não batam esperem não enterrem viva não batam não batam não enterrem só eu sei ela está viva um engano está viva enterrar é um crime esperem mas não batam não batam não batam…

Uma vela pró Negrinho

Floriano Cambará caminhava pela aleia central do cemitério, àquela hora da tarde completamente deserto. Fazia poucos dias que chegara a Santa Fé, após uma ausência de quatro anos, três dos quais passara nos Estados Unidos. E agora, a espiar distraidamente para dentro dos jazigos perpétuos - o dos Amarais, o dos Macedos, o dos Fagundes - tratava de descobrir as raízes da estranha fascinação que aquele lugar exercia sobre seu espírito. Durante sua estada no estrangeiro, as imagens que com mais frequência lhe vinham à mente eram a daquele cemitério, a da matriz e a da casa onde nascera. Um dia, observando os movimentos dos patinadores na pista de gelo da Rockefeller Plaza, surpreendera-se a pensar naqueles mausoléus e sepulturas, mas com tal intensidade, que chegara a ver minúcias que julgava ignorar por completo: a racha em forma de forquilha no velho túmulo do padre Romano; a letra quebrada no frontão do jazigo dos Teixeiras; a mancha escura a lembrar uma tartaruga, na fachada da capela… Doutra feita, na Ópera de San Francisco da Califórnia, ouvindo Jascha Heifetz interpretar Brahnns, sentira-se inexplicavelmente levado pela melodia de volta à casa paterna; durante os quatro movimentos da sonata ficara a vaguear como uma assombração pelas salas do Sobrado, revendo seus moradores vivos e mortos, apalpando os móveis, aspirando os cheiros - e cada canto, cada pessoa, cada coisa lhe evocara cenas da infância e da adolescência. Mais tarde, quando caminhava por uma rua de Cingapura dentro dum estúdio de Hollywood, viera-lhe de súbito à lembrança a matriz de Santa Fé: a fachada, o interior, a pia encardida, a corda do sino, o olor de incenso, as faces dos santos, as velas dos altares… Era, porém, o cemitério de sua terra 737 natal o espectro que com mais assiduidade lhe assombrava a memória.

Pensara nele num dia tórrido e úmido, ao burlequear pelas ruas de Panamá City, enquanto esperava o barco que o devia levar a Valparaíso; e certa noite em que, da amurada do vapor, olhava para as luzes de Antofagasta; e ainda no momento em que o empregado dum drugstore de Los Angeles, rapaz louro de olhos verdes e vazios, lhe servia um café. Repetidas vezes, em terras e hotéis remotos, andara a caminhar em sonhos por entre aqueles túmulos. Era por tudo isso que ali estava agora, tratando de comparar a coisa real com as imagens dela recordadas e sonhadas.

Havia naquele cemitério duas sepulturas em torno das quais a imaginação popular tecera lendas. Uma delas - a do velho Sérgio

ficava na parte pobre e era procurada por gente de cor, devota da macumba, e que ao fazer suas promessas, depositava ao redor da carunchada cruz de madeira fumo e fósforos para o cachimbo do negro velho, galinhas mortas para o lobisomem e velas acesas em intenção à alma do defunto. A outra ficava ao lado da capela, perto dos grandes jazigos, e consistia numa lápide cinzenta, com a inscrição já meio apagada por baixo duma cruz em alto-relevo. Seus devotos, em geral gente branca e moça, acreditavam em que a alma da criatura cujo corpo ali jazia, tinha o dom de obrar milagres como os de Santo António. Solteirona que quisesse casar, mulher casada que desejasse recuperar a afeição do marido, enfim, quem quer que tivesse um problema sentimental a resolver, vinha rezar e fazer suas promessas ao pé daquela lápide, sobre a qual acendia velas e depunha flores. Floriano leu a inscrição.

ANTÔNIA WEBER (TONI)

1895-1915 Talvez ali estivesse o ponto de partida de seu próximo romance… O autor visita o cemitério de sua terra e fica particularmente interessado numa sepultura singela a que a superstição popular atribui poderes milagrosos. Vem-lhe então o desejo de, através da magia da ficção, trazer de volta à vida aquela morta obscura. Desce para a cidade, sai à procura de seus mais antigos moradores, e a cada um deles faz esta pergunta: “Quem foi Antônia Weber?” Alguns nada sabem. Outros contam o pouco de que se lembram. Um teuto-brasileiro sessentão (Floriano começava a visualizar as personagens, a inventar a intriga) ao ouvir o nome da defunta fica perturbado e fecha-se num mutismo ressentido. “Aqui há drama” - reflete o escritor: “Este homem talvez tenha amado Antônia Weber…” Ao cabo de várias tentativas frustradas para fazê-lo falar, consegue arrancar dele uma história fragmentada e cheia de reticências, cujas lacunas, entretanto, o novelista vai preenchendo com trechos de depoimentos de terceiros. Por fim, de posse de muitas peças do quebra-cabeça, põe-se a armá-lo e o resultado é o romance duma tal Antônia Weber, natural de Hanôver, e que emigrou com os pais para o Brasil, vindo a estabelecer-se em Santa Fé, onde…

Mal qual! - exclamou Floriano, parando à sombra dum plátano e passando o lenço pela testa úmida de suor. Ia cair de novo nos alçapões que seu temperamento e suas limitações lhe armavam. Os melhores críticos literários do país não negavam mérito a seus romances, mas eram unânimes em afirmar que em suas histórias faltava o cheiro de suor humano e de terra. Achavam que, quanto à forma, eram bem escritas e tecnicamente aceitáveis; quanto ao conteúdo, porém, tendiam mais para o artifício que para a arte, fugindo sempre ao drama essencial do homem. Pouco lhe importaria o que pensassem os críticos se ele próprio não estivesse de acordo com

essas restrições.

Não podia nem queria iludir-se a si mesmo. Os três romances que publicara não o satisfaziam. Quando os relia era com a impressão de beber um vinho feito sem uva, apenas com essências, anilinas e muita habilidade química. Chegara à conclusão de que, embora a perícia técnica não devesse ser menosprezada, para fazer bom vinho era necessário antes de mais nada ter uvas, e uvas de boa qualidade.

No caso do romance a uva era o tema - o tema legítimo, isto é, algo que o autor pelo menos tivesse sentido se não propriamente vivido. Floriano não achava que a história da desconhecida da sepultura de pedra fosse pura uva. De resto, qualquer drama individual, por mais terrível que fosse, 738 739 empalideceria quando comparado com a tragédia coletiva que o mundo acabava de presenciar. A humanidade emergia da mais sangrenta e cruel das guerras. Nomes como Coventry, Rotterdam, Lidice, Hiroshima, Buchenwald e Dachau haviam de ficar na História como negros marcos a evocar horrores nunca antes imaginados pelo mais doentio dos cérebros.

Começou a andar lentamente rumo do portão do cemitério. Havia pouco, num artigo que não chegara a publicar nem mesmo a terminar, esboçara um paralelo entre o horror antigo e o horror moderno. O antigo era o das histórias que a velha Laurinda costumava contar em torno de casas assombradas, cemitérios noturnos, bruxas e almas do outro mundo. Era também o horror gótico dos contos de Põe, Hoffmann e Villiers de l'Isle-Adam: o coração humano a pulsar de medo em face da Morte e do Desconhecido.

O horror moderno era o pavor da Vida e do Conhecido, o horror social causado pela violência e crueldade do homem contra o homem.

Depois da Primeira Guerra Mundial o medo da fome, do desemprego, da miséria e o medo do próprio medo haviam preparado o caminho para o Estado Totalitário. Este por sua vez industrializara e racionalizara o medo a fim de fortalecer-se, sobreviver e ampliar suas conquistas geográficas e psicológicas. Com a colaboração da ciência, da arte e da literatura convenientemente dirigidas, criara o Horror Moderno, cujos aspectos mais dramáticos eram o mito do Estado e do Líder; os ministérios de propaganda; a polícia secreta com seus refinados métodos de tortura; a militarização da infância e da juventude; os campos de concentração; as tropas de assalto; o orgulho racial; a exaltação fanática do nacionalismo e a glorificação da guerra como o esporte dos povos másculos. O Estado Totalitário elevara a delação à categoria de virtude cívica. Seu mais monstruoso feito, í>orém - e essa proeza ultrapassava o sonho mais alucinante dos alquimistas da Antiguidade - , fora o de transformar a pessoa humana num mero número, o que tornara possível encarar o massacre de

milhões de homens e mulheres como uma simples operação de aritmética elementar. O Deus Estado subvertera os Mandamentos: “Denuncia teu pai e tua mãe se eles mur- 740 murarem o que quer que seja contra o Estado”. — “Matarás com alegria sempre que isso for necessário aos interesses do Partido.” - “Darás falso testemunho contra teu próximo, se essa mentira puder ser útil à Causa.”

O pior de tudo é que o Horror Moderno, sob seus múltiplos e sedutores disfarces, exercia poderoso fascínio sobre a juventude.

"Deixai vir a mim os pequeninos"- dizia o Chefe - “que eu os transformarei em robots para servirem o Estado.” O Horror Moderno oferecia aos jovens, máquinas e armas vertiginosas e mortíferas. Era um belo horror de formas aerodinâmicas que lhes proporcionava uniformes, bandeiras, hinos, tambores, clarins, paradas - um horror organizado, eficiente, metálico, mecânico, simétrico e rítmico. Preconizava os métodos e a moral do gangster, glorificava a violência, libertava, enfim, o animal de presa que dorme no fundo de cada menino. Oferecia aos moços um Pai na figura do Fiihrer, do Duce, do Líder e, se por um lado exigia deles uma disciplina de aço e uma obediência cega, por outro, sempre que lhes dava a oportunidade de usar as máquinas e as armas em competições esportivas, expurgos, pogroms, torturas e expedições punitivas, propiciava-lhes como prêmio a suprema volúpia de se sentirem temidos e de se afirmarem por meio da brutalidade e da destruição. Ninguém simbolizara melhor os efeitos do Horror Moderno no espírito da juventude do que Vittorio Mussolini ao afirmar que para ele a coisa mais bela do mundo era ver abrirem-se como rosas de fogo as bombas que de seu avião deixava cair em solo africano, reduzindo os abissínios a pedaços.

Adulterando a História, a biologia, a sociologia, a antropologia e a filosofia, de acordo com os interesses da Causa, o Estado Totalitário pretendera reduzir a sabedoria dos séculos a um punhado de axiomas, fórmulas e gritos de guerra que seus jovens robots repetiam com feroz orgulho, contentes por se verem livres da dura e fastidiosa tarefa de ficarem debruçados durante anos e anos sobre os livros.

Abaixo as universidades! Morte aos cientistas, filósofos e artistas cujas obras não sirvam os objetivos do Partido!

Fazia poucos meses que terminara a Segunda Guerra Mundial - o apogeu do Horror Moderno - e já se podia ver que a desejada 741 paz não passava duma trégua. Falava-se abertamente na Terceira Guerra. No entanto fumegavam ainda os fornos de Oswiecim e Birkenau, nos quais haviam sido cremados os cadáveres de cinco milhões de seres humanos assassinados e torturados em campos de concentração e prisões, onde milhares deles tinham servido como cobaias para as mais cruéis experiências pseudocientíficas. Em vários pontos do globo continuavam ainda muitos desses sinistros campos, onde se

amontoavam numa promiscuidade animal homens, mulheres e crianças sem lar, sem pátria e sem esperança.

E agora a todos esses horrores juntara-se o Horror Atômico. No dia 6 de agosto de 1945 nascera para a humanidade um novo deus tremendo: a Bomba. Por entre os escombros de Hiroshima vagueava uma população de fantasmas. Eram os sobreviventes da Explosão: criaturas em cujos corpos a radiação fizera brotar estranhas flores purulentas, nas mais horríveis ulcerações; seres humanos imbecilizados pelo choque, trêmulos de febre, os cabelos a caírem, as gengivas a sangrarem - chamuscados, deformados, esterilizados, medonhos…

O Estado Totalitário desintegrara a personalidade humana. Os físicos desintegraram o átomo. Uma terceira guerra desintegraria o mundo. Mas talvez - refletiu Floriano - o mundo não passasse dum número nos arquivos de Deus.

Parou à porta do jazigo perpétuo de sua família e espiou para dentro. Lá estavam, sobre o mármore do altar, os retratos de alguns de seus antepassados. Aquela gente havia conhecido épocas mais tranquilas, mas ele não a invejava; estavam todos mortos. E se tua ressurreição depender de mim, Toni Weber, continuarás defunta e esquecida.

Talvez seja melhor assim… Descansa em paz, e adeus!

Pôs-se a assobiar uma frase do andantino do quarteto de Debussy.

Pensou no irmão, que detestava Debussy e com ele todos os "músicos reacionários". Floriano sorria, enquanto a voz de Eduardo lhe soava na memória: "O mal de vocês intelectuais apolíticos é não quererem enxergar os dramas da vida real e ficarem a criar personagens e problemas imaginários. Fazem tudo para fugir à realidade, porque no dia em que encarassem de frente e a sério o drama social, seriam obrigados 742 pela própria consciência a tomar uma posição de combate, e se fizessem isso com honestidade, essa posição só poderia ser a da extrema esquerda, com o comunismo, o que fatalmente os arrancaria do comodismo, da criminosa e covarde indiferença em que vivem".

Floriano lembrava-se do apaixonado fervor, tão típico dum Cambará, com que Eduardo lhe pregara aquele sermão.

"Para meu gosto, Proust é o mais repelente de todos os escritores burgueses. Proust é típico. Tinha dinheiro e vagares para ficar enrolado num xale a reconstituir a infância perdida, os chás com as titias, os pequenos nadas da vida burguesa, enfim, o seu universozinho protegido e ridículo em cujo centro estava o seu euzinho asmático, egoísta e efeminado."

(Antes de descobrir Karl Marx, Eduardo adorava Proust, e a fúria com que agora procurava arrasá-lo como escritor e como homem

talvez fosse uma prova de que ele ainda não se havia libertado por completo da fascinação que tinha recherche du temps perdu exercera sobre seu espírito.)

"Na minha opinião, Proust é o padroeiro dos escritores dégagés como tu, Floriano. E foram esses intelectuais chamados puros, que se compraziam em estéreis jogos de ideia e paradoxos, num cerebralismo doentio que os afastava do povo e da própria vida, foram esses onanistas da literatura que direta ou indiretamente abriram as portas de Paris ao invasor nazista. E está claro que o colaboracionismo era a única atitude que se podia esperar duma burguesia apodrecida como a francesa, que preferia levar pontapés no traseiro a perder seu rico dinheirinho!"

Floriano continuou a andar. Procurava não levar Eduardo muito a sério, mas a verdade é que o rapaz o perturbava, não porque ele temesse acabar convertido à sua ideologia, mas porque sempre ficava impressionado e meio perplexo ante o espetáculo da fé - fé no que quer que fosse, em Deus, no espiritismo, em Krishnamurti, no esperanto, em Stálin ou em Antônio Conselheiro.

Entrou no automóvel que o esperava do lado de fora.

— Divertiu-se? - sorriu o chofer.

— Muito.

— Pois eu não gosto de entrar em cemitério. Quem não é visto não é lembrado.

O carro pôs-se em movimento, descendo a encosta da coxilha, na direção da cidade. Floriano lançou o olhar para o casario raso e pardacento do Purgatório, que se estendia ao tépido sol daquele fim de tarde. Ainda lá estavam as sórdidas malocas com sua população de marginais, bem como nos tempos de sua infância. Nada parecia ter mudado. Santa Fé tinha agora um aeroclube, uma estação de rádio, as ruas centrais pavimentadas de paralelepípedos, mas a miséria do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria continuava.

— Que será que vão fazer com o Velho? - perguntou o chofer.

— Que velho?

— O dr. Getúlio.

— Ali! Não sei… Talvez deixem o homem em paz em Santos Reis.

— Eles que não mexam com o presidente, porque o povo é capaz de fazer uma revolução.

Dentro em breve o automóvel deixou as poeirentas ruas de terra batida para entrar na zona calçada de pedra. O chofer tornou a falar.

— Mas um dia ele volta. Pode demorar um ano, dois, quatro… mas o Velho volta e essa corja toda ainda vai beijar a mão-dele.

Ali estava outro caso de fé - refletiu Floriano. Inclinou-se para a frente. — Me deixe na frente do clube.

Poucos minutos depois o carro estacou. Floriano pagou a corrida

e apeou.

Um homem que estava parado à frente do Comercial, avançou para ele.

— Don Pepe! Então, como vai essa vida?

— Mal, homem, mui mal. Bamos a tomar algo. , Puxou Floriano para dentro do Café Minuano.

— Me pagarás uma cerveja.

— Com prazer, don Pepe, com prazer.

— Garçom! Eh!, animal! Duas cervejas e dois copos. Sentaram-se a uma mesa.

— Uma só. Para mim, água mineral. O espanhol lançou-lhe um olhar torvo.

— Degenerado!

Floriano sorriu. O castelhano mirava-o agora com tamanha intensidade que ele começou a ficar embaraçado.

— Por que é que estás me olhando desse jeito?

— É sorprendente, menino.

— Que é que é surpreendente?

— Como és parecido com o teu papá!

— Dizem.

— Dizem nada, cofio! Don Pepe Garcia, artista plástico, autor do Retrato te assegura que és a imagem viva de teu papá na tua idade, caramba!

Vieram as bebidas. O pintor encheu o copo e tomou um largo trago.

Depois, lambendo os bigodes, resmungou: - Mas o parecido é só no físico, sabes? Te falta algo. Fogo. O fogo que o Velho tem no olhar. — Bateu no próprio peito. — É fogo acá dentro, estás ouvindo? Pero não és culpado. As generaciones novas não têm fibra. Está tudo podrido. Hoje são feitos de matéria plástica e têm coca-cola nas veias. É a maldita influência yankee.

Me cago em Truman!

Floriano sorriu, pensando nos fuzileiros navais americanos que haviam tomado Iwo Jima e plantado sua bandeira no alto do monte Surabachi.

— Estás rindo… Pensas que me podes comprar elogios com uma cerveja ou duas ou três? Estás enganado. Don Pepe tem opinião, é dos antigos, sabes? Tem caráter. Não vi ainda teu pai. Não quero ver. Mas se me encontrar com ele, vou dizer-lhe na cara: Traidor!

Floriano bebeu um gole d'água, sem tirar os olhos do interlocutor.

— Por quê?

— Porque sim. Fomos traídos. Eu e o outro, o Rodrigo do Retrato.

Tornou a encher o copo e a beber.

— Garçom! Outra cerveja. Pagarás, Florianito, pagarás. És um

membro da aristocracia rural decadente. Teus antepassados foram gigolôs das vacas. Mas os dias de tua classe estão contados. Pagarás mais uma cerveja para este velho borracho que tem alma de artista e corpo de bestia.

Ficou a olhar para a porta do café com uma expressão vazia.

— Me lembro mui bem de quando estava pintando o Retrato. Teu papá era um príncipe, um triunfador, o favorito dos deuses. Hoje… puf!

Coração escangalhado, don Getúlio deposto, o futuro incerto, una mierda! Te pregunto: que fez ele de sua mocidade? Eh? Está todo perdido, pêro não tens culpa, és um bom muchacho. Salud!

Ergueu o copo. O garçom pôs sobre a mesa outra garrafa de cerveja.

— He visto Eduardo.

— Sim?

— Aquele tem fogo nos olhos, no peito, como don Rodrigo. Aquele é um homem inteiro. Pêro é um stalinista, el imbecil! Nosotros los anarquistas não toleramos o comunismo.

Te acordas do que fizeram os comunistas a los anarquistas em Barcelona durante a guerra civil? Atiraram contra nosotros, los traidores! Pêro Eduardo é um muchacho de coragem. Tiene caracu. Salud!

Tornou a erguer o copo e a beber. Ficou depois com os cotovelos fincados na mesa, as mãos segurando as faces, e uma ternura alcoólica nos olhos lacrimejantes e avermelhados.

Floriano chamou o garçom, pagou a despesa e ergueu-se.

— Vais me dar licença, don Pepe…

— Não queres ser vijto numa mesa de café com o boémio, o borracho, o anarquista, o renegado, não?

— Não é isso. Tenho de voltar para casa…

— Está bem. Vai. Mas m'empresta cincoenta. Floriano deu-lhe o dinheiro.

— Um dia te farei o Retrato, sabes? Segunda edição de Rodrigo Cambará, versão moderna. Te pintarei em aquarela porque não tienes sangre nas veias, mas água mineral.

Tu e toda tua ge- 746 neración, menos Eduardo. Pêro esse chico é um idiota, sigue aquele perro de Stálin…

— Está bem. Até logo!

Apertou a mão do espanhol e se foi. Já na calçada ainda ouviu a voz do outro: Salud!

Sentou-se num banco da praça debaixo da figueira, e ficou olhando para o Sobrado. A ideia de voltar para casa não lhe era nada tranquilizadora. Desde que chegara, sentia lá dentro uma atmosfera equívoca, feita de temores e ressentimentos maldisfarçados, de

antagonismos que a qualquer minuto podiam explodir em conflitos. Aquela inesperada reunião de família, precipitada pela queda de Getúlio Vargas, só servia para provar o de que havia muito ele, Floriano, desconfiava: o Rio em quinze anos havia desintegrado o clã dos Cambarás e tudo indicava que Santa Fé não conseguiria uni-lo outra vez.

A situação fascinava o contador de histórias que havia em Floriano, mas como homem e personagem daquela comédia de erros, ele não podia deixar de sentir uma certa inquietação e um desconcertante mal-estar.

Seu pai lá estava no quarto, estendido numa cama, convalescendo da terceira crise de infarto, proibido de fumar e fazer qualquer excesso - ele, o homem dos excessos!

—, imobilizado num repouso de estátua. Floriano sabia o que isso significava para uma criatura apaixonada e turbulenta como Rodrigo Cambará. Ainda aquela manhã o velho lhe dissera com uma falsa resignação: “Sou como um homem irremediavelmente preso dentro duma casa em cujo porão alguém deixou uma bomba de relógio para explodir numa certa hora… Ele não sabe quando vai se dar a explosão, se dali a dois minutos, dois dias, dois meses ou dois anos. Só sabe que está condenado”. E, com um sorriso tristonho, acrescentara: “Acho que vou ser o primeiro Cambará macho a morrer na cama”.

Raramente, porém, se entregava a essa veia melancólica. Seu estado de espírito mais comum era o duma exasperada impaciência. Queria fumar, comer mais, beber vinho, deixar a cama… Havia momentos em que sua irritação era tamanha, que, para desabafar, 747 punha-se a murmurar nomes feios numa surdina explosiva. Os horrores que dizia dos militares que haviam obrigado Vargas a deixar o governo! Sua raiva parecia concentrar-se principalmente no general Rubim Veloso. “Canalha! Traidor! Fascista!” - exclamara o velho certa manhã, enquanto o Neco Rosa lhe fazia a barba.

— "Ainda na véspera do golpe jantou comigo e não me disse nada. Tu te lembras da bisca do Rubim, não, Neco? Vivia aqui no Sobrado nos seus tempos de tenente.

Pois o Getúlio fez por esse sargentão mal-agradecido o que muito pai não faz pelo filho, e no entanto o crápula cuspiu na mão que o amparou! Quando os nazistas estavam ganhando a guerra, o Rubim volta e meia ia beber uísque e champanha na embaixada alemã.

Recebeu uma comenda do Mussolini e vivia conspirando com o Plínio Salgado. No entanto, quando a sorte do Hitler mudou, o cachorro virou democrata e só faltou lamber as botinas do Roosevelt!"

O dr. Dante Camerino entrara certa vez no quarto por ocasião duma dessas explosões. “Fique quieto pelo amor de Deus. Olhe que assim vamos para um novo ataque.” O velho soergueu-se: “Que me

importa? Que arrebente duma vez este coração. O que eu quero é fumar um cigarro e levantar desta maldita cama!"

As relações de Rodrigo Cambará com o filho mais moço andavam tensas. O terceiro ataque sobreviera após uma altercação que ele tivera com Eduardo ao discutirem as personalidades de Vargas e Prestes. Floriano ficara abismado ante a frieza com que o irmão encarara o fato. O pai ainda não estava fora de perigo de vida e o rapaz já andava na rua a ultimar os preparativos para o comício comunista do dia seguinte. Floriano chamara-o à parte.

— Por que não esperas mais uns dois ou três dias pra fazer esse comício? O velho não está nada bem…

— Uma coisa nada tem a ver com a outra.

— Para mim tem.

— É que raciocinas ainda sob a influência dum sentimentalismo pequeno-burguês do qual há muito me libertei.

— Faz ao menos esse comício na outra praça…

— Vai ser na frente do Sobrado, e com alto-falante. Se o velho não quiser escutar, que tape os ouvidos com algodão.

Eduardo entregava-se à luta política com a mesma paixão, o mesmo ímpeto agressivo com que o pai se metera em todas as suas campanhas eleitorais e revoluções. Tinha o zelo exagerado e o ardor incendiário dum cristão-novo. Floriano compreendia que o irmão precisava dar aos seus camaradas provas de sinceridade e firmeza partidárias, pois sua situação de filho dum burguês latifundiário como que lhe criara um complexo de inferioridade perante os outros comunistas.

Como era possível que três irmãos tivessem temperamentos tão diferentes? Jango era o homem da terra, conservador, tradicionalista, apegado a seus bens. Tinha um sagrado horror a tudo quanto cheirasse a esquerdismo. Enquanto Eduardo agitava o problema agrário, pregando a divisão das terras entre os camponeses e a liquidação do latifúndio, Jango tratava não só de conservar o que possuía como também de adquirir mais campos e mais gado. Era um homem simples e bom, mas duma secura destituída de qualquer encanto ou pitoresco. Não lhe entrava na cabeça a ideia de que os tempos haviam mudado e de que a sociedade estava em processo de transformação. Queria a continuação do statu quo dentro do qual fora educado e que era tão conveniente a seus interesses e afeições.

Floriano inclinou o busto para a frente e, com a ponta dum pau de fósforo, riscou no chão uma circunferência.

Se Eduardo, Jango e ele fossem dar como náufragos às praias duma ilha deserta, em companhia dum punhado de outras criaturas, era bem possível que Jango dentro em breve fosse eleito chefe da colônia. Homem sólido e prático, tinha o hábito do mando, sabia lidar

com a terra e fazer coisas com as mãos; conhecia os ventos, as árvores, os bichos e as gentes. Dentro em pouco seria o membro mais rico da colônia, o que teria a melhor casa, a mesa mais farta, o maior número de bens móveis e imóveis. Quanto a Eduardo, não tardaria muito em organizar um partido de oposição, e era provável que acabasse encabeçando um movimento revolucionário para tomar o governo pela força e estabelecer uma ditadura em nome do proletariado.

E eu? (Sempre inclinado, Floriano agora traçava no chão o mapa da ilha.) Eu talvez permanecesse na minha famosa equidistância, a escrever a biografia dos dois líderes e a crônica da ilha. Isso se Eduardo ao tomar o poder não me botasse na cadeia ou mandasse matar, coisa que o próprio Jango já poderia ter feito antes por "meios legais", caso meus escritos entrassem em conflito com os "superiores interesses da comunidade", que ele naturalmente identificaria com os seus próprios.

Sim, aquele era o destino dos intelectuais que queriam conservar a independência, a lucidez e o senso de humor. Eram eternos marginais, olhados com desconfiança e desamor pelos reacionários e com desdenhosa má vontade pelos revolucionários.

Mas, no final de contas, que sou eu? Aos trinta e quatro anos ainda não encontrara uma resposta satisfatória para cada pergunta. Como o velho Babalo, seu avô materno, Jango tinha nítida tábua de valores morais: acreditava na nobreza do trabalho, na hierarquia, no código de honra gaúcho, e na dignificação do homem pelo convívio com a terra. Jamais seria capaz de fazer a menor restrição à pessoa do pai. Parecia aceitá-lo integralmente, sem discutir, como aceitava a existência e a perfeição de Deus. Talvez nunca lhe passasse pela mente a ideia de que o pai e Deus fossem entidades suscetíveis de exame crítico. Mas Eduardo, em quem Maria Valéria desde pequenino procurara incutir o amor e o temor da Santíssima Trindade, acabara desiludindo-se dos mitos cristãos e substituindo-os por uma outra trindade, para ele não menos santa: Marx, Lênin e Stálin. E em nome dessas divindades ele se atirava à luta e estava disposto a matar e a morrer.

Com a sola do sapato Floriano apagou a ilha.

Às vezes invejava a capacidade de paixão do pai. Certo ou errado, o Velho vivera com plenitude, tivera a coragem dos próprios defeitos e desejos: fora um homem afirmado, ao passo que ele, Floriano, sempre se mantivera numa espécie de morna surdina, cultivando suas pequenas ternuras, escravo daquele desejo de ver claro, de conservar a lucidez - uma lucidez que não só lhe criava o horror ao ridículo, ao excesso e ao absurdo como também o fazia compreender que ninguém pode viver com plenitude e profundidade 750 sem incorrer no ridículo (coisa, aliás, tão relativa e discutível), sem cometer excessos ou ver-se

a cada passo frente a frente com o absurdo. Fizera tábua rasa dos valores que sempre haviam norteado a vida de gente como Babalo, Licurgo e Maria Valéria. Seu horror a qualquer espécie de fanatismo não o livrara, entretanto, do fanatismo da liberdade. E o desejo de permanecer física e espiritualmente livre, a fruir com orgulhosa volúpia sua solidão, acabara por transformá-lo quase num fugitivo da vida e por fazê-lo prisioneiro da própria ideia de liberdade. Compreendia agora que o preço do equilíbrio é a monotonia. A preocupação de não se deixar envolver pelas pessoas, pelos problemas e pelas paixões havia-o levado a uma espécie de quietismo que no fundo não passava da contemplação inútil e palerma do próprio umbigo.

Claro que estava exagerando? As coisas com ele não eram sempre assim.

A verdade é que não acreditava nem mesmo na própria descrença.

Tornou a olhar para o Sobrado, a uma de cujas janelas surgia agora um vulto. Bibi… Esquecera-se por completo da irmã. Era urna omissão que ocorria com frequência quando ele fazia aqueles inventários mentais da família. Não tinha nenhuma afinidade espiritual com a irmã. No Rio raramente se viam, e quando se encontravam eram como pessoas que entretinham apenas relações de cerimônia: falavam-se sem naturalidade, com a polidez apressada de quem quer logo dizer adeus e passar adiante.

Bibi era outro caso - refletiu Floriano. Fora para o Rio com dez anos e tivera sua educação sentimental a bem dizer sobre as areias de Copacabana. Fizera-se adolescente e finalmente mulher dentro da Era Getuliana. Casara-se aos dezoito anos com um médico de Minas Gerais, sujeito quieto, decente e estudioso, do qual se aborrecera e divorciara dentro de dois anos, para se juntar num casamento uruguaio com um tal Marcos Sandoval, verdadeira flor do Estado Novo, produto daquela fabulosa época de boom, negócios e negociatas fantásticas, daquela era trepidante que mudara o curso da vida brasileira, dando-lhe um novo padrão moral e um novo ritmo. Mas como era possível não gostar do Sandoval? Embora lhe fizesse muitas restrições no terreno moral (afinal de contas o sangue 751 dos Terras e dos Quadros tinha muita força), Floriano não podia permanecer insensível aos encantos do “cunhado”. Marcos Sandoval estava no meio da casa dos trinta.

Era moreno, de estatura meã e atlética (tênis, volibol, jiu-jitsu). Simpático, simpaticíssimo, tinha uma voz agradável, de entonação carinhosa. “Meu bem, você está com um aspecto admirável!” - "Que é feito de você, meu querido?

Então não quer mais saber dos amigos?" E lá vinham os abraços, e

os favores, e as pequenas atenções, os telefonemas oportunos ("Então, estamos completando mais um aniversário, hein, meu velho? Pois fica aqui o meu abraço, e conte sempre com este seu admirador")

e as flores para madame, os convites para jantar nos cassinos… Era prestimoso, otimista, bem relacionado. Vivaracho, apanhava as coisas no ar e tinha uma espantosa capacidade de improvisação. Sabia que relações cultivar e jamais gastava dinheiro, energia ou tempo com quem não lhe pudesse ser útil no momento ou no futuro. Um dia, como alguém o censurasse por ter servido de intermediário num negócio duvidoso, respondera com um cinismo encantador: "Ora, velhote, a técnica é simples. Criam-se legalmente as dificuldades para depois se venderem clandestinamente as facilidades".

Sandoval estava agora no Sobrado, desnorteado também pela inesperada deposição de Getúlio Vargas, e decerto a preparar sua adesão ao novo governo, ansioso já por descobrir quem eram os novos deuses, a fim de apressar-se a queimar incenso em seus altares.

Como seria conveniente ao Sandoval! - pensava Floriano - a morte de Rodrigo Cambará! Perderia algum tempo ali em Santa Fé a acompanhar o andamento do inventário, exigiria a parte de Bibi em dinheiro e voltaria com ela para o Rio, para a vida que ambos tanto adoravam: cocktail-parties, noitadas nos cassinos, rodas de pif-paf, fins de semana no Quitandinha, viagens ocasionais aos Estados Unidos em strato-clippers.

Essa era a situação no Sobrado. E em meio de tantos interesses desencontrados e conflitos em estado potencial, estavam agora aquelas duas mulheres que Floriano tanto amava e respeitava: sua mãe e Maria Valéria. A primeira portava-se com uma dignidade comovedora. Não tinha ilusões quanto ao marido, conhecia-lhe todas a 752 fraquezas e pecados, tanto os passados como os presentes, e não ignorava nem mesmo a existência daquela amante de vinte anos…

Floriano, porém, jamais lhe ouvira a menor palavra de queixa ou censura. Quanto a Maria Valéria, lúcida aos oitenta e cinco anos, apesar de seu ar de alheamento das pessoas e das coisas, parecia compreender muito bem o que se estava passando no velho casarão. Havia pouco, Floriano ouvira a Dinda murmurar: "Que bicho terá mordido essa gente?

Está tudo tão esquisito…"

Jango estava para chegar do Angico em companhia da esposa. E ao pensar na cunhada, Floriano ficou numa confusão de sentimentos: o temor e ao mesmo tempo o desejo de revê-la, a curiosidade sobre o que poderia resultar daquele encontro, e o horror de imaginar que… Bom, era melhor nem pensar naquilo. Fosse como fosse, a presença de Sílvia naquela casa não ia tornar a coisa mais fácil para ele.

Com um encolher de ombros, ergueu-se e pôs-se a caminhar

lentamente na direção do Sobrado.

Eram quase dez horas da noite e o comício estava a findar. Sentado junto duma janela, Floriano escutava o discurso do irmão, cuja voz, que tanto se assemelhava à do pai no timbre e na entonação, era ampliada e deformada pelo alto-falante que se achava preso a um dos galhos mais altos da figueira.

Uma pequena multidão, que Floriano calculava em duzentas e poucas pessoas, agrupava-se no redondel da praça, em cujo centro estava a tribuna que tinha sido ocupada primeiro por um operário e a seguir por um bancário, um comerciário e um advogado, cujos discursos haviam seguido todos a mesma linha: exaltação de Prestes, do PC Brasileiro, de Stálin e da União Soviética; ataques a Getúlio Vargas e ao mesmo tempo aos generais que o haviam apeado do governo; acenos amistosos para a "burguesia progressista" e gestos ameaçadores, de punhos cerrados, para a Wall Street.

A voz vibrante de Eduardo Cambará enchia o largo. Começara seu discurso fazendo um rápido esboço da formação histórica do Rio Grande do Sul à luz do marxismo, procurando revelar a origem dos latifúndios e a do proletariado rural e urbano.

Agora est3ya a bater com vigor na sua tecla favorita: - Setenta por cento de nossa população vive no campo, num nível de vida miserável! Precisamos resolver com urgência o problema agrário. É sobre isso que deve legislar o Parlamento que vai ser escolhido nas próximas eleições. Mas para que esse Parlamento legisle com justiça e conhecimento de causa, é indispensável que ele seja composto não apenas de delegados dos estancieiros e latifundiários, como tem acontecido até agora, mas também e principalmente de representantes do peão, do operário, do comerciário, das verdadeiras expressões do povo! Precisamos destruir o cruel e vergonhoso regime semifeudal que nos desgraça e que permite a um homem, a uma família, possuir terras imensas do tamanho de reinos, terras que em pouco ou nada aproveitam à coletividade, e nas quais se emprega um escasso número de peões irrisoriamente mal pagos. Como muito bem disse Luiz Carlos Prestes…

Neste ponto o orador foi interrompido pela multidão, que começou a gritar num uníssono cadenciado: Préstes! Préstes! Préstes!

Quando o clamor cessou, Eduardo prosseguiu: - Como bem disse o líder do povo, temos terras e mais terras abandonadas junto das vias de comunicação, perto das estradas, dos meios de escoamento duma produção que poderia sair a mãos cheias dessas mesmas terras! E no dia em que essa gleba for entregue ao povo, veremos aumentar fabulosamente nosso mercado interno, para maior progresso da nossa indústria!

De novo o orador foi interrompido por aplausos e aclamações.

Floriano olhou a praça. Pelas calçadas passeavam bandos de raparigas, como nas noites de retreta. A alguma distância do redondel, de pé ou sentados nos bancos, curiosos espiavam o comício, numa atitude de cautelosa neutralidade. E no céu de Santa Fé estavam presentes as mesmas estrelas que cintilavam naquela remota noite de 23 em que, da sacada do Sobrado, Rodrigo Cambará falara a seus correligionários, concitando-os à revolução.

— Mas não é só o panorama social do campo como também o da cidade que nos preocupa, a nós comunistas - continuou Eduardo. — Os tubarões da indústria e do comércio engordaram durante a guerra com lucros extraordinários, mas nem por isso proporcionaram vida melhor aos operários e empregados que contribuíram com seu trabalho, com o seu suor para esse enriquecimento! A miséria e a desigualdade continuam.

Não precisamos ir muito longe para encontrar exemplos desse desnível social monstruoso. Comparemos a vida dos que gozam o luxo e os privilégios dos sobrados com a daqueles que vegetam na indigência das malocas da Sibéria!

Novas aclamações encheram o largo.

— Mas a burguesia reacionária, meus compatriotas e camaradas, está condenada à morte! Se eu tivesse de escolher um símbolo de todos os defeitos e vícios dessa classe decadente, eu vos apresentaria a figura dum desses pró-homens do falecido Estado Novo, dum egoísta que, em virtude de sua vida de dissipações, orgias e indulgências tivesse ficado com o coração irremediavelmente abalado e à beira da morte!

Floriano sentiu um choque desagradável. Aquilo era uma referência clara ao velho Rodrigo. Como podia Eduardo ficar tão cego de paixão política a ponto de gritar aquelas coisas em praça pública? E o pior era que com toda a certeza o pai estava a escutá-lo.

— Nós os comunistas - gritava o orador - somos o sangue novo que vai revigorar o coração do Brasil, fazendo que ele se fortaleça e pulse normalmente, levando o organismo da nação a uma perfeita saúde social. A vós liberais, democratas e progressistas, nós os comunistas estendemos fraternalmente a mão convidando-vos a colaborar conosco na grande obra da recuperação de nossos marginais e da libertação do Brasil das garras dos banqueiros internacionais e do capital estrangeiro colonizador. Vinde e marchai conosco, porque nós somos a esperança do mundo!

Por entre palmas frenéticas, de novo rompeu o coro. Préstes!

Préstes! Préstes! Préstes!

Quando, pouco depois das onze, Eduardo voltou para casa, Floriano esperava-o na sala de visitas.

— Ouvi o teu discurso.

— Ah…

sim: Eduardo pareceu pouco interessado na informação. Afrouxou o nó da gravata, sentou-se e acendeu um cigarro.

— Assisti ao comício sentado ali perto da janela…

— É uma posição que bem simboliza tua atitude diante dos problemas sociais. Sentado à janela do Sobrado, com a cabeça para fora e o corpo para dentro… Com a cabeça, com a inteligência compreendes que o sistema econômico e político em que vivemos é errado, está podre e deve ser destruído. Mas com o corpo estás escravizado aos confortos e molezas da vida burguesa, cujos hábitos e vícios tens no sangue, nos ossos. Teu comodismo te impede de ir para a praça pública como um soldado da Revolução.

Floriano ergueu-se, enfiou as mãos nos bolsos e começou a andar dum lado para outro, assobiando baixinho um trecho de Mozart.

— Mas uma coisa te garanto - continuou o outro. Os burgueses te olham com desconfiança por causa de teus namoros com o socialismo. Os comunistas te desprezam por acharem absurda e covarde a tua neutralidade.

Floriano soltou uma risada. Eduardo lançou-lhe um olhar carregado de censura.

— Estás rindo, não? É a velha atitude do intelectual blasé e cínico. É Próspero rindo da vitória de Caliban. Vocês riam quando Hitler ameaçava o mundo. Riam e ficavam indiferentes. Pois os escritores que cruzaram os braços diante do nazismo são tão culpados quanto os que colaboraram abertamente com ele!

Floriano deu de ombros.

— Pelo menos eu tenho a liberdade de rir ou ficar sério - retrucou. — Conservo o direito de exercer o meu senso de humor. Um comunista não pode achar graça em coisa alguma sem antes indagar qual é a linha do Partido. Não tem licença de gostar ou não gostar dum partido, dum livro, dum quadro duma sinfonia sem primeiro consultar o comissário.

— Não digas asneiras. Vocês escritores pequeno-burgueses iludem-se, julgando que têm liberdade, mas a verdade é que são pagos para divertir a plutocracia, como palhaços, e para entorpecer o povo com o ópio duma literatura cor-de-rosa, sem raízes na realidade.

— Palhaços? Talvez. Mas que serão escritores que seguem sem discutir a linha comunista? Na minha opinião não passam de outros tantos cachorros de Pávlov. O comissário faz estalar o chicote e provoca neles certos reflexos condicionados que os põe a escrever automaticamente, produzindo a literatura que convém ao Partido.

— Dizes ter horror a qualquer propaganda e no entanto és o primeiro a acreditar nas mentiras da imprensa capitalista e nos depoimentos desses Koestlers e Kravchenkos…

E Eduardo entrou a falar mal de Arthur Koestler e dos outros "comunistas renegados". Floriano quedou-se a escutá-lo sem o menor rancor. Tinha uma ternura toda particular por aquele irmão mais moço, e se essa afeição não se exprimia em gestos e palavras era só porque o outro por assim dizer recusava deixar-se querer bem. Depois que ele se tomara de paixão pelo comunismo, Floriano fora aos poucos perdendo a esperança de poderem reatar a boa camaradagem antiga que lhes permitia conversarem despreocupadamente, dum ângulo apolítico, sobre pessoas, animais e coisas… Agora sempre que se encontravam, Eduardo parecia sentir que era seu dever provocá-lo e pregar-lhe sermões políticos. E o resultado disso eram geralmente diálogos que soavam falso como os duma peça teatral pretensiosa.

— Está bem, Eduardo, está bem. Mas achei que tua referência ao Velho no discurso foi dum mau gosto deplorável.

— Mau gosto, bom gosto… Isso é terminologia burguesa! Eduardo voltou-se para o retrato de Rodrigo Cambará que pendia da parede da sala, dentro de sua moldura cor de ouro velho.

— Ali está o símbolo das coisas que nós comunistas combatemos. O dono da vida, o moço do Sobrado, o morgado, a flor de várias gerações de senhores feudais, muitos dos quais começaram como ladrões de gado e foram aumentando seu património por meio do saque, do roubo, da conquista à mão armada e à custa do suor e do sangue do trabalhador rural. Olha só a empáfia, a vaidade… Parece que ele está dizendo: "Eu sou o centro do mundo, o sal da terra!"

— Fala baixo, sim? O Velho pode estar ouvindo…

O outro, entretanto, continuou no mesmo tom de voz.

— No tempo em que esse retrato foi pintado, a questão social era um caso de caridade, pretexto para os senhores morgados darem provas de sua magnanimidade, de seu excelente coração. Mais tarde passou a ser um caso de polícia.

Floriano agora sorria, vendo apontar à cintura de Eduardo, o cabo do punhal de prata que, segundo rezava uma tradição oral, acompanhava, havia mais de um século, a família Terra, tendo pertencido mais recentemente ao velho Florêncio e passando depois para as mãos inquietas de tio Toríbio.

No fundo - refletiu Floriano - , Eduardo tinha um pouco de caudilho, como o pai.

— Eis um liberal à melhor maneira do século XIX - prosseguiu o comunista, olhando ainda para o Retrato. — Dizia acreditar na democracia, adorava os líderes da Revolução Francesa e sabia de cor discursos de Danton e Robespierre…

— Fala baixo, homem!

— Fez demagogia, meteu-se em revoluções em nome dos oprimidos contra a tirania, a ditadura e a desonestidade

administrativa. Um dia saiu de Santa Fé com um punhado de outros "centauros do pampa" decidido a regenerar a República.

Amarrou seu cavalo no obelisco da avenida Rio Branco e tornou-se um figurão do Estado Novo…

No fim de contas - filosofava Floriano olhando para o irmão - o povo andava sempre em busca dum pai. No Brasil imperial, Pedro II, barbudo e bondoso, preenchera suas funções paternais à maravilha.

O Estado Novo produzira o Pai dos Pobres. Na Rússia czarista o povo chamava Paizinho a Nicolau II, que os bolchevistas acabaram depondo e fuzilando. No fundo, o comunismo talvez não passasse duma revolta contra o Pai. Joãozinho e Ritinha rebelavamse contra o pai que, sem meios para prover-lhes a subsistência, os abandonara à fome e às feras em meio da floresta. Mas a busca do pai assim mesmo continuava. Stálin era agora considerado o Pai do Proletariado. E em nome daquele pai georgiano, simbólico e remoto, Eduardo renegava o pai legítimo.

— Não sejas tão esquemático - disse Floriano em voz alta.

— Vocês comunistas querem saltar impunemente por cima da biologia. Na minha opinião esse é também o erro do catolicismo.

Segundo a Igreja, o dr. Rodrigo Cambará está condenado ao inferno porque pecou contra os mandamentos. De acordo com o marxismo, o Velho está desgraçado porque pecou contra o proletariado. Mas eu me recuso a aceitar esses veredictos, tanto o de Roma como o de Moscou.

— Essa indulgência irresponsável de intelectuais como tu é que tem atrasado a Revolução.

Naquele instante Maria Valéria apareceu à porta da sala empunhando um castiçal. A Dinda entrou na Era Atômica com uma vela acesa na mão - sorriu Floriano.

— Suba, Eduardo - ordenou a velha. — Seu pai quer falar com você.

— Por favor, tem cuidado, não excites o Velho. Olha que ele pode ter outro ataque…

Sem dizer palavra Eduardo encaminhou-se para a escada. Maria Valéria fez um sinal para Floriano.

— Vamos lá no quintal.

— Fazer o quê, Dinda?

Ela não respondeu. Tomou do braço do afilhado e, lado a lado, atravessaram a sala de jantar e a cozinha. Quando desciam vagarosamente a escada dos fundos, Floriano perguntou: - O sereno não vai lhe fazer mal?

Maria Valéria continuou silenciosa. A chama da vela alumiava-lhe o rosto severo e descarnado, de olhos cegados pela catarata. O luar prateava as copas do arvoredo.

Da Estrela-d'Alva vinha um cheiro de pão quente.

Fizeram alto perto do marmeleiro-da-índia. Maria Valéria tirou o toco de vela do castiçal, inclinou-se e cravou-o no chão.

— Pra que é isso? - perguntou Floriano.

— Uma promessa pró Negrinho do Pastoreio.

A velha endireitou o corpo e fez com a cabeça um sinal na direção do Sobrado.

— É pra aquela gente achar o que perdeu.

FIM DO VOLUME

Parte 3 - O Arquipélago

Reunião de família - I

25 de novembro de 1945

…onde estou?…alcova-túmulo escuro sem ar… o sapo-boi latejando entre as pernas… fole viscoso esguichando um líquido negro… pregado à cama mortuária… o sangue se esvaindo pelos poros do animal… incha e desincha… incha e desincha… a coisa lhe sobe sufocante no peito… a menininha com saiote de bailarina flor vermelha no sexo manipula o brinquedo de mola. .. ele quer gritar que não!… mas a voz não sai… o sapo-fole atravessado na garganta… a menininha acaricia o monstro… não sabe que ele esguicha veneno… minha filha vá buscar socorro… que venham acalmar o animal… mas cuidado não me machuquem o peito… a menininha não sabe… aperta com os dedos o brinquedo proibido… não vê que assim vai matar o Sumo Pontífice?… o remédio é cuspir fora o sapo… tossir fora o bicho-fole-músculo… tossir fora…

Poucos minutos depois das duas da madrugada, Rodrigo Cambará desperta de repente, soergue-se na cama, arquejante", e através da névoa e do confuso horror do pesadelo, sente na penumbra do quarto uma presença inimiga… Quem é? - exclama mentalmente, pensando em pegar o revólver, que está na gaveta da mesinha-de-cabeceira. Quem é? Silêncio e sombra. Uma cócega aflitiva na garganta provoca-lhe um acesso de tosse curta e espasmódica… E ele toma então consciência do peso no peito, da falta de ar… Ergue a mão para desabotoar o casaco do pijama e leva alguns segundos para perceber que está de torso nu. Um suor viscoso e frio umedece-lhe a pele. Vem-lhe de súbito o vapor de um novo ataque… Espalma ambas as mãos sobre o peito e, agora sentado na cama, meio encurvado, fica imóvel esperando a dor da angina. Santo Deus! Decerto é o fim… Em cima da mesinha, a ampola de nitrito… Na gaveta, o revólver… Quebrar a ampola e levá-la às narinas… Encostar o cano da arma ao ouvido, puxar o gatilho, estourar os miolos, terminar a agonia… Talvez uma morte rápida seja preferível à dor brutal que mais de uma vez lhe lancetou o peito… Mas ele quer viver… Viver! Se ao menos pudesse cessar de tossir, ficar imóvel como uma estátua… Sente o surdo pulsar

do coração, a respiração estertorosa… Mas a dor lancinante não vem, louvado seja Deus! Só continua a opressão no peito, esta dificuldade no respirar…

Com o espírito ainda embaciado pelo sono, pensa: Estou me afogando. E num relâmpago lhe passa pela mente uma cena da infância: perdeu o pé no poço da cascata, afundou, a água entroulhe pela boca e pelas ventas, sufocando-o… Agora compreende: Está morrendo afogado! Toríbio! - quer gritar. Mas em vez do nome do irmão morto, o que lhe sai da boca é um líquido. . . baba? espuma? sangue?

A sensação de asfixia é agora tão intensa, que ele se ergue da cama, caminha estonteado até a janela, numa busca de ar, de alívio. Apoia as mãos no peitoril e ali fica a ofegar, de boca aberta, olhando, embora sem ver, a praça deserta e a noite, mas consciente duma fria sensação de abandono e solidão. Por que não me socorrem?

Onde está a gente da casa? O enfermeiro? Vão me deixar morrer sozinho? Faz meia-volta e, sempre tossindo e expectorando, dá alguns passos cegos, derruba a cadeira que lhe barra o caminho, busca a porta, em pânico… "Dinda!" - consegue gritar. A porta se abre, enquadrando um vulto: Maria Valéria com uma vela acesa na mão.

Rodrigo aproxima-se da velha, segura-lhe ambos os braços, mas recua soltando um ai, pois a chama da vela lhe chamusca os cabelos do peito.

— Estou morrendo, Dinda! Chamem o Dante!

A velha, os olhos velados pela catarata, sai pelo corredor como um sino de alarma a despertar a gente do Sobrado - Floriano! - o castiçal treme-lhe na mão - Sílvia!

— as pupilas esbranquiçadas continuam imóveis, fitas em parte nenhuma - Eduardo! - e sua voz seca e áspera raspa o silêncio do casarão.

Floriano precipita-se escada abaixo, na direção da porta da rua. Felizmente - pensa - o Dante Camerino mora do outro lado da praça, que ele atravessa a correr.

O médico não tarda em atender às suas batidas frenéticas na porta. E quando ele assoma à janela, Floriano grita: - Depressa! O Velho teve outro ataque.

Um minuto depois ambos se encaminham para o Sobrado em marcha acelerada. O dr. Camerino vestiu um roupão de banho por cima do pijama, e leva na mão uma maleta de emergência.

Um cachorro uiva em uma rua distante. vagalumes pingam a noite com sua luz verde.

— Aos quarenta e cinco anos a gente fica meio pesadote - diz o médico, já ofegante. — Tu enfim és um jogador de tênis…

— Era.

— Seja como for, tens onze anos menos que eu…

Noite morna de ar parado. O galo do cata-vento, no alto da torre da matriz, de tão negro e nítido parece desenhado no céu, a nanquim.

Floriano finalmente faz a pergunta que vem reprimindo desde que viu o amigo: - Será um novo infarto?

— Pode ser…

Da Padaria Estrela-d'Alva vem um cheiro de pão recém-saído do forno. A figueira grande da praça parece um paquiderme adormecido.

— Que providência tomou o enfermeiro?

— Que enfermeiro? O Velho despediu-o ontem ao anoitecer.

— Esse teu pai é um homem impossível!

— Ontem à noite fez uma das suas. Saiu às oito com o Neco Rosa e só voltou lá pelas onze…

— Madona! Sabes aonde ele foi?

— Desconfio…

— Desconfias coisa nenhuma! Está claro como água. Foi dormir com a amante.

Toda Santa Fé sabe que Sônia Fraga, a "amiguinha" de Rodrigo Cambará, chegou há dois dias do Rio e está hospedada no Hotel da Serra.

Muitas das janelas do Sobrado estão agora iluminadas. Dante Camerino segura com força o braço de Floriano.

— O dr. Rodrigo merecia ser capado… - diz, com a voz entrecortada pelo cansaço. E, numa irritação mesclada de ternura, acrescenta: - E capado de volta!

Entram ambos no casarão. Camerino sobe imediatamente ao quarto do doente. Floriano, entretanto, permanece no vestíbulo, hesitante. Sempre detestou as situações dramáticas e mórbidas da vida real, embora sinta por elas um estranho fascínio, quando projetadas no plano da arte. Sabe que seu dever é subir para ajudar o médico a socorrer o Velho, mas o corpo inteiro lhe grita que fique, que fuja… Uma leve sensação de náusea começa a esfriar-lhe o estômago.

A mulata Laurinda assoma a uma das portas do vestíbulo, e em seus olhos gelatinosos de peixe Floriano lê uma interrogação assustada.

— Não é nada - diz ele. — Vá aquentar a água para um cafezinho.

A velha faz meia-volta e afasta-se rumo da cozinha, com seus passos arrastados de reumática.

Floriano está já com o pé no primeiro degrau quando lhe chega às narinas um aroma inconfundível. Bond Street. Volta a cabeça e vê o "marido" de Bibi. Marcos Sandoval está metido no seu robe de chambre de seda cor de vinho, presente - assim ele não perde ocasião de proclamar - de seu amigo, o príncipe dom João de Orleans e Bragança.

— Posso ajudar em alguma coisa, meu velho? - pergunta ele com sua voz bem modulada e cheia dum envolvente encanto ao qual Floriano procura sempre opor suas resistências de Terra, pois seu lado Cambará tende a simpatizar com o patife.

Sente gana de gritar-lhe: "Volte para o quarto! Não se meta onde não é chamado. Não compreende que isto é um assunto de família?"

Mas domina-se e, sem olhar para o outro, murmura apenas: "Não. Obrigado".

grado seu, Floriano identifica a irmã com a amante do pai, e isto o deixa de tal modo constrangido, que ele não tem coragem de encará-la, como se a rapariga tivesse realmente acabado de cometer um incesto.

Bibi desce apressada e, ao passar entre o irmão e o marido, murmura: "Vou buscar um prato fundo para a sangria".

A palavra sangria golpeia Floriano em pleno peito. Mas ele sobe a escada às pressas, fugindo paradoxalmente na direção da coisa que o atemoriza.

Lá em cima no corredor sombrio encontra Sílvia. Por alguns segundos ficam parados um à frente do outro, em silêncio. Floriano sente-se tomado de um trêmulo, terno desejo de estreitar a cunhada contra o peito, beijar-lhe as faces, os olhos, os cabelos, e sussurrarlhe ao ouvido palavras de amor. Estonteia-o a confusa impressão de que não só o Velho, mas ele também, está em perigo de vida, e talvez esta seja a última oportunidade para a grande e temida confissão… Mas censura-se e despreza-se por causa destes sentimentos. Sílvia é a mulher legítima de seu irmão… E a poucos passos dali seu pai talvez esteja em agonia…

Sem dizer palavra, precipita-se para o quarto do doente.

Rodrigo está sentado na cama, a face de uma lividez cianótica, o peito arfante, a boca semi-aberta numa ansiada busca de ar - o rosto, os braços, o torso reluzentes de suor… Pelas comissuras dos lábios arroxeados escorre-lhe uma secreção rosada. Inclinada sobre o marido, Flora de quando em quando limpa-lhe a boca e o queixo com um lenço.

Bibi - que o irmão percebe obliquamente apenas como uma mancha vermelha - entra agora, trazendo um prato fundo, que depõe em cima da mesinha-de-cabeceira .

Floriano aproxima-se do leito. Rodrigo fita nele o olhar amortecido e dirige-lhe um pálido sorriso, como o de um menino que procura provar que não está amedrontado.

Floriano"passa timidamente a mão pelos cabelos do pai, numa carícia desajeitada, e nesse momento seu eu se divide em dois: o que faz a carícia e o Outro, que o observa de longe, com olho crítico, achando o gesto feminino, além de melodramático. Ele odeia então o

seu Doppelgänger, e esse ódio acaba caindo inteiro sobre si mesmo. Inibido, interrompe a carícia, deixa o braço tombar ao longo do corpo.

O silêncio do quarto é arranhado apenas pelo som estertoroso da respiração de Rodrigo. Floriano contempla o rosto do pai e se vê nele como num espelho. A parecença física entre ambos, segundo a opinião geral e a sua própria, é extraordinária. Por um instante, sua identificação com o enfermo é tão aguda, que Floriano chega a sentir também uma angústia de afogado, e olha automaticamente para as janelas, numa esperança de mais ar…

Postada aos pés da cama, ereta, Maria Valéria conserva ainda na mão a vela acesa; seus olhos vazios parecem focados no crucifixo negro que pende da parede fronteira.

Com o estetoscópio ajustado aos ouvidos, o dr. Camerino por alguns segundos detém-se a auscultar o coração e os pulmões do paciente. Trabalha num silêncio concentrado, o cenho franzido, evitando o olhar das pessoas que o cercam, como se temesse qualquer interpelação. Terminada a auscultação, volta as costas ao doente e por espaço de um minuto fica a preparar a seringa que esteve a ferver no estojo, sobre a chama de álcool. Depois torna a acercar-se de Rodrigo, dizendo: "Vou lhe dar uma morfina.

Tenha paciência, o alívio não tarda".

Floriano desvia o olhar do braço do pai que o médico vai picar. Um cheiro ativo de éter espalha-se no ar, misturando-se com a desmaiada fragrância das madressilvas, que entra no quarto com o hálito morno da noite.

Bibi aproxima-se de Maria Valéria e, inclinando-se sobre o castiçal, apaga a vela com um sopro.

Desde que entrou, Floriano tem evitado encarar Flora, mas há um momento em que os olhos de ambos se encontram por um rápido instante. “Ela sabe de tudo” - conclui ele.

Rodrigo ergue o braço, sua mão procura a da esposa. Floriano teme que a mãe não queira compreender o gesto. Flora, porém, segura a mão do marido, que volta para ela um olhar no qual o filho julga ver um mudo, patético pedido de perdão. A cena deixa-o tão embaraçado, que ele volta a cabeça e só então dá pela presença de Sílvia, a um canto do quarto, as mãos espalmadas sobre o rosto, os ombros sacudidos por soluços mal contidos.

No momento em que o dr. Camerino mede a pressão arterial do doente, Floriano olha para o manómetro e, alarmado, vê o ponteiro oscilar sobre o número 240.

— Quanto? - balbucia Rodrigo.

O médico não responde. Agora seus movimentos se fazem mais rápidos e decididos.

— Vou lhe fazer uma sangria. Isso lhe dará um alívio completo.

Ao ouvirem a palavra sangria, Flora, Bibi e Sílvia, uma após outra, retiram-se do quarto nas pontas dos pés. Maria Valéria, porém, continua imóvel.

O dr. Camerino garroteia o braço de Rodrigo, coloca o prato na posição conveniente, tira da maleta um bisturi e flamba-o.

— Segura o braço do teu pai.

Floriano obedece. O médico passa um chumaço de algodão embebido em éter sobre a prega do cotovelo do paciente.

— Agora fique quieto…

Rodrigo cerra os olhos. O dr. Camerino faz uma incisão na veia mais saliente. Um sangue escuro começa a manar do talho, escorrendo para dentro do prato.

Floriano tem consciência duma perturbadora mescla de cheiros - o suor do pai, Tabac Blond, éter e sangue. A imagem de seu tio Toríbio se lhe desenha na mente, de mistura com a melodia obsessiva duma marcha de carnaval. Por um instante assombra-lhe a memória todo o confuso horror daquela remota e trágica noite de ano-bom…

Um suor álgido começa a umedecer-lhe o rosto e os membros, ao mesmo tempo que uma sensação de enfraquecimento lhe quebranta o corpo, como se ele também estivesse sendo sangrado.

Seu olhar segue agora, vago, o voo dum vagalume que entra lucilando no quarto, pousa por uma fração de segundo no espelho do guarda-roupa e depois se escapa por uma das janelas.

— Então, como se sente? - pergunta Camerino. — Diminuiu a dispneia?

Rodrigo abre os olhos e sorri. Sua respiração agora está mais lenta e regular. A transpiração diminui. A cor natural começa a voltar-lhe ao rosto.

O médico trata de verificar-lhe o pulso, ao mesmo tempo que lhe conta os movimentos respiratórios.

— Pronto!- exclama, ao cabo de algum tempo, com um sorriso um pouco forçado. — Dona Maria Valéria, o nosso homem está novo!

Tampona com um chumaço de gaze a veia aberta e pouco depois fecha-a com um agrafo.

Floriano apanha o prato cheio de sangue e no momento em que o coloca em cima da mesinha-de-cabeceira, sente uma súbita ânsia de vômito. Precipita-se para o quarto de banho, inclina-se sobre o vaso sanitário e ali despeja espasmodicamente a sua angústia. Aliviado, mas ainda amolentado e trêmulo, mira-se no espelho e fica meio alarmado ante a própria lividez. Abre a torneira, junta água no côncavo da mão, sorve-a, enxagua a boca, gargareja - repete a operação muitas vezes, até fazer desaparecer o amargor da bílis. Depois lava o rosto e as mãos com sabonete, enxuga-se lento, sem a menor pressa de tornar ao quarto, vagamente envergonhado de sua

fraqueza.

Quando volta, minutos depois, encontra o pai semideitado na cama, apoiado em travesseiros altos. O dr. Camerino acabou de injetar-lhe um cardiotônico na veia e agora está de novo a auscultá-lo.

Sentindo a presença de Floriano a seu lado, Maria Valéria lhe diz: - Vá tomar um chá de erva-doce, menino. É bom para o estômago.

Rodrigo esforça-se ainda por manter os olhos abertos.

— Não lute mais - murmura o médico. — A morfina é mais forte que o senhor. Entregue-se. Está tudo bem.

Sua grande mão cabeluda toca o ombro do paciente, que diz qualquer coisa em voz tão baixa, que nenhum dos outros dois homens consegue entender. O dr. Camerino inclina-se sobre a cama e pergunta: - Que foi? Rodrigo balbucia: - Que merda!

E cai no sono. Maria Valéria sorri. Floriano enlaça-lhe a cintura: - Vamos, Dinda, o seu mimoso está dormindo.

— Quem é que vai passar o resto da noite com ele? - pergunta a velha. — Decidiremos isso lá embaixo - responde o médico.

Apaga a luz do lustre, deixando acesa apenas a lâmpada de abajur verde, ao pé da cama.

Fora do quarto, no corredor, Maria Valéria para e fica um instante a escutar, como para se certificar de que ninguém mais a pode ouvir, além dos dois homens que a acompanham. Depois, em voz baixa, diz: - Vocês pensam que não sei de tudo?

Camerino acende um cigarro, solta uma baforada de fumaça e sorri: - Que é que a senhora sabe?

— O que você também sabe.

— E que é que eu sei?

— Ora não se faça de tolo!

O médico pisca um olho para Floriano: - Sua tia está atirando verdes para colher maduros…

A velha põe-se a quebrar com a unha a cera que incrusta a base do castiçal. Após uma breve pausa, cicia: - A amásia do Rodrigo está na terra. Esta noite, lá pelas oito, ele saiu com aquele alcaguete sem-vergonha do Neco, e só voltaram depois dumas três horas. Não é preciso ser muito ladino para adivinhar aonde foram…

Floriano e Camerino entreolham-se.

— Dona Flora sabe? - pergunta o médico.

— Se sabe - responde a velha - não fui eu quem contou. Floriano toma-lhe o braço: - Agora a senhora vá direitinho para a cama.

— Não estou com sono.

— Mas vá assim mesmo.

— Não me amole, menino!

Floriano conduz a velha até a porta do quarto dela.

— Vamos, Dinda, entre. Se houver alguma novidade nós lhe

avisaremos…

Os dois amigos descem para o andar inferior e encontram as outras pessoas da casa reunidas na sala de visitas. Cena final do segundo ato duma comédia dramática - pensa Floriano, censurando-se a si mesmo por não ter podido (ou querido?) evitar a comparação. O pano de boca acaba de erguer-se - continua a refletir, desgostoso consigo mesmo… ou com os outros?… ou com os acontecimentos? As personagens encontram-se nos seus devidos lugares. O cenário está de acordo com as determinações do autor. Sala de visitas no velho sobrado duma família abastada numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. Móveis antigos, escuros e pesados. Um tapete persa em tons avermelhados (imitação, indústria paulista) cobre parte do soalho. Um pomposo lustro de vidrilhos, de lâmpadas acesas, pende do teto, refletindo-se festivamente no grande espelho avoengo de moldura dourada que adorna uma das paredes, pouco acima dum consolo sobre o qual repousa um vaso azul com algumas rosas amarelas meio murchas. A um dos cantos da sala, num cavalete, vê-se uma grande tela: o retrato a óleo, de corpo inteiro, dum homem de seus vinte e cinco anos, vestido de acordo com a moda do princípio do século.

Flora está sentada numa cadeira de jacarandá lavrado, de respaldo alto. Tem as mãos pousadas no regaço, e em seus olhos tresnoitados Floriano julga ler uma expressão de ânsia mesclada de constrangimento. De pé ao lado da cadeira, Sílvia fita nos recém-chegados um olhar tímido e assustado que parece gritar: “Por amor de Deus, não me digam que ele está desenganado!” Junto a uma das janelas que se abrem para a praça, Bibi, os olhos meio exorbitados, fuma nervosamente, agitando os braços em movimentos bruscos (Bette Davis interpretando o papel de uma jovem neurótica). De costas para o espelho, perfilado e correto, colorido como um modelo de moda masculina do Esquire - revista que ele assina só para ver as figuras, pois não sabe inglês - , Marcos Sandoval fuma placidamente, aromatizando o ar com a fragrância de guaco da fumaça de seu cachimbo. Só lhe falta ter na mão um copo para ser a imitação perfeita do man ofdhtinction dos anúncios do uísque Schenley.

Todas estas reflexões passam pelo espírito de Floriano nos curtos segundos de silêncio decorridos entre sua entrada na sala e o momento em que Flora, dirigindo-se ao médico, pergunta: - Como está ele?

Ocorre agora a Floriano que nestes últimos anos nunca ouviu a mãe pronunciar uma vez sequer o nome do marido. Quando fala com qualquer dos filhos, refere-se a ele como “teu pai”. Para os criados Rodrigo é sempre “o doutor”.

— O acidente foi superado - responde Camerino. — Com a

morfina, o nosso homem vai dormir toda a noite. Deixem que amanhã ele acorde espontaneamente. Ah! É indispensável que permaneça na cama, no mais absoluto repouso. E nada de visitas, por enquanto - E a alimentação? - indaga Sílvia.

— Se ao despertar ele tiver fome, deem-lhe um chá com torradas e um copo de caldo de frutas. Durante as próximas quarenta e oito horas terá de fazer uma dieta rigorosa.

— Passa as mãos pelos cabelos revoltos, ao mesmo tempo que abafa um bocejo. Depois pergunta: - Quem é que vai passar a noite com ele?

— Eu - Sílvia apressa-se a dizer.

— Está bem. Se houver alguma novidade, mandem me chamar. Mas acho que não vai haver nenhuma. De qualquer modo, voltarei amanhã, lá pelas oito…

— Foi um novo infarto, doutor? - pergunta Sandoval.

O marido de Bibi - reflete Floriano - não tem nenhuma estima real pelo sogro… Consciente ou inconscientemente deve estar interessado numa solução rápida da crise. Morto Rodrigo, faz-se o inventário e a partilha de seus bens; Bibi exigirá sua parte em dinheiro e ambos poderão voltar para o Rio, para o tipo de vida que tanto amam… Mas ao pensar estas coisas Floriano sente, perturbado, que não está agredindo apenas a Sandoval, mas também a si mesmo.

— Não - esclarece o médico - desta vez foi um edema agudo de pulmão…

E cala-se, sem coragem - imagina Floriano - para explicar a gravidade do acidente. Há então um silêncio embaraçoso de expectativa, e a pergunta que ninguém faz fica pesando no ar. O dr. Camerino depõe a maleta em cima de uma cadeira, apaga o cigarro contra o fundo de um cinzeiro, desata e torna a atar os cordões do roupão ao redor da cintura, e a seguir olha para Floriano como a perguntar-lhe: “Devo falar franco? Valerá a pena alarmar esta gente?”

Laurinda alivia a tensão do ambiente ao entrar trazendo seis xícaras de café numa bandeja. Todos se servem, com a exceção de Flora e Sílvia. Camerino lança um olhar afetuoso para o retrato de Rodrigo, pintado em 1910 por don José Garcia, um artista boémio natural da Espanha.

— No tempo em que don Pepe pintou esse quadro - diz o médico, dirigindo-se a Sandoval - eu devia ter uns dez anos. Dona Flora decerto se lembra… Meu pai era dono da Funilaria Vesúvio, onde eu tinha a minha “banca de engraxate”. O dr. Rodrigo era um dos meus melhores fregueses. Sentava-se na cadeira e ia logo dizendo: “Dante, quero que meus sapatos fiquem como espelhos”.

Faz uma pausa para tomar um gole de café, e depois continua: - Conversava muito comigo. “Que é que tu vais ser quando ficares

grande?" Eu respondia, mais que depressa: "Doutor de curar gente". O dr. Rodrigo soltava a sua bela risada, passava a mão pela minha cabeça, e cantarolava: "Dante Camerino, bello bambino, bravo piccolino, futuro dottorino ".

Todos agora miram o Retrato, menos Flora, que tem os olhos baixos, e Floriano, que observa as reações dos outros às palavras do médico. Julga perceber uma expressão de ironia na face de Sandoval; uma impaciente indiferença na de Bibi; um misto de simpatia e piedade na de Sílvia. Quanto à mãe, Floriano nota que ela mal consegue disfarçar seu mal-estar.

O médico depõe sua xícara sobre o consolo e, pondo na voz uma doçura de cançoneta napolitana, prossegue: - Pois agora aqui está o dr. Camerino, trinta e cinco anos depois. — Segura o ventre com ambas as mãos e sorri tristemente para Sandoval. — Não mais bambino nem piccolino, nem bello nem bravo. E se consegui ficar dottorino foi graças ao dr. Rodrigo, que custeou todo o meu curso, do ginásio à Faculdade de Medicina. — Solta um suspiro, torna a olhar para o Retrato e conclui: - Por mais que eu faça por esse homem, jamais conseguirei pagar a minha dívida.

Faz-se um silêncio difícil. O canastrão terminou o seu monólogo, a sua pièce de résistance; mas ninguém o aplaudiu. Por que tudo isto continua a me parecer teatro? - pensa Floriano, irritado consigo mesmo e ansioso por tirar Camerino da sala, antes que o sentimentalão desate o pranto. Ali está ele com um surrado roupão de banho por cima do pijama zebrado, os pés nus metidos em chinelos. Com seus cabelos encaracolados, o rosto redondo, róseo e fornido (sombreado agora pela barba de um dia), a boca pequena mas polpuda e vermelha, os olhos escuros e inocentes - o filho do funileiro calabrês mais que nunca lembra a Floriano um querubim de Botticelli que tivesse crescido e atingido a meia-idade.

— Vamos, Dante - convida Floriano, puxando o outro pelo braço. — Eu te acompanho até tua casa. Estou sem sono.

Camerino apanha a maleta, despede-se e sai com o amigo.

Atravessam lentamente a rua. A boca ainda amarga, as mãos um pouco trémulas, Floriano caminha com a sensação de que seu corpo flutua no ar, sem'peso, como em certos sonhos da infância.

Fazem uma pausa na calçada da praça. Dante aponta para uma casa acachapada fronteira ao Sobrado, e em cuja fachada branca, pouco abaixo da platibanda, se destacam letras negras e graúdas, num arremedo de gótico: Armadora Pitombo. Pompas Fúnebres.

— Estás vendo? - observa Camerino. — Luz no quarto de Pitombo.

Floriano sorri: - O nosso defunteiro nestas últimas semanas tem estado em "prontidão" rigorosa, esperando a qualquer momento a

morte do Velho. Decerto viu as luzes acesas lá em casa e ficou alerta…

Camerino acende outro cigarro e, puxando o amigo pelo braço, diz-lhe: - Sabes o que se murmura na cidade? Que o Zé Pitombo tem já pronto um caixão finíssimo nas dimensões de teu pai. Cachorro!

Dão alguns passos em silêncio. Na praça deserta os vagalumes continuam o seu bailado.

— Dante - murmura Floriano - aqui para nós… qual é mesmo a situação do Velho? Essa coisa que ele teve é muito séria, não?

Camerino passa a mão pelos cabelos, num gesto meio perdido.

— Um edema agudo de pulmão por si só é algo de gravíssimo. Quando sobrevêm depois de três infartos, então o negócio fica ainda mais preto. E melhor vocês não alimentarem nenhuma ilusão.

Floriano, que temia e de certo modo esperava estas palavras, sente agravar-se subitamente a sua sensação de fraqueza e o estranho frio que quase lhe anestesia os membros, apesar da tepidez da noite. E vem-lhe agora a impressão de que nada lhe confortaria melhor o estômago vazio que comer um pão quente recém-saído do forno da Estrela-d'Alva.

Passam em silêncio ao longo dum canteiro de relva, no centro do qual se empina um pequeno obelisco de granito rosado. Quando menino, Floriano costumava repetir de cor e com orgulho os dizeres gravados na placa de bronze, na base do monumento: Durante o terrível surto de influenza espanhola que em 1918 vitimou tantos santa-fezenses, um cidadão houve que, embora atacado do mal e ardendo em febre, manteve-se de fé para cumprir sua missão de médico, atendendo a ricos e pobres com o mesmo carinho e dedicação: o dr. Rodrigo Terra Cambará. Que o bronze diga aos pósteros desse heroico e nobre feito.

Camerino pousa o braço sobre os ombros de Floriano e murmura: - Eu me sinto responsável pelo que aconteceu ao teu pai.

— Ora… por quê?

— Ele estava tão bem, que lhe dei licença para sair da cama… E ontem nem fui vê-lo. Se tivesse ido, talvez essa coisa toda…

— Qual! - interrompe-o Floriano. — Tu conheces bem o Velho. Quando ele desembesta não há ninguém que consiga agarrá-lo…

Camerino ergue a cabeça e por um instante fica a mirar as estrelas. Como passam agora debaixo dum combustor, Floriano vislumbra um brilho de lágrimas nos olhos do amigo.

— E se a gente fosse sentar um pouco debaixo da figueira? Camerino funga, passa nos olhos a manga do roupão e murmura: - Boa ideia.

Sentam-se à sombra da grande árvore. Camerino inclina o busto, apoia os cotovelos nos joelhos e fica a olhar fixamente para o chão.

— Como é essa mulher? - pergunta, depois dum silêncio.

— Uns vinte e três ou vinte e quatro anos, morena, bem-feita de corpo, bonita de cara…

— Que tipo de mentalidade?

— Não tenho a menor ideia.

O médico endireita o busto e volta-se para o amigo: - A simples presença dessa menina na cidade é um perigo danado. Precisamos evitar que o Velho torne a encontrar-se com ela. A coisa é muito séria, Floriano. Perdoa a franqueza, mas o dr. Rodrigo pode morrer na cama com a rapariga… e isso seria um horror. Pensa no escândalo, na tua mãe…

— Mas ele pode morrer em casa, na própria cama… e sozinho, não pode?

O médico sacode a cabeça numa lenta, relutante afirmativa.

— A triste verdade - murmura - é que teu pai está condenado… - Sua voz se quebra de repente, como que prestes a transformar-se num soluço. — O futuro do Velho é sombrio, por melhor que seu estado de saúde possa parecer nos próximos dias ou semanas… Ele pode marchar para uma insuficiência cardíaca, de duração mais ou menos longa… tudo dependendo da maneira como seu organismo reagir à medicação… Sim, e também do seu comportamento como paciente…

— Paciente é uma palavra que jamais se poderá aplicar com propriedade a um homem como meu pai…

— É o diabo - suspira Camerino. — Se ele não evitar emoções, se cometer mais alguma loucura, algum excesso, só poderá apressar o fim…

Floriano não tem coragem de dar voz à pergunta que se lhe forma na mente. Mas o médico como que lhe adivinha o pensamento: - Há outra hipótese… Ele pode morrer de repente.

Estas palavras produzem em Floriano uma instantânea sensação de medrosa, agourenta expectativa, uma espécie de mancha no peito semelhante à que ele costumava sentir quando menino, na véspera e na hora dos exames escolares. Com os olhos enevoados fica a contemplar o Sobrado.

— Portanto - conclui o outro - vocês devem estar preparados…

A triste e fria verdade - pensa Floriano - é que todos nós, em maior ou menor grau, estamos sempre preparados para aceitar a morte dos outros.

Camerino levanta-se e, num gesto frenético, desamarra e torna a amarrar os cordões do roupão.

— E havia de me acontecer essa! - exclama, sacudindo os braços. — O meu protetor, o meu segundo pai, o meu melhor amigo… vir morrer nas minhas mãos!

Põe-se a andar dum lado para outro na frente de Floriano, o cigarro preso e meio esquecido entre os lábios, as mãos trançadas às

costas. Ao cabo de alguns instantes, aparentemente mais calmo, torna a sentar-se.

Tu sabes, Floriano, não gosto de me meter na vida de ninguém. Mas que diabo! Me considero um pouco da tua família. Acho que tenho o direito de fazer certas perguntas…

— Claro, homem. De que se trata?

— Há uma coisa que ainda não entendi nem tive coragem de pedir ao dr. Rodrigo que me explicasse…

Pousa a mão no ombro de Floriano e pergunta: - Por que foi que, logo depois da queda do Getúlio, teu pai se precipitou para cá com toda a família, assim como quem está fugindo de alguma coisa? Me explica.

Eu sei que o dr. Rodrigo era, como se diz, homem "de copa e cozinha" do ditador, figura de influência no governo… Está bem. Mas por que essa pressa em vir para cá, essa corrida dramática? Até agora, que eu saiba, não houve nenhuma represália contra os getulistas, nenhuma prisão…

— Bom - diz Floriano, cruzando as pernas e recostando-se no respaldo do banco. — A minha interpretação é a seguinte: durante esses quinze anos de residência no Rio, papai continuou sendo um homem do Rio Grande, apesar de todas as aparências em contrário. Não havia ano em que não viesse a Santa Fé, pelo menos uma vez, nas férias de verão. Esta é a sua cidadela, a sua base, o seu chão… Para ele a querência é por assim dizer uma espécie de regaço materno, um lugar de refúgio, de reconforto, de proteção… Não é natural que num momento de decepção, de perigo real ou imaginado, de aflição, de dúvida ou de insegurança ele corra de volta para os braços da mãe?

Camerino faz uma careta de incredulidade.

— A tua explicação, perdoa que te diga, é um tanto rebuscada. Não me convence.

— Está bem. Vou te dar então as razões de superfície, se preferes. De todos os amigos do Getúlio, papai foi o que menos se conformou com a situação. Queria barulho.

Achava que deviam reunir e armar as forças do queremismo e reagir.

— Mas reagir como? Floriano encolhe os ombros.

— Sabes o que ele fez quando teve notícia de que os generais haviam obrigado o Getúlio a renunciar? Correu para a casa do general Rubim, que ele conheceu como tenente aqui em Santa Fé, e disse-lhe horrores. "Seu canalha, seu crápula! Você jantou anteontem comigo, sabia já de toda essa conspiração indecente e não me contou nada!"

O Gois Monteiro, que estava presente, quis intervir. Papai se voltou para ele e gritou: "E você, seu sargentão borracho? Você que deve ao presidente tudo que é, você…" Enfim, disse-lhe o diabo. O

Gois ergueu a bengala e o Velho já estava com a mão no revólver quando amigos civis e militares intervieram e carregaram o nosso caudilho para fora… Depois dessa cena, algumas pessoas chegadas acharam que papai devia vir para cá o quanto antes, para evitar conflitos mais sérios.

Camerino sacode a cabeça lentamente.

— Bom, essa explicação acho boa. A coisa agora me parece mais clara.

— O dr. Rodrigo aceitou a ideia e, como bom patriarca, insistiu em trazer toda a família, inclusive a preciosidade do "genro". E este seu filho, que não tem nada com o peixe.

Ocorre-lhe que esta é uma boa autodefinição: "O que não tem nada com o peixe". Sente, então, mais que nunca, o que há de falso, vazio e absurdo na sua posição.

— É por isso que aqui estamos todos - conclui - para alegria dos mexeriqueiros municipais.

O outro cruza os braços e por alguns instantes fica a assobiar por entre os dentes, repetindo, distraído e desafinado, as seis primeiras notas de La donna e mobile, Floriano tem a impressão de que quem está a seu lado é um gurizão que gazeou a aula e, com medo de voltar para a casa, veio refugiar-se debaixo da figueira.

— Não vi o Eduardo - diz Camerino. — Onde se meteu ele?

— Foi dirigir um comício em Garibaldina.

— Será que os comunistas esperam eleger seu ridículo candidato de última hora?

— O candidato do PSD não é lá muito sublime…

— Tu sabes que eu vou votar no brigadeiro.

— Não contes isso ao Velho.

— Ora, não creio que um homem como o dr. Rodrigo possa ter qualquer entusiasmo pelo general Dutra…

— Está claro que não tem. Diz para quem quiser ouvir que o ex-ministro da Guerra não passa dum respeitável sangentão. Mas acontece que o dr. Getúlio vai dar o seu apoio ao general.

— Ao homem que ajudou a depô-lo? O diabo queira entender o Baixinho !

— O João Neves é um homem muito inteligente e persuasivo…

Camerino olha para o Sobrado, cujas janelas se vão aos poucos apagando. Depois de alguns segundos de silêncio, pergunta: - E tu como te sentes nessa engrenagem toda?

— Como uma peça solta.

— Se permites que mais uma vez eu meta o bedelho na vida da tua família, te direi que na minha opinião o Sobrado não é mais o que era no tempo do velho Licurgo.

Uma vaca entra num canteiro de relva, a poucos metros da

figueira, e põe-se a pastar. Um vagalume pousa-lhe no lombo negro e ali fica a cintilar como uma joia.

De súbito Floriano sente-se tentado a fazer confidências.. Gosta de Camerino e há nas relações entre ambos uma circunstância que o diverte e até certo ponto enternece.

Quando ele, Floriano, foi batizado, seu pai convidou Dante, que tinha então onze anos, para ser o "padrinho de apresentação".

Lembrando-se agora disso, sorri, toca no braço do amigo e diz: - Meu padrinho, prepare-se, pois estou em veia confidencial. Camerino encara-o, surpreendido.

— Não acredito…

— Tens que acreditar. Estás assistindo a um fenómeno portentoso. O caramujo procura deixar sua concha. Não ria da nudez do bicho…

Cala-se. Sabe que a sombra da figueira lhe propicia esta disposição de espírito. No fundo o que vai fazer é pensar, como de costume, em voz alta, só que desta vez na presença de outra pessoa.

— Desde que cheguei tenho me analisado a mim mesmo e à gente do Sobrado.

Ergue-se, enfia as mãos nos bolsos. Camerino acende outro cigarro.

— Não é nenhum segredo - prossegue Floriano - que papai e mamãe há muito estão separados, embora vivam na mesma casa e mantenham as aparências. Devo dizer que a conduta da Velha tem sido irrepreensível. Nada fez que pudesse prejudicar, de leve que fosse, a carreira do marido. Quando foram para o Rio, a coisa já não andava muito boa. Lá em cima tudo piorou. Tu sabes, mamãe não perdoa ao Velho por suas infidelidades. E não vejo por que deva perdoar, uma vez que foi educada dentro dos princípios rígidos dos Quadros. E o mais extraordinário é que ela nunca permitiu, nem aos parentes mais chegados, que criticassem o marido na sua presença. Mais que isso, nunca consentiu que o problema do casal fosse discutido ou sequer mencionado. E agora que papai está doente e politicamente derrotado, agora que podia haver uma esperança, por mais remota que fosse, de reconciliação, o dr. Rodrigo teve a infeliz ideia de mandar buscar essa rapariga…

Camerino escuta-o em silêncio, sacudindo lentamente a cabeça.

— Mamãe não se abre com ninguém. Posso bem imaginar seu sofrimento. Desde que percebeu que havia perdido o marido, tenho a impressão de que se voltou para os filhos em busca duma compensação… Agora vamos examinar esses filhos. Tomemos primeiro o Eduardo. Na sua fúria de "cristão-novo" o rapaz, que vê tudo e todos pelo prisma marxista, está procurando mostrar a seus companheiros de partido que não é por ser filho dum latifundiário e figurão do Estado Novo que ele vai deixar de ser um bom comunista.

E qual é a melhor maneira de provar isso senão renegando em público, e com violência, esse pai “comprometedor”?

— No fundo deve adorar o Velho.

— Pode ser. Mas vamos ao Jango. É um Quadros, um Terra, um homem do campo, digamos: um gaúcho ortodoxo. Se o Eduardo deseja com uma paixão de templário a reforma agrária, Jango com a mesma paixão quer não só conservar o Angico como também aumentar a estância, adquirindo mais campo, mais gado…

— Já assisti a uma discussão do Jango com o Eduardo. Saiu faísca. Pensei que iam se atracar a bofetadas.

— O curioso é que o Jango no fundo não leva o irmão muito a sério. E o Eduardo classifica o Jango como um primário, um reacionário e encerra o assunto. Já observei também que o nosso marxista acha que, embora errado, Jango é alguma coisa, tem uma tábua de valores fixa, acredita em princípios que defenderá com unhas e dentes, enquanto eu, para o nosso “comissário”, não passo dum indeciso, dum comodista, dum intelectual pequeno-burguês. É por isso que ele tem menos paciência comigo do que com o Jango.

— Não vais negar que o Jango é teu amigo.

— Talvez, mas me olha com uma mistura de incompreensão e desprezo.

— Por que desprezo?

— Porque não gosto da vida campeira, nunca usei bombacha e não sei andar a cavalo. Para um gaúcho da têmpera de Jango, não saber andar a cavalo é defeito quase tão grave como ser pederasta.

— Estás exagerando.

— Mas vamos adiante. O Eduardo ataca o pai nos seus discursos em praça pública. Mas o Jango, esse jamais critica o Velho, nem mesmo na intimidade. Apesar de libertador e antigetulista nunca ousou exprimir suas ideias políticas na presença do pai.

— Ó Floriano! Quem te ouve dizer isso pode pensar que o dr. Rodrigo é um monstro de intolerância…

Sem tomar conhecimento da interrupção, Floriano continua: - Agora, a nossa irmã. Às vezes me divirto a fazer uma autópsia" surrealista da Bibi. E sabes o que encontro dentro daquele cérebro? Um pouco da areia de Copacabana, letras de samba, umas fichas de roleta, uma garrafa de old Parr e um vidro de Chanel n° 5- Floriano sente que Camerino não compreendeu sua fantasia. Mas prossegue: - Se eu te disser que nestes últimos dez anos nunca, mas nunca mesmo, cheguei a conversar com a minha irmã durante mais de dez minutos a fio, tu não vais acreditar…

— De quem foi a culpa?

— De ninguém. Temos dez anos de diferença de idade, e interesses quase opostos. Nesses quinze anos que passamos no Rio,

apenas nos avistávamos. Quase nunca nos encontrávamos às horas das refeições. A família raramente se reunia inteira ao redor da mesma mesa. O Velho em geral almoçava no Jockey Club com algum amigo, e frequentemente tinha convites para jantar fora com diplomatas, capitães de indústria, políticos… Bibi vivia nas suas festas e não concebia sequer a ideia de passar uma noite sem ir a um cassino dançar e jogar. Tu sabes, teve um casamento que não deu certo e acabou em desquite. Por fim pescou esse Sandoval, que ninguém lá em casa conhecia.

Só se sabia que o homem era simpático, trajava bem, frequentava o Cassino da Urca, costumava jogar na terceira dúzia e gabava-se de tutear o Bejo Vargas…

Camerino solta uma risada. Não parece o mesmo homem que há pouco tinha lágrimas nos olhos.

— Quanto a mim, tenho sido apenas um turista dentro da família, a qual por sua vez me considera uma espécie de bicho raro. Um homem que escreve livros…

— Não podes negar que teu pai tem orgulho de ti, de teus escritos…

— Olha, não sei… Ele nunca me perdoou por eu não me haver formado em alguma coisa. Nunca compreendeu que eu não me interessasse por uma carreira política, profissional ou diplomática.

— Ah! Mas se vê que ele tem um fraco por ti.

— Narcisismo. Ele ama em mim o seu próprio físico.

— Tu complicas demais as coisas.

— Já sei o que queres dizer: vejo tudo como um intelectual, não é? Mas, voltando ao Edu… Quem herdou o temperamento esquentado do Velho foi ele. Parece uma contradição, mas esse citador de Marx, Lênin e Stálin, esse campeão do proletariado e da Nova Humanidade no fundo é um caudilhote.

Camerino sorri, sacudindo afirmativamente a cabeça.

Acho que nesse ponto tens razão.

Como Pinheiro Machado, o Eduardo anda com um punhal na cava do colete…(A única diferença é que o nosso comunista não usa colete.) Tu sabes, é aquele velho punhal com cabo de prata que pertenceu ao nosso bisavô Florêncio e que depois passou para o tio Toríbio… Dizem que está na família há quase dois séculos Floriano torna a sentar-se, estendendo as pernas e atirando a cabeça para trás. A sensação de fraqueza continua, mas o amargor desapareceu-lhe da boca. Uma frase se lhe forma espontânea na mente: De súbito a noite se tornou íntima.

— Mas continuemos com a nossa análise - prossegue. — Lá está o Velho agora, seriamente doente, reduzido a uma imobilidade, a uma invalidez que é a maior desgraça que podia acontecer a um homem de

seu temperamento. O presidente Vargas caiu e o dr. Rodrigo Cambará está sem saber que rumo tomar. Seu mundo de facilidades, prazeres, honrarias e prestígio de repente se desfez em pedaços. É possível que o Velho esteja agora examinando os cacos, tentando reuni-los… Mas tu sabes, um Cambará não é homem de juntar cacos. Para ele é mais fácil reduzir pessoas e coisas a cacos. Reunir cacos é trabalho de mulher. A Dinda nestas últimas semanas não tem feito outra coisa senão tentar juntar os cacos da nossa família…

— Outro exagero - murmurou Camerino - mas continua…

— Esse descanso vai dar ao meu pai tempo para pensar em muita coisa, e não creio que todas as suas lembranças sejam agradáveis. Ele pode continuar dizendo da boca para fora que o Estado Novo beneficiou o país, que o Getúlio é o maior estadista que o Brasil já produziu, o Pai dos Pobres, etc… etc… Mas se for sincero consigo mesmo terá agora uma consciência aguda dos aspectos negativos da Revolução de 30: a corrida para os empregos, as negociatas indecentes, a ditadura, a censura da imprensa, as crueldades da polícia carioca, a desagregação moral dos nossos homens de governo…

Camerino coçou a cabeça, num gesto de indecisão.

— Um udenista como eu será a última pessoa do mundo a fazer a defesa do Estado Novo. Mas acho que é uma injustiça atirar para cima dos ombros do dr. Rodrigo qualquer parcela de culpa…

— Mas não! - interrompe-o Floriano. — Não estou acusando nem julgando o Velho. Quem sou eu? Estou tentando me meter na pele dele, imaginar com simpatia humana o que ele está pensando, sentindo, sofrendo… É impossível que ele não veja que esses anos de Rio de Janeiro desagregaram nossa família. Mamãe sempre criticava a vida que Bibi levava, e isso acabou indispondo uma com a outra, a ponto de passarem dias sem se falarem. Até hoje há entre ambas uma animosidade surda. Os três filhos homens têm conflitos de temperamento, de interesses, de opiniões. É possível que o Velho tenha engolido o "genro" novo que Bibi lhe arranjou: engoliu mas estou certo de que não digeriu. Põe em cima de tudo isso a presença da outra mulher em Santa Fé e terás um quadro quase completo desta "reunião de família".

Faz uma pausa e depois exclama, desta vez sorridente: - Ah! Esqueci uma grande figura… a velha Maria Valéria. Essa é a vestal do Sobrado, que mantém acesa a chama sagrada de sua vela… É uma espécie de farol em cima dum rochedo, batido pelo vento e pelo tempo… Uma espécie de consciência viva de todos nós.

Começa a assobiar, sem sentir, a melodia da canção que Dinda cantava para fazê-lo adormecer, quando ele era criança.

— Deixaste uma personagem fora do quadro - murmura Camerino ao cabo de uma pausa.

Floriano tem uma súbita sensação de mal-estar.

— Qual? pergunta automaticamente, embora sabendo a quem o outro se refere.

— A Sílvia.

— Ah! Mas é que não a conheço tão bem quanto aos outros… - começa, sentindo a falsidade das próprias palavras.

Camerino traça riscos no chão com a ponta do chinelo.

— Deves ter notado pelo menos que ela e o marido não são felizes…

Floriano por alguns segundos permanece calado. Deve admitir ou negar que sabe do estado das relações entre Jango e Sílvia?

— Não notei nada.

— Esse casamento foi a maior surpresa da minha vida. Que o rapaz andava louco pela menina, todo o mundo via. Mas Sílvia fugia dele, e levou um tempão para se decidir.

Floriano está ansioso por mudar o rumo da conversa. Conclui que sua melhor defesa será o silêncio. Não. Talvez o silêncio também possa incriminá-lo…

— Esse assunto é delicado demais - balbucia, arrependendo-se de ter dito estas palavras, pois percebe imediatamente que elas criam uma contradição.

— Não é mais delicado que o das relações entre o teu pai e a tua mãe…

Floriano toma outro rumo: - Está bem. Eu explico o casamento assim. Sílvia podia não estar apaixonada pelo Jango, mas uma coisa era certa: a sua fascinação pelo Sobrado, desde menininha.

O Jango fazia a sua carga cerrada, tia Maria Valéria o protegia, queria vê-los casados. Papai chegou a escrever uma carta à Sílvia, dizendo claramente que ficaria muito feliz se ela, além de sua afilhada, viesse a ser também sua nora. Ante todas essas pressões, a Sílvia acabou cedendo…

Camerino sacode a cabeça.

— Sim, mas te asseguro que a coisa não deu certo. Tu sabes, diferenças de temperamento. Dum lado uma moça sensível, com a sua ilustraçãozinha, os seus sonhos, e do outro (perdoa a minha franqueza) um homem bom, decente mas um pouco rude, um “casca-grossa”, como se costuma dizer. — Faz uma pausa, hesitante, como que temendo entrar em maiores intimidades. — Há outra dificuldade ainda, além da incompatibilidade de gênios. Como sabes, o sonho dourado do Jango é ter um filho. Há uns cinco anos a Sílvia engravidou, mas perdeu a criança no terceiro mês… Teu irmão ficou inconsolável. Dois anos depois a Sílvia tornou a apresentar sinais de gravidez.

Novas esperanças… Mas tudo não passou dum rebate falso. E por

mais absurdo que pareça, o Jango procede como se a mulher fosse culpada de todos esses insucessos…

— O que ele quer é um filho macho para levar o nome de Cambará e tomar conta do Angico - diz Floriano com um surdo rancor pelo irmão. — Mesmo que isso custe a vida da mulher.

— Tenho muita pena dessa menina. É uma flor… mas é a companheira errada para o teu irmão. O que ele precisava era uma fêmea forte como uma égua normanda, boa parideira… e que soubesse tirar leite, fazer queijo, cozinhar… tomar conta da criadagem. A Sílvia não nasceu para mulher de estancieiro. Depois, não morre de amores pelo Angico. E o Jango, coitado!, não se conforma com a situação.

Floriano ergue-se com uma impaciência que não consegue reprimir, e pergunta: - Mas que é que eu posso fazer?

Não ouve o que o outro diz, pois está escutando apenas a resposta que ele mesmo se dá mentalmente: "Levá-la daqui comigo, o quanto antes… não importa como nem para onde!" Pensa isto sem verdadeira convicção, já com um antecipado sentimento de culpa.

Camerino risca um fósforo e alumia o mostrador do seu relógio-pulseira.

— Opa! - exclama, pondo-se de pé. — Cinco para as quatro. Quero ver se posso dormir pelo menos umas três horas. Amanhã tenho de estar no hospital às sete e meia…

Põe a mão no ombro do amigo.

— Bueno, Floriano, se houver alguma novidade, gritem por mim. Boa noite.

Pega na maleta e se vai. Floriano permanece por alguns minutos à sombra da figueira, com um vago medo de voltar para casa.

Entra no Sobrado e vai direito ao quarto do pai. Abre a porta devagarinho. A lâmpada de luz verde está apagada, e na penumbra brilha agora a chama duma lamparina, sobre a mesinha-de-cabeceira. Maria Valéria está sentada ao pé do leito, na cadeira de balanço que pertenceu à velha Bibiana.

Floriano aproxima-se dela e sussurra-lhe ao ouvido: - Como vai ele?

— Dormindo como um anjo.

— E a Sílvia, por que não ficou aqui como estava combinado?

— Mandei ela dormir. Gente moça carece de sono. Velho não.

Por alguns instantes Floriano queda-se a observar o pai, cuja respiração lhe parece normal. Os cabelos de Rodrigo Cambará, ainda fartos e negros, estriados aqui e ali de fios prateados, estão em desordem, como que agitados pelo mesmo vento imaginário que don Pepe Garcia tentou sugerir no retrato que pintou do senhor do Sobrado.

Há neste rosto agora em repouso uma surpreendente expressão de mocidade e vigor. Um estranho que o observasse aqui nesta meia-luz dificilmente acreditaria que, entre o dia em que o artista terminou o quadro e este momento, se passaram quase trinta e cinco anos.

— Se precisar de alguma coisa, me chame, Dinda. Maria Valéria limita-se a fazer um sinal afirmativo com a cabeça. Floriano sai do quarto na ponta dos pés.

De tão cansado, nem teve ânimo para despir-se e enfiar o pijama. Tirou apenas os sapatos. ("Tire os coturnos, relaxado!" - gritou-lhe a Dinda do fundo do poço da infância.) De calças e em mangas de camisa como estava, apagou a luz e estendeu-se na cama, na esperança de afundar no sono imediatamente. Mas qual! Aqui está agora a revolver-se de um lado para outro. Sente o corpo meio anestesiado, mas o cérebro - frenético contínuo - trabalha implacavelmente, E a imaginação, como uma aranha industriosa e maligna, tece fantasias em torno das duas figuras obsessivas que não se lhe apagam da mente, por mais que ele procure não pensar nelas: o pai, que pode morrer duma hora para outra, e Sílvia; que ele ama e deseja… e que neste momento está dormindo sozinha no seu quarto, ali no fundo do corredor…

Põe-se de bruços, apertando a parte superior do peito contra o travesseiro. Um dia estou sentado na cama do Velho e de repente ele começa a afogar-se em sangue, a cara lívida, a respiração um ronco medonho… Seus olhos me suplicam que faça alguma coisa… Quero sair correndo em busca de socorro, mas ele me agarra pelos ombros com força e acaba morrendo nos meus braços.

Floriano pensa vagamente em tomar um comprimido de Seconal. Basta virar-se, estender o braço para a mesinha-de-cabeceira e apanhar o frasco… Mas o temor de habituar-se ao uso de barbitúricos (não fosse ele um Quadros e um Terra) lhe tranca o gesto.

Por um instante fica a escutar - com uma sombra do medo que o perturbava quando fazia isso em menino - as batidas do próprio coração. Se esta coisa para de repente?

E o coração do velho Rodrigo… estará ainda batendo? É curioso - reflete - , de dia sou um homem lúcido que sorri para os seus fantasmas. A noite é que me traz estes pensamentos mórbidos. Por que não imaginar coisas mais alegres?

Sílvia agora lhe aparece tal como a viu ontem, à tardinha, a regar com a água duma mangueira as plantas do quintal. Seu vestido é da cor das flores das alamandas.

Sua sombra projeta-se azulada no chão de terra batida. Os pessegueiros estão pesados de frutos. E então eu desço, aproximo-me dela por trás, enlaço-lhe a cintura, puxo-a contra meu corpo, beijo-lhe o lóbulo da orelha, minhas mãos sobem e cobrem-lhe os seios… e ela

se encolhe arrepiada e se volta, e sua boca entreaberta rocura a minha… Mas não! Sílvia é a mulher de Jango. Está tudo errado. O melhor é dormir.

Revira-se, fica em decúbito dorsal, as pernas abertas, o corpo agora desperto e aquecido de desejo. Para fugir de Sílvia, pensa no pai.

Rodrigo Cambará morreu. Seu esquife entre quatro círios acesos reflete-se no espelho grande da sala. Um lenço cobre o rosto do morto. Seus dedos trançados sobre o ventre tem quase a cor das mãos de cera que o Pitombo expõe na sua vitrina… Meus pêsames! Murmúrios. Choro abafado. Condolências! Abraços. Caras compungidas.

Ah! o adocicado e nauseante cheiro dos velórios! E ele, Floriano, prisioneiro da câmara mortuária, sentindo uma vergonha de homem e, ao mesmo tempo, um terror de menino diante de todo aquele cerimonial… Roque Bandeira sopra-lhe ao ouvido: "Morrer é a coisa mais vulgar deste mundo. Qualquer cretino pode dum minuto para outro virar defunto. Um homem como teu pai devia evaporar-se no ar, para seu corpo não ficar sujeito a toda esta comédia macabra".

Floriano soergue-se na cama, despe a camisa num gesto brusco e atira-a para cima duma cadeira. Deita-se de novo e, de olhos fechados, fica a passar a mão pelo tórax úmido de suor. Vem-lhe um desejo repentino de fugir de tudo isto, do que já é e principalmente do que poderá vir a ser. Mas não! Basta de fugas.

Quanto a meu pai - pensa - não há nada que eu possa fazer. No caso de Sílvia, tudo vai depender de mim, exclusivamente de mim. Sinto, sei, tenho a certeza de que ela jamais tomará qualquer iniciativa… "É uma questão de tempo" - disse-lhe há pouco Camerino, referindo-se à morte do Velho. Sim, tudo na vida - a própria vida, e as nossas angústias - , tudo é uma questão de tempo. E o tempo me ajudará a esquecer Sílvia… O diabo é que agora se trata duma questão de espaço. Faz um cálculo: quatro passos daqui à porta… mais seis até o quarto dela… Ali! Se tudo fosse apenas um problema de geometria!

Ponho a mão na maçaneta… O coração bate acelerado…. expectativa e medo. Boca seca. Um aperto na garganta. Abro a porta devagarinho como um ladrão (ou um assassino?).

A penumbra do quarto. Com o corpo numa tremedeira, fico a olhar para a cama onde Sílvia está deitada. Depois me aproximo… E se ela me repelir? Se ela gritar? Mas não. Sinto que está acordada, que me espera.. . Rolamos abraçados sobre os lençóis, ofegantes… A porta do quarto se abre, a Dinda aparece com uma vela acesa na mão e grita: Porcos!

Num pincho, como que impelido pela voz da velha, Floriano atira as pernas para fora da cama e põe-se de pé. Aproxima-se da pia, abre a torneira e começa a molhar o rosto, os braços, o pescoço, a cabeça,

como se quisesse lavar-se das ideias lúbricas. Depois, ainda gotejante, acerca-se da janela e fica a olhar para o quintal, mas sem prestar atenção no que vê.

Como posso pensar coisas assim? Quando amanhecer o bom senso me voltará, serei o sujeito policiado que sempre fui e acharei absurdas e até ridículas estas fantasias noturnas de adolescente. Sílvia é tabu. Está liquidado o assunto.

Olha para o vidro de Seconal. Não. Prefiro atravessar a noite em claro com todos os meus espectros. Sorri para si mesmo. Nada disto é grave. Nada… a não ser a situação do Velho.

Pega uma toalha, enxuga-se com gestos distraídos. Torna a deitar-se e começa a assobiar baixinho uma frase do quinteto para clarineta e cordas de Brahms. Sente-se imediatamente transportado para aquela noite, na Ópera de San Francisco da Califórnia… Escutava o quinteto procurando fazer a abstração do ambiente (o cavalheiro calvo que mascava chiclé, à sua frente, a dama gorda a seu lado, recendente a Old Spice), queria apreciar a música na sua pureza essencial, sem verbalizações. Fechou os olhos E teve a impressão de que a melodia, como uma lanterna mágica, lhe projetava contra o fundo escuro das pálpebras a imagem de Sílvia. Foi nesse instante que teve a doce e pungente certeza de que ainda a amava…

Uma tábua do soalho estala. Floriano, que estava prestes a adormecer, soergue-se num sobressalto e fica à escuta. Passos no corredor. Seu coração dispara, como que compreendendo primeiro que o cérebro o perigo que se aproxima. Perigo? Sim, pode ser Sílvia… A possibilidade o alarma e excita. Acredita e deseja com o corpo inteiro que seja Sílvia, enquanto sua cabeça tenta repelir a ideia.

Mesmo que seja Sílvia - raciocina - isso não quer dizer que venha bater à minha porta. Mas por que não? Ela ainda me ama. Eu sei, eu sinto. O silêncio da noite quente, a solidão, a ideia de que a morte ronda o casarão - tudo isso pode tê-la impelido para mim… Sim, é Sílvia.

Continua a escutar, tenso. O corpo inteiro lhe dói de desejo e medo. O ruído de passos cessa… Decerto Sílvia está parada à frente da porta… Terá coragem de entrar?

Duas batidas leves. Floriano põe-se de pé.

A porta abre-se devagarinho e Flora Cambará entra. Decepcionado e ao mesmo tempo aliviado, Floriano solta um suspiro, agarra a toalha num gesto automático e põe-se a enxugar o torso, por onde o suor escorre em bagas.

Flora acende a luz e o filho tem uma súbita e constrangedora sensação de desmascaramento e nudez, como se todos os desejos e maus pensamentos da noite lhe estivessem visíveis na face. Apanha a camisa e veste-a.

Percebe agora que a mãe tem numa das mãos um prato com um copo de leite e um pedaço de bolo. Vem me amamentar, pensa, com uma mescla de impaciência e ternura.

— Faz muito tempo que chegaste, meu filho?

— Uns trinta ou trinta e cinco minutos…

— Não te vi entrar. Estava já preocupada.

— Ora, não havia motivo.

— Por que demoraste tanto?

— Fiquei conversando com o Dante, debaixo da figueira. Ela lhe entrega o prato.

— Vamos, toma o leite. Está morninho. Vai te ajudar a dormir.

— Está bem. Mas não quero o bolo.

Segura o copo e começa a beber, sem o menor entusiasmo, com o olhar fito na mãe. A serena tristeza destes olhos escuros e limpos sempre o enterneceu. Há no entanto uma coisa com que ainda não conseguiu habituar-se: a mocidade da mãe. Aos cinquenta e cinco anos, aparenta pouco mais de quarenta. Nenhum fio de cabelo branco na cabeça bem-cuidada. No rosto ovalado, dum tom mate e cetinoso, nenhuma ruga. Tem ainda algo de adolescente no porte frágil, na cintura fina, nos seios miúdos. Maria Valéria costuma dizer que é difícil acreditar que três "marmanjos" e mais a Bibi tenham saído de dentro deste corpo de menina.

— E o teu irmão, por que ainda não voltou?

— Acho que o comício acabou muito tarde e ele resolveu passar a noite em Garibaldina.

Ela franze a testa, deixa escapar um suspiro.

— O Eduardo me preocupa… - murmura. — Falar contra o próprio pai em praça pública não é coisa que se faça.

Floriano depõe o prato em cima da cômoda, segura Flora afetuosamente pelos ombros, beija-lhe de leve a testa, e depois estreita-a contra o peito. Mas arrepende-se imediatamente do gesto, pois ela desata a chorar de mansinho. Ele não sabe que dizer, murmura apenas - ora… ora… - , passa a mão pelos cabelos da mãe. Jamais a viu chorar, sempre admirou seu autodomínio, a coragem com que enfrenta todos os problemas - os domésticos e os outros - a discrição com que se comportou sempre, e que tornou tudo tão mais fácil para todos. Chorará agora por causa da doença do marido? Ou por causa da desagregação da família? Ou estará apenas - como disse há pouco - preocupada com o Eduardo? Floriano acha conveniente fingir que aceita a última hipótese. Não quer tocar nem de leve na ferida maior.

— Não pense nisso, mamãe. O Edu é um impulsivo, faz as coisas sem pensar e depois se arrepende. No fundo tem paixão pelo Velho.

Flora aparta-se do filho e começa a enxugar os olhos.

— Que bobagem a minha, chorar deste jeito como uma criança! Afinal, já devia estar acostumada com todas essas coisas…

A que coisas se refere ela? Às aventuras amorosas do marido? Aos pronunciamentos agressivos de Eduardo? Quando dá acordo de si, Floriano está metido no assunto mesmo que tanto queria evitar: - Afinal de contas o papai e o Eduardo se parecem muito de gênio. Nenhum deles tem papas na língua. Não pensam nunca em quem podem ferir quando dizem ou fazem as coisas… São donos do mundo.

— Seja como for, ele é pai de vocês. Um filho não deve nunca criticar o pai.

Bonito! Aqui está um artigo do código dos Quadros, que é idêntico ao dos Cambarás. Certo ou errado, bom ou mau, pai é pai. O filho deve sempre baixar a cabeça diante do chefe do clã.

— Termine o leite.

— Ora, mamãe…

Floriano sente que voltou aos cinco anos na maneira com que quase choramingou estas últimas palavras. Sorri e devolve a Flora o prato com o copo e o bolo.

— Por amor de Deus, não me obrigue a tomar o resto.

— Está bem. Agora durma. Beija o filho na testa e se vai.

Pela manhã, ao voltar ao Sobrado, o dr. Camerino encontra Rodrigo acordado e Maria Valéria ainda de guarda ao pé do leito.

— Bom dia! - exclama, procurando dar à voz um tom jovial. — Como vai o nosso doente?

Sentado na cama, recostado em travesseiros, Rodrigo responde com voz débil: - Estou como aquele velho gaúcho de Uruguaiana “peleando em retirada e com pouca munição”.

— Qual nada! - replica o médico. — Munição é o que não lhe falta.

— O que ele não tem é vergonha - diz a velha. Rodrigo sorri e pisca um olho para Camerino, que acaba de sentar-se na cama.

— E a respiração?

— Regular pra campanha.

— Alguma dor ou opressão? Rodrigo faz um sinal negativo.

— Estou é meio bombardeado, a cabeça pesada, o estômago embrulhado.

— É da morfina.

Camerino segura o pulso do amigo e durante meio minuto fica a olhar para o mostrador do relógio.

— Pulso bom.

A seguir mede-lhe a pressão arterial.

— Quanto?

— Está bem.

— Mas quanto?

— Só lhe digo que está melhor que ontem. Põe-se agora a auscultá-lo e leva nisso algum tempo.

— Quantos dias de vida me dás?

O médico ergue-se, repõe o estetoscópio dentro da maleta e, como se não tivesse ouvido a pergunta, diz: - Vou lhe mandar uma cama de hospital. É mais cômodo. E precisamos arranjar o quanto antes outro enfermeiro. O senhor não devia ter despachado o rapaz… Viu a falta que ele fez?

— Mas vocês me mandaram um fresco! Eu já nem podia mais olhar para ele, me dava vontade de pular da cama e encher-lhe a cara de tapas. Por que não trazem logo uma mulher?

— Essa é que não! - reage Maria Valéria, rápida.

— Por falar em mulher… - sorri o doente. — Preciso fazer a barba. Mande chamar o Neco Rosa, titia.

Maria Valéria inteiriça o busto, como se lhe tivessem dado uma agulhada. — Se esse alcaguete ordinário tivesse vergonha na cara, não entrava mais no Sobrado. Não pense que eu não sei aonde ele levou você ontem…

Rodrigo volta-se para a tia, agressivo: - Enquanto eu estiver vivo ninguém me leva a parte alguma. Quando vou aos lugares é de livre e espontânea vontade. Não culpe o homem.

— Sua mulher sabe - replica a velha. — Todo mundo sabe.

— Pois se sabem, que façam bom proveito. Maria Valéria levanta-se.

— Maroto!

Retira-se do quarto. Apesar da cegueira da catarata, caminha sem hesitações, conhece o Sobrado palmo a palmo. Seus passos soam duros no corredor.

Rodrigo sorri.

— Ela volta, Dante. Tem uma paixão danada por mim, uma paixão antiga. E sabes aonde ela foi? Foi mandar chamar o Neco. Aposto!

Camerino acende um cigarro, no qual os olhos de Rodrigo se fixam com intenso interesse.

— Eu não podia fumar um cigarrinho? Só a metade…

— Hoje não.

— Pois então apaga esse pito, a não ser que tenhas a intenção de me torturar. Sabes quantos cigarros costumo fumar por dia? Mais de quarenta. Sem contar os charutos…

Camerino aproxima-se da janela, dá três tragadas rápidas e joga fora o cigarro.

— Preciso urgentemente dum banho.

— Hoje não.

— Mas suei como um animal a noite passada, não aguento o meu

próprio fedor.

— Mude o pijama. Quando o enfermeiro vier, mande o homem lhe passar uma água-de-colônia no corpo. Banho não. O senhor tem que ficar quietinho na cama.

Rodrigo faz um gesto de irritação. Camerino torna a sentar-se ao lado do paciente.

— Olhe, dr. Rodrigo, precisamos ter uma conversa muito séria…

— Sei o que vais me dizer, Dante. Quero te poupar o sermão. Não devo repetir o que fiz ontem no Hotel da Serra senão morro, não é isso?

— Isso e mais alguma coisa…

— Tu conheces o ditado que corre na família: "Cambará macho não morre na cama". — Rodrigo segura com força o pulso do amigo. — E se eu morrer numa cama, mas em cima duma fêmea, dr. Camerino, não se poderá considerar isso "morrer em ação"? Eh, dottore, eh?

Dante sorri amarelo. Este homem, que ele estima e admira, sempre o desconcerta com seus sarcasmos.

— Dr. Rodrigo, estou falando sério.

— Eu também. Nunca falei tão sério em toda a minha vida. Uma súbita canseira estampa-se no rosto do doente, que se cala, ofegante, cerrando os olhos e atirando a cabeça para trás.

— Viu? - diz o médico. — Excitou-se e o resultado aí está… Tira do bolso um vidro de digital: - O senhor sabe tão bem quanto eu que, se tomar regularmente este remédio…

Rodrigo interrompe-o com um gesto de enfado.

— Perdes o teu tempo. Não esqueci tanto a medicina que não saiba que estou liquidado. Primeiro os infartos… e agora esta porcaria do edema. É o fim do último ato.

Camerino abre o vidro, tira dele um comprimido e, entregando-o ao paciente com um copo d'água, murmura: - Tome um agora. E depois, cada vinte e quatro horas. Rodrigo obedece.

— Tu me conheces, Dante. Um homem de meu temperamento fechado num quarto, deitado numa cama, como uma velha achacada… É pior que a morte. Às vezes chego a pensar se não seria melhor meter uma bala nos miolos e acabar com tudo de uma vez…

Dr.Camerino lança um olhar enviesado para a mesinha-de-cabeceira em cuja gaveta ele sabe que Rodrigo guarda o revólver.

— Para que vou me privar das coisas que me dão prazer? Para viver mais seis meses, um ano que seja, nesta vida de inválido? Não, Dante, tu sabes que eu não sou homem para aceitar as coisas pela metade. Comigo é tudo ou nada.

Camerino escuta-o em silêncio. Sabe que as palavras do amigo têm uma sinceridade apenas de superfície.

Neste instante abre-se a porta, Eduardo entra e aproxima-se do leito.

— Só agora fiquei sabendo… - murmura, sem poder disfarçar o embaraço que esta situação lhe causa. — Acabo de chegar de Garibaldina.

Rodrigo mira-o de alto a baixo, com um olhar quase terno. É a cara da mãe - pensa.

Camerino está um pouco inquieto, pois há poucos dias pai e filho tiveram uma altercação feia por causa de política.

— Como foi o comício? - pergunta Rodrigo.

— Fraco.

— Era o que eu esperava. A colônia vota sempre com o governo. Dos três candidatos, o que mais cheira (ou fede) a oficial é o Dutra. Os colonos vão votar no general.

Eduardo sacode a cabeça lentamente. Tem as faces sombreadas por uma barba de dois dias, traja uma roupa de linho claro, muito amarrotada, e está sem gravata.

Rodrigo sorri com paternal ironia: - No comício de ontem tornaste a atacar este teu pai latifundiário, flor do reacionarismo, lacaio do capital colonizador?

Eduardo continua sério.

— Não atacamos pessoas - diz - , discutimos princípios, combatemos erros.

— É o que afirmam também os católicos. Atacar as ideias mas respeitar as pessoas. No entanto, vocês, diferentes dos católicos, de vez em quando acham que o meio mais simples de combater uma ideia é liquidar fisicamente o seu portador.

— Era isso que fazia a polícia do “seu” Estado Novo! As narinas de Rodrigo palpitam.

— Se a nossa polícia era tão criminosa como vocês comunistas propalam, como explicas que teu patrão, o Prestes, a primeira coisa que fez ao sair da cadeia foi prestigiar o dr. Getúlio?

— Não vim aqui para discutir política e sim para saber como está o senhor.

— Estou bem, muito obrigado. E tu?

Desta vez quem sorri é o rapaz. Volta a cabeça para Camerino e diz: - Estás vendo? Ele quer discussão, mas a esta hora da manhã não topo provocações. — E, tornando a olhar para o pai, acrescenta: - Ando tresnoitado.

— Então vai dormir. Precisas refazer as forças. Porque vai ser muito custoso vocês convencerem o eleitorado, até mesmo o comunista, a votar nesse raquítico candidato feito nas coxas.

Sem dizer palavra, Eduardo volta as costas para o pai e encaminha-se para a porta.

— Faz essa barba! - grita-lhe Rodrigo. — Muda essa roupa! Não precisas levar tão a sério o teu papel de representante das massas oprimidas…

Depois que o rapaz sai, Rodrigo olha para Camerino: - E essa? Eu com um filho comunista!

— Doutor, o senhor está conversando demais.

— Como se explica saírem do mesmo pai, da mesma mãe três filhos machos tão diferentes um do outro?

Muda de tom: - Mandaram chamar o Jango?

— Não achei necessário.

— E Floriano, por que não me apareceu?

— Deve estar ainda na cama. Dona Flora me disse que ele só dormiu ao clarear do dia.

Rodrigo parece hesitar antes de fazer a próxima pergunta.

— Ele sabe… dessa minha história?

Quem hesita agora - mas apenas por um segundo - é Camerino.

— Sabe. Tivemos uma longa conversa ontem à noite, debaixo da figueira.

— Naturalmente está contra mim…

— Quem foi que lhe disse?

— Imagino. Apesar de se parecer fisicamente comigo o Floriano em matéria de temperamento é mais Quadros que Cambará…

— Pois está enganado. O Floriano não o censura. Compreende a situação.

Entra agora uma das crias da casa, uma caboclinha de quinze anos, de pernas finas, seios pontudos e olhos xucros. Traz uma bandeja, que Camerino manda pôr em cima da mesinha, ao lado do paciente.

— Está bem, Jacira - diz o médico. — Podes ir. A rapariga hesita.

— Como vai o doutor? - pergunta, sem olhar para o doente.

— Agora vai melhor.

Rodrigo detém a rapariga com pst que a faz estremecer.

— Diga à Laurinda que ainda estou vivo. E que ela me prepare uma feijoada completa, com caldo bem grosso, bastante toucinho, linguiça, repolho e batata-doce. Ah!

E um assado de costela bem gordo!

Depois que a criada se vai, Camerino volta-se para o amigo.

— Um pouco de fantasia nunca fez mal a doente nenhum. Pense nos quitutes que quiser, nas comidas mais gostosas, fortes e indigestas. Mas coma apenas em pensamento.

Rodrigo olha com repugnância para o conteúdo da bandeja: uma xícara de chá com torradas e um copo com suco de ameixa.

— Só isso?

— Depois de quarenta e oito horas vou lhe dar licença de comer

quase tudo… menos gorduras e condimentos fortes, está claro.

Rodrigo apanha o copo e com uma careta de repugnância bebe alguns goles de caldo de ameixa.

— Muito bem. Agora tome o chá e coma as torradas.

— Por que não um cafezinho?

Hoje não. Amanhã.

Amanhã! Sempre amanhã! E quem me garante que para mim vai haver um amanhã?

O médico apanha a maleta.

— Preciso ir ao hospital ver um doente que o Carbone operou e que está com uma febre muito suspeita. Bem. Pouco antes do meio-dia venho ver como vão as coisas por aqui.

Rodrigo segura-lhe o braço.

— Escuta, Dante, não sei se vais acreditar. Mas quero te dizer que não fui eu quem mandou buscar essa menina, palavra de honra. Ela veio de livre e espontânea vontade.

Camerino sacode a cabeça afirmativamente. Vejo que não estás acreditando…

— Estou, sim senhor.

— Não sou tão irresponsável que, no meu estado de saúde, e morando num burgo como este, eu mandasse buscar a minha amante para a instalar logo naquela espelunca…

— Eu sei.

Mentira. Tu, o Floriano, todos os outros acham que deixei tudo combinado com ela antes de sair do Rio. Confessa!

— O senhor está enganado. Não pensei nada disso. Mas tome o chá.

A bandeja oscila num equilíbrio instável sobre os joelhos do paciente.

— Pois é. Ela veio porque quis, porque estava preocupada com a minha saúde… porque sentia falta de mim.

Trinca uma torrada e começa a mastigá-la com uma fúria miudinha e gulosa de roedor.

— A menina me quer bem, Dante, e é isso que tem tornado essa coisa toda tão difícil. Se fosse uma dessas putinhas que andam atrás de dinheiro, o problema não seria tão complicado. Não nego que tenho um rabicho por ela. Tenho, e forte. A Sônia é diferente, uma moça de boa família… Era datilógrafa numa dessas autarquias…

— O senhor não me deve nenhuma explicação.

Não devo mas quero dar. Além de meu médico és meu amigo.

Rodrigo toma um gole de chá e apanha outra torrada.

— Esta droga tem gosto de papelão!

— Até logo - diz Camerino alguns segundos depois.

— Espera, homem. Vem cá. Me olha bem nos olhos… Estou

liquidado, não estou?

— Ora, doutor, não diga isso.

— Não sabes mentir.

— Dou-lhe a minha palavra de honra…

— Pois, como diz don Pepe, me cago na tua palavra de honra. Podes ir! Encalistrado, Dante Camerino faz meia-volta e se vai.

26 de novembro de 1945

Neco Rosa, proprietário da Barbearia Elite, ensaboa o rosto de seu velho amigo Rodrigo Cambará.

— Eu te disse, aquele negócio não ia acabar bem…

— Cala a boca, Neco, o que passou, passou.

— Mas é que tua tia me botou a boca quando entrei. Me conheceu pelos passos ou pelo cheiro, não sei…

— No fundo ela te quer bem. Eu disse à velha que a culpa não foi tua.

— Não tive nem coragem de olhar dona Flora de frente.

— E tu pensas que eu tenho? - Rodrigo suspira. — Se eu pudesse passar minha vida a limpo, Neco, palavra de honra…

Fica a olhar para o teto, com um ar de devaneio. No fundo não está muito convencido de que poderia levar uma vida diferente, se lhe fosse dado recomeçar. Ah! mas o que daria agora para poder recuperar a estima e o respeito da mulher!

Neco tira uma navalha de dentro de sua velha bolsa ensebada, e fica a passar a lâmina num assentador.

— Me dá um cigarro - pede Rodrigo.

O barbeiro leva a mão ao bolso, num gesto automático, mas, de repente, lembrando-se, exclama: - Ah, essa é que não! O doutor proibiu…

— Me dá um cigarro, animal! - insiste Rodrigo, tentando enfiar os dedos no bolso do barbeiro.

Neco recua com a navalha numa das mãos e o assentador na outra, como para repelir uma agressão física.

— Não quero ser responsável pela tua morte. Sou teu amigo.

— Pois então me dá uma prova dessa amizade. Me degola, corno, me liquida duma vez. Acaba com este suplício. Mas afia bem essa navalha. Para um bandido como tu, a coisa mais fácil do mundo é matar um homem. Me passa esse cigarro duma vez!

Neco hesita, olhando inquieto para os lados.

— Bom, vou te dar um cigarro, mas tens de me prometer que fumas só a metade. Feito?

— Passa a chave na porta.

Neco obedece. Depois, aproximando-se de novo da cama, mete um cigarro entre os lábios do amigo e acende-o.

— És um sujeito custoso - murmura, sacudindo a cabeça. E

continua a passar a navalha no assentador.

Com a cabeça atirada para trás, contra um dos travesseiros, Rodrigo sopra a fumaça para o ar, com delícia.

— Vamos duma vez com essa barba!

Neco faz a navalha cantar sua musiquinha familiar na face do amigo.

— Podem até me fechar pra sempre as portas do Sobrado… - queixa-se ele. — Vão acabar me culpando da tua morte.

Rodrigo fuma e sorri, os olhos cerrados.

— Onde se meteu o Chiru? - pergunta.

— Ele queria vir te ver hoje, mas o médico proibiu. Diz que só podes começar a receber visitas de amanhã em diante, e assim mesmo poucas e curtas.

— O Dante é um exagerado.

Por alguns instantes só se ouve no quarto o rascar da navalha no rosto de Rodrigo, e a respiração forte e sibilante do barbeiro.

— Neco, vou te pedir um grande favor…

O outro põe-se na defensiva.

— Se é alguma coisa que vai te prejudicar…

— Escuta. Quero que procures a Sônia hoje, logo que saíres daqui…

— Sim…

—…e contes a ela o que me aconteceu. Diz que estou bem agora, que não se aflija. E que mando perguntar se está precisando de alguma coisa. E que tenha o maior cuidado, não se exponha muito.

— Está bem - murmura o Neco com gravidade.

— Naturalmente ela deve ir a um cineminha de vez em quando, mas que não puxe conversa com ninguém, porque todo o mundo sabe quem ela é e o que veio fazer. Pode haver explorações. Tu sabes, tenho inimigos… Hoje mais que nunca.

Neco torna a ensaboar a cara do amigo.

— Queres que eu te escanhoe?

— Claro, homem. Mas, ouviste o que te pedi?

— Ouvi. E se ela perguntar quando é que vai te ver outra vez, que é que eu digo?

Rodrigo solta um suspiro de impaciência, que lhe sai com uma baforada de fumaça.

— Aí é que está o problema. Se essa menina tivesse ficado no Rio, eu estava aqui com saudade dela mas sabia que não havia outro remédio senão aguentar. Mas pensar que ela está em Santa Fé, a sete quadras do Sobrado, e não poder nem sequer ver a carinha dela… é duro.

— Agora cala a boca que eu quero te raspar o bigode.

Agora cala. a boca. É o cúmulo! Ele, Rodrigo Cambará, o homem

a quem senadores e ministros pediam favores, o amigo de Getúlio Vargas aqui está ouvindo este "agora cala a boca", pronunciado com a maior naturalidade por Neco Rosa, barbeiro, seresteiro, chineiro e desordeiro. O mundo está mesmo de patas para o ar.

Terminado o serviço, Neco repõe os petrechos na bolsa, fecha-a e senta-se ao lado da cama. Rodrigo passa a mão pelas faces e pelo queixo.

O mesmo Neco de sempre. O pior barbeiro do mundo.

— A verdade é que vais, vens e acabas nas minhas garras. Mas me dá esse toco de cigarro, que eu vou esconder.

Tira a bagana da boca do amigo, apaga-a com as pontas dos dedos amarelados de nicotina e mete-a no bolso.

— Vou te fazer outro pedido - diz Rodrigo em voz baixa, desses que um homem só faz a um amigo de confiança.

Neco vai acender outro cigarro, mas contém-se para não agoniar o enfermo.

— Que é?

Por um instante Rodrigo fica como quem não sabe por onde começar.

— Tu sabes como é este nosso pessoal… Veem uma menina bonita sozinha num hotel e já imaginam que é mulher da vida, e toca a dar em cima dela. Existem aqui uns rapazes impossíveis como o Macedinho, o Teixeirinha e outros. Não podem enxergar mulher…

Neco sacode a cabeça, compreendendo aonde o outro quer chegar.

— O que vou te pedir não é fácil, eu sei. Mas faze o que puderes. Me dá uma olhadinha na Sônia de vez em quando. És a única pessoa a quem posso fazer este pedido com o espírito tranquilo. Sei que não vais faltar com o respeito à menina.

— Não sou santo, mas mulher de amigo pra mim é homem.

— Acho que a solução é mandar a Sônia embora.

— Também acho.

— Se ao menos eu estivesse em condições de sair deste quarto…

— Não contes comigo para outra visita como aquela. Deus me livre!

— Não te preocupes. Na próxima vez vou sozinho… se é que vai haver uma próxima vez.

Neco ergue-se.

— Bom, vou cantar noutra freguesia.

— Quanto te devo?

— Ora vai amolar o boi!

No momento em que o amigo lhe estende a grande mão ossuda, riscada de veias salientes dum azul esverdeado, ocorre a Rodrigo uma ideia.

— Espera, acho melhor escrever um bilhetinho à Sônia. Neco velho, tem paciência, me traz ali da cômoda papel e caneta…

O barbeiro faz o que o amigo lhe pede. E resmunga: - Era só o que me faltava! Virar alcoviteiro depois de velho… E fica esperando que Rodrigo escreva o bilhete.

A tardinha, ao sair para um passeio ocioso pela cidade, Floriano encontra Pepe Garcia na sala de visitas do Sobrado, sentado diante do Retrato.

Trata de pisar com cautela para não produzir o menor ruído, pois sabe o que terá de aguentar se o pintor lhe deitar as garras.

É uma história a um tempo comovente e grotesca. O artista aparece periodicamente no Sobrado e fica a contemplar durante horas a fio este quadro que todos, e ele também, consideram a obra máxima de sua vida. O retrato de corpo inteiro de Rodrigo Cambará não só revela o artista no auge de seu poder criador como também em plena posse de sua maturidade e de seu vigor físico.

O degrau range. Pepe volta a cabeça e, avistando Floriano, grita: - Vem cá, chico!

Floriano não tem outro remédio senão aproximar-se. Pousa o braço sobre os ombros do espanhol, que continua sentado, e ficam ambos a mirar a tela.

— Agora me diga se esse que aí vês na força da juventude, da saúde e da beleza é o mesmo que está lá em cima…

— Ora Pepe! - sorri Floriano. — Não sejas exagerado. Meu pai está conservadíssimo para um quase sessentão…

O pintor sacode a cabeça numa negativa.

— Não, não e não! - Ergue os olhos para o amigo, bafeja-lhe o rosto com seu hálito de cachaça. — Don Pepe sabe o que diz. Esse Rodrigo do Retrato não existe mais!

Depois de trinta e cinco anos no Brasil, fala português com fluência, mas com um sotaque que por assim dizer lhe embacia as palavras.

— Por que não sobes para conversar com o Velho?

— Jamais!

— Faz quase um mês que ele chegou e ainda não o visitaste.

— Eu sei.

— Não és mais amigo dele?

— Amigo? Eu adoro teu pai. E exatamente por essa razão que não vou. Quero guardar dentro de mim a lembrança do Outro. Desse que ali está na tela, por obra de meu gênio, cofio!

Aos setenta e um anos Pepe Garcia parece um Quixote de capítulo final. Tem um rosto longo e emaciado, um par de olhos escuros e ardentes, no fundo de órbitas ossudas; os bigodes de guias longas caem-lhe pelos cantos da boca, e a agudez do queixo acentua-se na

pêra grisalha e malcuidada. Veste uma velha roupa de sarja cor de chumbo, de gola ensebada; manchas de sopa e molhos de almoços e jantares imemoriais deixaram-lhe nas lapelas desenhos indecifráveis. Seus pés longos e magros estão metidos em alpargatas de pano pardo.

— Bom, Pepe velho, tenho que sair…

Como se não o tivesse ouvido, o outro murmura: - Eu devia amar-te também, porque te pareces com teu papai. Mas qual! Não passas duma imitação barata do Rodrigo autêntico que conheci…

Floriano sai, com a impressão - que ao mesmo tempo o diverte e enfada - de que o castelhano acaba de dizer uma verdade.

Atravessa a praça diagonalmente, em passadas lentas. Seis da tarde. A luz do sol tem uma tonalidade de âmbar. O galo do catavento da matriz está imóvel na quietude morna do ar. No coreto, perto da pista circular de patinação crianças brincam em algazarra. Mocinhas que dão a impressão de que acabam de sair do banho passeiam em bandos pelas calçadas, algumas acompanhadas de rapazes. Em muitas das casas que dão para a praça, senhoras gordas de ar plácido, debruçadas nas suas janelas, contemplam a tarde e a parada dos namorados. Tudo seria duma doçura quase bucólica não fossem os alto-falantes da Rádio Anunciadora, que despejam por suas gorjas de metal músicas estrídulas, entremeadas de propaganda comercial e política. Quando a música cessa, a voz do locutor, cheia de erres vibrantes, proclama alternadamente a qualidade e os preços dos artigos da Casa Sol, os milagres dum sabonete desodorante e a necessidade da volta de Getúlio Vargas.

Aos sons de um frevo frenético encaminha-se para a rua principal. Sabe o que o espera neste passeio. Terá de parar mil vezes para abraçar conhecidos e - o que é pior - pessoas que não conseguirá reconhecer. Sempre teve uma consciência muito viva de sua timidez e de sua preguiça de responder às perguntas que lhe fazem, de mostrar-se simpático, atencioso, bom moço. Lembra-se de Ravengar, um herói de sua meninice, personagem de um romance-folhetim e de um filme seriado, inventor de um manto que tinha a virtude de torná-lo invisível. Floriano lamenta não estar agora envolto na capa de Ravengar. Mas não! Está decidido a queimar, destruir para sempre esse manto mágico, pois quer fazer-se visível como nunca, estar presente, participar… Vai ser duro, ah!, isso vai, mas está resolvido a levar a experiência até o fim.

Avista Cuca Lopes e imediatamente seu espírito se transforma em teatro duma luta. Uma parte do seu eu lhe grita em pânico que se esconda. A outra quer arrastá-lo na direção do mexeriqueiro municipal. E como esta última sente que vai perder a partida, lança mão dum recurso desesperado, criando o “caso consumado”.

— Cuca! Como vai essa vida, homem?

O oficial de justiça precipita-se a seu encontro, de braços abertos.

— Menino, eu estava com uma vontade louca de te ver. Onde tens te metido?

Abraçam-se. Cuca tresanda a suor novo e antigo de mistura com o sarro das baganas que costuma guardar nos bolsos. É pequeno, roliço, rodopiante como uma piorra.

Gordurinhas meio indecentes acumulam-se-lhe no ventre e nas nádegas.

— Como vai o teu pai?

— Melhor, obrigado.

— Tu não imaginas - diz Cuca, cheirando a ponta dos dedos - , todo o mundo está pesaroso. Que perda, se o dr. Rodrigo morresse! É o que digo sempre. Um amigaço e tanto, o pai da pobreza, todo o mundo gosta dele. Eu que diga!

Floriano tenta despedir-se, seguir seu caminho, mas o outro o detém, segurando-o pela manga do casaco.

— Escuta aqui, Floriano, me disseram que teu pai trasantontem foi visto de noite no Hotel da Serra com o Neco Rosa. É verdade?

— Não sei, não ando espiando o meu pai.

— Ah! Logo vi que era mentira. Pois se o Rodrigo estava de resguardo por causa do incardo do mio… infarto do miocárdio, digo, como é que ia já andar caminhando?

E logo no Hotel da Serra, de noite… Só se foi algum amigo que chegou do Rio, digo…

— Sinto muito, Cuca, mas não posso te esclarecer o assunto.

Até logo.

Faz meia-volta e continua a andar.

O frevo terminou. O locutor dá os característicos da estação. Ouve-se um rascar de agulha em disco, e a seguir uma voz bemempostada e solene: “Brasileiros! Patriotas de Santa Fé! Ele voltará! Venham todos ao comício queremista desta noite na praça Ipiranga. Falarão vários oradores”. Uma pausa dramática, e depois: “Ele voltará!”

A rua do Comércio! Floriano lembra-se dos tempos da adolescência, e do titilante prazer com que, depois do banho da tarde, todo enfatiotado e recendente a sabonete, descia aquela rua, rumo da outra praça, alvorotado à ideia de que em algum lugar ia encontrar a namorada (amores de estudante em férias), ansioso pelo momento de passar por ela e, a garganta apertada, as orelhas em fogo, lançar-lhe um olhar comprido… Marina, Isaura, Rosália, Dalva… por onde andais?

Floriano lança olhares dissimulados para as fachadas de certas casas, como se temesse ser interpelado por elas. A arquitetura de sua terra natal sempre o deixou intrigado. Não é nada, não significa nada.

Certo, existem em Santa Fé algumas casas como o Sobrado e mais três ou quatro outras, que conservam algo do casarão senhoril português. Sim, e ele sente uma simpatia especial - que nada tem a ver com arquitetura ou estética - por estas meias-águas pobres de fachadas caiadas, cobertas de telha-vá, com janelas de caixilhos tortos, roídos pela intempérie e pelo cupim. Não tolera, porém, os chamados palacetes com compoteiras sobre as platibandas, esculturas em alto-relevo nas fachadas. Nestes últimos dez anos surgiu na cidade a voga das casas cor de chumbo, cintilantes de mica. E um pretenso moderno, paródia ridícula das inovações arquitetônicas de Lê Corbusier, e que Roque Bandeira classifica como "estilo de mictório".

O fato de o chão de Santa Fé ser de terra vermelha explica o ar rosado e encardido das paredes, muros e até de certas pessoas. Floriano lembra-se de sua irritação de adolescente nos dias em que soprava o vento norte, com seu bafo quente, arrepiando-lhe a epiderme, sacudindo as árvores, erguendo a poeira do chão, e dando ao ar uma qualidade áspera de lixa.

Avista agora a Casa Sol, toda pintada dum azul de anil, com suas numerosas portas e vitrinas. A sua frente acha-se reunido, como sempre a esta hora, um grupo de pessoas que ali ficam a trocar mexericos ou a discutir política e futebol. A Casa Sol é conhecida como um foco antigetulista. Ao passar por ela, na calçada oposta, Floriano não pode deixar de envolver-se psicologicamente no manto de Ravengar. (Se eles me avistam e me chamam, estou frito…) Passa de rosto voltado, e tem a sorte de não ser visto.

Ali está agora a matriz da firma de Jose_Kern. Esse teuto-brasileiro começou sua carreira no interior do Estado, como mascate; teve depois em Nova Pomerânia um pequeno negócio que, com o passar do tempo, cresceu de tal maneira, que o homem acabou transferindo suas atividades comerciais para a sede do município. Este casarão - observa Floriano - tem uma pesada arrogância germânica, temperada aqui e ali por ingenuidades nova-pomeranianas. Sempre que se refere a Kern, A Voz da. Serra lhe chama "o nosso magnata", pois é ele proprietário de várias fábricas - conservas, sabão, malas, artefatos de couro - e nestes últimos cinco anos tem andado metido em grandes negócios de loteamento de terrenos e na construção de prédios de apartamentos. José Kern sempre teve ambições políticas: entre 1934 e 1940, foi ardoroso partidário da suástica e do sigma.

Agora, candidato a deputado pelo Partido de Representação Popular, mandou colar nas paredes e muros da cidade centenas de cartazes com seu retrato e suas promessas eleitoreiras.

Floriano continua a caminhar. Duas quadras adiante lê numa placa oval de latão: Escritórios Centrais da Empresa Madeireira de Spielvogel & Filhos. Ao velho Spielvogel o diário local chama "o rei da

madeira". Os Kern e os Spielvogel, bem como os Kunz, os Schultz e muitas outras famílias de origem alemã, hoje em muito sólida situação econômica e financeira, começaram paupérrimos a vida no Rio Grande abrindo picadas no mato, há mais de cem anos. Seus antepassados vieram do Vaterland entre 1833 e 1848, estabelecendo-se no interior do município.

Um auto estaca junto do meio-fio da calçada, e de dentro dele salta um homem alto e corpulento, que envolve Floriano num abraço sufocante.

— Santo Cristo! Quase não te conheci!

É Marco .Lunardi, contemporâneo de Rodrigo, um ítalo-brasileiro de cara aberta e aliciante, pele cor de tijolo, olhos dum verdecinza. Suas manoplas seguram os ombros de Floriano, sacudindo-os.

— E teu pai? Melhorou? Graças a Deus! Ainda não apareci lá porque o dr. Camerino me disse que o dr. Rodrigo não pode ainda receber visitas. Mas penso nele o dia inteiro. Quando ele sarar, vou mandar rezar uma missa em ação de graças. Sabes duma coisa? Fiz uma promessa a Nossa Senhora da Conceição. Se teu pai ficar bom, vou distribuir mantimentos para a pobreza de Santa Fé e dar dez mil cruzeiros para a igreja. Já avisei o padre Josué.

Lunardi mira afetuosamente o filho do amigo.

— Estás cada vez mais parecido com o teu pai - diz com sua voz apertada de vêneto, com esses levemente chiados. — Tudo que sou devo ao dr. Rodrigo. Se não fosse ele, nem sei o que ia ser de mim. Os homens como teu pai estão acabando, hoje tudo é interesse, só se pensa em ganhar dinheiro, futricar o próximo, uma porca miséria!

Floriano escuta-o, sorrindo, em silêncio.

— Precisas ir ver a minha firma. Tenho uma fábrica de massas alimentícias, padaria, moinho de trigo, confeitaria… Quero que conheças a patroa, os filhos e os bacuris.

Tenho cinco netinhos.

Tira do bolso uma coleção de instantâneos de crianças e mostra-os.

— Vê só quanto gringuinho… Floriano faz um esforço e diz: - Muito lindos. Parabéns!

Quando Lunardi o deixa, depois de outro abraço apertado, ele fica a pensar nas histórias que ouviu a respeito de famílias tradicionais de Santa Fé que, abastadas e influentes há vinte ou trinta anos, foram decaindo, ao passo que imigrantes italianos, alemães, sírios e judeus prosperavam. Os Teixeiras perderam quase toda a fortuna. Dos vastos campos dos Amarais, pouca coisa hoje resta em poder da família…

E ali naquela janela - pensa Floriano, de novo quase em pânico - está um símbolo vivo da decadência da nossa aristocracia rural. É Mariquinhas Matqs, filha de estancieiro, que foi já "moça prendada" e

considerada um dos melhores partidos da cidade. Hoje, cinquentona e solteira, vive solitária nesta casa quase em ruínas, em meio de retratos de antepassados, tendo guardada numa arca a rica baixela de prata que nunca usa e, em velhos escrínios, joias de família que recusa vender, apesar de sofrer aperturas financeiras.

Floriano pensa em mudar de calçada para evitar o encontro. Tarde demais! A mulher, que o avistou, prepara para ele o famoso sorriso que lhe valeu na mocidade o cognome de Mona Lisa, e já está com o braço estendido para fora da janela. Floriano apressa o passo e aperta a mão magra, de pele pregueada e sarapintada de manchas pardas.

— Bem-vindo! - exclama ela. — Bem-vindo seja o filho pródigo à casa paterna!

É ledora de novelas românticas, toca piano e adora Chopin. Um pescoço longo sustenta o crânio miúdo. Seu perfil adunco de ave de rapina foi descrito em 1920 como grego, por um cronista local. Está como sempre exageradamente pintada, as pálpebras lambuzadas de bistre, uma rosa de ruge em cada face. Com os cotovelos fincados numa almofada e ambas as mãos erguidas, prende a gola da blusa para esconder a pelanca frouxa do pescoço e ao mesmo tempo firmar a da papada.

— Como vai o papai?

— Melhor, muito obrigado.

Dois gatos - dos sete que o folclore local atribui à casa de Mariquinhas Matos - saltam quase ao mesmo tempo para o peitoril da janela, um negro e o outro fulvo, e ficam ambos a ronronar e a esfregar-se nos braços da dona, com uma sensualidade fria e asmática. O bafio de mofo que vem de dentro da casa, misturado com um cheiro de excremento de gato, chega às narinas de Floriano tamisado pela fragrância de Tricófero de Barry que se evola dos cabelos da Gioconda.

— Que é que tem achado de nossa cidade? - pergunta ela com sua voz abemolada.

Certas pessoas - reflete Floriano - , para mostrarem que são educadas, erguem o dedo mínimo quando seguram as asas das xícaras de chá. Há um tom de voz que corresponde exatamente a esse erguer do dedinho social. E foi com essa voz que Mariquinhas fez a pergunta.

— Parece que tem progredido muito - responde ele, achando o diálogo ridículo, pois o Outro não participa dele, está afastado, à beira da calçada, a observar a cena com olhos críticos e antipáticos como os dos gatos. Floriano vislumbra nas paredes da sala velhos retratos avoengos, nas suas molduras douradas: a um canto um piano de cauda sobre cuja tampa se adivinham bibelôs, guardanapos de croché e búzios. De vez em quando atravessam a penumbra desse interior

vultos esquivos de outros gatos, os olhos a fuzilarem.. A isto está reduzida a única descendente viva do barão de São Martinho! Contam-se dela as histórias mais doidas. Dizem que em certos dias da semana, Mariquinhas Matos, vestida de branco da cabeça aos pés, frequenta o único terreiro da linha branca de umbanda que existe em Santa Fé e que, não raro, durante a sessão, baixa sobre ela o espírito dum "caboclo" e - o rosto contorcido, o corpo convulsionado - ela começa a balbuciar palavras da língua guarani, pede um copo de cachaça e um charuto, e se põe a beber e a fumar como uma desesperada.

— Então - pergunta a Mona Lisa com um trejeito faceiro de boca. — Quem é a felizarda?

Floriano sabe o que ela quer dizer, mas pergunta: - Quem?

— Ora, a namorada…

— Ah, não sei…

— Aposto como as meninas da terra estão alvorotadas com a sua chegada. — Não creio.

Floriano não resiste por mais tempo o olhar dos bichos, que o miram com uma fixidez desconcertante, como que compreendendo o grotesco da situação. Os olhos de Mariquinhas também não o deixam. O cheiro da casa começa a provocar-lhe náuseas.

— Bom, com licença.

Ela lhe aperta longamente a mão.

— Foi um prazer imenso revê-lo! Recomendações à família! Floriano retoma a marcha. Pobre Mona Lisa! A fachada de sua casa está fendida de alto a baixo. Crescem ervas no telhado. E aquela solidão… e os gatos, os fantasmas… e as possíveis ressacas depois das noitadas de charuto e cachaça!

Não chega a dar dez passos quando uma figura lhe barra o caminho.

— Alto lá!

Pára. Quem será? Tem diante de si um velho franzino e encurvado, de cara murcha, os olhos lacrimejantes, os dentes enegrecidos. A fisionomia do homem lhe é vagamente familiar.

— Não estás me conhecendo, alarife!

· - Claro que estou - mente Floriano.

— Não estás!

— Quem foi que lhe disse?

Como último recurso avança para o homem e aperta-o contra o peito, com uma cordialidade exagerada.

— Logo vi que ias me conhecer! Pois eu te peguei no colo quando eras pequeno, safardana! Mas como vai a vida? E o Velho? Então teve uma recaída, hein? Mas Cambará é bicho duro. Não há de ser nada. E como vai a mamãe? E a velha Valéria? - Não dá ao outro tempo para responder. — Gente boa, aquela do Sobrado! Gente antiga, dessas que

não vêm mais.

Tu sabias que a pobre da Lilica morreu?

Floriano tenta uma paródia de surpresa e pena: franze a testa, sacode lentamente a cabeça.

— Não diga!

Mas não tem a menor ideia de quem seja ou tenha sido a Lilica.

O desconhecido prende-o ainda por alguns minutos para falar de política (é federalista dos quatro costados), do tempo (este novembro trouxe uma seca braba) e do prefeito (é burro e ainda por cima ladrão).

Floriano atravessa a rua para não passar muito perto da Farmácia Humanidade, onde há quase sempre uma roda de chimarrão a esta hora. E nos próximos minutos cruzam por ele várias pessoas que o miram com curiosidade. Alguns o cumprimentam hesitantes, outros erguem o braço e gritam: “Então como vai a coisa?” Ele sacode a cabeça afirmativamente, sorri, gesticula, dando a entender que a coisa vai muito bem.

De súbito ouve um grasnar de pato. Quac! Quac! Quac! É o alemão Júlio Schnitzler, que sai de dentro da sua confeitaria e, no meio da calçada, agacha-se, grasna outra vez e finge tirar de baixo do traseiro o ovo de gesso que tinha escondido na mão. Põe-se por fim de pé, abraça Floriano e pergunta: - Te lembras? Tu eras pequeno e gostavas de ver o Júlio fazer esta brincadeira da pata - Continuas então a botar ovo?

— Achl A pata agora está muito velha. Mas dês que chegaste ando com este “ovo” no bolso para te fazer a brincadeira uma vez.

Puxa o amigo para dentro da confeitaria. Floriano sente-se envolvido por uma atmosfera nostálgica. Estes cheiros alemães de molho de manteiga, café com leite e *Apfelstrüdel* fazem parte das melhores recordações de sua infância. Quando menino ele os associava aos contos de fadas em que havia aldeias bávaras, com gordos e joviais burgomestres, limpadores de chaminés e invernos com neve e trenós - Como está o papai? - pergunta Schnitzler.

— Fora de perigo por enquanto - Ach! Graças a Deus. Que homem bom!

Frau Schnitzler aparece, enxugando as mãos no avental, e beija o filho de Rodrigo Cambará em ambas as faces. Floriano lembra-se dos saborosos sanduíches que ela fazia: entre duas grossas fatias de pão de centeio generosamente barradas com manteiga de nata doce, apertavam-se tiras de presunto cru e rodelas de salame, mortadela e pepino… E a sua cuca de mel? E o seu bolo inglês bem tostado, polvilhado de açúcar? (Um dia de inverno - nos arredores de Baltimore, olhando para um barranco de terra parda coroado de neve, Floriano se surpreendeu a evocar e a desejar comer os bolos de Frau

Schnitzler.)

Agora do fundo da confeitaria surge uma mulher monstruosamente gorda com uma cara lunar intumescida a ponto de não ter mais feições. Seus braços são grossos como coxas. Os seios caem abundantes e disformes sobre a primeira das inúmeras pregas do estômago e do ventre. A cada passo que dá penosamente com as pernas de paquiderme, as adiposidades da barriga e das nádegas dançam pesadas, puxando o resto do corpo ora para um lado ora para outro, o que lhe dificulta ainda mais a marcha. O boneco de propaganda dos pneumáticos Michelin! - exclama Floriano interiormente. Franze a testa, procurando reconhecer esta criatura que se aproxima dele com os braços abertos.

— Não se lembra mais da Marta? - pergunta ela, abraçando-o e beijando-o também nas faces.

Agora a Marta dos vinte anos volta à mente de Floriano - fresca, bonita, com suas pernas apetitosas que ele tanto gostava de namorar. Santo Deus! Como uma criatura pode mudar!

Só agora Floriano presta atenção em Júlio Schnitzler. A lembrança que guardava dele era de um homem atlético, de porte marcial - um dos melhores ginastas do Turnverein local, onde era campeão de halteres. Neste velho que está agora na sua frente - calvo, emurchecido e meio encurvado - pouco resta do antigo Júlio. Só se salvaram os olhos, que guardam a límpida inocência de antigamente.

— Toma alguma coisa? - convida o confeiteiro. Floriano agradece. Não quer nada, está próxima a hora do jantar. Tem de ir andando… Sai. As mulheres tornam a beijá-lo. A “pata” torna a grasnar, mas desta vez de mansinho, já num tom nostálgico de despedida.

A rua está cheia dos sons embaladores duma valsa.

Esmeralda Pinto, dona da língua mais temida da cidade, encontra-se como sempre à sua janela, a pescar passeantes para prosear. Floriano cai-lhe inadvertidamente na rede.

— Então, não conhece mais os amigos?

— Dona Esmeralda!

Aperta-lhe a mão. Ela se inclina, dando-lhe uma batidinha no ombro. Está pintada com o mesmo exagero da Mona Lisa.

— Eu queria muito falar contigo.

Nem sequer pede notícias da gente do Sobrado.

— Escuta, menino, e essa história da amante do teu pai, hein? Floriano conhece a força da interlocutora, mas não esperava que ela entrasse tão sofregamente no assunto.

— Que história? - desconversa.

Esmeralda leva o indicador ao olho direito para dar a entender que não dorme, que enxerga as coisas.

— Olha, esta aqui ninguém engana, ouviste? Podem dizer tudo de

mim, que sou faladeira, edecetra, mas duma coisa ninguém me chama. É de hipócrita. Porque não sou.

— Claro que não.

— Pois então desembucha. Queres entrar?

— Não, obrigado.

— Sei que o nome dela é Sônia, tem vinte e poucos anos e trasantontem teu pai visitou ela no hotel… por sinal foi lá com aquele cafajeste do Neco Rosa, e ficou no quarto da rapariga umas duas ou três horas. Foi por isso que ele teve o novo ataque, não foi?

— A senhora está muito bem informada.

— Pois é. Aqui desta janela controlo toda a cidade. Comigo ninguém banca o santinho. Sei os podres de todo o mundo.

Floriano sorri amarelo.

— Conta alguma coisa, rapaz!

— Que é que vou contar?

— Tua mãe sabe da história?

— Não perguntei.

— Pois se não sabe é de boba. Em Santa Fé não se fala noutra coisa. Até as pedras da rua sabem.

— Que é que a senhora quer que eu faça? Esmeralda lança-lhe um olhar enviesado.

— Floriano, tu tens outro por dentro. Te conheço muito bem. Queres fingir que não sabes de nada, não? - Mostra-lhe o dedo mínimo: - Morde aqui…

— Bom, com licença…

Esmeralda sorri, os dentes postiços aparecem, sua face se pregueia.

— Vais ver a rapariga?

— Que rapariga?

— A amásia de teu pai, ué!

Ele se põe em movimento, sem responder.

— Aproveita, bobo! O Velho está pagando!

Ao ler numa fachada um letreiro evocativo - A Lanterna de Diógenes - Floriano atravessa a rua. Era nesta livraria que, quando menino, uma vez por semana ele vinha alvoroçado buscar o seu número de assinatura d'O Tico-Tico, ansioso por saber das novas aventuras de Chiquinho e Jagunço e da família de Zé Macaco e Faustina. Foi também nesta pequena casa de duas portas e uma vitrina que ele comprou as novelas que lhe encantaram a meninice e a adolescência.

Entra. Olha em torno. Pouca coisa aqui mudou nestes últimos vinte e cinco anos. O mesmo balcão lustroso, as mesmas prateleiras sem vidros, cheias de livros, em sua maioria brochuras. O mesmo cheiro seco de papel de jornal e de madeira de lápis recém-apontado.

A máquina registradora National (o freguês verá no mostrador a importância de sua compra) parece também ser a mesma. Ao lado dela, sobre o balcão, algumas dezena.-, 1e folhas de papel de seda de várias cores. (Por que céus andarão as pandorgas da infância?) Só falta aqui o velho Gonzaga, o antigo proprietário, que passava os dias com o chapéu na cabeça, atrás do balcão, decifrando charadas ou escrevendo quadrinhas, com um cigarro num canto da boca e um pau de fósforo no outro. Morreu há uns dez anos, deixando a livraria para um filho que, em vez de cuidar do negócio, passa as tardes no clube, jogando pife-pafe.

Floriano lembra-se de um dia assinalado de sua vida. Tinha nove anos e a professora dona Revocata Assunção lhe dissera em plena aula: “Seu Floriano, agora que o senhor sabe escrever, pode comprar um caderno de pauta simples”. Finalmente! Aquele era um de seus grandes sonhos: escrever sobre linhas simples, como a professora, como papai, como os grandes! Munido de dinheiro, encaminhou-se para A Lanterna de Diógenes, pisando duro, sentindo-se homem, orgulhoso de fazer aquela compra sozinho.

Tudo na pequena livraria o encantava, a principiar pelo dono, que costumava brincar com ele, propondo-lhe charadas e adivinhações. "Deves ser um menino inteligente.

Filho de tigre sai pintado." Ele gostava de ouvir aquilo. Era filho de tigre. Os Cambarás eram tigres. O nome da livraria também lhe estimulava a fantasia. Papai

lhe explicara um dia que Diógenes tinha sido um filósofo da Grécia antiga que andava pelas ruas de Atenas com uma lanterna acesa, e quando lhe perguntavam: “Que buscas?” ele respondia: “Um homem”. Para o menino Floriano, porém, a palavra lanterna evocava a fantasmagoria da lanterna mágica com seus filmes coloridos como a Dança dos sete véus e a Viagem à Lua… Diógenes, portanto, era antes de tudo um mágico.

Floriano olha agora, distraído, para as velhas prateleiras, quando ouve uma voz: - Que é que o senhor deseja?

Quem lhe faz a pergunta é uma mulherzinha pálida que acaba de sair de trás duma cortina de pano verde. Responde automaticamente: - Um caderno de pauta simples.

— Cinquenta ou cem páginas?

— Cem.

A empregada embrulha o caderno. Floriano paga, apanha o pacote e sai, sorrindo. A cena lhe parece tão extraordinária que ele não quer comentá-la nem consigo mesmo.

Volta para o Sobrado por uma rua menos movimentada.

Caminha alguns passos, de olhos baixos, absorto em seus pensamentos. Quando ergue a cabeça, vê a pequena distância um homem em mangas de camisa, a tomar chimarrão sentado numa cadeira na calçada, à frente de sua casa. O Roque Bandeira! É uma das poucas pessoas de Santa Fé cuja companhia Floriano realmente preza. A opinião popular a respeito dele na cidade é unânime: um boêmio, um excêntrico, um doido. Três coisas o tornam notável aos olhos da população: sua fealdade, sua grande erudição e seu completo desprezo pela opinião pública. Floriano, que o conhece desde menino, considera-o um homem inteligente e muito bem informado. Suas opiniões cínicas sobre a vida e os homens o divertem. Seu humor sarcástico o fascina e ao mesmo tempo alarma.

Floriano acelera o passo.

— Bandido! - exclama. — Que é feito de ti? Há quase uma semana que não apareces lá em casa!

Com sua pachorra habitual, Bandeira ergue-se e estende a mão para o amigo, como se o tivesse visto na véspera.

— Pois aqui estou… - diz.

É um homem de meia-idade, baixo e malproporcionado. Sua cabeçorra, que tanto lembra um capacete de escafandro, parece não pertencer a este corpo de ombros estreitos e pernas finas. Toda a gordura se lhe acumulou na cara e no ventre. Seus olhos cor de malva brilham, pícaros e meio exorbitados, protegidos por pálpebras arroxeadas, e permanentemente empapuçados. Floriano sempre se impressionou com a espessura do pescoço do Bandeira ou, melhor, com a ausência de pescoço no amigo, já que a papada lhe cai sobre os

ombros e o peito. O homem a qualquer momento pode estourar ou morrer asfixiado.

Roque Bandeira não ignora que na cidade é conhecido como o Batráquio, o Cabeçudo, o Sapo-Boi… De todas as alcunhas que lhe puseram, uma há que lhe é grata ao coração, e que ele aceita como uma espécie de título honorífico. Floriano tinha nove anos e testemunhou a cena em que o cognome nasceu. Foi em 1920, quando Bandeira começava a frequentar o Sobrado. Numa noite de inverno, à hora em que as crianças diziam "boa noite" às visitas, antes de subirem para os seus quartos, Bandeira estendeu os braços para Jango e convidou: "Venha com o titio". Sem pestanejar Maria Valéria exclamou: "Vá com o tio Bicho!" A frase pareceu escapar-lhe espontânea da boca, como se a velha tivesse pensado em voz alta. Fez-se um silêncio de constrangimento. Rodrigo fechou a cara e lançou um olhar de censura para a tia. Roque Bandeira, porém, desatou a rir: "Mas é um grande achado! - disse. — Faço questão de que daqui por diante estes meninos me chamem tio Bicho!"

— Que tens feito? - pergunta Floriano.

— Nada, como sempre.

Deve ser mentira. Tio Bicho passa o dia lendo, estudando, e escrevendo coisas que jamais mostra aos outros. Poliglota, está ao corrente do que se publica de importante no mundo, em alemão, francês, italiano, espanhol e inglês. Gasta quase tudo que ganha - produto do arrendamento de um campo herdado do pai - com livros, revistas de cultura e peixes vivos. Sua paixão é a oceanografia: tudo quanto diga respeito à fauna, à flora, à vida e à história marítimas lhe desperta o maior interesse.

Costuma explicar que seu fascínio pelos peixes não é apenas científico, mas também poético. E diverte-o lembrar aos outros que ele talvez seja o único oceanógrafo do mundo que não conhece nenhum oceano. De fato, nunca viu o mar. Por quê? Ora, comodista, homem de hábitos fixos, detesta viajar, e mesmo nunca lhe sobra dinheiro para isso. Quanto à oceanografia, contenta-se com o riacho do Bugre Morto e seus lambaris.

— Como vai a tua antologia? - pergunta Floriano.

— Marchando devagarinho.

Há anos que Bandeira vem preparando uma antologia de versos sobre peixes, em cinco línguas.

— Ainda ontem - contou - descobri um haicai japonês que conta a história dum peixe prateado que se apaixonou pela lua. Não preciso te dizer que é um caso de amor mal correspondido. Mas… queres entrar? Não repares, que a minha casa está uma anarquia dos diabos. Tomas um mate? Ah! Não me lembrava que não és homem de chimarrão.

Floriano tem uma ideia: - Vamos até o Sobrado olhar o pôr-do-sol

da janela da água-furtada!

Tio Bicho hesita por um momento.

— Bom, espera um minuto. Vou enfiar o paletó.

Entra. Vive sozinho nesta casa branca que mandou construir inspirado na fotografia duma residência árabe de Oran, que encontrou num magazine francês. A singeleza da fachada - costuma dizer - representa seu protesto mudo mais sólido contra o que ele chama de "barroco santa-fezense", de que são exemplos berrantes o edifício da Prefeitura Municipal e o palacete dos Prates.

Quando Bandeira torna a aparecer, de casaco e chapéu, Floriano não consegue reprimir um sorriso.

— És o único habitante de Santa Fé que ainda usa palheta… ou "picareta", como se diz no Rio Grande.

Tio Bicho dá de ombros.

— Sou conservador.

Outra inverdade. Está sempre aberto às ideias novas, sempre disposto a reexaminar as antigas. Sua "especialidade" no momento são uns filósofos alemães modernos de que ninguém ainda ouviu falar em Santa Fé, talvez nem mesmo o dr. Terêncio Prates, outro bibliomaníaco.

— Como vai o morgado? - indaga Bandeira, quando ambos sobem a rua lado a lado.

— Não sabes da última? Teve ontem um edema agudo de pulmão.

— Esse edema só podia ser agudo. Teu pai é o homem dos extremos.

Bandeira caminha devagar, com cautela, como se tivesse de equilibrar a pesada cabeça sobre os ombros. Floriano lança-lhe olhares de soslaio. O amigo tem na maneira de andar algo que lembra a imagem dum santo quando carregada em procissão. Tio Bicho é atacado dum acesso de tosse bronquítica, que o põe vermelho e com lágrimas nos olhos.

— Eu devia deixar o cigarro. É o que o Camerino vive me dizendo.

No momento exato em que chegam à porta do Sobrado, um automóvel empoeirado para junto da calçada e Jango salta de dentro dele. Está em mangas de camisa, veste bombachas de riscado com botas de fole, e traz na cabeça um chapéu de abas largas, com barbicacho. Uma barba de dois dias escurece-lhe o rosto longo e moreno. A primeira coisa que pergunta, depois de abraçar o irmão e o amigo, é: - E o Velho como vai?

Tem uma voz grave e meio pastosa, de tom autoritário.

— Não soubeste? Teve ontem uma crise muito séria - informa-lhe Floriano. — Agora está melhor.

Jango franze o cenho, entrecerra os olhos.

— Andou comendo alguma coisa que não devia?

— Andou - responde Floriano, sorrindo. Tio Bicho põe-se a rir, a papada treme-lhe como gelatina. Jango olha de um para outro, sério e intrigado.

— Por que não mandaram me chamar? - pergunta, olhando para o irmão, que se limita a encolher os ombros.

Jango entra em casa e galga as escadas, rumo do quarto do pai. Tio Bicho resolve fazer uma pausa e senta-se, antes de enfrentar os trinta degraus que levam à água-furtada.

O dr. Camerino vem descendo agora, terminada a sua visita da tardinha ao enfermo.

— Vocês perderam um grande espetáculo - diz ele aos amigos. — O encontro de don Pepe com o dr. Rodrigo…

Tio Bicho passa o lenço pela carantonha suada. O médico, baixando a voz, conta: - Encontrei o pintor aqui embaixo, contemplando sua obraprima. Quando me viu, perguntou se podia visitar o amigo… Respondi que, se ele prometesse portar-se bem e não fazer drama, eu não me oporia à visita. Subimos juntos. Imaginem a cena. O dr.

Rodrigo na cama, exclamando "Pepe velho de guerra! Entra, homem. Então abandonaste o teu amigo dos bons tempos?"… e o espanhol, trágico, parado à porta, com a mão no trinco, assim como quem não sabe se deve ou não entrar… De repente os beiços de don Pepe começam a tremer, seus olhos se enchem de lágrimas e ele se precipita para a cama, ajoelha-se, abraça o amigo, planta-se a beijar-lhe a testa e acaba desatando numa choradeira danada, com soluços e tudo. Eu nessa altura já estava arrependido de ter consentido na visita, porque o dr. Rodrigo não deve se emocionar… Tio Bicho volta-se para Floriano: - Aí tens uma cena de romance. Camerino acende um cigarro e continua: - Por fim o castelhano se acalmou e os dois ficaram recordando coisas… Te lembras disto? Te lembras daquilo? E o nosso jornal político? E aquela serenata em tal e tal noite? Que fim levou Fulano? E Fulana? E que é que estás fazendo agora, Pepito? Foi a conta. O espanhol fechou a cara e respondeu: “Pinto cartazes para o cinema desse hijo de puta do Calgembrino, que me paga uma miséria”. E caiu em nova crise de pranto, “porque sou um miserável, traí a minha arte, não sou mais digno da obra que está lá embaixo…” Para encurtar o caso: o dr. Rodrigo pegou uma pelega de quinhentos cruzeiros e quis metê-la no bolso do Pepe. Pois olhem! O castelhano virou bicho. Ergueu-se com dignidade e disse: “Me insultas, Rodrigo!” Não houve jeito de aceitar o dinheiro. Virou as costas e caminhou para a porta. O dr. Rodrigo gritou: “Vem cá, homem, não sejas teimoso! Por mais dinheiro que eu te dê jamais chegarei a pagar aquele retrato!” Ele não tinha terminado a frase e don Pepe já estava

na escada…

— Mas não aceitou mesmo o dinheiro? - pergunta Floriano. — É incrível. O pobre homem vive na miséria.

Os olhos do Roque Bandeira fixam-se no amigo.

— Toma nota, romancista. As pessoas não são assim tão simples como a gente imagina… ou deseja.

Camerino despede-se e sai. Floriano e Roque sobem para a água-furtada.

Quando pequeno, Floriano costumava designar a água-furtada pelo nome que seu pai e seu tio Toríbio lhe davam quando também meninos: o Castelo. Mas, adolescente, num período em que andava a ler enlevado novelas românticas que se passavam na Paris do século XIX, decidiu chamar a esta parte do Sobrado "A Mansarda". Estão aqui reunidos, como num congresso de aposentados, um velho divã, uma prateleira com brochuras desbeiçadas, um velho gramofone de campânula, com uma coleção de discos antigos, uma pequena mesa de vime e algumas cadeiras - coisas estas retiradas do serviço ativo da casa, nos andares inferiores.

Roque Bandeira está ofegante da subida e só agora, arrependido, Floriano compreende que não devia ter convidado o amigo para vir até aqui.

— Esqueces que sou mais velho que o século - diz tio Bicho - e que subir uma escada a pique como esta não é brincadeira. Da minha casa eu podia ver o mesmo espetáculo… de graça.

Floriano sorri, desembrulhando o caderno que comprou há pouco, e atirando-o em cima da mesinha.

— Pois este cubículo, Roque, foi sempre uma espécie de céu para mim… um refúgio, como havia sido antes para meu pai e tio Toríbio, quando rapazes.

Tio Bicho senta-se no divã e começa a abanar-se com a palheta - pois esta é a peça mais quente da casa - e a passar o lenço pelo rosto lavado de suor.

— Não - diz - há uma grande diferença entre o menino Floriano e os meninos Toríbio e Rodrigo. Uma diferença abismal, com o perdão da má palavra. Teu pai e teu tio sempre foram homens de ação. Para eles o verdadeiro céu era o mundo real, palpável, que eles gozavam com os cinco sentidos, voluptuosamente. Talvez viessem até aqui para lerem às escondidas novelas pornográficas ou para fazerem bandalheiras com alguma criadinha. Mas tu, tu te fechavas aqui para sonhar. Este era o teu mundo do faz-deconta. Certo ou errado?

— Certíssimo. Este quartinho para mim já foi tudo… O Nautilus do capitão Nemo… a mansarda dum pintor tísico em Paris… a barraca dum chefe pele-vermelha, a mansão dos Baskervilles onde muitas vezes esperei, apavorado, o aparecimento do mastim fantasma…

— Aposto como estás esquecendo uma das funções mais importantes deste sótão.

Os olhos do Batráquio fitam o interlocutor com uma expressão pícara. Floriano hesita por alguns segundos, mas acaba capitulando: - Tens razão. Era também o meu harém, o meu bordel imaginário. Aqui eu recebia a visita das mais belas estrelas de cinema da época… Pearl White era a minha favorita.

Roque solta o seu lento riso gutural.

— Eu sou do tempo da Francesca Bertini. Foi o meu maior amor. Tua geração não a conheceu, nem à Bela Hespéria ou à Pina Menichelli. Creio que quando começaste a ir a cinema, as fitas italianas já haviam desaparecido do mercado…

— Mas eu me lembro do Maciste!

— A tua geração perdeu grandes filmes como Cabíria e Quo vadis? Tu, miserável, pertences à era ianque do cinema.

— Te lembras das fotografias de artistas de cinema de coxas à mostra que as revistas como o Eu Sei Tudo e a Cena Muda publicavam? Marie Prévost… Renée Adorée…

Clara Bow… as banhistas de Mack Sennett… Amei todas elas nesse divã.

— Pois nessa época eu já tinha mulheres de verdade… Ergue-se, segura com força as lapelas do casaco do amigo, e, cara a cara, pergunta, com uma seriedade cómica: - Agora confessa: alguma mulher de carne e osso, sangue e nervos te deu um prazer físico mais intenso que o que te proporcionaram essas figurinhas de revista?

Fala com sinceridade.

— Ora, Roque, estás insinuando um absurdo.

— Pois eu te juro que o artigo autêntico foi para mim uma decepção!

Torna a sentar-se.

— Bom, contigo deve ter sido diferente… - continua. — Tens bom físico, encontraste fêmeas de verdade que te amaram ou pelo menos se entregaram a ti por desejo…

Mas olha para esta cara, para este corpo… Achas que alguma mulher de bom gosto pode ir para a cama comigo por desejo? Não precisas responder. Tens receio de ferir as pessoas. És uma verdadeira irmã Paula. Mas não fiques aí com essa cara. Esta feiúra me tem trazido também algumas vantagens. Por exemplo: impediu que alguma mulher quisesse casar comigo. Assim, pude conservar a minha liberdade.

Floriano não ignora que Roque Bandeira costuma fazer comentários humorísticos sobre o próprio físico, e isso sem que se lhe note na voz o menor tom de ressentimento ou de auto comiseração - Mas e esse famoso pôr-do-sol? - reclama tio Bicho. O outro aproxima-

se da janela e olha para o poente.

— Podes vir. O “astro rei”, como diz o Pitombo, entrou em agonia

Bandeira dá alguns passos e posta-se atrás de Floriano, que diz: - Parece que não vai ser dos melhores. Poucas nuvens.

— Não sou exigente, compadre.

O disco esbraseado do sol desce por trás de nuvens rosadas, na forma de esguios zepelins de comprimento vário, com contornos luminosos. A barra carmesim que começa no ponto em que céu e terra se encontram degrada-se em rosa, ouro e malva para se transformar num gelo esverdeado, que acaba por fundir-se na abóbada de água-marinha que é o resto do céu.

— Olha só aquele verde… - murmura Floriano. — Não encontrei esse tom em nenhum dos céus estrangeiros que vi nas minhas viagens. Me lembro dum pôr-do-sol fantástico no Jardim dos Deuses, no Colorado: os penhascos rosados, o vermelhão do horizonte, a relva amarela… tudo assim com um vago ar de incêndio… Um azul inesquecível é o do céu dos Andes. De vez em quando me voltam à lembrança os horizontes de Quito, ou aquele céu pálido e luminoso que cobre a meseta central do México. Queres um céu para a noite? O das Antilhas. Mas céu como este do Rio Grande, palavra, não vi outro. Repara bem naquela zona verde… Parece um desses lagos vulcânicos, frio, transparente, insondável…

Em presença de que outra pessoa - pensa Floriano - poderia ele entregar-se despreocupado a estes devaneios em voz alta? Tio Bicho sempre teve sobre ele uma influência catártica…

— Olha só a estrelinha no fundo do lago - murmura Bandeira.

— Como um peixe…

— Por que não? É quase um haicai. Te lembras do verso do Eugênio de Castro em que os peixes na piscina “têm relâmpagos de joia”? Hoje em dia é de mau gosto citar Eugênio de Castro. Retiro a citação.

A última luz do sol aprofunda-se o verde das coxilhas que cercam a cidade, e seus capões são agora manchas dum negro arroxeado.

Com o olhar ainda no horizonte, Floriano pensa em Sílvia. Jango chegou. Mais uma presença perturbadora no Sobrado… Esta noite marido e mulher dormirão na mesma cama. Jango tomará Sílvia nos braços, à sua maneira brusca e patronal, sem sequer tratar de saber das disposições dela. Crescerá sobre a criaturinha como um garanhão sobre uma égua. Deve amar a esposa, sem dúvida alguma, mas por outro lado parece considerá-la como um objeto de uso pessoal. Talvez se deite sem barbear-se nem tomar banho. Levará para a cama o cheiro do próprio suor misturado com o do último cavalo que montou… É possível que seus toscos dedos que vão acariciar o corpo

de Sílvia recendam ainda à creolina com que curaram a última bicheira. É também provável que esta noite ele possua a esposa com a esperança de deixar-lhe no útero o germe dum machinho. Por todas estas coisas Floriano sente uma fria e repentina malquerença pelo irmão, mas censura-se por se ter deixado arrastar nessa corrente de pensamentos mesquinhos. Terá ele coragem de confessar sentimentos como esse, se um dia vier a escrever algo de autobiográfico? E agora, como lhe vem à mente uma das personagens de seu último romance, pergunta: - Roque, te lembras da carta que me escreveste a respeito de meu último livro?

— Claro.

— Disseste que era "um romance aguado".

— Isso faz uns três anos. Não esqueceste, hein?

— Confesso que a coisa me irritou, embora eu estivesse e ainda esteja certo da validade de tua crítica…

— Espera lá! Estás fazendo uma injustiça a mim e a ti mesmo. Eu reconheci qualidades no livro. Escrevi que ele tinha uma grande força poética, e se não me falha a memória, disse também que o leitor que começasse a ler a tua história, iria até o fim…

Sempre com os olhos no horizonte, Floriano completa a frase da carta: - "…apesar de convencido da sua falta de autenticidade", não foi isso?

Tio Bicho limita-se a soltar um grunhido. Floriano aponta para o caderno de capa azul, sobre a mesa, e conta o que se passou n'A Lanterna de Diógenes, - Parece que estou ouvindo minha professora dizer com sua voz de homem: "Seu Floriano, agora que o senhor sabe escrever, pode comprar um caderno de pauta simples".

Pois, Roque, vinte e cinco anos depois dessa frase histórica, em que pese ao ofício que escolhi, ainda não aprendi a escrever.

— Mas quem é que sabe mesmo escrever nesta época apressada e neste país imaturo?

— Tu compreendes o que quero dizer.

Bandeira continua também com os olhos postos no sol, que começa a desaparecer na linha do horizonte.

— Queres que te fale com franqueza? O que me desagrada nos teus romances é… vamos dizer… a posição de turista que assumes. Entendes? O homem que ao visitar um país se interessa apenas pelos pontos pitorescos, evitando tudo quanto possa significar dificuldade… Não metes a mão no barro da vida.

Floriano tem a quase dolorosa consciência de que o amigo está com a razão. Ele próprio já chegou à conclusão de que deve tornar-se "residente" no mundo ou pelo menos, na sua terra, entre sua gente: erguer uma casa em solo nativo. Mas replica: - Não estarás simplificando o problema por amor a uma metáfora?

— Talvez. Mas espera. Entras na história como um leão, prometes grandes coisas, o leitor mentalmente esfrega as mãos numa antecipação feliz… Mas lá pela metade do livro o leão vira cordeiro, a promessa não se cumpre, tudo se dilui numa vaga atmosfera poética, nesse espírito que em inglês (perdoa a erudição e a má pronúncia)

se chama wishful thinking…

— Desgraçadamente estou inclinado a concordar contigo.

— Não concordes demais, senão será impossível continuarmos a discutir. Ninguém gosta de bater num homem deitado.

Floriano escuta. Tudo isto lhe é desagradável mas necessário. Tio Bicho acende um cigarro, dá uma tragada e expele a fumaça pelo nariz, como costumava fazer há vinte anos nos serões do Sobrado, para divertir os meninos.

— Em suma - diz Floriano - meus romances são ainda masturbatórios.

Deseja que o outro não concorde. Bandeira solta um suspiro: - Até certo ponto são mesmo.

Novas cores surgem no céu: pinceladas de roxo, cinza, pardo, vermelho-queimado… O lago verde agora adquire um tom de turquesa. As nuvens se dissiparam. Ao cabo de um curto silêncio, pondo a mão pequena e gorda no ombro do amigo, tio Bicho torna a falar.

— Presta bem atenção. Suponhamos que a vida é um touro que todos temos de enfrentar. Como procederia, por exemplo, o teu avô Licurgo Cambará, homem prático e despido de fantasia? Montaria a cavalo e, com auxílio de um peão, simplesmente trataria de laçar o animal. Agora, qual é a atitude de seu neto Floriano Cambará? Tu saltas para a frente do touro com uma capa vermelha e começas a provocá-lo. De vez em quando fincas no lombo do bicho umas farpas coloridas… Mas quando o touro investe, tu te atemorizas, foges, trepas na cerca e de lá continuas a manejar a capa, para dar aos outros e a ti mesmo a impressão de ainda estar na luta… E uma atitude um tanto esquizofrênica, com grande conteúdo de fantasia. Certo? Bom. Toma agora o teu tio Toríbio… Qual seria a atitude dele?

— Pegaria o touro a unha.

— Exatamente. Levaria a loucura e a fantasia até suas últimas consequências !

— Aonde queres chegar com tua parábola?

— O que quero dizer é o seguinte. Se num romancista predomina a atitude do velho Licurgo, isto é, o senso comum, corremos o risco de ter histórias chatas como a de certos autores ingleses cujas personagens passam o tempo tomando chá, jogando cricket ou falando no tempo. Queres um exemplo? Galsworthy. Ora, tu sabes que eu seria o último homem no mundo a negar a importância e a beleza do teu

bailado de toureiro para qualquer tipo de arte… Há até uma certa literatura que não passa duma série de jogos de capa e bandarilhas. Mas o que dá a um romance a sua grandeza não é nem o seu conteúdo de verdade cotidiana nem o seu tempero de fantasia, mas o momento supremo em que o autor agarra o touro pelas aspas e derruba o bicho. Se queres um exemplo de romancista que primeiro faz verónicas audaciosas e depois agarra o animal a unha, eu te citarei Dostoiévski. E se me vieres com a alegação de que o homem era um psicopata, eu te darei então Tolstói. E se ainda achares que o velho também não era lá muito bom da bola, te direi que um homem realmente são de espírito não tem necessidade de escrever romances. E se depois desta conversa me quiseres mandar àquele lugar, estás no teu direito. Mas mantenho a minha opinião. O que te falta como romancista, e também como homem, é agarrar o touro a unha…

Como se tivesse sentido de repente que havia levado longe demais a franqueza, tio Bicho toca o amigo no braço, faz com a cabeçorra um sinal na direção do horizonte e, mudando de tom, diz: - Olha só o velho sol… Não parece ensanguentado e ferido de morte, prestes a tombar na arena?

— Franqueza dói, Roque, mas estou precisando mais que nunca dum tratamento de choque… Continua.

— Acho que agora quem deve falar és tu. O simples fato de teres puxado o assunto indica que o problema te preocupa e que andas em busca duma solução.

— Isso! No fundo não foi por outra razão que aceitei a ideia de acompanhar a família nesta viagem. Cheguei à conclusão de que não podia continuar onde estava…

ou onde estou. — Sorri. — Nem sei se devo dizer estava ou estou.

— Isso é lá contigo…

— Deves ter compreendido que pouco ou nada tenho a ver com a minha gente e a minha terra. E essa situação, que antes me parecia tão sem importância, nestes últimos l cinco anos me tem preocupado. E…

Mordendo o cigarro, a voz apertada, o Batráquio interrompe-o: - Puseste o dedo no ponto nevrálgico da questão. És um homem sem raízes. Repara na pobreza da obra dos escritores exilados. Não creio que um romancista como tu assim desligado da sua-querência e de seu povo possa fazer obra de substância. Tuas histórias se passam num vácuo. Tuas personagens psicologicamente não têm passaporte.

É muito bonito dizer que tal ou tal tipo não tem pátria porque é universal. Mas nenhuma personagem da literatura se torna universal sem primeiro ter pertencido especificamente a alguma terra, a alguma cultura.

Cala-se. 'Ambos olham para o poente, de onde o sol acaba de desaparecer.

— Perdoa, Floriano, se às vezes fico um pouco solene ou dogmático. Não é do meu feitio. Mas o assunto leva a gente para esse lado. Acho que deves dar o teu primeiro passo na direção do "touro" reconciliando-te com o Rio Grande, com os Terras, os Quadros, os Cambarás. Bem ou mal, foi aqui que nasceste, aqui estão as tuas vivências…

— É curioso, mas estás repetindo exatamente o que tenho dito a mim mesmo nestes últimos anos, principalmente nos que passei no estrangeiro…

Tio Bicho atira o toco de cigarro em cima do telhado.

— Maeterlinck escreveu muita besteira, mas aquela história do pássaro azul, digam o que disserem, é um belo símbolo apesar do que possa ter de elementar. É uma idiotice a gente sair pelo mundo em busca do pássaro azul quando ele está mesmo no nosso quintal.

Floriano volta-se para o amigo.

— Mas o curioso, Roque, é que quando estamos em casa vemos nosso pássaro azul apenas como uma pobre galinha magra e arrepiada.

O Batráquio sorri.

— Aí é que está a coisa - diz, metendo a mão por dentro das calças e pondo-se a coçar distraidamente o ventre. — É também possível escrever grandes páginas sobre galinhas magras, arrepiadas e cinzentas. O importante é que os bichos sejam autênticos.

Desata o seu lento riso gutural. Depois ajunta: - Talvez o princípio da tua salvação (se me permites usar esta palavra) esteja nas galinhas do Sobrado ou do Angico.

Agora é noite nos campos, na cidade e na mansarda.

— E se descêssemos? - pergunta Bandeira.

Floriano não responde nem se move. Quer continuar a conversa aqui na penumbra. Teme que não se apresente outra oportunidade para discutir o problema.

— Preciso também fazer as pazes com meu pai. Tu compreendes o que quero dizer… Chegar a um ajuste de contas, nos termos mais francos e leais… E principalmente cordiais.

— Acho que tens razão.

— Sempre julguei o Velho pela tábua de valores morais dos Quadros, o que é um absurdo, pois intelectualmente não aceito essa tábua. Mas tu sabes, na casa dos vinte a gente ainda acredita um pouco no mundo de homens perfeitos que nos prometia na escola a Seleta em prosa e verso.

Após uma pausa, Floriano prossegue: - Agora me ocorre uma coisa curiosa. Sempre que estou escrevendo uma cena de romance, imagino a contragosto que minha mãe está a meu lado, lendo o que escrevo por cima do meu ombro… lendo e reprovando, escandalizada.

— E te repreendendo! Essa censura interna, compadre, é pior que a do falecido DIP, talvez pior que a da Gestapo. Uma censura que vem de fora pode ser iludida, há meios… Mas a outra…

— E é em parte por causa dessa censura que sempre escrevo cheio de temores, de inibições… Porque fica feio… ou porque não se deve"… porque vou ferir tal pessoa… ou tal instituição. Como resultado de tudo isto, fiquei na superfície das criaturas e dos fatos, sem jamais tocar no nervo da vida. Sempre me movimentei num mundo de meias verdades. Espero que não imagines que eu tinha consciência clara dessas coisas, que eu sabia que estavam acontecendo.

Estou fazendo uma crítica post mortem. Uma necropsia. O termo é exato, porque considero defuntos todos os livros que escrevi até agora.

— O essencial, rapaz, é que tu estás vivo. Mas se aguentas mais uma impertinência deste teu velho amigo, te direi, já que trouxeste tua mãe para a conversa, que em teus romances noto, digamos, uma "atmosfera placentária".

— E extraordinário que digas isso, pois desde que cheguei tenho estado a me convencer a mim mesmo que se voltei a Santa Fé foi para "acabar de nascer". Se me perguntares como é que se consegue tal coisa, te direi que estou aprendendo aos poucos…

— Acabarás fazendo isso por instinto, espontaneamente, como um pinto que quebra com o bico a casca do ovo que o contém. O essencial é sentir necessidade de nascer.

— Bandeira faz uma pausa, inclina a cabeça para um lado, e depois diz: - Mas existem milhões de criaturas que morrem na casca… ou que continuam a viver na casca, o que me parece pior…

Passos na escada. A porta se abre e um vulto aparece. É Jacira. Vem anunciar que o jantar está servido.

— Jantas conosco, Roque?

— Não, obrigado. Preciso voltar para a toca.

— Para dar comida aos peixinhos?

— Seja! É uma razão tão boa como qualquer outra. Descem lentamente a escada mal-alumiada por uma lâmpada elétrica nua. Roque Bandeira, agarrado ao corrimão, sopra forte e geme, a palheta debaixo do braço, o suor a escorrer-lhe pelo rosto.

— Diz a teu pai que, quando o Dante me der a luz verde, eu vou prosear com ele.

Floriano pensa, apreensivo, no que o espera à mesa do jantar. Terá de enfrentar a família inteira. Vão ser momentos de constrangimento, de conversa difícil. Talvez salve a situação o "traquejo social", a loquacidade de Marcos Sandoval, que estará no lugar de costume, penteado, perfumado e metido numa roupa branca

imaculada.

Que show estará agora no Cassino da Urca? E a Fulana? Terá já subido para Petrópolis? E o Sicrano? Terá voltado para Nova York? Bibi, que detesta Santa Fé, não fará o menor esforço para esconder a sua revolta ante o fato de ter sido obrigada a acompanhar a família nesta viagem precipitada e estúpida. Jango, homem de poucas palavras, não abrirá a boca senão para comer; não ocultará sua antipatia pelo pelintra que está sentado à sua frente, e não lhe dirigirá sequer o mais rápido olhar. O lugar de Eduardo, como de costume, estará vazio. Sílvia evitará os olhos dele, Floriano, que por sua vez tudo fará para não se perder na contemplação da cunhada. Flora estará sentada a uma das extremidades da mesa, e seu rosto terá uma expressão de resignada e meio constrangida melancolia. Maria Valéria, à outra cabeceira, dará ordens às criadas, os olhos parados e vazios de expressão; e, apesar da catarata, enxergará certas coisas melhor que os outros.

E durante todo o jantar talvez ninguém se atreva a pronunciar o nome de Rodrigo.

Caderno de pauta simples

Quem guiou meus passos para dentro da Lanterna de Diógenes foi o Menino que ainda habita em mim.

A Força por trás do homem.

A Eminência Azul.

Foi ele quem pela minha boca pediu este caderno. Começo a compreender a insinuação do sutil ditador.

l O universo do Menino era uma pirâmide de absolutos: DEUS no Céu O dr. Borges no governo do Estado No Sobrado Papai, Mamãe, Vovô e a Dinda Dona Revocata na Escola. — Laurinda na cozinha Eddie Polo na nossa defesa contra os índios e os mexicanos E o brioso Exército Nacional em caso de guerra com a Argentina A sociologia do menino era cristalina: Os ricos moravam nas ruas e praças principais Os remediados nas ruas transversais Os pobres no Barro Preto, na Sibéria e no Purgatório Os negros conheciam seu lugar.

As coisas tinham sido, eram e sempre seriam assim Porque essa era a vontade de Deus.

Amém!

Ó manhãs da infância!

Café com leite pão mel mistério.

A escola recendia a giz, verniz e alunos sem banho. Guris viciados escondiam baganas nos bolsos. No inverno as menininhas ficavam de pernas roxas. E a presença da Professora, no seu trono em cima do estrado, aumentava o frio das manhãs.

As vezes a Mestra lia em voz alta seus versos favoritos: Contínuos exercícios e o descanso Sobre grosseira cama, A refeição frugal, concisa a frase, Assim se comportavam Os meninos de Esparta: pois Licurgo, o legislador prudente, Viu que a fama do país estava na militar grandeza: E, querendo guerreiros, fez soldados os filhos da República.

Pedro Alvares Cabral tinha descoberto o Brasil por puro acaso. Mas agora estava tudo bem, e os livros ensinavam o orgulho de ser brasileiro.

Nosso era o caudaloso Amazonas o fenômeno das pororocas a ilha de Marajó a cachoeira de Paulo Afonso a baía de Guanabara o couraçado Minas Gerais a inteligência de Rui Barbosa e as riquezas naturais.

Bartolomeu de Gusmão inventou o balão (Rimava e era verdade)

Santos Dumont o aeroplano.

E a Europa mais uma vez se curvou ante o Brasil.

E como se tudo isso não bastasse nossos bosques tinham mais vida e nossa vida em teu seio mais amores Ó Pátria amada, idolatrada, salvei salve!

Nosso era também o mais belo Hino do mundo. E o auriverde pendão. Que outra História haveria mais sublime que a do Brasil?

Estado de Sá morto por uma flecha envenenada defendendo o Rio de Janeiro o Zumbi dos Palmares preferindo a morte à escravidão Tiradentes na forca, impávido e de camisolão E mais o grito do Ipiranga a Guerra do Paraguai etecétera e tal.

As folhas ásperas do livro davam arrepios no Menino. Mas ele gostava de encher com lápis de cor os retratos lineares de condes, viscondes, duques, barões, ministros, generais, reis e vice-reis. Pintou de vermelho a cara de Filipe Camarão. Pôs uns bigodes de mandarim no Patriarca da nossa Independência.

Os heróis eram homens diferentes do comum dos mortais: não comiam nem bebiam não riam nem dormiam não tinham sexo nem tripas. Sustentavam-se de glórias medalhas e clarinadas tinham nascido pra bustos estátuas equestres em bronze patronos de centros cívicos citações em discursos e assuntos de cantoria.

Por mais esforço que fizesse (e esforço mesmo não fazia) o Menino não conseguia acreditar na improvável realidade daquelas figuras de papel, tinta e palavras.

Para ele mais vida tinham o Negrinha do Pastoreio o barão de Münchhausen o Herói de Quinze Anos Dom Quixote de la Mancha Os Três Mosqueteiros e Malasarte, o empulhador.

O Menino debatia-se em dúvida entre as muitas ciências de seu mundo.

O Vigário afirmava a existência de Deus num universo arrumadinho, com Céu, Purgatório e Inferno, prêmios e castigos, e uma contabilidade celestial: cada alma com sua conta corrente - Deve Haver, boas e más ações - tudo sempre em dia, à espera do Balanço Final.

Dona Revocata jurava (em nome de quem?) que Deus não existia. E desafiava o raio nos dias de tempestade.

O coronel Borralho - corneteiro dos Voluntários da Pátria - certa vez lhe falou no Supremo Arquiteto do Universo.

Consultado sobre o assunto, tio Bicho disse sorrindo: Deus pode existir. Deus pode não existir. Quem vai decidir a questão é você mesmo, quando crescer.

Mas para o Menino toda a sabedoria da vida concentrava-se em duas mulheres: a Dinda e a Laurinda. Tinham a última palavra em matéria de Teologia, Cosmogonia, Meteorologia, Astronomia e outros ias e enigmas.

Dona Revocata fazia doutos discursos para descrever o céu, com o

Sol, a Lua e as estrelas. A Dinda resumia o mapa celestial numa quadrinha.

Campo grande Gado miúdo Moça formosa Homem carrancudo.

Remédio para azia? Papai receitava bicarbonato- Mas Laurinda mandava o paciente repetir três vezes: Santa Sofia tinha três fia uma cosia outra bordava e a outra curava mal de azia.

Porque a Dinda e a Laurinda eram mais sábias que o califa de Bagdad, da Seleta em prosa e verso. Mais astuciosa que o dervixe que inventou o xadrez. Suas máximas continham mais verdades que as do marquês de Maricá.

Dizia a Laurinda: Não presta matar gato: atrasa a vida Nem sapo: traz chuva Quem cospe no fogo fica tísico Borboleta preta dentro de casa: morte na Certa. E a Dinda: Boa casa, boa brasa Quem tem rabo não se senta Menino que brinca com fogo mija na cama Criança que ri dormindo está conversando com os anjos.

Sentada ao pé do fogão, pitando um crioulo e comendo pinhão, Laurinda propunha adivinhações às crianças da casa.

Pergunta: Que é que antes de ser já era? Resposta: Deus.

São duas moças faceiras que nunca saem das janelas reparam em todo o mundo e o mundo não fala delas.

Resposta: As meninas dos olhos.

Diga, diga se é capaz: o Luís tem na frente mas a Raquel tem atrás as solteiras têm no meio e as viúvas não têm mais.

Laurinda ria e dizia: Não é o que tu está pensando, bandalho. É a letra L.

Mas entre todos os ditados da Dinda, um havia que deixava o Menino pensativo.

Cada qual enterra seu pai como pode.

Ó noites da infância!

quarto escuro fantasmas sonhos mistério.

O deputado

Em fins de outubro de 1922, ao voltar com Flora do Rio de Janeiro, aonde tinham ido ver a Exposição Nacional do Centenário, Rodrigo Cambará encontrou o pai num estado de espírito que oscilava entre a irascibilidade e a depressão. O velho Licurgo estava apaixonadamente ferido, como um homem que tivesse sido enganado pela mulher amada, com a qual vivera boa parte de sua vida, e na qual depositava a mais serena das confianças. Havia pouco o dr. Borges de Medeiros pronunciara-se definitivamente sobre a antiga questão que dividia em dois grupos os republicanos de Santa Fé, dando seu apoio irrestrito ao coronel Ciríaco Madruga, intendente municipal e inimigo pessoal de Licurgo Cambará.

Já na estação Rodrigo notara que algo havia de anormal. O pai abraçara-o com ar meio distraído, o cigarro apagado entre os dentes. Pigarreava com uma frequência nervosa e a pálpebra de um dos olhos de quando em quando tremia. Ao chegarem ao Sobrado, mal deu a Rodrigo tempo de abraçar a tia e beijar os filhos: levou-o para o escritório, fechou a porta e, com voz apertada, contou-lhe toda a história.

— É o preço que estou pagando - concluiu - por ser um homem independente. O dr. Borges ainda não aprendeu a diferençar um amigo de verdade dum capacho.

— Eu não lhe disse? O presidente não é mais o mesmo homem. Ninguém pode ficar anos e anos fechado num palácio, como um faraó no seu túmulo, sem perder contato com a sua terra e o seu povo. O homem vive cercado de aduladores que lhe escondem a realidade…

Licurgo olhava fixamente para a escarradeira esmaltada, ao pé da escrivaninha.

— Já que as coisas tomaram esse rumo, papai, vou lhe falar com toda a franqueza. Nunca morri de amores pelo dr. Borges… Não nego que seja um homem direito, de mãos limpas. Mas é autoritário, egocêntrico e opiniático. Imagine o senhor, no dia em que a Assembleia iniciou seus trabalhos, nós, os da bancada republicana, fomos incorporados visitar o homem no palácio. Recebeunos como um rei num trono, imperturbável, a cabeça erguida, o olhar frio. Deu-nos a pontinha dos dedos, disse o que esperava de nós e dez minutos depois ficou assim com o ar de quem queria dizer: “Bom, que é que estão esperando? A audiência está terminada”. Ora, vamos e venhamos, isso não é maneira de receber correligionários. Um deputado não é um criado nem um moço de recados.

Licurgo cuspiu o cigarro na escarradeira, tirou do bolso e mostrou ao filho a cópia do telegrama que passara ao dr. Borges de Medeiros, comunicando-lhe que não só se considerava afastado do Partido como também iria votar no dr. Assis Brasil e trabalhar pela sua candidatura no município de Santa Fé.

— Parece mentira - murmurou - mas vamos ter de votar outra vez com os maragatos.

— Não há de ser nada. Digam o que disserem, nosso candidato é um republicano histórico.

— Sim, mas desse jeito o Partido vai se esfacelar, e quem lucra são os federalistas.

Tirou duma gaveta da escrivaninha um cigarro de palha já feito e acendeu-o. Aos sessenta e sete anos era um homem ainda desempenado, de constituição robusta. Tinha a cabeleira abundante com raros fios brancos, mas o bigode grisalho e os fundos sulcos no rosto tostado revelavam-lhe a idade. Nos olhos indiáticos havia uma permanente expressão de preguiçosa melancolia, algo de morno e fosco. A voz, pobre de inflexões - pois Licurgo detestava tudo quanto pudesse sugerir, ainda que de leve, artificialidade teatral - , tinha um tom que lembrava batidas de martelo em madeira.

— É uma pena que o senhor tenha demorado tanto no Rio de Janeiro - disse ele, olhando obliquamente para o filho. — Estamos nas portas das eleições, temos pouco mais dum mês e ainda não fizemos quase nada. O Madruga já se movimentou, anda ameaçando Deus e todo o mundo com seus capangas. É.. . o senhor demorou demais.

— Eu sei, eu sei - replicou Rodrigo, contendo a impaciência.

— Mas um mês basta pra gente agitar o município. A causa é boa.

— Se o senhor tivesse voltado umas duas semanas mais cedo - insistiu Licurgo - teria podido falar com o dr. Assis Brasil. Ele veio me visitar aqui no Sobrado.

— Sinto muito, mas não há de faltar ocasião para conhecer o homem pessoalmente.

Segurou afetuosamente o braço do pai e disse-lhe que as crianças estavam aflitas por verem os presentes que ele lhes trouxera do Rio. “Se o senhor me dá licença…”

Licurgo sacudiu a cabeça numa lenta afirmativa e Rodrigo retirou-se. Antes, porém, de fechar a porta notou que faltava alguma coisa no escritório. Era o retrato do dr. Borges de Medeiros que por muitos anos ali estivera ao lado da imagem do Patriarca. No seu lugar via-se apenas um quadrilátero duma cor mais clara que a do resto da parede.

Os filhos o esperavam na sala de jantar. Maria Valéria tinha nos braços Bibi, a mais moça de todos. O rostinho redondo, o nariz curto e meio arrebitado, dois dentinhos miúdos e salientes, os olhinhos

enviesados e ariscos - tudo isso dava à criança um ar de cãozinho pequinês. Junto da velha, agarrando-lhe as saias, Eduardo lançava para o pai olhares furtivos, as faces e as orelhas afogueadas; e, para disfarçar o embaraço, batia com o calcanhar no soalho, como um potrilho a escarvar o chão.

Tinha quatro anos, era rijo e fornido de carnes, e desde que seu tio Toríbio o convencera de que ele era um touro, punha em constante perigo as compoteiras, vasos, vidros e louças da casa, com suas corridas impetuosas: as mãos nas fontes, os indicadores enristados à guisa de aspas. Sempre que via Toríbio, fosse onde fosse, investia contra ele, mugindo e soprando, e dava-lhe tremendas cabeçadas. Toríbio nunca se negava a seguir as regras do jogo: caía de costas, ficava estendido no soalho, de braços abertos, enquanto o tourinho tripudiava sobre seu corpo fazendo de conta que o furava a guampaços.

Ao lado de Eduardo, Jango, magro e esgalgado, estava a cavoucar o nariz com o indicador, numa fúria distraída. Sempre que lhe perguntavam que queria ser quando ficasse grande, respondia: “Tropeiro, como o vô Babalo”.

Referindo-se ao aspecto físico dos filhos, Rodrigo costumava dizer que se Jango, o de rosto oblongo, lembrava uma figura de El Greco, e Bibi, Eduardo e Floriano pareciam infantes saídos duma tela de Velázquez - Alicinha só podia ter sido pintada por Fra Angélico.

A menina que ali estava, calada e séria ao lado da mãe, era mesmo duma beleza de anjo florentino. Seu rosto oval, de feições delicadas - os olhos um pouco tristes, como os dos Terras - , chegava a ter às vezes, sob certas luzes, uma translucidez de porcelana. Aos dez anos parecia uma moça em miniatura tanto no físico como nos gestos e na maneira de falar. “É uma princesa!” dizia o pai. Flora, se não o acompanhava nesses exageros, também não o contrariava. Maria Valéria, entretanto, não perdia a oportunidade de criticá-los: “Vocês dão tanto mimo pra essa menina, que ela vai acabar pensando mesmo que é filha do imperador”.

Floriano, o mais velho dos irmãos, não se encontrava, como os outros, ao lado do pai. Deixara-se ficar a um canto da sala, como se não fizesse parte da família.

Era um menino calado, tímido, arredio. Quando não estava na escola, passava a maior parte das horas fechado na água-furtada, com seus livros e revistas. De todos os Cambarás era o único que não gostava do Angico. Enquanto Jango procurava gozar a estância como podia - banhos na sanga, leite morno, bebido na mangueira ao pé da vaca, excursões aos capões para apanhar sete-capotes, passeios a cavalo pelas invernadas Floriano ficava em casa e (dizia Flora) era de cortar o coração vê-lo sentado na soleira da porta a olhar tristonho o

pôr-do-sol. Certas noites, principalmente quando ventava, acordava alarmado e saía a caminhar pelo corredor como um sonâmbulo, “com uma coisa no peito” - murmurava, depois de muito insistirem para que contasse o que sentia. “Vai ser poeta” - dizia Rodrigo, com uma mistura de orgulho e piedade. Mas Toríbio, sacudindo a cabeça, aconselhava: “Se esse molenga fosse meu filho eu botava ele no lombo dum cavalo, soltava ele no campo. Vocês estão mas é criando um sombra. Afinal, o Floriano já está com onze anos, não é nenhum nenê…”

Rodrigo contemplava a prole com um orgulho de patriarca. Houve um momento em que seus olhos se voltaram para Flora e mais uma vez ele teve a voluptuosa certeza de que a companheira havia atingido a sua plenitude. Aqueles trinta e dois anos sentavam-lhe muito bem. Perdera o ar de menina para se fazer mulher por completo. Até havia pouco, era uma fruta quase madura, mas com partes ainda verdes e ácidas, dessas que nos fazem apertar os olhos quando as trincamos. Sim, Flora era uma nêspera que chegara à mais completa maturação. A hora de saboreá-la é agora - pensou ele, sorrindo. Comê-la com casca e tudo. Deu alguns passos na direção da esposa, abraçou-a e beijou-a na boca.

— Rodrigo! - repreendeu ela. E, num murmúrio: - Olha as crianças…

— A esta altura dos acontecimentos acho que eles já descobriram que somos casados - replicou ele em voz alta.

Floriano recebeu estas palavras como uma bofetada. Desviou o olhar das figuras do pai e da mãe e, perturbado, ficou a acompanhar os movimentos do pêndulo do relógio grande. Jango sorriu. Alicinha, de olhos baixos, brincava com a fímbria da saia. Edu pôs-se a bufar, a escarvar o chão e de súbito rompeu numa corrida e cravou as “aspas” nas pernas do pai, que o ergueu nos braços, rindo e exclamando: “Meu tourito! Meu tourito brabo!”

— Que venham esses presentes duma vez! - exigiu Maria Valéria. — As crianças estão aqui para isso e não para verem essa fita de cinema.

— Traga os presentes, Laurinda - ordenou Rodrigo, pondo Eduardo no chão.

A mulata entrou com uma braçada de pacotes, que depositou sobre a mesa. Flora abriu a menor das caixas.

— O presentinho da Bibi!

Entregou à filha um palhaço de macacão bicolor, com um prato de folha em cada mão. Quando lhe apertavam a barriga, o boneco soltava um guincho, seus braços se uniam e os pratos se chocavam e tiniam.

Depois de alguma relutância, Bibi agarrou o presente. Rodrigo

desembrulhou outro pacote.

— Este é para o nosso capataz…

Era um cinturão com um par de pistolas de estanho, com cabos de madeira. Jango arrebatou o presente das mãos do pai, cingiu o cinturão e, de pistolas em punho, pôs-se a andar ao redor da mesa, ao trote dum cavalo imaginário, dando tiros de espoleta.

Floriano pegou os presentes que a mãe lhe entregou. Dois livros: A ilha do tesouro e Cinco semanas em um balão em edições ilustradas.

— Agora - disse Rodrigo - nosso tourito xucro vai ganhar… adivinhem quê?

— Um facão! - gritou Edu.

Era um tambor. O menino mostçpu sua decepção fechando a carranca, baixando a cabeça e olhando enviesado para o pai. Rodrigo rufava no tambor, cantarolando: “Marcha soldado, cabeça de papel! Marcha soldado, direito pró quartel!”

— Mas eu não sou soldado - protestou o menino.

— Que é que o filhinho é? - perguntou Flora, ajoelhando-se ao pé da criança e tomando-a nos braços.

— Um petiço zaino.

Flora pendurou o tambor ao pescoço de Edu, pelo cordão auriverde, e entregou-lhe as baquetas.

— Toque.

Ele fazia que não, sacudindo obstinadamente a cabeça. Maria Valéria olhava a cena com olhos críticos.

— Deixe o menino em paz - aconselhou. — Se você não lê der atenção ele acaba gostando do presente.

Rodrigo começou a desfazer o maior dos embrulhos.

— Agora, respeitável público - disse - chegamos à parte mais importante de nosso programa: a entrega do presente da srta. Alice Quadros Cambará, a menina mais linda de Santa Fé!

Alicinha esperava, as mãos trançadas contra o peito, os olhos parados e ansiosos. E quando o pai tirou o presente da caixa, ouviu-se um ah! geral de surpresa e admiração.

Era uma boneca que tinha exatamente a altura de Eduardo: cara redonda, com faces como maçãs maduras, olhos muito azuis parecidos com bolinhas de gude. Estava vestida de tarlatana cor-de-rosa, com um chapéu verde na cabeça de cabelos cor de ruibarbo.

Alice parecia paralisada. Rodrigo teve a impressão de que a filha empalidecera. Lágrimas brotaram-lhe nos olhos, escorrendolhe pelas faces. Edu atirou o tambor e as baquetas no chão. Jango meteu as pistolas no coldre e ambos se aproximaram da boneca. Eduardo mirava-a com um ar entre desconfiado e hostil. Jango acocorou-se ao pé dela, cheio de admiração, apertou-lhe primeiro os tornozelos, os braços, depois passou-lhe um dedo cauteloso e terno pelas faces e

cabelos.

— Parece gente - murmurou.

— E fala - acrescentou Rodrigo, sem tirar os olhos da filha. — Diz mamãe. Vejam.

Fez uma pressão nas costas da boneca, que soltou um vagido. Eduardo fechou os olhos, apertando as pálpebras. Jango sorriu, mostrando todos os dentes. Floriano lutava com uma confusão de sentimentos: admirava a boneca, armava já fantasias em torno dela, mas achava que um rapaz da sua idade não podia mostrar interesse por um brinquedo de menina sem correr o risco de parecer um maricas. Por outro lado estava ferido de ciúme e despeito. Claro, gostara dos livros, mas por que o presente melhor e mais bonito era sempre para Alicinha? Por que papai preferia Alicinha aos outros filhos? Pensando e sentindo essas coisas, o rapaz mantinha-se distante do grupo, esforçando-se por parecer indiferente. Por fim, aproveitando um momento em que quase todos estavam de costas voltadas para ele, esgueirou-se para fora da sala e subiu para a água-furtada.

— Vamos, Alicinha - disse Flora - o brinquedo é teu. Alicinha abraçou a boneca e desatou num choro convulsivo, enquanto o pai, comovido, passava-lhe a mão pelos cabelos, cobri-a-lhe o rosto de beijos, murmurando palavras de carinho e consolo. Eduardo agora batia desesperadamente no tambor. Jango saíra em novos galopes pela casa, alvejando inimigos invisíveis. Bibi olhava muito intrigada para seu palhaço de macacão azul e vermelho e cada vez que lhe apertava a barriga os pratos tiniam e ela fechava os olhos, assustada.

— Que nome vais botar na boneca? - perguntou Rodrigo à filha.

— Aurora - respondeu Alicinha sem hesitar.

Marido e mulher se entreolharam, alarmados, como se ambos de repente tivessem sido bafejados pelo sobrenatural. Porque Aurora era o nome que ia receber a irmã de Rodrigo que nascera morta no inverno de 1895, em plena guerra civil, quando o Sobrado estava sitiado pelos maragatos.

Aquela manhã Rodrigo e Toríbio saíram juntos de casa logo após o café. O sueste de primavera soprava rijo sob um céu limpo e rútilo, produzindo nas folhas das árvores da praça um movimento de onda e um som de mar.

De longe os irmãos saudaram com um aceno de mão o José Pitombo, que lá estava na sua casa de pompas fúnebres, atrás dum balcão envidraçado, contra um fundo agourento de negros ataúdes com enfeites cor de ouro e prata.

— Não deixa de ser “animador” - sorriu Rodrigo - ter assim tão perto de casa esse tipo de comércio…

— E a cara do Pitombo - ajuntou Toríbio - mais fúnebre que o resto.

— Se houvesse um jeito eu tirava o defunteiro daí. Não preciso ter todos os dias nas ventas esse lembrete da morte.

Ao passarem pela Padaria Estrela-d'Alva entraram para cumprimentar o Chico Pão que, como de costume, se queixou duma "pontada nas costas que responde no peito".

Será alguma umidade que peguei, doutor? - Não é nada, Chico, essas coisas assim como aparecem, desaparecem… Decerto são gases.

Rodrigo ainda não conseguira descobrir se os cabelos do padeiro, cortados à escovinha, estavam brancos de idade ou de farinha de trigo. Seus olhos, permanentemente injetados de sangue, enchiam-se de lágrimas toda a vez que sua casa recebia a visita dos "guris do Sobrado". Explicava que Rodrigo e Toríbio lhe davam saudade dos bons tempos em que, meninos, todas as noites às dez horas, fizesse bom ou mau tempo, pulavam a cerca que separava o casarão da padaria e vinham buscar pão quente para comerem com rapadura.

Estava o padeiro de tal maneira excitado pela visita, que não cessava de fazer perguntas. Como iam todos em casa? Rodrigo e Flora tinham andado no bondinho do Pão de Açúcar? Era verdade que o Exército nacional não ia deixar o dr. Artur Bernardes tomar posse? Que cara tinha o presidente de Portugal?

Rodrigo ia começar a contar o que vira e fizera no Rio de Janeiro quando Toríbio, puxando-o pelo braço, arrastou-o para fora da padaria. Chico Pão acompanhou-os até a porta, fazendo seus habituais protestos de amizade e gratidão para com toda a família Cambará.

— Agora, safardana - disse Bio, enquanto caminhavam na direção da farmácia de Rodrigo - , quero que me contes a parte secreta da tua viagem.

O outro fez alto.

— Que parte secreta?

— Ora, não te faças de bobo. Quantas?

— Quantas quê?

— Hipócrita. Tu sabes o que eu quero dizer. Quantas mulheres comeste no Rio?

Rodrigo deu um piparote na palheta, que lhe caiu sobre a nuca. Coçou a testa, sorriu e disse: - Olha, menino, foi um negócio muito sério. Tu sabes, com a Flora sempre a meu lado, não foi fácil…

— Quantas?

— Te preocupa a quantidade ou a qualidade?

— As duas coisas.

— Bagualão!

Retomaram a marcha. Rodrigo contou que namorara uma morena no hotel em que se hospedara, e que um dia, pretextando uma visita ao Senado, deixara Flora com um casal amigo e fora a um encontro marcado com a morocha no Alvear.

— A bruaquinha estava com fitas… - disse. — No princípio quis dar a entender que nunca tinha feito aquilo. Pois sim. Conheço bem a minha freguesia. Tu sabes, no Rio de Janeiro a coisa é um pouco diferente. A gente tem de mandar flores, presentinhos, marcar encontros, dizer galanteios, fazer um cerco em regra. Ah! Mas não tive dúvida: agarrei a bichinha a unha.

— Onde? Como? Conta logo.

— O primeiro encontro não rendeu nada, ela disse que era casada e o marido estava em Minas Gerais. Mas o namoro continuou…

— Então ela era mesmo família?

— Espera. Uma noite nos recolhemos cedo ao hotel, Flora se preparou para dormir mas eu não me despi. Fiquei por ali, embromando, e quando ela se deitou eu disse: "Meu bem, vou comprar uns cigarros e dar uma voltinha. Estou sem sono". Saí e fui direito ao quarto da morena, que ficava no andar logo abaixo do nosso. Bati. Quem é? Sou eu. Eu quem? Disse o nome. Ela entreabriu a porta, espiou… Fui entrando sem pedir licença. A diabinha começou a protestar, mas tapei-lhe a boca com um beijo e, sem dizer mais nada, fui empurrando a bicha pra cama…

— E depois?

— Na cama ela tirou a máscara. Fez o diabo, revelou-se uma verdadeira profissional.

— Valeu a pena?

— Ah! Valeu.

— Voltaste?

— Umas quatro ou cinco vezes.

— Pagaste muito? Rodrigo pareceu hesitar.

— Dei-lhe um colar de presente… e paguei-lhe a conta do hotel.

— Burro velho!

— A história do marido naturalmente era inventada. Ela estava "fazendo a praça" no Rio de Janeiro. Mas tinha classe, isso tinha…

Entraram na farmácia. Gabriel, o prático, veio ao encontro de Rodrigo e abraçou-o timidamente. Era um moço simplório, de origem italiana, e adorava o patrão. Agora mesmo lançava-lhe olhares cheios de afetuosa admiração, examinando-o de alto a baixo.

— Alguma novidade, Gabriel?

— Nenhuma, doutor. Tudo bem.

Tinha uma voz fluida como pomada, e olhos caninos que refletiam uma bondade ingénua.

— E a Casa de Saúde?

— De vento em popa. Enquanto o senhor esteve fora, tivemos duas hérnias, uma cesariana e uma operação de rins. Tudo uma beleza!

— O "açougue" está rendendo - murmurou Toríbio, folheando

distraído um número do Almanaque de Ayer que encontrara em cima do balcão.

— O dr. Carbone tem mão de ouro. É capaz de operar até no escuro.

Rodrigo levou o irmão para o consultório, fechou a porta, pendurou o chapéu no cabide e sentou-se atrás da escrivaninha.

— Amigo Bio, estou numa encruzilhada, não sei que rumo tomar…

Olhou em torno. Viu os instrumentos cirúrgicos, duros, polidos e frios dentro do armário de vidro; o divã coberto de oleado negro; o revérbero sobre cuja chama costumava ferver não só agulhas e seringas como também água para o cafezinho da tarde. O único quadro que pendia daquelas paredes caiadas, além duma oleogravura convencional, era o clássico desenho em que um médico, vestido de branco como um cirurgião, ampara em seus braços uma mulher nua, que a Morte, representada por um esqueleto ajoelhado, lhe quer arrebatar.

A nobre profissão! Quantas mulheres nuas tive eu em cima daquele divã? E quantas a Morte me levou?

— Para te falar a verdade - disse em voz alta - estou começando a enjoar a clínica. Até o cheiro deste consultório me dá náusea…

— Quem sabe estás grávido?

— Espera, homem, estou falando sério.

Toríbio tinha uma palha de milho entre os dentes, e com uma faca picava fumo, parecendo mais interessado no preparo do cigarro do que nos problemas do irmão.

— Erraste a profissão - murmurou, sem descerrar os dentes.

— Sem a menor dúvida! O que me tem aliviado o tédio é essa deputação, os meses que todos os anos tenho de passar em Porto Alegre… Nossa capital é ainda uma aldeia grande, mas lá já se vive. Precisavas conhecer o Clube dos Caçadores.

Olhou para Toríbio que ali estava na sua frente, em mangas de camisa, bombachas de riscado, os pés nus metidos em chinelos, o chapéu de abas largas ainda na cabeça.

Um homem sem problemas! Passava a maior parte do tempo no Angico, campereando, feliz. Tinha suas chinas nas invernadas, de quando em quando ia à colónia alemã ou à italiana “pra variar de tipo”, e quando a coisa se tornava um pouco monótona na estância, em assunto de mulher, vinha para a cidade, metia-se em pensões e entregava-se a orgias homéricas que às vezes duravam dias. Nessas ocasiões, Rodrigo tinha de fazer o impossível para evitar que as histórias das farras de Bio chegassem aos ouvidos do velho Licurgo.

— E que vais fazer agora? - perguntou Toríbio, despejando no côncavo da palha as esquírolas de fumo que acabara de amaciar.

Rodrigo ergueu-se, acendeu um cigarro e pôs-se a andar dum lado para outro.

— Não sei. Essa viagem ao Rio de Janeiro me descentrou um pouco, me convenceu de que isto não é vida.

— Te candidata então a deputado federal. Rodrigo sacudiu a cabeça com veemência.

— Acho que a minha carreira política está encerrada… O rompimento do papai com o dr. Borges me obriga a renunciar à deputação.

— E se o dr. Assis Brasil for eleito?

— Não te iludas. A corrida nas urnas está perdida para nós. Toríbio bateu a pedra do isqueiro, prendeu fogo no pavio, aproximou a chama da ponta do cigarro.

— Mas podemos tirar o Borjoca do governo a grito e a pelego - disse, soltando fumaça de mistura com as palavras.

— Falas em revolução como duma brincadeira de crianças.

— Afinal de contas… que é que queres?

— Quero viajar, homem! Desde que cheguei formado nesta terra, lá vão doze anos, ando sonhando com uma viagem a Paris. Mas sempre acontece alguma coisa e a viagem não sai. Tu sabes, o Velho foi sempre contra a ideia. Para ele, como para a Dinda, ir ao estrangeiro é uma coisa vagamente indecente, além de inútil. Quando consegui convencer o papai de que uma viagem à Europa ia me fazer um grande bem, veio essa história da deputação, a campanha, a eleição, a novidade do cargo, tu sabes, e eu fui ficando…

Toríbio saboreava com delícia o seu cigarro.

— E que é que te ataca agora, rapaz? Vai a Paris e mata esse desejo.

— É fácil dizer “vai a Paris”. Se o Velho me repreendeu por eu ter demorado demais no Rio, como é que posso pensar numa viagem longa? E com a situação da pecuária, essa maldita crise que aí está… e mais o que teremos de gastar para fazer oposição ao Chimango, quem é que pode pensar em viagens?

Toríbio coçava agora distraído o dedão do pé.

— E depois - ajuntou Rodrigo - está tudo numa confusão dos diabos. A situação do país é crítica. Fala-se abertamente em revolução. Ninguém faz negócio esperando “os acontecimentos”. E essa coisa vai longe. Primeiro vão esperar para ver se o Bernardes toma ou não toma posse. Depois querem ver os resultados das eleições estaduais e a posse do candidato eleito. E nessa dança vamos passar todo o ano que vem.

— Pois acho que já está na hora de rebentar uma boa revolução - murmurou Toríbio - pra sacudir este país de merda. Não se deve passar tanto tempo sem pelear. Não brigamos desde 93.

Ergueu-se.

— Já pensaste que nós, tu, eu, os da nossa geração, ainda estamos virgens de guerra? - perguntou. — Não tivemos ainda o batismo de fogo. Se a situação continua, vamos acabar uns calçasfrouxas sem serventia. Palavra de honra, acho que está na hora da gente ir para a coxilha.

— Pode ser que tenhas razão. Mas eu preferia que a ordem não fosse perturbada.

— Mas se for?

— Se for, não há outro remédio senão brigar.

— Pois então vai azeitando a pistola e limpando a espada. Porque a revolução vem agora, antes da posse do Bernardes, ou depois das nossas eleições. Não há por onde escapar.

Fez-se uma pausa em que ambos ficaram fumando e ouvindo os ruídos da farmácia e da rua: vozes, tinidos de vidros, o som de água jorrando duma torneira, um pregão - “Olha a lenha boa!” - o ploc-ploc das ferraduras dum cavalo nas pedras do calçamento da rua.

— Falaste com o dr. Assis Brasil? - perguntou Rodrigo.

— Falei.

— Qual foi a tua impressão? Toríbio fez uma careta de dúvida: - Pois olha… O homem é simpático, limpinho, bem-educado, instruído e parece que bem-intencionado. Mas, pra te falar com franqueza, tem umas coisas que não me agradam…

— Por exemplo…

— Uns fumos de aristocrata. E me parece um pouco vaidoso, desses que não perdem ocasião de mostrar o que sabem. Ficou no Sobrado menos de uma hora e teve tempo de falar em política, de criticar o nosso sistema de criação e plantação no Angico e de nos dar lições de agricultura e pecuária… Enfim, fez um sermão que ninguém encomendou. Viu o Floriano apontando um lápis, tirou o canivete e o lápis das mãos do menino e disse, como um mestre-escola: "Não é assim que se aponta um lápis.

Preste atenção no que vou fazer". Contou depois que tinha inventado uma porteira especial, muito prática, que todo o estancieiro devia usar. Não me lembro por quê, falei em cachorro e o homem me corrigiu, dizendo que eu devia dizer cão, pois cachorro é qualquer cria de leão ou onça, quando pequena. Imagina, eu dizendo cão!

Rodrigo sorriu.

— Estás exagerando. O homem é progressista, inteligente e culto. Não negarás que nossa agricultura muito deve aos seus ensinamentos. E depois, Bio, compara esse estadista que correu praticamente o mundo inteiro, esse homem fino e civilizado, com aquela múmia que está no Palácio do Governo em Porto Alegre, empapado de positivismo.

— Mas já viste um gaúcho legítimo morar em castelo de pedra, como esses de romance, e falar inglês com a família na hora da comida?

Rodrigo encarou o irmão em silêncio e, ao cabo de alguns segundos, exclamou: - Ora, vai te lixar!

Naquele sábado Rodrigo voltou do consultório às cinco da tarde e comunicou a Flora que havia convidado um grupo de amigos a vir à noite ao Sobrado para comer, beber e prosear. Flora levou as mãos à cabeça. Maria Valéria, que entreouvira as palavras do sobrinho, perguntou: - Comer o quê?

— Ora, titia, uns croquetes, uns pastéis.

— Mas que croquetes? Que pastéis? Você sempre nos avisa à última hora.

— Não temos bebidas em casa - alegou Flora.

— São cinco horas. Mandem buscar no armazém o que falta. Subiu assobiando para o quarto e de lá para o banho da tarde.

As mulheres puseram-se imediatamente em atividade, resmungando contra a mania de Rodrigo (aquela não era a primeira vez nem seria a última) de fazer convites para reuniões no Sobrado sem antes consultá-las.

E quando ele já estava no quarto de banho, cantarolando árias de ópera dentro do banheiro cheio de água tépida, esfregando os braços e os ombros com vaidosa volúpia, a tia bateu à porta e gritou: - Quer ao menos me dizer quantas pessoas convidou?

— Uns seis ou sete amigos, nada mais.

— Pois então vou preparar comida pra vinte.

Sabia que esses seis ou sete à última hora “davam cria”, multiplicando-se por três.

O velho Licurgo não gostou da ideia: - Não estamos em tempo de festa - resmungou. — A situação do país está cada vez mais preta.

Fresco do banho, recendendo a água-de-colônia, Rodrigo reagiu: - Não vejo motivo para a gente assumir uma atitude fúnebre… E, depois, convidei o Juquinha Macedo e o coronel Cacique. Podemos aproveitar a ocasião para discutir o plano da nossa campanha eleitoral.

Licurgo cuspiu na escarradeira. Rodrigo jamais se habituara à presença daquelas “coisas” de louça, espalhadas pela casa. Achava bárbaro e repugnante aquele ostensivo clarear de peito e aquele contínuo cuspir que para muitos gaúchos era uma prova de hornbridade.

— Discutir a campanha? - repetiu Licurgo. — Isso não é coisa que se faça em festa.

— Mas não se trata de festa. É uma pequena reunião de amigos, quase todos gente de casa.

Durante a hora de jantar Licurgo manteve-se calado a maior parte do tempo, prestando uma atenção precária ao que Flora e Rodrigo contavam da viagem ao Rio. Terminada a refeição, o Velho subiu para o quarto, onde permaneceu por alguns minutos. Depois desceu e, como era seu costume havia muitos anos, resmoneou: “Vou dar uma volta”.

E saiu.

De uma das janelas do casarão, Rodrigo e Toríbio acompanharam o pai com o olhar e viram-no dobrar a esquina da rua dos Farrapos e entrar na dos Voluntários da Pátria.

Entreolharam-se e sorriram. Aquilo acontecia todas as noites, desde que eles eram meninos. Licurgo Cambará ia visitar a amante, continuando fielmente uma ligação que começara antes de seu casamento com Alice Terra. A mulher chamava-se Ismália Caré e nos tempos de moça fora uma cabocla bonita, morena, de grandes olhos esverdeados.

Mesmo agora, já na casa dos cinquenta, conservava um corpo esbelto, uma face quase sem rugas e aquela tez cor de canela com açúcar. Licurgo tivera com ela um único filho, que hoje estava casado e já também pai de família.

— Rabicho como esse - murmurou Rodrigo - não conheço outro.

— Pobre do Velho… - cochichou Toríbio. — Na idade dele o mais que pode fazer é prosear com a amásia…

— Olha, a gente nunca sabe. Tu conheces a força dos Cambarás em matéria de virilidade.

Como se portaria o pai na casa da amante? Menos calado e casmurro do que no Sobrado? Sorriria alguma vez? Teria para com o filho e os netos bastardos ternuras que não demonstrara nunca para com os legítimos? Eram perguntas que Rodrigo mais de uma vez fizera a si mesmo, mas sem muita curiosidade, sem genuíno interesse.

Toríbio enfiou o casaco. Só então é que Rodrigo percebeu que o irmão trajava a sua roupa domingueira de casimira azul-marinho, e - milagre! - estava de gravata.

— Aonde vais nessa estica, homem?

— A um baile de mulatas no Purgatório.

— Estás falando sério?

— Ué?

— Queres botar um pouco de extrato no lenço?

— Não sejas besta.

— Pois então, bom proveito - Rodrigo estava curioso. — Que tipo de baile é esse?

— Aniversário da Sociedade Filhos da Aurora, de “morenos”. Sou amigo íntimo do presidente.

Rodrigo segurou o irmão pelas lapelas do casaco.

— Cuidado, Bio, são mulatinhas de família.

— Eu também sou de família.

— Havia de ter graça que te metessem uma bala no corpo e morresse ridiculamente numa baiúca do Purgatório.

— Ainda não fabricaram essa bala.

O primeiro a chegar ao Sobrado aquela noite foi o promotor público, dr. Miguel Ruas, natural do Distrito Federal. Muitas coisas o tornavam especialmente notado em Santa Fé. Aos trinta e seis anos era ainda solteiro - apesar de viver em bailarecos e festas familiares sempre às voltas com as mais belas moças do lugar. Tocava piano muito bem, manicurava as unhas e era o único homem na cidade que trajava rigorosamente de acordo com a moda.

Vestia naquela noite uma roupa cor de chumbo com listas claras. O casaco, exageradamente cinturado, de um botão só, era tão comprido que lhe ia até o meio das coxas apertadas em calças que desciam, afuniladas, até os tornozelos e que, de tão justas às pernas, chegavam a parecer perneiras. Os sapatos bicolores de bicos agudos tinham solas de borracha Neolin - o que dava ao promotor um caminhar leve de bailarino.

Alto e magro, o dr. Ruas - como observara Rodrigo - parecia ponto de admiração que frequentemente se transformava em ponto de interrogação, quando o promotor se dobrava em curvaturas diante das damas, cujas mãos beijava ou, melhor, esfrolava com os lábios. Tinha o rosto fino e longo, duma palidez que o pó-de-arroz acentuava.

Sua voz, no entanto, era grave e máscula, coisa inesperada naquele ser de gestos e aspecto tão efeminados.

Ao recebê-lo no alto da escadinha do vestíbulo, Rodrigo não resistiu à tentação de perguntar: “Como vai o nosso almofadinha?”

O outro, um pouco desconcertado, murmurou: - Ora, não diga isso, dr. Cambará.

Na sala inclinou-se diante de Flora - “Meus respeitos, madame!” - e beijou-lhe respeitoso as pontas dos dedos. Quis fazer o mesmo com Maria Valéria, mas a velha retirou bruscamente a mão que o promotor tentava erguer aos lábios, rosnou um “boa noite” seco e ficou a olhar intrigada para a cara do recém-chegado, exclamando mentalmente: “Credo!”

Os sogros de Rodrigo entraram pouco depois, Aderbal Quadros, com o cigarrão de palha entre os dentes, na sua marcha de boi lerdo, seguido da mulher, dona Laurentina, de olhos indiáticos e cara angulosa. Flora levou-os até o andar superior, onde as crianças se preparavam para dormir.

Chiru Mena não tardou a chegar, todo de preto, com muita brilhantina na juba loura, assim com o ar dum “cônsul alemão natural duma cidade hanseática”, como lhe disse Rodrigo, ao abraçá-lo.

— Ainda bem - folgou Chiru. — Às vezes me chamas de maitre-d'hôteL.. ou de porteiro de cabaré.

— Por que não trouxeste tua mulher, cretino?

— Ora, tu sabes, a Norata sempre com suas enxaquecas…

e os…

Não terminou a frase: foi direito ao prato de pastéis que avistou em cima da mesa da sala de jantar.

Roque Bandeira e Arão Stein chegaram juntos. Estava o primeiro no princípio da casa dos trinta e o segundo no meio da dos vinte. Viviam ambos às voltas com livros, jornais e revistas, preocupados com saber o que se fazia, pensava e escrevia no resto do país e do mundo. Roque Bandeira era filho dum antigo tropeiro, agora proprietário de uma fazendola de gado no terceiro distrito de Santa Fé. Detestava, entretanto, a vida do campo. Fizera os preparatórios com certo brilho em Porto Alegre, e cursava já o segundo ano de engenharia quando, sentindo um súbito enfaramento de tudo aquilo - da capital, da escola, da matemática, dos colegas - , decidira voltar para a querência e levar a vida com que sempre sonhara: livre de estudos formais, de obrigações a horas certas, dono, em suma, de seu tempo. O pai dava-lhe uma mesada.

Bandeira não precisava de muito dinheiro para viver. Rodrigo franqueara-lhe a sua biblioteca. Que mais podia desejar? Na cidade era considerado “um filósofo”, porque não se preocupava com roupas nem com dinheiro: passava horas nos cafés discutindo política e literatura; era sempre visto com livros debaixo do braço. Por todas essas razões as melhores famílias do lugar o miravam com uma desconfiança quase irritada. Pareciam sentir a liberdade e o ócio do rapaz como um insulto.

Arão Stein era filho dum imigrante judeu russo, que chegara a Santa Fé em princípio do século, estabelecendo-se na rua do Império com um ferro-velho. Era Abraão Stein um homem corpulento, ruivo e melancólico, de fala engrolada e choro fácil. Costumava contar tétricas histórias dos pogroms que presenciara na Rússia e durante os quais vira parentes e amigos estripados pelas lanças e sabres dos cossacos. Sofria de reumatismo e Rodrigo, que se apiedara do homem, tratara dele sem lhe cobrar vintém, fornecendo-lhe também gratuitamente todos os remédios necessários. Quando fazia suas visitas de médico à casa do judeu - que gemia em cima de uma cama de ferro, em meio de molambos, enquanto a esposa, dona Sara, alva e gorda, fazia perguntas aflitas ao “dotór” - , Rodrigo gostava de conversar com o filho único do casal, o Arão, que andava sempre com o nariz metido em livros. Era um menino inteligente e sério, que tinha a paixão do saber. Terrível pergunrador, suas curiosidades no mais das vezes deixavam Rodrigo desnor teado. Por que o mar é salgado? A

Revolução Francesa foi um bem ou um mal para a Humanidade? Deus tem a forma humana? “Claio - respondeu Rodrigo dessa vez - o homem foi feito à imagem de seu Criador…” "Mas então, doutor, Deus tem fígado, próstata, tripas? Deus come e urina?" Rodrigo não teve outro remédio senão sorrir, procurando demonstrar uma superioridade que na realidade não sentia. E um dia, num assomo de entusiasmada generosidade, disse: “Seu Stein, fique tranquilo. Quem vai educar esse menino sou eu. De hoje em diante dou-lhe tudo: livros, cadernos, lápis, roupas… o que for preciso. Quando ele terminar o primário, vai fazer os preparatórios em Porto Alegre por minha conta”. Os olhos de Arão brilharam. Os do pai encheram-se de lágrimas.

Dona Sara beijou com lábios trémulos as mãos do doutor, e se foi a choramingar para o fundo da casa, arrastando as pernas deformadas pela elefantíase. (Maria Valéria costumava dizer que o casal Stein “sofria dos cascos”.) Rodrigo cumpriu a promessa até o fim. Durante quatro anos escolares, enquanto Arão em Porto Alegre atormentava os padres do Ginásio Anchieta com perguntas que se faziam cada vez mais complexas e tomavam uma coloração cada vez mais materialista, Rodrigo tivera de aguentar a choradeira do casal, que não se conformava com a ausência do filho. E quando, em 1918, a gripe espanhola levou o velho Stein “para o seio de Abraão” - conforme a expressão usada pelo redator de A Voz da Serra, encarregado da seção intitulada “Vida necrológica” - Arão, que ia cursar o primeiro ano de Medicina, abandonou os estudos, sob os protestos indignados de seu protetor, e voltou para Santa Fé, a fim de tomar conta da mãe e do ferro-velho.

— Foi uma burrada, rapaz - repreendeu-o Rodrigo. — Podias ter levado tua mãe contigo para Porto Alegre e continuado os estudos. Eu te garantia todas as despesas, até o dia da formatura.

Arão sacudiu a cabeça.

— Não, doutor, isso seria demais. Eu nunca lhe poderia pagar…

— Mas quem é que falou em pagar? Quando eu disse ao teu pai que me encarregaria da tua educação, não estava fazendo nenhuma transação comercial. Todo mundo sabe que não sou homem de negócios. Poderias ter terminado o curso com o Dante Camerino, cujos estudos também estou custeando, como sabes.

Arão Stein mantinha os olhos baixos, como um réu. Tinha na mão uma brochura: Crime e castigo.

— E agora, que pretendes fazer? - perguntou Rodrigo, esforçando-se por falar sem rispidez. — Vais passar o resto da vida atrás dum balcão de ferro-velho?

— Talvez seja esse o meu destino - murmurou o rapaz, com uma dignidade triste.

Era a imagem viva da desgraça. Rodrigo compreendeu que Stein

não podia passar sem a sua dose de drama, tão essencial à sua vida espiritual quanto o alimento ao corpo.

Talvez tivesse prazer em imaginar-se personagem de Dostoiévski - o jovem estudante pobre que abandona seus ideais de cultura porque precisa ganhar o pão de cada dia em uma sórdida loja de objetos usados.

— Pois fica sabendo - sentenciou Rodrigo - que nós é que fazemos o nosso destino.

Ele próprio não sabia se estava ou não de acordo com o que acabara de dizer. A coisa lhe viera assim de repente, e a ideia lhe parecia boa. Pôs a mão no ombro do rapaz.

— Tu sabes, em caso de aperto, conta comigo, em qualquer tempo. A minha biblioteca está à tua disposição. Podes entrar no Sobrado à hora que entenderes e levar para a tua casa os livros que quiseres.

Arão ficou por um momento calado. Depois murmurou: - Mas nós pertencemos a classes diferentes, dr. Rodrigo.

— Deixa-te de bobagens! Classes, ora essa! Minha bisavó era índia e foi agarrada a boleadeiras, no campo - inventou ele, deliciando-se com a improvisação.

Passaram-se os anos e Arão Stein - a princípio com alguma relutância e sempre com acanhamento - passou a viver na órbita do Sobrado. Como dona Sara tomasse conta da loja, revelando-se uma comerciante mais realista que ele, o rapaz tinha vagares para seus estudos e leituras. E agora sonhava com um projeto: comprar uma caixa de tipos e uma pequena máquina impressora, e estabelecer-se com uma tipografia. (Sabia que Rodrigo tinha ambas essas coisas atiradas e esquecidas no porão do Sobrado… mas não tivera ainda coragem de fazer-lhe nenhuma proposta.) Pretendia manter a oficina imprimindo convites para enterro, cartões de visita e programas de cinema. Mas seu verdadeiro objetivo era publicar um semanário de ideias e, de quando em quando, um panfleto. Começaria com o Manifesto comunista. Venderia o folheto clandestinamente por um preço ínfimo, correspondente apenas ao custo do papel. O importante era pôr ao alcance do povo esse grande documento social. Para conseguir essa finalidade, economizava o que podia. E era por causa dessa economia que andava tão mal vestido, quase sempre com o cabelo crescido e a barba por fazer.

Quando aquela noite entrou no Sobrado e foi direito a Maria Valéria, esta o recebeu muito séria, com as palavras de costume: “Aí vem o João Felpudo”.

As “felpas” de Stein eram da cor da barba de milho. Sua pele, de poros muito abertos e duma brancura de requeijão, esticava-se sobre a face ossuda, de malares salientes e feições nítidas. A testa era alta e os

olhos dum cinzento esverdeado. ("Se esse menino se cuidasse" - dissera uma vez Maria Valéria - "podia até fazer figura bonita com as moças.")

Agora quem apertava a mão da velha era Roque Bandeira.

— Você está gordo que nem porco - disse ela.

Tio Bicho limitou-se a sorrir.

Flora mandou servir cerveja. O dr. Ruas recusou com um gesto polido. Preferia gasosa. Abstêmio? Não, explicou, sua moral era apenas hepática.

O próximo convidado a chegar foi o coronel Melquíades Barbalho, comandante da guarnição federal de Santa Fé. Era um homem alto e grisalho, fortemente moreno, de lábios arroxeados, olhos um tanto exorbitados e porte desempenado de ginasta. Falava com abundância de esses chiados e uma entonação carioca com a qual Maria Valéria e Licurgo tinham muito pouca ou nenhuma paciência.

Rodrigo apertou efusivamente a mão do recém-chegado.

— Por que não trouxe a senhora?

— Ora, meu caro, a Margarida é escrava dos filhos. Eles não dormem sem que primeiro a mãe lhes cante a berceuse de Jocelyn.

— Ah! Mas ela precisa vir cantar aqui para nós umas árias de ópera, coronel.

A sra. Barbalho era soprano dramático e, não fazia muitos anos, cantara a Norma no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, num espetáculo de caridade.

— Não faltará ocasião - murmurou o militar, sorridente. E afastou-se para beijar a mão das damas.

A negrinha Leocádia, de avental branco e sapatos de tênis, circulava em passo de bailado entre os convidados, conduzindo uma bandeja com pratos de pastéis e croquetes.

Aderbal Quadros soltava na cara do dr. Ruas a fumaça do seu cigarrão de cheiro ativo, que se misturava com a aura de Narcise Noir que envolvia o promotor. O sogro de Rodrigo examinava o “almofadinha” com uma insistência desconcertante.

— Mas como é - perguntou - como é que o senhor consegue enfiar essas calças?…

— Ora, coronel, é muito simples. Calço os sapatos depois…

— E, ainda que mal pergunte, esse colarinho não lê afoga? A camisa de tricoline tricolor do carioca tinha um colarinho tão alto que lhe dificultava os movimentos de cabeça.

— O senhor está mangando comigo, sr. Aderbal…

A face do velho tropeiro estava impassível, mas seus olhinhos sorriam. E alguém mais naquele instante observava Miguel Ruas com algum interesse. Era Arão Stein, que mastigava um croquete. Tocou com o cotovelo Roque Bandeira, que a seu lado empinava o segundo copo de cerveja.

— Que me dizes daquele tipo?

O outro passou o lenço pelos lábios e olhou.

— O promotor? Um bom sujeito. A gente primeiro precisa se acostumar com as roupas e o pó-de-arroz… No fim acaba gostando dele. Não é tolo, tem boas leituras…

— O que eu quero saber é se é homem mesmo. Roque Bandeira tornou a encher o copo.

— Aí está uma pergunta gaúcha que eu jamais esperava ouvir da boca dum marxista.

Arão Stein encolheu os ombros.

— Pra mim o tipo não passa dum produto sórdido do sistema capitalista. Um parasita.

— Questão de ponto de vista… e de nomenclatura.

Naquele instante entrou no Sobrado Juquinha Macedo. Depois da morte do coronel Macedo, Juquinha, como filho mais velho, se tornara chefe da numerosa família. Tinham os Macedos muitas léguas de bom campo bem povoadas, além de casas na cidade e apólices do Banco Pelotense. Eram todos federalistas e famosos pelo espírito de clã.

Corria um ditado segundo o qual "onde tem Macedo não morre Macedo".

Era Juquinha um quarentão alto e corpulento, de rica cabeleira negra, sempre bem penteada e reluzente, que a Rodrigo lembrava a de certos cantores de tango da Boca, que vira em sua última viagem a Buenos Aires. Tinha o rosto graúdo e redondo, curtido de sol e vento, uns bons dentes de comedor de carne e uma voz ressonante de tom entre brincalhão e autoritário. Justificava em gestos, palavras e ações a reputação, de que gozava entre amigos, de ser um "gaúcho buenacho".

Tirou do bolso o lenço vermelho de maragato, agitou-o no ar e exclamou: - Viva o dr. Assis Brasil! E se tem algum chimango por aí, que puxe a adaga, porque vamos brigar. — Voltou-se para o comandante da praça e no mesmo tom disse: - Desculpe a brincadeira, coronel!

Apertaram-se as mãos. Alguém naquele momento pediu ao promotor que tocasse alguma coisa. O dr. Ruas imediatamente encaminhou-se para o piano que Rodrigo comprara para as lições da Alicinha. De todos os lados vieram pedidos. Toque um samba! Um chorinho! Não, um foxtrote! O promotor ergueu a tampa do piano, estendeu sobre o teclado as mãos pálidas, em um de cujos dedos faiscava um rubi, e, com certa solenidade de virtuoso, tirou alguns acordes. Rompeu depois a tocar O pé de anjo com a bravura com que os concertistas geralmente tocam a Polonaise militar de Chopin. Passou da marcha para um choro e do choro para um foxtrote. Maria Valéria, sentada a um canto da sala de jantar, murmurou ao ouvido de

dona Laurentina: “Depois que esse moço começa a tocar, nem Deus Padre faz ele parar…”

Arão Stein que, contra seu costume, havia bebido já dois copos de cerveja, olhava para o pianista com hostilidade. Com aquele pelintra tocando de maneira tão desesperada, era impossível conversar em paz.

Foi ao som do Smiling through que o coronel Cacique Fagundes fez sua entrada no Sobrado, acompanhado de Quinota, a única de suas cinco filhas que ainda permanecia solteira. Subiu lenta e penosamente os degraus que levavam do portal até o vestíbulo, não tanto por causa da idade, pois não passara ainda dos sessenta, mas sim por causa do peso do corpo. Era gordo, baixo, ventrudo, de pernas curtas e arqueadas. O rosto tostado e largo era ampliado caricaturalmente por uma papada flácida que lhe triplicava o queixo e lhe dava o ar lustroso e sonolento de um buda.

Roque Bandeira, curioso em assuntos de antropologia, costumava dizer que o coronel Cacique era a prova viva do parentesco entre os índios brasileiros e as tribos asiáticas.

Quinota segurava o braço do pai. Era morena, retaca, peituda, e um buço cerrado sombreava-lhe o lábio superior.

— Ora viva! - exclamou Rodrigo. — Pensei que não viessem mais.

Cacique Fagundes tirou o chapéu, fez um sinal na direção da filha: - A culpa é dessa bruaquinha que demorou pra se vestir. Só botando pó-de-arroz na cara levou um tempão.

— Ora, papai!

Rodrigo abraçou a rapariga com ar paternal, mas aproveitou a oportunidade para roçar-lhe o seio com a ponta dos dedos. E quando Flora levou Quinota para a sala, ele ficou um instante com o pai da moça, que lhe cochichou: - Preciso me aliviar dum peso…

Desafivelou o cinturão no qual trazia o revólver e entregou-o a Rodrigo.

— Acho que daqui por diante - murmurou - não se pode mais andar desarmado na rua. — Segurou a ponta do lenço que lhe envolvia o pescoço. — Chimango é como touro: não pode enxergar pano encarnado…

Soltou sua risada de garganta, um hê-hê-hê convulsivo e rachado, que mais parecia uma tosse bronquítica. E enquanto Rodrigo guardava o revólver no armário debaixo da escada grande, o coronel Fagundes acendeu um crioulo.

— Que é que o promotor está tocando? - perguntou ele.

— Uma música moderna, o foxtrote. Em inglês quer dizer trote de raposa. É a última moda em assunto de dança. Vem da América do Norte.

Cacique focou os olhinhos pícaros nas costas do pianista, que se requebrava ao ritmo da melodia, e disse: - Esse moço se remexe mais

que biscoito em boca de velho! E saiu rindo, com o cigarro entre os dentes, na direção do sogro de Rodrigo. Abraçaram-se e ficaram a conversar sobre o touro Polled angus que Cacique acabara de receber da Escócia, e que ele insistia em chamar de Polango.

Maria Valéria puxou a saia de Leocádia, que passava, e gritou: - Para de te requebrar, rapariga!

O promotor ergueu-se do piano. Ouviram-se algumas palmas. Miguel Ruas passou o lenço pelo rosto e apanhou um copo de limonada da bandeja que naquele instante a negrinha lhe apresentava.

O coronel Barbalho conversava a um canto com Stein e Bandeira. Tinham naquele último quarto de hora - gritando para se fazerem ouvidos - discutido a Liga das Nações e os Princípios de Wilson. Roque Bandeira conseguira trazer a conversa para seu terreno. Andava fascinado por assuntos de oceanografia, a mais recente de suas paixões do espírito. Vocês já pensaram no que o mar representa para a vida da terra? Sabem que no dia em que se esgotarem os alimentos na superfície do globo, os oceanos poderão nos fornecer toda a comida de que necessitamos?

— Imaginem esta cena - disse, mastigando um pastel. — A coisa aconteceu há alguns milhões, talvez bilhões de anos… O primeiro ser vivo sai do mar, aventura-se na terra. Tem a forma dum peixe. Depois as barbatanas através dos séculos se transformam em pernas, as guelras em pulmões. É o primeiro anfíbio. O primeiro passo rumo ao Homo sapiens… É por isso que sempre olho para os peixes com um encanto misturado de veneração…

Arão Stein, que escutava o amigo com visível impaciência, tomando largos goles de cerveja, disse: - Está bem, está bem. Tudo isso já foi estudado. Saber essas coisas é muito bom e bonito. Mas sejamos lógicos. A evolução já se processou e nada podemos fazer agora para modificar esse processo. Aqui estamos como um resultado disso, nós, os macacos superiores, e o que importa agora, na minha opinião, é modificar, melhorar as condições do mundo em que vivemos.

O coronel sorriu: - Que é que o meu amigo quer dizer com isso?

— Quero dizer que chegou a hora de destruir o sistema social vigente, responsável pelas guerras e pelas desigualdades e injustiças da sociedade humana e substituí-lo por outro que seja capaz de eliminar as classes e promover o bem-estar geral.

— O senhor se refere ao maximismo? - perguntou o militar.

— Exatamente… se prefere usar esse termo.

O comandante da praça sorriu com superioridade.

— O senhor é muito moço. Não se iluda com novidades. Esse novo regime russo não pode durar… Dou-lhe mais um ano, quando muito.

Stein recuou um passo, como se o outro tivesse tentado esbofeteá-

lo.

— As forças mercenárias que a burguesia atirou contra a pátria do socialismo nada puderam, foram derrotadas! Os dados estão lançados e a derrocada do sistema capitalista já começou.

O coronel Barbalho delicadamente insinuou que era impossível compreender a História e a vida sem uma sólida base filosófica, e que para adquirir essa base um homem precisava de pelo menos trinta anos de estudos. Que idade tinha o jovem amigo?

Os olhos de Stein relampaguearam.

— Saiba o senhor que um dos objetivos do marxismo é acabar com a atitude filosófica desinteressada, porque ela nada significa para a existência humana. Até agora os filósofos nada mais fizeram que interpretar o mundo. O que o marxismo pretende é transformá-lo!

No meio do salão Chiru Mena bateu palmas e bradou: - Atenção, damas e cavalheiros! Fez-se o silêncio pedido e ele continuou: - Agora o nosso amigo dr. Ruas vai fazer com a Quinota Fagundes uma demonstração dessa dança moderna, o tal de fóquestrote. Rodrigo, onde está aquele disco novo que trouxeste do Rio de Janeiro?

O anfitrião abriu uma das gavetas do armário em forma de pirâmide sobre o qual estava o fonógrafo e tirou de dentro dela um disco, que colocou no prato. Enquanto dava manivela no aparelho, explicou: - Este foxtrote é o último grito na América do Norte. Chama-se Smiles.

— Que quer dizer isso em língua de cristão? - perguntou Cacique Fagundes.

— Sorrisos.

Na cara do caboclo havia uma expressão de perplexidade.

— Ah!

Laurentina e Maria Valéria entreolharam-se. Para ambas estrangeiro era “bicho louco”.

Ouviu-se primeiro um chiado forte, depois a música começou: uma melodia sincopada, que à maioria dos convivas pareceu dissonante. O dr. Ruas enlaçou a cintura de Quinota, tomou-lhe da mão e saiu a dançar.

— Mas isso é passo de urubu malandro! - exclamou o velho Babalo, soltando a sua clara risada em a.

Quinota, embaraçada, olhava para o teto, procurando seguir os passos do promotor. Este pisava com a ponta dos pés, requebrando os quadris e os ombros. Tentou uma nova figura: dois passinhos para a esquerda, depois mais dois para a direita. Ouviram-se risos e aplausos.

Arão Stein murmurou ao ouvido de Roque Bandeira: - Foi pra acabar nisso que aquele bichinho arriscou-se a sair do mar?

Agora do gramofone vinha uma voz grave e melodiosa, cantando um estribilho.

— Eta língua braba! - exclamou Juquinha Macedo. Acendendo um novo crioulo, Aderbal Quadros sacudiu a cabeça e murmurou: - A humanidade está mesmo perdida.

Depois daquela guerra bárbara que incendiara quase o mundo inteiro, só se podia esperar aquela música, aquela dança, aquelas roupas amaricadas do promotor público!

Cessou a música. O dr. Ruas fez alto e curvou-se diante do par. Novos aplausos.

Rodrigo levou para o escritório o comandante da praça, o sogro, o coronel Cacique e Juquinha Macedo. Fechou a porta e disse: - Sentem-se, fiquem à vontade. Acho que chega de música moderna e de loucuras norte-americanas. Vocês sabem que sou da França e da valsa.

Cacique repoltreou-se numa poltrona de couro, soltando um suspiro de alívio. Desabotoou o colete, tirou as botinas de elástico, murmurando: "Não reparem, estou com os cascos meio carunchados".

O velho Babalo olhava com olho malicioso para o quadrado esbranquiçado, na parede.

— Está muito bom aquele retrato do Borjoca… - ironizou. Rodrigo explicou aos outros: - O papai retirou da parede a fotografia do seu ex-chefe… Juquinha Macedo fanfarroneou: - E nós vamos retirar o homem do Palácio do Governo.

— Não conte muito com o resultado da eleição - disse Aderbal, céptico. — Eles vão ganhar como sempre no bico da pena.

— Pois se ganharem a eleição na fraude - replicou Macedo - decidimos a coisa na coxilha a bala, com licença aqui do coronel.

O comandante da praça esboçou um sorriso de neutralidade benevolente.

Rodrigo serviu conhaque. Babalo e Cacique recusaram, declarando que eram do leite.

Rodrigo tirou da gaveta da escrivaninha uma fotografia e, antes de mostrá-la aos amigos, disse: - Tenho aqui uma preciosidade. É um instantâneo que ficará na nossa História. Algumas revistas e jornais já o reproduziram, mas esta é uma cópia do original. Me custou um dinheirão. Vou mandar emoldurar e pendurar na parede. Merece. Vejam…

Fez a fotografia andar a roda. Era o famoso flagrante dos dezoito heróis do Forte de Copacabana, na sua marcha para a morte. A porta abriu-se e a cabeçorra de Chiru apontou.

— É segredo?

— Não - respondeu Rodrigo. — Entra, homem, mas fecha essa porta.

Chiru Mena entrou e, vendo a fotografia, exclamou: - Coisas como essa fazem a gente acreditar que nem tudo está perdido neste país.

Chamou Rodrigo a um canto do escritório e cochichou: - Tenho

uma ideia pra gente ganhar muito dinheiro.

— Não me digas que ainda estás pensando no tesouro dos jesuítas…

— Qual nada! O negócio é outro, e muito mais certo. Vamos comprar marcos alemães. Compramos na baixa, vendemos na alta e ganhamos uma fortuna.

— Quem é que te meteu essa ideia na cabeça?

— Li nos jornais.

— Pois no Rio de Janeiro já andam vendendo marcos em plena rua. Não acredito nisso.

Chiru descansou ambas as manoplas nos ombros do amigo.

— Tu entras com uma parte do capital e eu com a outra, e me encarrego da compra. Que dizes?

— Não contes comigo. Tu sabes, os negócios de gado andam malparados. O preço do boi baixou. O dinheiro anda curto.

— Mas Rodrigo, é coisa certa: tiro e queda. Tu conheces a força dos alemães. Digam o que disserem, são o povo mais inteligente e trabalhador do mundo. A Alemanha vai se reerguer e dentro de muito pouco tempo o marco estará mais cotado que a libra e o dólar.

Rodrigo sacudia a cabeça negativamente. Chiru recuou um passo, olhou-o bem nos olhos e disse: - Vais te arrepender.

Com o cálice de conhaque na mão, o coronel Barbalho examinava os livros de Rodrigo, que se enfileiravam nas prateleiras de dois grandes armários com portas envidraçadas.

De quando em quando soltava uma exclamação em surdina. A obra completa de Eça de Queirós… Balzac, sim senhor. Taine! Renan! Nietzsche! Upa! Que biblioteca!

Rodrigo aproximou-se dele, segurou-lhe o braço.

— Sirva-se, é sua.

No meio da sala Chiru agora exaltava os revolucionários de 5 de julho e atacava Epitácio Pessoa. Rodrigo voltou-se para o amigo e exclamou: - Espera, Chiru! Tu sabes que simpatizei com o movimento revolucionário e que votei no Nilo Peçanha. Não sou nenhum epitacista, mas, vamos e venhamos, temos de reconhecer que esse paraibano tem caracu. Sem querer ofender aqui o nosso amigo, o coronel Barbalho, o dr. Epitácio manteve no Brasil o prestígio do poder civil.

— Mas não é só com caracu que se governa - interveio Juquinha Macedo, metendo os grossos dedos entre as melenas. — Faça um balanço na administração desse nortista e me diga o que foi que ele fez.

Rodrigo deu dois passos à frente.

— E as obras contra as secas do Nordeste?

— Bolas! - bradou Chiru, tirando do bolso o lenço vermelho e

passando-o pela cara. — Governar não é fazer açudes. E depois, Rodrigo, o país gasta demais com essas secas. Que é que o Norte produz? Quase nada. É um peso morto. Devíamos cortar o Brasil do Rio de Janeiro pra cima e entregar o Norte para os cabeçaschatas. Que se arranjem! Mas o melhor mesmo era fazer do nosso Rio Grande um país à parte, porque…

— Cala a boca, idiota! - interrompeu-o Rodrigo. — Estás dizendo uma heresia. Só unido é que o Brasil pode ser forte, grande e glorioso. Que conheces tu do Norte para falares dessa maneira?

Por alguns instantes Chiru ficou a justificar seu ideal separatista. Rodrigo, porém, discordava com veemência. Contou o que vira na Exposição do Centenário. Não compreendia o cretino do Chiru que o Brasil estava às portas da industrialização, e que uma vez industrializado precisaria antes de tudo de mercados internos, dum número cada vez maior de consumidores? Cortar as amarras que nos prendiam tão fraternal e historicamente ao Norte seria jogar fora futuros mercados, isso para mencionar uma razão utilitária, pois as ideológicas eram muitas e óbvias. Quanto pensava ele que o Brasil havia exportado no ano que se seguira ao do fim da guerra? Cento e trinta milhões de esterlinos, cavalo!

— E pensas que todos os produtos exportados saíram do Rio Grande do Sul? Sabes o que representa hoje São Paulo na vida econômica do país? E Minas Gerais? Ora, vai primeiro estudar os problemas para depois falares com alguma autoridade.

Chiru, porém, não queria entregar-se. Voltou à carga.

— Sabes muito bem que o resto do Brasil não gosta de nós.

O coronel Barbalho interveio: - Intrigas, sr. Mena, intrigas…

— Quantos anos tem esta república de borra? - perguntou Chiru, abrindo os braços. — Trinta e três. Quantos presidentes gaúchos tivemos até hoje? Nenhum.

— A vida política do país é dominada pela camorra de São Paulo e Minas Gerais. Agora preferiram esse mineiro safado ao nosso grande Nilo Peçanha. É o fim do mundo.

Mas um consolo eu tenho: o Bernardes não toma posse.

Cacique Fagundes soltou a sua risadinha estertorosa.

— Toma - disse. — Toma e governa até o fim.

— Pois se tomar - replicou Chiru dramático - a honra do Exército nacional está comprometida. Apelo aqui para o coronel Barbalho…

O comandante da praça aproximou-se dele.

— Não apele. Não sou político, mas militar, e como militar cumpro ordens superiores.

Chiru fez um gesto de desalento.

— Mas o senhor acredita ou não acredita na autenticidade das cartas do Bernardes? - perguntou Juquinha Macedo.

O militar encolheu os ombros.

— Confesso que não tenho opinião no assunto.

— Pois eu - interveio Rodrigo - não acredito.

— Baseado em quê? - quis saber Chiru.

— Muito simples. Bernardes é mineiro, e como tal cauteloso e cheio de manhas. Um mineiro jamais escreveria coisas assim tão comprometedoras, principalmente em tempo de campanha eleitoral.

— E que foi que ouviste falar no Rio?

Rodrigo confirmou a notícia que corria no país, de que o presidente Epitácio Pessoa reunira no Catete o ministro da Guerra e o da Marinha, o vice-presidente do Senado e alguns políticos de Minas Gerais e São Paulo, para lhes manifestar sua apreensão quanto à gravidade da crise política nacional.

— Posso garantir a vocês que o dr. Epitácio chegou a sugerir até a renúncia do Bernardes e a escolha dum terceiro nome, para evitar a guerra civil.

— Um absurdo - disse o comandante da praça. — Não acredito que o dr. Bernardes aceite…

— Também sei que o presidente disse ao Raul Soares, líder da política mineira, estas palavras textuais: “Estou convencido de que o dr. Artur Bernardes não se aguentará vinte e quatro horas no Catete”.

— Aguenta… - rosnou Cacique Fagundes, bocejando.

— A morte do senador Pinheiro - disse Rodrigo - sob certos aspectos foi desastrosa para o país. A política nacional ficou sem um chefe, sem a sua figura central…

Juquinha Macedo interrompeu-o: - Qual! A morte do Pinheiro foi a melhor coisa que podia ter acontecido a este Brasil desgraçado. A época do caciquismo político tem de acabar. Que é que estamos fazendo aqui no Rio Grande senão tentando acabar com o nosso cacique guasca?

— Respeitem ao menos o meu nome! - exclamou o coronel Fagundes.

Da sala de visitas vinham os sons do gramofone, de mistura com exclamações e risadas.

Sempre enlaçando Quinota pela cintura, o promotor agora parecia deslizar pela sala como se patinasse sobre gelo. Fazia uma demonstração de one-step. A uma rabanada dos dançarinos, a saia da Quinota esvoaçou e seus joelhos apareceram. Maria Valéria inclinou-se sobre Laurentina e murmurou: - A senhora não acha que este mundo velho está mesmo ficando louco? A outra sacudiu lentamente a cabeça, concordando.

Sentados a um canto da sala, Stein e Bandeira bebiam e continuavam uma discussão crônica. Quando o primeiro terminou de encher o copo de cerveja, o segundo observou: - Devagar com o andor,

Arão. Estás ficando bêbado.

— Tu também estás bebendo demais. Pensas que sou Cego?

— É diferente. Estou acostumado. Sou duro na bebida. Posso enxugar dez garrafas e sair caminhando firme. Mas tu O outro fez uma careta e retomou o fio da discussão- - Está bem, tu dizes que Lênin não é eterno. Concordo. Todos os homens são mortais; Lênin é homem - Lênin é mortal.

— Estou dizendo que estás bêbedo. O judeu ergueu a mão: - Espera. Lênin morre mas a revolução Proletária continua. Na Rússia Soviética não há mais personalismos.

— Mas alguém tem de substituir Lênin.

— Trótski, sem a menor dúvida! É a maior Cabeça da Revolução, depois do Velho, naturalmente. E cá pra nós que ninguém nos ouça, em muitas coisas acho Trótski superior a Lênin. Tio Bicho bebia, imperturbável. Tornou a pachorra, com um cuidado tal, que parecia um laboratório com substâncias explosivas.

Fez-se um silêncio, ao cabo do qual Bandeira perguntou- - Tens lido alguma coisa sobre essa Semana de Arte Moderna em São Paulo?

— Naturalmente. Como pode um cidadão responsável deixar de se interessar pelo que se passa na sua terra e no resto do mundo?

— Não achas tudo isso uma baboseira inconsequente? Arão Stein sacudiu a cabeça com - veemência.

— Não acho.

Rodrigo, que se aproximara deles naquele Momento pousou uma mão paternal no ombro de Stein e quis saber - Que é que não achas? Bandeira lhe disse de que se tratava.

— Uma grandessíssima bobagem! - exclamou Rodrigo _ Coisa de meninos irresponsáveis.

Aráo continuava a sacudir a cabeça numa negativa obstinada A música havia cessado. No meio da peça, o dr. Miguel sorria a frente de Quinota, enxugava o rosto suado, enquanto Chiru que voltara

à sala e procurava um novo disco, anunciava, como um imponente mestre-de-cerimônias: - Agora quem vai dançar com a Quinota sou eu. Mas uma valsa. Onde se viu um bagual dançar essas danças modernas?

Pôs o gramofone de novo a funcionar, e a melodia do Pavilhão das rosas encheu a sala. Uma flauta chorava contra um fundo de violões gemebundos.

— Que é que querem esses “modernistas”? - perguntou Rodrigo. — Chamar a atenção sobre si mesmos, atirando pedras nas figuras mais respeitáveis da nossa literatura.

Dizem-se nacionalistas mas estão encharcados de influências estrangeiras. Nenhum desses meninos insubordinados vale o dedo minguinho de homens como Coelho Neto, que eles pretendem

destruir.

Arão Stein tomou um largo sorvo de cerveja, ergueu-se, pegou com grande intimidade na lapela do casaco de Rodrigo, ante a divertida surpresa deste - que o sabia tímido e respeitoso - e com voz arrastada, disse: - Um momento, doutor, um momento Essa revolução artística e literária não é apenas artística e literária, não senhor.

Rodrigo escutava, sorrindo com benevolência. Nunca vira seu protegido assim tão desembaraçado e eloquente. Parecia um deputado da oposição.

— O movimento é, no fundo, político.

— Ora!

— Attendez, mon cher docteur! O movimento modernista de São Paulo é o protesto brasileiro contra o sistema capitalista, é mais um ataque contra a burguesia, desta vez pelo flanco da arte e da literatura.

Voltou a cabeça para Bandeira e apontou para ele um dedo acusador: - Esse anarquista é burro, não compreende, mas o senhor, dr. Rodrigo, vai me entender, apesar de ser um esteio da aristocracia rural latifundiária com fortes cara…

cara.. — hesitou um instante mas finalmente conseguiu pronunciar a palavra - características feudais…

Com o indicador enristado bateu no peito de Rodrigo.

— Seu coração generoso, no fundo, bate pelo proletariado, pela fraternidade universal, mas o senhor está preso pelo hábito, pela educação e por laços econômicos profundos ao patriciado rural…

— Estás desviando o rumo da discussão, Stein - observou Bandeira. — Prova a tua tese, volta ao movimento modernista.

— Cala a boca, dinamitador, cala a boca. Já me explico. Quem é Coelho Neto? Um escritor da burguesia. Seus valores intelectuais, morais e econômicos são os da classe dominante. Escreve sobre burgueses e para burgueses, jamais fez uma história sobre proletários, fez? Pois é. Não fez. Sua mentalidade é burguesa, seu estilo cheio de flores de retórica, de joias, de ouro, é cara… ca-ra-que-teris-ti-ca-men-te burguês.

— Para mim - sentenciou Rodrigo - tudo isso é brincadeira. E se fosse coisa séria, eu a classificaria de paranoia.

Arão Stein pôs-se a recitar um poema de Mário de Andrade: Eu insulto o burguês! O burguès-níquel O burguês-burguês! A digestão bem-feita de São Paulo! O homem-curva! o homem-nádeças!

O O homem que sendo francês, brasileiro, italiano é sempre um cauteloso pouco a pouco.

Rodrigo interrompeu-o: - Vocês querem que um leitor de Victor Hugo e Olavo Bilac como eu leve a sério essas maluquices?

Sem dar-lhe ouvidos, Stein continuou: Ai, filha, que te darei pelos

teus anos? - Um colar… - Conto e quinhentos!!! Mas nós morremos de fome.

Rodrigo olhou para Chiru, que valsava com Quinota, sorriu e deu dois passos na direção dele. Stein, porém, segurou-lhe a manga do casaco.

— Un moment, docteur… Meu pai era um homem rude mas tinha a sabedoria do sofrimento. Ele costumava dizer: "Arão, meu filho, nunca deixes nenhum trabalho pela metade".

Eu quero terminar a minha tese.

Rodrigo sentou-se, lançando um olhar significativo para Bandeira. Stein fez um sinal na direção da sala: - Aproxime-se, mon colonel!

O comandante da praça franziu o sobrolho, como se não tivesse a certeza de que era a ele que o rapaz se dirigia. Rodrigo acenou-lhe com a cabeça: - Venha ouvir uma pregação revolucionária.

O coronel Barbalho aproximou-se e ficou de pé, muito perfilado, olhando com estranheza para o judeu. Rodrigo pô-lo ao corrente do que discutiam. O militar nem sequer tinha ouvido falar na Semana de Arte Moderna.

— Sem a Guerra Europeia - prosseguiu Stein, com um fogo frio nas pupilas - não teria sido possível o nascimento duma indústria no Brasil nem esse movimento renovador da nossa literatura.

— O senhor, então - interrompeu-o o militar - , é mesmo materialista, não?

— Sou. E o senhor?

— Eu reconheço antes de tudo os valores espirituais.

— Pois se reconhece, errou a profissão. O Exército não passa dum instrumento de opressão que o capitalismo usa contra as massas!

O coronel Barbalho ficou subitamente purpúreo. Olhou para Rodrigo como a perguntar se devia esbofetear o menino insolente ou apenas virar-lhe as costas.

— Que é isso, Arão? - repreendeu Rodrigo. — Não sabes expor tuas ideias sem ofender as pessoas que não participam delas? Pede desculpas imediatamente ao coronel.

Não admito que um convidado meu seja desrespeitado na minha casa.

Arão Stein espalmou a mão sobre o peito e fez uma curvatura, numa paródia de retratação, murmurando: - Excusez-moi, mon colonel Não leve a mal o que lhe disse. Não tome a coisa pelo lado pessoal. Detesto o personalismo burguês. Acredito nas soluções coletivas.

Tio Bicho, que até então nada mais fizera senão soltar seu risinho de garganta, observou: - O que o nosso marxista quer dizer, coronel, é que não quis insultar o senhor, que é uma pessoa, e sim o Exército, que é uma coletividade.

Rodrigo lançou para Bandeira um olhar duro de reprovação.

— Vamos deixar estes “gênios” sozinhos, coronel - convidou ele.

Mas o militar sacudiu negativamente a cabeça, declarando que queria ficar e ouvir o que o moço tinha a dizer. Rodrigo ciciou-lhe ao ouvido: - Não faça caso. O rapaz está meio tonto.

O coronel Barbalho sentou-se, cruzou as pernas e esperou. Arão Stein sorriu e, dessa vez sem. ironia, estendeu a mão, que o militar apertou.

— Agora, senhores, escutem. Estou bêbedo, mas não tão bêbedo que não saiba que estou bêbedo, compreendem? Peço desculpas generalizadas. Mas o caso é líquido como água. O Estado é uma máquina montada para manter o domínio duma classe sobre as outras. Quem disse isso foi um tal Vladímir Ulianov, mais conhecido como Lênin.

— …da Silva - terminou Bandeira, cerrando os olhos com fingida solenidade.

— No princípio não havia governo - continuou Stein - , o homem primitivo levava uma vida rude e elementar, e para sobreviver portava-se de maneira não muito diferente da dos animais de presa. Com a divisão da sociedade em classes, nasceu o Estado escravagista que mais tarde, com o desenvolvimento das formas de exploração, se transformou em Estado feudal, o que já foi um “progresso”, pois o escravo, que não tinha nenhum direito e nem mesmo chegava a ser considerado uma pessoa humana, agora no feudalismo trabalhava a terra alheia, vivia de seus frutos, embora a parte do leão ficasse sempre com o senhor feudal… A exploração do homem pelo homem não só continuava como também se aperfeiçoava. Os servos não tinham nenhum direito político…

Rodrigo e o coronel entreolhavam-se. O dono da casa estava inquieto. O promotor tinha voltado ao piano e tocava agora um ragtime, enquanto Chiru ensaiava passos, desajeitado. Flora andava dum lado para outro, servindo comidas e bebidas. Havia poucos minutos, lançara um olhar intrigado na direção de Stein. Sumira-se por alguns instantes e voltava agora trazendo numa bandeja quatro xícaras pequenas com café preto. Aproximou-se do grupo. Grande mulher! - refletiu Rodrigo. Compreendera o estado em que se encontrava Stein e vinha socorrê-lo. Teve a habilidade de primeiro dirigir-se ao militar.

— Um cafezinho, coronel. Recém-passado.

Barbalho serviu-se. Rodrigo e Bandeira fizeram o mesmo.

— E tu, Arão? - perguntou ela com ar casual.

Stein ergueu-se, curvou-se, murmurou madame, e pegou a última xícara. Quando quis servir-se de açúcar, Flora voltou o rosto com o ar mais natural deste mundo, e afastou-se. Stein tomou todo o café dum sorvo só e depois perguntou: - Onde é que eu estava mesmo? - perguntou.

— No feudalismo - esclareceu Bandeira.

— Ah! O comércio se desenvolveu, e com ele o sistema de troca de mercadorias. E qual foi o resultado desse progresso? O nascimento da classe capitalista. Isso aconteceu lá pelo fim da Idade Média. Sua Majestade o Ouro e Sua Majestade a Prata passaram então a governar o mundo.

Fez uma pausa curta, enfiou as mãos no bolso, e depois prosseguiu: - E nasceu com o capitalismo a ideia da igualdade. Não havia mais escravos e senhores, nem servos e barões. Agora todos eram iguais perante a lei, tinham os mesmos direitos políticos, a mesma liberdade. Aha! Direitos? Liberdade? Lorotas! Potocas! Continuava a nítida divisão de classes, e as leis eram feitas pelos representantes da burguesia de acordo com os interesses da classe dominante. Sua finalidade principal era evitar que as massas tivessem acesso ao poder e aos meios de produção.

O coronel tinha ainda na mão a sua xícara. Olhou firme para Stein e disse: - O senhor deu pulos enormes por cima de épocas históricas inteiras.

Sem dar atenção ao que o militar dissera, Stein continuou: - Foi então que Karl Marx entrou em cena com o seu Kapital.

— O livro mais citado e menos lido do mundo - atalhou Bandeira.

— Cala a boca! Marx descobriu as contradições que solapavam a sociedade capitalista e concluiu que elas só podiam ser resolvidas pela socialização dos meios de produção…

Rodrigo ergueu-se, impaciente: - Mas que é que a Semana de Arte Moderna tem a ver com tudo isso?

Arão Stein ficou por alguns segundos como que perdido e estonteado, num vácuo. Por fim fez um largo gesto, soltou um aah! sonoro e contente de quem finalmente acha o que procurava: - Nós no Brasil repetimos todo esse processo histórico que acabo de resumir. No princípio era a lei da selva, o mais forte oprimia o mais fraco e o dilema era comer ou ser comido. Vejam o caso do bispo Sardinha… Com a vinda dos primeiros povoadores tivemos o regime escravagista. O índio e mais tarde o negro suaram e sofreram nas plantações de cana-de-açúcar e nos engenhos do Norte. O ouro que se extraiu das Minas Gerais no século XVIII serviu de base para a criação da lavoura cafeeira de São Paulo. Evoluímos do Estado escravagista para o feudal, embora a escravidão propriamente dita só tivesse sido abolida em

1888. Criou-se e fortaleceu-se a nossa aristocracia rural. Quem eram os pró-homens do Império senão os representantes dos fazendeiros? As leis que votavam tinham por fim primordial defender os interesses da classe que eles representavam. O Império amparou o café. A República continuou a proteção mas começou a dar atenção ao comércio, à burguesia nacional, que aos poucos se formava. Só agora, nestes últimos anos, é que, sem esquecer Sua Majestade o Café, nossos governos começam a interessar-se pela indústria. A Guerra Europeia abriu as portas duma nova era para nós: a industrial. Essa revolta de 5 de julho e mais a Semana de Arte Moderna são sintomas dessa mudança. Aqui é que eu queria chegar. Outras revoluções virão, está claro, mas dentro ainda do espírito burguês: quarteladas, assaltos ao poder. Mas toda essa gente está sendo instrumento da História. Nosso destino está traçado. A industrialização criará um proletariado e esse proletariado nos levará à revolução social.

— Graças à estupidez da burguesia - acrescentou tio Bicho. Stein sentou-se, pegou a garrafa e tornou a encher o copo. O coronel remexeu-se na cadeira.

— Sua interpretação - disse ele - é demasiadamente simplista. O senhor esquece os imponderáveis da História.

— Que é que o senhor chama de "imponderáveis"? As verdadeiras causas dessa guerra mundial monstruosa provocada pelos interesses dos donos do petróleo, do ferro e do aço, pelos fabricantes de armas e munições e pelos banqueiros internacionais?

— Já estás com as tuas novelas - interrompeu Rodrigo.

— Novelas? Novelesca, romântica é a sua interpretação da guerra, dr. Rodrigo: o heroísmo dos aliados dum lado e a barbárie alemã do outro… a resistência de Verdun, ils ne pctsseront pás, a Marselhesa e não sei mais quê. Eu encaro a guerra por outro lado: penso nos mortos, nos mutilados, nas cidades destruídas, na peste, na fome, na loucura, na flor da mocidade que foi sacrificada para que os trustes e monopólios tivessem mais lucros. Faz quatro anos que a guerra acabou e já se pode ver com clareza o seu resultado. Dum lado, milhões de cruzes a mais nos cemitérios e nas valas comuns, milhares de homens com os pulmões roídos pelos gases asfixiantes, outros milhares de loucos nos hospícios… e mulheres prostituídas, e órfãos, e viúvas… Do outro, os banqueiros que engordaram com essa sangueira… os novos-ricos, os especuladores, os industriais que ganharam dinheiro vendendo canhões e munições tanto para os alemães como para os aliados, porque o capitalista na verdade não tem pátria. Acende uma vela a Deus e outra ao Diabo.

Stein tinha erguido a voz e agora gritava, enquanto o promotor batia no piano com toda a força. Era de novo O pé de anjo. Chiru rodopiava na sala, enlaçando a filha de Cacique Fagundes.

Rodrigo deteve a mão de Stein que ia agarrar outra vez a garrafa de cerveja.

— Bom, Arão, agora chega. Já bebeste demais. Sossega.

— Pardon, monsieur. Ainda não terminei.

— Está bem, está bem. Depois conversaremos…

— Eu não estou bêbedo, doutor. Sei o que estou dizendo e o que estou dizendo está certo.

— Muito bem, mas não vais beber mais porque eu não quero, estás ouvindo?

O coronel retirou-se discretamente e foi conversar com Flora. Naquele instante Aderbal Quadros e a esposa fizeram suas despedidas e retiraram-se.

Roque Bandeira ergueu-se. Rodrigo voltou-se para ele e pediu: - Leva o Arão direitinho pra casa. Como estão tuas pernas?

— Firmes.

— E a cabeça?

— Lúcida.

Stein, que agora tinha caído em profunda depressão, murmurou: - Lúcida nada! Vocês todos têm uma cerração nos miolos. Não veem a verdade. Pensam que vão resolver o problema da Humanidade votando no Assis Brasil. A coisa é mais séria. Muito mais séria… Juro que é! Juro!

— Por São Lênin? - perguntou Roque Bandeira.

— Não sejas besta.

Roque tomou fraternalmente do braço do amigo e empurrou-o na direção da porta da rua, murmurando: “Que porre, mãe, Santo Deus!”

Rodrigo aproximou-se do comandante da praça.

— Coronel, apresento-lhe as minhas desculpas. Não quero que faça mau juízo do Stein. É um excelente menino, estudioso e sério - A verdade é que não disse nenhuma asneira. Dentro de suas convicções raciocinou com clareza. Repetiu tudo quanto costuma dizer quando está sóbrio. A bebida só lhe deu mais ímpeto e eloquência.

— Diga-me uma coisa, confidencialmente, dr. Rodrigo. Esse moço será mesmo comunista militante?

— Não creio. Por quê?

— Se é, arrisca-se muito falando dessa maneira. Ele não deve ignorar que temos em pleno vigor desde o ano passado uma lei federal que proíbe a propaganda comunista em território nacional…

— E o senhor sabe melhor que eu como são essas leis de repressão. Não conseguem reprimir nada e sim dar uma aura romântica de coisa proibida às ideias que querem combater.

— Pode ser. Mas tome nota do que lhe digo. Esse moço ainda vai se incomodar…

— Qual! Ninguém leva esse “revolucionário de café” a sério.

Comunismo no Brasil? Nem daqui a cem anos. Não creio em contos da carochinha.

Pouco depois que o coronel Barbalho se retirou, Licurgo chegou de volta ao Sobrado. Foi direito ao escritório, onde Rodrigo discutia com o coronel Cacique e o Juquinha Macedo um plano de campanha eleitoral para ser levado a cabo durante os próximos trinta dias. Pretendia mandar imprimir e distribuir em todo o município boletins de propaganda do candidato da Aliança Libertadora. Sairia com caravanas pelos distritos e colônias, a fazer discursos onde quer que houvesse mais de dois eleitores para ouvi-lo. Pensava também em publicar um jornal de emergência - quatro páginas apenas - para esclarecer a opinião pública e desfazer as mentiras e calúnias d'A Voz da Serra.

Licurgo pitava em silêncio, os olhos no chão. Quando o filho terminou sua exposição e Juquinha Macedo pediu a opinião do senhor do Sobrado, este disse: - Temos que fazer tudo isso, mas acho que vai ser um desperdício de tempo e de dinheiro. Estou convencido que ninguém pode com a máquina do governo.

— Mas papai - avançou Rodrigo - temos a obrigação cívica de acreditar no sistema democrático. É o mínimo que podemos fazer. E se os recursos legais nos falharem, só nos restará a solução que o senhor sabe…

— Por mim, eu começava a preparar a revolução desde hoje… - disse Juquinha Macedo. — Teu irmão Toríbio é da mesma opinião.

— Qual nada! - exclamou o coronel Cacique. — Estou muito velho e escangalhado. Só brigo se tiver muita necessidade.

Rodrigo sentou-se na mesa e ficou olhando para os amigos. Houve um curto silêncio.

— Quando vais reassumir teu cargo? - perguntou Macedo.

— Aí está outro problema. Qual é a sua opinião neste assunto, papai?

Licurgo não hesitou: - A minha eu já lhe dei. O senhor tem que renunciar o quanto antes. Como é que um deputado republicano vai fazer propaganda política contra o candidato de seu partido?

Não é direito. Passe amanhã mesmo um telegrama ao dr. Borges, pondo seu cargo nas mãos dele.

Na sala de visitas agora cantavam em coro. Era uma canção antibernardista que tivera grande voga no último carnaval. E as vozes, entre as quais predominava a do Chiru, retumbante e desafinada, chegavam até o escritório: Ai, Seu Me! Ai, Me, Me! Lá no Palácio das Águias, olé! Não hás de pôr o pé!

Rodrigo ficou por alguns instantes a escutar a marchinha. De súbito saltou para o chão e disse: - Sim, tenho de renunciar, mas vou fazer isso duma maneira que sirva a nossa causa.

Fez uma pausa dramática para dar a algum dos amigos a oportunidade de perguntar: “Como?” Três pares de olhos estavam postos nele, mas nenhum dos homens falou.

— Vou a Porto Alegre, reassumo o posto, inscrevo-me para falar, ataco o velho Borges e o borgismo num discurso arrasador, e, perante meus pares e a opinião pública, renuncio ao meu mandato de deputado e declaro que vou lutar pela Aliança Libertadora.

— A Ia fresca! - exclamou Cacique, remexendo as nádegas na poltrona.

— Isso! - aprovou Juquinha Macedo. — Isso mesmo!

O rosto de Licurgo permanecia impassível. E como os outros o interrogassem com o olhar, ele disse: - Por mim a coisa se fazia por telegrama, e já.

Rodrigo entesou o busto e, com a voz um tanto alterada, disse: - Sinto muito, papai, mas discordo do senhor. Vou fazer exatamente o que acabo de dizer.

Licurgo soltou uma baforada de fumaça e murmurou, triste: - Faça o que entender. O senhor é dono do seu nariz.

Rodrigo Cambará provou que era mesmo dono de seu nariz. Embarcou dois dias depois para Porto Alegre, reassumiu seu mandato na Assembleia e fez o discurso mais sensacional e acidentado de sua vida de homem público. Como quisesse dar à sua oração não só a força destruidora como também esse elemento de surpresa chocante da bomba que explode, teve o cuidado de não contar antes a ninguém, nem mesmo aos colegas da oposição, o que pretendia fazer. Descobrira também uma maneira insuspeita de fazer que estivessem presentes no grande momento alguns jornalistas seus amigos do Correio do Povo e da Ultima Hora, e que ele sabia capazes de tirar o máximo proveito publicitário do escândalo.

Sua voz vibrante, a que a comoção dos primeiros momentos dava um tom seco e fosco, encheu a sala do plenário do velho edifício da Assembleia dos Representantes.

Começou o discurso fazendo um breve histórico do Partido Republicano para exaltar a personalidade do dr. Júlio de Castilhos e ter a oportunidade de referir-se a ele como a “esse varão de Plutarco, esse estadista sem par, cuja estatura intelectual e moral cresce à medida em que o tempo passa e muitos de seus correligionários e discípulos se apequenam e amesquinham”. No fim da frase fez uma pausa e sentiu que a atmosfera aos poucos se carregava de eletricidade. Alguns dos colegas que pareciam escutá-lo com indiferença mexeram-se nos seus lugares e o encararam com intensidade. Chico Flores - a quem Gaspar Saldanha, deputado da oposição, chamara com rara felicidade “Leão de tapete” - sacudiu inquieto a juba. O próprio presidente da Casa, o general Barreto

Viana, fitou no orador um olhar quase alarmado. Naquela pausa de menos de meio minuto Rodrigo pôde sentir que seu discurso começava a produzir os efeitos que desejava.

Continuou a oração - a voz agora com a tonalidade natural - enumerando os serviços prestados por seu pai "desde a primeira hora" ao partido de Júlio de Castilhos.

Reportando-se aos dias sombrios de 93, descreveu em cores dramáticas o cerco do Sobrado pelos federalistas.

"Tinha eu, senhor presidente e meus colegas, tinha eu nessa época apenas nove anos de idade e, no meu espanto de criança, não podia compreender por que razão aqueles compatriotas diferentes de nós apenas na cor do lenço cercavam nossa casa e atiravam contra nós. Mais tarde, homem feito, compreendi que não se tratava duma luta de ódios pessoais, mas dum embate de ideias e ideais. Criado e educado que fui, dentro dos princípios republicanos, sabia então como sei agora que, embora em campos opostos e rivais, politicamente falando, republicanos e maragatos tinham um sentimento em comum: o amor ao Rio Grande e ao Brasil, e o culto da democracia!"

Neste ponto um deputado da oposição soltou um "Apoiado!" Rodrigo prosseguiu: "Fosse qual fosse a cor do lenço, éramos todos democratas! E nessa confortadora certeza viveram os homens da minha geração que se haviam alimentado no leite generoso das ideias de Igualdade, Liberdade e Humanidade! Em nome desses ideais maravilhosos, milhares de gaúchos valorosos, através dos tempos, sacrificaram seu bem-estar e o de suas famílias, perderam seus bens e até suas vidas, lutando, matando e morrendo em guerras muitas vezes fratricidas!"

Nova pausa. Os olhos de Rodrigo dirigiram-se para Getúlio Vargas. O deputado por São Borja lá estava no seu lugar, como sempre vestido com apuro, as faces escanhoadas, o bigode negro com as pontas retorcidas para cima. Sua expressão era de impassibilidade. Parecia pouco interessado no que o orador dizia.

"Mas qual foi - continuou Rodrigo - o resultado de tantos sacrifícios e renúncias, de tanto sangue generoso derramado, de tantas belas promessas e palavras?" - Neste ponto inclinou o busto, fez avançar a cabeça, cerrou os punhos e, escandindo bem as sílabas para que não ficasse dúvida quanto ao que dizia, respondeu à própria pergunta: - "O resultado, senhores, foi esse espetáculo degradante que estamos hoje presenciando de um homem que se apega ao poder e quer fazer-se reeleger, custe o que custar, doa a quem doer!"

Da bancada oposicionista partiram gritos "Apoiado!", "Muito bem!". João Neves da Fontoura, deputado situacionista, ergueu-se e bradou: - "Vossa Excelência está traindo seu mandato, seu partido e seus correligionários!" - Começou o tumulto. Cruzaram-se apartes

violentos. Das galerias agitadas vieram aplausos. O presidente batia repetidamente no tímpano e pedia ordem, ordem! - e ameaçava mandar evacuar as galerias.

Rodrigo, perfilado, fazendo o possível para manter-se calmo, passava o lenço pelo rosto, sorrindo. E quando finalmente a ordem foi restabelecida, continuou: "O homem que nos governa há tantos anos vive fechado no seu palácio, cercado de áulicos, cada vez mais distanciado do povo do Rio Grande e dos princípios do seu partido. Egocêntrico, vaidoso e prepotente, não suporta a franqueza e a crítica, e está sempre disposto a relegar ao ostracismo os seus amigos mais leais em favor daqueles que estiverem dispostos a servir-lhe de capacho, a obedecer-lhe às ordens sem discuti-las".

Com voz engasgada Chico Flores gritou: "Senhor presidente, isso é uma infâmia!"

Rodrigo aproveitou a deixa: "Estou de acordo com o meu nobre colega. Essa situação é realmente uma infâmia, e é contra essa infâmia que o Rio Grande agora se levanta! Que espécie de governante é esse que, para justificar seus ridículos pendores ditatoriais, invoca uma filosofia estranha à nossa gente e às nossas tradições?"

Com seu sorriso malicioso, Vasconcelos Pinto aparteou: "Vossa Excelência não pensava assim quando aceitou sua indicação para a cadeira que agora ocupa e deslustra!"

Sem dar atenção ao aparte, Rodrigo prosseguiu: "Essa filosofia diz basear-se na Ordem e ter por fim o Progresso. No entanto ela gera a desordem e o desmando e faz que o nosso Estado se arraste com passos de tartaruga na senda do progresso. Essa filosofia vive a proclamar seus fins humanitários mas o que tem feito entre nós é acobertar o banditismo, encorajar a arbitrariedade e premiar a fraude! No Rio Grande do Sul espancase, mata-se e degola-se em nome de Augusto Comte!"

Risadas nas galerias. Protestos apaixonados de vários deputados governistas. O presidente chamou a atenção do orador para a sua linguagem virulenta e ameaçou cassar-lhe a palavra.

"Cassar-me a palavra, senhor presidente? Em nome de quem? De Augusto Comte ou de Clotilde de Vaux?"

Novas risadas e aplausos. Novo tumulto. A polícia interveio nas galerias e um jovem que trazia no bolso superior do casaco um lenço vermelho foi levado para fora do edifício, aos trancos.

Rodrigo apontou para o alto com um dedo acusador e exclamou: "Os beleguins do ditador não perdem tempo. Apressam-se a provar com atos o que estou afirmando nesta tribuna com palavras!"

Quando por fim a calma voltou ao plenário, Rodrigo analisou a máquina eleitoral governista, e declarou que ela precisava ser desmantelada, destruída, a fim de que voltasse a reinar no Rio Grande

a moral democrática e as eleições pudessem ser na realidade a expressão da vontade popular.

Lindolfo Collor aparteou, calmo: - Vossa Excelência serviu essa máquina até o presente momento.

Rodrigo mediu o auditório com o olhar e declarou: “É por tudo isso, senhor presidente e meus colegas, que venho hoje aqui renunciar publicamente ao meu mandato de deputado pelo Partido Republicano Rio-Grandense e dizer, em alto e bom som, que vou sair por aquela porta, de viseira erguida, exonerado de qualquer compromisso para com essa agremiação política, sair como um homem livre, senhor de seu corpo e de seu destino. E quero também declarar perante a opinião pública de meu Estado que vou colocar-me por inteiro, inteligência, fortuna, experiência, entusiasmo, a serviço da causa democrática, neste momento tão gloriosamente encarnada na figura egrégia desse republicano histórico que é o dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil! Tenho dito”.

Sentou-se, alagado de suor. Saldanha da Gama deixou seu banco e veio abraçá-lo, comovido. Das galerias partiram gritos e aplausos misturados com um princípio de vaia. A polícia teve de intervir novamente. O presidente levou algum tempo para restabelecer o silêncio, para que o próximo orador inscrito pudesse começar seu discurso.

Rodrigo saiu do plenário cercado de jornalistas. Ao aproximar-se da escada pareceu-lhe ouvir alguém murmurar: “…vira-casaca”. Parou, vermelho, olhou em torno e rosnou: “Quem foi o canalha?” Os amigos, porém, o arrastaram para a sala do café. Disse um deles: “Não faça caso, doutor. É algum despeitado”. Rodrigo deu, então, uma entrevista coletiva à imprensa. Terminada esta, bebia ele seu cafezinho, quando Roque Callage, um jornalista combativo da oposição e que vivia martelando o governo com seus artigos, aproximou-se dele e, com o cigarrinho de palha apertado nos dentes, murmurou-lhe manso ao ouvido: “Sabe duma coisa engraçada? Durante todo o seu discurso o senhor não pronunciou uma vez sequer o nome do dr. Borges de Medeiros”. Rodrigo voltou para ele o olhar perplexo. “Foi mesmo?” E soltou uma risada.

De volta a seu quarto no Grande Hotel, meteu-se num banho morno. Ensaboando distraidamente o peito e os braços, ficou a completar em voz alta o discurso da manhã, enamorado da própria voz, que a boa acústica do quarto de banho arredondava e amplificava. Dizia agora o que não havia dito na Assembleia por causa do decoro do mandato. Ao referir-se à gente que cercava Borges de Medeiros devia ter dito, além de áulicos, eunucos. "Eunucos - berrou - , eunucos com suas vozes moralmente efeminadas a dizerem amém a todas as palavras e ordens de seu senhor e mestre! Outra coisa não

quer o soba positivista senão a submissão absoluta! Não tem amigos, mas escravos!

Não quer conselheiros, mas capangas!" Repetiu muitas vezes a palavra capangas em vários tons de voz e de repente rompeu a cantar em falsete uma ária de soprano da Tosca.

Saiu do quarto de banho enrolado numa toalha felpuda e pôs-se a caminhar no quarto, dum lado para outro, empenhado num diálogo imaginário com Getúlio Vargas. De todos os companheiros de bancada, era o que ele menos compreendia… Um enigma. O Chico Flores era um caudilho de fronteira, como seu pitoresco irmão José Antônio, intendente de Uruguaiana. O Lindolfo Collor, um intelectual com algo do dr. Topsius da Relíquia… mas não podia deixar de reconhecer que o "alemãozinho de São Leopoldo"

tinha talento, sabia coisas e usava-as com propriedade e bom português. O João Neves (cuja eloquência Rodrigo invejava cordialmente) era um intelectual capaz de vibração humana. Mas Getúlio intrigava-o e às vezes chegava a irritá-lo. Baixote, sempre sereno, as faces barbeadas, o bigodinho muito bem cuidado, as roupas limpas e bem-passadas - tinha um ar asséptico e neutro. Quanto a ideias e opiniões, era escorregadio como uma enguia. Quando todos os outros se agitavam e comoviam, ele permanecia imperturbável. Na hora em que muitos de seus companheiros gritavam apaixonados, ele se conservava calado, com aquele diabo de sorriso que não deixava de ter sua simpatia. Quando intervinha nos debates, fazia-o de maneira inteligente, corajosa e com tanta habilidade que a oposição raramente o aparteava. E a verdade era que ia fazendo sua carreira. Agora fora indicado pelo partido para deputado federal na vaga que se abrira na Câmara com a morte de Rafael Cabeda.

Rodrigo tinha resolvido procurar João Neves para explicar a atitude que torrfòra. Estava certo de que o companheiro ia compreender-lhe as razões. Mas era com Getúlio que ele agora mantinha uma discussão imaginária. Estavam ambos na sala do café da Assembleia, e Rodrigo contava ao colega quem era Laço Madruga. "Um bandido, um analfabeto, um primário." Na sua mente o deputado de São Borja sorria, silencioso. "Tu vês, Getúlio, quando o chefe não sabe distinguir entre um correligionário leal e desinteressado como o meu pai, e um sacripanta bandido e ladrão, o partido vai a gaita." Getúlio torcia as pontas dos bigodes: sua cara não exprimia emoção alguma. "Outra coisa, essa história de resolver pendengas municipais impondo candidatos alheios à vida do município é outro erro trágico." Mas qual! O homenzinho não se comprometia com uma opinião. Pois que fosse para o diabo! Ele e os outros.

Estendeu-se na cama, acendeu um charuto e ficou atirando baforadas de fumaça para o ar. Àquela hora o telégrafo decerto já

havia espalhado por todo o Estado, por todo o país a notícia de seu discurso. Sorriu. Possivelmente pouco depois que ele terminara de falar, um dos inúmeros sicofantas do Chimango fora levar a notícia ao sátrapa, que com toda a certeza a escutara impassível, de olhos frios, mal mexendo o gogó que se lhe escapava pela abertura do colarinho de pontas viradas.

Rodrigo olhava para as tábuas do teto, mas o que realmente tinha no espírito eram cenas de sua vida naqueles últimos seis anos. Terminava agora uma fase importante de sua vida, que tivera momentos alternados de exaltação, desânimo, alegria, tristeza, impaciência, serenidade… Para principiar, nunca se sentira muito bem como deputado republicano.

O governista é sempre o hombre maio da história, o vilão, ou, para usar a nomenclatura cinematográfica, o bandido da fita, ao passo que o herói, o "mocinho" é sempre o deputado da oposição. Estava claro que ele, Rodrigo Cambará, havia nascido para lutar na barricada oposicionista, e talvez viesse daí a naturalidade ou, melhor, a alegria com que rompera com o partido, passando para os arraiais da minoria… Não sentira nunca o menor prazer em servir Borges de Medeiros, criatura incapaz duma palavra de estímulo, dum gesto de gratidão ou de simpatia humana. O homem portava-se como se já fosse a própria estátua, e por sinal uma estátua de mármore frio e magro, sem nenhum estremecimento épico.

Rodrigo desvencilhou-se da toalha, jogou-a ao chão e, completamente nu, remexeu-se na cama, com o charuto preso aos dentes. A imagem de Getúlio Vargas surgiu-lhe de novo nos pensamentos. Quis espantá-la. Não pôde. Recomeçou a discussão procurando arrancar do homenzinho uma palavra de compreensão. Inútil! Lá estava ele, sorridente e vago, cofiando o bigode. Que teria o monstro nas veias? Sangue ou água? "Olha, Getúlio, tens muitas qualidades que admiro, mas uma coisa te digo: água e azeite não se misturam nunca, e por isso jamais poderemos ser amigos. Não tenho sangue de barata, e para mim existem na vida coisas mais importantes que uma carreira política."

Outro motivo de exasperação para Rodrigo era o fato de jamais ter encontrado Getúlio Vargas no Clube dos Caçadores. Essa austeridade num homem tão moço não lhe parecia normal nem mesmo saudável.

A cinza do charuto caiu-lhe no peito, que ele limpou com a palma da mão. Mundo velho sem porteira! - como dizia o Liroca. Hoje é um grande dia. Adeus, senhor deputado!

Pensou naqueles anos de vida parlamentar. Lembrava-se com particular encanto da campanha da Reação Republicana, de seus discursos contra Artur Bernardes e a camorra paulista-mineira.

Lembrava-se de seu amargo desapontamento quando a nação inteira esperava a palavra de Borges de Medeiros, capaz de lançar as forças democráticas do país numa revolução regeneradora, e o papa Verde soltara através dum editorial á'A Federação o seu gélido "Pela Ordem".

Ah! Mas fosse como fosse Rodrigo Cambará ia deixar sua marca na vida social de Porto Alegre. Isso ia, sem a menor dúvida! Os jornalistas o adoravam. Ele era um assunto.

Homem franco, detestava as meias palavras. Vinha disso o caráter sensacional de quase todas as suas entrevistas. Tinha também amigos e admiradores entre os turfistas.

Não faltava às corridas da Protetora do Turfe aos domingos e seu cavalo Minuano, cria do Angico, ganhara uma vez um páreo importante, chegando na frente de animais de raça, estrangeiros. O cronista social da Máscara escolhera-o como "o deputado mais bem vestido". Aonde quer que fosse, tinha amigos ou conhecidos: - na galeria do Café Colombo, onde tomava o chá das cinco e flertava com belas fêmeas, principiando ou continuando muita aventura que terminava na cama; na Alfaiataria de Germano Petersen, onde se reuniam políticos e homens de negócio; à porta da Livraria do Globo, onde intelectuais discreteavam, olhando a parada das belas mulheres que ao entardecer faziam o footing.

Rodrigo ergueu-se e começou a vestir-se com um vagar feminino. Tinha prometido almoçar com dois deputados da oposição para "acertarem os relógios" quanto à propaganda da candidatura de Assis Brasil. Curioso! Duma hora para outra estava na oposição, amigo dos maragatos. Isso lhe dava uma sensação que era metade orgulho de estar contra o governo e metade a vaga impressão de ter feito uma travessura pela qual ia ser repreendido pelo pai. Era estranho: nos últimos tempos não podia pensar no dr. Borges de Medeiros sem associar sua imagem à do velho Licurgo, como se ambos fossem irmãos de sangue ou muito parecidos de físico e temperamento. Se o Velho soubesse, ficaria furioso.

Aquela noite, depois do jantar, decidiu ir ao Clube dos Caçadores para uma despedida. Havia passado naquele cabaré momentos inesquecíveis. Como de costume, apertou a mão do porteiro. "Boa noite, dr. Cambará. Parabéns pelo discurso." Rodrigo sorriu, entregando ao homem o chapéu e uma gorda gorjeta. O cabra decerto havia lido sua oração nos jornais da tarde. A Ultima Hora a reproduzira na íntegra, sob cabeçalhos escandalosos.

Subiu a escada lentamente, com a reconfortadora sensação de que "estava em casa". Aspirou com delícia o perfume de loção de violetas que vinha da barbearia do clube, na qual penetrou, passando a mão pelas faces e dizendo: "Boa noite, Lelé, me dá uma passada rápida".

Sentou-se na cadeira com um suspiro feliz de quem antecipa momentos de abandono hedonista. Por alguns segundos ficou a namorar-se no espelho, enquanto o barbeiro o felicitava pelo discurso da manhã.

— Não se fala noutra coisa na cidade. Para dizer a verdade, não li o jornal. Mas me contaram.

Rodrigo sorriu, cerrando os olhos. No salão de danças, de onde vinha um rumor de passos ritmados e vozes, a orquestra tocava a Tehuana. Era agradável sentir no rosto a espuma cremosa e fresca, com uma fragrância de limão. Pensou na clara de ovo batida que a Dinda punha em seus doces, e teve um súbito, absurdo desejo de comer montanha-russa. O barbeiro falava torrencialmente.

Contava mais uma vez que em futebol era do Sport Clube Internacional e em política do Partido Federalista.

— Comigo é só no colorado. E por falar em colorado o senhor não vai fazer uma fezinha na roleta hoje? Jogue no 13, doutor. A noite passada sonhei com esse número.

Jogue, que é tiro e queda.

O barbeiro calou-se, mas ficou resmungando a melodia mexicana. Rodrigo passava mentalmente em revista as mulheres do cabaré com quem poderia dormir naquela sua derradeira noite em Porto Alegre. A primeira que lhe veio à mente foi Gina Carotenuto, a cançonetista italiana. Mas não! Era demasiadamente exuberante, e seu humorismo andava sempre beirando o sarcasmo. Que se podia esperar duma mulher que, ao entrar no palco para cantar seus números, olhava em torno da sala e gritava: “Buona será, gonococchi!”

Concluiu que poderia ser uma fêmea ótima para seu irmão Toríbio, mas não para ele. E a argelina de olhos de ágata que contava histórias sórdidas e sombrias de Casbah, onde fora violada por um árabe de pele oleosa, com olhos de assassino? Era excessivamente ossuda e destituída de seios, isso para não falar na voz lamurienta e na mania que tinha de fazer o amor com o quarto completamente às escuras. Havia ainda Ninette, esbelta e loura, com seu ar de princesa nórdica, o seu perfil de medalha antiga. Qual! Quem é que quer levar para a cama um camafeu ou uma estátua? Não. Por mais que procurasse - e havia tantas!

— sua escolha sempre caía em Zita, a jovem húngara que agora andava com um estrangeiro de Alegrete. O “coronel” estava ausente da cidade - por esse lado não haveria problemas, mas a menina tinha um “amiguinho” que era, nada mais, nada menos que um dos melhores companheiros com que ele, Rodrigo, contava ali no clube…

O barbeiro continuava a falar. Narrava histórias de fregueses seus. Por aquela cadeira passava gente de toda a espécie. Aprendera a conhecer a procedência da clientela pela roupa, pela maneira de falar,

pelo tipo de corte de cabelo…

— Quando o bicho usa costeletas e está com uma boa camisa de seda, só pode ser da fronteira, de Livramento ou Uruguaiana.

— Mas eu uso costeletas e camisa de seda e sou de Santa Fé.

— Ah, mas o senhor vê, doutor, não ha regra sem exceção, como diz o outro.

— Como é que você sabe que o freguês é serrano?

— Bom, por uma certa poeirinha avermelhada que fica nos sapatos… e às vezes até na pele…

— E o pessoal da zona colonial?

O barbeiro recuou um passo e, erguendo a navalha como se fosse degolar Rodrigo, exclamou: - Esses conheço pelo suor! Gringo tem um cheiro especial.

— Pois erraste a profissão, Lelé. Devias ser investigador da polícia.

— Deus me livre e guarde!

O barbeiro penteou o cliente, aparou-lhe as sobrancelhas e os cabelinhos das ventas, mas quando apanhou a pluma para empoarlhe o rosto, Rodrigo deteve-o com um gesto: - Não. Guarda isso para os teus frescos.

O outro desatou a rir. Rodrigo pôs-lhe na mão uma cédula de vinte mil-réis, deu-lhe uma batida no braço e saiu da barbearia na direção da sala de jogo, onde entrou.

Aquela hora havia pouca gente ao redor das mesas de roleta e bacará. O jogo forte começava em geral cerca das duas da madrugada. Curiosos caminhavam dum lado para outro, num ambiente de grande familiaridade, mas numa espécie de surdina de velório ou igreja. Falavam aos cochichos e a única voz alta que se ouvia era a dos crupiês.

“Façam jogo!” Um cheiro de café recém-passado temperava agradavelmente o ar morno, que a fumaça dos cigarros e charutos azulava. “Feito!” O matraquear da roleta produzia uma espécie de cócegas no peito de Rodrigo: era um som alegre, esportivo, carregado de emoções e expectativas. “Vinte e quatro. Preto!” Rodrigo comprou fichas, aproximou-se da mesa e pô-las todas, sobre o número 13. “Façam jogo!” O crupiê - um castelhano magro e pálido, de barba cerrada - saudou Rodrigo com um sorriso. “Feito!” A roleta movimentou-se, a bola foi lançada. Tudo parecia um brinquedo de criança. Passou rápida pela cabeça de Rodrigo a ideia de levar uma roleta em miniatura para os filhos…

Não. Seria um mau exemplo. Seus olhos seguiam a bola. Ele não via mas “sentia” as caras tensas ao redor da mesa. Sempre tivera um certo medo de apaixonar-se pelo jogo. Era por isso que em geral evitava as oportunidades de jogar. Mas que diabo! Aquela era uma

noite especial…

A bola aninhou-se sob um número. Treze! Preto! - gritou o crupiê. O palpite do barbeiro dera certo. Rodrigo apanhou as fichas que a pá empurrava na sua direção e pôs uma delas dentro da caixa dos empregados. O crupiê agradeceu-lhe com um sorriso. Rodrigo afastou-se da roleta. Pensou em bancar o bacará. Ou seria melhor ir sentar-se no salão de danças e beber alguma coisa?

Alguém tocou-lhe o braço. Voltou-se. Era o dr. Antônio Alfaro, médico muito respeitado na cidade pela sua probidade profissional e pelo seu famoso olho clínico.

Outra particularidade o tornava notório: sua tremenda paixão pelo jogo. Havia noites em que perdia ali na roleta e no bacará verdadeiras fortunas. Jogava em silêncio, não se lhe movia um músculo da cara; passava o tempo fumando cigarro sobre cigarro. Contava-se a história duma famosa noite em que o dr. Alfaro ficara a jogar obstinadamente sem arredar o pé da mesa de bacará. A meia-noite pediu um bife a cavalo e comeu-o ali mesmo, perto do pano verde, sem tirar os olhos das cartas. Alta madrugada, mandara chamar um barbeiro, que viera sonolento escanhoar-lhe o rosto. E o jogo continuou sem interrupção até o clarear do dia. Às oito o dr. Alfaro pediu um café com leite e torradas. As nove ergueu-se, enfiou o chapéu na cabeça e, já com sol alto, saiu dos Caçadores diretamente para o consultório. Cinquentão, alto e descarnado, os cabelos negros riscados de prata aqui e ali - tinha um rosto ossudo e longo, dum moreno terroso, e uma voz que lembrava o som do fagote.

— Homem! - exclamou Rodrigo. — Há quanto tempo!

O dr. Alfaro meteu um cigarro na piteira de âmbar e acendeu-o.

— Pois aqui estou, meu caro, assinando o ponto, como sempre. Ah! Parabéns pelo discurso. Não sou político, você sabe, mas sempre me faz bem ao coração e ao fígado ler que alguém deu uma bordoada no papa Verde. — Fez uma pausa, expeliu fumaça pelo nariz, olhou Rodrigo de alto a baixo e depois perguntou: - E agora, quais são os planos?

— Ora, volto amanhã para Santa Fé, pelo noturno, e vou começar em seguida a campanha eleitoral em todo o município.

O dr. Alfaro sacudiu lentamente a cabeça. Mas seus olhos estavam voltados para a mesa de bacará. Parecia perturbado.

— Não vai jogar? - perguntou Rodrigo.

— Não sabia que abandonei definitivamente o jogo?

— Não diga!

— Pois é. Faz três meses que tomei essa resolução e não pretendo voltar atrás.

— Mas por quê? Como foi o milagre?

— Você não pode calcular o quanto isso me custa…

O médico ergueu as mãos, com as palmas voltadas para cima. Estavam trêmulas e úmidas de suor. Rodrigo mirava-o, curioso, esperando a explicação.

— Quer saber por que deixei de jogar? - Tomou do braço do outro e levou-o para um canto deserto da sala. — A história é simples e ao mesmo tempo terrível na sua simplicidade. Como todo o mundo sabe, tenho perdido horrores nesta casa. Uma noite deixei aqui, entre a roleta e o bacará, mais de vinte contos. Sim senhor, vinte contos de réis! Saí alcatruzado, desmoralizado, com vergonha até de levantar os olhos para o céu. O dia tinha clareado. E quando cheguei em casa vi uma cena que me deixou abalado. Minha mulher de robe de chambre discutia na calçada com o verdureiro por causa de um tostão de diferença no preço da couve. Um tostão! E eu tinha acabado de perder vinte contos! Não posso descrever o que senti. Foi como se minha alma tivesse caído numa latrina, como disse a personagem do Eça. A coisa foi tão forte, que naquele instante prometi a mim mesmo não jogar nunca mais. E cumpri a promessa.

— Mas por que continua vindo aqui? O dr. Alfaro encolheu os ombros.

— Não sei. Talvez a força do hábito. Ou então é o bêbedo regenerado que ainda gosta de sentir o cheirinho da cachaça. Pode ser também que eu queira valorizar o meu gesto, tornando a coisa mais difícil. Uma espécie de bravata, compreende?

Rodrigo sacudiu lentamente a cabeça.

— Por que não vem comigo até o salão para tomar alguma coisa?

O dr. Alfaro sacudiu negativamente a cabeça.

— Não, obrigado. Nunca entrei naquele salão. Fui jogador, isso sim, mas femeeiro nunca. Estou um pouco velho para começar. Mas vá, e que lhe faça bom proveito.

Apertaram-se as mãos. Os olhos do dr. Alfaro se voltaram para a mesa de bacará.

Como de costume, Rodrigo sentou-se à mesa que ficava perto do palco triangular, a um canto do salão. Pediu uma garrafa de champanha e ficou a beber, a fumar e a olhar os pares que dançavam. A orquestra tocava um tango argentino, que espalhava no ar uma melancolia arrabalera, permitindo àqueles homens - estudantes de cursos superiores, empregados do comércio, caixeiros viajantes, gigolôs profissionais, visitantes do interior - exibirem suas habilidades coreográficas. Muito agarrados aos pares - mulheres que traziam de fora ou que ali eram postas pela gerência da casa, como engodo para a freguesia - , eles se arrastavam ao ritmo da música, em passos lânguidos, tudo isso num contraste com o jeito safado e vagamente negroide que tomavam quando dançavam maxixes.

Rodrigo ficava às vezes absorto a observar os melhores da

orquestra. Eram homens de ar aborrecido ou neutro, que de dia tocavam em confeitarias peças semi-sérias e insípidas ou esfregavam burocraticamente os fundilhos das calças em alguma cadeira de repartição pública.

As mesas se achavam colocadas à frente de bancos com assentos de couro que corriam ao longo das paredes onde pequenos espelhos multiplicavam as luzes e os vultos da sala. Rodrigo via ali alguns dos frequentadores habituais do cabaré. Lá estava o "Conde" (ninguém lhe sabia o nome verdadeiro) sessentão e calvo, todo vestido de negro, o monóculo especado no olho esquerdo, o colarinho engomado e alto, uma pérola no pregador da gravata, sempre perfumado de Fleur d'Amour, fumando cigarros turcos na ponta duma longa piteira, as mãos muito bem manicuradas, a cara esguia, as feições um tanto imprecisas, como que esculpidas em sabonete. Havia nele um ar mórbido de fim de noite, fim de século, fim de raça, fim de tudo. Mas que tinha um aspecto digno, ninguém negava. Era fleumático como um inglês de novela. Passava quase toda a noite em silêncio, bebendo seu champanha gelado, mordiscando torradinhas barradas de caviar, tendo sempre à sua mesa uma mulher bela e jovem - nunca a mesma! - que ele tratava com uma polidez distante, mirando-a de quando em quando com seus olhos vítreos. Alta madrugada, saía com a companheira para - murmurava-se - inconfessáveis orgias sexuais.

Numa outra mesa um conhecido estancieiro de Dom Pedrito cocava com seus olhinhos lúbricos a branca polaca que sorria a seu lado, enquanto um rapaz escabelado e esguio, de gestos irrequietos, lhe dizia algo ao ouvido. O olhar de Rodrigo deteve-se no jovem. Era um dos tipos mais populares ali nos Caçadores. Rodrigo achava-o repulsivo e exatamente por isso não podia tirar os olhos de sua figura. A pele do rosto magro e escrofuloso tinha essa palidez lustrosa e transparente do rato recém-nascido.

Coroava-lhe a testa olímpica, pintalgada de espinhas inflamadas, uma mecha de cabelos dum negro fosco. Todos o conheciam pela sugestiva alcunha de Treponema Pálido.

Costumava andar de mesa em mesa, à procura de quem lhe pagasse um bife com ovos e uma cerveja. Não tinha emprego certo e dizia-se que era traficante de cocaína.

Interesseiro e servil, adulava os estancieiros que frequentavam o cabaré, servindo-os como menino de recados. E as mulheres, embora se valessem às vezes de seus serviços de cáften e lhe dessem gratificações em dinheiro, repeliam-no como macho.

A orquestra deixou morrer o tango num gemido sincopado de acordeão, atacando em seguida um one-step. O clima da sala mudou de repente.

Sentada à mesa dum homem taciturno e demasiadamente cônscio

do colarinho alto que lhe dificultava os movimentos de cabeça, Rodrigo avistou a "Oriental", uma uruguaia da província de Canelones. Gorda e terna, quando ia para a cama com um "freguês" tinha o hábito de recitar-lhe poemas inteiros em espanhol. Gabava-se de saber de cor todo El cântaro fresco, de Juana de Ibarbourou.

Um garçom abriu com estrondo uma garrafa de champanha junto da mesa dum velhote risonho e de cabelos pintados, que acariciava a mão duma mulher de aspecto soberbo, sentada, a seu lado. Era a Bela Zoraida - pois assim ela própria se intitulava - famosa pelas joias caras, que lhe adornavam o colo e os braços, engastadas em aço.

Trazia sempre ao redor do pescoço um cordão de ouro, do qual pendia um apito. Dizia que era para chamar a polícia, caso fosse assaltada por ladrões.

Que fauna! - murmurou Rodrigo para si mesmo, tomando um gole de champanha. Avistou Zita, que se aproximava de sua mesa conduzida pelo "amiguinho". Ergueu-se, abriu os braços e estreitou o rapaz contra o peito. Sentem-se! Sentem-se! Apertou com ambas as mãos a delicada mão da húngara. Era uma rapariga pequena, bem-feita de corpo.

Teria pouco mais de vinte anos. Havia algo de felino em sua cara um tanto larga, de olhos verdes e enviesados; a boca rasgada, de lábios polpudos, era dum vermelho úmido. Sombreava-lhe a voz um tom penugento e fosco, que Rodrigo achava excitante como um beijo na orelha.

— Que é que há de novo? - perguntou ele, quando viu os dois amigos acomodados à mesa.

O rapaz encolheu os ombros e fez uma careta pessimista.

— Tudo velho. Os "pecuários" de sempre.

Era talvez a figura mais assídua e popular do cabaré. Franzino, duma brancura doentia de crupiê, tinha as pálpebras machucadas permanentemente debruadas de vermelho e os olhos embaciados por uma expressão de tresnoitada canseira. Filho dum tabelião duma cidade da fronteira com o Uruguai, viera para Porto Alegre, havia três anos, para estudar medicina, mas continuava a marcar passo no primeiro ano. Passava noites inteiras no cabaré, onde as mulheres o adoravam. Só ia dormir, sempre acompanhado, quando o sol já estava alto. Às três da madrugada, depois que o cabaré fechava as portas, levava a companheira da noite a comer um bife nos restaurantes do Mercado Público. Era campeão de maxixe, valente como galo de briga e - toda a gente sabia e ele próprio não negava - apreciador do "pozinho branco", bem como alguns daqueles moços que frequentavam os Caçadores.

Um desafeto lhe pusera o cognome de Pudim de Cocaína, que a princípio ele repelira, indignado ("Pudim de Cocaína é a retrucara

duma feita, já pronto para quebrar a cara do mãe insolente). Mas como os amigos tivessem gostado da alcunha, acabou habituando-se a ela, e hoje os íntimos tinham o direito de chamar-lhe Pudim e como tal era conhecido.

A afeição e a admiração que Rodrigo lhe votava nasceram no dia em que vira o rapaz dar uma surra espetacular num sujeito mais forte do que ele, ali em plena pista de danças, ao som duma valsa lenta. Tendo vindo depois a conhecer o Pudim mais de perto, Rodrigo descobrira no rapaz muitas qualidades de coração. Aquele boémio notívago, de ar permanentemente entediado, aquele tomador de cocaína irritadiço e provocador de brigas era no fundo um sentimentalão, amigo leal e generoso. Embora vivesse duma mesada curta, nunca recusava ajudar os que tinham menos que ele. Rodrigo contemplava-o agora com um ar entre afetuoso e crítico de tio.

— Precisas dar um jeito nessa tua vida, homem.

— Que jeito?

— Ora, se queres eu te componho esse corpo em poucos meses. Te levo para a minha estância, te faço um tratamento de fortificantes, te empurro uma boa dieta e em pouco tempo estás outro.

— Pra quê?

Pudim olhava para a taça que o garçom naquele momento enchia de champanha. A máscara da comédia se lhe alternava no rosto com a da tragédia; a da inocência com a da devassidão. Seus lábios de vez em quando se crispavam numa expressão de desdém. Era como se aquelas coisas todas - mulheres, bebidas, cocaína, danças- não lhe dessem o menor prazer. Parecia entregar-se a elas para matar o tempo, ao mesmo tempo que se matava. Rodrigo via naquilo um suicídio lento e estúpido.

Zita olhava para o amigo e sorria. Era nova na cidade e no Brasil. Não sabia patavina de português mas falava com alguma fluência um curioso italiano ao qual conseguia tirar toda a musical doçura, emprestando-lhe uma qualidade gutural.

— Já tomaste a tua dose hoje? - perguntou Rodrigo, encarando Pudim.

— Não. O cafajeste do boticário não me quis fiar. Estou quebrado. O velho me cortou a mesada. É um mundo infecto!

— Podia te dar dinheiro, mas não quero alimentar teu vício. Não descansarei enquanto não te fizer deixar a coca.

— Não perca o seu tempo.

— Sabes duma coisa engraçada? Nunca te vi à luz do sol!

Pudim acendeu um cigarro, aspirou a fumaça com força e a seguir com mais força ainda soltou-a pelas narinas. Bebeu um gole de champanha e resmungou: - Está tudo podre.

Ergueu-se e segurou o pulso da companheira: - Vamos dançar.

Capisce? Danzare, mannagia! Esta "turca" não há jeito de aprender o brasileiro.

Zita ergueu-se. Saíram a dançar, os corpos muito juntos. Era um maxixe. Rodrigo seguiu-os com o olhar. Pudim podia ganhar a vida como bailarino profissional. Dançava tão bem como o Castrinho, uma das atrações dos Caçadores. Era ágil, elástico, tinha ritmo e pés de pluma. Mas todo o interesse de Rodrigo agora se concentrava nas nádegas da húngara.

Neste momento um homem sentou-se à sua mesa. Rodrigo franziu o cenho, contrariado. Era o Cabralão, outro tipo popular na casa. Rábula metido a poeta, tinha fama de grande orador. Dizia-se que poderia fazer uma fortuna como advogado, no crime, se não bebesse tanto. Vestia-se com desleixo, tinha uma cabeleira basta, dum ondulado suspeito, uma cara trigueira picada de bexigas, uma beiçola caída, dum pardo avermelhado.

— Dr. Cambará - disse ele com voz meio arrastada e pastosa - vim aqui lhe pedir para assinar na minha lista…

— Que lista? - perguntou Rodrigo, já na defensiva, pois sabia que o rábula costumava lançar mão dos mais inesperados estratagemas para arrancar dinheiro aos amigos e conhecidos.

— Para o monumento que nós, os frequentadores desta casa, vamos mandar erigir ali na frente do portão central do cais do porto.

Falava com ar sério e confidencial.

— Mas que monumento?

Cabralão inclinou-se sobre a mesa. Seu hálito recendia a cachaça.

— Uma estátua à Prostituta Europeia. Que lhe parece? Rodrigo não pôde evitar um sorriso.

— Que história é essa?

— Vou escrever um artigo para explicar o sentido desse monumento. Mas posso lhe adiantar algumas das minhas ideias…

Pegou num gesto automático a taça da húngara, levou-a aos lábios e bebeu o champanha que restava nela.

— Vou mostrar, dr. Cambará, meu ilustre deputado, vou elogiar, está entendendo?, a grande função civilizadora que tiveram entre nós essas mulheres da vida que, depois da Guerra Europeia, vieram para Porto Alegre, importadas pelos nossos cabarés e bordéis. — Inclinou-se mais na direção do interlocutor, apertando com força a haste da taça. — Dr. Cambará, meu ilustre amigo, pois é, essas damas estão mudando a nossa vida, permitindo que nossa cidade deixe de ser uma acanhada menina provinciana para se transformar, está entendendo?, numa mulher adulta e talvez adúltera mas, que diabo!, mulher em todo o caso.

O maxixe cessou. Romperam aplausos entusiásticos. A orquestra repetiu o número. Os olhos de Rodrigo procuravam a húngara.

Cabralão raspava com a unha longa e polida o rótulo da garrafa. Prosseguiu: - Graças a essas cortesãs, meu caro deputado, está ouvindo?, graças a essas competentes profissionais os nossos estancieiros estão aprendendo boas maneiras. Em vez de cerveja, doutor, em vez de cerveja já bebem champanha, Cointreau, Beneditino. Já comem caviar e pâté de foie gras em vez do consagrado bife com ovos e batatinhas fritas. Já sabem segurar o garfo e a faca e não amarram mais guardanapos no pescoço, está entendendo? Os nossos cascasgrossas até já beijam as mãos das damas…

Civilizam-se, meu caro parlamentar, civilizam-se os guascas!

Muito a contragosto Rodrigo começava a interessar-se pelo que o Cabralão dizia. Havia uma grotesca verdade em suas palavras. O rábula sorria, como que encantado pelas próprias ideias.

— Porto Alegre já tem a sua vida noturna - continuou. — O senhor me compreende, doutor? Eu não exagero… exagero? Não exagero. Os fatos estão aí. Nossa cidade mudou da noite para o dia, é um dos grandes mercados do mundo, dr. Cambará, no tráfico de brancas. Essas horizontais nos chegam diretamente de Paris, note bem, de Paris e de outras cidades da Europa. Ontem estive com uma que me recitou Verlaine, calcule, Lês fleurs du mal.

— Isso é de Baudelaire.

Bom. Não vem ao caso. Mas a verdade é que sabia versos inteiros, e de simbolistas, meu caro deputado, de simbolistas! Pois essa francesa me contou que dormiu com o Apollinaire. Ora, vamos e venhamos. Eu, o Cabralão, um bode da rua da Varzinha, dormindo com uma francesa alvíssima que já amou um grande vulto da literatura mundial, hein, que tal, hein? Compare essas deusas de leite e mel com as nossas chinas, as nossas mulatas analfabetas e sifilíticas. Que é que o senhor acha?

— Acho que você está bêbedo.

O rábula fechou a cara e os olhos, em cujas comissuras brilhavam pontinhos duma secreção branca, e murmurou com certa dignidade: - Bêbedo, sim, mas lucidíssimo!

— Outro champanha e mais uma taça! - gritou Rodrigo para um garçom que passava.

Zita não podia tornar a beber na taça que o mulato maculara. Cabralão agora olhava em torno, como se visse aquela sala pela primeira vez - Veja este cabaré, meu caro doutor, este santuário, se me permite a expressão profana. — Sua voz se tornava cada vez mais arrastada. Poderia existir o Clube dos Caçadores sem essas abnegadas mulheres que a Europa nos manda, como missionárias caque… cate… catequizadoras? A flor da política gaúcha marca rendez-vous aqui todas as noites. Não é por estar na sua presença, meu caro parlamentar, que eu digo isto. Deputados, intendentes, grandes

causídicos reúnem-se fraternalmente neste templo. Quer que eu lhe diga uma coisa? O centro político mais importante do Rio Grande não é o Palácio do Governo, nem a Assembleia dos Representantes, nem as Secretarias de Estado, mas o Clu-be dos Ca-ça-do-res!

Sublinhou a última sílaba de Caçadores com um soco na mesa. Uma das taças tombou.

— Pare com isso! - gritou-lhe Rodrigo.

O garçom trouxe a nova taça e a garrafa de champanha que Rodrigo pedira.

— Está bem - disse o rábula. ·- Vou me retirar. Mas quero lhe dizer mais uma coisa, meu caro dr. Cambará, sob palavra de honra. Se eu tivesse uma filha (espalmou a mão sobre o coração) que não tenho, pois sou solteiro, eu não entregaria a menina para as freiras do Colégio Sévigné, não senhor, está me entendendo? Eu mandava a menina para esta casa. — Com o dedo em riste apontou para o soalho. — Sim, para os Caçadores, para receber aqui sua educação no convívio dessas abnegadas e distintas senhoras, diante das quais me curvo respeitoso.

Rodrigo pensou em Alicinha, viu-a sentada à sua frente com a boneca nos braços, e teve ímpetos de atirar o conteúdo de sua taça na cara do mulato.

Cabralão ergueu-se. Era grande e espadaúdo, com um peito de pomba que lhe dava um vago ar de polichinelo gigante. Baixou os olhos para Rodrigo e murmurou: - Com quanto o meu caro doutor vai contribuir para a lista?

— Ora não me amole.

— Qualquer quantia serve. Uns vinte pilas, digamos.

Rodrigo hesitou por breve instante, mas para se livrar do importuno tirou do bolso uma maçaroca de dinheiro, pescou dela uma nota de dez e lançou-a sobre a mesa.

— Tome. Não dou mais. Agora suma-se. Tenho convidados. O rábula apanhou a cédula com a ponta dos dedos e meteu-a no bolso, sem a examinar. Pegou a taça e bebeu o que restava nela.

— Mais uma coisa, doutor. Quero a sua opinião. Não acha que a Bela Zoraida seria o modelo ideal para o monumento? Tem a dignidade duma matrona romana, hein? Imagino o monumento ali na frente do portão central do porto, olhando para a praça… Um dístico curto mas expressivo no pedestal de mármore. Uma coisa assim: “À marafona europeia, a cidade agradecida”. Que tal?

— Está bem. Mas raspa! Cabralão fez meia-volta e se foi.

À uma hora o cabaretier apareceu no palco para anunciar os números da noite. Era um francês gordalhufo e louro, de cara rosada, olhos claros e um bigode de foca.

Vestia um trajo escuro, um pouco à boêmia, com uma gravata à

Lavallière. Fazia versos, lia muito e dizia-se amigo de figuras literárias da França. Como e por que viera parar ali naquele cabaré ninguém sabia ao certo.

Para começar, o francês postou-se no centro do palco de mãos nos bolsos, e começou a recitar em sua língua uma fábula.

Quando terminou a história, ouviram-se risadas e aplausos. Os que não sabiam francês sorriam alvarmente, assim com um vago ar de empulhados.

O cabaretier pediu un cri d'admiration, e um prolongado oh! em uníssono encheu a sala. E o espetáculo começou. Enquanto La Portena, com um vestido de lamê muito colado ao corpo calipígio, cantava com voz roufenha de devassa o Panuelito blanco, Rodrigo olhava ternamente para Zita, enquanto Pudim em voz baixa dizia horrores da cantora. Por baixo da mesa Rodrigo procurava o pé da húngara. Encontrando-o, acariciou-o com o bico dos sapatos. A rapariga sorriu com malícia, lançando ao mesmo tempo um olhar furtivo na direção do Pudim.

O cabaretier aproximou-se da mesa, pousou a mão no ombro de Rodrigo e perguntou baixinho: - Ca vá, mon cher docteur? Rodrigo ergueu a cabeça e sorriu: - Ca vá.

— Bien.

O número seguinte foi um sapateado, por um casal de bailarinos gitanos. Um prestidigitador quebrou o relógio dum “coronel”, à vista de todos, e minutos mais tarde - Abracadabra! - fê-lo reaparecer, intato, dentro de uma cartola. Gina Carotenuto encheu a casa com sua voz de lasagna. E uma francesa magra, loura e branca cantou cançonetas picantes.

Continuaram depois as danças na pista. Rodrigo sentia o champanha subir-lhe à cabeça. Era o que ele chamava de “porre suave”, o suficiente para deixá-lo sentimental, num desejo de confraternizar com todo o mundo. O essencial era não passar do ponto…

— Nunca me viu? - perguntou Pudim, percebendo que o amigo o encarava com insistência.

— Estou te vendo perto da mangueira do Angico, bebendo um copo de leite ainda morninho dos úberes da vaca.

O rapaz fez uma careta de nojo.

— Prefiro esse leite e essa vaca… - murmurou olhando para a gorda garrafa de Veuve Clicquot.

Zita sorria. O bico do sapato de Rodrigo subia-lhe pelo tornozelo, esfregava-lhe a perna.

— Pudim, ouve o que vou te dizer.

O cocainômano fitou no amigo o olhar enfastiado.

— Diga.

— Quero te ajudar…
— Então me pague uma prise.
— Quero fazer mais que isso: vou te salvar a vida.
— Que bobagem é essa, doutor?
— Quanto dinheiro precisas para pagar tuas dívidas?
— Muito.
— Diga quanto.
— Não faço a festa com menos de três contos.
— Está bem. Escuta…

Inclinou-se sobre a mesa, segurou a lapela do casaco de Pudim, esquecendo por alguns instantes as pernas da húngara.

— Vamos fazer uma aposta - propôs. — Um negócio de homem pra homem, compreendes? Se eu perco, te passo três contos em dinheiro, aqui mesmo, agora. Mas se tu perdes, terás de ir comigo para Santa Fé, amanhã no noturno, sem discutir… Todas as despesas por minha conta, é claro.

O outro hesitava.

— Por quanto tempo?
— Três meses, nem um dia mais, nem um dia menos.
— E que é que vamos jogar?
— Roleta. Preto ou vermelho.
— E que é que o senhor ganha com isso?

— O prazer de ajudar um amigo. Pudim pôs-se de pé e gritou: - Meus caros paroquianos, o dr. Rodrigo Cambará vai me salvar a vida. Cantemos todos o hino número 69.

Sua voz perdeu-se no meio da. balbúrdia. Rodrigo puxou-o pela ponta do casaco, fazendo-o sentar-se. Pudim caiu sobre a cadeira como um peso morto. Tornou a beber um gole de champanha.

— Vamos. Que é que tens a perder? Restauras a tua saúde, recuperas o interesse pela vida…

— Três contos?
— Dinheiro batido. Pudim animou-se.
— Está feito!

Apertaram-se longamente as mãos. Chamaram o cabarclier para servir de testemunha e informaram-no das condições da aposta. Quando os três se dirigiram para a sala de jogo, deixando a húngara à mesa, o francês segurou o braço de Rodrigo e disse-lhe: - Monsieur, vous ètes fou, mais j'aime votre folie. Pararam ao pé da roleta. Rodrigo olhou para Pudim.

— Escolha a cor.
— Vermelho.

— Está bem. Vale esta jogadaí O outro sacudiu a cabeça afirmativamente. Ouviu-se o ratatá da bola na bacia da roleta. O cabareúer sorria, olhando de um para outro dos apostadores, que

estavam ambos graves e tensos como duelistas à luz cinzenta do amanhecer. O matraquear cessou. Ouviu-se a voz do crupiê: 22, preto! Pudim encolheu os ombros. Rodrigo tomou-lhe o braço e reconduziu-o à mesa.

— De agora em diante me pertences.

Ocorreu-lhe então uma ideia que o fez sorrir. Não sabia o verdadeiro nome do rapaz, apesar de toda a camaradagem de tantas noites de farra.

— Ainda que mal pergunte, qual é mesmo o teu nome?

— Rogério.

— Mas vou continuar te chamando de Pudim. É mais autêntico. Dentro de algum tempo serás o Pudim de Leite.

Rodrigo contou à rapariga, numa mistura de italiano, francês e mímica, o resultado da aposta. Ela murmurou: Mamma mia!, lançando um olhar interrogativo para o "amiguinho".

— Preciso confessar que estou sem um tostão - declarou este último. — Acho que tenho direito a um adiantamento…

Rodrigo tirou do bolso duas cédulas de cem rnil-réis e entregou-as ao amigo.

— Compra o que precisares para a viagem. Quero que amanhã estejas na estação dez minutos antes da saída do noturno. Não te esqueças que empenhaste a palavra.

Vida nova, rapaz!

Pudim apanhou as notas, ergueu-se e encaminhou-se para a porta da rua.

A orquestra chorava um tango argentino. Rodrigo convidou a húngara para dançar. Fazia muito que não dançava, e a tontura não lhe ajudava as pernas. Limitou-se a caminhar, sem muito ritmo, sentindo a maciez elástica dos seios da rapariga contra o peito, aspirando o perfume de seus cabelos e beijocando-lhe de quando em quando a ponta da orelha. Pensava em alguma coisa para dizer-lhe, mas não lhe ocorria nada que prestasse. Sabia de italiano apenas o suficiente para apreciar operetas e óperas. Veio-lhe à mente o soneto de Stecchetti que o dr. Carbone costumava recitar. Repetiu-o ao ouvido da rapariga: Io non voglio super quel che si sia Sotto Ia chioma ai bacio mio donata E se nel biancho sen, ragazza mia, Tu chiuda un cor di santa o di dinnata.

Zita nada dizia, limitava-se a escutar, soltando risadinhas. Deixava-se apertar, parecia estar gostando daquelas intimidades. Rodrigo saltou por cima dum quarteto e dum terceto e recitou o terceto final, que sempre o entusiasmara: Io non voglio saper quanto sei casta: Ci amammo veramente un 'ora intera, Fummo felici quasi un giorno e basta.

Sim, bastava aquela noite. O resto não importava. Nem o Pudim

de Cocaína nem o dr. Assis Brasil ou o dr. Borges de Medeiros. Voltaram para a mesa e Rodrigo tornou a beber. Agora só chamava a húngara de ragazza mia. Descobrira no som da palavra ragazza um forte conteúdo afrodisíaco. Tornaram a dançar, dessa vez um one-step.

Rodrigo excitava-se, sentindo ao mesmo tempo um vago constrangimento por estar ali, fazendo aquilo - ele, um homem maduro, pai de cinco filhos. Imaginou a Dinda a observá-lo, à porta do salão… Sim, Flora também lá estava, com Bibi nos braços… A família inteira o contemplava… E Alicinha dançava agora com o Cabralão.

Era uma vergonha! Mas não largou a húngara. E quando voltaram para a mesa, lá estava Pudim, com uma cara de fantasma, um brilho desvairado nos olhos, as narinas palpitantes. Rodrigo compreendeu o que se passara. Era preciso mesmo salvar o rapaz. Zita" aproximou-se dele e passou-lhe ternamente as mãos pelos cabelos, o que deixou Rodrigo enciumado.

— Vou até a sala de jogo - disse. — Volto depois que vocês tiverem acabado esse idílio.

— Adeus, meu anjo da guarda! - exclamou Pudim, fazendo um gesto de despedida Em poucos minutos Rodrigo perdeu duzentos mil-réis na roleta e trezentos no bacará. Afastou-se das mesas para tomar um café. Avistou o dr. Alfaro que, sozinho a um canto da sala, fumava placidamente.

— Como vai a coisa, doutor? - perguntou, acercando-se. O médico sacudiu lentamente a cabeça: - Firme, firme… Mantendo a palavra.

Naquele instante vieram do salão de danças vozes alteradas. “Deixa disso!” "Aparta!" - gritos de mulheres, ruídos de passos apressados, de cadeiras que tombam, de copos que se quebram. Rodrigo correu para lá com um mau pressentimento. É com o Pudim, pensou. Não se enganava. O rapaz estava atracado no meio da pista com um sujeito de porte atlético, muito mais alto que ele. A cena era a um tempo grotesca e terrível. Como um macaco agarrado a um grosso tronco de árvore, Pudim enlaçava com ambas as pernas a ilharga do inimigo e com as mãos ora lhe golpeava os olhos, ora lhe arranhava as faces, que já sangravam.

O homenzarrão, muito vermelho e soprando forte como um touro, limitava-se a apertar o outro contra o peitarraço, com os braços musculosos. Pudim gemia, começava a perder a respiração… Rodrigo compreendeu que o gigante ia esmagar o tórax do rapaz, matá-lo… E ninguém intervinha. Precipitou-se para a pista e desferiu com toda a força um soco no ouvido do gigante, o qual, perdendo o equilíbrio, largou Pudim que tombou no chão num baque surdo. E quando, estonteado, o brutamontes olhava em torno, buscando o agressor inesperado, Pudim de novo saltou sobre ele, dessa vez pelas costas, e, cavalgando-o, envolveu-lhe com os braços o pescoço taurino,

procurando estrangulá-lo com uma “gravata”. Rodrigo apanhou do chão uma garrafa vazia e de novo investiu contra o grandalhão. Foi nesse momento que entraram em cena três empregados do cabaré, cuja função era exatamente a de intervir em emergências como aquela. Fortes e espadaúdos, eram conhecidos como “leões-de-chácara”. Um deles abraçou Rodrigo, imobilizando-lhe os braços - “Calma, doutor, deixe que nós nos encarregamos do anjinho” - , enquanto os outros dois separavam Pudim do adversário.

Trepado numa cadeira, podre de bêbedo, Cabralão pedia ordem. O cabaretier postou-se no meio da sala e gritou: “Música!” A orquestra rompeu a tocar O pé de anjo.

Batendo nas costas de um e outro, o francês pedia que voltassem todos em paz para seus lugares. C'est Ia me, mês amis, c'est Ia vie! As mulheres, que haviam fugido ao principiar o pugilato, voltavam para o salão. Os “leões-de-chácara” sem maiores dificuldades conduziram para fora do cabaré o atleta, que de repente se fizera muito humilde e cordato: “Não sou de briga. Só luto por dinheiro. Sou um profissional. O menino me agrediu. Tenho testemunhas”.

Rodrigo levou Pudim de volta para a mesa e conseguiu acalmá-lo, impedindo que ele corresse para fora, para continuar a briga em plena rua. Zita, toda trémula e de olhos úmidos, murmurava caríno mio, carino mio, e acariciava com a ponta dos dedos o rosto do amante.

Rodrigo queria saber como havia começado a história, mas Pudim, ainda ofegante, nada esclareceu. Limitava-se a beber e a murmurar palavrões. O Treponema Pálido acercou-se da mesa e, muito excitado, contou que a coisa começara quando o bagualão quisera obrigar Zita a dançar com ele, “nas barbas do nosso Pudim”.

— Quem é o tipo? - perguntou Rodrigo.

— Imagine, doutor, é um campeão de luta romana. Está se exibindo no Coliseu. Não ouviu falar? Apresenta-se com o nome de “Maciste Brasileiro”. — Lançou para Pudim um olhar de admiração. — Eta bichinho bom!

— Raspa, espiroqueta! - gritou Rogério.

Continuou a beber e meia hora mais tarde estava caído sobre a mesa, ressonando.

Rodrigo chamou o garçom, pagou a despesa e a seguir pediu a dois dos “leões-de-chácara” que transportassem Pudim para o quarto de Zita, que ficava num segundo andar, do outro lado da rua.

A operação foi fácil e rápida. A húngara mandou pôr o amigo sobre sua cama, tirou-lhe a gravata, desabotoou-lhe o colarinho, e depois embebeu um chumaço de algodão em arnica e fez-lhe um curativo nos pontos equimosados do rosto.

Rodrigo gorjeteou generosamente os dois empregados do cabaré. E quando estes se retiraram, ele ficou a andar dum lado para outro no

quarto. Estava excitado, sabia que lhe ia ser difícil dormir aquela noite. Olhava fixamente para o decote da rapariga, e teve um súbito desejo de morder-lhe as costas.

Pudim roncava, de boca aberta. Agora, no sono, mais se lhe acentuavam os traços juvenis. A húngara ergueu-se e convidou Rodrigo para sair do quarto. Na exígua sala de visitas, havia um sofá estofado de veludo verde, sobre o qual se afofavam almofadas de seda amarela. Uma boneca de pano vestida à tirolesa jazia atirada sobre uma poltrona.

Rodrigo debatia-se numa confusão de sentimentos. Era concebível que o deputado que aquela manhã fizera um discurso tão sério e decisivo na Assembleia dos Representantes pudesse estar agora ali, naquela casa, àquela hora e naquela companhia?

Santo Deus, quando é que vou criar juízo? Sentou-se no sofá, acendeu um cigarro. A húngara, sempre de pé, mirava-o como a esperar qualquer coisa dele… Rodrigo fumava e refletia. Se eu agarro essa menina e ela grita, tenho de fazer uma violência e vai ser o diabo. Se não agarro e vou me embora, corro o risco de passar a noite inteira em claro, irritado e desmoralizado. Agarro ou não agarro? Ergueu os olhos. Achou que a rapariga sorria dum jeito provocante. Ragazza mia - murmurou, deixando o cigarro no cinzeiro e erguendo-se. Ela continuava imóvel. Rodrigo enlaçou-a, beijou-lhe os lábios e arrastou-a para o sofá.

Antes de deixar o quarto da húngara, uma hora mais tarde, escreveu um bilhete para o amigo: Pudim velho de guerra: Não te esqueças da aposta. Palavra é palavra.. Espero-te na estação, à hora da saída do noturno. Um abraço do teu R.

No dia seguinte, porém, teve de embarcar sozinho, pois o outro não apareceu. No trem já em movimento, pôs-se a pensar… Afinal de contas talvez tivesse sido melhor assim. O rapaz só lhe poderia trazer incómodos. Pensou no trabalho que ia ter nos próximos dias com a campanha eleitoral; imaginou a cara que o pai e a tia iam fazer ao vê-lo entrar no Sobrado cabresteando o Pudim de Cocaína, com toda a sua devassidão estampada na cara pálida. Concluiu que Deus escrevia direito por linhas tortas.

Teve na estação de Santa Fé uma recepção festiva. Ao saltar do trem caiu nos braços dos amigos. Lá estavam, além do irmão, do Neco, do Chiru, do velho Liroca e do coronel Cacique, todos os machos das famílias Macedo e Amaral, e um grande número de outros federalistas. Rodrigo perdeu-se numa floresta de lenços vermelhos. “Grande discurso!” - diziam. “Um gesto muito digno!” - e os abraços não cessavam. “Atitude de homem!” - Chiru ergueu o chapéu e berrou: “Viva ao dr. Assis Brasil!”

O Liroca tinha lágrimas nos olhos. Juquinha Macedo quis saber

qual havia sido a reação da bancada republicana ao “discurso-bomba”.

Toríbio pegou do braço do irmão e empurrou-o na direção da saída, murmurando: “A pústula do Amintas já começou a ofensiva”. Tirou do bolso um número d"A Voz da Serra. No alto da primeira página, em letras negras e graúdas, lia-se “Chega hoje o traidor vira-casaca”. Rodrigo parou, tentou ler o artigo que se seguia, mas não pôde. As letras se lhe embaralhavam diante dos olhos, um calor sufocante invadia-lhe o peito, subia-lhe à cabeça, estonteando-o. “Cachorro” - rosnou com dentes cerrados.

E dali por diante não prestou mais atenção ao que lhe diziam ou perguntavam. Só tinha um pensamento, um desejo: quebrar a cara do Amintas, o quanto antes, o quanto antes…

— O Velho está no Angico - informou Toríbio ao entrarem no automóvel.

— Tanto melhor… - respondeu. Voltou-se para Neco e Chiru e disse, duro: - Vocês vão conosco no carro.

Fez um gesto de agradecimento para os amigos que o haviam seguido até o automóvel.

— Bento - disse ao chofer - , toque ligeiro pela rua do Comércio. Quando for para parar, eu te digo.

O Ford arrancou e se foi, meio aos trancos, sobre o calçamento irregular. Rodrigo estava silencioso e carrancudo, o suor a escorrerlhe pelo rosto. Chiru contava as novidades. O Madruga mandara espancar um comerciante do quarto distrito: o homem estava no hospital todo quebrado… Os capangas do intendente andavam percorrendo o interior do município distribuindo boletins de propaganda e ameaças. Haviam convencido os colonos de que, se votassem em Assis Brasil, teriam seus impostos municipais e estaduais aumentados. Os gringos e os lambotes estavam amedrontados.

Rodrigo parecia não escutá-lo. Levava nas mãos crispadas o exemplar d'A Voz da Serra. Neco, que farejara barulho, apalpou o revólver que trazia à cintura e trocou com Toríbio um olhar significativo. Só Chiru, que não cessava de falar, parecia não ter compreendido a situação. E quando Rodrigo mandou parar o carro à frente da redação do jornal de Amintas Camacho, na quadra fronteira à praça Ipiranga, perguntou surpreendido: - Ué? Por que paramos aqui? Rodrigo rosnou: - Vamos iniciar festivamente a nossa campanha, Chiru. Fiquem aqui prontos para o que der e vier. Garantam a nossa retaguarda. Vamos, Bio!

Desceu do cano e entrou na redação. Toríbio seguiu-o, a dois passos de distância.

Havia apenas dois homens na sala da frente: um deles devia ser o revisor, o outro era Amintas Camacho. Estava sem casaco, de mangas arregaçadas, sentado a uma mesa, a escrever. Ambos ergueram a

cabeça quando os irmãos Cambará entraram. Amintas empalideceu, pôs-se de pé, fez menção de fugir. Mas antes que ele tivesse tempo de dar dois passos, Rodrigo com as costas da mão aplicou-lhe no rosto uma bofetada tão violenta, que o diretor d'A Voz soltou um gemido e caiu de costas. Quando o companheiro quis socorrê-lo, Toríbio, de revólver em punho, gritou: - Não se meta!

O outro ficou como que petrificado, os olhos arregalados de espanto, as mãos trémulas. E Rodrigo, que saltara sobre Amintas, agora acavalado nele de novo o esbofeteava, à medida que gritava: "Crápula! Sacripanta! Cafajeste! Pústula!" Cada palavra valia uma tapona. E o jornalista, a cara lívida, respirava estertorosamente, gemendo "Meu Deus! Socorro!" - mas com uma voz engasgada, quase inaudível. Sem sair de cima de Amintas, Rodrigo rasgou em vários pedaços a folha do jornal que trazia o artigo insultuoso, e atochou-os na boca do escriba.

— Engole a tua bosta, corno duma figa!

Depois ergueu-se, limpou as joelheiras das calças, olhou em torno e, numa fúria, fez tombar a mesa com um pontapé. O tinteiro caiu e uma longa mancha de tinta azul espraiou-se no soalho.

Amintas ergueu-se devagarinho, cuspinhando pedaços de papel que lhe saíam da boca manchados de vermelho. Uma baba sanguinolenta escorria-lhe pela comissura dos lábios.

Rodrigo mirou-o com desprezo e disse: - Me mande a conta do dentista. Eu pago.

Fez meia-volta e se foi. Antes de sair, Toríbio soltou uma cusparada no soalho. Entraram ambos no automóvel, onde Chiru, Neco e Bento estavam todos com os revólveres na mão. Na calçada alguns curiosos haviam parado, sem saberem ao certo o que estava acontecendo. A operação toda durara menos de cinco minutos.

Agora, a caminho do Sobrado, Rodrigo respirava, aliviado, e já sorria. Minutos depois estava nos braços de Flora, recebia as primeiras "chifradas" de Eduardo, erguia Alicinha e Bibi nos braços, beijava-lhes as faces e, entre um beijo e outro, perguntava: "Onde está o Floriano?" - "E a Dinda?" - "E o Jango?"

Toríbio contou às mulheres da casa o que se passara havia pouco na redação d'A Voz da Serra. Flora ficou alarmada. Maria Valéria olhou para o sobrinho e murmurou: "Começou a inana outra vez".

Rodrigo almoçou com uma pressa nervosa, contando o efeito que seu discurso produzira na Assembleia.

Naquele mesmo dia, à tardinha, chamou ao Sobrado Arão Stein e fez-lhe uma proposta.

— Tenho lá embaixo no porão uma caixa de tipos completa e uma impressora. Se trabalhares todo este mês que vem, compondo e imprimindo um jornalzinho de quatro páginas, podes depois ficar com

toda essa tralha, de mão beijada. Está?

Stein pareceu hesitar.

— Propaganda da Aliança Libertadora?

— Não me digas que és borgista…

— Não, mas quero deixar bem claro que não acredito também no dr. Assis Brasil.

— E que tem isso?

— Pode parecer uma incoerência. Todo mundo conhece minhas ideias. Tanto o dr. Borges como o dr. Assis não passam de representantes da plutocracia do Rio Grande.

— Mas não disseste ao Bio que querias comprar uma tipografia?

— Disse, mas…

— Então. Achas o meu preço alto demais?

Stein encolheu os ombros. Rodrigo tomou-lhe do braço.

— Deixa de bobagem. A causa é boa. Terminada a campanha, mandas desinfetar os tipos e a máquina, para matar os micróbios capitalistas, e daí por diante põe a tipografia a serviço de tuas ideias. Não te parece lógico?

— Está bem.

Apertaram-se as mãos. Na semana seguinte Stein começou a trabalhar e o primeiro número d'O Libertador apareceu. Na primeira página trazia um artigo de fundo de Rodrigo, atacando o borgismo do ponto de vista ideológico. Na segunda, vinha uma biografia do dr. Assis Brasil. O resto eram notícias políticas e avisos ao "eleitorado livre do Rio Grande".

Comentava-se em Santa Fé que Amintas Camacho ia processar Rodrigo Cambará por agressão física e invasão de domicílio. Dizia-se também que Laço Madruga, quando agora se referia aos assisistas locais, chamava-lhes "os mazorqueiros".

Estava declarada a guerra entre a Intendência Municipal e o Sobrado.

Por aqueles dias entrou em júri um dos mais temidos capangas de Laço Madruga, que havia assassinado por motivos fúteis um pobre homem, pai de cinco filhos. O bandido era conhecido pela alcunha de Malacara, por causa do gilvaz esbranquiçado que lhe riscava a face esquerda, num contraste com a pele bronzeada. Madruga, que estava empenhado em livrar o bandido da cadeia, pois precisava dele para a campanha eleitoral, havia já tomado todas as medidas para assegurar-lhe a absolvição. Peitara todos os cidadãos que por sorteio iam constituir o júri, usando ora o suborno ora a ameaça, de acordo com o caráter de cada um. Conseguira intimidar o juiz de comarca, que se encontrava em casa, de cama, com uma tremenda diarreia. Interessados em que se fizesse justiça, Rodrigo e seus companheiros decidiram visitar o magistrado para lhe dizerem que estavam

dispostos a garantir-lhe a vida e a integridade física, a fim de que ele se pudesse manifestar livremente de acordo com sua consciência e com a Lei.

O homem, porém, recusou-se a recebê-los, alegando que não se metia em política. Corria também o boato de que o dr. Miguel Ruas, o promotor, havia sido chamado à presença do intendente, que lhe dera ordem expressa de não "fazer carga" contra o réu.

No dia do julgamento a sala do júri, no segundo andar do edifício da Intendência, ficou atestada de gente. Os guardas municipais - nos seus uniformes de zuarte com talabartes de couro preto, altos quepes de oficial francês, espadagões e grandes pistolas Nagant à cinta - montavam guarda à porta e lançavam olhares sombrios para cada indivíduo que entrava com o distintivo maragato. O primeiro deles foi Liroca, que trazia no pescoço um lenço encarnado que a Rodrigo pareceu amplo como um lençol.

O velho entrou de braço dado com Toríbio. Este sentia, como uma corrente elétrica, o tremor que sacudia o corpo do amigo.

— Que é isso, Liroca? Estás tremendo. Frio não é, pois está fazendo 38 à sombra.

— Acho que é malária - balbuciou o velho federalista, sorrindo. — Malária da braba, sem cura.

Aquilo sim, era coragem! - refletiu Toríbio. José Lírio tremia de medo mas ainda assim tinha ânimo para fazer pilhéria. O corpo era fraco, clamava por paz e segurança, suas pernas amoleciam, mas a vontade do homenzinho ordenava: "Vamos, Liroca! Honra a cor desse lenço!" E o espírito vencia o corpo, arrastava a carne vil. E ele entrava na Intendência, subia as escadas, ia esfregar aquele pano vermelho no focinho dos "touros" do Madruga.

Momentos mais tarde Licurgo entrou taciturno na sala do júri, acompanhado de Rodrigo, Neco e Chiru. Foram os quatro sentar-se numa fila de cadeiras onde já se encontravam alguns Macedos e Amarais. Fazia um calor úmido e opressivo. Pelas janelas escancaradas viam-se pedaços de um céu pesado de nuvens cor de ardósia. Cuca Lopes andava dum lado para outro, ágil como um esquilo, a cara reluzente de suor. No exercício de suas funções de oficial de justiça parecia um sacristão a acolitar uma missa.

Havia no ar um zunzum de conversas abafadas. O juiz de comarca tomou o seu lugar.

Estava com a cara cor de cidra, os olhos no fundo das órbitas, como a se esconderem de medo.

Foi feito o sorteio dos jurados. À medida que os nomes iam sendo lidos, Rodrigo murmurava para o pai: "Estamos perdidos". — "Vamos ter um júri inteiramente republicano."

— "Canalhas!"

Licurgo continuava calado, mordendo e babando o cigarro de palha apagado.

Rodrigo olhou para o réu. O Malacara estava sentado no seu banco, em mangas de camisa, bombachas de brim claro. Um lenço branco encardido envolvia-lhe o pescoço.

Tinha a melena lisa, dum preto fosco e sujo, cujo cheiro rançoso Rodrigo imaginou, franzindo o nariz. Os olhos do capanga lembravam os dum bicho. Porco? Cavalo?

Não. Lagarto. Sim, o sicário tinha algo de réptil. Rodrigo pensou no pobre homem que o bandido assassinara e teve ímpetos de erguer-se e ali mesmo espancar o Malacara.

Havia poucos minutos, ao saírem de casa, tivera com o pai um rápido diálogo, tenso e desagradável.

— O senhor vai me prometer, sob palavra de honra, não provocar nenhum barulho na sala do júri.

— Ora, papai, o senhor sempre me trata como se eu fosse um desordeiro.

— Não é desordeiro mas é esquentado e afoito.

— Mas se não mostramos a esses chlmangos que não temos medo e estamos dispostos a tudo, eles nos encilham e montam!

— É, mas precisamos continuar vivos, j'ouviu? Vivos, pelo menos até o dia da eleição.

O Velho tinha razão. Se fossem trucidados dentro da Intendência, onde seriam minoria, não poderiam fazer a campanha eleitoral nem votar.

— Prometa - repetiu o Velho.

— Prometo.

— Então vamos - disse Licurgo, metendo o revólver no coldre que trazia ao cinto.

O advogado de defesa, genro de Laço Madruga, formara-se em direito havia apenas um ano. Era um moço de ar tímido que tinha o cacoete de, a intervalos, levar um dedo à ponta do nariz para espantar moscas imaginárias.

Quando o promotor apareceu, Toríbio inclinou-se para Liroca e cochichou: - Parece uma garça.

Trajava o dr. Miguel Ruas uma roupa de linho branco muito justa ao corpo, camisa de seda creme e gravata negra de malha. Estava mais pálido que de costume.

— Que é que tu achas, Bio? - perguntou Liroca. — O promotor acusa ou não acusa?

— Acho que já deve estar todo borrado de medo. A coisa está perdida. Podiam até soltar o Malacara. Este júri vai ser uma farsa.

José Lírio pregueou os lábios numa careta de dúvida. Seu narigão purpúreo, pontilhado de cravos negros, reluzia. Os bigodes de piaçava

pareciam aquela manhã mais tristes e caídos que nunca.

— Pois eu cá tenho um palpite que esse menino vai nos dar uma surpresa…

— Deus te conserve a fé!

De vez em quando se ouvia um pigarro, alguém limpava o peito encatarroado. Rodrigo encolhia-se, vendo mentalmente o escarro escarrapachar-se no chão como uma mancha de pus. Quando era que aquela gente ia aprender bons modos?

Veio de longe o rolar da trovoada.

— O calor está ficando insuportável - murmurou Chiru, erguendo-se e tirando o casaco.

Rodrigo voltou a cabeça para trás e disse: - Cuidado. Ficaste com o teu "canhão" à mostra. Vão pensar que é provocação…

Chiru, de novo sentado, murmurou: - Eles que tentem me desarmar… Mostro a essa chimangada quem é o filho do meu pai.

Licurgo voltou-se e lançou-lhe um olhar severo de censura: - Pare com essas fanfarronadas - ordenou, ríspido.

O outro ficou vermelho e, para disfarçar o embaraço, desfez e tornou a fazer o nó do lenço.

O promotor subiu com um pulinho feminino para cima do estrado, aproximou-se do juiz e segredou-lhe algo ao ouvido. O magistrado escutou-o, sacudindo a cabeça afirmativamente.

Naquele instante exato Laço Madruga fez sua entrada no recinto, cercado de seus capangas e ladeado pelo Amintas Camacho, que lhe segurava o braço. Havia na face do jornalista uma mancha dum vermelho arroxeado. "A minha marca" - refletiu Rodrigo, satisfeito.

O coronel Madruga não tinha mudado muito naqueles últimos anos durante os quais, como herdeiro do famigerado Titi Trindade, exercera a chefia do Partido Republicano local. Era um homem de meia altura, corpulento e obeso, de cara redonda e cheia, cabeleira basta e espessos bigodes que negrejavam acima dos beiços polpudos, dum vermelho que Rodrigo achava indecente. Vestia uma fatiota de brim claro, muito mal cortada, e trazia como sempre sua grossa bengala com castão de marfim. Cumprimentando com um sinal de cabeça os amigos e correligionários, sentou-se no lugar que lhe estava reservado na primeira fila, a pequena distância da mesa junto da qual se haviam instalado os jurados. Ali ficou, de pernas abertas, o ventre tombado sobre as coxas entre as quais aninhara o bengalão. Voltou a cabeça para trás e por alguns instantes ficou a olhar o público com seus olhinhos desconfiados e ao mesmo tempo autoritários.

Rodrigo sentia agora uma sede desesperada. Pensava numa cerveja gelada, imaginava contra a face o contato frio do copo embaciado, sentia na boca o gosto meio amargo e picante da bebida e - glu-glu-glu - o líquido frio a descer-lhe pela garganta, pelo esôfago,

caindo-lhe no estômago como um maná… Ah! Lambia os 'ábios sedentos, revolvia-se na cadeira dura, sem encontrar posição cômoda. Via, num mal-estar, o suor escorrer pelo pescoço do homem que estava à sua frente, de colarinho empapado.

Nova trovoada fez matraquear as vidraças da sala.

Laço Madruga puxou um pigarro agudíssimo. As sobrancelhas do promotor se ergueram, seus olhos fitaram, num misto de curiosidade e espanto, o intendente municipal.

O julgamento finalmente começou. E quando o juiz deu a palavra ao promotor público, Miguel Ruas abotoou o casaco cintado, empertigou-se e começou a falar. Tinha uma voz grave, de timbre metálico, que enchia a sala, cantante e persuasiva.

O meritíssimo juiz de comarca e os senhores jurados bem sabiam que a função do promotor não é propriamente a de, como um inquisidor implacável, acusar sempre, seja qual for o caso. Um homem pronunciado não é necessariamente um homem culpado. Quantas vezes na história da Justiça vira-se o promotor na posição de, para ser fiel ao espírito da Lei e sincero consigo mesmo, pedir ou, pelo menos, insinuar a absolvição do réu?

— Estamos perdidos - murmurou Rodrigo. — O patife do Ruas está encagaçado. Não vai acusar.

Licurgo limitou-se a soltar um ronco de aquiescência. Laço Madruga escutava, cofiando o bigodão. O réu olhava para o promotor com a fixidez duma cobra que procura hipnotizar um pinto.

Rodrigo foi de súbito tomado dum nojo de tudo aquilo, daquele ambiente que cheirava a suor humano, sarro de cigarro e sangue. Sim. Toda aquela gente, o Madruga, seus capangas, os guardas municipais, todos tinham as mãos, as espadas, as faces sujas do sangue dos homens e mulheres que haviam matado, ferido, torturado… Todos fediam a sangue! Não havia mais salvação. Teve gana de gritar, desejou sair para a rua, respirar o ar livre, voltar para casa, meter-se num banho, beber algo muito gelado e limpo… esquecer toda aquela miséria.

O promotor havia feito uma pausa. Mediu os jurados com o olhar e disse: - Entra hoje em julgamento Severino Romeiro, acusado de crime de homicídio. Sei que o meu caro colega, o ilustre advogado do réu, vai alegar legítima defesa…

O genro de Madruga espantou a mosca invisível que lhe pousara na ponta do nariz.

— Vai alegar - continuou o dr. Ruas - que todos os depoimentos são unânimes em afirmar que Severino Romeiro matou Pedro Batista depois duma discussão durante a qual a vítima puxou duma adaga com a intenção de assassiná-lo. Cinco depoimentos de pessoas que a defesa considera idôneas afirmam isso. Se o caso é assim, senhores do

conselho de sentença (e neste ponto o promotor abriu os braços, como um crucificado), não temos nenhuma dificuldade: a questão é líquida e nada mais podemos fazer senão mandar o réu para casa, devolver esse cidadão benemérito ao convívio de seus parentes e amigos…

— Canalha - resmungou Rodrigo. — Não me entra mais no Sobrado!

Madruga tornou a pigarrear. Sua bengala tombou com um ruído seco. Liroca teve um sobressalto. O juiz de comarca estremeceu, soergueu-se na cadeira como para fugir.

Os guardas municipais alçaram as cabeças, como cobras assanhadas.

O promotor apontou para o réu com o indicador retesado: - Tudo estaria maravilhosamente claro, seria admiravelmente simples se todas essas coisas fossem verdadeiras. — Alteou a voz. — Mas não são!

E o promotor transformou-se. Não era mais o dançador de foxtrotes, o macio amiguinho das moças. Seu rosto ganhou subitamente uma masculinidade antes insuspeitada, seus traços como que endureceram, a pele da face retesou-se sobre os maxilares; lábios e narinas palpitaram: o olhar adquiriu um brilho de aço, e de sua boca, agora amarga, as palavras saíam sibilantes e explosivas como balas: - Não, senhores jurados! A coisa não é assim como vai descrevê-la o advogado de defesa! Na qualidade de promotor público quero provar, primeiro, que não houve legítima defesa, mas sim um caso puro, simples e odioso de homicídio frio e premeditado!

Laço Madruga estava na ponta da cadeira, ambas as mãos apoiadas no castão da bengala, os olhos entrecerrados, uma expressão de indignado espanto no rosto que aos poucos se fazia da cor de lacre.

A comoção era geral. A atmosfera da sala estava agora carregada duma eletricidade que não vinha apenas das nuvens de tempestade.

— Segundo - prosseguiu o dr. Ruas - , vou provar que a vítima foi morta pelas costas, notem bem, pelas costas com três balaços. Terceiro, que ela não tinha consigo nem sequer um canivete, pois era pessoa de hábitos morigerados e muito querida no meio em que vivia. Quarto, que todos os cinco depoimentos que a defesa vai apresentar são falsos!

O juiz olhava perdidamente para Laço Madruga, afundando cada vez mais na cadeira, como se quisesse refugiar-se debaixo da mesa.

O promotor agora se agitava numa espécie de dança até então desconhecida daquela gente. Saltava dum lado para outro, erguia os braços, sacudia a cabeça. Disse que todo o mundo sabia que o Malacara era um assassino profissional, com várias mortes nas costas.

— E se me perguntardes, senhores jurados, senhor juiz, meus senhores, que testemunhas invoco, eu vos direi que invoco os cinco filhos e a mulher da vítima que presenciaram, imobilizados pelo

espanto e pelo terror, a esse crime hediondo. Sim, meus senhores, provarei todas essas coisas e pedirei para esse assassino, para esse criminoso assalariado a pena máxima!

Na cara dos jurados havia uma expressão de medrosa surpresa. Alguns deles tinham os olhos baixos. Mas a fisionomia do réu continuava impassível, e seus olhos de réptil continuavam a fitar o promotor público.

Um trovão fez estremecer as vidraças.

Era mais de meio-dia quando Licurgo, Rodrigo e Toríbio voltaram para o Sobrado. As mulheres os esperavam com uma pergunta ansiosa nos olhos. Rodrigo contou: - O promotor fez uma acusação brilhante e corajosa. Foi a maior surpresa da minha vida. Pensei que o Ruas ia se acovardar.

— Mas o Malacara foi absolvido por unanimidade - adiantou Licurgo. — É uma vergonha!

Toríbio passou o lenço pelo pescoço.

— Quando o advogado de defesa se saiu com aquelas mentiras, tive vontade de cuspir no olho dele.

Rodrigo, que abrira uma garrafa de cerveja, agora mamava nela a grandes sorvos.

— Não vá se engasgar - recomendou Maria Valéria. Naquele instante o aguaceiro desabou. Toríbio tirou a camisa e, descalço e de bombachas, saiu para o quintal e ali ficou de cara voltada para o alto, recebendo a chuva em cheio na cara. Duma das janelas dos fundos da casa, Maria Valéria gritou: - Venha para dentro, menino. A comida está servida. Durante o almoço Flora mostrou-se apreensiva. Que iria acontecer agora ao promotor?

— Está marcado na paleta - disse Rodrigo. — Não deixamos o Ruas voltar sozinho para o hotel quando o júri terminou. Levamos o homem no meio duma verdadeira escolta.

Ele dizia: “Pelo amor de Deus, não se incomodem. Não vai me acontecer nada!”

— E tu achas que vai? - perguntou Flora.

— Acho.

Não se enganava. Na noite daquele mesmo dia, ao sair do cinema aonde tinha ido ver uma fita de Mary Miles Minter, sua atriz predileta, o dr. Miguel Ruas foi espancado por dois desconhecidos. Contava-se que a coisa tinha acontecido com uma rapidez de relâmpago. Dois homens não-identificados o haviam agarrado a uma esquina da rua do Comércio, arrastando-o para uma transversal onde a iluminação era precária. E os que passavam nas proximidades naquele momento ouviram gritos, gemidos e o ruído de golpes, seguidos dum silêncio. Encontraram o promotor caído na sarjeta, sem sentidos, com o rosto e a roupa cobertos de sangue.

Rodrigo e Toríbio levaram-no para o Sobrado, onde o dr. Carbone lhe fez os primeiros curativos. Tinha duas costelas quebradas e um pé deslocado, além de equimoses generalizadas por todo o corpo, principalmente no rosto. Uma mancha arroxeada circundava-lhe o olho esquerdo, cuja pálpebra, bem como os lábios, havia inchado assustadoramente.

Estava irreconhecível. Ao vê-lo, Flora desatou a chorar. Levaram-no para o quarto de hóspedes. Rodrigo mandou buscar as malas do promotor no hotel, dizendo: "Ele só sai daqui curado, direito para a estação. Ou então fica dentro do Sobrado enquanto durar essa situação e só voltará para o hotel no dia em que o Chimango sair do Palácio do Governo e nós tirarmos o Madruga da Intendência a rabo-de-tatu".

Estava indignado, imaginava represálias: armar os amigos e correligionários, correr à casa do sátrapa municipal e liquidar a história duma vez. Pensava também em gestos românticos: desafiar o intendente para um duelo, a pistola ou a espada, como ele quisesse…

Quando Miguel Ruas recuperou os sentidos e pôde falar, Rodrigo estava ao pé da cama.

— Quem foi? - perguntou o promotor.

— Capangas do Madruga.

— É grave?

— Grave, não, mas o dr. Carbone diz que tens de ficar de cama por umas três ou quatro semanas.

O promotor cerrou os olhos. Depois pediu um espelho, mirou-se nele e, voltando-se para Rodrigo, disse algo que o deixou estarrecido.

— Vou perder o réveillon do Comercial. Que pena! Tinha mandado fazer um smoking especialmente para esse baile!

Sentado à mesa do consultório, Rodrigo amassou o jornal e, num gesto brusco, atirou-o ao chão, erguendo depois os olhos para o dr. Carbone, que acabara de entrar.

— Algum infortúnio, carino?- perguntou o cirurgião. Vinha da sala de operações e trazia o avental branco todo manchado de sangue.

Rodrigo sacudiu a cabeça negativamente. O italiano olhou para o número d'A Federação que estava a seus pés e sorriu, sacudindo a cabeça. Acendeu um cigarro, sentou-se e com a primeira baforada de fumaça soltou um longo suspiro sincopado.

— Ah! Que manhífica, fortunatíssima operação! Uma laparotomia.

Baixinho, franzino, barbudo e ensanguentado, parecia um gnomo que acabara de carnear um gigante. Como quem recita um belo poema, começou a contar minúcias da operação que praticara havia poucos minutos. E a descrição foi tão vívida e apaixonada, que Rodrigo teve a impressão de que as vísceras do operado rolavam visguentas pelo soalho. Por que o homenzinho não tirava o avental

sujo de sangue? Que mórbido prazer parecia sentir aquele carniceiro em ruminar a operação! O pior era quando ele surgia com boiões cheios de álcool contendo apêndices supurados, pedaços de estômagos e tripas, e até fetos. E era por causa de coisas assim que Rodrigo recusava os convites que os Carbone repetidamente lhe faziam para jantares, pois sabia que aquelas mãos que abriam ventres humanos e remexiam vísceras eram as mesmas que preparavam o cabrito alia cacciatora e os fetuccini. O diabo do gringo cozinhava com a mesma volúpia e habilidade com que operava.

Os olhos de Rodrigo estavam fitos no jornal, e ele já não escutava mais o palavrório do cirurgião. Pensava ainda com despeito e uma raivinha fina em que mais uma vez A Federação silenciava sobre seu gesto de rebeldia na Assembleia. O Collor era mesmo um sujeito implicante! Desde que pronunciara seu discurso contra Borges de Medeiros, renunciando à deputação, Rodrigo esperava que o órgão oficial do Partido Republicano assestasse as baterias contra ele, dando-lhe a oportunidade, que tanto desejava, para um debate público. Mas qual! A Federação limitara-se a transcrever parte de seu discurso, como era de praxe. Nada mais. Abstivera-se de fazer qualquer comentário ao fato, como se a defecção pública e. ruidosa dum deputado governista em plena campanha eleitoral não tivesse a menor importância. Collor martelava todos os dias o candidato da oposição, em editoriais cuja boa qualidade muito a contragosto Rodrigo tinha de reconhecer.

Num deles chamara a Assis Brasil “candidato bifronte”, pois que tendo sido sempre presidencialista, agora o castelão de Pedras Altas se travestia vagamente de parlamentarista, para coonestar sua candidatura maragata à presidência do Estado.

Carbone explicava agora ao amigo a razão por que sangue não lhe causava repugnância. Achava que Rodrigo, como a grande maioria das pessoas, tinha medo às palavras.

Para vencer esse temor supersticioso, o melhor remédio era recitar todos os dias pela manhã - antes do café, se possível - as palavras ou frases mais tremendas, como por exemplo “Morrerei hoje, serei enterrado amanhã, estarei putrefato depois d'amanhã” ou “Quem me dera um bom tumor maligno no cérebro!” ou ainda: “Passarei o resto de meus dias paralítico, hemiplégico e cego de ambos os olhos”. Aconselhava, como um requinte, que o paciente em vez de recitar cantasse essas frases com a música de alguma ária de ópera. Porque o dr. Carlos Carbone achava que o essencial era perder o medo a vocábulos e frases que, na sua opinião, eram como que façanhudos cães de guarda dos fatos, das coisas e das ideias. O diabo não é tão feio como se pinta. A palavra tracoma talvez seja mais terrível que o tracoma propriamente dito.

Há criaturas que, sendo incapazes de pronunciar ou escrever a palavra puta (tão natural em tantas línguas!), aceitam a existência da prostituição como coisa natural e às vezes até se servem dela. Porque - tu sabe, carino - o que importava era quebrar o encanto das palavras, enfrentar esses monstrinhos de nossa própria invenção, tratar de debilitá-los, tornando-os inofensivos. Uma vez transposto o muro que a linguagem ergue entre nós e as coisas que representam, poderemos abraçar, aceitar a vida, sem temor nem repugnância.

Carbone fizera toda a guerra como coronel-médico do Exército italiano. Muitas vezes tivera de operar dentro de casamatas sob intenso bombardeio, ou a céu aberto, a menos de um quilômetro da linha de fogo. Tivera assim a oportunidade de analisar-se diante do perigo, descobrindo, a duras penas, que lhe era mais fácil dominar o medo e fazer cessar o tremor das mãos quando enfrentava os fatos - o ribombo do canhão, o sibilar das balas, o estouro das granadas - sem o auxílio de palavras como perigo, morte, sangue, mutilação, dor…

— Que coisa te sucede? - perguntou Carbone, pondo-se de pé, num pulo, como um boneco de mola, ao perceber que o amigo não prestava a menor atenção ao que ele dizia.

Rodrigo contou-lhe por que estava irritado e terminou com estas palavras: - O Collor está me cozinhando em água fria.

— Mas quê! - animou-o o cirurgião, aproximando-se do outro e tocando-lhe o ombro. Rodrigo encolheu-se e gritou: - Não te encostes em mim, Carbone. Estás com o avental imundo!

O cirurgião soltou sua risada empostada e musical em a aspirado.

— O horror ao sangue! Descendente de guerreiros e degoladores e com medo de sangue!

Tirou o avental, fez com ele uma bola e, abrindo a porta do consultório, atirou-o para o corredor. Rodrigo tamborilava na mesa com o porta-papel. O italiano, que recendia a desinfetante, tornou a aproximar-se.

— Pensa, carino, na grã carta que te escreveu Assis Brasil. Isso é que vale.

— Sim - concordou Rodrigo. O grande homem lhe escrevera uma bela carta felicitando-o pelo "gesto de tão grande desassombro cívico e agradecendo-lhe pela solidariedade política. Mas o que ele, Rodrigo, queria era que A Federação fizesse um grande ruído em torno do caso, atacando-o pessoalmente em editoriais, para darlhe o ensejo de responder pela Última Hora ou na “Seção Livre” do Correio do Povo, com grande proveito para a causa da oposição.

— Ah! - exclamou de repente. — Antes que me esqueça. Vou mandar imprimir boletins de propaganda em italiano, para distribuí-los em Garibaldina. Vamos, Carbone.

Pega esse lápis. Eu dito em português e tu traduzes a coisa para

língua de gringo. Aqui, usa o meu bloco de papel de receitas. Pronto?

— Prontíssimo.

— Ao bravo eleitorado de Garibaldina. Carbone começou a escrever. Rodrigo continuou: - Aproxima-se o dia decisivo… Não. Espera…

O outro ergueu a cabeça. Seus olhinhos vivos como mercúrio fitaram o amigo. Sob os bigodes castanhos, os lábios muito vermelhos descobriam os dentes fortes e amarelados.

— É um desaforo. Afinal de contas, se estamos no Brasil, por que havemos de imprimir esse boletim em italiano?

Carbone ergueu-se.

— Bravo!

— Temos de ir lá numa caravana e fazer um comício com discursos em português. E vamos também a Nova Pomerânia. Vai ser duro. O pessoal da colônia está atemorizado.

Do corredor veio uma voz de mulher: - Cario! Cario!

Dona Santuzza, a esposa do cirurgião, irrompeu no consultório. Foi uma perfeita entrada em cena de prima-dona operática. Rodrigo sorriu, imaginando Carbone a atirar-se l sobre ela, soltando um dó de peito.

— malato sta rnale - disse ela, ofegante. Alta, corada, de grandes seios, era um mulheraço.

— Ma che malato?

— Quello che hai operato ieri. II tedesco… Carbone deu uma palmada na própria testa.

— Accidenti! - exclamou. E precipitou-se para o corredor acompanhado pela mulher.

Rodrigo apanhou o chapéu e saiu, rumo do Sobrado, pensando em que era preciso começar os comícios nos distritos.

Naqueles dias o Comitê Pró-Assis Brasil de Santa Fé organizou várias caravanas de propaganda, que percorreram vários distritos do município. Em Garibaldina tiveram apenas oito pessoas no comício. Enquanto Rodrigo discursava, atacando em altos brados Borges de Medeiros e Laço Madruga - Toríbio, Chiru, Neco, três dos Amarais e cinco dos Macedos machos montavam guarda ao redor dele, cotm as mãos praticamente no cabo dos revólveres, pois os capangas da situação rondavam o grupo, rosnando provocações.

Em Nova Pomerânia, onde José Kern começava a ser uma figura de importância econômica e social, Rodrigo perdeu a paciência quando o teuto-brasileiro lhe disse: “O senhor não faz comício aqui porque a gente não somos políticos. O que queremos é trabalhar em paz”.

— Alemão patife! - berrou Rodrigo, segurando o outro pelas lapelas do casaco, como se quisesse erguê-lo no ar. — Nós fazemos

comício nesta merda de colônia à hora que quisermos, com ou sem o teu consentimento, estás ouvindo, cagão?

Largou o outro com uma careta de nojo, dirigiu-se para a praça, subiu para o automóvel de tolda arriada que os trouxera, e dali começou a convocar os colonos em altos brados. Quem tivesse vergonha, que fosse macho que viesse ouvi-lo! Os castrados, os covardes que ficassem em casa debaixo das saias das mulheres. Dois ou três colonos aproximaram-se, tímidos. Alguns ficaram olhando de longe, às esquinas ou debruçados nas janelas de suas casas. Um sujeito magro e louro acercou-se de Rodrigo e disse: - O subdelegado mandou pedir para os senhores irem embora imediatamente senão ele manda dissolver o comício a bala.

Rodrigo gritou: - Pois que mande! Que venha!

O único maragato que existia em Nova Pomerânia veio pouco depois contar-lhes que alguns colonos possuíam fuzis Mauser e estavam prontos para atirar, a uma ordem do subdelegado.

Toríbio queria começar logo o entrevero. Rodrigo consultou os amigos. Juquinha Macedo opinou: Se vocês querem ficar e aguentar o repuxo, eu fico. Mas acho que é loucura. Estamos em minoria e em posição desvantajosa. Essa alemoada pode nos comer na bala facilmente…

De cara fechada Rodrigo sentou-se no automóvel com os companheiros e deu sinal de partida. O Ford arrancou. Postado a uma esquina, as pernas abertas e a cabeça erguida, um “bombachudo” soltou uma risada e gritou: - Já se afrouxaram os assisistas!

Toríbio saltou do carro, correu para o homem e derrubou-o com um pontapé na boca do estômago. Depois voltou para o automóvel, que afrouxara a marcha, e pulou para dentro, dizendo: - Toca essa gaita!

Ficou de cabeça voltada para trás, rindo, vendo o grupo que aos poucos se formava em torno do homem que ele derrubara, e que se retorcia no chão, apertando o estômago com ambas as mãos.

À medida que se aproximava o dia das eleições, o nervosismo aumentava em Santa Fé. Na Intendência o entra-e-sai era interminável, e havia sempre cavalos encilhados no seu pátio. Nas horas mais inesperadas foguetes subiam ao ar e estouravam sobre a cidade alvoroçada. Curiosos corriam para a praça, e lá estava à frente do palacete municipal o último telegrama pregado num quadro-negro. “Mentiras!” - exclamava Rodrigo. “Infâmias!”

Abandonara por completo o consultório, entregando a Casa de Saúde aos Carbone e a farmácia ao Gabriel. Passava horas no porão do Sobrado com Arão Stein, tratando de preparar novos números d'O Libertador ou imprimindo boletins que Toríbio, Neco, Chiru e outros correligionários saíam a distribuir pela cidade. Chiru andava exaltado,

e não havia dia em que não repetisse: “Parece o tempo da campanha civilista, hein, Rodrigo?”

O coronel Barbalho não aparecia mais no Sobrado. Escrevera uma carta a Rodrigo dizendo que, em vista dos acontecimentos políticos, achava prudente recolher-se, pois como militar tinha a obrigação de manter-se neutro. Mas Rodrigo, a quem a paixão política tornava intolerante, achava que naquela questão não havia lugar para a neutralidade. Entre a ditadura e a democracia, entre a arbitrariedade e a Lei, entre o banditismo e a justiça não podia haver vacilações: todo o homem de bem tinha de tomar posição ao lado do assisismo. A farda não devia servir de desculpa. Afinal de contas, na questão contra Bernardes não havia o Exército tomado partido?

Cuca Lopes agora evitava Rodrigo, com medo de comprometer-se. (Votava sempre com o governo.) Cumprimentava o amigo de longe, com acenos frenéticos, mas não se aproximava dele, temendo ser interpelado. Quando o avistava na rua dobrava esquinas, escafedia-se para dentro de lojas, quase em pânico. Um dia Marco Lunardi, vermelho e desconcertado, abraçou Rodrigo, lançando para um lado e outro olhares assustados. “Me desculpe, dr. Rodrigo, mas o senhor sabe, de coração estou com os assisistas, mas não posso me manifestar senão o intendente me esculhamba o negócio, porca miséria!” Rodrigo assegurou ao amigo que compreendia a situação. Virou-lhe as costas e deixou-o no meio da calçada, sem lhe apertar a mão.

Licurgo também se ia aos poucos apaixonando pela causa, mas à sua maneira concentrada e taciturna. Se Rodrigo se consumia numa labareda, o Velho ardia como uma brasa coberta de cinza mas nem por isso menos viva. Rodrigo, entretanto, observava que o pai ainda sentia certo constrangimento por estar do lado dos maragatos naquela campanha. Afinal de contas habituara-se a vê-los como inimigos.

Alguns dos veteranos da Revolução de 93 ainda guardavam profundos rancores partidários. Contavam-se histórias que davam uma ideia dessa rivalidade, dessa malquerença mútua entre republicanos e federalistas. Muitos maragatos, depois de sua derrota em 1895, haviam emigrado para o Uruguai, para o Paraguai ou para a Argentina, preferindo o exílio à vida na querência sob o domínio do castilhismo. Uma das histórias mais curiosas do folclore político de Santa Fé dizia respeito a um federalista fanático que, ao voltar vencido da revolução, meteu-se em casa, e durante quase vinte anos não saiu à rua, “para não ver cara de pica-pau”. Vivia sozinho, sem criados nem amigos. Morreu, presumivelmente, dum colapso cardíaco, mas só muitos dias depois é que se descobriu o fato. Um vizinho, alertado pelo mau cheiro que saía da casa do solitário, chamou o delegado de polícia, que arrombou a porta. Encontraram o corpo do maragato sentado em uma cadeira de balanço, já putrefato e coberto

de moscas, a cabeça caída para um lado, a cuia de chimarrão e a chaleira a seus pés. Tinha, enrolado no pescoço, um lenço encarnado…

Licurgo agora era obrigado a comparecer às reuniões do Comité do qual era presidente, e sentar-se à mesa com Alvarino Amaral, o chefe maragato que em 1895 cercara o Sobrado com suas forças, e abrira fogo contra ele e os membros de sua família.

A princípio Licurgo recusou-se a apertar a mão do velho adversário, e durante as sessões não lhe dirigia a palavra nem sequer o olhava. Alvarino, ansioso por fazer as pazes com o senhor do Sobrado, procurava por todos os meios agradá-lo. Como com o correr dos dias os ataques dos governistas, cada vez mais violentos e pessoais, envolvessem nos mesmos insultos e calúnias tanto os Macedos como os Cambarás e os Amarais, Licurgo - segundo observava Rodrigo - ia achando cada vez menos penoso aceitar os maragatos como companheiros de luta. E como uma noite, na casa do Juquinha Macedo, Alvarino lhe estendesse a mão, ele a apertou rapidamente, sem encarar o desafeto. Durante essa reunião chegaram até a trocar, embora um pouco bisonhos, meia dúzia de palavras.

Mais tarde, a caminho da casa em companhia dos dois filhos, Licurgo quebrou o seu silêncio para dizer: - Tive de apertar a mão daquele indivíduo. Afinal de contas estamos hoje do mesmo lado… Foi um sacrifício que fiz pela causa. Mas uma coisa vou pedir aos senhores.

Não me convidem esse homem para entrar no Sobrado, porque isso eu não admito.

Fosse como fosse, já agora se podia ler e comentar em voz alta no Sobrado o Antônio Chimango, o poema campestre com que, sob o pseudónimo de Amaro Juvenal, Ramiro Barcelos satirizara Borges de Medeiros.

Um dia, após o almoço, olhando para o retrato do presidente do Estado que A Federação estampara em sua primeira página, Rodrigo recitou: Veio ao mundo tão flaquito Tão esmirrado e chochinho Que ao finado seu padrinho Disse, espantada, a comadre: “Virgem do céu! Santo Padre! Isto é gente ou passarinho?”

— Acho que é passarinho! - disse Toríbio, soltando uma risada. Flora olhou apreensiva para o sogro e ficou surpreendida por vê-lo sorrir.

Licurgo costumava ler assiduamente A Federação, da qual era assinante desde o dia de seu aparecimento. Depois que rompeu com o Partido Republicano recusava-se até a tocar no jornal com a ponta dos dedos. Era, porém, com espírito rigorosamente crítico e não raro com impaciência que lia O Libertador, cujos editoriais haviam perdido o tom elevado dos primeiros números para se tornarem agora

violentamente panfletários como os à'A Voz da Serra. Licurgo gostava, isso sim, das transcrições que Rodrigo fazia no seu jornalzinho dos manifestos, discursos e artigos doutrinários de Assis Brasil.

— Esse homem sabe o que diz - comentava - , é um estadista de verdade. Não ataca ninguém, tem ideias, critica a Constituição de 14 de julho, quer o voto secreto.

Não está contra as pessoas, mas contra os erros.

Rodrigo discordava. Na sua opinião os erros não andavam no vácuo: corporificavam-se em pessoas que com eles contaminavam o povo. Era possível combater a lepra sem isolar os leprosos?

Eram quase sete horas da noite quando Arão Stein acabou de imprimir o último número d'O Libertador. Estava em mangas de camisa, com o rosto reluzente de suor e lambuzado de tinta.

Roque Bandeira, que chegara havia pouco para visitar o amigo, caçoou: - Assalariado da burguesia!

Stein fitou no recém-chegado os olhos verdes e disse: - Podes rir enquanto é tempo, porque um dia virá o ajuste de contas.

Bandeira tirou o casaco, acendeu um cigarro e sentou-se. O porão era de terra batida e úmida e cheirava a mofo. Apenas uma lâmpada elétrica, nua e triste, pendia do teto. Junto das paredes corriam ratos furtivos.

— Vejo nisto tudo um símbolo. O Sobrado é a sociedade capitalista. E tu, o agente bolchevista, trabalhas no subsolo, solapando os alicerces do sistema. Que tal a imagem?

— Faz a tua literatura, Roque, não há nenhum mal nisso. Faz a tua ironia se a coisa te diverte. Mas chegará a hora em que todo o mundo terá de falar sério, tomar uma posição, inclusive tu mesmo.

Tio Bicho soltou uma baforada de fumaça, olhou em torno e disse: - Ouvi dizer que o homem que construiu esta casa, o bisavô ou coisa que o valha do velho Licurgo, uma vez matou um de seus negros a bordoadas e depois mandou enterrar o cadáver aqui.

Olhou para o chão como se buscasse localizar a sepultura do escravo.

— Acho melhor que me ajudes a dobrar estes jornais - disse Stein. — Mas cuidado, que a tinta ainda não secou.

Roque começou a trabalhar, lento, com o cigarro preso aos lábios.

— Em 95 - continuou ele - uma filha recém-nascida do velho Licurgo também foi enterrada aqui, dentro duma caixa de pessegada… Como o Sobrado estava cercado pelos maragatos, não puderam levar o cadáver da criança para o cemitério…

— Está bem. Isso é história antiga. Tio Bicho sorriu.

— Queres dizer que nós estamos fazendo a história moderna, não?

Meio distraído, o outro replicou: - E por que não?

Depois duma pausa curta, Bandeira tornou a falar: - Vais então herdar esta tipografia…

Stein fez com a cabeça um sinal afirmativo. Tinha já na sua frente uma pilha de jornais dobrados.

— Sem remorsos?

O judeu voltou o rosto para o amigo.

— Por que havia de ter remorsos?

— Ora, Rodrigo vai te dar de presente as armas com que atacarás a classe a que ele pertence…

Stein encolheu os ombros.

— Ele sabe. Não escondi as minhas intenções. Deves compreender que o dr. Rodrigo não me leva a sério ou, melhor, a burguesia não nos leva a sério. Acham que estamos brincando.

— É nisso que está toda a vantagem de vocês: a irresponsabilidade nacional. Oh! somos todos bons moços, nada é sério, ninguém mata ninguém, o país foi descoberto por acaso, a abolição decretada porque a princesa Isabel tinha bom coração, a República proclamada porque empurraram o Deodoro. Tudo termina em abraços, em carnaval…

porque é sabido que brasileiro tem bom coração…

Stein parecia escutá-lo sem interesse.

— Vou te dizer uma coisa, Bandeira. Componho e imprimo estes artigos de jornal e boletins como se tudo fosse literatura infantil, sabes? Contos da carochinha.

É por isso que faço este trabalho sem problemas de consciência.

— Em suma, todos os meios servem a vocês, contanto que levem à ditadura do proletariado, não?

— E por que não? “Um comunista deve estar preparado para fazer todos os sacrifícios e, se necessário, recorrer mesmo a toda espécie de estratagema, usar métodos ilegítimos, esconder a verdade, a fim de penetrar nos sindicatos e permanecer neles, levando avante a obra revolucionária.” Sabes quem escreveu isto? Lênin.

— De sorte que para vocês não existe ética nem moral…

— Claro que existe. Só que nada tem a ver com a ética e a moral da burguesia. Nossa moral e nossa ética estão a serviço da causa do proletariado, da luta de classes.

Em suma, para nós é moral e ético tudo o que nos ajudar a destruir o regime capitalista explorador, a unir o proletariado do mundo e, consequentemente, a criar a sociedade comunista do futuro. Não te parece lógico? Roque cuspiu fora o toco de cigarro.

— Não estou certo disso…

— Tu não estás certo de nada. Esse é o teu mal. A indecisão.

— É que tu assumes uma atitude meramente política e histórica, ao passo que eu me preocupo também com problemas filosóficos - A

filosofia que se dane!

Roque começou a rir seu risinho de fundo de garganta, que tanto irritava o outro.

Ambos ouviam agora um ruído surdo de passos no andar superior. Vozes indistintas chegavam até o porão.

— O Comitê está reunido lá em cima - murmurou Stein com um sorriso de desdém. — Já reparaste na linguagem dessa gente? Falam como se Assis Brasil, esse plutocrata pedante, fosse um campeão das liberdades populares. Mas que é que se vai fazer? Precisamos ter paciência. Não é apenas a natureza que não dá saltos. Também a história, às vezes, anda devagar.

Roque acendeu novo cigarro e mirou o amigo com seus olhinhos cépticos.

O Comitê havia decidido promover um grande comício em Santa Fé, a 15 de novembro, dez dias antes da data das eleições. Ia ser o último: devia ser o maior, o mais vibrante de todos. Assis Brasil prometera tomar parte nele. Ficara decidido que a reunião seria na frente do Sobrado e que os oradores falariam da sacada do segundo andar.

A propaganda iniciou-se, intensa, através d'O Libertador e de boletins.

Na véspera do grande dia, Chiru Mena apareceu no Sobrado com um boato.

— Dizem que a revolução vai rebentar em todo o país esta madrugada. O Exército não vai deixar o Bernardes tomar posse. Nossa guarnição federal está de prontidão rigorosa.

— Qual! - disse Licurgo. — O homem toma posse e não acontece nada.

— Mas é uma desmoralização! - vociferou Chiru. Rodrigo apertou-lhe o braço.

— Escuta, idiota. — Não compreendes que se a chimangada roubar nas eleições, como é de se esperar, e nós tivermos de fazer uma revolução, é melhor que o Bernardes e não outro esteja na presidência?

Chiru não compreendia.

— Tu não sabes então, cretino, que ele e o Borges não se gostam?

— Ah!

— Pois então deixa de andar com boatos. Agarra aqueles boletins e vai fazer a distribuição. Desce pela Voluntários da Pátria. O Bio e o Neco já seguiram pela rua do Comércio. Raspa!

A manhã seguinte reservava-lhes uma decepção. Assis Brasil comunicou por telegrama ao Comitê que infelizmente não poderia estar presente ao comício como esperava e desejava, pois tinha compromissos inadiáveis em outras cidades.

Rodrigo explodiu: - Pois que vá pró inferno! Como é que esse pelintra tem tempo para ir a Cruz Alta e Passo Fundo? Será que acha Santa Fé menos importante que os outros municípios?

Pois faremos comício sem ele!

Juquinha Macedo tratou de acalmá-lo: - Não há de ser nada, companheiro! - E, abraçando-o, acrescentou: - Cá para nós, com o Assis ou sem o Assis quem vai ser mesmo o trunfo do comício é o dr. Rodrigo Cambará. Deixa de modéstia. Quando abrires o tarro o dr. Júlio de Castilhos vai estremecer na sepultura!

Licurgo, que entreouvira a última frase, resmungou: - O senhor podia deixar o dr. Castilhos fora desse negócio, não acha?

Miguel Ruas - que fora obrigado a deixar crescer a barba, pois lhe era doloroso passar a navalha nas faces feridas - continuava no seu quarto, estendido na cama, lamentando não poder tomar parte ativa no comício. Naqueles dias fora oficialmente notificado de sua transferência para a comarca de São Gabriel. Viu nisso o dedo imundo de Laço Madruga. “Não vou!” - decidiu. E pediu demissão do cargo.

Boatos fervilhavam na cidade. Dizia-se que o intendente estava preparando seus capangas para dissolver o comício a bala.

— Que venham! - dizia Rodrigo. — Estamos prontos para tudo.

E estavam mesmo. Ao anoitecer distribuiu por toda a casa homens armados de revólveres e Winchesters. Durante o comício ficariam dois em cada janela e quatro na água-furtada.

Destacou cinco companheiros para se esconderem em vários pontos da praça, a fim de darem o alarma, caso os bandidos de Madruga se aproximassem do Sobrado. Uns vinte outros correligionários bem armados e municiados permaneceriam no quintal do Sobrado durante o comício, prontos a entrarem em ação, no caso de Laço Madruga levar a cabo suas ameaças.

Ao ver tantos homens nos fundos da casa a tomarem mate e a churrasquearem fora de hora, alguns deitados sobre os arreios, outros trovando ao som de cordeonas, Maria Valéria suspirou e disse a Flora: - Um verdadeiro acampamento. Parece até que a revolução já começou.

— Credo, Dinda! Que Deus nos livre e guarde!

Às oito e meia da noite a banda de música civil, a Euterpe Santa-Fezense, entrou na praça ao som do dobrado O bombardeio da Bahia, encaminhou-se para o Sobrado e ficou a tocar na frente do casarão, onde já se havia reunido um bom número de pessoas, em sua quase totalidade do sexo masculino.

Os sons da charanga enchiam festivamente o largo e o bombo ribombava, parodiando tiros de canhão. A noite estava quente. Vinha dos jasmineiros das redondezas um ativo perfume que dava ao ar uma qualidade doce e densa de xarope. O grande portão de ferro do

Sobrado estava aberto, e através dele podia-se ver o movimento do quintal, onde haviam acendido uma fogueira, a cujo clarão de quando em quando avultava a figura espectral do velho Sérgio, o "Lobisomem", que estava encarregado de soltar foguetes.

O dobrado cessou. A multidão aumentava. Do outro lado da praça, as janelas da Intendência estavam iluminadas. Pitombo fechara toda a casa, para não se comprometer.

Vultos caminhavam por entre as árvores. Besouros e mariposas esvoaçavam em torno dos grandes focos de luz que havia em cada ângulo da praça, na ponta de altos postes.

Rodrigo consultou o relógio. Aproximava-se a hora… Estava inquieto, ansioso por saber se Madruga teria ou não o topete de dissolver o comício a bala.

A banda de música rompeu de novo a tocar: a Marcha do capitão Casula. Rodrigo não podia ouvi-la sem sentir um calafrio patriótico. Apertou o braço de Toríbio e murmurou: - Estou que nem noiva na hora do casamento…

— Olha só a cara do pai da noiva - disse Toríbio mostrando com os olhos o velho Licurgo que, a um canto da sala, mastigava nervoso o seu cigarro.

Cerca das nove horas era já considerável a multidão que se congregava na frente do Sobrado. Ouviram-se os primeiros vivas. A um sinal de Rodrigo o negro Sérgio começou a soltar no quintal os primeiros foguetes. Abriria o comício o filho mais velho de Juquinha Macedo, recém-formado em direito.

Rodrigo tomou-lhe o braço e conduziu-o até o andar superior. O jovem advogado pigarreava, nervoso.

Quando ambos apareceram na sacada, a multidão prorrompeu em aplausos e vivas. Rodrigo fez um sinal para o maestro da banda: uma pancada de bombo pôs fim à música.

O orador primeiro mediu o público com o olhar, e depois começou: - Meus concidadãos! Povo livre de Santa Fé!

Bravos e vivas subiram da turba, como projéteis atirados contra o advogado que, com voz dramática, prosseguiu: - Aqui estou para atender a um chamado de minha consciência de gaúcho, e a um dever cívico de que nenhum homem de honra poderá fugir. Aqui estou para colaborar convosco nesta luta generosa em prol do direito e da justiça, contra a tirania e a opressão!

Novos gritos interromperam o orador durante alguns segundos. Quando o silêncio se restabeleceu, o jovem Macedo entrou na enumeração dos “desmandos do borgismo”.

Causou grande sensação a parte de seu discurso em que descreveu, com vigor realista, as violências e banditismos praticados nas ruas de Porto Alegre pelo famigerado piquete de cavalaria da Brigada Militar, que tantas vezes fora atirado pelo ditador contra o povo indefeso, como se “pata de cavalo, ponta de lança e fio de espada pudessem fazer calar a voz da justiça e da liberdade!”

Neste ponto ouviram-se vivas estentóreos, ergueram-se chapéus, lenços vermelhos tremularam no ar.

Ao lado do orador, Rodrigo, impaciente, caminhava dum lado para outro, nos estreitos limites da sacada. O suor escorria-lhe pelo rosto, pelo pescoço, pelo dorso, empapando-lhe a camisa. Olhou para a torre da matriz e um súbito temor o assaltou. E se algum chimango safado entrasse agora na igreja e começasse a bater o sino para impedir que o orador fosse ouvido? Não teria ocorrido ao Madruga esse recurso sujo? Não lhe seria difícil fazer um de seus homens penetrar clandestinamente no campanário… Os olhos de Rodrigo agora estavam fitos na Intendência, onde se notava um movimento desusado para a hora. Iriam os bandidos tentar mesmo alguma coisa contra o comício?

Quando o advogado terminou sua oração ("Às urnas, pois, companheiros de ideal, para a vitória da nossa causa, que é a causa mesma do Rio Grande!"), a música rompeu a tocar um galope e durante cinco minutos o largo se encheu de aclamações. Rodrigo abraçou o orador. Licurgo, a uma janela do primeiro andar, pitava o seu cigarro, olhando a multidão com olho céptico. E Toríbio, que detestava discursos, naquele momento tomava uma cerveja gelada com os companheiros que estavam de guarda na água-furtada. Maria Valéria e Flora achavam-se ainda na cozinha a preparar as comidas e os doces para a recepção que se seguiria ao comício.

Falaram a seguir dois oradores: um deles, neto de Alvarino Amaral, académico de medicina, disse do que aquela campanha libertadora representava para os estudantes livres do Rio Grande do Sul. O outro orador, um velho federalista de Santa Fé, invocou a

figura de Gaspar Martins, e terminou o discurso com uma frase do conselheiro: “Ideias não são metais que se fundem!”

Urros e lenços vermelhos ergueram-se da multidão.

Chegou finalmente a vez de Rodrigo Cambará, que primeiro passeou os olhos pela praça ("Se o sino começa a tocar, m'estragam o espetáculo"), depois baixou-os para o povo. Inflando o peito, entesando o busto, agarrou a balaustrada com ambas as mãos, inclinou-se para a frente e, segundo uma expressão muito a gosto do Chiru, “soltou o verbo”.

— Meus conterrâneos! Queridos e leais amigos! Aqui nesta praça, há quase noventa anos, a voz dum Cambará ergueu-se contra a tirania, a injustiça, a ditadura e a opressão.

Alguém gritou: “Muito bem!” - e a multidão soltou um urro uníssono.

— E aqui nesta mesma praça - continuou o orador - esse mesmo Cambará, que por uma coincidência feliz e honrosa para mim tinha também o prenome de Rodrigo, derramou o seu sangue e perdeu sua vida em holocausto à causa da justiça e da honra, que então, como hoje, era a causa sagrada da liberdade!

Novos vivas e aplausos. Licurgo voltou-se para Aderbal Quadros, que estava agora junto da janela, a seu lado, e murmurou: - Por sinal o outro Rodrigo foi morto por gente desses Amarais, lá naquela casa do outro lado da praça…

— Mas nesse mesmo ataque - replicou Babalo - foi morto também um Amaral…

Quando as aclamações cessaram, Rodrigo prosseguiu: - Nos tempos heroicos de 35 era o governo federal que queria espezinhar o Rio Grande, lançando-o ao vilipêndio, forçando-o a uma situação subalterna e indigna.

Hoje quem nos vilipendia e achincalha é um coestaduano nosso que, esquecido de seu passado de lutas e ideais, de sua fé de ofício de republicano histórico, quer impor sua reeleição ilegal, indecente e indesejável, arvorando-se em ditador dum Estado másculo e brioso como o nosso, que nunca tolerou tiranos, que nunca suportou injustiças, que jamais se curvou diante de invasor!

No momento exato em que o orador terminava de pronunciar a palavra invasor, interrompeu-se de repente a corrente elétrica e a cidade inteira ficou às escuras.

Partiram da multidão gritos que exprimiam surpresa, susto e indignação. Algumas pessoas embarafustaram em fuga pelas ruas adjacentes. O pânico parecia iminente.

Pressentindo-o, Rodrigo berrou: - Atenção, meus amigos! Atenção por favor! O ridículo intendente municipal está enganado conosco. Pensa que isto é um comício de crianças e não de homens, e quer

assustar-nos com a escuridão. — E, num tom gaiato, exclamou: - Que siga o fandango no escuro mesmo, minha gente!

Risadas e aplausos. Alguém bradou do meio da turba: - A escuridão é um símbolo do borgismo.

— Apoiado! Muito bem! Viva o dr. Assis Brasil! Abaixo o Chimango!

Rodrigo ergueu o braço para o céu, procurou a lua mas não a encontrou… Tinha já engatilhado um frasalhão em que chamaria à lua "Lanterna de Deus".

— A luz das estrelas - gritou - essa nenhum chimango pode apagar. Porque a luz dos astros é a luz de Nosso Senhor e portanto a luz da justiça, que há de iluminar o caminho que nos conduzirá à vitória nesta causa sublime e gloriosa!

Dessa vez os gritos e aplausos foram ensurdecedores. Na água-furtada Toríbio e os companheiros estavam de armas em punho, escrutando a praça e as ruas circunvizinhas.

De súbito subiu do pátio da Intendência um risco luminoso e sibilante: um clarão iluminou a praça, seguido dum estrondo que acordou ecos no largo. E atrás do primeiro rojão veio outro, e outro e mais outro…

Rodrigo estava furioso. Canalhas! Por um momento pensou em juntar a sua gente e ir direito à toca do Madruga e dos seus sicários e arrasá-los a bala.

De súbito cessaram os estrondos. A multidão de novo prorrompeu em vivas, e quando de novo se fez silêncio, Rodrigo continuou a oração: - Aí tendes, correligionários e amigos, aí tendes um exemplo dos recursos mesquinhos e ridículos de que se servem aqueles que sabem estar a razão de nosso lado.

Se hoje nos querem assustar com a treva ou com o estrondo de foguetes, amanhã na hora das eleições nos vão ameaçar a vida com seus bandidos assalariados, pois todos os recursos são lícitos para a canalha borgista que sabe que seus dias estão contados!

Fez uma pausa, pigarreou, olhou para as estrelas e depois, com voz firme e clara, prosseguiu: - Iremos às urnas, companheiros, mas iremos de olhos abertos, e não pensem os escravos de Antônio Augusto Borges de Medeiros que vamos iludidos. Conhecemos de sobra as artimanhas do borgismo e os vícios do regime que nos infelicita! Sabemos que haverá fraude e coação, que os mortos votarão no Chimango, que os funcionários públicos que derem o seu sufrágio ao ilustre dr. Assis Brasil serão demitidos sumariamente. Sabemos também que haverá capangas armados para atemorizar o eleitorado. Não ignoramos que, se tudo isso falhar, restará ainda o recurso supremo da ditadura: a "alquimia" na contagem dos votos! A eleição em último recurso será feita a bico de pena e aprovada pela maioria

da Assembleia, que dará a vitória ao eterno e melancólico inquilino do Palácio do Governo!

"Mas, haveis de perguntar, se sabemos de tudo isso, por que vamos às urnas? Eu vos responderei, leais amigos, vos direi que vamos às urnas porque acreditamos na sã prática republicana, por- que somos democratas verdadeiros, e queremos assim dar um testemunho público de nossa fé cívica!"

Bateu com o punho cerrado na balaustrada.

— Mas se tudo acontecer como prevemos, se formos mais uma vez esbulhados, ainda nos restará um recurso, embora doloroso e triste, um recurso para o qual só podem apelar os homens de caráter e de coragem: o recurso das armas!

Palmas frenéticas.

— Se falharmos nas urnas, companheiros, não falharemos na coxilha! Tentaremos o caminho legal da eleição. Mas se nos negarem a justiça e a decência, responderemos com a Revolução!

De novo os rojões de Madruga atroaram no ar, desta vez mais numerosos e ensurdecedores. Parecia que Santa Fé estava sob um bombardeio. Clarões iluminavam a praça como relâmpagos. Rodrigo correu para o fundo e gritou: "Bento! Diga pró Lobisomem que recomece o foguetório!" Tornou a voltar para a sacada e berrou para o maestro: "Música! Música!" A banda atacou um galope.

Agora do quintal do Sobrado subiam também foguetes. Toríbio, alvorotado, começou a dar tiros para o ar. A multidão urrava. Na sacada Rodrigo agitava um lenço vermelho.

Flora e Maria Valéria tapavam os ouvidos com as mãos. Alicinha despertou assustada e precipitou-se para fora do quarto, aos gritos. Eduardo e Bibi romperam a chorar.

Jango continuava a dormir serenamente. Com a cabeça debaixo do cobertor, Floriano, o coração a bater acelerado, estava em Port Arthur, sob o bombardeio dos vasos de guerra japoneses…

Fora, o pandemônio continuava.

Em uma daquelas tardes de meados de novembro o Sobrado foi teatro duma cena a que o dr. Ruas, ao tomar mais tarde conhecimento dela, chamaria "tragédia passional".

A coisa começara com a visita habitual de Sílvia, afilhada de Rodrigo e, no dizer de Maria Valéria, comf inche de Alicinha. A menina, que morava nas vizinhanças e era filha duma viúva pobre que ganhava a vida como modista, chegou ao Sobrado como de costume por volta das quatro da tarde, para brincar com a amiga. Era uma menininha de cinco anos, morena e franzina, de olhos amendoados. Apesar de vir todos os dias ao casarão, nunca entrava sem primeiro bater. Como a batida de seus dedos frágeis fosse quase inaudível, às vezes a criaturinha ficava um tempão à porta, à espera de que alguém

a visse ou ouvisse e gritasse: “Entra, Silvinha!” Ela subia então com alguma dificuldade os altos degraus que levavam da soleira da porta ao soalho do vestíbulo e, antes de mais nada, entrava na sala de visitas, plantava-se na frente do grande retrato do padrinho e ali ficava por alguns segundos, numa adoração séria e muda. Quando não havia ninguém perto, aproximava-se de mansinho do quadro e depunha um beijo rápido na mão da figura.

Se Alicinha não tinha terminado ainda seus exercícios de piano, Sílvia entrava na sala, pé ante pé, sentava-se numa cadeira e, com as mãos pousadas no regaço, ali ficava em silêncio, mal ousando respirar, com os olhos postos na amiguinha. Ao dar pela presença de Sílvia, Alicinha - que a tratava com a superioridade duma menina mais velha e mais rica - abandonava os exercícios monótonos do Método Czerny e, para mostrar como sabia tocar “música de verdade”, atacava O lago de Como ou o Carnaval de Veneza. Lágrimas então brotavam nos olhos de Sílvia, que tinha uma admiração sem limites pela filha do padrinho. Tudo quanto ela possuía era o que podia haver de melhor e mais belo no inundo: vestidos, sapatos, brinquedos… O Sobrado era para ela o paraíso - a casa que tinha gramofone, automóvel e telefone. Outra maravilha do Sobrado era a despensa onde dona Maria Valéria guardava seus doces e bolinhos em latas pintadas de azul.

Sílvia ficava sentada, imóvel e silenciosa, até que a outra, saltando do banco giratório do piano e alisando a saia, voltava-se para ela, e como uma senhora que dá uma ordem à criada, dizia: “Vamos!”

Sílvia seguia a amiga como uma sombra.

Naquela tarde Sílvia entrou no Sobrado alvoroçada. Estava ansiosa por brincar com a boneca grande da amiga. Não lhe haviam dado ainda o privilégio de tomar Aurora nos braços e niná-la, mas Alicinha havia prometido: “Se fores boazinha, eu te deixo pegar a minha filha”.

Entraram no quarto e aproximaram-se do berço onde Aurora dormia, os olhos fechados, as longas pestanas muito curvas caídas sobre as faces rosadas. Sílvia contemplou a boneca com amor.

— Está na hora da menina acordar - disse Alicinha. A outra sacudiu a cabeça avidamente, e depois ciciou: - Vamos brincar de comadre?

— Só nós duas?

Sílvia tornou a sacudir afirmativamente a cabeça.

— Não tem graça - retrucou Alicinha. — Precisamos um doutor. E quem vai ser o pai?

— Chama o Edu. E o Jango.

— O Edu não.

— Por quê?

— Ele tem raiva da Aurora. Disse que vai matar ela. O Edu não

quero. Desde que a boneca entrara no Sobrado a vida dos filhos de Rodrigo e Flora havia mudado sensivelmente.

Alicinha tornara-se mais mimosa e cheia de caprichos. Havia dias em que a menina, segundo o dizer de Maria Valéria, amanhecia com "o Bento Manuel atravessado", fechava-se a chave no quarto, recusava-se a comer e ficava a conversar com a "filha", que lhe respondia com vagidos. Jango fingia não ter o menor interesse em Aurora, mas não perdia oportunidade de tocar-lhe os cabelos, apertar-lhe as pernas; mais de uma vez levantara a saia da boneca num gesto que deixara a irmã escandalizada. ("Dinda, olha os modos do Jango!")

Floriano tecia fantasias em torno da "personalidade" de Aurora. Ela era Copélia: a boneca a que o mágico dera vida. Seus olhos tinham qualquer coisa que puxava a gente para dentro deles, eram azuis como aquela lagoa do Angico onde havia um sumidouro. Ali! mas ele, um menino que já estava na Seleta em prosa e verso não podia deixar sequer que os outros suspeitassem de seu fascínio pela boneca. E para poder observá-la sem despertar desconfianças, examinava-a com ares de professor. Um dia, apontando para os olhos de Aurora, disse: - Aquela parte redonda chama-se íris. A do meio é a pupila. Essa coisa branca é a esclerótica.

Eduardo, de longe, gritou: - Mentira. Isso é o "zolho".

Flora observava já que, de todos os filhos, o que tinha o comportamento mais estranho com relação à boneca era Edu, que escondia sua paixão por ela por trás duma cortina de hostilidade. No princípio queria saber por que Aurora falava. Tinha um sapo na barriga? Ou um gramofonezinho? Mas em geral recusava olhar para a boneca.

Quando a punham diante dele, tapava os olhos com as mãos, batia com o pé no chão, vermelho, e acabava fugindo. Ultimamente resmungava ameaças: ia roubar a boneca para a degolar…

— Onde foi que esse menino aprendeu essa história de degolar? - estranhou Flora.

Maria Valéria esclareceu: - Ora, o culpado é o Toríbio, que ensina às crianças essas barbaridades.

Alarmada ante a atitude de Edu, Alicinha recusava-se agora a convidá-lo para tomar parte no brinquedo. Foi nessa conjuntura que Zeca - filho da lavadeira do Sobrado - apareceu à porta do quarto, com o dedo na boca, perguntando: - Posso brincar?

Alicinha hesitou. Zeca era íntimo de Edu, viviam pelos cantos cochichando segredinhos.

— Pode - disse ela por fim. — Mas não chegue muito perto da Aurora.

Zeca deu alguns passos à frente. Alicinha tirou dum armário um velho chapéu-coco do pai: - Bota isto na cabeça. Tu vais ser o doutor.

Zeca obedeceu. A cartola escondeu-lhe quase metade da cara. Jango surgiu naquele momento no corredor, montado num cabo de vassoura, seu "pingo de estimação".

— Queres brincar? - perguntou a irmã.

— De quê?

— De comadre e compadre.

— Que é que eu vou ser?

— O pai.

— Está bem.

Apeou do cavalo, amarrou-o num frade imaginário e entrou no quarto. Alicinha olhou para Sílvia.

— Bota um avental. Tu és a criada.

Os olhos da outra cintilaram e ela sacudiu a cabeça, assentindo. O brinquedo começou. Alicinha sentou-se numa cadeira com Aurora nos braços.

Encostou a palma da mão na testa da boneca: - Meu Deus! - exclamou. — Está com febre. Sílvia, vai correndo chamar o doutor.

— Sim senhora.

Zeca aproximou-se sôfrego. Alicinha, numa súbita fúria, gritou: - Vai-te embora, bobo! Tu estás no teu consultório. Espera que a minha criada te chame.

Zeca recuou, catacego. Sílvia acercou-se dele, deu-lhe o recado, pediu que se apressasse: era um caso muito sério. O "médico" deu três passos à frente. A cartola dançou-lhe ao redor da cabeça.

— Que é que eu faço agora?

— Ora! Então não sabes? Toma o pulso da criança, bota um termómetro debaixo do bracinho dela, escreve uma receita. Faz o que o papai faz. Nunca ficaste doente?

Zeca aproximou-se da paciente, tomou-lhe do pulso e disse: - Vai morrer.

Alicinha fingiu que chorava.

— Ai, doutor! Salve a minha filha!

Zeca sacudiu a cabeça, fazendo a cartola rodar.

— Vai morrer ·- repetiu.

Alicinha simulava soluços. Sílvia tinha os olhos realmente embaciados. Lágrimas autênticas começaram em breve a escorrer-lhe pelas faces. Jango, que até então testemunhava a cena em silêncio, interveio: - Esse doutor é um burro. Vou matar ele e chamar outro. Tirou da cintura o revólver, apontou para o peito do "médico"

e fez fogo. Pei! Zeca atirou-se no chão, de costas. A cartola rolou no soalho. Naquele momento Edu apareceu à porta e espiou para dentro. Vendo-o, Zeca ergueu-se rápido e correu para o amigo. Saíram os dois para o fundo do corredor e ali ficaram por alguns segundos a conversar em voz baixa. Por fim Zeca tornou a aparecer, e de novo

enfiando a cartola, disse: - Com licença. Alicinha ergueu os olhos: - O senhor não morreu?

— Não. Eu sou o outro médico. O dr. Carbone.

— Onde estão as suas barbas? - perguntou Sílvia.

— Cortei.

— Por quê?

— Faziam muita cócega.

— Que é que o senhor quer?

— Examinar a doente.

— Pode entrar.

Zeca inclinou-se sobre Aurora, segurou-a pela cintura e, num gesto brusco, ergueu-a no ar. Alicinha soltou um grito, mas antes que ela tivesse tempo de detê-lo, Zeca fez meia-volta, aproximou-se de Edu, que o esperava à porta, e entregou-lhe a boneca.

— Jango! - gritou Alicinha.

O irmão precipitou-se para a porta, mas Zeca agarrou-se-lhe às pernas e os dois tombaram, enovelados, enquanto Edu, com a boneca nos braços, metia-se num dos quartos do fundo da casa e fechava a porta com o trinco.

Sílvia e Alicinha tremiam. Desvencilhando-se de Zeca, Jango correu para a porta do quarto onde o irmão se refugiara, e começou a bater nela com os punhos fechados: - Abre essa porta, bandido! Abre!

— Ele está degolando a minha filha! - exclamou Alicinha. — Mamãe! Dindinha! Socorro!

Leocádia apareceu, trazendo nos braços Bibi, também desfeita em pranto. E a pretinha também se pôs a bater na porta. Sílvia, o rosto coberto pelas mãos, chorava de mansinho. Atraídos pela gritaria, Toríbio e Flora apareceram. Jango, o único que se mantinha calmo, contou-lhes o que se passava.

Toríbio sorriu, afastou os sobrinhos e bateu com força na porta: - Eduardo! - gritou. Nenhuma resposta. — Eduardo! - Silêncio. Toríbio ajoelhou-se, encostou a boca na fechadura e disse: - Abre essa porta senão eu te capo.

Era a ameaça suprema. Os outros esperavam. Zeca olhava a cena de longe, apreensivo. O silêncio continuava dentro do quarto.

Alicinha agora soluçava convulsivamente, mas de olhos secos. Flora tomou-a nos braços e disse ao cunhado: - Temos que abrir essa porta, antes que o menino estripe a boneca.

Toríbio deu três passos à retaguarda, atirou-se contra a porta, meteu-lhe o ombro e abriu-a. Houve um momento de expectativa. Toríbio entrou e os outros ficaram no corredor, espiando a cena. Trepado em cima duma cômoda, a um canto do quarto, Eduardo tinha a boneca nos braços, apertada contra o peito. Fuzilou para o tio um olhar feroz.

— Filho duma mãe! - repreendeu-o este, aproximando-se devagarinho. — Me dê essa boneca!

Eduardo apertou mais Aurora contra o corpo. Parecia uma bugia agarrada à cria, ante a ameaça dum caçador. Tinha as faces e as orelhas afogueadas. Seu peito subia e descia ao compasso duma respiração acelerada.

— Está degolada, titio? - choramingou Alicinha. Toríbio tranquilizou-a. Aurora estava intata. O problema era tirá-la das garras do facínora sem quebrá-la.

— Larga essa boneca! - ordenou, de cenho cerrado. Como única resposta Edu soltou uma cusparada na direção do tio. Naquele instante Maria Valéria entrou em cena e, sem a menor hesitação, aproximou-se do menino e arrebatou-lhe a boneca das mãos, entregando-a a Alicinha, que tomou a "filha" nos braços e desatou o pranto.

Maria Valéria segurou Eduardo e deu-lhe duas rijas palmadas nas nádegas. O menino apertou os lábios e não soltou um ai. Seus olhos, porém, encheram-se de lágrimas.

— Que paixa braba! - exclamou Toríbio.

Saíram todos do quarto. Flora levou a filha para baixo: ia dar-lhe um chá de folhas de laranjeira para acalmar-lhe os nervos. Sílvia seguia-as orgulhosa, pois a amiga lhe confiara agora a boneca.

Jango puxou as bombachas do tio, apontou para Zeca, que ainda continuava no seu canto, de cartola na cabeça, e denunciou: - Foi ele que roubou a boneca e entregou pró Edu. Maria Valéria largou o criminoso e dirigiu-se para Zeca: - Alcaguete sem-vergonha… - começou ela.

Toríbio, porém, correu em socorro de Zeca e ergueu-o nos braços.

— Deixe o menino em paz.

Maria Valéria estacou, pôs as mãos na cintura e, em voz baixa para que Jango não a ouvisse, disse: - Acho essa criança tão parecida com você, que às vezes até desconfio…

Toríbio soltou uma risada: - Não se preocupe, titia. Antes de morrer vou deixar uma lista completa de todos os meus filhos naturais.

A velha fitou nele os olhos realistas e murmurou: - É, mas não confio muito na sua memória.

Contra a expectativa de Rodrigo e de seus companheiros, a eleição se processou em Santa Fé sem maiores incidentes, bem como em quase todo o Estado.

O grande dia - um sábado - amanheceu quente, luminoso e sem vento. Como de costume, Licurgo acordou às cinco da manhã, desceu para a cozinha, onde Laurinda o esperava com o mate já cevado. Sentou-se no mocho de assento de palha, junto a uma das janelas, apanhou a cuia e ficou a chupar na bomba, silencioso e preocupado.

Tentando puxar conversa, a mulata fazia uma que outra observação, a que o senhor do Sobrado respondia com um monossílabo ou um ronco. Às cinco e meia Maria Valéria entrou na cozinha, disse um "bom dia" seco, a que Licurgo mal respondeu, e ali ficou também a tomar o chimarrão, mas sem olhar para o cunhado nem dirigir-lhe a palavra.

Rodrigo e Toríbio desceram por volta das sete e uniram-se aos outros membros da família, à mesa do café. Estavam ambos excitados e palradores. Laurinda serviu café para os homens da casa, que pouco antes das oito se ergueram da mesa, puseram os revólveres na cintura, sob o olhar alarmado de Flora, e prepararam-se para sair.

Cada qual ia fiscalizar uma mesa eleitoral no primeiro distrito. Para Maria Valéria e Flora isso equivalia a ir para a guerra. Elas sabiam que não podia haver eleição, carreiras ou rinha de galo sem briga e tiroteios.

Flora despediu-se de Rodrigo com os olhos úmidos. Os homens estavam já na calçada, à frente da casa, quando Maria Valéria se debruçou numa das janelas e gritou para os sobrinhos: - Cuidado! Não se metam em brigas. Toríbio piscou-lhe o olho e respondeu: - Nós nunca nos metemos, Dinda. Os outros é que nos empurram.

Soltou uma risada, tomou do braço do irmão e ambos seguiram no encalço do pai, que atravessava a praça na direção da Intendência, a cabeça baixa, o passo lerdo e trágico, como o de um homem que caminha para a morte.

Durante todo aquele dia as mulheres do Sobrado viram ou ouviram passar os caminhões da Intendência, carregados de eleitores. Homens mal-encarados desfilavam pela rua a cavalo, soltando vivas ao dr. Borges de Medeiros.

Flora acendeu uma vela no velho oratório, que ficava no fundo do corredor do segundo andar, e ali permaneceu por longo tempo, ajoelhada aos pés da imagem de Nossa Senhora, a pedir-lhe que protegesse a vida do marido, do sogro e do cunhado.

Como naquele dia de eleição as escolas estivessem fechadas. Alicinha brincava no quarto com sua boneca e Floriano, como de costume, estava metido com seus livros e revistas na água-furtada. Do pátio vinham as vozes de Jango, Edu e Zeca - pei!-ra-ta-peii~ pei! - que brincavam de fita de cinema, os primeiros fazendo o papel de cowboys e o último, de índio.

O dr. Ruas fez funcionar o gramofone pouco depois das nove da manhã, e a casa se encheu das vozes de Caruso e Titta Ruffo, em vibrantes árias de ópera. Aquilo para Maria Valéria era até um sacrilégio, pois de certo modo supersticioso ela equiparava dia de eleição a dia de Finados e Sexta-Feira da Paixão.

Na praça e nas ruas adjacentes o movimento de homens, a pé ou a

cavalo, parecia cada vez maior. Alguns tomavam mate e churrasqueavam debaixo da figueira. Traziam lenços brancos ao pescoço: eram pica-paus.

De instante a instante Maria Valéria olhava para o relógio grande da sala de jantar. Como o tempo custava a passar! Para afastar os maus pensamentos, usou dum velho estratagema: resolveu fazer pessegada. Meteu-se na cozinha e começou a descascar pêssegos com a ajuda de Laurinda e Leocádia.

Ao meio-dia Bento levou comida em marmita para os homens do Sobrado, que não podiam abandonar seus postos às mesas que fiscalizavam. Quando o caboclo voltou, as mulheres indagaram: - Como vai a eleição?

Bento respondeu que graças a Deus tudo ia bem: não se tinha ainda notícia de nenhum barulho.

À tardinha, quando a última vela do oratório se achava reduzida a um toco, e a pessegada de Maria Valéria estava já pronta e metida em caixetas, os homens voltaram para casa.

Estavam sombrios. Contaram que tudo indicava que a derrota de Assis Brasil, na cidade, tinha sido esmagadora. O eleitorado da oposição acovardara-se ante as ameaças da capangada do Madruga. Houvera fraude, como se esperava. Os "fósforos" tinham andado ativos o dia inteiro. O mesmo eleitor votava mais de uma vez, em mesas diferentes: havia caminhões da Intendência encarregados de transportá-los dum lugar para outro. Uma pouca-vergonha!

— Na minha mesa votaram cinco defuntos - contou Toríbio. — Um guri de dezoito anos apareceu com o título dum homem de cinquenta, já falecido. Dei-lhe uns gritos, mas o mesário aceitou o voto. Lavrei um protesto.

Sentado a um canto, Licurgo fazia um cigarro, silencioso e soturno.

— Isso não foi surpresa para mim - resmungou ele, depois de ouvir o filho mais moço contar outras irregularidades. — Não tivemos na cidade um único mesário assisista.

— Mas não estamos derrotados! - exclamou Rodrigo. — Não se esqueça que, para ser reeleito, o dr. Borges precisa obter três quartos da votação, e isso ele não consegue nem que se pinte de verde.

— Não se iluda - retrucou o Velho. — Eles farão mais que isso a bico de pena.

Aquela noite chegou a notícia de que em Alegrete, durante a eleição, houvera um tiroteio, provocado pelos borgistas, e do qual resultara a morte de um velho federalista, cidadão respeitável e benquisto na sua comunidade.

Chiru Mena e Neco Rosa apareceram no Sobrado para contar como se processara a eleição nas mesas em que haviam servido como

fiscais da oposição. “Quase me atraquei a bala com o subdelegado” - fanfarroneou Chiru. Mas Neco, acariciando o bigode, contou: "Pois na minha mesa tudo correu em paz. Um chimango quis votar com um título falso, se atrapalhou todo na hora de escrever o nome e eu então gritei: Vai pra escola, analfabeto! O cabra se assustou, largou a pena e saiu da sala fedendo.

A coisa foi tão bruta que até o pessoal da situação teve de rir. E a eleição continuou sem novidade…"

Aquela noite a praça encheu-se de gente, de sons de cordeona, de conversas, cantigas e risadas. Licurgo pediu aos filhos que não saíssem, pois temia que fossem provocados e assassinados. Toríbio atendeu ao pedido do Velho, mas de má vontade. Passou a noite a andar dum lado para outro na casa, como um tigre enjaulado. Rodrigo mandou iluminar toda a casa e abrir as janelas. Com a ajuda de Toríbio trouxe o dr. Ruas para baixo, nos braços, e fez o ex-promotor público sentar-se ao piano e tocar com toda a força algumas músicas carnavalescas. Era preciso mostrar que a oposição estava de moral erguido.

Depois de passar os últimos dias de novembro e a primeira semana de dezembro no Angico, Licurgo voltou para a cidade mal-humorado. E quando Toríbio lhe perguntou como iam as coisas lá pela estância, explodiu: - Como hão de ir? Mal! Uma seca braba que vai prejudicar o engorde do gado, uma indiada vadia. E, depois, o senhor agora parece que virou mocinho de cidade.

Meteu-se no escritório, sentou-se à escrivaninha e ficou remexendo em papéis. Rodrigo acercou-se dele, passou-lhe o braço sobre os ombros mas notou pela rigidez daquele corpo que não se entregava ao abraço, que o Velho também não estava satisfeito com ele.

— Não acha que devemos publicar mais um número no Libertador com o resultado das eleições? - perguntou, procurando dar à voz um tom de terna submissão filial.

— Não acho coisa nenhuma. A eleição acabou. Acabe também com o jornal. É hora de cada qual cuidar da sua vida. Ainda que mal pergunte, quando é que vai reabrir o consultório?

— A semana que vem, provavelmente… - improvisou Rodrigo, meio desconcertado.

— Pois já não é sem tempo.

Quando Rodrigo saiu do escritório, Toríbio, que o esperava no vestíbulo, levou-o para baixo da escada grande e cochichou: - Estou com medo que a Dinda conte as nossas brigas ao Velho.

— Eu pedi que não contasse…

— Ela prometeu?

— Não.

— Então estamos fritos.

À hora do jantar, no meio dum silêncio cortado pelos pigarros do dono da casa, soou nítida e seca a voz de Maria Valéria: - Quase mataram o Toríbio.

Licurgo levantou vivamente a cabeça. A velha falara sem olhar para nenhuma das cinco pessoas que se achavam à mesa: era como se se dirigisse a um conviva invisível. Sem olhar para a cunhada, Licurgo perguntou: - Como foi isso?

Rodrigo procurou desconversar: - Ora, papai, a Dinda não sabe de nada… Foi uma bobagem. O Velho, porém, exigiu a história inteira e Toríbio não teve outro remédio senão contá-la. Andava caminhando, uma daquelas últimas noites, pelas ruelas escuras da Sibéria quando de repente fora atacado…

— Atacado por quem? - quis saber o pai.

— Três polícias…

— Mas lê atacaram por quê? Toríbio encolheu os ombros.

— Sei lá! Decerto porque me viram de lenço colorado no pescoço.

— Desde quando o senhor virou maragato?

— Ora, o lenço não tem a menor importância.

— Pra mim tem.

— Está bem. Eu gosto da cor. E depois é uma maneira da gente mostrar que não está do lado da chimangada.

Licurgo partiu um pedaço de carne e levou-o à boca.

— Bom - murmurou - e depois?

— Os três caíram em cima de mim, de espadas desembainhadas, gritando: “Vamos dar uma sumanta neste assisista”. Recuei e arranquei o revólver…

— Lastimou alguém?

— Não cheguei a atirar.

Toríbio calou-se e ficou a fazer uma bolinha com miolo de pão. Licurgo continuava a comer, de olhos baixos.

— Essa história não está bem contada - resmoneou. Flora olhava fixamente para o marido, como a suplicar-lhe que interviesse. Rodrigo atendeu ao apelo.

— Para resumir a história - disse - uma patrulha do Exército apareceu e os beleguins do Madruga fugiram. Está claro agora?

— Não - respondeu bruscamente Licurgo, cruzando os talheres sobre o prato.

Fez-se um silêncio difícil, que Maria Valéria quebrou com uma nova denúncia: - O nosso doutor também andou brigando.

— Dinda!

Rodrigo ergueu-se intempestivo, o rosto afogueado, e pôs-se a caminhar carrancudo com as mãos nos bolsos, como um menino que procura tomar ares de homem.

— Fiquem todos sabendo que não sou nenhuma criança - exclamou com voz apaixonada. — Tenho trinta e seis anos, sou pai de cinco filhos e responsável pelos meus atos e palavras.

Toríbio sorria ante o rompante do irmão. Licurgo pigarreava repetidamente, com um tremor nas pálpebras. Seus olhos estavam postos na toalha branca, onde traçava sulcos paralelos com a unha do polegar.

Rodrigo aproximou-se dele e disse: - Nós não queríamos lhe contar nada para não incomodá-lo. É verdade que o Toríbio só não foi assassinado graças à intervenção de soldados do Exército. E, quanto ao meu caso, acho que posso resumi-lo em poucas palavras. Anteontem à noite, quando entrei no Comercial, um dos filhos do coronel Prates, o Honorinho, me viu e gritou na frente de todo o mundo: "Ué, valentão, ainda não estás na coxilha?" Como única resposta apliquei-lhe uma tapona na cara. Pronto. Foi o que aconteceu.

— Conte que o moço puxou o revólver - acrescentou Maria Valéria.

— Ora, Dinda! Puxou um revolverzinho de bobagem e apontou para mim. "Atira, miserável", gritei. E virei-lhe as costas.

Por alguns minutos Licurgo ficou em silêncio. Por fim, olhando para o filho, disse: - Está bem. Agora termine de jantar.

— Perdi a fome.

Maria Valéria preparou um prato, colocou-o sobre uma bandeja, chamou Leocádia e disse: - Leve a comida lá em cima pró Antônio Conselheiro.

A negrinha obedeceu. Licurgo olhou para Flora e perguntou: - Afinal de contas, quando é que esse moço vai ter alta?

Rodrigo notara já a má vontade que o pai tinha para com o hóspede: - O dr. Carbone disse que dentro duma semana ele pode já começar a caminhar direito.

— E vai continuar morando aqui o resto da vida?

— Está claro que não, papai. Há muito que ele quer voltar para um hotel. Eu é que não deixo. O Madruga é vingativo. A vida do Ruas ainda está em perigo.

Mais tarde, quando tomavam café na sala de visitas, Licurgo dirigiu-se aos filhos: - Vou fazer um pedido. Aos dois. Não é uma ordem. Afinal de contas quem sou eu nesta casa pra dar ordens?

Os filhos esperavam.

— Quero que os dois sigam amanhã mesmo pró Angico e fiquem lá até que se decida definitivamente essa história de eleição.

Rodrigo não se conteve: - Mas é um absurdo! Vão dizer que fugimos. Licurgo sacudiu a cabeça.

— Não confunda coragem com imprudência. E depois, se as coisas se passarem como a gente espera, haverá muita ocasião de provar que

não temos medo.

Voltou-se para Toríbio: - E o senhor já devia estar lá. Serviço no Angico não falta. Ergueu-se, acendeu um crioulo, pôs o chapéu na cabeça e saiu.

Quando seus passos já soavam na calçada, Rodrigo olhou para o irmão e murmurou: - Todos os sorrisos e carinhos que ele nos nega, decerto vai dar agora para a Ismália Caré…

Maria Valéria, que naquele momento surgira à porta, disse: - Não seja ciumento, menino!

No dia seguinte Rodrigo chamou Arão Stein ao Sobrado, levou-o ao porão, fez um gesto generoso, que abrangia a caixa de tipos, a prensa e a máquina impressora, e disse: - Leva essa geringonça toda. É tua. O Libertador morreu. Não tenho ilusões: a Assembleia vai dar a vitória ao Borges. São uns canalhas. Agora o remédio é resolver a parada na coxilha, a bala.

Naquele mesmo dia Stein levou as máquinas. Vendo-o ao lado da impressora negra e tinta, em cima duma carroça puxada por um burro magro e triste, Maria Valéria murmurou para si mesma: "Que irá fazer o João Felpudo com aquela almanjarra?"

No meio da tarde Rodrigo e Toríbio seguiram para a estância no Ford. Flora e Maria Valéria permaneceram na cidade por causa dos exames finais de Alicinha e Floriano.

Licurgo também ficou, pois não achava direito deixar as mulheres sozinhas no Sobrado com o "forasteiro".

O automóvel chegou ao Angico à tardinha. Avistando a casa da estância à luz cor de chá do último sol, Rodrigo sentiu um aperto no coração, como acontecia sempre que via tapera ou cemitério campestre. Era um casarão de um só piso, estreito e comprido como um quartel. Quatro janelas, com vidraças de guilhotina e três portas enfileiravam-se na fachada sem platibanda, completamente destituída de qualquer atavio, e de um branco sujo e triste de sepulcro abandonado. A única nota alegre do conjunto era dada pelo verde veludoso e vivo do limo que manchava as telhas coloniais.

Rodrigo parou na frente da casa, à sombra de um dos cinamomos, e segurou o braço do irmão.

— Não achas esta casa parecida com o papai? - perguntou. O outro sacudiu negativamente a cabeça, - Não. Ela sempre me pareceu uma mulher parada aqui no alto da coxilha, bombeando a estrada, esperando alguém que nunca chega.

Entraram.

— Mas não me digas que este interior não é um retrato psicológico do velho Licurgo! - exclamou Rodrigo.

Nas paredes caiadas não se via um quadro sequer. Nas janelas, nenhuma cortina. Na sala de jantar, como suprema concessão à arte,

mas assim mesmo por mediação do comércio, pendia da parede um calendário da Casa Sol, com um cromo desbotado: um castelo medieval alemão a espelhar-se nas águas do Reno. Com seu manso sarcasmo, Toríbio lembrou ao irmão que a casa não era de todo destituída de objetos de arte. Não havia na parede de seu quarto de dormir umas velhas boleadeiras retovadas? E o crucifixo histórico no quarto da Dinda, com o seu Cristo de nariz carcomido? E a adaga enferrujada e sem bainha que pendia da parede dos "aposentos" do senhor do Angico?

Rodrigo olhava para os móveis. Eram escassos, rústicos e feios. Cadeiras duras, com assento de palhinha ou madeira. Um horrendo guarda-comida avoengo, sem estilo nem dignidade. A mesa meio guenza, marcada de velhas cicatrizes. Umas cômodas e aparadores indescritíveis, com gavetas sempre emperradas - tudo com um ar gasto e vagamente seboso. Mas toda aquela falta de estilo não representaria afinal de contas… um estilo?

— Sou um ateniense! - exclamou, entre sério e trocista. — Não me sinto bem em Esparta.

— O que tu és bem sei: um maiicão!

Rodrigo ergueu-se rápido e saltou sobre o irmão. Ambos tombaram e rolaram no soalho, aos gritos e risadas. Em menos de dois minutos Toríbio dominou o outro e, montado nele, prendeu-lhe fortemente as espáduas e os braços contra as tábuas, dizendo: - Conheceste o muque, papudo?

— Sai de cima da minha barriga, animal! - pediu Rodrigo, arquejante. — Vais me matar esmagado!

Levantaram-se ambos e entraram num simulacro de luta de boxe que acabou por transformar-se num duelo a arma branca, em que os braços eram as espadas. Tiveram, porém, de parar, porque a criadagem começava a aparecer.

A primeira pessoa que veio cumprimentá-los foi a cozinheira, a Maria Joana, uma cafuza meio idiota. Vieram depois algumas chinocas cor de charuto, crias do Angico.

E foram as perguntas de sempre: Como vão todos no Sobrado? E dona Flora? E dona Maria Valéria? E as crianças?

Quando Rodrigo de novo se viu a sós com o irmão, retomou o tema: - O mundo progride, mas o Angico fica para trás, atolado no passado. Na Argentina e no Uruguai existem estâncias confortáveis, com luz elétrica água corrente.

Nós continuamos com o lampião de querosene, com a vela e com água da pipa. Eu só queria saber por que o Velho teima em não modernizar o Angico? Talvez considere isso um sacrilégio… o mesmo que violar a sepultura do próprio pai.

— Não pensaste também que por sentimentalismo ele queira

deixar as coisas na estância bem como eram no seu tempo de guri? A bem dizer foi aqui que ele passou a maior parte da mocidade…

— Quem sabe?

Toríbio enveredou para dentro de um dos quartos de dormir, onde havia duas camas de ferro, lado a lado.

— Não fujas! - gritou-lhe Rodrigo, seguindo-o. — Escuta esta. Vou escrever um ensaio sobre o gaúcho e o seu horror ao conforto.

Como o outro nada dissesse, ocupado que estava com descalçar as botas, Rodrigo prosseguiu: - Vou provar como para nossa gente (e não esqueças que o velho Licurgo é um típico gaúcho serrano) conforto e arte são coisas femininas, indignas dum homem. Vem dessa superstição a nossa pobreza em matéria de pintura, escultura, literatura e até folclore.

— Desde que esta droga começou - disse Toríbio - vivemos brigando com os castelhanos, ou fazendo revoluções. Não tivemos tempo para mais nada…

Atirou as botas no chão.

— Toma o caso do velho Babalo - continuou o outro. — Detesta travesseiros e colchões macios e suspira de saudade dos tempos de moço, quando levava tropas para Concepción do Paraguai e dormia ao relento, em cima dos arreios…

Toríbio estendeu-se na cama e ficou a remexer com certa volúpia os dedos dos pés, olhando com o rabo dos olhos para o irmão, que dizia: - Essa nossa vocação para o estoicismo e para a sobriedade vem de longe. Estive há poucos dias lendo inventários de estancieiros gaúchos do princípio do século passado. Em matéria de móveis, utensílios e vestuário eram duma pobreza franciscana.

Toríbio olhava fixamente para a aranha que, em um dos cantos do teto, tecia a sua teia. Como ele nada dissesse, Rodrigo prosseguiu: - Diante de tudo isso, é fácil compreender a má vontade do eleitorado do Rio Grande para com o dr. Assis Brasil. Nossa gente não o considera um gaúcho legítimo.

O homem é civilizado, barbeia-se diariamente, anda limpo e bem vestido, mora com conforto, tem livros, tem cultura, viaja, fala várias línguas…

Rodrigo deitou-se na outra cama e ficou a contemplar o pedaço de céu que a janela emoldurava. Em breve estava perdido em pensamentos. Arquitetava o ensaio… mas começava a temer que a coisa toda no fim redundasse numa caricatura do próprio pai, com a sua secura de palavras e gestos, seu horror a tudo quanto pudesse parecer luxo ou prodigalidade, sua falta de apreço por qualquer expressão de beleza ou fantasia.

Rodrigo sentia nas nádegas e no lombo a dureza do colchão de palha sob o qual havia um lastro de madeira. A cada movimento de

sua cabeça, o travesseiro crepitava e talos da palha que o enchia arranhavam-lhe a face.

Pôs-se de pé e saiu do quarto para os fundos da casa, gritando para o irmão: - Vem ver o fim do dia, animal!

— Já vou.

Uma doce luz de âmbar tocava as árvores do pomar. Rodrigo sempre gostara do verde escuro e digno das laranjeiras e bergamoteiras. Era um entusiasta das frutas do Rio Grande: laranjas, pêssegos, bergamotas e uvas. Eram sumarentas, gostosas, duráveis - produtos duma região que contava com quatro estações nítidas. Detestava as frutas tropicais, duma doçura enjoativa e duma fragrância de flor: mal terminava o processo de amadurecimento e já entravam no de decomposição.

De súbito, enternecido pela paisagem, e como para compensar o que havia pouco dissera a Toríbio sobre as deficiências do gaúcho, ficou a perguntar a si mesmo se não seria lícito fazer um confronto entre aquelas frutas sadias e o homem do Rio Grande. Não se poderia também - refletiu, estendendo o olhar pelo campo em derredor - considerar o caráter, o temperamento do rio-grandense-do-sul um produto natural daquela paisagem desafogada e sem limites? Poderia o gaúcho deixar de ser um cavaleiro e um cavalheiro? E um impetuoso? E um guerreiro? E um generoso? E um bravo?

— Deste agora para falar sozinho?

Rodrigo voltou a cabeça. A pergunta partira de Toríbio, que apanhara um pêssego e trincava-o sonoramente com os dentes fortes de comedor de churrasco. Rodrigo encolheu-se e fechou os olhos: o contato da casca penugenta da fruta nos dentes sempre lhe causara um arrepio semelhante ao que sentia quando abraçava mulheres vestidas de veludo.

O sol descia por trás da coxilha do Coqueiro Torto, em cujo topo estava enterrado Fandango, o velho capataz do Angico que morrera centenário.

Era a hora em que a paz do céu descia sobre os campos, as águas paradas pareciam mais paradas, sons e cores se amorteciam numa surdina, as sombras começavam a tomar tonalidades de violeta. Um esplêndido galo branco passeava como um paxá por entre as galinhas que ciscavam no chão de terra batida, dum vermelho queimado, que despedia uma tepidez lânguida, como dum corpo humano cansado. Um guaipeca de pelo fulvo dormia junto da porta da cozinha, de onde vinha um cheiro de carne assada.

Rodrigo estava inquieto. Que era? Talvez fosse a melancolia natural da hora e do lugar. Mas não! Havia mais alguma coisa. Sim, uma espécie de saudade absurda, sem objeto certo, uma sensação de aperto no peito que parecia ser metade ternura, metade expectativa. A

solidão sempre lhe causara angústia. Talvez morasse ainda no fundo de seu espírito o menino que temia a noite e a escuridão.

Pensou no pai com má vontade. Se o Velho não fosse tão cabeçudo, aquela estância podia ser um paraíso. Teria luz elétrica, um gramofone, boas poltronas e camas, uns móveis simpáticos, quadros nas paredes. A imagem do pai se lhe desenhou na mente: a cara triste e tostada, o cigarro preso entre os dentes amarelados, a pálpebra do olho esquerdo a tremer. Ah! Aqueles olhos! Tinham o poder de fazê-lo sentir-se culpado. Eram olhos críticos de Terra: realistas, autoritários, intransigentes.

— Que porcaria! - exclamou Rodrigo.

— Quê?

— Tudo!

Arrancou um pêssego dum galho, partiu-o com as mãos e procurou comer a polpa sem que seus dentes tocassem a casca. Agora o galo estava fora da zona de sombra que se projetava no chão. Sua crista escarlate e empinada tinha algo de fálico.

— Como vamos por aqui em matéria de mulher? - perguntou Rodrigo em voz baixa.

— Mal.

Rodrigo ia pedir pormenores, mas teve de calar-se, pois Pedro Vacariano, que havia pouco apeara do cavalo, na frente do galpão, aproximava-se deles.

Era um caboclo alto e espadaúdo, “homem de pouca fala e muita confiança”

— como o próprio Licurgo reconhecia. A pele de seu rosto tinha algo que lembrava goiaba madura. Os olhos eram escuros e vivos, os cabelos negros e corridos. Uma cicatriz rosada atravessava-lhe uma das faces, da boca à orelha. Tinha trinta e cinco anos de idade, era natural de Vacaria onde matara um homem em legítima defesa. Depois de julgado e absolvido fora obrigado a mudar-se, para fugir aos filhos do assassinado, que haviam jurado vingança.

Diziam que era valente e rijo, capaz de ficar dias e dias sem comer nem beber, e que não tinha paciência com os que falavam quando nada tinham a dizer. Não era fácil para Rodrigo esconder sua antipatia pelo capataz.

Mais de uma vez procurara descobrir, sem resultado, por que seu pai, homem de ordinário tão cauteloso, exigente e desconfiado, acolhera com tanta facilidade na estância o fugitivo de Vacaria, entregando-lhe um posto de tamanha responsabilidade. A verdade era que havia quatro anos que Pedro Vacanano capatazeava o Angico sem jamais ter dado aos patrões o menor motivo de queixa ou desconfiança.

O caboclo apertou rapidamente a mão dos dois irmãos, sem dizer

palavra, e depois, com ambas as mãos na cintura, uma perna tesa e a outra dobrada, como um soldado em posição de descanso, fez com sua voz monótona e Seca um relato da situação do trabalho no Angico. Não se podia deixar de admirar a precisão e a economia verbal com que o capataz se expressava. Não esperdiçou palavra. E enquanto ele falava, Rodrigo analisou-o com olho frio e antipático. Sempre tivera má vontade para com gaúcho que usasse chapéu de barbicacho, como era o caso de Pedro Vacariano. Sempre interpretara o barbicacho como uma espécie de bravata, de provocação. Também não gostava do ar altivo do cabra, do seu jeito de olhar os outros "de cima". Toríbio, no entanto, parecia dar-se bem com ele.

E agora era Bio quem falava, transmitindo ao capataz um recado do velho Licurgo sobre a castração de um cavalo. Pedro escutava, olhando obliquamente pra Rodrigo, que pensava: Esse tipo está me cozinhando.

Não me agrada o jeito dele… Decerto está fazendo troça da minha indumentária: culote caqui em vez de bombachas, perneiras em vez de botas. Cachorro!

O sol estava quase sumido por trás da sepultura do velho Fandango e era uma luz de tons alaranjados que envolvia agora Pedro Vacariano, que ali estava de cabeça erguida, mordendo o barbicacho. Sua figura recortava-se contra um fundo formado por um pessegueiro copado, carregado de frutos maduros. Parecia um quadro. Rodrigo não pôde deixar de reconhecer que o capataz era um belo tipo de homem. Isso o deixou ainda mais irritado, como se ali no Angico só ele tivesse o direito de ser belo e macho.

Ao entrar na sala de jantar mal-alumiada por um lampião de querosene, de cuja manga subia para o teto uma fumaça esfiapada e negra; ao contemplar a mesa tosca - a toalha de algodão dum branco amarelento de açúcar mascavo, a louça grosseira, a farinheira rachada, as colheres de estanho, os garfos e facas de ferro com cabos de madeira, e principalmente o prato fundo trincado pelo qual o velho Licurgo revelara sempre uma predileção inexplicável - , Rodrigo sentiu uma tristeza que só foi compensada pela presença quente, suculenta e olorosa do assado de ovelha, que Toríbio trinchava com uma alegre fúria de anfitrião.

— Senta, homem. Estou com uma fome canina.

Atirou um gordo naco de carne sobre o prato do irmão. Rodrigo cobriu-o de farinha, empunhou garfo e faca e começou a comer. Uma chinoca entrou com uma travessa cheia dum arroz pastoso e reluzente, do qual ele também se serviu. Maria Joana surgiu em pessoa com uma terrina cheia de galinha ao molho pardo, seguida por outra rapariga que trazia um prato com batatas-doces assadas e morangos cobertos de açúcar queimado. Um festim! - fantasiou Rodrigo, mastigando

gulosamente, e já com as bochechas salpicadas de farinha. Sim, um festim da Roma antiga. Ali à cabeceira da mesa, por trás da fumaça que subia do pratarraço de arroz - retaco, sanguíneo, de pescoço taurino e olhinho sensual - , Toríbio parecia um imperador romano.

Os irmãos comiam com uma sofreguidão infantil, trocando pratos, comunicando-se por meio de sinais ou então gritando de boca cheia: "Atira o sal!" - "Pincha a farinheira!" Houve um momento em que Toríbio fez um sinal na direção dos morangos e rosnou: "Me passa aquela bosta!"

Rodrigo obedeceu, sorrindo. O imperador positivamente não tinha compostura. Dizia palavrões, levava a faca à boca, manchava a toalha de molho pardo: grãos de arroz perdiam-se na emaranhada cabelama de seus braços de estivador. Ah! Se a Dinda estivesse presente, já teria gritado "Olhe os modos, Bio!"

Maria Joana contemplava-os em silêncio, a um canto da sala, na penumbra, com a cabeça inclinada para um lado, os braços cruzados. Era uma mestiça de feições repelentes, e sua cabeça pequena, de lisos cabelos muito negros, a pele enrugada colada aos ossos dava a impressão desses crânios humanos encolhidos feitos pelos índios do Amazonas. O que, porém, mais impressionava nela eram os olhos de esclerótica amarelada, com uma fixidez visguenta de olho de jacaré. Falava pouco, resmungava muito. Nos dias de vento andava pela casa com as mãos na cabeça, a uivar, e acabava sempre saindo porta fora e correndo, a esconder-se no bambual, onde esperava que a tempestade passasse. Como era possível - refletia Rodrigo - que aquela criatura imbecilizada, que mais parecia um animal do que um ser humano, fosse capaz de cozinhar com aquela maestria, com aquele requinte. O molho pardo estava divino. O arroz, no ponto exato. O assado? Nem era bom falar…

— Maria Joana - disse ele, metendo a mão no bolso. —Venha cá.

Deu-lhe uma moeda de dois mil-réis. A cafuza apanhou-a com um gesto brusco e ao mesmo tempo arisco. Soltou uma risada estrídula e, olhando para a moeda que mantinha afastada do corpo, na ponta dos dedos, como se ela fosse um bicho repugnante, gritou: "Santa Bárbara, São Jerônimo!", deu uma rabanada e precipitou-se para a cozinha, soltando urros não de alegria, mas de pavor, como se a mais medonha das ventanias tivesse começado a soprar sobre as coxilhas.

— Pobre-diabo - murmurou Rodrigo, seguindo-a com o olhar. — Sífilis.

Depois do jantar Toríbio dirigiu-se para o galpão, como costumava fazer sempre àquela hora. Ia conversar com a peonada, contar e ouvir "causos".

E era certo que o negro Tiago tocaria cordeona e que o velho Zósimo, se estivesse de veia, cantaria umas cantigas que aprendera na

Banda Oriental, nos tempos de pião.

Rodrigo pôs-se a caminhar na frente da casa, ao longo do renque de cinamomos, assobiando baixinho o Loin du bal, olhando para as estrelas, escutando os grilos e as corujas, sentindo na cara a brisa tépida da noite. A lua ainda não havia aparecido, mas já se anunciava na luminescência do horizonte. vagalumes pisca-piscavam no ar, que cheirava a campo.

Rodrigo acendeu um cigarro, agora mais que nunca consciente daquela sensação de desconforto e apreensão. Que seria? Teve uma sensação de perigo iminente, como se das sombras da noite um inimigo estivesse prestes a lançar-se sobre ele. E, de súbito, lançou-se mesmo… Mas veio duma outra noite do passado. Um cadáver ocupou-lhe por inteiro o campo da memória: Toni Weber estendida no chão, o corpo hirto e gelado, a cara lívida, os olhos vidrados, os lábios queimados de ácido…

Rodrigo estacou, abraçou o tronco duma árvore, e algo quente e enovelado subiu-lhe no peito, lágrimas rebentaram-lhe nos olhos. Ó vida insensata!

Ó vida absurda! Ó vida bela e terrível! Havia sete anos Toni Weber se matara por sua causa: era solteira e ele, um homem casado, lhe havia feito um filho… E para afastar-se da morta, para evitar o perigo de trair-se, viera covardemente para o Angico e, numa noite tétrica, andara a correr alucinado por aqueles campos, com medo de enlouquecer…

Era estranho que agora ali se encontrasse de novo, como se nada houvesse acontecido. Ficara-lhe o vago horror daquele cadáver, daquela noite e do remorso… Quanto ao mais, era como se tudo não passasse duma história triste, lida num romance quase esquecido… Mas por quem chorava? Pela suicida? Ou por si mesmo?

Alguém cantava agora no galpão. Era uma toada campeira, triste como uma canhada deserta em tarde chuvosa de inverno.

Pouco antes das nove horas, Toríbio voltou para casa e encontrou Rodrigo ainda a caminhar sob o arvoredo.

— Queres ir camperear amanhã? - perguntou.

— Naturalmente, homem.

— Pois então vai dormir, bichinho, porque saímos às cinco da madrugada.

— Cinco? Não contes comigo. É cedo demais.

Meia hora mais tarde, quando Rodrigo foi para o quarto, encontrou o irmão estendido de borco numa das camas, completamente nu, e já a dormir profundamente. Parou à porta, com uma vela acesa na mão, tomado pela estranha impressão de que não podia entrar, pois naquele compartimento não havia lugar para ele. A presença de Toríbio parecia entulhar o quarto. Ali estava sobre o leito

aquele homem retaco e musculoso, cabeludo como um gurila. O calor de seu corpo aumentava a temperatura ambiente. Seu cheiro acre e seu próprio ressonar pareciam ocupar um espaço físico.

Por alguns instantes Rodrigo ficou a contemplar o irmão, sorrindo.

Depois, colocando o castiçal e o relógio sobre a mesinha que separava as camas, despiu-se, enfiou as calças do pijama de seda e, de torso nu, deitou-se. Apanhou a brochura desbeiçada que viu no chão, e aproximou-a da chama da vela. Era um volume do Rocambole. Toríbio era um leitor voraz de novelas de aventuras.

Rodrigo folheou o livro ao acaso, depois atirou-o no soalho com força, pois sabia que Bio tinha um sono de pedra.

Toríbio reboleou-se, ficou de ventre para o ar e começou a roncar, produzindo um som de trombone. Rodrigo pensou em ir dormir em outro quarto: havia tantos na casa! Mas ficou. Era curioso o efeito que tinha sobre ele a presença do irmão. Dava-lhe a mesma sensação de segurança que ele sentia quando punha o revólver na cintura e saía para a rua, mesmo sabendo que não ia ter nenhuma oportunidade de usar a arma.

Compreendeu que não lhe ia ser fácil dormir. Não estava habituado a deitar-se cedo. O remédio, enquanto permanecesse no Angico, seria acompanhar o irmão nas lidas campeiras, cansar bem o corpo para ter sono àquela hora.

Revirou-se e ficou deitado de bruços, os olhos cerrados, o nariz metido no travesseiro áspero. Ouvia com uma intensidade surda as batidas do próprio coração, como se a víscera estivesse a pulsar dentro do colchão de palha e não dentro de seu peito. Coração de palha… Talvez lhe fosse melhor ser insensível… Havia outra parte de seu corpo que lhe daria menos trabalho se fosse também de palha. Mas qual! A natureza não se enganava nunca: quem se iludia ou errava eram os homens.

Tornou a mudar de posição, ficando agora deitado de costas. De olhos sempre fechados, procurava “ver” o fluxo do sangue quente e inquieto nas veias e artérias. Apalpou o tórax, procurando o relevo das costelas.

Fez descer as mãos para a depressão do abdome (orgulhava-se de não ser obeso), ficou algum tempo a cavoucar com o indicador no botão do umbigo e depois, quando seus dedos tocaram o púbis, teve a súbita e perturbadora consciência duma vaga saudade masturbatória, que o deixou a um tempo indignado consigo mesmo e sexualmente excitado. Uma onda de calor formigoulhe no corpo inteiro, como uma urticária. Arrancou as calças do pijama e ficou tão nu quanto o irmão. Pronto! era preferível que tivesse o corpo recheado de palha, como um espantalho. Não! Era bom estar vivo. Sim, vivo estava, mas não se

sentia feliz. Faltava-lhe alguma coisa. Que era? Talvez uma nova aventura: uma amante, uma viagem… talvez uma revolução. — qualquer coisa, menos o marasmo, a mesmice, aquela triste paródia de vida, à sombra do pai. Que tinha feito até agora senão colher gloríolas municipais? Claro, chegara a deputado estadual, mas que valor tinha isso quando tantas bestas quadradas haviam conseguido o mesmo?

Horrorizava-o a ideia de passar o resto da vida conformado com a mediocracia de Santa Fé. De certo modo misterioso ele sabia, pressentia que um belo destino lhe estava reservado. Sentia-se com ânimo e inteligência para realizar grandes coisas. Mas onde? Como? Quando?

Gostara do Rio de Janeiro. Ficara deslumbrado com o seu cenário natural, seu cosmopolitismo, suas possibilidades eróticas… Lá estava o mar, a Ópera, museus, gente civilizada, lindas mulheres. A solução talvez estivesse numa deputação federal. Mas como ia conseguir isso se havia abandonado seu partido? Além do mais, a maldita situação política tornava tudo incerto, imprevisível.

Toríbio ainda soprava seu trombone. Diabo feliz! Não tinha problemas.

Atirava-se na cama, fechava os olhos e - bumba! - caía no sono. Por que mundos, entre que gente seu espírito andaria agora gauderiando?

Rodrigo cruzou os braços sobre o peito, tornou a procurar o sono… Em que remota canhada, no fundo de que invernada estaria esse boi preto e arisco?

Trinta e seis anos. Caminhava com botas de sete léguas para a casa dos quarenta. Viriam em breve os primeiros cabelos brancos, os primeiros achaques! Não! Não se conformaria jamais com a velhice. O melhor seria morrer por volta dos cinquenta, numa guerra, num duelo… ou de um colapso cardíaco.

Cair na rua fulminado… que bela morte! Não daria trabalho à família, ninguém o veria minguar, apodrecer em cima de uma cama…

Soltou um suspiro de impaciência, procurou nova posição sobre a dureza do colchão. Um grilo entrou no quarto e começou a cricrilar: dueto de trombone e percussão.

Preciso comprar um carro novo - pensou. — O Ford está um calhambeque…

O vulto do pai delineou-se contra o fundo de suas pálpebras. Licurgo amassava a palha para fazer um cigarro. “Pelo que vejo o senhor virou miliardário. Ainda que mal pergunte, não ouviu ainda falar na crise da pecuária? Não sabe que depois que terminou a Guerra Europeia o preço do gado só tem caído?”

O pai. Sempre o pai, a tratá-lo como se ele fosse um menino. Barrava-lhe quase todos os projetos. Censurava-lhe quase todos os

atos, nem sempre necessariamente com palavras, mas com aquele seu olhar que valia por cem sermões.

Que vão todos para o diabo! Tenho de acabar com essa situação deprimente, proclamar minha independência. "Independência ou morte!" Dom Pedro I em cima dum cavalo, erguendo o chapéu de dois bicos… (Rodrigo teve na mente por um instante a apagada reprodução do quadro famoso, num remoto compêndio de História do Brasil do curso primário.) Sua independência dependia em última análise da morte do velho Licurgo.

Santo Deus! Ficou de tal modo alarmado que chegou a soerguer-se como um autômato e pôs-se a olhar fixamente para o quadrilátero da janela. Quis evitar, mas não conseguiu, a ideia de que, se o Velho morresse ele, Rodrigo Terra Cambará, tomaria posse de sua própria vida, poderia ir a Paris, à Cochinchina, aonde quisesse, sem ter de dar explicações a ninguém… Censurou-se a si mesmo (e neste momento estava sendo o seu próprio pai) por se permitir tais pensamentos. Era monstruoso. Amava, respeitava o Velho. A vida dele era-lhe preciosa. Que Deus a conservasse ainda por muitos anos!

Tornou a estender-se na cama, fechou os olhos, procurando fugir àquelas cogitações absurdas e perversas. Mas não pôde evitar uma visão terrível: o pai morto dentro dum ataúde, um lenço roxo a cobrir-lhe o rosto. Senhores! Deve haver algum engano. Ninguém morreu!

Abram as janelas! Apaguem as velas! Mandem tirar da sala essas coroas e flores! Deixem entrar o ar puro, o sol… O Deus, perdoai-me por eu não poder fugir a estes pensamentos. Zelai pela vida do meu pai, pela vida de toda a minha família. Se alguém tiver de morrer, que seja eu. (Que Deus me livre!) Mas o exorcismo não deu o resultado esperado. Porque agora Rodrigo via sua própria imagem refletida no espelho grande da sala. Estava de luto fechado. Tinha voltado da missa de sétimo dia.

Lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces.

Olhou o relógio. Quase onze. Toríbio e o grilo continuavam o seu concerto. Rodrigo procurava em vão e às cegas as portas do sono. E se no dia seguinte alguém lhe perguntasse em que momento exato as imagens da vigília se haviam dissipado para darem lugar às do sono, ele não saberia responder.

Quando na manhã seguinte, alto o sol, Rodrigo saiu de casa, a sensação de brusca beleza que lhe veio do céu e das coxilhas foi de tal maneira intensa, que ele estacou, a respiração cortada, como se tivesse recebido um golpe de lança em pleno peito. Lágrimas vieram-lhe aos olhos, e ele se quedou a perguntar a si mesmo como era que não tinha percebido antes (ou percebera e esquecera?) que vivia talvez dentro duma das mais belas paisagens do mundo.

Existiam naturezas convulsas e vulcânicas como a dos Andes -

refletiu, fungando como um menino prestes a chorar. Terras desoladas e pardas como as da Mancha, por onde andara o Quixote. Alguém lhe falara um dia na seca, desmaiada beleza de certas zonas desérticas, riçadas de cactos que produziam as flores esquisitas. Sempre sentira algo de vagamente indecente na exuberância tropical: a natureza que cerca o Rio de Janeiro dera-lhe a impressão duma fêmea em permanente cio. Agora, este quadro o encantava e enternecia pelo que tinha de singelo e límpido. Se o deserto lembrava a transparência da aquarela e o trópico sugeria o lustroso empastamento do óleo, as campinas do Rio Grande pareciam um quadro pintado a tempera.

Meio ofegante, Rodrigo contemplava a amplidão iluminada. O desenho e as cores do quadro não podiam ser mais sumários e discretos: o contorno ondulado das coxilhas, dum verde vivo que dava ao olhar a sensação que o cetim dá ao tato: caponetes dum verde-garrafa, azulados na distância, coroando as colinas ou perlongando as canhadas: barrancas e estradas como talhos sangrentos abertos no corpo da terra. Por cima de tudo, a luz dourada da manhã e o céu azul duma palidez parelha e rútila de esmalte e duma inocência de pintura primitiva. A paisagem tinha a beleza plácida e enxuta de um poema acabado, a que se não pode tirar nem acrescentar a menor palavra.

Rodrigo saiu a andar pelas campinas, respirando fundo e já fazendo belos planos. Ali estava a solução - disse para si mesmo, sem muita convicção, mas feliz por poder pensar nessa possibilidade. Abandonaria a medicina e a política, passaria a viver largas temporadas no Angico, como um esquire inglês, perto da terra, alternando a faina do campo com a do espírito, a música de bons discos com o mugido dos bois. Podia até escrever um livro… Por que não? Talvez um ensaio sobre o Rio Grande, no qual procurasse descobrir as raízes de suas lealdades castilhistas e gasparistas. Ou então uma história máscula da Revolução de 93. Não. O melhor seria uma biografia de Pinheiro Machado. Ocorria-lhe até um título: O caudilho urbano. Começaria com a visita do senador ao Sobrado, em 1910…

Estava agora convencido de que a vasta e limpa solidão do Angico era mil vezes preferível à atmosfera opressiva de Santa Fé, o burgo podre dos Madrugas e Camachos. Já que não podia viver numa grande metrópole, viveria na estância. Não podia ter Paris? Teria o Angico. Em vez de andar pelos bulevares, burlequearia pelos potreiros… Nunca fora homem de aceitar o meio-termo. O problema estava resolvido! E para dar ênfase à resolução, desferiu um pontapé numa macega. Diabo! Havia um sabor acre e macho naquela vida telúrica.

Afinal de contas era naquele chão que Terras e Cambarás tinham suas raízes.

Nos dias que se seguiram, Rodrigo entregou-se por inteiro às lidas

do campo, com um fervor de cristão-novo, acompanhando em tudo o irmão, que ele observava com uma inveja cordial, e que procurava imitar, mas sem muito resultado, pois precisava de considerável esforço para fazer mediocremente o que o outro fazia muito bem, e com naturalidade.

Quando ambos eram meninos, Rodrigo orgulhava-se da força e da coragem de Bio, assim como este mal escondia sua admiração pelas qualidades intelectuais do irmão mais moço. Muita vez no pátio da escola, à hora do recreio, Rodrigo congregava os amigos para exibir o "muque" do Bio e suas proezas de saltimbanco. Toríbio não se fazia rogar. Virava cambalhotas tão bem como um "burlantim" profissional. Não havia noite em que, antes de dormirem, ele não desse um espetáculo para o irmão. E como Rodrigo fosse a melhor das plateias, Toríbio entusiasmava-se. Um dia, no seu fervor circense, resolveu "fazer uma mágica": comeu a metade duma vela de cera ante os olhos horrorizados do irmão, que sabia que essa vela havia sido roubada a uma sepultura do cemitério.

E agora, ali no Angico, Toríbio continuava na sua "semostração". Mudara, porém, o repertório. Duma feita mandou o irmão jogar para o ar, bem alto, uma lata de compota vazia e, antes que esta caísse no chão, varou-a três vezes com balaços de revólver.

— Desafio o Assis Brasil a fazer o mesmo! - exclamou. Um dia, durante o banho na sanga, mergulhou e ficou tanto tempo sem aparecer à tona, que Rodrigo começou a inquietar-se. Ia mergulhar também para ver que havia acontecido, quando Toríbio emergiu do fundo do poço, lustroso e gordo como uma capivara.

— É ou não é pulmão? - perguntou.

Uma manhã, na Invernada do Boi Osco, como quisessem laçar um forte tourito de sobreano, e como um dos peões já estivesse de laço erguido, Toríbio gritou-lhe: - Deixa esse bichinho pra mim!

Precipitou-se a todo galope e, em vez de usai o laço, jogou-se do cavalo em cima do touro, agarrando-se-lhe primeiro ao pescoço e depois às aspas… e assim enovelados homem e animal percorreram uns dez metros… Por fim estacaram. Toríbio torceu a cabeça do touro até fazê-lo tombar por completo no chão. A peonada ria e soltava exclamações de entusiasmo. Quando Rodrigo se acercou do irmão, este, ainda segurando as aspas do animal e apertando-lhe a cabeça contra o solo, ergueu a face lustrosa de suor, de sol e de contentamento, e disse: - Te desafio a fazer o mesmo.

— Ora vai tomar banho!

E durante três dias a lida foi dura e contínua em todas as invernadas.

Ao cabo desse tempo, Toríbio devolveu a capatazia da estância ao Pedro Vacariano e passou a entregar-se a frequentes e misteriosas

excursões aos capões das vizinhanças, de onde voltava trazendo grandes ramos de açoita-cavalo e guajuvira. Intrigado, Rodrigo perguntou: - Que história é essa?

— Estou preparando o meu arsenal. Tu te esqueces que estamos em véspera de guerra.

— E que vais fazer com esses paus?

— Lanças. Quero organizar um piquete de cavalaria. É ainda a melhor arma para a nossa campanha, digam o que disserem.

— Estás completamente doido. Estamos em 1922 e não 1835. Toríbio nada disse. Ajudado por mais dois peões munidos de facões afiados, começou a dar àqueles paus a forma de lanças. E Rodrigo, que andava em lua-de-mel com o Angico e os novos projetos de vida, tornou a pensar na iminência da revolução. Só agora lhe ocorria fazer a si mesmo a pergunta crucial: “Com que armas vamos brigar?” E enquanto o irmão e os peões falquejavam madeira e ajustavam à extremidade dos paus pedaços pontiagudos de ferro, folhas de velhas tesouras de tosquiar - ele pensava em que o governo naturalmente lançaria contra os revolucionários a sua Brigada Militar, adestrada e aguerrida, com bons fuzis Mauser e até metralhadoras. E essa ideia deixou-o perturbado, pois não se harmonizava com seu estado de espírito no momento. Certa manhã encontrou por acaso em uma gaveta um número atrasado de Illustration, que lhe deitou por terra os planos rurais e lhe despertou, mais agudo que nunca, o desejo de visitar Paris. Seu nariz, saturado do cheiro de creolina, sabão preto, picumã e couro curtido, de súbito clamou por perfumes franceses. E à hora da sesta, com a revista aberta sobre o peito, imaginou que passeava em Paris, em SaintGermain-des-Prés, na Place de 1'Étoile… Tomou absinto num café de Montmartre e dormiu com várias mulheres que caçou nas ruas.

Decidiu então que tinha de ir a Paris, custasse o que custasse. Estava claro que Flora preferiria ficar em Santa Fé, por causa dos filhos. O velho Licurgo ia fazer cara feia, mas acabaria por aceitar a ideia da viagem… Estava decidido. Iria em princípios de março, passaria a primavera na cidade de seus sonhos.

No entanto ali estava o irmão a fabricar lanças de pau para seu piquete de cavalaria…

— Queres fazer uma aposta? - perguntou Toríbio. — Lá por fins de fevereiro, o mais tardar, estamos na coxilha tiroteando com a chimangada.

Rodrigo sacudiu a cabeça, numa afirmativa taciturna.

— Sim, e um de nós dois pode estar morto, enterrado e podre numa dessas canhadas…

Toríbio encolheu os ombros.

— Pode ser que eu me engane, mas acho que ainda não nasceu o

filho da puta que vai me matar…

No dia seguinte chegou um próprio de Santa Fé, trazendo a correspondência e um maço de jornais. Havia um bilhete de Flora, um recado lacônico de Licurgo e uma longa carta de Dante Camerino, lamentando que seu "amigo e protetor" não pudesse ir a Porto Alegre para assistir à cerimônia de sua formatura.

— Temos o Dante já doutor!- disse Rodrigo, sorrindo.

— Quem diria! - maravilhou-se Toríbio. — O engraxate da Funilaria Vesúvio…

— Vou pôr o rapaz a trabalhar no meu consultório e na Casa de Saúde, com o Carbone.

— Esse guri nasceu com o rabo pra lua!

Rodrigo atirou-se aos jornais. Continuava o debate em torno do tribunal de honra que os procuradores de Assis Brasil haviam proposto em carta a Borges de Medeiros, para julgar a eleição. Em um editorial d'A Federação, que comentava essa carta, Lindolfo Collor ironizava seus signatários, corrigindo-lhes o português.

— Esse dr. Topsius de São Leopoldo! - exclamou Rodrigo, irritado. — Não perde oportunidade para mostrar que sabe gramática!

Os jornais transcreviam também os debates da Assembleia. Um deputado da oposição protestava contra o fato de a apuração das eleições estar sendo feita a portas fechadas, sem a presença dum fiscal sequer da facção assisista.

— Está claro que assim podem fazer o que querem. Cachorros! É a história de sempre.

Quando terminou de ler o último jornal, Rodrigo já não olhava com olhos cépticos ou irónicos para as lanças de Toríbio. Estava convencido de que a revolução era mesmo a única alternativa. A comissão de poderes e lá estava o Getulinho!) fazia a portas fechadas a "alquimia" eleitoral.

— Se a revolução tem de sair mesmo - disse ele a Toríbio - por que perder tempo neste fim de mundo?

Talvez o melhor fosse ir a Porto Alegre para confabular com os líderes oposicionistas. Antes, porém, tinha de sondar os correligionários em Santa Fé, saber com quantos homens podiam contar, com que quantidade de armas e munições…

Toríbio e Pedro Vacariano saíam pelas invernadas a visitar agregados e posteiros. Para muitos daqueles homens, uma revolução era a oportunidade de gauderiar, de cortar aramado livremente, de carnear com impunidade o gado alheio.

— Acho que só no Angico, contando a peonada, podemos recrutar uns oitenta soldados - declarou Toríbio ao voltar da excursão. — Temos de contar também com gente que possa vir da cidade…

— Se eu fosse tu, não confiaria muito nesse caboclo. Isso é

homem de matar um companheiro pelas costas…

— O Vacariano? Boto a minha mão no fogo por ele.

Aquele ano os Cambarás tiveram um Natal festivo, como de costume. Flora armou no centro da sala de visitas um pinheiro nativo de Nova Pomerânia, duma forma cónica quase perfeita e dum verde fosco e acinzentado.

Pendurou-lhe nos galhos esferas de vidro verdes, azuis, solferinas, prateadas e douradas, bem como ajustou nele pequenas velas de várias cores. Maria Valéria, como a própria Fada do Inverno, atirou chumaços de algodão sobre a árvore, num simulacro de neve. E, como para tirar à festa o "sotaque" alemão, colocou ao pé do pinheiro algumas figurinhas de presépio.

Rodrigo acendeu as velas, pouco depois do anoitecer, na presença da gente da casa e de alguns amigos. Havia dois ausentes: Toríbio, que não acreditava "naquelas besteiras", e Licurgo, que estava na casa da amante. O velho Aderbal e a mulher tinham vindo à tarde trazer seus presentes aos netos, e antes do cair da noite haviam retornado ao Sutil.

Apagou-se a luz elétrica. Aproximava-se a hora misteriosa da chegada de Papai Noel. Edu agarrou-se às saias de Maria Valéria de um lado, e Zeca fez o mesmo de outro. Jango, pelas dúvidas, meteu-se num canto, em atitude defensiva, e ficou esperando… Sílvia olhava para a árvore iluminada com um grave espanto nos olhos de gueixa. Alicinha, apertando Aurora contra o peito, aproximou-se da mãe, que tinha agora Bibi nos braços. Floriano contemplava a cena, sentado no primeiro degrau da escada do vestíbulo. Sabia que quem viria disfarçado de Papai Noel seria, como todos os anos, o Schnitzler da confeitaria; mas gostava de fazer de conta que ainda acreditava na lenda segundo a qual o Velho do Natal vinha do polo Norte, voando sobre campos, montanhas e cidades no seu trenó puxado por duas parelhas de renas. E agora, olhando para o pinheiro rutilante na sala sombria, o rapaz enfiava a cara por entre as grades do corrimão, esperando o grande momento, com a sensação de ter mariposas vivas no estômago.

— Atenção! - bradou o Chim, olhando o relógio. — O bichão vai chegar…

Não estão ouvindo o barulho da carruagem?

Rodrigo deu corda ao gramofone e pô-lo a tocar a Marcha da Aída, interpretada pela Banda dos Fuzileiros Navais. Acordes heroicos encheram a casa. As mariposas de Floriano alvorotaram-se.

Ouviu-se um ruído de passos para as bandas da cozinha, onde Laurinda gritou: "O Velho chegou! Minha Nossa!" E então uma imponente figura surgiu à porta da sala: um Papai Noel todo vestido de vermelho, com longas barbas de algodão, um capuz na cabeça, um

ventre enorme, o saco de brinquedos às costas. Soltou uma gargalhada estentórea e bonachona.

Bibi rompeu a chorar. Edu fechou os olhos e agarrou-se com mais força à perna da Dinda. Alicinha contemplava o recém-chegado com uma expressão de fastio nos olhos adultos. Sílvia, de boca aberta, o beicinho trémulo, aproximou-se de Rodrigo e abraçou-lhe as pernas.

Jango tapou os olhos com as mãos, mas ficou espiando o "bicho" por entre os dedos. Zeca murmurava: "Não tenho medo dele… não tenho medo dele…" Mas não largava a saia de Maria Valéria. Gabriel, o prático de farmácia, estava de pé a um canto, olhando a cena com a boca semi-aberta, e algo de pateticamente infantil nos olhos mansos.

Papai Noel deu alguns passos e pousou o saco no soalho, no centro da sala. Seguiu-se a distribuição de brinquedos, ao som da marcha e do berreiro desenfreado de Bibi. Passado o primeiro momento de medo, Edu deu dois pulos à frente, soltou uma cusparada na direção da barriga do Velho, e em seguida recuou, entrincheirando-se atrás da mãe.

— Todos os meninos se comportaram bem? - perguntou o Weihnachtsmann com seu forte sotaque alemão.

Através das órbitas da máscara de papelão apareciam os olhos claros do confeiteiro. O suor punha-lhe manchas escuras na roupa.

A música do gramofone cessou. Chiru mudou o disco. Era agora uma valsa vienense. Papai Noel começou a dançar, ao mesmo tempo que entregava os pacotes. Havia presentes para os grandes. Gravatas para Chiru e Gabriel. Uma cigarreira para Neco Rosa. Uma camisa de seda para o dr.

Ruas, que manquejava dum lado para outro, apoiado numa bengala. Roque Bandeira ganhou um Dicionário de Aulete. Para Stein havia um volumoso pacote.

— Abra - disse Rodrigo ao judeu.

O rapaz obedeceu. Dentro da caixa enfileiravam-se os volumes da História universal de César Cantù.

— Ah! - fez Stein.

— Então, não dizes nada?

— Muito obrigado, doutor.

— Assim com essa falta de entusiasmo? Se queres, devolvo esses livros e te compro outra coisa…

— Não senhor, está muito bem.

Ajoelhado ao pé da caixa, Arão Stein mirava as lombadas dos volumes. E como Roque Bandeira se acocorasse ao lado dele para mostrar-lhe o seu Aulete, o judeu murmurou: - Imagina, o César Cantù! A história narrada do ponto de vista safado e convencional da burguesia: a exaltação do capitalismo, a justificação das guerras, a glorificação dos generais, do imperialismo…

— Finge ao menos que estás contente, ingrato - rosnou o outro, com os olhos em Rodrigo, que naquele momento entregava um presente à esposa.

Flora passou a filha mais moça para os braços de Maria Valéria e abriu o pequeno pacote. Era um estojo de veludo roxo, dentro do qual fulgia um anel de brilhante.

— Gostas? - perguntou o marido, sabendo já o que ela ia dizer.

Como única resposta ela lhe enlaçou o pescoço e beijou-lhe a face.

— Agora - anunciou o anfitrião - o presente da madrinha. Abriu um pacote, tirou de dentro dele um xale de lã xadrez e entregou-o à Dinda, que o agarrou e disse, seca: - Podia ter empregado melhor o seu dinheiro. Velha não carece de presente.

Papai Noel continuava a valsar ao redor da sala, pesado como um urso. Já agora, entretidas com os brinquedos, as crianças lhe davam menos atenção. Mas Edu, vendo aquele traseiro gordo e vermelho passar por perto, precipitou-se contra ele e desferiu-lhe uma cabeçada. Papai Noel desatou a rir e atirou-se no chão, fingindo que tinha sido derrubado. Rodrigo aproximou-se do confeiteiro.

— Agora vai embora, Júlio - segredou-lhe - antes que comeces a perder o prestígio. A máscara está afrouxando…

Papai Noel fez as despedidas, com promessas de voltar no ano seguinte, e rosnando ameaças para os meninos e meninas que não se comportassem bem durante o ano.

Alguém acendeu a luz do lustre. As crianças foram levadas para o andar superior.

— Agora vamos comer e beber alguma coisa! - exclamou Rodrigo.

Ele próprio havia preparado um bowle, que começou a servir generosamente. Chiru quebrava nozes entre as manoplas. O dr. Ruas sentou-se ao piano e atacou a valsa Sobre as ondas. Leocádia surgiu com um prato de croquetes quentes. Neco Rosa foi o primeiro a servir-se.

Gabriel bebia em silêncio no seu canto.

Por volta das nove horas entraram no Sobrado os Carbones. Ele vinha duma operação de emergência, um caso de ventre agudo, e estava eufórico. Ela, envolta numa aura de água-de-colônia e alho, começou a distribuir abraços e beijos. Rodrigo entregou os presentes destinados ao casal.

— Auguri! - exclamou o cirurgião, pondo-se na ponta dos pés para beijar a testa ao amigo. Santuzza puxou o anfitrião contra os seios e aplicou-lhe uma beijoca sonora na boca.

Poucos minutos mais tarde Cario Carbone estava ao lado de Miguel Ruas, que ensaiava o acompanhamento duma outra canzonetta.

Rodrigo ficou por alguns instantes a mirar a própria imagem

refletida numa das esferas de vidro. “Onde estará o senhor dentro de um mês?”, perguntou a si mesmo, começando já a entrar no “porre suave”. "Em cima dum cavalo, na frente duma coluna revolucionária, em plena coxilha?

Debaixo da terra, numa sepultura rústica perdida no meio do campo?

Onde?"

Carbone soltou a voz de tenor, doce, afinada e meio trêmula. Era o Torna a Sorrento.

Chiru olhou para Neco e disse: - Pelo que vejo, hoje não vais poder tocar violão. O barbeiro deu de ombros.

— Pouco m'importa. Deixa que o gringo se divirta.

Stein explicava a Bandeira por que razão era contra a lenda do Natal: - É preciso preparar a infância para a sociedade socialista do futuro, e isso se faz com realismo e não com quimeras. A história de Papai Noel, além de importada, é uma lenda burguesa, baseada no sobrenatural. Está tudo dentro do esquema clerical-capitalista. É a velha peta do milagre… Um dos muitos truques que os donos do poder empregam para manter as massas narcotizadas e submissas.

Bandeira foi até a mesa servir-se outra vez de bowle. Voltou mastigando um pedaço de abacaxi.

— Esqueces outro aspecto da questão - disse. — Refiro-me ao interesse que tem o comércio de estimular este tipo de celebração, tu sabes, o hábito, a quase obrigação de dar presentes. E a todas essas, pouca gente se lembra do verdadeiro sentido desta data: o nascimento de Jesus.

— Outra lenda!

— Pode ser. Mas cala a boca, que o dr. Rodrigo vem vindo. Finge de bem-educado, ao menos hoje, sim?

Rodrigo aproximou-se dos dois amigos.

— E vocês? Discutindo sempre? Já comeram alguma coisa? Que é que vais beber, Arão?

Afastou-se sem esperar as respostas a estas perguntas.

A morna brisa da noite entrava pelas janelas e sacudia as esferas e os enfeites do pinheiro, que crepitavam. As chamas das velinhas oscilavam.

Rodrigo sentiu que lhe tocavam no braço.

— Que tens? Estás tão sério…

Voltou-se. Era Flora. Achou-a linda. Como pudera traí-la tantas vezes com outras mulheres?

— Não, meu bem. Não é nada.

Aproveitando o momento em que a maioria dos convivas se encontrava na sala de jantar, ao redor da mesa, Flora pousou por um breve instante a cabeça no ombro do marido, num gesto que o

enterneceu.

— Rodrigo, me fala com franqueza. . . Essa revolução vai sair mesmo?

Ele lhe acariciou os cabelos.

— Não penses nisso, minha flor.

— E se sair… - Havia um tremor na voz dela. — Se sair… tu tens de ir?

— Flora, meu bem, estamos na véspera do Natal. Não vamos falar em coisas tristes.

— Mas eu preciso saber, não tenho dormido direito pensando nisso…

Carbone terminou a cançoneta num agudo um tanto falso, que mais pareceu um balido de ovelha. O dr. Ruas bateu no piano com bravura o acorde final. Ouviram-se aplausos.

— Depois conversaremos - disse Rodrigo. — Vai atender os teus convidados. — Abraçou a mulher, beijou-lhe rapidamente os lábios e murmurou: - Haja o que houver, quero que saibas que eu te amo, estás ouvindo? Te amo!

Ela se afastou, o rosto afogueado, os olhos brilhantes. Carbone e o ex-promotor agora ensaiavam baixinho o Ideale, de Tosti.

— Mas suponhamos que saia a revolução… - dizia Roque Bandeira a Stein, que folheava distraído um dos volumes do dicionário.

O judeu sacudiu os ombros.

— Que briguem e se matem! Não tenho nada com isso. Acho que tu também não tens.

— Por quê?

— Se és o racionalista que imagino, não podes ir atrás dessas baboseiras de assisismo e borgismo.

Tio Bicho emborcou sua taça e depois ficou catando com o dedo os pedacinhos de abacaxi que haviam ficado no fundo dela.

— Ora, tu sabes como é difícil a neutralidade… - murmurou. — E fica sabendo que brigar é menos uma questão de convicção ideológica que de temperamento ou oportunidade.

Como Rodrigo de novo se aproximasse, Stein acercou-se dele, dizendo: - Dr. Rodrigo, agora quero lhe dar o meu presente de Natal. Meteu a mão no bolso interno do casaco e tirou um folheto, entregando-o ao amigo.

— Que é isto?

— Faça o favor de ver o título…

Era um caderno comovedoramente mal-impresso em papel de jornal ordinaríssimo. O título: Manifesto comunista.

— Ah! - fez Rodrigo.

— Já leu esse grande documento?

— Uma vez passei-lhe os olhos…

Era mentira. Mas que importância tinha o assunto?

— Ó Arão - disse, segurando o braço do rapaz - vou te pedir uma coisa.

Tem cuidado quando distribuíres esta coisa. Tu sabes que existe no país uma lei contra a propaganda maximalista.

— Eu sei, doutor. Não se preocupe.

Rodrigo meteu o panfleto no bolso e dirigiu-se para o vestíbulo, pois naquele momento batiam à porta. Era Júlio Schnitzler, que voltava envergando sua roupa domingueira, e desta vez em companhia de sua Frau e da filha. Como acontecia todos os anos na véspera de Natal, vinham trazer de presente aos Cambarás um grande bolo.

— Entrem! Subam! - exclamou Rodrigo, abraçando-os. Flora cortou o bolo e serviu os convidados. O dr. Carbone atacou o Ideale. Santuzza, na opinião do Neco, já estava um pouco “alegrete”, pois desde que chegara não cessara de empinar taças sobre taças de bowle.

Quando, minutos depois, o dr. Dante Camerino entrou no Sobrado, foi recebido com exclamações e palmas. O rapaz abraçou o anfitrião, e entregou-lhe um presente.

— Ora, não devias te incomodar - disse Rodrigo, metendo o pacote no bolso sem abri-lo. — Agora quero te entregar o teu presente.

Camerino abriu os braços: - O meu presente? Depois de tudo quanto o senhor fez por mim? Me custeou os estudos, me deu livros, me mandou dinheiro, Santo Cristo! E ainda fala em presente?!

Dante estava engasgado, lágrimas brotavam-lhe nos olhos. Rodrigo inclinou-se e apanhou o pequeno pacote que jazia ao pé da manjedoura, à sombra da figurinha de São José.

— Dr. Dante Camerino - disse, com fingida solenidade. — Aceite esta pequena lembrança de seu velho amigo…

Ele próprio não pôde terminar a frase, porque a emoção lhe trancou a voz. Dante abriu o pacote com mãos aflitas. Era um anel de formatura.

— Mamma mia! - exclamou ele. E atirou-se nos braços de seu mecenas, e ficaram ambos abraçados, num equilíbrio precário; enquanto o dr. Carbone cantava com entusiasmo a canção de Tosti, o ex-promotor fazia vibrar o piano com verdadeiros manotaços, Santuzza empinava mais um copo de bowle, Chiru Mena matava "chimangos" num combate imaginário e Neco Rosa cocava com olho lúbrico Marta, filha do confeiteiro…

Fungando, meio encabulado, Dante enfiou o anel no dedo e ergueu-o no ar.

A esmeralda faiscou. E vieram os parabéns e os abraços dos outros, inclusive de Stein, que foi empurrado por Bandeira. Maria Valéria limitou-se a tocar-lhe o ombro com as pontas dos dedos. Mas Flora deu-lhe um abraço maternal. Marta ficou enleada e mais vermelha que de costume ao apertar a mão do recém-formado. Chiru começou um discurso, a taça na mão: - Saúdo o nosso Hipócrito…

— Hipócrates, seu burro! - corrigiu-o Rodrigo. E, afastando-o do caminho, disse: - Cala a boca, que agora os Schmtzlers vão nos cantar umas canções de Natal.

— Então manda esse gringo parar a cantoria.

Carbone, porém, chegara ao fim de sua canção e agora se reunia aos outros, seguido pelo dr. Ruas. Rodrigo tornou a apagar a luz do lustre. Sentaram-se todos na sala de jantar, enquanto os três Schnitzlers se postavam junto do pinheiro. Fez-se um silêncio, dentro do qual se ouviram, a capela, as vozes afinadas da família do confeiteiro.

Era uma velha canção de Natal: Stille Nacht, heilige Nacht! Alies schlãft, einsam wacht.

As luzes coloridas da árvore refletiam-se nos cabelos de Marta. Rodrigo não tirava os olhos dela. Achava-a bem-feita de corpo, apetitosa, a cara redonda e corada parecia uma fruta madura.

Que pena! - refletia ele. Se alguém não apanha essa maçã para comer agora, ela pode bichar.

Os peitos da alemãzinha arfavam. Frau Schnitzler tinha uma bela voz de contralto. Júlio era um tenor razoável. Marta, um tremelicado soprano ligeiro. Para pronunciar certas palavras seus lábios carnudos e vermelhos tomavam a forma dum botão de rosa, o que deixava Rodrigo excitado. E ele bebia bowle gelado, copo sobre copo, para refrescar-se, apaziguar aquele calor de entranhas que a filha do confeiteiro contribuía para aumentar com seus movimentos de seios e de boca.

Foi despertado de seu devaneio erótico pelos aplausos. O trio cantou a seguir o Adeste, fideles. As velas na árvore começavam a morrer.

Ó sede insaciável - exclamou Rodrigo interiormente. — Ó desejo

sem fim!

Dante Camerino de instante a instante erguia a mão e contemplava o anel.

E quando a última canção terminou e as luzes se acenderam, Maria Valéria estendeu um dedo acusador na direção do jovem médico.

— Cruzes! O Dante também!

Camerino ficou espantado sem saber a que a velha se referia.

— Que é, titia? - perguntou Rodrigo. Maria Valéria apontava para as pernas do rapaz.

— Olhe as calcinhas dele! Os sapatos bicudos! Credo!

Dante ficou vermelho, como se de repente houvesse descoberto que estava nu.

Quase todos romperam a rir. Camerino estava vestido de acordo com o rigor da moda: casaco comprido, muito cintado e justo ao corpo, calças estreitíssimas, e um colarinho alto com uma gravata que, de tão estreita, mais parecia um cordão de sapato.

— É o que se usa em Porto Alegre - balbuciou ele. O ex-promotor sorriu: - Não faça caso. Isso só prova o seu bom gosto. Chiru murmurou para Neco sua opinião: - Pode ser moda, digam o que disserem, mas um médico, um doutor, devia se dar mais o respeito.

Neco concordava, palitando a dentuça. Carbone insistia para que Ruas voltasse ao piano. Sabia ele acompanhar o Santa Lúcia Luntana?

Cantarolou a música.

Santuzza estava escarrapachada no sofá, abanando-se com um leque.

Parecia sufocada. Por precaução Flora apagou as velas da árvore e subiu ao andar superior onde as crianças estavam fazendo muito barulho.

— Mande todos pra cama! - recomendou Maria Valéria.

Rodrigo procurava Marta com o olhar. Onde estaria a rapariga? Saiu da sala e encontrou-a sozinha no corredor, junto duma janela, no fundo da casa. O anfitrião sentia uma tontura boa, que lhe dava uma grande cordialidade, um desejo de ser bom, amável, carinhoso para com todo o mundo.

— Aaah! - fez ele numa longa exclamação, aproximando-se da filha do confeiteiro. — Que é que a menina está fazendo sozinha aqui?

E, com uma rapidez de relâmpago, um plano doido lhe passou pela cabeça: arrastar a Marta para a despensa, fechar a porta e possuí-la, comê-la entre as latas de doce da Dinda.

Sem perder tempo, enlaçou-lhe a cintura.

— O titio não ganha um beijinho de Natal?

Marta encolheu-se, procurou esquivar-se, mas ele a puxou contra si com a mão direita, enquanto com a esquerda fazia explorações

aflitas nos seios da rapariga.

Uma voz fê-lo estremecer.

— Rodrigo!

Largou a presa. Marta afastou-se, quase a correr, rumo da cozinha.

Rodrigo voltou-se e viu Maria Valéria, acusadora e terrível como o arcanjo Gabriel, a anunciar o Juízo Final.

— Eu estava conversando com a Marta, Dinda…

— Desde quando você conversa com as mãos? Não tem vergonha na cara? Na sua própria casa, e na noite de Natal!

Furioso, Rodrigo deu dois passos na direção da porta da cozinha, abriu-a, saiu para a noite e foi até o fundo do quintal, onde ficou sob as estrelas a ruminar a sua fúria e o seu despeito.

Na manhã seguinte Rodrigo acordou tarde. Eram quase onze horas quando terminou de barbear-se. Estava diante do espelho a examinar a língua, quando Flora lhe veio dizer que um visitante o esperava na sala.

— Quem é?

— O dr. Terêncio Prates.

Rodrigo franziu a testa. Ué! Que quererá ele? Nunca me visitou…

Lembrou-se da bofetada que dera no Honorinho no clube, havia algumas semanas, e concluiu: “Vem me desafiar para um duelo em nome do irmão”.

Pois que seja! Desceu as escadas pisando duro e entrou na sala de cara fechada. O outro, porém, ergueu-se, risonho, veio a seu encontro e abraçou-o, desejando-lhe um feliz Natal.

Era um homem de trinta e quatro anos, alto, trigueiro, enxuto de carnes.

Tinha uma expressão altaneira que se revelava na cabeça sempre empinada, na expressão autoritária dos olhos mosqueados, e nos gestos incisivos.

Trajava sempre com apuro e aquela manha estava metido numa fatiota de linho branco. Prendia-lhe a gravata cor de vinho um pregador com um pequeno rubi.

— Mas que surpresa agradável! - exclamou Rodrigo, agora com a fisionomia despejada. — Senta-te. Que é que tomas?

O outro sentou-se. Não tomava nada antes do almoço, muito obrigado. E um cigarro? Terêncio recusou: não fumava. Ali estava uma das razões por que Rodrigo jamais tivera simpatia por aquele homem: o monstro não tinha vícios!

Mordeu a ponta dum charuto, prendeu-o entre os dentes e acendeu-o. O visitante pigarreou.

— Por mais estranho que pareça - começou ele - o que me traz aqui é uma missão…

Não me enganei - pensou Rodrigo. E já se imaginou a dizer: "Pois bem.

Aceito o duelo. Escolho a pistola".

— Pois é… - continuou o outro. — Meu pai, Rodrigo, é um grande admirador teu, um amigo mesmo…

— Sempre tive o maior respeito e estima pelo coronel J Prates.

— Ele sabe disso… Pois o Velho ficou ao par do teu incidente com o Honorinho, no clube… Soube mesmo que o mano chegou a puxar o revólver . . .

— Ora…

— O Velho ficou tão preocupado com a história, que me encarregou de vir até aqui para arranjar as coisas. Ele te pede que não guardes rancor pelo rapaz, e que dês o incidente por encerrado.

— Mas claro! De minha parte…

Terêncio cortou-lhe a palavra com um gesto impaciente: - Espera. Ele sabe que o Honorinho te ofendeu… mas que tu o esbofeteaste na frente de várias pessoas. Enfim, ficam elas por elas. — Sorriu, visivelmente embaraçado. — O papai morreria de desgosto se houvesse alguma coisa séria entre um Prates e um Cambará. Ele sempre se orgulhou da amizade da gente do Sobrado…

Rodrigo soltou uma baforada de fumaça.

— Pois podes assegurar ao coronel Prates que da minha parte está tudo esquecido. Digo-te mais: a primeira vez que encontrar o Honorinho, estendo-lhe a mão, seja onde for.

Terêncio acariciou o rubi do pregador.

— O Velho também me pediu para te dizer que não quer que essa história de assisismo e borgismo altere a velha amizade entre nossas famílias.

Rodrigo gostava do velho Prates, mas nunca simpatizara com os filhos.

Quanto a Terêncio, achava-o um tanto pedante e com fumos de aristocrata.

Tinha um orgulho exagerado das coisas que sabia, e não perdia oportunidade para exibir cultura.

— Por que não tomamos ao menos um cafezinho? Terêncio encolheu os ombros.

— Está bem. Aceito.

Rodrigo gritou por Leocádia e, quando a negrinha apareceu, pediu-lhe que preparasse um bom café.

— Novinho, hein?

Terêncio olhava em torno da sala. Demorou o olhar no Retrato. Rodrigo esperou um elogio à obra de don Pepe, mas o visitante não disse palavra.

Seu olhar agora estava focado no espelho grande, onde sua

própria imagem se refletia.

Rodrigo, ansioso por mudar de assunto, perguntou: - Que tens feito?

Arrependeu-se imediatamente da pergunta, pois o outro se pôs a falar com minúcias nos artigos que escrevia e nos livros que lia no momento. Já tinha Rodrigo lido Durée et simultanéité, de Bergson? Não? Era o mais sensacional vient de parattre em Paris. E Lê père humilié, de Claudel?

Recebera este último livro a semana passada, juntamente com a nova obra de Jacques Maritain, Art et scolastique.

Rodrigo sentia-se vagamente humilhado. Nem sequer tinha ouvido falar naqueles livros.

— Tenho lido só medicina, ultimamente - mentiu.

— É natural - disse Terêncio, lançando um rápido olhar para o espelho. — Estamos na era da especialização. Mas… por falar em medicina, estive lendo um artigo sobre a descoberta duma nova droga, a insulina…

— Ah! A insulina… - repetiu Rodrigo, desejando que o outro não lhe pedisse pormenores sobre o assunto, pois ele ainda não o conhecia. Tinha visto um artigo a respeito numa revista de medicina, mas - como acontecia com tantas outras publicações - deixara-o de lado "para ler depois".

Leocádia entrou com os cafezinhos e salvou a situação, pois Rodrigo aproveitou a oportunidade para fazer considerações sobre o problema do café que o levou aos males da monocultura, à "camorra rnineiro-paulista", a Artur Bernardes, ao estado de sítio e à situação geral do país… Só se calou quando julgou que o assunto "insulina"

estava já a uma distância tranquilizadora.

Ficaram ambos a bebericar café em pequenas xícaras cor-de-rosa com asas douradas.

— Ah! - fez Terêncio, como quem de repente se lembra de alguma coisa. — Ia esquecendo de te contar que embarco o mês que vem para Paris.

— Sim? - fez Rodrigo. E sentiu uma súbita, irritada inveja do outro. — A passeio?

Terêncio sacudiu negativamente a cabeça.

— Não. Vou fazer um curso de economia política e de sociologia na Sorbonne.

— Não diga! É magnífico!

Que besta! Mel em focinho de porco. Aposto como esse tipo vai viver em museus e conferências, sem lembrar-se de que existe um Moulin Rouge, um Folies-Bergère…

Terêncio tomou o último gole de café.

— Ainda quero escrever o livro definitivo sobre o nosso Rio

Grande.

— És o homem indicado - declarou Rodrigo sem convicção. — Tens tudo.

Terêncio ergueu a mão como para fazer o outro calar-se: - Não tenho tudo. Falta-me alguma coisa. Minha sociologia guarda ainda um ranço provinciano. Preciso de dois ou três anos em Paris para arejar as ideias e entrar em contato com os grandes pensadores europeus…

Adquirir novos conhecimentos, novas técnicas, processos… tu sabes.

Pôs a xícara vazia em cima do consolo.

— Estamos em véspera de grandes acontecimentos - acrescentou, cruzando as pernas. — Precisamos estar preparados.

— Infelizmente a situação se agrava. E se a Comissão de Poderes reconhece a vitória do dr. Borges de Medeiros, a única alternativa que resta para a oposição esbulhada é a revolução…

O outro sorriu com um ar de superioridade que deixou Rodrigo com a marca quente.

— Eu não me refiro ao Rio Grande, mas ao mundo… Disse de seu entusiasmo pelo novo movimento que surgia na Itália.

— Agora que Mussolini subiu ao poder, a ideia fascista vai tomar conta da Itália e talvez da Europa.

— Achas?

— Sem a menor dúvida. Homens da envergadura de Gabriel D'Annunzio já abraçaram a causa. O fascismo, meu caro, é um protesto da mocidade italiana contra o parlamentarismo decrépito e contra o liberalismo indeciso e tolerante. A marcha dos fascistas sobre Roma foi, na minha opinião, um dos mais belos e auspiciosos fatos históricos de nosso tempo!

— Bom, concordo que o movimento tenha a sua razão e a sua beleza…

— Ouve o que te digo - e ao pronunciar estas palavras Terêncio tinha um ar didático. — O fascismo vai ser a grande força com que o Ocidente deterá a onda bolchevista. Toma nota das minhas palavras. A Igreja terá no fascismo o seu mais forte defensor.

Rodrigo agora rapa com a ponta da colher o açúcar que ficou no fundo da xícara.

— Esse movimento - continuou Terêncio - representa a meu ver a ressurreição das águias romanas.

Rodrigo levou a colher à boca e lambeu-a.

— Outro cafezinho?

Com um gesto que revelava sua impaciência por ter sido interrompido, o outro disse que não. E prosseguiu: - Mussolini é uma nova encarnação de Júlio César.

— Vi o retrato do homem numa revista. Me agradou o molde da

cara, a queixada enérgica, o olhar dominador.

Terêncio franziu a testa: - É preciso que alguém venha pôr no lugar as coisas que a última guerra desarrumou. Precisamos restabelecer a ordem, a hierarquia. Anda por aí uma onda de coletivismo absurda e perigosa, insuflada pela Revolução Russa. Se o Ocidente não tomar cuidado, lá se vai águas abaixo a nossa cultura, lá se vão nossas instituições, nossa tábua de valores morais…

E não se perderá muita coisa! - pensou Rodrigo. Mas sacudiu afirmativamente a cabeça, como se concordasse com o outro.

Quando Terêncio saiu, poucos minutos depois, Rodrigo acompanhou-o até a calçada.

— Diga ao velho que fique tranquilo. O incidente está encerrado. E os Cambarás muito se honram com a amizade dos Prates.

Apertaram-se as mãos. Terêncio atravessou a rua e ganhou a calçada da praça. Rodrigo seguiu-o com os olhos. Esse animal vai para Paris - pensou. — Não há justiça no mundo.

Mordeu com raiva o charuto apagado.

Pela primeira vez naqueles últimos quinze anos, Rodrigo recusou-se a tomar parte no réveillon de 31 de dezembro, no Comercial. E quando Flora, surpreendida, lhe perguntou o motivo dessa resolução, explicou: - Não quero ver a cara de certos chimangos…

Manteve a decisão. Ruas, porém, mandou cortar a barba e escanhoar o rosto. À noite, meteu-se no smoking novo e atirou-se para o Comercial. O dr. Carbone, enfarpelado numa casaca antiquíssima, que a Rodrigo lembrou as que se usavam no tempo da Dama das camélias, veio buscá-lo no seu Fiat. E quando, ainda manquejando, o ex-promotor deixou o Sobrado e entrou no automóvel, onde se instalou ao lado de Santuzza, esplêndida num vestido negro de rendão, uma aigrette na cabeça - Maria Valéria, que estava à janela, murmurou: “Deus os fez e o diabo os juntou”.

Depois do jantar Licurgo saiu, como de costume, para a sua “volta”.

Maria Valéria recolheu-se cedo. E à meia-noite, quando o sino da matriz badalava, e por toda a cidade se ouviam gritos, risadas, espocar de foguetes e detonações de revólveres, Rodrigo fez saltar a rolha duma garrafa de champanha, encheu a taça de Flora e a sua e propôs um brinde ao ano-novo. Quando o marido a abraçou, Flora rompeu a chorar de mansinho, com a cabeça pousada no ombro dele, os lábios trêmulos, os olhos inundados.

— Que é isso, minha flor? Não chores. Está tudo bem. Todos com saúde.

Estamos reunidos. Não é o que importa?

Ela não respondia, mas agarrava-se a ele com força, como se não o quisesse perder.

Rodrigo conduziu-a para o sofá, fê-la sentar-se, deu-lhe uma das taças de champanha, apanhou a outra, ergueu-a no ar e disse: - À nossa saúde! E à de toda a nossa família!

A taça tremeu nas mãos de Flora, que se limitava a olhar para o marido, as lágrimas ainda a escorrerem-lhe pelas faces. Depois, como ele insistisse, ela bebeu um gole de champanha. Rodrigo sentou-se ao lado da mulher, abraçou-a e perguntou: - Agora conte ao seu marido que é que há?

— Uma bobagem minha. Já passou.

Depôs a taça em cima do consolo, enxugou os olhos, tentou sorrir.

— Não aceito a explicação. Vamos, que é que há? Ela o mirou com uma expressão de tristeza.

— Eu sei que a revolução vai sair e tu estás metido…

A princípio ele não soube que resposta dar. Brincou com a corrente do relógio, depois pegou no queixo da mulher, aproximou-se mais dela e beijou-lhe os lábios, longamente.

— Haja o que houver, meu bem - murmurou ·-, só te peço uma coisa: que tenhas coragem e fé. E uma absoluta confiança em mim. Só farei o que for necessário.

— Mas essa revolução é mesmo necessária? Rodrigo ergueu-se, encheu de novo a própria taça.

— Desgraçadamente a revolução é necessária e inevitável. Voltou as costas para a mulher, olhou para o próprio retrato, tornou a levar a taça à boca e esvaziou-a.

— Mas por que tu, tu tens de ir?

— Porque já me comprometi em público. Tu te lembras do meu discurso da sacada do Sobrado… Um Cambará nunca faltou com a sua palavra. E depois, há outras razões poderosas…

— Que é que ganhas com isso?

— Que é que eu ganho? - Ele se voltou, brusco, como se o tivessem apunhalado pelas costas. — Meu amor, não se trata de ganhar, de obter vantagens pessoais, mas de livrar o nosso Rio Grande dum ditador e de bandidos e ladrões como o Madruga. Estamos lutando por um mundo melhor para os nossos filhos…

Tornou a olhar para o Retrato. O outro Rodrigo, lá daquela longínqua coluna de 1910, parecia perguntar-lhe: “Até que ponto estás sendo sincero? Até onde acreditas mesmo no que dizes?”

Ele franziu a testa e respondeu mentalmente: “Estou sendo absolutamente sincero. Acredito em tudo”. Tornou a encher a taça. Ouviam-se ainda foguetes e tiros em ruas distantes, mas o sino cessara de badalar.

Flora ergueu-se. Havia agora em seu rosto uma expressão resignada.

— Está bem - disse ela. — Prometo não falar mais no assunto.

Já de madrugada, fumando na cama sem poder dormir, e sentindo na penumbra do quarto que Flora a seu lado também estava insone, Rodrigo pensava nas coisas que o novo ano lhes podia trazer. A ideia da revolução ora o deixava perturbado pelo que a campanha lhe ia oferecer de durezas e perigos, ora excitado pelas suas oportunidades de aventura e gestos heroicos. Fosse como fosse, era algo de novo e excitante para quebrar a monotonia da vida em Santa Fé. E ele, Rodrigo, ia finalmente tirar a prova dos noves de sua própria coragem. Sempre se portara como homem em lutas singulares. Queria saber de uma vez por todas como se ia haver em combate. Que melhor campo de provas poderia existir do que uma revolução?

Esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro, em cima da mesinha-de-cabeceira, estendeu-se na cama e cruzou os braços. Flora remexeu-se. As janelas do quarto estavam abertas para a noite.

E depois, havia razões ideológicas - continuou a refletir. — A ditadura borgista era uma vergonha, um ultraje. Que iria o resto do país dizer da hombridade dum povo que suporta um ditador positivista durante vinte e cinco anos? Seria que o famoso “centauro dos pampas” não passava dum matungo velho e acovardado? Era necessário reformar a Carta de 14 de Julho, reintegrar o Rio Grande no espírito da Constituição Nacional. Os males eleitorais só poderiam ser curados com a adoção do voto secreto, como queria Assis Brasil. Se essa não é uma causa boa - disse ele para si mesmo - então não me chamo Rodrigo Terra Cambará e o mundo está todo errado!

Fechou os olhos, mas sentiu que lhe ia ser difícil pegar no sono. Estava excitado. Aquela hora a festa do Comercial decerto havia atingido o auge. Rodrigo sorriu, pensando nas bebedeiras, nas brigas, nos flertes, nos “adultérios brancos” que aquele baile costumava propiciar. Teve uma vaga saudade dos réveillons de seu tempo de solteiro.

Da rua subiu uma voz grave e afinada, cantando: Ontem ao luar Nós dois numa conversação Tu me perguntaste O que era a dor duma paixão….

Rodrigo sentou-se na cama. Reconhecia a voz do Neco. Como estava clara!

O patife não sabia fazer a barba, mas no canto e no violão era um mestre. Rodrigo acendeu um novo cigarro.

— Estás ouvindo? - perguntou baixinho à mulher.

Ela respondeu que sim, e procurou-lhe a mão sob as cobertas, e assim ficaram os dois a escutar, em silêncio. Neco atacou outra modinha: Acorda, Adalgisa Que a noite tem brisa Vem ver o luar…

Rodrigo não resistiu, saltou da cama, e descalço, aproximou-se da janela. Lá embaixo, à beira da calçada, estava o Neco, de violão em punho. Ao lado dele, sentado na calçada, em mangas de camisa, Chiru

tinha o rosto erguido para o céu. Ao ver Rodrigo acenou-lhe com a mão.

— Feliz ano-novo!

Rodrigo percebeu pela voz do amigo que ele já estava bêbedo como um gambá.

Depois que os seresteiros se foram, rua em fora, ao som duma valsa dolente, Rodrigo quedou-se ainda à janela, olhando as árvores da praça, imóveis no ar cálido da noite estrelada. Vinha da padaria vizinha um cheiro morno e familiar de pão recém-saído do forno. Ó noites de antigamente! Era o tempo em que ele e Toríbio acreditavam em que nas madrugadas de sexta-feira o negro Sérgio, o acendedor de lampiões, virava lobisomem e saía a correr e a uivar pelas ruas, indo depois revolver sepulturas no cemitério.

Pensou em Salustiano, o inseparável amigo de Chiru, companheiro de serenatas do Neco - pequenote, franzino, opiniático, sempre com os beiços colados na sua flauta, tocando suas famosas valsas com trémulos e variações, enquanto o Neco o acompanhava, tirando graves gemidos do pinho. Agora Salustiano estava morto, como tantos outros amigos dos velhos tempos. Em que lugar do universo estaria ele agora a soprar na sua flauta? Rodrigo sorriu, pensando no feio e desajeitado anjo que Salustiano seria, na orquestra celestial. Mas lágrimas lhe escorreram sobre o sorriso. Porque lhe veio de súbito uma trémula piedade de si mesmo, como se tivesse sido vítima duma inominável injustiça.

Santo Deus, que estará acontecendo comigo? Atirou fora o cigarro, soltou um suspiro e voltou para a cama.

Reunião de família - II

27 de novembro de 1945

Deitado de costas, com as pernas dobradas, as mãos espalmadas sobre o peito, Rodrigo dorme sua sesta no quarto escurecido. O zumbido regular e contínuo do ventilador está integrado no silêncio. Uma mosca pousa na testa do enfermo, cujo rosto neste exato momento se contrai numa expressão de angústia. Seus lábios se movem, como se ele fosse falar.

De súbito, como que galvanizado, o corpo inteiro estremece, as pernas se esticam bruscamente e ele desperta.

Sentiu que ia caindo do alto… dum edifício? duma montanha? dum avião?

O susto fez-lhe o coração disparar. Olha em torno e leva alguns segundos para se situar no espaço e no tempo. Depois, apreensivo, fica atento às pulsações do sangue no peito, nas têmporas, na nuca… Segura o próprio pulso mas, de espírito conturbado, não consegue contar-lhe as batidas.

Uma cócega na garganta obriga-o a pigarrear. Quase alarmado, fica a esperar e a temer a tosse. Aterroriza-o a ideia de ter outro edema e morrer afogado no próprio sangue. Por alguns segundos mal ousa respirar.

Mas a tosse não vem. Aos poucos o coração se acalma, a respiração se normaliza.

E essa queda no espaço… como foi? Tenta reconstituir o pesadelo. Só se lembra de que tinha fugido da cama e do quarto para ir ao encontro de Sônia. (Engraçado, no sonho ela se chamava Tônia…) Surpreendeu-se a caminhar como um sonâmbulo em cima do telhado duma casa que se parecia vagamente com o Sobrado. Não. Era o Sobrado. Sabia que a única maneira de escapar de seus carcereiros seria descer pela fachada, agarrando-se às suas saliências, como o Homem-Mosca… E depois?

Franze a testa. Depois., começou a descer, não mais do alto do Sobrado, mas da soteia dum arranha-céu. (Leblon?) Não se lembra do resto… Ah!

Sim, estava agarrado num mastro de bandeira e as forças lhe faltavam…

o mastro amolecia, vergava-se, e ele ia escorregando, escorregando…

até que se precipitou no espaço. . .

O suor escorre-lhe pelo rosto, empapa-lhe a camisa. O calor arde na pele. Há no ar algo de espesso e visguento.

— Enfermeiro!

Um homenzarrão vestido de branco aparece à porta. Tem mandíbulas quadradas, pele oleosa e sardenta, cabelos cor de palha, e um canino de platina. Deixou há dois anos o Exército, no posto de segundo-sargento.

(Expulso por pederasta - imagina Rodrigo, na sua má vontade para com o homem.) E chama-se Erotildes, o animal! Desde que ele veio para seu serviço, há dois dias, o doente o detesta, como se a criatura fosse a culpada de toda esta situação: o edema, a prisão no leito, a ausência de Sônia, o calor, a lentidão das horas, a dieta e todas as outras restrições que Camerino lhe impõe.

— Pronto, doutor!

— Me levante o busto.

Erotildes aciona a manivela da cama.

— Chega! Agora abra as janelas.

O enfermeiro obedece. O clarão da tarde invade o quarto. Rodrigo lança um olhar para o relógio que tem a seu lado, sobre a mesinha-de-cabeceira. Três e vinte.

Uma mosca pousa na cabeça do enfermo, que lhe desfere uma tapa, num gesto de braço que Camerino lhe proibiu terminantemente de fazer. Mas lá está de novo o inseto importuno a caminhar sobre o lençol.

— Mate essa cadela.

Erotildes apanha um jornal, dobra-o e com ele esmaga a mosca num golpe certeiro.

— Ao menos pra isso você presta.

— É que já fui artilheiro, doutor.

— Me mude a camisa e o lençol. Me passe no corpo uma toalha molhada, água-de-colônia e talco…

Enquanto o enfermeiro faz todas estas coisas, com uma eficiência um tanto brusca, Rodrigo contém a respiração para não sentir o cheiro de sargento: suor, alho e fumo barato. De quando em quando exclama: “Devagar!” - “Ponha talco.” - “Largue esse negócio!” - “Chega.”

— Agora vou buscar o seu chá.

— Espere. Primeiro lave as mãos.

Um cheiro fresco de alfazema espraia-se no ar. Rodrigo sente-se reconfortado, menos sujo, e até mais leve. Passa a palma da mão pelo lençol. Sempre gostou do contato do linho… Ah! A sórdida roupa de cama do Hotel da Serra! Áspera, duma brancura duvidosa, sugerindo os mil caixeiros viajantes que ali deixaram a cinza de seus cigarros, seu suor, seus escarros e coisas piores…

Erotildes volta do quarto de banho, assobiando por entre dentes.

— Pare de assobiar! Me traga o vidro de extrato que está ali dentro da primeira gaveta da cómoda.

O enfermeiro obedece.

— Agora pode ir.

Depois que o homem se vai, Rodrigo abre o frasco e leva-o às narinas.

Fleurs de Rocaille, o perfume de Sônia. Agridoce, um pouco oleoso, tem algo de anjo e ao mesmo tempo de demónio: num minuto pode ser inocente, no outro afrodisíaco.

Sempre com o frasco junto das narinas, Rodrigo cerra os olhos. Sônia lhe aparece na mente. Primeiro vestida de branco, como em certa noite no Cassino da Urca, depois toda de verde, como naquele inesquecível fim de semana em Petrópolis… Agora está completamente nua em cima da cama, no apartamento que ele lhe montou num edifício do Leblon. Vem-lhe uma nostalgia mole e piegas (que ele acha indigna de macho, mas nem por isso a afugenta), uma saudade do "Ninho". Procura reconstituir mentalmente suas alegres salas e quartos decorados em verde e rosa, com aqueles móveis modernos com os quais ele tanto implicou no princípio, mas que acabou por aceitar: umas mesas que pareciam grandes rins laqueados, umas cadeiras que lembravam chapéus de anamita investidos e nas quais, ao sentar-se, a gente afundava ridiculamente, ficando com os pés no ar. E que dizer daqueles quadros monstruosos, sem pé nem cabeça? E as estatuetas vagamente obscenas nas suas sugestões fálicas e vaginais?

Tudo muito moderno, muito avant-garde - como dizia Sônia. Ele só sabia que aqueles objetos eram absurdamente caros.

Rodrigo esforça-se por imaginar Sônia no seu colorido, luminoso apartamento com janelas abertas para o mar, mas em seus pensamentos a rapariga recusa-se a abandonar aquele repelente quarto do Hotel da Serra. E então a perigosa lembrança que ele estava procurando evitar toma-lhe a mente de assalto, com a cumplicidade perversa do perfume.

A cama de colchão duro rangia ao menor movimento. A porta do guarda-roupa ordinário de pinho não fechava direito…

…abriu-se naquela hora dramática, e ele se viu refletido no seu espelho. Foi então que percebeu, assustado, a própria lividez. Ia morrer… fez menção de erguer-se da cama… Mas Sônia puxou-lhe a cabeça com ambas as mãos e chupou-lhe os lábios num beijo prolongado, ao mesmo tempo que gemia como uma gata em cio. E ele começou sentir o coração aos pulos, queria e ao mesmo tempo não queria desvencilhar-se da rapariga… e acabou agarrado a ela como um moribundo se agarra à vida.

E houve um instante de intenso prazer e intensa angústia, um

momento de transfiguração e pânico em que teve a impressão de que toda a seiva, todo o sangue, toda a vida que tinha no corpo jorravam convulsivamente para dentro dela. Passou-lhe rápido pela cabeça o louco desejo de que aquilo fosse o fim, porque só aquela espécie de morte podia substituir a morte em batalha ou duelo singular, pois era também morte de homem.

E depois, estendido ofegante ao lado dela, ouvindo o pulsar descompassado do próprio coração e antevendo o horror que seria - para ele e para os outros - morrer naquele quarto, naquela cama, naquela posição, naquela nudez, sentiu mais que nunca o lado trágico de sua paixão, a insensatez daquela visita, a suprema miséria a que aquela criatura o havia arrastado.

\ Sônia se pôs então a acariciá-lo com uma ternura quase filial que o constrangia, repugnava até, já que seu desejo se aplacara. Detestou-a quando ela lhe murmurou "Papaizinho " ao ouvido. Sentiu-se ridículo, degradado e envelhecido como em nenhuma outra hora de sua vida. E daí por diante um único desejo o dominou, aflito e urgente: voltar vivo para o Sobrado. Um homem pode querer intensamente a companhia da amante, mas o único lugar decente que tem para morrer é ainda a sua própria casa, em meio da sua família, junto da mulher legítima.

Sônia continuava a murmurar-lhe coisas ao ouvido, com uma voz de menina.

Ele permaneceu calado, pensando em Flora com uma fria vergonha, lembrando-se do Neco que montava guarda à porta do quarto, como um cão fiel.

Quanto tempo ficou naquele torpor, naquela ansiedade, lutando com a dispneia? Meia hora? Uma? Lembra-se de haver dormido alguns minutos, com a cabeça aninhada entre os seios da rapariga. Depois sentou-se na cama e vestiu-se aos poucos, lentamente, ajudado por ela.

Rodrigo fecha o frasco e guarda-o na gaveta da mesinha-decabeceira.

Agora é preciso esquecer, esquecer tudo…

Mas como? Um médico seu amigo lhe disse certa vez no Rio com uma franqueza brutal: "Tens o cérebro entre as pernas". Havia ocasiões em que ele se sentia inclinado a acreditar nisso. Pensava com o sexo. Agia de acordo com seus desejos libidinosos, impulsivamente, sem medir consequências. Muitos dos erros que cometera (erros?) tinham tido sua origem em ordens imperiosas, urgentes, emanadas daquela parte de seu corpo. Outro amigo igualmente franco lhe disse doutra feita: "Tens o sexo na cabeça". Era um modo diferente de expressar a mesma ideia. Mas talvez esta segunda frase fosse mais exata. Quantas vezes seu desejo estava mais no cérebro do que no próprio sexo? A Dinda costumava dizer: "Esse menino tem o olho

maior que o estômago".

A Dinda… Imagina-a ali à porta, os braços cruzados sobre o peito magro, a murmurar: "Tudo isso foi castigo". Castigo? Esta palavra não tem sentido para ele. Nos tempos de moço, deu-se ao luxo de negar Deus, mas isso foi numa época em que o ateísmo era moda, como o chapéu-coco, o plastrão e o fraque. A experiência da vida, o instinto, um sexto sentido - tudo lhe assegura que Deus existe. Só que o meu Deus - reflete Rodrigo, olhando para a torre da matriz que a janela enquadra - não é o Deus das beatas, nem o do padre Josué. Meu Deus é macho, sabe as necessidades do sexo a que pertence e que, afinal de contas, foi inventado por Ele. É um Deus tolerante, compreensivo, generoso. Em suma, um Deus Cambará e não Quadros!

Passa o resto da tarde mal-humorado. Cerca das quatro horas, Camerino aparece acompanhado de dois colegas. Rodrigo não esconde sua contrariedade ante o fato de Dante não tê-lo consultado antes de pedir esta conferência.

Submete-se de cara amarrada ao interrogatório e às auscultações dos dois médicos. Um deles - fardado de major do Exército - tem uma cara rubicunda e bonachona, é extrovertido e amável. O outro, um neto do finado Cacique Fagundes, é um rapaz reservado, formal e um nadinha pedante.

E quando os três doutores - que sumidades! - dão por terminado o exame e se retiram para confabular, Rodrigo fica sentado na cama, os braços cruzados, entregue a pensamentos sombrios.

O que Dante quer é dividir sua responsabilidade, conseguir dois co-signatários para seu atestado de óbito… Vão chegar todos à mesma conclusão: estou no fim. Mas dizer "estou liquidado" para observar as reações do médico ou para provocar a simpatia dos parentes e amigos, é uma coisa; sentir mesmo que a Magra nos tocou no ombro, é algo muito diferente.

Lembra-se de um dos primeiros casos sérios que teve logo depois de formado. Uma madrugada socorreu o juiz de comarca de Santa Fé que morria asfixiado em consequência de um edema agudo de pulmão. Com uma sangria e uma ampola de morfina fez o homem ressuscitar. Depois saiu eufórico da casa do magistrado, sentindo-se bom, forte, nobre, "necessário", pois salvara a vida dum homem. Menos de um mês mais tarde o doente teve uma recidiva e morreu.

Não devo alimentar ilusões. Vou morrer de insuficiência cardíaca. Que beleza! O tipo de morte feito sob medida para quem como eu tem pavor à falta de ar…

Mas medo da Morte não tenho. O que me assusta é a ideia de não continuar vivo. Não quero morrer. Não posso morrer. Preciso terminar a minha missão. Que missão? Ora, a de viver! Haverá outra mais bela e mais legítima? Viver com todo o corpo, intensamente, arder como

uma sarça…

e um dia virar cinza que o vento leva. Mas acabar depressa. Antes da senilidade. Antes da arteriosclerose cerebral.

Por enquanto é cedo, muito cedo. A quem vai servir a minha morte? A ninguém. Posso citar dezenas, centenas de pessoas que se beneficiam com a minha vida.

E… se estou perdido mesmo, por que me privam das coisas de que gosto?

Vou mandar todos os médicos para o diabo. Inclusive o dr. Rodrigo Cambará. Daqui por diante farei o que entendo. O corpo é meu. E por falar em corpo, não sinto nenhuma dor. A respiração está normal. Esta fraqueza e estas tonturas se devem à dieta, à imobilidade na cama, aos barbitúricos. E por alguns instantes, num otimismo juvenil, Rodrigo se deixa levar por uma clara onda de esperança. Mas os pensamentos sombrios não tardam a voltar.

De que me serve viver nesta invalidez, nesta prisão? Pensa em Flora, em Sônia, na situação política do país, no estado de seus negócios…

Conclui que foi um erro ter deixado precipitadamente o Rio numa hora tão crítica. Seu cartório está em boas mãos, não é problema. Mas e o escritório? E os assuntos pendentes? E os papéis trancados nos ministérios? E as suas dívidas? E seus compromissos para com o Banco do Brasil, que com a próxima mudança de governo pode cair nas mãos da oposição? (Deus nos livre!)

Tudo uma mixórdia, uma imensa, gloriosa farsa em três atos e uma apoteose. E que apoteose!

Pouco depois das cinco, Sílvia, recém-saída do banho, senta-se junto da cama para ler-lhe uns versos.

— Não entendo esses poetas modernos - diz Rodrigo.

— Tenha paciência, padrinho. Ouça este. É de Mário Quintana, cria do Alegrete.

Começa a leitura. A atenção de Rodrigo, porém, não está nas coisas que a nora lê. Está nela. Ele a examina intensamente, um pouco perplexo, como se pela primeira vez estivesse descobrindo os predicados femininos da afilhada.

Fica surpreendido e perturbado por notar que ela se parece um pouco com Sônia. Claro, a outra é mais alta, tem mais busto, as formas mais arredondadas, o corpo mais… mais armado. Mas a parecença existe…

Talvez seja o tom da pele, a voz…

— Escute este. É do Drummond de Andrade. Chama-se Tristeza no céu: No céu também há uma hora melancólica Hora difícil, em que a dúvida penetra as almas. Por que fiz o mundo? Deus se pergunta e se responde: Não sei.

Essa menina anda diferente - reflete Rodrigo sem prestar atenção ao poema. Notei a mudança no dia em que cheguei. Parece que amadureceu…

Mas não é só isso. Alguma coisa séria está se passando com ela. Meu olho não me engana. Posso não conhecer medicina, mas mulher conheço.

Os anjos olham-no com reprovação, e plumas caem.

Esse olhar, esse respirar… são duma mulher apaixonada mas não feliz.

Todas as hipóteses: a graça, a eternidade, o amor caem, são plumas.

Jango? Qual! Há muito que compreendi - cego não sou - que esse casamento não deu certo. Quem será então?

Outra pluma, o céu se desfaz, tão manso, nenhum fragor denuncia o momento entre tudo e nada, ou seja, a tristeza de Deus.

Uma suspeita passa-lhe pela cabeça: Floriano. Rodrigo sabe que, durante o tempo que passou nos Estados Unidos, o rapaz se correspondeu com a cunhada… Têm ambos muita coisa em comum. São reservados, um pouco tristonhos, amam os livros. A eterna história das "almas gémeas"… Deus queira que me engane!

— Gostou? - pergunta Sílvia, fechando o volume.

— Gostei - mente ele. E, tomando da mão da nora e mudando de tom, diz: - Vou te fazer uma pergunta, Sílvia, mas quero que me respondas com a maior sinceridade.

— Qual é?

— És feliz, mas feliz mesmo?

Uma sombra passa pelo rosto da moça. A tristeza de seus olhos se aprofunda.

— Claro, padrinho. Que pergunta.

Mas ele sente que Sílvia não está dizendo a verdade.

Pouco depois que ela sai (o relógio grande lá embaixo começa a bater as seis) Flora aparece à porta do quarto e, sem entrar nem encarar o marido, pergunta com voz incolor: - Está tudo bem? Rodrigo sorri.

— Muito bem, obrigado. Por que não entras?

— Estou ocupada.

Faz meia-volta e se vai, deixando Rodrigo numa confusão de sentimentos: revolta, culpa, arrependimento, vergonha, autocomiseração e de novo revolta.

Como ficaria feliz se ela fizesse um gesto de perdão! Bastaria abafar o orgulho, esquecer as mágoas, os ressentimentos, colocando-se numa posição de mulher superior… Sim, ele reconhece suas faltas. Tem sido um marido infiel, sempre viveu atrás de outras mulheres. Mas - que diabo! - não é o único no mundo, e não será o pior de todos.

E afora essas infidelidades (que em nada afetariam Flora se ela continuasse a ignorá-las, se não houvesse sempre um canalha para escrever-lhe uma carta anônima ou dar-lhe um telefonema, disfarçando a voz), afora essas aventuras sexuais, ele sabe, tem certeza de que foi sempre um marido exemplar. “Estimo, admiro e respeito a minha mulher - murmura. — Nunca lhe faltou nada.”

Remexe-se, procurando uma posição melhor na cama.

Um vulto entra no quarto. Maria Valéria toda de preto. Maria Valéria com chinelos de feltro, caminhando sem ruído. Maria Valéria que se aproxima do leito e fita nele os olhos esbranquiçados e mortos. Maria Valéria que ergue a mão de múmia e começa a passá-la de leve pelos seus cabelos, sem dizer palavra, sem mover um músculo do rosto.

Rodrigo não pode conter as lágrimas, que lhe inundam os olhos e começam a escorrer-lhe pelas faces.

O anoitecer sopra para dentro do quarto seu bafo quente temperado pela fragrância dos jasmins e das madressilvas, de mistura com odores acres de resinas e ramos queimados. Vem lá de baixo da cozinha um cheiro familiar e apetitivo de carne assada e batatas fritas. Nas árvores da praça os pardais chilreiam. A torre da matriz recorta-se sombria contra o horizonte avermelhado. De quando em quando uma voz humana vem da rua - risada ou grito - e seu som parece participar da qualidade lânguida da atmosfera, bem como de todos os seus aromas.

Esta é a pior hora do dia para um cristão ficar sozinho - reflete Rodrigo. — Onde se meteu a gente desta casa? Por onde andará o Floriano?

E o Jango? E o Eduardo? E a Bibi? E o patife do Sandoval?

Erotildes entra com uma bandeja na qual fumega um prato. Acende a luz. — Temos hoje uma canjinha, doutor. E umas torradinhas.

Estes diminutivos irritam Rodrigo.

— Está bem. Mas não fale nunca em cima do prato. Me dê essa porcaria. O enfermeiro coloca a bandeja sobre os joelhos do doente.

— Está na hora do remédio.

— Pois que venha.

Erotildes apanha um frasco de cima da mesinha, abre-o, tira de dentro dele um comprimido e apresenta-o a Rodrigo na palma da mão.

— Eu já lhe disse que nunca me entregue o remédio assim. Sei lá onde você andou metendo essa mão!

Tira do vidro um comprimido, mete-o na boca, com um gesto raivoso e a seguir bebe um gole da água que está no copo, junto do prato: morna, grossa, detestável.

O enfermeiro, perfilado, espera ordens.

— Pode ir embora. Não preciso mais nada.

Quando se vê de novo sozinho, Rodrigo põe-se a resmungar. “Não me deixam fumar. Me alimentam com caldinhos, mingauzinhos, canjinhas. Me proíbem de beber coisas geladas. Não me deixam receber visitas. Acho que se eu morrer vai ser de tédio mais que de qualquer outra coisa.”

Prova a canja. Insossa. Sem um pingo de tempero. Uma bosta!

E aqui está o dr. Rodrigo Cambará doente, atirado em cima duma cama, reduzido a uma imobilidade exasperante. E esquecido! Completamente à margem da vida política. Os amigos não lhe escrevem. Getúlio Vargas não respondeu ainda à sua última carta.

A leitura dos jornais chegados de Porto Alegre pelo avião da manhã deixou-o excitado. Estão cheios de proclamações, polémicas, verrinas, sátiras, descomposturas - tudo em torno das próximas eleições. Carlos Lacerda malha com um vigor apaixonado o candidato de Prestes e o do PSD.

Os comunistas arrasam o candidato da UDN e o do PSD. Tudo isso cheira a pólvora, a combate. É o cúmulo que ele, Rodrigo, não esteja também em ação. É a primeira vez que um Cambará assiste a uma batalha deitado!

Engole com repugnância mais uma colherada de canja. Lembra-se com saudade de sua vida no Rio de Janeiro, naqueles últimos quinze anos.

Sempre teve a volúpia do jogo da política, esse xadrez complicado e malicioso em que as peças são seres humanos. Sempre lhe fez bem à alma sentir-se admirado, prestigiado, requestado, indispensável…

Entre os repórteres do Rio e de São Paulo era conhecido pela sua franqueza, pelas suas tiradas. Dizia tudo quanto lhe dava na veneta.

Quando os rapazes dos jornais queriam algo de sensacional, vinham logo procurá-lo. “Estamos mal de assunto, doutor. O senhor tem que nos ajudar.” E ele ajudava. Ah! E como era bom também circular livremente, como pessoa de casa, pelas salas e corredores do Catete, ter acesso fácil ao Homem, contar com a simpatia e o apoio de seus oficiais-de-gabinete, tutear senadores e ministros. “Meu caro, só há um homem que pode resolver o seu caso. É o Cambará. Fale com ele.”

Esta é uma grande hora nacional. É necessário, urgente, fazer que o queremismo deixe de ser um movimento puramente emotivo para se transformar numa ideia dinâmica; é indispensável aglutinar todas essas lealdades getulistas num partido forte, de âmbito nacional.

O homem para fazer isso sou eu. A esta hora devia estar na praça pública, na barricada. No entanto tenho de me resignar a ficar deitado, comendo esta canja sem sal. Foutu, completamente foutu e ainda mal pago!

Põe-se a olhar desconsolado para a torre da igreja. Muitas vezes, quando menino, ficou montado no peitoril da janela da água-furtada procurando alvejar com as pedras do seu bodoque ora o galo do cata-vento, ora o sino. Mas tinha mais graça acertar no sino, fazê-lo gemer…

Qualquer dia por vingança o velho sino da matriz estará dobrando para anunciar a Santa Fé a morte do dr. Rodrigo Terra Cambará.

Num misto de auto-sarcasmo e autopiedade imagina o próprio funeral. Luto no Sobrado. A rua apinhada de gente. Decidem levar o caixão a pulso, até a metade do caminho. Depois metem-no naquele repulsivo carro fúnebre do Pitombo, com figuras douradas em relevo nos quatro ângulos (uns anjos com cara de tarados sexuais) e aqueles matungos com plumas pretas nas cabeças. Tráfego interrompido nas ruas por onde passa o cortejo. Uma fileira interminável de automóveis… Santa Fé em peso no enterro. O comandante da guarnição federal. O prefeito. O juiz de direito, enfim, todas essas personalidades que A Voz da Serra classifica como "pessoas gradas". O cafajeste do Amintas também lá está, com uma fingida tristeza no rosto escrofuloso. Mas quem é a moça que vai sozinha ali naquele auto, com cara de forasteira, toda vestida de preto e com óculos escuros? Então não sabem? É a amante do dr. Rodrigo. Verdade? Mas que jovem! Pois é, podia ser filha dele. O patife tinha bom gosto.

Agora o cortejo está no cemitério à frente do mausoléu dos Cambarás.

(Rodrigo remexe distraído a canja, com a colher.) O falecido pediu antes de morrer que não deixassem sua cara exposta à curiosidade pública. É por isso que não abrem o caixão. Fala o primeiro orador. Quem é? Pouco importa. Mas como diz besteiras! Fala o segundo: vomita também um amontoado de lugares-comuns. Nunca, ninguém, nem os filhos do morto, nem sua mulher, nem seus melhores amigos poderão fazer-lhe justiça. Porque ninguém na verdade o conhece. Viram dele apenas uma superfície, um verniz externo. Ninguém chegou a compreendê-lo na sua inteireza, na sua profundeza. E depois que o deixarem entaipado no cemitério, a cidade continuará os seus mexericos, as suas maledicências, lembrando-se apenas daquilo que se convencionou chamar de defeitos do dr. Rodrigo Cambará.

E ele morrerá desconhecido como viveu. Desconhecido e caluniado, o que é pior. Mesmo os elogios dos oradores serão insultos. Ah! como gostaria de fazer um discurso ao pé do próprio cadáver! Não seria uma oração de provocar lágrimas, não. Ia contar verdades, lançá-las como pedradas na cara de todos aqueles hipócritas. Porque, com a exceção dos que realmente o amavam - alguns parentes, poucos

amigos - os outros lá estavam por obrigação social ou puro prazer sádico. Eram uns invejosos, uns despeitados, uns covardes, uns impotentes! Não podiam encontrar um homem autêntico que não sentissem logo desejo de vê-lo destruído e humilhado. Era-lhes insuportável o espetáculo dum macho que tem a coragem de agarrar a vida nos braços, ser o que é, dizer o que pensa, fazer o que deseja, comer o que lhe apetece. Foram quase todos ao enterro para assistirem ao fim da- quele monstro, para terem a certeza de que ele ia ficar para sempre encerrado no jazigo, a apodrecer… Tiveste a coragem de viver? Agora paga! E todos aqueles necrófilos, todos aqueles moluscos podiam voltar tranquilos para suas casas, para suas vidinhas apagadas, para as esposas que detestavam mas com as quais eram obrigados a viver e a dormir, para seus probleminhas sem beleza, para as dificuldades financeiras do fim do mês, para a azeda rotina cotidiana, para seus odiozinhos, suas birrinhas, suas mesquinhas invejas, para seus achaques - em suma - para todas aquelas coisas pequenas e melancólicas de seu mundinho de castrados!

Canalha! Só de pensar nestas coisas Rodrigo sente que tem a obrigação de não morrer.

28 de novembro Camerino permite-lhe agora receber visitas. O desfile hoje começa cerca das dez da manhã, quando seus sogros Aderbal e Laurentina entram no quarto acompanhados de Flora. Flora? Que milagre! Bom, ela representa a sua comédia, para evitar que os pais venham a descobrir o verdadeiro estado de suas relações com o marido.

— Visitas para você - diz ela sem mirá-lo. E senta-se a um canto do quarto. Rodrigo não gosta do hábito que Flora adquiriu no convívio dos cariocas de tratá-lo por você. Sempre achou o tu mais íntimo, mais carinhoso, além de mais gaúcho. Bom, seja como for, dadas as relações atuais entre ambos, você talvez seja o tratamento mais adequado.

O velho Babalo abraça-o afetuosamente, mas Laurentina dálhe apenas a ponta dos dedos. (Saberá de alguma coisa?) Depois Aderbal senta-se ao pé da cama, tira a faca da bainha, um pedaço de fumo em rama do bolso, e começa a fazer um cigarro com toda a pachorra, enquanto pergunta coisas sobre a saúde do genro. Rodrigo segue os movimentos do sogro, numa espécie de fascinação, mal prestando atenção ao que ele diz. Vê o velho picar o fumo, sem a menor pressa, amaciá-lo no côncavo da mão esquerda com a palma da direita. Depois vem a ceremônia também lenta de alisar a palha com a lâmina da faca, enrolar o cigarro. “Mas que foi mesmo que teve? Ouvi dizer que desta vez não foi o tal de infarto…” Rodrigo dá explicações vagas… O sogro acende o cigarro, tira uma baforada que envolve o genro. Rodrigo aspira a fumaça. Não é muito homem de cigarro de

palha, mas neste momento até um cachimbo de barro de qualquer negra velha lhe saberia bem.

— O general Dutra está perdido - diz Babalo com sua voz escandida e quadrada. — É uma candidatura que nasceu morta.

— Sim - replica Rodrigo - mas se o dr. Getúlio o apoiar, o homem está eleito.

Babalo solta a sua risadinha.

— O Getúlio também está liquidado! - exclama.

As narinas de Rodrigo palpitam, um fogo lhe incendeia o peito. Vai dizer uma barbaridade, mas contém-se. E é com uma falsa calma que se dirige ao sogro: - Tome nota das minhas palavras, seu Aderbal. O Getúlio vai ser eleito não só senador, por uma maioria esmagadora, como também deputado. E por mais de um Estado!

Babalo torna a rir. E de novo uma baforada de fumaça envolve o enfermo.

Por que o velho não vai pitar fora do quarto? Será que quer me torturar?

A vontade de fumar como que lhe faz a língua inchar na boca.

Dona Laurentina, sentada em silêncio junto de Flora, cozinha-o na água morna de seu olhar de bugra. Faz-se uma longa pausa em que deixa escapar um suspiro longo e sincopado. Flora obstina-se em não olhar para o marido nem dirigir-lhe a palavra. E agora parece que o próprio Babalo começa a sentir que algo de errado anda no ar.

Rodrigo muda de posição na cama. Está claro que os sogros sabem de tudo.

Quem não sabe? A cidade está cheia da história de Sônia. O Neco lhe contou que é o assunto da atualidade. Pois se os velhos sabem, por que ficam aqui neste silêncio? Digam logo que sou um devasso, desabafem e me deixem em paz!

O ar está azulado pela fumaça do cigarro do velho Babalo, que agora quer saber em que Rodrigo baseia o seu “palpite” com relação à eleição de Getúlio Vargas.

— Não é palpite, seu Aderbal, é certeza. Só não vê quem é cego… ou antigetulista fanático.

A visita dura mais alguns minutos. Flora levanta-se. A mãe a imita.

Aderbal Quadros torna a apertar a mão do genro: - Bueno, estimo as suas melhoras.

Retiram-se. A visita seguinte é a de José Lírio, pouco antes do meio-dia. Entra devagarinho, arrastando as pernas, amparado pelo enfermeiro, e olhando para Rodrigo de viés, com seus olhos injetados e lacrimejantes. Traz numa das mãos a sua inseparável bengala, e na outra o chapéu de feltro negro. Um lenço vermelho sobressai-lhe do bolso superior do casaco.

Abraça Rodrigo, comovido e silencioso, senta-se e fica a recordar cenas do passado com sua voz crepitante de asmático, soltando de vez em quando fundos suspiros que lhe sacodem o peito.

— Liroca velho de guerra! - exclama Rodrigo.

Aqui está uma visita que o alegra. José Lírio é um velho amigo fiel.

Desde mocinho alimenta uma paixão irremediável por Maria Valéria, que jamais lhe correspondeu à afeição. Para falar a verdade, a velha lhe recusa até mesmo a amizade.

— Esta vida dá muita volta - murmura o veterano, com ambas as mãos apoiadas no castão da bengala. — Parece mentira, mas em 93, quando os federalistas cercavam o Sobrado, o velho Liroca, que naquele tempo era moço, estava do lado de fora, com os inimigos do teu pai. Veja só a ironia do Destino! Mas por esta luz que me alumeia, não tive coragem de dar um tiro contra esta casa!

— Eu sei, Liroca, eu sei.

Todo o mundo sabe. Liroca não deixa ninguém esquecer. Há cinquenta anos que repete esta história. Rodrigo contempla o amigo com piedade, enquanto ele fala, rememorando "causos" e pessoas. Mistura as datas.

Conta a mesma história três, quatro vezes no espaço de poucos minutos. Esclerose cerebral - pensa Rodrigo. — Antes uma boa morte!

Liroca solta outro suspiro sentido.

— Pobre do coronel Licurgo! O que tem de ser está escrito, ninguém pode mudar. Só Deus. E eu acho que Deus anda meio esquecido deste mundo velho sem porteira.

Chiru Mena aparece depois da sesta: a calva reluzente, a roupa amarfanhada, a camisa encardida, a gravata pingada de sebo.

— Homem! - repreende-o Rodrigo.- Que decadência é essa?

— Ora, tu sabes, dês que tia Vanja morreu, perdi o gosto pela vida.

Senta-se e fica, distraído, a esgravatar o nariz como um menino mal-educado.

— Não sejas exagerado! Tua tia morreu há mais de oito anos. O que tu és eu sei bem direitinho. Um relaxado. Não reages, perdeste o brio. Tira esse dedo do nariz, porcalhão!

— Ora, cada qual sabe onde lhe aperta o sapato…

Rodrigo, a testa franzida, mira o amigo. Chiru jamais trabalhou em toda a sua vida. É um vadio. Viveu sempre à custa da tia que o criou e que, ao morrer, lhe deixou algumas casas na cidade e alguns contos de réis no banco.

— Quem te viu e quem te vê! Eras um tipão, chamavas a atenção das mulheres, parecias um embaixador. Tuas roupas e gravatas eram famosas, teus sapatos sempre andavam engraxados e tuas calças nunca

perdiam o friso.

Ao fazer estas enumerações, Rodrigo sente o exagero de suas próprias palavras. Mas, que diabo! É preciso animar o amigo.

— Parecias um leão! Agora me entras aqui esculhambado desse jeito. Como vai tua mulher? E teus filhos?

Chiru dá notícias tristes da família. Doenças, incômodos, um dos rapazes vive amasiado com uma prostituta, o outro não para nos empregos…

— Te lembras das nossas serenatas, miserável? Chiru não reage como Rodrigo esperava.

— Até disso estou deixado - murmura ele. — Tu nem sabes como mudei nestes últimos anos. Estou velho.

Como Rodrigo, está beirando os sessenta.

— E em matéria de política? Chiru encolhe os ombros.

— Estou desiludido com esse negócio todo. Não vale a pena a gente se meter.

— Estás errado. Se os homens de bem não se metem, os cafajestes tomam conta do governo.

O rosto de Chiru se contrai, seus olhos se apertam.

— Mas é que nem mais um homem de bem eu sou… - diz baixinho. E põe-se a chorar.

Rodrigo olha para o amigo, intrigado. Este não é, positivamente, o Chiru folgazão e otimista que ele conheceu, com suas mentiras pitorescas, seus ditos, suas piadas, seu penacho.

— Que é isso, rapaz? Um homem não chora. Se tens algum problema, desabafa logo. É para isso que servem os amigos.

Fica a olhar com um misto de piedade e impaciência para o outro que, o busto inclinado para a frente, o rosto coberto pelas mãos envelhecidas, soluça convulsivamente.

— Precisas de dinheiro?

— Não.

— Então que é?

Faz-se um silêncio. Chiru enxuga os olhos com um lenço amassado e encardido e, erguendo-se de súbito, começa a andar dum lado para outro, falando sem olhar para o amigo. Conta que “deu para beber”, que não passa sem a sua cachacinha, que tudo começou inocentemente com um aperitivo de vermute com gim, pouco antes do almoço, mas que depois…

Rodrigo sorri.

— Ora, homem! A coisa não é tão séria assim… Chiru estaca, faz um gesto dramático e exclama: - Mas é que tenho tentado deixar de beber e não consigo! Conta que ultimamente se tornou uma espécie de bobo municipal, pois quando se embriaga rompe a fazer discursos e a recitar poesias em plena rua. Aproximando-se do amigo e pondo-lhe a

mão no ombro, murmura: - É uma vergonha o que vou dizer, mas é melhor que eu te conte, antes que outro venha te encher os ouvidos…

O rosto erguido para o amigo, Rodrigo espera. Chiru desvia o olhar para a janela e diz: - Um dia destes tomei um bruto porre e caí na sarjeta… imagina, na sarjeta! Não mereço mais entrar nesta casa nem apertar a tua mão…

Antes que Rodrigo possa dizer a menor palavra ou fazer qualquer gesto, Chiru sai do quarto e embarafusta pelo corredor. Seus passos soam pesados e rápidos na escada.

O enfermeiro entra no quarto para anunciar que se encontra lá embaixo, na sala de visitas, uma comissão de "queremistas" que desejam ver o doutor.

— Diga que subam.

Decerto vêm me pedir conselhos - reflete Rodrigo - , sabem que sou íntimo do Getúlio. Deve ser uns meninos bem-intencionados mas sem nenhuma experiência política. E, possivelmente, semi-analfabetos. Mas… seja o que Deus quiser!

À noite a praça da Matriz transforma-se num pandemônio. Alto-falantes berram notícias do comício udenista que ali se vai realizar dentro de pouco. Entre uma e outra notícia irradiam-se marchas e dobrados marciais. Por volta das oito horas um mulato velho, ajudado por dois garotos descalços, começa a soltar foguetes ao pé do coreto. O eco atrás da igreja duplica as explosões. A voz de aço, monstruosamente amplificada, pede: "Venham todos agora à praça da Matriz tomar parte no comício da União Democrática Nacional! Santa-fezenses, votemos todos no Brigadeiro da Vitória!" Aos poucos o grupo ao redor do coreto vai engrossando. As calçadas estão já cheias de gente moça que faz a volta da praça como nas tardes de retreta. As raparigas caminham num sentido e os rapazes noutro. Soldados da polícia municipal tomam posições. Quase todas as janelas das casas que cercam o largo estão iluminadas e ocupadas, como em dia de procissão de Corpus Christi. Dois homens lidam com um microfone, dentro do coreto. Pelos cantos da praça, negras velhas do Barro Preto e do Purgatório instalaram-se com suas quitandas e vendem pastéis, doces e pipoca.

Faz um calor abafado e o céu está completamente coberto de nuvens baixas. Para os lados do Angico de quando em quando relâmpagos clareiam o horizonte.

Debruçado à janela do quarto de Rodrigo, Jango descreve a cena para o pai.

— Acho que já tem umas cento e poucas pessoas no centro… Parece que a banda de música vem vindo… A Prefeitura está toda iluminada.

Minutos depois a banda do Regimento de Infantaria entra na

praça tocando um velho dobrado e seguida dum cortejo de moleques. Rodrigo sente um calafrio, seus olhos brilham.

— Foi esse mesmo dobrado… - murmura ele para Camerino, que neste momento lhe mede a pressão arterial.

— Hein? - faz o médico, sem tirar os olhos do manómetro.

— Sem a menor dúvida… Foi em novembro de 22, pouco antes da eleição. A situação local andava ameaçando o eleitorado. Tivemos um comício aqui na praça e eu falei da sacada do Sobrado. Ameacei a chimangada com a revolução, caso fôssemos esbulhados nas urnas. Que tempos, Dante! Só de me lembrar…

Camerino ergue os olhos para o paciente e sorri.

— Não se lembre demais, que a pressão pode subir.

— Como está agora? O médico sorri.

— Ótima, mas o senhor não deve se impressionar com esse negócio aí fora…

— Esses udenistas vão fazer comício na frente da minha casa por puro acinte. Os queremistas fizeram o seu na outra praça.

Camerino encolhe os ombros.

— Seja como for, não leve a coisa a sério.

— Eu? Mas quem é que leva a UDN a sério? Acho que nem o brigadeiro…

Camerino repõe o esfigmômetro na bolsa.

— Está chegando muita gente - diz Jango, que continua à janela. — E ainda falta uma meia hora para começar.

— São curiosos - explica Rodrigo com desdém. — Gente que não vota.

O médico tira o casaco, passa o lenço pelo rosto.

— O senhor já pensou - pergunta - que os rapazes e moças que hoje têm quinze anos não viram ainda nenhuma eleição neste país?

Rodrigo volta a cabeça vivamente.

— E que tem isso? Camerino sorri.

— Bom, não vamos discutir.

— E por que não? Não quero ser tratado como um inválido, ou como uma sensitiva.

Sensitiva o senhor é - pensa o médico. Mas nada diz. Quando mais tarde Roque Bandeira entra no quarto, Rodrigo recebe-o com alegria.

— Puxa, homem! A gente pode morrer no fundo duma cama e tu, ingrato, não dizes nem “água”.

Tio Bicho aproxima-se lento do dono da casa, aperta-lhe a mão e murmura: “Água”. Paciente e médico desatam a rir, pois ambos sabem que, insaciável bebedor de cerveja, Bandeira só bebe água no chimarrão.

— Senta, homem - convida Rodrigo. — Tira esse casaco. Todo o mundo está em mangas de camisa.

— Obrigado. Estou bem assim.

Deixa cair o corpo numa poltrona, e fica a abanar-se com o chapéu. O suor goteja-lhe do rosto. A camisa, completamente empapada, cola-se-lhe ao peito cabeludo.

— Não vais ao comício? - pergunta-lhe Rodrigo, irónico. Tio Bicho fita nele os olhos claros e, com fingida solenidade, responde: - Todos conhecem de sobejo as minhas convicções políticas… É anarquista - costuma dizer - mas não desses de romance de folhetim que atiram bombas debaixo das carruagens de grão-duques e ministros. Don Pepe Garcia, que recusa aceitar Bandeira como correligionário, um dia lhe bradou na cara: "És um teórico nauseabundo!" - ao que o outro replicou: "Nauseabundo? Não discuto o adjetivo. Mas como poderia deixar de ser teórico?" E, fazendo mais um de seus paradoxos, acrescentou: "O que existe de melhor no anarquismo é que ele jamais poderá deixar de ser uma teoria. Nisso está a sua beleza e a sua invulnerabilidade".

Vem da praça um rumor de vozes cortado pelos gritos soltos dos pregões.

Os foguetes espocam agora a intervalos mais curtos, e a banda de música atroa o ar opressivo da noite com galopes e dobrados.

— Que é que vocês bebem? - indagou Rodrigo.

— Ora que pergunta! - crocita o Batráquio.

— E tu, Camerino?

— Uma limonada.

— Pois então, homem, me faz um favor. Vai até o corredor e diz à besta do enfermeiro que sirva as bebidas. — Olha significativamente para o médico e acrescenta: - Para mim, tragam arsénico… fora do gelo.

Poucos minutos depois Eduardo entra no quarto do pai acompanhado dum homem de batina negra. Estão ambos tão carrancudos que Rodrigo não pode conter o riso.

— Aposto como andaram brigando outra vez!

O religioso abraça-o, visivelmente emocionado. Rodrigo não pode habituar-se à ideia de que o Zeca, filho natural de seu irmão Toríbio com uma lavadeira do Purgatório, se tenha transformado neste marista sério e intelectualizado.

Quem diria? O Zeca, que cresceu no Sobrado entre os braços quase maternais de Flora e os cuidados sem mimos mas assíduos e eficientes de Maria Valéria. O Zeca, companheiro de brinquedos do Edu.

Dois anos antes de morrer, Toríbio teve o bom senso de legitimar o filho. Mesmo num tempo em que apenas se "desconfiava" da história, Toríbio revelava para com o menino uma afeição e um orgulho de tio solteiro. Levava-o para o Angico, onde lhe ensinava a

andar a cavalo e camperear. “Ainda vai ser meu companheiro de farra!” - dizia. Chegou um dia a ensaiar com a criança um diálogo que repetiram mais tarde diante das mulheres do Sobrado.

— Que é que vais ser quando ficares grande?

— Jogador profissional.

— Que mais?

— Cafajeste.

— Que mais?

— Bandido.

— Isso! Que mais?

— Ladrão de cavalo.

— Ainda falta outra coisa…

— Chineiro.

Toríbio soltou uma risada. Maria Valéria botou-lhe a boca.

— Não tem vergonha na cara? Ensinando essas maroteiras pró menino…

Toríbio custeou os estudos do filho, primeiro em Santa Fé e mais tarde no Colégio Nossa Senhora do Rosário, em Porto Alegre. Por volta dos dezessete anos, para grande surpresa e desapontamento do pai, Zeca começou a revelar preocupações religiosas. Contra a opinião de Toríbio e de Rodrigo, mas com o inteiro apoio de Maria Valéria, o rapaz entrou para a Sociedade de Maria, onde adotou o nome de irmão Toríbio, embora no Sobrado todos prefiram chamar-lhe irmão Zeca.

Rodrigo tratou de fazer que o sobrinho recebesse o legado que lhe tocava por morte do pai. Irmão Toríbio não guardou para si mesmo nem um vintém: empregou todo o dinheiro na construção de dois pavilhões para o Colégio Champagnat de Santa Fé, do qual é hoje professor de português e literatura geral.

— Sempre que vejo esses dois juntos - diz tio Bicho, com um copo de cerveja na mão e os lábios debruados de espuma - imagino um diálogo impossível entre um anjo do Inferno e um anjo do Céu.

Eduardo acende um cigarro e limita-se a lançar para o Cabeçudo um olhar neutro. Irmão Toríbio, porém, aproxima-se do “oceanógrafo” com o braço estendido e o indicador enristado: - Ias ficar admirado se soubesses quantos pontos de contato esses dois anjos têm…

Bandeira dá de ombros.

— Eu vivo dizendo que não há nada mais parecido com a Igreja Católica do que o Partido Comunista.

Rodrigo ergue a mão: - Não vamos começar essa história agora. Deixem a política internacional e a metafísica para depois. O que interessa no momento é essa palhaçada aí na praça.

Jango, sempre junto da janela, anuncia: - Vai começar a função.

Cessam os foguetes e a música. Alguém experimenta o microfone,

estalando os dedos e dizendo: “Um-dois-três-quatro-cincoseis… ” Ouve-se, vindo de longe, o rolar surdo dum trovão. As narinas de Rodrigo fremem, seus olhos ganham um repentino fulgor.

— Tenho o palpite - diz - de que o Velho lá em cima é queremista… Acho que vem aí uma tempestade que, como disse aquele empresário castelhano em pleno picadeiro, me vá llevar ei circo a Ia gran puta.

Uma voz que a distorção torna quase ininteligível anuncia o primeiro orador da noite: um estudante de direito que vai falar “em nome da mocidade democrática de Santa Fé”. Rodrigo conhece-o. é um dos netos de Juquinha Macedo.

— Que é que esse sacaneta entende de democracia? - pergunta ele.

Eduardo e o irmão Zeca encaminham-se também para uma das duas janelas do quarto que dão para a praça. Roque permanece sentado, a bebericar sua cerveja, com a garrafa ao pé da cadeira.

— Posso olhar também? - pergunta Rodrigo.

— Não senhor - responde o médico. — Fique onde está. Limite-se a ouvir.

E já acho que é demais…

A voz do orador espraia-se, grave e comovida, pelo largo. Rodrigo não consegue ouvir o que ele diz. Aqui e ali pesca a metade duma palavra…

nalidade… cracia… eiro Eduar… ornes. Palmas e vivas interrompem a cada passo o discursador. Agora Rodrigo entende uma frase completa… ova aurora raia para o …sil depois da treva …inze anos que foi a ditadura …úlio Vargas!

— O avô desse menino - diz com voz apertada de rancor - foi dos que mais me incomodaram lá no Rio por ocasião do reajustamento econômico que o Aranha inventou. Me pediu pra arranjar uma audiência com o Getúlio, e quando foi recebido pelo homem, só faltou beijar-lhe a mão.

Uma trovoada mais forte, prolongada e próxima, engolfa por completo as palavras do orador. Mas quando o ribombo cessa é possível ouvir outra frase… e agora o tirano do seu feudo de São Borja quer ainda influir nos destinos da nação que desgraçou e do pobre povo que vilipendiou! Um urro uníssono ergue-se da multidão, acima de cujas cabeças tremulam lenços brancos.

— Que grandessíssimos safardanas! - exclama Rodrigo com os dentes cerrados.

Há um momento em que o jovem Macedo pronuncia o nome do candidato da União Democrática Nacional, e o público rompe a gritar cadenciadamente, como numa torcida de futebol: Bri-gadei-ro! Bri-ga-dei-ro!

Bri-ga-dei-ro! - Nova revoada de lenços brancos.

Tio Bicho ri o seu riso gutural, mais visível que audível, pois lhe põe a tremer a papada e as bochechas. De instante a instante Jango volta a cabeça para observar as reações do pai.

— Por que não gritas também? - pergunta Rodrigo, dirigindo-se a Dante Camerino. — É o teu candidato. Grita. Tens a minha permissão.

A atroada cessa. O orador continua o seu discurso com redobrado entusiasmo.

— Aproximem ao menos esta cama da janela! Ó Jango, toca essa manivela, quero ficar de busto mais erguido.

Camerino empurra a cama de rodas para perto da janela. Rodrigo ergue a cabeça e olha para fora.

— Cuidado. Não se excite - suplica o médico.

— Há mais público do que eu esperava - murmura o paciente. — E muito mais do que eu desejava. Mas isso não significa nada. A metade dessa gente está aí por mera curiosidade.

Torna a recostar a cabeça no travesseiro, um pouco ofegante do esforço.

Pensa em Sônia. Onde estará a menina a esta hora? Talvez no cinema… Ou sentada sozinha no quarto do hotel, fumando ou lendo, num aborrecimento mortal. Ocorre-lhe que não é impossível que ela tenha vindo ver o comício…

E por que não?

Esta possibilidade põe-lhe um formigueiro no corpo, uma ânsia no peito.

É natural que ela aproveite a ocasião para aproximar-se do Sobrado sem ser notada… Claríssimo! É até plausível que esteja agora na própria calçada do casarão…

Torna a erguer a cabeça, e desta vez segura com ambas as mãos o peitoril da janela.

— Por favor, dr. Rodrigo! - diz o médico. — Não faça isso!

— Não sejas bobo, Dante. Estou bem. Por que é que tu não te sentas, se estás cansado?

Continua a olhar para fora e, indiferente às palavras do orador, aos gritos do público, põe-se a procurar a amante… É um jogo quase tão fascinante como uma caçada. Aquela de verde, na frente da igreja? Não.

Magra demais. E a de branco, junto do poste na calçada fronteira? Sônia tem um vestido branco de linho que lhe vai muito bem com a pele trigueira. Mas não! Trata-se duma mulher corpulenta, duma verdadeira amazona.

Uma dor fininha lhe risca transversalmente o peito, como um arranhão feito com a ponta dum alfinete. Rodrigo torna a recostar-se, alarmado, e por alguns instantes fica esperando e temendo a volta da

agulhada, os olhos fechados, a respiração quase contida… Deus queira que tenha sido só uma dor muscular ou gases.

Rompem palmas e vivas na praça, e a música toca um galope. O discurso terminou.

O segundo orador - candidato a deputado - fala com mais clareza. Ataca Getúlio Vargas, o queremismo, o Estado Novo, culpa o ex-presidente de ter corrompido e desfibrado a nação. Acusa-o de satrapismo, de nepotismo, de favoritismo e de cumplicidade com a "polícia cruel e degenerada de Filinto Müller"… “Sim, mas agora se abre uma nova era de justiça e democracia para o nosso infeliz povo, que saberá eleger presidente a figura impoluta do brigadeiro Eduardo Gomes.” De novo a multidão prorrompe em gritos ritmados: Bri-ga-dei-ro! Bri-ga-dei-ro! - enquanto os lenços brancos tremulam.

De olhos fechados Rodrigo murmura: - Conheço a besca que está falando. É o Amintas Camacho. O nome dele rima com capacho. É o que ele é. Foi getulista até quando achou conveniente. Um vira-casaca muito sujo e covarde! Se não estivesse aqui doente e escangalhado, eu subia naquele coreto e ia contar ao povo como um dia quebrei a cara desse sacripanta.

Jango estendeu a mão para fora: - Está começando a chover - diz.

Realmente, grossos pingos caem das nuvens. A multidão se agita num movimento de onda. Uma voz que não é a do orador sai aflita dos alto-falantes: “Pedimos ao público que não vá embora! Isto é apenas uma chuva rápida de verão!”

Mal, porém, termina de pronunciar a última palavra, o aguaceiro desaba com uma violência de dilúvio, e o povo começa a dispersar-se, buscando refúgio nos corredores das casas e debaixo da figueira grande. Uns poucos precipitam-se para seus automóveis estacionados nos arredores. Os previdentes, que trouxeram guardachuvas, abrem-nos e saem a caminhar em meio de gritos gaiatos e risadas, E a chuva bate com alegre fúria nas pedras das ruas e das calçadas, nos telhados, nas folhas das árvores, nos lombos e nos instrumentos dos músicos que continuam formados no redondel: a chuva toca tambor na coberta de zinco do coreto, onde os oradores e os próceres udenistas se comprimem. Os alto-falantes estão agora silenciosos.

— A Ia fresca! - exclama Jango. — Parece o estouro da boiada.

Empurra a cama do pai para o seu lugar habitual.

Rodrigo sorri. A dor não voltou e agora ele respira livremente. O comício foi dispersado. A natureza deu uma resposta simples mas categórica à baboseira dos oradores.

Jango e Eduardo descem as vidraças, pois a chuva começa a entrar no quarto. Tio Bicho ergue os olhos para o irmão Zeca e pergunta: - Qual é a tua opinião? Podemos tomar esse aguaceiro como um pronunciamento político do Altíssimo?

Limpando a batina respingada, por alguns instantes o marista não diz palavra. É um jovem de estatura meã e porte atlético. O rosto cor de marfim, de feições nítidas, é animado pelos olhos castanhos nos quais uma vez que outra Rodrigo julga ver ressurgir Toríbio. Sua voz, de ordinário mansa, não raro no ardor duma discussão revela o Cambará que se esconde no fundo deste religioso de plácida aparência.

— Olha, Bandeira - diz ele - , se queres discutir esse problema a sério, estou à tua disposição, mas para brincadeiras não contes comigo.

Tio Bicho sacode lentamente a cabeça.

— Tanto para o católico como para o comunista - diz - o humor é um pecado mortal.

— Roque! - brada o dono da casa - , se vocês começarem a discutir religião e comunismo, não dou mais bebida para ninguém. Jango, mande buscar mais três cervejas bem geladinhas. Para mim traga uma limonada, pois o Camerino quer me matar com essas bebidinhas de fresco. E abram um pouco essas janelas… o calor está ficando insuportável.

O aguaceiro continua a cair com força. A praça está agora completamente deserta.

Quando, cerca das dez horas, Floriano entra no quarto do pai, encontra o mesmo grupo - menos Camerino, que saiu para visitar outro cliente, e Jango, que desceu para o primeiro andar. O ar está saturado da fumaça dos cigarros. Todos fumam, inclusive o doente. Acham-se de tal modo entretidos a conversar, que parecem não dar pela entrada do filho mais velho de Rodrigo.

Comentam-se ditadores e governos de força. Há pouco, Eduardo e irmão Zeca se engalfinharam numa discussão em torno da personalidade de Franco. O primeiro acha-o tão desprezível quanto Hitler e Mussolini. O marista tentou provar que o caudilho espanhol "é um pouco diferente". Agora, mais calmos, discutem os motivos por que os povos se deixam levar tão facilmente pelos governos de força. Fala tio Bicho: - Dizem os entendidos que essa necessidade que as massas têm de submeter-se a um homem forte não passa duma saudade da autoridade paterna, que vem da infância.

— Bobagens - intervém Rodrigo. — A explicação é outra. Sem tomar conhecimento da interrupção, Bandeira prossegue: - No Brasil tivemos no século passado Pedro II, a imagem viva do pai, com suas barbas patriarcais, sua proverbial bondade ou "bananice", como querem outros. Na Rússia o czar era também chamado de paizinho. Hoje o papai dos soviéticos e dos comunistas do resto do mundo é Stálin. Uns pais são mais severos e autoritários que outros. Nós temos o nosso Getulinho, Pai dos Pobres…

Rodrigo lança-lhe um olhar hostil.

— E por que não? Me digam se houve em toda a história do Brasil governante que se interessasse mais que ele pelo bem-estar do povo? Me dá o fogo, Floriano.

O filho hesita por uma fração de segundo, mas acaba riscando um fósforo e aproximando-o do novo cigarro que o pai tem entre os lábios.

— Não me ponhas esses olhos de Quadros, rapaz!

— O senhor sabe que não deve fumar…

— Sei. E daí? Apaga esse fósforo. Agora me dá um copo de cerveja. Água cria sapo na barriga, como dizia com muita razão teu tio Toríbio.

— O senhor não deve beber nada gelado.

— Venha duma vez essa cerveja!

Não há outro remédio senão dar-lhe a bebida - reflete Floriano. Rodrigo empina o copo e, quase sem tomar fôlego, bebe metade de seu conteúdo.

— Agora não vão sair daqui correndo para contar ao Dante que fumei e bebi cerveja gelada.

Tio Bicho olha o relógio.

— Acho que vou andando - diz. — O dr. Rodrigo precisa descansar.

— Qual descansar, qual nada! A prosa está boa. Eduardo, grita lá pra baixo que nos mandem cinco cafezinhos. Floriano, pega ali na cômoda um lenço limpo, molha em água-de-colônia e me traz…

Floriano faz o que o pai lhe pede. Rodrigo passa o lenço pelas faces, pela testa, pelo pescoço, num gesto quase voluptuoso. De novo Sônia lhe volta ao pensamento. Pobre menina! Sozinha nesta noite de chuva, naquele horrível quarto de hotel…

— Vamos, Floriano! - diz ele, para evitar que a conversa morra. — Solta essa língua. Como é que explicas a necessidade que o povo tem de governos fortes?

— Bom - começa o filho - , eu acho que para a maioria das pessoas a liberdade, com a responsabilidade que envolve, é um fardo excessivamente pesado. Daí a necessidade que tem o homem comum de refugiar-se no seio dum grupo humano ou colocar-se sob a tutela dum chefe autoritário que, se lhe tira certas liberdades civis, lhe dá em troca a sensação de segurança e proteção de que ele tanto precisa.

Roque Bandeira ergue a mão gorda, com o indicador enristado na direção de Floriano: - Tu falaste em “refugiar-se no grupo”. Essa, me parece, é a tendência mais perigosa do homem moderno, com ditadores ou sem eles. Se por um lado a “democracia de massa”, de que os Estados Unidos constituem o exemplo mais evidente, oferece ao homem facilidades, confortos e garantias como não existiram em

nenhuma outra civilização da história do mundo, por outro prende-o implacavelmente ao grupo, à comunidade, ameaçando sua identidade individual.

— Exatamente - confiima Floriano. — Foi nos Estados Unidos que se inventou o oitavo pecado mortal: o de desobedecer ao código do grupo, o de não pensar, sentir ou agir de acordo com os padrões estabelecidos pela comunidade, o de não aceitar a estandardização das ideias, dos hábitos, da arte, da literatura, dos gestos sociais, dos bens de consumo… O inconformado passa a ser um marginal, um elemento subversivo, uma ameaça à ordem social.

E o curioso é isso acontecer num país onde existe um culto quase religioso do free enterprhe.

— Mas na Rússia será muito diferente? - pergunta irmão Zeca.

— Não - responde Floriano. — Se Babbitt relega ao ostracismo o non-conformist e olha para ele com uma mistura de desprezo, desconfiança e vago temor, já o comissário soviético acha mais prático, mais seguro e mais simples despachar o dissidente para a Sibéria, para um campo de trabalhos forçados, ou para o outro mundo, sumariamente…

— Nem me vou dar ao trabalho de refutar essa tua ficção ridícula - intervém Eduardo. — Vamos ao que importa. Como é que vocês querem que se resolva o problema? Como se pode pensar em termos individualistas num mundo cuja população cresce explosivamente? A solução americana estaria certa se tendesse, como a da Rússia soviética, para uma igualdade de oportunidades para todos, para o nivelamento econômico, para a abolição definitiva das classes sociais. Ora, é sabido que nos Estados Unidos essa aparente democracia econômica, essa falsa coletivização não passa dum estratagema da indústria e do comércio para venderem mais. Como a economia ianque não é estatal, a produção se torna cada vez mais caótica e competitiva. Vocês vão ver…

Agora que terminou a Guerra e as fábricas americanas cessaram de receber grandes encomendas de armas e munições, milhões de operários vão ficar sem trabalho. Então o remédio será criar e alimentar o medo de uma nova guerra, a fim de que se justifique novo aceleramento da produção bélica… E a propaganda já começou…

— Seja como for - interrompe-o tio Bicho - , a tendência coletivista me assusta. Porque tudo quanto a humanidade conquistou até agora de melhor e mais alto foi obra isolada de indivíduos que muitas vezes tiveram de arriscar a liberdade e até mesmo a vida para afirmarem suas ideias, contra o Estado, a Igreja ou a opinião pública. É ou não é?

— Para mim - diz Floriano - o problema se resume assim: Como pôr ao alcance da maioria os benefícios da ciência e da técnica em

termos de conforto, saúde, educação e oportunidades sem, nesse processo, anular o indivíduo? Confesso que não tenho no bolso a solução.

Rodrigo está já arrependido de haver provocado esta discussão académica.

E para desviar a conversa para um assunto mais de seu gosto, provoca o filho mais moço: - Põe a mão na consciência, Edu, e fala com sinceridade. Vais votar no candidato comunista por convicção ou por obediência às ordens de teus patrões de Moscou?

O rapaz responde com outra pergunta: - E o senhor… vai escolher um candidato próprio ou vai votar em quem o dr. Getúlio mandar?

— Ora, o meu caso é diferente do teu. Se meu amigo me "pedir" para votar, por exemplo, no general Dutra e eu não atender ao seu "pedido", nada me acontecerá. Mas se tu deixares de cumprir uma ordem do Partido, corres o risco de ser expulso. Se estivesses na Rússia, serias liquidado fisicamente. Que tal, Zeca, tenho ou não tenho razão?

O marista encolhe os ombros.

— O Edu e eu já tivemos a nossa dose diária de brigas. Por hoje basta…

Rodrigo encara o filho mais velho: - E tu? Não te pergunto em quem vais votar porque és um homem sem compromissos. Nem esquerda nem direita nem centro. Sempre au-dessus de Ia mêlée, não? Uma posição muito cómoda.

Floriano sente quatro pares de olhos postos nele.

— É curioso - diz, esforçando-se, por falar com naturalidade - que tanto o meu pai, homem do Estado Novo, como o meu irmão, marxista e comunista militante, pensem da mesma maneira com relação à minha atitude diante dos problemas políticos e sociais. Para um comunista, a pessoa que "não se define" é aquela que ainda não entrou para o PC. Para meu pai, homem de paixões, as coisas políticas e sociais são pretas ou brancas. Temos de escolher a nossa bandeira e matar ou morrer por ela. Só um intelectual decadente (acha ele) pode perder-se nos matizes, nos meios-tons.

Certo ou errado, o importante para o macho é comprometer-se, participar da luta. Ora, eu chamo a isso "raciocínio glandular"! Rodrigo solta uma risada.

— Até que enfim falas! - exclama ele. — Dizes o que pensas, sais da tua toca e vens discutir com os outros à luz do sol. Continua. Estou gostando.

Meio desconcertado, Floriano olha para tio Bicho, que ali está na sua poltrona sacudido pelo seu riso lento de garganta, e com uma luz de malícia nos olhos. Irmão Zeca, porém, lança-lhe uma mirada encorajadora. Eduardo, calado no seu canto, dá-lhe a impressão dum

jovem tigre que afia as garras, esperando a hora oportuna de saltar sobre a presa.

Floriano enfia as mãos nos bolsos das calças. Chegou a hora de dizer umas coisas que nestes últimos dias vem pensando… Mas a sensação de que se ergueu para fazer uma conferência deixa-o um pouco perturbado.

Sempre teve horror a parecer pedante ou doutoral.

— Aqui estou - começa ele - diante de quatro amigos, nenhum dos quais parece aceitar ou compreender minha posição. O Zeca me quer fazer crer no seu Deus barbudo que distribui prémios e castigos e a cujos preceitos (que não sei como foram dados a conhecer ao homem) devemos obedecer. Por outro lado, o Edu me assegura que a única maneira lógica e decente da gente participar na luta social é sentando praça no seu Partido. Em suma, quer que eu troque o que ele chama de Torre de Marfim pela Torre de Ferro do PC.

Meu pai acha que a panaceia para todos os nossos males é a volta do dr.

Getúlio ao poder, isto é: o Estado paternalista. E ali o nosso Bandeira, com quem tenho algumas afinidades intelectuais, me considera um toureiro tímido, desses incapazes de enfrentar o touro no momento de ir a verdad…

Cala-se. Os outros esperam que ele continue. Rodrigo bebe um gole de cerveja, depois de dar uma tragada gostosa no cigarro. E como a pausa se prolonga, diz: - Vamos! E depois?

— Uma das coisas que mais me preocupam - diz Floriano - é descobrir quais são as minhas obrigações como escritor e mais especificamente como romancista. Claro, a primeira é a de escrever bem. Isso é elementar.

Acho que estou aprendendo aos poucos. Cada livro é um exercício. Vocês devem conhecer aqueles versos de John Donne que Hemingway popularizou recentemente, usando-os como epígrafe de um de seus romances. É mais ou menos assim: Nenhum homem é uma ilha, mas um pedaço do Continente…

a morte de qualquer homem me diminui, porque eu estou envolvido na Humanidade… etc… etc.

Tio Bicho cerra os olhos e, parodiando o ar inspirado dos declamadores de salão, murmura eruditamente: - “And therefore never send to know for whom bell tolls; it tolls for thee”.

— Estive pensando… - continuou Floriano. — Nenhum homem é uma ilha…

O diabo é que cada um de nós é mesmo uma ilha, e nessa solidão, nessa separação, na dificuldade de comunicação e verdadeira comunhão com os outros, reside quase toda a angústia de existir.

Irmão Zeca olha para o soalho, pensativo, talvez sem saber ainda

se está ou não de acordo com as ideias do amigo.

— Cada homem - prossegue este último - é uma ilha com seu clima, sua fauna, sua flora e sua história particulares.

— E a sua erosão - completa tio Bicho.

— Exatamente. E a comunicação entre as ilhas é das mais precárias, por mais que as aparências sugiram o contrário. São pontes que o vento leva, às vezes apenas sinais semafóricos, mensagens truncadas escritas num código cuja chave ninguém possui.

Cala-se. Conseguirá ele agora estabelecer comunicação com estas quatro ilhas de clima e hábitos tão diferentes dos seus?

— Tenho a impressão - continua - de que as ilhas do arquipélago humano sentem dum modo ou de outro a nostalgia do Continente, ao qual anseiam por se unirem. Muitos pensam resolver o problema da solidão e da separação da maneira que há pouco se mencionou, isto é, aderindo a um grupo social, refugiando-se e dissolvendo-se nele, mesmo com o sacrifício da própria personalidade. E se o grupo tem o caráter agressivo e imperialista, lá estão as suas ilhas a se prepararem, a se armarem para a guerra, a fim de conquistarem outros arquipélagos. Porque dominar e destruir também é uma maneira de integração, de comunhão, pois não é esse o espírito da antropofagia ritual? Edu salta: - Toda essa conversa não passa duma cortina de fumaça atrás da qual procuras esconder a tua falta de vocação política, a tua incapacidade para a vida gregária…

— Por mais absurdo que pareça - diz Rodrigo - desta vez estou de acordo com o camarada Eduardo.

Floriano sorri. Os apartes, longe de o irritarem, o estimulam, pois tiram à sua exposição o caráter antipático e egocêntrico de monólogo.

Prossegue: - Para o Eduardo o Continente é o Estado socialista, ou a simples consciência de estar lutando pela salvação do proletariado mundial. Para outros, como para o Zeca, a Terra Firme, o Grande Continente é Deus, e a única ponte que nos pode levar a Ele é a religião ou, mais especificamente, a Igreja Católica Apostólica Romana. Há ainda pessoas que satisfazem em parte essa necessidade de integração simplesmente associando-se a um clube, a uma instituição, uma seita…

Bandeira aparteia: - Por exemplo: o Rotary Club ou a Linha Branca de Umbanda.

— O que importa para cada ilha - prossegue Floriano - é vencer a solidão, o estado de alienação, o tédio ou o medo que o isolamento lhe provoca.

Faz uma pausa, dá alguns passos no quarto, com a vaga desconfiança de que se está tornando aborrecido. Mas continua: - Estou chegando à conclusão de que um dos principais objetivos do romancista é o de criar, na medida de suas possibilidades, meios de

comunicação entre as ilhas de seu arquipélago… construir pontes…

inventar uma linguagem, tudo isto sem esquecer que é um artista, e não um propagandista político, um profeta religioso ou um mero amanuense…

Eduardo solta uma risada sarcástica de mau ator.

— Ah! E tu achas que estás realizando teu objetivo?

— Absolutamente não acho.

— E não te parece que teu projeto é um tanto pretensioso?

— Não mais que o de vocês comunistas quando esperam conseguir a abolição completa do Estado através do nivelamento das classes…

Rodrigo faz um gesto de impaciência: - Tudo isso é muito vago, muito livresco, Floriano - diz ele. — Sou um homem simples e inculto - acrescenta, com falsa modéstia. — Por que não trazes tuas teorias para um terreno mais concreto… Para o Rio Grande, por exemplo? Como vês o problema das nossas "ilhas"?

— Sai dessa! - exclama tio Bicho. Floriano volta-se para o pai.

— Que tem sido nossa vida política nestes últimos cinquenta ou sessenta anos senão uma série de danças tribais ao redor de dois defuntos ilustres? Refiro-me a Júlio de Castilhos e Gaspar Martins. Sempre foi motivo de orgulho para um gaúcho que se prezava sacrificar-se, matar ou morrer pelo seu chefe político, pelo seu partido, pela cor de seu lenço.

Faz uma pausa, olha em torno e admira-se de que os outros - principalmente o pai - o escutem sem protestos.

— Todos esses correligionários, amigos, peões, capangas, criados, todos esses "crentes" que formavam a massa do eleitorado em tempo de eleição e engrossavam os exércitos em tempo de revolução, seguindo quase fanaticamente seus chefes, todos esses homens, fosse qual fosse a cor de seus lenços, viveram na minha opinião alienados. Aceitaram irracionalmente a autoridade de Castilhos, de Gaspar Martins, do senador Pinheiro, de Borges de Medeiros e outros como viriam mais tarde aceitar a de Getúlio Vargas. Mais que isso: seguiram também os coronéis, os chefetes locais, com a mesma devoção…

Tio Bicho interrompe-o: - Conta-se que em 93 o general Firmino de Paula um dia formou a sua força e gritou para os soldados: "Eu sou escravo do dr. Júlio de Castilhos e vocês são meus escravos!"

— Uma ilustração perfeita - diz Floriano. — As pobres ilhas abandonadas procuravam integrar-se na terra firme do Continente. Ora, nesse processo de integrar-se e render-se elas deixavam de ser o centro de seu próprio mundo, entregavam sua liberdade, seu destino a algo ou a alguém mais forte que elas… Por exemplo: o chefe político ou o corpo místico do Partido.

Roque Bandeira ergue-se, lento, e diz: - Uma atitude nitidamente

masoquista. Encaminha-se para o quarto de banho, onde se fecha. Irmão Zeca olha, silencioso, para a ponta das botinas pretas de elástico. Rodrigo sacode a cabeça numa negativa vigorosa.

— Acabas de dizer a maior besteira da tua vida, meu filho. Esqueces que essa gente tinha ideais, convicções políticas definidas.

— Ora, papai, poucos, muito poucos podiam dar-se esse luxo. Vamos tomar um exemplo de casa: o Bento, cria do Angico. Quando viajava para fora do município e lhe perguntavam quem era, o caboclo respondia com orgulho: "Sou gente do coronel Licurgo". Um outro gaúcho, querendo certa vez explicar o motivo por que seguia cegamente Flores da Cunha, prontificando-se a arriscar a vida por ele, disse: "É que eu fui dado ao general, de pequeno".

— Queres que te diga uma coisa? - interrompeu-o Rodrigo. — Pois eu descubro uma grande beleza nessa atitude, nessas lealdades desinteressadas. Me passa essa garrafa de cerveja antes que o Roque beba o resto. — Enche seu copo e bebe um sorvo largo. — O teu argumento tem outra falha. Estás esquecendo ou dando pouca importância ao código de honra do gaúcho, do qual nunca, em circunstância alguma, ele abdicou.

Floriano coça a cabeça com um ar de aluno surpreendido em erro.

— Dou a mão à palmatória. Reconheço que meu exemplo está incompleto.

Havia uma coisa que esses alienados jamais entregavam ao chefe ou ao partido. Era a sua dignidade de macho, justiça se faça. — Olha para Eduardo. — Agora, os correligionários do Edu entregam tudo: a pessoa física e moral, a liberdade, a vida e até a morte.

Bandeira, que neste instante volta do quarto de banho, olha para o marista e diz: - É o que acontece também com os padres.

— Essa é que não! - exclama Zeca. — A Igreja nunca tirou a dignidade ou a liberdade de ninguém. Pelo contrário, sempre deu mais uma coisa e outra.

Eduardo aproxima-se da janela, mal reprimindo um bocejo. Rodrigo está surpreendido ante a pouca disposição combativa do rapaz, de ordinário tão agressivo.

— Mas me deixem terminar - pede Floriano. — Há outra maneira do homem identificar-se com o mundo que o cerca. É por meio do domínio, da submissão dos outros à sua vontade. Ele os torna partes de si mesmo. É uma atitude sádica. Foi o que até certo ponto fez Pinheiro Machado que era famoso pela maneira como usava seus amigos e correligionários.

Parece-me que o dr. Borges de Medeiros encontrou uma compensação para a sua solitude física e psicológica através dum casamento místico com o povo do Rio Grande, no qual ele era o elemento masculino dominador e autoritário. E seu amigo Getúlio,

papai (outro solitário), identificou-se com o Brasil.

— Não digas asneiras! - vocifera Rodrigo. — Conheço o Getúlio melhor que todos vocês. Tuas teorias são a negação da vida e a negação da história.

Sempre haverá comandantes e comandados. Que seria de nós se não fossem homens da têmpera dum Pinto Bandeira, dum Cerro Largo, dum Bento Gonçalves, dum Osório? Estaríamos todos agora falando castelhano e o Brasil seria menor. É melhor calares a boca e não ficares aí tentando negar o que nossa gente tem de mais nobre e valoroso.

Floriano faz um gesto de desamparo.

— Aí está. É difícil dialogar com os chamados "homens de convicções firmes". Eles têm a coragem de matar ou morrer por suas ideias. O que não têm é coragem de reexaminar, revisar essas ideias.

Irmão Zeca pergunta: - Aonde queres chegar com tuas teorias, Floriano?

— Em primeiro lugar quero deixar claro que não me enquadro em nenhuma dessas posições. Em segundo, acho que tanto o homem que domina arbitrariamente como o que se deixa dominar perdem a integridade. Um entrega sua liberdade. Outro mata a liberdade alheia em benefício da própria.

— Então? - rosna Bandeira.- Em que ficamos?

— Ele fica como sempre na famosa "terceira posição" - ironiza Eduardo.

— Exatamente - replica Floriano. — Na terceira posição. E admito que exista também uma quarta, uma quinta, uma sexta… Por que não? Não tenho muita paciência com os donos das verdades absolutas.

Sílvia entra, trazendo numa bandeja cinco pequenas xícaras de café.

Rodrigo faz-lhe um sinal e ela se aproxima.

— Ah! Aqui está a minha nora e afilhada com seu famigerado cafezinho.

— O senhor não devia… - murmura ela. — O doutor lhe proibiu.

— Pois o doutor que vá…

Engole o resto da frase e apanha uma das xícaras. Sílvia sorri e sai a distribuir o café. Quando ela se aproxima de Floriano, Rodrigo fica atento a qualquer mudança na expressão fisionômica do filho que possa confirmar suas suspeitas. Sílvia mantém os olhos baixos. Sim, o rapaz parece perturbado. Sua mão não está lá muito firme, a xícara que ele segura treme sobre o pires.

Quando Sílvia se retira, tio Bicho segue-a com o olhar e murmura: - Sujeito de sorte, esse Jango.

Com uma gulodice de menino, Rodrigo lambe o açúcar que ficou no fundo da xícara.

— Então, romancista? - provoca ele. — Já terminaste o teu folhetim?

— Bom, a solução para as "ilhas" é unirem-se umas às outras, mas sem perderem a dignidade e a identidade como indivíduos.

Edu interrompe-o: - Pergunta a esses pobres-diabos do Barro Preto e do Purgatório que andam descalços e molambentos, que sofrem frio e fome, pergunta a esses miseráveis carcomidos de sífilis ou de tuberculose se eles sabem o que é identidade, dignidade ou mesmo liberdade…

Floriano replica: - Está bem, Edu, teu argumento está certo, mas não invalida o que vou dizer… Para abolir o seu sentimento de solidão, de alienação, de falta de segurança, na minha opinião o homem não necessita entregar sua liberdade, sua vontade e seu futuro ao Estado totalitário, ou a um ditador paternalista, nem dissolver-se, anular-se no grupo, escravizando-se aos seus tabus e às suas máquinas. Reconheço que o problema é em grande parte de natureza económica. Se disseres que numa sociedade de economia sã os homens terão mais oportunidades de serem melhores, eu responderei que pode haver (e há) prosperidade sem bondade, progresso material sem humanidade.

Cala-se por um instante, para escolher as palavras finais, já um pouco encabulado por estar falando tanto, e talvez num tom de pastor protestante.

— Em suma - conclui - devemos procurar solução para nossos problemas existenciais no plano das relações humanas e não apenas no das relações de produção industrial. O que importa é conseguir uma solidariedade fraternal entre os homens não só no âmbito familiar e nacional como também no internacional. Para isso me parece indispensável que cada pessoa se capacite da sua importância como indivíduo e também da sua responsabilidade para com a própria existência.

— Peço licença para resumir teu pensamento - diz irmão Toríbio. — A solução é o amor. O que vemos no mundo de hoje não é apenas uma crise económica, mas principalmente uma crise de amor.

— De acordo, Zeca. Confesso que tive vergonha de pronunciar a palavra amor, como se fosse um nome feio.

— Pois devemos sair e escrever a piche nas paredes e muros esse nome feio! - exclama o marista. — Até nas fachadas das igrejas… por que não? Conheço padres, bispos, arcebispos e cardeais incapazes de verdadeiro amor. Sim, precisamos escrever por toda a parte: amor! amor! amor!

— Não se esqueçam das paredes das latrinas - alvitra tio Bicho, com seu olho cínico - já que esse é o lugar clássico dos nomes feios…

— É engraçado vocês falarem em amor no ano em que terminou a maior carnificina da história - diz Eduardo - e em que já se fala

abertamente na Terceira Guerra.

— Seja como for - insiste irmão Toríbio - o amor ainda é a única solução. É o remédio que Deus vem oferecendo aos homens há milénios.

Vocês dão as voltas retóricas mais incríveis para acabarem caindo na nossa seara.

— Claro - diz Floriano, olhando para Eduardo - o amor não é positivamente a nota tónica deste nosso sistema capitalista competitivo e frio, desta nossa civilização mercantil em que o lucro é mais importante do que vidas humanas.

— Estás usando a linguagem do teu irmão bolchevista… - observa Rodrigo.

— Atiramos contra o mesmo alvo - explica Floriano. — Só que de posições separadas e com frechas de cores diferentes.

Eduardo apressa-se a dizer: - O Floriano atira com sua pistolinha literária que esguicha água-de-colônia.

O outro sorri: - Para um comunista, tua piada não está nada má… Mas, falando sério, me parece que a solução estará numa sociedade realmente baseada no princípio de que não há nada mais importante que a criatura humana, a sua dignidade e o seu bem-estar.

— O famoso neo-humanismo - murmura Eduardo com ar desdenhoso. — Como é que vocês esperam chegar a essa sociedade perfeita? Rezando e esperando um milagre? Deixando as coisas como estão?

— Já estamos outra vez metidos em filosofanças! - exclama Rodrigo. — Não acham que por hoje basta? São quase onze horas. Será que vocês esperam salvar a humanidade ainda esta noite?

Os dois irmãos se calam. Mas o pai torna a falar: - De mais a mais, o que queres é um absurdo, Floriano, O mal deste país tem sido a falta de heróis, de condutores em quem o povo acredite. Pela primeira vez na nossa história encontramos um líder na figura de Getúlio Vargas e o resultado aí está, o “queremismo”, esse movimento de massa que galvaniza de Norte a Sul esta nação de cépticos. Como é possível eliminar a autoridade, como pareces desejar?

— Eu me refiro à autoridade irracional- replica Floriano - , a que não se baseia na competência mas se impõe pela força e se mantém pela propaganda, pela intimidação das massas por meio da polícia ou pela exploração dos “medos sociais”: o de ficar sem proteção, de ser destruído por inimigos externos ou internos, o de não ter o que comer, nem o que vestir, nem onde morar. O senhor, papai, sabe disso tão bem como eu. E é um erro imaginar que a intimidação é a única arma dos que exercem a autoridade arbitrária. Essa autoridade pode emanar também do chamado “ditador benévolo”, que por meio de seu departamento de propaganda trata de fazer que seu povo o aceite,

respeite, admire e ame como a um pai, o Provedor, o Benfeitor.

— O ditador - diz Bandeira com voz sonolenta - apresenta-se como uma figura dotada de qualidades mágicas.

— Querem um exemplo de autoridade irracional? - pergunta Floriano. — O Partido. O Eduardo que diga se ele pode discutir uma ordem de seu partido.

Eduardo limita-se a bocejar, como um carnívoro saciado.

— Outro exemplo - acrescenta tio Bicho - é a Igreja.

— Vou mencionar outro tipo de autoridade irracional - torna Floriano, olhando para o pai. — A família.

— Não me venhas com asneiras - rebate Rodrigo.

É-lhe agradável a ideia de que, apesar da vida que sempre levou, considera a família uma instituição sagrada.

Irmão Zeca agora caminha dum lado para outro, apalpando o crucifixo que traz pendurado ao pescoço. Bandeira segue-o com olho divertido.

Floriano prossegue: - Reconheço que a família é necessária e pode exercer uma benéfica autoridade racional. Seria um monstro se não reconhecesse isso. Mas no fundo é a vida familiar que nos prepara para aceitar os ditadores que, em última análise, não passam mesmo duma projeção de nossos pais. E o tipo de educação que recebemos em casa quando meninos é responsável por esse sentimento de culpa que carregamos pelo resto da vida.

— Vai dormir, rapaz! - exclama Rodrigo. E pensa: por que será que ele hoje está me agredindo tanto?

Floriano põe-se a rir.

— Estão vendo este exemplo de autoridade irracional? Meu pai, como último argumento, me manda dormir.

Irmão Toríbio faz alto na frente de Floriano e pergunta: - Será que entre o teu psicologismo e o historicismo e o economismo do Eduardo não haverá lugar para um pouco de teologia, de ontologia, de…

de… de…

Enquanto o marista procura a outra palavra, Roque, piscando o olho para Floriano, sugere: - Biologia?

Eduardo, que continua junto da janela, atira fora o toco de cigarro que tem entre os dentes e olha para o irmão: - Suponhamos que esse mundo que idealizas seja realmente o melhor dos mundos… Torno a te perguntar que é que tu como homem e escritor estás fazendo para que ele se torne uma realidade? Esperas que ele caia do céu? Nossa amarga experiência tem ensinado que do céu só podem cair bombas. E daqui por diante bombas atômicas!

— Outra coisa - intromete-se Rodrigo - , tu ofereces uma solução para intelectuais como tu. Esqueces as massas, que não estão mentalmente capacitadas nem sequer a compreender que existe um

problema nesses termos. — Muda de tom. — Ó Eduardo, vai ali no quarto de banho e me despeja um pouco de sal de frutas em meio copo d'água… Estou com um princípio de azia.

Roque Bandeira torna a consultar o relógio. O marista leva a mão à boca para esconder um bocejo. Faz-se um silêncio.

Eduardo volta ao quarto trazendo um copo de água efervescente.

— É engraçadíssima a atitude burguesa - diz ele entregando o copo ao pai, mas com os olhos postos em Floriano. — Vocês acham que podem resolver os problemas sociais no plano filosófico e por isso se embriagam com frases. O que nos interessa a nós, marxistas, são fatos, números, necessidades humanas. A filosofia em si mesma não passa dum refúgio. É um castelo de palavras, uma maneira de viver isolada da história e do mundo.

Fala com certo nervosismo e algumas hesitações, numa espécie de "gagueira eloquente" que lhe vem do excesso de argumentos e não da pobreza deles.

— O marxismo - continua - é um método de análise da realidade e ao mesmo tempo um método de ação sobre essa mesma realidade. De filosofias o mundo está cheio e farto. O que importa é examinar a história com objetividade e participar dela ativamente.

— Pois se a coisa é assim - interrompe-o Bandeira - precisas dar umas lições de marxismo ao teu chefe, o Prestes. Na minha opinião esse homenzinho é o mais teórico dos filósofos. Sua maneira de ver a realidade brasileira é verdadeiramente… surrealista. Se bem entendo, ele acha e proclama que o Brasil não está ainda preparado nem material nem psicologicamente para a revolução socialista. Segundo ele, o que a classe operária tem de fazer agora (e para isso conta com a colaboração do que chama "burguesia progressista") é liquidar os últimos vestígios do feudalismo em nossa terra e tratar de desenvolver, notem bem, fomentar o capitalismo até uma etapa que o torne maduro para o socialismo. Ora, isso me lembra a história do cirurgião da roça que, procurado por um paciente que sofria de dispepsia, lhe disse: "Olha, velhote, para esse teu mal não sei de nenhum remédio. Mas se voltares pra casa e tratares de arranjar uma úlcera gástrica, eu resolvo o teu problema te cortando um pedaço do estômago ou o estômago inteiro". Rodrigo solta uma risada.

— Estás errado! - reage Eduardo, encarando o velho amigo. — Se tivesses lido direito Marx e Engels, terias aprendido que existem dois tipos de socialismo. Um deles é utópico e inoperante como esse que o Floriano prega. Baseia-se na absurda moral cristã. O outro, o verdadeiro, tem caráter científico e decorre dum exame positivo das relações econômicas. O verdadeiro socialismo é uma ordem necessária que se origina dum certo grau de imaturidade do sistema capitalista. Mas essa transformação não se faz por si mesma (como imagina o

Floriano), mas exige a intervenção dos homens ou, melhor, das classes oprimidas. É por isso que o socialismo não pode deixar de ser o resultado da luta de classes.

Irmão Zeca tenta interrompê-lo, mas Eduardo o detém com um gesto e continua: - Há uma coisa que o Zeca e tu, Floriano, parecem esquecer. Como disse Marx, não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas é o seu ser social que determina a sua consciência. Como é possível mudar o que o homem é sem primeiro destruir o sistema social que assim o fez?

De novo irmão Toríbio tenta interrompê-lo, mas Eduardo não se cala.

— O sistema social com que o Floriano sonha deve ter como centro o homem, não é mesmo? Vocês querem que antes de mais nada se respeite a pessoa humana, não? Acho que é hora de botar as cartas na mesa e esclarecer o assunto. Até que ponto vocês os liberais, os democratas, os católicos, os conservadores, etc.... etc.... respeitam mesmo a pessoa humana? Permitindo que três quartas partes da população do mundo vivam num plano mais animal que humano? Queimando café e trigo, por uma questão de preços, quando há fome nos cinco continentes da Terra?

Deixando que continue a exploração do homem pelo homem, a usura, a prostituição... enfim, todos esses cancros da ordem capitalista?

Olha em torno, num desafio. Os olhos do pai começam a velar-se de sono.

Roque parece ter caído numa modorra que o torna 293 incapaz de qualquer reação. E, agora, no meio do quarto, numa atitude de comício, Eduardo continua seu ataque: - Para não nos perdermos em abstrações, vamos tomar o caso do Brasil.

Vocês enchem a boca com palavras como justiça, fraternidade, liberdade, igualdade e humanidade. Afirmam que nada disso existe na Rússia soviética, apesar de nunca a terem visitado. Mas sejamos honestos. Oito anos de Estado Novo, a Câmara e o Senado fechados, os direitos civis suprimidos, as cadeias abarrotadas de presos políticos sem processo, a imprensa amordaçada... é essa a ideia que vocês têm de justiça e liberdade? Será humanidade entregar a mulher de Prestes, grávida, aos carrascos da Gestapo, que a mataram num campo de concentração? E que me dizem da polícia carioca queimando com a chama de um maçarico o ânus dum preso político? Ou enlouquecendo o Harry Berger com as torturas mais bárbaras, para obrigá-lo a confessar sua participação num complot que não passava dum produto da imaginação mórbida de Gois Monteiro? Isso é fraternidade? Que dizer também dos parasitas que fizeram negociatas em torno do Banco do Brasil, das autarquias e dos ministérios? E da nossa sórdida

burguesia que durante a guerra se empanturrou de lucros extraordinários, mantendo o operariado num salário de miséria? Isso é justiça social? Isso é respeitar a dignidade da pessoa humana? Ora, não me façam rir!

Encara irmão Toríbio: - Que fizeram vocês os católicos durante esse período? Fingiram por covardia ou conveniência que não sabiam das atrocidades da polícia, da miséria do povo, das patifarias da gente do governo, da corrupção da alta burguesia. Cortejaram o ditador para obterem dele favores para a Santa Madre Igreja. Sim, e também denunciaram "cristãmente" os comunistas à polícia.

Volta-se para Floriano: - E vocês, beletristas? Poucos foram os que protestaram. Muitos se fartaram, mamando nas tetas gordas do DIP. Mas a maioria se omitiu, permanecendo num silêncio apático e covarde, numa contemplação que no fundo era uma forma de cumplicidade com a situação.

Floriano está absorto num silêncio reflexivo. Há muita verdade no que o irmão diz. Mas gostaria de perguntar-lhe se os processos de Moscou são o seu ideal de justiça. Se os expurgos físicos são a melhor forma de fraternidade. Se o massacre dos kulaks que na Rússia se rebelaram contra a coletivização das terras será um símbolo de humanidade e justiça social. Mas nada diz. Porque não acha que se deva justificar uma brutalidade com outra. De resto, conhece bem o irmão. Se por um lado a paixão política lhe dá o ímpeto, a coragem de dizer sinceramente o que pensa e sente, por outro o deixa quase cego a tudo quanto saia fora de seu esquema marxista.

Quanto a Rodrigo, faz já alguns minutos que não escuta o que se diz a seu redor. Tem estado a pensar alternadamente em Sônia e na morte. Uma fita de fogo sobe-lhe desagradavelmente do estômago à garganta. (Por que tomei cerveja, se sei que não me faz bem?) Esforça-se por arrotar e livrar-se dos gases que lhe inflam o estômago, comprimindo-lhe o coração.

Neste momento a porta do quarto se abre e Dante Camerino aparece.

Floriano olha para o pai e sorri. Rodrigo dá-lhe a impressão dum menino apanhado em flagrante numa travessura. O médico olha em torno, de cenho franzido. Depois encara o paciente e diz: - Sabe que horas são? Quase meia-noite. O senhor já devia estar dormindo.

Tio Bicho ergue-se, apanha o chapéu e começa as despedidas. O marista pousa a mão no ombro de Rodrigo e murmura: - Não se esqueça do que lhe pedi a semana passada… Lembra-se?

O enfermo sacode a cabeça afirmativamente.

— Vocês sabem? - diz em voz alta, - O Zeca quer que eu me confesse e tome a comunhão… Ó Dante, será mesmo que estou "em artigo de morte", como diziam os clássicos? Não se esqueçam que

vocês quase me mataram de susto o outro dia, quando fizeram o padre Josué entrar neste quarto todo paramentado, para me dar a extrema-unção…

— A ideia não foi minha - desculpa-se Camerino.

— Foi minha - confessa irmão Toríbio. E acrescenta: - Não me arrependo.

Rodrigo segura a manga da batina do marista.

— Sou religioso à minha maneira, Zeca. Considero-me católico, acredito em Deus, mas não sou homem de missa nem de rezas e muito menos de confissões…

— O dr. Rodrigo - diz Roque Bandeira - , como tantos outros brasileiros, é católico do umbigo para cima.

O senhor do Sobrado solta uma risada e diz: - Eu cá me entendo com o Chefão lá em cima. Quando se vê a sós com o doente, Camerino posta-se na frente dele e, depois duma pausa, pergunta: - Quantos cigarros fumou?

— Quem foi que te disse que eu fumei?

— Vejo cinza na sua camisa e no lençol… E o senhor está cheirando a sarro de cigarro. Desculpe o sherlockismo, mas pelo seu hálito deduzo também que andou bebendo. Que foi? Cerveja?

O enfermeiro agora está à porta, de braços cruzados. Rodrigo lança-lhe um olhar enviesado e murmura para Camerino: - O Frankenstein chegou… O médico sorri: - Vamos ver como está a pressão depois desse entrevero. Abre a bolsa.

Floriano decide acompanhar irmão Toríbio e Roque Bandeira até suas casas. Ele próprio está maravilhado ante a necessidade de companhia humana e de comunicação que tem sentido nestes últimos dias. O caramujo abandonou a concha e move-se entre os outros bichos, convive com eles, e está admirado não só de continuar vivo e incólume como também de sentir-se à vontade sem a carapaça protetora.

Eduardo despede-se no vestíbulo: precisa dormir, pois tem de sair amanhã muito cedo para Nova Pomerânia, a serviço do Partido.

— Que apóstolo! - exclama tio Bicho, depois que o rapaz se vai. — Devia usar vestes sacerdotais: uma batina vermelha e, em vez do crucifixo, a foice e o martelo.

Saem para a noite fresca e úmida. No céu, agora completamente limpo e dum azul quase negro, estrelas lucilam. Nas calçadas e no pavimento irregular das ruas ficaram pequenas poças d'água.

Junto do redondel de cimento, no centro da praça, os três amigos fazem alto diante duma coluna de mármore sobre a qual dentro de poucos dias será colocado o busto do cabo Lauro Caré. A Voz da Serra vem publicando uma biografia seriada desse jovem santa-fezense, soldado da FEB, que teve morte de herói na Itália. Seu corpo jaz

enterrado no cemitério de Pistoia, e agora sua cidade natal vai prestar-lhe esta homenagem. Ainda ontem - lembra-se Floriano - Rodrigo chamou-o para lhe contar que havia recebido um convite para comparecer ao ato de inauguração do busto.

— Quero que me representes na solenidade - pediu ele. — É bom que saibas que o Laurito Caré era nosso parente. Acho que não ignoras que teu avô Licurgo tinha uma amante, um caso antigo, que vinha dos tempos de rapaz. Teve um filho com ela, e o cabo Caré vem a ser neto de teu avô e portanto meu sobrinho e teu primo…

Agora, olhando para a base do monumento, Floriano diz aos dois amigos: - Quem podia prever que um dia um obscuro membro do clã marginal dos Caré viesse a ter seu busto nesta praça, a menos de cem metros da estátua do coronel Ricardo Amaral, fundador de Santa Fé e flor muito fina do patriciado rural do Rio Grande?…

Irmão Zeca aponta para o outro busto que se ergue no lado oposto do redondel: - E na frente da imagem de dona Revocata Assunção, sua professora…

— Flor da cultura serrana - acrescenta tio Bicho.

— Segundo a história (ou a lenda) de Santa Fé - conta Floriano, quando retomam a marcha - há muitos, muitos anos um Caré roubou um cavalo dum Amaral. Para castigar o ladrão o estancieiro mandou seus peões costurarem o pobre homem dentro dum couro de vaca molhado e deixarem-no depois sob o olho do sol. O couro secou, encolheu e o Caré morreu asfixiado e esmagado.

— Mas os tempos mudaram - observa irmão Toríbio. — É possível e até provável que amanhã um Caré venha a ser prefeito municipal ou deputado…

Tio Bicho para um instante para acender um cigarro e, depois da primeira tragada, diz: - Segundo esse inocente simpático que é mr. Henry Wallace, estamos na “era do homem comum”. Vocês, socialistas ou socializantes, democratas ou populistas vão ver, com o tempo, que o chamado “homem comum” não é melhor nem pior que o “incomum”. São todos umas porcarias, feitos do mesmo barro.

— Não sejas pessimista! - exclama irmão Zeca.

À esquina da rua do Comércio encontram Bibi e o marido, que voltam duma tentativa frustrada de descobrir “vida noturna” em Santa Fé. Enquanto Sandoval conversa com tio Bicho e o marista, Bibi chama o irmão à parte.

— Como vai o Velho? - pergunta.

— Acho que bem. Só que esta noite abusou: fumou, bebeu, agitou-se. Nós fomos em parte culpados.

Bibi baixa a voz: - Vimos a mulher no cinema.

— Que mulher?

— Ora, tu sabes.

— Como foi que a identificaste?

·- O Sandoval me mostrou. E depois, filho, a gente vê logo. Estava com um vestido vermelho escandaloso, de óculos escuros, pintada dum jeito que se via logo que ela não é daqui…

— Que achaste da rapariga?

— Prostitutinha da Lapa. Floriano sorri. Bibi está enciumada.

Sandoval aproxima-se de Floriano e segura-lhe afetuosamente o braço: - Vi hoje umas belas gravatas na Casa Sol - diz. — Comprei duas, uma pra mim e outra pra ti. Acho que vais gostar.

— Ah! - faz o outro, contrafeito. — Muito obrigado.

O casal retoma o caminho do Sobrado. Os três amigos começam a descer a rua principal.

— Um produto do Estado Novo - diz Floriano após alguns segundos - ou, melhor, do neocapitalismo.

— Quem? - pergunta o marista.

— O Sandoval.

Tio Bicho, que parece pisar em ovos, tal a indecisão e a leveza de seus passos, apóia-se no braço de Floriano e sussurra: - Não vais negar que o rapaz é simpático.

— Não nego.

— Mas por que - pergunta o marista - o achas tão representativo do neocapitalismo?

— Ora, o Sandoval tem nitidamente o que se convencionou chamar de “caráter de mercado”. Me digam, qual é o objetivo principal do homem numa sociedade cada vez mais furiosamente competitiva como a nossa?

— Obter sucesso - responde tio Bicho, à beira dum acesso de tosse. — Galgar posições, ganhar dinheiro para comprar todas essas bugigangas e engenhocas que dão conforto, prazer e prestígio social.

— Pois bem - continua Floriano - na luta para obter essas coisas, um homem como o Sandoval procura ser aceito, agradar, e a maneira mais fácil de conseguir isso é “dançar de acordo com o par”, conformar-se com as regras que regem a sociedade em que vive. Para ele é importante pertencer a clubes grã-finos, ter seu nome na coluna social dos jornais e sua fotografia nessas revistas elegantes impressas em papel couché, produtos da ilusória prosperidade que a guerra nos trouxe. Nosso herói tem de ser visto em companhia (e se possível em tom de intimidade) de pessoas importantes no mundo do comércio, da indústria, das finanças e da política. Ou mesmo de aristocratas arruinados, contanto que “tenham cartaz”.

Roque Bandeira, que respira penosamente, puxa-lhe do braço.

— Pelo amor de Deus, mais devagar! Não vamos tirar o pai da forca. Mas continua o teu “retrato”.

— Em suma, o homem está no mercado. Quem me compra?

Quem me aluga? Quem dá mais?

— Não estarás exagerando? - pergunta o marista.

— Talvez o Floriano esteja carregando nos traços caricaturais - opina tio Bicho. — Mas isso não invalida a parecença do retrato.

— Quem pode negar que é simpático, gentil, persuasivo? Sabe impor-se aos outros por meio da lisonja e duma série de pequenas cortesias e atenções… Flores para madame no dia de seu aniversário, porque o marido é um homem importante que no futuro lhe poderá vir a ser útil…

Telefonemas para o figurão, a propósito de tudo e a propósito de nada: o que importa é agradá-lo, incensar-lhe a vaidade… Se está com um padre, o nosso herói puxa o assunto religião e ninguém é mais católico que ele. Se conversa hoje com um torcedor do Flamengo, declara-se logo "doente" pelo rubro-negro, como amanhã, com outro interlocutor, poderá apresentar-se como fanático do Botafogo, do América ou do Vasco… Na presença dum getulista, ninguém será mais queremista que ele. Agora me digam, quem pode recusar um artigo assim com tantas qualidades sedutoras?

·- Esqueces que o Sandoval é uma criatura de Deus - interrompe-o o marista. — Tem uma alma imortal.

— Eu esqueço? - exclama Floriano. — Quem esquece é ele! Afinal de contas se tomo o Sandoval como exemplo é porque o tenho observado de perto. Bem ou mal, o rapaz entrou na família, convive conosco…

Vai acrescentar: "dorme com a minha irmã" - mas contém-se. Os três amigos dão alguns passos em silêncio na rua deserta.

— Mas achas que ele sabe que se porta como uma mercadoria?

— pergunta irmão Toríbio.

— Claro que não. É um produto do meio em que se criou. Nesta nossa civilização de "coisas", esse espírito mercantil passou a ser um imperativo de sobrevivência.

Floriano e irmão Zeca deixam tio Bicho à porta de sua casa e continuam a andar na direção do Ginásio Champagnat, onde o marista vive. O ar está embalsamado pela fragrância das magnólias que vem dum jardim das redondezas.

Caminham calados até o portão do colégio, junto do qual fazem alto.

Irmão Toríbio apalpa o crucifixo nervosamente. Fica um instante de cabeça baixa, sempre em silêncio, e depois diz: - É engraçado… Estou há dias para te falar num assunto… e não sei como começar.

Sílvia - pensa o outro num susto. — O Zeca deve ter desconfiado de alguma coisa…

— É sobre o meu pai…

— Ah! - faz Floriano, aliviado.

— Creio que o conheceste bem. Pelo menos, melhor que eu. — Faz uma pausa. E depois: - Que espécie de homem era ele?

— Não acho fácil definir tio Toríbio… As criaturas aparentemente simples são às vezes as mais difíceis de decifrar. O que te posso dizer é que eu gostava muito dele… Só lamento nunca lhe ter dito isso claramente.

O marista sacode a cabeça. Das folhas do jacarandá debaixo do qual se encontram, de quando em quando pingam gotas da água que a chuva ali deixou. Floriano sente uma delas bater-lhe, fresca, na testa.

— Às vezes ouço histórias sobre ele… Episódios, anedotas, as suas aventuras com mulheres, tu compreendes, essas coisas de superfície…

Junto esses fragmentos e tento formar o retrato psicológico de meu pai.

Mas qual! Não consigo. Creio que me faltam os pedaços principais. E os que eu tenho não se casam com os outros…

— Teu pai era um homem autêntico, Zeca, dos poucos que tenho conhecido na vida. Eu te diria que ele foi uma mistura de Pantagruel, Pedro Malasarte e D'Artagnan. O que dava mais na vista era a sua parte pantagruélica e malasarteana…

— Às vezes penso que ele foi um cruzado sem causa. Floriano encolhe os ombros, indeciso.

— Não sei… O que te posso afirmar é que tio Toríbio nunca teve paciência com os demagogos, os hipócritas e os falsos moralistas.

Politicamente, era um idealista à sua maneira, embora fizesse empenho em provar o contrário, alegando que se metia em revoluções simplesmente porque gostava de pelear. Não há dúvida que era um homem de ação e de grandes apetites. E completamente sem inibições!

— Rezo todas as noites pela sua alma - murmura Zeca. E, sorrindo com ternura, recorda: - Eu me lembro do dia em que lhe contei que queria ser marista. Primeiro ficou perplexo, depois furioso. Quis me tirar a ideia da cabeça. Lembro-me claramente das palavras dele: "Será que tu és bem homem? Vou mandar um doutor te examinar. Onde se viu um Cambará padre?"

— Tu compreendes, para um gaúcho como teu pai, entrar para uma ordem religiosa é uma espécie de autocastração… Já deves ter observado que para os Cambarás não há nada mais desmoralizante que isso.

— Claro que compreendo. E não penses que sou muito diferente de meu pai em matéria de temperamento. Quando me esquento (e isso acontece com muita frequência) me vêm à ponta da língua os piores palavrões, e preciso fazer um esforço danado para não largá-los…

Floriano sorri.

— Mas isso faz mal, Zeca. Falo de cadeira. Esses palavrões que recalcamos acabam nos sujando por dentro. Te digo mais: eles causam

menos mal jogados na cara do próximo do que reprimidos dentro de nós.

— Eu sei disso… e como!

Faz-se um novo silêncio, ao cabo do qual Floriano diz: - Teu pai tinha aspectos curiosos. Era, por exemplo, louco por novelas de capa e espada. Quando se agarrava com uma delas, passava a noite em claro, lendo…

— E esses livros… se perderam?

— Creio que alguns deles ainda existem lá pelo Sobrado, ou na casa da estância. Por quê?

— Eu gostaria de ficar com uns dois ou três…

— Está bem. Vou procurá-los amanhã mesmo.

Ficam ambos calados por alguns instantes. Floriano sente que irmão Zeca não lhe fez ainda a pergunta essencial. Ele pigarreia, apalpa o crucifixo. Por fim, torna a falar: - Tu estavas com papai… quando ele morreu, não?

— Sim. Tio Toríbio expirou por assim dizer nos meus braços..

Nova hesitação da parte do marista.

— Ele… ele disse alguma coisa na hora da morte?

— Bom, tu sabes… Estava enfraquecido pela brutal perda de sangue, eu mal podia perceber o que ele dizia…

— Mas… podes repetir esse pouco que ouviste?

Zeca espera que o pai tenha pronunciado o nome de Deus na hora derradeira - reflete Floriano, comovido. E uma bela ficção lhe ocorre.

Sem olhar para o amigo, inventa: - Só pude ouvir claramente uma palavra: o teu nome. Depois dum novo silêncio, com um leve tremor na voz embaciada, o marista pergunta: - Então ele pronunciou o meu nome? Estás certo de que ouviste direito?

— Certíssimo - diz Floriano, empolgado com a própria mentira.

A sombra da árvore não lhe permite ver claramente as feições do outro, mas ele sente uma espécie de resplendor na face do amigo.

— Então, afinal de contas, meu pai gostava de mim…

— Mas não descobriste ainda, homem, que lá no Sobrado todos gostamos de ti?

Despedem-se em silêncio com um longo aperto de mão.

Caderno de pauta simples

Bandeira tem razão. É necessário agarrar o touro a unha. Enfrentar sem medo e com a alegria possível “el momento da verdad”. Esta talvez seja a última oportunidade. Ou pelo menos a melhor.

Penso num novo romance. Solução - quem sabe - para muitos dos problemas deste desenraizado. Tentativa de compreensão das ilhas do arquipélago a que pertenço ou, antes, devia pertencer. Abertura de meus portos espirituais ao comércio das outras ilhas.

Já tardam os navios que trazem o meu dom João VI.

A façanha do Menino: deixar as muletas das linhas paralelas dos cadernos de pauta dupla para caminhar como um audaz equilibrista sobre o fio das linhas simples. Proeza que exijo do adulto: enfrentar o papel completamente sem linhas, saltar para o vácuo branco e nele criar ou recriar um mundo.

Folheando ontem ao acaso uma velha Bíblia, meu olhar caiu sobre este primeiro versículo do capítulo IV do Génesis: “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e pariu a Caim, e disse: Alcancei do Senhor um varão”.

Por alguma razão profunda, “conhecer” é sinónimo de fornicar, penetrar, amar. Escrever sobre minha terra e minha gente - haverá melhor maneira de conhecê-las?

Conhecê-las para amá-las. Mas amá-las mesmo que não consiga compreendê-las.

“Porque em verdade vos digo que fora do amor não há salvação. ”

Eis uma frase que eu jamais teria a coragem de escrever num romance, atribuindo-a a mim mesmo. Ou a um sósia espiritual.

Mas quem foi que nos incutiu este pudor dos sentimentos? Dona Revocata?

O velho Licurgo, legislador prudente? Os meninos de Espana? Ou Maria Valéria, a fada de aço e gelo?

Um dia destes tive a curiosidade de rever o quarto que pertenceu a minha irmã morta. Pedi a chave à Dinda e entrei. Um ato de masoquismo. Ou de penitência, o que vem a dar no mesmo.

Tudo lá dentro está exatamente como no dia em que levaram Alicinha do Sobrado para o jazigo perpétuo da família, isso há mais de vinte anos.

Papai não permitiu que ninguém mais ocupasse esse quarto, nem que se dessem as roupas e os objetos de uso pessoal da menina a quem quer que fosse. Transformou a pequena alcova numa espécie de mórbido museu. O tempo deve ter cauterizado as feridas do dr.

Rodrigo, mas ele continua a exigir que seja mantido o santuário.

Não toquei em nada lá dentro. Só olhei, lembrei e procurei (com medíocre sucesso) sentir-me com treze anos. Nada me comoveu mais que uns sapatinhos da menina, outrora brancos, que ficaram esquecidos a um canto e ainda lá estão, como dois gatinhos mumificados. A boneca continua em cima da cama. Seu vestido rosado desbotou, como a cabeleira. Mas seus olhos de vidro são ainda do mesmo azul que perturbava o Menino. E que o Homem iria encontrar treze anos mais tarde nos olhos duma estrangeira.

Saí do quarto carregado de lembranças e remorsos. Remorsos?

Quem reinava no Sobrado? Alicinha, anjo rosado de cabelos anelados.

Montada na perna do pai brincava de cavalinho meu tordilho, upa! Upa!

sabes quem tens na garupa? A flor mais bela da terra.

O Menino enciumado ia curtir seu despeito no torreão do Castelo. Um dia lá das ameias olhando as torres da igreja viu um enterro saindo ao dobrar grave do sino. No branco caixão pequenino que pálida infanta dormia? As carpideiras sussurram Alicinha pobrezinha Alicinha Cambará.

Fechado o triste casarão toda a família de luto olhos inchados de pranto papai gritando no quarto Deus me roubou a princesa.

Debaixo da terra fria segundo contava Laurinda a cabeleira dos mortos continuava a crescer.

Deus me perdoe e livre de pensar coisas malvadas!

Queria esquecer, não podia os cabelos da menina crescendo na sepultura.

De noite o sono não veio nenhuma reza ajudou entrou no quarto da irmã beijou-lhe os cabelos de viva voltou pra cama e dormiu.

E havia o Enigma. O quebra-cabeças essencial. O diabólico jogo de armar.

O Menino juntava os pedaços do puzzle, procurando formar com eles o quadro completo.

Viu um dia no Angico tio Toríbio castrar um cavalo. Na hora do sangue quis fechar os olhos mas o fascínio foi mais forte que o medo.

Terminada a operação o tio voltou-se para ele, empunhando a faca ensanguentada: Agora vamos capar o Floriano!

O Menino encolheu-se, protegendo com ambas as mãos a preciosidade.

Laurinda soltou uma risada: Não façam isso! Sem essa coisa como é que ele vai fazer filhos quando ficar homem?

Os piõess da estância davam ao Menino lições de sexo, chamando sua atenção para a coreografia amorosa dos animais.

Garanhões empinavam-se sobre éguas.

Touros agrediam vacas com suas rubras espadas incandescentes.

Era ruidoso o amor dos gatos gemebundos.

Cães aflitos resfolgavam, a língua de fora, em prolongados engates.

Rútilos galos dançavam um breve minueto antes do voo erótico.

E havia também os porcos, as cabras, os insetos…

O Menino estudava ao vivo sua história natural.

E o que mais o encantava era o amor aéreo das libélulas, com seus grandes olhos de joia: o macho enlaçava a fêmea e assim unidos realizavam o ato da fecundação num voo que era um bailado iridescente.

Um dia o Menino descobriu por acaso (teria sido mesmo acaso?) como a coisa se passava entre o homem e a mulher. (Um peão e uma chinoca, dentro do bambual, na hora da sesta.) Era como o amor das libélulas. Só que não voavam. Mas era também como o dos cachorros. E isso o assustou.

Por esse tempo ele elaborou a sua mitologia particular.

Pai era Sol. Mãe era Lua. Pai era ouro. Mãe era prata. Pai era fogo. Mãe era água. Pai era vento. Mãe era terra.

Mas a frase terrível que um pião lhe soprou no ouvido partiu em cacos esse universo metafórico.

Odiou o pai, chorou a mãe e do torreão do Castelo viu outro enterro na igreja desta vez um caixão grande preto com alças de ouro levado por homens sérios crepe negro no Sobrado bandeiras a meio pau o sino de novo dobrando.

Deus me perdoe e livre de pensar coisas malvadas!

Não quero que meu pai morra nem a filha que ele adora. Tarde demais!

Ambos foram pró reino da Moura Torta. Meu tordilho, upa! Upa! sabes quem tens na garupa? Um cavaleiro que busca no negro campo da morte sua princesinha perdida.

E os cabelos do pai e da filha cresciam na sepultura.

Deitou-se, dormiu, sonhou era grande, usava cartola cheirava a galo, fumava era o Pai e dormia no grande leito conjugal.

Reli o que acabo de escrever. Inaproveitável! O romance que estou projetando não pode, não deve ser autobiográfico. Usar a terceira pessoa, isso sim. Evitar a cilada que a saudade nos arma, fazendo-nos cair no perigoso alçapão da infância. A educação sexual ou falta dela…

do Menino não terá sido diferente da de muitos milhares ou milhões de outros meninos através do espaço e do tempo. Por que então repetir coisas sabidas?

Fica decidido que este material não será aproveitado no romance.

Mas não estarei mais uma vez fugindo ao touro, depois de

provocá-lo com elaborados passes de capa?

Aqui vai uma história que me parece importante. Na minha vida, quero dizer.

Eu teria uns dez anos. O mês? Agosto. Fazia frio e uma cerração envolvia a cidade. Saí de manhã cedo rumo da escola, com a mochila de livros às costas e um gosto de mel na boca.

Comecei a assobiar, sinal de que arquitetava faz-de-contas. Não estava mais em Santa Fé, mas em pleno nevoeiro de Londres. Meu nome era Phineas Fogg e eu ia a caminho do Reform Club, onde apostaria com meus amigos que era capaz de fazer a volta ao mundo em apenas oitenta dias.

Na rua Voluntários da Pátria me aproximei curioso dum ajuntamento de gente. E vi estendido no barro o primeiro degolado de toda a minha vida.

O cadáver tinha uma rigidez que antes eu só vira em cachorros mortos.

Sua boca estava aberta, mas havia outra boca mais horrenda escancarada no pescoço, e os lábios dessa segunda boca estavam enegrecidos de sangue coagulado. Sangue havia também nas roupas do degolado e na lama da rua. Recuei, nauseado, recostei-me numa parede, e o meu mel se transformou em fel. Voltei estonteado para casa e me refugiei no Castelo. Levei um pito por ter gazeteado a aula. Mas não contei a ninguém (nem naquele dia nem nunca) o que tinha visto.

Ó mundo horrível dos grandes que cheiravam a sangue de boi a sangue de homem a suor de cavalo a sarro de cigarro de palha.

Ó homens brutais que coçavam os testículos ó gaúchos bombachudos ó capangas melenudos com bigodes de fumo em rama barbicacho nos dentes pistola e facão na cinta esporas nas botas escarro na voz a Ia frescal a Ia putchal já te corto1.

já te sangro!

já te capo!

Ó mundo de histórias negras! Ontem estriparam um vivente lá pras bandas do Barro Preto. O soldado fez mal pra donzela e a coitada tomou lisol.

Caiu geada a noite inteira um mendigo morreu de frio e os seus pobres olhos vidrados espelharam o gelo do céu.

Por tudo isso o Menino entrava no barco de lata com o nome Nemrod na proa saía prós Sete Mares ia ver seu bom amigo o monarca de Sião. E via o sol de Bangkok luzir nas cúpulas d'ouro. Ou então fechava os olhos e contra o escuro das pálpebras tinha o seu calidoscópio geometrias deslumbrantes joias, florões e astros vagalumes, borboletas dragões e auroras boreais. Ou então abria a janela do torreão do Castelo esperando a Grande Visita.

Pearl White, a brava Elaine a heroína dos seriados a mais bela mulher do mundo o maior de seus amores vinha loura, alva e muda deitar-se no seu divã. Mas ai! os chineses sinistros dos Mistérios de Nova York surgiam com seus filtros seus venenos e punhais Salta, Elaine, pra garupa do meu pingo alazão vou levar-te pró palácio do monarca de Sião.

Nada do que acabo de escrever presta. São meras bandarilhas com papéis coloridos que atiro a medo e de longe contra o lombo do touro.

Encontrei há dias no fundo duma gaveta uma fotografia de Assis Brasil com uma dedicatória autografada para meu avô Licurgo. Fiquei entretido a reconstituir o retratinho mental que o Menino tinha dessa figura, e formado das coisas que a respeito dela ouvia ou lia. Mais ou menos assim: Estadista, diplomata, poliglota, literato político, aristocrata estancieiro, inventor só quer o voto secreto a justiça e a liberdade.

Senhor dum belo Castelo e de muita pontaria escreve seu nome a bala até com os pingos nos is.

Coisas inesquecíveis de 1923: a minha noite de insónia e medo, quando vinte e dois cadáveres de revolucionários mortos no assalto à cidade estavam sendo velados no porão do Sobrado. Os negros da casa e mais os da vizinhança rezaram de madrugada um terço, puxado pela Laurinda. No meu espírito as vozes soturnas deixaram a noite mais noite e os mortos mais mortos.

Outras lembranças de 23: a notícia de que a peste bubônica campeava na cidade. E a nossa guerra de extermínio aos ratos. Deve ser por isso que até hoje não posso dissociar a palavra rato da ideia de peste. E de trigo roxo. E das mãos da Dinda, que semeavam a morte no porão.

Lenço encarnado

Janeiro de 1923 entrou quente e seco. Maria Valéria e Flora andavam alarmadas: os jornais noticiavam casos de bubônica em várias localidades do Estado. E quando A Voz da Serra, sob cabeçalhos sensacionais, anunciou a descoberta de um doente suspeito no Purgatório e de outro no Barro Preto, as mulheres do Sobrado iniciaram uma campanha meio histérica contra os ratos. Foi Maria Valéria quem deu o brado de guerra: defumou toda a casa, espalhou trigo roxo e pó de mosquito no porão e doutrinou as crianças: "Onde enxergarem um rato, matem. Mas não encostem nem um dedo nele!" E nos dias que se seguiram não se falou em outra coisa no casarão, mesmo à hora das refeições. Contavam-se casos de pesteados: a coisa começava com uma íngua no sovaco ou nas virilhas, tudo isso com febre alta, tonturas, dores de cabeça lancinantes, vómitos; depois começavam a rebentar os bubões…

As crianças escutavam essas histórias, de olhos arregalados. Os comentários chegaram a tal extremo de realismo, que Rodrigo explodiu: - Por amor de Deus, titia! Pare com isso, não assuste as crianças.

Mas as crianças já estavam suficientemente assustadas. Um dia, ao avistarem um camundongo, Alicinha e Sílvia tiveram uma crise de nervos e puseram-se ambas a soltar gritos estridentes e a tremer da cabeça aos pés. Nesse mesmo dia, Jango, Zeca e Edu saíram armados de cacetes e bodoques, a dar caça aos ratos do porão. Foi um verdadeiro massacre.

Rodrigo entregava aos poucos sua clínica particular a Dante Camerino.

Agora só atendia - e com muito pouco entusiasmo - um que outro cliente amigo. Dividia seu tempo entre um ócio quase inteligente e suas apreensões e expectativas ante a situação política. Costumava dizer que, quanto à peste, só o preocupava o Ratão positivista.

Uma tarde o Cuca Lopes apareceu esbaforido na farmácia e contou: - Credo, menino! Sabem da última? Descobriram mais três casos de bubônica na Sibéria!

Rodrigo enfureceu-se: - Há mais de um mês os deputados da oposição pediram à Assembleia que votasse uma verba especial de mil contos para combater a bubônica, mas até hoje nada ficou resolvido. No entanto, essa mesma Assembleia aprovou o emprego de mil contos na defesa da ordem no Estado. — Abriu os braços, ante o olhar entre espantado e admirativo de Gabriel. — Defesa contra quem? Esses

chimangos estão vendo fantasmas!

Naquele mesmo dia, porém, Chiru veio ao Sobrado para contar que tropas revolucionárias, sob o comando do general Mena Barreto, ameaçavam a cidade de Passo Fundo.

— Não diga! - exclamou Rodrigo. E consultou o pai com um olhar cheio de sugestões belicosas.

Licurgo cuspiu na escarradeira, tirou uma tragada do seu crioulo e, com os olhos entrecerrados, disse: - Se isso é verdade, nossos companheiros se precipitaram. Uma revolução não se faz assim desse jeito. É preciso organizar tudo direito para a gente poder ir até o fim. É indispensável que haja levantes ao mesmo tempo em todo o Estado.

No dia seguinte Rodrigo reuniu na casa de Juquinha Macedo os principais chefes assisistas de Santa Fé para discutir com eles a situação. Todos achavam que a revolução era inevitável, questão de dias ou talvez de horas.

Rodrigo cruzou os braços: Mas e nósí - A minha opinião - disse o dono da casa - é que devemos nos preparar e entrar na dança o mais cedo possível.

Alvarino Amaral sacudiu a cabeça lentamente, concordando.

— Recebi hoje uma carta do Artur Caetano - contou - dizendo que ele vai telegrafar ao dr. Artur Bernardes comunicando o início da revolução.

Cacique Fagundes apalpou instintivamente o cabo do revólver.

Rodrigo sentiu-se picado pelo despeito. Por que Artur Caetano não havia escrito também a ele, Rodrigo, ou ao velho Licurgo? Por que os deixava no escuro? A coisa assim começava mal…

Olhou para o pai: - Qual é a sua opinião? - perguntou. Licurgo olhava para o bico das botinas.

— Eu acho - disse - que não devemos nos precipitar.

— Mas, papai - replicou Rodrigo - , companheiros nossos já estão em armas, não podemos deixá-los sozinhos. Tive notícia hoje de que o general Firmino de Paula está organizando em Santa Bárbara um Corpo Provisório de mil e quinhentos homens para marchar contra as forças do general Mena Barreto.

Licurgo sacudia a cabeça, obstinado.

— Se querem a minha opinião, é essa. Devemos nos preparar mas só entrar na revolução quando a coisa estiver madura.

— Madura? - repetiu Rodrigo, mal contendo a impaciência. — Está caindo de podre!

Licurgo ergueu o olhar para o filho.

— O senhor se esquece - disse - que a Assembleia ainda não se manifestou sobre o resultado das eleições. O direito é esperar. A gente nunca sabe.

Rodrigo fez um gesto de desalento e sentou-se, caindo num mutismo ressentido. Os outros se retiraram pouco depois, sem chegarem a nenhum resultado positivo.

Aquela noite Rodrigo sonhou que estava num combate, fazia frente a um pelotão da Brigada Militar armado de metralhadoras, enquanto ele tinha na mão apenas a pistolinha de espoleta de cano flácido. Apertava aflito no gatilho mas a arma negava fogo. Na sua

impotência ele gritava: “Venham, covardes!” As balas zuniam ao redor da sua cabeça. De repente ele era São Jorge, montado num cavalo branco, com uma lança de guajuvira em punho. Ia matar o dragão que ameaçava devorar uma princesa que gritava, gritava…

Foi despertado por um grito. Flora acordou também num sobressalto: “É a Alicinha!” Levantaram-se ambos, correram para o quarto da filha, acenderam a luz e a encontraram de pé, na cama, com uma expressão de pavor no rosto pálido, os olhos exorbitados, o corpinho todo trémulo.

— Minha querida! - exclamou Flora, abraçando a menina e erguendo-a nos braços. — Que foi? Que foi?

Quando pôde falar, a menina contou que tinha visto um ratão enorme a um canto do quarto - um negro ratão de olhos de fogo que tinha vindo para levá-la para o cemitério. Flora ergueu os olhos para o marido e murmurou: - Teve um pesadelo.

Rodrigo franziu o sobrolho, lembrando-se de seu próprio sonho. Era curioso como ambos se completavam. O dragão que ele ia matar era o ratão do pesadelo da filha… a princesinha. Fosse como fosse, ele e Flora haviam chegado a tempo de livrá-la do perigo. Enternecido, pôs-se a acariciar os cabelos da criança, que ainda soluçava. Depois tomou-a nos braços e levou-a para sua própria cama, colocando-a entre ele e Flora.

— Não apaguem a luz - choramingou Alicinha.

— Está bem, minha princesa - disse ele, beijando-lhe a testa. Pouco depois a criaturinha adormeceu com os braços ao redor de seu pescoço.

No dia seguinte Rodrigo e Flora foram despertados por Edu, que entrou no quarto, no seu macacão azul, contando uma proeza: - Matei dez ratos.

Rodrigo soergueu-se, fez o filho sentar-se na cama e, ainda com os olhos pesados de sono, perguntou: - Como?

— Com o meu canhão.

— Onde estão os ratos mortos?

Por um instante Edu não respondeu. Uma sombra passou-lhe pelos grandes olhos castanhos.

— O gato comeu.

— Que gato?

Não havia nenhum gato ou cachorro no Sobrado, pois Maria Valéria não suportava animais domésticos.

— O gato grande, mais grande que um cavalo. Estava na minha cama, me olhando…

Flora e Rodrigo entreolharam-se. Edu também tivera seu pesadelo.

Toríbio continuava no Angico. Rodrigo escreveu-lhe um bilhete

pondo-o ao corrente dos últimos acontecimentos. Terminou com estas palavras: Acho que agora devemos começar os preparativos a sério. Tenho pensado muito no teu plano. Ontem visitei a sede do Tiro de Guerra, onde contei cem fuzis Mauser com as respectivas baionetas e várias caixas com pentes de balas. Podemos dar uma batida lá, uma noite, e "requisitar"

esse material. Estou pensando também em ir a Porto Alegre me avistar com os próceres assisistas e discutir com eles a possibilidade de criar uma coluna revolucionária em Santa Fé.

Nesse mesmo dia Stein apareceu no Sobrado com a notícia de que tropas francesas e belgas tinham invadido o Ruhr.

— Que me importa? - vociferou Rodrigo. — Estamos com a nossa revolução praticamente iniciada e tu me vens com o Ruhr! Que é que tens na cabeça, rapaz? Miolos ou trampa?

Como Stein ficasse vermelho e desconcertado, Rodrigo arrependeu-se de imediato da sua agressividade.

— Me desculpa, mas é que ando danado com a situação. Contou-lhe os últimos acontecimentos. Revolucionários e legalistas haviam já tido um encontro armado na divisa de Passo Fundo com Guaporé. Esperava-se para qualquer momento o levante de Leonel Rocha e sua gente na Palmeira. Outros chefes assisistas reuniam forças na fronteira. No entanto os oposicionistas de Santa Fé não faziam nada, estavam de braços cruzados. Não era mesmo para deixar um cristão desesperado?

Stein, porém, não parecia muito impressionado pelas notícias. Repetiu a Rodrigo o que havia dito a Roque Bandeira aquela manhã. Não olhava os acontecimentos políticos dum ângulo apenas nacional e muito menos estadual. Distinguia entre as revoluções com erre minúsculo e a grande Revolução com erre maiúsculo. O comunismo era a Revolução Universal. A invasão do Ruhr não passava de mais um arreganho dos capitalistas, dos trustes e dos cartéis, que estavam assim cavando a própria ruína e preparando o caminho para a sociedade socialista do futuro.

Rodrigo de novo perdeu a paciência. Segurou os ombros do rapaz com ambas as mãos e sacudiu-o, num simulacro de violência.

— Está bem! - exclamou - Mas esta revoluçãozinha estadual, queiras ou não queiras, vai saltar na tua cara. E não poderás ficar indiferente.

Nos dias que se seguiram, as notícias que chegavam de várias partes do Estado eram de tal natureza, que Rodrigo não se pôde mais conter: embarcou para Porto Alegre.

Voltou para Santa Fé exatamente no dia em que a Comissão de Constituição e Poderes da Assembleia proclamava o resultado de seus trabalhos de apuração, dando a Borges de Medeiros a maioria de votos

necessária à sua reeleição.

E quando entrou no Sobrado, moído de cansaço e sujo ainda da poeira da viagem - foguetes explodiam na praça, por cima da cúpula da Intendência.

Madruga, decerto, festejava a vitória de seu partido. Pessoas corriam de todos os lados para o palácio municipal, a fim de lerem as notícias.

— Um banho! - gritou Rodrigo depois de dar um beijo rápido na face de Flora. — Antes de mais nada, um banho! Estou sujo por fora e por dentro.

Que miséria! Que subserviência! Só a revolução pode salvar o Rio Grande duma completa degringolada moral!

Correu para o chuveiro.

À noite reuniu em casa os companheiros de campanha e contou-lhes o que tinha visto e ouvido na semana que passara em Potto Alegre.

— O que lhes vou contar - disse, de pé no meio do escritório, passeando o olhar em torno - não são boatos, mas verdades, dolorosas, vergonhosas verdades.

O coronel Cacique sacudiu a cabeça lentamente. Licurgo pitava sem encarar o filho. Juquinha Macedo, o olhar focado no amigo, procurava um pedaço de fumo em rama nos bolsos do casaco.

— Prestem bem atenção - Rodrigo fez uma pausa teatral, respirou fundo e depois continuou: - Faz já algum tempo que a Comissão de Poderes chegou à conclusão de que o dr. Borges de Medeiros não tinha obtido os três quartos da votação total que precisava para ser reeleito… O difícil era dar a notícia ao ditador. Os três membros da comissão um dia encheram-se de coragem e, com o dr. Getúlio Vargas à frente, foram ao Palácio do Governo para contar a triste história ao chefe. — De novo Rodrigo se calou, cruzou os braços, olhou em torno. — E sabem que foi que aconteceu? Escutem e tremam. Quando a trinca entrou na sala, de cara fechada, o dr. Medeiros veio sorridente ao encontro deles e, antes que os seus moços tivessem tempo de dizer "Bom dia, Excelência", adiantou-se: "Já sei! Vieram me felicitar pela minha reeleição".

Tableaul Os deputados se entreolharam, se acovardaram e viram que não havia outro remédio senão representar também a farsa. Voltaram para a Assembleia com o rabo entre as pernas, fecharam-se a sete chaves e trataram de fazer a alquimia de costume para não decepcionar o sátrapa.

— Mas isso é uma barbaridade! - exclamou o coronel Cacique, com sua voz de china velha.

Licurgo continuava silencioso, os olhos no chão, o cigarro agora apagado entre os dentes graúdos e amarelentos.

— Mas como foi que eles arranjaram essa tramoia? - indagou Juquinha Macedo.

— Muito simples - respondeu Rodrigo. — Violaram as atas recebidas dos municípios, falsificaram outras de acordo com os interesses de seu candidato, anularam as eleições em mesas onde o dr. Assis Brasil venceu… Contaram a favor do Borges os votos de defuntos e ausentes, em suma, fizeram conta de chegar. Para resumir: roubaram seis mil e trezentos e tantos votos ao nosso candidato!

Sentou-se pesadamente numa poltrona e ficou a olhar para o retrato do dr. Júlio de Castilhos, com uma expressão de censura e rancor, como se o Patriarca fosse o responsável direto por toda aquela vergonheira.

— E que fizeram os representantes do dr. Assis Brasil? - perguntou Juquinha Macedo.

— Ora! A comissão não permitiu a entrada deles na sala onde se fazia a apuração, sob o pretexto cretino de que o regimento da Assembleia é omisso a esse respeito. Vejam só a safadeza. Todo o mundo sabe que há uma disposição na lei eleitoral que admite a intervenção de fiscais de qualquer candidato, tanto nas mesas eleitorais como nas apurações gerais.

Licurgo pigarreou forte e depois disse: - Eu não esperava que o dr. Getúlio se prestasse a essa indignidade.

Rodrigo desferiu uma palmada na guarda da poltrona.

— Ora o dr. Getúlio! O que ele quer é fazer a sua carreira política na maciota. Vai ser agora deputado federal.

Houve uma longa pausa na conversa. O ar azulava da fumaça dos cigarrões de palha dos três chefes políticos.

— Bom - disse o coronel Cacique, quebrando o silêncio - a revolução está na rua. Agora eu queria saber que é que vamos fazer…

Juquinha Macedo voltou-se para Licurgo, como para lhe pedir um pronunciamento. Rodrigo aproximou-se da janela, ergueu a vidraça e ficou um instante a olhar para o edifício da Intendência, lá do outro lado da praça. Foi dali que ouviu a voz cautelosa do pai.

— Não estou contra a revolução, muito pelo contrário. O que não me agrada é a precipitação. Não sou homem de ir hoje para a coxilha e amanhã emigrar para o Uruguai ou pedir garantias de vida ao Exército nacional. Se eu entrar nessa briga é para ir até o fim.

Por alguns instantes ninguém disse nada. Rodrigo voltou-se, com gana de sacudir o pai e fazê-lo compreender a realidade.

— Nós todos queremos ir até o fim, coronel - disse Juquinha Macedo. — Eu me comprometo a reunir uns duzentos caboclos aguerridos em quinze dias.

Se o coronel Amaral estivesse aqui, garanto como ele dizia que tem perto de duzentos e cinquenta homens esperando suas ordens.

O coronel Cacique sorriu.

— Pois eu, companheiros, acho que não levo mais que uns vinte e cinco.

Mas são vinte e cinco garantidos, índios de pelo duro, gente buenacha que briga dez dias sem beber água.

Rodrigo sentou-se, mais animado. E exagerou: - O Bio afirma que conseguimos uns cem homens no Angico e arredores.

Licurgo atirou o toco de cigarro na escarradeira.

— E o armamento? - perguntou, como para lançar um jato de água fria no entusiasmo do filho.

— Cada qual briga com o que tem - observou o coronel Cacique. — A minha indiada peleia até de facão.

Notando que o pai não havia gostado da bravata, Rodrigo interveio: - Escutem - disse em voz baixa. — Vou confiar-lhes um plano que eu e o Toríbio temos para conseguir fuzis Mauser com baionetas e munições… de graça. Mas é preciso que ninguém saiba disso. Confio na mais absoluta discrição de meus amigos.

Licurgo mirava o filho com olho céptico.

— Quando chegar a hora oportuna, assaltamos a sede do Tiro de Guerra…

Rodrigo olhou para os interlocutores para ver o efeito de seu estratagema e notou que este havia sido recebido com indiferença.

Juquinha Macedo remexeu-se na cadeira.

— O amigo não leu o jornal de hoje? - perguntou.

— Não. Por quê?

— O comandante da guarnição federal mandou tirar todos os ferrolhos das Mausers do Tiro…

Rodrigo pôs-se de pé, brusco.

— Cachorros! - exclamou. — Lá se foi o nosso arsenal!

O coronel Cacique desatou a rir de mansinho. E naquele exato instante ouviu-se um silvo, seguido dum estrondo. E veio outra e mais outra detonação. As vidraças do Sobrado tremeram. Rodrigo correu para a janela.

— O Madruga está se fogueteando de novo - informou. — Deve ser mais algum telegrama mentiroso que chegou. Vou ver o que é.

Apanhou o revólver que estava na gaveta da escrivaninha e meteu-o no bolso. Quando ia sair, o pai o deteve.

— Não admito que o senhor saia.

— Mas papai! Só quero ver o que diz esse telegrama… O velho encarou-o, carrancudo.

— Então o senhor não compreende que eles estão esperando um pretexto pra nos liquidar? Se o senhor vai até lá eles começam com dichotes, o senhor se esquenta, retruca, eles lê ofendem e o senhor puxa o revólver e os bandidos lê matam e depois alegam que foram

provocados. Então não está vendo?

Juquinha Macedo segurou no braço de Rodrigo e murmurou: - Seu pai tem razão. ~ - - "

Rodrigo sentou-se, desalentado, e não pôde conter seu despeito.

— Que bosta! - exclamou Era a primeira vez em toda a sua vida que soltava um palavrão na presença do pai.

Em fins de janeiro Flora foi com os filhos para o Angico, em companhia do sogro, o qual, depois de grande relutância, concordou em levar também o dr. Ruas, para cuja palidez o dr. Carbone recomendara os ares e o sol do campo. Maria Valéria ficou na cidade, visto como não queria abandonar Rodrigo nem o Sobrado. Prosseguindo na sua guerra sem quartel aos ratos, metia-se no porão, vasculhava frestas, cantos e buracos, deixando por toda a parte o seu sinistro rasto de trigo roxo. Semeava também por todas as peças pó de mosquito para matar as pulgas transmissoras da peste. E nos jornais, que vinham cheios de notícias alarmantes sobre movimentos de tropas no Estado, ela se interessava apenas pelas que se referiam a novos casos de bubônica.

Quando uma tardinha Rodrigo voltou para casa, a velha, que não havia posto olhos nele desde manhã, perguntou: - Ué? Por onde andou?

— Por aí. E a senhora como passou o dia?

— Matando ratos…

— Pois eu ando também na minha campanha contra a ratazana borgista.

Infelizmente pra esses bichos é preciso mais que trigo roxo e pó de mosquito. Armas, muitas armas e munição é o que necessitamos.

— Então a coisa sai mesmo?

— Se sai? Já saiu! Não viu os jornais? O Chimango tomou posse hoje.

Houve outro levante, em Carazinho. O dr. Artur Caetano telegrafou ao presidente da República comunicando-lhe a deflagração do movimento revolucionário.

Atirou o casaco em cima duma cadeira, afrouxou o colarinho, gritou para Leocádia que lhe trouxesse uma limonada gelada.

— E vocês vão se meter?

— Já estamos metidos.

Maria Valéria nada disse. Pouco depois mandou servir o jantar. Rodrigo comeu num silêncio sombrio. Ela o mirava de quando em quando com o rabo dos olhos, também calada.

— Estou preocupado com Flora - murmurou ele, brincando com uma bolota de miolo de pão. — Anda nervosa, com crises de choro…

— Não é pra menos…

— Mas ela tem de compreender, Dinda! - Compreender o quê?

— Que a vida é assim mesmo.

— Assim como?

— De tempos em tempos os homens vão para a guerra e as mulheres não têm outro remédio senão esperar com paciência. A senhora sabe disso melhor que eu.

— Mas por que tem de ser assim?

— Porque é uma lei da vida.

— Foram os homens que fizeram essa lei. Não nos consultaram. Eu pelo menos não fui ouvida nem cheirada.

— Quando nasci essa lei já existia. Não me culpe.

As janelas da sala de jantar estavam escancaradas e por elas entrava uma luz alaranjada, que envolvia a cabeça da velha. Tinha um rosto longo e descarnado, de pômulos levemente salientes, a pele dum moreno terroso e meio ressequido. O curioso era que às vezes essa cabeça dava a impressão de ter apenas duas dimensões. .Rodrigo brincava com a absurda mas divertida ideia de que a tia tinha sido "pintada" por Modigliani, o artista que agora tanto furor causava em Paris. Maria Valéria parecia mesmo uma pintura, ali imóvel à cabeceira da mesa. Havia em seu rosto uma expressão de serena mas irresistível energia, difícil de localizar.

Estaria nos olhos escuros e graúdos, levemente exorbhados? Ou no nariz agressivamente agudo e comprido? Não. DeVia estar no desenho decidido da boca rasgada e pouco afeita ao sorriso. E também na voz seca e autoritária, que dispensava o auxílio de gestos.

Desde menino ele se habituara a ver em sua madrinha um símbolo das coisas indestrutíveis e indispensáveis. Ela era a Vestida de Preto. A que nunca adoece. A que tem boas mãos para fazer doces, bolos e queijos. A que continua de pé, ativa e útil, quando a doença denuba os outros membros da família. E pensando nessas coisas Rodrigo esqueceu por alguns segundos suas preocupações e sorriu com ternura para a velha.

Mas o sorriso e a ternura duraram apenas alguns segundos. De novo ele foi tomado pela agitação que o dominara o dia inteiio.

— Pare de sacudir a perna! - ordenou Maria Valéria. — Você está com o bicho-carpinteiro no corpo. Que foi que houve?

— Ora! Estamos em fins de janeiro e ainda não fomos para a coxilha. O coronel Amaral e o Macedinho estão reunindo gente nas suas estâncias.

Mas o papai continua remanchando…

— Seu pai sabe o que faz.

— Na minha opinião ele não passa dum teimoso.

— Não diga isso, menino!

— É que não tenho mais cara pra andar na rua. Todo o mundo me olha atravessado. Faz três semanas que não tenho coragem de entrar

no clube.

Estou vendo a hora em que vão me atirar na cara a pecha de covarde.

Devíamos estar já na campanha, de armas na mão. É uma vergonha, uma traição aos companheiros. O Madruga já começou a organizar o seu Corpo Provisório. Vivem fazendo exercícios aí na praça, nas minhas ventas, me provocando. Não aguento mais!

Calaram-se durante o tempo em que Leocádia esteve na sala retirando os pratos. Quando a negrinha voltou para a cozinha, Maria Valéria perguntou: - Por que é que não vai pró Angico com os outros? Rodrigo hesitou um instante antes de revelar a razão por que ficara na cidade.

— Tenho uma missão muito importante a cumprir aqui - disse em voz baixa, olhando para os lados. — Estou comprando todo o armamento que posso. O Veiga da Casa Sol simpatiza com a nossa causa mas morre de medo do Madruga. Foi um caro custo convencer esse covarde a me vender as armas que tem na loja: cinco Winchesters, três espingardas de caça, duas espadas, uns facões e trinta caixas de balas. O homem estava pálido de medo quando fizemos a transação.

Inclinando-se na direção da tia e baixando ainda mais a voz, acrescentou: - Hoje de noite vou de automóvel com o Neco e o Bento buscar esse armamento.

Maria Valéria não pareceu muito impressionada pela revelação.

— Tome cuidado - disse ela em tom natural. — Podem lê armar uma cilada.

Rodrigo contemplava o rosto impassível da tia. As choradeiras de Flora por um lado o impacientavam um pouco mas por outro o lisonjeavam muito.

Era bom a gente sentir-se alvo de cuidados, querido, necessário. Mas a atitude indiferente da tia começava a exasperá-lo. A ideia de que ele sempre fora “o mimoso da Dinda” lhe era agradável, embora os mimos daquela mulher áspera e prática jamais se revelassem em palavras ou gestos.

— E a senhora? - perguntou ele. — Tem muito medo da revolução?

A velha encolheu os ombros ossudos.

— Que é que ela pode me fazer? Era uma resposta egoísta.

— Mas não tem medo do que possa acontecer… a mim, ao Bio, ao papai?

— Que é que adianta ter medo? Vocês vão porque querem, porque acham que devem ir. E o futuro a Deus pertence.

Rodrigo amassou o guardanapo na mão nervosa. ·- Palavra de honra, Dinda, cada vez compreendo menos a senhora!

Ela voltou a cabeça para um lado e gritou: - Leocádia, traga a ambrosia!

Rodrigo comeu a sobremesa, apressado e desatento. Ergueu-se, mastigando freneticamente um palito, acendeu um cigarro e por alguns instantes ficou a cafninhar na sala de visitas, dum lado para outro, parando de instante a instante na frente do próprio retrato.

Por volta das oito horas Dante Camerino e Cario Carbone entraram no Sobrado, com ar um tanto solene, convidaram Rodrigo a ir com eles para o escritório e, uma vez lá dentro, fecharam a porta.

— Que segredo é esse?

Os recém-chegados entreolharam-se.

— Nós viemos nos apresentar… - disse Camerino, um pouco desajeitadamente.

— Pra quem? Pra quê?

— Sabemos que estão organizando uma coluna revolucionária e queremos nos incorporar, como médicos…

Carbone permanecia em silêncio, mas a cada frase de Camerino ele sacudia afirmativamente a cabeça de gnomo. Rodrigo olhou de um para outro e depois disse: - Agradeço o oferecimento, mas não o aceito. Dante, não te metas nessa encrenca…

— Mas doutor, aonde o senhor for eu também quero ir…

— Está bem, está bem. Mas fica na cidade, mal estás começando a tua vida profissional. Deixa essa coisa de revolução para quem já está metido até os gorgomilos, como eu.

Voltou-se para Carbone, que estava já perfilado como um soldado.

— Dr. Carbone, o senhor nem cidadão brasileiro é… Por que vai comprar briga?

O italiano levou a mão ao peito num gesto operático.

— Carino - murmurou com doçura musical - , a pátria dum médico é a humanidade. E, depois, não dimenticar o caso de Giuseppe Garibaldi!

Rodrigo não pôde reprimir um sorriso. Abraçou o homenzinho e fê-lo sentar-se.

— Senta-te tu também, Dante. Agora me escutem os dois. Não pensem que sou ingrato, que não compreendo o gesto de vocês. Longe disso!

Compreendo e agradeço do fundo do coração. Mas prestem atenção ao que vou dizer. Já temos dois médicos na nossa coluna. É certo, certíssimo que vamos ter de instalar uma cruz vermelha revolucionária em Santa Fé, e nesse caso vocês seriam as pessoas indicadas para dirigi-la.

Carbone cofiava a barba castanha. Dante parecia comovido. Rodrigo segurou-lhe o braço, paternalmente.

— E depois, cá para nós, que ninguém mais nos ouça, não vai

ficar nenhum homem no Sobrado e eu tenho um favor especial a pedir a vocês dois, meus queridos amigos…

Neste ponto sua voz como que se quebrou e ele quase desatou o pranto.

— Quero que na minha ausência vocês protejam as mulheres e as crianças desta casa.

Neste ponto quem já tinha os olhos cintilantes de lágrimas era o italiano, que jurava per Ia Madonna que, se necessário, sacrificaria a própria vida para defender as damas do Sobrado e os bambini.

Alguns minutos mais tarde Neco e Chiru entraram no casarão com ar de conspiradores.

— Estamos sendo seguidos - murmurou Chiru, meio ofegante.

— Por quem?

— Por um capanga do Madruga.

— Patife!

— Entramos na Pensão Veneza e o bicho entrou também. Nos sentamos e pedimos uma cerveja, vieram umas mulheres pra nossa mesa e o bandido não tirava os olhos de cima de nós. Eu quis me levantar e perguntar "Nunca me viu, moço?", mas o Neco achou melhor não puxar briga. Saímos e viemos pra cá, e o canalha nos seguiu. Decerto está ainda lá fora…

Rodrigo aproximou-se da janela e viu o vulto dum homem, debaixo duma árvore: de quando em quando se acendia a brasa do cigarro. Viu e ouviu algo mais: uma banda de música rompeu a tocar um dobrado na frente da Intendência, cujas janelas, estavam festivamente iluminadas. Em seguida foguetes começaram a atroar os ares.

— O cachorro do Madruga-está festejando a posse do Chimango - rosnou Neco. — Me dá alguma cõisa forte para beber.

Rodrigo deu-lhe um cálice de parati. Chiru, que suava abundantemente, tirou o casaco e pediu uma garrafa de cerveja, levou-a avidamente à boca e ficou a mamar no gargalo, com uma fúria de terneiro faminto.

Chamando Rodrigo para um canto, Neco murmurou: - E o negócio das armas? Rodrigo olhou o relógio.

— Saímos às nove. Faltam quarenta minutos. Esse barulho na frente da Intendência é providencial. O que temos de fazer agora é despistar o bandido que está seguindo vocês…

Chiru aproximou-se, perguntando: - Qual é o plano?

— O Veiga hoje ao anoitecer passou todo o armamento para a casa do vizinho, que é um companheiro nosso - explicou Rodrigo. — O vizinho deve ter levado todo o material para um galpão, nos fundos da casa. É lá que vamos buscar o armamento, no Ford.

— Não é arriscado? - perguntou Chiru. Rodrigo deu de ombros.

— Daqui por diante, cada passo que dermos será um risco cada vez maior.

Portanto, o melhor é a gente não pensar nisso.

Do cálice de Neco Rosa evolava-se a fragrância das Lágrimas de Santo Antônio.

Rodrigo resolveu tomar também um trago. Depois disse: - Para despistar a "sombra" de vocês, que está ali na praça, Chiru, tu sais daqui naturalmente com o Carbone e o Dante, atravessas a praça como quem vai olhar a festa do Madruga… Mas tira esse lenço do pescoço, senão eles te lincham. Estás compreendendo? Ora, o capanga te enxerga, te segue e nós aproveitamos a oportunidade e saímos pelos fundos. O Bento está com o auto pronto no quintal. Capisce?

Às nove menos dez, abraçou a tia.

— Eu já volto, Dinda! - disse, pondo o revólver na cintura.

— Vá com Deus e a Virgem - disse a velha.

Neco seguiu o amigo. Carbone, Camerino e Chiru desceram para a rua.

Maria Valéria ficou parada onde estava, no centro da sala, os braços cruzados sobre o peito.

A operação foi levada a cabo com sucesso, e naquela mesma noite Bento conduziu as armas para o Angico. No dia seguinte Rodrigo abriu avidamente os jornais de Porto Alegre chegados no trem do meio-dia. O Correio do Povo trazia notícias do levante de Passo Fundo e Palmeira. Rodrigo abriu A Federação e foi direito ao editorial. Poucos minutos depois amassava o jornal, num acesso de cólera, precipitava-se para a cozinha e, sob o olhar neutro de Laurinda, atochava-o na boca do fogão aceso. Hipócritas! Farsantes! O Rio Grande estava convulsionado, dois mil revolucionários cercavam Passo Fundo, Leonel Rocha marchava sobre Palmeira, levantavam-se assisistas em armas em vários setores do Estado e lá estava o dr. Topsius com seus pedantes editoriais, tentando tapar o sol com uma peneira, fingindo que nada daquilo estava acontecendo ou, se estava, não tinha a menor importância! Por que era então que o governo estadual organizava os seus Corpos Provisórios? Por que usava o maneador para recrutar seus "voluntários"? Ali no município de Santa Fé o pânico já começara. Claro, além dos republicanos convictos, havia muito vagabundo que se alistava espontaneamente para poder comer carne e receber um soldozinho. A maioria, porém, fugia espavorida. Alguns se refugiavam nos quartéis da guarnição federal. E, por falar em guarnição federal, por que era que o coronel Barbalho não punha fim àquele abuso? Era um fraco. Encastelava-se dentro do círculo de giz de sua famosa neutralidade - que não podia durar - e permitia que o Madruga ficasse senhor da cidade, invadindo domicílios para pegar e espancar os insubmissos. Contava-se que nos distritos os recrutas eram laçados

como animais e trazidos em caminhões para a sede do município, de pés e mãos amarrados. A praça da Matriz agora estava insuportável, porque os "provisórios" passavam o dia a fazer exercícios militares. O ar se enchia do som marcial de cornetas, do rufar de tambores, e dos berros dos instrutores. Rodrigo não podia olhar, sem sentir engulhos, para os soldados borgistas, principalmente para os oficiais do Corpo Provisório de Santa Fé. Estes últimos andavam metidos nos seus uniformes de zuarte, com chapéus de abas largas e planas. Rodrigo vira Amimas Camacho "fantasiado" de capitão, conTtalabarte de couro preto, uma pistola Nagant dum lado da cinta e um espadagão do outro. Tivera ímpetos de precipitar-se em cima dele e encher-lhe a cara de bofetadas.

A maioria dos soldados, porém, oferecia um aspecto ridículo, com seus uniformes malcortados. E quase todos andavam descalços, motivo por que esses corpos começaram a ser conhecidos como "os pés-no-chão".

Uma tarde Rodrigo encontrou, sentado melancolicamente num dos bancos da praça, todo apertado num fardamento de "provisório", o Adauto, um caboclo que havia anos fora peão do Angico. Ao ver o antigo patrão, o cabra ergueu-se, perfilou-se e fez uma continência. Era um homenzarrão alto e espadaúdo, de cara larga e quadrada, marcada de bexigas. Tinha, porém, uma voz macia e era "linguinha". Rodrigo mirou-o de alto a baixo.

O uniforme que o Adauto vestia havia sido evidentemente feito para um homem de menor estatura. O casaco mal podia ser abotoado, era curtíssimo e deixava meio palmo de barriga à mostra. Suas pernas, musculosas, negras de pelos, mal entravam na parte inferior do culote, que ele usava sem perneiras. E seus pés pardos, fortes e nodosos como raízes, espalhavam-se na calçada.

— Adauto! - exclamou Rodrigo num tom de censura. — Que negócio é esse?

Como é que um maragato como você virou chimango?

O caboclo piscou, embaraçado, baixou a mão e começou a brincar com a ponta do dólmã.

— Pois é, doutor - disse, ceceando. — São dessas coisas…

— Por que não fugiste? Podias te refugiar no Angico… Adauto sorriu deprecativamente, mostrando os dentes miúdos e limosos.

— Me pegaram de sorpresa…

— Tamanho homem!

O caboclo soltou um suspiro fundo e sentido, que lhe sacudiu os ombros.

Baixou o olhar para o uniforme e murmurou: - Puxa Ia vestementa triste!

Rodrigo não pôde deixar de sorrir. Meneou a cabeça e continuou

seu caminho. Se os soldados do Madruga forem todos da força do Adauto - refletiu - , o governo está frito.

Naquele mesmo dia embarcou para o Angico e o que lá viu lhe confortou o coração. Havia por todos os lados uma verdadeira atividade guerreira.

Muitos homens estavam já reunidos na estância, outros chegavam diariamente, sozinhos ou aos grupos, e por ali ficavam a azeitar seus revólveres e espingardas, a afiar suas adagas e espadas, a comparar e discutir armas e cavalos uns com os outros, numa alegre camaradagem que Rodrigo achou auspiciosa.

Notou por toda a parte, entre aqueles homens, um ar de alegria, como se estivessem reunidos para uma festa. Observou, porém, que o pai andava num estado de espírito em que a tristeza se alternava com a irritação.

— Que é que ele tem? - perguntou um dia ao irmão, quando estavam ambos sentados debaixo dum pessegueiro.

Toríbio sorriu: - Não sabes então? Toda essa gente a carnear nossas reses, a montar nos nossos cavalos…

Rodrigo sacudiu a cabeça lentamente. Sabia que o pai era um homem sóbrio, dotado dum senso de economia que não raro tocava as fronteiras da sovinice.

— Eu compreendo, deve ser duro pra ele. Mas acontece que a revolução é assim mesmo…

Toríbio tinha na boca um caroço de pêssego, que passava duma bochecha para outra, chupando os fiapos de polpa que restavam nele.

— Mas quem te disse que o Velho quer ir para a revolução junto com os maragatos?

— Tu achas…

— Está claro, homem. Outra coisa. A Ismália Caré está no Angico, no rancho dela. O papai deve andar louco de medo que algum desses caboclos lhe falte com o respeito.

— Tenho tentado entrar no assunto revolução com o Velho, mas ele foge…

Nem me olha direito.

Licurgo Cambará andava mesmo arredio de tudo e de todos. Com seus familiares falava apenas o necessário. Quanto aos outros, era como se não existissem.

Maria Valéria, que viera também para o Angico, examinava com seu olho crítico os revolucionários, aos quais charhava “gafanhotos”, pois achava que a coisa estava tomando caráter Não havia dia em que não chegasse um novo magote deles. E como vinham loucos de fome! Carneava-se uma rês dia sim, dia não. E a erva-mate que existia no Angico tinha já acabado.

Uma tarde apareceu um voluntário montado num petiço manco.

Era um homenzinho da Soledade, magro, murcho e pálido, mas com um flamante lenço vermelho ao pescoço. Ao vê-lo Maria Valéria murmurou para Flora: - Credo! Que cristão minguado! Parece abobrinha verde que a geada matou…

Flora nada disse, nem ao menos sorriu. Como podia ter sequer um momento de paz ou alegria em meio de todos aqueles preparativos de guerra?

Inquietava-se de ver as crianças ali tão perto daqueles homens que não escolhiam assunto, palavras ou gestos. Um dia estremeceu ao interceptar o olhar lúbrico que um caboclo mal-encarado lançou para Alicinha. Desse momento em diante redobrou a vigilância sobre os filhos. Estes, entretanto, pareciam felizes no meio daquela balbúrdia. Jango e Edu ostentavam seus lenços colorados, andavam de bombachas, com pistolas na cintura e passavam as horas "brincando de revolução". Alicinha contava já com toda uma corte de admiradoras entre as chinoquinhas de sua idade, filhas de posteiros e agregados, que a miravam com olhos de apaixonada admiração, considerando o maior dos privilégios tocar a fímbria de seu vestido ou simplesmente "bombear" a boneca que sabia falar. Quanto a Floriano, saía em seus passeios solitários pelo campo, vagamente assustado ante a gente façanhuda que a cada passo encontrava.

Uma tarde em que fora a um dos capões para olhar os bugios e fazer de conta que andava caçando numa floresta africana (era o Herói de Quinze Anos, de Júlio Verne) viu algo que o deixou estarrecido. Um dos revolucionários estava deitado em cima duma mulher na qual ele reconheceu uma das chinocas do Angico. Ficou a observar a cena escondido atrás duma árvore, o coração a bater descompassado, a respiração ofegante. Uma parte de seu ser queria fugir, mas a outra, a mais forte, pregava-o ao chão, queria ver tudo até o fim. O homem, de bombachas arriadas, resfolgava como um animal e o que Floriano podia ver de seu posto de observação era principalmente as suas nádegas nuas e peludas, que subiam e desciam num ritmo cada vez mais acelerado. "Se ele me descobre, me dá um tiro." Deitou a correr na direção da casa da estância.

Todos os dias ao anoitecer, quando as criadas começavam a acender as velas e os lampiões e saíam a andar pela casa como fantasmas silenciosos - Flora sentia um aperto no coração, uma tristeza sem nome que quase a levava ao pranto. Nessas horas encontrava algum consolo orando de joelhos ao pé do velho crucifixo, no quarto da Dinda.

Uma noite em que, ao terminar a prece, fazia o sinal-da-cruz, Maria Valéria entrou no quarto e, apontando para a imagem de nariz carcomido, disse: - Esse aí entende de guerra. Já viu muitas. No tempo da do Paraguai muita vez rezei pela vida dos meus. Mas antes de mim

a velha Bibiana rezou pelos seus familiares que estavam na Guerra dos Farrapos e em outras. E antes dela, a velha Ana Terra pediu pela vida dos seus homens que brigaram com os castelhanos em muitas campanhas. É… Esse aí entende mesmo de guerras.

Flora ergueu-se. Maria Valéria continuava a olhar para a imagem. Depois de alguns instantes, disse, plácida: - Havia de ter graça se Jesus Cristo fosse também chimango…

No dia seguinte houve um alvoroço festivo na estância quando Toríbio fez a primeira carga simulada com seu piquete de cavalaria, para o qual havia escolhido trinta homens dos melhores, gente de sua confiança.

Eram em geral uns caboclos melenudos, musculosos, de ar decidido, e excelentes cavaleiros.

Formando seu piquete numa linha singela, nos campos do lado ocidental da casa da estância, Toríbio atirou-o a todo o galope contra o inimigo imaginário - o bambual do fundo do quintal. Os cavalarianos cravaram suas lanças nas taquaras, e remataram a carga a golpes de espada. Todos, inclusive Toríbio, usavam lenço vermelho no pescoço. Ao ver aquelas rútilas cores maragatas drapejando ao vento e ao sol da manhã, Licurgo cerrou os olhos, engoliu em seco, cuspiu fora o cigarro, montou a cavalo e tocou para o fim da Invernada do Boi Osco, onde ficava o rancho de Ismália Caré.

Neco e Chiru, que haviam permanecido na cidade e só viriam para o Angico na "hora da onça beber água", mandavam a Rodrigo recados, dando-lhe conta do movimento das tropas do Madruga. Rodrigo mantinha-se também em comunicação com os outros chefes revolucionários do município, e próprios andavam de estância para estância, levando cartas que tinham ordem de destruir se fossem surpreendidos no caminho por inimigos. Um dia Rodrigo foi até o Retiro, o feudo dos Amarais, e voltou de lá animado. O coronel Alvarino tinha reunido mais de duzentos homens.

Visitou depois a estância do Juquinha Macedo, que tinha cento e oitenta revolucionários já prontos, "esperando o grito". Ficou combinado que a reunião final de tropas se faria no Angico, por causa de sua posição estratégica.

Mas quando? Quando? Quando? - perguntava Rodrigo a si mesmo ao voltar para casa, sacolejando no Ford ao lado do Bento, e recebendo na cara suada a poeira da estrada. O pai procedia como se jamais fosse entrar em ação. E o pior de tudo era que se recusava até a discutir o assunto.

Na última semana de fevereiro chegou ao Angico a notícia de que o general Firmino de Paula se movimentava com seus "provisórios" para atacar a coluna de Mena Barreto e libertar Passo Fundo.

— É a nossa hora de entrar! - exclamou Rodrigo, excitado. Trouxe

um mapa do Rio Grande e estendeu-o sobre uma mesa.

— Veja, papai. Seguimos por aqui e atacamos a gente do Firmino pela retaguarda. Mandamos outra parte de nossa coluna por ali, está compreendendo?… Indo pelo campo dos Amarais e dos Macedos, é quase certo de que ninguém nos ataca. Em menos de dois dias estamos em cima da chimangada.

— O senhor esquece - disse Licurgo, depois de uma curta pausa - que não temos armamento nem munição suficiente, e a força do Firmino está bem armada e municiada. Além disso, não se sabe ainda com quantos homens podemos contar. Não temos organização, não temos nada.

Rodrigo tornou a enrolar o mapa, furioso, e saiu para o sol. Na frente da casa viu um espetáculo que o deixou ainda mais irritado. O dr. Miguel Ruas - que tinha decidido incorporar-se à coluna revolucionária - estava de bombachas, botas e chapéu de abas largas, montado num zaino que ele fazia galopar dum lado para outro. Empunhava uma espada desembainhada com a qual dava pranchaços e pontaços em inimigos imaginários.

— Esse almofadinha pensa que guerra é baile… - resmungou Rodrigo.

Tomando chimarrão junto da janela, Maria Valéria observava com olho risonho mas a cara séria as evoluções do ex-promotor. Jango e Edu brincavam sob os cinamomos com ossos de reses. Alicinha contava às suas “ancilas” (este era o nome que a velha dava às suas amiguinhas)

maravilhas da vida em Santa Fé, descrevia-lhes os seus vestidos, sapatos e brinquedos que tinham ficado no Sobrado.

Alguns dias depois, um próprio vindo da estância dos Amarais trouxe a notícia de que Firmino de Paula libertara Passo Fundo do cerco e depois lançara suas tropas contra a coluna de Leonel Rocha, livrando também do sítio a vila da Palmeira.

— Estão vendo? - exclamou Licurgo. — É o que eu digo sempre. Não se preparam, se precipitam e o resultado é esse: derrotas por todos os lados.

Estavam à mesa do almoço. Empurrou com impaciência o prato que tinha à sua frente.

— Não contem comigo para palhaçadas…

— Mas o senhor esquece - replicou Rodrigo - que nossa palavra está empenhada e que, haja o que houver, não podemos abandonar nossos companheiros…

Como não podia dizer ao pai tudo quanto queria, levantou-se, saiu de casa, montou a cavalo e atirou-se a todo o galope pelo campo, sem destino, gritando ao vento todos os palavrões que sabia.

Fevereiro arrastava-se. Os jornais que chegavam ao Angico

traziam notícias de outros combates entre revolucionários e legalistas. Artur Caetano encontrava-se no Rio, onde dava à imprensa entrevistas em que declarava dispor de quatro mil homens armados para derrubar o Tirano.

Estava claro - comentou Toríbio - , o que o homem queria era dar ao Governo Federal um pretexto para intervir no Rio Grande do Sul.

— Impossível! - exclamou Rodrigo dando uma tapa no jornal. — O Bernardes não pode intervir porque não sabe ainda se conta com o apoio do Exército.

Toríbio opinou: - O melhor é a gente não esperar nada desse mineiro e ir fazendo por aqui o que pode.

Durante a primeira reunião que os quatro chefes revolucionários tiveram no Angico, foi com muita dificuldade que Rodrigo conseguiu evitar um atrito sério entre Alvarino Amaral e o velho Licurgo. O primeiro queria lançar-se à luta imediatamente; o segundo procrastinava. O coronel Cacique "estava por tudo". O Macedinho não fazia questão de data, contanto que "entrassem no baile". O que Rodrigo não pôde evitar foi que o coronel Amaral se levantasse ao fim da reunião, dizendo: - Coronel Licurgo, me desculpe, mas eu e minha gente vamos hoje mesmo nos incorporar às forças do Leonel Rocha. Não posso esperar mais.

Qualquer dia o Madruga invade os meus campos e me ataca. A fruta está caindo de madura.

Ninguém tentou dissuadi-lo da ideia. Conheciam o homem. Alvarino fez as suas despedidas. Os outros o abraçaram. Licurgo deu-lhe apenas as pontas dos dedos.

Rodrigo acompanhou o estancieiro até a porta.

— É o diabo, coronel - murmurou ele, coçando a cabeça. — Não fomos ainda pra coxilha e já estamos nos dividindo, nos separando…

O outro estendeu a mão, que Rodrigo apertou demoradamente.

— Adeus, coronel! Seja feliz. Acredite que sinto muito…

O olhar de Alvarino Amaral perdeu-se, vago, nos horizontes do Angico…

— Seu pai é um homem opiniático, mas isso não é razão para todos se sujeitarem às opiniões dele. Também lamento o que aconteceu. Fiz o que pude pra evitar o rompimento, mas está visto que o coronel Licurgo não gosta de mim…

Rodrigo não soube o que dizer. Depois que o outro partiu, lamentou: - Lá se vão duzentos homens bem armados e municiados. Toríbio, que se acercara do irmão, disse: - E por culpa do teu pai. É a nossa primeira derrota. Naquela noite, ao redor da mesa do jantar, Cacique trouxe a conversa habilmente para o assunto. Juquinha compreendeu a manobra e tratou de apoiar o correligionário. Queriam que Licurgo revelasse o que pretendia fazer. O tempo passava e já

agora corriam todos o risco de serem atacados de surpresa pelas forças do Madruga. Era impossível que o intendente de Santa Fé não estivesse já informado daqueles movimentos de tropas no interior do município.

Licurgo olhou fixamente para o prato, sobre o qual havia cruzado os talheres, e disse: - Os senhores podem trazer suas forças imediatamente. Acho que chegou a hora.

Rodrigo e Toríbio entreolharam-se, espantados. Cacique e Juquinha trocaram também um olhar de perplexidade. Como se explicava aquela súbita mudança? Finalmente todos compreenderam… Licurgo não só desejara como também provocara a defecção de Alvarino Amaral. Suas feridas de pica-pau ainda estavam abertas e sangravam.

Daquele momento em diante ninguém mais encontrou assunto ali à mesa.

Houve um mal-estar geral. Os homens baixaram a cabeça e terminaram de comer num silêncio que de minuto para minuto se fazia mais pesado.

Dias depois chegavam ao Angico as forças de Juquinha Macedo: duzentos e vinte homens ao todo, muito bem montados e razoavelmente armados.

Traziam carroças com sacos de sal, açúcar e farinha de mandioca, e algumas dezenas de reses de corte. Todos os Macedos machos estavam na tropa, com postos militares que variavam de acordo com a idade de cada um.

Horas depois surgiram no alto da coxilha do Coqueiro Torto os soldados de Cacique Fagundes. Ao chegarem à frente da casa da estância, onde os outros companheiros os esperavam com gritos e vivas, o coronel Cacique, ainda em cima do cavalo, com um lenço vermelho sobre o pala de seda cor de areia, a cara gorda e tostada a reluzir ao sol da tarde, gritou alegremente para Rodrigo: - Se lembra dos meus vinte e cinco caboclos? Pois deram cria… Trago cento e vinte. Todos machos de verdade. Podem examinar…

Soltou uma risada. Licurgo mirava-o com olhos hostis.

— O velho Cacique - murmurou Toríbio ao ouvido do irmão - continua o unha-de-fome de sempre. Não trouxe nenhuma de suas reses para carnear.

Olha só a cara feia do papai.

Aquela noite os chefes reuniram-se numa das salas da casa, onde discutiram a organização da Coluna. Rodrigo tinha já um plano elaborado no papel. Quando se tratou de decidir quem seria o comandante supremo, hesitou. Juquinha Macedo, porém, adiantou-se: - Na minha opinião deve ser, por muitos motivos, o coronel Licurgo.

Houve um murmúrio de aprovação geral e todos os olhares

convergiram para o senhor do Angico, que pigarreou e deu um chupão no crioulo apagado.

— Se os senhores acham… - murmurou. — Não me nego.

Ficou estabelecido que Juquinha Macedo teria o posto de tenente-coronel.

Rodrigo seria o major-secretário e Toríbio, também com o posto de major, comandaria a vanguarda da força que todos estavam de acordo - se chamaria Coluna Revolucionária de Santa Fé. Distribuíram-se ou confirmaram-se outros postos entre os homens de confiança do coronel Cacique, dos Macedos e dos Cambarás. O dr. Ruas, que tomava nota de tudo quanto se dizia e resolvia, ao terminar a reunião redigiu uma ata, que os presentes assinaram.

— E agora que a Coluna está militarmente estruturada - disse Rodrigo - temos um ponto importante a discutir: o plano de campanha. Devo dizer que não acredito em intervenção federal, pelo menos por enquanto. Temos pela frente alguns meses, talvez um ano de revolução….

Com o beiço inferior esticado, o ar sonolento, o coronel Cacique sacudia a cabeça, assentindo. Rodrigo olhava em torno, como a pedir sugestões.

Um dos Macedos mais jovens, que todo o tempo da reunião ficara a acariciar os copos da espada, sugeriu: - O general Pertinho acaba de invadir o Estado pelo norte. Por que não nos incorporamos às tropas dele?

Licurgo Cambará foi rápido na réplica: - Na minha opinião devemos agir por conta própria. Devemos ser uma coluna ligeira e independente.

Mentalmente Rodrigo completou a frase do Velho: “Não recebo ordens de maragato, seja ele quem for”.

Os olhares voltaram-se para Juquinha Macedo e Cacique Fagundes. Disse o primeiro: - O nosso comandante tem razão.

O segundo hesitou por um instante, mas depois declarou: - Afinal de contas, temos que entreter o Madruga pra ele não ir reforçar os provisórios do Firmino de Paula…

Sentado à mesa, Rodrigo pôs-se a escrever a lápis num pedaço de papel.

Ao cabo de alguns instantes levantou-se e disse: - Precisamos passar um telegrama ao presidente da República anunciando o nosso levante.

— Não carece - retrucou Licurgo.

— Ora, papai, pense no efeito moral.

— Não vamos ganhar esta revolução com efeitos morais. Não acredito em intervenção nem agora nem nunca. Não me iludo.

Entro nesta luta esperando o pior. Acho que todos devem fazer o

mesmo.

Rodrigo sentiu um fogo no peito, mas tratou de manter a boca fechada.

Meteu o papel no bolso. Estava decidido a desobedecer ao pai. Quando Bento fosse levar as mulheres e as crianças para Santa Fé, ele pediria ao caboclo que entregasse o despacho ao Gabriel, que se encarregaria de levá-lo ao telégrafo.

Na manhã do dia seguinte formaram à frente da casa todas as forças que se achavam no Angico. E Rodrigo, montado num gateado de crinas longas e ar faceiro, fez-lhes um discurso, dando-lhes conta do que ficara resolvido na reunião da noite anterior e exortando todos os companheiros à luta. Perorou assim: “Só temos um pensamento: a honra e a felicidade do Rio Grande. Só temos um objetivo: a vitória!”

Quando terminou de falar, ergueram-se no ar gritos, lenços, lanças, espingardas, chapéus, espadas. Havia uma orgulhosa alegria na cara de todos aqueles homens, menos na de um. Montado no seu cavalo, um lenço branco no pescoço, Licurgo Cambará olhava taciturno para seus comandados. Rodrigo notou que o Velho estava mais encurvado que de costume. Toríbio, por sua vez, observou que, enquanto o irmão falava, o pai mantivera os olhos baixos. Agora que os soldados davam vivas ao dr.

Assis Brasil e à Aliança Libertadora e a ele próprio - sua boca se apertava, retesaram-se os músculos da face, como se aquilo tudo lhe doesse fisicamente.

Quando os revolucionários se dispersaram, dirigindo-se para os diversos locais onde se preparava o churrasco do almoço, a oficialidade de novo se reuniu para combinar o primeiro movimento. Rodrigo antecipou-se: - Devemos obrigar o Madruga a vir nos atacar. Assim podemos escolher o terreno para o combate. Cancha não nos falta.

Cacique Fagundes encolheu os ombros.

— Vocês resolvam. Estou por tudo.

— Podemos dividir nossa coluna estrategicamente - prosseguiu Rodrigo. — Mandaremos patrulhas para estabelecer contato com os chimangos de Santa Fé e atraí-los para onde nos convém.

Licurgo escutava em silêncio. Quando o filho fez uma pausa, ele perguntou: - E depois?

Rodrigo fez um gesto de dúvida.

— Numa guerra desse tipo, não se pode fazer nenhum plano a prazo longo.

Temos de confiar na improvisação e na mobilidade de nossa gente… E sabem que mais? E até possível que um dia possamos atacar e tomar Santa Fé, o que seria dum efeito moral tremendo.

— Essa ideia me agrada - confessou o mais velho dos Macedos.

Licurgo soltou um fundo suspiro.

— Veremos - disse.

O dr. Miguel Ruas, a quem havia sido conferido o posto de capitão, manifestou seu receio de que acabassem cercados por todos os lados ali no Angico.

Rodrigo apontou para o mapa que estava sobre a mesa.

— Não vejo possibilidade. Teremos sentinelas, patrulhas em todos os pontos cardeais. O Firmino está ocupado com o Leonel Rocha. A invasão do Pertinho obrigará a chimangada a desviar forças para Cima da Serra.

Madruga não terá outro remédio senão dar-nos combate. Vamos deixar o homem louco com nossos movimentos!

Miguel Ruas sacudiu a cabeça lentamente. Depois saiu da sala, ainda claudicando um pouco. Licurgo acompanhou-o com os olhos mas nada disse.

O coronel Cacique, porém, não se conteve: - Tomara que eu me engane, mas acho que esse moço não vai aguentar o repuxo…

Ao entardecer daquele mesmo dia, Neco Rosa e Chiru Mena chegaram ao Angico a cavalo. Contaram com ar dramático que a situação nos últimos dias se lhes tornara insuportável em Santa Fé, onde viviam vigiados.

Tinham conseguido sair à noite, às escondi- das, tomando os caminhos mais estapafúrdios, para despistar algum possível perseguidor.

— Pois chegaram na hora - disse-lhes Rodrigo - , dentro de três dias saímos para a coxilha.

— Quantos homens tem o Madruga? - indagou Toríbio.

— Uns oitocentos e tantos - respondeu o Neco.

— Tens certeza?

— É o que diz A Voz. E pelo movimento de gente que vi, parece que é verdade…

— A metade desses mercenários na hora do combate larga as armas e mete o pé no mundo…

— Quanta gente temos? - quis saber Chiru.

— Uns quatrocentos e oitenta homens - informou Toríbio.

— E o armamento?

— Não é lá pra que se diga…

— É o diabo - murmurou o Neco, apreensivo. — Os provisórios do Madruga estão armados de fuzis Mauser.

— Agora não é mais tempo da gente se lamentar - interveio Rodrigo, dando uma palmada nas costas do amigo. — É tocar pra frente! Ah! Antes que me esqueça… Vocês dois são capitães.

O rosto de Chiru iluminou-se. Saiu dali e foi pedir a Flora que lhe fizesse umas divisas. Naquele mesmo dia ajustou no chapéu uma fita

branca com estes dizeres: “Pelear é o meu prazer”.

Na manhã seguinte, por volta das dez horas, Rodrigo e Toríbio presenciaram um espetáculo portentoso. Um vulto apareceu no horizonte.

Era um cavaleiro solitário, e tudo indicava que se dirigia para a casa da estância. Quem seria? Quando o desconhecido apontou no alto da coxilha do Coqueiro Torto e parou um instante junto da sepultura do velho Fandango, foi possível divisar-lhe o lenço encarnado que trazia enrolado no pescoço. E quando a misteriosa personagem começou a subir a colina em cujo topo se encontrava a casa, Rodrigo identificou-a.

— Liroca velho de guerra! - exclamou.

Foi um alvoroço ali à sombra dos cinamomos, onde muitos homens estavam agora reunidos. Ouviam-se gritos, vivas e risadas.

Ao tranquilo de seu zaino-perneira, lá vinha o velho José Lírio. Parecia - achou Rodrigo - uma versão guasca de dom Quixote, mas dum Quixote que tivesse também um pouco de Sancho Pança. Liroca era um cavaleiro andante e ao mesmo tempo o seu próprio escudeiro. Tinha como o fidalgo da Mancha os bigodes caídos e um olhar entre desvairado e triste. Não lhe cobria o corpo franzino uma armadura de aço, mas o pala de seda. Seu elmo era um velho chapéu de feltro, de abas murchas. Em vez de lança, trazia a velha Comblain com que pelejara em 93.

José Lírio apeou e caiu nos braços dos companheiros. Quando se viu finalmente na frente de Rodrigo, disse compenetrado: - Vim me apresentar. Não valho gran cosa, mas uns tirinhos ainda posso dar.

Rodrigo abraçou-o, comovido.

Estava resolvido que Flora, a Dinda e as crianças deviam voltar imediatamente para a cidade, pois no Sobrado ficariam todos mais seguros que no Angico. Esperava Rodrigo que o “cafajeste do Madruga”

respeitasse as famílias dos revolucionários, não por nobreza, mas por temor à guarnição federal. Ameaçou: - Se ele tocar num fio de cabelo de minha mulher ou de qualquer de meus filhos, palavra de honra, quando entrarmos em Santa Fé enforco aquele porco num galho da figueira da praça!

À medida que a hora da despedida se aproximava, Rodrigo ia ficando cada vez mais inquieto. Às oito da noite, na véspera da partida da família, sentou-se numa cadeira de balanço na sala, que um lampião a querosene alumiava tristemente, e pôs Alicinha sobre os joelhos.

— O papai agora tem de fazer uma viagem muito comprida - disse com doçura.

— Tu vais pra revolução, eu sei.

— E sabes o que é revolução?

— Sei. É guerra.

Por alguns instantes ficaram ambos calados, ao embalo da cadeira. Os olhos de Rodrigo enchiam-se de lágrimas, sua garganta se contraía num espasmo. Só agora compreendia como ia ser duro separar-se daquela criaturinha. A beleza da filha enternecia-o. Sua fragilidade causava-lhe apreensões, e a ideia de que agora a família ia ficar sem homem em casa, desprotegida no burgo do bandido Madruga, deixava-o já com remorsos de se haver metido naquela revolução.

Alicinha segurava-lhe a orelha, num hábito muito seu, quando estava prestes a adormecer. E seus olhos escuros e límpidos, tocados numa expressão que parecia ser de sono e ao mesmo tempo de medo de dormir, focavam-se no pai, como a lhe pedirem uma explicação de tudo aquilo que se passava ao redor dela havia tantos dias… Só agora é que Rodrigo compreendia que a paixão política lhe havia embotado de tal modo a sensibilidade, que ele sujeitara aquela criança pura e delicada a um quase convívio diário com aqueles homens - bons, bravos, mas grosseiros - que cheiravam mal, escarravam no chão e viviam coçando os órgãos genitais. Que estúpido! Que inconsciente! Que irresponsável!

Apertou a filha contra o peito, beijou-lhe os cabelos, as faces e finalmente os olhos, que o sono aos poucos empanava.

— Quem é a princesa do papai?

— Eu.

Não havia mais nada a dizer. Rodrigo limitou-se a ninar a filha àquele balanço de berço, e quando verificou que ela dormia, levou-a para o quarto e deitou-a na cama, tendo o cuidado de colocar a boneca a seu lado.

Saiu na ponta dos pés, encaminhando-se para o quarto dos outros filhos.

Inclinou-se sobre Edu, Jango e Bibi, que dormiam, e depositou um beijo na testa de cada um deles. Percebendo que Floriano estava ainda acordado, sentou-se na beira da cama do menino.

Sobre a mesinha-de-cabeceira o ponto luminoso da lamparina parecia uma minúscula estrela amarela. Rodrigo segurou a mão de Floriano: - Meu filho, tu sabes que teu pai tem de ir para a revolução… O rapaz sacudiu a cabeça: sabia.

— Um dia, quando fores grande, compreenderás melhor tudo isso…

Floriano repetiu o gesto.

— Já estás quase um homem. Quero que obedeças à Dinda e à mamãe, e que ajudes a cuidar de teus irmãos.

Na penumbra não chegou a perceber as lágrimas que escorriam

pelo rosto do menino. Mas sentiu-lhes o gosto quando lhe beijou a face, e isso o deixou também a ponto de chorar. Quando, poucos minutos depois, entrou no próprio quarto de dormir, pensou na noite miserável que ele e Flora iam passar.

Ficou longo tempo abraçado à mulher. A angústia lhe anestesiava o sexo.

Como podia desejar fisicamente uma criatura que não cessava de chorar?

Teve aquela noite um sono agitado, povoado de imagens aflitivas, obsessivas como as dos sonhos de febre. Estava numa interminável marcha, com uma coluna de homens a cavalo, carregando um defunto, que ora estava dentro dum esquife, sobre um dos cavalos. E o cadáver caía, e tinham de levantá-lo, e ele tornava a cair… e houve um momento em que andaram a puxar o caixão com cordas, e depois o próprio defunto se ergueu, e lívido, de olhos vidrados, pôs-se a andar, acompanhando a coluna, e o vento batia nele e espalhava no ar um cheiro de podridão misturado com o de fenol… E a marcha continuava, não tinha fim, e o cadáver inchava, tornava-se mais pesado, tombava, e de novo o erguiam, e outra vez caía, e agora seus pedaços - orelhas, pés, mãos, nacos de carne - iam ficando pelo caminho, presos aos craguatás, às barbas-debode e também agarrados por mãos que brotavam da terra e que ele, Rodrigo, obscuramente sabia que eram mãos de outros defuntos…

Acordou com uma batida na porta.

— Está na hora.

Era a voz de Maria Valéria. Rodrigo e Flora levantaram-se e vestiram-se em silêncio. E ele achou que até o ruído da água na bacia do lavatório de ferro, quando Flora lavava o rosto, tinha um sonido estranho. E mais estranho ainda lhe pareceu o ato de escovar os dentes, o gosto do dentifrício. Nos outros quartos Maria Valéria acordava as crianças, ajudava-as a se vestirem. E o som de sua voz seca e autoritária, àquela hora da madrugada, também era algo que parecia pertencer a uma nova espécie de pesadelo.

Tomaram café em silêncio, à luz das velas, na sala de jantar. De quando em quando Flora fitava no marido os olhos tristes, tresnoitados, cercados de olheiras arroxeadas. Lágrimas escorriam-lhe pelas faces, pingavam na toalha. Mas ela nada dizia. Bebeu um pouco de café com leite mas não tocou no pão. Maria Valéria atendia as crianças. “Não se lambuze de mel, Edu. Limpe os dedos no guardanapo. Isso! Alicinha, a senhora não está comendo nada. Largue essa boneca. Tire o dedo do nariz, Jango!”

Era extraordinário - refletia Rodrigo - como nem naquela hora excepcional a velha perdia o contato com a realidade cotidiana. Sabia que, houvesse o que houvesse, a vida tinha de continuar e a disciplina

doméstica não devia ser relaxada.

Rodrigo também não sentia fome. Limitou-se a tomar um café preto. À luz gris do raiar do dia, todas aquelas caras lhe pareciam doentias. Lá fora cantavam os galos. Pela janela ele viu a barra avermelhada do nascente, sublinhando a palidez do céu.

— Acho bom a gente ir saindo - disse Maria Valéria. E começou a dar ordens às chinocas. — Levem esses pacotes pró automóvel. Não se esqueçam da cesta. Cuidado, meninas!

Rodrigo admirava a tia pela sua presença de espírito e pelo seu senso prático, mas ao mesmo tempo exasperava-se com tudo aquilo. Quando ficou a sós com Flora, tomou-a nos braços. O rosto dela estava branco e frio, como que eterizado. Encostou a cabeça no peito do marido e pôs-se a chorar, o corpo sacudido pelos soluços. Rodrigo acariciava-lhe os cabelos, passava-lhe as mãos pelas costas, docemente, mas não encontrava nada para dizer.

Minutos depois, quando todos estavam dentro do Ford, cujo motor trepidava, Rodrigo meteu a cabeça dentro do carro, beijou a face de Maria Valéria e murmurou: - Fico descansado, sabendo que a senhora está com eles.

A velha estendeu a mão longa e enrugada e fez uma carícia rápida nas faces do sobrinho.

— Não se preocupe. Vá com Deus. E se cuide!

Rodrigo deu instruções pormenorizadas ao Bento. Por fim, disse: - Esconda o automóvel no lugar combinado e volte a cavalo. Mas venha depressa, que vamos sair a campo amanhã ou depois.

Rodrigo pegou a mão de Flora e levou-a aos lábios. Naquele momento Alicinha foi tomada duma crise de nervos e começou a gritar: - Vem, papai! Vem com a gente! Eu quero o meu pai! Ele vai morrer na guerra! Ele vai morrer!

Flora tentava consolá-la, mas a menina chorava, estendia os braços para o pai. “Ele vai morrer!”

Rodrigo recuou, emocionado, voltou as costas e exclamou: - Toca, Bento! Por amor de Deus, vá embora!

O carro arrancou. Por algum tempo Rodrigo ouviu ainda os gritos da filha. Ficou onde estava, as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto, a respiração irregular, um vácuo gelado na boca do estômago. Assaltou-o o pressentimento de que nunca mais tornaria a ver a família. Louco!

Idiota! Animal! Só agora compreendia que para ele não havia nada no mundo mais importante que Flora e os filhos. Ia se meter numa revolução estúpida, com um bando de homens mal-armados…

Ficou onde estava durante uns dois ou três minutos. Depois, voltou-se. O auto tinha desaparecido atrás dum capão. Galos cantavam festivamente. E uma ponta de sol começava a aparecer no horizonte, num resplendor dourado.

Rodrigo encaminhou-se lentamente para casa.

Agora que os homens estavam ausentes, as mulheres do Sobrado prestavam uma atenção especial ao grande relógio de pêndulo, que no passado havia marcado o tempo de tantas guerras e revoluções. Sua presença no casarão tinha algo de quase humano. Era como a dum velho membro da família que, por muito ter vivido e sofrido, muito sabia, mas que, já caduco, ficava no seu canto a sacudir a cabeça dum lado para outro, silencioso e inescrutável.

Naquela manhã de março, Maria Valéria aproximou-se do "Dono do Tempo"

para dar-lhe corda, como sempre um pouco contrariada por ver sua face refletida no vidro do mostrador quadrado. Quantas vezes no passado vira a velha Bibiana fazer aquilo!

Quedou-se distraída a "conversar" com a imagem meio apagada que em sua memória dava corda naquele mesmo relógio. Nem viu quando Flora entrou na sala de jantar.

— Falando sozinha, Dinda?

— Conversando com os meus mortos…

A velha fechou a tampa do mostrador, voltou-se e encarou a sobrinha.

— Pelo que vejo, você passou outra noite em claro.

Flora baixou a cabeça, seus lábios tremeram. Contou que Rodrigo lhe aparecera morto no sonho da noite: seu corpo apodrecia abandonado no meio do campo, e ela se vira, desesperada, tentando espantar com uma vassoura os urubus que esvoaçavam em torno do cadáver…

— Sonhos não querem dizer nada, menina. Uma noite destas sonhei que tinha vinte anos. Amanheci com os mesmos sessenta e três na cacunda.

Depois de pequena pausa, acrescenta: - Não se preocupe. Não somos as primeiras nem vamos ser as últimas.

Antes de nós outras mulheres também esperaram e passaram trabalho. Não pense muito. Não fique nunca com as mãos desocupadas. E não olhe demais para o relógio nem para a folhinha. Tempo é como criança, quanto mais a gente dá atenção pra ele, mais ele se mostra…

Flora limitou-se a sacudir a cabeça tristemente.

— Pois eu - declarou Maria Valéria - eu vou fazer um doce de coco.

Encaminhou-se para a cozinha. Flora ficou a olhar fixamente para o mostrador do relógio, como que hipnotizada. E o ruído metálico e regular do mecanismo, acompanhado do movimento do pêndulo, deu-lhe uma desoladora sensação de eternidade.

Havia já quase três semanas que em Santa Fé nada se sabia de

positivo sobre o paradeiro da coluna comandada pelo coronel Licurgo Cambará. O Correio do Povo trazia notícias das operações das forças de Filipe Pertinho na zona de Cima da Serra, das atividades dos guerrilheiros de Leonel Rocha, no município de Palmeira: do levante de Zeca Neto, que ocupara Canguçu, Camaquã e Encruzilhada. Divulgava também que Estácio Azambuja organizara a 3a Divisão do Exército Libertador, com gente de Bajé, São Gabriel, Dom Pedrito e Caçapava. Quanto à Coluna Revolucionária de Santa Fé, nem uma palavra.

O velho Aderbal Quadros trouxe um dia ao Sobrado a notícia do levante, em Vacacaí, de Honório Lemes, o qual, após haver constituído a Divisão do Oeste, havia ocupado Rosário e Quaraí.

— As autoridades municipais e estaduais de Alegrete - explicou o velho, picando fumo para um crioulo - fugiram para Uruguaiana. O Estado está todo conflagrado. Acho que o governo do Borges tem os seus dias contados.

O ritmo lento e tranquilo de sua voz destoava das coisas urgentes que contava. Anunciou mais que havia sido instalada no Rio de Janeiro a Junta Suprema Revolucionária, que contava na sua diretoria com homens de prol. Em São Paulo estudantes gaúchos haviam fundado o "Centro Acadêmico Pró-Libertação do Rio Grande do Sul". A revolução assisista empolgava o Brasil!

Maria Valéria escutou-o impassível. Quanto a Flora, aquelas notícias, longe de alegrá-la, deixavam-na ainda mais preocupada, pois eram um sinal de que a revolução se espalhava, crescia, complicava-se, ameaçando durar anos e anos…

Dona Laurentina vinha agora com mais frequência ao Sobrado visitar a filha e os netos. Ela e Maria Valéria entendiam-se muito bem, tinham uma admiração e uma estima mútuas: em muitos respeitos até se pareciam. Não raro ficavam sentadas uma na frente da outra por longo tempo, numa espécie de duelo seco, mas cordial, de silêncio.

Aderbal preocupava-se com a saúde da filha, que começava a emagrecer.

Era um despropósito - achava - um cristão viver assim como a Flora, comendo e dormindo pouco, com o pensamento só em coisas ruins.

Procurava animá-la: - Ninguém morreu, minha filha! Essa sua tristeza pode até ser de mau agouro. Ouça o que seu pai está lhe dizendo. As coisas boas também acontecem na vida. Qualquer dia Rodrigo está aí de volta, forte e são de lombo.

Laurentina, porém, na maioria das vezes limitava-se a olhar fixamente para a filha com uma tamanha expressão de pena nos seus olhos indiáticos, que Flora acabava desatando o pranto.

E sempre que explodiam rojões na praça, as mulheres e as

vidraças do Sobrado estremeciam. Flora levava as mãos ao pescoço, como para impedir que o coração sobressaltado lhe escapasse pela boca, e ficava sentindo na ponta dos dedos a pulsação alvorotada do próprio sangue. Corria para a janela e olhava na direção da Intendência, na frente da qual se ia reunindo aos poucos uma pequena multidão, atraída pelo boletim de notícias que o Madruga mandava afixar num quadro-negro.

O último deles - que fora transcrito por A Voz da Serra - dizia: A famigerada Coluna Revolucionária de Santa Fé, comandada pelo conhecido mazorqueiro Licurgo Cambará, com seus bandidos armados de lanças de pau, armas descalibradas, espadas enferrujadas, anda correndo pelos campos do interior do nosso município, carneando gado alheio, roubando estâncias e casas de comércio, desrespeitando mulheres e espancando velhos indefesos. Os bandoleiros assiststas recusam combate e fogem sempre à aproximação da vanguarda da coluna republicana do bravo coronel Laço Madruga, baluarte do borgismo na Região Serrana. Quanto tempo durará ainda essa comédia?

— Mentirosos! Caluniadores! Canalhas! - exclamou Dante Camerino depois que leu em voz alta essa notícia, no Sobrado.

— Você nem devia trazer essa imundícia pra dentro de casa - repreendeu-o Maria Valéria, apontando para o jornal que o médico tinha na mão.

Um dia, surpreendendo Santuzza Carbone com Bibi nos braços, a beijar por entre lágrimas o rosto da criança, Flora teve uma crise de nervos.

— O Rodrigo morreu e vocês não querem me dizer! - exclamou. — Eu sei! Eu sei! O Rodrigo morreu!

Rompeu num choro convulsivo. O dr. Carbone fez o possível para acalmá-la, assegurando-lhe, dando-lhe sua parola. d'onore, jurando por Deus e todos os santos que tudo estava bem. E como tudo isso não desse o menor resultado, conseguiu levar Flora para a cama, onde lhe aplicou uma injeção sedativa que a fez dormir por algumas horas.

E nos dias que se seguiram, o italiano tratou de alegrar aquela família como podia. Quando visitava o Sobrado, trazia brinquedos ou caramelos para bambini, contava-lhes histórias, fazia mágicas. Uma noite, como quisesse dançar um cake-walk com Santuzza, encaminhou-se para o gramofone, para pô-lo a funcionar. Maria Valéria, porém, barrou-lhe o caminho. Não! Tocar música naquela casa quando seus homens estavam na guerra, correndo perigo de vida, passando durezas e privações? Nunca!

“Sossegue o pito, doutor! Aqui ninguém carece de palhaço.”

Arão Stein e Roque Bandeira também apareciam no Sobrado com certa frequência. Ficavam geralmente no seu canto, em suas

intermináveis discussões. Flora começava a irritar-se ante a atitude crítica do judeu para com os revolucionários.

Uma noite, como Aderbal Quadros elogiasse Assis Brasil e os objetivos ideológicos da revolução, Stein, à sua maneira meio tímida, mas obstinada e segura, disse: - O senhor me desculpe, seu Babalo, mas não vejo nada de ideológico nesse movimento armado…

Tio Bicho puxou-lhe a ponta do casaco, sussurrando: - Para com isso, homem!

Stein, porém, não lhe deu ouvidos.

— Os objetivos dessa revolução são mais econômicos e sectariamente políticos do que ideológicos. É uma revolução de plutocratas.

Maria Valéria franziu o cenho ao ouvir esta última palavra, que lhe soou como um nome feio.

— Todo o mundo sabe que o Estado anda às voltas com uma nova crise pecuária - continuou o judeu. — O preço do boi vem baixando desde a Guerra Europeia. Esses estancieiros de lenço encarnado no pescoço se meteram na luta porque para eles é mais bonito sair da enrascada pela porta "gloriosa" da revolução do que por meio da falência ou da concordata.

Aderbal Quadros limitou-se a sacudir a cabeça e a sorrir. Flora fez com o olhar um apelo a Maria Valéria, que exclamou: - Cale a boca, João Felpudo! E o assunto terminou.

Era uma tarde chuvosa de princípios de abril e Flora, tristonha, pensava no marido que àquela hora decerto andava ao relento, no temporal, molhado até os ossos, coitado! De instante a instante erguia os olhos do bastidor e fitava-os em Maria Valéria, que estava sentada na sua frente, silenciosa, de braços cruzados. Que pensamentos estariam passando pela cabeça da velha? Flora continuou a bordar. Impelida pelo vento, a chuva tocava sua música mole e miúda nos vidros das janelas.

Uma luz fria e cinzenta entristecia a casa. Ouviam-se as vozes e os ruídos dos passos das crianças, que brincavam no andar superior.

— Parece que estou vendo ela… - disse de repente Maria Valéria.

Flora alçou o olhar.

— Quem, Dinda?

— A velha Bibiana. Nesta mesma cadeira onde estou sentada… Enrolada no xale, se balançando…

Da cozinha vinha um cheiro de açúcar queimado. Maria Valéria traçou o xale que lhe cobria os ombros. (Era o velho, pois ainda não se habituara ao novo que Rodrigo lhe dera pelo Natal.)

— Foi ela que criou o primo Licurgo… - disse com uma voz incolor.

Flora não se lembrava de jamais tê-la ouvido pronunciar o nome

do cunhado.

— Era uma velha das antigas - prosseguiu Maria Valéria - enérgica, de tutano. Perdeu o marido na Guerra dos Farrapos, ficou sozinha com suas crias, nunca pediu bexiga pra ninguém. Depois viu o filho, já homem feito, morrer baleado ali no meio da rua, na frente da casa, assassinado pelos capangas dos Amarais. Mas aguentou firme e continuou vivendo.

Estava viva ainda em 95 quando os maragatos cercaram esta casa. Passou todo o sítio lá em cima no quarto dela, sentada nesta cadeira, se balançando, falando sozinha, cega por causa da catarata, se balançando sempre, e esperando qualquer coisa, nem sei bem o quê, decerto a morte.

Mas parece que a morte tinha se esquecido dela. Só entrou no quarto um ano depois, e a velha Bibiana agonizou três dias e três noites…

— Dinda, pelo amor de Deus! - suplicou Flora. — Vamos mudar de assunto.

— Eu sei, você não quer ouvir todas estas histórias porque tem medo.

Prefere se iludir. Mas uma mulher nesta terra tem de estar preparada para o pior. Os homens não têm juízo, vivem nessas folias de guerras.

Que é que a gente vai fazer senão ter paciência, esperar, cuidar da casa, dos filhos.. Os homens dependem de nós. Como dizia a velha Bibiana, quem decide as guerras não são eles, somos nós. Um dia eles voltam e tudo vai depender do que encontrarem. Não se esqueça. Nós também estamos na guerra. E ninguém passa por uma guerra em branca nuvem. Não se iluda. O pior ainda nem começou.

Lágrimas escorriam pelas faces de Flora e ela não pensava sequer em enxugá-las.

— Se eu lhe digo estas coisas não é por malvadeza. Quero que você se prepare para aguentar. Dona Bibiana contava que houve tempos na vida dela que parecia que tudo vinha abaixo, o mundo ia acabar. Mas não acabou. A prova é que estamos aqui.

Flora continuava a bordar. Depois dum curto silêncio, peiguntou: - Será que está chovendo assim em todo o município?

— Não se preocupe. Nossa gente deve ter barracas, ou então está dentro do mato. E depois, chuva nunca matou ninguém. Seu marido não é de sal.

Nem de açúcar.

— Mas é horrível essa falta de notícias! A velha deu de ombros.

— Eu às vezes até penso que é melhor assim…

Maria Valéria olhava para o pêndulo do relógio. E, como se não estivesse falando com ninguém, murmurou: - Tia Bibiana contava que

a avó dela, a velha Ana Terra, um dia matou um bugre…

Flora ergueu os olhos do bastidor e franziu a testa.

— Matou?

— Sim senhora. Com um tiro nos bofes.

— Mas por quê, Dinda?

— Ora, foi pouco depois que fundaram Santa Fé. Isto aqui vivia infestado de índios. Um dia a velha Ana chegou em casa e viu um deles perto da cama do filho, o Pedro, que veio a ser pai da tia Bibiana…

Flora perdia-se um pouco naquele emaranhado de antepassados dos Terras e dos Cambarás.

— Pois a velha não teve dúvida. Pegou num arcabuz, espingarda ou coisa que o valha, e fez fogo. O bugre caiu ali mesmo, botando sangue pela boca…

Fez-se uma pausa. Maria Valéria balouçava-se na sua cadeira, sorrindo para seus pensamentos.

— Dinda, a senhora era capaz de matar uma pessoa?

— Pois depende…

Flora tornou a baixar os olhos.

— Eu não era. Preferia morrer.

— Bem como seu pai. Quem sai aos seus não degenera. Minutos depois, quando o assunto parecia já esquecido, a velha perguntou: - Se você visse um provisório matando um de seus filhos?

— Dinda, que horror!

— Não carece ficar nervosa. Estou só imaginando. É um faz-de-conta.

Afinal a gente tem de estar preparada pra tudo…

— Espero que Deus nunca me ponha nessa situação.

— Hai miles e miles de coisas que eu pedi a Deus que nunca me acontecessem. Mas Ele não me atendeu…

— Deus deve saber o que faz.

— Pois se você pensa assim, menina, não deve então se preocupar. Está tudo direito.

No silêncio que depois se fez, só se ouviu o tique-taque do relógio e o tamborilar da chuva nas vidraças.

— Estou com frio - murmurou Flora, encolhendo-se toda.

— Quer que eu mande trazer um braseiro?

— Não. Prefiro um chá quente.

— Espere que eu vou fazer.

Flora procurou deter a velha com um gesto, mas esta se levantou e caminhou, tesa, para a cozinha. Flora ergueu-se também e dirigiu-se para a sala de visitas, com a esquisita sensação de que ali alguém a esperava para uma entrevista secreta. Ficou a contemplar o retrato do marido com os olhos enevoados de lágrimas, segurando o respaldo

duma cadeira com ambas as mãos. A ideia de que àquela hora ele pudesse estar morto ou gravemente ferido deixava-a gelada.

Aos poucos, porém, uma como que onda de calor pareceu irradiar-se do retrato, envolvendo-a, reconfortando-a, aquecendo-a. Flora aproximou-se da tela. Lembrava-se agora de certas peculiaridades do marido - cacoetes, gestos, o tom da voz, aquele vezo de ajeitar de quando em quando o nó da gravata. Ah! Quantas vezes ele a tinha feito sofrer! De todas as aventuras amorosas de Rodrigo a que a ferira mais fundo fora a história de Toni Weber, por causa do seu desfecho trágico. Como lhe fora difícil fingir que nada sabia! E quando o marido voltara de seu refúgio no Angico (a pobre menina já no cemitério, a cidade inteira a comentar), quando ele entrara em casa, branco como papel, desfigurado, os olhos tresnoitados - ela achara que seu dever era ampará-lo, abafar seu amorpróprio, recebê-lo maternalmente de braços abertos, sem fazer perguntas. Durante muitas noites vira ou sentira o marido revolver-se na cama a seu lado, insone, ou então falar em delírio num sono inquieto, decerto povoado de pesadelos. E o pior é que por ver que Rodrigo expiava sozinho a culpa daquele suicídio, ela também se sentia culpada.

Um dia percebeu que, num desejo desesperado de desabafo, o marido estivera a pique de lhe confessar tudo… Ela pedira então a Deus que tal não permitisse. Doutra feita concluíra que para Rodrigo talvez fosse melhor tirar do peito aquela coisa, aquela ânsia… E nessa incerteza vivera, semanas, meses… A Dinda tinha razão quando dizia que a melhor pomada para curar as feridas da alma é o tempo. “Tão boa que nem cheiro tem. Não se compra em botica. Não custa nada.” O tempo curara as feridas de Rodrigo, e ele voltara a ser exatamente o que fora antes de conhecer Toni Weber. Menos de um ano depois da morte da rapariga, já andava atrás de outras mulheres. Ficava alvorotado quando alguma moça bonita entrava no Sobrado, fosse quem fosse. Cercava-a de cuidados, de galanteios, inventava todos os pretextos para tocá-la. Procurava mostrar-lhe o que sabia, o que tinha, o que era. Portava-se, em suma, como um adolescente, com todos os apetites visíveis à flor da pele. Até sua respiração ficava diferente quando ele via mulher bonita! E Rodrigo fazia todas aquelas coisas com um ar de impunidade, como se todos os que o cercavam não estivessem vendo aquilo, por cegos, ingênuos ou tolos.

Flora contemplava agora o Retrato, sacudindo a cabeça lentamente, como uma mãe diante do filho travesso e relapso. Rodrigo pouco mudara naqueles últimos doze anos. Estava agora um pouquinho mais corpulento, e seu rosto, que até os trinta anos guardara algo de juvenil e quase feminino, se fizera mais másculo.

Flora sorriu. Vieram-lhe à mente as palavras duma velha parenta, na véspera de seu casamento, ao experimentar-lhe o vestido de noiva.

"O dr.

Rodrigo é um homem bonito demais. Tenho pena de ti, menina." Flora recordou as pequenas e as grandes vaidades do marido. Para uma esposa eram as pequenas as que se faziam mais evidentes. O tempo que levava para escolher uma gravata e depois dar-lhe o nó diante do espelho! O exagero com que se perfumava! A preocupação com o friso das calças!

Tinha no guarda-

roupa simplesmente quinze fatiotas em bom estado, e dez pares de sapatos. As gravatas eram incontáveis… E como gostava de impressionar bem os outros, de ser querido, respeitado, admirado! Sabia agradar as pessoas dizendo-lhes exatamente o que elas queriam ouvir.

Flora recuou um passo e ficou a comparar a moda masculina do tempo em que aquele retrato fora pintado com as roupas de 1922. Veio-lhe à mente a figura do ex-promotor, primeiro nos seus trajos de "almofadinha", depois, vestido à gaúcha, como o vira no Angico, em cima dum cavalo - capitão das forças revolucionárias. A imagem de Miguel Ruas se transformou na de Rodrigo, que ela visualizou barbudo, triste e encolhido debaixo do poncho, sob a chuva, em meio do escampado. De novo sentiu um frio nos ossos, e um estremecimento lhe sacudiu o corpo.

Uma voz: - O seu chá.

Flora corou, como se tivesse sido surpreendida num ato vergonhoso. Maria Valéria aproximou-se e entregou-lhe a xícara fumegante.

O estado de espírito de Rodrigo melhorou consideravelmente depois que as chuvas cessaram e de novo ele viu o outono. Abril entrou e os dias tinham agora a doçura e a maciez dum fruto maduro. Em certas tardes, o sol era como um favo a derramar o mel de sua luz sobre a campanha.

Fazia mais de um mês que andavam naquelas marchas e contramarchas pelo interior do município, cortando aramados, cruzando invernadas alheias, carneando o gado que encontravam, atacando e ocupando povoados e colônias, onde a resistência era pequena ou nula. Não haviam tido baixas naqueles rápidos tiioteios com patrulhas legalistas. Tinham tentado inúmeras vezes atrair para emboscadas a tropa de Laço Madruga, quase toda constituída de infantaria. Em vão! O peixe não mordia a isca. E como não quisessem ser envolvidos, Licurgo Cambará e seus homens continuavam em andanças intermináveis, dividida a Coluna em três grupos, sem contar o esquadrão de lanceiros de Toríbio, que fazia a vanguarda. Marchavam de ordinário a dois-de fundo, numa longa fila. À noite escondiam-se nos capões, onde podiam acender fogo sem chamar a

atenção do inimigo. Os mais graduados tinham barracas, mas a maioria dormia ao relento, sobre os arreios.

Bio, cuja alegria contrastava com a tristeza cada vez mais negra do pai, costumava dizer, sorrindo, ao irmão que seu piquete de cavalarianos havia de passar para a história como "Os Trinta de Toríbio". Eram os primeiros que entravam nos povoados, a galope e aos gritos, sem terem antes o cuidado de verificar se havia inimigos atocaiados, para os quais seriam alvo fácil. Quando o resto da coluna chegava, a localidade estava já ocupada e Toríbio geralmente era encontrado por trás do balcão da principal casa de comércio do lugar, distribuindo mercadorias entre os soldados e gritando: "Começou a liquidação, companheiros. Grande baratilho!" Licurgo Cambará, porém, fazia empenho em que tudo se processasse da maneira mais escrupulosa. Não admitia que seus homens se apossassem duma caixa de fósforos sequer sem deixar ao proprietário uma requisição assinada por ele próprio ou por algum outro oficial.

O velho Liroca, que havia sido confirmado no posto de major, em geral cavalgava ao lado de Rodrigo, mergulhado em longos silêncios cortados apenas de suspiros ou pigarros. Mas de vez em quando dizia alguma coisa que, por mais séria que fosse, fazia o amigo sorrir e murmurar: "Este Liroca!" Rodrigo ficou surpreendido quando o velho amigo lhe confessou que não levava consigo mais de vinte balas. Ali estava um assunto no qual nem gostava de pensar… Quando fazia um inventário mental das armas e munições com que seus companheiros contavam, sentia calafrios.

Dos quatrocentos e oitenta e cinco homens da Coluna, talvez apenas uns duzentos e poucos estivessem razoavelmente armados com fuzis calibrados e de longo alcance. Os restantes tinham apenas revólveres dos tipos mais diversos, facões, espadas, chuços de cerejeira ou guajuvira, e uma variedade de outras armas que lembravam um museu: espingardas de caça de dois canos, velhas Comblains, Mannlichers, e fuzis austríacos e belgas em péssimo estado de conservação. Havia poucos dias juntara-se à Coluna um voluntário que trouxera na mão apenas uma arma de salão, no bolso uma caixa com quinze balinhas e no cinto uma faca de picar fumo. Mas quem lhe visse a postura marcial, o fero orgulho que lhe incendiava o rosto, a maneira como empunhava a Flobert - teria a impressão de que o homenzinho ameaçava o inimigo com uma metralhadora.

Rodrigo divertira-se com algumas das "adesões" que a Coluna tivera depois de deixar o Angico. Uma tarde o piquete de Toríbio fez alto ao avistar ao longe um cavaleiro que conduzia seu pingo a galope, levantando poeira na estrada. Quem é? Quem não é? Quando o desconhecido se aproximou, viram que trazia um lenço vermelho no pescoço. Era um velho de cara angulosa, barba toda branca e olhos

lacrimejantes.

Aproximou-se, sempre a galope, do piquete e, a uns dois metros do comandante, sofreou bruscamente o animal, fazendo-o estacar. Tocou a aba do chapéu com o indicador e disse: - Ainda que mal pergunte, patrícios, pr'onde é que vassuncês se atiram?

— Pra revolução - respondeu Toríbio, pronto.

O desconhecido quebrou com uma tapa a aba do sombreiro e exclamou: - Pois é atrás dessa fruta que eu ando! E incorporou-se à Coluna.

Dias depois, ao passarem por um miserável rancho de barro e teto de palha, à beira da estrada, saiu de dentro dele um caboclo esfarrapado e descalço, de cara terrosa e chupada, trazendo a tiracolo, com um barbante à guisa de bandoleira, uma espingarda de caçar passarinho.

Envolvia-lhe o pescoço um lenço dum vermelho sujo. (Mais tarde o homem explicou que, como não tinha em casa lenço colorado, mergulhara um trapo em sangue de boi.) Aproximou-se de Rodrigo e, de olhos baixos, murmurou: - Pois é, se rne deixarem, eu queria também ir pra revolução. Rodrigo consultou o pai com o olhar. Licurgo sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Pois venha. Cavalo não nos falta. O que não temos é arreio.

— Não carece. Munto em pelo mesmo.

— Como é a sua graça?

— João.

Despediu-se da mulher molambenta, com cara e cor de opilada, que ali estava à frente do rancho, com um filho nos braços e outro na barriga.

Foi uma cena rápida. Apertaram-se as mãos em silêncio e tocaram-se mutuamente os ombros, com as pontas dos dedos. Depois o homem passou a mão de leve pela cabeça do filho. Tanto a face da mulher como a do marido estavam vazias de expressão.

Deram ao homem um cavalo tobiano e crinudo. Horas mais tarde, quando a Coluna descia um coxilhão, o novo voluntário achou que devia dar uma “satisfação” ao companheiro que cavalgava ao seu lado: - Não vê que sou maragato…

Calou-se. O outro pareceu não interessar-se pela informação. Era um preto corpulento. Só a carapinha amarelenta lhe denunciava a idade.

Tinha lutado em 93 nas forças de Gumercindo Saraiva e trazia na cintura uma Nagant que - segundo contava - tirara das mãos dum soldado da polícia, em Cruz Alta.

— Meu finado pai já era federalista - continuou João. Cuspiu para um lado por pura cábula, ajeitou a passarinheira às costas. — Acho que meu avô até conheceu o conselheiro.

O negro limitou-se a responder com um pigarro. Chamava-se Cantídio dos Anjos, tinha fama de valente e dizia-se que já andava "aborrecido", pois se havia incorporado à Coluna para brigar e não para viver gauderiando.

Estava muito velho para "esses desfrutes".

Numa pequena colônia alemã onde haviam requisitado víveres e as poucas armas e munições ali existentes, só um voluntário se apresentara, um tal Jacó Stumpf, um teuto-brasileiro ruivo e espigado, com dois caninos de ouro que mostrava com frequência, pois era homem de riso fácil e aberto.

Tinha o aspecto e o caminhar dum joão-grande e uma voz estrídula. O que mais deliciava Rodrigo era que Jacó Stumpf - apesar de seu aspecto nórdico e de seu sotaque - tinha a mania de ser gaúcho legítimo, "neto de Farroupilha".

Era um espetáculo vê-lo metido nas largas bombachas de pano xadrez, chapéu de barbicacho, botas de sanfona com grandes chilenas barulhentas.

Esforçava-se por imitar o linguajar gaúcho e com frequência dizia "Puxa tiapo!" Os companheiros logo passaram a chamar-lhe "Jacozinho Puxa Tiapo".

— Tu aguenta o repuxo, alemão? - perguntou-lhe Cantídio. Muito sério, o outro respondeu: - Quem tem medo de parulho não amara poronco nos tendos.

Rodrigo, que entreouvia o diálogo, soltou uma risada.

Mas houvera também incidentes feios. No terceiro dia de marcha dois companheiros se haviam "estranhado" e atracado num duelo a facão, e a muito custo Toríbio conseguira apartá-los, antes que se sangrassem mutuamente.

Num vilarejo, um dos revolucionários, Pompeu das Dores, sujeito retaco e mal-encarado, violara uma rapariga de doze anos. Pertencia ao grupo comandado por Juquinha Macedo, que pediu ao comandante da Coluna a punição imediata e severa do criminoso. Consultado, o coronel Cacique fora de opinião que deviam fuzilar o bandido sumariamente, para escarmento do resto da tropa. Macedo, porém, estava indeciso quanto ao tipo de punição que devia aplicar em Pompeu das Dores. Mas o coronel Licurgo declarou categórico que era contra a pena de morte, por mais feio que fosse o crime. Rodrigo, que tivera ocasião de ver o estado em que ficara a pobre menina, não podia olhar para o estuprador sem ter gana de meter-lhe uma bala entre aqueles olhos de sáurio.

Estavam acampados à beira dum capão e tinham amarrado Pompeu a uma árvore. Cantídio dos Anjos rondava-o, mirando-o de esguelha e resmungando: - Se fosse em 93, canalha, tu já estava degolado. E era eu quem ia fazer o serviço.

Foi, porém, Toríbio quem resolveu o problema. Aproveitando a hora em que o pai dormia a sesta dentro do mato, ordenou: - Desamarrem esse bandido. Eu me encarrego dele.

E dentro dum círculo formado pelos companheiros, com seus próprios punhos deu uma sova tremenda em Pompeu das Dores, deixando-o por alguns instantes estendido por terra, a cara inchada e roxa, a deitar sangue pela boca, por entre os dentes quebrados. Depois mandou que seus homens tirassem toda a roupa e as botas do caboclo e, quando o viu completamente nu, aplicou-lhe um pontapé nas nádegas e gritou: - Toca, miserável! Vai-te embora!

Pompeu das Dores saiu a correr pelo campo. Nenhum dos homens que assistiam à cena sequer sorriu. Mais tarde Toríbio disse ao irmão: - Pra violentar uma menina como aquela, só mesmo um degenerado. — E, sorrindo, acrescentou: - Tu sabes que não sou santo, mas nesse assunto de mulher não forço ninguém. Comigo é só no voluntariado…

Frequentemente Rodrigo procurava marchar ao lado do pai, observando-o com o rabo dos olhos. Agora que tinha a barba crescida e quase completamente branca, Licurgo parecia muito mais velho do que era.

Andava encurvado, falava pouco como sempre, e mais de uma vez perguntara ao filho com voz magoada: - Que estará havendo lá pelo Angico?

Rodrigo sentia que o Velho recalcava outra pergunta: "Como estará a Ismália?

Tratava de animar o pai, mas ele mesmo não acreditava muito nas próprias palavras. Era possível e até provável que Laço Madruga já tivesse mandado ocupar a estância de seu inimigo pessoal e político.

Imaginava então as depredações que os “provisórios” deviam estar fazendo: o aramado cortado, as cercas derrubadas, a casa emporcalhada, a cavalhada e o gado arrebanhados, as roças devastadas… Tinha sido uma estupidez abandonar o Angico! - reconhecia ele agora. O melhor teria sido esperar o inimigo ali em terreno que conheciam. Lembrava-se de que fora essa a sua primeira ideia. O próprio Licurgo, porém, se opusera ao plano, pois queria evitar que se derramasse sangue e se cometessem violências naqueles campos que tanto amava. Talvez tivesse a secreta esperança de que o inimigo também os respeitasse.

Rodrigo começava a afligir-se por causa da falta de comunicação de sua coluna com as outras divisões do Exército Libertador. Estavam completamente desligados do resto dos revolucionários. Nas localidades que ocupavam não havia telégrafo. Numa delas encontraram um homem que lhes informara ter “ouvido falar” de levantes em Bajé, São Gabriel, Camaquã e Alegrete. Achava que a “coisa” parecia ter prendido fogo em todo o Estado.

E as marchas continuavam. Rodrigo vivia assombrado por uma lembrança: a expressão dos olhos de Alicinha quando se despedira dele. O espectro daquela voz fina e dolorida voltava-lhe com insistência à memória: “Ele vai morrer!” À noite, antes de dormir, pensava na filha quase com exclusão do resto da família. E esses pensamentos ora o enterneciam ora lhe davam uma sensação de frio interior. Era possível que jamais tornasse a ver Alicinha… Como estaria a gente do Sobrado? E imaginando infâmias dos inimigos, tinha gana de precipitar-se sobre Santa Fé, cegamente, sem plano, mas com ímpeto, com fúria, tomar a cidade, a Intendência, e fuzilar os bandidos…

Além de Rodrigo, havia na Coluna dois outros médicos: um cirurgião e um clínico. Este último tinha uma pequena farmácia, que conduzia em caixas dentro de peçuelos, nas costas dum burro, que ele jamais perdia de vista. Depois dos aguaceiros de fim de março, essa farmácia contara com uma grande freguesia entre a tropa, pois algumas dezenas de soldados, que haviam tomado chuva e deixado as roupas secarem no corpo, tinham apanhado resfriados. E a Coluna marchara num concerto de tosses, pigarros, escarros, gemidos. E o médico andara a distribuir comprimidos de aspirina entre a tropa. E quando uma tarde encontraram um sítio no caminho e viram no pomar alguns pés de limoeiros carregados, Toríbio e seus homens os atacaram e, sob o olhar assustado do dono da chácara, colheram todos os limões que puderam. Depois, contando escrupulosamente os frutos que haviam juntado em vários ponchos, pediu que o dr. Miguel Ruas redigisse uma “requisição”. Ditou: “Vale seiscentos e setenta e quatro limões”. Assinou o “documento” e entregou-o ao dono do sítio, que ficou a olhar para o papel com cara desanimada.

O médico recomendou aos gripados que chupassem limão. E lá se foram dezenas deles, barbudos e melenudos, campo em fora, mamando nas frutas verdes e fazendo caretas.

Mas a verdade é que na sua maioria - conforme Rodrigo muito cedo descobriu - os soldados da Coluna que adoeciam procuravam de preferência Cantídio dos Anjos, cuja fama de curandeiro era conhecida de todos. O preto receitava chás de ervas e, quando lhe perguntavam onde estava a sua botica, fazia um gesto largo mostrando o campo. Ali estavam os remédios que Deus Nosso Senhor dera de graça aos homens. Não havia nada melhor no mundo para curar azia ou úlcera do que chá de “cancerosa”. Na falta dela, carqueja também servia: era boa tomada no mate. Se alguém se queixava do fígado, Cantídio lhe receitava chá de samambaia de talo roxo, ou então fel-da-terra, amargo como fel de homem. Ervatostão, como sabugueirinho-do-campo, era também bom “pró figo”. “E pras orina?” - “Ah! Raiz de ortiga-braba.” Para afinar o sangue nada melhor que a douradinha-do-

campo. E, com autoridade, acrescentava: “Tem muito iodo”.

Um companheiro queixouse um dia de dor nos rins e Cantídio dos Anjos, sem tirar os olhos da estrada, murmurou como um oráculo: “Chá de cipó-cabeludo”. O problema era encontrar todas essas ervas nos lugares por onde passavam e no momento exato em que precisavam delas.

Cantídio era também um grande conhecedor de árvores, pelas quais parecia ter uma afeição particular. Quando acampavam à beira dum capão, costumava olhar para os troncos e ir dando a cada planta o seu nome.

— Aquela ali é açoita-cavalo, dá uma madeira muito dura, que nem raio racha. A outra, a tortinha, estão vendo? é cabriúva. Não resiste à umidade, uma porquera. A outra, à direita, a baixinha, é um cambará.

Tem lenho amarelo e macio, muito cheiroso. Dura tanto como a guajuvira. Mas uma coisa lês digo, árvore linda mesmo é o alecrim, que não tem aqui, é raro. Conhecem? Tem o cerne quase tão colorado como este meu lenço, e dá uma flor amarela. E por causa de todas essas conversas e habilidades o Cantídio se foi transformando aos poucos numa das figuras mais populares da Coluna. Toríbio afeiçoou-se de tal modo ao negro, que o convidou para fazer parte de seu piquete de cavalaria.

— Qual, seu Bio! Estou meio velho pra lanceiro.

— Não diga isso, Cantídio. Não troco você por muito moço de vinte.

— Pois eu me trocava - sorriu o veterano, mostrando os dentes. — Só que não encontro ninguém que queira fazer o negócio.

E quando Toríbio fez menção de afastar-se, Cantídio deteve-o com um gesto.

— Que estou velho, isso estou, porque quem diz é o calendário. Mas se o senhor quer arriscar, o negro não se despede do convite…

Quando, naquele mesmo dia, acamparam numa canhada, à beira dum lajeado, Toríbio estendido sobre os arreios, as mãos trançadas sob a nuca, repetiu a Rodrigo a conversa que tivera com Cantídio.

— Vou dar um trabalho danado aos historiadores do futuro… Não vão nunca descobrir por que os “Trinta de Toríbio” eram trinta e um…

Rodrigo não respondeu. Estava de pé, junto de sua barraca, olhando para a estrela vespertina que brilhava no vidro azulado do céu. No alto das coxilhas em derredor ele divisava os vultos das sentinelas. Dentro do mato crepitavam fogos. Andava no ar o cheiro do arroz-de-carreteiro que Bento, seu fiel ordenança, lhe preparava.

Rodrigo acariciava o próprio rosto. Nos primeiros dias da campanha costumava barbear-se pelo menos duas vezes por semana. Depois, fora aos poucos relaxando o costume e concluíra que o melhor

seria deixar crescer a barba. De vez em quando mirava-se num espelhinho de bolso e tinha a curiosa impressão de "ser outra pessoa". E não era? Em Santa Fé cultivava o hábito do banho diário mas agora só se banhava quando encontrava sanga, rio ou lagoa… e havia tempo para isso. Quase sempre depois desses banhos apressados era obrigado a revestir as roupas sujas e suadas. Sentia agora uma permanente ardência no estômago, e amanhecia frequentemente de boca amarga. Quando podia comer um assado de carne fresca, estava tudo bem, mas na maioria das vezes tinha de contentar-se com o charque que carregavam e que ele já não podia comer sem evitar a suspeita de que estava podre. Antes, sempre que pensava na revolução, as imagens desta jamais lhe vinham acompanhadas de cheiros. No entanto aqueles homens fediam. Durante a marcha limpavam o peito, escarravam para o lado e, se havia vento, o escarro não raro batia na cara do companheiro que cavalgava atrás. Aquele era o sórdido reverso da dourada medalha da guerra. Só uma coisa poderia fazê-lo esquecer todas aquelas misérias: um bom combate. Se não entrassem em ação aquele mês, tudo não passaria então duma ridícula, indigna passeata.

Aproximou-se do lugar onde o arroz fervia numa panela de ferro. À luz do fogo o dr. Ruas, deitado de bruços, escrevia num caderno escolar.

Rodrigo desconfiava que o ex-promotor mantinha um diário de campanha.

Era uma noite sem lua. Dentro do capão os pitos acesos dos revolucionários estavam num apaga-acende que levou Liroca a compará-los com "filhotes de boitatá".

Bento entregou a seu patrão um prato de folha onde fumegava uma ração de arroz com guisado de charque. Rodrigo começou a comer com certa repugnância.

Aproximou-se um vulto no qual ele reconheceu Liroca.

— Está na mesa, major! - convidou.

— Estou sem fome - disse o velho, sentando-se no chão perto do fogo.

As chamas iluminavam-lhe o rosto triste. — Mas aceito uma colherada de arroz…

Bento serviu-o. Dois homens vieram sentar-se junto de Rodrigo: Chiru e Neco. Por alguns instantes ficaram todos a comer em silêncio. O Liroca soltou um suspiro e murmurou: - Mundo velho sem porteira!

Neco voltou-se para ele e indagou: - Que é que há, major?

— Nada. Por que havia de haver?

— Rodrigo - perguntou Chiru - quando é que a gente vai pelear? Estamos ficando enferrujados, eu e a minha carabina.

Rodrigo encolheu os ombros.

— Pra falar a verdade já não sei quem é que anda evitando combate, se os chimangos ou se nós.

— Napoleão dizia que o movimento é a vitória… - filosofou Liroca, que lera, relera e treslera Os grandes capitães da História.

— Sim - replicou Rodrigo - mas movimento tático ou estratégico, e não movimento permanente de fuga…

Vultos caminhavam à beira do capão. Fazia frio e os homens estavam enrolados nos seus ponchos.

Agora se ouvia mais forte o cricrilar dos grilos. De repente uma ave frechou o ar num voo rápido. Morcego? Urutau? Coruja?

— Deve ser chimango - disse sorrindo Toríbio, que se juntara ao grupo.

Rodrigo ergueu-se, insatisfeito com o que comera, e se encaminhou para a barraca do pai. Jamais se deitava sem primeiro ir ver como estava o Velho.

Encontrou-o ainda de pé, sozinho, a pitar um crioulo. Ao ouvir ruído de passos, voltou-se: - Ah! ·- murmurou. — É o senhor…

— Como está se sentindo?

Licurgo pigarreou, soltou uma baforada de fumaça e depois disse: - Bem. Não se preocupe.

Rodrigo teve pena do pai. Aquelas barbas brancas, aquele súbito envelhecimento o traziam impressionado.

— Às vezes sinto remorsos de ter metido o senhor nesta história…

O Velho ergueu a cabeça vivamente.

— Que história?

— A revolução. O senhor não queria vir…

— Quem foi que lhe disse? Ninguém me leva pra onde não quero. Vim porque achei que devia.

— Se é assim…

— É assim. Está acabado. Não toque mais nesse assunto. Em seguida, como que arrependido de seu tom rude, perguntou com voz menos áspera: - E o senhor vai bem?

— Muito bem.

— Pois estimo. Cuide-se. É preciso sair vivo desta empreitada, voltar pra casa, tratar da sua família e da sua vida.

Seu cigarro se havia apagado. Licurgo bateu a pedra do isqueiro, prendeu fogo no pavio, aproximou a chama da ponta do cigarro e tornou a acendê-lo. Aspirou longamente a fumaça e depois soltou-a pelo nariz.

Rodrigo voltou para a sua barraca, deitou-se e ficou pensando…

Quanto tempo ainda iria durar aquela revolução? Que estaria acontecendo nos outros setores do Estado onde houvera levantes? Teria Portinho conseguido reunir muita gente, tomar alguma localidade? Que tipo de homem seria esse tal de Honório Lemes?

Afinal de contas, vinha ou não vinha a intervenção federal?

Revolveu-se sobre os pelegos, procurando uma posição cômoda. Doíam-lhe os rins. Havia muito que se desabituara, na sua vida de cidade, àquelas longas cavalgadas. Sentia nos ossos, desconfortavelmente, a umidade do chão. Puxou o poncho e cobriu a cabeça. Ouviu a voz do Liroca, que conversava ali por perto com o Neco e o Chiru. Houve um momento em que a voz do Velho se fez nítida: "…dizia o conselheiro: Ideias …ao metais que se fundem".

Aqui estou eu - refletiu Rodrigo - sujo, barbudo, dormindo sobre arreios, enrolado num poncho fedorento… Viu-se a si mesmo na Assembleia, berrando sua catilinária contra Borges de Medeiros. Pensou no dr. Assis Brasil, que devia estar no Rio ou em São Paulo, a fazer discursos e dar entrevistas, limpinho, àquela hora decerto dormindo sobre um colchão macio, entre lençóis brancos num quarto do melhor hotel da cidade. Outras imagens lhe passaram pela mente: o Madruga de uniforme de zuarte… O Pudim atracado com o Maciste Brasileiro na pista de danças dos Caçadores… De novo pensou na família, em Flora e de novo "viu" os olhos de Alicinha cheios de pavor… "Ele vai morrer!" Ficou um instante a ouvir os grilos. Lembrou-se de que, quando menino, ele descobria um certo parentesco entre os grilos e as estrelas. Não. O que ele imaginava era que se as estrelas fossem bichos e cantassem, sua voz teria um som raspante, de vidro, como o cricrilar dos grilos. Bobagens!

Aquela noite sonhou que, na sua indumentária de revolucionário, andava a caminhar por uma rua de Paris, constrangedoramente consciente de seu aspecto exótico e do fato de que não tomava banho havia uma semana. Os que passavam por ele miravam-no com estranheza, franziam ou tapavam o nariz. E o pior era que ele, Cirano de Cambarac, tinha um nariz imenso e era por isso que sentia mais forte o próprio fedor. A rua parisiense era ao mesmo tempo, inexplicavelmente, um corredor de campanha, entre dois aramados. Decidiu entrar numa loja para comprar um frasco de Chantecler para se perfumar. Sentiu que não poderia pronunciar uma só palavra, pois tinha esquecido todo o francês que sabia, só se lembrava que un abbé plein dapfétit a traversé Paris sans soufer. Sua língua era de charque e pesava como chumbo. Aproximou-se do balcão, mas já não estava numa loja da Rue de Ia Paix e sim na casa do Pompílio Fúnebres Pitombo, que preparava um pequeno caixão branco para um anjo. Quis perguntar para quem era o esquife, mas o medo da resposta lhe trancou a voz na garganta. Pitombo, sem olhar para ele, compreendeu a pergunta e explicou: "Mas não lhe deram a notícia? É para a finada Alice, sua mãe". Então ele compreendeu que estava órfão e começou a chorar.

Maria Valéria sempre lamentara que os homens não tivessem

juízo suficiente para resolverem suas questões - as políticas e as outras - sem duelos ou guerras. No entanto não podia ver Aderbal Quadros sem se perguntar a si mesma por que não estava ele também na coxilha, de armas na mão, ao lado do genro e dos amigos.

Seria por causa da idade? Não podia ser, porque primo Licurgo era mais velho que o pai de Flora. Por que era, então? Ela mesma acabava se dando a resposta: "O velho é de paz, não gosta de briga". E declarava-se satisfeita, embora tornasse a se fazer a mesma pergunta na próxima vez que encontrava Babalo.

Muita gente em Santa Fé fazia a mesma pergunta mas nem todos encontravam a resposta esclarecedora. Na rodinha de chimarrão que continuava a reunir-se todos os dias à porta da Casa Sol, um dia alguém puxou o assunto.

— E que me dizem do velho Babalo? Votou no Assis, quer que o Chimango caia mas não vai pra revolução. É um pé-frio, um covarde!

O Veiga saltou do seu canto, de cuia em punho: - Alto lá! - exclamou. — Covarde? Você não conhece o Babalo como eu.

Se conhecesse não dizia isso. Em 93 ele não brigou, é verdade, mas houve um combate brabo na frente da casa dele, e numa certa hora o Babalo espiou pela janela e viu um homem caído na rua, sangrando mas ainda vivo. Pois sabem o que fez? Abriu a porta, saiu, e no meio do tiroteio, entre dois fogos, o dos pica-paus e o dos maragatos, as balas passando zunindo por ele, o velho levantou o ferido, botou o homem nas costas, voltou pra casa e salvou-lhe a vida. E tudo isso naquele seu tranquito de petiço maceta. Você acha então que um homem desses pode ser considerado covarde?

A verdade era que muitos sabiam de "causos" que provavam que Aderbal Quadros não só tinha coragem física como também presença de espírito e uma pachorra imperturbável.

— Conhecem a história do velho Babalo com o correntino? E lá vinha o caso. Um dia, no tempo em que ainda fazia tropas, Aderbal Quadros entrou numa venda, acercou-se do balcão, cumprimentou alegremente o bolicheiro e os fregueses que estavam por ali conversando e bebendo, e pediu um rolo de fumo.

Um sujeito crespo, bigodudo e mal-encarado, um tal de Pancho Gutiérrez, bebia o seu terceiro copo de caninha. Argentino, natural de Corrientes, estava refugiado no Brasil. Tinha fama de valente e de bandido e dizia-se que estava sendo procurado pela

polícia de seu país como responsável por nada menos de dez mortes. Ao ver Babalo, o correntino cutucou-o com o cotovelo e disse: - Lê ofrezco un trago.

Babalo voltou a cabeça e examinou o outro. Pancho Gutiérrez tinha mais marcas na cara do que porta de ferraria, e estava armado de adaga e pistola.

Babalo tocou com o dedo na aba do chapéu e respondeu: - Muitas gracias, vizinho, mas não bebo. O castelhano virou bicho: - Pêro usted me insulta! - exclamou, mordiscando o barbicacho. Bateu no balcão com o cabo do rebenque e gritou para o bolicheiro: - Otra cana!

O bolicheiro serviu a bebida. O castelhano empurrou o copo para perto de Babalo e, já com a cara fechada, ordenou: - Tome!

Babalo não perdeu a calma.

— Gracias, mas já disse que não bebo.

O correntino recuou dois passos e puxou a adaga. O dono da venda correu para o fundo da casa. Os outros homens foram se retirando. Só dois ficaram a um canto, neutros, mas vigilantes.

— Deféndase! - bradou o castelhano. — No peleo con hornbre desarmado!

A todas estas, brandia a adaga na frente do nariz do outro. Aderbal pediu-lhe que tivesse calma, pois não pagava a pena brigar por tão pouco. Virou-lhe as costas, pegou o rolo de fumo e ia sair quando o Pancho Gutiérrez gritou: - Covarde! Sinvergiienza! Hijoeputa!

Babalo sentiu esta última palavra como uma chicotada na cara. Estacou, vermelho, agarrou o copo e, num gesto rápido, atirou a cachaça na cara do castelhano, e enquanto este esfregava os olhos, zonzo, arrancou-lhe a adaga da mão e, antes que ele tivesse tempo de tirar o revólver, aplicou-lhe com tal violência um soco no queixo, que o correntino caiu de costas, bateu com a nuca no chão e perdeu os sentidos.

— Vá embora o quanto antes! - disse-lhe um dos homens - senão o castelhano lê mata quando acordar.

Aderbal, porém, já se encontrava ajoelhado ao pé do outro, tentando reanimá-lo. Estava desconcertado, infeliz, envergonhado de si mesmo.

— Será que lastimei mesmo o moço? Que barbaridade! Sou um bagual!

Os outros insistiam para que ele fugisse o quanto antes.

— Vossuncê não sabe com quem se meteu. Esse correntino é capaz de lê beber o sangue!

— E se ele está morto? - perguntou ainda Aderbal.

— Qual morto! Não vê que o homem está respirando? Vá embora, se tem amor à pele.

Babalo retirou-se, com relutância, lentamente. Parou à porta da venda, voltou-se, soltou um suspiro e murmurou: - As coisas que um homem é obrigado a fazer na vida! Os senhores me desculpem. Não tive a intenção. E não façam mau juízo de mim. Não foi nenhuma implicância da minha parte. É que não bebo mesmo.

Montou a cavalo e se foi.

O espírito pícaro de Aderbal Quadros era também muito conhecido em Santa Fé. Atribuía-se-lhe, entre outros casos, o seguinte diálogo.

Estava o velho picando fumo, a conversar corn dois moços, quando um destes lhe perguntou: - Qual é a sua opinião sobre a barba-de-bode?

Babalo entrecerrou os olhos, hesitou um instante, e depois disse: - A barba-de-bode é flor de pasto, porque nunca morre nem em tempo de seca, e assim o gado tem sempre o que comer. Campo com barba-de-bode é campo mui valorizado…

Os rapazes se entreolharam espantados sem saber se o velho falava sério ou não. Aderbal piscou o olho para um tropeiro que os entreouvia.

A conversa mudou de rumo mas de novo voltou para assuntos campeiros. Um dos moços perguntou: - Seu Babalo, que me diz dos campos do coronel Teixeira? O velho, sem pestanejar, respondeu: - Não prestam. Pura barba-de-bode!

Disse isso e retirou-se apressado, como quem de repente se lembra de que tem algo de urgente a fazer.

Rodrigo já havia observado que, depois de soltar uma piada ou contar o desfecho duma anedota, o sogro se afastava dos interlocutores, sob risadas, como um ator que sai de cena. Sim, Aderbal Quadros tinha o senso dramático, embora nunca houvesse entrado num teatro em toda a sua vida.

Caminhava gingando, como se tivesse uma perna mais curta que a outra.

Um dia alguém perguntou a dona Laurentina: “Por que é que seu marido rengueia assim? Algum defeito na perna?” Ela sacudiu a cabeça e respondeu: “Qual! É pura faceirice do velho”.

Depois de ter sido o estancieiro mais rico da Região Serrana, Babalo perdera seu dinheiro, seu gado e seus bens de raíz numa sucessão de negócios infelizes, ficando sem vintém. Arrendava agora nos arredores da cidade uma chácara de seis hectares - o Sutil - onde plantava linhaça, milho e hortaliças, criava galinhas e porcos, e tinha alguns cavalos e vacas leiteiras. Era lá que, no dizer de dona Laurentina, o marido “brincava de estancieiro”. Punha nome de gente nas suas flores e árvores. As flores levavam o nome de moças e senhoras de suas relações.

As árvores eram batizadas com os nomes de grandes homens do Rio Grande.

Com relação aos negócios, Aderbal Quadros sempre achara o lucro uma coisa indecente, e dava pouco ou nenhum valor ao dinheiro. Uma das razões por que perdera a fortuna fora seu incurável otimismo, sua incorrigível falta de habilidade comercial, sua

inabalável confiança na decência inata do homem. Recusava-se, em suma, a acreditar na existência do mal. Estava sempre disposto a encontrar desculpa para os que transgrediam a lei. Só não tolerava a violência.

Vinha dum tempo em que fio de barba era documento, e por isso nos seus anos de prosperidade emprestara dinheiro sem juros, sob palavra, sem exigir nenhum papel assinado. Isso contribuíra em grande parte para a sua ruína.

Aderbal tinha uma grande veneração, um comovido respeito (que raramente ou nunca se traduzia em palavras, fórmulas ou preceitos) por todas as expressões de vida. Detestava a brutalidade e tudo quanto significasse destruição e morte. Jamais caçara e não permitia que se caçasse em suas terras. Acolhia no Sutil todos os cachorros sem dono que lhe apareciam ou que ele recolhia nas ruas de Santa Fé. Curava-lhes a sarna, encanava-lhes as pernas quebradas, pensava-lhes as feridas - conforme fosse o caso - e imediatamente adotava o animal. Os que lhe conheciam todas essas “esquisitices”

diziam: “Deve ser alguma doença”.

Católico por tradição, Babalo jamais ia à missa e não levava padre muito a sério. Só entrava em igreja para assistir à missa de sétimo dia, encomendação de defunto, casamento ou batizado. Acreditava na existência de Deus, isso sim, achava que o Velho devia ser “uma pessoa de bons sentimentos e bem-intencionado” mas que às vezes por distração, excesso de preocupações ou qualquer outro motivo, descuidava-se da terra e dos homens, permitindo que aqui embaixo acontecessem injustiças e barbaridades.

Tinha horror às máquinas, que considerava a desgraça do mundo. Achava o aeroplano “uma indecência” e esperava que essa engenhoca jamais viesse sujar os céus de Santa Fé, pois já bastava o automóvel, que fazia barulho, empestava o ar, e assustava pessoas e bichos.

Contava-se que nos tempos de tropeiro costumava dormir dentro dos muros dos cemitérios campestres, por serem esses lugares mais seguros e em geral abrigados dos ventos.

— E se um dia lê aparecesse algum fantasma, seu Babalo - perguntou-lhe alguém - que era que o senhor fazia?

— Ora - respondeu o velho - eu olhava pra ele e perguntava: “Que é que vassuncê ganha com isso, meu patrício?” O fantasma não achava resposta, encabulava… e desaparecia.

Naquela tarde de fins de abril, Aderbal Quadros atravessava a praça da Matriz, rumo do Sobrado, para a sua costumeira visita semanal. Vendo uma aglomeração na frente da Intendência, pensou: Lá está o Madruga com suas potocas. A dar crédito às notícias que o intendente mandava afixar no seu quadro-negro, os revoluccionários andavam de derrota em derrota e a revolução não duraria nem mais

um mês.

Parou para bater o isqueiro e acender o grosso cigarro de palha que tinha entre os dentes. Ficou chupando o crioulo, soltando baforadas, pensando… Tinha de reconhecer que apesar de algumas vitórias animadoras e de algumas localidades ocupadas, o Exército Libertador tivera aquele mês alguns reveses feios. Havia tentado, mas sem sucesso, apoderar-se de Uruguaiana. As forças legalistas tinham retomado Alegrete. O general Honório Lemes e o dr. Gaspar Saldanha se haviam desentendido e isso entre correligionários, em tempo de revolução, era mau, muito mau. A todas essas o diabo da intervenção federal não vinha.

O que vinha mesmo era o inverno, que já se anunciava num ventinho picante.

Babalo cuspiu sobre a grama dum canteiro e retomou caminho. Um cachorro correu para ele e começou a fazer-lhe festas. Eles me conhecem… - pensou o velho com um sereno contentamento. Acocorou-se; acariciou a cabeça do animal, alisou-lhe o pelo do lombo e depois continuou a andar na direção do Sobrado. Deu uns dez passos, olhou para trás e sorriu. O vira-lata o seguia, como ele esperava.

Quando entrou no redondel da praça viu uma cena que o fez estacar, chocado. Dois soldados do Corpo Provisório local, ambos com a espada desembainhada, perseguiam um homem que corria a pouca distância deles.

Babalo apertou os olhos e reconheceu o perseguido. Era Arão Stein. Tinha perdido o chapéu, seus cabelos fulvos lampejavam ao sol. Aderbal ficou por um momento sem saber o que fazer. Viu o rapaz tropeçar e cair de borco, com a cara no chão. Num segundo os "provisórios" estavam em cima dele e o mais graduado - um sargento - lhe aplicava com força um espadaço nas costas. Babalo precipitou-se rengueando na direção dos homens e, quando o sargento ergueu a espada para um novo golpe, o velho segurou-lhe o braço com ambas as mãos e manteve-o no ar, ao mesmo tempo que gritava: "Parem com esta barbaridade!" O outro soldado levantou o judeu do chão e prendeu-lhe ambos os braços às costas, imobilizando-o.

Stein arquejava, lívido. Dum dos cantos de sua boca escorria um filete de sangue. "Bandidos! - vociferou. — Assassinos! Mercenários!" Babalo reconheceu no sargento, cujo braço ainda segurava, um antigo peão de sua estância.

— Maneco Pereira da Conceição! - exclamou ele, escandindo bem as sílabas. — Filho dum maragato, veterano de 93. Que bicho te mordeu? Como foi que te botaram essa roupa infame no corpo? Se teu pai te visse, morria de vergonha.

O outro baixou a cabeça e o braço.

— São dessas coisas, seu Aderbal - murmurou.

— Que crime cometeu este moço? Stein adiantou-se: - Querem me levar à força para o Corpo Provisório, seu Aderbal. — O sangue escorria-lhe pelo queixo, pingava-lhe no peito, manchando a camisa. Uma mecha de cabelo caía-lhe sobre os olhos. — Não vou! Me recuso! Protesto!

— Larguem o rapaz - ordenou Aderbal.

— Estamos cumprindo ordens - explicou o sargento, ainda sem coragem para enfrentar o ex-patrão.

— Ordens de quem?

Naquele instante um tenente do Corpo Provisório, que se aproximara do grupo, inflou o peito e falou grosso: - Ordens minhas!

Babalo voltou a cabeça e mirou o outro de alto a baixo. O rapaz teria uns vinte e poucos anos, era alto e magro, e estava enfarpelado num uniforme cortado a capricho, com talabarte novo; suas botas de cano alto reluziam. Uma grande espada lhe pendia do lado esquerdo do cinturão, ao passo que no direito uma Parabellum escurejava, ameaçadora.

Um grupo de curiosos estava agora reunido em torno daquelas cinco figuras. Aderbal compreendeu logo que o tenentezinho estava representando para o público. O vira-lata, a todas essas, continuava a andar, saltitante, ao redor do ex-tropeiro.

— Como vais, Tidinho? - perguntou este último. Conhecia o tenente desde que ele nascera. — Como vai a tua mãe? Como é que ela te deixa andar fantasiado desse jeito?

Ouviram-se risinhos em torno.

— Meu nome é Aristides - corrigiu o outro, de cenho franzido. E acrescentou, autoritário: - Fui eu que dei ordens para agarrar esse judeu.

Babalo sorriu, pegou o cigarro apagado que havia posto atrás da orelha, bateu o isqueiro, acendeu o crioulo e só depois de tirar a primeira baforada é que, encarando de novo o oficial, disse com toda a calma: - Não sei se te lembras, menino, que há mais ou menos uns dós mil anos os soldados dum tal de Pilatos agarraram um homem pra maltratar. Esse homem era também um judeu, tu sabias?

O tenentezinho deu um passo à frente: - Levem esse sujeito pra Intendência!

Os olhos de Stein fitaram-se em Aderbal Quadros, que disse: - Se levarem ele, têm de me levar a mim também.

— O senhor está me criando dificuldades - murmurou o tenente, já não muito seguro de si mesmo - E o senhor - retrucou Aderbal - está desrespeitando a Constituição!

Vou falar com o comandante da Guarnição Federal.

Pela expressão dos olhos do tenente, via-se que ele estava

indeciso.

Aproximou-se de Stein, ainda numa tentativa de manter sua autoridade, e exclamou: - Vamos!

Babalo tocou no braço do soldado que prendia Arão Stein: - Largue o outro, menino!

Estas palavras foram ditas num tom de tão enérgica autoridade paternal, que o "provisório" obedeceu imediatamente. Aderbal tomou do braço de Stein, olhou para o tenente e disse: - Sabes duma coisa? Quando tu eras pequeninho te peguei no colo, muita roupa me molhaste. Não me venhas agora com ares de herói, que não te recebo.

Disse isso e se foi, conduzindo Stein na direção da calçada, sob o riso dos espectadores. O vira-lata os seguia sacudindo o rabo. O sargento continuava de olhos no chão. O soldado parecia muito desmoralizado.

— Um momento! - gritou o oficial, levando a mão à espada.

Babalo voltou-se e, com o cigarro colado ao lábio inferior, disse, calmo: - Cuidado, Tidinho, tu ainda vais te machucar com essa arma.

O tenente ficou vermelho, olhou em torno e, numa satisfação àquelas testemunhas todas, exclamou: - Ah! Mas isto não vai ficar assim!

Saiu, pisando duro, na direção da Intendência, seguido pelo soldado. O sargento ficou onde estava, meio encalistrado. Depois, como um conhecido se aproximasse dele, justificou-se: - Não vê que fui peão do seu Babalo. Flor de homem! Mesmo que um pai.

Como é que eu ia desacatar ele? Nem que me matassem.

E enfiou com muita dificuldade a espada na bainha.

Aderbal Quadros entrou com Arão Stein no Sobrado e contou às mulheres o que acabara de acontecer. Flora, toda trêmula, fez o judeu sentar-se.

— Que é isso na boca? - perguntou.

— Caí e acho que quebrei um dente. Os bandidos me deram um espadaço nas costas.

Fizeram-no deitar no sofá, tiraram-lhe o casaco e a camisa. Sobre a pele branca, de poros muito abertos, desenhava-se um vergão arroxeado, que inchava. Maria Valéria gritou para Laurinda que preparasse um café para o moço.

Inclinou-se para examinar o ferimento, sacudiu a cabeça e exprimiu toda a sua pena numa frase: - Pobre do João Felpudo!

E em seguida teve ímpetos de pegar uma tesoura de tosquiar e, aproveitando a oportunidade, cortar as melenas do rapaz.

Poucos minutos depois, Dante Camerino entrou no Sobrado na companhia de Roque Bandeira. O primeiro examinou Stein com cuidado e por fim disse: - Nada de sério. O pior deve ter sido o susto.

O judeu parecia muito constrangido por estar seminu diante das

mulheres. Tornou a vestir a camisa, olhou para o doutor e disse: - Não fiquei assustado, mas indignado. É diferente.

— Está bem - disse Camerino. — Vamos aplicar umas compressas de água vegetomineral nas costas. Faça uns bochechos de água oxigenada e amanhã vá ao dentista.

Stein ergueu os olhos para Roque e perguntou-lhe em tom fúnebre: - Não quiseram te pegar também?

— Quiseram - sorriu o outro. — Chegaram a me levar à Intendência.

Declarei que sou míope e tenho os pés chatos. A primeira declaração é falsa; a segunda verdadeira. Me soltaram sem fazer exame médico. Viram logo que eu ia dar um mau soldado.

Leocádia trouxe o café, que Stein bebeu tremulamente, em lentos goles que pareciam descer-lhe com dificuldade pela garganta.

Dante Camerino transmitiu às mulheres as notícias que tivera aquele dia da Coluna Revolucionária de Santa Fé.

— Reuniram-se provisoriamente às forças de Leonel Rocha, entraram juntos no município de Cruz Alta e tomaram Neu-Württemberg. Depois se separaram e a nossa gente marchou para lugar ignorado…

E como lesse uma interrogação ansiosa nos olhos de Flora, acrescentou: - Não se preocupe. O dr. Rodrigo, o coronel Licurgo, o Toríbio e os outros amigos estão todos bem. A Coluna não teve ainda nenhuma baixa.

Aderbal Quadros subiu para ver as crianças. Levava-lhes como de costume caramelos e cigarrinhos de chocolate. No quarto onde os netos brincavam, ajoelhou-se para fazer a distribuição. Quando se viu cercado por Jango, Edu, Sílvia e Bibi, pensou satisfeito: Os meus cachorrinhos.

Zeca, como um vira-lata sem dono, aproximouse, na esperança de receber também sua ração.

Naquele mesmo dia a Coluna comandada por Licurgo Cambará reentrava no município de Santa Fé. Rodrigo pensava nas horas que haviam passado em Neu-Württemberg, colônia alemã pertencente ao feudo político do general Firmino de Paula. Tivera lá a oportunidade de tomar um banho, comer boa comida, dormir em cama limpa, e ter mulher… Havia passado mais de um mês numa castidade forçada que era apenas do corpo, nunca do espírito.

Pensava constantemente em mulher, como um adolescente. Ruminava passadas aventuras e prazeres.

Agora aqui estavam de novo nos campos de Santa Fé, sob um sol dourado, sem saberem exatamente para onde iam. Em NeuWürttemberg haviam tido oportunidade de requisitar armas e munição de boca e de guerra. Toríbio encantara-se numa colona de

ancas calipígicas e levara-a para o quarto de seu hotel, meio à força, desmentindo pelo menos em parte os seus princípios de que para o ato do amor só aceitava "voluntárias". Passara cinco horas com ela na cama e depois, sempre acompanhado da viçosa companheira, fora para um café encharcar-se de cerveja. O dr. Miguel Ruas conseguira organizar um grande baile puxado a gaita e no qual, ainda arrastando uma perna, brilhara dançando valsas, polcas, mazurcas e xótis. Tivera um rival sério em Chiru, que as moças pareciam preferir, pois com sua basta cabeleira e sua flamante barba loura, grandalhão e exuberante, parecia um viking extraviado no tempo e no espaço. Pedro Vacariano também atraíra a atenção das moças do lugar, o que deixara Rodrigo um tanto irritado, pois sua má vontade e desconfiança para com o caboclo continuavam.

E agora, de novo em marcha, Rodrigo recordava todas essas coisas.

Liroca, encolhido sob o poncho, cavalgava a seu lado.

— Você fez uma conquista bonita - disse ele após um longo silêncio.

Rodrigo voltou a cabeça: - Eu? Como?

— A dama da casa-grande.

— Ah!

Sim, ele arranjara também uma "namorada" em Neu-Württemberg. E agora recordava a história, enternecido… Fora convidado à casa de Frau Wolf, uma senhora de quase oitenta anos, viúva do mais importante industrialista do lugar, matriarca dum numeroso clã. Vivia numa grande casa de madeira, de tipo bávaro, no meio de árvores, flores, filhos, filhas, genros, noras e netos; e livros, muitos livros. Recebeu Rodrigo com uma graça de castelã antiga, ofereceu-lhe café com leite com bolos e *Apfelstrüdel*, e mais tarde, ao fim da visita, vinho do Reno. Mostrou-lhe a Bíblia da família, impressa no século XVIII; falou-lhe de seus autores prediletos e acabou recitando Heine e Goethe, "para o senhorr sentirr a música da língua alemã". Entardecia quando a velhinha se ergueu da sua poltrona, encaminhando-se para um pequeno órgão de fole que se achava a um canto da sala. Sentou-se junto dele, estralou as juntas das mãos e pôs-se a tocar um trecho de Bach. Rodrigo estava maravilhado, com a impressão de ter entrado num outro mundo. Aquela senhora vestida de negro, os cabelos brancos penteados à moda do fim do século passado, os móveis, os bibelôs, os quadros, a louça daquela casa, o cheiro de madeira envernizada que andava no ar - tudo lhe evocava uma Alemanha que ele apenas conhecia através da literatura e de gravuras de revista.

Ao despedir-se de Frau Wolf, no alpendre, beijou-lhe a mão. E, para mais uma surpresa sua, as únicas palavras de despedida da velha

dama foram uns versos de Alfred de Musset, que ele conhecia dos tempos de academia: Beau chevalier qui partez pour Ia guerre, Qu 'allez-vous faire Si loin d'ici?

Voyez-vous pás que Ia nuit est profonde, Et que lê monde N'est que souci?

Desceu a escada com lágrimas nos olhos.

Depois dessa comovedora visita - continuava Rodrigo a pensar - fora em companhia do pai encontrar-se com o general Leonel Rocha, na casa onde este se hospedava. O chefe maragato recebeu Licurgo com uma simplicidade afável: - Pois já tinha ouvido falar no senhor… - disse, ao apertar a mão do chefe da Coluna Revolucionária de Santa Fé.

Licurgo cumprimentou-o friamente. E depois, ao ouvir os elogios pessoais que o outro lhe fazia, remexeu-se na cadeira, num visível mal-estar.

O comandante federalista transmitiu ao companheiro as notícias que tinha das operações em outros setores do Estado. O general Honório Lemes andava “fazendo estripulias lá pras bandas do Alegrete”. Era vivo e valente, conhecia o terreno como ninguém, e quando a coisa apertava ele se enfurnava no cerro do Caverá, onde o inimigo não ousava atacá-lo.

— O que tem atrapalhado o homem - continuou Leonel Rocha - é a falta de munição. O resto ele tem. Ainda há pouco manteve cercada a tropa do coronel Claudino, mas não atacou por falta de munição. É uma lástima!

— E o senhor dum modo geral considera a situação boa para nós, general? - perguntou Rodrigo, já que o pai se mantinha calado.

— Pois, amigo, sou um homem rude mas com alguma experiência de revolução. Briguei em 93, tenho andado sempre envolvido com esses pica-paus. Acho que o negócio até que vai bem… Não ouviram a última?

O general Portinho tomou Erexim e deu uma sumanta nos provisórios em Quatro Irmãos. Me informaram que as forças do governo perderam mais de cinquenta homens…

Havia ainda outras boas notícias. Os assisistas tinham tomado Dom Pedrito, e Zeca Neto por algumas horas ocupara a vila de São Jerônimo, "nas barbas do Borges. Contou também que o caudilho uruguaio Nepomuceno Saraiva havia invadido o Estado, com um grupo de compatriotas, tendo se juntado às forças de Flores da Cunha.

Neste ponto a face do velho guerrilheiro ensombreceu, e foi com voz velada que ele disse: r - É uma barbaridade. Aceitarem o auxílio de mercenários estrangeiros, para ajudarem a matar nossos irmãos!

— Mas o senhor se esquece - replicou Licurgo - que em 93 os federalistas pediram o auxílio do bandido Gumercindo, tio desse

mesmo Nepomuceno que agora está ajudando os borgistas…

Nesse instante Rodrigo gelou. A coisa estava ficando feia… Juquinha Macedo, que comparecera também à conferência, interveio providencialmente: - A Revolução de 93 acabou, companheiros, são águas passadas. — E desconversou: - Me diga uma coisa, general, o senhor acha muito arriscado atacar Santa Fé, agora?

O caudilho de Palmeira olhou pensativamente para a ponta do cigarro e depois respondeu: - Bueno, pode ser meio cedo, mas impossível não é. Ouvi dizer que a tropa do Madruga, além de ruim, agora vai ficar desfalcada, pois o Firmino de Paula lhe pediu quinhentos homens para guarnecer Cruz Alta e Santa Bárbara…

De toda a conversa uma coisa ficara, nítida e imutável. Era impossível a incorporação definitiva da Coluna de Santa Fé às tropas de Leonel Rocha. Licurgo Cambará jamais se submeteria ao comando dum federalista.

Pensando em todas essas coisas, Rodrigo sorria. Desde a pequena escaramuça que haviam tido ao se aproximarem de NeuWürttemberg, o velho Liroca andava taciturno, meio arredio. Uma parte da Coluna tinha sido atacada de surpresa por uma patrulha do Corpo Provisório de Cruz Alta, que os obrigara a apear dos cavalos e entrincheirar-se atrás da cerca de pedra dum cemitério. Balas zuniam no ar, uma delas bateu em cheio na ponta duma cruz, derribando-a. Outra destruiu o ninho que um joão-de-barro construíra na forquilha duma árvore. Rodrigo brigava com alegria, atirando com sua Winchester. Era o seu primeiro combate e ele estava alvorotado, desejando já que a coisa fosse maior, mais séria.

Liroca, agachado a seu lado em cima duma sepultura rasa, tremia debaixo do poncho, batia queixo com tanta força que era possível ouvir o rilhar de seus dentes, apesar das detonações.

Que é isso, Liroca? - perguntou Rodrigo em dado momento, sem olhar para o amigo, e atirando sempre.

— É a maleita - respondeu o velho, com voz trêmula.

— Te deita, então. É só uma patrulha. E o esquadrão do Bio vem aí.

Voltou-se para seus comandados e gritou: - Cessar fogo!

Corriam agora o perigo de alvejar os próprios companheiros. Ouvia-se o tropel da cavalaria de Toríbio: o chão vibrava como um tambor. O cemitério ficava no alto duma coxilha, e ali de trás da cerca de pedra, Rodrigo assistiu a um espetáculo que lhe fez bem ao peito. Hip! Hip!

Hip! - gritavam os cavalarianos. Atiravam-se de lanças enristadas em cima da patrulha legalista, que de repente cessou fogo e precipitou-se, declive abaixo, largando as armas. O tenente que a comandava foi o primeiro a fugir. Ficaram apenas dois soldados de

joelho em terra, atirando ainda. Um deles não tardou a cair. O outro conseguiu derrubar com um tiro um dos cavalos, que projetou longe o cavaleiro. Mas o negro Cantídio, que vinha na frente do piquete, espetou o atirador na sua lança. Já os cavaleiros restantes alcançavam os outros soldados, que caíam sob o golpe das espadas e lanças. Toríbio fez questão de agarrar o tenente. Laçou-o quando ele ia cruzando uma sanga e trouxe-o a cabresto, coxilha acima. A encosta estava juncada de feridos e mortos. O lanceiro revolucionário que caíra do cavalo tinha quebrado o braço. O animal estava morto. Tiraram-lhe os arreios e deixaram-no no campo. Não havia ternpo para enterrá-lo.

— Os urubus que tenham bom proveito! - gritou alguém. E a Coluna retomou a marcha na direção de Neu-Württem- berg, levando os prisioneiros. Tinham agora mais vinte Mausers e trezentos e cinquenta tiros.

De quando em quando Rodrigo olhava de soslaio para Liroca. Como era possível compreender aquele homem? Tinha pavor de tiro e no entanto insistira em vir para a coxilha. Sua covardia era notória, vinha de 93. Tinha agora idade suficiente para ficar em casa sem desdouro. Mas recusava-se a isso. Parecia fascinado pelo lenço encarnado e tudo quanto ele significava. Para ele, decerto, ser maragato era algo de mágico. Se não tivesse vindo, viveria envergonhado, sem paz de consciência. “Não sei como esse velho coração aguenta todas as emoções de guerra” - refletiu Rodrigo. Tornou a olhar para o velho, dessa vez com admiração, porque de repente lhe veio uma dúvida. Afinal de contas não seria José Lírio o mais verdadeiramente corajoso de todos eles?

Quando acamparam aquela noite, Rodrigo discutiu o assunto com Toríbio.

Estavam ambos deitados lado a lado, sobre os pelegos, num campo de craguatás. Era uma noite fria e límpida. À luz da lua cheia, os pendões das ervas-brancas pareciam cobertos de neve.

— Sempre considerei o velho Liroca um homem de valor - disse Toríbio, mordiscando um talo de grama. Depois duma pausa acrescentou: - Te garanto que o perigo me dá uma espécie de gozo, como dormir com uma mulher bonita. Quero dizer: quase…

Rodrigo já não lhe prestava mais atenção. Olhava para as estrelas e pensava na filha. Como seria bom tê-la agora nos braços, beijar-lhe os cabelos, niná-la…

— Estou com uma saudade danada - murmurou ele. — Da Flora, dos meus filhos, da minha casa…

— Por isso é bom não ter família. Quando um homem pensa na mulher ou nos bacuris começa a se cuidar e acaba ficando um medroso, não se arriscando nunca. Sempre achei que solteiro briga

melhor que casado.

— Bobagem. E depois, Bio, há no mundo coisas melhores do que brigar.

— Pode ser… não discuto. Mas o homem sempre tem andado em duelos e guerras, desde o princípio do mundo. A gente tem de estar preparado.

— Qual! Estás inventando essa filosofia para justificar teu prazer de pelear.

— Pode ser… Mas tu mesmo gostas de brigar, não vais me dizer que não…

Rodrigo ficou pensativo por um instante.

— Confesso que gosto. Palavra, na hora daquele tiroteiozinho me senti feliz. O que não me agrada é esta sujeira, este desconforto…

— A vida de cidade te amoleceu. Isso está acontecendo com muitos filhos de estancieiros. Vão para Porto Alegre, para o Rio, ou para Paris, como o Terêncio Prates, ficam uns almofadinhas, beijam as mãos das damas, se perfumam, quando voltam trocam a bombacha pelo culote, vêm com inovações e frescuras… São uns bundinhas, não valem mais um caracol. Isso é ruim pró Rio Grande. Compara esta nossa revoluçãozinha mixe com a de 93. Naquele tempo, sim, se brigava de verdade, morria mais gente, não andava um fugindo do outro. Maragatos e pica-paus iam pra coxilha pra matar ou morrer.

Rodrigo olhava para a lua.

— Bom - disse - acho que isso é um sinal de que nossa gente se humaniza. Ainda não ouvi falar em nenhum degolamento nesta revolução.

— Inocente! Tem havido vários. Menos que em 93, mas tem havido.

Precisamos dar tempo à rapaziada…

— Brigar é bom, mas matar é horrível. Mesmo quando se trata de nosso pior inimigo. É por isso que eu nunca poderia fazer parte do teu esquadrão de lanceiros. Matar um homem com uma bala, de longe, é uma coisa. Matar de perto, varar o peito de alguém com a lança ou a espada, sentir quando o ferro entra na carne, ver o sangue, ah! isso deve ser pavoroso.

— Não sou nenhum bandido, meu prazer está na ação, no movimento e não em matar. Mas uma coisa a gente não deve esquecer: se não matamos o inimigo, ele nos mata.

— Sabes do melhor? Vamos dormir.

Maria Valéria costumava ler os jornais todos os dias, com os óculos acavalados no longo nariz. Flora gostava de observá-la nessas ocasiões.

A velha não podia ler sem mover os lábios. De vez em quando fazia um comentário em voz alta - hum! - encolhia os ombros -

mentira! - ou sacudia a cabeça - boa bisca! - e assim por diante…

Naquela tarde de maio a Dinda lia o Correio do Povo, sentada na sua cadeira de balanço, enquanto Flora bordava a seu lado. As crianças brincavam no vestíbulo, numa grande algazarra.

— Vão pró quintal! - gritou a velha. — Não posso ler, com esse barulho.

Flora ergueu-se para fazer que os filhos cumprissem a ordem. Ao passar pela sala de visitas, surpreendeu Sílvia sentada na frente do retrato de Rodrigo, as mãos pousadas no regaço, uma névoa triste nos olhos. Quando deu pela presença da madrinha, ficou perturbada, como se a tivessem pilhado a roubar doces na despensa. Flora compreendeu tudo e comoveu-se.

— Minha querida! - exclamou. — Que é que está fazendo aqui sozinha?

Vai lá pra cima brincar com a Alicinha.

Quando voltou para a sala de jantar, minutos mais tarde, Maria Valéria lançou-lhe um olhar por cima dos óculos e perguntou: - Que bicho será este?

— Que bicho?

A velha tornou a baixar o olhar para o jornal e leu: - Habeas-corpus. Todo o mundo está pedindo esse negócio.

— Ah! Deve ser coisa de advogado. O Rodrigo uma vez me explicou.

Parece que é para tirar uma pessoa da cadeia.

— Hum…

Muitos assisistas tinham sido presos em Porto Alegre e outras localidades do Estado: jornalistas, políticos e gente do povo. A coisa ficava cada vez mais preta.

A Dinda ergueu-se, brusca, amassou com raiva o jornal e atirou-o em cima duma cadeira, como se aquelas folhas de papel fossem os principais responsáveis pela situação em que se encontrava o Rio Grande e o resto do mundo. Aproximou-se da janela e olhou para fora.

— Xii! - exclamou. — Estamos bem-arranjadas…

— Que foi que houve?

·- A dona Vanja vem nos visitar. Está atravessando a rua…

Flora sorriu. Maria Valéria embirrava com a tia de Chiru. Dona Evangelina Mena era uma velha limpinha e ágil, com algo de passarinho nos movimentos e no olhar. Grande ledora de novelas folhetinescas, falava difícil, empregava vocábulos e frases que a gente em geral só encontra em livros ou notícias de jornal. Era talvez a única pessoa em Santa Fé que usava palavras como alhures, algures e nenhures. Nunca pedia silêncio; sussurrava: Caluda! Quando queria estimular alguém, exclamava: Eiaí Sus! - Cáspite! era uma de suas interjeições prediletas. Para ela povo era sempre turbamulta; mãe,

genitora; vagalume, pirilampo; cobra, ofidio. Tinha seus adjetivos,

advérbios, substantivos e verbos arrumadinhos aos pares. Aspiração nunca se separava de lídima. Massa sempre andava junto com ignara. E podia haver uma coisa preparada que não fosse adrede? Sorrindo, Flora foi abrir-lhe a porta. Tinha uma ternura particular por dona Vanja.

Divertia-se e ao mesmo tempo comovia-se com essas peculiaridades da velhinha que tanto irritavam Maria Valéria.

E ali estava a criatura agora no portal do Sobrado, com seus olhos azuis de boneca, suas roupas imaculadas, um chapéu com flores e frutas de pano posto meio de lado na cabeça completamente branca. No rostinho enrugado e emurchecido, havia ainda uma certa graça e vivacidade de menina.

— Olaré!

Flora abraçou-a e beijou-a.

— Entre, dona Vanja. Mas suba devagarinho a escada. Maria Valéria recebeu-a com um simples aperto de mão e imediatamente seus olhos de Terra focaram-se, críticos, na tia de Chiru. Reprovava a maneira como ela se vestia. Só faltava botar bananas, laranjas e abacaxis como enfeites no chapéu! E verde-claro era lá cor que uma mulher velha e viúva usasse?

Dona Vanja sentou-se, pediu notícias de Licurgo e dos “meninos”.

Apesar de ter verdadeira adoração pelo sobrinho, não parecia muito preocupada por sabê-lo na revolução. Para ela, aquele movimento armado era apenas uma espécie de parada. Romântica, só via o lado glorioso das guerras. Recitava com frequência O estudante alsaciano, sabia frases célebres de grandes generais da história. Sonhava com ver Chiru voltar da revolução feito herói, “feliz, coberto de glória, mostrando em cada ferida o hino duma vitória” - como dizia o poema. Não lhe passava pela cabeça a ideia de que seu querido sobrinho pudesse ser morto. Preocupava-se um pouco, isso sim, com a possibilidade de o “menino” apanhar algum resfriado, a senhora sabe, “as marchas forçadas nessas estepes do Rio Grande, nos dias hibernais que se aproximam, as geadas branquejando as campinas infinitas… enfim, todas essas contumélias da sorte, inclusive o perigo de comer alguma fruta verde e ter algum distúrbio intestinal, que Deus queira tal não aconteça”.

— E você como vai? - perguntou-lhe Maria Valéria, sem o menor interesse.

A visitante disse que ia bem “graças ao Supremo Arquiteto do Universo”. (Era viúva dum maçom.) Ao dizer estas palavras alisou uma prega da saia. Depois abriu a bolsa bordada de contas de vidro coloridas e tirou de dentro dela um lencinho rendado recendente a patchuli. Soltou um suspiro.

— Mas estou muito triste, hoje… - murmurou.

— Que foi que aconteceu?

— Não leram então o Correio do Povo? Flora teve um sobressalto.

— Alguma notícia ruim?

— Muito ruim. Morreu a Jacqueline Fleuriot.

— Quem?

— Então não sabem? A personagem principal Da ré misteriosa, que o Correio estava publicando em folhetim. Apareceu hoje o último episódio.

O jovem causídico finalmente descobriu que a ré que ele defendia tão ardorosamente, por pura piedade, outra não era que sua própria genitora.

Muito tarde, tarde demais! Com a saúde minada por tantas emoções, a pobre Jacqueline, depois de abraçar o filho, entregou a alma ao Criador.

Maria Valéria e Flora entreolharam-se. Uma revolução convulsionava todo o Estado, irmãos se matavam uns aos outros nos campos e nas cidades, e ali estava dona Evangelina Mena com os olhos cheios de lágrimas por causa d'A ré misteriosa. Era demais! Maria Valéria sentiu a necessidade de fazê-la voltar à realidade.

— Fiz uns quindins hoje de manhã - disse. — Você quer? O rosto de dona Vanja resplandeceu.

— Adoro quindins! São como pequenos sóis, não é mesmo? ou como medalhões de ouro de algum potentado asiático, não acha?

Já de pé, a outra replicou: - Não acho. Pra mim, quindim é quindim. O principal é que esteja bem-feito.

Pronunciou estas palavras e marchou na direção da despensa.

No dia seguinte, ao entardecer, o coronel Barbalho apareceu fardado na casa dos Cambarás para dizer às mulheres que, embora a posição do Exército fosse de rigorosa neutralidade naquela "luta fratricida", ele considerava seu dever de militar e de brasileiro zelar pela segurança e tranquilidade de todas as famílias, sem distinção de credo político, e garantir a inviolabilidade de todos os lares, bem como os direitos civis de cada cidadão.

— Não permitirei abusos - disse, sentado muito teso na cadeira. — Quero saber se posso ser-lhes útil em alguma coisa.

Flora estava comovida com as palavras do comandante da guarnição. Não, não precisavam de nada especial, e ficavam muito gratas… Maria Valéria interrompeu-a: - O senhor sabe o que fizeram pró Arão? - perguntou. — Pois dês do dia que os provisórios quiseram agarrar o rapaz, achamos melhor ele ficar aqui em casa. Mas, que diabo! O vivente não pode passar o resto da vida escondido atrás de nossas saias.

O coronel engoliu em seco: - Já providenciei - disse. — Avistei-me com o coronel Madruga.

Prometeu não só deixar o moço em paz como também cessar esse recrutamento forçado, a maneador.

Fez-se um silêncio. Flora não encontrava assunto. O militar também não falava. Maria Valéria, que odiava uniformes, esfriava o visitante com a geada de seu olhar.

Naquela noite deram a notícia a Arão Stein, que ficou contente por saber que poderia voltar para casa. Maria Valéria também sentiu um desafogo. Gostava do judeu à sua maneira seca e secreta.

Durante os dias em que o tivera como hóspede, impacientava-se ante as visitas diárias de dona Sara, que, gorda, duma brancura de queijo caseiro, e arrastando as pernas de elefante, vinha "lamber a cria".

Ficava a um canto a choramingar, abraçada ao filho, lambuzando-lhe o rosto de beijos. Maria Valéria achava indecentes aquelas demonstrações exageradas de amor.

À noite, os Carbones também apareceram. Só dois assuntos despertavam realmente o interesse de Cario: cirurgia e culinária. Falava de ambos com o mesmo gosto, a mesma gula. As mulheres do Sobrado achavam difícil manter uma conversação com ele. Santuzza subiu para o andar superior, logo ao chegar. Costumava fazer dormir as crianças com suas canções de berço. Bibi adormeceu logo. Jango recusou-se a deixá-la entrar no quarto. Edu recebeu-a de má catadura, fechou os olhos enquanto a italiana, sentada na beira de sua cama, cantava baixinho. Depois de uns instantes abriu um olho e disse: "Não grita que eu quero dormir".

Para Alicinha, que estava deitada com a boneca ao lado, Santuzza contou histórias de gnomos, gigantes, príncipes e fadas - aventuras que se passavam em países estranhos, onde havia florestas de pinheiros e grandes montanhas cobertas de neve.

Roque Bandeira apareceu pouco antes das nove e ficou a conversar com Arão Stein no escritório. Discutiram a revolução à luz das últimas notícias.

— Não vais negar - disse tio Bicho - que mesmo sem levar em conta princípios e ideias, essa revolução tem seu lado bonito. Revela pelo menos a fibra da raça. Sabes que há um menino de quinze anos nas forças de Zeca Neto e um velho de oitenta e oito com Filipe Portinho? E sabes que ambos são igualmente bravos? Isso não te diz nada?

Stein sacudiu a cabeça negativamente: - Diz, mas não o que estás pensando.

— Considera só a fama que está conquistando o general Honório Lemes. É um caboclo iletrado, simples, e no entanto se vai transformando num ídolo popular, num grande caudilho, num símbolo…

— Fugindo sempre…

— Nem sempre. Luta quando lhe convém, e isso é de bom general.

Esquiva-se quando não lhe convém lutar. Depois, deves saber que ele tem pouca munição. Mas o interessante é que o homem deixa o inimigo louco, desnorteado, com seus movimentos. Quando a gente imagina que o general Honório está num lugar, ele surge noutro completamente inesperado…

Stein encarou o amigo.

— Não sejas romântico. Não sejas obtuso. Esqueces que quem está morrendo na revolução é o homem do povo, o que sempre viveu na miséria, passando fome, frio e necessidades. Morrem porque são fiéis aos seus patrões, aos seus chefes políticos, ao seu partido, à cor de seu lenço.

O mundo capitalista sempre procurou exaltar, através de seus escritores assalariados, essa fidelidade estúpida a coisas inexistentes, esse entusiasmo por mitos absurdos. Sabes por quê? Porque isso convém aos seus interesses. Que é que o povo lucra com uma revolução como essa?

— E não achas que há uma certa beleza no fato de eles brigarem sem pensar em vantagens?

— Não acho. O erro está exatamente nisso. Deviam pensar em resultados materiais. Ser maragato ou republicano na verdade não significa nada. As revoluções se fazem para melhorar as condições sociais. Que é que esperas dessa revolução? O voto secreto? Mas de que serve isso se o povo não se educa, não aprende a usar o seu voto, a escolher o seu candidato? O que pode resultar dessa choldra toda é uma mudança de patrão. O povo continuará na mesma, mal-alimentado, malvestido, infeliz…

Tio Bicho sorria.

— Não esqueças que estás na casa dum homem que acredita na revolução e que, mal ou bem, está na coxilha, brigando e arriscando a própria vida.

— Eu sei. Achas que sou um ingrato, que esqueci o que o dr. Rodrigo fez por mim. Não. A coisa é outra. Ele não precisa da minha gratidão, nem acho que a deseje. Gosto dele como pessoa, mas me sinto com mais obrigações para com o povo do que para com ele. O dr. Rodrigo é rico, culto, pode fazer pela própria vida.

Mas os outros…

Bandeira bocejou, espichou as pernas, afundou o corpanzil na poltrona de couro.

— Não sei… Pode ser que tenhas razão, mas deves compreender que fui criado no meio dessa tradição… Não sou indiferente a certos valores gauchescos. Nem todas as minhas leituras racionalistas

conseguiram me imunizar contra esse micróbio. Quando leio sobre um ato de bravura, sinto um calafrio. Uma coisa te digo. Tem havido heróis de ambos os lados. Mesmo esses pobres-diabos pegados a maneador às vezes brigam como gente grande, morrem peleando, não se entregam. Podes dizer o que quiseres, há um aspecto positivo nessa revolução.

— Besteiras românticas de pequeno burguês intelectual. Estás condicionado, meu filho. Vocês letrados glorificam a guerra, vivem com essa história de hinos, bandeiras, tambores, clarinadas, cargas de baioneta, etc. Pois os marxistas aí estão pra mudar tudo isso. Pode levar algum tempo, não espero viver suficientemente para ver a sociedade nova. Muitos de nós, talvez eu mesmo, seremos sacrificados, torturados, assassinados… Mas a revolução socialista vai para a frente. Isso vai!

— Sabes que tenho minhas simpatias pelo anarquismo…

— O que tu és eu sei. Um sujeito preguiçoso e conformista.

— Escuta aqui, Aráo. Até onde acreditas no que estás dizendo?

Refiro-me a acreditar de verdade, do fundo do coração. Não podes ser tão diferente de nós, os romanticões. Pertences à mesma geração. Leste os mesmos livros que nós. Ouviste as mesmas conversas. O fato de seres judeu não te torna tão diferente. Mas falas com tanta veemência, com tanta paixão, com tanta insistência, que às vezes acho que o que procuras não é só convencer os outros, mas também a ti mesmo…

Stein ergueu-se e começou a andar dum lado para outro, na frente do amigo.

— Escuta uma coisa - disse. — E que essas senhoras não me ouçam.

Muitos assisistas escrevem e falam como se fossem verdadeiros libertadores do povo. Na verdade não passam de aristocratas rurais. Com todos os seus erros e apesar dessas besteiras de positivismo, Borges de Medeiros está mais perto do ideal socialista do que esses assisistas latifundiários que andam com um lenço vermelho no pescoço. Muitos deles até chegam a sonhar com a volta da monarquia. — Fez alto na frente do amigo e olhou-o bem nos olhos. — Aposto como não sabes que Júlio de Castilhos queria incluir na Constituição de 14 de Julho um artigo em que se falava na incorporação do proletariado.

— Fantasias.

— Sim, fantasias. Mas isso é sempre melhor do que acreditar no governo duma classe privilegiada de mentalidade feudalista. E te digo mais. O governo de Borges de Medeiros tem favorecido o desenvolvimento da pequena propriedade. Podes esperar que os grandes estancieiros gostem disso? Usa a cabeça. Tamanho não lhe

falta.

— Está bem, mas devias falar mais baixo. Elas podem estar escutando…

— Eu sei que me consideras um ingrato, quase um traidor. Talvez um Judas.

— Ninguém te chamou de Judas.

— Mas eu sinto que essa é a maneira como vocês os cristãos em geral olham para um judeu.

— Não sejas idiota.

— O outro dia ouvi dona Maria Valéria perguntar a dona Flora, referindo-se a mim: “Aquele muçulmano já saiu do quarto de banho?”

Roque Bandeira soltou uma risada.

— Ora, tu conheces a velha. Ela te estima e por isso brinca contigo.

Uma vez te chamou também de turco…

— Estás vendo? Todos esses nomes: turco, muçulmano, árabe, e até russo têm conotação pejorativa. Eu sinto.

— Pois aí é que está o teu erro. Interpretas tudo à tua maneira. És uma sensitiva. Vives procurando profundidades em coisas que pela sua natureza são rasas. Lês nas entrelinhas frases que ninguém escreveu.

Roque Bandeira ergueu-se, pôs ambas as mãos no ombro do amigo e murmurou: - Antes que me esqueça. Qualquer dia destes te prendem, te mandam para Porto Alegre e te dão uma sova de borracha, como já fizeram com outros comunistas.

— Não tenho ilusões. Estou preparado.

— Então o que queres mesmo é ser mártir da causa, não?

— Sabes que não é nada disso. Só o espírito mórbido dum cristão condicionado ao capitalismo pode pensar uma coisa dessas. A causa que estou servindo é política e não religiosa. Não queremos lamber as feridas dos leprosos, como São Francisco de Assis, queremos mas é curar as chagas sociais sem o auxílio de milagres. Não vai ser fácil, mas estou preparado para o pior.

Tio Bicho tornou a bocejar.

— Acho que vou m'embora.

— Espera. Saio contigo.

Encaminharam-se para a sala onde estavam as duas mulheres. Stein agradeceu-lhes pela hospitalidade e disse que viria buscar suas coisas no dia seguinte.

Maria Valéria seguiu-o com o olhar até vê-lo desaparecer no vestíbulo.

Depois que ouviu a batida da porta da rua, resmungou: - Esse sírio deve ter algum parafuso frouxo na cabeça.

Estava a Coluna de Licurgo Cambará acampada à beira dum lajeado, a umas seis ou sete léguas de Santa Fé, quando o

Romualdinho Caré, sobrinho de Ismália, apareceu um dia montado num tordilho magro e cansado. Reconhecido por Pedro Vacariano, foi levado à presença do comandante. Apeou do cavalo com um ar humilde e encolhido e aproximou-se… Era um caboclo ainda jovem, baixote e trigueiro, de olhos vivos.

— Que foi que houve? - perguntou Licurgo. Romualdinho contou que o Angico fora ocupado por soldados do coronel Madruga. O patrão franziu o cenho.

— Quando foi isso?

— Faz uns quantos dias.

— Mas quantos?

— Uns quatro ou cinco.

Contou que tinha ficado prisioneiro durante algumas horas, mas conseguira escapar e saíra "à procura" da Coluna Revolucionária.

Licurgo, pensativo, mordia o cigarro apagado.

— Quantos provisórios tem no Angico? Romualdinho hesitou por um momento.

— Uns trinta.

O comandante - informou ainda - era um tenente, moço direito que tinha tratado bem toda a gente, não permitindo malvadezas nem estragos.

— Só que levaram muito gado, muita cavalhada… - acrescentou, com os olhos no chão, como se tivesse sido ele o responsável pela requisição.

— Levaram pra onde? - peiguntou Licurgo.

— Pra Santa Fé ou Cruz Alta. Ouvi um sargento dizer que a tropa do coronel Madruga foi mandada pra fora da cidade…

Neste ponto Toríbio e Rodrigo entreolharam-se. Puxando o irmão para um lado, o primeiro murmurou: - Acho que chegou a nossa hora. Mas precisamos saber três coisas importantes. Primeiro, se essa história da saída das tropas é verdadeira; segundo, quanta gente ficou na cidade; terceiro, quais são os pontos mais bem defendidos…

— E como é que vamos descobrir?

— Mandamos um espião. Rodrigo soltou uma risada.

— Isso só da cabeça dum ledor de Ponson du Terrail! Toríbio, porém, convenceu-o da validade da ideia. Juquinha Macedo e Cacique Fagundes aprovaram o plano. O problema era encontrar o espião. Quem poderá ser?

Jacó Stumpf ofereceu-se para a missão. O primeiro ímpeto de Rodrigo foi o de recusá-lo sumariamente. Como era que aquele alemão com cara de bocó… Mas não! Talvez por isso mesmo fosse ele a pessoa indicada para a missão. Além do mais, era pouco conhecido na cidade.

Interrogou-o: - Achas que vais dar conta do recado?

— Zim.

— E sabes o que pode acontecer se eles descobrirem a coisa e te prenderem?

— Zim.

E Jacó passou o indicador rapidamente pelo próprio pescoço, num simulacro de degolamento.

— Está bem. Quero deixar bem claro que ninguém te forçou a aceitar a incumbência.

O colono sacudiu vigorosamente a cabeça. Durante quase uma hora inteira Rodrigo e Toríbio ficaram a dar-lhe instruções. Devia entrar em Santa Fé a cavalo, desarmado, com um lenço branco no pescoço, procurando dar a impressão de que vinha de uma das colônias.

— Entra assim com o ar de quem não quer nada - disse-lhe Rodrigo. — Não puxes prosa com ninguém. Apeia na frente da Casa Sol, diz que queres comprar uns queijos, procura o Veiga, estás compreendendo? Leva o homem pró fundo da loja e conta quem és, donde vens, e pergunta quantos soldados o Madruga levou para fora da cidade, quantos ficaram e onde estão colocados… Logo que conseguires todas as informações, toca de volta pra cá. Mas cuidado, que podem te seguir, entendes?

Jacozinho sacudiu afirmativamente a cabeça. De tão claros, seus olhos pareciam vazios.

No dia seguinte pela manhã montou a cavalo e se foi. Rodrigo acompanhou-o com o olhar até vê-lo sumir-se do outro lado duma coxilha.

— Deus queira que volte.

O velho Liroca soltou um suspiro e disse: - Volta. Deus ajuda os inocentes.

No dia seguinte ao anoitecer Jacozinho voltou e, ao avistar o acampamento, precipitou-se a galope, soltando gritos. Vendo aquele cavaleiro de lenço branco, e não sabendo de quem se tratava, uma sentinela abriu fogo. O “cavaleiro misterioso”, entretanto, continuou a galopar e a gritar. Mais tarde a sentinela contou: - A sorte é que tenho bom olho. O alemão se riu, os dentes de ouro fuzilaram e eu disse cá comigo: “Só pode ser o Jacozinho”. Era. Cessei fogo.

Jacó Stumpf foi levado à presença de Licurgo e dos outros oficiais.

Tudo tinha corrido bem - contou - e ninguém suspeitara de nada. O Veiga informara que realmente uns quinhentos e cinquenta dos oitocentos homens do Corpo Provisório do Madruga haviam sido mandados a reforçar a brigada de Firmino de Paula em Cruz Alta e Santa Bárbara. Haviam ficado na cidade uns duzentos e cinquenta. Uns cem estavam acampados na entrada do norte. Uns oitenta montavam guarda à charqueada, na estrada de Flexilha, no sul. Uns

cinquenta e poucos dormiam na Intendência, guarnecendo o centro da cidade.

— E o lado da olaria? Jacó abriu a boca.

— Que olaria?

— O lado onde se põe o sol?

O colono quedou-se um instante, pensativo.

— Ah! Está desguarnecido.

Quanto ao setor oriental, onde ficavam os quartéis, era sabido que estava dentro da zona neutra.

— Chegou a nossa hora - disse Rodrigo, olhando em torno para os oficiais mais graduados da Coluna que se haviam reunido à frente da barraca de Licurgo. — A tomada de Santa Fé, além de nos proporcionar a oportunidade de requisitar munição de boca e de guerra, terá um efeito moral extraordinário.

— Mas o senhor já pensou - perguntou um dos Macedos - que em três horas os chimangos podem trazer forças de Cruz Alta pra nos contra-atacar?

Toríbio interveio: - Cortaremos as linhas telefônicas e telegráficas. Interromperemos todas as comunicações. Até que mandem um próprio ao Madruga, mesmo de automóvel, vai levar algum tempo…

— E depois - aduziu Rodrigo, pondo na voz um entusiasmo persuasivo - vai ser um ataque fulminante, de resultados imediatos. Não tenho nenhuma ilusão quanto a mantermos a cidade em nosso poder por muito tempo…

Mas que diabo! - exclamou, abrindo os braços. — Nada mais temos feito que fugir desde o dia que saímos do Angico! Se a situação continua assim, seremos esmagados pelo nosso próprio ridículo!

Fez-se um silêncio durante o qual Rodrigo se perguntou a si mesmo se o seu plano de atacar Santa Fé nascia mesmo duma necessidade estratégica e política ou apenas do seu desejo de rever a família, voltar à própria casa, descansar daquelas marchas infindáveis e duras, principalmente agora que o inverno se avizinhava.

— Que é que o senhor acha? - perguntou Toríbio, encarando o pai.

Licurgo baixou a cabeça, cuspiu no chão entre as botas embarradas, depois tornou a alçar a mirada.

— A questão não é o que acho. Quero saber a opinião dos outros companheiros. Temos que estudar direito o plano.

Passeou o olhar em torno: - Há alguém contra a ideia?

Não viu nenhum gesto nem ouviu nenhuma palavra de protesto.

— Se todos estão a favor, a ideia está aprovada. Atacamos Santa Fé.

— Tem de ser amanhã - disse Rodrigo - não podemos perder tempo.

— Pois seja o que Deus quiser - murmurou o Velho. Rodrigo sentiu na orelha o bafo tépido e úmido de Toríbio, que ciciou: - Tu sabes que a Ismália Caré está na cidade… O Velho anda louco de saudade da china…

Durante quase duas horas discutiram o plano do ataque, diante duma planta de Santa Fé estendida no chão. Ficou decidido que o coronel Licurgo com setenta homens e toda a cavalhada de remonta ficariam escondidos nos matos dum lugar conhecido como Potreiro do Padre, a légua e meia da cidade. Era para ali que o resto da Coluna convergiria se o ataque fosse repelido.

— Hipótese que não admito! - exclamou Rodrigo num parêntese.

Continuou a exposição: - O senhor, coronel Macedo, com cento e quarenta homens marcha sobre a entrada do norte, que é onde os chimangos têm o destacamento mais numeroso. Ataque o inimigo pela frente, pelos flancos e, se possível, pela retaguarda. Deixe os provisórios tontos… O principal é que eles não possam deslocar gente de lá para reforçar a guarnição do centro…

Juquinha Macedo sacudiu a cabeça: entendia.

— Agora o senhor, coronel Cacique… Leve seus cento e vinte caboclos e faça as estripulias que puder lá pelas bandas da charqueada.

— Vai no grito - resmungou o Velho, e seus olhinhos indiáticos sorriram.

— Enquanto vocês atacam as duas entradas principais, eu e o Toríbio com os cento e cinquenta e poucos homens restantes assaltamos Santa Fé pelo lado da olaria.

Licurgo escutava-o, taciturno. Liroca, como de costume, tinha os olhos lacrimejantes e seus dedos, de pontas amareladas de nicotina, acariciavam os bigodões grisalhos, que mal escondiam a expressão triste da boca. Havia por ali também uns jovens tenentes de olhos cintilantes e gestos nervosos, que bebiam as palavras de Rodrigo.

— Essa é a parte mais dinâmica e arrojada do plano - continuou este último. — Será um golpe direto e rápido no coração da cidade. Reconheço que a coisa toda pode parecer absurda, mas acho que vai dar resultado.

Ouviu-se uma voz: - Mas por que escolheu o lado da olaria pra esse assalto?

— Primeiro porque não é provável que o inimigo nos espere por esse flanco. Para falar a verdade, eles não esperam ataque de lado nenhum, pois o Jacó nos contou que corre em Santa Fé a notícia de que seguimos para o norte com as tropas do general Leonel Rocha… Outra vantagem desse flanco é que ele fica a dois passos da praça e da Intendência. Deixamos os cavalos e um pelotão na olaria do Chico Pedro e dali seguimos a pé, antes de raiar o dia. Mas o fator tempo é

importantíssimo. Por isso temos de marcar tudo rigorosamente no relógio…

Olhou para Toríbio, sorriu e, segurando-lhe o braço, acrescentou: - O major aqui vai me ajudar com sua famigerada cavalaria. Ambos voltaram a atenção para o pai, que pitava em silêncio, com os olhos fitos na planta de sua cidade.

Um dos capitães de Juquinha Macedo perguntou: - Mas não acha que duzentos e poucos homens entrincheirados valem por quinhentos?

Foi Toríbio quem respondeu: - Duzentos e poucos homens sim, mas não provisórios agarrados a maneador.

O outro deu de ombros.

— Bom, major, o senhor deve saber melhor que eu. Perguntei por perguntar.

Posto ao corrente do plano, Cantídio dos Anjos disse: - Qualquer prazer me diverte. E foi afiar a ponta da lança.

Ainda naquela tarde fez-se com todo o cuidado a divisão das tropas.

Rodrigo escolheu a dedo os homens que ia comandar. À beira do capão, Neco Rosa ponteava a guitarra que havia ganho de presente em Neu-Württemberg, enquanto o Chiru andava inquieto dum lado para outro, mal podendo conter o entusiasmo que lhe vinha de ter sido escolhido para comandar um dos grupos que assaltariam a Intendência.

— Com quem vou? - perguntou Liroca a Rodrigo.

— Tu ficas.

— Com quem?

— Com o velho Licurgo.

— Mas por quê?

— Porque sim.

— Não tens confiança em mim?

— Liroca velho de guerra, alguém tem de ficar. Não podemos deixar o comandante sozinho…

— Por que não me levas? Estou acostumado a marchar e pelear a teu lado.

Rodrigo compreendia cada vez menos o major José Lírio. Na hora do combate era tomado duma tremedeira medonha, ficava pálido como defunto; no entanto, insistia em enfrentar o perigo. Fosse como fosse, a atitude do velho enternecia-o.

— Só posso levar comigo gente de menos de quarenta anos - explicou. — Vai ser uma tarefa dura, temos de correr várias quadras, pular muros, cercas…

Havia uma tristeza canina nos olhos do veterano. Rodrigo abraçou-o, dizendo: - Não faltará a ocasião, Liroca, tem paciência.

Durante aquele resto de dia, Rodrigo andou dum lado para outro,

conferenciando com oficiais, repassando com eles o plano de ataque, corrigindo ou aperfeiçoando pormenores, respondendo a perguntas, esclarecendo dúvidas. Toríbio e o dr. Ruas encarregaram-se da distribuição das balas, tarefa difícil por causa da diversidade das armas.

— Para ser bem-sucedida - disse Rodrigo - a operação não pode durar mais de duas horas. Qual duas horas! Uma, no máximo.

Havia um ponto ainda obscuro. Que fariam depois que a Intendência fosse tomada? Quem levantou a questão foi um tenente do destacamento de Juquinha Macedo. Rodrigo ficou por um momento indeciso. Segurou na ponta do lenço vermelho do rapaz e disse: - Olha, companheiro. Isto não é guerra regular e nós não somos militares profissionais. Temos de confiar nas qualidades de improvisação de nossa gente. Queres saber duma coisa? Vamos primeiro tomar a Intendência e depois veremos o que se faz…

O outro não pareceu muito convencido. Rodrigo apertou-lhe o nó do lenço.

— Escuta aqui. Tudo vai depender de como estiver a luta no norte e no sul… - Olhou o interlocutor bem nos olhos. — Agora me lembro. És o campeão de xadrez de Santa Fé, não? Pois esta revolução, meu filho, não tem nada a ver com jogo de xadrez.

O outro sorriu e afastou-se. Mas a pergunta do rapaz deixou ecos no espírito de Rodrigo. Sim, que faremos depois de tomar a Intendência? E por que não perguntar que faremos depois da derrubada do Chimango? Seja como for, manana es otro dia, como dizem os castelhanos.

Antes de ir para a barraca, aquela noite, saiu a andar ao redor do acampamento, olhando para as estrelas e pensando em que no dia seguinte poderia dormir em sua casa, em sua cama, com sua mulher. Sim, no dia seguinte poderia beijar os filhos… Imaginou-se também passando um eloquente e petulante telegrama ao presidente da República…

Deitou-se sobre os pelegos, cobriu-se com o poncho, fechou os olhos mas sentiu logo que estava demasiado excitado para dormir. Agora lhe vinham dúvidas…

Será que esse ataque é um erro? Quantos de meus companheiros poderão morrer? E não vamos sujeitar a grave risco a população da cidade, a minha própria família, mulheres, velhos, crianças? Ainda é tempo de desistir. Não. Desistir agora seria minar o moral da Coluna. A ideia é boa. Afinal de contas estamos numa revolução. Não podemos continuar burlequeando sem rumo pelo campo, como fugitivos da justiça. O plano é bom não só do ponto de vista político como também do militar. Está decidido!

Revolveu-se, encolheu as pernas, meteu no meio delas as mãos

geladas.

Mas… e se tudo falhar? Encostou a cara na coronha da Winchester que tinha a seu lado. Amanha vais trabalhar, bichinha. Não. Não falha.

Procurava relembrar a fisionomia do terreno, na entrada da cidade que dava para o lado do poente. Sim, a primeira tarefa era tomar a olaria onde ficariam escondidos até a hora de atacar… Cada um de seus homens tinha uma média de sessenta tiros. Quatro deles estavam encarregados de cortar os fios telegráficos e telefónicos, mal chegassem à praça. A agência do telégrafo nacional vizi- nhava com a Intendência. A da Companhia Telefônica não ficava longe…

Sim, o plano tinha de dar resultado.

Mas não seria uma coisa precipitada? Estava lidando com vidas humanas, não com peças de xadrez. Mas, filho, guerra não é jogo de xadrez. E que faremos depois de tomada a Intendência? Queres saber? Tomamos um banho.

Tomamos um café. Tomamos… Bom, se não dormir esta noite, amanhã estarei escangalhado.

Queria fazer parar o pensamento. Inútil. Começou a bater queixo.

Estaria tão frio assim? Quem sabe estou com febre? Ou com medo…

Repeliu a ideia. Acendeu um fósforo, olhou o relógio. Dez e vinte.

Tinha dado ordens para acordarem os homens pouco depois da meia-noite a fim de partirem em seguida. Tudo vai correr bem, se Deus quiser. Por baixo da barraca entrava um ventinho gelado. Pegou a garrafa de cachaça, desarrolhou-a e bebeu um largo sorvo. Fogo no estômago. Sentiu-se melhor. Se falhassem, podia ser o fim da Coluna. Mas não podiam falhar!

Cairiam como demónios em cima dos “chimangos”. Tomariam a cidade em quarenta minutos. Ninguém deixara de reconhecer que era ele quem ia correr o maior risco. Tirou do bolso do casaco as luvas de pele de cachorro e vestiu-as. De repente desenhou-se-lhe na mente o cemitério de Santa Fé: cúpulas, frontões, cruzes, cabeças de estátuas por cima de muros tristes e sujos… Lá estava dentro do mausoléu da família Cambará uma nova placa de mármore com letras douradas: “Dr. Rodrigo Terra Cambará. 1886-1923. Morto em combate pelo Rio Grande”. Quis apagar a imagem. Não pôde. Ficou com ela impressa nas pálpebras… por quanto tempo?

Achava-se sozinho, era noite… Vagueava por entre sepulturas. Houve um momento em que não soube se estava já dormindo ou ainda continuava acordado. Sentia os pés frios, ouvia o vento tocando sua gaitinha nas folhas das coroas artificiais, apagando as chamas dos tocos de velas…

Sentiu o cheiro de terra úmida, de sebo derretido… Estava

entrincheirado por trás dum túmulo, o inimigo avançava, as balas sibilavam, ele queria pegar a Winchester que estava a seu lado, mas não conseguia mover o braço, e se dizia a si mesmo que aquilo era um pesadelo - eu sei! prova de que sei

é que me lembro de meu nome, Rodrigo Cambará, estou na minha barraca, deitado, amanhã vamos assaltar Santa Fé, tomaremos a olaria. . . Que horas serão, Santo Deus? Quis tirar o relógio do bolso mas não pôde.

Estava paralisado. Sentiu que o inimigo se aproximava… Ouvia (ou apenas via) seus gritos que se congelavam no ar, tomando a forma de flores de neve, e depois se esfarelavam, caíam como geada. Os "chimangos" iam saltar os muros do cemitério, atirar-se em cima dele…

Não, não tenho medo, só não quero que me degolem. Tenho horror a arma branca. Me matem com um tiro. Na cabeça, para não haver agonia.

Quis de novo segurar a Winchester: era melhor morrer brigando. Mas não pôde mover um dedo. Um homem estava agora ajoelhado a seu lado, decerto tirava o facão da bainha… Rodrigo! Rodrigo!

Sentiu-se sacudido. Soergueu-se.

— Quem é?

— Sou eu, o Neco.

— Que é que há?

— Meia-noite. O pessoal está se levantando. Vamos embora. Ergueu-se.

Um suor frio escorria-lhe pela testa.

— Tive um sonho horrível - murmurou.

— Pois eu nem cheguei a fechar o olho.

Saíram. Vultos moviam-se em silêncio na madrugada. Havia fogos acesos no acampamento.

Bento veio avisar que o churrasco estava pronto.

Pouco antes das quatro da manhã a Coluna chegou a um ponto do Potreiro do Padre, onde havia uns três ou quatro ranchos, cujos moradores foram acordados, postos ao corrente da situação e proibidos de deixarem suas casas sob pena de fuzilamento. (Rodrigo descobrira que Toríbio era o homem indicado para fazer ameaças dessa natureza.) Os oficiais reuniram-se num dos ranchos e, à luz dum candeeiro de sebo, acertaram os relógios. O ataque devia começar às seis e meia em ponto.

Às quatro e vinte os destacamentos se separaram e marcharam rumo de Santa Fé. Juquinha Macedo dirigiu-se com seus companheiros para a entrada do norte. Cacique Fagundes encaminhou-se com seus caboclos para a do sul. Estava combinado que só principiariam o assalto quando ouvissem os primeiros tiros no centro da cidade.

Ao despedir-se do pai, dentro de um dos ranchos, Rodrigo notou, à luz amarelenta e escassa, que o Velho tinha os olhos brilhantes de lágrimas.

Seu abraço, porém, foi seco como de costume, e secas também suas palavras.

— Vá com Deus.

Rodrigo e Toríbio saíram a cavalgar lado a lado. Havia uma grande paz nos campos. O céu começava a empalidecer.

— Pode ser uma loucura o que vamos fazer - disse Toríbio - mas te digo que estou gostando da farra…

Rodrigo continuou silencioso. Estava preocupado. De acordo com o plano, deviam apoderar-se, sem dar um tiro, da olaria do Chico Pedro, que ficava a dois passos da entrada ocidental de Santa Fé. Era indispensável também que fizessem aquela marcha sem serem vistos, pois metade do sucesso do assalto dependia do elemento surpresa. Era por isso que tinham evitado a estrada real, seguindo por dentro duma invernada que Toríbio conhecia tão bem quanto os campos do Angico.

Dentro de meia hora avistaram as luzes de Santa Fé piscando na distância. Eram cinco e quarenta quando ocuparam em silêncio a olaria. O oleiro, seus familiares e empregados foram tirados da cama. Não houve pânico, nem mesmo entre as mulheres, que ficaram pelos cantos, enroladas nos seus xales, caladas e submissas. Toríbio achou prudente encerrar todos os homens, menos o dono da casa, dentro dum quarto.

— Se vocês ficarem quietos - disse-lhes, antes de fechar a porta a chave - ninguém se lastima. Mas, palavra de honra, capo com este facão o primeiro que se meter de pato a ganso, estão ouvindo?

Rodrigo tranquilizou Chico Pedro: - Não se preocupe. O senhor, sua gente e seus bens serão respeitados.

O oleiro sorriu.

— Nem carece dizer, doutor. Conheço o senhor e toda a sua família.

Mandou preparar um chimarrão, que ofereceu a Rodrigo. Era um caboclo de meia-idade, magro mas rijo. Parecia que à força de lidar com argila, sua pele tomara a cor do tijolo. Confirmou todas as informações que Jacó Stumpf trouxera na véspera sobre o Corpo Provisório de Santa Fé.

Rodrigo revelou ao oleiro o plano de ataque. Chico Pedro fez uma careta pessimista: - Não vai ser fácil… - murmurou.

Rodrigo chupou com força a bomba de prata e depois, meio irritado, perguntou: - Por quê?

— Sempre acontece alguma coisa que a gente não espera.

— Sim, mas nem tudo que acontece tem de ser desfavorável.

— Isso é verdade…

— Quantos homens dormem na Intendência?

— Uns cinquenta ou sessenta. Passam a noite no quintal. Chico Pedro tornou a encher a cuia.

— Dorme alguém dentro do edifício?

— Acho que só os oficiais. E decerto as ordenanças…

O oleiro tomava seu chimarrão com os olhos plácidos postos em Rodrigo.

— Outra coisa… - disse, com seu jeito descansado. — Todas as noites uma patrulha duns dez ou quinze homens anda rondando pela cidade, volta pra Intendência mais ou menos a essa hora e fica ali por baixo da figueira grande até o clarear do dia… É bom ter cuidado…

Toríbio entrou naquele momento. Tinha estado a esconder a cavalhada.

— Está chegando a hora… - disse, pegando a cuia que o dono da casa lhe oferecia.

Um minuto depois, saíram. Galos cantavam. Rodrigo sentiu algo de cadavérico na madrugada fria e cinzenta.

Seus homens estavam deitados ou agachados atrás da casa. Alguns deles pitavam.

— A ti te toca a parte mais braba - disse Toríbio ao Neco Rosa, que, sentado na soleira da porta, contemplava a estrela matutina, como tantas vezes fizera nas suas madrugadas de serenata.

— Vai ser duro pra todos. Bio tocou-lhe o ombro.

— Só espero uma coisa. Que sejas melhor guerreiro que barbeiro.

Neco soltou uma risada. Outros homens que estavam por ali também riram.

— Está na hora do baile, minha gente! - disse Toríbio.

E os revolucionários começaram a reunir-se em grupos, de acordo com as instruções que haviam recebido.

Rodrigo entregou a um dos Macedos - que insistira em acompanhá-lo - o comando dos vinte homens que ia deixar entrincheirados na cerca de pedras da olaria.

— Esta é a nossa base de operações - explicou. — É pra cá que vamos todos correr se a coisa falhar… Vocês têm de cobrir nossa retirada. E se, enquanto estivermos dentro da cidade, algum destacamento dos chimangos nos atacar por este flanco, abram fogo em cima deles. Mas por nada deste mundo abandonem esta posição. E fiquem com o olho na cavalhada!

A força de Rodrigo estava dividida em três grupos: dois de trinta homens e um de quarenta. O que estava confiado ao comando de Chiru Mena devia entrar na cidade pela rua dos Farrapos e atacar a Intendência pelo flanco esquerdo, que nenhuma outra casa protegia. Neco Rosa comandaria o grupo mais numeroso num assalto à retaguarda do edifício, procurando cair de surpresa sobre os

“provisórios”, que àquela hora estariam dormindo ou recém-acordados no quintal. Rodrigo levaria seus soldados pela rua do Poncho Verde, tomaria com eles posição na praça para atacar a Intendência frontalmente. Estava combinado que Neco e seus comandados teriam a honra de “dar a primeira palavra”. Os outros dois grupos só atacariam depois de ouvirem o início do tiroteio atrás do reduto legalista. O esquadrão de cavalaria de Toríbio foi dividido em dois piquetes de quinze homens. O primeiro, sob as ordens de Toríbio, devia penetrar na cidade pela rua das Missões e ficar preparado para entrar em ação quando fosse oportuno. O segundo, conduzido por Pedro Vacariano, ficaria escondido atrás da igreja, e sua intervenção dependeria do desenvolvimento do combate.

— Cuidado! - recomendou Rodrigo aos companheiros. — Não vamos matar uns aos outros. Quando enxergarem um lenço colorado, cautela e boa pontaria. Por amor de Deus, não desperdicem tiro!

Aproximou-se da cerca de pedras e olhou para a cidade que queriam conquistar. Casas e muros branquejavam no meio do maciço escuro do arvoredo dos quintais. As torres brancas da matriz quase se diluíam na palidez do céu, contra o qual se desenhava, dura e sombria como um capacete de aço, a cúpula da Intendência.

Rodrigo sentia o coração pulsar-lhe agora com mais força e rapidez.

Uma secura na garganta fazia-o pigarrear com frequência. À medida que o dia clareava, ele ia distinguindo melhor as figuras dos companheiros.

Ajoelhado à sua direita, Bento segurava o fuzil. À sua esquerda, o dr.

Ruas assobiava baixinho a Valsa dos patinadores.

— Não achas melhor tirar esse poncho? - perguntou-lhe Rodrigo. — Ficas com os movimentos mais livres.

— Se tiro este negócio, morro de frio - disse o ex-promotor. Rodrigo largou por um instante a Winchester e esfregou uma na outra as mãos geladas. Tirou do bolso o relógio. Seis e quinze.

Ergueu-se e fez um sinal.

O primeiro grupo que se movimentou foi o do Neco Rosa que desceu com seus homens a encosta da colina em passo acelerado, numa linha singela.

Sumiram-se entre casebres e árvores, mas pouco depois tornaram a aparecer no alto da coxilha fronteira, já na boca duma rua. Rodrigo estava convencido de que o resultado final da operação dependeria principalmente do sucesso daquele assalto à retaguarda da Intendência.

Cinco minutos depois, Chiru e seus homens saíram da olaria na direção da rua dos Farrapos, ao mesmo tempo que Rodrigo conduzia

os seus para a do Poncho Verde.

Toríbio e seus cavalarianos foram os últimos a deixarem a propriedade de Chico Pedro que, da soleira de sua casa, gritou: - Deus lê acompanhe!

De cima do cavalo, Toríbio voltou-se e disse: - E melhor que Deus fique onde está. E que se cuide das balas perdidas.

A estrela matutina aos poucos esmaecia. Um cachorro latiu para as bandas do Purgatório.

Rodrigo chegou um pouco ofegante ao topo da colina. Pesava-lhe incomodamente a sacola cheia de balas que trazia a tiracolo. Olhou para trás. O dr. Ruas seguia-o, rengueando. Bento acompanhava-o de perto.

Com um gesto, Rodrigo ordenou aos companheiros que fizessem alto. Que estaria acontecendo com Neco e sua gente? Esperaram, escondendo-se como podiam… Os galos continuavam a amiudar. As casas vizinhas estavam todas de janelas e portas cerradas. De sua posição, Rodrigo viu a fachada do casarão dos Amarais. Um pensamento cruzou-lhe a mente. Meu bisavô Rodrigo foi morto num assalto àquela casa. Quem sabe se eu…

O tiroteio que irrompeu naquele momento atrás da Intendência cortou-lhe os pensamentos.

— Começou a inana! - gritou. — Avançar!

Precipitou-se na direção da praça. Ouviu-se uma detonação e uma bala passou zunindo perto de sua orelha direita. Uma outra rebentou o vidro duma vidraça próxima. Um soldado os alvejava de uma das calçadas da praça, a uma distância de meia quadra. Bento ajoelhou-se, levou a arma à cara e fez fogo. O inimigo tombou de costas e rolou para a sarjeta. Mas outros “provisórios” apareceram, dois… três… mais dois… - estenderam linha na rua,

agachados, e abriram fogo contra os atacantes. Um destes soltou um grito, largou a espingarda, baqueou, e o sangue começou a manar-lhe do peito. Os outros companheiros, deitados ou ajoelhados, cosidos às paredes ou abrigados atrás dos troncos dos plátanos que orlavam as calçadas, atiravam sempre. O tiroteio de súbito recrudesceu. Chiru e seu destacamento deviam também ter entrado em ação. Dos fundos da Intendência vinham gritos e gemidos, de mistura com as detonações. Seria já o entrevero? - pensou Rodrigo, descarregando com gosto sua Winchester. Mais dois “provisórios” lá estavam caídos no meio da rua.

Três outros, porém, surgiram. Balas cravaram-se nos troncos dos plátanos ou batiam nas pedras da calçada, ricocheteando. O duelo continuou por uns dois ou três minutos.

— Cessa fogo! - gritou Rodrigo. Repetiu muitas vezes a ordem, aos berros. Tinha avistado o piquete de Toríbio, que naquele momento entrava na praça pela retaguarda do inimigo. Rodrigo aproveitou o

momento de confusão entre os legalistas e avançou uns dez passos. Alguns companheiros o imitaram e, da nova posição, presenciaram uma cena que lhes encheu os peitos duma feroz exultação. Numa rapidez fulminante, dez cavalarianos precipitaram-se a galope e caíram gritando sobre os soldados legalistas, golpeando-os com lanças, espadas e patas de cavalo. Um dos "provisórios" deixou tombar o fuzil, recuou na calçada, colando-se à parede duma casa e erguendo os braços na postura de quem se rende. Um cavaleiro precipitou-se sobre ele e com toda a sua força, somada à do impulso do cavalo, cravou-lhe a lança no estômago. Apeou em seguida, ergueu a perna, meteu a sola da bota no ventre do inimigo, apertou-o contra a parede e arrancou-lhe a lança do estômago com ambas as mãos. Enquanto isso, seus companheiros liquidavam os "provisórios"

que restavam. Um deles tinha o crânio partido pelas patas dum cavalo, outro revolvia-se no chão, espadanando como um peixe fora d'água, ao mesmo tempo que procurava proteger a cabeça. Um cavalariano tirou o revólver, apontou para baixo e meteu-lhe uma bala na nuca. O último "provisório" que ainda resistia conseguiu disparar o fuzil e atingir um dos revolucionários, que tombou nas pedras da rua já manchadas de sangue, mas teve ele próprio o ventre rasgado por um golpe de espada e saiu cambaleando na direção da calçada, segurando com ambas as mãos as vísceras que lhe escapavam pelo talho.

Toríbio esporeou o cavalo e aproximou-se do irmão. A ponta de sua lança - uma lâmina de tesoura de tosquiar - estava viscosa de sangue. E havia em seu rosto uma tamanha e tão bárbara expressão de contentamento, que foi com certa dificuldade que Rodrigo conseguiu encará-lo.

— O caminho está limpo, minha gente! - gritou Bio. — Toquem pra diante, mas cuidado, que tem uma patrulha de chimangos na frente da Intendência!

Puxou as rédeas do cavalo, fê-lo dar uma meia-volta e sair a. galope na direção do piquete.

— Avançar! - bradou Rodrigo. E pôs-se em movimento, seguido dos companheiros. Não havia tempo para hesitações ou excessivas cautelas.

Precipitaram-se a correr rumo do centro da praça e tomaram posição atrás de árvores. De rasto e sob as balas, Rodrigo avançou uns quinze metros, por cima dum canteiro de relva, e abrigou-se atrás da base de alvenaria do coreto. Olhou para trás e viu dois companheiros feridos…

ou mortos? Os outros estavam bem abrigados e atiravam, como ele, contra a patrulha de "provisórios" que se encontrava no meio da rua, à frente da Intendência, sob o comando dum tenente. Rodrigo

estudou a situação.

Teve a impressão de que o Neco e seus homens haviam conseguido mesmo pular para dentro do quintal do casarão, onde a fuzilaria e a gritaria continuavam. Vislumbrou lenços vermelhos em ambas as torres da igreja, de onde uns três ou quatro revolucionários atiravam contra as janelas do segundo andar da cidadela do Madruga, cujas vidraças se partiam em estilhaços.

O inimigo mais próximo encontrava-se a uns cinquenta metros, protegido pelo busto do fundador da cidade, em cuja cabeça de bronze duas balas já tinham batido. Havia ainda outros soldados - uns cinco ou seis - entrincheirados atrás dos bancos de cimento ao longo da calçada. Essa, parecia, era uma posição vulnerável, visto como já estavam sendo atingidos pelos revolucionários que atiravam das torres da igreja e por uns dois ou três atacantes - com toda a ccerteza gente do Chiru - que os alvejavam do alto do telhado duma casa, à esquina da rua dos Farrapos.

O tenente legalista gritou para seus homens que recuassem. E ele próprio, de pistola em punho e sem interromper o fogo, começou o movimento de retirada. Rodrigo procurou derrubá-lo, mas sem sucesso. As janelas e portas da fachada da Intendência continuavam cerradas, o que dava a entender que a maioria de seus defensores estava engajada na luta que se travava na retaguarda e no flanco esquerdo do edifício.

Rodrigo ouviu um tropel e voltou a cabeça. O piquete de Pedro Vacariano atravessava a praça, a todo o galope. Baleado, um dos cavalos testavilhou, atirando o cavaleiro longe, para cima duns arbustos.

— Cessa fogo! - berrou o Vacariano. Mesmo naquele momento de confusão e perigo, Rodrigo não pôde evitar um sentimento de irritação. “Quem é esse caboclo para me dar ordens?” Mas parou de atirar. Viu Cantídio dos Anjos de lança em riste tomar a dianteira do piquete. Ao passar por ele o negro gritou: - A coisa está mui demorada, doutor. Vamos liquidar esses mocinhos!

E, seguido de Toríbio e de mais dois cavalarianos vindos do outro setor da praça, lançou-se contra os “provisórios”, que se achavam agora na calçada da Intendência, atirando sempre, mas já sem pontaria, tomados de pânico ante a inesperada carga.

— Abram a porta! - gritou o tenente. Repetiu o pedido três vezes. A porta abriu-se, o oficial entrou correndo, um de seus soldados tombou sobre o portal, enquanto os outros companheiros caíam sob golpes de lança e espada. E antes que a porta se fechasse, Cantídio entrou a cavalo, casarão adentro, derrubou com um pontaço de lança na nuca o “chimango” que corria na sua dianteira, e, sem deter a marcha, levou o cavalo escada acima - três, quatro, cinco degraus…

Do alto do primeiro patamar, ao lado dum busto do dr. Borges de Medeiros, o tenente legalista parou, voltou-se, ergueu a Parabellum e fez fogo. Cantídio tombou de costas e ficou estatelado no pavimento do vestíbulo. O tenente subiu mais quatro degraus e lá de cima, já quase no segundo andar, meteu duas balas no corpo do cavalo, que rolou escada abaixo, sangrando, e caiu em cheio sobre o corpo do preto.

Toríbio e Rodrigo entraram juntos na Intendência, a pé, seguidos de quatro companheiros. Saltaram por cima dos cadáveres do cavaleiro e do cavalo e galgaram os degraus ensanguentados.

— Cuidado! - disse Rodrigo. — Pode haver muita gente lá em cima.

Toríbio estacou, murmurando: - O tenente matou o Cantídio. Preciso pegar esse bichinho. — Rodrigo quebrou com a coronha da Winchester o vitral em forma de ogiva que havia por trás do busto e espiou para o quintal, onde o combate tinha cessado. O chão estava juncado de corpos. Em muitos deles viam-se lenços colorados. Avistou também o Neco, que dava ordens a seus homens para alinharem contra o muro os inimigos que acabavam de aprisionar. Cobria o chão um lodo sangrento.

Toríbio subiu mais três degraus e gritou para cima: - Entreguem-se! - Sua voz foi amplificada pela boa acústica do vestíbulo. — O combate terminou! Larguem as armas e desçam de braços levantados!

Seguiu-se um silêncio durante o qual só se ouviu o pipocar dum tiroteio longínquo. Toríbio repetiu a intimação. Vieram vozes do corredor do segundo andar.

— S'entreguemos.

— Pois venham! - gritou Rodrigo. E preparou a Winchester. Outros companheiros estavam ali no primeiro patamar também de armas em punho.

Ouviram-se passos. No primeiro soldado que apareceu, Rodrigo reconheceu o Adauto. Não pôde conter a indignação: - Cachorro! - vociferou.

O homenzarrão baixou os olhos e todo o seu embaraço se revelava num ricto canino. Apareceram mais três “provisórios”, todos descalços e de braços erguidos. Por fim surgiu com passos relutantes um capitão.

Toríbio e Rodrigo o conheciam. Era o Chiquinote Batista, um subdelegado do Madruga.

— Alguém mais lá em cima?

— Só o tenente - respondeu Chiquinote com voz fosca.

— Onde?

— No gabinete do intendente. Toríbio mediu o capitão de alto a baixo: - Pois é uma pena que não seja o próprio Madruga quem está

lá…

— Não faltará ocasião - replicou o subdelegado com rancor na voz e no olhar.

— Nessa esperança vou viver, capitão - suspirou Toríbio. Depois, voltando-se para os companheiros, disse: - Tomem conta desses "valientes", que eu tenho uma entrevista marcada com o tenente, lá em cima…

Recarregou o revólver, fez girar o tambor com uma tapa, engatilhou a arma e subiu os degraus que faltavam para chegar ao segundo piso. Como Rodrigo o seguisse, Bio voltou-se e pediu: - Me deixa. Dois contra um é feio.

Parou diante da porta entreaberta do gabinete do intendente e bradou: - Quem fala aqui é o Toríbio Cambará. A Intendência foi tomada. Não adianta resistir. Entregue-se, tenente!

De dentro veio uma voz rouca de ódio: - Pois vem me buscar se és homem, maragato filho duma puta!

Toríbio não hesitou um segundo. Meteu o pé na porta e entrou, agachado. Ouviram-se quatro tiros em rápida sucessão. Depois, um silêncio. Rodrigo ergueu a Winchester e correu para dentro. Encontrou o irmão de pé, incólume, junto da parede, sob o grande retrato do dr. Júlio de Castilhos.

— O menino era valente mas tinha má pontaria - disse Toríbio. — Foi a minha sorte.

O tenente estava morto, caído atrás da escrivaninha do intendente, com uma bala na testa.

— Sabes quem é? - perguntou Rodrigo. Bio sacudiu a cabeça lentamente.

— O Tidinho da dona Manuela. Nunca dei nada por ele. Parecia um bundinha como tantos. No entanto…

Naquele momento surgiu à porta um dos cavalarianos de Toríbio, que contemplou o cadáver com ar grave e, depois de olhar longamente para os próprios pés descalços, perguntou: - Major, posso ficar com as botas do moço?

Rodrigo gritou que não. Seria uma indignidade, uma profanação.

— Deixa de bobagem! - replicou Bio. — Nosso companheiro anda de pé no chão, o inverno está chegando. E depois, no lugar para onde foi, o tenente não vai precisar de botas. Nem de poncho. No inferno não faz frio.

Rodrigo abriu uma das janelas. Na praça agora clara de sol, alguns de seus companheiros andavam a recolher os feridos e a contar os mortos.

Jazia no meio da rua o cadáver dum "provisório", e de sua cabeça, partida como um fruto podre, os miolos escorriam sobre as pedras. O tiroteio continuava nas duas extremidades de Santa Fé.

Alguém acenava com um lenço vermelho, no alto duma das torres da matriz. Em contraste com aquele espetáculo de violência e absurdo, o céu era dum azul puro e alegre, e a brisa fria, que soprava de sueste, trazia uma fragrância orvalhada e inocente de manhã nova.

Rodrigo olhou então para o Sobrado pela primeira vez desde que entrara na sua cidade. Não sentiu o menor desejo de rever a família, de voltar à casa. Estava barbudo, fedia a suor e sangue. O combate não lhe causara nenhum medo, mas sim uma exaltação que, cessado o fogo, se transformara em asco e tristeza. Não se sentia com coragem para entrar em casa naquele estado. Tinha a impressão de que era um pesteado: não queria contaminar a mulher e os filhos com a sordidez e a brutalidade da guerra.

A cabeça lhe doía duma dor rombuda e surda; era como se o sangue estivesse a dar-lhe socos nas paredes do crânio. E, no meio desse pulsar aflito, começava agora a ouvir, absurdamente, a melodia fútil do Loin du bal.

Seus olhos continuavam fitos no Sobrado. “Naquela casa, por trás daquelas paredes estão tua mulher e teus filhos. Basta que atravesses a praça, batas àquela porta e digas quem és… E terás nos braços as pessoas que mais queres neste mundo.” Era estranho, mas permanecia frio ante aquela possibilidade. A violência que presenciara e cometera deixava-o como que anestesiado.

Fez meia-volta e desceu. O Loin du bal continuava a soar-lhe na cabeça, obsessivamente. Estacou no primeiro patamar da escadaria, mal acreditando no que seus olhos viam. Uns trinta e poucos “provisórios”

completamente nus subiam as escadas, de mãos erguidas, e guardados por um tenente e quatro soldados revolucionários de pistolas em punho. Ao avistar Rodrigo, o tenente gritou: - Vamos encerrar estes anjinhos na sala do júri! Ideia do capitão Neco.

Entre os “provisórios” Rodrigo vislumbrou caras conhecidas. Os prisioneiros passavam de cabeça baixa, uns três ou quatro mal continham o riso, mas os restantes estavam todos sérios, entre constrangidos e indignados. Era deprimente ver aqueles homenzarrões peludos passarem assim despidos, numa aura de bodum, com os órgãos genitais a se balouçarem passivos e murchos num grotesco espetáculo de impotência, que para muitos deles devia equivaler a uma espécie de castração branca.

Recostado ao busto do presidente do Estado, Rodrigo por alguns instantes ficou assistindo ao desfile, enquanto o gramofone infernal continuava a tocar o Loin du bal dentro de seu crânio. Desceu depois para o primeiro andar e lançou um rápido olhar para o corpo de Cantídio.

O cavalo lhe havia esmagado o tórax e os membros inferiores. O

rosto do negro ganhara uma horrenda cor acinzentada, seus olhos estavam exorbitados e dos cantos da boca saíam dois filetes de sangue coagulado.

Rodrigo encontrou Neco no quintal. Ao vê-lo, o barbeiro veio a seu encontro, abraçou-o e disse: - Foi uma beleza, menino! Pegamos a chimangada meio dormindo, muitos deles de calças arriadas. Se não fossem uns sacanas que estavam acordados e armados dentro da Intendência, eu tinha tomado esta joça a pelego, sem disparar um tiro!

— Quantos homens perdemos?

Neco enfiou os dedos por entre a barba.

— Da minha gente? Morreram quatro. Uns dez estão feridos, mas só dois em estado grave, que eu saiba.

Apontou para os mortos, que mandara estender debaixo duma ramada, a um canto do quintal. Rodrigo reconheceu dois de seus companheiros. Lá estava Jacó Stumpf, a cara lívida, a boca aberta, os dentes de ouro à mostra… Estendido a seu lado, o caboclo João tinha ainda no pescoço o trapo que tingira em sangue de boi. E seus pés enormes e encardidos de terra erguiam-se como duas entidades que tivessem vida própria - duas coisas sinistras na forma, na cor e no sentido, um misto de animal e vegetal. Aqueles pés pareciam ainda vivos e tinham uma qualidade singularmente ameaçadora. Rodrigo olhava para eles como que hipnotizado.

Passou o lenço pelo rosto que um suor frio umedecia e, sem prestar atenção ao que Neco Rosa lhe dizia, encaminhou-se para fora da Intendência. Parou na calçada, estonteado. A luz do sol lhe doía nos olhos. Para onde quer que se voltasse, via corpos caídos. Aos poucos ia calculando o preço daquela aventura. O cadáver do "provisório"

continuava tombado sobre a soleira da porta. Ninguém se havia lembrado de removê-lo dali. Era mais fácil passar por cima daquela coisa.

Ajudado por um companheiro, Bento vinha trazendo nos braços um ferido.

Era o dr. Miguel Ruas. O ex-promotor tinha já uma palidez cadavérica e de sua boca entreaberta escapava-se um débil gemido.

— Um balaço na barriga - murmurou Bento. — Pelo rombo acho que foi bala dundum.

Entraram no vestíbulo da Intendência e depuseram o ferido no chão, sobre um poncho aberto. Com outro poncho Rodrigo improvisou-lhe um travesseiro.

Naquele momento ouviu-se uma risada e, pouco depois, passos precipitados na escada. Rodrigo ergueu os olhos. Era Toríbio, que exclamava: - Vem ver que espetáculo!

Puxou o irmão pelo braço e levou-o para fora. Apontou para o

centro da praça. Um homem dirigia-se para a Intendência, tendo numa das mãos um pau com uma bandeira branca na ponta, e na outra uma maleta. O dr.

Carbone! Vinha metido no uniforme cor de oliva dos bersaglieri. As plumas de seu romântico capacete fulgiam ao sol. Ao avistar os irmãos Cambará, apressou o passo. Ao chegar à calçada, largou a bandeira, atravessou a rua correndo, caiu nos braços de Rodrigo, beijou-lhe ambas as faces e, de olhos enevoados, no seu cantante dialeto ítalo-português, deu notícias do Sobrado - ah! carino, iam todos bem, a Flora, a vecchia, os bambini, todos! e como era belo ver os dois fratelli juntos e vivos e fortes. Toríbio puxou-o para dentro da Intendência, dizendo: - Está bem, doutor, depois falamos nisso. Não temos tempo a perder. Há muitos feridos, alguns em estado grave.

Carbone explicou que deixara Dante Camerino, Gabriel e Santuzza na farmácia preparando tudo. Sugeriu que os feridos fossem removidos o quanto antes para a Casa de Saúde, onde poderiam ser atendidos com mais eficiência. Ergueu a bolsa e declarou que ali trazia apenas o necessário para o primo socorso.

— Veja então primeiro o Miguel - pediu Rodrigo. Conduziu-o até onde estava o ferido. O dr. Carbone tirou o capacete, pô-lo em cima duma cadeira, despiu o casaco, arregaçou as mangas e ajoelhou-se junto do doente, erguendo o poncho que o cobria. Miguel Ruas abriu os olhos, reconheceu o médico e murmurou: - É o fim, doutor!

— Ma chel O ferido balbuciou que estava com sede e com frio.

O suor escorria-lhe da testa para as faces muito brancas, cuja pele se retesara de tal maneira sobre os ossos, que se tinha a impressão de que o ex-promotor havia emagrecido de repente. O nariz estava afilado e como que transparente, e os lábios pareciam apenas riscos arroxeados.

Toríbio apanhou o capacete de bersagliere, galgou o primeiro lance da escadaria, e enfiou-o na cabeça do busto do presidente. Voltou depois para a praça e ordenou a seus soldados que levassem os feridos para a Casa de Saúde.

— Chimango também? - perguntou um sargento.

— Claro, homem! Mas levem os nossos, primeiro.

O dr. Carbone chamou Rodrigo para um canto do vestíbulo e murmurou-lhe ao ouvido: - Poverino! Uma violenta hemorragia interna. Um caso perdido.

— Quanto tempo pode durar?

O médico encolheu os ombros. Depois tirou da bolsa uma seringa e preparou-se para dar uma injeção de morfina no paciente. Sob o poncho, o ex-promotor batia dentes, e seus olhos aos poucos se embaciavam.

Rodrigo ajoelhou-se junto do amigo e segurou-lhe a mão gelada e

úmida. E ficou ali até o fim.

Eram quase oito horas da manhã quando o último ferido rói removido para a Casa de Saúde, onde o dr. Dante Camerino ajudava o dr. Carbone a fazer os curativos. O hospital tinha apenas doze leitos e, entre revolucionários e legalistas, havia mais de trinta feridos. Três deles morreram antes de poderem ser atendidos.

Houve um momento em que Dante, desesperado, gritou: - Por amor de Deus, tragam mais médicos!

Suas palavras morreram sem eco. E ele continuou a trabalhar. O ar cheirava a éter, iodofórmio, suor humano e sangue. Gabriel, o prático de farmácia, andava pálido dum lado para outro, como uma mosca tonta, e não sabia para onde ir, porque se o dr. Carbone lhe pedia uma coisa - "Gaze! algodão! iodo! súbito, Gabriele!" - o dr. Camerino gritava por outra - "Depressa, homem! Categute! Outra ampola de óleo canforado!" De instante a instante Gabriel saía para a área da farmácia e ficava por alguns segundos encostado à parede, a um canto. Um revolucionário que o observava cochichou para outro: - O moço, de tão assustado, ficou com as orina frouxa.

O corpo do ex-promotor continuava no mesmo lugar onde expirara, a um canto do vestíbulo de mármore da Intendência, cujas escadarias tantas vezes ele subira nos dias de júri, no seu passo leve de bailarino. Ninguém tentou sequer remover os cadáveres de Cantídio dos Anjos e de seu cavalo. Havia coisas mais urgentes a fazer.

— Que é que há por aí pra gente comer? - perguntou Toríbio a Vacariano no quintal, no meio dos "provisórios" mortos que ainda atravancavam o chão.

— Charque e farinha.

— Pois mande preparar essa porcaria e sirva pra nossa gente. Devem estar com uma broca medonha.

Depois saiu a procurar o irmão pelas dependências do palacete municipal. Como não o encontrasse, imaginou que ele tivesse ido bater à porta do Sobrado. Chiru, porém, lhe informou: - O Rodrigo está ajudando o Carbone e o Camerino a cuidar dos feridos.

Descobriu de repente que também é médico.

Vendo o irmão assim tão preocupado com os mortos e os feridos, Toríbio resolveu tratar dos vivos e dos válidos. Contou os homens que lhe sobravam. Dos cento e cinquenta que haviam atacado a Intendência, restavam ainda noventa e nove em condições de continuar peleando. A coisa não tinha sido tão feia assim…

Despachou duas patrulhas de reconhecimento, uma para o norte e outra para o sul. Queria saber exatamente o que se estava passando naqueles dois setores. Chegara à convicção de que não poderiam manter por muito tempo as posições tomadas.

Mandou arrombar uma loja de secos e molhados ali mesmo na

praça e tirou dela várias dezenas de latas de conserva, sacos de açúcar e sal, queijos, salames, mantas de charque e alguns ponchos e chapéus. Deixou em cima do balcão uma requisição firmada com seu próprio nome. Meteu todas essas coisas e mais os cinquenta fuzis e os dez cunhetes de munição tomados aos "provisórios" dentro duma carroça que havia no quintal da Intendência. Atrelou-lhe dois cavalos e destacou dois de seus homens não só para montarem guarda à preciosa carga como também para conduzirem o veículo em caso de retirada.

Pouco depois das nove, Rodrigo foi procurado na Casa de Saúde pelo coronel Barbalho. Apertaram-se as mãos num grave silêncio e a seguir fecharam-se no consultório.

— Estou aqui como comandante da praça… - começou o militar.

— Compreendo, compreendo - disse Rodrigo com impaciência, procurando evitar um intróito inútil.

— Tenho ordens de manter a guarnição federal na mais rigorosa neutralidade…

Calou-se. Na pausa que se seguiu, Rodrigo ouviu o tiroteio longínquo, agora mais ralo.

— Dr. Rodrigo, sou seu amigo, que diabo! Não vou negar, cá entre nós, que a sua causa me é muito mais simpática que a do governo do Estado.

Calou-se de novo. Rodrigo tinha já engolido três comprimidos de aspirina, mas a dor de cabeça continuava. E a hora que ele passara a coser barrigas, a pinçar veias, a tamponar hemorragias, só tinha contribuído para aumentar-lhe a dor e o mal-estar.

— Seu irmão - prosseguiu o coronel Barbalho - quis ocupar o telégrafo e cortar as linhas. Não permiti. É um próprio federal e portanto zona neutra.

— Compreendo.

Rodrigo tinha a impressão de que seu crânio estava forrado de dor. As têmporas latejavam-lhe com uma intensidade estonteadora.

— Quer que lhe fale com toda a franqueza? - perguntou o militar. — Acho que a posição dos senhores é insustentável.

Rodrigo sabia que o outro dizia uma verdade, mas perguntou: - Por quê?

— O destacamento provisório que guarnece o setor sul resiste e seus companheiros, doutor, tiveram muitas baixas. Acho que em breve terão de retirar-se, se é que já não começaram…

— Não acredito que o coronel Cacique se retire sem antes me comunicar…

— Pois então prepare-se para uma má notícia. O coronel Cacique está morto. Foi dos primeiros que caíram num ataque frontal estúpido que fez contra uma trincheira de pedras.

Rodrigo franziu a testa. O outro sacudiu a cabeça lentamente: - E no setor norte a coisa não vai melhor para os revolucionários, meu amigo. Os provisórios não cederam um metro de terreno. Tenho observadores de confiança em ambas as zonas de operações.

— E que é que o senhor quer que eu faça? O outro encolheu os ombros: - Não tenho nenhum direito de lhe ditar uma conduta. Só espero que não se sacrifique e não sacrifique seus companheiros inutilmente. Em poucas horas as forças legalistas de Cruz Alta podem chegar e então a superioridade numérica de seus inimigos será esmagadora.

Novo silêncio. Rodrigo teve ímpetos de gritar: "Já deu seu recado, não? Pois então vá embora!" Limitou-se, porém, a olhar para o outro, mudo, e com um ar de quem declara finda a entrevista. O militar estendeu a mão, que Rodrigo mal apertou.

— Tem alguma coisa a me pedir, d r. Cambará?

Rodrigo meneou a cabeça: não tinha. O outro fez meia-volta e preparou-se para sair. Junto da porta, voltou-se: - Pode ficar tranquilo. Farei que seja respeitada a vida e a dignidade dos feridos revolucionários que ficarem para trás. Já dei ordens a três médicos militares para virem ajudar o dr. Carbone e o dr. Camerino.

Abrirei nosso hospital a todos os feridos sem distinção de cor política.

Rodrigo nada disse, não fez o menor gesto. E quando o outro saiu, ele ficou a olhar fixamente para as pontas das próprias botas manchadas de barro e sangue.

Entre dez e meia e onze horas as patrulhas regressaram. A que explorara o setor do sul conseguira estabelecer contato com soldados de Cacique Fagundes, que haviam confirmado a morte do chefe e o malogro de três ataques contra as posições dos legalistas. As notícias do setor do norte eram também desanimadoras. Romualdinho Caré trouxe um recado de Juquinha Macedo. A munição escasseava, tinham tido muitas baixas, o pessoal estava cansado e o remédio era bater em retirada para evitar desastre maior.

As onze e vinte o tiroteio cessou por completo em ambos os setores.

Rodrigo congregou todos os seus homens no redondel da praça e ali combinou com eles a maneira como deviam retirar-se. O companheiro que estava de vigia numa das torres da matriz anunciou que avistara um pelotão de "provisórios" que se deslocava da zona da charqueada e tomava a direção da olaria.

Ficou decidido que um pequeno piquete de cavalaria tomaria a dianteira, seguido da carroça, a qual seria protegida por quatro cavalarianos. Finalmente, os restantes se retirariam em grupos de dez.

Toríbio com seu piquete ficaria para trás a fim de proteger-lhes a

retaguarda. A primeira etapa seria a olaria. A segunda, o Porreiro do Padre. A terceira… só Deus sabia.

— Tomara que o caminho esteja desimpedido - murmurou Chiru quando o piquete de vanguarda se pôs a caminho, comandado por Pedro Vacariano.

Poucos minutos depois ouviu-se um tiroteio. Toríbio olhou para o homem que estava à boleia da carroça e gritou: - Toque pra frente na direção da olaria. E não pare nem por ordem do bispo!

A carroça arrancou e se foi sacolejando sobre as pedras irregulares do calçamento. Toríbio deu de rédeas e juntou-se aos seus cavalarianos.

Rodrigo, montado no cavalo que pertencera ao capitão Chiquinote, carregou a Winchester, lançou um rápido olhar na direção do Sobrado, esporeou o animal e saiu a galope.

O tiroteio continuava.

E prolongou-se durante todo o resto da tarde, com intermitências.

Por volta das quatro horas espalhou-se na cidade a notícia de que os revolucionários tinham tido sua retirada cortada por uma companhia de "pés-no-chão" mas que, à custa de pesadas baixas, haviam conseguido romper as linhas inimigas e chegar à olaria. Era lá que estavam agora entrincheirados, resistindo…

Algumas pessoas arriscaram-se a sair de suas casas, vieram para a praça, onde ficaram a examinar os vestígios do combate: as manchas de sangue nas pedras, na grama, na terra; as vidraças estilhaçadas; os buracos de bala em muros e paredes… Ficaram principalmente na frente da Intendência a contemplar num silêncio cheio de horror os cadáveres do dr. Miguel Ruas, de Cantídio dos Anjos e do cavalo deste último, que haviam sido removidos do vestíbulo do palacete e atirados ali no meio da rua. O ex-promotor tinha cerrados os olhos, de pálpebras arroxeadas. Os do negro, porém, estavam arregalados e pareciam de gelatina. Um major do Corpo Provisório, homem retaco e de aspecto façanhudo, surgiu à porta da Intendência e dirigiu aos curiosos um pequeno discurso: "Esses bandoleiros tiveram o castigo que mereciam. — Apontou com a ponta da bota para o cadáver do dr. Ruas. — Aquele ali nem gaúcho era. Meteu-se na revolução só pra matar e roubar. O negro, esse degolou muito republicano em 93. Deus sabe o que faz. Agora precisamos pegar os Cambarás e os Macedos e os Amarais, trazer eles pra cá e degolar todos debaixo da figueira. Pra não serem bandidos. Já me encarreguei do Cacique Fagundes. — Deu uma palmada no cabo da Parabellum. — Um tiro na boca. A esta hora o velho está pagando no inferno as malvadezas que cometeu na terra". O público escutou-o em silêncio. Moscas andavam em torno do focinho do cavalo. Uma delas pousou em cima do olho do negro. Outra passeava ao longo do nariz do ex-promotor.

Para as bandas da olaria o tiroteio continuava, mas débil, com longos intervalos. Na Casa de Saúde os médicos trabalhavam sem cessar. Os novos feridos que chegavam - recolhidos por praças do Exército - eram levados diretamente para o Hospital Militar, onde lenços de várias cores se misturavam. Vendo-os passar em padiolas, sangrando e gemendo, Cuca Lopes, que saíra de casa cosido às paredes, pálido, murmurou: “Credo! É o fim do mundo”. Algumas mulheres das redondezas entraram furtivas na igreja e ali ficaram a rezar o resto da tarde. De vez em quando um projétil rebentava a vidraça de alguma casa cujas janelas estavam voltadas para o poente. Correu a notícia de que uma bala perdida matara um velho que atravessava uma rua.

Pouco antes das cinco, Aderbal Quadros encilhou o cavalo, montou-o e - contra todas as recomendações da mulher - tocou-se para a cidade ao tranquito do tordilho. Foi direito ao Hospital Militar, entrou e examinou todos os feridos, um por um. Fez o mesmo depois na Casa de Saúde, onde Camerino e Carbone, de tão ocupados, cansados e tontos, nem sequer deram por sua presença. Saiu aliviado. Não encontrara entre os feridos nenhum parente ou amigo chegado. Tornou a montar e dirigiu-se para o Sobrado. Um soldado do Corpo Provisório atacou-o, exclamando: “Alto lá!” "Ora não me amole, guri - disse o velho - tenho mais o que fazer." E continuou seu caminho, enquanto o soldado resmungava: “Esse seu Babalo é um homem impossível”. Sem descer do cavalo, Aderbal Quadros abriu o portão do Sobrado, entrou e apeou no quintal. Subiu a escada de pedra que levava à porta da cozinha, na qual bateu. “Sou eu, o Babalo!” A porta entreabriu-se e na fresta apareceu a cara da Laurinda. Aderbal entrou, perguntando: “Onde está essa gente?”

Encontrou as mulheres e as crianças reunidas na sala de jantar. Flora atirou-se nos braços do pai e desatou o pranto.

Maria Valéria contemplava a cena com o rosto impassível.

— Eu já disse pra ela que não adianta chorar.

Aderbal, porém, acariciava os cabelos da filha, murmurando: - Adianta, sim. Chore, minha filha, chore que faz bem ao peito.

Bibi, Edu e Alicinha romperam também a choramingar. Esta última estava abraçada à boneca, em cujas faces suas lágrimas caíam e rolavam. Sentado a um canto, enrolado num cobertor, Floriano mirava o avô com olhos graves. Jango brincava distraído com um osso, debaixo da mesa.

— Essa menina não comeu nada o dia inteiro… - disse a velha. — Está nesse desespero desde o raiar do dia, quando o tiroteio começou.

Aderbal fez a filha sentar-se, e ela quedou-se a olhar para ele com uma expressão de medo e tristeza nos olhos machucados. Quando conseguiu falar, perguntou se o marido havia tomado parte no ataque.

Babalo, que agora tinha numa das mãos um pedaço de fumo em rama e na outra uma faca, respondeu: - Acho que sim. O Rodrigo não é homem de ficar pra trás.

— Será que… ? - balbuciou ela. Mas não teve coragem de terminar a pergunta.

— Corri todos os hospitais - contou o velho. — Teu marido não está em nenhum deles. Nem o Licurgo. Nem o Bio. Nenhum de nossos amigos.

Ficou de cabeça baixa a picar fumo. Depois acrescentou: - Por enquanto o que se sabe é que os revolucionários estão entrincheirados na olaria, cercados pelas forças do governo.

Maria Valéria tinha conseguido fazer cessar o choro das três crianças.

Houve na casa um silêncio durante o qual se ouviu o tiroteio longínquo.

Depois o velho amaciou com a lâmina da faca uma palha de milho, derramou sobre ela o fumo picado, enrolou-a e prendeu-a entre os dentes.

Bateu o isqueiro, acendeu o cigarro, tirou uma baforada e disse: - Preciso sair. Alguém tem de cuidar dos mortos.

O tiroteio cessou por completo ao anoitecer. Chegou então à cidade a notícia de que os revolucionários haviam conseguido romper o cerco e fugir para o interior do município.

O coronel Laço Madruga e duzentos homens voltaram de Cruz Alta, vindos num trem expresso, e desfilaram pela rua do Comércio ao som de tambores e cometas. De muitas janelas, homens e mulheres acenavam para a soldadesca. Havia já então muita gente nas calçadas. Algumas casas, porém, permaneciam de portas e janelas cerradas.

Rojões subiram na praça e explodiram no alto, quando as tropas chegaram à frente da Intendência. Ouviram-se vivas e morras. Estrelas apontavam no céu pálido da noitinha.

As luzes da cidade, porém, continuavam apagadas. Um capitão veio contar ao coronel Madruga que, ao se retirarem, os revolucionários haviam depredado a usina elétrica, e que possivelmente Santa Fé teria de passar muitas noites às escuras.

— Vândalos! - exclamou o major Amintas Camacho ao ouvir a notícia. — Não se contentam com matar, saquear casas de comércio, roubar, assassinar pessoas indefesas! Destroem a propriedade do povo!

Na praça escura moviam-se vultos. Aos poucos voltavam ao centro da cidade as tropas legalistas que haviam cercado e atacado a olaria.

Sabia-se agora com certeza que houvera baixas pesadas de lado a lado.

Nas ruas, quintais, telhados, terrenos baldios e valos entre a praça

da Matriz e a propriedade de Chico Pedro, havia guerreiros de ambas as facções caídos, muitos ainda com vida. E na cidade às escuras saíram as patrulhas do Madruga, tropeçando nos mortos e localizando os feridos pelos gemidos. Em breve uma notícia espalhou-se por Santa Fé, num sussurro de horror, e chegou aos ouvidos do comandante da Guarnição Federal: "provisórios" degolavam os feridos que encontravam com um lenço vermelho no pescoço.-..

O coronel Barbalho irrompeu na Intendência, fardado, a cara fechada, os lábios apertados e, sem cumprimentar o coronel Madruga, foi logo dizendo: - Responsabilizo o senhor pela vida dos feridos e dos prisioneiros revolucionários. Fui informado de que seus soldados estão degolando os inimigos que encontram. É uma monstruosidade que não permitirei!

Madruga cofiou o bigodão, puxou um pigarro nutrido, e, com voz apertada, replicou: - Sua obrigação, coronel, é ficar neutro.

— Neutro em face da revolução mas não do banditismo! Não esqueça que tenho forças para reprimi-lo.

— Quem degola são os maragatos. Saquearam a cidade, mataram gente, estragaram a usina.

Levou-o a ver o cadáver do tenente Aristides, Mostrou-lhe os corpos dos soldados legalistas estendidos no quintal. O coronel Barbalho murmurou: - É a guerra. Não me refiro a isso. Os prisioneiros e os feridos têm de ser respeitados. É uma lei internacional.

Fez-se um silêncio tenso.

— Pois o senhor fica avisado - tornou a falar o comandante da guarnição. — Já mandei patrulhas do Exército por essas ruas, para que a lei seja cumprida. Se seus homens criarem qualquer dificuldade, meus soldados têm ordem de abrir fogo…

— Pois veremos… - disse Madruga. E ficou olhando para o outro num desafio.

Separaram-se sem o menor gesto ou palavra de despedida.

E nas horas que se seguiram, a busca de mortos e feridos continuou à luz das estrelas e de uma que outra lanterna elétrica. Os mortos do Corpo Provisório foram levados para a Intendência; os da Coluna Revolucionária trazidos para a praça, à frente do Sobrado, e estendidos sobre a relva dum canteiro. Chegavam aos poucos, em padiolas carregadas por soldados do Exército. Um tenente focava no rosto do morto a luz de sua lanterna e, ajudado por um sargento que tinha nas mãos um caderno e um lápis, tratava de identificá-lo. Revistava-lhe os bolsos na esperança de encontrar algum documento que lhe revelasse o nome. Era uma tarefa difícil. Em sua maioria aqueles homens não traziam consigo papéis de nenhuma espécie. Alguns possuíam retratos de pessoas da família com inscrições no verso. Na fivela de metal do cinturão de um deles, viam-se as duas

iniciais dum nome. Em dois ou três corpos encontraram-se cartas pelas quais foi possível descobrir-lhes a identidade.

Maria Valéria saiu do Sobrado enrolada no seu xale, com uma lanterna acesa na mão e pôs-se a andar lenta e metodicamente ao longo das três fileiras de cadáveres. Parava diante de cada um, ajoelhava-se, erguia a luz para ver-lhe a cara, mirava-a longamente, depois sacudia a cabeça.

Não o conhecia. Graças a Deus! E passava ao defunto seguinte. Na sua maioria estavam barbudos, o que lhe dificultava um pouco a identificação. Com uma das mãos a velha prendia as pontas do xale; com a outra segurava a lanterna: ambas estavam geladas. Soprava um ventinho frio, que vinha das bandas da Sibéria.

Outras mulheres andavam por ali a examinar os mortos. De vez em quando uma soltava um grito e rompia num choro convulsivo. Decerto tinha descoberto o cadáver do marido, do noivo, do irmão ou do filho…

Maria Valéria chegou ao último daqueles corpos sem vida com uma sensação de alívio. Não encontrara nenhum de seus homens.

Alguns dos cadáveres foram levados para as casas de parentes ou amigos. Chico Pão deixara a padaria e estava agora do lado de Maria Valéria a resmungar: “Que desgraça! Que desgraça!” E choramingou tanto, que a velha o repreendeu: “Pare com isso! Não precisamos de carpideira”.

Um vulto aproximou-se. Era Aderbal Quadros. Contou que vinha duma nova visita aos hospitais. Entre os revolucionários feridos encontrara apenas um conhecido: o Neco Rosa, que recebera um balaço na coxa e havia perdido muito sangue.

— Se salva? - perguntou a velha.

— Acho que sim.

Maria Valéria voltou para o Sobrado, onde Flora dormia placidamente, depois duma injeção sedativa que o dr. Camerino lhe aplicara.

Às onze da noite, a busca de mortos e feridos foi dada como finda.

Babalo contou os assisistas mortos que jaziam ainda sobre o canteiro.

Havia um total de vinte e dois. Os feridos estavam sendo atendidos nos hospitais, mas alguém precisava cuidar dos defuntos, dar-lhes um velório decente. Não podiam ficar atirados ali na praça, como cachorro sem dono…

Bateu à porta da casa do vigário, tirou-o da cama e perguntou-lhe se podiam velar os mortos na matriz.

— Não - respondeu o sacerdote. — Não me meto em política.

Era um padre de origem alemã e falava com um sotaque carregadíssimo.

— Não é caso de política, vigário, mas de caridade cristã.

— Cumprirei minha obrigação encomendando os mortos amanhã, sem distinção de partido. Nada mais posso fazer.

Babalo contou a história a Maria Valéria que, depois de breve, reflexão, decidiu: - Traga os defuntos pró nosso porão. Afinal de contas são gente do primo Licurgo.

Soldados do Exército ajudaram Babalo a transportar os corpos para o porão do Sobrado, onde Chico Pais, Laurinda e Leocádia acenderam todas as velas que encontraram no casarão.

Maria Valéria achou que o dr. Miguel Ruas, como "hóspede da casa"

merecia um velório especial, e mandou levar seu cadáver para o escritório. Chamou ao Sobrado Zé Pitombo e encomendoulhe todos os "apetrechos" necessários para a câmara-ardente. Meia hora depois, encontrou o corpo do ex-promotor dentro dum fino ataúde, ladeado por quatro grandes castiçais, onde ardiam círios. À cabeceira do caixão erguia-se um Cristo de prata. A velha olhou tudo com seu olhar morno e depois chamou Pitombo à parte.

— Não carecia tanto luxo - murmurou. — Afinal de contas, é tempo de guerra. Qualquer caixão de pinho servia.

Aderbal fumava em silêncio, pensando no diálogo que mantivera havia pouco com o Chico Pedro da olaria, que encontrara entre os feridos do Hospital Militar.

— Mas que é isso, vivente? Eu não sabia que eras maragato.

— Qual maragato! - respondeu o oleiro com voz débil. Fora ferido no peito. Estava pálido, a testa rorejada de suor. — Nunca me meti em política. Só sei fazer tijolo…

— Bala perdida?

Chico Pedro sacudiu a cabeça negativamente e depois, entre gemidos, contou: - Estavam brigando… ai-ai-ai! dentro da minha propriedade. Eu não podia ficar… ai!… todo o tempo parado… de bra-braços cruzados…

Quando vi aquela rapaziada linda de lenço colorado… caindo e morrendo, fiquei meio incomodado… Vai então… ai!… peguei uma espingarda e comecei também a dar uns tirinhos…

Olhando agora para o corpo de Miguel Ruas, Aderbal recordava as palavras do oleiro. "Fiquei meio incomodado…" Decerto o que havia levado o ex-promotor à revolução tinha sido um sentimento idêntico ao do Chico Pedro. Fazendo com a cabeça um sinal na direção do morto, Maria Valéria murmurou: - Será que tem pai e mãe vivos? Ou alguma irmã? Precisamos avisar os parentes…

Babalo sacudiu lentamente a cabeça. A velha soltou um suspiro breve e exclamou: - Pobre do Antônio Conselheiro!

Laurinda reuniu a negrada da vizinhança e à meia-noite em ponto

romperam todos num terço em intenção às almas dos mortos. Rezavam de pé, com os rosários nas mãos.

Um vento gelado entrava pela porta entreaberta, fazendo oscilar a chama das velas. Havia uma ao lado de cada defunto. Os corpos estavam estendidos no chão de terra batida, em duas fileiras iguais.

Roque Bandeira e Arão Stein, que tinham passado boa parte da noite a ajudar os médicos na Casa de Saúde, achavam-se agora junto do corpo do ex-promotor. Cerca da uma da madrugada, quando, terminado o terço, Laurinda subiu, Maria Valéria mandou-a servir um café, que o judeu e tio Bicho tomaram ali ao pé do morto, comendo pão quente trazido pelo Chico Pais, de sua padaria. Babalo dormia deitado no sofá da sala de visitas, enrolado num poncho. Maria Valéria de quando em quando subia para "espiar" Flora e as crianças; depois voltava para o escritório, ficava sentada a um canto, os braços cruzados sob o xale, um braseiro aceso aos pés.

Desde que haviam chegado ao Sobrado, Stein e Bandeira discutiam a personalidade de Miguel Ruas.

— Não compreendo - disse o primeiro pela décima vez. — Palavra que não compreendo.

Aproximou-se do defunto, como se esperasse dele uma explicação. Roque Bandeira sorriu: - Mas quem compreende?

— Este homem nunca foi político, não era pica-pau nem maragato…

Vinha de outro Estado. Não tinha nada a ganhar com essa revolução… No entanto meteu-se nela, lutou com bravura e acabou perdendo a vida.

— Fale mais baixo - repreendeu-o Maria Valéria.

— É verdade que o Madruga mandou dar-lhe uma sova… - prosseguiu Stein, num cochicho. — Se levássemos a coisa pra esse lado, talvez encontrássemos uma explicação.

Tio Bicho ria o seu riso meio guinchado de garganta.

— E por que não pensar num ato gratuito? Ou num puro gesto de cavalheirismo… ou de cavalaria? É porque essas coisas não cabem no teu esquema marxista?

— Ora! Elas não passam de invenções dos literatos pequeno-burgueses.

Stein começou a esfregar as mãos e a caminhar dum lado para outro. Da praça vinham vozes. O vento, soprando agora com mais força, sacudia as vidraças: era como se o casarão batesse dentes, com frio.

— Bem dizia a velha Bibiana - murmurou Maria Valéria, mais para si mesma que para os outros: - "Noite de vento, noite dos mortos".

Seguiu-se um silêncio. Stein pôs-se a andar ao redor do ataúde.

— De que serviu o sacrifício deste homem? - perguntou, parando na frente de Roque. — Não achas que ele podia ter usado melhor a sua vida e a sua morte?

O outro deu de ombros. O judeu continuou: - Quando é que todos esses pica-paus, maragatos, borgistas, assisistas, monarquistas vão descobrir que estão se matando e se odiando por causa de mitos?

— Mas a coisa não foi sempre assim, desde que o mundo é mundo?

— O que não é razão para a gente achar que não pode mudar tudo.

Tio Bicho abriu a boca num prolongado bocejo. Stein tirou do bolso um caderno e entregou-o ao amigo.

— Aqui está outro mistério. Encontrei este negócio no bolso do dr.

Ruas. Pensei que era um diário de campanha.

— E não é? - perguntou Roque, aproximando o caderno da chama de um dos círios e folheando-o sem muita curiosidade.

— Não. É um amontoado de bobagens, quadrinhas mundanas, pensamentos.

Olha o título: Ao ouvido de Mlle. X. Há uma página que foi escrita ontem, vê bem, na véspera do ataque à cidade. Escuta: "Atacaremos Santa Fé amanhã. Penso em ti, nos teus olhos de sátira, ó lírio de Florença.

Olho para as estrelas e relembro a noite em que te enlacei pela cintura e saímos rodopiando ao som duma valsa de Strauss". Nenhuma palavra sobre os horrores da guerra, as durezas da campanha, a possibilidade da morte…

Stein cruzou os braços, olhou para o defunto e depois para o amigo.

— Agora quero que me expliques. Como é que esse moço fútil, que usava pó-de-arroz, que vivia preocupado com bailarecos, roupas, gravatas, brilharetes sociais foi se meter nessa revolução e brigar como um homem? Está tudo errado.

— Está tudo certo - sorriu o Bandeira, devolvendo o caderno ao outro.

— E, seja como for, o homem está morto. Devemos respeitá-lo.

— Pois eu prefiro respeitar os vivos enquanto estão vivos, já que podemos impedir que eles morram em guerras insensatas como essa. Ou que vivam uma vida indigna, mais como bichos do que como seres humanos, como é o caso da maioria da nossa gente. Esse é o respeito que todos devem ter. O resto é superstição, obscurantismo, conversa-fiada de padre.

No seu canto Maria Valéria estava agora de cabeça atirada para trás, sobre o respaldo da cadeira, os olhos cerrados, a boca

entreaberta. A seus pés as brasas morriam.

Stein aproximou-se da janela e olhou para fora. Havia tíbias luzes amarelentas em algumas das janelas da Intendência. Na praça moviam-se vultos. O vento continuava a sacudir as vidraças.

— Pensa naqueles homens mortos lá no porão - murmurou o judeu. — Ninguém sabe quem são. O tenente não conseguiu identificar mais que três ou quatro. Amanhã vão ser enterrados na vala comum, enrolados em trapos. Esse é o destino de todos os lutadores anônimos que morrem estupidamente para servirem os interesses políticos e econômicos da minoria dominante. Fez uma pausa, abafou um bocejo, depois prosseguiu: - E as diferenças de classes continuam mesmo na morte. O dr. Ruas está aqui em cima, tem velório especial, caixão de primeira. A escória jaz atirada lá embaixo, no porão. Não é um símbolo do que acontece no edifício social?

Bandeira levantou para o amigo um olhar que o sono já embaciava: - Só não compreendo - murmurou - é como a esta hora da noite, com um frio brabo destes, ainda tens ânimo e calor para discutir essas coisas!

Pouco depois das cinco, Babalo acordou, encaminhou-se para a cozinha e pediu a Laurinda que lhe preparasse um mate. Galos começavam a cantar.

Os círios extinguiam-se ao pé do esquife.

Desde as duas da madrugada Stein encontrava-se no porão, sentado a um canto, fazendo companhia aos revolucionários mortos. As velas ali se haviam extinguido por completo, e a escuridão parecia aumentar o frio e a umidade. Quando o dia começou a clarear o judeu saiu para o quintal, encolhido, apanhou uma laranja meio verde de uma das laranjeiras, partiu-a e começou a chupá-la. Estava azeda. Jogou-a fora. Enfiou as mãos nos bolsos e ficou a olhar para o horizonte, onde uma barra carmesim anunciava o nascer da manhã.

Maria Valéria despertou pouco antes de aparecer o sol. Ergueu-se da cadeira, aproximou-se do calendário do escritório, sob o retrato do Patriarca, e olhou a data. Maio 8. Terça-feira. A seguir, como costumava fazer todas as manhãs, arrancou a folhinha, leu o que estava escrito no verso, amassou-a entre os dedos e atirou-a dentro da cesta de papéis velhos.

Uns dez dias mais tarde os ares de Santa Fé foram de novo agitados pelos rojões que o coronel Madruga mandara soltar na praça. Curiosos correram para a Intendência, amontoaram-se e acotovelaram-se na frente do quadro-negro no qual o major Amintas Camacho, havia pouco, afixara um papel com a notícia sensacional. A 3a Divisão do Exército Libertador, comandada pelo general Estácio Azambuja, fora surpreendida nas pontas do arroio Santa Maria Chico pelas forças

combinadas dos coronéis Claudino Pereira, Flores da Cunha e Nepomuceno Saraiva. Depois dum combate de quatro horas, em que sofreram pesadas baixas, os revolucionários haviam debandado, deixando em poder dos legalistas, além de muitos prisioneiros, armas, munições, carroças com víveres e cerca de dois mil cavalos. O comunicado terminava assim: Os bandoleiros fugiram rumo da fronteira, internando-se no Uruguai.

Ficou entre seus mortos o famigerado coronel Adão Latorre, negro de sinistra memória, um dos maiores degoladores maragatos da Revolução de 93.

Aderbal Quadros leu a notícia meio céptico, e ao entrar no Sobrado disse à filha: - Se a coisa é verdade, foi uma derrota feia pra nossa gente. Mas essa chimangada mente muito!

Os jornais oposicionistas que chegaram mais tarde a Santa Fé mal conseguiam atenuar as proporções da derrota. Ficava claro que, conquanto a divisão de Estácio Azambuja reunisse a fina flor de Bajé, São Gabriel e Dom Pedrito, seu armamento era deficiente, a munição pouca, o serviço de vigilância péssimo, isso para não falar na falta de unidade de vistas entre seus diversos comandantes.

A Voz da Serra apareceu aquela semana trazendo um relato mais ou menos minucioso do combate do Santa Maria Chico. Terminava assim: …e a mortandade nas fileiras dos revolucionários teria assumido as proporções duma verdadeira chacina não fosse a generosidade do coronel Claudino Nunes Pereira, cujas tropas, disciplinadas e aguerridas, dispunham de duas metralhadoras colocadas em posição vantajosa. No entanto, esse bravo militar, comprovando as tradições de bondade e cavalheirismo do povo gaúcho, mandou erguer a alça de mira dessas mortíferas armas, de maneira que as balas passavam sobre as cabeças dos maragatos espavoridos, que fugiam em todas as direções, enquanto os projeteis ceifavam os ramos superiores das árvores dum capão próximo.

— Já lhe disse que não quero ver essa porcaria dentro desta casa! - exclamou Maria Valéria, apontando para o número do jornal do Amintas que Camerino tinha na mão.

O médico sorriu.

— Está bem - disse, rasgando a folha em vários pedaços e atochando-os no bolso do casaco - mas acho que a gente deve ler tudo o que o inimigo escreve…

Fosse como fosse, os moradores do Sobrado ficavam sobressaltados toda a vez que ouviam as detonações dos foguetes do Madruga. A primeira pergunta que Flora fazia a si mesma era: “Será alguma coisa com a nossa gente?”

Não se tivera mais nenhuma notícia certa da Coluna Revolucionária de Licurgo Cambará desde o malogrado ataque à

cidade. Sabia-se vagamente que andava pelo interior do município de Cruz Alta, onde tivera encontros de patrulha com forças governistas. Havia até quem afirmasse que muitos de seus oficiais haviam já emigrado para a Argentina.

— Potocas - dizia Babalo. — Ninguém sabe.

As notícias do Madruga só anunciavam vitórias para os borgistas: Honório Lemes e seus "bandoleiros" viviam em fuga constante, perseguidos pela tropa de Flores da Cunha; a divisão de Zeca Neto fugia também aos combates; Filipe Pertinho continuava imobilizado em Erexim, de onde Firmino de Paula esperava desalojá-lo em breve…

— E a intervenção não vem! - suspirava Aderbal.

O governo federal havia mandado ao Rio Grande um ex-ministro, o dr.

Tavares de Lira, para que ele servisse de mediador entre revolucionários e legalistas. Os jornais anunciavam que o emissário do presidente da República agora voltava para o Rio. Tudo indicava o malogro de sua missão de paz.

Flora agora fazia parte da Cruz Vermelha do Exército Libertador, recentemente fundada em Santa Fé. Passava várias horas do dia na Casa de Saúde a ajudar os médicos. Era-lhe difícil vencer a repugnância que lhe despertavam aqueles homens barbudos e sujos para os quais tinha de dar remédios a horas certas. O pior, porém, eram os curativos: desfazer ataduras encardidas recendentes a iodofórmio (cheiro que ela associava a sórdidas "doenças de homem"), passar pomadas nas feridas ou banhá-las com líquido Dakin… Fazia tudo isso de testa franzida, contendo a respiração, os lábios apertados. Em geral a lembrança daqueles feridos e daquelas cenas a acompanhava quando ela tornava à casa, persistia quando ela ia para a cama à noite e cerrava os olhos para dormir. Os cheiros de fenol, éter, água-da-guerra e pus - ah! o pior mesmo era o cheiro agridoce de pus misturado com o de iodofórmio! - não lhe saíam das narinas. Sob as cobertas, depois de rezar e pedir a Deus pela saúde dos ausentes e presentes e pelo restabelecimento dos feridos, ela procurava esquecer o hospital e os doentes, pensar no marido, imaginar que ele estava ali a seu lado com a sua presença quente, amorosa e limpa. Em vão! Aos poucos se ia esquecendo das feições dele, sentia necessidade de olhar para o Retrato, lá embaixo, a fim de recompor a imagem querida, que em sua memória se perdia numa espécie de nevoeiro.

Na escuridão do quarto (de quando em quando um dos filhos falava no sono) Flora pensava naquelas caras lívidas e peludas, nos algodões purulentos, nas gazes ensanguentadas, nos hálitos pútridos. Ah! Outra lembrança que com frequência lhe vinha à mente era a do olhar dos feridos. Havia olhos empanados pela dor ou pelo medo da morte. Ou então animados dum brilho cálido de febre. Viam-se

também olhos doces, com expressão entre humilde e grata, quase canina. Mas os havia também orgulhosos, com algo de feroz, E olhos que fitavam as pessoas e as coisas em derredor num meio espantado estupor, como que não compreendendo direito o que acontecia. Um dia Flora teve um arrepio desagradável ao se sentir alvo da atenção de um dos feridos - um caboclo de cara morena e larga, a cabelama do peito a escapar-lhe pela abertura da camisa. Era um olhar carregado de desejo. Ela se sentiu despida e com a impressão de que aqueles olhos a haviam

lambuzado dum visgo insuportável. Ao voltar à casa tomara um prolongado banho. Mas enquanto estava dentro da banheira, teve a impressão de que aqueles olhos sujos e implacáveis a observavam, grudados no teto…

Sempre que chegava ao hospital pela manhã era invariavelmente saudada com as mesmas palavras pelo dr. Carbone, que nunca perdia o bom humor, nem quando o tiravam da cama no meio da noite para atender um caso de urgência: - Ah! A nossa piccola Florence Nightingale! Bom dia, carina. Flora admirava não só a coragem como também a eficiência de Santuzza, a quem o marido dera o cognome de Ia regina delVautoclave. Movia-se no hospital com uma facilidade feliz e maternal de quem está em sua própria casa. Era sempre chamada quando havia algum "caso difícil". As damas da sociedade local - algumas das quais faziam parte da Cruz Vermelha para efeitos apenas de prestígio social - recusavam-se a fazer curativos (e Carbone não as forçava a isso) nos casos em que ficassem expostas as partes do corpo dos feridos que Maria Valéria costumava designar pelo nome de "vergonhas". Santuzza, porém, não hesitava. Arregaçava as mangas, crescia sobre a cama com os seios faraônicos, e dizendo: "Deixa a mamma ver", ia arriando com a maior naturalidade as calças do paciente. E aqueles homenzarrões se entregavam a ela quase com uma naturalidade de meninos.

Flora levava doces e cigarros para todos os feridos da Casa de Saúde, mas tinha atenções especiais para com Neco Rosa, que lá estava imobilizado sobre um leito, a coxa envolta em ataduras, magro e lívido, uma barba de profeta a negrejar-lhe contra a palidez do rosto. Soltava suspiros, queixava-se da sorte, falava nos companheiros distantes, perguntava aos médicos quando iam dar-lhe alta… O dr. Carbone não o iludia. Antes de quarenta dias não o poderia mover dali.

— Que porcaria! - exclamou Neco.

Um dia, depois de verificar-lhe a temperatura e o pulso, Dante Camerino sentou-se na cama e murmurou: - O Madruga sabe que foste tu quem comandou o grupo que atacou a Intendência pela retaguarda. Anda dizendo a Deus e todo o mundo que degolaste com tuas próprias

mãos dois prisioneiros provisórios…

— Mentira! - vociferou Neco, soerguendo-se bruscamente como se lhe tivessem aguilhoado as costas. — É uma infâmia! Tu sabes que não sou bandido.

— Eu sei. Mas o Madruga anda furioso, não ignora que estás aqui e jurou te pegar. “Aquele barbeiro canalha não me sai com vida do hospital.” É o que vive dizendo.

Neco permaneceu em silêncio por um instante, fumando e olhando para as pontas dos próprios pés, metidos nas meias de lã que Maria Valéria lhe fizera.

— Preciso então ir pensando num jeito de fugir daqui… Camerino ergueu-se.

— Não te preocupes. Enquanto continuares neste hospital estás garantido. Uma patrulha do Exército se mantém de guarda aí fora, dia e noite.

Neco olhava ainda, taciturno, para as pontas dos pés. Foi com voz grave que tornou a falar: - Vou te pedir um favor. Não me leves a mal.

— Que é?

— Pelo amor de Deus, me arranja um violão!

O inverno entrou rijo, com geadas. Certa manhã, ao acordar os filhos mais velhos para mandá-los a escola, Flora olhou para fora e, vendo os telhados esbranquiçados, pensou no marido e sentiu um aperto no coração.

Laurinda todas as manhãs acompanhava Alicinha, Floriano e Jango até a casa onde funcionava a Aula Mista Particular, de dona Revocata Assunção.

Era perigoso - achava Flora - deixar a menina andar só com os irmãos por aquelas ruas “infestadas de provisórios mal-encarados”.

Aderbal Quadros e Laurentina vinham agora com muita frequência ao Sobrado, numa aranha puxada por um alazão, que era o último amor de Jango. Babalo entrava, distribuía caramelos e barras de chocolate entre os netos, sentava-se, fazia Edu montar-lhe na coxa e balançava-o num ritmo que imitava o trote dum cavalo. Fumegava o rosto do menino com a fumaça azul e acre de seu cigarrão. Eduardo franzia o nariz, apertava os olhos, mas continuava a rir e a pedir "Galope!

Galope!"

A um canto da sala, Laurentina e Maria Valéria retomavam seu antigo diálogo de silêncio onde o haviam interrompido no último encontro.

Quando os Carbones apareciam, o italiano queria cantar ou pôr o gramofone a funcionar, mas Flora mostrava-se indecisa. Seria direito? Os homens da casa andavam pela campanha, enfrentando agruras e perigos.

Ninguém sabia ao certo onde estavam nem o que lhes havia acontecido. Era possível até que àquela hora… Calava-se, engasgada, já com lágrimas nos olhos. Maria Valéria, porém, decidia a situação: "Não se toca nem se canta. É tempo de guerra". Carbone fazia um gesto teatral, mas resignava-se, apanhava um baralho, sentava-se a uma mesa e ali ficava a cantarolar baixinho e a jogar paciência, enquanto Santuzza, no andar superior, entretinha-se com i bambini.

Roque Bandeira e Arão Stein visitavam o Sobrado pelo menos três vezes por semana. Tomavam café com bolinhos de coalhada e comiam a pessegada que Maria Valéria fizera durante o verão para ser consumida no inverno.

Os dois amigos em geral ficavam separados dos outros, ocupados com suas polêmicas. Interessava-se Bandeira pelas figuras daquela revolução que aos poucos se iam definindo a uma luz de epopeia.

— É curioso - disse uma noite tio Bicho, mastigando com prazer um pedaço de pessegada no qual havia nacos de fruta inteiros - a gente observar o nascimento dum herói.

— Devias dizer dum mito - interrompeu-o Stein, repondo no seu lugar, com um gesto nervoso, a mecha de cabelo que lhe caíra sobre os olhos.

— E por que mito? Não são realmente heróis? Tome Honório Lemes… Já é uma figura lendária.

— Então? Que é uma figura lendária senão um mito?

— Não me amoles. Sabes o que quero dizer.

— Sei mas não concordo. Morrem dezenas, centenas de soldados anônimos nesses combates, mas quem leva a fama e a glória é o general que na maioria dos casos raramente ou nunca aparece na linha de fogo.

— Mas que é o herói senão uma síntese, um símbolo, o homem que em determinado momento da história dum povo ou dum grupo encarna não só os sonhos e aspirações desse povo ou desse grupo como também suas qualidades marcantes de coragem, espírito de sacrifício e lealdade? De certo modo o herói é o seu povo. Tivemos em 1835 Bento Gonçalves. É possível que seja Honório Lemes quem melhor encarne o espírito revolucionário de 1923…

Stein limitou-se a estender as mãos ressequidas e arroxeadas por cima do braseiro que Maria Valéria mandara pôr entre ele e o amigo. Tio Bicho contemplava o judeu, sorrindo, com um ar de tranquila e adulta superioridade.

— Por que estás rindo?

— Porque, apesar de todas as tuas teorias, os heróis aparecem, crescem aos olhos do povo e não há nada mais a fazer senão aceitar o veredicto popular por mais errado que ele seja. A verdade está com as massas.

Não é essa a essência mesma do teu bolchevismo?

Stein ficou a mastigar pensativo uma fatia de queijo caseiro. Estava deprimido. No dia anterior, um delegado atrabiliário, acompanhado de dois brutamontes da polícia municipal, lhe havia invadido a casa, rebuscando-lhe gavetas, armários… Depois de queimar-lhe todos os livros, havia-lhe levado a caixa de tipos e a impressora. E como ele tivesse esboçado um protesto contra a arbitrariedade, o bandido sem dizer palavra lhe aplicara um soco na cara, derrubando-o.

Stein tocou com as pontas dos dedos a marca que lhe escurejava na face esquerda.

— Cavacos do ofício - murmurou Bandeira. — A polícia te tirou a tipografia, te queimou a biblioteca mas não podes negar que enriqueceu a tua folha de serviços ao Partido.

— Estúpidos! São violências como essas que fortalecem nosso ânimo, ajudam a nossa causa. Eles estão condenados. É questão de tempo.

Aderbal Quadros não entendia aquelas conversas. Sobre o que se passa na Rússia, tinha apenas ideias nebulosas: ouvira falar numa "reviravolta braba" em que revolucionários tinham "feito o serviço" na família imperial, instituindo um regime em que tudo era de todos. Mas como podiam aqueles dois moços tão instruídos perder tempo com problemas dum país distante, quando ali nas ventas deles fervia uma guerra civil em que irmãos se tiroteavam uns com os outros?

Pelas notícias dos jornais, o velho acompanhava fascinado as proezas de Honório Lemes e seus guerrilheiros. Muitas vezes entrava no Sobrado erguendo no ar, como uma rósea bandeira de guerra, um número do Correio do Sul, e lia para a gente da casa e para os que lá se encontrassem o editorial assinado por Fanfa Ribas, que na opinião de Babalo era o maior jornalista vivo do Brasil. — Que estilo! Que coragem! que coisa!

Os jornais do governo estadual procuravam ridicularizar o general da Divisão do Oeste, apresentando-o como um homem de poucas letras, um simplório, um "mero tropeiro".

Uma tarde Aderbal irrompeu no Sobrado e, sem tirar o chapéu, de pé no meio da sala, leu em voz alta todo um editorial do Correio do Sul, que era um hino à profissão de tropeiro e ao caráter de Honório Lemes. Ao chegar às últimas linhas, fez uma pausa, lançou um olhar para as duas mulheres que o escutavam, apertou os olhos e, pondo um tremor teatral na voz seca e quadrada, leu o final: "De joelhos, escribas! É o Tropeiro da Liberdade que passa!"

Soltou um suspiro, murmurou: "Que cosa!", atirou o jornal em cima duma mesa e saiu rengueando da sala, como num final de ato.

E por todo o Rio Grande, nos meios assisistas, o cognome pegou.

Retratos do “Tropeiro da Liberdade” apareciam em jornais e revistas, ilustrando a narrativa de seus feitos militares. Era um homem de estatura meã, ombros caídos - “um jeito meio alca- truzado”, como dizia Maria Valéria - , bigodes pretos escorridos pelos cantos da boca. Na fita do seu chapéu de abas largas, lia-se esta legenda: “Liberdade ainda que tarde!”

Só oferecia combate quando lhe convinha. Sua tropa, duma mobilidade prodigiosa, desnorteava o inimigo, que o perseguia com um encarniçamento irritado. E quando a situação se fazia feia ou duvidosa para suas armas, o caudilho se refugiava com seus soldados na serra do Caverá, que conhecia palmo a palmo, de olhos fechados, e aonde ninguém ousava ir buscá-lo.

Com o passar do tempo, sua legenda enriquecia. Faziam-se versos inspirados em seus feitos. E as mulheres jogavam-lhe flores quando ele desfilava com sua tropa pelas ruas das vilas e cidades que ocupava.

No quinto mês da revolução, outra figura - essa do campo oposto ao do “Leão do Caverá” - já se delineava e impunha, também com visos de legenda: a do dr. José António Flores da Cunha. O intendente de Uruguaiana comandava os Fronteiros da República. Era um homem bravo e afoito, duma vitalidade tremenda. De estatura mediana, tinha uma bela e máscula cabeça. Em seu rosto, de fronte alta e feições nobres, bondade e energia se mesclavam. A barba, que usava à nazarena, era dum castanho com cambiantes de bronze, como o dos cabelos, e seus olhos, dum claro azul, exprimiam às vezes uma inocência que o resto do corpo varonilmente renegava. Homem de língua solta e choro tão fácil quanto o riso, era capaz de grandes violências, que em geral depois compensava com generosidades ainda maiores. Suas palavras e atos raramente eram calculados, mas produtos de impulsos.

Contava-se que duma feita, encontrando, numa de suas marchas pela campanha, um rancho à beira da estrada, fez parar o cavalo e, sem apear, pediu de beber à cabocla que viu à porta. A criatura deu-lhe água numa caneca de folha e, enquanto o caudilho bebia, ficou a observá-lo com uma expressão de espantado encanto.

E quando o guerreiro se afastou ao trote do cavalo, um de seus homens ouviu a mulher murmurar: “Parece Nosso Senhor Jesus Cristo. Que Deus me perdoe!”

Murmurava-se que Flores da Cunha não se entendia muito bem com o coronel Claudino Pereira, comandante da brigada governista do Oeste, à qual o primeiro também pertencia. É que tanto ele como o seu companheiro de armas Oswaldo Aranha lutavam com a impaciência e o ímpeto que nascem da paixão: queriam liquidar depressa o inimigo, ao passo que o outro, soldado profissional e experimentado, preferia proceder com cautela e método, temperados

pelo seu desejo de evitar inúteis sacrifícios de vidas. Contava-se que um dia - referindo-se aos dois bacharéis - o coronel Claudino dissera a um caudilho borgista que encontrara numa de suas marchas: “Trago comigo dois homens impossíveis”.

Foi na manhã de 19 de junho que chegaram a Santa Fé pelo telégrafo as primeiras notícias do violento combate travado nos arredores de Alegrete entre as tropas de Honório Lemes e as de Flores da Cunha. Mas só dois dias mais tarde é que a cidade ficou ao corrente dos pormenores. Os revolucionários haviam tomado posição à margem direita do Ibirapuitã, junto a uma das pontes de pedra do Matadouro Municipal. Da cidade de Alegrete saíram as forças legalistas comandadas por Flores da Cunha e pelo caudilho Nepomuceno Saraiva. Este último achava temerário levar um ataque frontal à ponte. Como, porém, conhecia bem o comandante da tropa, disse a um dos companheiros: “El ãoctor ai llegar mandará cargar. Es una barbaridad!” Não se enganava. Arrancando a espada e esporeando o cavalo, Flores da Cunha gritou: “Os que tiverem vergonha, que me acompanhem!” E, sob a fuzilaria do inimigo, precipitou-se rumo da ponte, seguido de um punhado de companheiros. Viu tombar nessa carga um irmão seu, já na outra margem do rio, transposta a ponte. E ele próprio foi ferido por um estilhaço de bala, que lhe penetrou no ilíaco direito.

Pouco depois, Oswaldo Aranha, que lutava com a mesma bravura, era também atingido por um projétil no ápice do pulmão esquerdo. Nenhum dos dois, porém, abandonou a luta.

O combate durou mais de três horas. E como anunciava o coronel Laço Madruga, sob o estrondo dos seus foguetes, “as bravas forças governistas tomaram a ponte do Ibirapuitã, numa das mais renhidas refregas desta campanha, e Honório Lemes e seus bandoleiros fugiram para o Caverá, deixando no campo treze mortos e vinte e sete feridos”.

Começaram então a circular notícias sombrias. Contavam os jornais da oposição que depois do combate “os mercenários de Nepomuceno Saraiva” se haviam entregue a “orgias de sangue”, degolando feridos e prisioneiros. A Voz da Serra revidou: degoladores eram os assisistas. E citava fatos e nomes próprios, denunciando banditismos.

Aderbal Quadros ficou indignado ao saber que as forças borgistas agora empregavam contra os revolucionários um aeroplano pilotado por dois alferes. Achou isso um ato de covardia inominável, indigno das tradições do Rio Grande, cuja paisagem mesma parecia sugerir aos homens a luta franca, frente a frente, em campo aberto, sem emboscadas nem traições. E quando circulou a notícia de que da “engenhoca” haviam lançado três bombas sobre a vila de Camaquã, então em poder dos revolucionários, Babalo ficou com os olhos

inundados de lágrimas, que exprimiam a um tempo sua pena, sua vergonha e sua indignação. “Que coisa bárbara!” - exclamou. Montou a cavalo, saiu a andar pelos campos, nos arredores do Sutil, falando sozinho. Foi longe. Ficou por algum tempo no alto duma coxilha, contemplando as invernadas verdes de horizontes largos e claros, respirando fundo, como se quisesse limpar não somente os pulmões como também a alma. Voltou depois para casa, já ao anoitecer, ao tranco do cavalo, assobiando uma toada que aprendera no Paraguai, nos seus tempos de tropeiro.

Mas circulavam também por todo o Estado histórias de heroísmo, lealdade e abnegação. Conheciam-se agora pormenores da morte de Adão Latorre. Sob o fogo das metralhadoras, o velho caudilho, com apenas trinta homens, estendera linha e, para proteger a retirada dos companheiros, ficara tiroteando contra uma coluna inimiga de quase mil soldados. Mais tarde, quando tentava salvar a cavalhada de sua coluna, seu próprio ginete foi ferido de morte por uma bala. O coronel Latorre desembaraçou-se dele e, no meio da fuzilaria, começou a encilhar com toda a calma o cavalo que um de seus filhos lhe trouxera. Foi nesse momento que uma bala o derrubou. Tinha oitenta e cinco anos.

Um “provisório” de Firmino de Paula - contava-se - , ao cair sob os golpes dos três cavalarianos inimigos que o cercavam, teve ainda tempo para exclamar. “Morre um homem!”

Um pião de dezessete anos, soldado da tropa de Zeca Neco, no meio dum combate deu o seu tobiano a um companheiro já idoso cujo cavalo tinha sido morto. E enquanto o outro se punha a salvo, a galope, fincou pé onde estava e abriu fogo contra os soldados da cavalaria inimiga que se aproximavam, e que finalmente o envolveram e liquidaram a golpes de lança.

Foi em fins de julho que chegou a Santa Fé, trazida por um tropeiro da Palmeira, a história duma proeza de Toríbio Cambará. Seu piquete de cavalaria - contava o homem - caíra numa emboscada, perdendo nos primeiros momentos três soldados. Diante da superioridade numérica do inimigo, Toríbio gritou para os companheiros: “Retirar!” Os outros deram de rédeas e fugiram a todo o galope. Bio, porém, ficou onde estava, atirando sempre contra os “provisórios”. De repente, atingido por uma bala, seu cavalo baqueou, lançando-o ao chão. Toríbio ergueu-se, meio estonteado, mas sempre de revólver na mão, e viu que se aproximava dele a toda a brida um cavaleiro inimigo de lança em riste.

Não se moveu de onde estava. Ergueu a arma, fez pontaria e atirou… O cavaleiro tombou do cavalo com um tiro na cabeça, mas o animal continuou a galopar. Quando ele passou pela frente de Toríbio, este se lhe agarrou às crinas e saltou-lhe sobre o lombo e, em meio

dum chuveiro de balas, conseguiu escapar ileso, reunindo-se mais tarde à sua Coluna.

— Esse rapaz tem o corpo fechado pra bala - disse alguém na roda da Casa Sol, ao ouvir a história.

Quando se conheceu no Sobrado o feito de Toríbio, Flora ficou de lábios trêmulos e olhos úmidos. Floriano escutou a narrativa fascinado.

E Maria Valéria, balouçando-se lentamente na sua cadeira, quedou-se por algum tempo num silêncio reflexivo. Por fim murmurou com um meio sorriso: - O Bio não é deste mundo. Sempre achei que esse menino tinha queda pra burlantim.

Não fosse a presença dos soldados do Corpo Provisório nas praças e nas ruas, nos seus uniformes de zuarte e seus ponchos reiúnos, poder-se-ia dizer que a paisagem humana de Santa Fé pouco ou nada mudara desde o começo da revolução.

Como um sinal de que, apesar da guerra civil, a vida continuava; como um símbolo da capacidade humana de sobreviver e manter-se fiel aos hábitos, Quica Ventura, que jamais trabalhara em toda a sua existência, continuava a picar fumo, parado à frente do edifício do Clube Comercial.

Desde que entrara o inverno, usava botas de sanfona e uma capa espanhola negra, com forro nas três cores da bandeira rio-grandense.

Mesmo quando dentro do Comercial, mantinha na cabeça o chapéu de feltro de aba puxada sobre os olhos, como para sugerir que era “de poucos amigos”. E de fato era. Pessimista, maldizente, não acreditava no gênero humano; seu melhor amigo era o perdigueiro que o acompanhava por toda a parte, e que de certo modo já se parecia com o dono. Esse solitário conservava, no entanto, uma curiosa lealdade à ideia do federalismo.

Não tirava o lenço colorado do pescoço, embora se tivesse recusado a votar em Assis Brasil e vivesse a dizer a todo o mundo que era gasparista mas não estava de acordo com “essa revolução esculhambada”.

Todos os dias, pouco antes das seis da manhã, com uma mantilha negra em torno da cabeça, o livro de reza em punho, dona Vanja atravessava a praça com seus passinhos rápidos, e entrava na igreja para assistir à primeira missa.

A essa mesma hora Marco Lunardi, metido num macacão de mecânico, entrava no seu caminhão, e José Kern - que se mudara de Nova Pomerânia para Santa Fé - abria a sua nova casa de comércio, e os Spielvogels punham em movimento a máquina de sua serraria a vapor, cujo apito costumava soar exatamente às seis. Era às vezes por esse apito pontual que Maria Valéria acertava o relógio grande do Sobrado e dona Revocata saía da cama para ler o seu Voltaire e o seu

Diderot, antes de ir para a escola.

Às sete, José Pitombo - que nunca tivera empregado porque não confiava em ninguém - abria a casa, espanava os caixões, ajeitava artisticamente na vitrina as velas e os anjos de cera, borrifava d'água o chão e punha-se a varrê-lo, enquanto na cozinha fervia a água para o primeiro chimarrão.

Às oito, Cuca Lopes descia a rua do Comércio em ziguezague, duma calçada para outra, chamado pelos conhecidos que encontrava - "Então, Cuca velho, quais são as novidades?" - e ele parava, desinquieto, cheirava as pontas dos dedos, soltava o boato, rodopiava sobre os calcanhares e continuava seu caminho, rumo da Intendência. Já a essa hora dona Revocata entrava na sua escola, pisando duro.

Era por volta das dez da manhã que Ananias, o aguateiro (vivia maritalmente com duas mulheres, dormia com ambas na mesma cama, era conhecido como o Zé do Meio), parava a carroça com a pipa na frente do Sobrado, entrava com duas latas cheias d'água e enchia com elas a grande talha de barro a um canto da cozinha. Às vezes conversava com Laurinda, queixava-se de pontadas nas cadeiras, e acabava pedindo "um traguinho de qualquer coisa pra esquentar o peito". A mulata, quando estava de bom humor, dava-lhe um cálice de licor de pêssego.

Ao meio-dia era quase um ritual para certos habitantes da cidade ir à estação da estrada de ferro, esperar o trem que vinha de Santa Maria, trazendo os jornais, e espiar para dentro dos carros, para ver se descobriam algum conhecido.

À tardinha Mariquinhas Matos debruçava-se na sua janela, na rua do Comércio, os braços morenos apoiados sobre uma almofada de veludo grená, e ali ficava à espera dum transeunte que pudesse namorar. Sua esperança eram os caixeiros viajantes em trânsito pela cidade, e os tenentinhos novos que vinham servir na guarnição federal, e que os moços do lugar por despeito chamavam de fordzinhos. E quando algum deles passava pela calçada, ela armava o seu sorriso de Mona Lisa, já demasiadamente conhecido e um tanto desprestigiado entre os nativos.

À noite havia função no Cinema Recreio, em cuja fachada não raro se via um cartaz em cores, no qual William S. Hart, o cowboy carrancudo, ameaçava os passantes com duas pistolas em punho. Anunciavam-se filmes - agora em sua quase totalidade feitos nos Estados Unidos - com os artistas mais famosos de Hollywood. O Calgembrininho, que ajudava o pai a redigir os programas e os letreiros dos cartazes, fazia a sua literatura. Referia-se à "endiabrada Bebe Daniels", ao "correto galã Wallace Reid, que faz palpitar o coração das donzelas", ao "hilariante Charles Chaplin, vulgo Carlitos", à "divina Norma Talmadge" e à "trêfega Gloria Swanson".

No clube continuavam as rodas de pôquer, frequentadas principalmente por senhores do comércio, de relógio com corrente de ouro no bolso do colete, e muitos deles com duas famílias - a legítima no centro da cidade e a ilegítima do outro lado dos trilhos. No salão maior, mocinhos jogavam bilhar e, como um prelúdio às farras nas pensões de mulheres, certos empregadinhos do comércio nas noites de sábado se davam ao luxo de fumar um charuto, depois do jantar.

O inverno havia espantado das praças as retretas, os pássaros e os namorados.

Pelas ruas andavam à noite homens encolhidos sob seus ponchos e capotes, pigarreando, tossindo, escarrando. Entravam nos cafés, no clube, no Centro Republicano, nos bordéis. Bebiam, comiam bifes com ovos e batatinhas fritas, discutiam política, mulheres e futebol. E poi essas coisas muitas vezes brigavam, arrancavam os revólveres, gritando: “Pula pra fora, canalha!” ou “Atira, bandido!” Alguns atiravam mesmo.

Cerca das onze horas escapava-se da Padaria Estrela d'Alva uma fragrância de pão recém-saído do forno, que dava ao ar da noite um buquê doméstico. E Chico Pais, seguindo um hábito antigo, ia levar ao Sobrado um cesto cheio de pães quentinhos. E como agora não encontrasse Rodrigo e Toríbio no casarão, punha- se a choramingar e a falar deles como de gente falecida, o que comovia Flora e irritava Maria Valéria.

Muitas daquelas noites eram pontilhadas de tiros. A coisa quase sempre acontecia no Purgatório, no Barro Preto ou na Sibéria; rixas entre as patrulhas do Exército e as do Corpo Provisório; ou então eram os guardas municipais que acabavam a bala algum baile de chinas.

Mas em muitas noites, pelas ruas desertas de Santa Fé vagueava apenas o vento, “uivando como um cachorro louco” - como dizia Maria Valéria.

Certa manhã a velha arrancou mais uma folhinha do calendário - Julho 31. Sexta-feira - e pensou: Agosto, mês de desgosto.

As laranjeiras e bergamoteiras do quintal do Sobrado estavam pesadas de frutos.

Foi na primeira semana daquele mês que Neco Rosa, completamente restabelecido, fugiu do hospital à noitinha, travestido de mulher, graças às roupas que dona Santuzza lhe emprestara. Levava na cabeça um chapéu de feltro verde: um véu lhe cobria o rosto. Entrou no Ford do dr.

Carbone, que o levou para fora da cidade até o Sutil, onde Babalo o esperava com um cavalo encilhado.

Também no princípio daquele mês, num dia torvo, de nuvens baixas, Floriano, postado atrás das vidraças duma das janelas do Sobrado, viu dois “provisórios” espancarem na rua um homem que,

sob pranchaços de espada, caiu na sarjeta, gritando e sangrando. O menino ficou lívido, uma náusea lhe convulsionou o estômago, uma tremedeira gelada lhe tomou conta do corpo.

Chegou por essa época ao Sobrado o primeiro bilhete de Rodrigo, trazido por um portador de confiança. Era lacônico. Dizia que tanto ele como todos os amigos estavam bem. E que as saudades eram muitas.

Não raro Maria Valéria saía a andar pelas peças da casa, alta madrugada, com uma vela acesa na mão, a ver se tudo e todos estavam bem.

Na noite do dia em que chegou o bilhete de Rodrigo, ao passar pelo quarto de Flora, ouviu soluços lá dentro. Parou, indecisa. Entro ou não entro? Não entro. É melhor que ela chore, desabafe. Amanhã vai se sentir aliviada.

Meteu-se debaixo das cobertas, pensando: Só tenho pena de quem, de tão seca, não tem lágrimas para chorar. E soprou a vela.

Durante dois dias e duas noites andou Neco Rosa pelo interior do município, em busca de seus companheiros de armas. Evitava encontros com as patrulhas governistas, era cauteloso nas perguntas. (Começava geralmente assim: "Como vão as coisas por aqui, patrício? Tem aparecido muito revolucionário por estas bandas?") Passava as noites dentro de capões ou cemitérios campestres, comia o charque com farinha que levava num saco na garupa do cavalo, e, de quando em quando - dizem que cachaça é o poncho do pobre - pegava a garrafa de Lágrimas de Santo Antônio que Camerino lhe dera, e tomava uma talagada.

Encontrou, finalmente, a Coluna de Licurgo Cambará acampada nos arredores duma chácara, na divisa do município de Santa Fé com o de Cruz Alta. Teve uma recepção festiva. Foi pouco para os abraços. Comeu um churrasco gordo, empanturrou-se de laranjas e bergamotas. Deu aos Cambarás notícias da gente do Sobrado, narrou sua odisseia no hospital, que os sicários do Madruga rondavam, e a sua fuga rocambolesca, vestido de mulher, imaginem! Contou o que sabia, por ouvir dizer ou pelos jornais, da revolução no resto do Estado.

Rodrigo escutou-o no mais absoluto silêncio. Ia fazer-lhe perguntas específicas sobre sua família. Nos últimos tempos vivia preocupado principalmente com Alicinha, cuja imagem não lhe saía da mente. Não perguntou nada. Era como se, abandonando a família para seguir outra mulher, agora não se sentisse com o direito de saber dela. Tinha a impressão de que havia cortado por completo as amarras com sua gente, com sua cidade e com o mundo… Voltara do ataque malogrado a Santa Fé com uma sensação não só de derrota como também de culpa. A ideia e o plano tinham sido sseus. Considerava-se responsável por todos os mortos e feridos daquele dia negro.

— Não sejas besta - disse-lhe Toríbio uma tarde em que cavalgavam lado a lado. — Estamos na guerra.

— Notaste o desânimo do Velho? Toríbio sorriu: - “Esse foi sempre o génio seu”, como disse o poeta.

— Envelheceu dez anos nestes últimos cinco meses. Anda magro, encurvado, mais calado e solitário que nunca. E o que mais me impressiona nele é a tristeza… Se a coisa dependesse de mim, ele emigrava hoje mesmo para a Argentina.

— Não conheces teu pai.

— Mas é que ele não aguenta esta campanha até o fim, Bio! Alguma coisa está roendo o homem por dentro. Depois, agosto é um mês brabo para todo o mundo, principalmente para os velhos…

Toríbio assobiava, de dentes cerrados, o Boi Barroso. Ao cabo de um curto silêncio, Rodrigo tornou a falar.

— O culpado de ele estar metido nisto sou eu.

— Ora vá…

Engoliu o palavrão. Substituiu-o por uma palmada jovial e encorajadora nas costas do outro.

A Coluna, havia menos de uma semana, fora surpreendida em pleno descampado por um minuano que soprara durante três dias e três noites, sob o céu limpo, dum azul metálico. Um dos homens - um velho de Santa Bárbara, pequeno criador - caíra com pneumonia dupla. Posto dentro da carroça, entre sacos de carne-seca, farinha e sal, ali ficara ardendo em febre. Os médicos pouca coisa podiam fazer por ele além de abrigá-lo em ponchos e pelegos, darlhe aspirina e aplicar-lhe cataplasmas de farinha de mandioca. A Coluna continuara a andar. Os homens tiritavam sob os ponchos. O vento navalhava-lhes a cara, gelava-lhes as orelhas. O suprimento de cachaça se acabara. Pelas manhãs os campos estavam brancos de geada. O próprio céu sem nuvens parecia uma planície gelada.

Uma tarde encontraram um capão, onde se meteram para esperar que passasse a ventania. O doente delirou durante toda a noite, deu ordens de combate, agitou os braços como num duelo de espada: pelo que ele dizia, os companheiros compreenderam que o moribundo ainda peleava em 93… Morreu ao raiar do dia, quando o minuano cessou de soprar. Enterraram seu corpo à beira do mato e continuaram a marcha.

— É como a retirada de Napoleão da Rússia, em 1812 - murmurou um dia José Lírio. Estava encolhido de frio; seu narigão era um bulbo arroxeado.

— Mas não estamos nos retirando, Liroca! - protestou um companheiro.

— Pior que isso, menino - retrucou o velho. — Não sabemos pra onde vamos nem o que nos espera por detrás daquele coxilhão.

— Está um frio de renguear cusco! - gritou um sargento, que não tinha poncho mas estava teso e risonho em cima do cavalo.

— Estou tirando a maior lexiguana da minha vida - exclamou outro.

Chiru olhou para Neco.

— E esse barbeiro burro deixou a cama quente do hospital!

— Pra fugir da faca fria do Madruga - replicou Neco sem pestanejar.

Ouviram-se risadas. Aqueles homens ainda brincavam! Alguns, é verdade - uma meia dúzia - já resmungavam que talvez fosse melhor bandearem-se para o Uruguai. A maioria daqueles guerreiros, porém, andava ansiosa por um combate, "pra esquentar o corpo". O que os desnorteava e irritava um pouco era não saberem nunca para onde iam ou por que iam. A ordem era marchar, marchar sempre, aceitando combate quando o inimigo não era muito numeroso, recusando quando era. A munição de guerra da Coluna escasseava: tinham gasto muita bala no assalto a Santa Fé, depois do qual não se haviam mais remuniciado. Os Macedos eram os mais difíceis de conter. Tinham o sangue quente, ansiavam por uma oportunidade a mais para mostrarem que eram machos.

·- O importante é durar - explicou Rodrigo um dia a um deles, para justificar aquelas marchas que pareciam fugas.

como o tenente que o interpelara sorrisse de maneira equívoca e perguntasse "Mas durar pra quê, doutor?", Rodrigo teve ímpetos de esbofeteá-lo e gritar: "Pensas que tenho medo, guri?" Conteve-se e desconversou. Mas não esqueceu o incidente. Ficou ruminando, ressentido, as palavras do tenente. Não lhe saía da cabeça aquele sorriso entre desdenhoso e pícaro. "Eu ainda mostro"

— dizia a si mesmo. E mostrou, da maneira mais irracional.

Uma certa manhã em que cavalgava com um piquete de lanceiros na vanguarda, distanciado quase um quilômetro do grosso da tropa (Toríbio naquele momento estava ao lado do pai) - Rodrigo avistou no alto duma coxilha, a uns seiscentos metros de onde se encontrava, uma patrulha que lhe pareceu inimiga. Assestou o binóculo: reconheceu os uniformes. Eram "provisórios" armados de mosquetões. Contou-os. Dez. Olhou em torno.

Tinha dez homens. Não refletiu mais. "Vamos acabar com aqueles chimangos!"

— gritou. Esporeou a montaria e precipitou-se encosta acima, seguido pelos companheiros. No alto da coxilha os "provisórios" apearam, estenderam linha, ajoelharam e abriram fogo. Rodrigo continuava à frente do piquete, as narinas palpitantes, uma alegria nervosa a queimar-lhe o peito como o ar frio lhe ardia as faces. Atirava de revólver. O companheiro que cavalgava a cinco passos

atrás dele rodou do cavalo, ferido, mas o animal continuou a correr com os outros. Mais cem metros e estariam entreverando! Os "provisórios", entretanto, cessaram fogo, tornaram a montar e se lançaram a todo o galope, descendo a encosta do outro lado, deixando um soldado estendido no chão. Rodrigo continuava a perseguir o inimigo, como se quisesse dizimá-lo sozinho a golpes de espada. Os companheiros empunhavam agora as suas lanças, prontos para o entrevero. Os "provisórios" afastavam-se cada vez mais, na direção duns matos. De repente, lá de baixo rompeu uma fuzilaria cerrada. Vinha dum barranco, aberto no sopé da coxilha e meio escondido por trás das árvores. Uma cilada! - compreendeu Rodrigo. Fez seu cavalo estacar e gritou aos companheiros que fizessem alto.

— A Ia fresca! - exclamou Pedro Vacariano, ouvindo o sibilar das balas sobre sua cabeça.

Um revolucionário tombou do cavalo que uma bala atingira. Ficou onde tinha caído e, dali mesmo, começou a atirar com sua Winchester na direção do barranco.

— Carregamos? - perguntou Vacariano.

— É suicídio - respondeu Rodrigo. — Vamos buscar reforços.

A fuzilaria continuava, nutrida. Rodrigo ordenou a retirada. Seus homens lançaram os cavalos a todo o galope, coxilha acima. Ele os seguiu, voltando-se de quando em quando para atirar. De súbito sentiu que seu alazão estremecia, diminuía a velocidade da corrida, dobrava as pernas dianteiras… Compreendendo, rápido, o que tinha acontecido, saltou para o chão. Segundos depois o animal baqueou, o sangue a jorrar-lhe do ventre como água dum manancial. Já os demais companheiros haviam desaparecido do outro lado da colina. A fuzilaria lá embaixo cessara. Rodrigo viu então que os cavalarianos que se haviam refugiado no mato agora se tocavam a toda a velocidade na sua direção. Olhou em torno e sentiu-se perdido. Estava sozinho. O remédio era morrer brigando. Começou a atirar, de joelho em terra. Ouviu um grito: "Doutor!" Voltou a cabeça e avistou um de seus cavaleiros que descia a encosta a galope. Era Pedro Vacariano, que se aproximou dele, apeou do cavalo e disse: "Munte, doutor!" Rodrigo montou, exclamando: "Suba pra garupa!" O outro, de Winchester em punho, sacudiu negativamente a cabeça, sem tirar os olhos dos inimigos que se acercavam cada vez mais.

— Eu fico.

— Monte! É uma ordem!

Como única resposta, o caboclo ergueu a perna e fincou a espora na ilharga do animal, que disparou coxilha acima. Os cavalarianos legalistas começaram a atirar também. Uma bala silvou rente à orelha de Rodrigo que, voltando a cabeça para trás, viu o capataz do Angico deitado a fazer fogo contra o inimigo, como numa espécie de

“combate particular”. Volto? Tentou sofrenar o animal mas não conseguiu. Estava agora do outro lado da colina e já avistava o grosso de sua coluna.

Começou a fazer sinais frenéticos para os companheiros.

Voltou com duzentos homens, minutos mais tarde, e pôs em debandada o inimigo, que deixou no campo três mortos e seis feridos. Um destes informou que, a cinco quilómetros dali, estava uma força governista da Divisão de Firmino de Paula.

— Quantos homens? - interrogou-o Toríbio.

— Uns quinhentos.

— Vejam só onde a gente ia cair! - comentou o Liroca, com uma sombra de susto nos olhos.

Era evidente que o piquete de cavalaria dos “provisórios” e o pelotão entrincheirado no barranco estavam fazendo o papel de isca. A intenção deles era atrair a Coluna Revolucionária de Santa Fé para um lugar em que as tropas de Firmino de Paula, bem armadas e municiadas, pudessem liquidá-la.

Licurgo mandou recolher e medicar os feridos e enterrar os mortos.

Entre estes se encontrava o tenente Pedro Vacariano, com três balázios no corpo. Licurgo contemplou longamente o cadáver, antes de mandar baixá-lo à sepultura, aberta ali mesmo onde o caboclo caíra. A face do morto estava serena. Rodrigo teve vontade de fazer um gesto que exprimisse sua gratidão. Mas não achou nenhum que não pudesse parecer ridículo ou feminino. Não disse nem fez nada. Mandou-se lavrar uma ordem do dia em que se promovia Pedro Vacariano a capitão, por ato de bravura.

— Era um homem - disse Licurgo. O caboclo não teve outro epitáfio.

Para evitar um encontro com as tropas governistas que guarneciam Santa Bárbara, a Coluna tornou a entrar no município de Santa Fé, rumando para noroeste.

— É engraçado - disse Rodrigo ao irmão, quando o pai determinou o roteiro da marcha. — Parece que o Velho quer seguir na direção do Angico. Será que vai tentar retomar a estância?

— Não é má ideia.

— Mas se vai, por que não diz claro?

— Ainda não aprendeste a lidar com teu pai?

Marchavam agora com a vigilância redobrada, com um piquete de vanguarda e patrulhas de reconhecimento nos flancos. Levavam os feridos amontoados na carroça de víveres.

Destacamentos inimigos os seguiam de longe. Não eram numerosos mas estavam bem montados, tinham boa mobilidade e, como observou Juquinha Macedo, pareciam mestres na arte de

“futricar a paciência do próximo”.

Quando menos se esperava, surgiam pela frente, pelos flancos ou pela retaguarda da Coluna, tiroteavam, sem se aproximarem demais, sem encarniçamento, mas com uma insistência de ralar nervos. “Como mutuca em lombo de mula” - dizia o Liroca, que vivia alarmado. — “Agora a gente não pode mais nem dormir em paz.”

Rodrigo andava cansado e deprimido. Carregava ainda o peso de seus mortos. Não podia esquecer a cara lívida de Miguel Ruas, que expirara em seus braços. A imagem risonha e pachorrenta de Cacique Fagundes perseguia-o também como um fantasma bonachão, mas nem por isso menos perturbador. Cinco filhas. Vinte netos… Pensava com igual remorso em todas as vezes em que, durante a campanha, hostilizara Pedro Vacariano com gestos ou palavras. No entanto o caboclo viera a morrer por ele…

Sabia que tinha o dever de ser-lhe reconhecido por isso, mas não podia evitar que com o seu relutante e meio envergonhado sentimento de gratidão se mesclasse uma certa irritação, que se poderia traduzir assim: “Não lhe pedi que se sacrificasse por mim”.

Perdera as luvas durante o assalto a Santa Fé e agora tinha as mãos ulceradas de frieiras. Seus lábios estavam ressequidos e queimados pelo vento frio. Sentia pontadas nas costas e no peito. Aqueles ataques esporádicos das patrulhas inimigas deixavam-no apático. Quem se encarregava de os repelir era Toríbio, que gritava: “Vou dar um corridão naqueles chimangos!” - e precipitava-se contra eles com seus cavalarianos, de lança em riste. Em geral o inimigo fugia, e Bio voltava risonho e feliz.

Um dia as patrulhas inimigas desapareceram por completo.

A marcha continuou. E uma manhã chegaram à Encruzilhada da Boa Vista, onde havia uma venda e alguns ranchos.

— Devemos estar a umas dez léguas do Angico - observou Toríbio.

Licurgo Cambará reuniu a oficialidade para decidirem o destino da Coluna. Juquinha Macedo achava que deviam atacar Nova Pomerânia, distante poucas léguas dali, e que, segundo informavam os rancheiros da Encruzilhada, estava desguarnecida. A Coluna precisava urgentemente de mantimentos. Durante a última jornada um dos feridos tivera uma hemorragia e seu sangue empapara o último saco de farinha e o último saco de sal de que a Coluna dispunha. Já no dia anterior os soldados haviam comido carne insossa.

— Precisamos levar o quanto antes esses feridos para um hospital - disse o médico da Coluna. — Acho que um deles já está com a perna quase gangrenada.

Rodrigo notou que, enquanto os outros falavam, o pai olhava com certa ansiedade na direção dos campos do Angico. Compreendeu a

luta que se travava no espírito do Velho.

— Está bem - disse este por fim. — Acho que devemos atacar a colónia…

Deixaram a Encruzilhada pouco depois do meio-dia, tomando a estrada de sueste. O frio havia diminuído, o céu estava limpo, o ar parado.

Ao cabo de uma hora de marcha batida, Toríbio deixou seu piquete e acercou-se de Rodrigo.

— A ideia de atacar a colónia me agrada - disse. — Estou muito precisado de mulher. Já não aguento mais.

Rodrigo mostrou-se pessimista.

— Não te iludas. Mal vamos ter tempo de levar os feridos para o hospital e fazer umas requisições…

— Não preciso mais de quinze minutos. Dez pra achar a fêmea. Cinco pró resto.

Ao entardecer daquele dia, estavam a duas léguas de Nova Pomerânia.

Fizeram alto a uns duzentos metros duma serraria, onde se erguia a casa dum colono, um chalé de tipo suíço, com um alpendre na frente, uma roda de moinho d'água a um dos lados. O céu, àquela hora duma fria transparência de vidro, aos poucos tomava uma tonalidade rósea. Os verdes do pomar do colono se fundiam em sombras dum azul arroxeado, que se degradava em negro - tudo muito recortado e nítido no ar cristalino. O som da roda e da água que a movia era quase uma música.

Havia, porém, em tudo ali uma quietude que deixou Toríbio e seus vanguardeiros intrigados. Não se via vivalma. As portas e janelas da casa estavam fechadas. Bio olhou desconfiado para um capão, a uns trinta metros da casa. Em cima do cavalo Licurgo pitava, olhando fixamente para a roda do moinho.

— Vou deslindar esse mistério - disse Toríbio, apeando do cavalo e convidando três companheiros para acompanhá-lo.

— Cuidado, meu filho - murmurou Licurgo. — Podem estar de tocaia.

Os quatro avançaram meio agachados, por entre árvores, na direção do chalé. A uns trinta metros dele, fizeram alto e esconderam-se atrás de troncos de ciprestes, de onde ficaram a observar com todo o cuidado a casa, o pomar e o mato próximo. A roda do moinho parecia ser o único elemento vivo e móvel naquela paisagem fria e parada de cartão-postal.

— Ó de casa! - berrou Toríbio.

Ficou à escuta… Nenhuma resposta. Só o som fofo e ritmado da roda, e o chuá da água.

Deixando o esconderijo, de espingarda em punho, Toríbio

aproximou-se, cauteloso, olhando para todos os lados. Os companheiros o imitaram. De repente abriu-se uma das janelas da casa e dela partiram dois clarões seguidos de detonações. Toríbio e os amigos atiraram-se ao solo.

— Feriram o Bio! - exclamou Licurgo. E cuspindo fora o cigarro, esporeou o cavalo e, seguido de Rodrigo, precipitou-se para o lugar onde vira o filho cair.

Nesse momento rompeu uma fuzilaria de dentro do capão.

Juquinha Macedo ordenou a seus homens que tomassem posição de combate.

Rodrigo, que cavalgava a poucos metros atrás do pai, viu este tombar do cavalo e ouviu o baque surdo e ominoso que seu corpo produziu ao bater no chão. Sofrenou sua montaria, apeou e correu para o Velho, gritando: "Um médico! Depressa!

Um médico!" Sua voz, porém, se perdeu em meio das detonações.

Ajoelhou-se ao pé do ferido e compreendeu logo que o tiro o havia atingido no tórax. Ergueu-lhe a cabeça, estonteado, exclamando insensatamente: “Que foi, papai? Que foi?” Licurgo descerrou os lábios como para dizer alguma coisa, mas de sua boca só saiu uma golfada de sangue. Desnorteado, Rodrigo olhava em torno, sem saber a quem apelar. A intensidade do tiroteio havia redobrado, e de onde ele estava podia ver os companheiros que se aproximavam de rastos do mato e do chalé, atirando sempre. “Um médico, pelo amor de Deus!” - tornou a gritar. O rosto do velho estava horrivelmente pálido. Gotas de suor brotavam-lhe na testa, escorriamlhe pelas faces. Sua respiração era um ronco estertoroso. Seus olhos começavam a vidrar-se. Rodrigo desabotoou-lhe o casaco e o colete, rasgou-lhe a camisa. Descobriu o buraco da bala no lado direito do peito. O projétil devia estar alojado no pulmão…

Segurou o pai nos braços, ergueu-o e ficou a olhar atarantado dum lado para outro, sem saber para onde ir. O sangue continuava a manar da boca do ferido, cujo lenço branco aos poucos se tingia de vermelho. Rodrigo sentiu faltarem-lhe as forças. Suas pernas se vergavam. Tornou a pousar o corpo no chão e, indiferente às balas que cruzavam por ele, sibilando, rompeu a correr na direção da carroça, onde esperava encontrar pelo menos algodão e gaze.

Quando voltou, minutos depois, Licurgo Cambará estava morto.

Ao cair da noite a casa estava tomada e os matos varejados. O inimigo,

pouco numeroso, fugira na direção de Nova Pomerânia, deixando para trás um morto e três feridos.

O cadáver de Licurgo Cambará achava-se agora estendido em cima da mesa da sala de jantar, no chalé do colono. Liroca choramingava a um canto.

Rodrigo e Toríbio rondavam o corpo do pai, quase tão pálidos como o defunto, mas ambos de olhos secos. De quando em quando olhavam para Bento, que estava inconsolável.

Nunca tinham visto o caboclo chorar. Era um choro feio, de boca aberta, de sorte que a baba que lhe escorria pelas comissuras dos lábios se misturava com as lágrimas e juntas lhe entravam pelas barbas grisalhas.

Fazia pouco, numa rápida reunião da oficialidade, ficara resolvido que Juquinha Macedo assumiria dali por diante o comando geral da Coluna. Sua primeira decisão foi a de contramarchar para o norte. Um dos inimigos aprisionados informara que Nova Pomerânia estava guardada por um destacamento legalista pequeno mas bem armado e municiado. O coronel Macedo mandou contar as balas de que dispunham e verificou que havia apenas uma média de cinco tiros para cada soldado. Era o diabo…

— Agora um assunto desagradável… - murmurou, aproximando-se de Rodrigo. — Onde vamos enterrar o corpo?

O filho de Licurgo fitou nele um olhar tranquilo e respondeu: - No Angico.

— Como? - surpreendeu-se o outro.

— Já combinei tudo com o Bio. Não te preocupes.

— Mas estamos muito longe. Umas dez ou doze léguas…

— Oito. Não precisamos mais de catorze ou quinze horas para ir e voltar.

— Mas a estância está ocupada por forças do Madruga! É uma temeridade.

— É um assunto de família, coronel. Eu e o Bio levamos o corpo. O Bento também faz questão de ir. Vamos os três por nossa conta e risco.

Uma sombra passou pelo rosto do outro.

— Não posso permitir que se arrisquem.

— Sinto muito. Mas temos de te desobedecer… Juquinha Macedo mastigava o cigarro apagado. Pôs a mão no ombro do amigo: - Me deixem mandar um piquete com vocês… Rodrigo sacudiu negativamente a cabeça.

— Não. Quanto menos gente, melhor. Vamos sozinhos, não queremos que ninguém mais se arrisque por nossa causa. O Bio conhece esses campos de olhos fechados.

Macedo não parecia ainda convencido.

— Por que não enterramos o coronel aqui, marcamos a sepultura, e depois, quando essa revo…?

— Não adianta, Juquinha. Está resolvido.

O novo comandante deixou escapar um suspiro de impaciência.

— Levem então o corpo na carroça.

Toríbio repudiou a ideia. Pretendia evitar as estradas reais. Teriam de cortar invernadas, vadear rios… não podiam levar nenhum veículo.

— Está bem - resignou-se o coronel Macedo, fazendo um gesto de desalento. — Meu dever era prender vocês e impedir essa loucura. Mas também compreendo. Sei o que o Angico representava para o coronel Licurgo. Nesta hora prefiro agir como amigo e. não como chefe. Sejam felizes!

Ficou combinado que, na volta, Rodrigo, Toríbio e Bento se encontrariam com o resto da Coluna na Encruzilhada.

— Se amanhã até esta hora não tivermos voltado - disse Bio - toquem para a frente: não nos esperem.

Amarraram o morto em cima do cavalo, de bruços. Partiram pouco depois das nove. Era uma noite sem lua, mas de céu mui estrelado. Toríbio puxava a cabresto o cavalo que carregava o defunto. Rodrigo levava presa à cela uma pá que encontrara no porão do chalé. Cada um possuía um revolver, uma Winchester e um facão: trinta e cinco tiros ao todo.

Não haviam andado meio quilómetro quando perceberam que estavam sendo seguidos. Fizeram alto e esperaram. Três cavaleiros galopavam na direção deles: Chiru, Neco e o velho Liroca.

— Que é que querem? - perguntou Rodrigo, quando os amigos os alcançaram.

— Vamos com vocês - disse Chiru. — O coronel Macedo nos deu licença.

— Mesmo que ele não desse - acrescentou Neco - eu vinha.

— Não sejam bobos. Voltem.

— Se vocês são loucos - disse o barbeiro - nós também temos o direito de ser.

Toríbio desinteressou-se da discussão, pôs seu cavalo em movimento.

— E tu, Liroca? - perguntou Rodrigo.

— Também sou amigo.

— Um homem da tua idade! Vai ser uma puxada braba, numa noite de trio abaixo de zero. Se o inimigo nos pega, estamos liquidados.

— Paciência. Ninguém fica pra semente.

Neco e Chiru seguiram Toríbio. Rodrigo não teve outro remédio senão dizer: - Vamos.

E os seis amigos entraram numa invernada, cabresteando o c.ivalo do morto à luz das estrelas.

Andaram por mais de três horas num silêncio cortado apenas pelos pigarros do Liroca, pela tosse nervosa do Chiru, ou por uma ou outra observação de Neco, que ficava sem resposta, como se suas palavras se tivessem congelado no ar.

Rodrigo deixara-se ficar para trás. Não tirava os olhos do cavalo que levava o defunto. Tinha a inquietadora, misteriosa impressão de que aquilo já acontecera. Onde? Quando? Como? As mãos, os pés, as orelhas doíam-lhe de frio. As silhuetas daqueles seis cavaleiros (o velho Licurgo fazia a sua última viagem na terra), a quietude transparente e glacial dos campos, o ruído das patas dos cavalos… tudo aquilo tinha para ele algo de irreal, de fantasmagórico… Sentiu uma pontada forte nas costas. Levou a mão à testa e teve a impressão de que ela escaldava. Decerto apanhara uma pneumonia e ardia em febre. Talvez aquela madrugada o Bio tivesse de enterrar dois defuntos em vez de um.

Bastava fazer uma cova maior… Era o que ele, Rodrigo, merecia.

Mataste teu pai. Quem dizia isto em seus pensamentos era ele próprio.

Sim, matei meu pai.

— Queres um trago? - perguntou o Neco, aproximando-se.

Rodrigo pegou a garrafa e bebeu um gole de parati.

Nunca a figura e a voz de Neco Rosa lhe haviam parecido tão estranhas e improváveis.

— Vamos ter uma geada braba - disse o barbeiro.

Rodrigo não respondeu. Matei meu pai. O Velho não queria vir… Eu insisti. Agora é tarde, não há mais remédio, está tudo acabado. Imaginou a reação da gente do Sobrado ao receber a notícia… Matei meu pai. Mas todos morrem! Por que me culpam? Quantas centenas de pessoas estão morrendo neste mesmo instante no Rio Grande? Não te iludas. Não confundas teu caso particular com os outros. Mataste o teu pai. Tu sabes. Mataste também o Miguel Ruas. O Cacique Fagundes. O Jacó Stumpf.

O Pedro Vacariano. O Cantídio dos Anjos. Das outras vítimas tuas nem os nomes sabes…

Dobrou-se na sela, a uma pontada mais forte. Quis chamar o irmão, que continuava amadrinhando o grupo. Não chamou. Matei meu pai. Tinha o que merecia. Tossiu com força, escarrou. Sangue? Invadiu-o então uma súbita, trémula pena de si mesmo. As lágrimas começaram a escorrer-lhe geladas pelas faces. Foi-se deixando ficar para trás para poder chorar à vontade, sem que os outros vissem. E já não sabia ao certo se chorava de pena do pai ou de si mesmo.

E o grupo continuou a andar madrugada adentro. Três vezes

tiveram de cortar aramados. Toríbio havia pensado num lugar para enterrar o corpo: ao pé da corticeira grande, situada atrás dum caponete e à beira dum lajeado, no fundo da Invernada do Boi Osco. Era um sítio bonito, fácil de guardar na memória. Além disso, ficava bastante longe da casa da estância. Era improvável que os soldados do Madruga os surpreendessem.

Precisavam fazer tudo e voltar antes de raiar o dia. Consultou o relógio à luz da chama do isqueiro: três e vinte.

Passava um pouco das quatro quando fez alto e disse aos companheiros: "Chegamos". Ergueu a mão e apontou… Rodrigo avistou o caponete e começou a ouvir um rumor de água corrente.

Cortaram o arame da cerca e entraram nos campos do Angico. Apearam, tiraram o morto de cima do cavalo e puseram-no ao pé da corticeira. Os cinco amigos começaram a abrir a cova com uma pá, revezando-se, enquanto, acocorado junto do corpo de Licurgo Cambará, o velho Liroca montava-lhe guarda, como um cão fiel que ainda não se convencera de que seu dono não era mais deste mundo.

Estavam agora de luto as mulheres do Sobrado. Fora Aderbal Quadros quem lhes levara a notícia. A manhã estava nublada e o vento sacudia as vidraças do casarão. O pai de Flora entrou, parou no vestíbulo, a cara triste, sem saber como começar.

Maria Valéria antecipou-se.

— Não precisa dizer. Já sei. Mataram o primo Licurgo.

Babalo fez com a cabeça um lento sinal afirmativo. Flora rompeu a chorar. A velha ficou onde estava, de braços cruzados, o olhar fito em parte nenhuma.

Quando, um pouco mais tarde, Aderbal lhe perguntou quem havia dado a triste notícia, ela murmurou apenas: - O vento.

E o vento soprou ainda por dois dias, levando as nuvens para as bandas do mar. E o céu de novo ficou limpo, o sol reapareceu e a vida no Sobrado continuou como antes.

Maria Valéria não falava nunca no cunhado, fechava-se em prolongados silêncios e ninguém sabia no que pensava quando se deixava ficar ali ao balouço da cadeira da velha Bibiana, o xale sobre os ombros, o olhar no braseiro. À hora do primeiro chimarrão, antes de clarear o dia, Laurinda suspirava olhando para o banco onde o patrão costumava sentar-se com a cuia na mão. E à noite, quando vinha trazer os seus pães quentes, Chico Pais metia-se num canto e, com olhos úmidos, ficava olhando ora para Maria Valéria ora para Flora, com uma tristeza bovina nos olhos injetados. Outro que naqueles dias não podia entrar no Sobrado sem chorar era o dr. Cario Carbone. Quanto a Aderbal Quadros, passava longos instantes no escritório do amigo morto, tocando em objetos que lhe haviam pertencido - a caneta, o tinteiro, a espátula de cortar papel - e olhando

um retrato tirado em 1922 e no qual Licurgo aparecia, excepcionalmente risonho, em cima dum cavalo. De vez em quando Babalo murmurava para si mesmo “Que cosa bárbara!”, sacudia a cabeça, penalizado, e saía a andar pela casa, meio sem rumo, envolto na fumaça de seu cigarrão.

No oratório havia sempre uma vela acesa. O prato e o copo de prata de Licurgo continuavam a ser postos na mesa à hora das refeições. Flora mandou rezar uma missa de sétimo dia em intenção à alma do sogro. E por muitos dias tiveram visitas de pêsames, gente que ali ficava na sala, entre suspiros e silêncios, perguntas, ociosas, referências elogiosas ao morto, e novos suspiros e silêncios.

O inverno continuava. Naqueles dias de agosto os telhados amanheciam cobertos de geada. A água que passava a noite ao relento, em baldes ou tinas, amanhecia coberta por uma camada de gelo da grossura dum vidro de vidraça. E o frio parecia também congelar o tempo, tornando mais dura ainda a espera.

Pelos jornais as mulheres do Sobrado acompanhavam a marcha da revolução, com a qual bem ou mal se haviam habituado a viver. Para elas existiam nomes claros e nomes escuros. Honório Lemes era um nome dourado. Nepomticeno Saraiva, um nome sombrio. Um era o herói, outro o bandido. Filipe Portinho era uma combinação de letras e sons que lhes produziam uma sensação de conforto e esperança. Madruga era um símbolo noturno, que as levava a pensar em sangue e brutalidades. A figura de Firmino de Paula provocava em Maria Valéria uma mixórdia de sentimentos. Lembrava-se da Revolução de 93, em que vira o chefe político de Cruz Alta - um hornem de ar severo - a confabular no Sobrado com Licurgo. Contavam-se dele crueldades em que ela não queria acreditar, pois naquele tempo sua gente brigava contra os maragatos.

Agora, como o homem estivesse do lado dos “chimangos”, começava a alimentar dúvidas… Mas era sempre uma coisa boa para a alma da gente ver num jornal a cara honesta e simpática de Zeca Neto, com suas barbas de patriarca. (O safado do Camacho só lhe chamava “Zeca Veado”, porque - dizia - o general de Camaquã não fazia outra coisa senão correr…) E Maria Valéria não podia compreender como “moços tão bem-apessoados” como o dr. Flores da Cunha e o dr. Oswaldo Aranha pudessem estar do outro lado…

Os jornais em geral chegavam ao Sobrado às duas da tarde, trazidos por Dante Camerino, que ia buscá-los na estação. Processava-se então ali na sala de jantar todo um cerimonial. Maria Valéria sentava-se na sua cadeira, traçava o xale, acavalava os óculos no nariz, abria o Correio do Sul, lendo primeiro o editorial e depois as notícias. Flora, a seu lado, tinha nas mãos o Correio do Povo. A velha interrompia-lhe a leitura de quando em quando, com observações.

— O general Estácio voltou, reorganizou a coluna dele e anda fazendo o diabo pras bandas de São Gabriel…

— Ahã - fazia Flora, sem prestar muita atenção. Continuava a ler, mas lá vinha de novo a velha: - O Zeca Neto tomou Lavras… O Honório Lemes entrou em Dom Pedrito. — Uma careta, um estalar de língua e depois: - Alegria de pobre não dura muito. Tiveram de abandonar a cidade porque a força do Flores da Cunha andava nas pegadas deles…

Floriano aos poucos se ia interessando também pelas notícias da revolução. Certas palavras e frases - nomes de pessoas, lugares, expressões militares - tinham para ele um mágico poder sugestivo. No princípio da campanha ouvira falar que os soldados de Portinho se haviam emboscado no desvio Giaretta para atacar o trem em que Firmino de Paula passava com suas tropas… Esse combate excitara-lhe a imaginação pelo que tinha de evocativo das histórias do Far West que ele via no cinema.

E quando ouviu o avô materno anunciar que a mortandade tinha sido "uma cosa bárbara", passara a emprestar à palavra Giaretta uma conotação trágica. Leu um dia: "Honório Lemes e suas forças atravessaram o Ibicuí da Armada". A frase de certo modo lhe soou como irmã gémea de outras que lera num livro de história universal. "César atravessou o Rubicão" e "Napoleão cruzou os Alpes com seus exércitos". Ibicuí da Armada era um nome de ferro, duro, frio e heroico. Caverá, o nome da serra onde Honório costumava refugiar-se periodicamente, tinha para o menino algo de macabro pela sua semelhança com caveira. O que, porém, mais o impressionou naqueles primeiros dias de setembro foi a notícia do combate do Poncho Verde, em que os soldados de Honório Lemes haviam infligido uma derrota séria aos de Nepomuceno Saraiva. Contavam-se histórias negras. "Os maragatos pegavam um prisioneiro, mandavam o bicho dizer 'pausinho', e se o homem pronunciava 'paussinho', viam logo que era castelhano e passavam-lhe a faca nos gorgomilhos." "Tu sabes - dizia-se como justificativa - os assisistas estavam com a marca quente por causa das barbaridades que o Nepomuceno e seus mercenários cometeram no combate do Ibirapuitã…"

Outra notícia que estimulou a fantasia de Floriano, tão nutrida pela leitura dos romances de Júlio Verne, foi a de que o aeroplano que os legalistas empregavam na luta contra os revolucionários havia sido destruído por uma explosão em que um dos pilotos morrera e o outro ficara gravemente ferido.

Uma manhã de setembro, ao erguer a vidraça de uma das janelas dos fundos da casa, Flora viu os pessegueiros do quintal todos cobertos de flores rosadas. Era o primeiro recado que lhes mandava a primavera, e isso a deixou um tanto animada. Havia no vento uma

frescura úmida e doce, que recendia a flores de cinamomo. Flora pensou em Rodrigo e lágrimas vieram-lhe aos olhos. Fosse como fosse, o inverno tinha acabado! Não iria acabar também aquela guerra cruel? Comunicou sua esperança a Maria Valéria, que lhe disse: - Não se iluda.

A velha tinha razão. A revolução continuou. Durante todo aquele mês chegaram notícias de combates em Cima da Serra, na zona da fronteira do sul e na Região Missioneira, por onde andava agora o Leão do Caverá"

com sua divisão.

Cidades e vilas eram tomadas hoje pelos revolucionários e retomadas no dia seguinte ou poucas horas depois pelos legalistas.

Foi no primeiro dia de outubro - o vento pastoreava no céu um rebanho de grandes nuvens brancas - que Aderbal Quadros chegou ao Sobrado com a notícia de que o general Zeca Neto havia entrado com sua tropa na cidade de Pelotas. Flora exultou. Maria Valéria permaneceu impassível. Aquilo - declarou - não significava nada para ela, já que havia perdido todo o interesse na revolução… Era como se com essa atitude de indiferença a velha esperasse forçar “aquela gente louca” a terminar a luta, voltar para casa e “sossegar o pito”.

Foi em fins daquele mesmo outubro que um próprio trouxe a Flora este bilhete de Rodrigo: Minha querida: Retomamos ontem o Angico, sem perder uma vida! Juro-te que daqui ninguém mais nos tira. Demos uma sepultura decente ao corpo do papai. Ficou no alto da coxilha do Coqueiro Torto, junto com o Fandango. De lá os dois podem avistar a casa da estância e os campos que tanto amavam.

Não te inquietes. Estamos todos bem, e já se ouvem boatos de paz. A grande hora não tarda. Que Deus te abençoe e guarde, a ti, à Dinda e aos nossos queridos filhos.

Efetivamente, desde fins de outubro, o general Setembrino de Carvalho encontrava-se no Rio Grande do Sul, como emissário do presidente da República, tratando da pacificação.

E durante aqueles dias de novembro - em que as últimas ventanias da primavera sopravam lá fora, despetalando flores, arrepiando o arvoredo, fazendo bater portas e janelas - as mulheres do Sobrado acompanharam pelos jornais os passos do pacificador.

Quando soube que as hostilidades haviam sido suspensas, Flora sentiu um súbito alivio: foi como se lhe tivessem tirado um peso do coração.

Noticiava-se que o general Setembrino de Carvalho confabulava com os chefes de ambas as facções, procurando uma fórmula para consolidar a paz.

Fosse como fosse - refletia Flora - o importante era que Rodrigo estava vivo e fora de perigo!

Um dia, vendo a filha de novo com cores nas faces e uma alegria nos olhos, o velho Babalo olhou para Laurentina e murmurou: - Nossa filha refloriu. Está bonita que nem os pessegueiros do Sutil.

É Naquela noite de 15 de novembro havia no Sobrado um nervosismo alegre que contrastava com as roupas negras das duas mulheres, ainda de luto fechado. Muito daquela excitação de expectativa feliz se havia comunicado às crianças, que estavam também alvorotadas. Rodrigo e Toríbio chegariam no dia seguinte! Ambos se haviam recusado a deixar o Angico sem primeiro terem a certeza de que todos os seus companheiros seriam respeitados depois que tornassem a suas casas. Nenhum deles confiava no Madruga. Juquinha Macedo, que participara pessoalmente das discussões em torno do tratado de paz, insistia em entrar em Santa Fé com todos os soldados de sua coluna, desfilar com eles pelas ruas da cidade e dissolver a tropa ali na praça da Matriz, ao som de discursos, foguetes e música.

Santa Fé preparava-se agora para recebê-los. Mulheres e crianças, das janelas de suas casas jogariam flores sobre as cabeças dos guerreiros de lenço encarnado. O telefone do Sobrado, durante todo aquele dia, tilintava de instante a instante: gente que queria saber a hora certa em que os revolucionários entrariam em Santa Fé, o programa dos festejos, os nomes dos oradores…

Laurentina contava a Maria Valéria as dificuldades e sustos que passara no Sutil durante o inverno, sempre a temer que o Corpo Provisório lhe requisitasse o gado leiteiro, os poucos cavalos que tinham e as suas ricas galinhas de raça. Maria Valéria prestava-lhe pouca atenção, pois tinha o ouvido assestado para a conversa dos homens. Aderbal referia-se ao pacto que fora firmado em Pedras Altas, no Castelo de Assis Brasil, por este último, pelo general Setembrino de Carvalho e pelos principais chefes revolucionários.

— Esse pacto (Babalo dizia páqueto) representa uma vitória das do assisismo!

Arão Stein, que havia alguns minutos o escutava em silêncio, fez uma careta de dúvida.

— Mas o dr. Borges, segundo entendo, permanece no poder. O velho chupou o cigarrão e soltou uma baforada na cara do interlocutor.

— Menino, não se trata de homens, mas de ideias!

Tio Bicho escutava a conversa de olhos meio fechados, num silêncio de quem não tinha opinião sobre o assunto.

Aderbal procurou provar seu ponto de vista. Segundo o tratado, a Constituição do Estado devia ser reformada no sentido de incluir-se nela uma cláusula que proibisse terminantemente a reeleição do presidente do Estado para o período presidencial imediato.

— É o fim do Borges! - exclamou. — Se isso não é vitória, então não sei o que é!

Havia mais ainda - continuou o velho. O tratado autorizava a reforma judiciária que, entre outras coisas, daria competência à justiça ordinária para julgar os recursos referentes às eleições municipais.

Ia acabar-se também o abuso da nomeação dos famosos "intendentes provisórios". Teria o Rio Grande conseguido tudo isso sem a revolução?

— E o senhor acha - perguntou Stein - que o dr. Borges de Medeiros vai ratificar o tratado?

— Deve ser ratificado hoje - replicou Babalo. Maria Valéria alçou a cabeça e interveio: - Cale essa boca, muçulmano. Você não entende desse negócio.

Mas, arrependendo-se em seguida de sua rudeza para com o judeu, foi até a cozinha e trouxe de lá um prato com uma fatia de pessegada e outra de queijo. Entregou-o ao rapaz, dizendo: - Coma. É o último pedaço da última caixeta. Acabou-se a pessegada e a guerra.

Por volta das oito e meia daquela mesma noite, a banda de música do Regimento de Infantaria entrou na praça ao som dum dobrado. Moleques descalços enxameavam como moscas ao redor dos músicos, marchando e pulando. Pouco depois que a banda se aboletou no coreto, do pátio da Intendência subiram foguetes, que explodiram sobre a praça, em rápidos clarões.

Flora estremeceu e por um instante seus olhos se velaram de medo.

Dante Camerino, que entrava naquele momento, explicou: - O dr. Borges de Medeiros ratificou esta tarde o tratado de Pedras Altas. Não sei por que o Madruga está festejando o acontecimento.

Decerto pensa que os "chimangos" ganharam a parada…

Era finalmente a paz - sorriu Flora. — E no dia seguinte Rodrigo estaria em casa! Subiu as escadas quase a correr, foi acender as velas do oratório e ali ficou por alguns momentos ajoelhada a rezar.

Os Carbones chegaram, pouco depois, numa alegria em que alternavam risadas com lágrimas. As explosões dos foguetes haviam cessado e agora a banda de música tocava uma valsa. A praça, aos poucos, se enchia de gente. Ouviam-se vozes alegres sob as árvores. Os namorados tinham voltado.

Maria Valéria aproximou-se lentamente de Camerino, que estava debruçado numa das janelas.

— Parece mentira - murmurou a velha. — Dez meses de guerra. Sabe Deus quanta gente morreu!

— Mas o tratado de Pedras Altas é uma vitória - replicou o médico. — Nossos companheiros não morreram em vão.

— Mas morreram.

Reunião de família - III

30 de novembro de 1945

Roque Bandeira deixa o Sobrado pouco depois das onze horas, em companhia de Floriano Cambará. A morna brisa que sopra do sueste espalha na noite uma fragrância adocicada de campos e pomares, que aqui na praça se mistura com um cheiro de pão recémsaído do forno.

Roque faz um gesto que abrange o largo: - Olha só as medonhas tatuagens com que a campanha política desfigurou a tua cidade!

Além dos coloridos sinapismos dos cartazes aplicados sobre as pedras da praça, os nomes dos candidatos e seus gritos de guerra e promessas aparecem escritos a piche ou cal em paredes, calçadas e até troncos de árvores. O muro da Padaria Estrela d'Alva está coberto de inscrições: - "Votem no Brigadeiro da Vitória… Getúlio voltará… Viva Prestes!…

Duira é a salvação nacional".

Pouco abaixo desta última frase, alguém gravou no reboco, possivelmente com a ponta dum prego e com raiva, cinco letras irregulares: Merda.

— Merda! - grita Bandeira. — Eis o comentário do povo a todos esses candidatos e promessas. É o slogan dos slogans!

Rompe a rir e em breve o riso se transforma numa tosse convulsiva, que o põe de rosto congestionado, olhos esbugalhados e lacrimejantes, a andar dum lado para outro, dobrado sobre si mesmo, numa ansiada busca de ar. (A sombra da voz de Laurinda na mente de Floriano: “Era uma vez um sapo-boi que de tanto inchar estourou”.) E quando o acesso abranda, tio Bicho enxuga as lágrimas com os dedos, passa a ponta de uma das mangas do casaco pelo queixo, onde um filete de baba escorre, e depois encosta-se no muro e ali fica, arquejante e de olhos exorbitados - um condenado diante do pelotão de fuzilamento.

Floriano aproxima-se do amigo e, com uma ternura meio acanhada, toma-lhe do braço.

— Como é, compadre?

— Passou… passou… - murmura Bandeira, ainda com voz engasgada. Dá três passos na direção do meio-fio da calçada, limpa a garganta num pigarro explosivo e expectora na sarjeta. Volta-se para o muro e aponta com um dedo trêmulo para o palavrão.

— Sabes o que é isso? A cristalização de quatrocentos anos de decepções e de amarga experiência. Nessa palavra está todo um programa político, social e filosófico. E a sabedoria da miséria. Mas

vamos sentar lá debaixo da figueira, que estou sem sono.

Atravessam a rua lentamente.

— Tenho uma teoria - vai dizendo Floriano - ou, melhor, uma caricatura de teoria. Presta atenção. Durante sua história, o brasileiro tem vivido a oscilar entre dois exemplos, dois polos magnéticos representados por dois Pedros: Pedro II e Pedro Malasarte…

Bandeira solta um grunhido, que o outro interpreta assim: “Estou te escutando. Continua”.

Param junto da calçada da praça.

— O velho imperador - prossegue Floriano - era o símbolo da virtude, da austeridade, da retidão de caráter e de costumes. Malasarte é o safado, o sensual, o empulhador. A República mandou embora Pedro II e Pedro Malasarte ficou com o campo livre. Mas foi só durante o Estado Novo que o simpático salafrário floresceu de verdade, tornando-se herói nacional, paradigma de comportamento político e social.

— Não está má a tua teoria - resmunga Roque Bandeira. — Nada má…

como caricatura, é claro. Tens em casa um discípulo de Malasarte: o Sandoval.

Agora olham ambos para um grande letreiro branco que se estende sobre vários metros de calçada.

— O preço da liberdade- lê tio Bicho, lentamente, como se soletrasse - é a eterna vigilância. Xô égua! O brigadeiro anda repetindo nos seus discursos essa besteira do Thomas Jefferson..

Volta-se para o amigo, segura-lhe as lapelas do casaco com ambas as mãos e pergunta-lhe, num bafio de cerveja: - Liberdade? Mas que liberdade? Física? Psicológica? Religiosa?

Econômica? É preciso especificar… Liberdade para quem? Para quê? Para a classe a que pertence o brigadeiro manter e aumentar seus privilégios? Para o povo contirtuar na miséria? Para os tubarões da burguesia seguirem nadando no gordo mar dos lucros extraordinários?

Retomam a marcha rumo da figueira. Bandeira aperta o braço do amigo.

Mostra com um movimento de cabeça o busto do cabo Lauro Caré, que lá está no centro da praça, ao lado do coreto, coberto por um pano negro.

— Esse menino teve liberdade para dizer não quando o convocaram para a FEB, quando o tiraram de Santa Fé, de seu ofício de marceneiro, para ir morrer na Itália? Hein? Teve? E o piloto americano do avião que soltou a bomba atômica sobre Hiroxima teve liberdade para negar-se? Ou, melhor, teve liberdade de saber que ia transformar-se no co-assassino de duzentas mil criaturas humanas?

Sentam-se no banco debaixo da grande árvore. Bandeira passa

lentamente as mãos pelo rosto carnudo, pigarreia e depois, num tom menos enfático, continua: - Por acaso será possível para o homem comum viver com liberdade neste nosso mundo de pressões? Pressões de todos os lados, da família, duma educação preconceituosa, do governo, dos grupos econômicos e da propaganda… me diga, é possível?

Floriano sacode a cabeça lentamente e pensa na sua contínua e prolongada luta em busca de liberdade. Desejou sempre com tal ardor ser livre, que acabou escravo da ideia de liberdade, tendo pago por ela quase o preço de sua humanidade. Sabe agora que conquistou apenas uma liberdade negativa1 que pouco ou nada serve ao homem e ao escritor.

Sente-se livre de compromissos políticos e vive tentando convencer-se de que está liberto - pelo menos Me levantei, aquentei a água para um chimarrão, dei comida para os peixes, fiz a barba e comecei um novo dia.

Solta um suspiro que lhe sai pela boca com uma baforada de fumaça.

Depois, entre sério e zombeteiro, exclama: - Existir, velhote, é uma coisa muito séria.

Tira a palheta da cabeça, aperta-a de borco contra o próprio ventre e começa a tamborilar na copa com os dedos, num ritmo gaiato de samba, que nada tem a ver com o que vai dizer: - Conta-se que Santo Tomás de Aquino chorava ao contemplar o mistério do Ser. Pois eu não choro: eu me borro.

— E eu fujo - murmura Floriano, deixando escapar quase involuntariamente esta confidencia. Mas acrescenta: - Quando posso.

— Fazes mal. É preciso enfrentar a vida, e olhar na cara a morte, essa Grande Marafona. Neste anus mundi que é Santa Fé, levamos "vidinhas de segunda mão", para usar a frase dum desses meus filósofos cujas "verdades", tu sabes, me chegam por colis postaux. Pois é… Somos caricaturas do que poderíamos ser…

Floriano olha criticamente para o amigo. Suas roupas sempre o intrigaram. No inverno Roque Bandeira ordinariamente usa uma fatiota de casimira preta, muito sovada, por cima da qual nos dias mais frios enfia um sobretudo cor de chumbo, com uma comovente gola de veludo negro, já pelada pelo uso; na cabeça mete um chapéu de feltro quase informe que, quando atirado numa cadeira, mais parece um gato preto enroscado sobre si mesmo. E os trajos de verão do Cabeçudo são estas roupas de brim claro, amassadíssimas, umas sandálias de couro, a palheta amarelada, de abas mordidas, e a eterna gravata: borboleta negra pousada sobre o colarinho branco, mole e geralmente encardido.

— Sim - repete Roque Bandeira - pobres caricaturas. Por muito

tempo pensei que podia levar a vida na flauta (e eu sei que às vezes dou a impressão disso). Achei que viver meio leviana e aereamente sem enfrentar o Problema era uma solução para a angústia de viver. Mas não é, te asseguro que não é. É antes uma fuga covarde e suicida. Porque resignando-nos a uma pobre subvida, estamos assassinando ou, melhor, impedindo que nasça o nosso eu verdadeiro. Como já te disse, precisamos agarrar o Touro a unha, mesmo que isso nos leve a posturas ridículas. As pessoas em sua grande maioria são demissionárias da espécie humana. Vivem existências inautênticas.

— Mas que é ser autêntico?

Roque Bandeira põe a palheta sobre o banco, a seu lado, tira do bolso um canivete e um pedaço de fumo crioulo e fica-se a preparar um novo cigarro, embora ainda tenha o outro entre os lábios.

— E muito simples - murmura. — O homem é o ser que pode ter consciência de sua existência e portanto tornar-se responsável por ela.

Assim, o ser autêntico é o que aceita essa responsabilidade.

Floriano encolhe os ombros. O outro prossegue: - O ser inautêntico é aquele que vive subordinado aos outros, governado pela tirania da opinião pública.

— Se te consideras tão livre, por que não tens coragem de sair à rua sem essa gravatinha?

— Deixa em paz a minha gravata! É a única coisa que me resta do smoking que tive nos tempos de estudante. Este paninho preto já faz parte da minha anatomia. Sem ele me sinto castrado.

Floriano solta uma risada. O outro começa a palmear o fumo. Um cavalo vindo das bandas da prefeitura atravessa a rua lentamente e o som de seus passos nítidos e ritmados parece acentuar o silêncio e a solidão da noite.

Floriano estende as pernas, inteiriça o corpo, apoia a nuca contra o duro respaldo do banco e assim, mais deitado que sentado, os olhos fechados, ambas as mãos metidas nos bolsos das calças, diz: - Tu sabes que há certos problemas que só discuto contigo e com mais ninguém…

— Obrigado pela parte que me toca - murmura Bandeira, com fingida solenidade, despejando fumo no côncavo dum pedaço de palha de milho.

— Quando fico sozinho contigo, acabo sempre fazendo-te confidências.

Por que será?

— Deve ser por causa de minha acolhedora presença bovina. — Roque Bandeira enrola a palha. — Ou então desta feiúra que me torna uma espécie de marginal. Ou do fato de eu te conhecer desde que nasceste… Afinal de contas, sou ou não sou o tio Bicho?

— Quando eu tinha oito anos (me lembro como se tivesse sido ontem) tu me deste um livro de histórias ilustradas de Benjamin

Rabier… Quando completei doze, me levaste dois romances de Júlio Verne: A casa a vapor e Vinte mil léguas submarinas…

— E não te esqueças de que fui eu quem te iniciou em Zola e Flaubert, para horror do vigário, que te queria impingir vidinhas de santos e mártires, escritas por padres…

— E no entanto aqui estamos agora, praticamente homens da mesma geração, apesar da diferença de vinte anos que existe entre nós…

Roque Bandeira cospe fora o toco de cigarro que tem entre os dentes, acende o crioulo e dá a primeira tragada, expelindo fumaça com gosto envolvendo Floriano numa atmosfera que lhe evoca imediatamente a imagem de seu avô Aderbal.

— Estás então disposto a fazer mais uma vez o padre confessor?

— Claro. Ajoelha-te e abre o peito. Pecaste contra a carne? Com quem?

Quantas vezes?

Floriano continua na mesma posição, sempre de olhos cerrados.

— Falaste há pouco em ser autêntico ou inautêntico. . . Pois estou convencido de que a maior pedra de tropeço que tenho encontrado na minha busca de autenticidade é o desejo de ser aceito, querido, aprovado, e que quase me levou a um conformismo estúpido. É uma inclinação que me vem da infância e que acabou entrando em conflito com outra obsessão minha não menos intensa: a de ser completamente livre. São ou não são desejos contraditórios?

Roque Bandeira dá de ombros.

— Meu velho, na minha opinião, amadurecer é aceitar sem alarme nem desespero essas contradições, essas… essas condições de discórdia que nascem do mero fato de estarmos vivos. Não escolhemos o corpo que temos (olha só o meu…) nem a hora e o lugar ou a sociedade em que nascemos. . . nem os nossos pais. Essas coisas todas nos foram impingidas, digamos assim, de maneira irreversível. O homem verdadeiramente maduro procura vê-las com lucidez e aceitar a responsabilidade de sua própria existência dentro dessas condições temporais, espaciais, sociológicas, psicológicas e biológicas. Que tal?

Muito confuso?

Um galo canta, longe. O cavalo agora pasta em cima dum canteiro e o grugru de seus dentes arrancando a grama é um som que Floriano associa aos porreiros do Angico.

— Naturalmente já notaste que não fumo, não bebo e não jogo. Como interpretas isso?

— É uma atitude anti-Rodrigo Cambará.

— E por que não pró-Flora Cambará?

— Também. São dois lados da mesma moeda, inseparáveis um do outro.

Floriano abre os olhos e avista por uma fresta entre os galhos emaranhados da figueira o caco luminoso da lua.

— Quero ver se consigo verbalizar agora meu problema com um mínimo de fantasia…

— Por falar em verbalizar, às vezes não te perturba e inibe a ideia de que a realidade não é verbal? A consciência disso deve ser um veneno para o romancista, hein?

— Não aumentes a minha confusão, homem de Deus! Mas espera… Não ignoras a vida que meu pai sempre levou, desde moço, fazendo minha mãe sofrer com suas aventuras eróticas extraconjugais, seus apetites desenfreados, seus exageros… Um dia entreouvi esta frase dum diálogo entre ambos, no quarto de dormir: "Não respeitas mais nem a tua própria casa". Quem dizia isso era a minha mãe, com voz queixosa. Descobri depois (mexericos de cozinha) que o Velho fora apanhado atrás duma porta erguendo a saia duma rapariga que tinha entrado no dia anterior para o serviço da casa…

Roque começa a rir um riso que é mais um crocitar, como se ele tivesse um sapo atravessado na garganta.

— Eu agora também posso rir de tudo isso, claro! - exclamava Floriano.

— Mas para o menino essa experiência foi traumatizante. Doutra feita vi meu pai em cima duma chinoca, num capão do Angico… Eu era então mais velho, teria os meus catorze anos…

Não preciso te dizer que fiquei espiando a cena escondido atrás dum tronco de árvore, com um horror cheio de fascínio… e depois fugi, correndo como um desesperado, como se eu e não ele fosse o criminoso.

— Criminoso?

— Bom, a palavra exata não é essa, mas tu sabes o que quero dizer…

Por alguns instantes Roque luta com novo acesso de tosse, ao cabo do qual reaviva o fogo do cigarro e diz: - Eu me lembro dumas caboclinhas gostosas de seus catorze ou quinze anos que vinham do Angico para trabalhar no Sobrado… umas chinocas peitudinhas, bem-feitas… Umas "piroscas", como se costumava dizer naquele tempo.

— Pois bem. Vi muitas vezes o Velho apalpar os seios ou as nádegas dessas meninotas, na minha frente, imagina, como se eu fosse um inocente ou um idiota… Eu ficava desconcertado, não sabia onde me meter quando via o nosso dr. Rodrigo dar presentinhos às rapariguinhas, cochichar-lhes convites, devorá-las com olhares lúbricos… Mas de que é que estás rindo?

— De teus ciúmes, menino.

— Bom, confesso que eu andava também atrás dessas chinocas, faminto de sexo mas sem coragem de agarrá-las… Como um

Hamletinho amarelento, de olheiras fundas e cara pintada de espinhas, eu vivia o meu draminha.

Agarrar ou não agarrar? E agora chego a um ponto importante. Não era apenas a timidez sexual que me tolhia…

— Eu sei - apressa-se a dizer Bandeira. — Era o medo das sanções da tua tribo, cuja maior Sacerdotisa era dona Maria Valéria, a vestal do Angico e do Sobrado, a Guardiã da Virtude. Certo?

— Certo. Mas havia outra razão mais poderosa ainda. Eu não queria decepcionar minha mãe. Não queria que dissessem que por ser filho de tigre eu tinha saído pintado… O meu sonho era ser o anti-Rodrigo, para compensar as decepções de minha mãe…

— Em suma: serias o marido exemplar, já que o outro não era.

— Aí tens a história. O dr. Rodrigo fumava? Eu jamais poria um cigarro na boca. O dr. Rodrigo jogava? Eu jamais tocaria num baralho. O dr.

Rodrigo bebia? Eu jamais tomaria bebidas alcoólicas.

Floriano ergue-se e começa a andar devagarinho na frente do banco, dum lado para outro.

— Quanto ao sexo - prossegue - eu me contentava com minhas satisfações solitárias na água-furtada, a portas fechadas, em território que num gesto mágico eu proclamara livre da jurisdição da tribo e portanto de suas sanções.

— Mas aposto como vivias louco de medo das sanções da natureza.

— Exatamente. Mas seja como for, na adolescência, inspirado por histórias sublimes, comecei a alimentar conscientemente um sonho: ser o homem exemplar, o que por um esforço de autodisciplina consegue acorrentar a besta e liberar o anjo, o que se coloca acima dos instintos animais: enfim, um produto acabado, uma espécie de cristal puro e imutável…

— Coisa que não só é impossível como também indesejável. Indesejável porque tal criatura seria apenas o Grande Chato. E impossível porque o homem não é um produto acabado, mas um processo transitivo, um permanente devenir… Tu mesmo disseste isto uma destas noites no quarto do teu pai…

Floriano caminha até o limite da sombra da figueira e ali fica a olhar para a única janela iluminada do Sobrado, a pensar em Sílvia, com a certeza de que nunca, mas nunca mesmo terá a coragem de confessar a ninguém o que sente por ela. Tio Bicho abre a boca num bocejo cantado e depois murmura: - Eu bem podia comer um bife com ovos e batatas fritas antes de ir dormir. Que tal? Me acompanhas?

Floriano volta para junto do amigo e, como se não tivesse ouvido o convite, diz: - Podes bem imaginar o que senti no dia em que papai mandou tio Toríbio me levar à casa duma prostituta para a minha

iniciação sexual.

Pensa bem no meu draminha. Tinha dezesseis anos. Com o corpo sentia um desejo danado de mulher, uma curiosidade, uma comichão, uma necessidade de provar que era homem… Por outro lado odiava meu pai por ter forçado aquela situação.

Bom… odiava não é o termo exato. Mas eu estava ressentido com ele porque, me mandando a uma puta…

É com alguma hesitação que Floriano pronuncia esta última palavra, cujo som lhe vem acompanhado da imagem de Maria Valéria ("Te boto pimenta na boca, maroto!").

— …ele me puxava para seu nível, me fazia da sua igualha moral, me obrigava a atraiçoar minha mãe…

— Não. Tu querias acreditar que estavas sendo obrigado a procurar mulher, pois assim dividias com teu pai ou, melhor, empurravas para cima dele toda a responsabilidade do ato… e do desejo.

— Bom. Saí da casa da prostituta com o espírito confuso. Decepcionado porque afinal de contas o ato sexual não fora bem o que eu esperava…

Orgulhoso porque havia provado que era homem… Envergonhado porque tinha feito uma "bandalheira", segundo o código e o vocabulário da Dinda… Sim, também com a sensação de estar sujo e com o medo de ter contraído alguma doença venérea. No dia seguinte não tive coragem de encarar as mulheres do Sobrado. E quando à hora do almoço papai fez diante delas uma alusão velada mas maliciosa ao "grande acontecimento", piscando-me o olho, assim como quem diz "nós homens nos entendemos", engoli em seco, fiquei com o rosto em fogo, desejei me sumir. E nessa hora, nessa hora, sim, odiei o Velho…

Um apito de trem, prolongado e trêmulo, vindo de longe, das bandas da Sibéria, dá ao espaço da noite uma súbita e mágica dimensão de tempo: transporta Floriano por uma fração de segundo a uma madrugada da infância, num frio agosto: no seu quarto do Sobrado, encolhido debaixo das cobertas, ele ouviu o apito do trem de carga que todas as noites passava àquela hora: e o menino então era Miguel Strogoff, o correio do czar, e estava dentro do transiberiano que cruzava apitando a estepe gelada…

Roque Bandeira põe o chapéu na cabeça e murmura: - Estou com uma broca medonha. Vamos até o Schnitzler comer alguma coisa?

Continua, porém, sentado, o ventre caído como um saco sobre as coxas, o ar sonolento. Floriano dá-lhe uma palmadinha no ombro.

— Tem paciência. Estou em maré de confidência. Me deixa continuar o romance do romancista. Ah! Esqueci um pormenor importante na minha história. É que paralelamente a todos esses

sentimentos com relação ao Velho, sempre senti por ele uma irresistível fascinação…

— E quem não sentiu? Teu pai é um sedutor profissional, um charmeur, um feiticeiro.

— Vou tentar te dizer como eu sentia a presença dele… Tu sabes, sou muito sensível a cheiros, que associo espontaneamente a pessoas, lugares e situações. Cigarro de palha: o velho Aderbal. Bolinhos de milho: vovó Laurentina. Cera de vela: a Dinda. Patchuli e linho limpo: dona Vanja.

Picumã e querosene: a casa da estância. Casca de laranja e de bergamota: o inverno. E assim por diante… Ora, o Velho recendia a Chantecler (perfume que usava com seu exagero habitual) de mistura com sarro de cigarro e charuto e com um leve, tênue bafio de álcool… Tu sabes qual era a minha reação ao fumo e à bebida… Quanto ao Chantecler… bom, tenho de te explicar que desde muito pequeno eu me sentia atraído pela figura do galo estampada no frasco de perfume. Mais tarde, no Angico, vi um belo galo de crista vermelha pôr-se numa galinha. Um peão me explicou o que era aquilo… Depois ouvi histórias de cozinha e galpão em torno de proezas eróticas de galos, e de homens "que eram como galos", aprendi o significado do verbo galar e o da expressão mulher galinha. Daí por diante associei todas essas noções ao "cheire de pai", e o perfume Chantecler passou a ter para mim um forte elemento de atração e outro não menos forte de repulsa…

— Exatamente o que sentias pelo veículo do cheiro…

— Isso! Havia no Velho outro aspecto perturbador: sua beleza física tão decantada por toda a gente, e da qual ele próprio tinha uma consciência tão vaidosamente aguda. Eu me comprazia em comparar o famoso retrato pintado por don Pepe com o seu modelo vivo, e às vezes, quando me pilhava sozinho na sala, ficava na frente da tela, namorando a imagem paterna, numa espécie de inocente narcisismo, pois era voz corrente que eu me parecia com o Velho.

("Cara dum, focinho do outro", dizia a Dinda.) Em mais de uma ocasião, me lembro, cheguei a cheirar a pintura. Não sei se estou fantasiando quando te digo que dum modo obscuro, não articulado, eu via naquele retrato uma projeção da pessoa de meu pai num plano ideal muito conveniente aos meus sonhos de menino, isto é, numa dimensão em que ele não só permanecia sempre jovem e belo mas principalmente puro, impecável… quero dizer, um Rodrigo que jamais faria minha mãe sofrer, que jamais sairia atrás de outras mulheres…

— Nem seria teu competidor…

— A presença de vovô Babalo era para mim sedativa, tranquilizadora como a dum boi. A de minha mãe, doce e morna. A da Dinda, um pouco ácida mas sólida. Agora, a presença de meu pai eu

sempre a senti quente, efervescente, agressiva… Sua fama de macho no sentido da coragem física me fascinava de maneira embriagadora, talvez porque eu não a sentisse em mim. . . Criei-me ouvindo na estância e no Sobrado as histórias do rico folclore da família em torno da bravura pessoal de tio Toríbio e do Velho, e uma das minhas favoritas era a que se contava do jovem dr. Rodrigo que um dia, todo endomingado e perfumado, mas sem um canivete no bolso, em plena rua do Comércio dera uma sumanta num capanga armado até os dentes, e que o agredira a golpes de rebenque.

— A história é autêntica. Eu fui testemunha visual. Isso aconteceu lá por voltas de 1910…

— Também fui alimentado com histórias em torno da decência e da pureza de caráter dos Terras e dos Cambarás. Havia duas palavras que meu pai usava com muita frequência: uma era ombridade e a outra honra.

— Tens de confessar que possuías um pai fabuloso, pelo menos para uso externo.

— Sim, era muito agradável e conveniente ser filho do senhor do Sobrado. Pertencer ao clã dos Cambarás me dava uma sensação não apenas de importância como também de segurança: a certeza de que ninguém jamais ousaria me tocar…

— E não te tocaram?

— Tocaram. E como! É um episódio que nunca pude esquecer. Foi numa manhã de primavera, no pátio da escola de dona Revocata, durante a hora do recreio. Não sei por que motivo um de meus colegas, um pouco mais velho e mais forte que eu, me agrediu e derrubou com uma tapona no ouvido. Fiquei caído, estonteado de dor e surpresa. Formou-se a nosso redor um círculo de meninos que nos açulavam como se fôssemos cachorros ou galos de rinha. “Levanta! Mete a mão nele! Vamos.” E como eu não levantasse (não vou te negar que estava com medo) rompeu a gritaria: “Arrolhou! Frouxo! Galinha!” No meio duma vaia fugi do pátio, chorando de vergonha, de ódio, de impotência, sim, e também de paixão, diante daquela enorme injustiça. Eu, filho do dr. Rodrigo Cambará, eu, o menino do Sobrado, tinha sido. esbofeteado por um “guri qualquer”. (O meu adversário era um mulatinho, filho dum sapateiro.) E ninguém tinha erguido um dedo em minha defesa! Para encurtar o caso: voltei para casa, fui direito ao Velho, contei-lhe chorando o que me acontecera, esperei que ele pusesse o chapéu, saísse como uma bala e não só repreendesse dona Revocata por ter permitido aquela barbaridade, como também puxasse as orelhas do meu agressor. Bom. Sabes qual foi a reação do meu pai?

— Está claro que só podia ter sido uma. Te deu outra sova…

— Exatamente. Me aplicou uma boa dúzia de chineladas no

traseiro e mais tarde, quando me viu a um canto soluçando, disse: “Filho meu que apanha na rua e não reage, apanha outra vez em casa. Se é covarde, não é meu filho”. E quando pensei que o caso estava encerrado, o Velho me pegou com força pelo braço e exigiu que eu voltasse à escola no dia seguinte e, na hora do recreio, na frente de todos os colegas, tirasse a desforra. “Mas ele é maior que eu”, aleguei. E o Velho: “Pois se é assim, pegue um pau, uma pedra, mas ataque-o, limpe o seu nome”. E repetiu: “Se é covarde não é meu filho”. Bom. Passei uma noite de cachorro, pensando na minha responsabilidade do dia seguinte. Inventei que estava doente para faltar à aula. (Se não me engano, tive mesmo uma diarreia nervosa), mas papai não admitiu nenhuma desculpa: levou- me em pessoa até a porta da escola. Na hora do recreio reuni todaa coragem de que era capaz, agarrei um pau e fui para cima do meu “inimigo”. Resultado: levei outra sova maior. Voltei para casa com o rosto cheio de equimoses e arranhões. As mulheres se alarmaram…

— E teu pai?

Floriano encolhe os ombros, olha na direção do Sobrado.

— Não estava mais interessado no assunto. Não me perguntou nada. Nem sequer tomou conhecimento de meus “graves ferimentos”. Mais tarde comecei a ligar pedaços de informações e concluí que nessa época ele andava metido com uma castelhana… uma história que acabou em escândalo público. Decerto naquele dia a crise chegara ao auge. Parece que o “marido ultrajado” chegou a dar-lhe um tiro de revólver…

— Houve mais de uma castelhana na vida do dr. Rodrigo - diz sorrindo, tio Bicho. E acende mais um cigarro, puxa um par de tragadas, cai num novo acesso de tosse e, com o corpo convulso, curva-se para a frente em agonia, como quem vai vomitar. Por fim, amainado o acesso, solta um palavrão e fica derreado, a soprar forte, a gemer e a enxugar as lágrimas. Apanha o cigarro que caiu, mas sem apagar-se, leva-o de novo à boca e balbucia: - Continua o teu folhetim.

— Bom. Como sabes, muito mais tarde a vitória da Revolução de 30 nos levou a todos para o Rio e lá fui eu, com meus dezenove anos, sem rumo certo, sem saber ainda o que queria da vida. Não, espera… Eu já sabia. Queria escrever, ler, ouvir música, cultivar, em suma, uma espécie de ócio inteligente, sem compromissos maiores com a realidade, sem me prender a ninguém e a nada (isso era o que eu dizia a mim mesmo)

para poder continuar na minha busca de liberdade… E a todas essas, andava ainda obcecado pelo desejo de ser aceito, querido, aprovado. Não é absurdo?

Roque encolhe os ombros, sem dizer palavra.

— Vivi três anos à custa do Velho, coisa que às vezes me deixava

um pouco perturbado. Fiz uns vagos cursos, andei publicando contos em suplementos literários, e aos vinte e dois anos escrevi uma novelinha muito falsa, cuja publicação meu pai custeou, - distribuindo exemplares entre amigos… Por fim me arranjou um emprego público, uma sinecura, ordenado razoável, nenhuma obrigação de ir à repartição, tu sabes… Aceitei a situação, meio encabulado… mas a verdade é que me acomodei. E no mais continuei a viver, fascinado pela nova vida, a bela cidade, a praia, o mar… Meti-me em aventuras amorosas que me criavam problemas de consciência (já te contei meu caso com a americana), pois se por um lado o leitor do Ornar Khayyam que eu era, procurava apanhar e comer sem remorso os frutos do caminho, beber o vinho de todas as taças, por outro não me podia livrar de meus fantasmas familiares. Muitas vezes, quando na cama com uma mulher, eu via grudados no travesseiro os olhos acusadores da Dinda, ou sentia o vulto da minha mãe no quarto, ou então a presença do Outro, da parte do meu Eu que reprovava aquelas promiscuidades sexuais.

— Já reparaste como nesses casos de sexo o Outro é quase sempre a parte mais fraca?

— Eu fazia propósitos de mudar de vida, tornar-me um escritor sério, deixar de ser um parasita do Estado e da família, realizar enfim plenamente o meu ideal de liberdade. Mas que queres? Lá estava sempre a cidade, o calor, as tentações, as mulheres seminuas na praia, e os meus vinte e poucos anos. Sim… e a bolsa paterna. Afinal de contas, meu caro, tu sabes como é bom viver. E assim, alternando momentos de abandono epicurista com crises de consciência, fui vivendo… Mas há outro assunto mais sério… Não sei nem se terei coragem de…

Cala-se. Tio Bicho remexe-se no banco e diz: - Compreendo. Teu maior problema era ainda o teu pai.

— Precisamente.

— Vou te facilitar o resto da confidência, embora tenha de ser um pouco rude. Tu te preocupavas principalmente com (vamos usar uma frase do código da gente antiga do Sobrado) com a “desintegração moral” do Velho. Certo?

— Certo. Ainda há pouco estive relendo, num jornal, o discurso que papai fez na estação aqui de Santa Fé em outubro de 1930, antes de embarcar para o norte, no trem que passou com Getúlio Vargas e seu estado-maior. Ele jurava pelo sangue dos mortos daquela revolução que tudo faria para ajudar a “regenerar o Brasil”.

— Podes acreditar - diz Roque Bandeira - que naquele instante teu pai estava sendo sincero.

Floriano olha para o Sobrado em cuja fachada neste exato momento se apaga a última janela iluminada. Fica por um instante a

pensar se deve ou não discutir com Roque uma das noites mais terríveis de toda a sua vida: 3 de outubro de 1930… Mas não - decide - o melhor será não reabrir a velha ferida…

— O primeiro erro de meu pai - continua - foi ter aceito logo ao chegar ao Rio o cartório que o dr. Getúlio lhe ofereceu. Lembro-me de que ele nos explicou, meio constrangido, que fora forçado a isso, pois suas despesas então eram enormes, havia perdido muito dinheiro com a falência do Banco Pelotense, o negócio de gado ia mal, o Angico não estava dando resultado…

— Tudo isso também era verdade.

— Não preciso te repetir, porque sabes, as coisas que se disseram do Velho. Ele tem sido acusado de ter feito advocacia administrativa, de, sendo uma das pessoas chegadas ao dr. Getúlio, ter "vendido influência". Foi apontado também como um dos "príncipes do câmbio negro". Naturalmente de tudo isso devemos descontar as mentiras e os exageros. Mas houve coisas tão flagrantes, tão claras que até um "cego voluntário" como eu não podia deixar de ver.. E a verdade era que o Rodrigo Cambará que em 1932 andava pelos corredores do Catete e dos ministérios, amigo de figurões do Governo Provisório, evidentemente não era o mesmo que menos de dois anos antes havia feito aquele discurso romântico na plataforma da estação de Santa Fé, com lágrimas nos olhos e um lenço branco no pescoço…

— Claro que não era! Teu pai estava vivo, existia. Não podia deixar de mudar, embora não necessariamente nessa direção. Existir é estar sempre emergindo… uma espécie de contínuo deslizar…

— Eu o observava ora com um olho frio e malicioso de romancista ora com um terno e meio assustado olho filial (e tanto o escritor como o filho se sentiam igualmente fascinados pela personagem) e notava que à medida que ia fazendo concessões à nova vida, ao novo habitat, à medida que ia esquecendo ou transgredindo o famoso código de honra do Sobrado, o Velho (não sei se consciente ou inconscientemente) exagerava suas manifestações exteriores de gauchismo: usava termos e ditados campeiros, ele que sempre foi mais homem da cidade do que do campo, carregava no sotaque gaúcho e chegou até a adquirir no Rio o hábito diário do chimarrão matinal, que não tinha quando deixou Santa Fé.

Floriano cala-se, admirado de estar falando tanto e tão livre de inibições. Que diabo! Era necessário desabafar com alguém. A que outra pessoa de suas relações podia exprimir-se assim com tamanha franqueza?

Sua mãe? Não. Ela se recusaria a escutá-lo, obrigá-lo-ia a calar-se.

Jango? Faria o mesmo, apenas de maneira mais rude. Bibi? Tempo perdido.

A Dinda? Nem por sonhos. Eduardo? Veria o problema apenas à

luz do materialismo dialético. Irmão Zeca? Escutaria com afetuosa atenção, mas acabaria analisando o caso sub specie aeternitatis. Sílvia? Talvez…

mas com ela gostaria de ter a coragem de discutir outro problema, e com uma franqueza ainda maior.

— Vamos embora - convida Roque, tomando-lhe do braço. Saem a andar lado a lado, lentamente, sob as estrelas.

— Haverá habitantes em Aldebarã? - pergunta no Bicho, erguendo os olhos para o céu e enganchando os polegares nas alças dos suspensórios.

— Quando menino, eu me divertia a recriar o cosmos à minha maneira.

Inventei que as pessoas que morriam na Terra ressuscitavam com outro corpo noutro planeta. Eu queria renascer em Antares, com o físico do Davi de Miguel Ângelo.

Sem dar atenção às palavras do companheiro, Floriano diz: - Tenho pensado muitas vezes em como se poderiam dar, num romance, os diversos estágios dessa… dessa deterioração, dessa decomposição, assim de maneira microscópica, acompanhando a personagem dia a dia, hora a hora, minuto a minuto… Talvez seja impossível. Claro que é… - acrescenta depois de curta pausa. — Conta-se (e aqui temos de novo o folclore de Rodrigo Cambará) que, no seu primeiro ou segundo mês de Rio de Janeiro, um aventureiro qualquer se aproximou dele para lhe propor uma negociata, tu sabes, do tipo “tu consegues que o presidente assine tal e tal decreto e eu te dou tanto em dinheiro”. Como única resposta papai quebrou-lhe a cara.

— Ouvi também essa história.

— Tu vês… é possível que a contaminação tenha começado nesse momento, apesar do gesto indignado.

— Qual! Teu pai levou daqui de Santa Fé o germe disso a que chamas infecção. O Rio de Janeiro e o Estado Novo foram apenas o caldo de cultura em que o micróbio proliferou…

— Imagina a transplantação, Rodrigo Cambará longe do seu chão, do Sobrado, das suas coordenadas santa-fezenses… Pensa na sedução das oportunidades cariocas, as eróticas e as outras… E os" cassinos, e a roleta… E principalmente as fêmeas, e os maridos que chegavam quase a oferecer-lhe as mulheres para obter favores… E as jovens datilógrafas e secretárias… e a necessidade de dinheiro para comprar as belas coisas com que se conquistam as belas mulheres: joias, carros, apartamentos, vestidos… E mais o gosto da ostentação, a volúpia de gastar, de ser adulado, de se sentir prestigioso, querido, requestado…

E, envolvendo tudo, aquela… aquela cantárida de que está saturado o ar do Rio. Bom, e mais o descomunal apetite pela vida que sempre caracterizou o Velho… Mas de que te ris?

— De ti, da apaixonada veemência com que estás censurando teu pai. Não negues, porque estás… E com a voz, o vocabulário e a tábua de valores da tua mãe, da tua tia, dos teus avôs Licurgo e Aderbal…

— Pode ser, mas…

— E te irrita um pouco não poderes fugir a essa tábua de valores que intelectualmente repudias. No entanto todas essas regras de comportamento, esses tabus, esses "não presta", "não pode", "não deve", "não é direito", em suma, toda essa moral que no fundo nasceu da superstição e do utilitarismo, estão incrustados no teu ser como um cascão do qual gostarias de te livrar. O que te preocupa também é saber que por baixo dessa crosta és um homem igual a teu pai, com as mesmas paixões, impulsos e apetites… apenas com menos coragem de existir autenticamente.

Param perto do coreto. Floriano dá um pontapé num seixo, que vai bater na base do busto do cabo Lauro Caré. Amanhã - pensa - tenho de aguentar o discursório na hora da inauguração…

— E não quero me inocentar - diz em voz alta. — Pelo meu silêncio, pela minha acomodação, eu me acumpliciei com o Velho durante pelo menos os sete anos em que vivi meio embriagado pelos encantos e facilidades do Rio.

— Isso é história antiga - exclama tio Bicho. — Não tem nenhuma importância. Joga fora o passado. E alegra-te com a ideia de que o homem é o único animal que tem um futuro.

— Me deixa continuar a história, já que comecei…

— Está bem, mas vamos andando. Estou morto de fome. Retomam a marcha.

Floriano vai segurando o braço do amigo.

(Suor antigo, bafio de álcool, sarro de cigarro: o cheiro "oficial" de Roque Bandeira.)

— Algo que tio Toríbio me disse naquele negro 31 de dezembro de 1937, e mais a profunda impressão que sua morte estúpida me causou, fizeram que eu pensasse a sério na minha situação e resolvesse reagir… Em fevereiro de 38 voltamos para o Rio e o Velho quis me meter no Itamarati sem concurso, como "ventanista". Garantiu que me arranjaria tudo com facilidade, era tiro e queda. Quando recusei me prestar à farsa, apesar da atração que sentia pela possibilidade que o posto me daria para viajar, papai ficou furioso. "Que puritano me saíste! Que é que tu pensas? Que és melhor que os outros? Afinal de contas, que queres? Vais passar o resto da vida nesse empreguinho mixe?" Aproveitei a ocasião para lhe dizer que não queria emprego nenhum, que ia abandonar o que tinha para viver minha vida à minha maneira… O Velho ficou tão indignado que quase me esbofeteou. Creio que naquela época andava irritado, incerto de si mesmo. Queria convencer os amigos democratas da legitimidade e da necessidade do

golpe de Estado, quando no fundo ele próprio não parecia muito convencido disso. E a maneira que encontrava para compensar seu sentimento de culpa era afirmar-se desafiando ou agredindo os que discordavam dele, fosse no que fosse.

— E não esqueças que a morte do irmão lhe devia estar também pesando um pouco na consciência.

— Pois bem. Pedi demissão de meu "cargo" e passei a viver de artigos de jornal e traduções de livros. Era a ocupação ideal para quem como eu não queria compromisso com horários fixos. E para completar meu "grito do Ipiranga", decidi deixar o apartamento do dr. Rodrigo com armas e bagagens.

Tornam a parar, desta vez na calçada da praça que dá para a rua do Comércio. Um soldado da polícia municipal passa a cavalo e, reconhecendo Roque Bandeira, faz-lhe uma continência.

— Estás vendo? - graceja tio Bicho. — Ele sabe que sou coronel da Guarda Nacional.

— Foi nesse momento que entrou em cena uma personagem em geral silenciosa ou reticente dessa "tragédia grega de Pathé-baby": minha mãe.

Em 1937 já a desintegração do clã Cambará no Rio era quase completa.

Dona Flora e o dr. Rodrigo (ninguém ignorava lá em casa) já não eram mais marido e mulher, tinham quartos separados, guardavam apenas as aparências… Mamãe e Bibi tinham conflitos de temperamento. Aos dezessete anos minha irmã mandara para o diabo o código do Sobrado e adotara o da praia de Copacabana, o que era motivo para discussões e emburramentos sem fim lá em casa. Eduardo estava já em lua-de-mel com seu marxismo, começava a sentir-se mal como membro daquela família de plutocratas, e não perdia oportunidade de me agredir por causa do que ele chamava (e ainda chama) de meu "comodismo". Jango estava longe.

Quem sobrava? Este seu criado. Foi nele que dona Flora concentrou seu amor, seus cuidados. Não podes calcular como se impressionava com o meu caso com a americana. Era uma ciumeira danada,..

— Tudo isso é natural. Eu me lembro, sempre foste o mimoso dela. E no fim de contas, de todos os filhos, és o mais parecido com o marido que ela perdeu…

— A Velha me suplicou que não abandonasse a casa. Relutei, dei-lhe minhas razões, que não a convenceram. E assim, continuei sob o teto do dr. Rodrigo Cambará, comendo suas sopas…

— E como te tratava ele?

— Nos primeiros dias que se seguiram à nossa altercação, não olhava para mim nem me dirigia a palavra.

— Naturalmente isso não durou…

— Claro. Se há coisa que meu pai não suporta é a ideia de não ser querido, respeitado, consultado, ouvido, obedecido… Depois de duas semanas começou a campanha de reconquista do filho pródigo: primeiro, observações casuais feitas na minha direção, como para testar minha reação… depois presentes… uma gravata, um livro… entradas para concertos… Por fim eram abraços e até confidências que às vezes me embaraçavam. . . Mas a verdade é que nos encontrávamos muito pouco. Ele levava uma vida política e social muito intensa. Eu passava parte da manhã na praia, o resto do dia no meu quarto, escrevendo, e à noite ia para a rua.

Floriano faz uma pausa, olha para a grande lâmpada no alto dum poste, a um dos ângulos da praça, e fica a observar o voo das mariposas e dos besouros ao redor do foco luminoso.

— Um dia - continua - me chegou um convite, que me pareceu providencial: uma universidade americana me oferecia um contrato de um ano para dar um curso de história da civilização brasileira… Aceitei logo. Era não só a oportunidade de viajar e satisfazer a curiosidade do menino que ainda morava dentro de mim, como também de ficar uma larga temporada longe da minha família, compreendes?

— Como foi que "aconteceu" o convite. Caiu do céu? Floriano solta um suspiro.

— Qual! A coisa me veio por interferência direta do dr. Rodrigo, no seu papel de Deus Todo-Poderoso. Tinha amigos no Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos… Embarquei para os Estados Unidos para ficar lá um ano, mas acabei ficando três. E agora me deixa pingar o ponto final no "folhetim". Quinze anos depois da decantada "arrancada de 30", estamos os Cambarás de volta ao ponto de partida. A família se encontra reunida, se é que posso usar esta palavra. Seu chefe gravemente enfermo. O país numa encruzilhada. E eu, como um pinto a dar bicadas na casca do ovo, tentando acabar de nascer. Que me dizes a tudo isto?

— Ao bife com batatas! - exclama Roque Bandeira, puxando o amigo pelo braço. Lado a lado começam a descer pela rua quase deserta, na direção da Confeitaria Schnitzler. Com o rabo dos olhos Floriano observa o amigo. Tio Bicho vai na postura costumeira, as mãos trançadas às costas, o casaco aberto, o passinho leve e meio claudicante de quem tem problemas com os joanetes.

— Antes de mais nada - torna a falar Bandeira- não podes, não deves julgar teu pai à luz de suas fornicações extramatrimoniais. O dr.

Rodrigo, homem mais do espaço do que do tempo, agarrou a vida a unha com coragem e, certo ou errado (quem poderá dizer?), fez alguma coisa com ela. E aqui estás tu a simplificar o problema, a olhar

apenas um de seus múltiplos aspectos. Pensa bem no que vou te dizer. É um erro subordinar a existência à função. O dr. Rodrigo não é apenas o Grande Fornicador. Ou o Amigo do Ditador. Ou o Jogador de Roleta do Cassino da Urca. Ou o Mau Marido. É tudo isso e mais um milhão de outras coisas. O que foi ontem não é mais hoje. O que era há dois minutos não é mais agora e não será no minuto seguinte.

— Eu sei, eu sei…

— Cala a boca. Escuta. O que importa agora é isto: Teu pai está condenado. Teu pai vai morrer. É questão de dias, semanas, talvez meses, quando muito. Eu sei, tu sabes e ele também sabe.

Roque estaca, volta-se para o amigo, segura-o fortemente pelos ombros e diz: - Lá está o teu Velho agora sozinho no quarto, decerto pensando na Torta. Morrer é uma ideia medonha para qualquer um, especialmente para quem como ele tanto ama a vida. Agora eu te pergunto, que gesto fizeste ou vais fazer que esteja à altura deste grande, grave momento?

— Já te disse que estou pensando em ter uma conversa amiga mas também muito franca com ele…

— Eu sei. Tu disseste. Tu repetes. Mas já foste? Já foste?

— Não, mas…

— Olha que não tens muito tempo. Amanhã pode ser tarde demais. Se queres mesmo acabar de nascer, tens de ajustar contas com teu pai no sentido mais cordial e mais legítimo da expressão, através da aceitação plena do que ele é. Não se trata de ir pedir-lhe perdão ou levar-lhe o teu perdão. O que tu tens de fazer, homem, é um gesto de amor, um gesto de amor!

Diz estas palavras quase a gritar, e sua voz ergue-se na noite quieta.

Um pouco impaciente, Floriano desvencilha-se do amigo e diz: - Não precisas repetir o que eu já te tenho dito tantas vezes. Eu sei muito bem o que devo fazer, o que quero fazer. Mas tu bem sabes que não é fácil. Conheces o Velho. Há certos assuntos em que não posso tocar sem irritá-lo, e isso agora seria perigoso.

Retomam a marcha e dão alguns passos em silêncio. Em cima do telhado da casa da Mona Lisa um gato cinzento passeia. Mais calmo, Roque prossegue: - Tudo depende de jeito. Entendam-se como seres humanos. Manda pró diabo o código do Sobrado. Abre o coração para o Velho. Mas abre também as tripas, sem medo. Se for necessário, primeiro insultem-se, digam-se nomes feios, desabafem; numa palavra: limpem o terreno para o entendimento final. O importante é que depois fiquem os dois um diante do outro, psicologicamente despidos, nus como recém-nascidos. Estou certo de que nessa hora algo vai acontecer, algo tão grande como existir ou morrer…

— Ou nascer de novo - completa Floriano.

— Sim. Terminado o diálogo terás cortado para sempre teu cordão umbilical. Te aconselho que o enterres no quintal, ao pé do marmeleiro-da-índia. E desse momento em diante passarás a ser o teu próprio pai.

— E ao mesmo tempo o meu próprio filho.

— Sim, e teu próprio Espírito Santo. Por que não, hein? Por que não?

Entram rindo na Confeitaria Schnitzler, e ocupam uma mesa, na sala quase deserta. A um canto Quica Ventura está sentado diante dum cálice de caninha, o chapéu na cabeça, as abas puxadas truculentamente sobre os olhos, um lenço vermelho no pescoço. Roque e Floriano o cumprimentam com certa cordialidade, mas o maragato mal lhes responde com um resmungo e um quase imperceptível movimento de cabeça. A seus pés um perdigueiro dorme com o focinho entre as patas. Marta atravessa a sala arrastando as pernas de paquiderme, e vai servir café com leite e torradas a um casal: um cabo do Regimento de Artilharia e uma mulher de tipo sarará, vestida de solferino e recendente a Royal Briard.

— Não comes alguma coisa? - pergunta tio Bicho a Floriano, que lhe responde com um aceno negativo de cabeça. — Claro. Teu pai era o homem das ceatas tardias, logo tu as evitas… Espero que não sejas casto…

Entrando no espírito da brincadeira, Floriano exclama: - Ora vai-te pró inferno!

A filha do confeiteiro aproxima-se da mesa, risonha. A luz fluorescente dá um tom violáceo à sua pele cor de salsicha crua. Vem dela um fartum de suor temperado com cebola e manteiga.

— Ó Marta - saúda-a tio Bicho. — Onde está o Júlio?

— Na cama. Anda meio gripado. Hoje vamos fechar a casa mais cedo. Que é que os senhores querem?

— Me manda fazer um bom bife malpassado, com dois ovos fritos e umas batatinhas torradas… Ah! Me traz uma garrafa de cerveja. — Olha para o companheiro. — E aqui para nosso jovem…

Floriano completa a frase: - Água mineral.

Tio Bicho repete o pedido numa careta de nojo. A mulher faz meia-volta e encaminha-se para a cozinha. Bandeira segue-a com o olhar, murmurando: - Parece um monstro antediluviano. É incrível. Quando menina, a Marta era uma “pirosca”. — Pisca o olho para o amigo. — Teu pai andou dando em cima dela. Acho que a “alemoa” marchou…

Floriano sorri e, olhando também para as nádegas avantajadas da mulher, murmura: - Como dizia Santo Agostinho, inter urinas et faeces nascimur…

Tio Bicho tira a palheta e coloca-a em cima duma cadeira, a seu

lado.

— Botando esse latinório em termos geográficos, quer dizer que saímos dum buraco limitado ao norte pela urina e ao sul pelas fezes…

— E o que depois fazemos vida em fora… literatura, pintura, gestos de heroísmo, de santidade, a busca da sabedoria… não será tudo um esforço para negar, apagar essa nossa origem animal e prosaica? E "pecaminosa" como diria o Zeca?

— Sim. É também o desejo de nos transcendermos a nós mesmos e exprimirmos a verdade de nossa existência na arte, na religião e na ciência.

Minutos depois, quando Marta volta com o prato e as bebidas, pondo-os sobre a mesa, tio Bicho lança um olhar alegre para o bife fumegante, coroado por dois ovos e cercado de batatinhas em forma de canoa.

Floriano enche o copo do amigo de cerveja e o seu de água mineral. Roque Bandeira põe-se a comer com entusiasmo e em breve tem os lábios e o queixo respingados de gema de ovo. Só faz pausas para tomar largos sorvos de cerveja.

Quica Ventura emborca o cálice de caninha, puxa um pigarro que parece cortar o ar da sala como uma faca dentada, e de novo baixa a cabeça soturna. A mulher do cabo, muito encurvada sobre a mesa, segura a xícara de café entre o indicador e o polegar, enristando o mínimo, enquanto o companheiro tira do bolso um pente e põe-se a pentear amorosamente a cabeleira crespa e reluzente de brilhantina. Marta começa a fechar as janelas. Um cachorro chega à porta, espia para dentro, faz meia-volta e se vai. Floriano fica por alguns instantes silencioso, a mirar o amigo, que come com uma alegre voracidade.

— Marta! - grita tio Bicho. — Outra cerveja!

A filha do confeiteiro traz nova garrafa. Roque torna a encher o copo e a beber. Depois, limpando com a língua a espuma que lhe ficou nos lábios, diz: - Queres saber duma coisa? Quando eu dava balanço em minha própria pessoa, levando em conta apenas uma parte da realidade, chegava às conclusões mais pessimistas… Aqui está o tio Bicho, feio, cabeçudo, cinquentão… Quem sou eu? Um saco de fezes. Uma bostica de mosca na superfície da Terra. E a Terra?

Uma bostica de mosca no Cosmos. Que é o tempinho da minha vida comparado com a Eternidade? Agora eu te pergunto, Floriano Cambará: qual é a conclusão a que se chega ao cabo dum raciocínio como esse? É a de que estamos encurralados, num beco, sem saída. O remédio é cruzar os braços abjetamente ou meter uma bala na cabeça.

Floriano olha em silêncio para dentro de seu copo.

— Um dia pensei a sério no suicídio - continua Roque. — E sabes o que aconteceu? Quando compreendi que estava a meu alcance acabar com tudo, passei a ter mais respeito pela vida. A ideia da

morte, menino, dá à existência mais realidade, mais solidez. Minha vida daí por diante ganhou como que uma quarta dimensão.

Tio Bicho parte um pedaço de pão, esfrega-o no molho amarelento que ficou no fundo do prato, e mete-o na boca.

— Estava eu numa encruzilhada terrível, nesses namoricos com a morte (no fundo eu sabia que não sairia casamento) quando os meus filósofos de colis postaux me valeram. Quem me salvou mesmo foi um alemão. Não te direi o nome dele porque é inútil, não o conheces. Vocês romancistas em geral não estão familiarizados com a gente que pensa…

Bebe novo gole de cerveja, estrala os beiços e continua: - Sim, concluí eu, ao cabo de sérias leituras e cogitações, posso ser uma porcaria e a Big Cadela me espreita, pronta a saltar sobre mim a qualquer instante… Mas acontece (e é isto que deixa os psicólogos loucos da vida) que há um abismo entre as coisas que são abstratamente verdadeiras e as coisas que são existencialmente reais. Ora, acontece que, queira ou não queira, eu existo nesta hora e neste lugar. Que fazer então com a minha vida? Por que não opor à minha insignificância na ordem universal, à minha mortalidade, à minha impotência diante do Desconhecido uma espécie de… de atitude arrogante… erguer meu penacho, lançar um desafio meio desesperado a isso a que convencionamos chamar Destino? A vida não tem sentido… mas vamos fazer de conta que tem. E daí? Bom, aí eu transformo minha necessidade em fonte de liberação e passo a ser, eu mesmo, a minha existência, a minha verdade e a minha liberdade.

Floriano encara o amigo.

— Mas essa ideia de que somos livres e os únicos responsáveis por nossa vida e destino não será uma fonte permanente de angústia?

— Claro que é.

— E não é a angústia o nosso grande problema?

— Homem, há um tipo de angústia do qual jamais nos livraremos, porque ele é inerente à nossa existência. E o preço que pagamos por nos darmos ao luxo caríssimo de ter uma consciência, por sabermos que vamos morrer, e por termos um futuro. Assim sendo, o mais sábio é a gente habituar-se a uma coexistência pacífica com esse tipo de ansiedade existencial, fazendo o possível para que ele não tome nunca um caráter neurótico.

Quica Ventura levanta-se bruscamente, quase derrubando uma cadeira, atira uma cédula em cima da mesa e sai do café pisando duro, sem se despedir de ninguém, seguido do perdigueiro sonolento. O soldado faz um sinal para Marta e pergunta-lhe: “Quanto lê devo, moça?”

— E tu achas que essa atitude é uma solução? - murmura Floriano, ao cabo dum curto silêncio.

Roque enfia o chapéu na cabeça e responde: - Que solução? Não há solução. Como disse um desses berda-merdas europeus, estamos condenados a ser heróis.

Mete as mãos nos bolsos, vasculha-os e depois anuncia: - Vais ter que pagar a despesa. Estou sem um vintém.

Caderno de pauta simples

Tive esta noite uma Longa e para mim proveitosa conversa com o Bandeira o agente catalisador o provocador de catarses o carminativo espiritual.

Contei-lhe coisas que nunca tinha contado a ninguém.

Há pouco, antes de subir até aqui, passei pelo quarto de meu pai e espiei para dentro. O Velho dormia em calma. O enfermeiro roncava, deitado no seu catre junto da porta, como o cão que os vikings costumavam colocar aos pés do guerreiro morto, antes de queimar-lhe o corpo.

Cá estou com as minhas metáforas! Nem meu pai é um guerreiro viking morto nem o enfermeiro é um cão.

Agora me ocorre que talvez o romance nada mais seja que uma longa e elaborada metáfora da vida.

Esta noite, debaixo da figueira da praça, quando tio Bicho me falava no contínuo devir que é a criatura humana, raciocinei assim: Se existir é estar potencialmente em crise se o homem não chega nunca à plena posse de si mesmo e de seu mundo se não é um feixe de elementos estáticos como descrevê-lo no ato de existir senão em termos dinâmicos?

E como conseguir isso num romance? Não creio que tal coisa seja possível por meio dum processo lógico. Dum passe de magia, talvez.

Mas acontece que sou apenas um aprendiz de feiticeiro.

Nada mais embaraçoso para um escritor do que desconfiar das palavras, dos símbolos e das metáforas.

O Pato Donald transpõe a beira do abismo e, distraído, continua a caminhar no vácuo, com toda a naturalidade, como se estivesse pisando terra firme. Mas quando olha para baixo e dá pela coisa, fica em pânico e cai.

Só depois que li um livro sobre semântica geral é que percebi, com um frio de entranhas, que passara a vida caminhando desavisadamente sobre o vácuo, como Donald Duck. A sorte é que, em matéria de linguagem, os abismos não têm fundo e a gente nunca termina de cair. Mas isto também é uma metáfora.

O mapa não é o território.

Um mapa não representa todo o território.

Claro. Um romance não é a vida. Não representa toda a vida.

Afirmam os semanticistas que o mapa ideal seria aquele que trouxesse também o mapa de si mesmo, o qual por sua vez devia apresentar seu próprio mapa. Teríamos então o mapa o mapa do mapa

o mapa do mapa-do-mapa Imagine-se um romance que trouxesse em seu bojo o romance de si mesmo e mais o romance desse romance-de-si-mesmo.

Nesta altura o romancista franze a testa, alarmado.

Que tipo de mapa me irá sair esse que estou projetando traçar do território geográfico, histórico e principalmente humano de minha cidade e, mais remotamente, do Rio Grande?

Na escola o Menino aprendeu que De todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é, sem dúvida, a arte da palavra. De todas as mais se entretece e compõe.

São as outras como ancilas e ministros; ela soberana universal.

Mas ninguém lhe ensinou que a palavra não é a coisa que representa e que toda a sentença deveria ser seguida implicitamente dum etc., para lembrar ao leitor ou ao interlocutor que nenhuma afirmativa - seja sobre pessoas, animais, coisas ou fatos do mundo real - jamais pode ser considerada definitiva.

E que é possível escrever ou dizer palavras a respeito de palavras e palavras a respeito de palavras-a-respeito-de-palavras e que portanto, no plano do comportamento individual, pode um homem reagir às suas reações e depois reagir também às suas reações às suas reações..

E assim por diante até o dia do Juízo Final. Que deve ser - desconfio - um outro equívoco semântico.

Meu avô Babalo, plagiando Heráclito sem o saber, costuma dizer que ninguém cruza o mesmo rio mais duma vez.

Por que, seu Aderbal?

Porque o rio corre, como o tempo, e as águas de hoje não são mais as de ontem.

Uma vez que o mundo e tudo quanto nele existe se encontra num processo de mutação, sugerem os semanticistas que todos os termos, afirmações, opiniões, ideias, tragam uma data.

Bem, mas é melhor parar aqui…

Sim, e descer para meu quarto e tentar dormir. Quase duas da madrugada. Mas o diabo é que estou sem sono. Lá embaixo a proximidade de S. me perturba. E também me sinto perto demais da morte de meu pai.

Estranho. Aos trinta e quatro anos ainda encontro neste cubículo um pouco da sensação de segurança e proteção que tão voluptuosamente tranquilizavam o Menino. De onde se conclui que meu objetivo principal agora deve ser mesmo o de abandonar duma vez por todas a torre, o refúgio, o ventre materno (eu ia quase escrevendo "paterno").

Em suma, quebrar a bicadas a casca do ovo onde estou semi-encerrado, e acabar de nascer.

Quanto à semântica… viva Aristóteles!

Este nome me traz outros à mente.

Descartes Voltaire Rousseau Lamartine Montaigne Taine Renan nomes em letras douradas que o Menino costumava ler nas lombadas dos livros da biblioteca do pai onde havia também espécimes duma literatura nada respeitável delgadas brochuras de papel gessado novelas de bulevar com ilustrações sugestivas coristas dançando cancã bons pedaços de coxas nuas entre as meias negras e rendas das calcinhas.

O dr. Rodrigo era um parisiense extraviado em meio das coxilhas da Região Serrana gaúcha. Imagino que meu pai, em avatares prodigiosos, dançou minuetos na corte do Rei Sol e mais tarde, com a turba dos sans-culottes, assaltou a Bastilha.

Como bom boulevardier, em épocas várias foi um Muscadin um Incroyable um Gandin um Raffiné um Dandy.

Seguiu os exércitos de Napoleão e, com cada soldado que caía, gritava: “Vive l'Empereur!”

Car cês derniers soldats de Ia dernière guerre Furent grands; ils avaient vaincu toute Ia terre.

E quando Victor Hugo completou oitenta anos, nosso herói lá estava na multidão que foi cobrir de flores a calçada, à frente da casa do Poeta.

Tomou intermináveis absintos com Verlaine nos cafés de Montparnasse.

Frequentou o Moulin Rouge sentou-se à mesa de Toulouse-Lautrec riu-se das piruetas de La Gouhie e pagou bebidas para o magro Valentin.

E em certas manhãs de sol, de braço dado com Anatole France, percorreu os buquinistas ao longo do cais do Sena.

Oui, cher Maitre, vous avez raison: Ia clarté, toujours Ia clarté.

O primeiro tiro de canhão da Guerra de 1914 pingou um ponto final na Belle Epoque.

Agora abram alas para os boys do Tio Sam que vêm salvar o mundo para a Democracia com suas almas e suas armas sua eficiência e sua inocência.

Terão seu batismo de fogo nos campos de Château-Thierry e seu batismo de sexo na cama das demoiselles d'Armentieres.

São filhos dum Mundo Novo cujo passado de glórias, thank God!

está todo no futuro.

Ó carambolas do Destino! A Pathé Films queria aumentar seus lucros e Mr. Hearst, a circulação de seus jornais. Vai então se juntaram o magnata e os cinemeiros para produzirem um filme seriado que sacudisse o público dos USA.

Cada episódio devia aparecer no mesmo dia nas páginas dos

diários e nas telas dos cinemas.

E assim nasceram Os Mistérios de Nova York.

Os rolos de celuloide, postos em latas como de goiabada, eram exportados e iam através do mundo alimentar a fantasia de centenas de milhares de seres humanos, entre os quais estava um remoto menino numa remota cidade num remoto país.

Cada episódio terminava deixando a história suspensa e nossos corações apertados A destemida Elaine na cova dos leões ou dentro dum submarino que ia ser dinamitado ou amarrada nos trilhos pelos bandidos (e o trem vinha vindo, vinha vindo, vinha vindo).

Conseguirá a heroína salvar-se?

E o que veremos na próxima semana no episódio intitulado A Caverna do Desespero.

Pela mão de Pearl White entrei nesse Mundo Novo, preparado para aceitar seus mitos e ritos. Era uma terra de cowboys boy scouts mecânicos esportistas humoristas samaritanos puritanos estatísticos…

Um mundo em que havia muitas maneiras de ser herói: salvando a mocinha das garras dos malfeitores ajudando uma senhora idosa a atravessar a rua dizendo a verdade como o menino George Washington fazendo-se campeão de baseball ficando milionário pelo próprio esforço batendo um recorde qualquer inventando uma engenhoca ou uma religião.

No Cine Recreio do Calgembrino, através de toda uma enciclopédia americana de celuloide, aprendi que o mexicano era bandido o chinês, traiçoeiro e cruel o negro, um ser inferior o europeu, um homem grotesco de cavanhaque e fraque E que bom, bravo e belo era o americano branco (se protestante, tanto melhor).

Eddie Polo, de torso nu, derrotava sozinho a socos sete peles-vermelhas armados de arcos, flechas e Winchesters.

William S. Hart, o cowboy que nunca ria, duas pistolas no cinto, olhos de lince, a boca um só traço no rosto de aço, era o terror do Far West, mas sempre do lado da Lei e do Bem.

E havia também a menina Pollyana, que nos fazia chorar a doce Mary Pickford a namorada da América esposa do atlético Douglas Fairbanks ágil e elegante como um galgo em seus pulos sensacionais.

l Quando o Menino se fez adolescente, quem contribuiu para completar sua educação ianque foi um missionário metodista do Texas, vizinho do Sobrado O reverendo Robert i Dobson perfil de águia pescoço de peru coração de pomba.

Passava ao rapaz por cima da cerca, no fundo do quintal, números atrasados de revistas americanas, em cujas páginas se viam brancos bangalôs em meio de verdes tabuleiros de relva belas, coradas raparigas anunciando sabonetes aveia Quaker Coca-Cola automóveis laranjas e limões.

Missões franciscanas ao claro sol da Califórnia os arranha-céus de Nova York milionários flanando nas areias de Palm Beach miríficas máquinas que tudo faziam, bastando que a gente apertasse num botão.

Eram imagens dum mundo asséptico, elétrico, envernizado e em tricromia, no qual o adolescente buscava refúgio quando seu mundinho santa-fezense o entristecia, entediava ou agredia.

Deixei a pena correr nas páginas que ficaram para trás. Está claro que estou sendo esquemático e possivelmente fazendo uma fantasia em torno de outra fantasia. Mas que importa? Escrevo para mim mesmo. Não creio que as notas deste caderno possam ser aproveitadas no romance que estou projetando. O que procuro agora é explicar a mim mesmo por que minha gente e minha terra sempre foram os grandes ausentes nos meus livros. E por que até hoje não usei em meus romances minhas vivências gaúchas.

Tio Bicho tem razão: o Pássaro Azul bem pode estar no quintal do Sobrado ou nos capões do Angico. Ou escondido dentro de mim mesmo. Frase besta.

Mas que diabo! Preciso ter intimidade pelo menos comigo mesmo. Ter intimidade com alguém é a rigor não esconder desse alguém a nossa nudez mais nua, e os nossos erros e ilusões, por mais tolos que possam ser ou parecer.

Para o Adolescente (e essas ideias, em grau maior ou menor, contaminaram o adulto insidiosamente) era inconcebível que o homem da casa vizinha ou o de sua própria casa o vendeiro da esquina o escrivão da coletaria o peão da estância o aguateiro ou a prostituta municipal pudessem ser heróis de novela.

A aventura só podia acontecer para além dos horizontes domésticos: era o estrangeiro. Achava o Adolescente que pessoas, animais, coisas e paisagens que o cercavam estavam embaciados pela cinza do não-novelesco, azedados pelo ranço do cotidiano.

Mas é preciso não esquecer também que o moço quietista e arredio, que olhava o mundo com um morno olho poético, achava difícil compreender, estimar e descrever artisticamente uma gente extrovertida e sanguínea como a do Rio Grande, que se realiza mais na ação que na contemplação, mais na guerra que na paz.

O relógio lá embaixo bate três horas. Lembro-me de certas madrugadas terríveis da minha infância, nas quais procuro não pensar muito.

Eu tinha dez anos. Alicinha estava gravemente enferma, desenganada pelos médicos. Seus gritos me acordavam de madrugada - guinchos medonhos que transfixavam minha cabeça, meu peito, o casarão, a noite… Mesmo depois que cessavam, continuavam a doer no silêncio. E eu, sem poder dormir, ficava ouvindo o relógio bater as horas. Muitas noites, com lágrimas nos olhos, pedi a Deus que não

deixasse minha irmã morrer.

Prometia rezar mil padre-nossos e mil ave-marias, se ela se salvasse.

Mais de uma vez eu vira Alicinha retorcer-se em cima da cama em convulsões como de epiléptica. Seus olhos, duros e fixos, parecia que iam saltar das órbitas. Tinha no pobre rostinho uma expressão de cego pavor. Sua magreza - a pele lívida em cima dos ossos - tornava-a irreconhecível. (Que é a formosura - pensou o estudioso menino - senão uma caveira bemvestida a que a menor enfermidade tira a cor? Padre Antônio Vieira. Seleta em Prosa e Verso.)

Uma madrugada os gritos da menina começaram exatamente quando o relógio acabava de bater três horas. Foram aos poucos enfraquecendo, até cessarem por completo.

Ao clarear do dia Laurinda veio me contar que Alicinha tinha morrido durante a noite. Os galos pareciam estar anunciando à cidade a triste notícia.

Pulei da cama sem dizer palavra. Vesti-me mas recusei ir ver a defunta. Subi para este refúgio e à tarde, ali da janela, vi o enterro sair, primeiro do Sobrado e depois da igreja. O remorso e o medo de ser punido me estrangulavam.

Um certo major Toríbio

A morte de Alicinha precipitou Rodrigo num desespero tão profundo, que o dr. Camerino chegou a temer pelo equilíbrio mental de seu amigo e protetor. À hora da saída do enterro, no momento em que, tão lívida quanto a defunta, Flora caía desmaiada nos braços do pai, Rodrigo abraçou o esquife e pôs-se a gritar que não lhe levassem a filha. Foram necessários três homens para arrancá-lo da sala mortuária e levá-lo para seu quarto, no andar superior, onde o dr. Carbone, chorando como uma criança, lhe aplicou uma injeção que o pôs a dormir.

Horas mais tarde, ao despertar, ficou num estado de estupor, saiu a caminhar pela casa com ar de sonâmbulo, murmurando coisas sem nexo, os olhos vazios e parados, a boca entreaberta, os lábios moles - e assim andou por quartos e corredores como quem, tendo saído em busca de alguma coisa, no caminho se houvesse esquecido do que era. Maria Valéria seguiu-o por toda a parte, sem ousar dizer ou fazer o que quer que fosse. Rodrigo entrou no quarto da filha morta, quedou-se a olhar para a boneca que jazia sobre a cama, e depois, vendo a tia parada à porta, perguntou: - A Alicinha já voltou do colégio?

Maria Valéria não disse palavra, não fez nenhum gesto: continuou a olhar para o sobrinho com a face impassível. De repente, lembrando-se de tudo, Rodrigo soltou um gemido, precipitou-se para a velha, empurrou-a para o corredor, fechou a porta do quarto a chave, deitou-se na cama e desatou num choro convulsivo. Ficou ali horas e horas, conversando em surdina com a boneca, como se ela fosse uma pessoa. Quando batiam na porta, gritava: “Me deixem morrer em paz!”

No quarto, de janelas fechadas, fazia um calor abafado. Anoiteceu e ele nem sequer pensou em acender a luz. Ouvia passos e murmúrios de vozes no corredor, sentia quando alguém parava junto da porta. Odiava toda aquela gente. Detestava a vida. Estava decidido a não deixar ninguém entrar. Recusaria comer e beber. Morreria de fome e sede.

O suor escorria-lhe pelo corpo dolorido. Fazia vários dias que não tomava banho, nem sequer mudava de roupa. Sentia agora o próprio fedor, e isso o levava a desprezar-se a si mesmo e, em se desprezando, castigava-se, e em se castigando, redimia-se um pouco da culpa que lhe cabia pela morte da filha. Ah! mas não merecia perdão. Tinham sido todos uns incompetentes. Ele, Carbone, Camerino e aqueles dois médicos que mandara vir às pressas de Porto Alegre. Todos uns charlatães. Não sabiam nada. A medicina era uma farsa. A doença

matara Alicinha em menos de dez dias. Era estúpido. Era gratuito. Era monstruoso. Se Deus existia, quem era que queria castigar? Se era a ele, por que matara uma inocente?

Que ia ser agora de sua vida? Revolvia-se na cama. A sede ressequia-lhe a boca, a vontade de fumar intumescia-lhe a língua.

Remexeu nos bolsos na esperança de encontrar algum cigarro. Nada.

Pensou em levantar-se, abrir a janela, respirar o ar da noite. Mas não merecia aquele alívio, aquele privilégio. Onde haviam entaipado Alicinha não existia ar nem luz. Só noite e morte.

Ocorreu-lhe que o processo de decomposição daquele pequeno corpo havia já começado. Soltou um grito, levou as mãos aos olhos. — Não! Não! - afugentou o pensamento horrendo. Mas foi inútil. Seu cérebro era agora a própria sepultura de Alicinha; lá estava ela, com a pele esverdeada, vermes a lhe saírem pelas narinas, toda uma colônia de bichos a lhe comerem as entranhas. Alicinha apodrecia. Alicinha fedia. Santo Deus!

Saltou da cama e saiu a andar pelo quarto escuro, cambaleando como um ébrio, tropeçando nos móveis. Pôs-se a bater com a cabeça na parede, cada vez com mais e mais força, para fazê-la doer, para evitar que ela produzisse aqueles pensamentos.. Depois tornou a cair na cama, com uma repentina pena de si mesmo, agarrou a boneca, apertou-a contra o peito, beijou-lhe as faces, os cabelos… Meteu a cara no travesseiro e procurou pensar na própria morte… Era, porém, Alicinha quem ele ainda via, coberta de vermes, a boca roída… e já a imagem da filha se fundia com a de outra pessoa - Toni Weber de lábios queimados… Ah! Agora ele tinha a certeza: era mesmo um castigo, um castigo! Rolou na cama, mordeu a colcha, as lágrimas entraram-lhe salobras e mornas pela boca.

Descobria que o podre era ele. Sua decomposição havia começado fazia mais de uma semana. Mas que lhe importava? Não queria mais viver. Sem sua princesa a vida não tinha mais sentido.

As horas passaram. O relógio lá embaixo de quando em quando batia.

Houve um momento em que Rodrigo ficou deitado de costas, as mãos sobre o peito, como um morto. Tentou fazer um movimento, mas não conseguiu.

Procurou articular um som, mas seus lábios se moveram inutilmente. Viu vultos na penumbra do quarto. Ouviu vozes amortecidas. Estava agora dentro dum caixão de defunto. As sombras iam e vinham. Está na hora do enterro - cochichou alguém. Então compreendeu tudo. Iam sepultá-lo vivo.

De novo tentou gritar, fazer um movimento, mas em vão. Explicou-se a si mesmo: é um ataque de catalepsia. Soltou um grito e

sentou-se no leito num movimento de autômato. Olhou em torno, desmemoriado, e, por alguns segundos, foi tomado dum pavor sem nome, que lhe punha o coração numa disparada. Ficou, de novo deitado, a resfolgar como um animal acuado.

Um pesadelo… Enxugou com a ponta da colcha o suor que lhe molhava o rosto. Desejou de novo abrir a janela, respirar ar fresco. Sentia-se meio asfixiado. A sede aumentava. A bexiga inflava e começava a arder.

Pensou em descer ao quintal, tirar água do poço, beber no balde, como um cavalo…

Mas não merecia aquele refrigério. Alicinha estava morta. Pensou nos dias que viriam. Teria de suportar as visitas de pêsames, a missa de sétimo dia. E o mundo vazio, vazio, vazio…

Veio-lhe então a ideia de suicídio, o que lhe deu uma repentina esperança' Soergueu-se, moveu a cabeça dum lado para outro.

Pensou na navalha que tinha no quarto de dormir. Abriria as veias dos pulsos e se dessangraria em cima da cama. Seria uma morte suave. O sangue alagaria o chão, escorreria para fora do quarto… Quando os outros arrombassem a porta, encontrariam ali apenas seu cadáver. Estaria tudo acabado.

Que horas são? Todos devem estar dormindo. “Eu me levanto e na ponta dos pés vou buscar a navalha…” Imaginou-se a fazer esses movimentos.

Estava no corredor, as tábuas rangiam, era preciso pisar mais de leve… De repente surge-lhe um vulto pela frente. Reconhece o pai.

“Aonde vai o senhor?” - “Buscar a navalha.” - “Pra quê?” - “Vou me matar.” - “Deixe de fita!” - “Juro por Deus que quero morrer!”

Deus era testemunha da sua sinceridade. Queria morrer, precisava morrer. Era um assassino. Tinha matado o pai. Tinha matado Toni.

Sentia-se também culpado pela morte da filha.

Continuava, porém, deitado, como se o visgo pútrido que lhe cobria o corpo o grudasse irremediavelmente à coberta da cama. Se ao menos pudesse beber um copo d'água, fumar um cigarro… Sua bexiga parecia prestes a estourar. Sentia um desejo urgente de ir ao quarto de banho…

Suas mãos tremiam. A fome lhe produzia no estômago uma ardência branca, uma leve náusea. Sua língua agora era um réptil, um lagarto que ia inchando cada vez mais, como o balão da bexiga…

Rodrigo encolheu-se, dobrou as pernas, apertou ambas as mãos entre as coxas. Era assim que fazia quando menino, sempre que no meio da madrugada lhe vinha o desejo de urinar, e o sono ou o medo do escuro o impedia de deixar a cama.

Pensou numa noite da infância, em 95. Os maragatos sitiavam o Sobrado.

Fazia tanto frio, ventava tanto, que até as vidraças do casarão batiam queixo. Sua mãe estava gravemente doente. A criança tinha nascido morta e seu pai ia enterrá-la no porão… Sentado na beira do leito, Fandango contava-lhe a história do Boi Barroso. Tinha uma voz de taquara rachada. Cheirava a couro curtido e quase sempre trazia atrás da orelha um ramo de alecrim.

Rodrigo concentrou o pensamento na mãe e de súbito sentiu sua presença no quarto. Chegou a experimentar na testa o contato fresco da mão dela. A dor de cabeça cessou com uma rapidez mágica.

Seus músculos se relaxaram, num abandono completo, e ele sentiu escorrer-lhe pelas coxas e pernas um líquido morno, à medida que ia sentindo uma deliciosa sensação de alívio. E então, sem ter consciência clara do que acontecia, resvalou das margens da sua angústia para dentro dum fundo e plácido lagoão de sono.

Quando acordou, a janela estava aberta, o quarto claro, e Toríbio ao lado da cama. Não o reconheceu no primeiro momento. Ficou pisca-piscando, focando o olhar no irmão. Olhou depois para a janela e viu que era dia. Soergueu-se, apoiado nos cotovelos. Sentia a cabeça pesada e dolorida, um gosto amargo na boca.

— Tive de arrombar a porta…

— Fecha a janela.

— Não fecho.

— Essa luz me dói nos olhos.

— O quarto está numa fedentina medonha. Tamanho homem!

Rodrigo sentiu uma súbita vergonha.

— Me deixa em paz - gemeu.

— Não deixo. Não podes ficar metido aqui dentro o resto da vida. Todo o mundo está preocupado contigo. Sabes que horas são? Quase meio-dia.

Rodrigo fechou os olhos, apertando as pálpebras como fazem as crianças quando querem fingir que dormem.

— Reage, homem! - exclamou o irmão mais velho. — Pensas que és a única pessoa nesta casa que sentiu a morte da menina? Tua mulher está lá atirada na cama, numa agonia danada, passou a noite em claro, soluçando, mas sem poder chorar. Devias estar ao lado dela, ajudando a coitada. Pensei que fosses um homem de verdade, mas não passas dum fedelho que ainda mija na cama. Ora vai ser vil pró diabo que te carregue!

— Podes me insultar. Eu mereço.

— Eu devia te tirar daqui a bofetadas.

Toríbio acendeu um cigarro, soltou uma baforada de fumaça. Foi num tom mais calmo que perguntou: - Queres um cigarro?

— Não.

Mas Rodrigo desejava desesperadamente fumar. Abriu os olhos e

ficou seguindo o movimento da fumaça no ar, aspirando-lhe o cheiro. Depois, evitando encarar o outro, estendeu o braço: - Me dá um…

Toríbio meteu-lhe um cigarro entre os lábios, acendeu-o, e por alguns instantes Rodrigo ficou a fumar em silêncio, olhando para o pedaço de céu nublado que a janela enquadrava. Sentia agora o mormaço do meio-dia, um calor úmido, que ardia na pele. O sol era uma brasa esbranquiçada, por trás da cinza das nuvens.

— Vamos - disse Bio, depois que o irmão fumou metade do cigarro. — Sai dessa cama…

— Pelo amor de Deus, me deixa!

— Toma um banho, faz a barba, estás pior que tapera. Rodrigo virou-se e ficou deitado de bruços, apertando o travesseiro contra o estômago.

— Não estás ouvindo o barulho das crianças no quintal? Te esqueceste que ainda tens quatro filhos? Vamos, o mundo não acabou.

— Pra mim acabou.

— Te conheço. Amanhã isso passa.

— Tu não entendes dessas coisas. Nunca tiveste filho.

— É o que tu pensas. Mas isso não tem nada que ver com teu banho.

Vamos.

Toríbio cuspiu fora, pela janela, o toco de cigarro que tinha colado ao lábio inferior, e aproximou-se da cama, murmurando: “Acha que não tem outro jeito…” Inclinou-se sobre o irmão, enlaçou-lhe a cintura com ambos os braços e ergueu-o no ar. Rodrigo deixou-se levar sem protesto, mole e sem vontade como um boneco de pano. Toríbio pô-lo dobrado sobre os ombros e assim o conduziu ao longo do corredor até o quarto de banho, onde o depôs sobre um mocho. Rodrigo ali ficou, as costas apoiadas na parede, os braços caídos. Não queria tomar a iniciativa de banhar-se. O banho era um sinal de vida, e ele ainda queria morrer.

Toríbio tirou-lhe o casaco, a camisa, e desafivelou-lhe a cinta.

Começou a operação com cuidado e certa brandura, mas de repente como que caindo em si e descobrindo naquela sua solicitude, na tarefa de despir o outro, algo de maternal e portanto feminino, tratou de contrabalançar o ridículo da atuação com uma certa rudeza de gestos. E a cada peça de roupa que tirava, soltava um palavrão. Puxou as calças do outro com tal fúria, que as rasgou pelo meio, ficando uma perna para cada lado. E quando viu o irmão completamente despido, levou-o quase aos empurrões para baixo do chuveiro e abriu a torneira.

— Agora lava esse corpo, lorpa! - gritou, dando ao outro um sabonete.

— Vais te sentir um homem novo depois do banho. Rodrigo

mantinha a cabeça erguida, os olhos cerrados, a boca aberta. Ficou nessa posição por alguns segundos, bebendo água. Depois, num súbito entusiasmo, começou a ensaboar-se com um vigor de que ele próprio se admirava.

Toríbio saiu do quarto de banho e voltou minutos depois trazendo roupa-branca e um terno de brim claro. Sentou-se a um canto, acendeu outro cigarro e quedou-se a olhar para o irmão, que naquele instante esfregava as axilas ruidosamente, a cara e os cabelos cobertos de espuma.

— O dr. Carbone acha que deves ajudar a Flora…

— Como?

— Pode ser que a tua presença faça ela chorar…

Rodrigo deixou cair os braços, e por alguns instantes permaneceu imóvel sob o chuveiro.

— Não quero ver a Flora. — Por quê?

— Tenho medo.

— Não sejas estúpido. Tens que ir. Já imaginaste o que é uma pessoa querer chorar e não poder? É o mesmo que ter uma bola trancada na garganta.

Alcançou uma toalha para o irmão, que se enxugou em silêncio, com gestos lentos, e depois começou a vestir a camisa…

— Estou tonto… - balbuciou, amparando-se na parede.

— Faz quarenta e oito horas que não comes nada…

Toríbio ajudou Rodrigo a terminar de vestir-se. Levou-o depois para o quarto de hóspedes e fê-lo sentar-se na cama, com o busto recostado em travesseiros.

Maria Valéria entrou, trazendo um prato de canja fumegante, e sentou-se na beira do leito.

— Tome - murmurou.

Rodrigo sacudiu negativamente a cabeça. Agora lhe vinha um absurdo medo de comer. Mas a velha aproximou a colher dos lábios dele e obrigou-o a tomar um gole.

— Está muito quente?

Ele sacudiu a cabeça negativamente. Sentia na boca o calor e o gosto da canja, mas tinha medo de engolir… Por fim decidiu-se. Como o cheiro e o gosto de cebola ficavam mal dentro daquele quadro de morte e angústia! Eram coisas quase sacrílegas.

Ouvia os gritos dos filhos, que brincavam no quintal. Um gramofone tocava nas vizinhanças. Cigarras rechinavam nas árvores da praça. Maria Valéria ali estava de olhos secos. Como era que a vida continuava como se nada houvesse acontecido? E ele comia, bebia, tomava banho, de novo se entregava covardemente à tarefa absurda de viver, enquanto Alicinha no seu caixão branco apodrecia…

— Mais uma colherada.

Abriu a boca, sorveu a canja. Aquele líquido grosso não vinha da colher, mas da boca da filha morta, eram os bichos que a roíam, e ele agora sorvia esses vermes sem repugnância, até com certa avidez, comungando com Alicinha, participando da sua putrefação, partilhando da sua morte.

— Coma agora um pedaço de galinha. Mas mastigue primeiro antes de engolir…

Carne de minha carne. Era o corpo da filha que ele devorava.

Pensamentos absurdos, reconhecia. Não podia nem queria evitá-los. A sopa escorria-lhe pelo queixo barbudo, pingava-lhe no peito.

— Cuidado com a camisa, seu porcalhão!

Como era que a Dinda podia preocupar-se com aquelas trivialidades? Que importância tinha que uma camisa permanecesse limpa ou se manchasse de sopa, se ele estava vivendo a hora mais dolorosa de sua vida?

— Abra esses olhos… ou não quer enxergar a minha cara? Nunca vi um homem se entregar desse jeito!

Por que todos o tratavam com tanta rispidez? Precisava de carinho, de amparo, sentia-se infeliz, estava fraco, doía-lhe o corpo, não podia fazer nenhum movimento de cabeça sem sentir uma agulhada dentro do crânio.

— Depois de comer, vá ver sua mulher. Ele fez que sim com a cabeça, obediente.

— Agora sirva-se sozinho. Você não é nenhuma criança. Tenho de ir dar de comer aos seus filhos.

Maria Valéria entregou o prato ao sobrinho, ergueu-se e saiu do quarto.

Momentos depois, Rodrigo no corredor dirigia-se lentamente para o quarto de Flora. Tudo lhe parecia andar à roda, manchas solferinas e esverdeadas aumentavam e diminuíam diante de seus olhos, estonteando-o. Um vulto veio ao seu encontro: Dante Camerino. Rodrigo prometera a si mesmo insultar o rapaz quando o encontrasse. Mas agora caía-lhe nos braços, desatava o choro.

— A menina morreu por minha culpa, Dante! - gemeu ele, com o rosto encostado no peito do outro, que lhe passava as mãos pelas costas, numa carícia canhestra.

— Não diga uma coisa dessas, dr. Rodrigo. O senhor é médico e sabe muito bem que não se pode culpar ninguém duma meningite tuberculosa. O senhor fez o que pôde. Todos nós fizemos. Mas Deus teve a última palavra.

— Deus não existe, Dante. Ou então existe e é pior que o Diabo.

— Ora, doutor, nem diga isso!

Rodrigo endireitou o corpo, enxugou as lágrimas com as pontas dos dedos.

— Vou ver a Flora… - balbuciou.

— Vá. Ela precisa chorar. Fale na menina… Talvez o senhor… a sua presença… Vá…

Amparou o amigo até a porta do quarto da mulher, onde ambos pararam.

Vinha lá de dentro um som agoniado de soluços.

Rodrigo teve um momento de pânico, e quase deitou a correr rumo da escada e da rua… Mas conteve-se. Olhou rapidamente para o amigo, abriu a porta devagarinho e entrou. Camerino ficou onde estava. Ouviu o ruído de passos no interior do quarto e depois um silêncio sempre cortado por soluços secos.

De súbito, como uma represa que se rompe, Flora desatou o pranto.

Dante Camerino acendeu um cigarro e, com os olhos enevoados, dirigiu-se para a escada.

Naquele mesmo dia à tardinha, Neco Rosa veio fazer a barba de Rodrigo.

Ensaboou a cara do amigo em silêncio, impressionado com seus olhos parados, injetados de sangue e profundamente tristes.

Pôs-lhe a mão no ombro e murmurou: - Não há de ser nada. Deus é grande.

Estavam no escritório sombrio, fechadas todas as janelas. Neco acendeu a luz elétrica. Passou a navalha no assentador e começou o serviço, parando sempre que o amigo desandava numa crise de choro e ficava a lamentar-se baixinho, os ombros sacudidos pelos soluços. O barbeiro esperava com paciência, num silêncio comovido.

— Neco, não tem explicação. Por mais que eu pense, não compreendo. A criança estava boa, de repente começou com uma febrinha… Pensei que era um resfriado. O Camerino também pensou. Dei aspirina, botei ela na cama, não me preocupei. Mas a febre não cedeu, a criaturinha começou a emagrecer, a ficar triste, não falava, só gemia, e de repente vieram aquelas dores de cabeça, as pontadas no ventre… Foi aí que me assustei. “Deve ser um caso de ventre-agudo”, disse o Carbone. E o gringo já queria operar. Achei melhor esperar. E toca a dar remédio para o intestino…

Calou-se. Neco nada dizia, limitava-se a olhar para o soalho, a navalha na mão.

— Passamos três dias naquela incerteza, três dias, imagina! Uma noite acordei com os gritos dela, pulei da cama e foi então que me assustei mesmo, corri para o telégrafo, e mandei buscar de Porto Alegre dois médicos de renome… Ninguém pode me acusar de negligência, pode, Neco?

— Claro que não, homem!

— Quando eles chegaram eu não tinha mais dúvida, o diagnóstico

estava feito, e a criança perdida…

— Agora fica quieto. Não adianta falar.

Rodrigo ergueu-se, com metade da cara ensaboada, uma toalha amarrada ao pescoço.

— Mas eu quero falar. Eu preciso falar.

— Está bem. Então fala. Rodrigo tornou a sentar-se.

— E a fase pior da doença foi quando começaram as contrações musculares e a coitadinha ficava na cama, rangendo os dentes. Tudo doía nela. A luz, o menor ruído, tudo produzia dor naquele pobre corpinho, até o contato com os lençóis…

Rodrigo calou-se, lágrimas de novo rolaram-lhe pelas faces. Neco recomeçou o serviço e por alguns instantes só se ouviu ali naquela sala o rascar da navalha.

— E ninguém mais dormiu nesta casa, Neco. Três dias e três noites. O pior era quando ela soltava aqueles gritos… Uma madrugada não aguentei, saí desesperado porta afora, andei sem destino por essas ruas, com aqueles gritos nos ouvidos, pensei em me matar, em bater na porta da casa dos meus amigos, em acordar todo o mundo. Queria que alguém me explicasse por que era que toda aquela monstruosidade estava acontecendo…

Neco limitava-se a sacudir lentamente a cabeça. Apanhou o pincel e ensaboou de novo uma das faces-do velho amigo. Este lhe apertou o braço como se quisesse magoá-lo.

— Pensa bem, Neco, pensa bem. Sabes o que foi para mim ver um pedaço da minha carne, a minha filha, murchando em cima duma cama, sofrendo dia e noite, noite e dia, e cinco animais, cinco quadrúpedes diplomados ao redor dela sem poderem fazer nada?

Pensa bem. Não é estúpido? Quem ganhava com o sofrimento daquela criaturinha? Me diga, quem? É tudo absurdo. A vida não tem sentido.

É uma miséria, uma mentira!

Neco puxou um pigarro prolongado, fungou, procurou alguma coisa para dizer, não encontrou: continuou calado. Recomeçou o trabalho.

— No oitavo dia da doença a menina estava irreconhecível, de pele murcha, ventre escavado… E o mais horrível, Neco, o mais pavoroso eram os movimentos automáticos que ela fazia, como quem queria pegar alguma coisa no ar. E a febre subindo, e a paralisia dos membros começando. O mais que a gente podia fazer era dar-lhe calmantes, que no fim não faziam mais efeito… e gelo na cabeça… que sei eu!

Rodrigo de novo se pôs de pé.

— Ah! O pior de tudo eram aqueles olhos. Ela me olhava. Neco, sabia que era a minha querida. Tinha confiança em mim. Parecia que

estava me pedindo para salvá-la. E eu ali sem poder fazer nada. Tu sabes o que é isso? Impotente, vendo minha filha em convulsões na cama, se acabando aos poucos e… Aqueles olhos. Neco, aqueles olhos, pedindo, suplicando… olhos espantados de quem não sabia por que tudo aquilo estava acontecendo.

Cobriu o rosto com as mãos e desatou de novo a chorar. Neco caminhou para a porta na ponta dos pés e fechou-a. Depois tornou para o amigo e abraçou-o.

— Tu não deves… - começou a dizer. Mas a comoção trancou-lhe as palavras na garganta e ele também largou o pranto.

Rodrigo sentou-se, enxugando os olhos com a ponta da toalha. De novo a navalha cantou-lhe no rosto. E houve um silêncio durante o qual se ouviu a voz de Edu que passava no corredor.

— Deves dar graças a Deus por teres ainda quatro filhos…

— Não posso dar graças a quem me torturou e matou a filha predileta.

— O Homem lá em cima deve saber o que faz… Rodrigo cerrou os olhos.

— Sou um fracasso, Neco. Um colossal fracasso.

— Fica quieto, senão posso te cortar.

— Que me importa? Já pensei em passar a navalha no pescoço.

— Rodrigo!

— Já imaginaste o que vai ser minha vida daqui por diante? Não ter mais a minha filha, nunca mais… Não ouvir mais a voz dela, as suas lições de piano… as… as… Se soubesses os planos que eu tinha para a Alicinha!

Quando Neco terminou o serviço, Rodrigo passou a toalha pelo rosto, num gesto distraído e ficou a andar pelo escritório, metendo os dedos entre os cabelos revoltos. Parou diante do seu diploma, que estava enquadrado numa moldura de ébano, por baixo do retrato do Patriarca.

— De que serve este papel? Aqui diz que me formei em medicina. Mas que é que eu sei? Nada. Sou tão ignorante como o Camerino, o Carbone e aquelas duas cavalgaduras que mandei buscar de Porto Alegre.

Parou diante do armário envidraçado, em cujas prateleiras se alinhavam seus livros de medicina.

— E estas porcarias? Olha só o ar solene destes livros. Não servem para nada. Palavras, palavras, só palavras. A Alicinha está morta. Isso ninguém muda.

De súbito, num acesso de fúria, desferiu um soco num dos vidros do armário e rompeu-o em pedaços. Neco segurou os braços do amigo, um de cujos pulsos sangrava.

— Me deixa, homem, não é nada.

Rodrigo escancarou as portas do armário, pegou dois dos tratados mais volumosos e disse: - Tive uma ideia, Neco. Uma ideia genial!

Sorria agora como se suas tristezas e dores tivessem de repente desaparecido. O barbeiro mirava-o sem compreender.

— Daqui por diante começa uma era nova na minha vida. O doutor Rodrigo Cambará vai morrer na fogueira. Um outro Rodrigo nascerá… Um Rodrigo, cínico, realista, sem sonhos nem ideais. Me ajuda a carregar estes calhamaços.

— Pra onde?

— Pró quintal. Vamos. Não discutas.

Tinha nos braços uma pilha de livros que lhe subia até a altura do queixo.

— Agora pega tu mais uns volumes e vem comigo. Neco obedeceu.

Rodrigo saiu do escritório e encaminhou-se para a porta dos fundos. Ao passar pela cozinha, gritou para Leocádia: ·- Vá ajudar o Neco a trazer para fora os livros do armário do escritório. Raspa!

Desceu a escada. A sombra da casa cobria agora mais da metade do quintal. Edu e Jango corriam atrás de Zeca, que ostentava ao redor da cabeça as penas dum velho espanador, dispostas à guisa de cocar. Os cowboys perseguiam a tiros o pele-vermelha, que procurava refúgio atrás do tronco do marmeleiro.

Rodrigo depôs os volumes no centro do quintal. Neco, seguido de Leocádia, desceu com mais livros, que foram atirados no chão, ao lado dos outros.

— Voltem - ordenou Rodrigo. — Tragam o resto!

A pretinha tornou a entrar em casa, mas Neco ficou onde estava, olhando, grave, para o amigo.

— Vamos amarrar esse pulso, botar um remédio no talho.

— Volta e traz mais livros, Neco, não temos tempo a perder. Rodrigo sentia um estranho prazer em ver seu sangue pingar sobre aqueles tratados franceses de medicina, muitos deles com capas de couro. Olhou na direção da casa e viu numa das janelas Maria Valéria e noutra Floriano. Ambos o contemplavam. Havia espanto nos olhos do menino. Mas a cara da velha estava imperturbável.

— Que é isso no pulso? - perguntou ela.

— Nada - respondeu o sobrinho, e encarou a tia, num desafio. Sentia agora uma estranha felicidade. Estava tomando uma resolução que mudaria a sua vida por completo. Todo o esquema se lhe formava na cabeça. Como era que não lhe havia ocorrido aquilo antes? Naquele auto-de-fé queimaria o charlatanismo! Destruiria os seus livros de medicina, abandonaria definitivamente a profissão, acabaria com a farsa, a impostura, o ridículo. Havia ainda mais: ia vender a farmácia e a Casa de Saúde… Ardia-lhe o pulso.

Ergueu-o e viu um caco de vidro cravado na carne. Arrancou-o com raiva.

Neco voltou para dentro, com alguma relutância. Cruzou na escada com Leocádia, que trazia nova braçada de livros.

Rodrigo tinha agora a seus pés quase toda a sua biblioteca médica.

Toríbio surgiu à porta da cozinha.

— Que é que vais fazer, homem?

— Espera e verás.

Correu para dentro, entrou no escritório, tirou o diploma da parede, pô-lo debaixo do braço, voltou para a cozinha, apanhou uma garrafa de querosene e tornou a descer para o pátio. A cabeça de Chico Pais apareceu por cima da cerca que separava o quintal do Sobrado do quintal da padaria. O padeiro olhava com olhos arregalados e perplexos o "menino do seu Licurgo". Zeca, Edu e Jango, que haviam interrompido seus brinquedos, estavam numa expectativa silenciosa, a poucos passos de Rodrigo, que desarrolhava agora a garrafa, esvaziando-lhe todo o conteúdo em cima dos livros.

— Raspem daqui! - gritou para as crianças, que recuaram. Toríbio e Neco, sentados nos degraus da escada de pedra, entreolharam-se em silêncio. Rodrigo riscou um fósforo e atirou-o sobre os livros. Uma labareda se ergueu. As crianças romperam em gritos de alegria. Rodrigo quebrou o quadro em dois, sobre o joelho, arrancou o diploma da moldura e jogou-o no fogo. Maria Valéria sacudiu a cabeça.

— Que é que adianta isso? - perguntou Toríbio. — Estás só dando um espetáculo.

Rodrigo limitou-se a encolher os ombros. Não tirava os olhos das chamas. As capas dos livros começavam a retorcer-se, carbonizadas, em movimentos agônicos que tinham algo de humano. As crianças puseram-se a correr ao redor da fogueira, gritando: "Viva São João! Viva São João!"

Chico Pais olhava de Toríbio para Maria Valéria, como a pedir uma explicação de tudo aquilo. A velha, debruçada à janela, continuava a mirar o sobrinho. Seguiu-o com os olhos quando ele voltou para dentro de casa. Ouviu seus passos na escada. Sabia para onde ele se dirigia. Ia atirar-se na cama de Alicinha e ali ficar chorando abraçado à boneca.

No dia seguinte Flora levantou-se, alimentou-se, reagiu. No fim daquela semana, compareceu à missa de sétimo dia, coisa que Rodrigo não teve a coragem de fazer. Finda a cerimônia, amparada pela mãe e pelo pai, recebeu de pé, e com os olhos secos, os intermináveis abraços de pêsames. Foi depois chorar em casa, fechada no quarto. Mas saiu de lá, horas mais tarde, com a fisionomia despejada e

composta, e tratou de dar a todos a impressão de que, por maior que fosse a sua dor pela perda da filha, aceitava como natural e necessária a ideia de que a vida tinha de continuar. E quem mais a ajudou a manter esse espírito foi Maria Valéria, que naquele mesmo dia decidiu fazer um tacho de pessegada. Era uma boa provedora: o inverno jamais a surpreenderia com a despensa desfalcada. Havia outras tarefas urgentes: preparar Floriano e Jango para a escola, que se reabriria dentro de uma semana, começar um casaco de tricô para Bibi, comprar sapatos para os meninos e arranjar roupas para o Zeca, o "agregado da família", que andava sujo e maltrapilho como um cigano.

Assim Maria Valéria retomou o seu trancão doméstico. Uma vez que outra quando não havia ninguém no andar superior, entrava no quarto de Alicinha, abria o guarda-roupa da menina, acariciava rapidamente os vestidos com suas mãos ossudas e longas, tocava de leve na escova de cabelo e no pente, que estavam sobre o mármore do penteador, olhava em torno, via a cama, a boneca, um triste par de sapatos brancos da menina, que haviam ficado esquecidos a um canto - e depois saía na ponta dos pés…

Aderbal e a mulher vinham ao Sobrado quase todas as noites. Laurentina não afastava da filha o olhar tristonho; não falava mas dizia tudo por meio de fundos suspiros. Ninguém pronunciava o nome da morta, nem fazia a ela a menor referência. Discutiam o tempo, a safra, a situação política do país… Babalo escondia sua dor por trás da cortina de fumaça do cigarro. Andava sensibilizado com a atitude de Rodrigo, que passou a evitá-lo desde o dia da morte da criança. O genro não queria deixar-se consolar, obstinava-se em não sentar-se à mesa com o resto da família, à hora das refeições. Comia no quarto, em horário incerto, e sempre que os amigos, mesmo os mais íntimos, queriam vê-lo, dava um pretexto qualquer e recusava-se. E quando os Carbones visitavam o Sobrado, a situação piorava, pois tanto Santuzza como Cario começavam a chorar no momento em que batiam à porta.

O retraimento agressivo de Rodrigo durou boa parte daquele março mormacento, em cujas tardes de ar parado as cigarras cantavam nas árvores do quintal e as moscas zumbiam e esvoaçavam nas salas do casarão.

Em muitas daquelas tardes ele entrava no Ford, mandava Bento tocar para o cemitério e lá ficava horas inteiras, dentro do jazigo da família, ao lado da sepultura da filha, conversando com ela, baixinho, numa esquisita e triste felicidade.

Naquelas noites quentes e abafadas, custava-lhe dormir. Revolvia-se no leito, e quando via que era inútil continuar na tentativa de capturar o sono, erguia-se, debruçava-se na janela, acendia um cigarro e ficava a olhar para as árvores da praça e para as estrelas. Não raro

saía pelo corredor, como um fantasma, entrava no quarto da filha, deitava-se na cama e punha-se a chorar um choro manso e lento, já sem desespero. E muitas vezes era ali que o sono vinha surpreendê-lo. As piores noites, porém, eram aquelas em que despertava de repente, com impressão de que alguém lhe havia tocado no ombro, e então lhe vinha a ideia de que Alicinha àquela hora estava sozinha, fechada na sepultura. Abandonada, no escuro, com medo, coitadinha!

Certa madrugada despertou com a impressão nítida e perturbadora de que alguém batia no piano lá embaixo… Alicinha - pensou. Sim, tinha ouvido alguns compassos de Lê lac de Como, a peça preferida da menina. Mas não! Devia ter sido um sonho. Sentou-se na cama, e ficou um instante com as mãos na cabeça, ouvindo, atento. O casarão estava agora silencioso.

"Tenho a certeza - disse para si mesmo - não foi sonho. Ouvi. Não estou louco.

Ouvi." Saiu do quarto, desceu as escadas na ponta dos pés. Acendeu a luz do vestíbulo e ficou à escuta… Silêncio. Entrou na sala. Ninguém.

Ali estava a um canto o piano fechado, o banco giratório vazio. Mas era estranho… Parecia andar no ar uma espécie de eco daquela música. Foi então que Rodrigo sentiu uma invisível presença na sala. Sim - concluiu - foi ela que veio e tocou… Tocou pra mim. Um sinal, um aviso.

Aproximou-se do piano, ergueu-lhe a tampa, perpassou os dedos pelo teclado. Não ousava olhar para os lados, para os cantos da sala em penumbra. Sabia que a filha morta estava a seu lado, quase a tocá-lo…

Em alguma parte do universo ela vive - dizia-se ele em pensamentos. E essa ideia lhe dava um doce tremor, um medo quase voluptuoso. Era uma esperança, um consolo… Por que não tinha pensado naquilo antes? Que estúpido! Aceitara como um idiota a ideia da destruição total e irremediável de sua princesa, como se ela fosse apenas corpo, apenas matéria. Deus era bom. Deus era grande. Deus era justo.

Agora compreendia. Estava tudo claro. Estava tudo bem. Um dia, numa outra vida, iam encontrar-se. Por enquanto o remédio era ter paciência, ir vivendo, esperando a grande hora. Sem desespero. Sempre atento àqueles sinais…

Ficou por algum tempo junto do piano, imóvel, os olhos cerrados, sentindo um calafrio em todo o corpo, mal ousando respirar.

Quando voltou para o quarto, encontrou Flora acordada.

— Estás sentindo alguma coisa? - perguntou ela.

— Não, meu bem, não é nada.

— Por que desceste?

Não respondeu. Estendeu-se na cama, ao lado da mulher, cerrou os olhos e pela primeira vez naqueles últimos trinta anos murmurou um padre-nosso. Sentiu a mão de Flora na testa. Decerto a mulher temia que ele estivesse febril.

— Não é nada, minha flor. Estou bem.

Pensou em contar-lhe tudo, mas teve medo de revelar o seu segredo.

Medo e um certo ciúme. Calou-se e pouco depois adormeceu, sorrindo.

Foi ainda naquele mês que Rodrigo recebeu a visita do pastor metodista que morava numa das casas vizinhas, cujo pátio estava separado por uma cerca de tábua do quintal do Sobrado. Fazia poucos meses que aquele americano, natural do Texas, chegara a Santa Fé. Rodrigo conhecia-o de vista, cumprimentava-o de longe e muitas vezes o vira nos fundos de sua residência cingindo um avental feminino, evidentemente ajudando a mulher na cozinha - coisa que o deixava intrigado - ou em mangas de camisa a jogar bola com a mais velha de suas três fi lhas - cena que em geral o enternecia. Era o reverendo Robert E. Dobson um indivíduo que logo chamava a atenção pelo porte. Tinha um metro e noventa e dois centímetros de altura - o homem mais alto da cidade, dizia-se. Era seco de carnes e um pouco encurvado. Apesar dos pés enormes e das pernas longas, tinha passos leves e curtos, numa cadência rápida e regular, como se o pastor caminhasse sempre ao ritmo de um one-step. O rosto rubicundo era longo e fino. Seu perfil agudo lembrava um pouco as feições clássicas do polichinelo da caricatura. Seus olhos, dum cinzento desbotado e distante, tinham a fresca limpidez da inocência. O que, porém, o texano possuía de mais notável eram as mãos, longas e bem-feitas, muito mais expressivas que o rosto. Quanto à voz, nem mesmo nos sermões ele a alteava. Tinha algo de vago e quebradiço: uma espécie de crepitar de palha. Sua mulher, também americana, era magra e frágil, de cabelos cor de areia, cútis muito branca, olhos dum verde de malva ressequida. Maria Valéria, que já mantivera com ela um diálogo por cima da cerca - mais por meio de gestos e de onomatopeias que propriamente de palavras - , dizia que a “pastora” parecia um desenho mal-apagado com borracha.

Antes de bater à porta do Sobrado, o metodista telefonou a Rodrigo pedindo permissão para visitá-lo e perguntando qual seria a hora mais oportuna. Rodrigo, curioso, respondeu-lhe que viesse na noite daquele mesmo dia, por volta das oito.

Às oito em ponto o reverendo Robert E. Dobson entrou no Sobrado sobraçando uma Bíblia de capa negra. Apertou a mão do dono da casa, que o conduziu à sala de visitas, fazendo-o sentar-se no sofá onde o homem ficou, de busto teso, as pernas juntas, o livro

sempre debaixo do braço, uma das garras espalmadas sobre a coxa. Rodrigo examinava o vizinho de alto a baixo. Era a primeira vez que o via de perto. Achava-o estranho, absolutamente diferente dos caboclos da terra, na cor e na forma. Não se parecia nem mesmo com os santa-fezenses descendentes de alemães. Tinha no seu desengonçamento, no pescoço de gogó saliente, na forma do rosto algo que lembrava Abraão Lincoln - mas um Lincoln em tons avermelhados. A mecha de cabelo que caía sobre a testa do homem (Quantos anos teria? Quarenta? Cinquenta?) dava-lhe um certo ar juvenil e esportivo de universitário.

Por alguns momentos nenhum dos dois falou. O reverendo Dobson limitava-se a sorrir um sorriso tímido, mas aliciante, que lhe punha à mostra os dentes postiços. Rodrigo mantinha-se na atitude de "pé atrás"

que sempre assumia quando era procurado por algum vendedor ambulante ou agente de seguro de vida.

O reverendo Dobson mexeu as pernas. Suas botinas grosseiras e pretas, quase informes, tinham algo de reiúno. Que quereria aquele homem?

A explicação não tardou. O pastor soubera da grande perda que a família sofrera, imaginava a dor que lhes partia o coração e por isso ousara visitar o chefe da casa…

Rodrigo escutava-o um pouco impaciente, porque a voz apagada do ministro, aquela espécie de cochicho em mau português tornava-lhe difícil prestar atenção ao que ele dizia. O reverendo Dobson falava com hesitações, ficava roncando - ah… ah… ah… - quando não encontrava a palavra adequada. Contou quem era, de onde vinha. Nascera e fora criado numa estância, no Texas, como um verdadeiro cowboy. Mudara-se para El Paso, onde terminara o high school e conhecera o pecado…

Rodrigo franziu a testa. Não podia imaginar o reverendo Dobson conhecendo o pecado. Que forma teria esse pecado? A duma rapariga loura?

Morena? Ou ruiva? Sem prestar mais atenção à voz de palha, ficou a fantasiar a adolescência pecaminosa de Bob Dobson em El Paso, na fronteira com o México… Ouvia uma que outra palavra do que o homem lhe dizia - "dez dólares… 'aus amigos…

'eiro trago de uísque… well…" Talvez tivesse sido com uma mexicana de sangue índio, o que naturalmente, para aquele homem branco, num ambiente racista, agravara a natureza do pecado. . . Dormir com americana loura fora do casamento é uma iniquidade. Dormir com uma mexicana de raça inferior: dupla iniquidade… O reverendo pedia desculpas - "escuse-me, por favor" - por estar entrando naqueles detalhes pessoais e íntimos. Queria, you know, queria com isso mostrar que era um homem como os outros, um pobre

pecador; em suma: o fato mesmo de haver já mais de uma vez transgredido as leis do Senhor não significava que... ah... ah... ah... ah...

De novo Rodrigo perdeu-se num devaneio. El Paso... Como seria a cidade? Descruzou e tornou a cruzar as pernas. Fazia calor. Passou o dedo entre o colarinho e o pescoço, esfregou o lenço pela testa. O americano também trançou as longas pernas, suas reiúnas moveram-se: pareciam dois gatos. Mas aonde diabo queria aquele homem chegar? El Paso... decerto era uma cidade com casas de tijolo nu, pesadas e tristes. A bomba de gasolina... A igrejinha branca de madeira...

O pastor chegou ao ponto culminante da sua história: a conversão.

Passava, um domingo, pela frente dum templo metodista quando... De novo Rodrigo desligou a atenção.

Finalmente o reverendo Dobson revelou o objetivo da visita. Não só vinha apresentar suas condolências como também pedir a Rodrigo que pensasse no consolo da religião. Deus era o remédio para todos os males, tanto para os pequenos como para os grandes. Deus era a razão de tudo, o princípio e o fim. Sem Deus o mundo e a vida não teriam sentido.

O reverendo Dobson falava num tom monocórdio, sem um momento de exaltação. Suas palavras pareciam apenas fazer cócegas no ar e nos ouvidos do interlocutor. Rodrigo, porém, começava a apiedar-se do homem.

Sua candura, sua absoluta falta de malícia, cativavam-no, davam-lhe desejos de protegê-lo. Se o missionário fosse um vendedor, Rodrigo estaria já disposto a dizer: "Compro tudo o que o senhor tem na sua mala. E não discuto preço .

O pastor estava tentando vender-lhe Deus. Mas ele já havia comprado Deus na noite em que Alicinha lhe dera aquele aviso... Andava pensando vagamente em comparecer a uma sessão espírita. Chiru Mena lhe falara num médium vidente seu conhecido, que tinha poderes extraordinários. Por que não tentar? Havia fenômenos metapsíquicos para os quais a ciência oficial ainda não encontrara explicação. E, depois, não perderia nada por tentar.

— Permite? - perguntou o texano.

Rodrigo ergueu interrogadoramente as sobrancelhas.

— Como?

— Permite que eu leia meu... ah... ah... passagem de Bíblia favorito?

— Pois não, reverendo, pois não!

— É um salmo de Davi...

Rodrigo mudou de posição na cadeira. Agora sentia sede. Pensava

numa cerveja gelada. O pastor abriu o livro numa página marcada por uma fita, puxou um discreto pigarro, fitou os olhos de cinza apagada no dono da casa, tornou a baixá-los e leu: - O Senhor é o meu pastor, nada me faltará. Deita-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas… Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça…

Rodrigo escutava, de olhos baixos. Já folheara muitas vezes a Bíblia: era um dos cem livros que havia posto de lado para "ler depois".

Esse depois nunca chegava.

— …Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte. Aquilo era bonito e dramático: pelo vale da sombra da morte.

Alicinha andava agora por esse escuro vale, mas tudo estava bem, porque Deus a guiava…

— … não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálix transborda…

Rodrigo notou que agora Maria Valéria aparecia como uma assombração à porta que dava para o vestíbulo, lançava um olhar intrigado para o visitante e depois sumia. No andar superior Bibi desatou a chorar.

— Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor por longos dias.

O pastor fechou a Bíblia, colocou-a sobre os joelhos, estendeu sobre ela as manoplas, e encarou o dono da casa, que murmurou: - Muito bonito. — E mentiu cordialmente: - Eu já conhecia esse salmo.

Fez-se um curto silêncio. Com um movimento de cabeça o reverendo Dobson afastou a mecha de cabelo que lhe caíra sobre um dos olhos.

— Eu só gostaria ah… ah… que o doutor não esquecesse aquelas primeiras palavras: O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.

Disse mais que tinha em casa, à disposição do caro vizinho, várias biografias de homens eminentes que haviam encontrado consolo e alimento espiritual em Cristo. Conhecia ele a aventura de Livingstone em pleno coração da África, em meio dos selvagens e das feras? E a daqueles heroicos passageiros do Titânio que, enquanto o vapor afundava, permaneceram reunidos na popa até o momento derradeiro, a cantar um hino religioso?

— Reverendo, o senhor deve saber que aqui somos todos católicos.

O pastor ergueu a mão.

— Longe de mim, oh, longe de mim a ideia de tentar… ah… ah… ah… converter o senhor ao metodismo. Seria… seria… oh, myl -

Eu sei… só quis informar…

— Mas Deus é um só. O Deus dos católicos é também o nosso Deus.

Rodrigo havia "esquecido" que o homem era tão alto e quase teve um choque quando o viu erguer-se. Fez o mesmo.

— Não toma alguma coisa, reverendo?

— Oh, não, agradecido. Devo ir.

Apesar do tamanho - refletia Rodrigo - o texano tinha uma presença transparente e leve. A sua magreza, a natureza neutra da voz, a maneira impessoal do vestuário, a ausência de paixão na palavra e no gesto tornavam-no por assim dizer imponderável. Um homem de fumaça? Talvez fosse uma boa definição. Concluiu que era impossível amar ou odiar uma pessoa assim. Em todo o caso, não podia deixar de ficar grato ao vizinho pela visita, pela intenção, pela…

— Bem, estou indo - disse o pastor. — Posso deixar-lhe esta Bíblia?

— Ora, não se incomode…

— É um prazer.

Depôs o livro em cima do consolo, sob o espelho, para o qual, entretanto, evitou olhar. Parou um instante diante do Retrato, olhou da tela para Rodrigo e disse: - Muito bom. Fino portrato.

Encaminhou-se para o vestíbulo, onde apanhou o chapéu. O dono da casa acompanhou-o até a porta, levemente irritado por se sentir tão baixo perto do outro. Apertaram-se as mãos, trocaram-se boas-noites e agradecimentos.

Ora essa! Já se viu? - pensou Rodrigo, fechando a porta.

Maria Valéria esperava-o ao pé da escada grande.

— Que é que o Jerivá queria?

— Nada, titia.

— Lê vendeu alguma coisa?

— Não.

A velha lançou-lhe um olhar enviesado de desconfiança.

— Não venha me dizer que esse bife não queria nada…

— Foi apenas uma visita de pêsames.

— Ah! Mas que era que ele estava lendo?

— Um trecho da Bíblia.

Apontou para o consolo. Maria Valéria viu o livro e murmurou: - Se o vigário descobre, vai ficar brabo.

— Que fique! Não é meu tutor. Recebo nesta casa quem eu quiser.

Protestante, muçulmano, budista, ateu e até macumbeiro.

Pegou a Bíblia e começou a folheá-la. Depois, largando o livro, ergueu a cabeça e ficou a namorar-se diante do espelho, examinando o branco dos olhos, arreganhando os lábios para ver melhor os dentes, ajeitando a gravata…

Maria Valéria sorriu. Aquilo era um sinal de que o sobrinho aos poucos voltava a ser o que sempre fora.

Era a opinião geral. Rodrigo Cambará tornava aos poucos ao seu natural. Tinha atenções e carinhos para com Flora, preocupava-se com a palidez e a magreza da mulher, insistia para que ela se alimentasse melhor, tomasse os remédios que Camerino lhe prescrevia. Interessava-se também pela vida dos filhos, fazia perguntas a Floriano sobre as matérias que o rapaz estudava na escola, andava frequentemente com Bibi no colo, beijando-lhe as faces e dizendo-lhe coisas carinhosas, discutia problemas do Angico com Jango e brincava de "touro e toureiro" com Edu.

E em meados daquele outono, atravessou um período de religiosidade e espiritualismo que deixou Stein surpreendido.

— Pensas - perguntou ele ao judeu uma noite - , imaginas que tudo se pode explicar com a história? E que a história é o único absoluto moral da humanidade?

Stein olhava para a ponta de seus sapatos esfolados. Aquele ano se havia tornado membro do Partido Comunista Brasileiro. Andava com a cabeça mais que nunca cheia de leituras, ideias, planos… Os livros marxistas, que tinham sua circulação proibida no Brasil, ele os recebia clandestinamente do Uruguai e da Argentina. A velha Sara, como sempre, tomava conta do ferro-velho, enquanto ele passava os dias a ler. Fazia um que outro serviço de cobrança ou de banco, coisas pelas quais sentia o maior desprezo e repugnância. No seu pequeno quarto já não tinha mais onde guardar livros. Eles se empilhavam pelos cantos, debaixo da cama, em cima do guarda-roupa.. A questão social apaixonava-o cada vez mais, e quanto mais lia, quanto mais observava o cenário político e econômico do Brasil e do mundo, mais e mais se convencia de que a solução para aquelas crises frequentes, para aquele estado crônico de injustiça social e para as guerras era o socialismo, o comunismo, que alguns reacionários ainda insistiam em chamar ridiculamente de maximalismo.

Agora ele escutava Rodrigo sem reagir, ruminando a grande tristeza que lhe causara, no princípio daquele ano, a morte de Lênin. Não tinha nenhum constrangimento em confessar que nem o falecimento de seu próprio pai o abatera tanto. Fora como se uma luz se houvesse apagado no mundo. No dia em que lhe chegara a negra notícia, saíra a andar pelas ruas de Santa Fé com lágrimas nos olhos. Mais tarde lera, comovido, a declaração publicada pelo Congresso Soviético: "Sua visão era colossal; sua inteligência na organização das massas, incrível. Lênin era o supremo Líder de todos os países, de todos os tempos, de todos os povos, o senhor da nova humanidade, o salvador do mundo". E no entanto ninguém ali em Santa Fé compreendia a enormidade daquela perda. Muitos tinham recebido a

notícia com indiferença. A maioria nem sequer a havia lido. E tudo continuara como antes. O Quica Ventura picava fumo na frente do Comercial. O Cuca Lopes fazia seus mexericos. O galo do cata-vento da igreja continuava a girar aos ventos. Nas pensões, as prostitutas dormiam com seus machos. Nos campos daqueles latifundiários, os bois engordavam. A miséria do proletariado urbano e rural se agravava. O coronel Teixeira continuava a sua agiotagem. O alfaiate Salomão botava meninos para dentro de seu quarto, tarde da noite. E aqueles burgueses hipócritas - com seus adultérios, calúnias, mesquinhezas e falsos valores - continuavam a representar a sua farsa, adorando o deus dinheiro, exaltando o lucro, espezinhando os humildes, e depois iam à missa para rezar, bater no peito e engolir hóstias. E as estrelas continuavam brilhando no céu. Mas Lênin estava morto! E o dr. Rodrigo Cambará - que chorara em 23 ao saber da morte de Rui Barbosa - achava agora que para o mundo o desaparecimento de Anatole France tinha sido muito mais nefasto que o de Lênin!

Sentiu-se sacudido pelos ombros. Era Rodrigo que o despertava do triste devaneio para lhe dizer: - Vocês marxistas não reconhecem o transcendente, querem reduzir o homem à mais grosseira condição material, como se ele fosse apenas um animal, sem a menor partícula divina.

Tio Bicho, que estava meio sonolento aquela noite, abriu os olhos para observar:

— Mas não! Há no marxismo um formidável elemento idealista. Só que eles apresentam a justiça social como um sucedâneo do absoluto divino.

Rodrigo olhou para Bandeira com o rabo dos olhos, como se não soubesse se devia considerá-lo um adversário ou um aliado. Stein soltou um suspiro e disse: - Dr. Rodrigo, para nós marxistas o ato bom, o ato nobre, o ato…

espiritual… seja!… é aquele que marcha no sentido da história, e o ato mau é o que entrava o progresso da humanidade. Para mim não existe outra norma para julgar o valor moral da ação. Simplificando: na minha opinião, o homem verdadeiramente humano é aquele que trabalha em prol da revolução social.

Rodrigo sacudiu a cabeça numa negativa vigorosa. E Roque, passando o lenço pelo pescoço suado e purpúreo, disse: - Eu já li o meu Marx, meio pela rama, porque O capital é o livro mais cacete do mundo, pior que O paraíso perdido. Mas me lembro que, num certo trecho, o Velho compara o proletariado com Cristo sobre a cruz. O que ele quer dizer, acho, é que se Jesus morreu para redimir os homens, reconciliando por meio de seu sacrifício a humanidade com a divindade, o proletariado, como uma espécie de “crucificado” do mundo moderno, sofre e é esquartejado para destruir as contradições atuais… É curioso que Marx tenha usado esse símile…

— Não, Stein! - exclama Rodrigo. — Nenhum homem pode viver sem Deus.

Suponhamos, com muita boa vontade, note bem que estou dizendo "com muita boa vontade"… suponhamos que o comunismo resolva o problema da vida do homem sobre a terra. E o resto?

— Que resto?

— A outra vida, o destino de nossas almas…

— Essa história de almas é outro ponto a discutir. O senhor não vai me dizer que acredita na concepção católica de céu e inferno, prêmio e castigo…

— E por que não?

— Porque tenho a sua inteligência na mais alta conta.

— A inteligência não tem nada a ver com a fé - replicou Rodrigo. — Fé é assunto de coração.

— Se o senhor acredita também nisso, não poderemos discutir.

— Pois então cala a boca.

Stein realmente calou. Compreendia que Rodrigo agora queria convencer-se de que um dia, numa outra vida, ia reencontrar a filha perdida. Bandeira ergueu-se sonolento, convidando o judeu para irem embora. Saíram juntos.

A casa estava silenciosa: todos recolhidos a seus quartos.

Rodrigo olhou em torno da sala, apagou a luz, sentou-se e ficou

esperando a “visita” de Alicinha. Ela devia revelar-se de algum modo. Um sussurro, uma batida na vidraça, uma porta que se abre ou fecha inexplicavelmente, um súbito golpe de vento, uma tecla que bate misteriosa nota de música… Cerrou os olhos. Um cachorro uivou numa rua distante. O relógio grande bateu doze badaladas. Depois, de novo o silêncio encheu o casarão. Rodrigo esperava, com um estranho arrepio de febre na epiderme.

Olhava para o próprio retrato, com a impressão de que o outro lhe sabia o grande segredo. De certo modo aquele Rodrigo de tela e tinta não teria uma qualidade fantasmal? Pertencia a um outro tempo, a uma outra dimensão.

A escada rangeu. Rodrigo inteiriçou o busto, o coração acelerado, as narinas dilatadas, as mãos agarrando com força os braços da cadeira.

Alguém descia pela escada. Ele esperava…

Uma luminosidade agora tocava a penumbra do vestíbulo. Passos se aproximavam. Rodrigo preparou-se para o momento milagroso, mal ousando respirar.

Maria Valéria surgiu à porta com uma vela acesa na mão.

— Vá dormir, meu filho. É tarde.

Rodrigo passou algumas semanas absorto na leitura de livros sobre metapsíquica e espiritismo. A parte céptica e anatolina de seu espírito sorria, com superioridade, da outra, a que ansiava por um bafejo ou um vislumbre do sobrenatural, a que desejava acreditar na existência duma vida extraterrena. Sempre, porém, que Roque Bandeira ou Arão Stein o pilhava lendo uma brochura de Allan Kardec ou de sir Conan Doyle, ele se sentia na obrigação de explicar que estudava aquelas coisas por pura curiosidade, pois estava sempre aberto a todas as aventuras do espírito.

Havia muito que Chiru Mena insistia com ele para que fossem visitar um sargento reformado, famoso na cidade e arredores pelos seus extraordinários dotes de médium vidente.

— O sargento Sucupira é um colosso! - proclamava Chiru. — Ele vê, mas vê mesmo gente que já morreu. Não é truque, o homem é sério. Um dia destes me avistou na rua, me fez parar e disse: “Está atrás do senhor um velho de barbas brancas. Diz que se chama Rogério. Pergunta como vai a dona Evangelina”. Fiquei arrepiado. O velho Rogério é o pai da tia Vanja. Quando ele morreu, eu ainda não era nascido. Agora me diga, Rodrigo, como é que o Sucupira, que nunca entrou na minha casa nem conhece a minha tia, podia saber daquilo?

Uma tarde, Rodrigo resolveu ir ver o homem, que morava num chalé de madeira, numa rua esburacada da Sibéria, em meio dum terreno alagadiço.

O sargento recebeu-os metido na sua indumentária caseira: culotes de brim caqui sem perneiras, chinelas sem meias, e casaco de pijama listado de azul e branco. Era um cinquentão indiático, grisalho e gordo, duma cordialidade lerda e meio paternal. Separado da esposa legítima, que abandonara havia anos com três filhos, vivia com a viúva dum veterinário.

— Entrem. Sentem. Fiquem à vontade. Não reparem os meus trajos. Se eu soubesse que o doutor vinha…

Rodrigo e Chiru sentaram-se. Na mesinha no centro da sala, sobre o linóleo novo de losangos tricolores, havia num vaso de vidro flores de papel. Em cima de aparadores e braços de cadeiras via-se uma profusão de guardanapos de croché. Moscas voejavam no ar quente da tarde de maio.

— Sulamita, meu bem! - gritou o sargento. — Traz um licorzinho pras visitas. — Olhou para Rodrigo. — É uma honra, doutor, eu já conhecia o senhor de nome e de vista. Aqui o seu Mena me fala muito na sua pessoa, com boas ausências.

Rodrigo estava decepcionado. O vidente era a negação mesma do mistério. Não era possível que aquele homem de aspecto vulgar, com aquelas roupas ridículas, com aquela cara sonolenta e estúpida pudesse ter os dotes que seus amigos apregoavam. É um impostor. E eu sou uma besta por ter vindo.

O médium sorria, balançando-se numa cadeira de vime. Tinha a testa curta - notou Rodrigo - e faltava-lhe o indicador da mão esquerda.

A mulher entrou, trazendo uma bandeja com três cálices de licor de butiá.

— Minha patroa… - apresentou-a o vidente.

Rodrigo e Chiru ergueram-se, apertaram a mão da mulher. Depois apanharam os cálices. A companheira do sargento retirou-se. Era ossuda, ictérica, de olhos mansos e estava metida num quimono estampado: garças e juncos brancos em campo azul.

Um mosquito zumbiu junto do ouvido de Rodrigo. Chegavam até suas narinas as emanações pútridas da água estagnada que negrejava num valo, à frente da casa. Este Chiru me mete em cada uma! - pensou ele, já meio irritado, tomando com certa repugnância um gole de licor.

A situação piorou quando o sargento se julgou na obrigação de brilhar diante do doutor. Fez uma dissertação sobre o espírito cristão da doutrina de Allan Kardec, citando Ingenieros e Vargas Villa. Era a última! Por fim entrou com Nostradamus pelo domínio da profecia e disse: “Tome nota das minhas palavras, doutor, estamos em vésperas de grandes acontecimentos”.

Chiru observava Rodrigo para ver o efeito que produziam nele as

palavras do oráculo. Rodrigo limitava-se a sacudir a cabeça.

— Vamos ter ainda este ano uma grande revolução. — Opa! - exclamou Chiru.

— Contra quem? - sorriu Rodrigo, depondo o cálice sobre a mesinha.

— Ora, contra o governo - explicou o médium. — O quatriênio Bernardes começou com sangue e com sangue terminará.

O sargento sacava contra o futuro. Era evidentemente um impostor.

Rodrigo olhou para Chiru, a sugerir que se fossem. Mas o médium encarou-o: - Quem é Licurgo? Rodrigo franziu o cenho.

— É o meu pai.

O sargento ergueu a mão gorda: - Não me diga mais nada. Ele está aí por trás do senhor. Está perguntando pelo Bio. Existe alguém com esse nome na família?

— O meu irmão… Toríbio.

Rodrigo resistia. "Esse sujeito sabia que eu vinha, informou-se da vida da minha gente…" Mas mesmo assim estava impressionado.

— Seu pai está perguntando se o Bio ainda tem o punhal… - continuou o sargento. — Espere, não estou compreendendo bem… Sim, é punhal mesmo.

Rodrigo sentiu um calafrio. Tratava-se do punhal que Toríbio sempre carregava consigo, uma relíquia de família. Como podia o homem saber daquelas coisas?

— Não é mesmo um bicharedo? - perguntou Chiru, radiante. Uma mosca passeava pelas bordas de um dos cálices. Sucupira levou a mão direita à testa, cerrou os olhos e murmurou: - Hoje não estou muito bom. É sempre assim, doutor. Depois que tenho relações carnais, minhas faculdades diminuem…

Tornou a abrir os olhos.

— Quem é Alice? Rodrigo estremeceu.

— É a minha mãe.

— Uma senhora magra, muito pálida e com ar triste. Está ao lado de seu pai. Diz que tudo vai bem, que o senhor não deve se preocupar.

Rodrigo remexeu-se na cadeira. Sentia o suor escorrer-lhe pelas costas, ao longo da espinha. Mas resistia ainda. A coisa se explicava. A telepatia era um fenômeno aceito pela ciência. Naturalmente o sargento estava captando seus pensamentos, seus desejos - dos quais ele, Rodrigo, não tinha consciência clara… Decidiu fazer uma experiência. Pensou intensamente em Alicinha, pois viera com a esperança de receber uma mensagem da filha morta.

— Quem é Candango? - perguntou Sucupira.

— Candango ou Fandango? - perguntou Chiru.

O médium entrecerrou os olhos, coçou distraidamente o dedo

grande do pé, e depois disse: - Um velho alegre, de cara tostada, barbicha branca. Diz que foi capataz do coronel Licurgo. Está perguntando pelo Liroca.

Rodrigo pensava desesperadamente em Alicinha, repetindo mentalmente o nome dela.

— Não está enxergando uma criança? - perguntou.

O vidente ficou um instante pensativo e depois sacudiu negativamente a cabeça.

— Não.

Chiru ergueu-se, muito corado, o carão reluzente de suor, tirou o casaco, passou o lenço pela testa.

— Pergunte ao coronel Licurgo se ele já se encontrou com a neta - pediu Rodrigo.

Por alguns instantes Sucupira permaneceu em silêncio, de olhos entrecerrados. Depois murmurou: - Ele não quer responder.

— Mas por quê?

— Diz que não está autorizado. . .

Sem m udar o tom de voz, o sargento desatou a falar em futilidades: o veranico, a última fita que vira no Cine Recreio, anedotas de quartel.

De súbito apontou para um canto da sala e disse: - Ali está uma negra-mina. Diz que se chama Rosaria. Conhece?

Rodrigo sacudiu negativamente a cabeça.

— Está perguntando pela Canela Fina…

Mais tarde, já no automóvel, de volta para o centro da cidade, Chiru perguntou ao amigo: - E que tal? O homem não é mesmo um batuta? Rodrigo não soube que dizer. Estava confuso. O médium - tinha de confessar - dissera-lhe coisas impressionantes. O que ele, Rodrigo, não podia compreender era como poderes excepcionais como esses pudessem encontrar-se num homem tão prosaico, tão vulgar.

— É um impostor - repetiu, mas sem muita convicção. Chiru discordou: - Qual nada! Como é que ele ia saber todas aquelas coisas, conhecer toda aquela gente, até a história do punhal?

Rodrigo encolheu os ombros. Se o sargento tinha a capacidade de ver os mortos, como se explicava não tivesse visto Alicinha? Esta ideia agora começava a preocupá-lo, porque ele queria acreditar que o espírito da filha morta o acompanhava por toda a parte, a todas as horas.

Entrou no Sobrado e perguntou a Maria Valéria: - A senhora conhece algum membro de nossa família chamado Rosaria?

A velha ficou um instante pensativa, repetindo baixinho o nome. De repente, lembrou-se: - Era uma negra velha que a mamãe tinha em casa. Mas isso foi há muitos anos, no tempo da Guerra do Paraguai…

— Quem é a Canela Fina? Maria Valéria cerrou o cenho: - Como é

que vacê sabe disso, menino? A Canela Fina sou eu. Era assim que a Rosaria me chamava quando eu era menina.

Rodrigo e Chiru entreolharam-se em silêncio.

Rodrigo agora ia também à missa aos domingos. Enquanto durava o ofício, ficava de pé, junto da porta, e ali orava, a cabeça baixa, os olhos fechados. Ajoelhar - achava - era coisa para mulher. Costumava dizer que era religioso à sua maneira, sem exageros nem fanatismos.

Detestava os ratos de sacristia e as beatas.

Preferia entrar na igreja quando ela estava vazia. "Quando saem os padres - costumava dizer - entra o Espírito Santo. Ficava sentado a meditar, a olhar para o altar e para as imagens em seus nichos.

Pensava na glória da Igreja, nos seus santos, nos seus mártires, nos seus milagres e mistérios. Admirava intelectualmente São Paulo; não compreendia mas respeitava a mansuetude de São Francisco de Assis. A figura de Jesus Cristo fascinava-o, principalmente pelo que tinha de humano e contraditório. O Filho do Homem, que oferecia a face esquerda quando lhe batiam na direita, fora suficientemente macho para, num momento de cólera, expulsar os vendilhões do templo, a chicotadas. Esse ato caudilhesco de Nosso Senhor tinha para Rodrigo um valor extraordinário.

Nas horas de silêncio e solidão, na igreja vazia, ele murmurava suas orações. Não chegava, porém, a entregar-se a elas por inteiro. Não conseguia deixar de pensar em coisas materiais. Cansava-se de tudo aquilo com muita facilidade.

Estava fora de qualquer dúvida que Deus existia - raciocinava ele. O universo sem Deus não tinha explicação nem sentido. Havia uma razão divina acima da nossa pobre e primária razão humana, que não admitia fenômeno sem causa. Deus devia ser o princípio e o fim de todas as coisas.

Naqueles dias em que procurava imaginar-se “dentro duma aura religiosa”, Rodrigo vivia numa castidade que lhe era esquisitamente nova e agradável.

A magreza, a palidez e a melancolia de Flora tornavam-na de tal maneira inapetecível, que - além da indelicadeza que seria o convidá-la ao amor físico ·- era mórbido pensar nela como objeto de prazer. Por outro lado, tratava de convencer-se de que achava repugnante e constrangedora a ideia de procurar outra mulher. Não concebia a possibilidade de entrar num prostíbulo. Seria uma indecência e até um sacrilégio, pois para ele, dum modo obscuro, a memória de Alicinha era como que fiadora de sua abstinência sexual.

Mas agora, naquele lânguido veranico que se prolongava além de maio, começava a inquietar-se. Procurava, mas sem genuíno interesse, a roda da Casa Sol e a do Clube. Pensou em escrever artigos políticos para o Correio do Povo, chegou a esboçar dois ou três, mas acabou

desistindo da ideia. Escrever para quê?

Havia vendido a farmácia e a Casa de Saúde a Carbone e Camerino.

Fechara definitivamente o consultório. “É uma alma penada” - murmurava Maria Valéria, quando o via a andar pela casa, sem destino.

— Vamos para o Angico - disse ele, um dia, a Flora. — Vai te fazer bem o ar do campo. A Dinda fica com as crianças.

Foram.

Rodrigo tentou entregar-se por inteiro às tarefas campeiras. Procurava cansar o corpo para atordoar o espírito e não pensar em coisas tristes.

Dormia largas sestas, das quais despertava mal-humorado, e quando anoitecia ficava tomado duma melancolia mesclada de exasperação. Fugia da companhia de Toríbio e, quando Flora se recolhia ao quarto de dormir, ele saía a caminhar à toa sob as estrelas, falando consigo mesmo, analisando sua vida, interrogando o futuro, fumando cigarro sobre cigarro. Ia para a cama tarde e custava-lhe pegar no sono.

Um dia, abrindo a gaveta duma cômoda, encontrou uma bruxa de pano que pertencera a Alicinha. Teve uma crise de choro e dali por diante desejou freneticamente voltar para Santa Fé, pois lhe viera de inopino a ideia culposa de que tinha “abandonado” a filha, e de que a menina estava encerrada no mausoléu, sozinha e com medo. Sozinha e com medo! Esta impressão foi de tal maneira intensa e perturbadora, que ele mandou Bento preparar o automóvel e Flora fazer as malas. E apesar dos protestos de Toríbio - “Homem, chegaste há menos de cinco dias!” - tocou-se com a mulher para a cidade. A primeira coisa que fez foi visitar o túmulo da filha. Levou-lhe flores. Ficou ao lado dela até a hora em que o zelador do cemitério lhe veio dizer que o doutor desculpasse, mas que ele tinha de fechar o portão, pois já era noite.

Naquele princípio de junho os crepúsculos vespertinos eram longos e tristes. Os plátanos e os cinamomos perdiam as folhas. Pela manhã uma névoa leitosa pairava sobre a cidade e o campo. Ao anoitecer havia já no ar um mal-escondido arrepio de inverno. Nos quintais e pomares as laranjas e as bergamotas pareciam esperar a hora do amadurecimento.

Um domingo a banda de música militar deu no coreto da praça da Matriz a última retreta da temporada. Findava o outono.

Na segunda semana de junho, Rodrigo foi convidado para uma reunião na casa do coronel Alvarino Amaral. Encontrou lá vários companheiros da Revolução de 23, entre os quais o Juquinha Macedo, com três de seus irmãos, e mais Chiru e Liroca. Fecharam-se na sala de

visitas do palacete, mobiliada com um mau gosto pomposo: poltronas forradas de veludo, cortinas de seda, uma coluna de alabastro a um canto, sustentando um vaso horrendo. Pendia da parede, numa pesada moldura cor de ouro velho, um retrato a óleo de dona Emerenciana. Lá estava a falecida amiga de Rodrigo, com seus olhos empapuçados, seu buço, sua papada e seu jeito matriarcal.

A princípio comentaram o tempo. Liroca trocou com um dos Macedos um pedaço de fumo em rama. Alvarino quis saber da saúde de Flora. Depois entraram no assunto que os congregara. Foi o dono da casa quem falou.

Como os amigos sabiam, as eleições para intendente municipal iam realizar-se em breve. O Madruga tinha o seu candidato, mas estava decidido que a oposição se absteria de votar.

— O que eu acho errado - interrompeu-o Juquinha Macedo. — Sei que não temos jeito de ganhar, mas como exemplo, devíamos comparecer às urnas.

Alvarino escutou-o com paciência e depois disse: - Está bem, respeito sua opinião. Mas eu reuni vosmecês aqui pra outro assunto.

Calou-se, esperando que a criada, que entrara, terminasse de servir o café. Depois que a rapariga se retirou, prosseguiu: - A situação está muito séria. O general Leonel Rocha me mandou ontem um próprio. A ordem vai ser outra vez perturbada.

As caras dos quatro Macedos iluminaram-se de repente. Chiru ergueu-se, como que impelido por uma mola. O Liroca apertou o cigarro com força entre os dentes amarelados. Rodrigo não se mostrou muito interessado.

Olhava fixamente para o retrato de sua amiga, pensando na noite longínqua em que, no meio duma sessão de cinema, ela caíra fulminada por um colapso cardíaco.

Fez-se um silêncio Os outros esperavam, com os olhos postos em Alvarino Amaral, que acendia o seu cigarro. Depois da primeira tragada, revelou: - Está para rebentar uma revolução contra o Bernardes. O general Leonel, o Zeca Neto e o Honório foram convidados para o levante. Agora eles querem saber se podem contar conosco…

Houve novo silêncio prolongado, que Liroca cortou com um pigarro.

Juquinha olhou para Rodrigo. Chiru caminhava dum lado para outro.

— Mas quem é que vai chefiar a revolução? - perguntou, parando com as mãos na cintura, diante do dono da casa. — Onde é que o tumor vai rebentar?

Alvarino citou nomes de oficiais do Exército, desligados da tropa em 1922, que estavam conspirando. O levante começaria em São

Paulo, depois se alastraria pelo resto do país. Haveria revoltas em várias guarnições, no Norte, no Centro, no Sul. A coisa parecia bem articulada.

Rodrigo sentia junto do ouvido a respiração asmática do Liroca. A notícia deixava-o indiferente. Não havia nada mais distanciado de suas cogitações do que uma revolução. Talvez Bio estivesse interessado no movimento. Ele, não.

Juquinha Macedo, absorto em pensamentos, mordia o lábio, coçava a cabeça, consultava os irmãos com os olhos.

"Mundo velho sem porteira" - suspirou Liroca. E deu um chupão no cigarro. Chiru queria mais pormenores. O coronel Alvarino contou tudo que sabia. E não sabia muito.

— Mas qual é a sua opinião? - perguntou o mais velho dos Macedos.

O velho tossiu seco, cuspiu na escarradeira, ao pé de sua cadeira, e respondeu: - Pois, para lê ser franco, não sei. Acho meio arriscado. Pode ser mais uma quartelada e a gente fica no mato sem cachorro. Be tamos fora o que acabamos de conquistar com a nossa revolução contra o Chimango…

Chiru de novo caminhava dum lado para outro, bufando.

— E tu, Rodrigo? - perguntou Juquinha.

Rodrigo ergueu-se, enfiou as mãos nos bolsos das calças.

— Não contem comigo. Como é que vou me meter numa revolução cujo programa não conheço? Depois, vocês sabem, não gosto de militar. O mal deste país é o Exército. Sou como o velho Licurgo. Tenho raiva de milico.

— Não se trata de gostar ou não gostar de milico - replicou um dos Macedos mais jovens - mas de derrubar um tirano.

— Isso! - reforçou Chiru. — O governo do Bernardes é o pior que esta pobre república tem tido.

Começou a enumerar calamidades. O mineiro tinha passado seu quatriênio à sombra sinistra do estado de sítio. O Fontoura, na chefia de polícia do Rio de Janeiro, cometia violências e arbitrariedades. O presidente deportava seus inimigos políticos para o inferno da Clevelândia. A imprensa estava amordaçada. O Congresso, desmoralizado.

— Se dependesse do Bernardes, teríamos até a pena de morte! - acrescentou Juquinha Macedo.

Chiru abriu dramaticamente os braços: - É como digo. Esse mineiro sacripanta mijou em cima de todos nós, do Exército, da Câmara, do Senado, do povo…

— Talvez seja isso que merecemos - murmurou Rodrigo. Houve protestos.

Depois se fez um silêncio, que o coronel Alvarino quebrou para

perguntar: - Em que ficamos?

— Por mim… - começou Juquinha. Mas não terminou a frase.

— Se vocês entrarem na mazorca - disse Liroca - eu entro. Sou soldado do Partido. Mas se vocês não entrarem, não entro.

Chiru olhava súplice para Rodrigo, que deu sua opinião: - Sou contra. Bem ou mal, o presidente Bernardes nos ajudou na nossa revolução. Se os milicos quiserem dar um golpe, que deem. Mas não à nossa custa. Dentro da minha viola eles não vão pró céu. E não tenham ilusões. Se eles ganharem a parada, vão botar na presidência um general, e então vai ser um deus-nos-acuda.

O dono da casa olhava pensativo para o cigarro que tinha entre os dedos.

— É muito duro a gente negar apoio a um correligionário…

— murmurou.

— Nossas obrigações para com os companheiros - observou Rodrigo, que achava tudo aquilo chocho e sem sentido - também têm os seus limites. Se o meu melhor amigo quiser se atirar pela janela dum quinto andar, meu dever não é me atirar com ele, mas evitar que ele cometa essa loucura…

Alvarino mirou-o por alguns instantes.

— Então o senhor acha, doutor…?

Não terminou a frase, pois Rodrigo apressou-se a dizer: - Acho.

Despediu-se um pouco bruscamente e retirou-se. Chiru e Liroca o seguiram, como pajens. Atravessaram a praça, deram os primeiros passos em silêncio. Soprava um vento frio vindo das bandas da Sibéria.

— Espero que vocês não me considerem um traidor ou um covarde por não ter entrado logo de olhos fechados nessa revolução.

— Ora, Rodrigo - protestou Chiru.

Liroca caminhava encurvado, lutando com sua asma. O galo do cata-vento da igreja rodopiava. Uma grande nuvem branca boiava no céu.

— Qualquer dia temos minuano - murmurou o velho.

Os outros continuaram calados. Rodrigo deu um pontapé num seixo.

Naqueles primeiros dias de inverno Rodrigo achou o Sobrado mais frio e triste que nunca. Sua vida - achava - esvaziara-se de todo o conteúdo.

Não encontrava estímulo para nada. A rotina familiar começava a entediá-lo. Que fazer? Que fazer? Aproximava-se com assustadora rapidez dos quarenta anos, o pico da montanha… Depois - adeus! - começaria o declive do outro lado. Ah, mas o que mais o exasperava era a falta de imprevisto, a mediocridade daquela vidinha! Santa Fé era um fim de mundo, e o Angico não era melhor. Tempo houvera em

que alimentara a ilusão de ser um homem do campo. Agora sabia que não passava dum bicho urbano, amigo do conforto, gregário, civilizado.

Procurava reler seus autores prediletos. Abria um livro, lia duas, três páginas quando muito, e depois largava-o, bocejando. Vivia agora tomado duma estranha sonolência. Sempre que se via em face duma dificuldade, dum problema, sentia uma névoa na cabeça, uma dorzinha acima dos olhos.

— Esse menino anda doente - murmurou um dia Maria Valéria. — Vive bocejando.

Rodrigo sentia-se numa posição de inferioridade com relação a Flora.

Invejava-a por vê-la aceitar serenamente sua vida. Enciumava-o o fato de os filhos dependerem tanto dela e lhe darem, mais que a ele, demonstrações de carinho. Era com uma mistura de admiração e impaciência que a via tão segura de si mesma a mover-se naquela casa, fazendo coisas, os pés bem plantados naquele chão. A vida de Flora tinha um sentido claro e alto: ela a dedicava à tarefa de criar e educar os filhos. “No fim de contas - concluía Rodrigo - a pessoa indispensável nesta casa não sou eu, mas Flora. Posso morrer sem fazer a menor falta.”

Agora sem obrigações profissionais, acordava às dez da manhã.

Adquirira o hábito de tomar aperitivos - vermute e cachaça - no café do Schnitzler, com alguns amigos. Voltava ao meio-dia para almoçar, depois dormia uma sesta até as três, ficava a vaguear sem destino pela casa, abrindo e fechando livros, sentando-se à mesa para rabiscar artigos que nunca terminava. Fumava muito. A noite ia para o clube, metia-se em rodas de pôquer. De vinte em vinte minutos o garçom trazia cafezinhos para os jogadores, e ele os tomava às dúzias, com uma avidez nervosa de quem se quer intoxicar. Voltava para casa perto da meia-noite, excitado e sem sono. Encontrava Flora já deitada. Vestia o pijama e estendia-se ao lado dela. Muitas vezes tomava-a nos braços, mas sem entusiasmo. Ela não o satisfazia. E o resto era insónia.

Decidiu que a solução era fazer uma viagem. Paris! Discutiu o assunto com a esposa, que num ponto foi categórica: - Vai sozinho. É melhor para ti.

— Sem tua companhia essa viagem não tem graça - mentiu ele. Não era propriamente mentira. Ele queria sinceramente sentir aquilo. Mas não sentia, e não soube disfarçar.

— Sabes que não deixo as crianças.

— - Então não vou. Maria Valéria interveio: - Deixe de bobagem. Vá. Você está precisando mudar de ares.

Por aqueles dias Toríbio voltou do Angico e Rodrigo levou-o para o escritório. Foi direito ao assunto.

— Estou pensando em ir à Europa agora. Preciso de dinheiro.

— Quanto?

— Uns vinte e cinco ou trinta contos, no mínimo. Toríbio tirou as botas, coçou os dedos dos pés.

— Onde é que vou arranjar tanta gaita?

— E a venda daquela tropa para o frigorífico?

— O negócio vai ser lá pró fim do ano, se sair… Rodrigo estava impaciente: - Mas será que nossa situação financeira é tão má assim? Detestava discutir assuntos de dinheiro, jamais perguntava como iam os negócios. Quando o irmão lhe descrevia a situação econômica do Angico, ele não prestava atenção.

— Menino - disse Toríbio - a crise continua braba. Deixa essa viagem pra mais tarde.

— Se eu não viajar agora, estouro! O outro riu, malicioso: - Por que não dás um passeio a Tupanciretã? Rodrigo não gostou da piada. Saiu batendo com a porta.

Um dia abriu a Bíblia ao acaso e surpreendeu-se a ler, salteando versículos, os Cantares de Salomão. Era no escritório, pouco depois da sesta. Estava sentado confortavelmente numa poltrona, tendo a seu lado um cálice de Porto, que tomava em pequenos goles, retendo o líquido na boca e degustando-o antes de engolir.

O meu amado é para mim um ramalhete de mirra; morará entre os meus seios. Em matéria de seios, nenhuma como Zita, a húngara… Bicudos e rijos como limões. Por uma adorável coincidência recendiam mesmo a limão maduro. Ó minha esposa! (mas não foi a imagem de Flora que lhe veio à mente), mel e leite estão debaixo da tua língua e o cheiro de teus vestidos é como o cheiro do Líbano. (Eram três da tarde e ele tinha dezoito anos. A chinoca mais bonita do Angico cheirava a manjericão e picumã. Passaram duas horas loucas no bambual. O farfalhar dos bambus parecia um cochicho.) O meu amado meteu a sua mão pela fresta da porta, as minhas entranhas estremeceram por amor dele. (Nenhuma estremecera tanto sob suas carícias como uma polaca loura e forasteira que um dia entrara em seu consultório como cliente e de lá saíra como amante. A cara do Gabriel, que ouvira os gemidos, os gritos e os silêncios!) O teu umbigo é como uma taça redonda a que não falta bebida; o teu ventre como um monte de trigo, cercado de lírios. (A morena que ele vira saindo do mar, na praia do Flamengo… Se tornasse a encontrá-la, seria capaz de perder a cabeça…) Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, porque desfaleço d'amor.

De repente, veio-lhe a revelação. Fechou o livro com força, bebeu o resto do vinho, ergueu-se… Claro, o que lhe faltava era amor! Sua vida estava vazia de amor. Confortai-me com maçãs, porque desfaleço d'amor.

Ele desfalecia por falta de amor. Flora era a melhor, a mais dedicada, a mais decente das esposas. Mas era incapaz de ardor amoroso. Ou de amor ardoroso.

Saiu do escritório, entrou na sala de jantar e foi debruçar-se numa das janelas que davam para o quintal. As bergamoteiras e as laranjeiras estavam pintando de amarelo. Por cima da cerca, o reverendo Dobson entregava uma pilha de revistas americanas a Floriano, que depois voltou com elas debaixo do braço. Decerto ia meter-se na água-furtada. Menino solitário… preciso ter uma conversa séria com ele. Já deve andar inquieto, sentindo certos pruridos. Ó idade perigosa! Ou serei eu quem está na idade perigosa? Quando ele fizer quinze anos, mando o Bio levá-lo à casa duma mulher limpa. Sessenta são as rainhas, e oitenta as concubinas e as virgens sem-número.

O pastor metodista avistou-o e fez-lhe um aceno. Perdido em meio de oitenta concubinas, Rodrigo não lhe prestou nenhuma atenção. Era perturbador pensar nas virgens sem-número que andavam pelo mundo. A esposa do pastor apareceu à porta de sua casa com uma bacia de alumínio nas mãos. Era magra e assexuada. Temos uma irmã pequena, que ainda não tem peitos: que faremos a esta nossa irmã no dia em que dela se falar?

Não. Dessa ninguém falará. Garanto.

Uma brisa fria sacudia as folhas do arvoredo. Bicos-de-papagaio manchavam de vermelho a cerca que dava para a padaria. Confortai-me com maçãs, porque desfaleço d'amor.

Sim, ele precisava dum amor cálido, sanguíneo, desses que não se envergonham da carne. Um amor abrasador e convulsivo. A quase castidade em que vivia não era apenas humilhante, mas também absurda em face do fato de que o tempo passava, inapelavelmente. A vida era curta e incerta. O Pitombo passava o dia por trás do balcão a cocar o Sobrado com seu olho agourento de urubu. O que lhe faltava era mesmo amor. Agora ele sabia. Precisava dos dois tipos de amor. Do lírico, do ideal: mulheres que o admirassem. E do físico: uma, duas, dez mulheres que não só lhe dessem prazer, mas que também sentissem prazer com ele. Mas que fazer? Que fazer? Que fazer? Santa Fé era um burgo horrendo. Oh! as velhotas mexeriqueiras que falavam por trás dos leques nos bailes do Comercial! E o famigerado grupinho que se reunia na frente da Casa Sol!

E a rodinha de pôquer do Centro Republicano! Uns desocupados mal-dizentes, todos! Ele não podia dizer ah que no dia seguinte a cidade inteira não ficasse sabendo que o dr. Rodrigo Cambará havia suspirado.

Imaginem que audácia! Suspirar!… Se ele entrasse hoje numa pensão de mulheres, no dia seguinte todo o município ficaria sabendo

da história.

Chegava uma rapariga nova na cidade? Ora, só podia ser para o dr.

Rodrigo, para quem mais havia de ser?

"Santa Fé me tritura. Santa Fé me sufoca. Santa Fé m'emmerde!"Como sair daquele poço de mediocridade e tédio? Pensou então em fazer uma viagem ao Rio, já que no momento não tinha dinheiro para ir à Europa. Sim, ir ao Rio e chafurdar. Isso! Precisava chafurdar. Era uma condição indispensável à sobrevivência, à sanidade tanto de seu corpo como de seu espírito. Embarco amanhã - decidiu.

Mas não embarcou. Porque naquela mesma noite despertou por volta das duas da madrugada sentindo com tamanha urgência um desejo de satisfação sexual, que pulou da cama, vestiu-se ("Não é nada, Flora, estou com insónia, vou dar uma voltinha…"), saiu, foi à casa do Neco, tirou-o da cama e obrigou-o a levá-lo à casa duma china. “Não interessa o pelo. Só quero que seja moça e bonita. E limpa.” Neco pensou na Palmira. Tiveram de acordar a rapariga, que era de boa paz e que, mesmo estremunhada de sono, compreendeu que era uma honra receber o dr. Rodrigo, “porque eu já conhecia o doutor, de vista…” Ele a interrompeu com impaciência. “Tira toda a roupa.” Ela resistiu. “Mas com este frio?” - choramingou. “Fique nua!” Palmira apagou a luz antes de despir-se. Era insensato que uma fêmea daquela profissão tivesse ainda pudores! Rodrigo desnudou-se também e meteu-se debaixo das cobertas, sentindo-se como um menino que ia ter a sua primeira mulher.

E nos meses seguintes portou-se mesmo como um adolescente que de súbito tivesse descoberto o sexo. Entregava-se a uma espécie de fúria orgástica. Não escolhia muito o objeto. Lamentava agora ter fechado o consultório, lugar ideal para aquelas atividades.

Passava os dias a pensar nas aventuras da noite. “Que é que temos para hoje, Chiru?”, perguntava às vezes. Neco um dia chamou-o à parte, na sua barbearia, e disse: - Devagar com o andor. A coisa não vai a matar.

— Ora não me amoles.

— O mundo não vai acabar, Rodrigo.

— Estás enganado, Neco. O mundo vai acabar. Estou correndo na reta final para os quarenta. O tempo é um parelheiro que não para nunca. E como corre! Quero espremer a vida como um limão, tirar dela todo o suco que puder, e depois jogar fora o bagaço, sem remorso.

Segurou forte o braço do amigo e acrescentou: - Quando eu ficar velho (que Deus me livre!) sei que vou me arrepender das coisas que deixei de fazer e não das que fiz, estás compreendendo? E agora deixa

de ser moralista e me faz uma barba decente.

Roque, cujo olho mortiço enxergava mais coisas do que parecia, disse um dia a Stein: - Pelo que vejo, nosso amigo superou a fase mística e entrou na erótica.

— Mas a solução do problema não está em Deus nem no sexo.

— Quem sabe?

— A vida dele está vazia de sentido. É um cavaleiro andante sem estandarte, um paladino sem causa.

— Investindo contra moinhos de vento?

— Não. Investindo contra si mesmo. Travando lutas imaginárias. Não descobriu que sua armadura e sua lança são de papel.

— Já sei onde queres chegar…

— Nenhum homem digno desse nome pode viver a contemplar egoística e estupidamente o próprio umbigo. Se ele vive alienado da sociedade, convencido de que é o centro do universo, acaba na loucura ou no suicídio. E tu sabes que há muitas formas de suicídio. No fundo o dr. Rodrigo é um homem infeliz, apesar de toda a sua riqueza.

Tio Bicho olhou firme para o amigo, segurou-lhe a lapela do casaco e disse: - Uma coisa não consigo compreender… Como é que podes ter tanto amor pela humanidade e tanta má vontade para com o homem? Será que o comunismo se interessa pela coletividade mas despreza o indivíduo?

— Ora, vai sofismar pró diabo que te carregue!

Quem primeiro deu a notícia a Rodrigo foi o Cuca Lopes. Entrou no Sobrado como uma bala. Estava tão excitado, que mal podia falar.

— Rebentou uma revolução em São Paulo! - exclamou, ofegante.

Flora e Maria Valéria entreolharam-se em silêncio. A primeira levou a mão à garganta e interrogou o marido com os olhos: “Vais te meter nessa também?”

Ainda de chapéu na cabeça, Cuca cheirava frenético a ponta dos dedos, olhando para Rodrigo, como à espera de sua reação.

— Tire a tampa - ordenou Maria Valéria. O oficial de justiça descobriu-se.

— Me desculpe, dona, é que estou meio fora de si. Contou que havia chegado um telegrama ao coronel Madruga, anunciando o levante e pedindo-lhe que começasse a formar corpos auxiliares para a Brigada Militar estadual.

— Mas qual foi a tropa que se revoltou? - perguntou Rodrigo. — Quem comanda o movimento?

Cuca encolheu os ombros, não sabia informar. Estava tudo lá no tal telegrama…

Rodrigo vestiu o sobretudo, botou o chapéu e saiu na direção da casa dos Amarais. Encontrou no meio da praça o Juquinha Macedo e

mais três de seus irmãos.

— Já sabem? - perguntou de longe. Sabiam. Vinham do telégrafo.

— Quase toda a guarnição de São Paulo - contou o mais velho dos Macedos - e parte da Polícia Militar do Estado estão revoltados!

— Quem é o chefe?

— O general Isidoro Dias Lopes.

— Ai a fresca! - exclamou o Liroca, que naquele momento se reunia ao grupo. — O general Isidoro é um veterano de 93. Andou com o Gumercindo Saraiva. Maragato dos quatro costados!

De mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo, Rodrigo olhava para o Juquinha Macedo. Estava interessado no movimento, era claro. Como poderia ficar indiferente ao que acontecia em seu país? Queria, porém, pormenores. Não poderia dizer que a revolução lhe causava surpresa.

Havia muito que se falava abertamente em perturbação da ordem. A situação política de São Paulo andava agitada desde que Bernardes havia imposto àquele Estado a candidatura de Washington Luís. Ninguém ignorava que alguns oficiais jovens do Exército conspiravam desde os tempos de Epitácio Pessoa. Restava agora saber se a revolução ia alastrar-se por todo o país ou ficaria confinada a São Paulo.

— O Bernardes vai reagir - disse Rodrigo. — Não se iludam. O mineiro é macho.

Havia já um movimento desusado de gente na praça. Homens entravam e saíam da Intendência, a cuja porta estacava agora um automóvel.

— Quem deve estar contente é o Madruga - observou um dos Macedos, fazendo com a cabeça um sinal na direção do palacete municipal. — Agora, com a organização do novo Corpo Provisório, vai ter mais uma oportunidade para roubar.

Liroca soltou um suspiro.

— Pobre país. Desta vez vai mesmo a gaita.

— Não vai, Liroca - replicou Rodrigo. — O Brasil é muito mais forte que os brasileiros.

Naquele mesmo dia chegaram notícias pormenorizadas.

A revolta começara no 4° Batalhão de Caçadores, às três da madrugada.

Miguel Costa havia conspirado dentro da força policial, conseguindo a adesão do Regimento de Cavalaria. O 4° de Caçadores havia cercado o quartel da Força Pública, que fora dominado em poucas horas, quase sem resistência. Outras unidades do Exército também se haviam revoltado.

Esperavam-se novos pronunciamentos.

Os jornais do dia seguinte foram disputados a peso de ouro ao chegarem a Santa Fé pelo trem do meio-dia. O vendedor foi lançado

ao chão, na plataforma da estação. E Bento, que levara uma ordem expressa de trazer ao Sobrado um exemplar do Correio do Povo, custasse o que custasse, ao perceber que não poderia comprar o jornal, não teve dúvida: arrancou um exemplar das mãos do primeiro sujeito que passou por ele. E como o homem fosse grandalhão e fizesse menção de agredi-lo fisicamente, o peão do Angico levou a mão à adaga, diante do que o outro achou melhor fazer meia-volta e escafeder-se.

Rodrigo abriu o jornal sofregamente. Como de costume o Correio do Povo evitava o sensacionalismo dos cabeçalhos em tipo graúdo e negrito.

Noticiava o levante com a sua habitual discrição.

— Luta-se nas ruas de São Paulo… - foi Rodrigo contando à medida que lia. — Os quarteirões são disputados palmo a palmo, à custa de vidas. É um quadro dantesco… - Procurava dar com palavras suas uma interpretação dramática àquele noticiário frio e meio impessoal. As duas mulheres o escutavam. O velho Babalo, sentado a um canto da sala de jantar, picava fumo.

Depois de ler as notícias, Rodrigo atirou o jornal no soalho. Não acreditava na vitória do movimento. De resto, aquela era uma questão de "milicos". Que se arranjassem!

O governo federal reagia. O Congresso protestava-lhe irrestrita solidariedade. As forças legalistas convergiam sobre São Paulo, em cuja periferia se travavam combates. Tudo indicava que os levantes esperados em outros quadrantes do país haviam falhado. Foram estas as notícias que os jornais do dia seguinte trouxeram.

Estavam uma tarde Flora e Maria Valéria na sala de jantar, quando ouviram um grito que partia do escritório. Rodrigo! - pensaram logo.

Precipitaram-se para lá e o encontraram furioso, brandindo o jornal: - Uma monstruosidade! Vejam. Os lacaios do Bernardes estão bombardeando São Paulo. É uma coisa nunca vista.

Segundo o diário, estouravam granadas na Mooca, no Belenzinho e até no centro da cidade. A população estava em pânico. Edifícios públicos e fábricas ardiam. Era uma verdadeira hecatombe.

— Ouçam esta - disse Rodrigo. — A população apelou para o bispo. O bispo se prontificou a confabular com o general que comanda os atacantes, pedindo-lhe para cessar o monstruoso bombardeio. E que é que vocês pensam que o militar respondeu? Declarou que ia bombardear a cidade no dia seguinte com mais violência!

Amassou o jornal, jogou-o longe com um pontapé. Encheu um cálice de Porto, emborcou-o e depois, meio engasgado, disse: - No fim de contas, quem tem razão mesmo é o Bernardes. Tratou o Exército com punho de ferro, submeteu-o. Soldado é como mulher. Precisa

apanhar para obedecer.

Maria Valéria mirou-o com seus olhos serenos.

— Desde quando você pensa isso de mulher, menino?

— Ora, titia, é uma maneira de dizer. Estou me referindo a mulher de soldado.

— Ué gente! - exclamou a velha. — Mulher de soldado é também mulher como as outras.

Naquele dia chegou Toríbio. Desde que soubera da notícia do levante de São Paulo - confessou - andava pisando em brasas, sentindo "comichões no cabo do revólver". Maria Valéria lançoulhe um olhar enviesado.

Uma noite, na casa do Juquinha Macedo, reuniram-se secretamente vários oficiais da extinta Coluna Revolucionária de Santa Fé e examinaram a situação. Rodrigo compareceu à reunião, um tanto contrariado. Já agora desejava a deposição de Bernardes, mas continuava a não acreditar no sucesso daquele movimento armado.

— O que está claro - disse o dono da casa - é que o governo do Borges ficou a favor da legalidade. A Brigada Militar vai atacar os rebeldes.

Um dos Macedos leu a proclamação que Isidoro Dias Lopes tinha lançado havia poucos dias. Era um documento otimista.

A revolução marcha triunfalmente para o saneamento da República e salvação do Brasil. Conquistamos posições na capital e no interior, que bem atestam o vosso patriotismo, a vossa bravura e a vossa lealdade. Nós não vos abandonaremos senão com a vitória integral da revolução.

— Vejam que programa vago - comentou Rodrigo. — Saneamento da República e salvação do Brasil. Que é que isso significa? Um general na presidência e uma ditadura militar?

Naquela noite - fazia muito frio mas o ar estava parado - Toríbio e Rodrigo voltaram para casa a pé. A rua estava deserta, o céu estrelado.

Ao passarem pela frente da casa de Mariquinhas Matos viram as bandeirolas das janelas iluminadas e ouviram a música que vinha lá de dentro. Pararam à beira da calçada e ficaram escutando. A Gioconda tocava ao piano o seu Chopin. Noturno n" 2. Era um dos favoritos de Rodrigo. A melodia casava-se bem com a lua cheia, olho luminoso que do céu espiava a cidade.

— Será que ela ainda é virgem? - perguntou Toríbio em voz baixa.

— A Gioconda? Com toda a certeza.

— Mas que é que está esperando? Faz muito que disse adeus aos trinta…

Rodrigo encolheu os ombros.

— Escuta. Isso é bonito. Como faz tempo que não ouço música!

Seu gramofone estava silencioso desde a morte de Alicinha. Pensou na filha. Havia na lua uma claridade, uma pureza que lhe lembrava a menina.

Sim, e qualquer coisa de remoto, de inatingível. Nunca mais! Seus olhos se enevoaram.

— Vamos embora - convidou Bio.

— Espera um pouco.

Cessara a música. Rodrigo esperava outro noturno. Fez-se um silêncio.

De súbito a Gioconda rompeu a tocar com um vigor furioso o Espalha brasa. Indignado, Rodrigo pegou no braço do irmão: - Vamos. Esse troço e o Procópio amoroso são as duas músicas que a gente mais ouve agora. A Leocádia vive cantarolando essas porcarias na cozinha. É uma calamidade.

No Sobrado, ficaram ainda por algum tempo na sala a conversar e a beber (Toríbio não gostava de conhaque, preferia parati). Da sua moldura dourada, o retrato de Alice Terra Cambará parecia contemplar os dois filhos com olhos apreensivos.

No dia seguinte chegou a notícia de que, para atender um apelo da população, Isidoro e suas forças haviam decidido abandonar a cidade de São Paulo, onde as tropas governistas entraram ao repicar de sinos.

Contava-se também que as forças revolucionárias tinham tomado a direção do Oeste e pareciam marchar sobre o Paraná.

— Está liquidada a revolução - disse Toríbio, penalizado.

E nesse mesmo dia voltou para o Angico.

Agosto entrou, com rijas ventanias e um frio úmido, que parecia penetrar nos ossos. Edu teve uma indigestão de bergamotas. Chico Pão caiu de cama com uma pontada nas costas. Camerino diagnosticou pneumonia. O doente queria apenas Rodrigo à sua cabeceira, não confiava em mais ninguém. E quando o amigo entrava no quarto, ele rompia a chorar seu choro lento de gurizão, gemia que ia morrer, pedia-lhe que olhasse pela viúva.

Foi também naquele agosto que Sílvia entrou uma tarde no Sobrado, muito séria, sentou-se numa cadeira na frente de Rodrigo, compôs o vestido e perguntou-lhe se daquele momento em diante podia considerar-se sua filha legítima.

Comovido, Rodrigo tomou a menina nos braços, cobriu-lhe as faces de beijos, respondendo-lhe que sim, que sim, que sim…

O reverendo Dobson, que fizera boa camaradagem com Floriano, continuava passando ao menino, por cima da cerca, as revistas ilustradas que recebia de seu país. Eram números velhos do Saturday Evening Post e do Ladies Home Journal. Rodrigo folheava-os, uma vez que outra, com uma morna curiosidade. Não sabia patavina de inglês,

mas admirava a perfeição daquelas tricromias. A importância que os americanos davam ao anúncio! E, coisa estranha, ali estava algo que ele jamais vira em nenhuma outra revista nacional ou estrangeira: um anúncio de laranjas… Para anunciar uma pasta de dentes, reproduziam o retrato duma bela rapariga de olhos azuis e faces coradas, com um sorriso de dentes brancos e perfeitos. Admirava também o desenho das ilustrações dos contos e das anedotas. Mas como aquelas publicações eram diferentes, por exemplo, de Illustration! Faltava às revistas do país do reverendo Dobson um certo cachei, um certo peso, uma certa graça que não dependiam da qualidade do papel nem da riqueza de cores das gravuras, mas de algo mais profundo, algo que vem do tempo, da experiência, da tradição, em suma: da cultura Numa daquelas revistas americanas Rodrigo encontrou, ilustrando um conto, uma tricromia que representava uma rapariga de cabelos cortados à moda masculina, guiando um automóvel, com um cigarro apertado entre os lábios vermelhos de batom. Ali estava o símbolo da mulher moderna, produto daquele caótico après-guerre que Victor Marguerite tão bem caracterizara em seu sensacional romance. (As comadres de Santa Fé murmuravam escandalizadas que a Mariquinhas Matos havia lido La garçonne às escondidas.) A Guerra não tinha apenas destruído vidas humanas, cidades, catedrais: a Guerra tinha matado o pudor. As mulheres dos grandes centros europeus imitavam os homens na sua liberdade sexual e nos seus hábitos. Nos Estados Unidos tinham levado a coisa mais longe.

Não apenas fumavam, bebiam e dirigiam automóveis, mas também haviam conseguido o direito de voto, e, pior de tudo, começavam a fazer-se rivais do homem no mundo dos negócios e no da política.

Curiosamente essas reflexões em torno do feminismo foram interrompidas por Maria Valéria, que lhe veio dizer que dona Revocata Assunção estava no Sobrado e queria vê-lo.

A diretora do Colégio Elementar David Canabarro era uma pessoa pela qual Rodrigo sentia a maior admiração e respeito. Cinquentona, solteirona e solitária, ldona Revocata tinha a postura marcial dum coronel prussiano. Era - podia-se dizer - a personificação da autoridade e da disciplina, famosa por saber domar alunos rebeldes cujos pais, como último recurso, já pensavam em mandá-los para a Escola de Marinheiros da cidade do Rio Grande. Quando entrava na aula, pisando duro com seus sapatos de salto militar, a algazarra cessava imediatamente, os alunos encolhiam-se num silêncio tão profundo, que era possível ouvir-se o zumbido das moscas. Tinha uma voz de timbre metálico, enunciava as palavras com clareza e construía as sentenças com uma correção gramatical absoluta em que o sujeito,

o predicado e os complementos, como soldados disciplinados, jamais ousavam sair da rígida formatura que ela lhes impunha. Onde quer que estivesse, sua presença criava uma atmosfera de respeito. Pessoa de hábitos regulares, levava uma vida irrepreensível. Lia Voltaire e Diderot e não acreditava em Deus. Os padres, que não a estimavam, jamais haviam ousado fazer nada contra ela não só porque a temessem intelectual e até fisicamente, como também porque sabiam do prestígio de que ela gozava com altas autoridades do governo estadual.

A professora Revocata Assunção esperava Rodrigo no escritório, de pé junto do armário dos livros de literatura, cujas lombadas examinava.

Quando o dono da casa entrou, ela voltou-se, esperou que ele se aproximasse e estendeu-lhe a mão.

— Que prazer! - exclamou Rodrigo. — Vamos sentar, professora, vamos sentar.

— Minha visita será breve - disse ela, sentando-se e cruzando as pernas.

O cabelo grisalho, puxado para trás e preso num coque, harmonizava-se com o cinzento de aço de seus olhos. O nariz era longo e afilado, a boca enérgica, o queixo nitidamente torneado. Um buço forte sombreava-lhe o lábio superior.

— Quero lhe dizer duas palavrinhas sobre o Floriano.

— Andou fazendo alguma travessura?

— Não. Pelo contrário. O que me preocupa é que ele não faz travessuras. Acho-o quieto e triste demais. Um pouco amarelo e apático.

Já mandou examiná-lo clinicamente?

Rodrigo sorriu: - Casa de ferreiro, espeto de pau. Um médico raramente se lembra de examinar os membros da família. Mas foi bom a senhora me chamar a atenção para esse particular…

— Bom, mas vim aqui por outro motivo. Já pensou numa carreira para o menino?

— Bom, pensar propriamente…

— O senhor sabe que este ano Floriano termina o curso elementar…

Seria conveniente mandá-lo para Porto Alegre no ano que vem, para que ele comece a tratar dos preparatórios.

— Já pensei nisso - mentiu Rodrigo. — Acho que vou mandá-lo para um desses internatos…

Dona Revocata cortou-lhe a palavra com um gesto.

— Quer um conselho? Não o interne em nenhum colégio de padres. Essa gente deforma o espírito do adolescente, enchendo-o de superstições e temores que ele terá de carregar vida em fora e dos

quais só conseguirá livrar-se muito tarde ou nunca. Mande o Floriano para um colégio leigo.

— Era exatamente o que eu tinha decidido… - improvisou Rodrigo.

— Escolha um internato (sei que não há muitos) em que o rapaz possa ter liberdade, uma vida normal e higiênica, enfim, um ambiente capaz de fazer dele um homem mesmo, e não um papahóstias preocupado com o pecado e com o demônio.

— Sabe de algum?

— Ouviu falar no Albion College de Porto Alegre? Fica no sopé dum daqueles morros da Glória ou do Partenon. É um colégio inglês particular, para poucos alunos e muito selecionados. Tem um sistema que me parece bom. Banho frio, ginástica, janelas abertas. Sistema britânico, o senhor sabe. A única dificuldade é que o Albion não é reconhecido oficialmente. O menino teria que prestar exames no Ginásio Júlio de Castilhos todos os anos.

— Compreendo…

— Outra coisa. O Floriano tem muito jeito para a literatura. Suas redações são excepcionais.

A professora ergueu-se, tirou o pince-nez, limpou-lhe as lentes com um lenço de seda e tornou a ajustá-lo no nariz.

— Não admira - acrescentou - que com essa vocação literária seja um menino pensativo e tímido. Não se surpreenda se ele lhe aparecer um dia com um poema de sua lavra.

Rodrigo riu. Dona Revocata estendeu-lhe, a mão, que ele apertou.

Acompanhou-a até a porta, murmurando agradecimentos. Depois seguiu-a com o olhar, viu-a atravessar a rua, ereta, pisando

duro, a cabeça erguida. Quando ela desapareceu entre as árvores da praça, Rodrigo pensou em Floriano. Era incrível, mas não conhecia o filho que tinha. Fazia meses que andava prometendo a si mesmo chamar o rapaz para uma longa conversa, muito íntima, muito franca, em que lhe falaria de sexo, de estudos, duma carreira…

Tornou a entrar, subiu para o andar superior, acercou-se da escada que levava para a água-furtada, e gritou: - Floriano! Venha cá, meu filho.

— Qual é a sua opinião, general Liroca? - perguntou Chiru Mena, inclinando-se sobre o amigo.

Era no escritório de Rodrigo, numa noite de princípios de setembro. As árvores da praça farfalhavam, batidas pela ventania. Fazia um friozinho úmido e escondido, que o dono da casa procurava atenuar bebendo e fazendo os amigos beberem conhaque e parati. Estavam ali também o tio Bicho, que comia pessegada com queijo, e o Arão Stein, que a um canto folheava a Bíblia, distraído.

Sentado à escrivaninha, diante dum mapa do Brasil, José Lírio

alisava os bigodões e de quando em quando ajeitava os óculos no nariz. Sua respiração de gato parecia uma réplica em tom menor do crepitar das árvores lá fora.

— Absolutamente, não acho que a situação seja desesperadora - sentenciou ele, erguendo a cabeça e fitando em Chiru os olhos de esclerótica amarelada.

O outro sacudiu a cabeça. Na sua opinião a revolução estava liquidada.

O general Isidoro se havia retirado de São Paulo com seu efetivo reduzido pela metade e agora estava encurralado na saliência do alto Paraná, entre Iguaçu e Catanduvas. Onde era que o Liroca via motivos para otimismo?

— Fracassaram os levantes de Sergipe, Amazonas e Pará… - acrescentou Rodrigo. — Mais um pouco de conhaque, major?

Liroca fez com a mão um gesto negativo, tornou a olhar para o mapa, soltou um suspiro sincopado, e murmurou: - Mundo velho sem porteira!

Ergueu-se, aproximou-se do amigo, segurou-lhe o braço e perguntou: - E se o Rio Grande se levantasse como um só homem, ha? Se a gente marchasse para a foz do Iguaçu e se juntasse com os revolucionários de São Paulo, ha? Depois era só tocar na direção do Rio e o governo estava no chão.

Rodrigo pousou uma mão afetuosa no ombro do amigo: - Liroca velho de guerra, sossega esse peito. Isso é um sonho. A revolução está perdida.

— O Rio Grande vai ficar desmoralizado!

— Por quê?

— Prometemos ajudar a derrubar o Bernardes e estamos de braços cruzados. Que é que os paulistas vão pensar de nós?

— Quem é que prometeu? Eu não prometi nada. Isso é uma revolução de militares, mais uma quartelada malfeita e malograda.

José Lírio fez um gesto de desamparo, encolheu os ombros e ficou a procurar nos bolsos do casaco palha e fumo para fazer um cigarro.

Chiru tomou um gole de parati.

— Mas o diabo é que os nossos correligionários vão acabar se metendo no barulho - disse. — O coronel Amaral me contou que o Zeca Neto, o Honório Lemes e outros chefes de 23 estão reunindo gente. — Baixou a voz. — E cá pra nós, que ninguém nos ouça, a guarnição local está sendo trabalhada. O Juquinha Macedo me garantiu. Um sargento do Regimento de Artilharia disse que tudo agora depende dos oficiais de alta patente, pois os tenentes e a sargentada estão dispostos a dar o grito.

Rodrigo encolheu os ombros. Os amigos começavam a irritálo. Pareciam ter-se transformado em revolucionários profissionais. Viviam

à espera duma revolução. Para eles o que importava era derrubar o governo.

Ninguém se preocupava com programas.

— Que é que há contigo hoje, Stein? - exclamou. — Estás tão calado…

Algum problema da política russa?

O judeu ergueu os olhos, sorriu e murmurou: - Pelo contrário. Não temos problemas políticos, A Grã-Bretanha já reconheceu a União Soviética. A França não tardará. Os outros virão depois. Não temos pressa, podemos esperar.

A vida tem cada uma! - refletiu Rodrigo. — Ali naquela sala estava o velho Liroca preocupado com a revolução de Isidoro e Stein, com a de Lênin. E ele, Rodrigo Cambará, vazio de ideais, de entusiasmos, de projetos. No momento não tinha nem mulher. Era tudo uma miséria!

Tornou a encher o cálice de conhaque e bebeu-o num sorvo só. Fitou os olhos em Roque Bandeira e disse, quase agressivo: - Estás engordando demais. Tio Bicho sorriu: - Já estou gordo, doutor. Mas isso não me preocupa. O meu problema é outro.

— Que problema? És um filósofo. Levas tudo na flauta. Não tens responsabilidades nem compromissos. És um homem livre. Vives lá com teus livros e teus peixes. A propósito, quando é que dominas essa preguiça e vais conhecer o mar?

— Tem tempo.

O mar pode me esperar. Faz alguns milhões de anos que está esperando…

Rodrigo se fez em silêncio uma pergunta íntima: “E tu, quando dominas a tua indecisão e vais a Paris? Há quase dois mil anos a cidade te espera”.

Mas, de onde tirar o dinheiro? Os negócios continuavam emperrados. Só se falava em “crise da pecuária”. Criara-se ouvindo o pai queixar-se disso. Teria havido algum período na história do Rio Grande em que não se falasse em crise?

Enquanto Chiru confabulava a um canto, em surdina, com o velho Liroca, Roque Bandeira em voz alta contava a Stein de seu interesse mais recente: a enguia. Sim senhor, a enguia. Havia nas migrações desse peixe um mistério que perturbava os cientistas.

Bandeira acomodou as nádegas carnudas na cadeira, e disse: - Não me refiro à enguia do mar, ao congro, mas à enguia comum.

— Mas qual é o mistério? - perguntou o judeu.

— Ora, essa enguia ordinária frequenta todas as águas e se reproduz em quantidades colossais. Aí é que está o mistério. Como pode reproduzir-se e propagar-se? Não sei se sabes mas, segundo uma velha lenda, a enguia nasce do limo das lagoas…

Rodrigo caminhava dum lado para outro. Aquelas janelas fechadas e a ventania lá fora lhe davam uma angústia de emparedado. Andava farto daquela vida de prisioneiro. Às vezes os próprios amigos pareciam as barras de ferro das janelas de seu cárcere. Por mais que ame a esposa e os filhos, um homem precisa, uma vez que outra, de libertar-se, viajar sozinho, ficar a sós consigo mesmo, ver outras terras, outras caras, outros costumes, outras vidas… A mesmice embota o homem. A monotonia o emburrece. A monogamia o envelhece prematuramente.

Fez-se um silêncio. Liroca pitava, olhando com olhos tristes para o ponto do mapa que correspondia ao território onde deviam encontrar-se as tropas de Isidoio. Chiru mascava um pau de fósforo. Stein olhava a lombada dos livros. Bandeira, de olhos entrecerrados, batia de leve com a colherinha nas bordas do prato vazio.

Com um aperto no peito, Rodrigo escutava o uivo do vento e o farfalhar das árvores.

Outubro findava com aguaceiros e céus incertos. Uma noite estava Rodrigo no Clube Comercial a jogar pôquer com o Calgembrino do Cine Recreio, o Zeca Prates (candidato dos republicanos ao cargo de intendente municipal) e com o Veiga da Casa Sol, quando Chiru Mena entrou na sala de jogo carteado e soltou a notícia com voz dramática.

— Revoltou-se o Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo! Muitas cabeças voltaram-se na direção do recém-chegado. Sem erguer os olhos das cartas, Rodrigo perguntou: - E tu achas que o Bernardes vai morrer de susto só porque esses gatos-pingados se sublevaram?

Chiru aproximou-se, grave, e murmurou: - Mas a coisa é séria, menino. Levantou-se também o 3° de Cavalaria, de São Luís, e o 2°, de São Borja. E parece que há barulho no Alegrete e outras cidades da fronteira…

— Opa! - exclamou Rodrigo, pousando as cartas na mesa e erguendo os olhos para o amigo.

Quando saiu do clube, cerca de meia-noite, notou uma agitação anormal nas ruas. Passavam caminhões cheios de “provisórios”, autos corriam. As janelas da Intendência estavam iluminadas.

Ao entrar no Sobrado encontrou Toríbio à sua espera no escritório.

Chegara havia pouco do Angico e parecia inquieto. Rodrigo conhecia o irmão. Quando ele estava excitado, suas narinas fremiam e ele não cessava de coçar-se.

Abraçaram-se. Bio fechou a porta.

— Já sabes da revolta de Santo Ângelo?

—Já.

Fazia frio, mas Toríbio tirou o casaco, meteu a mão pela abertura

da camisa e pôs-se a esfregar o peito vigorosamente.

— Não aguento mais. Desta vez eu vou.

— Pra onde?

— Pra revolução.

Rodrigo já esperava e temia aquele pronunciamento. Não imaginava, porém, que ele viesse tão cedo.

— Não te precipites. Espera.

— Esperar o quê?

— Os acontecimentos.

— Mas eles estão aí, homem!

Sentou-se numa poltrona, descalçou as botas', coçou os dedos dos pés.

— Me dá um troço pra beber.

Rodrigo serviu-lhe um cálice de Lágrimas de Santo Antônio e ficou a observá-lo, intrigado. Notava nele alguma coisa de diferente. Claro! Bio estava de cabeça completamente rapada.

— Por que pelaste o coco?

— Faz parte do uniforme de campanha.

— Devagar! Não tomes nenhuma resolução. Vamos conversar. Bio tornou a encher o cálice e bebeu um gole curto.

— De conversa estou farto. Quero é ação. Vou ou rebento.

— Mas é uma loucura. Pensa bem. Não conheces o programa dessa gente.

E, depois, não te deves meter em canoa furada. O governo está forte, o povo apático. Esses levantes novos não significam nada. O Chimango organizou corpos provisórios. A Brigada Militar inteirinha está peleando contra os revoltosos. É uma causa perdida.

— Tanto melhor. Tem mais graça.

— Não sejas estúpido! Pensas que vou permitir que te suicides dessa maneira?

— Já te disse mil vezes que ainda não fizeram a bala…

— Para com isso! Escuta. És maior de idade. Sabes o que fazes. Vamos, então, discutir o assunto como gente grande. Estás mesmo decidido a ir para a revolução? Mas já pensaste nos detalhes?

— Que detalhes?

— Quando vais… com quem vais… como vais.

— Vou sozinho, me junto com essa gente de Santo Ângelo…

— Bio, usa a cabeça. Não podes sair às claras. Deves saber que a esta hora já começaram a nos vigiar… Não vai ser fácil.

Toríbio mexia com os dedos dos pés, olhando fixamente para os reflexos da luz no parati.

— Dá-se um jeito - murmurou.

Rodrigo soltou um suspiro de malcontida impaciência.

— Sabes duma coisa? Vamos dormir. Amanhã teremos notícias

mais claras desses levantes. Saberemos quem comanda o movimento… E uma coisa eu te digo: se o negócio todo parecer mais uma quartelada inconsequente, não te deixo ir. Nem que eu tenha de te fechar no quarto e te amarrar na cama…

— Na cama? Com quem?

Sabia-se agora que quem comandava os revoltosos de Santo Ângelo era um capitão de engenharia, Luís Carlos Prestes, "um ilustre desconhecido", como disse o Chiru, um tanto decepcionado ao descobrir que o homem tinha vinte e sete anos incompletos.

— Esses soldadinhos de chumbo - comentou ele - esses espadas-virgens pensam que se faz uma guerra em cima dum mapa, com esquadro, compasso e teorias… A revolução precisa é de homens maduros e experimentados, como o general Honório Lemes… Rodrigo esfregou-lhe então na cara o jornal que acabara de chegar com a notícia duma tremenda derrota sofrida pelas tropas de Honório Lemes em Guaçuboi.

— Pois aqui está o teu general. Caiu na emboscada que o Flores da Cunha lhe armou. Caiu como um inocente. Pensou que ia surpreender o inimigo e no entanto o inimigo é que o surpreendeu. E foi um deus-nos-acuda. Era revolucionário disparando para todos os lados, um verdadeiro desastre…

— Isso é invenção do jornal! - protestou Chiru.

— Antes fosse. E sabes onde está o teu Tropeiro da Liberdade? Asilado no Uruguai. E, para teu governo, o general Zeca Neto também se bandeou para o outro lado… Podes mandar rezar uma missa por alma dessa revolução.

Toríbio, entretanto, obstinava-se em afirmar que nem tudo estava perdido.

Nos dias que se seguiram noticiou-se a volta da Argentina de alguns chefes revolucionários, entre os quais o tenente João Alberto Lins de Barros, que comandara o ataque a Alegrete. Isso animou Toríbio, que a muito custo Rodrigo conseguiu conter.

— Espera um pouco mais. Volta para o Angico, vê como vai a coisa por lá. Temos de entregar aquela tropa ao frigorífico… Mas por amor de Deus, não vás para a revolução sem me avisar… Prometes?

Bio prometeu.

Rodrigo esperava secretamente que a revolução se desintegrasse e que a íria bélica do irmão se aplacasse.

Toríbio voltou para o Angico exatamente no dia em que se realizavam as eleições municipais em Santa Fé. O candidato oficial não teve competidor. A oposição absteve-se de votar. Terminada a apuração, o Madruga mandou soltar uns foguetes chochos. Andava outra vez fardado de coronel "provisório" e dizia-se que tinha uma tropa de quase mil homens.

— Está se rebuscando de novo esse corno - rosnava o Neco. Não se cumprimentavam. Quando se defrontavam na rua, trocavam olhares enviesados. Comentava-se na cidade que o chefe republicano dizia, para quem quisesse ouvir, que mais tarde ou mais cedo mandaria passar a faca no "cafajeste do Neco Rosa". Sempre que lhe contavam isto, o barbeiro cerrava os dentes e ameaçava: - O Madruga que venha. Incendeio ele por dentro com o meu 44.

Aquele foi um dezembro triste para a gente grande do Sobrado. Quanto mais se aproximava o dia de Natal, mais eles pensavam em Alicinha, embora ninguém lhe pronunciasse o nome.

Rodrigo andava particularmente melancólico. Permanecia durante horas sozinho no quarto da filha, deitado na cama dela, pensando nos muitos momentos do passado em que a tivera nos braços, em diversas idades.

Floriano e Jango haviam sido aprovados nos exames finais. O primeiro vivia encafuado, sozinho, na água-furtada, com seus livros e revistas.

Não tinha amigos. Pouco se comunicava com os outros membros da família.

Flora começava a preocupar-se com ele.

Como prêmio pelas boas notas que tirara, Jango ia passar todo o verão no Angico. Seu sonho agora era vir a ser um dia o capataz da estância.

Edu e Zeca continuavam sua turbulenta amizade que se alimentava de bate-bocas e sopapos. Muitas vezes se atracavam e rolavam pelo chão do quintal, cuspindo um no outro, arranhando-se mutuamente as caras. Era a muito custo que Floriano ou Maria Valéria ou Laurinda conseguia separá-los. Ficavam os dois garnisés por algum tempo vermelhos e ofegantes, rosnando um para o outro todos os nomes feios que sabiam, e a se mirarem de longe com o rabo dos olhos. Permaneciam assim por vários minutos até que, esquecidos da briga, juntavam-se e continuavam o diálogo ou o jogo interrompido. Segundo Rodrigo, eram "inimigos de peito".

Os jornais noticiavam que as forças rebeldes da fronteira concentravam-se em São Luís e que os legalistas se preparavam para cercá-las. Divulgava-se também que o general Isidoro Dias Lopes mandara um emissário ao capitão Prestes, aconselhando-o a levar suas tropas para o norte, para fazer junção com a Divisão de São Paulo na Foz do Iguaçu.

Pouco antes do Natal chegou ao Sobrado um dos peões do Angico, o Romualdinho Caré, trazendo um bilhete de Toríbio. Rodrigo leu-o já com o coração a bater descompassado, pois ao avistar o chasque tivera logo um mau pressentimento.

Rodrigo: Quando receberes esta, já estarei longe com as forças do

capitão Prestes. Não pude aguentar. Sigo para São Luís. Seja o que Deus quiser. Mas não te preocupes, eu volto. É como te digo, ainda não fizeram a tal bala. Lembranças para todos. Um abraço do Bio Sem ler o pós-escrito, amassou o bilhete e jogou-o no cesto de papéis.

"Cachorro! Corno! Filho duma grandessíssima…" Saiu a andar pela casa, excitado, com lágrimas nos olhos - lágrimas de indignação, de apreensão, de mágoa, sabia lá ele de que mais! "Como é que esse canalha vai me fazer uma coisa dessas?…

Foi direito à garrafa de parati, encheu um cálice, bebeu com sofreguidão. Como é que vou dar a notícia à velha? Isso não é coisa que se faça! Sair sem falar comigo, sem ao menos me dar um abraço… E como é que vai ficar o Angico? Não estou a par dos negócios. Vai ser uma calamidade. Louco! Irresponsável! Caudilhote!

Lembrou-se do pós-escrito. Apanhou o bilhete de dentro do cesto, alisou-o e leu: P.S. Não te preocupes com o Angico. Já combinei tudo com o velho Babalo, a quem já expliquei a situação. Ele prometeu capatazear a estância na minha ausência.

Então o velho Babalo sabia de tudo, hein? A coisa tomava o caráter duma conspiração generalizada. Agora ele compreendia o sentido daquela misteriosa visita do sogro ao Angico, havia pouco mais de uma semana… Estavam todos contra ele. Cambada! Corja! Deu a notícia às mulheres. Flora ficou por um instante muda, a interrogá-lo com o olhar. Maria Valéria, porém, limitou-se a sacudir lentamente a cabeça.

— Eu já sabia - murmurou.

— Como? - vociferou Rodrigo. — Quem lhe disse?

— O Bio.

— Quando?

— A última vez que esteve aqui.

— E por que não me contou nada, Dinda?

— Ele me pediu segredo.

Rodrigo segurou-lhe ambos os braços e sacudiu-a.

— E a senhora nem tentou impedir que ele cometesse essa loucura?

— Você não conhece o seu irmão.

— A senhora sabe que ele pode morrer?

— Todos nós podemos, menino. Também se morre na cama. Rodrigo virou-lhe as costas, meteu-se no escritório, fechou a porta, deixou-se cair sobre uma poltrona, tirou do bolso o bilhete e releu-o. Quando receberes esta, já estarei longe… Frase romântica dum ledor inveterado de novelas de capa e espada.

A indignação tinha passado. Agora estava só magoado. "Isso não se faz.

Principalmente a um irmão como eu que…" Dobrou

cuidadosamente o bilhete e meteu-o no bolso.

Onde estaria o Bio àquela hora? Já com as forças revolucionárias? O remédio era beber um pouco de Lágrimas de Santo António, tomar um porre.

"A vida não vale um caracol."

Olhou para o retrato do Patriarca e pensou no pai. Matei meu pai.

Qual! Aquilo era apenas uma frase. Os homens se suicidam de mil formas.

Ou o Destino os arrasta e liquida. Era um erro viver alimentando sentimentos de culpa. Tornou a encher o cálice.

Entardecia. Um sol amarelento e morno entrava pela janela numa larga faixa que cobria metade da escrivaninha e lhe iluminava as mãos agarradas nos braços da poltrona.

Espantou, irritado, uma mosca que lhe zumbia ao redor da cabeça. Ouviu o som duma corneta. Devia ser hora do rancho para os "provisórios" do Madruga. A vida era estúpida. Alicinha estava morta. E ele, sepultado vivo em Santa Fé.

Não armaram árvore de Natal aquele ano.

Fizeram muito cedo, na noite de 24, a distribuição de brinquedos às crianças e mandaram-nas para a cama. Carbone e Santuzza apareceram.

Estavam sensibilizados com a notícia da partida de Toríbio. Toda a cidade já sabia da história.

— Devo confessar - mentiu-lhes Rodrigo - que eu estava ao par de tudo.

O Bio me avisou com antecedência, mas, como vocês devem compreender, eu tinha de guardar segredo Maria Valéria e Aderbal entreolharam-se, entendendo-se, mas sem dizerem palavra, ambos com as faces impenetráveis. Camerino contou que um dos batalhões do Madruga se preparava para reforçar as tropas governistas que cercavam os revolucionários do capitão Prestes.

Liroca, muito alcatruzado a um canto, brincava com a ponta do seu lenço "colorado".

— Se o Prestes se livrar dessa - disse - ninguém pega mais ele. Não sei por quê, tenho uma fé danada nesse menino…

Os amigos retiraram-se antes das dez. Maria Valéria acendeu sua vela e saiu a verificar se as janelas e portas do casarão estavam devidamente fechadas.

Flora e Rodrigo surpreenderam-se então frente a frente ali na sala, no silêncio da casa quebrado apenas pelo tique-taque do relógio de pêndulo.

Ficaram a olhar um para o outro, numa mútua interrogação, num mútuo apelo. E de repente abraçaram-se como amantes separados que se reconciliam. Subiram as escadas de mãos dadas e, sem combinação

prévia, dirigiram-se para o quarto da filha morta, como se lhe fossem levar um presente de Natal.

Num dos primeiros dias de janeiro de 1925 uma notícia correu na cidade, de praça a praça, desceu pela rua do Comércio em várias bocas como uma bola de neve que, à medida que rola pela encosta da montanha, vai aumentando de volume e mudando de forma. Começou na praça Ipiranga como um simples boato: tinha havido um combate sério no boqueirão da Ramada entre as forças revolucionárias e as legalistas. Cuca Lopes acompanhou correndo a bola, empurrando-a como podia e tentando dar-lhe a direção de sua fantasia.

Mas Quica Ventura, que acendia o primeiro crioulo da manhã à frente do Clube Comercial, deteve-o: - Espera aí, Cuca. Quem foi que te contou?

— Sei de fonte segura.

— Quem ganhou o combate?

— Os legalistas.

— Mentira!

E só para contrariar o Cuca, que embarafustara clube adentro, passou a notícia ao fiscal do imposto de consumo: - A gente do governo levou uma sova dos revolucionários no boqueirão da Ramada. Foi uma mortandade medonha.

Quando a história chegou à praça da Matriz, trazida por um amigo do Pitombo, a coisa estava nestes termos: travara-se uma batalha campal, o batalhão do Madruga entrara em ação e os revolucionários, batidos, tinham fugido para a Argentina. O armador correu a contar a novidade a Rodrigo que, depois de ouvi-la, ficou com fogo nas vestes. Com toda a certeza Toríbio tomara parte no combate! Enfiou o casaco e o chapéu e saiu na direção do telégrafo, onde as notícias eram contraditórias.

Correu para o quartel-general.

O coronel Barbalho recebeu-o com cordialidade, apesar de as relações de amizade entre ambos terem ficado abaladas depois dos acontecimentos de 23.

— O senhor me desculpe, coronel, sei que não tenho nenhum direito, mas vou lhe fazer uma pergunta. Que é que há de verdade sobre o combate da Ramada? Tenho ouvido as versões mais desencontradas. Explico o meu interesse: é que tenho razões para supor que meu irmão Toríbio fazia parte da força revolucionária que entrou em ação. Seja franco.

O comandante da guarnição abotoou a gola da túnica, encomendou dois cafezinhos ao ordenança que apareceu a seu chamado, e disse: - Olhe, doutor, foi um combate danado de sangrento, com baixas pesadas de parte a parte. Como o senhor sabe, o boqueirão da Ramada é uma passagem de grande importância para

quem quer marchar para o norte…

Fez uma pausa, lançou um rápido olhar para o retrato do duque de Caxias, que pendia da parede, e, baixando a voz como se temesse ser ouvido pelo padroeiro do Exército, confidenciou: - Aqui que ninguém nos ouça… O governo pode espalhar oficialmente as notícias que quiser, mas a verdade é que no combate da Ramada os legalistas tiveram de se retirar meio correndo na direção da Palmeira.

Acho que levamos uma surra em regra…

— Mas o senhor não tem nenhuma ideia sobre a identidade dos mortos e dos feridos?

O coronel Barbalho sacudiu negativamente a cabeça. Ofereceu um cigarro a Rodrigo. Fez-se uma pausa, que durou até o momento em que ambos soltaram a primeira baforada de fumaça.

— Espere mais uns dias, doutor. Recebi a comunicação de que alguns feridos, entre eles vários revolucionários, vão ser recolhidos ao nosso hospital. Algum deles pode trazer a informação que o senhor deseja.

— E qual é, coronel, a sua opinião sincera sobre o destino dessa revolução?

— Está perdida, doutor. Não se iluda. É a opinião desapaixonada dum militar. A única esperança estaria num golpe mortal na "cabeça da cobra", no Rio. Ora, isso hoje está fora de cogitação. Depois que Isidoro evacuou suas forças de São Paulo, eu disse cá comigo: perdeu a parada. O mais que pode fazer agora é continuar uma ação de guerrilhas.

O resto será questão de tempo.

— Quer dizer então que não atribui nenhuma importância a esse movimento que rebentou no Rio Grande?

O coronel sacudiu os ombros, encrespou os lábios.

— Estou seguramente informado de que as deserções já começaram nas fileiras dos rebeldes.

— Não creio que meu irmão esteja entre os desertores.

— Eu também não.

Entrou o ordenança trazendo duas xícaras de café. Rodrigo sentiu pelo cheiro que era requentado. Tomou um gole. Estava horrendo. O coronel engoliu o conteúdo de sua xícara num sorvo só, fazendo uma careta, como se tomasse por obrigação um remédio amargo.

— Que tal é esse capitão Prestes? - perguntou Rodrigo, depondo a xícara sobre a mesa.

— Como estrategista, deve ser um amador. Não compreendo como esteja no comando da Coluna. Agora, é um homem decente e de coragem, um bom engenheiro e um apreciável matemático.

Sorriu e acrescentou: - Mas é jovem demais. Sabe duma coisa interessante? Completou vinte e sete anos exatamente no dia do

combate da Ramada.

Quando chegaram os feridos, o coronel Barbalho proporcionou a Rodrigo a oportunidade de falar com um deles no Hospital Militar.

Chamava-se Clementino Garcia, era natural de Uruguaiana e pertencera às forças de Honório Lemes. Quando o caudilho do Caverá fora obrigado a emigrar, ele ficara para trás, incorporando-se mais tarde ao destacamento do tenente João Alberto. Era um homem grandalhão e melenudo. Estava em cima duma cama, com o torso nu, e uma das pernas engessada até a metade da coxa.

— Me mataram o cavalo - foi logo explicando. — O animal testavilhou, eu rodei, quebrei a perna. Foi por isso que me pegaram.

Rodrigo disse-lhe quem era e a que vinha. O rosto do prisioneiro como que se iluminou.

— Mano do major Bio? Machuque estes ossos!

Tornou a apertar, dessa vez com mais força, a mão do visitante.

— Então conheceu o meu irmão?

— Se conheci? Doutor, quando o bicho chegou, olhei pra ele e vi logo que tinha homem pela frente. Daí por diante não nos separamos mais.

Outro que se encantou logo com o seu mano foi o tenente João Alberto… São unha e carne.

— Agora me diga uma coisa. O major Toríbio estava no combate da Ramada?

— Claro. Onde havia barulho o major sempre aparecia. Nunca vi ninguém pelear mais alegre. Uns brigam por obrigação. Outros por profissão. O seu mano briga porque gosta.

Andava no ar um bodum humano, misturado com emanações de água-da-guerra e fenol. Na cama próxima, um ferido gemia, de olhos cerrados. Sua face tinha uma cor citrina.

— Esse aí - contou Clementino - peleou também na Ramada. Um tiro nos bofes. É do Alegrete. Não tem nem vinte anos. Eu disse: “Fica junto comigo, guri, tu não tem prática destas coisas”. No primeiro tiroteio ele ficou assim meio atrapalhado, como cusco em procissão. Mas depois se aprumou e até brigou direitinho.

Clementino passou os dedos pela barba negra que lhe cobria as faces. O suor escorria-lhe pelo torso queimado de sol.

— Amigo Clementino, vou lhe perguntar uma coisa e quero que me responda com toda a sinceridade. O meu irmão está vivo?

O caboclo fitou obliquamente o interlocutor.

— Olhe, doutor, meu finado pai sempre dizia que pr'um homem morrer, basta estar vivo. E o senhor compreende, numa revolução. ..

— O que eu quero saber é se você viu o major ferido ou morto nesse combate…

Clementino ficou um instante pensativo. O paciente da cama

vizinha soltou um gemido. Um enfermeiro aproximou-se dele e aplicou-lhe uma injeção.

— Pra lê falar a verdade, doutor, a última vez que vi o seu mano, ele estava vivo e por sinal carregando um companheiro ferido na cacunda… Mas se eu fosse o senhor, não me preocupava. O major tem o corpo fechado.

— Por que é que você diz isso?

— Olhe, vou lhe contar. Duma feita a gente estava de linha estendida num combate, atirando deitado. Mas tinha dois homens que tiroteavam de pé. Um era o João Alberto e outro, o seu mano. Eu estava perto deles, as balas passavam zunindo, era uma música braba. Ouvi o João Alberto gritar: "Vamos deitar, major, que a coisa está ficando feia". E o doutor sabe o que o Toríbio respondeu? "Não sou lagarto pra andar de barriga no chão." E continuou de pé. Ora, o outro não teve remédio senão continuar também de pé, pra não se desmoralizar.

Rodrigo sorriu, orgulhoso. Reconhecia que a atitude do irmão era irracional, absurda, pois a obrigação dum revolucionário é, antes de mais nada, durar a fim de levar a revolução à vitória; mas não podia deixar de ver uma grande beleza naquele gesto. "Não sou lagarto pra andar de barriga no chão." Estava já ansioso por contar a tirada aos amigos. O Neco, o Chiru e o Liroca iam gostar.

Clementino procurou uma posição mais cômoda na cama.

— Vou lê contar outra história que o senhor vai apreciar. Nossa gente andava procurando o destacamento do tenente Portela, que estava tiroteando ninguém sabia onde. Nos tocamos direito ao lugar donde vinham os tiros, assim meio no palpite. Um dos nossos companheiros de repente caiu do cavalo, botando sangue pela boca. Imagine, morrer de bala perdida, até nem tem graça, coitado! Apeamos, deixamos a cavalhada atrás dum capão, e nos atiramos a pé pró lugar do combate. Quando chegamos assim no alto duma coxilha, demos com uma força legalista, meio perto. Pois lê digo que senti uma coisa ruim na barriga. Mas não tive ternpo de dizer água. Os companheiros logo abriram fogo. E o senhor sabe duma coisa? Já briguei de arma branca com muito corrent'no.

Uma vez um guarda aduaneiro me meteu o cano do revólver no peito. Está vendo esta marca perto da mamica direita? Pois foi o filho da mãe do tal guarda, à queima-roupa, só por causa duma desconfiança, porque, palavra de honra, nunca passei contrabando, estava só ajudando um amigo. Pois é como eu ia dizendo, já andei metido em muita briga, mas uma coisa eu nunca tinha visto: era boca-de-fogo apontada na minha direção…

Moscas passeavam pela testa gotejante de suor do doente da cama próxima, que agora ressonava de boca aberta. Aos ouvidos de Rodrigo

esse ressonar soava já como estertor de morte. Longe soou um clarim.

— Imagine o senhor, doutor. A bateria abriu fogo: bum! Um ronco medonho. Palavra, meio que me afrouxei, meti a cabeça no chão, e me encolhi e pensei: Estou frito. O João Alberto gritou que não era nada.

Explicou lá na língua dele que os tiros eram altos e não sei o quê. E o Bio gritou: "Vamos entreverar antes que esses frescos tenham tempo de regular a alça de mira". Avançamos gritando pra assustar o pessoal da bateria. O Bio queria laçar o canhão, só que não tinha laço. Avançamos que nem loucos, mais ligeiro que enterro de pobre em dia de chuva.

Perdemos muita gente, pois os milicos tinham armas automáticas.

Pei-pei-pei-pei… Mas quem foi que disse que nós paramos? Os legalistas recuaram. Dispararam os que puderam. Outros caíram. Foi uma mortandade braba, dava até nojo ver tanto sangue, tanta barriga aberta, tanta tripa pelo chão…

Calou-se e ficou com o ar de quem sonha de olhos abertos.

— E depois? - perguntou Rodrigo, fascinado pela narrativa.

— Ora, o comandante achou que a gente não podia aguentar a posição. Só se o Siqueira Campos viesse nos socorrer com sua força. Mas o diabo do homem não vinha. O remédio era voltar pró matinho, pegar a cavalhada e ir embora. O Bio queria levar o canhão. "Deixe esse trambolho, major!", gritou o João Alberto. Seu mano deixou, mas antes de se retirar arriou as calças e fez o serviço em cima da peça.

Riu, passou a mão pelo peito úmido de suor.

— Nesse combate, nos rebuscamos. Eu tirei umas botas das pernas dum oficial morto, e fiquei também com a pistola dele. Os companheiros, que andavam mal de roupa, também aproveitaram a ocasião e se serviram.

Quando vi, os inimigos caídos estavam quase todos pelados. Vesti uma túnica de tenente meio manchada de sangue. Mas o senhor compreende, guerra é guerra, quem não quer se sujeitar a essas coisas que fique em casa. . .

— Quantos homens vocês perderam?

— Olhe, vou lhe dizer, doutor. Tivemos aí por perto dos cinquenta mortos e coisa duns cem feridos… Eu caí no outro dia, numa escaramuça boba. Foi como lê disse: se eu não tivesse quebrado a perna, nunca na vida eles me agarravam.

— Então você acha que o Bio deve estar vivo.

— Estou apostando, doutor. O homem tem sorte.

Rodrigo soltou um suspiro. O otimismo do ferido não significava nada.

Mas ele, Rodrigo, queria iludir-se, precisava convencer-se de que o irmão estava são e salvo.

— Me diga uma coisa, Clementino: que tal é esse João Alberto?

— Pois, doutor, é um moço magro e alto, meio com cara de cavalo, mas simpático. É muito influído. Posso lhe garantir que é macho. Só tem umas coisas esquisitas…

— Coisas esquisitas?

— Pois é. Toca piano. O senhor já viu despautério igual? Paramos numa casa pra descansar, tinha um piano e enquanto o Bio e eu fomos direito pra mesa, loucos de fome, o pernambucano abriu o instrumento e começou a tocar uns troços…

— Quero saber uma coisa: a tropa o respeita?

— Respeitar respeita, porque o homem se impõe. Mas o senhor compreende, mais de metade da força é de paisanos, gauchada que veio de 23, acostumada a brigar ao lado de homens como o general Honório e general Portinho. Ficam assim meio sem jeito de obedecer a esses moços… O senhor vê…

— Viu o Prestes?

— Vi uma vez.

— Que tal?

— Ora, no me Mena, como diz o castelhano. Dizem que é bom nas matemáticas. Não ri nunca. Não sei… O senhor compreende, nunca fui muito nem com batina nem com uniforme. Mas o homem é o chefe, o senhor compreende…

— Clementino, vou lhe fazer uma pergunta.

— Faça, doutor.

— Por que foi que você entrou na revolução?

— Ué! Sou maragato, revolucionário de 23, gente do general Honório.

— Só por isso?

— E o senhor quer mais? Meu pai era veterano de 93, federalista até debaixo d'água. Quando o general Honório deu o grito, botei o lenço colorado no pescoço, agarrei o pau-furado, montei a cavalo e me apresentei…

— Agora me diga outra coisa. Se não tivesse quebrado a perna, você continuaria com os seus companheiros na marcha para o Iguaçu?

— Por que não? É como disse o dr. Assis Brasil: “Não largo a rábica do arado senão no fim do rego”.

— Mas que me diz do seu chefe que está na Argentina? Clementino Garcia sorriu: - Não tenha dúvida. Qualquer dia ele volta. Quando menos se esperar, o general Honório invade de novo o Estado. O velho é caboteiro.

Rodrigo sacudiu lentamente a cabeça. Olhou para a cama vizinha e, como visse uma mosca prestes a entrar na boca do paciente adormecido, ergueu-se e espantou-a.

Rodrigo passou aquele resto de janeiro e as primeiras semanas de

fevereiro no Angico, com toda a família. Teve a oportunidade de ver o sogro em ação no seu posto de capataz. O velho parecia remoçado: andava alegre, lépido, conversador, cheio de entusiasmos e planos.

— Está nos seus pernambucos - murmurava Maria Valéria, quando o via sobre o lombo dum cavalo a dar ordens para a peonada.

Rodrigo acompanhava-o às invernadas, interessava-se pelas coisas da estância, tomava ares de proprietário. Mas cansou cedo. Entregou-se, então, a longas sestas. À tardinha ia tomar banho na sanga, à noite ficava lendo até tarde à luz duma lâmpada de acetilene, e no dia seguinte acordava às oito, o que causava escândalo à "gente antiga" do Angico.

Maria Valéria punha ordem e método na cozinha, gritava ordens ou ralhos para as chinocas, fazia-as trabalhar, enquanto Flora passava os dias preparando o enxoval que Floriano devia levar para o internato.

Da segunda semana em diante, naquelas longas tardes de bochornoso silêncio, Rodrigo começou a encontrar conforto e distração no corpo da Antônia Caré, irmã do Romualdinho, uma morena de pele cor de marmelo assado. Tinha vinte e pouquíssimos anos, era magra mas bem-feita.

— Quem foi que te fez mal, menina? - perguntou ele uma tarde, num momento de ternura.

Ela hesitou, voltou a cabeça para o lado, evitando encará-lo, e murmurou: - O seu Toríbio.

Bandido! - pensou Rodrigo, inconsequentemente. — Sempre na minha frente. Mas apiedou-se da criatura.

Ficava às vezes longo tempo a examiná-la com uma curiosidade cheia de admiração. Como era que um bichinho daqueles, nascido numa família miserável no meio do campo, podia ter aquela cara, aquele corpo, aquela graça? As Carés fêmeas possuíam todas um certo feitiço que atraía os homens - refletia Rodrigo ao estudar a anatomia de Antônia. A rapariga tinha pudores, evitava desnudar-se, e quando ele a forçava a isso, ela se deixava ficar deitada, rígida, de olhos fechados, os lábios apertados. Como um menino que pela primeira vez estivesse vendo nudez de mulher, ele se comprazia em passar-lhe a mão por todo o corpo, como que a esculpi-la.

Encontravam-se no capão da Jacutinga, na Invernada do Boi Osco.

Rodrigo achava um sabor esquisito em possuir a cabocla no mato, sabendo que das árvores os bugios os espreitavam alvorotados, faziam gestos obscenos, soltavam gritos estridentes e acabavam por perseguirem suas fêmeas. Tudo aquilo era a um tempo grotesco, assustador e excitante.

Muitas vezes, terminada a comédia, ele ficava deitado ao lado da

rapariga, sentindo vir-lhe, com a lassidão do desejo satisfeito, uma fria sensação de constrangimento e remorso. Um homem de quase quarenta anos! E Flora e as crianças estavam na estância, a menos de dois quilômetros daquele capão… Por outro lado, o fato de Antônia ser sobrinha de Ismália Caré, a amásia de seu pai, dava àquela ligação um caráter vagamente incestuoso.

Saía dali resolvido a não voltar. O tempo, porém, lhe pesava no espírito e no corpo. As tardes eram quentes, o desejo se lhe colava à pele como um visgo, o sangue latejava-lhe nas têmporas e ele sentia que, se não voltasse ao capão, estouraria… Voltava. Encontrava Antônia sentada sempre debaixo da mesma árvore, descalça, metida no seu vestido de chita, e recendendo a água-de-cheiro. Rodrigo não gostava disso.

Preferia o cheiro natural da rapariga, que andava sempre limpa. Sua pele era lisa e seca, jamais parecia transpirar, ao passo que ele acabava sempre com a camisa empapada e grudada desagradavelmente ao tronco.

Uma tarde beijou a cabocla na boca pela primeira vez. Ocorreu-lhe uma comparação: o beijo de Antônia Caré tinha o sabor agridoce e meio áspero do sete-capotes, a fruta que mais dava naqueles matos do Angico.

Nunca saíam juntos do esconderijo. Ela se retirava primeiro, tomando a direção oposta à da casa-grande. E uma tarde, depois que a rapariga se foi, Rodrigo esperou cinco minutos antes de deixar também o capão. O sol descia em meio de nuvens rosadas. Acentuavam-se as sombras nas canhadas. O coqueiro torto desenhava-se nítido contra o horizonte. Mal começara a mover-se, Rodrigo ouviu sons de ramos partidos e folhas pisadas. Algum bicho? Olhou para todos os lados, procurando, e viu uma pessoa sair de outro setor do mato. Reconheceu Floriano, que deitava a correr rumo da casa. O rapaz devia ter estado escondido atrás de alguma árvore, decerto vira tudo… Teve ímpetos de gritar, chamar o filho, enfrentar a situação. Mas calou-se e ficou imóvel, acompanhando com o olhar o menino, que continuava a subir a encosta sem olhar para trás.

Naquela noite, à hora do jantar, notou que Floriano se mantinha silencioso, evitando encará-lo. Maria Valéria e Laurentina discutiam as aventuras domésticas do dia. Babalo contava a história duma certa vaca brasina que julgavam perdida…

Rodrigo não prestava nenhuma atenção à conversa do sogro. Prometera a si mesmo nunca mais voltar ao capão da Jacutinga. Sabia, porém, que voltaria. Desprezava-se por isso. (É uma miséria. Sou um animal.) E por se desprezar assim, julgava-se redimido. E como estava redimido, achava-se com direito a um prêmio. E o prêmio era ainda o corpo da Carézinha. A vida era curta, a morte certa. Confortai-me com

sete-capotes às cinco da tarde, porque desfaleço de desejo.

Floriano comia, os olhos postos no prato.

— Que tristeza é essa, menino? - interpelou-o Maria Valéria. — Só porque vai pró colégio em Porto Alegre não carece ficar jururu. Nove meses passam ligeiro. Você só beliscou a comida. Coma um pouco mais de feijão mexido.

Decerto ele me odeia - refletiu Rodrigo, olhando para o filho. Afastou o prato, sentindo-se de repente vítima duma grande injustiça. E isso lhe doía no coração.

No dia seguinte chegou um próprio da cidade, trazendo uma pilha de jornais. Rodrigo levou-os para a cama à hora da sesta e começou a lê-los pela ordem cronológica. Dormiu depois com a cara coberta por uma folha do Correio do Sul. Acordou azedo. E quando o sogro lhe perguntou pelas novidades, resmungou: - Tudo uma droga. O estado de sítio foi prorrogado. Da gente do Prestes, nenhuma notícia direta. O "impoluto" Borges de Medeiros telegrafou ao presidente da República declarando que considera terminado o levante militar no Rio Grande do Sul. O "impávido" Bernardes respondeu congratulando-se com o Chimango pela "dispersão do derradeiro grupo revoltoso e sua internação no território argentino". — Mudou de tom. — E este calor! E estas moscas! Se ao menos a gente tivesse gelo na estância…

Montou a cavalo e gritou para Flora que ia tomar um banho na sanga.

Não foi. Galopou rumo do capão da Jacutinga, onde a Carézinha o esperava. Confortai-me com sete-capotes porque a revolução está perdida, eu caminho para os quarenta e a vida é uma droga.

Voltou para casa ao anoitecer, estranhamente aliviado, com uma visão menos pessimista do mundo. Um pouco antes do jantar, abriu de novo os jornais. Num deles, na primeira página, negrejava um cabeçalho: OS GRANDES PROGRESSOS DA AVIAÇÃO. Noticiava-se a inauguração do serviço postal aéreo na América do Sul. Os aeroplanos e hidroplanos da companhia francesa Latecoèrc iam fazer o percurso entre Toulouse e Buenos Aires em menos de quatro dias, com escalas em Dakar, Natal e Rio de Janeiro. Não era uma coisa fabulosa?

O velho Babalo não pareceu muito impressionado.

— Um navio leva quase um mês para fazer o mesmo percurso, seu Aderbal!

Uma carta da França à Argentina daqui por diante levará apenas noventa e cinco horas!

— Isso não é coisa que se faça - murmurou Maria Valéria, que escutava a conversa. — Estão todos malucos.

— E dentro de pouquíssimos anos - acrescentou Rodrigo - haverá aviões comerciais transportando gente da América para a Europa e vice-versa. E se Deus quiser, este seu criado, Rodrigo Terra Cambará,

um dia embarcará num desses aeroplanos no Rio para desembarcar em Paris três dias depois!

Aderbal alisava uma palha de cigarro, os olhos postos no genro.

— E o que é que se ganha com todas essas coisas? - perguntou.

— Que é que se ganha? Ora essa! Tempo.

— Pra quê?

Rodrigo ergueu-se, deu dois passos na direção do velho, como se fosse agredi-lo fisicamente. Mas pôs-lhe a mão no ombro, com brandura, dizendo: - Olhe, respeito a sua opinião e a sua maneira de ser. Mas o mundo marcha. O tempo das carretas se acabou. O progresso está aí. Já leu alguma coisa sobre o telefone sem fio?

— Mais ou menos - Pois é. Pode-se falar duma cidade para outra, dum continente para outro, pelo ar, sem o auxílio de fios, graças a essa coisa maravilhosa que se chama rádio. Tudo isso significa, seu Aderbal que aos poucos o homem domina a natureza, melhora a sua vida, tornando-a mais fácil, mais higiênica, mais agradável, mais… mais…

— Atrapalhada - terminou o velho, tirando do bolso um naco de fumo em rama.

— Qual atrapalhada! Essa história em falar no “tempo de dantes” é pura conversa-fiada, puro romantismo. O mundo tem melhorado, ninguém pode negar. E vai melhorar mais.

Rodrigo não gostou da expressão gaiata que o velho tinha no rosto.

— Que é que o senhor está achando tão engraçado? - perguntou, entre divertido e irritado.

— É que ninguém ainda se lembrou de inventar uma droga pra curar a maior doença da humanidade.

— A tuberculose?

— O velho sacudiu a cabeça negativamente.

— Não. A estupidez.

Voltaram para a cidade na Quarta-Feira de Cinzas e três dias depois Rodrigo embarcou com Floriano para Porto Alegre. À hora da despedida o menino estava pálido e trêmulo. Flora estreitou-o contra o peito, os olhos embaciados.

— Não é nada, meu filho. O tempo passa depressa.

Maria Valéria fez uma rápida carícia na cabeça do rapaz e disse: - Vá com Deus. E tenha juízo.

O trem partiu à uma hora da tarde. Da janela do vagão, os olhos tristes de Floriano viram o casario da sua cidade perder-se por entre as coxilhas que ficavam para trás. A luz do sol era tão intensa que chegava a desbotar o azul do céu, onde grandes nuvens gordas estavam imóveis como os lerdos bois e vacas que à beira dos aramados olhavam placidamente o trem passar. O carro cheirava asperamente a

poeira e carvão-de-pedra. Ao passarem por uma charqueada, chegou até eles, num bafo quente, um cheiro fétido e ao mesmo tempo adocicado.

Rodrigo observava o filho disfarçadamente. A expressão melancólica do rosto do menino dava-lhe pena. Seu silêncio preocupava-o. Decerto viu tudo aquela tarde no capão… e me odeia.

Imaginou uma conversa. "Olhe aqui, Floriano, não devemos nunca julgar as pessoas sem primeiro…" Sem primeiro… quê? Se o menino me viu, me viu, não há mais nada a fazer. Pensou então em dizer-lhe: "Todos os homens têm defeitos. Sempre imaginamos que nossos pais são perfeitos, mas infelizmente não são. O meu não era. Tinha uma amásia e um filho natural. É bom que saibas dessas coisas. Teu pai também não é santo, tem muitos defeitos, grandes defeitos. Mas uma coisa quero que saibas. Ele é teu amigo. O teu melhor amigo. Haja o que houver, nunca te esqueças disso".

Podia dizer-lhe coisas assim… Mas perguntou apenas: - Queres o último número do Eu Sei Tudo?

Passava naquele momento o vendedor de revistas e jornais.

— Não, obrigado. Vou ler um livro.

— Que livro?

Floriano tirou da maleta uma brochura e mostrou-a ao pai. Contos, de Edgar Põe. Rodrigo sorriu: - Quem foi que te recomendou isso?

— Ninguém.

Ali estava a evidência duma outra omissão sua. Esquecera-se de orientar as leituras do filho.

— Que outros autores tens lido?

— Coelho Neto… Eça de Queirós… Zola.

— Opa! Os realistas.

Bateu de leve no joelho do menino.

— Está bem. Um homem tem de saber tudo.

Depois, na esperança de iniciar um diálogo amigo, perguntou: - Estás vendo esses campos? São da estância do Juquinha Macedo.

O rapaz lançou para fora um olhar indiferente. Abriu o livro, baixou a cabeça e começou a ler. Não há dúvida, ele me odeia - pensou Rodrigo.

Desdobrou o jornal que comprara na estação.

Epitácio Pessoa - informava um telegrama do Rio - escrevera uma carta ao ABC desmentindo a notícia, que esse semanário publicara, de que o ex-presidente da República era partidário da anistia para os revoltosos. Passou a outros tópicos. Não havia nada importante. Notícias do carnaval. As próximas eleições para a renovação da Assembleia estadual. Nenhuma informação sobre a Coluna Revolucionária, a não ser a de que um forte destacamento do Rio

Grande do Sul marchava pelo sul do Paraná em perseguição aos rebeldes, para pô-los entre dois fogos. Por onde andaria Toríbio? Vivo? Morto? Ferido? Asilado na Argentina? Olhou para fora. Urubus voavam em círculo sobre uma carniça. Dentro do carro homens conversavam em voz alta e alegre. Um sujeito com aspecto de caixeiro viajante, metido num guarda-pó creme, com um bonezinho de alpaca na cabeça, tomava com gosto seu chimarrão.

— Vamos baldear para o noturno em Santa Maria - disse Rodrigo.

Absorto na leitura, Floriano não o ouviu.

"Ele me odeia. Nem me olha. Preciso reconquistar meu filho." Soltou um suspiro de impaciência. Ia ser uma viagem cacete. A poeira, fina e avermelhada, entrava pela janela, de mistura com a fumaça da locomotiva. Partículas de carvão caíram sobre as páginas do livro de Floriano, que as soprou. Numa curva, o trem diminuiu a marcha e seu apito longo, tremido e triste, ergueu-se sobre as coxilhas como um risco sonoro no ar luminoso.

Chegaram a Porto Alegre na manhã seguinte. Rodrigo levou o filho para o internato, pouco depois do almoço.

Ficava o Albion College num calmo e verde vale, entre o Partenon e a Glória. O edifício principal do colégio fora antigamente a residência dum português ricaço, que mr. Campbell comprara e mandara adaptar às necessidades de seu internato. Tivera, porém, o bom gosto de não alterar-lhe a severa fachada colonial nem tocar na velha fonte do jardim, à frente do casarão, e no centro da qual um fauno de bronze, a cabeça erguida para o céu, tocava a sua flauta.

O diretor do internato devia estar beirando os cinquenta. Era um inglês alto e corpulento, de cara vermelha e carnuda e cabelos grisalhos, ainda abundantes. Tinha um ventre saliente que parecia começar à altura do estômago, mas que ele conseguia manter erguido numa postura atlética. E como suas coxas e pernas fossem desproporcionalmente finas e o homem usasse calças muito justas, Rodrigo teve a impressão de estar diante duma versão modernizada do mr. Micawber, de Dickens.

— Minha mulher vive aqui comigo - disse ele a Rodrigo. — O Albion College é uma casa de família. Tratamos todos os alunos como nossos filhos.

Falava português com fluência, mas à maneira do inglês de Oxford, em golfadas bruscas e sincopadas, como latidos. Isso - achava Rodrigo - dava àquele homem o ar dum cachorrão cordial, dum grande são-bernardo prestimoso, com seu barrilzinho de genebra preso ao pescoço. Esta imagem - como Rodrigo veio a descobrir mais tarde - nada tinha de impróprio ou gratuito, pois num dado momento em que o inglês lhe falou perto do nariz, ele sentiu um forte hálito de uísque.

O "cachorrão" tomou-lhe do braço e saiu a mostrar-lhes o

internato.

— Os quartos são individuais - explicou. — Isso não é quartel nem hospital de caridade, whatí Nas aulas, no recreio, nos esportes, nas horas das refeições, os alunos convivem uns com os outros. Mas há um momento, meu caro doutor, que todos precisamos de intimidade, right?

Rodrigo sacudiu a cabeça, concordando. E enquanto Floriano, distraído, olhava pela janela, os estudantes que jogavam futebol num campo situado a um dos flancos do edifício principal, mr. Campbell puxou Rodrigo para um canto e murmurou: - Não se preocupe, senhor. Durante o dia cansamos tanto os alunos com jogos, estudos e passeios que à noite, na solidão do quarto, eles não têm tempo nem ânimo de pensar em atos imorais.

Levou o pai e o filho a verem o pomar, que, amplo e rico de frutas, ia dos fundos do colégio até as faldas do morro da Polícia. Mostrou-lhes depois o refeitório arejado, claro e limpo, onde não se via uma única mosca. Passaram à cozinha, também imaculada e sem cheiros. Percorreram as salas de aula, cujas carteiras recém-lustradas recendiam a verniz.

— Temos um esplêndido corpo docente - disse mr. Campbell, quando caminhavam no corredor, de volta ao escritório. Citou nomes.

Deixaram Floriano sentado na saleta de espera, vendo velhos números de revistas londrinas, e fecharam-se no gabinete do diretor. Rodrigo acendeu um cigarro. O cachorrão encheu de fumo o bojo do cachimbo.

— Só fumo longe dos meninos - explicou, riscando um fósforo. — Os alunos estão proibidos de fumar. Bebidas alcoólicas também não entram nesta casa. — Piscou um olho, sorriu, acendeu o cachimbo e aduziu: - Quer dizer, mrs. Campbell e eu bebemos mas in private, como se diz em inglês, isto é, nos nossos aposentos, see?

Sentado atrás da escrivaninha, o são-bernardo preparou-se para preencher a ficha de Floriano. Foi fazendo perguntas, a que Rodrigo respondia. Nome por inteiro? Idade? Nomes dos pais? Religião?

— Ah! Eu ia lhe perguntar qual é a norma do colégio quanto a esse problema.

O inglês pousou a caneta sobre a mesa e disse: - Mrs. Campbell e eu somos anglicanos, mas o colégio é rigorosamente leigo. Cada aluno segue a sua religião, ou não segue nenhuma, se essa é a vontade dos pais. Aos domingos os protestantes vão a um templo episcopal aqui perto. Tenho um professor que leva os alunos católicos a uma igreja, na Glória. Qual é a religião de seu filho?

— Católica.

— Perfeito. Quer que ele vá à missa todos os domingos? Rodrigo sorriu: - Se ele quiser…

— Tem mais alguma recomendação a fazer?

— Não. Só lhe peço que faça de meu filho um homem. É um rapaz ensimesmado e arredio. Puxe por ele, obrigue-o a fazer esportes e amigos. Ah! Antes que me esqueça, o ponto fraco do Floriano é a matemática.

O cachorrão bateu com a pata no ar: - Oh! O professor Schneider se encarrega disso. Apontou para a janela.

— Está vendo aquele morro? Todos os sábados subimos até o pico… Mrs.

Campbell nos acompanha sempre, é uma grande alpinista. Ah! temos um bom team de football, e este ano esperamos derrotar o quadro do Colégio Cruzeiro do Sul…

Ao saírem encontraram a sra. Campbell a conversar com Floriano, que parecia muito embaraçado.

— Meet Mr. Cambárra, darling- disse o diretor. — Doutor, esta é minha senhora.

Rodrigo apertou a mão duma mulher sem idade certa, de cabelos cor de abóbora e olhos azuis, nem bonita nem feia, nem gorda nem magra, nem bem-feita nem malfeita. Inglesa - resumiu ele para si mesmo. E concluiu: numa noite de tempestade, numa casa deserta, sem outro recurso, talvez servisse…

— Roger, dearl - exclamou ela, dirigindo-se ao marido. — Veja como este rapaz se parece com o pai.

Passou a mão pelos cabelos de Floriano, que ficou com as orelhas cor de lacre.

Os Campbell deixaram pai e filho sozinhos na hora da despedida.

Ficaram ambos frente a frente. Quando Floriano ergueu o rosto para o pai, havia um brilho líquido em seus olhos.

— Está bom, meu filho. Chegou a hora.

Abraçou o rapaz, e como este inesperadamente lhe beijasse a face, Rodrigo comoveu-se quase a ponto de chorar. Fez meia-volta e se foi sem olhar para trás. Disse um rápido adeus aos Campbell e atravessou o jardim com passos apressados. Uma menina loura, de seus treze anos, brincava com a água, sentada nas bordas da fonte. Hélio!- murmurou ela quando Rodrigo passou. “Boa tarde!” - disse ele, e continuou seu caminho. Quem seria? Junto do portão parou e voltou-se. O sol parecia incendiar os cabelos da menina. Gritou-lhe: - Como é teu nome?

— Mary Lee.

Rodrigo voltou para o automóvel que o trouxera até ali, e disse ao chofer que o levasse de volta ao hotel. Sentia o beijo do filho na face esquerda, como um ponto morno. Sim, a inglesa tinha razão. O rapaz estava cada vez mais parecido com ele. Um Rodrigo em miniatura - pensou.

Mas só por fora. Por dentro era Terra. Parecido com o velho Licurgo.

Pensava nas dificuldades que o filho ia encontrar no internato, nos primeiros dias, longe da família e no meio de estranhos. Havia também os trotes dos colegas. E a disciplina, a ginástica, as horas de nostalgia e solidão. Ah! mas tudo aquilo lhe ia fazer um grande bem.

Veio-lhe uma súbita saudade de Flora e dos filhos. Prometeu a si mesmo dedicar-se mais à sua gente, dali por diante. A família era o maior tesouro que um homem podia possuir. Fora um néscio por ter-se afastado tanto de Floriano. E agora a ausência do rapaz não ia melhorar a situação. Levou a mão à face. Ele não me odeia - pensou com alegria.

Ele me ama.

Começou a assobiar o Loin du bai Naquela noite, sentindo-se solitário, foi ao Clube dos Caçadores. Mas arrependeu-se. Não encontrou lá nenhum dos velhos companheiros.

Contaram-lhe que o Pudim havia sido recolhido ao hospício ("Também, doutor, o rapaz andava tomando cocaína aos baldes!") e que o cabaretier francês tinha deixado a cidade. Na sala de jogo viu algumas caras conhecidas, e lá estava ainda, de piteira em punho, a mirar de longe a mesa de bacará, o dr. Alfaro.

— Mas que é feito dessa vida? Abraçaram-se, trocaram-se breves notícias pessoais.

— Sempre firme no propósito de não jogar, doutor?

— Firmão. Firmão.

Na sala de danças havia uns tipos estranhos sentados às mesas. E umas mulheres decotadas, pintadas com um exagero de palhaço, fumando cigarro em cima de cigarro. Dois ou três pederastas caminhavam requebrados por entre as mesas, muito íntimos de todos.

Onde estava o barão? Tinha desaparecido duma hora para outra. E a Zita, aquela húngara com cara de gatinha? Em São Paulo, por conta dum miliardário. E o Cabralão? Ah, esse, coitado, andava nas últimas.. E o Treponema Pálido? Não sabia? Pois morreu em novembro de 23, naquele tiroteio na frente do Grande Hotel.

A orquestra estava aumentada, tinha um pistão estridente, um saxofone rouco, uma bateria barulhenta. Tocava melodias de La scugniza e de A dança das libélulas, e berrava uma infinidade de foxes, a cujo ritmo aqueles mocinhos dançavam o abominável e ridículo passo de camelo.

Positivamente, o Clube dos Caçadores vulgarizava-se, baixava de classe. Ou sont lês neiges d'antan? - perguntou Rodrigo, nostálgico.

Onde, aquelas grandes figuras da política e do alto comércio que costumavam frequentar a casa, dando-lhe cor própria, importância e um caráter quase… sim, quase histórico?

Para mal de pecados, uma romena com uma cara que era um verdadeiro compêndio de patologia mórbida, dançou no palco um shimmy, sacudindo os peitos caídos e longos como orelhas de perdigueiro. E um espanhol travestido de mulher cantou cançonetas picantes. Era a decadência.

Uma paraguaia loura - ó raridade! - sentou-se à mesa de Rodrigo e quis beber champanha. Ele lhe satisfez o desejo. Depois a mulher o convidou para ir a seu quarto, que ficava do outro lado da rua. Foi. E também se arrependeu.

Deixou a prostituta pouco depois da meia-noite. Estou ficando velho - pensou, mas sem sinceridade, porque não estava convencido disso. — Já não acho mais graça nessas coisas… Decerto estou criando juízo.

Voltou para o hotel, decidido a embarcar para Santa Fé na manhã seguinte.

Mal saltou do Tem na estação, Chiru Mena precipitou-se para ele e, antes de abraçá-lo, exclamou: - A cidade foi invadida pelos baianos!

Contou que um batalhão da Polícia Militar da Bahia, que o governo federal mandara ao Rio Grande para perseguir as forças revolucionárias, estava aquartelado provisoriamente na cidade.

— E que mal há nisso, homem?

— Andam por toda a parte, tomaram conta de tudo. Pra onde a gente se vira avista um baiano. É mesmo que praga de gafanhoto.

Rodrigo deu uma palmada nas costas do amigo: - Deixa de exagero, Chiru. Onde está o teu cavalheirismo? E a tradicional hospitalidade gaúcha? Temos de tratar bem esses nossos patrícios.

— Mas é uma verdadeira ocupação!

As opiniões na cidade estavam divididas com relação aos visitantes.

Havia os que eram a favor, os que eram contra e os indiferentes. Os bairristas não gostavam do ar que tomavam os oficiais, e os praças do batalhão forasteiro quando andavam pelas ruas, cafés e lojas, falando alto, rindo, gesticulando e brincando, assim com o ar - dizia o Cuca Lopes - “de quem está fazendo pouco da gente da terra Um dos Spielvogel, presidente da Associação Comercial, achava que a presença do batalhão ia animar o comércio - Os senhores já calcularam a quanto monta o soldo de toda essa gente? E já pensaram que boa parte desse dinheiro vai Ticar na nossa comuna?” Era, portanto, favorável à ideia de dar um tratamento amistoso aos forasteiros.

Num daqueles domingos, a banda de música do batalhão deu uma retreta na praça da Matriz, debaixo da figueira, pois o coreto não era suficientemente grande para conter todos os seus músicos. A praça formigava de gente, as calçadas transbordavam, muitos tinham de

caminhar pelo meio da rua. Os. bancos estavam todos tomados e havia até gente sentada na relva dos canteiros. Nas casas em derredor viam-se espectadores, principalmente senhoras, debruçados em todas as janelas.

Uma multidão de curiosos cercava a banda. Os músicos ostentavam o seu uniforme escuro de gala, com botões dourados; e o carmesim da fita do quepe, da gola da túnica e do debrum das calças constituíam notas atraentes para aquele povo acostumado à monotonia do uniforme caqui da banda militar local. Tudo aquilo era novidade. “Até o bombo é diferente!” - proclamou um entusiasta.

O largo se encheu de melodias alegres que - na opinião de Edu - o eco “arremedava” atrás da igreja. Os santa-fezenses ouviram pela primeira vez frevos pernambucanos e uma quantidade de cateretês e sambas até então desconhecidos deles. Quanto aos dobrados - ah! - “chega me correr um frio na espinha”, disse um filho da terra. Quando a banda tocava marchinhas ou sambas, as moças e rapazes que caminhavam pelas calçadas chegavam quase a dançar. Gente havia, porém, que ou não gostava do espetáculo ou, se gostava, era só por dentro, pois permanecia séria, silenciosa, olhando tudo com um olho meio arisco. Fosse como fosse, os santa-fezenses aplaudiam os músicos, ao fim de cada peça, coisa que só estavam habituados a fazer quando a banda local executava trechos líricos ou o Hino Nacional.

Dona Vanja assistiu à retreta da janela do Sobrado. Estava encantada como uma criança diante dum carrossel.

— Não é mesmo um portento? - exclamou, voltando-se para dentro da casa com um brilho juvenil nos olhos. — Olhem só os uniformes. Os músicos parecem príncipes de opereta!

Maria Valéria que, como Flora, se abstinha de aparecer à janela, pois estavam ambas ainda de luto, retrucou: - Mas se essa baianada continua na terra, dentro de pouco tempo não nos sobra nenhuma cozinheira, nenhuma criada de dentro… A Leocádia arranjou um anspeçada mais preto que ela.

As donas de casa queixavam-se de que suas chinocas, mulatas e “crioulas” viviam de “pito aceso”, não faziam mais nada direito, só pensando na hora de saírem para a rua de braços dados com seus baianos, ou de ficarem “de agarramentos” com eles nos portões ou cantos escuros.

As mães redobravam inquietas a vigilância das filhas solteiras. Se os soldados buscavam as criadinhas ou espalhavam-se pelos bordéis do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria, os sargentos preferiam as mocinhas das chamadas “ruas de trás”, enquanto os oficiais superiores voltavam suas atenções e pretensões para as senhoritas das melhores famílias, que moravam nas ruas centrais.

Na primeira semana um coronel tratou casamento com uma

solteirona considerada irrecuperável. A Gioconda fisgou um major, que já lhe frequentava a casa, provocando falatórios, pois murmurava-se que o homem era casado em Salvador e pai de cinco filhos. Naqueles primeiros dias depois da chegada do batalhão o comandante da guarnição federal e o intendente municipal tiveram de enfrentar sérios problemas. Havia já uma rivalidade surda entre os praças do Exército e os do Corpo Auxiliar da Brigada Militar. Agora a soldadesca da Bahia, muitas vezes inadvertidamente, provocava conflitos com uns e outros. As noites eram muitas vezes pontilhadas de tiros, e no dia seguinte notícias corriam pela cidade, como sempre exageradas.

— Mataram um provisório no Barro Preto.

— Deram uma sova num baiano, na casa duma china.

— Lastimaram um civil no Beco do Poço.

— Houve um tiroteio num baile do Purgatório: mataram um cabo do Exército e feriram um sargento da polícia baiana.

Os conflitos, porém, foram diminuindo, à medida que a vigilância das patrulhas do Exército aumentava e os baianos se impunham à simpatia dos nativos. Eram extrovertidos, tinham uma fala cantada e doce, uns ares afetuosos.

Muitos santa-fezenses entregaram-se por completo aos visitantes, convidando-os às suas casas. Os mais casmurros e bairristas, porém, resistiam, dizendo: “Ninguém sabe quem são…”

Para surpresa de Rodrigo, Chiru revelou pruridos racistas: - Como é que eu vou levar esses negros pra dentro da minha casa, para o seio da minha família?

— Deixa de besteira - replicou Rodrigo. — Antes de mais nada, família não tem seio. Depois, cretino, que mal faz uma pessoa ter um pouco de sangue negro? Além disso, existem nesse batalhão dezenas de sujeitos mais brancos que tu!

— É uma pena - suspirou Neco Rosa, cínico - que a Bahia não nos tenha mandado uma boa partida de mulatas…

Mas a cause célebre da época foi a questão dos oficiais do batalhão baiano com o Clube Comercial. Houve uma semana em que a pergunta mais ouvida na cidade era esta: “Como é o negócio, Fulano? Devemos ou não devemos deixar os baianos entrarem no Comercial?” A diretoria do clube reuniu-se e, de portas fechadas, discutiu o assunto durante quase duas horas, decidindo-se pela negativa. “Que ao menos este reduto da nossa sociedade resista!” - bravateou o secretário.

Um dia o batalhão desfilou pelas ruas centrais de Santa Fé no seu uniforme de gala. A banda de música tocava dobrados marciais, rodeada e seguida por um bando de moleques descalços, que procuravam acompanhar o passo dos soldados. Quando a banda cessava de tocar, rufavam os tambores, soavam as cometas. Mulheres debruçavam-se nas janelas, corriam para as portas e portões,

avançavam até o meio-fio da calçada. E ao sol daquele dia de fins de verão, refulgiam os instrumentos metálicos da banda, os botões dos dólmãs, as espadas e as baionetas. E era bonito - todos concordavam - ver e ouvir centenas de pés com polainas brancas batendo cadenciadamente nas velhas pedras do calçamento da rua do Comércio.

Quica Ventura, que presenciava o desfile, apertando o cigarro entre os dentes, murmurou: - Têm todos cara de bandido.

Ao que Liroca, que estava perto, replicou: - Qual nada! É uma rapaziada linda. E depois, Quica, são nossos patrícios, nossos irmãos.

Como única resposta o outro cuspiu na calçada. Mas teve de tirar o chapéu imediatamente, pois naquele momento passava o pavilhão nacional no ombro do tenente Antiógenes Coutinho. Era um jovem alto, de pele "cor de jambo" (segundo dizia a Mariquinhas Matos, que jamais vira um jambo em toda a sua vida). O que mais impressionava naquele oficial de vinte e seis anos, além do contraste entre os olhos verdes e a face tostada, era a voz mole e doce como mingau de baunilha. Era uma voz caricosa, que logo sugeria intimidades. De toda a oficialidade do batalhão baiano, era o tenente Antiógenes o mais popular entre as moças de Santa Fé, muitas das quais o convidavam para reuniões e bailarecos.

E como algumas delas parecessem apaixonadas pelo garboso porta-bandeira, era nele que se concentrava a malquerença e a má vontade dos rapazes que, segundo a classificação do cronista social â'A Voz, constituíam a jeunesse dorée de Santa Fé.

O tenente Antiógenes usava uniformes muito bem cortados, que lhe modelavam o torso atlético. Caminhava sempre teso, o peito inflado.

Quando era apresentado a alguma dama, inclinava-se de leve, fazia uma continência e batia os calcanhares. Quando, porém, estava dentro de casa, numa festa, relaxava a postura militar, como que se humanizava, ficava logo íntimo da família, derramando sobre todos - mulheres, homens e crianças - o melaço de seu encanto.

As prostitutas locais andavam também loucas por ele, e o jovem tenente jamais as decepcionava. Depois das reuniões familiares, em que passava as horas sob o olhar vigilante e inapelável das mamães e titias, metia-se nas pensões de mulheres em busca de outra espécie de diversão.

Uma noite na Pensão Veneza tirou a china dum capitão do Corpo Provisório. O homem virou bicho, quis dar-lhe um tiro mas foi agarrado a tempo. Chiru Mena, que se encontrava no bordel na hora o incidente, conseguiu tirar o rapaz de lá e levá-lo para o hotel. Ao despedir-se, recomendou: "Daqui por diante olho vivo, tenente. O capitão é vingativo". Tinha ouvido o homem gritar: "Vou mandar dar

uma sumanta nesse mulato cafajeste".

Uma noite em que o tenente Antiógenes deixava a casa duma de suas namoradas, na rua das Missões, dois indivíduos vestidos à paisana se lhe aproximaram pelas costas e atiraram-se em cima dele, de rabo-de-tatu em punho. O oficial recuou contra a parede e chegou a arrancar o revólver do coldre. Recebeu, porém, uma pancada tão forte no pulso, que deixou cair a arma. Depois, o mais que pôde fazer foi proteger a cabeça com ambas as mãos e pedir socorro.

No dia seguinte Rodrigo contou a seguinte história aos amigos: - Pois vejam como são as coisas... Eu saía do clube, depois dum poquerzinho, com uns amigos, e de repente, não sei por que cargas-d'água, resolvi entrar na rua das Missões, em vez de seguir pela do Comércio... Foi então que vi a cena: dois paisanos surrando um tenente da polícia baiana... Tirei o revólver, corri para o grupo e gritei: "Parem, bandidos!" Um dos atacantes se virou para mim. Não tive dúvida: prendi-lhe fogo. Pei! O homem virou as costas e disparou... O companheiro fez menção de tirar o revólver e eu atirei de novo, dessa vez em cima dos pés dele. Foi um deus-nos-acuda. Os bandidos se despencaram rua abaixo, que nem veados. O tenente veio pra mim de braços abertos e só faltou me beijar.

Desde aquela noite o tenente Antiógenes passou a frequentar o Sobrado.

Estava reconhecido a Rodrigo. Levava presentes para seu "salvador", para Flora e para as crianças. Um dia entrou na cozinha e, sob o olhar crítico da Maria Valéria, ensinou à Laurinda como fazer vatapá. De quando em quando, sem motivo aparente, abraçava o dono da casa, que ficava um pouco constrangido ante a beleza quase feminina do oficial.

Ainda naquele mês de março, um sócio benemérito do Clube Comercial resumiu para um amigo as vantagens que o batalhão da polícia baiana havia trazido para Santa Fé. As retretas continuavam, generosas e alegres, divertindo e ilustrando o povo. O comércio local, tanto o alto como o baixo, vendia como nunca. As mais conhecidas solteironas da cidade haviam contratado casamento com majores e tenentes-coronéis de meia-idade. Além disso os oficiais baianos revelavam um comportamento exemplar. Por que não convidá-los a frequentar o clube?

De novo reuniu-se em sessão especial a diretoria do Comercial, para reexaminar o caso. Dessa vez Rodrigo compareceu ao debate e fez-se advogado dos forasteiros. Como a decisão final da diretoria tivesse sido outra vez negativa, saiu furioso do clube, resolvido a fazer alguma coisa para desagravar os baianos.

Deu no Sobrado uma festa - a primeira depois da morte da filha - e convidou todos os oficiais do batalhão visitante. Serviulhes

champanha e deu-lhes de comer os quitutes de Laurinda. Ergueu a taça num brinde à Bahia, “berço glorioso da nacionalidade, terra do grande Rui Barbosa”.

Um dos baianos, um coronel gordo e calvo, respondeu com um discurso torrencial e interminável.

Flora só apareceu na sala no princípio da festa para cumprimentar os convidados. Retirou-se depois para a cozinha, de onde ficou dirigindo as negras que serviam croquetes, pastéis, empadas, sanduíches e doces.

Maria Valéria a intervalos vinha espiar os “estrangeiros” pela fresta duma porta.

Quando, depois da meia-noite, os convivas se retiraram, a velha se acercou de Rodrigo e disse: - Se seu pai fosse vivo, não ia ficar nada alegre vendo tanto militar junto na casa dele.

— Ora, titia! Também não morro de amores pela farda. Mas o caso agora é diferente. Eu precisava fazer alguma coisa para salvar o bom nome de Santa Fé e do Rio Grande, e para dar uma lição de cavalheirismo àquelas bestas da diretoria do Comercial.

Em princípio de abril o batalhão partiu. Desfilou pelas ruas no seu uniforme de campanha, ao som dum dobrado triste. Ao vê-lo passar, muitas mulheres tinham lágrimas nos olhos. A plataforma da estação estava atestada de gente. Ergueram-se vivas ao Brasil, ao Rio Grande e à Bahia.

Um jovem santa-fezense fez um discurso. O coronel gordo respondeu, falou demais e atrasou o trem um quarto de hora. Quando o comboio se pôs em movimento, a banda tocava uma valsa lenta, “dessas de rasgar o coração”, como disse mais tarde uma costureirinha que ficara noiva dum sargento natural de Feira de Santana. A locomotiva apitou e até o apito pareceu um lamento de despedida.

Naquele dia e nos que se seguiram, a cidade a muitos pareceu vazia. Os irónicos diziam: “Por que o intendente não decreta luto municipal por três dias?” Os maldizentes proclamavam que como resultado da “ocupação baiana” houvera em Santa Fé dois casamentos legais, três por contrato, oito noivados, cinco defloramentos - isso para não falar no grande número de criadinhas que haviam ficado grávidas. “Viva o Brasil!” - bradou um gaiato, ao ouvir essa estatística.

Na noite do dia da partida dos baianos, a Gioconda sentou-se ao piano e tocou com muito sentimento noturnos de Chopin. No Sobrado, Maria Valéria fez uma observação que deixou Rodrigo pensativo: “Você não acha que nas espingardas desses baianos já pode estar a bala que vai lastimar o Bio?”

Uma tarde, em meados de abril, entraram pelo portão do Sobrado, carregadas por caboclos descalços e suarentos, três caixas de madeira com o nome de Rodrigo pintado nas tampas. Flora não sabia

do que se tratava, mas desconfiava que fosse mais uma das "encomendas" do marido.

— Deixem os volumes no quintal, perto do porão - instruiu ela aos carregadores.

Maria Valéria franziu o nariz fisicamente ao sentir o bodum dos caboclos, e psicologicamente ao ver as caixas, nas quais farejava mais uma "loucura" do sobrinho.

— Que negócio é esse? - perguntou.

— Ora, Dinda, são uns vinhos franceses e alemães, uns queijos, umas conservas…

— Ainda que mal pergunte, você vai se estabelecer com casa de negócio?

Ele sorriu mas nada disse. Gritou pelo Bento, que lavava o Ford no fundo do quintal, e ordenou-lhe abrisse as caixas com a maior cautela. O factótum obedeceu.

Rodrigo segurava as garrafas que Bento lhe entregava, tirava-as com um cuidado carinhoso de dentro de seus invólucros de palha, erguia-as no ar contra a luz, os olhos cintilantes. Eram vinhos brancos e tintos - topázio e rubi! Ia enfileirando as garrafas no chão, contra a parede da casa. Pegou uma delas e leu o rótulo em voz alta: Liebfraumilch!

Bento abriu a caixa que continha os queijos e as conservas. Rodrigo acocorou-se junto dela, remexeu a palha com mãos sôfregas, e foi tirando as latas - até de foie gras, sardinhas, anchovas, atum - estralando a língua, cheirando os queijos…

Alçou os olhos para o céu de outono - um polvilho azul remoto e sereno. Pairava no ar uma leve bruma que o sol dourava.

Pela cidade as paineiras rebentavam em flores. E Flora - concluiu ele - Flora ressuscitava, seu rosto ganhava cores, suas carnes se faziam de novo apetitosas. A vida era boa. Deus era generoso. E ali estavam aqueles vinhos - rubi e topázio!

Convidou amigos para virem aquela noite ao Sobrado "beber o leite da mulher amada e comer uns queijinhos".

Além da Velha Guarda, apareceram Stein, Bandeira e Carbone. Rodrigo levou-os para o escritório, a peça da casa mais apropriada para "assuntos de honra".

Chiru examinou uma garrafa de vinho branco e, olhando antes para os lados, para se certificar de que não havia nenhuma dama presente, murmurou: - Olha, Rodrigo, leite de mulher, amada ou não, eu bebo nos peitos mesmo, e não em garrafa.

— Sai, bagualão! - repeliu-o o dono da casa. — Sei que vais preferir cerveja. Tu e o Neco são uns bárbaros. Agora aqui o nosso dr. Carbone, esse sabe apreciar o que é bom.

O italiano sorriu, seus lábios dum vermelho úmido apareceram

sob os bigodes castanhos. Encostou os dedos na boca, colheu nela um beijo sonoro e depois atirou-o no ar com o gesto de quem solta um pássaro.

— E tu, Bandeira? - perguntou o anfitrião, ao servir o vinho em longos copos de forma cónica.

— Que venha esse leite - murmurou tio Bicho, acomodado na sua poltrona, a papada a esconder a borboleta da gravata, as faces já coradas pelo vinho que tomara ao jantar.

Rodrigo voltou-se para Stein: - Que cara é essa, rapaz?

— Decerto está preocupado com o destino do camarada Trótski - explicou Bandeira, com um sorriso provocador. — A encrenca está armada na União Soviética. Papai Lênin morreu e agora os filhos disputam o direito de primogenitura. O Arão esperava que Trótski fosse eleito secretário-geral do Partido, mas Stálin passou-lhe a perna…

Stein segurou o copo que lhe ofereciam, olhou para tio Bicho e disse: - Eles sabem o que fazem.

O outro tomou um gole de vinho, degustou-o e deixou escapar um suspiro de puro prazer.

—· Estão vendo? - disse. — Isso sim é disciplina partidária. Quando Lênin estava vivo, o Arão achava que não havia outro para substituí-lo senão Trótski, a maior cabeça do Partido, o melhor organizador, etc…

etc… etc… Agora engole e trata de digerir caladinho esse tal de Stálin. E se amanhã deportarem ou fuzilarem Trótski o nosso comunista aqui não soltará o menor pio.

— Não se trata de pessoas mas de princípios - replicou o judeu. E, desconversando, perguntou ao dono da casa se havia lido as últimas notícias sobre as atividades de Abd-el-Krim no Marrocos francês.

Rodrigo, que andava de conviva em conviva, oferecendo fatias de queijo, respondeu que não. Liroca, que até então estivera a um canto, conversando com Neco, aproximou-se do marxista e disse: - Pouco me interessa esse turco.

— Árabe - corrigiu-o Stein.

— É a mesma coisa. Mas… eu estava dizendo ao Neco… É o mais belo feito militar da história do Brasil. Maior que a retirada da Laguna ou que a batalha de Tuiuti! Só comparável às proezas de Aníbal, César e Napoleão.

Referia-se - explicou - à marcha da Coluna Revolucionária de Prestes, de São Luís das Missões até a foz do Iguaçu, onde finalmente se havia reunido à Divisão de São Paulo.

— De acordo! - exclamou Rodrigo, abraçando o amigo. — Vocês já imaginaram o que é vencer duzentas léguas de sertão, vejam bem, duzentas léguas de terreno acidentado, abrindo picadas pelo mato a

machado e a facão, atravessando rios, escalando montanhas… lanhados, esfarrapados, sangrando, mas marchando sempre?

— E perseguidos por quatro mil soldados do governo! - acrescentou José Lírio.

— Sim, brigando todo o tempo… - Num repentino assomo de emoção cívica, Rodrigo fez uma frase: - Marcando seu itinerário glorioso com as sepulturas dos companheiros que tombavam no caminho.

Liroca sacudiu a cabeça num grave assentimento.

— Muita gente boa foi ficando para trás - continuou Rodrigo - companheiros de Prestes da primeira hora, tanto civis como militares…

Aníbal Benévolo morreu no ataque ao Itaqui… Mário Portela, outro bravo, tombou na travessia do Pardo…

Ergueu o cálice e exclamou: - A Luís Carlos Prestes e aos seus heróis!

Neco, Chiru e Liroca levantaram imediatamente seus copos. Roque Bandeira acompanhou-os, após breve hesitação, mas sem muito entusiasmo.

Arão Stein, que se havia sentado, permaneceu de cabeça baixa.

— E tu? - interpelou-o Rodrigo. — Não nos acompanhas no brinde?

Stein sacudiu a cabeça, murmurando: - Não seria sincero. Não tenho entusiasmo por essa revolução…

— Não digas uma barbaridade dessas!

Todos, menos o judeu, tomaram um largo trago. Liroca lançou para o rapaz um olhar torvo, como se estivesse diante dum caso teratológico.

— Que é que o senhor tem na cabeça? - perguntou. — Miolos ou bosta de vaca?

Chiru e Neco avançaram também sobre o anti-Prestes. Parecia que o Sobrado ia ser teatro duma cena de linchamento. Tio Bicho continuava sentado, a bebericar o seu Liebfraumilch. Os outros falavam ao mesmo tempo, querendo convencer o "renegado" de que aquela era a mais bela, a mais nobre, a mais justa de todas as revoluções.

Carbone, que havia alguns minutos deixara o escritório para ir conversar na sala de visitas com lê belle donne, voltou e quis saber de que se tratava.

— É um fogrom - explicou Roque Bandeira. Depois, erguendo a voz, pediu: - Deixem o homem explicar seu ponto de vista!

Quando os outros se aquietaram, Stein falou.

— Para principiar - disse - quero fazer uma pergunta. Contra quem é essa revolução do Isidoro e do Prestes?

— Ora - respondeu Chiru - contra o Bernardes.

— Quer dizer que, se o presidente da República morresse de repente dum colapso cardíaco ou duma indigestão, os revolucionários poderiam depor as armas tranquilamente?

Rodrigo interveio: - Está claro que não. O Bernardes simboliza um estado de coisas. Esse movimento revolucionário é um protesto contra a autoridade atrabiliária do homem que representa uma camorra política que quer perpetuar-se no poder. Numa palavra, essa revolução visa derrubar as oligarquias que nos infelicitam!

Stein coçou a cabeça, uma mecha fulva caiu-lhe sobre os olhos.

— Está bem, está bem - disse. — Esses tenentes querem dar à sua quartelada um caráter antioligárquico. Magnífico! É uma causa simpática, sem a menor dúvida. Mas acontece que esse objetivo não chega às raízes de nossos males. Sem uma mudança básica em toda a nossa estrutura econômica e social, jamais resolveremos os nossos problemas.

Rodrigo lançou-lhe um olhar enviesado: - Não me venhas de Karl Marx em punho, que não te recebo.

Stein sorriu amarelo, e por alguns instantes deu a impressão de que considerava encerrada a discussão.

De novo se encheram os copos. Carbone pediu um brinde especial ao major Toríbio Cambará. Rodrigo ficou comovido. A ideia de que o irmão estava entre os bravos daquela marcha épica enchia-o dum orgulho embriagador. (Ou seria também efeito do vinho?) Um calor agradável subia-lhe ao rosto, animava-lhe a palavra, tornando-o duma cordialidade derramada. Aproximou-se de Stein, acariciou-lhe a cabeça e disse: - Bebe, menino. A vida é curta.

O outro, porém, não parecia participar daquele espírito leviano e esportivo. Pôs-se de pé.

— Por favor - suplicou - tratem de me compreender. Não sou nenhum espírito de contradição. Nenhum fanático. — Bateu na testa. — Tenho cabeça, tenho miolos, logo: penso.

— Esse é o teu mal - sorriu Bandeira. — Usas demais a cabeça e de menos o resto do corpo.

O dono da casa desatou a rir: - Muito bem, Roque! Puseste o dedo no dodói dele. O que falta ao Stein é amor. Vamos arranjar-lhe mulher.

O rapaz arregaçou os lábios num sorriso que mais parecia um ricto canino. Chiru e Neco conversavam a um canto animadamente, e Carbone voltara à companhia das damas.

Alguns minutos depois Rodrigo tornou a interpelar Stein.

— Qual é a solução que ofereces para o problema nacional? Fala, hebreu!

— Não sou tão ingênuo ou tão vaidoso a ponto de pensar que

tenha no bolso um remédio rápido, fácil e infalível para nossos males. Mas de algumas coisas tenho certeza absoluta. Escutem. O povo, com sua misteriosa sabedoria, seu instinto divinatório, já sentiu que essa não é a sua revolução e por isso permanece apático diante dela. Por outro lado, os revolucionários, cegos aos fatores econômicos que dão forma e rumo à nossa vida política e social, investem romanticamente contra a sua Bastilha, em nome dum vago programa de "regeneração nacional". Seu lema de "Abaixo as oligarquias!" tem um caráter de improvisação demagógica. Em suma, trata-se ainda duma revolução burguesa, cuja vitória pouco ou nenhum bem traria para nossas massas rurais e urbanas e para nosso incipiente proletariado.

Liroca desenrolou e tornou a enrolar o cigarro apagado e, olhando de viés para o judeu, perguntou: - Moço, onde é que o senhor aprende essas coisas? Tio Bicho apressou-se a explicar: - Ele lê isso nos livros russos e alemães que recebe em traduções espanholas. Anda tão empapado de castelhanismos que não usa mais a palavra camponês e sim campesino.

Stein voltou-se para o amigo e reagiu: - Para ti tudo é uma questão de palavras. Para mim pouco importa que chamemos ao homem do campo camponês, campesino ou campônio. O essencial é libertá-lo da miséria, da doença, do analfabetismo e da fome. Isso sim é importante.

Quando, uma hora depois Stein despediu-se do dono da casa, este lhe tomou afetuosamente do braço: - Podes dizer o que quiseres, citar os autores que te vierem à cachola, mas uma coisa não poderás negar: a beleza dessa marcha, a grandeza desses homens. Se tudo se reduz a uma pura necessidade econômica, como vocês marxistas afirmam, como se explica a dedicação e o sacrifício desses revolucionários que não têm terras ou fábricas a defender, e que de seu hoje não possuem mais que a roupa do corpo, o cavalo e as armas? Não, meu caro Stein, existe algo mais que o fator estômago e o interesse de lucro. Nossos homens são capazes de lutar desinteressadamente por um ideal, por um amigo, pela cor dum lenço, por… por… pelo seu penacho! Em 23 muito provisório recrutado a maneador, na hora do combate brigou como leão. Por quê? Por causa de fatores econômicos? Por causa da plus-valia ou da ditadura do proletariado? Não! No fundo, o verdadeiro partido dum homem é seu amor-próprio, o seu orgulho de macho.

Stein nada disse. Limitou-se a sorrir e a estender a mão para o amigo, dizendo: - Boa noite, doutor. Me desculpe se falei demais. Rodrigo estreitou-o contra o peito.

— Qual nada, Arão! Tu sabes que te quero bem. Nesta casa podes falar à vontade. Também já vais, Roque? Boa noite, meu velho. Cuidado com a escada. Liroca, bota o capote, que a noite está meio

fria. Chiru e Neco, vocês fiquem. Não é um pedido: é uma ordem do major Rodrigo. — Baixou a voz, olhou na direção da sala, de onde vinham as vozes das mulheres, e acrescentou: - Estou pensando num programa… Me contaram que chegou uma uruguaia macanuda pra Pensão Veneza…

Nos últimos dias de julho daquele ano, Rodrigo recebeu uma carta de Terêncio Prates, datada de Paris.

Prezado amigo: Faz muito que ando pensando em escrever-te, mas fui deixando a carta para depois, por uma razão ou outra. Seja como for, aqui estou para uma prosa. Há tanta coisa a dizer, que nem sei por onde começar.

Meu curso vai bem e me tem dado o privilégio de estar perto de grandes

mestres do pensamento contemporâneo. Imagina, meu caro, um pião natural do Rincão das Dores, como eu, a respirar numa sala de conferências o mesmo ar que entra nos pulmões de homens como Alain e Bergsori!

Durante todos esses anos tenho esperado em vão a tua visita. É uma pena que não tenhas vindo, pois Paris se modifica dia a dia, e já não é, pelo menos na superfície, o que era antes da Grande Guerra.

De mim sei dizer que estou escandalizado e até meio perturbado pelo que vejo, ouço e leio. Tu conheces mais ou menos minhas ideias em matéria de política e moral. Apesar de ter formado meu espírito dentro deste século XX, considero-me um homem do século passado. Fui educado segundo um conceito de vida individualista. Embora não me encante nem convença tudo quanto vem do Grande Século - pois sempre achei detestável seu cientificismo ateu e orgulhoso - participo de sua crença no Progresso e na evolução lenta porém segura e inspirada das instituições. Mas a verdade, meu caro amigo, é que estamos presenciando um cataclismo social em toda a Europa, quiçá no mundo inteiro. E Paris, como cérebro e coração da civilização ocidental, não podia deixar de estar no epicentro do terremoto. Os valores da sociedade estável do século XIX caem por terra. A Guerra abalou e revolveu tudo. É o caos.

Não há mais Fé, nem Moral, nem Ética e nem mesmo Estética! O grande conflito armado deu um golpe talvez mortal na sociedade dentro da qual os homens de nossa geração nasceram, foram educados, adquiriram seus hábitos e deram forma a seus sonhos. A licenciosidade impera em todos os setores da vida e do pensamento. As mulheres perdem o pudor, cantam canções bandalhas, dançam danças lúbricas, desnudam-se em público, fumam, bebem, sim senhor, embriagam-se como homens. Encontra-se em Paris, fazendo um sucesso delirante, uma mulata norte-americana que se exibe num destes cabarés completamente nua, apenas com uma tanga de banana. É o fim do mundo, Rodrigo. Uma geração como a nossa, que se alimentou de Schubert, Schumann, Beethoven, Chopin e outros grandes da música universal tem de aguentar agora essa “coisa ” cacofônica, barulhenta e negroide que é jazz-band (não sei se é assim que se escreve) e que Paris teve o mau gosto e a infelicidade de importar dos Estados Unidos.

A mocidade parece ter tomado o freio nos dentes e saído a apedrejar homens e instituições, a rasgar e espezinhar velhas bandeiras tradicionais, quebrar as vidraças das academias. (Está claro que falo no sentido figurado,..) Esses moços embriagam-se não só de álcool como também de velocidade. Campeia no mundo a mania da pressa, a paixão pelo automóvel, pelo avião, pelo telefone sem fio, em suma, por tudo que represente vertigem e rapidez. E o mais trágico é

que não sabem ainda aonde querem chegar. Está claro que apenas se atordoam. E a "geração das trincheiras " como já escreveu alguém.

Um dia destes tive a oportunidade de conversar com um jovem francês que fez a Guerra, onde perdeu a mão esquerda. Disse-me que está revoltado contra a tradição humanista que não soube preservar a paz do mundo. Odeia, portanto, o academicismo, o conformismo e a tábua de valores morais de seus maiores. Acha que só Ia sincérité, mais toute Ia sincérité pode salvar o mundo, se é que ainda há esperança de salvação.

Considera, por exemplo, Anatole France um farsante, um fariseu, um falso homem de letras.

Pois é, meu caro amigo, o que se vê agora por aqui é uma literatura pseudomoderna, que não consigo estimar nem ao menos entender. Os "novos"

decretaram a morte de homens como Victor Hugo, Taine, Renan e tantos outros, para exaltar os Apollinaire, os Blaise Cendrars e os Cocteau.

E sabes a quem cabe, em boa parte, a culpa de tudo isso? A dois tipos de mentalidade que estão procurando impor-se no mundo. A da Rússia, com seu bolchevismo materialista e iconoclasta, e a dos Estados Unidos, com sua irreverência esportiva e sua arrogância de nouveauriche. Os bolchevistas espalham seus agentes pelo mundo. Os americanos nos mandam esses pretos tocadores de jazz-band e detestáveis fitas de cinema em que essa mentalidade de après guerre é exaltada e embelezada. A Guerra tornou a nação de Wilson uma potência de primeira categoria. A prosperidade a está perdendo. Só esfera, meu amigo, que aqui mesmo na França, coração e cérebro da latinidade, surja a reação contra todos esses abusos, exageros e imoralidades. Contra o ateísmo russo e o mercantilismo calvinista dos ianques terá de erguer-se a força, moral e histórica da nossa Igreja.

Rodrigo releu a carta em voz alta na presença de seus amigos, na primeira oportunidade em que os viu reunidos. As reações foram as mais variadas. Terminada a leitura, Neco Rosa perguntou: - Como é mesmo a história da mulata que dança pelada?

— Que belo espécime de reacionário nos está saindo o dr. Terêncio! - exclamou tio Bicho.

— Lógico! - apressou-se a dizer Arão Stein. — Com doze léguas de campo povoadas, casas na cidade, apólices no Banco da Província, os Prates só podem desejar a continuação da ordem social vigente.

— E se essa coisa que ele chama de "latinidade" - ajuntou Bandeira - é tão forte, tão boa, tão cheia de cultura e tradição, como pode ser abalada por um bando de negros americanos que batucam em tambores e tocam saxofone? Ou por fitas de celuloide vindas de Hollywood? Ou mesmo por esses tais "agentes do bolchevismo"?…

— O que ele não compreendeu - tornou Stein - é que se o edifício da burguesia começa a desmoronar é porque estava podre e abalado nos alicerces. Naturalmente o dr. Terêncio esperava que o jovem mutilado de guerra continuasse a amar e admirar os que o mandaram para a trincheira, para morrer na defesa dos banqueiros internacionais, dos fabricantes de armamentos e das companhias de petróleo…

Rodrigo meteu a carta no bolso. Estava de certo modo lisonjeado.

Afinal de contas Terêncio Prates jamais fora seu íntimo. Aquele desabafo epistolar indicava, entre outras coisas, que o homem o tinha em alta consideração e procurava sua amizade.

— E depois - observou tio Bicho - o dr. Terêncio fala como se antes da Guerra o mundo e principalmente Paris fossem um convento, um modelo de decência e austeridade. Nós sabemos que a coisa não era absolutamente assim. Aí estão todos esses romances de bulevar… e as estatísticas, as crônicas policiais…

— Espera, Roque! - interrompeu-o Rodrigo. — Mas há limites para tudo.

Se as mulheres soubessem o que estão perdendo aos olhos dos homens por se despirem em público ou se masculinizarem…

— Isso! - apoiou-o Chiru. Costumava afirmar que um homem pode frequentar um bordel e apesar disso continuar a ser um exemplar chefe de família, como ele, pois "uma coisa nada tem a ver com a outra e o que olhos não veem coração não sente". Afinal de contas, como muito bem dizia Rodrigo, um homem precisa de mais de uma mulher. — Isso! - repetiu. — Tenho uma filha de treze anos e essas coisas todas me assustam. Um dia destes peguei a menina olhando numa revista o retrato dessa tal mulata que dança nua… Como é mesmo o nome dela?

— Josephine Baker.

— Pois é. Imaginem que exemplo!

O Neco, porém, era solteirão e não suportava os moralistas.

— Nada disso me assusta - disse. — Que venham essas modas e essas mulatas. Quem não quiser usar elas que não use. Eu acho que Santa Fé já comportava um bom cabaré, hein, Rodrigo?

Que Santa Fé se transformava, era coisa que se podia observar a olho nu. Começava a ter sua pequena indústria, graças, em grande parte, aos descendentes de imigrantes alemães e italianos como os Spielvogel, os Schultz, os Lunardi, os Kern e os Cervi, os quais, à medida que prosperavam economicamente, iam também construindo suas casas de moradia na cidade e estavam já entrando nas zonas até então ocupadas apenas pelas famílias mais antigas e abastadas.

O clã dos Teixeiras, que com a morte recente de seu chefe se havia transformado num matriarcado, habitava um casarão

acachapado e feio como um quartel, com frente para a praça Ipiranga. Nele reinava a viúva, dona Josefa, cercada de filhos, noras, genros e netos. Em princípios daquele ano, José Kern inaugurara sua residência ao lado da mansão dos Teixeiras, com uma festa que teve quase um caráter de Kerb e para a qual convidou seus amigos de Santa Fé e de Nova Pomerânia. Cantou-se, dançou-se, comeu-se e bebeu-se com entusiasmo ruidoso, desde as sete da noite até o amanhecer. No dia seguinte dona Josefa disse a uma amiga: "Não pude dormir a noite inteira. Houve uma bacanal na casa nova, ao lado da minha. Por sinal parece uma igreja, com aquelas torres… O que é que a senhora me diz daqueles anõezinhos de barro pintado no jardim?

Pois é… Acho que temos de nos mudar. A nossa zona está sendo invadida pela alemoada".

Os Spielvogel enriqueciam no negócio de madeira. Com sua casa de comércio, o Schultz era o maior concorrente da Casa Sol, cujo proprietário, o Veiguinha, envolvia a sua indolência no manto prestigioso da tradição. “A minha loja está como era no tempo do meu avô. Não tenciono mudar nada. Que diabo! Temos que respeitar as coisas do passado.” Falava mal do Schultz, que ultimamente se metera no negócio de máquinas agrárias. "Esse lambote quer abarcar o mundo com as pernas.

Um dia estoura."

Marco Lunardi ampliara a padaria e a fábrica de massas. Ganhava dinheiro, tinha casa própria - um verdadeiro bolo de noiva com estátuas sobre a platibanda, altos-relevos na fachada, paisagens da Itália pintadas a óleo nas paredes internas. Continuava, porém, a trabalhar como um mouro e, descalço e metido num macacão de zuarte, era frequentemente visto pelas ruas e estradas a dirigir um caminhão carregado de sacos e caixas.

Um dia o Quinca Ventura parou na frente do “palacete” do Lunardi e disse ao amigo que o acompanhava: “O avô desse gringo chegou aqui com uma mão na frente e a outra atrás. Veja agora o estadão do neto…”

Havia muitos, porém, que observavam esses fenómenos dum ângulo simpático: “Imaginem só… O primeiro Spielvogel que pisou neste município chegou sem um tostão no bolso. Construiu um moinho d'água, plantou milho e feijão. Hoje os netos têm uma serraria a vapor e são os madeireiros mais fortes da região”.

Quando José Kern, retaco, rubicundo, rebentando de saúde e vigor, passava na rua no seu andar apressado, diziam: - Esse alemão vai longe. Começou mascateando na colónia. Hoje é o comerciante mais ativo da cidade. Tem um prestígio danado no interior do município. Ainda acaba deputado.

Muitos desses santa-fezenses de origem alemã ou italiana haviam

já conseguido fazer-se sócios do Clube Comercial, vencendo certas resistências que se iam afrouxando à medida que a prosperidade económica dos "colonos" se refletia na maneira como andavam vestidos, nas casas onde moravam e nos autos que possuíam.

O José Spielvogel tinha um Mercedes-Benz. José Kern adquirira um Chevrolet. Entre os fazendeiros da cidade começara o que se poderia chamar "a guerra do automóvel". Cada qual queria ter o carro maior e mais luxuoso. Na maioria dos casos não eram os chefes de família que estimulavam essa competição, mas suas mulheres ou, melhor ainda, suas filhas. As meninas do coronel Prates tinham um Chrysler? As netas do coronel Amaral compravam um Studebaker. Ah! As Teixeiras andavam num Fiat dos grandes? Um mês depois chegava um Buick, último modelo, para os Mar Mas cada um desses fazendeiros tinha também um "Ford dt igode", pau para toda a obra, o único carro capaz de vencer aquelas estradas medonhas, que os levavam da cidade às suas estâncias.

Aos domingos geralmente os membros de cada uma dessas famílias vestiam as melhores roupas e saíam a passear em seus carros, de tolda arriada.

Para os que passavam certas horas dominicais debruçados nas janelas de suas casas, só o desfilar daqueles automóveis era um divertimento. Os carros em geral tinham um único itinerário: faziam a volta da praça da Matriz, desciam depois pela rua do Comércio, contornavam a praça Ipiranga e de novo voltavam pela mesma rua. Repetiam isso dezenas de vezes, em marcha lenta.

Existiam na cidade já três automóveis de aluguel. Os boleeiros de carros puxados a cavalo olhavam para os choferes profissionais com um desprezo mesclado de rancor. Os primeiros vestiam-se ainda à maneira gaúcha: bombachas, botas, chapéus de abas largas, um lenço ao redor do pescoço, ao passo que os condutores de automóveis usavam roupas citadinas e um quepe de tipo militar.

— Bonézinho de veado - diziam os boleeiros.

E divertiam-se quando o motor de um dos automóveis enguiçava, ou quando um pneumático se esvaziava. Boa parte da população local, entretanto, continuava a dar preferência aos carros de tração animal.

Não era essa, porém, a única das rivalidades existentes em Santa Fé.

Havia a tradicional e infindável desavença entre maragatos e pica-paus, que continuava a separar indivíduos e famílias inteiras. E a competição entre os clubes de futebol Charrua e Avante. O primeiro tinha como presidente perpétuo Jacques Meunier, o ex-marista francês que casara com uma das filhas do falecido coronel Cacique Fagundes. Era o Avante o campeão crônico de Santa Fé, e como seus jogadores usassem camiseta vermelha, todos os maragatos se achavam na

obrigação cívico-sentimental de torcer por ele. Os pica-paus inclinavam-se para o Charrua, que - azul, amarelo e preto - vivia sob a asa protetora do coronel Laço Madruga. As partidas que os clubes rivais jogavam eram sempre acidentadas. Enquanto os jogadores disputavam a bola ou, esquecidos desta, trocavam pontapés e fechadas, os torcedores nas arquibancadas se engalfinhavam a sopapos e não raro a facadas e tiros.

A rivalidade mais recente - que tão bem caracterizava as transformações por que passava a cidade - surgira no campo da música. A orquestra mais antiga de Santa Fé, que se revezava com o "terno" da banda militar nos bailes do Comercial, era o Grupinho do Chico Meio-Quilo, um homúnculo baixo e gordo que tocava flauta. Tinha na sua orquestra dois violões, um violino, um cavaquinho e um contrabaixo. O conjunto especializara-se em valsas, tangos argentinos, marchinhas e polcas. Tudo estava no melhor dos mundos para Chico Meio-Quilo quando um dia apareceu um forasteiro e organizou o primeiro jazz-band de Santa Fé, com elementos da banda militar: saxofone, pistão, clarineta, trombone. O organizador encarregou-se da bateria, em cujo bombo escreveu em letras negras Jazz Mim. (Era gaiato e trocadilhista, o cafajeste!)

A guerra começou. Os jovens logo se entregaram ao conjunto moderno, ao passo que os da velha guarda se mantiveram fiéis à música de Chico Meio-Quilo. Os dois conjuntos passaram a revezar-se nos bailes da cidade. Dois partidos então se formaram. Mas havia os trâns-fugas: elementos "passadistas" bandeavam-se para o lado do jazz, aderiam ao passo de camelo, ao one-step e ao fox - "senhores e senhoras de meia-idade, que deviam dar-se o respeito", como comentavam os do grupo conservador.

Era porém no aspecto e no comportamento das mulheres que mais se evidenciavam os sinais dos tempos. Agora muitas delas usavam ruge nas faces, batom nos lábios e algumas até bistre nas pálpebras. Senhoras casadas, de mais de quarenta anos, haviam cortado o cabelo à La garçonne e já se apresentavam com saias a meia canela e vestidos de "cintura perdida".

Segundo os padrões de Laurentina Quadros, josefa Teixeiia e outras matronas de Santa Fé, uma moça verdadeiramente bonita tinha de ser gorda e corada, numa palavra: viçosa. Até há bem pouco os homens gostavam das fêmeas de pernas grossas. Agora, porún, algumas mulheres faziam dieta, queriam estreitar os quadris, diminuir o volume dos seios, pois o ideal feminino moderno eram as figurinhas esbeltas dos figurinos europeus.

Outro modelo se lhes apresentava, tentador: a estrela de cinema Clara Bow. símbolo da moça "evoluída" e esportiva, dançadora de charleston e de shimmy, o tipo da boneca feita para andar de

baratinha a grandes velocidades.

O cinema norte-americano havia desbancado definitivamente o europeu e impunha a Santa Fé e ao mundo seus heróis e heroínas, sua moral e sua estética. Gioconda pintava os olhos como Theda Bara. Uma das Prates, com o auxílio do batom, transformava a boca num coração, à maneira de Mae Murray.

Muitas mocinhas santa-fezenses compravam e assinavam a Cena Muda e algumas delas conheciam melhor os mexericos de Hollywood que os municipais. E quase todas suspiravam de amor pelo galã da moda, Rodolfo Valentino. No princípio, os filmes de Hollywood tinham oferecido ao mundo o tipo do herói ianque, esportivo nos trajos e nos gestos, cheio dum bom humor juvenil e ao mesmo tempo viril - sujeitos atléticos, risonhos, ágeis de pernas e vigorosos de músculos. Eram os George Walsh, os Douglas Fairbanks, os Norman Kerty. Ah! Mas Valentino superara a todos. Onde os outros empregavam os punhos, ele usava o seu olhar magnético. Era moreno, romântico, sensual, lânguido e latino. Ninguém sabia beijar como ele. Amara na tela mulheres como Nita Naldi, Agnes Ayres e Pola Negri. (Diziam que com esta última o amor continuava fora do celuloide, real e tempestuoso.)

Mariquinhas Matos fundara o Clube das Admiradoras de Rodolfo Valentino, que se reunia todas as quintas-feiras, ora na casa duma sócia, ora na de outra. Discutiam os filmes em que aparecia o seu patrono, trocavam-se fotografias com autógrafos do ídolo, liam umas para as outras as cartas que lhe escreviam.

Os maldizentes - homens e mulheres despeitados - comentavam: "Os artistas de cinema passam, mas a Gioconda fica. Já era mocinha nos tempos da Nordisk e da Cines, quando escrevia cartas apaixonadas ao W.

Psilander e ao Emílio Ghione. Passou pelo Thomas Meighan e pelo Wallace Reid. Agora está no Rodolfo Vaselina. Que resistência!"

Quando passaram no Cine Recreio A dama das camélias em versão modernizada, com a Nazimova no papel de Margarida Gautier e Valentino no de Armando Duval, o cinema teve uma enchente tão grande que a empresa foi obrigada a exibir de novo o filme no dia seguinte, coisa que raramente acontecia.

Nos sermões dominicais o vigário pregava contra o cinema americano. "Por que não nos mandam mais fitas egzemplares como o Honrarás tua mamãe?'"E insinuava que toda a imoralidade que se irradiava da América do Norte naquelas películas era o resultado duma maquinação protestante com a finalidade de solapar os alicerces da sociedade católica do resto do mundo. E o reverendo Robert E. Dobson de seu púlpito replicava, negando que Hollywood fosse o porta-voz do protestantismo dos Estados Unidos. E ele próprio

deblaterava, à sua maneira vaga de palha e cinza, contra os excessos e imoralidades da vida moderna, invocando a trágica lição de Sodoma e Gomorra.

O último carnaval oferecera boa oportunidade para quem quisesse observar até que ponto tinham mudado os costumes de Santa Fé. Durante o dia, apareceram nas ruas mascarados tristes e desenxabidos, como de costume.

Ao entardecer surgiram de todos os quadrantes da cidade os ranchos, uns de “gente branca” e outros de “gente de cor”. Os primeiros eram em geral sem graça nem ritmo. Os segundos exibiam as melhores balizas, as melhores orquestras, canções e fantasias. Para não quebrar a tradição, o alfaiate Padilha travestiu-se de mulher, e saiu a passear pelas ruas centrais num automóvel de tolda arriada.

A “melhor sociedade” se reservava para o baile do Comercial. O da Terça-Feira Gorda foi o mais memorável de todos. Houve como sempre uma competição nas fantasias entre as moças das famílias mais ricas. Chamou logo a atenção uma madame de Pompadour decotadíssima (forasteira). Havia odaliscas, baiaderas, húngaras, damas antigas; apaches, tiroleses, caipiras, índios, dominós de várias cores; e os eternos pierrôs. Um funcionário de banco ostentava um turbante de seda branca. Como Valentino em O jovem rajá. Um caixeiro de loja suava sob um albornoz. Como Valentino em O sheik. Esmeralda - a quem um maldizente chamara “a adúltera oficial da cidade” - estava fantasiada de baralho, e mostrava os joelhos, tão curta era a sua saia. Passou a noite a puxar dum lado para outro, como a um boneco de pano, o manzanza do Pinto, seu marido.

A orquestra do Meio-Quilo desde o início do baile foi repudiada pela maioria, de sorte que o Jazz Mim berrou a noite inteira marchinhas, sambas e choros nacionais, para a alegria da velha guarda. A forasteira (contou-se mais tarde num murmúrio de escândalo) chegara a dar alguns passos de shimmy ali em pleno salão do Comercial, sacudindo os peitos. Vários rapazes tomaram bebedeiras de éter e caíram no soalho, em coma. Outros tomaram porres de champanha ou chope. Travaram-se também entre os homens as costumeiras e ferozes batalhas de lança-perfume, em que cada qual procurava alvejar com o esguicho de éter os olhos do adversário, até tirá-lo fora de combate.

Houve entreveres, atracações a sopapos, e um filho do Cervi teve o pulso cortado pelos cacos dum tubo de lança-perfume que se partira no auge da refrega.

Mariquinhas Matos, porém, manteve a linha. Fantasiada de castelã medieval, dançou de “par efetivo” com o novo fiscal de imposto de consumo recém-chegado à terra. Era um moço muito correto, de Belém do Pará. Trajava smoking e semi-escondia o rosto

sob a meia-máscara preta.

Gioconda procurou exibir cultura. Assenava Para Todos, deliciava-se com os “almofadinhas” e as “melindrosas” desenhados por J. Carlos e adorava as crônicas de Álvaro Moreyra. Seu poeta predileto era Olegário Mariano - declarou ela ao fiscal. Já leu as Ultimas cigarras? O moço não tinha lido.

— Prefiro a poesia moderna, senhorita.

— Ora, nem diga!

O fiscal era exímio no passo de camelo. A propósito dum pierrô cor-de-rosa, que fazia piruetas no meio do salão, a Gioconda recitou ao ouvido do par: Sob a pele de alvaiade Pierrô tem alma também Não compreende o que é saudade Mas tem saudade de alguém.

Enlaçando com a mão direita a cintura de Mariquinhas e com a esquerda segurando o lança-perfume e irrigando com heliotrópio o longo pescoço da moça, o paraense atacou Olegário Mariano e os outros poetas passadistas. Eram os homens dum mundo que morria - disse. — Convencionais, acadêmicos, artificiais. A srta. Maria devia voltar-se para as vozes novas e originais que se erguiam no Brasil e no resto do mundo, na era dinâmica e vertiginosa do rádio, do automóvel e do avião!

A Gioconda sorria, encolhia-se, de olhos cerrados. Quando a música parou por um instante, o fiscal arrastou sua castelã para a área aberta do clube, sentou-se com ela a uma mesa, pediu cerveja e depois, com bolhas de espuma no bigode de galã, recitou-lhe em meio do pandemônio um poema de Oswald de Andrade.

— Mas isso é loucura! - exclamou Mariquinhas Matos. — Não tem metro, não tem rima, não tem nexo!

— Qual! É muito boa poesia - sorriu o moço, - É questão da gente se habituar e nos desintoxicarmos do nosso olavobilaquismo.

No fim da semana seguinte A Voz da Serra publicou um artigo do fiscal em que ele tentava explicar o sentido do Modernismo. O promotor público, um velhote natural de São Paulo, e que dizia ter frequentado “a roda do Bilac”, tomou as dores do “passadismo” e respondeu ao artigo, num tom entre irônico e agressivo. O paraense treplicou no mesmo tom. Alguns jovens da cidade que tinham o hábito da leitura solidarizaram-se com o fiscal, ao passo que a maioria ficava do lado do promotor.

O melhor comentário sobre a polêmica veio do Liroca. Quando lhe explicaram do que se tratava, exclamou: “Xô égua!”

“Santa Fé civiliza-se” - escreveu Amintas Camacho num de seus editoriais. Falou nas modas, nas danças “deste nosso século dinâmico e trepidante”, nos automóveis de modelo novo que chegavam à cidade.

“Ninguém pode deter o carro do Progresso” - concluiu.

— Fresco progresso - resmungou Stein. — Enquanto essas meninas ricas botam dinheiro fora em vestidos, pinturas e automóveis, os pobres do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria continuam na miséria crônica. A mortalidade infantil aumenta. A tuberculose se alastra.

— É a vida - filosofou tio Bicho.

— Não - replicou Stein. — É a morte.

Fazia mais de seis meses que Rodrigo não recebia notícias, quer diretas quer indiretas do irmão. Assaltavam-no agora com frequência acessos de melancolia. Vinham-lhe pensamentos tétricos. Imaginava Bio morto no meio da selva, o rosto coberto de moscas, como o do cadáver insepulto que ele encontrara um dia abandonado no campo, durante a campanha de 23. Uma noite sonhou que andava com o corpo de Bio nas costas, no meio dum matagal, à procura dum lugar para enterrá-lo, o que não conseguia, porque o chão daquela selva escura era de pedra. No entanto, a marcha tinha de continuar, o cheiro do morto se fazia cada vez mais ativo, as moscas lhe enxameavam ao redor do corpo, mas ele, Rodrigo, continuava a andar e a buscar, porque se sentia no dever de sepultar o irmão que misteriosamente era ao mesmo tempo seu pai e seu filho…

Acordou impressionado e passou o dia com aquela sensação de desastre.

Havia momentos em que identificava Toríbio com Alicinha e vinham-lhe fantasias que em vão procurava esconjurar. Via o irmão cruzando o mato a cavalo, levando a menina na garupa… Ou então ambos caídos lado a lado, apodrecendo na boca duma picada, devorados pelos urubus. Eram imagens que com maior ou menor intensidade lhe ensombreciam horas inteiras.

Duma feita lhe veio com tanta força a certeza de que Toríbio estava morto, que, não podendo reprimir as lágrimas, saiu de casa precipitadamente para que Flora e Maria Valéria não o vissem chorar.

Saiu a caminhar pelas ruas menos movimentadas, procurando evitar conhecidos. Encontrou quem menos desejava: o sargento Sucupira. Depois de saudá-lo com cordialidade patriarcal, o médium olhou fixamente para ele e murmurou: - O senhor está sendo seguido por alguém…

— Não me diga nada! - gritou Rodrigo.

E precipitou-se rua abaixo, em ritmo de fuga. As vezes, porém, passava longos períodos de otimismo e até de entusiasmo. Pensava em Toríbio, imaginava-o na vanguarda da Coluna ao lado de João Alberto, barbudo e seminu, abrindo picadas a facão… Sorria e murmurava: “Esse Bio é das arábias…” Não raro lhe vinha um vago sentimento de culpa por não estar ao lado dele. Podia parecer aos outros uma covardia ficar em casa, abrigado de agruras e perigos,

enquanto o outro Cambará macho arriscava a vida naquela marcha, que já agora começava a assumir cores lendárias.

Em vão procurava nos jornais notícias da Coluna Revolucionária. Não encontrava quase nada. O Correio do Povo, sob o título morno de "O movimento sedicioso", dedicava-lhe quando muito quinze ou vinte linhas: movimento de tropas no Estado, dissolução de corpos auxiliares, e lá de quando em quando uma notícia direta da Coluna. A última informava que, depois de ter invadido o Paraguai em fins de agosto, os sediciosos haviam tornado a entrar no Brasil pelo Mato Grosso, encetando uma marcha na direção de Goiás, sempre perseguidos por tropas legalistas dez vezes mais numerosas.

Naquele princípio de primavera chegaram notícias a Rodrigo por intermédio de amigos que simpatizavam com o movimento. Isidoro Dias Lopes, por causa da idade avançada, emigrara para a Argentina, de onde continuaria trabalhando pela Revolução. Comissionado em general, Miguel Costa comandava a Coluna. Luís Carlos Prestes, agora coronel, era chefe do Estado-Maior. Mesmo de longe Rodrigo sentia, como milhares de outros brasileiros, a personalidade magnética do capitão-engenheiro do batalhão de Santo Ângelo. Ninguém dizia ou escrevia "a Coluna Miguel Costa", mas sim "a Coluna Prestes".

Um dia alguém perguntou a Rodrigo: - Que é que quer essa gente?

A resposta veio pronta e inflamada: - Manter aceso o facho da Revolução. Galvanizar a opinião pública.

Esbofetear com essa marcha épica a cara desavergonhada desta nação de eunucos!

Irritava-se ao saber que os revolucionários eram recebidos a bala pelas populações das vilas e cidades de Mato Grosso por onde passavam.

— É o cúmulo! - vociferava. — Essa gente então não compreende que a Coluna Prestes está lutando por ela, é a sua única esperança de libertação? Pobre país!

— O povo não merece o sacrifício - sentenciou Liroca, que estava num de seus dias de descrença cívica.

Em princípios de outubro Rodrigo jogava pôquer uma noite no Comercial com o Calgembrino, o Juquinha Macedo e o promotor público, quando o Quica Ventura, que vinha do telégrafo, lhes deu a notícia de que o general Honório Lemes, que tinha invadido o Estado havia poucos dias com um grupo de revolucionários, fora derrotado e aprisionado com toda a sua oficialidade pelas forças do deputado Flores da Cunha.

Rodrigo atirou as cartas na mesa, ergueu os olhos para o Quica e pediu pormenores.

— A coisa se deu no Passo da Conceição. Da gente do Honório,

quem não morreu a bala se atirou no rio e morreu afogado. Eu sabia que isso tinha de acontecer. O velho, desde que voltou do Uruguai, quando não andava correndo, se enfurnava no Ca- vera…

Rodrigo soltou um suspiro. Mexeu com calma aparente o café que o empregado do bufete acabava de lhe servir, e tomou um gole com ar distraído.

— Mais um ídolo que se vai… - murmurou o promotor. Rodrigo sacudiu lentamente a cabeça, penalizado.

— Que necessidade tinha o general Honório de se meter nessa história, se não estava preparado? Que esperava fazer com seu grupinho? Com que apoio contava? É uma lástima…

O promotor referiu-se então, em tom apocalíptico, aos desastres nacionais dos últimos meses. A Coluna Prestes embrenhada no interior de Mato Grosso… ou Goiás, não se sabia ao certo - sempre perseguida pelos legalistas e hostilizada pelas populações civis das zonas que cruzava. Em setembro a Convenção Nacional escolhera como candidato oficial à presidência da República o dr. Washington Luís, homem do agrado de Bernardes.

Rodrigo rapou com a colherinha o açúcar que ficara no fundo da xícara e lambeu-a.

— Somos todos uns capados - disse o Calgembrino, apertando o cigarro entre os dentinhos enegrecidos. — O Bernardes montou a cavalo no país, governou com estado de sítio, fez gato e sapato do Exército, não se afrouxou prós revolucionários, vai terminar o quatriênio de cabeça erguida e ainda por cima nos impinge um candidato!

— Pior que isso - aduziu o promotor, brincando com o baralho. — Vai conseguir reformar a Constituição de 1891 a seu bel-prazer, dando mais força ao governo da União para oprimir os Estados e restringir as garantias individuais, e tirando da alçada do júri o julgamento de crimes políticos. Vocês já imaginaram o poder com que, daqui por diante, ficará o chefe da nação? Estive lendo o projeto de reforma. O presidente terá a faculdade de rever, aceitar ou rejeitar em parte ou no todo o orçamento da República!

— E a reforma vai ser aprovada… - vaticinou Rodrigo. — Na Câmara e no Senado, com pouquíssimas exceções, são todos uns sabujos… O país está abúlico. A oposição nem vai apresentar candidato. É o fim de tudo.

O promotor continuou a enumeração dos horrores do bernardismo. Conhecia muito bem o assunto, conversara no Rio com pessoa muito ligada à polícia celerada do marechal Fontoura. Bernardes enchera todos os presídios com seus inimigos políticos: a ilha Rasa, a ilha Grande, a ilha da Trindade estavam superlotadas. E o supremo requinte era mandar os “criminosos políticos” para as regiões

desertas e insalubres da Clevelândia - nome que adquirira uma conotação sinistra - e lá nesse fim de mundo o menor dos males que podiam acontecer ao prisioneiro era ser atacado de impaludismo.

O promotor olhou para os lados, inclinou-se sobre a mesa na direção de Rodrigo e, baixando a voz, disse: - Vocês naturalmente leram nos jornais a versão do "suicídio" do Conrado Niemeyer… Suicídio coisa nenhuma! Assassínio. Sei de fonte segura que o homem foi atirado pela janela pelos esbirros do chefe de polícia.

Agora me digam, aonde vamos parar?

Rodrigo ergueu-se. Era preciso fazer alguma coisa para sacudir o país.

Mas com que recursos humanos? Em torno de quem? Onde? Como?

— Mais uma mão de pôquer? - convidou o Calgembrino.

— Não. Vou-me embora. Boa noite.

Às vezes parava diante do espelho, buscava cabelos brancos, arrancava com uma pinça os poucos que encontrava, examinava os olhos, punha a língua de fora, passava a ponta dos dedos pelas faces, tirava conclusões, dava-se conselhos, fazia-se promessas.

Olhos injetados… cara de bêbedo ou de bandido. Língua saburrosa, gosto amargo… Fígado. Hesitava entre as pílulas que Camerino lhe receitava e os chás de sabugueirinho-do-campo da Dinda.

Preciso deixar de beber. Tenho de fazer uma dieta rigorosa. (Começo na segunda-feira.) Estou já com excesso de peso.

Traçava um rígido programa de vida. Levantaria da cama às sete da manhã, faria ginástica de acordo com O meu sistema, de Miiller, uma brochura que o tenente Rubim lhe dera em priscas eras. (Por onde andaria aquela alma napoleônica?) Aboliria a sesta. E as massas. E as sobremesas.

Era também com alguma frequência que se plantava na frente do próprio retrato, na sala de visitas, admirando-se como num espelho mágico que lhe refletisse não a imagem daquele momento, mas a de 1910.

Andava agora preocupado com o problema da idade. "Ano que vem, entro nos quarenta: o princípio do declive…" A ideia lhe causava uma sensação desagradável.

Sentia necessidade de encher a vida com algo de belo e grande e não apenas com aquelas satisfaçõezinhas e gloríolas cotidianas e municipais.

Vivia num burgo parado e triste. O diabo era que não havia descoberto ainda o que queria. Talvez necessitasse mesmo dum grande amor, desses que fazem um homem consumir-se como uma sarça ardente.

Um dia, quando se abandonava a esses devaneios, ouviu a voz de Eduardo, vinda do andar superior, e de repente tomou consciência, dolorosamente, da alienação em que nos últimos tempos vivia com relação aos próprios filhos. Entregava a Flora e Maria Valéria a tarefa não só de educá-los como também de conviver com eles. Como resultado disso, estava adquirindo a condição de "hóspede" dentro de sua própria casa.

Veio-lhe então nesse dia um acesso de ternura temperado de remorso. Saiu para a rua, entrou na Casa Schultz, comprou brinquedos mecânicos para Jango, Eduardo, Bibi, Zeca e Sílvia, voltou para casa carregado de pacotes e projetos paternais, distribuiu presentes, com abraços e beijos, chamou Jango para um canto e puxou conversa sobre o Angico.

— Por que o vovô Babalo vendeu o zaino-perneira que era da Alicinha? - perguntou o menino.

Rodrigo ficou surpreendido e sensibilizado. Não sabia de nada. Vovô Aderbal tinha feito mal em vender o animal de estimação da falecida sem consultá-lo. Jango fez outras perguntas. Por que não inventavam uma marca mais bonita "para o nosso gado"? Por exemplo, um estribo com uma cruz no meio…

— Vou pensar nisso - respondeu Rodrigo, sério.

— Papai, por que é que não temos um banheiro de carrapaticida mais grande? - tornou a indagar o menino.

— Maior - corrigiu-o o pai.

Agora lhe ocorria que andava alienado também dos assuntos da estância.

Atirara toda a responsabilidade da administração do Angico para as costas do sogro e para isso lhe dera carta branca. Achava a situação a um tempo conveniente e constrangedora. Fosse como fosse, o velho, que administrara tão mal seus próprios negócios, a ponto de ir à bancarrota total, agora se revelava competentíssimo na capatazia do Angico.

Rodrigo dedicou os minutos que se seguiram a Eduardo que, então com quase oito anos, tinha perdido o aspecto de touro xucro. Havia crescido, estava enxuto de carnes, desdentado e muito palrador. Sua amizade com Zeca continuava, mas tomara um rumo diferente. As lutas corporais eram menos constantes, embora as discrepâncias de opinião continuassem. Viviam discutindo: futebol, fitas de Tom Mix, histórias do Tico-Tico, tipos de automóvel… Quando a polêmica esquentava, Edu procurava suplementar o discurso com o gesto - e as palavras como que se lhe amontoavam na boca, atropelando-se, cada qual querendo sair primeiro, e como resultado disso o menino gaguejava, furioso por não poder exprimir-se melhor. Como último recurso, voltava as costas ao interlocutor e afastava-se, pisando duro.

— Venha cá, meu filho.

Eduardo aproximou-se. Rodrigo fê-lo montar no próprio joelho, e, movendo a perna para dar a impressão de um cavalo a corcovear, exclamou: - Upa, upa, cavalinho!

O menino teve uma reação inesperada. Deixou-se ficar de corpo rígido, as mãos caídas, e lançou para o pai um olhar, misto de estranheza e censura. Rodrigo, desconcertado, fez cessar o movimento da perna.

Criou-se entre ambos uma atmosfera de gelo. Era como se a criança estivesse a pensar: "Que negócio é esse? Por que duma hora pra outra descobriu que sou seu filho?"

Rodrigo fez Eduardo "apear do cavalo", deu-lhe uma palmada leve nas nádegas e disse: - Vá brincar. — Voltou-se para Bibi, que sentada no soalho lidava com um macaquinho mecânico: - Quem é a filha mais querida do papai?

Nesse momento percebeu que o olhar crítico de Maria Valéria estava focado nele. Teve a desagradável impressão de ter sido apanhado numa mentira. Quem salvou a situação foi Sílvia, que se acercou dele, enlaçou-lhe o pescoço com os bracinhos magros e beijou-lhe as faces.

Rodrigo andava também preocupado com suas relações com Flora. Havia entre ambos algo que o intrigava e que ele não saberia definir com precisão. Duma coisa tinha certeza absoluta. Flora não demonstrava mais para com ele o carinho de outrora.

Ao casar-se, era pouco mais que uma menina, tanto de corpo como de espírito. Adquirira, ao entrar na casa dos trinta, uma esplêndida maturidade física, mas (essa era a impressão de Rodrigo) fora a morte da filha que lhe dera uma completa maturidade espiritual.

Era hoje uma criatura de aparência repousada. Depois dum prolongado luto, interessava-se de novo por vestidos. Havia pouco chegara a pedir ao marido permissão para cortar o cabelo. Rodrigo - sinceramente chocado pelo inesperado pedido - debatera-se então entre o desejo de mostrar-se simpático e dizer sim, e o impulsq de gritar: "Minha mulher de cabelos cortados como qualquer dessas piguanchas modernas? Ah! Isso é que não!" Dera uma resposta evasiva: "Pois tu é que resolves, meu bem, os cabelos são teus". Flora sorrira, dera de ombros, e conservara os cabelos compridos.

A ideia de que a esposa o adorava sempre lhe fizera um grande bem. A suspeita de que agora ela pudesse ter deixado de amá-lo inquietava-o e chegava quase a exasperá-lo.

Flora já não era a mulher de antes, mesmo tendo-se em vista que jamais fora uma amante ardente. Além do velho pudor, da relutância em desnudar-se ou mesmo em demonstrar que fazia aquilo por prazer

- agora ela tomava uma atitude que Rodrigo não podia nem queria compreender.

Ficava numa imobilidade de estátua, não fazia um gesto voluntário, não dizia uma palavra. Obedecia apenas, mas como quem cumpre uma obrigação a um tempo grotesca e sórdida.

E Rodrigo, que jamais estivera com outra mulher sem ouvir dela um elogio à sua virilidade e à sua habilidade como amante, exasperava-se.

Mais de uma vez tentara discutir claramente o assunto, mas Flora gelava-o sempre com um olhar ou uma palavra, fugindo a qualquer verbalização do problema.

No mais, era a esposa perfeita. Solícita, sensata, boa companheira e - o que era raro nas pessoas dum modo geral - dotada de um humor inalterável, dum comportamento regular.

Via-se que os filhos a amavam. As criadas a respeitavam. Maria Valéria, que no princípio a hostilizara, fizera com ela, já havia anos, uma enterite cordiais que - apesar da diferença de idade entre ambas - aos poucos se transformara numa dessas amizades em que o entendimento mútuo é de tal modo completo, que às vezes dispensa o uso de palavras.

Por mais que buscasse uma explicação para a atitude da mulher, Rodrigo só encontrava uma: ela sabia de suas aventuras amorosas.

O bom senso realista da mulher era outra coisa que de certo modo o irritava. Flora encarava a vida e o mundo com o espírito prático de dona Laurentina. Por outro lado, tinha para com as pessoas, os animais e as coisas uma ternura que não devia ter herdado da mãe, mas do velho Aderbal.

Mais duma vez, à hora das refeições, quando ele fazia uma observação qualquer, percebia uma troca de olhares entre a mulher e a tia, como se ambas se dissessem: “Conhecemos bem essa bisca”. Isso não o agradava. A verdade, porém, era que naqueles anos de vida matrimonial Flora, com sua intuição feminina, aprendera a conhecê-lo de tal modo, que era como se ele fosse transparente. Sabia quando ele mentia ou quando escondia pensamentos ou sentimentos. O que Rodrigo sentia ao ver-se “descoberto”

não era nada lisonjeiro para seu amor-próprio. Procurava então justificar-se perante si mesmo, dizendo-se: “Está bem. Sou como uma casa de vidro. É o que a gente ganha por não ser hipócrita ou dissimulador como tantos que andam por aí”. Mas a sensação de inferioridade diante de Flora e Maria Valéria continuava, e era tanto mais forte quanto mais ele pensava na sua superioridade cultural sobre ambas as mulheres.

Um dia em que o sogro lhe veio falar sobre umas reformas que introduzira no sistema de trabalho do Angico - alterando uns

“modernismos”

instituídos pelo Bio - Rodrigo, que não andava de muito boa veia, refletiu: “Não mando mais nada na minha estância”. E como visse Flora e Maria Valéria a moverem-se no Sobrado como rainhas, mandando e desmandando, sem dependerem de sua aprovação ou de seu conselho, pensou: Também não mando nada na minha casa. E meio em tom de brincadeira e meio a sério, num amuo que achava pueril mas nem por isso menos legítimo, chegou à conclusão que secretamente desejava: “Não há mais lugar para mim nem aqui nem no Angico. Logo, posso me ausentar numa longa viagem”.

E de novo pensou em ir a Paris. Mas não foi. Porque o sogro, interpelado sobre se havia dinheiro disponível no momento, respondeu que “a coisa não anda lá pra que se diga”.

Floriano escrevia todas as semanas. Rodrigo notara, despeitado, que o rapaz quase sempre dirigia suas cartas à mãe ou à Dinda, raramente a ele. Isso o levou a reflexões amargas. Seria que o velho Licurgo tinha razão quando afirmava que os filhos deviam ser educados à maneira antiga, mais no temor que no amor dos pais? “Trato meu filho como se fosse meu irmão e no entanto ele não me estima.”

Lembrou-se da cena do capão… Mesmo assim não compreendia a atitude do rapaz para com ele. “Não amei menos o meu pai por saber que ele era amante da Ismália Caré.”

Um dia, porém, chegou uma carta de Floriano dirigida a ele: "Estimado Pai…"Por que não querido pai? O rapaz começava ordinariamente suas cartas com um “Minha muito querida Mãe”. Bom. A coisa era assim desde que o mundo era mundo. Os filhos sempre foram mais apegados às mães.

Rodrigo assumiu perante si mesmo (e ao mesmo tempo se considerou um pouco farsante por isso) a atitude de mártir. É o que mereço. Bem feito!

Dentro dele, porém, vozes gritavam que não! que não! Ele não merecia aquele tratamento. Adorava os filhos. Era capaz de todos os sacrifícios por eles!

A carta encheu-o de orgulho. O estilo do rapaz melhorava dia a dia, tomando uma coloração literária cada vez mais acentuada. Floriano contava incidentes da vida colegial e era com um certo humor à Dickens que descrevia os professores, seus cacoetes, indumentária, cheiros e tom de voz.

Rodrigo levou a carta à casa de dona Revocata Assunção, que a leu, sorrindo.

— Eu não lhe disse que o rapaz tem veia literária? Uma bela carta. Mas quando escrever a ele, diga-lhe que “vem de aparecer” é galicismo. E como vão as notas?

— Excelentes. Nos primeiros meses, a senhora se lembra, o Floriano me tirou o terceiro e o quarto lugar na classe. Mandei dizer: "Precisas honrar o nome dos Cambarás. Quero que daqui por diante tires sempre o primeiro lugar, custe o que custar". Ele prometeu e tem cumprido. Uma pena é que as notas de matemática não sejam tão altas como as outras…

— Faça-o advogado - disse a mestra.

— É uma boa sugestão.

Ao despedir-se, dona Revocata manifestou sua indignação ante o caso noticiado pelos jornais de que um professor norte-americano fora processado e levado a júri pelo governo de seu Estado por ter ensinado a evolução em sua escola, numa pequena cidade do sul dos Estados Unidos.

— Como vê - concluiu ela - os protestantes não são mais tolerantes nem mais avançados que os católicos. É o eterno crê ou morre. Imagine - disse em voz alta, como que falando para uma classe - mentir a essas pobres crianças que Deus fez o mundo e tudo quanto nele há em seis dias e descansou no sétimo, tendo tirado Eva duma costela de Adão!

Rodrigo sorriu.

— Cuidado, dona Revocata. Se a senhora ensinar aos seus alunos que o homem descende dos macacos, vamos ter barulho.

O pince-nezda professora relampejou a um movimento brusco de sua cabeça.

— Se se meterem com a minha vida, arraso-os.

Floriano voltou para casa em meados de dezembro. Tinha feito excelentes exames. Rodrigo achou-o não só mais alto, e já com um jeito de homem, como também um pouco mais desembaraçado. Maria Valéria examinou-o da cabeça aos pés, fazendo perguntas. Gente direita no internato? Boa comida? Por que tanta brilhantina no cabelo? E que ideia tinha sido aquela de viajar de trem com roupa domingueira, tomando toda a poeira da estrada?

Pegou uma escova e começou a escovar o rapaz com uma eficiência agressiva. Flora olhava para o filho e sorria. Achava-o engraçadíssimo naquelas calças compridas. Parecia mesmo um "pinto calçudo", como dissera a Dinda. Que idade ingrata! Havia naquele menino de quinze anos, de cara pintada de espinhas e buço cerrado, um desengonçamento a um tempo cômico e comovedor. Uma permanente expressão de acanhamento tocava-lhe os olhos, que jamais se fixavam frontalmente no interlocutor.

E a voz, Santo Deus! Agora barítono, segundos depois tenor ou contralto - parecia uma torneira da qual jorrasse alternadamente água quente, morna e gelada.

Floriano não sabia onde botar as mãos, apoiava todo o peso do

corpo ora numa perna ora noutra. Parecia não saber como tratar os irmãos. No primeiro momento procedeu como se fosse um estranho, um visitante de cerimónia naquela casa. Eduardo e Jango o miravam como a um bicho raro, pois o mano mais velho tinha vindo sozinho de trem, de Porto Alegre e, além disso, falava inglês. E quando o rapaz, só para fazer alguma coisa, passou a mão pela cabeça de Bibi, numa tímida carícia, a menina encolheu-se e começou a choramingar.

Floriano saiu a andar por toda a casa, olhando sala por sala, como quem mata saudades. Flora notou, sensibilizada, que o rapaz parava diante da porta do quarto da irmã morta, hesitava por um instante e depois continuava seu caminho, sem entrar. Subiu mais tarde para a água-furtada e lá ficou fechado um tempão.

Tiveram um Natal festivo. Rodrigo mandou armar no centro do quintal um pinheiro da altura dos pessegueiros maiores. Pendurou nele uma quantidade de rútilos enfeites de estanhol e vidro - esferas, cones, estrelas, florões… Para iluminar a árvore, em vez de velas empregou lâmpadas elétricas de muitas cores.

Convidou meio mundo para a festa. Além do peru recheado da Laurinda e duma grande quantidade de empadas, pastéis e doces, havia sobre as mesas, no quintal, travessas cheias de passas de figo, de uva e de pêssego, nozes, castanhas, amêndoas e avelãs. E como se tudo isso não bastasse, o anfitrião encarregou o Bento de preparar um churrasco de carne de ovelha.

Era uma noite morna e estrelada, de ar parado. Os jasminsdo-cabo temperavam o ar com a sacarina de sua fragrância. Vagalumes piscavam por entre as árvores. Um deles pousou na cabeça da mulher do pastor metodista e ali ficou a brilhar como um diamante num diadema. O reverendo Dobson sorriu, contou à esposa o que se passava, e acrescentou: “Don't move, dear. You look like a queen”. E ambos continuaram a beber a sua limonada.

Um gaiteiro trazido do Angico tocava toadas campeiras. Maria Valéria, como um almirante na ponte de comando da nau capitania, fiscalizava o quintal, da janela dos fundos do casarão, dando ordens às negras e chinocas que serviam os convidados.

Sentada a uma mesa na companhia do juiz de comarca, dona Revocata comeu com muita dignidade uma costela de ovelha. Respingos de farinha pontilhavam o narigão do Liroca, que não afastava o olhar de Maria Valéria.

Júlio Schnitzler surgiu, na sua fantasia de Papai Noel, mas não fez o sucesso dos anos anteriores. Jango nem mesmo sorriu ao vê-lo entrar pelo portão, com o saco de brinquedos às costas, e soltando as suas gargalhadas estentóreas. Eduardo e Zeca trocaram cochichos: sabiam já da grande mistificação e nem sequer procuravam disfarçar. Só Bibi e Sílvia ainda se impressionaram um pouco com o espetáculo.

Chiru Mena desafiou o gaiteiro para trovar e, cercados de convivas, ficaram ambos uma hora inteira a improvisar, sob aplausos e risadas.

Stein passeava inquieto sob os pessegueiros. Tio Bicho não se afastou um minuto do barril de chope. Carbone trinchou o peru com habilidade cirúrgica e Santuzza serviu-o com sabedoria administrativa.

O Gabriel da farmácia excedeu-se na cerveja, ficou sentimental, abraçou Rodrigo, choramingando que queria voltar a ser empregado dele, porque a farmácia já não era a mesma dos velhos tempos… "Está bem, Gabriel, está bem…" - murmurava o ex- patrão, batendo nas costas do prático, que desatou a chorar, suplicando: "Doutor, não me abandone. Eu sou seu filho!"

Um café forte sem açúcar pró Gabriel - pediu Rodrigo a Flora, que passava naquele momento. E entregou o rapaz aos cuidados da mulher.

Rodrigo passou janeiro, fevereiro e parte de março no Angico com toda a família. Foram meses de bom tempo excepcional, com amplos céus, límpidos e rútilos. Um calor seco que começava por volta das dez da manhã atingia seu auge entre meio-dia e três da tarde, mas depois se ia atenuando até esvair-se em noites frescas ou tépidas, pontilhadas de estrelas, grilos e vagalumes.

Tornou a encontrar um certo prazer na vida do campo. Saía para as invernadas em companhia do sogro, antes de nascer o sol, laçava, dirigia a peonada no aparte do gado e mais de uma vez teve discussões - rápidas e cordiais - com o velho Aderbal, a propósito de assuntos de trabalho.

Dormia sestas mais curtas, comia moderadamente, lia muito e conseguira até terminar dois artigos políticos que tencionava mandar para o Correio do Povo.

A Antoninha Caré, que se casara, havia pouco, com um posteiro da estância dos Fagundes, tinha abandonado definitivamente o Angico.

Rodrigo fez mais de uma visita nostálgica ao capão da Jacutinga.

Deitava-se ao pé da árvore onde a cabocla costumava esperá-lo e ali se quedava a ruminar os muitos prazeres que ela lhe dera, e a esperar vaga e absurdamente o aparecimento duma outra mulher… Com as mãos trançadas contra a nuca, ficava a escutar o canto dos pássaros e a gritaria dos bugios. Observava, divertido, as piruetas que estes faziam, saltando de galho em galho nas altas árvores.

E como as outras chinocas da estância, por sujas ou feias, lhe fossem intragáveis, Rodrigo pôde dar-se ao luxo da monogamia. Retemperava-se ao sol do Angico, limpava os pulmões e a mente - achava ele - respirando aquele ar puro e verde. Tostava a pele, afinava a cintura, perdia a papada incipiente, recuperava a confiança em si

mesmo. Era outro homem.

À tardinha levava as crianças para o banho na sanga. Era nessas horas que sentia mais que em qualquer outra a falta do irmão. Tinha, às vezes, a impressão perfeita de ouvir a voz do Bio ou os bufidos que ele costumava soltar quando emergia dum mergulho no poço. Curioso: o mundo sem Bio não só lhe parecia menos divertido como também menos seguro.

Por onde andaria aquela alma? Por que sertões, canhadas, desertos ou serras? Ferido? Prisioneiro? Vivo? Morto? Lançava essas perguntas mudas para o céu da tardinha. As crianças espadanavam na água ou gritavam sob a cascatinha. Os cavalos e petiços que os haviam trazido até ali pastavam em calma à beira da sanga.

Os jornais mais recentes que haviam chegado ao Angico noticiavam que a Coluna estava agora no Piauí, e que Prestes tinha sido promovido a general. Mais de mil e duzentas léguas de marcha! Era incrível…

Quando os Cambarás voltaram para a cidade, os jornais davam como certa a vitória de Washington Luís.

— O país está narcotizado! - disse Rodrigo a Roque Bandeira e Arão Stein, que haviam almoçado no Sobrado aquele dia. — A oposição nem sequer apresentou candidato. Enrolou a bandeira. Ensarilhou as armas.

Entregou-se ao mineiro!

Eram quase duas da tarde e os três amigos conversavam na praça, à sombra da figueira.

— E o pior - observou tio Bicho - é que ninguém está interessado em votar. Dizem que houve uma abstenção enorme em todo o território nacional.

Rodrigo abriu os jornais que Bento trouxera, havia pouco, da estação.

Correu os olhos por todas as páginas e por fim exclamou: - Nenhuma notícia sobre a Coluna Prestes! Que é que vocês me dizem a isso?

Roque Bandeira sorriu. Estava em mangas de camisa, sem gravata, e de colarinho aberto. Respirava com dificuldade, dando uma impressão de empanturramento.

— Digo que essa é uma maneira mágica de destruir os revolucionários: ignorar a existência deles.

— Atitude típica da burguesia - interveio Stein, mordendo um talo de grama. — Mete a cabeça na areia para não ver o perigo, para não enfrentar a realidade.

Rodrigo contou que estava pensando em escrever um artigo sobre Luís Carlos Prestes, intitulado “A gênese dum herói”.

— Vejam esse fenômeno milagroso. Os jornais se calam mas

existe neste imenso país uma vasta, misteriosa rede de comunicações que veicula as notícias. É por meio dessa rede que se divulgam as proezas do general Prestes e de sua "Coluna fantasma". E uma espécie de jornal contra - o qual nada pode a lei de imprensa do Bernardes. E vocês sabem que o povo nunca se engana…

Tio Bicho sacudiu a cabeçorra: - Isso é poesia, dr. Rodrigo. Não há quem se engane mais que o povo.

Essa história de vox populi, vox Dei é uma peta.

Rodrigo voltou-se para Stein: - É impossível que neste ponto não concordes comigo, Arão! O povo conhece instintivamente o que é verdadeiro e bom.

A fronte alta e branca do judeu pregueava-se em rugas de preocupação.

— O povo pode enganar-se a curto prazo - disse ele, depois de breve reflexão. — Mas a longo prazo sempre acerta.

— Estás ouvindo? - exclamou Rodrigo, voltando-se para Bandeira, que estava agora escarrapachado no banco. — É isso que eu quero dizer. E o povo já pressentiu que o Prestes é um novo herói que surge. É por isso que lhe deram o cognome de "Cavaleiro da Esperança".

— Novo herói? - repetiu Stein. — O senhor quer dizer "novo mito".

— Não me interessa a palavra. Mito, herói, lenda, seja o que for…

Rodrigo encontrava-se de pé diante do banco em que os dois rapazes estavam sentados. Um sol intenso iluminava a praça, as sombras eram manchas dum azul violáceo sobre o chão cor de sangue de boi.

— O Brasil é um país sem heróis. Esta é a tese do meu artigo. Os que temos estão mortos fisiológica e psicologicamente, vocês compreendem? Na história da humanidade vemos heróis que funcionam e heróis que não funcionam. Como exemplo dos que funcionam, para não sair do continente americano, mencionarei Lincoln, Juárez e Zapata. Há neles uma seiva vital que a morte e o tempo não conseguiram destruir. São citados, queridos e imitados como se ainda estivessem vivos…

Tio Bicho coçava o peito, olhando sempre para Rodrigo com seus olhos empapuçados e sonolentos.

— Agora vejam os nossos heróis - continuou o senhor do Sobrado. — Tiradentes… Não passa dum tema escolar. A monotonia, a falta de colorido dramático de nossos livros didáticos mataram a figura do inconfidente, empanaram o símbolo. Tomem o duque de Caxias… era um homem austero, um ilustre militar, um estadista, etcétera e tal… Mas como é possível admirar ou amar um herói "fabricado"? Aí está! Nossos heróis são construídos, feitos sob medida, quando o verdadeiro herói tem que brotar espontaneamente do chão nativo, compreendem?

Deste solo prodigioso que é a alma do povo… do… da… vocês sabem o que eu quero dizer… Tem de ser a consubstanciação, a personificação dum anseio popular. — Sorriu e perguntou: - Estou já em tom de discurso, não estou? De vez em quando o deputado ressurge dentro de mim.

— Devem ser as energias adquiridas no Angico - observou Bandeira, sorridente.

E Stein, muito sério: - Num sistema socialista como o da Rússia soviética, o herói não é necessariamente o guerreiro e muito menos o general ou o fazedor de discursos. O herói é não só o homem do povo que morreu pela Causa, como também o que se distingue dia a dia no trabalho das fábricas ou das granjas coletivas.

— Besteira! - replicou tio Bicho. — Queiram ou não queiram, o herói de vocês comunistas é o Lênin.

— Mas deixemos a Rússia - pediu Rodrigo, erguendo o braço. — Vamos falar de homens e coisas que estão mais perto de nós. Este pobre país desmoralizado estava precisando dum herói.

Não podemos continuar falando nas glórias da Guerra do Paraguai. É ridículo. Vivemos numa mediocracia. Temos tido homens de coragem, de caracu, como o Epitácio e o próprio Bernardes, não nego. Mas no Brasil ninguém pode ser herói e ao mesmo tempo inquilino do Palácio do Catete.

Faltou a esses dois homens a aura romântica da oposição ou a auréola do martírio…

— Lincoln foi presidente dos Estados Unidos… - lembrou Bandeira.

— Sim, mas Lincoln de certa maneira era da oposição. Opunha-se à escravatura e à secessão. Não te esqueças de que ele foi assassinado. E, que eu saiba, não mandou ninguém para a Clevelândia. , - Há outra coisa que agora me ocorre - aduziu Rodrigo. — Um povo anglo-saxônico como o dos Estados Unidos não podia deixar de ter um ídolo que fosse uma mistura de sábio, pastor protestante e humorista.

Já essa castelhanada do resto da América precisa de heróis a cavalo, como Bolívar, San Martin e outros. Creio que é muito difícil encontrar nessas republiquetas hispano-americanas estátuas de heróis que não sejam equestres…

— Conhecem a história do cavalo de Zapata? - perguntou Bandeira. — Contam que quando o caudilho mexicano foi assassinado, seu cavalo branco conseguiu fugir para as montanhas, transformando-se num mito, numa espécie de símbolo imortal da ideia revolucionária.

— Aí está! Cada povo tem o herói que merece. O nosso tem de ser como Prestes, uma mescla de guerreiro e taumaturgo. Um dia um peão do Angico me perguntou: “Doutor, é verdade que esse tal de Prestes

fura montanha?" Ouvi gente do povo dizer que o homenzinho tem o corpo fechado pra bala. Já se contam dele histórias fantásticas e absurdas, mas que dão uma medida de sua popularidade, que dia a dia aumenta…

— E a barba que ele deixou crescer, de certo modo ajuda a lenda… - observou tio Bicho.

— Mas a coisa não para aí. Se para as massas Prestes oferece, talvez involuntariamente, essa face de taumaturgo (o devorador de distâncias, o furador de montanhas, o homem que está em cinco lugares ao mesmo tempo), para as elites ele apresenta outra face igualmente portentosa: a do homem de coragem e caráter, o matemático, o lógico, o incorruptível.

— E o que comove e impressiona muita gente - diz Bandeira - é o caráter de "causa perdida" que tem a sua revolução.

— Isso! - exclamou Rodrigo. — E o prestígio do martírio. Vocês conhecem página mais bela que essa da nossa história? Uma coluna de mil homens escassos, maltrapilhos e mal-armados, tenta acordar o gigante adormecido!

— Mas o gigante continua deitado em berço esplêndido… - observou Bandeira.

— Esplêndido? Os soldados da Coluna estão sentindo na própria carne que o berço tem muitos pontos em que não é nada esplêndido: serras e boqueirões e matagais medonhos, zonas em que imperam a seca, o impaludismo, o mal de Chagas, a fome, o banditismo… Prestes é o novo Pedro Álvares Cabral: está descobrindo o Brasil, meninos! Que grande aprendizado para todos esses bravos tenentes que estão com ele: o João Alberto, o Juarez Távora, o Cordeiro de Farias, o Siqueira Campos!…

Deus queira que nenhum morra. Porque um dia espero vê-los anistiados e de volta às suas unidades. Poderão ainda fazer muita coisa por este povo desgraçado!

Tio Bicho abafou um bocejo.

— Vai dormir, vagabundo! - exclamou Rodrigo. — Porque eu também vou.

Stein, que ficara todo o tempo calado e pensativo, fez uma observação atrasada.

— Sim, cada povo tem o herói que merece. A Itália só podia ter um herói de Ópera.

— Ópera-bufa - acrescentou Bandeira.

— Não me falem no Mussolini! - bradou Rodrigo. — No princípio simpatizei com o gringo, mas desde que esse canalha mandou matar o Matteotti e dissolveu os partidos políticos cortei relações com ele.

Tio Bicho ergueu-se.

— Eu gosto da maneira como o dr. Rodrigo fala no Mussolini ·-

disse - como se o Duce fosse um chefe político de Palmeira.

— Pois olha, Roque. Se o Mussolini fosse intendente de Palmeira ou Soledade, a esta hora já tinham passado a faca nesse patife. E era bem feito! Até logo. Vou sestear.

E saiu num marche-marche na direção do Sobrado.

Aquele - 1926 - foi um ano significativo na vida de Rodrigo Cambará. "O nosso amigo voltou a ser o que era" - observou um dia o velho José Lírio. "E o Sobrado está de novo como nos velhos tempos." Tinha razão.

Não havia quem não considerasse um privilégio entrar no casarão dos Cambarás, privar com seus moradores, beber os vinhos de sua adega e provar os quitutes de sua cozinha. Sempre que um forasteiro de certa importância chegava a Sanca Fé, a primeira pergunta que se fazia sobre ele era: "Já foi ao Sobrado?"

Rodrigo andava eufórico, cheio de belos projetos. Seus artigos apareciam no Correio do Povo. Lia muitos livros, em geral de maneira incompleta, mas apesar disso discutia-os com os amigos como se tivesse penetrado neles profundamente. Apanhava no ar as coisas que outros diziam e depois, com imaginação e audácia, dava-lhes novas roupagens e usava-as como suas na primeira oportunidade. Roque Bandeira, que observava o amigo com olho terno mas lúcido, costumava dizer em segredo a Stein que Rodrigo possuía a melhor "cultura de oitiva" de que ele tinha notícia.

De resto, não seria esse um hábito bem brasileiro? O que havia entre nossos escritores, artistas e políticos - afirmava - não era propriamente cultura, mas um ténue verniz de ilustração. O brasileiro jamais tinha coragem de dizer "não sei". Em caso de dúvida, respondia com um "depende", que não só o livrava da necessidade de confessar a própria ignorância como também lhe dava tempo para achar uma saída.

Foi também naquele ano que Rodrigo se sentiu tomado do desejo de realizar grandes coisas. Um dia, da janela da água-furtada do Sobrado, contemplou as ruas e telhados de Santa Fé e murmurou para si mesmo: "Preciso ajudar minha terra e minha gente". E uma voz apagada dentro dele ciciou, maliciosa: "E a mim mesmo". Mas de que modo? Não se sentia com disposição de entrar na Intendência, subir ao gabinete de Zeca Prates e dizer: "Meu amigo, tenho umas ideias sobre o nosso município e quero colaborar contigo". Sua intenção podia ser mal interpretada. E, de resto, seria um gesto inútil. Depois de eleito, o irmão de Terêncio caíra na rotina. Murmurava-se - e devia ser verdade - que era manobrado pelo Laço Madruga, como um títere. As finanças municipais viviam num estado crônico de insolvência. Por esse lado, portanto, nada se podia fazer.

Às vezes Rodrigo perguntava-se a si mesmo se o melhor não seria

atirar mais longe a lança da ambição, fazendo-a passar as fronteiras do município e do Estado. Concluía que a maneira mais eficaz de melhorar Santa Fé era melhorar o Brasil. Pensava então numa deputação federal.

Mas por que partido? Sentia-se no ar, sem ligações políticas.

Vinham-lhe então impaciências. A revolução estava perdida. Washington Luís eleito e reconhecido. O país teria provavelmente de aguentar mais quatro anos de estado de sítio, com a imprensa amordaçada, os presídios cheios de prisioneiros políticos e o povo acovardado ou indiferente.

Em princípios de junho daquele ano, Washington Luís visitou Porto Alegre, onde recebeu as homenagens do governo do Estado. O trem especial que o levou de volta a São Paulo parou por meia hora na estação de Santa Fé, onde a oficialidade da guarnição federal, o intendente municipal e o que A Voz da Serra costumava chamar de "outras pessoas gradas" esperavam o presidente eleito. A plataforma estava atestada de curiosos. Ouviram-se alguns vivas um pouco frios. Liroca, Neco e Chiru lá estavam no meio da multidão, ostentando provocadoramente seus lenços vermelhos. A banda de música do Regimento de Infantaria tocava dobrados marciais com tamanho vigor, que se tinha a impressão que a coberta de zinco da plataforma ia voar pelos ares daquele tépido meio-dia de fins de outono.

Ladeado pelo intendente e pelo comandante da guarnição, Washington Luís sentou-se no banco traseiro dum automóvel de tolda arriada, e foi levado a passear pela cidade em marcha lenta.

Da janela de sua casa, Rodrigo viu-os passar. E como Zeca Prates lhe tivesse feito um aceno cordial e o comandante da guarnição uma continência, o presidente eleito voltou a cabeça para o Sobrado e tirou solenemente o chapéu. Rodrigo correspondeu efusivamente ao cumprimento.

"Simpático, o filho da mãe!" E o auto não havia dobrado ainda a próxima esquina e ele já estava cheio duma alvoroçada esperança. Fosse como fosse, o Brasil ia ter um presidente que era um verdadeiro tipo de gentleman. A pêra grisalha, a estatura, a discreta elegância, a postura digna, tudo isso lhe conferia um physique du role. Que diabo! Era impossível que um homem civilizado como aquele fosse continuar a política sórdida e despótica de Artur Bernardes. "Abro-lhe um crédito" - decidiu Rodrigo, como se o futuro do próximo quatriênio dependesse exclusivamente de sua benevolência.

Aquele inverno o Sobrado entrou numa fase intensamente musical. Rodrigo, que no dizer de Maria Valéria vivia com "o comprador assanhado", mandou buscar em Porto Alegre uma radiola RCA que vira anunciada no Correio do Povo, e instalou-a no escritório. Uma noite, depois de tentativas infrutíferas - descargas,

assobios e roncos - para apanhar alguma estação de Montevidéu ou Buenos Aires, perdeu a paciência e decidiu devolver o aparelho. Foi quando Roque Bandeira teve a lembrança de trazer ao Sobrado o Ervino Kunz, curioso em coisas de mecânica e eletricidade, e o primeiro representante em Santa Fé duma nova espécie de gente que se estava formando no mundo: "o radiomaníaco". O alemãozinho corrigiu a antena, mexeu uns botões e de súbito conseguiu o milagre. Ouviu-se uma voz de homem, clara, grave, cheia, falando espanhol. Pouco depois os acordes dum tango arrastavam-se, gemebundos, na sala.

O rosto de Rodrigo iluminou-se. Mas as reações entre os que o cercavam naquela noite foram as mais diversas. Para as crianças a coisa toda positivamente cheirava a magia. Segundo Chiru, tudo aquilo era apenas "mais uma tramoia dos americanos para tirar o nosso dinheiro". Liroca olhava o "bicho" com prevenção, vagamente desconfiado - como confessou depois - de que o negócio não passava dum truque, e que devia haver um disco de gramofone escondido dentro do aparelho.

Rodrigo achava que com a radiola o Sobrado ganhava dimensões novas.

— De tempo e espaço - sorriu tio Bicho.

— Exatamente. Novas geografias me entram agora pela casa. O Sobrado se universaliza. Há também um progresso dentro do tempo. Antes, vários dias de viagem nos separavam dessas vozes e músicas platinas. Agora apenas segundos. Segundos? Qual!

Explicou aos amigos que eles ali no Sobrado ouviam a música daquela orquestra ao mesmo, ao mesmíssimo tempo que as pessoas que se encontravam no estúdio da broadcasting em Buenos Aires.

— Xó égua! - resmungou o Liroca.

Rodrigo não cessava de mexer nos botões. Lá vinha de novo a estática, os assobios que - como disse o Bandeira - davam a impressão de que demônios alucinados andavam pelo espaço a vaiar a terra e a humanidade. Mas de súbito, contra o fundo caótico e cacofônico, desenhou-se nítida e cristalina a voz duma soprano".

— A "ária da loucura" - exclamou Rodrigo, excitado.

Olhou orgulhoso para os outros. Depois recostou-se no respaldo da poltrona e cerrou os olhos. Não era maravilhoso - pensou - que no casarão onde outrora sua avó Luzia dedilhara sua cítara estivessem agora ouvindo aquela voz e aquela melodia?

Stein sacudiu a cabeça. Sim, era tudo muito bonito. Santa Fé recebia aquelas expressões do progresso mecânico, mas havia ainda seres humanos que morriam de frio e de fome no Barro Preto, no Purgatório e na Sibéria.

— Todo o mundo sabe - observou tio Bicho - que o progresso não

é uniforme… e que não tem coração.

— Silêncio! - exigiu Rodrigo.

Durante aquele inverno, em que a radiola lhe tornou possível ouvir a temporada lírica do Teatro Colón de Buenos Aires, Rodrigo tornou a descobrir o quanto gostava de ópera. Como podia ter adormecido nele tão completamente aquela paixão?

Deixou de ir ao clube à noite, como fora seu hábito naqueles dois últimos anos. Agora, mal terminava o jantar, acendia um charuto, sentava-se na frente do rádio e ficava tentando captar as vozes e melodias que andavam pelo espaço.

Trazia amigos para casa, acomodava-os no escritório, dava-lhes vinhos e licores e, segundo a expressão de Flora, "queria obrigá-los a gostar de ópera a gritos e sopapos".

Uma noite, não conseguindo conter a impaciência diante daquela "cantoria", que não podia entender nem amar, Chiru Mena puxou conversa com Neco Rosa.

— Cala essa boca, animal! - explodiu Rodrigo. — Se não gostas de boa música, vai lá pra cozinha conversar com a negrada.

Chiru saiu, vermelho de indignação e vergonha. (Estavam presenças pessoas com quem não tinha intimidade.) Neco seguiu-o pouco depois. Por fim o velho Liroca também se esgueirou para fora do escritório, na ponta dos pés.

Desapontado, Rodrigo verificou um dia que "a rodinha da ópera" ficara reduzida apenas aos Carbones, que assim mesmo começavam a criar-lhe problemas. Como soubessem de cor a maioria dos trechos líricos, nunca se limitavam a ouvir, mas cantavam junto com os intérpretes. Quando chegava o momento de algum dueto importante, Santuzza e o marido erguiam-se de suas cadeiras e vocalizavam e representavam cenas inteiras.

Na noite em que levaram no Colón La boheme, a ópera favorita de Rodrigo, o sacrilégio chegou ao auge. Quando Mimi e Rodolfo, no palco do teatro municipal portenho, e Cario e Santuzza, no escritório da casa dos Cambarás, cantavam simultaneamente o apaixonado dueto do final do primeiro ato, Rodrigo não se conteve, apagou bruscamente a radiola e exclamou: - Me desculpem! Ou vocês ou eles. O Colón ou o Sobrado. As duas coisas ao mesmo tempo é que não pode ser!

Foi também naquele inverno que a voga da "vitrola ortofônica" e do disco tomou conta de Santa Fé. José Kern, que havia pouco abrira a sua Casa Edison, foi o responsável ou, melhor, um dos instrumentos da nova mania. Vendeu dezenas de vitrolas e centenas de discos à maioria dos fazendeiros de Santa Fé, gente que em geral só pagava suas contas uma vez por ano, na época da safra. E, inaugurando na cidade e no interior do município o sistema de vendas a prestações (que o velho Babalo achou imoral), permitiu que funcionários

públicos, comerciantes menores e até empregados do comércio pudessem adquirir aquelas máquinas que iam aos poucos lançando no olvido ou no ridículo os gramofones de modelo antigo.

Stein comentou o fenômeno com uma ira de profeta bíblico. Era o cúmulo do absurdo! Pessoas que viviam sem nenhum dos confortos mais elementares da existência, em casas sem água corrente, em que as latrinas ou eram de cubos ou não passavam de fétidas fossas abertas no solo - compravam aqueles aparelhos entre cujos preços e suas rendas havia uma desproporção colossal.

— É assim que vai se fazendo sentir a garra do imperialismo ianque - dizia ele. — São os automóveis, os rádios, a gasolina, os gramofones…

Aos poucos vamos nos transformando numa colônia dos Estados Unidos!

"Nossa urbe agora vive cheia de música - escreveu o cronista d'A Voz da Serra. — O disco, que havia morrido entre nós, ressuscita."

As vitrolas da Casa Edison atiravam para a rua os dobrados marciais da Sousa's Band. E a voz de Cláudia Muzzio, a morrer tuberculosa no último ato de La traviata, mais de uma vez chegou aos ouvidos indiferentes de muito caboclo que passava na rua a cavalo, pitando o seu crioulo.

Mariquinhas Matos ficava em êxtase ouvindo Miguel Fleta cantar o Ay-ay-ay! O Quica Ventura sentia-se insultado quando ouvia os guinchos, roncos e batidas dum jazzband. Pensava em reunir gente para empastelar a Casa Edison e dar uma sova no Kern. As meninas do coronel Prates eram loucas pelo Tito Schipa. E muita gente agora cantarolava ou assobiava a Valência, inclusive Rodrigo Cambará, que se tomara de amores pela melodia, que lhe evocava a cálida e luminosa Espanha que ele encontrara e amara nos romances de Blasco Ibánez. Contava-se que o próprio dr.

Cario Carbone fizera recentemente a ablação do rim dum paciente cantarolando durante toda a operação o Garibaldi, pum!

Nas reuniões do Comercial, agora animadas como nunca, o Jazz Mim tocava as músicas da moda. E jovens pares, sob o olhar escandalizado das comadres - as meninas com as saias pelos joelhos, os rapazes com seus "casaquinhos de pular cerca", e suas calças de boca-de-sino - , dançavam furiosamente o charleston.

Rodrigo comprou a maior vitrola que o Kern tinha à venda: uma Credenza de aspecto monumental, em estilo Renascimento. Levou-a para casa com algumas dezenas de discos e duma feita tocou vinte vezes seguidas a Valência; e como a Leocádia continuasse a cantarolar a música na cozinha, com sua voz estrídula, Rodrigo, tomado dum súbito enjoo da melodia, quebrou o disco e atirou os cacos pela janela.

Por uma semana o rádio ficou esquecido no escritório, enquanto o

dono da casa e os amigos davam toda atenção à Credenza, que fora entronizada na sala de visitas, e que durante horas ("Prestem atenção aos graves…

Não é um colosso? Parece que os cantores estão aí dentro") tocou discos de Chaliapin, Titta Ruffo, Galli-Curci, Tetrazzini…

Tio Bicho um dia confessou seu desamor à ópera.

— E um ignorante - disse Rodrigo. — De que gostas então?

— Ora, de Beethoven, para começar…

Rodrigo foi à Casa Edison e voltou de lá com uma pilha de discos com músicas de Beethoven, e uma noite quase os atirou na cara do Bandeira.

— Toma! Empanturra-te de Beethoven. Eu fico com o bel canto. — Voltou para junto da radiola.

Stein considerava a ópera uma expressão musical da burguesia. De resto achava que a música, como a religião, era uma espécie de ópio.

Maria Valéria olhava para todas aquelas máquinas, danças, músicas e modas com um olho antigo e moralista. Por aqueles dias vieram à tona em Santa Fé alguns fatos escandalosos. Quinota, a única filha solteira do finado coronel Cacique Fagundes, fugira de casa com um homem casado. Um empregado dos Spielvogel dera um desfalque na firma e emigrara para a Argentina. No Barro Preto uma mocinha, abandonada pelo homem que a seduzira, prendera fogo nas vestes e morrera queimada.

Contava-se também que no Comercial os rapazes dançavam praticamente grudados aos corpos das moças, fazendo movimentos indecentes. Maria Valéria atribuía todas essas poucas-vergonhas às influências maléficas do gramofone, do rádio e do cinema, às quais Aderbal Quadros, igualmente alarmado ante a dissolução dos costumes, ajuntava as do automóvel, do aeroplano e do futebol.

Foi também em fins daquele triste e frio agosto que chegou a Santa Fé a notícia da morte de Rodolfo Valentino. O clube de suas admiradoras mandou rezar uma missa de sétimo dia em intenção à alma do patrono. A Gioconda saiu da igreja com os olhos vermelhos de tanto chorar. Uma de suas consócias desmaiou na calçada, à frente da matriz. Alguns rapazes despeitados, que esperavam na rua o fim da cerimónia, romperam numa vaia às “viuvinhas do Vaselina”.

Maria Valéria assistia à cena de uma das janelas do Sobrado, achando tudo aquilo uma pouca-vergonha. E quando viu dona Vanja sair também da igreja, de mantilha preta na cabeça, a enxugar os olhos com seu lencinho de renda, murmurou: “O desfrute!” E fechou bruscamente a janela.

No dia em que completou quarenta anos, Rodrigo acordou sombrio como o céu daquela ventosa manhã de outubro. Recebeu sem

entusiasmo os abraços e presentes dos membros de sua família e, durante todo o dia, plantou-se muitas vezes na frente do espelho, a examinar o rosto com um interesse cheio de apreensão.

Quando Flora lhe perguntou se ia convidar os amigos para virem à noite ao Sobrado, respondeu: - Não convidei ninguém. Não há motivo para festa.

Os amigos, porém, vieram e encheram a casa. O aniversariante a princípio permaneceu calado e de cara amarrada, mas não tardou a entrar num "porre suave" de champanha, que o tornou loquaz e cordial como de costume.

Discutiu sociologia e política com Terêncio Prates que, recém-chegado de Paris, estava cheio de ideias e projetos. E como Chiru Mena, em dado momento da conversação, manifestasse suas simpatias pela Liga Cívica Rio-Grandense, fundada havia pouco em Porto Alegre, "para fomentar os ideais separatistas", Rodrigo ergueu um dedo acusador e bradou-lhe na cara: - O separatismo é um crime de lesa-pátria!

Chiru apelou para o dr. Terêncio. Não achava ele que o Rio Grande sempre fora preterido no cenário político nacional em que a última palavra ficava sempre com o bloco formado por São Paulo e Minas Gerais? Não lhe parecia também que desde o Império se fazia tudo pelo café e pouco ou nada pela pecuária? O charque fora a gaita no século passado, e agora estava ameaçado da mesma sorte. A má vontade do resto do país para com o Rio Grande era tão evidente que, quando se tratava de descobrir o desenho para um escudo dfo Estado, um jornalista "não-gaúcho" oferecera uma sugestão maldosa: Nuvens negras no horizonte De cima a baixo um corisco O busto de Augusto Comte E a faca do João Francisco.

— Mas é perfeito! - exclamou tio Bicho, soltando uma risada.

Terêncio estava sério. Não era homem que brincasse com aqueles assuntos.

Rodrigo chegou à conclusão de que o amigo não tinha o menor senso de humor. O estancieiro-sociólogo concordava em que o Rio Grande constituía uma cultura à parte do resto do Brasil, mas na sua opinião a ideia separatista oferecia graves inconvenientes e perigos…

Do solene ventre da Credenza saía o vozeirão de Boris Chaliapin, cantando a cena da morte de dom Quixote. Ali na sala de visitas as mulheres estavam caladas, a escutar aquela voz que parecia doer dentro delas. Lágrimas escorriam pelas faces de boneca de dona Vanja. Sem conseguir esconder a comoção, Flora fungava, levava o lenço ao nariz, assoava-se. Santuzza, essa estava desfeita em pranto. Dom Quixote soluçava: "Ma mère! Ma mère!" A esposa de Terêncio Prates inclinou a cabeça para a dama que tinha a seu lado, e cochichou: "Ele está chamando a mãe". — "Coitado!" - disse a outra. Os seios da

esposa do juiz de comarca arfavam de comoção. Só dois rostos se mantinham impassíveis, os olhos enxutos a fitarem meio agressivos a Cresenza o de Laurentina Quadros e o de Maria Valéria. Se as tristezas e incomodações da vida não conseguiam abatê-las, a troco de que santo haviam de comover-se com aqueles gritos e choros “em estrangeiro” que saíam do gramofone?

Dante Camerino apareceu mais tarde em companhia da noiva, a filha mais velha do Juquinha Macedo, ambos devidamente escoltados por uma tia solteirona da moça. Ninguém ignorava que os Macedos não faziam muito gosto naquele casamento, por causa da origem humilde do médico. “Afinal de contas, comadre, o rapaz foi engraxate, o pai dele é funileiro, e ainda por cima, calabrês… Tudo tem o seu limite, a senhora não acha?”

Fosse como fosse, o contrato de casamento se fizera, e agora ali estavam os noivos a um canto, de mãos dadas, encantados um no outro. Liroca, que os observava com olho terno, segurou o braço de Rodrigo e murmurou-lhe ao ouvido: "Os rodeios se misturam no Rio Grande: italiano casa com brasileiro. Alemão, com caboclo. Nas estâncias, nossos bois franqueiros e de chifre duro também estão se cruzando com gado indiano e europeu.

Quero só ver no que vai dar tudo isso…"

Rodrigo, porém, não lhe prestou atenção, pois continuava a discutir com os amigos as relações do Rio Grande com o resto do Brasil: - Há um grande equívoco de nossos patrícios lá de cima com relação a nós, um equívoco que precisamos desfazer duma vez por todas. — Tornou a encher a taça de champanha. — Admiro o Euclides da Cunha e li Os sertões dez vezes - inventou, acreditando na própria mentira. — Mas não posso aceitar o paralelo que ele faz entre o sertanejo e o gaúcho, apresentando-nos como homens da primeira arrancada, que se acovardam quando encontram resistência. O Euclides esqueceu que os Farrapos brigaram sozinhos contra o resto do país durante dez anos!

Tio Bicho, que até então permanecera calado, interveio: - Temos sempre vivido num isolacionismo psicológico com relação ao resto do Brasil, e isso se deve em grande parte a Júlio de Castilhos e à Carta de 14 de Julho.

— Carta essa - completou Rodrigo - que hoje está morta, enterrada e putrefata.

Terêncio brincava com a corrente do relógio, pensativo.

— Pois eu acho - disse - que o Tratado de Pedras Altas foi um erro pelo qual todos nós, republicanos e maragatos, ainda iremos pagar muito caro.

— Não diga isso! - protestou Chiru.

— Castilhos - prosseguiu o estancieiro - foi o único estadista def

verdade que este país jamais produziu. Reconhecia a tese do presidencialismo como sistema constitucional, admitia o poder presidencial a coexistir com o legislativo, mas, notem bem, não concedia a este uma só partícula de sua autoridade executiva…

Rodrigo escutava com o ar de quem não dá crédito aos próprios ouvidos.

O outro acrescentou: - O que o dr. Borges de Medeiros devia ter feito em 23 era renunciar e não permitir que nossa Carta fosse mutilada como foi.

Rodrigo não se conteve: - Mas meu caro, depois de quase quatro anos de Paris tu ainda me vens com essas ideias retardatárias?!

Terêncio Prates sacudiu lentamente a cabeça: - Toda a força e todo o prestígio do Rio Grande repousavam no espírito do castilhismo. A reforma da Constituição que vocês assisistas conseguiram (e. eu, que sou republicano, reconheço nisso uma grande vitória) vai afrouxar nossa disciplina partidária, vai talvez com o tempo desintegrar o partido que ajudou a fazer e a manter a República.

Rodrigo pousou a mão no ombro do conviva: - Falas como um velho republicano para quem só existe um partido, um só chefe, um só espírito, um só objetivo.

Liroca olhava enviesado para Terêncio, como se este fosse uma cobra venenosa que de repente se lhe atravessasse no caminho. Rodrigo foi até a sala de visitas e mudou o disco. Quando voltou ao escritório, o sociólogo falava sobre a plataforma de governo de Washington Luís.

— O novo presidente está bem orientado. Em Paris estudou o plano Poincaré. Veio disposto a instituir e levar a cabo uma nova reforma financeira…

— O homem do cavanhaque - interrompeu-o Chiru - declarou que governar é construir estradas. Para o Epitácio era fazer açudes. Para o Bernardes prender gente, amordaçar a imprensa…

Sem tomar conhecimento da interrupção, Terêncio olhou para Rodrigo (pois era evidente que só a ele se dirigia) e disse: - O plano do dr. Washington é conseguir o equilíbrio orçamentário, cortando as despesas supérfluas, regularizando a dívida externa, consolidando a flutuante, e evitando os abusos de crédito. Ele acha (e nisso tem toda a razão) que as causas do nosso caos financeiro, da nossa fraqueza econômica e da carestia da vida são as variações bruscas do valor da nossa moeda.

Rodrigo bebeu um gole de champanha, estralou os lábios e perguntou: - Mas tu acreditas, Terêncio, que podemos fazer essa reforma financeira com o Getúlio Vargas no Ministério da Fazenda?

— E por que não?

— Vocês têm a memória muito fraca. Não faz muito, ofereceram

ao Getulinho um lugar na Comissão de Finanças da Câmara e ele o recusou, alegando que não entendia patavina do assunto.

Cerca das onze horas, quando o último conviva se retirou, Rodrigo fechou-se no escritório com Neco e Chiru.

— Vamos fazer uma farrinha, hein? Que é que vocês acham?

— Hoje? - estranhou o Chiru.

— Hoje mais que nunca.

— Tu mandas, eu obedeço.

— E tu, Neco?

O barbeiro hesitou.

— E que é que vais dizer a dona Flora?

— Não te preocupes com o que vou dizer à minha mulher. O problema é meu.

— Pois então vamos.

Saíram quando o relógio grande batia as primeiras badaladas da meia-noite. Chuviscava e havia no vento uma qualidade mordente. Rodrigo, que caminhava entre os dois amigos, levantou a gola do impermeável.

— Quarenta anos - murmurou. — Parece mentira. Estou começando a descer pelo outro lado da coxilha.

— Não sejas bobo! - interrompeu-o Chiru. — Agora é que entramos numa idade bonita!

— Aonde é que vamos? Vocês sabem de alguma mulher nova na terra?

— Sugiro a Pensão da Virgínia - disse o barbeiro. — Tem "material" novo lá.

Foram. E aquela noite Rodrigo Cambará teve na sua cama duas raparigas cujas idades, somadas, mal davam a sua.

Nos primeiros dias de novembro, foi procurado por um chefe maragato de Palmeira, que entrou no Sobrado com ares de conspirador, pedindo-lhe "um particular". Foram para o escritório, sentaram-se, o visitante puxou um pigarro e murmurou: - O "leicenço" vem a furo por estes dias, doutor.

— Que leicenço?

— Ué… Então o coronel Macedo não lhe disse nada? A revolução.

Não entendeu a irritação que o visitante lhe causara. E o fato de estar irritado por uma situação que era menos grave que grotesca exasperava-o ainda mais.

Só depois que voltou para o escritório é que compreendeu por que aquela visita o deixara tão perturbado.

É que o caboclo, sem querer nem saber, lhe evocara os aspectos negativos da campanha de 23: a frustração das marchas e contramarchas, que na maioria das vezes nada mais eram que fugas; a desorganização das colunas, a imprevidência dos comandantes, a

indisciplina dos comandados: a sujeira, o desconforto, o desperdício de vidas… Sim, o homem de Palmeira recendia a revolução. Sua presença enchera a sala com um fartum de suor humano muitas vezes dormido, misturado com cheiro de couro curtido, poeira e sarro de cigarro de palha… E esses odores se haviam transformado no espírito de Rodrigo em imagens que ele preferia esquecer. Miguel Ruas agonizante no saguão da Intendência, a morte a passar-lhe no rosto o último pó-de-arroz… O cadáver de Cantídio, os olhos exorbitados, o peito esmagado…

Rodrigo acendeu um cigarro, sentou-se, soltou uma baforada de fumaça como para esconder a mais terrível de todas as lembranças: seu pai lívido e arquejante, a afogar-se no próprio sangue. De olhos fechados, com uma fúria que lhe vinha do próprio terror, precipitou-se ao encontro do perigo, recordou frio aquela hora, minuciosamente. Tomou a sentir a mornidão do sangue do Velho no próprio peito, viu aqueles olhos que aos poucos se embaciavam, ouviu o pan-pan ritmado do moinho d'água…

ruminou, enfim, a angústia daquela hora trágica.

Agora estava tudo claro. Quem na realidade recebera o maragato havia poucos minutos não fora ele, Rodrigo, mas Licurgo Cambará. O Velho falara pela sua boca. Mais ainda: o filho reagira ao convite do revolucionário com as idiossincrasias, os nervos, o corpo do pai. Por um instante pelo menos conseguira ressuscitar um morto.

Dias depois, Chiru entrou no Sobrado como uma ventania.

— A procissão está na rua, menino! - gritou. — O Leonel Rocha já anda tiroteando pras bandas da Vacaria. O velho Zeca Neto entrou por Uruguaiana…

Rodrigo escutou-o sem entusiasmo. Tirou do bolso um charuto, mordeu-lhe a ponta, prendeu-o entre os dentes e ficou a acendê-lo com uma lentidão deliberada.

— Senta, Chiru. Te acalma. Bebe um copo d'água. Tua revolução já morreu na casca.

— Morreu coisa nenhuma! Espera-se um levante na guarnição federal de Santa Maria e outro na de São Gabriel.

Minutos depois apareceu o velho Liroca, que se sentou a um canto do escritório e ficou a olhar para Rodrigo com uma ternura canina.

— Sabes quem é o chefe civil do movimento? - perguntou Chiru. — O dr.

Assis Brasil. Ele e o general Isidoro estão dirigindo a coisa de Montevidéu.

Rodrigo atirou a cabeça para trás e soltou a fumaça que retivera na boca por alguns segundos.

— Então? - perguntou com um sorriso sardónico - o nosso egrégio chefe está dirigindo a revolução a distância, não? Provavelmente do

quarto do melhor hotel de Montevidéu, perfumadinho, barbeadinho, metido num robe de chambre Ac seda… Pois se é assim, amigo Chiru, não tenhamos dúvida, o movimento está vitorioso.

Chiru estava espantado.

— Homem, que bicho te mordeu?

Nesse momento entrou o Neco Rosa, olhou para o dono da casa e disse, grave: - Estamos esperando as tuas ordens.

— Não sejam bobos - respondeu Rodrigo. — Não tenho ordens.

De seu canto, Liroca murmurou: - Sou soldado disciplinado. Se me mandam pegar na espingarda e ir pra coxilha, obedeço.

Rodrigo lançou-lhe um olhar oblíquo e pensou: Obedeces e depois te borras na hora do combate… Mas não disse nada. Havia algo de patético naquele velho asmático e frágil, que ainda sonhava com revoluções.

Naquele dia os três amigos retiraram-se juntos do Sobrado: Neco calado e digno, Chiru vermelho e a resmungar queixas, Liroca cabisbaixo, o peito sacudido de suspiros. Rodrigo ficou a acompanhá-los com o olhar, debruçado numa das janelas do casarão, já com a vaga sensação de havê-los abandonado e traído. E se eles estivessem com a razão? - perguntou a si mesmo, vendo-os desaparecer entre as árvores da praça. — E se aquela revolução tivesse estatura para vencer?

Sua dúvida, porém, foi de curta duração. Dias depois, leu nos jornais a notícia de que a coluna de Leonel Rocha tinha sido derrotada num combate em Bom Jesus pelas tropas legalistas e que Zeca Neto e seus homens haviam tornado a transpor a fronteira, internando-se na Argentina. Era o fim.

Esperou a visita dos amigos para lançar-lhes em rosto o clássico "Eu não disse?" Não teve, porém, oportunidade para isso, pois o Chiru uma tarde embarafustou Sobrado adentro, exclamando: - Aposto a minha fortuna como o Washington Luís não toma posse!

Fez uma pausa dramática e encarou o amigo, esperando que ele perguntasse por quê, mas como Rodrigo se tivesse limitado a encolher os ombros, sem curiosidade, Chiru despejou a notícia: - Revoltou-se a guarnição federal de Santa Maria, sob o comando de dois tenentes, os irmãos Etchegoyen! Estão combatendo na cidade, pois o regimento da Brigada Militar não aderiu ao movimento. E há barulho também em São Gabriel. — Segurou com força o braço do amigo. — Tu sabes o que isso significa, na véspera da posse do Cavanhaque?

No dia seguinte verificaram que a coisa significava muito pouco ou nada.

O boletim de notícias do rádio comunicava que a posse do presidente da República se processara normalmente, e sob aclamações populares.

Na soalheira daquele bochornoso 1° de janeiro de 1927, a própria cidade de Santa Fé- de ruas quase desertas, as casas duma palidez cansada, sob a luz branquicenta da manhã - parecia curtir a ressaca das bebedeiras e comilanças a que boa parte de sua população se havia entregue na noite anterior.

Foi com malcontida irritação que Rodrigo Cambará desceu do quarto com a boca amarga (champanha, caviar e maionese de lagosta) para receber a visita do coronel Afonso Borralho, veterano da Guerra do Paraguai. Como costumava fazer todos os anos, no mesmo dia e à mesmíssima hora, o octogenário vinha ao Sobrado para apresentar aos Cambarás seus votos dum "próspero e feliz ano-novo". Fazia isso desde 1896, com uma pontualidade impecável, como uma espécie de funcionário exemplar do Tempo. Quem sempre o recebia, num misto de reconhecimento e impaciência, era o velho Licurgo. Agora cabia a Rodrigo fazer as honras da casa.

Acolheu o veterano com a amabilidade que seu mal-estar lhe permitia, tomou-lhe do braço, levou-o para a sala de visitas, fê-lo sentar-se.

— O senhor sempre forte e rijo, hein, coronel?

— Qual nada, doutor! Acho que este vai ser o meu último ano-novo.

Dizia sempre isso. Tinha uma voz rouca e cava. Barbas dum branco amarelado cobriam-lhe as faces angulosas, duma cor de marfim antigo. A fronte era alta, o nariz em sela, os cabelos, ainda abundantes e duma finura frouxa de retrós. Metido no seu terno de casimira preta, parecia um profeta bíblico vestido por um alfaiate de 1900.

Era o coronel Borralho uma das "relíquias vivas" de Santa Fé, como dizia e repetia a folha local. Dona Revocata costumava apresentá-lo aos alunos como um exemplo vivo de patriotismo e dignidade humana. Não se concebia cerimónia cívica sem sua presença. Rodrigo admirava o ancião, mas achava que ele se estava compenetrando demais de sua condição de monumento municipal. Jamais sorria ou pilheriava, dava-se ares de oráculo, e ali estava agora numa postura de estátua.

Enquanto o visitante falava, Rodrigo sentia a cabeça latejar de dor. O calor era tanto, que ele tinha a impressão de que uma boca de fornalha acesa, do tamanho da abóbada celeste, respirava em cima de Santa Fé. O casarão também parecia pulsar sob o olho implacável do sol, como se um sangue grosso e quente corresse, surdo, por dentro das paredes, fazendo-as inchar.

E aquele homem vestido de casimira - trajo completo, com colete e colarinho duro - a falar, a falar: o tempo, a revolução, a crise da pecuária, velhos amigos mortos…

Eu não aguento! - pensava Rodrigo, lavado em suor, a visão perturbada, nauseadamente consciente como nunca de ter um estômago. Por fim o coronel Borralho se retirou, depois de pronunciar todas as frases de praxe. Rodrigo ficou com a impressão nada animadora de que o veterano era um comissionado que a Morte mandava todos os anos bater à sua porta para cobrar-lhe mais uma prestação de vida. Essa ideia não lhe melhorou em nada o estado de espírito, como a dose de sal de frutas, tomada ao despertar, não lhe resolvera a situação gástrica.

Era tudo uma choldra. Os levantes no Estado haviam fracassado. Não se tinha notícia certa do paradeiro da Coluna Prestes. Washington Luís governava sem oposição, recusando-se a conceder anistia geral. E lá estava o Getulinho aboletado no Ministério da Fazenda, como um dos grandes da República. E já se falava dele como sucessor de Borges de Medeiros. Sim senhor! O maroto havia feito sua carreirinha na maciota…

"E eu aqui de mãos abanando… E por quê?" Olhou para o próprio retrato, como se sua imagem pintada pudesse responder à pergunta. "Por quê? O Getúlio não é mais inteligente nem mais culto que eu. Somos quase da mesma idade. Fomos colegas na Assembleia. São Borja não é mais importante que Santa Fé. Então, como se explica que ele esteja no Rio feito ministro e eu esquecido aqui nesta bosta?"

Pensou no verão que tinha pela frente e atirou-se desanimado numa poltrona, com uma súbita, mas passageira, vontade de morrer.

Só pôde ir para o Angico em princípios de fevereiro. Levou toda a família e fechou o Sobrado. Encontrou Aderbal Quadros como sempre contente da vida e cheio de planos para a estância. Apenas uma preocupação - e Rodrigo riu-se dela - toldava o espírito do velho.

Estava apreensivo ante a notícia que lera no último número do Correio do Povo chegado a suas mãos. O hidravião Atlântico, do Kondor Syndikat, fizera sua primeira viagem de Porto Alegre à cidade do Rio Grande, levando passageiros e cento e sessenta e dois quilos de bagagem. Apesar do forte vento contrário, o percurso durara apenas duas horas e quarenta e cinco minutos. O velho sentia-se afrontado. Era uma imoralidade - disse ele ao genro - um despautério, que aquelas engenhocas de voar, fabricadas no estrangeiro, estivessem cortando e sujando os céus do Rio Grande, que de direito pertenciam às aves e nuvens, isso para não falar no sol, na lua e nas estrelas, que eram de todo o mundo. Aquele progresso - continuou - estava aos poucos mudando a boa vida antiga do gaúcho, pois assim como as máquinas registradoras haviam trazido a imoralidade para as casas de comércio, o aeroplano, como o automóvel, constituía um insulto ao cavalo, à diligência e à carreta.

— O governo federal já deu licença ao Kondor Syndikat para

estabelecer uma linha aérea entre Porto Alegre e o Rio de Janeiro - contou Rodrigo, para escandalizar o sogro. — E lhe digo mais, seu Aderbal, a primeira vez que eu tiver de viajar para o Rio, vou de avião.

Babalo nada respondeu. Montou a cavalo, saiu sem rumo pelas verdes invernadas, agitando macegas e espantando quero-queros, respirou a plenos pulmões o ar do campo, limpou o espírito de cuidados e irritações, voltou para casa assobiando, e não tocou mais no assunto.

Foi em princípios de março que, ainda no Angico, Rodrigo recebeu a notícia de que Luís Carlos Prestes e os seiscentos e poucos homens que restavam de sua Coluna se haviam internado na Bolívia, depondo as armas.

Passaram-se duas semanas e Rodrigo começou a inquietar-se seriamente com a sorte do irmão. Se Bio estava vivo - refletia - por que não se comunicava com ele? Escreveu uma carta ao embaixador do Brasil na Bolívia, perguntando-lhe se por acaso sabia do paradeiro dum certo major Toríbio Cambará, membro da Coluna Prestes.

Voltou no fim daquele mês para Santa Fé, onde o aguardava a pior das notícias. O Veiga, da Casa Sol, depois de muitos rodeios, pigarros e hesitações, revelou-lhe que um tropeiro de Santa Bárbara ouvira dizer que um conhecido seu de Passo Fundo abrigara uma noite em sua casa um ex-soldado da Coluna Prestes, que lhe contara ter visto Toríbio Cambará cair morto num combate, no interior do Ceará.

Rodrigo entregou-se a uma crise de choro.

— Não acredito - disse Maria Valéria. Roque Bandeira chamou o amigo à razão: - Tudo isso é muito vago - argumentou. — Veja bem, doutor. O Veiga não se lembra do nome nem do endereço do tropeiro que lhe contou a história que teria ouvido da boca duma terceira personagem ainda mais improvável que a primeira e a segunda.

No dia 1° de abril chegou ao Sobrado um telegrama. Num mau pressentimento, Rodrigo meteu-o no bolso, sem abri-lo. Saiu a andar pela casa, agoniado, com a quase certeza de que aquele papel lhe trazia a notificação oficial da morte do irmão. Subiu para a água-furtada, tirou o despacho do bolso, virou-o dum lado e de outro, atirou-o em cima da mesinha de vime e ficou a mirá-lo de longe… De repente uma onda de esperança o envolveu. E se a mensagem fosse do próprio Toríbio? Claro.

Podia ser. Era! Era!

Agarrou o telegrama e abriu-o com tal açodamento, que quase o rasgou ao meio. Estonteado, teve de ler o texto três vezes para compreendê-lo: COMUNICO ILUSTRE AMIGO DESCOBRI ENTRE DETENTOS POLÍTICOS RIO SEU IRMÃO TORÍBIO APRISIONADO FINS ANO PASSADO INTERIOR BAHIA E AGORA SUJEITO SER

TRANSFERIDO ILHA TRINDADE PT MANDE INSTRUÇÕES URGENTE PT CORDIAIS SAUDAÇÕES TTE.-CEL. RUBIM VELOSO Rodrigo desceu precipitadamente e foi dar a grande notícia a Flora, Maria Valéria e Laurinda. Toríbio estava vivo! Toríbio estava vivo! Era isso o que importava. Mas sua alegria em estado puro não durou mais que uns escassos cinco minutos, porque em sua mente a ideia de Toríbio vivo foi dominada pela de Toríbio preso. Um Cambará na cadeia, como um reles criminoso. Toríbio degredado na ilha da Trindade! A ideia deixava-o de tal maneira indignado, que os amigos a quem mais tarde mostrou o telegrama tiveram a impressão nítida que ele queria fazer outra revolução, organizar uma expedição punitiva contra o Rio de Janeiro, apear Washington Luís do poder e incendiar o Catete.

— Sossegue o pito - disse Maria Valéria. — Mas ele vai morrer, Dinda!

— Não morre. Tudo acostuma. Até cadeia.

— Mas fica louco.

A Dinda quase sorriu quando disse: - Bem bom do juízo seu irmão nunca foi…

Rodrigo resolveu embarcar no dia seguinte para Porto Alegre, onde tomaria o primeiro vapor para o Rio. Era uma pena que a linha aérea do Kondor Syndikat não estivesse ainda funcionando!

Antes de partir redigiu um telegrama endereçado ao tenentecoronel Rubim.

Mostrou-o a Flora e Maria Valéria.

— Que é que vocês acham? Está muito forte?

GRATÍSSIMO TUA COMUNICAÇÃO MAS DESOLADO NOTÍCIA PT POBRE PAÍS EM QUE OS HOMENS DE BEM ESTÃO NA CADEIA E OS LADRÕES E BANDIDOS NO PODER PT EMBARCO RIO HOJE MESMO PT AFETUOSO ABRAÇO

De lábios apertados, a velha ouviu em silêncio a leitura do despacho.

— Que tal, Dinda?

— Não carece ofender ninguém. Isso pode até dificultar a saída do Bio da cadeia. Por que não diz só que vai embarcar?

Flora foi da mesma opinião, mas Rodrigo, enamorado da própria violência, mandou expedir o telegrama tal como o havia redigido.

Embarcou no dia seguinte, tão carregado de malas que a tia perguntou: - Ué? Vai se mudar pra Corte?

Duas semanas depois, telegrafava do Rio contando à sua gente que conseguira falar com Toríbio; que, contra sua expectativa, o encontrara de muito boa saúde; que havia contratado um grande advogado para tratar da libertação do irmão; e que esperava ter uma entrevista com Getúlio Vargas no dia seguinte. As últimas linhas do telegrama prometiam para breve uma longa carta.

Esta chegou duas semanas depois. Flora leu aos amigos a parte em que Rodrigo narrava as circunstâncias romanescas da prisão de Toríbio: A coisa se passou nos sertões da Bahia. O Bio e o seu piquete de vanguarda caíram numa emboscada. Alguns morreram, outros fugiram, e quatro, entre os quais estava o nosso herói, foram feitos prisioneiros.

"Só me pegaram" - contou o Bio - "porque meu cavalo recebeu um balaço na cabeça, caiu e eu fiquei com uma perna apertada debaixo dele. Os milicos se atiraram em cima de mim. Eram três. Me ergueram do chão e pensaram, os inocentes, que eu ia me entregar sem mais aquela. Consegui derrubar dois deles a socos e pontapés, mas vieram mais dois, me subjugaram e me levaram amarrado." Assim o nosso major e mais três companheiros foram conduzidos para o acampamento duma companhia da força legalista e amarrados a troncos de árvores para serem fuzilados ao amanhecer. Quando o dia clareou, começaram as execuções. Antes de passar cada prisioneiro pelas armas, o capitão que comandava o pelotão de fuzilamento interrogava-o, pedindo o nome e o lugar do nascimento. Anotava tudo isso numa caderneta, voltava pra junto dos soldados e dava ordem de fogo. Pouco antes de morrer, um dos revolucionários gritou meio rindo: "Até à vista, major Toríbio!" Diz o Bio que nessa hora não conseguiu conter o pranto, e ficou fungando, sem poder enxugar os olhos, pois estava de mãos amarradas. O segundo a ser fuzilado recusou-se a dar o nome. Disse uma barbaridade que envolveu não só a mãe do capitão como a de todos os soldados do pelotão. Antes da ordem de fogo soltou um viva a Luís Carlos Prestes e à liberdade. Nosso major me confessou que naquela hora ele não sabia o que era mais forte: se a sua pena de ver aqueles bravos morrerem de mãos e pés amarrados ou se a raiva, "não o medo", de saber que sua hora tinha chegado. Pensou assim: "Ora, um dia todos morrem, os bons e os maus, os valentes e os covardes, os santos e os bandidos. De bala, de doença ou de velhice". Mas no fundo ainda contava com algum acontecimento inesperado que o salvasse. Começou então a dizer, baixinho: "Ainda não fizeram a bala… ainda não fizeram a bala". O terceiro condenado, poucos segundos antes de receber a descarga, gritou: "Atirem, covardes!" E soltou uma gargalhada. Quando chegou a hora do Bio, o sol já tinha aparecido. O capitão aproximou-se do major.

Era um homem com cara de moço-família, estava pálido, de voz engasgada e mãos trêmulas. O Bio viu logo que o rapaz não dava para aquelas coisas… "Como é o seu nome?" O Bio, que tinha deixado crescer a barba, teve vontade de responder. "Antônio Conselheiro". Mas achou melhor dizer direito como se chamava e de onde era. "E por falar em Rio Grande, moço, lá na minha terra não estamos

acostumados a morrer de mãos amarradas. Gaúcho macho prefere morrer peleando. Se algum favor lhe peço, é que me deixe morrer de arma na mão." O outro se fez de desentendido. "De que cidade do Rio Grande você é?" Quando o Bio disse Santa Fé, a cara do milico se iluminou. E agora pasmem todos! O capitão em seguida perguntou: "É parente do dr. Rodrigo Cambará?" Respondeu o nosso caudilho: "Acho que sou! Somos filhos do mesmo pai e da mesma mãe". O oficial gritou para os soldados: "Desamarrem este homem!" Pegou o Bio pelo braço, levou-o para sua barraca, deu-lhe um bom café com bolachas e contou: "Sou o Antiógenes Coutinho. Estive na sua casa, conheci a sua família. E se hoje estou aqui é graças ao seu irmão, que me salvou a vida". E repetiu a história que todos vocês conhecem.

Assim, o Bio escapou de ser fuzilado no sertão da Bahia, foi levado para Salvador, onde durante mais de um mês quase apodreceu num calabouço infecto, com vinte ou trinta outros prisioneiros políticos. Um dia meteram toda essa gente no porão dum navio de carga, que zarpou para o Sul. Bio me contou com pormenores os horrores dessa viagem. Para principiar, passaram todo o tempo com água a meia canela. Parecia um navio negreiro. O fedor do porão era medonho, pois todos faziam suas necessidades ali mesmo. Quanto ao que se dava aos prisioneiros para comer, nem é bom falar, vocês podem imaginar. Um deles morreu durante a travessia e os outros só deram pela coisa quando o cadáver começou a cheirar mal.

Chegadas ao Rio, essas pobres criaturas tiveram destinos diversos. O Bio foi atirado numa das famigeradas geladeiras da polícia. Como trazia um bom poncho, um caboclo alto e forte que, pela sua truculência e sua força física, era uma espécie de chefe dos prisioneiros da cela, atirou-se em cima do nosso major com a intenção de tirar-lhe o poncho, pois lá dentro o frio e a umidade eram de dar pneumonia até em pedra.

Para resumir o caso: o Bio deu uma surra tão tremenda no sujeito, que o deixou estirado no chão. Como resultado, não só conservou o poncho como também daí por diante ficou sendo o chefe do grupo.

Semanas depois, foi transferido para uma cadeia mais decente (mas não muito) e mantido incomunicável por dois meses. Foi ali que um dia o tenente-coronel Rubim o descobriu por puro acaso.

Não me foi fácil conseguir licença para ver o meu irmão. Eu não saberia descrever nosso encontro. Não tenho vergonha de dizer que chorei como uma criança ao abraçá-lo. O Bio, esse só ria, mas ria às gargalhadas como se aquilo tudo fosse a coisa mais engraçada do mundo. Continua barbudo, está com o corpo todo escalavrado, mas forte e são de lombo.

Para aguentar as geladeiras da polícia, só os pulmões do Bio!

Agora pasmem de novo! Esse gauchão de dedos grossos e

desajeitados durante o tempo de cadeia aprendeu com um companheiro de cela afazer trabalhos de paciência. Construiu um navio com pauzinhos coloridos dentro duma garrafa. Quando ele me mostrou a sua obra, fiquei com um nó na garganta e lágrimas de novo me brotaram nos olhos.

E assim, como vocês podem ver, a vida, para alegria de dona Vanja, às vezes imita os folhetins de capa e espada.

A segunda carta, chegada dias depois, dizia: Tenho feito o barulho que posso na imprensa do Rio em tomo do caso do Toríbio. Conversei também com o dr. Getúlio, que me recebeu muito bem, todo sorridente, mas nada prometeu de positivo. "Não vai ser fácil" ·- disse ele - "trata-se dum assunto político fora da competência do meu ministério." Ora bolas! Todo o mundo sabe como se fazem as coisas neste país de opereta. E depois, não se trata de competências de ministérios, mas da saúde, da vida e da liberdade dum gaúcho corajoso e digno.

Fiquei com vontade de mandar o ministro da Fazenda àquela parte. Mas foi bom que eu tivesse me contido, porque no dia seguinte o Getúlio me comunicou, por intermédio de um de seus oficiais-de-gabinete, que, depois de confabular com o ministro da Justiça, achava que havia esperanças…

No mesmo dia Flora recebeu um telegrama urgente: BIO LIBERADO PT EMBARCAREMOS IMEDIATAMENTE PT CARINHOS RODRIGO No dia seguinte ao da sua chegada a Santa Fé, Rodrigo reuniu amigos no Sobrado, para comemorar com uma ceia o que ele chamava de "a volta do filho pródigo". Fascinado pela analogia, mandou matar um "bezerro cevado".

Maio findava, o outono andava a enevoar os céus e a desbotar as folhas dos cinamomos e dos plátanos. O inverno já mandava pelo vento discretos avisos de que não tardaria a pôr-se a caminho.

Maria Valéria, sempre atenta às coisas da natureza e do calendário, achou que já era tempo de abrir a despensa e entregar ao consumo doméstico as primeiras caixetas das pessegadas e marmeladas feitas em fevereiro.

Tio Bicho cultivava seus peixes, lia seus filósofos e engordava. Arão Stein, apaixonado pelo caso de Sacco e Vanzetti, escrevia artigos incendiários para jornais semiclandestinos, procurando provar que a justiça dos Estados Unidos condenava esses dois mártires à cadeira elétrica não pelo assassínio do pagador duma companhia de calçados (pois nada de irrefutável ficara provado contra os réus), mas sim por serem ambos anarquistas. Não se tratava, portanto, dum ato de justiça e sim duma cruel, indigna, clamorosa vingança política.

Mas alguns santa-fezenses, para os quais Hollywood se havia tornado mais importante que Washington, pareciam concentrar seu

interesse na guerrinha local que agora se travava, por motivos óbvios, entre as "viúvas do Valentino" e o novo clube das fãs de John Gilbert.

Noticiavam então os jornais que a Warner Brothers acabava de produzir o primeiro filme sonoro da história: The jazz singer. Uns quatro ou cinco rapazes intelectualizados de Santa Fé, que costumavam referir-se ao cinema como "a sétima arte", e eram adoradores de Charlie Chaplin, achavam que dar voz às figuras da tela seria a mais grosseira e ridícula das heresias. Entrevistado por A Voz da Serra, o Calgembrino, do Cinema Recreio, foi franco: "Fita falada? Aposto como esse negócio não pega".

Também por aquela época andava o mundo inteiro (inclusive e principalmente o reverendo Robert E. Dobson) entusiasmado com a façanha de Charles Lindbergh, um americano de vinte e seis anos que, no seu pequeno aeroplano, The Spirit of St. Louis, atravessara o Atlântico, dos Estados Unidos à Europa, num voo ininterrupto.

Para Liroca, porém, herói mesmo, herói de verdade, era Toríbio Cambará.

Na reunião no Sobrado, passou quase a noite inteira a mirá-lo com olhos afetuosos e cheios de admiração. Ficou furioso com o dr. Terêncio Prates que, por mais de meia hora, procurou chamar para a sua pessoa as atenções gerais, comentando o último livro que recebera de Paris: La vie de Disraeli, de André Maurois.

— Como é, major? - perguntou Neco Rosa. — Que tal foi a campanha?

Toríbio, que estava escarrapachado numa poltrona, ao lado de tio Bicho, consumindo com ele garrafa sobre garrafa de cerveja preta, respondeu: - Divertida.

E tratou de mudar de assunto. Mais tarde outros tentaram, mas em vão, fazer o vanguardeiro da Coluna Prestes contar suas proezas.

Rodrigo andava dum lado para outro, radiante por ter o irmão de volta à querência, são e salvo, mas um nadinha enciumado por vê-lo como figura central da reunião. Houve um instante em que, continuando a paródia da parábola bíblica, representou dois papéis ao mesmo tempo: o do pai do filho pródigo e o do irmão despeitado.

Depois que a maioria dos convidados se retirou - fechado no escritório com o irmão, Chiru Mena, Neco Rosa, José Lírio e Roque Bandeira - Toríbio soltou a língua.

Foi José Lírio quem deu o mote: - Uma marcha linda, major!

— Linda? Nem sempre, amigo Liroca.

Fez-se um silêncio de expectativa. Todos os olhares se focaram no major Toríbio, que a essa altura da festa tinha abandonado a cerveja em favor da caninha. Com seu jeitão lerdo e pesado de boi manso, os olhinhos entrefechados, ele sorria para algum pensamento gaiato.

— Pois aqui onde vocês me veem, amigos, já invadi o Paraguai.

— Como foi a coisa? - perguntou Neco Rosa, mostrando os dentes num riso de antecipado gozo.

— Depois da queda de Catanduvas, o negócio ficou feio pró nosso lado. O melhor jeito da gente chegar ao Mato Grosso era cortar pelo Paraguai. Eu fazia a vanguarda do 2° Destacamento. Até brinquei com o João Alberto: "Já que estamos aqui, comandante, por que não aproveitamos a ocasião pra derrubar o governo paraguaio?"

— Esse Bio… - sorriu Liroca, sacudindo a cabeça. O guerrilheiro remexeu-se na poltrona: - Estou me lembrando dum baile que arranjamos em território paraguaio, na fronteira com o Mato Grosso…

As caras de Chiru e Neco reluziram de malícia. Liroca osculava o herói com seu olhar canino.

— A vila se chamava Pedro Juan Caballero. Pequenita. Uma porcaria. Quero dizer, porcaria no tamanho, mas muito mais divertida que Santa Fé. Tinha vários cabarés que funcionavam todas as noites.

— Mas em que tipo de casa? - quis saber Rodrigo.

— Ranchos de taipa, com chão de terra batida.

— Música de gaita, naturalmente…

— Não. Violas, violinos, umas flautas e harpas de bugre. Me cheguei pra uma china paraguaia, delgadita, mas de boas ancas, e convidei a bichinha pra dançar uma polca. Estavam comigo uns dez revolucionários. Também se serviram das chinas. Comecei a ver pelos cantos uns muchachos meio trombudos e farejei barulho. Mas tomamos conta do baile. O João Alberto tinha me recomendado que tivesse muito cuidado, não queria encrenca com governo estrangeiro, nossa briga era só contra o do Bernardes…

Proibiu a venda de bebidas, mas qual!… vocês sabem, sempre se dá um jeito de conseguir uma branquinha por baixo do poncho. Mas o que eu sei é que lá pelas tantas o pessoal foi se esquentando, se excedendo, e aqueles paraguaios mal-encarados acabaram virando bicho. Não me lembro como foi que a coisa começou. Só sei que de repente um índio cor de cuia cresceu pra cima de mim de faca em punho. Nem pisquei. Apliquei-lhe um pontapé nos bagos e ele largou a faca e se dobrou todo, gritando de dor. Quando vi que estavam sangrando a facadas um companheiro nosso no meio da sala (a música nem tinha parado!), saquei do revólver e o tiroteio começou. Nossas patrulhas entraram em ação e foi uma confusão danada. Imaginem vocês um entrevero dentro dum rancho pequeno…

Calou-se. Liroca, para quem as palavras do guerrilheiro eram um vinho capitoso, perguntou: - Morreu muita gente?

— Nem tanto. Dois nossos e um paraguaio. Mas uns dez ou doze se lastimaram…

Toríbio fez nova pausa para beber um trago de caninha. De novo o sorriso malicioso lhe encrespou os lábios.

— No outro dia tornamos a entrar no Brasil - prosseguiu - e tocamos pras cabeceiras do rio Apa. E vocês querem saber da melhor? Umas duas dúzias de paraguaias se vestiram de homem pra acompanhar o destacamento… - Soltou um suspiro. — Mas o João Alberto não quis saber da brincadeira.

Guerra era guerra. Mandou elas voltarem para a fronteira. E a pé. Dez quilômetros! Foi uma pena. Eu já tinha a minha bugra marcada na paleta.

O relógio grande começou a bater meia-noite.

— E depois? - perguntou o Neco, que estava montado numa cadeira, ambos os braços pousados no respaldo.

Rodrigo tirou da gaveta da escrivaninha um mapa do Brasil e estendeu-o em cima da mesinha, diante da poltrona que o irmão ocupava. Toríbio inclinou-se para a frente, franziu o cenho: - Sou ruim pra mapas.. Quem entende bem deste negócio é o Prestes… Ah!

— A ponta de seu dedo grosso e tosco resvalou sobre a carta geográfica e parou num ponto. — Aqui neste lugar atacamos o inimigo com uma carga de cavalaria. Eu tinha comigo gente do Rio Grande e boa cavalhada. Me lembrei muito de 23…

— Que efetivo tinha a Coluna? - indagou Rodrigo.

— Quatro destacamentos num total de pouco mais de mil e quinhentos homens.

— Mal armados? Toríbio deu de ombros: - Ninguém se queixava. Tínhamos até metralhadoras pesadas. Mas lá por fins de junho… deixe ver… Eu me perco nesse negócio de datas… Sim?

Em junho de 1925, entramos em Goiás.

— Mas qual era o plano de vocês?

— Cruzar o Brasil central, ir arrebanhando pelo caminho cavalos e gado, requisitando munição de guerra e de boca, recrutando gente…

voluntários, naturalmente.

— Que tal o João Alberto? - perguntou Chiru.

— É um bicho que eu estimo e respeito. Tem a cabeça fria. Mesmo na hora do maior perigo não perde as estribeiras. Pensa claro, faz o que é certo. Uma vez, na retranca duma metralhadora pesada, ele e mais uns poucos companheiros aguentaram um ataque violento da cavalaria inimiga em número muito superior. Quem socorreu o pernambucano foi um gaúcho muito amigo dele, o major Nestor Veríssimo que, com seu piquete, fez uma contracarga que obrigou os atacantes a recuarem.

Toríbio sorriu, com ar evocativo.

— O João Alberto achava o Nestor tão parecido comigo que às vezes, assim um pouco de longe, até me confundia com ele. Quando queria se referir ao Veríssimo, ele me dizia “o teu irmão gémeo”. Pois esse gaúcho de Cruz Alta tinha boas. Uma vez na linha de fogo, no

meio das balas, resolveu descansar porque fazia duas noites e dois dias que não dormia. Disse pra um companheiro: “Se a coisa piorar, me acordem”. Deitou-se, fechou os olhos e pegou logo no sono. É um bárbaro.

— Fala o roto do esfarrapado… - sorriu o Neco.

— Há uns tipos que não vou esquecer mais - prossegue Toríbio - nem que eu viva mil anos. — Calou-se por alguns instantes, sorrindo decerto para as suas memórias. — Um deles é o coronel Luís Carreteiro, caboclo alto, reforçado, morenaço, de barba e bigode, a cabeleira já meio querendo branquear. Andava mais enfeitado que mulher de gringo. Não gostei nada da fantasia dele. Umas bornbachas largonas cheias de bordados e botões de madrepérola. Chapelão de abas anchas, com barbicacho. Lenço colorado no pescoço. Peito cheio de medalhas e penduricalhos. Chilenas de prata que faziam barulho de libra esterlina quando ele caminhava. Dois revólveres na cintura. Parecia mais um cowboy de cinema que um gaúcho de verdade. A gente tinha a impressão que ele tinha se preparado não pra marchar com a Coluna, mas pra tirar o retrato. Na fita do chapéu lia-se um letreiro, numa mistura de castelhano e português: “Não dou nem pido ventaja”. Contou que era do Rio Grande do Sul e que, muito moço, tinha feito a Revolução de 93.

Botei o homem de quarentena, mas no primeiro combate vi que tinha valor. Era macho mesmo. Daí por diante desculpei todo aquele carnaval.

— O bicho aguentou até o fim da marcha? - perguntou Liroca.

— Até o fim da vida dele.

— Morreu de bala ou de arma branca? - tornou a perguntar José Lírio.

Esses pormenores tinham para o veterano uma importância mágica.

— Parece mentira. O coronel Carreteiro tomou parte em muitos combates, e nunca foi ferido. Morreu na cama, de uremia.

— Que injustiça!

Rodrigo ergueu-se para se servir de conhaque.

— Que homens como tu, o Nestor e outros gaúchos “duros pró frio” tenham aguentado a marcha eu compreendo - disse. — Mas nunca pensei que esses “tenentinhos” tivessem caracu…

— Pois é pra ver como são as coisas. Eu também me enganei com muitos deles. Quem fazia a nossa retaguarda era o Cordeiro de Farias, um moço simpático, muito bem-educado, e de fala macia. Olhei para ele e pensei: Xii, este menino bonito não vai aguentar o repuxo. Mas qual! Aguentou. E lindo. Uma ocasião o Cordeiro e seu destacamento ficaram tiroteando com a vanguarda legalista do Bertoldo Klinger. Queimaram até o último cartucho, contiveram o inimigo e assim

deram tempo pró resto da Coluna escolher uma posição mais conveniente pró combate.

— E o Siqueira Campos? - indagou Neco, ao mesmo tempo que Chiru perguntava: - E o Juarez Távora?

— Desses nem preciso contar nada, porque vocês conhecem bem… Os jornais sempre falavam neles. Flor de gente. Coragem sem fanfarronada.

— O que prova - interveio Roque Bandeira - que valentia não é privilégio de gaúcho.

Liroca lançou um olhar de reprovação para o lado de tio Bicho. Como ousava dar "palpites" aquele gordo sedentário, aquele gaúcho renegado que jamais vira de perto uma só revolução pela vida?

Rodrigo, agora sentado num dos braços da poltrona do irmão, bateu no ombro deste: - E o chefão? O Prestes?

Toríbio ergueu o copo, que Chiru se apressou a encher de caninha.

— No princípio foi um caro custo convencer a minha gente a acreditar no homem como nosso comandante. Vocês sabem… O pessoal implicava com a vestimenta dele, uns culotes esquisitos, e com aquelas latas cheias de mapas que o homem sempre carregava no cavalo… Depois, a barba não iludia ninguém. Por trás dela estava um menino. Nossa tropa era muito misturada, tinha de tudo: gente desligada do Exército, revolucionários de 22 e 23, peões de estância, doutores, estancieiros, comerciantes, caixeiros de lojas, índios vagos, tudo… Olhavam para o Prestes com desconfiança. Mas o homem se impôs. Acabou mandando mais que o Miguel Costa. Depois da queda de Catanduvas, a Coluna estava desmoralizada, alguns falavam até em emigrar. Mas o Prestes bateu pé e disse que fosse embora quem quisesse, porque ele ia continuar. Daí por diante ninguém teve mais dúvida quanto à chefia da Coluna.

— E o Miguel Costa?

— Aí está outro sujeito de fibra. Um pouco difícil de entender. Falava pouco. Mas macho. Caiu ferido mais tarde, quando eu já estava preso, e a Coluna rumbeava de novo para Mato Grosso. Uma bala no peito, ferimento feio. Foi um companheiro de cadeia no Rio que me contou a história. Quem socorreu o Miguel Costa foi o João Alberto. Diz que o coitado botava sangue pela boca (me lembrei do velho Licurgo). O rombo era enorme, quase se podia ver o coração batendo… Pois o homem aguentava tudo sem gemer. Fizeram-lhe um curativo ligeiro, botaram iodo na ferida, tudo isso no meio do combate. E o homem ali a botar sangue pela boca. Todos achavam que ele estava perdido, mas conseguiram costurar o talho e dois meses depois o Miguel Costa já andava de pé; pronto pra outra.

Rodrigo de novo caminhava dum lado para outro. Todas aquelas

histórias o deixavam numa excitação febril: mescla de entusiasmada admiração e inveja, pois ele não tinha participado da marcha heroica. Intrigava-o saber que "tenentinhos" que não haviam passado da casa dos vinte se tivessem atirado naquela grande aventura, indo até o fim. Que força os animaria? Com que misteriosas reservas morais contariam? Que iria acontecer-lhes, agora que estavam exilados ou presos? Haveria alguma esperança de que um dia fossem reincorporados à vida nacional?

Tio Bicho abafou um bocejo, mas seus olhos interessados não se afastavam do rosto de Toríbio, que prosseguiu: - Mas chega de falar nos graúdos, nos graduados, nesses que sempre tiveram os nomes nos jornais. Vamos falar nos outros, na soldadesca.

Havia uns tipos macanudos. Alguns conheci de perto, brigaram a meu lado. Outros vi de longe. E de outros só ouvi falar, pois não eram do meu destacamento. Davam um romance. E que romance!

O Zé Bigode, guarda do arquivo da Coluna, um misto de funcionário e revolucionário, defendia sua carga como um tesouro. Vadeava rios com ela nas costas, sem molhar um papel. Contava-se que um dia, no pior dum combate, em vez de abrigar-se atrás dos peçuelos que continham o arquivo, preferira proteger este com o próprio corpo.

O Pé de Anjo era especialista em assaltar trincheiras a peito descoberto, e tivera o corpo quatro vezes furado por balas.

E o Zé Viúvo? Esse era um voluntário maranhense, e ficara aleijado em consequência dum ferimento recebido na linha de fogo. Também não quis ficar para trás, e por algum tempo foi carregado em padiola pelos companheiros. Por fim ele mesmo improvisou umas muletas, com galhos de árvores, e continuou a marchar "por conta própria". Dizia-se que era uma coisa portentosa ver aquele homem na hora do combate, a atirar de pé com sua carabina, o corpo sustentado pelas muletas.

O caso do negro Ermelindo era dos mais comoventes. Juntara-se à Coluna para acompanhar um jovem que ele ajudara a criar, filho dum estancieiro do Rio Grande do Sul do qual o crioulo fora peão durante quase quarenta anos. Ermelindo servia seu amo como um fiel escudeiro, cuidando-lhe da roupa, da comida e das armas. Sua dedicação era tamanha que os companheiros de destacamento lhe chamavam "Anjo da Guarda". Duma feita, numa escaramuça de patrulhas, seu protegido, que era tenente, ficou para trás e um piquete de cavalaria inimigo precipitou-se na direção dele. Ermelindo sentou o joelho em terra e começou a atirar com sua Mauser, ao mesmo tempo que gritava: "Vai-te embora, guri! Vai-te embora! Tenho pouca munição e quando as bala se acabar tenho de entreverar com a chimangada". Como era maragato, para ele o inimigo só podia ser

“chimango”. O tenente safou-se. Depois de disparar o último tiro, Ermelindo puxou da espada e esperou a carga.

Morreu varado de balas.

— Havia um sargento protestante - continuou Toríbio - um tal de João Baiano, que não perdia oportunidade pra fazer sermões e ler trechos da Bíblia que carregava num embornal, de mistura com balas de revólver.

Conheci também um católico beato, o tenente Belchior, melenudo e mal-encarado. Ajudava a rezar missa onde encontrasse igreja e padre, botava uma daquelas vestimentas de sacristão por cima da adaga e da pistola e lá ficava a tocar campainha e a alcançar coisas pró vigário.

Um espetáculo!

Era espantosa a coragem e a capacidade de resistência daquela gente. A Coluna não tinha serviço médico organizado. Toríbio lembrava-se do caso dum companheiro cujo peito fora varado por uma bala, e que se curara no mato, mastigando as ervas que os sertanejos lhe recomendavam. Um outro recebera um tiro que lhe entrara na boca e lhe saíra na nuca. O homem sobreviveu e continuou a seguir a Coluna.

O relógio bateu uma badalada. Nenhum daqueles homens ali no escritório teve consciência disso. Pareciam estar todos dentro duma dimensão épica e intemporal.

— Isso é melhor que fita de cinema - comentou o Chiru, dando uma palmada no ombro de Toríbio, que perguntou: - Será que sobrou alguma coisa do jantar?

Rodrigo foi até a cozinha, de onde voltou com uma travessa cheia de pedaços de galinha e peru com farofa, sarrabulho e fatias de pão.

Toríbio e tio Bicho foram os primeiros a se servirem. Ninguém reclamou pratos e talheres. Usaram os dedos, como que contagiados pelo espírito da marcha.

— Agora precisamos dum bom vinho tinto! - exclamou o anfitrião. Foi buscar duas garrafas de Borgonha e novos copos.

— Sim, havia mulheres seguindo a Coluna - disse o guerrilheiro, após um silêncio, satisfazendo a curiosidade do Neco. — Eram casadas ou amasiadas com soldados ou oficiais. Na minha opinião a Santa Rosa era a mais extraordinária de todas.

Contou, enternecido, a história da mulher. O marido era soldado do destacamento de Cordeiro de Farias e ambos seguiam a Coluna desde o Rio Grande do Sul. Ficou grávida e seu ventre foi crescendo durante a marcha. “Então, Santa Rosa, pra quando é a festa?” A mulher sorria: “Pra qualquer dia destes, se Deus quiser”. Nos últimos tempos recusava-se a andar a cavalo, seguia os soldados a pé “pra fazer a criança baixar e nascer mais ligeiro”. Uma noite vieram as

dores. O inimigo andava por perto. Alguém se arriscou a sugerir que deixassem Santa Rosa pra trás.

Houve protestos gerais. Todo o mundo queria bem àquela mulher destemida e dedicada, que acompanhava o marido através de perigos e durezas.

— E vocês sabem o que fez o João Alberto? - disse Toríbio. — Pois esse pernambucano com cara de pau no fundo é um sentimental. Retardou a retirada por algumas horas, pra Santa Rosa ter a criança. Fizeram um fogo, aquentaram água numa lata, meteram dentro dela uns trapos, e a função começou. Mas o grosso do destacamento não pôde esperar muito tempo. Deixamos a mulher pra trás, com um pequeno grupo de voluntários, e seguimos nosso caminho.

Toríbio ficou um instante pensativo, como quem sente saudade de alguma coisa.

— Somos todos umas vacas - murmurou, sacudindo a cabeça e mastigando um bom naco de galinha, os lábios lustrosos de banha. — Marchei com os outros pra obedecer ordens, mas fiquei com um remorso danado. O inimigo podia agarrar e liquidar a Santa Rosa e os companheiros. Depois de algumas horas de marcha, notei que o Nestor estava com uma cara engraçada, assim como quem quer dizer alguma coisa e não encontra jeito.

Sabem o que era? O major Veríssimo estava preocupado com o que pudesse acontecer a Santa Rosa e à sua guarda. Por fim falou franco com o João Alberto, que não teve outro remédio senão permitir que o major e mais trinta homens voltassem para escoltar a mulher até onde estávamos acampados. No outro dia, de manhãzinha, um dos nossos soldados veio a todo o galope anunciar que a criança tinha nascido sem novidade. Era macho e ia se chamar José. Nesse mesmo dia apareceu a Santa Rosa montada a cavalo, com o filho nos braços, rodeada pela sua escolta. Para resumir a história, a criança cresceu durante a marcha, andava escanchada nas cadeiras da mãe e às vezes pendurada no pescoço dum que outro soldado.

Lágrimas escorriam pelas faces do velho Liroca. Rodrigo não podia nem tentava esconder sua emoção. Tio Bicho soltou um arroto e disse: - É uma pena que mulheres como essa jamais passem para a história. Para principiar, nem sabem que existe tal coisa…

Toríbio ergueu-se, espreguiçou-se, tornou a encher o copo de vinho, ficou um instante a olhar para a bebida e depois: - Mas havia outras - disse. — Umas horrorosas, verdadeiras megeras. De vez em quando aparecia uma bonitinha. Das feias a pior era a Cara de Macaca. Andava sempre com gibão e chapéu de couro. — Soltou uma risada.

— Agora estou me lembrando duma boa história. Um dia o amásio da cangaceira tomou um porre monstro e resolveu acabar com

a vida dela.

Ergueu o revólver na fuça da mulher, puxou no gatilho mas a arma negou fogo. A sertaneja tirou a arma da mão do companheiro, agarrou ele pelo gasnete, levou o bicho ao comandante do destacamento, contou toda a história mas suplicou pelo amor de Deus que não castigassem “o coitado”.

Outra figura popular entre os soldados era a tia Maria. Tinha o hábito de festejar as vitórias da Coluna com tremendas bebedeiras. Duma feita, num lugar chamado Piancó, bebeu tanto que acabou ficando para trás. O inimigo trucidou-a.

A enfermeira Hermínia costumava ir buscar os feridos na linha de fogo. A Chininha, gordíssima, apesar das longas marchas a pé, não conseguia emagrecer. E a Joana era tão pequena, que na travessia dos rios quase se afogava, quando a água dava apenas pelo peito dos soldados. Houve quem fizesse versos contando a odisseia da Albertina, flor de moça, que um dia deixou a Coluna para ficar cuidando dum tenente que, além de tuberculoso, tinha sido ferido em combate. Foi presa e degolada por um batalhão de civis.

Fez-se um silêncio. Rodrigo sentou-se e ficou de olhos cerrados, pensando nas coisas que o irmão acabara de contar. Neco acendeu um cigarro de palha. Toríbio e Chiru o imitaram.

Quando o relógio bateu as duas da madrugada, os seis amigos estavam ainda no mesmo lugar. Toríbio, mais desperto que antes, ainda falava.

— Aconteciam coisas engraçadas. Uma vez passamos a noite num convento de dominicanos, em Porto Nacional, nas margens do Tocantins. — Aproximou-se da mesa e apontou para um lugar no mapa. — Aqui. E pela primeira vez na minha vida dormi com um padre.

— Opa! - exclamou Chiru.

— Quero dizer, dormi no mesmo quarto. Os padres nos trataram à vela de libra. Mas não resisti… roubei um livro do meu companheiro de quarto… Eu andava sem nada pra ler…

— Não me diga que era o Livro de horas - brincou tio Bicho.

— Era o Rocambole, uma brochura esbeiçada e sebosa. O livro me acompanhou por vários meses. Muitas noites, à luz das fogueiras, eu me distraí com ele… Depois perdi o volume. Não. Desconfio que o Nestor me roubou. — Soltou uma risada.

Liroca olhava atentamente para o mapa. Queria saber exatamente qual tinha sido o trajeto da Coluna.

— O nosso plano, depois de sair de Ponta Porã, era cruzar o Brasil central e depois rumbear pró Nordeste. Invadimos Minas Gerais porque esse era o caminho mais fácil para chegar ao coração de Goiás. Foi então que vi uma coisa que nunca esperava ver na vida: o rio São

Francisco. Continuamos a marchar pró Norte e, quando estávamos perto da Bahia, quebramos à esquerda, entramos em Goiás e tocamos pró vale do Tocantins.

— E tu sempre foste fraco em geografia do Brasil! - exclamou Rodrigo.

— A marcha através de Goiás foi divertida, fácil. O Estado é bonito, o clima, bom. O João Alberto me dizia, olhando o planalto: "Seu Bio, aqui é que está o futuro do Brasil. Quando é que esses governos de borra vão compreender?"

— Quanto tempo levaram para atravessar Goiás? - indagou Liroca.

— Sei lá! Eu não carregava calendário. Nem relógio. Quem sabia dessas coisas era o Prestes e o João Alberto. Eu não. Mas… o que sei dizer é que era primavera e começavam as chuvas. A tropa estava agora bem montada, bem alimentada, comendo boa carne. Foi assim que chegamos ao Maranhão.

— Minha nossa! - exclamou o Liroca, olhando para o mapa. — Como vocês foram longe, major!

— Depois descemos pró Sul e fizemos um estrupido danado no Nordeste - continuou Toríbio. — Muito vilarejo invadi com o meu piquete de vanguarda. Quase tomamos a capital do Piauí. Chegamos a fazer o cerco e travar combate. Esperávamos um levante dentro de Teresina, mas a coisa gorou. Perdemos nesse ataque uns cem homens, dos bons.

Fez um silêncio. Rodrigo afrouxou o laço da gravata, desabotoou o colarinho e o colete: estava agora mais deitado que sentado na poltrona.

Seus olhos continuavam fitos no rosto do irmão, que prosseguiu: - Foi lá que prenderam o Juarez Távora. Assim, tivemos de entrar no Ceará sem o nosso cearense, com quem a gente contava pra fazer uns contatos e animar o povo. Atravessamos o Rio Grande do Norte e entramos na Paraíba. Marcha forçada. O passeio tinha acabado.

Agora não só as forças do governo andavam nos nossos calcanhares como também batalhões de jagunços. Fomos encontrando surpresas pelo caminho.

Gente que devia estar do nosso lado atirava em nós. Nossos soldados, mais de metade, estavam atacados de malária. Havia horas que dava no pessoal uma tremedeira danada, que era triste e ao mesmo tempo engraçado de ver. Toríbio apanhou a última coxa de galinha, meteu-lhe os dentes e, com a boca cheia, retomou a narrativa: - No limite de Paraíba com Pernambuco me aconteceu outra coisa engraçada. Como disse há pouco, nunca tinha dormido com padre. Outra coisa que eu nunca tinha feito com padre era brigar. Pois no Piancó fui obrigado a dar uns tirinhos no padre Aristides, que na

minha opinião era mais cangaceiro que sacerdote. Primeiro nos armou uma cilada, veio de bandeira branca… depois abriu fogo. Pois o diabo do homem defendeu a cidade com seus paroquianos e capangas. Era valente com as armas. Morreu em ação. Por causa do raio desse padre quase nos perdemos do resto da Coluna. Só nos juntamos com ela em terras de Pernambuco. Daí por diante tudo piorou. Tínhamos sido bem recebidos em todos os Estados que cruzamos, até o Piauí. Depois a coisa mudou de figura. Corria por toda a parte a notícia da morte do padre Aristides, e em cada lugarejo onde a gente chegava nos recebiam a bala. Uma vez me acerquei dum rancho, gritei: "Ó de casa", pedi um copo d'água e o que me deram foi uma descarga de chumbo. Depois foi o deserto, o calor e não queiram saber o que é passar sede. Mil vezes pior que fome. Nunca senti tanta saudade dos campos e das aguadas do Angico!

Tornou a rir: - Me lembrei muito do Euclides da Cunha. Me parecia que eu tinha entrado dentro do livro dele. Tu sabes, Rodrigo, li Os sertões muitas vezes, principalmente a parte da campanha de Canudos. O diabo queira brigar com jagunço! Onde a gente menos esperava, lá estavam eles de tocaia. A gauchada que me acompanhava andava louca da vida. Queriam cargas de cavalaria (o terreno não se prestava), entrevero em campo aberto… Essa história de ficar esperando o inimigo atrás dum toco de pau não era com eles. Depois, quando se metiam pelas caatingas, se feriam nos espinhos e saíam furiosos. — Encolheu os ombros. — Mas que era que se ia fazer? Dança-se de acordo com o par. Tocamos pra diante. E como se os jagunços não bastassem, tínhamos outros inimigos: bichos pequenos e grandes e outras calamidades.. Uma ocasião o 2° Destacamento pegou uma sarna braba, e mesmo na hora do combate os soldados tinham de parar pra se coçarem.

Toríbio limpou as mãos lambuzadas de banha nos lados das calças. Deu alguns passos no escritório, sentou-se na escrivaninha e tornou a falar: - A situação melhorou um pouco quando entramos em Minas Gerais. Os legalistas tinham uma concentração nas margens do São Francisco e nós fomos informados que mais tropas iam ser enviadas do Sul para nos atacar. O remédio era voltar para trás.

— O movimento é a vitória - murmurou Liroca, repetindo sua citação napoleônica favorita.

— Tornamos a entrar na Bahia. Foi lá que me pegaram. Vocês conhecem a história. Mas a Coluna continuou, cruzou Pernambuco, Piauí, meteu-se de novo naqueles campos sem fim de Goiás, atravessou o Mato Grosso e se internou na Bolívia.

— Quantos quilômetros ao todo, major? - perguntou Chiru.

— Não contei. Pra mim distância é movimento. Tempo também é ação. O que eu queria era cancha. Já disse que não carregava no bolso

nem folhinha nem relógio. O sol me dizia quando era dia e as estrelas, quando era noite. Quando não havia estrela, a escuridão tinha a palavra. Mas ouvi dizer que a marcha da Coluna Prestes cobriu quase trinta mil quilômetros.

— A Ia putcha! - exclamou Liroca.

O relógio bateu mais uma badalada. Chiru abriu a boca, num bocejo musical. Rodrigo olhou para o relógio-pulseira. Mas Neco e Liroca estavam ainda a escutar, interessados, as palavras do vanguardeiro de Prestes, que, com a voz agora amolentada pelo sono, ainda falava.

— Inventavam cobras e lagartos da Coluna. Diziam em todo o sertão que nós levávamos feiticeiras e que de noite elas dançavam na frente das metralhadoras, e essa dança fazia os soldados ficarem com o corpo fechado. — Toríbio escancara a boca num bocejo. — Essa história de flauta e música tem o seu fundamento. Sempre que a gente acampava, o João Alberto, que é louco por música, fazia funcionar uma vitrola que andava sempre com ele, e tocava os seus discos com uma agulha que com o uso ficou rombuda. Acho que algum espião inimigo ouviu a música e viu as nossas vivandeiras na luz da fogueira dos acampamentos…

— Atribuíam ao Prestes poderes sobrenaturais - disse Rodrigo, que estava quase morto de sono e ao mesmo tempo fascinado pela narrativa do irmão.

— É. Diziam que o homem era adivinho. Inventaram até que, com aquelas suas barbas, o Prestes era uma nova encarnação de dom Pedro II que voltava para tomar conta do Brasil. Outros garantiam que até a princesa Isabel andava com a gente.

Fez-se um silêncio. Os olhos de Neco aos poucos se apequenavam de sono.

Liroca soltou um suspiro: - Que epopeia!

Toríbio tirou o casaco e a camisa e ficou com o dorso completamente nu.

— Fiz a maior parte da travessia assim… Só botava camisa e casaco de noite, quando a temperatura caía… e quando eu tinha camisa e casaco.

Perdi as botas em Pernambuco. Andei de pé no chão durante vários dias.

— Teu peito parece um mapa - sorriu Rodrigo.

Na pele queimada de sol viam-se cicatrizes, lanhos, manchas. Toríbio, sorridente, mostrava as marcas uma a uma com o dedo.

— Chumbo… chumbo… chumbo… - contou doze delas. — Esta aqui foi duma bala que me pegou de raspão. Esta outra não sei bem… um bicho qualquer me mordeu de noite, a ferida apostemou, tive febre.

— Escorpião - sugeriu Liroca, novelesco.

— Quem sabe! E esta aqui, perto da mamica, foi um talho de faca, num corpo-a-corpo. E o resto, amigos, são arranhões dos espinhos das caatingas, talhos de ponta de pedra… e recuerdos da prisão do Rio. O filho da mãe do carcereiro me queimou a mão com a chama duma vela…

estão vendo a marca? Só de implicância. Quebrei-lhe todos os dentes.

Daí por diante ficou que nem doce de coco, muito meu amigo, me trazia comidinhas especiais…

Tornou a atirar-se na poltrona e abriu a boca num prolongado bocejo.

Bateu no braço do irmão: - E tu, patife, que não querias que eu fosse pra revolução! Te lembras?

Vê só quanta coisa eu ia perder se tivesse ficado…

Eram quase três da madrugada quando Liroca, Chiru e Neco se retiraram do Sobrado, arrastando consigo tio Bicho, que a todo transe queria ficar para continuar a beber.

Toríbio e Rodrigo permaneceram ainda alguns instantes no escritório, num duelo de bocejos, ambos sonolentos mas sem muito ânimo para subirem a seus quartos.

— Como vai o Zeca? - perguntou o guerrilheiro.

— Muito bem. Foi o primeiro da classe este semestre. Os maristas estão muito orgulhosos dele.

— Não puxou por mim…

Toríbio sorriu, e uma ternurinha lhe brilhou nos olhos mal abertos.

Depois ficou a mirar sua “obra-prima” - o navio de paus de fósforos que na cadeia ele armara dentro duma garrafa - e que estava agora em cima da escrivaninha.

— Vou dar esse negócio pró meu guri - murmurou ele.

Ergueu-se, acercou-se da mesa, ficou a olhar por alguns segundos para o retrato do velho Licurgo, que ali estava. Depois, tornou a aproximar-se do irmão.

— Nunca duvidaste do meu juízo..

— Ué, Bio? Nunca.

— Sabes que nunca fui de ter visões.

— Claro.

— Nem um mentiroso…

— Homem, que negócio é esse?

Toríbio coçou a cabeça.

— Desde o nosso encontro no Rio estou pra te contar uma coisa que me aconteceu, mas ainda não tive coragem…

Rodrigo ergueu-se, picado pela curiosidade.

— Fala, rapaz! Tens algum problema? Desembucha.

— És a primeira pessoa a quem vou contar a história. A primeira e a última. E te peço que não repitas a ninguém.

— Vamos, homem.

— A coisa aconteceu pouco depois do combate do Piancó. Eu e uns oito companheiros estávamos perdidos no mato. Chegamos a uma clareira e vimos dois caminhos: um que ia pra direita e outro pra esquerda. Qual deles nos podia levar de volta ao grosso do destacamento? Não havia tempo a perder. O inimigo andava por perto. Cinco dos companheiros não tiveram dúvidas: atiraram-se para a direita e se sumiram no mato. Esporeei o cavalo para ir atrás deles quando, de repente, o animal se assustou de qualquer coisa. Pensei que era onça. Olhei pra frente e vi um vulto atravessado no meio das árvores. Agora não vás me chamar de doido. O dia estava claro e eu vi, mas vi mesmo o velho Licurgo a cavalo, de lenço branco no pescoço, bem como no dia em que foi morto. Fiquei gelado.

Papai me fazia sinais com a cabeça e com a mão, dando a entender que eu não devia seguir por aquele caminho. Dei de rédeas e me toquei pela estradinha da esquerda, sem olhar para trás. Os três homens que estavam comigo me seguiram. Não tínhamos andado nem cinco minutos quando ouvimos um tiroteio. Compreendemos que os outros companheiros tinham caído numa emboscada. Nunca mais soubemos notícias deles…

Rodrigo, arrepiado, olhava para o irmão sem dizer palavra. Toríbio pegou a. garrafa com o navio e ergueu-a contra a luz. Um galo cantou longe na madrugada.

Reunião de Família - IV

1.° de dezembro de 1945

Sete e meia da manhã. Floriano barbeia-se diante do espelho do quarto de banho, pensando em que dentro de alguns minutos terá de enfrentar a família à mesa do café. A medida em que passam os dias, mais constrangedores se vão tornando para ele esses encontros. A presença física de Sílvia causa-lhe uma perturbação cada vez mais difícil de dissimular.

Que fazer? - pergunta mentalmente à imagem que do espelho também o contempla com ar indagador. — Que fazer?

Os olhos ainda um tanto enevoados de sono, dois ou três fios prateados apontando entre os cabelos negros das têmporas, o tom de marfim dos dentes, acentuado pelo contraste com a espuma branca que lhe cobre as faces - Floriano sorri para a própria imagem, tendo ao mesmo tempo consciência dum narcisismo que o desagrada, pois ele (ou o Outro?) deseja mesmo acreditar que não é, nunca foi vaidoso.

Ali está um sujeito que o conhece melhor que ninguém: o olho implacável que lhe vigia e critica pensamentos, gestos, palavras e até sentimentos. Como seria bom poder livrar-se desse incômodo anjo da guarda, desse capanga metafísico)

A "ceremônia" matinal de fazer a barba foi sempre para Floriano a hora de dialogar com seus fantasmas, fazer planos para a vida e para os livros, ruminar emoções passadas, corrigindo às vezes o que aconteceu, imaginando o que poderia ter feito e dito em determinadas ocasiões, em suma, passando a vida a limpo. Esta é também a hora em que costuma projetar suas fantasias no futuro, dando às coisas que estão para vir o desenho mais conveniente a seus desejos.

Apanha o aparelho Gillette e começa a escanhoar uma das faces. Curioso: não consegue dissociar este devaneio meio sonolento e voluptuoso das suas masturbações da infância, aqui neste mesmo quarto. Não haverá acaso entre esses dois exercícios solitários um certo parentesco, pelo lado do "faz de conta-? E não serão ambos em última análise um melancólico pecado contra a existência autêntica ?

Passa agora a lâmina pelo pescoço. (No pátio da Intendência degolavamse maragatos.) Degolar o Outro, liquidar o Anjo… Não. O melhor será descobrir uma fórmula mágica para promover a fusão das duas partes de seu Eu. Deixar de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto: eis a questão. Unificar-se… Avante, Garibaldi!

É sempre assim. Todas as suas auto-análises acabam em farsa. Tempo houve em que achava isso uma atitude estoica diante da vida. Seria pelo menos uma paródia de estoicismo… Agora, porém, sabe que suas fugas pela porta do humor nada mais são que a tentativa de pregar um rabo de papel colorido nos seus problemas, pintar um bigode caricatural na face dramática da vida, em suma, eliminar ou atenuar o caráter ameaçador de tudo quanto - por misterioso, estranho, hostil ou insuperável - lhe possa aumentar a angústia de existir. Sim, não se levando a sério e não levando a sério suas situações, ele se exime da responsabilidade de viver a sério. Mas, por outro lado, o levar-se demasiadamente a sério não oferecerá riscos maiores? A incapacidade de duvidar, de rir dos outros e de si mesmo não poderá levar um homem à intolerância e ao fanatismo?

Por um instante Floriano fica atento aos ruídos da casa e da manhã. Depois aproxima mais o rosto do espelho, para escanhoar o queixo. Se ele se livrasse do Outro, que vantagens teria na vida? Para principiar, quando se deitasse com uma mulher (fosse ela quem fosse) iria inteiro para a cama - carne, ossos, nervos, vísceras, sangue - e não teria aquele Fiscal absurdo e frio a seu lado, a observá-lo e a insinuar coisas que lhe aguçavam o sentimento de culpa e ridículo. Sim, e quando escrevesse, escreveria com o corpo todo, sem ter o Outro - no fundo um representante dos Outros, da Família, da Crítica, da Sociedade, da Ordem Estabelecida - sem ter aquele Censor a ler por cima de seu ombro… Merda então para o Outro! Merda para a Família! Merda para a Sociedade! Merda para a Crítica! Merda para a Ordem Estabelecida! E por fim merda para a Merda! E assim, senhoras e senhores, fechamos o círculo, voltando ao ponto de partida, isto é, à Merda inicial.

Floriano grita de repente o palavrão, fazendo estremecer o chuveiro de lata pintada de verde que pende do teto. (Adolescente, ele cantava aqui árias de ópera, orgulhando-se de fazer vibrar o chuveiro: pois Caruso não tinha quebrado um copo com um dó de peito?)

O homem do espelho parece apreensivo. A escatologia não é solução. Floriano quer pronunciar a Palavra com absoluta convicção, com um certo fervor cívico e até religioso. Talvez nisso esteja a sua salvação. Mas qual! Sente que no fundo é ainda o menino bem comportado, de boa família, que não escreve nem diz nomes feios, porque Papai e Mamãe não querem, a Dinda não quer, a Professora não quer…

Dum pequeno talho no queixo lhe escorre uma gota de sangue, que tinge a espuma de carmesim. Morango com nata batida: a sobremesa predileta de Mandy. O homem estendido na calçada em Chicago, seu sangue avermelhando a neve… Sangue nos algodões e gazes nos baldes da sala de operações do Dr. Carbone. Do you like

stratuberries and cream, dear? O apartamento de Mandy, a janela aberta sobre a baía de San Francisco… No, dear, I don't.

Mas em que ficamos? Qual a solução? Antes de mais nada, qual o problema? Mesmo em pensamento lhe é difícil, constrangedor, verbalizar sua situação. Estás apaixonado pela mulher do teu irmão. Quem constrói a frase é o Outro. Nessa formulação está encerrado um julgamento moral, uma censura. Não será mais verdadeiro dizer simplesmente: Estou apaixonado, por Sílvia? Mas apaixonado será a palavra exata? A palavra nunca é a coisa que pretende exprimir. A realidade não é verbal. Merda para a semântica!

Floriano põe a água da torneira a correr e nela lava o aparelho de barbear. Depois torna a ensaboar as faces.

Só há duas soluções possíveis. Ou tomo Sílvia nos braços e a levo para longe daqui e vamos viver nós dois a nossa vida, mandando o resto para o diabo… ou então me convenço duma vez por todas de que não há solução… e me vou embora amanhã. Não há meio-termo. Mas não terei sido sempre o homem dos meios-termos, das meias soluções? E… e será que ela ainda me ama?

E por um momento lhe vem, agudo, urgente, o desejo de fugir. Fugir de Santa Fé, do Sobrado, sim, dá morte do Pai e do amor de Sílvia.

Não! Desta vez é preciso ficar. Vim para enfrentar a situação. Esse, problema e os outros. Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico. (D. Revocata em cima do estrado, peitos murchos, bigodes de granadeiro.)

Passa agora a lâmina pelo espaço entre o nariz e, o lábio superior. Mas distrai-se, vendo refletida no espelho a bandeirola tricolor da janela. Nos banhos da meninice muitas vezes o sol projetava-lhe no peito manchas vermelhas, verdes e amarelas. Isso lhe inspirara aos doze anos um poema.

O sol me pinta no peito a bandeira do Rio Grande.

Vêm-lhe à mente agora imagens do sonho que teve há duas ou três noites. Andava atrás de Sílvia dentro dum imenso casarão cheio de portas fechadas e proibidas, ao longo de imensos corredores; o casarão era ora o Sobrado ora o internato do Albion College ora um quartel… e ele perseguia o vulto branco (seria mesmo Sílvia?) mas não conseguia alcançá-lo… E de repente se viu deitado em sua cama e Sílvia entrou no quarto na ponta dos pés (ou era Mandy?) e meteu-se nua debaixo das cobertas… Ele quis tocá-la mas não conseguiu mexer-se, estava paralisado, incapaz dum gesto… e a mulher imóvel a seu lado, esperando. E quando finalmente conseguiu mexer-se e ia abraçar Sílvia - pois agora tinha a certeza de que era ela - despertou…

Fica a imaginar a sensação de ter Sílvia desnuda nos braços, mas só de pensar nisso lhe vem um sentimento de culpa mesclado de uma

fria vergonha, como se por desejá-la fisicamente ele estivesse cometendo uma espécie de "incesto branco". Não se trata da mulher de seu irmão? E não foi ela criada no Sobrado quase como sua irmã? (Ahl mas a diferença de idade nos separava na infância… e as minhas prolongadas ausências… Seja como for, merda para o incesto!

Por muito tempo ele se defendeu da ideia de que desejava Sílvia como mulher. Preferia acreditar que sua afeição por ela pouco ou nada tivesse de carnal. Leituras e superstições da adolescência. La chair est triste, hélasl, et j'ai lu toas les livres.

Havia de me acontecer essa… a mim, que sou o capitão. (Três a mexer, quatro a comer… quem falar primeiro come, menos eu que sou Capitão.) Mas preciso me analisar mais a sério. E me barbear melhor…

O sangue continua a escorrer-lhe do corte.

Sejamos realistas. O que se passa comigo é que há mais de um mês não tenho mulher: a castidade forçada aumenta meu desejo por Sílvia. Logo, o remédio é procurar uma mulher… Mas quem? Onde? Como? A ideia de recorrer a uma prostituta lhe é constrangedoramente repugnante. Outro preconceito, meu amigo! (A voz de Tio Bicho.) A pessoa não é a sua profissão, ou a sua função!

Sônia no Hotel da Serra. Floriano repele imediatamente a sugestão, procura, quase em pânico, esquecê-la. A ideia lhe veio porque ele a temia ou ele a temia por ter a intuição de que ela se aproximava, inapelavelmente? Está claro que a coisa toda é absurda, indecente, indigna, impossível. (Tio Bicho: "Palavras, palavras, palavras!

E tu não sentes nada do que estás dizendo.")

Dormir com a amante do pai? A possibilidade deixa-o estranhamente excitado. Como e por que negar que se sente fisicamente atraído pela rapariga? Mas como negar também que a ideia o envergonha? E por que imaginar que Sônia queira dormir com ele? Só por ter pensado nessa possibilidade Floriano se despreza, e por desprezar-se fica irritado, sentindo-se ridiculamente como um cachorro que tenta morder o próprio rabo.

Gosto de sangue na boca. Floriano parte um pedaço de papel higiênico e cola-o sobre o minúsculo manancial.

Existir não será, entre outras coisas, estar condenado a, mais tarde ou mais cedo, comer as porcarias da Vaca Amarela? Ninguém é Capitão. Talvez só Deus. Ou talvez não exista nenhum Capitão. O que não exclui a existência da Vaca Amarela. Bandeira diria que o Capitão é uma verdade abstrata, ao passo que a, Vaca Amarela é uma realidade existencial.

Larga o aparelho Gillette. Afinal de contas preciso acabar com essa ideia pueril de que é possível atravessar a vida sem ferir ninguém

nem sujar as mãos. Escrever mil vezes como castigo a frase: Não devo iludir-me: não sou um sujeito decente. Por que não me aceitar a mim mesmo como sou e arcar com todas as consequências? Sim, as más e as boas. O Outro, o do espelho, replica: “Bela desculpa para fazeres tudo quanto desejas semolhar o interesse dos outros.” Besteira! Vocês (mas vocês quem?) inventaram e nos impingiram a vergonha do corpo, a vergonha dos desejos do corpo e como resultado disso nos transformaram em eunucos.

Enquanto enxuga o aparelho de barbear, sempre a assobiar um trecho do adágio do Quinteto para Clarineta e Cordas, de Brahms. A melodia lhe desenha na mente a figura de Sílvia. De certo modo essa música é Sílvia. Ao banho!

Despe-se, coloca-se debaixo do chuveiro e puxa no barbante - a mesma engenhoca da infância - pensando no banheiro coletivo do Albion College. Nas manhãs de inverno os rapazes tiritavam e gritavam sob o chuveiro gelado, seus corpos despedindo “fumaça”. Floriano sorri, lembrando-se de Mr. Campbell que invariavelmente entrava no quarto de banho a essa hora, a pretexto de apressar os rapazes, e ali se deixava ficar, lançando olhares ávidos para a nudez dos meninos. Come on, boys! Hurry up! Hurry up! E cantava canções inglesas, batendo palmas para marcar o compasso: uma lubricidade meio fria e senil lhe vidrava os olhos injetados de bebedor de uísque.

Floriano torna a pensar em Sônia, e contra sua vontade compara-a com Sílvia, como fêmea, e se odeia por fazer isso, mas nem assim consegue afastar esses pensamentos. Esfrega com força o sabonete na cabeça, no pescoço, no torso com frenética energia, como na esperança de poder tirar do corpo todos estes desejos, e limpar o pensamento destas sujeiras. Merda para a limpeza!

Deixa o quarto de dormir pouco antes das oito. Acaba de enfiar umas calças de alpaca cor de chumbo e uma camisa de linho branco. Agora aqui vai ao longo do corredor a pensar, contrariado, em que terá de pôr gravata e casaco às dez da manhã para assistir à inauguração do busto do Cabo Lauro Caré e aguentar a oratória e as patriotadas sob o olho do sol. Sim, e terá também de apertar a mão do prefeito municipal e do comandante da Guarnição Federal, e comunicar-lhes que ali está como representante do Dr. Rodrigo Cambará, etc… etc… etc… Como está passando o senhor seu pai? Melhor, muito obrigado. E a senhora sua mãe? Mas que é que a senhora minha mãe tem a ver com isto? Vamos, senhores! Depressa com os discursos e os hinos! ó mísero apátrida! Ó homem sem passaporte! Serás acaso incapaz de vibração cívica? Que sentes ao ouvir o nosso Hino? Nó suíno? Cacófaton! Serei um cacófaton vicioso nesse concerto patriótico. Desculpem o mau par.

Floriano para junto da janela que dá para o patamar da escada

interna e olha para fora. Que sol! Que céu! Que verdes! No fim de contas quem tem razão mesmo é o Hino Nacional. “Nossos bosques têm mais vida e nossa vida em teu seio mais amores.”

Passa a mão. pelas faces, arrependido já de as ter friccionado com loção de alfazema. A Dinda detesta qualquer água-de-cheiro. Jango tem em péssima conta-homem que se perfuma. Mas quando é que vou aprender a fazer o que me agrada sem me preocupar com os outros?

Quando entra na sala de jantar, que recende a café recém-passado, o relógio de pêndulo começa a bater as oito. Além de Maria Valéria, só Sílvia se encontra à mesa. Ao ouvir os passos de Floriano, ergue a cabeça e sorri. A velha nem dá tempo ao recémchegado para lhes dizer bom dia.

— Estava com bicho carpinteiro no corpo? - pergunta. — Passou a noite caminhando.

Floriano depõe um beijo na testa da Dinda, depois senta-se, apanha um guardanapo, desdobra-o e estende-o sobre o regaço. — Quem foi que lhe contou?

— Ouvi seus passos.

— Como é que sabe que eram meus e não do Jango ou do Eduardo?

— Conheço muito bem o tranco do meu gado. Jacira! Traga esse café duma vez.

O relógio bate a última badalada, que soa longa, com uma gravidade meio fanhosa e desafinada como a fermata dum velho cantor de ópera que está perdendo a voz mas que ainda não perdeu a dignidade. É um som antigo, familiar mas nem por isso totalmente amigo. O menino Floriano sempre sentiu nele algo de autoritário e quase fatal. Era o “relógio grande” quem lhe dizia que era hora de levantar da cama, de ir para a escola e voltar para a cama à noite. Havia em suas ordens um tom definitivo e irrevogável.

E agora, como é preciso dizer alguma coisa, Floriano conta que quando criança sempre teve uma vontade danada de saber que era que a máquina do tempo tinha “na barriga”.

— Um dia teu pai te pegou mexendo na caixa do relógio - diz Maria Valéria - e te deu umas palmadas.

— Teria sido papai ou a senhora?

— Foi seu pai. Ainda não estou caduca.

Sílvia sorri, e seus dentes alvos e regulares aparecem.

— Pra mim - diz ela - esse relógio sempre foi uma- pessoa, um membro da família. Mas confesso que tinha um certo medo dele. Um dia eu estava sozinha aqui e de repente ele bateu… Levei um susto e desatei o choro. Foi quando D. Maria Valéria apareceu e eu me agarrei nas saias dela. Lembrase, Dinda?

A velha encolhe os ombros.

— Se eu fosse contar todas as vezes que vocês se agarraram nas minhas saias…

Jacira entra trazendo uma bandeja com um bule de café, outro de leite e um prato de torradas. Coloca todas essas coisas fumegantes em cima da mesa.

Floriano olha em torno. A luz da manhã, entrando pelas janelas, parece esforçar-se por dar um pouco de alegria e brilho à baça severidade desta sala.

Desde que veio morar no Sobrado, Sílvia se tem empenhado numa campanha lenta mas pertinaz para vestir a nudez do casarão e dar-lhe alguma graça. Tudo lhe ficou um pouco mais fácil depois que Maria Valéria perdeu a visão. A velha, por exemplo, não sabe que uma toalha de linho amarelo cobre agora a mesa, nem que o serviço de café é de cerâmica cor de terra de Síena, em desenho não-convencional. Se soubesse, protestaria contra todo "este desfrute". Faz relativamente pouco que se veem tapetes nos soalhos das salas principais do Sobrado, cortinas nas janelas e uns quadros nas paredes: reproduções de Degas, Cézanne, Utrillo e Renoir. Antes, além do retrato de Rodrigo, : dumas fotografias ampliadas e pintadas a óleo de pessoas falecidas, enquadradas em funéreas molduras cor de ouro velho, o mais que Maria Valéria se permitia ter em casa em matéria de "arte" eram os cromos das folhinhas que a Casa Sol distribuía como brinde entre seus fregueses. Quanto a móveis e utensílios, ela e Jango se contentavam com o mínimo. Esta mobília de jacarandá lavrado, pesada e triste, sempre causou um certo mal-estar a Floriano, que, quando menino, descobriu entre ela e os ataúdes do Pitombo um certo ar de família. Dentro da grande cristaleira, que lembra uma vitrina de museu - juntamente com bibelôs, xícaras de porcelana e cálices de cristal que jamais se usam - vê-se a famosa coberta de mesa de louça holandesa, herança de sua bisavó Luzia e que, segundo a tradição oral da família, pertenceu originalmente ao Príncipe Maurício de Nassau.

Sílvia acaba de encher de leite com algumas gotas de café a xícara de estimação de Maria Valéria presente que o Dr. Ca Winter lhe deu no Natal de 1905 - um xicarão que ostenta u ramo de flores amarelas e azuis pintado a mão, circundando um coração branco em relevo, sobre o qual se lê em letras douradas: Zum Andenken.

O maior aliado que o sol encontra aqui na sua tentativa de animar o ambiente é a reprodução em tamanho natural dum quadro de Van Gogh, de cores vivas e quentes, e que parece ser também um foco de luz.

Maria Valéria segura a xícara com ambas as mãos e leva-a aos lábios. A fumaça lhe sobe para o rosto dum moreno terroso de cigana, onde rugas fundas se cruzam e entrecruzam como gretas no leito adusto dum rio que secou. Por um instante Floriano fica a comparar a

face da velha com a da figura do quadro.

— Não achas que a Dinda e aquele camponês podiam ser parentes chegados? - pergunta.

Sílvia, que tem o bule de café na mão, lança rápido olhar para trás e depois, tornando a encarar o cunhado, diz: — Primos irmãos. — E, mudando de tom: - Preto ou com leite?

— Preto, por favor.

Floriano empurra para o centro da mesa a xícara, que a cunhada, de braço estendido, enche de café. A cor de sua tez, dum moreno parelho, enxuto e cetinoso, parece continuar fragmentada nos pratos, xícaras e pires. Floriano lembra-se de que viu essas mesmas qualidades na pele duma dançarina chinesa no Chinatown de San Francisco da Califórnia. A criatura, que dançava completamente desnuda na atmosfera crepuscular do cabaré, lhe trouxera à mente. de maneira perturbadora, a imagem de Sílvia.

— Mais alguma coisa?

— Não. Obrigado.

Floriano puxa a xícara, serve-se de açúcar e começa a passar manteiga numa torrada, com um cuidado lento e exagerado, como se quisesse esconder-se atrás deste gesto para melhor ruminar suas lembranças proibidas. Maria Valéria dá ordens em voz alta a Jacira. Da cozinha vêm os resmungos de Laurinda. Ruído de passos no andar superior.

Foi talvez naquela noite californiana, em plena Guerra, que pela primeira vez ele teve consciência da natureza carnal de seu amor por Sílvia. A chinesinha movia-se na pista perseguida pela luz do holofote. Em torno dela marinheiros e soldados embriagados diziam-lhe gracejos ou simplesmente urravam. Segurando um balão amarelo de borracha, com o qual escudava o sexo, ela rodopiava leve como uma figurinha de papel. Seus seios miúdos, firmes como as nádegas, tinham algo de patético. E ele seguia a dançarina com os olhos, perturbado pela descoberta…

Toma um gole de café e olha para a cunhada, irresistivelmente. Sim, ela tem algo de oriental. (Algum antepassado bugre?) No rosto alongado, de pômulos salientes, os olhos de castanha e mel são levemente oblíquos. Quando ela sorri o nariz se franze, as zígomas se acentuam, apertando os olhos, que ganham uma expressão entre lânguida e menineira. Aos vinte e sete anos, Sílvia tem algo que a Floriano parece uma espécie de precoce aura outonal é como se a criatura andasse permanentemente tocada pela luz de maio. Sua voz fosca, surpreendentemente grave num corpo tão frágil, sugere a cor e a esquisita fragrância da folha seca. De novo uma clarineta toca na mente de Floriano uma frase do adágio do Quinteto de Brahms. Mas é preciso dizer alguma coisa.

— Acho que já te contei, Sílvia, por que comprei essa reprodução de Van Gogh. Encontrei-a numa livraria de Nova York. Gostei das cores, desse fundo de laranja queimado contrastando com o blusão azul e o chapéu cor de sol. Mas o que mais me tocou foi a cara desse camponês mediterrâneo. Achei nele uma parecença extraordinária com vovô Babalo…

Sílvia torna a voltar a cabeça.

— Tens razão… a cara angulosa, a tez tostada, a barbicha branca, os olhos ao mesmo tempo bondosos e lustrosos de malícia. E repara nas mãos… que integridade! São mãos de gente acostumada a mexer na terra.

— Eu me lembro que, ao ver este quadro pela primeira vez, o velho Liroca notou logo essa espécie de lenço vermelho que o homem tem no pescoço e perguntou: "Quem é o maragato?"

De novo Sílvia está voltada para Floriano, e desta vez os olhos de ambos se encontram. Ela baixa a cabeça em seguida. Ele faz o mesmo, mordisca uma torrada, toma um gole de café - amargo, pois não o mexeu - e depois olha para Maria Valéria, que passa mel numa fatia de pão.

É admirável - reflete - como apesar de ter os olhos velados pela catarata a velha caminha por toda a casa, sobe e desce escadas, sem jamais dar um passo em falso ou colidir com pessoas, móveis ou paredes. É como se tivesse a guiá-la uma espécie de radar. Um dia, como alguém a elogiasse por isso, resmungou: "Depois de velha virei morcego."

Ruídos de passos na escada.

— É o Jango - murmura a Dinda.

Poucos segundos depois Jango entra na sala. Está sem casaco, veste uma camisa branca de mangas arregaçadas acima dos cotovelos, bombachas de brim xadrez e botas. Resmunga um bom dia geral, senta-se ao lado da mulher e, sem olhar para ninguém, começa a servir-se.

— Esse amanheceu com o Bento Manoel atravessado - munga Maria Valéria.

— Não achei a minha faca de prata - diz Jango.

— Já está na tua mala - informa Sílvia.

— Mandaste lavar o meu lenço branco de seda?

— Mandei. Está também na mala.

O sol bate em cheio no rosto de João Antônio Cambará. Em suas faces, dum moreno iodado, azuleja sempre a sombra duma barba cerrada, por mais que ele as escanhoe. Tem uma vigorosa cabeça de campeiro a que as costeletas dão um ar um pouco espanholado e anacrônico. Nos olhos escuros e apertados do irmão, Floriano descobre algo que em seu jargão particular poderia ser definido como "uma

expressão babalesca". No físico Jango se parece principalmente com o avô paterno. É o mais alto dos Cambarás, o que levou Maria Valéria a dizer um dia que "esse menino mais parece filho do Sérgio Lobisomem que do Rodrigo". Quanto ao temperamento, Jango herdou de ambos os avós o amor pela vida dó campo e uma certa impaciência com relação ao que ele costuma chamar de "bobagens de cidade".

Floriano observa o irmão furtivamente. A presença de Jango é dessas que logo se impõem ao olfato e à vista. Recende a suor, de mistura com sarro de crioulo e com o cheiro de couro curtido das botas e da guaiaca. Há certas pessoas vagas, meio apagadas, como um pastor metodista que Floriano conheceu quando menino: parecem desenhadas a lápis e depois pintadas com aquarela diluída. Mas Jango, de cabelos negros e sobrancelhas bastas, braços peludos e traços fisionômicos nítidos - é positivamente um desenho feito a nanquim e colorido com têmpera.

Enquanto Maria Valéria e Sílvia confabulam em voz baixa, decidindo o que vão mandar preparar para o almoço, Floriano fica olhando para dentro da sua xícara e analisando o Jango que ele "vê" na galeria fotográfica de sua memória, em meio de incontáveis retratos, uns mais apagados que outros.

Que será que ele pensa de mim? E que será que eu penso mesmo dele? Se não nos entendemos melhor, a culpa por acaso não será mais minha que dele? Acho que Jango sente por mim uma afeição morna misturada com certa perplexidade diante do bicho raro que sou: o homem que viaja, escreve e lê livros, que detesta a vida de estância e que - pecado dos pecados! - gosta de música… Minha afeição por ele talvez seja o resultado dum hábito combinado com a consciência dum dever. (Nunca tentei esconder nem de mim mesmo que sempre tive mais afeição pelo Eduardo.) Sim, às vezes Jango me irrita pelas suas qualidades positivas que tanto põem em relevo as minhas negativas. (Positivo e negativo, entenda-se, de acordo com a tábua de valores do Rio Grande.)

Talvez o que me separa dele seja o meu espírito crítico… Mas desde quando tenho espírito crítico? Não vivo a dizer a mim mesmo que sou mais um mágico que um lógico? Que sei eu! Temos vivido muito separados um do outro geograficamente, mas a verdade é que nossa maior separação deve ser na dimensão dos temperamentos. Acho Jango superior a mim. Ah! Como busco solução fácil para os problemas! Rebaixo-me, sou um réprobo, pequei contra os deuses guascas, bato no peito, faço ato de contrição e liquido o assunto. Não senhor! Nada é tão simples assim. Sou diferente de Jango, nem melhor nem pior. Jango, que em matéria de leitura não vai além do Correio do Povo, deve ter lido pouquíssimos livros em toda a sua vida, ao passo que eu já perdi a conta dos que li e reli. Mas como é grande o

número das coisas que ele sabe e eu não sei - coisas práticas, coisas essenciais! Essenciais? Opa! Uma palavra perigosa. Grande demais. Mas Jango goza de intimidade com a terra, conhece as manhas do céu e do tempo, tem os pés bem plantados no chão. Não é um estrangeiro no território que habita. Seu conhecimento das pessoas e dos bichos é instintivo, deixa longe o falso psicologismo de meus romances. ("A modéstia - dizia D. Revocata - é uma das mais belas virtudes que ornamentam o caráter humano." Mas merda para a modéstia! "Menino, não diga nome na mesa!") Há nele muita coisa que me desagrada: essa melena, essas costeletas platinas, a voz um pouco pastosa, como se tivesse sempre na boca um naco de churrasco gordo. E esse tom afirmativo e autoritário de quem está habituado a lidar com a peonada. Sim, e seu apego muar a um punhado de ideias feitas, de prejuízos… Essa tendência de considerar "coisa louca" tudo quanto esteja fora de seu código ético, de seus hábitos e de seu gosto. É o homem da tábua rasa. Fanático do trabalho, nada existe que despreze mais que o vadio. Fanático da propriedade, poderá ser tolerante para com um assassino, porém jamais perdoará a um ladrão de gado. Senhor de um arraigado senso de hierarquia, parece achar que se há ricos e pobres no mundo é apenas em virtude dum decreto divino inapelável. Mas poderá alguém honestamente negar que ele seja um homem bom, decente, e um amigo fiel?

Maria Valéria grita uma ordem para a cozinha. Floriano ergue os olhos. Sílvia, visivelmente perturbada, mantém os olhos baixos e mexe o café com a colher, dando a esse gesto uma importância exagerada. Jango continua a mastigar pão vigorosamente e a tomar largos sorvos de café, sempre com o cenho franzido. Por alguns segundos Floriano fica a olhar fascinado para o irmão.

Ali está um homem que tem objetivos claros. Viver a sua vida, ter filhos e criá-los à sombra de sua autoridade e dentro de seus princípios… conduzir bem seus negócios, manter a propriedade que possui, aumentando-a sempre que possível… Nas horas vagas. divertir-se… Mas qual é seu conceito de diversão?

Detesta cinema: coisa pra crianças ou para vadios. Não tem - parece nenhuma necessidade de música. Como o velho Licurgo, não consegue assobiar nada, além da melodia óbvia do Boi Barroso. Quais então os seus prazeres? O chimarrão, um assado de costela, um crioulo, melancia fresca, banho na sanga, bons cavalos, corridas em cancha reta, rinhas de galo… Sim, e mais esse gosto, que lhe deve encher o peito de saber-se coproprietário de vastos campos povoados, essa volúpia de dar ordens, de entregar-se à atividade campeira como ao mais excitante e viril dos esportes. De vez em quando uma "espiada" na cidade e - quem sabe? uma escapadinha sexual, mas muito discreta, pois um homem deve antes de mais nada manter sua

fachada de respeitabilidade…

A voz de Jacira - D. Maria Valéria, o enfermeiro disse que o doutor já acordou.

— Está bem. Aquente a água pro chimarrão.

Floriano censura-se a si mesmo. Não devia estar analisando meu irmão dessa maneira, mas sim procurando aceita-lo tal como ele é. Sim, e amá-lo. Principalmente amá-lo. A ele e a todos os outros. Talvez seja esse o caminho da minha… (Até em pensamentos lhe soa falsa a palavra salvação.) Construir pontes e outros meios de comunicações entre as ilhas do arquipélago - não será mesmo o supremo objetivo da vida?

Volta a cabeça e olha para a velha ilha que é Maria Valéria - ilha de clima áspero (na aparência apenas), roída pela erosão, batida pela intempérie e pela idade. A velha está agora de cabeça alçada, narinas palpitantes, farejando o ar, como um cão de caça: - Quem é que está me cheirando a barbearia? - Sou eu, Dinda - confessa Floriano. Jango levanta a cabeça e diz sério: - Logo que cheguei também senti… Floriano não consegue conter-se: — Desculpa. Eu sei que teu perfume predileto é o de creolina. Arrepende-se imediatamente de ter pronunciado estas palavras. Jango lança-lhe um olhar hostil e diz: - Creolina é cheiro de quem trabalha.

Pronto. Recebeste o que mereces. E lá se vai águas, a baixo a pinguela que existia entre a ílha-Jango e a ilha-Floriano…

O marido de Sílvia parte um pão sovado quase com raiva.

Floriano fica a olhar disfarçadamente para os dedos do irmão, longos, fortes e nodosos como raízes. Essas mãos maltratadas, mas cheias duma grande integridade, o fascinam e ao mesmo tempo lhe causam uma vaga inveja. São mãos que sabem fazer coisas - trançar lombilhos, curar bicheiras, plantar, colher, usar a plaina, o formão, o serrote, a tesoura de tosquiar - mãos hábeis e úteis.

Sim, mãos que também sabem castrar. Floriano ouve mentalmente as palavras que o velho Liroca um dia lhe disse: “Quando Jango capa um animal, o talho nunca infecciona. Flor de mão!” Mas, lançando um rápido olhar para Sílvia, ele sente de maneira aguda o contraste entre a fragilidade da moça e a rudeza do marido. Quer-se mal, despreza-se ao pensar em que naquele inesquecível ano de 1937 tudo dependera duma palavra sua, dum gesto seu. E ele não fizera esse gesto, não pronunciara essa palavra. Idiota! Idiota! Mas não se insulta com muita convicção. Talvez as coisas" estejam certas da maneira como estão. Qual! Está claríssimo que Sílvia e Jango não se entendem, não são felizes um com o outro. Quem a merece sou eu. Merece? Fugi dela como um covarde. Encontrei admiráveis desculpas para não fazer o gesto decisivo. E depois fiquei ressentido, quase irritado porque ela casou com o Jango.

Querias ridículo romanticão! incurável egoísta! - querias que ela te permanecesse fiel e ficasse aqui como uma Penélope guasca a tricotear eternamente um suéter para este Ulisses sempre ausente e indeciso.

Neste momento Flora entra, bate de leve no ombro de Jango: - "Como vai, meu filho?" - passa a mão na cabeça de Sílvia, toca no braço de Maria Valéria - "Bom dia!" - beija o rosto de Floriano e depois vai sentar-se à outra cabeceira da mesa.

Por que beijo só para mim? - pergunta Floriano a si mesmo. Esta preferência não só o constrange como também lhe pesa como uma ameaça potencial à sua liberdade.

— Jacira! - exclama a velha. — Traga mais café e mais leite quente. — Seus olhos de estátua estão voltados na direção de Flora. — Onde estão os lordes?

Refere-se a Bibi e Sandoval. Jacira, que entra neste momento, informa - D. Bibi deixou um bilhete, pra eu acordar eles às nove e levar café na cama.

— Não leve coisa nenhuma! - exclama a velha. — Se quiserem, que venham tomar café na mesa com os outros. Isto não é hotel.

— A Bibi e o Marcos voltaram da rua muito tarde ontem - diz Flora.

— Eu ouvi.

— Estiveram jogando bridge na casa do Dr. Prates.

— Jogando o quê?

— Bridge, um jogo de cartas.

A velha franze o nariz, com nojo. Flora pega o bule para servir-se de café. Suas mãos tremem. Embacia-lhe os olhos machucados uma expressão que é ao mesmo tempo de abandonada tristeza e quase de susto - a gazela indefesa que no meio do inato começa a pressentir a aproximação dum grande perigo. Seu rosto, sem um pingo de pintura, parece esculpido em cera. (O menino Floriano detestava os anjos de cera do Pitombo, símbolos de morte que lhe davam um medo mesclado de náusea.) Flora envelheceu alguns anos nestas últimas semanas… Os cabelos embranqueceram de repente. Ou deixou de tingi-los? (Odeia-se por causa deste pensamento, no qual descobre um grão de sarcasmo.) Mas não pode deixar de reconhecer que sente muito mais ternura por esta mãe envelhecida e apagada do que pela outra que via no Rio, perturbadoramente jovem, bem cuidada, bem vestida e sempre maquilada.

Floriano não se sente feliz por verificar que suas reações de homem adulto não diferem muito das do menino que não queria aceitar, por indecente, a ideia de que os pais ainda pudessem ter hábitos e apetites de gente moça do menino para quem só as prostitutas é que andavam enfeitadas, perfumadas e de cara pintada.

Sempre as contradições! Apesar de partidário do divórcio e de seu

horror cerebral às atitudes convencionais, reagiu como um moralista ao casamento por contrato de Bibi. Ele, o puritano impuro!

Agora aqui está, perturbado como um colegial, por ter Sílvia ali do outro lado da mesa, lutando entre o desejo de olhar para ela e o temor de revelar seu segredo. E como pode sequer pensar em levá-la daqui, se a simples ideia de que os outros possam desconfiar de seu amor deixa-o aterrorizado?

Faz-se na sala um silêncio que Floriano sente prenhe das coisas que não se dizem sobre a situação: a presença de Sônia em Santa Fé, a visita que Rodrigo lhe fez, o perigo de que ele repita a façanha e morra na cama da rapariga, naquele sórdido quarto de hotel… (Sórdido? Outra vez o puritano. Nem sequer conheço o hotel.) A amante do Dr. Rodrigo é o grande assunto do momento, mais sensacional talvez que o da eleição presidencial. A cidade inteira comenta a história, enriquecendo-a com fantasias maldosas. Há dois dias Esmeralda Pinto não se conteve e veio ao Sobrado visitar Flora, que a recebeu fria na sala de visitas, sentada na ponta da cadeira. Depois do intróito costumeiro - "Como vais, Flora? Muita saudade do Rio? E o Dr. Rodrigo, está melhor?" - a maldizente municipal entrou de chofre no assunto, que era evidentemente o objetivo principal da visita. "Por falar no Dr. Rodrigo, eu invejo a coragem dele. Trazer essa moça para um lugar pequeno como Santa Fé, e ainda por cima ir visitar ela no hotel… Te digo, Flora, é preciso ter muito caracu." Flora não disse palavra, limitou-se a olhar impassível para a mexeriqueira. "Não vais me dizer que não sabes… Todo mundo sabe, até as pedras da rua… Todo mundo comenta o acinte. Pobre da Flora, dizem, tão distinta, tão boazinha, não merecia. .. " Flora mantinha os lábios apertados. "Queres saber de uma coisa? - continuou a outra. — Se fosse comigo, eu entrava naquele hotel e tirava a china de lá a bofetadas." Nesse momento D. Maria Valéria surgiu à porta e gritou: "Fora daqui, sua cadela!"

Quem quebra agora o prolongado silêncio é a velha: — Ontem os compinches do Rodrigo ficaram até tarde conversando lá em cima. O Dante devia proibir esses ajuntamentos. — Proibir? - repete Floriano. — A senhora não conhece o papai. — Conheço como se lo hubiera parido, como dizia o Fandango. Floriano sorri ao ouvir tais palavras da boca duma virgem. — Mas quem insiste nessas reuniões é ele. Manda chamar os amigos, reclama quando eles não vêm…

— O pior - insiste a velha - são esses tais de "queremistas"

que aparecem aos magotes. Ficam horas e horas lá em cima, pitando e bebendo, e o sem-vergonha do Rodrigo aproveita o entrevero e pita e bebe também com os outros…

Jango ergue a cabeça e, com a boca cheia de pão, diz: — O papai está praticamente dirigindo o movimento "queremista" no município.

Eu até me admiro de ele não ter insistido em ir falar em praça pública.

A velha alça a cabeça e fica à escuta. Soam passos na escada. — É o touro xucro - murmura ela. Eduardo entra, resmunga um mal-audível "Bom dia para todos - senta-se ao lado de Floriano. Y - Bom dia, mal-educado! exclama a velha. — Não dor mimos juntos.

— Eu disse bom dia - replica Eduardo, sorrindo. — Só se foi pra ouvido de cachorro. Não ouvi nada. Flora serve café para o recém-chegado.

— Deves ter dormido muito pouco, meu filho. Voltaste tarde ontem.

— Às três - apressa-se a informar a velha.

— Como é que a senhora sabe a hora? - indaga Floriano. Maria Valéria leva o indicador à testa: - Tenho um relógio aqui dentro.

Floriano lança um olhar furtivo para Sílvia. As mãos de Jango amarfanham o guardanapo amarelo que ele leva aos lábios. Eduardo assobia baixinho uma melodia que Floriano não consegue identificar. Positivamente, esta é a família mais amelódica do mundo!

Tem vontade de estender o braço, abraçar o irmão, fazer-lhe perguntas cordiais. Mas contém-se; inibido pela lembrança das recentes agressões do outro: Claro que ele não pode levar Eduardo rigorosamente a sério. Não que ele não seja sincero ou inteligente no que diz… O que lhe parece um pouco juvenil e risível é o seu fervor frenético de templário.

Jango olha para Eduardo e diz: - Então amanhã temos finalmente essas famosas eleições…

— A primeira em quinze anos - diz o irmão mais moço. — Parece mentira.

Esfregou a palma da mão na coroa da cabeça, num gesto que se lhe torna compulsivo sempre que tem de falar na presença de mais de uma pessoa. É curioso - reflete Floriano - como por trás de toda essa agressividade se possa esconder uma tão grande timidez.

— E os comunistas esperam eleger esse candidato mixe de última hora? pergunta Jango, num tom provocador. Eduardo dá de ombros.

— Está claro que não. Se apresentamos um candidato nosso é porque não podemos votar num nazista nem num reacionário.

E, depois, queremos dar um balanço nas nossas forças eleitorais. Toma um gole de café, e pouco depois pergunta: - E vocês esperam eleger o Brigadeiro? - E por que não?

— Não sejas bobo. O Getúlio recomendou aos seus apaniguados que votem no Dutra. O General está eleito. — Queres apostar?

— Não.

— Irá haver barulho? - pergunta Maria Valéria, que não concebe carreira, rinha de galo e eleições sem briga.

— Vai tudo correr bem, Dinda - assegura-lhe Floriano.

— Não sei… - murmura a velha. — Mas eu preferia os tem pos do Dr. Getúlio. Não tinha eleição pra incomodar a gente.

— Nem diga isso! - protesta Jango.

Floriano pousa a mão no pulso da tia-avó e diz, sorrindo: - Mas alguém tem alguma dúvida? A Dinda - é totalitária.

Esse foi sempre o regime político e econômico do Sobrado.

— Não sei o que você está dizendo. Mas eu preferia que não houvesse eleição.

Jango faz um gesto que lembra a Floriano o velho Aderbal: afasta de si a xícara vazia. (Faz sempre isso com o prato, ao terminar cada refeição.) Tira do bolso da camisa um cigarro de palha feito e acende-o.

— Voltas hoje para o Angico? - indaga Eduardo.

É uma pergunta inocente, mas Floriano sente de imediato suas possibilidades de perigo. E não se engana, porque Jango responde com voz sombria - Vou, e sozinho como sempre. — Faz um sinal com a cabeça na direção de Sílvia. — Esta moça aqui não gosta lá de fora…

— Por favor, Jango - murmura ela - não vamos recomeçar…

— Ora, Sílvia, todo o mundo sabe que tu tens raiva do Angico.

Sílvia lança um olhar de súplica para a sogra, como a pedir-lhe auxílio. Mas o socorro vem de outro quadrante.

— A Sílvia precisa ficar, Jango - intervém Maria Valéria. — Se ela for pro Angico, quem é que vai me ajudar a cuidar do Rodrigo?

Floriano olha instintivamente para a mãe, que baixa os olhos. Desta vez a frechada foi dirigida contra ela. Maria Valéria não se conforma com a atitude de retraimento de Flora para com o marido. Ela se limita a aparecer periodicamente à porta do quarto e a perguntar: “Precisa de alguma coisa?” - feito o que se retira para continuar no seu silêncio arredio. Floriano, porém, compreende o drama da mãe, que deve debaterse continuamente entre o dever de esposa e o orgulho de mulher. (E a formulação do problema nestes termos lhe soa desagradável e ridiculamente como uma situação de novela de rádio.)

— Vocês se lembram do Manequinha Teixeira? - pergunta Jango, soltando uma baforada. — Casou-se com uma moça "que não gostava da campanha. Quando ele ia pra estância, ela ficava na cidade. Pois tanto o rapaz ficou sozinho, que acabou se amasiando com uma china.

Floriano sente o sangue subir-lhe à cabeça. Não se contém: - A moral da tua história é muito simples, Jango. No fundo o que o Manequinha Teíxeira merecia mesmo era a china.

— Meninos - grita Maria Valéria. — Vamos parar com isso!

Jango ergue-se intempestivamente, atirando o guardanapo em cima da mesa.

— Está pronta a minha mala? - pergunta.

Sílvia limita-se a fazer um sinal afirmativo com a cabeça.

— Pois então, até outro dia!

Sai da sala pisando duro. Faz-se um silêncio, quebrado poucos segundos depois por Maria Valéria: - Jacira, vá levar a água pro chimarrão do doutor.

Floriano serve-se de mais café, sem vontade, apenas para fazer alguma coisa, já que não sabe o que dizer. Pensa em erguer-se da mesa mas não atina como fazer isso de maneira natural, sem dar a esse movimento um caráter dramático.

Quando, alguns minutos depois, Sandoval e Bibi entram na sala - ele muito expansivo, de calças e sapatos brancos, camisa esportiva italiana cor de jade, um lenço dum verde-musgo amarrado ao pescoço, o cabelo muito lambido e reluzente; ela vestida de vermelho com ar azedo mas já completamente maquilada, com uma pesada máscara de panqueque no rosto - Floriano "se faz a si mesmo estas perguntas: Por que estamos todos aqui reunidos? Que grande acontecimento esperamos? E a primeira resposta que lhe ocorre, deixa-o gelado. Estamos todos, duma maneira ou de outra, esperando a morte do dono da casa.

Tomado de uma súbita pena do pai, sente um enternecido desejo de vê-lo.

O relógio lá em baixo está ainda a bater nove horas quando Floriano entra no quarto do doente. Ao passar pelo enfermeiro, que monta guarda à porta como um cão de fila, contém a respiração, pois Erotildes como de costume está envolto na sua aura fétida.

— Que milagre! - exclama Rodrigo.

Mais sentado que deitado na cama, entre travesseiros, tem na mão a cuia de mate e ao seu lado, em cima da mesinha, a chaleira com água quente.

— Senta, meu filho. Que é que há de novo?

Floriano senta-se na ponta da cadeira, o busto ereto, como numa visita de cerimônia, mas percebendo imediatamente o absurdo de sua postura, corrige-a, procurando ficar mais à vontade.

— De novo? A inauguração da herma do herói, daqui a pouco… E as eleições amanhã.

— Não. Quero saber que é que há de novo contigo. — Comigo? Nada.

— Deves estar morrendo de tédio neste cafundó-do-judas. — Nem tanto.

— Estás, eu sei. — Rodrigo toma um longo sorvo de mate. — Me arrependo de ter te trazido. Não tens nada que fazer aqui.

Bela deixa para entrarmos no nosso “ajuste de contas” - reflete Floriano. Posso dizer: “O senhor está enganado. Tenho uma coisa muito importante a fazer em Santa Fé: acabar de nascer. Esta é a

grande oportunidade. Talvez a última.” Mas continua calado. Por quê? Sente que a hora não é propícia ao tipo de conversação que precisa ter com o Velho. Jamais conseguiu escrever ou ler com proveito o que quer que fosse de sério nas primeiras cinco ou seis horas após o nascer do sol. Tem a impressão de que até a música de Bach quando ouvida pela manhã perde parte de seu sabor, como a fruta gelada. É como se a leveza fresca da atmosfera nikinal se comunicasse às ideias e aos problemas, diminuindo-lhes o peso específico. Sim, esta luz de ouro novo que agora entra alegre pelas janelas, parece ter a capacidade de atravessar as pessoas e ás coisas, deixando-as transparentes e vazias de conteúdo dramático.

— Mas não estou arrependido de ter vindo - "diz em voz alta. — Afinal de contas um congresso de família é sempre-interessante…

Ia quase dizendo edificante, o que tornaria o sarcasmo (involuntário?) ainda maior.

— Fresco congresso - murmura Rodrigo, apanhando a chaleira para tornar a encher a cuia.

Vozes humanas vêm da praça, em frases ou gritos. São como dardos soltos na grande manhã luminosa. Rodrigo faz menção de entregar a cuia ao filho, mas não completa o gesto.

— Ia esquecendo que não tomas mate.

— Pecado mortal segundo a teologia gaúcha, não?

— Pecado venial. Os mortais são outros.

Contemplando o filho com uma mistura de afeto e impaciência, Rodrigo pensa: “Pecado mortal é ter um corpo como o teu e não usá-lo inteiro. Pecado mortal é viver a vida que levas. Qualquer dia ainda vou te dizer estas coisas na cara. Agora não. Estou cansado. Mas quem me dera os teus trinta e quatro anos!”

Floriano contempla o pai, esforçando-se para não deixar transparecer na fisionomia a pena que sente dele.

Este rapaz terá alguma coisa a me dizer? - pergunta-se Rodrigo a si mesmo. Decerto quer me falar sobre a Sônia, me pedir que mande embora a rapariga. Sempre foi do lado da mãe. Não o censuro, é natural. Mas pôr que não desembucha logo?.

Pigarreia, mete a mão por dentro da camisa, apalpa o tórax à altura do coração. Floriano percebe por entre a cabelama do peito do velho o lampejo de alumínio duma medalhinha oval com a imagem duma santa.

— Como está se sentindo?

— Pior que rato em guampa. O Dante quer me empulhar com suas falsas esperanças.- Pensa que esqueci toda a Medicina que me ensinaram.

— Mas a crise aguda não passou? Agora não é apenas… ?

Rodrigo interrompe-o com um gesto de impaciência.

— Qual nada! É o que vocês literatos chamam de “mentira piedosa-. Eu sei que pode sobrevir uma recidiva repentina e violenta… e adeus, tia Chica! Não me iludo, meu filho, os meus infartos foram relativamente benignos, com repouso e dieta séria eu podia ir longe. Mas depois deste edema pulmonar agudo, estou condenado. ” É questão de tempo.

À noite me seria fácil acreditar que ele vai morrer mesmo - reflete Floriano. — Agora não. Há muita esperança na manhã. Muita beleza nessa cabeça tocada de sol. Muito apetite de vida nesses olhos.

— E sabes como é que vou acabar? Pois eu te digo- Tenho uma insuficiência ventricular esquerda. Vou morrer de assistoléa. Para falar ainda mais claro: vou morrer asfixiado. Quando eu era menino, a história que mais me apavorava eta a do homem que tinha sido enterrado vivo. Tu vês, essa marte foi escolhida a dedo pra mim…

Agora devo me levantar - pensa Floriano - pousar a mão no ombro dele e dizer, jovial: “Acabar coisa nenhuma. Não se entregue. O senhor vai aos oitenta.” E por que continuo aqui sentado e silencioso? Porque estou mesmo convencido de que ele vai morrer? Porque sei que ele não acreditará nas minhas palavras?

Ou porque tudo pareceria teatral, convencional ou piegas? Ou se porque já descrevi uma situação como esta num de meus romances Por quê? Por quê? Vamos, ainda é tempo! Amanhã, depois q ele se for, sentirei remorso por não ter feito o gesto.

— Às vezes - continua Rodrigo - quando estou aqui sozinho, pensando na morte, pergunto a mim mesmo se não ser melhor meter uma bala nos miolos e acabar logo esta agonia.

Floriano olha instintivamente para a mesinha de cabeceira e cuja gaveta Rodrigo guarda o revólver. Imagina-se entrando n quarto na calada da noite, na ponta dos pés, para roubar a arco E só de pensar no que essa cena tem de melodramático ele sente na faces e nas orelhas um calorão formigante de vergonha.

Rodrigo espera e deseja do filho um gesto de amor. Por que está ele ali de olhos baixos, calado, com as mãos segurando joelhos, como um réu?… Sim, é curioso, Floriano tem um permanente ar de réu. É incrível que meu filho não tenha nenhuma intimidade comigo. Talvez o culpado disso seja eu. Mas não, deve ser o sangue dos Terras. Para ser justo não devo esquecer que à vezes eu também tinha ar de réu na frente do velho Licurgo. Agora aqui estou como pai. Não tenho nenhuma vocação para o papel Torna a encher a cuia, que aperta com uma das mãos, sentindo-a quente, com algo de humano – seio ou nádega de mulher - Ah! - exclama.

— Tive um sonho engraçado a noite passada. Vou ver se me lembro direito…

Feliz por ver a conversação tomar outro rumo, Floriano anima-se:

- Somos uma família de sonhadores. Eu sonho tanto, que às vezes desperto cansado com a impressão de haver passado a noite em claro. Rodrigo fica por um instante a pescar imagens nas águas turvas do sonho, tal como este lhe ficou na memória.

— Bom… Eu estava sentado, não sei bem onde, se aqui ou no Rio… Só sei que era uma roda de chimarrão. Enchi a cuia e passei-a à pessoa que estava mais perto de mim, dizendo : "Muito cuidado, que ela está rachada… " Mas senti que essa pessoa não estava acreditando muito no que eu dizia. Fiquei preocupado, respirando com dificuldade, porque sabia que se alguém apertasse a cuia com mais força ou a deixasse cair eu ia sentir todas essas coisas no corpo… Não me lembro do que aconteceu depois… Ah! Eu estava encalistrado porque a cuia não tinha bomba. — . Os outros percebiam isso mas não diziam nada, para não me ferir, e eu passei agoniado todo o tempo que a cuia corria a roda.,. . e já estava até meio brabo, querendo brigar. Não é engraçado?

— A cuia é evidentemente a imagem de seu coração… veja a semelhança na forma. E não preciso dizer-lhe o que á bomba simbolizava…

— Não me venhas com as tuas interpretações.

— O senhor se lembra de quem estava nessa roda de chimarrão?

— Não - mente Rodrigo, negando ao filho elementos para prolongar o assunto. Lembra-se bem de que eram mulheres… mulheres cujas feições ele não podia distinguir direito, mas cuja identidade misteriosamente adivinhava…

Não posso continuar nesta posição - reflete Floriano. — Preciso fazer alguma coisa.

Ergue-se, aproxima-se da janela e fica a olhar para a fachada da velha Matriz, lembrando-se das muitas vezes em que essa imagem, fundida ou alternada com a do Sobrado e a do mausoléu dos Cambarás, lhe assombrou a memória, durante o tempo em que viveu no estrangeiro: a casa onde nascera, a casa onde fora batizado e onde seu cadáver possivelmente seria encomendado, e a "última morada".

Há entre esses "abrigos" uma certa identidade - reflete. — Os três estão de certo modo ligados à ideia de nascer e morrer: símbolos maternos, portanto. Zeca poderia dizer que entre o berço e a vida terrena representados pelo Sobrado e a morte do corpo simbolizada pelo jazigo perpétuo da família, a Igreja ali estava como uma promessa de vida eterna… Ah! Se eu pudesse acreditar nisso - mas acreditar intensamente, não só com o cérebro mas com todo o corpo - tudo estaria resolvido…

No coreto da praça um homem experimenta o microfone dizendo num tom monocórdio: um… dois… três… quatro… cinco… seis…

— Daqui a pouco - queixa-se Rodrigo - vou ter que ouvir o

bestialógico do comandante da Guarnição Federal e o do representante do prefeito… A pústula do Amintas vai também deitar falação. Se eu não estivesse tão esculhambado era capaz de sair daqui e ir dizer a esses calhordas uma meia dúzia de verdades.

— Por exemplo…

— Ora, diria a esse povo o que representou a participação da Força Expedicionária Brasileira na Guerra, do ponto de vista moral. E aproveitaria a ocasião para mostrar o que o Brasil deve ao governo do Getúlio. Isso como prelúdio… Depois entrava na história dos Carés, começando na Guerra do Paraguai, em que um antepassado do Laurito salvou meu tio Florêncio, que estava ferido, carregando-o nas costas… Passaria pelas revoluções de 93, 23 e 30, para finalmente chegar a 1945.

Torna a encher a cuia, dá um chupão na bomba, faz uma careta e grita: - Enfermeiro!

Recusa-se a pronunciar o nome Erotildes, que lhe parece indigno de homem. O ex-sargento surge à porta, perfilado.

— Me traga mais água quente.

O homenzarrão apanha a chaleira e retira-se. Rodrigo prossegue: — Li a ordem do dia em que o Laurito foi citado. Foi numa das tentativas de nossa gente para tomar Monte Castello. O rapaz saiu com uma patrulha de reconhecimento, a patrulha caiu numa emboscada, o tenente que a comandava ordenou a seus homens que se retirassem, pois eram em número menor que o do inimigo, e estavam numa posição desvantajosa. O Cabo Caré recusou obedecer à ordem, ficou para trás, sentou joelho em terra, abriu fogo contra os nazistas e ali se plantou, protegendo a retirada dos companheiros, que conseguiram salvar-se. Só encontraram o cadáver do rapaz duas semanas mais tarde, coberto de neve e abraçado ao seu fuzil-metralhadora. Tinha sete balaços no corpo.

— As sete dores de Nossa Senhora. Os sete pecados mortais. O senhor sabe duma coisa? Temos aí elementos para uma canonização ou pelo menos para uma beatificação.

— Não seja cínico, Floriano. Sei que esse não é o teu feitio. Por que é que vocês intelectuais vivem posando de cépticos, fingindo que não são sentimentais, que não acreditam em patriotismo nem em civismo? É impossível que a façanha do Laurito não te entusiasme. Se o velho Licurgo fosse vivo, aposto como estaria rebentando de orgulho do neto, embora sua cara de pedra não revelasse nada. Era fechado como um Terra. Tu, além de Terra, és Quadros. Tens vergonha de teus próprios sentimentos.

— Está claro que a proeza do Lauro Caré me comove, me entusiasma. Não sou diferente dos outros. Ainda hoje, quando ouço um dobrado marcial, sinto arrepios cívicos. Quando tocam o Hino

Nacional tenho ímpetos de invadir o Paraguai ou a Argentina e de matar castelhanos (É isso que o senhor quer?) e de morrer abraçado ao auriverde pendão. Está satisfeito?

Rodrigo solta uma risada. Sua mão treme, a erva úmida lhe cai da cuia sobre o peito da camisa, manchando-o de verde.

— És um caso perdido! - exclama, sacudindo a cabeça.

— Mas acontece - prossegue Floriano - que tudo isso é irracional, uma deformação, um reflexo condicionado, um resultado da educação defeituosa que tivemos e que nos prepara para a aceitação passiva da guerra como uma fatalidade. Há duas ideias muito convenientes às classes dominantes: uma é a de que pobres sempre os haverá (e nisto elas contam com o testemunho das Escrituras) e a outra é a de que as guerras são inevitáveis. Vocês todos estão encantados com a ideia do Laurito herói. Pois eu penso no Laurito agonizando, esvaindo-se em sangue, com sete balas no corpo, morrendo sozinho, numa montanha da Itália… Não seria preferível que ele estivesse vivo, em Santa Fé, a manejar o seu torno, a exercer o seu artesanato?

Rodrigo ergue o braço e aponta para o filho um dedo acusador. — Se esse menino e centenas de milhares de outros não tivessem sacrificado suas vidas na luta contra a tirania nazista, hoje os beleguins do Hitler nos estavam dando ordens e pontapés no traseiro. Gostarias disso?

— Está claro que não.

— Então? Continuas achando que o Laurito morreu em vão?

— Precisamos aprender a analisar a guerra sem ilusões românticas, sem o tamborzinho inglês ou o estudante alsaciano. Temos de ver todo o problema e não apenas parte dele. Essas centenas de milhares de soldados morreram convencidos de que estavam defendendo suas pátrias e salvando o mundo da tirania. A curto prazo estavam mesmo. Mas não devemos esquecer certas contradições monstruosas. As armas e as balas que mataram os soldados aliados foram em parte financiadas por capitais ingleses e americanos, pelos grupos que ajudaram a Alemanha nazista a armar-se, com a esperança de que ela se lançasse sobre a Rússia. Muitos desses nobres motivos que levam os homens à guerra não passam às vezes de sórdidas intrigas mercantis. O resto é neurose coletiva estimulada pela propaganda.

— Parece até que estás te convertendo às ideias do teu irmão comunista… Mas esqueces que as causas das guerras não são apenas econômicas. É preciso levar em conta também o instinto agressivo do homem…

— De acordo, mas esse instinto agressivo pode ser dirigido num bom sentido construtivo, tanto no plano individual como no social. Pelo menos devemos tentar isso.

Por alguns instantes ficam ambos em silêncio. Depois, mexendo a bomba de prata com ar distraído, Rodrigo diz: - Queres então dizer que os atos de bravura de homens como o Cabo Lauro Caré e tantos outros para ti não têm valor nenhum…

— Claro que têm! Um imenso valor, mesmo na gratuidade e no absurdo. Valem em si mesmos numa afirmação do homem como homem, na sua capacidade de enfrentar o perigo, de dominar o medo, de lutar e arriscarse pelo que lhe parece justo e bom. Eu não perco a esperança de que um dia esses heróis possam atingir um bom-senso tão grande quanto a sua coragem física.

Rodrigo olha para o filho fixamente, por alguns segundos, silencioso e sério, e depois explode: — Queres saber duma coisa? Vai-te à merda! E me dá um cigarro.

— Floriano sorri.

— O senhor sabe que não fumo.

— Não fumas, não bebes, não jogas… Que é que fazes?

— Faço o resto, que não é pouco.

Quando esse filho da mãe cair em si - reflete Rodrigo - vai ser tarde. Estará velho, feio e impotente.

— Senta - diz em voz alta. — Quero te contar umas cenas que estive recordando hoje.

Floriano torna a sentar-se. Rodrigo aponta para a janela que emoldura um quadro: o céu límpido, as copas das árvores da praça, as torres da Matriz, a cúpula do edifício da Prefeitura…

— Hoje quando acordei fiquei pensando nas voltas que a vida dá… Parece mentira que eu, Rodrigo"Cambará, já fui intendente municipal deste burgo podre. Te lembras? Ó culpado foi o Getúlio. Insistiu para que eu aceitasse a minha candidatura. Tinha sido eleito presidente do Estado, disse que precisava de mim. Não tive outro remédio.

— Sempre quis saber que foi que o senhor sentiu ao ver-se dentro do gabinete que o Cel. Madruga ocupou por tanto tempo.

— Nojo. Mandei imediatamente fazer uma limpeza geral no edifício, desinfetar as salas com formol, pintar de novo as paredes, tirar enfim aquele cheiro de sangue, suor e mijo, aquele bodum de várias gerações de sacripantas e bandidos.

Erotildes entra com a chaleira, que repõe sobre a mesinha.

— Mais alguma coisa, doutor?

— Não. Pode ir embora. E feche a porta.

Rodrigo segue com o olhar o enfermeiro que se retira. Depois de ver a porta fechar-se, diz: — E tu ainda me vens com teus sonhos de igualdade… Mas, como eu ia dizendo… Vinte dias depois da minha posse, quase duzentos e cinquenta operários estavam abrindo valas nas ruas de Santa Fé…

Enche a cuia, toma um gole prolongado, sorri e prossegue: e um trem com dez vagões cheios de tubos e outros materiais chegava à estação. O Dr. Rodrigo Cambará cumpria a promessa que tinha feito ao eleitorado e a si mesmo: dar um serviço de água e esgotos a Santa Fé antes de terminar seu primeiro ano de governo! Que me dizes?

— Eu me lembro da reação popular.

— Engraçado! Te lembras apenas do aspecto negativo do problema. Natural! No princípio quase todos ficaram contra mim. Desandaram num falatório desenfreado, porque eu estava demolindo as finanças do município… porque aquilo era uma loucura… porque eu ia sacrificar várias gerações de santa-fezenses… porque a cidade-não aguentava despesas daquele porte… e porque isto e porque aquilo. Chegaram até a insinuar que eu estava metendo a mão nos cofres municipais, quando na realidade eu tirava dinheiro de meu próprio bolso, me arruinava quase, para ajudar as obras. Te lembras daquele drama, O Inimigo do Povo? Claro que te lembras, pois eu te via sempre às voltas com o lbsen. Pois é. Olha o que aconteceu ao Dr. Stressmann ou Stockmann… ou coisa que o valha. O povo é inconsequente e ingrato.

Estende o indicador na direção de Floriano.

— E tu tens aí o resultado. Agora todo o mundo me aplaude, me dá razão. Fiz naquele tempo por um preço irrisório o que hoje custaria uma fortuna. O empréstimo que o município contraiu, está pago e a vida da cidade melhorou. Mas… ah! Antes de reconhecer isso a canalha tinha de me difamar, de pedir a minha cabeça, de me crucificar…

Faz uma curta pausa em que fica pensativo, acariciando a cuia. Depois pergunta - Te lembras do meu plano para acabar com a pobreza de Santa Fé?

Floriano sacode afirmativamente a cabeça. Mal tomou posse do cargo, Rodrigo saiu a visitar comerciantes, fazendeiros e capitalistas do município para pedir-lhes o auxílio financeiro de que necessitava a fim de levar a cabo o seu grandioso projeto de liquidar os ranchos miseráveis e nauseabundos do Purgatório, do Barro Preto e da Sibéria, substituindo-os por casas de madeira, modestas mas limpas e razoavelmente confortáveis, que seriam entregues gratuitamente aos “desprotegidos da sorte Não fazia propriamente pedidos: dava ordens, impunha - quantias, não aceitava negativas. Quase bateu na cara dum Spielvogel que recusou contribuir paia o fundo, alegando que já pagava impostos altos ao município. Por fim, de posse duma importância considerável em dinheiro, mandou começar a construção das casas, mas da maneira como fazia todas as coisas: depressa. com paixão e sem plano. Quando viu terminado o primeiro grupo de moradas, erguidas em terras pertencentes à municipalidade, deu-lhe o

nome de Vila Esperança e inaugurou-o festivamente com discursos, foguetório e banda de música. A mudança dos primeiros habitantes do Barro Preto convocados para povoar a vila, processou-se sem maiores dificuldades. As famílias, vinham de bom grado, trazendo a prole e os tarecos. Houve. porém, um caboclo que recusou mudar-se: Juca Cristo. assim chamado por causa da barba, da cabeleira" longa, dos olhos doces e duma certa reputação de milagreiro. Morava com a mulher e cinco filhos num pardieiro construído em cima dum pântano e feito de taquaras, esterco e latas de querosene. As crianças, magras, macilentas, seminuas e cobertas de muquiranas, viviam em promiscuidade com cachorros e porcos. Daquele chão, daquele rancho e daquela gente despedia-se uma fedentina medonha. Mas por uma razão qualquer, sentimental ou supersticiosa, Juta Cristol negava-se a abandonar sua moradia. Rodrigo decidiu tratar do assunto pessoalmente. Numa fria manhã de agosto, encaminhou-se para o Barro Preto, parou a cinco metros da morada do caboclo e gritou por ele. Juca Cristo apareceu com toda a família. "Quero que se mudem hoje mesmo" - disse o senhor do Sobrado. O caboclo, molambento, encardido, descalço, pregou o olhar no chão e balbuciou: "Não carece, doutor. A gente está bem aqui." Rodrigo tentou todos os meios suasórios, e quando viu que não conseguia nada, tornou-se ameaçador, falou em autoridade e em polícia. Mas Juca Cristo manteve-se irredutível. Sua arma agora era o silêncio. E o intendente de Santa Fé ali estava, furioso e ao mesmo tempo embaraçado, recendente a Chantecler, metido no seu sobretudo com gola de astracã - parado e impotente diante daquele pobre-diabo esquelético e esquálido, atrás do qual se enfileiravam a mulher de cor terrosa, com horríveis varizes nas pernas, e aquelas crianças opiladas e subnutridas, cujos molambos esfiapados se agitavam ao vento gélido da manhã.

— Estou pensando no caso do Juca Cristo… - diz agora Floriano.

— Tens uma memória infernal para as coisas negativas!

— O senhor não vai me dizer que não é uma grande história…

— Lá isso é! Te confesso que passei os piores momentos da minha vida no dia em que enfrentei o Juca Cristo e a família. Palavra, eu preferia estar diante dum pelotão de fuzilamento… Mas não podia ficar. desmoralizado. Quando vi que não havia outro remédio, mandei um funcionário da Intendência atirar querosene no rancho e tocar fogo nele…

— Temos aí o eterno problema dos fins e dos meios.

— Minha consciência me dizia que eu estava procedendo bem. Mas assim mesmo a coisa foi dura. Ao ver o rancho em chamas, a família rompeu a gemer e a chorar, o Juca Cristo caiu de joelhos, ergueu os braços como um profeta e começou a gritar coisas para o céu. Me amaldiçoou, me rogou pragas, disse horrores… Eu já não

sabia se lhe pedia desculpas ou se lhe dava um pontapé na cara. A mulher, essa parecia uma possessa, atirada no chão, rolava no barro, soltando guinchos. E os olhos daquelas crianças… Santo Deus! Estavam fitos em mim com uma expressão de pavor como se eu fosse um monstro, um incendiário! Aí tens outra prova de que o povo não sabe bem o que lhe convém. Ah! Meus inimigos naturalmente aproveitaram a oportunidade para me atacar. Imagina, só porque eu quis melhorar a vida duma família. Não vás me dizer que também achas que procedi mal.

— Está claro que não. Mas me parece que não se cura câncer com pomadinhas caseiras.

— Bolas! Nem com literatura.

— Não pense que não compreendo o seu gesto…

— Não se trata de compreender gestos. Olha a realidade, os fatos. Contribuí ou não contribuí para melhorar a vida da gente da minha terra?

— Contribuiu, não nego. O Bandeira vive a citar um filósofo segundo o qual a verdade só se revela na ação.

— Pois estou inteiramente de acordo com esse filósofo, seja ele quem for.

Faz-se um silêncio. Rodrigo tem um curto acesso de tosse e Floriano julga perceber em seus olhos uma sombra de susto. Mas acalma-se, pigarreia, passa os dedos pela garganta, respira fundo e depois, mais calmo. torna a despejar água quente na cuia e a chupar a bomba.

— A Intendência me deu muitos cabelos brancos - diz ele, sorrindo - mas houve momentos cômicos. Ainda hoje de manhã estive me lembrando de um episódio, dos melhores… Tu sabes como a nossa gente é sem cerimônia, alivia a bexiga em qualquer parte. Se cachorro procura árvore ou poste, para nossos caboclos qualquer parede serve… Pois bem. Um mês depois que mandei pintar e desinfetar a Intendência já não se podia mais aguentar o cheiro de urina que vinha do pátio. É que todo o mundo, funcionários e pessoas de fora, usava a parte traseira do. edifício como mictório. Mandei pregar boletins e cartazes em toda a parte, proibindo terminantemente o abuso e ameaçando os infratores com multas. Pois bem. Um belo dia eu entrava na Intendência pela porta dos fundos quando vi um gaúcho todo paramentado, botas, esporas, sombreiro e pala, encostado a uma parede, vertendo água. Não me contive. Avancei na direção dele e apliquei-lhe um bom pontapé no rabo. O homem deu um pulo, virou-se, assustado, já com a mão no revólver, mas quando me - reconheceu ergueu os braços, começou a gaguejar “Me desculpe, doutor, me desculpe…”, e a todas essas a esguichar urina como um chafariz, e eu recuando para não ser atingido pelos esguichos do homem, e já sem

saber se me ria ou se ficava brabo… Foi uma cena grotesca. Nunca vi maior cabula numa cara. Era um subdelegado do interior do município e tinha vindo para me pedir uma audiência. Não teve coragem. Estava encafifado e ao mesmo tempo ofendido. Montou a cavalo e voltou para seu distrito no mesmo dia. Estás a ver que a história se espalhou (houve duas ou três testemunhas) e na Intendência não se falou noutra coisa durante dias.

Rodrigo inclina-se e põe a cuia do lado da chaleira.

— Aí tens uma cena para o teu próximo romance.

Floriano limita-se a sorrir. E o pai acrescenta*"

— Está claro que não podes usá-la. Eu sei. Não é de bom gosto. Vocês romancistas costumam passara realidade por um filtro purificador e o resultado é uma vida pasteurizada, expurgada, capada… E eu te pergunto se a vida real tem alguma consideração para com nossa sensibilidade e o nosso bom-gosto. O velho Teixeira está no fundo duma cama comido pelo câncer, sabias? Eu estou aqui com o coração e o pulmão bichados. Compara aquele retrato lá em baixo com este original…

— Qual nadai O senhor está muito bem para um homem de sessenta anos.

— Cinquenta e nove.

— Pois parece cinquenta.

— Tenho espelho no quarto. Sei como me sinto. Mas grita ao enfermeiro que me traga o café. Estou com fome. Floriano obedece.

— No fim do meu sexto mês de Intendência - diz-lhe o "pai, quando ele retorna ao quarto - já andava enojado daquilo, louco para largar o cargo. Estava cansado da papelama, da rotina, da burocracia, dos pedintes, da adulação, da pequenez das pessoas e dos seus problemas… E também farto de Santa Fé, com uma vontade danada de fazer uma .viagem a Paris.

— A campanha da Aliança Liberal foi então providencial.

— Chegou na hora exata. Eu me sentia neste fim de mundo como um parelheiro que precisa de cancha maior.

Floriano ouve mentalmente a voz de Eduardo: “O que o velho não conta é que em 1929 os negócios do Angico iam mal e ele encontrou na campanha política e mais tarde na revolução uma saída para as suas dificuldades financeiras. Esse foi o caso não apenas dele como também o de centenas de outros estancieiros e homens de negócios. O que prova que o marxismo está rigorosamente certo.” E em pensamento Floriano responde: “Tens apenas uma parte da verdade. O econômico não explica tudo. Houve também um poderoso fator psicológico. Esqueces que nosso pai em 29 tinha já entrado na casa dos quarenta, a idade em que o homem começa a fazer-se perguntas sobre si mesmo e sua vida, e a pensar no pouco tempo de mocidade

que lhe resta. Não é natural que um homem da vitalidade do Velho se estivesse sentindo sufocado, maneado, dentro das limitações de Santa Fé?"

— Foi uma grande campanha - diz Rodrigo, olhando para a janela. — Me atirei nela de corpo e alma, tu te lembras… Os rodeios estavam misturados, maragatos e republicanos faziam as pazes, velhos inimigos se reconciliavam à sombra da bandeira da Frente Onica. O Liroca, esse andava transfigurado, como se estivesse presenciando um milagre. A mim me coube dirigir o movimento na Serra. O próprio Getúlio me escreveu pedindo isso. Ahl Mas não foi fácil, tive de engolir uns caroços duras. Logo que se anunciou a nova frente política no Estado, ó Amintas me mandou um emissário: queria fazer as pazes comigo a todo o transe. Relutei, desconversei o quanto pude, mas tu sabes, não guardo rancor a ninguém, o homem insistiu e eu acabei dizendo que viesse. O filho da mãe se vestiu de preto, se perfumou de Jicky e veio me ver na Intendência, se desfez em elogios à minha pessoa. Se desculpou das infâmias que rinha dito e escrito a meu respeito, só faltou me beijar os .pés. Me trouxe uma faca de prata de presente. Tive vontade de dizer: "Meta no rabo." Mas aceitei, para não discutir. Dias depois apresentou-se o Madruga. Esse, mais discreto, se limitou a me apertar a mão, sem me olhar de frente. Puxou um pigarro, resmungou duas palavras e se foi. E agora me diz uma coisa, Floriano. Nesta hora em que eu podia estar na rua fazendo essa campanha e ajudando o Getúlio, não é uma injustiça eu estar fechado aqui neste quarto, como um mutilado, um inválido?

Floriano sacode afirmativamente a cabeça.

— Mas tu não podes compreender isso direito - continua Rodrigo - porque não tens como eu a política no sangue. Puxaste pelo velho Babalo. Erotildes entra com uma bandeja, que põe na mesinha ao lado da cama: café com leite e torradas secas.

— Querem me matar de fome? - E como Erotildes esteja à sua frente, com o dente de platina a brilhar, Rodrigo grita: - Está bem, pode ir embora! Volta-se para Floriano: - Tu vês, nem comer direito me deixam. Isto é vida?

— Tenha paciência.

— A paciência não é das minhas virtudes, tu sabes.

Rodrigo põe açúcar na xícara, mexe o café, mergulha nele uma torrada e põe-se a comê-la com uma voracidade sem gosto.

— Seu apetite é um bom sinal.

O pai encolhe os ombros, toma um gole de café.

— Eu me lembro muito bem das eleições de trinta - diz Floriano, passeando à toa pelo quarto.

— Uma farsa! - exclama Rodrigo, de boca cheia. — A situação recorreu à fraude. A máquina política do governo federal entrou em

atividade.- A revolução se impunha como um corretivo às umas.

— Nós também fizemos a nossa fraudezinha…

— Como? - protesta Rodrigo, e uma partícula" úmida de pão lhe salta dos lábios como um projetil.

— Então o senhor não se lembra?

— Não me lembro de coisa nenhuma.

— Pois a história está fresca na minha memória por ter representado o meu píimeiro contato direto com o "processo democrático". Eram cinco da tarde, no dia das eleições, e eu estava na praça lendo Le Jardin d'Êpicure (por sinal era um livro com notas suas à margem), quando o Chiru se aproximou e disse - "Teu pai está te chamando." Acompanhei-o até a Intendência, onde estavam instaladas várias das mesas eleitorais. O senhòr me segurou o braço e murmurou (vou lhe repetir suas palavras textuais) "Meu filho, a esta hora os lacaios do Washington Luís em dézoito estados da União estão falsificando as atas e esbulhando a eleição. Se não fizermos o mesmo, estamos perdidos. A nossa causa é boa e o fim justifica os meios." Foram estas exatamente as suas palavras. Lembra-se?

Os olhos postos no soalho, mastigando lentamente. Rodrigo parece consultar a memória.

— O senhor então me mostrou seus companheiros que estavam todos empenhados em assinar nas atas nomes de eleitores imaginários, para aumentar os votos para Getúlio Vargas e João Pessoa. Em suma, queriam que eu também colaborasse… Minha relutância caiu diante da sua veemência. Ainda me segurando o braço com força, o senhor me puxou para uma mesa, fez-me sentar, me meteu uma caneta entre os dedos e me apresentou o livro de atas. E, com as orelhas ardendo, ali fiquei a assinar nele os nomes que me vinham à cabeça, em letra ora redonda ora angulosa ora caída para a direita ora para a esquerda…

— Repito que só tens memória para as coisas negativas.

— E sabe qual foi a maneira que encontrei de varrer a testada? Foi inventando e escrevendo nomes como Jérôme Coignard da Silva, João Gabriel Borkmann da Cunha, Dorian Gray de Almeida, Hendrik Ibsen de Oliveira. Era como se eu estivesse mandando uma mensagem cifrada à Posteridade nestes termos: "Forçado a me acumpliciar nesta fraude, submeto-me à comédia cum grano salis." E enquanto eu escrevia, uma voz dentro de mim repetia um estribilho: "Isto então é democracia? Isto então é democracia?

Rodrigo olha para o filho e diz: — Exatamente. Aquilo era democracia. Foi por essa e por outras que o Getúlio compreendeu que nosso povo não estava e não está amadurecido para o regime democrático. Naturalmente não concordas.

. — Não. Na minha opinião, que vai contra a sua e contra a do

Eduardo, só há um caminho para uma boa democracia: é ainda uma democracia defeituosa como as que temos tido.

Faz-se um novo silêncio. Por alguns segundos o enfermo., toma o seu café e come as suas torradas. Por fim, diz: - Na tua opinião, a Revolução de 30 foi desnecessária…

Floriano encolhe os ombros. E no silêncio que de novo se faz, pai e filho pensam ao mesmo tempo naquela noite de 3 de outubro de 1930. E ambos têm na mente o mesmo fantasma: a imagem do Tte. Bernardo Quaresma.

Às dez menos quinze, quando Neco Rosa entra no quarto de Rodrigo, encontra-o sozinho.

— Tratante! Estás atrasado. Fecha essa porta.

Neco obedece. Depois coloca o chapéu e a bolsa em cima duma cadeira.

— E que tal, "chê", como vamos? - pergunta o barbeiro.

— Mal. Viste a Sônia?

— Vi.

— Como vai?

— Meio chateada. Contou que passa o dia fechada no quarto do hotel, lendo. Pediu que te agradecesse os livros que mandaste. — Algum recado?

— Nada especial. Só diz que está com muita saudade.

— Neco, fala com toda a sinceridade. Alguém andou dando em cima da menina?

— Ninguém.

— Palavra de honra? - Palavra de honra.

— Vamos duma - vez com essa barba!

Neco Rosa tira os petrechos da maleta, despeja um pouco da água da chaleira na tigela de metal, onde deitou um pouco de sabão em pó, e mexe-a com o pincel, para fazer espuma. Amarra uma toalha ao redor do pescoço de Rodrigo e põe-se a ensaboar-lhe o rosto.

— As eleições amanhã… - começa. Mas o outro interrompe-o - Neco, vou te pedir um grande favor. — Diga.

— Preciso ver essa menina hoje, custe o que custar.

Neco- para, com o pincel no ar, lançando para o amigo um olhar enviesado.

— Que é que estás arquitetando?

— Muito simples. Quando saíres daqui, vai ao hotel e diz à Sônia que hoje, estás ouvindo? hoje, ali por volta das seis da tarde ela passe devagar pela calçada da praça, na frente do Sobrado…

Neco continua a mirar o amigo com o rabo dos olhos.

Não estou te entendendo direito…

Eu estarei com a cama perto da janela, para vê-la passar.

Mas isso não é arriscado?

Deixa o risco por minha conta.

Às seis o dia ainda está claro!

— Se não estivesse eu não podia ver a cara dela, animal! O movimento do pincel recomeça. Neco dá de ombros. — Está bem. Sua alma, sua palma.

— Diz pra ela que também estou louco de saudade. Que faça mais esse sacrifício. Talvez seja o último…

Segura de repente com ambas as mãos as lapelas do casaco do barbeiro e exclama: - Neco, eu vou morrer! Tu não compreendes? Eu vou morrer!

crus olhos enevoam-se. Suas mãos caem. Neco abre a navalha e começa a passá-la freneticamente no assentador, como a preparar-se para degolar o amigo.

Agora os sons duma banda de música atroam os ares. É um dobrado: El Capitán. Lágrimas brotam nos olhos do senhor do Sobrado.

Desconcertado, Neco aproxima-se da janela, olha a praça e, para fazer alguma coisa, começa a contar o que vê: — Vai começar a festa… Quem diria, hein? O Laurito Caré feito herói nacional… Chii… O coreto está cheio de oficiais com crachás no peito. A praça toda embandeirada como clube de negro. Vem chegando uma companhia do Regimento de Infantaria… O busto está coberto com a bandeira brasileira.

— Me fazes ou não me fazes esta barba? - vocifera Rodrigo.

Floriano marcou um encontro com Roque Bandeira no Café Poncho Verde, onde está agora sentado a uma mesa junto da janela, a olhar para fora.

Se eu tivesse de descrever num romance esta praça neste exato momento… que faria? O problema mais sério não seria de espaço, mas de tempo. Como dar em palavras o quadro inteiro com a rapidez e a luminosa nitidez com que a retina o apanha? Impossível! O remédio é reproduzir um por um os elementos do quadro. Mas por onde começar? Do particular para o geral? Tomar, por exemplo, aquela menininha de vestido azul-turquesa que ali passa na calçada, lambendo um picolé tão rosado quanto sua própria língua? Ou partir do geral e descer ao particular? Nesse caso eu começaria pela abóbada celeste e me veria logo em dificuldades para definir a qualidade desse azul sem mancha - sem jaça, como se dizia no tempo do Bilac, quando os escritores tinham uma paixão carnal pelas palavras. Depois qualificaria a luz do sol - ouro? âmbar? mel? topázio? chá? Podia escrever simplesmente “a luz do sol das cinco horas duma tarde de dezembro”… e o leitor que se danasse! Está claro que viriam a seguir as árvores: cedros, plátanos, jacarandás, paineiras, cinamomos… O pintor frustrado que mora dentro de mim não poderia deixar de

anotar o contraste entre o vermelho queimado dos passeios interiores da praça e o verde vivo e lustroso da relva dos canteiros. Mas que importância pode ter esse pormenor pictórico depois da destruição de Hiroshima? E por falar em Hiroshima, lá vai o Takeo Kamuro, o primeiro e o único residente japonês de Santa Fé, puxando por cordéis os balões que, como um enorme cacho de uvas amarelas, azuis, vermelhas e verdes, esvoaçam sobre sua cabeça. Leva também um cesto cheio de ventoinhas tricolores de papel de seda. No centro do redondel, cercado de crianças que erguem as mãos para os balões, o japonês parece um hai-kai vivo… Mas escrevendo tudo isso eu não ajudaria muito o leitor a visualizar o quadro. A cena toda tem um ar alegre e meio rústico de feira: homens, mulheres e crianças a passearem pelas calçadas ou sentados nos bancos: senhoras e senhores idosos debruçados às janelas de suas casas que dão para a praça. O vento faz esvoaçar (terei eu um dia a coragem de usar o verbo flabelar?) as bandeirinhas de papel - do Brasil e do Rio Grande - que os funcionários da Prefeitura laboriosamente colaram em extensos barbantes que, presos nos galhos das árvores, atravessam a praça em duas longas diagonais. E os cheiros? Grama, poeira ensolarada, pipoca, fumaça de cigarro, perfumes de todos os preços. E os sons? As vozes humanas… os alto-falantes da Rádio Anunciadora, um em cada esquina da praça, despejando no ar implacavelmente uma valsa vienense. A corneta fanhosa dó sírio que vende picolés. Que mais? (Lá se vai o método!) Cachorros, passarinhos, uma pandorga rabudà no ar, longe… Uma criança correndo atrás duma bola em cima dum canteiro… Um gaúcho pobre passando na rua montado num bragado de olhos tristes… Os automóveis cruzando pela frente do café… O busto de Lauro Caré no centro da praça, frente a frente com o de D. Revocata Assunção, tendo a separá-los o redondel de cimento, onde moças e rapazes deslizam, sozinhos ou aos pares, nos seus patins de rodas…

Terminado o inventário, teria eu dado ao leitor uma ideia do quadro? Duvido. Neste particular a pintura, arte espacial, é mais feliz que a literatura. De resto, que importância real poderá ter a descrição duma paisagem numa história de seres e conflitos humanos? Talvez o melhor seja resumir tudo assim: Eram cinco da tarde, na Praça da Matriz, a essa hora cheia de gente que vinha ver a estátua do Cabo Lauro Caré, herói da F. E. B., inaugurada pela manhã.

— Falando sozinho?

Floriano volta a cabeça e vê Tio Bicho a seu lado.

— Ah! Estava pintando a praça.

Soltando um suspiro de alívio, o outro se acomoda na cadeira ao lado do amigo, tira a palheta da cabeça e coloca-a em cima da mesa. Passa o lenço pela carantonha reluzente de suor, chama o garçom,

pede uma cerveja gelada, descalça os sapatos e fica a acariciar os joanetes.

— Como te foste de inauguração? - indaga.

— Ora… aguentei como pude.

— E os discursos… muito infectos?

— Um dos oradores me deu a impressão de que sem o auxílio do Brasil os aliados jamais teriam derrotado a Alemanha. E o nosso inefável Amintas Camacho, que por sinal esteve sublime, afirmou que o Laurito Caré, ajudando a Itália a livrar-se do jugo nazista, tinha pago a dívida de honra e de gratidão que o Rio Grande contraiu com Giuseppe Garibaldi em 1835…

Muita gente?

Uma pequena multidão.

A avó do busto compareceu?

Sim, toda de preto. muito digna, como uma verdadeira dama. D. Ismália é uma dama.

— Os pais do Laurito choraram durante todo o tempo da cerimônia, mas a avó ficou impassível, de cabeça erguida, os olhos secos e serenos.

— Deve ter sido uma cabocla bonita, porque o velho Licurgo teve um rabicho danado por ela.

— Sabes duma coisa? Às vezes sinto uma certa vontade de conversar com a velhinha, perguntar-lhe coisas sobre o meu avô. Acho que ela o conheceu melhor que ninguém.

— É possível que o Cel. Licurgo fosse menos fechado e enigmático deitado do que de pé. E por falar em avô… aquele que lá vem não é o velho Aderbal?

Aponta na direção do Sobrado. Floriano olha, sorri e diz: - Em carne e osso…

E Tio Bicho completa com seus oitenta e pico na cacunda.

No seu tranco de petiço macera, tão conhecido em Santa Fé e arredores, Aderbal Quadros atravessa a rua palmeando fumo picado, com uma palha de cigarro especada atrás da orelha. As largas abas do chapéu campeiro sombreiam-lhe a cara emagrecida, onde as falripas brancas da barba e do bigode esvoaçam. Veste um casaco de riscado, bombachas da mesma fazenda, calça botas de fole e traz um lenço branco amarrado ao pescoço. Chegou há pouco do Sutil, deixou o cavalo no quintal do Sobrado e agora vem “dar uma olhada” no busto do Cabo Caré.

Um grupo de curiosos cerca a herma, discutindo a parecença fisionômica. O trabalho foi feito meio às pressas pelo escultor duma casa de monumentos fúnebres de Porto Alegre, que teve como único modelo uma fotografia. Laurito Caré aqui está com um capacete de guerra na cabeça, o torso apertado no dólmã militar, uma medalha no

peito.

Chaco Pais, que hoje abandonou sua padaria muitas vezes, para vir espiar a estauta" proclama que a esta só falta falar. E acrescenta: “O Laurito, quando era pequeno, foi meu empregado, me ajudava a tirar pão do forno.” Cuca Lopes, que em movimentos de piorra tem andado ao redor do monumento, examinando-o dos mais variados ângulos, profere agora sua sentença: “Não está parecido. O Laurito era mais magro e não tinha nariz tão grande.”

Quica Ventura olha obliquamente para a estátua, de longe, resmungando para o Calgembrino do cinema, que está a seu lado: “Muito corridão dei nesse moleque quando ele pulava a cerca lá de casa pra me roubar laranja. Agora está aí feito herói. Chô mico!” Solta uma cusparada no chão.

Aderbal Quadros aperta os olhos, foca-os na figura de bronze e pensa: “A testa e a boca são do finado Licurgo.” Mas nada diz. Alguém lhe bate no ombro. Babalo volta-se.

— Olha quem está aqui! - exclama. — Como vai essa bizarria, Liroca?

Abraçam-se. José Lírio, enfarpelado na roupa domingueira de casimira preta, com a qual compareceu esta manhã à inauguração do busto, brinca com a libra esterlina que lhe pende da corrente do relógio. As pontas dum lenço maragato aparecem acima das bordas do bolso superior do casaco. Liroca acerca-se do monumento, tira respeitosamente o chapéu, e lê pela quinta vez a inscrição da placa: AO CABO LAURO CARR, SOLDADO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, E QUE MORREU COMO UM BRAVO NA ITÁLIA, NA DEFESA DA PÁTRIA E DA DEMOCRACIA - A SUA CIDADE NATAL ORGULHOSA E GRATA.

— Quem diria! - murmura ele para Babalo. — Um piá que muita vez eu vi "na rua de pé no chão, fazendo mandaletes. — Seu peito arfa ao ritmo duma respiração áspera e cansada. — Os Carés sempre pelearam em campo aberto, mas esse menino teve de brigar em montanha, como cabrito. Mas brigou lindo, como homem. Sangue não nega. Cambará misturado com Caré só podia dar isso…

Aderbal Quadros pita agora em calmo silêncio, a fumaça de seu cigarrão sobe no ar. Com passos incertos de bêbedo, Don Pepe Garcia aproxima-se do busto, mira-o com seus olhos injetados, murmura: “Pútrida!” e continua seu caminho, vociferando contra a arte comercial e contra o capitalismo engendrados de guerras que matam a flor da mocidade. E, pisando nas flores dos canteiros, grita para o céu: "Me cago en Ia leche de Ia madre de todos los héroes!

O Dr. Carlo Carbone, todo vestido de linho branco, sai da sua Casa de Saúde de braço dado com a segunda esposa, e encaminha-se para o centro da praça, a cabeça descoberta, as barbas e os cabelos

completamente brancos. O ex-coronel dos bersaglieri conserva, apesar da idade, uma postura rígida. Seus passos e gestos são vivos, e todos afirmam que suas mãos de cirurgião não perderam nada da antiga firmeza e habilidade.

— Olha só aquele velho desfrutável - ronrona Liroca ao ouvido de Babalo, tocando-o com o cotovelo. — Quando D. Santuzza bateu com a cola na cerca, ele ficou desesperado, inconsolável… Falou até em suicídio. No entanto um ano depois casou com essa gringa de Garibaldina, quase quarenta anos mais moça que ele. É ter muita vocação pra corno!

Babalo abstém-se de qualquer comentário.

O Dr. Carbone mostra a herma à esposa e conta-lhe que um dia operou Laurito Caré dum quisto sebáceo. Desprende-se dela, dá dois passos e toca com o indicador o centro da testa da escultura: "Bem aqui." Ela sorri. É alta, duma boniteza agreste de colona: seios abundantes, duas rosas naturais nas faces. O médico torna a agarrar-lhe o braço. Sua cabeça mal chega aos ombros da mocetona, que ele proclama "bella comme una pittura di Caravaggio".

Ouve-se um grito lancinante. Liroca e Babalo voltam a cabeça. Uma criança chora aos berros no redondel, os braços erguidos para o balão amarelo que acaba de escapar-lhe das mãos e sobe, impelido pela brisa, quase toca no galo do cata-vento da Matriz e depois se vai, rumo do poente.

Sentado ainda à sua mesa de café, Floriano acompanha com o olhar o balão amarelo, pensando em Sílvia, desejando sair de mãos dadas com ela por esses campos ao sol (a ideia pode ser piegas mas a coisa em si seria boa) e caminhar, caminhar rumo de horizontes impossíveis, procurando no espaço uma solução que o tempo lhes nega. E ao pensar estas coisas, beberica o horrendo café que acabam de servir-lhe. Tio Bicho toma um largo sorvo de cerveja, ficando com bigodes de espuma, que lambe voluptuosamente com a língua pontiaguda, dum róseo pardacento. O balão desaparece do campo de visão de Floriano, mas a imagem de Sílvia ainda continua em sua memória… Sílvia dançando nua na noite californiana, o balão amarelo sobre o sexo. E ele chega a ressentir na memória os odores daquele cabaré de Chinatown: comida chinesa, uísque e chá de jasmim.

Tio Bicho toca-lhe o braço.

— Olha quem vem lá…

Floriano avista Irmão Zeca e Eduardo, um vestido de preto e o outro de branco. Caminham lado a lado ao longo de um dos passeios da praça. Agora param, ficam frente a frente, parecem discutir, o marisca sacode negativamente a cabeça. Edu ergue o jornal que tem na mão, bate nele como para mostrar alguma coisa. O outro encolhe os ombros. Retomam a marcha, atravessam a rua, entram no café e

sentam-se. à mesa de Floriano e Bandeira.

Este último toma o jornal das mãos de Eduardo. É o Correio do Povo de hoje, chegado pelo avião da manhã.

— Ouçam esta… - diz o Tio Bicho, com o jornal aberto diante dos olhos. — A Liga Eleitoral Católica recomenda a seu eleitorado os nomes do Gen. Dutra e do Brig. Eduardo Gomes para Presidente da República, e declara que nenhum católico deve votar no candidato dos comunistas. Que é que vocês tomam? Um guaraná, Zeca?

O marisca apalpa distraído o crucifixo que lhe pende do pescoço.

— Guaraná coisa nenhuma! - diz. — Uma cerveja gelada.

— Esse é dos meus! - exclama Tio Bicho, dando uma palmada nas costas do rapaz e fazendo desprender-se da batina uma tênue nuvem de poeira. Volta-se para Eduardo: - E tu, camarada?

— O mesmo.

Floriano chama o garçom e pede as bebidas. Tio Bicho continua a folhear o jornal.

— Esta é boa. Escutem. O Comitê Pró-Fiuza analisa os candidatos à Presidência da República. Dutra: candidato dos integralistas, espiões e criminosos que avisaram os submarinos do Eixo da saída de nossos pacíficos navios mercantes, mandando à morte milhares de patrícios. Agora o Eduardo Gomes. Candidato dos velhos politiqueiros, da alta aristocracia e dos agentes do capitalismo estrangeiro colonizador.

Sempre de olhos baixos, a manipular seu crucifixo, Irmão Zeca sacode a cabeça murmurando: - Nada disso tem sentido.

O garçom põe sobre a mesa duas garrafas de cerveja e dois copos. Os recém-chegados servem-se e começam a beber com o entusiasmo da sede. Tio Bicho continua a ler: — Disse em discurso não precisar do voto dos marmiteiros. (Marmiteiros são os trabalhadores pobres que conduzem suas marmitas para fazer suas refeições nos locais de trabalho.)

O marisca alça vivamente a cabeça - Vocês acreditam que o Brigadeiro tenha mesmo dito isso? Que achas, Bandeira?

— Pode ser uma intriga, como a das famosas cartas do Bernardas em 1922. E o fato da intriga ser agora contra o Zé Povinho e não contra o Exército é um sinal dos tempos… E um bom sinal.

— Se o Brigadeiro não disse isso - opina Eduardo - pelo menos pensou, porque essa é a atitude mental de sua classe. Seja como for, ele é o candidato dos americanos. Ninguém ignora que o golpe de 45 foi encorajado por um discurso do embaixador dos Estados Unidos.

A voz descomunal do locutor da Rádio Anunciadora engolfa o largo, anunciando o filme que o cinema do Calgembrino vai exibir esta noite. Depois a música repenicada dum choro começa a jorrar dos alto-falantes, metálica e distorcida. O café se vai enchendo aos poucos de gente. À maioria das mesas discute-se política. Fazem-se apostas

em torno das eleições de amanhã, dizem-se bravatas. Floriano avista o Cel. Laco Madruga, que passa na calçada, encurvado, envelhecido e murcho, arrastando os pés e o inseparável bengalão. E dizer-se que a figura desse bandido assombrou tantas horas da minha meninice!

Um automóvel estaca à frente da Prefeitura e de dentro dele salta, lépido e atlético, José Kern, o rosto e o cachaço luzidio dum vermelho de lagosta, os cabelos louros já desbotados pela idade. É candidato a deputado pelo Partido de Representação Popular. Floriano lembra-se de que viu e ouviu um dia Kern num comício integralista, aqui nesta mesma praça, erguendo no ar o dedão profético e ameaçando todos aqueles que se recusavam a colaborar com os camisas-verdes. Agora proclama-se democrata nos milhares de cartazes em tricromia espalhados por todo o município, pedindo o voto de todos os cristãos "que queiram livrar a nossa Pátria da influência de nefastas doutrinas exóticas".

Roque Bandeira solta uma gargalhada. E como os outros querem saber onde está a graça, Tio Bicho lhes mostra numa das páginas do jornal um clichê no qual o Gen. Eurico Gaspar Dutra aparece em uniforme de gala a receber algo das mãos dum cavalheiro solenemente vestido de fraque e calças listadas. Ao lado da fotografia, a seguinte legenda, que Bandeira lê com gosto: Esta condecoração não foi recebida do Papa. Dutra recebeu-a de Hitler, por intermédio do Embaixador Kurt Prueffer "por serviços de excepcional relevância", a 25 de abril de 1940, já em plena guerra. E a Cruz de Ferro, Heil, Hitler! E ainda não foi devolvida… Quem votará neste democrata?

— Não deviam usar esses métodos… - diz o marisca. — Eu vinha dizendo ao Edu, sou contra o "bale tudo". Eduardo volta-se para o amigo: — Mas vocês aceitam o vale tudo quando se trata de combater o comunismo. Valeu tudo para destruir o Harry Berger, para manter o Prestes nove anos na cadeia, para perseguir, torturar e assassinar membros do Partido Comunista. Que diabo de ética é essa ?

Mais uma vez Floriano alarma-se ante a seriedade do irmão. Não tem um pingo de senso de humor - reflete. — Palavra, esse menino me assusta. O marisca, com ar pensativo, começa a raspar com a unha o rótulo duma das garrafas.

— Tu sabes, Edu, que nunca aprovei esses métodos. São contra a minha maneira de sentir, de pensar, de viver…

— Está bem. Não vou cometer a injustiça de te julgar capaz de recomendar a tortura e a crueldade. Mas essa tua deformação profissional, vamos dizer assim, te faz torcer todos os argumentos para enquadrá-los na filosofia escolástica. Metes Santo Tomás de Aquino onde ele não cabe, não pode caber. Nenhuma filosofia funciona quando se trata de problemas reais, sentidos e sofridos por pessoas que estão vivas aqui e agora.

Tio. Bicho dobra o jornal, põe-no sobre a mesa, toma um gole de cerveja, que lhe desce pela gorja com um gluglu alegre: — Há um território vago de valores transcendentes cuja entrada está completamente vedada à maioria das criaturas humanas. Sempre digo que precisamos duma filosofia do homem total, de algo prático, militante, existencial, que funcione no plano da realidade cotidiana.

Floriano sorri, pensando: Lá vem o Tio Bicho com seus filósofos de cofia postaux… Os dedos de Zeca tamborilam no mármore da mesa ao compasso do choro.

— O homem total? - reflete Eduardo, encarando Bandeira. — Está claro que essa noção existe, e é de Karl Marx. Não se trata duma definição filosófica e abstrata do homem, dessa safada escamoteação teológica que transfere as dificuldades humanas do plano do tempo histórico para o da eternidade, fugindo à solução dos problemas que todos os dias nos esbofeteiam a cara.

Tio Bicho e Irmão Toríbio entreolham-se. O primeiro pisca um olho. Mas Eduardo continua - É muito fácil mandar o Pe. Josué apascentar suas ovelhinhas da Sibéria, do Barro Preto e do Purgatório, dizer a esses miseráveis que aguentem com paciência e em silêncio a sua desgraça, porque a "verdadeira felicidade está no Céu" e não aqui. neste "vale de lágrimas", e que os que sofrem nesta vida serão automaticamente recompensados na outra. É uma operação puramente retórica, que tem a vantagem de ser conveniente à Igreja e ao mesmo tempo de não custar nada à burguesia apatacada, que o clero prestigia e defende…

Enquanto Eduardo fala, Floriano observa Zeca, procurando descobrir nele algo de Cambará. Troncudo como o pai, tem no entanto este marisca de menos de trinta anos uma expressão de cordura que Floriano não se lembra de jamais ter visto no rosto de Toríbio Cambará, cujas proezas caudilhescas e eróticas são talvez o elemento mais rico e colorido do folclore do Sobrado e do Angico. Nem sempre, porém, consegue o Irmão reprimir certos impulsos e paixões, que Tio Bicho classifica como o "potro interior". Há momentos em que o animal se liberta, empina-se, nitre, solta um par de coices e foge a todo o galope… Entretanto essas explosões - na maioria das vezes puramente verbais - são de curta duração. O marisca consegue de novo laçar o potro, prendê-lo na soga, e tudo nele volta à habitual aparência de calma.

O animal daí por diante se limita a espiar para fora, de quando em quando, pela janela desses olhos escuros e intensos.

Tio Bicho pousa a mão gorda e pequena, sarapintada manchas pardas, no ombro de Eduardo: — Até certo ponto estou contigo - diz. — Essa história de quererem pôr dum lado a natureza com todas as suas leis e do outro o homem com sua liberdade, me parece um truque

besta, um dualismo falso. Acho que a liberdade humana é uma coisa que se conquista, e que se afirma na nossa capacidade de domínio sobre a natureza. — Volta-se para Floriano. — Que tal, romancista? . Estás comigo?

Floriano encolhe os ombros, vago. Sabe que agora vão resvalar para uma discussão interminável, como tem acontecido tantas vezes nestes últimos dias. Eduardo não perde oportunidade para doutriná-lo, e o curioso é que faz isso com uma seriedade tão sem malícia e às vezes tão agressiva, que dá a impressão de que na verdade ele se está doutrinando a si mesmo, mais que aos outros. E como é difícil discutir ideias num café barulhento, numa tarde barulhenta, numa época barulhenta! E esta bebida requentada, negríssima e meio azeda, não melhora em nada a situação.

— Não foi Marx o primeiro nem o único a tentar essa teoria do homem total - diz Zeca. E Edu replica - Não estou me referindo à totalidade cósmica, metafísica e abstrata, mas sim à totalidade humana. O homem é um produto da própria atividade. ple conquistou a sua liberdade no plano social e no plano da História. .Estudando o desenvolvimento social do ser humano, Marx descobriu um conjunto de fatos em que a história natural do homem coincidia com a sua história social.

Tio Bicho interrompe-o para dizer com fingida solenidade: - Neste ponto nos despedimos: Passe bem e faça boa viagem!

— Tu falas em conquista da liberdade - intervém Floriano, dirigindo-se ao irmão. — Achas que na Rússia soviética o homem é livre?

— O homem novo da nova Rússia está em formação. Não representa ainda o. homem total, mas sim uma etapa rumo desse objetivo. A técnica moderna vai acabar desenvolvendo todas as possibilidades do homem soviético para que então seja possível a sociedade comunista.

— A técnica! - exclama o Irmão Zeca. — Os comunistas enchem a boca com essa palavra. Censuram os católicos por acreditarem em absolutos e num Deus único e no entanto adoram centenas de deuses e de absolutos.

— Na minha opinião - diz Floriano - o grande perigo que estamos correndo hoje é o da desumanização do homem, que se perde cada vez mais numa floresta de máquinas. Estamos correndo o risco de acabar sendo uma coletividade de robots. Está claro que não me refiro ao nosso mundo latino-americano nem aos países subdesenvolvidos em geral, mas sim àqueles em que existe ou começa a existir uma superindústria e uma supertécnica.

Eduardo sorri um sorriso superior.

— Esse perigo - diz - só pode existir nos países capitalistas de

produção desordenada, onde imperam os trastes, cujo objetivo primordial é o lucro, e onde a economia anda às cegas, sem plano, dominada por grupos que se entredevoram e periodicamente provocam as guerras. Mas nos países socialistas as máquinas não escravizam os seres humanos porque estão nas mãos do Estado. Na Rússia a técnica é usada a favor do homem e não contra ele. Mas me deixem continuar a exposição…

Através da janela Floriano vê na praça o mudo e rápido desenrolar-se duma cena que o diverte. Um velhote aproxima-se do japonês, compra-lhe um balão vermelho e encosta nele a ponta do cigarro aceso, fazendo-o estourar. Depois atira fora o pedaço de borracha que lhe ficou na mão e continua, muito sério, seu caminho.

— Segundo a noção do homem total - está dizendo Eduardo - seus órgãos, suas funções naturais se transformam no decurso de seu desenvolvimento social e histórico. Tu negas isto?

O marisca hesita: o potro dentro dele parece escarvar-lhe o peito.

— A vida social do homem - continua o mais jovem dos Cambarás - e sua história na face da terra têm a força de transformar suas funções naturais, seus sentidos, o tato, o gosto, o olfato, a visão, o ato de comer, de beber, de procriar. A essa transformação Marx chama "apropriação" pelo homem da Natureza e de sua própria natureza.

"O Baixinho vai ganhar de rebenque erguido!" - grita alguém com voz estrídula na mesa próxima, soltando em seguida uma risadinha. Os quatro amigos voltam instintivamente a cabeça. Um garçompassa com uma bandeja cheia de cantões de chope. A música dum paro-doble enche agora o largo, dando-lhe um vago ar entre festivo e dramático de praça de touros.

— E aqui chegamos ao ponto nevrálgico da questão - prossegue Eduardo, depois de tomar um gole de cerveja. — Existem milhões de criaturas humanas no mundo inteiro que estão excluídas desta ou daquela atividade social, deste ou daquele privilégio ou poder. As massas não vivem: vegetam.

— E o que o teu chefe chama de "alienação do homem" - acrescenta Tio Bicho. Eduardo olha para Floriano: — Tu mesmo falavas outro dia lá em casa nessa alienação, só que raciocinavas dentro dum psicologismo estreito, sem te preocupares com os aspectos concretos e imediatos dessa alienação. Tu és desses que em face duma lâmpada acesa querem estudar o fenômeno da luz em si, mesmo, sem jamais procurar saber nada da lâmpada que produz a luz, dos fios a ela ligados, da corrente elétrica que passa por esses fios, e do dínamo que produz essa corrente.

— E assim por diante até Karl Marx - sorri Bandeira. — Até Deus - corrige-o Zeca.

Eduardo está ainda a olhar intensamente para o irmão: — Tu te

refugias num vago humanismo estético ou poético feito, eu não duvido, de boas intenções… vagamente religios (apesar de teu agnosticismo) mas absolutamente inoperante, contemplativo e cretino.

Floriano sorri e pergunta a si mesmo: Por que os silêncios e os olhares críticos de Jango sempre me irritam mais que a agressividade verbal do Eduardo?

Este se recosta no respaldo da cadeira, passa a mão pela cabeça, lança para a praça um olhar vazio, e continua: — O sistema capitalista reduziu todas as necessidades humanas a uma necessidade única: a do dinheiro, seu valor máximo. Tu mesmo. Floriano, vives a proclamar isso… E qual é a técnica do homem de negócios capitalista senão a de criar necessidades nas outras pessoas a fim de forçálas a uma nova dependência? Como resultado disso, todo o mundo vive de crédito, no regime inflacionário da prestação, hipoteca o seu futuro, perde a identidade e a liberdade… Quanto maior for o número de artigos produzidos pela indústria no sistema capitalista, maior será o reino das coisas alheias que escravizam o homem…

Floriano pensa agora numa noite de tempestade da sua infância. Os relâmpagos, visíveis através das bandeirolas do quarto, de quando em quando clareavam a treva interior. As trovoadas faziam estremecer as vidraças do casarão. Sem poder dormir, ele esperava que o temporal se desfizesse em chuva, pois sabia que só assim ele se aliviaria daquele peso opressivo no, peito, daquela sensação de fim de mundo. Foi então que viu um vulto à luz dum relâmpago. Reconheceu Eduardo, que entrava no quarto, corria para sua cama, metia-se debaixo das cobertas, achegava-se a ele e lhe murmurava junto da orelha: “Tou com medo.” Abraçou o irmão mais moço, cochichando: “Não é nada. Dorme, isso logo passa.” E seu medo desapareceu dissolvido no medo maior do outro, cujo coração batia acelerado de encontro ao seu. Dentro de alguns minutos cessaram os trovões e os relâmpagos, a chuva começou a cair. Eduardo dormia sereno em seus braços.

— A técnica - prossegue este último, e Floriano de novo sorri da seriedade didática do irmão - dando ao homem o domínio sobre a Natureza, tornou possível a felicidade social. No nosso mundo ocidental essa felicidade é privilégio duns poucos. O comunismo despertou as massas, deu-lhes a consciência de seus direitos, para que elas reclamem a sua parte nesse progresso e nesse bem-estar.

Inclina-se, apoiando ambos os braços sobre a mesa, e prossegue, incisivo: — O Roque se engana quando afirma que não existe uma ideia militante adequada à nossa época e à nossa realidade cotidíana. Ela existe, e é a que acabo de expor: a noção marxista do homem total. Em vez de usar o falso trampolim duma definição abstrata, acadêmica, partimos do exame concreto dos acontecimentos históricos

e procuramos fazer que o homem supere, ultrapasse por atos e não por pensamentos todos os seus conflitos, oposições, separações, desencontros e cbntradições… Vocês vivem a perguntar: “Que é o homem? De onde vem?” Ora, nós os marxistas preferimos pensar no que o homem pode vir a ser, e em até que ponto ele pode ser o arquiteto de si mesmo.

Inclina-se ainda mais, fica quase a tocar com a boca o gargalo de uma garrafa. Floriano lembra-se do tempo em que o Edu de seis anos lhe vinha dar “concertos”, soprando muito compenetrado num garrafão de vinho vazio, procurando tocar uma música que mentalmente ele devia estar ouvindo em toda a sua riqueza melódica, mas que na sua reprodução se reduzia a duas notas.

Tio Bicho fita em Eduardo seus olhos claros e diz: — Até certo ponto somos correligionários, menino, O que me impede de ir mais longe contigo é que, assim como não acredito na capacidade do homem de fazer-se santo, como proclama a fé religiosa, não confio na sua habilidade para conseguir a felicidade terrena ou social como a tua fé, Edu, apregoa.

— Tu sabes que não tenho nenhuma fé.

— Como não? Vocês comunistas se sacrificam a ponto de estarem dispostos a morrer pela causa do proletariado, da fraternidade universal e quejandas besteiras. Por outro lado não acreditam em recompensas numa outra vida, e, se morrem, nada ganharão também nesta… Assim sendo, o que leva vocês a esses sacrifícios é inescapavelmente uma fé que transcende a dialética marxista. Logo, comunismo é religião.

Por um instante o que Floriano lê no rosto do irmão é uma expressão de indignada perplexidade. E, antes que ele reaja, Bandeira torna a falar.

— Tanto para o comunista como para o cristão (talvez eu devesse dizer especificamente "o católico") o fim justifica os meios…

— Não me venhas outra vez com essa cantiga… - replica Eduardo. — Olhem, o que posso dizer é que se os meios da Rússia marxista são às vezes violentos, é preciso não esquecer que eles são apenas meios, isto é, processos transitórios, ao passo que os fins do capitalismo são permanentes: a injustiça social, a busca do lucro por uma minoria com o sacrifício da maioria. A decantada “civilização ocidental e cristã” tem estado sempre a serviço de grupos financeiros e econômicos como a Dupont, a Standard Oil, a Krupp… E agora, com a bomba atômica, os Estados Unidos poderão defender com mais eficiência a dignidade e a integridade da pessoa humana, como ficou provado com a destruição de Hiroshima e Nagasaki. Claro, é preciso esclarecer que japonês não e bem “gente”. Nem negro. Nem mexicano. E (não nos iludamos) nem nós sulamericanos…

— Não é bem assim, Edu! - protesta o marisca. — O fim que os comunistas visam são imanentes e históricos, e portanto os meios de que eles se servem terão de ser fatalmente humanos e materiais. Explica-se desse modo o fato de terem seus líderes de recorrer frequentemente à violência. Agora, nós os católicos vivemos em relações íntimas com o sobrenatural, de sorte que nossos meios serão sempre sobrenaturais e espirituais. Jamais exercemos a violência, quer física quer espiritual, sobre o homem. A Igreja o deseja livre, com a liberdade de escolher entre o Bem e o Mal.

— Vocês não descobriram ainda - sorri Tio Bicho - que o diabo é subvencionado pelas igrejas cristãs? (E a católica é a que paga a quota maior.) Sem Pero Botelho o "negócio" religioso não funcionaria. O fim do diabo bem poderia ser o fim de Deus.

— É através do reconhecimento da transcendência - prossegue o marisca, sem dar maior atenção às palavras de Bandeira - que o homem se libera. A negação dela o transforma num escravo. A falta de transcendência leva vocês comunistas a essa brutalidade de linguagem e de atos que elimina desde o início qualquer possibilidade de diálogo. — Sorri e, por um instante, Floriano julga ver a expressão pícara de Toríbio Cambará no rosto do filho. — E se hoje dialogas conosco é porque estás aqui em minoria. No dia em que o comunismo triunfar (que Deus nos acuda!) e tu fores feito comissário, estaremos todos perdidos.

Agora é Rodrigo Cambará quem surge repentino em Edu, quando este agarra o jornal dobrado e trata de atingir com ele o marisca, entre as pernas, exclamando: "Nesse dia eu te capo, ordinário!

E os quatro desatam a rir.

— Como vamos nos entender - continua Zeca, de novo sério - se estás preocupado apenas com a salvação do homem na terra e não acreditas na existência duma alma que transcende o corpo? O homem é uma criação de Deus, o centro do universo. O dogma da queda e da redenção, que tanto ridicularizas (talvez porque no fundo ele te preocupe mais do que desejarias) dá ao ser humano a certeza de que dele depende a salvação ou a perdição de sua vida.

— Vocês falam, por exemplo, na "pessoa humana" – replica Eduardo - como se ela não passasse duma abstração, duma entidade estática. O marxista, pelo contrário, vê no indivíduo uma realidade complexa. O homem é um núcleo, um centro de relações ativas em contínuo, processo de transformação.

Tio Bicho faz com a cabeça um sinal de assentimento.

— Tu vives a afirmar - diz o marisca - que a Igreja não se preocupa com a miséria das massas. Não é verdade. Péguq escreveu, e eu estou apaixonadamente de acordo com ele, que é necessário fazer uma revolução temporal para conseguir a salvação eterna da

humanidade, pois é insensato deixar que os homens continuem no inferno da miséria. É indispensável fazê-los transpor a linha que os separa da pobreza, que já é um purgatório em si mesma. Nossa obrigação de cristãos é a de estar presentes em todos os esforços do mundo no sentido de construir uma sociedade mais humana. O verdadeiro cristão não terá de ser necessariamente contemplativo, mas militante. E se pensas, Edu, que na hora em que a tua revolução estiver nas ruas eu vou me esconder atrás do altar, estás muito enganado. Saio para enfrentar vocês de homem para homem, com batina ou sem batina.

Bandeira, que tem estado a fumar cigarro sobre cigarro, desata numa risada convulsiva que se emenda com um acesso de tosse. Ergue-se e, dobrado sobre si mesmo, faz uma volta convulsiva ao redor da mesa, e depois, mais calmo, torna a sentar-se. O potro volta à soga. Irmão Toríbio prossegue: — Não é só o pecado de Adão a causa dos sofrimentos da humanidade. São os pecados que os homens continuam a cometer dia a dia, hora a hora, minuto a minuto. A ambição desmedida. a falta de verdadeiro amor ao próximo, a ausência duma tábua de valores morais rígida. a libertação dos instintos, tudo isso conduz ao crime, à guerra, às revoluções, às desigualdades sociais, às crises econômicas e a todas as outras.

— Ainda estás no domínio das palavras e das boas intenções - replica Eduardo. — Como diz Emmanuel Mounier, que por sinal é anticomunista: "A palavra separada do engagement resvala para a eloquência, e o farisaísmo está, ainda que imperceptivelmente, no âmago de toda a eloquência moral."

Floriano vê o japonês atravessar a rua: vendeu todos os balões, leva nas mãos apenas uma ventoinha que o vento faz girar. O sol da tarde acentualhe o amarelo do rosto.

— Não é verdade também - diz Irmão Toríbio - que a Igreja aprove o sistema semifeudal que existe em países como o nosso. Chamamos ao latifúndio "terras de injustiça".

— Mas não é isso que o nosso vigário prega em seus sermões - intervém Tio Bicho. — Segundo ele, a propriedade é, um direito divino.

— O vigário é uma besta! - relincha o potro. Mas em seguida, percebendo que se excedeu, o marista procura corrigir-se. — O Pe. Josué, coitadinho, é um santo homem, mas um tanto ingênuo. Em matéria de literatura, além do Livro de Horas, acho que só lê as Vozes de Petrópolis.

Agora quem ri é Eduardo. Mas nem por isso deixa de voltar ao ataque: — Só um inocente pode acreditar na santidade duma Igreja como a Católica, cujo passado não está absolutamente isento de atos de violência, crueldade e injustiça.

— A Igreja - explica Zeca, escandindo bem as sílabas - é santa na sua estrutura divina, mas é também humana porque seus sacerdotes são homens que todos os dias precisam pedir perdão a Deus pelos seus erros e pecados. A Igreja é transcendente no tempo pela sua mensagem de ressurreição, mas não pode ficar indiferente às formas que assumem as sociedades humanas. Não vou negar que temos tido bispos e arcebispos e cardeais demasiadamente políticos e até politiqueiros, que se portaram como se a missão da Igreja fosse apenas a de sobreviver no tempo e na terra. E outra coisa! É um engano também pensar que o católico despreza o corpo. Não senhor. O corpo para nós também é importante. E o admirável é que a Graça pode salvar não somente a alma como também a carne.

— Não acredito na alma - diz Roque - e não tenho o menor interesse em salvar este corpo.

— Um dia destes - continua o marista - o Floriano me dizia que na sua opinião a Igreja se fortaleceria espiritualmente se voltasse às catacumbas. Eu respondi que essa era uma ideia romântica e ultrapassada. E, seja como for, em certos países hoje em dia a Igreja foi obrigada a voltar mesmo às catacumbas. Vocês precisam compreender que a fé cristã não é uma ideologia ou um mito social. político ou econômico. É uma transcendência. Mas nem por isso nós os católicos deixamos de nos interessar pelos problemas e pelas dores do homem na terra, no famoso plano histórico a que o Eduardo dá tanta importância. Estamos sempre do lado das forças da justiça e do amor, pois só há uma maneira de o cristão provar que ama a Deus: é amando seus semelhantes.

Eduardo faz uma careta de cepticismo. Floriano olha na direção do Sobrado e pensa simultaneamente em Sílvia e no pai. O marista continua com a palavra - E depois, sejamos sinceros, não sou daqueles que acreditam na possibilidade de qualquer pessoa, nem mesmo num sacerdote, passar pela vida com as mãos imaculadas…

— Diz isso ao Floriano - atalha-o Eduardo, olhando provocadoramente para o irmão. — Ele é o grande discípulo de Pôncio Pilatos.

— Há pouco - diz o marista - li uma frase que muito me agradou. É mais ou menos assim: “Devemos lutar como se tudo dependesse de nós e pormonos de joelhos como se tudo dependesse de Deus.” Repito que não é possível deixar de sujar as mãos em assuntos terrenos. Só um neutralismo absoluto nos poderia manter de mãos limpas. E, nesta hora, na minha opinião a neutralidade é uma covardia. Quando nos negamos à luta, estamos condenando milhares de seres humanos à desgraça. Estamos pecando por omissão.

— Entendo - interrompe-o Eduardo - que com toda essa conversa estás procurando justificar também a Inquisição…

— Não é precisamente isso. Mas ouve o que vou te dizer. A Inquisição cometeu crimes injustificáveis e horrendos pelos quais nós nos penitenciamos e oramos. Mas, seja como for, as suas vítimas eram postas, em última instância, nas mãos de Deus, o Supremo Juiz. Por isso afirmamos que mesmo quando a autoridade (que segundo Santo Tomás de Aquino é um mal necessário e uma consequência do pecado, bem como a propriedade) mesmo quando a autoridade comete erros, tais erros não são irremediáveis, porque Deus terá a última palavra, e os inocentes serão redimidos.

— É monstruoso) - exclama Eduardo. — Como pode uma pessoa que pensa dizer uma coisa dessas?

Tio Bicho ergue-se lentamente, depois de calçar os sapatos, e põe o chapéu na cabeçorra.

— O Zeca acaba de falar não apenas em nome da Igreja como também do Partido Comunista. Substitua-se a expressão "Deus, Supremo Juiz-. por “Presidiam do Soviet Supremo”, e teremos também justificados os éxpurgos e todos os outros crimes do comunismo. Vamos sair e tomar um pouco de arl Floriano chama o garçon- e pede a nota.

— Não! - exclama Tio Bicho. — O nosso proletário que pague a despesa. No fim de contas o show. foi dele…

Acham-se os quatro amigos há já algum tempo a andar à toa na praça agora quase deserta. Os alto-falantes da Anunciadora estão mudos. O sol escondeu-se por trás da Matriz, cuja sombra se projeta sobre a rua, atingindo os primeiros canteiros. Vem de algum quintal próximo a fumaça aromática e evocativa de ramos de jacarandá queimados.

Olhando para o busto de Lauro Caré, Bandeira pensa em voz alta: — Não é mesmo estranho que esse piá, que pouco ou nada sabia de Geografia e História, acabasse morrendo na Itália, numa guerra que decerto nunca chegou a compreender direito?

— O destino dos Carés - glosa Eduardo - foi sempre lutar na “guerra dos outros”, sem nenhum proveito para o seu clã. Esse bem podia ser também um monumento ao Alienado Social.

Num cartaz colado à base do coreto, vê-se o retrato dum homem jovem de cara larga, expressão simpática mas um tanto palerma, acima deste letreiro: Vote em LINO LUNARDI, candidato de GETÚLIO.

— O filho do Marco, candidato à deputação pelo Partido Trabalhista… murmura o Tio Bicho. — Positivamente, este mundo velho está de patas para o ar. — Acende outro cigarro. — Tomem nota: vai ser eleito. Tem todas as qualidades para vencer. É analfabeto e filho de pai rico. O Marco está gastando uma fortuna com a propaganda desse bambinão.

Sentam-se os quatro num banco e ficam longo tempo em silêncio

a olhar para o busto. Eu gostaria - pensa Floriano - de fazer uma experiência: chamar a atenção do Eduardo para esta doce hora do entardecer em que as sombras vão ficando cor de violeta, a luz se faz mais branda e dourada; dando à paisagem não só mais dignidade como também uma espécie de quarta dimensão, impossível quando o sol está alto. Qual seria a reação dele? Claro, acharia que apreciar a tarde pela tarde é algo assim como fazer arte pela arte - um fútil e inútil passatempo pequeno-burguês… Não, mas talvez eu me engane. E se ele estiver agora pensando romanticamente na companheira que deixou no Rio, na sua "Passionária do Leblon" com quem parece estar mantendo uma correspondência tão ativa? E por onde andará o pensamento do filho de Toríbio Cambará? Desta vez quem vai quebrar o silêncio sou eu.

— Estive há pouco imaginando uma fábula moderna - diz.

Prestem atenção. Mr. Smith, cidadão americano, luta na primeira Guerra Mundial para "to make the world safe for Democracy".

É ferido em ação e, quando a guerra termina, volta para suas ativi dades comerciais, esforça-se à melhor maneira ianque para obter seu lugar ao sol e acaba ficando rico. Vem a segunda Guerra Mundial e o filho de Mr. Smíth alista-se na Força Aérea de seu país, é mandado em várias-missões de bombardeio sobre a Alemanha e as bombas de seu avião, financiadas com o dinheiro dos impostos de homens como seu pai, destroem algumas fábricas, pontes, represas e ramais ferroviários… Na volta de uma dessas tarefas, seu aparelho é abatido pela artilharia alemã e o jovem Smith perde a vida. Pois bem. Terminou a guerra, firmou-se a paz e agora tudo indica que os Estados Unidos vão dar ajuda financeira à Alemanha para que ela se reerga. Teremos então o nosso Mr. Smith a contribuir com altos impostos para reconstruir as fábricas, pontes, represas - ramais ferroviários destruidos pelo filho que ele perdeu e que ninguém jamais lhe poderá restituir. Não é uma farsa insensata e cruel?

Num pulo Eduardo ergue-se e posta-se na frente do irmão, batendo forte com o jornal contra a própria coxa: — E esse Mr. Smíth continua achando que a free enterprise, o sistema capitalista competitivo em que vive é o regime ideal! Palavra, Floriano, eu não te compreendo. Vês claro o problema e no entanto te recusas a erguer um dedo para melhorar a situação. Só posso atribuir isso a um comodismo não apenas vergonhoso como também criminoso.

— Ó Edu, não me venhas outra vez com essa besteira. Qualquer psicólogo te dirá que o comodista é o homem normal. O outro, o que quer morrer, matar ou sacrificar-se por uma causa, esse é um masoquista ou um sadomasoquista.

Eduardo quase encosta o jornal no nariz do irmão quando lhe diz - Vocês intelectuais indecisos se refugiam na psicanálise e na

semantica para escaparem à responsabilidade de tomar uma posição política definida.

Floriano rebate: — Essa necessidade de extremismo, meu filho, não passa duma doença romântica e juvenil. Vocês parecem achar que só por ser extremista a posição política do comunista terá de ser necessariamente a melhor ou a única. Tenho verdadeiro horror a certos sujeitos que se levam demasiadamente a-sério, fica tu sabendo. Essas ideias dogmáticas que andam por aí são camisas-de-força que eu me recuso a vestir. Vocês marxistas se colocam no ponto de vista da História para poderem apossarse do futuro e em nome dele se avocarem o direito de sacrificar as gerações de hoje, em benefício das de amanhã. Ora, Humanidade já é uma abstração. Humanidade do Futuro é uma dupla abstração. Recuso dar aos comunistas ou a quem quer que seja essa carta branca. Vocês pedem ao mundo um perigoso crédito em tempo e em vidas humanas. É uma operação que o povo tem toda a razão de temer e à qual positivamente eu me nego.

— Se me provares - replica Eduardo - que o regime capitalista não mata gente aos milhões por omissão. ou comissão, em guerras, revoluções ou então por absoluta falta de justiça social, se me provares isso eu me comprometo a tomar a primeira comunhão domingo que vem.

— E eu pago o véul - diz Tio Bicho.

— Outra coisa - acrescenta Floriano. — Quando um homem, seja ele quem for, está disposto a tolher a liberdade de seus semelhantes, a torturá-los ou a assassiná-los em nome duma ideia política ou de qualquer outra - verdade-; quando se está compenetrando demais de seu papel de Regenerador, de Profeta ou de Vingador, enfim, quando sua paixão política ou religiosa se faz fanatismo, esse homem na minha opinião passa a ser um perigo social, está precisando urgentemente dum tratamento psiquiátrico.

— Já que te impressionam tanto os casos de psicopatologia - diz Eduardo - o teu quietismo, a tua indiferença, a tua abulia não serão também uma neurose?

Floriano encolhe os ombros.

— Pois se forem… serão neuroses das quais não poderá vir nenhum mal social, me parece.

— E nenhum bem! Até o Zeca reconhece que nesta hora em que os bandidos são militantes, a neutralidade ou a indiferença dos homens de bem é, além duma covardia, um crime.

Tio Bicho, que se abana com o chapéu, enquanto passa o lenço pela testa, murmura - Acho que vamos acabar chegando à cômica conclusão de que de nós quatro o único cristão puro é ainda aqui o nosso romancista…

Floriano avista de seu banco o velho Aderbal, que neste momento

sai a cavalo pelo portão do Sobrado - teso em cima da sela, a cabeça erguida, a imagem viva do "monarca das coxilhas", figura de retórica que o Amintas tantas vezes usou no seu discurso da manhã.

Eduardo caminha impaciente dum lado para outro, na frente do banco, passando as mãos perdidamente pelos cabelos.

— Houve um tempo - diz Floriano, sentindo uma preguiça boa que lhe vem da tarde - em que quase me deixei levar pelo canto de sereia do comunismo. Para ser mais exato, o que me empurrava para a extrema esquerda era menos a sedução do marxismo do que as contradições e injustiças do capitalismo. Este absurdo sentimento de culpa que nós os intelectuais (com o perdão da má palavra) carregamos, me levava a perguntar a mim mesmo se eu não estaria cometendo um erro, permanecendo à margem da luta social, e se não me devia atirar, de olhos fechados nos braços de Papai Stalin, nem que fosse apenas como um protesto contra o regime em que vivemos. Ora, essa dúvida não durou muito, porque logo comecei a tomar consciência também das contradições e injustiças do regime comunista. Cheguei à conclusão de que o remédio marxista estava matando o paciente com a cura. Em outras palavras, vocês, Eduardo, estavam jogando fora o bebé com a água do banhol Sem sequer voltar a cabeça para o lado do irmão, e sempre a andar dum lado para outro, Eduardo murmura: - Com esse tipo de humor e de raciocino, darias um excelente redator para a Time e para a Life.

O outro prossegue: — Reconheço a grande dívida que a humanidade tem para com Karl Marx. Mas não devemos esquecer que os acontecimentos deste século não confirmaram em absoluto a convicção do Velho de haver descoberto as leis que governam a História. Acho a crítica marxista à sociedade capitalista do século xIx perfeita: não há nada a tirar ou a acrescentar. Mas acontece que o capitalismo se tem modificado. E a ideia de que a luta proletária seria definitiva, capaz de abolir o Estado e criar uma sociedade sem classes me parece baseada num desconhecimento quase completo da psicologia humana. A socialização dos meios de produção não suprimiu automaticamente a luta pela existência individual. Longe de conseguir a abolição das classes, o Estado soviético se transformou num instrumento de opressão sem precedentes, e acabou criando não só uma tremenda burocracia como também uma classe privilegiada.

Eduardo estaca na frente do irmão e pergunta: - Quem te contou isso! Foste à Rússia? Leste a respeito da União Soviética outra literatura que não essa encomendada e divulgada pela Wall Street?

— O marxismo - continua Floriano, sem tomar conhecimento da interrupção - começou sendo um método científico, uma ideia dialética e acabou por transformar-se numa ideologia, numa mística, num dogma e finalmente numa religião secular, numa igreja militante,

já com seu calendário de santos e mártires…

— Protesto contra a comparação - acode Zeca, entre sério e brincalhão.

— Eu te confesso - diz ainda Floriano - que a minha fé ou, se não gostares da palavra, o meu desejo de justiça social não vai tão longe a ponto de me fazer entregar voluntariamente ao comissário a minha liberdade pessoal…

— Essa famosa liberdade - completa Eduardo - que diariamente entregas a todos os tipos de pressão externa e interna, inclusive a que vem das notícias mundiais deformadas por agências como a Associated Press e a United- Press, que fazem o jogo dos trustes, dos monopólios e dos cartéis.

— Mantendo a falácia da ditadura do proletariado - prossegue Floriano - a Rússia soviética instituiu uma tirania estatal, um sistema supercapitalísta, supernacionalista e militarista em que o homem deixa de ser um fim em si mesmo para se transformar num instrumento dos interesses desse gigante impessoal, dessa máquina econômica em que os meios de produção permanecem ainda nas mãos dum pequeno grupo.

Com o jornal debaixo do braço, Eduardo está agora parado de costas para o interlocutor, assobiando como para não ouvir o que ele diz.

— Não estou interessado em salvar o mundo capitalista nem em esconder suas tremendas deficiências e contradições - continua Floriano - mas não vejo por que aceitar a solução soviética como a única alternativa. Na Rússia tudo é planificado implacavelmente, desde a economia até a literatura e a arte. Os kulaks que se negaram a aceitar a coletivização de suas terras foram deportados, presos ou executados. Trotsky foi declarado fascista e Ivan o Terrível, proclamado herói soviético. Ora, deves reconhecer que para engolir tudo isso é preciso ter muita fé ou então ser muito ingênuo…

— Negas também - pergunta Eduardo - que tenha havido progresso social e econômico na Rússia depois da Revolução de Outubro? E que a U. R. S. S. seja hoje uma potência mundial tão importante quanto os Estados Unidos?

— Não nego. E vou mais longe. Reconheço também que devemos à presença ativa da Rússia no mundo, e ao trabalho dos comunistas através de todos os outros países, essas mudanças que estão por assim dizer esquerdizando o capitalismo, obrigando-o a revisar sua política.

— Não me venhas com essa… - começa Eduardo, mas Floriano fala mais alto: — Digo-te mais, rapaz: sem essa ação catalisadora da Rússia estaríamos marcando. passo em matéria de política social… Mas por outro lado se o comunismo soviético vier a dominar o mundo, estaremos perdidos.

— Que propões então? A República de Platão?

— Confesso que me sinto um tanto ridículo expondo um programa político, social, econômico - olha o relógio - às seis da tarde, em plena praça de Santa Fé. Mas posso te adiantar que o regime ideal seria um socialismo humanista: o máximo de socialização com o máximo de liberdade individual. Nesse regime a terra e o capital seriam comuns, mas o governo, democrático." Numa palavra: esse sistema deveria não só conseguir uma democracia social como também preservar a democracia política, sem o que terá destruido exatamente aquilo que todos queremos salvar: a liberdade, a identidade e a dignidade do homem.

Tio Bicho, que parece despertar de sua modorra, diz: — Bravo, muito bem, o orador foi vivamente cumprimentado. Mas nem só de ideias e sonhos vive o homem. Minha barriga já está roncando. Acho que podíamos começar a pensar em comer. Vocês jantam comigo?

Floriano aceita o convite. O marisca diz que não pode. Eduardo não toma conhecimento dele, e torna a falar: — Suponhamos que esse teu regime ideal seja possível (o que não creio), que estás tu fazendo para que esse mundo se torne real? Escrevendo poemas? Rezando? Vives acomodado, encaramujado, em permanente estado de contemplação. Teu socialismo é o do “bom moço” que quer apaziguar suaa consciência de liberal e ao mesmo tempo não ficar de todo malvisto pela burguesia.

Floriano ergue-se, espreguiçando-se, e responde sem rancor: — Queres saber o que estou fazendo? Estou resistindo a vocês como resisti e resisto aos fascistas, recusando-me a aceitar a escravidão do homem, a anulação da personalidade como o único caminho da salvação social. E olha que já não é pouco.

Começam os quatro a caminhar devagarinho na direção do Sobrado. Tio Bicho coloca-se entre os dois irmãos, tomando o braço de um e de outro.

— Vocês querem saber - pergunta - por que não levo a sério essas panaceias sociais? É porque não creio, repito, na bondade inata do homem, nessa coisa que o Zeca vive a proclamar. O homem está mais perto do animal do que ele próprio imagina. Tem ainda a marca da Jungle. Essa história de amor cristão, altruísmo, etc., não passa de conversa fiada. O homem hipocritamente se atribuí sentimentos e qualidades que na realidade não possui. Em matéria de espírito, vive muito além de suas posses reais. É, vamos dizer, um carreirista safado no plano moral. Saca contra o Banco da Decência e dos Sentimentos Nobres S. A., onde absolutamente não tem fundos, mesmo porque esse banco no final de contas é também uma fraude. Mas a verdade é que os cheques se descontam, têm valor, andam de mão em mão… e vocês sabem por quê? Porque todos somos falsários, estamos

desonestamente no jogo. E assim a comédia continua.

O marisca, que vem logo atrás do trio, sacode a cabeça e diz: — Tu não acreditas nisso, Bandeira, sei que não acreditas. Não nego que a natureza animal do homem o empurre muitas vezes para o mal. Mas a noção da existência de Deus nos distingue dos irracionais. Essa ideia é a porta de nossa salvação não só espiritual como até mesmo corporal.

— Se fôssemos mais modestos - conclui Bandeira - se tivéssemos uma opinião menos alta de nós mesmos e nos mantivéssemos no limite de nossas “contas bancárias espirituais”, talvez vivêssemos num mundo melhor, de menos enganos e erros.

Uma mulher caminha lentamente por uma das calçadas da praça. Reconhecendo-a. Floriano estaca instintivamente. Os outros também fazem alto, percebendo de imediato de quem se trata. Sônia Fraga, a amante de Rodrigo Cambará, está neste momento passando pela frente do Sobrado!

Vestida de branco, traz ainda na pele muito do sol de Copacabana. óculos escuços escondem-lhe os olhos. Os cabelos, dum castanho profundo, caem-lhe lustrosos sobre os ombros. Tem pernas longas, seios e nádegas empinados, e seu andar, a um tempo leve, ondulante e firme, sugere algo de garça e de gata.

O marisca baixa os olhos, pigarreia, manipula o crucifixo. Eduardo põe-se a assobiar sua musiquinha sem melodia. Para disfarçar, Tio Bicho busca no bolso um cigarro, prende-o entre os dentes, risca um fósforo, que falha três vezes - e a todas essas continua de olhos postos na “visão”. Floriano segue a rapariga, fascinado, notando que ela mantém a cabeça todo o tempo voltada para o casarão. Na janela do quarto de Rodrigo divisam-se os contornos duma pessoa.

Sentado no leito, junto da janela, Rodrigo Cambará vê Sônia passar. Tem na mão o frasco de Fleurs de Rocaille, que mantém junto das narinas, aspirando-lhe o perfume para ter a ilusão de que está mais perto daquele corpo querido. O coração bate-lhe descompassado, uma ardência quase sufocante sobe-lhe pela garganta, lágrimas escorrem-lhe pelas faces.

Caderno de Pauta Simples

Ao anoitecer tivemos de chamar o médico às pressas; o Velho se encontrava em estado de angústia, respirando com dificuldade e temendo uma recidiva do edema Nosso Camerino medicou seu impossível paciente e proibiu-o de receber visitas esta noite, fosse de quem fosse.

Está claro que a passagem de Sônia pela frente do Sobrado deixou-o perturbado. Estou certo também de que foi ele quem pediu à rapariga que fizesse aquele passeio.

O curioso é que nós quatro ficamos desconcertados ante a cena, cada qual à sua maneira e por suas razões. Para disfarçar meu embaraço, procurei comentar o fato objetivamente, mas esbarrei no silêncio encabulado do Zeca e no silêncio indignado do Edu. Mas Bandeira, refeito do choque (no fundo esse filósofo que quer parecer cínico não passa dum moralista) tratou de encarar a situação racionalmente. Examinamos seus muitos aspectos e naturalmente não chegamos a nenhuma solução.

Irmão Zeca escapuliu-se ao primeiro pretexto. Eduardo resmungou marxices. Achará ele que num Estado comunista coisas como essa não podem acontecer? Esperará que um Soviet brasileiro possa regular o desejo carnal, controlar os pruridos sexuais, burocratizar o amor?

Curiosa a inibição que todos sentem (inclusive eu mesmo) de atacar de frente, como coisa natural, os assuntos de sexo…

Estou pensando agora numa coisa. Como poderei escrever o meu "pretensioso" romance-rio sobre os gaúchos, esses saudáveis carnívoros sensuais, sem falar (e muito) em sexo? Ou sem deixar que eles usem livremente sua própria linguagem, com todos os palavrões que com tanta frequência e espontaneidade lhes saem das bocas?

Privá-los desse vocabulário escatoló_gico seria quase o mesmo que capá-los. Sim, uma castração psicológica. E um atentado à autenticidade da história.

As pessoas em geral têm mais medo das palavras do que das coisas que elas significam. Para muita gente é mais fácil cometer um desses atos que se convencionou chamar de imorais do que darlhe expressão verbal.

Por outro lado, conheço velhas damas gaúchas completamente desbocadas e verbalmente pornográficas mas que, não obstante, na vida privada são esteios da virtude e da moralidade, impecáveis matronas romanas.

Sônia me pareceu um misto de ave pernilonga e felino. Agora, revendo-a com a memória, sinto nela algo de reptil. B a teiniaguá da lenda da Salamanca do Jarau. A lagartixa encantada que desgraçou o sacristão. Uma teiniaguá que não carrega seu carbúnculo ardente na cabeça, mas noutro lugar.

Há poucos dias reli essa lenda na versão de Simões Lopes Neto. Estou pensando agora que minha iniciação sexual aos quinze anos tem uma certa analogia com a aventura do gaúcho Blau Nunes.

Alma forte e coração sereno! A furna escura está lá: entra! entra! disse o fantasma do sacristão. — E se entrares assim, se te portares lá dentro assim, podes então querer e serás ouvido.

Mas havia sete provas a vencer.

Blau Nunes foi andando. Entrou na boca da toca, meteu-se por um corredor de onde outros sete corredores nasciam.

* * *

Foi numa noite de dezembro, nas férias depois do meu primeiro ano no Albion College. Por ordem de meu pai, tio Toríbio apadrinhava minha iniciação, levando-me à casa duma mulher. Pelo caminho dava-me conselhos, como a alma do sacristão dera a Blau. Entramos no Purgatório, meteoro-nos em becos e labirintos como os com que se defrontou o herói da lenda.

Mãos de gente invisível batiam no ombro de Blau Nunes. Eu sentia no ombro a mão de minha mãe e parecia-me ouvir sua voz: Não vás! Volta, meu filho! Não vás!

Blau meteu o peito por entre um espinheiro de espadas. Na escuridão duma ruela esbarrancada, atravessamos uma cerca de unhas-de-gato, cujos espinhos me arranharam as mãos.

Blau Nunes foi andando. Eu também.

Num cruzamento de carreiros ouviu-se um ruído de ferros que se chocavam.

Na frente dum boliche homens brigavam num corpo a corpo. Adagas e espadas tiniam. Tio Toríbio sussurrou: Não é nada. É uma patrulha do exército contra uma patrulha da polícia.

Puxou-me pelo braço e entramos noutro beco, que desembocava noutro beco, de onde saía ainda um outro beco. Um suor frio me escorria pelo corpo.

Vai então jaguares e pumas saltaram aos quatro lados. de Blau Nunes.

No lusco-fusco cachorros nos atacaram, latindo, os dentes arreganhados. Tio Toríbio espantou-os com pedradas.

Blau Nunes meteu o peito e continuou a andar.

Agora era um lançante e ao fim dele o gaúcho parou num redondel tapetado de ossamentas humanas.

Passamos por um pequeno cemitério, e minha imaginação viu no

escuro esqueletos brancos dançando uns com os outros.

Por fim chegamos à casa da mulher.

Escolhi esta rapariga - disse tio Toríbio - porque é limpa e de confiança. Não é china de porta. aberta. Por sinal, mora com a família.

Blau Nunes foi rodeado por uma tropa de anões, cambaios e galhofeiros, fandangueiros e volantims, que pulavam como aranhões e faziam caretas impossíveis para rostos de gente.

Quando entramos na mei"água as crianças da casa (uns sete, contei, mesmo no meu espanto) nos cercaram pulando e gritando, feios, seminus e barrigudos.

Por trás dum cortinado havia um socavão reluzente. E Blau Nunes viur sentada numa banqueta, fogueando cores como as do arco-íris, uma velha encurvada e toda trêmula.

Sentada a um canto, pitando um cigarro de palha cuja brasa lucilava na penumbra, vi uma velha encarquilhada. Tio Toríbio murmurou: É a avó da menina.

E, dirigindo-se à velha: Boa noite, D. Pulca, onde está a Carmelinda? No quarto. "Tá esperando. Pode entrar.

Meu tio me deixou sozinho com a teiniaguá. que se enroscou em mim e me puxou para a cama.

E então procurei sôfrego a cova escura e úmida varei o cerro coberto de matagal. Meu coração batia.

meu corpo inteiro latejava.

eu tinha vencido as sete provas.

e dentro da salamanta estava o tesouro.

e os prazeres cobiçados e o meu documento de homem. .

Basta. Levei longe demais a fantasia. Decerto forcei a memória a me fornecer elementos para a analogia.

Blau Nunes, alma forte e coração sereno, venceu os sete obstáculos. Ofereceram-lhe como prêmio todos os dons que um mortal pode desejar. Mas ele disse que cobiçava a teiniaguá.

Eu queria a ti, porque tu és tudo!

Lis tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim. superior a mim…

Eu queria a ti, teiniaguá encantada!

* * *

Estará nessa lenda a chave da alma e do destino do gaúcho? Enigma a decifrar.

* * *

Avisto ali na estante de livros a lombada do Pygmalion de Bernard Shaw. Uma brochura da Coleção Tauchnitz. Apanho-a e leio a dedicatória na terceira página.

* * *

For my dear, doar Floriano, with bert wi kes from hir devoted.

Mariorie W. Campbell.

Porto Alegre, December, 1928.

* * *

O Albion College… Importante capítulo da minha adolescência.

Éramos acordados às seis e meia da manhã. Ginástica às sete Banho frio às sete e meia. Café às oito.

Antes de cada refeição Mr. Campbell lia pequenos trechos da Bíblia com sua voz de mordomo inglês.

Nas manhãs de sábado, numa paródia de alpinismo, saíamos a escalar o Morro da Polícia.

O diretor abria a marcha, com seu verde chapéu bávaro, sua camisa escocesa, seus knickerbockers, suas botinas com agarradeiras nas solas, e sua bengala com ponteira de metal.

Os alunos o seguiam em fila indiana.

Sem tirar o cachimbo da boca, Mr. C. costumava cantar pelo caminho uma canção que os “Tommies” cantavam durante a Guerra. It"s a long way to Tipperary It"s a long way to go…

A mulher do diretor em geral caminhava a meu lado, e achava sempre um pretexto para me pegar a mão.

Help me, dear boy!

Os meninos caminhavam com o olhar no chão. Dizia-se que o morro estava infestado de aranhas venenosas.

Quando chegávamos ao cume, Mr. C. respirava a plenos pulmões, movendo ritmicamente os braços, e exigia que fizéssemos o mesmo.

Nesses momentos assumia ares de triunfador, como se tivesse acabado de atingir as culminãoncias do Himalaia. Só lhe faltava plantar no topo do morro a bandeira da Inglaterra.

Voltávamos para o colégio, cansados. E com um apetite de lobos. Foi no meu derradeiro ano no Albion, na época em que sofri de insônias.

Mrs. Campbell compadeceu-se de mim - pity! pity! poor boy! - e me fazia tomar todas as noites, antes de ir para cama, um copo de leite morno.

Uma ocasião, depois que as luzes do dormitório se apagaram, ela entrou furtivamente no meu quarto, perguntou como eu me sentia, ajeitou-me as cobertas, acariciou-me rapidamente os cabelos, sussurrou: Sleep tight, dear boy, and have sweet dreams - e se foi.

Outra noite, já tarde, sua presença no quarto se denunciou primeiro por uma fragrância de lavanda. Ouvi quando a mulher do diretor fechou a porta, vi seu vulto acercar-se de mim.

Pobrezinho! Insônia é uma coisa tão, tão horrível!

Sentou-se na cama e disse que ia cantar em surdina uma velha balada da Escócia, para me ninar. Sua voz, trêmulo falsete, era uma caricatura de soprano.

A coisa toda me divertia, e ao mesmo tempo me fazia sentir pena da criatura, e também me constrangia e alarmava, pois eu sabia o que estava para vir.

No princípio da balada, Mrs. C. me afagava os cabelos.

No meio da balada era meu ombro que seus dedos friccionavam. Quando a cantiga terminou, a mão da inglesa insinuou-se por baixo das cobertas e, como uma aranha caranguejeira, me subiu coxa acima, à procura de algo que não lhe foi difícil encontrar.

Senti a respiração arquejante da mulher bafejar-me a face. Soltando um gemido débil, Mrs. C. meteu-se inteira debaixo das cobertas. Don"t be afraid, dear one!

Decerto julgava que me ia desvirginar. Tive ímpetos de dizerlhe que era homem, que já conhecera muitas mulheres.

Continuei, porém, calado e imóvel, deixando que ela tomasse todas as iniciativas.

Seus beijos, quentes na intenção mas frios no contato, sabiam a odol e a uísque.

Nessa primeira noite Mrs. C. manteve um relativo decoro. Mas nas seguintes seus ardores foram ganhando aos poucos uma intensidade frenética. Por fim ela já me murmurava ao ouvido, com seu sotaque britânico, obscenidades brasileiras. (Onde, quando e com quem as teria aprendido?)

Havia momentos em que eu me assustava, com a impressão de que ia ser devorado ou privado de alguma parte essencial da minha anatomia.

Havia momentos em que o Cambará que dormia dentro de mim despertava e vinha à tona. E eu tinha então a orgulhosa ilusão de que estava cavalgando o Império Britânico!

Mrs. C. devia andar pelos seus trinta e cinco anos, mas para o adolescente era uma senhora idosa.

Isso não só me impedia de ter por ela um desejo autêntico, integral, como também me deixava perturbado, com a desagradável sensação de estar cometendo incesto.

A esse constrangimento se mesclava o puro temor de sermos descobertos.

E Mr. Campbell - perguntei uma noite. — E se ele entra de repente e descobre tudo?

A mulher, que me apertava contra seu corpo, soltou uma risadinha seca.

Não se preocupe. Mr. Campbell a esta hora anda atrás de seus meninos. Tem um fraco pelos louros de pele branca. Eu prefiro os morenos.

Depois de nosso primeiro contato carnal, pensei que a inglesa não me desse mais uma noite de folga.

Enganava-me. Mrs. C. era metódica. Vinha a meu quarto apenas nas noites de quarta-feira.

Fiquei sabendo depois que tinha outros amantes. No internato havia mais rapazes morenos que louros…

Essa situação durou quase todo um ano letivo.

Quando os colegas descobriram a minha história, não me deixaram mais sossegar com seus trotes e dichotes, suas alusões veladas ou claras ao caso.

Mas neguei tudo. Continuei a negar até o fim. Depois daquele ano não tornei a rever o Albion College. Jamais contei essa aventura a quem quer que fosse. Por que a relembro agora? Talvez para contar ao homem adulto o segredo do adolescente. Aconteceu também que naquele último ano de internato meu amor platônico por Mary . Lee, havia chegado a seu zênite.

A menina teria seus treze ou quatorze anos.

Loura e espigada, parecia uma guardadora de gansos saída dum conto de fadas.

Era, para o adolescente, uma espécie de anil-Marjorie Campbell. Uma personificação das coisas belas, puras e inatingíveis.

Filha dum missionário episcopal, americano de Alabama, morava na casa vizinha ao colégio. Frequentava os Campbells, a cuja mesa muitas vezes se sentava, no refeitório geral, para meu encanto e espanto.

Eu a adorava de longe.

Muitas vezes, escondido atrás do tronco de um dos cedros do jardim, ficava contemplando a menina dos cabelos de ouro, que, sentada na beira da fonte do fauno, traçava com o dedo desenhos n'agua.

Certa manhã (findava o ano, e nós já fazíamos as despedidas) reuni todas as forças de que era capaz, furtei uma rosa vermelha do jardim e dei-a a Mary Lee.

Ela se negou a aceitar a flor. Encolheu os ombros. Virou-me as costas. E com sua clara e fina voz de cristal, disse: I don' t like you, negro boy. Go back to where you belong. Não me lembro de nada que me tenha doído tanto como esse gesto e essas palavras.

* * *

FIM DO LIVRO

ÉRICO VERÍSSIMO
O Tempo e o Vento
OBRA COMPLETA
EDIÇÕES EREMITA

Table of Contents

Créditos
Sumário
Parte 1 - O Continente
O Sobrado - I
A fonte
O Sobrado - II
Ana Terra
O Sobrado - III
Um certo capitão Rodrigo
O Sobrado - IV
A teiniaguá
O Sobrado - V
A guerra
O Sobrado - VI
Ismália Caré
O Sobrado - VII
Parte 2 - O Retrato
Rosa-dos-Ventos
Chantecler
A sombra do anjo
Uma vela pró Negrinho
Parte 3 - O Arquipélago
Reunião de família - I
Caderno de pauta simples
O deputado
Reunião de família - II
Caderno de pauta simples
Lenço encarnado
Reunião de família - III
Caderno de pauta simples
Um certo major Toríbio
Reunião de Família - IV
Caderno de Pauta Simples